

ÍNDICE

Número	Parashiot	Texto da Tora	Página
01	Bereshit	Bereshit 1:1-6:8	02
02	Nôach	Bereshit 6:9-11:32	24
03	Lech lechá	Bereshit 12:1-17:27	30
04	Vayerá	Bereshit 18:1-22:24	53
05	Chayê Sara	Bereshit 23:1-25:18	65
06	Toledot	Bereshit 25:19-28:9	69
07	Vayetsê	Bereshit 28:10-32:3	74
08	Vayishlach	Bereshit 32:4-36:43	79
09	Vayêshev	Bereshit 37:1-40:23	86
10	Mikêts	Bereshit 41:1-44:17	95
11	Vayigash	Bereshit 44:18-47:27	98
12	Vayechi	Bereshit 47:28-50:26	107
13	Shemot	Shemot 1:1-6:1	120
14	Vaerá	Shemot 6:2-9:35	138
15	Bô	Shemot 10:1-13:16.	151
16	Beshalach	Shemot 13:17-17:16	166
17	Yitrô	Shemot 18:1-20:23	169
18	Mishpatim	Shemot 21:1-24:18	182
19	Terumá	Shemot 25:1-27:19	191
20	Tetsavê	Shemot 27:20-30:10	197
21	Ki Tissá	Shemot 30:11-34:35	203
22	Vayak'hel	Shemot 35:1-38:20	211
23	Pecudê	Shemot 38:21-40:38	215
24	Vayicrá	Vayicrá 1:1-5:26	218
25	Tsav	Vayicrá 6:1-8:36	235
26	Shemini	Vayicrá 9:1-11:47	240
27	Tazria	Vayicrá 12:1-13:59	251
28	Metsorá	Vayicrá 14:1-15:33	259
29	Acharê	Vayicrá 16:1-18:30	265
30	Kedoshim	Vayicrá 19:1-20:27.	272
31	Emor	Vayicrá 21:1-24:23	290
32	Behar	Vayicrá 25:1-26:2.	300
33	Bechucotai	Vayicrá 26:3-27:34.	310
34	Bamidbar	Bamidbar 1:1-4:20.	321
35	Nassô	Bamidbar 4:21-7:89	334
36	Behaalotechá	Bamidbar 8:1-12:16	345
37	Shelach	Bamidbar 13:1-15:41.	357
38	Côrach	Bamidbar 16:1-18:32	372
39	Chucat	Bamidbar 19:1-22:1	390
40	Balac	Bamidbar 22:2-25:9	406
41	Pinechas	Bamidbar 25:10-30:1	425
42	Matot	Bamidbar 30:2-32:42	438
43	Massê	Bamidbar 33:1-36:13	449
44	Devarim	Devarim 1:1-3:22	454
45	Vaet'chanan	Devarim 3:23-7:11	471
46	Êkev	Devarim 7:12-11:25	488
47	Reê	Devarim 11:26-16:17	503
48	Shofetim	Devarim 16:18-21:9	514
49	Ki Tetsê	Devarim 21:10-25:19	528
50	Ki Tavô	Devarim 26:1-29:8	546
51	Nitsavim	Devarim 29:9-30:20	554
52	Vayêlech	Devarim 31:1-31:30	559
53	Haazínu	Devarim 32:1-32:52	563
54	Vezot Haberachá	Devarim 33:1-34:12	570

01 - Parashá Bereshit

Genesis 1:1-6:8

As letras competem por uma preciosa oportunidade

As letras do Alef Bet estavam reunidas em volta de D'us, com muita expectativa e alvoroço. Uma feliz letra seria escolhida em breve para iniciar a primeira palavra sagrada da Torá, o mais precioso tesouro do mundo. Qual seria ela? Cada uma esperava que D'us a escolhesse entre todas as outras e juntas clamavam por sua atenção.

"Por favor, D'us, comece a Torá comigo!" gritavam todas juntas.

A letra Tav moveu-se para a frente. "D'us", gritou ela. "Sou a maior de todas as letras! Sou Tav, a primeira letra da amada palavra Torá! Sei que cada letra do Alef Bet corresponde a um número; meu valor equivale a quatrocentos, o número mais alto de todos! 1 Não concordas que devo ser o começo da Torá?"

"Acho que não", respondeu D'us, "porque um dia te usarei como um mau sinal. Muitos anos mais tarde, quando destruirei o Bet Hamidash usarei a ti Tav, para marcar os judeus que merecem morrer."

"Nesta época", continuou D'us, "ordenarei ao Anjo da Morte para voar sobre Jerusalém e escolher os judeus que são **Tsadikim** (justos). Na testa de cada Tsadic ele marcará a letra Tav com tinta invisível."

"O Tav significará a palavra hebraica 'tu viverás' e aos judeus assim marcados será permitido viver a salvo de seus inimigos."

"Então ordenarei ao Anjo da Morte, 'Separa os judeus que são perversos, os **Resha'im**. Marque em cada testa do **Rashá** a letra Tav, não com tinta, mas com sangue. O Tav sangrento significará a palavra hebraica 'tu morrerás' e os judeus perversos assim marcados serão destruídos por seus inimigos."

Você vê agora, Tav, porque não quero usá-la para começar a Torá: porque, um dia, você servirá como sinal nos judeus que devem morrer."

Ao ouvir isto, Tav saiu profundamente desapontada.

A letra Shin veio para a frente esperançosa. Ela se inclinou e pediu em voz alta:

"Por favor, D'us, usa a mim como a primeira letra de sua Torá! Depois de Tav sou o número mais alto do Alef Bet, igual a trezentos.

Eu sou até o começo de um de seus nomes sagrados, **Shadai**."

"Absolutamente não," respondeu D'us, "pois, apesar de ser verdade que és importante, iniciais os nomes de coisas tão odiosas como **shav**, que quer dizer "**falsidade**" e **sheker**, que quer dizer "**mentira**". Odeio mentiras e falsidades. Construí Meu mundo sobre a verdade."

Shin saiu abatida.

Isto não desencorajou Reish de se aproximar do trono de D'us. Ele sentiu que tinha um argumento convincente. "Tem piedade de mim, D'us" pediu ela, "e honra-me com o início de sua Torá.

És conhecido como um D'us Misericordioso e sou a primeira letra da palavra **Rashum**, que significa '**misericordioso**'. Também devo lembrar que sou o começo da palavra **refuá**, '**curar**'..."

A voz de Reish parecia embaraçada, pois sentiu que D'us ia recusar seu pedido.

Seus temores foram confirmados, pois D'us explicou: "No futuro, Moshê Rabênu conduzirá os judeus através do deserto. Alguns judeus ingratos não irão aceitá-lo como líder. Em seus corações irão resmungar, 'Nós preferimos servir ídolos no Egito a servir D'us como homens livres no deserto'. Eles vão gritar, 'Vamos nos revoltar contra Moshê, escolher um outro líder e voltar para o Egito'."

D'us perguntou: "Estás consciente, Resh que és a primeira letra da palavra **Rosh** (**líder**) a ser clamada pelos judeus rebeldes?" "Para piorar as coisas" continuou D'us, "és o começo da palavra **Rá**, que significa '**maldade**' e **Rashá**, uma pessoa perversa." Resh compreendeu que não seria aceita e concordou com relutância. Mais do que depressa, a letra Kuf agarrou a oportunidade:

"Que tal eu?" falou. "Sou uma letra maravilhosa. Quando os judeus forem rezar, irão me usar para começar a recitar a Kedushá. Irão proclamar, 'Cadosh, cadosh, cadosh, sagrado é D'us.'" "No entanto," persistiu D'us, "não podes ser a primeira letra da Torá. És o começo da palavra **Kelalá**, '**maldição**'. Não quero que as pessoas perversas digam, 'Quando D'us fez o mundo, Ele o amaldiçoou, por isso começou a Torá com um Kuf.'"

Uma a uma, todas as outras letras se aproximaram do trono de D'us, tentando tomar para si a glória de se tornar o começo da Torá. Elas persuadiam, imploravam, pediam e argumentavam, mas inutilmente. D'us rejeitou todas elas.

Finalmente, ficaram apenas duas letras, Alef e Bet. Estas duas esperaram, ficando mais tensas a cada momento.

Bet estava tão nervosa que, após a longa espera, **o pequeno ponto dentro dela estremecia, como uma batida de coração**.

"Por favor, D'us," exclamou meio excitada, meio soluçando, "eu gostaria tanto de ser a primeira letra da Torá! Sou o começo de muitas coisas boas. Seus filhos, os judeus, dizem seus louvores nas preces: "**Baruch D'us – louvado seja D'us**; e 'Louvado seja o nome de D'us para sempre'; e 'Louvado seja D'us para sempre, amen, amen.' Todos estes louvores começam com um Bet!"

Desta vez, D'us concordou.

"Sim, respondeu Ele. "Começarei a Torá contigo. Bet é o começo de **Berachá**, **bênção**. Quero que todo o povo da Terra saiba que o amo e o abençoo. Por isso, a Torá vai começar com um Bet, com a palavra Bereshit."

Ao ouvir que Bet foi escolhida, Alef se afastou em silêncio.

"Alef", chamou D'us, "não queres pedir por ti também?"

Alef suspirou: "Sou uma letra tão sem importância," disse com humildade. "Todas as outras letras do Alef-Bet merecem muito

.....
mais do que eu. Bet é igual a dois, Guímel a três, Dalet a quatro – mas sou apenas um pequeno número, igual ao número um."

"Ao contrário, Alef," exclamou D'us. "Alef, és o rei de todas as letras! És um e Eu também sou Um, e a Torá é uma."

"Portanto, quando Eu der a Torá no Har Sinai, não vou começar com nenhuma outra a não ser tu."

Estarás no começo dos Dez Mandamentos: "Anochi", D'us, Eu sou D'us."

A criação do céu e da terra e a importância da paz.

Quando D'us estava para criar o mundo, o Céu suplicou: "D'us, primeiro cria todas as coisas relativas a mim – o firmamento, o sol, a lua e as estrelas."

A Terra insistiu: "D'us, deixa-me ser a primeira! Cria as plantas, os animais e as pessoas que viverão na Terra."

Esta discussão egoísta não agradou a D'us, pois Ele deseja que todos vivam em paz e harmonia. Por isso respondeu:

"Vou deixá-los se revezar, Céu e Terra, para ver a criação realizada. No primeiro dia, farei o Céu e a Terra. No segundo dia, darei a vez para o Céu, farei o firmamento."

No terceiro dia, a Terra terá a sua vez, reunirei as águas e cobrirei o chão com grama. No quarto dia, o Céu terá outra vez a chance e Eu colocarei nele o sol, a lua e as estrelas.

No quinto dia, será novamente a vez da Terra, encherrei os oceanos com peixes e criaturas do mar.

O sexto dia, porém, será dividido entre o Céu e a Terra. Criarei Adão dos dois, da Terra e do Céu: seu corpo será feito do pó da Terra, mas a sua Neshamá, sua alma, virá de Mim, do Céu."

Quem é o primeiro a fazer a paz

Nossos sábios sempre se esforçaram de todas as maneiras possíveis para viver em paz com todos.

Há uma história que ilustra esta afirmação: "Certa vez, um açougueiro começou uma briga com Rabino Abba, conhecido como Rav, o grande estudioso da Torá."

Rav estava ansioso para fazer as pazes com o açougueiro e decidiu esperar os dias que antecedem Yom Kipur.

"Esta é uma ocasião," ele pensou consigo mesmo, 'na qual as pessoas fazem as pazes umas com as outras. Certamente, o açougueiro virá e irá me pedir perdão. Seremos novamente amigos.'

Mas a véspera de Yom Kipur chegou e não havia sinal do açougueiro.

"Não é suficiente esperar que o açougueiro venha a mim fazer as pazes," pensou Rav. "Se eu realmente desejo paz, tenho que ir atrás dela. Se o açougueiro não vem a mim, irei a ele."

Apesar da briga ter sido, de fato, culpa do açougueiro, Rav estava pronto para se humilhar diante dele e pedir-lhe perdão. Quando Rav chegou, viu o açougueiro brandindo um enorme machado com o qual cortava fora as cabeças dos animais.

O açougueiro levantou os olhos de seu trabalho e percebeu Rav.

Zangado, ele gritou:

"É você, Abba? Vá para casa, não quero nada com você,

Imediatamente, D'us, castigou o açougueiro por se recusar a fazer as pazes e ofender o Rav.

Quando o açougueiro ergueu seu machado para dar o próximo golpe, o ferro se soltou do cabo de madeira e bateu na própria cabeça do açougueiro, matando-o.

É uma Mitsvá ser o primeiro a fazer as pazes e se desviar do seu caminho para fazer isso, como diz o Passuk no Tehilim.

Isto quer dizer que devemos ir em busca da paz e não ficar esperando por ela.

Os seis dias da criação e o Shabat

O primeiro dia: D'us criou a Luz, o Céu e a Terra.

No primeiro dia da Criação, D'us criou a Luz antes de tudo.

Ele o fez do mesmo modo que um rei quer construir seu palácio.

Uma parábola

O rei que não pôde criar a luz:

A noite toda, o rei e sua companhia marcharam através da floresta. Os soldados da escolta real sussurravam excitados entre si. Quando vão chegar lá? Como será? Durante meses – não, anos – o rei planejou construir o mais suntuoso palácio do mundo. Agora, finalmente, a construção seria iniciada e o rei pessoalmente estava-os conduzindo para o lugar que havia escolhido para esta obra.

De repente, os sussurros pararam, porque o rei se deteve. Ele apontou para uma enorme clareira e comandou: "Agora! Vamos começar a construção!"

As ordens do rei foram recebidas com um silêncio terrível. Os construtores reais baixaram suas cabeças e não conseguiam falar.

"Majestade," propôs tremendo um trabalhador, 'é noite agora e no escuro da floresta mal podemos enxergar qualquer coisa!'"

"Luzes", vociferou o rei. "Os trabalhadores precisam de luz! Luzes, imediatamente!"

Ouviu-se desesperada correria de pés, enquanto todos procuravam os eletricitistas reais. Finalmente, eles descobriram um eletricitista em meio aos trabalhadores da construção, mas, em voz baixa, ele confessou que não havia trazido consigo nem fios elétricos e nem interruptores.

.....
"Vocês não têm velas nem fósforos, ao menos?" grunhiu o rei.
"Acendam tochas!"

Mas o vento da floresta estava soprando tão forte que era impossível acender uma chama.

Atrapalhado e zangado, o rei foi forçado a anunciar que a construção seria adiada. Ele não tinha meios de criar a luz que era necessária para começar a construção do palácio.

A chave para a parábola

D'us criou a luz bem no início:

Mas como D'us é diferente de um rei humano! O rei humano pode se enfurecer, bradar e bater os pés, mas sem fósforos, luz elétrica ou alguma outra espécie de luz conhecida, ele não pode criar a luz.

D'us, porém, criou a luz do nada, pronunciando somente três palavras: "Que haja luz!" E, de repente, saída do nada, a luz apareceu do meio da escuridão.

D'us decidiu, "Que haja sempre luz durante o dia, para que as pessoas enxerguem e possam fazer seu trabalho. Todas as noites Eu trarei a escuridão para que as pessoas possam descansar."

Depois, D'us criou o Céu e a Terra. D'us não precisou colocar suportes embaixo do globo para segurá-lo. Ele o suspendeu no espaço.

Segundo dia:

D'us fixa o firmamento

A Terra que D'us criou no primeiro dia estava coberta de água, que estava amontoadada sobre o chão a grande altura. Não havia firmamento. No segundo dia, porém, D'us ordenou para as águas:

"Dividam-se em duas! Uma das metades ficará no alto e a outra afunde na Terra e Eu fixarei o firmamento no meio."

D'us chamou o firmamento Shamáyim, Céu. Ele manteve água nas nuvens em forma de vapor para mandar mais tarde em forma de chuva, a fim de que as plantas na Terra pudessem crescer.

Terceiro dia:

D'us criou a terra seca, a grama, as árvores e todas as espécies de plantas:

No terceiro dia, a água ainda cobria toda a Terra. Não havia um único ponto seco. **D'us ordenou ao anjo do mar:**

"Reúna toda a água em alguns lugares para que o restante se torne seco."

O anjo do mar perguntou: "Onde porei toda a água que sobrar? Dificilmente haverá lugar suficiente na Terra para tanta água!"

D'us então juntou toda a água da Terra e a derramou nos oceanos, lagos e rios. O restante da Terra se tornou seca. A água, porém, ficou tão aborrecida por estar aprisionada que ameaçou transbordar e cobrir tudo outra vez.

"Fique onde a deixei!", ordenou D'us. Não inunde a terra seca!" D'us pegou um pouco de argila, escreveu sobre ela Seu **grande Nome de quarenta e duas letras e jogou-a no fundo d'água.** Enquanto a argila estiver lá embaixo, nas profundezas da água, esta não inundará a terra. **(Antes do Dilúvio, D'us a removeu).** Então D'us ordenou:

"Que a relva cubra a terra seca!"

Imediatamente, a relva começou a brotar da terra. Além da grama para os animais, D'us criou todos os tipos de grãos, vegetais e ervas comestíveis.

Ele também ordenou à terra que produzisse uma grande variedade de flores, para dar prazer à visão e ao olfato; além de todos os tipos de folhas e arbustos.

Estes maravilhosos exemplos das obras de D'us podem ser admirados nos jardins e campos, nas florestas e montanhas e todas elas foram produzidas por D'us no terceiro dia da Criação. Então D'us ordenou:

"Que árvores frutíferas cresçam na terra!"

Imediatamente, emergiram milhares de tipos de árvores; macieiras, pereiras e laranjeiras, ameixeiras, pessegueiros e o que se pudesse imaginar, cada uma com frutas deliciosas, de cores e formas diferentes.

Quarto dia:

D'us suspende o Sol, a Lua e as estrelas no firmamento:

No quarto dia, D'us colocou o sol, a lua e as estrelas no firmamento. Existem sete Céus, um sobre o outro. D'us pôs o Sol no Segundo Céu e não no mais baixo, pois queimaria o mundo inteiro com seu intenso calor.

O Midrash explica: A lua é punida por reclamar.

Quando D'us criou o Sol e a Lua, Ele fez os dois exatamente do mesmo tamanho. A Lua disse para D'us:

"Sempre que criastes um par, fizestes um maior que o outro. Fizestes dois mundos – **olam hazê, este mundo e olim habá, o mundo vindouro.** Dois olim habá é o maior. Criastes o Céu e a Terra, o Céu é maior, por ser Tua morada. De fogo e água, a água é mais forte, porque extingue o fogo. Só o Sol e eu, a Lua, fizestes do mesmo tamanho. Um de nós tem que ser maior."

"Ahá!" exclamou D'us. "Sei qual é seu verdadeiro propósito, Lua! Você gostaria que a fizesse maior e o Sol se torna-se o menor. Mas por ter se queixado, Eu a farei menor."

"O meu castigo será tão grande, só porque me ter reclamado?" perguntou a Lua.

"Bem," respondeu D'us, "no futuro, quando Mashiach chegar, Eu farei a sua luz mais forte, tão forte como a luz do Sol agora."

.....
"Serei então igual ao Sol?"

"Não," respondeu D'us, "porque então o Sol brilhará sete vezes mais do que agora."

Quinto dia:

D'us criou os peixes e os pássaros:

No quinto dia, D'us encheu as águas com milhares de espécies de peixes e criaturas marinhas. Ele também criou os pássaros que voam no firmamento.

Sexto dia:

D'us cria os animais e o homem:

No sexto dia, D'us fez todos os animais, grandes e pequenos. Ele pôs sobre a Terra elefantes, ursos, leões, tigres, panteras, vacas, carneiros, cachorros, gatos bem como camundongos, ratos, doninhas, esquilos e tantas outras espécies de animais.

Não se pode esquecer dos insetos. Pode-se conhecer apenas alguns poucos insetos, como moscas, pernilongos, formigas, aranhas, baratas e, naturalmente, zangões e gafanhotos, mas na realidade existem milhões!

Mesmo o corpo dos menores insetos foi feito por D'us para funcionar como um mecanismo complexo. Ao serem estudadas as partes do corpo de um inseto, começa-se a entender um pouco sobre a fantástica sabedoria de D'us.

Finalmente, D'us formou a maior de suas Criações: o homem.

Uma história:

Ninguém pode se comparar ao Criador:

O imperador romano, Adriano, voltou de Êrets Yisrael, após tomar parte na destruição do Segundo Bet Hamicdash.

"Vocês vêem," gabou-se ele para os romanos, "eu lutei contra o D'us dos judeus. Destruí Sua terra, queimei Sua casa e escravizei Seu povo, os judeus. Por isso, agora também sou um deus. Obedeçam-me e sirvam-me!"

Três de seus mais sábios ministros estavam presentes. O primeiro se levantou respeitosamente e disse:

"Oh, Imperador! Como você pode dizer que venceu D'us se você ainda está em Seu palácio? Deixe o Seu palácio e o declararemos deus. O céu e a terra são o palácio de D'us. Se você pode sair do céu e da terra, nós o serviremos!"

O segundo ministro respondeu à arrogância de Adriano:

"Desejo fazer um pequeno pedido," anunciou. "Se você realizar, nós o serviremos. Este é o meu pedido. Uma forte tempestade se levantou e não nos deixa aportar. Sou um homem infeliz, porque todo o meu dinheiro estará perdido. Só faça o navio aportar e eu, certamente, irei servi-lo como a um deus!"

"Muito bem," respondeu Adriano. "Mandarei toda a minha frota para ajudá-lo. Os marinheiros jogarão cabos e puxarão seu navio para a costa."

"Por que você dá ordens tão complicadas?" perguntou o ministro. "Mande apenas um vento para trazer meu navio para a costa."

"Eu não sei como comandar o vento," disse Adriano.

"Então, como você nos pede para servi-lo?" disse o ministro. "D'us criou o vento e o governa. Como você pode pretender ser um deus?"

O terceiro ministro disse para Adriano:

"Nós o serviremos se você ordenar ao mar que se retire, para que a terra seca apareça e as pessoas possam se instalar nela."

"Isto é impossível para mim," admitiu Adriano.

"Mas quando D'us criou o mar," disse o ministro intencionalmente, "Ele foi capaz de dar ordens e dizer-lhe como fluir. Como então você se compara a D'us?"

Adriano ficou furioso com seus ministros. Foi para casa e se queixou para sua mulher que seus ministros se recusavam a servi-lo. Sua mulher era muito esperta e disse:

"Faça só uma pequena coisa e você será considerado deus."

"O que devo fazer?" perguntou-lhe Adriano.

"Devolva sua alma a D'us," disse ela.

"Você perdeu o juízo?" perguntou-lhe ele. "Se minha alma deixar meu corpo, não estarei mais vivo!"

"Como você pode querer ser um deus?" perguntou sua mulher. "Nem ao menos consegue comandar sua própria vida e quer fazer de conta que governa o céu e a terra?! Vamos servir melhor a D'us. Que criou o céu e a terra, fez as plantas e os animais e criou todas as pessoas e as mantém vivas."

Sétimo dia

Shabat O desfile dos anjos:

No sétimo dia, D'us sentou-Se em Seu Trono e Ordenou a todos os anjos que marchassem a sua frente, num grande desfile.

Primeiro, o anjo a quem Ele tinha nomeado para se encarregar dos oceanos passou marchando feliz seguido do anjo encarregado dos rios.

Depois, marchou o anjo nomeado para cuidar das montanhas; o anjo das águas profundas; o anjo da relva; o anjo do Guehinom (inferno); o anjo do Gan Eden (paraíso); o anjo dos insetos e répteis; o anjo dos animais selvagens; o anjo dos gafanhotos e, finalmente, o anjo encarregado de todos os outros anjos.

Todos os anjos dançaram em santidade e alegria. Encheram os céus com felicidade! Louvaram D'us e gritavam: "A glória de D'us durará para sempre!" Também cantavam: "Que D'us se regozije com a maravilhosa Criação que Ele fez!"

.....
Então D'us acenou para o anjo encarregado do Shabat e sentou-o no trono de honra. Todos os anjos dançaram ao seu redor e cantaram, "Hoje é Shabat Côdesh, o santo Shabat para D'us!"

Depois que D'us criou Adão, Ele o ergueu e deixou-o ver como era grande a felicidade do Shabat no Céu. O dia do Shabat era como um grande siyum, uma festa de celebração, porque D'us havia terminado Sua obra. Quando Adão viu os anjos cantando e dançando, compreendeu como é santo o dia de Shabat e a felicidade que ele poderia trazer para as pessoas na Terra.

O Midrash explica:

Shabat recebe um sócio eterno:

Depois que D'us fez o Shabat, o Shabat exclamou: "Estou tão triste e solitário. Sou o único dia que não tem sócio. Domingo vai junto com a Segunda; Terça é vizinha da Quarta; Quinta tem Sexta. Mas eu não tenho ninguém que esteja junto comigo, porque sou o último dia da semana!"

D'us respondeu: "Não se preocupe, Shabat. Um povo inteiro será seu amigo. O povo judeu terá o privilégio de mantê-lo santificado. **Por isso você, Shabat e o povo judeu irão sempre pertencer um ao outro!"**

O Midrash explica:

Todas as criações louvam D'us:

Você sabia que todas as criações cantam louvores a D'us? Elas Lhe agradecem por tê-las feito tão perfeitas e porque Ele designou tarefas no mundo a cada uma. As árvores louvam a D'us com os graciosos movimentos do balanço de seus galhos. A água canta para Ele com o barulho das ondas e o poderoso rugir da rebentação. Os animais O louvam com seus variados chamados e sons.

O Sol e a Lua O louvam com seu brilho sobre o mundo. Isto é o que diz o Passuk no Tehilim (capítulo 148): "Louvem D'us, da terra; as cobras grandes e todas as criaturas que vivem nas profundezas; fogo e granizo; neve e neblina; o vendaval que cumpre as ordens de D'us; montanhas e todos os morros; árvores frutíferas e todos os cedros; bestas selvagens e todo o gado; animais rastejantes e pássaros alados."

Mas quem deveria louvar D'us mais do que todos?

Certamente nós, que devemos lembrar que tudo no mundo foi criado para a humanidade e que fomos criados para servir a D'us.

Como D'us criou Adão e Eva no sexto dia

D'us criou cada ser em apenas alguns segundos. Adão foi uma exceção. D'us se ocupou com sua Criação por muitas horas. (Ele fez isso para nos mostrar como Adão era importante).

Durante a primeira hora D'us juntou pó de toda a Terra.

Durante a segunda hora D'us misturou o pó com a água e amassou-o até formar uma substância parecida com massa.

Durante a terceira hora D'us formou o corpo de Adão, seus braços e pernas.

Durante a quarta hora D'us soprou a **Neshamá (alma)** no corpo de Adão. O corpo de Adão era de terra, mas sua alma era um sopro Divino. É por isso que cada pessoa é capaz de se tornar um grande Tsadic, porque nossas almas são fonte de santidade, do Próprio D'us.

Durante a quinta hora, Adão se levantou.

Durante a sexta hora, D'us trouxe todos os animais perante Adão. Com a sabedoria que D'us lhe deu, Adão pôde dar a cada animal o nome apropriado pelo qual deveria ser chamado.

Durante a sétima hora, D'us falou: "Não é bom que Adão fique só. Vou lhe dar uma esposa para ajudá-lo!" D'us provocou em Adão um sono profundo. De um dos ossos que retirou do corpo de Adão, criou a mulher, Eva. D'us fez Eva de uma parte de Adão para que este gostasse de sua esposa tanto quanto dele mesmo.

Durante a sexta hora, D'us deu a Adão uma ordem.

Adão e Eva no Gan Eden (Paraíso)

D'us colocou Adão e Eva no Gan Eden, o jardim mais encantador da Terra. Todas as árvores preenchiam o ar com frutas doces e perfumadas de todas as espécies. Adão e Eva só tinham que estender a mão para pegar uma das deliciosas frutas ou beber água do rio cintilante e límpido que corria através do Gan Eden.

D'us ordenou a Adão para cumprir certas mitzvot. Sempre que ele cumpria estas Mitzvot, as plantas do Gan Eden cresciam. D'us mandou um anjo para o Gan Eden. **O anjo escreveu um livro para Adão que continha muitos segredos de D'us. Adão estudou este livro.**

Ambos, Adão e Eva eram pessoas santas e puras, onde o mal e a má inclinação não existiam. Eles estavam sempre pensando e fazendo o bem.

D'us põe Adão e Eva à prova

D'us ordenou a Adão:

"Vocês podem comer as frutas de todas as árvores do Gan Eden, exceto de uma: Não comam da árvore do centro do jardim! No dia em que vocês comerem o seu fruto, vocês merecerão a morte. Se vocês não o comerem viverão para sempre."

D'us deu à serpente o entendimento e o poder de falar. Naquele tempo, **a serpente tinha pernas e andava ereta.** Ela se chegou a Eva e perguntou-lhe astutamente:

"D'us realmente lhes disse para não comerem nenhuma fruta do Gan Eden?"

"Não, Ele não o fez," respondeu Eva. "D'us nos deixa comer as frutas de todas as árvores, exceto daquela no centro do jardim. D'us nos proibiu de comer daquela árvore para nosso próprio bem. Se comermos dela **ou a tocarmos**, mereceremos a morte."

"Sua boba!" retrucou a serpente. "Esta não é a verdadeira razão. A verdadeira razão é que D'us sabe que tão logo vocês comam do seu fruto, vocês ficarão muito inteligentes, iguais aos anjos. Vocês então conhecerão todos os segredos de D'us!"

.....
Ao contrário das palavras da serpente, D'us preveniu Adão e Eva para não comerem daquela árvore para protegê-los contra o mal. Mas a astuta serpente distorceu tudo, e foi convincente. Eva acreditou em suas palavras.

Olhou para a árvore. Seus frutos pareciam lindos e eram muito perfumados. Como podia ser que comer desta árvore causasse a morte? Talvez a serpente estivesse certa – comendo dos frutos, ela e Adão se tornariam tão sábios quanto os anjos.

A serpente reparou que Eva estava em dúvida como agir. Rapidamente, **ela a empurrou para a árvore.**

"Veja, você a tocou!" exclamou a serpente. "Aconteceu alguma coisa a você? Assim como você não morreu tocando nela, você não morrerá comendo dela. Ao contrário, você se tornará igual ao próprio D'us." Se você esperar e não comer isso agora, D'us criará outro que mandará em vocês. **Olhe qualquer coisa que for criada depois, mandará no que foi criado antes.**

Eva convence Adão também a comer o fruto da árvore proibida e ambos são castigados.

O castigo divino

Quando eles ouviram a voz de D'us, ficaram muito assustados. D'us perguntou a Adão:

"Adão, você comeu da árvore proibida?"

Ao invés de responder, "Agi errado, e me arrependo sinceramente" Adão respondeu: "Isto foi culpa da mulher que me destes, D'us. Ela me deu dessa fruta. Ela me fez pecar!"

D'us se virou para Eva e disse:

"Como você pôde fazer uma coisa tão terrível? Você trouxe a morte sobre você e Adão!"

"Foi culpa da serpente," chorou Eva. "Ela me contou mentiras e discuti comigo!"

"Não culpe aos outros ao invés de admitir a própria culpa," disse D'us. "Vocês são culpados e serão castigados.

Quanto a você, serpente perversa, cortarei suas pernas para que tenha de rastejar sobre seu corpo. Você comerá pó por toda a vida **e carregará veneno em sua boca.** Todos os humanos serão seus inimigos. Se eles pecarem, você os morderá. Mas se eles seguirem os Meus mandamentos, eles conseguirão pisar sobre sua cabeça e matá-la."

D'us amaldiçoou a serpente, fazendo os homens serem seus inimigos. Os homens pisarão em sua cabeça para esmagá-la.

D'us Castiga Adão e Eva

D'us disse a Eva:

"Se você não tivesse pecado, você e Adão viveriam para sempre. Agora, vocês devem morrer! Além disso, Eva, você sofrerá dores quando der à luz a filhos e será difícil criá-los."

Disse D'us para Adão:

"Por não ter guardado Meu mandamento nem por uma hora, irei castigá-lo. Se não fosse pelo seu pecado, você poderia viver no Gan Eden para sempre. Agora terá de sair. No Gan Eden toda sua comida vinha pronta, agora você terá de semear, plantar, ceifar, colher e preparar seu alimento. **Se você for mantido muito ocupado, terá menos tempo para pecar!"**

Adão e Eva Deixam o Paraíso

D'us conduziu Adão e Eva para fora do Gan Eden. Primeiro, D'us pôs Adão num lugar escuro da Terra chamado Êrets. Não havia luz alguma naquele lugar e Adão estava profundamente assustado. Tudo o que conseguia enxergar era a lâmina de uma espada girando a sua volta, sem parar. **Adão fez Teshuvá.** Estava arrependido por ter escutado a Eva.

Para se purificar, Adão mergulhou nas águas do rio **Guishom**. D'us teve pena dele e o colocou num lugar melhor, chamado Adamá.

Mais tarde, quando o filho de Adão, **Shais** nasceu, D'us colocou-o em **Tevel**, o melhor lugar do mundo.

A briga de Caim e Abel

Adão tinha dois filhos, Caim e Abel. Os dois eram diferentes. O filho mais velho, Caim, era orgulhoso e egoísta. Abel, porém, era humilde. Adão disse a seus filhos: "É conveniente que vocês ofereçam um sacrifício a D'us no **altar** (**Mizbêach**) que eu construí."

Caim era agricultor e colhia lindas frutas em toda as estações. Mas decidiu guardar as melhores para si. Caim comeu até que ficou satisfeito e então ofereceu para D'us as sobras. Ele nem mesmo ofereceu para D'us as frutas das árvores, mas apenas frutos da terra. O irmão mais novo, Abel, era pastor. Ele matava suas melhora e mais gordas ovelhas e colocava-as no altar.

D'us viu que Abel O honrava com o melhor que tinha, enquanto o orgulhoso Caim trazia um sacrifício miserável. E porque Ele estava satisfeito com o sacrifício de Abel, D'us mandou um fogo do Céu que devorou o sacrifício de Abel e não o de Caim.

Caim ficou com ciúmes e com vergonha, porque D'us aceitou o sacrifício do irmão mais novo e não o seu. D'us viu o embaraço de Caim e falou-lhe, encorajando-o.

"Você pode melhorar se quiser," disse Ele. "Você não trouxe um sacrifício digno, mas pode aprimorar-se no futuro e tornar-se maior do que seu irmão Abel."

Mas, ao invés de fazer Teshuvá, Caim não quis escutar.

Quando Caim e Abel estavam juntos no campo, Caim começou a discutir com o irmão.

"Não é justo," queixou-se ele. "D'us aceitou seu sacrifício e não aceitou o meu."

"D'us é sempre justo," respondeu Abel. "Ele aceitou a minha oferenda porque Ele gostou do modo como o ofereci. Ele recompensa os **tsadikim** e castiga os **resha'im**."

"Você está errado," respondeu Caim.

.....
Enquanto continuavam discutindo, Caim ficou irado, ergueu uma pedra e acertou na cabeça de Abel, matando-o.

Como Abel era um tsadic, sua alma voou direto para o Gan Eden e D'us lhe deu as maiores recompensas.

Caim queimou o corpo de Abel; depois, pegou todas as ovelhas do irmão e trouxe-as para sua própria tenda.

D'us perguntou a Caim:

"Onde está teu irmão Abel?"

"Eu guardo os campos", respondeu Caim, "devo guardar também meu irmão para saber onde ele está?"

Caim pensava que D'us sabia apenas o que se passava lá no alto e que não estava a par de tudo o que se passava na Terra. D'us falou:

"Eis que o sangue de seu irmão clama por Mim."

"Como podes saber?", falou Caim.

"Tolo, Eu sei tudo," respondeu D'us, "e vou castigá-lo. De agora em diante, quando você cultivar a terra, ela só produzirá uma pequena quantidade de grãos. Além disso, não poderá viver em paz em um lugar fixo; irá perambular de um país a outro."

Quando Caim ouviu as palavras de D'us, admitiu:

"Realmente, pequei muito. Tenho medo que enquanto perambular pela terra sem abrigo os animais me matarão."

"Vou protegê-lo," assegurou D'us, **pondo em sua testa Meu Nome**. Quando os animais a virem, ficarão com medo e não o atacarão."

Os descendentes de Caim foram maus; não sobrou nenhum, todos morreram mais tarde no **Mabul (Dilúvio)**.

Adão teve um terceiro filho, **Shais**, e dele descendeu o justo **Noé**.

Inveja de Irmão

"Cain disse a seu irmão Hevel, e quando estavam no campo, Cain levantou-se contra seu irmão Hevel e matou-o".

Ao ler este versículo, surge uma dúvida imediata. A Torá escreve que "Cain disse a Hevel" - então parece haver uma lacuna bem evidente, uma pausa que nos intriga, porque a Torá não informa o que Cain falou.

Toda a congregação está sentada ouvindo atentamente a leitura da Torá, esperando pelo momento do clímax, quando ouvirão o que Cain tem a dizer, e então, como se uma linha inteira tivesse sido apagada, a narrativa salta para nos dizer que ele matou o irmão! Mas o que aconteceu? O que conversaram os dois que fez Cain reagir tão drasticamente?

O **Targum Yonatan** menciona esta dúvida relatando uma discussão fascinante que ocorreu entre os dois irmãos, a qual levou diretamente ao assassinato. Cain reclamou a Hevel que

não havia justiça e um juiz supremo neste mundo; não há Mundo Vindouro, e por isso os justos não serão recompensados e os perversos jamais serão castigados. Hevel discordou, e como resultado desta discussão, Cain decide matar seu irmão.

Entretanto, mesmo após ouvir a explicação desta conversa, a passagem ainda permanece obscura. Se estavam realmente discordando sobre um assunto tão fundamental, não teria sido informativo se a Torá nos relatasse isso de maneira direta?

Foi sugerido que a Torá omitisse qualquer menção explícita do assunto da discussão porque, na verdade, é totalmente insignificante para o desenrolar da história. **Cain não tinha o direito de tirar a vida de seu irmão, e ponto final, não importa o quanto ele justificasse suas ações.**

O fato de que ele tivesse uma suposta desculpa para seu comportamento (tinham opiniões conflitantes) era irrelevante, porque qualquer que fosse seu arrazoado, este permaneceu meramente uma racionalização formulada pela mente humana, para se permitir a busca de seus próprios desejos básicos.

Na verdade, Cain estava com inveja porque a oferenda de Hevel fora aceita por D'us, enquanto que a sua não, por isso desejou matar o irmão. Ele tinha apenas um problema - sua consciência. Mas não poderia simplesmente destruir sua própria carne. Precisava de uma desculpa, uma racionalização para sentir-se melhor a respeito daquilo que estava para fazer.

Por esta razão, provocou uma discussão; descobriu que seu irmão discordara, e usou isto como uma desculpa para o assassinato. Entretanto, como era meramente uma desculpa, a Torá considerou-a irrelevante, e por isso preferiu omiti-la da narrativa.

Quantas vezes inventamos desculpas para justificar nossas ações - fabricando racionalizações que, se apenas usássemos o tempo para analisá-las, veríamos que são totalmente infundadas? Somos realmente honestos com nossos amigos, nossa família, com o Criador, e com nós próprios, ou simplesmente procuramos as melhores desculpas a fim de satisfazer nossa consciência?

Ao começarmos este novo ano, reforçemos nosso compromisso de buscar a verdade e estejamos conscientes das perigosas racionalizações que inevitavelmente impedirão nossa busca por uma vida boa e com moral.

O poder das palavras

Rabi Schneur Zalman de Liadi

Está escrito: "Para sempre, ó D'us, Tuas palavras ficam nos céus."

Rabi Israel Báal Shem Tov, de abençoada memória, explica este versículo assim:

"Teu mundo" que Tu pronunciaste "Que haja um firmamento" estas mesmas palavras e letras ficarão para sempre no firmamento dos céus e estão para sempre revestidas nos céus para dar-lhes vida e existência.

Como também está escrito: "A palavra de nosso D'us ficará firme para sempre" e "Suas palavras vivem e ficam firmes para sempre." Pois se estas letras tivessem de partir mesmo por um

.....
instante e voltassem à sua origem, todos os céus se tornariam nada, e seria como se não tivessem de todo existido, exatamente como antes do pronunciamento "Que haja um firmamento."

E assim é com todas as coisas criadas, até a mais corpórea e inanimada das substâncias. Se as letras dos "dez pronunciamentos" pelos quais o mundo foi criado durante os seis dias da Criação se separassem dele, mesmo que por um só instante, eles se reverteriam para a mais absoluta nulidade.

O mesmo pensamento foi expresso pelo Ari, de abençoada memória, quando disse que **mesmo em matéria completamente inanimada, como terra, pedras e água, há uma alma e uma força vital espiritual - ou seja, as letras das "palavras Divinas" revestidas por elas, que continuamente lhe garantem vida e existência.**

O Poder do "Eu"

Todo ser humano na face da terra é descendente de um homem. A Bíblia assim o diz, e até existe alguma evidência genética para apoiar esta afirmação. Porém o que mais preocupava os Sábios do Talmud sobre este fenômeno era: o que isso significa? Qual sua relevância prática para o modo como levamos nossa vida?

O Talmud oferece diversos pontos de vista. O primeiro, e mais óbvio, é a lição que todo e qualquer indivíduo tem igual valor: "todo homem foi criado igual" não é apenas uma convicção, mas um fato. Como declara o Talmud: "Nenhum homem pode dizer a seu próximo: 'Meu ancestral era mais importante que o seu.'"

O segundo fala do valor da vida. "Aquele que destrói uma única vida, é como se destruísse o mundo inteiro; e aquele que preserva uma única vida, é como se preservasse o mundo inteiro."

Em terceiro lugar, vem uma reflexão sobre a singularidade do Criador. Em quarto, há uma demonstração da infinita diversidade latente naquela singularidade (todo ser humano é descendente de uma pessoa, porém não existem duas pessoas exatamente iguais!).

Finalmente, há uma profunda lição no poder do indivíduo.

Nas palavras do Talmud, "Todo homem é obrigado a dizer: Por minha causa o mundo foi criado."

Como declara a Torá, D'us passou seis dias fazendo um universo, criando o físico e o espiritual, tempo e espaço, matéria e energia, água e terra, estrelas e árvores e animais - e então criou um único ser humano (subseqüentemente dividido em metades, masculina e feminina) e disse a ele/ela: "Tudo isso é para te servir."

Aquele homem - chamado Adam, "homem" - é todo homem. Um plano finito tem apenas um centro; em um plano infinito, cada ponto é seu centro. Neste mundo de infinito potencial que D'us criou, todo e cada um de nós é o próprio centro: o foco de Sua criação, a força que o leva à realização.

Todos nós acabamos de testemunhar, com tremenda clareza, o poder do indivíduo. Como uma única pessoa, armada somente com pouco mais que profunda determinação, pode destruir as vidas de milhares de outros, e provocar o caos nas vidas de milhões. Mas a Torá nos assegura que o poder de fazer o bem é infinitamente maior.

Todo homem é obrigado a dizer: "Por minha causa o mundo foi criado."

Dormimos Demais?

O tempo dormido é provavelmente o recurso humano mais desperdiçado

Por Yanki Tauber

Todos os dias, milhões de homens-hora são dormidos ralo abaixo. Se existem 6 bilhões de seres humanos no mundo, e cada um dorme em média 7,2 horas por noite – bem, faça a conta. O xis da questão é que o tempo dormido é provavelmente o recurso humano mais desperdiçado.

Por que passamos 25% a 30% de nossa vida à toa? Por que dormimos?

Talvez esta pergunta seja inútil. Por que dormir?

Porque nosso corpo exige isso de nós. Porque é assim que somos fisiologicamente construídos – precisamos de tantas horas de sono todos os dias para funcionar. Mas para o judeu, não existem perguntas inúteis. Se D'us nos criou de uma determinada maneira, há um motivo. Se nossas horas ativas devem ser precedidas por aquilo que o **Talmud chama de a pequena morte**, há uma lição aqui, uma verdade que é fundamental à natureza da realização humana.

O Rebe explica: **Se não dormíssemos, não haveria amanhã.** A vida seria um único hoje, sem etapas. Todo pensamento e ação nossa seria uma continuação de todos os nossos pensamentos e ações anteriores. Não haveria novos começos em nossa vida, pois o próprio conceito de um novo começo nos seria estranho.

Dormir significa que temos a capacidade de não apenas melhorar, como transcender a nós mesmos. De abrir um novo capítulo na vida que não está previsto nem habilitado por aquilo que fizemos e fomos até agora. De nos libertar das restrições do dia de ontem e construir um ser novo, recriado.

O Rabi Israel Báal Shem Tov ensinou que D'us cria o mundo novamente a cada microssegundo de tempo.

Se nós somos Seus "parceiros na Criação" (como o Talmud afirma que somos), deveríamos ser capazes de fazer isso também – pelo menos uma vez ao dia.

Acorde amanhã – e comece tudo de novo.

Por Quê Adam Não Se Conteve?

Por Eli Touger

Adaptado dos ensinamentos do Rebe

(Sichos Simchas Torah, 5723)

A Parashá Bereshit é lida no final do mês de Tishrei (o primeiro mês do ano novo) e contém orientações para o próximo ano.

Dos conceitos que ela menciona está o primeiro mandamento de D'us: a ordem a Adam de não comer da Árvore do Conhecimento. É evidente no Midrash¹ que esta ordem se aplicava somente ao dia após a criação de Adam.

De fato, quando consideramos os eventos que ocorreram no sexto dia da criação, parece que o mandamento deveria durar somente três horas. **A ordem de D'us foi dada na nona hora depois do raiar do dia**². Três horas depois, o dia iria terminar, o primeiro Shabat começaria, Adam não pode se conter e violou o mandamento de D'us.

Surge a questão: "Adam foi formado pelas mãos do próprio Santo, bendito seja Ele"³ e ouviu esta proibição diretamente d'Ele. Como é possível que ele não tenha sido capaz de se conter por apenas três horas?

É verdade que muitos segredos místicos estão associados com este pecado, mas toda narrativa bíblica também deve ser entendida em um sentido literal⁴.

Por quê Adam passou dos limites?

O Foco do Yetzer Hara

A resposta fica clara quando percebemos que toda a intenção do yetzer hara (a má inclinação) é fazer com que a pessoa faça o oposto do que D'us quer. Todos os argumentos oferecidos pelo yetzer hara para convencer a pessoa a transgredir uma proibição, ou não praticar uma mitsvá, tem um motivo: que a pessoa desobedeça a vontade de D'us.

Existem situações (seja por causa do indivíduo envolvido, por causa do lugar, ou por causa do momento)⁵ no qual a prática de uma mitsvá tem uma especial importância. Nestas situações, o yetzer hara faz um esforço especial.

Apesar de que, na verdade, estas mitsvot podem ser facilmente executadas, já que sua prática é de grande importância, o yetzer hara apresentará todos os tipos de questionamentos e razões com a intenção de afastar a pessoa do cumprimento da vontade de D'us.

Existem momentos em cada um de nós pode "ouvir a voz" de nossa má inclinação para nos persuadir desta maneira. Certos aspectos da prática da Torá e suas mitsvot devem logicamente ser mais fáceis de praticar do que outras.

E também existem momentos quando uma pessoa sente que são, na verdade, estes assuntos "fáceis" que apresentam o maior desafio. Como está explicado acima, é precisamente em relação aos assuntos que são mais relevantes para a pessoa que o yetzer hara apresenta os maiores desafios.

O peso haláchico das questões envolvidas não é importante. Existem momentos em que o assunto que apresenta um desafio é rabínico na origem, ou meramente ditado pelos costumes judaicos, enquanto uma mitsvá de origem escritural será muito mais fácil de ser praticada. E, ainda assim, onde o bem estar espiritual da pessoa é considerado, a mitsvá rabínica ou o costume podem ser mais importantes (naquele momento).

Para nos referirmos a um conceito paralelo: o pensamento chassídico interpreta a citação⁶: **"Em relação à [prática de] qual [mitsvá] seu pai era mais cuidadoso?" como significando que toda alma tem mitsvot especiais que estão mais relacionadas com a sua missão neste plano material do que outras**⁷. Já que o yetzer hara sabe que estas mitsvot são mais importantes, ela apresenta maiores obstáculos para a sua prática.

Neste sentido, nós podemos explicar as declarações dos Sábios⁸: "Sempre que alguém for maior que um colega, seu yetzer hara é maior do que ele". **Quanto maior é uma pessoa, mais importantes são as mitsvot que ela pratica. E, portanto, o yetzer hara apresenta para ela maiores desafios.**

(Também existe outra explicação para este conceito. Para permitir o livre-arbítrio, os poderes da santidade devem estar igualmente equilibrados com as forças que se opõem à santidade. Já que ele é "maior que seu colega", isto é, lhe foi concedido poderes maiores no mundo da santidade, "seu yetzer hara é maior do que ele", seu yetzer hara é também dotado de maior poder.)

Com base nisto, nós podemos entender porque Adam comeu da Árvore do Conhecimento. Já que ele foi "moldado pelas mãos do próprio Santo, bendito seja Ele", ele era "maior que seu [s] colega [s]" e, assim, "seu yetzer hara (era) maior do que ele".

Isto é particularmente verdade já que a ordem de não comer da Árvore do Conhecimento tinha implicações muito mais abrangentes como refletido na extensão da descida sofrida por Adam e todos os seus descendentes como resultado de seu pecado. Portanto, o yetzer hara, que revestia a si mesmo na serpente⁹, debateu com Adam com toda a sua força e o compeliu a pecar.

Com Quem D'us Falou?

Quando D'us deu a Torá para o Povo Judeu, Ele fez com que Moshê falasse primeiro às mulheres sobre o entrega da Torá. Por quê? Nossos Sábios explicam¹⁰ que D'us queria evitar a recorrência do que tinha acontecido com a Árvore do Conhecimento, quando Adam - e não Chava - foi quem ouviu o mandamento de D'us.

Isto tornou possível o pecado. A criação de Chava foi obra das mãos de D'us, como está escrito¹¹: "E D'us fez a costela...". No entanto, já que ela não tinha ouvido a ordem do próprio D'us, **ela errou ao aumentar a abrangência da proibição de D'us, afirmando que a ela também envolvia a ordem de não tocar na árvore assim como não partilhar dela.** Foi sua adição que levou ao Pecado da Árvore do Conhecimento¹².

Se Chava tivesse ouvido a ordem de não partilhar do fruto da Árvore do Conhecimento diretamente de D'us, ela não teria sido enganada pela serpente e teria evitado que Adam pecasse, apesar de todos os desafios apresentado pelo yetzer hara, como refletido da declaração de nossos Sábios em relação à entrega da Torá¹³.

Construindo um Santuário no Microcosmo

O próprio nome "Torá" está relacionado à palavra horoah, que significa "instrução"¹⁴. Como mencionado acima, as histórias relatadas na Parashá Bereshit nos provêm com instrução para nosso comportamento durante o ano. Da mesma maneira, o conceito explicado acima nos provê com uma diretiva em relação à conduta de um lar judaico.

Todo lar judaico é "um santuário no microcosmo"¹⁵, sobre o qual D'us diz: "Eu morarei lá dentro"¹⁶. A conduta do lar depende da mulher, referida na Torá como "suporte principal do lar"¹⁷. Ela deve, portanto, ser encorajada a adicionar energia e satisfação às suas práticas judaicas. Este encorajamento deve ser dado com a compreensão de que "os caminhos [da Torá] são

.....
caminhos agradáveis, e todos seus caminhos são paz”¹⁸, em vez de por meios de ordens autocráticas.

Esta abordagem protegerá toda a sua família, inclusive seu marido, de obstáculos. Como afirmado acima, se Chava tivesse ouvido a ordem do próprio D’us, não só ela não teria criado uma complicação ao pecar ela mesma, mas ela teria evitado que Adam fosse influenciado pelas propostas da serpente.

Assim, a fundamentação da atividade de Torá de toda pessoa deve começar dentro de seu próprio lar. Como o Rebe Rashab disse uma vez¹⁹: Assim como colocar o tefillin todos os dias é um mandamento das Escrituras que recai sobre todo homem judeu, seja ele um renomado estudioso da Torá ou uma pessoa simples, **também existe uma obrigação para que todo judeu gaste meia hora por dia pensando sobre a educação de seus filhos**. Ele deve fazer tudo o que lhe for possível e, de fato, mesmo coisas que estejam além de seus poderes para garantir que seus filhos sigam o caminho que ele os guiar.

Esforços para aumentar o envolvimento da Torá das mulheres judias também terá um efeito benéfico nos homens judeus. Isto garantirá que os pensamentos, **palavras e atos de uma esposa não contrariem àquelas de seu marido**, mas que ela o ajude e complemente em todas as coisas²⁰, **contribuindo com biná, entendimento**, para o lar. Como nossos Sábios comentam²¹: “Uma dimensão maior de biná foi dada às mulheres do que aos homens”.

Uma esposa ativa em Torá afetará todo a sua casa, tornando-a adequada para o repouso da Presença Divina. Isto é refletido na benção do casamento²²: “Conceda alegria abundante para [aqueles], como tu concedeste sobre Tuas criaturas no Jardim do Éden como antes”.

Por que o termo mikedem, “como antes”, foi incluído na benção? Todos sabem que a história de Adam e Chava aconteceu muito anos atrás. A benção, entretanto, se refere ao tempo “antes” do momento do Pecado.

Nós estamos, portanto, desejando que todo novo casamento seja como a ligação entre Adam e Chava antes do Pecado, quando cada um ajudava ao outro. Isto permitirá que o lar seja conduzido de uma maneira adequada para hospedar a Presença Divina. E, então, haverá alegria, como a que “Tu concedeste às Tuas criaturas no Jardim do Éden- mikedem - como antes”.

NOTAS

1. Ver Bereishis Rabbah 21:7. ver também o comentário do Sifsei Cohen sobre esta leitura da Torá e a explicação dada em Likkutei Torah, no início da Parshas Kedoshim.
2. Sanhedrin 38b.
3. Ver Bereishis Rabbah 24:5.
4. Shabbos 63a.
5. Ver Sanhedrin 97a em relação ao lugar chamado de Kushta. Ver também Likkutei Dibburim, Vol. I, Sichas Yud-Tes Kislev,

5693, seção 5 (Eng. Vol. I, p. 35).

6. Shabbos 118b.
7. **A palavra hebraica usada para “cuidadoso” acima é זריז que se relaciona à palavra זור que significa “brilhar”. A mitzvah serve como um meio que permite à alma da pessoa de brilhar.**
8. Sukkah 52a.
9. Ver Zohar, Vol. I, p. 35b; Pirkei d’Rabbi Eliezer, cap. 13.
10. Shemos Rabbah 28:2.
11. Bereishis 2:22.
12. Como explicado em Bereishis Rabbah 19:4, citado no comentário de Rashi, Bereishis 3:3, a cobra a empurrou até que ela tocou a árvore, e então disse a ela: “Veja, assim como tocar não envolve uma punição, comer também não”.
13. Ver também Sanhedrin 109b-110a.
14. Zohar, Vol. III, p. 53b.
15. Cf. Yechezkel 11:16.
16. Shemot 25:8. ver o maamar Basi LeGani , 5710 que desenvolve o conceito da moradia Divina dentro de cada individuo judeu.
17. Tehillim 113:9 usa a expressão akere habayis, “a senhora da casa”. Nossos Sábios interpretam isto como significando ikro shel bayis, “o suporte principal da casa”.
18. Mishlei 3:17. Ver Gittin 6b.
19. HaYom Yom, 22 de Tevet.
20. Ver Yevamos 63a.
21. Niddah 45b.
22. Siddur Tehillat HaShem, p. 410.

Todos os Preceitos

.....
Um dos assuntos relatados na nossa Porção Semanal é o mandamento de D'us a Adam, para não comer da Árvore do Conhecimento do bem e do mal. Nas interpretações bíblicas (Midrash) consta que o mandamento de não comer da árvore foi dado a Adam na sexta-feira à tarde, e a ordem era somente até a entrada do Shabat.

Isto significa que a proibição de comer da árvore teria a duração e obrigação de apenas três horas. No entanto, Adam não conseguiu conter-se e transgrediu esse preceito, comendo do fruto da árvore.

Surge uma pergunta: como é possível que Adam, formado pelo próprio D'us, "uma criatura das palmas de Hashem", não conseguiu conter-se e deixar de comer da árvore por apenas um curto tempo? A resposta a isso é: toda a intenção do instinto mau é fazer com que o judeu contrarie a vontade Divina, impedindo-o de cumprir os preceitos, fazendo-o transgredir os mandamentos Divinos.

Portanto, quanto mais importante a ordem, quanto mais elevado o cumprimento de um preceito, mais esse instinto empenha-se para impedir a realização do mandamento.

Cada um de nós, de vez em quando, sente essa batalha dentro de si mesmo. Existem preceitos que aparentemente são fáceis de cumprir, e mesmo assim encontramos muita dificuldade para realizá-los. O mau instinto atrapalha o seu cumprimento, pois possivelmente esse mandamento específico é muito importante para nossa alma.

O mesmo acontece em relação a Adam. Pode parecer muito fácil cumprir a ordem de não comer da árvore, mas pela sua grande importância (como vemos pelas consequências dessa falha), o mau instinto se empenhou muito para incitar Adam ao pecado.

A Árvore do Conhecimento ensina que um judeu nunca deve pensar que realizará um preceito mais sério da melhor forma possível, porém no caso de uma ordem mais leve, não irá cumprí-la da mesma forma. De vez em quando, justamente um preceito que aparentemente se apresenta simples é tão importante, e deixar de cumpri-lo pode causar uma imensa descida.

Isso nos ensina que devemos cumprir todos os mandamentos da melhor forma possível, sem distinguir entre um preceito e outro.

Extraído do Licutê Sichot, vol. III, págs. 747-748

"Que Haja Luz!"

Uma visão mais profunda

Por Rabino Jonathan Sacks

Baseado nos Ensinos do Rebe

Fonte: Licutê Sichot vol. X, págs. 7-12

Na narrativa da Criação, um detalhe nos intriga com a força do mistério: por que a luz foi criada antes de tudo o mais, quando não havia nada para se beneficiar dela? A explicação rabinica apenas aumenta o mistério, pois nos diz que a luz foi imediatamente "oculta para os justos no Mundo Vindouro." O Rebe explica a dificuldade e elucida as implicações da narrativa da Criação para o indivíduo e a conduta de sua vida.

1 – A Primeira Criação

"E D'us disse "Que haja luz, e houve luz."¹ Este foi o primeiro dos pronunciamentos pelos quais D'us criou o mundo, e a luz foi a primeira de todas as criações.

Mas por que foi assim? Pois a luz não tem valor por si mesma; sua utilidade depende da existência das outras coisas que são iluminadas por ela, ou que se beneficiam dela.

Portanto, por que a luz foi criada quando nada mais existia?

Alguém poderia dizer que esta foi simplesmente uma preparação para as coisas que mais tarde seriam feitas (na maneira que o Talmud² diz que o homem foi criado por último para que tudo estivesse à disposição dele). Pois se é assim, a luz deveria ter sido criada pouco antes dos animais (que podem distinguir entre luz e escuridão), ou pouco antes das plantas (que crescem com a ajuda da luz), no terceiro dia da criação.

2 – A Luz Oculta

Os Rabinos³ explicam que a luz feita no primeiro dia foi "oculta para os justos no Mundo Vindouro". Porém isso é paradoxal. Como todo o propósito da luz é iluminar, por que teria sido escondida logo depois de ser criada; a própria negação de sua razão de ser? E embora os Rabinos tenham explicado por que a luz deveria ter sido escondida, ainda precisamos entender por que, se D'us previu isto, mesmo assim Ele a criou no início.

Um outro comentário precisando de explicação é aquele do Zohar,⁴ dizendo que as palavras hebraicas para "luz" e "segredo" são numericamente equivalentes.⁵ A equivalência numérica é um sinal de que as duas coisas estão relacionadas uma com a outra (pois como as coisas foram criadas através das permutações das letras dos pronunciamentos Divinos, duas coisas cujos nomes são formados por letras do mesmo valor partilham uma forma essencial comum).

Porém mais uma vez temos um paradoxo: a luz é, pela sua essência, uma coisa revelada, e um segredo é necessariamente oculto. Como podem dois opostos partilhar uma forma em comum?

3 – A Arquitetura do Universo

Para resolver essas dificuldades devemos considerar uma declaração feita pelo Midrash:⁶ "Assim como um rei que deseja construir um palácio não o faz espontaneamente, mas consulta os desenhos dos arquitetos, também D'us olhou na Torá e criou o mundo."

Em outras palavras, examinando a ordem pela qual um homem começa a fazer algo que exige planejamento e previsão, podemos aprender algo sobre a ordem de D'us em trazer o mundo à existência. Primeiro, Ele fixa em Sua mente o propósito que Ele deseja que Sua obra atinja. Somente então começa o trabalho.

Este, por assim dizer, foi o procedimento de D'us. E o propósito do mundo que Ele estava para criar (um local onde a luz Divina seria oculta⁷ nas pesadas mortalhas da existência material) era que deveria ser purificado e a luz pura de D'us restaurada.

Ele procurou, em última análise, "uma morada nos mundos inferiores"⁸ significando que Sua ocultação (escuridão) seria

.....
transformada numa presença revelada (luz). Como então a luz era o propósito da criação, e o propósito é a primeira coisa a ser decidida na ordem de uma obra, a luz foi criada no primeiro dia. A intenção de todas as criações subsequentes foi captada naquela frase inicial: “Que haja luz”.

4 – A Luz Implícita

Há, no entanto, uma alusão à luz em cada um dos dias subsequentes da criação. Pois cada dia de trabalho terminava com o pronunciamento “E D'us viu que era bom”. E a palavra “bom” alude à luz, como está escrito: “E D'us viu a luz⁹, que era boa.” Ocorre que a luz estava presente em cada dia da criação, mas como é possível, se a luz é o propósito da criação, e como tal explícita somente no final?

A resposta é que o propósito se manifesta de suas maneiras:

(i) explicitamente no início de uma obra; e

(ii) implicitamente em cada estágio da obra, dirigindo cada esforço num padrão pré-arranjado, para que se conforme com o projeto original.

Segue então que houve dois aspectos na luz primitiva: primeiramente quando foi revelada, como propósito da criação, no primeiro dia, antes de qualquer outra coisa existente; e em segundo, como era sentida indiretamente (e portanto somente sugerida) nos outros dias, modelando o restante da criação rumo à sua função.

5 – Revelação e Cumprimento

Agora podemos entender por que o Zohar enfatiza a conexão entre “luz” e “segredo”, e por que o Rebe disse que estava oculta para os justos no Mundo Vindouro.

Enquanto um prédio está em construção, sua forma final não está aparente, exceto na mente do arquiteto. Sua forma final é revelada somente quando a obra é completada.

Assim foi com o mundo: somente quando tinha sido levado à sua perfeição, pelo nosso serviço durante os 6.000 anos¹⁰ que precedem o Mashiach, seu propósito (a luz) será revelado.

A luz agora está oculta, mas no Mundo Vindouro (quando nosso serviço mundano terá sido completado) ela brilhará novamente como fez no primeiro dia.

Mas tudo que está escondido, está escondido em algum lugar. Onde a luz está escondida? Os Rabinos dizem:¹¹ na Torá. Pois assim como os desenhos de um arquiteto orientam as mãos do empreiteiro, a Torá nos guia – através do estudo e do cumprimento dos mandamentos – a modelar o mundo para a sua realização.

6 – Do Mundo ao Homem

Cada pessoa é um microcosmo do mundo, e o destino do mundo é seu. Pois então essa ordem de história espiritual é também uma ordem de serviço individual.

“Luz” é o propósito de cada judeu: transformar sua situação e ambiente em luz. Não meramente afastando a escuridão (o mal) evitando o pecado, mas transformando a escuridão em luz, comprometendo-se positivamente com o bem.

E sua ordem deve ser aquela de D'us no ato da criação: primeiro deve formular Seu propósito. Imediatamente, quando acorda do sono (quando ele é uma “nova criação”¹²) – na verdade a todo momento, pois o mundo é continuamente criado de novo,¹³ ele deve reconhecer que sua tarefa é “Que haja luz.”

Então ele deve deixar seu propósito estar implícito em cada uma de suas ações – alinhando-as com a Torá, o projeto da criação.

7 – Trevas em Luz

Se a luz é o propósito de toda coisa criada, então deve ser também o propósito da própria escuridão. Pois a escuridão tem um propósito, não meramente deveria existir para ser evitada (deveria apresentar ao homem um escolha entre bem e mal), mas deveria ser transformada em luz.

E se um homem às vezes se desesperar, na opressiva escuridão de um mundo desregrado,¹⁴ de fazer a luz prevalecer, ainda mais de transformar o mal em bem, ele é comandado desde o início: “No (ou em prol do) início, D'us criou...” E os Rabinos traduzem isto como: “Pelo bem de Israel, que são chamados “o princípio da produção de (D'us), e em prol da Torá, que é chamada “o princípio” do caminho (de D'us)”¹⁵

O mundo foi feito assim para que Israel através da Torá o transformasse na eterna luz da presença revelada de D'us, no cumprimento messiânico das palavras de Yeshayahu¹⁶: “O sol não será mais sua luz durante o dia, nem pelo brilho a lua lhe dará luz: Porém o Eterno será para ti uma luz eterna.”

NOTAS

^{1.} Bereshit 1:3

^{2.} Sanhedrin 31 a

^{3.} Chagigah, 12 a. Bereshit Rabbah, 3:6

^{4.} Parte III, 28 b

^{5.} A derivação das associações de significado utilizando valores numéricos das letras hebraicas é conhecido como Guematria. Cf. o Tanya, parte II, cap. 1

^{6.} Bereshit Rabbah, início.

^{7.} “Mundo” e “oculto” são semanticamente relacionados em hebraico (olam-he'elam).

^{8.} Cf. Tanya, parte I, cap. 36

^{9.} Bereshit 1:4, cf Sotah, 12 a.

^{10.} Correspondendo aos Seis Dias da Criação.

.....
[11.](#) Midrash Ruth, em Zohar Chadash, 85 a.

[12.](#) Yalkut Shimoni sobre Salmos

[13.](#) Tanya, parte II, início

[14.](#) "Desperdício e vácuo, e escuridão estavam sobre a face da profundidade murmurante." Bereshit 1:2.

[15.](#) Cf. Rashi, Bereshit 1:1.

[16.](#) Yeshayahu 60:19.

Por Rabino Jonathan Sacks

Lord Rabino Jonathan Sacks, antigo Rabino Chefe da Grã-Bretanha e da Comunidade Britânica, além de famoso escritor e palestrante sobre Chassidismo. É fundador e diretor do Meaningful Life Center (Centro para uma Vida Significativa).

D'us Criou o Mundo?

A crença num Criador Sobrenatural tanto é fundamental ao judaísmo como é uma questão de pura lógica. Não há nada em toda a existência que não tenha uma fonte. Crer que este mundo lindo e complexo passou a existir por acaso é totalmente ilógico.

Há uma famosa história que ilustra perfeitamente este ponto.

Um ateu procura o rabino e pede a ele que prove a existência de D'us. O rabino pede-lhe que volte no dia seguinte para ter a resposta a esta questão. O descrente sente-se empolgado por ter aparentemente "desafiado" o rabino. Quando retorna no dia seguinte, exige com entusiasmo a resposta do erudito. O rabino replica que daria a resposta a qualquer momento, mas antes de fazê-lo, queria que seu interrogador lesse um belo poema que tinha em sua mesa.

O ateu leu a obra e foi inspirado pelas adoráveis imagens descritas no poema, e perguntou ao rabino quem era o autor. O rabino explicou que não havia autor. O que ocorrera é que, enquanto estava imerso em pensamentos, refletindo sobre a questão profunda que lhe tinham feito, o rabino derrubara acidentalmente o tinteiro de sua mesa sobre uma folha de papel em branco, e este poema fora produzido pela tinta derramada. O descrente zombou da ridícula noção de que algo tão maravilhoso quanto aquele poema pudesse ser o resultado de um acidente.

Naquela altura, o rabino explicou que se algo tão simples como um poema não poderia ter sido criado por acidente, então certamente algo tão maravilhosamente complexo como nosso mundo não poderia vir a existir sem um Autor. Obviamente, o céptico deixou de ser céptico, ao perceber o argumento do rabino.

A questão mais profunda é: "Nós existimos realmente?"

Qual é a Idade do Mundo?

Um dos mais antigos poms da discórdia entre cientistas (leia-se: a cultura ocidental) e rabinos consiste na discussão sobre a

idade do universo em que vivemos. Pedras, mares, florestas, continentes. Nem plásticas nem bisturis foram utilizados para maquiar os efeitos do tempo. Enquanto as rugas não aparecem no rosto desta biodiversidade surpreendente, sua idade permanece sendo fruto de muita especulação.

Onde as contas entram em conflito?

Imaginemos um encontro entre Michelangelo — um dos maiores artistas que o mundo já conheceu — e um bem sucedido empresário no campo da informática.

Passado o choque da primeira impressão (Michelangelo espantase com um misterioso aparelhinho preto que não pára de tocar no bolso do empresário), começam a falar de negócios. Os tempos mudaram, mas as obras primas, diz Michelangelo, têm valor vitalício.

E então, ambos observam uma bela gravura, na qual a clássica casinha de telhado vermelho é rodeada por vastos campos verdes, sob um céu límpido e um sol brilhante. Como estamos na era do "fast.....", discutem o tempo mínimo necessário para reproduzir a mesma imagem.

"Um artista ligeiro, de boa mão, consegue fazê-lo em três horas" — diz Michelangelo. Nosso companheiro do século XXI discorda — é capaz de repetir a gravura em 10 segundos!

E você, o que acha?

Bem, quando começamos a raciocinar, calculamos o tempo para fazer o esboço, misturar as tintas, preencher a pintura e ainda dar um toque final. Dez segundos parecem um prazo ridículo!

Mas não é, pois trata-se do tempo da impressão a laser... Desenhar pode ser um trabalho um tanto demorado, mas imprimir ou carimbar são métodos instantâneos, suficientes para resultar numa imagem pronta.

Ao tratar da idade do universo, naturalmente pensamos em termos de evolução. Partículas que se unem, formando uma substância que se agrupa, transformando-se em elementos naturais, e assim por diante... Mas o mundo foi criado de um momento para o outro.

Bastou uma palavra de D'us para que surgisse uma montanha. Sem começo, meio e fim. Como uma impressora de alta resolução, as maravilhosas paisagens do universo surgiram num piscar de olhos. A antiga discórdia nunca existiu. Tanto rabinos quanto cientistas estão certos.

Como?

Certa vez, dois judeu visitaram um rabino com um dilema. Cada qual dizia que o outro lhe devia 100 rublos. O primeiro defendeu-se, e trouxe todas as provas para inocentar-se, e ainda lucrar com a história. Depois de refletir, o rabino expôs sua opinião:

"É, você está com a razão!".

"Mas como?"- gritou o outro — "Eu lhe emprestei dinheiro, esperei tanto tempo pela devolução, e nunca recebi o empréstimo de volta, e.....".

Depois de ouvir uma série de desculpas, o rabino exclamou:

.....
"O senhor tem razão!".

Um dos presentes na discussão não conteve a curiosidade, e, perplexo, perguntou ao rabino:

"Rebe, como é possível? O senhor disse que os dois lados opostos estão corretos!".

O Rebe pensou um pouco, e replicou:

"Pois é, meu caro. Você também tem razão!".

É claro que para o mundo formar-se por si mesmo, bilhões de anos seriam um prazo razoável. Se pensarmos nas densas florestas, enfeitadas por plantas de todo tipo e cor, na diversidade de animais, grandes e pequenos, com estampas que nenhum designer é capaz de inventar... O olho humano! De quanto tempo precisariam as milhares de partículas para se combinarem de maneira tão exata, capaz de captar a infinidade de cores e formas?

Os rabinos concordam: se formado por um processo de evolução, o mundo teria bilhões de anos. Não há o que discutir, pois a Torá trata de um método totalmente diferente, instantâneo. Como Michelangelo e o empresário: fala-se de dois diferentes processos. O primeiro requer tempo e preparo. O segundo aparece de um momento para o outro.

Adam, o primeiro homem, é transferido para um laboratório, imediatamente após sua criação. Todos os médicos concordam: tanto em sua aparência física, quanto na análise das células, este homem existe há pelo menos vinte anos. Mas na realidade, Adam surgiu há dez minutos!

Quem nasceu primeiro: o ovo ou a galinha?

(Dica: Nossas mentes funcionam no modo "evolução" — algo surge de outro algo. Tente convertê-la para o modo "criação".)

E então, já matou a charada?

Qual é a Finalidade da Vida?

Pelo Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, em resposta a uma carta.

Bênçãos e saudações:

...O senhor escreve que encontra-se perplexo quanto às respostas à questões como: "Qual a finalidade da vida?" e "Qual o significado de um judeu?" — e que dúvidas e confusões afligem-no dolorosamente.

Como o senhor escreve que frequentou a universidade e estudou ciências, provavelmente está familiarizado com o tipo de equacionamento de um problema complicado. Se queremos comprovar um determinado sistema, quanto às leis e princípios nele prevalescentes, começamos pelas partes que se prestam mais facilmente à análise e à verificação.

Quando tivermos comprovado a maior parte do sistema, passo por passo (ou progressivamente em complexidade). Poderemos então, depreender com segurança que, se a maior parte deste sistema se enquadra em certas leis específicas, o restante do mesmo, também é regido pelas mesmas leis.

O próprio bom-senso justifica a admissão de que, se uma determinada lei é válida numa vasta maioria de casos, isso também ocorrerá num caso particular em que não possa ser demonstrada com segurança.

Aplicando este método de enfoque ao Universo como um todo, estamos cada vez mais convencidos, ano após ano, da lei e ordem que regem a Natureza, incluindo a matéria inerte, até o átomo diminuto, e partículas ainda menores.

A Ciência Nuclear descobriu harmonia e ordem, jamais imaginadas antes, em aproximadamente cem elementos conhecidos até hoje. Num Universo de tamanha harmonia e organização, obviamente o homem também deve estar submetido à ordem e finalidade.

Indo um passo à frente, a conclusão inevitável é que, uma vez que existem tais leis e tal ordem no Universo, deve haver uma Autoridade Mais Elevada responsável pelas mesmas. A analogia é bem conhecida: Quando temos em nossas mãos um livro impresso, de centenas de páginas, contendo uma história concatenada ou uma filosofia, não podemos sequer, por qualquer rasgo de imaginação, admitir que uma garrafa de tinta foi derramada acidentalmente e produziu o livro.

Da mesma forma, é muito menos admissível — infinitamente menos admissível — que o nosso universo, com o seu número infinito de átomos, moléculas e partículas, todas distribuídas em perfeita ordem e harmonia, existem por acidente.

Obviamente há um Criador e Arquiteto, o qual dispõe e relaciona todas as diversas partes do Universo em perfeita união e harmonia, em conformidade com o conjunto de leis que Ele cria e supervisiona. É claro que todo o sistema está além da nossa compreensão, uma vez que a nossa compreensão, bem como a nossa existência como um todo, é apenas uma parte infinitesimal de toda a ordem cósmica, e certamente não é, de forma alguma, comparável ao do próprio Criador.

Evidentemente, é absurdo esperar poder compreender o Criador, e mais ilógico ainda, negar Sua existência, devido à nossa incapacidade em compreendê-lo. Pode uma unidade conter um número infinito de unidades? E aqui, pelo menos há alguma relação, pois tanto a unidade (Um), como um número infinito de unidades (Uns) são objetos idênticos — números, ao passo, que não há comunhão entre a criação e o Criador.

Aplicando a analogia da ciência, um passo adiante: na física, na química, etc., quando uma lei é deduzida de uma série de experiências e comprovada por diferentes pessoas, sob condições variáveis de pressão, temperatura, umidade, etc., eliminando desta forma a possibilidade de erro, efeitos colaterais, etc., esta lei é aceita e torna-se válida também para o futuro.

Esta "regra" científica é aplicável, também, a acontecimentos e fenômenos no passado. Quando um determinado acontecimento ou fenômeno é referido, admitido por muitos historiadores e reportado de maneira idêntica, não há "dúvida científica" de que o fato realmente ocorreu naquelas circunstâncias.

Exemplo de acontecimento histórico foi a Revelação no Monte Sinai relatada de maneira idêntica por milhões de homens, mulheres e crianças; pessoas de todos os níveis de vida e antecedentes que presenciaram-na pessoalmente e depois relataram-na fervorosamente a seus filhos, geração após geração, sem interrupção, até os dias de hoje.

.....
Em tempo algum, mesmo durante os piores pogroms e massacres de judeus não houve menos do que milhões de judeus mantendo fervorosamente esta tradição. É bem sabido que jamais na História Judaica houve uma interrupção na cadeia de tradição judaica do Sinai até os dias atuais. Isto faz este acontecimento, o mais autêntico de todos os acontecimentos históricos da História Humana.

Isto significa que a Torá que temos e veneramos é dada por D'us e contém, não apenas a nossa maneira de viver, mas também a chave para a nossa existência em todos os tempos, uma vez que é eterna como o seu Doador.

Não é um livro de teoria, filosofia ou especulação, e sim um guia prático para nossa vida diária, válida em todos os lugares e em qualquer época, incluindo a América do século XX. Aqui, na Torá, a Lei Escrita e Verbal, a finalidade da vida humana nesta terra está claramente indicada.

Resumindo-a:

É viver de acordo com a Torá, cumprindo seus preceitos (Mitsvot – Farás) e abstendo-se de suas proibições (Mitsvot – Não farás). A Torá também preveniu-se contra a natureza fraca do homem para as tentações e dilemas que ele, criatura de carne e osso, enfrenta na vida.

É difícil, quase impossível para o homem, jamais falhar; e a Torá indicou que, caso isso aconteça, não há necessidade de se desesperar. Há sempre a possibilidade da Teshuvá – o retorno a D'us – e ao bom caminho; e o próprio fracasso pode se transformar em um trampolim para um salto à frente, e um avanço cada vez maior.

Pode-se perguntar: se tudo o que foi escrito acima é tão simples e lógico, como explicar o número comparativamente pequeno daqueles que observam a Torá e as mitsvot, enquanto que os transgressores são tão numerosos?

A resposta a esta pergunta também é bastante simples. Eu sinto-a na minha própria carne: quando alguém medita sobre sua própria conduta e suas realizações, particularmente em sua vida cotidiana [não em períodos de elevação espiritual especial, como nos dias de Yom Tov, etc.], não é difícil ver que um número muito grande dessas ações são motivadas por desejos e inclinações, e não pelo intelecto.

Isto é particularmente verdadeiro quando o conflito não impõe a ameaça imediata de "represárias". Quanto mais remoto o perigo das sanções, mais fraca se torna a motivação intelectual e a conduta torna-se mais fortemente influenciada por desejo e emoção; e mais ainda, quando as sanções são de natureza "abstrata". Pois o medo das sanções físicas (multas, confinamentos, etc.) é mais eficaz do que a advertência por argumentação em nome da moral, justiça, humanismo, etc.

Há também um fator adicional da natureza humana. Quando o homem sucumbe à tentação e comete um "pecado", ele pode experimentar uma de duas espécies de reação: Se ele é honesto e corajoso ele reconhecerá seu ato pelo que representa, – um fracasso–, bem como uma quebra de sua própria vontade sincera e consciência. Reconhecendo o seu fracasso como um sinal de fraqueza, ele procurará suplantá-lo e agirá melhor na próxima vez; D'us terá compaixão e o perdoará se admitir seu erro e resolver corrigi-lo.

Aquele, porém, que teme enfrentar a verdade e suas consequências no caso de uma falha, começa a encontrar desculpas para si próprio e para justificar sua ação negativa.

Mais ainda: como "uma transgressão acarreta outra em sequência", o complexo de culpa, a necessidade de auto-justificativa, tornar-se-ão cada vez mais persistentes e prementes, não só para acalmar sua própria consciência atormentada, como para se defender aos olhos dos outros.

O amor mascara todas as ofensas, principalmente o amor próprio, e o suborno cega os olhos, mesmo dos sábios. Ele se tornará, assim, parcial em seu próprio favor e em seu pensamento confuso "Criará" uma filosofia pessoal, ou mesmo uma "weltanschauung" para adaptar-se à sua conduta, que não somente a justificará, como ainda transformará o vício em virtude.

Desnecessário dizer que é difícil alongar-se nesses assuntos numa carta. Acredito, porém, que os pontos mencionados servirão como pontos de partida para que o senhor medite e compreenda que o mundo não é confusão, e que tudo e todos tem o seu lugar e a sua finalidade.

Se o senhor puder se considerar objetivamente liberto de preconceitos, influências ambientais, bem como outras coisas, o senhor descobrirá o seu próprio lugar, e a finalidade da vida, à luz do que foi dito acima...

Com bênção,

(assinatura do Rebe)

Qual o Propósito da Existência? Por Tzvi Freeman

Tudo bem, talvez esteja além da minha capacidade entender o propósito da minha existência. Afinal, os personagens num vídeo game entendem seu propósito de existência – que estão ali apenas para dar entretenimento a um ser tridimensional que está inteiramente além do seu paradigma da realidade? Mas, pessoalmente, não posso pensar assim.

Sou um ser criativo. Crio aquilo que me parece ser útil, não apenas aquilo que sou ordenado a produzir sem motivo aparente. Não posso simplesmente fazer o piso da fábrica sem ter ideia de qual será o resultado.

A maioria de nós se pergunta "por que estou aqui?", "Por que este universo inteiro (aparentemente) está aqui?" ou "Qual o propósito?"

A resposta breve

O universo não precisa estar aqui. Não há razão para que você, ou eu ou eles, ou qualquer coisa, tenhamos de estar aqui. A Realidade Suprema (i.e., D'us) não tem necessidade de que nada exista – como explica Maimônides no início de sua obra Fundações da Torá.

Mas quando D'us fez tudo existir, Ele o fez com um desejo a ser encontrado dentro de Sua criação e Ele investiu todo Seu Ser naquele desejo. Aquele desejo é um elemento essencial da realidade. Chame-o de propósito. Ele se desenrola através da história e por fim floresce abertamente.

.....
Explicar aquele propósito exige um contexto, o que equivale a dizer que precisamos de uma resposta mais longa.

A resposta mais longa

Quem levantou este problema, afinal de contas?

Contrário ao equívoco popular, esta não é uma pergunta feita por todas as pessoas pensantes no decorrer dos tempos. Pois, embora você possa não perceber, sua pergunta passa por um conjunto inteiro de pressuposições. O próprio fato de que esta dúvida o incomoda significa que você tem – talvez inconscientemente – interiorizado a opinião da Torá sobre a realidade. Ou seja, que o mundo foi trazido à vida por um Criador.

Porque se o mundo não foi criado, se está "só aqui," então para que perguntar sobre propósito? Como disse um dos grandes do Budismo moderno: "Não vejo propósito algum em todo esse cosmos." Por que deveria ele? As coisas que "só estão aqui" não precisam de um propósito.

Mas a Torá nos diz que o universo foi criado. O tempo tem um início. Se é assim, a noção de propósito tem significado: Por que as coisas começaram? Para que existir alguma coisa e não apenas deixar o nada em paz?

Em segundo lugar, você está pressupondo que há uma consciência por trás da criação. Consciência significa "um processo decisivo." As coisas não acontecem simplesmente por uma cadeia de causalidade linear – A, portanto B; B, portanto C; até o infinito. Também não ocorrem "por acaso" (seja lá o que isso signifique). Há um projeto por trás do cosmos e aquele projeto não é inevitável. Novamente, esta é a postura da Torá: "No início D'us criou" – e não, "No início, as coisas simplesmente aconteceram."

Como um aparte, nossas observações hoje em dia também apoiam isso. A estrutura do universo está aberta para nós como nunca antes, e, vejam, toda a evidência aponta para um universo proposital. Nas palavras de Paul Davies, um dos melhores expoentes daquilo que está sendo chamado, O Modelo Antrópico do Universo: "...há uma inacreditável delicadeza no equilíbrio entre gravidade e eletromagnetismo dentro de uma estrela.

Cálculos demonstram que alterações na força de qualquer uma delas apenas por uma parte em 104 seria uma catástrofe para estrelas como o sol... A pura improbabilidade de que tais ditosas coincidências pudessem ser o resultado de uma série de acidentes excepcionalmente felizes tem estimulado muitos cientistas a concordar com Hoyle, de que 'o universo é uma obra planejada'... Se o universo tivesse sido criado com leis ligeiramente diferentes, não somente nós (ou qualquer um) não estaríamos aqui para ver, como é duvidoso que houvesse qualquer estrutura complexa."

Outra delícia vinda da pura física moderna: o físico Brandon Carter registra que a velocidade da luz, multiplicada pela constante de Planck, e dividida pelo quadrado da carga do elétron, é aproximadamente igual a 137. Carter afirma que se este coeficiente fosse só um pouquinho maior que isso, então todas as estrelas seriam gigantes azuis e não haveria nenhum planeta, muito menos seres vivos.

Se fosse um pouquinho menor, todas as estrelas seriam anões vermelhos e portanto os planetas orbitando ao redor delas

seriam frios demais para permitir qualquer tipo de organismo. A velocidade da luz, aparentemente, foi fixada no início para o bem de todo o show.

Há uma porção destas iguarias. A maneira única pela qual a água se expande ao congelar; as fantásticas coincidências que permitem a nosso planeta ter seu sistema mágico, protetor, distribuindo o calor e a umidade que dão a vida, chamado atmosfera; a precisão da órbita da terra e a distância do sol; a proporção de água para terra seca na superfície – são coincidências demais para deixar o moderno deus do acaso ter uma chance de credibilidade.

Um Criador consciencioso com um projeto em mente parece uma hipótese muito mais elegante. A pergunta: "Qual o propósito deste projeto?" pode ser estruturada em outras palavras: "Já podemos ver o projeto no espaço – podemos espreitar o projeto no tempo?"

Mas agora, voltemos ao assunto do contexto:

Qual o tamanho do problema?

A Torá cria o problema do propósito, e a Torá faz o problema quase impossível de resolver. Por quê? Porque a Torá alega que D'us, o Criador de tudo isso, é perfeito. Perfeito significa "não ter nada faltando". Eterno Verão Polinésio.

Sem defeitos. Nenhuma necessidade. Tudo está lá. Não apenas tudo que podemos imaginar está no supremo estado de perfeição – suprema sabedoria, supremo conhecimento, suprema criatividade, suprema beleza – como também aquilo que não podemos imaginar, pois não é parte de nosso mundo.

O propósito, por outro lado, implica uma deficiência ansiando por compensação, i.e., "Eu não tenho isso – como posso conseguir?" Preciso de alimento – eu como. Preciso de abrigo – construo uma casa. Preciso de amor – inicio um relacionamento. Portanto, relacionamentos humanos, comer e construir, todos esses têm um propósito.

D'us não está faminto. Ele não precisa. Se preocupar sobre ficar molhado com a chuva. Ele pode passar muito bem sem iniciar um relacionamento. Ele é perfeito. É isso que faz dele D'us. Portanto, se D'us de nada precisa, por que Ele precisa de um mundo?

Razões razoáveis

Talvez D'us seja um artista. Os artistas precisam de sua arte? Bom material para a festa: Um artista plenamente realizado, apesar disso, produziria mais obras primas?

De forma interessante, o Zohar apresenta uma razão para a criação ao longo dessas linhas. Numa passagem freqüentemente citada, o Zohar (Parashat Bô, 42b) menciona que o mundo foi criado: "...para que houvesse criaturas que O conhecessem em toda medida pela qual Ele dirige Seu mundo, com bondade e com critério, segundo os atos de humanidade.

Pois se Sua luz não se espalhasse a cada uma de Suas criações, como Ele seria conhecido? De que maneira se cumpriria 'Toda a terra está repleta de Sua glória'?"

Rabi Chaim Vital, importante porta-voz do Ari (mestre cabalista Rabi Isaac Luria), explica a profundidade dessa passagem. Sem

.....
o ato de criação, todas as infinitas perfeições de D'us estariam em um estado de potencial (Etz Chaim, Shaar HaHakdamot, Hakdama 3). A Criação é como a expressão de um artista, fazendo o potencial se tornar realidade.

Certamente, esta razão é absolutamente verdadeira, pois é parte de nossa Sagrada Torá, que é toda verdade. Porém os mestres chassídicos insistem que este não pode ser o propósito supremo. Porque ainda coloca limitações humanas em um D'us ilimitado.

Como enfatiza Rabi Sholom Dovber de Lubavitch ("O Rashab"): "Se D'us é verdadeiramente perfeito em todos os sentidos, então Ele não sente falta nem da perfeição que vem com os potenciais sendo realizados." Ele é o artista e a arte num todo perfeito.

Na clássica declaração do Rashab: Para um ser criado, o que é potencial não é verdadeiro. Mas Acima, isso não ocorre. O potencial não é falta de realização. O potencial e o verdadeiro existem como um. (Sefer Hamaamarim 5666; veja Likutei Sichot do Rebe, vol. VI, pág. 18-25).

O que ocorre é que D'us nem precisa ser um artista – seja o que for que a expressão artística pudesse Lhe dar. Ele já é sem precisar fazer nada. Na linguagem da Cabalá, o Infinito tem Luz Infinita, que manifesta todas as perfeições. Portanto, que necessidade há de um mundo?

Mais argumentação razoável

Rabi Chaim Vital apresenta uma outra razão: "Quando Lhe deu vontade, Bendito seja Seu Nome, de criar o mundo para fazer o bem a Suas criaturas, para que elas pudessem reconhecer Sua grandeza e mérito de ser um veículo para o que está acima, conectar-se com Ele, Bendito seja." (Eitz Chaim, Shaar HaKlalim).

D'us é bom, portanto cria. Isso é levar as coisas um pouco mais além: ser bom é mais que auto-expressão, mais que ser um artista. Tanto o artista quanto o filantropo doam. Mas enquanto o artista é impulsionado pela ânsia de mostrar seu talento, o filantropo é impulsionado pelas necessidades dos outros. Para o artista, a plateia não tem valor intrínseco, que não seja o de vitrine para sua arte.

O filantropo, porém, está preocupado com mais que simplesmente dar – está preocupado de que alguém esteja recebendo. Se está doando alimentos, está preocupado de que as pessoas não passem mais fome. Se está financiando a educação, preocupa-se com que os estudantes não sejam mais ignorantes. O mundo pessoal daquele que recebe é de suma importância para ele.

Esta razão evita a cilada da razão anterior: Não adianta nada se D'us disser: "Se houvesse seres criados, Eu seria bom para eles." Isso precisa realmente acontecer, eles têm de estar realmente lá e receber a bondade. É isso que é ser bom. Portanto, um mundo passou a existir por implicação da absoluta bondade de D'us. Mais uma vez, na linguagem da Cabalá (porque é uma linguagem muito elegante para discutir estes assuntos), a Luz Infinita não é suficiente – deve haver recipientes para absorver aquela luz e reagir a ela, i.e., um mundo.

Toda a luta e tribulação da humanidade pode ser explicada desta forma: Por que temos livre arbítrio? Por que devemos andar às cegas no escuro? Por que todo este conflito? Tudo porque D'us é bom e nos deseja o bem supremo.

"Pão grátis" – dizem os Sábios – é o "pão da vergonha." Se você deseja realmente doar aos outros, dê-lhes a oportunidade de ganhar o presente. Este é o pão dignificado. Por isso D'us permite que lutemos, para que possamos ter um senso de propriedade com os frutos de nossa labuta.

Problemas maiores

Sim, mas...

A verdade é que ainda não mostramos metade do problema. Veja bem, o nosso não é o único mundo. A Torá fala sobre anjos e almas. Os anjos aparecem do outro mundo para falar com Avraham, Lot, Hagar, Yossef, e até para lutar com Yaacov. Então não se trata de "D'us está aqui e aqui está nosso mundo." Há estágios neste íterim.

Mesmo o melhor dos mundos é um desapontamento para um D'us perfeito. A criatividade, quando você é perfeito, não significa fazer mais – significa fazer menos. Como diriam os cabalistas, D'us cria mais com sombras que com a luz.

É um processo de atrito: Ele começa com luz infinita. Depois, cria um estado de consciência que de certa forma está vazio de Sua presença. Depois Ele desenha naquele vazio uma sugestão da infinita luz, para dar àquela consciência forma e vida. Este é um mundo.

Ele repete o processo, criando novamente um vácuo, depois o preenche com uma alusão infinitesimal de luz do mundo anterior. Outro mundo. O processo é chamado tzimtzum e continua através de infinitas etapas, até que chega a etapa mais inferior possível, i.e., você não vai gostar disso... nosso mundo!

Por que nosso mundo é o mais inferior possível? Porque todo o conceito de nosso mundo é simplesmente ser um mundo. Parecer inteiramente auto-contido. Como se estivesse "simplesmente aqui" (como afirmou aquele budista).

Olhe para fora. Talvez você veja uma árvore. O que diz a árvore? A menos que você seja um daqueles videntes que passam a tarde conversando com árvores, ela diz somente uma coisa: "Aqui estou. Aqui eu estava. Simplesmente estou aqui." Certo, seres humanos que utilizem suas mentes lerão beleza e significado naquela árvore. Mas aquilo tem a ver com a natureza espiritual inerente do ser humano.

A árvore, por si própria, como tudo no mundo terreno, tem somente uma coisa a dizer: "Estou aqui." De fato, é isso que mesmo nós seres humanos chamamos de "realidade." Se pensarmos sobre isso, a vida humana é um exemplo ainda melhor daquilo que estou falando. Mais que a árvore. Ou mesmo uma rocha. Porque seres humanos são a última palavra em "simplesmente ser."

Olhe pela janela e veja todos aqueles seres humanos atarefados. Veja como cada um cuida de seus assuntos com o mesmo ar de egocentrismo. Não é algo para se ficar constrangido – é assim que as coisas são. Podemos sentir as emoções do outro, podemos sentir o intelecto do outro, mas quando se trata do ego, para cada um de nós, há apenas um ego em todo o cosmos, e este é o nosso. Seis bilhões de "vocês", "eles" e "elas". E somente um "eu."

O filósofo da Renascença, Rabi Judah Loewe (o Maharal de Praga) enfatiza isso (em seu comentário sobre Ética dos Pais 3:2): Todo ser humano – o primeiro homem, a criança, o sujeito

.....
caído na sarjeta, o mais poderoso ditador da História – todos eles compartilham esta percepção: "O universo gira ao meu redor."

Sim, podemos ver um pouco além disso ou pelo menos escondê-lo sob o verniz da etiqueta social. Mas com a mesma certeza de que há ossos em nosso corpo, aquele ego estará sempre no âmago daquilo que fizemos. É o fator que define nosso mundo.

Se nossa janela se abrisse a um mundo mais elevado, as coisas não se pareceriam assim. Num mundo mais elevado, aquilo que você vê como árvore seria um anjo. "Anjo" – malach em hebraico – significa mensageiro. Um mensageiro dizendo: "Sou uma criação. Estou dizendo a você alguma coisa sobre como eu fui criado e o que me dá vida." Lá, as criações são mais como a luz refletindo sua fonte, ou informação comunicando de um transmissor mais elevado.

Mas em nosso mundo, parte alguma dessa mensagem alcança bom êxito. Com toda a codificação, compressão, filtragem e distorção ao longo do caminho, termina em algo ilegível e adulterado. O que resulta em egos. Incluindo os egos que negam completamente terem um Criador. Alguns até acreditam que eles mesmos são D'us, tendo criado tudo que existe neles próprios. (Você provavelmente já encontrou alguns deles – mais comumente vistos nas ruas da cidade entre 5 e 6 horas da tarde).

Portanto, como comenta o Rashab, a razão de Rabi Chaim Vital é um bom motivo para um mundo muito mais elevado que o nosso. Como na primeira emanção de um mundo.

Mas então, por que continuar a corrente de ocultação e distorção para chegar ao nosso? Para ser bom e agradável, Ele teve realmente de criar um local que se tornasse uma confusão tão obscura e horrível? Ele precisa criar uma realidade que afirma ser tudo que há? Ele precisa criar egos? Criar algumas emanções básicas, ser bom para elas e parar por aí!

O verdadeiro problema

Tudo isso, sem mencionar o mais fundamental dos argumentos: Quem decidiu que ser bom com o próximo é uma boa coisa? Quem criou "bondade" e suas definições? Ele! Juntamente com todas as regras da lógica e da racionalidade. Portanto, voltamos ao ponto de partida: há um motivo razoável para a lógica e racionalidade e bondade e recipientes da Infinita Luz ou para qualquer outra coisa existirem?

Maimônides, em seu Guia para os Perplexos, responde um firme não. Por todos os motivos declarados acima e ainda mais. Não há razão. Ponto final. Ele não precisa de nosso mundo. Ele não precisa de nós. Mas há propósito. Absoluto propósito.

Agora, vamos à resposta realmente curta:

Como dissemos, D'us não tem necessidade ou "razão" para criar um mundo. Ele apenas o fez. Mas quando Ele o fez, foi com um propósito. Ele decidiu desejar ter dois opostos de uma vez:

Um mundo terreno, real...

...descobrimos seu Criador em todos seus aspectos.

Na linguagem do antigo Midrash:

"Ele desejou um mundo para Si Mesmo no mais inferior dos mundos "

Agora, a explicação:

"O mais inferior dos mundos." Como explicamos acima, é nosso mundo. Em termos de "clareza de sinal" – informação clara sobre sua fonte – você não pode ir mais baixo que isso e ainda ter algo existindo. É isso que o faz parecer tão real – a falta de aparente conexão com sua fonte. E é isso que o torna tão importante, a tal ponto que dentro dele está o propósito de todas as coisas. Se isso parece contra-intuitivo, é porque é mesmo.

Acostume-se a isso. A partir daqui, todas as nossas conclusões estarão baseadas neste princípio contra-intuitivo. Tudo bem que ele seja contra-intuitivo porque, como você se lembra, não é razoável. D'us não precisa de um lar. Ele está perfeitamente bem não fazendo nada. Ele apenas quis desejar isso.

E Ele pode decidir desejar tudo aquilo que decidir desejar. Isso não significa – e é importante assinalar – que Ele realmente não deseje isso. Pelo contrário, você já teve de lidar com um desejo irracional? A razão tem seus limites, mas quando as coisas são decididas "só porque sim," você não está lidando mais com algo que possa alterar. Está lidando com a pessoa completa.

Então aqui, também, D'us decide. "Isso o que escolho desejar, só porque assim decidi." E então, Ele está lá naquele desejo em toda Sua essência.

A criação contém apenas o mais ínfimo traço de um raio de um reflexo da luz do Criador. Somos todos uns nada desnecessários. Mas em Seu desejo por Sua criação e esta realização, ali está Ele em Sua plenitude.

Elegância

Contra-intuitivo. Mas imaculadamente elegante. Antes de mais nada, nenhuma outra resposta expressa tão bem aquilo que os cabalistas chamam de "a simplicidade do infinito." O Infinito, bendito seja, está além da razão, além da busca pela perfeição. Todas essas nada mais são que ficções de seu próprio projeto. Colocar propositadamente o propósito no mais inferior dos mundos é uma expressão pungente deste ponto. De fato, é a suprema expressão do infinito Essencial.

Em segundo lugar, faz muito sentido dos padrões que vemos por todo o cosmos. E por todo o esquema do cosmos – a Torá. Em toda parte está o casamento dos opostos, este processo do mais elevado encontrando-se no inferior, o centro encontrando-se no periférico, o Único ser expresso nos muitos.

Ninguém abordou tanto este tema como o Lubavitcher Rebe, cuja abordagem a todo problema na Torá e no mundo é enquadrá-lo no contexto de sua dinâmica: A Essência de Todas as Coisas deseja uma morada dentro da mais concreta realidade.

A fusão dos opostos, também, é uma magnífica expressão daquela Essência que está além de todas as configurações binárias de sim e não, de ser e não ser.

Em terceiro lugar, embora esteja além da razão – pois é a razão que a razão passe a existir em primeiro lugar – ainda é algo com o qual podemos nos relacionar intimamente.

.....
Afinal, nós, também, desejamos uma morada. Nossa vida inteira e nossa ânsia irracional por vida é toda sobre este desejo de nos encontrar dentro de uma realidade concreta.

Quais são as implicações contra-intuitivas deste desejo contra-intuitivo de ter um lar nesta espelunca?

Por um lado, o universo metafísico acabou de ser virado de cabeça para baixo. Os anjos e os mundos mais elevados giram ao redor da terra. Eles estão sujeitos a nós aqui. Como nos diz o Midrash (Cântico dos Cânticos), quando a hoste celestial acima deseja saber quando é hora de entoar as canções do festival da Luz Nova, eles devem descer aqui para descobrir o que decidimos.

Mishná diz: "Conheça aquilo que está acima de você" (da mah l'malah mimach) e o Maguid de Mezeritch traduz: "Saiba que tudo que está acima, vem de você." Tanto quanto eles descem o olhar para nós, todos aqueles seres espirituais dependem de nós para seu próprio sustento e itinerário cotidiano. Por outro lado, esqueça a escalada. Entrar no paraíso pode ser mais arrebatadoramente refrescante que uma Pepsi, mas é apenas um meio para um fim.

O trabalho da humanidade não é ser cosmonautas espirituais, mas mineiros cósmicos, sondando os céus em busca da inspiração para prosseguir sua obra aqui em baixo. E qual é aquela obra em baixo? Arar os campos da vida terrena para que ela possa absorver a chuva vinda do alto, plantar e juntar as sementes dos atos celestiais feitos aqui na terra, construir e sustentar um santuário para o Mais Alto de todos os Altos aqui em baixo no mais inferior dos inferiores. Em outras palavras, estudar Torá, cumprir mitsvot e suportar todos os desafios até aí.

Eis por que, segundo Nachmânides em sua obra Shaar Hagmul, o supremo estado da grande jornada humana não é como almas no céu, mas como almas em corpos. Ao final dos dias, escreve ele, todas as almas retornarão a seus respectivos corpos e ali permanecerão para a felicidade eterna.

Revelação concreta

E uma outra coisa: construir uma morada num mundo inferior não significa que este mundo agora torna-se etéreo e angélico. Já existem suficientes mundos angélicos e etéreos. Não, ele tem de permanecer tão concreto, mundano e absoluto quanto foi criado. O único ajuste é que esta mesma mundanidade será percebida como Divina.

Eis por que a morada não pode vir do alto – construída por anjos ou mesmo pessoas que nada têm a ver com o mundo rela. Nenhuma mercadoria pré-fabricada. Se você deseja uma casa na Costa Rica, isso significa uma casa na Costa Rica construída por costarriquenhos com materiais da Costa Rica. O mesmo aqui – e somos os nativos. Nós, os egocêntricos, materialistas, terrenos aborígenes.

Tome como exemplo aquele egocentrismo com o qual constrangemos a todos no início deste artigo, aquele profundo sentimento que todos nós temos de que "Eu sou mais eu." Isso, por si mesmo, é a maior de todas as revelações, algo que os anjos jamais poderiam tocar. Afinal, de onde vem esta idéia? Como D'us criou uma aparição assim?

A resposta é que o Criador pode criar algo assim, porque Ele Próprio é exatamente assim: O Supremo Ego. Ele é o Centro de Todas as Coisas. Ele é Tudo Que é – pra valer. E assim, quando

Ele sopra de Si Mesmo em uma criatura feita de barro terreno, aquela criatura sente-se exatamente da mesma maneira: Ego. O supremo centro de todas as coisas.

Esta é também a origem daquele senso de estar "simplesmente aqui." Como pode uma criação parecer estar "simplesmente aqui," como se sempre estivesse? Só porque é a suprema criação de um Criador que realmente está Simplesmente Aqui. Na linguagem de Rabi Schneur Zalman de Liadi ("O Alter Rebe") em um de seus últimos escritos:

"A Fonte de todas as emanações, Sua existência é de Seu próprio ser e não o efeito de qualquer causa que O tenha precedido. E portanto, somente Ele tem a capacidade de criar algo a partir do nada absoluto, sem nenhum precedente ou causa para sua existência..." (Tanya, Igueret HaKodesh 20).

Rabi Schneur Zalman prossegue descrevendo como a suprema expressão disso está na terra física sobre a qual caminhamos. E é por isso que ela se parece da maneira que se parece: Porque é um reflexo da suprema realidade.

Acontece que este mundo inferior e egocêntrico tem algo que nenhum mundo mais elevado pode oferecer: A Essência. Além disso: Não somente é o desejo de D'us por uma morada dirigido a este nosso mundo – como é a única propriedade apropriada para tal zoneamento.

Porque a Essência simplesmente não pode ser expressa em nenhum outro lugar a não ser dentro de um mundo terreno, concreto e egocêntrico. Como está escrito no antigo Livro da Formação: "O início de todas as coisas está embebido em seu final."

Uma "morada no mundo inferior," então, não significa a aniquilação do ego e uma realidade mais obscura. Significa simplesmente que estas coisas serão avaliadas por aquilo que realmente são: As supremas formas da expressão Divina.

Aplicação Prática

Com toda esta contra-intuição, uma aplicação prática é exigida:

Digamos que alguém está para fazer uma refeição. A sabedoria comum colocaria todas as posturas possíveis a este exercício entre dois pólos:

A postura insensata, egocêntrica: "Estou faminto. Se estou faminto, eu como. Esta comida é o que gosto. Eu como aquilo que gosto. Por quê? Porque quando estou com fome como a comida que gosto."

A postura esclarecida, abnegada. "Estou faminto, mas isso não é importante. Nem ao menos percebo que estou faminto, porque estou tão envolvido em assuntos metafísicos mais elevados – o que é a comida, afinal? O que é a fome? O que é um corpo? O que sou eu? Porém, como D'us me ordenou sustentar este corpo e isso é feito através do alimento, aceitarei uma pequena porção de comida para cumprir minha obrigação."

Qual desses cumpre o propósito do Criador na criação?

A resposta, evidentemente, é "nenhum deles." A primeira postura tem um quê de mundo real, mas nenhum senso de que ali more nada mais que o ego humano. A segunda tem uma Consciência Mais Elevada morando ali, mas nenhum mundo real. Porque o

.....
sujeito suprimiu aquela parte de si mesmo que faz dele um cidadão deste reino egocêntrico e inferior. Para atingir o mandato de uma "Morada Divina neste mundo inferior," deve haver um nexo destes dois pólos.

Portanto, tente uma terceira opção de tamanho, como aprendi do grande mestre dos mestres do pensamento Chabad, Rabi Yoel Kahn:

"Estou com fome. Quando estou faminto, eu como. Por quê? Porque isso é o que fazem seres terrenos como eu. E aqui está a comida que gosto de comer. Mas, espere. Tenho um propósito. Meu desejo por comida tem um propósito. Portanto, recitarei uma bênção sobre o alimento e o comerei com o estado de espírito apropriado de que estou comendo para cumprir meu propósito na vida e fazer muitas coisas boas. Agora vamos à refeição."

Nesta postura, há uma pessoa real, vivendo em um mundo real, mas fazendo algo Divino. E assim D'us diz: "Sim! É isso que Eu estava procurando!"

Contra-intuitivo. Mas factível.

O Fator Adão

Por Tzvi Freeman

E todo objeto saberá que Tu o fizeste; e toda criatura entenderá que Tu a criaste; e cada coisa que tenha o sopro da vida em suas narinas proclamará: D'us, o D'us de Israel, é Rei. e Sua soberania reina sobre tudo...

- Preces de Rosh Hashaná

O idioma hebraico não tem palavra para "coisas", "objetos" ou "troços". Até as palavras "físico" e "matéria" são termos emprestados. Em hebraico, todas as coisas são dvarim – "palavras". Palavras: articulações da alma, pensamentos cristalizados. E desde então, tudo que existe é D'us e Suas palavras.

Afinal, D'us falou e o mundo veio a existir. A magia disso é que estas palavras estão tão fortemente concentradas, que não percebemos que são palavras – nós as percebemos como coisas; independentes, autônomas, que só estão aqui porque estão aqui, como se não tivessem qualquer fonte.

Esta é a missão que viemos ao mundo para cumprir: que não somente nós, não somente a humanidade, mas todo efeito deveria saber sua causa, toda forma deveria entender o que a formou – o mundo inteiro deveria se tornar uma luva transparente para a Divindade que contém.

Mesmo este senso de "aqui estou eu, porque eu sou" seria visto como nada mais que um reflexo distorcido da verdadeira essência de todas as coisas – o único que está "ali porque Ele está ali."

De fato, isso é o que Adam conseguiu no seu primeiro dia:

Um antigo Midrash nos relata que quando Adam acordou para a vida, encontrou todas as outras criaturas de pé acima dele, adorando-o. Sendo as primeiras das criaturas, elas perceberam que algo as deveria ter formado – e Adam parecia o candidato óbvio.

Adam entendeu de modo diferente, portanto ele se comunicou com elas e levou toda a criação a se conscientizar que deve haver um Ser Superior, não apenas outra criatura, mas um Criador Ilimitado, que fez todas as criaturas existirem e continua a sustê-las, dando vida a cada uma delas – Ele Próprio incluído.

Desde então, esta tem sido a missão de cada descendente de Adam: levar toda a Criação a um estado de percepção mais elevado.

Os Humanos São Especiais? Por Tzvi Freeman

Os humanos são os únicos seres conscientes do universo?

Certamente não!

Em primeiro lugar, os Sábios dizem que os animais também sentem dor, baseados na proibição bíblica de causar-lhes sofrimento desnecessário. Em segundo, a Torá está repleta de narrativas dos anjos superiores, que estão conscientes de um âmbito da realidade muito além da nossa.

Além disso, Maimônides e outros escrevem sobre os corpos celestiais como seres conscientes – e não simplesmente num sentido alegórico. Se alguém perguntasse: "Como uma bola de hélio e hidrogênio pode conter consciência?" simplesmente pergunte de volta: "E uma massa quente de carne cinzenta ter consciência é razoável?"

A singularidade da raça humana não está na consciência, mas na maneira que a consciência tem de entrar nos âmbitos do bem e do mal, tomar decisões e distinguir entre eles.

O que diz a tradição judaica sobre vida no espaço?

O Rebe dizia que há apoio na Torá para a noção de que existe vida em outros planetas. Além disso, podemos conhecer algo sobre aquela vida através de dedução daquilo que a Torá nos diz. Aqui está seu argumento: No Livro dos Juizes 5:23, a profetisa Deborah canta sobre a vitória de Barak sobre Sisera. Em sua canção, ela diz: "Amaldiçoado seja Meroz! Malditos, malditos sejam seus habitantes, diz o anjo de D'us!"

Onde fica Meroz, e quem são seus habitantes?

O Talmud dá duas explicações, uma delas que Meroz é uma estrela ou planeta. Os corpos celestiais também tinham ido ajudar os israelitas, como Deborah declarou apenas um versículo antes: "Dos céus eles lutaram, as estrelas das suas órbitas..." Esta estrela, no entanto, que era a estrela dominante de Sisera, aparentemente não foi em sua ajuda. E assim, o General Barak penalizou Meroz – e seus habitantes.

Estes habitantes são inteligentes?

A inteligência é definida pela Torá como a capacidade de tomar decisões pela própria vontade. O livre arbítrio somente é possível onde existe a Torá, por meio da qual o Criador oferece a Suas criaturas mais de uma possibilidade e pede que façam a escolha adequada.

Portanto, se houvesse vida inteligente em algum outro lugar do universo, aquelas criaturas teriam de ter a Torá.

Poderiam ter uma Torá diferente da nossa?

.....
Isso não é possível, pois a Torá é verdade, e não pode haver duas verdades.

Poderiam eles então ter a mesma Torá que nós?

Isso também parece impossível, pois a própria Torá descreve em detalhes como a Torá foi revelada nesse planeta, e a própria narrativa tem um forte impacto sobre como a Torá deve ser cumprida.

Portanto parece que, embora seja possível haver vida em outros planetas, que a vida não seria inteligente de maneira semelhante à vida e cultura humanas.

Devemos procurar vida no espaço?

O Dr. Velvl Greene é um biólogo que foi contratado pela NASA em seu projeto para determinar se havia vida em Marte. Ele perguntou privadamente ao Rebe se isso era algo que deveria ser feito.

O Rebe respondeu: "Dr. Greene, procure vida em Marte! E se não encontrá-la ali, procure em algum outro lugar do universo. Pois você sentar-se aqui e dizer que não há vida fora do planeta Terra é colocar limites no Criador, e isso não é algo que nenhuma das Suas criaturas possa fazer!"

Homem e Mulher Por Manis Friedman

Quando D'us criou Adam (Adão), no momento em que este abriu os olhos, qual era seu perfil psicológico? Não tinha Complexo de Édipo, porque não tinha mãe. Não tinha um trauma de nascimento, porque não nascera. Não tinha rivalidade entre irmãos... Como era este homem? Como era a constituição de sua psique?

É interessante notar que Adam tampouco tinha instinto de sobrevivência. Por esta razão, quando D'us disse: "O dia em que comeres desta árvore, morrerás," Adam não ficou impressionado. "Tudo, bem então morrerei." Não tinha instinto de sobrevivência. Então, o que se passava em sua mente?

Adam tinha um desejo de morte. Assim era sua psique. Sentia desejo de morrer porque a vida era tão "não-natural." Num certo sentido, quando D'us diz: "Vieste do pó, e ao pó retornarás," isso descreve a psique de Adam. "Vim do pó, e desejo voltar."

Voltar a quê? Ao pó. De volta ao nada.

Os homens, até hoje, têm este complexo. Se você descartar a parte externa, os ornamentos - se tirar seu carro, seu dinheiro, e seus sapatos de camurça azul - não há mais nada, somente pó. Todo homem fica apavorado de que ao final, não terá conseguido nada, apesar de suas realizações. Ele pode ser o mais rico, mais bem sucedido e mais poderoso dos homens, o mais talentoso e admirado. Dentro de si, bem no fundo, ele teme que tudo isso desapareça e ele será um nada, uma nulidade, um zero.

Mulheres não sentem isso. Uma mulher não tem medo ou suspeita de sua própria nulidade. Ela não existe. Porque Chava (Eva) não foi criada a partir do pó, foi criada a partir de Adam. Portanto, se um homem tem medo de ser reduzido novamente a nada, uma mulher, se você tirar dela todas suas realizações, todas suas conquistas, ela será reduzida a um homem.

Quando você leva embora o ser de uma mulher, ela não se torna uma nulidade, ela torna-se ele. Ela perde a si mesma nele. Quando você tira o ser de um homem, ele não se perde nela, ela torna-se nada.

Eis por que um homem precisa realizar; porque precisa negar esta nulidade. Ao passo que a mulher não precisa realizar a fim de existir - ela precisa realizar para ser valorizada.

Porque se você é um nada e precisa tornar-se algo, então a realização é tudo, e mais que qualquer outra coisa, precisa de respeito. O respeito significa que você é algo.

Uma mulher, que não tem medo de tornar-se nada, não entende e não pode tolerar quando seu "alguma coisa" não é valorizado. Portanto, aquilo que a mulher precisa, acima de tudo, é da valorização.

O Talmud afirma que um homem deveria honrar sua mulher e ser muito cuidadoso com seus sentimentos. Um homem deveria ser cuidadoso com a honra de sua mulher, porque a mulher é sensível à injustiça. Isto não é somente uma observação fútil sobre as mulheres. No âmago do coração de cada mulher, é a injustiça que a perturba. Ela está sendo tratada como se nada fosse, e isso não é verdade. Ela é algo, e esta injustiça magoa.

Quando um homem é tratado como se fosse nada, não é a injustiça que lhe dói - é a verdade. Ele é nada, e odeia ser lembrado disso. Sua reação não é tanto pela injustiça, não é tanto a indignação moral, é uma dor pessoal. Ao passo que com a mulher, não importa o quanto seja abusada ou destruída, para ela, isso permanece uma injustiça moral.

Eis por que pode haver uma mulher que sofra abusos em um relacionamento durante anos, e tudo que ela diz a si mesma é que merece isso. Um homem não pode fazer isso. Ele não pode dizer: "Mereço isso" porque esta não é a questão. A questão, para o homem, é "Sou ou não sou."

Se você abusar de mim, então não sou e não posso aceitar isso. Não posso ser diminuído até o nada e continuar vivendo. Uma mulher, por outro lado, simplesmente diz a si mesma: "Mereço isso, portanto não é uma injustiça." Desta maneira, ela pode continuar vivendo.

Isso explica por que os homens são agressivos. Um homem está desesperado para ser reconhecido como alguém, e portanto precisa provar-se, necessita realizar, tem de adquirir. Esta necessidade de adquirir é uma agressão. Ao passo que a mulher está determinada a reter aquilo que é dela, a permanecer ela própria. Não importa o quão intensamente ela busque isso, não é agressão, porque ela não está a fim de adquirir - está tentando preservar.

Quando o leão sai para caçar, é agressivo. Quando a leoa vai, está tentando sustentar sua família. Embora ela possa ser mais violenta que o macho, isso não é agressão - é sobrevivência. Quando você ameaça um bebê urso enquanto a mãe está por perto, você está em apuros.

Você diz: "Oh, esta mãe é agressiva." Porém ela não é, ela é totalmente passiva. Se você não representar uma ameaça, ela não vai atrás de você. Ela não deseja nada que pertença a você. Deseja conservar aquilo que tem e fará isso ferozmente. Mas trata-se apenas de sobrevivência, portanto não é agressão.

.....
Em contraste, o leão macho deseja o que você tem, e dará um jeito de conseguir. Portanto, mesmo se ele o fizer gentilmente, é agressão. Mesmo uma sedução muito sutil e refinada é agressão, porque você está tentando conseguir aquilo que não é seu. Você sai para conseguir alguma coisa, está adquirindo, é um predador. Talvez você seja um predador simpático, mas isso, também, é agressivo.

Os homens são chamados de agressivos porque precisam de algo que não têm. As mulheres são chamadas passivas, porque não necessariamente desejam aquilo que não têm; elas gostam daquilo que têm. Não estamos falando de posses físicas, mas sim de psicológicas, da psique.

Isso nos ajuda a entender as bênçãos que homens e mulheres fazem perante a Prece Matinal. Um homem diz: "Obrigado por não fazer-me uma mulher." Um homem é grato por aquilo que não é.

Como não pode fazer uma declaração positiva, ele não pode dizer: "Obrigado por aquilo que sou." Ele nunca está certo de ser alguma coisa. Uma mulher diz: "Obrigada por fazer-me como desejavas que eu seja." Uma mulher pode fazer uma declaração positiva sobre si mesma, porque ela sabe aquilo que é. Ela é grata pelo que é.

Por Manis Friedman

Rabino Manis Friedman, famoso filósofo chassídico, escritor e palestrante, é reitor do Instituto de Estudos Judaicos Para Mulheres Beit Chana.

Falar É Bom - Talvez Até Sagrado Também Por Rabino Jonathan Sacks

É bom, eles costumavam disser na propaganda, conversar. Segundo o Judaísmo, é mais que bom: é essencial. Sem fala não há relacionamento, e sem relacionamento não há paz. Vemos isto em três passagens bíblicas.

A primeira é uma linha na Torá que nunca é traduzida corretamente. Ocorre na história de Caim e Abel. Caim se ressentido do fato de a oferta de Abel ser aceita, enquanto a sua não é. D'us sente a raiva dele subindo e o adverte a controlá-la, mas Caim não está escutando. Então vem a fatídica sentença. Literalmente traduzida, diz: "Caim disse ao seu irmão Abel, e quando eles estavam no campo, Caim atacou o irmão Abel e o matou."

Isso não faz sentido. Não está sintaticamente bem formada: Diz "Caim disse", mas não nos informa o que ele disse. Portanto a maioria das traduções cristãs segue as versões Samaritana, Septuaginta, Vulgata e Ciríaca que acrescentam uma frase nos dizendo que Caim disse: "Vamos até o campo."

Porém o original hebraico diz o que diz por uma razão. Está escrito "Caim disse ao seu irmão Abel", e então há um lapso de silêncio antes de nos dizer que Caim atacou seu irmão. A sintaxe fracionada transmite mais poderosamente do que poderia qualquer sentença bem formada, que a conversa entre os dois irmãos se encerrou. Eles pararam de conversar. As palavras cessaram. Caim estava furioso demais para verbalizar seus sentimentos. A frase seguinte nos diz o resultado. Quando as palavras falham, começa a violência.

A segunda passagem ocorre perto do início da história de Yossef e seus irmãos. Os irmãos se ressentiam de Yossef. Ele era o

favorito do pai, e isso magoa. A frase relevante é geralmente traduzida como "eles o odiavam e não podiam falar pacificamente com ele". Na verdade, porém, o hebraico original usa uma construção pouco usual. Literalmente diz: "eles não podiam falar com ele em paz."

O que isso significa, diz Rabi Jonathan Eybeshutz (Século 18, Praga), é que se os irmãos tivessem falado, poderiam ter dito a Yossef sobre os seus ressentimentos. Yossef teria sido informado dos sentimentos deles e poderia ter moderado seu comportamento de alguma forma.

Quando a comunicação verdadeira ocorreu, os irmãos poderiam ter falado em paz. Como ocorreu, a incapacidade dos irmãos falarem permitiu que o ódio se instalasse até que eles tramassem matá-lo, por fim decidindo vendê-lo como escravo, fraturando a família e causando uma dor inconsolável ao pai. Mais uma vez, a falta de palavras levou à tragédia.

O terceiro, um exemplo clássico de silêncio levando à violência, é a história de Absalom, filho do Rei David. Num ato chocante, Amnon, filho de outro casamento de David, violenta a irmã de Absalom, Tamar. Tamar conta tudo ao irmão. Lemos então: "Absalom jamais disse uma palavra a Amnon, nem boa nem má; ele odiou Amnon porque ele tinha desgraçado sua irmã Tamar. Dois anos depois ele empreende uma terrível vingança. Mais uma vez, onde as palavras falharam, seguiu-se a violência.

O Judaísmo é uma religião de linguagem, uma meditação sustentada no poder das palavras para construir ou destruir, curar ou machucar. Em palavras, D'us criou o universo. Em palavras, Ele Se revelou a nós. A primeira coisa que Ele deu a Adam foi o dom de nomear os animais, usando palavras para classificar e assim começar a entender o mundo que nos cerca. Na tradição judaica o Homo sapiens é descrito como "o ser falante".

A Lei Judaica vê a "fala maldosa", "lashon Hará", como equivalente ao assassinato. Há um traço disso na frase inglesa "assassinato do caráter". As palavras podem ferir, ofender, afligir. Podem também levar a entendimento e reconciliação. Uma conversa sincera, franca, é a melhor maneira, às vezes a única maneira, de resolver um conflito.

A grande ironia do Século 21 é que, tendo criado tecnologias para comunicação global instantânea, nos vemos falando cada vez menos com aqueles de quem discordamos.

A Internet nos permite escolher as notícias que ouvimos e as vozes que escutamos. Aquelas que antes eram comunidades mistas que liam os mesmos jornais e assistiam aos mesmos noticiários na TV se tornaram seitas maciças dos que têm a mesma opinião. A cada estágio nossos preconceitos são reforçados e nossas opiniões se tornam mais extremas.

Há um perigo de que esteja emergindo uma geração incapaz de ouvir o outro lado com respeito. Quando isso acontece, adverte a Torá, a violência está esperando lá fora.

Há uma adorável expressão rabínica:

Conversa é uma forma de oração.

A abertura ao Outro Divino nos ajuda a abrir para o outro humano. Falar é bom – talvez até sagrado também.

Poeira e Riqueza

Rabi Simchah Bunem de Pscyscha

O mestre chassídico Rabi Simchah Bunem de Pscyscha (1767-1827) começou a vida como farmacêutico, porém mais tarde se tornou um rebe (líder chassídico) e gostava de discutir Torá com seus discípulos.

Um dia ele estava falando sobre a cobra que seduziu Eva no Jardim do Éden. A Torá relata que D'us amaldiçoou a cobra. "Sobre teu ventre te arrastarás, e poeira comerás, todos os dias de tua vida" (Bereshit 3:14).

Rabi Bunem ponderou: "Será esta uma maldição tão terrível? O pó está em toda parte; portanto a mesa da cobra está sempre repleta, não importa aonde vá. Agora olhe para o povo de nossa aldeia e em outros lugares; eles ganham o pão com dificuldade, muitas famílias são pobres, crianças passam fome e alguns nunca sabem de onde virá sua próxima refeição. Como seria conveniente para nós se pudéssemos viver do pó!"

"Porém a vida como ser humano", explicou o mestre chassídico, "significa que estamos constantemente clamando a D'us por ajuda: mulheres no parto, crianças famintas, pais sem trabalho... Então a humanidade tem uma conexão, uma conexão muito forte com D'us que a serpente não tem. Ela de nada precisa, e nada pede. E isto é realmente uma maldição. Porém somos como crianças com nosso pai. D'us é nosso Pai, a quem nos voltamos incontáveis vezes por dia para cuidar de nós e nos proteger..."

"Um homem pobre está sempre consciente dessa bênção. O homem rico, também, é abençoado, porém para ele é um pouco mais difícil saber disso. O desafio da riqueza é que a pessoa deve sempre ter isso em mente, e voltar-se para D'us todo dia por ajuda e orientação."

Pensando na madeira

"Certo dia, após as preces de Rosh Hashaná, Rabi Schneur Zalman de Liadi perguntou ao filho, Rabi Dovber:

"Sobre o que pensa durante suas preces?"

Rabi Dovber replicou que havia contemplado o significado da passagem: "e cada estatura se curvará perante Ti" - como os mundos mais elevados e supernaturais e criações espirituais negam a si mesmos perante a infinita majestade de D'us.

"E o senhor, pai," perguntou então Rabi Dovber, "com qual pensamento rezou?"

Replicou Rabi Schneur Zalman: "Contemplei a mesa à qual estava."

Respiração Chassídica

"E Ele soprou um espírito de vida em suas narinas."

- Versículo 2:7

Em 5532, Rabi Schneur Zalman de Liadi fundou o Chassidismo Chabad. Chabad é uma visão toda abrangente do mundo e um modo de vida no qual o intelecto desempenha um papel chave no serviço do homem a seu Criador. A mente é treinada para exercer sua soberania inata sobre o pequeno mundo que é o homem: usando seu intelecto para compreender e relacionar-se com a realidade de D'us, uma pessoa desenvolve sentimentos

de amor e reverência, refina o caráter, e aperfeiçoa seu comportamento.

O bar-mitsvá do filho mais velho de Rabi Schneur Zalman, Rabi Dovber, foi numa quinta-feira, 9 de Kislêv de 5547 (30 de novembro de 1786). Muitos convidados foram a Liozna para a ocasião, e a festiva reunião chassídica (farbreguen) durou por uma semana.

Um grupo de chassidim no farbreguen estava discutindo a era de Mashiach, e a prometida ressurreição dos mortos, quando um deles observou:

"Nosso Rebe revive os mortos. O que é um cadáver? Algo frio e sem sentimentos. Vida é movimento, calor, entusiasmo. Existe algo mais gelado que o auto-interesse, mais frio e insensível que a mente? E quando a mente de sangue-frio entende e apreende, e se entusiasma por uma idéia Divina, isto não é a ressurreição dos mortos?"

Tem alguém em casa?

"D'us chamou o homem e disse-lhe: 'Onde está você...?' "

Versículo 3:9

Em 5559, Rabi Schneur Zalman de Liadi foi encarcerado, sob a alegação de que seus ensinamentos minavam a autoridade imperial do czar. Por 52 dias, ficou detido na Fortaleza de Pedro e Paulo em Petersburgo.

Entre os interrogadores do Rebe estava um ministro do governo que possuía grande conhecimento da Bíblia e dos estudos judaicos. Em uma ocasião, pediu ao Rebe que explicasse o versículo: "D'us chamou o homem e lhe disse: 'Onde está você?' " Por acaso D'us não sabia onde Adam estava?

Rabi Schneur Zalman apresentou à classe a conhecida explicação oferecida pelos comentaristas: a pergunta: "onde está você?" era apenas um meio de iniciar a conversa por parte de D'us, que não queria deixar Adam nervoso, confrontando-o de imediato com seu erro.

"Aquilo que Rashi diz, eu já conheço," disse o ministro. "Desejo ouvir agora como o Rebe interpreta este versículo."

"Acredita que a Torá é eterna?" perguntou o Rebe. "Que cada palavra sua aplica-se a cada indivíduo, sob todas as circunstâncias, em todas as épocas?"

"Sim," replicou o ministro.

Rabi Schneur Zalman ficou extremamente gratificado ao ouvir a resposta. O ministro do czar havia afirmado um princípio que está na base dos ensinamentos do Rabi Israel Báal Shem Tov - os mesmos ensinamentos e ideologia pelos quais ele estava enfrentando julgamento!

"Onde está você?" explicou o Rebe - "é o perpétuo chamado de D'us a todo homem. Onde está você neste mundo? O que tem feito? Você recebeu um determinado número de dias, horas e minutos nos quais deve cumprir sua missão na vida. Já viveu por tantos anos e tantos dias," - Rabi Schneur Zalman disse a idade exata do ministro - "e onde está você? O que fez?"

Que é um chassid?

.....
"Que haja luz"

Versículo 1:3

Quando Rabi Sholom Dovber de Lubavitch passava algum tempo numa clínica de repouso em Wirtzburg, Alemanha, em 5667, um grupo de chassidim foi passar um Shabat com seu Rebe. Entre eles estava Reb Yossef Yuzik Horowitz, seu genro Rebe Feivel Zalmanov e Rebe Elimelech Shtoptzer.

O Rebe rezou por muitas horas naquela manhã de Shabat, como era seu hábito. Enquanto isso, os chassidim fizeram kidush e realizaram um número respeitável de l'chaim. Mais tarde, quando o Rebe havia terminado e eles se sentaram para fazer-lhe companhia na refeição de Shabat, Reb Yossef Yuzik perguntou:

"Rebe, o que é um chassid?"

Replicou o Rebe: "Um chassid é um acendedor de lampiões. O acendedor de lampiões anda pelas ruas carregando uma tocha no fim de um bastão. Ele sabe que a chama não lhe pertence. E vai de poste em poste para acendê-los."

Perguntou Reb Yossef Yuzik: "E se o lampião está no deserto?" "Então a pessoa deve ir e acendê-lo," disse o Rebe. "E quando alguém acende uma lamparina no deserto, a desolação do deserto torna-se visível. O deserto estéril ficará então envergonhado perante a lâmpada ardente."

Continuou o chassid: "E se a lamparina estiver no mar?"

"Então a pessoa deve se despir, mergulhar no oceano, e ir acender a lamparina."

"E isto é um chassid?" perguntou Yossef Yuzik.

O Rebe pensou por um longo tempo. Disse então: "Sim, isto é um chassid."

"Mas Rebe, não vejo as lamparinas!"

Respondeu o Rebe: "Porque você não é um acendedor de lampiões."

"Como posso me tornar um acendedor de lampiões?"

"Primeiro, deve rejeitar o mal que existe dentro de você. Comece consigo mesmo. Purifique-se, refine-se e verá a lamparina dentro de seu próximo. Quando a pessoa é impura, D'us não o permita, vê impureza; quando a própria pessoa é refinada, enxerga a perfeição nos outros."

Reb Yossef Yuzik perguntou então: "Deve-se agarrar o outro pela garganta?"

Replicou o Rebe: "Pela garganta, não; mas pelo colarinho, sim."

02 - Parashá Nôach

Genesis 6:9-11:32

Um justo em sua época

Durante as dez gerações que se seguiram a Adam e Chava (Adão e Eva), a Terra foi povoada. Mas, infelizmente, as pessoas começaram a idolatrar os astros julgando que fossem deuses, reis soberanos do universo. Rezavam para o Sol e para a Lua, para imagens de madeira ou pedra e cada vez mais surgia uma infinidade de outros objetos a serem adorados e glorificados. Foi então que D'us irou-se.

D'us, o verdadeiro Criador do universo, poderia ter castigado imediatamente os pecadores, mas não o fez. Aguardou, pois tinha esperança de que as pessoas se arrependessem de praticar a idolatria e servissem somente a um D'us único, reconhecendo Sua grandeza.

Porém, as pessoas não melhoravam; ao contrário, cada geração pensava em maneiras de obter novos ídolos e novas maneiras de servi-los. As pessoas que viveram na décima geração após Adam desceram a um nível mais baixo ainda; além de servir aos ídolos, seu comportamento imoral os rebaixou de tal modo que agiam como animais, e não como seres humanos criados à semelhança do Criador.

Praticavam atos imorais, matavam e roubavam uns aos outros, não se importando com a vida nem com a propriedade alheia. Praticavam estes atos abertamente em público, pois não fazia diferença alguma, já que ao serem julgados em um Tribunal, o próprio juiz e testemunhas - por serem igualmente inescrupulosos - nem se davam ao trabalho de punir os culpados.

Uma pessoa mais forte fazia questão de oprimir o mais fraco. Se houvesse alguém querendo desposar uma moça, surgia um homem mais forte declarando que ela lhe pertencia e casaria com ela antes.

Só havia duas pessoas que praticavam a justiça aos olhos de D'us: **Nôach** e sua mulher **Naama**. Eles souberam ensinar seus três filhos a serem igualmente justos. Quando Nôach viu que todos os vizinhos eram perversos, raciocinou: "Se permanecer próximo a eles, também me tornarei perverso pelo convívio."

Por este motivo, Nôach decidiu morar num local conhecido apenas por ele e sua família. Passava o tempo estudando os livros sagrados. **Possuía o livro que os anjos tinham escrito para Adam e um outro livro sagrado que recebera de seu bisavô, Chanoch.** Através destes livros, Nôach aprendeu como rezar e servir a D'us. Enquanto Nôach se elevava e crescia em santidade, o mundo lá fora tornava-se cada vez mais depravado, chegando a um nível que não merecia mais existir. Foi então que D'us revelou a Nôach:

"Até agora, fui paciente. Esperei que esta gente perversa melhorasse sua conduta, mas é inútil. Estão sempre pensando em cometer atos piores. Mesmo à noite, enquanto estão deitados em suas camas, fazem novos planos para praticar maldades no dia seguinte. Portanto, vou destruí-los, junto com os animais, pássaros, árvores, a relva e até mesmo o solo. Mas você, Nôach, e sua família, serão poupados."

Porque o Dilúvio como castigo?

D'us disse a Nôach: "Hei de cobrir o mundo com uma terrível inundação. Tudo que encontra-se abaixo do firmamento será destruído."

D'us poderia ter destruído o mundo enviando, ao invés do dilúvio,

.....
uma peste, animais selvagens, um incêndio ou ainda qualquer outra força destrutiva.

Por que, entre tantas outras formas de destruição, Ele escolheu justamente as águas?

Uma das respostas é explicada através da seguinte parábola:

O rei e as pessoas mudas

O rei estava de bom humor. Anunciou a seu ministro:

"Desejo alegrar algumas pessoas desafortunadas. Convide ao meu palácio um grupo de pessoas pobres e mudas. Trate-as generosamente! Dê-lhes comida requintada e vista-as lindamente."

O grupo de **peessoas mudas foi convidado** e todos passaram um tempo muito agradável. Jamais sonharam haver no mundo coisas tão prazerosas. Sua gratidão para com o rei não tinha limites. As infelizes criaturas não podiam falar, mas quando o rei passava, **todos se levantavam e se curvavam**, acenando com as mãos e mostravam a ele, na linguagem dos sinais, o quanto apreciavam o que estava fazendo por elas. Todas as manhãs, ao se levantarem, louvavam o rei na linguagem dos sinais.

O rei estava satisfeito por eles o honrarem deste modo. Estava tão contente que chamou o ministro e deu-lhe algumas instruções:

"Este grupo de pessoas mudas desfrutou de uma longa e agradável estadia em meu palácio. Despeça-os agora e convide em seu lugar um grupo de mendigos que falem. **Eles louvarão meus atos nobres com palavras e não apenas com gestos e sentir-me-ei ainda mais honrado.**"

Então, um grupo de pessoas pobres e falantes foi convidado ao palácio e tratado com deleites que nunca haviam experimentado. Os mendigos estavam tão ocupados em divertir-se que esqueceram do rei a quem deviam sua boa sorte.

Nenhum deles pronunciou uma palavra sequer de agradecimento e, quando o rei passava por eles, ignoravam-no completamente. Logo, os mendigos esperavam suas comodidades com naturalidade e exigiam prazeres como se lhes coubesse por direito. Certo dia, decidiram se apoderar do palácio e depor o rei. Enfurecido, este chamou o ministro:

"Expulse estes mendigos de meu palácio," ordenou ele. "Faria melhor convidando novamente os mudos; eles não podiam expressar sua gratidão com palavras, mas me honravam da melhor maneira possível. Estas pessoas falantes, porém, que poderiam me trazer tanta glória com o poder da fala, revoltam-se contra mim!"

A ordem do rei foi cumprida.

A chave para a parábola

Quando D'us criou o mundo, encheu-o com água. A água não podia louvá-Lo com palavras, mas fazia rolar suas ondas ruidosamente em alto e bom som, proclamando: "Como D'us é poderoso!"

D'us então disse:

"Se até a água canta Meus louvores, imagine o que farão os seres humanos que podem pensar e falar!"

Então o Criador removeu a água para os oceanos. Na terra seca, criou seres humanos dotados de inteligência. Porém, ao invés de louvar a D'us, revoltaram-se contra Ele, cometendo pecados. Ao invés de usar o cérebro e o poder da fala para objetivos positivos, tramavam atos maus, difamaram, insultaram e injustiçaram-se uns aos outros. Todas as gerações depois de Adam foram igualmente perversas. D'us observou seus atos tornarem-se cada vez piores e disse:

"Vou livrar-Me desta gente e trazer de volta a água que estava na terra no início da Criação. A água não pode pensar e nem falar, mas louva-Me, enquanto que as pessoas Me enfurecem com seus atos vis!"

Por esta razão, D'us trouxe o dilúvio à Terra, eliminando os perversos.

Nôach Constrói a Arca

D'us havia falado para Nôach sobre um poderoso dilúvio universal. Mas também assegurou a Nôach que ele e sua família estariam a salvo. Onde eles achariam um local seguro, que não pudesse ser invadido e destruído pelas águas? Nôach ouviu a resposta através desta ordem que veio de D'us:

"Construa para você uma **arca (teva)** de madeira. Ela flutuará sobre as águas."

Nesta arca especial, Nôach e sua família sobreviveriam à terrível inundação e estariam protegidos. Ela foi construída por Nôach seguindo todas as instruções recebidas por D'us:

"Construa a arca com **trezentos amot** (cerca de **180 metros**) de comprimento, **cinquenta amot** (cerca de **30 metros**) de largura e **trinta amot (18 metros)** de altura. Deve ter três andares e conter trezentos compartimentos diferentes (segundo a opinião de alguns dos nossos Sábios, 900 compartimentos).

Ponha uma janela para entrar claridade e construa o telhado inclinado para que a água escorra. Depois que estiver pronta, passe piche por dentro e por fora para evitar que a água entre por suas fendas."

Podemos imaginar a dificuldade na época para construir-se um barco nestas proporções. Nôach era completamente desprovido de instrumentos como serra elétrica ou brocas para desempenhar esta missão; construiu a arca manualmente. **Levou cento e vinte anos para que terminasse sua obra.**

Era precisamente o que D'us queria: dar a oportunidade para que os habitantes da terra se arrependessem de seus atos e fizessem teshuvá, retornassem ao bom caminho. Ele esperava que, durante estes cento e vinte anos, a notícia de que Nôach estava construindo uma arca se espalhasse pelo mundo inteiro para que desta forma fosse despertado o temor e arrependimento e apressasse as pessoas a corrigir suas falhas.

De fato, chegou aos ouvidos das pessoas a notícia de que um grande barco estava sendo construído por um homem.

"Por que você está construindo este barco? - perguntavam a Nôach.

.....
"Estou construindo," explicava Nôach, "para me salvar do enorme dilúvio que D'us enviará sobre a terra. Ele exterminará todos vocês por causa de seus pecados."

As pessoas levaram a sério as palavras de Nôach? Nem um pouco. Suas vozes ribombavam com risos enquanto zombavam das palavras de Nôach.

"Quem se importa?" gritavam eles. "Somos tão fortes, que não tememos um dilúvio. Podemos subir nas árvores e nos telhados. Mesmo se as águas lá chegarem, seremos mais altos do que a inundação, porque somos gigantes."

De fato, as pessoas que viviam naquela época eram enormes.

Nossos Sábios explicam:

Porque as pessoas no tempo de Nôach não temiam uma inundação

Dois Sábios, Rabi Chiya e Rabi Yehudá, estavam passando por altas montanhas, entre as quais acharam ossos gigantesco.

"Estes ossos são restos mortais da geração do **mabul (dilúvio)**," disseram eles. "Vamos medi-los."

Cada osso era tão comprido que tinham que dar três passos para ir de um extremo ao outro!

"Agora compreendemos porque os contemporâneos de Nôach não tinham medo do dilúvio!" - exclamaram. "Eram verdadeiros gigantes! Acreditavam que nenhuma inundação pudesse ser tão grande a ponto de afogá-los, e achavam que evitariam que os poços profundos vertessem água apenas pisando sobre eles. Não é de admirar que tivessem certeza de sobreviver à maior das inundações."

D'us Ordena a Nôach para Trazer os Animais e sua Família para Arca

O som das marteladas espalhava-se no ar, o que não era motivo de alegria para Nôach, que sentia o fim da civilização aproximar-se a cada tábua colocada. Os avisos de Nôach eram sempre recebidos com risadas e palavras duras. Apesar disto, ele obedecia às ordens do Criador e continuou construindo até que o último prego estivesse no lugar.

Ao ficar pronta a arca, apesar de D'us sentir-se satisfeito por Nôach ter cumprido Sua ordem, estava infeliz por ter de destruir Sua criação. Disse então:

"Estou muito triste por ser forçado a destruir o mundo maravilhoso que criei em sete dias." E ordenou a Nôach: "Traga para a arca um macho e uma fêmea de cada animal não-casher e **sete pares de cada espécie casher**. Traga também suprimento de comida para um ano, para você e os animais."

Sete dias depois, a **17 de Cheshvan de 1656**, começou a chover. D'us ordenou a Nôach e sua família: "Entrem na arca."

Nôach, sua mulher Naama e seus filhos Shem, Cham e Yefet, com suas esposas, entraram na arca.

A chuva era cada vez mais forte. Os oceanos, rios, lagos e riachos transbordaram até que a terra ficou inundada. Fontes

quentes brotaram das profundezas da terra, partindo a crosta e jorrando água fervendo.

A água começou a subir cada vez mais alto. As pessoas compreenderam que as advertências de Nôach eram verdadeiras; subiram nos telhados e nas copas das árvores, mas as águas aumentavam cada vez mais. Muitos dos gigantes correram para escalar as montanhas. Mas as águas subiam mais e mais até que cobriram o topo das montanhas mais altas.

Algumas pessoas gritaram: "Vamos fugir para a arca para nos salvar!"

Mas, milagrosamente, D'us fez com que seus pés ficassem presos na água. Embora tentassem se mover para a frente, não conseguiam sair do mesmo lugar.

Alguns dos homens perversos gritavam: "Vamos virar a arca! Por que Nôach tem que se salvar?"

Mas, quando se aproximaram da arca, tiveram uma visão assustadora: leões surgiram rugindo ao redor da arca, prontos para devorar quem se aproximasse. D'us milagrosamente protegeu Nôach e sua família.

A chuva destruiu todos os seres vivos, homens e animais fora da arca. (Os peixes foram uma exceção, pois permaneceram vivos).

Nôach e sua família cuidam dos animais na arca

Não vamos pensar nem por um minuto que Nôach e sua família viviam confortavelmente e bem acomodados na arca enquanto o resto do mundo sofria lá fora. Eles tinham que alimentar milhares de animais que levavam na arca.

Tão logo Nôach adormecia, exausto após um dia de trabalho duro cuidando dos animais, era acordado por um grito estridente ou o rugido de um animal faminto. Num instante, Nôach arrastava-se cansado para fora da cama e começava a trabalhar, pois sabia que os animais dependiam dele para obter comida.

Seus filhos - Shem, Cham e Yefet - também passavam a noite acordados, os olhos vermelhos e cansados por falta de sono, pois também sentiam a grande responsabilidade de cuidar constantemente dos animais. Noite após noite, Nôach e sua família se privavam do sono reparador para atender aos chamados dos animais. Durante o dia também não era possível ter algumas horas de sossego, pois os zurros, latidos, rugidos e gorjeios não tinham fim.

Nôach e sua família também sofriam com o cheiro dos animais, que era forte e desagradável; entrava por suas narinas, irritando a garganta.

Além disso, ouviam o terrível estrondo das ondas furiosas do lado de fora da janela. Estavam assustados e tinham o coração paralisado de medo. Rezavam incessantemente, suplicando a D'us que os protegesse.

Por trabalharem tão intensamente com os animais e rezarem o tempo todo, Nôach e seus filhos se tornaram tsadikim (justos) ainda maiores. Agora realmente mereciam ser salvos.

D'us não permitiu que nenhum animal selvagem da arca fizesse mal a Nôach ou à sua família. Todos os animais selvagens da arca se portavam como se fossem mansos. Muitas vezes, Nôach

.....
pisava em cobras ou escorpiões, mas nunca foi picado. Apenas uma vez, Nôach estava atrasado com a comida do leão e este lhe deu uma forte patada na perna e Nôach saiu sangrando e mancando.

Nôach envia o Corvo e a Pomba

Após quarenta dias, a chuva parou. A terra, porém, ainda estava inundada e a água ainda cobria os picos das altas montanhas. Passaram-se mais cento e dez dias para a água começar a baixar. A arca deixou de flutuar e parou sobre as montanhas de Ararat. A água continuou a baixar até que os topos das montanhas puderam novamente ser vistos.

Quarenta dias depois, Nôach abriu uma janela da arca. Enviou um corvo para examinar se a água tinha baixado completamente. Talvez houvesse novamente grama ou folhas para alimentar os animais. Mas o corvo não se distanciava da arca, pois a terra ainda estava inundada. Voava em círculos ao redor da arca e Nôach compreendeu que o chão ainda estava cheio d'água.

Esperou mais sete dias e mandou uma pomba. Se ela encontrasse um ponto seco para pousar, Nôach saberia que a água finalmente havia desaparecido da superfície da terra. Mas o chão estava molhado demais para a pomba pousar e a ave regressou à arca. Nôach estendeu a mão fora da janela para apanhá-la.

Sete dias depois, mandou a pomba pela segunda vez. Nôach esperava que a terra estivesse seca. As horas se passaram e não havia sinal da pomba. Estaria o chão tão seco que ela havia encontrado um local para construir um ninho? Será que não mais voltaria para a arca? Perto do anoitecer, Nôach foi saudado por uma visão encorajadora: a pomba estava voltando para a arca com uma folha fresca de oliveira em seu bico.

Nôach esperou mais uma semana e enviou a pomba pela terceira vez. Desta feita, a terra estava suficientemente seca para a pomba nela se fixar permanentemente e a ave não voltou mais para a arca. Nôach sabia agora que a terra era novamente habitável.

Mais de um ano depois que Nôach entrou na arca, a 27 de Cheshvan de 1657, D'us ordenou a Nôach e a sua família:

"Saíam da arca!"

Nôach e sua família voltam para a terra

Quando Nôach e sua família saíram da arca, Nôach construiu um mizbêach (altar). Ele pensou, "Por que D'us me ordenou que trouxesse sete pares de animais casher para dentro da arca e não apenas um par? Com certeza queria que eu oferecesse os restantes em sacrifício para agradecer-Lhe por ter salvo a mim e a minha família do dilúvio e dos animais selvagens da arca."

Os sacrifícios de Nôach agradaram a D'us.

Quando Nôach e sua família voltaram para a terra firme, não havia árvore, grama ou pessoa alguma. Nôach e sua família eram os únicos seres humanos sobre uma terra que parecia um enorme deserto. Estavam assustados e tristes. Seriam capazes de construir um mundo novo?

D'us apareceu para Nôach e sua família e os abençoou, prometendo:

"Não temam! Hei de multiplicar vocês, e novamente haverá muitas famílias sobre a Terra.

Não tenham receio de que os animais selvagens irão atacá-los porque são muito poucos. Irei protegê-los."

D'us permitiu a Nôach e a todos os homens comer a carne de animais. Até aquela época, só era permitido às pessoas comerem vegetais.

O sinal do arco-íris

Nôach pediu a D'us para que nunca mais mandasse outro dilúvio. O Criador prometeu-lhe:

"Nunca mais mandarei outra inundação que destrua o mundo inteiro.

"Como sinal de minha promessa, vou lhes mostrar o seguinte: De tempos em tempos, Meu arco-íris aparecerá nas nuvens. Este será um sinal de que me lembro da promessa de não trazer outra inundação."

Por isso, sempre que vemos um arco-íris, pronunciamos a bênção: "Baruch... zocher haberit veneeman bebrito vecayam bemaamarô"

"Abençoado és Tu, D'us, nosso D'us, Rei do Universo, Que lembras da promessa (de não destruir o mundo através de um dilúvio) e Que és fiel ao Teu acordo e mantém Tua palavra."

Nôach fica Bêbado

Depois que Nôach saiu da arca, sentiu ser sua responsabilidade cultivar a terra deixada estéril pelo dilúvio.

Em primeiro lugar, Nôach plantou uma parreira. Quando as uvas ficaram maduras, espremeu-as e experimentou o vinho. Mas Nôach cometeu um erro: bebeu demais.

Nôach ficou bêbado e deitou no chão de sua tenda. Kenaan entrou e viu o estado de Nôach. Correu para fora e contou, rindo, para seu pai, Cham:

"Você sabia que o vovô está deitado no chão, bêbado? E está todo descoberto?" O filho de Nôach, Cham, também riu e foi informar seus dois irmãos. Assim que Shem ouviu isso, disse:

"Vamos cobrir nosso pai." Trouxe uma coberta e pediu que seu irmão Yefet o ajudasse a levar Nôach para a tenda. Os dois viraram os rostos para não verem seu pai descoberto.

Quando Nôach acordou da bebedeira, amaldiçoou o neto Kenaan e abençoou Shem e Yefet, que souberam honrar a seu pai.

Todos podemos errar algumas vezes, mesmo um pai. Porém, um filho deve honrar os pais e se portar sempre com respeito perante eles.

Os descendentes de Nôach

Os três filhos de Nôach - Shem, Cham e Yefet - tiveram filhos e muitos netos. Shem foi ancestral de Avraham (Abraão), antepassado do povo judeu.

A Torre de Babel

Somente trezentos anos se passaram após o dilúvio quando as pessoas perversas decidiram novamente se revoltar contra D'us.

O líder daquela geração era o rei Nimrod, monarca poderoso e forte. Em sua arrogância, afirmava ser um deus, porque queria dominar o mundo inteiro. Por isso, persuadiu as pessoas a não obedecer o Criador. Nimrod sugeriu:

"Vamos construir uma cidade na qual viveremos todos juntos. No meio da cidade, ergueremos uma torre bem alta. Se D'us mandar outro dilúvio, subiremos nela para ficarmos a salvo."

A idéia foi recebida com muito entusiasmo. Algumas pessoas levaram a idéia até um pouco mais além, incitando:

"Vamos pôr um ídolo no topo da torre. Colocaremos uma espada em sua mão como sinal de que ele está lutando contra D'us."

As pessoas uniram-se e juntas começaram a construir uma torre que levaria um ano para chegar ao topo.

D'us falou aos setenta anjos que ficam à Sua frente para servi-Lo:

"Desceremos e desfaremos todos os seus planos! Vou dividir este povo fazendo com que falem línguas diferentes."

Até então, todos os habitantes da Terra falavam hebraico.

D'us desceu com Seus setenta anjos. Cada anjo fez com que um grupo de pessoas falasse uma língua diferente.

A confusão que se formou foi incrível! Um homem disse a outro: "Dê-me um tijolo."

Ao invés disso, o outro pegou um martelo e bateu em sua cabeça. Um mal entendido levava a outro e logo reinava uma enorme confusão.

Os anjos espalharam as pessoas pelo mundo inteiro. Esta geração é chamada de Dor Hahaflagá, Geração da Dispersão, porque foram dispersos por D'us.

Por que não foi destruída esta geração perversa como foi exterminada a geração do dilúvio? As pessoas que construíram a Torre de Babel agiram em paz e com amizade entre si; não havia discórdia entre eles como na geração do dilúvio. Isto era tão importante para D'us que, apesar de elas terem se revoltado contra Ele, não as destruiu.

A história a seguir mostra-nos a importância da paz e da amizade:

Uma história:

Alexandre, o Grande, e o povo altruísta

O poderoso imperador Alexandre, O Grande, viajou por muitos países. Certa vez visitou um reino longínquo atrás das escuras montanhas da África.

O rei daquele país deu as boas-vindas a Alexandre e ofereceu-lhe um lindo presente: pães de ouro sobre bandejas de ouro.

"Não vim aqui para ver teus tesouros," disse-lhe Alexandre.

"Então por que viestes?" - indagou-lhe o rei.

"Queria ver como julgas as pessoas no teu país," respondeu Alexandre. "Ouvi dizer que teu julgamento é justo e bom."

Enquanto conversavam, chegaram duas pessoas para serem julgadas pelo rei.

O primeiro homem estava tão transtornado que mal podia conter sua aflição.

"Comprei um campo deste homem," falou nervoso, "e nele encontrei um tesouro. Quero devolver-lhe o tesouro. Comprei somente o campo e não o tesouro. Não quero ficar com o que não me pertence!"

O outro homem, porém, se ateve a sua posição com firmeza.

"Vendi o campo com tudo o que contém," insistiu ele. "O tesouro é teu e não vou ficar com ele."

Os dois homens continuaram a discutir. Cada um insistia que o tesouro pertencia ao outro. Alexandre estava espantado:

"Como julgas este caso?" - perguntou, incrédulo para o rei.

O rei virou-se para o primeiro homem e perguntou:

"Tens um filho?"

"Sim," respondeu o homem.

"Tens uma filha?", perguntou para o segundo homem.

"Tenho," respondeu o segundo homem.

"Decido o seguinte," disse-lhes o rei. "Casem o filho dele com a filha do outro e dêem o tesouro para o jovem casal."

Alexandre ficou surpreso com esta decisão.

"Por que estás tão surpreso?" - perguntou-lhe o rei. "Não julguei bem? Como terias decidido em teu país?"

Alexandre respondeu:

"Provavelmente teriam prendido os dois homens e o tesouro seria confiscado pelo governo."

"As pessoas em teu país são tão ávidas por dinheiro?" - perguntou o rei, chocado. "O sol brilha em teu país e a chuva cai?"

"Certamente," respondeu Alexandre.

"Bem," concluiu o rei, "D'us não lhe dá sol e chuva pelo mérito das pessoas. Pessoas que brigam entre si e cobiçam as posses dos outros não merecem nem o sol, nem a chuva. D'us tem

.....
misericórdia dos animais e é só por mérito deles que cuida de seus pais."

Avram Protesta Contra a Idolatria

Dez gerações depois de Nôach nasceu Avram (Abrão).

Novamente, todas as pessoas no mundo adoravam ídolos. Serviam ao sol, à lua e a muitas espécies de ídolos.

O pai de Avram, Têrach, era um homem muito ocupado. Por isso, pediu ao tio de Avram, Nachor, que cuidasse do menino.

A casa de Nachor, assim como a de todos, estava cheia de imagens; algumas de prata, ouro e cobre e outras de madeira. Nachor ensinou a Avram:

"Curve-se perante os deuses, Avram, pois eles são muito poderosos. Se não servir-los corretamente, castigá-lo-ão."

"Como são poderosos?" - perguntou o menino. "Não podem falar nem se mover!"

"Cada um deles governa outra parte do mundo, Avram.", lhe explicou Nachor. "Nimrod, nosso rei, é um deus. É mais poderoso que todos os outros deuses."

"Como uma pessoa pode ser um deus, tio?", perguntou Avram.

"Fica quieto, menino, não debes falar assim." - respondeu Nachor. "Se Nimrod te ouvir, vingará-se. Ouve o que lhe digo."

O pequeno Avram não estava satisfeito. Ninguém respondia satisfatoriamente a suas perguntas. Quem havia criado o mundo? Quem o havia feito e a todas as pessoas que o rodeavam?

Talvez o sol fosse um deus, pensou, pois era tão poderoso, iluminava o mundo e fazia crescer as plantas. Porém, Avram observou que o sol apenas nascia e se punha todos os dias seguindo um padrão pré-estabelecido. Não tinha a capacidade de criar outros seres. Seria a lua, então, um deus? Não, tanto o sol como a lua agiam como servos que obedecem a ordens de terceiros.

Porém a quem obedeciam? Avram tinha apenas três anos quando descobriu, por si mesmo, a resposta. Compreendeu que o sol, a lua, o vento, a chuva, e toda a natureza seguem as ordens de D'us. Ele é o Criador Todo-Poderoso. Pode não ser visível, porém, Avram entendeu que o mundo é dirigido por Ele.

Avram disse, então, a seu tio Nachor e ao pai Têrach que não se curvaria perante os deuses. Somente perante D'us. Insistiu que eles também deveriam deixar de prostrar-se aos deuses. Mas não lhe deram atenção.

Quando Avram cresceu, seu pai Têrach deu-lhe um saco cheio de ídolos e lhe disse: "Vá e venda-os no mercado".

Avram levou consigo um martelo. Quando um cliente se aproximava e lhe pedia um ídolo, Avram batia na cabeça do ídolo com o martelo.

"Você quer ficar com este?" - perguntava para o cliente.

Em seguida, dava um golpe na cabeça do próximo: "Ou prefere este?" - perguntava.

Quando as pessoas viram como os ídolos permaneciam imóveis mesmo quando eram golpeados na cabeça, desistiam da compra.

Outra vez, Avram levou um saco cheio de ídolos para o mercado. Chegando lá despejou todo seu conteúdo. Em seguida, destruiu os ídolos na frente de todos.

Certa vez Têrach viajou. Avram pediu para sua mãe: "Por favor, sacrifique uma ovelha e prepare uma comida saborosa. Quero oferecê-la aos deuses do meu pai para que se sintam agradecidos."

A mãe preparou uma comida deliciosa e Avram colocou-a na frente dos deuses.

"Comam", lhes disse. Mas nenhum dos deuses provou a comida.

Avram riu: "Talvez não gostem deste prato", disse aos deuses, "ou pensam que não lhes trouxe comida suficiente. Amanhã lhes servirei algo melhor".

No dia seguinte disse à mãe: "Os deuses não gostaram da comida de ontem. Por favor prepare uma refeição mais farta e melhor hoje!"

Sua mãe assim o fez. Avram pôs uma comida farta e deliciosa perante os deuses.

"Tomem", disse-lhes.

Sentou-se próximo aos deuses para observar se comiam, e assim ficou o dia todo. Nenhum dos ídolos se mexeu.

Nesta noite Avram estava furioso. "Ai do meu pai e toda esta geração", exclamou. "Servem ídolos que não podem caminhar, nem mexer-se, nem escutar, nem enxergar ou cheirar".

Avram pegou o machado de seu pai, e destruiu todos os ídolos, com exceção do maior.

Neste momento, Têrach regressava de sua viagem, escutou os golpes do machado e o barulho de madeira e metal sendo destruídos.

"O que será isto?", exclamou. "Parece vir da sala do templo".

Correu para dentro. Avram acabava de terminar sua obra de destruição. Deixara apenas o ídolo maior, e havia colocado o machado em seus braços.

"Por que destruíste meus deuses?", gritou Têrach.

"Não fui eu", respondeu Avram. "Brigaram pela comida que lhes dei e o maior deles pegou o machado e quebrou os demais".

"Mentiroso!", replicou Têrach. "Não podem quebrar uns aos outros! Nem sequer podem mover-se!".

"Pai", disse Avram. "Então por que os serve? Por que deposita

.....
sua confiança nestes ídolos? Podem te salvar do perigo? Podem ouvir suas preces?"

"Estás cometendo um grave erro em adorar estas imagens. Tu e todos os outros esqueceram de D'us, o verdadeiro e único Criador do Céu e da Terra. Nossos antepassados também se esqueceram Dele e por isso D'us mandou o dilúvio. Por que então você deixa-O novamente aborrecido?"

Rapidamente, Avram pegou o machado, despedaçou o último e maior ídolo e saiu correndo da casa. Têrach estava furioso. Ele era um súdito leal do rei e a conduta de Avram não podia ser ignorada. Têrach foi ao palácio do Rei Nimrod e disse ao rei:

"Deves julgar meu filho por se revoltar contra os deuses."

Avram é Posto na Prisão

Nimrod mandou seus soldados prenderem Avram e trazê-lo ao palácio.

Nimrod perguntou a Avram, com severidade:

"Por que você quebrou os ídolos do seu pai?"

"Não fui eu," respondeu Avram. "O maior quebrou os demais."

"Vamos", repreendeu Nimrod. "Você realmente pensa que vou acreditar em tais histórias? Sei que os deuses não podem se quebrar uns aos outros; eles não se mexem."

Avram censurou Nimrod na frente de todos seus servos:

"Então por que os adora? Por que não serve a D'us Que governa o mundo, Que te criou, Que vai fazê-lo morrer e Que pode ressuscitá-lo? Ai de ti, rei perverso e bobo! Deverias mostrar o caminho certo para todos. Em vez disso, tu e teus servos fazem com que as pessoas pequem."

"Não sabes que por causa de pecados como os seus, D'us mandou o dilúvio para nossos antepassados? Se continuares servindo aos deuses, tu e todos que te seguirem também morrerão em vergonha e desgraça. D'us irá castigá-los."

"Chega!" - gritou Nimrod. "Para a prisão com ele!"

Avram foi lançado na prisão e mantido lá por dez anos.

Avram é jogado numa fornalha

Depois de dez anos difíceis, Avram foi novamente trazido à presença de Nimrod, que ainda esperava convencê-lo a se curvar aos ídolos.

"Agora vais te prostrar aos deuses?" - perguntou o rei para Avram.

"Só me curvo perante o Criador do Mundo," respondeu Avram.

"Eu sou o criador!" - afirmou Nimrod com orgulho.

"Podes ordenar ao sol para nascer a oeste e se pôr a leste?" - perguntou-lhe Avram. "Então acreditarei que você é o Criador."

Nimrod se virou para os sábios e para os príncipes a sua volta.

"Que castigo merece este homem?" - ele perguntou. "Julguem-no."

Todos responderam:

"O homem que despreza o rei e seus deuses deve ser queimado."

Para tal, foi preparada uma enorme fornalha na cidade de Kasdim. Com grande júbilo, os oficiais do rei a esquentaram durante três dias e três noites.

A notícia espalhou-se rapidamente. Chegou gente de todas as partes do mundo a Kasdim para presenciar o grande acontecimento. Frente a uma grande multidão de espectadores, Avram foi agarrado e jogado nas chamas.

D'us falou para os anjos:

"Avram foi fiel a Mim. Eu Mesmo vou salvá-lo."

O Criador então ordenou que as chamas não causassem mal algum a Avram, mas que apenas devorassem as cordas que o amarravam.

Para a multidão que observava o acontecimento, tudo parecia correr conforme o planejado. As chamas da fornalha subiam ao céu. Era um fim apropriado para um traidor, murmurava o povo; logo, nada sobraria dele.

A multidão se dispersou, mas os servos de Nimrod ficaram perto da fornalha até que as chamas terminassem seu trabalho. De repente, soltaram uma exclamação de surpresa. Os olhos se arregalaram de terror. Os queixos caíram de espanto. Pois Avram estava milagrosamente vivo dentro da fornalha, caminhando lá dentro! As chamas haviam queimado apenas as cordas que o amarravam, mas não chamuscaram suas roupas ou o corpo.

Agitados, os servos correram para informar o milagre ao Rei Nimrod. No começo, Nimrod não acreditou no que estava ouvindo, mas quando os servos confirmaram a notícia, Nimrod foi pessoalmente olhar dentro da fornalha.

Era verdade! Avram estava andando dentro dela como se passeasse num jardim!

"Saia, Avram," chamou Nimrod, com voz trêmula. "Prometo que não farei nenhum mal a você."

Avram saiu da fornalha são e salvo.

Tremendo, Nimrod e seus servos se inclinaram para Avram. Estavam convencidos de que ele deveria ser um deus!

"Foi D'us, o Criador do mundo Quem me salvou!" - explicou-lhes Avram. "Curvem-se perante Ele!"

Haran, o irmão mais moço de Avram, estava indeciso se deveria ouvir Avram e crer em D'us ou seguir o Rei Nimrod e se curvar perante os ídolos. Mas, quando Haran viu Avram sair vivo do fogo, anunciou confiante:

.....
"Eu também creio em D'us!"

Os oficiais do Rei Nimrod agarraram Haran e o jogaram nas chamas. Mas ele não mereceu o grande milagre de ser salvo como o tsadic Avram.

Têrach, Avram e suas famílias mudam-se para Charan

Apesar de Avram ter sido salvo diante dos olhos de Nimrod, Têrach percebeu que o perigo ainda não havia passado. O perverso Nimrod poderia decidir matar Avram outra vez. E quem poderia saber se D'us realizaria outro milagre?

"Vamos deixar esta terra," aconselhou Têrach a Avram. "Iremos para a terra de Canaã onde Nimrod não governa."

Por que Têrach, de repente, achava que seu filho Avram deveria se pôr a salvo do Rei Nimrod? Não havia sido o próprio Têrach que pediu ao rei que castigasse Avram porque não ter acreditado nos ídolos?

Mas, após presenciar o grande milagre que aconteceu a Avram, Têrach mudou de idéia. Começou a acreditar que D'us era o Mestre do Mundo. Muitos anos depois, antes de morrer, Têrach abandonou definitivamente a adoração aos ídolos e fez completa teshuvá.

Avram concordou com a sugestão do pai de se mudar para a terra de Canaã.

Têrach, Avram e suas famílias partiram para Canaã. No caminho, passaram por um lugar chamado Charan. Têrach viu que lá estariam a salvo, pois aquele lugar estava fora dos domínios de Nimrod. Por isso Têrach decidiu:

"Vamos ficar aqui!"

03 - Parashá Lech lechá

Gênesis 12:1-17:27

Resumo da Parashá

A Parashá Lech Lechá inicia-se com o chamado de D'us a Avraham, para que deixasse sua terra de origem e a casa de seu pai, sua posição de status e prosperidade, e viajasse à terra que Ele lhe mostraria.

Na chegada, com sua esposa Sara e o sobrinho Lot, na terra de Israel, eles descobrem que a terra foi assolada por uma terrível escassez e por esta razão vão ao Egito para uma breve estadia. Os egípcios imediatamente capturam Sara, a quem Avraham havia identificado como sua irmã, e a levam ao Rei Egípcio.

D'us reage afligindo o rei e sua família com uma peste debilitante até que a liberte, quando então eles retornam à terra de Israel. Os pastores de Avraham e Lot começaram a brigar e os dois decidem se separar, com Lot escolhendo as férteis planícies de Sodoma como sua porção.

A Torá então descreve a guerra infame entre os quatro reis e os cinco reis, durante a qual Lot é feito prisioneiro. A reação de Avraham o faz derrotar miraculosamente os quatro reis previamente vitoriosos e salvar seu sobrinho e se recusa a ficar com as honrarias ou os despojos de guerra para si.

D'us reafirma a Avraham que Ele está a seu lado, e promete que seus descendentes serão tantos que serão incontáveis como as estrelas no céu.

O Criador então entra na simbólica Aliança Entre as Partes, com Avraham, prometendo que seus filhos herdarão a terra de Israel, mas não antes de serem exilados numa longa servidão.

Como não tem filhos, Sara dá sua serva Hagar a Avraham como esposa, e nasce seu filho Ishmael. Avraham tinha 86 anos.

Treze anos depois, D'us muda o nome de Avram (Abrão) para Avraham ("pai das multidões"), e o de Sarai para Sara ("princesa").

D'us promete que um filho nascerá para eles; a partir dessa criança, que eles deverão chamar de Yitschac ("dará risada"), brotará uma grande nação com a qual D'us estabelecerá um vínculo especial.

Abraham é ordenado a circuncidar a si mesmo e aos seus descendentes como um "sinal do pacto entre Mim e vocês.", aos 99 anos.

A Grande Mudança

por Rabi Norman Schloss

A Parashá Lech Lechá começa com o primeiro dos dez testes ou provações a que Avraham foi submetido por D'us. A porção inicia-se: "Lech Lechá – vá por si mesmo, de sua terra e de seu local de origem, da casa de seu pai para a terra que Eu te mostrarei".

D'us pede a Avraham que deposite sua confiança n'Ele apenas pela fé e a seguiu-Lo a uma terra desconhecida. Para que não haja mal-entendidos, Hashem delinea claramente os parâmetros para Avraham – este deve deixar sua casa e seu local de origem.

A Torá nos diz que Avraham cumpre os desejos de Hashem. Entretanto, a Torá declara em seguida: "Avraham pegou sua esposa Sarah e seu sobrinho Lot, toda a riqueza que haviam acumulado, e as almas que eles criaram em Charam." Se a Torá nos diz que Avraham fez tudo aquilo que Hashem lhe ordenou, por que repetir aquele fato outra vez?

Rabi Aharon Wolkin sugere a seguinte resposta: Existem muitas razões pelas quais a pessoa poderia escolher mudar-se de um local para outro. Às vezes a pessoa poderia fazê-lo por razões familiares. Muitas vezes, a pessoa muda-se por motivos financeiros ou porque a vizinhança não é mais segura ou decente. A Torá nos diz que estes não foram fatores no caso de Avraham. Aqui não era o caso de razões familiares.

Se ele estava se mudando, sua esposa e sobrinho o acompanhariam; eram seus entes queridos. Não foi por motivos financeiros, pois levou sua fortuna com ele. Quanto a Avraham ter-se mudado por causa da possível má influência da vizinhança, a Torá declara que muitas pessoas juntaram-se a ele. Em outras palavras, a Torá está nos informando da grandeza de Avraham – que ele mudou-se apenas para cumprir os desejos de Hashem.

Há um outro local na Torá onde a frase especial que introduz este teste "lech lecha – vá por si mesmo", é usada. É a respeito da última provação que Avraham deve enfrentar, a akeidá, ao

.....
final da porção da próxima semana. D'us ordena: "Por favor, pegue seu filho, o único, a quem você ama – Yitschac – e (lech lecha) vá por si mesmo à terra de Moriá" (Bereshit 22:2). Sem nenhuma pergunta ou hesitação, Avraham segue a ordem de D'us completa e fielmente, jamais demonstrando qualquer mudança de atitude.

À primeira vista, parece que o primeiro teste e o último são o mesmo. Há alguma diferença entre lech lecha na porção desta semana e de lech lecha da akeidá?

Rav Reisha oferece uma brilhante explicação. Na porção desta semana vemos como Avraham se relaciona com a vontade e ordem de Hashem. Na porção da próxima semana veremos como Avraham transmitiu esta lição a seu filho. A vida de Avraham tem pouco significado, até que ele constate que a mesma devoção que tem por D'us está também presente em seu filho Yitschac.

Eis por que o primeiro e o último teste parecem similares. Avraham percorreu um círculo completo a serviço de D'us. Este é o legado e a herança que são nossas quando dizemos que somos "filhos de Avraham" em nossa constância em cumprir as mitsvot de Hashem, a despeito das circunstâncias ou do local onde epossamos nos encontrar.

Que todos nós possamos ser chamados e lembrados como Bnei Avraham, filhos de Avraham.

Uma Jornada à Essência

Quando Avraham completou 75 anos, veio a Divina Ordem: "Vá por si mesmo!" Agora que completou suas explorações e atingiu seus objetivos, volte-se interiormente e embarque numa jornada até o âmago de seu próprio ser.

Paradoxalmente, quanto mais pessoal é a jornada, mais precisamos de auxílio e conselhos.

Um senso de direção bem desenvolvido pode nos guiar através do sistema de estradas mais complicado; um senso social perspicaz pode negociar as políticas mais embaralhadas; os dados e padrões de aprendizagem armazenados em nosso cérebro facilitam nossa busca de novos campos de estudo.

Mas quando procuramos um caminho para o interior de nós mesmos, o conhecimento e as habilidades de uma vida inteira tornam-se subitamente ineficazes. Encontramo-nos nas trevas, sem outro recurso que o de chamar nosso Criador: "D'us, quem sou eu?" clamamos. "Preciso de uma pista para descobrir o motivo pelo qual fui criado."

Este paradoxo está implícito na primeira instrução registrada na Torá para o primeiro judeu. Quando Avraham recebe ordens de "Vá por si mesmo," este homem engenhoso e auto-suficiente é ordenado a deixar de lado seus talentos inatos ("tua terra"), a personalidade desenvolvida em sete décadas e meia de interação com seu meio-ambiente ("teu local de nascimento"), e a sabedoria descoberta e formulada por sua mente fenomenal ("da casa de teu pai"), e seguir "cegamente" D'us até "a terra que Eu te mostrarei."

Em nossas jornadas externas, nosso conhecimento, talentos e personalidade são as ferramentas com as quais exploramos o mundo além de nós. Mas ao buscarmos nosso verdadeiro "eu", estas mesmas ferramentas - que constituem um "eu" exterior e

auto-imposto por si mesmo - oculta tanto quanto revela, distorce ao mesmo tempo em que ilumina.

Empregamos estas ferramentas em nossa busca - não possuímos outras. Porém se nossa jornada deve levar à quintessência do "eu", ao invés de algo ilusório, deve ser guiada por Ele, que nos criou à Sua imagem, e esboçou o projeto de nossa alma em Sua Torá.

No Caminho da Perfeição

Enquanto Nôach é caracterizado como já sendo perfeito quando o encontramos pela primeira vez, a Torá insinua que Avraham ainda não atingira este nível de perfeição quando D'us lhe ordena: "Caminhe adiante de Mim e seja perfeito".

Embora a Torá qualifique o cumprimento a Nôach, limitando sua perfeição dentro de sua geração, Avraham, como um indivíduo, aparentemente carece de algumas características, por meio das quais D'us não poderia descrevê-lo como perfeito e por isso deve dirigi-lo por um determinado caminho. Por que o Criador está aconselhando Avraham a ser perfeito e de que maneira Avraham é deficiente?

Avraham teve uma traiçoeira e complicada missão na vida. Sua revelação independente da verdade do monoteísmo colocou-o em território inexplorado, onde precisaria investigar caminhos nunca antes percorridos.

E assim como um desbravador em um lugar inóspito, Avraham deveria buscar rumos que poderiam torná-lo desesperadamente perdido, ou mesmo levá-lo a destinos que ameaçassem sua vida ou a missões desalentadoras.

Sendo um inovador, Avraham deve arriscar-se a fim de desenvolver, esclarecer e entender este revolucionário conceito de monoteísmo. Assim fazendo, emerge uma possibilidade real de que ele tomasse o caminho errado.

Este fato não insinua a fraqueza da fé de Avraham, ao contrário, revela uma missão realmente complicada e com muitos fatores contribuindo para a conclusão. Embora hoje entendamos o conceito de um D'us único quase de forma intuitiva, Avraham descobriu e formulou a noção de monoteísmo partindo do zero.

D'us, entendendo todas as ciladas e desvios em potencial que Avraham certamente enfrentaria, aconselha-o a "andar adiante d'Ele". Entretanto, ao caminhar à Sua frente, Avraham deve ser perfeito na busca de seu objetivo, a fim de assegurar o resultado correto.

Cada um tem missões na vida - pessoal, familiar e comunitária. Em todas elas existem muitas ameaças, e corremos o risco de nos desviar do rumo de nosso destino desejado. Mesmo quando estamos mapeando nossos próprios caminhos, desvios podem nos fazer perder o rumo. Enquanto nos esforçamos para atingir a perfeição, podemos continuar a perseguir nossa missão com certo grau de segurança. É claro que a ameaça continua a existir, porém em menor grau.

Avraham pode e deve atravessar território desconhecido para completar a obra de sua vida, mas com uma orientação e mentalidade de sinceridade e perfeição.

Também nós devemos lutar pela perfeição, atingindo o mais elevado, com sinceras intenções.

.....
Pioneiro
Por Michel Alterman

Nossos rabinos nos dizem que D'us ministrou dez testes a Avraham durante sua vida, para dar-lhe a oportunidade de provar sua fé. Desde a ordem no início da porção desta semana, de deixar sua família e a terra onde nasceu, até a akedá, quando é instado a sacrificar seu próprio filho, podemos facilmente compreender por que estas provações são consideradas desafiadoras.

Muitos de nós jamais tivemos de enfrentar tais circunstâncias, e dificilmente podemos imaginar que fôssemos capazes de passar em testes deste tipo. Quão grandioso deve ter sido Avraham, que foi capaz de enfrentar um escrutínio Divino tão intenso!

Entretanto, na Parashá Lech Lechá, lemos sobre a circuncisão de Avraham, seu cumprimento da mitsvá de brit milá, a qual também é computada pelos comentaristas como um dos dez testes. A mitsvá do brit milá é uma que realmente distingue o povo judeu das outras nações do mundo, uma que tem sido cumprida com grande júbilo pelos descendentes de Avraham, milhões e milhões de vezes através de nossa história.

Por isso, parece difícil entender por que tal ato seria considerado uma provação, especialmente para uma pessoa notável como Avraham. Certamente deve ter sido um desafio físico, mas estamos falando de alguém que já demonstrou estar literalmente desejoso de desistir de sua vida por D'us, como ficou claro por sua aprovação nos testes anteriores. Como poderia a prova do brit milá representar um desafio para alguém da estatura de Avraham?

Rabi Moshe Feinstein explica que para entender por que este foi um teste adequado, primeiro devemos analisar a carreira de Avraham até chegarmos a este ponto de sua vida. Sabemos que ele era perito em influenciar outras pessoas a se aproximar de D'us e a reconhecer o propósito da Criação.

Avraham era uma pessoa extrovertida que dedicara toda sua vida a ajudar os outros, mesmo que fosse às custas de seu próprio crescimento como pessoa. Ele personificou o atributo de chessed, bondade, e usou esta característica para cumprir sua missão. Entretanto, seu sucesso foi totalmente possibilitado por ser ele de certa forma similar ao povo que estava tentando influenciar.

A mitsvá do brit milá foi uma ordem a Avraham e seus descendentes, para que se tornassem totalmente diferentes e separados do restante do mundo, algo que aparentemente colocaria uma restrição significativa na sua capacidade de influenciar outros povos.

D'us estava pedindo a Avraham que novamente envidasse seus esforços a partir de uma estratégia que havia sido altamente coroada de êxito, e embarcasse numa direção não familiar, por meio da qual ele e seus descendentes indiretamente seriam como uma luz a guiar as outras nações.

Na verdade, Avraham estava sendo solicitado a subjugar sua própria vontade e planos para cumprir os do Criador. A circuncisão não era apenas um teste sobre a dedicação física de Avraham; representava uma luta que abalou os alicerces de sua perspectiva sobre a vida.

Os comentaristas clássicos nos falam de um princípio geral, dizendo que as ações de nossos antepassados são um sinal

para seus filhos, significando que tudo aquilo que Avraham, Yitschac e Yaacov fizeram tanto tempo atrás serviu para instilar suas características superiores na vida do povo judeu.

Quando Avraham cumpriu a ordem de D'us, embora esta parecesse ser ilógica e contraprodutiva, possibilitou a cada um de seus descendentes tomar a mesma decisão.

Quando Avraham expôs-se ao ridículo, o mundo deve ter pensado que ele estava fora de si. Mas Avraham estabeleceu um precedente que tem sido seguido por incontáveis gerações em inumeráveis lugares do mundo. Que todos nós aspiremos cumprir este enorme potencial que Avraham instilou dentro de nós.

Em busca de si mesmo
Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

Há uma passagem no Livro de Zecharyá (Zacarias) que descreve um encontro entre um ser humano e uma revoada de anjos, no qual o ser humano é chamado "um viajante entre os estacionários."

"O Viajante" é a denominação mais apropriada para nossa incansável raça. Outras criaturas também se mudam de lugar para lugar, mas apenas as migrações do homem são motivadas pelo desejo de estar em outro local que não seja aquele no qual está agora. Ao contrário de camundongos, bordos e anjos, que são felizes por ser aquilo que são e por estar onde estão, o ser humano está constantemente a caminho - sempre se esforçando para chegar a algum lugar, de preferência onde ninguém jamais tenha estado antes.

O problema é que não há mais para onde ir.

Há um século, podia-se dizer: "Vá para o oeste, meu jovem!" - para o oeste iam os homens jovens, até que não havia mais oeste para ir. Então um homem venceu a corrida para o Polo Norte, e um outro, para o Sul. Um outro ser humano foi o primeiro a escalar o ponto culminante do Everest (embora ainda se discuta quem foi exatamente o primeiro), e um outro ainda deu "o salto gigantesco" de deixar as pegadas na superfície da Lua.

O que resta agora? Um viagem a outra galáxia? Uma incursão ao futuro? Será que estas conquistas, se e quando forem atingidas, satisfarão o espírito do Viajante?

Todos conhecemos a história do aldeão empobrecido que sonha com um tesouro enterrado sob uma ponte em Praga. Chegando na cidade grande, localiza a ponte de seus sonhos. O guarda-barreira, ao ver um homem vagando com uma pá e intenções suspeitas, confronta o mendigo, que confessa qual é sua missão. "Sonhos!" exclama o guarda.

"Ora, a noite passada sonhei que na casa de Jacó, o mascote da aldeia de Usseldorf, está enterrado um baú com moedas de ouro, na parede atrás do fogão. Só por isso viajei até Usseldorf, para pôr abaixo a parede da casa de algum pobre?" Jacó corre para casa, derruba a parede atrás do fogão e vive feliz para sempre com seu tesouro enterrado.

Depois que todas as jornadas são consumadas, depois que todas as buscas são realizadas, permanece ainda uma fronteira que poucos exploraram e que menos ainda conquistaram: a fronteira do próprio "eu". Atravessamos o planeta e mais além, mapeamos o cosmos e a infra-estrutura do átomo, procurando

.....
alguma indicação, algum sinal, do que se trata; mas quantos de nós penetramos no interior de nossa alma?

Lech Lechá, as palavras introdutórias do chamado Divino a Avraham, que inicia e define a História Judaica, significa literalmente "Vá por si mesmo". "Vá por si mesmo," D'us ordenou ao primeiro judeu, "de tua terra, de teu local de nascimento, da casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei."

Quando veio o Divino chamado, Avraham pôde contemplar em retrospecto uma vida de descoberta e realizações sem precedentes. Este era o homem que descobriu a verdade do D'us Único, enfrentou o rei mais poderoso de sua época, desafiou a morte numa fogueira ardente por suas crenças, e converteu milhares a uma fé e crença monoteísta. Tudo isso ele conseguiu inteiramente por si mesmo, sem um mestre, mentor ou voz celestial para dirigi-lo, com nada além de seu grande intelecto para guiá-lo.

Então, quando Avraham completou 75 anos, veio a Divina Ordem: "Vá por si mesmo!" Agora que completou suas explorações e atingiu seus objetivos, volte-se interiormente e embarque numa jornada até o âmago de seu próprio ser. Paradoxalmente, quanto mais pessoal é a jornada, mais precisamos de auxílio e conselhos.

Um senso de direção bem desenvolvido pode nos guiar através do sistema de estradas mais complicado; um senso social perspicaz pode negociar as políticas mais embaralhadas; os dados e padrões de aprendizagem armazenados em nosso cérebro facilitam nossa busca de novos campos de estudo.

Mas quando procuramos um caminho para o interior de nós mesmos, o conhecimento e as habilidades de uma vida inteira tornam-se subitamente ineficazes. Encontramo-nos nas trevas, sem outro recurso que o de chamar nosso Criador: "D'us, quem sou eu?" clamamos. "Dá-me uma pista, diga-me por que me fizeste."

Este paradoxo está implícito na primeira instrução registrada na Torá para o primeiro judeu. Quando Avraham recebe ordens de "Vá por si mesmo," este homem engenhoso e auto-suficiente é ordenado a deixar de lado seus talentos inatos ("tua terra"), a personalidade desenvolvida em sete décadas e meia de interação com seu meio-ambiente ("teu local de nascimento"), e a sabedoria descoberta e formulada por sua mente fenomenal ("da casa de teu pai"), e seguir "cegamente" D'us até "a terra que Eu te mostrarei."

Em nossas jornadas externas, nosso conhecimento, talentos e personalidade são as ferramentas com as quais exploramos o mundo além de nós. Mas ao buscarmos nosso verdadeiro "eu", estas mesmas ferramentas - que constituem um "eu" exterior e auto-imposto por si mesmo - oculta tanto quanto revela, distorce ao mesmo tempo em que ilumina.

Empregamos estas ferramentas em nossa busca - não possuímos outras. Porém se nossa jornada deve levar à quintessência do "eu", ao invés de algo ilusório, deve ser guiada por Ele, que nos criou à Sua imagem, e esboçou o projeto de nossa alma em Sua Torá.

Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

Yanki Tauber é editor de conteúdo de Chabad.org.

Grande riqueza

Conforme o sol começa a se pôr, uma profunda sonolência cai sobre Avraham; e eis que medo e uma imensa escuridão abateu-se sobre ele.

E [D'us] disse a Avraham: "Saiba que teus filhos serão estranhos numa terra que não lhes pertence, e eles os escravizarão e os afligirão... e depois sairão com grandes riquezas." (Bereshit 15:12-13).

O galut (exílio) ocorre de muitas formas. O escravo hebreu no Egito, o próspero exílio judeu na Babilônia, o perseguido morador do gueto na Europa medieval, o interno de Auschwitz, o judeu-americano tolerado no clube de campo, o israelense refém dos caprichos das superpotências globais - todos estão sujeitos ao estado de galut, cuja definição mais básica é que a pessoa é "um estranho numa terra que não é a sua." Você não é o dono de seu ambiente, mas sim um súdito; não está no controle de suas circunstâncias, mas é sua vítima.

O galut é freqüentemente descrito como uma punição por nossas próprias falhas; declaramos na Prece Mussaf do dia festivo que "por causa de nossos pecados, fomos exilados de nosso país." Mas esta é somente uma parte da história. No "Acordo entre as Partes" entre D'us e Avraham (ainda Avram naquela altura), no qual foi estabelecido pela primeira vez que haveria um povo judeu, D'us informou a Avraham que seus descendentes seriam estranhos numa terra que não seria deles. O galut do povo judeu foi ordenado antes que houvesse um povo judeu.

De fato, estamos estado no galut pela maior parte de nossa história. Houve duas Eras do Templo (826 - 423 AEC, e 349 AEC - 69 EC), totalizando 830 anos, quando moramos em nossa terra natal e a Presença Divina habitava manifestamente em nosso meio; mas durante a Era do Segundo Templo vivemos sob a hegemonia de potências estrangeiras, e mesmo a Era do Primeiro Templo incluiu períodos de conflitos internos e domínio estrangeiro.

De fato, o Talmud aponta apenas uma única geração, o reinado de 40 anos do rei Salomão, como uma época em que "a lua estava cheia" - quando nosso relacionamento com D'us era integral e fomos realmente donos de nosso destino.

Poder-se-ia pensar que uma situação que predominou por 99% de nossa história estaria, a esta altura, engastada no caráter judaico, ou pelo menos tivesse se tornado um estilo de vida já familiar. Porém o mais espantoso sobre o galut é que aproximadamente 4000 anos depois do "Acordo entre as Partes", ele ainda seja tão assustador, quanto incompreensível e estranho para nossa alma como o foi para Avraham naquele maldado dia, quando ele contemplou o medo e a grande escuridão.

Os povos do mundo - o que certamente inclui nações mais ricas, mais poderosas e politicamente independentes que nós mesmos - de forma geral aceitaram o fato de que o mundo em que vivem inclui forças maiores que eles próprios, às quais estão sujeitos. Mas não o judeu. Não nos reconciliamos com o galut. Jamais o aceitamos e jamais cessamos de lutar pela redenção.

Na verdade, é a própria não-naturalidade do galut, sua própria estranheza, a chave para "a grande riqueza" que proporciona. A constante percepção de que este não é nosso lugar, a fé resistente que as circunstâncias atuais realmente não são "o jeito que as coisas são," está na raiz de tudo que o judeu tem conquistado e atingido, tanto para si mesmo quanto para o mundo.

.....
Aqui está o paradoxo do galut: seu poder brota do fato de que não deve, não pode ser, do incessante esforço de provocar sua extinção, da fé determinada de que este esforço será bem sucedido. Pois isto, também, foi pré-ordenado no "Acordo entre as Partes".

Nós judeus temos sido acusados de muitas coisas, mas ninguém jamais nos chamou de ingênuos. Se a labuta e as lágrimas de uma centena de gerações de judeus foram despendidas neste esforço, é somente porque sabemos que a lua tornará a ser plena, e habitaremos num mundo de bondade Divina e de perfeição.

Encontrando D'us Durante Tempos Díficeis

Por Chana Weisberg

Você já acordou pela manhã sentindo-se espiritualmente esgotado? Às vezes as dificuldades da vida o atingem, tirando sua serenidade, fazendo-o se sentir desconectado de qualquer coisa mais elevada que a máquina do dia-a-dia?

Isso acontece a todos nós, e superar essas sensações, reconectando nosso lado espiritual, pode ser um verdadeiro desafio. Como sempre, podemos procurar ajuda na Torá. A vida de nossa matriarca Sarah apresenta uma poderosa lição que nos ensina como lidar com esses tempos difíceis.

A primeira vez que somos apresentados a Sarah, ela e seu marido Avraham, já em idade avançada, são instruídos a deixar sua casa e local de nascimento e viajar para uma terra desconhecida.

Vamos olhar para as fontes. D'us apareceu a Avraham (então chamado Abram) e disse a ele: "Sai de teu país, da tua família, e da casa de teu pai. para uma terra que Eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação, ter abençoarei e teu nome será grande, e serás uma bênção."

Caracteristicamente, Avraham não hesita um momento antes de obedecer à ordem de D'us.

Portanto Avraham partiu, como D'us tinha dito a ele, e Lot foi junto: Avraham tinha setenta e cinco anos quando partir de Haran. Avraham levou sua esposa Sarai, e Lot o filho de seu irmão, e todas as posses que tinham juntado e as almas que tinham conseguido em Haran, e foram para a terra de Canaã, e à terra de Canaã eles chegaram.

Foi ali, na terra sagrada de Canaã, que Avraham teve uma visão e D'us Se comunica com ele, prometendo que ele herdará essa terra abençoada.

A palavra hebraica Canaã, o antigo nome para a terra de Israel, também significa "mercador". Um mercador simboliza riqueza, fartura, oportunidade. Espiritualmente, também, o nome significa fartura, uma profunda proximidade com D'us.

Na verdade, para Avraham a terra possuía grande riqueza espiritual: D'us apareceu a Avraham e disse: "Para tua semente Eu darei essa terra," e ali ele construiu um altar a D'us que apareceu para ele... Avraham se comunica com D'us, experimentando um relacionamento muito mais próximo que nunca, como continua o texto: "Ali ele construiu um altar para D'us e chamou o nome de D'us."

Mas, como acontece frequentemente em nossa vida, um desafio surge no horizonte. Avraham confronta um teste para sua fé. Houve uma escassez na terra, e Avraham foi para o Egito passar um tempo ali, pois a fome estava severa na terra. E ocorreu que quando ele estava para entrar no Egito, disse a Sarai, sua mulher: "Veja, sei que você é uma mulher bonita. Quando os egípcios a virem, dirão: 'Esta é a esposa dele,' e me matarão, mas deixarão você viva.

Portanto, por favor, diga que é minha irmã, para que eles me beneficiem por sua causa, e minha vida será poupada por causa de você." Em ensaios futuros estudaremos isso com maior profundidade, e o que Avraham estava realmente pedindo a Sarah. Mas por enquanto vamos nos concentrar na lição metafórica, espiritual, nessas palavras.

Em Canaã, uma terra de fartura espiritual, Avraham e Sarah vivem abertamente como marido e mulher. Eles cuidam um do outro e se veem como somente marido e mulher podem fazer.

Mas então... há uma fome. Espiritualmente, uma fome é um tempo no qual nossa sensibilidade à Divindade se torna mais apagada.

Sarah e Avraham chegam ao Egito – Mitzrayim, em hebraico – um nome que denota restrições e limitação. A fome é um tempo no qual nossa sensibilidade à Divindade se torna apagada. Aqui Avraham instrui Sarah a ocultar seu verdadeiro relacionamento: dizer que ela é irmã dele.

Qual a diferença entre uma esposa e uma irmã num plano espiritual? E o que isso significa para nós em nossa jornada espiritual? Pense em seus irmãos. Como você se relaciona com eles? Às vezes discutem, e às vezes ficam mais próximos. Mas você não escolhe seu irmão ou irmã. Não importa se você o ama ou não, se a ama ou não, irmão é irmão para a vida toda. Há uma conexão subjacente que é constante e imquebrável.

O vínculo com um cônjuge é diferente. É um relacionamento que foi escolhido; está sujeito à mudança. Infelizmente, como vemos cada vez mais – hoje eles estão casados, amanhã ou um ano depois podem estar divorciados.

O relacionamento de irmãos é inato, entranhado, constante. Amor por um cônjuge, por outro lado, é criado. Dois indivíduos separados de famílias separadas se juntam como dois seres distintos e unidos.

É isso que dá ao casamento sua intensidade, sua paixão, uma proximidade que não pode ser igualada nem mesmo pelos irmãos mais chegados. Voltemos à lição que a jornada de Avraham e Sarah traz para nossos tempos de desafio espiritual e psicológico.

O Rei Shelomô, no Cântico dos Cânticos (5:2), fala sobre o relacionamento do povo judeu com D'us como sendo tanto uma irmã como uma esposa. A jornada de Avraham e Sarah nos mostra como nosso relacionamento com D'us pode ter ambos os elementos. A jornada deles também nos ensina como passar por tempos de desafio espiritual e psicológico.

Ao viver na Terra Santa, em Canaã, um local onde sentimos a presença de D'us em nossas vidas, podemos sentir que D'us é nosso amado, D'us é nosso cônjuge. Da mesma forma, em Canaã, Avraham e Sarah obviamente são marido e mulher. Mas então chega a fome. Um período de mudança. Um período de desafio.

.....
Uma situação que nos testa. O reacionamento se torna tenso. E de repente parece que você não está mais tão conectado. Você não sente a riqueza, o “mercador” de Canaã. Em vez disso você sente que está no Egito, um local de meitzarim, limitações. Sozinho. Agora vem a grande lição de Avraham e Sarah – “diga que você é minha irmã.” Note que até em momentos nos quais se sente desconectado de seu D'us, de sua nação, de sua alma, D'us não é apenas um cônjuge, mas também um irmão.

Somos o povo de D'us não apenas porque sentimos isso, mas porque D'us é inato em nosso ser. Como o vínculo entre irmãos, não pode ser ostensivo ou apaixonado. Na verdade, há tempos em que pode parecer completamente adormecido, mas está sempre ali, é uma constante.

Podemos – e deveríamos – ansiar por ter a Divindade dentro de nosso ser, um relacionamento com D'us que seja vivo, vibrante, apaixonado e repleto de amor, como o relacionamento de um cônjuge amoroso. Naqueles tempos, sentíamos como se estivéssemos vivendo na Terra Santa, cercados por bênçãos espirituais.

A vida é ótima. Sentimos a conexão. Profundamente. Mas mesmo quando estamos passando por nossas fomes espirituais, nossos tempos de meitzarim, restrições e dificuldades, este episódio com Avraham e Sarah nos ensina que nosso relacionamento com D'us ainda existe. Pode não ser tão apaixonado, mas temos de entender que ainda está presente, e que podemos entrar nele e revivê-lo, agora e para sempre.

Vamos revisar: Canaã adquiriu o significado de “mercador” e “riqueza” (veja Ezequiel 16:29), e representa um nível de fartura espiritual e proximidade com D'us.

Mitzrayim significa “restrições” e “limitações”, e representa um nível de espiritualidade limitada com graves limites nos segurando de volta em Canaã. Avraham e Sarah eram abertamente marido e mulher. Canaã representa aqueles tempos em que nosso relacionamento espiritual com D'us está ao nível de “cônjuge”, um relacionamento desenvolvido no qual nos sentimos apaixonados por D'us.

Em Mitzrayim, Avraham diz a Sarah para falar que é irmã dele. Isso nos ensina que até em tempos difíceis ainda temos um relacionamento inato com D'us, ao nível de “irmã”, onde o amor inato, embora não tão apaixonado, ainda está presente e acessível. (Veja Ohr Hatorah, Vayikra 2:578-581, onde muitas ideias expressas neste artigo podem ser encontradas.)

Chana Weisberg é a Diretora de Gerenciamento Editorial de Chabad.org. Escreveu vários livros, incluindo o mais recente, Cuidando do Jardim: Os Dons Únicos da Mulher Judia. Ela atuou como reitora de diversos institutos educacionais para mulheres, e faz palestras internacionais sobre temas relacionados a mulheres, fé, relacionamentos e a alma judaica.

A Coragem de Não Se Conformar

Por Rabino Jonathan Sacks

Líderes lideram. Isso não significa dizer que eles não seguem, Mas aquilo que seguem é diferente daquilo que a maioria das pessoas segue. Eles não se conformam em prol do conformismo. Não fazem o que outros fazem meramente porque outros estão fazendo. Seguem uma voz interior, um chamado. Eles têm uma visão, não do que é, mas do que poderia ser. Eles pensam além da caixa. Marcham num passo diferente.

Isso nunca foi mais dramaticamente demonstrado que nas primeiras palavras de D'us a Avraham, as palavras que iniciaram a história judaica. “Deixa tua terra. teu local de nascimento e a casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrarei.”

Por quê?

Porque as pessoas se conformam. Adotam os padrões e absorvem a cultura do tempo e local em que vivem – “tua terra”. Num nível mais profundo, são influenciadas por amigos e vizinhos – “teu local de nascimento”. Ainda mais profundamente, são moldadas pelos pais e pela família na qual cresceram – “a casa de teu pai.”

Quero que você, diz D'us a Avraham, seja diferente. Não apenas para ser diferente, mas para começar algo novo: uma religião que não adorará o poder e os símbolos do poder – pois é isso que os ídolos foram e são. Quero que você, disse D'us, “ensine seus filhos e sua família a seguir o caminho do Eterno fazendo aquilo que é certo e justo.”

A maneira certa de pensar nos ídolos é em termos daquilo que representam

Ser judeu é estar disposto a desafiar o consenso prevalecente quando, como acontece com frequência, as nações escorregam para a idolatria aos antigos deuses. Assim fizeram na Europa no decorrer do século dezenove e início do século vinte. Foi a era do nacionalismo: a busca do poder em nome da nação-estado que levou a duas guerras mundiais e dezenas de milhões de mortes.

É a época que estamos vivendo agora, quando a Coreia do Norte adquire e o Irã busca armas nucleares para que possam se impor pela força. É o que está acontecendo hoje em grande parte do Oriente Médio e da África, quando as nações adotam a violência e aquilo que Hobbes chamou “a guerra de todo homem contra todo homem.”

Cometemos um erro quando pensamos nos ídolos em termos de sua aparência física – estátuas, figurinos, ícones. Naquele sentido, pertencem aos tempos antigos que há muito superamos. Em vez disso, a maneira certa de pensar em ídolos é em termos daquilo que eles representam. Simbolizam o poder. É isso que Ra foi para os egípcios, Baal para os canaanitas, Chemosh para os moabitas, Zeus para os gregos, e mísseis e bombas para os terroristas e estados trapaceiros de hoje.

O poder nos permite governar sobre outros sem seu consentimento. Como disse o historiador grego Thucydides: “Os fortes fazem o que querem, e os fracos sofrem o que devem.” O Judaísmo é uma crítica sustentada do poder. Esta é a conclusão a que cheguei após uma vida inteira estudando nossos textos sagrados. Trata-se de como uma nação pode ser formada sobre a base de comprometimento partilhado e responsabilidade coletiva.

É construir uma sociedade que honra a pessoa humana como a imagem e semelhança de D'us. É sobre uma visão, nunca realizada plenamente, mas jamais abandonada, de um mundo baseado na justiça e compaixão, no qual “eles não prejudicarão nem destruirão sobre minha montanha sagrada, pois a terra estará repleta de conhecimento do Eterno como as águas cobrem o mar.”¹

Avraham é, sem dúvida, a pessoa mais influente que já viveu. Hoje é aclamado como o ancestral espiritual de 2,4 bilhões de

.....
cristãos, 1,6 bilhão de muçulmanos e 13 milhões de judeus, mais da metade das pessoas que vivem atualmente. Porém ele não governou um império, não comandou um exército, não realizou milagres nem proclamou profecias. Ele é o supremo exemplo em toda a história de influência sem poder.

Por quê? Porque foi preparado para ser diferente. Como dizem os sábios, ele era chamado ha-ivri, "o hebreu", porque "todo o mundo estava de um lado e ele estava no outro."² Liderança, como todo líder sabe, pode ser solitária. Porém você continua a fazer aquilo que tem de fazer, porque sabe que a maioria nem sempre está certa e a sabedoria convencional nem sempre é sábia. Peixes mortos vão com a maré. Peixes vivos nadam contra a corrente. Assim é com consciência e coragem. Assim é com os filhos de Avraham. Eles estão preparados para desafiar os ídolos da época.

Após o Holocausto, alguns cientistas sociais ficaram assombrados com a pergunta de por que tantas pessoas foram preparadas, fosse por participação ativa ou consentimento silencioso, a seguir com um regime que elas sabiam estar cometendo um dos maiores crimes contra a humanidade.

Um experimento chave foi feito por Solomon Asch. Ele reuniu um grupo de pessoas, pedindo a elas que realizassem uma série de tarefas cognitivas simples. Deram a cada pessoa duas cartas, uma com uma linha, a outra com três linhas de comprimentos diferentes, e perguntaram qual era do mesmo tamanho da primeira.

Sem que um participante soubesse, todos os outros tinham sido instruídos por Asch a dar a resposta certa para as primeiras cartas, depois a errada para a maioria do restante. Em um número significativo de ocasiões a pessoa experimental deu uma resposta que sabia estar errada, porque todos os outros tinham feito assim. Tal é o poder da pressão de se conformar que pode nos levar a dizer aquilo que sabemos não ser verdadeiro.

Mais assustador ainda foi o experimento Stanford feito no início dos anos de 1970 por Philip Zimbardo. Os participantes recebiam ao acaso o papel de guardas ou prisioneiros numa prisão falsa. Em alguns dias os estudantes que agiam como guardas começaram a se comportar abusivamente, alguns deles sujeitando os "prisioneiros" a tortura psicológica.

Os estudantes colocados como prisioneiros toleravam isso passivamente, até ajudando os guardas contra aqueles que resistiam. O experimento terminou depois de seis dias, durante os quais até Zimbardo se viu entranhado na realidade artificial que tinha criado.

A pressão de conformar-se com papéis designados é forte o suficiente para levar as pessoas a fazerem aquilo que sabem estar errado.

É por isso que Avraham, no início de sua missão, foi ordenado a deixar "sua terra, seu local de nascimento e a casa de seu pai", para livrar-se da pressão de se conformar. Os líderes devem estar preparados para não seguirem o consenso. Um dos grandes escritores sobre liderança, Warren Bennis, escreve³: Quando atingimos a puberdade, o mundo nos moldou de uma maneira maior do que percebemos. Nossa família, amigos e a sociedade em geral nos disseram – pela palavra e pelo exemplo – como ser. Mas as pessoas começam a se tornar líderes naquele momento em que decidem por si mesmas como vão ser."

Um motivo pelo qual os judeus se tornam, fora de proporção com seus números, líderes em quase toda esfera do esforço humano é exatamente pela sua disposição de serem diferentes. No decorrer dos séculos, os judeus têm sido o exemplo mais gritante de como um grupo que se recusou a assimilar-se à cultura dominante ou converter-se à fé dominante. Uma outra descoberta de Solomon Asch vale a pena notar.

Se apenas uma outra pessoa estava disposta a apoiar o indivíduo que podia ver que os outros estavam dando a resposta errada, isso dava a ele a força para ir contra o consenso. É por isso que, apesar de seus números pequenos, os judeus criaram comunidades. É difícil liderar sozinho, mais difícil ainda liderar na companhia de outros, mesmo que você seja uma minoria.

O Judaísmo é a contravoz na conversa da raça humana. Como judeus, não seguimos a maioria meramente porque é a maioria. Era após era, século após século, os judeus estiveram preparados para fazer aquilo que o poeta Robert Frost imortalizou:

Duas estradas divergiram numa floresta, e eu,

Eu tomei a que era menos viajada, E aquilo fez toda a diferença.⁴

É isso que faz uma nação de líderes.

NOTAS

¹. Isaías 11:9

². Gênesis Rabbah 42:8

³. Warren Bennis, Sobre Tornar-se um Líder (Basic Books, 1989), 49

⁴. Robert Frost, A Estrada Não Usada, Birches, e Outros Poemas, 10.

Energia Criativa

D'us ordena a Avram que saia da sua terra, Ur Casdim, e da casa de seu pai, para Eretz Cnaan, e promete que fará dele um grande povo. Avram, sua mulher Sarai e seu sobrinho, Lot, seguem para lá. De lá, descem para o Egito devido à fome.

Durante a Guerra dos 4 Reis contra os 5, Lot, que tinha se separado de Avram, é preso e Avram o resgata, trazendo de volta suas possessões. D'us reitera a Avram sua promessa, apesar de ele ainda não ter tido filhos. Isto foi o "Brit bein habetarim", onde também é dito que sua descendência seria escravizada durante 400 anos no Egito, e depois redimida e trazida de volta para sua terra.

Sarai dá Hagar, sua serva, a Avram para este ter filhos, e nasce Ishmael. HaShem aparece a Avram quando ele tinha 99 anos, e muda seu nome para Avraham, e o de Sarai para Sarah, mais uma vez promete uma descendência numerosa a Avraham e ordena que ele e todos os seus descendentes façam a circuncisão. Finalmente, anuncia que Sarah terá um filho, e que

.....
seria por intermédio dele que as promessas se realizariam. Avraham faz circuncisão em si próprio e em Ishmael.

Mashiach para nos Redimir

Não existe nenhuma explicação para o atraso na chegada de Mashiach. Portanto, mesmo que haja falha no serviço a D'us de uma pessoa que esteja atrasando a Redenção, isso não diminui o fato de que, no todo, nosso serviço está completo e estamos prontos para a Redenção. Embora esses elementos particulares de cada um também deva ser completado, não invalida o serviço do povo judeu na sua totalidade. Pelo contrário, o fato de que, como um todo, estejamos preparados para a Redenção torna ainda mais fácil para cada um de nós completarmos nossos serviços individuais e fazê-los com alegria.

Lubavitcher Rebbe, 4 Marcheshvan, 5752-1991

D'us ordena a Avram que saia da sua terra, Ur Casdim, e da casa de seu pai, para Eretz Cnaan, e promete que fará dele um grande povo. Avram, sua mulher Sarai e seu sobrinho, Lot, seguem para lá. De lá, descem para o Egito devido à fome.

Durante a Guerra dos 4 Reis contra os 5, Lot, que tinha se separado de Avram, é preso e Avram o resgata, trazendo de volta suas possessões. D'us reitera a Avram sua promessa, apesar de ele ainda não ter tido filhos. Isto foi o "Brit bein habetarim", onde também é dito que sua descendência seria escravizada durante 400 anos no Egito, e depois redimida e trazida de volta para sua terra.

Sarai dá Hagar, sua serva, a Avram para este ter filhos, e nasce Ishmael. HaShem aparece a Avram quando ele tinha 99 anos, e muda seu nome para Avraham, e o de Sarai para Sarah, mais uma vez promete uma descendência numerosa a Avraham e ordena que ele e todos os seus descendentes façam a circuncisão. Finalmente, anuncia que Sarah terá um filho, e que seria por intermédio dele que as promessas se realizariam. Avraham faz circuncisão em si próprio e em Ishmael.

Obediência, a Maior Virtude de Avraham

No final da Parashá Noach é relatado o nascimento de Avraham e seu casamento. Em Lech Lechá D'us ordena Avraham a abandonar sua terra aos 75 anos.

A fé de Avraham em D'us foi provada por meio de dez testes, entre eles alguns que ocorreram muito antes dessa idade. Uma cena conhecida é a de Avraham quebrando os ídolos de seu pai e colocando a "arma do crime" nas mãos do ídolo maior.

Ao ser indagado por seu pai horrorizado sobre quem quebrou todos seus ídolos, ele aponta para o maior deles: "Foi ele!" E seu pai: "Impossível!" E Avraham, ainda pequeno, acrescenta: "Então por que rezam para ele?"

A Torá nos ensina que a grandeza de nosso patriarca, Avraham, não está no fato de ter sido sábio, inteligente, perspicaz ou corajoso mas sim de ter se tornado obediente às instruções de D'us.

A Torá documenta a ordem Divina: "Vai!" E ele foi sem pensar duas vezes mesmo sem saber por que e para onde. Depositou total confiança em D'us, Aquele que o orientaria em seu novo caminho.

A iniciativa própria de realizar ações positivas é elogiável, no entanto é mais importante obedecer D'us e colocar em prática Suas instruções (mandamentos).

E foi esse o maior mérito de Avraham, o pai do monoteísmo: conduzido por sua incessante busca na lógica da criação do mundo e dos homens, acreditou não ser obra do acaso, mas sim de uma força, uma energia superior e infinita.

O Rebe de Lubavitch friza que Lech Lecha nos ensina algo profundo: Lech (vá) Lechá (para dentro de você) e lá você encontrará forças para superar (sair): Meartsechá (da tua terra - suas tendências naturais), Mimoladtechá (do lugar onde nasceste - dos hábitos adquiridos no teu meio ambiente) Umibeit Avicha (da casa do teu pai - da educação que recebeu em seu lar).

D'us transmitiu a mensagem a Avraham e a revelou para nós de que a natureza, o ambiente (hábitos) e a educação, quando são negativos, devem ser superados para elevar-se e atingir o objetivo: El haarets asher arêca (chegar a Terra - que D'us lhe mostrará). Para obedecê-Lo e segui-Lo é necessário o auto-sacrifício de poder superar muitos preconceitos e pressões (internas e externas).

E esse é o objetivo de todo judeu: a capacidade de ligar-se a D'us acima de tudo. É dessa forma que temos sobrevivido. Com essa conexão constante interligando dois mundos, Aproximamos do final da rota que nos leva à terra que D'us nos legou e onde visualizaremos fisicamente o Terceiro Beit Hamicdash em Yerushalaim, e onde a profecia se concretizará em breve.

A Beleza é Verdadeira?

Por Arnie Gotfryd

Não sou um cabalista. Nem filósofo.

Se eu fosse, poderia falar sobre realidades sublimes como beleza e verdade em algo, abordando um jeito autoritário. Porém tudo que posso dominar são algumas poucas lições de vida e alguns vislumbres sobre a Torá.

Por exemplo: às vezes a verdade é feia.

Tome Avraham como exemplo. Eis aqui um homem que é herói para todos. Quem mais poderia ser adorado por cristãos, muçulmanos e judeus? Fundador do monoteísmo ético, anfitrião por excelência, educador, iconoclasta, desafiando os homens a se elevarem acima da própria mediocridade, porém desafiando D'us a descer de Sua excelência intransigente para nos valorizar por aquilo que somos.

Sim, Avraham foi lindo, porém não parou lá. Seu comprometimento foi muito além da sua bondade natural, muito além de sua natureza bondosa e sábia. Seu comprometimento foi supremo, e isso pode parecer assustador, bastante assustador.

O maior teste de Avraham, a amarração de Yitschac, não é o tipo de ação que se chamaria de sábia, nem bondosa, nem mesmo sana. Lembro-me de estudar a história da amarração de Yitschac com um brilhante erudito que acima de tudo amava a Torá. Porém essa história o incomodava, não, na verdade, o assombrava. "Ele estava errado! Não tinha o direito de fazer isso!" A história o deixava fora de si.

.....
Avraham construiu toda sua vida no sentido de promover D'us no mundo. Ele afastou o Oriente Médio da idolatria, ensinou as pessoas, alimentou-as, nutriu-as com fé no Criador onisciente, justo e benevolente. Foi um modelo vivo do D'us bom que ele pregava. E então o quê?

Então veio o grande teste: oferecer Yitschac como sacrifício. Algo que se parece bastante com isso: Cometa um assassinato. Mate um ser humano, Mate seu próprio filho. Seu único filho. O filho que você ama. O prometido futuro pai de milhões de filhos. Vá em frente. Faça de mim um mentiroso. Amarre-o e corte sua garganta. Observe-o sangrar até a morte. Destrua a sua vida, destrua a Minha reputação, e não pergunte por quê. Apenas faça isso.

Ahhh, você poderia lembrar, recue. Não foi tão ruim. No último instante, D'us disse: "Pare." Ele apenas queria a oferta, não o ato. Sim, D'us era lindo, mas Avraham não queria parar ali. "Deixe-me tirar apenas uma gota de sangue." Avraham queria servir em verdade, com suprema verdade. E isso não é bonito.

Mas então mais uma vez, não sou filósofo, nem cabalista.

Se eu fosse, poderia ver a beleza dentro da feiúra, a verdade dentro da mentira. Mas adivinhe só. Tudo que sei é "D'us assim o disse." E na verdade, isso basta, porque ironicamente, viver em verdade com D'us É lindo, quer entendamos ou não.

Por Arnie Gotfryd

Dr. Aryeh Gotfryd, PhD, é judeu chassídico e cientista ambiental, tendo recebido o primeiro Doutorado do Canadá em Ecologia Aplicada. Ele projetou e deu um curso famoso e premiado intitulado "Fé e Ciência" que tem sido o mais popular oferecido na Universidade de Toronto durante muitos anos. Ele escreve e fala extensamente sobre a conexão entre ciência e fé, e sobre o que tudo isso significa para o indivíduo e ao mundo em geral.

Um Passo Que Mudou o Universo

Lech Lechá – A Maior de Todas as Jornadas

Por Simon Jacobson

A jornada de Avraham relatada na porção semanal da Torá mudou o mundo para sempre. Se Avraham não tivesse embarcado em sua odisseia rumo à "terra que Eu te mostrarei". não teríamos uma "Terra Prometida", não teríamos um povo judeu, não teríamos o Sinai, não haveria Judaísmo, Cristianismo, Islã e (segundo alguns), Hinduísmo e Budismo e outras disciplinas orientais. não teríamos os princípios declarados nos Dez Mandamentos, que definem os direitos humanos básicos que se tornaram a base de nossas modernas democracias.

Imagine: uma jornada solitária feita por um homem (acompanhado por um pequeno grupo de pessoas), feita há 3747 anos, mudou todo o curso da história!

Há mais de 4 décadas o homem pela primeira vez pousou na lua: se o "pequeno passo para o homem" de Neil Armstrong foi "um salto gigante para a humanidade", como poderíamos definir as implicações do passo de Avraham deixando Charan a caminho de Canaã?

Em 1972, quando o Presidente Nixon fez sua histórica viagem à China, reabrindo relações com aquele país fechado, os

jornalistas ocidentais tiveram sua primeira oportunidade de conversar com líderes chineses. Quando perguntaram ao líder Zhou Enlai sobre o impacto das Revoluções Francesa e Americana, ele disse; "É muito cedo para dizer..."

Nossa perspectiva míope muitas vezes exagera o impacto dos eventos imediatos ocorrendo à nossa volta. Ninguém questiona o pouso sem precedentes na lua, ou a viagem de Colombo ao Novo Mundo, ou outros grandes passos dados pelo homem no decorrer da história. Porém o maior deles todos – aquele que teve o maior e mais forte impacto sobre a história – foi a jornada de Avraham.

O que houve nessa jornada para ter tamanha potência? O que podemos aprender com Avraham sobre as nossas jornadas de hoje? Como podemos ter certeza de que nossas expedições deixam uma marca positiva indelével sobre nossos filhos e nas gerações que virão?

A viagem de Avraham foi muito mais que uma excursão geográfica. Foi uma transição da nossas zonas de conforto de auto-concentração para as alturas maiores da transcendência; uma jornada do mortal até o imortal. Avraham viveu num mundo absorvido em profundo auto-interesse (isso lhe parece familiar?) – um mundo pagão que era consumido pela própria maneira de fazer as coisas. Nada de novo – à maneira da carne, a inclinação natural do homem é servir a si mesmo.

Avraham abriu um novo caminho. Resistindo a todas as pressões – rejeitando todas as influências de sua vida, família, cultura e comunidade – ele procurou algo verdadeiro e eterno, algo que transcende os caprichos subjetivos do homem e as forças transitórias da natureza. Um homem solitário lançado contra um mundo inteiro. Avraham descobriu a única verdadeira certeza na vida: a única certeza na vida é o compromisso absoluto com seu chamado Divino, para a missão para a qual você foi o único escolhido.

O chamado de D'us a Avraham – "Lech Lecha" – "Deixa a tua terra, teu local de nascimento, a casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrarei" – é a essência do chamado do homem sobre a terra: deixar suas influências instintivas e subjetivas, afastar-se de sua natureza e seus hábitos, transcender o preconceito do ego, libertar-se das pressões sociais – para ir além do próprio ser, seu ser genético e condicionado, e atingir a grandeza.

Avraham foi o primeiro a fazer a jornada. Porém não foi o último.

O chamado "Lech Lecha" ressoa através da história enquanto convoca cada um de nós: você levará uma vida impulsionada por interesses existenciais, ou uma vida aspirando transcendência?

A cada momento de nossas vidas, em cada encontro que temos, há duas escolhas: ser medíocre ou ser grande. Você seguirá suas necessidades egoístas e imediatas, ou vai transcender seu ser natural e ir além de si mesmo – para a sua essência, para quem você realmente é? Para você será suficiente ficar nos confins das forças que o moldaram, ou você pretende ir além do seu ser?

À medida que cada um de nós passa pela jornada da vida, chegamos a uma encruzilhada na rodovia e enfrentamos muitas vezes essa questão. Ler a história de Avraham pode ser uma tremenda inspiração. A história de nosso pai Avraham é a nossa história. Ele é o "pai de todas as nações" – o primeiro homem a descobrir a transcendência – e nos ensina que a única reação

.....
verdadeira às dúvidas e à confusão é abraçar nosso chamado imutável.

Avraham começou a jornada há 3747 anos (Lech Lecha ocorreu no 75º aniversário de Avraham); somos levados a concluí-la. Lech lecha é o chamado imortal a Avraham para empreender uma jornada que desafiaria a própria natureza da existência – atingir céu e além, e trazê-lo de volta para a terra.

No espírito de Avraham, eis aqui uma humilde sugestão: vamos todos pensar e então anotar qual a jornada que estamos adotando em nossa vida? Estamos encurralados em nossas zonas de conforto? Que temores e incertezas nos mantêm paralisados? E então pergunte a si mesmo: qual é a coisa mais certa em sua vida? O que você sabe é real com certeza absoluta e incondicional?

Se não pode encontrar a resposta, comece olhando agora. Ouça o chamado “Lech Lecha” e inicie sua jornada. Se você tem a resposta, acalente-a e apegue-se a ela com cada fibra do seu ser – e acima de tudo, faça jus a ela.

Toda experiência em nossas vidas nos oferece a oportunidade de atingir a grandeza. Você vai chegar a essa ocasião?

Assim como foi prometido a Avraham quando ele embarcou em sua jornada, também recebemos a promessa na nossa: “Eu farei de ti uma grande nação. Eu te abençoarei e te farei grande, e te tornarás uma bênção. Eu abençoarei aqueles... todas as famílias da terra serão abençoadas através de ti.”

E se a parte cética em você se pergunta se vai ser abençoado dessa maneira, considere isto: Esta bênção foi concedida a Avraham há 3747 anos, e nos milênios que se seguiram desde então até agora, vimos sua concretização – apesar de todas as dificuldades.

Alguém pode duvidar que a mesma bênção pode ser cumprida hoje em nossas jornadas?

Por Simon Jacobson

Rabino Simon Jacobson é autor do campeão de vendas *Rumo a Uma Vida Significativa: A Sabedoria do Rebe* (William Morrow, 1995), e fundador e diretor do *Meaningful Life Center*.

Você é Conformista?

O Primeiro Mandamento: Saia da Sua Zona de Conforto

Por Simon Jacobson

Ah, as zonas de conforto. Como precisamos de nossas zonas de conforto. Como somos incomodados quando nossas zonas de conforto são perturbadas.

Tente tirar alguém da sua zona de conforto. Você acha que pode ter algum sucesso?

A história de Avraham na porção dessa semana da Torá nos dá muito para pensar sobre zonas de conforto, liberdade, conformidade, subjetividade, dogma religioso e mais assuntos “triviais” como esses.

Acabo de ler um livro interessante por Stephanie Levine, *Mystics, Mavericks and Merrymakers: Uma Jornada Íntima Entre Moças Chassídicas*. É essencialmente um estudo sobre as adolescentes Lubavitch em Crown Heights, apresentando a questão: O que acontece à individualidade e à voz independente de uma moça crescendo numa comunidade judaica ultra-ortodoxa caracterizada por suas rígidas regulamentações?

O estereótipo comum é que qualquer voz pessoal é reprimida numa sociedade religiosa inflexível. Foi com essa atitude que a autora abordou o assunto à medida que começava sua pesquisa para o livro. Você pode se surpreender com suas conclusões depois que ela passou mais de um ano como “observadora participante” morando em Crown Heights, saindo com as moças e entrevistando-as.

Ela basicamente concluiu que a verdade é exatamente o oposto: as moças nessa comunidade eram mais livres, mais auto-realizadas, mais expressivas e mais em contato com a voz de suas almas do que suas colegas no mundo secular.

De maneira alguma o livro retrata m quadro perfeitamente róseo. Porém, achei fascinante que a autora pudesse perceber e apreciar o livre espírito das meninas (um feito raro hoje, de fato, com toda a percepção negativa associada com qualquer coisa que seja ortodoxa). Porém, ainda mais interessante, é sua análise para os motivos por trás desse aparente paradoxo.

Jonathan Mahler, autor do artigo da revista New York Times, *Esperando pelo Messias de Eastern Parkway* (NYT Magazine, 21 de setembro de 2003), deveria ler este livro. O artigo linear e simplista de Mahler perde toda a complexidade e espiritualidade diversa que Levine capta em seu livro. Aqui há um enigma, se me permite: Se alguém escolhe, sem pressão externa, seguir um caminho que já foi trilhado, esta pessoa é conformista?

E quanto a alguém que se subjugue à pura pressão de uma sociedade de espírito livre – ele é ou não um conformista?

A resposta obviamente está em entender o significado de conformismo e liberdade.

Permita-me dizer que apesar da noção popular sobre obediência religiosa, conformidade nada tem a ver com as opções que fazemos; é tudo sobre as razões que nos obrigam a fazer essas opções. Em outras palavras, não se trata da atividade em que escolhemos nos envolver (a “cheftza” no jargão talmúdico) mas sobre a pessoa (a “gavra”).

É como a liberdade. O que é liberdade? Muitas pessoas diriam que liberdade significa fazer aquilo que se gosta. Porém esta é uma definição muito simplista. Há muito poucas pessoas que são indulgentes em fazer tudo aquilo que desejam e não necessariamente se sentem livres. Existem outras que não fazem tudo aquilo que lhes agrada, e sentem-se inteiramente livres.

Liberdade não é *aquilo* que você está fazendo, mas *por que* está fazendo. Liberdade significa que seja o que for que você faz, isso não é imposto sobre você, vindo de fora, mas é uma escolha sua, interior. Correr a vida toda experimentando tudo de todas as maneiras não significa necessariamente que você é livre. Você pode estar fugindo do medo, até do pânico, apavorado por não estar presa em um lugar (“perigoso”) por muito tempo.

Por outro lado, você pode escolher sentar-se e meditar num

.....
canto durante um dia inteiro, e ser completamente livre – porque você fez esta opção sem qualquer imposição externa ou interna.

Agora, voltemos ao dilema. Escolher um determinado caminho em si não determina se a pessoa que faz a escolha é livre. Porque a liberdade não é sobre o caminho que você escolhe, mas *por que* o escolhe. Se o caminho que você escolhe é devido à imposição, então se torna o *seu* caminho. Da mesma forma, seria absurdo dizer que um músico que “toca de acordo com a partitura” de notas musicais está se conformando a uma estrutura existente. Na verdade, um músico que, em nome da não-conformidade, se recusasse a usar as notas musicais que outros antes dele usaram, seria considerado insano.

E isso, inevitavelmente, também levará a um ponto ainda mais importante. A pessoa livre não se contentará apenas em percorrer a mesma trilha que outros percorreram antes dela, mas acrescentará seu traço particular, sua contribuição única. Não diferente de um verdadeiro músico que tocará as mesmas notas, até a mesma peça de música (composição), com seu toque único.

OK, eu sei que alguns poderiam argumentar que toda escolha que fazemos em última análise é resultado de muitos fatores que subjetivamente têm moldado nossas vidas. Até o próprio livre arbítrio pode ser discutido. Como escreve um cínico: Devemos acreditar no livre arbítrio; não temos escolha.

Apesar disso, existe uma distinção muito forte entre comportamento impulsionado pela imposição e aquele que vem de um conflito interior que leva a uma opção individual e o compromisso de seguir um determinado caminho. Um conformista é aquele que se comporta de certa maneira porque esta é a maneira de os outros se comportarem. Muitas vezes é alguém que não deseja “balançar o barco” e gosta da zona de conforto da estrada convencional (a estrada *mais* viajada).

Às vezes pode ser por pressão, medo de ser diferente, aceitação e coisas desse tipo. Uma pessoa livre não é impulsionada pelo medo, rivalidade (ou outra forma de pressão), mas pela sincera busca da verdade. Representada por Avraham, como Maimônides o define: “Comprometido com a verdade porque ela é verdadeira”.

É disso que trata Lech Lechá. Avraham é ordenado a deixar seu passado para trás – sair da sua zona de conforto – todas as influências subjetivas de sua “terra”, “local de nascimento” e “casa dos pais”. Liberte-se da pressão e das influências de seu amor próprio subjetivo, de sua sociedade e de seus pais – e começará a encontrar a si mesmo, seu verdadeiro eu.

Veja Avraham, o primeiro e último revolucionário. Ele cresceu num lar e sociedade privilegiados, e mesmo assim escolheu rejeitar tudo na busca pela verdade. Avraham é até mesmo chamado de “Ivri”, da expressão “m’aiver há’nahar”, o outro lado do rio, porque Avraham desafiou o mundo inteiro no qual ele vivia. Enquanto todos ficavam de um lado do rio, ele atravessou e ficou do outro lado.

Obviamente você pode vencer sua rebelião a algum impulso genético interior, e talvez a necessidade de deixar sua marca no universo. Porém a questão indiscutível por baixo disso seja: Avraham não fez suas escolhas devido a forças externas – familiares ou sociais – impondo-se a ele. Avraham escolheu independentemente começar uma nova jornada, nunca antes feita, e o mundo então nunca mais foi o mesmo.

Reconhecer a não-conformidade de Avraham foi relativamente fácil. Ele simplesmente não era o produto de qualquer comunidade – nem mesmo de rebeldes. Hoje, porém, não é tão fácil discernir uma voz realmente independente em meio a todas as culturas existentes. Se alguém, por exemplo, escolhesse seguir o caminho de Avraham, juntar-se à sua comunidade e viver pelos padrões de Avraham, o argumento pode ser feito que essa pessoa está se conformando a um caminho batido pelo tempo.

Mas, na verdade o conformismo não é tanto sobre as escolhas que você faz quanto é sobre aquilo que o leva a fazer essas escolhas. Avraham dá a cada um de nós o poder de sermos não-conformistas – de tocar as mesmas notas musicais que foram tocadas antes, mas de maneiras completamente diferentes.

Certa vez compartilhei de uma situação jocosa com o escritor Chaim Potok. Em sua palestra numa noite de sexta-feira ele contou a história de sua vida. Tendo sido criado num lar judaico tradicional, seus pais esperavam que se tornasse um professor de Talmud. Em vez disso, para desgosto deles, ele se tornou escritor. Durante seu trabalho na Coreia, ele começou a questionar sua fé.

Os conflitos pessoais de Potok se tornaram o tema de seus livros, começando com O Escolhido. Nos anos de 1970, continuou Potok, ele foi convidado a ver o Rebe de Lubavitch, mas recusou. “Eu não queria perder minha objetividade,” explicou Potok. “Se eu tivesse conhecido o Rebe pessoalmente, num encontro face a face, tinha medo de que sua presença formidável teria mudado minhas opiniões.” Em vez disso, ele comprometeu-se e foi a um dos farbrenguens públicos do Rebe.

Sentado na plateia, fui envolvido pelos comentários de Potok. Quando ele fez perguntas após a palestra, levantei-me e perguntei: “Dr. Potok, se fosse convidado por D’us a ir ao Monte Sinai, recusaria o convite temendo perder sua objetividade?”

Potok e sua mulher, ao que me consta, ficaram compreensivelmente ofendidos pela minha pergunta. Depois que eles deixaram escapar algumas palavras que não consegui entender, Potok disse que, caso o Rebe lhe tivesse ordenado que fosse vê-lo, ele teria ido. “Claramente, o Rebe não desejava se impor a mim,” especulou Potok. “Resposta muito fraca,” pensei, mas deixei a coisa por aí. (Só para registrar, mais tarde desculpei-me com Potok no caso de eu ter dito algo inconveniente).

No dia seguinte, Shabat, era a minha vez de fazer a palestra. Decidi abordar o tema da objetividade que Potok tinha iniciado na noite anterior. Em resumo, eis aqui o que eu disse:

“Dr. Potok, o senhor teve medo de conhecer o Rebe por ter medo de perder a sua objetividade. Devo admitir que eu não tive este medo, conheci o Rebe, e talvez tenha perdido minha objetividade. Eu, no entanto, devo ter um ‘yetser hará’ muito mais forte que o do Dr. Potok.

Porque mesmo após conhecer o Rebe, ainda mantive meu livre arbítrio e D’us sabe como não tenho ficado livre da iniquidade. Portanto talvez eu não tenha perdido a minha objetividade, afinal. Portanto reitero ao Dr. Potok por sentir que se ele tivesse conhecido o Rebe, teria perdido sua liberdade e objetividade, e talvez jamais transgredisse novamente.

“Mas vou dizer isto: o Dr. Potok é mais objetivo que eu porque ele não se permitiu abrir-se para determinadas influências fortes? Essa não é apenas mais uma forma de preconceito? Ao escolher

.....
não ler certos livros ou ouvir música por medo que possam nos afetar ou influenciar tornamo-nos mais ou menos objetivos? Todos temos nossas experiências subjetivas e motivos para fazer nossas escolhas, e tudo na vida pode nos influenciar, e o faz.

“A objetividade não é determinada por quem você conhece e aquilo que você vivencia, não é sobre quais influências o afetaram ou para quais locais você viajou. Trata-se do que *você faz* com aquelas influências. Como você permite que elas informem e eduquem você. Como as usa para transcender sua natureza subjetiva e gerar energia objetiva.”

Nem todo revolucionário é um espírito livre e nem todos que vivem por regras definidas são conformistas. É claro que há conformistas no mundo religioso e há espíritos livres no mundo secular. Porém o oposto é igualmente verdadeiro.

Na verdade, Avraham nos desafia a todos fazermos a pergunta: Não faria sentido dizer que você é mais livre e pode expressar melhor seu eu mais verdadeiro quando se alinha com os parâmetros Divinos (aquilo que alguns chamam de “regras”) da existência?

Senão vejamos: Exercitar-se todos os dias exige esforço e disciplina para seguir certas regras rígidas. Porém, ao fazê-lo alinhamos nosso corpo com seus ritmos naturais e portanto permitimos que trabalhe com o máximo de sua capacidade. Para aperfeiçoar sua arte um artista precisa de horas de treinamento e disciplina, e deve seguir uma estrutura musical definida. Porém é exatamente esta disciplina rígida que lhe permite desempenhar com o padrão mais alto de excelência.

Assim também na nossa vida psico/espiritual: A verdadeira liberdade é atingida quando se descobre o ser interior, permitindo que seus ritmos se expressem por si mesmos, sem imposição de qualquer força fora da sua verdadeira essência própria.

Para conquistar essa auto-descoberta e a liberdade, o mais importante e mais primordial que você pode fazer é Lech Lechá: saia das suas zonas de conforto!

As zonas de conforto podem ser mais confortáveis. Porém jamais trazem crescimento. Sim, há um tempo para nutrir, para estar num local, num lar, onde podemos nos sentir confortáveis para explorar, para apenas ser. Porém o verdadeiro desafio – e verdadeiro crescimento – começa quando deixamos nossas zonas de conforto, quando saímos e precisamos iniciar e criar por conta própria.

Pense sobre sua própria vida: Quando você realizou mais? Enquanto ainda estava em casa, sustentado pelos seus pais, ou quando se afastou de casa pela primeira vez?

O primeiro mandamento a Avraham ressoa pela história, sua voz falando a cada um de nós: Você deseja encontrar seu verdadeiro eu, deseja atingir seu potencial máximo, ser o melhor que puder – primeiro precisa deixar suas zonas de conforto, suas atitudes preconceituosas, seus contextos anteriores, seus padrões antigos. Abra-se para uma nova perspectiva, viaje em novas estradas, levante seus olhos e contemple novas paisagens.

Onde quer que você esteja na vida, se não tem manuais absolutos que dirigem sua vida, ou se vive segundo leis fixas que regulam cada aspecto do seu dia, cada um de nós tem a obrigação de Lech Lechá: sair de nossos hábitos confortáveis, deixar de conformar-se com o passado.

Lech Lechá não é apenas sobre deixar um passado negativo ou um mau hábito; a armadilha do conformismo inclui conformar-se com velhos padrões, até mesmo os saudáveis! Até mesmo alguém que segue cada vírgula de Torá e mitsvot é advertido a não cair na armadilha do comportamento mecânico, e sempre as mesmas mitsvot de cor.

“Bechol yom yi'hiyu bi'aynehcho ka'chdosim,” todo dia você deve ver e experimentar uma mitsvá nova, com fresca vitalidade. Todo relacionamento, especialmente com D'us, deve ser dinâmico e vivo.

O Talmud nos diz que se a pessoa revisa seus estudos 100 vezes por hábito, é considerado como se não tivesse servido a D'us porque esta é sua rotina convencional. Quando ele revisa seus estudos 101 vezes, torna-se m verdadeiro servidor Divino (“oved elokim”); aquela vez adicional demonstra que ele cresceu além da sua zona de conforto anterior.

O chamado de Lech Lechá – deixa teu passado – ressoa hoje talvez mais do que nunca. Com que frequência nos sentimos presos em nossas vidas? Com o ritmo estonteante da vida moderna, a tecnologia acelerada elevando continuamente nosso padrão de vida, nossas zonas de conforto continuam a se alargar, trazendo com isso uma profunda complacência. Se você deseja mudar sua vida – e quem não quer? Lech Lechá é a resposta.

Você deve balançar sua vida. Tudo bem, balançar pode parecer muito forte. Vamos chamar de “mudar”. Você quer mudar, quer crescer, quer movimento, quer liberdade – deve mudar sua vida para novas arenas. Portanto nesse semana de Lech Lechá, vamos nos balançar, sacudir uns aos outros, tirar o mundo de sua sonolência. Durante esta semana temos o poder especial de parar de sermos conformistas e nos tornar revolucionários.

As Chaves Que Revelam O Pacto Divino

Uma visão mais profunda

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh

Todo mundo gostaria de imitar D'us e ser capaz de influenciar a Providência Divina. As chaves para essas duas elevadas aspirações estão escondidas na Parashá dessa semana. Nessa apresentação, o Rabino Ginsburgh discute os dois pactos entre D'us e Avraham e seus descendentes. Quando aplicarmos o sentido oculto desses pactos em nossas vidas, mereceremos dar a D'us a verdadeira alegria e prazer em Sua criação.

Dois Pactos

A principal imagem na porção semanal da Torá Lech Lecha é a dos dois pactos que D'us faz com Avraham. Um pacto é um ato “supra-racional” de conexão. É um acordo no qual as partes serão fiéis e se perdoarão um ao outro não importando por quê – mesmo quando, no plano racional, uma das partes se comporte de forma negativa.

Nesta porção da Torá, D'us primeiro faz o pacto com Avraham pelo qual Ele lhe dará a Terra de Israel. O segundo pacto é o da circuncisão.

O “Pacto das Partes”

.....
Em tempos antigos, um método comum de fazer um pacto era o de cortar um animal em pedaços e fazer com que ambos parceiros andassem entre eles. No primeiro pacto, chamado “Pacto das Partes”, Avraham anda através das partes de animal que ele cortou, juntamente com a Chama Divina enviada para este fim. Este pacto foi a promessa de D’us a Avraham para dar a Terra de Israel a ele e aos seus descendentes.

O Pacto da Circuncisão

No segundo pacto, D’us ordena a Avraham para que ele circuncidasse a si próprio e a todos seus descendentes. Nossos Sábios explicam que o pacto da circuncisão é o pacto no qual D’us escolhe o corpo Judeu para se tornar único em sua santidade.

As mulheres judias já são espiritualmente circuncidadas, não sendo necessário nenhum ato físico. Quando D’us fez este pacto com Avraham, ele mudou seu nome de Avram para Avraham e o de sua mulher Sarai para Sarah. Tanto Avraham quanto Sarah passaram a integrar o pacto da circuncisão simultaneamente.

O Singular e o Um Perfeito

Avraham é o primeiro judeu e o primeiro crente. D’us refere-se a ele como “um”. Avraham, o “um”, é a pessoa com quem D’us escolhe fazer dois pactos que são objetos de um e sua perfeição:

No “Pacto das Partes”, a palavra “pacto” aparece somente uma vez. A essência deste pacto é singular. É o ponto da unicidade da Terra de Israel.

No Pacto da Circuncisão, a palavra “pacto” aparece treze vezes. O valor numérico da palavra hebraica para “um”, echad, é 13. Treze é a expressão completa de 1.

O pacto da circuncisão traz a singular questão do pacto da Terra de Israel à sua completa e perfeita expressão na carne santificada do Judeu.

Números do Pacto

Além dos dois pactos que D’us fez com Avraham, a palavra “pacto” também aparece na Torá em relação a Noach e em relação à própria Torá.

Em relação a Noach, “pacto” aparece sete vezes, correspondendo aos sete mandamentos que D’us deu a Noach e seus descendentes. Isto não é um pacto pessoal com Noach, mas um pacto entre D’us e sua Criação na qual D’us promete nunca mais destruí-la novamente.

A palavra “pacto” aparece em conjunção com a Torá três vezes. Nossos Sábios concluem que por que a palavra “pacto” aparece somente três vezes em conjunção com a Torá e treze vezes em conjunção com a circuncisão, existe alguma coisa sobre a circuncisão que é mais essencial ao judeu que o estudo da Torá.

O número de vezes que a palavra “pacto” aparece em cada contexto forma uma importante série quadrática denominada “números do pacto”. Eles aparecem com frequência desproporcional nas unidades da Torá sobre os pactos.

Os “números do pacto” são:

- 1 (pacto da Terra de Israel))
- 3 (Torá))
- 7 (Noach))
- 13 (circuncisão))

A fórmula dessa série é “n ao quadrado mais n mais 1”. Os próximos números nessa série são 21, 31, 43, etc.

Os Pactos do Corte

Em oposição aos outros pactos na Torá, os dois pactos que D’us fez com Avraham ambos envolveram cortes. A palavra para “partes” no Pacto das Partes, betarim, é uma permutação da palavra para “pacto”, brit.

A simples diferença entre os dois tipos de cortes nesses pactos é a de que, no Pacto das Partes, alguma coisa é separada pelo corte para que possa ser usada de uma maneira diferente. No pacto da circuncisão, uma energia negativa, profana, que esconde o fato de que este corpo é escolhido é cortada fora deste corpo e desprezada.

O Caminho para a Herança da Terra de Israel

As partes que Avraham cortou no pacto da Terra de Israel devem ser vividas em nossa psique como as fronteiras de Israel. Nós andamos através dessas partes com D’us e elas definem nossa presença na Terra de Israel. A Terra de Israel foi dividida nas porções das tribos e, em nossos dias, em cidades. Cada pedaço é importante e indispensável. A Terra de Israel é como um corpo. Cada pedaço é um membro deste corpo.

As estradas que conectam as partes de Israel são como vasos sanguíneos que conectam os membros ao corpo. Sangue é a essência da alma e a alma é uma parte de D’us. Sempre que viajamos pelas estradas de Israel, estamos, de um certo modo, passando como Avraham através das partes da Terra de Israel com D’us e recebendo nossa herança na Terra de Israel. É por isso que nos é ensinado que é uma mitsvá (“ação positiva”) para um judeu andar quatro cúbitos (cerca de dois metros) na Terra de Israel.

A Idade Perfeita

Na Torá, aprendemos que Avraham obedeceu à ordem de D’us de se estabelecer na Terra de Israel quando tinha 75 anos de idade. Nossos Sábios ensinam que Avraham já tinha estado em Israel cinco anos antes desta ordem, aos 70 anos de idade, quando ele entrou no Pacto da Terra de Israel com D’us. Avraham tinha 99 anos de idade quando entrou no pacto da circuncisão. A soma de 70 e 99 é 169, que é um quadrado perfeito, representando a perfeição de dois números que se complementam um ao outro e produzem um fenômeno perfeito. Significativamente, 169 é o quadrado de 13, o valor de echad, “um”, como já explicado.

A Perspectiva Diagonal

Existe um fenômeno ainda mais profundo refletido pelas idades de Avraham ao entrar nos dois pactos. Quando trabalhamos com números naturais, sabemos que “2a ao quadrado” nunca pode ser igual ao “quadrado de b”. Isto porque a “raiz quadrada de 2” não é um número racional.

O mais próximo que podemos chegar ao segredo da “raiz quadrada de 2” é quando “2a ao quadrado” é “quadrado de b ±

.....
1". Este raro fenômeno matemático ocorre com os quadrados das idades de Avraham. O quadrado de 70 é 4900. O quadrado de 99 é 9801. 9801 é "2 vezes 70 ao quadrado mais 1". Este fenômeno, o segredo da raiz quadrada de 2, é o segredo da diagonal do quadrado.

Na Cabalá e na Chassidut, aprendemos que a diagonal é um ângulo de 45 graus da percepção sobre a realidade. Existe um profundo significado no fato desta percepção diagonal da realidade ser refletida nos dois pactos fundamentais – herança da Terra de Israel e remoção das energias negativas – (especialmente desejos sexuais negativos) – que D'us realizou através do primeiro Judeu.

Caminhando com D'us

Quando atravessamos as estradas da Terra de Israel, estamos andando através das partes da Terra de Israel com D'us. Em nosso serviço, o pacto da Terra de Israel é a habilidade da alma judia imitar a D'us. O 612º (o valor numérico de brit, "pacto") mandamento da Torá é (Deuteronômio 28:9):

V'halachta bidrachav - "E andarás em Suas trilhas"

Nossos Sábios explicam que andar nas trilhas de D'us é imitar suas características – do mesmo modo como ele é misericordioso, paciente, forte, etc., devemos nos empenhar para sermos assim também. Esta consciência é proclamada na conscientização de que D'us nos deu a Terra de Israel e de que nós andamos junto com Ele.

Caminhando Perante D'us

Em nosso serviço a D'us, o pacto da circuncisão é a capacidade da alma judia de andar perante D'us. Quando D'us apresenta o pacto da circuncisão para Avraham, Ele diz (Gênesis 17:1):

"Anda diante de Mim e seja perfeito"

Andar perante D'us é a capacidade do judeu de influenciar a Divina Providência. Isto é a habilidade de iniciar e inovar novas revelações da Torá e expandir boas notícias no mundo. Avraham primeiro andou paralelamente a D'us em sua emulação a Ele. Em seguida andou perante D'us, precedendo-O. Uma pessoa pode preceder a D'us somente se seu corpo é perfeito, sem o prepúcio. Então, não somente sua alma é uma parte de D'us, mas seu corpo é uma parte santificada de D'us. Neste estado, ele pode iniciar Providência e revelação no mundo.

Aprendemos que um tsadic, justo, uma pessoa perfeitamente correta, pode fazer um decreto que D'us atenda e, alternativamente, pode anular um decreto feito por D'us. O desejo mais profundo de Hashem é o de que Suas crianças ascendam a um nível santificado no qual eles possam direcionar a Providência Divina. Esta é a real alegria e prazer que D'us recebe ao criar e escolher o Povo Judeu.

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh

Rabino Yitzchak Ginsburg é fundador e diretor do Instituto Gal Einai: Instituto de Estudo Interdisciplinar Avançado de Torá, Arte e Ciências. Renomado explicador de Cabalá e Chassidut, Rabino Ginsburg escreveu mais de quarenta livros esclarecendo tópicos de Torá como psicologia, medicina, política, matemática e relacionamentos.

Transcendendo a Si Mesmo Por Yosef Y. Jacobson

Um homem grande e corpulento visitou a casa do rabino e pediu para ver a Rebetsin, a esposa do rabino, pessoa conhecida pelos seus numerosos atos de caridade.

"Rebetsin," disse ele numa voz alquebrada, "gostaria de chamar sua atenção para o terrível sofrimento de uma pobre família neste bairro. O pai está morto, a mãe doente demais para trabalhar, e os nove filhos estão passando fome. Eles estão a ponto de ser jogados na rua gelada, a menos que alguém lhes pague o aluguel, que totaliza \$6.000."

"Que terrível!" exclamou a esposa do rabino, "Posso perguntar quem é o senhor?"

O simpático visitante levou um lenço aos olhos. "Sou o proprietário da casa," soluçou ele.

Uma Imagem

Quando eu era criança, li certa vez um capítulo de um diário e aquilo me comoveu profundamente:

Rabi Yosef Yitschak Schneersohn, o sexto Rebe de Lubavitch (1880-1950), descreve em seu diário como seu pai, Rabi Shalom DovBer, o quinto Rebe de Lubavitch (1870-1920), costumava ler a porção Lech Lecha da Torá (a terceira porção do Livro de Bereshit) todo ano na tarde da sexta-feira, antes do Shabat. (Este é um antigo costume judaico, revisar a porção semanal da Torá às sextas-feiras).

O Rebe relatou que quando seu pai recitava as palavras iniciais da porção, "Lech Lecha Maartzecha", "duas lágrimas enormes rolavam em sua santa face".

"Lech Lecha Maartzecha" são as palavras hebraicas expressando a instrução de D'us a Avraham, "Deixa tua terra, teu local de nascimento e a casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei." Todo ano, ao relembrar essas palavras, os olhos do Rebe se enchiam de lágrimas.

Mas o que ele via neste versículo que derretia seu coração? O que havia nessa mensagem que o comovia tão profundamente?

Captando o Drama

Essa breve instrução a Avraham – a primeira comunicação de D'us ao pai do Judaísmo – capta a essência, mistério e destino de 4.000 anos de História Judaica, uma história embebida em tanta coragem, sangue, lágrimas e triunfo.

O que é ser judeu? Qual é o supremo significado da existência judaica? Qual é o chamado para o judeu?

É a resposta a um chamado: "Deixa tua terra, teu local de nascimento e a casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei." Saia de si mesmo e torne-se Meu.

O Judaísmo, em seu verdadeiro significado, é sobre criar a mudança em um paradigma – do auto-centralizado para o centralizado em D'us; da minha terra para a terra que me é mostrada.

.....
Há 3.700 anos, um ser humano sozinho, sofisticado e refinado, ouviu um chamado. Esta não era meramente uma instrução sobre geografia, uma exigência de trocar de casas; era um convite para uma mudança existencial. "Saia de si mesmo. Afaste-se da sua perspectiva, e comece a ver as coisas sob a Minha perspectiva. Pare de viver segundo seus hábitos e inclinações, e comece a viver conforme a Minha vontade."

Para alguém que nunca ouviu o chamado, isso parece loucura. Porém Avraham e seus descendentes ouviram um chamado, e não poderiam ficar indiferentes. Traí-lo seria o mesmo que uma alma sensível recusar-se a se comover por um poema triste ou por uma peça de música.

Quando Avraham ficou consciente da presença viva de D'us, não havia como voltar. Ele poderia negar tudo se quisesse, mas sabia que a vida sem isso seria muito mais vazia e superficial. Rejeitar o chamado teria sido o mesmo que ser leal à exigência de provas de laboratório, mas teria sido às custas de trair a parte mais profunda de si mesmo.

Há quase 4 mil anos, o chamado ainda nos convoca: "Deixa a tua terra, teu local de nascimento e a casa de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei."

Saia de si mesmo e comprometa-se com aquilo que D'us deseja de você. Permita que sua vida seja conectada a raios de verdades maiores que o seu ego.

Podemos ouvir o chamado? Sabemos como responder?

Independência Moral

Você acredita que pessoas basicamente boas, mentalmente saudáveis poderiam matar seres humanos inocentes?

O filme "Obediência" documenta uma experiência arrepiante feita na Universidade de Yale há alguns anos pelo Dr. Stanley Milgram. Mostra um quadro sombrio sobre a natureza humana.

Voluntários são informados de que participarão em um experimento sobre como o castigo afeta a capacidade de aprendizado de alguém. São apresentados a um homem que tentará memorizar uma lista de palavras.

Numa sala ao lado, onde pode ser ouvido mas não visto, este homem é afivelado a uma cadeira, o braço ligado a fios elétricos.

A cada vez que comete um erro na memorização, o voluntário deve apertar um botão que dará choques elétricos cada vez mais fortes. Pouco antes de começar, o homem adverte o voluntário sobre seu problema no coração.

(Sem que os voluntários saibam, este homem é na verdade um colaborador de Milgram na experiência. Não será dado nenhum choque real.)

A experiência tem início. Uns poucos erros na memorização - e o voluntário administra alguns "choques". O voluntário ri nervosamente ao ouvir gemidos de dor.

O administrador da experiência, um homem vestindo um avental branco de laboratório, encoraja-o a continuar com choques cada vez mais intensos.

Ao aumentar a dose, gritos vêm da sala ao lado, acompanhados de súplicas desesperadas para parar a experiência. Ele grita que isso é perigoso para o coração.

Mesmo assim este voluntário - e a maioria dos outros voluntários - continua a dar choques elétricos até o ponto em que acreditam ter danificado seriamente o coração do homem. Em muitos casos, os voluntários continuam a dar choques mortais mesmo depois que os gritos silenciam. Quando o administrador do laboratório instrui os voluntários a continuar dando choques, eles submetem-se à sua figura de autoridade, ao invés de desafiá-lo.

A experiência demonstra que você não precisa ser sádico ou perturbado para colocar pessoas em câmaras de gás. Pode ser completamente normal e simplesmente não ser independente o bastante para questionar a moralidade daquilo que está fazendo.

Condicionamento e Responsabilidade Moral

Sem a força para questionar a autoridade e resistir às normas vigentes, praticar o mal é apenas uma função de tempo e lugar. Como você se sentiria sobre o Partido Nazista se tivesse nascido em uma típica família alemã na década de vinte?

Ninguém nasce e é criado em um vácuo.

Por que deveria um jovem alemão de 17 anos ser considerado moralmente responsável por escolher fazer parte da Juventude Hitlerista? Afinal, foi socialmente condicionado desde o início para começar a não gostar de judeus. Jamais foi exposto a outro sistema de crença. Todos seus amigos estão se alistando na Juventude Hitlerista!

Mesmo assim, o mundo considera os nazistas moralmente responsáveis. Mas por quê? Se todos são afetados pelo condicionamento social, como pode qualquer pessoa ser moralmente responsável por suas ações?

Avraham - Um paradigma de independência

Avraham o pai do povo judeu, enfrentou estes problemas de frente.

Em um mundo repleto de idolatria, um Avraham jovem raciocinou que deveria haver um único Criador do Universo, rejeitando sua educação pagã. Descobriu o monoteísmo por si mesmo e embarcou em sua missão para educar a humanidade, arriscando sua vida neste processo.

Após muitos anos de comprometimento fiel, D'us finalmente fala com Avraham pela primeira vez.

E D'us disse a Avraham, Lech Lechá... vá embora... para longe de tua terra, do lugar onde nasceste, e da terra de teu pai, para a terra que Eu te mostrarei. Eu te farei uma grande nação, e te abençoarei e te farei famoso... (Bereshit 12:1-2).

A ordem inicial de D'us a Avraham está repleta de enigmas. Obviamente a pessoa não pode deixar sua terra sem deixar a casa de seu pai e seu local de nascimento. O texto poderia simplesmente dizer: "Deixa tua terra e vai para a terra que te mostrarei."

Além disso, primeiro a pessoa deixa a casa de seu pai, então seu local de nascimento e só então o país. Por que relacionar estes na ordem inversa?

.....
A mensagem básica da Torá aqui não é a partida física de Avraham de seu país. Caso contrário, seria suficiente dizer: "Deixe seu país." O desafio de Avraham era fazer uma partida espiritual, deixar para trás as influências e práticas, e o apoio emocional de sua família e da sociedade, a fim de tornar-se de fato independente.

Estas três limitações: (país, local de nascimento e casa do pai) representam três diferentes esferas de influência sobre cada indivíduo, em ordem crescente de intensidade.

Primeiro Avraham recebe ordem de deixar seu país - afastar-se da influência idólatra de sua terra. Em seguida seu local de nascimento - abandonar seus costumes e hábitos que lhe são instintivos. Finalmente, ele é desafiado a afastar-se do vínculo mais forte de todos - a casa de seu pai - sua fonte primária de identidade e auto-estima.

Sobrepunhando este desafio está o primeiro passo de Avraham no desenvolvimento da independência espiritual. Este é o significado do termo hebraico lech lechá - vá por si mesmo. D'us está dizendo a Avraham para abandonar as influências externas a fim de emergir como um verdadeiro indivíduo.

Responsabilidade de Todo Ser Humano

Rabi Yehudá afirma: O mundo todo ficou de um lado, e Avraham ficou no outro lado (Midrash Rabá, Bereshit 42:8).

Esta ferrenha independência rotula Avraham como o primeiro hebreu ("ivri"), um termo derivado da palavra "lado" ("êver"). Avraham ficou sozinho do outro lado.

A chave para a independência? Abandone as limitações de sua sociedade e examine novamente os alicerces de suas convicções. Este é o desafio básico para qualquer pessoa a caminho de tornar-se um indivíduo verdadeiramente pensante. Porque sem verificar a validade dos valores arraigados, a pessoa jamais poderá saber se suas posições estão corretas.

A juventude alemã e o terrorismo são ambos responsáveis por suas ações, apesar de seu condicionamento social. Ao invés de reconhecerem a necessidade de questionar sua sociedade, escolheram permanecer passivos.

A primeira ordem de D'us a Avraham, e a todo ser humano, é para tornar-se independente. Precisamos desenvolver a coragem moral e intelectual de viver pelo que é verdadeiro, mesmo se o mundo todo se opuser. Sem isso, somos nada mais que um produto submisso da sociedade.

Com isso vem a liberação do "eu".

Brit Milá: Trauma ou Alegria?

(In)Decisão

Nenhum outro costume, hábito ou ritual tem atravessado tantas eras e vencido tantas perseguições. A circuncisão seja na paz ou na guerra, tem sobrevivido, de Avraham Avinu até os dias de hoje.

Atualmente, no entanto, muitos judeus têm deixado de realizar a mistvá de Brit Milá em seus bebês, um dos mais antigos preceitos ordenados por D'us na Torá. Alegam as mais diversas razões para isto, indo desde trauma psicológico, diminuição da tolerância à dor até a diminuição do desejo sexual.

Sem base científica, ou fatos que apontem para qualquer uma destas conclusões, o resultado tem sido desastroso. Estes mitos e medos transformam-se em desafios onde a única lógica na decisão a tomar é a proteção natural que pais desejam garantir ao futuro e ao bem estar de seus filhos.

"Porque eu deveria fazer o brit milá em meu filho? É cruel. Não posso fazer algo tão bárbaro que o marcaria psicologicamente para o resto da vida!"

"Por que o faria sem dar-lhe o direito de escolha?"

"Este procedimento é arcaico, fora de moda e arriscado."

"Não sou religioso e nem acredito nisto. Estaria sendo hipócrita!"

Mas porque, antes de tomar qualquer iniciativa ou decisão, não escutam o outro lado da questão? Afinal, deve haver prós, senão, nenhum judeu, e felizmente ainda há muitos, arriscariam a vida emocional de seus filhos submetendo-os ao Brit Milá.

Então, que tal dar uma chance?

Do ponto de vista médico

Um estudo no New England Journal of Medicine (1990) registrou uma taxa de complicação por volta de 0,19% quando a circuncisão é realizada por um médico. Quando é feita por um mohel, a taxa cai para 0,13%, aproximadamente 1 em 1.000. Quando ocorre uma complicação, geralmente trata-se de sangramento excessivo, que é facilmente contornável. Nenhum outro procedimento cirúrgico chega a tais índices de operações livres de complicações. Um estudo mostrou que em torno do oitavo dia, os níveis de protombina atingem 110 por cento do normal.

Uma razão pela qual há tão poucas complicações envolvendo o sangramento deve-se aos agentes coaguladores mais importantes, a protombina e a vitamina K, quando não atingem os níveis máximos no sangue até o oitavo dia de vida. Os níveis de protombina são normais ao nascer, caem a níveis muito baixos nos dias seguintes, e voltam ao normal no fim da primeira semana.

Um estudo demonstrou que por volta do oitavo dia, os níveis de protombina atingem 110% do normal. Nas palavras do Dr. J. Quick, autor de diversas obras sobre controle de hemorragia, "Não parece acidental que o ritual da circuncisão fosse adiado até o oitavo dia pela Lei Judaica." Além disso, a circuncisão é conhecida por oferecer proteção praticamente completa contra o câncer peniano.

Segundo um recente artigo no New England Journal of Medicine, nenhum dos mais de 1.600 homens com este tipo de câncer no estudo tinham sido circuncidados na infância.

Nas palavras dos pesquisadores Cochen e McCurdy, a incidência de câncer peniano nos Estados Unidos é "praticamente zero" entre homens circuncidados.

Diversos estudos relataram que meninos circuncidados tinham de 10 a 39 vezes menos probabilidade de desenvolver infecções do trato urinário durante a infância que meninos não circuncidados.

.....
Além disso, a circuncisão protege contra bactérias, fungos e infecções parasitárias, além de uma série de outros problemas relacionados com a higiene. A taxa extremamente baixa de câncer cervical em mulheres judias (de 9 a 22 vezes menor que entre mulheres não-judias) é atribuída à prática da circuncisão.

Como resultado de estudos como esses, diversas organizações médicas de prestígio reconheceram os benefícios da circuncisão, e a Associação Médica da Califórnia tem endossado a circuncisão como uma "efetiva medida de saúde pública."

No entanto, não é por nenhuma destas razões que realizamos a mitsvá de Brit Milá.

Uma conexão espiritual

A circuncisão tem sido praticada em judeus do sexo masculino há quase 4.000 anos, desde que Avraham assim foi ordenado por D'us. A verdade é que não há argumento "lógico" para cortar um pedaço de carne de um bebê indefeso.

Em lugar algum a pessoa tem mais potencial para expressar comportamento "bárbaro" que no desejo sexual. É por isso que o Brit é feito neste órgão específico. Se trouxermos santidade em nossa vida ali, tornaremos fácil a tarefa de trazer santidade em todas as outras partes de nosso ser. O judaísmo nos direciona a sermos os verdadeiros donos de nossos impulsos e emoções e a controlar nossos desejos mais primitivos direcionando-os a buscas espirituais.

Em termos cabalísticos, o prepúcio simboliza uma barreira que impede o crescimento. Quando a Torá fala sobre aproximarmos de D'us, nos conchama a "remover a Orlah, (o invólucro) de seu coração" (Devarim 10:16).

Quando Avraham fez sua própria circuncisão aos 99 anos, D'us adicionou a letra "heh" ao seu nome. "Heh" é parte do próprio nome de D'us, significando que por meio do Brit Milá, o ser humano acrescenta uma dimensão de espiritualidade ao corpo físico.

Médico ou mohel?

A escolha não é tão difícil se você conhecer os argumentos. Os métodos são diferentes, as circunstâncias são diferentes, e os resultados são diferentes.

A circuncisão feita no hospital, longe da mãe da criança, é realizada com tenazes dolorosas e pode demorar até 15 minutos. Em contraste, o trabalho de um mohel é completado em segundos.

No hospital, é uma prática cirúrgica: luzes, ambiente frio, uma equipe de estranhos "homens de branco" debruçados, mãos e pezinhos do bebê amarrados numa mesa impessoal cirúrgica, ao passo que num Brit ele repousa no colo tranquilo de um vovô carinhoso, em um ambiente aquecido e familiar.

Estas e outras diferenças foram registradas em 1997 pela Associated Press, que relatou serem as "circuncisões judaicas mais suaves" que aquelas realizadas em ambientes seculares, e que os "mohels, hábeis praticantes do antigo ritual judaico da circuncisão, parecem infligir menos dor nos recém-nascidos que a maioria dos médicos."

Cicatrizes psicológicas, anestesia, barbarismo e crueldade - tudo

isso fala da circuncisão ao estilo do hospital. Nas palavras de um mohel da Califórnia, "Se eu tivesse de fazer um brit usando a técnica hospitalar, não desejaria ser um mohel."

Uma livre escolha?

"E quanto à livre escolha de nossos filhos, podemos nos impor sobre este direito?"

Como pais, é nossa obrigação nos impor a nossos filhos. E na verdade, é isso que fazemos. Escolhemos seu quarto (antes mesmo de nascerem!) suas roupas, babás e escolas. Os vacinamos pontualmente para que não estejam expostos a riscos e contraiam doenças. O que estamos fazendo? Impomos nossos padrões de comportamento! Como pais responsáveis nos sentimos no dever de incutir em nossos filhos valores, na esperança de que quando eles crescerem, também os adotarem. Não deveríamos fazer o mesmo com a identidade e valores judaicos? Se o brit é o símbolo do Judaísmo da pessoa, por que não podemos "impô-lo," com tudo aquilo que representa, ao nosso filho recém-nascido?

Alguém poderia argumentar: "Mas a circuncisão é diferente, porque possui caráter permanente."

Certo, mas as impressões feitas na mente e no coração de uma criança também são permanentes. Tudo na verdade que os pais fazem afeta profundamente os filhos. Se para os pais o Judaísmo ocupa um significativo espaço em suas vidas, então a responsabilidade de introduzi-lo e torná-lo desde cedo familiar a seus filhos passa a ser fundamental. O Brit é apenas o primeiro passo na direção destes valores. Do contrário, jamais poderão reivindicar uma posição judaica no futuro.

Fomos o povo instruído a utilizar nosso corpo e toda a matéria existente a fim de elevá-los a níveis espirituais. Não sabemos até aonde estes níveis são capazes de nos conduzir, mas com certeza, ao conduzir nosso filho em nossos braços e entregá-lo por segundos nas mãos hábeis de um mohel pode ser justamente este o único gesto que garantirá nossa identidade mais íntima como judeus e nossa mais profunda e eterna relação com D'us.

Onde Estão os Revolucionários?

Por Simon Jacobson

Há pouco tempo fui a uma sinagoga para as preces noturnas. Em meio ao serviço, notei um congregante comportando-se rudemente com outro. Eu estava a ponto de dizer alguma coisa, quando um homem perto de mim sussurrou: "Estes dois sujeitos estão brigando desde que estou aqui. Não se envolva."

"Não é uma grande coisa," você poderia pensar. "As pessoas em toda parte têm briguinhas tolas." Porém eu não podia simplesmente deixar isso passar.

Uma experiência de infância não me permitiria. Quando eu tinha seis anos, lembro-me claramente – numa espécie de imagem congelada, do tipo que resulta somente de uma experiência de criança para sempre congelada na memória – de uma luta a socos que ocorreu em nossa sinagoga. Jamais me esquecerei do meu medo e horror ao assistir aqueles dois adultos se socando em meio dos serviços de prece. Quando perguntei ao meu pai o que estava acontecendo, ele simplesmente descartou o problema com a mão e disse "Tzvai idioten" (dois idiotas)...

.....
Anos depois, eu tinha ouvido pessoas demais contando-me como experiências semelhantes as tinham afastado da religião e de instituições religiosas: tendo testemunhado profundas inconsistências entre as aparências externas das pessoas (como indivíduos devotos) e seu comportamento real, tendo visto como uma pessoa pode ser obsessivamente comprometida com certos rituais e simultaneamente ser profundamente grosseira e mal educada; como determinados indivíduos religiosos fazem julgamentos e são condescendentes, agindo como se fossem “mais sagrados que você”, e em suas vidas pessoais, por baixo da superfície, podem se apegar a bobagens, ganância e até... lutar a socos; como divisões e pura acrimônia primitiva tem permeado tantas comunidades de fé; como crianças em lares religiosos estão sendo magoadas por adultos egoístas, não diferentes de seus semelhantes em lares seculares. Todas essas discrepâncias e contradições têm contribuído bastante para o cinismo e rejeição atuais da vida religiosa.

Obviamente, isso deve ser qualificado por dois fatos importantes. O primeiro é que isso de maneira alguma é um estereótipo de indivíduos religiosos, muitos dos quais são almas gentis e sensíveis, pessoas que estão continuamente se esforçando para refinar-se exatamente por causa de suas crenças.

Alguns dos mais nobres, cultivados e espirituais seres humanos na terra são pessoas de fé. O segundo ponto é que um sistema jamais deveria ser julgado por qualquer pessoa ou por um grupo de indivíduos. A religião estabelece um padrão específico para a virtude humana e a justiça. Nenhuma pessoa neste planeta pode chegar ao padrão mais elevado.

O compromisso da vida é alguém que sempre aspire a elevar-se, enquanto conhece suas falhas e que sempre há horizontes maiores a conquistar. O fato de que alguns poucos indivíduos possam ser hipócritas e se comportar de maneiras constrangedoras não se reflete no sistema como um todo, somente na realidade de que o sistema não impede que pessoas tolas façam opções erradas e se comportem de maneira imprópria ou imatura. Não é diferente, dizem, que um cientista falsificar dados é algo que se reflete em todos os cientistas e na ciência.

Porém aqueles poucos (ou alguns a mais) indivíduos que claramente se comportam de maneira contrária ao padrão religioso certamente são capazes de dar um soco que deixa o olho negro – um soco que perdura.

Portanto, em tempos perturbadores como esse, quando religião corrupta e a feiúra da natureza humana ergue sua cabeça, eu gostaria de fazer uma viagem – uma jornada que nos leva três mil anos atrás, ao nascimento da religião.

O que diria o homem que nos deu o monoteísmo e adotou uma vida de virtude, justiça e bondade sobre a religião em nossos tempos? Ele seria capaz de reconhecê-la? Como Avraham reagiria se entrasse numa sinagoga moderna? Ele prontamente se juntaria à mesa de diretores ou se tornaria parte de seu corpo docente? E como ele reagiria a uma briga na sinagoga entre seus tetra-tetra-tetranetos?

Aqui está minha especulação sobre a atitude de Avraham para com a vida religiosa atual.

Coemecemos com a briga. Se Avraham entrasse numa sinagoga e visse a luta que eu presenciiei, não tenho dúvidas de que ele choraria. Teria a mesma reação a todas as outras inconsistências acima mencionadas.

Porém a questão maior é se ele sequer entraria numa sinagoga do Século 21? Ficaria à vontade ali? E qual sinagoga, exatamente, ele escolheria?

Avraham ficaria bem perturbado por qualquer casa de D'us que tenha sido transformada numa burocracia. Duvido que Avraham se sentisse confortável em qualquer sinagoga que não desse as boas-vindas igualmente a todo indivíduo, onde toda alma se sentisse em casa.

Talvez seja por isso que Rabi Isaac Luria, o Arizal (um cabalista do Século 16) e o Baal Shem Tov (fundador da Chassidut) – como era costume de outros sábios e místicos – recitasse certas preces no campo na véspera do Shabat. Lemos na porção Chayei Sarah da Torá (Bereshit 24:63): “Yitschac saiu para falar (rezar) no campo.”

Yitschac deve ter aprendido isso com alguém antes dele – ninguém menos que seu pai, Avraham¹ Algumas preces talvez sejam mais condutivas no campo, em meio à natureza, sem distrações das estruturas feitas pelo homem e instituições. Até mesmo as estruturas onde as preces geralmente são feitas exigem janelas que nos permitem ver e atingir além da estrutura, até o céu. Avraham estaria procurando as janelas...

O Baal Shem Tov certa vez correu para fora de uma sinagoga relativamente vazia, reclamando que o local estava muito lotado, não lhe deixando espaço para rezar. Quando seus alunos perguntaram o que ele queria dizer, o Baal Shem Tov explicou: “O Zohar diz que amor e reverência são como as duas asas de uma ave que leva nossas preces voando até o céu. Nessa sinagoga em particular as preces estavam sendo recitadas sem qualquer sentimento, deixando-as presas ao chão, como pássaros engaiolados, incapazes de voar. A sinagoga portanto estava tão apinhada com aquelas preces “mortas”, que não deixava espaço para o Baal Shem Tov rezar...

Avraham estaria procurando as janelas – pelas preces se elevando e pelos espíritos alados.

Avraham foi um pioneiro do não-conformismo. Desafiou sua família e toda a sua sociedade, rejeitando o paganismo e mapeando um novo curso que mudaria a história para sempre. Não há dúvida de que Avraham, o pai da individualidade e não-conformismo, ficaria chocado ao ver como o caminho Divino que ele iniciou – deixando para trás todas as suas zonas de conforto, e escolhendo para si mesmo e seus filhos uma vida de virtude e serviço – como a religião se tornou tão conformista hoje em dia, muitas vezes asfixiando o espírito humano.

Avraham foi um pensador global com uma visão universal para liderar as pessoas rumo à redenção pessoal e coletiva. Ele claramente acharia estranho que alguns judeus de hoje se tornaram tão paroquiais, e até divisivos, concentrando-se em suas vidas pessoais, e com frequência esquecendo que D'us nos deu um projeto universal para melhorar o mundo em geral. E como as notas musicais numa grande composição, precisamos uns dos outros para realizar nossas aspirações individuais.

Avraham não se isolou em estudo, prece e devoção Divina. Ele abriu sua casa a todos, ele “criou” (inspirou) almas em Charan, ele fez disso a obra de sua vida, não apenas ensinar aos filhos o caminho da integridade e da justiça, como inspirar todos com quem entrava em contato. Como, certamente Avraham se perguntaria, sua atitude confiante e ativa – como uma força a impulsionar o progresso humano – se torna tão defensiva e tentativa?

.....
Avraham foi um apaixonado, uma alma revolucionária que mudou o mundo ao seu redor, em vez de deixar que o mundo o mudasse. O que aconteceu, perguntaria Avraham, que hoje tantas pessoas de fé carecem de paixão e alma? Por que há tantas pessoas mecânicas, que cumprem as mitsvot de cor? E por que as pessoas religiosas hoje em dia são tão afetadas pela sociedade contemporânea (quer elas saibam disso ou não) e pela busca ao dinheiro, que em vez de elas moldarem o mundo, é o mundo que as está moldando? E onde estão os revolucionários?

Porém acima de tudo, Avraham não se retiraria. Ele não escolheria o caminho mais fácil de proteger “a própria pele” e desistir da nossa geração. Se Avraham rezava pelos infiéis de Sodoma, ele certamente faria todo o possível para nos ajudar a libertarmos-nos da nossa letargia.

Avraham certamente encontraria profundo mérito em nós, seus netos. Apesar de todas as perseguições e genocídios, apesar de séculos de opressão, os descendentes de Avraham ainda permanecem. Embora, talvez fracos algumas vezes, talvez inconsistentes, talvez carentes de paixão – mas ainda tentando.

Porém Avraham não se contentaria em achar mérito nas nossas vidas. Ele nos engajaria, desafiaria, tentaria nos habilitar e despertar – ele nos acenderia para pararmos de agir como vítimas e assumir controle de nossas vidas e nossos destinos.

Ele nos imbuiria com profunda confiança (ou melhor ainda, acenderia a confiança que jaz adormecida em nossas almas) para sair e mudar o ambiente em que vivemos.

Sim, de fato, imagine só como Avraham mudaria nosso mundo de cabeça para baixo! Somente pensar nisso pode fazer você estremecer.

É interessante visualizar como um homem que viveu há mais de 3.700 anos reagiria ao nosso mundo e o que ele faria para melhorar a nossa condição.

Então mais uma vez, talvez haja um Avraham conosco hoje. Talvez aquele Avraham esteja dentro de você e de mim...

Por que os homens não nascem circuncidados?

Por Tzvi Freeman

Pergunta:

Você fica louvando as mitsvot como coisas que D'us quer que façamos. Mas se isso fosse verdade, por que Ele não criou o universo dessa maneira? Se Ele não quer que comamos carne de porco, por que fez o animal comestível? Se Ele quer que os homens sejam circuncidados, por que eles não nasceram assim? Por que ficamos mexendo na maneira pela qual Ele fez as coisas – e alegamos que estamos fazendo a Sua vontade?

Resposta:

Engraçado, recebo muitas vezes essa pergunta sobre circuncisão – mas ninguém jamais perguntou sobre furar a orelha, barbear ou remover pelos. Parece que isso é muito antigo, porque a Rabi Yehuda, o Príncipe, o famoso redator da Mishná, também foi feita essa pergunta por algum filósofo romano.

À típica maneira judaica, ele respondeu que a mesma pergunta poderia ser feita sobre cortes de cabelo – por que não deixar crescer? Ou sobre o cereal crescendo no campo – por que em vez dele não crescem os pães? Da mesma forma, eu poderia perguntar por que D'us faz terremotos e então exige que vamos lá salvar as pessoas. Por que fazer as doenças e então exigir que criemos remédios e a cura? E se devemos usar roupas, suponho que Ele deveria nos ter feito peludos, certo?

A resposta de Rabi Yehuda foi que tudo que D'us fez em Seu mundo requer algum tipo de conserto. É assim que a história da criação no Gênesis resume tudo: “... toda a Sua obra que D'us criou para fazer.” Fazer, dizem os Sábios, significa consertar.

A pergunta permanece, por quê? Se Ele quer que seja consertado, por que não consertar Ele próprio? Ou melhor ainda, não fazer quebrado, para começo de conversa.

A resposta tem mais que uma forma fascinante:

1 – Nos tornar parceiros

Dar-nos as mitsvot é o supremo ato de generosidade. Se Ele tivesse feito um mundo perfeito e nos colocasse aqui para desfrutar, Ele teria realmente nos considerado parasitas. Ao deixar algumas coisas incompletas e nos instruir a completá-las, Ele nos transforma em parceiros da Sua obra criativa. E qual aspecto da Sua obra criativa? Aquele que preenche seu verdadeiro objetivo inteiror. Seu desejo mais íntimo.

2 – Tornar-nos reais

Vamos um pouco mais longe. Imagine um mundo tirado da imaginação de D'us, comportando-se exatamente da maneira que Ele desejava que se comportasse. O que há de real ou significativo sobre essa criação? O que a torna mais que uma fantasia caprichosa?

Imagine que você acaba de criar Pinocchio. Imagine que você quer que Pinocchio seja seu menininho. Mas imagine que Pinocchio não tem livre arbítrio, e mesmo que tivesse, tudo tinha sido colocado para ele sem nenhuma opção para ele expressar seu livre arbítrio. Pinocchio não é seu menininho, é apenas um pedaço de madeira lindamente talhada portando suspensórios.

Voltando a nós, os personagens conscientes dentro daquela criação, e dizendo: “Por favor faça isso...” D'us nos deu o livre arbítrio, juntamente com as áreas nas quais expressar o livre arbítrio. As mitsvot, então, são os elementos que nos tornam reais, para nos tornar “um outro significativo”. Ou, na linguagem da Torá, kadosh – que traduzimos como sagrado. Não somente nós, mas também todos os objetos e atividades que estão implicados na mitzvá, são considerados importantes e kadosh.

O que, por falar nisso, resolve um enigma na história da vida do patriarca Avraham. Quase aos cem anos de idade, Avraham passou pela circuncisão. Mas ele não sabia antes que a circuncisão era um ato desejável para pessoas espirituais como ele próprio, tentando se aproximar de D'us? A pergunta é especialmente aguda segundo a declaração do Talmud de que Avraham cumpriu a Torá inteira embora ela ainda não tivesse sido outorgada.² Então por que ele deixou de fora uma mitzvá não-menor até que isso fosse dito a ele?

Nossa resposta, porém, resolve o enigma. Se Avraham tivesse realizado a circuncisão antes de ser ordenado, ele a estaria fazendo como qualquer outro ser criado fazendo algo de bom.

.....
Uma vez que D'us declarou que esta é agora Sua vontade oficial que Avraham e os homens de sua família fossem circuncidados, o ato da circuncisão se torna uma mitsvá, tornando o corpo do circuncidado significativo e kadosh. Pois a circuncisão, ao contrário de outras mitsvot, é uma oportunidade única, Avraham esperou pela ordem de D'us antes de optar por fazer.

3 – Esta é a maneira pela qual os desejos interiores funcionam

Mergulhando ainda mais profundamente em busca do intelecto intrépido, esta é uma distinção inerente entre os desejos secundários e primários. Está se sentindo intrépido? Fique ali.

Vamos começar com um paralelo sobre o ser humano. Também temos desejos intrínsecos, básicos, por baixo da superfície de nossa consciência – por exemplo, o desejo por bens, por amor, pela confirmação da nossa existência – sejam quais forem e de quais maneiras deseje expressá-los.

Esses desejos aparecem na forma de desejos secundários: ganhar dinheiro, ter boa aparência, competir – todas as loucas corridas dos seres humanos neste planeta.

Agora olhe a maneira pela qual esses dois tipos de desejos se manifestam. Os desejos secundários aparecem de imediato e espontaneamente. Os desejos interiores, os primários, por outro lado, se desenrolam gradualmente, às vezes após muitos anos – em alguns casos, nunca sendo realizados. Passamos nossa vida inteira raramente, ou nunca, entendendo por que fazemos todas as coisas que fazemos.

Por que é assim, que os desejos interiores não se manifestam espontaneamente, mas se desenvolvem?

Rabi Shalom DovBer de Lubavitch explicou: Se um desejo tem qualquer expressão externa, já não é o verdadeiro você. Assim que você pode saber sobre ele e senti-lo, agir sobre ele, já é um movimento para longe do seu âmago interior.

Ironicamente, por este paradigma, as mais profundas expressões da vontade Divina são aqueles atos que Ele não nos disse expressamente para fazer, mas que as comunidades judaicas derivaram por meio de estudo e celebração de Sua Torá. Alguns exemplos são as ordens rabínicas e salvaguardas, costumes e embelezamentos conhecidos como hiddur mitsvá.

Nós, como comunidade, decidimos enviar presentes de comida uns aos outros em Purim, comer frutas em Tu Bishvat, dançar com a Torá no dia em que concluímos seu ciclo de leitura. Estas são a mais bela expressão de desejo próximo ao âmago – que aquilo que não pode ser ordenado ou dito, às vezes nem sequer mencionado numa nuance do texto, mas sentido somente por aqueles que estão imersos com toda a alma em sua Torá com amor.

Parece mais que levemente absurdo aplicar a psicologia humana Àquele que criou seus desígnios para começar. Na verdade, essa ideia aplica-se a Ele no sentido mais absoluto. Somos apenas uma imitação barata, criados dessa maneira, “À Sua Imagem,” portanto podemos chegar a algum entendimento de Suas obras com este mundo, examinando a nós mesmos com mais profundidade.

Veja, nossos desejos interiores são inatos: como somos seres humanos, desejamos bens, amor, etc. Nossos desejos na verdade são necessidades. O Criador não tem necessidades; Ele é inteiramente livre em todos os aspectos para escolher aquilo

que Ele quer desejar. Quando Ele escolheu, porém, então certas necessidades surgem no lugar. Como aquelas necessidades são concebidas pela necessidade, vêm à existência por necessidade. Mas como os desejos interiores são escolhidos pela Sua livre vontade, eles estão manifestos em nosso mundo através do nosso livre arbítrio.

Tomemos um exemplo: D'us decide desejar que o sétimo dia seja um dia de descanso, para que Criador e criatura possam unir-se num estado de não-movimento. Este é um desejo interior – nada o precedeu, exigindo que devia ser assim. Mas uma vez que o desejo está no lugar, agora há uma necessidade para um mundo que seja criado em seis dias, para que no sétimo, D'us descanse, e Seus seres criados descansarão junto com Ele.

O segundo desejo apareceu espontaneamente, e portanto é manifesto da mesma maneira: D'us nunca pede à criação para criar-se em seus dias, ou proíbe que seja criada em cinco ou sete ou de qualquer outra maneira. Ele dita e assim acontece. O desejo primário, porém, de que devemos descansar juntos, aparece como mitsvá: assim como D'us o escolheu por Sua livre vontade, também o ser humano deve escolher por livre arbítrio observar o Shabat.

Outro exemplo: D'us escolheu por livre vontade que haverá seres conscientes dentro de Sua criação que vão declarar Sua Unicidade toda manhã e toda noite – “Shema Yisrael”.

Da mesma forma, deve haver manhã e deve haver noite. Isso implica que nós, criaturas vivendo num planeta onde escuridão e luz se alternam, o que por sua vez é cumprido por um simples relacionamento entre os movimentos de nosso planeta e de um globo além de nós. Mais uma vez, os padrões da natureza são colocados de maneira firme, ao passo que o desejo subjacente que fez surgirem aqueles padrões é deixado como um evento do usuário.

E mais uma: D'us escolheu desejar que os seres físicos façam um pacto com Ele através de seus corpos físicos – e por implicação deve haver fisicalidade, corpos, e um certo lugar no corpo para a circuncisão.

Aquilo que existe por implicação se torna a ordem natural, ocorrendo espontaneamente dentro do nosso mundo natural. O desejo mais interior é deixado para nós escolhermos, e para cumprirmos. Junto com a nossa opção de resgatar sobreviventes, curar os doentes e fazer tudo que pudermos, ou consertar o mundo.

Notas:

1 – Gênesis Rabá 11:6

2 – Talmud, Yoma 28 b; Levítico Rabá 2:9.

Por Tzvi Freeman

Rabino [Tzvi Freeman](#), editor sênior de Chabad.org, também lidera nossa equipe Pergunte ao Rabino. É autor de [Trazendo o Céu para a Terra](#). Para inscrever-se e receber atualizações regulares sobre os artigos de Rabino Freeman, visite os [Freeman Files](#).

D'us Ordena a Avram para Viajar para Terra de Canaã

.....
Enquanto Avram e sua mulher Sarai moraram em Charan, ensinaram aos outros sobre D'us. Avram educou os homens, e Sarai as mulheres, para acreditarem no único D'us que criou o Céu e a Terra.

D'us viu que não havia nenhum tsadic (justo) igual a Avram. Por isso Ele decidiu fazer de Avram o pai de uma nação sagrada, o povo de Israel.

Ele disse para Avram, "Não é correto para você viver nesta terra ímpia, junto com seu pai e sua família que veneram ídolos.

"Saia daí e vá para a terra que Eu vou lhe mostrar."

Porque D'us não contou a Avram o nome da terra para a qual Ele queria que Avram fosse - Canaã (que é um outro nome para a Terra de Israel)?

D'us estava testando Avram. Será que ele ouviria D'us e iria para um lugar que nem sequer conhecia?

D'us também não queria que o pai de Avram, Têrach, fosse junto com ele.

Têrach poderia estar interessado em se estabelecer na Terra de Israel junto com o filho. Mas como Avram não sabia para onde estava se dirigindo, disse a seu pai: " D'us pode me ordenar viajar até o fim do mundo!"

Quando Têrach ouviu isso, preferiu ficar em Charan.

Avram disse a sua mulher, Sarai, "Não vamos nos atrasar nem um dia. Partiremos imediatamente."

Avram levou junto seu sobrinho Lot, irmão de Sarai, que era órfão, e tinha sido criado por eles. Muitas das pessoas a quem Avram e Sarai tinham ensinado a acreditar em D'us também decidiram acompanhá-los em sua jornada.

D'us enviou nuvens na frente de Avram e sua família para lhes indicar o caminho pelo qual Ele queria que seguissem.

Avram viaja de Canaã até o Egito

Pouco depois que Avram, Sarai e sua família chegaram a Canaã, a chuva parou de cair. As plantas deixaram de crescer. Logo não havia mais frutas, vegetais, nem grãos. As pessoas ficaram cada vez mais famintas. D'us provocou essa situação para submeter Avram a um novo teste.

Será que ele agora iria se queixar: "Não é justo! Primeiro D'us me mandou para Canaã e agora não tenho nada para comer aqui!"?

Mas Avram nunca se queixou. Estava convencido de que tudo que D'us faz tem uma boa razão.

Avram disse para Sarai, "Vamos para o Egito. O Egito possui muita comida. Mesmo que não chova, o rio Nilo irriga a terra". Mas alguma coisa estava incomodando Avram. Ele disse, "Não me sinto bem em ir ao Egito. Geralmente, nós é que convidamos as pessoas para casa, e lhes oferecemos uma refeição.

Quando querem nos agradecer explicamos que é D'us quem alimenta a todos. Assim transmitimos ensinamentos às pessoas.

Mas o Egito é um país muito rico. As pessoas não necessitarão da nossa comida. Tenho medo de que não vamos poder ensinar a outros sobre D'us." Contudo, Avram não tinha outra escolha a não ser ir para o Egito.

Quando Avram, Sarai e Lot se aproximaram da fronteira do Egito, Avram disse: "Os egípcios são pessoas perversas. Quando vêem uma mulher casada bonita, matam o marido e ficam com a mulher.

"Sarai, por favor, diga a todos que você é minha irmã. Então não me matarão. Isso não é uma mentira, porque você é neta do meu pai e uma neta é considerada uma filha."

Como precaução adicional, Avram escondeu Sarai numa caixa grande. Esperava que ela não fosse descoberta.

Mas os oficiais reais da alfândega abriram a caixa e acharam Sarai. Mandaram a seguinte mensagem ao Rei Faraó. "Chegou aqui uma mulher bonita junto com o irmão."

Faraó mandou seus soldados para trazer Sarai para sua corte. Faraó disse para Sarai: "Você tem que se tornar minha mulher." Ao "irmão" de Sarai, Avram, Faraó deu muitos presentes para que ele concordasse que Faraó ficasse com Sarai. Sarai disse para Faraó, "Sou uma mulher casada! Você não pode me segurar no palácio. Devolva-me para Avram."

Mas Faraó não lhe deu ouvidos.

Sarai estava amedrontada e rezou a D'us para que a ajudasse. D'us mandou um anjo para cuidar de Sarai e protegê-la. Cada vez que Sarai ordenava ao anjo: "Golpeie Faraó", o anjo castigava Faraó.

Faraó foi atacado com dez pragas diferentes. D'us também puniu a família de Faraó com pragas. (Da mesma forma, D'us puniria mais tarde o Faraó que afligiu os israelitas com dez pragas.)

Faraó sofreu terrivelmente com as pragas. Percebeu, então que Sarai era uma mulher muito justa e íntegra, uma tsadeket, que estava sob a proteção de D'us.

Enviou uma mensagem para Avram: "É tudo culpa sua! Porque não me disseste que esta mulher é casada com você? Agora pegue-a e deixe este país imediatamente, antes que outra pessoa tente fazer-lhe mal."

Faraó estava tão assombrado pela grandeza de Avram e Sarai que mandou com eles, sua filha, a princesa Hagar, para servir Sarai e aprender o seu modo de vida.

Faraó deu para Avram e Sarai presentes valiosos. Mandou também soldados para acompanhá-los de volta à fronteira do Egito.

Isso era inédito! Os egípcios mal podiam acreditar. O seu rei efetivamente havia libertado uma mulher que queria para si e não matou o marido! Isso nunca tinha acontecido antes. Agora todos compreenderam que Avram era um grande tsadic e Sarai uma tsadeket. D'us os protegeu. Ninguém, nem mesmo um rei podia fazer-lhes mal.

D'us fez com que todo esse episódio ocorresse para que Avram e Sarai ficassem famosos como amigos especiais de D'us.

.....
A viagem de Avram e Sarai ao Egito também fez com que Hagar se unisse a eles.

Avram se Separa de Lot

Avram era um homem muito rico porque D'us o abençoou. Tinha muitos bois e ovelhas, ouro e prata.

O sobrinho de Avram, Lot, que viajou com ele, também tinha grandes riquezas, não porque fosse um tsadic, mas porque estava junto com o tsadic Avram.

Então surgiu uma briga entre os pastores de Avram e os pastores de Lot.

Avram costumava ordenar a seus pastores, "Nunca deixem meus animais entrar nos campos de outros. Se meus animais pastarem nesses campos, estarei roubando o pasto de outras pessoas. Mesmo que D'us tenha prometido que toda Terra de Canaã pertencerá um dia aos meus filhos, ainda não é minha."

Os pastores de Avram punham flocos nos animais cada vez que passavam diante dos campos que não lhe pertenciam. Ordenaram aos pastores de Lot que fizessem o mesmo. Mas estes não puseram flocos nos seus animais.

Afirmavam, "Em breve, a terra vai pertencer a Lot, visto que Avram não tem filho." E assim eles permitiam que os animais de Lot comessem nos campos de outras pessoas. Os pastores de Avram insistiam em argumentar com eles que estavam errados, e os pastores de Lot, por sua vez, os contradiziam.

Avram disse a Lot, "Não é bom que brigemos. As pessoas vão dizer, 'Avram e Lot são parentes e não vivem em paz.'"

"Por isso é melhor nos separarmos. Você pode escolher se quer se estabelecer ao sul ou ao norte da terra. Se você for para o norte, irei para o sul, e se você for para o sul, irei para o norte.

Não precisa se preocupar de que estarei muito longe para ajudar, se precisar de mim. Vou estar perto o suficiente para vir em seu auxílio."

Lot decidiu se estabelecer na cidade de Sodoma (Sedom). Sodoma e as quatro cidades vizinhas estavam localizadas às margens de rios; seu solo estava por isso bem irrigado. E havia ali ótimas terras de pasto para o gado de Lot.

A decisão de Lot foi um erro, porque os habitantes de Sodoma eram os piores de toda Terra de Canaã. Eram ladrões e assassinos. Naqueles tempos, o pior insulto que você podia fazer a alguém era chamá-lo de sodomita!

Lot cometeu dois erros:

1. Separou-se do tsadic Avram.
2. Estabeleceu-se entre perversos.

Lot deixou de ver o mau caráter dos sodomitas porque esperava enriquecer em Sodoma. Mas no final ele saiu arruinado, como veremos na próxima porção da Torá.

O que podemos aprender de Lot?

Nossos Sábios nos dizem (Ética dos Pais 1:7) "Afastar-se de um mau vizinho e não se associe com um perverso". Somos aconselhados a nos unir a amigos que nos incentivam a ser bons e praticar o bem. E precisamos nos afastar daqueles que nos influenciam a agir erradamente.

Avram Vence uma Guerra Contra Quatro Reis

Era a época de Pêssach e Avram estava ocupado assando matsot. (Apesar da Torá ter sido dada só depois da época de Avram, Avram mantinha todas as mitsvot da Torá). De repente ele viu um gigante aproximando-se de sua tenda.

Era Og, o único gigante que ainda estava vivo desde antes do dilúvio.

Og contou a Avram: "Venho direto do campo de batalha. Deixe-me relatar o que aconteceu. O rei de Sodoma e outros quatro reis se revoltaram contra o poderoso Rei Kedarlaomer, depois de o terem servido por doze anos. Kedarlaomer chamou outros três reis para ajudá-lo na guerra contra os cinco reis rebeldes. Kedarlaomer e seus três aliados ganharam a guerra. Capturaram todo o povo de Sodoma como prisioneiros e o seu sobrinho Lot se encontra entre eles. Em seguida, Kedarlaomer e suas tropas marcharam para o norte."

O gigante Og pensou, "Quero que Avram tente salvar seu sobrinho Lot dos quatro reis. Os quatro reis certamente vão matar Avram na batalha. Então pegarei para mim sua mulher, Sarai."

Avram pensou, "Lot está em apuros. Vou preparar uma enorme soma de dinheiro. Talvez eu possa resgatá-lo. Se não, lutarei para libertá-lo."

Avram reuniu seus alunos e servos. Juntos eram trezentos e dezoito pessoas.

Ele anunciou, "Estou indo para ajudar Lot, que está em cativeiro. Quem não tem medo, que me siga."

Avram tinha três alunos que eram príncipes emoritas - Aner, Eshcol e Mamrê. Eles se ofereceram, "Nós vamos proteger seus bens enquanto você está fora."

Os quatro reis já tinham viajado para o norte, até a Síria, mas D'us milagrosamente encurtou o caminho para Avram e seus homens.

O exército de Kedarlaomer era imenso, milhares e milhares de soldados. Avram não se atreveria a atacá-los, mas quando olhou para cima, viu a Shechiná (Divindade) e as Hostes Celestiais ao seu lado, pronto para ajudá-lo.

Com a ajuda de D'us, Avram, seu servo Eliêzer e o restante de seus homens, obtiveram uma vitória milagrosa sobre os quatro poderosos reis e seus exércitos.

Avram libertou Lot e todos os prisioneiros.

Entre os reis inimigos a quem Avram matou estava também Nimrod, que tinha jogado Avram no forno.

Shem, também chamado Malki Tsêdec, dá as boas vindas a Avram. Avram se recusa a pegar qualquer objeto dos despojos da guerra

.....
O filho de Nôach (Noé), Shem, ainda vivia. Era um tsadic que sempre serviu a D'us. Ele se mudou para Yerushaláyim (Jerusalém, que naquele tempo se chamava Shalem) e lá, regularmente, oferecia sacrifícios a D'us. Era conhecido como "Malki Tsêdec", que quer dizer "rei justo" e também quer dizer "rei da cidade da justiça."

Malki Tsêdec ficou sabendo a respeito da milagrosa vitória de Avram sobre os quatro reis. E quando Avram voltava da guerra e se aproximava de Yerushaláyim, Malki Tsêdec saiu para receber Avram e louvar a D'us. Trazia consigo pão e vinho para alimentar os homens cansados e famintos.

O rei de Sodoma também saiu ao encontro de Avram. Disse para Avram, "Todo nosso dinheiro que você recuperou dos inimigos pertence a você. Por favor, devolva-me apenas os prisioneiros que você libertou!"

Avram ergueu sua mão para D'us e exclamou, "Juro que não tocarei em nenhuma parte do despojo desta guerra! D'us prometeu me abençoar com riquezas e já cumpriu Sua promessa. Possuo muito gado, ouro e prata. Se eu pegar seu dinheiro, você pensará "Eu enriqueci Avram." Um décimo do dinheiro dei para Malki Tsêdec que é o cohen (sacerdote) de D'us. Outro décimo darei aos homens que me ajudaram e também para Aner, Eshcol e Mamrê, que cuidaram dos meus pertences. Para mim não quero nada dos seus haveres, nem mesmo um fio ou cordão de sapato."

O Midrash explica: D'us recompensa Avram

D'us disse, "Avram, todos os despojos da guerra na verdade pertenciam a você. Mas você está satisfeito com o que já tem. Hei de recompensá-lo. Você disse, "Não quero nada nem um fio ou um cordão de sapato."

Como recompensa, darei aos seus descendentes a mitsvá (preceito) de tsitsit, que tem quatro [duplos] fios em cada canto. Por suas palavras, "Nem um cordão de sapato", vou recompensá-los com a mitsvá de chalitsá, pela qual a mulher tem que abrir o cordão do sapato do seu cunhado."

Vemos que Avram não perdeu nada quando recusou o dinheiro que o rei de Sodoma lhe ofereceu. D'us recompensou seus descendentes com duas mitsvot. Além disso, mais tarde, D'us conferiu a Avram grandes bênçãos.

D'us Promete a Avram Descendentes Tão Numerosos Quanto as Estrelas

Depois de ganhar a guerra contra os quatro reis, Avram estava preocupado, "Talvez os amigos desses poderosos reis vão se unir contra mim e me atacar?"

Mas D'us lhe assegurou, "Avram, mesmo que todos seus inimigos se unam contra você, Hei de protegê-lo."

Avram também se preocupou pelo seguinte, "Talvez já tenha usado toda a recompensa que me estava reservada para olam habá (mundo vindouro), porque D'us realizou para mim milagres tão grandes."

D'us lhe assegurou, "Ainda tens uma grande recompensa no olam habá."

Avram então rezou, "D'us, foste tão bondoso em fazer milagres para mim durante a guerra. Sei que me reservaste ainda mais bênçãos. Mas, para que me servem? Não tenho um filho que possa continuar a ensinar as pessoas sobre Ti depois que eu morrer. Em vez disso, meu servo Eliêzer ficará como líder."

"Não temas" D'us consolou a Avram. "Terás um filho."

D'us conduziu Avram para fora da tenda.

"Olhe para o firmamento," ordenou Ele.

Avram viu uma grande estrela brilhar no firmamento.

"Esta estrela representa você," disse-lhe D'us. "Você é como uma grande estrela que ilumina o mundo. Agora olhe de novo!"

Avram viu duas estrelas. "Estas duas estrelas são você e seu filho," disse-lhe D'us.

Então Avram viu aparecer três estrelas. "Elas representam você, seu filho e seu neto," disse D'us.

Quando Avram olhou de novo para o firmamento, havia lá doze estrelas.

"Haverá doze tribos," explicou-lhe D'us.

De repente havia setenta estrelas. "Você terá setenta descendentes indo para o Egito," predisse D'us.

Logo, todo o firmamento se cobriu de estrelas de um extremo ao outro.

"Tão numerosos serão os seus descendentes!" Prometeu D'us para Avram. "Serão demais para poder contar."

Berit Ben Habetarim: D'us promete a Avram que seus filhos herdarão Canaã

D'us também prometeu a Avram, "Seus filhos herdarão a Terra de Canaã (Terra de Israel)!"

"Por favor D'us," pediu Avram, "Dê-me um sinal de que isto se concretizará realmente".

D'us respondeu, "Farei um acordo contigo como sinal."

Naqueles tempos as pessoas selavam um pacto, cortando animais em pedaços e andando entre eles. (Esse era uma maneira de dizer, "Se eu não cumprir a minha parte do acordo, mereço ser cortado em pedaços como estes animais.")

D'us ordenou a Avram, "Pegue três bezerros, três cabras, três carneiros, um pombo e uma pomba." Avram assim o fez. Então ele cortou os animais em dois, exceto os pássaros que D'us lhe disse para não cortar.

Avram arrumou os pedaços em duas filas. Quando eles foram estendidos, poderosas aves de rapina se precipitaram do céu para baixo para devorá-los.

Avram os enxotou.

.....
Esse foi um sinal: No futuro, os idólatras - que são comparados a aves de rapina - tentarão destruir os descendentes de Avram, o povo judeu. Mas D'us salvará os judeus pelo mérito de seu antepassado Avram.

Então D'us fez Avram cair num sono profundo e lhe mandou um sonho profético.

Avram sentiu um grande temor e uma escuridão o envolveu. Isso era um sinal de que os seus descendentes, os judeus, passariam por dificuldades.

D'us predisse a Avram, "Saiba que os seus descendentes não virão para Terra de Israel imediatamente. Primeiro, vou exilá-los em terras estranhas por muitos anos. Tornar-se-ão escravos [no Egito] e serão afligidos. Então, castigarei aqueles que os oprimiram [D'us aludiu às muitas pragas que mandaria contra o Egito], e os judeus partirão com uma grande fortuna. Finalmente, voltarão a Canaã. Expulsarão de Canaã as nações que ali viviam e herdarão a terra."

Enquanto Avram sonhava tudo isso, o sol se pôs. D'us fez descer uma espessa escuridão. Avram viu um forno fumegante e uma chama ardente passar entre os pedaços dos animais.

O forno fumegante e a chama ardente eram os mensageiros de D'us. Quando eles passaram entre os pedaços era como se D'us, Ele Mesmo, estivesse andando entre eles e, desta maneira, selava um acordo com Avram.

O forno fumegante também era um sinal de que todas as nações que fossem afligir os judeus seriam atiradas por D'us em um forno ardente no Guehinom (inferno).

Assim, D'us fez um pacto com Avram prometendo-lhe que seus filhos herdariam a Terra de Israel. Esse acordo é conhecido como Berit ben Habetarim, o Acordo entre os Pedaços (dos animais).

Avram casa com Hagar que dá a luz a Yshmael.

Sarai não teve filhos em todos os anos do seu casamento com Avram. Ela disse, então, para Avram, "Case com minha criada Hagar. Talvez D'us se apiede de mim porque deixei você casar com outra mulher, e me dará um filho."

Hagar não foi sempre uma serva. Ela era, na verdade, uma princesa egípcia. Mas quando seu pai Faraó viu os grandes milagres que D'us realizou para Avram e Sarai, disse, "É melhor para minha filha ser uma serva desses grandes tsadikim que ser princesa no Egito."

Quando Hagar servia a Sarai, esta ensinou-lhe como servir a D'us.

Avram sabia que Sarai falou com ruach hacôdesh (inspiração Divina). Respondeu-lhe, "Vou te ouvir e casar com Hagar."

Depois que Hagar casou com Avram e esperava um filho dele, ficou orgulhosa. Quando Hagar falava com os outros, insultava Sarai zombando dela, "Sarai não é na realidade uma tsadeket! Se assim fosse, porque D'us não lhe deu filhos?"

Sarai puniu Hagar por palavras tão arrogantes. Fez Hagar trabalhar pesado.

Por isso Hagar fugiu para longe de Sarai, em direção ao deserto. Mas D'us mandou um anjo para ordenar a Hagar, "Volte para Sarai e a obedeça! D'us ouviu que você está infeliz e vai dar-lhe um filho. Chame-o Yishmael (Ismael). Ele vai ser um homem selvagem que viverá no deserto, e será o pai de uma grande nação."

Hagar agradeceu a D'us, "Abençoado Sejas, D'us, que viu minha desventura."

E voltou para a tenda de Avram. Ela deu à luz um filho, a quem Avram chamou Yishmael. Ele se tornou o antepassado de todas as nações árabes.

Deus ordena Avram sobre a circuncisão

Quando Avram tinha noventa e nove anos, D'us lhe disse, "Avram, Eu quero que você tenha uma milá (circuncisão), isso vai ser um sinal no seu corpo de que você Me serve."

"De agora em diante, seus descendentes, os judeus, vão fazer a milá nos seus filhos quando seus filhos tiverem oito dias."

Qual é a diferença entre a mitsvá da milá e as outras mitsvot?

Outras mitsvot, tais como tsitsit ou tefilin, são cumpridas em determinadas ocasiões. Mas a mitsvá de milá permanece com a pessoa dia e noite e por toda a vida; nunca pode renunciar a ela.

D'us anunciou a Avram, "Você não será mais chamado de Avram mas sim, Avraham. Avram quer dizer que você é o pai de Aram, o lugar onde nasceu. Agora Eu o transformo em Avraham, que quer dizer o pai de muitas nações.

"O nome de Sarai também será mudado. De agora em diante ela será chamada Sara, que significa rainha sobre o mundo todo. Assim como você é um rei sobre o mundo, assim ela é uma rainha sobre o mundo.

Apesar dela ser muito idosa para conceber, dará a luz um filho quando tiver o seu novo nome, Sara".

Avraham irrompeu num riso de felicidade quando ouviu as boas notícias.

D'us falou para Avraham, "Chamará seu filho de Yitschac (Isaac) porque você riu e se alegrou. Todos também rirão e se alegrarão com o seu nascimento."

Avraham não demorou para cumprir a mitsvá. No mesmo dia em que D'us falou com ele, fez a milá nele mesmo. Nesse mesmo dia, também fez a milá em Yishmael e nos trezentos e dezoito membros da sua casa.

Essa foi uma tarefa monumental para executar em um dia, D'us deu a Avraham forças para realizá-la.

Uma história: Como o pai de Rabi Yehudá Hanassi estava disposto a sacrificar sua vida pela mitsvá da milá

Certa vez o governo Romano decretou, "Nenhum pai judeu pode fazer a milá em seu filho."

Naquele tempo nasceu um menininho na Terra de Israel. Foi chamado Yehudá. Seu pai era um dos líderes do povo judeu.

.....
O pai disse, "D'us nos ordenou a fazer o berit milá. O cruel imperador romano nos ordenou o contrário. A quem hei de obedecer, a D'us ou ao imperador? Eu não desobedecerei à ordem de D'us por causa do imperador!"

Oito dias depois do nascimento do seu menino, o pai circuncidou-o secretamente.

Mas o segredo não foi guardado por todos. Algumas pessoas o passaram ao governador da cidade.

Ele chamou o pai de Yehudá e o repreendeu severamente, "Ouvi falar que você circuncidou seu filho. Como ousa desobedecer a ordem do imperador?"

O pai de Yehudá respondeu, "Faço o que D'us nos ordena!"

O governador disse, "Sei que você é um homem importante, um líder do povo judeu. Porém, nem mesmo você pode desobedecer o imperador. Será castigado."

"Qual será meu castigo?" - perguntou o pai de Yehudá.

"Isso não compete a mim decidir," respondeu o governador. Viajarei até o imperador em Roma e lhe comunicarei seu comportamento. Você, sua mulher e seu filhinho também deverão ir para serem julgados."

Com os corações pesados os pais de Yehudá se puseram a caminho com o bebê. Eles rezaram a D'us para que o imperador poupasse suas vidas.

Na noite antes de chegarem a Roma, alojaram-se numa hospedaria não-judia. A mulher do hospedeiro acabara de dar a luz. Ela iniciou uma conversa com a mãe de Yehudá.

"Porque você não está feliz com o seu novo bebê?" - perguntou-lhe ela. "Vejo que suspira e tem o semblante triste o tempo todo!"

"Temos muito medo", explicou a mãe de Yehudá. "O imperador pode nos matar porque circuncidamos nosso bebê apesar de sua proibição."

A mulher do hospedeiro era uma mulher muito boa. Fez um sinal para a mãe de Yehudá acompanhá-la até um aposento onde ninguém podia ouvi-las. Lá ela sussurrou para ela, "Vamos trocar os bebês. Pode mostrar o meu para o imperador. O meu bebê não é circuncidado."

A mãe de Yehudá concordou e levou o bebê não-judeu para o palácio. Quando o bebê ficou com fome no caminho, a mãe de Yehudá o amamentou.

O governador estava no palácio do imperador. Ele explicou ao imperador, "Aqui está o judeu que desobedeceu tuas ordens, Majestade! Circuncidou seu filho".

O imperador ficou furioso. "Entregue a criança aos meus servos", ordenou.

O bebê foi examinado, porém para a grande surpresa de todos, não tinha milá!

O governador que havia acusado os pais de Yehudá quase desmaiou.

"Juro que este menino estava circuncidado, Majestade!", exclamou. "Deve ser um milagre. O D'us dos judeus faz milagres por eles quando rezam!"

O imperador estava muito irado com o governador, que o havia exposto ao ridículo perante toda corte. "Cortarei sua cabeça por dizer mentiras!", gritou. "E em relação aos judeus, deixá-los-ei circuncidar seus filhos se assim desejam! Meu decreto está abolido."

Cheios de gratidão a D'us, os pais de Yehudá saíram do palácio.

Na hospedaria, trocaram os bebês com a esposa do hospedeiro. Esta disse à mãe de Yehudá: "Quero que nossos filhos sejam amigos quando crescerem, pois D'us realizou um milagre através do meu filho".

Quando cresceu, Yehudá se tornou o santo Rabi Yehudá Hanassi, presidente do San'hedrin (Corte Suprema), e compilador da Mishná.

E o filho do hospedeiro? Por ter sido alimentado com o leite da mãe de Rabi Yehudá, D'us lhe concedeu grandeza neste mundo e no mundo vindouro. Mais tarde, veio a ser o imperador romano Antônio, um bom amigo de Rabi Yehudá e protetor dos judeus.

Da mesma forma que o pai de Rabi Yehudá agiu, muitos judeus nas gerações posteriores arriscaram a vida para fazer milá nos seus filhos.

Na época dos Chashmonaim (Macabeus, quando ocorreu o milagre de Chanucá) os gregos proibiram o berit milá. Matavam as mães cujos filhos eram circuncidados. Mesmo assim, muitos pais judeus continuaram a circuncidar seus filhos. Nos tempos atuais, a milá era proibida na União Soviética, e realizada secretamente.

Nosso povo esteve e está sempre disposto a arriscar a vida para cumprir as mitsvot de D'us.

4 - Parashat Vayerá

Gênesis 18:1-22:24

D'us Aparece para Avraham e lhe Envia Três Anjos

Sabe o que Avraham costumava fazer todos os dias na hora do almoço?

Sentava-se à entrada de sua tenda e ali aguardava. Avraham pensava: "Se ao menos um viajante passasse... Queria convidá-lo para uma refeição!"

O maior prazer de Avraham na vida era oferecer uma refeição para alguém faminto; pois era bondoso para todos. Quando seus convidados terminavam de comer, Avraham ensinava-lhes a agradecer a D'us. Contava tudo sobre D'us, que criou o mundo e que cuida dele a cada instante.

Era o terceiro dia após berit milá de Avraham. Estava fraco, convalescendo e com dor. Apesar disso, antes da hora da refeição, sentou-se à frente de sua tenda, como de costume.

Era um dia extremamente quente, de modo que os caminhos

.....
estavam desertos. Avraham estava desapontado: "Parece que hoje não poderei alimentar ninguém," pensou tristemente.

D'us viu como Avraham estava infeliz. D'us disse: "Enviarei para Avraham três anjos, que terão a aparência de homens, para que possa convidá-los. Também hei de aparecer perante Avraham. Quero visitá-lo, porque está convalescendo do berit milá."

D'us pessoalmente visitou Avraham para ensinar-nos como é importante visitar os doentes.

Uma história: A importância de visitar os doentes

Uma vez, um dos alunos de Rabi Akiva ficou gravemente doente. Todos os Sábios estavam ocupados, estudando e ensinando Torá. Nenhum deles teve tempo para visitar o doente.

Quando Rabi Akiva ficou sabendo que um de seus alunos estava de cama, doente e completamente sozinho, largou todo seu importante trabalho, seus estudos e aulas. "Vou visitá-lo", disse ele.

Quando entrou no quarto do doente, Rabi Akiva notou que o chão estava cheio de pó.

"Varram!" - ordenou aos alunos. Quando o quarto ficou limpo, o aluno doente se sentiu bem melhor, e agradeceu a Rabi Akiva.

A proprietária da casa viu que o famoso Rabi Akiva viera visitar o aluno que era seu inquilino. "Deve ser um discípulo importante!" - pensou.

Imediatamente, trouxe-lhe uma sopa nutritiva e começou a cuidar bem dele. Em pouco tempo, o aluno, que tinha estado à beira da morte, se recuperou.

"Agora vocês podem ver como é grande a mitsvá de visitar os doentes!" - ensinou Rabi Akiva aos seus alunos. "Em primeiro lugar, ao visitarmos uma pessoa doente, vemos o que ela necessita para poder ajudá-la. Mais ainda, um visitante que vê um homem doente e fraco deitado na cama, reza: 'Por favor, D'us, faça-o melhorar!' Desta maneira ajuda-o a ficar curado.

"Um visitante também anima a pessoa doente, e assim ela pára de pensar em suas dores e sofrimentos. De certa forma, o visitante leva embora uma parte da doença.

Avraham Serve aos Anjos. Eles Predizem que Sara Terá um Filho

Quando Avraham notou três homens caminhando na estrada, encheu-se de alegria. Apesar de suas dores, levantou-se e correu ao seu encontro.

Avraham curvou-se perante eles. "Por favor não passem sem entrar na minha tenda", implorou. "Pedirei para alguém trazer água, para que vocês possam lavar o pó de seus pés. Então, poderão comer um pouco de pão, agradecer a D'us, e continuar seu caminho."

Os anjos concordaram.

Um deles, Refael, foi mandado por D'us para curar Avraham. Tão logo este anjo aproximou-se de Avraham, as dores que sentia por causa do berit milá desapareceram! Avraham ordenou aos

servos que trouxessem água. "Depois de que lavarem os pés," disse aos anjos, "venham descansar sob a minha árvore. A refeição logo ficará pronta."

Nossos Sábios explicam: A árvore maravilhosa de Avraham

Avraham tinha uma árvore especial. Ela testava todos os convidados. Se a pessoa que se sentava debaixo dela tivesse um coração puro, a árvore estendia seus ramos e proporcionava-lhe uma sombra deliciosa e refrescante. Mas a árvore não estendia os ramos sobre uma pessoa perversa, cujo coração estivesse profundamente ligado à idolatria.

Avraham convidava todos seus hóspedes a sentar-se sob a árvore. Se a árvore desse sombra ao convidado, Avraham sabia que era uma boa pessoa. Então conversava com ele durante muitas horas, e não o deixava sair da tenda antes de convencê-lo a servir a D'us.

Avraham serve seus convidados

Avraham correu para dentro da tenda e informou alegremente à Sara, "Chegaram visitas! Rápido, asse pães para a refeição!"

(De acordo com algumas opiniões de nossos Sábios, os anjos chegaram à casa de Avraham na véspera de Pêssach de manhã bem cedo, quando ainda era permitido assar pão. Existe uma opinião diferente, de que os anjos chegaram durante Pêssach, e Avraham ordenou a Sara para assar matsot, pão ázimo.)

Enquanto isso, Avraham correu para matar três vitelas tenras. Dificilmente, os três visitantes iriam comer carne de três vitelas inteiras. Isso seria demais para eles! Mas Avraham não fazia economia quando se tratava de servir seus hóspedes. Queria que cada convidado saboreasse a parte mais deliciosa da vitela - a língua. Por isso, matou três animais, para poder servir a cada convidado uma língua inteira.

Avraham chamou seu filho Yishmael. "Apreste-se para preparar a carne." Avraham não queria que as visitas esperassem demais pela refeição.

Os três anjos receberam uma refeição deliciosa. Primeiro saborearam creme e leite, e mais tarde, foi servida a língua tenra com mostarda.

Um dos anjos prediz que Sara terá um filho

Quando os anjos terminaram a refeição, perguntaram a Avraham: "Onde está Sara?"

"Está na tenda", respondeu Avraham.

Sara era uma mulher recatada. Não saía para se mostrar perante estranhos, mas permanecia dentro da tenda.

Um dos anjos anunciou: "Tenho uma mensagem para Sara. No próximo ano, nesta época, Sara terá um filho! Voltarei para celebrar com vocês o berit milá de seu filho."

Sara ouviu a mensagem, de dentro da tenda. Não sabia que o homem que falava era um anjo; parecia um viajante comum. Ela riu consigo mesma. "Avraham e eu somos velhos," pensou. "Como ainda poderemos ter filhos?"

.....
D'us ficou aborrecido por Sara ter rido. D'us falou para Avraham: "Existe algum milagre que seja difícil demais para D'us realizar? No próximo ano, em Pêssach, Sara terá um filho."

Os três anjos se levantaram. Um deles voltou para o céu, e os outros dois dirigiram-se a pé para a cidade de Sodoma.

A Cidade de Sodoma

D'us disse: "Destruirei a cidade de Sodoma e suas cidades vizinhas - Gomorra (Amorá), Admá, Tsevoyim e Tsoar. Estão cheias de pessoas perversas."

Os cidadãos de Sodoma e das outras cidades eram orgulhosos e egoístas. Suas leis cruéis demonstravam como eram perversos. Eis aqui algumas de suas leis:

- É proibido alimentar um pobre.

- Os moradores de Sodoma tinham outro costume mesquinho: Quando um pobre chegava a Sodoma, cada cidadão costumava dar-lhe uma moeda, na qual estava gravado o nome do dono. O pobre pegava as moedas com alegria, mas ninguém lhe vendia comida por estas moedas. Assim, o pobre homem morria de fome. Então todos recuperavam suas moedas de volta. Esta era a única "caridade" permitida pelas leis de Sodoma.

- Ninguém pode convidar um desconhecido para sua casa.

- Qualquer desconhecido que passe por Sodoma será maltratado e roubado.

Os habitantes de Sodoma viviam felizes com essas leis horríveis! "Queremos cuidar do nosso dinheiro. Se nós convidarmos hóspedes ou dermos de comer aos pobres, perderemos nosso dinheiro", diziam.

Certa vez, duas moças de Sodoma foram ao poço tirar água.

"Porque você está tão pálida?" - perguntou uma para a outra. A outra sussurrou bem baixo, para que ninguém mais pudesse ouvir: "Não temos comida em casa! Vamos todos morrer."

Quando a amiga ouviu isso, ficou com pena. Correu para casa e encheu um jarro com farinha. Trocaram os jarros, assim uma recebeu o jarro com farinha e a outra levou para casa um jarro com água.

Mas alguém as observou. Informou aos juízes de Sodoma sobre a ação bondosa da moça. E o que fizeram esses juízes? Mataram a moça piedosa, por haver violado as "leis de Sodoma".

O povo de Sodoma costumava roubar seus próprios ricos, da seguinte maneira: levavam o rico para a parede de um pardieiro. Todos se juntavam e derrubavam a parede sobre ele, deste modo ele ficava soterrado sobre os escombros e morria. Depois, dividiam o dinheiro entre si.

Se um homem batia em outro e o fazia sangrar, o juiz decidia que a pessoa ferida devia pagar honorários médicos ao atacante, por prestar o serviço chamado "sangria" que os médicos costumavam executar.

Avraham Reza por Sodoma

D'us disse a Avraham: "As almas das pobres pessoas que morreram de fome em Sodoma e das pessoas que foram roubadas pedem-Me para que Eu castigue esta cidade de malvados. "Descerei junto com meus anjos para ver se o povo de Sodoma merece ou não ser destruído."

Avraham tinha pena de todas as pessoas. Tinha esperanças de poder salvar até mesmo esses perversos. Rezou, "D'us, o Senhor é o Juiz do mundo inteiro. Se destruir o povo de Sodoma, todos alegarão: 'D'us é um D'us que mata pessoas.'"

Por favor não seja rigoroso no Seu julgamento! Certamente também há pessoas boas em Sodoma. Pretende destruí-las junto com os perversos?!"

D'us respondeu: "Todos os habitantes de Sodoma e das outras quatro cidades são perversos."

Avraham implorou: "Talvez haja apenas cinquenta tsadikim (justos) entre eles. Não poderias, D'us, perdoar todo o povo de Sodoma, por causa da retidão dos cinquenta bons que vivem lá?"

D'us respondeu: "Se lá houvesse cinquenta tsadikim, salvaria todo povo de Sodoma e das outras quatro cidades, em consideração a eles, mas não há!"

Avraham voltou a suplicar: "Mas talvez haja quarenta e cinco pessoas boas! Não seriam elas suficientes para salvar todas?"

D'us respondeu: "Sim, mas também não há quarenta e cinco pessoas justas!"

Avraham exclamou: "Então talvez haja quarenta tsadikim!"

D'us respondeu: "Não há sequer nem quarenta pessoas boas em Sodoma e nas outras cidades!"

Avraham não desistiu. Continuou rezando para que D'us salvasse as cidades perversas por causa de alguns tsadikim que viviam ali. Finalmente, ouviu de D'us que não havia nem mesmo dez pessoas boas em Sodoma e suas cidades vizinhas. Avraham então parou de rezar, porque compreendeu que "D'us é um Juiz justo." Está destruindo cidades porque todos seus cidadãos são perversos.

Os anjos que D'us enviou para destruir Sodoma e salvar Lot estavam aguardando, para ouvir se Avraham seria ou não capaz de salvar Sodoma com suas orações. Quando Avraham parou de tentar, prosseguiram viagem, para destruir as cidades depravadas.

Lot Convida os Anjos para Sua Casa

Os dois anjos chegaram a Sodoma ao anoitecer. Tinham aparência de homens.

Lot reparou neles na rua, e pediu, "Venham passar a noite em minha casa! Mas cheguem secretamente, por um desvio, porque se as pessoas daqui descobrirem que tenho hóspedes, me matarão. Não passem a noite na rua!"

"Deixe-nos ficar na rua," responderam os anjos. "É muito perigoso para você nos convidar para entrar!"

.....
Mas Lot insistiu. Aprendera com Avraham a ser hospitaleiro. Finalmente, os anjos concordaram em ir para sua casa.

Lot assou matsot para seus convidados. Depois, disse à sua mulher: "Por favor dê sal aos nossos convidados para que temperem a comida." A mulher de Lot estava muito zangada por seu marido ter trazido convidados à sua casa. Pensou: "Basta que lhes dê comida, não precisam de sal para deixá-la saborosa. Podem muito bem passar sem sal!"

A mulher de Lot queria que suas vizinhas soubessem que Lot havia convidado pessoas, mas tinha medo de seu marido. Então, usou o sal como desculpa. Disse para Lot, "Vou pedir sal emprestado!"

Foi de uma vizinha a outra dizendo: "Temos hóspedes. Você nos emprestaria um pouco de sal para pôr em sua comida?"

Isso era justamente o que o povo de Sodoma precisava ouvir! Todos correram para a casa de Lot, e cercaram-na por todos os lados.

"Entregue-nos seus hóspedes, Lot!" - gritavam eles. "Queremos fazer com eles o que fazemos com todos os forasteiros!"

Lot apareceu na porta da casa. "Por favor, meus irmãos," implorou para as pessoas: "Não façam mal a meus hóspedes! Em vez disso, dar-lhe-eis minhas duas filhas solteiras!"

"Não, queremos seus hóspedes!" - responderam os moradores de Sodoma.

"Se não os der para nós, arrombaremos a porta e entraremos à força!"

Os anjos fizeram Lot entrar na casa e fecharam a porta. Então, castigaram todas as pessoas ao redor da casa com cegueira. De repente, o povo de Sodoma não conseguia mais achar a porta. Ainda assim, não desistiram de sua busca. Eram tão perversos que continuaram procurando a porta, mesmo cegos! Não desistiram até que caíram de cansaço.

D'us destrói Sodoma

Os anjos revelaram a Lot: "Em breve, D'us vai destruir esta cidade perversa! Pegue sua família e fuja!"

Lot começou a juntar seu dinheiro e seus bens para levá-los consigo. Os anjos o avisaram: "Não há tempo para isso! Se demorar, também morrerá!"

Mas Lot não queria deixar seus haveres para trás. Quando os anjos viram que ele estava se demorando, pegaram-no, com a mulher e as duas filhas solteiras pela mão, e os levaram às pressas para fora da cidade.

Os anjos advertiram: "Não parem! Continuem andando, e jamais olhem para trás!"

Porque não era permitido a Lot e sua família olhar para trás?

Lot não era tão tsadic que merecesse ser salvo. D'us o salvou, e à sua família, somente pelo mérito de Avraham. Como Lot e sua família mereciam ser castigados, não lhes era permitido ver o castigo dos outros.

Logo que Lot e sua família estavam fora da cidade, começou a cair uma chuva do céu. Quando esta alcançou Sodoma e as cidades vizinhas, transformou-se em piche e fogo. O fogo destruiu tudo. Ninguém conseguiu escapar. Quando as pessoas começavam a correr, seus pés ficavam atolados no piche.

A mulher de Lot tinha curiosidade para ver o que tinha acontecido com sua casa e voltou-se para trás. Imediatamente, transformou-se numa estátua de sal. Podemos adivinhar porque D'us a transformou em sal? Esse foi o castigo que ela mereceu por sua maldade, quando fingiu pedir emprestado sal para seus hóspedes.

No sul da Terra de Israel, ainda podemos ver a região onde Sodoma foi destruída. Lá não há nenhuma vegetação. A água do Mar Morto, o Yam Hamelach, é tão cheia de sal que não se pode afundar nela. Nossos Sábios estabeleceram berachot (bênçãos) especiais que se diz quando se vê o pilar de sal em que era a mulher de Lot foi transformada.

Lot e Suas Filhas

O anjo disse a Lot: "Fuja para a montanha onde vive Avraham." Mas Lot temia voltar à vizinhança de Avraham, pensando: "Quando vivia entre o devasso povo de Sodoma, D'us comparou-me a este, julgando-me relativamente justo, e por isso salvou-me. Porém se mudar-me para as vizinhanças de Avraham, o tsadic, serei considerado perverso, se comparado a ele." Sendo assim, Lot rogou a D'us para que poupasse a cidade de Tsoar, a fim de que pudesse para lá escapar.

"Tsoar tem menos pecados que Sodoma," argumentou, "uma vez que foi povoada mais recentemente." D'us concedeu-lhe o pedido e, em sua consideração, não destruiu a cidade de Tsoar. Lot foi assim recompensado por ter-se desviado de seu caminho para convidar os anjos, e por ter se colocado em perigo por causa dos anjos. Em troca, agora D'us o favoreceu, salvando Tsoar.

O anjo ordenou a Lot: "Apreste-se e fuja para Tsoar, pois não posso destruir Sodoma antes que você chegue lá!" Lot e suas filhas apressaram-se para Tsoar, porém não permaneceram. Lot temia estabelecer-se naquela cidade, porque ficava muito perto de Sodoma. Em vez disso, mudou-se com as filhas para uma caverna nas montanhas, desconsiderando, assim, as palavras do anjo que lhe ordenou refugiar-se em Tsoar. Como consequência, sucedeu-se a vergonhosa história dos eventos ocorridos na caverna.

Duas grandes mulheres estavam destinadas a descender das filhas de Lot: Rut, a mulher moabita que viria a ser a ancestral da dinastia de David e, em última análise, de Mashiach; e Naama, a mulher amonita que se casaria com o rei Salomão, e tornar-se-ia mãe do rei Rechavam. As filhas de Lot puderam sobreviver à aniquilação em consideração às duas preciosas almas - Rut e Naama - que mais tarde delas viriam a brotar.

Ambas as filhas de Lot eram justas e virtuosas, e aprenderam a amar a D'us na casa de Avraham. Após testemunharem a destruição de quatro grandes cidades, e a terra engolir todos os habitantes de Tsoar (apesar de não ter sido destruída, como Sodoma), as filhas de Lot ficaram com a impressão de que um segundo Dilúvio havia varrido a terra, deixando-as como únicas sobreviventes. "Nosso pai está velho," disse a irmã mais velha para a mais nova, "e poderá morrer.

A não ser que um filho varão lhe nasça em breve, a raça humana perecerá! As filhas de Lot agiram por amor ao Céu. Encontraram

.....
vinho na caverna, o qual D'us preparara especialmente para essa finalidade, pois queria que ambas as nações, Amon e Moav, viessem a existir. Permitiram que o pai se embriagasse, e seduziram-no. A primeira deu o exemplo, e a mais jovem seguiu-o.

Ao contrário das filhas, Lot sabia, através dos anjos, que a destruição afetaria apenas determinado número de cidades, e não o mundo inteiro. Mais ainda, apesar de estar embriagado e não ter consciência do que fazia na primeira noite, pela manhã percebeu, e soube o que acontecera. Não obstante, permitiu-se embriagar-se novamente, sabendo perfeitamente quais seriam as consequências.

Ambas engravidaram e deram à luz filhos varões.

A mais velha era tão desavergonhada e impudente que deu ao filho um nome que indica claramente sua ignominiosa paternidade. O nome Moav vem de "Me'av", "do pai." A mais nova, contudo, deu a seu filho o nome de Amon, que significa "filho de meu povo", desta forma, ocultando pudicamente seu pai. Foi recompensada na época de Moshê, quando D'us ordenou que o povo judeu não incitasse guerra contra Amon.

Avimêlech, o Rei dos Pelishtim leva Sara para seu Palácio

Depois que Sodoma foi destruída, Avraham decidiu sair daquela vizinhança. Pensou: "Ali não vai mais haver viajantes a quem eu possa oferecer refeições em minha tenda, e a quem eu possa transmitir ensinamentos."

Avraham e Sara viajaram para a terra dos filisteus (pelishtim). Apesar dos filisteus não serem tão maus como os egípcios, Avraham preveniu Sara: "É melhor dizer a todos que somos irmãos."

O rei Avimêlech ouviu falar de Sara. Ordenou aos soldados que a trouxessem ao seu palácio.

Sara rezou à D'us para enviar um anjo para protegê-la. D'us mandou uma praga para o rei Avimêlech e sua família.

Naquela noite, D'us apareceu em sonho ao rei Avimêlech, e o advertiu "Hei de puni-lo com morte, porque trouxeste Sara para o seu palácio. Ela é uma mulher casada!"

Avimêlech defendeu-se: "O que fiz de errado? Sou um tsadic. Tanto, Avraham como Sara disseram-me que são irmãos. Se me castigar com a morte, Avraham também merece morrer! A culpa é dele."

D'us repreendeu Avimêlech: "É verdade que não sabias que Sara era casada. Porém, não tinha o direito de trazê-la à força para o palácio. Isso foi um sequestro e mereces a morte por isso. Devolve-a para o marido, do contrário morrerás!"

O rei Avimêlech retornou Sara para Avraham. Perguntou: "Não sabias que somos pessoas boas e bem educadas? Por que, em vez de contar-me a verdade, fingiste que Sara era sua irmã?"

Avraham respondeu: "Pode ser que seus cidadãos agem como pessoas boas, mas vi que eles não têm temor a D'us. Pessoas que não temem a D'us são capazes de matar para tomar minha mulher."

O rei Avimêlech deu presentes caros a Avraham para apaziguá-lo.

Avraham rezou a D'us: "Cure Avimêlech e sua família da praga." D'us aceitou a oração de Avraham e curou Avimêlech.

Avraham é Hospitaleiro com Todos

Avraham mudou-se para Beer Shêva, ao sul da Terra de Israel.

Lá plantou um lindo pomar, repleto de frutas deliciosas como figos, uvas e romãs.

Quando os viajantes passavam, Avraham os convidava para sentarem-se. Perguntava-lhes: "O que você gostaria de comer?" Cada viajante pedia a comida que desejava. Avraham servia a cada hóspede, mas não cobrava nada pela comida e ou serviço que prestava.

Na época de chuva, Avraham oferecia alojamento, onde passantes podiam ficar sem pagar. Quando um indivíduo havia comido e bebido, Avraham dizia, "Agora, recite uma bênção de agradecimento!"

"O que devo dizer?" - perguntava o convidado. Avraham ensinava: "Diga: 'Abençoado seja D'us, Rei do universo, Cuja comida comemos!'"

Desta maneira, Avraham fez o Nome de D'us conhecido no mundo todo. Milhares e milhares de pessoas começaram a acreditar em D'us e rezar para Ele.

O Nascimento de Yitschac

Sara deu a luz a um menino em Pêssach, um ano depois que os anjos visitaram a tenda de Avraham. Sara tinha noventa anos e Avraham cem anos quando seu filho veio ao mundo. Era um grande milagre que eles tivessem um filho na velhice.

Avraham e Sara disseram: "Todas as pessoas que ouvirem que tivemos um filho se alegrarão." Deram o nome de Yitschac ao recém-nascido.

Quando Yitschac completou oito dias, Avraham lhe fez a milá (circuncisão).

Sara amamentou Yitschac até os dois anos de idade. Quando o desmamou, Avraham deu uma festa.

Algumas pessoas diziam: "Avraham e Sara nunca tiveram um bebê. São velhos demais. Devem ter levado um bebê estranho para casa e contado a todos que era seu próprio filho!"

Por isso, Avraham instruiu Sara: "Amamente os bebês de todas as mulheres que vierem para a festa! Assim verão que D'us transformou você numa jovem mulher e Yitschac é nosso verdadeiro filho!"

Sara amamentou todos os bebês que foram levados a ela. Agora, todos acreditaram que D'us realizara um maravilhoso milagre para Avraham e Sara.

Avraham Manda Embora Yishmael e Hagar

.....
O pequeno Yitschac cresceu junto com seu meio-irmão mais velho, Yishmael, filho de Hagar.

Yitschac prestava atenção a tudo que Avraham lhe ensinava. Mas Yishmael zombava do que Avraham lhe ensinava. Trazia ídolos para casa e os cultuava. Avraham não percebeu isso, mas Sara sim.

Um dia Sara observou uma briga entre Yishmael e Yitschac. Yishmael se vangloriou: "Sou o primogênito. Terei uma porção dobrada dos bens de Avraham." Yitschac respondeu: "Mas, eu é que sou o filho de Sara. Mereço herdar tudo o que Avraham possui."

Yishmael e Yitschac correram juntos para o campo. Yishmael sacou seu arco e flecha e disparou contra Yitschac.

Quando Sara o repreendeu, retrucou: "Estava apenas brincando." Sara falou a Avraham: "Não é bom que Yitschac e Yishmael permaneçam juntos. Yishmael não se comporta como seu filho, mas como filho de uma mulher egípcia! Sua mãe, Hagar, deve ter-lhe ensinado a cultuar ídolos. Mande Yishmael embora junto com ela!"

Avraham ficou muito perturbado. Quem tomaria conta de Yishmael longe de casa? Talvez Yishmael ficasse até pior, longe de sua influência.

Mas D'us disse a Avraham: "Sara tem razão. Ouça tudo o que ela lhe diz. Mande Hagar e Yishmael embora. Somente Yitschac tornar-se-á o patriarca de uma nação sagrada, não Yishmael. Não se preocupe com ele; Eu o protegerei mesmo estando longe de sua casa."

Na manhã seguinte, bem cedo, Avraham fez como D'us havia lhe ordenado. Deu pão e um frasco de água para Hagar e pôs Yishmael sobre seus ombros, porque Yishmael estava com febre. Avraham os mandou embora.

Hagar e Yishmael vagaram pelo deserto. A febre queimava em Yishmael e este tinha tanta sede que logo bebeu toda a água que a mãe havia levado.

Hagar tinha medo de que seu filho morresse de sede, porque não sobrara água no frasco.

Colocou-o sob um dos arbustos que cresciam no deserto, depois afastou-se e começou a chorar.

Hagar rezou a D'us e assim como o doente Yishmael. D'us aceitou a oração do menino doente. Um anjo falou do céu: "Hagar, não temas! D'us está protegendo teu filho. Ele viverá e se tornará o pai de uma grande nação!"

De repente, Hagar viu um poço com água, no meio do deserto. Havia aparecido milagrosamente. Beberam de sua água e Hagar encheu o frasco.

Hagar e Yishmael estabeleceram-se no deserto de Paran. Yishmael tornou-se arqueiro.

Avraham está Pronto para Sacrificar seu Filho no Monte de Moriá

D'us chamou: "Avraham, Avraham!"

"Estou disposto a fazer qualquer coisa que me peças," respondeu Avraham

"Pegue seu filho Yitschac," disse D'us, "e vá para a terra de Moriá. Lá deverás ofertá-lo como sacrifício numa das montanhas que eu lhe mostrarei!"

Podemos imaginar como Avraham deve ter ficado chocado!

Todo pai ama seu filho. Avraham sentia um carinho especial por Yitschac, porque havia esperado por um filho até a idade de cem anos. E não tinha outro filho para tomar o lugar de Yitschac.

Avraham também se lembrou da promessa de D'us que Yitschac teria tantos descendentes quanto as estrelas do céu. Agora essa promessa não se cumpriria.

Mas Avraham não fez perguntas a D'us. Pensou: "Qualquer coisa que D'us me pede farei sem questionar."

Avraham não sabia como contar para Sara que D'us queria que Yitschac fosse sacrificado. Ela ficaria tão triste, partiria o seu coração.

Portanto, disse a Sara: "Nosso filho cresceu. É tempo de ele estudar Torá. Amanhã vou levá-lo para a Yeshivá de Shem."

"Faça como você diz," respondeu Sara. "Mas por favor não o deixe lá por muito tempo, pois não posso aguentar a separação. Cuide bem dele no caminho."

Sara preparou bonitas roupas para Yitschac utilizando os trajes que o Rei Avimelech lhe havia dado. Ela também preparou provisões para a viagem.

Pela manhã bem cedo, Avraham selou pessoalmente seu burro. Ordenou ao filho Yishmael, que estava então de visita na casa de Avraham, e ao seu servo Eliêzer, que os acompanhassem.

Avraham rachou lenha (para tê-la pronta para o sacrifício) e colocou-a sobre o burro. Chamou Yitschac, e partiram juntos.

Durante a jornada, Satan, o anjo que tenta persuadir as pessoas a não obedecer a D'us, apareceu a Avraham e Yitschac.

Primeiro Satan se apresentou a Avraham como um homem velho. Falou um pouco com Avraham, até que este lhe contou aonde estava indo, e por quê.

Depois, perguntou, "Você não está sendo tolo por ir matar um filho que nasceu em sua velhice? Não é possível que D'us lhe tenha ordenado fazer isso. Ele não lhe daria uma ordem tão cruel!"

Mas Avraham compreendeu que essas eram idéias e argumentos de Satan.

"Deixe-me em paz!" - gritou, e o anjo desapareceu.

Satan então apareceu a Yitschac como um rapaz jovem e bonito.

"Você sabe para onde seu velho e tolo pai o está levando?" - perguntou. "Para o sacrifício! Morrerás jovem!"

.....
"Pai!" - Yitschac chamou Avraham. "Você ouviu o que esse rapaz estava me dizendo?"

"Tome cuidado com ele", Avraham preveniu a Yitschac. "Não lhe dê ouvidos! É Satan, o anjo do mal, que quer que desobedeçamos a mitsvá de D'us!" Avraham gritou de novo com Satan, e este se foi.

Satan tentou de outro modo. Transformou-se num grande rio, bloqueando o caminho. Avraham e Yitschac avançaram rio adentro até que a água alcançou seus pescoços e aí ficaram com medo.

Então Avraham compreendeu que tudo aquilo era um teste para eles. "Aqui nunca houve rio algum," disse para Yitschac. "Isso é obra de Satan".

"D'us, tire Satan de nosso caminho", implorou Avraham. "Estamos tentando cumprir a Sua ordem."

Satan foi embora e o rio voltou a ser terra seca.

Depois de caminhar por três dias Avraham avistou a montanha sobre a qual a nuvem da Shechiná (Divindade) pairava, e assim soube para qual montanha dirigir-se com o seu filho.

Avraham disse a Yishmael e Eliêzer: "Fiquem aqui aos pés da montanha. Eu e Yitschac subiremos, prostrar-nos-emos perante D'us e voltaremos para onde vocês estão."

Avraham, sem saber, havia dito a verdade! Tanto ele como Yitschac realmente voltariam da montanha! Avraham pôs a lenha da fogueira nos ombros de Yitschac, e juntos subiram a montanha.

Yitschac perguntou-se. Havia uma faca e fogo, mas nenhum animal para o sacrifício! Havia suspeitado da verdade antes, mas agora tinha quase certeza. "Pai," perguntou Yitschac, tremendo, "Vejo o fogo e a madeira, mas onde está o animal para o sacrifício?"

"Já que você me pergunta", respondeu Avraham, "vou lhe contar. D'us escolheu você para o sacrifício, meu filho."

"Eu vou me deixar sacrificar de bom grado," disse Yitschac sem hesitar. "Mas me dói pensar no sofrimento da minha mãe quando souber de minha morte."

Quando chegaram ao local assinalado, Avraham construiu um altar e dispôs a madeira sobre ele. Depois Avraham colocou Yitschac sobre o altar por cima da madeira. Yitschac pediu a ele para amarrar suas mãos e pés firme para não empurrar ou chutar e com isso, estragar o sacrifício.

Lágrimas escorreram dos olhos de Avraham, enquanto estendia sua mão empunhando a faca para matar seu filho. Mas em seu coração estava feliz por obedecer a D'us.

No céu, D'us ordenou ao anjo Michael: "Rápido, diga para Avraham parar!"

"Avraham, Avraham," chamou o anjo Michael. "Não mate seu filho!"

Avraham sentiu um súbito desapontamento.

"Vim até aqui, ergui o altar e preparei o sacrifício, tudo em vão?" - perguntou ele. "Permita-me fazer um pequeno corte nele com minha faca, para mostrar que estava disposto a sacrificá-lo."

"Não o machuque!" - ordenou o anjo.

Avraham rezou a D'us: "Por que então me ordenaste oferecer meu filho em sacrifício?"

D'us respondeu, "Somente ordenei, 'leve-o para o monte de Moriá', porque queria comprovar se você me obedeceria. Passaste no teste. Mostrei a todos povos do mundo que tsadic você é!"

Avraham sentiu um vazio. Viera especialmente para oferecer um sacrifício; e de repente, não tinha nenhum para ofertar a D'us.

Então, D'us fez aparecer um carneiro, a uma pequena distância de Avraham. Seus chifres estavam enredados nos arbustos. Avraham o pegou e o sacrificou sobre o altar.

Ele suplicou a D'us: "Por favor, D'us, aceite este sacrifício como se tivesse sacrificado meu filho!"

Avraham profetizou: "Sobre esta montanha, onde atei Yitschac, um dia será construído o Templo Sagrado (Bet Hamicdash).

Aqui a Shechiná será revelada ao povo judeu. Como eu estava disposto a sacrificar Yitschac, D'us aceitará as orações e sacrifícios do Povo de Israel."

D'us sempre recorda o grande mérito do sacrifício de Yitschac.

É quase inacreditável que um homem que teve um filho único em sua velhice, e a quem D'us muitas vezes prometera que teria muitos descendentes deste filho, estivesse disposto a sacrificá-lo para D'us, sem queixas ou perguntas.

Especialmente em Rosh Hashaná, o dia em que D'us nos julga, mencionamos em nossas rezas: "D'us, por causa do sacrifício de Yitschac, julgue todos os judeus com misericórdia.

Assim como Avraham atou seu filho ao altar e subjugou a sua piedade para cumprir Tua vontade, assim D'us, sê misericordioso para conosco mesmo se nós O encolerizarmos!"

Por que tocamos shofar, um chifre de carneiro, em Rosh Hashaná? Para que D'us tenha misericórdia de nós, pelo mérito de Avraham que estava disposto a sacrificar seu único filho.

Enxergando a Verdade

Enxergando a Verdade Por Eli Touger

Adaptado de Likutei Sichot, vol. 10

Lágrimas de uma Criança

Quando o Rabino Shalom Dov Ber, o quinto Lubavitcher Rebe, era uma criança pequena, ele foi levado ao seu avô, o Tzemach Tzedek para receber uma bênção em seu aniversário. Quando entrou na sala de seu avô, ele começou a chorar.

.....
Depois de acalmá-lo, seu avô perguntou-lhe o motivo de suas lágrimas. O menino respondeu: “Na escola, nós aprendemos que o próprio D’us revelou a Si mesmo a Avraham. Por que Ele não revela a Si mesmo para mim?”.

O Tzemach Tzedek respondeu: “Quando um judeu¹ de 99 anos de idade reconhece que ele precisa circuncidar a si próprio, ele merece que D’us revele a Si mesmo para ele”².

Redefinindo as Referências

O Zohar³ destaca a circuncisão de Avraham como um evento decisivo na natureza das revelações que ele recebia. Ao descrever as revelações feitas a Avraham antes da circuncisão, a Torá declara⁴: “E D’us apareceu a ele em uma visão”, usando o termo aramaico machezeh (מחזה) para a palavra “visão”. Em contraste, a Parashá Vayera começa: “E D’us apareceu a ele”⁵, usando o termo hebraico (וירא) que significa revelação direta.

Hebraico é Lashon HaKodesh, “a língua sagrada”, o idioma que D’us emprega para expressar a Si mesmo. Outros idiomas, ao contrário, são invenções humanas. Ao usar o termo aramaico, a Torá indica que as revelações vivenciadas por Avraham antes da circuncisão eram revestidas com os ornamentos de nosso mundo material. Ele podia imaginar D’us somente em termos humanos; ele não podia apreciá-Lo como Ele realmente é.

Uma grande lacuna separa o homem mortal da infinitude de D’us. Por definição, qualquer concepção humana pode apenas ser uma visão restrita. O ato da circuncisão transformou Avraham, permitindo que ele percebesse D’us como Ele é. Portanto, a revelação de Vayera foi direta, sem véus ou restrições. D’us manifestou a Si mesmo para Avraham de forma aberta, transpondo a lacuna que separava todo ser criado de seu Criador.

Esforço do Homem, Resposta de D’us

Isto explica a distinção entre a Parashá Lech Lecha e a Parashá Vayera. A Parashá Lech Lecha descreve a luta de Avraham para exceder os limites da existência mortal e desenvolver uma ligação completa com D’us⁶. O ápice desta busca espiritual foi sua circuncisão, que estabeleceu tal ligação em sua própria carne⁷.

Avraham deixou sua herança aos seus descendentes, pois “as ações dos antepassados servem como um sinal a seus filhos”⁸. Ao cumprir a Torá e suas mitsvot, todo judeu tem o potencial de transcender sua natureza individual e entrar em uma conexão ilimitada com D’us.

Doença e Cura

A revelação da Parashá Vayerá está associada a cura. Avraham estava sofrendo com a dor da circuncisão. D’us veio para “visitar o doente”⁹ e, com esta visita, curou-o.

Para explicar este fenômeno: A palavra hebraica חולה, que significa “afligido pela doença”, é numericamente equivalente a 49¹⁰. Nossos Sábios¹¹ falam dos “50 portões do entendimento” que concedem ao homem o conhecimento de D’us. Dentro do alcance do conhecimento humano, é possível “entrar” somente em 49 destes portões. O 50º está, por definição, acima do nosso alcance.

Alguém que tenha alcançado o 49º nível aprecia sua incapacidade¹² e quer se elevar acima dela. O fato de que sua

própria condição humana o previne de assim fazê-lo o faz ficar doente em seu coração. O Rei Salomão aludiu a esta doença em sua alegoria¹³: “Suporte-me com troncos robustos; deixe-me descansar entre as macieiras, pois eu estou apaixonado”.

Tal doença é curada através da revelação perfeita de Vayerá. Somente a manifestação direta de D’us cumpre este desejo e refaz a natureza da pessoa, permitindo-a perceber sua essência e função Divinas inatas além de suas limitações mortais¹⁴.

Com o Coração de uma Criança

O desejo por uma conexão direta com D’us é um elemento fundamental da constituição de toda pessoa. Quando o Rebe Rashab veio ao seu avô pedir uma bênção em seu aniversário, ele meramente expressou este desejo.

A moral desta história é universal. Dentro de cada um de nós existe uma dimensão simples, pueril, que deseja se ligar a D’us. Sem deixarmos de funcionar como indivíduos maduros, cada um de nós pode compartilhar um relacionamento abrangente com D’us¹⁵.

O exposto acima é particularmente relevante na época atual, momentos breves antes da vinda de Mashiach. Pois a essência da Era da Redenção será a revelação direta de D’us; “Teu Mestre não mais ocultará a Ele mesmo, e teus olhos perceberão teu Mestre”¹⁶. Enquanto estamos no limiar desta era, a sede interior pode ser sentida mais fortemente.

Além disso, existe o potencial de vivenciarmos uma antecipação da Redenção na época atual. Nós podemos desenvolver uma consciência de D’us e reconhecê-Lo como uma força verdadeira impregnando cada aspecto de nossas vidas.

Medida por Medida

A Torá nos diz que D’us apareceu a Avraham enquanto ele estava “sentado na entrada de sua tenda, no calor do dia”¹⁷.

Por que ele estava sentado lá? Para procurar por hóspedes¹⁸. Avraham se dedicava a ações de bondade, alimentando peregrinos famintos em um esforço de aumentar suas consciências por D’us¹⁹. Porque ele próprio se esforçava para trazer outros para mais perto de D’us, D’us mostrou a ele uma suprema expressão de proximidade.

“Os dias estão chegando..., [quando as pessoas terão] fome, mas não por pão; sede, mas não por água, mas para ouvir a palavra de D’us”²⁰. Somente às vezes, como na história do Rebe Rashab, é esta sede expressada conscientemente.

Na maioria dos casos, uma pessoa não terá consciência de sua própria sede. Mesmo assim, quando imitamos o exemplo de Avraham e estendemos a nós mesmos aos outros, descobriremos uma propensão ávida para responder que reflete suas necessidades interiores.

E, como no exemplo de Avraham, estes esforços beneficiarão não somente os receptores, mas também os doadores, precipitando uma conexão mais profunda com a Divindade. Esta conexão continuará a florescer até atingir a perfeição na Era da Redenção. Que isto possa acontecer já!

NOTAS

1. De acordo com uma versão alternativa, "um tsadik".
2. 2. Sichos Chof Cheshvan, 5693; aparece em uma forma condensada no HaYom Yom, 9 Cheshvan.
3. 3. Vol. I, p. 88b, ver também p. 98a.
4. 4. Bereshit 15:1.
5. 5. Ibid. 18:1.
6. 6. Ver o ensaio anterior intitulado "A Journey To One's Self".
7. 7. Ver Bereshit 17:13.
8. 8. Or HaTorah, Lech Lecha; cf. Ramban sobre Bereshit 12:6, Bereshit Rabbá 40:6.
9. 9. Sotá 14a.
10. 11. Taamei HaMitsvot do AriZal, Parshat Vayerá
11. 12. Rosh HaShaná 21b.
12. 13. Desnecessário dizer que isto deve também se aplicar a uma pessoa em um nível menor. Mesmo assim, enquanto um indivíduo não tiver desenvolvido a si mesmo, ele está frequentemente satisfeito com sua imperfeição. Alguém que tiver atingido o 49º portão, ao contrário, tem se preocupado há muito tempo com seu desenvolvimento pessoal e entende a natureza de suas limitações.
13. 14. Cântico dos Cânticos 2:5. Ver a interpretação deste conceito em Or HaTorá, Parshat Vayerá, 88b.
14. 15. Com a expressão "E D'us apareceu a ele", a Torá indica que a revelação permeou Avraham, cobrindo cada aspecto de sua personalidade. Além disso, a Torá menciona que esta revelação aconteceu "nas planícies de Mamré", indicando que Avraham deveria estender a revelação de sua própria pessoa, transformando seu ambiente.
15. 16. Além da lição que a história nos ensina como indivíduos, ela nos comunica uma lição como pais: nós devemos apreciar a sensibilidade inigualável de nossos filhos e educá-los de uma maneira que faça de D'us uma força real e poderosa em suas vidas. Eles devem desejar uma ligação com D'us com uma intensidade que os leve às lágrimas.
16. 17. Yeshayahu 30:20; ver também Tanya, cap. 36.
17. 18. Bereshit 18:1.
18. 19. Rashi sobre este versículo.
19. 20. Assim, depois de prover-lhes com comida e bebida, Avraham insistia que seus convidados abençoassem a "Ele de cuja generosidade vocês comeram... Ele que falou e trouxe o mundo à existência" (Tratado Sotá 10a).
20. 22. Amos 8:11.

Seis Tipos de Perfeição

Por Yanki Tauber
"Tenho o cara perfeito para você!" É atrás da perfeição que estamos, ao procurar um parceiro para o casamento, um médico ou uma babá. Aqueles que já viveram tempo suficiente poderão dizer que o único lugar para se procurar a perfeição é na busca para aperfeiçoar a si mesmo. Mas o que é "perfeição"? Possui algum objetivo além de "aquilo que eu quero" (ou penso que quero)?

Nesta semana concluímos – no ciclo anual de leitura da Torá – o Livro de Bereshit, também chamado por Nossos Sábios de "o livro dos justos".

Bereshit é a história de uma série de indivíduos perfeitos: Adam (feito à imagem de D'us); Nôach (a quem a Torá chama de "um homem justo"), Avraham (descrito como "o amado de D'us").

Yitschac ("a perfeita oferenda"), Yaacov (o supremo "indivíduo íntegro") e Yossef ("o justo").

Que tipo de perfeição estas personalidades exemplificam?

Adam foi o modelo original, a "obra de D'us" Você não pode conseguir nada mais perfeito que isso. Tão perfeito era ele, que não pôde suportar, e saiu procurando pela imperfeição – algo a consertar, algo a atingir, algo por fazer. Mesmo assim, é bom que nós, como raça, tenhamos começado perfeitos, pois somente assim podemos entender de onde vem nossa ânsia pela perfeição, e que podemos, de fato, atingi-la.

Nôach era a própria perfeição. Toda sua geração era corrupta, mas ele "caminhava com D'us". Ele chegou a tentar melhorar a maneira de agir das pessoas – não porque se importava com o que lhes aconteceria, mas porque D'us tinha dito que era a coisa certa a fazer. Ele recebeu instruções exatas para a construção da arca, o que colocar dentro dela, quando partir, e quando abandoná-la.

O que ele obedeceu. Sua perfeição era do tipo egoísta, cujo único objetivo era ser perfeito.

A perfeição de **Avraham** era a perfeição do amor. Para Avraham, fazer uma refeição significava partilhá-la com todo viajante faminto; descobrir uma verdade era ensiná-la ao mundo. Embora externamente fosse comunicativa e abrangente, a perfeição de Avraham tinha o "eu" como centro, o mundo todo como sua esfera.

Yitschac encontrou a perfeição no altruísmo. Como toda atividade humana ou experiência é imperfeita, a perfeição está no esforço para se reunir com o Divino que é a fonte do ser. Quando alguém é nada, é um com o supremo Tudo.

Yaacov chegou à perfeição por intermédio da harmonia. Através do equilíbrio do amor e da reverência, pela fusão da auto-confiança e da discrição. Ele conhecia o segredo da síntese; que amar indiscriminadamente é adotar também o mal, mas recuar do compromisso é abandonar muito daquilo que é bom; que fazer valer seus direitos é dar as costas a D'us, mas que erradicar o ser é contrariar o Divino propósito.

A vida de Yaacov foi uma corda bamba esticada de Hebron e Charan até o Egito, pertencendo a nada porém sem ser estranho a nada, integrando o melhor de cada um à integridade de sua vida.

A perfeição de **Yossef** foi a perfeição do desafio de fato; pode algo ser perfeito a menos que tenha sido testado, esticado até seu limite e além dele? A integridade de Yossef não era a integridade de um pastor meditativo num prado tranqüilo, ou um erudito recluso nas "tendas de estudo". Foi uma integridade extraída das prisões e palácios do Egito, para colidir com comércio e política, de ver-se às voltas com riqueza e depravação – e perseverar sair vencedor. Seis pessoas, seis protótipos. Seis maneiras de ser perfeito.

D'us Está nos Punindo?

Por Tzvi Freeman

Em todas as palavras dos profetas e nos ensinamentos de nossos sábios, nosso D'us é compassivo e ama cada judeu, até o mais pecador, como Seu único filho. Um D'us que vê o coração e o sofrimento e provações de cada um de nós entende e julga segundo esta medida. Que sabe o que sofremos, o fogo e o inferno pelos quais passamos somente porque somos Seu povo e não nos afastamos d'Ele. Que chora por toda gota de sangue judeu derramado e faz milagres para nos salvar todas as vezes.

.....
Será este é o pior pecado da humanidade, querermos viver em paz com nossos vizinhos e superestimar o potencial deles para agirem como seres humanos decentes? Por estarmos cansados da guerra e nos apegarmos a qualquer palha para nos ver livres dela?

Se você tivesse um filho, um único filho, muito tímido e fraco, você lhe bateria no rosto e ficaria olhando-o cair ao chão? Ou o ajudaria a aumentar sua confiança e sua coragem, deixando o mundo inteiro saber: "Este é o meu filho. Que ninguém ouse colocar a mão nele!"

Muitas e muitas vezes, o Lubavitcher Rebe nos ensinou que em vez de encontrar falhas em nosso próprio povo e psicanalisar D'us, precisamos fazer como Moshê fez na mesma situação. Voltar-se para D'us e dizer: "Por que fizeste mal a este povo? Por que não o redimiste? Por que permites que Teu sagrado nome seja tão vilipendiado no mundo? Quanto tempo isso ainda durará?"

Este é realmente todo o propósito do povo judeu na terra – canalizar o fluxo da vida vinda do alto, como um fazendeiro ara seu campo e cava valas para canalizar a chuva que cai do céu. "O mal não desce do céu" – disse o profeta Yirmiyáhu. Tudo que D'us deseja é bom. Porém, sem nossa intercessão, o fluxo vindo do alto é poderoso demais e avassala nosso mundo. Como uma tempestade num campo inculto. Portanto Ele aguarda nossas preces para direcionar o fluxo da vida rumo ao bem.

O povo judeu, incluindo você e especialmente aqueles que moram na Terra de Israel, são um povo fantástico, cada um deles. Considero-me um orgulhoso irmão de todos eles. Há rabinos que falam sobre a ira de D'us. Eles acreditam que podem melhorar o povo judeu apontando suas falhas e os assustando com advertências de retribuição Divina, como faziam os profetas. O Rebe certa vez falou diretamente sobre esta atitude. Ele disse que havia um profeta chamado Yeshayáhu que amou cada judeu.

Porque você tem de amar todo judeu para ser um profeta. Porém quando D'us primeiro lhe disse para profetizar, ele respondeu: "Como posso? Vivo entre um povo de lábios impuros." E por causa disso ele foi punido. Um anjo foi enviado com carvões quentes para colocar nos seus lábios.

Porque ele tinha insultado o povo de D'us. E era um profeta - não um rabino adivinhando as intenções de D'us.

E um profeta que amava seu povo, que simplesmente estava dizendo a verdade para explicar seu sofrimento sem más intenções. E para que foi ele enviado, afinal, a não ser para repreender seu povo!

Porém se há alguma coisa que D'us desdenha, são aqueles que falam mal de Seus filhos. E se há uma coisa que Ele ama, é quando amamos uns aos outros e louvamos tudo que há de bom no próximo.

Quanto ao porquê de toda esta confusão estar acontecendo logo agora – eu lhe direi aquilo que Rabi Yossef Yitschac, o sexto Lubavitcher Rebe, disse sobre o Holocausto: "Não tenho a menor motivação para encontrar desculpas para D'us."

O mesmo aqui. É melhor eu passar meu tempo encontrando desculpas para Seu povo.

Não Seja Justo

Não Seja Justo

Quais eram os pecados de Sodoma?

Por Yanki Tauber

O Livro do Gênesis (nos capítulos 13-14 e 18-19) nos relata sobre a perversa cidade de Sodoma (Sedom).

Primeiro lemos como Lot, sobrinho de Avraham, instalou-se em Sodoma apesar do fato de que seus habitantes eram "maus e pecadores para com D'us"; Sodoma é assolada pelos exércitos de Kedarlaomer, e Avraham vem para resgatar seu sobrinho capturado; encontramos então Avraham suplicando a D'us para poupar a cidade pecaminosa pelo mérito dos residentes justos que lá possam viver, mas acontece que nem ao menos dez pessoas assim podem ser encontradas; dois anjos, disfarçados de homens, visitam a cidade, mas somente Lot lhes oferece hospitalidade; Lot os salva da ralé sodomita, e eles, por sua vez, resgatam a ele e suas duas filhas antes de destruir a cidade.

Quais eram os pecados de Sodoma? Em diversos idiomas, o nome da cidade é sinônimo de perversão sexual. Isso deriva da narrativa da Torá de como a ralé que cercava a casa de Lot exigia que este entregasse seus dois hóspedes a eles "para que possamos violentá-los."

Mas as tradicionais fontes judaicas - o Talmud, Midrashim e os Comentários - têm um ângulo diferente sobre a história de Sodoma. Lá, a ênfase não está em seus pecados sexuais, mas na sua falta de hospitalidade e sua violenta oposição a quem quer que ouse compartilhar qualquer bem da cidade com um estranho.

Nas palavras do Talmud: "Os homens de Sodoma foram corrompidos somente por causa do bem que D'us havia lhes prodigalizado... Disseram: 'Como a terra nos fornece o pão, e o solo tem ouro em pó, porque devemos receber viajantes, que vêm a nós somente para se aproveitar de nossa riqueza? Ora, vamos abolir a prática de alojar viandantes em nossa terra...'"

Eles até encontraram uma forma de ser caridosos enquanto se asseguravam de que nenhum estrangeiro se beneficiaria de sua caridade: "Se um pobre por acaso fosse para lá, cada morador lhe daria um dinar, sobre o qual haveria seu nome escrito, mas nenhum pão era vendido a ele. Quando morria, cada um vinha e recolhia de volta seu dinar." Chegaram ao ponto de decretar: "Aquele que der um pedaço de pão a um mendigo ou estranho será queimado numa estaca."

A história de Sodoma aparece na Torá contra o pano de fundo da vida de Avraham. De fato, Sodoma é a antítese de Avraham, retratado pela Torá como a própria personificação de chessed(benevolência). Avraham dá muito de si, tanto materialmente (fornecendo comida e alojamento aos caminantes) quanto espiritualmente (compartilhando as verdades que descobriu, rezando por Sodoma); o sodomita pretende guardar para si mesmo aquilo que é.

O que é notável sobre os habitantes de Sodoma é que não são ladrões (como a geração do Dilúvio). Mesmo quando privavam um intruso de seus pertences, eram cuidadosos em fazê-lo de forma "legal." De fato, sua filosofia básica parece até benigna. Nas palavras de Ética dos Pais:

Aquele que diz: "O que é meu, é meu, e o que é seu é seu" - esta é a característica de Sodoma.

.....
O que pode ser mais justo? Certo, o povo de Sodoma levou isso a extremos repulsivos. Mas toda pessoa que declara: "O que é meu é meu, e o que é seu é seu" é um sodomita? Tudo que está declarando é: "Não tocarei naquilo que é seu, mas não espere que eu lhe dê alguma coisa."

Para o judeu, esta justiça é a essência do mal.

Não Basta Ser Bom

por Matthew Leader

Se fosse feita uma enquete para descobrir qual livro da Torá é o mais popular, não há dúvida que o Livro Bereshit ganharia facilmente. Como a parte conotativa da "Maior História Jamais Contada", as primeiras porções parecem nos proporcionar o pano de fundo necessário para entender como nos tornamos uma nação, e o que somos agora.

Entretanto, sabemos que as histórias em Bereshit não são apenas narrativas para entretenimento. Cada um de nossos antepassados representa um atributo específico que devemos nos esforçar para atingir, e cada evento de suas vidas pode nos ensinar algo pertinente, mesmo nos dias de hoje.

O tema desta porção é obviamente a vida de Avraham, e a porção da Torá conecta muitos dos maiores eventos de sua vida: sua circuncisão, o nascimento de Yitschac, o exílio de Hagar e Yishmael, e finalmente o teste definitivo da akeidá. Entretanto, em meio a todos estes eventos familiares está algo que de certa forma parece não se encaixar, a história da destruição da cidade de Sodoma e as preces de Avraham pelo bem da cidade.

Quanto à história que presumimos ser uma advertência, não nos foram dados muitos detalhes no texto sobre o que realmente aconteceu em Sodoma, para que a cidade recebesse atenção Divina tão espetacular.

A narrativa descreve como os habitantes de Sodoma abordavam os visitantes da cidade. Entretanto, entendemos que devia haver ainda mais perversidade, e há na verdade toda uma lista de ofensas que o Midrash e os comentários atribuem aos sodomitas. Uma das mais infames é que eles se opunham ferozmente a qualquer forma de hospitalidade; outra é sua sólida crença no princípio "mesmo se eu não perder, não quero que você ganhe".

Mas aquilo que o Ramban nos conta ter selado o destino da cidade foi sua recusa em tomar conta dos pobres. Todas as sociedades daquela época tinham algum sistema para ajudar os menos afortunados. Mas se o comportamento deles era tão mau, por que Hashem decidiu destruí-los naquela ocasião específica?

Certamente os visitantes e os pobres da cidade tinham estado em sofrimento por muitos anos. E nossa segunda dúvida é: o que isso tem a ver conosco hoje?

Obviamente podemos sempre doar mais, porém a maioria de nós ajuda o próximo de alguma maneira, seja através da Federação Judaica local, da hospitalidade no Shabat, ou em trocados que se dá aos necessitados.

Talvez uma pergunta responda a outra. A idéia de hospitalidade ou cuidados com os pobres não seja simplesmente "ser bom". Na verdade, atinge a própria razão de nossa existência. Resumindo, a humanidade foi posta nesta terra para santificar o nome de D'us, e a maneira pela qual o fazemos é imitando tantos

atributos Divinos quantos pudermos. Quando ajudamos uma pessoa, estamos na verdade manifestando os atributos de chesed de Hashem – bondade e rachamim – misericórdia.

Se uma nação, grupo ou cidade se recusa a cumprir suas responsabilidades básicas nesta área, então desistiram de sua razão de existir. Esta mensagem tinha de ser transmitida na história de Avraham, que personificou as características de chesed e rachamim. Desde seu atendimento aos anjos que visitaram sua tenda até o ponto alto da akeidá, Avraham representou tudo aquilo que os sodomitas rejeitaram. Sem o episódio quase irônico do justo Avraham argumentando com Hashem para salvar os pecadores de Sodoma, teríamos omitido boa parte da história.

Estas mensagens não são apenas grandes idéias filosóficas para que pensemos a respeito. Uma das formas pela qual os sodomitas demonstravam sua falta de respeito pela humanidade e por D'us foi sua subversão das regras de "jogo limpo", ao roubar uns dos outros quantias que eram pequenas demais para serem recuperáveis no tribunal.

Na verdade, muitos de nós provavelmente já testemunhamos a seguinte cena: passeando pelos corredores do mercado local, você espiona nosso protagonista David em frente a uma gôndola de uvas com aparência deliciosa. São grandes e suculentas. Porém, David está pensando que não vai levar alguns cachos para casa sem primeiro saber se são tão boas quanto aparentam, então arranca duas uvas para "testar".

Certamente há um aviso advertindo os fregueses a não cometer este furto gastronômico, mas, reflete David: "O que podem fazer – processar-me por causa de uma uva?"

Bem, David, é aí que queremos chegar. Aprendemos de Avraham o quanto ganhamos por pensar nas necessidades dos outros e não querer tudo para nós mesmos. Em total contraste, Sodoma nos ensina que, ao usarmos nossa criatividade para tirar algo que não nos pertence, estamos apenas embarcando na funesta rota da destruição.

O Olhar de Um Justo

O Olhar de Um Justo

Por Tor@mail

Nessa Parashá, Avraham pede a D'us para desistir da destruição de uma cidade se esta tivesse ao menos dez pessoas justas.

Por que ele não pediu para poupar apenas essas dez pessoas e não a cidade inteira? Do que resolveria dez pessoas contra uma cidade inteira de perversos?

Para entender sua posição, segue uma história.

No séc. 18 o Czar instituiu uma prática terrível, para 'unificar' os cidadãos russos e também 'salvar' suas almas.

Jovens meninos, principalmente judeus, eram raptados de suas casas e levados a campos de treinamento onde eram ensinados como tornarem-se Cristãos Russos Ortodoxos.

Havia crianças que resistiram às torturas terríveis e permaneceram fiéis ao judaísmo, mas foram poucas. A maioria morria ou então sucumbia à pressão e se convertia.

.....
Eli Leib Itskovits estava entre a maioria; com apenas doze anos ele foi sequestrado e não resistiu à pressão por sentir muito medo e estar sozinho. O padre parecia tão caloroso e amigo quando falava da igreja e tão temível quando falava de castigos por desobediência que Eli resolveu se deixar levar pela corrente.

Ele mudou seu nome para Sasha e ascendeu muito no escalão até acabar tornando-se tão respeitado que quinze anos depois estava para ser promovido à oficial. Como prêmio, junto com alguns outros soldados ele recebeu dez dias de folga.

No primeiro dia eles apenas comeram e dormiram, depois viajaram para uma cidade vizinha e embebedaram-se. Começaram a lembrar e falar de seus pais falando que iriam visitá-los. Eli de repente lembrou-se dos seus, veio em sua mente a imagem dos olhos penetrantes e bondosos de sua mãe e a voz de seu pai. Ficou tão tocado que resolveu visitar seu antigo lar.

Passaram-se horas e ele estava na frente de sua velha casa. Bateu na porta. Uma senhora de meia-idade abriu e ele pensou: “será que é minha mãe?”

Ela parecia muito mais velha, e certamente não o reconheceu. Ela o tratou como outro cidadão russo qualquer. Ele então começou a puxar conversa e acabou levando o assunto a sua família. Ela contou-lhe que seu marido tinha falecido há alguns anos de cólera, e ela tinha apenas um filho que tinha sido raptado pelo exército quinze anos atrás. E agora estava sozinho. Era sua mãe.

Eli teve que controlar suas lágrimas. Seu pai estava morto, ele nunca mais o veria! Nunca mais! Seu coração apertou forte. Ele pensou que tivesse esquecido de seus pais, depois de tanto tempo servindo no exército. Tentou mudar de assunto até que olhou para sua mãe nos olhos e disse baixinho.

“Mãe, sou eu! Sou o Eli!”

Eles se abraçaram e um choro irrompeu o silêncio. Ela disse e repetiu seu nome várias e várias vezes, como se pudesse compensar a falta de todos esses anos. Passado o impacto da forte emoção, Eli contou sobre o exército e tudo o que fez nos últimos anos. Os olhos de sua mãe esbarraram na cruz pendurada em uma correntinha em seu pescoço.

“Ora, isso?” Ele falou. “Mudei minha religião. Não é nada demais. Judaísmo é uma coisa do passado mesmo. Os mandamentos são antigos, etc.”

E ele toda a doutrina que havia aprendido com o padre. Sua mãe então implorou para que ele retornasse ao seu caminho, a fonte judaica contando-lhe sobre a devoção de seu falecido pai e o amor que nutria pela Torá e seus ensinamentos. O quanto gerações haviam se dedicado a fim de permanecerem fieis ao judaísmo mesmo que isto significasse o custo de suas próprias vidas.

Inútil. Ele permaneceu por mais alguns dias ajudando-a nos afazeres e consertando o que fosse necessário, mas anunciou que chegava a hora de retornar ao exército.

Ao se despedir de seu filho dando-lhe um beijo, e um conselho: “Não quero lhe perder de novo, nem que você seja morto. Perto de nossa cidade, em Liadi, tem um grande rabino chamado Rebe Schneur Zalman. Por favor vá até ele lhe entregar esse bilhete e pedir uma benção.”

Eli iria recusar, mas o olhar de sua mãe lhe implorando por este pedido foi extremamente forte e apelativo e resolveu ir para Liadi. Ao chegar lá, não enfrentou a imensa fila de espera para falar com o Rebe, já que os chassidim tinham instruções que soldados não deviam esperar.

Quando viu o Rebe, de repente ele sentiu um forte medo percorrendo seu corpo, da cabeça aos pés. Entregou o bilhete ao Rebe, que lhe fez algumas perguntas e finalmente falou: “Que o Todo Poderoso lhe dê sucesso em tudo o que você fizer.”

Eli tomou coragem e pediu para o Rebe lhe dar uma moeda que pudesse carregar para ter sorte e proteção conforme sua mãe lhe havia instruído. Mas o Rebe somente respondeu: “D’us lhe protegerá sem uma moeda e lhe dará compreensão para escolher o caminho correto.”

Quando Eli se retirou da presença do Rebe, sentiu como uma criança, alegre e leve. Foi como se o Rebe o tivesse restituído algo vivo e infinito que ele havia perdido.

No dia seguinte, quando voltou à base, uma coisa estranha aconteceu. Foi colocado um aviso na porta do refeitório: ‘Por ordem do Czar todos aqueles que quisessem voltar à religião de seus pais poderiam fazê-lo’.

Eli foi o primeiro a responder. Ele pediu ao seu superior para voltar a ser chamado Eli Leib e ser registrado como judeu.

Logo o padre e vários oficiais vieram para uma conversa particular, tentar convencê-lo a mudar de ideia e mostrar como estava cometendo um erro tremendo jogando todo o seu brilhante futuro pela janela. Mas Eli tinha olhado nos olhos do Rebe.

Ele esperou todos terminarem de falar para dizer:

“Nasci judeu e morrerei judeu. O primeiro judeu, Avraham, estava sozinho e o mundo inteiro estava contra ele, mas eu estou com ele, assim como meu pai esteve, e minha mãe, e antes disso meus avós e assim por diante!”

Eli foi rebaixado de seu posto e perdeu todas as suas regalias. Logo depois acabou seu tempo de serviço no exército voltou para sua mãe e a primeira benção do Rebe se materializou; ele encontrou um bom trabalho e uma boa esposa e viveu bastante tempo para ver três gerações: filhos, netos e bisnetos.

Pelo menos uma vez por ano ele unia sua família para repetir a história de como o semblante do Rebe o transformou em um homem completamente diferente.

Isso responde à nossa pergunta: não temos como entender o poder de um Tsadik, como vemos na nossa história, apenas uma palavra ou olhar de um judeu sagrado pode mudar uma pessoa completamente.

Agora podemos entender por que então Avraham pensou que se talvez tivesse dez desses tsadikim em cada cidade, eles poderiam influenciar mesmo os mais perversos, assim como o Rebe influenciou Sasha, o Elie Leib apenas adormecido de nossa história.

Acreditando Outra Vez

Por Yossef Lewis

.....
Enquanto percorro os caminhos de um Auschwitz esterilizado pelo tempo que passou desde os horrores aqui perpetrados, começo a duvidar da humanidade e seu Criador. Contemplo o verde luxuriante de uma árvore refletida numa poça, lutando com o fato óbvio de que as árvores não podem ser verdes aqui, nem a água pode refletir.

Isso é o inferno que veio à terra. Porém, embora cômico disso, não sinto a dor excruciante pelo assassinato estúpido de milhões de meus irmãos. Apenas um vazio, um oco na cabeça que não está pensando. Senti-me suspenso num mundo que não conseguia entender.

Cheguei a Auschwitz-Birkenau, onde pelo menos 1,1 milhão de judeus foram mortos durante o Holocausto. O vasto campo reluzia com suas chaminés vermelhas nuas. Havia apenas remanescentes dos barracões, porque os internos tinham arrancado as tábuas para fazer fogo, desesperados para se manterem aquecidos no inverno depois da libertação.

Um grupo de visitantes parecia indiferente à santidade daquele solo e ouvi risadas e conversas amenas enquanto passavam. Outro casal jovem estava ali de pé num apaixonado abraço, aparentemente alheio aos milhões de adeuses pronunciados naquele mesmo local.

A entrada para Auschwitz é um edifício gravado em minha mente. Já a vi umas mil vezes, em milhares de fotos e vídeos. Lança uma sombra pesada, agigantando-se sobre os trilhos de trem. Estes mesmos trilhos levavam diretamente à boca da besta. Percorri os trilhos, na cabeça a descrição de Elie Wiesel sobre os cães ferozes salivando ao atacar uma criança trêmula, recém-chegada de uma viagem infernal.

Em frente à câmara de gás, um vídeo em branco e preto de meu bisavô, Yaakov Shimon Lezerowitz – passou em minha mente. Ele estava lançando um último olhar a um céu que jamais ficaria claro outra vez. As aberturas para o Ziklon B no teto das câmaras de gás pareciam zombar de mim, enquanto a luz do sol reluzia nas paredes que tinham sido arranhadas por mãos que se esforçavam para continuar vivendo.

Um edifício baixo parece inócuo, como a maioria dos prédios em Auschwitz. Era quase convidativo naquele dia quente. O piso estava coberto por uma plataforma de vidro que isolava os pés do chão nu. Ali, os internos eram despiolhados e barbeados. Os uniformes listrados branco e azul eram colocados num forno grande para matar os piolhos profundamente enterrados nas costuras. Uma placa na parede informava: "Desinfecção".

Enquanto reflito sobre a minha experiência em Auschwitz alguns meses atrás, noto que a porção dessa semana da Torá, Vayerá, contém uma importante lição que pode lançar um pouco de luz sobre esta sombra de dúvida e destruição do Holocausto.

Na leitura dessa semana, encontramos Avraham sentado fora de sua tenda, recuperando-se da recente circuncisão. Três figuras se aproximam da tenda. Sentindo dor pela cirurgia, mas corajoso como sempre, Avraham corre para dar-lhes as boas-vindas à sua tenda. Tem início um banquete de imensas proporções – é abatido um boi para os convidados.

Revelando-se como anjos numa missão, um deles abençoa a esposa de Avraham, Sarah. O anjo diz: "No próximo ano, nessa mesma época, você já terá tido um filho." Sarah, numa compreensível descrença, ri da possibilidade de dar à luz, duvidando que um corpo devastado pelo tempo pudesse conceber.

Nada é tão impossível como parece. Assim como Sarah, muitas vezes duvidamos, como duvidei naquele dia em Auschwitz. Porém, Sarah teve um lindo filho, Yitschac, apesar de sua pouca disposição em acreditar no inacreditável.

Apreendi que embora possamos estar assolados por temores, situações e decisões difíceis, podemos contemplar o milagre do nascimento de Yitschac e ver que, na realidade pura e simples, nada é tão impossível como parece.

Houve um momento, um momento, de pura claridade em Auschwitz que me fez, novamente acreditar. Foi quando eu estava de pé perante um enorme livro de visitantes, suas páginas amareladas convidando-me a escrever um pensamento.

Escrevi:

"Vocês são lembrados. Vocês sobreviveram. Suas mortes foram em vão, mas suas vidas não foram. Voltei a este lugar para declarar que nós, a Família Lezerowitz, vivemos."

Foi nesse momento que finalmente derramei uma lágrima, não mais duvidoso ou indiferente.

As Lágrimas de uma Criança

E D'us revelou-Se a ele (Avraham) - **Versículo 18:1**

Quando Rabi Sholom Dovber de Lubavitch era uma criança de quatro ou cinco anos, entrou no quarto de seu avô, Rabi Menachem Mendel, e explodiu em lágrimas. Seu professor no Chêder havia ensinado o versículo "E D'us revelou-Se a Avraham...".

"Por que," soluçou o menino, "D'us não Se revela a mim?!"

Rabi Menachem Mendel replicou: "Quando um judeu, um tsadik, percebe, com a idade de 99 anos, que deve circuncidar a si mesmo, que deve aperfeiçoar-se, é merecedor de que D'us Se revele para ele."

Educação

Porque o conheci, e sei que ordenará a seus filhos e à sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do Eterno, para fazer caridade e justiça. - **Versículo 18:19**

"Assim como é obrigatório a cada judeu, do mais notável erudito até o homem mais simples, colocar tefilin todos os dias, do mesmo modo há um dever inequívoco que paira sobre todo indivíduo: o de separar meia hora todos os dias para pensar sobre a educação de seus filhos." (Rabi Sholom Dovber de Lubavitch)

Rabi Yossef Yitschac de Lubavitch relatou certa vez:

"Em Rosh Hashaná de 5649, quando eu contava sete anos e vários meses, visitei minha avó e ela deu-me um melão. Saí até o quintal e sentei com meus amigos em um banco exatamente em frente à janela de meu pai, e dividi o melão com os meninos.

"Papai chamou-me e disse: 'Percebi que você de fato compartilhou o melão com seus amigos, mas não o fez de todo o coração.' Explicou-me então longamente a idéia de um 'olho generoso' e de um 'olho maldoso'.

.....
"Fui tão profundamente afetado pelas palavras de meu pai que fui incapaz de me recobrar por meia hora. Chorei amargamente e vomitei o melão que havia comido." "O que deseja do menino?", perguntou minha mãe. "Papai replicou: 'É bom assim. Agora esta qualidade ficará gravada em seu caráter.'" Concluiu Rabi Yossef Yitschac: "Isto é educação."

5 - Parashat Chayê Sara

Gênesis 23:1-25:18

A Morte de Sara

Depois da Akedá (sacrifício de Yitschac), Avraham voltou para sua tenda em Beer Shêva, mas não encontrou lá sua esposa Sara.

"Onde está Sara?" - perguntou aos seus servos. Estes o informaram:

"Sara viajou para Chevron (Hebron)."

Avraham foi em busca dela. Quando chegou a Chevron, ficou sabendo da triste notícia: sua mulher havia falecido.

O Midrash Explica: Como Sara Faleceu

O ano mau, Satan, apareceu perante Sara depois que Avraham havia partido rumo ao monte Moriyá junto com Yitschac, para oferecê-lo como sacrifício.

Satan tinha o aspecto de um homem comum. Suas roupas estavam empoeiradas como as de um viajante que anda pelas estradas. Contou a Sara:

"Encontrei-me com seu marido, Avraham, e não imagina o que estava fazendo. Construiu um altar e pôs seu filho Yitschac sobre ele. Yitschac chorava implorando por piedade, mas Avraham se recusou a atender às comoventes súplicas de Yitschac. Amarrou as mãos e os pés do filho e o matou."

Sara começou a chorar. Pôs cinzas sobre a cabeça. "Meu filho Yitschac!" - exclamou ela. "Quem dera tivesse morrido em seu lugar. Mas sinto-me reconfortada e consolada porque sei que foi cumprida a palavra de D'us. D'us é justo em tudo que faz. Mesmo que meus olhos derramem lágrimas, meu coração está feliz por Avraham ter obedecido à ordem de D'us."

Sara desmaiou de emoção, mas logo depois se sentiu melhor. Disse às servas:

"Viajarei a Chevron para descobrir alguma coisa mais sobre o que ocorreu com Yitschac!"

No caminho, Sara perguntava a todos que encontrava:

"Vocês viram Avraham e Yitschac?" Mas ninguém soube lhe dizer nada.

Quando Sara chegou a Chevron, Satan voltou a aparecer-lhe outra vez. Disse-lhe:

"Antes, menti a você. A verdade é que, apesar de Avraham ter amarrado seu filho Yitschac sobre o altar, não o matou no final."

Sara sentiu-se dominada por tanta felicidade com esta notícia maravilhosa que não pôde suportá-la. O coração parou de bater e ela morreu.

Avraham Guarda Luto por Sara

Sara tinha cento e vinte e sete anos quando morreu. Viveu cada um de seus anos com integridade, aceitando todos os decretos de D'us com alegria. Mesmo aos cem anos de idade, era livre de pecados como alguém de vinte anos (que pode ser considerado livre de pecados porque com esta idade ainda não está sujeito à punição celeste).

Avraham lamentou muito sua morte. Com profundo pesar, exclamou:

"Todos devem chorar a morte desta grande tsadeket, porque D'us abençoou todas as pessoas por seu mérito."

"Sara serviu a D'us durante toda sua vida. Constantemente preparava comida para hóspedes e também os ensinava a crer em D'us."

"Durante toda sua vida, a nuvem da Shechiná (Presença Divina) pairava sempre sobre sua tenda. D'us abençoava sua massa de modo que sempre tinha pão em abundância; as velas que acendia na véspera do Shabat permaneciam acesas até a véspera do Shabat seguinte. Agora que ela não está mais aqui, tudo isto cessou."

Sara foi a primeira das quatro matriarcas, fundadoras da nação judaica. Foi uma das sete profetisas conhecidas.

As sete profetisas foram:

- Sara
- Miriam (irmã de Moshê)
- Devorá (a juíza)
- Chana (mãe do profeta Shemuel)
- Avigail (esposa do rei David)
- Chulda (que profetisava para as mulheres à época em que Yirmiyáhu profetisava para os homens)
- A Rainha Ester

Sara era tão grande que D'us falava diretamente com ela; enquanto que com outras profetisas Ele falou apenas através de mensageiros. Ela foi uma tsadeket de tal envergadura que até os anjos estavam sob seu comando.

Quando ordenou ao anjo: "Golpeie", este afligiu o Faraó e toda sua casa com pragas.

Quando o rei Shelomô (Salomão) compôs a canção Êshet Cháyil, tecendo louvores à Mulher Virtuosa, aludiu a Sara. Todos os versos da canção, do primeiro ao último, referem-se a ela, uma vez que cumpriu toda a Torá, do começo ao fim.

Avraham Compra a Gruta de Machpelá

.....
Avraham conhecia o local onde desejava sepultar Sara. Havia uma gruta, perto de Chevron, onde Adam e Chava estavam enterrados. Era um lugar sagrado, chamado "Gruta de Machpelá."

Avraham se propôs a comprar a gruta de seu proprietário, que se chamava Efron. Primeiro, porém, queria pedir permissão para à tribo de Efron, os Benê Chet:

"Por favor, deixe-me comprar um pedaço da propriedade para uma sepultura," pediu a eles.

Os membros da tribo Benê Chet responderam:

"És um homem famoso, um príncipe de D'us. Daremos a ti qualquer propriedade onde desejas sepultar teus mortos."

Avraham curvou-se para agradecer a D'us. Pediu aos membros da tribo:

"Por favor, peçam ao proprietário da Gruta de Machpelá, Efron, que a venda para mim."

Quando Efron ouviu que Avraham queria comprar sua gruta, foi pessoalmente falar com ele.

"Meu senhor," disse para Avraham. "Não quero dinheiro algum pelo campo onde está a gruta. Dou-a para você de graça."

"Não," protestou Avraham, "prefiro comprá-la."

Avraham sabia que Efron não falava a sério quando prometia dar-lhe a gruta de presente. Efron era um homem avarento e, em seu coração, realmente queria dinheiro em troca da gruta.

Portanto, Avraham insistiu: "Apenas diga-me o preço e o pagarei."

"Bem, se você insiste, direi o preço." replicou Efron. "É uma quantia muito pequena - apenas quatrocentos shecalim de prata."

Na verdade, não era em absoluto uma quantia pequena - era um preço muito, muito alto. O avarento Efron cobrava de Avraham um preço exorbitante, apesar de, a princípio, ter prometido dar a gruta de graça.

Avraham, porém, não regateou com Efron. Queria pagar pelo lugar sagrado o preço integral para que ninguém mais tarde afirmasse que a Gruta de Machpelá, na realidade, não lhe pertencia.

Avraham pagou a Efron quatrocentos shecalim. Depois, sepultou Sara.

Mais tarde, quando Avraham morreu, também foi enterrado na Gruta de Machpelá.

Há três lugares chave pelos quais nossos antepassados pagaram a não-judeus em dinheiro, para assegurar-se de que seriam legítimos donos das propriedades e com isso não poderiam ser acusados, mais tarde, de ter se apropriado destes ilegalmente:

- A Gruta de Machpelá, cuja transação é registrada pela Torá.

- O local do Bet Hamicdash (Templo Sagrado, em Jerusalém) foi comprado pelo Rei David de Aravna, do povo de Yevussi.

- O lugar de sepultamento de Yossef em Shechem (Nablus) foi adquirido por seu pai Yaacov.

O Midrash Explica: Como a Gruta de Machpelá Recebeu este Nome

Você sabe o significado do nome "Gruta de Machpelá"?

Quer dizer "A Gruta dos Duplos." (A palavra "Machpelá" tem a mesma origem de "caful" que significa "duplo").

O que era "duplo" nesta gruta?

Há muitas explicações. Abaixo encontramos algumas delas:

1. Havia um "segundo pavimento" sobre a gruta, sendo assim realmente, uma gruta dupla. (Porém somente o andar de baixo servia como local de sepultamento).

2. Não só Sara foi sepultada nesta gruta como também seu marido Avraham, mais tarde, quando faleceu. Yitschac e sua mulher Rivca também seriam sepultados lá, e assim o foram Yaacov e uma de suas esposas, Léa. Outro casal havia sido enterrado na Gruta de Machpelá, muito antes: o primeiro homem, Adam (Adão) e sua esposa, Chava (Eva).

Como os sepultos na Gruta eram casais ou "duplos", a Torá a chama de Machpelá, significando "A Gruta dos Duplos."

Após a morte de Yitschac, a Gruta de Machpelá passou à posse de seus filhos, Yaacov e Essav. Havia sobrado lugar para só mais um casal. A questão era se Essav com uma de duas mulheres ou Yaacov com uma de suas mulheres seriam sepultados ali.

Yaacov perguntou a Essav: "Que preferes, uma pilha de dinheiro de nosso pai Yitschac ou um lugar na Gruta Machpelá?"

Essav pensou: "Por que hei de perder tanto dinheiro para ganhar um lugar de sepultamento? Por enquanto, ficarei com o dinheiro, mais tarde arranjaré um lugar de sepultura de graça."

Essav aceitou o dinheiro de Yaacov e, com isso, perdeu o direito à Gruta de Machpelá para sempre. Mas como veremos depois (na Parashat Vaychi) Essav quis, apesar de tudo, ser sepultado na Gruta de Machpelá.

3. Quando D'us quis sepultar Adam, o corpo deste não entrava na gruta. Adam media cem amot de altura. D'us teve que dobrar o corpo de Adam para que coubesse na gruta. Esta era chamada de "Machpelá / Dupla" porque D'us dobrou o corpo de Adam.

Apesar de a gruta ser pequena, D'us queria que Adam fosse sepultado lá por ser um lugar sagrado.

Atualmente conhecemos a localização exata da Gruta de Machpelá. Fica na cidade de Chevron (Hebron), em Israel. Os judeus rezam lá para D'us e Ele ouve suas orações em mérito de nossos antepassados que ali jazem.

Como Surgiram os Sinais de Velhice

.....
Apesar de Avraham ser idoso, tinha a aparência jovem. Até a época de Avraham, as pessoas não tinham sinais exteriores de envelhecimento. Aparentavam ser jovens até a morte. Yitschac era muito parecido com o pai, e não se conseguia identificá-los com facilidade. Avraham disse a D'us: "Mestre do Universo! Se Yitschac e eu entrarmos juntos num local, as pessoas não saberão a quem prestar honras. Se o Senhor alterasse a aparência de um homem em idade avançada, as pessoas saberiam a quem honrar."

"Muito bem," replicou D'us. "Pediste algo bom. Serás o primeiro a ver seu pedido atendido!" Apareceram, então, sinais de envelhecimento em Avraham.

Avraham Pede a Eliêzer para Achar uma Esposa para Yitschac

Em sua velhice, Avraham tinha tudo o que podia desejar, com uma exceção: seu filho Yitschac não estava casado.

Avraham chamou seu fiel servo Eliêzer e disse-lhe:

"Meu filho Yitschac precisa de uma esposa. Confio a você a tarefa de encontrar-lhe uma.

"Porém, não escolha uma das moças dos canaanitas, porque todos eles foram amaldiçoados por Nôach (como foi mencionado na Parashat Nôach)."

"Em vez disso, vá até minha família em Charan e procure lá uma boa e digna esposa para Yitschac. Apesar dos membros da minha família adorarem ídolos, sei que são bondosos e sinceros. Por isso, uma moça de minha família terá, para começar, bons traços de caráter. Ela poderá aprender a servir a D'us e transmitir a seus filhos."

Eliêzer partiu para Charan. Avraham deu-lhe uma carta em que dizia que tudo que possuía pertencia a seu filho Yitschac. Se Eliêzer mostrasse a carta para os parentes da moça, eles, com certeza, permitiriam que casasse com Yitschac.

Eliêzer chegou a Charan antes do fim do dia. Isto foi um milagre. Normalmente, a viagem para Charan levava muitos dias. D'us fê-lo chegar lá rapidamente para ajudar Yitschac a casar-se sem demora.

Eliêzer põe Rivca à Prova, ao Lado do Poço

Ao anoitecer, Eliêzer chegou ao poço que havia na entrada da cidade de Charan. Diariamente, os habitantes de Charan enviavam suas filhas ao poço para lhes trazerem água e, por isso, Eliêzer sabia que lá encontraria todas as moças de Charan.

Eliêzer rezou a D'us: "Por favor, ajude-me a encontrar a moça adequada para Yitschac!

"Yitschac necessita de uma esposa hospitaleira, que receba cordialmente os numerosos hóspedes que sempre vêm à nossa casa, que seja rápida em servi-los e tenha paciência com eles. Yitschac também precisa de uma esposa justa e compreensiva.

"Hei de testar uma das moças que estão chegando para tirar água do poço. Pedir-lhe-ei para me dar água. Se me responder: 'Beba e também darei água a seus camelos', saberei que é bondosa e hospitaleira. Interpretarei isto como um sinal de que Tu, D'us, a escolheste como esposa de Yitschac. (Mas se disser: 'Por que devo extrair água para ti?' 'Podes tirar água do poço por

si mesmo!' ou 'Pede a uma das outras moças,' então ela não é a esposa generosa e amável que estou procurando)."

D'us aceitou a oração de Eliêzer. Fez com que Rivca viesse ao poço. Ela jamais saía para tirar água do poço. Era de nobre linhagem e seu pai, Betuel, governava a região. Geralmente Rivca enviava criadas para estas tarefas. Agora, porém, os anjos de D'us dirigiram Rivca ao poço, a fim de conduzi-la a seu destino como esposa de Yitschac.

Eliêzer observou a maneira pela qual todas as moças tiravam água. E então reparou que uma delas não precisava abaixar seu balde para dentro do poço. Ocorria um milagre e a água subia até ela. Eliêzer pensou: "Esta moça deve ser uma tsadeket, se D'us faz este milagre por ela!" Correu até ela e pediu-lhe:

"Por favor, dê-me alguns goles d'água do seu jarro."

Rivca Passa no Teste

Rivca respondeu para Eliêzer respeitosamente: "Beba, meu senhor."

Quando Eliêzer terminou de beber, ela acrescentou: "Agora também darei a seus camelos toda a água que necessitam"

Eliêzer viu que esta era uma moça excepcionalmente bondosa e hospitaleira. Ela se ofereceu para dar água a dez camelos - uma difícil tarefa! Correu para o poço e encheu seu jarro repetidas vezes para ajudar um homem que lhe era estranho.

(A excepcional bondade de Rivca pode ser melhor apreciada se atentarmos à enorme quantidade de água que ofereceu-se para trazer: não apenas um jarro de água para cada camelo - o que ocasionaria que voltasse ao poço dez vezes para encher a ânfora - mas água o suficiente para que os camelos ficassem saciados.

Sabe-se que camelos bebem enormes quantidades de água de uma vez, armazenando-a em seu estômago por vários dias. Rivca cumpriu a vasta empreitada com agilidade e rapidez, sem se incomodar com o fato de Eliêzer não levantar um dedo para ajudar uma menina pequena, e ainda manter-se de lado ociosamente, enquanto ela trabalhava sozinha.)

Eliêzer ficou esperando porque queria descobrir mais uma coisa: será que no final a moça pediria dinheiro pelo seu grande trabalho?

Porém, Rivca não tinha tais intenções. Quando terminou de dar de beber aos camelos, preparou-se para partir.

Rapidamente, Eliêzer ofereceu-lhe presentes caros. Estava convencido de que D'us havia enviado a moça certa.

Eliêzer deu à futura noiva de Yitschac um aro de ouro com um diamante que pesava meio-shêkel, e dois braceletes dourados, cada um pesando dez shecalim.

Estes presentes eram uma profecia sobre o futuro. Demonstravam que Rivca se tornaria a mãe do povo judeu. O diamante de meio-shêkel indicava que cada judeu contribuiria ao Templo Sagrado com meio-shêkel por ano. Os dois braceletes, que os judeus receberiam duas tábuas, e o peso de dez shecalim indicava que sobre essas tábuas os Dez Mandamentos seriam gravados.

.....
Eliêzer perguntou a Rivca: "Você é filha de quem? Há lugar para mim na casa de seu pai?"

Rivca respondeu: "Sou filha de Betuel. (Betuel era sobrinho de Avraham). Temos lugar em casa para que durmas e também comida para teus camelos."

Eliêzer agradeceu a D'us: "Obrigado, D'us, por ter me conduzido à moça certa da família de Avraham."

Eliêzer na Casa de Betuel

Rivca correu para casa para contar à mãe sobre o homem desconhecido da família de Avraham que precisava de um lugar para dormir e que havia lhe dado esses presentes.

Rivca tinha um irmão maldoso, Lavan (Labão). Quando viu a irmã usando um aro de ouro e pulseiras, pensou: "Se esse homem deu presentes tão valiosos para Rivca em troca de um pouco d'água, o que não me daria se o convidasse a entrar."

Lavan correu até Eliêzer e disse: "Bem-vindo à nossa casa! Temos lugar suficiente para ti. Também tirei os ídolos da casa!" Lavan sabia que nenhum membro da casa de Avraham entraria em um local onde houvesse imagens de ídolos.

A família de Lavan serviu a Eliêzer uma refeição. Mas quando ele sentou-se à mesa, não começou a comer de imediato. Disse: "Primeiro, quero explicar porque estou aqui. "Meu senhor, Avraham, é muito rico. Tem um filho excelente, Yitschac. Qualquer moça de Canaã se sentiria feliz em casar-se com ele. Mas meu senhor deseja que se case somente com uma moça de sua própria família. Por isso me enviou aqui."

Eliêzer contou-lhes como conheceu Rivca perto do poço e terminou perguntando: "Concordam em dar Rivca como esposa para Yitschac?"

"Estamos de acordo, porque vemos que D'us fez tudo isto acontecer," respondeu Lavan, irmão de Rivca.

O pai de Lavan, Betuel, também estava presente. Betuel deveria ter respondido antes. Porém Lavan não honrava seu pai, e por isso respondeu antes dele.

Betuel era um homem mau. Pôs diante de Eliêzer um prato de comida envenenada. Queria que Eliêzer morresse para ficar com o ouro e objetos preciosos que este trouxera.

Mas enquanto Eliêzer falava, um anjo trocou as porções de Eliêzer e Betuel, e assim, este comeu a comida envenenada. Betuel morreu nesta mesma noite.

Eliêzer leva Rivca para Yitschac

Na manhã seguinte, ambos, Lavan e sua mãe, disseram a Eliêzer: "Queremos que Rivca fique em nossa casa mais um ano antes de partir."

Mas Eliêzer respondeu: "Não, quero que ela venha comigo agora mesmo!"

Perguntaram, então para Rivca: "Queres ir com este homem?"

"Sim, quero ir," respondeu. Estava feliz em deixar o irmão malvado e a casa repleta de ídolos e casar-se com o tsadic Yitschac.

Quando Rivca e Eliêzer chegaram às vizinhanças de Avraham em Canaã, Yitschac estava justamente voltando da reza de Minchá. Ele sempre rezava num certo campo onde havia silêncio e podia concentrar-se.

Nossos patriarcas instituíram as três preces diárias:

- Avraham - a oração matutina, Shacharit
- Yitschac - a oração da tarde, Minchá
- Yaacov - a oração noturna, Arvit

Rivca ergueu os olhos e viu um homem que parecia um tsadic. Havia um anjo sobre ele que o protegia.

Rivca desceu do camelo e cobriu seu rosto recatadamente com um véu.

"Quem é este homem?" - perguntou a Eliêzer.

"É meu senhor, Yitschac" - respondeu Eliêzer.

Eliêzer relatou a Avraham e Yitschac como D'us o ajudara a encontrar uma esposa para Yitschac.

Yitschac levou Rivca para a tenda de Sara. Percebeu, então, que ela era uma mulher justa, como fora sua mãe Sara. Pois, novamente, a luz ardia da véspera de um Shabat até o seguinte, a massa era abençoada de modo que sempre havia o suficiente, e a nuvem de D'us pairava sobre a tenda, tal como acontecia durante a vida de Sara.

Yitschac estava feliz por ter encontrado uma esposa digna.

O Midrash explica: Por que Sara mereceu esses milagres

Sara era meticulosa na observância das três mitsvot dadas especificamente às mulheres: acender as velas do Shabat, separar a chalá da massa, e cumprir as leis relacionadas à pureza familiar. Em troca, D'us a recompensou com três bênçãos:

- Por ser cuidadosa em tirar a chalá, sua massa foi abençoada.
- Como recompensa por cumprir a mitsvá de acendimento das velas, suas luzes ardiam da véspera de um Shabat até o próximo.
- Por seguir as leis de Taharat Hamishpachá, Pureza Familiar, a nuvem da Shechiná pairava sobre sua tenda, pois o estado de pureza atrai a Presença Divina.

Todos os três sinais reapareceram para Rivca porque ela cumpria essas mitsvot com a mesma dedicação de Sara.

Avraham Casa-se Novamente com Hagar

Enquanto Eliêzer estava em sua jornada, Yitschac também viajara. Fora buscar Hagar, para que se casasse novamente com

.....
seu pai. Yitschac pensou: "Meu pai está preocupado com meu casamento, enquanto ele próprio não tem uma esposa!"

Assim como Avraham cumpriu a ordem de D'us separando-se de Hagar e mandando-a embora, também assim o fez, casando-se novamente com ela, sob o comando de D'us.

A Torá relata que Avraham desposou uma mulher de nome Ketura, mas na verdade, casara-se novamente com Hagar. Se Ketura era a mesma pessoa que Hagar, por que a Torá atribuiu-lhe um nome diferente?

Após ter deixado a casa de Avraham, Hagar voltou à idolatria da casa de seu pai. Mais tarde, porém, fez plena e sincera teshuvá, mudando completamente sua personalidade. D'us, então, deu-lhe outro nome, "Ketura." Este novo nome foi escolhido por indicar seus atos positivos:

- Ela segregou-se, e absteve de relacionar-se com outros homens durante todos os anos em que esteve separada de Avraham (keter = isolou-se).

D'us ordenou a Avraham que tomasse novamente Hagar como esposa porque sabia que ela merecia unir-se a Avraham.

A Morte de Avraham

Avraham morreu quando já era um ancião que tinha tudo o que podia desejar. Viu, inclusive, seu filho Yishmael fazer teshuvá antes de morrer.

Yitschac e Yishmael sepultaram-no na Gruta de Machpelá, ao lado de Sara.

D'us recompensou Yishmael, por ter vindo do deserto, especialmente para prestar as últimas honras em respeito a seu pai.

Em retribuição, D'us honrou-o, enumerando a progênie de Yishmael, nos últimos versículos desta parashá.

Os Louvores à Avraham

Quando Avraham faleceu, todos os grandes povos dentre as nações enlutaram-se. "Ai do mundo, que perdeu seu líder, e ai do navio que perdeu seu capitão!"

Durante sua vida Avraham rezara por mulheres estéreis, e estas engravidaram; pelos doentes, e ficaram curados.

Até navios navegando no longínquo oceano foram salvos, pelo mérito de Avraham.

Apesar de o mundo inteiro negar a existência de D'us, conseguiu ser o único em sua crença, e afirmar a Onipotência de D'us. Por causa disso foi chamado de Avraham "Ha'ivri" (o hebreu), significando o homem que permanece de um lado (ever = lado), enquanto o mundo inteiro une forças contra ele.

Quando Avraham morreu, D'us louvou-o da seguinte maneira: "Avraham era um tsadic tão grande que, se não fosse por ele, Eu não teria criado o Céu e a Terra."

Por dois mil anos após a Criação do Mundo, D'us estava aborrecido com as pessoas que adoravam ídolos. Quando

Avraham nasceu, D'us se alegrou, pois Avraham ensinou a dezenas de milhares de pessoas a servirem-No.

Avraham sabia como curar doentes com diversos tipos de remédios (segulot). Acima de tudo, curava aqueles cuja "mente estava doente," os que não acreditavam em D'us. Ele os ensinava a acreditar no Criador.

Avraham foi posto à prova por D'us dez vezes e superou todas elas.

Compreendeu e seguiu a Torá muito antes da Outorga da Torá, ensinando-a a seus filhos.

Não houve um dia sequer, em toda a sua vida, em que não realizou um ato de santificação do Nome Divino (Kidush Hashem).

6 - Parashat Toledot

Gênesis 25:19-28:9

Os Gêmeos Diferentes

Ter um filho! Um filho a quem eles pudessem ensinar e educar para se tornar um verdadeiro servo de D'us! Este era o maior anseio e a prece de Yitschac e Rivca durante muitos longos anos.

Rivca estava casada com Yitschac há vinte anos, porém ainda não tinham filhos. Visitaram, então, o monte de Moriyá, o mesmo local onde Avraham elevou Yitschac sobre o altar.

Ambos, Yitschac e Rivca, oraram. Yitschac rezou: "D'us, faça com que os filhos que me darás nasçam desta virtuosa mulher!". Rivca rezou: "D'us, faça com que os filhos que me concederás sejam deste tsadic!". A oração de Yitschac foi aceita, e Rivca engravidou.

Agora, finalmente, Rivca teria um filho.

Durante a gravidez, Rivca tinha dores de tal intensidade que pensava que certamente iria morrer. Sentia como se duas forças travassem batalha em seu útero, tentando matar uma a outra. Ao passar por uma casa de estudos ou de orações, sentia movimentos internos naquela direção. Ao passar por um templo de idolatria, havia outro movimento, desta vez nesta direção.

(Apesar de Yaacov e Essav estarem no útero de Rivca, e ainda não possuírem mentes próprias, suas inclinações naturais já se manifestavam, mesmo antes do nascimento).

Confusa, Rivca perguntou à outras mulheres: "Vocês já sentiram algo parecido quando estavam grávidas?"

"Não", retrucaram.

Por isso, foi consultar Shem, filho de Nôach, um profeta de D'us e lhe perguntou: "Podes me dizer por que sofro dores tão fortes?"

O profeta respondeu em nome de D'us:

"Não temas!", explicou ele. "Estás carregando gêmeos em teu

.....
ventre. Eles lutam entre si. Um dia, o mais velho servirá ao mais novo, mas não quer servi-lo. Por isso, brigam dentro de ti."

Quando os gêmeos nasceram, eram completamente diferentes. A cabeça e o corpo do gêmeo mais velho eram tão peludos que parecia vestir um casaco. Sua pele também tinha uma forte coloração avermelhada.

Chamaram-no Essav, significando "o pronto", pois nascera com cabelos e pelagem completamente desenvolvidos, como de um adulto. (O nome Essav deriva de 'assui', feito).

O bebê mais novo, porém, tinha a pele lisa. Foi chamado de Yaacov. Yaacov vem da palavra 'ekev', calcanhar. Assim que Essav nasceu, tentou evitar que Yaacov viesse ao mundo, destruindo o útero de sua mãe. Yaacov, porém, segurou firmemente nos calcanhares de Essav, surgindo depois dele.

Essav recebeu seu nome dos pais, mas Yaacov ganhou este nome diretamente de D'us.

Quando completaram oito dias, seu pai, Yitschac, fez a milá (circuncisão) em Yaacov, mas teve medo de fazê-la em Essav.

"A pele de Essav está muito vermelha," preocupou-se Yitschac. "Esperarei até ficar mais velho e o sangue sair da superfície da pele. Talvez seja perigoso fazer a milá nele agora."

Essav cresceu, mas sua pele continuou vermelha. Yitschac então compreendeu que essa era a cor natural de Essav. Decidiu pois, fazer-lhe a milá no dia do Bar-mitsvá. Mas quando Essav completou treze anos, recusou-se e disse:

"Não permitirei que ninguém me faça a milá."

Os Gêmeos Crescem

Até completarem treze anos, a diferença entre Yaacov e Essav não era aparente.

Ambos foram ensinados pelo pai, Yitschac, e seu avô Avraham. Quando cresceram, o pai também mandou-os estudar na yeshivá de Shem e Ever. Essa yeshivá havia sido fundada pelo tsadik Shem, filho de Nôach. Junto com seu bisneto Ever, transmitia aos alunos o conhecimento de Torá que Adam aprendeu com o anjo de D'us no Jardim do Eden.

Ao atingirem a idade de treze anos, tornou-se evidente que tinham estabelecido diferentes objetivos na vida.

Os arbustos de murta e espinhos crescem lado a lado. Enquanto ainda não se desenvolveram e são tenros, parecem ser de espécies idênticas. Mas uma vez que crescem e amadurecem, a diferença entre eles torna-se patente. Um produz ramos que exalam um doce aroma, o outro, espinhos.

O gêmeo menor, Yaacov, desfrutava do estudo da Torá. Passava o dia todo dedicado aos estudos e esforçava-se para cumprir os ensinamentos de seus pais e mestres.

Essav, no entanto, não estava interessado em aprender. Quando ficou mais velho, escapava da yeshivá, perambulando pelos campos e florestas e caçando animais.

Ele não apenas capturava animais, mas também enganava as pessoas com sua língua afiada e loquaz.

Essav fazia acreditar que cumpria as mitsvot, quando, na realidade, era perverso e se comportava como tal.

Ele tomava, porém, bastante cuidado em esconder do pai, Yitschac, quem realmente era. Quando seu pai lhe perguntava, "Onde esteve hoje?". Ele simplesmente mentia: "Estudei Torá no Bet Hamidrash (Casa de Estudos)," era sua resposta desonesta.

Uma das artimanhas de Essav era perguntar ao seu pai questões muito detalhadas acerca da observância das mitsvot.

"Pai, tenho um problema," declarava.

"Qual é?" perguntava-lhe Yitschac.

"Como separa-se o dízimo do sal ou da palha?"

Com esta pergunta, Essav queria demonstrar falsamente que cumpria as mitsvot num nível muito mais elevado do que o exigido, pois não é necessário separar o dízimo de sal ou palha.

Muitas vezes, quando um hóspede deixava a casa de Avraham e Yitschac, Essav o seguia. Quando se encontrava a sós com o hóspede nas montanhas ou nos bosques, matava-o e roubava seu dinheiro.

Havia uma só mitsvá que Essav observava cuidadosamente: honrar seu pai. Todos os dias, quando ia para o campo caçar, trazia para casa carnes deliciosas para seu pai, Yitschac.

O próprio Essav sempre servia pessoalmente a carne a seu pai. Antes de entrar no quarto do pai, tirava as roupas de caça e vestia suas melhores roupas, como se fosse servir a um rei.

Há uma coisa boa que podemos aprender do perverso Essav: o quanto devemos honrar nossos pais!

Por que Yitschac Amava Essav?

Yitschac foi mal conduzido até certo ponto pelas pretensões e simulacros de Essav, e também porque Essav oferecia a seu pai a saborosa carne dos animais que caçava. Não obstante, Yitschac percebeu que os feitos de Essav ficavam além dos padrões requeridos. Ainda assim, demonstrava-lhe amor. Quais eram seus motivos para ser tão afeiçoado a Essav?

Yitschac temia ser duro com ele, pensando: "Se seus atos não são como deveriam ser, apesar de ter-lhe devotado afeição, quão piores e mais depravados seriam se eu o tivesse totalmente rejeitado e demonstrado-lhe ódio!" Assim, com amor e carinho, Yitschac esperava atrair Essav para o serviço a D'us.

Ademais, Yitschac previu que Essav teria um descendente honrado, o profeta Ovadyá (que era um edomita convertido), e portanto, amou-o, em função do futuro.

Rivca, por outro lado, amava apenas Yaacov, porque conhecia a profecia que Shem lhe transmitira antes do nascimento dos gêmeos; que apenas o mais jovem seria digno e valoroso.

Essav Vende seus Direitos de Primogênito para Yaacov

Todos souberam da triste notícia. Avraham havia falecido.

.....
Yitschac sentou-se enlutado por seu pai. Yaacov foi pessoalmente à cozinha para preparar lentilhas, uma vez que costuma-se servir lentilhas aos enlutados.

Havia apenas uma pessoa na casa que não fora afetada pela tragédia daquele dia: Essav, que desaparecera pelos campos, como de costume.

Neste dia, Essav cometera o pecado de tomar uma moça que estava comprometida a outra pessoa. Também matou Nimrod. Aconteceu como se segue:

Essav estava caçando no campo, quando, à distância, percebeu os soldados do rei Nimrod rodeando-o. Nimrod vestia os preciosos trajes que D'us fez para Adam. Essav desejou imediatamente essas vestimentas. Aguardou até que os soldados de Nimrod deixaram o rei, protegido por apenas dois homens.

Aproximou-se sorrateiramente de Nimrod, atacando-o pelas costas e decapitando-o. Os dois guardas retaliaram, porém Essav também os matou. Essav roubou os preciosos trajes de Nimrod e voltou para casa, exausto por causa da matança. Estava preocupado com os descendentes de Nimrod, que poderiam vingar a morte do pai e assassiná-lo.

Quando Essav entrou, encontrou Yaacov na cozinha. Essav provocou-o: "Por que você se dá ao trabalho de preparar esse prato tão elaborado? Há uma imensa variedade de deliciosos alimentos que podem ser consumidos sem requerer tanto preparo: peixes, insetos e besouros, porco, e assim por diante!"

"Você com certeza já escutou que nosso avô Avraham faleceu, e nosso pai Yitschac está de luto." Retrucou Yaacov. "Por isso estou cozinhando lentilhas, o alimento dos enlutados, para dar a nosso pai."

"O quê? O velho Avraham já foi arrancado deste mundo excitante? Não viveu centenas de anos?" - debochou Essav. "Ele se foi para sempre, para jamais se levantar!"

"Estou morrendo de fome! Alcance-me rápido estas lentilhas para comer, quero devorar tudo isto."

"Espere," respondeu Yaacov. "Primeiro você tem que concordar em me dar algo em troca. Você é o filho mais velho e por isso tem o privilégio de servir como cohen (sacerdote) por nossa família."

Antes da Outorga da Torá, o primogênito de cada família era como um cohen. Isto significa que ele tinha o privilégio de oferecer sacrifícios pela família e era honrado como cohen. Porém, a idéia de que o perverso Essav, que cometia tantos atos de maldade, estivesse encarregado do serviço de D'us como representante da família, preocupava a Yaacov.

"Certamente, não é adequado que ele sirva como cohen", pensava Yaacov. "Essav," chamou ele. "Quero servir como cohen em seu lugar. Venda-me seu direito de primogenitura, o direito de ser cohen, e lhe darei a comida que tanto deseja."

"Concordo," foi a resposta imediata de Essav. "Agora, despeje a comida direto na minha garganta!", exigiu Essav.

Yaacov alimentou o irmão com pão e a sopa de lentilha vermelha que estava cozinhando.

Então Yaacov disse: "Sabe por que eu queria atuar como primogênito em seu lugar? Porque você é um assassino e um malvado. Por que você não pode se sentar em paz na tenda e estudar como seu pai e seu avô. Então poderá continuar a trazer os sacrifícios, como todos os primogênitos."

"Não me interessa servir a D'us," riu Essav. "Pode ficar com o direito de primogênito, se assim deseja. A Torá que você tanto estuda e as mitsvot que cumpre com tanto cuidado, para mim não têm utilidade. Prefiro uma boa comida e boa diversão."

Essav continuou a caçar de Yaacov. Em seguida, voltou para o campo, continuando suas más ações.

Yitschac e Rivca Viajam para a Terra dos Pelishtim

Pouco depois, a fome assolou a terra de Canaã. A comida era escassa. Yitschac pensou em viajar para o Egito, como seu pai Avraham fizera noutra época de fome. D'us, porém, ordenou que agisse diferente.

"Nasceste aqui, nesta santa terra de Israel," disse D'us. Não a deixe, fique aqui! Vou protegê-lo e abençoá-lo."

Yitschac obedeceu. Permaneceu na cidade de Guerar, na terra de pelishtim (que fazia parte da terra Israel).

Os pelishtim repararam que Rivca era uma mulher muito bonita e perguntaram para Yitschac:

"Quem é esta mulher que está com você?"

Yitschac percebeu o motivo da pergunta: "Se eu disser a eles, 'É minha mulher', pensou Yitschac, os pelishtim podem me matar para ficarem com ela." Por isso respondeu: "É minha irmã."

O rei Avimêlech também ouviu falar de Rivca. Teria gostado de levá-la para o palácio, mas lembrou-se de como D'us ficara irado com o último rei Avimêlech, castigando-o por raptar Sara. Talvez Rivca fosse realmente casada com Yitschac e D'us o castigasse também por levá-la a seu palácio.

Por isso, o Rei Avimêlech observou Yitschac e Rivca por um longo tempo para descobrir se agiam como marido e mulher.

Chegou a conclusão que eram, na verdade, casados, e então o Rei Avimêlech chamou Yitschac a seu palácio.

"Rivca é tua mulher!" - acusou-o ele. "Por que mentiste? Quase ordenei a meus guardas para trazê-la a meu palácio."

Yitschac explicou suas razões para Avimêlech. "Se tivesse lido a verdade," disse ele, "poderia ter perdido a vida. Em seu país, as pessoas matam o marido se querem ficar com a mulher."

O rei Avimêlech prometeu: "De agora em diante, estarão sob minha proteção."

Imediatamente, foi emitida uma proclamação real: "De agora em diante todo aquele que ousar tocar em Yitschac ou sua esposa, será condenado à morte."

Agora todos compreenderam que Yitschac e Rivca eram tsadikim

.....
especiais. Que outros estrangeiros já haviam recebidos a proteção do rei?

Deste modo, D'us tornou Yitschac famoso no mundo inteiro.

Todos ouviram também falar de Yitschac porque ele se tornou fabulosamente rico na terra dos pelishtim. Como isto aconteceu?

Durante o tempo em que Yitschac viveu com os pelishtim, semeou campos. Quando chegou o tempo da colheita, colheu a safra e a mediu. Logo, separou um décimo e o destinou aos pobres. Por ter distribuído maasser (um décimo dos seus ganhos) entre os pobres, D'us recompensou-o com riquezas.

Na próxima vez em que semeou, colheu cem vezes mais do que havia plantado.

Os Servos do Rei Avimêlech Enchem os Poços que Yitschac Escava

Quando os servos do Rei Avimêlech viram como Yitschac ficara rico, sentiram inveja.

Maldosamente, entupiram todos os poços que pertenciam a Yitschac. Estes poços haviam sido cavados pelo pai de Yitschac, Avraham. Yitschac ordenou aos servos: "Limpem meus poços de toda terra e sujeira com que os servos de Avimêlech os encheram."

O Rei Avimêlech se deu conta que a inveja de seus servos poderia lhe trazer problemas. "Vá embora," ordenou ele a Yitschac. "Você ficou muito mais rico que nós."

Yitschac obedeceu, saindo da vizinhança da corte do rei, apesar de permanecer na terra dos pelishtim.

Assim que havia se estabelecido, ordenou aos servos:

"Cavem a terra. Talvez achemos novos poços de água."

Os servos cavaram fundo e encontraram um manancial. Assim que souberam disso, os servos de Avimêlech afirmaram:

"Na realidade, este poço pertence a nós, porque Yitschac achou-o em nossa terra."

Eles expulsaram os servos de Yitschac para longe do poço e o tomaram para si.

Mas algo estranho aconteceu!

Quando os servos do Rei Avimêlech tentaram extrair água do poço, não saía água. O poço havia secado.

Então, os servos de Avimêlech devolveram o poço aos servos de Yitschac. Assim que Yitschac recuperou a posse, este novamente se encheu de água.

Yitschac chamou este poço de Essec, que significa "luta", referindo-se ao fato de os servos de Avimêlech terem lutado por este poço.

Yitschac ordenou aos servos: "Cavem novamente". Desta vez, acharam um segundo poço e novamente os servos de Avimêlech

o tiraram dos servos de Yitschac. Mais uma vez D'us os puniu e, quando tentaram tirar água do poço, este permaneceu seco.

Quando os servos de Avimêlech viram isso, devolveram o controle do poço a Yitschac.

Yitschac chamou este poço de Sitna. Sitna quer dizer "distúrbio", porque os servos de Avimêlech o haviam perturbado, tirando-lhe a posse do poço.

Yitschac então ordenou aos servos que voltassem a cavar e estes encontraram um terceiro poço. Desta vez, os servos de Avimêlech não tentaram tirar-lhe o poço. Havia aprendido a lição!

Yitschac chamou este poço de Rechovot, que significa "espaço amplo" ou "alívio", pois, desta vez, os servos de Avimêlech pararam de discutir com ele; finalmente, encontrou paz e alívio das contendas.

O Que Simbolizam os Três Poços

Tudo o que aconteceu aos nossos antepassados, Avraham, Yitschac e Yaacov, foi um sinal de que algo similar aconteceria mais tarde a seus filhos, o povo judeu.

Cada poço que Yitschac cavava simbolizava um Bet Hamicdash, Templo Sagrado, (pois, assim como a água de um poço dá vida, a Shechiná, Divindade no Bet Hamicdash deu vida para o mundo).

1. O primeiro poço, Essec, representa o primeiro Bet Hamicdash, que as nações atacaram e finalmente destruíram.

2. O segundo poço, Sitna, simboliza o segundo Bet Hamicdash. Durante a época do segundo Bet Hamicdash, as nações não-judias tinham ódio dos judeus. Este sentimento os levou a destruir o Bet Hamicdash.

3. O terceiro poço, Rechovot, simboliza o terceiro Bet Hamicdash. Quando D'us nos enviar Mashiach, haverá paz no mundo e então Ele construirá o terceiro Bet Hamicdash.

A Bênção do Primogênito

Em sua velhice, Yitschac ficou cego.

Por que D'us fez com que o tsadic Yitschac ficasse cego? Uma razão é que D'us não concordou com o plano de Yitschac de dar a bênção do primogênito a seu filho mais velho Essav. Portanto, D'us fez com que Yitschac ficasse cego, para que Yaacov pudesse entrar sem ser reconhecido pelo pai. Ele então receberia a bênção de primogênito que merecia.

Yitschac temia estar próximo da morte. Chamou o filho mais velho, Essav, e lhe disse: "Desejo abençoá-lo antes de morrer. Vá aos campos e cace um animal. Mate-o como ordena a Torá. Prepare-me uma boa refeição. Então merecerás a bênção por ter honrado seu pai."

Rivca ouviu as palavras de Yitschac. Chamou seu filho mais novo, Yaacov, e lhe disse:

"Seu pai quer abençoar seu irmão mais velho, Essav. Mas sei

.....
por uma profecia que a bênção cabe a você, porque Essav não a merece.

"Agora, vá até seu pai e obtenha a bênção antes que seu irmão volte. Prepararei a carne de dois cabritinhos novos (esta carne tem um sabor igual a de animal de caça). Seu pai está cego. Pensará que você é Essav e irá abençoá-lo." Yaacov estava com medo.

"O que acontecerá se meu pai tocar minha pele?" - perguntou à mãe. "Sentirá que minha pele é lisa, e não cabeluda como a de Essav. Sei que Essav é mau e não merece a bênção, mas não quero que meu pai me amaldiçoe quando descobrir que o enganei."

Rivca respondeu: "Ordeno que você me ouça porque sei através de profecia, que nenhum mal lhe acontecerá. Cobrirei seu corpo com pêlo de cabra para que pareça cabeludo."

Yaacov começou a chorar. Rivca tentou acalmá-lo, dizendo:

"Yaacov, debes ir e obter a bênção, mesmo que te seja difícil. Um dia, serás o patriarca de uma nação sagrada, o povo judeu. Vai por consideração a eles, para que eles sejam abençoados."

Para certificar-se de que Yitschac ficaria convencido de que se tratava de Essav, Rivca deu a Yaacov um dos trajes de Essav que guardava para ele. "Vista esta roupa. Ela tem o cheiro do campo" disse para Yaacov. "Seu pai então acreditará que você é Essav."

O Maravilhoso Traje de Caça de Essav

A roupa que Rivca deu a Yaacov era extraordinária e maravilhosa.

Era feita de pele de cobra. Sobre ela, estavam pintados todos os animais do mundo de forma tão realista que estes pareciam vivos. Quando este traje era usado por um caçador, os animais sentiam-se atraídos pelo seu correspondente animal pintado na roupa. Inevitavelmente, os animais se aproximavam das figuras até chegarem bem perto da pessoa que usava a roupa, e se mostravam tão mansos que esta podia facilmente capturá-los.

Este maravilhoso traje de caça havia sido feito por D'us para Adam. Mais tarde, caiu nas mãos do rei Nimrod. Essav matou Nimrod e ficou com a roupa para si.

Essav somente vestia esta roupa quando ia para os campos caçar, mas quando não a estava usando, deixava-a aos cuidados de sua mãe, Rivca. Neste dia, Essav não vestiu este traje porque seu pai havia lhe ordenado que fosse caçar com suas armas, e não com a roupa.

Yaacov é Abençoado pelo Pai e Parte Rumo a Charan

Rivca cobriu também o pescoço liso de Yaacov com pele de cabra para que parecesse tão cabeludo quanto Essav. Deu a Yaacov os dois cabritos que havia preparado e Yaacov entrou no aposento do pai tremendo e assustado. "Quem é você, meu filho?" - perguntou-lhe Yitschac. Como era cego, não tinha certeza sobre quem havia entrado no aposento.

"Sou Essav, seu primogênito," respondeu Yaacov. Yitschac ficou confuso. A voz soava como a de Yaacov e não como a de Essav. Além disso, este filho falava cortesmente e usava o nome de

D'us, enquanto Essav usava linguagem rude. Como então podia ser Essav?

"Chegue mais perto. Aproxime-se, quero tocá-lo!" ordenou Yitschac. Yitschac tocou a pele de Yaacov. Era cabeluda como a de Essav, pois estava coberta com o pelo do cabrito que a mãe havia posto. Isto convenceu Yitschac de que era realmente Essav que estava diante dele. Comeu a comida que Yaacov trouxera e logo em seguida o abençoou. Yitschac abençoou Yaacov com as seguintes palavras: "Que D'us te dê o melhor orvalho que cai do céu e as melhores fontes da terra para regar teus campos. Que te dê muito cereal e vinho."

"As outras nações te servirão e serás o senhor sobre teus irmãos. Quem te amaldiçoar, será amaldiçoado e quem te abençoar, será abençoado."

Essav Regressou

Yaacov estava pronto para deixar o aposento quando percebeu Essav se aproximando.

Essav não devia encontrá-lo! Rapidamente, Yaacov se escondeu atrás da porta; quando Essav entrou, ele saiu.

"Aqui estou com o animal que cacei para ti," anunciou Essav para o pai.

"Como pode ser?" perguntou Yitschac tremendo. "Alguém esteve aqui, serviu-me comida e o abençoei. Certamente, D'us é que fez com que isso acontecesse, e esta pessoa deve ser aquela que realmente merece a bênção."

Essav começou a vociferar, desapontado.

"Foi Yaacov, tenho certeza," exclamou. "ele enganou-me duas vezes! Primeiro, apoderou-se da minha primogenitura e agora ficou com minha bênção."

Yitschac respondeu: "Se você concordou em dar a Yaacov o direito de primogênito, a bênção, então, pertence realmente a ele, Yaacov."

Essav suplicou ao pai para abençoá-lo também. Yitschac respondeu: "Abençoar-te-ei também, mas não posso fazer-te senhor de seu irmão. Já dei a Yaacov esta bênção."

Por isso, Yitschac abençoou Essav assim: "Você terá sucesso quando for para a guerra, mas não poderá vencer seu irmão. Só se os descendentes de seu irmão Yaacov transgredirem a Torá, seus descendentes poderão governar sobre eles."

Yaacov Parte Rumo a Charan

Essav odiava Yaacov com toda a alma por ter tirado "sua" bênção. Estava determinado a matar o irmão. Rivca, preveniu-o: "Não fique aqui! Vá embora até que a raiva de Essav passe."

Os pais de Yaacov ordenaram-lhe: "Viaje para a cidade de Charan, até Lavan (irmão de Rivca, tio de Yaacov). Procure uma boa esposa das filhas de Lavan."

Rivca pensou: "Quando Yaacov voltar com a esposa, Essav se reconciliará novamente com ele."

.....
Vocês acham que ela estava certa?

7 - Parashat Vayetsê

Gênesis 28:10-32:3

Vayetsê começa com Yaacov fugindo de Esav e deixando a casa dos pais para viajar a Charan, onde ficará com seu tio Lavan (Labão). Ao passar a noite no local onde no futuro seria construído o Templo Sagrado, D'us aparece a Yaacov no sonho de uma escada descendo do céu até a terra, na qual anjos sobem e descem. Do topo da escada, D'us promete a Yaacov que seus descendentes herdarão a Terra de Israel.

Na sua chegada em Charan, após rolar uma imensa pedra da boca do poço da cidade para que os pastores do lugar pudessem dar água aos rebanhos, Yaacov encontra a filha de Lavan, Rachel, e concorda em trabalhar para seu pai por sete anos a fim de conseguir sua mão em casamento. Quando finalmente chega a noite do casamento, Lavan engana Yaacov, substituindo Rachel pela sua filha mais velha, Lea. Após esperar uma semana, Yaacov casa-se também com Rachel, mas não antes de ser forçado a cumprir mais sete anos de trabalho.

Nos anos que se seguem Rachel permanece estéril, enquanto Lea dá à luz a seis filhos e uma filha, e Bilá e Zilpá (as criadas de Rachel e Lea, respectivamente) cada uma tem dois filhos de Yaacov.

Finalmente Rachel tem um filho, Yossef. Yaacov torna-se muito rico durante sua estadia com Lavan, amalhando um grande rebanho, mesmo enquanto Lavan continuamente tenta enganá-lo por todos os vinte anos de sua permanência.

Após aconselhar-se com suas esposas, Yaacov e a família fogem de Lavan, que o persegue e o enfrenta, aborrecido por Yaacov ter ido embora sem se despedir, e arrogantemente afirmando que Yaacov roubou seus ídolos.

Após Lavan infrutiferamente procurar os ídolos (que Rachel escondeu, sem que Yaacov soubesse, para impedir o pai de adorá-los), Yaacov e Lavan entram em uma acalorada discussão. Finalmente assinam um acordo, prometendo permanecer em paz, e a porção se encerra quando eles se separam.

Yaacov Viaja para Charan

Yaacov havia recebido instruções de seus pais para viajar a Charan para a casa de Lavan em busca de uma esposa. Decidiu ir primeiro à yeshivá de Êver estudar Torá. Yaacov permaneceu na yeshivá durante catorze anos e estudou com tanto afinco que permanecia desperto toda a noite estudando.

Finalmente, Yaacov viajou para Charan. Tinha quase chegado a Charan, quando se lembrou de um assunto importante: "Passei pelo monte de Moriyá! Pela sagrada montanha onde meu avô Avraham amarrou meu pai, Yitschac, ao altar e onde ambos costumavam rezar. E não me detive ali! Perdi a grande oportunidade de rezar num local sagrado onde é mais fácil para uma pessoa orar com todo seu coração e onde D'us aceita prontamente suas preces."

Yaacov não era preguiçoso. Decidiu, pois, fazer todo o longo percurso de volta para rezar sobre o monte de Moriyá. Como recompensa pelo seu esforço, D'us milagrosamente moveu o

monte de Moriyá em direção a Yaacov, tornando-lhe mais curto o caminho.

Nossos Sábios Nos Contam: D'us Milagrosamente Encurta o Caminho

Como lemos na Parashá Chayê Sara, o servo de Avraham, Eliêzer, viajou para Charan em busca de uma esposa para Yitschac. Eliêzer chegou a Charan no mesmo dia em que partiu da Terra de Israel, apesar da viagem de Israel a Charan geralmente durar vários dias. D'us encurtou sua viagem para ajudá-lo a encontrar mais rápido uma esposa para Yitschac.

E, como acabamos de explicar, Yaacov viajou de volta ao monte de Moriyá e D'us ajudou-o a chegar lá rapidamente.

Por que D'us realiza um milagre encurtando o caminho? Porque o tsadic (justo) não se mostra preguiçoso e é o primeiro a empreender o esforço.

Um judeu deve esforçar-se em prol de um objetivo elevado - tornar-se grande no estudo de Torá e no cumprimento das mitsvot. O principal é se esforçar ao máximo. D'us vê quando uma pessoa se empenha seriamente e a ajuda a alcançar o seu propósito.

Yaacov Adormece no Monte de Moriyá

Quando Yaacov chegou ao monte de Moriyá, rezou naquele local, e quis partir após terminar a reza, pois o dia ainda estava claro, e poderia continuar viagem.

Quando estava prestes a partir, a luz do sol desapareceu subitamente, envolvendo-o na escuridão, de maneira que não poderia seguir viagem.

D'us queria revelar-se a Yaacov num sonho profético. Para isso, fez com que o sol se pusesse mais cedo, a fim de detê-lo para pernoitar no monte de Moriyá.

Yaacov, então preparou-se para dormir: como não tinha acomodações no monte de Moriyá, teria de passar a noite no campo. Juntou doze pedras e as colocou em torno de sua cabeça para afastar animais selvagens. Uma das pedras pôs sob a cabeça como travesseiro. Então adormeceu.

(É um fato extraordinário que Yaacov adormeceu tendo o campo como cama, e uma pedra como travesseiro. Apesar dos perigos da jornada, Yaacov dormiu pacificamente, por causa de sua grande e inabalável fé em D'us. Sua devoção à D'us era tão profunda que sua precária situação não o perturbava.)

Sem saber, Yaacov usara as doze pedras do altar construído por Avraham quando levou Yitschac para o monte de Moriyá.

Enquanto Yaacov dormia, cada pedra pedia: "Quero que o tsadic Yaacov descanse sua cabeça sobre mim!"

Milagrosamente, as pedras foram se aproximando para mais perto da cabeça de Yaacov de tal modo que se fundiram numa só pedra.

Desta maneira, D'us deu a entender a Yaacov que seus doze filhos iriam, juntos, fundar uma nação sagrada, o povo judeu.

O Sonho Profético da Escada de Yaacov

Naquela noite, D'us revelou-se a Yaacov num sonho profético. Sua intenção era fortalecer Yaacov, assegurando-lhe que a ajuda Divina permearia todos os futuros eventos.

Yaacov viu no sonho uma longa escada apoiada no chão, cujo topo se estendia céu adentro. Havia anjos - os anjos de Israel que haviam cuidado de Yaacov até o momento - que subiam a escada, voltando para o céu. Em seu lugar, outros anjos desciam a escada. Estes eram anjos que vieram acompanhar Yaacov fora de Israel e protegê-lo na casa de Lavan (Labão).

Logo depois, o Próprio D'us apareceu a Yaacov em sonho e prometeu-lhe:

"Irei protegê-lo pelo seu caminho e na casa de Lavan até você retornar em segurança para Terra de Israel."

Yaacov teve também uma visão na qual D'us dobra a terra toda de Israel e coloca-a sob sua cabeça, tal como se alguém dobrasse um mapa. Sua cabeça agora repousava sobre a terra, em sua totalidade. Isto simbolizava que a posse de Israel será concedida a Yaacov, e que seus descendentes conquistá-la-ão facilmente.

Quando Yaacov acordou, exclamou:

"Se soubesse que este era um lugar tão santo, não teria ousado dormir aqui! Prevejo que exatamente neste local será construído o Bet Hamicdash (Templo Sagrado). Os judeus irão rezar e oferecer sacrifícios aqui. Suas preces e o agradável odor dos sacrifícios subirão direto a D'us e Ele os aceitará. Este é o portal de entrada para o Céu."

Yaacov então prostrou-se e fez uma promessa: "D'us, se Você permanecer comigo durante todo o meu caminho, guardar-me e proteger-me, para que retorne à casa de meu pai íntegro física e espiritualmente, oferecerei-Lhe-ei sacrifícios. Se Você prover-me meu pão para comer, e roupas para vestir, prometo-Lhe dar o dízimo de tudo o que Você me der!"

Yaacov, o tsadic, pediu a D'us que lhe provesse apenas as necessidades vitais, e não o luxo.

Yaacov Encontra Rachel Junto ao Poço

Antes de Yaacov sair de casa, sua mãe Rivca revelou-lhe:

"Sei onde você irá encontrar sua futura esposa - junto ao poço. Se você vir uma moça junto ao poço que é filha de meu irmão Lavan e se parece comigo, é a moça com quem D'us deseja que você se case."

Quando Yaacov chegou ao poço de Charan, havia muitos pastores ao seu redor. Uma enorme pedra cobria o poço. Todos os pastores da vizinhança juntos tinham que rolar a pedra que cobria a abertura do poço para conseguir extrair sua água.

O poço fora propositadamente coberto com uma enorme pedra pois, àquela época, todas as outras fontes de água da cidade estavam contaminadas, e a cidade inteira dependia deste poço de água. Assim, os habitantes decidiram colocar uma pedra na boca do poço, para limitar o acesso. Só seria possível obter água em determinados momentos, depois da rocha ter sido removida através dos esforços unidos de todos os pastores.

Yaacov perguntou aos pastores: "Vocês conhecem Lavan?" Eles apontaram para uma jovem que se aproximava com suas ovelhas: "Esta é a filha de Lavan, Rachel," disseram a Yaacov.

Enquanto conversavam, Rachel surgiu, com o rebanho de Lavan. D'us enviou Rachel, para que se encontrasse com Yaacov, uma vez que estava destinada a ser seu par.

Em certos casos, a predestinada esposa viaja para encontrar o marido. Em outros, o marido viaja para encontrá-la. Não importa de que maneira isso aconteça, eles devem encontrar-se, se assim foi decretado pelo Céu.

Uma História: A Princesa e o Mendigo

O rei Salomão (Shelomô) tinha uma filha de inigualável beleza. Ele previu que o futuro cônjuge seria um pobre, da classe mais miserável e destituída de todos os bens materiais.

Salomão ordenou que um castelo fosse construído numa ilha distante, e que sua filha fosse levada para lá. Cercou o castelo com setenta guardas armados, trancou todas as entradas, e mandou os soldados permanecerem em estado de alerta dia e noite para que ninguém entrasse. O rei disse: "Deixe-me ver como D'us guia o mundo!"

Numa cidade longínqua, um pobre perambulava a pé no meio da noite. Estava faminto, sedento, descalço, e não tinha um lar onde passar a noite. De repente, percebeu num campo a carcaça de um touro. Feliz por ter encontrado um local para abrigar-se do frio, o homem acomodou-se, encolhido entre as costelas, cobriu-se com a pele, e logo adormeceu.

Uma gigantesca ave de rapina investiu e arrebatou a carcaça, carregando-a pelo céu em direção ao oceano. A ave de rapina voou até o topo do castelo da ilha, pousou a carcaça com o homem dentro, devorou a carne sobre a carcaça e voou.

No dia seguinte, quando a moça estava em seu passeio matinal, admirou-se ao encontrar um homem. Perguntou-lhe quem era e como chegara lá, a despeito dos guardas postados ininterruptamente junto aos portões.

"Sou um judeu da cidade de Aco," esclareceu-lhe, "e uma ave de rapina trouxe-me até aqui." Ela convidou-o a entrar no castelo, deu-lhe comida e roupas, e conversaram. Ela descobriu que ele era um sofê (escriva), e um homem estudado. Quando perguntou-lhe se queria casar-se com ele, concordou de boa vontade. O rapaz não tinha pena e tinta para escrever o contrato matrimonial, por isso cortou-se e escreveu o contrato com seu próprio sangue, dizendo: "Os anjos Gavriel e Michael são nossas testemunhas."

O tempo passou, e a moça ocultou a presença do marido, temendo que seu pai pudesse opor-se ao matrimônio. Um dia, porém, os guardas ouviram o inconfundível choro de um bebê no castelo. Vasculharam o castelo, encontrando o marido e filho. Os guardas ficaram mortalmente pálidos, com medo da ira real. Enviaram-lhe uma mensagem, apressando-o a ir para a ilha. O rei Salomão embarcou num navio e navegou com destino à ilha, para visitar sua filha.

"Nosso mestre, o rei!" - suplicaram-lhe os guardas. "Não nos puna pelo ocorrido, pois não somos culpados!"

Salomão chamou sua filha e o marido, que lhe mostrou o contrato matrimonial que escrevera. Salomão inquiriu-o a

.....
respeito de sua família e cidade de origem, e compreendeu que este era o homem que havia sido predestinado à sua filha. Cheio de júbilo, Salomão gritou: "Bendito é o Todo Poderoso que para sempre une o marido à sua esposa, que são destinados um ao outro!"

Yaacov Pede a Mão de Rachel e Recebe Lea

Yaacov cuidou das ovelhas de Lavan durante o mês que permaneceu na casa como hóspede. Então Lavan lhe perguntou: "Que pagamento você quer para trabalhar para mim?"

Yaacov respondeu: "Tens duas filhas; Lea e Rachel. Dá-me sua filha mais nova, Rachel, por esposa. Trabalharei por ela durante sete anos." Lavan concordou, mas apenas da boca para fora. Pensou: "Depois que os sete anos de serviço terminarem, dar-lhe-ei Lea como esposa." Quando chegou o dia do casamento, Lavan disse à sua filha mais velha, Lea: "Quero que você se case primeiro. Vista-se como noiva. Quando Yaacov descobrir que você é Lea, será tarde demais. Já estará casado!"

Lavan convidou todos os habitantes de Charan para uma grande e alegre festa de casamento.

Rachel sabia do plano malvado de seu pai Lavan. Pensou: "Será que eu deveria mandar uma mensagem para Yaacov para que fique sabendo que meu pai o está enganando? De qualquer modo, Yaacov vai descobrir a verdade, pois fará a Lea as perguntas para as quais me deu as respostas. Ela não as saberá e então Yaacov descobrirá que Lavan o enganou, dando-lhe a noiva errada.

"Como Lea vai ficar envergonhada quando Yaacov descobrir que ela não é a noiva que ele quer!"

Rachel se apiedou da irmã e não quis que ela sofresse tamanha humilhação. Por este motivo, transmitiu a Lea a informação secreta que Yaacov havia lhe confiado. Raquel era uma verdadeira tsadeket! Estava disposta a desistir de seu futuro marido e deixar sua irmã casar com ele; tudo para poupar Lea da vergonha. Na verdade, podemos aprender com Rachel quão cuidadosos devemos ser para evitar que alguém envergonhe outra pessoa.

O casamento foi alegre. Yaacov não descobriu o truque porque Lea usava um véu e soube dar todas as respostas às suas perguntas. Yaacov só descobriu a trama na manhã seguinte. Ficou muito zangado com Lavan. "Por que você me enganou?" - perguntou-lhe. "Havíamos combinado claramente que eu casaria com Rachel!"

"Em Charan é nosso costume casar primeiro a filha mais velha e depois a mais nova," desculpou-se o perverso Lavan. "Dar-lhe-ei Rachel como esposa daqui a uma semana, só que trabalhará para mim durante mais sete anos." Uma semana depois, Yaacov casou-se com Rachel.

Por que D'us permitiu que Lavan levasse a cabo seu ardiloso plano para enganar Yaacov? D'us quis recompensar Lea tornando-a esposa de Yaacov, porque durante muitos anos ela implorou a D'us para que pudesse se casar com um tsadic.

Essav e Yaacov nasceram ao mesmo tempo em que as duas filhas de Lavan. Lavan e Yitschac corresponderam-se, combinando que o filho mais velho de Yitschac seria destinado à filha mais velha de Lavan, e o filho mais novo à filha mais nova. Quando Lea cresceu, indagou: "Que tipo de homem é Essav?"

"É um ladrão e assaltante," disseram-lhe.

Lea desabafou o coração a D'us, suplicando-lhe que deixasse tornar-se esposa de um tsadic. Enquanto rezava, chorava tanto que seus olhos intumesceram.

Quão poderoso é o efeito da oração! As preces de Lea não apenas ocasionaram que ela se casasse com Yaacov em vez de Essav, porém mais que isto: ela casou-se com ele antes mesmo que sua irmã!

"Como você pôde fingir ser Rachel e responder-me quando chamei seu nome?" - perguntou Yaacov com raiva de Lea.

Ela replicou: "Sou sua aluna. Aprendi com você como fazê-lo. Você não foi até seu pai, vestido como Essav, e quando seu pai chamou-o de Essav, você respondeu? Apenas imitei-o." Na resposta estava implícito: "Assim como você agiu fraudulentamente com intenções nobres, sabendo que este era o passo correto a dar, assim também o fiz."

Apesar de Lavan tê-lo enganado, Yaacov continuou a servi-lo pelos próximos sete anos com o mesmo trabalho duro e honestidade com que servira antes. Ele não era como a maioria das pessoas, que começam um novo emprego com entusiasmo, mas depois ficam negligentes. O último ano de serviço de Yaacov foi realizado com a mesma dedicação e vigor que o primeiro. De fato, Yaacov cumpria suas obrigações como pastor a tal nível de perfeição que durante todos os catorze anos de trabalho, nem uma vez se deitara para dormir uma noite inteira.

Enquanto pastoreava o rebanho, tinha tempo para dirigir seus pensamentos a D'us. Durante aquele período, compôs muitos capítulos do livro de Tehilim (Salmos), tornando-se um dos autores deste livro. Ulteriormente, as canções que Yaacov compôs foram esquecidas, e escritas novamente numa época posterior pelo rei David.

As Mulheres de Yaacov Dão à Luz a Onze Filhos

Assim que Lea casou-se com Yaacov, D'us imediatamente deu-lhe filhos, mas Rachel teve que esperar sete anos pelo seu primeiro filho.

Lea deu à luz quatro filhos homens, um após o outro: Reuven, Shimon, Levi e Yehudá. Enquanto isso, Rachel estava muito preocupada por não ter filhos.

Rachel pensou: "Por que minha irmã dá à luz, enquanto eu, não tenho filhos? Deve ser porque ela é mais virtuosa que eu!"

Disse a Yaacov: "Dê-me filhos, ou morrerei!"

Yaacov repreendeu-a: "Sua afirmação não é verdadeira. Mesmo que você tenha filhos, não obstante um dia morrerá."

Rachel respondeu: "Referia-me à morte espiritual. A não ser que tenha filhos seus e ajude a construir a nação judaica, perderei minha porção no mundo vindouro! Reze por mim!"

Yaacov zangou-se com suas palavras e respondeu: "Acaso estou no lugar de D'us, que negou-lhe filhos? Por que você me pede para rezar? Reze a D'us você mesma! Tenho filhos. É a você que D'us os negou!"

.....
D'us não concordou com a resposta de Yaacov e o censurou: "É esta a maneira apropriada de falar com uma mulher estéril angustiada?"

Rachel argumentou: "Seu avô Avraham, apesar de já ter um filho de outra mulher, Hagar, rezou para que Sara fosse abençoada com filhos!"

"É verdade. Mas você faria o que minha avó Sara fez? Traria outra mulher para dentro de casa?"

"Concordo em dar-te minha criada Bil'há como esposa, se eu for abençoada com filhos em mérito deste ato."

Bil'há era filha de Lavan com uma concubina. Quando Yaacov casou-se com Lea e Rachel, Lavan deu-lhe também outras duas filhas suas para servirem-nas. Para Rachel, deu Bil'há, sua filha mais velha; e para Lea deu Zilpá, sua filha mais nova.

Todas as quatro, Lea, Rachel, Bil'há e Zilpá eram irmãs.

Yaacov aceitou a idéia de Rachel. Libertou Bil'há de seu status de criada, concedendo-lhe pleno status de uma esposa, e então casou-se com ela.

Bil'há deu à luz dois filhos, um após o outro, Dan e Naftali.

Quando Lea viu que ela não teve mais filhos, pediu a Yaacov que se casasse com Zilpá, a quem Lavan tinha lhe dado como criada.

Zilpá deu à luz dois filhos, um após o outro, Gad e Asher.

Depois do nascimento de Asher, Lea teve mais três filhos, um após o outro, Yissachar e Zevulun, e uma menina, Dina.

Quando Lea estava grávida do sétimo filho, orou a D'us: "Mestre do Universo! Sei que doze tribos nascerão de Yaacov. Já tenho seis filhos, Bil'há e Zilpá deram à luz quatro. Se esta criança for um menino, a porção de minha irmã Rachel na nação judaica será de apenas um filho, menos que a cota das criadas!" Em consequência de sua prece, D'us mudou o sexo da criança que ela carregava de masculino para feminino. Ao nascer-lhe uma filha, Lea chamou-a de Dina, aludindo ao fato de que ela pronunciara julgamento sobre si mesma, e decidira que esta criança deveria ser uma menina. (Dina vem de din, julgamento.)

Rachel implorara persistentemente a D'us para que lhe conceda um filho, desde que Yaacov censurou-a. Yaacov, Lea, Bil'há e Zilpá uniram-se a ela em suas preces. Em Rosh Hashaná, o Dia da Lembrança, quando D'us examina os registros de cada ser humano, D'us julgou Rachel e decretou que era merecedora de ter um filho.

Quando este nasceu, Rachel afirmou: "D'us removeu minha desgraça. Até agora, as pessoas insultavam-me, dizendo: 'Se ela fosse realmente virtuosa, teria filhos!'" Chamou-o de Yossef, pois sabia, através de profecia, que mais um filho nasceria, para completar o número de tribos. Portanto, exclamou: "Possas o último a ser acrescido nascer de mim!" (Yossef vem do radical hossif / acrescentar.)

Na próxima parashá, Rachel terá mais um filho, que se chamará Binyamin.

As Mães das Doze Tribos

Lea: Reuven, Shimon, Levi, Yehudá, Yissachar, Zevulun e Dina.

Rachel: Yossef e Binyamin

Bil'ha: Dan e Naftali

Zilpá: Gad e Asher

O Significado dos Nomes dos Filhos de Yaacov

REUVEN - Lea afirmou: "D'us viu minha aflição, pois agora meu marido me amará." (Reuven deriva da palavra reê / ver).

SHIMON - Lea disse: "D'us ouviu que sou odiada, e assim também me deu este." (O nome Shimon deriva do radical shamá / ouviu.)

Quando o terceiro filho de Lea nasceu, uma voz celestial é que proclamou: "O nome dele será LEVI!". Levi significa: "Seus descendentes serão premiados por D'us com os vinte e quatro presentes do sacerdócio!" Lea, porém, explicou o nome como significando: "Agora meu marido ligar-se-á a mim." (Levi é aqui derivado de liva / ligado.)

YEHUDÁ - Quando Lea deu à luz a seu quarto filho, exclamou: "Agora devo louvar D'us!" Sabia que Yaacov geraria doze tribos. Acreditava que cada uma das quatro esposas tinha uma cota equivalente, e lhe daria três filhos. "Agora, contudo, D'us me deu um quarto filho, o que é mais que minha cota!" Assim, ela chamou-o de Yehudá, que demonstra gratidão: "Agora louvarei e agradecerei D'us!" (Yehudá vem do radical hodaá / agradecimento.)

DAN - filho de Bil'há recebeu seu nome de Rachel, que afirmou: "D'us julgou-me (dan significa julgar) e achou que não sou merecedora de filhos; porém agora Ele ouviu-me e deu-me um filho através de minha criada!"

NAFTALI - filho de Bil'há também recebeu seu nome de Rachel, que disse: "Ofereci preces a D'us (Naftali vem do radical tefilá / prece), que agradaram-No. Minhas orações foram aceitas e respondidas como as de minha irmã." Rachel proclamou que foi agraciada com este filho (através de Bil'há) por causa de suas preces constantes.

GAD - filho de Zilpá, foi chamado assim por Lea, que afirmou: "Boa sorte veio ao mundo!" (gad significa mazal, sorte). Ela viu profeticamente que Gad terá êxito em assuntos bélicos, e assim ajudaria a todas as outras tribos.

Zilpá deu à luz a mais um filho que recebeu o nome ASHER, pois Lea exclamou: "Afortunado é aquele que tem um filho como este!" (Asher vem da raiz ashre / afortunado).

Apesar de todas as matriarcas terem vivido em prol da construção das tribos de Israel, Lea demonstrou uma vontade grande para contribuir com seu máximo e empenhou-se em aumentar o número de filhos a nascerem dela.

Como recompensa, D'us deu-lhe mais dois filhos.

YISSACHAR - cujo nome significa: "D'us recompensou-me por Ter dado minha criada a meu marido."

.....
(Yissachar vem de sachar / recompensa) e ZEVULUN, que significa: "De agora em diante, o lar de meu marido será comigo, uma vez que tenho tantos filhos quanto as outras esposas juntas!" (Zevulun deriva de zevul / local de moradia.)

Lavan Tenta Enganar em seu Pagamento

Depois que Rachel deu à luz Yossef, D'us ordenou a Yaacov: "Volte para Terra de Israel."

Yaacov pediu a Lavan: "Dê-me permissão para partir com minhas mulheres e filhos."

"Por que," perguntou Lavan, "quando seus outros filhos nasceram, você não mencionou nada sobre partir, mas agora, após o nascimento de Yossef, você deseja partir?"

"Porque," replicou Yaacov, "Sei que Yossef tem o poder de superar Essav. Portanto, agora estou apto a partir e enfrentar meu irmão."

Lavan replicou: "Primeiro diga-me qual o salário que devo lhe pagar. Você trabalhou para mim durante vinte anos, dos quais, catorze por Rachel e Lea. Portanto, devo-lhe o pagamento correspondente a seis anos extras durante os quais você guardou minhas ovelhas. Quanto lhe devo?"

Yaacov respondeu: "Deixe-me levar todas as cabras que nascerem com manchas no pêlo e todas as ovelhas que nascerem de cor marrom."

"Muito bem!", pensou Lavan, "Yaacov certamente ficará com poucas ovelhas e cabras por servir-me durante seis anos."

Mas uma coisa estranha aconteceu! Naquele ano, quase todas as novas cabras nasceram manchadas e quase todas as ovelhas tinham a cor marrom! D'us fez com que Yaacov obtivesse o pagamento que merecia.

Um anjo de D'us apareceu a Yaacov em sonho, mostrando-lhe como cabritos e carneiros nascem com as marcas que a pessoa deseja. Yaacov sobrepujou Lavan, usando bastões descascados e raiados, induzindo as mães a darem à luz carneiros deste tipo.

Lavan ficou com inveja ao ver a quantidade de animais que Yaacov tinha.

"Cometi um erro", disse a Yaacov. "Na verdade, queria os recém-nascidos manchados e marrons para mim. Escolha outra recompensa."

"Se assim você prefere," disse Yaacov, "Ficarei com todos os animais que nascerem com listas brancas em seus corpos."

"Muito bem, que seja este seu pagamento," concordou Lavan.

Daí em diante, quase todos os animais que nasceram tinham listras brancas.

Lavan ficou irritado. "Este acordo foi um equívoco," disse ele para Yaacov. "Vamos mudá-lo."

Lavan mudou de opinião cem vezes porque queria enganar Yaacov em seu pagamento. Mas D'us ajudou Yaacov. No final, Yaacov tornou-se muito rico, apesar dos planos maldosos de Lavan.

Yaacov Foge da Casa de Lavan

Yaacov percebeu que Lavan não o deixaria levar suas esposas de volta a Êrets Yisrael. Portanto, Yaacov esperou, até o dia que Lavan viajou por três dias.

Então, com suas esposas e filhos, deixou a casa levando consigo todos seus pertences.

Antes de partir, Rachel entrou no quarto de seu pai, Lavan, e juntou todos os seus ídolos. "Deixe-me tirá-los daqui," pensou ela, "assim ele não mais poderá adorá-los."

Logo Lavan ficou sabendo que Yaacov e suas filhas haviam fugido secretamente e ficou furioso.

"Vou persegui-los e castigá-los," pensou.

Mas D'us apareceu a Lavan num sonho e o advertiu: "Não se atreva a fazer qualquer mal a Yaacov!"

Lavan logo alcançou Yaacov e o repreendeu: "Por que escapaste em segredo de minha casa?"

"Temia que não deixasse levar minhas esposas comigo," explicou Yaacov.

Lavan também perguntou: "Por que roubaste meus ídolos?"

Yaacov não tinha a menor idéia de que Rachel havia levado os ídolos do pai e respondeu: "Pode procurar em todos meus pertences! Não pegamos nada seu."

Lavan começou a procurar seus ídolos. Rachel os havia escondido na sela de seu camelo. Quando o pai foi procurar em seus pertences, ela sentou-se sobre o camelo e desculpou-se: "Sinto muito, desculpe-me por não me levantar para você. Não me sinto muito bem."

Lavan procurou e procurou, mas não achou seus ídolos.

Yaacov ficou irado com Lavan e o repreendeu: "Eu lhe disse que não pegamos nada seu. Porque não acredita em mim? Por que insiste em revistar nossos pertences? Você bem sabe quão fielmente guardei suas ovelhas durante vinte anos e quão duro trabalhei, dia e noite, para ter certeza de que seus rebanhos estavam em perfeita segurança.

O sol me castigava durante o dia e à noite o frio gelado me fazia tremer. Mas nunca deixei suas ovelhas sozinhas. Nenhuma só vez deixei que um leão ou lobo arrebatassem uma de suas ovelhas. Mesmo assim, você continuou me enganando no salário. Se não fosse pela ajuda de D'us, eu teria deixado sua casa de mãos vazias, sem dinheiro nem animais."

Lavan sabia que Yaacov falava a verdade, por isso tentou acalmá-lo. "Não te preocupes," desculpou-se Lavan. "Quando saí em seu encalço, não tencionava fazer dano algum a suas mulheres e seus filhos. Afinal de contas, são minhas filhas e netos. Eu os segui apenas para ver minhas filhas e netos, para beijá-los e me despedir deles. Agora, selemos um tratado de amizade."

Naturalmente, Lavan, o trapaceiro, inventou esta desculpa para encobrir suas más intenções. Quando correu atrás de Yaacov, na

.....
realidade tinha em mente destruir a família inteira, incluindo suas próprias filhas. Mas como D'us o prevenira para que não se atrevesse a fazer-lhes mal, ele nada podia fazer a não ser fingir que queria fazer um tratado de amizade.

Yaacov concordou em fazer um acordo com Lavan.

Yaacov e Lavan Fazem um Acordo de Amizade

Yaacov levantou uma enorme pedra sem ajuda (Yaacov era um homem muito forte) e colocou esta pedra como um pilar.

Virando-se para os filhos, Yaacov então ordenou: "Juntaremos também muitas pedras e faremos uma pilha."

Juntaram uma quantidade de pedras e puseram-nas em forma de monte junto ao pilar, formando, além do pilar, uma pilha de pedras.

Depois de comerem ao lado das pedras empilhadas, Yaacov e Lavan se levantaram e prometeram um ao outro: "O pilar e a pilha de pedras serão testemunhas para sempre, e nos farão lembrar, a nós e nossos filhos, para que nunca façam mal uns aos outros. Se algum de nós ou de nossos descendentes viajar para a terra do outro com intenção de fazer mal, passará defronte ao pilar e pela pilha de pedras no caminho. Elas serão lembretes de nosso acordo de amizade."

Lavan então voltou para sua casa em Charan, enquanto Yaacov viajou para Terra de Israel.

Anjos Vão ao Encontro de Yaacov Quando ele Entra em Israel

Quando Yaacov e sua família entraram em Israel, notaram um grupo de homens marchando ao seu encontro. Yaacov ficou com medo. Seria por acaso o exército de Essav? Ou teria Lavan mandado um grupo de pessoas para prendê-lo? Mas quando eles chegaram mais perto, Yaacov percebeu que era um grupo de anjos sagrados enviados por D'us. D'us mandara anjos para proteger Yaacov de seus inimigos em Israel. Os anjos que o acompanharam fora de Israel agora iam embora.

Yaacov estava feliz porque D'us o estava protegendo, especialmente agora que se aproximava de seu irmão Essav, a quem ainda temia.

Por que Yaacov mereceu uma recepção tão grande das hostes celestiais?

Yaacov passou vinte anos inteiros na casa de Lavan, o feiticeiro e idólatra, que estava na fonte de todos os poderes de impureza e escuridão daquela época. A despeito da predominante atmosfera de impureza, Yaacov sobrepujou completamente o mal, mesmo na casa de Lavan. Quando retornou, era o mesmo homem virtuoso de quando partira, espiritualmente perfeito. Por isso, foi recebido pelas hostes da Divindade.

Mais tarde, Yaacov testemunhou acerca de si mesmo: "Morei com Lavan, porém mesmo assim cumpri todas as seiscentas e treze mitsvot!"

Por sua extraordinária realização, Yaacov certamente mereceu a honra de ser bem-vindo por dois grupos de anjos!

08 – Parashat Vayishlach

Gênesis 32:4-36:43

Yaacov Envia Mensageiros a Essav

Após passar vinte anos na casa de Lavan, Yaacov voltou a Israel com suas esposas - Rachel, Lea, Bil'há e Zilpá - e seus filhos. Ele não tinha certeza se Essav o tinha perdoado neste intervalo ou se ainda o odiava.

Yaacov decidiu: "Enviarei mensageiros a Essav para descobrir o que está planejando."

"Como você pode mandar-nos a Essav?" objetaram os mensageiros de Yaacov. "Temos medo de enfrentá-lo."

"Não temam! Pedirei aos anjos que nos encontraram quando entramos em Israel para que marchem à sua frente e lhes protejam."

Yaacov enviou anjos verdadeiros a fim de tanto impressionar como aterrorizar Essav.

Não devemos estranhar que seres celestiais foram mandados por Yaacov à seu irmão Essav, pois era comum que todos os nossos patriarcas lidassem com anjos:

- Três anjos visitaram Avraham após ter feito circuncisão.
- Enquanto vagava pelo deserto, os anjos dirigiram-se à Hagar, criada de Avraham. Por que, então, deveríamos admirar-nos de que nosso patriarca Yaacov tenha enviado anjos para uma missão?
- Se Eliêzer, servo de Avraham, foi acompanhado de anjos quando viajou para a casa de Lavan, certamente Yaacov, ele próprio, foi auxiliado por anjos.
- Na próxima parashá, quando o pai de Yossef enviou-o para procurar seus irmãos, deparou-se com três anjos. Por que deveríamos, então, admirar-nos de que seu pai Yaacov tivesse anjos sob seu comando?

Yaacov deu a seus mensageiros instruções detalhadas sobre como lidar com Essav. "Sejam humildes perante Essav. Chamem-no de 'Meu mestre.' Não obstante, deixem nossa posição bem clara para ele.

Digam-lhe em meu nome: 'Vivi com Lavan, mestre de todos os mágicos e trapaceiros, mas sobrepujei-o (subentendendo: "certamente irei te sobrepujar!"). Apesar de morar na casa de Lavan, cumpri todas as seiscentas e treze mitsvot, (subentendendo: "sendo assim, você não pode esperar tornar-se vitorioso"). Adiei minha partida até agora (até o nascimento de Yossef, pois ele possui o poder para te dominar.)"

[A Torá emprega a palavra **'garti'** para escrever **'morei'** com Lavan. As mesmas letras de 'garti', formam também a palavra **'taryag'**, que significa **'seiscentos e treze'**. Yaacov assim indicava a Essav: 'Apesar de ter morado com Lavan, cumpri os seiscentos e treze mandamentos Divinos.] "Digam-lhe: 'Você me odeia por causa das bênçãos que pensa que roubei de você. Nosso pai abençoou-me para que eu tenha o orvalho do céu e a gordura da terra, porém não os recebi. Possuo gado, asnos e jumentos, que não são nem do céu, nem da terra. Por quê, então, você me odeia?'"

As palavras de Yaacov: "Possuo um boi, um jumento, servos e servas," também têm uma implicação mais profunda. "Tenho Yossef, que é comparado a um boi. Tenho Yissachar, que é equiparado a um jumento (e quem, com seu estudo da Torá,

.....
vencerá!), tenho ovelhas - o fiel povo judeu, que segue D'us como carneiros (a quem, portanto, Essav nunca será capaz de destruir).

Haverá entre meus descendentes um servo, David, e uma serva, Avigayil (esposa de David) que, com sua grande santidade, enfraquecerão a força de Essav, que baseia-se na impureza!"

Yaacov instruiu seus homens: "Expliquem claramente a Essav que se ele quiser paz, estou pronto para a paz; mas se quiser guerra, também estou preparado. Meu acampamento é forte, e rezamos para D'us, que realiza nossos pedidos!"

Os mensageiros partiram, retornando mais tarde com notícias desalentadoras: "Você agiu de maneira fraternal em relação a Essav," relataram a Yaacov, "mas você pensa que ele se comportou como irmão? Ele ainda é o antigo perverso Essav."

Está marchando em sua direção trazendo quatrocentos generais. Cada general tem sob seu comando quatrocentos soldados!"

"Isso significa luta!", pensou Yaacov. "É verdade que D'us prometeu ajudar-me, mas talvez alguém de minha família tenha pecado. É possível que D'us nos puna agora e não nos ajude. Talvez D'us faça com que Essav vença porque ele sempre honrou nosso pai Yitschac."

Yaacov ficou apavorado. Não era a possibilidade de ser morto que temia, mas estava apreensivo com a idéia de ter de matar alguém na batalha.

"O que posso fazer para salvar minha família?", ponderou Yaacov.

Yaacov se Prepara para Encontrar Essav

Yaacov preparou-se de três maneiras:

1. Rezou a D'us:

Yaacov dirigiu-se a D'us, dizendo: "Sei que Tua promessa de ajudar-me está condicionada ao meu mérito". **Contudo, não possuo méritos**, não sou merecedor de toda a verdade e bondade que me demonstrastes. Da primeira vez que atravessei o Jordão estava sozinho, mas agora me destes uma família que compreende dois acampamentos.

"Por favor, D'us, salve-me das mãos de meu irmão Essav. Ele não age como irmão, mas como o malvado Essav. Está vindo para nos assassinar a todos."

Yaacov não apenas rezou, como também instruiu cada um dos filhos a juntarem-se a ele em prece. A prece de Yaacov foi respondida imediatamente por D'us, embora ele tenha descoberto isso mais tarde, baseado no relato de Essav. D'us enviou um grupo de anjos disfarçados de soldados armados para atacar as tropas de Essav e intimidá-las. Aprendemos com Yaacov que se estamos em situação perigosa, devemos rezar para D'us pedindo para que nos ajude.

2. Preparou um presente:

Yaacov pensou: "Enviarei a Essav um presente custoso. Talvez isso o ponha de bom humor e seja amável comigo."

Yaacov escolheu duzentas cabras de seu rebanho, assim como numerosas ovelhas e outros animais. Ordenou aos servos que os entregassem a Essav.

Yaacov disse aos servos: "Não levem a Essav todos os animais ao mesmo tempo. Separem os rebanhos. Mostrem a ele primeiro um rebanho para que pense que recebeu todo o presente. Depois mostrem outro rebanho, e então outro. Dessa maneira o presente parecerá enorme e ele apreciará muito mais o que recebe."

3. Aprontou-se para guerra:

Sabidamente, Yaacov vestiu todos os de sua casa com trajes brancos. Mesmo assim, ordenou a cada um que escondesse uma espada sob a capa. Ao mesmo tempo fez planos de fuga. Dividiu seu pessoal em dois acampamentos, dizendo: "Se Essav lutar contra um batalhão e vencer, neste ínterim o outro grupo terá tempo de fugir".

Disso aprendemos que numa situação de emergência devemos - além de rezar - fazer todo o possível para salvar nossas vidas.

Yaacov Luta com um Anjo Durante a Noite

Aquela noite, após sua família estar a salvo no outro lado do rio Yaboc, Yaacov voltou, cruzando o rio novamente, porque havia esquecido do outro lado alguns de seus pertences, umas vasilhas. Um tsadic valoriza a menor de suas posses, e não a deixaria ser desperdiçada, pois cada um de seus pertences foi adquirido honestamente.

De repente, foi atacado por um ser semelhante a um homem. Na realidade, era um anjo, o anjo de Essav, que D'us havia mandado para lutar com Yaacov. Yaacov se defendeu, mas o anjo continuou tentando derrubá-lo. Os dois lutaram durante toda a noite.

Quando a alvorada despontou, o anjo viu que a Shechiná (Divindade) pairava sobre Yaacov, protegendo-o e soube então que não poderia vencê-lo. Mas ele deslocou uma parte da coxa de Yaacov, que não podia mais caminhar sem mancar. Quando o sol saiu, o anjo implorou a Yaacov; "Deixe-me ir agora. Já é dia"

"Por que?", perguntou-lhe Yaacov.

O anjo explicou: "Sou um anjo de D'us. Pela manhã tenho que estar no céu para cantar louvores a D'us." "Deixe que seus companheiros digam shirá em seu lugar, e você cantará amanhã, em vez deles." "Isto não é permitido. Se você não me soltar para que eu possa cantar agora, perderei minha vez para sempre."

Yaacov respondeu: "**Não o deixarei ir a menos que admita primeiro que eu tinha razão ao tomar a bênção de meu pai, pois comprei o direito da primogenitura de Essav.**"

"Não posso fazer isto!", replicou o anjo. "Por que não pode abençoar-me, como os anjos que apareceram para Avraham oabençoaram? Eles só partiram depois de revelar-lhe a notícia de que teria um filho."

"Eles foram enviados com esse propósito, mas não posso fazer o que não me foi ordenado. Fazendo isso, estaria ultrapassando meus limites, e como castigo, seria expulso de minha posição no céu."

"Apesar disto, continuarei a recusar-me a dispensá-lo, a não ser que me abençoe!"

"Qual o seu nome?" perguntou-lhe o anjo.

.....
"Yaacov."

"De agora em diante seu nome principal não mais será Yaacov, (que tem conotação de: 'aquele que tomou as bênçãos através de trapaça') mas será chamado por um novo nome - Yisrael (Israel), significando: 'lutaste contra seres celestiais (**o anjo de Essav**), e contra mortais (**Lavan e Essav, seus asseclas**), e venceste'. És merecedor das bênçãos de seu pai!"

Yaacov perguntou então ao anjo: "Qual o seu nome?"

"Por que você está me perguntando qual o meu nome?" replicou o anjo. **"Anjos não têm nome permanente. O nome muda de acordo com a missão que cumprem."**

O amanhecer raiou, e **o anjo começou a cantar shirá da terra**, antes mesmo de voltar ao céu. Elevou a voz, louvando e enaltecendo D'us. As hostes Celestiais ouviram-no e exclamaram: "Em honra ao tsadic foi-lhe permitido dizer shirá na terra, enquanto sua voz alcança os céus!"

A Proibição de Comer do Guid Hanashê, Tendão da Veia da Coxa

Em lembrança à luta entre Yaacov e o anjo, na qual a coxa de Yaacov foi deslocada, a Torá proíbe o judeu de comer o tendão da veia da coxa.

Dois tecidos importantes são proibidos nos quartos traseiros do animal: o tendão interno - nervo ciático - que se ramifica desde a base da coluna e estende-se pelo lado interno da perna do animal, este é proibido pela lei da Torá. Os Sábios proibiram também o tendão externo - o nervo peroneal comum - que se estende pela coxa no lado externo da perna. Qualquer traço destes nervos deve ser removido, e a gordura que recobre o nervo ciático também é retirada. Além disso, mais seis nervos que assemelham-se a cordas e veias específicas também são removidas.

Abster-nos de comer essa parte ajuda-nos a lembrar como o anjo deslocou a coxa de Yaacov, mas não pôde vencê-lo.

D'us protegeu Yaacov das mãos do anjo de Essav como um sinal de que mais tarde protegeria o povo judeu das mãos de Essav.

O anjo conseguiu apenas feri-lo na coxa. Assim também, apesar do povo judeu passar por muito sofrimento nas mãos de outras nações, nunca será totalmente erradicado. Os povos jamais conseguirão exterminar o povo judeu completamente; mas infligir-lhe-ão apenas ferimentos de natureza temporária. Estes serão curados na época de Mashiach, assim como D'us curou Yaacov.

Como Yaacov foi Curado

Yaacov foi curado da seguinte maneira: Neste dia o sol nasceu duas horas antes do tempo, compensando assim as duas horas que perdera pondo-se cedo quando Yaacov deixou Charan (conforme relata a parashá anterior, Vayetsê).

Quando o sol se levantou, D'us intensificou a luz, revelando a Yaacov aquela resplandescente luz especial que Ele criou no primeiro dia da Criação, e posteriormente escondeu-a ocultou-a do mundo (para preservá-la para os tsadikim, no futuro).

Ele agora irradiava estes fortes raios sobre Yaacov, para curá-lo da claudicação.

No futuro, D'us curará todos os coxos e cegos com estes mesmos raios.

O Significado da Luta entre Yaacov e Essav

Por que D'us enviou o anjo de Essav para lutar contra Yaacov?

A batalha entre Yaacov e Essav era sinal de uma luta que estava sendo travada no céu naquela mesma hora.

O anjo de Essav afirmou perante D'us: "Essav tem maiores méritos que Yaacov! Essav honrava seu pai mais que qualquer outro jamais fez.

Além disso, Essav tem o mérito especial de viver em Israel, ao passo que Yaacov estava na casa de Lavan, fora de Israel." O anjo concluiu seu argumento da seguinte maneira: "Portanto, Essav e seus filhos merecem governar Yaacov e seus filhos!"

O anjo de Yaacov por sua vez argumentou: "Yaacov é um justo (tsadic) e Essav não o é. Então Yaacov e seus descendentes é que merecem prevalecer sobre Essav e seus descendentes!"

Quando o anjo de Essav lutou com Yaacov na terra, demonstrou que ao mesmo tempo havia uma discussão no céu: quem prevaleceria sobre quem?

O anjo de Essav perdeu a batalha no céu; conseqüentemente, perdeu também a batalha na terra. D'us anunciou: "Embora os descendentes de Essav sejam às vezes mais fortes que os de Yaacov, no final - no tempo de Mashiach - Yaacov prevalecerá sobre Essav."

Yaacov e Essav se Encontram

Pela manhã Yaacov viu Essav aproximar-se, com seu exército. Yaacov posicionou-se à frente do seu acampamento. Pensou: "Se o **perverso** Essav quer atacar, que lute comigo primeiro!"

Yaacov inclinou-se sete vezes perante Essav. Quando Essav viu isto, correu, abraçou-o e beijou-o.

O Midrash Explica: O Beijo de Essav

O que Essav tinha em mente ao beijar Yaacov?

Nossos Sábios têm opiniões diferentes sobre isso:

Rabi Shimon ben Yochai explicou: "Quando Essav viu Yaacov curvando-se humildemente à sua frente, sentiu pena do irmão. Beijou-o com todo seu coração e sua alma."

Rabi Yanai explicou de outro modo: Na Torá, a palavra '**vayishakêhu**' (**e ele o beijou**) possui pequenos **pontinhos sobre cada letra**. A Torá nos sugere que Essav, na verdade, planejava **morder** Yaacov! Pensou que pegaria Yaacov desprevenido porque estaria esperando um beijo do irmão. Essav planejou rapidamente cravar os dentes no pescoço de Yaacov e morder o irmão tão profundamente que este morreria!

Por que Essav planejou matar o irmão com uma mordida?

Ele queria evitar uma batalha, pois sabia que Yaacov tinha um grande número de homens que o apoiavam. Além disso, os generais de Essav o desertaram quando viram a sagrada face de Yaacov. Essav, portanto, preferiu assassinar Yaacov enganando-o com um truque. Mas D'us fez um milagre para Yaacov. Seu

.....
pescoço tornou-se duro como mármore! E os dentes de Essav encontraram grande dificuldade para atingir seu alvo.

Este episódio é novamente um sinal para o futuro. Assim como a tentativa de Essav de matar Yaacov falhou, assim D'us protegerá seus filhos da fúria das nações.

Yaacov e Essav Fazem as Pazes

Essav viu as esposas e filhos de Yaacov. "Quem são tais pessoas?" - perguntou.

"São os filhos que D'us me concedeu", respondeu Yaacov.

As esposas e filhos de Yaacov aproximaram-se para curvarem-se perante Essav. Essav observou-os, mas não percebeu Rachel entre eles. Yossef colocou-se na frente de sua mãe, ocultando-a das vistas de Essav. "Quem sabe o que este perverso Essav tem em mente," pensou. "Não o deixarei olhar para Rachel, nem é bom que minha mãe olhe para este homem malvado, pois o choque poderia ocasionar-lhe um aborto." Rachel estava então grávida de Binyamin.

Ao perceber os servos e gado de Yaacov, Essav disse: "Pensei que você só estivesse interessado no Mundo Vindouro.

Como você conseguiu amearhar tanta riqueza neste mundo?"

"D'us concedeu-me tudo isto para ser utilizado em Seu serviço."

"E de quem era aquele acampamento que encontrei?" perguntou Essav a Yaacov.

"Não te disseram? São meus homens!" retrucou Yaacov.

"Dizer-me? Em vez disso, me bateram! Um batalhão após o outro veio a mim, alguns montados à cavalo, outros de armadura. Perguntaram-me : 'Quem é você?' 'Essav,' repliquei. Ao ouvir isto, começaram a me bater, e gritei: 'Deixem-me em paz! Sou o neto de Avraham!' Ignoraram minhas súplicas e continuaram a me chicotear. 'Sou o filho de Yitschac!' Não me deram atenção, mas desferiram golpes sem dó. 'Sou o irmão de Yaacov.

Ele retornou após vinte anos de ausência, e quero ir ao seu encontro!" Assim que mencionei seu nome, pararam de me bater, dizendo: 'Você é o irmão de nosso amigo Yaacov. Por causa dele deixaremos você ir!'. Um segundo e terceiro grupo armado marchou em minha direção, para me bater, e só me soltaram quando mencionei seu nome. Recebi um número suficiente de pancadas!"

Yaacov compreendeu que D'us havia enviado exércitos de anjos para amedrontar Essav.

Essav quis saber: "De quem são todos esses rebanhos vindo em minha direção?" "São um presente para você," respondeu Yaacov.

"Tenho muito. Guarde o que quer que seja teu!"

Com estas palavras Essav admitiu que Yaacov pode ficar com as bênçãos de Yitschac legitimamente.

"Por favor, fique com meu presente," insistiu Yaacov. **"Considero meu encontro com você tão grandioso quanto meu encontro com o anjo que derrotei. Aceite meu agrado, pois D'us foi gracioso comigo e tenho tudo."**

Finalmente, Essav aceitou o presente de Yaacov.

(Ao descrever suas posses **Yaacov** diz: **"Tenho tudo"**, ou seja,

tudo que necessito. Isto é a característica de um tsadic. Não importa o quão muito ou pouco possui, sempre está satisfeito, pois sente que o que quer que tenha é tudo o que necessita. Porém perversos como Essav, falam de maneira **arrogante**: **"Tenho muito"**, enfatizando a abundância de seus bens e proclamando que acumularam muito, mas nunca o suficiente, pois são constantemente consumidos pela ganância.)

Essav sugeriu a Yaacov: "Continuemos nossa viagem juntos!"

Yaacov pensou: "É melhor não viajar na companhia de um rashá (perverso)."

"Não," respondeu Yaacov. "Estou viajando com crianças pequenas e rebanhos de animais jovens. Tenho que ser delicado com eles, e movemo-nos a passos muito lentos. É melhor que você vá na frente para Seir, e eu chegarei lá depois, em algum momento!"

Essav concordou e se separaram em paz.

Yaacov nunca viajou a Seir para encontrar-se com Essav. Em vez disso, porém, ficou na cidade de Sucot. Não obstante, nosso patriarca Yaacov não mentiu. Ele indicou a Essav que encontrasse-iam no Monte Seir em alguma data futura, na época de Mashiach, quando Essav lá será julgado por sua iniquidade.

Após o encontro com Yaacov, Essav voltou para a terra de Seir sozinho, sem seus quatrocentos generais. Desertaram-no um a um, pois assim que ficaram face a face com Yaacov e contemplaram sua grandeza, foram tomados de medo.

Foi realmente um milagre que Essav tenha voltado para casa sem ter prejudicado Yaacov.

O Sequestro de Dina

Yaacov e sua família estabeleceram-se nas cercanias da cidade de Shechem (Nablus).

Imediatamente, ao chegar em Israel, após uma ausência de vinte e um anos, Yaacov adquiriu uma gleba de terra, simbolizando assim que não era mais um transeunte, mas morador, residente na terra que D'us prometera a seus descendentes. Yaacov queria estabelecer o direito inalienável à terra através da aquisição. (Este é um dos três locais que a Torá assegura a propriedade do povo judeu.

Como nos relata a parashá, Yaacov comprou-o com moeda inconteste. Os outros dois locais são a Gruta de Machpelá em Hebron, comprada por Avraham, e o local do Templo Sagrado em Jerusalém, adquirido pelo rei David.)

Um dia, a filha de Yaacov, Dina, ouviu o som de músicos e tambores do lado de fora da sua tenda.

"Quem será que está tocando?", pensou. Dina esgueirou-se sozinha para fora da tenda para assistir ao espetáculo.

Mas enquanto ela assistia, alguém mais a estava vigiando. Era Shechem, um príncipe de Chivi (uma tribo de Canaã).

Quando viu Dina, gostou dela. Decidiu raptar Dina e levá-la para seu palácio. Ela seria exatamente a mulher que ele queria!

Tentou a persuadi-la a ficar em sua casa, com palavras convincentes. "Seu pai foi obrigado a gastar uma enorme quantia em dinheiro para adquirir uma propriedade em Shechem," disse-lhe. "Sou o governador desta cidade. Se você ficar comigo, dar-te-ei a cidade inteira, com seus campos e vinhedos!"

Quando Yaacov e os filhos voltaram dos campos, Dina havia

.....
desaparecido. Logo ouviram que Shechem a havia levado e ficaram perturbados e muito enraivecidos.

Imediatamente, Yaacov enviou dois servos para resgatar Dina da casa de Shechem; porém estes foram expulsos.

Shechem, que arrependeu-se de ter pego Dina ilicitamente, pediu a seu pai que contactasse Yaacov e lhe pedisse para dar-lhe Dina como sua legítima esposa.

Chamor, pai de Shechem, procurou Yaacov e seus filhos e lhes disse: "Meu filho Shechem deseja muito Dina para esposa.

Daremos a vocês todo o dote que desejarem. Por favor, aceite! Por que não podemos nos tornar uma grande família?

Nossos jovens casar-se-ão com suas filhas e vocês com as nossas."

Dentre os filhos de Yaacov, Shimon e Levi eram os mais abalados pelo maldoso feito de Shechem: além de ter raptado Dina, também a violara e a fizera sofrer. Exclamaram: "Este ato abjeto é proibido até de acordo com suas leis! Em vez de falarem por aí: 'Uma moça judia sofreu abuso,' melhor que digam: 'Idólatras foram mortos porque pegaram a filha de Yaacov, uma moça judia.'"

Decidiram punir não só o raptor Shechem, mas todo o povo da cidade que não havia protestado pelo sequestro.

(Shimon e Levi agiram de acordo com a lei ao planejarem matar os habitantes de Shechem, porque todo o povo de Shechem merecia pena capital, de acordo com as Sete Leis de Nôach, leis universais aceitas por toda a humanidade. O próprio Shechem era passível de pena capital, por ter raptado Dina, e transgredira a proibição de "Não roubarás".

Seus concidadãos também eram culpados, uma vez que sabiam de seu ato, mas não o levaram à justiça. Violaram, portanto, mais uma das Sete Leis de Nôach, a obrigação de administrar a justiça. Mereciam morrer, por terem falhado em aplicar a punição apropriada a Shechem).

Sem consultar seu pai, Shimon e Levi, que àquela época **tinham treze anos de idade**, decidiram: "Amanhã não haverá mais vestígios da cidade de Shechem!"

Shimon e Levi responderam ao pai de Shechem. "Sabe que nós, judeus, temos circuncisão. Não podemos permitir que desposen nossas filhas, a menos que todos os homens da cidade concordem em submeter-se a um berit milá."

Eles não tinham intenção de aceitar a proposta de Shechem e Chamor. Por isso, a Torá nos diz que responderam a Chamor com astúcia e inteligência. Escolheram a circuncisão como meio de incapacitar os habitantes de Shechem, a fim de infligir dano ao órgão que Shechem usou para agredir Dina.

O pai de Shechem voltou à sua cidade e persuadiu o povo. "Façamos a circuncisão, então tomaremos as filhas de Yaacov para nós e poderemos dar nossas filhas a eles."

O povo de Shechem aceitou ser circuncidado, porque pensou: "A família de Yaacov é rica. Se nos casarmos com suas filhas, teremos acesso a seu dinheiro."

No terceiro dia após os homens de Shechem terem feito berit milá, sentiram-se fracos e doentes. Shimon e Levi cingiram as espadas e entraram na cidade. Mataram Shechem e seu pai, assim como todos os homens da cidade. Em seguida, trouxeram sua irmã Dina de volta para casa.

Quando Yaacov ficou sabendo o que Shimon e Levi haviam feito, assustou-se bastante. "Não agiram com prudência!", repreendeu-os. "Agora todo o povo de Canaã nos atacará em vingança! O vinho no barril estava claro como o cristal, mas vocês o turvaram! Apesar dos canaanitas saberem que um dia conquistaremos sua terra, acharam que a conquista só se tornaria realidade num futuro distante. Por isso, estavam quietos, e não nos causavam mal. Mas agora que vocês os atacaram, pensam que começamos a tomar posse da terra. Portanto, irão empreender todos os esforços para nos destruir!"

Shimon e Levi argumentaram que agiram como agiram a fim de proteger suas esposas e filhas. "Tínhamos que atacá-los," declararam, "a fim de mostra-lhes que nossas moças não estão disponíveis para serem tomadas. Fizemos isso para impedir a reincidência de ocorrências similares no futuro!"

D'us ajudou Yaacov e sua família. Quando os canaanitas atacaram a família de Yaacov, D'us os protegeu. Os canaanitas perderam todas as batalhas contra a família de Yaacov. Desde então, tinham medo de lutar contra Yaacov ou seus filhos. Não obstante, Yaacov era da opinião que Shimon e Levi colocaram em perigo a família inteira, e portanto, no final de sua vida amaldiçoou a raiva que os levou a atacar a cidade de Shechem.

Asnat Filha de Dina

Dina, a filha de Yaacov, deu à luz a uma filha a quem deu o nome de **Asnat**, derivado da palavra **'asson'**, **infortúnio**. "É meu infortúnio", lamentou ela, "ter tido uma filha de Shechem, filho de Chamor, que me tomou à força."

Os filhos de Yaacov não suportavam ver Asnat, que os lembrava do desagradável episódio. Yaacov percebeu este sentimento e ficou preocupado.

Pegou uma corrente de ouro, escreveu a palavra **'kedoshá'** num amuleto e pendurou-o no pescoço dela. Então a mandou embora, para um lugar onde teria uma vida melhor.

"Mas aonde eu irei?", perguntou Asnat. "O que farei? Ainda sou jovem." Yaacov tranquilizou-a, dizendo: "D'us a protegerá aonde quer que você vá."

Asnat deixou a casa de Yaacov. O anjo Gavriel a acompanhou e conduziu-a ao Egito, onde ela conheceu a esposa de Potifar, que não tinha filhos e de bom grado adotou a menina. Muito tempo depois, esta mesma **Asnat** se casaria com seu tio Yossef.

Um Ensino Chassídico da Parashá

Ao relatar a reação de medo dos canaanitas em relação à família de Yaacov, a Torá diz o seguinte: "E o **temor ('chitat')** de D'us estava nas cidades, e eles não perseguiram os filhos de Yaacov."

Neste versículo é usado uma palavra pouco comum para descrever 'temor' = 'chitat', ao invés da palavra mais conhecida **'yir'at'**.

O que há por trás dessa palavra?

A palavra **'Chitat'**, temor é também um acrônimo para **Chumash**, **Tehilim** e **Tanya**.

O Rebe Anterior de Chabad, Rabi Yossef Yitschac Schneersohn, exortou todo judeu para que a cada dia da semana, estudasse:

- a porção do Chumash (com as explicações do comentarista Rashi) da parashá semanal correspondente ao dia da semana

.....
(por exemplo, no domingo, o trecho da parashá a ser estudado é do 'primeiro a ser chamado' até 'o segundo a ser chamado'),

- uma porção do Tehilim segundo o dia do mês (o Tehilim está dividido para os 30 dias do mês hebraico),

- uma porção do Tanya, (o Tanya está dividido para cada dia do ano). Este estudo, revelou o Rebe é uma grande fonte de bênção para tudo, tanto material como espiritualmente.

Em 1843, o terceiro Lubavitcher Rebe enviou seu filho Rabi Shmuel a S. Petersburgo para discutir alguns assuntos comunitários. Antes da partida, disse-lhe que sua mãe já falecida, Devora Lea, lhe aparecera, dizendo, que havia visitado a morada do sagrado Báal Shem Tov no céu. Ela buscava sua bênção para aliviar as dificuldades que o filho teria com os adversários do chassidismo. O **Báal Shem Tov** disse a ela que ao estudar os sagrados livros Chumash, Tehilim e Tanya, todas as dificuldades e obstáculos seriam anuladas.

O versículo acima refere-se a justamente a isso: quando a pessoa estuda diariamente Chumash, Tehilim e Tanya, 'Chitat', então - ninguém perseguirá os filhos de Yaacov para fazer-lhes qualquer mal, tanto material como espiritualmente.

Yaacov Oferece Sacrifícios na Cidade de Bet E-I

D'us apareceu a Yaacov e lembrou-o: "Antes de viajar para a casa de Lavan, você prometeu que me daria um décimo de todos seus ganhos. Você ainda não cumpriu a promessa. Vá imediatamente a Bet E-I para construir um altar e oferecer os sacrifícios que Me prometeu!"

Antes da viagem, Yaacov perguntou à sua família: "Algum de vocês têm ídolos? Talvez vocês tenham retidos alguns quando Shimon e Levi lhes deram os despojos de Shechem. Todos os ídolos devem ser enterrados na terra; dêem-nos para mim. Precisamos também trocar de roupa para ficarmos em estado de pureza ao oferecer os sacrifícios para D'us em Bet E-I".

Ao chegar lá, Yaacov construiu um altar e queimou sobre ele as oferendas como havia prometido.

O Falecimento de Rivca e o Consolo de D'us a Yaacov

Em Bet E-I um membro idoso da casa de Yaacov faleceu; era a babá de sua mãe Rivca, que se chamava Devora. Yaacov a enterrou sob uma grande árvore em Bet E-I.

Logo chegaram a Yaacov mais notícias tristes: sua própria mãe, Rivca, havia falecido! Yaacov não a via desde que saíra de casa para ir à casa de Lavan. **Haviam já se passado 34 anos.**

Antes de morrer, Rivka ordenou que deveria ser enterrada à noite, em segredo. Raciocinou: "Quem irá acompanhar meu caixão após minha morte? O tsadic Yaacov não está aqui. Meu marido Yitschac é cego e não consegue sair de casa. Assim, só resta Essav para me acompanhar. Por que deveriam as pessoas amaldiçoarem-me por ter dado à luz a Essav?"

Melhor que seja enterrada em segredo!" Enquanto Yaacov estava de luto pela sua mãe, D'us apareceu-lhe para consolá-lo e abençoá-lo com a bênção dos enlutados.

D'us anunciou-lhe: "Seu nome não mais será Yaacov, mas Yisrael, o príncipe e governante. Frutifique-se e multiplique-se! Uma nação e assembléia de nações nascerão de você, e reis serão seus descendentes! A terra que dei a Avraham e Yitschac pertencerá a você e a seus descendentes!"

As palavras de D'us, "uma nação" nascerá de Yaacov, referem-

se a **Binyamin**, que ainda não nascera. A profecia de D'us, que uma "assembléia de nações" nascerá de Yaacov, alude aos filhos de Yossef, netos de Yaacov, Efrayim e Menashe, que serão elevados ao status de tribos, como seus próprios filhos.

Rachel Morre ao dar à Luz a Binyamin

Yaacov e sua família continuaram viajando em direção a Hebron, onde morava Yitschac, seu pai. No caminho Rachel deu a luz à um segundo filho, Binyamin.

Inicialmente, Rachel o chamou 'Ben Oni', que significa 'filho de minha dor', pois sentira que estava para morrer. Mas Yaacov trocou o nome do bebê para 'Binyamin', que significa 'filho da direita'. Queria dizer com isso: "este filho apoiará minha mão direita na minha velhice."

Rachel faleceu durante o parto. Yaacov enterrou Rachel perto de Bet Lêchem (Belém), no local onde ela falecera. Sobre seu túmulo ele ergueu um monumento memorial, para o qual cada filho trouxe uma pedra. Yaacov colocou as pedras uma em cima da outra, formando um pilar, colocando a sua pedra no topo.

Por que Yaacov não levou Rachel à Gruta de Machpelá para enterrá-la junto com as outras matriarcas?

Antes de falecer Yaacov explicou a seu filho Yossef a razão de sua conduta (porque Yossef indicou ao pai que objetava enterrar Rachel ao lado da estrada), dizendo: "Juro-lhe que exatamente tanto quanto você quer que sua mãe descanse na Gruta da Machpelá, assim desejo que ela seja enterrada lá!"

"Ordene isto agora," apressou-o Yossef, "e eu ainda a transferirei e a enterrarei na Gruta de Machpelá!"

"Você não pode fazer isto, meu filho," respondeu Yaacov, "porque enterrei-a no cruzamento de estradas de Bet Lechem, de acordo com a ordem Divina. No futuro, quando os filhos de Rachel forem exilados por Nevuchadnetsar, no caminho à Babilônia, passarão pelo túmulo de Rachel. Ela suplicará a D'us por misericórdia para seus filhos, e D'us escutará sua prece".

As palavras de Yaacov cumpriram-se quando o povo judeu foi exilado após a destruição do primeiro Templo Sagrado.

Rachel levantou-se perante D'us e rezou: "Mestre do Universo, sabes muito bem o quanto Seu servo Yaacov me amou, e serviu meu pai por sete anos por mim. Ao final dos sete anos, quando chegou o momento do casamento, meu pai decidiu dar-lhe minha irmã em meu lugar. Eu sabia, e encontrei-me numa situação bastante difícil. Enviei uma mensagem a meu futuro marido, e ele me revelou certos sinais através dos quais ele poderia distinguir-me de minha irmã.

Então o plano de meu pai teria falhado. Mais tarde, porém, mudei de idéia, porque tive pena de minha irmã, que seria exposta à vergonha pública. Quando minha irmã estava vestida para o casamento, revelei-lhe os sinais secretos que havia combinado com Yaacov, **e até me escondi no quarto do casal**, e respondi às questões de Yaacov, para que ele não descobrisse o engodo através de sua voz."

"Sou apenas humana, mas não tive ciúmes dela, nem a expus à desgraça. O Senhor é o D'us Eternamente Vivo, por que deveria ter ciúmes de ídolos insignificantes, e permitir que, em consequência, Seus filhos sejam exilados, mortos a fio de espada, e sofram abusos dos inimigos?"

A prece de Rachel evocou a misericórdia de D'us, e Ele respondeu-lhe (**Yirmiyáhu 31:15-16**), "Abstenha tua voz de chorar, e teus olhos de lágrimas, pois teus bons atos serão

.....
recompensados, diz D'us, e eles [teus filhos] retornarão novamente da terra do inimigo!"

Hoje em dia, mais de 3500 anos após o falecimento de Rachel, conhecemos a localização do túmulo de Rachel. Muitos judeus vão lá para rezar. D'us ouve suas preces em mérito da matriarca Rachel, a grande **tsadêket**.

O Pecado de Reuven no Incidente de Bil'ha

Durante sua vida Rachel foi a principal esposa de Yaacov. Após sua morte, **Yaacov transferiu seu leito para a tenda de Bil'ha, indicando que agora Bil'ha tomaria o lugar de Rachel.**

Reuven, que estava preocupado com **a honra de sua mãe Lea**, argumentou: "Enquanto estava viva, Rachel era rival de minha mãe. Será que agora a criada de Rachel também se tornará rival de minha mãe?"

Yaacov havia se mudado para a tenda de Bil'ha, a fim de honrar a memória de Rachel, pois ele trabalhara quatorze anos para ter o direito de casar-se com ela, e ela era o esteio do seu lar. Como tributo a Rachel, honrou sua fiel criada; pois mesmo depois que Bil'ha casou-se com Yaacov, continuou a servir Rachel fielmente.

Yaacov também pode ter feito isto porque **Bil'ha estava educando Yossef**, que tinha oito anos de idade e o pequeno Binyamin. Estes não eram apenas seus caçulas, mas a lembrança de sua esposa mais amada.

Para impedir Yaacov de entrar na tenda de Bil'ha, e indicar que Yaacov deveria ficar com sua mãe Lea, **Reuven deitou-se na cama do pai e fingiu que dormia.**

Yaacov arrumara um divã especial para a Shechiná (Divindade) nas tendas de cada uma de suas esposas. Ele costumava ir para a tenda na qual percebia a presença da Shechiná. Assim, a conduta de Reuven desrespeitou não apenas a honra de seu pai, mas também a honra Divina.

A Torá afirma: "Reuven foi e deitou-se com Bil'ha." Isto não quer dizer que ele cometera o pecado de adultério, mas refere-se ao fato dele ter desarrumado o leito de seu pai. A Torá considera a interferência nos assuntos maritais de seu pai um pecado tão grave como se tivesse realmente se deitado com ela.

O Talmud (**Shabat 55b**) explica: "Aquele que alega que Reuven pecou incorre em erro." Os motivos de Reuven eram nobres: defender a honra de sua mãe.

Contudo, Reuven perdeu o direito de primogenitura em decorrência de seu erro. A dupla porção devida ao primogênito foi concedida a Yossef.

Pelo resto da vida Reuven não parou de repreender-se pelo erro que cometera. Jejuou e fez teshuvá continuamente. O arrependimento sincero de Reuven serve de exemplo a todos os **baalê teshuvá** depois dele.

Yitschac Falece

Finalmente Yaacov e toda sua família voltaram para Hebron, onde vivia seu pai Yitschac.

Yitschac estava transbordando de felicidade ao receber seu filho Yaacov, o tsadic, acompanhado de suas justas esposas, e doze filhos maravilhosos, **depois de trinta e seis anos separados!**

Encontrou em Yaacov o cumprimento da bênção da Torá (**Tehilim 128:6**): "E verás os filhos de seus filhos, paz sobre

Israel." (Neste contexto, "Israel" refere-se ao nosso patriarca Yaacov, chamado de Yisrael.)

Yitschac viveu vinte e um anos mais e chegou a ver todos os netos crescerem como tsadikim, justos. Faleceu quando já era um ancião, aos 180 anos.

Yitschac deixou suas posses para ambos os filhos, por isso Essav também apareceu para prestar as últimas honras a seu pai.

A família carregou Yitschac para a Gruta de Machpelá, enlutando-se e andando descalços. Todos os reis de Canaã acompanharam o caixão.

Essav disse a Yaacov: "Vamos dividir a herança de nosso pai em duas partes. Cada um de nós pegará metade. Como sou o mais velho, escolherei qual a minha porção."

Yaacov fez a divisão, repartindo os bens de Yitschac da seguinte maneira: Juntou em uma pilha a fortuna inteira que pertencera a Yitschac - escravos, gado, ouro e prata - e disse a Essav: "As posses de nosso pai passarão a um de nós. O outro filho herdará o título da Terra de Israel e a Gruta de Machpelá. Escolha qual das duas porções você quer!"

Essav foi pedir a opinião de Nevayot filho de Yishmael, acerca de qual herança escolher. Nevayot aconselhou-o: "Atualmente os canaanitas estão na terra, e não há meios de saber o que o futuro trará. **A riqueza material, por outro lado, lhe será de utilidade imediata!**" **Essav deu ouvidos a Nevayot e decidiu ficar com a fortuna de Yitschac, em vez de Canaã.**

Yaacov e Essav escreveram um contrato que estipulava:

"A terra de Canaã, incluindo a Gruta de Machpelá, foi adquirida por Yaacov e seus filhos para sempre." Essav então pegou suas esposas e pessoas de seu lar, deixou Canaã e estabeleceu-se no monte de Seir.

Os Descendentes de Essav

O final da parashá nos relata quem foram os filhos e netos de Essav. Viveram na terra de Seir e Edom. Muitos tornaram-se príncipes e regentes e conquistaram novas terras. A bênção de Yitschac para Essav de que ele seria vitorioso na guerra, tornou-se realidade. Por que D'us fez os descendentes de Essav serem reis e regentes?

Uma das razões é que D'us não quis que os filhos de Essav reclamassem mais tarde: "Não é justo! O povo judeu teve grandes tsadikim porque foi orientado por grandes líderes e reis. Se nós, filhos de Essav, tivéssemos reis e regentes, também seríamos uma nação justa e D'us nos teria nos escolhido como Seu Povo."

Assim, a Torá nos conta que houve poderosos reis liderando os filhos de Essav em Seir e Edom. Mesmo assim, os líderes e o povo, foram tão perversos que D'us não os escolheu para se tornarem Seu Povo. Em vez disso, optou pelo justo Yaacov e seus doze filhos, pois cada um deles era um tsadic.

Por que a Torá Traz uma Relação dos Descendentes de Essav?

A resposta é explicada através de uma parábola:

Um príncipe deixou cair uma preciosa pérola na areia. Convocou-se uma busca para recuperá-la. Seus escravos não deixaram uma pedrinha sequer sem ter sido revirada, na esperança de descobrir a jóia desaparecida. Porém, assim que a jóia foi

.....
encontrada, descartaram toda a areia e pedras restantes como sem valor, não dando mais nem uma olhadela para a areia. Concentravam-se agora apenas na pérola, embrulhando-a cuidadosamente para presentear-lá ao príncipe.

Assim também é no princípio da história da humanidade. A Torá enumera a genealogia de todas as gerações, listando seus nomes sem, contudo, dar detalhe algum:

• **Dez gerações de Adam até Nôach.**

• **Dez gerações de Nôach até Avraham.**

Assim que chegamos à época de Avraham, contudo, a Torá o descreve extensamente, pois Avraham é a gema pela qual a areia foi peneirada. Por isso o livro de Bereshit estende-se detalhadamente sobre as histórias de Avraham, Yitschac e Yaacov, que constituem o propósito para o qual o mundo foi criado.

Sob essa mesma óptica, a Torá lista brevemente os descendentes de Essav sem entrar em detalhes, para demonstrar o desgosto de D'us com eles. A Torá continua então a descrição completa e minuciosa das vidas dos filhos de Yaacov, na próxima parashá, para demonstrar que eles são o propósito da Criação.

09 – Parashat Vayêshev

Gênesis 37:1-40:23

Os Ciúmes dos Irmãos

Os doze filhos de Yaacov eram todos tsadikim (justos), mas Yossef era o mais especial dentre eles. Era um tsadic tão santo que o incomodava ver os outros cometer um erro, por menor que fosse. Por isso, sempre que Yossef notava alguma coisa que achava que seus irmãos faziam errado, ele contava a seu pai Yaacov. Yossef esperava que o pai repreendesse seus irmãos por suas falhas.

Mas Yossef cometeu dois enganos: primeiro, deveria ter falado diretamente com seus irmãos para explicar-lhes o que tinham feito de errado; talvez eles o ouvissem. Segundo, muitas vezes, Yossef pensava que seus irmãos tinham errado quando, na realidade, eles tinham certa razão para agir daquela maneira.

Os relatórios de Yossef para Yaacov incomodavam e preocupavam muito os irmãos. Eles achavam que o lashon hará (maledicência) de Yossef ao pai fazia parte de um plano para expulsá-los de casa e ficar sozinho no lugar deles.

"Nosso pai Yaacov deve estar muito zangado conosco," preocupavam-se. "Ele pode nos mandar embora (como Avraham fez com Yishmael) e decidir que só Yossef merece ser seu sucessor como pai do povo judeu, porque ele é um tsadic (justo) maior que todos nós."

Os irmãos percebiam que Yossef era o favorito de Yaacov. Eles pensavam que seu pai o amava porque ele acreditava no lashon hará (maledicência) que Yossef falava deles.

Na realidade, Yaacov tinha outras razões para seu amor especial por Yossef: ele era filho de Rachel, a principal esposa por quem Yaacov serviu a Lavan. Yaacov também via que Yossef, apesar de sua pouca idade, era um estudioso excepcional da Torá. Ele nunca saía do lado de Yaacov, tão grande era seu desejo de aprender Torá com o pai.

Yaacov decidiu honrar Yossef deixando claro para todos que ele

era um filho especial. Comprou de um mercador um fino tecido de lã. Deste tecido, mandou fazer um bonito traje para Yossef.

Os irmãos ficaram ainda mais enciumados, porque o pai tratava Yossef de modo diferente.

Quando alguém é invejoso, não raciocina com clareza. Imagina que "é tratado com injustiça" e considera a pessoa que inveja seu inimigo.

Foi isso que aconteceu com os irmãos de Yossef. Por terem ciúmes de Yossef, imaginavam que ele era um "inimigo" perigoso, que tentava prejudicá-los; estavam também convencidos de que tinham razão em puni-lo.

Por compreender que o ciúme é pernicioso, nossos Sábios costumavam rezar: "D'us, guarde-me de ter ciúmes dos outros e não deixe que os outros tenham ciúmes de mim."

Em alguns sidurim, estas palavras são encontradas ao final da Amidá diária.

Os Sonhos de Yossef

O primeiro sonho de Yossef

Certa noite, Yossef teve um sonho. Pela manhã, estava ansioso para contar a seus irmãos. "Ouçam este sonho estranho!" - disse ele. "Sonhei que estávamos todos juntos num campo amarrando feixes de trigo. Todos os seus feixes rodearam o meu e se inclinaram para ele."

Os irmãos ficaram zangados quando ouviram estas palavras. "Agora sabemos o que você está pensando." - acusaram. "Acredita que, por ser especial, você nos governará e todos iremos nos inclinar diante de você. Deve imaginar estas coisas durante o dia, senão não sonharia com elas à noite." Qual era o verdadeiro significado do sonho de Yossef? Era uma profecia de D'us de que, um dia, os irmãos se curvariam diante dele no Egito, onde iriam comprar trigo.

O segundo sonho de Yossef

Logo depois, Yossef teve outro sonho. Primeiro, ele o contou aos irmãos e depois para seu pai, Yaacov, na frente deles.

"Eu estava rodeado pelo sol, a lua e onze estrelas," explicou Yossef. Todos se curvavam perante mim."

Seu pai perguntou:

"Seu sonho significa que eu (sol), sua mãe (lua) e seus onze irmãos (as estrelas) vão se curvar perante ti? Este sonho não tem sentido! Ele não pode acontecer porque sua mãe Rachel já não vive mais."

Yaacov percebeu que os irmãos tinham ciúmes de Yossef por causa de seus sonhos. Para acalmá-los, ele agiu como se estivesse zangado com Yossef por contar seus sonhos sem sentido. Mas, em seu coração Yaacov pensou, "Este sonho foi enviado por D'us. Esperemos para ver quando vai se concretizar."

Yossef estava convencido de que seu sonho iria acontecer e disse aos irmãos:

"Eu governarei sobre vocês! Nosso pai Yaacov foi até Lavan para casar com minha mãe Rachel. Sou o primogênito de Rachel e, por isso, devo governar. D'us assim o determinou e vocês não devem me odiar e nem ficar ressentidos."

.....
Rumo à Shechem

Quando Yossef tinha dezessete anos, seu pai lhe disse um dia:

"Estou preocupado com seus irmãos. Eles estão cuidando das ovelhas nos arredores de Shechem, a cidade que Shimon e Levi uma vez destruíram. Talvez o povo de lá esteja planejando atacar seus irmãos em represália. Vá, veja se eles estão bem."

De fato, era perigoso para Yossef, um rapaz, viajar até seus irmãos que o odiavam. Por que então Yaacov mandou Yossef sozinho para Shechem?

Na verdade, esta idéia foi posta no coração de Yaacov por D'us. D'us queria que Yossef fosse vendido ao Egito para que Yaacov e sua família viajassem até lá. Este seria o começo do exílio para o Egito que D'us predisse a Avraham.

Os irmãos vendem Yossef como escravo

Quando os irmãos viram Yossef vindo de tão longe, disseram:

"Agora vamos castigá-lo! Ele é um inimigo perigoso por causa dos seus sonhos e relatos maldosos sobre nós. Temos que nos livrar dele, antes que se livre de nós!"

Os irmãos discutiram se deviam ou não matar Yossef. Os dois mais empolgados, entre eles, eram Shimon e Levi, que gritaram:

"Ele merece a morte! Vamos matá-lo e contar ao nosso pai que um animal o devorou!"

Reuven não estava tão convencido de que Shimon e Levi estavam certos.

"Yossef é só uma criança!" - argumentou ele. "O que quer tenha feito para nós, não foi para nos destruir; foi só imaturidade. Ouçam-me. Não derramem sangue! Apenas o joguem num desses fossos por aí. Se ele o merece, D'us o deixará morrer lá."

Os irmãos concordaram e Reuven pensou: "Mais tarde, vou tirá-lo do fosso e levá-lo de volta para nosso pai."

Enquanto isso, Yossef alcançou os irmãos:

"Agora vamos mostrar para você como seus sonhos são falsos!" - gritaram. "Vamos jogá-lo num fosso."

Arrancaram o traje especial que Yaacov havia feito para ele (para que mais tarde pudessem mostrar ao pai). Yossef começou a chorar:

"Por favor, não façam isso comigo," pediu-lhes.

Mas os irmãos não tiveram piedade.

"Estamos em perigo porque você está tentando se tornar uma autoridade sobre nós," disseram.

Com a força da decisão de seus irmãos a favor dele, Shimon jogou Yossef no fosso. E então os irmãos se sentaram para comer. Reuven os deixou porque precisava voltar para casa.

Enquanto comiam, um grupo de mercadores árabes passou por eles. Yehudá sugeriu:

"Que tal vender Yossef para os árabes? Ele pensa que será rei e reinará sobre nós. Em vez disso, vai se tornar um escravo."

Os irmãos concordaram que seria um castigo apropriado; **Yossef foi vendido aos árabes.**

Quando Reuven voltou mais tarde, viu o fosso vazio.

"Vendemos Yossef!" - contaram os irmãos.

"O que vocês fizeram?!" - acusou-os Reuven. "Agora nosso pai irá nos perguntar onde ele está e me mandará procurá-lo até o fim do mundo."

"Não se preocupe," asseguraram os irmãos para Reuven. "Vamos contar que ele foi devorado por um animal selvagem e assim não mandará ninguém procurá-lo."

Eles mergulharam as vestes de Yossef no sangue de uma cabra. Quando Yaacov viu a roupa de Yossef suja de sangue, começou a chorar.

"Um animal selvagem despedaçou meu filho!" - exclamou.

Ninguém conseguia confortar Yaacov. Estava tão triste que se recusou a sentar num assento alto. Daí em diante, Yaacov só se sentava no chão.

Yehudá e Tamar

A Torá interrompe a narrativa da história de Yossef, inserindo aqui o capítulo a respeito de Yehudá e Tamar.

Quando os filhos de Yaacov perceberam que seu pai não aceitaria consolo pela perda de Yossef, disseram: "É tudo culpa de Yehudá! Nós respeitamos seu conselho e por isso não matamos Yossef quando ele se opôs à idéia. Se Yehudá tivesse nos falado: "Não o venda", teríamos dado ouvidos a ele também." Os irmãos, conseqüentemente, expulsaram Yehudá do meio deles, e este seguiu seu caminho.

Yehudá arrumou uma esposa, a filha de um mercador estabelecido nas vizinhanças. A esposa de Yehudá presenteou-o com três filhos: Er, Onan e Shêla. Os filhos de Yehudá poderiam ter-se tornado antepassados de reis, pois Yehudá originou a dinastia dos reis de Israel, mas escolheram agir de forma diferente.

O filho mais velho, Er, casou-se com a justa Tamar, filha do filho de Nôach, Shem. Era tão linda quanto modesta. Er temia que caso ficasse grávida, ela perderia a beleza, e por isso ele pecou, desperdiçando seu sêmen, frustrando o verdadeiro propósito do casamento. D'us puniu-o com a morte.

Yehudá disse ao segundo filho, Onan: "Despõe a mulher de seu finado irmão, e dessa maneira cumprirá a mitsvá de **yibum** (casamento levirato). D'us nos ordenou a mitsvá de yibum. Se um homem sem filhos vem a falecer, seu irmão ou parente mais próximo deve casar-se com a viúva. A criança nascida dessa união receberá o nome do falecido."

Onan concordou em aceitar Tamar como esposa, mas como seu irmão, pecou, desperdiçando seu sêmen. Por causa disso D'us o puniu e ele também morreu.

Yehudá temia casar seu terceiro filho com Tamar, achando de mau agouro o fato de os dois maridos terem morrido. Pensou que ela pudesse ser a causadora da morte dos dois. Por isso adiou o casamento de Shêla, afastando Tamar com as palavras: "Fique na minha casa até que Shêla cresça! Quando Shêla cresceu, entretanto, Yehudá não o casou com Tamar.

Nesse meio tempo, a mulher de Yehudá faleceu. Seus irmãos vieram para confortá-lo. Quando terminou o período de luto, Yehudá foi supervisionar a tosquia de suas ovelhas.

.....

Tamar queria ter filhos que descendessem da tribo sagrada de Yehudá, profetizando que pessoas de valor nasceriam de uma união entre ela e Yehudá. Ela era justa e agia sabiamente. **Motivada por intenções nobres**, concebeu um plano para enganar Yehudá.

Cobriu-se de véus e sentou-se numa encruzilhada próxima ao local da casa de Avraham, um lugar que sabia ser visitado por todos os passantes. Tamar elevou os olhos a D'us e rezou: "Sabes que estou agindo para o bem. Não me deixes sair de perto do justo Yehudá de mãos vazias."

Quando Yehudá passou pela encruzilhada, percebeu uma mulher que parecia ser uma decaída, mas ele continuou em frente, pois um tsadic (justo) de seu status não se rebaixaria a relacionar-se com uma prostituta.

Contra a vontade de Yehudá, entretanto, o anjo de D'us forçou-o a dirigir-se a ela. D'us disse: "De qual união, senão essa, nascerão reis? Que outra produzirá nobres?"

Yehudá não reconheceu Tamar, pois ela, em casa, havia sempre modestamente velado o rosto. Foi exatamente por causa desse traço de modéstia que D'us a havia escolhido como ancestral da família real do povo de Israel.

Yehudá perguntou-lhe: "Você é gentia?"

"Não", respondeu ela, "tornei-me uma judia."

"É casada?"

"Não."

"Talvez seu pai a tenha destinado a outro homem?"

"Não, sou órfã."

Ela perguntou a ele: "O que você me dará para vir comigo?"

"Mandarei a você um cabrito do rebanho."

"Você pode antes dar-me um penhor?" - pediu Tamar.

"Que penhor posso lhe dar?" - perguntou Yehudá.

"Dê-me seu anel de sinete, sua capa, e o cajado que tem na mão. Com seu anel de sinete, consagre-me como sua esposa conforme é costume."

Yehudá fez a cerimônia de casamento na presença de duas testemunhas, as duas pessoas que o acompanhavam.

Todas as palavras de Tamar continham laivos de profecia. Com as palavras: "seu anel de sinete", ela profetizou que reis e nobres dela descenderiam. "Sua capa", continha uma alusão aos San'hedrin (juizes) que colocam talitot e tefilin o tempo todo e que também seriam seus descendentes. **"Seu cajado" referia-se a Mashiach que nasceria da tribo de Yehudá, de quem se diz: "Um cajado brotará do tronco de Yishai" (Yeshayáhu, 11:1).**

Quando Yehudá voltou para casa, mandou o cabrito prometido para a mulher, mas esta não se encontrava em lugar algum.

Três meses depois, disseram-lhe: "Sua nora ficou grávida através de sua devassidão. Além do mais, está orgulhosa de si mesma, gabando-se: 'Eu carrego reis, carrego redentores.'"

Yehudá conclamou o tribunal, para que a julgasse e punisse sua

má ação. Os juizes eram Yitschac, Yaacov e Yehudá, que decidiram que Tamar deveria ser queimada. Foi sentenciada à morte pelo fogo porque, como filha de um cohen (sacerdote), pela lei da Torá, é punida por imoralidade com o fogo. (Vayicrá 21:9). Seu ato constituía uma imoralidade equivalente à da mulher casada, pois havia sido destinada a outro homem por yibum.

Tamar poderia ter tornado conhecido o fato de que estava grávida de Yehudá, mas absteve-se de fazê-lo, dizendo: "Prefiro enfrentar a morte a envergonhá-lo em público."

Ao ser levada para a morte, ela quis enviar um mensageiro com os artigos da garantia que ele lhe havia dado. Porém, quando procurou pelo anel de sinete, o cajado e o manto, não pôde encontrá-los.

Tamar ergueu os olhos aos Céus, exclamando: "Suplico que tenha piedade de mim, D'us! Responda-me nessa hora de necessidade, e ilumine meus olhos para que possa achar os objetos do penhor!"

D'us ordenou ao anjo Michael que fosse procurar o penhor, e Tamar o descobriu. Ela deu os objetos a um mensageiro e instruiu-o a contar aos juizes. "Estou grávida do homem a quem esses objetos pertencem. Não quero tornar seu nome público, mesmo se tiver de ser queimada. Por favor, reconheça a quem pertencem!"

A súplica por trás das palavras era dirigida a Yehudá: "Por favor, dê ciência ao Criador e não destrua a mim e aos filhos que carrego!"

Quando Yehudá viu os objetos do penhor, sentiu-se envergonhado e foi tentado a negar que pertenciam a ele. Mas venceu a batalha contra sua má inclinação, pensando: "Prefiro ser envergonhado neste mundo a sê-lo perante meus justos antepassados no Mundo Vindouro!"

Ele admitiu: "Ela está certa. Eu estava em falta não a deixando casar com meu filho Shêla. Ela espera um filho meu." Uma voz Celestial proclamou: "Foi por Minha ordem que estes fatos aconteceram dessa maneira. Ela será antecessora de reis e profetas!"

O nome Yehudá contém todas as letras do Divino Nome de D'us: (Yud Hê Vav Hê), porque Yehudá santificou o Nome de D'us, ao admitir publicamente a verdade.

Tamar teve gêmeos. Durante o nascimento, um deles esticou a mãozinha para fora e a parteira imediatamente pôs uma fita encarnada brilhante no seu pulso para marcá-lo como primogênito. Mas o bebê retirou a mão e a segunda criança nasceu primeiro. Por isso, foi chamado Perets, que significa: "aquele que irrompeu ". O irmão nascido logo após foi chamado Zerach, por causa da brilhante fita vermelha atada no pulso

Na Casa de Potifar

Depois de uma longa, cansativa e dolorosa viagem, Yossef foi levado ao Egito e oferecido para venda como escravo.

O rei do Egito, Faraó, tinha um ministro de nome Potifar, que precisava de um escravo. Ele reparou em Yossef e comprou-o. No começo, Potifar só dava a Yossef tarefas simples, como aos outros escravos. Mas logo Potifar percebeu que Yossef era ótimo trabalhador - o que Yossef assumia em suas mãos era bem feito.

Assim, Potifar começou a dar para Yossef tarefas de maior responsabilidade e mais importantes. E, novamente, Yossef o

.....
fazia tão bem que Potifar ficou espantado. Por isso, disse a Yossef:

"Você vai se tornar um supervisor."

Colocou Yossef como encarregado de sua casa e o designou para cuidar de suas louças caras, seu ouro e sua prata. Tão logo Yossef assumiu esta função, os empreendimentos de Potifar tiveram sucesso como nunca tiveram antes. Potifar se tornou rico porque D'us ajudava Yossef em tudo o que ele fazia.

Potifar viu que podia confiar completamente em Yossef. Confiava tanto nele que até parou de pedir-lhe prestação de contas.

Yossef é Posto à Prova

Yossef foi tão bem sucedido na casa de Potifar que começou a ter prazer em seu trabalho. D'us falou:

"Yossef, você está se sentindo bem enquanto seu pai está de luto por você. Vou lhe dar um teste difícil. Você continuará a ser um tsadic (justo) mesmo longe da casa de seu pai, no Egito, um país onde todo o povo é imoral?"

D'us então mandou um teste para Yossef.

Zuleica, a mulher de Potifar, decidiu que gostava do jovem e belo escravo. Se pelo menos ela pudesse fazer com que ele gostasse dela - ela gostaria muito mais de tê-lo como marido do que Potifar. Ela adulava Yossef:

"Você é um homem tão bem apessoado. Eu nunca vi alguém tão bonito como você!"

Yossef respondia:

"D'us, que criou todas as pessoas, criou-me como Ele quis."

Zuleica riu:

"Você tem resposta para tudo," disse ela. "Você toca harpa tão bem quanto fala. Pegue a harpa e toque uma música para mim."

Yossef respondeu:

"Eu uso a harpa só quando canto os louvores de D'us, nosso D'us."

Zuleica tentava dia após dia ganhar a atenção de Yossef, mas ele se recusava a ser atraído pelo seu encanto. Quando, por fim, ela se cansou de todas as artimanhas, ela recorreu a ameaças.

"Vou pô-lo na prisão!" - ela avisou a Yossef, mas ele respondeu:

"D'us pode me salvar da prisão."

Zuleica não conseguia comer e nem dormir. O dia todo só pensava no jovem escravo. Ficou com a idéia fixa de tê-lo para si. Logo, Zuleica viu sua oportunidade. Foi no dia do ano em que todos os egípcios celebravam o feriado nacional em honra ao rio Nilo. Naquele dia, o rio Nilo transbordava e regava a terra seca e árida. Todos os membros da casa de Potifar correram para tomar parte nas canções e danças à beira do rio.

Zuleica tinha um plano. Naturalmente, Yossef não tomaria parte nas festividades do feriado egípcio. Se ela ficasse em casa, o teria para si. Zuleica se desculpou com seu marido.

"Potifar," gemeu ela, "não me sinto bem. Vou ficar em casa."

Quando todos saíram, Zuleica chamou Yossef. Ele estava

cansado de recusar Zuleica dia após dia. Quantas vezes mais poderia dizer "não"? Seria muito mais fácil simplesmente concordar com ela!

De repente, Yossef teve uma visão de seus santos pais, seu pai Yaacov e sua mãe Rachel. O que eles pensariam do seu filho se ele pecasse? Jamais o perdoariam.

"Não, ouvirei você!" - gritou Yossef.

Ele viu que Zuleica estava puxando uma espada debaixo da roupa; rapidamente, Yossef se livrou de seu manto, deixou-o na mão dela e correu para fora de casa.

O Midrash Explica: A Recompensa de Yossef

Quando nos referimos a Yossef, nós o chamamos **Yossef hatsadic. Acrescentamos a palavra hatsadic depois de seu nome porque Yossef era um tsadic comprovado.** D'us o pôs à prova e ele não pecou.

Como recompensa, D'us mais tarde fez com que Yossef se tornasse governante no Egito.

Mesmo centenas de anos mais tarde, D'us recompensou os descendentes de Yossef, os judeus, porque ele se recusou a pecar com a mulher de Potifar. Isto aconteceu assim:

Quando Moshê Rabênu e os judeus estavam nas margens do Mar Vermelho com o poderoso exército do Faraó atrás deles, os judeus tremiam de medo. À frente deles rugia o mar; atrás, bradava o exército egípcio. Para que lado poderiam se virar?

Então aconteceu um milagre. D'us dividiu o mar, formando um caminho seco para que os judeus atravessassem.

Por que o povo judeu mereceu um milagre tão fantástico? Há uma resposta na oração de Halel:

"O mar viu e fugiu." O que o mar "viu" que repentinamente "fugiu"? - e se tornou seco para o povo judeu?

Nossos Sábios explicam: O mar viu o caixão de Yossef. Os israelitas estavam carregando com eles um caixão com os ossos de Yossef (porque, antes de morrer, Yossef pediu que os judeus o sepultassem em Israel). **Quando o mar observou o caixão de Yossef, "o mar se retirou"; ele se converteu em terra seca para os judeus. Deste modo, D'us recompensou Yossef, que fugira da mulher de Potifar.**

Foi assim que Yossef, ao passar no teste e não pecando, ajudou os judeus, mesmo depois de sua morte.

Yossef é Preso

Quando Potifar voltou, sua mulher lhe disse: "Você comprou um escravo mau! Enquanto vocês esteve fora, ele tentou seduzir-me." Potifar não acreditou em sua mulher. Ele sabia que **Yossef era um tsadic, um homem excepcionalmente honesto e justo.** Mas Zuleica já havia contado para toda a casa sobre o "escravo mau". Potifar não podia dizer a todos que achava que a mulher estava mentindo e por isso ordenou:

"Levem Yossef e ponham-no na prisão."

Yossef Explica Dois Sonhos

D'us ajudou Yossef também na prisão. O oficial encarregado dos presos percebeu que podia confiar completamente em Yossef e ordenou:

.....

"Que Yossef não seja vigiado como os outros presos. Ele tem permissão para circular livremente. Eu o nomeio supervisor dos outros presos." Durante os dez anos em que Yossef esteve na prisão, ele manteve a posição de supervisor.

Um dia, foram trazidos dois novos presos. Eram o chefe da adega e o chefe dos padeiros do Faraó. O adegueiro estava sendo punido porque uma mosca foi encontrada no copo de vinho servido ao Faraó; o padeiro, porque uma pedrinha havia sido encontrada num dos pãezinhos servidos ao Faraó. Eles ficaram na prisão por um ano.

Certa manhã, Yossef entrou na cela deles e viu que ambos, o padeiro e adegueiro, pareciam tristes e desanimados.

"O que os preocupa?", perguntou gentilmente.

"Eu tive um sonho estranho esta noite," respondeu o adegueiro. "Estou perturbado porque, quanto mais eu penso, menos consigo entender o que significa."

"A mesma coisa aconteceu comigo!" - exclamou o padeiro. "Também tive um sonho estranho e gostaria de saber seu significado."

"Contem-me seus sonhos," sugeriu Yossef. "Talvez D'us permita que eu encontre uma explicação para eles."

O adegueiro começou:

"No meu sonho, vi três galhos de parreira nos quais uvas estavam amadurecendo. Eu estava segurando o copo do Faraó em minha mão e espremia o suco destas uvas dentro do copo. Em seguida, entreguei o copo ao Faraó."

"Parece um sonho bom," explicou Yossef. "Em três dias, a partir de hoje, o Faraó irá chamá-lo de volta ao palácio de novo para ser seu adegueiro."

Então o padeiro contou seu sonho:

"Sonhei que estava carregando três cestos sobre minha cabeça. No cesto superior, estava o pão do Faraó. Pássaros voaram para o cesto de cima e tiraram o pão de lá."

"Não parece um sonho bom," explicou Yossef. "Em três dias, o Faraó vai pendurá-lo na forca e os pássaros comerão sua carne."

Naturalmente, D'us fez com que a explicação de Yossef desse certo. (D'us fez com que o adegueiro e o padeiro tivessem estes sonhos por uma única razão - para depois provocar a libertação de Yossef da prisão). Três dias depois, o Faraó celebrou seu aniversário com uma grande festa. Como Yossef predisse, ele ordenou que o adegueiro fosse chamado de volta ao palácio e que o padeiro fosse enforcado.

Antes de o adegueiro deixar a prisão, Yossef lhe pediu:

"Quando você estiver de volta no palácio do Faraó, por favor, mencione a ele que estou preso aqui, mesmo sendo inocente. Peça-lhe que me liberte."

Mas Yossef ainda **não merecia** ser libertado e assim D'us fez com que o adegueiro esquecesse de Yossef por dois anos. Só então lembrou-se dele, como veremos na próxima parashá.

Sagrado Narcisismo

Por Rabino YY Yaacovson

"Companheiros! Ontem estávamos à beira do abismo. Mas hoje demos um passo enorme para a frente!" Um líder comunista russo.

O Drama de Yossef

É um dos episódios mais emocionantes na Torá.

Yossef, seguindo instruções de seu pai, faz uma visita aos irmãos, que estão pastoreando o rebanho de Yaacov na cidade de Shechem (Nablus).

Os irmãos, que desprezavam Yossef, de longe o veem se aproximando. Percebem que com ninguém para vê-los, podem matar Yossef e inventar uma história que seria impossível refutar. Somente Reuven protesta. O texto bíblico declara: "Reuven ouviu e o salvou das mãos deles. Ele disse: 'Não vamos tirar sua vida'. E completando: 'Não derramem sangue.

Atirem-no na cisterna aqui no deserto, mas não encostem a mão nele' - pretendendo resgatar Yossef dos irmãos e levá-lo de volta ao seu pai." (É interessante notar que a Torá poucas vezes descreveu os anseios interiores das pessoas. Nesse exemplo, porém, a Torá faz uma exceção, revelando-nos as verdadeiras motivações de Reuven: ele desejava salvar Yossef.)

Como você pode atingir os céus enquanto seu irmão está preso na cavidade do inferno? Como pode escalar montanhas enquanto seu irmão está no abismo? Como pode liberar sua vida enquanto seu irmão está a ponto de ser escravizado?

À medida que a história continua, os irmãos concordam com a sugestão de Reuven. Atiram Yossef num poço vazio e se sentam para fazer uma refeição. No meio da refeição eles veem uma caravana árabe viajando para o Egito.

Yehuda disse aos irmãos: "O que ganharemos se matarmos nosso irmão e escondermos seu sangue? Vamos vendê-lo aos árabes e não feri-lo com nossas mãos. Afinal - ele é nosso irmão, nossa carne e sangue." Os irmãos concordam. Yossef é vendido e levado ao Egito como escravo, onde, treze anos depois, é elevado à posição de Primeiro Ministro do Egito (Gênesis cap. 37-41).

O Jejum de Reuven

Reuven não estava presente durante a venda. "Quando Reuven retornou à cisterna," relata a Torá, "e viu que Yossef não estava ali, ele rasgou as roupas. Voltou-se para os irmãos e disse: 'O menino se foi! E eu, aonde posso ir?'" Os irmãos mergulharam a túnica de Yossef em sangue, e apresentaram a túnica a Yaacov, que exclamou: "A túnica de meu filho! Uma fera selvagem o devorou! Yossef certamente foi rasgado em pedaços!" (37:29-33).

Onde estava Reuven durante a venda de Yossef? O texto é obscuro, mas como sempre, oferece um vislumbre: os irmãos venderam Yossef enquanto estavam no meio de uma refeição. A Torá, talvez, partilhou conosco esse detalhe irrelevante para nos sugerir o motivo para a ausência de Reuven. Reuven saiu de cena porque não podia comer com os irmãos. Por quê?

.....
Rashi, citando a tradição midráshica, diz que Reuven estava se vestindo em sacos de estopa e jejuando desde que pecou contra seu pai uma década antes.

“Então Rachel morreu e foi enterrada no caminho para Efrat, ou seja, Bethlehem. Sobre seu túmulo Yaacov colocou um pilar, e até hoje aquele pilar marca o túmulo de Rachel; Reuven foi e deitou-se com a concubina de seu pai, Bilhah, e Israel soube disso.” (**Bereshit 35:19-22**).

Rashi, seguindo a tradição talmúdica, ilumina a cena por trás desse incidente. Quando Rachel morreu, Yaacov, que geralmente residia na tenda dela, mudou sua cama para a tenda de Bilhah, sua ajudante. Para Reuven, o filho mais velho de Leah, esta foi uma provocação insuportável e um tapa no rosto de sua sensível mãe. Já era suficientemente negativo que Yaacov preferisse Rachel à Leah, mas intolerável que ele preferisse uma criada à mãe dele. Portanto ele removeu a cama de Yaacov da tenda de Bilhah para a de Leah.

Embora o incidente com a cama tenha ocorrido nove anos antes, Reuven ainda estava buscando maneiras de se arrepender. Portanto, não se juntou aos irmãos na refeição e não estava presente durante a venda de Yossef. Nove anos depois, Reuven ainda estava jejuando e purificando seu coração da sua intromissão na vida íntima de seu pai.

A Causa do Exílio

Há algo muito perturbador nessa narrativa. A ausência de Reuven durante a venda de Yossef foi resultado de sua intensa aspiração de purificar-se completamente; era uma consequência de sua sensibilidade espiritual e emocional única, compelindo-o a remendar sua paisagem moral interior uma década após seu erro moral. Porém este “comportamento santo” de Reuven é a causa indireta da venda de Yossef à escravidão egípcia, que terminaria por levar ao trágico exílio de Yossef no Egito.

Qual é o simbolismo por trás disso?

A mensagem é bastante clara. O exílio não se origina necessariamente em comportamento corrupto, destrutivo e cruel; **às vezes é o caminho da santidade que pode levar uma pessoa ao exílio.**

Você pode estar vestido de estopa; pode estar jejuando, se arrependendo, rezando e meditando, completamente afastado do materialismo e da gula. Mas se estiver engajado nesses atos nobres enquanto um amigo está enjaulado num fosso, ansiando pela liberdade, suas experiências espirituais podem ser nada mais que a gênese do exílio, uma forma de narcisismo sagrado.

Como você pode atingir os céus enquanto seu irmão está preso na cavidade do inferno? Como pode escalar montanhas enquanto seu irmão está no abismo? Como pode liberar sua vida enquanto seu irmão está a ponto de ser escravizado?

A Torá está nos ensinando a origem de todos os exílios judaicos. É quando nossas aspirações nos fazem parar de ouvir o grito de um filho preso num fosso...

Estendendo um Ombro

Hoje, também, muitos filhos e jovens se encontram à beira do abismo, física ou psicologicamente. Abuso, depressão, raiva, alienação, desesperança e cinismo têm dominado muitos jovens e os jogado num fosso sem fundo, a caminho de uma vida

escravizada. Porém alguns de nós estão ocupados demais “jejuando e se arrependendo”, ocupados demais em aperfeiçoar-se espiritualmente, para chegar até aqueles filhos e ajudá-los a sair de seus abismos.

Há mais de três milênios a Torá nos ensinou que essa atitude é a gênese do exílio. Quando nossos irmãos jazem morrendo em fossos de desespero e alienação, devemos cessar tudo, erguê-los de seus fossos e devolvê-los ao seu pai que espera pelo retorno deles.

Esqueça o Eu

19 de Kislev, marca o dia em que Rabi Shneur Zalman de Liadi (1745-1812), fundador do Chassidismo Chabad, foi libertado da prisão czarista em 1798. Ele e o movimento e ensinamentos chassídicos foram libertados e puderam existir e florescer.

Este, na verdade, foi um dos mais profundos e revolucionários ensinamentos de Rabi Shneur Zalman, o Alter Rebe (o Rebe mais velho, como é conhecido em Chabad). Se você escalar os céus da sua própria alma e do cosmo, pode atingir um estado mais amplo de consciência, mas isso pode ser egoísmo espiritual, focando em seus próprios desejos e anseios, em vez de naquilo que D'us deseja de você. Quando você cria coragem para sair de sua concha e descer aos fossos e abismos onde jovens almas inocentes estão perdidas e confusas, e você as ergueu com amor e paixão - agora você é um embaixador de D'us, não de si mesmo.

No céu você pode descobrir o D'us dos céus. Somente nos abismos você pode encontrar o D'us que está acima do céu.

Como Lidar Com a Tentação e o Vício

Por Yosef Y. Jacobson

Talvez você já conheça essa “horrível” piada antiga:

Um homem vai visitar seu rabino. “Rabino, algo terrível está acontecendo e preciso conversar com você a respeito.”

“Qual é o problema?” pergunta o rabino.

“Minha mulher está me envenenando,” vem a resposta.

O rabino, surpreso ao ouvir isto, pergunta: “Como é possível?”

O homem então implora: “Estou lhe dizendo. Estou certo de que ela está me envenenando, o que devo fazer?”

“Vou lhe dizer,” responde o rabino. “Deixe-me falar com ela para ver o que descubro e depois lhe respondo.”

No dia seguinte o rabino chama o homem e diz: “Bem, falei com sua mulher ao telefone ontem durante mais de três horas.

Você quer meu conselho?”

O homem, ansioso, responde: “Sim.”

“Tome o veneno,” diz o rabino.

Música

A Torá é conhecida como um livro de palavras. Menos conhecido é o fato de que é um livro de melodias. Cada palavra da Torá contém uma nota musical com a qual é lida e cantada nas sinagogas sempre que é lida publicamente.

Isto é, entre parênteses, o que torna a leitura da Torá uma tarefa desafiadora. Como essas notas não estão transcritas na própria Torá – foram transmitidas oralmente de geração em geração – a pessoa que está lendo a Torá deve memorizar a nota apropriada para cada palavra.

Essas notas musicais, transmitidas desde Moshê no decorrer das gerações, são extremamente meticulosas e significativas. Com frequência elas nos expõem à profundidade de uma palavra ou frase que jamais teríamos apreciado pela palavra ou frase em si mesmas.

Uma das mais raras e mais incomuns notas musicais na Torá é conhecida em hebraico como a “shalsholet”. Nenhuma outra nota musical escrita é passada num estilo repetitivo, exceto a shalsholet, que se repete teimosamente três vezes. A notação gráfica dessa nota, também, parece o facho de um relâmpago, m “movimento em zigzag”, uma marca que vai repetidamente para a frente e para trás.

Essa nota musical única aparece não mais de quatro vezes em toda a Torá, três vezes em Bereshit e uma vez em Vayicrá. Uma delas é na porção Vayeshev, num momento de elevado drama psicológico e moral.

A Recusa

Eis aqui a história:

Yossef é um adolescente extremamente bem apessoado e filho favorito de seu pai, Yaacov. Ele é vendido como escravo pelos irmãos que têm inveja dele. Exibido no mercado egípcio, ele é comprado por um importante cidadão egípcio, Potifar, que termina por escolher o escravo como chefe da sua criadagem. Ali, Yossef desperta a cobiçosa imaginação da esposa de seu amo. Ela tenta desesperadamente forçá-lo a um relacionamento, mas ele a recusa com firmeza.

Aqui está a descrição da Torá:

“Yossef era forte e bonito de aparência. Após algum tempo a mulher de seu amo notou-o e disse: ‘Venha para a cama comigo.’ Mas ele recusou e disse: ‘Como sou o encarregado, meu amo não se preocupa com nada na casa; tudo que ele possui está confiado aos meus cuidados.

Ninguém é mais importante que eu nesta casa. Meu amo não esconde nada de mim, exceto você, que é sua mulher. Como então eu poderia fazer algo tão perverso e pecar contra D'us?”

Sobre o verbo “mas ele recusou” a tradição colocou uma shalsholet, a nota musical três vezes repetida.

Qual é o significado dessa nota rara sobre esse verbo em particular?

Há um detalhe ainda mais intrigante nessa narrativa, sobre a maneira que a Torá relata a resposta de Yossef à proposta da mulher. Quando a esposa de seu amo pede que ele se deite com

ela poderíamos esperar que Yossef primeiro explicasse a ela que não pode aceitar a oferta, e então concluir dizendo “não”.

Porém, a Torá nos diz que a primeira coisa que Yossef fez foi recusá-la. Somente depois ele justifica sua recusa. Por quê?

O Conflito

A recusa de Yossef, devemos nos lembrar, não foi sem ambivalência e conflito. Por um lado, seu completo senso de moral disse: não. Seria uma traição a tudo que sua família representava – sua ética de propriedade sexual e seu forte senso de identidade como filhos do Pacto. Seria também, como o próprio Yossef explicou à mulher, uma traição ao seu marido e um pecado contra D'us.

E apesar disso, nos diz a tradição, a tentação foi intensa. Poderíamos entender por quê. Yossef é um escravo de 18 anos num país estrangeiro. Ele nem sequer é dono do próprio corpo; seu amo exerce controle total sobre sua vida, como era o destino de todos os escravos na antiguidade.

Não tem um único amigo ou parente no mundo. Sua mãe morreu quando ele tinha 9 anos, e seu pai pensava que ele estava morto. Seus irmãos foram quem o venderam como escravo, privando-o da juventude e liberdade. Pode-se apenas imaginar o profundo senso de solidão que inundava o coração desse adolescente bonito e bondoso.

Uma pessoa em tamanho isolamento não somente é dominada por tentações poderosas para aliviar sua solidão e desgosto, mas muito provavelmente pode sentir que um único ato seu pode fazer pouca diferença na suprema ordem das coisas.

Afinal, o que estava em jogo se Yossef sucumbisse às exigências dessa mulher? Provavelmente ninguém iria descobrir o que tinha acontecido entre os dois. Yossef não precisaria voltar para casa à noite para enfrentar uma esposa dedicada ou um pai espiritual, nem teria de voltar para uma família ou comunidade de alto padrão moral. A reputação de sua família não seria manchada como resultado de sua ação. Ele continuaria sozinho depois do evento, assim como estava sozinho antes. Então, qual o grande problema se entrasse num relacionamento instantâneo?

Além disso, devemos levar em consideração o poder dessa nobre egípcia que estava incitando Yossef. Ela estava numa posição de ser capaz de transformar a vida de Yossef em paraíso ou num verdadeiro inferno. Na verdade, ela tinha feito exatamente isso, fazendo com que ele recebesse prisão perpétua numa masmorra egípcia sob as falsas acusações de que tentara violentá-la (ao final, ele foi libertado após 12 anos).

O Talmud descreve as técnicas que a mulher usou a fim de persuadir Yossef. “Todo e cada dia,” diz o Talmud, “a esposa de Potifar tentava seduzi-lo com palavras. As roupas que ela vestia para ele pela manhã ela não vestia para ele à noite. As roupas que ela vestia para ele à noite não vestiria para ele pela manhã. Ela disse a ele: ‘Renda-se a mim.’ Ele respondeu ‘Não’. Ela o ameaçou: ‘Vou confiná-lo na prisão... Vou dominar sua pose orgulhosa... Vou cegar os seus olhos,’” mas Yossef a recusou. Ela então deu a ele uma grande soma em dinheiro, mas ele não cedeu.

A rejeição de Yossef exigia uma tremenda força. O Talmud faz uma descrição gráfica de seu tormento interior: “A imagem de seu pai apareceu a ele na janela e disse: ‘Yoséf,

.....
os nomes de seus irmãos estão destinados a ser inscritos nas pedras do avental do [sumo sacerdote], e você estará entre ele. Você quer que seu nome seja apagado? Quer ser chamado de adúltero?"

Um Não Trovejante

Como, então, Yossef superou essa enorme tentação?

A resposta está captada nas três palavras bíblicas e em sua nota musical **"shalshet" – "mas ele recusou"**.

Côncio do profundo perigo que poderia correr se cedesse ao comportamento imoral, a primeira coisa que Yossef fez foi dar à mulher um "não" trovejante. Como sugere a nota "shalshet" repetida três vezes, Yossef, com determinação inabalável, declarou três vezes: "Não! Não! Não! Esqueça, não vou fazer isso!" Nada de mas, se ou talvez. Somente depois, Yossef se permitiu a indulgência do argumento racional contra o adultério.

Quando se trata de tentação ou vício, não se pode ser racional e educado. Você deve ser determinado, implacável e firme. Deve repetir de maneira teimosa e monótona o mesmo "não" muitas e muitas vezes. Jamais abra espaço para uma nuance, negociação ou ambivalência. No momento em que você começa a explicar e justificar seu comportamento, é provável que perca a batalha.

Somente depois de um "não" absoluto e não-negociável você pode continuar com o argumento intelectual por trás da sua decisão.

O Empurrão

Há uma expressão profunda na Cabalá sobre a maneira que uma pessoa deveria lidar com fantasias, impulsos e pensamentos destrutivos e imorais. "Você deve empurrá-los para longe com as duas mãos," disse Rabi Shneur Zalman de Liadi em seu Tanya.

O que significa empurrar um pensamento com as duas mãos?

Às vezes, você pode empurrar um pensamento negativo somente com uma mão. Ao lutar e argumentar com o impulso, você o valida. Com efeito, enquanto o está empurrando com uma das mãos, você o está convidando a voltar com a outra mão.

Empurrar um impulso com as duas mãos significa que você simplesmente e em silêncio o expulsa de seu cérebro. Sem discussão, drama ou alvoroço, você simplesmente deixa claro que ele não é bem-vindo em sua vida, e você deve passar para pensamentos e ações alternativas.

Você não o valida de maneira alguma, nem sequer briga com ele. Você simplesmente não atribui qualquer poder ou importância a ele. É isso que chamamos de empurrá-lo com as duas mãos. Cedo ou tarde, ele não vai mais tentar voltar.

Nesta história de Yossef, então, nos é dada uma lição atemporal de como lidar com nossos próprios desejos e inclinações feias. Seus demônios são mais espertos do que você pensa; não tente fazer acordo com eles. Apenas diga: não! Não! Não! Eles acusarão você de ser ignorante e estúpido. E daí? Você vai se dar bem com um casamento feliz e uma vida significativa.

Empacado

Você já se sentiu empacado em sua vida? Incapaz de cair fora da rotina?

Você já se sentiu empacado em sua vida? Incapaz de cair fora da rotina?

Na porção dessa semana da Torá, Yosef está mais do que empacado. Tendo quase sido morto pelos irmãos, ele é jogado num fosso, depois vendido como escravo, termina indo para o Egito, depois é jogado na prisão. Durante 13 anos Yosef sofreu até que as coisas, milagrosamente, deram uma virada.

Qual foi a atitude de Yosef durante todo esse tempo? Ele tinha todas as desculpas para se fazer de vítima e sentir pena de si mesmo. Afinal, ele não fora apanhado num sofrimento sem esperança? Tinha todos os motivos para ficar furioso e vingativo. Em vez disso Yosef, com a cabeça erguida, aceita aquilo tudo e jamais se esquece de D'us e de seu pai, Yaacov.

E quando ele finalmente se reúne com seus irmãos 22 anos depois, conta a todos eles, que ficam chocados: "você me venderam aos egípcios. Mas não se preocupem nem se sintam culpados... pois D'us enviou-me à frente de vocês para salvar vidas. Houve uma fome na região... D'us enviou-me antes de vocês para assegurar que vocês sobrevivessem na terra e para sustentá-los com grande liberdade. Não foram vocês que me enviaram para lá, mas D'us. Ele me fez vizir do faraó, chefe de todo o governo e governante de todo o Egito."

Yosef não se sentiu empacado. Ele sempre soube, embora pudesse não ter visto com os próprios olhos, que "não foram vocês que me enviaram para cá, mas D'us."

Imagine: um rapaz de 17 anos vendido como escravo, 13 anos depois ele se liberta do cativo e se torna vice-rei do Egito. Cerca de 7 anos depois ele transforma o Egito numa superpotência; 22 anos depois de ser vendido, ele controla o destino de seus irmãos e de seu pai, e ainda mais, de toda a população do mundo!

Você ainda está se sentindo empacado?

Passei o último fim de semana num retiro em Running Springs, Califórnia. Aninhados nas serenas montanhas de San Bernardino, com 200 pessoas interessantes, celebramos juntos a vida e suas infundáveis possibilidades.

A Sra. Miriam Swerdlov, uma educadora instigante e envolvente, com uma boa dose de humor, contou-me a seguinte história:

Ela certa vez viajou com um grupo para uma convenção de inverno em Detroit. O voo de retorno estava atrasado por causa de uma tempestade de neve. Eles telefonaram e avisaram o Rebe que estavam "empacados no aeroporto" esperando que a neve diminuísse. O Rebe pediu ao secretário que perguntasse a eles o que significava a palavra "empacado". Não, não a tradução literal; é que o Rebe nunca tinha ouvido dizer que uma pessoa estivesse empacada em alguma situação. Jamais ficamos empacados num lugar.

Há um motivo para estarmos onde quer que estejamos.

Por obra da Divina Providência, ontem mesmo tive o privilégio de conhecer em primeira mão uma pessoa que, de todas as maneiras, seria considerada "empacada", mas encontrou uma saída.

.....
Um certo Rabino dá de cara comigo numa loja, e pergunta se me conhece de algum lugar (se alguém não pode ficar “empacado” então acho que “dá de cara” também não é a expressão certa).

Não me lembrava, mas ele sim. “Certa vez fui consultar você a respeito da publicação de meu comentário sobre o Talmud em inglês,” ele me disse. Um comentário com 25 volumes. Não é todo dia que você encontra alguém que escreveu 25 volumes sobre o Talmud.

Se isso não é suficiente, então ouça: “E o que você faz atualmente?” pergunto.

“Dirijo uma escola para jovens adultos com doenças mentais, como autismo, esquizofrenia, bipolar, Síndrome de Down e Síndrome de Asperger.”

Engulo em seco.

O rabino me conta que ele próprio tem quatro filhos com problemas mentais, e quem o motivou de abrir essa escola especial foi o Rebe. Anos atrás o Rebe tinha dito a ele: “através de ‘v’shenanem vanecha’ você merecerá ‘vedibarta bam.’” Educando seus filhos em Torá você será abençoado para que você e eles se comuniquem – e se conectem.

O rabino então abriu a escola, que agora educa, segundo ele, 28 alunos especiais. Nos doze anos desde a fundação, a escola produziu oito estudantes que se integraram a instituições educativas comuns, e quatro se graduaram e conseguiram empregos formais.

“As palavras do Rebe se cumpriram? A educação das crianças melhorou visivelmente a capacidade de elas se comunicarem?”

“Deixe-me contar-lhe o seguinte episódio,” ele me disse, “e você julgará por si mesmo se houve uma melhora visível nas crianças.”

“Na conclusão de um semestre celebramos a formatura de alguns dos nossos alunos. Como uma parte do nosso apoio financeiro vem dos Estados Unidos, sentimos que seria apropriado organizar um evento semelhante em Nova York, para que os patrocinadores vissem com os próprios olhos o progresso das crianças que eles estão ajudando a educar.

“No evento, realizamos um Siyum haShas (conclusão do Talmud), e eu disse ao meu filho autista que ele seria o próximo orador. Meu filho, por falar nisso, nunca tinha discursado perante o público. Eu o apresentei, e eis aqui o que ele disse:

“Vocês sabem o que está escrito no último Rashi de todo o Talmud? O Talmud conclui com a declaração: ‘aquele que estuda as leis da Torá todo dia tem garantida a vida no Mundo Vindouro, pois diz Halichot (os caminhos do mundo) são seus (Chabakuk 3:6). Não leia halichot, mas halachot (Leis da Torá).’ Rashi explica que ‘halochot’ significa ‘mishne u’breisah, halacha l’moshe m’sinai’ (corpos de lei diferentes).

“Mas há uma outra ‘halacha-halicha’, outra forma de movimento, que Rashi não menciona: a tarefa que meu pai assumiu ao estabelecer nossa escola, e o grande progresso que os alunos têm feito, a partir das ‘conchas’ em que estavam fechados até atingirem alturas inimagináveis...”

Esse é o triunfo do espírito humano. Nunca fica preso, nunca engaiolado, nunca sem esperança. Sempre repleto de esperança, entusiasmo e a crença nas infindáveis possibilidades.

Baseado no acima, parece apropriado que a descrição da escola do rabino não seja de “para estudantes com problemas mentais”, mas sim “crianças especiais”, não como eufemismo, mas para reconhecer as forças especiais que suas almas encerram.

Escrevo estas palavras hoje, Yud Tet Kislev, outro grande dia de triunfo – quando um homem, aprisionado pelo regime do czar, foi libertado da prisão. O Alter Rebe, Rabi Shneur Zalman de Liad, reconheceu, como Yosef fizera muitos anos antes, que não estava “empacado”; seu cativeiro era parte do plano mais elevado de D'us. E na verdade, sua prisão e liberdade subsequente – assim como a de Yosef – tornou-se um feriado permanente, celebrando o advento de revelações sem precedentes de sabedoria espiritual, conhecida como Chassidut, dotando-nos com a capacidade de transformar nossa vida contemporânea.

O Antídoto para o Ódio

A respeito de julgar ou condenar os erros e falhas aparentes dos outros, nossos Sábios disseram: “Não julgue seu próximo até que você se coloque em seu lugar” (**Ética dos Pais 2:4**).

A Chassidut explica que, como jamais alguém pode realmente se colocar no “lugar” de outro, jamais entendendo por completo as motivações por trás de seu comportamento, é incapaz de julgá-lo (Sefat Emet).

Todavia, “até que você tenha se colocado no lugar dele” implica que deve-se tentar entender o próximo da melhor maneira que puder, chegar tão perto quanto possível do “lugar” do próximo, procurando entendê-lo (tanto intelectual quanto emocionalmente) com a maior e mais profunda expressão de amor.

Conforme a pessoa se aproxima de alguém, sua perspectiva para com ele principia a mudar. Começa a vê-lo sob uma luz mais favorável, e até mesmo a reconhecer que as aparentes falhas que observou nele são na verdade reflexo das falhas, idênticas porém menos aparentes, de si mesmo.

Ele é agora capaz de realizar o ditado complementar de nossos Sábios “Julgue todos os homens favoravelmente” (**Ética dos Pais 1:6**), e a aplicar o ensinamento do Báal Shem Tov no versículo: “Você certamente admoestará seu próximo.” Primeiro alguém deve repreender a si mesmo (a respeito da mesma falha que enxerga no próximo), e somente então será capaz de admoestar construtivamente outra pessoa.

O ensinamento do Báal Shem Tov prossegue e confere uma percepção adicional ao conselho dado por Resh Lakish: “Primeiro retifique a si mesmo, e então retifique os outros” (**Talmud, Bava Batra 60b**). A palavra utilizada aqui para “retificar” (keshot) literalmente significa “adornar.” Como “adornar” alude ao relacionamento de marido e mulher, deduzimos que o ensinamento geral, “Primeiro retifique a si mesmo e depois retifique os outros” aplica-se mais especificamente aos parceiros do casamento.

Quando a pessoa percebe que a retificação de outro depende da retificação de si mesmo, aprende a ser paciente com os outros. A paciência é o antídoto para a raiva. Somente quando se dirige à própria má inclinação da pessoa a raiva é justificada, como ensinam nossos Sábios: “A pessoa deve sempre provocar a fúria de sua boa inclinação contra sua má inclinação” (**Talmud, Berachot 5a**). A respeito dos outros em geral, e do próprio

.....
cônjuge em particular, a pessoa deve se esforçar para assumir o atributo Divino da "infinita paciência."

A infinita paciência é a consciência - o espaço infinitamente grande da mente - que favorece a capacidade da pessoa de esperar para que o conflito se resolva por si mesmo, de suspender o julgamento, de conferir continuamente e controlar sua tendência inata de relacionar-se impulsivamente com os outros. Esta é a chave para evitar o dano que a pessoa inflige sobre si mesma e sobre os outros, quando é incapaz de controlar as reações de sua "natureza primária" às situações da vida. Todos os grandes pecados, arquetípicos da Torá, resultaram de uma básica falta de paciência.

O pecado primordial foi comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se Adão e Eva tivessem esperado umas meras três horas até o início do Shabat antes de comerem o fruto, teriam herdado as bênçãos do Éden para toda a eternidade. Foi a falta de paciência que provocou a queda daquela sublime realidade inicial, a sentença de morte para a humanidade e o prolongado exílio do paraíso para o homem.

Ao receber a Torá no Monte Sinai, o povo de Israel como um todo retornou ao estado Edênico, livres do Anjo da Morte.

Eles perderam este estado com o pecado do bezerro de ouro, o ídolo que visava substituir seu líder, Moshê, por terem eles deixado de esperar para que ele descesse a montanha. Nossos Sábios referem-se a este pecado como o pecado público arquetípico (**Talmud, Avodá Zará 4b**).

David e Batsheva estavam destinados um para o outro, desde o início dos tempos. Eles deveriam ser a retificação consumada do casal primordial, Adão e Eva. David tomou Batsheva prematuramente (**Talmud, San'hedrin 107a; Zôhar 3:78b; Talmud, Shabat 55b**), nas palavras de nossos Sábios: "Ele tomou dela antes que ela amadurecesse." Esta impaciência impulsiva foi a essência do "pecado".

Com a paciência, vem a capacidade de transcender o caráter mortal inato da pessoa, e cumprir o mandamento de imitar a D'us: "Assim como Ele é misericordioso, seja também misericordioso... Assim como Ele é infinitamente paciente, seja também infinitamente paciente" (**Talmud, Shabat 133b; Mishnê Torá, Deot 1:6**). Assim era o temperamento de Moshê, como foi dito: "E o homem Moshê era muito humilde" (Bamidbar 12:3), que Rashi explica como "humilde e paciente."

Os parceiros do casamento precisam estar sempre vigilantes no cultivo da paciência. A paciência depende de fé e confiança em D'us: se queremos algo e não recebemos, é porque ainda não o merecemos.

Quando os cônjuges percebem isso, tornam-se muito mais pacientes um com o outro. Ao invés de exigir que seu parceiro seja mais perfeito que si mesmo, concentram-se em retificar primeiro seu próprio caráter, com a ajuda de D'us.

10 – Parashat Mikêts

Gênesis 41:1-44:17

Os Sonhos do Faraó

Após Yossef ter permanecido na prisão por doze anos, D'us decidiu: "Vou pô-lo em liberdade agora." Por isso, D'us fez com que o Faraó tivesse pesadelos à noite.

Vocês sabem o que o Faraó sonhou?

Ele estava no rio Nilo. Sete vacas estavam saindo do rio. Eram gordas e bem alimentadas. Em seguida, saíram do rio mais sete vacas. Mas estas eram totalmente diferentes! Eram magras e esfomeadas.

O sonho continuou. As sete vacas magras e esfomeadas abriram suas bocas e engoliram as sete vacas gordas e sadias.

Não sobrou nada delas; porém, as vacas magras não ficaram mais gordas depois de comerem as vacas sadias.

Na verdade, era um sonho estranho, mas o Faraó não teve tempo de pensar sobre ele quando acordou, pois adormeceu novamente e sonhou de novo.

Sete lindas e grandes espigas de trigo estavam saindo para fora de uma haste. Cada caróço era grande e cheio.

De repente, o Faraó viu mais sete espigas brotando, mas eram diferentes: elas cresciam em sete hastes separadas ao invés de uma só. Além disso, cada espiga era tão fina e murcha que dava pena.

E as sete espigas de trigo, finas e murchas, abocanharam as sete espigas grandes e cheias.

Yossef é Chamado Perante o Faraó

Vocês podem imaginar o estado do Faraó quando ele acordou? O que poderiam significar estes sonhos tão estranhos?

O Faraó ordenou que todos os seus sábios e mágicos se reunissem no palácio.

"Expliquem-me os meus sonhos," ordenou.

Os mágicos tinham muitas idéias originais, cada um tinha uma explicação diferente para os sonhos do Faraó. Um deles disse:

"É muito claro, meu Faraó, que tenhas sonhado com sete vacas gordas e sadias, porque tua mulher dará à luz sete filhas. Em seguida, vistes as sete vacas sadias serem engolidas porque, aí de mim, todas tuas sete filhas morrerão."

Um outro continuou:

"E vistes sete lindas espigas de trigo porque vais conquistar sete países. Sete espigas magras engoliram as boas, significando que, mais tarde, perderás estes sete países."

Mas o Faraó não estava satisfeito. Seus mágicos sabiam como explicar o número "sete", mas por que tinha ele visto sete vacas saindo do rio e sete espigas de trigo ao invés de sete cães ou sete árvores, ou qualquer outro objeto? Seus mágicos não tinham respostas para suas perguntas.

"Não há ninguém aqui que possa explicar corretamente meu sonho?" - gritou o Faraó.

De repente, o adegueiro pensou num homem que sabia como explicar sonhos. Yossef! E exclamou:

"Eu conheço o homem certo! Uma vez, ele explicou dois sonhos e os dois se realizaram. Mas este homem está na prisão."

"Traga-o aqui imediatamente!" - ordenou o Faraó.

Um mensageiro correu rápido para a prisão. O cabelo de Yossef foi aparado e sua roupa trocada para que ficasse apresentável perante o Faraó. E ele foi levado para o palácio.

.....

"Ouvi dizer que sabes como explicar sonhos," cumprimentou o Faraó a Yossef. Yossef respondeu:

"Nenhum homem pode saber o verdadeiro significado dos sonhos; somente D'us sabe. D'us pode revelar para mim a verdadeira explicação de seus sonhos."

Yossef não ficou orgulhoso quando o Faraó o chamou diante de si. Ele não tinha a pretensão de saber como explicar um sonho.

Uma História: Rabi Akiva e o Pobre Homem Rico

Certa vez, Rabi Akiva queria vender uma pérola. Procurou um comprador que lhe oferecesse um valor alto, porque a pérola era tão linda que era difícil encontrar outra igual. No mercado, todos souberam que Rabi Akiva tinha uma pérola rara e linda para vender.

Um dia, quando Rabi Akiva passou pela sinagoga, um homem com roupas esfarrapadas e rasgadas se ergueu do banco onde se sentavam os mendigos e disse para o Rabi:

"Soube de sua pérola e vou lhe pagar o preço que pede."

Rabi Akiva olhou espantado para o homem pobre. Como ele poderia ter dinheiro suficiente para comprar uma pérola tão cara? Seria um trapaceiro? Ou estaria apenas fazendo uma brincadeira?

Mas o homem pediu a Rabi Akiva que fosse a sua casa. Ele lhe pagaria lá. O homem conduziu Rabi Akiva até a casa. Não era uma choupana, mas uma linda mansão, onde apareceram criados bem vestidos que ofereceram uma refeição para Rabi Akiva e seus alunos.

O "pobre" homem trouxe ouro e pagou a Rabi Akiva o preço total. E ordenou a um criado que guardasse a pérola num lugar seguro onde ele guardava mais seis pérolas iguais.

"Se és tão rico," perguntou Rabi Akiva ao homem, "por que usas roupas de pobre? E por que sentas no banco dos mendigos da sinagoga?"

"Rabi," explicou o homem, "a vida de um homem não é curta? Em breve, estarei na sepultura. Para lembrar a mim mesmo que não vou ter minhas riquezas para sempre, sento-me com as pessoas pobres. Deste modo, não fico orgulhoso por causa da fortuna que D'us me deu. E também há outra vantagem em sentar entre os pobres. Se alguma vez perder minha fortuna, não ficarei aborrecido, porque sei que um mendigo e um homem rico são iguais, como se diz, 'Não fomos todos criados por um Pai e um D'us?' Eu sei que D'us odeia as pessoas orgulhosas".

Quando Rabi Akiva ouviu isso, elogiou o homem.

"Eu gostaria que todas as pessoas ricas tirassem um exemplo de sua humildade!" - exclamou ele.

A Interpretação

Yossef escutou com atenção enquanto o Faraó relatava seus sonhos.

D'us deu para Yossef Ruach Hacôdesh (espírito da profecia) e ele compreendeu o verdadeiro significado dos sonhos. Yossef explicou para o Faraó:

"Os seus dois sonhos - aquele que se refere às vacas e o que se refere às espigas de trigo - predizem o mesmo acontecimento. Nos próximos sete anos, D'us dará ao Egito comida em

abundância. Haverá mais produção nos sete anos de abundância do que o povo poderá comer. Estes sete anos bons são representados, nos seus sonhos, pelas sete vacas gordas e pelas espigas grandes de trigo."

"Depois destes sete anos de fartura, porém, virá uma terrível fome. Por isso, D'us lhe mostrou as sete vacas magras e esfomeadas e as sete espigas de trigo murchas. As vacas magras devoraram as gordas e as espigas murchas engoliram as cheias porque os anos de fome serão tão terríveis que as pessoas esquecerão os anos bons."

A explicação de Yossef fazia sentido para o Faraó. Um sonho em que o Nilo que regava a terra tinha a ver com comida. As vacas que pastavam nos campos também dependiam do Nilo e as espigas de trigo eram a comida. Na explicação de Yossef, tudo se encaixava.

O Midrash Explica: A Fome que foi Diminuída

Na realidade, quantos anos de fome tinha D'us planejado trazer para o Egito? A resposta é: 42 anos.

Sabemos disto pelo fato de que a Torá repete os sonhos do Faraó seis vezes:

1. O Faraó sonhou que sete vacas magras emergiram do Nilo.
2. O Faraó sonhou que sete espigas de trigo murchas cresceram.
3. O Faraó disse para Yossef: "Vi sete vacas magras saindo do rio."
4. O Faraó disse para Yossef: "Vi sete espigas de trigo murchas."
5. Yossef explicou ao Faraó: "As sete vacas magras fazem alusão aos sete anos de fome."
6. Yossef explicou ao Faraó: "As sete espigas murchas de trigo fazem alusão à mesma coisa: sete anos de fome."

A Torá nos fala seis vezes sobre os sete anos de fome para insinuar que, na realidade, D'us planejou quarenta e dois anos de fome para o Egito. Mas Yossef rezou:

"Por favor, D'us, traga somente sete anos de fome!"

D'us aceitou a reza do Tsadic (justo) e reduziu a fome para sete anos.

Quando Yaacov foi para o Egito depois de dois anos de fome, ele abençoou o Faraó:

"Possas D'us cessar a fome."

D'us realizou a bênção de Yaacov e a fome terminou. Por causa dos dois Tsadikim (justos), a fome foi reduzida de quarenta e dois anos para dois.

Yossef Torna-se Governante

Yossef disse para o Faraó:

"Não tenhas medo da fome. Por que D'us te mostrou estes sonhos? Para preveni-lo de que deves se preparar com antecedência para os anos de fome. Então o país não passará fome. Nomeia um homem sensato para reunir todo o alimento a mais nos anos de abundância. Ele irá armazená-lo e distribuí-lo nos anos de fome que virão. Deste modo, todos terão alimento."

.....

O Faraó ficou muito satisfeito com o sábio conselho de Yossef e disse para seus ministros:

"Alguma vez, vocês viram um homem como Yossef, que tem o entendimento de D'us? Ele é o homem mais sábio do país, assim vou encarregá-lo de reunir e armazenar os alimentos nos anos de abundância."

O Faraó tirou seu anel e o colocou no dedo de Yossef:

"Com isto, eu te nomeio governante do Egito," disse. "Somente eu, o Faraó, estou acima de ti. A não ser eu, todos no país devem te obedecer."

O Faraó chamou Yossef por um novo nome, **Tsofnat Paneach, que quer dizer, "O Revelador de Segredos,"** porque Yossef foi capaz de explicar os segredos dos sonhos do Faraó.

O Faraó ordenou a Yossef que se casasse. D'us fez com que Yossef encontrasse uma esposa vinda da família de Yaacov. Seu nome era Asnat.

Asnat deu-lhe dois filhos. Ao mais velho, deu o nome de Menashê e ao mais novo, Efrayim.

O que Aconteceu nos Anos de Fome

Os sonhos do Faraó aconteceram exatamente como Yossef havia previsto.

Durante os anos de produção farta, Yossef reuniu toneladas de alimentos, colocando-os em armazéns especiais.

Sete anos depois, começou a fome. Nenhuma espiga cresceu. Todos os alimentos que os egípcios puseram em armazéns particulares se estragaram, mas não aqueles armazenados por Yossef. Todos os egípcios foram forçados a comprar alimentos de Yossef.

Viagem ao Egito

Os países ao redor do Egito também sofreram com a fome. Na casa de Yaacov, na Terra de Canaã, não havia sobrado muita comida.

Yaacov disse a seus filhos:

"Ouvi, de pessoas que voltam do Egito que naquele país há bastante grãos para vender. Quero que vocês viajem para o Egito e comprem comida para nós. Binyamin, porém, não irá com vocês. Ele é o único filho que me resta da minha querida esposa Rachel e tenho medo que alguma desgraça possa acontecer a ele na viagem."

Yossef Age Como um Estranho Perante Seus Irmãos

Yossef sabia que, mais dia, menos dia, seus irmãos viriam ao Egito comprar comida. Emitiu uma ordem aos guardas de todos os portões da capital do Egito, "Anotem o nome de todos que entrarem na cidade e me mostrem a lista todas as noites."

Uma noite, Yossef encontrou na lista dos que chegaram ao Egito dez nomes familiares. Mas cada nome da lista era de um portão diferente:

Reuven, filho de Yaacov
Shimon, filho de Yaacov
Levi, filho de Yaacov
Yehudá, filho de Yaacov
Yissachar, filho de Yaacov

Zevulun, filho de Yaacov
Dan, filho de Yaacov
Naftali, filho de Yaacov
Gad, filho de Yaacov
Asher, filho de Yaacov

Finalmente seus irmãos chegaram! Mas onde estava Binyamin? 'Está faltando seu nome na lista,' pensou Yossef. 'Será que meus irmãos também o venderam? Será que eles também o odeiam como odiavam a mim?'

Yossef ordenou a seus criados:

"Tragam estes homens diante de mim."

Quando os irmãos apareceram, Yossef os reconheceu, mas eles não o reconheceram. Yossef pensou que se lhes dissesse: "Eu sou Yossef," eles ainda podiam odiá-lo e rejeitá-lo. Yossef decidiu. "Vou testá-los primeiro para ver se eles estão ou não arrependidos de terem me vendido."

Os irmãos se curvaram diante do governante egípcio e Yossef se lembrou de seus sonhos e pensou: "Sonhei que Binyamin também se curvaria perante mim e mais tarde meu pai também. Mas por que Binyamin não está aqui? Preciso descobrir."

Yossef se dirigiu a seus irmãos com severidade:

"Soube que todos vocês entraram na cidade por portões diferentes," disse-lhes. "Somente espiões agem assim. Vocês vieram por caminhos diferentes para descobrir os segredos do Egito. Vocês são um grupo de espiões."

Os filhos de Yaacov protestaram.

"Não, somos todos irmãos! Nosso pai recomendou para entrar por portões diferentes ao invés de por um único. Ele tinha medo que as pessoas fossem ficar com inveja e desejar o mal se vissem dez irmãos juntos, belos e fortes. Na verdade, somos doze irmãos, mas o mais novo ficou em casa e um outro está perdido no Egito. Estávamos procurando por ele na cidade, não somos espiões."

Yossef respondeu asperamente:

"Não acredito em vocês! Vocês são um grupo de espiões. Se querem provar que estão dizendo a verdade, mandem um de vocês para casa para trazer seu irmão mais novo. Enquanto isto, o resto ficará prisioneiro."

Para provar que falava a sério, Yossef colocou os dez irmãos na prisão por três dias. Quando os soltou, ordenou:

"Agora vão para casa e levem comida para suas famílias. Mas guardem minhas palavras, na próxima vez que vierem, tragam seu irmão mais novo e então acreditarei em suas desculpas. Caso contrário, mandarei matá-los como espiões".

Os irmãos ficaram assustadíssimos pela inesperada aspereza do governante egípcio. Disseram um ao outro em hebraico: "Por que D'us trouxe esta desgraça sobre nós? Certamente está nos castigando porque não tivemos piedade de Yossef quando nos implorou para não vendê-lo."

Reuven repreendeu os outros:

"Eu não disse que Yossef agia como criança? Ele não merecia ser vendido como escravo. Vocês deveriam ter sido mais brandos com ele."

Os irmãos pensavam que o governante egípcio não entendia

.....
hebraico. Toda vez que os irmãos falavam com ele, Yossef pedia que suas palavras fossem traduzidas para o egípcio, pois não queria que os irmãos soubessem que ele entendia hebraico.

Mas, naturalmente, Yossef entendia tudo o que eles diziam. Ele se virou e começou a chorar pois estava com pena de seu sofrimento. Mas decidiu que ainda não era hora de dizer-lhes que era Yossef. Disse aos irmãos:

"Vou reter um de vocês, Shimon, aqui na prisão, até ver vocês de volta com seu irmão mais novo."

Binyamin é Levado

Antes dos irmãos saírem, Yossef ordenou a seu filho Menashê:

"Quando você encher os sacos destes homens com grãos, ponha de volta o dinheiro que trouxeram para pagar a comida."

Mais tarde, os irmãos descobriram que o dinheiro foi devolvido a seus sacos. Eles tremaram. Por que o governante teria feito isto? Eles disseram a seu pai Yaacov:

"O governante egípcio foi muito severo. Acusou-nos: 'Vocês são espíões!' Nós negamos, mas ele disse: 'Só vou acreditar se trouxerem seu irmão mais novo.'"

"O que vocês me fizeram?" - gritou Yaacov. "Primeiro Yossef desapareceu. Depois, Shimon está preso no Egito. E agora vocês querem levar Binyamin também. Não permitirei."

Os irmãos ficaram sem resposta. Mas quando sua reserva de comida estava quase no fim, Yehudá mostrou a Yaacov:

"Pai, você quer deixar todos nós morreremos de fome? Não temos escolha, temos de voltar ao Egito para comprar comida. Fico responsável por Binyamin. Garanto trazê-lo de volta."

Com um peso no coração, Yaacov disse a seus filhos:

"Uma vez que não há outra saída, levem Binyamin com vocês. Devolvam para o egípcio o dinheiro que vocês acharam nos sacos e levem-lhe um presente."

Os irmãos São Convidados ao Palácio de Yossef

Quando os irmãos voltaram para a capital do Egito e foram ao palácio do governante com Binyamin, eles o viram e se curvaram perante ele. O primeiro sonho de Yossef se concretizou: todos seus irmãos se curvaram diante dele. Ele disse aos servos para dizer-lhes que Tsofnat Paneach (como Yossef era chamado) estava convidando a todos para uma refeição. Isto assustou os irmãos. Será que o egípcio acharia uma nova desculpa para castigá-los?

Quando os irmãos foram mandados entrar na sala de jantar, Yossef disse-lhes palavras amigáveis, especialmente para Binyamin, seu irmão mais novo. Antes de começarem a refeição, mostrou-lhes seu copo:

"Posso fazer truques com este copo. Com a ajuda dele posso sentar vocês à mesa na ordem certa."

Yossef deu um tapinha em seu copo e exclamou:

"Reuven, Shimon, Levi, Yehudá, Yissachar e Zevulun - todos são filhos de uma mesma mãe, sentem-se juntos. Dan e Naftali sentem-se juntos por terem a mesma mãe. Gad e Asher, fiquem juntos. A mãe de Binyamin não vive mais e nem a minha, então ele sentará comigo."

Os irmãos ficaram assombrados com a "mágica" do Tsofnat Paneach. Isto era exatamente o que Yossef queria. Não queria que eles suspeitassem de sua identidade e agiu como um mágico egípcio.

O 'Roubo' do Copo

Antes dos irmãos saírem, Yossef ordenou a seu filho Menashê:

"Encha seus sacos com comida." E acrescentou, quando ninguém mais ouviu: "Também esconda meu copo no saco de Binyamin."

Pouco depois, Yossef ordenou a seu filho Menashê:

"Corra atrás dos irmãos! Acuse-os de terem roubado meu copo."

Menashê cavalgou atrás dos irmãos e os alcançou. Ele os acusou:

"Demos por falta do copo mágico do governante. Um de vocês o roubou."

Os irmãos responderam:

"Nós não o roubamos! Você não sabe que até devolvemos o dinheiro que encontramos em nossas sacolas quando voltamos para casa da primeira vez?"

Menashê respondeu:

"Contudo, tenho ordens de procurar em todos os seus pertences."

Os irmãos descarregaram todas as sacolas e as abriram. Menashê procurou e o que ele tirou da sacola de Binyamin? O copo mágico de Yossef.

Os irmãos ficaram chocados! Como o copo do governante fora parar na sacola de Binyamin? Este lhes assegurou:

"Eu não peguei o copo. Esta é mais uma **conspiração** mesquinha do egípcio para nos castigar."

Menashê disse aos irmãos que deveriam voltar com ele para o palácio para serem julgados pelo governante pelo seu crime.

Os irmãos não tiveram outra escolha senão obedecer e voltaram ao Egito com Menashê.

Quando estavam novamente diante de Yossef, este os censurou. "O que vocês fizeram? Vou ficar com o ladrão como meu escravo. Vocês todos podem ir para casa." Por que Yossef fez esta encenação com os irmãos? Yossef queria fazer um teste com eles: Será que eles concordariam em deixar Binyamin para trás como escravo sem o ajudar, tal e qual fizeram com Yossef? Ou eles se levantariam para defender Binyamin? Então ele saberia que eles tinham caráter e não eram maus. E ele se revelaria para eles como Yossef.

11 - Parashá Vayigash

Bereshit 44:18-47:27

Yehuda Defende Binyamin

.....
Quando Yehudá ouviu o governante egípcio dizer: "Binyamin será meu escravo!", ele ficou com muito medo.

"Prometi a meu pai devolver-lhe Binyamin," pensou. "Tenho que cumprir minha promessa." Yehudá avançou corajosamente para o trono de Yossef.

"Ouça-me, meu senhor," gritou zangado. "Se ousares reter meu irmão aqui, puxarei minha espada! Sabes o que acontecerá então? Vai haver muita gente morta no Egito, incluindo tu e o Faraó." Yossef percebeu que Yehudá estava muito alterado. Ele poderia atacar a ele e a todos os habitantes da capital do Egito. Yossef acenou rapidamente para seu filho Menashê.

"Mostra a este homem que és tão forte quanto ele," ordenou Yossef a seu filho.

Menashê começou a dar pontapés nas paredes do palácio. Os golpes eram tão fortes que o palácio de Yossef começou a tremer!

Yehudá ficou assombrado e pensou: "Quem será este homem forte? Ele deve ser da família de Yaacov, pois não conheço ninguém que tenha força tão tremenda. É melhor não começar uma luta. Vou implorar ao governante para libertar Binyamin."

Yehudá começou com palavras gentis:

"Por favor, deixe ir nosso irmão Binyamin. Tu nos forçaste a trazê-lo. Veja, nosso pai foi contra isso, porque a sua querida esposa Rachel tinha só dois filhos e o mais velho morreu." (Yehudá ficou temeroso de dizer que Yossef ainda estava vivo, senão o governante poderia dizer, "Traga-o também.")

"Agora só resta Binyamin. Nosso pai tem tanta afeição por ele que morrerá de tristeza se Binyamin não voltar. Prometi a meu pai que levaria Binyamin de volta.

"Sou mais forte que Binyamin e mais eficiente. **Por favor, fique comigo como escravo no lugar dele.** Como posso suportar ver a dor de meu pai se voltarmos sem Binyamin! Tenha pena de nosso pai."

Yossef se Revela

Yossef não pôde agüentar quando Yehudá fala na dor de seu pai.

"Rápido! Que todos os egípcios deixem a sala," ordenou Yossef. "Que apenas fiquem os dez irmãos."

Quando ficou a sós com seus irmãos, ele disse:

"Sei onde está seu irmão perdido. Ele está bem aqui."

Os irmãos o olham. Do que ele estava falando? Onde está Yossef?

"Yossef! Yossef!" Os irmãos olham em todas as direções sem avistar ninguém.

Então vem a revelação: "Eu sou seu irmão Yossef!" - exclamou ele e acrescentou em voz baixa: "Eu sou Yossef, a quem vocês venderam aos egípcios!" (Yossef não queria que os egípcios que estavam do lado de fora ouvissem estas palavras, para não

envergonhar seus irmãos). Eles estavam apavorados e envergonhados para falar com Yossef. Receavam que ele agora os castigasse por tê-lo vendido. O choque da notícia repentina foi tremenda, mas Yossef começou gentilmente a acalmá-los, dizendo:

"Não tenham medo! Vocês não precisam se sentir mal por terem me vendido aos egípcios. Na realidade, isso foi uma ordem Divina. D'us queria que me tornasse um governante no Egito para que eu pudesse supri-los com comida durante os anos de fome."

Yossef abraçou todos os seus irmãos. Lentamente, eles se recuperaram do choque.

Yossef, Um Verdadeiro Tsadic (justo)

Mesmo sendo um dirigente poderoso, Yossef não se vingou de seus irmãos por terem-no vendido e humilhado.

Ao contrário, ele os confortou com palavras amáveis. Não tinha ressentimento algum contra eles, mesmo tendo sofrido tantos anos.

Yossef concluiu:

"Voltem rápido para casa e façam nosso pai saber que estou vivo. Contem-lhe também que sou um respeitado governante no Egito e tragam-no aqui e voltem todos vocês com suas famílias. Vou alimentá-los e cuidarei para que nada lhes falte."

"Yossef Vive!"

Yossef carregou as sacolas dos irmãos com trigo e suprimentos. Deu-lhes roupas novas e enviou muitos presentes para seu pai.

Os irmãos voltaram e mandaram um mensageiro para Yaacov com a notícia: "Yossef está vivo. Ele é governante no Egito."

O coração de Yaacov quase parou de bater. "Não pode ser verdade," pensou. "A notícia é maravilhosa demais."

Mas Yaacov viu as carroças carregadas com trigo e os presentes que os irmãos trouxeram.

"Somente um governante tem permissão para mandar carroças para fora do Egito," pensou Yaacov. Os irmãos também lhe disseram:

"Yossef nos deu um sinal para ti, para que acredites na notícia. **Mandou-nos lembrá-lo sobre o último capítulo da Torá que estudaram, antes dele partir: as leis de Eglá Arufá.** Agora Yaacov realmente sabia que Yossef estava vivo:

Imediatamente Yaacov reviveu seu espírito, adormecido pela tristeza e pesar: "Quero partir já para o Egito para revê-lo."

O Midrash Explica: Quem deu para Yaacov a Notícia de que Yossef Ainda Estava Vivo

A neta de Yaacov, **Serach, filha de Asher**, foi designada para dar a notícia a Yaacov.

Mesmo sendo uma notícia maravilhosa, ao descobrir que seu filho ainda estava vivo, o choque repentino de uma notícia tão

.....
inesperada poderia abalar a saúde de Yaacov, na idade de 130. Afinal, Yossef estivera ausente por 22 anos.

Por esta razão, os irmãos escolheram Serach por ser uma moça inteligente e que tocava harpa muito bem.

Serach começou a tocar música para seu avô e murmurar as palavras "Meu tio Yossef ainda está vivo; ele é governante no Egito." Ela repetiu estas palavras sem parar até que o avô começou a sorrir.

"O que você está cantando, Serach, é muito bonito!" - disse o avô. "Parece uma boa notícia. Que você seja abençoada com uma vida longa por animar-me com tão esperançosas notícias!"

Apesar disso, na realidade Yaacov não acreditou em sua neta até que os irmãos confirmaram a notícia e ele viu as carroças que Yossef tinha enviado.

Há uma opinião diferente de que foi Naftali quem primeiro deu a notícia a Yaacov de que Yossef estava vivo.

Naftali corria rápido e sempre levava recados para os irmãos e para o pai. Por isso, os irmãos o mandaram na frente para fazer Yaacov saber as boas novas o mais rápido possível. Porém, antes disso, todos os irmãos se reuniram e anularam o juramento que fizeram de não contar a ninguém que Yossef estava vivo.

Estabelecimento no Egito

Ainda que o mais caro desejo de Yaacov fosse rever Yossef, ele não se atreveu a ir para o Egito sem pedir permissão a D'us.

"Será que tenho permissão para deixar a Terra de Israel," questionou, "a terra de meus pais, onde D'us se revelou para mim? Talvez eu não possa viver entre os egípcios que não temem D'us."

Yaacov foi até Be'er Shêva para perguntar a D'us que lhe assegurou: "Não temas em ir ao Egito. Irei acompanhá-lo e protegê-lo. Farei com que seus filhos não fiquem lá para sempre. Vou resgatá-los e trazê-los de volta para Israel."

Então, Yaacov, seus filhos, suas famílias pegaram todos os seus pertences e seu gado e começaram sua jornada para o Egito.

D'us mandou seiscentos mil anjos para acompanhá-los a este país estranho e protegê-los.

Yaacov disse para seu filho Yehudá:

"Vá na frente para preparar casas no Egito onde possamos viver. Prepare também um **Bet Hamidrash**, Casa de Estudos, onde eu possa ensinar a Torá a todos vocês."

Yaacov e Yossef se Encontram

Quando Yossef soube que seu pai estava chegando, ele preparou sua carruagem e foi ao seu encontro para lhe dar boas-vindas e cumprimentá-lo.

Yaacov não reconheceu Yossef de imediato. Tinha certeza que um nobre egípcio estava cavalcando a sua frente e se curvou em respeito.

Yossef começou a chorar porque seu pai se curvou perante ele. Disse a seu pai quem era, abraçou-o e beijou-o.

Na verdade, naquele solene momento do reencontro Yaacov curvava-se a D'us e recitava o Shemá. Ele queria tanto beijar Yossef a quem não via há vinte e dois anos! Mas ele se conteve e primeiro completou o Shemá, em agradecimento a D'us.

Quando Yaacov olhou para o rosto de Yossef, ele pôde ver que seu filho ainda era um Tsadic. A felicidade de Yaacov não teve limites.

Yossef Apresenta seu Pai e Seus Irmãos ao Faraó

Logo, Yossef apresentou alguns dos seus irmãos ao Faraó.

"Em que trabalham?" - perguntou-lhes o Faraó.

"Somos pastores," responderam os irmãos. "Por favor, permita que vivamos no distrito de Goshen onde há muitos campos bons para nosso rebanho."

O Faraó concordou. E os irmãos de Yossef ficaram satisfeitos, pois não queriam viver na capital, perto da corte, onde o Faraó poderia dar-lhes altas posições ou engajá-los no exército.

Eles desejavam levar uma vida calma como pastores para ter tempo de servir a D'us e estudar a Torá.

Yossef também levou seu pai Yaacov até o trono do Faraó. Yaacov cumprimentou o Faraó e o abençoou:

"Possa o rio Nilo inundar a terra para que ela possa produzir de novo!"

D'us realizou a bênção de Yaacov. Após dois anos de fome, as águas do Nilo inundaram de novo a terra e os cereais começaram a crescer. A fome então terminou.

Yaacov e sua família se instalaram em Goshen. Yossef cuidou para que todos recebessem alimento.

Os Anos de Fome

O que os egípcios comiam durante os anos de fome (antes de Yaacov chegar ao Egito)?

Eles compravam mais e mais cereais de Yossef e depois de certo tempo haviam esgotado todas suas finanças.

"Como compraremos comida agora?" - pensavam eles. E decidiram: "Vamos vender nosso gado e dar o dinheiro para Yossef em troca de comida."

No segundo ano, o dinheiro que os egípcios receberam de seu gado também terminou. Em desespero, os egípcios foram até Yossef e disseram:

"Não temos mais dinheiro para comprar comida. Estamos prontos para dar ao Faraó nossa terra e nos tornarmos seus escravos se continuarmos a nos dar comida."

Yossef concordou.

.....
O que Yossef fez com a enorme quantidade de ouro e prata que as pessoas lhe trouxeram em troca de cereais?

Yossef colocou tudo no tesouro do Faraó. Poderia facilmente ter guardado algum dinheiro para si e ficado rico, mas não o fez.

Yossef era tão honesto que não ficaria com dinheiro algum.

E também não deu dinheiro algum para seu pai ou seus irmãos.

Uma História: A Honestidade de Rabi Chanina

Quando Rabi Chanina foi visitar Rabi Yonatan, eles ficaram juntos no lindo jardim de Rabi Yonatan, cheio de árvores frutíferas. Rabi Yonatan ofereceu para seu visitante figos e Rabi Chanina aceitou.

Eles conversaram sobre tópicos da Torá e, depois de algum tempo, estava na hora de Rabi Chanina ir embora.

Quando estava quase saindo do jardim, Rabi Chanina reparou numa árvore que tinha uma qualidade diferente de figos, mais gostosos.

"Por que não me ofereceste destes figos deliciosos?" - perguntou Rabi Chanina a seu anfitrião. "Deves ter tido uma razão."

"Esta árvore pertence a meu filho," explicou Rabi Yonatan, "mas tenho certeza que ele não vai se incomodar se comeres alguns figos. Pegue alguns."

Rabi Chanina porém recusou. Era um homem extremamente honesto.

"Não pensaria em tocar nestes figos," respondeu para Rabi Yonatan. "Fico longe de qualquer coisa que, D'us não o permita, seja roubo."

Ele agradeceu a Rabi Yonatan e foi embora.

A Última Lição de Yaacov

Por Yosef Y. Jacobson

Um famoso rabino, brilhante filósofo, era altamente respeitado pelo seu motorista, que escutava com respeito cada discurso, quando seu chefe respondia com facilidade questões sobre moralidade, ética e filosofia.

Então um dia o motorista aproximou-se do rabino e perguntou se ele estaria disposto a trocar os papeis para a palestra daquela noite. O rabino concordou e, durante algum tempo, o motorista se saiu notavelmente bem. Quando chegou a hora das perguntas feitas pelos convidados, um homem lá do fundo perguntou: "A visão epistemológica do universo ainda é válida num mundo existencialista?"

"Essa é uma pergunta extremamente simples," respondeu ele. "Tão simples, na verdade, que até meu motorista poderia respondê-la, e é exatamente isso que ele vai fazer."

O professor desligado

O professor estava sempre tão envolvido no texto que estava ensinando que nunca olhava para seus alunos.

Ele costumava chamar um aluno para tradução e explicação e – sem perceber – com frequência chamava o mesmo aluno dia após dia.

Por respeito, os alunos não falavam sobre isso com ele. Após ser chamado por quatro dias seguidos, um aluno chamado Goldberg pediu conselho aos seus amigos.

No dia seguinte, quando o rabino disse "Goldberg, traduza e explique," Goldberg respondeu: "Goldberg faltou hoje."

"Tudo bem," disse o rabino, "então você traduz e explica."

A Lição Final

Há uma antiga tradição midráshica¹, de que a última lição de Yaacov com seu amado filho Yossef horas antes de ele ser sequestrado e vendido como escravo, era sobre uma lei a respeito de um assassinato não solucionado na porção de Shofetim.

Todos estamos familiarizados com a narrativa. Yossef que tinha 17 anos na época, foi solicitado pelo pai a visitar seus irmãos que estavam pastoreando o rebanho da família perto da cidade de Shechem. Quando o rapaz chegou a Shechem, os irmãos o sequestraram e o jogaram num fosso; em seguida o venderam como escravo a mercadores egípcios.

Yossef terminou trabalhando para um dignitário egípcio, depois passou 12 anos numa masmorra egípcia e finalmente se tornou vice-rei daquele país.²

Vinte e dois anos após Yossef ser arrancado de seu pai, a Torá relata³ que Yaacov soube que ele estava vivo, mas não pôde acreditar. O Midrash relata que como Yossef suspeitava que isso pudesse acontecer, ele deu aos emissários um sinal para demonstrar ao pai a autenticidade da mensagem: "Digam ao meu pai," Yossef sugeriu, "que quando eu o deixei há 22 anos, tinhamos acabado de completar o estudo das leis do bezerro que foi levado como expiação para um assassinato não resolvido."

Este, explica o Midrash, é o significado do versículo bíblico que diz: "Eles contaram a ele, 'Yossef ainda está vivo e ele é o governador de todo o Egito,' mas seu coração rejeitou isso, pois ele não podia acreditar neles. Porém, quando relataram a ele todas as palavras que Yossef lhes tinha dito, e ele viu as carroças que Yossef tinha enviado para transportá-lo, então o espírito de Yaacov foi revivido."

O termo hebraico usado para carroças ("agalos") também pode ser traduzido como bezerros. "quando Yaacov 'viu' os bezerros que Yaacov enviou," i.e., quando ele entendeu que este líder egípcio sabia o conteúdo da última lição de Torá que Yaacov ensinara a Yossef, Yaacov percebeu que este homem era de fato seu filho perdido, Yossef.

Um assassinato não solucionado

Qual é exatamente a natureza dessa lei que Yaacov ensinou a Yossef? Ela é discutida no Livro de Devarim:

.....
“Quando um cadáver é encontrado caído no campo na terra que D'us dá para você,” a Torá instrui⁴, “não se sabe quem é o assassino, seus anciãos e juízes devem sair e medir a distância até a cidade mais próxima,” onde presumimos que a vítima estava antes de seu assassinato.

O Talmud explica que uma delegação de cinco membros do Supremo Tribunal Judaico em Jerusalém (conhecido como o Grande Sanhedrin) ia ao campo onde a vítima foi encontrada e fazia as medidas até a cidade mais próxima⁵.

Em seguida, os anciãos daquela cidade situada mais próximo ao cadáver eram obrigados a sair e levar um novilho como expiação pelo sangue do homem assassinado. Os anciãos da cidade então declaravam: “Nossas mãos não derramaram este sangue e nossos olhos não testemunharam isso⁶.”

Então os sacerdotes que acompanhavam os anciãos no ritual imploravam a D'us, dizendo: “Perdoa Teu povo... não permite que a culpa pelo sangue inocente permaneça com Teu povo Israel⁷.”

A Torá conclui dizendo que “O sangue assim deve ser expiado. Vocês devem se livrar da culpa do sangue inocente em seu meio, pois fizeram aquilo que é moralmente certo aos olhos de D'us⁸.”

Porém a questão interessante é: foi apenas uma coincidência que o último pedaço de sabedoria que Yossef recebeu de seu pai antes da separação de 22 anos estivesse concentrada na resposta judaica a um homem inocente morto no campo? Ou havia algo mais profundo sobre essa conversa final entre pai e filho⁹?

Uma crise nacional

Para responder a essa pergunta, devemos examinar o propósito do enigmático ritual que se seguia à descoberta de uma vítima assassinada no campo – onde membros da Suprema Corte, o grupo mais exaltado e distinto no estado judeu, era requisitado a ir e tomar medidas; os anciãos da cidade eram obrigados a oferecer um bezerro como expiação e os sacerdotes precisavam rezar pelo perdão.

Os comentaristas bíblicos explicam que o ritual conseguia vários benefícios¹⁰:

1 – O ritual servia como um meio para divulgar o evento. A publicidade aumentava as chances de apreender o assassino e levá-lo à justiça. Seria também um aviso a todos os potenciais futuros assassinos para que eles não saíssem impunes do assassinato de um homem inocente.

2 – A Torá considerava cada membro da cidade próxima e até cada membro da nação inteira indiretamente responsável pelo assassinato. Como proclamavam os sacerdotes durante o ritual: “Perdoa Teu povo; não permite que a culpa pelo sangue inocente permaneça com Teu povo Israel.”

“Poderia ocorrer a alguém que os anciãos do tribunal são assassinos,” pergunta o Talmud¹¹?” O que eles queriam dizer era que “talvez nós não o vimos saindo e mandamos embora sem comida e sem escolta.”

Claramente, se tivéssemos olhado por este homem, ele poderia não ter sido assassinado. Se ele tivesse recebido abrigo, comida e companhia, poderia ter escapado desse horrível destino. O que

ele estava fazendo sozinho na terra de ninguém? Por que ninguém cuidou dele?

Por isso a comunidade inteira de Israel, começando com os membros da Suprema Corte, precisavam fazer duras perguntas a si mesmos. Eram obrigados a tomar resoluções para o futuro. O ritual servia como uma ferramenta para arrependimento e expiação.

Os excluídos

Toda mitsvá e lei na Torá contém, além de sua interpretação literal, uma dimensão psicológica e espiritual.

Qual é o significado de “um cadáver caído no campo” num nível psicológico? A Torá descreve o grande lutador Esaú (irmãos gêmeo de Yaacov) como “um homem do campo”¹². Nos ensinamentos da Cabalá¹³, um campo – oposto à cidade – com frequência simboliza um ambiente que não tem cerca protetora, um local aberto e vulnerável a forças destrutivas da imoralidade, abuso e vício.

Toda comunidade produz um certo número daquilo que gostamos de chamar “excluídos”, que a certa altura da vida, em especial durante a adolescência, abandonam a “cidade” protegida e entram no “campo” abandonado para experimentar aquilo que está disponível ali. Muitos deles perdem a alma no processo e terminam caindo no abismo, emocionalmente assassinados nos campos da morte do vício, desespero e indiferença moral.

A Torá nos ensina que cada uma dessas almas que terminaram no “campo” e encontraram uma forma de morte emocional – morte da inocência, da esperança, da dignidade e do significado – é a preocupação e responsabilidade de todo membro da nação de Israel, incluindo os gigantes espirituais da Suprema Corte de Jerusalém!

Quando um ser humano vaga pelos campos assustadores da desesperança, todo indivíduo da comunidade, especialmente seus mestres e líderes espirituais devem sacudir os céus. Cada um de nós deve se perguntar: “Talvez não tenhamos percebido ele saindo e o enviamos para fora sem comida e sem escolta.” Este adolescente precisou de alguém para conversar sobre suas frustrações e dúvidas mas não pôde encontrar ninguém? Este jovem estava ansiando por amor, encorajamento, inspiração, sem conseguir?

Cada um de nós deve se perguntar: “Não somos responsáveis de alguma maneira pela deterioração mental e psicológica desse jovem?”

Diretores, educadores e líderes de comunidades com frequência falam sobre estatísticas. “As estatísticas mostram,” eles nos informam, “que uma certa porcentagem de alunos do ensino médio terminam...” Quando o futuro de uma criança em particular é colocado em questão, temos a resposta pronta: “O que você espera? Ele ou ela é parte da estatística.”

Não pretendo ser rigoroso, mas devemos nos lembrar que foi Yossef Stalin que disse: “Uma única morte é uma tragédia; um milhão de mortes é estatística.” Quando começamos a ver as pessoas como estatísticas, sabemos que nossa sociedade está desmoronando. Vidas humanas não são meios; são fins em si mesmas. O valor e santidade do destino de um indivíduo é infinito, absoluto e eterno.

Os Julgamentos de Nuremberg

Em “Julgamento em Nuremberg”, o juiz americano **Dan Haywood** condena **Ernst Janning**, uma importante figura legal na Alemanha antes até do surgimento de Hitler, **à prisão perpétua por condenar um médico judeu inocente à morte em 1935**. Janning suplica a Haywood que não sabia da magnitude do horror nazista e que jamais teria ajudado Hitler se soubesse o que aquele monstro estava planejando.

“Aqueles pessoas, aqueles milhões de pessoas,” Janing implorou pela sua liberdade, “eu nunca soube que chegaria àquilo. Você precisa acreditar nisso.”

Ao que o juiz Haywood respondeu: “O ponto é que da primeira vez que você condenou um homem à morte você sabia que ele era inocente.”

No momento em que uma única vida perde o valor absoluto, mil vidas, até um milhão de vidas, não têm valor; são meramente números mais chocantes.

Esta é a mensagem essencial por trás da mitsvá de transformar o assassinato de um homem sem teto encontrado num campo isolado num evento nacional. A Torá está tentando nos ensinar que se o inferno não se agita com a morte injusta de um único indivíduo, estamos a caminho da absoluta decomposição moral; conseguimos abandonar a parte mais importante da humanidade – ver cada e toda vida como um reflexo de D'us.

Você é importante!

Acima de tudo, este ritual sobre um ser humano sendo assassinado no campo dá um mensagem para aquelas crianças ou adultos que **se encontram no “campo” da confusão e da depressão**.

A mensagem é que sob a perspectiva de D'us, sua vida individual e seu destino contêm valor e significado. Se você “morrer”, D'us espera que todos sintam a dor, para tomar parte no caminho da introspecção. Sua jornada, sua luta, seu futuro são da maior importância para D'us, para o mundo, para a história. Saiba que toda ação conta, que cada palavra tem poder infinito. Construa cada dia da sua vida como se fosse uma obra de arte. Agora entenderemos por que a providência fez Yaacov ensinar essa lição a Yossef horas antes de ele ser atirado a uma nova realidade infernal.

Pois esta foi a mensagem que salvou um Yossef vulnerável de cair no abismo, após ser brutalmente separado de uma cidade abrigada e sagrada e ser jogado no “campo” mais depravado da terra.

A última lição que Yossef ouviu do pai imbuiu-o com a convicção inabalável de que sua vida, cada momento dela, era eternamente importante; que suas escolhas tinham significado divino.

Vinte e dois anos depois, quando Yaacov soube que Yossef não esquecera aquela última lição, a alma de um pai foi trazida de volta à vida. Yaacov reconheceu que apesar de todo o sofrimento e abuso que Yossef passou, não perdera a centelha interior que dá à nossa vida nobreza e significado intermináveis.

Este ensaio é baseado numa palestra do Rebe em agosto de 1981

NOTAS

1. Midrash Rabah Vayigash 94:3; Tanchumah Vayigash seção 11; Rashi sobre Bereshit 45:27-2
2. Bereshit 37:12-41:45.
3. Bereshit 45:26-27
4. Devarim 21:1-2
5. **Soteh 44b. Citado por Rashi sobre Devarim ibid.**
6. O heifer foi decapitado. Há uma tradição midráshica divergente de que o heifer foi meramente atingido no pescoço e portanto pôde fugir e encontrar a casa do assassino (Midrash Agadah; Bechaya).
7. Devarim 21:3-8
8. Ibid. Versículos 8-9
9. Outro ponto em questão: Pelo Midrash parece que o espírito de Yaacov foi revivido primeiramente por causa da informação que ele recebeu de que Yossef lembrava tão bem da lição final. Porém isso parece incompleto: a notícia de que Yossef estava vivo era insuficiente para restaurar a vida e a alegria de Yaacov? (Veja Likutei Sichot vol. 30 pág. 222).
10. **Veja Rambam, Guia para os Perplexos 3:40, citado em Ramban e Bechaya sobre Devarim 21:1.** Cf. Sefer HaChenuch Mitsvá 530 e Abarbenel sobre a Parsah. Veja também Kesef Mishnah sobre Hilchot Rotzach 10:6, Behaya sobre Devarim 21:1. Ramban ibid. Cf Likutei Sichot vol. 24 págs. 126-8 e na nota #59 e referências ali anotadas.
11. **Soteh 45 b. Citado em Rashi ibid. 21:7.**
12. Bereshit 25:27
13. Or Hatorah sobre Bereshit ibid (pág. 142b); Likutei Torah Reah pág. 32b; referências notadas em Likutei Sichot vol. 30 pág. 223 nota nº 17.

Eu Sou Yossef

Por Yosef Y. Jacobson

Disfarce

Havia dois mendigos sentados lado a lado numa rua da Cidade do México. Um estava vestido como cristão, com uma cruz na frente da roupa; o outro era um judeu chassídico com uma longa barba e casaco negro.

Muitas pessoas passavam por ali, olhavam para os dois mendigos e então colocavam dinheiro no chapéu daquele com a cruz.

Após horas disso, um padre aproximou-se do mendigo judeu e disse: “Você não entende? Este é um país católico. As pessoas não vão lhe dar dinheiro se ficar sentado aqui como um verdadeiro judeu, especialmente porque está perto de um mendigo que tem uma cruz. Na verdade, eles provavelmente darão dinheiro a ele para te espicaçar.”

O pedinte chassídico ouviu o padre e, voltando-se ao mendigo vestido como cristão, disse: “Moshê... olha só quem está tentando nos dar uma lição de Marketing.”

A Identidade de Um Irmão é Revelada

A história de Yossef revelando-se aos seus irmãos após décadas de amarga separação é, sem dúvida, uma das mais dramáticas de toda a Torá. **Vinte e dois anos antes**, quando Yossef tinha dezessete anos, seus irmãos por desprezo o raptaram, jogaram num fosso e depois o venderam como escravo a mercadores egípcios.

.....
No Egito ele passou doze anos na prisão, de onde foi libertado para tornar-se vice-rei do país que era a superpotência da época. Agora, mais de duas décadas depois, o momento finalmente era propício para a reconciliação.

“Yossef não pôde mais controlar suas emoções,” relata a Torá na porção desta semana¹. “Ele dispensou todos seus assistentes egípcios de sua câmara, para que ninguém mais estivesse presente quando se revelasse aos seus irmãos. Ele começou a chorar com soluços tão fortes que os egípcios do lado de fora podiam ouvi-lo. E Yossef disse aos irmãos: ‘Eu sou Yossef! Meu pai ainda está vivo?’ Os irmãos ficaram tão horrorizados que não conseguiram responder.

“Yossef disse aos irmãos: ‘Por favor, aproximem-se de mim.’ Quando eles se aproximaram, ele disse: ‘Eu sou Yossef, seu irmão – fui eu que vocês venderam no Egito.’

“Não se aborreçam, nem se reprovem por terem me vendido aqui, pois foi algo bom D’us ter me mandado à frente de vocês... D’us mandou-me aqui para garantir sua sobrevivência na terra e apoiar vocês para um importante pronunciamento.”

Analizando o Encontro

Emoções não são equações matemáticas que poderiam ou estariam sujeitas a escrutínio e análise acadêmica (exceto, talvez, no consultório do seu analista). **Emoções, a textura através da qual sentimos a vida em toda sua majestade** e tragédia, professam “leis” independentes e uma linguagem singular, bem distinta da calculada e estruturada da ciência.

Apesar disso tudo, ainda nos sentimos obrigados a entrar em sintonia com a fraseologia específica empregada pela Torá para descrever este encontro carregado de emoções, quando Yossef revela sua identidade aos irmãos.

Quatro observações vêm de imediato à mente².

1. Após Yossef expor sua identidade aos irmãos, pede a eles que se aproximem. Apesar do fato de eles estarem sozinhos com ele numa sala reservada, Yossef deseja que se aproximem ainda mais. Naquele instante estamos esperando que Yossef partilhe com os irmãos um segredo íntimo. Mas isso não parece ocorrer.

2. Depois que eles se aproximam, Yossef diz: “Eu sou Yossef, seu irmão – a quem vocês venderam no Egito.” Porém ele já tinha contado a eles que era Yossef!

3. Por que Yossef se sentiu obrigado a informar que eles o tinham vendido aos egípcios, como se eles não soubessem o que tinham feito ao irmão mais novo? Por que ele não começou imediatamente sua explicação sobre por que eles não precisavam se reprovar por tê-lo vendido?

4. Na primeira vez que Yossef se revela ele não se define como irmão deles; porém quando ele se repete, menciona o sendo de fraternidade: “Eu sou Yossef, seu irmão.” Por que a diferença?

A Alma Não Reconhecida

A mais longa narrativa contínua em toda a Torá está em Bereshit cap. 37 a 50, e não há dúvida de que seu herói é Yossef. A história começa e termina com ele. Nós o vemos como criança, órfão de mãe e amado pelo pai; nós o observamos como um adolescente sonhador, invejado pelos irmãos; vemos Yossef

como escravo, depois prisioneiro no Egito; então o vemos se tornar o segundo mais poderoso no maior império do mundo antigo. Em todas as partes, a narrativa se desenvolve ao redor dele e seu impacto sobre os outros. Ele domina o último terço do Livro de Bereshit, eclipsando todos os outros.

No decorrer de toda a Torá, não há ninguém que cheguemos a conhecer tão intimamente como Yossef. A Torá parece estar encantada com Yossef, suas jornadas e conflitos, mais que com qualquer outra figura, talvez ainda mais que com os dois pilares da fé judaica, Avraham e Moshê. Qual é a mística por trás de Yossef? Quem é ele?

A vida de Yossef incorpora todo o drama e paradoxo da existência humana. **O Yossef por fora não era o Yossef por dentro**; seu comportamento exterior jamais fez justiça à sua autêntica imagem interior. Mesmo quando era jovem, seus irmãos não conseguiam avaliar a profundidade e nobreza de seu caráter.

O Midrash ³ vê a descrição de Yossef aos dezessete anos como um “jovem”, como a indicar o fato de que ele devotava muito tempo a arrumar o cabelo, **cuidar dos olhos** e caminhar como um rapaz mimado, vaidoso e cheio de pompa. Então, quando Yossef se ergueu para tornar-se vizir do Egito, ele encarnou a pessoa de um carismático líder de estado, um belo, charmoso e poderoso jovem líder, um diplomata habilidoso, um político experiente e um economista inteligente, com enorme ambição.

Não era fácil perceber que por baixo dessas qualidades estava uma alma em fogo com paixão moral, um espírito análogo para quem o legado monoteísta de Avraham, Yitschac e Yaacov permanecia como epicentro de sua vida; um coração repleto de amor a D’us.

A singular condição de Yossef – incorporando o paradoxo da condição humana – é pungentemente expressa num versículo da Torá 4: **“Yossef reconheceu seus irmãos mas eles não o reconheceram.”**

Yossef identificou facilmente a santidade dentro de seus irmãos. Afinal, eles viveram a maior parte da vida isolados como pastores espirituais envolvidos em prece, meditação e estudo. Porém estes mesmos irmãos não tiveram a capacidade de discernir a riqueza moral incrustada na profundidade do coração de Yossef.

Mesmo quando Yossef estava morando com eles em Israel, eles o viam como um forasteiro, um perigo à integridade da família de Israel. Certamente, quando o encontraram como líder no Egito, **não conseguiram ver atrás da máscara de político experiente o coração de um tsadic, a alma de um Rebe.**

O Fogo no Carvão

Esta dupla identidade que caracterizava a vida de Yossef mostrou-se da maneira mais poderosa quando a esposa de seu amo tentou seduzi-lo a ter relações íntimas. Por fora, ela pensou, não seria muito difícil convencer um jovem escravo abandonado a sacrificar sua integridade moral em troca de atenção e algum divertimento.

Mas, quando chegou a hora da verdade, quando Yossef se viu frente a frente com o teste dos testes, ele demonstrou uma coragem heróica ao resistir e fugir da casa dela. Como resultado daquele ato, ficou na prisão por 12 anos.

.....
O Midrash 5 compara Yossef ao fresco manancial de água escondido nas profundezas da terra, oculto por camadas de pedras e entulho. Numa metáfora ao contrário ilustrando o mesmo ponto, a Cabalá vê Yossef como a chama oculta dentro do carvão. Por fora, o carvão parece preto, escuro e frio; porém, quando você se expõe à sua verdadeira textura, pode sentir o calor, o fogo e a paixão. Você se queima.

Revelação

E então chegou o momento em que Yossef retirou a máscara. O Zohar, comentário cabalista fundamental sobre a Torá, apresenta uma penetrante visualização do que ocorreu no momento em que Yossef se revelou aos seus irmãos.

Quando ele declarou “Eu sou Yossef”, diz o Midrash, “seu rosto ficou em chamas como uma fornalha ardente.”

A chama oculta durante 39 anos dentro do carvão emergiu com força total. Pela primeira vez na vida, os irmãos de Yossef o viram como ele era; entraram em contato com a maior santidade no mundo emergindo da face do vizir egípcio...

Perda

“Seus irmãos ficaram tão horrorizados que não conseguiram reagir,” relata a Torá. O que perturbou os irmãos não foi tanto um senso de temor ou culpa pessoal.

O que mais os aterrorizou foi a sensação de perda que sentiram por si mesmos e pelo mundo inteiro como resultado de sua venda ao Egito.

“Se após passar 22 anos numa sociedade moralmente depravada,” pensaram eles, “um ano como escravo, doze anos como prisioneiro, nove anos como político – Yossef ainda conservava tamanha santidade e paixão, o quanto não seria mais sagrado se tivesse passado estes 22 anos ao lado de seu justo pai Yaacov?”

“Que perda para a história nossas ações provocaram!” atormentaram-se os irmãos, “Se Yossef poderia ter passado todos estes anos no oásis transcendente, **num ambiente sagrado**, na ilha espiritual do Patriarca Yaacov – como o mundo poderia ter se enriquecido com um brilho tão atômico de santidade em seu meio!”

O contraste entre a condição atual de Yossef e aquele que poderia ter sido o seu potencial deixou os irmãos com um sentimento irreparável de perda, pois sentiram que era uma oportunidade perdida de proporções históricas.

O Erro

Neste momento, “Yossef disse aos irmãos, ‘Por favor, aproximem-se de mim.’” Yossef queria que eles se aproximassem ainda mais e olhassem profundamente para a luz Divina que brotava do seu semblante.

“Quando eles se aproximaram,” relata a Torá, “Ele disse: ‘Eu sou Yossef, seu irmão – fui eu que vocês venderam ao Egito.’”

Yossef não estava meramente repetindo aquilo que lhes falara antes (“Eu sou Yossef”), nem estava os informando de um fato do qual estavam bem conscientes (“Fui eu que vocês

venderam ao Egito”), ao contrário, ele estava respondendo ao senso de perda irreparável dos irmãos.

As palavras **“Eu sou Yossef seu irmão – fui eu que vocês venderam ao Egito”** no original hebraico também pode ser traduzido como **“Eu sou Yossef seu irmão – porque vocês me venderam ao Egito.”**

O que Yossef estava declarando era que o único motivo para ele ter atingido tamanhas alturas espirituais foi porque ele passou os últimos 22 anos no Egito, não no ambiente sagrado de Yaacov.

O brilho imenso que emanava de sua presença, Yossef sugeriu, não estava lá apesar das duas décadas na depravada sociedade egípcia, tão longe do paraíso celestial de seu pai; estava lá exatamente como resultado de seu envolvimento com uma vida estranha ao caminho inocente e correto de seus irmãos.

As incríveis provações e a adversidade que ele enfrentou na selva espiritual são exatamente o que desencadeou o brilho espiritual que os irmãos estavam presenciando.

Se Yossef tivesse passado as duas décadas viajando com seu pai pela estrada pavimentada da lucidez psicológica e espiritual, ele certamente teria atingido grandes alturas intelectuais e emocionais.

Porém foi apenas o seu confronto com um abismo fulgurante que deu a Yossef aquela majestade singular, paixão e poder que desafiaram até a rica imaginação dos seus irmãos.

É por isso que Yossef pediu aos irmãos que se aproximassem dele, para que pudessem contemplar de mais perto sua luz singular e avaliar que era uma luz que poderia emergir somente da profundidade das trevas, do abismo da promiscuidade egípcia.

[Este é também o motivo para Yossef mencionar, pela segunda vez, o elemento da fraternidade. Pois Yossef estava tentando não apenas contar-lhes quem era, mas partilhar a realidade do seu parentesco, o fato de que ele, assim como eles, estava profundamente conectado com suas raízes espirituais].

Se Pelo menos...

Assim como os irmãos, muitos de nós também, passamos nossa vida pensando “Se pelo menos...” Se pelo menos minhas circunstâncias tivessem sido diferentes; se eu tivesse nascido num tipo diferente de família; se eu tivesse uma personalidade melhor...

A eterna lição de Yossef é que a jornada individual de sua vida, com todos os altos e baixos, é que permite que você descubra seu lugar único neste mundo como servo de D’us
6. Às vezes, são os 22 anos no “Egito” que dão a você a mais profunda clareza e intimidade com a vida e com D’us.

NOTAS

- 1) Bereshit 45:1-7
- 2) As seguintes observações são discutidas por muitos dos comentaristas bíblicos, que oferecem várias explicações (veja Midrash Rabah, Rashi, Ramban, Klei Yakar, Or Hachaim).
- 3) Midrash Rabah Bereshit 84:7. Citado em Rashi sobre Bereshit 37:2.
- 4) Bereshit 42:8.
- 5) Midrash Rabah ibid. 93:3.

6. 7) Este ensaio é baseado em escritos chassídicos. Veja Sefer Halikutim sob a entrada Yossef e todas as referências ali anotadas; Sefer Letorah U'Lemoadim (por Rabi Shlomo Yosef Zeviin) Parashat Vayigash (págs. 60-61); Sefat Emet Vayigash (sobre o versículo "Asher Nechartem"); Licutê Sichot vol. 25 págs, 255-257 e as referências ali anotadas.

Meus agradecimentos a Shmuel Kuperman (Brooklyn, NY) por compartilhar comigo o núcleo de sua introvisão.

Fortuna Espiritual

Vivendo com o Rebe

Na Porção desta semana da Torá, Vayigash, Yossef, vice-rei do Egito, revela dramaticamente sua verdadeira identidade a seus incrédulos irmãos. Yossef lhes assegura que toda a sequência de eventos, começando com sua venda como escravo até sua subida ao poder, foi a mão de D'us guiando-o lá do Alto.

"Não foram vocês que me enviaram para cá, mas sim D'us" – diz ele aos irmãos. Yossef, então, pede-lhes para levar a seguinte mensagem a seu pai, Yaacov: "D'us fez-me senhor de todo o Egito. Desce até mim (ao Egito); não tardes." À primeira vista, a escolha das palavras de Yossef parece estranha. Se a intenção de Yossef era meramente convencer Yaacov a empreender a longa jornada, por que ele imaginaria que seu idoso pai seria movido pela notícia de que seu filho agora ocupava um alto cargo político?

Ao contrário, Yaacov sabia que o povo judeu estava destinado a ir para o exílio no Egito. Quando soube da subida de Yossef ao poder, entendeu que isso era parte integrante daquele processo. Uma vez que aquele estágio fora atingido, era tempo de Yaacov seguir e ter início a próxima fase.

Muitos anos antes, D'us tinha explicado o objetivo do exílio no Egito: "Depois (do exílio), eles surgirão com grande riqueza" – D'us prometera a Avraham. Sob a direção de Yossef, o Egito se transformara num país rico. Como retribuição pelos alimentos que tão sagazmente estocara, **Yossef recebera grande parte da fortuna do mundo – tudo isso feito para que os judeus partissem do Egito "com grande fortuna"**. Porém, o conceito de "grande fortuna" deve ser entendido também num nível mais profundo, não apenas no sentido literal.

Os bens materiais acumulados pelos judeus foram apenas um reflexo da grande riqueza espiritual com a qual eles deixaram o Egito. **Pois os judeus foram enviados ao exílio com o propósito de extrair e refinar as centelhas de santidade ocultas no local** mais moralmente degradado e degenerado da terra – o Egito. Aquelas centelhas de pureza, uma vez livres de sua prisão nos **"49 portais de impureza"** do Egito, foram a suprema riqueza conseguida pelos judeus durante seu exílio.

O acúmulo de "fortunas" é, da mesma forma, o propósito de nosso exílio atual – extrair o bem do mundo corpóreo e transformá-lo em santidade aplicada no cumprimento de Torá e mitzvot. Esse processo agora está completo. No decorrer de milhares de anos de exílio, o povo judeu descobriu e elevou todas essas centelhas de santidade, dispersas pelos quatro cantos da terra. Segundo o plano Divino, chegou portanto o tempo de D'us cumprir Sua promessa e enviar Mashiach, agora.

Uma Luz no Fim do Túnel

Por Rabino Simon Jacobson

Imagine que você viveu sua vida inteira num túnel escuro. Seus pais e avós também viveram ali, assim como os pais e avós deles. Você se acostumou à escuridão e desenvolveu as habilidades necessárias para sobreviver. Você vive sua vida, às vezes cambaleando na escuridão, em outras, tateando para encontrar o caminho. Está totalmente resignado com o fato de que a vida é assim, e que sempre continuará a ser.

Mas alguém lhe contou, ou você leu em alguns livros antigos que há muito tempo, seus ancestrais viviam num local muito diferente, bem iluminado. Você ouviu falar que na verdade existe uma luz no fim desse túnel, que você não tem necessariamente de passar a vida toda nas trevas.

No entanto, você está céptico. Afinal, esta escuridão é a única vida que conhece. Depois de tantas gerações vivendo nesse túnel, você pode realmente acreditar em alguma velha fábula sobre a possibilidade de vida lá fora? Além disso, você aprendeu a se virar aqui, ficar à vontade na escuridão, portanto, por que desejaria arriscar mudando as coisas?

E mesmo assim, alguma coisa dentro de você diz que a escuridão não é a coisa certa para sua vida. Não importa o quanto você esteja acostumado a ela, ainda se sente inquieto e inseguro. Percebe que embora a escuridão possa ser uma parte da vida, não é a vida em si.

À medida que tropeçamos e abrimos nosso caminho na vida, todos nós perguntamos se algum dia encontraremos a verdadeira felicidade. Encontraremos paz dentro de nós e levaremos uma vida realmente significativa, ou estamos destinados a uma vida permeada de medo e confusão? A virtude e a verdade realmente prevalecerão? Se não, como podemos justificar a nossos filhos e nós mesmos a necessidade de aderir aos princípios morais e éticos? Afinal, embora a natureza humana anseie por um propósito mais elevado, qual a finalidade de tanto esforço para levar uma vida virtuosa se isso não conduz a lugar algum?

A resposta é Mashiach, a luz no fim do túnel. Mashiach é quando D'us está nos dizendo que o motivo pelo qual Ele criou o universo será de fato realizado – que a bondade prevalecerá e que nossa vida poderá ser significativa. Mashiach é tanto uma parte integral do projeto de D'us quanto uma parte integral da vida humana. Sem ele, nossas vidas seriam de fato sem sentido – um túnel interminável de trevas, com pouca percepção sobre uma existência alternativa e nenhuma esperança de atingir aquela luz.

Como Pedir Desculpas

Por Yaakov Lieder

Um mestre chassídico certa vez perguntou a seus discípulos: "Se vocês se perderem numa floresta, é melhor que seja a pé ou a cavalo?"

"É claro que o melhor é se perder andando a pé" – respondeu um dos discípulos. "Você não estaria perdido tão longe como se estivesse a cavalo."

A isso o Rebe replicou: "É melhor se perder estando montado a cavalo. Porque no minuto em que você notar que está perdido, pode sair da floresta muito mais depressa."

Durante nossa jornada pela vida com frequência nos perdemos. Cometemos erros. Isso é inevitável. Quanto tempo demoramos

.....
para reparar nossos erros quando os descobrimos – isso é que faz a verdadeira diferença na qualidade de nossa vida.

Algumas pessoas consideram muito difícil abordar alguém a quem magoaram, e desculpar-se pelo sofrimento que talvez tenham causado. Quantos relacionamentos pessoais e profissionais poderiam ter sido salvos, quantos lares desfeitos teriam sido evitados, quantos afastamentos entre pais e filhos teriam sido resolvidos – se uma das partes envolvidas tivesse tido a coragem de encarar a outra pessoa e dizer: "Sinto muito!" Ainda que acreditemos não tê-lo feito com más intenções ou que não erramos, mesmo assim podemos nos desculpar pela dor que a outra pessoa sofreu.

Admiro a enfermeira que, antes de dar uma injeção, diz ao paciente: "Desculpe, mas isso vai doer." Embora suas ações sejam em benefício do paciente, ela ainda se desculpa pela dor que vai causar a ele."

Algumas pessoas ficam preocupadas ao dizer "Sinto muito". Talvez pensem que ao fazê-lo estarão admitindo que erraram. Talvez temam o que pode acontecer se sua desculpa for rejeitada. No entanto, receberíamos mais respeito do próximo se tivéssemos a coragem de nos desculpar. Tudo que diríamos seria: Sou mais inteligente hoje do que fui ontem, e aprendi alguma coisa nova.

"É nossa ira que nos faz entrar numa briga" – disse certa vez um sábio – "e nosso ego que nos faz continuar nela."

Certa vez, quando eu estava me desculhando com um velho amigo, ele sorriu e disse-me: "Eu gostaria de ter sido tão corajoso quanto você, e pedido desculpas." Nossa antiga amizade foi restaurada e hoje está muito mais forte do que jamais este antes.

Como se desculpar? Apenas faça isso. Com frequência, é preciso apenas dar uma volta com o cavalo e sair da floresta.

Quem é Rico?

Como tinham razão nossos sábios quando respondiam à pergunta "Quem é realmente rico?" com "Aquele que está contente com o que possui!"

Desde a Criação do homem estamos enfrentando esta situação. O episódio do Jardim do Éden é por demais conhecido. Todas as árvores frutíferas e tudo o que havia no Paraíso foi desprezado. Adam e Chava não conseguiam aproveitar nada do Jardim do Éden, enquanto seus pensamentos se concentravam na árvore do Conhecimento, que lhes for a negada.

Este não é sem dúvida um incidente isolado e extraordinário. É a história do homem desde seus primórdios. É o que afeta a cada um de nós e muitas vezes nos afasta de nossos filhos.

Conta-se a esse respeito que uma pessoa colocou certa vez uma placa num terreno baldio com os dizeres: "Darei esta propriedade a quem estiver realmente satisfeito". Um rico fazendeiro ao passar de carro, leu o aviso. Parou e pensou na possibilidade de também poder vir a possuir este lote, como qualquer outra pessoa o teria feito.

Dirigiu-se ao proprietário explicando o motivo de sua vinda. "Você está realmente satisfeito?" - pergunta-lhe este. "Sim, tenho tudo de que necessito e estou plenamente satisfeito, responde o

fazendeiro. "Amigo, se você já está satisfeito, por que deseja então meu lote?"

A maioria de nós precisa perceber que a satisfação não se encontra nos objetos, mas sim nas atitudes: ser feliz com o que temos e não nos deixar levar pelo que não possuímos. A alegria não reside no fato de mudar-se de uma casa para uma casa maior; trocar um carro usado por um zero km ou deixar a cidade pelo campo. É aquilo que existe dentro de nossos corações que faz da vida um jardim do Éden, um Paraíso ou um inferno

Você Vai Kvetch (lamentar-se) ou Vai Liderar?

Assumindo Responsabilidade pelos Filhos

Por Yosef Y. Jacobson

Conta a história que em 12 de abril de 1945, Harry S. Truman foi chamado à Casa Branca. Levado até a sala de Eleanor Roosevelt, ela informou ao vice-presidente que seu marido, o Presidente Roosevelt, tinha morrido.

"Posso fazer alguma coisa pela senhora?" perguntou Truman após um instante de reflexão.

"Posso fazer alguma coisa por você?" respondeu Eleanor. "É você que está com problemas agora!"

Transformação de um irmão

Yossef não podia conter as lágrimas, e nós também não podemos, quando lemos todo ano a história de como após um feudo e separação que durou vinte e dois anos, o Primeiro Ministro do Egito, Yossef, revela sua verdadeira identidade aos irmãos que certa vez tinham tentado matá-lo e vendê-lo como escravo [1](#).

Não menos comovente é o discurso apresentado por Yehuda, obrigando Yossef a revelar-se aos seus irmãos.

Todos estamos familiarizados com a história: após ter sua taça de prata colocada no alforje de seu irmão Benjamin, Yossef o acusa de roubo, e convoca o "ladroão" Benjamin para ser seu escravo. Yehuda procura o vice-rei do Egito, sem saber que este era Yossef, e explica a ele que de maneira alguma poderia retornar a Yaacov, seu pai idoso, sem o jovem Benjamin.

A Torá transcreve a exata apresentação de Yehuda [2](#):

"E agora se eu for ao teu servo, meu pai, e o rapaz [Benjamin] não estiver conosco, e sua alma está tão ligada com a alma dele, quando ele vir que o rapaz se foi, ele morrerá. E teus servos terão provocado a que os cabelos brancos de teu servo, nosso pai, sofra e vá para o túmulo.

"Porque teu servo [Yehuda] assumiu responsabilidade pelo rapaz [Benjamin] de meu pai, dizendo: 'Se eu não o trouxer a ti, então terei pecado contra meu pai, para sempre.'

"Agora, deixa teu servo [Yehuda] ficar no lugar do rapaz como servo para meu senhor, e deixe o rapaz ir com os irmãos..."

Vinte anos antes, o mesmo Yehuda disse aos seus irmãos [3](#): "O que ganharemos se matarmos nosso irmão [Yossef] e

.....
escondemos seu sangue? Vamos vendê-lo aos árabes e não feri-lo com nossas próprias mãos.”

Os irmãos concordaram. Yossef foi vendido e levado ao Egito como escravo, onde, anos depois, se tornou vice-rei do país.

Agora, quando o irmão mais jovem de Yossef, Beniamin, está para ser levado como escravo, Yehuda se oferece no lugar dele. Ocorreu uma metamorfose.

O tempo é propício para reconciliação e renovação. Yossef se reúne com sua família. Porém há mais.

O Presente da Realeza

A tradição afirma que a realeza na nação judaica pertence basicamente aos descendentes de Yehuda⁴. Obviamente, houve muitos monarcas que descendiam de outras tribos de Israel, como o Rei Saul da tribo de Beniamin, ou Yeravaam da tribo de Yossef. A dinastia hasmoneana, responsável pela Festa de Chanucá, era da tribo Levita.

Porém, como Yaacov disse ao seu filho Yehuda no leito de morte, o presente da realeza foi conferido especificamente sobre ele e seus descendentes⁵; a qualidade de liderança foi imbuída na própria química psicológica e espiritual dos descendentes de Yehuda, produzindo no decorrer das gerações numerosos líderes e reis, desde os monarcas da dinastia davídica até Mashiach, que também será um descendente de David, o tetraneto de Yehuda⁶.

Mas por quê? O que Yehuda fez para merecer isto? Foi por que ele foi o único que salvou Yossef de morrer num fosso vendendo-o como escravo? Foi por causa da sua coragem de confessar publicamente que ele foi o homem que engravidou Tamar⁷?

Certamente, mas houve algo mais, podemos sugerir. Foi a declaração de Yehuda na porção dessa semana, Vayigash: “Porque teu servo assumiu responsabilidade pelo rapaz,” que talvez mais do que tudo demonstrou que o dom da liderança pertencia à alma desse homem.

Veja, apesar de sua inabalável promessa ao pai de trazer Beniamin de volta, Yehuda poderia ter retornado sem o rapaz, repleto de boas desculpas. “Não havia como lutar contra o vice-rei do Egito, o superpoder do mundo,” ou “Eu sei que prometi trazê-lo de volta, mas nosso querido irmão resolveu roubar a majestosa taça de prata da pessoa mais poderosa do mundo... então o que eu deveria fazer?” Ou “D’us aparentemente queria que Beniamin permanecesse lá, depois que a taça do vice-rei ‘milagrosamente’ apareceu na bolsa de Beniamin”; “ser escravo do vice-rei do Egito – nosso irmão Shimon pode relatar a nós – não é tão ruim, ele trata seus empregados com enorme dignidade⁸.”

“Sim, é terrível, mas o que eu poderia ter feito? O auto-sacrifício pode ajudar você a pular do telhado para o chão, não a pular do chão para o telhado!”

Estas são partes das desculpas que Yehuda poderia ter dado, e teria sido (pelo menos parcialmente) correto. Não se pode fazer muito para lutar contra a realidade. Eles encontraram a taça do Primeiro Ministro na bolsa de Beniamin e Yehuda não era o culpado.

Mas Yehuda era um líder. Ele sentia nos ossos a absoluta e total responsabilidade por uma situação, e não passaria o problema a

outros, nem mesmo àquilo que pode ser percebido como “realidade”. Como um líder genuíno, Yehuda ergueu-se e proclamou: “Porque teu servo assumiu responsabilidade pelo rapaz!” Sim, posso encontrar muitas maneiras de me vingar, mas o trabalho não será feito. Não se trata de mim – minha inocência ou culpa, meu mérito ou meu erro; trata-se de cumprir a missão: Beniamin deve voltar para o seu pai. É isso que faz um líder.

Desculpas vs. Ação

Vivemos numa geração em que muitas boas desculpas têm sido dadas para nossa fraca demografia e para a continuidade judaica se tornar uma espécie ameaçada. Muitos sociólogos têm, no decorrer dos últimos 50 anos, explicado alguns dos motivos para a assimilação em massa, casamentos mistos, ignorância, impropriedade sexual, apatia e conflito dentro da comunidade judaica e na geral.

O Holocausto, o secularismo a modernidade, falha da religião institucionalizada, o antissemitismo, hipocrisia de líderes religiosos, monotonia do ritual, liberalismo e, claro, a extraordinariamente a bem-sucedida integração dos judeus no estilo de vida moderno. Os muros do gueto, físicos e conceituais, finalmente ruíram.

Como frequente viajante para convenções judaicas e retiros em todo o mundo, tenho ouvido palestras e trabalhos analisando os desafios singulares de nossos tempos e as várias crises que ameaçam nosso futuro. Todos eles mostram pontos bons e fortes. Porém eu tenho também o privilégio de ver um “Yehuda”, que alguns anos após a incompreensível destruição de Auschwitz e Treblinka, levantou-se e declarou: “Teu servo assumiu responsabilidade pelo rapaz.” Eu, teu servo, assumi responsabilidade pessoal pela comunidade judaica coletiva e por todo indivíduo judeu.

Nas quatro décadas que seguiram este homem, um herdeiro biológico de Yehuda, não dormiria nem permitiria que ninguém dormisse. Sozinho ele habilitou milhares e milhares a parar de passar a responsabilidade, ou aliviar a consciência meramente fazendo uma contribuição a uma causa nobre. Ele os inspirou a assumir responsabilidade pessoal pelo bem-estar, continuidade e pela eternidade do povo judeu.

Não permita que “a realidade”, ele sempre ensinou, decida o futuro do povo judeu. Assuma responsabilidade pelo rapaz! Não descance até que toda criança judia do mundo tenha a oportunidade de ser libertada da escravidão espiritual, de sua subjugação a forças estranhas à sua essência, e, exatamente como Beniamin, possa retornar ao seu Pai no céu.

Todo ano neste Shabat, quando ouço as palavras “Teu servo assumiu responsabilidade pelo rapaz” lidas em voz alta no Rolo de Torá, meus olhos ficam velados de lágrimas. Na minha imaginação ainda vejo meu Rebe, seu rosto brilhando, ensinando durante horas, mas sempre culminando com essa forte mensagem.

“Você e eu devemos assumir responsabilidade pelo rapaz!” Não lamente, kvetch, suspire e preencha um cheque. Não se contente em organizar conferências e analisar todos os problemas. Em vez disso, saia da sua zona de conforto e toque o coração de outra pessoa. Construa comunidades, escolas, sinagogas e yeshivot.

Envolva-se e faça uma diferença na vida das pessoas. Dê a cada criança judia o presente de uma educação de Torá. Ajude as pessoas a entrar em contato com suas almas judaicas e seu

.....
legado espiritual. E acima de tudo, preocupe-se com o outro como se fosse seu próprio irmão.

"Você pode ter boas desculpas para sua falta de ação," ele sempre dizia, e ninguém vai culpá-lo." Porém o principal é que após toda a sua racionalização a criança Beniamin, continuará escravizada pelo Egito e sua cultura.

Em nossos tempos, com frequência sem líderes e sem metas, devemos fazer nosso o chamado de Yehuda. "Teu servo assumiu responsabilidade pelo rapaz." Nós também devemos.

NOTAS

1. Bereshit 45:1

2. Ibid. 44:18-34

3. Ibid. 37:26

4. Veja Rambam, Leis dos Reis 1:7-11

5. Bereshit 49:10. Veja os comentários do Rambam ibid. Cf. Salmos cap. 89, para a promessa de D'us a David.

6. Veja Rambam ibid. 11:4

7. Bereshit 38:26

8. Veja Bereshit 42:24.

12 – Parashat Vayechi

Gênesis 47:28-50:26

Seleções do Midrash

Midrashim Sobre a Parashat Vayechi

O Pedido de Yaacov

Após muito tempo de dificuldades, Yaacov passou seus últimos anos no Egito, em paz e felicidade imperturbáveis. Viu Yossef soberano, e todos os filhos, sem exceção, tsadikim seguindo seu legado.

A Torá define seus últimos dezessete anos como "Anos de Vida", pois o Espírito Divino pairava sobre Yaacov. D'us compensou-o desta forma pelos vinte e dois anos que passara enlutado por Yossef.

A Yaacov aplica-se o dito: "Tudo está bem, se termina bem."

Yaacov vivia com os filhos e netos no Egito, numa localidade chamada Goshen. Somente seu filho Yossef vivia na capital, porque era o governante.

Aos poucos, envelheceu e ficou mais fraco, até sentir que a morte se aproximava. Yaacov então pediu a Yossef que fosse visitá-lo. Disse a Yossef: "Quero que me faça uma promessa. Após minha morte, certifique-se de que eu não seja enterrado aqui no Egito! Leve meu corpo para Êrets Yisrael, a Terra Santa, e sepulte-me na Gruta de Machpelá onde estão meus pais, Avraham e Yitschac."

Yaacov ordenou isto a Yossef em vez de fazê-lo a qualquer dos outros filhos, porque sabia que não possuíam poder para realizar seu desejo. Apenas Yossef, o governador, poderia obter permissão do Faraó para deixar o Egito a fim de levar os restos mortais de seu pai a Êrets Yisrael. Yaacov fez Yossef jurar que faria isso por ele, e Yossef jurou.

Yaacov ficou feliz. Virou-se para a Presença Divina que pairava sobre sua cama (uma vez que a Divindade está presente sobre a cama de um enfermo) e curvou-se, agradecendo a D'us por seu desejo ter sido concedido.

O Midrash explica: Por que Yaacov pediu para não ser sepultado no Egito, mas apenas em Êrets Yisrael

Yaacov tinha várias razões pelas quais não queria ser enterrado no Egito:

- Com seu dom profético previu que, um dia, D'us enviaria dez pragas sobre os egípcios, e uma delas seria a praga dos piolhos. Os piolhos cobririam a terra do Egito e Yaacov não queria que seu corpo fosse coberto de piolhos.

- Yaacov temia que se fosse enterrado lá, seus descendentes considerariam o Egito sua pátria e terra natal. Ponderariam: "Se não fosse uma terra sagrada, não teria sido enterrado aqui."

Queria que seus descendentes estivessem sempre conscientes do fato de que estavam no Egito apenas temporariamente.

Yaacov também tinha uma razão para desejar especificamente ser enterrado em Êrets Yisrael:

- Nossos sábios ensinam que aqueles que são enterrados em Êrets Yisrael serão os primeiros a levantar-se em **Techiyat Hametim (Ressurreição dos Mortos)**.

Qual o destino de um judeu enterrado fora de Êrets Yisrael? D'us criará túneis subterrâneos especiais. Através desses, o corpo irá "rolar" até Êrets Yisrael. Então reviverá na Terra Santa. Portanto, Yaacov instruiu Yossef: "Não me enterre no Egito. Gostaria de ser poupado de revolver-me até Êrets Yisrael na época da Ressurreição dos Mortos."

Pediu também a Yossef: "Quero descansar junto com meus pais, e levantar em boa companhia quando chegar a hora certa."

Um judeu deve fazer os arranjos necessários para ser enterrado perto de tsadikim, justos, a fim de estar perto deles na hora da ressurreição.

Yaacov Adoece Antes de Falecer

Até a época de Yaacov, as pessoas estavam bem, e então, quando chegava a hora de seu falecimento, morriam subitamente. Ao final da vida, a pessoa espirrava uma vez, e com este espirro a alma deixava o corpo. (Por isso, quando alguém espirra, é costume desejar-lhe "Saúde!", para nos lembrar que certa vez, há muito tempo, o espirro era fatal, e agora, graças a D'us, não é mais.)

Yaacov rezou a D'us: "Se uma pessoa morre subitamente, não tem tempo de abençoar os filhos e dar-lhes instruções, nem resolver seus assuntos. Por favor, D'us, permita que haja um tempo preparatório de doença antes da morte, para que seja possível cuidar da minha família e fazer todos os arranjos necessários."

D'us aceitou a prece de Yaacov. Quando este ficou doente, sabia que estava na hora de abençoar os filhos e dar-lhes seus últimos ensinamentos.

.....
Todos os nossos patriarcas formularam pedidos semelhantes a D'us:

- Antes da época de Avraham, todas as pessoas tinham aparência jovem até falecerem. Avraham pediu a D'us que lhe conferisse sinais de idade, argumentando: "Se pai e filho têm a mesma aparência, como as pessoas saberão qual honrar ao adentrarem juntos um recinto? Destaque um homem idoso através de sinais como cabelos brancos e rugas. Então as pessoas saberão a quem respeitar."

D'us respondeu-lhe: "Você pediu algo bom! Por isso, começarei com você." Então Avraham começou a parecer-se com um idoso, e depois dele, toda a humanidade começou a apresentar sinais externos de idade.

- Antes de Yitschac, ninguém jamais sentira dor. Veio então Yitschac e pediu dor e sofrimento.

Disse a D'us: "Se alguém morrer sem a vivência da dor, lhe será aplicado todo o rigor do julgamento Celestial. Dores neste mundo o pouparão da punição no Mundo Vindouro."

D'us respondeu: "Você pediu algo bom! Começarei por você!" Em seguida, Yitschac ficou cego.

Yaacov pediu por doenças antes da morte. D'us disse: "Você pediu algo bom! Começarei com você!"

Conseqüentemente, Yaacov tornou-se o primeiro homem a adoecer antes de falecer.

- Antes da época do rei **Chizkiyáhu**, ninguém se recuperava de uma doença fatal. Chizkiyáhu rezou a D'us: "Se um homem permanecer saudável até sua morte, esquecerá de fazer teshuvá. Mas se alguém ficar gravemente enfermo, fará teshuvá, na esperança de recuperar-se." D'us disse: "Você pediu algo bom! Começarei com você!" Chizkiyáhu ficou gravemente doente, mas recuperou-se.

Este Midrash é um surpreendente guia para nossos dias e época. Se pudéssemos formular um desejo a D'us, qual seria?

Certamente, expressaríamos nosso desejo de juventude eterna, saúde, felicidade, e assim por diante. O Midrash nos conta que os patriarcas pediram justamente o contrário! Pediram para parecerem velhos, para terem dor e sofrimentos!

Por que reagiram de maneira diferente? A resposta é que atribuímos grande importância ao bem-estar neste mundo. Nossos patriarcas, contudo, estavam sempre cientes de que o objetivo da existência é o Mundo Vindouro. Portanto, pediram o que quer que promovesse o bem-estar espiritual e rejeitaram tudo o que pudesse ser obstáculo ao bem-estar da alma.

Yaacov Abençoa Efráyim e Menashê

Pouco depois, Yossef recebeu uma mensagem que dizia: "Seu pai está gravemente doente!" Esta notícia lhe foi trazida através de seu filho **Efráyim**, que freqüentava a casa de Yaacov em Goshen, a fim de estudar Torá. Foi à capital egípcia para relatar a seu pai acerca da condição crítica de Yaacov.

Osnat, esposa de Yossef, aconselhou-o: "Receber uma bênção de um tsadic equivale a receber uma bênção de D'us. Leve nossos filhos a Yaacov, a fim de que os abençoe!" Chamou

imediatamente seus dois filhos, Efráyim e Menashê, e viajou com eles a Goshen.

Yaacov, debilitado pela doença, estava na cama quando o informaram: "Seu filho Yossef chegou." Fortaleceu-se e sentou na cama. Disse: "Apesar da pessoa que chegou ser meu filho, é também um rei." Yaacov também esforçou-se para sentar-se ereto, pois queria evitar que suas palavras pudessem ser consideradas as de um homem senil. Temia que, mais tarde, alguém alegasse: "Yaacov deu suas bênçãos quando sua mente já não estava mais clara."

Yaacov prometeu a Yossef: "A você, Yossef, estou concedendo um presente especial. Tratarei você como um primogênito que recebe uma porção dupla. Não será contado apenas como uma tribo, mas seus filhos Efráyim e Menashê serão contados como duas tribos separadas!"

Yaacov aproveitou este momento para esclarecer a seu filho, porque estava incumbindo-o de levar seu corpo para ser enterrado em Êrets Yisrael sendo que não havia feito o mesmo com a sua mãe, Rachel.

Ao contrário de todas outras matriarcas, Rachel fora enterrada no meio do caminho, em Bet Lêchem.

"Quando vim de Padan Aram, sua mãe faleceu. Sua morte me foi mais penosa que qualquer outra tribulação pela qual passei. Enterrei-a à beira da estrada. Sei que você se ressentiu disso desde que lhe pedi para fazer o que falei em realizar para sua mãe. Contudo, acredite-me, desejava tanto quanto você que ela fosse enterrada comigo na Gruta de Machpelá."

"Apenas diga uma palavra, pai, e ela será levada à Gruta de Machpelá," disse Yossef.

"Você não pode fazer isto, meu filho," retrucou Yaacov, "pois foi pela ordem de D'us que enterrei-a em Bet Lêchem. D'us revelou-me que, no futuro, Benê Yisrael serão exilados por Nebuchadnêsar, (Nabucodonosor) o rei da Babilônia e em seu caminho passarão pelo túmulo de Rachel."

Então sua mãe Rachel suplicará a D'us que tenha misericórdia deles, e Ele aceitará a oração dela."

Quando Yossef entrou com seus dois filhos, Yaacov perguntou: "Quem são esses?" Yaacov não podia enxergar bem devido à idade avançada e não os reconheceu.

"Estes são meus filhos," respondeu Yossef.

"Traga-os mais perto e eu os abençoei," Yaacov disse.

Yossef colocou Menashê, o filho mais velho, à direita de Yaacov, e o filho mais novo, Efráyim, à sua esquerda. Yaacov pousou as mãos sobre a cabeça dos netos - mas de maneira estranha: ao invés de colocar a mão direita sobre a cabeça de Menashê, que estava à sua direita, e a mão esquerda sobre Efráyim, Yaacov cruzou os braços. Sua mão direita ficou sobre a cabeça de Efráyim e a esquerda, sobre Menashê.

Antes que Yossef pudesse protestar, seu pai iniciou a bênção:

"Que D'us, que sempre enviou Seu anjo para proteger-me, envie também Seu anjo para abençoar estes rapazes. Que eles sempre mereçam ser chamados de filhos de Avraham, Yitschac

.....
e Yaacov. E assim como o peixe se multiplica nas águas, possam os filhos de Yossef tornar-se fortes e se multiplicarem na Terra (de Êrets Yisrael)."

Yossef pensou que seu pai confundira as idades dos seus filhos. Pegou a mão do pai para colocá-la sobre a cabeça de Menashê. "Não é assim, meu pai," explicou Yossef. "Este é que é o primogênito! Coloque a mão direita sobre sua cabeça!"

Yaacov retrucou: "Yossef, você acha que não estou consciente de um fato tão óbvio para você? O meu dom profético me revela coisas que você nunca me disse.

Sei que você foi vendido.

Sei dos motivos de Reuven, quando pecou.

Sei dos pensamentos de Yehudá quando aproximou-se de Tamar.

E você pensou que eu não saberia qual de seus filhos é o mais velho?

"Troquei as mãos de propósito," explicou. "Tanto Menashê como Efráim terão descendentes notáveis.

Mas Efráim, o mais jovem de seus filhos, se destacará.

Terá um descendente, o grande líder Yehoshua, que trará os judeus até Êrets Yisrael e um dia fará com que o sol fique parado no firmamento enquanto luta contra seus inimigos.

Por este motivo coloquei minha mão direita sobre Efráim."

"A bênção de Efráim e Menashê servirá de modelo a todos os pais judeus ao abençoarem seus filhos: 'Possam D'us torná-los como Efráim e Menashê!'"

Porque Efráim e Menashê foram escolhidos como exemplos para todas bênçãos futuras concedidas de pais para filhos, em vez de Avraham, Yitschac e Yaacov? A resposta é que os primeiros judeus nascidos e educados no exílio e que permaneceram leais à Torá, a despeito do ambiente egípcio foram Efráim e Menashê. Por isso, são os nossos modelos.

Após abençoar os filhos de Yossef, Yaacov anunciou: "Estou prestes a morrer, mas D'us estará com vocês, e enviará Seu mensageiro, para libertá-los do exílio egípcio. Revelarei a vocês sinais através dos quais poderão identificar o verdadeiro líder: ele pronunciará a expressão **'pacod yifcod' ('Eu Me lembrei')**."

(Antes do seu próprio falecimento, Yossef, transmitiu esta mensagem de Yaacov a **Serach, a filha de Asher**, neta de Yaacov, que sobrevivera a todos os outros membros de sua geração. **Ela ainda estava viva na época em que Moshê chegou ao Egito.** Revelou a Benê Yisrael: **"Se ele pronunciar as palavras 'pacod yifcod', é o verdadeiro mensageiro de D'us!"** Por isso, assim que o povo ouviu estas palavras da boca de Moshê, acreditaram nele e em sua missão.)

Yaacov prometeu a Yossef: "Como recompensa por você ter tido o trabalho de levar-me a Êrets Yisrael para enterrar-me, **eis que te concedo a cidade de Shechem como teu local de sepultura** (além da porção de terra que receberá com teus irmãos). Tomei Shechem das mãos dos emoritas na época em

que levantei-me com arco e flecha para ajudar Shimon e Levi, após terem aniquilado Shechem."

Yaacov Abençoa seus Doze Filhos

Yaacov reuniu todos os doze filhos a fim de dar-lhes a bênção de despedida. Rezou para que D'us ouvisse as orações de seus filhos em tempos de necessidade. Então profetizou: "Vocês serão reunidos na época da redenção do Egito, e sairão de lá eretos e de cabeça erguida. Purifiquem-se, para que minhas bênçãos tenham efeito! Permaneçam juntos e unidos, então serão merecedores da **definitiva redenção, através de Mashiach!**"

Quando todos os filhos estavam ao redor do leito paterno, ele anunciou-lhes: "Agora revelarei um segredo a vocês. Contarei quando Mashiach virá ao final do exílio."

Mas quando Yaacov quis continuar falando, não pôde. D'us não lhe permitiu, porque não queria que os judeus soubessem a data da chegada de Mashiach.

Yaacov ficou preocupado. "Por que D'us tirou de mim a profecia, para que eu não pudesse falar mais?" - pensou ele. Talvez seja porque um de meus filhos não seja um tsadic?! Talvez um ou alguns deles adorem ídolos, como seu antepassado ou seu avô Lavan fez?"

Yaacov perguntou aos filhos: "Vocês servem apenas a D'us?"

Todos responderam juntos: **"Shemá Yisrael Hashem Elokênu Hashem Echad** - Ouve, ó Israel (Yaacov), D'us é nosso Senhor, D'us é um!"

Yaacov inclinou-se para agradecer D'us e respondeu em voz baixa: **"Baruch Shem Kevod Malchutô Leolam Vaed** - Bendito seja o nome da glória de Seu reino para toda a eternidade - Louvado seja D'us! Meus filhos são todos tsadikim que servem a Ele!"

Então Yaacov abençoou seus doze filhos: repreendeu os que mereciam repreensão, mas não na presença dos outros, para que não se envergonhassem. Os elogios e as bênçãos foram ditos na presença de todos, pois Yaacov desejava alegrar seus corações.

Suas palavras foram proféticas. Quase todas já se cumpriram, e algumas tornar-se-ão verdadeiras na era de Mashiach.

A Bênção de Reuven

A Reuven, Yaacov disse: "Reuven, você é meu primogênito. É um primogênito muito especial, que merece ser louvado!

Diferente da maioria dos primogênitos, que são ladrões e assaltantes. Essav estava preparado para trazer animais a seu pai, mesmo que tivesse que roubá-los; mas você foi zeloso em não tocar no que não te pertence. Quando saiu ao campo, na época da colheita, certificou-se em trazer para sua mãe apenas flores silvestres, sem dono.

"A maioria dos primogênitos odeia os irmãos: Cáyin odiava Hêvel, Yishmael odiava Yitschac, Essav odiava Yaacov. Mas você foi bondoso, dizendo a seus irmãos que não derramem o sangue de Yossef. Normalmente o primogênito da família está

.....
encarregado do serviço de D'us, merece honras, e recebe uma porção dupla dos pertences do pai.

"Porém você, Reuven, não receberá nada disso, porque pecou. Agiu de maneira muito precipitada, como um rio de corredeira. Devido à tua pressa, explodindo de raiva como água que se apressa em seu curso, você não será elevado a nenhuma dessas posições superiores. Desde quando demonstrou zelo por tua mãe, e desarrumou ambos os leitos, o de teu pai e o da Divindade. (Yaacov refere-se aqui ao episódio ocorrido na parashá de **Vayishlach**, quando Reuven interferiu nos arranjos matrimoniais de seu pai).

"Por isso, os cohanim, que realizam o serviço de D'us, não virão de sua tribo (mas de Levi), e os reis não descenderão de você (mas de Yehudá) e você não receberá duas porções como um primogênito. (Em vez disso, os filhos de Yossef tornaram-se duas tribos.)

"Não cometa mais pecados no futuro, e então D'us o perdoará!"

A Bênção de Shimon e Levi

A Shimon e Levi, Yaacov disse:

"Vocês dois, Shimon e Levi são irmãos (**agiram como irmãos em relação a Dina, mas não a Yossef**). Vocês têm personalidades semelhantes, e gostam de fazer as coisas juntos.

Ambos destruíram Shechem, e ambos quiseram matar Yossef.

"Mas prestem atenção: Vocês geralmente ficam furiosos e exaltados, e por isso cometem erros. Suas armas são roubadas de Essav, pois ingressaram numa profissão que não era deles, quando aniquilaram o povo de Shechem. **A arte bélica e o uso de espadas é próprio de Essav, não de nossa família.**

"Além disso, o povo judeu luta de maneira diferente que os não-judeus; nossas principais armas são nosso estudo de Torá e preces.

"Será muito perigoso se as tribos de Shimon e Levi permanecerem juntas; portanto, eu as separarei uma da outra quando se estabelecerem em Êrets Yisrael. **A terra de Shimon será bem no meio da terra de Yehudá, e a tribo de Levi será dispersa por toda Êrets Yisrael, em quarenta e oito cidades diferentes."**

(No futuro, a maioria dos pobres, escribas e professores descenderiam da tribo de Shimon. Assim, a profecia de Yaacov que esta tribo se manteria dispersa seria realizada desta maneira: estes indivíduos seriam obrigados a perambular para angariar tsedacá ou para procurar o seu sustento.

Também a tribo de Levi estará dispersa, em consequência de terem que viajar para coletar seus proventos de outros. Mas pelo menos para a tribo de Levi esta dispersão se concretizou de maneira mais honrosa: viajavam para coletar os dízimo e presentes, que lhe eram devidos.)

Quando as outras tribos ouviram as severas palavras de Yaacov, começaram a retirar-se uma a uma, esperando um sermão similar. Mas Yaacov chamou Yehudá e elogiou-o.

"Yehudá, você agiu corretamente, admitindo sua culpa no caso de Tamar."

A Bênção de Yehudá

Yaacov abençoou Yehudá:

"Yehudá, todos seus irmãos admitem que você é o rei e líder entre eles. A nação inteira portará teu nome.

Não serão chamados de Reuvenim ou Shimonim, mas de Yehudim - judeus!

"A princípio, será comparado a um jovem leão, porém mais tarde será comparado a um grande e poderoso leão, de quem todos sentem medo."

Yaacov comparou Yehudá primeiro a um leão pequeno e jovem, e depois a um leão adulto. Yaacov previu que a tribo de Yehudá ficaria cada vez mais forte, como um filhote de leão que se desenvolve até ficar adulto. A tribo de Yehudá começaria a se fortalecer durante os quarenta anos no deserto. O estandarte de Yehudá viajava na frente de todas as outras.

E mais, quando os judeus chegassem a Êrets Yisrael, Yehuda seria o primeiro a lutar contra os canaanitas. O primeiro juiz, Otniel ben Kenaz, viria também da tribo de Yehudá. Mas tudo isso era apenas o começo da força de Yehudá. Yehudá finalmente seria como "um jovem leão" na época de David, o poderoso rei, que sobrepujaria seus inimigos com a coragem e força de um leão.

Tanto o "jovem leão" como o "leão adulto" podem ser interpretados como descrições do próprio Rei David. No início, David seria apenas um general e ainda não muito poderoso, como um "jovem leão." Mais tarde seria coroado rei e tornar-se-ia poderoso como um grande leão.

Yaacov continuou a abençoar Yehuda: **"De você, Yehuda, descenderão os líderes ao povo judeu até a época de Mashiaich, chamado de Shilô.** Mashiaich também será descendente de Yehudá. As colinas de Yehudá em Êrets Yisrael ficarão tão repletas de vinhas com uvas vermelhas que as colinas parecerão rubras, e seus campos parecerão brancos por causa do cereal abundante e das inúmeras ovelhas."

A Bênção de Zevulun

Yaacov abençoou Zevulun:

"Quando Êrets Yisrael for dividida entre as tribos, você receberá uma porção ao longo da costa. Viajará em navios cruzando os mares para negociar com as outras nações."

A tribo de Zevulun fez um acordo com a tribo de Yissachar: os homens de Zevulun viajavam a negócios, **enquanto que os membros de Yissachar estudariam Torá o dia inteiro.** Os mercadores de Zevulun dividiriam seus ganhos com os estudiosos de Torá de Yissachar. Em troca, D'us daria uma parte da recompensa do aprendizado de Torá de Yissachar para Zevulun.

Uma História: A Recompensa por Fazer Caridade

Nos tempos antigos, viajar pelo oceano era muito perigoso. Muitos navios afundavam.

.....
Um judeu que costumava fazer muita caridade certa vez viajou de navio.

Rabi Akiva estava caminhando pela praia quando viu o homem embarcar no navio. Quando Rabi Akiva olhou para o oceano uma terrível tempestade estava se formando. Logo o navio não poderia mais enfrentar as fortes ondas. A água começou a inundar o convés, e muito lentamente, o navio começou a afundar, até que finalmente desapareceu dentro da água.

"Que pena que este maravilhoso judeu tenha se afogado!" - pensou Rabi Akiva. "Irei aos rabinos do Beit Din e informá-los-ei de que este homem está morto. Então permitirão que sua esposa se case com outra pessoa."

Quando Rabi Akiva entrou no edifício onde os sábios do Tribunal Rabínico costumavam se reunir, outro homem também entrou. Rabi Akiva não pôde acreditar em seus próprios olhos. O homem se parecia exatamente com aquele que havia visto embarcar no navio que acabara de afundar!

"Desculpe-me," Rabi Akiva disse surpreso, "mas não vi o senhor a bordo daquele navio que acabou de naufragar?"

"Sim," disse o homem.

"Como foi então que se salvou do afogamento naquele mar terrível e furioso?" - perguntou Rabi Akiva.

"Foi o fato de doar dinheiro para caridade que me salvou," replicou o homem.

"Como sabe disso?" - inquiriu Rabi Akiva.

"Quando eu já estava no fundo da água," disse o homem, "ouvi o anjo do mar chamando: 'Rápido, ajude-nos a levar este homem para cima! Ele deu dinheiro para caridade durante toda a vida!' Senti-me sendo levantado e empurrado para a terra seca." "Que maravilha!" - exclamou Rabi Akiva. "Que maravilhosa demonstração de como a caridade salva uma pessoa da morte!"

Um dos melhores tipos de caridade é sustentar estudiosos da Torá sem recursos. Ao oferecer-lhes dinheiro, permitimos que continuem seus estudos. Assim fazendo, ganhamos também um quinhão em seu aprendizado de Torá.

A Bênção de Yissachar

Yaacov abençoou Yissachar.

"Yissachar é comparado a um jumento ossudo que carrega o fardo colocado às suas costas pelo amo. Assim também, os membros de Yissachar aceitam as provações e fardos para estudarem diligentemente a Torá. Muitos deles tornar-se-ão membros do Supremo Tribunal, e decidirão as questões da Lei Judaica."

(Por que Yissachar é comparado a um burro? Acaso os elogios a Yissachar não se destacariam ainda mais se Yaacov o tivesse descrito como leão ou pantera, em vez de burro? A resposta é que o caráter do burro difere do dos outros animais. O burro não se rebela contra seu dono quando este impõe-lhe uma carga, mas suporta-a pacientemente. A mesma característica é verdadeira para Yissachar.

Ele aceita de boa vontade o jugo da Torá. Como o burro não se importa com seu próprio prestígio, mas com a honra de seu dono, assim também Yissachar, o estudante da Torá, desconsidera sua própria honra, e vive para glorificar o Nome de D'us.)

"Ao contrário de Zevulun, os membros de Yissachar não viajaram ao exterior para negociar. Ficaram sentados na quietude de suas casas de estudo, a fim de adquirir um conhecimento vasto e profundo da Torá. Saberão então como ensinar e orientar outros judeus. Como as costelas do burro são salientes e claramente visíveis, assim é a Torá de Yissachar, de magna clareza.

Como o burro, que não tem estábulo, mas deita-se para dormir entre as fronteiras de qualquer cidade aonde carregue mercadorias, assim é Yissachar, preparado para sacrificar as comodidades da vida em prol do seu estudo.

"A terra de Yissachar em Êrets Yisrael será abençoada e produtiva. Os membros de Yissachar não precisarão passar muito tempo trabalhando a terra. Ao contrário, poderão ocupar-se com o estudo de Torá, sem ter que investir muito tempo nos negócios."

Os frutos da porção de Yissachar eram tão gigantescos que quando eram vendidos à outras nações, estas ficavam perplexas com seu tamanho. Os judeus lhes diziam: "Vocês se surpreendem com esses frutos? Se vissem seus donos, que estudam Torá dia e noite sem parar, então entenderiam! D'us deu-lhes enormes frutos, proporcionais aos tremendos esforços que investem no estudo da Torá!"

Em consequência, muitos **não judeus** se converteram ao judaísmo.

A Bênção de Dan

Yaacov abençoou Dan:

"Dan é comparável a uma serpente, de duas formas:

1 - Quando os judeus viajarem pelo deserto, a tribo de Dan viajará atrás de todas as outras tribos. Como cobras, os homens de Dan lutarão contra os inimigos atacando-os pela retaguarda.

2 - Yaacov comparou o juiz Shimshon, em particular, a uma cobra. Yaacov previu: "O forte e poderoso Shimshon ficará de tocaia ao lado da estrada, e então saltará subitamente e atacará os inimigos dos judeus, os **pelishtim**. Matará os soldados mais fortes entre os pelishtim, mesmo os que tem cavalos.

Yaacov visualizou também a queda e morte de Shimshon. Por isso, exclamou: **"Lishuatechá kivíti D'us"** - ainda teremos que esperar pelo redentor final para trazer-nos a salvação definitiva!"

Por que Yaacov comparou Yehuda a um leão e Dan a uma cobra?

O leão e a cobra têm métodos de luta diferentes. O leão é o mais forte de todos os animais, e nada teme. Por isso, ataca e luta abertamente. A serpente, porém, fica na espreita enquanto aguarda. Ataca de repente, furtivamente, para derrubar sua vítima. Yaacov previu: "A tribo de Yehuda lutará como um leão - em campo aberto. A tribo de Dan, porém - especialmente Shimshon, o juiz oriundo da tribo de Dan, usará os métodos da

.....
serpente; seus membros atacarão os inimigos de surpresa e os dominará fazendo movimentos falsos e inesperados."

A Bênção de Gad

Yaacov abençoou Gad:

"Os homens de Gad serão fortes heróis de guerra. Marcharão na frente quando os judeus conquistarem Êrets Yisrael na época de Yehoshua. Depois, os homens de Gad retornarão em paz para sua própria terra, na margem leste do Jordão, e nenhum deles faltará. Será perigoso para eles ali viverem, porque estão cercados de inimigos. Porém, derrotarão os adversários e os perseguirão de volta até seus países, e lá, se apropriarão dos despojos."

A Bênção de Asher

Yaacov abençoou Asher:

"A terra de Asher produzirá ricos frutos. Muitas oliveiras crescerão na porção de Asher em Êrets Yisrael, fazendo o azeite fluir do solo como água. Judeus de todas as partes virão até ele para comprar azeite de oliva. Asher suprirá óleo para o serviço do Bet Hamicdash."

A Bênção de Naftali

Yaacov abençoou Naftali:

"Naftali é comparado a uma gazela."

Havia duas razões para Yaacov comparar Naftali a uma gazela:

1 - Assim como a gazela corre rápido, assim os frutos na parte de Êrets Yisrael pertencente a Naftali amadurecerão mais rapidamente que em qualquer outro lugar. O povo de Naftali será o primeiro a fazer a bênção "**Shehecheyánu**" sobre uma nova fruta.

2 - O próprio Naftali, e mais tarde muitas pessoas de sua tribo, serão ligeiros e rápidos como a gazela. Quando os judeus precisarem de um mensageiro ágil para levar as notícias a qualquer lugar, enviarão um homem de Naftali.

A Bênção de Yossef

Yaacov abençoou Yossef:

"Yossef é um filho gracioso, um filho que encontra graça aos olhos de quem o vê."

Yossef mereceu esta bênção relacionada com o olhar, por ter protegido sua mãe do olhar de Essav. Na parashá de Vayishlach, quando Essav veio ao encontro de Yaacov, Yossef pensou: "**Talvez este perverso fixe seus olhos em minha mãe e a cobiçará**". Então, resolveu posicionar-se em frente dela, aumentando sua estatura para encobri-la. Por isso, foi abençoado por Yaacov: "Você cresceu para bloquear a visão de Essav, portanto merecerá grandeza"

Yaacov, continuou exclamando: "Moças, ficaram de pé para vê-lo sobre os muros do Egito, atirando-lhe jóias".

As palavras de Yaacov referem-se ao episódio ocorrido quando Yossef tornou-se vice-rei. Foi conduzido pelo Egito inteiro, e todas as mulheres egípcias, até as nobres, subiram ao topo dos telhados, atirando suas jóias sobre Yossef, a fim de atrair sua atenção. **Contudo, ele não deu sequer uma olhada.**

"Yossef foi amargurado, odiado mas permaneceu firme (resistindo à esposa de Potifar). Controlou-se e não pecou. Portanto, mereceu ornamentos de ouro em seus braços (dados por Faraó). Conseguiu resistir ao pecado, pois teve uma visão de seu pai Yaacov.

"Por isso, D'us te abençoará, dando-lhe uma região abençoada com o orvalho dos céus e água da terra num local privilegiado.

"Bendita é a mãe cujos seios amamentaram um filho tão grande, e o útero que deu à luz um filho tão sábio!"

(Yaacov amava tanto Rachel que mesmo abençoando Yossef, seu filho, mostrava preferência por Rachel, atribuindo ao seu filho qualidades dela. Reconhecia que a virtude de Yossef era resultado de ter nascido de Rachel, a tsadeket.)

"Sejam as mulheres da tribo abençoadas para que não percam seus bebês, e para que não lhes falte leite para alimentá-los".

"Você, Yossef, será abençoado com bênçãos ainda maiores que aquelas que meus pais Avraham e Yitschac me concederam: a bênção sem limites, **englobando o mundo inteiro**. Que todas minhas bênçãos se tornem realidade para você, Yossef, que tornou-se um governante no Egito e mesmo assim não se descuidou da honra de seus irmãos."

A Bênção de Binyamin

Yaacov abençoou Binyamin:

"A tribo de Binyamin será forte como um lobo que despedaça sua presa. O **Beit Hamicdash** será construído na porção de Binyamin em Êrets Yisrael, e ali D'us deixará Sua Divindade repousar."

Quando o rei Salomão estava prestes a construir o Bet Hamicdash, as tribos começaram a brigar entre si. Cada uma dizia: "O Bet Hamicdash deve ser construído na minha porção." **D'us exclamou: "Tribos, todas vocês são tsadikim! Contudo, são todas sócias na venda de Yossef; com exceção de Binyamin, que não participou. Portanto, desejo habitar nessa porção."**

Por que Yaacov comparou a força de Yehuda àquela de um leão e a força de Binyamin à de um lobo?

Depois que um **lobo** despedaça um animal, não permanece no lugar, mas abocanha alguma carne e **foge correndo**. Um leão, porém, não tem medo de ficar perto do animal abatido e banquetear-se com ele. Binyamin foi comparado a um lobo porque o rei da tribo de Binyamin, Shaul, governou apenas por um curto período de tempo. Yehuda, porém, foi comparado a um leão porque o reino de David perdurou por muitos anos, e então o governo foi transmitido para sempre aos filhos de David.

O Significado das Bênçãos

Por que Yaacov utilizou-se de animais e feras como meio de comparação ao abençoar seus filhos?

.....
Desejava, desta forma, indicar traços louváveis a seus descendentes. Quando um não-judeu quer obrigar o judeu a abandonar a Torá e mitsvot, Benê Yisrael tornam-se teimosos e ferozes como feras, recusando-se a obedecer. D'us, por outro lado, sempre Se refere a seu povo como a uma pomba, pois quando Ele ordena, seguem-No mansos como uma pomba.

Apesar de Yaacov abençoar cada filho com um atributo específico; como por exemplo: Yehudá com a força de um leão, Naftali com a rapidez da gazela, e Binyamin com a força de compreensão de um lobo; também deu a cada um as qualidades de todos os irmãos, combinadas. Todos poderiam ter a força de leões e a rapidez da gazela, e assim por diante. Mas cada tribo se destacava por uma qualidade especial.

Analogamente, apesar de Yaacov Ter dado uma bênção especial a cada porção de terra em especial, incluiu todas as bênçãos na porção de cada um.

Quando Yaacov abençoou os filhos, invocou D'us para realizar suas bênçãos. D'us ouviu o pedido de Yaacov e concedeu a cada tribo as bênçãos que Yaacov pronunciou.

A Gruta de Machpelá

Quando Yaacov terminou de abençoar todos os filhos, ordenou-lhes: "Certifiquem de não me enterrar no Egito. Levem-me de volta a Êrets Yisrael, à Gruta de Machpelá."

Yaacov faleceu aos 147 anos. Foi pranteado não apenas pelos filhos, mas também todos os habitantes do Egito participaram do luto por Yaacov, porque em consequência de sua bênção, o Nilo avolumou-se novamente e transbordou, irrigando a terra e pondo fim à fome. **Assim que Yaacov morreu, essa bênção cessou; e a fome atacou novamente.**

Yossef enviou uma mensagem ao Faraó: "Meu pai fez-me jurar antes de sua morte que eu levaria seu corpo para ser enterrado na Gruta de Machpelá, na terra de Canaan. Permita-me cumprir meu juramento, e depois regressarei ao Egito."

O Faraó retrucou: "Peça para que os sábios anulem teu juramento."

Yossef replicou: "Se você quiser que eu invalide este juramento, eles anularão simultaneamente outro juramento meu.

Uma vez jurei a você que jamais revelaria a ninguém o fato de saber uma língua a mais. Até agora, mantive minha palavra."

"Não o impedirei de ir," respondeu Faraó. "Vá e o enterre como teu pai lhe ordenou."

Yossef colocara seu pai num caixão de ouro puro, cravejado de diamantes. Estendido sobre este havia um pálio tecido de fios de ouro, apoiado sobre esteios adornados de pérolas.

Quando Yossef e os irmãos partiram para Canaan na procissão do funeral, o Faraó promulgou um edito solicitando a todos os súditos que acompanhassem Yaacov, prestando-lhe as últimas honras. O féretro foi carregado pelas tribos, que andavam descalças e choravam, seguidas por uma enorme delegação de egípcios. Yossef removeu sua coroa e pendurou-a no caixão de seu pai.

Contudo, quando viram a grande pompa prestada a Yaacov, e a coroa de Yossef sobre o caixão, juntaram-se à eles. Os reis de Canaan também penduraram as coroas sobre o caixão. Assim foi Yaacov conduzido até a Gruta da Machpelá, num caixão adornado com trinta e seis coroas.

As tribos então se prepararam para enterrar Yaacov ao lado de Lea, mas Essav interferiu: "O espaço restante na caverna está reservado para mim, não para Yaacov," bradou.

"Como pode ser?" - responderam-lhe as tribos. "Você vendeu a Gruta de Machpelá para seu irmão!"

"Mostrem o contrato," exigiu Essav.

Os irmãos replicaram: "Nós o temos, porém está no Egito."

"Sem a escritura, não há provas," argüiu Essav.

"Naftali a trará," disseram.

Naftali, que era ligeiro, correu velozmente para o Egito. Enquanto isso, o enterro atrasava-se.

Chushim, filho de Dan, era surdo e não acompanhava a conversa. Contudo, percebera que Essav era o único que impedia o enterro de seu avô. Golpeou Essav na cabeça com muita força.

Essav tombou morto, seu sangue jorrando sobre o caixão de Yaacov.

A cabeça de Essav rolou para dentro da Gruta de Machpelá, enquanto seu corpo foi levado ao Monte Seir para ser enterrado.

Os Irmãos Pedem Perdão a Yossef

Antes que Yaacov morresse, Yossef freqüentemente convidava os irmãos para fazerem refeições em seu palácio. Após a morte de Yaacov, porém, não mais os convidou.

Os irmãos ficaram preocupados: "Yossef deve odiar-nos porque vendemos ele como escravo. Enquanto nosso pai estava vivo ele nada demonstrou, para não causar-lhe sofrimento, mas agora não quer mais convidar-nos."

Os irmãos enviaram uma mensageiro para dizer a Yossef: "Por favor, perdoe-nos por termos feito mal a você."

Então os próprios irmãos o procuraram e curvaram-se perante Yossef, pedindo-lhe perdão.

Yossef ficou magoado pelos irmãos pensarem que os odiava, e chorou. Então, confortou os irmãos: "Não tenham medo! Não os convidei por outro motivo. **Enquanto nosso pai era vivo, ele me fazia sentar à cabeceira da mesa.** Mas agora que morreu, não desejo continuar sentando à cabeceira da mesa.

Reuven é mais velho que eu, e Yehuda é o rei; a cabeceira pertence a um dos dois. Por outro lado, não posso sentar-me ao pé da mesa porque sou o governante do Egito. Como não sei de que forma proceder, parei de convidá-los."

Yossef, o tsadic, falou palavras bondosas a seus irmãos, e fez com que se sentissem bem.

A Morte de Yossef

Yossef governou o Egito por mais 54 anos. Era um homem justo, e um bom governante.

Quando Yossef sentiu que seu fim se aproximava, disse a seus irmãos: "Estou prestes a morrer, mas o Todo Poderoso certamente os redimirá do Egito.

Meu pai revelou-me que o redentor que proferirá as palavras **pacod yifcod** será o mensageiro de D'us, que os tirará do Egito!"

Yossef fez seus irmãos jurarem que ao deixar o Egito, levariam com eles seus ossos para Shechem, o lugar de onde viera. Disse-lhes: "Sei, por tradição, que apenas quatro casais serão enterrados na Gruta. Antes de morrer, chamou seus irmãos e lhes disse: "Não deixem o Egito antes que D'us envie Seu mensageiro para tirá-los daqui.

Ao sair, deixem que seus filhos levem o caixão com meus ossos para Êrets Yisrael, e enterrem-me lá. Eles juraram que assim fariam.

Igualmente, D'us queria que as tribos enterrassem Yossef em Shechem, dizendo: "Vocês venderam Yossef. Tragam seus restos mortais de volta a Shechem, ao lugar onde o venderam!"

Yossef faleceu com a idade de cento e dez anos.

O falecimento de um tsadic da magnitude de Yossef deixou sua marca sobre o Egito inteiro.

Todos os poços secaram, e os irmãos começaram a sentir as agruras do exílio.

Os mágicos egípcios colocaram o corpo de Yossef num caixão de ferro, que afundaram nas profundezas do Nilo, acreditando que traria bênção para o rio.

Um após outro, os filhos de Yaacov faleceram, sendo que Levi gozou de maior longevidade. Ao final de sua vida, Binyamin ainda não tinha pecados. Era um tsadic perfeito. Não obstante, chegara o momento de seu falecimento.

O exílio egípcio abateu-se sobre os judeus em quatro estágios:

- Enquanto Yaacov vivia, Benê Yisrael eram homens livres no Egito (e sua única dificuldade é que eram estrangeiros lá).
- Assim que faleceu, os egípcios impuseram impostos sobre os judeus.
- Após a morte de Levi, a última das tribos, os egípcios escravizaram os judeus, forçando-os a trabalhar na construção.
- Quando Miriam, irmã de Moshê, nasceu, os egípcios amarguraram as vidas de Benê Yisrael, intensificando a escravidão.

Artigos

Artigos Sobre a Parashat Vayechi

A Essência das Coisas

Por Tali Loewenthal

Para muitas pessoas, o principal aspecto da vida é procurar pela "essência". O que isso significa? Perguntam elas, o que realmente significa? Aqueles que indagam poderia ser adolescentes olhando cinicamente para o mundo à sua volta, estudantes na universidade, mochileiros no Oriente, donas de casa na fila do caixa do supermercado, empresários ao final do dia no escritório, idosos conversando num banco do parque.

A pessoa e o local podem variar, mas a pergunta é a mesma: Qual é a essência disso tudo? O que isso significa?

A porção dessa semana da Torá dá uma pista valiosa.

O povo judeu está finalmente deixando o Egito, onde ficou escravizado durante muitos anos. Agora estarão viajando para a Terra de Israel. A essa altura a Torá nos diz: "E Moshê levou os ossos de Yossef junto com ele."¹

Yossef, vice-rei do Egito, tinha pedido aos irmãos que após sua morte, quando eles finalmente deixassem o Egito, levassem seus restos mortais com eles para enterrar na Terra Santa.

Isso nos fala sobre a importância da Terra de Israel na consciência do povo judeu. Porém o termo usado "ossos de Yossef" – parece um tanto intrigante. De fato, esta é a palavra usada pelo próprio Yosef, antes de morrer: "D'us redimirá vocês e deverão levar meus ossos consigo."² Por que a ênfase em ossos? Certamente uma expressão mais elegante poderia ter sido usada, algo um pouco mais respeitoso?

Nada está na Torá sem um motivo, e essa expressão também tem uma lição a nos ensinar.

Em hebraico **a palavra para ossos (atzamot)** está relacionada à palavra para **"essência" (atzmiut).**

Os "ossos" de Yossef significam o esqueleto físico de Yossef, a estrutura do corpo.

A "essência" de Yossef significa sua composição espiritual, a estrutura da alma.

Moshê levou o caixão contendo os restos do corpo de Yossef a fim de sepultá-lo na Terra de Israel, e ele também levou a essência de Yossef.

Então qual é essa essência de Yossef que Moshê levou com ele? É o anseio de amar e cuidar do próximo: aproximar aqueles que sentem estar distantes.

Por que esta é a essência de Yossef? Quando Yossef nasceu ele recebeu seu nome da sua mãe Rachel, que disse: "Que D'us me acrescente outro filho."³ **Yossef em hebraico significa "acrescentar".**

O sentido literal disso era uma prece para ter um segundo filho, mas os ensinamentos chassídicos explicam que isso fornece o significado interior do nome de Yossef e todo o seu ser; ajudar cada pessoa a ser acrescentada e incluída entre o povo judeu, e especialmente aquele indivíduo que sente que ele ou ela é "outro" e afastado da comunidade.

.....
Esta é a essência de Yossef, e o legado eterno que ele deixou a Moshê e ao povo judeu; devotar-se a tornar o "outro" num "filho". Encontrar aqueles que se sentem distantes e ajudá-los a se conectar com suas raízes. Amar e cuidar.

Esta é a essência que Moshê e o povo judeu levaram com eles, quando deixaram o exílio egípcio e começaram sua jornada rumo à Terra Santa. Esta é a nossa essência também, quando nos preparamos para deixar nosso exílio na jornada até a Redenção. Esta é a essência do Judaísmo e da vida.⁴

NOTAS

1. Shemot 13:19
2. Bereshit 50:25
3. Bereshit 30:24
4. Baseado livremente em Licutê Sichot do Rebe vol. 26, pág. 85 ff.

Por Tali Loewenthal

Dr. Tali Loewenthal é palestrante sobre Espiritualidade Judaica na Universidade College London, diretor da Unidade de Pesquisa Chabad, autor de *Comunicando o Infinito: O Surgimento da Escola Chabad*, e contribui frequentemente para a seção de leitura semanal da Torá de Chabad.org.

Muitos Anos de Vida

Rabino Arie Raichman

Diretor Chabad de Manaus

Abraham

Quando Abraão tinha 99 anos, foi considerado "velho, entrado em dias." Seu segredo para viver tanto tempo era sua justa esposa, Sara. Nossos sábios explicam as palavras do Rei Salomão, **"Veja a vida com a mulher,"** para dizer que o casamento aumenta os anos. Também ensinaram que um filho justo pode aumentar a expectativa de vida. Portanto, quando Abraão tinha 100 anos de idade e seu filho, Isaac, nasceu ele passou a ter dois antídotos para a morte: esposa justa e filho justo.

Ambos os antídotos ajudaram Abraão a viver até os 137 anos de idade, quando sua esposa Sara faleceu. Com seu falecimento, Abraão se casou novamente e encontrou uma esposa para seu filho, que substituiu o vazio de Sara. Isso ajudou Abraão a viver mais 38 anos, até sua morte na idade de 175 anos.

Abraão faleceu antes de chegar aos 180, para que ele não visse a rebelião de seu neto, Esaú.

Ytzchak

Aos 123 anos, estava atingindo a idade exata na qual sua mãe havia falecido. Isto o preocupou com sua própria morte, e então chamou o filho Esaú para abençoá-lo.

Ao contrário de Abraão, cuja vida foi encurtada para não ver a rebelião de Esaú, a de Isaac não foi. Ele viveu, mas não percebeu nada.

Em geral, ao ficar mais idosa, uma pessoa torna-se mais sábia e percebe coisas que outros não conseguem perceber. Este é um dos benefícios da idade avançada; "era velho, entrado em dias." No que diz respeito a Ytzchak, a Torá descreve-o como apenas

"era velho", pois não percebeu os caminhos desordenados de seu filho, Esaú. Apesar de viver 180 anos, ele não teve a virtude da percepção que a velhice proporciona.

Yaacov

Teve várias esposas e filhos justos "era velho, entrado em dias". No entanto, sua vida foi interrompida por causa do que ele disse durante um confronto com Lavan. Yaacov declarou, selando o destino, que a pessoa que tomou o ídolo de Lavan não deveria mais viver. A palavra dita foi "Ychye" - "(não) viverá", cujo valor numérico é: Yud-10, Chet-8, Yud-10, Hei-5 = 33. Mesmo que não tenha sido ele que apanhara o ídolo, ele foi punido, falecendo com a idade de 147 anos; 33 antes de seu tempo.

Curiosidades Judaicas: Yossef, seus Irmãos e seus Filhos

Por Beit Lubavitch Research Center

1. Quem ajudou Yossef a encontrar seus irmãos foi o anjo Gavriel.
2. No poço onde Yossef foi jogado não havia água mas sim cobras e escorpiões.
3. As quatro vezes em que Yossef foi vendido estão simbolizadas na palavra "Passim" (listras) Potifar, Socharim (comerciantes) Yishmeelim (Árabes) e Midyanim (Midianitas).
4. Yaacov não se consolava com a perda de Yossef, pois este estava na verdade vivo. D-us moldou a natureza humana de modo que somente após o falecimento os entes queridos serão consolados.
5. Os irmãos fizeram um juramento entre si, que recaiu também sobre D-us, para não contarem a seu pai sobre a venda de Yossef.
6. O ministro do vinho foi preso por encontrarem uma mosca no vinho. O padeiro, por sua vez, pecou por ter sido encontrada uma farpa de madeira no seu pão.
7. Paó chamava Yossef de Tsofnat Paneach.
8. A esposa de Yossef chamava-se Osnat.
9. Os sonhos de Yossef que constam na Parashá passada em relação aos irmãos se curvando para ele, se cumpriram nesta Parashá.
10. Menashe, o filho de Yossef, servia de interprete entre Yossef e seus irmãos, apesar de Yossef entender sua língua.
11. Shimon só ficou preso na presença dos irmãos. Assim que eles voltaram para casa, ele foi liberto.
12. Binyamin teve dez filhos, os nomes de todos eles foram dados em homenagem e lembravam algo a respeito de Yossef.
13. Yaacov abençoou Yossef, que era muito bonito, (e seus filhos Menashe e Efraim) contra olho gordo. **Comparou-os aos peixes, que por estarem cobertos pela água não sofrem olho gordo,** portanto se multiplicam abundantemente. Yossef mereceu essa bênção, **pois se colocou à frente de sua mãe Rachel no encontro de sua família com Esav,** para que ela

.....
não chamasse sua atenção. O Talmud diz que aquele que quer evitar olho gordo deve dizer: "Eu sou descendente de Yossef que não é atingido por olho gordo".

14. Yaacov pediu que somente seus filhos carregassem o seu caixão, três de cada lado. Levi, que mais tarde carregaria a arca sagrada, não participou. Yossef, que era rei, também não. Menashe e Efraim filhos de Yossef, os substituíram. Anos mais tarde quando os judeus saíram do Egito para o deserto, eles viajavam exatamente na mesma formação, três tribos de cada lado, e o Tabernáculo no meio.

As Filhas de Asher

Adaptado das obras do Rebe

A porção desta semana, Vayechi, contém as bênçãos que Yaacov deu aos filhos antes de falecer.

Para Asher, Yaacov disse: "O pão de Asher será farto, ele suprirá os deleites do rei." Rashi explica isso como significando que Asher terá fartura de azeite de oliva. Ele diz também que "Moshê abençoou a tribo de Asher de maneira semelhante – 'e ele mergulhará o pé em azeite.'"

Espiritualmente falando, o azeite alude à sabedoria, à parte mais elevada da pessoa, ao passo que o pé é a parte mais baixa. "Ele mergulhará o pé em azeite" indica que o pé faz uso do azeite. Isso implica que o pé é maior que a sabedoria – azeite.

Em termos da missão espiritual da pessoa, o pé significa o serviço Divino baseado na simples aceitação, enquanto o azeite-sabedoria significa Torá e mitsvot (mandamentos) motivados pelo entendimento intelectual. Um pé, ou seja, aceitação simples tem uma vantagem sobre a cabeça-intelecto; é a fundação e apoio de toda a estrutura.

A primeira parte da bênção de Asher, "O pão de Asher será farto", pode ser interpretada de maneira diferente. Como a palavra **shemeina** – **gordo**, tem as mesmas letras hebraicas que shemona – oito, o Midrash explica que os filhos de Asher deveriam usar as oito vestes do Sumo Sacerdote. Os sacerdotes, no entanto, vinham da família de Levi! Rashi, portanto, explica depois que "as filhas da tribo de Asher eram lindas... casaram-se com os Sumos Sacerdotes que usavam as oito vestes."

Os sacerdotes, imersos em seu estilo de vida totalmente espiritual, estavam preocupados em desposar lindas mulheres?

Sem dúvida, a beleza aqui mencionada é a espiritual, que de fato está relacionada ao trabalho do Sumo Sacerdote. Pois, quando D'us informou aos anjos que Ele faria uma companheira para Adam, Ele referiu-se especificamente à ajuda na missão espiritual do homem.

No caso de um Sumo Sacerdote, isso é especialmente verdadeiro; seu serviço no dia de Yom Kipur, na câmara mais interior do Santuário, exigia que fosse casado e fizesse expiação por si mesmo e por sua família. Sem uma esposa, o Sumo Sacerdote não poderia desempenhar seu serviço.

As filhas da tribo de Asher eram lindas. A verdadeira beleza da mulher judia está contida no conceito de "Toda a glória da filha do rei é interior" – i.e., recato. Como as diferentes explicações da bênção de Asher, de "simples aceitação" e de "lindas filhas", cujos filhos usariam as vestes sacerdotais, estão conectadas?

Mais adiante na Torá, está escrito: "Asher é o mais abençoado dos filhos." Nenhuma das tribos foi abençoada com filhos como Asher foi. Porém, numericamente a tribo de Asher não era maior que as outras. A tribo de Asher superou todas as outras em virtude da grande alegria derivada de seus filhos.

Pela conduta virtuosa baseada na simples aceitação, e educando-os nesse espírito, a pessoa merece filhos que seguem o caminho judaico e trazem profunda alegria e satisfação – muito mais do que é normalmente derivado da soma total de um número ainda maior de filhos.

Perguntar é judaico. É a cabeça-intelecto em ação. Mas o pé - aceitação simples -tem uma vantagem, como disse o texto, é a base de toda a estrutura. O que seria simples? Sem perguntar? Creio que não, creio que seja perguntar sem se afastar muito, seja para a esquerda, seja para a direita, como, aliás, está escrito em algum lugar da Torá.

O texto, ou diríamos, a sabedoria dos filhos de Israel é um deleite para a alma e alimento para o intelecto.

Samua de Brito Paiva
Rio de Janeiro/RJ
beitlubavitchrio.org

O Poder do Conhecimento Esquecido

Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

Yaacov desejava revelar o fim [i.e., a data da vinda de Mashiach] aos seus filhos, quando a Presença Divina se afastou dele e ele falou de outras coisas (comentário de Rashi sobre Bereshit 49:1).

O ensinamento chassídico fala sobre a ideia do precedente cósmico – como D'us estabelece as coisas de uma certa maneira, embora depois não sejam feitas, para que mais tarde, quando o processo é repetido, a "lembrança" duradoura da maneira que era originalmente tenha um impacto implícito (mas não tangível ou sentido) sobre a maneira pela qual as coisas ocorrem.

Um exemplo clássico disto é a interpretação chassídica da passagem talmúdica descrevendo nossa educação pré-natal:

"A criança no útero da mãe... aprende a Torá inteira. Porém, no instante em que emerge ao mundo, vem um anjo e lhe dá um tapa na boca, fazendo-a esquecer tudo."

A pergunta óbvia: por que nos fazem esquecer toda a Torá? Resposta óbvia: porque D'us quer que estudemos para aprendermos por nós mesmos, não para recebermos conhecimento como um presente do Alto. Pergunta óbvia nº 2: então por que somos ensinados? Resposta óbvia nº 2: porque a Torá, a sabedoria e vontade de D'us, está além da compreensão do homem mortal. Jamais conseguiríamos atingi-la por nós mesmos; ela deve ser ensinada a nós.

Em outras palavras, a Torá nos deve ser dada – caso contrário jamais a teríamos. Porém, também não devemos saber que a temos – senão jamais nos relacionaríamos com ela como algo que é nossa própria conquista e portanto significativa e importante para nós. Então tudo nos é ensinado, e depois feito esquecer. Nós nos esforçamos não para obter algo que está além de nós, mas para recuperar aquilo que já é nosso.

O princípio do precedente cósmico aplica-se não apenas a coisas que aparecem no palco da história e então desaparecem,

.....
mas também a coisas que quase acontecem – coisas que se supõem acontecer, ou que deveriam acontecer, ou meramente desejam acontecer, mas são impedidas de realmente acontecer.

Quando D'us “muda de ideia” o que Ele está fazendo é estabelecer um precedente em potencial.

Ele deseja que as coisas sejam de uma certa maneira na verdade, mas Ele também deseja que uma realidade diferente (ou até oposta) exerça sua influência sobre a maneira de ser das coisas (a diferença entre um precedente real e um precedente em potencial seria o grau dessa influência, como é acessível, como está profundamente oculto dentro do nosso subconsciente etc.).

Assim, nos é dito que “no princípio, surgiu no pensamento de D'us criar o mundo com Justiça; então Ele viu que o mundo não poderia sobreviver a isso, então Ele colocou a Compaixão primeiro e a juntou com a Justiça.” D'us criou um mundo que tolera a imperfeição, mas Ele colocou padrões absolutos nos “bastidores”, porque aquilo representa seu supremo potencial.

O mesmo aconteceu no leito de morte de Yaacov, quando ele deseja revelar aos filhos o segredo de Mashiach e a suprema redenção. D'us impede que isso aconteça, porque é parte integrante do Seu plano cósmico de que não deveríamos saber. Porém, Ele permite a Yaacov o desejo e a intenção de nos contar, para que o potencial para esse conhecimento exista, significando que nos mais profundos recessos de nossas almas, o conhecimento está ali.

E este, é claro, é o próprio lugar onde esse conhecimento é mais potente e mais útil. É o que nos permite sobreviver à longa noite da história judaica. É como sabemos, com absoluta certeza, que a Redenção chegará.

Vayechi

Nomes e seus Significados

Por Malka Touger

Você tem algo que é muito especial. É seu para toda a vida. Irá consigo aonde quer que você vá. Não precisa pagar por ele, guardá-lo, ou arrumar espaço para ele. Nem sequer precisa trabalhar para consegui-lo. Sabe o que é?

O seu nome!

Algumas pessoas recebem o nome de homens ou mulheres notáveis. Outros recebem o nome de parentes que faleceram.

Às vezes as pessoas recebem nomes que nos falam sobre eventos na vida delas. O nome de Adam vem da palavra adamah, terra, porque D'us criou Adam a partir da terra.

O nome de Moshê vem da palavra moshui, “puxado”, porque o cesto em que Moshê estava foi puxado do Rio Nilo.

Alguns nomes nos falam sobre desejos, pensamentos ou ideias conectadas com a pessoa. O primeiro filho de Rachel nasceu após muitos anos de espera, portanto foi chamado Yossef, que significa “acrescentar”. Enquanto estava esperando, Rachel desejou e rezou para que D'us a abençoasse com mais um filho.

Mais tarde, Yossef chamou os próprios filhos por nomes que nos dizem o que ele desejava e esperava.

Yossef deu ao seu primeiro filho o nome de **Menashe**, da palavra **nasho**, “**esqueça**”. Yossef não queria que sua família esquecesse de onde veio ou quem eram eles. O nome Menashe era um lembrete, como se alguém estivesse sempre dizendo: não vamos esquecer que somos os descendentes de Avraham Sarah, Yitschac, Rivca, Yaacov, Rachel e Leah, embora estejamos agora vivendo no Egito. Onde quer que os judeus estejam, eles devem sempre lembrar-se de quem são.

Yossef sabia que D'us enviara os judeus ao Egito com um propósito. Eles não deveriam passar pelo exílio no Egito meramente se lembrando que eram judeus. Deveriam tornar o exílio frutífero, como um jardim com flores e botões. Usando tudo para realizar boas ações, podemos fazer do mundo uma morada para D'us. Desejando fazer isto, Yossef deu ao segundo filho o nome de Efraim, que vem da palavra hebraica para frutífero.

A porção desta semana da Torá nos conta como Yaacov abençoou Menashe e Efraim. Embora Menashe fosse mais velho, Efraim recebeu a maior bênção. **Efraim representa o verdadeiro objetivo do exílio.** Que um judeu deve prosperar e ser frutífero no caminho da Torá. Foi por isso que Yaacov lhe deu a bênção maior.

Apesar disso, Menashe é o irmão mais velho e vem primeiro. Isso também nos ensina uma importante lição. Efraim somente pode ter sucesso e tornar-se frutífero porque Menashe o lembra constantemente de quem ele é e de onde ele vem.

Comentários da Parashá Vayechi

Vivendo com o Rebe

Com a Porção desta semana da Torá, Vayechi, concluímos o Livro de Bereshit. “Então Yossef faleceu, aos cento e dez anos... e ele foi colocado num caixão no Egito” é seu versículo final.

Esta conclusão do livro inteiro é um tanto surpreendente, tendo em vista o princípio de que “deve-se sempre terminar com uma nota positiva”. Por que Bereshit não poderia ter concluído alguns versículos antes, quando vimos que Yossef teve uma longa vida e mereceu ver seus netos e bisnetos?

Por que a descrição da morte de Yossef não poderia ter esperado até o Livro de Shemot?

Devemos portanto concluir que o falecimento de Yossef está de certa forma relacionado com o tema do próprio Bereshit.

A diferença básica entre Bereshit e os outros quatro Livros de Moshê é que Bereshit relata a história inicial de nossos antepassados e das doze tribos – a preparação para nossa existência como uma nação distinta – ao passo que os outros quatro livros contêm uma narrativa de nossa história como um povo.

O Livro de Bereshit começa com uma narrativa da criação do mundo. O Sábio, Rabi Yitschac, explicou que embora a Torá devesse ter começado com um mandamento prático, D'us escolheu começá-la com a Criação para refutar os argumentos dos gentios, que um dia alegariam que os judeus tinham roubado a Terra de Israel das nações que ali viveram antes de sua conquista.

.....
Para registrar sua afirmativa, os judeus dirão: "O mundo todo pertence a D'us; Ele o criou e dividiu como julgou apropriado. Foi Sua vontade dá-la a eles, e foi Sua vontade tirá-la deles e dá-la a nós."

Certamente D'us não mudou toda a ordem de Sua Torá apenas para dar uma resposta aos argumentos dos gentios. Os comentários de Rabi Yitschac devem portanto conter um ensinamento mais fundamental para o povo judeu como um todo.

Os países do mundo são conhecedores da missão especial dos judeus. Sua alegação, no entanto, é que exatamente porque os judeus são diferentes, eles deveriam limitar-se ao serviço espiritual de D'us e não se aterem a uma terra física.

Como os judeus são um povo como nenhum outro, não devem ter o direito de alegar a propriedade de um país. Para o não-judeu, os reinos espiritual e físico são incongruentes e incompatíveis.

"O mundo inteiro pertence a D'us" – explica o judeu – o mundano e o espiritual. Ambos requerem santificação por meio da luz da santidade – a missão sagrada do judeu.

Com este conceito tem início o Livro de Bereshit, e com esta nota ele termina. O caixão de Yossef permaneceu no Egito para fortalecer e inspirar os Filhos de Israel durante seu exílio ali. Yossef é um símbolo da capacidade do povo judeu de superar até o mais difícil dos obstáculos, imbuindo até a matéria física mais comum com santidade e trazendo a longamente esperada Redenção.

Adaptado de Likutê Sichot do Rebe, vol. 30

A Batalha Silenciosa

Por Yanki Tauber

Uma fria manhã de inverno, quando a escuridão esconde as horas e a noite parece ainda começar. A neve no solo, o vento assobiando aqui e ali, galhos delineados na sombra, às vezes batendo no telhado.

Você está na cama, seu sentido de alarme em ponto morto: ele não mais ataca sua consciência, mas sua mente permanece alerta. E assim começa o debate para levantar.

É uma batalha silenciosa, realmente, uma miscelânea – quase uma luta para coordenar as palavras na cabeça.

De repente, sem aviso, seus pés tocam o chão – quanto mais frio, mais depressa você sente que se moveu.

Modê Ani L'fanecha

(Eu Te agradeço)

Você se senta à sua mesa; todos os utensílios estão ali, como os instrumentos do médico antes da cirurgia. O livro está aberto, os cartões de anotações arrumados, o marca texto ao alcance, a caneta aberta em cima das anotações. O computador está ligado, o programa aberto e você até já escreveu o título. O browser já encontrou uma dezena de páginas da rede a serem navegadas para apoio, informação e pesquisa.

Mas o comentarista no rádio tem algo interessante. E o ícone "você tem e-mail" está piscando.

Talvez seja importante, portanto logo você está lendo – até relendo – e-mails, piadas, trivialidades, pedidos, etc. Só para entrar no espírito da coisa, para clarear a mente. Um novo e-mail está vindo – um "spam". Surpreendentemente, você o deleta sem sequer olhar, fecha o programa e começa a digitar. A reportagem flui. Com certeza precisará de revisão, mas você espera ansiosamente até por isso – o trabalho o rejuvenesceu.

Melech Chai V'Kayam

(Rei Vivo e Eterno)

As roupas de uma semana esperam para ser lavadas. Os pratos da última reunião noturna – e alguns que sobraram do Shabat – precisam ser lavados. O chão precisa de uma esfregada. Os livros têm de ser espanados. Há um cheiro de mofo no banheiro – está na hora do desinfetante – para não mencionar os pedacinhos de pasta de dente em volta da pia.

Mas manhã de domingo, o café está pronto, e o jornal está à sua frente – as revistas em quadrinhos e as palavras cruzadas. Você se senta com o café, um pedaço de bolo e um lápis. Só quinze minutos até começar o dia.

Uma hora e meia depois, você ainda está empacado no 15 Vertical. A quarta xícara de café está quase fria e aquele segundo pedaço de bolo é uma tentação. Você sentado ali, a mente passeando do 15 Vertical até a pia e dali para o telefone.

E então você está na lava-louças, arrumando as vasilhas na bandeja.

Sh'he'chezarta Bi Nishmasi B'chemla

(Por teres restaurado minha alma dentro de mim)

Você precisa marcar aquele compromisso. Precisa telefonar à sua tia. Precisa fazer a ligação. Precisa comprar os mantimentos, comparecer à reunião, fazer uma revisão no carro, chamar o pintor. Tantas pequenas coisas, tantas obrigações que, ignoradas, adiam os minutos da vida.

Raba Emunasecha

(Tua lealdade é grande)

Caridade, tefilin, velas de Shabat, comida casher, mezuzá, micvê, livros judaicos, estudo de Torá, visita aos doentes, receber convidados, honrar os pais.

A preguiça é um insulto à alma.

Yehuda ben Tema disse: "Todos devem, pela manhã, dominar sua inclinação, como um leão, despertar de seu sono perante a luz da manhã para servir a seu Criador." E isto não leva mais do que alguns minutos...

Por Yanki Tauber

Yanki Tauber é editor de conteúdo de Chabad.org.

Seis Tipos de Perfeição

Por Yanki Tauber

"Tenho o cara perfeito para você!" É atrás da perfeição que estamos, ao procurar um parceiro para o casamento, um médico ou uma babá. Aqueles que já viveram tempo suficiente poderão dizer que o único lugar para se procurar a perfeição é na busca

.....
para aperfeiçoar a si mesmo. Mas o que é "perfeição"? Possui algum objetivo além de "aquilo que eu quero" (ou penso que quero)?

Nesta semana concluímos – no ciclo anual de leitura da Torá – o Livro de Bereshit, também chamado por Nossos Sábios de "o livro dos justos".

Bereshit é a história de uma série de indivíduos perfeitos: Adam (feito à imagem de D'us"); Nôach (a quem a Torá chama de "um homem justo"), Avraham (descrito como "o amado de D'us").

Yitschac ("a perfeita oferenda"), Yaacov (o supremo "indivíduo íntegro") e Yossef ("o justo").

Que tipo de perfeição estas personalidades exemplificam?

Adam foi o modelo original, a "obra de D'us". Você não pode conseguir nada mais perfeito que isso. Tão perfeito era ele, que não pôde suportar, e saiu procurando pela imperfeição – algo a consertar, algo a atingir, algo por fazer. Mesmo assim, é bom que nós, como raça, tenhamos começado perfeitos, pois somente assim podemos entender de onde vem nossa ânsia pela perfeição, e que podemos, de fato, atingi-la.

Nôach era a própria perfeição. Toda sua geração era corrupta, mas ele "caminhava com D'us". Ele chegou a tentar melhorar a maneira de agir das pessoas – não porque se importava com o que lhes aconteceria, mas porque D'us tinha dito que era a coisa certa a fazer. Ele recebeu instruções exatas para a construção da arca, o que colocar dentro dela, quando partir, e quando abandoná-la.

O que ele obedeceu. Sua perfeição era do tipo egoísta, cujo único objetivo era ser perfeito.

A perfeição de **Avraham** era a perfeição do amor. Para Avraham, fazer uma refeição significava partilhá-la com todo viajante faminto; descobrir uma verdade era ensiná-la ao mundo. Embora externamente fosse comunicativa e abrangente, a perfeição de Avraham tinha o "eu" como centro, o mundo todo como sua esfera.

Yitschac encontrou a perfeição no altruísmo. Como toda atividade humana ou experiência é imperfeita, a perfeição está no esforço para se reunir com o Divino que é a fonte do ser. Quando alguém é nada, é um com o supremo Tudo.

Yaacov chegou à perfeição por intermédio da harmonia. Através do equilíbrio do amor e da reverência, pela fusão da auto-confiança e da discórdia. Ele conhecia o segredo da síntese; que amar indiscriminadamente é adotar também o mal, mas recuar do compromisso é abandonar muito daquilo que é bom; que fazer valer seus direitos é dar as costas a D'us, mas que erradicar o ser é contrariar o Divino propósito. A vida de Yaacov foi uma corda bamba esticada de Hebron e Charan até o Egito, pertencendo a nada porém sem ser estranho a nada, integrando o melhor de cada um à integridade de sua vida.

A perfeição de **Yossef** foi a perfeição do desafio de fato; pode algo ser perfeito a menos que tenha sido testado, esticado até seu limite e além dele? A integridade de Yossef não era a integridade de um pastor meditativo num prado tranquilo, ou um erudito recluso nas "tendas de estudo". Foi uma integridade extraída das prisões e palácios do Egito, para colidir com comércio e política, de ver-se às voltas com riqueza e depravação – e perseverar sair vencedor.

Seis pessoas, seis protótipos. Seis maneiras de ser perfeito.

Vayechi: As Doze Tribos

12 Caminhos na Vida

Na porção dessa semana da Torá – que se encerra com o Livro de Bereshit – lemos como Yaacov, em seus últimos dias, abençoa seus filhos, as doze tribos. Nessas bênçãos estão muitos segredos prevendo os eventos futuros. Como nos diz o versículo: E Yaacov chamou seus filhos, e disse: "Reúnam-se, para que eu possa dizer a vocês o que acontecerá com vocês ao final dos dias."

Como um projeto para a vida essas bênçãos têm muito a nos ensinar. Cada uma das doze tribos reflete um caminho singular na vida. Como nos diz o versículo na conclusão das bênçãos: Todas essas são as doze tribos de Israel... cada qual segundo sua bênçãos ele as abençoou (Vayechi 49:28). Qual é o significado das palavras "cada qual segundo sua bênção?" "Bênção" em hebraico também significa "atrair" (hamshocho), do radical "mavrich". Cada uma das tribos tem sua jornada particular, sua energia específica que deve se manifestar neste mundo.

Na verdade, nossos Sábios ensinam que o Mar Vermelho se abriu em doze trilhas, proporcionando um caminho separado para cada uma das doze tribos.

Para entender essas doze trilhas devemos estudar as diferentes maneiras que as tribos são descritas na Torá. Encontramos três descrições para as tribos. Primeiro, quando elas são nomeadas pelas suas mães (Vayetsê – Bereshit 29:30; 35:18), cada filho/tribo recebe um nome com um significado particular por uma razão específica. Em segundo, quando Yaacov as abençoa (na porção dessa semana). E finalmente, quando Moshê as abençoa ao final da Torá (Devarim 33:6-25).

Além disso, as tribos são nomeadas e especificadas muitas vezes na Torá – quando entram no Egito, quando deixam o Egito, durante sua jornada de 40 anos pelo Deserto do Sinai elas viajam e acampavam como tribos, suas oferendas de dedicação ao Templo são repetidas doze vezes (embora levassem as mesmas oferendas) para enfatizar os doze caminhos singulares.

Eis aqui uma das muitas aplicações desses doze caminhos, baseados fundamentalmente nas bênçãos dessa semana.

Reuven – O Primeiro

Shimeon – O Agressor

Levi – O Clérigo

Yehuda – O Líder

Dan – O Juiz

Naftali – O Espírito Livre

Gad – O Guerreiro

Asher – O Próspero

Issachar – O Erudito

.....
Zevulun – O Homem de Negócios

Yossef – O Sofredor

Menashe – Reconexão

Efraim – Transformação

Benjamin – O Consumidor Voraz

Reuven – o primogênito (bechor) – representa a poderosa energia de tudo que vem primeiro. O primeiro fruto, os primeiros momentos do dia, o início de cada criação – têm enorme quantidade de energia. “Instável como a água”, este poder pode seguir dois caminhos: se domado corretamente, o “bechor/energia de Reuven pode mudar os mundos; se abusado pode destruir. Como a água, pode ser a fonte da vida, mas se deixada livre erode seu ambiente e pode inundar as cercanias.

Shimeon é guevura agressiva – a antítese de chesed/água de Reuven.

A forte ira e a cruel fúria que podem resultar da guevura indomada devem ser eliminadas para que não se transformem em armas de violência que consomem a pessoa e aqueles com quem ela entra em contato. [A lição disso atualmente é auto-compreendida].

Levi a tribo escolhida para servir no Templo. “Levi” também significa “apegado” ou “juntado”. Levi é a personalidade de dedicar sua vida para atender a um chamado mais alto. De libertar-se de seus vínculos com a sobrevivência material e apegar-se ao serviço Divino (veja Rambam, final de Hilchot Shemitah v’Yovel).

Yehuda significa reconhecimento (hodaah, como em modê ani). O nome de Yehuda também inclui as quatro letras do nome Divino Havaya. Yehuda é o líder; seus descendentes serão reis de Israel, começando com o Rei David e concluindo com Mashiah. Yehuda é o caminho do altruísmo (bitul) – o ingrediente mais vital na verdadeira liderança.

Dan é o caminho da lei e ordem (**Dan significa julgar**). Justiça objetiva é o coração de qualquer civilização.

Naftali é a personalidade de espírito livre. Como um “cervo correndo em liberdade” – rompendo o status quo – a independência é um componente necessário ao crescimento. Porém, essa liberdade de espírito deve sempre preocupar-se em “pronunciar palavras de beleza”.

Gad é o protótipo do guerreiro. Expandindo a justiça de Dan, Gad está pronto a lutar pelas suas crenças. O guerreiro é necessário tanto para defender nossos valores mais prezados quanto para proteger nossas liberdades.

Asher é prosperidade e prazer. Asher é a dimensão de abençoar além da norma – de receber mais do que o necessário para a sobrevivência. Asher é a personalidade de não apenas conseguir o que precisa, mas também desfrutá-lo.

Issachar é o erudito. A erudição proporciona sabedoria, clareza e direção. É o alicerce de todo sistema. Issachar é a dedicação de imergir no estudo e educação.

Zevulun é o mercador, a personalidade do homem de negócios. Seu papel é entrar no mercado e redimir as Divinas centelhas dentro do mundo material (o “tesouro secreto oculto na areia” – Devarim 33:19). Zevulun complementa Issachar; eles forjam uma parceria: Zevulun apoia o erudito, ele funda casas de estudo, o que lhe granjeia o direito de partilhar a recompensa pelos estudos de Issachar.

Yossef é o elemento do sofrimento na vida. Porém, ele não apenas sobrevive; ele prospera. Atinge a grandeza por meio de seus desafios. Supera todos os adversários e se torna um grande líder, salvando toda a sua geração. Apesar de seu ambiente corrupto, ele conserva a integridade espiritual. A luz poderosa que emerge da escuridão em Yossef se divide em duas dimensões – seus dois filhos: Menashe e Efraim:

Menashe representa a habilidade de não sucumbir às forças dos “mitzraim-restrições” que desejam fazê-lo esquecer suas raízes espirituais. Permanecer conectado apesar dos desafios.

Efraim vai ainda mais longe. Não basta apenas sobreviver num ambiente alienígena, mas prosperar – “ser frutífero na terra da minha aflição”. Efraim é o poder de transformar as dificuldades em força Divina.

Beniamin está faminto, faminto pelas centelhas Divinas em toda a existência. Assim, como um “lobo feroz”, Beniamin reconhece que sua missão é buscar apaixonadamente a energia Divina embebida na matéria, devorá-la, consumi-la e elevá-la.

Doze tribos. Doze caminhos. Todo o necessário para chegarmos ao nosso destino. Qual é a sua personalidade? Que parte você precisa desenvolver?

Que possamos descobrir nosso caminho e fazer jus a ele. E que isso nos ajude a chegar ao tempo – ao final dos dias – quando receberemos clareza sobre quem pertence a qual tribo (veja Rambam, Hilchot Melochim 12:3). Talvez o significado desta revelação seja a cristalização que virá quando “o mundo estiver repleto de Divino conhecimento como as águas que cobrem o oceano.”

13 – Parashat Shemot

Êxodo 1:1-6:1

Por que Moshê Merecia ser o Líder de Israel

Apesar de ter-se criado no Egito, Moshê se aproximou de seus irmãos e compartilhou de sua dor.

Quando viu que um escravo judeu era golpeado, quase assassinado pelo capataz egípcio, matou o egípcio para salvar seu irmão judeu, pois amava a todos de seu povo.

Mais tarde, Moshê viu um judeu a ponto de golpear outro; repreendeu o **rashá (malvado)**, dizendo-lhe: “Como se atreve a golpear seu irmão?” Salvou-o, pois realmente se importava com cada um deles.

Ao chegar ao poço de Midian, Moshê viu que as filhas de Yitrô eram empurradas na água pelos pastores malvados.

Essas moças foram resgatadas por Moshê que realmente se preocupava com todas as pessoas criadas por D’us.

.....
E quando cuidou das ovelhas de Yitrô, um cordeiro sedento se aproximou em busca de água. Ao vê-lo, Moshê disse: "Sem dúvida, debes estar cansado". Levou-o até o rebanho para pô-lo a salvo, pois realmente se preocupava com todas as criaturas de D'us.

D'us disse: "Moshê, porque te preocupas com todas as criaturas que fiz e trataas a todas tão bem, quero que sejas o pastor de meu povo, o líder do Povo de Israel."

D'us Põe à Prova o Povo Judeu

Vocês se lembram que Yaacov, junto com a família, viajou para o Egito, onde Yossef governava. Mesmo depois da morte de Yossef, seus irmãos e os filhos e netos desses permaneceram no Egito.

Ali ficaram por muitos anos mais. **O povo de Israel esteve pelo total de duzentos anos no Egito.**

Esperavam pelo mensageiro especial de D'us, porque Yossef lhes havia ordenado que não saíssem do Egito até que D'us enviasse seu mensageiro para tirá-los de lá.

O plano de D'us era fazer com que os judeus permanecessem no Egito por muito tempo. Desse modo, D'us cumpriu as palavras ditas a Avraham: "Teus filhos serão estranhos numa terra que não é a deles. Serão convertidos em escravos e ali sofrerão por muitos anos."

D'us tinha muitas razões para fazer com que os judeus permanecessem no Egito por um longo tempo. Uma delas era colocar os judeus à prova, das seguintes formas:

Continuariam sendo tsadikim (homens justos) e continuariam servindo a D'us, embora seus vizinhos egípcios venerassem ídolos?

Os homens judeus tomariam egípcias por esposas, e as mulheres judias aceitariam homens egípcios por esposos, ou negar-se-iam a contrair matrimônio com não-judeus?

Os judeus falariam hebraico entre eles, dando aos filhos nomes judaicos, ou começariam a falar egípcio e dariam nomes egípcios aos filhos?

E quando D'us enviasse Moshê para libertá-los, os judeus aceitariam segui-lo a Terra de Israel ou prefeririam ficar no Egito por se sentirem bem ali?

D'us pôs o povo de Israel à prova de todas essas formas. Os judeus que não passaram por elas morreram no Egito.

Somente aqueles que mereciam receber a Torá foram libertados do Egito.

O Midrash Explica:

Uma Razão pela Qual D'us Exilou o Povo de Israel no Egito

Nosso antepassado Yaacov tinha quatro esposas. Duas delas, Bil-ha e Zilpa, eram servas das outras duas, Rachel e Léa. Quando Yaacov casou-se com Bil-ha e Zilpa, deu-lhes a liberdade.

Os filhos de Léa, sem pena, desprezavam os filhos de Bil-ha e Zilpa. Zombavam deles, dizendo: "Vocês são filhos de escravas!"

D'us disse: "Levarei todos os filhos de Yaacov a uma terra estrangeira, o Egito. Os egípcios sentirão aversão pelos judeus e os escravizarão. Então, todos os judeus serão iguais e amigos entre si."

E assim aconteceu. Como os egípcios depreciavam todos os judeus, estes se tornaram amigos entre si. Quando saíram do Egito, todos os judeus se sentiam irmãos. Nem um só deles se acreditava melhor que qualquer outro judeu por descender de Rachel ou Léa, nem de Bil-ha ou Zilpa.

Como o Povo de Israel Suportou a Prova do Exílio Egípcio

Os descendentes de Yaacov, o Povo de Israel, não prosperaram muito entre os egípcios depois da morte de Yossef e seus irmãos.

Enquanto Yossef vivia e governava o país, havia ordenado ao Povo de Israel: "Fiquem no distrito de Goshen, longe dos egípcios!" Yossef sabia que os judeus não se misturariam com os egípcios e desta forma não venerariam ídolos como eles.

Quando Yossef morreu, seus irmãos continuaram advertindo os filhos e netos sobre preservar a herança do povo judeu.

Porém, depois da morte de todos os irmãos de Yossef, os judeus somente tinham a tribo de Levi para adverti-los de que não deveriam mesclar-se aos egípcios. Muitos judeus se afastaram de Goshen e se fixaram em outras partes do Egito.

Logo aprenderam a inclinar-se perante o deus principal do Egito, a ovelha, e perante outros deuses animais egípcios.

A maioria dos judeus começou a venerar ídolos, como seus vizinhos egípcios.

Porém, nenhum judeu contraiu matrimônio com mulher não judia, e nenhuma moça judia consentiu em casar-se com um egípcio. Os judeus não falavam egípcio entre si; somente falavam **lashon hakodesh, hebraico**. Também não deram nomes egípcios a seus filhos.

Porém, D'us não estava satisfeito com os judeus. Queria que todos eles continuassem servindo somente a Ele. Quando preferiam misturar-se aos egípcios e agir como eles, D'us fazia com que os egípcios odiassem os judeus. Queria que os judeus compreendessem que deviam fazer **teshuvá (arrependimento)**, e deixassem de servir aos deuses egípcios.

Os Egípcios Ficam Descontentes pelo Grande Número de Filhos dos Judeus

D'us havia prometido a Avraham que seus descendentes seriam tão numerosos como as estrelas. Começou a dar cumprimento a essa promessa aumentando a família de Yaacov.

Ao chegar ao Egito, a família de Yaacov tinha somente setenta membros. Mas logo teve centenas, depois milhares, e logo centenas de milhares de judeus. Milhões de judeus.

Como isso aconteceu?

.....
D'us fez um milagre e as mães judias deram à luz não a um filho só, **mas seis ao mesmo tempo!** Logo existiam muitas famílias judias que tinham cinquenta ou sessenta filhos. E outras famílias tinham sessenta filhos homens e igual número de filhas. Imaginem o barulho, a emoção, e a diversão para as crianças, com tantos irmãos e irmãs!

Os egípcios comentavam furiosos, cada vez mais indignados. Esperavam uma oportunidade para ferir e destruir essas crianças.

Faraó Escraviza os Judeus

O Faraó, o rei egípcio que vivia nessa época, era um homem malvado. Decidiu ser cruel com o povo judeu. Resolveu "esquecer" que um judeu, Yossef, havia certa vez salvado todo o Egito da morte por inanição, quando juntou o cereal necessário para alimentar todo o povo egípcio, **e havia governado o país por oitenta anos.**

O faraó disse aos conselheiros: "Devemos criar um plano para evitar que as judias tenham tantos filhos! Se as famílias continuarem crescendo da forma que estão fazendo agora, logo haverá mais judeus que egípcios, e os judeus poderão aliar-se a nossos inimigos e assumir o controle do país!"

O faraó e os ministros urdiram um terrível plano: transformariam os judeus em escravos que trabalhariam para eles noite e dia. Separariam os pais das famílias e os deixariam tão fracos que poucas crianças nasceriam.

Mas como o faraó faria para converter os judeus em escravos? Ele e os conselheiros tiveram uma idéia maligna.

Proclamaram o seguinte anúncio: "O faraó precisa construir novos edifícios para armazenamento de cereal. Necessita de grande número de trabalhadores para as obras. Espera que todos os cidadãos responsáveis se unam para ajudar! Todos os trabalhadores serão pagos."

Os egípcios disseram ao povo de Israel: "O que vocês, judeus, estão fazendo para ajudar nosso país? Também devem ajudar!"

Assim, os judeus começaram a trabalhar na construção de novos armazéns para o faraó.

Para estimular as pessoas a trabalharem, o próprio faraó se apresentou na obra no primeiro dia, pá na mão. Logo correu a notícia de que até o rei havia pessoalmente ajudado nas tarefas da construção. Animadas, mais e mais pessoas se apresentaram, entre essas todos os homens judeus, com exceção daqueles da tribo de Levi.

Os homens do faraó foram aos homens da tribo de Levi e perguntaram: "Não nos ajudarão na construção?" Mas eles se negaram.

Responderam: "Somos os rabinos do povo judeu. Devemos estudar e ensiná-los. Não temos tempo para nenhum outro trabalho."

Quando os homens do faraó escutaram isso, não mais incomodaram os homens da tribo de Levi.

A princípio, o faraó pagava aos trabalhadores judeus. Ao cabo de certo tempo, porém, deixou de fazê-lo. Quando os judeus

protestaram, os supervisores disseram: "O rei ordena que todos os judeus continuem construindo, mesmo sem salário!" Alguns judeus não se apresentaram mais para trabalhar, mas os supervisores conheciam o nome e endereço de cada um deles. Os policiais egípcios eram informados sobre todo judeu que faltava ao trabalho, e este era levado à força.

Os supervisores egípcios eram exploradores cruéis e desalmados. Obrigaram todos os judeus a trabalhar rapidamente e sem descanso. Se um judeu demorava porque estava cansado, era açoitado com um chicote e obrigado a trabalhar ainda mais rápido.

O faraó também designou policiais entre os judeus, cujo trabalho era conseguir que os judeus trabalhassem ao máximo de sua capacidade. Os policiais judeus tinham ordens de açoitá-lo todo judeu que fosse lento no trabalho, mas se negaram a castigar seus irmãos judeus. Quando os supervisores egípcios viram que a polícia judaica se apiedava dos demais judeus e permitia-lhes fazer o trabalho mais lentamente, começaram então a açoitá-lo os policiais judeus. Porém, estes judeus preferiam o chicote a golpear seus irmãos judeus.

Mais tarde, D'us premiou estes heróicos policiais judeus. **Chamou-os zekenim, anciãos do povo judaico.**

O Faraó dá Permissão aos Egípcios para Empregar Judeus como Escravos

O faraó esperava escutar a notícia de que o Povo de Israel tinha cada vez menor número de filhos. Mas para sua desilusão, foi informado que o número de filhos era cada vez maior!

"Os judeus não trabalham com empenho suficiente!" concluiu o faraó. "Aí é que está o problema."

Por isso, o faraó fez um novo anúncio. "Todo egípcio pode levar os judeus que quiser, a fim de que trabalhem na sua casa ou na lavoura."

Os egípcios ficaram muito satisfeitos com essa nova ordem, pois agora podiam ter todos os escravos que quisessem para fazer seu trabalho.

Um egípcio podia simplesmente dizer a um judeu: "Preciso de alguém para tirar as pedras do meu jardim", ou "necessito plantar meu jardim, venha comigo!" e o pobre e exausto judeu deveria trabalhar para o egípcio à noite, quando terminasse o trabalho para o faraó.

Porém, a esperança do faraó de que cada vez houvessem menos filhos para os judeus não se cumpriu. As famílias judias continuaram crescendo. De tal modo cresceram que o faraó aprovou um novo decreto. A princípio, os homens do faraó forneciam aos judeus os tijolos para a construção.

Agora o faraó queria que os judeus fabricassem seus próprios tijolos. Deviam reunir o material para fabricar os tijolos, exceto a palha, que seria fornecida pelo faraó. Esta nova exigência tornou o trabalho dos pobres escravos judeus muito mais difícil.

Mas os planos do faraó não tinham êxito. As famílias judias se multiplicavam cada vez mais.

Quando o faraó se deu conta disso, urdiu um plano novo e terrível. De agora em diante, tomaria os cuidados para que todos

.....
os varões judeus recém-nascidos fossem assassinados secretamente!

Faraó Ordena às Parteiras que Matem os Judeus Recém-Nascidos

O faraó ordenou que trouxessem ao palácio as duas mulheres judias encarregadas de ajudar as mães a ter os bebês.

Chamavam-se Shifra e Puá.

Ordenou-lhes: "Shifra e Puá, façam com que não nasçam mais meninos judeus vivos! Quando forem chamadas à casa de uma judia prestes a dar à luz e for um menino, asfixiem-no e digam à mãe: "Sentimos muito, mas seu filho nasceu morto!"

O faraó pensou: "Pronto, não haverá mais meninos judeus."

Por que o faraó ordenou a morte somente dos varões? Poderia ter ordenado a morte de meninas! Mas os sábios feiticeiros o haviam avisado: "vemos nas estrelas, Majestade, que está para nascer um menino que libertará todos os escravos judeus e os tirará do Egito." Por isso, o faraó decidiu matar todos os meninos judeus, na esperança de que o futuro líder se encontrasse entre eles. Não ocorreu ao faraó que as parteiras pudessem desobedecer-lhe. Afinal, bem se sabia no Egito que todo aquele que se atrevesse a desobedecer o poderoso faraó seria condenado à morte.

Acontece que Shifra e Puá decidiram ignorar a ordem, pois eram **tsadikaniot**, mulheres de bem. Afirmaram: "Estamos dispostas a morrer antes de matar meninos judeus, D'us nos livre!"

Quando o faraó ficou sabendo que nenhum menino judeu estava nascendo morto, chamou Shifra e Puá para repreendê-las: "Por que estão deixando viver os meninos judeus?"

Elas responderam: "Não é nossa culpa, Majestade. Nunca somos chamadas a tempo. As mulheres judias fazem Tefilá (rezam) para que seus filhos nasçam rapidamente e em paz. Quando nos chamam já é demasiado tarde; os bebês já nasceram!"

D'us recompensou Shifra e Puá com bênçãos pela sua coragem em desobedecer as ordens do faraó.

Seus descendentes se converteram nos líderes do povo judeu: cohanim, leviyim e reis.

Os Meninos Judeus são Arremessados ao Rio Nilo

O faraó e seus assessores compreenderam que não podiam mandar matar os meninos judeus em segredo, de modo que decidiram assassiná-los abertamente.

O rei proclamou: "De agora em diante, todos os varões judeus serão jogados ao Nilo!"

Como o faraó imaginou que as mães judias esconderiam seus filhos recém-nascidos, ordenou aos egípcios que se mudassem para casas vizinhas às dos judeus para espioná-los e saber quando uma mulher judia estava prestes a dar à luz. Então deviam informar à polícia egípcia, e a casa judaica era registrada assim que nascesse o bebê. Se fosse menino, levariam-no e o afogariam no rio. Os egípcios ajudaram o faraó, vigiando os

judeus. Diziam aos filhos: "sigam as mulheres judias para todos os lados, assim saberão quando estão prestes a dar à luz."

As egípcias também ajudaram o faraó da seguinte maneira: quando um policial egípcio ia procurar um menino judeu num lugar assinalado e não o encontrava, as mulheres egípcias levavam seu próprio filho ao lugar. Beliscavam a criança para que chorasse, e quando o menino judeu escutava o choro, também começava a chorar. Assim, era descoberto e levado para ser jogado ao Rio Nilo.

Como D'us Salvou os Meninos Judeus

D'us fez um milagre para o povo judeu. Os meninos jogados ao rio não se afogavam. Ao contrário, o rio os arrastava até umas cavernas perto de uns campos, longe das cidades egípcias. Ali, D'us se ocupava com os meninos. Colocou duas pedras junto à boca dos pequenos. De uma delas fluía leite, e da outra mel. Os meninos cresciam, alimentados por D'us, e logo regressavam às casas de suas famílias.

Outro Midrash explica que D'us salvava os meninos mantendo-os vivos milagrosamente no Rio Nilo. **D'us permitia que pudessem respirar na água como peixes, e tiravam o sustento do rio.** Assim, quando o faraó cancelou o decreto, os meninos saíram vivos do rio.

Desse modo, os malvados planos do faraó não tiveram êxito.

Nasce Moshê

Um dos líderes do povo judeu nesse momento era o tsadic (justo) Amram, da tribo de Levi. Era tão justo que não havia jamais cometido um só pecado na vida. Sua esposa Yocheved era também uma grande tsadeket (justa). Tinham uma filha de seis anos, Miriam, e um filho de três, Aharon.

No dia em que Yocheved estava para dar à luz a outro menino, os astrólogos e sábios do faraó o advertiram: "Lemos nas estrelas que hoje nascerá o menino que tirará os judeus do Egito." Porém, os egípcios nunca puderam descobrir o filho de Amram e Yocheved. Esta o escondeu em casa por três meses. Porém, temerosa de que os egípcios tivessem visto algo, buscou outro esconderijo.

Yocheved pensou: "Talvez, se ocultar meu filho no rio, os astrólogos do faraó vejam nas estrelas que o menino que os preocupa foi jogado ao rio. Talvez assim o faraó cancele a ordem de atirar os meninos judeus no rio."

Moshê no Rio Nilo

A mãe de Moshê arrumou uma caixa de madeira e colocou uma tampa. Para impermeabilizá-la, cobriu-a com breu por fora e com argila por dentro. Pôs a caixa no Rio Nilo entre os juncos que cresciam às margens, onde poderia ser vista pela gente que passava perto do rio.

A irmã de Moshê, Miriam, decidiu permanecer perto da margem do rio para ver o que aconteceria ao irmãozinho. Passaram-se vinte minutos e ninguém notou a caixa que flutuava no rio.

Mas quem se aproximava agora? Miriam viu que se tratava de uma dama egípcia da alta nobreza, seguida pelas criadas. Quem poderia ser? Quando se aproximou, Miriam viu que era a filha do faraó, **a princesa Batia**, que vinha banhar-se no Nilo. Podem

.....
imaginar como bateu o coraçãozinho de Miriam, quando viu que Batia mergulhava no rio, não muito distante da caixa com seu irmãozinho dentro?

Miriam observou ansiosamente, para ver se Batia descobriria o menino. Pois não é que descobriu?

"Que será isso que flutua entre os juncos?" exclamou a princesa.

Ordenou às criadas: "Tragam-me essa caixa! Como se negassem, Batia estendeu o braço para alcançá-la. Era impossível para Batia alcançar a caixa, que estava fora de seu alcance, mas ela tentou de todas as maneiras. **D'us fez um milagre: seu braço se esticou até alcançar a caixa, e Batia pôde abri-la. Surpreendeu-se ao encontrar um menino dentro.**

Que lindo bebê! Batia ficou encantada, e não sabia o que fazer com ele. D'us enviou o anjo Gabriel para que desse uma palmada no menino, que começou a chorar; Batia sentiu pena dele. "Rápido, corram!!" ordenou às criadas. "Este menino deve ser um judeu, e está morrendo de fome. Tragam uma ama de leite para que o amamente!"

As moças regressaram com uma ama egípcia, mas para surpresa de todos, o bebê fechava a boca com força e não quis mamar do seu peito. Batia ordenou quer trouxessem outra ama egípcia para amamentar o nenê, porém uma vez mais ele cerrou a boca e se negou a mamar. Miriam estava observando a cena desde o começo. Neste momento, perguntou: "Trago uma ama judia? Talvez o menino aceite seu leite."

Quando a princesa consentiu, Miriam correu para casa e trouxe a sua própria mãe, **Yojcheved**. Naturalmente, o pequeno mamou o leite de sua mãe!

Moshê no Palácio do Faraó

Você acaba de saber quem era o menino. Não era outro senão Moshê. Na verdade, este nome foi-lhe dado pela princesa Batia. Chamou-o assim porque **a palavra Moshê significa "tirei-o da água"**, e Batia o havia encontrado no rio.

Batia disse à mãe de Moshê: "Fique com o menino em sua casa e o amamente até que eu vá buscá-lo para levar ao palácio, e te pagarei por isso."

Dois anos depois, a princesa reconheceu Moshê e o levou ao palácio do faraó. Cuidava muito bem dele. Amava o menino como se fosse seu próprio filho. Seu pai, o faraó, também se encantou com o bebê e sempre brincava com ele.

Moshê Tira a Coroa do Faraó

Certa vez, o pequeno Moshê estava sentado sobre os joelhos do faraó. De repente, esticou a mãozinha, tirou a coroa do faraó, e a colocou sobre a própria cabeça.

Podem imaginar o alvoroço que se produziu na corte? Um ministro advertiu o faraó: "Majestade, este menino, embora pequeno, já está lhe tirando a coroa! Quando crescer, tirará todo o reino! Talvez seja este o menino que os feiticeiros diziam que levaria os judeus do Egito. Mate-o agora mesmo e não se converterá num inimigo poderoso para o senhor!"

Outro ministro interpôs-se: Majestade, é um exagero dar tanta atenção aos atos de uma criança. Todos os pequeninos gostam de brincar com objetos brilhantes. Ele tomou sua coroa simplesmente porque pensou que era um objeto agradável e brilhante para brincar."

Para por fim à discussão entre os ministros, decidiram por o pequeno Moshê à prova, e descobrir porque havia tirado a coroa do faraó. Compreendia ele a importância da coroa ou estava só brincando? Se a prova mostrasse que Moshê havia tomado a coroa do faraó com um propósito determinado, seria morto.

Colocaram diante de Moshê duas vasilhas: uma cheia de moedas de ouro e outra de carvões acesos e resplandecentes. Escolheria Moshê o ouro ou os carvões ardentes? Se escolhesse as moedas de ouro, demonstraria que tinha inteligência suficiente para compreender que o ouro era mais valioso que o carvão. Se era tão inteligente, isso queria dizer que compreendia o valor da coroa e que a havia colocado sobre a própria cabeça de propósito. Porém, se escolhesse o carvão por causa de seu esplendor, demonstraria ser apenas uma criança que se sentia atraída pelo brilho da coroa.

Moshê era um menino muito esperto. Sabia que o ouro era muito mais valioso que o carvão, e estendeu a mãozinha para o ouro. **Mas D'us enviou o anjo Gabriel para que empurrasse a mão de Moshê até o recipiente cheio de carvões ardentes.** Moshê pegou um, e, vendo que estava muito quente para segurá-lo, levou-o à boca. **O carvão ardente queimou-lhe a língua, e desde esse dia Moshê teve dificuldades para falar.**

Moshê Cresce

Moshê cresceu no palácio do faraó. Embora fosse tratado como um príncipe e pudesse desfrutar de todos os prazeres da corte egípcia, Moshê estava sempre triste, tão triste que chorava sem parar. Havia descoberto que era judeu, e sentia-se consternado ao ver como o faraó tratava cruelmente a seus irmãos, os judeus. Moshê se negou a desfrutar dos prazeres do palácio enquanto outros judeus sofriam e trabalhavam duramente.

Então, Moshê pediu ao faraó que o deixasse supervisionar os escravos judeus, e a cada vez que visitava um lugar onde via os judeus trabalhando, ajudava-os secretamente no que fosse possível. Com o pretexto de ajudar o faraó, Moshê os ajudava a carregar fardos ou a terminar um trabalho. Angustiava-se terrivelmente ao ver que os judeus sofriam tanto.

Os Planos de Moshê para dar aos Judeus um Dia de Descanso

Moshê estava constantemente pensando na forma de aliviar o trabalho dos judeus, e finalmente elaborou um plano.

Foi ver o faraó e lhe disse: "Tenho observado os judeus trabalhando e devo informar-lhe que estão a ponto de sofrer um colapso. Aí, não terão mais utilidade, pois o senhor os obriga a trabalhar sem descanso. Nenhum escravo pode trabalhar semana após semana, mês após mês."

"Tens alguma sugestão para evitar que sofram um colapso?" perguntou-lhe o faraó.

"Creio que se lhes permitisse descansar um dia por semana", sugeriu Moshê, "lhes daria a oportunidade de reunir força suficiente para trabalhar melhor o restante do tempo."

.....
O faraó aceitou o plano de Moshê. Quando permitiu a Moshê escolher um dia da semana, que dia acham que escolheu? Sim, foi o Shabat. Embora a torá ainda não tivesse sido outorgada, Moshê sabia que o Shabat era um dia santo. Sabia que Avraham, Yitschac, Yaacov e Yossef descansavam no Shabat.

Segundo outro Midrash, o faraó descobriu que qualquer edifício que os judeus levantavam no Shabat, caía imediatamente.

O faraó perguntou desconfiado: "Por que os edifícios construídos no sétimo dia não duram?"

Moshê explicou ao faraó: **"Porque não lhes permite descansar neste dia!"**

Desde então, o faraó liberou o Povo de Israel de trabalhar no Shabat.

Moshê Mata um Egípcio

Certo dia, **quando Moshê tinha vinte anos**, chegou ao lugar onde trabalhavam os judeus e se deparou com um espetáculo pavoroso! Um supervisor egípcio estava chicoteando selvagememente um judeu!

Moshê sabia que precisava detê-lo rapidamente ou ele mataria o judeu. Decidiu que o malvado egípcio não merecia viver, mas pensou que poderia ter filhos ou netos que fossem bons. Embora Moshê fosse jovem, era um grande tsadic (justo) que **tinha um poderoso ruach hacodesh**, um dom de D'us que lhe permitia ver o futuro de uma pessoa. Moshê previu que este egípcio era um malvado da pior espécie, e que seus filhos e descendentes que pudesse ter seriam reshaim (malvados).

Moshê conhecia o segredo de matar uma pessoa invocando o nome de D'us, pois D'us havia enviado um anjo para que o ensinasse. **Pronunciou um dos nomes santos de D'us, com 42 letras, e o egípcio caiu morto.**

Moisés rapidamente sepultou o egípcio na areia e advertiu os judeus que haviam presenciado a cena: "Não digam uma palavra do que viram aqui."

No dia seguinte, Moshê voltou a esse lugar. Havia problemas novamente. Dois homens estavam lutando, e um havia levantado a mão para golpear o outro. Quando Moshê se aproximou, viu que eram judeus. **Eram dois reshaim (malvados) chamados Datan e Aviram.**

"Parem!" ordenou Moshê a Datan, o judeu que levantava a mão contra o outro. Por que faz isso? Nenhum judeu pode golpear outro!"

Datan replicou com insolência: "És muito jovem para me dar ordens! E mesmo que fosses mais velho, quem te nomeou juiz sobre nós? Ou talvez queres matar-me como fez ontem com o egípcio!"

Quando Moshê escutou essas palavras, sentiu-se desolado. Datan mencionara em voz alta o fato de que matara o egípcio. Por acaso Moshê não advertira os judeus a guardar segredo e não falar lashon hará (palavras maliciosas) sobre ele? Moshê temia que D'us não iria tirar os judeus do Egito por pecar, falando lashon hará!

Os dois reshaim (malvados), Datan e Aviram, ficaram tão furiosos porque Moshê apartara sua briga, que se apressaram em ir ao palácio e informar ao faraó; "Moshê assassinou um supervisor egípcio!"

O faraó deu ordens para deterem Moshê e o condenou à morte. O carrasco quis brandir sua poderosa espada no pescoço de Moshê, mas D'us fez um milagre: seu pescoço ficou duro como uma pedra, e a espada voltou-se para trás, matando o carrasco.

Então D'us deixou o faraó mudo, para que não pudesse falar e dar ordens de matar Moshê, e deixou as pessoas cegas, para que não vissem sua fuga.

Moshê se Refugia na Casa de Yitrô

Moshê saiu da terra do Egito, porque o faraó era poderoso e tinha espiões em toda parte. Viajou a países distantes por muitos anos, até que chegou à terra de Midyan. Enquanto descansava junto a um poço, viu sete irmãs com um rebanho de ovelhas que se aproximavam do poço. Uns pastores que estavam por perto não permitiram que as moças dessem de beber às ovelhas, e jogaram as irmãs dentro do poço.

Quando Moshê viu o ocorrido, tirou as moças do poço e deu água às suas ovelhas. Também ajudou os pastores a dar de beber aos animais. As irmãs agradeceram e foram para casa. Ao chegarem, o pai, Yitrô, lhes perguntou: "Por que chegaram tão cedo hoje? Sempre chegam tarde, pois os pastores as tratam mal e não as deixam dar água às ovelhas."

"Hoje um estranho, um egípcio, nos ajudou," explicaram elas. "Tirou-nos do poço e deu de beber às ovelhas."

"Trata-se, sem dúvida, de um homem muito bondoso", disse Yitrô. Vão buscá-lo e convidem-no a jantar conosco."

Moshê foi à casa de Yitrô.

"Quem és, e o que fazes em Midyan?" perguntou-lhe Yitrô.

Quando Moshê explicou que estava fugindo do faraó porque este queria matá-lo, Yitrô se assustou porque temia que o faraó o castigasse por dar abrigo a Moshê. **Assim, Yitrô ordenou aos serventes que colocaram Moshê em um poço perto da casa, e o mantiveram ali por dez anos.** Todos os dias, Tsiporá, uma das filhas de Yitrô, levava-lhe comida, e assim Moshê pôde sobreviver. Finalmente, dez anos depois, Yitrô o libertou.

O Maravilhoso Cajado de Moshê

Quando D'us criou os céus e a terra e tudo que há neles, **criou também um maravilhoso bastão de safira**, que deu a Adam, o primeiro homem, que viveu por 930 anos. **Adam** o entregou a seu tataraneto, o tsadic **Chanosh**, que havia nascido quando Adam tinha 622 anos. Chanosh o deu a **Metushelach**, que por sua vez o deu a Noâch. **Noâch** o deu a **Avraham**, que o deu a **Yitschac**, que o deu a **Yaacov**, que o deu a **Yossef**.

Quando Yossef morreu, Yitrô, que era conselheiro na corte do faraó, o tomou porque percebeu o quão importante era. Yitrô o cravou na terra de seu jardim, no fundo da casa. Porém, quando o bastão foi plantado ali, ninguém, por mais forte que fosse, não conseguia tirá-lo. Yitrô proclamou: Se algum homem conseguir tirar o bastão da terra, dar-lhe-ei uma de minhas filhas por

.....
esposa!" Mas ninguém conseguia. **Quando Moshê saiu do cárcere de Yitrô, tirou o cajado. Guardou-o com ele.**

Moshê se Casa com Tsiporá

Yitrô deu a Moshê a mais especial de suas filhas, Tsiporá, que era uma grande tsadeket (justa). Esta deu à luz um filho, a quem Moshê chamou Gershon, e logo outro, Eliezer.

Moshê ficou vivendo com Yitrô e se ocupou em cuidar das ovelhas.

D'us Fala com Moshê

Os pastores só levam as ovelhas e cabras a pastarem o mais perto possível de casa. Moshê, ao contrário, não fazia assim. Todos os dias levava as ovelhas de Yitrô muito longe, longe das cidades povoadas, pois temia que os animais comessem pasto de alguma outra pessoa, e isso seria roubar. **Moshê somente ia com o rebanho em campo aberto, onde a terra não pertencia a ninguém.**

Estava chegando a hora de liberar o Povo de Israel do Egito. Apenas D'us sabia quando chegaria este momento. Pois como Moshê era um tsadic (justo) tão especial, D'us decidiu elegê-lo líder dos judeus.

Certa vez Moshê conduzia as ovelhas por um campo deserto, e viu um fato inusitado: numa colina havia um arbusto espinhoso que estava se incendiando, sem que os ramos fossem destruídos pelo fogo. Moshê olhou com mais atenção e viu um segundo milagre: apenas parte do arbusto estava se incendiando, e o fogo não tocava a outra parte de jeito nenhum.

Moshê ficou admirado pelo maravilhoso espetáculo. Havia outros pastores junto a Moshê, mas apenas o tsadic (justo) Moshê podia ver o maravilhoso arbusto, e somente ele escutou um anjo de D'us que o chamava para que se aproximasse do arbusto.

Quando Moshê chegou perto, D'us lhe ordenou: "Não chegue muito perto! Tire os sapatos, pois estás parado em terra santa!"

A colina era santa pois a shechiná (Divindade) de D'us estava sobre ela. Voltaria a ser sagrada no ano seguinte quando D'us entregaria os Dez Mandamentos ao Povo de Israel sobre esta colina. (Pois a colina onde Moshê viu o arbusto ardente não era outra senão o **Har Sinai -Monte Sinai**).

D'us disse a Moshê: "Escutei o Povo de Israel chorando por causa do duro trabalho no Egito. Vi que fizeram teshuvá (arrependimento) em seus corações. Vou libertá-los. Vá ao faraó e ordene-lhe: "Deixe partirem os judeus. Você os guiará para fora do Egito."

"Sou uma pessoa muito insignificante," protestou Moshê. "Por que haverias Tu, D'us, de eleger-me o líder que tirará os judeus do Egito? Elege um homem mais importante! Quem sou eu para que o faraó me escute e me permita sair para a terra Santa?"

Pode estar furioso comigo por ter matado um egípcio – pode até prender-me ou executar-me!"

"Não temas!" tranquilizou D'us a Moshê. "Estarei a teu lado para assegurar teu êxito em liberar o Povo de Israel do Egito. Prometo que o faraó não te fará mal.

Esta é uma das razões por que te mostrei a sarça ardente.

Foi um sinal: assim como o arbusto não sofreu dano por causa do fogo, não serás prejudicado pelo faraó."

Moshê fez outra pergunta: "Se eu disser ao Povo de Israel que me ordenastes tirá-los do Egito, não me acreditarão. Dirão: 'D'us nunca apareceu para você! Não acreditamos em você!'"

D'us ficou irado com Moshê por não confiar nos judeus; por pensar que não lhe dariam crédito. D'us esperava que Moshê compreendesse que os judeus eram um povo santo que confiaria nele, pois haviam aprendido de seu antepassado Yaacov e de Yossef, sobre o redentor que D'us enviaria.'

"Como temes que o Povo de Israel não confie em ti, dar-te-ei três sinais", disse D'us a Moshê.

"Estas serão as provas para o Povo de Israel de que foste enviado por Mim."

O Primeiro Sinal

D'us perguntou a Moshê: "Que levas nas mãos?"

"Um cajado," disse Moshê.

"Joga-o no solo!"

Quando Moshê jogou o cajado, este se transformou em uma serpente. Moshê se assustou tanto com a perigosa serpente que se movia em sua direção que começou a correr.

Mas D'us ordenou-lhe: "Pega a serpente pela cabeça!"

Quando Moshê fez o que D'us lhe ordenava, a serpente transformou-se em cajado novamente. Era sem dúvida um sinal maravilhoso que convenceria os judeus de que deveriam crer nas palavras de Moshê.

Porém, D'us havia também escolhido este sinal para demonstrar a Moshê que estava aborrecido com ele, por haver falado mal de Bnei Israel ao dizer: "Não crerão em mim!"

Desse modo, Moshê havia agido como a serpente no Gan Eden (paraíso) que havia falado lashon hará (calúnias) sobre D'us a Chava.

Para que Moshê tomasse consciência de seu erro, D'us utilizou uma serpente como primeiro sinal.

O Segundo Sinal

D'us ordenou a Moshê: "Põe tua mão sobre o peito!"

Moshê pôs a mão dentro da túnica. Quando a retirou, estava branca como a neve. Estava coberta da doença cutânea conhecida como **tsara'at**. Quando uma pessoa contrai essa doença, a pele fica toda branca.

Logo D'us ordenou a Moshê: "Coloca novamente tua mão dentro da túnica."

.....
Desta vez, quando Moshê a tirou, a mão estava com sua cor normal novamente.

D'us disse: "O sinal de tua mão doente será o sinal que mostrarás ao Povo de Israel."

Este sinal era uma nova prova de que Moshê não deveria ter falado sobre Bnei Israel; "Não me acreditarão!" Como Moshê havia falado mal dos judeus, **D'us o havia castigado com uma enfermidade com que D'us castiga as pessoas que falam calúnias.**

O Terceiro Sinal

D'us deu a Moshê outro sinal para que mostrasse ao Povo de Israel.

Disse-lhe: "Toma um pouco de água do Rio Nilo e joga-a sobre o solo e se transformará em sangue."

Mesmo depois de receber estes três sinais do próprio D'us, Moshê não estava pronto para ir até o faraó.

"Meu irmão Aharon sentir-se-á mal se eu me transformar no líder do povo judeu, e não ele! Ele é um navi (profeta) a quem Tu tens falado e enviado mensagens ao povo judaico. Não sou digno de comparecer perante o faraó, pois tenho dificuldades para falar."

Mas D'us insistiu que Moshê fosse o líder de Bnei Israel. "Teu irmão Aharon te acompanhará na visita ao faraó e ao povo de Israel," disse-lhe. "Ele falará diretamente com o faraó. **Tu falarás lashon hakôdesh (hebraico)** e ele traduzirá tuas palavras para o egípcio. Leva contigo o cajado, pois com ele farás milagres!

Moshê é Castigado por Demorar a Fazer o Brit Milá (circuncisão) de seu Filho

Moshê disse à esposa: "D'us me ordenou regressar ao Egito."

Moshê pegou a esposa e o filho, Gershon, junto com o bebê recém-nascido, de oito dias de idade, e os sentou sobre uma mula. Todos empreenderam viagem ao Egito.

Na verdade chegara o momento de fazer a circuncisão do menino recém-nascido, Eliezer. Mas Moshê pensou: "Se eu fizer o brit milá agora, será perigoso que viaje em seguida. E D'us me ordenou viajar ao Egito. Primeiro devo obedecer a ordem de D'us e fazer logo a circuncisão do menino."

Quando Moshê e Tsiporá estavam para chegar ao Egito, Moshê preparou um lugar para a família passar a noite.

Mas D'us esperava que Moshê, agora que a família estava perto do Egito, fizesse a circuncisão antes de qualquer outra coisa. Moshê deveria ter preparado um lugar para dormir somente depois de cumprir com a mitsvá de milá.

Por causa disso, D'us enviou um anjo para que castigasse Moshê. **Uma serpente, começou a enroscar-se em Moshê.** Quando Tsiporá entendeu o que isto significava, rapidamente tomou um instrumento afiado e fez a circuncisão no filho. Imediatamente, o anjo libertou Moshê.

Esta história contém duas lições;

1a: Vemos que grande tsadic (justo) era Moshê. D'us foi tão severo com ele por demorar a cumprir uma mitsvá, simplesmente pela estatura de Moshê, um grande homem.

2a: Aprendemos desta passagem a importância da milá. Assim como o castigo por não cumprir a mitsvá é severo, **o zechut (mérito) por cumpri-la é enorme.** A mitsvá da milá é, em alguns modos, tão importante como todas as outras mitsvot da Torá juntas!

Aharon vai ao Encontro de Moshê e sua Família

D'us disse ao irmão de Moshê, Aharon: "Moshê está chegando ao Egito. Vá ao seu encontro."

Aharon foi ao encontro do irmão. Beijou Moshê, feliz por este ter se tornado o líder do povo judeu. Embora Aharon fosse mais velho, não invejou a alta posição de seu irmão mais jovem.

Quando Aharon viu a esposa e os filhos de Moshê, disse: "Por que os trazes ao Egito? Os judeus ali sofrem muito por causa da crueldade do faraó. Seria melhor que voltassem a Midyan."

Moshê escutou o conselho do irmão. Algum tempo depois, levou a família de volta a Midyan e logo regressou ao Egito sozinho.

Moshê e Aharon Falam com Bnei Israel

Moshê e Aharon reuniram os zekenim, os líderes do Povo de Israel. Aharon lhes falou. Explicou a eles que D'us havia enviado Moshê para tirar os judeus do Egito. Os zekenim transmitiram a mensagem a todos os judeus. Todos acreditaram. Inclinar-se para agradecer a D'us que em breve os libertaria.

Logo Moshê e Aharon foram ao palácio do faraó para ordenar ao rei, em nome de D'us, que pusesse o Povo de Israel em liberdade.

Os Milagres que Aconteceram Quando Moshê e Aharon Entraram no Palácio

A entrada do palácio era guardada por animais selvagens: ursos ferozes e leões. Estes destroçavam todo aquele que entrava sem permissão. **Mas quando Moshê e Aharon entraram, os animais ficaram dóceis como ovelhas. Agacharam a cabeça e seguiram docilmente a Moshê e Aharon por toda a parte.**

Antes de entrar na sala do trono, os visitantes tinham que atravessar uma porta baixa. Em frente à porta havia um ídolo egípcio. Quando o visitante inclinava a cabeça para passar pela porta, automaticamente se inclinavam para o ídolo.

Mas para Moshê e Aharon a entrada se tornou milagrosamente mais alta. Embora eles fossem muito altos, puderam entrar na sala sem inclinar-se. O mesmo milagre também aconteceu em tempos anteriores, quando Yaacov fora visitar o faraó. Para ele, também, a porta ficara mais alta.

O Faraó se Nega a Escutar

Moshê e Aharon ordenaram ao faraó em nome de D'us: "Deixa o Povo de Israel sair do Egito". Mas o faraó zombou de suas palavras.

.....
"Quem é D'us? Não o conheço! O nome desse deus não está em nenhum de meus livros."

Moshê e Aharon explicaram ao faraó: "D'us é o D'us do povo judeu. Criou o mundo e o governa! Será melhor para ti que O escutes!"

Mas o faraó se negou a obedecer. Pelo contrário, tornou-se ainda mais cruel. Ordenou aos guardas: "**Estes judeus estão ficando folgados**, pois acreditam que logo sairão do país. Devemos, pois, fazer com que trabalhem mais ainda! Até agora lhes paguei para misturar o cimento e fabricar os tijolos. De agora em diante, cada judeu deverá conseguir sua própria palha! E diga-lhes que não podem fazer menos tijolos que antes!"

Esta foi, sem dúvida, uma ordem cruel. Os judeus se dispersaram por todo o Egito em busca de palha. Mas, naturalmente, isto levou tempo, e o tempo de que dispunham para fazer tijolos era menor. Os supervisores do faraó os açoitaram por obterem menos resultados. Ordenou aos policiais judeus que golpeassem todo judeu que fosse lento no trabalho. Porém, eles não obedeceram. Quando os supervisores do faraó viram isso, açoitaram os policiais judeus, mas não conseguiram que batessem nos outros judeus.

Moshê ficou triste ao ver que os judeus sofriam ainda mais depois que ele havia falado com o faraó. Lamentou-se a D'us:

"Por que me enviaste ao Egito? Agora o faraó tornou-se ainda mais cruel com o Povo de Israel!"

D'us respondeu: "Em breve enviarei pragas sobre o faraó, e então o trabalho de Bnei Israel se tornará mais fácil. Finalmente, o faraó os fará sair do Egito com tal pressa que não terão tempo de assar pão para levar na viagem!"

Artigos

Artigos Sobre a Parashat Shemot

Eu serei

Por meaningfullife.com

Baseado nos ensinamentos do Rebe

Eu estarei com vocês em seu sofrimento atual, e Eu estarei com vocês nos exílios e perseguições futuras. (Rashi)

Quando D'us apareceu a Moshê na sarça ardente e encarregou-o com a missão de levar o Povo de Israel para fora do Egito, Moshê disse ao Todo-Poderoso: "Veja, eu irei aos filhos de Israel e direi a eles: 'O D'us de vossos pais enviou-me a vocês', e eles dirão: 'Qual é Seu nome?'. O quê direi a eles?" D'us respondeu a Moshê: "Eu serei quem serei... diga aos filhos de Israel: '**Eu Serei**' (Eh-he-yeh) enviou-me a vocês".

Um D'us Anônimo?

Nomear algo é descrevê-lo e defini-lo. Portanto, D'us, que é infinito e indefinível, não pode ser nomeado. Assim, D'us não tem nome, somente nomes – descrições dos vários padrões de comportamento que podem ser relacionados à Sua influência em nossas vidas.

Nas palavras do Midrash, "D'us disse a Moshê: Você quer saber meu nome? Eu sou chamado por Minhas ações.

Quando Eu julgo Minhas criaturas, Eu sou chamado Elokim.

Quando travo guerra com os perversos, Eu sou chamado Tzevakot.

Quando Eu tolero os pecados do homem, Eu sou chamado El-Sha-dai.

Quando Eu tenho compaixão por Meu mundo, Eu sou chamado Ha-Va-Ya-H..."

Nisto reside o profundo significado da pergunta que Moshê antecipou dos filhos de Israel. "Qual é Seu nome?", que eles certamente perguntariam. Que tipo de comportamento estamos vendo por parte de D'us nestes momentos?

"Você diz que D'us já viu o sofrimento de Seu povo no Egito, já ouviu seus lamentos e conhece sua dor e, portanto, enviou-te para nos redimir. Onde estava Ele até agora? **Onde estava Ele durante os oitenta e seis anos em que temos padecido sob o chicote dos capatazes, em que bebês tem sido arrancados dos braços de suas mães e jogados no Nilo, em que o Faraó tem se banhado no sangue das crianças judias?**" Que nome estará Ele agora assumindo, depois de oitenta e seis anos durante os quais Ele aparentemente estava sem nome e afastado de nossas vidas?"

Divino, Mas Não Sagrado

Como explicado acima, cada um dos nomes divinos descreve um dos atributos pelos quais D'us escolheu para se relacionar com Sua criação: Elokim descreve a concepção de D'us do atributo de Justiça: Ha-Va-Ya-H, Sua concepção de Compaixão; e assim por diante. Eh-he-yeh ("Eu Serei"), o nome pelo qual D'us identifica a Si próprio a Moshê, conota a concepção de D'us sobre Ser e Existir.

É por isto que existe alguma questão entre as autoridades haláchicas sobre se o nome Eh-he-yeh deve ser contado entre os sete nomes sagrados de D'us. **A lei da Torá proíbe apagar ou desfigurar o nome de D'us, pois até mesmo a tinta e o papel (ou outro meio) assumem santidade em virtude de sua representação de algo relacionado ao Divino.**

Apesar de existirem vários nomes e adjetivos que descrevem o envolvimento multifacetado de D'us com Sua criação, há sete nomes divinos primários aos quais se aplicam os aspectos mais estritos desta lei.

Apesar do fato de que muitos cabalistas consideram Eh-he-yeh como sendo o mais elevado dos nomes divinos, ele não está incluído em certas versões da lista dos sete nomes que aparecem no Talmud e nos trabalhos haláchicos.

De fato, a conclusão haláchica é a de que ele não é um dos sete nomes sagrados (Talmud, **Shavuot 35**, e Dikdukei Sofrim, *ibid.*; **Mishnê Torá, Leis dos Fundamentos da Torá, 6:2**; *ibid.*, edições Veneza 1524 e Veneza 1540; comentário de Kessef Mishnê sobre Mishnê Torá, *ibid.*; **Shulchan Aruch, Yoreh Deah 276:9**).

O motivo para este paradoxo é mais bem entendido pela compreensão do significado do termo "santidade". O que torna

.....
algo "sagrado"? Sagrado (kadosh em Hebraico) significa transcendental e separado. D'us é sagrado, pois Ele transcende nossa realidade terrena; Shabat é um dia sagrado, pois é um dia de separação da materialidade de nosso dia-a-dia; o Rolo da Torá ou um par de tefilin são sagrados pois são objetos que visivelmente transcendem seus estados materiais para servirem a um objetivo Divino.

O mesmo se aplica aos sete nomes divinos sagrados: cada um descreve uma atividade divina que vai além da norma mundana, uma intervenção divina na realidade – D'us como **governante**, D'us como **juiz**, D'us como **provedor**, D'us como **salvador** etc. Por outro lado, **Eh-he-yeh ("Eu sou") é D'us existindo – D'us como essência da realidade** (Guia dos Perplexos, parte 1, cap. 62; Ralbag e Abarbanel sobre Shemot 3; Ikarim 2:27 et al. Ver também Guevurot Hashem, final do cap. 25).

Assim, Eh-he-yeh está além da santidade. Se santidade é uma característica da transcendência de D'us, o início de D'us transcende à própria santidade, descrevendo uma dimensão de realidade divina que preenche toda existência mesmo ao transcendê-la, e, assim, se relaciona igualmente a todos eles, sagrados ou mundanos.

[Todavia, Eh-he-yeh é um nome – isto é, um padrão de comportamento assumido – de D'us. O próprio fenômeno da "existência" é parte e parcela da criação de D'us, e **D'us certamente não pode ser definido por algo que Ele criou**. Finalmente, D'us pode ser descrito como um "ser" ou "existência" somente no sentido com que falamos d'Ele como um provedor ou governante: estes são mero nomes que descrevem não Sua essência, mas uma certa percepção que Ele nos permite ter d'Ele afetando nossa realidade de uma certa forma.]

A Resposta

Esta foi a resposta de D'us ao clamor do povo ao perguntar "Qual é Seu nome?"

"Diga aos filhos de Israel", disse D'us a Moshê, "que Meu nome é Eh-he-yeh. Onde Eu estava todos estes anos? Com vocês. Eu sou o 'ser', Eu sou o 'existir', Eu sou a realidade. Eu estou no gemido do escravo espancado, no pranto da mãe enlutada, no sangue derramado de uma criança assassinada.

Algumas coisas devem ser, não importa quão dolorosas e incompreensíveis aos seus "eus" humanos, para que coisas maiores, coisas infinitamente grandes e felizes, possam ser. Mas, Eu não orquestro estas coisas de um longínquo céu, sagrado e remoto de sua dor existencial. Eu estou aqui com vocês, sofrendo com vocês, pedindo pela redenção ao seu lado, junto com vocês."

Vivendo Com o Rebe

Parashá Shemot

Ao final da porção desta semana da Torá, Shemot, Moshê e Aharon vão ao Faraó exigir que liberte os Filhos de Israel do cativeiro. O Faraó respondeu: "Por que vocês, Moshê e Aharon, atrapalham o povo em seu trabalho? Vão tratar das suas tarefas!"

Nossos Sábios explicam que Moshê e Aharon, sendo membros da tribo de Levi, não precisavam trabalhar como o restante do povo judeu, e estavam isentos do amargo decreto da escravidão. O Faraó, na verdade, perguntou aos

dois: "Por que se envolvem em assuntos que não lhes dizem respeito? Deixem os outros judeus continuarem seu trabalho, e não os atrapalhem."

Por que os egípcios permitiram que uma tribo inteira de judeus ficasse isenta do terrível cativeiro forçado sobre os restantes?

Os egípcios reconheceram que cada nação deve ter seus líderes e professores a quem o povo pudesse se voltar em busca de orientação espiritual. O Faraó, portanto, permitiu que a tribo de Levi continuasse estudando Torá e disseminasse seus ensinamentos ao restante dos judeus. Era aceito como normal o fato de as autoridades espirituais terem um status mais elevado na sociedade.

Quando Moshê e Aharon foram ao Faraó exigir que toda a nação judaica pudesse partir do Egito, eles estavam discordando dessa noção comumente aceita. O Faraó, por sua vez, alegava que era suficiente que a classe superior, o clero, pudesse estudar Torá e cumprir o ritual judaico.

O Faraó foi o proponente original da separação entre "religião" e estado.

O rei egípcio não objetou aos levitas estudarem Torá; ele não quis negar totalmente os anseios espirituais e intelectuais dos judeus. Ele buscava meramente perpetuar a opinião egípcia, que via os dois âmbitos, o civil e o religioso, como dois conceitos opostos.

Como líderes religiosos, Moshê e Aharon tinham uma certa autoridade no regime egípcio, **sob a condição de que se limitassem à sinagoga e à yeshivá.**

Quando Moshê e Aharon procuraram o Faraó com seu pedido, isso foi visto como uma contradição da ordem existente no mundo. Eles alegavam que o próprio objetivo da Torá era mostrar ao homem como conduzir sua vida diária, pessoal, e que suas leis eram aplicáveis a toda e cada faceta da existência de uma pessoa. Moshê e Aharon desafiaram radicalmente a divisão, feita pelo homem, entre aquilo que pertencia ao âmbito espiritual e o que estava fora da lei religiosa.

A Torá não é limitada em escopo nem reservada para alguns poucos seletos.

Com isso podemos aprender o dever que cabe a todo judeu, ajudar outros judeus, mesmo se não estiverem pessoalmente ameaçados. Aharon e Moshê não se conformariam em permanecer nas tendas isoladas de estudo, se o restante dos judeus não pudessem participar. Pelo seu auto-sacrifício em prol da nação judaica, foram bem-sucedidos em terminar o exílio egípcio e em levar os judeus ao Monte Sinai.

Você Se Importa?

Por Simon Jacobson

Sempre fico abalado pelos estudos que demonstram quantas pessoas ignoram um crime cometido perante seus próprios olhos. São muitas as histórias sobre assaltos nas ruas, com os transeuntes correndo para se afastar, evitando o confronto e ignorando os gritos da vítima: "Como as pessoas podem ser tão insensíveis?" Eu me perguntaria: "Eles gostariam de ser ignorados se estivessem nesse sofrimento?"

.....
Até o momento que encontrei-me nessa exata situação. Após a meia-noite numa fria noite de inverno ouvi sons abafados através da janela. Perscrutando lá fora vi dois homens assaltando um terceiro, obviamente no processo de roubá-lo.

Minha primeira reação foi o medo. Será que eles têm uma arma? Se eu sair estarei me colocando em perigo? Posso ajudar esta pessoa? Todos os tipos de desculpas passaram pela minha mente para justificar não intervir. Eu poderia simplesmente chamar a polícia e esperar até que chegassem. Mas apesar de todos os meus esforços sobre-humanos para evitar a situação, logo percebi que estava descendo ao nível do sub-humano, ao ignorar os gritos de um homem em necessidade.

E apesar do meu instinto covarde de me proteger às custas do outro, agarrei uma pá na porta e corri para fora de casa, gritando com aqueles sujeitos. Desci correndo os degraus e quando me aproximei da cena do crime, os homens saíram correndo, deixando um homem idoso trêmulo – a quem reconheci como nosso vizinho – caído ao chão e sangrando levemente. Ajudei-o a levantar, fui com ele até sua casa e cuidei das suas necessidades.

E não, eu não me considero um herói. Simplesmente fiz o que é humano, Mas jamais me esquecerei da tentação de olhar para o outro lado, o que, francamente, foi muito embaraçoso.

Quantos crimes e injustiças no mundo – e na história – teriam sido impedidos se algumas pessoas – alguém, qualquer um – tivesse protestado interferido? Quantas pessoas hoje bem perto de você estão sendo feridas e ninguém realmente se importa? Quantos de nós somos feridos sem que ninguém pergunte como estamos?

Desde os tempos imemoriais místicos gentis e almas sensíveis têm ponderado sobre o preocupante paradoxo absurdo de um universo que é totalmente conectado e interdependente, e apesar disso podemos facilmente ignorar o sofrimento do outro (ou até ferir nosso próximo) embora isso também nos machuque.

O Talmud Jerusalém capta isto de maneira sucinta com essa pergunta firme: Se nós humanos somos todos parte de um organismo, como pode uma parte do corpo ferir a outra? Faz sentido que a mão esquerda bata na direita se esta comportou-se mal?

A única resposta plausível é que não estamos conscientes. Não sentimos que somos parte de uma só entidade. E este é um dos elementos mais tristes da solidão existencial: a ilusão de que cada um de nós está completamente sozinho. Que cada um de nós é autocontido e separado de todos os outros. Que o seu sofrimento é somente seu. Ninguém se importa e não pode sequer entender aquilo que você está passando.

Tudo na Torá vem para contrariar este mito. **Como declarou Hillel: “Aquilo que você não gosta, não o faça aos outros. Esta é a Torá inteira. O resto é comentário.”**

Isso é consistente e complementa a outra declaração de Hillel: **“Se eu não for por mim, quem será por mim? Se eu não for por mim, quem sou eu?”** Somos cada qual indivíduos, mas ao mesmo tempo estamos conectados e interdependentes. Quando um de nós está sofrendo todos nós estamos sofrendo. Você pode não sentir, mas isso não diminui a realidade.

Um versículo na porção dessa semana da Torá encerra esta mensagem. Mas primeiro, uma breve introdução. Meu pai, o

jornalista Gershon Jacobson, uma vez foi visitar o Rebe. A certa altura da conversa, o Rebe disse sorrindo: “Como você trabalha em um jornal, gostaria de me entrevistar?”

Meu pai hesitou e então perguntou ao Rebe se poderia perguntar qualquer coisa. “Sim, de fato,” respondeu o Rebe. “Não é este o estilo de uma entrevista sem censura?”

Incluída nas perguntas feitas por meu pai estava a seguinte: “As pessoas se perguntam por que o Rebe aceita causas que outros ignoram, às vezes até mesmo situações aparentemente impossíveis?”

O Rebe respondeu citando um versículo no capítulo dessa semana da Torá, que descreve uma das primeiras experiências de Moshê: “Aconteceu naqueles dias que Moshê cresceu e foi até seus irmãos e observou seus fardos. Moshê testemunhou um egípcio atacando um hebreu, um de seus irmãos. Ele olhou para um lado, olhou para outro e viu que não havia ninguém, então ele atacou o egípcio e o escondeu na areia” (Shemot 2:11-12).

O Rebe perguntou: “Por que Moshê olhou em volta, e somente quando não viu ninguém, ele atacou o egípcio”? Nesta hora de crise, Moshê estava tão preocupado com o próprio bem-estar? E nesse caso, por que temos de ouvir cada detalhe? O fato é que apesar da cautela de Moshê, na verdade dois homens testemunharam seu ato e mais tarde o denunciaram. Este versículo claramente tem outra mensagem a nos transmitir.

“Ele olhou em volta e não viu ninguém” pode ser interpretado como significando que ele não viu ‘nenhum homem’ que se importasse – ninguém estava preocupado sobre o ataque contra o homem. Moshê, no entanto, se preocupou. Então ele agiu para fazer o necessário para proteger um inocente do brutal genocídio.”

“Quando testemunhamos uma injustiça e olhamos em volta e ninguém parece se importar,” concluiu o Rebe, “devemos agir”.

Isso define um líder. Alguém que se importa quando todos estão ocupados com os próprios interesses. Certamente, interesses importantes, mas mesmo assim auto-centrados. Um líder é alguém que não somente tem empatia por outra pessoa. Ele ou ela sente a dor do outro como se fosse a sua. Somos todos como um só organismo. Até quando um minúsculo dedo do pé está doendo o corpo inteiro sente aquilo.

Então olhe ao seu redor. Injustiça, sofrimento, dor – pessoas estão sofrendo. **Se você não vir “nenhum homem” – se não vir ninguém se importando – por que não se torna o homem, e faz algo a respeito?**

Neste mesmo instante, enquanto você lê essas linhas, pode haver alguém não muito longe de você que poderia gostar de uma palavra bondosa, um abraço, um gesto simpático. Com a moderna tecnologia podemos fazer um telefonema, enviar uma mensagem instantânea – seja o que for – e apaziguar um coração que sofre, levar alegria a um espírito desolado.

Às vezes tudo que é preciso para mudar o mundo é **“simat lev”** uma pessoa que se importa.

Onde Está D'us Quando Vem O Sofrimento?

Por Yosef Y. Jacobson

.....
"Diga-me francamente, eu lhe peço – responda: imagine que é você mesmo que está construindo o edifício do destino humano com o objetivo de tornar os homens felizes ao final, dar-lhes paz e contentamento por fim, mas para fazer isto é absolutamente necessário, e na verdade inevitável, torturar até a morte uma pequena criatura, a menininha que bate no peito com seu pequeno punho, e construir o edifício por cima das lágrimas dela – você concordaria em ser o arquiteto nessas condições? Responda, e não minta!"

Ivan Karamazov, em Os Irmãos Karamazov, de Fyodor Dostoyevsky

Empatia

Uma nova professora estava tentando usar o que aprendera nos seus cursos de psicologia. Começou a aula dizendo: "Quem achar que é idiota, fique em pé!"

Após alguns segundos, Joãozinho levantou-se. A professora ficou surpresa, mas percebeu que era um momento oportuno para ajudar uma criança.

"Você acha que é idiota, Joãozinho?" perguntou ela.

"Não, senhora," respondeu ele, "mas fiquei chateado de ver a senhora de pé aí sozinha!"

Moshê pergunta o Nome de D'us

A porção desta semana da Torá relata a trágica história de um povo sofrendo por décadas sob um império cruel e brutal. Os bebês recém-nascidos do sexo masculino são atirados ao Nilo; homens e mulheres judeus são submetidos ao trabalho escravo, espancados e torturados impiedosamente. **A vida judaica se tornou sem valor.**

"Passou-se um longo tempo, e o rei egípcio morreu," declara a Bíblia. "O povo judeu gemia por causa de sua subjugação, e eles clamaram."¹ **A tradição midráshica** explica que esse versículo significa que o líder egípcio foi afligido com lepra, comparável à morte, e **seus médicos disseram a ele que a única cura seria matar bebês hebreus – 150 pela manhã e 150 à noite – e banhar-se no sangue deles duas vezes ao dia.**² **O sofrimento do povo judeu chegou a um ponto insuportável.**

Foi a essa altura que "seu clamor chegou a D'us; D'us ouviu seus gemidos."³ No remoto deserto do Sinai, D'us convence Moshê a deixar sua vida isolada e introvertida como pastor, para entrar na toca do leão e libertar seu povo alquebrado pelo cativeiro.

Num diálogo singularmente forte entre Moshê e o Todo Poderoso, Moshê diz a D'us: "Eu irei ao povo de Israel e direi a eles: 'O D'us de vossos pais me enviou a vós.'" E ele dirão: "Qual é o nome dele?" – O que devo dizer a eles?"

"Eu Serei Como Eu Serei!" responde D'us a Moshê. "Diga aos filhos de Israel: 'Eu Serei me enviou a vocês.'"⁴

D'us no Exílio

Essa parece uma resposta sem sentido. Moshê pergunta a D'us o Seu Nome, e a resposta: **"Eu estarei como Eu estarei!" Qual o significado por trás dessas palavras curiosas?**

O notável comentarista bíblico Rashi, 5 baseado na tradição talmúdica, 6 completa as palavras faltantes: **"Eu estarei [com vocês em seu sofrimento atual, assim] como Eu estarei [com vocês nos futuros exílios e perseguições]."**

Mas isso também nos deixa em dúvida. Moshê perguntou a D'us um nome, por um meio de identificação, que ele então pudesse comunicar ao povo judeu. Em resposta, D'us apresenta um verbo em vez de um nome adequado, uma atividade em vez de uma descrição.

Uma Estranha Pergunta

Para avaliar a resposta de D'us, devemos primeiro entender a pergunta de Moshê. Moshê diz a D'us: "Veja, eu irei aos filhos de Israel e direi a eles: 'O D'us de vossos pais me enviou a vós', e eles dirão: 'Qual é o nome Dele?'" – O que devo dizer a eles?"

Maimônides, em seu Guia Para os Perplexos, propõe uma questão.⁷ Por que Moshê estava convencido de que o povo judeu desejaria saber o nome do D'us que o enviara na missão para libertá-los da escravidão? Poderia parecer que com Moshê demonstrando conhecimento do nome de D'us, ele de alguma forma autenticaria sua alegação como divino mensageiro para redimir os hebreus do Egito.

Mas por quê? Se eles tivessem ouvido o nome de D'us antes da vinda de Moshê, seria fácil presumir que Moshê aprendera o nome da mesma fonte que eles, e não necessariamente de D'us.

Se eles jamais tivessem ouvido o nome antes, por que o novo nome que aprenderam com Moshê os convenceria a confiar nele?

Além disso, Moshê inicia a pergunta dizendo: "Veja, eu irei aos filhos de Israel e direi a eles: 'O D'us de seus pais me enviou a vocês,' e eles diriam: 'Qual é o nome Dele?'"

Moshê então discutiria com eles o D'us de seus pais, um D'us sobre o qual eles aprenderam com os pais. Os seus pais nunca compartilharam com eles o nome desse D'us? Como os pais falaram sobre esse D'us ou rezaram a Ele sem algum tipo de nome ou descrição?

A Questão das Questões

Quando Moshê diz: "Veja, irei aos filhos de Israel e direi a eles: 'O D'us de seus pais me enviou a vocês,' e eles dirão: 'Qual é o nome Dele?'" – O que devo dizer a eles?", ele não está procurando o crachá de D'us ou Seu título. Moshê está abordando a questão crucial das questões, uma que certamente será proferida pelos hebreus a quem ele está sendo enviado.

"Qual é o Seu nome?" os escravos judeus clamarão a Moshê. Por mais de oito décadas estamos sufocados sob o jugo da cruel tirania.

Milhares e milhares de nossas crianças foram dizimadas para que o faraó pudesse se banhar diariamente em sangue judaico; bebês foram roubados do seio de suas mães e atirados no rio; temos sido espancados, humilhados, torturados, mortos. Os egípcios transformaram nossa vida num pesadelo infernal e reduziram nossa dignidade à de sub-humanos. De repente, o grande e poderoso D'us do céu e da terra, que cria e governa o mundo inteiro, decidiu sentir nossa dor?

.....
"Qual é o nome Dele?" os escravos gritarão. Você, Moshê, diz que D'us tem "visto o sofrimento de Seu povo no Egito,"⁸ e portanto enviou você para nos redimir. Mas onde esteve Ele até agora? Qual é o nome, o caráter, de um D'us que pode sentar nos céus e ficar apático enquanto bebês são tirados dos braços das mães e atirados ao Nilo, e o faraó se banha no sangue de crianças judias? **Onde esteve Ele nos 86 anos em que estamos sofrendo sob os chicotes dos feitores, sendo espancados até a morte?** É este o D'us que deveríamos abraçar e seguir? É este o D'us em que devemos confiar? É este o D'us ao qual devemos ser gratos? Um D'us que fica indiferente às lágrimas e gemidos da humanidade?

A Resposta

Jamais na história D'us respondeu a essa pergunta, a maior de todas as questões e talvez o argumento mais forte para o ateísmo. O Livro de Job, dedicado à questão de por que os inocentes sofrem, conclui com uma revelação de D'us a Job, dizendo a ele, em essência, que não há maneira pela qual a mente humana possa criar os argumentos lógicos nos quais se encaixe o comportamento de D'us. **O finito e o infinito simplesmente não combinam.**

D'us também não deu a resposta a Moshê. É por isso que no final da Parashá desta semana,⁹ Moshê confronta D'us, falando palavras duras: **"Meu Senhor! Por que fizeste mal a este povo?"** Por que me enviaste? Desde que eu fui ao faraó para falar em Teu nome, ele fez o mal para este povo, **mas Tu não salvaste Teu povo!"**

O que D'us diz a Moshê para comunicar ao povo judeu é: "Eu Serei Como Eu Serei!" Como nos lembramos, os sábios talmúdicos e Rashi explicam que isso significa **"Eu estarei com vocês em seu sofrimento atual, assim como estarei com vocês nos futuros exílios e perseguições."** Qual é a mensagem por trás dessas palavras?

Eu sou um mistério, D'us confessa. Eu sou estranho, infinitamente estranho. Meu roteiro da história é incognoscível para a mente e coração humanos. Porém, vocês deveriam saber uma coisa: não sou um D'us afastado, residindo nos céus e governando objetivamente o destino de cada ser humano da maneira que acho apropriada. Estou presente com vocês em sua angústia.

Estou no gemido do escravo espancado, no lamento de uma mãe enlutada, no sangue derramado de uma criança assassinada. Você está chorando? Estou chorando com você. Você se sente esmagado? Estou esmagado com você. Não importa o quanto sua escuridão é profunda, estou ainda mais profundo. Não orquestro o sofrimento humano de algum planeta distante, afastado de seu sofrimento existencial. Eu estou ali com você, sofrendo com você, soluçando com você, rezando pela redenção junto com você.¹⁰

Talvez o homem jamais compreenda a mente de D'us. Mas que ele não pense, D'us diz a Moshê, que entende o propósito do sofrimento, que dá a Si Mesmo o luxo de não sentir a intensidade da escuridão. Cada lágrima que derramamos se torna Sua lágrima. Talvez ele não as enxugue, mas Ele as torna Suas.¹¹

NOTAS

1. Shemot 2:23

2. Shemot Rabbah 1:24, citado em rashi sobre o versículo acima

3. Shemot 2:23-24

4. Shemot 3:13-14

5. Comentário sobre este versículo

6. Talmud, Berachot 9 b

7. Maimônides, Guia Para os Perplexos 1:63. O próprio Maimônides, e muitos comentaristas bíblicos, oferecem várias respostas a essa questão.

8. Shemot 3:7

9. Ibid. 5:22-23

10. Esta verdade também foi comunicada pela própria localização desta conversa entre D'us e Moshê – em meio a uma moita de espinhos. "D'us revelou-Se a Moshê numa sarça, e não alguma outra árvore, para enfatizar que Ele está junto com Israel em sua aflição" (Rashi, Shemot 3:2). **Por que numa sarça? Para nos ensinar que não há local sem a Divina presença (Shemot Rabbah 2:9).** Esta ideia também é expressa em isaiah 63:9 e constitui um tema importante do livro dos Salmos.

11. Este ensaio é baseado num discurso do Rebe, Shabat Parashá Shemot **5743 (8 de janeiro de 1983)**, publicado em **Likutei Sichot vol. 26, págs. 10-25.** Quando o Rebe fez este discurso, ele chorou amargamente. Foi uma cena inesquecível e comovente. Os presentes sentiram o coração pesado pelas lágrimas incontroláveis do Rebe ao descrever a questão dos judeus e a resposta de D'us.

Um Salto Calculado de Fé

Por Mendel Kalmenson

"Decidi não jogar videogame pelos próximos cinco anos," disse baixinho meu irmão de treze anos.

A agradável conversa à nossa mesa do Shabat teve uma parada abrupta. Estávamos todos de volta das férias de verão, sentados ao redor da mesa e partilhando nossas experiências e os pontos altos dos últimos meses.

Aparentemente nenhuma novidade era tão chocante quanto a dele.

"Você fez o quê?" todos perguntamos, numa variedade de palavras e decibéis. Ele recebeu nossa atenção total quando começou a explicar: "Estávamos num **farbrenguen** (**reunião chassídica focada em auto-aperfeiçoamento**), e o palestrante discorreu, entre outras coisas, sobre a importância de passar o tempo de maneira sábia.

Alguns de nós ficamos tão inspirados que decidimos, ali mesmo, para empolgação dos presentes, deixar de jogar videogames."

"Nada de jogos para você até completar dezoito anos," disse alguém. "Ah, isso é nada comparado a alguns dos outros," respondeu ele. "Um amigo disse que vai parar por dez anos, e outro prometeu parar para sempre!"

"Isso é ridículo," disse um realista, "e de maneira alguma factível.

.....
Ele deveria ter escolhido um tempo menor se estava falando sério a respeito disso.”

“Discordo,” disse um idealista. “Acho que é bonito um garoto daquela idade ser suficientemente maduro para tomar uma decisão a longo prazo como essa.”

O pragmatista: “Acho que não é a longo prazo.”

Assim teve início uma discussão que continuou noite adentro.

As rodas do êxodo tinham começado a girar: o doce perfume da liberdade estava no ar. Porém, os israelitas ainda não estavam prontos.

Eles careciam de méritos e ainda estavam cobertos pela sujeira pecaminosa. Precisando desesperadamente de purificação, eles foram ordenados por D'us:

“No dia dez deste mês, cada homem deve pegar um cordeiro... Devem vigiá-lo até o dia catorze do mês [quando] toda a congregação da comunidade de Israel irá abatê-lo à tarde. Devem pegar o sangue e colocá-lo nos portais e batentes de suas casas.”¹

O que o abate de um cordeiro e a exibição do seu sangue têm a ver com purificação espiritual?

Rompendo um Vício

Na época da nossa história a maioria dos israelitas frequentava muitos templos espalhados por todo o Egito – venerando uma profusão de deuses, todos exceto o deles. Pesquisadores espirituais por natureza, os judeus tinham se tornado profundamente apegados aos seus ídolos. Enfatuados com o paganismo, eles terminaram por se tornar viciados.

Por motivos quase inimagináveis, no topo da cadeia de idolatria ficava o cordeiro. No Egito antigo, o cordeiro era servido pelas pessoas, em vez de (o cordeiro não permitia) servir às pessoas...²

Tão grande era a veneração a esses animais que causar-lhes dano era punido com a morte, como é mostrado pelo argumento³ de Moshê quando ele tentou negociar com o faraó um feriado para seu povo. Em resposta às palavras do faraó: “Vai e sacrifica para teu D'us nesta terra,” **Moshê respondeu: “Não seria correto fazê-lo, pois é a deidade do Egito que eu sacrificaria ao nosso D'us...”**

Deixando de lado a etiqueta social, seria suicídio – “... se sacrificássemos a deidade do Egito perante os olhos deles, não seríamos apedrejados?”

O raciocínio por trás da ordem Divina de abater um cordeiro e colocar seu sangue para todos verem agora se torna bastante claro. Pois não é passando para o outro extremo e se livrando daquilo que antes não podia ficar sem, a melhor cura para um vício? Poderia haver maneira melhor de renunciar e denunciar sua antiga obsessão com cordeiros matando um publicamente?

Ao espalhar seu sangue, a fonte de sua vitalidade, sobre as portas, eles estavam dizendo: **“Os ídolos que antes pensávamos ser fonte da vida na verdade não têm vida!”**

Além disso, sua sinceridade e fidelidade para com o D'us de seus pais estavam sendo provadas pela sua disposição em se arriscar para cumprir Sua vontade. Somente arriscando a vida para cumprir Sua ordem, eles poderiam realmente se purificar.

Foi esse sangue que adornou suas portas que mais tarde os distinguiu dos vizinhos egípcios na época da praga do recém-nascido e lhes garantiu a imunidade que tiveram.

Uma questão ainda permanece:

Os israelitas foram ordenados a preparar a ovelha e abatê-la quatro dias depois, no dia catorze. Por que o intervalo de quatro dias? O mais preocupante: por que prolongar o risco para as vidas dos judeus?

Mas este é exatamente o ponto. Pois se o processo era instantâneo, seus efeitos não durariam mais tempo. Se eles tivessem de sacrificar a si próprios ainda enquanto “sob a influência” da impressionante exibição da força de D'us, eles acordariam de ressaca” e com dor.

Jamais devemos confundir inspiração com transformação. A primeira vem facilmente, a segunda não. Como diz o ditado: “Tudo que vem fácil, vai fácil.”

Então, era no melhor interesse dos judeus, o que é importante para D'us, que eles tivessem tempo extra para refletir sobre as coisas.⁴

Esse tempo lhes permitiu olhar para a ovelha atada às suas camas com olhos sóbrios. **Apenas imagine:** pela manhã, quando eles acordavam e à noite antes de se deitar, e provavelmente muitas vezes nesse intervalo, **eles eram forçados a olhar para sua ex-deidade – e então olhar para si mesmos nos olhos e perguntar se estavam ou não prontos para fazer a grande transição que tinham planejado.**

Que montanha russa emocional eles devem ter passado – forçados num aposento com seu passado escuro mas tentador, tornado pior pelo banimento de seu deus antigo.

Porém, isso facilitou o verdadeiro encerramento.

O Que Há Nisso Para Mim?

Sem planejamento não há plano.

Quando você se avalia contra as suas resoluções, não está limitando seu crescimento e contribuições – está aumentando-as. **Até o ouro pode ser pesado demais para carregar se não for cortado em pedaços.**

O salto de fé é muito importante, mas não sem um local de pouso; **a diferença entre skydiving e suicídio é um paraquedas.** Isso não é sobre diminuir o salto; é sobre sublinhar o antes e o depois. A inspiração, quando interiorizada e aperfeiçoada, torna-se a base da transformação. ⁵

NOTAS

1. Shemot 12:3-7

2. Isso explica a lógica de Yossef quando estava preparando seus irmãos para o primeiro encontro deles com o faraó (Bereshit

.....
46:34): “Quando o faraó lhes perguntar qual é sua ocupação, digam que até agora foram pastores, para que ele mande vocês para a terra de Goshen [não em propriedade egípcia]. **porque todo pastor é uma abominação no Egito.**” **“Porque as ovelhas são uma deidade para os egípcios”** – Rashi ad loc.

3. Shemot 8:22. Veja também Rashi ad loc.

4. Um exemplo anterior desta ideia é encontrado na história da Amarração de Yitschac. Somente no terceiro dia da jornada de Avraham D'us revelou a ele a montanha sobre a qual Yitschac seria sacrificado. Rashi pergunta: “Por que D'us não a mostrou imediatamente? Porque assim não seria dito: D'us assustou e confundiu Avraham inesperadamente, e confundiu sua mente; **mas se Avraham tivesse tido tempo de ponderar sobre o assunto, ele não o teria feito.**”

É interessante, também, “o tempo de espera” foi de três dias. Embora eu não tenha visto isso na palestra do Rebe, a importância do número três parece óbvia baseada no princípio talmúdico de que quando algo é feito três vezes se torna um hábito, ou, para usar o termo talmúdico, **chazaká**.

5. Baseado nos ensinamentos do Rebe, Licutê Sichot vol. 16, pág. 114 ff.

Matricule seu filho... no Judaísmo!

Adaptado das palestras do Lubavitcher Rebe, vol. 1

Um dos mais cruéis decretos do faraó contra os judeus foi sua ordem de atirar todos os recém-nascidos do sexo masculino ao Rio Nilo, como está relatado na porção desta semana, Shemot.

A Hagadá de Pêssach, lida todo ano no sêder, acrescenta o seguinte: “E nosso fardo” – isso recorda o afogamento dos meninos, como está escrito: **“Todo filho que nascer deve ser jogado ao rio**, mas cada filha deve ser mantida viva.”

Nossos Sábios explicam que a palavra **“fardo”** é igualada à criação e educação dos filhos, implicando a importante responsabilidade que recai sobre os pais judeus. Nossos Sábios entenderam que grande esforço deve ser empregado para educar adequadamente crianças judias. Pais e professores devem compartilhar o envolvimento nessa sagrada tarefa, investindo muito tempo e energia para assegurar uma nova geração que continuará levando seu legado adiante: e com alegria e orgulho!

Porém, juntamente com o reconhecimento de que educar filhos judeus é trabalhoso, a Torá promete que as recompensas que colheremos valerão a pena. De fato, quanto mais auto-sacrifício um pai faz em favor da educação judaica de seus filhos, mais certeza terá de que eles serão fortes em seu Judaísmo e intocados pelo perverso decreto do faraó, seja há milhares de anos ou na atualidade. Foram exatamente esses bebês judeus nascidos sob a ameaça de extinção no Egito os primeiros a reconhecer D'us na abertura do Mar Vermelho, declarando: **“Este é meu D'us e eu O exaltarei.”**

Por que criar crianças judias exige tanto esforço? Porque nossos filhos são o alicerce sobre o qual se apóia toda a nação judaica. Esse segredo há muito é conhecido por nossos inimigos. Foi por esse mesmo motivo que na Rússia comunista as autoridades tentaram, com rigor especial, suprimir o estudo de Torá em escolas frequentadas pelas crianças judias mais novas. “Eles terão tempo suficiente para estudar Torá quando crescerem” –

alegavam os comunistas, sabendo muito bem que os anos de formação passados pela criança numa atmosfera judaica representava a maior das ameaças ao regime ateu.

No Talmud, **Rabi Yehoshua ben Gamla** é lembrado por causa de sua inovação educacional – **a instituição de aulas de Torá mantidas com dinheiro público**, começando aos cinco ou seis anos de idade, em todas as localidades onde morassem judeus. Milhares de anos depois, seu nome ainda é homenageado por causa dessa conquista.

Os pais judeus, portanto, devem fazer tudo que estiver ao seu alcance – física, espiritual e monetariamente – para assegurar que seus filhos sejam matriculados em escolas onde serão instilados com nossos valores judaicos atemporais. Pois a educação de nossos filhos é de fato nosso **“fardo”**; às vezes são exigidos sacrifícios pessoais. **Por esse mérito, criaremos uma geração de judeus que mais uma vez serão os primeiros a reconhecer D'us na Redenção completa e final com a vinda de Mashiach, que seja breve em nossos dias.**

A Psicologia das Pragas

Dez Maneiras de Destruir Sua Vida

Por Yosef Y. Jacobson

O Ladrão

Um viajante certa vez foi parado por um ladrão na estrada, que exigiu a bolsa com dinheiro sob a mira de um revólver. O viajante gritou: “Não atire! Eu lhe dou o dinheiro numa boa! Mas quero lhe pedir um favor. Se eu chegar em casa de mãos vazias, minha mulher jamais vai acreditar que fui roubado, e me acusará de ter jogado dinheiro fora com jogo ou bebida, e me deixará na rua sem piedade. Por favor, atire diversas vezes contra o meu chapéu, assim posso provar a ela que fui assaltado.”

O ladrão não viu motivos para não concordar. **Pegou a bolsa com o dinheiro e atirou diversas vezes contra o chapéu do homem.**

“Muito obrigado,” disse o viajante. “Mas você não conhece minha mulher. Ela dirá que furei o chapéu e que esses de forma alguma são buracos de bala. **Aqui, pegue meu casaco e atire várias vezes à queima-roupa, deixando as marcas de pólvora. Isso com certeza a convencerá.**”

Mais uma vez o ladrão concordou e atirou diversas vezes no casaco. Quando o viajante viu que **as balas tinham sido todas usadas, ele prontamente atacou o ladrão, derrubou o ladrão, recuperou a bolsa com o dinheiro e fugiu.**

Essa história, narrada por Rabino **Nachman de Breslov**, transmite o padrão trágico da vida de muitas pessoas. Cada um de nós tem um ladrão, ou uma inclinação negativa, dentro de nós. O ladrão deseja continuamente nos roubar de nossa bondade e inocência interiores.

Porém, muitos descobrem a disposição e o poder de lutar contra nosso ladrão somente depois que ele atirou todas as balas contra nós. Somente depois de permitir que nossos vícios e impulsos perniciosos disparem todas as balas e consumam inteiramente as nossas vidas, quando percebemos que eles são vãos e vazios, **estamos em posição de dominar o ladrão e embarcar no caminho da recuperação.**

As Dez Pragas

As dez famosas pragas que estão registradas no Livro de Shemot, lidas durante as atuais semanas, não devem ser vistas meramente como um conjunto de ocorrências sobrenaturais que **assolaram o império egípcio há 3.300 anos**. A Torá é um projeto para a vida, um manual para o desenvolvimento da raça humana, não apenas um registro de histórias antigas. Os episódios descritos na Torá representam histórias eternas, espirituais, ocorrendo continuamente no coração de todo homem.

Como então devemos aplicar a remota história das dez pragas à nossa vida pessoal?

Anatomia da alma

A Cabalá ensina que toda alma humana é formada por dez tijolos, dez características que formam sua personalidade interior. As primeiras três formam a identidade inconsciente da alma e seus **poderes cognitivos**. As sete finais constituem a **parte emocional** da alma. Essas dez características, também conhecidas como “as dez sefirot”, dez luzes ou dez pontos de energia, são mostradas na Cabalá da seguinte maneira:

Nome hebraico - Tradução - Praga

Keter - superconsciente - morte dos primogênitos

Chochmé - concepção - escuridão

Biná - inteligência - gafanhotos

Chessed - amor - granizo

Gevurah - rejeição - furúnculos

Tiferet - compaixão - epidemia

Netzach - ambição - feras

Hod - submissão - piolhos

Yesod - conexão - sapos

Malchut - confiança - sangue

Cada um de nós recebeu uma opção na vida. Podemos refinar e melhorar esses dez atributos para que eles expressem nossa luz Divina interior, ou podemos perverter e corrompê-los, usando-os de maneiras imorais e doentias.

O antigo Egito, com seu programa demoníaco de eliminar sistematicamente um povo inteiro, os hebreus, da face da terra, preferiram embarcar no segundo caminho. A nação egípcia original perverteu todos os dez atributos de sua alma. A energia negativa engendrada pela perversão de tantos espíritos humanos retornaram ao Egito na forma das dez pragas que assolaram o país.

Em nossas vidas pessoais, o Egito reflete um estado de disfunção psicológica, na qual um ou muitos atributos da alma tornam-se distorcidos e defeituosos, atrapalhando a capacidade humana de ser verdadeiro – concretização e realizações. Isso é indicado no nome hebraico para Egito, Mitzrayim, que pode ser traduzido como “inibições” ou “restrições”. Quando deixamos de

enfrentar os próprios demônios, nossos atributos pervertidos podem voltar-se para nós, também, na forma de pragas psicológicas.

As Dez Pragas, portanto, correspondem às Dez Sefirot (de baixo para cima, como na tabela).

Sangue – Confiança Destrutiva

A primeira praga, na qual o Rio Nilo se transformou em sangue, era um símbolo físico da confiança destrutiva que se tornou a característica do Egito, tanto do ponto de vista geográfico quanto psicológico. Em vez de uma confiança construtiva que edifica o caráter espiritual e promove a sensibilidade para com o próximo, **a confiança “egípcia” fomenta o domínio e a exploração**. Quando a percepção de confiança da pessoa se torna realmente corrupta, isso pode levar a gerar rios de sangue, como os egípcios de fato fizeram.

O Rio Nilo incorporava a fonte de confiança e segurança egípcias. Como no Egito cai pouca chuva, a agricultura e sustento do país dependem completamente do rio. **Portanto, os antigos egípcios endeusaram o Nilo**. Suas águas transformadas em sangue refletem o estado perverso de uma nação que torna sua confiança em sangue, usando sua posição de força e poder para assassinar e abater incontáveis seres humanos inocentes.

Sapos – Intimidade Fria

A segunda praga, na qual enxames de sapos inundaram o Egito, simboliza a intimidade fria e desapaixonada que caracteriza um homem vivendo num Egito psicológico.

Sapos são frios – anfíbios de sangue frio que se desenvolvem em climas frios. As fêmeas do sapo geralmente depositam os ovos na água, onde chocam dentro de buracos frios e úmidos. Devido a isso, e ao fato de que os ovos depositados dessa maneira não recebem proteção dos pais, **na Cabalá os sapos refletem o estado emocional da apatia, desapego e frieza**.

Essa condição rouba um ser humano da capacidade de vivenciar genuína intimidade emocional com qualquer outra pessoa – cônjuge, filho ou amigo. **A personalidade “sapo” é a pessoa que, quando perguntada “Qual é a diferença entre ignorância e apatia?” responde: “Não sei e não quero saber.”**

Piolhos – Submissão Doentia

A terceira praga, na qual a poeira do Egito se transformou em piolhos, reflete os sintomas da submissão doentia.

O atributo da submissão, como todos os atributos da alma, pode ser tanto produtivo quanto destrutivo. Permanecer para sempre como um humilde estudante das lições da vida é uma das mais nobres qualidades que um indivíduo pode ter. A capacidade de entregar o próprio ego a uma verdade mais elevada é o alicerce de todo o crescimento espiritual, assim como a capacidade de confessar um erro ou uma falha. “Que minha alma seja (**humilde**) como o pó,” é uma prece judaica diária, expressando nosso desejo de que sejamos humildes na presença dos mistérios da vida. Essa é humildade sadia e submissão.

A submissão destrutiva “egípcia” é uma humildade que esmaga o espírito da pessoa e amortece seu entusiasmo pela vida. Nesse tipo de submissão, no qual alguém pensa sobre si mesmo como uma criatura sem importância, a percepção do ser como poeira

.....
inútil se desenvolve em piolhos que desmoralizam e rebaixam a vida da pessoa. Como os piolhos, esse tipo de humildade suga o sangue da pessoa, privando-a de sua vitalidade e fluxo de energia.

O sagrado Rabi Aaron de Karlin colocava nessas palavras:

“Depressão não é um pecado; porém, aquilo que a depressão faz, nenhum pecado pode fazer.”

Feras – Ambição Selvagem

A quarta praga, na qual um bando de feras selvagens atacou o Egito, é o símbolo físico da ambição doentia.

A ambição é um dos maiores presentes na vida. É o motor que impulsiona o ser humano a atingir a grandeza e fazer uma diferença no mundo. Porém, se não refinarmos essa qualidade, nossas ambições podem nos transformar em “feras selvagens” que esmagam e destroem as pessoas que virmos no caminho da realização de nossos objetivos.

Epidemia – Compaixão Dissimulada

A quinta praga, na qual uma epidemia aniquilou os rebanhos do Egito, serviu como uma incorporação física da compaixão dissimulada que, como uma epidemia, prejudica silenciosamente as pessoas sem que elas percebam. O que é compaixão? **A Cabalá declara que compaixão é mais poderosa e duradoura que o amor.** O amor geralmente não enxerga as falhas do ser amado; portanto, quando as falhas emergem, elas podem enfraquecer o amor, se não destruí-lo totalmente. **A compaixão, por outro lado, leva em consideração todos os defeitos do indivíduo e apesar disso estende o coração e uma mão amiga.**

Essa é a compaixão moral, a capacidade de a alma sentir o sofrimento e as necessidades do próximo.

A compaixão “egípcia” é dissimulada, astuta e enganosa, e a qualidade sedutora do compassivo é usada para explorar as fraquezas das pessoas para propósitos egoístas e metas destrutivas. Quando alguém usa a compaixão dessa maneira bem refinada, inflige danos sobre uma pessoa na mesma maneira silenciosa de uma epidemia.

Furúnculos – Rejeição Brutal

A sexta praga, na qual brasas de uma fogueira ardente saltavam sobre a terra criando furúnculos sobre a pele da população do Egito, é o símbolo físico da rejeição cruel.

Na Cabalá, o fogo incorpora a capacidade da alma para rejeitar. Assim como o fogo, um ato ou uma palavra de rejeição podem abater ou até destruir aquele que é rejeitado. Uma conexão adicional entre fogo e rejeição está no fato de que o fogo irrompe para cima, afastando-se da terra. A rejeição também constitui um ato de viajar interiormente e para cima no próprio mundo da pessoa, removendo o seu ser das pessoas e dos eventos que a cercam.

Porém, uma alma sadia precisa saber como rejeitar, assim como deve saber como abraçar. Com frequência a pessoa é chamada a recusar um anseio destrutivo, a cortar um relacionamento doentio, a dizer não para uma criança mimada ou a uma oferta

comercial sem ética. Isso é fogo sadio. É um fogo que destrói o negativo a fim de construir o positivo.

Porém, quando nossa capacidade interior para a rejeição se transforma em amargura, ódio e crueldade, as brasas da alma tornam-se uma força destrutiva. Como os furúnculos, infectam nossas vidas e as vidas das pessoas ao nosso redor.

Granizo – Amor Congelado

A sétima praga, na qual o granizo destruiu toda a produção do Egito, é o símbolo do amor egoísta.

Se o fogo simboliza a rejeição, a água, descendo naturalmente de um plano mais elevado para um mais baixo, incorpora as qualidades da generosidade e da bondade. Na Cabalá, o fluxo de amor é comparado a um fluxo de água, irrigando e nutrindo a alma humana com sua vibração e frescor.

Porém, um homem que se acha no cativeiro “egípcio” conhece apenas um amor gelado, baseado inteiramente em motivos de autointeresse e considerações egoístas.

O fluxo de amor dessa pessoa, como a chuva, torna-se congelado como o granizo, prejudicando seus entes queridos em vez de nutri-los.

Do Coração à Mente

Não é coincidência que as primeiras sete pragas estejam registradas em uma seção da Bíblia, ao passo que as três últimas estão em outra.

As primeiras sete pragas – sangue, sapos, piolhos, feras, epidemia, furúnculos e granizo – refletem a perversão egípcia das sete emoções – confiança, conexão, submissão, ambição, compaixão, rejeição e amor.

As três últimas – gafanhotos, trevas e morte dos primogênitos – representam a corrupção mais grave das faculdades intelectuais e a dimensão supraconsciente da alma egípcia. Quando as emoções e instintos de alguém são prejudicados, a mente sã e objetiva oferece esperança de cura. Porém, quando a mente começa a pregar peças feias, o caminho para a cura torna-se dolorosamente desafiador.

Gafanhotos – Inteligência Pervertida

A oitava praga, na qual os gafanhotos não deixaram uma só folha verde, serve como um símbolo das consequências destrutivas de uma mente corrompida.

A capacidade de escrutínio e pesquisa intelectual continuam sendo o dom mais precioso da raça humana. Permitem que exploremos o universo, melhoremos nossa vida e possamos descobrir o elevado chamado moral da família humana.

Porém, o mesmo poder pode servir como instrumento para racionalizar todo mal praticado sob o sol e para justificar todo estilo de vida ou hábito destrutivo.

Como o gafanhoto que consumiu todas as plantas existentes no Egito, deixando atrás de si o solo estéril, a mente corrupta pode desenraizar toda estrutura moral e alicerces sagrados já estabelecidos, deixando em seu rastro uma sociedade destituída de valores espirituais e princípios absolutos.

Essa é a tragédia do Egito – como o intelectualismo, em que alguém tem a mente tão aberta que seu cérebro cai para fora.

Trevas – Uma Mente Trancada

A nona praga, na qual uma densa escuridão envolveu todo o Egito, reflete a incapacidade da alma “egípcia” inibida de concretizar sua faculdade de concepção.

O poder da concepção é a capacidade da mente de criar uma ideia nova e original que previamente era inacessível. Como? Quando a mente sente com intensidade suas limitações e fronteiras, suspendendo seu ego intelectual e abrindo-se a uma luz superior, a verdade antes inacessível pode emergir e iluminar o recém-criado vácuo.

Quando alguém é arrogante e desdenhoso, priva a própria mente da habilidade de sentir a iluminação, forçando-se a permanecer na escuridão, permanece para sempre restrito a uma visão estreita da vida.

Morte dos Primogênitos

A décima e última praga, a morte de todo primogênito egípcio, foi a mais devastadora de todas. Refletia o fato de que o abuso egípcio da alma não somente afetou suas faculdades conscientes, como distorceu e destruiu também suas forças supraconscientes.

Na Cabalá, o primogênito é um símbolo dos primeiros instintos e motivos formados de uma alma, que estão sob a superfície do ser consciente. Essa dimensão da personalidade é naturalmente mais difícil de cilar porque está oculta e inacessível. Porém, um estilo de vida de vício e abuso contínuos terminarão por provocar a morte do primogênito, ou a morte do elemento supraconsciente da alma da pessoa.

Essa foi a “bala” final que colocou um fim no ciclo pernicioso do vício e abuso egípcios.

O povo judeu foi libertado e puseram-se a caminho para receber os Dez Mandamentos.

O que são os Dez Mandamentos? Correspondem às dez pragas.

Assim como as dez pragas refletem a perversão das dez faculdades da alma, os Dez Mandamentos representam o caminho da cura espiritual dessas dez faculdades, permitindo que todas as dez expressem a harmonia e esplendor da essência Divina da pessoa.

Independência Espiritual

Ultimamente temos sido surpreendidos por ondas de racismo e intolerância manifestando-se universalmente, mesclando falsos conceitos, “anulação” de fatos históricos ou simplesmente universalizando conflitos. Episódios lamentáveis vêm ocorrendo em inúmeras comunidades judaicas do mundo.

Acabamos de festejar a alegre festa de Purim e estamos indo rumo à comemoração de Pêssach; festa de nossa liberdade. Recorremos à Torá para entender o que anda ocorrendo no mundo, pois não é por acaso que a palavra Torá tem como tradução guia. Agora, mais do que nunca, é o momento para nos voltarmos a ela em busca de soluções.

A Torá descreve como um grupo de judeus logrou sobreviver no Egito, em meio a um povo opressor, poderoso e hostil. Sobreviveram, sem imitar seus vizinhos, sem esconder sua identidade e sem se assimilar; pelo contrário, ao perceber as diferenças, mantiveram zelosamente suas características e independência espiritual.

Ao comentar o primeiro versículo do livro de Shemot: “E estes são os nomes dos filhos de Israel que vieram ao Egito”, nossos sábios chamam nossa atenção para o segredo da sobrevivência judaica: por não trocar seus nomes nem seus hábitos, foram libertados do Egito. Não apenas conseguiram se manter em circunstâncias tão adversas como se multiplicaram e se fortaleceram em espírito até receberem a Torá no Monte Sinai, realizando a finalidade da Criação, trazendo luz ao mundo inteiro.

O relato do primeiro exílio contém o segredo da sobrevivência judaica em todas as diásporas. Esta lição deve ser especialmente lembrada em nossos dias, quando o exílio se tornou tragicamente devastador, física e espiritualmente.

Os judeus do mundo todo estão cercados por uma sociedade hostil e desmoralizada, onde os princípios básicos de justiça e humanidade são ultrajados. O mundo está tão tumultuado que a escuridão é confundida com a luz.

É justamente em meio a este obscuro exílio que devemos considerar os ensinamentos da Torá, a Lei da Vida. Ao preservarmos nossa identidade e independência espiritual, com base nos sólidos fundamentos da Torá e das mitzvot, estimulados pela verdadeira educação judaica de nossos filhos, sem concessões, seremos capazes de assegurar a sobrevivência espiritual de nosso povo.

É somente vivendo de um modo verdadeiramente judaico que cada um individualmente e o povo como um todo alcançará o cumprimento da bênção Divina de crescimento e prosperidade, apesar das adversidades.

Ao comemorarmos em breve a festa de Pêssach esperamos poder celebrar nossa liberdade rumo a uma nova era. Uma época em que reinará o entendimento entre os homens e todos os povos, onde o mundo entenderá a mensagem de vida e poderá finalmente viver em paz.

Quem é Responsável?

Vocês conhecem a história do garotinho que sempre se sentia culpado, ou pelo que os outros faziam ou por tudo o que acontecia?

Certo dia, seu mestre estava avaliando a classe, de repente perguntou: “Quem deu a Torá a Moshé no Monte Sinai?” Imediatamente o menino se levantou e berrou indignado: “Não fui eu, não fui eu, professor!”

Claro que ninguém gosta de ser incriminado pelo que não fez. Mas, na realidade, nós judeus somos responsáveis uns pelos outros. Esta é uma lei antiga há muito aceita, e que, como todas as outras sagradas leis da Torá, ainda é válida e o será sempre, porque a Torá é Divina.

Outros povos começam agora a perceber que onde não há responsabilidade coletiva, não há segurança.

Quando D’us estava por outorgar a Torá ao nosso povo, Ele nos perguntou: “Qual a garantia que vocês Me darão de que

.....
cumprirão o Meu convênio?" Ao que nós Lhe respondemos: "Oferecemos nossos Patriarcas – Avraham, Yitschac e Yaacov, assim como nossos Profetas" – mas eles não foram aceitos como fiança. Ofertamos então nossas crianças como garantia e imediatamente D'us as aceitou, pois Ele sabia que enquanto elas estudassem a Torá e observassem seus sagrados princípios, o compromisso seria sempre mantido pelo nosso povo.

Para nós judeus, a maioria religiosa começa aos treze anos para os meninos e aos doze para as meninas – bem mais cedo que para outros povos. Principia nesta data, porém, nunca cessa, e para que as nossas crianças estejam prontas a assumir suas plenas responsabilidades, a sua educação judaica deve ser iniciada antes até de começar a falar.

É por esse motivo que nossos sábios pediram a cada pai judeu para ensinar a seus filhos, assim que começam a balbuciar as sagradas palavras: "A Torá que Moshê nos ordenou é uma herança da congregação de Yaacov."

O verdadeiro sentido desta frase, pronunciada freqüentemente, é a perpetuação da nossa herança nacional, significando que os atos de cada indivíduo têm um efeito direto não somente sobre o nosso próprio bem-estar, mas também sobre o de nossos irmãos em todos os lugares do mundo.

Quem Sou Eu?

Por Rabino Jonathan Sacks

A segunda pergunta de Moshê a D'us na sarça ardente foi: Quem é você? "Então eu vou até os israelitas e direi: 'O D'us de seus pais me enviou a você.' Eles perguntarão imediatamente qual é o Seu nome. O que devo dizer a eles?"¹

A resposta de D'us, Ehyeh asher ehyeh, erradamente traduzido em quase toda Bíblia cristã como "Eu sou Aquele que sou," merece por si só um artigo (trato disso em meus livros Tempo Futuro e A Grande Parceria).

Sua primeira pergunta, porém, foi Mi anochi², "Quem sou Eu?"

"Quem sou para que eu deva ir ao faraó?" disse Moshê a D'us. "E como posso tirar os israelitas do Egito?" Na superfície o significado é claro. Moshê está perguntando duas coisas. A primeira: Quem sou eu para ser merecedor de missão tão grande? A segunda: Como posso conseguir isso?

D'us responde à segunda. "Porque Eu estarei com você." Você conseguirá porque não estou pedindo que o faça sozinho. Não estou realmente pedindo que você o faça, Eu farei por você. Quero que seja Meu representante, Meu microfone, Meu emissário e Minha voz.

D'us jamais respondeu à primeira pergunta. Talvez numa maneira estranha o próprio Moshê tenha respondido. No Tanach como um todo, as pessoas que terminam sendo as mais merecedoras são aquelas que negam ser merecedoras. O Profeta Yeshayahu, quando foi encarregado de sua missão, disse: "Sou um homem de lábios impuros"³. Yirmiyahu disse: "Não posso falar, pois sou uma criança"⁴. David, o mais notável rei de Israel, evocou as palavras de Moshê, "Quem sou eu?"⁵. Yonah, enviado por D'us a uma missão, tentou fugir. Segundo Rashbam, Yaacov estava a ponto de fugir quando teve seu caminho bloqueado pelo homem/anjo com quem lutava à noite⁶.

Os heróis da Torá não são figuras da mitologia grega nem de qualquer outra. Não são pessoas possuídas por um senso de destino, determinados desde cedo a atingir a fama. Eles não têm aquilo que os gregos chamavam de megalopsique, um senso do próprio valor, uma superioridade graciosa e usada com leviandade. Não estudaram em Eton ou Oxford. Não nasceram para mandar. Eram pessoas que duvidavam das próprias habilidades.

Houve vezes em que estiveram a ponto de desistir. Moshê, Elijah, Yirmiyahu e Yonah chegaram a tamanho desespero que rezaram pedindo para morrer. Eles se tornaram heróis da vida moral contra a vontade. Havia trabalho a ser feito – D'us lhes disse isso – e eles o fizeram. É quase como se um senso de pequenez fosse um sinal de grandeza. Portanto D'us jamais respondeu à pergunta de Moshê: "Por que eu?"

Mas há uma outra questão dentro da pergunta. "Quem sou eu?" pode não ser apenas uma questão sobre valor. Pode ser também uma pergunta sobre identidade. Moshê, sozinho no Monte Horeb/Sinai, chamado por D'us para tirar os israelitas do Egito, não está apenas falando com D'us quando pronunciou aquelas palavras. Está também falando consigo mesmo: "Quem sou eu?"

Há duas respostas possíveis. A primeira: Moshê é um príncipe do Egito. Ele foi adotado ainda bebê pela filha do faraó. Ele cresceu no palácio real. Vestia-se como um egípcio, parecia e falava como um egípcio. Quando ele resgatou as filhas de Yitrô de alguns pastores maus, elas voltam e dizem ao pai: "Um egípcio nos salvou⁷." Seu próprio nome, Moshê, foi dado pela filha do faraó⁸. Era, presume-se, um nome egípcio (de fato, como em Ramses, é a antiga palavra egípcia para "criança". **A etimologia dada na Torá, que Moshê significa "Eu o tirei da água", nos diz o que a palavra sugeria aos falantes de hebraico). Portanto a primeira resposta é que Moshê era um príncipe egípcio.**

A segunda foi que ele era um midianita. Pois, embora fosse egípcio por criação, tinha sido forçado a partir. Ele fizera seu lar em Midian, casara-se com uma midianita, Tzipora, filha de um sacerdote midianita e estava "contente por viver ali", calmamente como pastor. Tendemos a esquecer que ele passou muitos anos ali. Saiu do Egito quando jovem e já tinha oitenta anos no início da sua missão quando pela primeira vez ficou perante o faraó⁹. Ele deve ter passado a maior parte da vida adulta em Midian, longe dos israelitas por um lado e dos egípcios por outro. Moshê era um midianita.

Portanto quando Moshê pergunta: "Quem sou eu?" não se trata apenas que ele se sente indigno. Ele não se sente envolvido. Ele pode ter sido judeu por nascimento, mas não tinha sofrido o fado de seu povo. Não tinha crescido como judeu. Não tinha vivido entre os judeus. Tinha bons motivos para duvidar que os israelitas iriam sequer o reconhecer como um deles. Como, então, pôde se tornar líder deles? Levando mais a fundo, por que ele deveria sequer pensar em ser líder deles? O destino deles não era o dele. Não fazia parte daquilo. Não era responsável por isso. Não tinha sofrido por isso. Não estava implicado naquilo.

E além disso, a única vez em que tentara intervir nos assuntos deles – matara um capataz egípcio que tinha matado um escravo israelita, e no dia seguinte tentara impedir dois israelitas de brigarem entre si – sua intervenção não foi bem aceita. "Quem fez de você chefe e juiz acima de nós?" disseram eles. Essas são as primeiras palavras registradas de um israelita a Moshê. Ele ainda não sonhava em se tornar líder e sua liderança já estava sendo questionada.

.....
Considere, agora, as opções que Moshê enfrentou na vida. Por um lado poderia ter vivido como príncipe do Egito, no luxo e na indolência. Este teria sido seu destino se não tivesse intervindo. Mesmo depois, tendo sido forçado a fugir, ele poderia ter passado os dias quietamente como pastor, em paz com a família midianita na qual tinha se casado. Não surpreende que quando D'us o convidou a liderar os israelitas à liberdade, ele resistiu.

Por que então ele aceitou? Por que D'us sabia que ele era o homem para a tarefa? Uma pista está no nome que ele deu ao seu primeiro filho. **Chamou-se de Gershon porque, ele disse, "Eu sou um estranho numa terra estrangeira10."** Ele não se sentia em casa em Midian. Era onde ele estava, mas não quem ele era.

Porém a verdadeira pista está contida num versículo anterior, o prelúdio para sua primeira intervenção. "Quando Moshê estava crescendo, ele começou a ir até seu próprio povo, e via seu trabalho duro11." Essas pessoas eram seu povo. Ele pode ter tido a aparência de um egípcio, mas sabia que não era. Foi um momento transformador, não diferente daquele em que a moabita Ruth disse à sua sogra israelita Naomi: "Teu povo será o meu povo e teu D'us o meu D'us12." Ruth era não-judia por nascimento. Moshê era não-judeu por criação. Mas ambos souberam, quando viram sofrimento e se identificaram com o sofredor, que não poderiam fugir.

Rabino Joseph Soloveitchik chamou isso de um **pacto do destino, brit goral**. Está no coração da identidade judaica até hoje. Há judeus que acreditam e aqueles que não acreditam. Há judeus que praticam e há judeus que não o fazem. Mas na verdade há poucos judeus que, quando seu povo está sofrendo, conseguem sair dizendo: "Isso não tem nada a ver comigo."

Maimônides, que define isso como "separar-se da comunidade", diz que é um dos pecados pelos quais Ihe é negada uma parte no Mundo Vindouro. É isso que significa a Hagada quando fala do filho perverso que "porque ele se exclui do coletivo, nega um princípio fundamental da fé." Qual princípio fundamental da fé? A fé no destino coletivo do povo judeu.

Quem sou eu? Perguntou Moshê, mas em seu coração ele sabia a resposta. Eu não sou Moshê o egípcio, ou Moshê o midianita. Quando vejo meu povo sofrer eu sou, e não posso ser outro, que Moshê o judeu. E se isso impõe responsabilidades sobre mim, então devo carregá-las. **Pois eu sou quem eu sou porque meu povo é quem ele é.**

Esta é a identidade judaica, então e agora.

NOTAS

1. Shemot 3:13
2. Shemot 3:11
3. Yeshayahu 6:5
4. Yirmiyahu 1:6
5. Samuel II, 7:18
6. Rashbam sobre Bereshit 32:23
7. Shemot 2:19

8. Shemot 2:10
9. Shemot 7:7
10. Shemot 2:22
11. Shemot 2:11
12. Ruth 1:16

14 – Parashat Vaerá

Êxodo 6:2-9:35

D'us Envia Moshê para Avisar os Judeus que Serão Libertados

Moshê perguntou a D'us: "Por que me mandaste aos judeus se apenas piorei as coisas? Antes de ir falar com o faraó, os egípcios proporcionaram palha aos judeus para fazer tijolos.

Mas depois que me enviaste ao seu palácio, o faraó ordenou aos judeus que juntassem sua própria palha." D'us se aborreceu com Moshê e respondeu: "Não me critiques! Tenho boas razões para tudo que estou fazendo."

Os judeus foram obrigados a trabalhar até o limites de suas forças para satisfazer as exigências do faraó. Porém, não se concentraram em seus próprios problemas, porque recordaram que cada judeu estava passando pela mesma situação.

Ao terminar o dia, quando o corpo estava tão exausto que mal podia mover-se, um judeu que havia terminado o trabalho ainda ajudava o outro que a terminar sua tarefa.

D'us viu como os judeus mostravam compaixão uns pelos outros. De modo que, também, mostrou compaixão por eles e ordenou a Moshê: "Vá a todos os lugares onde trabalha o Povo de Israel e diz: 'logo D'us os tirará daqui!' Escutei suas **tefilot (preces)** e tenho visto como ajudam-se uns aos outros! Assim como vocês se mostram compassivos entre vós, D'us mostrará compaixão também!"

Moshê se encaminhou aos lugares onde os judeus trabalhavam e anunciou:

" Escuta, Bnê Yisrael! Logo estareis livres e D'us os levará a Eretz Yisrael!"

Mas os judeus tinham tanto medo dos supervisores do faraó que não deixaram de trabalhar nem um minuto para escutar a Moshê.

Moshê e Aharon Mostram Sinais ao Faraó

D'us disse a Moshê e Aharon. "Agora volta ao faraó e diz: "D'us te ordena: Deixa os judeus irem embora."

"Se o faraó pede um sinal de que sou Eu que o envia, que Aharon pronuncie as palavras: "Cajado – transforme-se em serpente." Então transformarei o bastão de Aharon em serpente."

Com efeito, aconteceu que quando Moshê e Aharon foram ver o faraó, este lhes pediu um sinal. Aharon jogou o cajado ao solo e

.....
pronunciou essas palavras. E o cajado se transformou em serpente.

O faraó começou a rir. "Acho que me deixarei impressionar por este truque? Não sabeis que nós, os egípcios, somos todos mágicos? Também podemos fazer o mesmo truque!"

O faraó chamou seus magos. Estes jogaram os cajados ao solo e cada um se converteu em serpente! Logo todos os magos voltaram a converter as serpentes em cajados. Então D'us fez um milagre que os egípcios não puderam copiar:

A serpente de Aharon voltou a transformar-se em cajado e engoliu a todos os outros cajados! O faraó sabia que acabara de presenciar um milagre, algo que nenhum mago poderia fazer. Mas era perverso e teimoso. Disse: "Não escutarei a Moshê e Aharon apesar disso!"

Por que o cajado de Aharon se converteu em serpente.

Por que D'us converteu o cajado de Aharon em serpente e não qualquer outra coisa?

D'us deu a entender ao faraó: "Tu pronunciaste palavras más, tal como a serpente no Gan Eden (o paraíso) quando disseste: "Não sei quem é D'us."

Por isso, serás castigado como a serpente o foi."

As Dez Pragas

Quando Moshê e Aharon saíram do palácio do faraó, D'us disse a Moshê: "Vá novamente ver o faraó amanhã cedo. Irás encontrá-lo junto ao rio por onde passeia todas as manhãs. Adverte-o de que disse: "Não sei quem é D'us." Mas se não escutas a D'us logo começarás a saber quem é, pois Ele trará um terrível castigo! Transformará a água do Nilo em sangue."

Moshê advertiu o faraó, mas este não se importou. D'us mandou a primeira praga: sangue.

A Ordem das Dez Pragas

Esta é a ordem das pragas que D'us enviou ao Egito:

- Sangue
- Rãs
- Piolhos
- Animais selvagens
- Morte dos animais (peste)
- Sarna
- Granizo
- Gafanhotos
- Trevas

• Morte dos primogênitos

Por que D'us enviou as pragas nesta ordem em particular: primeiro o sangue, depois rãs, piolhos, etc.? Uma resposta é que D'us atuou como general que vai a uma guerra contra seu inimigo.

Sangue: Antes de entrar na cidade inimiga, o general e seu exército envenenam os poços de água dos inimigos para que não tenham mais água potável. Do mesmo modo, D'us primeiro cortou os suprimentos de água dos egípcios.

Rãs: Logo o general ordena aos tocadores de trombeta e tambores que toquem os instrumentos tão forte que o barulho assuste o inimigo.

De maneira análoga, D'us trouxe as rãs, cujo coxar incomodou terrivelmente os egípcios.

Piolhos: O general ordena que os soldados disparem flechas sobre os inimigos para matar os soldados e assustar o restante deles. Do mesmo modo, D'us castigou aos egípcios com piolhos que os picaram como flechas.

Animais Selvagens: Antes do ataque, o general convoca outros exércitos para que se unam na luta. Igualmente, D'us chama os animais selvagens para que se reúnam e lutem contra os egípcios.

Morte dos Animais (Peste): Antes da batalha, o general envia mensageiros especiais que encontram formas de destruir os animais do inimigo. D'us trouxe uma praga especial: a peste, que atacou os animais dos egípcios e lhes causou a morte.

Sarna: O general busca formas de destruir soldados no campo inimigo, para que restem menos guerreiros para lutar. Igualmente, D'us causou a doença dos egípcios, fazendo com que tivessem sarna.

Granizo: O general bombardeia a cidade com armas e mísseis. D'us enviou tempestades de granizo sobre os egípcios.

Gafanhotos: Por último, o general e seu exército entram na cidade inimiga e a destroem. Da mesma forma, os gafanhotos destruíram todos os campos que restaram depois da praga do granizo.

Trevas: O general joga muitos dos seus inimigos na prisão. D'us causou uma escuridão tão grande que aprisionou os egípcios, pois os impediu de moverem-se.

Morte do Primogênito: O general mata os líderes do inimigo que se julgam imortais e superiores, D'us com isto envia um recado de Quem realmente manda.

Por que os Egípcios Mereceram as Pragas

Todos os castigos de D'us são justos. Ele castigou o povo egípcio com as dez por terem sido extremamente cruéis. Cada uma das pragas tinha um motivo que correspondia a cada um dos tratamentos que os egípcios deram ao Povo de Israel.

Sangue

.....
Os egípcios obrigavam os judeus a trazer-lhes água do rio; assim, D'us transformou a água em sangue. Outra razão pela qual D'us fez que o primeiro castigo fosse relacionado ao rio Nilo foi porque os egípcios pensavam que o Nilo era um "deus". Ao converter a água em sangue, D'us mostrou-lhes que Ele tinha poder sobre o rio.

Rãs

Os egípcios ordenavam aos judeus: "Tragam-nos rãs, caracóis e insetos. Queremos divertir-nos com estes animais." Ao obrigar os judeus a trazerem rãs, D'us castigou os egípcios com estes animais.

Piolhos

os egípcios costumavam ordenar aos judeus: "Varram os pisos de nossas casas e ruas, e arem os nossos campos". D'us transformou todo o pó do Egito em piolhos, para que os judeus não tivessem mais que varrer!

Animais selvagens

Os egípcios também diziam aos judeus: "Precisamos de leões, tigres e ursos para nossos zoológicos e circos. Capturem estes animais para nós!" Era apenas uma desculpa cruel para enviar os judeus ao deserto e aos bosques, mantendo-os afastados de suas famílias e correndo alto risco de vida. D'us castigou os egípcios por este ato, fazendo que desabasse sobre eles animais selvagens.

Peste

Os egípcios também obrigaram os judeus a serem pastores do gado para enviá-los a campos distantes e mantê-los afastados das famílias. Como castigo, D'us matou os animais dos egípcios com uma peste.

Sarna

Outra cruel idéia dos egípcios era dar ordens confusas aos judeus nas casas de banhos: "Aqueça-me a água! Traga-me água fria!" De modo que D'us afligiu os egípcios com bolhas de sarna que doíam tanto que já não podiam tomar banhos, quentes ou frios! Outra razão pela qual os egípcios foram castigados com horríveis bolhas foi porque consideravam os judeus uma classe social inferior. Um egípcio nunca comia junto a um judeu. Assim, D'us castigou os egípcios com bolhas dolorosas com aspecto tão desagradável que ninguém queria aproximar-se deles.

Granizo

Outro ato de maldade dos egípcios consistia em ordenar aos judeus: "Planta-me um jardim! Planta-me algumas árvores!" D'us destruiu, pois, os jardins e bosques dos egípcios com granizo.

Gafanhotos

Os egípcios também ordenavam aos judeus: "Colham grãos para nós, favas e plantas", por isso estes foram comidos pelos gafanhotos.

Trevas

Os egípcios também ordenavam aos judeus levar velas e tochas por eles, nas ruas escuras. Também encerravam os judeus em cárceres escuros. Por este motivo D'us também causou a escuridão. Além disto, entre os judeus havia reshaim (malvados), que não mereciam ser libertados do Egito. Esses judeus perversos morreram durante a praga das trevas, de maneira que os egípcios não pudessem vê-los e exclamar com alegria: "Vejam, os judeus também estão sendo castigados, como nós!"

Morte do primogênito

D'us castigou os egípcios matando os filhos primogênitos, pois o Faraó havia dado a ordem: "Matem a todos os primogênitos varões judeus!" Os egípcios também eram cruéis com o povo judeu que era chamado de **"primogênito de D'us"**. Por isso, D'us matou seus filhos mais velhos.

A Intransigência do Faraó

Sangue

Perante o faraó e seus servos, Aharon estendeu o cajado sobre o rio Nilo. Neste instante, o rio e toda a água do Egito se transformaram em sangue!

Nos tempos antigos, muitas nações bebiam sangue. Talvez os egípcios também tivessem bebido, se D'us não tivesse causado a morte de todos os peixes do Rio Nilo. Isto fez com que o rio cheirasse tão mal que os egípcios não puderam beber o sangue. Não apenas o rio se transformou em sangue, mas toda a água da terra do Egito. Se alguém fosse à casa de banhos, não encontraria água para banhar-se, somente sangue.

Mesmo nos lugares secos havia sangue. De repente, havia poças sobre as camas e cadeiras. Quando em egípcio se sentava, ficava empapado de sangue. Levantava-se rapidamente, mas sua roupa já estava estragada. Os egípcios começaram a sentir muita sede porque não se encontrava água em lugar nenhum. Como podiam aplacar a sede?

Na terra de Goshen, onde viviam os judeus, a água estava normal. Os egípcios para lá viajaram, e ordenaram aos judeus que lhes dessem de beber. Mas sabem o que acontecia, assim que um judeu dava água a um egípcio e este tentava bebê-la? Transformava-se em sangue!

Então alguns egípcios disseram aos judeus: "Bebamos do mesmo copo!" Mas isso também não adiantou, pois o líquido que saía do copo para o judeu era água, e para o egípcio... sangue!

Alguns egípcios disseram aos judeus: "Queremos comprar água." Quando estes pagavam a água com dinheiro, esta não se transformava em sangue. Assim que os egípcios perceberam isso, começaram a comprar água. **Os judeus ganharam muito dinheiro durante sete dias, até que D'us pôs fim à praga.**

O faraó perguntou aos magos: "Vocês também podem transformar água em sangue?" "Sim", responderam os magos, e assim o fizeram. "Neste caso, não darei ouvidos a Moshê," decidiu o faraó.

Rãs

D'us disse a Moshê: "Vá e torne a advertir o faraó que liberte os judeus. Se não escutar, enviarei uma praga de rãs."

.....
Moshê avisou o faraó, mas este não lhe deu atenção. D'us, pois, fez sair do rio Nilo uma rã gigantesca. Os egípcios não gostaram do enorme e horrível animal, e o golpearam com pedras. "Matemos essa rã monstruosa!" gritaram.

Mas o que aconteceu foi que ao invés de morrer, a rã cuspiu pequenas rãs, a cada vez que a golpeavam. Era terrível! Mais e mais rãs saíam do rio, e logo o Egito se encheu de rãs. Quando um egípcio queria falar, seus amigos não podiam ouvir o que dizia, pois coaxavam sem parar.

O barulho era muito forte. "Vamos a um lugar tranquilo!" Os egípcios desistiram de falar entre si, porque ninguém podia escutar uma palavra do que o outro dizia. A noite as pessoas não podiam conciliar o sono por muito tempo, de tão forte era o coaxar que se ecoava por toda parte.

As rãs entraram em todos os lugares. Quando uma mulher egípcia assava pão, as rãs se metiam no forno. Era cozida junto com o pão, de maneira que o gosto era de rã assada. Tinha sabor tão desagradável que os egípcios perderam o apetite. Se um egípcio bebia água, o copo fervilhava de rãs. Não se podia evitar de engolir algumas.

Todos os quartos dos locais egípcios estavam cheios de rãs. Quando um egípcio ia banhar-se, as rãs saltavam e o mordiam. O faraó odiava as rãs. Seu palácio estava cheio delas. Havia rãs na cozinha, no banheiro, saltando por toda a parte. O faraó chamou Moshê e Aharon.

"Estas rãs, saltando e coaxando, estão me deixando louco! Deixarei os judeus irem embora, se fizeres desaparecer as rãs!"

Moshê implorou a D'us: "Por favor, faça desaparecer as rãs!"

As rãs morreram. Logo que o faraó viu isso, seu coração endureceu. "Por que haveria de escutar Moshê e Aharon?" disse. E decidiu: "Não libertarei os judeus!"

Piolhos

D'us disse a Moshê: "Causarei outra praga. Desta vez, não avises ao faraó. Já o advertiste duas vezes e ele não te escutou."

Aharon estendeu o cajado à frente do faraó e sua corte. Nesse instante, o pó da terra se transformou em piolhos. Somente os judeus não foram afetados por esta praga. O faraó chamou os magos e perguntou: "Conseguem produzir piolhos?"

"Sentimos muito, majestade," responderam. "Não podemos criar piolhos. Deveis crer que esta praga não é magia. D'us fez um milagre, ao trazer os piolhos."

Porém, o faraó se negou a escutar os magos.

Sete dias mais tarde, D'us pôs fim à praga.

Animais Selvagens

D'us disse a Moshê: "Volta a falar com o faraó! A menos que liberte Meu povo, trarei animais selvagens ao Egito, exceto a Goshen, onde vivem os judeus."

O faraó não fez caso dessa advertência. Em consequência, começou a nova praga. Foi aterradora! Vindos do deserto, chegaram leões, ursos e panteras. Invadiram os campos e vinhedos, e até mesmo as casas dos egípcios! Enormes pássaros os acompanhavam, agitando as asas e fazendo um barulho amedrontador! Os egípcios puseram ferrolhos nas portas e janelas para impedir a entrada dos animais.

D'us, porém, mandara alguns animais antes de outros para que abrissem as portas e janelas. Somente os judeus não foram atacados por bestas selvagens. O faraó estava absolutamente apavorado. Chamou Moshê e Aharon e prometeu-lhes: "Os judeus já não são escravos. Todos os judeus estão livres para servir a D'us e oferecer-Lhe sacrifícios aqui no Egito."

"Não é isso que desejamos", respondeu Moshê. "Queremos sair do Egito e ir para o deserto." "Está bem," replicou o faraó, "apenas peça a D'us que leve todos estes animais selvagens."

Moshê rezou a D'us. Suplicou que fizesse desaparecer até o último animal, **inclusive os mortos**.

Pois como haviam restado animais mortos, os egípcios estavam aproveitando as peles, fabricando casacos e calçados, tendo já comido sua carne. D'us aceitou as preces e fez desaparecer até o último animal.

Mal foi interrompida a praga, o faraó mudou de idéia. "Não deixarei os judeus livres", afirmou desafiadoramente.

Peste

D'us ordenou a Moshê que advertisse o faraó: "Se persistires em não escutar a D'us, todos os animais dos campos morrerão através de uma peste!"

A peste matou todos os animais nos campos. Os cavalos, burros, camelos, ovelhas, todos morreram. Na terra de Goshen, onde viviam os judeus, nenhum animal morreu. No caso de rebanhos misturados, alguns pertencentes aos judeus e outros aos egípcios, apenas morriam os dos egípcios.

Alguns egípcios tentaram o seguinte truque: Diziam a um judeu: "Venderei a você meus animais durante a praga. Logo voltarão a ser meus." Mas D'us não pode ser enganado e esses animais morreram mesmo assim.

O faraó voltou a endurecer o coração sem reconsiderar a atitude que deveria ter tomada desde o início: libertar o povo judeu da escravidão. Como o faraó não dera atenção à mensagem transmitida pelas cinco pragas, agora era muito mais difícil reconsiderar seus atos. D'us sabia que sua fala e atitudes não eram sinceras, assim, D'us endureceu seu coração. Isto deu ao faraó mais forças para resistir às advertências de Moshê. Foi um castigo para o faraó, por ter-se negado a escutar.

Sarna

A praga da sarna seguiu-se à morte dos animais. D'us anunciou a Moshê: "Causarei uma enfermidade terrível na pele dos egípcios e seus animais, cujos corpos se cobrirão de bolhas dolorosas que os incomodarão muito."

D'us estendeu a doença entre os egípcios da seguinte forma milagrosa:

.....
Ordenou a Moshê e Aharon que pegassem dois punhados de cinza de carvão cada um. Logo Moshê pegou com uma das mãos os quatro punhados de cinza (por milagre todos entraram na mão de Moshê) e os jogou com força ao céu. D'us espalhou a cinza por todo o Egito, e esta se depositou sobre a pele dos egípcios e seus animais causando bolhas pela sarna que eram terrivelmente dolorosas.

Por que D'us trouxe esta praga por meio da cinza.

D'us disse: "Os judeus merecem que se faça um milagre para eles por meio da cinza de carvão de um forno. Por que? Porque morreram por mim em fornos. Avraham se deixou jogar num forno aceso em Ur Kasdim, por acreditar em mim. No futuro também, três tsadikim, (justos) Chanania, Mishael e Azaria, serão atirados em um forno pelo rei babilônico Nabucodonosor, por se negarem a inclinar-se perante uma imagem. Também por esta razão, os egípcios merecem ser castigados através da cinza: por escravizar e destruir uma nação que está disposta a morrer por Mim."

O faraó sentiu-se tão doente por causa das bolhas de sarna que teve que ficar na cama. Os magos também se sentiram doentes e abandonaram o palácio do faraó, humilhados e envergonhados, para nunca mais retornar.

Granizo

D'us disse a Moshê: "Diga ao faraó que a próxima praga será tão terrível como todas as outras pragas juntas. Cairão grandes pedras e muitos egípcios morrerão."

O faraó não se importou. Por isso, D'us disse a Moshê no dia seguinte: "Estende tua mão ao céu. Então começará uma tempestade de granizo."

Nenhum egípcio jamais havia visto tal tormenta! Os trovões eram tão fortes que muitos morreram de susto. Quando soou um trovão especialmente forte, o faraó caiu no chão. Mas D'us lhe deu forças para pôr-se de pé, de maneira que este rashá (malvado) continuasse com vida para ser castigado com as outras pragas.

Muitos egípcios foram atingidos por bolas de granizo e pereceram. Este granizo continha não somente gelo, como também fogo. (Isto foi um milagre.

O comum é que o fogo consuma o gelo e este extinga o fogo). Alguns egípcios foram queimados pelo fogo.

O faraó chamou Moshê e Aharon. "Eu pequei," admitiu. "D'us é perfeito. Por favor, suplica a D'us que ponha fim a essa terrível praga. Prometo que desta vez estão livres para deixar o Egito."

O faraó manteve sua promessa? Não.

Assim que a tempestade de granizo terminou, sentiu-se tão poderoso quanto antes e decidiu não libertar o povo de Israel.

Então sucessivamente D'us enviou as três últimas pragas, gafanhotos, trevas e morte dos primogênitos egípcios, até que na última, o faraó não suportou mais e permitiu que o povo partisse.

Mas não sem mandar seus exércitos logo em seguida atrás, pois não queria ter cedido ao pedido.

Embora o faraó não tivesse se arrependido, ele admitiu: "D'us é perfeito". Por ter admitido a grandeza de D'us, todos os egípcios também o fizeram. D'us, em Sua infinita bondade fez com que após os egípcios terem se jogado no Yam Suf (Mar Vermelho), D'us ordenou ao mar que os transportasse à terra firme, e ordenou à terra que cobrisse seus corpos. Por terem admitido: "D'us é perfeito", mereceram ser sepultados.

Uma Lição Para Todos Nós

Lembram-se de quem estendeu o cajado para atrair a praga do sangue? Foi Aharon. E quem causou a segunda praga? Novamente Aharon. E a praga seguinte, piolhos? Outra vez Aharon. Não foi Moshê. Este causou algumas das pragas seguintes, mas não as três primeiras.

D'us não permitiu Moshê de realizar as três primeiras porque teria que golpear o rio e a areia. O rio havia protegido Moshê, fazendo-o flutuar na caixa em que sua mãe o havia colocado quando bebê, e a terra havia coberto o corpo do malvado supervisor egípcio que Moshê havia matado.

Como o rio e a terra haviam sido bondosos com Moshê, D'us não quis ofendê-los com golpes para trazer essas pragas. **A Torá nos ensina que devemos estar agradecidos por todos os favores que recebemos.**

D'us mostrou a Moshê que havia agido com consideração até mesmo com a água e o solo, que não têm sentimentos, para nos ensinar a sermos agradecidos com nossos amigos e nossos pais; e mais ainda, com D'us!

Sobre o Cumprimento das Promessas

Todos os perversos agem como o faraó. Quando D'us lhes envia um castigo, prometem melhorar. Mas assim que termina o sofrimento, esquecem por completo a decisão de serem bons e se arrependem.

Esta é a lição do faraó: como não devemos agir.

Se estamos em dificuldades e nos propusemos a atuar de maneira melhor no futuro, mantenhamos firme nossa decisão, mesmo depois de superar nossas dificuldades!

Artigos Sobre a Parashat Vaerá

Percepção e Poder

Uma ideia básica no pensamento contemporâneo é não somente os direitos do indivíduo, mas também seu poder. Se existe uma questão com que você realmente se preocupa, então, através do processo democrático, do poder do lobby, fazer com que a imprensa se envolva para levantar o interesse do público e afetar a opinião geral – você realmente poderá fazer algo sobre isto. De alguma forma, qualquer pessoa pode mudar o mundo.

Em termos espirituais, esta é uma antiga ideia judaica. Há mais de oito séculos, Maimônides escreveu que cada pessoa deve considerar-se igualmente equilibrada entre o bem e o mal. Isto significa, diz Maimônides, que o nosso próximo passo pode mudar o equilíbrio entre nós mesmos e o mundo inteiro. **Uma boa ação**, ou até mesmo – comentava o Rebe, de abençoada memória – **um bom pensamento**, pode puxar a balança da existência para o lado do bem e trazer a cura ao mundo¹.

.....
Isto significa que cada pessoa é fundamental. Sua percepção sobre a vida pode ser um fator essencial não somente para seu próprio bem-estar, mas para o mundo como um todo. Nossa percepção sobre a vida é, de fato, um tema chave em nossa Parashá, que fala sobre as pragas que D'us enviou ao Egito.

Qual foi o propósito das pragas?

Bem, uma resposta certamente é forçar os egípcios, principalmente o Faraó, a deixarem os judeus partirem livremente. Elas também podem ser vistas como uma punição por sua crueldade contra os escravos judeus. Entretanto, se nós examinarmos cuidadosamente o texto da Torá, veremos que elas não foram apenas uma forma de mostrar força nem de causar dor. O objetivo foi mais sutil.

D'us explica que o propósito dos milagres no Egito foi que o "Egito saberá que Eu sou D'us"².

Quando o Faraó confrontou Moisés pela primeira vez que estava pedindo que os judeus fossem libertados, o Faraó respondeu: "Quem é D'us a quem eu deva ouvir e deixar os judeus partirem livres? Eu o desconheço"³ Isto significa que o objetivo das pragas era fazer o Faraó reconhecer a D'us. Somente então ele deixaria os judeus saírem do Egito.

Entretanto, este também não é o objetivo final das pragas. D'us dá uma outra explicação a Moisés. As pragas foram enviadas para que o Povo Judeu contasse aos seus filhos e aos seus netos sobre o que aconteceu e eles "saberão que eu sou D'us"⁴.

O propósito das pragas foi mudar nossa percepção sobre a vida, de forma que, através das gerações, nós reconheçamos D'us e o significado de Seus ensinamentos. Para o antigo Faraó, as pragas serviam para que ele eventualmente obedecesse a D'us e libertasse o Povo Judeu. **Para nós, elas significam que nós reconhecemos o poder do Criador em nossas vidas e, portanto, possamos dar o passo certo que trará a bondade e a cura ao mundo.**

NOTAS

1. Maimônides, Leis do Arrependimento, 3:5.
2. Shemot 7:3-5.
3. Shemot 5:2.
4. Shemot 10:2. Ver o Likutei Sichot do Lubavitcher Rebe, vol. 36, p.33 ff.

"Deixe Meu povo ir!" - Mas Eles Podem Se Deixar Ir?

Por Yosef Y. Jacobson

Três Meninos

Aqueles três meninos estão no pátio da escola se gabando de como seus pais são notáveis.

O primeiro diz:

"Bem, meu pai corre mais depressa que qualquer um. Ele pode atirar uma flecha, e começar a correr. Vou dizer a vocês, ele chega antes da flecha".

O segundo garoto diz:

"Aha! Você acha que isso é rápido! Meu pai é caçador. Ele pode dar um tiro e chegar lá antes da bala".

O terceiro escuta os outros dois e balança a cabeça. Então diz:

"Vocês nada sabem de rapidez. Meu pai é funcionário público. Ele para de trabalhar às 4h30 e chega em casa às 3h45!"

O Primeiro Mandamento

A narrativa bíblica do Êxodo Judaico do Egito tem sido uma das histórias mais inspiradoras para os oprimidos, escravizados e tiranizados no decorrer da história. Da Revolução Americana, dos escravos da América do Sul, até o Sonho de Liberdade de Martin Luther King, a narrativa do Êxodo mostrou incontáveis povos com a coragem de esperar por um futuro melhor, e agir pelo seu sonho.

A primeira visita de Moshê ao faraó exigindo liberdade para seu povo somente trouxe mais sofrimento aos escravos hebreus; o monarca egípcio aumentou sua tortura. Os hebreus agora não escutavam mais a promessa da redenção. Agora vamos prestar atenção a este estranho versículo na porção semanal, Vayerá:

Assim D'us falou a Moshê e Aharon, e Ele os mandou aos filhos de Israel, e ao faraó, rei do Egito, para deixar os filhos de Israel sair da terra do Egito.

D'us está encarregando Moshê de duas diretrizes: ordenar ao povo de Israel e então ordenar ao faraó, o rei. Porém, o versículo é ambíguo: o que D'us ordenou Moshê a instruir ao povo? A mensagem para o faraó é clara: Deixe os filhos de Israel saírem do Egito. Mas o que Moshê deve ordenar ao próprio povo?

O Talmud Jerusalém diz algo profundamente enigmático: D'us instruiu Moshê a ordenar ao povo judeu as leis de libertar escravos.

O Talmud está se referindo a uma lei registrada mais tarde em Shemot: Se um judeu vender a si mesmo como escravo, o dono deve deixá-lo ir após seis anos.

Ele está proibido de segurar o escravo por mais tempo. Essa era a lei que Moshê deveria partilhar com os israelitas enquanto eles estavam no cativeiro egípcio.

A Base para o Comentário

O Talmud baseia essa nova e aparentemente infundada interpretação numa fascinante narrativa no Livro de Jeremiah:

Então a palavra do Eterno chegou a Jeremiah vinda do Eterno, dizendo: Assim diz o Eterno D'us de Israel: Eu fiz um pacto com seus pais no dia em que Eu os tirei da terra do Egito, da casa de escravos, dizendo: "Ao final de sete anos vocês deixarão ir todo homem, seu irmão judeu, que foi vendido a você, e quando ele tiver servido por seis anos deve libertá-lo de você." Jr.34:13-14

.....
A questão é: onde encontramos um pacto feito por D'us com o povo judeu quando eles deixaram o Egito para libertar seus escravos? Numa brilhante especulação, o Talmud sugere que este é o significado do enigmático versículo acima: "D'us falou com Moshê e Aharon, e Ele os mandou aos filhos de Israel, e ao faraó rei do Egito, para deixar os filhos de Israel fora da terra do Egito."

A ordem aos filhos de Israel foi para libertar seus escravos.

Porém isto parece uma cruel anedota. Os Filhos de Israel a essa altura eram eles próprios escravos esmagados e atormentados, subjugados por um déspota genocida e um regime tirânico, suportando terrível tortura. Porém a essa altura D'us deseja que Moshê lhes ordene sobre as leis relevantes ao aristocrata, ao senhor feudal, o dono de escravos?! E além disso, como diz a Torá: "D'us os enviou aos filhos de Israel, e ao faraó rei do Egito para deixar os filhos de Israel fora da terra do Egito."

Parece que as duas instruções – aquela para os israelitas e aquela para o rei egípcio – estão conectadas. E além disso: a ordem para os israelitas precedeu a ordem ao faraó. Mas o que o mandamento para os judeus, de que eles libertem seus escravos um dia no futuro tem a ver com a missão do faraó de libertar os hebreus da escravidão?

Quem É Livre?

A resposta a essa pergunta é profundamente simples e comovente, e vital para **a compreensão da liberdade na imaginação bíblica.**

Antes que o faraó possa libertar os escravos judeus, ele deve estar pronto a se tornar livre. Você pode tirar um homem da escravidão, mas isso pode ser mais difícil tirar a escravidão de dentro de um homem. Externamente, você pode estar livre; internamente você pode ainda estar escravizado.

Qual é o primeiro e maior sintoma de ter liberdade? Que você aprenda a dar liberdade aos outros.

O ditador, **o fanático por controle**, ou o cônjuge ou pai abusivo, não sabe como dar liberdade aos outros. Ele (ou ela) se sente obrigado a forçar os outros a entrar no molde que criou para eles. Desconfortável na própria pele, tem medo de que alguém o supere, exponha suas fraquezas, usurpe sua posição ou o faça sentir demais neste mundo. **Por fora ele tenta parecer poderoso, mas por dentro seu poder é um sintoma do angústia e confinamento interior.**

Somente quando aprender a abraçar outros, não por quem ele gostaria que fossem, mas por quem eles são, então ele pode começar a abraçar a si mesmo, não por quem ele deseja ser, mas por quem é. Quando libertamos aqueles ao nosso redor, estamos libertando a nós mesmos. **Quando os aceitamos, aprendemos a aceitar a nós mesmos.**

Quem é poderoso? Aquele que dá poder. Quem é livre? Aquele que pode libertar os outros. Quem é um líder? Aquele que cria outros líderes.

"Quase todo homem pode passar pela adversidade, mas se você deseja testar o caráter de um homem, dê poder a ele," disse Abraham Lincoln.

Pergunte a si mesmo: você sabe como celebrar o retumbante sucesso de seus entes queridos e constituintes? Você os

encoraja a abrir as asas e maximizar seus potenciais? Você pode permitir que os outros brilhem?

O faraó pode deixar vocês livre fisicamente. Porém antigos escravos podem se tornar tiranos atuais. Pessoas que foram abusadas com frequência se tornam abusadoras. É o que eles sabem da vida; é o paradigma no qual foram criados.

Cresceram no abuso e escravidão, portanto continuam o ciclo com outros. A primeira mitsvá que os judeus tinham de ouvir de Moshê, antes mesmo que ele fosse ao faraó para deixá-los livres foi: **Um dia vocês serão livres. Lembrem que a liberdade é um dom; usem-na para libertar os outros.**

As Expressões de Redenção

Pela Yeshivá Tomchei Temimim, S Paulo/Brasil

Em Parashat Vaerá constam quatro expressões de redenção: **vehotsêti** (tirei), **vehitsálti** (salvarei), **vegaálti** (redimirei), **velakáchti** (pegarei). Cada uma delas refere-se, respectivamente, a uma das redensões do povo judeu. Vehotsêti – é a gueulá do exílio egípcio, e assim por diante.

Consta também na Parashá mais uma frase de salvação: "e os trarei à boa terra". **"Trarei"**, a quinta palavra de redenção alude à futura **Redenção do último exílio, em que nos encontramos atualmente.**

D'us promete que nos redimirá do exílio – **"trarei"**. Quando Ele promete fazer algo bom, jamais se arrepende. Assim é a vontade divina – algo bom não é anulado. D'us já nos prometeu a Redenção completa, e tal promessa jamais será anulada sendo "obrigado" a cumpri-la.

Se alguém acendeu um fogo, e o fogo se alastrou e causou danos – quem acendeu o fogo é responsável pelos danos, e precisa ressarcir os prejuízos, mesmo se não teve intenção de prejudicar ninguém e o mesmo espalhou-se contra sua vontade. Ao acender o fogo já tornou-se responsável por todo e qualquer dano, mesmo antes de ocorrerem.

Se em questões de danos a halachá é assim, é óbvio que em coisas positivas também o será. A Redenção completa já existe, antes ainda de ocorrer. Precisa apenas revelar-se para nós.

Quando sabemos que a Redenção já existe, e falta apenas a fase de revelação, fica muito mais fácil superar as dificuldades **e todos os encobrimentos que há neste mundo**, no exílio e, principalmente, nas gerações mais recentes.

Não devemos nos deixar abater pelas dificuldades. Devemos persistir e agir com a força da santidade, deste modo todas as ocultações se afastarão, as dificuldades serão anuladas, e mereceremos presenciar a Redenção completa com nossos olhos carnis.

Baseado em Likutê Sichot, Vol. I, páginas 125-127

Uma Escravidão Chamada Liberdade

Por Adin Steinsaltz

Entrelaçado na magnífica tapeçaria de símbolos, costumes e cerimônias do Sêder de Pêssach está o insuperável tema da liberdade.

.....
Embora a liberdade possa ser expressa em cerimônias simples como reclinar à maneira dos homens livres, bebendo quatro taças de vinho e repetindo o mantra **"nós somos homens livres"**, o profundo conceito de liberdade realmente envolve e permeia nossa essência.

A liberdade é percebida com mais frequência como a ausência de escravidão – assim como a escravidão pode ser definida como a ausência de liberdade. Mas na realidade, a ausência de escravidão em si não cria uma condição de liberdade.

A escravidão é uma condição na qual a pessoa é para sempre forçada a agir de acordo com a vontade de outro. Liberdade é a capacidade do ser humano de agir e expressar-se.

Para que o homem possa agir independentemente, **deve querer expressar sua singularidade**. Aquele que não possui o desejo da auto-expressão e realização independente – seja porque seu espírito foi alquebrado ou jamais se desenvolveu – não pode ser considerado um homem livre. Ele não é livre, apesar de não estar mais sendo fisicamente escravizado; é meramente um escravo abandonado – um escravo sem amo.

O milagre do Êxodo não foi completado com o Êxodo em si. O povo judeu precisava ser de homens livres, não meramente escravos fugitivos.

Avraham Ibn Ezra descreve assim a situação: "Nas praias do Mar Vermelho, os judeus quiseram genuinamente escapar do fardo da escravidão; porém, tendo passado a vida toda como escravos, não podiam simplesmente jogar fora a afinidade que tinham desenvolvido em relação a seus feitores. **Somente depois que a geração nascida no cativeiro tinha falecido, o povo judeu pôde entrar na Terra de Israel e construir uma nação de homens livres.**"

Um escravo carrega um duplo fardo – é forçado a obedecer ao amo e não tem vontade própria. Assim, uma pessoa que esteja ciente de sua singularidade e individualidade jamais pode ser escravizada. E no outro extremo, quem não possui uma auto-imagem positiva jamais pode considerar-se realmente livre.

Os mesmos princípios que escravizam um indivíduo podem se ampliar a uma nação inteira, **no nosso atual galut, ou exílio**. A verdadeira redenção envolve mais que sair do exílio. Está implícito no estado de exílio a destruição e subjugação da vontade de um povo e sua concessão coletiva aos ditames de um país estrangeiro.

Um grupo de pessoas que deixa sua terra de livre e espontânea vontade, que determina seu estilo de vida segundo seus próprios valores, não pode ser considerado como vivendo no exílio. Estão apenas vivendo numa terra estrangeira. Desde que estejam em liberdade para expressarem sua essência, não são realmente exilados. **O exílio é escravidão somente quando inibe e abafa a auto-expressão e a autodeterminação.**

Como a escravidão, o exílio é até certo ponto uma condição física, mas sua qualidade essencial é a do espírito. É rendição e abdicação – aceitar um conjunto de valores, atitudes e costumes que são contrários ao "eu" privado ou coletivo.

O judeu perseguido tem estado no exílio por incontáveis gerações, durante as quais precisou mudar sua maneira de viver.

Uma nação que era basicamente agrícola tornou-se um país de mercadores; um povo independente foi reduzido à escravidão e curvou-se a um governo estrangeiro, jogado para lá e para cá. Mas com tudo isso – desde que o povo judeu mantivesse seu legado e seus princípios espirituais, seu modo interior de vida e comportamento – ele não foi um povo escravizado.

O judeu em todos esses anos de exílio e perambulação tinha de viver em paz com sua incapacidade de dirigir seu próprio destino em muitas áreas da vida. Porém seu exílio jamais foi completo, porque o judeu não se considera desprezado ou inferior. Assim, desde que retivesse o âmago de seu ser interior, sua conexão com D'us não somente o consolou, mas também serviu como seu país nativo, uma entidade que o exílio não poderia danificar ou diminuir.

O exílio completo, tanto espiritual quanto físico, começou com a assimilação. Sempre que o judeu assimilado perde seu excepcional senso de si mesmo, perde sua independência. Mesmo que tenha liberdade pessoal, seu exílio nacional é completo. Seu verdadeiro eu não dirige mais seu estilo de vida. A vida do judeu assimilado é estabelecida e determinada por influências alienígenas, tanto na vida espiritual quanto na física.

Mesmo quando o judeu assimilado mora num país onde os estrangeiros não mais ditam de que maneira ele deve se conduzir, vive num estado de exílio. Leva consigo a condição de exílio em seu sentido mais profundo. Está privado de seu verdadeiro eu, o eu que o conduz à liberdade. Culturas alienígenas talvez não o escravizem fisicamente, mas continuam a governá-lo espiritualmente e a roubá-lo de seu legado.

Um famoso ditado chassídico declara: "É mais fácil tirar o judeu do exílio que tirar o 'exílio' do judeu."

Uma Mensagem de Liberdade

Adaptado de uma carta do Rebe – 11 de Nissan de 5713

Com a aproximação de Pêssach, podemos novamente recordar aquele grande evento no alvorecer de nossa história. Nosso povo foi libertado do cativeiro egípcio a fim de receber a Torá como homens e mulheres livres.

A memória e a imaginação nos dão a capacidade de nos associar a um acontecimento no passado, e reviver as emoções que foram sentidas por ocasião do evento. Estamos limitados pelo tempo e pelo espaço, mas apenas fisicamente.

Em nossa mente, podemos viajar sem limites, e quanto mais espirituais nos tornamos, mais perto chegamos do passado, e mais intensamente podemos vivenciar sua mensagem e inspiração.

Lembrar é uma conquista espiritual. Ao comentarem sobre o versículo **"E estes dias serão lembrados e feitos"** (Esther 9:28), nossos Sábios ensinam que tão logo estes dias sejam lembrados, são espiritualmente revividos. A Divina benevolência que trouxe milagres no passado é redespertada por nosso ato de lembrança.

Pêssach é a "Festa de nossa libertação". Celebra um evento histórico: o Êxodo do povo judeu do Egito. No entanto, nossos Sábios nos ensinam que em toda geração, e em todo e cada dia, **devemos nos ver como se tivéssemos acabado de ser liberados do Egito.**

A implicação é que a liberdade não foi atingida de uma vez por todas. Requer constante vigilância.

Cada dia, e cada ambiente, encerra seu próprio Egito – um poder de minar a liberdade de um judeu. Talvez a maior ameaça venha de dentro.

A convicção que determinadas realizações estão além de nós – a crença forte, confortável, de que a pessoa não nasceu para atingir o auge da vida espiritual. Acreditar nisso é colocar barras ao redor de si mesmo, deixar-se aprisionar por uma ilusão.

Pêssach, assim, é um processo contínuo de auto-libertação. A festa e suas práticas são símbolos de um conflito constantemente renovado num judeu: criar a liberdade de viver seu potencial espiritual. Esta é uma das razões pelas quais somos conclamados a lembrar nossa libertação do Egito em toda geração e todos os dias. Devemos pessoalmente "sair do Egito" todos os dias. Escapar de seus limites, tentações e obstruções que nossa existência física coloca no caminho de nossa vida espiritual.

A manifestação de nossa libertação do Egito é a liberação de nossa alma Divina das restrições de seu ambiente físico. E quando esta é conseguida – com a ajuda de D'us que nos libertou do Egito, e através de uma vida de Torá e mitsvot – termina uma grande angústia espiritual. **O conflito interior entre aquilo que é físico e o que é Divino na natureza de um judeu é transcendido.**

Podemos então desfrutar a verdadeira liberdade, o senso de serenidade e harmonia, que é o prelúdio à liberdade e paz no mundo em geral.

Meu Faraó de Plástico

Por Tzvi Freeman

Aqui estou eu, tentando tirar as migalhas do teclado ergonômico de meu computador, enviando por fax a minha "Procuração Para Venda de Chamêts" e baixando uma nova Hagadá. Em outras palavras, Pêssach está chegando. Logo estarei sentado à mesa do Sêder com a família e amigos, quando surgirá a mesma pergunta de todos os Dias Festivos: "O que estamos celebrando? Por que estamos todos aqui?"

Meus filhos dizem que não há o que questionar: Estamos aqui para celebrar nossa liberdade. É por isso que o feriado é chamado **"A Festa de Nossa Libertação"**. Éramos escravos no Egito, agora somos livres. Portanto, vamos à refeição e à celebração.

Estou contente por eles se sentirem tão livres. Quanto a mim, ainda sou um escravo e o Faraó, rei do Egito, nunca morreu. Trabalho para ele a semana toda. Ele me levou a isto: Primeiro, ele me deixa possuir todas estas coisas boas que eu realmente queria sem pagar nada. Depois ele começa a exigir dinheiro em troca delas. Quando, certa vez, não paguei todo o dinheiro, ele exigiu ainda mais dinheiro. Precisei então trabalhar ainda mais para dar a ele todo o dinheiro que exigia.

Levo uma foto do Faraó em sua atual encarnação na minha carteira. Há um nome assustador gravado sobre ela. Ele se chama "MasterCard".

Mas meus filhos não pensam assim. Eles dizem que na Hagadá está escrito que o Faraó nos deixou ir embora, livres. Bem, conheço a Hagadá um pouquinho melhor que eles. A verdade é que a Hagadá, como qualquer outra parte da Torá, está repleta de enigmas e contradições aparentes, para que perguntas sejam feitas.

Se você ler qualquer parte da Torá, especialmente a Hagadá, e não fizer alguma pergunta, obviamente não está lendo como deveria. **(É por isso que o "Filho que não sabe fazer perguntas" é colocado no final da mesa).** Não o Filho Perverso. Não o Filho Simples. "O Filho que não pergunta". Não apenas porque não perguntar é bastante não-judaico, mas também porque significa que simplesmente você não está prestando atenção ao que está acontecendo.

Voltando ao assunto: Acabamos de fazer o Kidush, no qual chamamos isso tudo de "Festa de Nossa Libertação". O que dizemos em seguida? "Este é o pão do pobre... Agora somos escravos, no próximo ano seremos homens livres."

Ora, isso é uma contradição! Somos livres ou somos escravos?

Então meus filhos me dizem que estamos celebrando porque antes éramos escravos e nos libertamos e, portanto estamos celebrando. O fato de termos entrado numa confusão e nos tornado escravos outra vez, bem, azar nosso. Ainda podemos comemorar o passado. Desde que o jantar seja bom.

Deixe-me dizer-lhe uma coisa: Não estou comemorando o passado. Se tenho de passar por tudo isso no ano **5764, 3316** anos depois para limpar minha casa para Pêssach e fazer um belo Sêder, isso precisa ter mais significado que comemorar algo que de qualquer forma cancelou-se com a história.

O problema de ser um escravo com todas estas contradições, associado ao estresse da limpeza para Pêssach, realmente me aborreceu. Portanto, fui ver um psicoterapeuta. **Ele ouviu, tomou notas e então disse-me que MasterCard não é o Faraó. Eu sou o Faraó. Mais especificamente, minhas exigências absurdas comigo mesmo são o Faraó.**

Eu disse a ele que minha única exigência comigo mesmo é que eu não deveria ser um escravo. Ele disse que eu não deveria usar esta palavra, "deveria". A palavra "deveria" significa que estou fazendo uma exigência absurda a mim mesmo. Isso provoca estresse. O estresse, na Hagadá dele, é escravidão.

Aparentemente, os Hebreus no Egito estavam realmente estressados. Construir pirâmides não era nada. O pior era o estresse que eles sofriam.

"Então" – perguntei – "o que eu deveria fazer? Não quero ser um escravo."

Ele disse que eu não deveria fazer coisa alguma. Só desejar já está bem. Eu posso desejar não ser um escravo. "Deveria" não é bom. É irracional.

Então fiquei realmente confuso. Eu sempre entendera que "Eu deveria" era meu libertador, e que "Eu quero" era justamente quem tinha me colocado naquela situação. Mas a hora terminou e ali estava eu no consultório, mostrando minha foto do Faraó para a secretária do psicoterapeuta.

"Em resumo" – pensei – "eu não deveria dizer deveria." Eu precisava de outra consulta com o espremedor de crânios para

.....
perguntar se eu deveria ou não dizer que eu não deveria dizer deveria. Mas, com o preço que estes profissionais cobram, eu não acreditava que meu pequeno Faraó me permitiria fazê-lo.

De qualquer modo, decidi, não preciso de um psiquiatra para conseguir me libertar. Afinal, a libertação é uma forma de esclarecimento. Quando foi a última vez que você falou com um psicoterapeuta espiritualmente esclarecido?

O que eu precisava era de um guru. Uma alma elevada, transcendente, que fosse essencialmente liberada e pudesse me tirar de toda esta confusão.

Sentei-me então e digitei uma carta explicando tudo ao Rebe de Guadalajara, enviando-a em seguida para o endereço esclarecimento@guadalajara.guru.

Permaneci online aguardando minha resposta. Neste ínterim, paguei eletronicamente as contas que devia por ficar tanto tempo online para conseguir uma resposta rápida. Meu pequeno Faraó foi-me útil novamente.

Então a resposta chegou. Exatamente assim:

"Somos todos prisioneiros. O ato da existência é nosso crime. O universo é nossa prisão. Nosso corpo e nossa pessoa é nossa cela. As chaves para a libertação estão firmemente guardadas nos punhos de nosso próprio ego."

Em seguida uma pequena nota dizia: "Veja o Tanya, capítulo 47. Leia também "Aproximando o Céu da Terra", por Tzvi Freeman.

Meditei, beberiquei chá, meditei um pouco mais, e entendi. Mastercard não é o Faraó. "Eu quero" não é o Faraó. "Deveria" também não é. Não se trata do quero ou do deveria, mas sim do "EU".

Consultei o Tanya, a clássica obra chassídica do Rabi Shneur Zalman de Liadi, capítulo 47. Ali ele afirma que quando D'us nos deu a Torá, deu-nos a infinitude. Conectamo-nos a Ele por intermédio da Torá e somos livres porque então somos infinitos e livres como Ele. E ele escreve: "... e, portanto não há nada impedindo ninguém, exceto sua própria vontade, pois se uma pessoa não deseja..."

Mais uma vez, a mesma idéia. Somos todos livres. Porém nosso ego segura firmemente as chaves. Como faço para que meu ego solte as chaves?

Para a filosofia você pode procurar um tsadic esclarecido em algum lugar do México. Para uma libertação prática, em tempo real, eu preciso do Rebe. Do Lubavitcher Rebe.

Este é o conselho prático do Rebe, numa palestra proferida num Pêssach:

"Torne uma parte de sua vida uma ação que o leve além de seus limites, ajudando pessoas que não são parte de sua família ou círculo de amigos, fazendo alguma coisa que não se encaixe em sua própria auto-definição. Convide alguém com quem você não se sente à vontade para seu sêder. A princípio, talvez você não se sinta muito bem. Mas você se libertou."

Portanto, mais uma vez este ano, chego ao meu sêder. Deixo meu pequeno mundo particular do meu minúsculo eu e passo

pela porta rumo a algo infinito, intemporal e eterno, porque está conectado ao infinito, intemporal e eterno D'us. **Não faço mais parte de mim. Sou parte de nós e parte de Sua Torá, e portanto, parte d'Ele.**

E para prová-lo, eu digo: "Que todos aqueles que precisam venham e se juntem ao nosso sêder..."

Eu me libertei. Este ano, devemos todos nos libertar. Não apenas no sêder, mas em todos os momentos da nossa vida. Para sempre.

Este ano em Jerusalém!

O Que Aconteceu Com a Fé?

Por Levi Avtzon

Dois camponeses russos estão discutindo seu amor pelo Czar.

"Meu amor por ele é ilimitado," **exclamou Boris.** "Eu daria tudo a ele! Se eu tivesse um milhão de rublos, daria tudo a ele. Se tivesse um cavalo, de boa vontade o entregaria a ele. Se tivesse uma loja, daria todo o lucro ao Czar!"

"Se você ama tanto o Czar, então estou certo de que dará a ele, alegremente, as três galinhas que tem no quintal, correto?" pergunta o amigo de Boris.

"Hummm, na verdade, acho que não..."

"Como não? Um milhão de rublos e uma loja você daria, mas quando pergunto sobre as três galinhas, você de repente dá pra trás?!"

"As galinhas existem..." responde Boris.

Lembrei-me dessa história ao estudar um fascinante pensamento do Midrash na **porção da Torá dessa semana, Vaerá.**

Mas primeiro vamos recordar um pouco do final da porção da semana passada, Shemot, na qual lemos como Moshê levou aos judeus a boa nova de que tinha chegado a hora de sua redenção. A Torá nos diz 1 que ao ouvir a notícia, "A nação acreditou; eles ouviram que D'us tinha Se lembrado dos filhos de Israel, e eles se ajoelharam e se prostaram."

Voltando ao início de Vaerá, onde lemos como D'us enviou Moshê para dizer aos judeus que "Eu os tomarei para Mim como nação, e Eu serei para vós um D'us..." E então a Torá nos diz 2 que "Moshê assim falou aos filhos de Israel, mas eles não deram ouvidos a Moshê..."

Mas por que eles não acreditaram? Por que eles de repente tamparam os ouvidos? O que aconteceu a "Uma vez acreditando, sempre acreditando?" Durante duzentos anos eles tinham se apegado à fé, e de repente, apenas porque as coisas pioraram um pouco, tudo acabou?

Portanto o Midrash explica:

Da primeira vez que Moshê veio, ele era como um político cheio de promessas, mas sem pedir nada em troca (além do voto). Portanto eles acreditaram. Sim, era admirável que após tanto

.....
tempo no exílio eles ainda tivessem lugar para a fé. E mesmo assim...

Da segunda vez ele os informou que, uma vez redimidos, eles seriam “tomados como uma nação” por D’us – em nossa linguagem isso quer dizer não mais idolatria, nada de fazer o que bem entendessem! **De repente essa liberdade tinha um preço! Subitamente, crer não era mais tão conveniente.** Não, obrigado...

É fácil filosofar, declarar e afirmar nossas crenças. Porém aqueles ideais devem se traduzir em ações; caso contrário, não valem muito.

Temos de cumprir o que prometemos.

NOTAS

1. (Shemot 4:31)

2. ibid. 6:9

Vendo e Acreditando

Da Obra: NO JARDIM DA TORÁ

Prisões da Mente

Quando a Torá menciona o nome de um lugar, o nome descreve não somente uma localização geográfica, mas também um estado de espírito e um conjunto espiritual de circunstâncias. Neste contexto, **Mitzrayim, o nome hebraico para o Egito, serve como um modelo, ensinando-nos o que é exílio e demonstrando a essência do desafio espiritual que nosso povo enfrentou através da história.**

Mitzrayim está relacionado à palavra em **hebraico meitzarim**, que significa “**limitações**” 1. A existência material confina e limita a expressão da Divindade no mundo em geral e a expressão da faísca Divina dentro de nossas almas. Isto é exílio, um estado não natural. Pois a verdadeira realidade – a de que o mundo foi criado para ser uma moradia para D’us 2 e que **a alma de uma pessoa é uma verdadeira parte de D’us** 3 – está oculta. Em tal cenário, a pessoa fica absorvida pela rotina diária de sua vida. Os valores espirituais – se é que a pessoa os leva em consideração – são interpretados de acordo com sua própria visão do mundo 4.

Além disso, o exílio naturalmente perpetua a si mesmo. Nossos Sábios relatam 5 que nenhum escravo pode escapar do Egito. Da mesma forma, qualquer ambiente no qual alguém vive cria uma inércia que resiste a mudanças. Emprestando uma expressão de nossos Sábios 6: **“Uma pessoa em correntes não pode libertar a si mesma”**. Já que os processos de pensamento de todas as pessoas são hoje moldados pelo ambiente do exílio, muitos acham difícil enxergar além deste cenário.

Um Fim para o Exílio

E, mesmo assim, apesar do homem poder não ser capaz de libertar a si mesmo, D’us se recusa a permitir que o exílio continue indefinidamente. O primeiro passo da redenção é uma revelação direta da Divindade. Já que **a característica fundamental do exílio é a ocultação da presença de D’us, a anulação do exílio envolve uma revelação mais clara da**

Divindade. Isto sacudirá as pessoas para fora de sua auto-concentração e as abrirá para a consciência espiritual.

Esta é a mensagem da Parashá **Vaerá significa “E Eu revelei a Mim mesmo”**.

A raiz de Vaerá é a palavra re’iyah, significando “visão”.

Vaerá se refere a algo que pode ser visto diretamente.

Este tema é continuado através da leitura da Torá que descreve sete das dez pragas – milagres evidentes que tiveram um objetivo duplo, como a Torá declara 7: “Eu mostrarei Meu poder... Eu tirei Meu povo do Egito... E o Egito saberá que Eu sou D’us”.

Estas pragas tornaram o mundo inteiro consciente da presença de D’us. Mesmo os egípcios -- cujo governante tinha orgulhosamente se gabado 8: **“Eu não conheço D’us”** -- tiveram consciência d’Ele e admitiram 9: “Este é o dedo de D’us!”.

Porque os milagres foram vistos abertamente, eles transformaram o pensamento das pessoas. Quando uma idéia é comunicada intelectualmente, demora algum tempo para que ela seja assimilada a ponto de afetar a nossa própria conduta. Quando, ao contrário, uma pessoa vê algo com seus próprios olhos, isto imediatamente muda sua forma de pensar.

Quando uma pessoa vê um evento, não há como ela possa ser convencida de que aquilo não aconteceu 10.

Uma Herança Rica

Entretanto, é natural que se pergunte: “Quando terei visto a Divindade? Talvez tenha havido milagres no passado, mas qual é a sua relação com o presente?”.

A resposta é encontrada no comentário de Rashi sobre o versículo do qual a leitura da Torá ganha seu nome 11: “E Eu revelei a Mim mesmo a Avraham, a Yitzchak e a Yaacov”. Rashi comenta: “Aos Patriarcas”.

Aparentemente, esta observação é supérflua. Todos nós sabemos que Avraham, Yitzchak e Yaacov foram os antepassados do Povo Judeu. Tendo mencionado cada um pelo nome, não há necessidade de mencionar seu título. Rashi, entretanto, está enfatizando que as revelações foram concedidas a eles, não por causa de suas virtudes individuais, mas porque eles eram “antepassados” e suas realizações espirituais seriam transferidas como uma herança aos seus descendentes 12. Ao revelar a Si mesmo aos patriarcas, D’us fez da consciência de Sua existência um elemento fundamental na formação de seus descendentes por todos os tempos.

Tomando Posse do Legado

No entanto, apesar do legado de nossos patriarcas estar dentro de nossos corações, ele não está sempre em nossos pensamentos conscientes. Cada um de nós deve se esforçar para internalizar a fé de nossos antepassados e torná-la própria dele ou dela. Isto não acontecerá necessariamente por si só. A menos que nos esforcemos para unir fé e pensamento, nós podemos criar uma divisão entre crença e vida real. De fato, evidência de tal divisão é bastante comum.

.....
A necessidade de resolver esta divisão explica porque a leitura anterior da Torá, Parashá Shemot, termina descrevendo como Moshê se dirigiu a D'us e perguntou 13: "Ó D'us, por quê Tu trata mal ao Teu povo?".

A pergunta de Moshê não reflete falta de fé. Sem dúvida, Moshê acreditava, assim como todo o povo, pois os judeus são, por natureza, **"crentes e descendentes de crentes"** 14. Mas Moshê percebeu que sua responsabilidade era a de ser um pastor da fé 15, para nutrir a fé do povo até que ela afetasse seus processos de pensamento. Foi por isto ele fez a pergunta.

Milagres em Nossas Vidas

Em resposta à pergunta de Moshê, D'us produziu os milagres descritos em nossa Parashá. Os esforços de Moshê para fazer da fé um fator na vida diária provocou uma resposta de D'us.

Conceitos semelhantes se aplicam em todas as gerações, pois milagres não são algo do passado 16. Em toda geração, D'us mostra Seu grande amor por Seu povo produzindo ações que transcendem a ordem natural. Às vezes, uma pessoa para quem ocorre um milagre poderá não reconhecer o que aconteceu 17 e, em outras ocasiões, os milagres são evidentes, óbvios para que todos os vejam.

De fato, em passado recente, nós vimos grandes maravilhas que D'us produziu a nosso favor, entre elas: a Guerra do Golfo, a queda do Comunismo e as massivas ondas de judeus indo para Eretz Yisrael.

Nossos profetas prometeram 18: "Como nos dias de vosso êxodo do Egito, Eu vos mostrarei maravilhas". Assim como os milagres que D'us produziu no Egito anunciaram o êxodo, que possamos também os milagres que nós testemunhamos – e que testemunharemos no futuro – anunciar a Redenção final. E que isto possa acontecer bem brevemente.

Por Rabbi Eli Touger (Adaptado de Likutei Sichos, Vol. XVI, p. 52ff; Vol. XXXI, p. 25ff; Sichos Shabbos Parshas Va'eira, 5743; e Sichos Chof-Vav Nissan, 5751)

Traduzido por Maurício Klajnberg

NOTAS

1. 1. Ver Torah Or, Shmos 71c.

2. 2. Midrash Tanchuma, Parshas Bechukosai, seção 3. Ver Tanya, caps. 33 e 36.

3. 3. Tanya, cap. 2.

4. 4. Neste contexto, o conceito de Mitzrayim, Egito, se torna pessoal. Cada um tem um "Egito" que o confina e do qual ele precisa ser libertado. Para uma pessoa, as forças que previnem sua natureza Divina interior de se expressar podem ser seus desejos físicos incontrolláveis, enquanto para outra pessoa elas podem ser as limitações de seu intelecto. **Existe até um "Egito de santidade" que contrasta uma pessoa que é devotada ao estudo da Torá e à prática de suas mitzvot, mas que é contida por uma relutância em assumir um compromisso irrestrito.** A natureza de nossos "Egitos" pessoais pode diferir, mas a obrigação de lutarmos para transcender estes limites é universal. Este é o significado da exigência de lembrarmos o êxodo do Egito todos os dias.

5. 5. Mechilta citado em Rashi, Shmos 18:9.

6. 6. Berachos 5b.

7. 7. Shemot 7:4-5.

8. 8. Ibid. 5:2.

9. 9. Ibid. 8:15.

10. 10. O efeito da visão é refletido na Lei Judaica: uma testemunha não pode atuar como um juiz (Rosh HaShanah 26a). Uma vez que alguém tenha presenciado o cometimento de um crime, ele será incapaz de apreciar de forma justa um argumento proposto em nome do acusado.

11. 11. Shemot 6:4.

12. 12. Este conceito também é enfatizado pela Lei Judaica. A transferência de propriedade a um herdeiro é única em que, diferentemente de um comprador ou de alguém que é presenteado, um herdeiro não é considerado um novo proprietário, mas uma continuação de quem fez o testamento. (Ver **Bava Batra 159a**, Tzafnat Paneach, Milluim 13a, et al). Da mesma forma, em relação à nossa herança do legado espiritual de nossos antepassados, as revelações que eles receberam são transmitidas para nós como elas foram recebidas, sem modificação.

13. 13. Shemot 6:22.

14. 14. Shabbos 97a. Ver Rashi, Shemot 4:2.

15. 15. Ver Torah Or, Ki Sisa 111a, e o maamar ViKibei HaYehudim 5687. O Pesichta sobre Eichah Rabbah seção 24 se refere a Moshê pelo título hebraico , que significa **נאמן רועה**, **"pastor leal"**. A versão em aramaico, **מהמנא רעיא** (que serve como o título de uma das partes do Zohar), também tem aquele significado, mas também conota **"pastor da fé"**.

16. 16. Portanto, **o Shulchan Aruch (Orach Chayim 218:9), um texto que contém somente leis aplicáveis na época atual, inclui a exigência da recitação de uma bênção reconhecendo algum milagre que tenha ocorrido em nossa vida.**

Orach Chayim 218:9 Há aqueles que dizem que só se torna uma bênção sobre um milagre que ultrapassem um comportamento normal do mundo; mas um milagre que está dentro de processos comuns do mundo, por exemplo, se os ladrões vieram à noite e ele estava em perigo e foi salvo, etc., ele não é obrigado a fazer uma bênção. Há, contudo, uma opinião oposta, e recomenda-se a recitar a bênção, sem menção do nome e Realeza.

https://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=https://en.wikisource.org/wiki/Translation:Shulchan_Aruch/Orach_Chaim/218&prev=search

17. 17. Ver Niddah 31a.

18. 18. Michah 7:15.

Guerra entre as forças do bem e do mal

Por Zalman Velvel

Na porção desta semana, Vaerá, lemos sobre as instruções específicas dadas por Moshê por D'us antes que Moshê e Aharon comparecessem perante o faraó. Quando o faraó lhes pediu um sinal para provar que Aquele que os tinha enviado era poderoso, Aharon deveria jogar seu cajado e este se transformaria numa serpente.

Quando Aharon, de fato, jogou o cajado, o faraó chamou imediatamente os seus conselheiros e seus mágicos, exigindo que repetissem o truque com seus próprios cajados. Eles realizaram facilmente este feito. No entanto, seus cajados foram todos engolidos pelo de Aharon.

O milagre ocorreu não era o cajado de Aharon se transformando em serpente, pois os mágicos do faraó também conseguiam realizar este feito. Pelo contrário, **foi o fato de o cajado de Aharon (depois de ter se transformado de serpente em cajado de novo) engolir os cajados dos mágicos.**

As maravilhas e pragas ocorridas no Egito não foram apenas com o objetivo de punir os egípcios, mas sim de quebrar a resistência e oposição do povo egípcio a D'us. **A filosofia egípcia alegava que D'us não tem poder ou influência no mundo. Segundo eles, depois da Criação o mundo foi entregue às leis da natureza e D'us desistiu de qualquer supervisão ou atenção no dia-a-dia.**

As dez pragas serviram para desaprovar esta ideologia, e cada uma ilustra um erro diferente na filosofia deles. O milagre dos cajados engolidos foi uma introdução aos milagres que se seguiriam. O prelúdio geral para esta refutação foi o engolimento dos cajados.

O encontro entre Aharon e o faraó foi um confronto entre as forças do bem e do mal. O cajado de Aharon simbolizava a força Divina que vem da santidade. A serpente simbolizava o Egito, pois está escrito: **"O Egito é uma grande serpente esticada dentro de seus rios."** Ao transformar o cajado numa serpente, Aharon mostrou ao faraó que o próprio Egito deve sua vitalidade a D'us.

Quando os mágicos do faraó também puderam transformar seus cajados em serpentes, eles estavam insistindo em dizer que tinham seu próprio poder. **Quando os cajados foram engolidos pelo de Aharon, isso provou que o poder da impureza e do profano nada representa em face do poder e força da santidade, e não pode ter existência ou duração.**

Por meio deste milagre, D'us mostrou ao faraó e seus sábios que eles, também, estavam sob Seu domínio, e que o faraó não tinha realmente qualquer poder próprio. Isso enfatiza a lição que seria aprendida por todo o Egito, e renunciou as dez pragas que estavam para chegar.

Dessa discussão sobre o confronto entre o faraó e Aharon, podemos aprender uma lição geral em nosso tratamento e relacionamento com o próximo. **Aharon foi descrito como aquele "que amava a paz e buscava a paz, amava todas as criaturas e as aproximava da Torá".** Quando conhecemos alguém que se comporta indevidamente ou com falhas ofensivas de caráter, devemos abordá-lo com o cajado de Aharon – com verdadeiro amor, e **devemos nos lembrar que estamos usando o cajado de Aharon, não a serpente;** nossa interação deve ser sem raiva ou sentimentos negativos, sem envolver nossas próprias emoções, e não com um pedaço de madeira seca.

Uma Busca Longa Demais

Por Eli Touger

Um menino correu em lágrimas para o pai. Ele estava brincando de esconde-esconde com seus amigos, e o menino que tinha sido escolhido para "achá-lo" lhe pregara uma peça. **Todos tinham se escondido, mas em vez de procurá-los, o menino simplesmente foi para casa.** Durante algum tempo, as crianças se sentiram vitoriosas. Afinal, tinham ficado no esconderijo por um longo tempo, sem serem encontrados. Mas depois, começaram a se sentir sozinhos e traídos.

Enquanto o filho falava, ele viu seu pai – o Maguid de Mezeritch – também começar a chorar.

"Por que está chorando?" perguntou o filho ao pai.

"Porque D'us tem a mesma reclamação que você."

Quando Ele Se esconde, está esperando que nós saíamos à Sua procura.

Se você fosse D'us e quisesse que as pessoas tivessem consciência da Sua existência, o que faria?

A maioria de nós responderia: Eu apenas diria: "Alô". Afinal, não estamos interessados em brincadeiras. Se queremos alguma coisa, vamos atrás dela.

Por que D'us não faz isso? Um dos motivos é que se Ele Se revelasse como é, nada mais poderia existir. Seria como olhar diretamente para o sol; a luz seria forte demais. **Se Ele não Se recolhesse e Se ocultasse, nós não poderíamos existir.**

Porém, se a ocultação é necessária para mantermos nossa existência, como Ele pode Se tornar conhecido? Se é necessário que Ele Se esconda para criar o mundo, como Ele pode entrar no mundo novamente?

Estas perguntas estão no âmago da história espiritual do mundo. **A ocultação da Divindade cria a estrutura da nossa existência. Por outro lado, o progresso da civilização é dirigido a uma meta; que Ele Se dê a conhecer.**

Uma das ferramentas que Ele usa para tornar-Se conhecido é a natureza em si. A formação natural do mundo oculta a Divindade, criando a impressão de que o mundo existe independentemente com suas próprias leis e seu próprio poder. Por outro lado, quando uma pessoa sonda mais profundamente, ele ou ela chega à percepção de que a natureza não existe por si mesma. Há uma harmonia profunda e abrangente demais. O ritmo contínuo, interior, é poderoso demais para se ignorar. Esta é uma das maneiras pelas quais o homem chega a avaliar D'us.

Esta maneira, no entanto, é problemática. Antes de mais nada, ela exige contemplação e pensamento profundo. Assim, nem todos chegam àquela percepção. Em segundo lugar, mesmo quando uma pessoa é capaz de atingir esse tipo de entendimento, esta não será sua reação inerente.

Entranhada em sua natureza está a ideia de que o mundo existe por si mesmo. A percepção de D'us sempre vem em segundo lugar, como uma concepção adquirida – e portanto mais fraca. Por este motivo, de tempos em tempos, D'us realiza milagres

.....
evidentes, por exemplo, as Dez Pragas sobre os egípcios, das quais sete são descritas na leitura desta semana da Torá.

Por que D'us trouxe as pragas? Seu propósito não era apenas motivar o faraó a libertar os judeus?

A intenção das pragas está claramente declarada na Torá:

"Para que vocês digam... seu filho e seu neto aquilo que Eu fiz no Egito... para que vocês saibam que Eu sou D'us."

Os milagres do Êxodo tornam óbvio que D'us existe. Afinal, a água não se transforma em sangue à toa, e sapos não enxameiam sobre a terra. Ver estes milagres, um após o outro, fez todos – tanto judeus quanto egípcios – conscientes da presença Divina.

Por outro lado, milagres não são comuns. Se isso fosse verdade, a ocultação acima mencionada teria sido interrompida. Haveria revelação demais para este mundo. E também, não haveria muito sentido no serviço do homem. Pois quando a Divindade é óbvia, é um desafio servi-Lo.

Nossa vida contém uma fusão dos dois. O paradigma dominante é de ordem natural. **Porém, de vez em quando, nos é concedida uma apreciação da Divindade que transcende a natureza e nos inspira ao serviço mais e mais engajado.**

Grandes Homens

Nessa porção semanal lemos sobre os nossos grandes líderes, Moshê e seu irmão Aharon. Os comentaristas notam que Moshê e Aharon permaneceram resolutos e dedicados em sua missão, do começo ao fim. Há um comentário muito difícil de se compreender: "Que outra coisa era de se esperar de tão grandes homens?"

Talvez a intenção aqui seja dar-nos uma lição muito significativa. Muitos líderes de grandes causas iniciam suas atividades com muito ardor, sinceridade e devoção. Com o decorrer do tempo, impressionados com a própria grandeza de sua posição, alteram sua atitude e começam a mudar sua sinceridade original; eles são os líderes que ninguém se atreve a atravessar no caminho ou sequer ousa duvidar de sua autoridade. Isso ocorreu com os líderes dos maiores impérios e repúblicas, e também infelizmente, com lideranças da história judaica.

O Rei Shaul (Saul) começou sua carreira com humildade, mas no fim tornou-se um homem diferente que esqueceu da dedicação de seus antepassados. Com muita frequência encontramos em nossos dias homens e mulheres que começaram a trilhar um caminho com tremenda devoção e idealismo e que continuaram dirigindo as rédeas do poder com arrogância e orgulho.

Os comentaristas nos informam que isso não ocorreu com Moshê e Aharon. Permaneceram fiéis, justos e devotos do começo ao fim; o poder não lhes subiu à cabeça. Eram verdadeiros homens de D'us, homens dignos de liderança. Que possamos aprender de seu exemplo.

Um médico para um paciente

Os chassidim queriam chamar um médico, talvez houvesse ainda algo a ser feito para ajudar o Rebe enfermo, Rabi Yekusiel Yehuda Teitelbaum. Mas Rabi Teitelbaum não quis saber da sugestão. Em vez disso, declarou:

"Deixe-me contar-lhes uma história..."

"Certa vez Rabi Yoel Sirkes, que mais tarde ficaria famoso como o 'Bach' (por seu livro Bayit Chadash) visitou seu genro, Rabi David ben Shmuel Halevi, que mais tarde seria conhecido como o "Taz" (por seu livro Turei Zahav.) Quando Rabi Yoel chegou, toda a cidade saiu para encontrá-lo e dar-lhe as boas-vindas com a tradicional saudação de "Shalom", exceto um jovem erudito, que não se aproximou.

"Que petulância" – disse seu genro, Rabi David, sobre o jovem.

"Fui informado pelo próprio Elihahu, o Profeta, que Rabi Yoel tinha sido banido pela Corte celestial, e por esse motivo não lhe estendi um cumprimento formal" – replicou o jovem.

Rabi David ficou chocado e pediu mais detalhes ao erudito.

"Certa vez, Rabi Yoel estava passando por uma determinada cidade. Dois homens estavam discutindo sobre uma carroça carregada de madeira que um homem tinha vendido a outro. O comprador alegava que tinha concordado com um preço de três moedas de ouro, ao passo que o vendedor era categórico em afirmar que tinha vendido por 3 e 1/10.

"Quando os dois homens viram Rabi Yoel, perguntaram-lhe se ele poderia arbitrar a questão.

"Qual o valor que está sob discussão?" perguntou Rabi Yoel.

"A décima parte de uma moeda de ouro" - responderam eles.

"Devo retardar minha viagem e ser incomodado por um décimo de uma moeda de ouro?" Rabi Yoel protestou.

"Os anjos acusadores no céu tiveram um dia e tanto com o comentário do Rabi, pois nossos Sábios ensinam que 'Uma disputa envolvendo uma moeda de cobre deve ser tratada tão seriamente como uma questão envolvendo uma centena de moedas.'"

Rabi David apressou-se a procurar seu sogro para certificar-se de que a história era verdadeira. Na verdade, Rabi Yoel lembrou-se do incidente como se fosse inadequado para ele fazer esse tipo de comentário. Os dois homens perceberam que este jovem erudito tinha sido levado a eles pela Divina Providência, para ajudar Rabi Yoel a fazer teshuvá (arrependimento) e acertar tudo.

Procuraram então uma corte rabínica que imediatamente anulou o banimento celestial.

Rabi Yoel aproximou-se do jovem e pediu um favor. "veja que é uma pessoa correta e temente a D'us aos olhos do Céu. Portanto, gostaria de dar-lhe meu manuscrito, um comentário sobre Arba Turim (uma seção do Código da Lei Judaica) que planejo publicar sob o título Bayit Chadash. Antes de publicá-lo, gostaria que você o olhasse e me desse sua opinião."

O jovem concordou.

Pouco depois, Rabi Yoel aproximou-se do rapaz e perguntou-lhe se tinha tido uma chance de examinar o manuscrito, e se podia devolvê-lo.

.....
"Não o devolverei nem mesmo em vinte anos" - respondeu o jovem erudito.

Chocado, Rabi Yoel pediu uma explicação. "Minha obra não teve sua aprovação? Se é este o caso, diga-me o que há de errado, pois eu a entreguei a você para que a examinasse com olho crítico."

O rapaz respondeu: "Seu livro é bom. No entanto, assim que o publicar e distribuir em todo o mundo, terá completado sua missão na vida e não haverá motivo para viver neste mundo. Portanto, farei tudo que puder para retardar sua publicação, para que você permaneça aqui conosco neste mundo."

"Se é este o motivo de ter ocultado seus comentários, então não atrasarei a publicação" – disse Rabi Yoel. "Pois, como você mesmo notou, o mundo precisa dele."

O jovem não teve outro recurso senão devolver o manuscrito ao autor, que foi em frente com a publicação, volume por volume. Foi publicado no decorrer de nove anos. Em 1640, logo após a publicação do último volume, Rabi Yoel faleceu.

Rabi Yekusiel Yehuda Teitelbaum completou sua história. Então acrescentou: "O mesmo ocorre comigo. Se com a ajuda de D'us eu tiver completado minha missão neste mundo, então nada tenho a fazer aqui, e não quero um outro médico."

Transformando Água em Sangue

Uma das principais razões para o Êxodo do Egito ter um papel tão importante no Judaísmo (nós o mencionamos diariamente em nossas preces) é que o Êxodo original simboliza o êxodo espiritual diário que deve ocorrer na vida de um judeu.

A palavra hebraica para Egito, Mitsrayim, vem do radical Meitzar, que significa limitações e obstáculos. Cabe a cada indivíduo liberar-se de suas próprias limitações internas, liberando assim sua alma Divina para expressar-se e buscar a plenitude espiritual.

A Porção desta semana da Torá, Vaerá, nos fala do início dos eventos que levaram os judeus do cativeiro à triunfante libertação. Ao estudar as circunstâncias do Êxodo do Egito, vemos de que maneira podemos aplicar estas lições a nossa jornada pessoal e espiritual.

A primeira praga a afligir os egípcios foi o sangue; cada gota de água do país foi afetada. Portanto, o primeiro passo rumo à libertação espiritual deve ser algo conectado com a transformação de "água" em "sangue".

A água simboliza a tranquilidade, e falta de entusiasmo emocional. O sangue, por outro lado, é um símbolo de calor, entusiasmo e fervor. A Torá pergunta a cada judeu: Você deseja realmente sair do "Egito", superar suas limitações auto-impostas?

A primeira coisa que você deve fazer é transformar sua "água" em "sangue". Transforme sua apatia e inércia em entusiasmo e amor para com a Torá e mitzvot (mandamentos). Infunda em sua vida o calor e o fervor dirigidos a D'us e à santidade.

Alguém poderia alegar: "Não basta que eu cumpra as mitzvot, estude Torá e evite o que é proibido? Não sou um bom judeu, mesmo que não sinta entusiasmo por aquilo que faço?"

A filosofia chassídica explica que frieza e apatia são a fonte de todo o mal. Quando alguém é frio em relação a algo, isso significa que é totalmente desinteressado naquilo. Vemos que quando alguém que nos é caro ao coração é mencionado, nosso pulso se acelera e nos "aquece". A frieza mostra o desempenho mecânico dos mandamentos e termina por levar à deterioração espiritual.

A primeira ação a ser feita para a libertação espiritual é substituir nossa morna dedicação ao Judaísmo com calor e entusiasmo. Devemos pelo menos ser tão entusiasmados pelo Judaísmo quanto somos a respeito das outras facetas de nossa vida.

Uma das maneiras práticas de expressar isso é quando cumprimos uma mitsvá de maneira particularmente especial. O desejo de aumentar nossa observância nos leva a cumprir os preceitos do Judaísmo por amor. Este, então, é o primeiro passo rumo à nossa saída do Egito e ao final de nosso exílio coletivo.

15 – Parashat Bô

Êxodo 10:1-13:16.

Seleções do Midrash

A Oitava, Nona e Décima Praga

A Oitava Praga: Gafanhotos

Desde que Moshê e Aharon foram ao faraó com a mensagem de D'us para libertar os judeus, o faraó havia sido castigado com sete pragas. Todas as vezes havia-se negado a dar liberdade aos judeus assim que a praga havia terminado.

Desta vez, Moshê e Aharon se dirigiram a ele pela oitava vez, com a advertência de um novo castigo: uma praga de gafanhotos.

Quando os criados do faraó escutaram esta advertência, voltaram-se para o rei e disseram: "Por quanto tempo mais deixará que este homem, Moshê, nos cause problemas? Prometa-lhe que deixará partirem todos os homens judeus para servir a D'us. Mas faça com que as mulheres e crianças fiquem no Egito, para ter certeza de que os homens voltarão."

O faraó chamou Moshê e Aharon e perguntou: "A quem quereis tirar do Egito para servir a D'us?"

"Todos os judeus," disseram, "homens, mulheres e crianças. Levaremos também nossos animais."

"Jamais!" gritou o faraó. "Eu poderia deixar os homens saírem, mas de maneira alguma as crianças. Devem ficar aqui, para ter certeza de que os homens regressem. Veja só o que querem! Fugir do Egito para sempre, e não aceitam fazer alguns sacrifícios. Nunca o permitirei!" Com estas palavras, o faraó virou as costas a Moshê e Aharon.

D'us então fez soprar um forte vento que trouxe gafanhotos ao Egito.

Os egípcios haviam visto gafanhotos antes, mas nunca tantos ao mesmo tempo. Havia milhões! O céu estava tão cheio deles que era impossível ver o sol. Os campos cheios de gafanhotos, como

.....
uma gigantesca manta de criaturas saltitantes, não deixavam o menor espaço livre.

A praga anterior, o granizo, havia destruído praticamente todo o cereal, a vegetação, e o pasto do Egito. Agora os gafanhotos saquearam e devoraram até as últimas lavouras que restavam. Logo todos os campos e todas as árvores estavam desprovidos de qualquer alimento. Os egípcios se preocuparam: "Morreremos de fome!"

O Faraó apelou então para Moshê dizendo que deixaria o povo partir se a praga parasse. **Moshê então saiu do palácio e rezou.** D'us fez soprar outro vento levando todos os gafanhotos para fora do Egito. Imediatamente o faraó mudou de opinião e não libertou Bnei Yisrael.

A Nona Praga: Trevas

O faraó não desfrutou do alívio proporcionado pelo desaparecimento dos gafanhotos por muito tempo. Desta vez, D'us disse a Moshê: "Estende sua mão para o céu, e a escuridão descenderá sobre o Egito." Moshê obedeceu e a escuridão começou a descer sobre a terra, como pesado manto negro. O dia se tornou mais escuro que a noite, e a noite se fez ainda mais escura! Os egípcios já não podiam reconhecer as silhuetas, pois tudo estava envolto na mais absoluta escuridão. **De nada servia acender velas ou tochas, pois as trevas cobriam tudo.**

Com três dias de escuridão, a praga imperava. D'us fez com que a nuvem negra ficasse tão espessa que os egípcios não podiam mover-se. Quem estava sentado, não conseguia levantar-se. **Quem estava de pé, não conseguia sentar-se. Envolvidos na escuridão, todos os egípcios haviam se petrificado na posição em que se encontravam quando as trevas começaram. Assim, permaneceram imóveis por três dias.**

Entretanto, os judeus tinham liberdade para entrar nas casas egípcias sem serem perturbados. Não apenas tinham luz nas suas casas, **mas cada vez que um judeu entrava num local egípcio, a luz o acompanhava.** Os judeus podiam enxergar, no entanto os egípcios na mesma casa não conseguiam ver absolutamente nada. Tal como D'us havia planejado, os judeus agora podiam abrir armários e baús dos egípcios, onde encontravam valiosos bens. **Nenhum judeu tocou num só bem pertencente aos egípcios, simplesmente conferiram os objetos.**

Depois, quando Bnei Yisrael saiu do Egito, Moshê os instruiu a pedir aos egípcios: "Dêem-nos ouro, prata e roupas para levarmos!"

Os egípcios afirmavam: "Não temos ouro, prata ou roupa!" E os judeus os contradiziam: "Claro que têm! Vi ouro no baú, e roupa atrás da cama." Os egípcios terminaram por admitir que os judeus estavam certos e deram o que lhes era pedido.

Algo mais sucedeu durante a praga das trevas. Entre os judeus, muitos não acreditavam que Moshê e Aharon haviam sido realmente enviados por D'us para tirar os judeus do Egito. Disseram: **"Não cremos que algum dia sairemos desta terra. E mesmo que o fizéssemos, sem dúvida morreríamos de fome no deserto. Preferimos ficar no Egito."**

D'us então resolveu castigá-los. Morreram nos dias de escuridão, sem serem vistos pelos egípcios, que se os vissem, teriam falado: "Veja estes judeus que morrem? São tão maus como nós!"

A Décima Praga: Morte dos Primogênitos

Quando terminou a praga da escuridão, o faraó voltou a chamar Moshê e Aharon. Disse-lhes: "Desta vez estou disposto a deixar todos saírem: homens, mulheres e crianças. Porém, devem deixar as ovelhas e o gado para trás, pois precisamos deles."

"Nós também precisamos," respondeu Moshê. "D'us nos pedirá sacrifícios. Temos de levar todos nossos animais quando partirmos."

O faraó gritou: "Fora daqui! Se tiverem a ousadia de pisar no palácio novamente, matá-los-ei!"

Moshê respondeu: "Não regressarei perante ti. Faço agora um aviso sobre a última praga: D'us, Ele próprio, descenderá ao Egito no meio da noite e matará todos os egípcios que forem os filhos mais velhos. Depois desta praga, você e sua corte virão a mim e suplicarão para irmos embora."

Em seguida, Moshê partiu.

A primeira mitsvá encomendada ao povo judeu: os juizes de Bet Din (tribunal) sempre devem fixar o começo do novo mês judaico.

Antes que a nova praga começasse, D'us ordenou a Moshê e Aharon que ensinassem ao povo de Israel a primeira mitsvá (preceito). Moshê e Aharon ensinaram então aos judeus a mitsvá de Rosh Chôdesh: (primeiro dia do mês).

Assim que os judeus estiverem estabelecidos em Êrets Yisrael, **o Bet Din determinaria todos os meses que dia seria Rosh Chôdesh, o primeiro dia do novo mês judaico.** Como o tribunal decidiria quando começar o novo mês?

Vejamos:

Todos os meses a lua "cresce" e se "contraí". No princípio do mês a lua é pequena. Então cresce, até assemelhar-se a uma banana. Até a metade do mês está cheia e redonda, como uma laranja. Logo começa a contrair-se novamente. Volta a diminuir mais e mais, até desaparecer no fim do mês. No próximo mês, volta a aparecer.

Todo judeu que visse a pequena lua nova no começo do novo mês, deveria apresentar-se ao Bet Din. Ali informava: "Vi a lua nova no céu." Os juizes então aguardavam que chegasse outro judeu e afirmasse o mesmo. Logo formulavam às testemunhas numerosas perguntas para assegurar-se de que diziam a verdade. Se os juizes se sentissem satisfeitos, declaravam publicamente: "Hoje é Rosh Chôdesh, o começo do novo mês."

Hoje através de nosso calendário já determinamos o início do novo mês durante o ano inteiro. **Porém, quando Mashiach chegar, os juizes do Bet Din voltarão a estabelecer cada Rosh Chôdesh segundo as testemunhas que viram a lua nova.**

D'us Ordena Duas Mitsvot Antes do Êxodo

D'us ordena o cumprimento de duas mitsvot antes do Êxodo do Egito

D'us ordenou aos judeus que cumprissem duas mitsvot antes de sair do Egito. Somente assim seriam os judeus merecedores dos grandes milagres com que Ele os libertaria: Cada família judia

.....
deveria oferecer um **corban Pêssach**, um sacrifício de Pêssach; Todos os judeus que não tivessem brit milá (circuncisão) deveriam fazê-la antes de comer o corban Pêssach.

D'us disse a Moshê que ordenara a Bnei Israel: "Quatro dias antes de Pêssach cada família judia comprará um cordeiro ou cabra jovem. Deverá guardá-los em casa por quatro dias. Na tarde do quarto dia, deverá sacrificá-lo como corban Pêssach, uma oferenda de Pêssach."

Por que, diante de todos os animais, justamente o cordeiro foi o escolhido? Os habitantes do Egito consideravam os animais sagrados, especialmente os cordeiros. Era para eles que rezavam. Para mostrar aos egípcios que estavam equivocados, D'us ordenou aos judeus que sacrificassem cordeiros, que eram os deuses egípcios. Ao cumprir esta mitsvá, os judeus demonstraram que confiavam em D'us e que não acreditavam nos ídolos egípcios.

Por que D'us ordenou que o Povo de Israel preparasse os cordeiros antecipadamente, exatamente quatro dias antes de Pêssach?

Duas razões:

1. Um animal é casher para corban apenas se está perfeito, se não tem defeito sobre o corpo. Durante estes quatro dias, cada família amarrava o cordeiro à cabeceira da cama e examinava o animal minuciosamente para assegurar-se de que era casher para um corban.

2. D'us ordenou aos judeus que comessem a mitsvá alguns dias antes, para ganharem o mérito de serem tirados do Egito. **Imagine que coragem tiveram as famílias judias para pegar um cordeiro – o deus dos egípcios – e prepará-lo para o sacrifício como Corban! Os judeus estavam temerosos, pensando como os egípcios ficariam furiosos quando se inteirassem do que haviam feito.** Sem dúvida, matariam todos os judeus! Porém, todos escutaram as palavras de Moshê e obedeceram a ordem Divina.

Cada família preparou um cordeiro quatro dias antes de Pêssach. D'us estava orgulhoso dos judeus. Ao cumprirem esta mitsvá, mostraram que já não acreditavam nos deuses egípcios. Demonstraram também que obedeciam a D'us, apesar de todo risco que corriam diante dos egípcios. Agora tinham um **zechut (mérito)** pelo qual mereciam ser redimidos.

D'us indica aos judeus o que devem fazer com o Corban Pêssach

D'us disse a Moshê que ordenara aos judeus: "Na tarde de 14 de Nissan, cada família deverá sacrificar seu cordeiro. Logo deverão pôr o sangue do cordeiro sobre os batentes em ambos os lados da porta principal, bem como sobre o umbral que se encontra sobre a porta." D'us passará sobre todas as casas do Egito no meio da noite de Pêssach, e matará todos os primogênitos egípcios. O sangue nas casas dos judeus será a prova para D'us que os judeus O obedecem e cumprem Suas mitsvot. Por isso, terá piedade das casas judias e nada matará ali.

"Cada família judia deverá assar seu cordeiro sobre um fogo aberto e comê-lo durante a noite de Pêssach, junto com matsot e **maror (ervas amargas)**. O maror irá lembrá-los da **dura e amarga escravidão no Egito**."

"Todos deverão comer o corban Pêssach totalmente vestidos e segurando um cajado na mão, prontos para sair do Egito. D'us os tirará do Egito nesta mesma noite. Assim, devem estar prontos! Todos os anos, na noite de Pêssach, comerão um **Corban Pêssach**, em recordação da saída do Egito."

O Corban Pêssach na Época do Beit Hamicdash

O **livro Shevet Yehudá** nos conta como se apresentava o Corban Pêssach na época do **Segundo Beit Hamicdash**.

Em rosh chôdesh Nissan, o rei do povo judeu enviava mensageiros a todos que moravam nos arredores de Jerusalém. Os mensageiros anunciavam: "Tragam todos os cordeiros que tenham para vender, de modo que todo judeu possa comprar um animal para seu Corban Pêssach."

Todo judeu que tivesse um animal para vender o levava às colinas próximas a Jerusalém. Os cordeiros à venda eram conduzidos até um riacho para que fossem lavados cuidadosamente. Tãmanha era a quantidade de cordeiros que as colinas não eram mais verdes, mas tornavam-se brancas!

No dia 10 de Nissan, quatro dias antes de Pêssach, todos os judeus que precisavam de um animal compravam um. Os quatro dias que faltavam para Pêssach eram dedicados a intensos preparativos que culminariam com a emocionante chegada do Yom Tov.

Quando chegava Erev (véspera) de Pêssach, soavam trombetas e os mensageiros anunciavam: "Escute, Povo de D'us! Chegou o momento de oferecer o corban Pêssach." Cientes da santidade da mitsvá, os judeus se vestiam com roupas festivas. Ao meio-dia todo o trabalho cessava e a única atividade era a preparação do cordeiro. Todos os judeus dirigiam-se à **azará** (pátio do Beit Hamicdash) com seus cordeiros.

Fora do pátio havia **doze leviim** que advertiam as pessoas para não empurrarem-se ao entrar. Dentro, havia outros doze, cuidando para que as pessoas não se empurrassem ao sair da azará. As pessoas entravam em três turnos. Assim que o pátio ficava lotado, os leviim cerravam as portas.

Aqueles que ficavam de fora deviam aguardar até o turno seguinte. Todos os cordeiros eram sacrificados na azará. Um cohen recebia parte do sangue da ovelha num recipiente em forma de cone, feito de ouro e prata. Este recipiente cheio de sangue do corban Pêssach devia ser vertido sobre as paredes do **mizbeach** (altar). Centenas de milhares de recipientes cheios de sangue deviam ser levados ao mizbeach em Erev Pêssach em uma só tarde.

Qual seria a forma mais rápida para que o sangue chegasse ao mizbeach?

Os cohanin formavam filas desde a entrada do pátio até o altar. Com a mão direita, o cohen que se encontrava no começo de uma fila passava o cone de sangue ao cohen que estava ao seu lado, que por sua vez o passava ao que estava junto a ele, e assim sucessivamente até o final da fila, até que o cone chegasse ao cohen que estava junto ao altar. Então, com a mão esquerda, este entregava o cone vazio ao cohen que tinha a seu lado, e assim sucessivamente até chegar novamente ao começo da fila. Cada cohen da fila passava cones cheios com a mão direita em direção ao mizbeach e devolvia cones vazios até chegar ao começo da fila, com sua mão esquerda.

.....
Havia numerosas filas de cohanim. Uma fila usava somente cones de prata e a seguinte, somente de ouro. Era um belo espetáculo! A rapidez com que os cones se moviam em direção ao altar, e de volta dele. **Os cones pareciam flechas de prata e ouro que cruzavam os ares!**

Agora já sabemos com os cohanim podiam oferecer o sangue de tantos cordeiros numa só tarde. Naturalmente, este ágil manejo dos cones não teria sucesso sem certa prática. **Os cohanim começavam a treinar trinta dias antes** de Pêssach. Num lugar elevado da azará (pátio) havia dois cohanim com trombetas de prata. Sopravam as trombetas a cada vez que um dos turnos começava a oferecer seus **corbanot** (cordeiros). Este era o sinal para que os leviim comessem a **recitar o Halel** com o acompanhamento dos instrumentos musicais. Os judeus recitavam **Halel** (salmos de louvor) junto com os leviim.

Depois de matar as ovelhas, essas eram desossadas. Nas paredes havia ganchos especiais de ferro, onde prendiam os animais para serem desossados. Depois, os cohanim ofereciam algumas partes das ovelhas sobre o mizbeach, altar.

Cada judeu levava sua ovelha para casa, para assá-la. A maioria dos fornos estava junto à porta principal da casa, para dar caráter público à mitsvá. A oferta de Pêssach era comida em Jerusalém esta noite, pela família ou pelo grupo que se havia reunido para este corban, como meio de recitar o Halel e louvores a D'us. Durante a noite de Pêssach, os portais de Jerusalém permaneciam abertos devido à quantidade de gente que ia e vinha. As vozes dos judeus louvando a D'us podiam ser ouvidas ao longe.

Que Mashiach venha em breve, para que todos possamos voltar a tomar parte na celebração de Pêssach em Jerusalém!

D'us Ordena aos Judeus que Celebrem Pêssach Todos os Anos

D'us ordena aos judeus que celebrem Pêssach todos os anos

D'us disse a Moshê que ordenara a Bnei Yisrael: "Todos os anos, Bnei Yisrael guardará a festividade de Pêssach durante sete dias. O primeiro e o sétimo dias serão **Yom Tov**. Os cinco dias intermediários serão **chol hamoed**.* Durante este período não poderão comer **chamets** (massa levedada) e suas casas deverão estar limpas de todo chamets."

Na primeira noite de Pêssach, a mitsvá é comer matsá e **relatar na Hagadá** Yetsiat Mitsraim, e como D'us nos tirou do Egito. Todo pai judeu deve contá-la a seus filhos, para que os milagres do Êxodo do Egito jamais sejam esquecidos.

Na verdade, desde que fomos liberados do Egito os pais têm relatado aos filhos sobre Yetsiat Mitsraim. Sentados em torno da mesa do Sêder, rodeados de filhos atentos, os pais relatam com todos os detalhes e os milagres.

* Fora de Erets Yisrael, agregamos um dia adicional a cada Yom Tov (festividade). Observamos os dias de Yom Tov, quatro dias de chol hamoed, e outros dois dias de Yom Tov.

O que acontece na noite do seder

Durante a noite do Seder, quando a família se senta em torno da mesa e relata sobre Yetsiat Mitsraim, D'us reúne todos os anjos do céu e lhes diz: "Vamos escutar como Meus filhos contam sobre a redenção do Egito." Todos os anjos se reúnem e

escutam. **Os anjos sentem-se felizes porque quando os judeus foram libertados do Egito foi como se D'us tivesse também sido redimido. (Quando Bnei Yisrael sofre, é como se D'us também sofresse).** Os anjos também começam a louvar D'us pelos milagres que fez durante Yetsiat Mitsraim. Exclamam: "Olha como é santo o povo que D'us tem sobre a terra!"

A Torá chama a noite do Seder de "A noite protegida", pois D'us distinguiu essa noite como noite de milagres para os tsadikim de todas as gerações. Que milagres?

Alguns dos que ocorreram na primeira noite de Pêssach são:

- Avraham lutou contra os quatro reis que haviam feito Lot prisioneiro e ganhou a guerra.

- Durante a época do **rei Chizkiyahu**, o anjo de D'us matou o exército dos assírios que estavam em guerra contra os judeus. Isto aconteceu na primeira noite de Pêssach.

- Daniel foi jogado à jaula dos leões e salvo durante esta noite.

- Durante a noite de Pêssach, o rei **Achashverosh** não conseguia dormir. Fez com que lessem seu diário, e assim a história de Purim teve um final feliz.

- No futuro, durante esta noite D'us fará milagres por intermédio de Eliyahu e Mashiach, ao final de nosso exílio.

Os Judeus Aceitam o Brit Milá e Oferecem o Corban Pêssach

Exatamente como D'us havia ordenado, Moshê instruiu os judeus a prepararem um cordeiro para Pêssach. Moshê disse também: somente os judeus que tivessem brit milá poderiam comer do corban Pêssach. Muitos judeus não tinham brit milá, pois o faraó lhes havia proibido de cumprirem esta mitsvá.

Moshê advertiu os judeus: "Não poderão comer do corban Pêssach, a menos que tenham brit milá. Podem ver que a milá é uma mitsvá importante, pois quando me encaminhava ao Egito, quase fui morto por um anjo, por não ter realizado e me apressado na mitsvá de brit milá do meu filho."

Os judeus aceitaram que Moshê lhes fizesse a milá e a seus filhos.

D'us disse: Agora Bnei Israel é digno de ser libertado. **Cumpriram duas mitsvot: brit milá e a oferta de corban Pêssach.** Foi num Shabat que os judeus levaram seus cordeiros à suas casas para guardá-los como corbanot Pêssach.

Quando os egípcios descobriram que os judeus estavam sacrificar cordeiros, seus deuses, ficaram furiosos! Todos se reuniram para matar os judeus. Mas D'us fez um milagre e nenhum egípcio conseguiu fazer mal a nenhum judeu.

Por que o Shabat Anterior a Pêssach se Chama "O Grande Shabat"?

Existem muitas razões pelas quais se dá este nome. Aqui seguem algumas:

Milagrosamente, D'us salvou os judeus das mãos dos egípcios que queriam matá-los por ter usado seus deuses, os cordeiros,

.....
para sacrifícios. Como esse milagre aconteceu no Shabat antes de Pêssach, ficou sendo chamado de **"Shabat Hagadol", o Grande Shabat, para recordar o milagre para sempre.**

Nesse Shabat ocorreu outro acontecimento: Quando os egípcios viram que os judeus usavam cordeiros para seus sacrifícios de Pêssach, perguntaram: "Por que estão preparando estes cordeiros?" Os judeus replicaram: "Logo D'us trará ao Egito uma praga, que será a morte dos primogênitos, e Ele nos ordenou que oferecêssemos sacrifícios de Pêssach para que fôssemos poupados desta praga."

Quando os primogênitos egípcios escutaram isso, apresentaram-se a seus pais e ao faraó e exigiram: "Deixem os judeus partirem em liberdade. Não queremos perder a vida por causa de uma praga!" Os pais e o faraó se negaram, e por esta razão os primogênitos desembainharam suas espadas.

Sobreveio uma batalha na qual muitos egípcios perderam a vida. Para recordar este fato, chamamos ao Shabat em que isso aconteceu **Shabat Hagadol**.

Shabat Hagadol também pode traduzir-se com o significado de "O Shabat dos grandes". Até agora, os judeus haviam sido como crianças pequenas, pois nunca haviam cumprido mitsvot. Nesse Shabat, porém, cumpriram sua primeira mitsvá: a preparação de um cordeiro para o corban Pêssach. Este foi o começo da observância das mitsvot e em um certo sentido, agora tornavam-se "grandes", como um menino no dia de seu bar-mitsvá.

A Última Praga; Morte dos Primogênitos

Na primeira noite de Pêssach, no exato instante em que deu meia-noite, D'us desceu sobre o Egito com 900.000 anjos destruidores e matou a todos os primogênitos egípcios, tanto homens como mulheres. **Nas casas em que o primogênito já havia morrido, o filho que havia nascido posteriormente a este era morto.** Mesmo que um primogênito egípcio tivesse se mudado para outro país, era igualmente morto.

Os animais primogênitos também morriam, pois os egípcios oravam para eles. Se não tivessem morrido, os egípcios poderiam dizer: "Nossos deuses, os animais, causaram esta praga!" D'us também destruiu as imagens dos egípcios.

Quando estes entraram em seus templos na manhã seguinte, viram que todos os ídolos de metal se haviam fundido, os de pedra quebrados, e os de madeira, apodrecidos.

Quando D'us passou sobre estas casas e matou os primogênitos, destruiu todas as casas egípcias.

Enquanto matava os primogênitos egípcios, D'us curou os judeus das dores causadas pelo brit milá.

Não pensem que um primogênito egípcio que se escondeu numa casa judia escapou desta praga. **Mesmo se estivesse dormindo na mesma cama com um judeu, o egípcio morria, enquanto o judeu era poupado.**

O Faraó Consente em Libertar O Povo de Israel

Esta noite o faraó foi dormir como de costume. No meio da noite, foi despertado por gritos e prantos, procedentes de todo o palácio. As esposas, os nobres e os criados do faraó haviam encontrado os primogênitos mortos. Quando o faraó viu gente morta por todos os cantos, viu que tinha que agir imediatamente. "Chamemos Moshê e Aharon agora mesmo!" gritou, em pânico. "Devem tirar até o último judeu daqui!" **O faraó temia por sua própria vida também: era um primogênito – seria alcançado pela praga?**

Foi uma estranha noite. Estava claro como o dia! D'us iluminou a noite para que todos pudessem ver claramente o castigo que aplicava aos primogênitos.

O faraó estava desesperado atrás de Moshê e Aharon. Mas, onde moravam? O faraó não tinha a menor idéia. Os criados saíram e começaram a bater às portas de todas as casas judias. O faraó falava em cada porta: "Preciso falar com eles AGORA MESMO!" Os judeus não podiam crer em seus olhos. Um rei egípcio que, no meio da noite, ia de porta em porta em busca de Moshê!

Os meninos judeus decidiram pregar uma peça ao faraó. "Moshê vive aqui!" exclamou um menino. "Não, aqui", contradisse outro. Demorou muito ao faraó encontrar a casa que procurava. Rogou a Moshê: "Leva todos os judeus imediatamente – homens, mulheres, crianças, e também os animais. Disseste que somente morreriam os primogênitos, mas não há uma só casa egípcia onde não haja morrido alguém!"

"Por favor, pede a D'us que não me mate também. Sou primogênito e tenho muito medo de que D'us me mate."

Moshê respondeu: "Não partiremos do Egito no meio da noite como ladrões. Iremos amanhã pela manhã, conforme as instruções de D'us!"

O Povo de Israel sai do Egito

Na manhã seguinte, homens, mulheres e crianças judeus saíram da terra do Egito. Junto com eles, foi um grande grupo de egípcios, **os erev rav, que se sentiram tão impressionados após verem as dez pragas que decidiram converter-se ao judaísmo e seguir para Erets Yisrael.**

Haviam preparado massa para assar e levar na viagem, mas os egípcios os obrigaram a sair com tanta pressa que os judeus não tiveram tempo para que a massa crescesse. Em vez disso, levaram consigo a massa crua, ázima. Logo assaram ao sol **dando origem as matsot, pão ázimo.** Os judeus também carregaram sobre os ombros a matsá e o maror que sobrara de seu jantar de Pêssach. Não quiseram pôr esses restos sobre o lombo de burros e os carregaram eles mesmos, tamanho o valor que davam às mitsvot de D'us.

Antes que o Povo de Israel partisse, Moshê ordenou: "Peçam ouro e prata a seus vizinhos egípcios." Assim o fizeram, e os egípcios deram aos judeus tudo o que pediam. **Assim, D'us cumpriu uma promessa que havia feito a Avraham há mais de quatrocentos anos: "Teus filhos (Bnei Yisrael) morarão em uma terra estrangeira e serão escravos ali. Mas logo irão embora, com grandes riquezas."**

O que Moshê fez após sair do Egito

Moshê não pediu aos egípcios ouro e prata para si mesmo.

.....
Estava ocupado com outras mitsvot que o impediram de enriquecer, como aconteceu com o resto de Bnei Yisrael.

Entalhou e recolheu madeira de shitim. **Quando nosso antepassado Yaacov viajou ao Egito, ali plantou cedros porque sabia que um dia os judeus precisariam da madeira para construir um Mishcan.** Agora Moshê recolheu todo este cedro. Os tsadikim que havia entre Bnei Yisrael a tiraram do Egito. Esta madeira foi utilizada para as vigas do Mishcan.

Moshê sabia que o Povo de Israel havia prometido a Yossef levar consigo seus ossos quando saíssem do Egito. Moshê queria cumprir essa promessa. **Mas havia um pequeno problema: onde estava enterrado Yossef? Moshê não sabia, pois Yossef havia sido sepultado uns 60 anos antes do nascimento de Moshê.** Porém, uma mulher muito velha, **Serach, filha de Asher ben Yaacov, revelou a Moshê: "Eu sei onde enterraram Yossef."** Puseram seu corpo numa caixa de metal e a jogaram na parte mais profunda do Nilo. Vem, que lhe mostrarei o lugar." Ela conduziu Moshê para local.

Moshê pegou uma prancha de ouro e escreveu sobre ela: **"Alê Shor (Ascende Touro),** pois Yossef é comparado na Torá a um touro robusto. D'us fez um milagre e o pesado caixão de ferro flutuou na superfície do Nilo. Segundo outra opinião de nossos Sábios, Yossef foi enterrado no lugar da sepultura dos reis egípcios.

Quando Moshê foi ao cemitério deles, viu filas e filas de ataúdes e não podia saber qual era o de Yossef. D'us, porém, fez com que o ataúde de Yossef milagrosamente se sacudisse. Assim Moshê pôde levá-lo e o levou para onde o povo judeu se encontrava para levá-lo na jornada do deserto.

As **luchot**, as **tábuas** que D'us entregou a Bnei Yisrael no Monte Sinai estavam esculpidas numa pedra preciosa, **a safira.**

Quando Moshê esculpiu as segundas luchot, **D'us deu a Moshê toda a safira que sobrou do seu trabalho de cinzelar,** de modo que Moshê se tornou um homem rico. D'us concedeu a Moshê a grande honra de ocupar-se do ataúde de Yossef. Ao falecer Moshê no final da Torá quem o enterrou? A resposta é que nenhuma pessoa o fez, mas o próprio D'us. Esta foi a maior honra que Moshê recebeu de D'us.

Como D'us Libertou Bnei Israel Apesar da Magia dos Egípcios

Os egípcios eram mágicos fabulosos. Sabiam, com seus truques, como impedir que qualquer um saísse do Egito sem sua permissão. Em cada portal do Egito **colocaram cães de ouro.** Esses cães começavam a latir, assim que um escravo tentava

fugir do Egito. Castigavam o escravo que escapasse, para que este não pudesse sair dos limites do país.

Quando D'us libertou Bnei Yisrael do Egito, porém, anulou toda a magia. **Nem ao menos um dos cães mágicos sequer abriu a boca contra Bnei Yisrael.** Os judeus saíram sem nenhum impedimento. D'us ordenou a Moshê a instruir a Bnei Yisrael em duas mitsvot que os ajudariam a lembrar para sempre como D'us os havia libertado do Egito.

Pidyon Haben e o Tefilin

O Resgate do Primogênito e os Filactérios

Como D'us salvou todos os primogênitos judeus da morte no Egito, decretou que todo primogênito judeu é santo e lhe pertence. Para tanto, **os pais judeus devem redimir seu filho primogênito de um cohen.** Como se faz isso? Os pais do filho primogênito **pagam ao cohen** com dinheiro ou algum objeto que valha cinco selaim (aproximadamente **R\$ 100,00**) aos trinta dias de vida do filho, nascido de parto normal.

D'us também estipulou que cada animal primogênito casher pertence ao cohen, a menos que o proprietário pague para redimi-lo do cohen. Tampouco pode um proprietário judeu utilizar o primogênito de um burro.

A mitsvá de colocar tefilin (filactérios)

D'us ordenou que todos os homens judeus a partir dos treze anos ponham tefilin todos os dias, exceto Shabat, Yom Tov e Chol Hamoed. Os tefilin contém em seu interior um pergaminho, onde estão reproduzidas algumas partes da Torá. Alguns dos **pesukim (versículos)** que estão nos tefilin referem-se a **Yetsiat Mitsraim.** Por conseguinte, ao colocarmos tefilin também recordamos os grandes milagres de D'us para nos libertar do Egito.

Artigos

Artigos Sobre a Parashat Bô

Orgulho e Modéstia

http://www.pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/2431805/jewish/Orgulho-e-Modestia.htm

Em nossa Parashá a Torá ordena sobre a festividade de Pêssach: "Sete dias matsot comerão". Esta mitsvá de comer matsá é uma obrigação da Torá também hoje em dia.

מִצְוַת יֹאכֵל אֶת שִׁבְעַת הַיָּמִים וְלֹא-יֵרָאֶה לֶךְ תֶּמֶץ וְלֹא-יֵרָאֶה לֶךְ שֶׂאֵר בֶּכֶל-גִּבְלוֹךְ: ^{WTT} Exodus 13:7

ARC Exodus 13:7 Sete dias se comerão **pães asmos**, e o **levedado** não se verá contigo, nem ainda fermento será visto em todos os teus termos.

Qual é a diferença entre **chamêts** e **matsá**? Os dois, o chamêts e a matsá, são feitos de farinha e água que se misturaram. O que há de especial na matsá em relação ao chamêts?

De comer matsá (מַצָּה), e a proibição de comer chamêts?

O chamêts é uma massa que ficou inflada.

Um pequeno bloco de massa que se molha, se eleva e cresce muito – isso é o chamêts. Já a matsá é uma massa exposta; também após ser assada, ela mantém a sua altura.

O chamêts alude à liderança, vangloria destaque e orgulho. **O chamêts fica inflado** e representa uma pessoa que se sente grande e importante e se vangloria e se eleva perante as pessoas ao seu redor.

.....
A matsá indica anulação e humildade.

A matsá é fina e exposta e representa alguém que está anulado perante os outros.

O contrário totalmente do chamêts.

As duas palavras "chamêts" e "matsá" são compostas quase das mesmas letras.

Toda a diferença está numa letra. **"chet" em "chamêts" (חמץ)** e **"heh" em "matsá" (מָצָה).**

As duas letras **"heh" (ה)** e **"chet" (ח)** são similares em seu formato.

As duas são compostas de três linhas, e as duas têm uma porta (abertura) em baixo.

A porta de baixo alude ao versículo: **"para a porta teu pecado está deitado";** em outras palavras – o pecado tem um lugar para romper e entrar. **O pecado penetra na pessoa, o pecador.**

Aqui cravamos toda a diferença entre chamêts e matsá.

O chamêts – "chet" (ח) – é fechado por todos os ângulos. O pecado que entra por baixo não consegue sair, e fica dentro.

teshuvá, retorno.

KJV **Psalm 19:7** **The law of the LORD is perfect, converting the soul:** the testimony of the LORD is sure, making wise the simple.¹

תּוֹרַת יְהוָה תְּמִימָה מְשִׁיבָה נֶפֶשׁ עַדוּת יְהוָה נֶאֱמָנָה מַחְכֵּמַת פֶּתִי: WTT **Psalm 19:8**

ARA **Psalm 19:7** A lei do SENHOR é perfeita e **restaura** a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices.

ARC **Psalm 19:7** A lei do SENHOR é perfeita e **refrigera** a alma; o testemunho do SENHOR é fiel e dá sabedoria aos símplices.

O Que Há de Errado Com os Políticos?

Por Elisha Greenbaum

Há muitos homens e mulheres notáveis que se distinguiram no serviço público. O que lhes permite serem bem-sucedidos enquanto outros falham? Para dar uma pincelada geral, pode-se sugerir que há dois tipos diferentes de políticos.

O primeiro tipo é o vilão por excelência, que não tem vergonha de encher o próprio bolso. Eles podem falar bonito em público; podem fazer todos os barulhos certos sobre transparência e responsabilidade enquanto tentam ser eleitos. Mas se os conhecer pessoalmente, você logo verá que **não existe uma só fibra de altruísmo neles.**

Um subconjunto dessa primeira classe é o sujeito incompetente que é esperto o suficiente para abrir caminho na política apesar de sua incapacidade, e tem astúcia bastante para permanecer lá durante décadas, assaltando o bolso público. Eles jamais sobreviveriam no mundo comercial, onde as pessoas são julgadas

O pecador tem dificuldade para separar-se do pecado, abandoná-lo e distanciar-se dele.

Na matsá – "heh" (ה) – há uma abertura pequena em cima.

Por meio de uma abertura pequena é possível se arrepender, aproximar-se de D'us. **Porém, a abertura é muito pequena, mas de qualquer maneira basta um movimento do judeu, e D'us o auxilia, e recebe a sua teshuvá.**

O chamêts alude a um homem orgulhoso e inflado. Se ele peca, é difícil para ele fazer teshuvá. Ele é orgulhoso em seus atos e não é bonito para ele confessar seu erro. **Ele constantemente vai encontrar respostas para justificar-se.** Ele está sozinho na letra "chet" sem saída.

O que é a **"matsá" (מָצָה)?**

A matsá alude a um judeu que é humilde, anulado e modesto. Se, D'us nos livre, ele pecou, não tenta procurar respostas para si mesmo e justificar seus atos. Ele logo se aflige sobre sua conduta, e seu coração fica partido dentro dele. E aí então – ele se desperta com teshuvá.

A abertura pequena em cima do "heh", aproxima-o mais ainda de D'us, e ele aprimora seus atos e empreende o caminho

pelos resultados e **onde o fracasso é recompensado com a demissão, não com uma pensão vitalícia.**

O segundo tipo de político falho é o indivíduo honesto, bem intencionado, realmente dedicado, que deseja fazer uma diferença e deixar uma influência positiva no mundo. Eles trabalham bastante pela causa comum, e sacrificam família e saúde em sua dedicação aos constituintes. Certamente são bem intencionados, mas dificilmente atingem a longevidade. **Como mariposas consumidas pela chama do próprio altruísmo, eles tendem a se queimar rapidamente e, muito depressa, desaparecem da vida pública, tendo ficado sem ideias e achando impossível manter seus altos padrões.**

Um verdadeiro líder está acima da divisão de uma dessas duas opções. Seu foco é servir aos outros, mas não se esquece da necessidade de auto-realização e auto-melhoramento no processo.

Certa vez ouvi o secretário do Rebe, Rabi Menachem Mendel Schneerson, de abençoada memória, descrever a rotina do Rebe.

.....
Ele enfatizou que juntamente com todos os seus esforços comunitários, estratégias internacionais, pronunciamentos públicos e atenção a indivíduos e grupos, mesmo assim **o Rebe reservava a maior parte de seu dia, diariamente, para estudo privado.**

Fomos apresentados a Moshê, o maior líder da história e o homem que por si só inspirou uma nação e nos levou do sofrimento à oportunidade. A Torá registra que a partir do momento em que ele nasceu, “ele era bom”. Os comentaristas explicam que esta “bondade” essencial poderia ser observada em duas maneiras diferentes: 1) Ele nasceu circuncidado, e 2) quando ele nasceu a casa inteira ficou repleta de luz.

Eu sugeriria que esses dois milagres representam a grandeza que foi Moshê, e demonstram suas qualidades essenciais como líder dos homens. Um líder é uma luminária, enchendo o aposento com a luz de sua personalidade. Liderança é o ato de estar ali para os outros, e causar impacto em suas vidas para o melhor. Mesmo quando jovem, Moshê foi marcado como embaixador da bondade e gentileza, e para sempre seu brilho reluziu na vida de seu povo.

Porém um líder não pode apenas falar com outros; ele tem de se tornar um modelo de excelência por direito próprio. Quando circuncidamos nossos filhos os transformamos em judeus completos, tanto física quanto espiritualmente. **O fato de Moshê ter nascido circuncidado demonstra que ele tinha atingido sua própria medida de perfeição, e assim teve o direito de tentar influenciar os outros.**

Todos nós temos a capacidade de realização, e a responsabilidade e capacidade de liderar. Nosso maior propósito na vida é fazer contato e levar a luz do Judaísmo ao coração e mente de todos.

No entanto, temos uma responsabilidade concomitante de assegurar que nossa própria casa espiritual esteja em ordem e que façamos jus aos ideais que abraçamos publicamente. Se pudermos operar nessas duas frentes como uma, então correspondemos aos padrões de nosso líder Moshê, **e estamos trilhando seu caminho de bondade.**

Primeiro Shabat após Pêssach

Uma Chálá em Formato de Chave

Pergunta:

Por que especialmente no primeiro Shabat após Pêssach fazemos uma Chálá em forma de chave ou colocamos uma chave dentro da massa antes de assá-la?

Resposta:

Este costume também é conhecido em Yidish como **“Chalá Shlissel” (chave)**. Inserimos uma chave, ou moldamos nossas chalot como uma chave, para significar que entendemos nossas necessidades básicas na vida assim como nossos confortos como criaturas são armazenados para nós nos céus, atrás de portões trancados. Tudo que precisamos fazer é **pedir a Hashem, o Porteiro Celestial, para abrir os portões e encher nossas casas com bênçãos.**

Esta é uma época bastante adequada para isto, pois foi na primavera, logo após Pêssach que nosso povo finalmente entrou na Terra de Israel. Foi um tempo de transição nas estações assim como na maneira pela qual recebemos nosso sustento.

Estivemos comendo o presente Divino, o maná que caía dos Céus sem nossa mínima intervenção ou esforço e agora tínhamos de começar a comer o fruto da terra, alimento que seria o resultado direto de nosso próprio esforço. De labutar, amassar a farinha com ingredientes e deixar a massa crescer por horas...

Ao colocar uma chave dentro (fazer em formato de chave) a nossa **chalá** na mesma época do ano em que ocorreu a mudança de receber o maná que caía dos céus e passar a amassar e fazer a chalá com nossas próprias mãos e esforço, estamos dizendo que a chave para ambos pertence a Hashem. E assim como Ele destrancou os portões do sustento para nos prover naqueles dias no deserto, que Ele nos abasteça com nossas necessidades agora, onde quer que estejamos.

Sobrevivendo a Pêssach no Gulag Siberiano

Por Nissan Mindel

Foleh Kahan estava cumprindo uma sentença de três anos pelo crime de “atos prejudiciais contra o Estado”. Isso, no entanto, era um **libelo**. A verdade era que ele era um judeu religioso que tinha cometido o “crime” de guardar seu Judaísmo de toda maneira possível, e encorajar outros judeus a praticá-lo.

Quando isso foi descoberto, ele foi enviado a um “Campo de Trabalho Correcional” na Sibéria, para ser reeducado na companhia de ofensores políticos. Mais tarde ele escreveu uma narrativa de suas experiências. Era Pêssach, no ano de 1943, o terceiro ano de sua sentença. Assim ele começou sua comovente narrativa:

“Poucas semanas antes de Pêssach, recebi uma carta de casa, dizendo que estavam me enviando um pacote com matsot e outros produtos para Pêssach, como nos anos anteriores. Essa carta tinha sido primeiro endereçada ao campo anterior onde eu estivera trabalhando, e então reenviada para meu novo campo.

Escrevi imediatamente para casa para informá-los do meu novo endereço, e esperava que o pacote me chegasse a tempo. Entreguei minha carta a David, meu amigo, que era o gerente do Departamento de Comida do campo. Ele, por sua vez, passou-a a alguém de fora do campo que estava indo para Moscou.

Esperei ansioso o pacote de matsot e produtos de Pêssach que me permitiriam observar Pêssach adequadamente, bem como iriam me fortalecer, pois eu tinha me tornado um tanto fraco e sofria de problemas no estômago.

Certo dia, a mulher que era a chefe da “divisão política” do campo foi ver-me. Ela era também a censora das cartas e pacotes enviados aos prisioneiros. Ela era nova no emprego e perguntou-me se eu ainda me apegava às minhas crenças e práticas religiosas. Eu ainda estava me abstendo de trabalhar no Shabat e feriados e não comia as refeições servidas da cozinha do campo. Por fim, perguntou-me: “O que é matsá?” Expliquei tudo a ela, que então perguntou: “Quando é Pêssach?” Respondi “Daqui a dez dias.”

“O que você vai fazer se o seu esperado pacote de matsot não chegar em tempo?” perguntou ela.

“Eu comeria apenas batatas,” respondi.

“E se você não conseguir batatas?”

.....
“Então minha única opção será passar fome.”

“Durante oito dias?” ela perguntou intrigada.

“O Todo Poderoso não vai me abandonar,” respondi.

A conversa terminou, e ela saiu.

Chegou a primeira noite do Seder. Nenhum pacote. Nenhuma matsá. Nada de provisões para Pêssach. Eu tinha convidado David e um judeu chamado Berkowitch para o meu “seder”. Tínhamos coberto a mesa com uma folha de papel limpa para servir de toalha. Tínhamos fervido uma chaleira d'água. Enchi alguns copos com chá, que iriam nos servir em lugar dos quatro copos de vinho que deveríamos ter. Então, perante os olhos incrédulos deles, apresentei três matsot inteiras! Recitei o máximo da Hagadá que conseguia lembrar.

Na noite seguinte não havia matsot. Mais uma vez tínhamos chá no lugar de vinho, e três pedaços de açúcar completaram nosso seder. Mais uma vez recitei a Hagadá de cabeça. Então contei aos meus convidados o segredo de como eu tinha obtido as matsot para o seder anterior.

“Desde que estou nos campos de trabalho sempre guardei algumas matsot de um Pêssach para o próximo, caso eu tenha dificuldade em conseguir matsot para o Pêssach seguinte. Este ano, felizmente, essas matsot foram uma bênção, e eu estava grato por ter tido tamanha prevenção.”

David ficou furioso comigo por não ter dito a ele que este ano eu não tinha recebido nenhuma matsá para Pêssach.

“Certamente não teríamos comido seu último pedaço de matsá na noite passada se soubéssemos disso,” declarou ele.

“Foi por este motivo que eu não lhe contei,” respondi. **“É uma mitsvá para todo judeu comer um pedaço de matsá nas noites do seder. Durante o restante do seder devemos apenas nos abster de comer chametz (fermento).”** A pessoa pode dar um jeito comendo batatas, frutas, vegetais, etc.” eu disse.

“Pode se esquecer das frutas, e não é tão fácil obter batatas também,” retorquiu David. “Como você espera sobreviver durante um Pêssach inteiro?” ele perguntou, acalorado. “Recebi uma bênção de meu pai de que eu retornarei para casa em paz e, com a ajuda de D'us, conseguirei,” respondi calmamente.

David não se comoveu, e saiu num rompante. Eu o vi somente duas vezes durante todo o Pêssach. Ele então tentou persuadir-me a comer chametz ou, pelo menos, conseguir alguma coisa na cozinha do campo se não quisesse morrer de fome!

Quando ele não conseguiu convencer-me, passou a me evitar; aparentemente, não conseguia suportar ver-me passando fome.

No terceiro dia de Pêssach tive uma visita inesperada: a mulher da censura. Eu estava no trabalho e ela percebeu que minhas mãos tremiam. Entendeu que eu estava fraco pela falta de alimento.

“Eu trouxe alguma coisa para você comer,” disse ela, e me deu um pão fresquinho. O aroma apetitoso fez minha cabeça girar! Disse a ela que os judeus não têm permissão de comer aquilo em Pêssach. Agradei e recusei. Ela saiu sem dizer mais nada.

No dia seguinte ela me visitou novamente, e eu estava me sentindo muito mais fraco. Dessa vez ela levou alguns biscoitos feitos com farinha branca (um luxo). “Eu mesma assei esses,” disse ela, “com açúcar e óleo. Você deve comê-los, caso contrário vai morrer de fome!” Agradei, mas recusei novamente.

“Você provavelmente está se perguntando por que estou tão preocupada com você,” disse ela. “Provavelmente tem esposa e filhos que estão esperando pelo dia em que estará livre e voltará para eles. Não tenho um marido me esperando. Ele era um funcionário neste campo e foi enviado ao campo de batalha. Foi morto em ação, lutando contra os hitleristas. Agora, por favor, pegue um biscoito! Vai lhe fazer bem,” implorou ela.

“Obrigado, mas não. Sinto muito por saber da sua perda, mas por favor, me deixe em paz.”

Ela saiu, obviamente aborrecida por não ter conseguido me persuadir a comer qualquer coisa que tinha levado para mim. Eu me sentia tão fraco. Tive de deitar-me na cama, e não tinha mais força para levantar.

Berkowitch foi ver-me algumas vezes e levou-me um pouco de água morna, adoçada, para beber. A cada vez, saía triste por ver meu sofrimento. Na manhã do último dia de Pêssach ele veio e encontrou-me semi-consciente. Pedi a ele que derramasse um pouco de água sobre minhas mãos e me desse meu sidur. Isso ele fez, mas as palavras boiavam na frente de meus olhos e minha cabeça girava. Então desmaiei por completo.

Quando recuperei a consciência, a enfermeira chefe do hospital estava ao meu lado. Aparentemente, ela tinha me dado uma injeção que fez eu me sentir muito quente.

“Não sei onde esses judeus obstinados conseguem tamanha força e resistência,” eu a ouvi dizendo para David, que também estava presente. Ela então saiu do quarto. David ficou comigo até escurecer.

“Agora Pêssach terminou,” disse ele. Tentei, mas estava fraco demais para recitar as preces noturnas. Ele levou-me algumas migalhas e um pouco de açúcar. Mergulhou os pedaços secos no chá doce, e alimentou-me como uma criança.

Após a refeição adormeci e só acordei na manhã seguinte. Ainda estava tão fraco que David teve de me ajudar a colocar meus tefilin.

Dois dias após Pêssach Berkowitch chegou para contar-me que tinha sido libertado, e logo teria permissão de voltar para casa. Ao mesmo tempo contou-me que, enquanto estava no correio, ouvira dizer que um pouco antes de Pêssach, tinha chegado um pacote para mim vindo da minha casa, mas fora enviado de volta pela censura.

Agora estava claro para mim por que ela tinha ficado tão ofendida quando me recusei a comer sua comida em Pêssach. Ela estava com medo de que eu morresse de fome, e minha morte lhe pesaria na consciência.

Após ter sido libertado, Berkowitch permaneceu na cidade por mais duas semanas antes de ir para casa. Todo dia ele me levava leite, batatas, pão, açúcar e uma vez, algo especial - cebolinha verde! Aos poucos recuperei minhas forças.

Então fui chamado ao gabinete do superintendente do campo. Berkowitch estava presente. E também a censora. O superintendente disse que tinha sabido que a mulher censora enviara meu pacote de volta antes de Pêssach e, na verdade, ela admitira tê-lo feito.

Uma investigação mais detalhada revelou que ela também tinha escondido e destruído duas cartas vindas de casa, para que eu não soubesse do pacote que tinham me enviado. O superintendente pediu-me para assinar uma reclamação contra a censora, dizendo: "Vou pessoalmente garantir que ela seja castigada."

A censora irrompeu em lágrimas e implorou ao superintendente. "Tenha pena de mim e dos meus filhos órfãos," disse ela. "O pai deles deu a vida pela Mãe Terra," soluçou. "Não me peça para ter pena de você. Deve pedir perdão a este homem com quem errou tão cruelmente," disse ele.

Falei ao superintendente que a censora obviamente se arrependera de seu comportamento desumano e tentara, de alguma forma, corrigir seus erros. Além disso, considerando que o marido dela tinha morrido lutando contra os nazistas e a deixara com a responsabilidade de cuidar dos órfãos, eu estava pronto para perdoá-la.

Isso, sob a condição de que ela promettesse não causar mais problemas aos prisioneiros do campo.

O superintendente ficou visivelmente impressionado com a minha declaração de perdão. Prometeu não relatar o assunto às autoridades. No entanto, ele transferiu a censora a um cargo onde ela teria menos autoridade.

Assim terminou a questão. Mas aquele "Pêssach sem comida" ficará em minha mente durante toda a minha vida. Graças a D'us estou vivo para contar a história...

A Matsá Mágica do Maharal

Por Jonathan Udren

Que mesa do Sêder estaria completa sem o pão fino, crocante, azimo, a matsá? Estranho que a Torá tenha escolhido um item tão sem atrativos como símbolo da milagrosa libertação da escravidão. Poderia ter escolhido um símbolo que ilustrasse poder, ou até um alimento com um caráter mais notável. **Porém, esse simples pão sem fermento de alguma maneira expressa a natureza do povo judeu quando se tornou uma nação livre.**

Além disso, chamamos a matsá de **lechem oni**, geralmente traduzido como "**pão da aflição**".

O que celebrar a redenção tem a ver com comer algo chamado "**aflição**"?

Com essas perguntas em mente, o Maharal de Praga, em uma de suas obras fundamentais, Geurot Hashem, nos oferece um olhar mais profundo sobre **o pão duro na mesa do Sêder**, e como ele contém a mensagem essencial da identidade judaica.

Durante sete dias não comerás fermento. Coma **matsá** [em hebraico, **lechem oni**], porque na pressa [b'chipazon] deixaste o Egito. (Devarim 16:3)

A matsá é chamada lechem oni, porque é o oposto da matsá enriquecida [que conhecemos como matsá com ovo] quando se adiciona óleos ou mel... pois o **oni** [hebraico para "**pobre**"] **não tem dinheiro; tem apenas a si mesmo.**

Primeiro, o Maharal nos dá uma definição nova e criativa de lechem oni. Em vez de "pão da aflição", ele entende como "pão simples". Matsá não tem aditivos, preservativos, nem adoçantes; é apenas farinha e água. **A palavra oni, literalmente "homem pobre",** é comparada a este tipo de pão, pois a pessoa empobrecida nada tem exceto o absolutamente básico.

Sob essa perspectiva, a falta de posses do pobre lhe permite um tipo de liberdade do fardo do mundo físico. Sim, sua independência vem a um preço que poucos de nós estariam dispostos a pagar; mesmo assim, conceitualmente ele representa autonomia, e está num flagrante contraste com o escravo, completamente atado à vontade de seu amo.

Portanto, D'us nos ordenou comer esse lechem oni, que chamamos matsá, na noite em que deixamos o Egito, e em todo ano subsequente. Assim como a matsá contém apenas itens essenciais, e não é acrescida de ingredientes extra, assim também com a nação de Israel: na noite da redenção, Israel foi libertado das cadeias da escravidão e entrou num nível de existência além das ordens do Egito.

Sem conter ingredientes extras, um elemento importante da matsá é que também carece de tempo. **Todo o processo de fazer um pedaço de matsá não pode ir além de dezoito minutos.** Para o Maharal, tempo é também um fator essencial para entender o Êxodo.

E com isso você pode entender por que a Redenção teve de ocorrer particularmente no primeiro mês [Nissan]: porque a redenção somente pode vir daquilo que é separado e que se impõe por si mesmo... o primeiro mês não tem conexão no tempo [com qualquer outro mês], pois é o primeiro.

Acima, falamos sobre o relacionamento com outros no âmbito do espaço; aqui o Maharal está ilustrando o mesmo ponto no âmbito do tempo. No tempo, aquilo que vem primeiro é o paradigma para tudo que o segue. O segundo e o terceiro meses são sempre em relação ao primeiro. Toda a sua identidade está completamente baseada em onde eles existem em relação ao primeiro mês. Mas o primeiro não tem relação com o que veio antes ou vem depois; é simplesmente o primeiro.

Portanto, a redenção teve de ocorrer durante o mês de Nissan, o primeiro mês. Assim como o pão simples expressa independência dentro do espaço, Nissan, o primeiro mês, representa independência no tempo. Surpreendentemente, nossa redenção foi um momento de liberdade expressa no decorrer de toda a existência.

Portanto é apropriado que a redenção ocorra sem qualquer passagem de tempo...

A passagem de Devarim com a qual o Maharal inicia seu ensinamento nos diz claramente que há um relacionamento essencial entre comer matsá e sair "com pressa". Mas, segundo o Maharal, isso não significa que partimos com pressa, como alguém que está atrasado para o trabalho, correndo porta afora com a pasta se abrindo. Deixamos o Egito num momento fora do tempo – um momento não-momento. Em nossa milagrosa redenção, fomos elevados das restrições de tempo e espaço. Fomos levados para fora do Egito com completa independência

.....
em todas as facetas da realidade física, e milagrosamente entramos no palco do mundo como nação escolhida de D'us.

Aquele momento mágico da redenção deixou uma marca indelével que está intrinsecamente imbuída em nossa identidade. Simplesmente olhe através das páginas da história, e veja como desafiamos todas as leis. **Nenhuma nação mantém sua identidade num estado de exílio, como temos feito.** Nenhuma nação teve a coragem, após dois mil anos de exílio, de voltar para casa, recolher os pedaços e reconstruir um país com as cinzas do Holocausto.

Em nossa própria natureza somos um povo de milagres; desafiamos as leis da história e da natureza. E, quando chega Nissan, sobre a nossa mesa do Sêder na primeira noite de Pêssach está a matsá, o pão simples que ilustra o conceito de liberdade e **nos aponta nossa verdadeira identidade como o povo dos milagres.**

Meditações Místicas sobre a Keará

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh -Em inner.org

O Seder de Pêssach é repleto de significados revelados e ocultos.

Segue um breve resumo da dimensão mística da **travessa do Seder, a keará.**

Zeroa ("Braço")

Correspondendo à **sefirá de chessed**, bondade, o Zeroa representa o braço estendido de D'us para redimir Seu Povo.

Nós somos, assim, lembrados de imitar esta característica e de mostrar bondade em relação às criações de D'us.

Beitsá (Ovo)

Correspondendo à **sefirá de guevurá, severidade.** Beitsá representa nosso respeito a D'us e desperta nosso compromisso à Torá e às mitsvot.

Dois versículos distintos nos guiam em nosso serviço a D'us.

O primeiro diz **"Ivdu et Hashem b'simcha", "Serve a D'us com alegria".**

O segundo nos impõem servir a D'us com respeito e que exultemos com tremor. A dimensão interior deste respeito é alegria.

Maror (Ervas amargas)

Corresponde à sefirá de tiferet, beleza e misericórdia, o maror representa a amargura das experiência e tribulações deste mundo e nossas preces que despertam a grande e infinita misericórdia de D'us para nos redimir.

Charosset

Esta mistura de maçãs, pêras, castanhas e vinho tradicionalmente simboliza os tijolos e a argila usada pelos escravos hebreus no Egito. **Correspondendo à sefirá de netzach**, vitória, o charoset representa nossa confiança na força que D'us nos dá para termos sucesso nos esforços da vida.

Karpas (Verduras)

Correspondendo à sefirá de hod, agradecimento, o karpas representa nosso sincero agradecimento por todo o bem que D'us nos concede, particularmente, nesta noite, nossa redenção do Egito.

Chazeret (Ervas Amargas)

Correspondendo à sefirá de yesod, alicerces, o chazeret nos recorda nossa mais forte conexão existencial com D'us em todas as situações da vida. **Este é o estado de contínuo arrependimento, chazará ("retorno" - mesma raiz de chazeret) b'teshuvá.**

Três Matsot

Correspondendo às sefirot chochmah, binah e da'at (chabad), as matsot representam nossa meditação e conhecimento de D'us em um estado interior de **bitul, auto-anulação.**

As matsot também nos lembram de continuamente estarmos cientes da continuidade judaica através do **amor por todos os judeus, que são divididos em três categorias: Cohen, Levi e Israel (que correspondem às três matsot).**

Convidados Indesejados

Por Sara Esther Crispe

Pergunta:

Neste ano, pela primeira vez, estamos recebendo a família para o sêder de Pêssach. Estávamos bastante empolgados por finalmente podermos promover a festa em nossa casa, até que soubemos que primos distantes, que consideramos muito ofensivos, planejam vir. Jamais nos ocorrera que eles poderiam vir, pois jamais tinham feito isso antes, e eu certamente não quero que compareçam.

Eles são rudes, insensíveis e sempre dão um jeito de monopolizar todas as conversas.

Eu quero que o Seder seja o centro da atenção, não eles. Eu estava pensando em informá-los que simplesmente não temos lugar, mas obviamente isso não é verdade. Eu preciso realmente receber pessoas que arruinarão toda a noite? Ajude-me por favor!

J. M.

Resposta:

Cara J. M.,

Acredite ou não, todos temos primos ou outros em nossa vida com os quais temos dificuldade em lidar, porém precisamos aprender a fazê-lo! Embora possa não parecer, na verdade é uma vantagem para você que eles estejam indo à sua casa, pois você estará em posição de estabelecer o clima em sua própria casa, mais do que estaria em qualquer outro lugar. E por mais que você deseje "desconvidá-los", simplesmente não é correto em muitos níveis.

Antes de mais nada, tente lembrar-se de que esta não é uma reunião social ou uma festa. É um Seder de Pêssach e uma ocasião para você, sua família e amigos se reunirem para

.....
comemorar e relatar nossa história como escravos e o miraculoso êxodo do Egito.

É um tempo de relembrar que sempre tivemos inimigos tentando nos destruir, mas quando tivemos fé e ficamos juntos como um povo, conseguimos perseverar e superar até a mais desesperada das situações. Com isso em mente, não importa o quanto seus primos possam ser desagradáveis, eles fazem parte da família. Não são seus inimigos. E esta é uma ótima oportunidade para colocar as coisas nos devidos lugares.

Além disso, Pêssach é sobre sairmos de nossas situações restritas e constrictas, sejam emocionais, físicas ou espirituais. É por isso que a palavra para Egito, **Mitzraim, significa "restrições"**. Este é o feriado que celebra nossa capacidade de sair da escravidão e entrar na liberdade. Se essa é a situação na qual você se encontra, há um motivo e uma lição para aprender.

Talvez os seus primos tenham mudado. Talvez se você tentar tratá-los diferentemente, eles reajam de maneira diferente. Talvez o motivo pelo qual eles falam tanto ou sejam muito diretos venha da falta de segurança, e não do ego. Eles irão à sua casa, serão seus convidados, e vamos esperar que ajam corretamente. Porém você é a anfitriã, e cabe a você fazê-los se sentir bem-vindos e à vontade. Quanto mais você fizer isto, mais o comportamento deles será agradável.

Sob um ponto de vista prático, há muita coisa acontecendo num seder. Entre a leitura da Hagadá e a refeição, provavelmente não há uma situação em que alguém consiga falar sem parar. Se você está preocupada temendo que mesmo assim eles o façam, planeje o seu seder de maneira que todos participem fazendo parte na leitura e na discussão. Quanto mais pessoas forem convidadas a falar, menos silêncio haverá para que outros tentem falar por si mesmos.

E finalmente, talvez o mais importante; seja sincera consigo mesma sobre o motivo pelo qual seus primos a aborrecem tanto. **O Baal Shem Tov, fundador do Movimento Chassídico, ensina que quando algo nos incomoda em outra pessoa frequentemente é porque estamos nos vendo através dela.** Talvez o que esteja se passando seja mais problema seu do que deles, e neste caso, agora é a hora de tentar resolver isto. Mesmo que não seja, quanto mais você sentir um senso de simpatia ou, melhor ainda, empatia pelos rompantes deles, mais você poderá tratá-los com compreensão e compaixão, em vez de ressentimento.

Desejo-lhe enorme sucesso ao lidar com essa situação, além de muita paciência e força para receber toda a sua família! Somente pelo mérito disso, as coisas correrão bem e você ficará em paz com os seus primos.

Tenha um maravilhoso Pêssach.

O Homem Matsá

Por Boruch Cohen

Há um você superficial e um você espiritual.

O você superficial é feito da sua personalidade, hábitos, opiniões e atitudes que são adquiridas no decorrer do tempo; o você espiritual é o profundo anseio interior da alma de conectar-se com a comunidade, com conceitos místicos e com D'us.

Na Cabalá, o você espiritual é o verdadeiro você, **portanto é feita uma forte ênfase em desinflar o ser superficial a fim de permitir que o ser mais profundo aflore para brilhar.**

De forma correspondente, há o pão fermentado e o pão ázimo. O pão fermentado é gordo, inflado e cheio de si mesmo; o pão ázimo é achatado e humilde. **É por isso que o foco central do Seder é a matsá.** No Seder revivemos o Êxodo num plano espiritual, libertando a alma de sua escravidão ao ser superficial.

A matsá, representando humildade, o rebaixamento do ser, deixar o ego de lado, é importante no processo. Na Cabalá, a matsá é considerada o condutor para o fluxo da luz redentora do Seder.

A verdadeira humildade começa com uma percepção: **o reconhecimento humilde de que o "eu" charmoso, espirituoso, opinativo, nada mais é que um pão gordo, inflado, ao passo que o verdadeiro eu é um condutor de força Divina, o eu interior com o qual ilumino o mundo.**

A humildade é o que me transforma de um menino massa cotidiano em um Homem Matsá místico.

Seja coerente em seus princípios

Chamêts e matsá podem ter muitas explicações simbólicas. Seja qual for seu significado, um fato não pode ser negado. Durante os poucos dias de Pêssach, chamêts e matsá são autoexclusivos. **O sêder de Pêssach não pode coexistir com chamêts.** Este ponto é afirmado claramente numa das quatro perguntas tradicionais, próximo ao início da Hagadá: "Todas as outras noites comemos tanto chamêts quanto matsá; mas nesta noite, apenas matsá."

Pêssach nos diz que não podemos manter dois opostos, mas devemos nos comprometer com um ou com o outro. Como disse o profeta Eliyáhu aos judeus que adoravam ídolos: "Por quanto tempo vacilarão entre duas ideologias contraditórias? Se Hashem é D'us, então sigam-No. Se Baal é deus, então sigam a ele" (I Melachim 18:21).

Pessoas que tomam uma atitude definida podem também abrir-se a qualquer mudança necessária quando lhes é provado que estão erradas. Entretanto, as pessoas que vacilam constantemente sempre conseguem encontrar desculpas para abster-se de aperfeiçoar seu caráter.

A Torá nos adverte a não trazer a oferenda pascal enquanto ainda possuímos chamêts. Isto ensinou um princípio vital aos israelitas em vias de ser libertados e seus descendentes:

Não tente manter ideologias mutuamente contraditórias.

Ira Divina: A Torá é Um Livro Violento?

Por Yosef Y. Jacobson

Ao nos aproximarmos de Pêssach e nos preparamos para celebrar o Êxodo judaico do Egito, somos lembrados novamente não apenas da vitória mas também da angústia. Não bebemos apenas vinho e comemos matsá – símbolos da liberdade – mas também provamos o **maror (ervas amargas)** para relembrar o amargo sofrimento. Além disso, também recordamos as pragas e a destruição que assolou os egípcios.

.....
Tudo isso traz à mente uma das questões eternas – e mitos fundamentais – sobre a Torá: o ciclo aparentemente interminável de ira, violência, raiva, inveja e vingança – todos por parte do Divino. Que espécie de D'us é tão punitivo? E quem desejaria abraçar um D'us furioso e violento?!...

Portanto trazemos aqui para você uma pergunta recente de um leitor sobre o grotesco da história de Pêssach e a resposta de Rabino Jacobson.

Caro Rabino,

Com a aproximação de Pêssach, em breve você estará novamente lendo a Hagadá, que narra a história de um D'us amoroso que colocou seu povo escolhido na escravidão... Ele então permitiu que o faraó matasse todos os bebês judeus e salvasse Moshê para que ele pudesse libertar os escravos judeus.

D'us então atingiu o povo egípcio (que também fora criado por Ele) com dez pragas. Finalmente, Ele enviou Seu anjo da morte para assassinar todos os primogênitos, porque Ele queria que o faraó libertasse os escravos judeus que Ele permitira sofrer por um longo tempo.

Você poderia responder que é livre arbítrio do homem fazer atos de maldade... Mas... Os anjos somente agem seguindo instruções de D'us... Por que você desejaria rezar e prestar homenagem a um matador invisível de bebês?

Aguardo ansiosamente uma resposta direta, sem subterfúgios para pôr panos quentes... Tudo de bom.

[assinado]

Resposta:

Querido Insensível,

Aceito a sua pergunta pela ingenuidade. As melhores questões de todas **são as irreverentes que desrespeitam o protocolo e não se enquadram na mentalidade coletiva convencional.** Sua pergunta capta o conflito que pessoas enfrentam na atualidade, quando confrontam a história do Êxodo ou outros eventos bíblicos.

No espírito de “pergunta e resposta” – que é o tema central da Hagadá – aplaudo sua iniciativa em perguntar de maneira direta. Tentarei fazer o mesmo com igual sinceridade. **Quem ler a Torá literal com um olhar honesto** não poderá deixar de ser levado pelo dilúvio de violência e guerra em nome de um D'us vingativo. Algumas das maldições declaradas nela são sangrentas demais para repetir.

Não admira que um dos mais fortes estereótipos do nosso tempo seja **alguém brandindo fogo, o evangelista da Bíblia socando o ar com o punho cerrado e a voz trêmula, invocando o nome do Eterno que atingirá os pecadores do mundo com pestilência e doenças.** Quem com mente sã e espírito sadio desejaria associar-se com esta abordagem de fogo e pedra?

Acrescente à equação milênios de abuso religioso autoritário, e teremos todos os ingredientes para a profunda alienação e rejeição tola de todas as coisas religiosas hoje. Quem afinal deseja um relacionamento com um D'us tão punitivo, vingativo e sangrento? **Na verdade, por este exato motivo muitas pessoas encontram muito mais consolo no amor e gentileza dos textos religiosos que não sejam da Bíblia. Parece mais**

apropriado que um livro espiritual deveria fazer você se sentir aquecido e fortalecido, em vez de expô-lo a uma avalanche de guerras, traições e retribuições.

Ainda mais intrigante é o fato de que essa mesma Torá seja o alicerce da civilização. Os princípios morais dos Dez Mandamentos continuam sendo a maior declaração de virtude e ética. Em meio a toda a violência da história, os valores bíblicos se destacam até hoje como um exemplo reluzente dos mais nobres padrões que o homem pode jamais atingir. Como um livro tão violento produziu tanta beleza e na verdade fez nascer a benevolência, esperança, providência e todos os maiores ideais de que somos capazes?!

Na verdade, ao contrário de outras religiões, o Judaísmo jamais buscou uma cruzada religiosa para impor aos outros suas crenças – por meio de guerras, inquisições, jihads e outros métodos violentos. Bastante irônico para um sistema de crença baseado na agressiva Bíblia! Há sistemas de crença que são lindos no papel mas na realidade causaram estragos à raça humana; a Bíblia parece soar beligerante no papel, mas quando aplicada, produz o estilo de vida mais refinado.

Revelar o mistério – e paradoxo – da Bíblia – exige um retorno às suas raízes. Qualquer tradução da Bíblia dificilmente reflete e faz justiça ao original hebraico e seus significados ricos e metafóricos. (Por esse motivo a tradução da Bíblia foi vista como um momento triste).

Primeiramente o hebraico, em sua forma literal, é uma linguagem simbólica ao contrário da maioria das outras linguagens, que são literais, descritivas. Palavras como **“fúria”** e **“vingança”** têm significados e implicações completamente diferentes em hebraico e nas suas traduções.

Ainda mais importante é o fato de que a Torá “fala na linguagem do homem” (Talmud, Berachot 31b).

Devemos eliminar quaisquer noções antropomórficas que possam ser deduzidas das expressões, conceitos e analogias bíblicas. Devem ser entendidas em termos não-espaciais e não-corpóreos. **A Torá fala em linguagem humana** para que possamos ter alguma concepção dessas ideias. Porém esses termos precisam ser despidos de quaisquer conotações temporais, espaciais e corpóreas, pois são todos não-atribuíveis ao Divino.

A Torá não pode ser avaliada somente através de uma leitura literal. Até sua dimensão literal é infundida com camadas de significados – especificamente **quatro camadas (literal, alegórica, homilética e mística)** – embebidas uma dentro da outra.

Nossos sábios na verdade descrevem a Torá como um documento espiritual. Ela “fala sobre as coisas acima [espirituais] e alude a coisas abaixo [físicas].” Às vezes a Torá é comparada a um projeto arquitetônico, que o Arquiteto Cósmico usou para construir este universo. Portanto, em vez de impor nossos significados mortais, estreitos e superficiais nas palavras “ira” e “maldição”, a Torá nos desafia a nos abirmos aos significados Divinos desses termos e experiências. Na verdade, esses mesmos conceitos se originam de suas raízes espirituais.

Fúria em sua raiz é essencialmente desconexão.

Quando você está furioso com alguém (por um bom motivo) está sentindo “distância”, afastando-se do objeto de sua ira.

.....
Duas distinções importantes devem ser feitas para diferenciar nossa experiência das emoções “agressivas” de suas contrapartidas Divinas (espirituais). A primeira é que nossas emoções são um emaranhado de forças saudáveis e doentias, muitas vezes impulsionadas pelos nossos próprios temores humanos, inseguranças e mesquinhas.

(Em nosso mundo “não há bem sem o mal e nem mal sem o bem”). Até quando uma emoção agressiva é basicamente saudável, seus efeitos secundários podem com frequência aumentar até formas inadequadas de violência. Na dimensão Divina, por outro lado, todas as reações são formas saudáveis de expressão o tempo todo.

Em segundo lugar, no mundo do Divino toda “reação” é na verdade um reflexo de “causa e efeito”. De fato, **nossos Sábios explicam que recompensa e castigo são na verdade causa e efeito. Você consideraria uma mão carbonizada sendo castigada pelo fogo?** Quando alguém coloca a mão no fogo, o efeito natural é uma queimadura.

Todas as reações aparentemente “sangrentas” na Torá são na essência o efeito coletivo “natural” de um mundo distorcido; um desalinhamento entre a existência e seu verdadeiro propósito.

A declaração da Torá **“D'us estava furioso”** significa que quando os seres humanos através do comportamento se distanciam de sua Divina imagem e chamado, **eles têm o poder de causar o efeito de D'us de Se distanciar de nós.**

Devemos resistir continuamente à tentação de projetar nossas reações humanas quando somos magodados por outros sobre D'us. D'us não é humano, D'us não é como um pai furioso autoritário que se enfurece pelo nosso comportamento. **D'us é a essência da realidade, e a realidade reage a cada um de seus componentes.**

Assim como o corpo tem uma reação violenta quando um de seus órgãos (ou até uma única célula) está comprometido – não como retribuição, mas como causa e efeito – assim também no macrocosmo, com o macro-organismo chamado existência: reage ao nosso comportamento comprometedor.

Ódio ao mal não deve ser confundido com o ódio que sentimos. **O desprezo Divino ao mal é como as células brancas do sangue reconhecendo uma infecção como o inimigo, e atacando incessantemente para proteger a saúde do corpo.**

O exílio egípcio – que foi previsto por Avraham 400 anos antes – foi parte do misterioso ciclo de vida e morte, alegria e sofrimento, que reflete a realidade da descida da alma a este mundo difícil.

Na verdade, a narrativa inteira da Torá reflete as realidades da vida na terra, em toda a sua glória e sua feiúra, sem palavras enfeitadas e sem “embalagem” e “marketing” humanos. É a verdadeira história da vida – exposta. **Em nossa vida diária não vemos as verdadeiras causas e efeitos de nosso comportamento.** Podemos magoar uns aos outros e jamais sentir a destruição que trazemos à nossa vida e ao mundo. A Torá – como um presente para nós – nos revela os mecanismos internos da vida, e todos os efeitos do comportamento humano.

Quando as pessoas magoam umas às outras, estão machucando a si mesmas. Pois somos todos partes de um mesmo organismo, de uma realidade – uma realidade protegida e vigiada por D'us, a essência de toda Realidade.

Talvez jamais venhamos a entender por que crianças inocentes foram massacradas no Egito e no decorrer da história. Temos o direito, não a obrigação, de desafiar D'us por toda experiência sofrida que passamos. Mas ao mesmo tempo, devemos lembrar que se não houvesse vida não haveria morte.

Se não houvesse júbilo não haveria sofrimento. Ficamos profundamente perturbados (em nossa mente) por qualquer morte sem sentido; e isso é correto. Porém nossa perturbação deveria servir como um lembrete de que nossa vida consciente – e o universo como um todo – se sente desconectada da nossa fonte e temos o poder de reparar o vazio.

As consequências dessa desconexão não são o problema, mas parte da solução. Quando sentimos dor reclamamos sobre o desconforto, mas **a dor é um lembrete e um reflexo de que algo precisa de reparo.** Mesmo que preferíssemos não sofrer as consequências, uma vida honesta sentiria os efeitos para que pudessem servir para trazer a cura.

De maneira alguma isso sugere que toda experiência de sofrimento intelectual é um resultado direto dos pecados da pessoa. Numa rede infinitamente complexa, estamos todos ligados uns aos outros e a toda a história – como membros de um organismo.

Dor e sofrimento, tanto pessoais quanto coletivos, são parte dos efeitos coletivos gerais de um mundo desconectado.

Uma desconexão que começou há milhares de anos quando Adam e Eva comeram da Árvore do Conhecimento, e foram banidos (um efeito causado pelo afastamento espiritual deles).

Desde então, todo ser humano e cada um de nós tem duas escolhas: ou perpetuar aquela desconexão, ou realinhar nossas vidas com nosso Divino chamado.

Por mais doloroso que tenha sido o exílio egípcio, ele forjou uma nação eterna, imbuída para sempre com a compulsão natural para a liberdade. Pode-se dizer que o exílio e a redenção do Egito deram origem à liberdade – uma liberdade que começaria uma marcha contínua que levou às liberdades e direitos que hoje aceitamos como certos. (Essa é uma razão muito boa para celebrar o Seder de Pêssach!)

A retribuição Divina aos egípcios também é uma história de causa e efeito. Aqui não é o local para elaborar, mas **as Dez Pragas são na verdade um fascinante projeto dos dez efeitos psicológicos de crimes contra a humanidade.**

Os egípcios foram os primeiros a escravizar uma nação inteira baseados puramente em sua raça. Este não foi um pecado pequeno. Teve profundas consequências que ecoaram na história.

A descrição detalhada na Torá sobre o confronto de Moshê com o faraó, as dez pragas e todos os outros elementos da história nos oferecem um olhar íntimo na anatomia do mal, no sofrimento humano, suas consequências, e acima de tudo – nossa capacidade de nos curar e redimir do abismo mais profundo.

O poder da história do Êxodo está precisamente em sua manifestação em nosso plano humano, feio. As formas mais profundas de espiritualidade devem ser encontradas não apenas quando escapamos das armadilhas deste mundo cruel, mas dentro de seu sofrimento. Na verdade, a história do Êxodo começa com D'us aparecendo a Moshê numa sarça ardente. Por que não aparecer numa linda árvore frutífera? **Porque D'us queria demonstrar a Moshê que Eu estou com você não**

.....
apenas na alegria mas também no sofrimento; não somente na beleza, mas também no espinho.

Portanto, quando nos sentarmos ao Seder neste ano choramos pelo sofrimento e perdas como reflexos da dissonância do mundo; mas acima de tudo celebramos nossa capacidade, então e agora, de **sermos emancipados de nossas restrições**. Até em nossa distância e exílio espiritual temos o poder de nos realinhar com nosso propósito em uma gloriosa expressão de unidade.

Obrigado por escrever. Que a força das suas perguntas sempre sirva como catalisador para atingir mais profundamente os mistérios íntimos da existência e para descobrir respostas profundas.

E lembre-se sempre das palavras do Baal Shem Tov:

para cada pergunta há uma resposta.

E para cada resposta há outra pergunta.

Que você seja abençoado com um Pêssach significativo e transcendente.

Você é Um Quadrado ou Um Círculo?

A verdadeira humildade leva a pessoa à verdadeira grandeza.

Há alguns anos dei um curso introdutório sobre **misticismo judaico** (também conhecido como **Chassidut** ou **Cabalá**) a uma classe de seniores do Ensino Médio.

Em um dos testes escritos pedi a eles para descreverem usando as próprias palavras a diferença entre várias entidades: entre corpo e alma; entre a força animal e a força Divina; entre as necessidades materiais e transcendentais; entre o secular e o sagrado; entre céu e terra; entre egoísmo e altruísmo.

Fiquei abalado pelo grande número de respostas que distinguiam entre todas essas categorias simplesmente com as palavras “mal” e “bem”. O corpo é mau e a alma é boa. O material é mau, e o transcendente é bom. Vinte em cada 30 perguntas foram respondidas com uma única palavra: “bom” ou “mau”.

Crianças pensam em termos de preto e branco; bom e mau; doce e azedo; claro e escuro. Mentos jovens e não desenvolvidas ainda não apreciam as nuances da vida; as áreas cinzentas; o ambíguo e o ambivalente.

Há pureza na inocência da simplicidade. E muitos adultos fariam bem em não perder esse encantamento. Porém, a vida também é complexa.

O pensamento ocidental é criticado frequentemente por ser linear, especialmente quando relacionado com o pensamento oriental. O linear define uma maneira muito estruturada e organizada de olhar as coisas. Causa e efeito incessantes estão na base dos fenômenos.

No pensamento ocidental é visto num estado amorfo; **as coisas não têm definições claras**. O pensamento linear, lógico, é limitado, e o paradoxo é a reflexão mais próxima sobre a verdadeira natureza da existência.

Na verdade, para apreciar realmente a vida em sua totalidade **precisamos abraçar ambas as dimensões em um todo integrado.**

Na moderna Física, por exemplo, sabemos agora que no nível macroscópico (o mundo que percebemos e experimentamos com nossos cinco sentidos) grande ordem e desenho impulsiona a máquina do universo. A Física de Newton – definindo os fenômenos em termos do efeito “bola de bilhar” – permanece com a maneira dominante de olhar para o mundo. Porém, num nível microscópico, tem sido claramente demonstrado que a realidade funciona bastante num “estado de probabilidade” amorfo.

No mundo interior as coisas não são bem definidas na mesma maneira que é estruturada do mundo exterior.

Na verdade, no pensamento cabalístico há a distinção cósmica entre “**círculos**” (**igulim**) e “**linhas**” (**yosher**).

Uma linha é formada por pontos definidos, estruturados numa ordem clara de mais alto e mais baixo. Em contraste um círculo é um fluxo contínuo, sem topo ou base. **Tudo na existência é formado com linhas e círculos:** o mundo exterior é impulsionado por ordem e organização – a estrutura linear, que evolui numa sequência ordenada. Porém, abaixo da superfície, **na “sala de máquinas” do universo, a força propulsora é a energia “circular”.**

Na Cabalá existe até uma metáfora do “quadrado dentro do círculo” e do “círculo dentro do quadrado”, porque o linear e o circular da existência estão interligados em um todo sem fim.

Assim, vivemos num mundo que é tanto ordenado quanto paradoxal.

Quando crianças podemos perceber a vida em termos de preto e branco. Quando amadurecemos aprendemos que a vida é muito mais repleta de nuances e complexa.

Quando é feita a pergunta: “Como é a sua vida?” uma criança geralmente responde “boa” ou “ruim” baseada em suas emoções do momento.

Um adulto (não apenas no sentido cronológico) responderia: “Algumas coisas são ótimas; outras nem tanto; algumas mais ou menos; e o restante está no meio, e pode ir para qualquer um dos lados.” Em outras palavras, a vida é complexa. Não existe isso de bem sem mal, e vice-versa.

O desafio é apreciar o fluxo e equilibrar-se nas ondas.

A Festa de Pêssach celebra o paradoxo da vida – a estrutura e o não-estruturado; o definido e o indefinido.

Não lembramos apenas o êxodo mas também o exílio.

Não recriamos apenas o júbilo, mas também o sofrimento. Bebemos vinho, mas também comemos ervas amargas. Respeitamos o processo – o processo inteiro – dos pontos mais baixos até os mais altos, e reconhecemos como ele se manifesta hoje em nossas vidas.

O Seder de Pêssach gira em torno das três matsot e dos quatro copos de vinho. Matsá é o “alimento do pobre”; o vinho é a bebida da realeza. Comer matsá simboliza a nossa humildade; o vinho demonstra nosso senso orgulhoso de liberdade.

Somos reis ou mendigos na noite de Pêssach?

A resposta é: os dois.

A verdadeira humildade leva a pessoa à verdadeira grandeza.

Esta é a suprema verdade da vida.

Uma Luz Sobre os 4 Filhos

Por Manis Friedman

Todo ano, fazemos o Sêder de Pêssach. Todo ano, temos os Quatro Filhos fazendo suas perguntas. Todo ano, o Filho Perverso faz a pergunta amarga no Sêder e recebe uma resposta desagradável. Por que ele não aprende?

O Filho Sábio certamente tem algo de bom: todo ano, ele faz uma pergunta inteligente, recebe aplausos e elogios dos pais, depois volta no ano seguinte e faz a mesma pergunta. Porém o Filho Perverso é mau, não idiota. Por que ele faz a mesma pergunta maldosa todos os anos, sabendo que será repreendido?

O Filho Inteligente sabe que precisa conseguir a aprovação dos pais. Esta é sua sabedoria; como filho, ele é sábio. Portanto o Filho Perverso sabe que ao fazer a mesma pergunta outra vez, ele receberá a desaprovação dos pais. Esta é sua maldade; ele é perverso como filho.

Porém o Filho Perverso não pode continuar sendo perverso. Ele terminará por entender que sem a aprovação dos pais, não tem um alicerce sobre o qual construir sua própria vida. Não pode tornar-se ele mesmo se não tiver preenchido uma necessidade básica; a necessidade de conseguir a aprovação dos pais e ser o tipo de pessoa que eles desejam que ele seja.

O sucesso de um filho – de fato, o sucesso da filiação – depende de conseguir proporcionar orgulho aos pais. Devemos ensinar nossos filhos a honrar os pais, não por egoísmo ou porque nós "queremos respeito", mas para dar-lhes a oportunidade de conseguirem aprovação. Devemos mostrar a eles que conseguir aprovação é um ingrediente necessário, saudável, e que faz parte do crescimento.

Assim, se você não quer criar o "Filho Perverso", há uma resposta simples.

Faça seus filhos colocarem a mesa. Peça-lhes que carreguem as sacolas de compras. Que recolham a roupa lavada. Todas as tarefas que você, como pai ou mãe, faria por si mesmo, peça aos seus filhos que façam em seu lugar.

Não faça isso por sua própria conveniência ou engrandecimento do ego, mas porque ao fazê-lo, você os honra.

Dê aos seus filhos a oportunidade de expressarem sua honra por você. Dê-lhes a chance de conseguir sua aprovação e quando o fizerem, diga isso a eles.

Afinal, criar filhos não deveria incluir encorajar o filho a ser bem-sucedido na tarefa de ser filho? Na nossa época, isso é fácil de esquecer. Empurramos nossos filhos para o "crescimento". Nós os incentivamos a estudar muito para que entrem em boas escolas. Queremos que consigam diplomas sofisticados porque "precisarão deles para arrumar um bom emprego".

O Filho Perverso não apenas sofre a indignidade de jamais crescer – ele também nunca sentiu a reverência de ser um filho. Eis por quê, antes de empurrarmos nossos filhos para o sucesso, devemos primeiro ajudá-los a ter sucesso como filhos. A maneira de fazer isso é, curiosamente, seguir a liderança deles.

O Rebe Anterior contava uma história que ajuda a esclarecer as coisas. Certo dia, quando tinha sete anos, **perguntou ao pai por que tinha dois olhos**. O pai respondeu que nossos olhos são como os dois pingos sobre as letras hebraicas "shin" e "cin". Quando o pingo está acima do lado direito, a letra é "**shin**", e tem uma pronúncia **forte**. Quando está à esquerda, a letra é "**cin**" e tem uma pronúncia mais **suave**. O lado direito é forte, o esquerdo é suave.

Assim nosso olho direito, forte, é para ser usado quando olhamos nosso próximo, ao passo que o olho esquerdo, mais fraco, é para olhar brinquedos e doces. Por isso, concluiu o pai, é que D'us nos deu dois olhos. O Rebe ficou tão impressionado pela resposta que escreveu em seu diário que ela mudou sua vida. Como resultado, ele desenvolveu um inesgotável fluxo de amor e preocupação pelos outros, e basicamente perdeu o interesse pelas guloseimas. Ora, este é um ponto de vista simpático, uma resposta interessante e inteligente, mas por que provocou tamanho impacto?

O pai usou um fato simples – precisamos dois olhos para perceber a profundidade – e deu a ele um maior significado. Não mudou o assunto, apenas colocou-o num contexto relevante para uma criança daquela idade. Poderia aparentemente ser uma resposta engraadinha e simples, mas era produto de reflexão e raciocínio. Quando o menino fez aquela pergunta inocente, o pai decidiu que aquele era o momento de partilhar uma lição. O fato de ser uma mensagem premeditada causou uma forte impressão.

Quando reagimos a nossos filhos por impulso, como uma reação reflexa a uma pergunta infantil ou a uma explosão de temperamento, a criança sabe, consciente ou inconscientemente, que nosso comportamento é temporário e irrelevante. Quando nossa mensagem não é uma reação brusca àquilo que está acontecendo no momento, mas sim um cuidadoso processo de seguir a deixa deles, então eles prestam atenção.

Por que isso tem importância? **Ao dedicar seu tempo para preparar uma lição, você demonstra que está levando o assunto a sério e assim, seu filho o leva a sério.** E ainda melhor, ele se sente elogiado pelo simples fato de que você utilizou seu desenvolvimento, seu crescimento, sua educação tão seriamente que dedicou seu próprio tempo a pensar nela.

Porém o pai do Rebe não começou simplesmente a doutrinar o filho um dia depois da escola; ele esperou que o filho viesse a ele. E assim aprendemos uma lição também do pai do Rebe: **somente podemos ensinar nossos filhos quando eles são receptivos às nossas idéias.** O Filho Perverso é tão frustrante porque ele parece subverter nossas boas intenções. **Devemos esperar pacientemente por uma brecha em seu coração e aproveitar o momento quando ele chegar.** Toda nossa preparação, senso de oportunidade e atenção reforçam o desejo da criança de buscar a aprovação paterna ou materna. Isso representa a maneira mais profunda de honrar nossos filhos.

16 – Parashat Beshalach

Êxodo 13:17-17:16

As Nuvens de D'us Protegem Bnei Israel no Deserto

.....
D'us tirou os judeus do Egito para levá-los à Erets Israel. O caminho mais curto para lá era cruzando através da terra dos Pelishtim.

Porém, D'us os conduziu por um caminho diferente, maior: ao redor da terra dos Pelishtim. O caminho mais curto, pensou D'us, tornaria demasiado fácil para os judeus o retorno ao Egito. Assim que fossem atacados pelos inimigos, sentiriam medo e tratariam de voltar ao Egito. Por esta razão,

D'us os levou pelo caminho mais longo, através do deserto.

Como Moshê e Bnei Israel sabiam o caminho?

D'us enviou uma nuvem que os precedia, e eles a seguiam. À noite, uma coluna de fogo mostrava o caminho. Iluminava o povo de Israel, para que pudessem ver no escuro. Além disso, nuvens os rodeavam, dando-lhes proteção: uma a leste, outra a oeste e outra pelo sul. **Uma outra nuvem se estendia debaixo dos seus pés como um tapete, para suavizar-lhes o caminho e levar os tsadikim (homens justos).** Outra nuvem fluía no ar sobre eles e os protegia do calor do sol. Toda a travessia do deserto foi feita sob a proteção de D'us.

Uma parábola:

Por que D'us enviou uma coluna de fogo à noite

O rei estava muito ocupado. Todos aqueles que tinham uma reclamação a fazer iam vê-lo neste dia, de modo que pudesse escutá-los e emitir um juízo que estabeleceria a paz entre as partes conflitantes.

Os filhos do rei estavam sentados ao redor do trono, escutando os sábios pareceres emitidos pelo pai. Uns atrás dos outros, os súditos iam e vinham. Quando o último saiu, o dia havia chegado ao fim. Caía a noite. A sala do trono estava se tornando escura.

O rei pôs-se de pé, acendeu uma tocha, e a colocou à frente dos filhos, para que pudessem achar o caminho e sair do palácio. Todos os nobres e serventes se apressaram em correr para ajudá-lo. "Não se preocupe em segurar a tocha para seus filhos, majestade!" exclamaram. "Nós o faremos."

O rei replicou: "Não seguro a tocha para meus filhos por não ter quem o faça por mim. Seguro-a eu mesmo porque desejo mostrar o quanto amo meus filhos. Então vocês os tratarão com o devido respeito."

De maneira análoga, D'us enviou sua coluna de fogo adiante de Bnei Israel no deserto. Poderíamos dizer que "levou uma tocha por eles." Fez isso para mostrar às nações o quanto ama os judeus.

D'us esperava que as nações então dariam aos judeus o merecido respeito.

O faraó persegue Bnei Israel

Quando o Povo de Israel saiu do Egito, o faraó e toda sua corte se sentiram consternados. "Que erro cometemos ao deixar sair todos estes escravos judeus!" lamentavam-se. "Agora eles têm até ouro e prata!"

O primeiro pensamento do faraó foi perseguir o Povo de Israel, mas vacilou. Afinal, ele e seu povo acabaram de sofrer as dez terríveis pragas.

D'us, porém, fortaleceu o faraó na sua decisão de perseguir Bnei Israel, pois queria que o exército do faraó se jogasse no **Yam Suf** (Mar Vermelho). Este seria o castigo final pela crueldade do faraó e dos egípcios, por haver afogado sem piedade os meninos judeus no rio Nilo. D'us ordenou a Moshê: "Diga a Bnei Israel que dê a volta e se encaminhe novamente ao Egito, **para que o faraó pense que se perderam.** Então os perseguirá."

Assim que o faraó escutou que os judeus estavam se aproximando novamente do Egito, convocou os generais e o exército. "Os judeus estão andando em círculos," exclamou. "Parecem estar perdidos. Rápido, vamos atrás deles. Cavalgarei à frente do exército. Quando os alcançarmos, mataremos todos os judeus e recuperaremos nosso dinheiro."

O próprio faraó preparou sua carruagem. Não quis esperar pelos criados, tão ansioso estava para persegui-los.

O Exército do Faraó se Aproxima

Quando os judeus olharam para trás, viram que o exército do faraó os perseguia muito de perto, e estava a ponto de alcançá-lo. Ficaram apavorados. "O faraó nos levará de volta ao Egito para converter-nos novamente em escravos," gritaram em pânico. "Ou farão isso, ou nos matarão."

Começaram a fazer tefilá (orar) e a clamar por D'us, rogando que os salvasse. Alguns judeus que eram malvados queixaram-se a Moshê: "Por que nos tiraste do Egito? Agora o faraó nos destruirá!"

Uma parábola: A ave de rapina e a pombinha

Uma pombinha era perseguida por uma enorme e ameaçadora ave de rapina. A avezinha sabia que fugir não adiantaria de nada, pois não podia voar tão rápido como a ave de rapina. Tampouco podia lutar, pois era muito mais fraca. Logo a ave de rapina alcançaria a pombinha e a destroçaria.

Voando, a avezinha procurava desesperadamente um lugar onde esconder-se. Logo descobriu uma rocha num campo que estava sobrevoando. Sobre a rocha, viu um espinheiro. Era perfeito! A pombinha podia refugiar-se ali, onde a ave de rapina não poderia segui-la. Entrou no espinheiro e encontrou numa pequena cova na rocha. O que seria isso no fundo da cova? Para seu espanto, a pomba escutou um sibilar ameaçador. Uma serpente venenosa se aproximava, a língua em riste, a ponto de atacar. A cova era seu ninho. O que poderia fazer a pombinha? Se se adiantasse, a cobra a devoraria. Se retrocedesse, a ave de rapina a mataria. A pombinha começou a bater as asas, tentando atrair a atenção do dono do campo. Se pudesse escutá-la, espantaria a ave e mataria a serpente.

De maneira similar, o Povo de Israel estava encurralado. À sua frente, abriam-se as vastas profundezas do Yam Suf (Mar Vermelho). Se seguissem adiante, se afogariam. Mas não podiam deter-se, pois às costas tinham o exército do faraó, pronto a matá-los. Que fazer?

Clamaram a D'us.

No céu, Avraham, Yitschac e Yaacov também despertaram e oraram a D'us. "Por favor, D'us, ajuda nosso povo!"

.....
D'us disse: "estava esperando que os judeus orassem a Mim. Agora vou salvá-los. D'us disse a Moshê: "Aceitei sua tefilá (oração), não precisas mais orar. Ordena a Bnei Israel que siga adiante, pois Hei de salvá-los.

Os judeus continuavam avançando. O exército egípcio os seguia. D'us, porém, fez com que os egípcios não alcançassem os judeus. Os egípcios trataram de atacar disparando flechas contra os judeus pela retaguarda, mas D'us mudou a posição da nuvem que ia à frente de Bnei Israel, deslocando-a para trás. A nuvem atalhou todas as flechas dos egípcios, de modo que nenhum judeu ficou ferido.

Uma parábola:

O pai cuida do seu filho

Um pai levava seu filho a um local que só podia ser alcançado cruzando-se um bosque escuro e solitário.

"Não te preocupes" o pai tranquilizou o filho. "Cuidarei para que nada aconteça."

Começou a aterradora viagem. Logo um grito estranho rompeu a quietude do bosque. Um bandido armado com um facão pulou em frente aos viajantes, seguido por seu bando. Logo, o pai escondeu o filho atrás de si, apontou o revólver para a cabeça do líder e disparou, fazendo o mesmo com outro bandido.

O resto da quadrilha fez meia volta e desapareceu a toda velocidade.

O filho suspirou aliviado, mas a viagem não continuou sendo nada agradável. Um lobo apareceu por trás deles, rugindo ameaçadoramente. O pai pôs o filho diante de si, e disparou contra o lobo.

Pouco depois, animais selvagens atacaram de todas as direções, mas o pai dominou a situação. Tomou o filho nos braços e não o soltou nem por um instante, enquanto o protegia.

Logo chegaram a uma clareira, e o sol começou a castigá-los. O pai estendeu um manto sobre o menino para protegê-lo do sol. Quando o menino tinha fome, o pai o alimentava; quando tinha sede, dava-lhe de beber.

Assim como o pai protegeu o filho de todos os perigos, D'us protegeu os judeus na sua travessia pelo deserto, guiados por Moshê. Quando o faraó e seu exército atacaram Bnei Israel, D'us enviou Sua nuvem, que geralmente viajava na frente, para que os protegesse também atrás.

Kriat Yam Suf (Abertura do Mar)

Quando os judeus estavam a ponto de chegar a Yam Suf (Mar Vermelho), Moshê lhes ordenou em nome de D'us: "Sigam adiante! D'us fará um milagre. O mar recuará."

Entretanto, grandes ondas se quebravam na praia. O mar estava tão bravo como sempre; poderoso e ameaçador.

D'us estava aguardando. Queria pôr à prova o Povo de Israel para ver se realmente confiavam nEle e se acreditavam que secaria o mar. Continuariam entrando no mar?

Nachshon ben Aminadav, o líder da tribo de Yehudá, não pensou duas vezes. Sua fé em D'us era tão forte que saltou ao mar sem temor. Os outros judeus que confiavam em D'us o seguiram. Continuavam adiante, embora a água lhes chegasse ao pescoço.

D'us disse: "Sua grande emuná (fé) em Mim será recompensada." Ordenou a Moshê que estendesse a mão. Toda a água recuou abrindo um caminho por entre as águas que formavam paredes altas dos dois lados. Então o restante dos judeus cruzou pelo meio do mar, sobre terra firme.

Os milagres durante a travessia

Não havia um só caminho através do mar, pois D'us criou doze diferentes trilhas secas, pelas quais Bnei Israel pôde cruzar. Deste modo, cada uma das doze **shevatim (tribos)** pôde cruzar pela sua própria trilha.

À direita e à esquerda de cada trilha, a água se congelou para formar uma parede alta. A água também formou um teto sobre as cabeças, **de modo que cada tribo caminhava por um túnel**. As paredes e o teto protegiam os judeus das flechas dos egípcios. D'us também designou anjos especiais para que protegessem os túneis e cuidassem de Bnei Israel para que não sofressem nenhum dano.

O que acontecia se um menino judeu sentisse sede ao cruzar Yam Suf (Mar Vermelho)? Assim que pedia água, a parede congelada a seu lado se abria e dela surgia uma fonte de água fresca. Assim que o menino terminasse de beber, o manancial voltava a transformar-se em gelo.

Se uma criança tinha fome e começava a chorar, acontecia outro milagre. As paredes de Yam Suf (Mar Vermelho) produziam de imediato uma maçã ou uma romã, ou o que a criança desejasse. A mãe estendia a mão, pegava a fruta e a dava ao menino. Este começava a sorrir e desfrutava o resto da travessia pelo oceano. Todos os judeus cruzaram sãos e salvos.

O Faraó e seu Exército se Afogam

O exército do faraó também estava se aproximando do mar. Os egípcios atravessaram uma tormenta de granizo e carvões ardentes, que D'us jogou sobre eles, para confundi-los.

Os primeiros soldados egípcios entraram no mar imediatamente depois de Bnei Israel. Para eles, o mar não era terra firme como para os judeus. Para os egípcios, o solo estava cheio de barro pois a coluna de fogo mandada por D'us fazia com que a terra ficasse tão quente que os cascos dos cavalos caíram por causa do calor e as rodas das carruagens se incendiaram. Por isso, os cavalos dos egípcios não podiam deter-se e regressar. D'us os fez arrastar as carruagens mais e mais mar adentro. A cada passo que davam, as carruagens sacudiam de um lado a outro, pois haviam perdido as rodas. Os que iam sentados nelas estavam doloridos. "Saíamos daqui!" gritavam. "D'us está lutando pelos judeus."

Porém, por mais que tentassem voltar com a carruagem, não o puderam. D'us fez com que os cavalos continuassem sua marcha adiante, e arrastassem os egípcios a uma morte horrível.

Quando o último dos judeus havia saído dos túneis, e todos os egípcios estavam no meio do mar, D'us ordenou a Moshê: "Estende a mão!" Quando Moshê obedeceu, a água que havia formado paredes sólidas se dissolveu, e voltou a ser mar.

.....
Derramou-se em jorros sobre os egípcios, suas carruagens e seus cavalos. Os egípcios saíram das carruagens e ficaram de bruços na água.

Ao mesmo tempo em que os egípcios caíam na água, todos os egípcios que haviam permanecido no Egito também foram castigados. (o midrash não relata de que forma foram castigados.)

O fim do faraó

Existem opiniões diferentes no Midrash sobre se o faraó se afogou ou não. Segundo uma opinião, o faraó foi o último dos egípcios a cair no Iam Suf.

De acordo com esta opinião, o anjo Gabriel desceu e manteve o faraó com vida debaixo da água durante 50 dias, infligindo-lhe terríveis sofrimentos. Assim foi castigado por suas palavras zombeteiras. "Quem é D'us que devo escutá-Lo?" Como a palavra "quem" tem valor numérico de 50, o castigo do faraó no mar foi prolongado por 50 dias antes de morrer.

Segundo outra opinião, D'us salvou o faraó da morte. Embora a princípio o faraó tenha zombado, mais tarde fez teshuvá (se arrependeu) quando viu seu exército se afogar. Quando caiu no Yam Suf (Mar Vermelho), exclamou: "Quem entre os poderosos é como Tu, D'us!!" Quando D'us viu que o faraó havia feito teshuvá, disse: "Hei de salvá-lo e ele falará ao mundo todo acerca de Minha grande força e os milagres que realizei."

D'us enviou um anjo para tirar o faraó da água. O anjo levou o faraó a uma cidade chamada Níveve, onde mais tarde tornou-se rei e levou todo o povo a fazer teshuvá.

O Midrash conclui: "Ambas opiniões são corretas: primeiro D'us fez o faraó sofrer e afogar-se; ficou debaixo da água e foi coberto por ela. Mas D'us o salvou antes que morresse."

Bnei Israel Entoa um Cântico de Graças no Mar Vermelho

O dia em que os egípcios se afogaram era o sétimo dia desde que os judeus saíram do Egito. A Torá nos ordena que celebremos o sétimo dia de Pêssach como Yom Tov, dia em que não podemos trabalhar. Esse dia é marcado como o dia da libertação dos judeus do Egito. Até então, ainda corriam perigo de ser destruídos pelo exército do faraó.

Quando Bnei Israel viu os maravilhosos milagres de D'us e compreenderam que haviam sido salvos e os egípcios castigados, depoistaram toda sua confiança a D'us e Moshê. D'us lhes deu ruach hachodesh (profecia), e todos entoaram uma shirá, um cântico de louvor a D'us.

Começava assim:

"Hei de cantar a D'us pois Ele é sumamente grande. Arrojou o cavalo e seu ginele ao mar."

E terminava com as seguintes palavras:

"D'us governará para todo o sempre. (Assim como castigou os egípcios, castigará todos aqueles que se rebelam contra Ele, e salvará aqueles que O escutam.)"
As mulheres dançavam e cantavam em separado.

No Yam Suf (Mar Vermelho), o Povo de Israel se tornou ainda mais rico que quando saíram do Egito. Os cavalos egípcios estavam adornados com ouro, prata e pedras preciosas. D'us fez

com que o mar arrastasse todos estes metais e pedras preciosas até a costa, onde Bnei Israel recolheu os tesouros.

D'us adoça a água amarga de Mará

Os judeus continuaram viajando pelo deserto para chegar ao monte Sinai. Ali, D'us lhes entregaria a Torá. (Como se lembram, o motivo pelo qual D'us liberou os judeus do Egito era entregar-lhes a Torá no monte Sinai.)

Entretanto, D'us quis pôr os judeus à prova para ver se confiavam nEle, e se mereciam receber sua preciosa Torá.

Uma prova aconteceu em Mará, caminho do monte Sinai.

Quando o Povo de Israel chegou a Mará, a água desse lugar era amarga e não servia para beber. (Mará significa amarga; a Torá chama este lugar por que a água era amarga lá.)

Por isso, o Povo de Israel tinham estado procurando água, uma fonte ou um poço, por três dias. Não haviam encontrado água e tinham muita sede.

D'us estava pondo Bnei Israel à prova. Protestariam ou confiariam em D'us e rezariam a Ele?

A maioria do povo não protestou. Apenas os eirev rav e os reshaim (malvados) se queixaram. "O Que haveremos de beber?" D'us prometeu a Moshê: "Realizarei um milagre para Bnei Israel. Apanhe um ramo da árvore que te mostrarei e joga-o na água amarga!" D'us mostrou a Moshê um ramo de sabor amargo.

D'us ordenou: "Agora, joga o ramo na água amarga."

Moshê obedeceu e a madeira amarga adoçou toda a água. Agora Bnei Israel tinha água suficiente para beber. Todos os judeus viram o grande poder de D'us. Os eirev rav fizeram teshuvá por haver protestado.

Em Mará, D'us deu aos judeus algumas mitsvot (mandamentos) da Torá, ainda antes que a Torá tivesse sido outorgada, de maneira que se acostumassem a observar Torá. Uma das mitsvot que aprenderam em Mará foi guardar o Shabat.

Maná – O Alimento da Fé

Um mês depois de deixar o Egito, o Povo de Israel havia utilizado toda a massa que havia levado. Estavam agora no deserto, onde não crescia vegetação alguma. Como poderiam obter comida? Desta vez todos os judeus, não apenas os eirev rav, protestaram. "Nos trouxeste ao deserto para morrer de fome?" queixaram-se a Moshê e Aharon. "Dá-nos pão e carne!"

D'us anunciou a Bnei Israel: "Dar-lhes-Ei pão e carne. Posso alimentar toda uma nação no deserto. Estais certos em pedir pão, pois estais famintos, mas não deveis pedir carne, pois poderiam ter sacrificado alguns dos animais que tendes. Não obstante, dar-lhes-Ei carne também. Mas para demonstrar que estou aborrecido, receberéis a carne à tarde, quando já não tereis muito tempo de prepará-la para a ceia."

No dia seguinte, quando os judeus despertaram, o deserto estava coberto de grãos brancos e brilhantes. Havia caído do céu durante a noite.

"Que é isso?" perguntaram os judeus com assombro.

"É a comida que D'us nos envia" explicou Moshê. De agora em diante, serão encontradas sobre o solo todas as manhãs.

O Povo de Israel chamou o novo alimento de man, maná. Ao comê-la, viram que era doce e deliciosa.

.....

D'us ordenou a cada pai que todos os dias recolhesse um omer (pouco mais de dois quilos) por cada membro da família. A maioria dos pais não pegava a medida exata. Alguns recolhiam um pouco mais de um omer por pessoa, outros menos. Mas, quando chegavam em casa e o pesavam, sempre havia exatamente um omer para cada membro da família. Se haviam recolhido a menos, o maná aumentava; se fosse demais, o maná diminuía.

Após comer o maná, Moshê ensinou os judeus a recitar o bircat hamazon (bênção de agradecimento pelo pão) até as palavras hazan et hakol.

Todas as manhãs, quando o Povo de Israel despertava, o café da manhã estava pronto para ser recolhido e degustado. Os tsadikim (justos) encontravam suas refeições à entrada das tendas. D'us lhes facilitava a comida para que não perdessem tempo do estudo de Torá e no cumprimento das mitzvot. Aqueles que não eram tsadikim tinham que andar um pouco mais para recolher o maná. Os reshaim (malvados) tinham que andar bastante.

Que gosto tinha o maná?

Era doce e delicioso. Podia ter qualquer sabor que se desejasse. Bastava que a criança dissesse: "Queria que meu maná fosse mel", e este tinha gosto de mel.

Qual a quantidade de maná que chovia todas as manhãs? O suficiente para alimentar os judeus por dois mil anos! Logo, os judeus estavam usando apenas a mínima parte do maná que caía. A maior parte ficava no chão e se derretia sob o sol. Por que D'us permitia tamanho desperdício? É porque Ele queria mostrar Seu grande poder: Podia fornecer muito mais do que somos capazes de consumir.

As Mitzvot Relacionadas com o Maná

Moshê advertiu o Povo de Israel: não guardem maná de um dia para o outro. Todas as manhãs receberão maná fresco.

Os judeus obedeceram, exceto os reshaim (malvados) Datan e Aviram – os mesmos repreendidos por Moshê no Egito por estarem brigando – que não confiaram nas palavras de Moshê. E se amanhã o maná não caísse? Guardaram um pouco, só para ter certeza... Mas tiveram uma surpresa desagradável. Não puderam comer o resto do maná no outro dia, porque tinha um odor horrível e estava cheio de vermes.

Moshê estava aborrecido com Datan e Aviram. Geralmente D'us protegia os judeus de todos os insetos e bichos, e agora esses reshaim tinham feito com que um alimento maravilhoso e celestial ficasse infestado de vermes!

Quando chegou sexta-feira, erev (véspera) Shabat aconteceu algo estranho. Os pais recolheram um omer de maná como de costume. Mas ao chegar em casa, viram que a porção estava duplicada! Cada omer se transformara em dois! Que significava isto?

Moshê explicou: "Amanhã é Shabat e não cairá maná, pois Shabat é um dia santo e de descanso. Todas as sextas-feiras receberéis porção dupla de maná, para durar até o final de Shabat." Alguns não acreditaram. Outros desobedeceram a ordem. "Sairemos no Shabat para buscar maná!" Naturalmente, tratava-se de Datan e Aviram.

Porém por mais que procurassem, não acharam maná em lugar algum. D'us estava descontente com eles e castigou-os por seu comportamento.

D'us ordenou a Moshê: "Guarda um pouco de maná num frasco

para que as futuras gerações possam saber como os judeus se alimentaram no deserto."

Durante a travessia do deserto, encontravam maná todas as manhãs.

À noite, D'us dava carne a Bnei Israel. Fazia cair aves slav sobre o acampamento. Eram aves casher, gordas e saborosas, que os judeus podiam comer. D'us dá a Bnei Israel água de uma rocha num lugar chamado Masá Umerivá.

O povo de Israel se encontrava agora num lugar no deserto onde não havia fontes de água. E os judeus tinham muita sede.

Os judeus que não eram grandes tsadikim (justos) começaram a protestar: "D'us não está ao nosso lado. Por que não nos dá água?"

D'us havia dito a Moshê: "Agora Vou fazer um milagre. Toma teu cajado. Escolha uma rocha e bata nela com o cajado até que se parta. Um milagre acontecerá e a água brotará da rocha."

Moshê golpeou a rocha perante os zekeinim (anciãos) do povo. Brotou tal quantidade de água da rocha que puderam beber à vontade. Os judeus chamaram a rocha de "Manancial de Miriam", pois sabiam que D'us lhes havia dado água no deserto por mérito da irmã de Moshê, Miriam, que era uma grande tsadeket (justa). Desde então, durante toda a travessia do deserto, tiveram água em abundância, pois o Manancial de Miriam os acompanhou onde quer que fossem.

A Batalha Contra Amalec

Amalec era neto de Esav. Os filhos e descendentes de Amalec, os amalekim, odiavam os judeus.

Os amalekim haviam escutado que D'us estava protegendo os judeus e que havia partido o Yam Suf (Mar Vermelho) para salvá-los. Mas não deram importância. As outras nações não ousavam atacar os judeus depois do milagre da separação do mar, mas os amalekim não ligavam e decidiram atacar Bnei Israel. Não apenas odiavam os judeus, como também eram inimigos de D'us, pois não O temiam. Os amalekim se infiltraram no acampamento de Israel e começaram a atacar os judeus que caminhavam fora das nuvens de D'us. (Tinham de caminhar atrás das nuvens, pois haviam pecado).

Moshê disse a seu aluno Yehoshua: "Os amalekim pensam que nos vencerão, pois o antepassado Esav foi abençoado por Yitschac com as palavras: "Tu ganharás a guerra." Hei de orar a D'us para que possamos ganhar deles. Irei ao alto da colina, para orar ali, de modo que todos os judeus me vejam e dirijam seus corações a D'us junto comigo."

"Você, Yehoshua, prepare um exército de tsadikim para lutar contra Amalec."

Yehoshua escolheu um exército de tsadikim. Moshê subiu à colina, com seu irmão Aharon e o sobrinho Chur, o filho de Miriam. Ordenou a Bnei Israel que jejuasse neste dia.

Moshê sentou-se sobre uma pedra, elevou as mãos ao céu, e fez tefilá (oração). Quando o Povo de Israel olhou para cima e viu Moshê, também dirigiram suas orações e corações ao céu. D'us escutou suas preces e fortaleceu o exército de Yehoshua para lutar contra os amalekim. Porém, os braços de Moshê começaram a enfraquecer de cansaço. Já não podia mantê-los ao alto. Quando os judeus viram isso, ficaram desanimados e já não podiam continuar dirigindo com a mesma força e ânimo seus corações para D'us, e então o exército de Amalec se fortaleceu.

Aharon e Chur ofereceram ajuda a Moshê. Elevaram os braços

.....
dele e os seguraram. Quando os judeus viram que os braços de Moshê estavam todo o tempo elevados, continuaram orando com todas as forças.

D'us aceitou as tefilot (preces) de Bnei Israel e considerou que era um povo santo. Concedeu a vitória a Yehoshua e seu exército. Os amalekim perderam a batalha e voltaram a seu país.

D'us disse a Moshê: "Quando os judeus se estabelecerem em erets Israel e tiverem seu próprio rei, sua primeira tarefa será lutar contra os amalekim. Todos os reis judeus deverão combatê-los, até que toda a nação seja destruída. Eu também ajudarei a aniquilar os amalekim, pois são uma nação de réprobos, que não Me temem."

Uma parábola:

Amalec se assemelha a uma mosca

Você já viu um enxame de moscas? Sabem o que as atrai? Basta deixar um pedaço de carne apodrecer em um lugar aberto e logo estará coberto de moscas.

As moscas sentem a podridão e se sentem atraídas. Mesmo se as espantarmos, voltarão.

Nossos Sábios comparam a nação de Amalec com as moscas. "Sentem" quando os judeus estão "podres" (fracos ou maus). Toda vez que os judeus fraquejam no estudo de Torá e mitsvot, atacam.

Em todas as gerações, D'us nos envia Amalec (ou outros inimigos) que nos causam problemas se não estudamos e cumprimos Torá. Voltam de novo e de novo, se não guardamos Torá.

Apenas se formos fortes no cumprimento de Torá e mitsvot D'us nos protege dos ataques de Amalec.

17 – Parashat Yitrô

Êxodo 18:1-20:23

Midrashim Sobre a Parashat Yitrô

A Chegada de Yitrô, Sogro de Moshê

Apesar de todas as nações terem ouvido o retumbante ribombar da abertura do Mar Vermelho e perguntado acerca de seu significado, e mesmo todas saberem da vitória do povo judeu sobre Amalec, não deram ouvidos à mensagem.

Havia um único homem que escutou e **captou o verdadeiro significado destes eventos transcendentais**. Compreendendo que D'us é Onipotente, concluiu que é seu dever moral servi-Lo. Os milagres que D'us havia feito pelo Povo de Israel o convenceram de que D'us é o verdadeiro D'us. Este homem era Yitrô, o sogro de Moshê.

Na parashá de Shemot, Moshê havia levado sua esposa Tzipora e seus dois filhos de volta a Midyan para casa de Yitrô. Lá estariam a salvo, e o Faraó não poderia lhes causar dano. Agora o exército do Faraó se havia afogado e Moshê estava no deserto com o povo judeu.

Sem demora, Yitrô pegou Tzipora e seus dois filhos, e dirigiu-se ao deserto, ao acampamento do povo judeu. **Sua intenção era converter-se e juntar-se ao povo judeu no deserto, mesmo se**

isso significasse sacrificar sua honra e conforto no tocante a assuntos mundanos.

Quando chegou ao acampamento deles, não pôde entrar por causa das nuvens que o rodeavam como uma muralha. O que ele fez?

Escreveu uma carta a Moshê: "Sou Yitrô, seu sogro. Vim para o deserto. Venha saudar-me, se não por mim, então ao menos por sua esposa e seus dois filhos, que me acompanharam e desejam juntar-se a você."

Yitrô amarrou a carta a uma flecha e atirou-a dentro do acampamento israelita. **Apesar de geralmente as nuvens rechaçarem projéteis, aceitaram esta carta, em honra a Moshê.**

A conversão de Yitrô

Moshê leu a carta e perguntou a D'us se devia ir ao encontro de Yitrô e aceitá-lo como judeu. D'us ordenou a Moshê: "Vá encontrar seu sogro, Moshê! Dê boas-vindas a Yitrô, que veio de tão longe para estar com você e deseja fazer parte da nação judia. **Eu sou Aquele que decide quando é apropriado aceitar um convertido**, e Eu te digo que Yitrô veio aqui apenas em nome dos Céus. **Ensine-lhe as leis da Torá.**

Se um não-judeu deseja converter-se por amor à Torá e suas mitsvot, por um reconhecimento sincero de D'us e um desejo de ser um verdadeiro judeu em todos os sentidos, é uma mitsvá ajudá-lo, dedicar-lhe amizade, convertê-lo e tratá-lo como judeu em tudo."

O tom do comando de D'us revela que Moshê hesitava em receber seu sogro. D'us convenceu-o, pois Yitrô havia sido sacerdote de ídolos a vida inteira. Moshê não tinha meios de saber se Yitrô estava sendo sincero sobre converter-se e ser judeu, e se manteria o compromisso e lhe seria fiel. **Apenas D'us, que perscruta os pensamentos da pessoa poderia assegurar a Moshê que Yitrô permaneceria leal ao judaísmo.** Portanto, Ele ordenou a Moshê que honrasse Yitrô.

Moshê, Aharon e os setenta anciãos deixaram as Nuvens da Glória e foram dar as boas-vindas a Yitrô. Quem poderia ver este distinto cortejo e não se sentir compelido a segui-lo? A nação inteira juntou-se a Moshê, Aharon e aos anciãos. **Yitrô, o primeiro convertido sincero, recebeu boas-vindas reais. Até a Shechiná (Divindade) apareceu em sua recepção.**

Moshê inclinou-se para seu sogro e beijou-o.

Inferimos da maneira respeitosa como Moshê tratou seu sogro, que a pessoa deve honrar a seus sogros.

Tzipora, que ouvia tudo que seu marido contava a Yitrô, lamentou não ter estado entre as mulheres para juntar-se a Miriam em seu cântico a D'us depois do milagre no Mar Vermelho. **Por isso D'us prometeu que anos depois, a alma dela entraria no corpo de Devora, a profetisa, que entoaria um cântico de louvor a D'us junto com todo povo de Israel após a vitória sobre os inimigos, na época dos Juizes.**

Moshê conduziu Yitrô direto à casa de estudos, onde descreveu, entusiasmado, os detalhes do Êxodo, da abertura do Mar e a milagrosa guerra contra Amalec. Esperava, através disso, atrair seu sogro à senda da Torá.

.....
Moshê narrou a Yitrô: "D'us nos deu o maná, **Pão Celestial, que pode assumir o sabor de pão, carne ou peixe - contém todos os deliciosos sabores do mundo.** Temos o Poço de Miriam, cujo líquido tem gosto de vinho antigo ou novo, leite ou mel; transforma-se em qualquer bebida gostosa que exista. Estamos a caminho da Terra de Israel, e D'us nos prometeu a maior das recompensas: a Terra Santa, o Mundo Vindouro, a monarquia de David e a ressurreição dos mortos!"

Ao ouvir a detalhada narrativa dos grandes milagres que D'us realizou, pôs imediatamente em prática a decisão de converter-se ao judaísmo. **Pegando uma faca afiada, fez circuncisão em si mesmo,** e reconheceu D'us como único Legislador e Soberano. Yitrô se regozijou de que D'us houvesse salvado os judeus. **Mas ao mesmo tempo, em seu coração Yitrô sentiu pena dos egípcios que se afogaram no mar.**

"Louvado seja D'us!" - proclamou Yitrô, "Que os redimiu do Egito, uma nação temível, e das mãos do Faraó, um rei cruel, e Que os libertou da escravidão do Egito! **É verdadeiramente miraculoso que uma nação de seiscentos mil homens pudesse cruzar as fronteiras egípcias, que são tão hermeticamente seladas que nem um único escravo jamais foi capaz de escapar.**

"Estudei todas as religiões do mundo, e rejeitei-as todas, por serem falsas; alcancei o entendimento de que D'us é o verdadeiro D'us. Agora compreendo até com mais clareza que D'us transcende todos os outros poderes, pois a praga da morte dos primogênitos destruiu todas as divindades egípcias. **Ademais, Sua grandeza fica evidente pelo fato de que Ele ferveu os egípcios na mesma panela que usavam ferver outros.** Uma vez que tentaram destruir os bebês judeus afogando-os, Ele afogou os egípcios em retribuição."

Yitrô ficou deveras impressionado pela maneira **como D'us pune com a mesma moeda,** que frustra a possibilidade de chance e acaso provando que a vida dos homens é realmente moldada pela Divina Providência.

Quando Yitrô, antigo sacerdote que pesquisara todos os cultos do mundo exclamou: **"Agora sei que D'us é maior que todos os outros poderes," realizou a maior santificação do Nome de D'us possível. As nações do mundo ouviram sobre isto, e abandonaram seus ídolos, com isso reconhecendo a futilidade de servir imagens.**

O mesmo Yitrô que por muitos anos sacrificou oferendas aos deuses das nações, agora oferecia sacrifícios a D'us. Então sentou-se para fazer uma refeição com Aharon e os anciãos.

Todos comeram juntos e se regozijaram com Yitrô por sua conversão ao judaísmo e porque a partir desse dia cumpriria todas as mitsvot de D'us.

Moshê, contudo, não juntou-se a eles, mas permaneceu em pé, servindo a todos. Pois Moshê era o mais humilde de todos os homens da terra. **Embora fosse o líder do povo de Israel, não se importava de servir a outros;** ao contrário, sentia-se feliz de praticar bondade.

Aconteceu um milagre especial em honra a Yitrô - **uma porção de maná desceu para ele durante a refeição.** Isto demonstrava claramente que ele havia se tornado parte do povo judeu.

Yitrô Aconselha a Designação de Juizes

Durante sua estadia no acampamento do povo judeu, Yitrô deve ter observado como a rotina diária era diferente da de outras

nações "civilizadas." No deserto, o povo judeu não estava empenhado na agricultura, indústria ou comércio, uma vez que a maná que descia pela manhã provia alimento suficiente para o dia inteiro. **As atividades domésticas e culinárias tampouco eram necessárias, pois a maná descia pronta para consumo, e as Nuvens de Glória lavavam e passavam suas roupas. Sua ocupação o dia inteiro era estudar Torá e cumprir mitsvot.** Dt.8:2-5.

Todo dia Moshê se colocava no centro do acampamento para ensinar e julgar as pessoas que se reuniam à sua volta como se estivessem diante de um rei. Uma multidão se apinhava em torno de Moshê a fim de escutá-lo. Levantavam diversas questões sobre assuntos legislativos da Torá, tentando entender melhor as mitsvot. Algumas pessoas o procuravam para ser julgadas, porque haviam brigado com alguém. Outras queriam pedir a Moshê que orasse por uma pessoa enferma.

Como levava muito tempo a Moshê para escutar o pedido de cada um e resolver suas pendengas, tinham que aguardá-lo por muitas horas. Moshê terminava muito tarde. No dia seguinte, estava de novo ocupado de manhã à noite. Embora Aharon e os anciãos se sentassem junto a Moshê, somente ele se ocupava pessoalmente dos problemas e das dúvidas que surgiam.

Quando Yitrô viu Moshê sentado e as pessoas em pé ao seu redor, perguntou-lhe: **"Por que você permanece sentado enquanto as pessoas ficam em pé desde a manhã até a noite?"** Moshê respondeu: "Não é em minha honra que o faço, mas em honra a D'us. Todo aquele que tem um problema ou uma questão legal vem a mim e eu pronuncio uma sentença. Julgo os litígios e ensino ao povo como deve comportar-se."

Yitrô exclamou: "O que você está fazendo não é bom!" (**Sendo Yitrô um homem refinado, evitou a expressão "ruim"**, e disse a Moshê apenas que a maneira como lidava com a situação "não era boa.") Yitrô aconselhou-o: "A sobrecarga sobre você, Aharon e os anciãos é grande demais para suportar. Por causa do enorme esforço, vocês murcharão como uma folha murcha na árvore.

Permita-me, portanto, aconselhá-lo, contanto que D'us esteja de acordo! Continue a ser intermediário entre o povo e D'us, instruir ao povo as palavras de Torá, e ensiná-los a praticar a bondade e como rezar. Todavia, não tome sobre si, e não atribua a Aharon e aos anciãos a total responsabilidade de responder à questões legais. Em vez disto, designe juizes sobre o povo. Os juizes decidirão todas as questões e contendas menores, e lhe trarão apenas os problemas mais importantes.

"Estes juizes devem estar isentos de qualquer outro tipo de ocupação, a fim de estarem disponíveis ao povo a qualquer hora."

As qualidades requeridas de um líder

Yitrô afirmou que um homem deve possuir as seguintes características a fim de qualificar-se como um juiz:

- Deve ser bem versado em Torá, e deve ser rico (de forma que não necessite adular ninguém, e não dê preferência a nenhum litigante). Deve possuir personalidade dinâmica, que sirva de inspiração para que outros façam o que é certo.
- Deve ser temente aos Céus, para que julgue verdadeiramente.
- Deve ser um homem confiável, em cuja palavra o povo se apóia.

.....
- Deve detestar o dinheiro. Não pode atribuir nenhuma importância ao seu próprio dinheiro, e certamente não ao dinheiro alheio. Não pode tender a aceitar subornos.

(Os líderes da Torá, através dos séculos, distinguiram-se por servir o povo judeu sem serem remunerados. O exemplo foi estabelecido pelo nosso grande líder Moshê que, ao final da vida, declarou que nunca havia aceito pagamento algum do povo.

Mesmo quando viajou ao Egito para redimi-los, montou seu próprio burro, e não foi reembolsado pelas despesas da viagem.

O profeta Shemuel, igualmente, antes de sua morte, conclamou a nação inteira para testemunhar que ele jamais aceitara mesmo o menor artigo de qualquer um deles. **Ao viajar para julgar o povo, costumava carregar consigo sua própria tenda e alimentos.)**

A sugestão de Yitrô é implementada e os juizes são nomeados

Yitrô disse a Moshê: "Escolha juizes com as qualidades que descrevi. Use o Espírito Divino que paira sobre você (assim não se enganará acerca de seu caráter). Indique juizes que serão responsáveis, cada um, por milhares de pessoas, por cem, por cinquenta e por dez pessoas."

Para 600.000 pessoas, haveria:

- 600 juizes encarregados de milhares
- 6.000 juizes encarregados de centenas
- 12.000 encarregados de meias-centenas
- 60.000 encarregados de dezenas.

Yitrô propôs designar, ao todo, 78.600 juizes.

"Se colocar em prática meu plano, então a lei certamente será decidida como deve ser." Moshê escutou o bom conselho de seu sogro. **O rei Salomão escreve, referindo-se a Moshê (Mishlé 12:15): "Aquele que aceita conselhos é sábio."**

"Seguirei tua sugestão e perguntarei a D'us se devo designar muitos juizes para ajudar-me," respondeu-lhe Moshê. **Quando perguntou a D'us, Ele aprovou a idéia de Yitrô, e Moshê a colocou em prática.**

A estes homens escolhidos, Moshê disse: "Bem-aventurados são vocês por serem juizes dos filhos de Avraham, Yitschac e Yaacov. Bem-aventurados são vocês pelo privilégio de guiar os filhos de D'us. Devem ser pacientes e cautelosos com todo caso que tiverem diante de si. **A partir de agora vocês são servidores públicos.** É uma função séria e distinta, que devem desempenhar com integridade."

Por que Moshê nunca indicara juizes antes de Yitrô aconselhá-lo? Por que ele mesmo jamais havia pensado nesta solução aparentemente simples?

Na verdade, Moshê recebera um comando de D'us para indicar juizes. Subseqüentemente, contudo, foi-lhe ocultado, a fim de que Yitrô tivesse o mérito de ter esta parashá inscrita em seu nome.

Originalmente, o nome de Yitrô era "Yeter". Mais tarde, a letra **"vav"** foi acrescentado ao seu nome, formando Yitrô, tanto para

indicar que tornou-se judeu, **quanto para indicar que o relato da nomeação dos juizes foi acrescida à Torá em seu nome.**

(Sob diversas instâncias a Torá acrescenta uma letra ao nome de alguém, como sinal de que a pessoa adquiriu grandeza. Por exemplo, uma letra foi acrescida aos nomes de Avram e Sarai, modificando-os para Avraham e Sara, quando adquiriram maiores alturas espirituais. Similarmente, o discípulo de Moshê, Hoshea, recebeu uma letra adicional precedendo seu nome, transformando-o em Yehoshua.)

Yitrô viveu no acampamento do povo judeu por quase um ano, enquanto permaneceram aos pés do Monte Sinai. Porém quando se preparavam para viajar para Israel, Yitrô recusou-se a acompanhá-los adiante, dizendo a Moshê: **"Permita-me retornar ao meu país, a fim de difundir a verdade lá, e trazer as pessoas para sob as asas da Shechiná."**

Moshê então despediu-se de seu sogro com grande honra e abundantes e belos presentes.

A Torá e o Deserto do Sinai

No primeiro dia (Rosh Chôdesh) do mês de Sivan, o povo judeu chegou ao deserto de Chorev, que também tinha outro nome, Sinai.

- O **snê (סִנַּי)**, a sarça ardente, na qual D'us revelou-Se a Moshê localiza-se neste deserto e deu nome a ambos (**snê - Sinai**). A letra **"yud"** (cujo valor numérico é dez) foi acrescentada a snê, transformando-o em Sinai (**סִינַי**), por causa dos Dez Mandamentos que ali seriam dados.

- Além disso, o nome Sinai dá a entender que desde a Outorga da Torá, as nações nutrem ódio (**sin'á, שִׂנְאָה** em hebraico) contra os judeus, que foram diferenciados como o Povo Eleito de D'us, como resultado daquele imponente evento.

A Torá foi dada aos judeus no deserto, num lugar amplo e aberto, que não pertence a nenhuma nação, de modo que qualquer um que desejasse aceitar a Torá e suas mitsvot poderia ir ao deserto e fazê-lo livremente.

Por que a Torá não foi dada imediatamente após a saída do Egito

Por que D'us não presenteou a Torá a Seu povo assim que saíram do Egito? Por que Ele esperou sete semanas entre o Êxodo do Egito e a Outorga da Torá?

No meio do ano letivo, um jovem ficou doente e foi obrigado a ficar em casa. Teve que ficar de cama por muitas semanas. Quando finalmente pôde se levantar, sentia-se fraco, e estava pálido

Um dia depois, o telefone tocou na casa do garoto. Era o diretor da escola dizendo ao pai: "Ouví que teu filho não está mais doente. Já é hora de ele voltar à escola!"

"Impossível!" - protestou o pai. "O menino ainda não está realmente pronto para isto. Deixe que fique em casa por dois ou três meses, para que convalesça e recupere as forças através de uma dieta nutritiva. Então será capaz de freqüentar a escola!" Similarmente, D'us não considerava o povo judeu apto a receber a Torá imediatamente após ter deixado o Egito. Disse: "Eles ainda estão sofrendo os efeitos posteriores ao trabalho escravo egípcio."

Deixe que fiquem no deserto por alguns meses, comam a maná e as codornizes, e bebam a água do poço. Quando estiverem recuperados, Eu lhes darei a Torá."

Uma razão adicional é ilustrada por esta parábola:

Um príncipe que estava procurando por uma esposa ouviu falar sobre uma moça de família nobre que possuía todas as qualidades desejáveis para se tornar rainha. **A fim de conquistá-la para o matrimônio, resolveu apresentar-se dando-lhe muitos presentes. Só depois procuraria o consentimento dos pais dela para o casamento.**

Quando ouviu que ela estava saindo para a padaria, mandou que lhe dessem um grande bolo recheado de creme, em seu nome. Quando foi a uma loja de departamentos, entregaram-lhe um elegante traje pago pelo príncipe. No restaurante, recebeu dele um ganso recheado; na loja de bebidas, um vinho de seleta safra; na bombonière, uma caixa de finos bombons embrulhada para presente. **Depois, quando o príncipe pediu sua mão, não levantou objeções.**

Assim D'us, antes de entregar a Torá ao povo judeu, tornou-se conhecido deles manifestando Sua grande bondade - Ele conduziu-os pelo **Mar Vermelho** em terra seca; salvou-os de **Amalec**, deu-lhes o **maná**, que continha os mais refinados e deliciosos sabores do mundo; o **Poço de Miriam**, cujo líquido tinha o sabor das melhores bebidas; e as codornizes. **Só depois Ele perguntou-lhes se desejavam aceitar Sua Torá, e não recusaram.**

Ademais, quando o povo judeu deixou o Egito, havia muita rivalidade e contenda entre o povo. Deixaram a cidade de Sucot ainda com discussões, e quando acamparam em seu próximo destino, Etam, a discórdia ainda prevalecia. D'us não podia outorgar Sua Torá a um povo que não estava em paz entre si.

Finalmente, ao chegarem ao deserto de Sinai, colocaram fim a todas as rixas e uniram-se. Disse D'us: "A Torá de Paz pode agora lhes ser dada, pois aprenderam a viver em harmonia uns com os outros!"

No dia de sua chegada ao sopé da montanha, que foi no segundo dia da semana, D'us não se dirigiu ao povo diretamente, pois ainda estavam fracos da viagem. Descansaram aos pés da montanha.

A Torá é Oferecida às Nações do Mundo

Antes de dar a Torá a Seu povo, D'us desceu às nações que viviam naqueles tempos, perguntando-lhes se estavam dispostas a aceitá-la, **para que mais tarde não pudessem dizer que ela não lhes tinha sido oferecida e que por isso tinham permanecido idólatras.**

Os primeiros a serem procurados foram os filhos de Essav (**Esaú**). **"O que está escrito na Torá?", perguntaram. "Não matará", respondeu D'us. "Se é assim, não podemos aceitar a Torá e cumprir o que nela está escrito, porque vivemos pela espada", responderam eles.**

D'us foi em seguida aos descendentes de **Yishmael**: "Vocês aceitam a Torá?" "O que está escrito nela?", perguntaram eles. **"Não roubarás", disse D'us. "Então não podemos aceitar a Torá, porque não seremos capazes de cumprir esse**

mandamento. Diz-se do nosso ancestral Yishmael já praticava o roubo."

D'us dirigiu-se então aos filhos de **Tsor e Tsidon** e a todas as outras nações, oferecendo-lhes a Torá. Cada uma perguntou primeiro o que estava escrito nela. Ao ouvirem que ela continha proibições e mandamentos, leis e práticas de todo tipo, de acordo com as quais elas teriam de viver pacificamente umas com as outras, julgando com justiça e abstendo-se de comportamentos indesejáveis, **rejeitavam-na.**

Por fim D'us foi aos israelitas e perguntou-lhes se queriam a sagrada Torá. Eles indagaram: "O que ela contém?" D'us respondeu: "Seiscentos e treze mandamentos." Ao ouvirem isso, eles imediatamente se puseram em pé e declararam simultaneamente: **"faremos e ouviremos".**

Em seguida acrescentaram: "Mestre do Universo, nós e nossos antepassados guardávamos muitos preceitos mesmo antes de sabermos do maravilhoso presente que viríamos a receber.

Avraham despedaçou os ídolos de seu pai, exigindo que os membros da família retirassem de casa todas as imagens e ídolos que possuíssem, cumprindo assim o mandamento de não fazer imagem esculpida.

Yitschac cumpriu o mandamento de honrar o pai quando lhe obedeceu de todo o coração, deixando-se colocar sobre o altar.

Yehudá, o filho de Yaacov, cumpriu o mandamento "Não matará" ao evitar que Yossef fosse morto pelos outros irmãos.

Todas as tribos guardaram o preceito de não roubar quando devolveram o dinheiro que acharam em suas sacolas. Estamos acostumados a observar os mandamentos; portanto, D'us, estamos sinceramente dispostos a aceitar tudo que está contido em Sua sagrada Torá."

A Torá é Primeiro Apresentada às Mulheres

No terceiro dia daquela semana, D'us convocou Moshê ao topo da montanha, e deu-lhe as seguintes instruções acerca de como preparar o povo judeu para a Outorga da Torá: **"Fale com as mulheres até mesmo antes que com os homens, dirija-se a elas gentilmente, e dê-lhes os princípios gerais.** Os homens, por outro lado, devem ser ensinados de maneira severa, e devem ser bem-versedos em todos os intrincados detalhes das leis."

Por que D'us ordenou que as instruções referentes a Outorga da Torá sejam dadas primeiro às mulheres e só depois aos homens?

Há diversas razões:

1. Da mesma forma como as mulheres são obrigadas a cumprir as mitsvot com doze anos de idade, um ano antes dos homens, assim receberiam as mitsvot antes na Outorga Torá.

2. Se as mulheres fossem assim diferenciadas, fariam um maior esforço para dar a seus filhos uma educação de Torá.

3. D'us disse: "Quando dei uma única mitsvá a Adam (Adão), não a ensinei a Chava (Eva). Em consequência, ela pecou e fez Adam errar também. Agora que vou dar seiscentas e treze mitsvot, falarei primeiramente com elas para que saibam da importância das mitsvot."

4. Todo povo de Israel foi redimido do Egito pelo mérito das mulheres justas e virtuosas. Portanto mereciam a honra de serem procuradas por D'us antes dos homens.

A Mensagem de D'us: o Povo Judeu é Escolhido como o Povo Eleito

As palavras de introdução que D'us mandou Moshê transmitir ao povo judeu antes da Outorga da Torá:

"Vocês testemunharam pessoalmente como castiguei os egípcios por terem-nos escravizado. Não escutaram sobre as dez pragas e o Êxodo do Egito através de mensageiros; ou inferiram o conhecimento destes eventos de registros escritos ou de alguma tradição oral. Vocês vivenciaram pessoalmente como Eu intervim em seu favor. Os egípcios já mereciam morrer por causa de seu derramamento de sangue, idolatria e imoralidade antes mesmo de vocês terem chegado ao Egito.

Mesmo assim, não os puni por seus pecados, até que lhes fizera mal. Foram testemunhas de como transportei vocês até Ramsés num curto espaço de tempo, uma vez que chegara a hora de sua redenção. Quando, mais tarde, os egípcios os perseguiram, aparei os projéteis com a Nuvem da Glória, protegendo-os de maneira similar a que uma águia protege seus filhotes.

Todas as outras aves carregam seus filhotes entre os pés, por medo de serem atacadas por aves maiores. A águia, contudo, não teme outros pássaros; apenas as flechas do homem. Por isso, transporta seus filhotes nas costas, preferindo ser perfurada pelos projéteis a expôr os filhotes.

Agi igualmente, protegendo-os das flechas egípcias por meio de Minha Nuvem. Também agora vocês continuam a viajar através do deserto protegidos pelas Nuvens de Glória.

"O motivo por que os trouxe para o Monte Sinai é para que Me sirvam. **Se guardarem Minha aliança observando a mitsvá de Shabat que lhes ordenei em Mará;** e se diferenciarem-se fazendo a circuncisão e abolindo os pensamentos idólatras de seus corações, estão prontos para receberem a Torá e tornarem-se Meu Povo Eleito. Serão Meu povo amado. Apesar de toda a Terra ser Minha, terei um amor especial por vocês, dentre as nações.

Serão para Mim um reino de sacerdotes, e uma nação sagrada!"

"Transmita estas palavras ao povo judeu exatamente como Eu lhe disse e pergunta-lhes se estão dispostos a aceitar Minha Torá."

Moshê voltou ao povo judeu ao anoitecer, e transmitiu a mensagem acima aos anciãos na presença do povo inteiro. Todos estavam sequiosos por receber a Torá e responderam jubilosamente: **"Na'asê - o que quer que D'us diga, faremos."**

D'us Queria Transmitir os Dez Mandamentos Através de Moshê, que por sua vez Falaria ao Povo

Depois de Moshê ter comunicado a D'us a grande vontade e o entusiasmo do povo judeu em receber a Torá, D'us predisse a Moshê: "Aparecerei a você numa espessa nuvem, e o povo inteiro ouvirá quando Eu falar com você, para que todos acreditem em você e nos profetas que o sucederão, para sempre."

As palavras de D'us denotavam que, no Monte Sinai, o povo inteiro ouviria D'us dirigir-Se a Moshê. Isto os convenceria da verdade, de que Moshê é realmente Seu mensageiro.

Moshê anunciou então ao povo: "Todos vós escutareis a voz de D'us me chamando. Ele me transmitirá a Torá e eu a transmitirei a vós."

(A Moshê foi concedido o privilégio de dar a Torá à nação judia porque ele era mais humilde e modesto do qualquer outra pessoa, assim como o Monte Sinai foi escolhido para receber esta honra devido a sua extrema humildade. Quando D'us comunicou a Moshê pela primeira vez que ele deveria conduzir os judeus na saída do Egito, ele recusou esta missão cobiçada, por julgar que havia membros de sua família muito mais respeitados, sábios, ricos ou tementes a D'us. Já então D'us lhe disse: "Você é grande e respeitado aos Meus olhos. **Eu o escolhi como o salvador de Meu povo.** Se ele não for redimido através de você, não haverá outra pessoa para tirá-lo do Egito." E assim Moshê recebeu a distinção de ser o líder da nação, tirá-la do Egito, levá-la através da terra seca pelo meio do Mar Vermelho, conduzi-la nos quarenta anos de suas andanças pelo deserto e, sobretudo, de dar-lhes o presente especial: a Torá.)

Os Filhos de Israel Pedem que D'us Lhes Fale Diretamente e Não Através de Moshê

O povo não estava completamente satisfeito com a mensagem que Moshê lhe relatara e ficou consternado. Disseram: "Moshê Rabênu, queremos escutar a voz do próprio D'us!" Ansiavam por escutar D'us, Ele Mesmo, e não apenas terem uma prova de que Moshê era Seu mensageiro. **"Aquele que aprende algo de um mensageiro não é como o que ouve do próprio Rei!" - exclamaram. "Queremos ver e ouvir D'us."**

Ao formular este pedido, não estavam conscientes do terrível impacto que a revelação da Shechiná teria sobre eles. Mais tarde, arrependeram-se do pedido original, e imploraram a Moshê que continuasse falando com eles, em vez de D'us.

Naquele mesmo dia, Moshê recebeu o mandamento de fixar os limites para o povo aos pés da montanha. D'us instruiu Moshê: "Estabeleça um limite ao redor da montanha e ordene ao povo que não cruze este limite **durante o tempo em que Minha Shechiná repousar sobre o Monte Sinai, pois a montanha será santa."**

Na manhã do quarto dia da semana, bem cedo, Moshê voltou ao Céu para informar a D'us da reação do povo.

(Na verdade, D'us não necessitava escutar o que o povo havia dito através de Moshê. Mas Moshê quis demonstrar que um mensageiro deve levar a resposta a alguém que o encarregou de tal.)

Moshê disse que enquanto o povo concordara em permanecer aos pés da montanha, expressaram seu desejo de que D'us Se dirigisse diretamente a eles. D'us respondeu a Moshê: "Conceder-lhes-Ei seu desejo. Eu Mesmo descerei sobre o Monte Sinai aos olhos de todo povo."

D'us concordou em falar Ele próprio aos judeus porque eles disseram: "Faremos e ouviremos", mostrando disposição para obedecer antes mesmo de ouvir. **É contra a natureza humana estar disposto a fazer algo antes de saber o que isto envolve, mas os judeus declararam sinceramente sua prontidão para cumprir o que quer que estivesse escrito na Torá, mesmo antes de saber o que isto acarretaria.**

Os Preparativos para o Recebimento da Torá

Naquele dia, Moshê foi requisitado a instruir o povo a preparar-se para o recebimento da Torá. "Para escutar Minha voz, o povo deve preparar-se, submergindo num micvê". Moshê disse-lhes que evitassem a impureza, o pecado e o comportamento inadequado nos próximos três dias, para estarem puros e santos na entrega da Torá. As purificações durariam dois dias, e no terceiro, D'us lhes outorgaria a Torá.

Apesar de D'us ter designado apenas dois dias para purificação, Moshê entendera Sua verdadeira intenção - que seria correto acrescentar um terceiro dia como precaução especial. Por conseguinte, mandou o povo preparar-se por um período de três dias. Ao retornar ao povo, no anoitecer do quarto dia, disse-lhes: "Preparem-se hoje, e também no quinto e sexto dias; pois no Shabat vocês receberão a Torá."

D'us concordou com a decisão de Moshê.

Após terem pronunciado a palavra "**Na'asê**" (**faremos**) e purificarem-se por três dias, **os filhos de Israel pareciam-se com anjos**. Atingiram novamente o nível de Adam, o primeiro homem antes de pecar, e estavam prontos para receber a Torá.

As Crianças como Fiadores da Torá

D'us perguntou a Seu povo: "Quem garante que vocês cumprirão a promessa de observar a Torá?" Eles responderam: "Nossos antepassados serão nossos fiadores." D'us disse: "Até seus ancestrais necessitam de garantia. Quando prometi a Avraham a terra de Israel, ele também perguntou como poderia ter certeza de que esta promessa seria cumprida. Portanto, não posso aceitar a fiança de seus ancestrais apenas." Os judeus então prometeram que seus filhos e os filhos de seus filhos assegurariam o cumprimento da Torá e das mitzvot.

Trouxeram suas esposas e filhos e prometeram a D'us, naquele momento e lugar, ensinar a Torá a seus filhos e às sucessivas gerações, estudar e revisar o que está escrito nela de dia e de noite, para todo o sempre.

D'us Cura os Enfermos

Antes da Outorga da Torá, D'us curou todos os defeitos do povo judeu.

Um homem rico queria casar seu filho, mas não gostava do salão de festas da vizinhança. Alguns equipamentos estavam quebrados, as cortinas velhas, o papel de parede desbotado, e o teto também não estava perfeito. "Este salão não é adequado a um casamento tão grandioso como será o do meu filho," pensou.

"O que eu tenho a fazer é consertar este salão antigo, e remobiliá-lo." Contratou um empreiteiro, que trouxe um grupo de marceneiros, pedreiros e pintores. Consertaram e pintaram o teto, colocaram papel de parede novo, trocaram as cortinas; consertaram e reformaram tudo o que estava quebrado. No dia do casamento, o salão parecia glorioso - ninguém acreditaria que fosse o mesmo velho salão!

Assim, D'us examinou os israelitas que saíram do Egito, e achou-os imperfeitos. Alguns deles eram coxos, cegos, ou defeituosos de alguma outra maneira. Disse D'us: "Como posso dar Minha Torá perfeita a uma nação que é imperfeita? Eu curarei este povo!"

D'us então curou todos os **cegos**, fato que se infere do versículo que diz que na Outorga da Torá "todo o povo viu". Ele curou os **surdos**, como está escrito que todos responderam "tudo o que D'us disser faremos e ouviremos".

Os **coxos** também foram curados, como está escrito: "e eles ficaram de pé aos pés da montanha." Deste modo, D'us também curou-os de todas as deficiências.

Todos teriam de estar de posse perfeita de todas as suas faculdades, para aceitar perfeitamente a Torá, pois se alguns deles não vissem ou não ouvissem a Shechiná, a experiência da Outorga da Torá não seria completa.

Os Anjos Não Querem Ceder a Torá ao Homem

Os anjos perceberam que Moshê levaria a Torá aos judeus e choraram porque teriam então de separar-se dela. D'us disse a Moshê: "Vá e argumente com os anjos. Prove que eles não tem necessidade da Torá nem motivo para lamentar que ela lhes esteja sendo tirada." Moshê se encheu de coragem e começou: "Tudo que está escrito na Torá não se destina a vocês. O que diz a Torá? 'Eu sou D'us teu D'us, Que te tirei da terra do Egito.' Acaso vocês foram escravos no Egito? D'us os tirou de lá? A Torá também diz: 'Não terá deuses estranhos diante de Mim.'"

Acaso vocês adoram ídolos feitos pelo homem? A mitsvá do Shabat encontra-se na Torá. Vocês trabalham a semana inteira para precisarem de descanso no Shabat? E quanto ao restante das proibições da Torá: não matarás, não roubarás, não cobiçarás o que pertence ao próximo... Vocês têm uma má inclinação que os leva a transgredir estas proibições? Se não, de que lhes serve a Torá? Vocês não podem observar seus preceitos positivos nem os proibitivos!"

Depois de ouvir os argumentos de Moshê, os anjos responderam simultaneamente: "Você está certo, Moshê, assim como são certos os atos de D'us."

A Escolha do Monte Sinai

Quando D'us escolheu a montanha sobre a qual daria a Torá, irrompeu uma discussão entre as montanhas. Cada uma insistia: "a Torá deve ser dada sobre mim!" O Monte Tavor e o Monte Carmel clamaram: "Sou eu que D'us quer!" D'us, contudo, rejeitou-os, dizendo: "Montanhas, por que discutem? Todas têm defeitos. Ídolos foram erguidos no topo de cada uma. O monte Sinai é baixo, e por isso nunca serviu como local de idolatria. Portanto, é merecedor de receber a Shechiná.

Em consequência, D'us desceu sobre o Monte Sinai.

O que Aconteceu no Dia da Outorga da Torá

Por vinte e seis gerações, desde a criação de Adam, D'us esperou para transmitir à humanidade a preciosa Torá, que precedeu a Criação do Universo. Finalmente, Ele encontrou um povo disposto a aceitá-la. O grande momento de Sua Revelação foi aguardado ansiosamente pelo mundo todo, uma vez que com isso se realizaria o objetivo espiritual da Criação.

O dia em que D'us nos entregou a Torá foi um Shabat: 6 de Sivan do ano 2448.

Havia chovido à noite sobre a montanha para refrescar o ar. O Monte Sinai tremia de emoção ante o portentoso transcendental

.....
evento prestes a ocorrer sobre ele. Todas as montanhas estavam em estado de agitação junto com esse, até que D'us acalmou-as.

O povo ainda estava dormindo, porque a noite de verão havia sido curta. Foram acordados por raios e trovões sobre o Monte Sinai, e por Moshê chamando-os: "O noivo está esperando pela noiva sob o pálio nupcial!" Moshê levou o povo ao Monte Sinai como quem conduz a noiva ao casamento.

Ao povo judeu, que estava reunido aos pés do Monte Sinai, homens e mulheres separadamente, uniram-se todas as milhões de almas de seus descendentes, e as almas de todos os convertidos que viriam a aceitar a Torá em futuras gerações.

Quando D'us desceu sobre o Monte Sinai numa explosão de fogo, **cercado por uma hoste de 22.000 anjos**, a terra tremeu, e havia raios e trovões. O povo judeu ouviu o som de um shofar cada vez mais alto, crescendo de intensidade até atingir o volume máximo suportável. O fogo do Monte Sinai elevou-se ao próprio céu, e a montanha fumegava como uma fornalha. O povo tremia de medo.

D'us então pegou o Monte Sinai e o susteve sobre as cabeças do povo. A montanha ficou transparente como cristal, suspensa sobre o Povo de Israel de modos que todos puderam ver através dela. Os céus se abriram e D'us lhes mostrou que não havia nada ali, com exceção Dele.

Uma espessa nuvem envolveu a montanha. D'us inclinou os céus até alcançarem o Monte Sinai, e Ele desceu sobre a montanha.

A Reação do Povo Judeu ao Ouvir a Voz de D'us

Nesta ocasião, o povo não apenas escutou a Voz de D'us, mas realmente viu as ondas sonoras emergindo da "Boca" de D'us. Visualizaram-nas como uma substância ardente, em chamas. Cada Mandamento que saía da Boca de D'us viajou através do acampamento inteiro, e então voltou a cada judeu individualmente, perguntando-lhe: "Aceita sobre si este Mandamento, com todas as leis pertinentes?" - todos os judeus responderam "Sim" após cada mandamento. Finalmente, a substância ardente que viram gravou-se nas Tábuas.

Apesar de o povo judeu ter pedido para ver a Glória de D'us e ouvir Sua Voz, suas almas deixaram o corpo quando realmente experimentaram a Revelação. A Voz de D'us reverberou com tal força que quebrou árvores de cedro, fez montanhas estremecerem, fez com que cervas dessem à luz devido ao choque, e desmatou bosques inteiros.

As nações que testemunharam a comoção, mas não sabiam a causa foram até o feiticeiro Bil'am, que era famoso por sua sabedoria e questionaram: "D'us estaria prestes a trazer outro dilúvio sobre a terra?"

"Não," acalmou-os Bil'am. "O mundo está em efervescente atividade porque D'us está dando a Torá a Seu povo."

D'us queria dar o Primeiro dos Dez Mandamentos. Naquele momento, Moshê estava no topo da montanha. D'us mandou-o descer.

D'us pensou: "Se Moshê permanecer no cume, o povo poderia não ter certeza de que realmente ouviu os Dez Mandamentos de Mim. Poderiam pensar que a era a voz de Moshê. Portanto, que desça primeiro, e então Eu pronunciarei os Dez Mandamentos."

Por isso, D'us ordenou a Moshê: "Desça e avise o povo que não deve aglomerar-se além dos limites fixados ao sopé da montanha, apesar do desejo de Me ver. Aquele que tocar o Monte Sinai morrerá. **Após a partida da Shechiná, serão novamente autorizados a subir a montanha.**"

"Já lhes transmiti esta advertência," respondeu Moshê.

"Não obstante, avise-os uma segunda vez. Pois agora é o momento ao qual a advertência se aplica. Após avisá-los, você, Aharon e os primogênitos que realizarão o serviço subirão a montanha, e cada um assumirá a posição que lhe foi designada. O povo deve ficar aos pés da montanha; os primogênitos subirão mais alto, Aharon mais alto ainda, e você ao topo!" Assim que Moshê desceu, D'us começou a falar, dizendo: "Eu Sou D'us, teu D'us..."

Primeiro D'us pronunciou os Dez Mandamentos simultaneamente. Este é um ato além da capacidade humana. O propósito deste milagre era demonstrar claramente que os Dez Mandamentos vieram diretamente Dele. Nenhum ser humano, ou criatura celestial poderia realizar tal milagre. Falou-os todos ao mesmo tempo, de modo que o povo os escutou mas não os entendeu.

Em seguida, Ele repetiu cada Mandamento separadamente.

Os israelitas não experimentaram o total impacto da Voz Divina. Cada indivíduo percebeu-a de acordo com sua capacidade única de vivenciar a Shechiná. Não obstante, desmaiaram após cada Mandamento, uma vez que este nível de profecia realmente excedia seus poderes de percepção.

Quando os judeus escutaram a voz de D'us, **sentiram-se como se beijados por D'us.** Estavam tão empolgados de júbilo que as almas abandonaram os corpos e todos caíram mortos.

A própria Torá suplicou que D'us restituísse a vida aos judeus, argumentando: "Como pode o universo estar contente com o recebimento da Torá se seus filhos morrem no processo? Será que há motivo para regozijar-se se o rei que casa sua filha, ao mesmo tempo mata todos os membros de sua casa?"

D'us então aspergiu o Orvalho da Ressurreição sobre o povo. Este era o mesmo Orvalho com o qual Ele ressuscitará os mortos em tempos futuros.

Os israelitas, contudo, ainda sentiam-se fracos do choque que experimentaram. Por isso, D'us encheu o ar com a fragrância de especiarias, e recuperaram-se. Não obstante o temor pela Voz de D'us era tão grande que correram apressadamente ao final do acampamento.

Os anjos de D'us tiveram que transportá-los de volta às suas posições iniciais aos pés do Monte Sinai, para ouvir o próximo Mandamento. Novamente os judeus ficaram tão maravilhados e felizes ao escutar a voz de D'us que suas almas abandonaram seus corpos. D'us voltou a revivê-los.

Moshê Transmite ao Povo os Oito Mandamentos Restantes

Após os dois primeiros Mandamentos, os judeus estavam tão amedrontados que imploraram a Moshê que transmitisse o resto dos Mandamentos, em vez de escutar a voz de D'us outra vez. Pediram pois, a Moshê: "Por favor, fale você em lugar de D'us. É difícil para nós suportar a emoção de escutar a Voz Dele. Temos medo de voltar a morrer."

.....
Apesar de D'us saber de antemão que os filhos de Israel não seriam capazes de sobreviver ao ouvir Sua Voz, não obstante Ele concedeu-lhes seu pedido original de ouvi-Lo. Ele não queria que os judeus, no futuro, reclamassem: "Se apenas Ele nos tivesse concedido uma Revelação direta, nunca teríamos servido ídolos!"

D'us mandou então os dois anjos, Michael e Gavriel, para trazerem Moshê ao topo da montanha. Pegaram-no pela mão e, contra sua vontade, arrastaram-no montanha acima, para a nuvem espessa. Moshê tinha a habilidade de penetrar a escuridão, a Nuvem, e o espesso da Nuvem. **Foi-lhe permitido entrar no compartimento mais íntimo do Céu, ao qual nem anjos têm acesso. Ele mereceu isto por causa de sua extrema modéstia, pois a Shechiná paira sobre quem é humilde.**

D'us amplificou a voz de Moshê, para que alcançasse todo povo. Moshê, em sua grande sabedoria, acalmou o povo amedrontado.

"Não temam! D'us apareceu apenas para elevar vocês, e para isto Seu temor deve estar sobre vocês, para que não pequem!"

D'us então transmitiu a Moshê os outros oito Mandamentos, e Moshê os repetiu para o povo. Então D'us ordenou que Moshê dissesse ao povo: "Vocês testemunharam pessoalmente que Eu falei com vocês do Céu. Não receberam um relato de outros. Se alguém ouve algo de outros, pode suscitar dúvidas em sua mente. Contudo, todos vocês viram a Outorga da Torá com seus próprios olhos."

Até os dias de hoje continuamos convencidos da veracidade da Torá, pois estamos cômicos da certeza histórica de que nosso povo inteiro testemunhou a Outorga da Torá, a Divina Revelação da Torá no Monte Sinai. **O judaísmo, em contraste com outras religiões, não se baseia na crença de relatos de indivíduos, mas sobre fatos históricos.**

Os Dez Mandamentos

Assim que D'us pronunciou "Anochi", a Criação silenciou. Os pássaros não gorjeavam ou voavam nos céus; os bois não mugiam; os anjos não cantavam louvores; o oceano não se agitava. O universo inteiro estava quieto, enquanto a voz de D'us soava. Isto serviu como irrefutável demonstração de que não existe nenhum poder além Dele.

Cada um dos Dez Mandamentos foi dirigido aos judeus na linguagem singular e não no plural. Assim, nenhum judeu poderia desculpar-se, dizendo: "É suficiente que os outros cumpram a Torá." Cada judeu deve sentir que é sua obrigação pessoal guardar a Torá de D'us, uma vez que lhe foi diretamente dirigida.

Os Dez Mandamentos contém um total de 620 letras, simbolizando assim que os Dez Mandamentos são a essência da Torá. Pois esta contém 613 mitsvot, e os Sábios instituíram sete mitsvot adicionais, perfazendo um total de 620 mitsvot.

Além de escutarem os Dez Mandamentos básicos, os judeus também previram as miríades de detalhes envolvidos, todos os Midrashim referentes a cada Mandamento, cada lei e detalhes neles contidos.

"Anochi"

Os Dez Mandamentos que D'us transmitiu aos judeus começam com a palavra "Anochi" - "Eu sou". A palavra "Anochi", que lembra a palavra egípcia "Anochi", também significa "eu". D'us dirigiu-se a Seus filhos na língua egípcia, que lhes era familiar. Ao

que isto pode ser comparado? A um rei cujo filho foi sequestrado quando pequeno e cresceu entre suas capturas.

Quando o rei finalmente consegue recuperar o filho, primeiro se dirige a ele na língua à qual estava acostumado, com a qual crescera e entendia.

D'us também falou primeiro a Seus filhos, os judeus, em egípcio, dizendo: "Vocês contemplam hoje a Minha glória; portanto, nunca mais serão capazes de adorar ídolos estranhos.

Não é possível a um homem ver seu D'us face a face, em toda Sua glória e poder, e depois inclinar-se diante de uma figura feita pelo homem.

Vocês testemunharam todos os milagres grandiosos que operei para vocês no Êxodo do Egito e na divisão do mar.

Vocês mesmos o atravessaram por terra seca, enquanto os egípcios se afogaram no mesmo lugar. Não sou como os reis humanos, cujos súditos retiram de seu caminho todos os obstáculos e estendem tapetes grossos à sua frente. Não sou como reis humanos, cujos súditos iluminam o caminho e enfeitam a casa para honrar sua chegada.

"Sou o Rei dos Reis, Que faz tudo isto para vocês, Meus próprios filhos. Na Criação, formei o mundo e iluminei, criando o sol, a lua e as estrelas. Cobri a superfície da terra com um tapete de grama e com alimentos em abundância. Enchi a terra de hortaliças e flores belas e fragrantas, tudo em sua honra. Tenham isto sempre em mente e saibam que não há ninguém como Eu entre todos os reis do mundo. A Minha bondade não cessará jamais."

O Primeiro Mandamento: Acreditar na Existência de D'us, e em Sua Providência

"Eu Sou D'us, teu D'us, Que vos tirou da terra do Egito, da casa de Faraó, onde fostes escravos."

"Eu Sou tanto 'D'us', um D'us misericordioso para os que Me obedecem; como também **'Elokecha'**, um D'us punitivo para os que se recusam a Me ouvir."

A obrigação imposta pelo Primeiro Mandamento é de acreditar na existência de um Criador Onipotente; saber que Ele exerce Providência contínua sobre o universo, que Ele é a Força que dita todas as leis naturais. Ele sustenta e provê para todas as criaturas, da mais diminuta à maior.

Esta mitsvá não se limita a algum momento ou tempo específico (como a maioria das mitsvot); outrossim, a consciência da existência e poder de D'us deve constantemente preocupar o judeu.

D'us fez com que esse fosse o primeiro de todos os mandamentos porque devemos reconhecer a D'us para poder observar Seus mandamentos.

Por que D'us escolheu descrever a Si Mesmo como o "D'us que tirou os filhos de Israel do Egito"?

Bandidos surpreenderam uma nobre senhora em seu passeio, e estavam prestes a raptá-la. O rei soube do ocorrido e interveio. Se não tivesse enviado suas tropas imediatamente para resgatá-la, o pior poderia ter acontecido. Quando, mais tarde, propôs-lhe casamento, ela perguntou-lhe: "Que presente você me oferece?"

.....
O rei respondeu: "O próprio fato de que te salvei dos raptos não é suficiente para que teu coração penda em minha direção?"

Similarmente, D'us apresentou-se ao povo no Monte Sinai como o D'us que os redimiu, recordando-lhes assim sua obrigação especial para com Ele. (Ele não utilizou a descrição "D'us, Mestre do Universo," pois o termo geral, em si mesmo, não obrigaria os judeus a guardar a Torá.)

O Segundo Mandamento: Não Adorar Ídolos

"Não terás outros deuses!"

Muitas pessoas acreditam que D'us é o D'us mais poderoso, o que significa que crêem também em outros poderes fora de D'us. Alguns também rezam aos anjos. Outros veneram pessoas que consideram santas, ou o sol e a lua, ou os planetas.

Quando os Sábios estiveram em Roma, filósofos gentios perguntaram-lhes: "Se D'us não quer ídolos, por que Ele não os elimina?" "Se os ídólatras adorassem apenas objetos inúteis, seu ponto seria válido," responderam os Sábios. "Contudo, também adoram o sol, a lua, as estrelas. Acaso deveria Ele dizimar o universo por causa dos tolos?"

D'us ordenou: "Não podeis servir a ninguém, exceto a Mim!"

Este Mandamento implica que é proibido acreditar em qualquer poder além de D'us, adorar ídolos ou inclinar-se para eles. Nossos Sábios proibiram inclinar-se perante ídolos, mesmo sem ter intenção de adorá-los. Tampouco é permitido possuir um ídolo, mesmo sem adorá-lo. Este Mandamento inclui a proibição de fazer estátuas de um ser humano ou qualquer criatura ou objeto do universo.

O termo "outros deuses" não implica, D'us não o permita, que há outros deuses além de D'us. A Torá se refere a ídolos como "deuses", pois este termo é utilizado pelos ídólatras (apesar de, na realidade, serem imagens impotentes).

A palavra "outros" não se refere à comparação entre D'us e os ídolos, mas aos ídolos entre si. Uma vez que os ídólatras mudam constantemente suas divindades, rejeitando as velhas e voltando-se a outras em seu lugar, o termo "outros" deuses significa deuses que são constantemente trocados por outros por seus adoradores.

O Terceiro Mandamento: Não Pronunciar o Nome de D'us em Vão

É proibido utilizar de maneira incorreta o Nome de D'us, mencionando-O junto com um juramento desnecessário ou falso.

Eis um exemplo de falso juramento. Alguém que comeu pão ontem jura: "Juro em Nome de D'us que não comi pão ontem."

Um exemplo de juramento desnecessário é: "Juro em Nome de D'us que o sol está agora no céu." Embora este juramento seja verdadeiro, é proibido, se não há razão para fazê-lo.

Também não devemos invocar o Nome de D'us sem um propósito determinado. Algumas pessoas estão acostumadas a exclamar: "Meu D'us!", ou a empregar o nome de D'us em um contexto igualmente irreflexivo. Devemos evitar isto.

D'us disse: "Não utilize erroneamente Meu Santo Nome. Lembre-se de que Avraham apelou a este mesmo Nome e foi salvo da

fornalha ardente. Moshê clamou por ele, e o Mar Vermelho abriu-se em doze partes; Yehoshua clamou por ele, e foi ajudado; Yoná chamou por Ele no interior do peixe e foi salvo. O Nome de D'us é invocado pelos doentes e enfermos, e são curados; pelos de coração contrito, e são consolados. Guardem-se de serem descuidados ao mencionar o Nome de D'us, pois aquele que pronuncia Seu Nome em vão não ficará impune!"

O Quarto Mandamento: Observar o Shabat

Este Mandamento inclui a proibição de realizar trabalhos proibidos no Shabat.

Além disso, devemos distinguir o Shabat, fazendo uma bênção quando o Shabat se inicia, e quando termina. Cumprimos isto recitando o **kidush** e a **havdalá**. Shabat deve ser marcado com alimentos saborosos especiais, e vestindo-se trajes especiais.

Mesmo ao longo de toda a semana, a pessoa deve preparar-se para o Shabat, arrumando a casa, limpando-a cuidadosamente, comprando iguarias e coisas semelhantes em honra do Shabat, pois este é o dia que Ele escolheu, santificou e considerou a "jóia de todos os dias".

Uma pessoa é reembolsada por todas as despesas que faz em honra ao Shabat. Apesar da renda de cada um ser determinada em Rosh Hashaná para o ano todo, as quantias gastas em honra ao Shabat, Yom Tov, Rosh Chôdesh, e para a educação e estudo de Torá dos seus filhos não estão incluídas neste orçamento fixo. Se a pessoa gasta mais, D'us lhe retribuirá com mais; se economiza, D'us lhe retribuirá menos, de acordo com os gastos.

O dia de Shabat deve ser um momento para atividades espirituais, Torá e orações. Uma pessoa não deve pensar a respeito de seu trabalho inacabado da semana, mas afastar a mente de ocupações mundanas.

Quem quer que descanse no sétimo dia testemunha que D'us criou o mundo em seis dias.

Como cumprimos a mitsvá de recordar o Shabat?

Há várias maneiras: Uma é chamar os dias da semana assim: "o primeiro dia da semana até Shabat" (domingo) - "o segundo dia da semana até Shabat" (segunda) - "o terceiro dia da semana até Shabat" (terça), e assim sucessivamente. Esta é a maneira judaica de nomear os dias da semana (e a que utilizamos para introduzir o cântico 'shir shel yom' na prece diária de Shacharit). Ao designar o domingo "o primeiro dia até o Shabat", cumprimos a mitsvá de recordar e mencionar o Shabat, lembrando ao mesmo tempo que D'us é o Criador que fez o mundo em seis dias.

Quando D'us deu a Torá a Seu povo, prometeu-lhe uma porção no Mundo Vindouro se ele observasse o que está contido nela. Os judeus pediram uma amostra, para ver que tipo de recompensa D'us lhes daria em troca da observância da Torá e de suas mitsvot. D'us lhes disse: "Eu lhes darei o Shabat, um fragmento do Mundo Vindouro, que é todo Shabat."

A cada judeu é dada uma alma adicional no Shabat, para que ele possa apreciá-lo mais do que aos outros dias e guardá-lo em santidade.

Um relato: Como o Sábio Shamai honrava o Shabat toda a semana.

O Sábio Shamai passava diante de um matadouro e viu um novilho lindo e gordo, pronto para ser sacrificado. Falou ao magarefe: "Quero comprar este animal. Mata-o para mim e dá-me a carne!"

Levou a carne para casa e deu-a à mulher com as palavras: "Salga esta carne para fazê-la casher. Estou certo de que será deliciosa e quero reservá-la para Shabat."

No dia seguinte voltou a passar diante do matadouro. Viu ali alguns novilhos prontos para o abate. Escolheu dentre os animais um de aspecto mais apetitoso do que o que havia visto no dia anterior. "Este novilho será delicioso para o Shabat", pensou. Disse, pois, ao magarefe: "Quero comprar este novilho. Prepara-me a carne para quando eu passar aqui na volta."

Levou a carne para casa e disse à mulher: "Imagine, encontrei carne ainda melhor para o Shabat! Salga-a para fazê-la casher e reserva-a para o Shabat."

A mulher pensou: "Que vou fazer com a carne de ontem? Vou cozinhá-la para o jantar de hoje." Assim, Shamai desfrutou de uma ceia excelente.

Outro dia, Shamai passou diante do açougue e viu um novilho de aspecto tenro, cuja carne seria sem dúvida mais delicada e suculenta que o anterior. "Preciso deste novilho para Shabat", disse ao açougueiro. "Vende-a para mim." Ao chegar em casa disse à mulher: "Trouxe outra carne. Vamos comer a que trouxe antes e guardemos a melhor para Shabat."

Assim, pois, Shamai terminou por comer ceias deliciosas toda a semana, por ter o Shabat sempre presente! Os Sábios diziam sobre ele: **"Shamai come bem toda a semana em honra do Shabat."**

Este relato nos mostra que se compramos comidas especiais, devemos reservá-las para o Shabat. Assim, recordamos durante a semana que Shabat é o dia mais santo.

O Quinto Mandamento: Honrar Pai e Mãe

"Honre teu pai e tua mãe!"

Perguntaram a Rabi Eliezer: "Até que ponto uma pessoa é obrigada a honrar seus pais?"

Retrucou: "Podemos inferir a resposta do caso de **um não-judeu de nome Dama ben Netina, que vivia em Ashkelon**. Certa vez, os Sábios foram até ele porque ouviram que tinha pedras preciosas para vender, e precisavam de certa pedra para o efod (peitoral do cohen). Apesar de terem lhe oferecido um alto valor, preferiu renunciar ao dinheiro a acordar seu pai, que dormia, e sob cujo travesseiro estava a chave do baú de diamantes.

Como recompensa, no ano seguinte D'us fez com que nascesse uma vaca vermelha em seu rebanho; que foi qualificada como uma Vaca Vermelha para o Templo Sagrado. Quando os Sábios vieram pagar-lhe, disse-lhes: **"Apesar de saber que pagariam qualquer preço que pedissem, aceitarei apenas a soma que perdi ano passado, por Ter honrado meu pai."**

"Se esta foi a conduta de um não-judeu, que não foi ordenado a observar esta mitsvá, quão mais é esperado de um judeu, a quem foi dada a mitsvá de honrar seus pais."

Nossos Sábios relataram: "Certa vez, o acima mencionado Dama ben Netina estava sentado num traje bordado a ouro entre nobres de Roma, quando sua mãe chegou e atirou-lhe insultos e humilhações. Rasgou-lhe os trajes, bateu-lhe na cabeça, e cuspiu. Ele, contudo não a envergonharia."

Quando os reis das nações ouviram o Primeiro Mandamento de D'us, não ficaram impressionados. Argumentaram: "Que soberano deseja ser negado? D'us, como qualquer outro rei, ordena que Ele seja reconhecido."

Quando ouviram sobre o Segundo Mandamento, também objetaram: "Há algum soberano que toleraria outra autoridade? D'us, como todos os reis, que ser adorado sozinho. Por isso decretou que ninguém deve servir a outros deuses!"

Também não se comoveram com o Terceiro Mandamento, comentando: "Que rei gostaria que seus súditos jurassem em falso em seu nome? Tampouco D'us o quer."

Sobre Shabat, disseram: "Claro, todos os reis gostam que seu dia especial seja celebrado!"

Porém quando ouviram acerca da mitsvá de honrar os pais, todos os reis levantaram-se de seus tronos e louvaram a D'us, admitindo: "Se alguém de nosso círculo for elevado a um status nobre, imediatamente nega seus pais. D'us age diferente. Ordenou que todos honrem seus pais!"

Os reis entenderam então, retroativamente, que as mitsvot de D'us não foram dadas, como imaginaram originalmente, a fim de honrar a D'us. As mitsvot foram apresentadas para o benefício dos seres humanos.

Está escrito: "Honra teu pai e tua mãe." O respeito que deve ser prestado ao pai precede o devido à mãe. No entanto, em outra passagem, a Torá exige: "Todo homem deve temer sua mãe e seu pai." Aí o mandamento exige temor da mãe primeiro, e depois do pai. Por quê? Em geral, o filho respeita mais a mãe do que o pai, porque ela está naturalmente com ele desde o dia em que nasce, cuidando dele e tratando-o com amor, carinho e palavras gentis.

A Torá exige, portanto, que o respeito ao pai seja igual ao respeito natural que sente pela mãe. Por outro lado, a pessoa naturalmente teme o pai mais do que a mãe, porque o primeiro é aquele que castiga e fica zangado. Por isso a Torá enfatiza a necessidade de temer mãe e pai igualmente. Destes dois versículos aprendemos que pai e mãe são iguais; deve-se temê-los e respeitá-los igualmente.

Em que consiste o devido respeito? Em fornecer-lhes alimento, bebida e vestuário, acompanhá-los quando saem, e ajudar em tudo que eles possam precisar. Deve dirigir-se a eles cortesmente.

Em que consiste o temor? Como se teme os próprios pais? Não se sentando no lugar reservado a eles, não os interrompendo ou contradizendo suas palavras.

A mitsvá de honrar os pais é ainda mais importante para D'us do que o respeito por Seu próprio Nome. Uma pessoa é obrigada a honrar a D'us ao máximo de sua capacidade, na medida em que seus meios lhe permitam. Se lhes faltarem os meios, porém, ela está isenta dessa obrigação. Mas a pessoa deve honrar os pais mesmo se for pobre. Se lhe faltarem os meios, deve angariá-los de porta em porta, a fim de ajudar os pais a subsistir.

.....
A seguinte história nos mostrará que a maneira pela qual a pessoa mostra respeito aos pais é ainda mais importante do que a forma do respeito propriamente dita.

Dois irmãos moravam numa cidade. O mais velho era rico, enquanto o mais novo vivia na pobreza, tirando seu sustento de um moinho de farinha. O pai certa vez foi visitar o filho mais velho. Este preparou um banquete, servindo-lhe o melhor que tinha em casa. Em seguida aprontou o quarto mais confortável, com uma cama limpa, para o pai descansar. Mas durante toda a visita não demonstrou nenhum amor ou paciência ao pai. Não lhe perguntou como estava, na verdade, mal falou com ele. Todos os seus atos se destinavam apenas a cumprir suas obrigações de respeito. O pai deixou a casa do filho mais velho e seguiu para a do mais novo.

Como encontrou o filho labutando na pedra do moinho, o pai arregaçou as mangas e começou a ajudar. Antes do anoitecer os dois tinham acabado o serviço. Retornaram juntos à casa do filho mais novo, conversando ao longo do caminho. O filho perguntou sobre a saúde do pai com amor e preocupação. Nenhum banquete real os esperava em casa, mas o pouco que havia foi servido diante do pai com grande respeito.

Anos depois, quando os dois filhos morreram, o mais moço, o filho pobre que quase nada tivera para oferecer ao pai além de temor e bondade, foi admitido no Paraíso e recebeu um lugar perto dos justos. Sobre isso foi dito: "Um filho pode dar ao pai gansos gordos para comer e não ganhar o Mundo Vindouro, enquanto outro filho pode fazer o pai trabalhar na pedra do moinho e ainda assim conquistar a vida eterna."

Há três parceiros na criação da pessoa: D'us, o pai e a mãe. Se alguém honra seus pais, D'us diz: "Considero como se Eu habitasse em seu seio, e honraram a Mim." Se alguém causa aborrecimentos a seus pais, D'us diz: "É bom que Eu não habite em seu meio, pois se Eu estivesse entre eles, aborrecer-Me-iam também".

A recompensa por honrar os pais é a longevidade no Mundo Vindouro. Apesar da principal recompensa estar guardada para o Mundo Vindouro, é uma das mitsvot das quais a pessoa recebe benefícios também neste mundo.

Nesta mitsvá estão incluídos os mandamentos de honrar a um irmão mais velho, e o segundo marido ou esposa do pai ou da mãe.

Um relato: Rabi Yehoshua e o açougueiro.

Certa vez, o grande Sábio **Rabi Yehoshua** escutou uma voz que lhe dizia em sonhos: "alegra-te, Rabi Yehoshua, pois tu e o **açougueiro Nanas** sentar-se-ão à mesma mesa no Paraíso".

Yehoshua despertou pensando: "Quem é este Nanas? Estudei Torá toda minha vida, e não vou a lugar algum sem os tsitsit presos à minha roupa e os tefilin sobre a cabeça. Espero que meu vizinho no Paraíso seja também um sábio!"

Não podia esquecer o sonho. Disse a seus alunos: "Não terei paz enquanto não descobrir quem é este homem que se sentará a meu lado no Paraíso. Vou averiguar."

Os estudantes lhe disseram: "Rebe, te acompanharemos."

Rabi Yehoshua e os alunos viajaram de cidade em cidade. Em cada uma perguntavam: "Conhecem um açougueiro chamado Nanas?"

Passou-se muito tempo até que o acharam. Finalmente, numa cidade, as pessoas responderam: "Por que tu, um justo, um sábio, perguntas por este açougueiro?"

"Por que, que tipo de pessoa é ele?"

"Verás por ti mesmo," responderam. As pessoas foram até Nanas e lhe disseram: "O grande Rabi Yehoshua quer ver-te."

Nanas, que não era um erudito, pensou que lhe estavam pregando uma peça e respondeu: "Não zombem de mim! Vão embora!"

Os mensageiros voltaram a Yehoshua e disseram: "Por que nos enviaste a tal homem? Nem ao menos quis falar conosco!"

"Preciso vê-lo," insistiu Yehoshua. "Voltem a ele e o tragam."

Os mensageiros voltaram a Nanas e o convenceram a ver Rabi Yehoshua.

Nanas se jogou aos pés do Sábio. "Por que deseja um líder do povo judeu ver um homem simples como eu?"

Yehoshua respondeu: "Quero saber o que fazes todos os dias. Cumpres algum ato especial?"

"Não faço nada de especial", explicou Nanas. "Sou açougueiro. Trabalho em minha barraca. Tenho pais idosos que não podem se sustentar. **Todos os dias, antes de ir ao trabalho, lavo-os, visto-os e os alimento.**"

Rabi Yehoshua ficou de pé, beijou Nanas e disse: "Quão grande é tua recompensa no Gan Eden! Que sorte a minha de ser seu vizinho no Paraíso. Fiquemos contentes pela recompensa que D'us nos concederá: sinto-me feliz de saber que estarei junto a ti."

O Sexto Mandamento: Não Matar

"Não Matarás!"

Moshê ordenou aos judeus em nome de D'us: "Meu Povo de Israel! Não mateis. Não sejam amigos ou sócios de assassinos, para que vossos filhos não aprendam a matar. **Se pecarem e cometerem assassinato, o Templo Sagrado de Jerusalém será destruído e a Shechiná (Divindade) abandonará a Terra de Israel.**"

Aquele que derrama sangue mutila a Shechiná.

O imperador ordenou que erguessem estátuas suas na província recém-conquistada, e que se cunhassem moedas com sua imagem estampada. A população demonstrou seu descontentamento com o novo conquistador derrubando as estátuas com sua imagem, e destruindo as moedas com sua estampa.

Similarmente, aquele que mata um ser humano, que foi criado à imagem de D'us, é como se prejudicasse o Próprio D'us.

.....
A punição celestial para um assassino é que será assassinado por alguém.

Envergonhar outro ser humano (fazendo com que o sangue escoe de suas faces) é uma forma de assassinato.

O Sétimo Mandamento: Não Cometer Adultério

"Não cometerás adultério!"

D'us pune a transgressão de adultério mais severamente, pois Ele é paciente no caso de qualquer pecado, exceto o da imoralidade.

"Não cometerás adultério!", avisa D'us a Seu povo. A pessoa que deve ser sempre humilde, comportando-se com modéstia em todo lugar, mesmo quando suas ações não forem visíveis. **É uma mitsvá manter distância de pessoas grosseiras e indecentes para não aprender com seus maus hábitos.**

Moshê disse aos judeus em Nome de D'us: "Não sejam adúlteros, **nem sejam amigos ou sócios de adúlteros**, para que vossos filhos não aprendam a ser adúlteros. Se cometerem este pecado, serão exilados da Terra de Israel e outras nações ali viverão, no lugar de vocês."

O Oitavo Mandamento: Não Raptar

"Não Roubarás!"

A proibição de não roubar, nos Dez Mandamentos, refere-se a roubar vidas humanas. (Roubo de propriedade é proibido pelo versículo em Vayicrá 19:11.)

Quem rapta uma pessoa e o vende ou utiliza-o como escravo está sujeito à pena capital pelo tribunal.

Moshê ordenou em Nome de D'us: "Povo de Israel! **Não roubem, e não sejam amigos ou sócios de ladrões**, para que vossos filhos não aprendam a roubar."

O Nono Mandamento: Não Levantar Falso Testemunho

"Não levantarás falso testemunho contra teu semelhante!"

"Não darás falso testemunho contra teu próximo", disse D'us ao povo.

"Eu criei tudo em Meu mundo. Só a falsidade não criei. Portanto, todo aquele que dá falso testemunho contra seu próximo está negando a Criação do mundo."

Levantar falso testemunho leva à destruição da civilização. Faz com que vítimas sejam punidas por crimes que jamais cometeram. Também permite roubar, matar e oprimir outrem e escapar impune, através de falso testemunho. **Aquele que testemunha em falso traz, desta forma, destruição ao mundo. Também nega a Providência do Criador.**

Uma "falsa testemunha" é a pessoa que se apresenta perante um tribunal e atesta que viu algo que realmente nunca viu. Não faz diferença se dá falso testemunho para ajudar um amigo ou para prejudicar um inimigo: **a Torá nos proíbe de ser testemunha falsa, independentemente da razão.**

O Décimo Mandamento: Não Tentar Trazer à Posse de Alguém o que Pertence a Outrem

"Não cobiçarás a casa de teu semelhante, nem sua esposa, nem seus servos, nem nada que pertença a teu semelhante (e, como resultado, engendrar planos para consegui-los)!"

É proibido fazer qualquer tentativa de obter algo que pertença a outro porque alguém deseja possuí-lo ele mesmo. Esta proibição inclui convencer alguém a vender algo que não deseja, pressionando-o a fazê-lo. Isto é proibido mesmo se lhe for pago integralmente. **Tampouco é permitido desejar, mesmo no íntimo, as posses que pertencem a outros.**

A Torá quer que cada pessoa sinta-se feliz com o que tem.

Moshê ordenou em nome de D'us: "Não desejem o que pertence a outro, nem sejam amigos ou sócios de pessoas que cobiçam o que pertence a outros. D'us os castigará se cometerem este pecado. O governo confiscará vossos bens."

O perverso traço de desejar os bens de outrem faz com que a pessoa se torne criminosa, pois em seu impulso de obter o objeto de desejo, é capaz de tornar-se violento se lhe for negado. Pode estar preparado até para matar o dono de seu desejo.

Enquanto os primeiros cinco Mandamentos mencionam o Nome de D'us, este é omitido dos cinco últimos. D'us disse: "Que Meu Nome não seja associado a assassinos, adúlteros, ladrões, testemunhas falsas e pessoas invejosas e cobiçosas."

Mitsvot Dadas Após os Dez Mandamentos

Depois dos Dez Mandamentos, D'us encomendou aos judeus outra mitsvá. Disse a Moshê que lhes ordenasse: "Está proibido talhar imagens de pessoas, do sol, da lua, das estrelas ou anjos de madeira, pedra ou qualquer outro material. Mesmo se não têm intenção de adorar estas figuras, está proibido fazê-las. Assim, ficarão afastados da adoração de ídolos."

Naquele mesmo dia, D'us também transmitiu as leis relacionadas com a construção de um altar. O povo judeu também recebeu no dia da Outorga da Torá, as Leis Civis Divinas, incorporadas à próxima parashá (Mishpatim).

A Mitsvá de Não Construir um Altar com Pedras Tocadas por Ferro

D'us também enunciou algumas leis sobre como se devia construir um altar:

1. O altar deve estar apoiado sobre o piso. Não deve construir-se sobre pilares ou outro tipo de apoio.
2. O altar de cobre para o sacrifício de animais no pátio do Tabernáculo deve estar cheio de terra. Esse altar era oco por dentro para poder ser preenchido com terra.
3. Não pode utilizar-se para cortar pedras para o altar do Templo Sagrado, nenhum instrumento de ferro, como machado ou similar.

D'us ordenou a Moshê: "As pedras utilizadas para a construção do altar não podem Ter sido cortadas por ferro. Portanto, não podem cortá-las na medida certa com cinzel ou martelo!"

O ferro é utilizado para fazer instrumentos com fins destrutivos. O altar é construído para trazer paz, e longa vida ao mundo, pois D'us perdoa nossos pecados e abençoa o mundo em razão dos sacrifícios que são oferecidos sobre ele. Por isso, nenhum instrumento que possa ser utilizado para encurtar a duração da vida humana pode ser levado em contato com o altar.

D'us disse: "Não deve o ferro, que corta a vida, tocar o altar que aumenta a vida!"

Disto aprendemos algo muito importante: D'us ordenou que nenhum instrumento de ferro toque o altar, porque o altar traz a paz. Com certeza, D'us não permitirá que sofra dano alguém que faz a paz entre duas partes num conflito! Esta pessoa será seguramente protegida por D'us.

As pedras para o altar eram das profundezas da terra ou do mar, onde não poderiam ser tocadas por ferro.

A Mitsvá de que Escadas Não Podem Conduzir ao Altar

Sobre a construção de um altar D'us também ordenou: "Não construam escadas que conduzam ao altar. Construam, em vez disso, uma rampa que conduza a ele." Os degraus de uma escada fariam com que os cohanim (sacerdotes) alongassem o passo de maneira imodesta. Portanto o acesso ao altar se dava somente através de uma rampa.

Mesmo subindo a rampa, os cohanim tinham que andar devagar, dando pequenos passos, para evitar qualquer postura que possa parecer imodesta. Eles subiam ao altar de maneira digna, a fim de dar o devido respeito ao Tabernáculo e ao Templo Sagrado.

Mais ainda, a Torá afirma que seria desrespeitoso às próprias pedras do altar se o cohen subisse de maneira imodesta. Isto nos ensina uma importante lição. Se D'us insiste que se deve dar respeito até a pedras inanimadas, quão mais sensíveis devemos ser com a honra de nosso semelhante, que foi criado à Sua imagem!

18 - Parashat Mishpatim Êxodo 21:1-24:18

Leis de Conduta da Parashat Mishpatim

Muitas das leis nesta parashá são tecnicamente complexas e estão além do alcance deste trabalho. Foi feita uma tentativa de dar um breve perfil da maioria das mitsvot, para permitir ao leitor apreciar a sabedoria Divina: "As leis de D'us são verdadeiras e justas em sua totalidade". (Tehilim 19:10)

As mitsvot abaixo relacionadas são mencionadas nesta parashá e também em outros lugares da Torá. Portanto, serão explicadas quando surgirem nas futuras Parshiyot.

- Não oprimir um convertido
- Empréstimo de dinheiro aos necessitados
- Ajudar a descarregar a carga de um animal de outrem
- Guardar as leis do ano sabático
- Celebrar Pêssach, Shavuot e Sucot

• Levar primícias ao Templo Sagrado

• Não selar pactos com quaisquer das sete nações de Canaã

Mishpatim - As Diretrizes Divinas que Regulamentam a Conduta entre um Judeu e seu Semelhante

A Torá nos ensina que devemos observar duas classes de mitsvot:

Mitsvot a respeito de D'us e as mitsvot em relação a outro judeu. Esta parashá nos ensina leis que tratam do dano causado a pessoas ou a propriedades. Essas leis recebem o nome de mishpatim. Mishpatim regulamentam a conduta entre o homem e seu semelhante, e a vida em comunidade.

D'us entregou aos judeus os Dez Mandamentos no Monte Sinai na manhã de seis de Sivan. No final daquele dia, D'us ensinou a Moshê os **mishpatim (Estatutos)** e Moshê logo os ensinou ao povo judeu. Alguns dos mishpatim já tinham sido transmitidos aos Filhos de Israel enquanto acampavam em Mará, ainda antes da Outorga da Torá, e os mishpatim adicionais foram agora comunicados enquanto o povo ainda estava reunido aos pés do Monte Sinai.

Da mesma forma que a rainha nunca deixaria o palácio para dar um passeio, a não ser que tivesse previamente mandado um exército de guarda-costas fortemente armados à frente e outra tropa armada na retaguarda para assegurar-se de que nenhum intruso conseguiria aproximar-se, **similantemente, os Dez Mandamentos foram precedidos e seguidos pelos mishpatim, já que estes são básicos para a sobrevivência da civilização humana.** Nossos Sábios afirmam na Ética dos Pais: "Sobre três pilares o mundo se sustenta - verdade, justiça e paz."

D'us ordenou a Moshê: "Ensine os mishpatim ao povo de Israel, de maneira similar a de quem arruma a mesa. Disponha-os de maneira clara e elucidativa!"

Moshê esforçou-se ao máximo para apresentar as leis num sistema claro. Como recompensa, a Torá liga seu nome aos mishpatim, registrando (**Shemot 21:1**): "E estes são os mishpatim que você disporá diante deles."

D'us mandou Moshê avisar o povo de que qualquer disputa entre eles, ou qualquer reivindicação que um judeu possa ter contra outro deve ser estabelecido pela lei da Torá, **num tribunal judaico, e não perante um tribunal gentio.**

Um judeu é proibido de ir a um **tribunal de justiça não-judeu** para uma decisão judicial (**a não ser que receba permissão de um tribunal rabínico**), pois isto diminui a autoridade da Torá e causa uma profanação do Nome Divino.

Como Moshê Ensinou a Torá ao Povo Judeu?

Como o povo judeu aprendia as novas mitsvot de Moshê?

1 - Primeiro D'us ensinava a Moshê a mitsvá, ou várias mitsvot juntas.

2 - Então, o irmão de Moshê, Aharon, entrava na tenda de Moshê. **Este ensinava a Aharon tudo que havia aprendido.**

3 - Entravam os filhos de Aharon, El'azar e Itamar. Moshê lhes

.....
repetia a mitsvá. **Ao mesmo tempo, Aharon, que estava ali sentado, escutava.**

4 - Em seguida, entravam os setenta anciãos. Novamente Moshê repetia a mitsvá enquanto Aharon e seus filhos escutavam. Os anciãos se sentavam.

5 - Finalmente, todo o povo se reunia. Pela quarta vez, Moshê repetia o que havia escutado de D'us.

6 - Agora Moshê saía. Aharon se punha de pé e voltava a ensinar a mitsvá a todos os presentes, e depois saía.

7 - Então El'azar e Itamar repetiam a mitsvá em voz alta e saíam. Desta forma se ensinava a todo judeu a nova mitsvá quatro vezes.

Mais tarde, os judeus continuavam conversando sobre as mitsvot. **Os anciãos tinham a tarefa de assegurar-se que todos e cada um compreendesse e conhecesse bem cada mitsvá.**

Aprendemos daqui que não basta estudar os ensinamentos da Torá apenas uma vez. Para conhecer bem esses assuntos, é necessário repetir o estudo várias vezes.

O Estudante Que Não Podia Recordar o Que Aprendia

Um estudante de Torá estava muito triste e desalentado. Sempre estudava Torá, mas esquecia o que havia aprendido.

Seu mestre, Rabi Shimon bar Yochai, já não vivia. De modo que o estudante foi à tumba de Rabi Shimon bar Yochai, onde se lamentou amargamente. **"Se não posso lembrar do que aprendo, como poderei tornar-me um sábio?"**

Naquela noite o estudante teve um sonho. Rabi Shimon bar Yochai lhe aparecia e dizia: "Se você jogar três pedras em minha direção, eu virei!"

"Qual o significado deste sonho?" - perguntou-se o estudante. Foi a um sábio que sabia interpretar sonhos.

O sábio explicou: "Não recordas o que aprendes porque não o repetes o suficiente. **Teu mestre estava lhe dizendo isso. Se repetires tudo três vezes, lembrarás.**"

O estudante aceitou o conselho. Daí em diante, cuidou de repetir tudo que aprendia, e não esqueceu mais.

O Escravo Hebreu Vendido pelo Tribunal

A mitsvá referente ao escravo hebreu foi escolhida para ser a primeira da parashá de Mishpatim. O Povo de Israel foi libertado do Egito a fim de tornar-se servo de D'us. Um judeu deve tratar seu servo com consideração. **Todo senhor hebreu deve libertar seu escravo o mais tardar seis anos após o início de sua servidão.**

Nossa parashá trata de um ladrão que não consegue reembolsar o que roubou. O ladrão é vendido pelo tribunal a fim de reembolsar a vítima de seu crime com o dinheiro da venda.

Moshê ensinou aos judeus:

"Um judeu que roube dinheiro e não possa devolvê-lo deve ser vendido como servo a outro judeu. Será vendido pelo tempo necessário para devolver o dinheiro que roubou. Porém, não pode ser vendido por mais de seis anos."

Os juízes do tribunal que vendiam o ladrão tomavam o dinheiro da venda e o devolviam à pessoa que foi roubada.

Como Tratar um Judeu que é Vendido como Servo

Embora o ladrão tenha pecado e seja castigado tornando-se escravo, a Torá ordena que seu amo o trate bem. A Torá refere-se ao ladrão como 'escravo', porém seu dono não pode utilizar o termo 'escravo' como uma alcunha desdenhosa. Deve considerá-lo um irmão. De fato, de acordo com a lei da Torá, o mestre deve conceder a seu escravo hebreu condições tão excelentes que deve parecer ao empregador que não adquiriu um servo para si, mas sim um senhor!

É evidente que, na Torá, a posição do servo é mais que tolerável, pois ao fim de seis anos de servidão, o servo pode dizer **(21:5): "Amo meu senhor... não quero ser libertado."**

Algumas das leis da Torá concernentes ao escravo hebreu são:

1. Um amo que compra um servo judeu não pode vendê-lo a ninguém mais.
2. É proibido encarregá-lo de trabalhos desnecessários, por exemplo, "Ferva-me água" quando não deseja água.
3. Tarefas inferiores e humilhantes também são proibidas, tais como lavar os pés de seu amo, ou calçar-lhe os sapatos; mesmo se estas mesmas tarefas sejam realizadas de bom grado por um filho a seu pai, ou por um discípulo a seu mestre.
4. O amo não deve obrigar o servo a trabalhar habitualmente de noite. Pode usá-lo somente durante o dia.
5. Um senhor deve compartilhar qualquer tipo de alimento que possuir. Se ele comer pão branco, não pode alimentar o escravo com pão preto. Se beber vinho, não pode dar água ao escravo. Se ele dormir sobre uma cama boa, não pode deixar o escravo dormir sobre palha.
6. Se o amo tiver apenas uma forma de pão ou uma taça de vinho bom, ou somente um travesseiro, o amo deve dá-lo ao escravo.
7. **Se o escravo já tiver alguma profissão antes de servir ao amo, é proibido pedir-lhe que realize qualquer tipo de trabalho, a não ser os que já estava acostumado a fazer.**
8. A servidão de um escravo hebreu jamais excede seis anos, a partir da data em que foi vendido. Após seis anos, é automaticamente libertado. Se, durante este período, o escravo ficar doente e o amo incorrer em despesas por sua causa; mesmo assim o escravo não lhe deve nada ao partir.
9. Se, quando iniciar a servidão ele for casado, é obrigação de seu amo sustentar também sua esposa e filhos.
10. Se o escravo for solteiro, o amo não pode lhe entregar uma criada canaanita para viver com ele; a fim de adquirir novos escravos advindos dessa união.
11. Se for casado ao ingressar na servidão, o amo pode lhe entregar também uma criada canaanita, com o objetivo de criar os escravos para si.

.....
A Torá provê de maneira maravilhosa a um ladrão que não consegue reembolsar o roubo. Em vez de trancafá-lo atrás das grades, e expor a família ao destino de vergonha e fome, D'us coloca o ladrão em meio a uma família judia. Seu amo não apenas providencia as necessidades do servo, mas também as de sua esposa e filhos. Contudo, para conscientizá-lo de quão baixo afundou, o amo pode entregar-lhe uma criada canaanita, cujos filhos permanecem sob a posse do dono.

Este é um tipo de casamento proibido a um judeu livre. Esta situação deve fazer com que o ladrão se conscientize de sua auto-imposta degradação, e dar-lhe incentivo para elevar-se, de modo que o sétimo ano possa libertá-lo não apenas dos laços físicos, mas encontrá-lo também como um homem espiritualmente livre, pronto para reingressar na sociedade como um judeu novo em folha.

Quando o Servo é Posto em Liberdade

Não obstante, um judeu não pode seguir sendo servo toda a vida. Quando o servo é posto em liberdade?

1. O servo judeu é posto em liberdade no começo do sétimo ano a partir de sua venda. Ele nunca pode ser vendido por mais de seis anos. Ao ir-se, não precisa pagar nenhum dinheiro ao amo. Ao contrário, o amo deve dar-lhe presentes (como leremos na Parashá Reê).
2. Se durante os anos de serviço ocorrer um ano Jubileu (Yovel), o servo será posto em liberdade ao começo do ano Jubileu. (Depois de cada sete anos sabáticos, o quinquagésimo ano é um ano Jubileu).
3. Se alguém dá ao servo dinheiro para comprar sua liberdade, este pode pagar o saldo devido ao amo e se libertar. Por exemplo, se foi vendido por um período de três anos a um preço de três mil reais, mil reais por ano, pode redimir-se ao final do primeiro ano pagando ao amo dois mil reais, ou, ao final do segundo ano, pagando mil reais.
4. Se o amo morre e não tem filhos, o servo é posto em liberdade. Se o amo tem um filho, o servo continua trabalhando para o filho.
5. Se o amo deseja pôr o servo em liberdade antes que expire seu período, pode fazê-lo.

O Servo Cujo Amo lhe faz um Furo na Orelha

Quando o servo cumpriu o número de anos estipulado, o amo lhe diz: "Estás livre!" O servo pode contestar: "Não quero ser livre, gosto de ti, e gosto da minha mulher (a escrava canaanita) e meus filhos. Não quero ser livre!"

Neste caso, o amo apresenta o servo num tribunal integrado por três juízes. Estes põem o servo junto a uma porta. Com um instrumento de ferro pontiagudo lhe furam a orelha. **Este servo é chamado eved nirtsá**, o servo cuja orelha foi furada. Permanece então ao serviço do amo, até que este morre. **Mesmo assim, se ocorrer um ano Jubileu, o servo é posto em liberdade.**

Porque se Fura a Orelha de um Judeu que quer Continuar Sendo Servo e Por Que se faz isto Junto a uma Porta?

D'us quer que todos os judeus sejam Seus servos. Disse ao povo judeu na Outorga da Torá: "Sois meus escravos porque os libertei do Egito."

Um judeu que é escravo de um amo humano não pode servir bem a D'us. Não é livre para estudar Torá e cumprir as mitsvot todas as vezes que desejar. Deve estar sempre à disposição de seu amo. **Portanto, quando um servo judeu decide continuar servindo a seu amo depois de seis anos, está escolhendo servir menos a D'us.**

D'us disse sobre ele: "Não escutaste no Monte Sinai que deves servir a Mim? Parece que não escutaste bem; por que preferiste servir a um amo humano? Como sinal de que não escutaste bem, tua orelha será furada! Isto demonstrará que não estou satisfeito contigo!"

Qual o motivo de realizar a cerimônia ao lado da porta? D'us disse: "Durante a Praga da Morte dos Primogênitos, o povo judeu, no Egito, colocou sangue sobre os batentes e umbrais de sua porta. Poupei-o em mérito dessa mitsvá, a fim de que viva para tornar-se Meu servo. Um judeu que, doravante, voluntariamente deseja tornar-se um escravo de outro ser humano deve ser assim denominado na frente de um batente!" Isto deve fazer o homem refletir: "D'us preferiria que Lhe servisse, e não a um amo humano."

Mais ainda, a porta que conduz à rua foi escolhida como o local para este rito, a fim de que os transeuntes possam censurá-lo, dizendo: "Por que você quer ser um escravo, se a lei da Torá lhe concedeu liberdade?"

De todos os órgãos por que é a orelha que deve ser furada? D'us disse: "Que a orelha seja furada, pois ela escutou no Monte Sinai: 'Não roubarás,' e mesmo assim seu proprietário ignorou o Mandamento e cometeu um roubo!"

As Leis da Serva Hebréia

Se um homem empobrece e vende suas posses, seus campos e sua casa, contudo ainda não consegue honrar suas obrigações financeiras, **pode então vender uma filha com idade abaixo de doze anos como escrava.** Ela se torna criada numa casa judia. (Uma mulher, porém, não é vendida pelo tribunal por roubo.)

O dono da casa ou seu filho têm uma mitsvá especial da Torá de casar-se com ela. A Torá, desta maneira, provê para ambos, o pai empobrecido e a filha. **Se o dono da casa se casa com ela, o dinheiro que pagou por sua aquisição constitui-se, então, no dinheiro do kidushin (núpcias).**

Se nem o dono ou o filho quiserem se casar com ela, devem cooperar assegurando que seja redimida rapidamente, concordando em deduzir o tempo que já serviu do preço do resgate. Se o pai que a vendeu se torna abastado, deve redimi-la.

Todas as leis concernentes ao tratamento respeitável que o amo deve dispensar ao escravo hebreu também se aplicam à escrava hebréia. Ademais, **o amo não pode enviá-la em missões à feira ou mercado como um homem; ao contrário, deve fazê-la assistir a dona da casa.**

Ela é libertada se mostrar sintomas de amadurecimento físico, se seu amo morrer, se os seis anos de servidão findarem, ou se chegar o ano Jubileu. **(As leis de uma possível prorrogação da servidão furando a orelha não se aplicam às moças).**

Punição por Assassinato

Morte não-intencional:

.....
Se uma pessoa mata alguém por engano, não tendo intenções prévias de causar-lhe dano, deve fugir para uma das cidades refúgio. São cidades de refúgio especiais, estruturadas para este propósito (como será explicado futuramente na parashá de Maassê).

Assassinato premeditado:

Um homem que deliberadamente mata outro na presença de testemunhas, e após ter sido advertido sobre a proibição da Torá de cometer assassinato, ele é passível de pena capital pelo tribunal.

A proibição de um judeu ferir os pais e maldizê-los

Um rapaz acima de treze anos ou uma moça acima de doze, que desfere um golpe em um de seus pais, causando um ferimento que sangue é passível de pena capital, contanto que a criança tenha sido advertida, e duas testemunhas tenham presenciado o ato.

Ferir deliberadamente os pais é o ápice da ingratidão com aqueles que o trouxeram a este mundo, e fizeram-lhe tanta bondade.

O Talmud nos relata que o grande erudito de Torá, Rav, nunca permitiu a seu filho tirar-lhe um espinho da mão ou pé, para que o filho não provocasse um sangramento no pai.

Um rapaz acima de treze anos, e uma menina acima de doze, que amaldiçoam um dos pais com um dos Nomes de D'us é passível de pena capital, se foi advertido e a maldição foi pronunciada na presença de duas testemunhas. Esta lei se aplica mesmo se os pais já faleceram.

Compensação por Ferir uma Pessoa

Se uma pessoa, desferindo um golpe em outra, causa-lhe danos em uma ou mais das cinco maneiras abaixo, deve pagar restituição:

1. Nezec - causar ferimentos físicos
2. Tsaar - causar dor
3. Ripui - causar despesas médicas
4. Shevet - causar abstenção do trabalho
5. Boshet - causar humilhação

A seguir, explicações mais detalhadas sobre cada tipo de injúria:

1. Nezec - Se o agressor causa à vítima a perda, incapacidade ou ferimento de um olho, dente, mão, pé ou qualquer outro membro ou órgão, o tribunal calcula em quanto o valor deste homem será diminuído por causa de sua deficiência, se fosse vendido como escravo. O atacante deve pagar a soma que o tribunal calculou como o valor do membro. (O valor dos membros ou órgãos não pode ser padronizado, uma vez que sua importância varia de acordo com a profissão do homem. **Alguém que ganha a vida através de trabalho manual e perde a mão recebe compensação maior que um intelectual que perde a mão.**)

2. Tsaar - Além de compensar a vítima pelo dano sofrido através da perda, incapacidade ou ferimento de um membro, ele deve

pagar por qualquer dor causada pelo acidente. A quantia do pagamento depende da gravidade da dor.

3. Ripui - O atacante é responsável pelos honorários e outras despesas médicas resultantes do ferimento.

A Torá afirma (21:19): "e ele pagará as despesas do médico," de onde deduzimos a regra de que é permitido a um judeu tentar curar um doente.

Quando Rabi Yishmael e Rabi Akiva andavam juntos nas ruas de Jerusalém, foram abordados por um doente que lhes perguntou: "Meus mestres, por favor, aconselhem-me, como posso me curar?"

Instruíram-no sobre os medicamentos adequados a serem tomados. Então questionou-os: "Quem me fez ficar doente?"

"O Criador," replicaram.

"Se é assim," argumentou, "você não devem intrometer-se em Seus assuntos. Uma vez que Ele me fez adoecer, porque transgridem Sua vontade tentando curar-me?"

Explicaram a resposta expondo-lhe uma questão:

"Qual a sua profissão?" - perguntaram.

"Sou fazendeiro," retrucou.

"Quem faz as uvas de seu vinhedo crescerem?" - perguntaram-lhe.

"O Criador," foi sua resposta.

"Por que, então, você semeia, ara e cultiva o vinhedo, intrometendo-se em Seus assuntos?" - perguntaram.

"O vinhedo não produzirá," respondeu, "a não ser que eu limpe a terra, tire as pedras, fertilize e are a terra!"

Então demonstraram-lhe: "Agora percebe a tolice de sua pergunta! Os homens reagem da mesma maneira que as plantas do campo; como a planta se desenvolverá apenas se for nutrida e aguada adequadamente, assim o corpo humano florescerá somente se lhe fornecerem nutrição e medicamentos adequados."

4. Shevet - Se o agressor causar perda financeira à vítima, impedindo-a de comparecer ao trabalho, deve pagar por cada dia que a vítima faltou ao trabalho.

5. Boshet - Mesmo se um homem insulta outro verbalmente, ou desfere um golpe que não causou dano real, mas apenas humilhou-o, o assunto é levado ao tribunal. Os juízes estimam o total da compensação financeira que é devida à vítima pela vergonha sofrida. O atacante deve pagar a soma determinada pelo tribunal.

Embora o atacante compense a vítima pelos danos, D'us não o perdoa a menos que se peça perdão à vítima. Esta não deve ser mesquinha, e deve perdoar o atacante.

Dano causado por um animal pertencente a um judeu

Se um judeu é proprietário de um animal e este causa dano, a Torá estipula quanto deve-se pagar pelo prejuízo.

Se um dos seguintes animais causa dano, o dono é responsável pelo pagamento total do prejuízo: lobo, leão, urso, pantera, leopardo ou serpente. Já que são animais selvagens, são propensos a causar danos portanto o dono é completamente responsável pelos seus prejuízos. Não adianta dizer que ele domesticou o animal; ele deveria tê-lo guardado cuidadosamente para evitar danos.

Se um animal doméstico - em geral inofensivo - causa dano, o dono deve pagar metade do dano. Se o animal tem chifre, como o boi ou a cabra, mas geralmente não ataca com seus chifres, o dono paga a metade dos danos.

Se um animal ataca uma pessoa ou outro animal em três ocasiões, o dono é advertido pelo tribunal que cuide do animal. Este é considerado um animal "advertido". Depois disso, o dono deve pagar a totalidade dos danos causados pelo animal.

Que acontece se um animal mata uma pessoa?

O animal é apedrejado pelo tribunal até morrer. É proibido ao dono fazer o abate do animal antes de ser apedrejado, para comê-lo ou vendê-lo.

Se este animal já matou pessoas com seus chifres em três ocasiões, e seu dono já foi advertido, ele é considerado um animal "advertido". O dono então paga uma soma de dinheiro estipulada pelo tribunal à família da vítima.

Se o animal não era "advertido", é apedrejado, mas o dono não deve pagar nenhum dinheiro.

Restituição de Propriedade Roubada ou Danificada

A Torá nos proíbe tomar o que não é nosso. Roubar está proibido, mesmo que o objeto seja de valor escasso.

Se um judeu roubou algo de outro judeu, este deve compensá-lo pelo roubo da seguinte forma:

Se duas testemunhas percebem um artigo roubado entre as posses de um homem, ou em sua propriedade, o ladrão deve devolver o próprio artigo, e ainda acrescentar o equivalente de seu valor em espécie. Se já não puder devolver o artigo roubado, deve restituir o dobro do valor do artigo, pagando o dobro do que roubou.

Esta lei aplica-se apenas nos casos em que o ladrão agiu **furtivamente (ganav)**.

Contudo, se alguém roubou em plena luz do dia (**gazlan**), deve restituir apenas o item roubado, mas não o valor em dinheiro. **O ganav é considerado mais culpado que o gazlan, pois ao agir secretamente, demonstrou que teme apenas as pessoas, mas não o Todo-Poderoso.**

A Torá exige reembolso maior para um boi ou carneiro roubado. Se alguém rouba um boi, abate-o e vende, deve reembolsar o valor de cinco bois. O reembolso por um carneiro roubado é de quatro carneiros.

A Torá pune o ladrão de bois e carneiros mais severamente que o que rouba qualquer outra propriedade, pois esses animais

constituem a propriedade mais valiosa de um fazendeiro, sem a qual sua subsistência fica ameaçada.

Por que o reembolso por um carneiro é quadruplicado, enquanto a Torá exige reembolso de cinco bois para um boi roubado?

1. O boi é o mais valioso dos dois, uma vez que realiza trabalhos para seu dono, enquanto o carneiro não.

****** 2. Deste modo D'us nos ensina que Ele se preocupa com a honra de cada ser humano, até com a de um ladrão. Enquanto rouba o carneiro, o ladrão tem que degradar-se, pois o carrega sobre os ombros.** Um boi, contudo, é facilmente levado embora. D'us leva sua vergonha em consideração, e diminui o pagamento.

A proibição de enganar

A Torá considera ladrão não apenas aquele que rouba propriedade, mas também o que age de maneira enganosa com outros.

Incluídos nesta categoria estão:

•Aquele que insiste para que o outro jante consigo, enquanto em seu íntimo não deseja tê-lo como visita.

•Aquele que oferece presentes a outro, sabendo de antemão que este não os aceitará.

•Um vendedor desonesto no que concerne à pesos e medidas.

•O vendedor que mistura artigos de alta qualidade com mercadoria mais inferior, enganando assim, o comprador.

Algumas Leis Sobre Danos Causados pelo Fogo

Se um judeu acendeu um fogo que causou dano, tem que pagar o dano completo. Mesmo que tenha feito o fogo em sua propriedade, se este se estender à propriedade de outra pessoa, deve pagar a totalidade. Se o fogo causou dano a outra pessoa, o homem que causou o incêndio deve os cinco danos enumerados acima. Se um judeu é responsável pelo incêndio da casa de outra pessoa, paga não somente pela casa como por tudo que ela contém.

O que Aconteceu ao Homem que Prejudicou uma Propriedade Pública

Um homem estava tirando pedras de seu jardim. Inclina-se, recolhia as pedras, e as jogava por cima da cabeça até a rua. Um justo que passava disse: "Amigo, não estás agindo corretamente! Estás jogando pedras de uma propriedade que não é tua a uma propriedade que é tua!"

"Que maneira curiosa de falar", zombou o homem. Riu das palavras do justo e continuou jogando pedras à rua. Alguns meses mais tarde, o homem perdeu seu dinheiro e foi obrigado a vender o jardim para pagar as dívidas. Ao passar pela rua em frente ao jardim, tropeçou e caiu.

"Quem foi o idiota que pôs pedras no meio da rua para fazer tropeçar quem passa?" - pensou.

Logo se lembrou. Ele mesmo o havia feito! Eram as mesmas pedras que havia jogado de seu jardim alguns meses antes. O

.....
justo tinha razão! O jardim realmente não lhe pertencia e a rua não era propriedade sua, mas pertencia a todos.

"Na próxima vez terei cuidado para não estragar a propriedade pública", pensou o homem, enquanto se levantava do chão e continuava seu caminho.

O que o Judeu Deve Pagar se usar os Bens de outro Judeu e os Estragar

A Torá divide as pessoas que cuidam dos bens de outrem em quatro grupos:

1 - Guardião não-pago. Se um judeu cuida da propriedade de outro como favor - sem cobrar - e por acidente perde ou estraga algo, deve pagar pela perda e dano?

Segundo a Torá, o guardião não-pago não tem a obrigação de devolver o que estragou. Os juízes do tribunal o fazem jurar que não foi negligente no cuidado do animal ou da propriedade. Se foi negligente ou se causou o dano de propósito, deve pagar por ele.

2 - Guardião pago. Se um judeu contrata outro para cuidar de seus bens, e o contratado estragou alguma coisa por acidente, não tem obrigação de pagar por ela. Porém, se algo foi roubado ou perdido, tem que pagar pelo dano.

3 - Uma pessoa que aluga um animal ou objeto. As leis relativas à pessoa que aluga um animal ou objeto de outro são as mesmas que as aplicadas no segundo caso, do guardião pago.

4 - Uma pessoa que pede um objeto emprestado. Se um judeu pede emprestado algo que pertence a outro e o perde, ou é roubado, ou acidentalmente se quebra, deve pagar por ele. Não obstante, se o quebra ou danifica durante o uso normal, não é obrigado a pagar pelo dano.

A Mitsvá do Tribunal de Executar quem Pratica Feitiçaria

O tribunal deve executar alguém que pratica feitiçaria na Terra de Israel. Apesar da Torá enunciar a advertência dizendo: "Não permita que uma bruxa viva." (22:17). Homens e mulheres devem igualmente ser punidos. A razão por que a Torá especifica mulheres é porque bruxaria era mais comumente praticada por mulheres.

Quando o Todo-Poderoso concedeu aos justos poder para realizar milagres, **Ele simultaneamente também concedeu à humanidade a habilidade de realizar feitiçaria, através dos poderes da impureza.** Assim sendo, as pessoas têm livre arbítrio para discernir entre a luz e a escuridão. Exercer bruxaria é considerado rebelião e negação dos Poderes do Céu.

A Mitsvá de ser Bondoso com um Convertido, Órfãos e etc.

A mitsvá de ser bondoso com um convertido

É uma mitsvá ser especialmente amável com um convertido. Não podemos lembrar-lhe: "Não eras judeu!" Não devemos enganá-lo, pensando que está só e que não tem parentes que o ajudem, pois D'us é seu protetor.

A Torá completa: "Sabes como se sente um estranho. Todos vocês foram uma vez estrangeiros no Egito."

A proibição de afligir viúvas e órfãos

D'us advertiu tanto o tribunal quanto cada indivíduo a resguardar-se para não afligir uma viúva ou órfão, sequer da mínima forma.

D'us disse: **"Uma esposa que sofreu uma afronta pode queixar-se a seu marido;** e um filho oprimido geralmente **chama seu pai para socorrê-lo.** Como uma viúva e um órfão não têm ninguém que os defenda, queixam-se para Mim. Vingarei cada um de seus clamores."

D'us quer que cultivemos traços intrínsecos de bondade e compaixão. Portanto, proibiu-nos de dispensar tratamento inferior aos órfãos e viúvas por causa de sua posição mais fraca.

A proibição de oprimir os órfãos e viúvas, de acordo com a interpretação dos Sábios, está na Torá para servir de exemplo para a regra geral de que **é proibido tirar vantagem de qualquer pessoa fraca.** É uma mitsvá ser amável e prestativo com uma pessoa que esteja em situação em que se sente indefeso.

Não amaldiçoar um juiz, **apesar de discordar de sua decisão**

Além da proibição de não amaldiçoar nenhum judeu, D'us nos deu um mandamento especial, que proíbe amaldiçoar os juízes do tribunal. A proibição envolve amaldiçoá-los usando o Nome de D'us.

Um homem que tinha um litígio judicial foi absolvido pelo juiz. Ao deixar o tribunal, era só elogios ao juiz, proclamando a todos que homem maravilhoso este era.

De outra vez, teve outro processo judicial, que foi presidido pelo mesmo juiz. Desta vez, foi declarado culpado, **"Este juiz é um perfeito idiota!" - declarou, deixando o tribunal.**

É proibido amaldiçoar um juiz, um rei ou o líder do San'hedrin (Supremo Tribunal).

Leis Aplicáveis à Juízes, Testemunhas e Réus

•Um juiz está proibido de escutar os argumentos de um litigante se o outro estiver ausente. Ambos precisam estar presentes ao mesmo tempo. Assim, se uma parte disser algo errado, a outra parte está ali para contradizê-lo.

•**O tribunal pode não aceitar o testemunho de um perverso.** Os juízes não podem aceitar como testemunha um judeu que cometeu um pecado pelo qual poderia ser condenado à morte. Também não se aceita uma testemunha que cometeu um pecado pelo qual poderia ser açoitado. Também não são aptas a testemunharem pessoas que permitem que seu gado paste nos campos dos outros, e um apostador profissional.

•O veredicto é pronunciado de acordo com o voto majoritário dos juízes.

Um não-judeu perguntou a Rabi Yehoshua ben Carcha: "Sua Torá não lhe ordena a seguir a maioria? Nós, idólatras, ultrapassamos em muito o número de judeus. Vocês não são, então, obrigados a juntarem-se a nós?"

"Você tem filhos?" - indagou Rabi Yehoshua.

"Tenho," respondeu o não-judeu. "Você tocou num ponto sensível, lembrando-me de meus problemas."

"Por quê?" - perguntou Rabi Yehoshua.

.....
"Nunca desfrutamos de uma única refeição em paz," replicou o não-judeu. "Quando nos sentamos para comer, um filho declara que seu deus deve ser abençoado, enquanto outro clama que deve-se reverência à sua divindade. Ao fim da refeição, todos estão machucados por causa da briga. Um tem hematomas roxos na testa, e o queixo de outro está ferido."

"Por que você não promove a paz entre eles?" - perguntou Rabi Yehoshua, "e decide que deus devem adorar?"

"Sou impotente nesse assunto," admitiu o não-judeu.

"Você vê," declarou Rabi Yehoshua, "que vocês não são maioria, pois discordam entre si sobre que deus devem adorar."

• A fim de garantir que os votos não sejam divididos em duas partes iguais, o número de juízes indicados para o tribunal deve ser sempre ímpar.

Para decidir um caso relativo a dinheiro, o tribunal deve ser sempre integrado por pelo menos três indivíduos.

Para decidir um caso de vida ou morte, o tribunal deve ser de pelo menos vinte e três juízes. Para condenar à morte o acusado, o voto da maioria não é suficiente. Deve haver uma maioria de pelo menos dois votos. **Portanto, a pena capital só é aplicada se treze juízes considerarem o réu culpado.**

•Para absolvição, contudo, o voto majoritário por um é suficiente.

•Um juiz não pode basear sua opinião sobre a de um juiz maior, ou sobre a da maioria dos juízes, raciocinando: "Sua conclusão com certeza está certa." Exige-se de cada juiz que esclareça o caso em sua mente e decida verdadeiramente, mesmo se sua conclusão será oposta ao ponto de vista da maioria. Se perder então a votação, não será responsável pelos resultados.

A advertência de Não Mentir

"Afasto-se de uma mentira!"

Este mandamento é direcionado a cada judeu. Adverte-o para que evite envolver-se em qualquer mentira ou fraude, pois **"O Selo de D'us é a Verdade."**

Há uma advertência geral para que um juiz evite o que quer que possa distorcer a veracidade do julgamento. Algumas implicações disto são:

1. Um juiz que percebe que errou não deve tentar procurar provas para substanciar sua sentença prévia, a fim de não admitir seu erro.

2. Se um juiz ou testemunha está ciente de que um de seus colegas é desonesto, deve recusar lidar com um caso junto com ele, mesmo se for conduzido de acordo com a lei.

Se o juiz tiver a impressão de que a testemunha está mentindo, mesmo se não conseguir provar, deve retirar-se do processo, preferencialmente a decretar o veredicto. **Que não diga: "Não é minha responsabilidade - a testemunha carregará a culpa."**

3. Se um dos litigantes comparecer ao tribunal vestido elegantemente e o outro em andrajos, deve-se ordenar que ambos vistam o mesmo tipo de trajes no tribunal, a fim de não distorcerem a objetividade do juiz.

O Conselho de Rabi Shimon Certa vez um jovem se apresentou perante o grande Sábio Rabi Shimon e lhe disse tristemente: "Rabi, não sei o que fazer. Desejo tanto ser um bom judeu e observar as mitsvot, mas meu mau instinto sempre ganha. Acabo cometendo muitos pecados. Especialmente quando vejo algo valioso e ninguém está olhando, não posso dominar-me e rapidamente o pego. Como posso melhorar?"

Shimon ben Shetach escutou o jovem e viu que ele queria seriamente ser uma pessoa melhor.

Respondeu: "Promete-me observar uma coisa, e te salvarás de todos os pecados."

"O que devo observar?" - perguntou o jovem.

"Nunca mentir. Nunca; não importa a causa."

"Posso prometer que o farei", respondeu o jovem, "mas como me ajudará a superar meu mau instinto?"

"Você verá", respondeu Rabi Shimon. "Agora jura que nunca dirás uma mentira, mesmo que te seja muito difícil." O jovem jurou e se foi.

Pouco depois o rapaz observou que o vizinho saía de casa e deixava uma janela aberta. Foi fácil para ele entrar na casa enquanto ninguém olhava. Logo achou objetos valiosos. Havia um vaso dourado, e em um armário encontrou taças e candelabros de prata legítima. O jovem colocou todos os objetos de valor numa bolsa, assegurou-se de que a rua estava vazia, subiu na janela e saiu.

Sentia-se contente. Seu roubo nunca seria descoberto. Se o vizinho voltasse e lhe perguntasse: "Viste alguém na minha casa na minha ausência?" - lhe responderia: "Não, não vi..." Mas... Isto seria uma mentira. Não podia responder assim, pois havia jurado a **Shimon ben Shetach** de que nunca diria uma mentira! Pensou: "O que vou dizer se a polícia me interrogar? Não posso negar o roubo, pois estarei mentindo."

Caladamente, pegou o vaso, as taças e candelabros e os pôs na bolsa. Saiu e devolveu tudo ao vizinho, deixando tudo no lugar exato. Logo saiu.

Em pouco tempo, o vizinho chegou e saudou o jovem. Logo, este sentiu-se profundamente envergonhado do que fizera e aliviado por haver devolvido.

"O conselho de Shimon ben Shetach foi bom," pensou. **"Ao dizer somente a verdade, salvei-me de pecar."**

O Tribunal não pode Matar Alguém que é Inocente ou Aceite Suborno

O Tribunal Não pode Matar Alguém que é Inocente

O tribunal é advertido:

"Não mate o inocente e o virtuoso!"

Na prática, isto significa:

Se o tribunal declarou que alguém deve ser sentenciado à morte, e subsequentemente alguém expuser novos argumentos a seu favor, ou mesmo se o próprio réu sugerir algum argumento em

.....
sua defesa, seu caso é reaberto - mesmo se já tiver sido levado ao local da execução. O caso será revisado tantas vezes quanto forem levantados argumentos substanciais.

Contudo, se uma pessoa é absolvida no tribunal, seu caso não é reaberto, mesmo se forem encontradas novas provas de sua culpa.

É proibido executar um julgamento com base em provas circunstanciais, mesmo se a prova é clara, sem sombra de dúvidas. O julgamento da Torá deve ser administrado baseando-se apenas sobre provas de duas testemunhas oculares, que presenciaram o fato em primeira mão.

Rabi Shimon ben Shetach relatou: "Certa vez percebi um homem perseguindo outro. Segui-os e entrei numa ruína um momento depois deles terem lá chegado. Quando cheguei, vi um homem que jazia morto no chão. O outro estava de pé a seu lado, segurando uma faca manchada de sangue, da qual o sangue fresco ainda pingava.

"Perverso!" - disse-lhe. "Sei que você é o assassino do que aqui jaz. Não obstante, não posso condená-lo, pois não há duas testemunhas que realmente presenciaram o assassinato. Que Ele, perante Quem todos os assuntos ocultos são revelados, vingue a vítima!"

Rabi Shimon ben Shetach ainda não deixara as ruínas quando o assassino pereceu. Uma cobra saiu de um buraco, picando-o fatalmente.

D'us garante aos juízes que não precisam temer que um culpado escape à justiça, num caso em que a punição não é administrada por falta de testemunhas, ou outras razões fora de seu controle. **"Pois," disse D'us, "Eu não absolverei o iníquo. (Shemot 23:7). Tenho muitos mensageiros para trazer a punição sobre quem a merece."**

É Proibido Aceitar Qualquer Espécie de Suborno

A Torá adverte o juiz: "Não aceite suborno!"

É proibido a um juiz aceitar um presente de um dos litigantes. Deve recusar, mesmo se o presente foi dado com o entendimento de que deve julgar com veracidade, e mesmo se tem a firme intenção de julgar o caso corretamente, a despeito do presente. Suborno, além de presentes tangíveis, inclui qualquer tipo de favor ou palavras gentis que o juiz receba de uma das partes.

Nossos Sábios eram extremamente cautelosos em não julgarem em tribunais onde suspeitavam que poderia ter havido desvios. Isto é ilustrado pelos seguintes exemplos:

Quando o Sábio Shemuel atravessou a ponte de um rio, recebeu ajuda de um transeunte. Shemuel indagou sobre o bem estar do homem, que informou-o que estava indo ao tribunal para uma audiência. "Não posso ser seu juiz," decidiu Shemuel imediatamente, **"Pois você me ajudou."**

Rabi Yishmael ben Yosse empregou um arrendatário que costumava trazer-lhe uma cesta de frutas de seu (de Rabi Yishmael) pomar toda sexta-feira. Certa vez, ele presenteou-o com a cesta na quinta-feira.

"Por que está me trazendo as frutas hoje?" - indagou Rabi Yishmael.

"Tenho uma audiência judicial amanhã," explicou o arrendatário.

Rabi Yishmael não aceitou a cesta de frutas; não obstante recusou-se a ser juiz neste caso, dizendo: "Não sou apto a ser seu juiz." Designou outro Sábio para lidar com o caso.

No dia seguinte, aconteceu de Rabi Yishmael estar passando ao lado do tribunal durante o desenrolar do processo. Entendeu os argumentos que o arrendatário apresentou, e pensou: "Ele deveria ter argumentado de maneira diferente para vencer o caso!" De repente, percebeu que, em sua mente, favoreceu seu arrendatário sobre o outro litigante, e preocupava-se que seu arrendatário vencesse.

"Amaldiçoado aquele que aceita suborno!" - exclamou. "Nunca aceitei a cesta de frutas de meu arrendatário. Mesmo se tivesse aceito, eram frutas que me pertenciam. Não obstante, o suborno sugerido influenciou meus pensamentos a seu favor. Se alguém realmente aceita suborno e executa um julgamento, quão mais distorcido será seu julgamento!"

A natureza do suborno é que faz com que o juiz se identifique com o corrupto.

Esta afirmação é a prova da necessidade de consultar um sábio e estudioso da Torá para decidir os problemas da vida. O intelecto de uma pessoa é invariavelmente cegado por seus desejos. Ele é, portanto, incapaz de julgar objetivamente assuntos quando esses lhe dizem respeito.

A Proibição de Misturar Carne com Leite

D'us ordena o povo judeu (**Shemot 23:19**): "Não cozinharás um bezerro no leite de sua mãe."

Estas palavras são reiteradas em três diferentes locais na Torá, indicando três proibições diferentes sobre o assunto:

•É proibido comer uma mistura cozida de carne e leite.

•Não se pode tirar nenhum benefício de tais misturas, como presentear ou vender a comida a um não-judeu.

•Carne e leite não podem nem ser cozidos juntos (mesmo quando não há intenção de ingeri-los).

Moshê disse a D'us: "Estou desconcertado! Tu instruíste-me a escrever na Torá 'Não cozinharás o bezerro no leite de sua mãe'. Contudo, oralmente Tu me explicaste que também é proibido comer os dois juntos! Permite-me escrever na Torá: **'Não comerás mistura de carne com leite!'**" D'us respondeu: **"Escreva como Eu disse, não mude Minhas palavras!"**

Moshê insistiu: "Não seria possível que no decurso de seu longo exílio os Filhos de Israel possam esquecer a Explicação Oral da Torá?"

D'us respondeu: "Selei um pacto com eles, que garante que a Torá Oral jamais será esquecida por seus descendentes!"

Por que D'us nos proibiu comer leite e carne juntos? Esta lei da Torá recebe o nome de **"choc"**, uma lei cuja razão não nos foi dada por D'us. **Apesar do povo judeu não entender o preceito de não misturar carne com leite, todos aceitaram com perfeita fé, sem perguntar nem questionar.**

D'us Prediz a Moshê que um Anjo Irá Conduzi-los

D'us revelou a Moshê que o povo judeu pecará, no futuro. (Ele referia-Se ao futuro incidente com o **bezerro de ouro**). Por isso a **Shechiná (Divindade)** não continuaria a conduzi-los. **Em seu lugar, Ele enviará um anjo à frente do acampamento.**

"Se vocês forem merecedores," disse D'us, "Eu Mesmo os guiarei, mas por causa de seu (futuro) pecado, Eu lhes enviarei Meu mensageiro, um anjo, que leva Meu Nome. **Guardem-se de se rebelarem contra ele, pois é apenas um mensageiro, desprovido de poder para perdoar seus pecados como Eu faço!**"

Após o pecado do bezerro de ouro, D'us queria cumprir Suas palavras e enviou um anjo à frente deles. Moshê, no entanto, protestou, dizendo: "A não ser que Tu nos guie pessoalmente, não partiremos daqui!"

Pelo mérito da grandeza de Moshê, D'us concordou. Enquanto Moshê estava vivo, D'us mesmo guiou o acampamento dos Filhos de Israel.

Depois, D'us enviou o mesmo anjo que Moshê recusara-se a aceitar para ajudar Yehoshua na conquista de Israel. Yehoshua aceitou-o de bom grado. **O nível espiritual de Yehoshua era bem inferior ao de Moshê, e por isso concordou feliz em ser guiado por um anjo.**

D'us também predisse a Moshê que quando os judeus entrassem na Terra, os habitantes de Canaã ficariam tão amedrontados que não ousariam opor-se a eles. Ele prometeu a Moshê ajudá-lo a derrotar os poderosos **reis emoritas Sichon e Og** enviando uma **tsir'á** (espécie de **vespa**) na frente do povo de Israel, que cegaria os inimigos e injetaria um veneno mortal em seus corpos. Permanecendo na margem leste do Jordão, a tsir'á também espirraria veneno sobre as nações de Canaã.

Outros Eventos que Tiveram Lugar Antes da Outorga da Torá

No final da parashá de Mishpatim, a Torá relata eventos que, na verdade, ocorreram nos dias que precederam a Outorga da Torá.

No quarto dia da semana antes da outorga da Torá, D'us ordenou que **Moshê, Aharon**, os dois filhos de Aharon, **Nadav e Avihu**, e os **setenta anciãos** deveriam subir a montanha e **prostrarem-se perante a Shechiná**. D'us disse a Moshê que cada qual poderia subir apenas até certo limite pré-estabelecido.

Quando os anciãos ouviram a ordem de D'us, reclamaram. Ressentiram-se de não terem recebido permissão de entrar no compartimento mais íntimo de D'us, como Moshê.

Isso se deve ao seguinte fato. Quando D'us disse no Egito "Vá e fale com o Faraó", **apenas Moshê e Aharon obedeceram e entraram no palácio real. Os anciãos ficaram para trás. Uma vez que não entraram no palácio de um rei humano, também não deveria lhes ser concedido o direito de entrar no Palácio do Rei dos reis.** Não obstante, Aharon não podia subir ao cume da montanha, em respeito aos anciãos. E por esta razão, permaneceu com eles.

Naquele dia, Moshê voltou ao povo e explicou o mandamento de D'us, que deveriam permanecer dentro dos limites estabelecidos ao redor do Monte Sinai. Também instruiu-os sobre as mitsvot que foram ordenadas em Mará, que eram as leis de Shabat,

honrar os pais, e parte dos mishpatim. Ao ouvirem seus ensinamentos, o povo exclamou: "O que D'us disser, faremos!"

Naquele dia, Moshê também escreveu a Torá, desde Bereshit até a Outorga da Torá.

O quinto dia da semana que precedeu a Outorga da Torá foi um dia repleto de eventos. Moshê levantou-se cedo para construir um altar aos pés da montanha, e para erguer doze monumentos para as Doze Tribos de Israel. Ordenou ao povo que imergisse na micvê. Os primogênitos ofereceram sacrifícios a D'us sobre o altar.

Moshê aspergiu o povo com metade do sangue destinado a este fim, dizendo: "Através disto vocês entram numa aliança com D'us. Se vocês mantiverem Sua aliança, suas vidas estarão protegidas." A outra metade do sangue foi aspergida sobre o altar, para expiar pelos pecados do Povo de Israel.

Moshê leu para o povo a Torá, de Bereshit até a Outorga da Torá, que havia registrado de acordo com o que D'us lhe ditou.

O povo ouviu e exclamou em uníssono: **"Faremos e ouviremos."** Cumpriremos e obedeceremos todos os Mandamentos da Torá, apesar de ainda não os termos escutado; ambos, os preceitos negativos e os positivos."

Uma voz celestial proclamou: "Quem revelou a Meus filhos o segredo de pronunciarem 'faremos' antes de 'ouviremos', uma expressão que é da linguagem dos anjos?"

Moshê Ascende ao Céu para Receber as Tábuas da Lei

Depois que o povo judeu ouviu todos os Dez Mandamentos, D'us ordenou a Moshê para ascender a montanha: "Dar-te-ei **duas tábuas de pedra preciosa de safira**, sobre as quais estão escritos os Dez mandamentos que contém a essência de todas as 613 mitsvot da Torá".

Moshê deu instruções para que, em sua ausência, o povo deveria obedecer Aharon, os anciãos, e Chur, filho de Miriam, que foi nomeado como responsável. Disse ao povo que voltaria em quarenta dias, e implorou-lhes: "Por favor, orem e jejem por mim! Estou prestes a entrar no acampamento dos anjos, e ascender à abóbada dos seres de fogo celestiais de D'us. Implorem misericórdia de D'us, para que eu retorne em paz!"

No dia sete de Sivan, Moshê e seu pupilo Yehoshua começaram a ascender a montanha juntos. **Yehoshua armou sua tenda no sopé da montanha, e não deixou o local por quarenta dias, enquanto esperava a volta de seu mestre. Por um milagre especial, a maná desceu lá especialmente para ele, a fim de sustentá-lo.**

Moshê subiu ao topo da montanha e **ficou coberto pela Nuvem por seis dias.** Este foi um período preparatório para purificar seu corpo, de modo que ficasse parecido com um dos anjos. Então pôde ascender ao Céu, adentrando os círculos da Shechiná.

Moshê penetrou a escuridão da Nuvem, e foi admitido no Acampamento Celestial. Temendo por sua vida, Moshê recitava o capítulo de Tehilim que protege uma pessoa contra poderes danosos, **o salmo 91: "Aquele que habita no local secreto do mais Elevado... Não temerás o terror à noite, nem a flecha que voa de dia."**

A Permanência de Moshê nos Céus

Moshê permaneceu no céu quarenta dias e quarenta noites, aprendendo toda a Torá Escrita e a Torá Oral. Durante este período, ele sabia da passagem do dia e da noite apenas pelo sol e pela lua. Quando via o sol subindo para prostrar-se diante de D'us dizendo: **"Senhor do mundo, fiz o que ordenaste"**, ele sabia que mais um dia se passara e a noite chegara.

D'us então ensinava Mishná, a Torá Oral, a Moshê. Quando a lua surgia diante de D'us, prostrando-se e dizendo: "Fiz o que me ordenaste, meu D'us", **Moshê sabia que a noite terminara e o dia começara. D'us então ensinava a Moshê o texto, a Torá Escrita.**

Moshê tinha um sinal adicional que lhe indicava as horas da noite. Quando via os anjos preparando a maná que os judeus comeriam no dia seguinte lá embaixo no deserto, ele sabia que era dia. Quando a maná caía, ele sabia que era noite na terra.

(Mais detalhes referentes ao estudo da Torá de Moshê no Céu estão escritas na parashá de **Ki Tissá**).

Moshê vê o Futuro

Durante a estada de Moshê, foram-lhe mostrados todos os grandes líderes judeus de cada geração. Ele viu os juízes, os profetas e os reis que serviriam aos judeus até o final dos tempos.

Enquanto estava no céu, Moshê também viu D'us sentado em Seu trono poderoso e exaltado, **acrescentando coroas às letras da Torá.** Ele pediu a D'us que explicasse a razão para estes adornos e foi-lhe dito: "Daqui a muitos anos nascerá um grande tsadic com o nome de **Akiva, filho de Yossef,** que revelará muitos segredos ocultos da Torá. **Ele saberá derivar leis e pensamentos da Torá de cada cabeça e coroa que estou acrescentando agora às letras.**"

Moshê implorou que lhe fosse mostrado este justo. D'us mostrou-lhe um edifício que abrigava muitos discípulos sentados em filas. À sua frente estava sentado um homem que parecia um anjo celestial. Moshê aproximou-se dos homens, mas não conseguia entender o que diziam, o que o entristeceu.

Neste momento, ouviu um dos alunos perguntar ao professor como ele sabia tudo o que estivera lhes ensinando. O homem de aparência angelical respondeu: "Tudo que estou ensinando e inovando na Torá é uma transmissão direta daquilo que Moshê, filho de Amram, recebeu no Monte Sinai."

Moshê foi então consolado por estas palavras e perguntou a D'us: "Se pretendes criar uma pessoa tão elevada, por que não concedeste a ele o privilégio de levar a Torá aos judeus?"

D'us respondeu: "Porque você foi tão modesto, pensando que Rabi Akiva é mais digno do que você de transmitir a Torá aos judeus, aumentei sua sabedoria e conhecimento, pois Eu o escolhi especialmente para levar a Torá a Meus filhos."

Nesse momento, D'us abriu os cinquenta portões da sabedoria, permitindo que Moshê passasse por quarenta e nove deles. A sabedoria de Moshê era tão grande que nenhuma outra pessoa no mundo poderia comparar-se a ele, nem no passado nem no futuro.

Os Julgamentos de D'us são Justos

Moshê perguntou a D'us: "Juiz do mundo, por que de fato o justo sofre enquanto o pecador prospera? Sei que todos os

Seus atos são justos, mas nós mortais nem sempre os entendemos. Portanto, suplico-lhe que explique Seu método de julgamento, para que eu possa contá-lo aos outros, convencendo-os de Sua justiça e provando-a no mundo." D'us concordou e prometeu mostrar a Moshê uma cena que nenhum homem tivera antes o privilégio de testemunhar, para que ele pudesse entender e lembrar que os julgamentos de D'us são sempre justos.

Moshê viu então **um homem (1)** se aproximando de um pequeno riacho que corria montanha abaixo. Ia montado a cavalo, mas assim que alcançou a margem ele desmontou e ajoelhou-se para beber um pouco de água. Neste momento, um maço de dinheiro caiu de seu bolso sem que ele notasse. Depois de dar de beber ao cavalo, montou novamente e seguiu seu caminho.

Pouco depois, **um jovem pastor (2)** chegou ao mesmo riacho. Vendo o maço, apanhou-o e colocou-o no bolso, alegrando-se e a agradecendo a D'us pela boa sorte. Agora não precisaria mais continuar trabalhando como pastor e poderia viver com a mãe. Conseguiria comprar uma casa e um campo com aquele dinheiro. Grato, o rapaz prosseguiu seu caminho.

Um homem velho (3) chegou logo depois, sentou-se ao lado do riacho, tirou um pedaço de **pão seco** da mochila, mergulhou na água, comeu e adormeceu.

Tendo dado conta de sua perda, **o cavaleiro (1)** retornou para procurar o dinheiro. **Agarrou o velho (3)** pelo ombro e sacudiu-o violentamente para acordá-lo, exigindo que devolvesse o dinheiro. O velho, que nada sabia a respeito da bolsa perdida, tentou em vão explicar que não roubara nenhum dinheiro. Mas o cavaleiro não acreditou nele e o espancou impiedosamente até a morte. Em seguida, revistou as coisas do velho, mas não encontrou o dinheiro na mochila e simplesmente seguiu o seu caminho.

Extremamente confuso, Moshê voltou-se para D'us e perguntou: "É assim a justiça? Acabo de ver um velho inocente ser brutalmente espancado até a morte. Vi um homem perder seu dinheiro e outra pessoa, um rapaz, encontrá-lo e tornar-se rico sem nenhum motivo aparente."

D'us disse a Moshê que continuasse assistindo antes de julgar. Na cena seguinte, tudo ficaria claro.

Então ele viu um fazendeiro manco com um **menino pequeno (2)** ao seu lado.

Um velho de repente se aproximou do fazendeiro e lançou-se sobre ele, matando-o e roubando o seu dinheiro.

Enquanto isso acontecia, **o mesmo cavaleiro da cena anterior (1)** por acaso passava por ali.

D'us explicou:

"O velho que foi assassinado (3) à margem do riacho sem nenhuma razão aparente era o mesmo homem que matou o fazendeiro de forma tão cruel e lhe roubou o dinheiro. Portanto, ele realmente merecia a morte.

O cavaleiro, que viu o velho cometendo o ato perverso e nada fez para impedi-lo, perdeu o dinheiro que não lhe pertencia mas fora roubado do fazendeiro **(pai do menino que achou)** e depois perdido pelo assassino **(o velho que morreu)**.

Finalmente, o menino que achou o maço de dinheiro era o filho do fazendeiro, cujo pai fora assassinado e roubado."

Desta maneira, D'us concede a Moshê um lampejo na absoluta Justiça de Seus caminhos.

Moshê percebeu que os julgamentos de D'us são verdadeiros, ainda que não entendamos o que vemos, ainda que pensemos que não há justiça no mundo, porque vemos pessoas más que não sofrem, ao contrário, progridem na vida, enquanto os justos que praticam o bem e são generosos sofrem na pobreza, passando necessidade, doença e problemas. Deve-se sempre ter em mente, porém, que tudo que acontece é obra da Providência Divina, exatamente como os destinos do assassino que Moshê viu sendo morto por outro, do ladrão perdendo seu dinheiro e do pequeno órfão encontrando o dinheiro que pertencera a seu pai.

Vendo tudo isto, Moshê declarou diante de todos os anjos: "D'us é o D'us da Verdade sem injustiça; Ele é justo e correto."

19 – Parashat Terumá

Êxodo 25:1-27:19

Porque um Tabernáculo

Um príncipe viajou de um país distante para casar-se com a filha única do rei. Quando quis partir com ela, o rei disse: "Não posso deixá-la partir, ela é minha filha única. Por outro lado, ela também é sua esposa, e não tenho o direito de detê-la aqui. Por isso, pedir-lhe-ei um favor. Construa um quarto extra para mim, onde quer que se estabeleçam; de maneira que eu possa viver perto de vocês!"

Igualmente, depois que D'us deu a Torá, Sua filha preciosa, ao povo judeu, pediu-lhes que construíssem um **Tabernáculo (Mishcan)**, no qual Sua **Shechiná (Divindade)** residiria permanentemente na terra.

Três Parábolas: A que se Compara o Tabernáculo

D'us anunciou ao povo judeu: "Vocês são meu rebanho, e Eu sou o pastor. Assim como um pastor arma a tenda perto das ovelhas para cuidá-las, Eu desejo ter uma morada perto de vocês."

"Vós, o povo judeu, sois Meu vinhedo e Eu, D'us, o guardador do vinhedo. Aquele que cuida do vinhedo normalmente vive em uma choupana perto do vinhedo, de onde possa observá-lo para assegurar-se de que não entrem ladrões. Construam, pois, uma choupana para Mim junto ao vinhedo."

"Vós, o povo judeu, também sois meus filhos; e Eu, D'us sou vosso pai. É uma grande honra para os filhos viver em um lar próximo ao pai e também é uma honra para o pai viver perto dos filhos."

As Chaves das Três Parábolas

D'us é comparado:

1 - A um pastor

2 - A um vinhateiro

3 - A um pai

Por que não basta uma comparação? Por que é necessário haver três parábolas diferentes?

Na verdade, estes são três momentos diferentes da história do povo judeu. Em cada época, D'us manteve uma relação distinta com os judeus.

1 - Quando o Povo de Israel perambulou pelo deserto, D'us morava em um Tabernáculo parecido a uma tenda de pastor. Um pastor não vive em um lugar fixo.

Segue o rebanho onde este vai para pastar e arma sua tenda perto das ovelhas para protegê-las e procurar-lhes comida.

Do mesmo modo, D'us "seguiu" o povo judeu pelo deserto. Como um pastor fiel, guardou-os dia e noite e estendeu Suas nuvens ao redor deles, e os alimentou com maná, aves, e água da fonte.

2 - Em Israel o rei Salomão construiu o Templo Sagrado para D'us, um edifício de pedra. Assim como o vinhateiro cuida do vinhedo, do mesmo modo D'us protegeu a Terra de Israel de todos os inimigos. Mesmo assim, o Templo Sagrado foi comparado apenas a uma "choupana" e não a um lugar permanente, pois não durou para sempre. D'us predisse que o Templo Sagrado continuaria existindo somente enquanto os filhos de Israel guardassem fielmente a Torá. Quando abandonaram as mitsvot de D'us, o Templo Sagrado, ambos o primeiro e o segundo, foram eventualmente destruídos.

3 - Quando Mashiach vier e D'us nos der o terceiro Templo Sagrado, esse será comparado a um "lar" - pois durará para sempre. Então todos verão que D'us é nosso pai e que somos Seus filhos.

Quando a Ordem da Construção do Tabernáculo foi dada

Apesar da mitsvá de construir um Tabernáculo ter sido decretada apenas depois do pecado do bezerro de ouro, a Torá a registra de antemão. As porções da Torá que lidam com o Tabernáculo (**Terumá** e **Tetsavê**), precedem o relato do pecado do bezerro de ouro (na porção de **Ki Tissá**).

Após o pecado do bezerro de ouro, Moshê implorou incessantemente que D'us perdoasse o povo judeu. Finalmente, conseguiu o perdão. Não obstante, Moshê não estava satisfeito, e indagou a D'us: **"Como ficará evidente às nações do mundo que Tu realmente perdoaste Teu povo?" "Que os filhos de Israel construam um Tabernáculo," replicou D'us.** "Lá, oferecerão sacrifícios, os quais aceitarei. Esta será uma prova pública de Meu amor renovado por Meu povo!"

A Torá inverte a ordem cronológica dos acontecimentos a fim de ensinar-nos que **D'us prepara o antídoto para uma falha mesmo antes desta ter sido realmente cometida.** D'us previu o pecado do bezerro de ouro. Portanto, Ele arquitetou antecipadamente a idéia de construir o Tabernáculo.

Através do pecado, o povo judeu forçou a Shechiná a retroceder aos Céus. Por intermédio do Tabernáculo, contudo, a Shechiná poderia retornar à terra.

O Tabernáculo como Moradia Divina

Ao ouvir as palavras de D'us: "Que façam um Santuário para Mim, para que habite dentre eles", Moshê ficou surpreso.

.....
"Como podes Tu, Cujas Glória preenche Céus e terra, habitar numa humilde moradia que erguemos para Ti?" - perguntou.

D'us respondeu: "Nem ao menos preciso do Tabernáculo inteiro como local de residência. De fato, confinarei Minha Shechiná à limitada área onde se localizará a arca."

D'us, em Seu grande amor pelo povo judeu, restringiu Sua Shechiná ao Tabernáculo, próximo aos Seus filhos.

O Tabernáculo físico de madeira, contudo, era apenas um símbolo para a verdadeira habitação da Shechiná - o coração de cada judeu.

Como é possível transformar o coração de alguém num Santuário para a Shechiná? Isto é alcançado devotando-se o coração à Torá e à serviço de D'us.

A Importância do Tabernáculo para o Povo Judeu

De fato, o Tabernáculo (e mais tarde o Templo Sagrado) beneficiava o povo judeu de três maneiras:

- Como resultado do serviço realizado da maneira como D'us prescreveu, o povo de Israel recebia proteção celestial contra quaisquer possível atacante.

- O Tabernáculo era fonte de inspiração espiritual. Cada judeu que freqüentasse o Tabernáculo e o Templo Sagrado, era estimulado a incrementar a observância de Torá e mitsvot. O Santuário e o Templo eram permeados por uma atmosfera de temor a D'us, e observando os cohanim (sacerdotes) realizarem diligentemente o serviço, o povo judeu era motivado a aprimorar sua espiritualidade.

- A nação inteira testemunhava constantemente milagres óbvios no Tabernáculo e no Templo Sagrado. Estes fenômenos sobrenaturais demonstravam-lhes o grande amor de D'us com Seu povo, que era como a relação de pai e filho.

D'us pede Contribuições para a Construção do Tabernáculo

D'us instruiu Moshê: "Nomeie coletores de fundos para recolherem material para o Tabernáculo. Serão aceitas contribuições de qualquer judeu cujo coração o impele a participar."

Ao ouvir que o Tabernáculo deveria ser construído em meio ao deserto, Moshê perguntou-se se a comunidade possuía material suficiente para projeto de tal monta. Antes mesmo que pudesse articular a questão, D'us respondeu-lhe: "Não apenas o povo de Israel, coletivamente, possui o material necessário para construir um Tabernáculo," Ele informou a Moshê, "porém, de fato, cada judeu poderia fazê-lo sozinho."

Onde o povo judeu obteve os materiais?

Quando saíram do Egito, os egípcios lhes deram ouro, prata e utensílios preciosos. Saíram do Egito com uma imensa fortuna. Logo, depois que os egípcios se afogaram no Mar Vermelho, os judeus ficaram ainda mais ricos, pois juntaram os adornos e tesouros que os egípcios traziam consigo. O mar os arrastou até a praia para que os judeus os recolhessem.

Os justos tinham pedras preciosas de mais uma fonte: todos os dias, quando caía a porção da maná, D'us fazia que, junto com a maná, caíssem pedras preciosas!

Os Materiais Necessários para a Construção

D'us ordenou que **quinze diferentes** materiais fossem coletados para a construção do Tabernáculo e seus componentes. Cada material foi selecionado por D'us para conceder ao povo judeu um mérito ou bênção especial, ao doá-lo.

- Ouro: D'us disse: "Que o ouro doado para o Tabernáculo expie o ouro erroneamente doado para o bezerro de ouro."

- Prata

- Cobre

Há três tipos de caridade (tsedacá), que podem ser comparados ao ouro, prata e ao cobre. A caridade que a pessoa dá quando ela e sua família são ricas e as coisas vão bem é comparada ao ouro. Este tipo de caridade tem o mais poderoso efeito no Céu, comparável a um presente a um imperador. Apesar de ser dada sem nenhuma razão em especial, protege o doador de futuras eventualidades. **Ze Hanoten Bari (Aquele que dá quando tem saúde), formando Zahav (ouro, em hebraico).**

Há, então, um segundo tipo de caridade, a caridade que a pessoa dá quando adoece. É menos efetiva, uma vez que é dada num momento de necessidade; sendo, portanto, comparada à prata. Se a pessoa adia a doação de caridade até que esteja gravemente doente (e, metaforicamente, está com a corda no pescoço, prestes a ser executado), o valor de sua caridade é reduzido a cobre.

Não obstante, uma pessoa não deve abster-se de dar caridade, sob qualquer circunstância. Sua caridade a precederá (no Mundo Vindouro), e lhe garantirá boa reputação.

- Lã tingida de azul-turquesa com o sangue de uma criatura marítima chamada **chilazon**

- Lã tingida de púrpura

- Lã tingida de vermelho púrpura

- Fino linho branco

- Lanugem de cabras

- Peles de carneiro tingidas de vermelho

- Peles de **Tachash** multicoloridas

Que animal era o Tachash? Era um **unicórnio** com pele multicolorida. Existiu apenas naquela época, para que o povo judeu pudesse utilizar sua pele para fazer as tapeçarias do Tabernáculo. Depois disso, se tornou extinto.

- Madeira de cedro de shitim (acácia)

Por que D'us prefere a acácia a todos os outros cedros?

O cedro de shitim foi escolhido por D'us porque não dá frutos. D'us queria dar exemplo a alguém que constrói uma casa.

.....
A pessoa deveria desta forma raciocinar: "Se até o Rei dos Reis construiu Seu palácio da madeira de uma árvore estéril, nós certamente não podemos utilizar a madeira de uma árvore frutífera para este propósito!"

Quando Yaacov chegou ao Egito, plantou as árvores de shitim, pois sabia, graças a sua profecia, que os judeus os necessitariam mais adiante para construir o Tabernáculo. Yaacov ordenou a seus filhos: **"Quando saírem do Egito, levem junto a madeira de shitim que plantei."**

A viga mais comprida do Tabernáculo media cerca de 15 metros. Esta viga foi feita da madeira da árvore que Avraham nosso patriarca havia plantado em Beer Shêva! A famosa árvore, debaixo da qual servia seus hóspedes.

Quando os judeus cruzaram o Mar Vermelho, os anjos cortaram essa árvore e a levaram até o mar. Deixaram-na cair diante dos judeus e exclamaram: "Esta é a árvore que Avraham plantou em Beer Shêva! É debaixo dela que ele costumava orar a D'us!"

Quando o povo judeu ouviu isso, levantaram a árvore e a levaram consigo. Utilizaram-na como viga central do Tabernáculo.

•Azeite de oliva (para acender a menorá)

•Especiarias para o azeite de unção e o incenso

•Duas pedras de ônix e doze tipos de pedras preciosas para o efod e o peitoral (partes da vestimentas do sumo-sacerdote)

D'us Mostra a Moshê a Planta do Tabernáculo

Quando Moshê subiu ao céu, D'us mostrou-lhe o desenho exato que devia seguir para construir o Tabernáculo. Este teria três seções:

1 - O Santo dos Santos: Era a seção mais santa do Tabernáculo que continha a arca com as Tábuas da Lei.

Na entrada do Santo dos Santos pendia um cortinado chamado **parôchet**. Este cortinado dividia o Santo dos Santos da segunda seção, o **côdesh**.

Somente o sumo-sacerdote tinha permissão Divina de entrar no Santo dos Santos, e somente um dia por ano: no Yom Kipur.

2 - A segunda parte do Tabernáculo era menos sagrada que o Santo dos Santos. Chamava-se côdesh. Ali ficavam a mesa, a menorá, e o altar de incenso.

As duas seções juntas eram denominadas **"Ôhel Moed"**.

3 - A terceira parte era o pátio. Era menos sagrado que o côdesh. Ali Moshê colocou o grande altar de cobre sobre o qual eram oferecidos todos os sacrifícios de animais.

D'us também explicou a Moshê exatamente como construir cada um dos objetos do Tabernáculo. Começou por explicar-lhe sobre a arca, pois era o recipiente mais sagrado do Tabernáculo.

A Arca

De todos os utensílios do Tabernáculo, D'us ordenou que a arca fosse construída primeiro. Instruiu que sua construção precede até mesmo a próprio Tabernáculo.

A arca constava de três caixas abertas na parte superior; uma encaixava dentro da outra. A caixa menor era de ouro puro, e encaixava dentro de uma de madeira. A caixa de madeira encaixava dentro de uma caixa maior, que era feita de ouro. Desta maneira, a arca de madeira, era folheada a ouro por dentro e por fora, exatamente como D'us ordenara.

A caixa de ouro externa tinha um belo rebordo de ouro, semelhante a uma coroa. A arca onde as tábuas foram guardadas simbolizava a Torá, e os ornamentos representavam a Coroa do estudo da Torá.

O que a Arca Simbolizava

D'us conferiu ao povo judeu três "coroas" (posições de grandeza):

•A coroa da Torá, que era representada pela arca.

•A coroa do sacerdócio, que era representada pelo altar.

•A coroa da monarquia, que era representada pela mesa.

A coroa do estudo da Torá sobrepõe-se aos dois ofícios. Somente um judeu nascido numa família real ou sacerdotal é elegível para posições de monarquia ou sacerdotal. **A oportunidade de se tornar um grande sábio de Torá, contudo, é acessível a qualquer um.**

A arca também representava o estudioso de Torá.

As arcas interiores e exteriores eram de ouro, para indicar que os sentimentos íntimos de um estudioso de Torá devem coadunar-se com sua conduta externa. Pobre do estudante de Torá que porta a Torá em seus lábios, enquanto seu coração é desprovido de temor a D'us!

A Santidade da Arca e seus Milagres

D'us fez muitos milagres em relação a arca. Aqui estão alguns:

• A arca com suas varas deveria ter realmente ocupado toda a área do Santo dos Santos, de parede a parede. Mas, quando o sumo-sacerdote ali entrava, havia espaço suficiente para que pudesse caminhar ao redor de toda a arca. A arca em si, milagrosamente, não ocupava nenhum espaço.

• Quando os levitas carregavam a arca não sentiam o menor peso sobre os ombros. **Não apenas isso, mas a arca até os levantava e os transportava!**

• D'us ordenou a Moshê que construísse uma segunda arca que sempre viajava adiante do povo de Israel durante os quarenta anos no deserto. **Esta arca desprendia faíscas de fogo que matavam todas as serpentes venenosas e os escorpiões que apareciam no caminho.**

As Barras da Arca

De ambos os lados da arca havia duas varas de madeira revestidas de ouro, que passavam por arcos e que possibilitavam o transporte da arca de um lugar a outro.

D'us deu uma ordem especial: as barras deveriam permanecer nos anéis o tempo todo. Não podiam ser removidos nunca, nem mesmo quando o povo judeu acampava. A eterna presença das hastes na arca simboliza o conceito de que a Torá não está vinculada à lugar algum. Onde quer que os judeus fossem, voluntariamente ou não, sua Torá também iria com eles, pois o meio de seu transporte está sempre atado à esta.

A Cobertura da Arca

A arca tinha uma cobertura de ouro, chamada **capôret**. Era feita do mesmo bloco de ouro de que eram feitos os dois anjos, os keruvim.

Por que esta cobertura se chama capôret? **Capôret** deriva da palavra **capará**, **expição**, indicando que este ouro expia **pela transgressão do povo judeu de ter doado ouro para a construção do bezerro**.

Os Keruvim - Os Anjos de Ouro

D'us ordenou a Moshê que pegasse uma grande pepita de ouro, e esculpisse tanto a cobertura da arca quanto os keruvim, anjos, que ficam sobre essa.

Os keruvim não eram esculpidos como elementos separados e então soldados a cobertura; mas emergiam da própria cobertura. Encaravam-se mutuamente, estendendo as asas sobre a arca.

Apesar de, maneira geral, ser proibido fazer estátuas, os keruvim eram exceção, uma vez que foram construídos sob uma ordem especial de D'us.

D'us anunciou a Moshê: "Minha Shechiná residirá entre os keruvim. Sempre que falar com você Minha voz emanará de lá."

Os keruvim nos dão uma lição sobre a proteção de D'us. A arca representa o estudo de Torá. **D'us colocou anjos sobre a arca para demonstrar-nos que Seus anjos protegem aqueles que estudam a Torá.**

As faces dos keruvim pareciam-se com a de duas crianças. Quando o povo judeu visitava o Templo Sagrado nas Festividades, a cortina divisória que cobria o Santo dos Santos ficava aberta. Podiam então ver os keruvim que se encontravam abraçados.

Dizia-se aos visitantes: "Vejam quão amados vocês são para o Todo-Poderoso!" Porém quando o povo de Israel não cumpria a vontade de D'us, as faces dos keruvim ficavam de costas uma para a outra.

O milagre dos keruvim que abraçavam-se mutuamente em sinal de aprovação Celestial, e viravam a face quando D'us ficava desgostoso com o povo judeu, provava ao povo a Providência Especial de D'us sobre eles. Esta visão, portanto, inspirava-os à **teshuva** (arrependimento).

No momento da destruição do Templo Sagrado, quando os povos invadiram o Templo, encontraram, surpreendentemente, os keruvim abraçados um ao outro.

D'us estava, desta forma, demonstrando aos judeus que até a destruição foi motivada por Seu profundo amor por eles. Em Sua misericórdia, derramou Sua ira sobre paus e pedras, poupando assim o próprio povo da aniquilação.

Cada Medida do Tabernáculo é Importante

A Torá não somente descreve o Tabernáculo e seus objetos, mas também menciona o comprimento e largura de cada objeto.

A Torá enumera todas as medidas para nos ensinar que, já que todas as partes e objetos do Tabernáculo eram construídas exatamente segundo as medidas estipuladas por D'us, tinham uma santidade especial.

As medidas nos ensinam também várias lições importantes, por exemplo:

Todas as medidas da arca continham **amot médias**: o comprimento era de 2 1/2 amot, sua largura 1 1/2 amá, e a altura tinha 1 1/2 amá. Não tinha uma só medida de amot completa, enquanto que todos os demais objetos do Tabernáculo mediam amot completos.

A arca representa o estudioso de Torá. **Um verdadeiro sábio nunca se orgulha de seus feitos, pois se sente incompleto; sabe que quanto mais estuda, tanto mais tem que estudar.** Portanto, independentemente de quanta Torá tenha aprendido, é humilde. Para nos ensinar como deve comportar-se um erudito de Torá, **D'us nos deu meas medidas para a arca, em sinal de que, mesmo depois de ter estudado muita Torá, estamos longe de conhecer a totalidade da Torá.**

A Mesa

Após a arca, D'us ordenou a Moshê: "Faça uma mesa, e ponha na seção côdesh do Tabernáculo. Sempre deve haver doze fornadas de pão sobre a mesa."

A mesa era feita de madeira e coberta de ouro. A borda superior estava magnificamente filetada a ouro. Duas varas de madeira recobertas de ouro passavam por aros de ambos lados da mesa. A mesa também possuía cinco prateleiras para acondicionar os pães.

Os Pães da Proposição

D'us instruiu Moshê: "Você deve colocar doze formas de pães sobre a mesa."

Estes pães têm o nome **'Hapanim'** (**faces**) derivado do fato de que possuem **"duas faces"**. Eram moldados em forma de uma matsá grossa e quadrada, com ambos extremos dobradas para cima.

Uma família de cohanim era encarregada de assar os pães. Assavam-nos em cada véspera de Shabat, em formas de ferro. Depois de assados, eram transferidos para moldes de ouro, e trazidos à mesa nestes. Eram então removidos do molde. Dois pães eram colocados diretamente sobre a mesa. Os outros dez eram colocados sobre cinco prateleiras sob a mesa, duas formas em cada prateleira.

D'us ordenou: "Que haja pães sobre a mesa constantemente!" A mesa nunca podia ficar vazia. Por conseguinte, os pães novos eram colocados antes dos velhos serem retirados. **(Os pães**

permaneciam sobre a mesa mesmo quando a nação de Israel viajava.)

Os cohanim que estavam de turno no Tabernáculo comiam as fornadas velhas. **Era difícil crer que este pão já tinha uma semana.** Pois quando os pães eram retirados da mesa depois de uma semana, nunca estavam duros, rançosos ou mofados. Tinham o sabor de frescos como se tivessem acabado de sair do forno!

Sobre a mesa também se colocavam duas tigelas cheias de **levoná (uma especiaria)**. Cada Shabat, antes que os cohanim comessem dos pães, as especiarias eram queimadas e desprendiam aromas deliciosos. Somente depois, era lhes permitido comer dos pães.

O que a Mesa Simbolizava

Quando D'us criou o mundo, trouxe o universo à existência a partir de um vácuo absoluto. Ou seja, criou algo do nada. Desde então, quando deseja realizar uma multiplicação miraculosa, Ele faz com que isto flua de algo já existente e não mais algo proveniente do nada.

A mesa era o meio através do qual a bênção dos alimentos fluía para o mundo inteiro. D'us, por isso, ordenou que esta jamais deveria ficar vazia, **pois Sua bênção paira apenas numa matéria com substância.**

Isto é ilustrado através do relato sobre o profeta Elishá, que disse a uma mulher pobre que ela deveria ter algo em casa sobre o qual a bênção de D'us pudesse pairar:

A viúva do profeta Ovadyá clamou a Elishá: "Meu marido morreu," disse-lhe, "e você sabe quão grande era seu temor a D'us. Foi forçado a emprestar dinheiro a juros; pois sustentava cem profetas que escondia em duas cavernas, para protegê-los da perseguição a que estavam expostos. Agora, seus credores vêm tomar meus dois filhos como escravos!"

"O que você tem em casa?" - perguntou-lhe Elishá.

"Não tenho nada, exceto uma jarra de óleo," replicou a mulher.

Elishá ordenou-lhe: "Vá e peça emprestado utensílios vazios de todos os vizinhos - muitos! Leve-os para casa e feche a porta, ficando em casa com seus dois filhos. Despeje desse óleo em cada recipiente, e separe os que estiverem cheios!" **A mulher fez como Elishá instruíra.**

Os filhos trouxeram-lhe mais recipientes. Não importa o quanto despejasse, o óleo do recipiente original continuava fluindo. Encheu todos esses recipientes, e mandou seu filho trazer mais. "Não há mais recipientes!" - respondeu. Então o óleo parou de fluir. A mulher foi a Elishá e disse-lhe sobre o milagre. "Vá e venda o óleo," disse-lhe, "e pague seu débito. Você e seus filhos viverão do restante."

Ao recitar a bênção após as refeições, nunca deve-se deixar a mesa sem alimento algum, uma vez que a bênção de Cima não paira sobre uma mesa vazia.

Em outra manifestação mais visível deste milagre, o Talmud relata que um cohen que tivesse comido mesmo um pequeno pedaço do pão da proposição, sentir-se-ia totalmente satisfeito. O pão se tornava abençoado em suas entranhas.

Enquanto o Templo Sagrado existia, a mesa irradiava bênção para os alimentos da terra de Israel inteira. Mesmo quando o povo judeu semeava pouco, colhia enormes quantidades.

No Tabernáculo do deserto havia uma única mesa. O Rei Salomão colocou dez mesas no Templo Sagrado, pois havia recebido isto como tradição de Moshê.

No deserto, onde o povo de Israel era amplamente provido de alimento através da maná, precisava apenas de uma mesa. Em Israel, contudo, os judeus necessitavam de uma bênção maior para assegurar-lhes abundância. Por isso, D'us ordenou que fossem instaladas dez mesas no Templo Sagrado, para irradiar maior bênção às colheitas.

Como Proceder Agora que Já não Temos esta Mesa

Hoje, não mais possuímos a mesa para trazer bênção sobre nosso alimento. Em seu lugar, a mesa na casa de cada um é sua fonte de bênção. Afortunado é o homem em cuja mesa encontram-se duas coisas: palavras de Torá e uma porção para o pobre.

Se uma pessoa conduz sua mesa dessa maneira, dois anjos aparecem ao final da refeição. Um exclama: "Esta é a mesa posta perante D'us". Que possa sempre desfrutar das bênçãos Celestiais!" O segundo anjo repete suas palavras e conclui: **"Que possa esta mesa ser posta perante D'us neste mundo e no mundo vindouro!"**

Ravá e o Pobre Homem "Fino"

Quem dá de comer ao necessitado, não deve orgulhar-se achando que está tirando de suas posses para alimentá-lo. Na realidade, D'us é Quem provê a todos e Ele utiliza o indivíduo que pratica **tzedacá** (caridade) apenas como intermediário da Sua bondade.

Bateram à porta da casa de Ravá, um dos grandes Sábios. Um pobre estava de pé junto à porta, a mão estendida: "Dê-me algo de comer, por favor!" - suplicou. Ravá o convidou a entrar. "Serviremos comida logo," disse. "Que tipo de comida estás acostumado a comer?"

"Bem, como prato principal costumo comer galinha gorda, assada, e uma garrafa de vinho velho," respondeu o mendigo.

Ravá ficou surpreso: "Mas é comida fina", disse. "É cara. Não achas que fica mal desfrutar de comidas tão caras com dinheiro de caridade?"

O homem replicou: "Como a comida é de D'us, é Ele que usa as pessoas como Seus mensageiros para dar-me comida. D'us provê a todos no mundo do alimento que necessitam. Necessito uma galinha gorda e vinho velho para me manter saudável e bem, de modo que tenho direito de pedi-los."

Enquanto discutiam esta questão, bateram à porta. Entrou a irmã de Ravá. Não tinha visitado a casa do irmão pelos últimos treze anos. Trazia uma cesta para Ravá. Entregou-lhe a cesta, dizendo: "Trouxe-te um presente."

"Obrigado", disse Ravá, abrindo a cesta. Qual não foi sua surpresa ao ver que continha uma galinha assada, bem gorda, e uma garrafa de vinho velho!

.....
Ravá virou-se para o mendigo e disse: "Devo-te desculpas. Esta comida foi claramente enviada a ti por D'us. Tinhas razão; D'us dá a cada um a comida que precisa. Tu confiaste n'Ele, e por isso Ele te enviou a comida. Senta-te e come."

Deste relato aprendemos que quando damos comida ou dinheiro a pessoas que necessitam, devemos considerarmo-nos os mensageiros de D'us, que distribuem Suas dádivas.

O Candelabro

D'us ordenou a Moshê que colocasse uma menorá (candelabro) perto da mesa no Tabernáculo. Explicou a Moshê: "Será de ouro maciço e terá sete braços. Todos os braços terão três tipos de ornamentos:

- Taça
- Botão
- Flor

Toda a menorá, inclusive os ornamentos, deve ser feita de um bloco único de ouro sólido."

No alto de cada braço deveria haver uma lâmpada, um pequeno recipiente para conter o azeite e o pavio.

Moshê não sabia como fazer a menorá. D'us mostrou-lhe uma visão Celestial de uma menorá de fogo branco, vermelho, verde e preto. D'us também explicou-lhe sua construção. Não obstante, Moshê encontrou dificuldade em executar o comando de D'us.

Por isso, D'us disse a Moshê: "Tudo o que precisa fazer é atirar a barra de ouro no fogo. Dê-lhe um golpe com o martelo, e uma menorá pronta emergirá!" Moshê pegou um bloco de ouro, jogou-o no fogo e rezou: "Mestre do Universo! O ouro está no fogo! Faça com ele conforme Seu desejo!"

Imediatamente, uma menorá completa apareceu do fogo.

É assim que D'us tipicamente realiza milagres: primeiro, o Homem deve fazer o que pode, então D'us vem ajudá-lo. Similarmente, na abertura do Mar vermelho, D'us ordenou que Moshê abrisse as águas erguendo seu cajado. E foi apenas depois que Moshê o fez que D'us realizou o portentoso milagre. No Egito, e através dos anos, no deserto, Moshê realizou atos que resultaram em milagres. D'us é Quem realiza os milagres, porém Ele quer que o homem os inicie.

O Milagre da Luz do Meio da Menorá

Quando o cohen enchia as sete lâmpadas da menorá de azeite à tarde, vertia a mesma quantidade de azeite em cada uma. Na manhã seguinte, seis das luzes se haviam consumido, mas a luz do meio estava acesa. O cohen utilizava a luz do meio para acender as outras seis luzes. Então apagava a luz do meio e voltava a acendê-la. D'us milagrosamente mantinha constantemente acesa a luz do meio.

O que a Menorá Simbolizava

A menorá representava a sabedoria da Torá, que é comparada à luz.

Um judeu poderia crer que pode ser um fiel observante de mitsvot (preceitos), mesmo sem estudar Torá. Para ilustrar a falácia de tal raciocínio, Salomão comparou as mitsvot à luminárias.

("Pois a mitsvá é uma lamparina e a Torá é luz", Mishlê 6:23).

Uma luminária não brilhará, a não ser que seja acesa. Similarmente, a pessoa não pode observar as mitsvot corretamente, a não ser que seu comportamento seja informado e iluminado pelo estudo da Torá. Àquele a quem falta conhecimento de Torá está fadado a tropeçar.

Um homem estava andando à noite num beco escuro e sombrio. Logo tropeçou numa pedra. Então caiu num poço aberto e teve diversas fraturas pelo corpo todo.

Somente aquele que estuda Torá porta uma brilhante luz que o alerta sobre os poços espirituais encontrados na jornada da vida.

É importante notar que a menorá ficava localizada fora dos Santo dos Santos. Isto demonstrava claramente que a arca e tudo que esta representa não requeriam luz. A Torá é sua própria luz.

A fim de obter ouro absolutamente puro para as menorot no Templo Sagrado, o Rei Salomão purificou o ouro mil vezes.

O Rei Salomão colocou dez menorot no Templo Sagrado, pois esta era a tradição que recebeu de Moshê. Havia, portanto, no total setenta lâmpadas no Templo Sagrado, pois cada menorá consistia de sete braços. Isto simbolizava que as setenta nações do mundo eram obrigadas a cumprir as Sete Leis de Nôach ordenadas por D'us à toda a humanidade.

O que Aprendemos do Fato que a Menorá foi Talhada de um Bloco Sólido

Toda a menorá, inclusive os braços e adornos, era talhada de um grande bloco de ouro.

Isto nos sugere que todas as explicações da Torá dadas por todos os sábios de todas as gerações, estão contidas na Torá que D'us ensinou a Moshê. Não há nenhuma explicação que os sábios posteriores tenham transmitido que não esteja de alguma forma sugerida na Torá. Os sábios posteriores apenas revelaram o que se encontra na Torá. Para nos ensinar este conceito, D'us ordenou que todos os detalhes da menorá fossem talhados no mesmo bloco de ouro.

Mais ainda, a exigência de que a tão intrincada menorá seja moldada de uma única pepita de ouro simbolizava a indivisibilidade da Torá. A vida judaica deve ser construída sobre um conjunto de valores. Não pode ser uma miscelânea de componentes e peças separadas, enxertadas juntas para servir à conveniência de qualquer um. Todas as áreas da vida devem derivar do mesmo conjunto de valores.

As Paredes do Tabernáculo

As tábuas que Constituíam as Paredes do Tabernáculo

As tábuas do Tabernáculo eram de madeira de acácia. Cada tábua foi folheada a ouro. Era cortada embaixo para encaixar-se em dois caixilhos de prata. As tábuas eram unidas por uma fileira superior e inferior de vigas transversais, que eram inseridas em anéis do lado exterior das paredes do Tabernáculo. Além disso, cada uma das tábuas superiores era conectada à seguinte através de um sistema de peças de madeira interconectáveis

.....
encaixando-se com perfeição. A parte inferior de cada viga se inseria em dois blocos de prata.

O que as Vigas Simbolizavam

Ao contrário das vigas normais de construções, que são deitadas horizontalmente, estas tábuas ficavam de pé sobre o solo verticalmente. Esta posição - alcançando, como se fosse, o alto, da terra em direção aos céus - simboliza o objetivo espiritual do homem, unir os reinos terreno e celestial, sua natureza inferior com seus mais elevados potenciais e aspirações.

O versículo descreve a posição das tábuas como permanecendo eretos. Os sábios interpretam este termo como sendo um símbolo da continuidade e uma garantia da sobrevivência judaica nas épocas mais difíceis. Apesar de nos parecer que a esperança de retornar à glória do passado findou, a Torá declara: "Madeira de acácia permanecendo ereta - eles permanecerão para sempre!"

As tábuas também eram unidas através de uma viga central que corria horizontalmente através de orifícios entalhados no centro das tábuas. **A viga central unia e suportava miraculosamente toda a estrutura do Tabernáculo. Simboliza Mashiach que unirá todas as nações do mundo.**

As Paredes do Tabernáculo Nunca se Perderam

Chegou um momento em que as vigas, varas e blocos de prata do Tabernáculo não eram mais necessários. Isto aconteceu quando o Rei Salomão construiu o Templo Sagrado, cerca de quinhentos anos após o Tabernáculo ser erigido no deserto. **Então, o que Salomão fez com as partes do Tabernáculo?**

Nenhuma parte do Tabernáculo foi jogada fora. Todas as vigas e outras partes foram escondidas por Salomão no Templo Sagrado. Cada uma das partes era sagrada, pois havia sido confeccionada e doada por justos.

As Coberturas do Tabernáculo

A cobertura superior do Tabernáculo consistia de diversas camadas de tapeçaria. Essas não apenas formavam o telhado, mas também desciam pelos lados.

A camada interior da tapeçaria, que compreendia o teto do Tabernáculo era de lã azul-celeste, de beleza estonteante. Era composta de dez peças costuradas entre si e formando dois grupos de cinco. Eram magníficas obras de arte, com figuras de leões e águias tecidas com fios multicolores. Se alguém olhasse para o teto do Tabernáculo, parecia que estava olhando para o céu. Como os dois grupos de cinco eram unidos por meio de laços e ganchos de ouro, quando se olhava para o teto, parecia também que havia estrelas brilhando.

A camada acima das cortinas azuis-celeste consistia de cortinas feitas de lanugem de cabra. D'us ordenou que as maravilhosas tapeçarias azuis-celeste fossem cobertas por uma camada de lanugem de cabra, a fim de nos ensinar uma lição. **Devem tratar seus objetos de valor com cuidado a fim de evitar que se estraguem.**

Parte desta lanugem caía sobre a entrada do Tabernáculo, de modo que a entrada parecia uma noiva cujo rosto estava coberto com um véu.

As cortinas de lanugem de cabra eram cobertas por mais uma tapeçaria, uma combinação de peles de carneiros tingidas de vermelhos e peles multicolores de **tachash (unicórnio)**.

O que a Cobertura Simbolizava

Cobrindo as paredes e o espaço aéreo do edifício, a cobertura unificava tudo que havia dentro do Tabernáculo; significando que a arca, a mesa, a menorá e o altar não eram utensílios distintos e não-correlacionados, cada qual realizando sua tarefa separada. Eram, sim, partes de um todo unificado.

De fato, isto representa a filosofia da Torá na vida judaica: estudos, orações, negócios, e assim por diante não giram em órbitas separadas, mas trabalham juntos em direção a um único objetivo espiritual.

O Altar de Cobre para Sacrifícios

D'us ordenou a Moshê: "Farás um altar de madeira de acácia. Deve ser quadrado".

Os sacrifícios eram oferecidos sobre este altar. Por isso era chamado do altar de sacrifícios de Olá. Também era denominado de:

- O Altar de Cobre - pois era recoberto de cobre.

- O Altar da Terra - pois era construído sendo oco por dentro, e devia ser enchido de terra sempre que o povo de Israel acampava.

- O Altar Exterior - pois estava localizado no pátio do Tabernáculo.

Dois traços decorativos circundavam o altar. Um era uma renda de cobre atada à este; e outro era uma borda entalhada na parede do altar. A renda dividia o altar ao meio, sendo primordial para seu funcionamento: pois sangue de algumas oferendas devia ser colocado na metade inferior do altar, enquanto o de outras, na metade superior.

Os Milagres do Altar

D'us ordenou a Moshê: "Um fogo deve arder sobre o altar constantemente!"

"Mestre do Universo," objetou Moshê, "o fogo não derreterá a camada de cobre, e então queimará o altar, que é feito de madeira?"

"Estas regras podem ser verdadeiras no mundo físico," respondeu-lhe D'us, "Mas não se aplicam em Meu reino. Reflita, nas esferas Celestiais, **os anjos de fogo vivem na proximidade dos depósitos de neve e granizo.** Contudo, nenhum prejudica o outro. Enquanto você estava no Céu, andou através de compartimentos de fogo, **e Minhas Hostes Celestes queriam te queimar,** e não obstante você nem se chamuscou. Eu lhe asseguro que, apesar do fogo constante, o altar não será afetado."

Havia ainda mais dois milagres que ocorriam em relação ao altar. Apesar de estar localizado no pátio do Tabernáculo, a céu aberto, a chuva nunca extinguiu seu fogo. **Além disso, a coluna de fumaça que se desprendia dele subia aos Céus na forma de uma coluna perfeitamente ereta e não era dispersada pelo vento.**

.....
O que o Altar Simbolizava

O propósito do **altar (mizbéach מִזְבֵּחַ, em hebraico)** está indicado em suas iniciais. Concede ao povo judeu:

M - Mechilá – perdão hx'lis.

Z - Zechut – mérito tWxz>

B - Berachá – bênção hk'r"B.

CH - Chayim – vida ~yyh;

O Templo Sagrado em Jerusalém ficava no Monte **Moriyá**. D'us fez com que o Altar de Cobre, ficasse num local muito especial sobre aquela montanha. Foi construído exatamente no mesmo local do qual D'us pegou terra com a qual criou o primeiro homem, Adão; onde a humanidade ofereceu seus primeiros sacrifícios através de Caim e Abel (filhos de Adão); onde Nôach (Noé) construiu um altar após o Dilúvio (???); e onde Avraham atou Yitschac com intenção de sacrificar seu filho ao Todo-Poderoso.

Porque o Tabernáculo Continha Tantos Materiais Preciosos

D'us ordenou ao povo judeu que fizesse o Tabernáculo utilizando ouro, prata e outros materiais preciosos, certamente não por necessitar de um lugar suntuoso.

Na realidade, Ele desejava que o Tabernáculo brilhasse por duas razões:

1 - Para que todo judeu que entrasse no Tabernáculo se impressionasse com a magnífica beleza. Assim, se comportaria respeitosamente e compreenderia que neste lugar sagrado morava a **Shechiná**.

2 - Para que os não-judeus sentissem um grande respeito pelos judeus quando ficassem sabendo do Tabernáculo que os judeus haviam construído. Pensariam: "Os judeus eram escravos no Egito, mas agora são muito ricos. Tiveram ouro e prata suficientes para construir uma morada maravilhosa. Também devem ter entre eles homens sábios e melhores artistas que qualquer outro povo, pois do contrário, como poderiam ter feito os objetos complexos do Tabernáculo e seus intrincados desenhos?"

Atualmente, quando não possuímos o Tabernáculo nem o Templo Sagrado, devemos manter esta reverência em nossas sinagogas.

20 - Parashat Tetsavê

Êxodo 27:20-30:10

Midrashim Sobre a Parashat Tetsavê

O Nome de Moshê

O nome de Moshê não é mencionado uma vez sequer na parashá de Tetsavê. **Na verdade, desde o nascimento de Moshê até o final da Torá, esta é a única parashá na qual o nome de Moshê não consta.** Esta omissão resultou do que Moshê proferiu sobre si mesmo. Após o pecado do bezerro de ouro, ele disse a D'us: "Se não perdoares o povo deste pecado, imploro-Te, apague-me de Teu livro, que Tu escreveste!" Apesar de D'us ter

perdoado os israelitas, a punição que Moshê invocou sobre si foi parcialmente realizada. D'us apagou o nome de Moshê da parashá de Tetsavê. **As palavras de um justo realizam-se mesmo se a condição vinculada a ela não tiverem efeito.**

Este é apenas um exemplo de quão extensos os efeitos da palavra falada podem ter. Todas as obras de ética judaica enfatizam o grande cuidado que se deve tomar ao falar.

A fala é uma arma poderosa, que pode infligir feridas mortais a grandes distâncias. Assim como palavras ásperas podem ferir quando dirigidas contra outra pessoa; também podem ser auto-destrutivas. O Talmud adverte que uma pessoa não deve falar mal até mesmo de si próprio. **Se alguém denigre a si mesmo, outros também poderiam denegri-lo.**

A omissão do nome de Moshê nesta porção da Torá é, portanto, de importante significado. Se uma maldição condicional, que faz parte de uma apelação passional por perdão ao povo de Israel, pode ter conseqüências desfavoráveis, quão mais não o é quando as palavras são proferidas com raiva e hostilidade, seja contra si, seja contra outros.

A Mitsvá de doar Azeite para a Menorá

Logo após as várias instruções referentes à construção do Tabernáculo e seus utensílios sagrados, D'us deu uma nova mitsvá: **Ordenou que óleo de oliva fosse doado para a menorá (candelabro).**

Moshê disse ao povo: "Se algum de vós possui azeite de oliva apropriado para acender a menorá no Tabernáculo dê-o a mim."

Explicou: "Somente as primeiras gotas de azeite extraídas da azeitona podem ser utilizadas para a menorá. As primeiras gotas são perfeitamente claras e sem sedimentos, portanto produzem uma luz mais brilhante. O resto do azeite de oliva pode ser utilizado nas oferendas de farinha que são levadas ao altar; mas não para a menorá."

O que Aprende-se sobre as Primeiras Gotas de Óleo

Aprendemos uma grande lição do fato de que utilizava-se apenas as primeiras gotas de óleo para o acendimento da menorá, enquanto que, para oferendas, o óleo da segunda prensagem também era permitido.

Um judeu observante da Torá, em geral, procura garantir que o alimento que sua família consome seja casher. Mas este mesmo indivíduo, está bem menos preocupado com o "alimento para o intelecto" que entra em sua casa sob a forma de literatura ou mídia.

De acordo com o ponto de vista da Torá, o "óleo para a menorá", que representa o intelecto, deve ser o mais puro possível. O azeite para a menorá é superior ao óleo da oferenda (simbolizando nutrição). **A Torá insiste que nossas mentes devem ser nutridas apenas com informações que sejam as mais puras e refinadas.**

Porque o Óleo de Oliva foi Escolhido por D'us?

Por que D'us escolheu o óleo de oliva para o acendimento, em vez de qualquer outro tipo de óleo?

A resposta é que o povo judeu é comparados à oliva:

.....
•A oliva emana seu precioso líquido apenas depois de ter sido processada através de prensagem e batidas. Similarmente, como resultado de terem sido banidos de um lugar para outro pelos outros povos e terem sido perseguidos, os judeus purificaram seus corações e retornaram a D'us.

A essência interior de um judeu é pura. É só sua má inclinação que o impede de servir a D'us. Uma vez que a camada exterior é removida por pressão externa, sua natureza de santidade se reafirma.

•Todos os líquidos, quando misturados, mesclam-se numa mistura homogênea. O óleo é uma exceção; não se mistura, mantendo-se separado. **Assim também, o povo de Israel é a única nação na história que não foi engolida pelos povos mas, guardou, e continuará guardando para sempre, sua identidade distinta.**

Como a Menorá era Preparada para o Acendimento

Geralmente um cohen acendia a menorá. **Somente um cohen podia limpá-la e prepará-la.**

Todas as manhãs um cohen entrava na seção côdesh do Tabernáculo ou do Templo Sagrado e subia as escadas que conduziam à menorá. Tirava as cinzas de todas as lâmpadas, tirava os pavios queimados, colocando novos. Então, derramava azeite de oliva em cada lâmpada de um cântaro que continha **meio lug (aproximadamente 250 ml)** de azeite de oliva casher. Fazia isto todas as manhãs, mas não acendia a menorá até a tarde.

A quantidade de óleo necessária para que ardessem até a manhã seguinte era calculada de acordo com a quantidade necessária para durar durante as longas noites de inverno. Contudo, a mesma quantidade era utilizada toda noite, até nas curtas noites de verão e, como resultado, sobrava algum óleo nas manhãs de verão.

O Milagre da Lâmpada Central

Todas as manhãs, o cohen que entrava para limpar a menorá presenciava um milagre. As sete luzes da menorá deveriam ter-se extinguido, pois o azeite que o cohen havia acendido na tarde anterior não podia durar mais que doze horas: até a manhã seguinte. **Porém - incrivelmente, sempre encontrava a luz do meio das sete ainda acesa! Como era possível? Tratava-se claramente de um milagre, um sinal de D'us para demonstrar aos judeus que sua Divindade repousava no Tabernáculo.**

Este mesmo cohen não tocava na luz do meio, mas limpava as outras seis lâmpadas e colocava novos pavios. O cohen que entrava à tarde encontrava a luz do meio acesa! Usava então esta luz para acender as outras seis luzes. Somente depois de fazê-lo apagava a luz do meio, limpava as cinzas dessa lâmpada e voltava a acendê-la.

A luz do meio manteve-se acesa assim, constantemente, não apenas no Tabernáculo, mas também no Templo Sagrado.

Certa vez, a colheita de olivas para óleo foi muito pobre em Israel, e havia apenas uma pequena quantidade de óleo para acender a menorá. Os cohanim entristecidos, choraram. Porém, durante o período de escassez de óleo, o milagre que geralmente só ocorria com a lâmpada central aconteceu com a menorá inteira. Apesar da quantidade insuficiente de óleo, as lâmpadas da menorá ardiam brilhantes a noite toda.

A Importância da Menorá e o que ela Simboliza

A mitsvá de acender a menorá era tão grande que D'us proclamou: **"A luz da menorá é mais preciosa para Mim que a luz do sol ou da lua!"**

D'us não ordenou que a menorá fosse acesa por Sua causa, pois Ele não precisa da luz dos mortais. Pelo contrário, é Ele Que ilumina o universo inteiro.

Certa vez, um homem com visão perfeita e seu amigo cego quiseram ir para casa juntos. O homem disse ao amigo: "Deixe-me apoiá-lo e guiá-lo de modo que chegue em casa com segurança." Quando chegaram à casa, ocorreu ao homem que enxergava que o amigo cego certamente poderia estar deprimido com a idéia de seu desamparo. Por isso, pensou numa idéia para animá-lo. **"Por favor, acenda a luz para mim," solicitou ao amigo cego. Apesar de que realmente não precisava do serviço do outro, fez este pedido em consideração ao seu amigo deficiente.**

Similarmente, D'us não necessita de nossa luz. Pediu-nos para acendermos a menorá para Ele a fim de nos conceder méritos.

Para demonstrar que D'us não necessita da luz dos seres humanos, as janelas do Templo Sagrado eram construídas de maneira bastante singular. Ao invés de serem largas por dentro e estreitas por fora (permitindo a entrada de luz), aquelas janelas eram construídas estreitas por dentro e largas em direção ao exterior. Demonstrando assim que, é do Templo Sagrado que partia luz em direção ao mundo.

A mesma idéia também era simbolizada pelo fato de que a menorá não ficava no Santo dos Santos, o "apartamento particular" de D'us. Em vez disso, D'us ordenou que fosse colocada na seção côdesh. Similarmente, a mesa ficava no côdesh, e não no Santo dos Santos, demonstrando que D'us não necessita da comida dos mortais.

Atualmente, estamos impossibilitados de doar óleo para a menorá do Templo Sagrado. Em seu lugar, é uma mitsvá iluminar sinagogas e casas de estudo.

D'us Ordena Consagrar os Cohanim com Vestes Sacerdotais

D'us disse a Moshê: "Diga a seu irmão, Aharon: D'us te escolheu para que sejas o Sumo Sacerdote, responsável pelo serviço de D'us no Tabernáculo. Teus filhos e seus descendentes serão cohanim que cumprirão Meu serviço."

D'us também comunicou a Moshê: "O Sumo Sacerdote e os cohanim devem usar adornos especiais durante o serviço. Os adornos do Sumo Sacerdote serão extremamente belos, mais do que as vestes de qualquer rei. Serão vestes iguais às trajadas pelos Anjos Ministros no Céu. **Quando os judeus virem os cohanim com trajes de glória e esplendor compreenderão que são pessoas especiais e os tratarão com respeito. Estes adornos também recordarão aos próprios cohanim que são diferentes. Isto os ajudará a servir melhor a D'us.**"

(Glória advém à pessoa por causa das habilidades concedidas por D'us, enquanto esplendor refere-se ao respeito que granjeou através de suas próprias realizações. As vestimentas significavam ambos: a glória devida aos cohanim como resultado de sua nomeação como servos de D'us e o esplendor espiritual resultante de seus próprios esforços.)

.....
O fato de que os cohanim só poderiam realizar o serviço trajando as vestimentas indicava santidade de seus atos. **Isto nos ensina que quando um judeu reza ou cumpre uma mitsvá deve ser cuidadoso no vestir, e conduzir-se com dignidade e respeito perante D'us.**

Mesmo as nações do mundo perceberam que estas vestes eram trajes de distinção.

O rei Achashverosh fez um banquete que durou cento e oitenta dias, a fim de demonstrar sua grandeza e poder. A cada dia do banquete, revelava diferentes tesouros aos olhos do povo. Dentre outros itens valiosos, também mostrou as vestes e adornos do Sumo Sacerdote. O rei Nevuchadnêsar (Nabucodonosor) levou-os à Babilônia quando destruiu o Templo Sagrado, e desde então, foram cuidadosamente preservados nos tesouros reais da Babilônia.

Todos os judeus foram comandados a contribuir com material para as vestes sacerdotais. A tarefa de tecê-los poderia ser preenchida por qualquer homem ou mulher sábios, cujo coração estava pleno de temor aos Céus.

As Vestes dos Cohanim

O sacerdote comum tinha quatro vestes e o Sumo Sacerdote tinha oito adornos.

As vestes do cohen comum eram:

- 1 - Uma camisa comprida
- 2 - Calças
- 3 - Um cinturão
- 4 - Um turbante

O Sumo Sacerdote também usava estes trajes, exceto o turbante. Enquanto o turbante do cohen comum apontava para cima, **o turbante do Sumo Sacerdote era redondo.**

Os adornos do Sumo Sacerdote:

- 1 - Uma camisa comprida
- 2 - Calças
- 3 - Um cinturão
- 4 - Um chapéu diferente do turbante do cohen comum

Além dos itens acima, o Sumo Sacerdote trajava quatro vestes de ouro. Eram elas:

- 5 - Uma placa que cobria o peito
- 6 - Um manto
- 7 - Um avental
- 8 - Uma faixa para a cabeça

A única parte do corpo de todo cohen que permanecia descoberta eram os pés.

A Torá ordena que o cohen cumpra o seu serviço descalço, posto que o piso de terra do Tabernáculo e as pedras do piso do Templo Sagrado eram santas e D'us desejava que os pés dos cohanim tocassem o solo.

Mais Detalhes a Respeito das Vestimentas Sacerdotais

SACERDOTE COMUM

A Camisa Longa

A camisa longa era feita de linho branco e chegava até as plantas dos pés.

O Cinturão

O cohen usava o cinturão por cima da camisa. **O cinturão era muito longo - cerca de 19 metros** - e dava muitas voltas ao redor da cintura do cohen. Era feito de tela colorida.

As Calças

As calças eram curtas e feitas de linho branco.

O Turbante

Ao redor da cabeça do cohen colocava-se uma cinta de linho branco que dava muitas voltas até formar um chapéu que terminava em ponta.

SUMO SACERDOTE

O Sumo Sacerdote, como o cohen comum, usava uma camisa longa, um cinturão e calças.

Vestis adicionais:

O Turbante

O turbante do Sumo Sacerdote também era feito de uma tira de tela branca e enrolado ao redor da cabeça, mas era chato na parte superior.

O Manto

O manto era feito de lã azul. Da parte inferior pendiam sinos de ouro. Entre cada dois dos sinos havia adornos de lã, de aspecto semelhante a romãs. Quando o Sumo Sacerdote caminhava, os sinos tilintavam. Os sinos soavam para anunciar a chegada do Sumo Sacerdote no Tabernáculo, e sua saída deste.

Por que o Manto Tinha Sinos?

D'us tinha várias razões para ordenar que se colocassem campainhas ao redor do manto.

•As campainhas serviam de lembrança ao próprio Sumo Sacerdote. Quando escutava o tilintar, compreendia quão importante era a sua função e dava o melhor de si para cumprir todas as partes do seu trabalho cuidadosamente, com os pensamentos adequados.

.....
•As campainhas também ajudavam o povo de Israel. Quando escutavam o tilintar, sabiam que o Sumo Sacerdote estava fazendo o serviço Divino, e participavam orando neste momento.

Aprendemos do fato de que a entrada do Sumo Sacerdote era anunciada, **que a pessoa não deve entrar em sua própria casa inesperadamente. Infer-se, então, que logicamente não se deve irromper na casa de terceiros, mas sim, bater, tocar a campainha ou indicar sua chegada de alguma outra maneira.**

A Faixa Usada na Testa

Antigamente todos os judeus usavam tefilin o dia todo. Além de usar tefilin, o Sumo Sacerdote também usava o tsits na sua frente. O tsits era uma faixa de ouro na qual estavam gravadas em relevo as palavras: "Santo para D'us", (a palavra D'us estava escrita com quatro letras Y-H-V-H). Era atada à cabeça através de três fitas azuis-celeste.

Uma vez que a faixa possuía alto grau de santidade, o Sumo Sacerdote tinha de comportar-se com o devido respeito ao portá-lo. Não lhe era permitido desviar a atenção do fato de que estava levando o Nome Divino em sua testa.

O comportamento do Sumo Sacerdote enquanto portava a faixa constitui uma importante lição para nós, enquanto colocamos tefilin. Ao usar a faixa, o cohen tinha de concentrar-se constantemente no Santo Nome de D'us. Alguém que está com tefilin, no qual o Nome Divino aparece numerosas vezes, certamente não pode desviar os pensamentos deste.

A faixa era tão sagrada que fazia todo o judeu que a olhasse sentir-se envergonhado de suas falhas. Então, quando o Sumo Sacerdote usava a faixa, isto era um mérito para o povo judeu. **D'us perdoava seus pecados, pois a faixa os ajudava a se aprimorarem.**

O Avental

O efod (avental) era multicolorido, magnificamente tecido, e tinha aspecto parecido a de um avental. Em lugar de cobrir a frente e ser amarrado atrás, o Sumo Sacerdote o prendia por trás e o amarrava adiante.

Na parte posterior era seguro por meio de duas alças que passavam por cima dos ombros até a frente. Em cada alça havia uma pedra preciosa incrustada, sobre a qual estavam gravados os nomes de seis tribos. Os nomes das outras seis tribos apareciam sobre a outra pedra preciosa.

Na frente, as duas alças sobre os ombros estavam presas a duas fivelas de ouro, das quais pendia a placa peitoral.

A Placa do Peitoral

A placa sobre o peito era feita de um material belamente tecido. Era quadrada, e se dobrava ao meio, de tal modo que formava um bolso.

Neste bolso, encontrava-se um pergaminho, conhecido com urim vetumim no qual estava escrito o Inefável Nome de D'us.

Como o urim vetumim era santo, a placa era a mais importante de todos os adornos (assim como a arca era o mais importante de todos os objetos do Tabernáculo e Templo Sagrado).

As Pedras Preciosas da Placa Peitoral

D'us ordenou que se pusessem doze pedras preciosas engastadas sobre o material tecido do peitoral. Sobre cada pedra estava escrito o nome de uma das doze tribos.

Além desses nomes as pedras possuíam também as seguintes palavras na placa peitoral: "Avraham, Yitschac, Yaacov, Shivtê Yeshurun." Estas palavras adicionais estavam distribuídas sobre todas as gemas, de tal maneira que cada pedra tinha o total de seis letras.

Assim, todas as letras do Alef-bet estavam incluídas na placa. Porque a placa deveria conter todas as letras possíveis? Quando o povo de Israel precisava consultar D'us sobre assuntos importantes, essas letras se iluminavam, formando sentenças, a fim de transmitir a resposta de D'us.

A placa portava os nomes de nossos patriarcas e das tribos, para servir como lembrete do mérito de nossos grandes antepassados e o das tribos. As quatro colunas auxiliavam ao mérito de nossas quatro matriarcas. Esses méritos auxiliavam o Sumo Sacerdote a obter expiação para o povo judeu.

Enquanto o Sumo Sacerdote usava a placa, não podia em nenhum momento esquecer o povo judeu. Tinha-os presentes (simbolizados pelos nomes das tribos) enquanto cumpria o serviço Divino. Ao rezar, pedia a D'us que os ajudasse e os abençoasse.

Primeira Fileira

Nome	Tradução	Tribo
Odem	Rubi	Reuven
Pitdá	Esmeralda	Shim'on
Bareket	Topázio	Levi

Segunda Fileira

Nome	Tradução	Tribo
Nofech	Carbúnculo	Yehudá
Sapir	Safira	issachar
ahalom	Diamante	Zevulun

Terceira Fileira

Nome	Tradução	Tribo
Leshem	Jacinto	Dan
Shevó	Ágata	Naftali
chlama	Ametista	Gad

Quarta Fileira

Nome	Tradução	Tribo
Tarshish	Crisólito	Asher
Shoham	Onix	Yossef
Yashfe	Jaspe	Binyamin

Como as Pedras Foram Cortadas

As duas pedras preciosas das alças do avental e as doze pedras preciosas da placa deviam ser cortadas de um certo tamanho. Porém D'us proibiu que se usasse uma faca ou qualquer outro instrumento de metal para cortar essas pedras. As pedras incrustadas deveriam ser perfeitas, sem que faltasse a menor

.....
lasquinha sequer. Portanto, as letras sobre as gemas não poderiam ser gravadas através de instrumentos ou ferramentas, pois isto faria com que as gemas ficassem ligeiramente lascadas.

Como então, poderiam ser cortadas?

Moshê sabia que D'us havia criado na véspera do primeiro Shabat dos seis dias da Criação um inseto, pequeno como um grão de cevada, que possuía a maravilhosa habilidade de cortar qualquer material, inclusive a mais dura rocha, simplesmente passando por cima. Este inseto surpreendente se chamava shamir.

Moshê ordenou que se trouxesse o shamir. Os nomes das tribos foram escritas à tinta sobre as gemas. O shamir foi passado pelas pedras preciosas, e estas se cortaram exatamente sobre a linha marcada pelo artesão.

Quando o Templo Sagrado foi destruído, o shamir desapareceu.

Urim Vetumim, o Pergaminho Contendo o Nome de D'us Embutido na Placa

Como mencionamos anteriormente, a placa peitoral foi feita de tal modo que era dobrada ao meio, formando um bolso. Neste bolso Moshê inseriu um pergaminho sobre o qual escreveu o Nome Indizível de D'us composto de setenta e duas letras.

Este nome fazia com que certas letras gravadas sobre as pedras preciosas se acendessem em resposta às questões que lhe eram perguntadas.

O nome urim vetumim significa:

Urim - as letras se acendiam (da raiz 'or', luz)

Tumim - sua resposta era final e inalterável (derivado de 'tam', perfeito)

Por isso, a placa peitoral além de ser chamada simplesmente de chōshen era também conhecida como 'Chōshen Mishpat' (mishpat - sentença), uma vez que a decisão final sobre cada assunto duvidoso era alcançada através da iluminação das pedras.

Apenas assuntos referentes ao rei, ao tribunal ou ao povo judeu como um povo poderiam ser consultados através das pedras. Não era permitido questioná-las para propósitos particulares.

O questionador costumava ir ao Sumo Sacerdote, que portava os urim vetumim. O Sumo Sacerdote voltava sua face em direção a arca (sobre a qual a Divindade pairava), e o inquiridor, de pé atrás dele, tinha de perguntar a questão em voz baixa, no tom de quem está rezando. O Sumo Sacerdote era então inspirado pelo espírito Divino. Ao olhar para as letras da placa que se acendiam, podia combiná-las corretamente e decifrar a resposta de D'us.

Os urim vetumim foram consultados pelo povo de Israel durante o período bíblico. Pararam de funcionar com a destruição do primeiro Templo Sagrado.

Aharon recebeu o privilégio de portar o nome Divino sobre seu coração como recompensa por sua felicidade, ao ouvir que seu irmão menor Moshê fora escolhido como líder para redimir o povo judeu. D'us disse: "Que o coração que não sentiu inveja porte a placa contendo o Meu Nome!"

O Convertido que Queria Tornar-se um Cohen Gadol

Certa vez, um não-judeu passou por uma sinagoga e ouviu a voz do rabino ensinando as crianças: "Estas são as vestes que devem fazer: a placa peitoral, o avental..." O mestre lia a parashá que versava sobre os adornos do Sumo Sacerdote. O não-judeu parou e indagou: "Quem recebe todas essas roupas maravilhosas?" "O Sumo Sacerdote judeu" - responderam. O não-judeu pensou: "Converter-me-ei para que receba estas roupas gloriosas!"

Dirigiu-se à casa de estudos do Sábio Shamai. "Aceite-me como um convertido ao judaísmo, com a condição de que me torne Sumo Sacerdote!" Shamai expulsou-o com o bastão que estava em suas mãos. (Agiu assim de boa-fé, a fim de proteger a honra da Torá. Considerou o pedido uma afronta à Torá.)

O pretendo convertido então tomou o rumo da casa de estudos do Sábio Hilel, e repetiu seu desejo de converter-se ao judaísmo a fim de se tornar Sumo Sacerdote. Hilel aceitou-o. Contudo, advertiu-o: "Antes de assumir uma posição elevada, uma pessoa deve familiarizar-se com as regras de conduta a essa pertinente. Vá estudar as leis referentes ao sacerdócio!"

O homem estudou Torá, e logo chegou ao versículo: "O não-cohen que se aproxima disso (do serviço sacerdotal) morrerá." "A quem este versículo se refere?" - inquiriu. Disseram-lhe: "A qualquer um que não nasceu da família de Aharon, mesmo o próprio Rei David!"

O convertido compreendeu o total significado dessas palavras. Raciocinou: "Se mesmo um judeu de nascimento não pode assumir as funções de um cohen, eu, um estrangeiro, certamente não poderia tornar-me um!" Voltou a Shamai e disse-lhe: "Por que não me disse que não poderia me tornar um Sumo Sacerdote, uma vez que a Torá proíbe um não-cohen de realizar o serviço?"

Para Hilel, disse: "Que possa se tornar o receptáculo de todas as bênçãos Celestiais. Sua humildade trouxe-me para sob as asas da Shechiná."

Mais tarde, esse convertido teve dois filhos. Chamou um de Hilel, e o outro de Gamliel (o nome do neto de Hilel). Sua família ficou conhecida como "guerê Hilel - os convertidos de Hilel."

Leis Relacionadas às Vestes Sacerdotais

Os trajes dos cohanim eram sagrados, e portanto muitas leis se aplicavam a eles. Eis aqui algumas delas:

1 - Somente um cohen podia vesti-los. Um levi ou um judeu comum não podia nem experimentá-los.

2 - Um cohen somente podia usá-los se estivesse no Tabernáculo ou no Templo Sagrado. Caso saísse dali, deveria tirá-los.

3 - Um cohen não podia dormir com estas vestes, pois seria uma falta de respeito.

4 - Um cohen deveria portar exatamente os adornos que a Torá lhe ordena. Se lhe faltar uma só das vestes estipuladas enquanto cumpre um ato de serviço, seu trabalho não é válido.

Uma família diferente foi designada para cada uma das muitas tarefas no Templo Sagrado. Por exemplo, a família de Garmo assava os pães da proposição, e a família de Avtinas era encarregada de fabricar incenso. A família de Pinchas estava encarregada das vestes dos cohanim. Costumavam vestir os cohanim antes do serviço, despi-los ao final do serviço, e

.....
supervisionar o armazenamento das roupas em câmaras especiais.

Como as Vestes dos Cohanim Ajudavam o Povo de Israel

Quando os cohanim colocavam os adornos sacerdotais, D'us considerava um mérito para todo povo de Israel.

As vestes dos cohanim ajudavam os judeus de duas maneiras:

1 - D'us perdoava determinados pecados cometidos pelos judeus porque os cohanim vestiam estes trajes.

Por exemplo, o manto do Sumo Sacerdote, ajudava os judeus a serem perdoados por falar maledicência, lashon hará. (É óbvio que também deviam fazer teshuvá.)

As campainhas costuradas na parte inferior do manto também tinham uma função elevada. Quando D'us escutava seu tilintar, perdoava os judeus pelos sons pecaminosos que haviam emitido ao falar maledicência.

O resto dos adornos dos cohanim servia para expiar outros pecados do povo judeu: a camisa expiava o assassinato e a placa perdoava a adoração de ídolos.

Como era benéfico para os judeus que os cohanim cumprissem o serviço de D'us. Oxalá possamos vê-los em ação novamente!

2 - Os trajes dos cohanim também ajudavam o povo de Israel a vencer as guerras. Eram semelhantes a uniformes que soldados usam. Quando os cohanim usavam seus uniformes sagrados no Tabernáculo, D'us recordava os soldados judeus no campo de batalha e os fazia triunfar.

Portanto, os adornos dos cohanim, beneficiavam todo o povo judeu.

A Mulher que foi Recompensada Tendo Todos seus Filhos como Sumo Sacerdotes

Todos os sete filhos de uma senhora chamada Kimchit tornaram-se Sumo Sacerdotes. Os sábios ficaram maravilhados com a extraordinária honra que D'us concedeu a esta mulher. Enviaram-lhe um mensageiro para indagar-lhe: "Quais são seus feitos, para que você fosse assim distinguida?" Ela replicou: "Sequer as paredes de minha casa jamais viram meus cabelos descobertos!" Durante toda sua vida não havia revelado seus cabelos a ninguém, nem mesmo às vigas do seu teto. Por isso, seus filhos tiveram o privilégio de adentrar, em Yom Kipur, o local mais oculto e reservado possível: o Santo dos Santos.

Os sábios, então, comentaram: "O versículo de Tehilim (45:14) certamente aplica-se à Kimchit. 'A dignidade da princesa encontra-se no interior, ela será adornada com quadrados dourados.'"

Eles interpretaram esse versículo como significando que uma mulher de grande recato é recompensada com filhos que vestem a placa peitoral de quadrados dourados.

Apesar de ser permitido pela lei a Kimchit descobrir os cabelos quando estava sozinha, evitou fazê-lo por reverência e recato na presença do Todo-Poderoso. Por isso, tornou-se mãe de filhos que, como Sumo Sacerdotes, mereceram uma intensa experiência da presença de D'us.

Kimchit procurou manter sua grandeza encoberta, mas esta foi revelada para todas as gerações. Normalmente, quando o Talmud registra o nome de um homem, o faz mencionando o nome de seu pai. Porém, Shimon e Yehudá ben Kimchit são eternamente lembrados como filhos da sua virtuosa mãe.

Um sábio do século passado, o Chafets Chayim perguntou a Rabi Meir Karelits (irmão do Chazon Ish), e ele próprio um prodígio, como seus pais mereceram ter filhos de tão extraordinária estatura. Respondeu que fizeram a mesma pergunta a sua mãe. Ela explicou: "Há uma boa razão para isto. Quando lavo meus cabelos na véspera do Shabat, peço à duas mulheres que fiquem perto de mim e cubram-nos com lençóis, de modo que as paredes de minha casa não vejam meus cabelos descobertos."

Os Cohanim se Preparam para Começar o seu Serviço Divino Sendo Consagrados por Sete Dias

D'us explicou a Moshê que, uma vez que o Tabernáculo estivesse armado, os cohanim começariam ali o serviço Divino.

D'us disse: "Chame os cohanim com palavras encorajadoras para tornarem-se Meus servos. Diga-lhes: 'Vocês são afortunados por terem sido escolhidos pelo Todo-Poderoso'.

"Antes que os cohanim estejam prontos para começar a trabalhar no Tabernáculo, devem santificar-se e preparar-se para seu trabalho. Eles se santificavam mediante as quatro ações seguintes:

1 - Devem estar presentes e observar todos os dias como tu, Moshê, ofereces três tipos de oferendas sobre o altar. Deste modo, aprenderão como ofertar os sacrifícios.

2 - Devem submergir-se em um micvê.

3 - Tu os ungirás com o azeite sagrado.

4 - Devem vestir as vestes sacerdotais todos os dias.

"Cumprindo estas quatro ações durante sete dias, estarão prontos para começar a Me servir no Tabernáculo."

O Altar de Incenso

O grande altar sobre o qual se ofereciam todos os sacrifícios animais se encontrava no pátio do Tabernáculo, a céu aberto (como foi relatado na parashá anterior, Terumá).

Agora D'us ordenava a Moshê que construísse um segundo altar: "Este altar será feito de madeira, recoberto de ouro. Ponha-o na seção côdesh do Tabernáculo, próximo à menorá e à mesa. Duas vezes por dia, de manhã e à tarde, um cohen queimará incenso sobre este altar."

Embora o altar do incenso estivesse recoberto somente por uma fina camada de ouro, a madeira que havia debaixo dela jamais se chamuscava por causa do fogo que havia sobre o altar. (Este é um dos milagres conhecidos do Tabernáculo. Demonstravam aos judeus que a presença de D'us estava entre eles.)

Como este altar não estava destinado a oferecer sacrifícios animais, mas apenas a queimar incenso, foi chamado o altar de incenso. Também denominava-se altar de ouro, e altar interior.

.....
Era proibido oferecer sacrifícios animais sobre o altar do incenso, exceto em Yom Kipur, quando o Sumo Sacerdote oferecia animais sobre ele.

Aharon foi ordenado a queimar incenso sobre este altar todas as manhãs e tardes. D'us disse: "O incenso é a mais querida de todas as oferendas. Todos os outros sacrifícios expiam transgressões, mas o incenso é ofertado apenas para trazer alegria e felicidade".

Após o término da construção do Tabernáculo e todos seus objetos sagrados, depois que a mesa e a menorá foram fixados em suas posições e os sacrifícios trazidos, a Shechiná ainda não havia descido. Foi somente quando o incenso foi oferecido que a Divindade finalmente desceu para residir no Tabernáculo.

Por que a Ordem para a Construção do Altar de Incenso Encontra-se no Final Desta Parashá?

Poderíamos perguntar por que a Torá menciona este altar agora, ao final da parashá de Tetsavê. Já que o altar do incenso se colocava junto à mesa e à menorá na seção côdesh, por que a Torá não o menciona na parashá anterior, Terumá, junto com os demais objetos que havia na seção côdesh?

Uma das respostas é que D'us pôs o altar do incenso como o último dos objetos do Tabernáculo para demonstrar quão importante é. Mencionou-o fora do lugar esperado na Torá para que nós notemos como é especial.

Por que o altar do incenso é tão santo?

As especiarias com que era feito o incenso que o cohen queimava sobre o altar desprendiam um aroma delicioso. Nossos Sábios nos contam que a fumaça do incenso subia direto ao céu, e que era agradável a D'us. Era um sinal de amor e amizade entre D'us e o povo de Israel. O aroma do incenso anulava quaisquer decretos celestiais. Como queimar incenso fortalece a aproximação entre D'us e o povo judeu, podemos compreender a importância deste altar.

21 – Parashat Ki Tissá **Êxodo 30:11-34:35**

A Contagem do Povo de Israel

Após o pecado do bezerro de ouro, o povo judeu é contado. D'us ordenou a Moshê que contasse o povo de Israel.

A mitsvá de contá-los foi, na verdade, dada a Moshê mais tarde, após o pecado do bezerro de ouro. No entanto, é recordada na Torá antes da narrativa do pecado.

Muitos judeus morreram na praga ocorrida logo após o pecado do bezerro de ouro e D'us queria determinar o número dos sobreviventes.

Um fazendeiro apreciava muito o seu bem cuidado e maravilhoso rebanho. Porém, um dia, uma peste atingiu as ovelhas e muitas delas pereceram. Depois da devastação ter se aplacado, o proprietário ordenou aos seus pastores: "Contem minhas ovelhas para ver quantas sobreviveram!"

Apesar de que D'us certamente sabia o número de sobreviventes e portanto não precisava de um censo, Ele estabeleceu a mitsvá (preceito) para o benefício do povo judeu.

Após o pecado do bezerro de ouro, os povos zombaram: "Vejam esta nação que, quarenta dias após terem pronunciado 'faremos e ouviremos,' no monte Sinai, fabricaram um bezerro de ouro! Seu pecado é imperdoável; D'us nunca mais os aceitará como Seu povo!"

Para refutar esta afirmação, D'us ordenou: "Contem as cabeças do povo de Israel!" D'us empregou a palavra 'seú', que significa também "Levante as cabeças!" Ele explicou a Moshê que através da contribuição de uma moeda para o tesouro do Tabernáculo (através das quais eles seriam contados), os judeus resgatariam suas vidas, que foram perdidas no pecado do bezerro de ouro. Assim, o procedimento de contagem mediante moedas doadas "levantaria suas cabeças" - isto é, concederia a eles o perdão pelo pecado.

Quando Moshê ouviu as ordens de D'us, ficou apreensivo, achando que cada judeu teria de contribuir com uma moeda muito valiosa.

"Não é como você pensa, Moshê", D'us assegurou-lhe. "Vocês não terão que Me pagar com moedas que valem cem, cinquenta, nem mesmo trinta pedaços de prata. Tudo o que peço de cada judeu é que doe uma pequena moeda que valha meio-shekel!"

D'us produziu uma moeda de meio-shekel, demonstrando a Moshê seu tamanho e sua forma, instruindo-o: "Este é o tipo de moeda que eles devem dar!"

As moedas de meio-shekel deste censo foram fundidas e moldadas como encaixes, que foram usados para suportar as vigas do Tabernáculo.

A doação de meio-shekel de cada judeu não foi uma mitsvá instituída unicamente para aquela vez, em consequência do pecado, mas sim, foi estabelecido como uma doação anual permanente. Destas coletas eram comprados os animais para as oferendas da comunidade, para que todo o povo de Israel pudesse ter uma parte nelas.

Quando o Templo Sagrado existia, era realizada uma proclamação a cada ano no primeiro dia de Adar em todas as cidades de Israel, recordando a todos para que preparassem um meio-shekel para o Templo Sagrado. A coleta em si ocorria entre 1 de Adar e 1 de Nissan.

Por que o mês de Adar foi escolhido como época de coleta dos shekalim do povo de Israel?

D'us previu que o malvado Haman daria para o rei Achashverosh dez mil kikar de prata em troca da permissão para exterminar os judeus em Adar. Disse D'us: "Que as doações dos Meus filhos precedam-no, para que sejam salvos das mãos dele."

Os shekalim atendiam a dois propósitos: como renda para o Tabernáculo e o Templo Sagrado, e como meio de fazer o censo, pois D'us proibiu contar os judeus diretamente, dizendo a Moshê: "Não conte o povo de Israel diretamente, pois a bênção Divina não paira sobre algo que foi contado ou medido."

Quando os reis judeus costumavam fazer o censo da população, cuidavam para não transgredir a proibição de contar pessoas diretamente. O rei Shaul, no começo do seu reinado, quando eram pobres, contou o povo através de pedrinhas. Mais tarde, quando o reinado tornou-se rico, foram substituídas por uma ovelha por cada judeu.

A Ordem de fazer um Lavatório

D'us ordenou que uma grande pia especial de cobre com bicos (kiyor) fosse construída e colocada no pátio do Tabernáculo, entre o Ohel Moed (Côdesh) e o altar exterior. Este lavatório era

enchido com água a cada manhã para que os cohanim pudessem abluir suas mãos e seus pés antes de iniciar o serviço Divino. Por que D'us ordenou aos cohanim que lavassem mãos e pés antes de iniciar seu trabalho no Santuário?

Poderíamos responder que D'us queria assegurar-se de que suas mãos e pés estivessem limpos. Esta explicação é verdadeira, mas também existe uma razão mais profunda para esta ordem.

Ao verter água de uma vasilha sagrada sobre suas mãos e pés antes do serviço Divino, tais partes do corpo se santificavam.

Será que não era necessário santificar também o resto do corpo? O corpo dos cohanim já se tornavam sagrados ao vestirem suas roupas sacerdotais. A água, então era utilizada para santificar mãos e pés que ficavam descobertos.

A Ordem de Preparar o Óleo para Unção e o Incenso

O óleo para unção foi preparado por Moshê da seguinte maneira: D'us ditou para ele a lista de especiarias, especificando seu peso e volume. Cada especiaria foi moída separadamente. Então, as especiarias foram misturadas e socadas em água para que o seu aroma fosse absorvido pela água. Óleo de oliva era adicionado à água e a mistura era fervida até que a água evaporasse e somente sobrasse óleo perfumado. Aquele óleo, (o óleo para unção) foi preservado num frasco para ser usado na unção dos Sumo Sacerdotes e reis da dinastia de David. Na consagração do Tabernáculo, todos os seus utensílios também foram ungidos com este óleo.

Apesar de Moshê ter preparado somente a quantidade de pouco mais de quatro litros, esta quantidade milagrosamente foi o suficiente para todas as próximas gerações. Este mesmo óleo ainda foi usado na época do segundo Templo Sagrado. O frasco contendo o óleo foi ocultado na época da destruição do Templo. Ele nos será devolvido na era de Mashiach.

Moshê preparou o incenso, misturando onze das melhores especiarias, apontadas por D'us. Somente uma dentre as especiarias emitia um odor repulsivo. D'us queria ensinar aos judeus que deveriam incluir igualmente os indivíduos transgressores em momentos de jejuns e orações comunitários.

As especiarias deveriam ser moídas, misturadas e um punhado delas era queimado diariamente no altar de incenso.

Era proibido produzir uma mistura de especiarias nas mesmas exatas proporções do incenso, se a mistura fosse destinada para uso particular.

Betsal'el é Designado Construtor do Tabernáculo

Betsal'el é designado construtor do Tabernáculo e Aholiav, seu assistente

Quando Moshê, foi informado da futura construção do Tabernáculo, durante sua estadia no Céu, este tinha a impressão de que teria que construí-lo com suas próprias mãos. Quando ele estava prestes a deixar o Campo Celestial, D'us revelou-lhe: "Apesar de ter lhe apresentado o diagrama do Tabernáculo e a estrutura de todos os seus componentes, não és o artesão que o construirá. Teu papel é de ser um líder e não um artífice!"

"Quem será o construtor do Tabernáculo?" perguntou Moshê.

"Betsal'el filho de Uri, filho de Chur, foi designado para esta tarefa", informou D'us.

Betsal'el era o neto de Chur, que foi assassinado durante o incidente envolvendo o pecado do bezerro de ouro (como veremos adiante). A construção do Tabernáculo através do neto de Chur serviu como perdão pelo linchamento de Chur. Betsal'el era o bisneto de Miriam, irmã de Moshê. Ela foi recompensada com um descendente sábio e entendedor, que sabia como construir o Tabernáculo, em mérito do temor a D'us que a levou a prontificar-se a desobedecer a ordem do Faraó de assassinar os judeus recém-nascidos quando trabalhava como parteira no Egito.

Naquele tempo, Betsal'el tinha somente treze anos de idade. Por isso, Moshê perguntava-se como alguém tão jovem poderia receber a imensa tarefa de erigir um Tabernáculo.

De acordo com a regra de que é correto consultar a comunidade antes de lhe nomear um líder, D'us perguntou para Moshê: "Será que Betsal'el lhe parece digno para este encargo?"

"Se ele é digno aos Teus olhos", replicou Moshê, "certamente o é aos meus."

Quando, mais tarde, Moshê apresentou Betsal'el para o povo como o arquiteto do Tabernáculo, ele por sua vez perguntou ao povo: "Vocês concordam com o fato de Betsal'el ser o construtor?"

"Se ele é digno aos olhos de D'us e aos seus", replicou o povo judeu, "certamente o é aos nossos."

Betsal'el foi inspirado com sabedoria Divina e compreensão para ser capaz de ser bem sucedido nesta missão.

Assim como foi mostrada a Moshê uma visão da estrutura detalhada de cada utensílio do Tabernáculo, assim também foi concedida a Betsal'el uma visão Celestial da forma e desenho de cada objeto.

Betsal'el era um fiel artífice, que se empenhou em seguir à risca as instruções Divinas. Por isso a Torá o recompensou, anexando seu nome a cada um dos objetos do Tabernáculo citados na parashá.

Moshê ordenou a Betsal'el: "Primeiramente construa a arca, depois os outros utensílios, e finalmente a tenda do Tabernáculo."

"Meu mestre, Moshê", objetou Betsal'el, "ao construir uma casa, será que não se constrói primeiramente a estrutura externa para abrigar sua mobília? Se eu construir a arca primeiro, onde é que a colocarei, depois de ficar pronta? Será que D'us não lhe disse para primeiro construir o próprio Tabernáculo, e só depois a arca e os outros acessórios?"

"Você tem razão", admitiu Moshê. "Você pode ser denominado como aquele que esta na sombra de D'us, pois possui a sabedoria para compreender o significado secreto das Suas palavras."

Daí o nome "Betsal'el", composto pelas palavras "Betsel E-l - aquele que estava na sombra do Altíssimo."

.....
D'us ordenou a Moshê para nomear Aholiav da tribo de Dan como assistente de Betsal'el. Aholiav não fazia nenhum trabalho independente, mas ajudava Betsal'el em cada fase da construção. D'us juntou como artesãos Betsal'el, membro da tribo de Yehudá, e Aholiav, da tribo de Dan. Yehudá era o mais exaltado dos filhos de Yaacov e Dan era o menos importante. Juntando-os, D'us quis dizer aos judeus que, aos Seus olhos, o grande e o pequeno são iguais.

Uma pessoa menos capaz que serve D'us com todo seu potencial é considerada no mesmo nível que uma pessoa privilegiada, pois D'us julga um homem de acordo com as intenções do seu coração.

D'us adverte Moshê que os judeus não devem violar o Shabat para construir o Tabernáculo

D'us advertiu Moshê: "Os judeus podem pensar que a construção do Tabernáculo é uma mitsvá tão importante que devem continuar construindo no Shabat. Porém, isto é proibido. Advirta-os que qualquer trabalho necessário para construir o Tabernáculo não poderá ser realizado no Shabat. Os judeus devem guardar a santidade do dia e abster-se de trabalhar, agora e para sempre. O dia de Shabat é um sinal entre Eu e o povo judeu de que são Meu Povo."

A mitsvá de Shabat é tão importante que se todos os judeus guardassem dois Shabat com todas as leis correspondentes, Mashiaich viria de imediato!

Depois de Quarenta Dias no Céu, Moshê Recebe duas tábuas de Safira

Depois do recebimento da Torá, Moshê permaneceu no Céu durante quarenta dias estudando a Torá diretamente de D'us.

Ao cabo dos quarenta dias, D'us deu a Moshê duas tábuas de safira de tamanho e forma idênticas. Nelas, D'us gravara os Dez Mandamentos.

Por que o povo de Israel recebeu os Dez Mandamentos inscritos em tábuas, em vez de um pergaminho Divino contendo toda a Torá?

Quando uma pequena criança começa a escola, o professor lhe apresenta o alfabeto escrevendo as letras no quadro negro. Somente mais tarde, quando o alfabeto já lhe for familiar, receberá livros para estudar.

D'us introduziu os judeus à Torá primeiramente pondo-os a par dos Dez Mandamentos (que contêm os conceitos básicos da Torá), e somente mais tarde foi-lhes dado um pergaminho de Torá inteiro.

Em vez de inscrever todos os Dez Mandamentos em uma só tábua, D'us escreveu-os em duas tábuas separadas. A primeira tábua continha os mandamentos envolvendo o homem e seu Criador, e a segunda tábua lidava com os mandamentos ligados à relação do homem com o seu próximo.

As letras não eram gravadas superficialmente sobre as tábuas, mas foram talhadas através de toda a espessura da pedra. Isso, para que fosse possível ler pelos dois lados. As letras hebraicas Mem (final) e Samech formam um quadrado e um círculo completos, respectivamente. Já que suas porções internas não tinham nenhuma sustentação, poderiam cair. No entanto, elas permaneciam em seu lugar milagrosamente.

O Pecado do Bezerro de Ouro

Antes de subir ao Céu para receber as tábuas, Moshê assegurou ao povo: "Eu retornarei dentro de quarenta dias, antes do meio-dia." Entrementes, ele apontou seu irmão Aharon e o filho de Miriam, Chur, para encarregarem-se do povo de Israel.

Agora já era o décimo-sexto dia de Tamuz, o último dos quarenta dias, e o meio-dia já havia passado. Onde Moshê poderia estar?

De acordo com os cálculos do povo, os quarenta dias já haviam passado. Eles incluíram, erroneamente, na sua contagem o dia da partida de Moshê. Na verdade, porém, ele deveria regressar somente no dia seguinte.

O povo judeu, um povo formado por seiscentos mil homens, sem contar mulheres, crianças e bebês, encontraram-se no enorme e terrível deserto, habitat de animais ferozes, cobras e escorpiões, sem o seu grande líder que servia de ligação entre eles e D'us.

O Satan apareceu perante o povo, inquirindo: "Onde está Moshê?"

"Está no Céu", respondeu o povo judeu.

"Mas o meio dia já passou e ele ainda não regressou", desafiou-os. Suas palavras foram ignoradas.

"Moshê faleceu!" zombou o Satan. O povo, porém, não deu atenção as suas palavras.

O Satan começou então a lhes mostrar visões terríveis, fazendo aparecer o caixão de Moshê. O povo judeu viu o corpo de Moshê suspenso entre o Céu e a Terra. Era uma imagem tão nítida e real que eram capazes de apontar para ela com seus dedos.

A explicação verdadeira para aquela visão foi que Moshê, como resultado de sua estadia no Céu, foi transformado em um ser espiritual. O Satan mostrou para o povo a vestimenta física da qual havia se despedido.

Então exclamaram: "Quem sabe se Moshê retornará? D'us pode tê-lo feito permanecer no Céu para engajar-se em discussões de Torá com ele, ou talvez os anjos o mataram!"

Os egípcios convertidos aproximaram-se de Aharon, Chur e dos setenta anciãos, reivindicando: "Já que Moshê desapareceu nas alturas, a congregação inteira está destinada a morrer! Dê-nos um substituto!"

A maioria dos membros do povo de Israel não tencionava usar a imagem como ídolo. Supunham que a Shechiná (Divindade) pousaria na imagem, e que esta os ajudaria a aproximar-se de D'us, assim como Moshê sempre se acercara deles. Porém, foi um erro. Nos Dez Mandamentos, D'us ordenou: "Não se pode venerar imagens" nem mesmo com o propósito de servir D'us.

"Queremos um líder que nos garantirá um status igual ao dos judeus de nascença!"

Chur, o filho de Miriam e sobrinho de Moshê e Aharon, ficou de pé e exclamou: "Será que esta é a gratidão que possuem por todos os milagres que D'us realizou para vocês? Apenas por que Moshê não está aqui desejam fazer esta imagem? Moshê voltará! Mas mesmo que não volte, não lhes está permitido fazer imagens! Não os deixarei fazê-la!"

"Seus pescoços deveriam ser cortados por uma exigência como essa!", trovejou.

Chur explicou para o povo que era desnecessário procurar por algo no qual a presença Divina pairasse, pois o povo de Israel, diferentemente de todas as outras nações, eram guiados pessoalmente por D'us.

O povo se agitou ante as palavras de Chur. Alguns começaram a lutar com ele, e finalmente o mataram.

D'us disse: "Chur, destes a vida para santificar Meu nome. Mereces uma grande recompensa por isso! Teus filhos serão grandes homens e príncipes do povo judeu."

E assim aconteceu. O neto de Chur, Betsal'el, foi designado construtor do Tabernáculo, e dentre seus descendentes estavam o rei David e outros reis.

Os convertidos egípcios viraram-se para os anciãos, exigindo um novo líder, porém estes negaram.

Os convertidos egípcios finalmente foram ter com Aharon, exigindo: "Dê-nos um líder, pois nós não sabemos o que aconteceu com este homem, Moshê!"

Aharon se encontrava em posição difícil. Se dissesse: "Não posso permitir", como Chur o fizera, alguns da turba poderiam matá-lo também. Aharon raciocinou: "Se eles me assassinarem também, não terão perdão pelo seu crime. O pecado de fabricar uma imagem é menor se comparado com um crime tão hediondo!"

Se Aharon não ficasse à frente do povo, as coisas poderiam ficar piores.

Portanto, pois, que Aharon decidiu: "Não me resta outro remédio: É melhor aceitar. Porém demorarei muito para fazer uma imagem. Espero que Moshê volte antes de terminar."

D'us sabia que Aharon consentiu porque, graças ao seu grande amor para o povo de Israel, queria salvá-los da destruição.

Para protelar e atrasar o plano, Aharon ordenou: "Tragam-me os brincos de suas esposas e crianças." Ele presumiu que as mulheres relutariam em compartilhar suas jóias. Poderiam surgir discussões entre marido e mulher, e com isto, tempo precioso seria ganho.

As mulheres, realmente, recusaram-se a compartilhar as suas jóias, não por estarem ligadas a elas, mas porque recusaram-se a dedicá-las para a formação de uma imagem.

Sua fidelidade a D'us foi recompensada; as mulheres receberam o Rosh Chôdesh como um dia festivo especial para si mesmas, para ser celebrado por elas através das gerações.

É costume das mulheres absterem-se de trabalho específicos em Rosh Chôdesh, como lavar roupas e costurar.

Fora as mulheres, toda a tribo de Levi absteu-se de contribuir com qualquer ouro para fazer o bezerro, e assim também fizeram os líderes das tribos e os justos do povo de Israel.

Apesar da recusa das mulheres, o plano de Aharon falhou porque os homens estavam ávidos em contribuir com ouro. Eles arrancaram os brincos rapidamente e Aharon jogou o ouro no

fogo para derretê-lo e mais tarde moldá-lo e esculpi-lo com uma ferramenta. (Aharon usou o processo mais lento possível para a formação do metal, esculpindo-o com uma ferramenta em vez de colocá-lo num molde.)

Agora os magos egípcios se puseram a trabalhar. Com sua magia, converteram a imagem em um bezerro. Subseqüentemente, um bezerro vivo emergiu do fogo, balindo e andando.

Apontando para ele, **os egípcios convertidos gritaram:** "Estes são os seus deuses, Israel, que os tiraram do Egito!"

As reações do povo de Israel diante do bezerro foram variadas. Alguns consideraram-no um intermediário sobre o qual a presença Divina pairaria. Outros tiveram a intenção de servir o próprio bezerro. Alguns o acolheram como uma oportunidade de **abandonar a estrita disciplina moral da Torá** e usar esta imagem como um **pretexto para licenciosidade**.

O povo quis construir um altar no qual oferendas poderiam ser sacrificadas, e tinham a intenção de rezar para D'us pedindo que um fogo Celestial descesse sobre ele. Aharon, porém, exigiu que a construção do altar fosse deixada a cargo dele, proclamando: "Será uma honra maior para o altar se eu construí-lo sozinho!" Na verdade, seus pensamentos eram: "Se eles o construírem, cada um trará uma pedra e ele logo ficará pronto. **Eu, porém, demorarei na sua construção até o anoitecer, para que nenhum sacrifício seja oferecido até amanhã. Até lá, Moshê já terá retornado!"**

Ele concordou em construir este altar pois preferia ser pessoalmente culpado a deixar que o povo judeu fosse punido mais tarde pelo pecado de construí-lo.

Aharon declarou numa voz triste: "Amanhã terá um festival para D'us!" Ele frisou claramente que o festival era em honra de D'us, e não do bezerro.

Na manhã seguinte, os egípcios convertidos despertaram cedo. Beberam vinho, e naquele estado de intoxicação, serviram ao bezerro como se fosse um deus, **oferecendo-lhe a maná que caíra naquele dia**. Assim, eles contrariaram o Altíssimo com a maior bondade que Ele lhes outorgara.

(Isto não nos surpreenderá se considerarmos que nós, freqüentemente, agimos desta mesma maneira incongruente, ao empregarmos nosso cérebro e membros, ambos presentes Divinos, para desafiar a Sua vontade.)

Ao mesmo tempo em que o povo estava praticando idolatria, D'us, nos Céus, estava ocupado gravando os Dez Mandamentos para eles nas duas tábuas de safira, como um presente para o Seu povo, que garantiria a eles vida eterna.

Os egípcios convertidos induziram os primogênitos do povo judeu a também fazer sacrifícios para o bezerro. Os primogênitos, por causa disso, perderam seu direito de realizar o serviço Divino. Este privilégio foi transferido para a tribo de Levi.

A idolatria do bezerro levou à libertinagem e obscenidade.

Apesar de que foram os egípcios convertidos quem idolatraram o bezerro, todo o povo de Israel foi incluído no veredicto culposos de D'us, já que eles fracassaram em protestar contra os pecadores.

D'us poderia ter destruído todo o povo de Israel nesta ocasião, se não fosse a memória de Avraham, Yitschac e Yaacov.

A Defesa de Moshê em Nome do Povo de Israel

Após o pecado do bezerro de ouro, D'us dirigiu-se a Moshê, no Céu, com duras palavras: **"Desça!", ordenou, "Não podes mais manter sua posição exaltada como um líder! Eu te elevei em honra do Meu povo.** Eles, no entanto, pecaram quarenta dias depois da outorga da Torá. Quão desventurada é a noiva que se corrompe quando ainda debaixo do pálio nupcial (chupá)!"

Esta reprovação baqueou Moshê; seu rosto anuviou-se. Ele queria deixar os Céus, mas estava tão atordoado em detrimento de sua preocupação pelo povo, que foi incapaz de achar a saída, andando às cegas.

D'us censurou-o, dizendo: "Quando o povo de Israel partiu do Egito, quiseste que os egípcios convertidos viessem junto. Eu Me opus, mas és bom e modesto e imploraste para que os aceitasse, apesar de serem indignos. Agora estas pessoas fabricaram o bezerro de Ouro e induziram o povo ao pecado!"

"Pode ser que fizeram um bezerro", disse Moshê, "mas eles certamente não se curvaram perante ele!"

"Eles se curvaram", disse D'us.

"Então eles podem ter se curvado, sem ter oferecido nada", persistiu Moshê.

"Eles sacrificaram oferendas", disse-lhe D'us.

"Neste caso, eles não o devem ter aceito como uma divindade", argumentou Moshê.

"Os egípcios convertidos disseram 'Estes são seus deuses, Israel!'", contradisse D'us.

Moshê ficou chocado com esta revelação. Frente a notícias tão arrasadoras, perdeu a fala.

Foi o próprio D'us Que indicou a Moshê como proceder, através de uma reprimenda: "Deixe-Me em paz, e Eu os destruirei!" Destas palavras, "Deixe-Me em paz", (apesar de que Moshê ainda não pronunciara sequer uma palavra em prol do povo), Moshê compreendeu que deveria rogar pelo povo de Israel.

D'us lhe disse: "Eles merecem destruição; cheguei à conclusão que eles são obstinados!"

D'us ofereceu para fazer de Moshê um grande povo, no lugar do povo de Israel, que seria destruído.

A razão pela qual D'us jogou acusações severas e ameaças contra o povo de Israel, foi com o intuito de despertar Moshê para rezar mais sinceramente em prol deles. De fato, Moshê apresentou uma defesa de mestre para o povo de Israel e seus argumentos conseguiram o nosso perdão e nossa proteção até os dias de hoje.

"Por favor, D'us" rogou Moshê, "não fiques tão aborrecido com Teu povo! Se o destruíres, os egípcios afirmarão: 'Tínhamos razão! Sempre predissemos que D'us não poderia manter vivo um

povo num deserto solitário e temível, sem comida nem bebida. Desde o princípio, sabíamos que todos morreriam ali.

Quando D'us viu que não tinha condições de manter os judeus vivos e de guiá-los a Israel, matou-os todos no deserto! Que terrível profanação do nome Divino seria todas as nações acreditarem que Tu, D'us, não és suficientemente poderoso para conduzir os judeus à Terra de Israel e por isso os eliminaste. Não permitas que as nações afirmem isso!

"Ademais, mesmo que os judeus tenham pecado, acaso não merecem viver pelo mérito de seus antepassados - Avraham, Yitschac e Yaacov? Tu, D'us, prometeste aos antepassados que seus descendentes seriam tão numerosos como as estrelas!

"Sei que os judeus transgrediram um dos Dez Mandamentos ao fazerem uma imagem, mas lembra-Te que puseste Avraham à prova dez vezes e ele passou por todas. Permite, pois, que o mérito de Avraham proteja os judeus agora. E se Tu pensas que os judeus merecem ser queimados por seus pecados, recorda que Avraham estava disposto a deixar-se queimar em uma fogueira por amor a Ti. Salva, pois, os judeus de serem queimados pelo mérito de Avraham.

"Se pensas que o povo judeu merece ser morto pela espada, pensa no mérito de Yitschac. Yitschac permitiu que seu pai o amarrasse ao altar no monte de Moriá e estava disposto a ser sacrificado com uma faca. Deixa, pois, que o mérito de Yitschac salve os judeus! **E se desejas castigar o povo judeu fazendo-o perambular por terras estranhas, recorda o mérito de seu antepassado, Yaacov, o justo que perambulou por vários países. Perdoa os judeus pelo mérito de Yaacov."**

Moshê recusou a oferta de D'us para ele ser o patriarca de uma nova nação judia, discutindo: "Mestre do Universo, se uma cadeira com três pernas balança, como pode uma cadeira de uma só perna permanecer de pé? Se os méritos dos seus três patriarcas, Avraham, Yitschac e Yaacov foram insuficientes para salvar o povo judeu da Tua ira, como posso eu, um só homem, esperar que os proteja?"

Se os meus descendentes pecarem no futuro, meu mérito certamente não será o suficiente para salvá-los da morte! Mais ainda, não posso aceitar a Tua proposta, pois terei vergonha de Avraham, Yitschac e Yaacov. Eles poderão pensar: 'Que líder de comunidade egoísta! Ele aproveita a situação para elevar a si mesmo em vez de implorar pelo perdão de sua comunidade!' Desista de levar em frente Teu plano de extermínio!"

Através de suas preces, Moshê salvou o povo da destruição iminente, mas ele desceu dos Céus sem ainda ter obtido perdão.

Somente mais tarde, depois da destruição do bezerro, punição dos pecadores e mais outros quarenta dias de orações passados por Moshê no Céu, é que D'us perdoaria o povo.

Moshê deixou o Céu em estado de terror, carregando em uma só mão as maravilhosas tábuas de safira que, apesar do seu tremendo peso, eram leves em sua mão, **pois transportavam-se a si mesmas.**

Moshê Quebra as Tábuas

Ao retornar ao pé da montanha, Moshê encontrou seu fiel discípulo Yehoshua acampado lá. Yehoshua lá esperara por ele durante quarenta dias. **D'us fez um milagre especial pelo justo**

Yehoshua e todas as manhãs caía maná do céu no lugar onde ele aguardava.

Juntos, aproximaram-se do acampamento e ouviram os ruídos tumultuados e barulhentos das celebrações à volta do bezerro.

"Estes sons parecem o clamor de uma guerra", observou Yehoshua.

"Você está me desapontando, Yehoshua.", respondeu-lhe Moshê. "Você não é capaz de distinguir entre um som e outro? Este não é grito de vitória, tampouco de derrota. Nós estamos ouvindo hinos de enaltecimento para um ídolo!"

Ao entrar no acampamento, eles avistaram o bezerro de ouro (זָהָב) e a celebração e as danças que o acompanhavam. "Não posso outorgar-lhes as tábuas", pensou Moshê. "A Torá afirma que alguém que renega D'us não pode tomar parte na mitsvá da oferta de Pêssach. Todo o povo afastou-se agora de D'us, e o renegaram. Certamente, não merecem receber as tábuas, que contém todas as mitsvot."

Ao olhar para as tábuas, Moshê notou que a escrita gravada nelas desaparecera. Percebeu que as letras - a alma e o conteúdo espiritual das tábuas - estavam voando pelo ar. A santidade das letras não podia entrar no acampamento. As tábuas que estavam nas mãos de Moshê eram meras pedras, pesadas, sem vida. Moshê levantou-as e, com sua força descomunal, espatifou-as de encontro ao chão.

Por que Moshê agiu desta maneira? Ele temia que o julgamento do povo de Israel seria mais duro se eles possuísssem as tábuas. Se não as tivessem, sua punição seria mais branda.

Pouco depois do casamento de um famoso estadista, começaram a circular rumores de que sua nova esposa não lhe era fiel. O casamenteiro imediatamente rasgou o contrato de casamento, pensando: "É melhor para ela que seja julgada como se ainda fosse solteira, do que como uma senhora casada!"

Similarmente, Moshê raciocinou que as tábuas, que estabeleciam permanentemente o elo entre D'us e o povo de Israel, os colocaria numa posição de mulher casada. D'us condenaria sua falta de fidelidade muito mais se eles possuísssem as tábuas, do que se nunca as tivessem recebido.

Por que Moshê não espatifou as tábuas assim que D'us lhe contou, lá no Céu, que os judeus fizeram uma imagem? Moshê esperou até testemunhar o crime realmente, para ensinar que um juiz nunca deve basear o seu veredicto no relatório de uma só testemunha, seja esta tão fiel quanto possa ser.

D'us parabenizou o ato de Moshê, exclamando: "**Yasher Côach!** Você fez bem em quebrar as tábuas!"

A quebra das tábuas foi um substituto para a quebra do povo judeu.

Moshê Pune os Adoradores do Bezerro

Quando Moshê observou o povo, percebeu que a Presença Divina os havia deixado. Todos os adoradores tinham suas testas cobertas por lepra.

No momento que Moshê entrou no acampamento, seu irmão Aharon estava parado próximo do bezerro com um martelo levantado em sua mão, pronto para dar o retoque final na

imagem, com mais algumas batidas. Sua intenção era de dizer ao povo que o bezerro ainda não estava pronto, impedindo-os assim de adorá-lo naquela hora. No entanto, vendo seu irmão parado com uma ferramenta, ajudando a construir a imagem, Moshê entendeu a situação erroneamente, sua cólera se ascendeu contra seu próprio irmão.

"O que este povo te fez", trovejou Moshê, "para que você trouxesse este grande pecado sobre eles?"

Aharon se defendeu: "Por favor, que a ira do meu mestre não seja direcionada a mim. **Sabes que os elementos mais baixos do povo têm testado D'us constantemente.** Eles exigiram que eu lhes desse alguém que o substituísse, sem saber que ainda estavas vivo. Perguntei se alguém tinha ouro, e eles rapidamente me trouxeram todo o ouro que estava em sua posse e joguei-o dentro do fogo - **como é que eu iria saber que sairia este bezerro?**"

Apesar de Aharon ter agido da maneira errada, Moshê compreendeu as **nobres intenções** do seu irmão.

Em seguida, Moshê queima o bezerro no fogo e o tritura até transforma-lo em pó. Moshê misturou o pó com água e o deu de beber a todos os judeus.

Qual foi o sentido disso?

Em primeiro lugar, fez com que todo judeu que pensara que o bezerro era um deus compreendesse que estava enganado. O bezerro não era um deus, pois havia terminado no estômago de um homem!

Em segundo lugar, D'us fez um milagre com a água. Todo judeu que havia servido o bezerro de ouro deliberadamente mas que não podia ser castigado pelo tribunal, pois não havia sido avisado, nem tinha testemunhas que o tivessem visto pecar, sentiu que o estômago se inflava como um balão. **Continuou crescendo e crescendo até explodir e ele morrer.**

Mas os judeus que não tinham pecado não foram afetados pela água. Aqueles que eram inocentes, Moshê deu uma bênção especial para compensá-los pelo humilhante processo pelo qual tiveram que passar, prometendo: "Seus filhos com certeza entrarão em Israel!"

Moshê proclamou: "Aquele cujo coração for totalmente dedicado a D'us, que venha até mim!" Moshê precisava de pessoas íntegras e capacitadas para formar um tribunal que executasse os pecadores.

Somente a tribo de Levi respondeu ao chamado de Moshê. Todas as outras tribos tinham contribuído com jóias para o bezerro.

Moshê ordenou-lhes: "Desembainhem suas espadas. Todo judeu que foi advertido por duas testemunhas para que não adorasse o bezerro de ouro e que foi visto mais tarde por duas testemunhas a servir ao bezerro, deve ser morto por vocês. Mesmo se o homem for seu parente ou amigo, devem matá-lo!"

Os levitas executaram três mil pessoas com espadas, todos eles egípcios convertidos.

O resto do povo de Israel podia facilmente ter impedido que os levitas matassem esses judeus, mas nem um só deles protestou. **Pois os judeus eram verdadeiros justos que obedeciam a**

.....
Moshê. Sabiam que estes mereciam ser punidos desta forma pelo seu pecado, e aceitaram sem discussão.

Na manhã seguinte, Moshê informou o povo de que ele retornaria ao céu para rogar a D'us que os perdoasse. Moshê, em sua grande sabedoria, **primeiramente eliminou o bezerro de ouro, e somente depois pediu Seu perdão.**

Moshê raciocinou que seria inapropriado pedir a D'us por perdão enquanto o bezerro ainda existisse.

"Antes vou destruí-lo", pensou, "e depois pedirei perdão a D'us pelo pecado."

Para o povo ele disse: "Vocês agiram muito mal! Todos vocês são culpados por não ter protestado contra o bezerro! Deixem-me retornar a D'us; quem sabe alcançarei o perdão pelo vosso pecado!"

Moshê Salva o Povo de Israel da Destruição

No 19º dia de Tamuz, Moshê subiu ao Céu mais uma vez, lá permanecendo por quarenta dias, até o dia 29 de Av, implorando perdão a D'us.

Ele rezou: "Mestre do Universo, o Senhor mesmo levou-os ao pecado, já que os carregaste de ouro e prata durante o Êxodo do Egito. Um leão só dá uma patada se uma bandeja cheia de carne for colocada ao seu lado."

Moshê, então, apresentou seus argumentos a favor do povo com tanta intensidade que sentiu seu corpo todo ferver. Ele estava realmente doente de preocupação pelo pecado do bezerro de ouro.

"Por que, D'us, Tua ira deve arder contra o Teu povo que tiraste do Egito? Eles nunca tiveram a intenção de fazer do bezerro um ídolo; eles o fizeram com o intuito de criar um intermediário sobre o qual Tua presença pudesse pairar. **Mesmo ao fazer o bezerro, eles não Te desprezaram; eles queriam me substituir.**

"Mais ainda, leve em consideração o fato de eles terem vivido entre os egípcios, que eram idólatras."

Um pai decidiu que chegara a hora do seu filho começar a ganhar a vida. Ele alugou uma loja em uma área nada respeitável e trouxe-lhe os produtos necessários para que este se transformasse num vendedor de perfumes e cosméticos. Ao indagar um pouco mais tarde sobre o bem-estar do seu filho, foi informado de que este se associara com as libertinas da vizinhança.

A ira do pai não tinha limites. "Vou matá-lo por isso!", exclamou. Mas um amigo da família rogou: "Como é que ele poderia ter se portado de outra maneira? Ele é jovem e inexperiente. De todas as possíveis profissões, você escolheu para ele a de um vendedor de perfumes e colocou-o num ambiente corrupto!"

Similarmente, Moshê implorou a D'us: "Não fique irado - Tu os tiraste do Egito, uma terra onde todos adoravam cordeiros.

Eles estavam simplesmente imitando os costumes do Egito! Estão acostumados aos ritos daquele país e ainda não se habituaram aos Teus caminhos! Espere um pouco, e eles com certeza farão atos que serão agradáveis perante Ti!

"Se os destruir, os egípcios acreditarão que seus astrólogos predisseram a verdade ao afirmar que o povo e Israel pereceria no deserto. Deixe que a Tua cólera se extinga e revogue o decreto do Teu povo!"

Moshê estava pronto a perder a própria vida pelo povo, fazendo um trato com D'us: "Se não perdoá-los, apague meu nome do Teu livro."

Finalmente, Moshê fez uso da mais poderosa arma de defesa, o mérito dos patriarcas. Voltando-se em direção à caverna de Machpelá, exclamou perante os patriarcas: "Ajudem-me nesta hora, quando seus filhos estão prestes a serem abatidos como cordeiros!" Os patriarcas levantaram-se e posicionaram-se diante dele.

Dirigindo-se a D'us, Moshê orou: "Lembre-se de Avraham, Yitschac e Yaacov, Teus servos para os quais jurastes em Teu Sagrado Nome, 'Eu multiplicarei sua semente como as estrelas do céu!' Lembre as doze tribos sagradas, Teus servos, e salve o povo judeu em seu mérito!"

Ao cabo de quarenta dias de incessante oração, D'us finalmente concordou em perdoar o povo de Israel - não em seu próprio mérito, mas por conta dos seus antepassados. Disse D'us: "Levante-se e lidere o povo de Israel até a Terra Santa! Meu anjo, e não Minha presença, irá à frente de vocês. Decidi que, em vez de destruir o povo de Israel de uma vez, removerei os efeitos do seu pecado gradualmente através das gerações. **Sempre que cair uma punição sobre o povo judeu por conta de seus pecados, incluirei nela um pouco da punição pelo pecado do bezerro de ouro.**

Após Moshê ter orado durante quarenta dias, D'us concordou em não castigar o povo de Israel. Disse: "Ao invés de castigá-los, agregarei uma pequena parte do castigo pelo pecado do bezerro de ouro a cada castigo que impuser aos judeus no futuro."

Moshê, então, retornou ao seu povo. Apesar de ter evocado a piedade Divina, salvando assim o povo da destruição, Moshê ainda não obteve perdão pelo pecado.

Por que o Povo Judeu Cometeu o Pecado do Bezerro de Ouro

A grandeza da Geração do Deserto não pode ser subestimada. D'us a escolheu dentre todas as outras para receber a Sua Torá, sabendo que eles eram justos. **Eram fortes em espírito e controlados em sua má inclinação.**

Se é assim, por que é que eles tropeçaram no pecado do bezerro de ouro? Por que D'us não os protegeu do pecado, como Ele usualmente procede com os justos?

D'us permitiu que o pecado do bezerro acontecesse para servir como sinal de esperança e encorajamento para os judeus no futuro. O incidente do bezerro de ouro provaria que, não importa o quão distante uma comunidade se desvie do caminho da Torá, nunca estará longe demais para fazer teshuvá. **Se, depois de um pecado tão grave como este, o povo judeu foi aceito novamente por D'us, nenhuma comunidade poderá afirmar que caiu baixo demais para retornar a D'us.**

É preciso também ter em mente que o grau de dificuldade de um teste é proporcional à grandeza da pessoa (ou da geração). Quanto maior for o nível espiritual, mais severa será a provação: o povo judeu foi submetido a um grande teste. Era exigido que abandonassem o raciocínio humano e que se ativessem à palavra de D'us. (Eles foram testados para ver se colocariam sua fé

.....
absoluta nas palavras do profeta de D'us, Moshê. Este prometera que retornaria, portanto era esperado deles que acreditassem, apesar das suas razões lógicas para assumir que Moshê não voltaria, tendo portanto uma justificativa visível para procurar um substituto.)

A subsequente condenação do pecado da geração por D'us era relativa às suas grandes capacidades. D'us culpou toda a comunidade por não ter protestado. **Na verdade, somente os convertidos egípcios (três mil pessoas, ou cinco por cento da população) serviu ativamente ao bezerro de ouro.**

Depois do Pecado do Bezerro, Moshê Remove sua Tenda para Fora do Acampamento

Depois do pecado do bezerro, ao ouvir que a presença Divina não permaneceria mais no meio do povo para guiá-los, Moshê raciocinou: "O discípulo deve seguir o exemplo do seu mestre. D'us está aborrecido com o povo judeu, retirou-se do meio deles. Portanto, devo fazer o mesmo."

Ao deixar o acampamento, a presença Divina o seguiu e pairou sobre a sua tenda. Todo aquele que solicitasse D'us deveria ir até a tenda de Moshê. **Sempre que Moshê saía de sua tenda, o povo se levantava em respeito a ele, exclamando, admirados: "Vejam este grande homem que tem a garantia de que, aonde quer que ele vá, a presença Divina o seguirá!"**

Sempre que o povo de Israel via a nuvem da presença Divina descendo sobre a tenda de Moshê, ajoelhava-se perante ela. Depois que D'us terminava de passar as instruções para Moshê, este retornava ao acampamento para transmiti-las aos anciãos.

Pela maneira deferente com a qual todo o povo se prostrava perante a presença Divina, D'us viu o quanto almejavam o retorno da Sua presença. **Por isso, disse a Moshê: "Se tanto o mestre como o aluno demonstram sua cólera para com o povo de Israel, como eles sobreviverão? Retorne ao acampamento!"**

"Não retornarei", redarguiu Moshê..

"Se é assim, seu discípulo Yehoshua irá substituí-lo!", disse-lhe D'us.

"Sabes que a minha decepção com eles foi em Tua honra!", replicou Moshê.

Mesmo assim, ele retornou ao acampamento, porém tentou revogar o decreto Divino de que a Presença Divina não mais guiaria o povo de Israel. "Não aceito Tua decisão de que um anjo nos guiará", disse para D'us. "Se for assim, prefiro não sair mais daqui! Não prometeste guiar-nos pessoalmente, apesar de saber do futuro pecado do bezerro? Como então podes dizer agora que mandarás um mensageiro à nossa frente? **Se nos tratas desta maneira, não mais seremos distintos de todas as outras nações. Eles são guiados por um anjo da guarda; agora Tu pretendes que nós também sejamos guiados por um anjo? Como posso aceitar esta mudança de liderança?"**

D'us concordou com o pedido de Moshê, demonstrando que um justo possui a grandeza de anular um decreto Divino.

D'us postergou Seu decreto de mandar um anjo à frente do povo de Israel até a época do sucessor de Moshê, Yehoshua.

Moshê Pede para Entender os Caminhos Divinos

Quando D'us aceitou a oração de Moshê, este percebeu que aquele era um momento de benevolência Celestial. Por isso, aproveitou a oportunidade para apresentar um pedido adicional a D'us:

"Por favor, mostre-me o plano segundo o qual Tu manipulas os acontecimentos do mundo. Mostre-me a futura recompensa que está reservada para os justos!"

"Saiba", disse D'us, "que nenhum olho humano, nem mesmo o do maior profeta, pode contemplar a última recompensa do mundo vindouro. Eu, porém, lhe demonstrarei uma fraca reflexão dos prazeres espirituais do Paraíso. Enquanto Minha Glória passar, cobrir-te-ei com minha nuvem. Você verá uma fração da Minha Glória, porém não poderá vê-la inteiramente enquanto você estiver vivo."

Moshê teve uma visão dos diferentes tesouros reservados aos justos. Eles passaram perante seus olhos. Finalmente, D'us lhe mostrou um enorme tesouro.

"De quem é este?", perguntou Moshê.

"Este é o tesouro daqueles que não têm méritos, mas que lhes outorgo Minha graça, já que sou piedoso."

Aquele tesouro era imenso, **pois a maioria das pessoas não são merecedoras** da recompensa que D'us lhes outorga.

Moshê aprende de D'us as treze qualidades da misericórdia

Moshê disse a D'us: "Ensina-me a orar pelo povo de Israel depois que pecam. Os judeus quase foram destruídos depois que fizeram o bezerro de ouro. Quero saber qual é a melhor forma de despertar Tua misericórdia no futuro."

D'us respondeu: "Ensinarei a ti Minhas qualidades de misericórdia. Ensina-as aos judeus e diga-lhes: 'Quando invocarem Minhas treze qualidades de misericórdia hei de perdoar vossos pecados e serei misericordioso convosco.'"

Eis aqui o que D'us ensinou Moshê a orar:

"Ado-nai (1 **yh**), Ado-nai (2 **yh**) E-I (3 **la**,) Rachum (4 **~Wxr**,) [ve]Chanun (5 **!WNx**,) Êrech apáyim (6 **~yIP;a; %r<a**,) [ve]Rav chessed (7 **ds,x, br**,) [ve]Emet (8 **tm,a**,), Notser chessed laalafim (9 **~ypil'a]l' ds,x, rcenO**), Nossê avon (10 **!A[afenO**) [va]Fêsha (11 **[v;p**,) [ve]Chataá (12 **ha'J'h**,) [ve]Nakê (13 **hQ,n**,)"

Estas palavras significam:

1. Ado-nai - (yh) Sou um D'us misericordioso com as pessoas **antes que pequem** (mesmo que saiba que logo pecarão).

2. Ado-nai - (yh) Sou igualmente misericordioso com as

.....
pessoas **depois de pecarem**, se fizerem teshuvá (arrependimento).

3. E-I - (la,) Julgo a cada pessoa **autenticamente**.

4. Rachum - (~Wxr:) Sou **misericordioso** com os pobres e oprimidos e os **salvo de seus opressores**.

5. Chanun - (!WNx:) Sou generoso mesmo **com aqueles que não o merecem**.

6. Êrech apáyim - (~yIP;a; %r<a,) **Demoro a castigar**, mesmo a um malvado. Sou lento a castigá-lo pois lhe dou **tempo para fazer teshuvá**.

7. Rav chéssed - (ds,x, br:) Minha qualidade de bondade é tão grande, que posso **salvar uma pessoa do castigo mesmo que seus pecados sejam mais numerosos que seus méritos**.

8. Emet - (tm,a,) **Pago a recompensa** que prometi àqueles que **merecem**.

9. Notser chéssed laalafim - (~ypil'a]l' ds,x, rcenO) Se uma pessoa **cumprir uma mitsvá recompenso seus filhos** até duas mil gerações posteriores.

10. Nossê avon - (!A]' afenO) Perdão até uma pessoa que pecou porque seu instinto mau o persuadiu a fazer o mal, **se faz teshuvá**.

11. Fêsha - (]v;p,) Perdão até uma pessoa que pecou **com a intenção de causar-me aborrecimento**, se fizer teshuvá.

12. Chataá - (ha'J'h;) E perdão o **pecado cometido intencionalmente**.

13. Nakê - (hQ,n;) Se um pecador faz teshuvá, **suspensão seu castigo** e voltarei a ser bondoso com ele.

Além de ensinar a Moshê treze qualidades de misericórdia, D'us lhe ordenou que repetisse ao povo judeu a advertência de **não forjar imagens**. Não queria que voltassem a pecar como o haviam feito com o bezerro de ouro.

D'us também ensinou a Moshê mais leis sobre as festividades: **Pêssach, Shavuot e Sucof**. E introduziu Rosh Hashaná e Yom Kipur, momentos de julgamento e perdão. Advertiu Moshê: "O povo judeu guardará somente as festividades de D'us e **não estabelecerá suas próprias festividades** como o fez quando pecou com o bezerro de ouro."

Moshê Permanece no Céu para Receber as Segundas Tábuas

D'us ordenou a Moshê que esculpisse um segundo par de tábuas. "Já que você quebrou as primeiras tábuas, é seu dever de esculpir as novas.", disse-lhe D'us. D'us lhe revelou uma jazida de safira dentro da terra abaixo de sua tenda. Moshê usou aquela safira para esculpir as novas tábuas. D'us presenteou Moshê com o material restante. **Moshê ficou muito rico**. Ele não coletara nenhum dos despojos do Egito na hora do Êxodo; em vez disso, **estava ocupado localizando o caixão de Yossef** e preparando-o para a jornada no deserto. Por isso, agora foi recompensado por D'us com riquezas.

Moshê se tornou um homem muito rico. Mas ele não considerava as riquezas importantes. Sabia que o dinheiro acompanha a pessoa apenas enquanto vive (e às vezes, até o perde antes). **Porém, há uma forma de riqueza que permanece junto a uma pessoa para sempre: seu conhecimento da Torá**. Esta é a verdadeira riqueza que Moshê valorizava.

D'us ordenou a Moshê que subisse ao cume do monte Sinai cedo pela manhã, sozinho, dizendo: "As primeiras tábuas foram dadas ostensivamente, em meio a uma demonstração pública. Por isso foram quebradas. Estas segundas tábuas devem ser dadas de forma discreta e sem alarde."

Moshê subiu ao monte Sinai no primeiro dia de Elul e permaneceu no campo Celestial por quarenta dias. Esta foi a sua terceira estadia no Céu **(perfazendo um total de cento e vinte dias)**.

Durante estes quarenta dias no Céu, D'us ditou para ele toda a Torá e lhe ensinou sua explicação oral. **No dia 10 de Tishrei, D'us perdoou o povo de Israel pelo pecado do bezerro**, dando a Moshê as segundas tábuas nas quais Ele escrevera tudo novamente. D'us designou este dia como um dia de perdão para todas as futuras gerações: o chamado **Yom Kipur**.

O Rosto de Moshê Resplandece Quando Moshê regressou do Monte Sinai em Yom Kipur com as segundas tábuas, os judeus se afastaram dele, temerosos. Pois seu rosto brilhava com um resplendor tão forte como se emitisse raios de sol. As pessoas não se atreviam a aproximar-se. **"Talvez Moshê seja um anjo de D'us", exclamaram**.

Seu receio era por conta do pecado do bezerro; antes do seu pecado, eles eram capazes de visualizar o fogo de glória Divino no Monte Sinai sem medo. Tendo pecado, no entanto, eles tremiam mesmo diante dos raios que brilhavam na face de Moshê.

Moshê chamou os anciãos, e lhes disse: "D'us os perdoou pelo pecado do bezerro de ouro e lhes deu novas tábuas. Os anciãos perguntaram a Moshê por que seu rosto brilhava, e descobriram que Moshê nada sabia sobre isso. Nem sequer percebera que lhe havia acontecido algo de especial. Quando o povo viu os anciãos falarem com Moshê, finalmente se atreveram a chegar perto.

Por que D'us fez o rosto de Moshê resplandecer? D'us queria mostrar ao povo como Moshê era especial. Haviam pecado terrivelmente ao buscar um novo guia quando Moshê demorou a descer do Monte Sinai. **O povo deveria ter permanecido fiel a Moshê, pois era um homem tão nobre que os raios da Shechiná resplandeciam sobre seu rosto**.

Moshê viu-se forçado a cobrir sua face fulgurante com um véu, somente descobrindo-a ao falar com D'us ou ao ensinar as palavras de D'us para o povo de Israel. Quando o povo de Israel dedicava-se ao estudo da Torá, eram imbuído de força para suportar a visão dos raios de glória. **Esta é uma demonstração**

da grandeza à qual o estudo da Torá é capaz de elevar um ser humano.

22 – Parashat Vayak'hel

Êxodo 35:1-38:20

Moshê congrega Benê Yisrael para falar-lhes sobre a construção do Mishcan

Em Yom Kipur Moshê desceu do Monte Sinai e entregou as segundas **tábuas (luchot)** a Benê Yisrael.

Um dia depois, Moshê reuniu o povo – homens, mulheres e crianças – para dizer-lhes que Hashem lhes havia ordenado construir um Mishcan. Já sabemos muito a respeito do Mishcan, pois a Torá nos fala disso nas Parshiyot anteriores. Porém, Benê Yisrael nada sabia sobre ele ainda. **Moshê somente os informou após Yom Kipur.**

Moshê anunciou: “Hashem os perdoou por fazerem o bezerro de ouro. Sua Shechiná (Presença) permanecerá novamente entre vós, no Mishcan, uma tenda sagrada que Ele lhes ordena construir.”

O júbilo entre os membros de Benê Yisrael pelo anúncio de Moshê foi enorme. Como era maravilhoso que a Shechiná estava retornando a eles! Desde o pecado do bezerro de ouro o povo havia estado triste; agora sentia-se novamente feliz e tomado de grande contentamento. Hashem regressaria a Seus filhos!

Moshê adverte que o Shabat deve ser respeitado

Moshê disse a Benê Yisrael: “Mas antes de lhes dar instruções sobre a construção do Mishcan, Hashem pediu que os advertisse: embora a construção do Mishcan seja um trabalho sagrado, sempre devem interrompê-lo antes que comece o Shabat. **Não podem fazer nenhum trabalho relacionado com o Mishcan no Shabat.**”

“O trabalho deve ser realizado durante os seis dias da semana. No sétimo dia, contudo, devem abster-se de qualquer trabalho.”

Moshê ensinou a Benê Yisrael as detalhadas leis dos Trinta e Nove Trabalhos Matrizes (**melachot**), cuja realização é proibida no Shabat. Estes 39 tipos se realizavam quando Benê Yisrael construíram o Mishcan.

Naturalmente, há muito mais de trinta e nove tipos de trabalho que são proibidos no Shabat; há centenas. Estes trinta e nove tipos são apenas categorias, cada uma das quais inclui muitas outras atividades.

As leis do Shabat devem ser estudadas cuidadosamente por todos os judeus, para que estes não cometam uma proibição no Shabat por falta de conhecimento. **Esta Parashá contém uma pista interessante que nos demonstra que o número de tarefas proibidas é trinta e nove.**

Se você contar desde a primeira palavra desta Parashá até a palavra hashabat (no final do versículo 3), contará... quantas palavras? Conte e descubra!

Os 39 trabalhos matrizes (Avot Melachot), tarefas que um judeu não pode fazer em Shabat

A melachá proibida	Explicação curta da melachá proibida	Como a melachá foi realizada na construção do Mishcan
1. Zeriá	Plantar e outros atos que fazem crescer as plantas	
2. Charishá	Arar e outros atos de preparar o terreno para o plantio	
3. Ketsirá	Arrancar ou cortar uma planta do lugar onde cresceu	
4. Hameamer	Juntar plantas para formar pilhas ou feixes	As melachot 1 a 11 se faziam no Mishcan para preparar as tintas para tingir a lã necessária para cobrir o Mishcan
5. Dishá	Debulhar; separar o grão de uma planta de sua casca	
6. Zeriá	Dispersar o grão ao vento	
7. Bererá	Selecionar e separar	
8. Techiná	Moer	
9. Harcadá	Peneirar	
10. Lishá	Fazer massa	
11. Afiyá/bishul	Assar, cozinhar ou fritar	
12. Guezizá	Tosquiar	
13. Libun	Lavar	
14. Niputs	Desembaraçar a lã não trabalhada	
15. Tseviá	Tingir	
16. Reviyá	Fiar	As melachot 12 a 20 serviam para obter a lã e entrelaçá-la nas tapeçarias do Mishcan
17. Hansachat hamassêchet	Esticar o fio para prepará-lo para tecer	
18. Assiyat batê nirin	Passar o fio entre dois anéis	
19. Arigá	Tecer	
20. Petsiá	Desfazer os fios a fim de retocá-los	
21. Keshirá	Arar	As melachot 21 e 22 eram feitas quando a cerca para o chatser (pátio do Mishcan) era

		desarmada e montada. A rede que rodeava o chatser se apoiava com cordas presas a presilhas
22. Hatará	Desatar	
23. Tefirá	Costurar	Algumas tapeçarias do Mishcan eram costuradas juntas e às vezes era preciso cortar nas junções
24. Keriá	Rasgar com intenção de suturar	
25. Tsedá	Caçar	Benê Yisrael precisavam caçar animais cuja pele necessitavam, como o Tachash
26. Shechitá	Abater	
27. Hafshatá	Pelar o couro	As melachot 26 a 31 eram feitas para preparar as peles dos animais que cobriam o Mishcan
28. Ibud or	Curtir o couro	
29. Sirtut	Alisar o couro	
30. Hamemachec	Demarcar o couro	
31. Chituch	Cortar	
32. Ketivá	Escrever	As vigas do Mishcan eram marcadas com um número para serem sempre colocadas na mesma ordem
33. Mechicat ketav	Apagar	
34. Benivá	Construir	Para erguer o Mishcan
35. Setirá	Destruir ou demolir	Quando Benê Yisrael iam partir, desarmavam o Mishcan
36. Kibui	Apagar fogo	Para cozinhar as tintas se acendia
37. Hav'ará	Acender fogo	(ou apagava) um fogo
38. Macá bepatish	Terminar a manufatura de um objeto	Quem construía um objeto para o Mishcan, ao final dava uma batida de martelo (para testar sua dura-bilidade) ou outro toque final
39. Hotsaá	Transportar de uma propriedade para outra ou carregar em domínio público	Benê Yisrael levavam a Moshê os objetos que haviam feito para o Mishcan

Por que o Shabat é lembrado antes da construção do Mishcan?

Por que Hashem ordenou que Moshê exortasse o povo a observar os preceitos do Shabat antes de instruí-los acerca da construção do Mishcan?

Um rei planejava construir um novo palácio. Convocou os melhores arquitetos, confabulando por horas a fio. Deu-lhes instruções detalhadas sobre como planejar a esplendorosa construção que tinha em mente – aposentos espaçosos, teto em abóbada, os portais na entrada e o luxuoso interior. A rainha notou, com desgosto, que ele pensava no palácio dia e noite.

Durante uma das sessões com os arquitetos, ela irrompeu no escritório e queixou-se: “Estás tão envolvido com teus planos, que já não me dedicas um pensamento sequer!” **O rei reconheceu que o argumento era verdadeiro. Imediatamente, ordenou que no dia seguinte se fizesse uma festa em honra à rainha.**

Similarmente, o Shabat queixou-se a Hashem: “Tu me santificaste durante os Seis Dias da Criação. Agora os judeus estão propensos a me profanar por causa do grande amor pelo Mishcan que estão erguendo a Ti!”

Por isso, Hashem ordenou que Moshê enfatizasse ao povo que as leis do Shabat não deveriam ser negligenciadas por causa da construção do Mishcan.

A proibição de acender fogo no Shabat

Entre diversas outras leis, Moshê ensinou a Benê Yisrael que é proibido acender fogo no Shabat.

O perverso imperador Adriano desafiou **Rabi Yehoshua ben Chananyá**, dizendo: “Sou maior que seu mestre Moshê.”

“Como?” indagou Rabi Yehoshua.

“Muito simples,” retrucou Adriano. “Estou vivo, e ele morto. Seus livros não dizem: ‘É melhor um cão vivo que um leão morto?’”

Rabi Chananyá disse: “Professarei a verdade de suas palavras se puder cumprir uma condição. Decrete como lei transitória vigente apenas uma vez, que seus súditos não acendam fogo por três dias consecutivos!”

“Nada mais fácil!” consentiu Adriano, promulgando uma ordem para que tal lei tivesse efeito. Ao entardecer, ambos ficaram no terraço do telhado de Adriano.

Rabi Yehoshua olhou para as casas da cidade e **percebeu fumaça saindo de uma delas, a distância.** “Você não proibiu que acendam fogo?” perguntou ao imperador.

Enviaram um mensageiro àquela casa. Este retornou relatando que ali vivia um nobre, e que seu médico ordenara que ingerisse bebidas quentes para curar sua gripe. Acendera o fogo com essa finalidade.

.....
"Está vendo," mostrou Rabi Yehoshua ben Chananyá a Adriano, "seus súditos não acatam suas ordens mesmo enquanto está vivo. **Este homem poderia facilmente esperar mais um dia para acender o fogo. Nosso mestre, Moshê, advertiu-nos há dois mil anos: 'Não acendam fogo em Shabat!' Até hoje, não se acende fogo algum em nenhuma casa judaica em Shabat!'**"

Por que a Torá repete extensos relatos sobre a construção do Mishcan?

A Torá fornece cinco relatos do Mishcan e seus sagrados recipientes e instrumentos:

- Hashem deu a Moshê as ordens detalhadas na Parashá de Terumá.
- Os mandamentos são explicados de maneira mais geral na Parashá anterior a essa, Ki Tissá.
- Moshê transmitiu as linhas gerais das instruções a Benê Yisrael nesta Parashá, Vayakhel, dizendo que cada homem sábio deveria participar da construção.
- Ainda nesta Parashá, a Torá relata uma quarta vez como os mandamentos de Hashem foram cumpridos, mencionando separadamente que cada recipiente foi projetado, construído ou confeccionado.
- Finalmente, na próxima Parashá, Pecudê, a Torá enumera novamente os recipientes do Mishcan, após estes terem sido finalizados e levados até Moshê.

Por que Hashem dedicou tantas Parshiyot da Torá ao assunto do Mishcan? A resposta é que essas repetições têm por objetivo despertar dentro de nós a percepção da importância do Mishcan e de sua grandeza aos olhos de Hashem.

Mas Hashem respondeu a Yechezkel: "Não, não quero que aguardes. Se Benê Yisrael estudar agora os planos para a reconstrução do Bet Hamicdash, vou recompensá-los como se realmente o tivessem construído!"

O mesmo se aplica a nós. Apesar dos mandamentos referentes ao Mishcan, na prática, não se aplicarem atualmente, Hashem prometeu-nos imensa recompensa por estudarmos as Parshiyot que versam sobre o Mishcan.

Hashem considera aquele que estuda as leis pertinentes às oferendas como se realmente houvesse oferecido sacrifícios. Similarmente, quem estuda os capítulos referentes ao Mishcan é igualado àquele que ajudou em sua verdadeira construção.

Benê Yisrael se apressam a fazer doações demonstrando sua generosidade

Quando o povo ouviu que a Shechiná residirá no Mishcan, como sinal de perdão pelo pecado do bezerro de ouro, seu júbilo foi imenso. "Como somos afortunados por Hashem já não estar aborrecido conosco!" disseram uns aos outros. "Façamos de imediato nossas doações a Moshê para poder começar a construir o Mishcan."

Imediatamente, as doações começaram a chegar em grande número.

Moshê foi encarregado de receber as doações. Nomeou alguns homens para que pesassem e medissem os materiais que lhe entregavam. Logo, Moshê estava rodeado por todos os lados de homens, mulheres e até crianças. Doaram não apenas ouro e prata, mas também suas joias de uso pessoal. Desta forma, retificaram a falha de terem contribuído com ornamentos para fazer o bezerro de ouro.

Depois que o príncipe coroado voltou do seu primeiro dia na escola, foi objeto da incessante atenção do pai. Pelo resto do dia, o rei não conseguia parar de expressar sua preocupação e cuidados com o príncipe coroado, que dera seus primeiros passos fora do palácio. Repetia continuamente: "Meu filho já voltou da escola? Meu filho já almoçou? Meu filho já foi descansar?"

Um relato repetido de um evento na Torá é a expressão da consideração de Hashem e da importância que Ele atribui ao assunto. Similarmente, o relato do encontro do servo de Avraham, Eliêzer, com Rivca, a futura esposa de Yitschac, é feito duas vezes na Parashá de Chayê Sara, demonstrando que as conversas dos servos de nossos Patriarcas são preciosas para Hashem.

A importância de estudar sobre o Mishcan

Nossos Sábios nos dizem que o Profeta Yechezkel recebeu uma profecia de Hashem. Nessa profecia lhe era mostrada a planta do terceiro Bet Hamicdash, que será construído depois da chegada de Mashiach. Hashem descreveu a Yechezkel a planta exata do terceiro Bet Hamicdash, todas suas partes e medidas. Yechezkel perguntou a Hashem: "Por que tenho que transmitir aos judeus esta profecia? Vivem entre não-judeus e de qualquer forma não podem construir o Bet Hamicdash agora. Deixa-me esperar e lhes relatarei quando chegar o momento de construí-lo."

As mulheres, que se recusaram a dar sequer uma de suas joias para o bezerro de ouro, foram agora as primeiras a se oferecer e doar todas elas para o Mishcan. Entregaram a Moshê tamanhas quantidades, doação após doação, que os ajudantes se viram com problemas para pesar e medir. Naquela noite, havia várias toneladas acumuladas na tenda de armazenamento. E na manhã seguinte, as pessoas continuavam entregando doações. Logo os ajudantes de Moshê informaram: "Já recebemos mais material que o necessário para todo o Mishcan e seu conteúdo!"

Moshê ordenou: "Enviem homens para percorrer todo o acampamento e dizer que não tragam mais doações!" Os coletores de fundos percorreram toda a extensão do acampamento, conclamando o povo a parar de doar. Em apenas dois dias, Benê Yisrael haviam trazido uma quantidade de suprimentos bem maior que a necessária. Hashem reconheceu o mérito da rapidez dos judeus em levarem presentes para o Mishcan, afirmando que eles trouxeram "o suficiente e mais".

A Torá nos relata esse episódio para mostrar-nos o quanto Benê Yisrael amavam a mitsvá de dar tzedacá; todos participaram dela com entusiasmo. (Podemos imaginar como seria maravilhoso se uma yeshivá ou sinagoga pudessem enviar às casas uma mensagem dizendo: "Basta de doações por este mês, já temos demasiado dinheiro!") Contribuindo de maneira tão admirável para o Mishcan, Benê Yisrael manifestaram seu traço natural de generosidade. Até hoje, um judeu se distingue pela generosidade para causas caritativas.

O povo judeu caracteriza-se por três qualidades inatas:

- São misericordiosos.
- São recatados.

.....
• Praticam bondade, ajudando outros por meio de caridade e bons atos.

Presume-se que um judeu que não possua os traços acima mencionados não descende dos ancestrais que estiveram no Monte Sinai.

O erro dos nessiim, líderes das tribos

Assim que os líderes das tribos ouviram que Hashem queria que erguessem um Mishcan, sugeriram a Moshê: “Só nós forneceremos todos os materiais para o Mishcan. Não é necessário que Benê Yisrael doem nada!”

Os nessiim acreditavam que a Shechiná preferiria residir num Mishcan erigido com seus presentes ao invés de um Mishcan construído com as doações do povo. Não haviam se envolvido no pecado do bezerro de ouro de maneira alguma. Além disso, doariam de coração puro, pois eram extraordinários em sabedoria e caráter. Acreditavam que um Mishcan construído por eles, portanto, possuiria valor espiritual mais elevado.

Moshê, contudo, respondeu: “Hashem disse-me para aceitar donativos de qualquer um disposto a dar!” Os líderes então decidiram: “Em vez de doarmos junto com Benê Yisrael, supriremos tudo o que vier a faltar ao final!”

Raciocinaram que se seus presentes pudessem completar o Mishcan, Hashem os consideraria como se tivessem construído a edificação toda.

Eles subestimaram, porém, a generosidade de Benê Yisrael, que deram ávida e amorosamente. Os judeus compareceram às multidões, tanto homens quanto mulheres, empurrando-se, em sua ansiedade por cumprir a mitsvá.

Não era mais necessário material algum, e os líderes chegaram tarde demais.

A palavra nessiim, quando aparece nesta Parashá, (no capítulo 35, versículo 27), está escrita sem uma letra yud entre o alef e o último mem. A Torá omite a letra yud da palavra nessiim para indicar que falharam. Erraram adiando o cumprimento de uma mitsvá. Também foram criticados pela abordagem egoísta de excluir outros do cumprimento de uma mitsvá.

A letra yud é uma letra do Nome de Hashem. Ele disse: “Os nessiim achavam que podiam aguardar com suas doações até o final. Hei de omitir uma letra de Meu sagrado Nome do seu, pois não estou de acordo com o que fizeram, por mais que suas intenções tenham sido boas.”

Os nessiim poderiam ter perdido sua participação na mitsvá de doar para o Mishcan por completo, mas – por sorte para eles – ainda faltavam as pedras preciosas necessárias para as vestes do Sumo Sacerdote. Eles então doaram as gemas para colocar no avental (efod) e as doze pedras para a placa (chôshen). Também eram necessários especiarias e azeite de oliva, de forma que os nessiim também trouxeram esses artigos.

Mais tarde, foram especialmente ávidos, ágeis e ligeiros em oferecerem os sacrifícios de Inauguração, a fim de corrigirem o erro de terem retardado suas doações ao Mishcan.

Benê Yisrael participam com suas habilidades; o Mishcan é construído

Moshê informou aos judeus: “Betsal’el se encarregará da construção do Mishcan e Aholiav será seu assistente. Hashem também me disse que todos os homens e mulheres sábios e tementes a D’us que haja entre vós podem ajudar na construção de partes do Mishcan.”

Ambos, homens e mulheres corresponderam. Trabalharam, e levaram amostras de seu trabalho a Moshê. Ao examinar as amostras que lhe foram entregues, Moshê percebeu que eram todas idênticas à descrição de Hashem, e ficou muito contente.

Começaram as tarefas de construção. Betsal’el e Aholiav estavam à frente e indicavam aos homens e mulheres que desejavam ajudar o que deviam fazer. Alguns homens fabricavam os ganchos ou aros para as cortinas, outros cortavam a madeira para levantar as paredes, enquanto outros fundiam o ouro e a prata para depois fabricar os objetos necessários para o Mishcan. As mulheres eram muito hábeis para retorcer o pêlo de cabra para fabricar cortinas. Sabiam como fiar o pêlo do lombo das cabras sobre os animais vivos. Assim, o pêlo se manteria limpo e puro.

Enquanto se construía o Mishcan, Moshê se mantinha extremamente ocupado. Passava todos os dias pelos lugares onde trabalhavam as pessoas que se ocupavam de alguma parte do Mishcan. Somente Moshê havia recebido de Hashem o projeto e o desenho de cada objeto, de modo que era sua responsabilidade assegurar-se de que ninguém cometesse erros.

Hashem dotou todos aqueles que contribuíram na construção do Mishcan de sabedoria especial, para que cada objeto resultasse numa obra perfeita, exatamente como Hashem havia ordenado.

Não apenas as pessoas que ajudavam no Mishcan eram inspiradas com sabedoria Divina, mas até os animais utilizados para sua construção foram dotados de sentidos especiais. Por exemplo: os animais domésticos que tinham de transportar as vigas e madeirame sabiam por si mesmos que rota seguir. Os animais selvagens cuja pele era necessária para as tapeçarias foram até Benê Yisrael de vontade própria.

O empenho de Betsal’el

Na Parashá passada lemos como Betsal’el fora escolhido por Hashem para ser o construtor do Mishcan. Algumas pessoas se opuseram à nomeação de Betsal’el, por sentirem que Moshê estava conferindo todas as posições de prestígio unicamente à sua família. O próprio Moshê era o líder da nação inteira; Aharon, seu irmão, era o Sumo Sacerdote; os filhos de Aharon eram seus assistentes; El’azar filho de Aharon era o portador do Mishcan, e agora Betsal’el, bisneto de sua irmã, construíra o Mishcan. Moshê estava consciente desse rancor e disse: “Saibam, meus irmãos, que não fiz nada sozinho, por vontade própria. Não pensem que foi minha ideia designar Betsal’el, ou que eu quis dar-lhe um cargo importante por ser bisneto de minha irmã Miriam. Foi Hashem quem indicou que o pusesse à frente da tarefa da construção.”

O mais sagrado de todos os objetos era a Arca. Betsal’el era o principal trabalhador na construção da Arca, e realizou essa tarefa com o maior cuidado e atenção. (Segundo outra opinião, Betsal’el não permitiu que ninguém o ajudasse na construção da Arca e a fez totalmente sozinho.)

A Arca construída sob a direção de Betsal’el era tão sagrada que nunca foi destruída. Foi colocada no primeiro Bet Hamicdash e

.....
escondida antes de sua destruição. No segundo Bet Hamidash não havia a presença da Arca. Quando o terceiro Bet Hamidash for construído, Hashem nos devolverá o Aron de Betsal'el.

Tanto Betsal'el como seu assistente Aholiav, foram inspirados com compreensão Divina, a fim de permitir-lhes projetar e confeccionar os recipientes do Mishcan exatamente como Hashem mandara, bem como talhar e cinzelar até os desenhos mais intrincados. O talento de Betsal'el na construção do Mishcan e de seus utensílios era inato, dado por D'us. Era um verdadeiro milagre, pois no Egito os judeus só realizavam trabalho de escravo, construindo casas e fazendo tijolos. Nenhum deles tivera experiência, ou mesmo contato, com algum tipo de trabalho artístico ou artesanal mais delicado.

Parece estranho, contudo, que nem Aholiav nem qualquer outra pessoa temente a D'us que ajudou a construir o Mishcan tenha levado crédito, na Torá, pelos papéis que desempenharam. Parece que Betsal'el recebeu todo o crédito, pois os versículos reiteram constantemente "e ele o fez", uma aparente referência apenas a Betsal'el.

O motivo é que Betsal'el não empenhou-se apenas na construção material. Também labutou no campo espiritual. Exigiu o máximo de sua mente a fim de compreender o significado profundo por trás de cada objeto. Como investiu tanto esforço espiritual na construção, Hashem recompensou-o. Consequentemente, Hashem concedeu-lhe o mais alto grau de profecia, sendo capaz de sondar e apreender o significado de cada elemento. A Torá atribui a construção inteira do Mishcan a Betsal'el pois, imbuindo cada recipiente com seus pensamentos sagrados, tornou-se seu construtor espiritual; gravando o selo final em cada objeto.

O Kiyor – lavatório feito dos espelhos de cobre das mulheres

Antigamente, placas polidas de cobre eram utilizadas como espelhos. Além de suas joias, as mulheres virtuosas trouxeram seus espelhos de uso pessoal para serem aproveitados como material de construção. Ao ver isto, Moshê pensou: "Como posso aceitá-los? São instrumentos de sedução."

"Não despreze os espelhos", corrigiu Hashem. "Graças a esses espelhos, Benê Yisrael multiplicaram-se no Egito. As mulheres judias os usaram para se embelezar, a fim de continuarem a ter filhos, a despeito da tortura egípcia."

Hashem ordenou a Moshê: "Aceite esses espelhos para a confecção do Kiyor, porque eles são mais queridos para Mim do que as outras doações. As mulheres judias utilizaram esses espelhos apenas para propósitos sagrados."

Os espelhos não apenas deveriam ser aceitos, como também seriam totalmente utilizados para formar o Kiyor. Ao contrário dos outros objetos do Mishcan, que possuíam medidas específicas, o lavatório não tinha medida que limitasse seu tamanho. Assim, os espelhos seriam aproveitados integralmente, demonstrando sua preciosidade e santidade.

23 - Parashat Pecudê Êxodo 38:21-40:38

Moshê Informa Benê Yisrael de como Foram Utilizadas as Doações

Betsalel, Oholiav e seus ajudantes haviam terminado de fazer o Mishcan e todos seus objetos. Somente faltava costurar os bigdei kehuná, as vestes dos cohanim.

Moshê decidiu: "Calcularei exatamente a quantidade total de ouro, prata e cobre que foi doada, e informarei ao povo para qual objeto do Mishcan se utilizaram estes materiais. Não quero que ninguém suspeite que guardei uma parte de ouro ou prata para mim."

Moshê reuniu todos e se sentou. Colocou Betsalel e Oholiav a seu lado como testemunhas.

Anunciou: "Calculei as quantidades totais de material que vocês doaram para o Mishcan e vou dizer-lhes para que objeto foram utilizados: Vocês doaram um total de 29 kikar (300 shêkel) e 730 shêkel de ouro. Doaram 100 kikar e 1775 shêkel de prata. Os 100 kikar de prata foram empregados para os 100 soquetes do Mishcan - um kikar para cada soquete".

Nesse ponto Moshê parou e não continuou a falar. Não podia, porque ainda havia restado 1775 shêkel de prata, e Moshê não conseguia lembrar-se quais objetos haviam sido feitos com eles. Moshê ficou muito preocupado. Talvez alguém pensasse que ele havia desviado o restante da prata? Mas D'us ajudou Moshê, pois era o mais confiável e honesto dos homens, e Ele não queria que uma suspeita infundada recaísse sobre Moshê.

"Os 1775 shêkel foram usados para os ganchos de prata e os ornamentos de prata em cima dos pilares do pátio!" - soou uma Voz Celestial. Cada pilar do pátio tinha um gancho de prata preso ao topo, no qual as cortinas que rodeavam o pátio eram presas com argolas.

Moshê ficou tão feliz por D'us tê-lo livrado das falsas suspeitas que entoou quinze louvores a D'us:

"Tu serás louvado com cânticos e louvores; júbilo e música; força e domínio; vitória, grandeza e poder; elogios e glória; santidade e majestade; bênçãos e agradecimentos."

Repetimos estes quinze louvores na prece de Yishtabach toda manhã.

Moshê continuou a dizer ao povo: "Vocês doaram um total de 70 kikar e 2.400 shêkel de cobre. O cobre foi usado para fazer o altar de cobre, sua grade de cobre, e seus objetos. Foi também usado para fazer as cavilhas, os adanim, de cobre do pátio e as cavilhas do portão de entrada". Moshê também explicou ao povo que as lãs que haviam doado tinham sido usadas para fazer coberturas especiais para envolver os objetos do Mishcan antes de cada viagem.

Betsal'el, Oholiav e Seus Ajudantes Costuram as Bigdei Kehuná

Os únicos objetos que ainda faltavam para o Mishcan eram as vestes dos cohanim. Betsalel, Oholiav e seus ajudantes as fizeram exatamente como D'us havia ordenado a Moshê. Eles teceram o êfod, o avental do cohen gadol, de uma meada com cinco linhas de diferentes cores. Uma das linhas era de ouro: este era obtido cortando o ouro em lâminas finas e depois em linhas.

Betsalel e Oholiav teceram os choshên, o peitoral, cortaram as doze pedras preciosas que portava e gravaram sobre elas os nomes das doze tribos. Em seguida inseriram as pedras preciosas no material tecido. Betsalel e Oholiav também fizeram as demais bigdei kehuná seguindo exatamente as instruções de D'us: a

.....
cutonet, a camisa longa; o me'il, a jaqueta com sininhos; os chapéus, mitznêfet e migba'at; o avnet, cinturão, e o tsits, a faixa.

Como os Bigdei Kehuná (Vestis) Salvaram o Bet Hamicdash da Destruição

O reino do jovem imperador Alexandre Magno era imenso: governava sobre algumas partes da Europa, Ásia e África. E se propunha a conquistar todo o mundo! Seria muito ofensivo para o exército de Alexandre submeter-se ao pequeno país de Êrets Yisrael.

Alexandre Magno sentiu-se incomodado com os soldados judeus, certa vez que lhes pedira para ajudá-lo em uma guerra. Os judeus se negaram, pois haviam feito um trato com outro imperador, o rei da Pérsia. Responderam, pois, a Alexandre, que não podiam enviar-lhe ajuda, caso o fizessem estariam violando o tratado com o rei da Pérsia.

Porém, um grupo de inimigos dos judeus, os Cutim (samaritanos), que viviam em Êrets Yisrael, enviaram soldados em apoio a Alexandre Magno. E os Cutim falaram mal dos judeus a Alexandre Magno:

"Os judeus pretendem rebelar-se contra ti!" - protestaram ao imperador. "Destrua seu Templo Sagrado e a cidade rebelde na qual encontra-se situado: Jerusalém!"

Alexandre acreditou em suas palavras e concordou em destruir o Bet Hamicdash.

Quando os judeus souberam disto, todos em Êrets Yisrael se entristeceram. Avisaram ao Cohen Gadol, Shimon, que Alexandre estava para destruir o Bet Hamicdash. Shimon sabia que somente uma medida drástica impediria que o exército de Alexandre conquistasse Jerusalém.

Shimon logo ficou sabendo que Alexandre e seus homens marchavam para Jerusalém. Vestido com as oito vestes de Cohen Gadol saiu ao encontro de Alexandre. Ia acompanhado das grandes figuras de Jerusalém e de jovens cohanim com tochas acesas. Shimon e seu grupo marcharam durante toda a noite e na manhã seguinte se aproximaram dos homens de Alexandre.

"Quem são estas pessoas?" - perguntou o imperador aos Cutim.

"São os judeus que se rebelam contra ti, Majestade", responderam.

Quando Alexandre se encontrou frente a frente com Shimon, aconteceu algo espantoso: o imperador famoso no mundo inteiro, perante quem todos se inclinavam, desceu do cavalo e fez uma profunda reverência ante o adornado e resplandecente tsadic (homem justo).

Seus homens não acreditaram no que viam.

"Por que tu, Alexandre Magno, deverias te inclinar perante este judeu?" - perguntaram ao imperador. Alexandre explicou: "Na noite antes de cada batalha, se este homem me aparecesse em sonhos, ganharíamos esta batalha no dia seguinte. Este homem, que parece um anjo, ajudou-me a ganhar minhas guerras!"

Alexandre perguntou a Shimon: "Por que saíste ao meu encontro?"

Shimon respondeu: "Soubemos que desejas destruir nosso Bet Hamicdash. Porém, não compreendes que é neste Templo Sagrado que rezamos sempre a D'us para que tenhas êxito nas tuas batalhas. Nossos inimigos te enganaram e te deram falsas informações sobre nós!"

"Quem são teus inimigos?" - perguntou Alexandre.

"Os Cutim", respondeu Shimon.

"Neste caso," disse Alexandre, "decreto que façam com eles o que quiserem."

O Bet Hamicdash e Jerusalém salvaram-se da destruição graças a Alexandre ter ficado tão impressionado pelo aspecto de Shimon, vestido com suas gloriosas bigdei kehuná (vestes).

Em geral, não é permitido usar as bigdei kehuná fora do Bet Hamicdash. Mas neste caso, Shimon abriu uma exceção, pois o Templo e as vidas dos judeus corriam perigo. Segundo outra opinião de nossos Sábios, as vestes usadas por Shimon eram exatamente iguais na aparência às bigdei kehuná, mas não eram sagradas. Eram apenas uma imitação das vestes dos cohanim, mas não haviam sido feitas para que os cohanim as usassem no Bet Hamicdash.

Moshê Arma o Mishcan

O povo de Israel levou até Moshê as partes do Mishcan que havia feito. Quando Moshê as conferiu, viu que Benê Yisrael havia feito tudo exatamente como D'us tinha lhes ordenado. Abençoou-os do seguinte modo: "Que a Shechiná (Santidade) de D'us habite no Mishcan que vocês fizeram!"

As tarefas relacionadas com o Mishcan foram terminadas a 25 de Kislêv do ano 2448. Não obstante, D'us ordenou a Moshê: "Aguarda outros três meses antes de armá-lo." Como D'us pulou o dia 25 de Kislêv e não dedicou o Mishcan neste dia, disse: "Farei uma dedicação diferente nesta data de 25 de Kislêv; os Chashmonaim renovarão o Segundo Bet Hamicdash; será o primeiro dia de Chanucá".

D'us ordenou a Moshê que aguardasse até Rosh Chôdesh Nissan para armar o Mishcan, pois Nissan é um mês de júbilo. Em Nissan, Avraham ficou sabendo que Yitschac nasceria; em Nissan, os judeus foram redimidos do Egito e em Nissan seremos redimidos no futuro.

Quando chegou o momento de armar o Mishcan os grandes homens de Klal Yisrael trataram de levantar suas vigas. Mas para sua grande surpresa, não puderam fazê-lo. Assim que as encaixavam, se soltavam! Foram, pois, a Betsalel e Oholiav e lhes disseram: "Talvez vocês devam armar o Mishcan já que foram vocês que o construíram." Betsalel e Oholiav também tentaram armá-lo, mas as vigas se soltavam.

Por que D'us permitiu que isso sucedesse? Viu que Moshê estava com o coração apertado, pois não lhe havia permitido construir nenhum objeto do Mishcan. D'us decidiu que, em troca, concederia a Moshê a honra de armar todo o Mishcan.

"Veja D'us", - disse Moshê: "Ninguém consegue armar as vigas do Mishcan!"

"Não se preocupe", D'us respondeu a Moshê: "Tente você".

.....
Um milagre aconteceu: Moshê foi pegando as vigas do Mishcan e parecia que ele as estava armando, mas na verdade elas estavam se encaixando sozinhas.

Quando as paredes e a cobertura do Mishcan estavam armadas, Moshê trouxe as luchot (tábuas) que havia guardado numa caixa de madeira em sua tenda, e as pôs no aron. Então, cobriu o aron com o capôret (coberta). Colocou o shulchan (mesa) no Mishcan e pôs o lêchem hapanim (pão) sobre o shulchan (mesa). Colocou a menorá junto ao shulchan. No pátio do Mishcan, pôs o mizbêach haolá (altar) e o kiyor (lavabo). Assim que o Mishcan estava armado sobre a terra, D'us ordenou aos anjos do céu: "Armem um Mishcan no céu, idêntico ao da terra!"

A Shechiná (Santidade) Desce e se Estabelece no Mishcan

Em Rosh Chôdesh Nissan, quando o Mishcan estava armado e pronto, as nuvens de D'us o rodearam por todos os lados e por cima. O interior também estava preenchido por uma nuvem, e nela repousava a Shechiná de D'us. Assim, D'us demonstrou a seu povo que se havia estabelecido no Mishcan. Em seguida, a Shechiná de D'us pousou no aron do Códesh Hacodashim (Santo dos Santos).

Sabem o que significa a palavra Mishcan?

Origina-se da raiz "lishcon", descansar. Mishcan significa descanso para a Shechiná.

A Torá, no princípio desta Parashá, chama o Mishcan de Mishcan Haedut do testemunho. Que tipo de testemunho era? O que atestava?

O Mishcan era uma prova de que D'us havia perdoado Benê Yisrael por ter feito um bezerro de ouro. D'us havia retirado Sua Shechiná quando eles pecaram; Suas nuvens de glória desapareceram e reapareceram no dia em que começaram a trabalhar no Mishcan. O Mishcan era um sinal de amor de D'us pelo Povo de Israel; um sinal de que Ele estava sempre entre eles.

Construir o Mishcan é Tão Importante como Criar o Mundo

O Mishcan de D'us era tão importante como a criação do mundo. Vemos na Torá que ambos se assemelham:

_No primeiro dia da Criação D'us estendeu o céu como uma cortina. De maneira análoga, D'us ordenou: "Estendereis cortinas sobre o Mishcan".

_No segundo dia da Criação D'us disse: "Que se estabeleça o céu para separar as águas superiores das águas inferiores." No Mishcan, o parôchet (cortina) separava o Códesh Hacodashim (Santo dos Santos) do côdesh.

_No terceiro dia da Criação D'us ordenou: "Que se reúna toda a água". No Mishcan D'us ordenou: "Fareis um kiyor (lavabo) onde juntareis água."

_No quarto dia da Criação, D'us ordenou: "Que o sol, a lua e as estrelas fiquem fixas no céu." No Mishcan havia uma menorá de ouro que irradiava luz.

_No quinto dia da Criação, D'us criou os peixes e as aves. No Mishcan (tabernáculo) havia keruvim (anjos) com as asas abertas.

_No sexto dia, D'us criou Adam e o pôs no Gan Eden. No Mishcan, D'us ordenou: "Que Aharon seja Meu Cohen Gadol e entre na seção do Códesh Hacodashim."

Poderíamos dizer que de certa forma, Aharon foi ainda maior que o primeiro homem, Adam. Pois quando Adam pecou, D'us o expulsou do Gan Eden; porém, apesar do pecado do bezerro de ouro, D'us permitiu a Aharon entrar no Mishcan.

_O sétimo dia, Shabat, foi bendito por D'us e santificado. Da mesma maneira, quando o Mishcan estava terminado, Moshê bendisse os judeus e ungiu o Mishcan e seus receptáculos com shêmen hamishchá (óleo para unção) para santificá-lo.

Também comparamos o Mishcan com o mundo ao comparar a seção Códesh Hacodashim (Santo dos Santos) com o céu e a seção côdesh com a terra. A Shechiná de D'us repousava no aron do Códesh Hacodashim, assim como repousa nos céus. E a seção côdesh tinha um shulchan, uma mesa com comida, do mesmo modo que a terra produz alimentos.

Por que D'us ordenou que se construísse o Mishcan de maneira semelhante à terra? Para demonstrar que, graças a avodá (serviço) que os cohanim realizavam no sagrado Mishcan, D'us manteria o mundo com vida. Precisamente o zechut (mérito) do Mishcan fazia o mundo existir.

Porque é Importante Estudar Sobre o Mishcan

Embora hoje não tenhamos mais Mishcan nem Bet Hamicdash, é uma grande mitsvá estudar a planta e a forma do Mishcan e todas suas partes e receptáculos.

Nossos Sábios nos dizem que o profeta Yechezkel recebeu uma nevuá, profecia de D'us. Nesta nevuá lhe era mostrado a planta do Terceiro Bet Hamicdash, que será construído depois da chegada de Mashiach. D'us descreveu a Yechezkel a planta exata do Terceiro Bet Hamicdash; todas suas partes e medidas.

Yechezkel perguntou ao Criador: "Por que tenho que transmitir aos judeus esta profecia? De qualquer forma não podem construir o Bet Hamicdash agora. Deixe-me aguardar e lhes relatarei quando chegar o momento de construí-lo." Mas D'us respondeu a Yechezkel: "Não, não quero que aguardes.

Se Benê Yisrael estudar agora os planos para a reconstrução do Bet Hamicdash, vou recompensá-los como se realmente o tivessem construído!" O mesmo se aplica a nós. Se estudarmos as plantas do Mishcan e do Bet Hamicdash, D'us nos recompensa como se estivéssemos realmente construindo uma sagrada Morada para Ele.

24 - Parashat Vayicrá

Levítico 1:1-5:26

Por que as Crianças Começam a Torá com Parashat Vayicrá?

Vayicrá trata de corbanot (sacrifícios). Nossos sábios explicam que por esta razão é apropriado que as crianças pequenas aprendam primeiro. Quando um judeu estuda as leis de corbanot, D'us considera como se ele tivesse de fato oferecido um corban.

As crianças pequenas ainda são puras, livres de pecados. Quando elas aprendem sobre corbanot, D'us considera como se elas tivessem trazido um corban para D'us no mizbéach (altar). Já que o melhor tipo de corban é aquele oferecido por um tsadic (um justo), D'us apreciava mais os corbanot das crianças, pois elas são como os tsadikim, livres de pecados.

D'us Chama Moshê para o Mishcan

A Parashá Vayicrá começa quando o livro de Shemot termina. Talvez você ainda se lembre que depois que Moshê levantou o Mishcan, as nuvens de D'us rodearam o Mishcan por todos os lados e também por cima. A Shechiná (Presença Divina) repousou dentro do Mishcan. Moshê ficou fora do Mishcan.

"Eu não devo entrar sem a permissão de D'us", pensou. "O Mishcan é ainda mais sagrado do que o monte Sinai quando D'us apareceu para falar com o povo judeu. Eu não obtive permissão de subir a montanha até que D'us me chamou. Então, com certeza não tenho a permissão de entrar no Mishcan."

De repente Moshê escutou uma voz poderosa chamando-o, "Moshê, Moshê!" Era a voz de D'us. Qualquer outra pessoa teria morrido pelo choque de ter escutado a poderosa voz de D'us. Apenas Moshê podia suportá-la.

"Estou pronto" respondeu Moshê.

"Entre no Mishcan!" Ordenou D'us. Moshê entrou. Quando estava na porta, escutou a voz de D'us vinda de cima do aron, onde a Shechiná sempre repousava.

"Moshê", ordenou D'us, "Eu quero que fale com o povo judeu palavras que façam com que aprimorem seus caminhos. Diga-lhes que Minha Shechiná repousa no Mishcan devido ao meu amor pelo povo judeu.

"Ensine Benê Yisrael as leis de corbanot. Eles construíram o Mishcan, mas não sabem como me servir através dele. Só se eles oferecerem corbanot é que a Minha Shechiná continuará a repousar no Mishcan."

Por que D'us conferiu tantas honras à Moshê?

D'us honrou Moshê mais do que qualquer outro judeu. Apenas Moshê foi convidado por D'us a entrar no Mishcan e ouvir Suas palavras, ninguém mais. A razão deste procedimento é que Moshê sempre se sentiu humilde e pouco importante. Ele não perseguia honras, ao contrário, fugia das honrarias e elogios.

Nossos sábios nos ensinaram: "Se uma pessoa foge da honra, a honra irá persegui-la. Porém, se a pessoa persegue a honra, a honra fugirá dela." Em outras palavras, uma pessoa que é modesta e se sente humilde, eventualmente irá receber de D'us a honra que merece; mas aquela que está cheia de orgulho, no final não será honrada. Moshê foi muito honrado por D'us, já que ele nunca se considerou grandioso ou importante.

Será que Moshê não sabia que ele era de fato a pessoa mais importante de todo o povo judeu? Afinal, foi ele quem tirou Benê Israel do Egito, cruzou o mar Vermelho e buscou a Torá! Ele não sabia que era uma pessoa especial?

Para responder tal questão, eis a seguinte parábola:

O "Rav" que Tinha Orgulho de seu Conhecimento

Numa cidadezinha viviam alguns judeus. Eles guardavam o Shabat, comiam casher e rezavam num minyan. Só havia um problema, a cidade não tinha uma Yeshivá, então eles mal sabiam ler o hebraico. Apenas um homem entre eles havia aprendido Torá de seu pai. Ele sabia ler e traduzir o Chumash e Mishnayot e sabia ler halachot (leis) no Kitsur Shulchan Aruch (um resumo das leis judaicas).

Já que ele sabia mais do que os outros, ele fazia o papel de Rabino da comunidade. Era muito honrado e respeitado por todos que pensavam que tratava-se de um grande sábio. Com o passar do tempo, ele começou a se considerar um conhecedor de Torá muito especial e importante.

Um dia, um judeu de uma comunidade afastada veio visitar esta cidadezinha. Ele sofria de uma doença que tornava a respiração difícil, e seu médico havia recomendado o ar puro daquela cidade. O homem que considerava-se um Rabino convidou-o a ficar em sua casa.

O "Rav" observou como este judeu fazia netilat yadáyim (ablução das mãos feita antes de fazer uma refeição com pão) com todo cuidado, como ele pronunciava a bênção pausadamente e em voz alta, refletindo sobre as palavras antes de pronunciá-las e como depois das refeições fazia Bircat Hamazon, palavra por palavra.

Observou como este judeu rezava com cuidado e como se concentrava sobre o significado das palavras que estava falando. De repente, o "Rav" se sentiu envergonhado.

Percebeu como era "pobre" a sua própria reza e como ele fazia as mitsvot sem cuidado. Quanto mais ele observava e estudava os modos do visitante, mais humilde se tornava. O visitante cumpria leis que os judeus daquela cidade não cumpriam corretamente.

Ele tinha conhecimentos suficientes para mostrar a eles que seus tefilin e mezuzot não eram casher. Ele também motivou os judeus a estudarem Torá diariamente. Quando o "Rav" se conscientizou da sua ignorância, tornou-se cada vez mais humilde.

A Chave da Parábola

Moshê nunca se orgulhava de si próprio, pois quando subiu ao Monte Sinai viu anjos perfeitos e sagrados que serviam D'us dia e noite. Teve também uma visão da grandeza de D'us.

.....
Após Moshê ter visto os anjos, sentiu-se envergonhado. Pensou, "Não sirvo D'us tão bem quanto os anjos, nem mesmo um milésimo do que eles servem. Preciso me aprimorar!" Portanto, quando Moshê via outros judeus que faziam coisas erradas ou que não faziam o melhor que podiam para servir D'us, ele pensava, "Não são culpados, pois não viram a glória de D'us nos céus."

Eu vi a grandeza de D'us, portanto D'us espera de mim mais do que de qualquer um!" E assim Moshê sempre se sentia humilde.

O Pequeno Alef no Fim da Palavra Vayicrá

Se você procurar na Torá a primeira palavra da parashá, Vayicrá, que quer dizer que Ele (D'us) chamou Moshê, você verá que a letra alef está escrita num tamanho menor do que as outras. Porque será?

Moshê era muito humilde. Quando D'us lhe disse para escrever "Vayicrá", Moshê respondeu: "Eu devo escrever que o Senhor chamou apenas a mim para o Mishcan? Me parece muito arrogante. Me permita retirar a letra alef do fim da palavra Vayicrá, assim a palavra seria vayiker, que quer dizer que o Senhor me chamou por acaso."

D'us ordenou a Moshê: "Não, você deve adicionar a letra alef à palavra. No entanto, permitirei que você a escreva menor do que as outras letras".

Desta forma, o alef pequeno nos lembra quão humilde era Moshê.

Quem oferecia corbanot antes do Mishcan ser construído?

Sete pessoas ofereceram animais como corbanot antes mesmo do Mishcan existir.

1. **Adam** - D'us criou Adam no sexto dia da criação. Naquele dia, Adam comeu da fruta proibida da árvore do conhecimento. Mesmo assim, D'us permitiu que permanecesse no Gan Eden até o final do Shabat.

Naquele Shabat, D'us fez com que uma luz brilhasse no Gan Eden até mesmo de noite. Apenas no término do Shabat, quando Adam foi expulso, é que percebeu a escuridão da noite. Adam não sabia o que era a noite.

"Talvez D'us trouxe a escuridão porque pequei", pensou aterrorizado. A noite passou e na manhã seguinte o sol nasceu e banhou o mundo com sua luz brilhante. Como Adam ficou feliz: "Após a noite, D'us faz com que o sol venha e traga luz!" - exclamou Adam.

Adam ficou aliviado e queria demonstrar o quanto estava arrependido de ter comido do fruto proibido. Então construiu um mizbêach (altar) e ofereceu um boi sobre ele. Este foi o primeiro corban oferecido.

2. **Hêvel** - O filho de Adam, Hêvel, queria dar um presente para D'us. Ele então ofereceu o mais belo de seus carneiros sobre o mizbêach que havia sido construído pelo seu pai.

3. **Nôach** - Ao sair da arca, Nôach ofereceu corbanot para agradecer D'us por ter permitido que ele e sua família sobrevivessem ao dilúvio e por ter a chance de construir um novo mundo. D'us apreciou os corbanot de Nôach e prometeu "Nunca trarei outro dilúvio sobre a terra".

4. **Avraham** - A Torá nos conta que Avraham construiu quatro altares e ofereceu corbanot sobre eles.

5. **Yitschac** - construiu um altar.

6. **Yaacov** construiu dois altares.

7. Sob a liderança de **Moshê**, corbanot eram oferecidos mesmo antes do Mishcan ter sido construído. Moshê armou um Mizbêach depois da batalha contra Amalec. D'us também lhe disse para ordenar aos primogênitos de Benê Israel que oferecessem Corbanot ao pé do Monte Sinai antes da Outorga da Torá.

Nossos antepassados conheciam as leis da Torá mesmo antes delas terem sido ordenadas. Por isso, ofereciam sobre seus altares somente animais que eram casher, permitidos, para corbanot.

Os Corbanot

Como um Corban Ajudava um Pecador a ser Perdoado por D'us? Um judeu que comete um pecado contra D'us, o Rei dos reis, merece morrer. O anjo acusador no céu o incrimina perante D'us. Mas D'us, em sua misericórdia, responde ao anjo acusador: "Aceitarei a morte de um animal no lugar do pecador."

Quando a pessoa que pecou põe ambas as mãos sobre a cabeça do animal e diz: "Fiz este e mais este pecado e me arrependo por isso" - pensa - "mereço realmente morrer por ter pecado perante D'us."

Porém, D'us misericordiosamente aceita a morte do animal no lugar da minha." Quando o animal é abatido, pensa: "Mereço ser abatido." Quando o animal é queimado, pensa: "Mereço ser queimado." Quando D'us vê como o pecador está realmente arrependido, D'us o perdoa e aceita a morte do animal ao invés da sua.

Quais Eram os Animais Casher Usados para Corbanot?

Nenhum animal selvagem, mesmo que seja casher, pode ser sacrificado sobre o mizbêach. De todos os animais, D'us escolheu apenas três tipos: boi e vaca, ovelha e carneiro, cabra e bode. Apenas dois tipos de pássaros são permitidos: pombos e rolas.

Uma das razões pelas quais D'us escolheu apenas os animais e aves domésticos acima citados é que eles são mansos. Sabemos como um carneiro é pacífico e como um pombo é manso. Embora sejam atacados, nunca revidam.

.....
Nossos sábios ensinam: "É melhor ser insultado que insultar os outros; é melhor ser atacado que atacar os outros." Não faz parte do sistema judaico atacar os outros. Para mostrar que D'us aprecia aqueles que são pacíficos, escolheu animais e pássaros mansos para o mizbêach.

O Que Podemos Aprender com os Animais

Muitos animais foram criados por D'us com boas midot (traços de caráter), por isso devemos aprender a imitar seu comportamento. Por exemplo: gatos são asseados ; formigas são honestas; pombos são leais.

O Midrash nos conta sobre uma colônia de formigas na qual todas as formigas estavam recolhendo sementes de trigo. Uma das formigas acidentalmente deixou cair uma semente e pisou em cima. Cada formiga que passava marchando farejava a semente, e podia sentir pelo cheiro que não era sua. Centenas de formigas passaram por ali, mas nenhuma delas pegou a semente que não lhe pertencia. Finalmente, a formiga que tinha deixado cair a semente voltou e a recolheu novamente.

Pombos são fiéis. Macho e fêmea nunca se separam para se juntarem com um pássaro estranho. Se pensarmos a respeito, certamente acharemos mais exemplos de animais que nos ensinam "bons traços de caráter" ou hábitos saudáveis.

Como Um Judeu Escolhe um Corban

Quando um judeu decide oferecer uma ovelha como corban, vai até seu cercado e olha em volta. Existem todos os tipos de ovelhas neste redil - algumas saudáveis e fortes, algumas doentes e fracas, outras grandes e ainda algumas pequenas. Qual deveria ser o critério para a escolha do corban?

Primeiro a pessoa deveria examinar o animal para assegurar-se de que não possui nenhum defeito físico, pois neste caso não seria aceito para corban. E depois procurar o animal que lhe parecesse o melhor entre todos. Esta é a forma de servir a D'us. O mesmo raciocínio se aplica ao cumprirmos qualquer mitsvá da Torá.

Os Diferentes Tipos de Corbanot

Há cinco tipos de corbanot:

- Olah: a oferenda que é completamente queimada.
- Minchá: oferenda de farinha.
- Shelamim: oferenda de paz.
- Chatat: oferenda pelo pecado.
- Asham: oferenda pela transgressão.

Os primeiros três tipos de corbanot podem ser trazidos por um judeu por sua própria vontade como um presente a D'us. Os dois últimos tipos de corbanot devem ser oferecidos por um judeu após cometer uma averá (pecado). D'us fica especialmente satisfeito com os corbanot que são

oferecidos livremente, não por causa de um pecado. Eis porquê Ele o menciona em primeiro lugar na Torá.

O Sacrifício de Olah

Um sacrifício de animal é, sem dúvida, muito mais dispendioso que o de uma ave. Se um judeu deseja doar um olah a D'us mas não pode se dar ao luxo de comprar ou de abrir mão de um animal, pode ao invés disso doar uma das aves casher, um pombo ou uma rola. D'us ordenou que as aves deveriam ser queimadas sobre o mizbêach ainda com as penas. Não devem ser despenadas. Você alguma vez já sentiu o cheiro de penas queimadas? O odor é tão desagradável que a pessoa tem vontade de sair correndo. Então, por que D'us ordena que as aves sejam queimadas sobre o mizbêach desta forma?

Porque se a ave fosse oferecida sobre o mizbêach sem as penas, pareceria muito pequena e sem importância. Uma pessoa que traz uma ave para corban geralmente é pobre. D'us queria que o corban do homem pobre parecesse tão grande e valioso quanto possível. Para D'us, o corban do homem pobre é tão precioso quanto a oferenda dispendiosa do homem de posses.

De fato, a Torá chama o cheiro da oferenda de ave "um odor agradável" (mesmo se for repulsivo), para demonstrar o quão feliz D'us se sente com ela. Nossos sábios ensinam: "Não é importante a D'us se uma pessoa é capaz de oferecer um corban caro ou barato. O que Ele deseja é que a pessoa traga o corban leshem shamayim, por amor a D'us."

Minchá: A Oferenda de Farinha

D'us diz: "Um judeu que é rico deveria oferecer um animal como um sacrifício de olah. Aquele que não possa adquirir um animal, pode oferecer um pássaro. E um judeu que é tão pobre que não possa doar um pássaro, pode no lugar deste trazer óleo e farinha ao Bet Hamicdash. Parte da massa feita com esses ingredientes será queimada sobre o mizbêach."

A oferenda de farinha era chamada minchá. A palavra "minchá" significa um presente. Embora o presente do homem pobre a D'us custe muito menos que o animal ou a ave ofertados pelo homem mais rico, D'us o preza muito.

Pois D'us sabe que o homem pobre poderia ter usado aquela farinha para assar pão para si mesmo, e mesmo assim ofertou seu alimento como presente para D'us. Ele pode até mesmo passar fome por estar oferecendo sua farinha como minchá. Por isso, o Criador diz: "O corban minchá é tão precioso para Mim como se o homem pobre tivesse oferecido sua própria vida sobre o mizbêach! "

D'us deseja que o homem pobre pense: "Embora eu não tenha dinheiro para um corban animal, mesmo assim posso ofertar um corban do tipo mais sagrado." Por isso, D'us classifica o minchá entre os mais sagrados corbanot.

.....
Vejam agora o quanto D'us valoriza o presente de um homem pobre, mesmo que não tenha grande valor monetário.

Uma História:

Rabi Chanina ben Dosa vivia à época do Segundo Bet Hamicdash. Todos seus vizinhos e amigos doavam corbanot freqüentemente ao Templo Sagrado. Um deles prometia: "Trarei um corban olah para D'us !" Outro faria um voto: "Ofertarei um corban shelamim a D'us !"

Rabi Chanina desejava de todo o coração oferecer um corban a D'us. Mas era totalmente desprovido de posses, pobre demais para adquirir um animal ou mesmo uma ave. E nem sequer tinha dinheiro suficiente para comprar farinha para um corban minchá. A pobreza na casa de Rabi Chanina era muito grande.

Certa vez, quando Rabi Chanina estava caminhando pelos arredores da cidade, percebeu uma enorme pedra. Aqui estava um presente para D'us que não custava nenhum dinheiro! Ao invés disso, ele empregaria tempo e esforço. Rabi Chanina conseguiu ferramentas emprestadas para polir a pedra e dar-lhe polimento. Depois desenhou e pintou lindos motivos sobre ela, de forma a transformá-la numa obra de arte. A pedra daria um lindo ornamento para o Bet Hamicdash.

"Prometo que levarei esta pedra a Yerushaláyim!", Rabi Chanina gritou.

Mas a pedra era pesada demais para que a levantasse sozinho. Olhou à sua volta procurando pessoas que se prontificassem a carregá-la até Yerushaláyim. Rabi Chanina encontrou quatro operários.

"Quanto cobrarão para levar esta pedra até Yerushaláyim?" perguntou-lhes Rabi Chanina, apontando para a pedra.

"Cinqüenta sela'im," responderam.

"Cinqüenta sela'im!" Rabi Chanina balançou a cabeça. "Não tenho tanto dinheiro agora comigo."

D'us não queria que Rabi Chanina ficasse aflito por ter prometido levar a pedra a Yerushaláyim e agora não podia manter sua promessa. Por isso, D'us enviou cinco anjos com a aparência de trabalhadores comuns.

Rabi Chanina avistou-os caminhando pela estrada e fez-lhes a mesma pergunta que havia feito aos primeiros cinco homens.

"Carregaremos a pedra até Yerushaláyim," disseram, "se nos der cinco sela'im. Você também deve nos ajudar a levá-la."

Rabi Chanina concordou. Levantou a pedra junto com os cinco homens e - milagre dos milagres - um momento depois eles todos estavam na cidade de Yerushaláyim!

Rabi Chanina pegou cinco sela'im para pagar aos cinco homens, mas eles haviam sumido! Perplexo,

Rabi Chanina levou esta pedra ornamental como uma oferenda ao Templo sagrado. Também contou aos juizes do Grande Sanhedrin sobre os extraordinários fatos.

"Cremos," disseram-lhe os juizes do Sanhedrin, "que aqueles não eram homens, mas anjos!"

Como Rabi Chanina não desejava guardar os cinco sela'im que havia prometido pagar àqueles homens, deu-os aos sábios para que o distribuíssem para tzedacá.

Vemos por esta história que D'us valoriza um presente no qual a pessoa coloca intenção e esforço. Já que D'us tomou conhecimento do grande desejo de Rabi Chanina de dar-lhe um presente, Ele realizou milagres para ajudá-lo a levar a pedra até Yerushaláyim. Por outro lado, D'us não perdoa um pecador se este limita-se a comprar um corban caro para o mizbêach, mas não se arrepende e refina seu comportamento. Quando um judeu traz uma oferenda, D'us observa-o para ver suas verdadeiras intenções.

Devemos Colocar Sal em Cada Corban

Se você salpicar bastante sal sobre a carne ou vegetais, serão preservados por um longo tempo. Sal nunca se estraga. D'us nos ordenou colocar sal sobre nossos corbanot para mostrar que os corbanot são um pacto permanente entre D'us e Benê Yisrael. Mesmo agora, quando não temos mais um Templo Sagrado e não podemos oferecer corbanot, D'us perdoa nossos pecados através de nosso estudo sobre as leis dos corbanot. E quando o terceiro Bet Hamicdash for construído, novamente ofereceremos sacrifícios.

O que fazemos hoje em dia para nos lembrar da mitsvá de salgar os corbanot? Colocamos o sal sobre a mesa quando fazemos uma refeição, porque nossa mesa é semelhante a um mizbêach. O Midrash acrescenta outra razão para salgar os corbanot. No segundo dia da criação, D'us dividiu as águas.

À uma parte delas, ordenou: "Fiquem no céu!" e à outra parte ordenou: "Fiquem na terra!" As águas na terra reclamaram: "Preferimos ficar no céu, perto de Ti, D'us !" Então D'us consolou as águas na terra: "Usarei as águas da terra para Meu serviço no Bet Hamicdash. Sal retirado do mar deve ser salpicado sobre todos os corbanot."

Shelamim: A Oferenda de Paz

Até agora discutimos dois tipos de corbanot: o olah e o minchá. Em seguida a Torá explica as leis do corban shelamim: a oferenda de paz.

Quando um judeu oferece um shelamim? Quando está feliz e deseja comer carne com a família e os amigos - mas também quer tornar sua refeição sagrada ao compartilhá-la com D'us e com Seus cohanim.

Se alguém oferece um olah ou um minchá, não tem permissão de comer nenhuma parte do corban. Então pode desejar oferecer um boi ou uma vaca, um carneiro ou uma ovelha, ou ainda uma cabra como um corban shelamim.

Uma das razões pelas quais este corban é chamado shelamim é que traz shalom (paz), a todos que estão envolvidos nele.

O dono compartilhou sua felicidade com os cohanim, e ele e sua família consomem a maior parte. Como é dividido por todos, faz com que todos eles vivam em paz e amizade entre si.

O Midrash nos conta:

Milagres em Conexão com os Corbanot

Nossos sábios nos dizem que havia dez milagres surpreendentes que costumavam acontecer no Bet Hamicdash. Aqui estão dois deles:

A carne dos corbanot nem sempre era queimada ou comida prontamente. Às vezes havia tantos sacrifícios olahs prontos para serem queimados sobre o mizbêach que partes dos corbanot esperavam sua vez sobre o mizbêach até que fossem queimados. O mizbêach ficava em um pátio aberto sem telhado.

Geralmente carne crua que é deixada ao ar livre, especialmente em dias quentes, começa a apodrecer. Mas isto nunca aconteceu com os corbanot. Os pedaços de carne sobre o mizbêach sempre permaneciam frescos. A mesma coisa acontecia com os corbanot como shelamim, que o dono tinha permissão de comer dois dias após abatê-los.

Uma família que pretendesse comer a carne shelamim apenas no segundo dia após abater o corban não precisava se preocupar que a carne fosse se estragar. Ela sempre ficava fresca até que a comessem.

Um outro milagre era a ausência de moscas na parte da Azará onde os corbanot eram enxaguados após o abate. Normalmente, sangue e carne atraem moscas aos milhares. Mas a kedushá, santidade, de um corban era tão especial que nem sequer uma única mosca jamais tocou a carne após o abate.

Uma História:

Rabi El'azar, juntamente com outros sábios da Torá, estava viajando para a cidade de Lud. Perceberam um judeu carregando três hadassim, galhos de murta.

"O que estão fazendo com esses três hadassim?" perguntaram-lhe.

"Eu os uso após o fim do Shabat," replicou o judeu. "No Shabat, cada judeu recebe de D'us uma alma extra, uma

medida extra de santidade, por causa da grandeza do Shabat.

Quando o Shabat termina, a alma adicional se retira e ele sente-se triste. Para alegrar meu coração, cheiro esses hadassim após o término do Shabat." (Esta é a razão pela qual cheiramos bessamim, especiarias doces, após o Shabat.)

"Mas por que três hadassim?" perguntaram os sábios.

"Para lembrar-me de Avraham, Yitschac e Yaacov," respondeu o judeu.

Quando Rabi El'azar ouviu estas palavras, explicou: "Assim como o odor dos hadassim alegam o coração de uma pessoa, assim o cheiro delicioso dos corbanot faz D'us feliz, e então Ele abençoa o mundo."

A Torá nos relata que D'us fica satisfeito com o odor agradável dos corbanot. Mas obviamente D'us não precisa do prazer de nossos corbanot. Então, o que D'us aprecia? O fato de poder abençoar-nos quando fazemos a avodá (serviço).

O Midrash nos relata:

Quais as Bênçãos que Vêm ao Mundo por Causa dos Corbanot?

Cada tipo de planta ou animal oferecido sobre o mizbêach traz uma bênção às plantas ou aos animais daquela espécie. Por causa das oferendas de minchá e as outras oferendas de trigo trazidas ao mizbêach, fazendeiros judeus costumavam plantar apenas um pouco de trigo e mesmo assim tinham colheitas abundantes.

Porém, após o Bet Hamicdash ser destruído e oferendas não mais serem trazidas ao mizbêach, em um ano quando D'us estava desgostoso com o povo judeu, um fazendeiro colhia ainda menos do que havia plantado.

As azeitonas e uvas eram de tamanho gigante, porque azeite e vinho eram usados no Bet Hamicdash. Enquanto o Bet Hamicdash existia, os animais nas fazendas costumavam aumentar por causa dos sacrifícios diários de animais oferecidos no mizbêach. Quando os corbanot cessaram, os animais não mais se reproduziram da mesma forma, com a mesma velocidade.

Quando Mashiach vier e D'us reestabelecer o Bet Hamicdash, todas estas bênçãos retornarão ao mundo mais uma vez.

Momentos Sagrados

Por Tali Loewenthal

Será que o homem e a mulher modernos têm alguma forma de se relacionar ao sagrado? Ou será a santidade, sendo próxima a D'us, algo que nos ilude porque o ritmo da vida é

.....
muito rápido, ou porque nós somos muito materialistas, ou porque nós vivemos em uma sociedade secular, ou porque os tempos mudaram, ou porque...

De acordo com Rabi Shneur Zalman de Liadi (1745-1812; fundador do Chassidismo Chabad), nós podemos aprender algo sobre isto de uma frase no início de nossa Parashá.

Ostensivamente, ela está falando de “alguém que deseja fazer uma oferenda a D'us”, no sentido de uma oferenda animal – algo que pareceria estar relacionado somente à época dos Templos. Entretanto, é bem conhecido que cada palavra da Torá tem vários níveis de significado.

A palavra hebraica para “oferecer” e “oferenda” (yakriv/korban) também significa “aproximar”. Assim, Rabi Shneur Zalman explica o texto como dizendo “se alguém deseja se aproximar de D'us...”.

O que isto nos diz sobre a pessoa que quer se aproximar de D'us? Como ele ou ela faz isto? Como explicado por Rabi Shneur Zalman, o texto em hebraico continua: “você se aproxima oferecendo a si mesmo a D'us.”

Oferecer a si mesmo? O que isto significa?

Como explicado pelo Lubavitcher Rebe, oferecer a si mesmo significa que a pessoa não pensa somente em seu próprio benefício, mas doa de seu tempo, energia, dinheiro ou conforto para ajudar seu próximo.

Isto é algo compreensível, mesmo em nossa era materialista, que roda em alta velocidade. Alguém precisa de você. Você dá de si mesmo, de forma generosa. Você estará ajudando a alguém, e você também estará se aproximando de D'us.

Ou conforme um outro cenário:

Existe um problema em um relacionamento. Você e outra pessoa no trabalho; ou você e alguém mais em sua família. O que você faz? Você se rende, exercendo seu auto controle para não provocar e perpetuar uma argumentação sem fim. Com isto, você ganha no objetivo da paz e da união. Além disso, você pessoalmente se aproxima de D'us.

Através de breves exemplos de auto-entrega, somos capazes de compartilhar momentos sagrados – apesar de nossa era moderna. Poderia até ser sugerido que nosso mundo complexo nos dá mais oportunidades para isto do que antes, quando a vida era simples e menos envolvente.

Existe muita bondade a ser feita. O que esta Parashá nos ensina é o caminho para avançarmos, para seguir em frente.

Por que as crianças começam a aprender a Torá com esta Parashá?

Este costume faz parte de um antigo ritual.

No primeiro dia de aula em que o menino irá aprender o alef-bet, o pai da criança carrega seu filho enrolado no talit até a sala de aula. No caminho, cobre o rosto do menino com o talit para que não enxergue nada de negativo.

Antes da criança começar a ler o alef-bet, o professor derrama um pouco de mel sobre as letras. Então, quando o menino conseguir identificar corretamente o alef, o professor deixará que lamba o mel da letra alef. E quando ler a letra bet, irá lamba o mel desta letra. Assim, a criança descobre a doçura do estudo de Torá.

Quando a classe estiver pronta para aprender o Chumash (Cinco Livros da Torá), o professor ensinará primeiro a Parashá de Vayicrá, antes mesmo de começar o livro de Bereshit.

Por que justamente esta Parashá?

Finalmente a resposta: Vayicrá trata de corbanot, oferendas. Nossos Sábios explicam que por esta razão é apropriado que as crianças pequenas aqui uma grande lição. Quando um judeu estuda as leis dos corbanot, sacrifícios, D'us considera como se ele tivesse de fato oferecido um corban.

As crianças pequenas ainda são puras, livres de pecados. Quando elas aprendem sobre os corbanot, o Criador considera como se tivessem trazido um corban para Ele sobre o Altar. Já que o mais perfeito corban é aquele oferecido por um tsadic, Sábio, Ele aprecia mais ainda o das crianças, pois elas são tsadikim, livres de pecados.

D'us Se Importa com o Que Fazemos?

Por Tor@mail

Nesta semana começamos um novo livro da Torá, o livro de Vayicrá que lida na sua maior parte com os sacrifícios, oferendas para D'us. É difícil entender por que D'us tem prazer nas nossas mitsvot e, em particular, com as oferendas de animais no Templo Sagrado.

Aqui está uma pergunta sobre essa questão:

Será que realmente importa para D'us o que nós fazemos aqui na Terra?

Resposta:

Como toda boa pergunta filosófica, a resposta é, “Sim, e não.” Ou, nesse caso específico, “Não, e sim.”

Por um lado, D'us mesmo declara na Torá, “Sou D'us, e não mudei.” (Malachi 3:6) Isso quer dizer que a Criação de nenhum modo modifica ou altera D'us. Por outro lado, vemos que D'us criou um mundo físico e nos deu mandamentos, chamados mitsvot, que inclui várias leis e rituais em todas as áreas éticas e morais de nossa vida.

.....
Parece então que importa muito a D'us o que fazemos aqui na Terra. Afinal de contas, se um mundo cheio de gente não quer dizer nada para D'us, então por que Ele teria criado um mundo assim?

As duas premissas estão corretas. Os ensinamentos da Chassidut ilustram essa ideia com a seguinte metáfora:

Um pai está brincando com seu filho de dois anos de idade. Se a criança perde no jogo, o pai fica triste, seu rosto fica todo enrugado e começa a chorar e soluçar.

Quando a criança ganha, o pai fica feliz, sorri, pula de alegria e bate palmas de felicidade.

Será que o pai realmente se importa se uma pequena peça de plástico é colocada no quadradinho da esquerda ou da direita de um tabuleiro? Não e sim. O ato de colocar a peçinha de plástico por si só não tem nenhum significado para ele. Mas o pai quer interagir com o filho – isto é, ele quer que seu filho o afete e seja afetado por ele ao mesmo tempo.

Então ele cria esse jogo no qual os jogadores devem tentar alcançar certos resultados – no qual existem movimentos certos e errados, sucessos e fracassos. E para que o jogo funcione, o pai realmente mostra estar preocupado com os resultados (se fosse um envolvimento puramente mecânico, a criança também não se identificaria e não participaria do jogo).

Ele então investe e se coloca dentro do jogo, de fato ele se “condensa” (um processo que os Cabalistas chamam de tsimtsum) de modo que consiga entrar nos parâmetros do mundo da criança.

Então quando um pai franze o rosto ou comemora de felicidade, é real. Ele não está “fingindo”. Ele realmente se importa – não porque ele realmente se importe, mas porque ele realmente quer se importar.

Resumindo, vemos no livro de Yov as seguintes perguntas: “Se você pecar, como você afetará D'us? Se as tuas transgressões se multiplicarem, o que você provocará em D'us? Se você for uma pessoa justa, o que você proporcionará a D'us? O que Ele pode possivelmente receber de tuas mãos?”

Em palavras simples, não importa para D'us o que nós fazemos – não provocamos nenhum efeito nEle.

Por outro lado, certamente se Ele nos deu a Torá – um livro de instruções para cada passo de nossa vida, e valoriza quando nós cumprimos os seus mandamentos, então Ele realmente se importa com as nossas ações.

Concluindo, D'us não precisava de um mundo que seria aperfeiçoado pelo ser humano, mas Ele queria um mundo assim. Então D'us é afetado pelo o que fazemos, mas somente porque Ele quer ser afetado. Isso quer dizer que Ele não é realmente afetado. Mas numa visão mais profunda, significa que Ele é realmente afetado, porque Ele

escolheu que assim seja, e Ele também escolheu que isso fosse real e sério.

No entanto, os mestres Chassidicos rapidamente apontam que essa metáfora do pai jogando com o filho não é verdadeiramente um paralelo para a nossa relação com D'us. Entender essa metáfora nos aproxima um pouco mais do que acontece entre D'us e Sua criação, mas além disso, a analogia não serve.

Porque o pai da nossa metáfora é um ser que é afetado pelas coisas – assim como a criança. A diferença entre eles é simplesmente uma questão de nível. A criança se importa com uma bala; o pai não se importa com balas – ele se importa com coisas importantes, como um aumento em seu salário, por exemplo.

Então a condensação do pai é apenas superficial, não da sua essência. D'us, no entanto, é o Ser, Infinito, Perfeito, Completo. Ele não precisa de nada. Fazer com que Ele se importe com nossas ações não é uma ‘condensação’ de uma coisa grande para uma pequena, mas sim do Infinito para o Finito – para a qual não há nenhuma analogia ou experiência capaz de explicar ou entender.

No entanto, a metáfora da criança/pai nos introduz à ideia de “importar-se por opção”, nos aproximando um passo minúsculo para apreciar que D'us, apesar de ser acima de tudo, colocou importância verdadeira à nossa existência e às nossas ações.

Vayicrá: Um Chamado de Amor

Adaptado de um discurso do Rebe de Lubavitch, Séfer Hitvaaduyot 5750, Vol. 2.

O Livro de Vayicrá descreve em detalhes as leis das oferendas que eram levadas ao Mishkan (Santuário) e ao Templo Sagrado. Inicia-se com as palavras: “E Ele chamou Moshê.”

Rashi, o grande comentarista da Torá, explica que D'us chamou Moshê com um amor especial e único. A filosofia chassídica explica mais sobre o significado do fato de o nome de D'us não ser mencionado de forma direta. Esse grande amor, explica, é proveniente de um atributo Divino que é tão elevado, que existe além das limitações impostas por um nome. É como se a própria Essência de D'us estivesse chamando Moshê.

A chassidut também ensina que cada judeu tem uma centelha da alma de Moshê dentro de sua própria alma. Portanto, o chamado de D'us para Moshê com um amor especial é um chamado para cada judeu, não importa quem seja.

As instruções que vieram em seguida, os detalhes dos corbanot - sacrifícios (que no hebraico tem o radical que significa “aproximar”) são as instruções através das quais podemos nos aproximar de D'us, e dizem respeito a todo e qualquer judeu, em todo e qualquer tempo e espaço.

Este conceito também se reflete na Haftará desta semana (do livro de Yeshayáhu). “Este povo que formei para Mim expressará Meu louvor.” A primeira parte do versículo parece mostrar o grande amor de D’us pelo povo judeu. A segunda parte, porém, parece referir-se a suas preces, boas ações e estudo da Torá, através das quais o Nome de D’us é engrandecido.

Porém, se analisarmos o versículo em profundidade, veremos que o tipo de louvor a que D’us se refere aqui é totalmente diverso e independe das ações do judeu.

“Este povo que formei para Mim” diz D’us. O povo judeu pertence a D’us; é só através dos judeus que Sua soberania sobre o Universo é estabelecida, pois um rei não pode governar se não houver súditos. Um judeu, por sua própria natureza, e não por seus atos, já é criado especial.

“Expressará Meu louvor.” prossegue D’us. A própria existência do povo judeu revela a glória de D’us. O fato de o povo judeu, “um cordeiro entre setenta lobos”, ainda florescer após milhares de anos é um testemunho da grandeza de D’us. Cada judeu é uma prova da existência de D’us e faz com que seu Nome seja louvado.

Isso é relevante, principalmente, em nossa geração, que veio após a terrível destruição de nossos irmãos no Holocausto. O fato de existirem judeus atualmente, perpetuando com orgulho nossa tradição sagrada e criando uma nova geração de judeus para continuar a impregnar de santidade o Universo é, por si, um milagre, sendo um testemunho da grandeza de D’us.

O imenso amor que D’us tem por cada judeu, independente de suas ações, demonstra quão importante é que nós amemos nossos irmãos judeus e sempre os julgemos de modo favorável, pois cada um de nós é um tesouro especial de D’us.

Likrat Shabat on line 5770 (20/03/10)

Uma publicação da Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch

Ohel Menachem Mendel – S. Paulo

A Grandeza da Humildade

Por Aryeh Citron

Quando D’us chamou Moshê para entrar no Santuário pela primeira vez, o versículo declara:¹ Vayicrá el Moshe, “E D’us chamou Moshê.” A palavra Vayicrá está escrita com um pequeno alef, e o Baal HaTurim, em seu comentário sobre este versículo, diz que Moshê escreveu o alef menor que as outras letras, por humildade.

Embora Moshê fosse destacado entre todos os judeus e escolhido para comunicar-se diretamente com D’us, ele minimizou a importância disso escrevendo a palavra como se fosse vayikar – “e D’us aconteceu sobre Moshê.”²

Moshê foi a pessoa mais humilde na face da terra.³ Certamente Moshê sabia que era o escolhido por D’us para redimir os judeus do Egito, para abrir o mar, para receber a Torá, e para levar os judeus através do deserto.

Apesar disso, Moshê continuou humilde porque pensava que se alguém mais tivesse nascido com as mesmas qualidades que ele possuía, aquela pessoa teria superado suas próprias realizações. No mesmo tom, Rav Yossef, um sábio talmúdico, disse sobre si mesmo que era um homem incomumente humilde, a par com as pessoas extremamente humildes das gerações anteriores.⁴ Embora ele reconhecesse a própria humildade, não se diminuiu.⁵

A importância da humildade

Sobre humildade e arrogância, está escrito:⁶

Se alguém é humilde, é como se tivesse oferecido todos os sacrifícios.⁷

D’us responde às preces de uma pessoa humilde.⁸

Aquele que é humilde está perto de D’us (i.e., D’us reside dentro dele).⁹

Apesar do fato de Moshê ser notável em profecia, Torá e sabedoria, a qualidade que D’us julgou apropriado mencionar na Torá foi sua humildade.¹⁰

Alguns são da opinião de que a verdadeira humildade é o nível espiritual mais elevado que pode ser alcançado.¹¹

Por este motivo, Yeshayahu se refere ao povo judeu como “os humildes”.¹²

Aquele que se eleva (i.e., se comporta com arrogância), D’us o trará para baixo. Sempre que alguém se rebaixa (i.e., se comporta com humildade), será elevado por D’us.¹³

O temor a D’us é considerado uma “coroa” para sabedoria (i.e., um nível mais alto que a sabedoria), mas é uma “sandália” (i.e., um estágio preparatório) para a humildade.¹⁴

Quem merece o Mundo Vindouro? Aquele que é humilde, se posta com humildade, caminha humildemente e estuda Torá constantemente – porém não aceita o crédito para si mesmo.¹⁵

D’us escolheu o povo judeu por causa da sua humildade e da humildade dos Patriarcas.¹⁶

Atingindo a Humildade

Uma das maneiras de se atingir a humildade é contemplar o fato de que viemos de uma mera gota, e que terminaremos por retornar ao pó.¹⁷ Os mestres chassídicos explicam que quanto mais alguém é anulado perante D’us, mais humilde se torna face à infinita

.....
grandeza de D'us.¹⁸ E especificamente quando uma pessoa experimenta a bondade de D'us, ele deveria sentir-se humilde.¹⁹

A Extensão da Humildade

Embora geralmente a pessoa deva se esforçar rumo à média em todos os traços de caráter (ex., não deveria ser avarento nem doar tudo que possui), no traço de humildade a pessoa deve ir ao extremo e ser completamente consciente.

Como ensinou Rabi Levitas de Yavne: “A pessoa deve ser inexcusavelmente humilde.”²⁰ De modo semelhante, Rabi Nachman bar Yitzchak disse: “Não se deve ter [arrogância], nem mesmo um pouquinho.”²¹

Essa qualidade era exibida por Hillel que, apesar da sua estatura como líder do Sanhedrin, respondia pacientemente as perguntas de todos, mesmo se fossem feitas em horas inoportunas.²²

Sinais de Humildade

Há muitos sinais da verdadeira humildade. Alguns deles são: Se você consegue perdoar alguém que agiu mal com você, embora você tenha o poder de se vingar. Como diz o versículo: “Não diga: ‘Assim como ele fez comigo, farei a ele; pagarei o homem de acordo com o seu ato.’”²³

Se tempos difíceis se abatem sobre a pessoa, ela deveria humildemente aceitar o julgamento de D'us com amor, sabendo que por algum motivo merece essa dificuldade. Como declarou o Profeta Amos: “O sábio naquela hora deve se manter silente.”²⁴

Mesmo que alguém receba homenagem de outras pessoas, deve acostumar-se a permanecer humilde. Nosso Patriarca Avraham se comportava dessa maneira. Quando os hititas de Hebron lhe disseram: “Você é um príncipe de D'us entre nós,”²⁵ ele se inclinou na frente de todo o povo daquela terra.²⁶

Mesmo que uma pessoa atinja um alto grau em sabedoria, riqueza ou poder, deveria permanecer humilde e continuar se comportando como fazia antes. Como disse o Rei Shelomô: “Se o espírito do governante ascende sobre ti [i.e., se você é elevado a um cargo de honra pelo rei], não deixe seu lugar [posição prévia de humildade].”²⁷

Se uma pessoa vê o sofrimento se abatendo sobre ela, deve imediatamente se arrepender de seus erros e não adiar isto por causa da arrogância. Quando Ezra repreendeu os antigos exilados babilônicos pelos seus pecados, eles se arrependeram imediatamente.²⁸

Alguém que é realmente humilde dividirá suas posses com outros, porque não se sente merecedor de levar uma vida de riqueza enquanto outros levam uma vida de privação. Nosso Patriarca Avraham se comportava dessa maneira. Ele foi o paradigma da humildade, pois disse: “Eu sou pó e

cinzas.”²⁹ Ele também distribuía livremente sua riqueza aos outros.³⁰

Os Efeitos da Arrogância

Se alguém é arrogante, D'us diz: “Eu e ele não podemos habitar juntos.”³¹ D'us “despreza” aqueles com um coração arrogante.³² O Talmud diz³³ que o pecado da arrogância pode ser comparado a muitos pecados graves. Quando alguém é arrogante, é considerado como se ele estivesse:

1 – Servindo a ídolos

2 – Negando o Criador

3 – Engajando-se em relações sexuais proibidas

4 – Construindo um local de idolatria fora do Templo Sagrado

Devido à arrogância, até um homem que caso não a tivesse tem de sofrer a experiência do purgatório.³⁴

Na verdade, ele não é merecedor de ser ressuscitado na época da ressurreição.³⁵

Quando D'us concede grandeza a uma pessoa, Ele pretende que isso se estenda a todos os seus descendentes. Mas se ele se torna arrogante, D'us o rebaixará.³⁶

A arrogância de Jeroboam (o primeiro rei das dez tribos do norte) causou sua morte.³⁷

Se um homem sábio se torna arrogante, a sabedoria lhe será tirada. Se um profeta se torna arrogante, ele perderá sua profecia.³⁸

Os reis não-judeus Faraó, Senacherib, Nebuchadnezzar e Hiram, todos perderam seus reinos como resultado da arrogância.³⁹

NOTAS

1. Vayicrá 1:1

2. Veja Pit'chei Teshuva, Yoreh De'ah 274:7, que se um escriba muda o tamanho da letra, escrevendo este alef num tamanho comum, a Torá continua casher.

3. Bamidbar 12:3

4. Talmud, Sotá 49b

5. Veja Licutê Sichot vol. 1, págs. 279-281, e vol. 13, págs. 33-34

6. Grande parte deste artigo é baseado na Sétima Vela na Menorat HaMa'or por Rabi Yitzchak Abohav.

7. Talmud, ibid. 5b

8. Ibid.

9. O Talmud (ibid.) enfatiza o fato de que D'us escolheu repousar Sua presença no Monte Sinai, e não em outras montanhas – mais altas e mais verdes, por causa da sua humildade.

10. Maimônides em seu comentário sobre Ética 4:4. Veja Bamidbar 12:3

11. – Rabi Joshua ben Levi em Talmud, Avodá Zará 20b

12. Yeshayahu 61:1

13. Veja Talmud, Nedarim 55a

14. Midrash Rabbah, Cântico dos Cânticos 1:1:9

15. Talmud, Sanhedrin 88b

16. Baseado em Talmud, Chulin 89a

17. Veja Ética 3:1

18. Ohr Há Torah, Eikev, págs. 575-6. Sefer HaLikutim, Ayin, pág. 315

19. Tanya, Igueret HaKodesh 2

20. Ética 4:4. Veja comentário de Maimônides sobre esta passagem.

21. Talmud, Sotá 5a

22. Talmud, Shabat 30b

23. Provérbios 24:29

24. Amos 5:13

25. Bereshit 23:6

26. Ibid. versículo 12

27. Cohêlet 10:4

28. Ezra 10:2

29. Bereshit 18:27

30. Veja Rashi sobre Bereshit 21:33

31. Talmud, Sotá ibid.

32. Mishlê 16:5

33. Sotá 4 b. Veja Maharsha ali.

34. Ibid.

35. Ibid., 5a (Veja Ben Yehoyada ali, que explica que eles serão ressuscitados, mas com sofrimento maior que as outras pessoas mortas.)

36. Talmud, Megilá 13b

37. Sanhedrin 101b. Veja Dikdukei Sofrim, que algumas versões do Talmud dizem que a arrogância "afastou-o do mundo vindouro."

38. Talmud, Pessachim 66b

39. Talmud, Chullin 89a.

Carne: É Permitido Matar Para Comer?

Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

"Quando aumentar o Eterno, teu D'us, o teu território, como te falou, e disseres: comerei carne, porquanto a tua alma desejará comer carne, com todo o desejo de tua alma poderás comer carne."

Devarim 12:20-23

"Último e primeiro Tu me criaste (Tehilim 139:5)... Se o homem é merecedor, ele ouve: Tu és o primeiro dentre as obras da Criação. Se ele não é merecedor, ele ouve: A pulga te precedeu, o verme te precedeu."

Midrash Raba, Vayicrá 14:1

Existem aqueles que contestam a moralidade de comer carne. O que dá ao homem o direito de consumir a carne de outra criatura? Porém o mesmo pode ser dito sobre consumir a vida vegetal, a água ou o oxigênio.

O que dá ao ser humano o direito de devorar qualquer criatura de D'us simplesmente para perpetuar sua própria existência?

De fato, não há tal direito natural. Quando o homem vive apenas para sustentar e melhorar seu próprio ser, não há justificativa em mexer com outra existência para atingir seu objetivo. Como declarou um grande mestre chassídico: "Quando uma pessoa caminha sem um pensamento sobre D'us em sua mente, o próprio chão sob seus pés clama: 'Idiota! O que o torna melhor que eu?'

Com que direito pisa em mim?" O fato de o homem ser uma forma de vida "mais elevada" mal justifica a destruição de criaturas não inteligentes ou inanimadas.

Além disso, segundo os ensinamentos da Cabalá, a alma dos animais, plantas e objetos inanimados são na verdade mais elevados que a do ser humano: pois no grande

.....
colapso do mundo primordial de Tohu os elementos mais elevados caíram mais baixo (como as pedras mais altas num muro que desaba caem mais longe), portanto as centelhas mais elevadas da luz Divina foram encarnadas nas assim chamadas alas "inferiores" do mundo físico.

O homem tem o direito de consumir outras criaturas apenas porque, e quando, ele serve como agente da elevação destas criaturas.

A essência espiritual de uma pedra, planta ou animal pode ser mais elevada que a de um ser humano, mas é uma centelha estática, destituída da capacidade de avançar na busca da criação para se unir ao seu Criador.

A crueldade do gato ou o empenho da formiga não são falhas morais ou conquistas, nem o são a dureza da rocha ou a doçura da maçã.

O vegetal, mineral ou animal não podem fazer o bem ou o mal – podem apenas seguir os ditames de sua natureza. Somente ao homem foi concedido o livre arbítrio e a capacidade de fazer melhor (ou pior, D'us não o permita) que seu estado natural.

Quando uma pessoa bebe um copo de água, come uma fruta ou abate um boi e consome sua carne, estes são convertidos na essência do corpo humano e na energia que o faz mover-se.

Quando alguém realiza uma ação Divina – um ato que transcende seu eu natural e o aproxima de D'us – ele eleva os elementos que incorporou em si mesmo, reunindo as centelhas da Divindade que eles incorporam com sua fonte. (Também são elevadas as criações que possibilitaram a realização da ação Divina – o solo que nutriu a maçã, a grama que alimentou a vaca, o cavalo que carregou a água até a cidade, e assim por diante).

Eis aqui o significado profundo do versículo acima citado: "Quando disseres: comerei carne, pois tua alma desejará comer carne."

Você pode expressar um desejo por carne e estar consciente apenas da ânsia pela satisfação física que isso traz; na verdade, porém, este é o resultado do desejo de sua alma de comer carne – a busca de sua alma pelas centelhas de Divindade que foram enviadas à terra para redimir.

Desejo:

Existe, no entanto, uma importante diferença entre o consumo de carne e o de outros alimentos. A diferença envolve desejo e o papel que ele desempenha na elevação da criação.

O ser humano não pode viver sem os componentes vegetais e minerais de sua dieta. Assim, ele é compelido a comê-los pelo mais básico de seus desejos físicos – a preservação de sua existência. A carne, no entanto, não é uma necessidade mas um luxo; a vontade de comer carne

não é um desejo motivado pela necessidade, mas desejo em seu sentido mais puro – o desejo de sentir prazer.

Em outras palavras, os animais são elevados – sua carne integrada ao corpo humano e suas almas são feitas parceiras num ato Divino – somente porque D'us instilou o desejo do prazer na natureza humana.

Isso significa que a elevação da carne exige uma sensibilidade espiritual mais aguçada por parte de seu consumidor que os outros alimentos. Quando alguém ingere um pedaço de pão e então estuda Torá, reza ou faz caridade, o pão contribuiu diretamente para estas ações.

Para realizar estas ações, a alma do homem deve se fundir com o corpo físico, e o pedaço de pão foi indispensável a esta fusão. O homem come o pão para viver; se ele vive para cumprir a vontade de seu Criador, a conexão é completada.

Porém o homem come carne não para viver, mas para apreciar seu sabor; assim, não é suficiente que uma pessoa viva a fim de servir a seu Criador pela carne que come ser elevada.

Ao contrário, ele deve ser alguém para quem a própria experiência do prazer físico é um esforço Divino, algo devotado somente a uma finalidade Divina; uma pessoa para quem a satisfação física gerada por uma refeição saborosa se traduz num entendimento mais profundo de Torá, um fervor maior na prece, e um sorriso mais gentil para acompanhar a moeda colocada na palma da mão de um mendigo.¹

Assim, a Torá diz: "Quando o Eterno teu D'us ampliar tuas fronteiras, como Ele te prometeu... poderás comer carne segundo o desejo de tua alma." O Talmud deriva daí que, "originalmente, eles estavam proibidos de comer "carne pelo desejo" (bassar taava); foi somente depois que eles entraram na Terra [de Israel] que tiveram permissão de comer carne pelo desejo".²

Para a primeira geração da existência de Israel como um povo – desde o momento em que receberam a Torá e construíram o Santuário no Deserto do Sinai até se estabelecerem na Terra Santa – a única carne que tinham permissão de ingerir era a carne dos corbanot, os sacrifícios de animais oferecidos a D'us no Santuário.

O consumo desta carne era uma mitsvá, o que significa que sua elevação foi conseguida pelo fato de que comê-la constitui um cumprimento direto de um mandamento Divino. No entanto, eles não tinham a capacidade de elevar a "carne do desejo" – a carne ingerida com o propósito de proporcionar prazer a seu consumidor.

Portanto, o consumo de tal carne era proibido. De fato, os filhos de Israel foram admoestados e punidos por expressarem um desejo de comer carne, como é relatado no capítulo 11 do Livro Bamidbar.

.....
Foi somente depois que D'us ampliou suas fronteiras, garantindo-lhes um mandato de tornar "santa" um adjetivo para "terra", que eles puderam santificar este aspecto mais corpóreo da vida humana.

(O que ocorreu na História Judaica foi também o caso na história da humanidade. Originalmente, o homem tinha permissão de comer "toda erva que produzisse sementes na face da terra, e de cada árvore na qual houvesse um fruto com semente" (Bereshit 1:29). Foi somente após o Dilúvio, quando o mundo estava imbuído de um maior potencial espiritual, que D'us disse a Nôach que "toda coisa viva que se mova será alimento para ti.")

Similarmente, nossos Sábios declararam que "Uma pessoa grosseira está proibida de comer carne" (Talmud, Pessachim 49b). A licença concedida ao homem para consumir as criaturas e criações do mundo e subjugar-las para servir a ele não é incondicional.

É obrigatório que ele tenha sensibilidade para com a essência espiritual das criações de D'us, e seu compromisso de servir a elas, tornando-as partes integrantes de sua vida santificada.

É preciso ser um indivíduo com horizontes espirituais amplos para valorizar adequadamente um bife.

Notas:

1 – Veja o Talmud, Yoma 76b; ibid. Bava Kama 72a; Tanya, cap. 7. Pão e carne são empregados aqui como protótipos da necessidade e luxo; neste contexto, uma torta de creme ou um iate seriam uma forma de carne, ao passo que um pedaço de carne ingerido para manter a alma e o corpo juntos cairiam sob a categoria de pão.

2 – Rabi Yishmael, citado pelo Talmud em Chulin 16b. Rabi Akiva (ibid. 17a) interpreta o versículo de modo diferente, entendendo as palavras "quando o Eterno teu D'us ampliar tuas fronteiras" não como uma qualificação de "poderás comer a carne que tua alma deseja" mas daquilo que a Torá declara logo em seguida: "Abaterás teu rebanho que D'us te deu, pois Eu te ordenei."

Assim, segundo Rabi Akiva, não apenas era "a carne por desejo" permitida no deserto, era até mesmo permitida sem a shechitá (o abate segundo a Halachá), ao passo que toda a carne comida depois da entrada dos israelitas na Terra Santa exige a shechitá.

No entanto, o mais profundo significado da lei que Rabi Akiva deriva destes versículos é idêntico àquele da lei derivado por Rabi Yishmael. Shechitá significa "extrair" (Talmud, Kidushin 82a); o abate de um animal de acordo com as leis divinamente ordenadas da shechitá é o que possibilita sua elevação – a extração de um animal de seu estado animalesco para o reino de uma vida consagrada ao serviço do Criador.

No deserto, a shechitá estava limitada aos animais oferecidos no Santuário, pois apenas estes podiam ser

"extraídos" da maneira que a shechitá torna possível. A única diferença nas opiniões de Rabi Yishmael e Rabi Akiva é que Rabi Yishmael declara que como a total elevação da carne do desejo não foi possível no deserto, seu consumo era proibido, ao passo que Rabi Akiva afirma que mesmo assim era permitido, pois uma elevação menor podia ser atingida.

Proteção aos Animais

O judaísmo proíbe o sofrimento de animais. Podemos ver isto refletido em vários preceitos. Por exemplo, existe a proibição de "tsaar baalei chaim" – provocar um animal, causando-lhe sofrimento. Mas nossas leis vão além disto.

A Torá nos ensina que o dono de um animal deve alimentá-lo e lhe dar de beber antes que o próprio dono tenha sua refeição. As próprias leis de shechitá – o procedimento do abate do animal, sem o qual estamos proibidos de comê-lo, visam causar o mínimo de sofrimento para o animal.

Uma vez que deixamos claro este ponto, podemos partir para o ponto principal. Tudo o que existe de material neste mundo pode ser elevado para um nível espiritual. Quando recitamos a bênção sobre o alimento, e usamos a energia que ele nos fornece para o trabalho divino em nosso dia-a-dia, estamos o elevando para um nível espiritual. Quando usamos um certo membro de nosso corpo para cumprir uma mitsvá, estamos elevando-o para um nível espiritual.

Você não sabia que leões comem zebras, que leopardos comem antílopes, tigres comem tudo que podem matar? E na maioria das vezes, os mortos são os indefesos filhotes, os velhos e doentes. Portanto, quem criou estas criaturas e esta ordem da natureza?

Se você estiver pensando nos sacrifícios no Templo Sagrado, lhe pergunto: O que torna os sacrifícios do templo mais cruéis que isso? Na verdade, a crueldade da selva é cruel apenas a nossos olhos. Para os animais, ela não existe. Como disse o sapo ao Rei David (Midrash, Perek Shira): "Eu tenho uma mitsvá maior que qualquer uma sua. Pois existe um pássaro que vive no pântano e tem fome. E eu me sacrifico para alimentá-lo."

Para os animais, ser comido é apenas ser transformado, de um ser para outro, num ciclo interminável de metamorfoses. As folhas se tornam um cervo, o cervo numa pantera, ou num ser humano. A pantera ou o ser humano retorna à terra e alimenta as árvores que produzem folhas.

E esta é sua realização, sua mitsvá da vida.

A Torá acrescenta outra dimensão, uma dimensão sobrenatural à ordem da natureza. A grama se transforma em vaca, a vaca torna-se parte do ser humano e o humano desempenha um ato Divino. Melhor ainda, a vaca entra diretamente no mundo do Divino, engolida pelo fogo do altar e consumida pelos anjos Acima que são alimentados, segundo a Cabalá, pelos sacrifícios no Templo. E então

.....
aqueles seres angélicos respondem, devolvendo vida e santidade a todas as vacas aqui embaixo neste mundo.

Se até mesmo um pedaço de peixe que é consumido por uma pessoa, que usara sua energia para fazer uma mitsvá, torna-se elevado, imagine a elevação de um animal que é sacrificado no Templo Sagrado, o local mais sagrado do mundo todo. E mais ainda no caso da vaca vermelha, que é usada para a purificação das pessoas!

O sacrifício de um animal no Templo Sagrado não era um ato de crueldade, nem um desprezo a um ser vivo, já que isto contradiz toda a essência do local.

Quando um animal é sacrificado no Templo, contribuindo para a purificação das pessoas, este recebe um significado eterno.

Isso pede uma história como explicação (Baba Metzia 85a):

Rabi Yehuda HaNassi era um perfeito tsadic, porém passou por grandes sofrimentos. Como isso começou? Por intermédio de algo que ele fez.

Ele estava caminhando pela praça quando um bezerro sendo levado ao matadouro correu para ele e escondeu-se sob sua capa. Ele disse ao animal: "Vá! Para isso você foi criado." E foi aí que seu sofrimento começou.

E terminou com outra ação. Sua criada estava varrendo o chão e encontrou os filhotes de uma fuinha aninhados entre as tábuas do piso. Ela começou a varrê-los, quando ele a fez parar. "Está escrito" – disse ele – "que Sua compaixão está sobre todas as Suas obras." Foi então que seu sofrimento cessou.

Não podemos mesmo entender, porque o fato de não entendermos é que nos permite ter compaixão.

O Báal Shem Tov, durante os anos em que era um místico oculto, ganhava seu sustento abatendo galinhas e outros animais para as comunidades judaicas antes das Festas. Quando deixou esta profissão, um novo abatedor tomou seu lugar.

Certo dia, o gentio ajudante de um dos aldeões judeus levou uma galinha ao novo abatedor. Quando o homem começou a afiar sua faca, o gentio olhou e começou a rir. "Você molha sua faca com água antes de afiá-la!" exclamou ele. "E então você simplesmente começa a cortar?"

"O que mais poderia ser?" perguntou o abatedor.

"Yisroelik (o Báal Shem Tov) chorava até que tivesse lágrimas suficientes para molhar a faca. Depois chorava enquanto afiava o instrumento. Somente então ele cortava!"

A Torá nos ordena não causar dor desnecessária a qualquer ser vivo. Nenhuma distinção é feita se o ser vivo é uma vaca, um lagarto ou uma mosca.

Rabi Sholom DovBer de Lubavitch certa vez repreendeu seu filho por ter arrancado a folha de uma árvore, dizendo: "O que o faz pensar que o "Eu" da árvore vale menos que o seu "Eu"?"

Mesmo quando parece necessário consumir a vida de outro, existem regras.

Uma pessoa com a mente vazia, ensinaram os Sábios, não tem o direito de comer carne. Eles disseram também para jamais comer carne com fome – primeiro satisfaça a fome com pão. Uma pessoa que ingere carne somente para agradar o paladar e seu estômago degrada tanto a si mesmo quanto o animal.

Mas se ele "come conscientemente" – para domar aquelas energias animais a fazer o bem; comer para elevar o animal a um novo reino da existência; comer para pelo menos dar ao animal aquilo que ele nos dá – então isso se torna uma maneira de conectar-se com o Divino e elevar nosso universo.

Quanto aos anjos e sua parte na história: "Uma vez que o Templo foi destruído" – declara o Talmud – "a mesa de todo homem expia por ele." Sua mesa é um altar. Os anjos são convidados. Coma com humildade e com compaixão, e conscientemente. Faça sua parte no Divino ciclo da vida.

Sacrifícios de Animais

Por Tzvi Freeman

Pergunta: Por favor, explique tudo a respeito de sacrifícios de animais no Templo Sagrado. O senhor está realmente planejando reiniciar isso a qualquer hora?

Resposta: Caim e Abel faziam sacrifícios vegetais e animais. Nôach (Noé) fazia sacrifícios de animais. Avraham, Yitschac e Yaacov - todos indivíduos altamente esclarecidos - faziam sacrifícios animais. E a Torá prescreve uma grande quantidade de sacrifícios a serem feitos no Tabernáculo no deserto, e depois mais tarde no Templo Sagrado em Jerusalém.

E sabe o que mais? Em nossas preces, pelos últimos 2000 anos, temos pedido a D'us para que nos deixe reconstruir aquele Templo, para que possamos começar a fazer aqueles sacrifícios, assim como Ele nos mandou fazer. Portanto, deve haver algo de profundo nisso, mais do que podemos ver.

P: Mas isso tudo parece não ter sentido! Caridade, oração, estudo... tudo isso posso entender. Mas por que razão D'us deseja que queimemos animais sobre um altar?

R: Não pense que você é o primeiro com dificuldade para entender isso. O assunto intrigou os discípulos de

.....
Maimônides no século doze. Deixou perplexos os alunos dos Rabinos do Talmud. No Zôhar, está escrito que "o segredo dos sacrifícios atinge o segredo do infinito."

É uma daquelas coisas que, se não deixam você confuso, então você não entendeu bem os fatos. Creio que precisamos olhar para isso sob uma perspectiva diferente, para que faça sentido.

P: Tudo isso se parece com um resquício dos ritos pagãos.

R: Está claro aqui que existem grandes diferenças entre a ordem dos sacrifícios da Torá e estes típicos ritos pagãos do velho mundo. Para começar, as regras e regulamentos foram explicadas claramente para que todos lessem. Na verdade, todo judeu tem a obrigação de estudar os detalhes dos rituais do Templo.

Espera-se que até as crianças pequenas aprendam tudo que os sacerdotes devem fazer. Isso é completamente diferente do culto secreto que dava poder à classe sacerdotal de outras nações.

Existem outras grandes diferenças: O Templo era considerado propriedade do povo, e sacrifícios comunitários enfatizavam este fato. Não havia prostitutas, mulheres ou homens, vagando pelos pátios, nenhuma orgia ou festas com bêbados - ou automutilação. Os sacerdotes usavam roupas recatadas e padronizadas, e eram considerados responsáveis perante um tribunal do povo que ficava à beira do complexo do Templo.

A maior parte da carne era comida - um desperdício muito menor que aquele que acontece no fast food da esquina. E os animais eram abatidos de forma humana. Definitivamente um sublime alívio aos padrões antigos. De forma geral, deve ter parecido um lugar muito estranho para o Zezinho daquela época.

P: Mas não para nossos padrões atuais. Se a idéia toda era para desacostumar o povo do cultismo dos sacrifícios, então era bom para eles. Mas por que deveríamos rezar para que isso voltasse? Certamente é bom ter um local centralizado para prece e meditação, com a Menorá, o incenso, as tábuas que Moshê trouxe... mas por que o açougue?

R: A parte principal de um sacrifício não era o ato de abater um animal. Deve-se entender que o serviço sacrificial era principalmente espiritual.

P: De que maneira?

R: Bem, por um lado, quando a pessoa trazia um sacrifício, sua concentração mental era crucial. Se sua mente não estivesse concentrada no significado correto e na intenção do sacrifício, tudo poderia ser considerado inútil, ou pior.

P: Que espécie de significados?

R: Bem, se estava sendo trazido para expiar algum pecado involuntário, a pessoa precisava ter em mente algum remorso pelo que acontecera. Mas era mais que isso: Os sacerdotes concentravam sua mente nas esferas espirituais mais elevadas, segundo tradições esotéricas. Isso explica por que havia os Levitas cantando e músicos tocando.

Afinal, se tudo fosse apenas um grande churrasco, que necessidade havia de música para inspiração? Ao contrário, era uma profunda experiência espiritual para todos os envolvidos. Você saía dali realmente elevado.

P: Tudo bem, posso entender a qualidade experiencial de tudo - um templo antigo com música celestial e canções místicas, sacerdotes em túnicas esvoaçantes imersos em meditação, e ritual coreografado e hipnótico. É uma imagem que eu não tinha percebido antes.

R: A maioria das pessoas não o faz.

P: Mas acho que poderíamos ter a elevação sem o sangue e as tripas.

R: Bem, na verdade, atualmente nossas preces substituem os sacrifícios. Então o aspecto principal dos sacrifícios nunca foi concluído. Somente os aspectos externos que a Torá também exige, estes estão temporariamente suspensos.

P: Então, se podemos ter a experiência espiritual sem cortar a carne sobre o altar, por que voltar a isso?

R: Porque precisamos chegar a um entendimento mais profundo sobre o que representavam os sacrifícios e o Templo.

P: Se quiser explicar, estou atento.

R: Bem, talvez nosso problema seja que estamos contemplando isso sob uma perspectiva plana.

P: Plana?

R: Quero dizer, como tentar entender um processo multidimensional olhando apenas uma dimensão.

P: ?

R: Aqui está uma analogia. Digamos que você nunca ouviu falar do telefone, e está observando alguém caminhando pela rua em animada conversação. Mas não parece haver uma segunda pessoa tomando parte na conversa. Na verdade, aparentemente ele está profundamente envolvido numa discussão com... o próprio pulso.

P: Por que sua mão está curvada sobre o ouvido?

R: Sim, e ele balança a cabeça, fazendo gestos com o outro braço. Então grita. Silêncio. Depois ri e fica quieto outra vez...

.....
P: Parece completamente doido.

R: Mas as pessoas fazem isso o tempo todo.

P: Tudo bem, mas isso faz sentido porque sabemos que existe alguém do outro lado.

R: Do outro lado de quê?

P: Do telefone.

R: Isso parece ainda mais fora de propósito. Onde, exatamente, está aquela pessoa?

P: Você sabe o que quero dizer. Existe uma rede de telefones celulares. Há sinais viajando pelo ar.

R: Onde?

P: Não se pode ver todas estas coisas, mas elas conectam pessoas por grandes distâncias. Somente nossa ignorância sobre aqueles sinais e aquela rede e toda a sofisticada tecnologia por trás dela que faz este cara parecer tolo.

R: Exatamente. E este é o mesmo problema que temos com sacrifícios: Precisamos entender que há uma outra dimensão toda aqui que não podemos ver. Com base nesta dimensão, tudo faz sentido.

P: Que dimensão é esta?

R: Bem, há planos da realidade mais elevados que o nosso. Reinos espirituais. E mais além. Existe toda uma cadeia de mundos agitando-se a partir do plano da luz infinita até chegar a nós e nosso pequeno cosmos físico aqui.

P: Esta coisa de Cabalá.

R: Está no Talmud, também - muitos detalhes no Tratado Chaguigá sobre os sete céus, etc.

P: Portanto, com sacrifícios...

R: Rabi Yitschac Luria, o Arizal, explica que os sacrifícios eram uma maneira de erguer a matéria e a vitalidade deste mundo a um plano mais elevado.

P: Sabe, li uma história sobre um tsadic (justo) que costumava meditar e carregar sua consciência a lugares mais elevados.

R: Na verdade, toda vez que alguém medita e reza com concentração, está fazendo o mesmo, em menor grau.

P: Então voltamos ao ponto de partida: Quem precisa do churrasco?

R: Porque aquilo apenas eleva a alma humana, que tem muitas camadas. A Divina, a racional, a animalesca. Os

sacrifícios no Templo elevavam aquela, mais o animal real por completo. Tocava não apenas o espírito, como também o corpo.

P: Então o animal tornava-se sagrado?

R: Tinha assim um efeito geral sobre todos os animais no mundo - mais a farinha e o vinho que eram usados com ele, que elevava todo o reino vegetal, mais o sal e a água, que elevavam o reino inanimado junto com ele...

P: Deixe-me ver se entendi. Você está dizendo que aquilo que a prece consegue no nível espiritual, os sacrifícios conseguiam com o mundo físico? Está dizendo que o Templo era uma espécie de transformador, para irradiar a coisa física até os reinos espirituais?

R: Você está chegando lá. É por isso que o espaço do Templo era tão importante. Você sabe que há uma tradição dizendo que o local onde ficava o altar do Templo era o lugar onde Adam (Adão) foi formado. Caim e Abel faziam seus sacrifícios lá. Nôach fez seus sacrifícios lá, depois do dilúvio. Yitschac foi amarrado lá...

P: Então, por que eles todos usaram o lugar? O que havia de tão especial...

R: É o local onde Yaacov teve o sonho sobre a escada, e os anjos subindo e descendo. Ele disse: "Este é o portal do céu!"

P: Hummm. Você quer dizer como dizemos no jargão da Internet, um "portal"?

R: Certo. Ou um transformador. O ponto de contato entre o físico e o espiritual. É isso que os rabinos querem dizer ao falar que quando D'us estava para criar o mundo, o lugar onde começou foi o Monte do Templo. Então você dirá: não havia espaço quando D'us começou a criar o mundo. Mas o que eles querem dizer é que este é o primeiro elo dos mundos mais elevados com este. É onde o acima pára, e começa o abaixo. Do céu para a Terra. E assim, é onde está situada a linha de transmissão entre os dois. O portal.

P: O que acontece quando toda esta carne e vinho sobem para lá?

R: Obviamente, não é mais um bife mastigável quando está no reino espiritual. Mas nós somos seres físicos, portanto não podemos imaginar como é o filé espiritual. Mas há seres conscientes sem corpos físicos, e eles estão no terminal receptor disso tudo.

P: Quer dizer, anjos?

R: É como os chamamos em português.

P: Acho difícil acreditar nesta coisa de anjo. Sei que há muitas referências a eles na Bíblia e na literatura rabínica...

.....
R: O Ramban (Nachmânides) diz que nossas almas estão mais intimamente relacionadas com os anjos que com os animais. Afinal, os seres humanos vivem principalmente em um mundo de idéias e abstrações, mais que no mundo visceral e tangível.

P: Depende da pessoa sobre quem o senhor fala, rabino.

R: De qualquer maneira, não há razão para não acreditar que haja consciência não associada a um corpo físico. E se perguntássemos a um desses seres conscientes se os sacrifícios do Templo faziam sentido para ele, provavelmente exclamaria que esta é uma das poucas coisas que os seres humanos fazem que têm algum sentido! E aposto que eles estão bastante aborrecidos por isso ter parado durante todos estes anos.

P: O que eles ganham com isso?

R: Segundo a Cabalá, o retorno de energia.

P: Quer dizer, como a energia ricocheteando de volta? Para que eles precisam disso? Eles não conseguem o suficiente quando ela desce?

R: Porque a energia que eles conseguem é apenas energia direta, filtrada através de muitos estágios. Nós recebemos a energia final, mais condensada e criativa para sustentar nossa existência neste mundo. Mas, como somos o ponto final, temos também a essência daquela energia. É algo que eles podem conseguir somente quando elevamos a matéria de nosso mundo até o deles.

P: Você está me dizendo que aqueles anjos têm um interesse real em nossos sacrifícios?

R: Eles têm um interesse real em qualquer coisa boa que façamos. Qualquer mitsvá que cumprimos eleva algum aspecto do mundo material - talvez não tanto quanto os sacrifícios. Mas os sacrifícios fornecem uma paradigma para entendermos o motivo de todas as mitsvot.

P: Então estes seres conscientes, sem corpo, estão também envolvidos?

R: Sem eles, nem mesmo uma única mitsvá poderia jamais ser cumprida. O Talmud afirma que toda vez que a pessoa cumpre uma mitsvá, somente o faz depois que o Santíssimo envia Seus anjos para arrumar tudo para que ela a cumpra. E eles também completam o serviço. Muitas vezes, todo nosso envolvimento se resume a tomar a decisão consciente, ou seja: sim, quero cumprir esta mitsvá.

P: Então realmente, todas nossas mitsvot acontecem neste contexto maior e multidimensional.

R: É por isso que tantas delas são tão difíceis de entender. É como tentar ver o sentido de um único instrumento executando sua parte em uma sinfonia inteira. É com isso

que nossas mitsvot se parecem. Porque enxergamos apenas o plano material.

O Sentido dos Sacrifícios no Templo

Por que razão, ao mesmo tempo que a Torá nos orienta a respeitar os animais e a natureza em geral, o texto bíblico detalha tão profundamente a questão dos corbanot (sacrifícios)? Qual a relação entre o corban e a remissão dos pecados? Porque essa prática não é executada nos dias de hoje?

RESPOSTA:

Vamos tentar dar uma explicação mais ampla sobre o assunto de sacrifícios. Assim, mesmo que se torne um pouco prolongado, certamente terá paciência de ler tudo.

Os sacrifícios de animais, aves ou até mesmo de uma pequena medida de farinha e trigo (conforme a possibilidade da pessoa) é um mandamento da Torá conforme consta em vários lugares, especificamente no Livro de Levítico (Vayicrá, 3º Livro da Torá).

Existem vários tipos de sacrifícios e são ofertados por várias razões, entre eles:

a) Sacrifícios comunais, i.e., em nome de toda a congregação, com acréscimo (Mussaf) nos dias especiais.

b) Sacrifícios individuais

1. Para pedir perdão de certos pecados. Neste caso, o sacrifício é aceito somente se a pessoa se arrependeu completamente da falha cometida (e se foi algo contra o próximo, se também se desculpou totalmente e reparou qualquer dano); só então podia o sacrifício trazer o perdão, pois a pessoa precisava estar presente no ato, acompanhando todo o processo e pensando que aquilo que está sendo feito com o animal deveria acontecer para ela por ter pecado contra D'us. Apenas pedir perdão não seria suficiente.

Para ser um arrependimento sincero, precisa de um método de maior eficácia.

O efeito de uma palavra ("desculpe, eu errei") não se compara à impressão visual de assistir todos os detalhes do processo do sacrifício até a parte final quando a carne e outras partes eram queimadas no Altar. Isto estimulava a pessoa a se perguntar em que ela se distingue do animal?

A resposta: somente pela alma Divina, uma partícula do Próprio D'us. O processo do pensamento continuava: "Come pude ser tão tola a ponto de desobedecer ou transgredir a vontade do Todo Poderoso, deixando minha natureza animalesca apossar-se de mim?" Isto levava a pessoa ao arrependimento verdadeiro, pois a Justiça suprema exige a morte pela violação da vontade Divina - e vendo até mesmo a morte do animal no Altar trazia-lhe a

.....
realidade de que D'us aceitou uma troca e poupou sua vida!

Desta forma os sacrifícios eram um meio para uma finalidade do retorno a D'us. Quando o povo não mais entendeu o assunto, realmente o Templo Sagrado foi destruído e os sacrifícios abolidos.

2. Em agradecimento a D'us por algum milagre ou benefício que aconteceu à pessoa.

3. Para aproximar-se de D'us. Este tipo de sacrifício não tem nada a ver com pecado. Era uma oferenda de aproximação. Por isso a palavra "sacrifício" em hebraico é "corban" do mesmo radical que significa "aproximação". O sacrifício era um meio de aproximação com D'us e só funcionava quando a pessoa fazia tudo, do âmago do seu coração.

Os animais casher usados para sacrifícios eram de três tipos: boi (ou vaca), bode (cabra) e ovelha. Cada um desses representa um tipo de personalidade que as pessoas têm.

A finalidade da oferenda era de "sacrificar" a natureza humana (cada um conforme seu tipo - conforme explicação em seguida), e foi isto que aproximava a pessoa de D'us. Os três tipos são:

1. O "boi" que mostra sua força com os chifres, chifrando e chutando. Traduzido para o ser humano, é aquele que sempre tem uma palavra áspera na língua, que fala com ironia, que gosta de ressaltar os defeitos do próximo, e cujos próprios defeitos são óbvios;

2. O "bode" cuja natureza é ousada, porém se quiser move-lo do lugar é impossível a não ser que ele próprio o queira. Traduzido em termos humanos é a pessoa que não aceita opiniões ou sugestões de outrem, achando que sabe tudo e é teimosa e obstinada em suas convicções;

3. A "ovelha" cuja natureza é dócil, que não faz grandes estragos e é fácil subjugá-la. Porém tem um "apetite" insaciável. O ser humano que se compara à ovelha é uma pessoa boa por natureza, sem defeitos aparentes, mesmo assim tem que trabalhar para refinar-se nas pequenas coisas.

Cada pessoa tem que trabalhar em refinar seu temperamento particular, sua natureza e instintos naturais. Em outras palavras, quem sabe controlar suas vontades, subjugar suas paixões, refinar seus instintos naturais e, com tempo e muito esforço, transformar sua natureza, realmente fica mais próximo de D'us.

Esta era a função dos sacrifícios (e continua sendo, porém hoje em dia através das preces): sacrificar a natureza animal e se auto refinar em tudo. Com esse esforço realmente a pessoa se aproxima de D'us.

Além disso o serviço espiritual dos sacrifícios também trazia bênção e abundância para o mundo todo. Por outro

lado "fazia bem" para os mundos espirituais. Este último assunto é muito complexo, ligado com a parte mística do judaísmo e exige estudos mais profundos.

Hoje em dia, no lugar das oferendas de antigamente temos as preces diárias compostas pelos grandes profetas e Sábios após a destruição do Primeiro Templo, que escolheram e pesaram cada palavra do texto (rezamos três vezes ao dia, nos dias comuns, quatro vezes no Shabat, Rosh Chôdesh e Festas e cinco vezes no dia de Yom Kipur).

As orações diárias substituem os sacrifícios, embora também antigamente as preces acompanharam os sacrifícios, mas não com o texto oficial de hoje.

Encontramos o assunto de sacrifícios explicitamente pela primeira vez na Torá, quando os dois filhos de Adão trouxeram oferendas a D'us, brigando depois, pois D'us aceitou apenas o sacrifício de Abel que o ofertou do melhor de seu gado, e não aceitou o de Caim que deu apenas os restos de seus frutos. Mais tarde, também Nôach (Noé) ofertou os animais e aves permitidos (i.e. casher) logo após o Dilúvio.

Na verdade, nossos Sábios nos contam que o primeiro homem, Adão, também trouxe um sacrifício para D'us, embora este assunto não consta claramente na Torá, mas faz parte da Tradição Oral.

Em todos estes casos, não foi D'us quem pediu as oferendas, mas a vontade veio do homem, que sentiu a importância de se unir a D'us através do sacrifício. Isto mostra que o sacrifício é natural ao homem.

Infelizmente, com o tempo, as pessoas começaram a ofertar sacrifícios a ídolos, pensando com isso apaziguar os deuses, ao ponto que chegaram a ofertar seus próprios filhos, pensando que ao dar um estariam assegurando a sobrevivência do restante de seus filhos.

Este tipo de sacrifício é completamente condenado pela Torá, e por isso podemos entender o grande teste que Avraham (Abraão) o primeiro Patriarca do povo judeu, teve que passar quando D'us lhe pediu seu filho único como sacrifício. Na verdade, Abraão ensinou a todos que D'us não quer sacrifícios humanos e de repente, D'us lhe pediu seu filho. Lógico que era uma prova e não que D'us queria este sacrifício.

D'us não precisa de nossos sacrifícios, nem de nossos bons atos. Tudo isso é para nosso próprio bem. É como a mãe que dá algo para um filho e pede para ele dizer obrigado! Ela não precisa do obrigado do filho. Mas o filho precisa saber agradecer e reconhecer o bem que os outros fazem por ele.

Ao pedir o obrigado do filho, na verdade, a mãe está lhe ensinando a ser uma pessoa sensível que percebe e aprecia o bem que os outros fazem. Caso contrário, a criança cresce com um ego incontrolável. Assim também todas as mitsvot (boas ações) que D'us exige de nós

através da Torá (Seu Manual de Instruções) é somente para nosso próprio benefício.

Sacrifícios - Aproximando-se de D'us

Por Rabino Danny Gimpel

O terceiro livro da Torá, Sefer Vayicrá, cuja leitura iniciamos esta semana, é também chamado por nossos sábios de "Torat Cohanim - a lei dos sacerdotes". Este nome é bem apropriado devido ao enorme número de leis e detalhes dos serviços sacrificiais dos Cohanim no Mishcan que são elucidados neste livro.

Para muitos em nossa sociedade ocidental, o conceito de sacrifício animal é difícil de compreender, e a maioria das pessoas atribui tais práticas às civilizações primitivas.

Talvez para melhor entendermos o papel do sacrifício animal devêssemos tentar determinar o objetivo de um sacrifício. O primeiro passo seria entender a palavra hebraica para sacrifício, "korban," que vem da mesma raiz da palavra "karov - aproximar-se." Um corban é um meio pelo qual nos aproximamos de D'us.

Quando alguém nos aborrece, nossa reação usual é ficarmos furiosos, e devido a isso nos distanciamos daquela pessoa. Ficamos desgostosos com ela, até que terminamos por perdoá-la e esquecemos, ou até sermos aplacados.

Da mesma forma, quando pecamos nos distanciamos de D'us por causa de nossas ações desagradáveis, que prejudicam nosso relacionamento com Ele. Os korbanot proporcionam um meio de reparar este relacionamento prejudicado, aproximando-nos novamente de D'us. Porém, como podemos de alguma forma entender que sacrificar um animal de verdade pode nos levar a esta proximidade com D'us?

Vários comentaristas explicam que o sacrifício de um animal é para representar aquilo que o transgressor realmente merece por violar a ordem de D'us, e o animal serve como substituto para a punição do ofensor.

Quando a pessoa vê o korban sobre o altar, deve visualizar a si mesma no lugar do animal, um pensamento que deveria despertar sentimentos de teshuvá. O ato de abater um animal também desempenha um papel na retribuição do pecador nas cortes celestiais, atingindo um certo grau de perdão.

Talvez utilizando uma abordagem diferente ao entendimento do sacrifício animal, possamos ganhar algum senso de valorização por aquilo que foi expresso por um ato como esse.

Para desenvolver um relacionamento bem sucedido entre marido e mulher, cada um deve preocupar-se com as necessidades do outro, e possuir a habilidade de doar-se ao parceiro.

Esta doação pode muitas vezes conflitar com seus próprios desejos e necessidades, porém o "sacrifício" do próprio interesse para apoiar e prover o outro reforça o relacionamento com sentimentos de amor, dependência e dedicação.

Se conseguíssemos nos imaginar vivendo em uma sociedade agrícola, e o rebanho fosse nosso maior bem, sentiríamos o sacrifício que é separar-nos de nossa possessão mais valorizada ao oferecê-la a D'us.

Este sacrifício seria então visto como castigo, ou, caso trazido voluntariamente, cultivaria sentimentos de amor através da doação de si mesmo a D'us. É difícil entender o "prazer" que D'us tem com este sacrifício, mas a dimensão humana de doar nos aproxima de D'us em um sentido muito real.

Esta mesma proximidade pode ser conseguida hoje, mesmo sem os sacrifícios, através do oferecimento de nós mesmos. O Rambam escreve que a maior das mitsvot positivas da Torá é a de fazer caridade, porque traz a unificação do povo judeu, que ele afirma finalmente nos levará à chegada de Mashiach.

Das lições extraídas dos sacrifícios, resolvamos ajudar nosso próximo judeu em necessidade, enquanto ao mesmo tempo nós nos tornamos melhores seres humanos.

25 - Parashat Tsav

Levítico 6:1-8:36

Explicações Sobre os Corbanot

A Parashá Vayicrá nos ensinou sobre cinco grupos de corbanot. São eles: olá, minchá, shelamim, chatat e ashram. A parashá Tsav nos relata mais detalhes sobre estes cinco grupos. Por exemplo, sabemos que os sacrifícios olá devem ser abatidos apenas durante o dia. D'us ensinou a Moshê:

"Se um corban olá foi abatido durante o dia, os cohanim podem continuar queimando-o durante toda a noite."

Da mesma forma, a gordura de outros corbanot podia ser queimada noite afora. Dessas leis vemos que alguns cohanim estavam de plantão no Bet Hamicdash durante toda a noite. E outros cohanim teriam que começar a avodá (serviço) ao romper do dia. Apesar das longas horas, os cohanim estavam sempre prontos e ansiosos para cumprir a avodá.

Os cohanim recebem a mitsvá de recolher as cinzas do altar todos os dias

D'us ordenou a Moshê: "É uma mitsvá para o cohen ir toda manhã ao altar e retirar as cinzas dos corbanot queimados com uma pá. Deve colocar as cinzas no chão próximo à rampa do altar, sempre no mesmo local."

.....
Esta mitsvá é chamada de terumá hadeshen (recolher parte das cinzas).

Nossos sábios nos contam que ocorria um milagre com as cinzas, depois que o cohen as colocava no chão. O solo as engolia, e não ficava nenhum traço delas no local. Este milagre era um sinal de D'us que ele estava satisfeito com a avodá e lembraria sempre o mérito dos corbanot queimados.

Por que D'us ordenou que as cinzas fossem retiradas do altar todos os dias?

Você poderá pensar que o objetivo desta mitsvá era o de limpar o altar das cinzas. Talvez fosse esta a razão, mas na verdade retirar uma pá repleta de cinzas não limpava realmente o altar. (Na verdade, o altar era completamente limpo de tempos em tempos. Sempre que a pilha de cinzas ficava muito alta, um cohen levava a pilha toda para um lugar especial fora de Yerushaláyim.)

Se era assim, qual o propósito da mitsvá diária de terumat hadeshem, tirar uma pá cheia de cinzas do altar?

Não sabemos o que D'us tinha em mente quando nos deu esta mitsvá. Apesar disso, podemos aprender um conceito importante:

Um cohen devia sentir-se orgulhoso por ser uma pessoa especial. De todos os judeus, apenas os cohanim foram escolhidos por D'us para fazer a avodá. E apenas eles vestiam bigdê kehuná, lindas vestes que eram vedadas ao judeu comum. A mitsvá de terumat hadeshen ensinava os cohanim a serem humildes.

A primeira avodá que tinham que fazer pela manhã era retirar cinzas do altar e colocá-las no chão. Um cohen poderia ter pensado que este não era um trabalho apropriado e digno para ele. Poderia ter preferido ordenar a um não-cohen para fazer este "trabalho insignificante".

Mas D'us ordenou que somente um cohen o fizesse e que ao fazê-lo estivesse vestido com suas roupas especiais. A mitsvá também ensinava ao cohen que ele era simplesmente um servo de D'us e que é a Ele que devemos todos servir e honrar.

Terumat Hadesheh para qual Cohen era Designada

Quem dentre os cohanim recebia a mistvá de retirar as cinzas do altar?

Primeiramente, qualquer cohen de plantão no Bet Hamicdash naquela manhã poderia decidir que queria fazer terumat hadeshen. Quem primeiro comesse, recebia a mitsvá.

Se vários cohanim desejassem fazer terumat hadeshen, correriam pela rampa do mizbêach. Aquele que atingisse primeiro o topo da rampa, tinha o direito de cumprir a mitsvá.

Certa vez, entretanto, um triste incidente ocorreu. Dois cohanim chegaram ao topo ao mesmo tempo. Um deles estava tão ansioso para conseguir a mistvá que empurrou o outro cohen para fora da rampa. O homem rolou para baixo e quebrou a perna.

Os juízes do Sanhedrin perceberam que as regras teriam de ser mudadas. Decidiram: "Como os cohanim amam até mesmo essa aparentemente humilde avodá a ponto de competirem por ela, de agora em diante deverá ser compartilhada da mesma maneira que os outros avodot (serviços) do Bet Hamicdash: por sorteio."

O "sorteio" no Bet Hamicdash era feito de maneira especial:

Os cohanim formavam um círculo. Cada cohen levantava um dedo, e o cohen encarregado do sorteio pegava um certo número, por exemplo trinta e sete. Então ele começava a contar os dedos levantados, começando de qualquer ponto do círculo e seguindo em volta.

O cohen cuja contagem o atingia no número "trinta e sete" era o escolhido para a avodá. O cohen escolhido para a avodá de terumat hadeshen vestia bigdê kehuná, pegava uma pequena pá de prata e subia no altar. Enchia a pá com cinzas e depositava as cinzas no lado da rampa.

Um Fogo Deve Sempre Arder no Altar

D'us ordenou: "O fogo no mizbêach nunca deve se apagar. Os cohanim devem providenciar para que arda dia e noite, mesmo quando não houver corban no altar."

O fogo sobre o altar era mantido sempre aceso, mesmo no Shabat e até mesmo enquanto Benê Yisrael estava viajando pelo deserto."

Mesmo em Épocas Perigosas os Judeus Abasteciam o Altar

Antes que o Segundo Bet Hamicdash fosse destruído, os romanos governavam Êrets Yisrael e emitiram muitos decretos perversos contra os judeus.

Um dos decretos era: "Nenhuma madeira poderá ser trazida ao Bet Hamicdash para manter aceso o fogo sobre o altar."

Para ter certeza de que nenhum judeu traria madeira ao Bet Hamicdash, os Romanos montaram guarda em todas as estradas que conduziam à Yerushaláyim. Os guardas abriam cada pacote levado pelos viajantes. Parecia impossível contrabandear madeira para o Templo. Mas judeus não são detidos quando se trata de manter a Torá e as mitsvot, mesmo em face do perigo. Eles não permitiriam que os romanos extinguissem a avodá dos corban.

Uma família temente a D'us teve uma idéia. Juntaram madeira bonita, livre de insetos e as pregaram formando

.....
escadas. Puseram as escadas nos ombros e marcharam rapidamente pela principal estrada até Yerushaláyim.

"Pare!" - disseram os guardas. "Para que são estas escadas?"

"Estamos a caminho de nossa casa de pássaros que está no alto de uma árvore. Precisamos da escada para subir até nossos pássaros."

Os guardas não suspeitaram de nada, e deixaram o grupo passar. Assim que os judeus chegaram ao Bet Hamicdash, separaram os pedaços das escadas e deram a madeira aos cohanim para que a pusessem sobre o altar.

Os sábios louvaram esta família corajosa. Ficaram conhecidos como "Benê Salmai", que significa "a família da escada." (A palavra salmai está relacionada com sulam, escada).

Oferendas de Chatat

Um judeu que cometia certos pecados era obrigado a trazer um sacrifício chamado chatat (como explicamos na Parashá Vayicrá).

Agora, D'us acrescentou o seguinte: "Um chatat é abatido no lado norte do altar, no mesmo lugar do sacrifício olá."

Por que no mesmo local do sacrifício olá?

Desta maneira D'us salva um pecador do constrangimento. Se alguém viu seu amigo oferecer um corban, não saberia se o amigo estava oferecendo um chatat por um pecado ou um olá, que é um corban voluntário. E assim o pecador não se sentiria constrangido por ter trazido um corban por um pecado, porque aqueles que o viam não saberiam que tipo de sacrifício estava trazendo.

Shelamim - Oferecido para Agradecer a D'us por um Milagre

Na Parashá Vayicrá, a Torá explicou que se um judeu deseja oferecer um corban shelamim, uma oferenda que expressa sua felicidade para D'us, pode fazê-lo. Partes do shelamim são comidas trazidas pelo ofertante e sua família.

Esta Parashá acrescenta que se alguém está numa situação perigosa e D'us milagrosamente o salvou, deve oferecer um sacrifício de shelamim para agradecer a D'us. Este shelamim especial é chamado shalmê todá.

Existem quatro situações especiais após as quais uma pessoa deve oferecer um shalmê todá:

1. Se estava seriamente doente e se recuperou.
2. Se atravessou um deserto em segurança.
3. Se voltou em segurança de uma viagem por mar.
4. Se foi libertado da prisão.

5. Se esteve em quaisquer outras situações perigosas e D'us o salvou, deve também oferecer um shalmê todá.

Como alguém oferece um shalmê todá?

O judeu oferecendo o shalmê todá deve trazer 40 pães ao Bet Hamicdash juntamente com seu animal. O proprietário deve comer a carne e 36 dos pães no dia em que o corban é oferecido, ou durante a noite seguinte.

É claro que ele e a família não podem comer 36 pães neste curto espaço de tempo. O que fazer então? Convida os parentes e amigos a uma se'udat hoda'a, a refeição de agradecimento, para ajudá-lo a comer tudo.

Isto é exatamente o que D'us deseja que ele faça! Eis porque Ele ordenou que o proprietário oferecesse tantos pães! Pois durante a refeição, é claro que perguntarão ao dono: "Por que trouxe este shalmê todá ao Bet Hamicdash?" Ele começará a contar a história, com palavras como estas: "Na semana passada eu atravessei um deserto assustador e solitário.

De repente, um lobo começou a uivar perto de mim. Juntaram-se a ele, uma enorme matilha de lobos famintos, e começaram a perseguir-me... não fosse pelo grande chessed (bondade) de D'us, eu não estaria vivo para contar essa história."

Os ouvintes então se conscientizam da grande bondade e misericórdia de D'us. Começariam a louvá-Lo pelos grandiosos milagres que Ele faz por todos nós. Este é o objetivo de trazer o shalmê todá; faz com que o dono e todos aqueles que tomam parte na refeição reflitam no quanto D'us cuida de nós e louvem-No por isso.

D'us nos Proíbe Ingerir Sangue e Chelev

A Parashá nos fala sobre as leis que se aplicam não apenas ao tempo do Bet Hamicdash, mas nos dias de hoje também.

D'us ordenou a Moshê: "Um judeu não deve ingerir sangue!"

Antes do judeu comer um pedaço de carne ou frango, deve assegurar-se que provém de um animal ou ave casher. Mas isto não é o suficiente. Precisa ser ainda abatido, fazer a shechitá, da maneira que D'us ordenou a Moshê, e posteriormente não pode ser ingerido até que seu sangue seja todo removido.

Como o sangue é removido da carne ou do frango?

A carne (ou frango) é mergulhada em água fria por meia-hora. Então é cuidadosamente salgada em todos os lados. O sal suga todo o sangue para fora. A carne é deixada com o sal por aproximadamente uma hora numa posição que permita ao sangue escoar, como numa tábua inclinada. A carne é então enxaguada podendo agora ser preparada para consumo. Todo o sangue que ainda permaneça na

.....
carne após ter sido imersa e salgada desta maneira pode ser consumido.

Um judeu pode comer um frango apenas se este tiver sido abatido e salgado de acordo com a Halachá, Lei Judaica. No caso de carne de boi, ovelha ou cabra, a Torá ordena mais uma lei: certas partes gordas devem ser removidas antes que possamos comer a carne. As partes gordas proibidas são chamadas de chelev.

Após o animal ser abatido, um homem especialmente treinado chamado menaker tira fora a gordura proibida.

Um menaker deve estudar as leis para saber qual gordura é chelev. Deve cortar fora cuidadosamente cada pedacinho de chelev. Por isso, antes do judeu comer um pedaço de carne, deve certificar-se não apenas de que o animal foi abatido corretamente, mas também que o chelev foi removido por um especialista temente a D'us, e profundo conhecedor das leis.

O que Aconteceu Durante os Dias de Dedicção do Mishcan

D'us ordenou: "Antes que o serviço de D'us possa ter início no recém-construído Mishcan, ele deve ser dedicado por oito dias."

Durante estes oito dias, Moshê ofereceu corbanot especiais para dedicar o Mishcan e a cada dia ele preparava os cohanim para a avodá. D'us disse a Moshê: "Reúna todos os homens no pátio do Mishcan. Quero que eles vejam como os cohanim estão se dedicando à sua avodá (serviço)."

Havia duas razões pelas quais D'us queria que todos os judeus vissem como Moshê preparava os cohanim para suas funções sagradas:

1 D'us queria que todo o povo percebesse que os cohanim são especiais. O povo então honraria os cohanim.

2 D'us queria que cada judeu soubesse claramente que fora D'us quem escolhera Aharon e seus filhos para servir no Mishcan.

Desta forma, ninguém jamais pensaria que Moshê, tinha com suas próprias mãos, escolhido seu irmão Aharon e seus filhos para esta elevada posição. (Assim mesmo, Côrach argumentou mais tarde que Aharon não tinha sido escolhido por D'us.)

D'us realizou um milagre especial, para que cada judeu pudesse ver com seus próprios olhos o que era feito a Aharon e aos outros cohanim.

D'us fez com que o pátio do Mishcan acomodasse 600.000 homens. Obviamente o pátio era muito menor para que um número tão grande de pessoas coubessem nele. Entretanto, seu tamanho milagrosamente abrigou a todos eles.

D'us Pode Acomodar Pessoas num Espaço Pequeno

D'us ordenou a Moshê: "Reúna todos os judeus!"

"Onde?" - perguntou Moshê.

"No pátio do Mishcan !" - respondeu D'us.

"Mas há 600.000 homens com mais de vinte anos e outros 600.000 rapazes mais jovens," objetou Moshê. "Não cabem todos lá."

"Não se preocupe com isso," D'us respondeu a Moshê. "Posso acomodar a todos".

Similarmente, quando D'us desceu ao Monte Sinai na Outorga da Torá para falar com o Povo de Israel, tinha com Ele 22.000 carruagens de anjos. Muito embora o Monte Sinai fosse pequeno para acomodar a todos, D'us realizou um milagre e todos couberam na montanha.

Novamente, no futuro, D'us realizará um milagre similar. Ele reviverá todos os tsadikim que viveram desde os tempos de Adam e os trará a Êrets Yisrael. Mas, onde ficarão tantas pessoas? D'us expandirá a terra, de forma que todos tenham espaço suficiente!

Todos os judeus assistiram enquanto Moshê preparava Aharon para seu novo trabalho como Cohen Gadol da seguinte maneira: Aharon imergiu em um micvê para tornar-se puro. Então Moshê trouxe Aharon ao kiyor (lavabo) e lavou-lhe as mãos e os pés.

O povo viu como Moshê vestiu Aharon em esplêndidas vestimentas: a saia longa, o cinto, o casaco, o avental e seu cinturão. Moshê fechou o peitoral sobre o avental, colocou o turbante de Aharon e fixou-lhe o tsits, a faixa sagrada, na sua testa.

Finalmente, Moshê trouxe o shemen hamishchá, o óleo para unção. Passou um pouco sobre o Mishcan e os utensílios para torná-los sagrados. Também borrifou-o sete vezes sobre o grande altar no pátio.

Então derramou um pouco do óleo sobre a cabeça de Aharon. Depois disso, Moshê lavou e vestiu os filhos de Aharon perante todo o povo.

Em cada um dos sete primeiros dias de dedicação, Moshê deveria arrumar o Mishcan e desmontá-lo novamente.

E a cada dia ele oferecia os corbanot especiais que D'us havia ordenado para consagrar o Mishcan. Todos os judeus esperaram em suspense pelo oitavo dia de dedicação. Assim termina nossa Parashá.

Conexões: A Mensagem das Mitsvot

Desde épocas remotas, os homens têm tido consciência de uma realidade além da material, uma realidade que transcende os sentidos e intelecto do homem. E, ainda

.....
assim, aquela mesma consciência é desconcertante, pois essa realidade espiritual está em um plano mais elevado do que nós podemos compreender.

Alguns tipos de práticas religiosas tentam resolver essa dificuldade procurando atingir além de nosso mundo limitado. Existem, entretanto, duas dificuldades fundamentais com essas abordagens:

a) Já que a realidade espiritual está, por definição, acima de nossa concepção, como é possível que o homem se relacione com ela?

b) Além disso, o Mundo Vindouro é contrário à intenção de D'us. D'us criou nosso mundo por um motivo, e uma fixação de ir além daquele propósito implica numa rejeição a Ele.

Convite de Cima

O Judaísmo oferece uma alternativa diferente. Uma ligação pode, de fato, ser estabelecida entre o material e o espiritual, mas a iniciativa deve ser tomada por D'us¹. D'us “desceu” ao nosso mundo para nos dar meios com os quais nós pudéssemos nos relacionar com Ele e, assim fazendo, elevar nosso ambiente. Este é o propósito das mitsvot.

Que diferença faz para o Santo, bendito seja Ele, se nós abatemos a parte da frente ou de trás de um animal? As mitsvot foram dadas somente para refinar as criaturas².

A maioria das mitsvot envolve coisas materiais³. Por si só, essas entidades têm pouca importância para D'us. No entanto, para dar à humanidade um meio pelo qual se relacionar com Ele, D'us dá importância a essas entidades.

Além disso, a conexão estabelecida com D'us por meio do cumprimento de Suas mitsvot permeia nosso ambiente, e as entidades usadas nessa prática são incluídas nessa conexão espiritual.

Explicando por uma analogia⁴: um intelectual vive no mundo do pensamento; sua vida é centrada em ideias e conceitos. Um simples carregador de água não atrairá sua atenção.

Não é que ele olhe com desdém para ele ou o veja negativamente. Os dois simplesmente parecem não ter nada em comum. Parece não haver nenhum jeito de o carregador de água se relacionar com o intelectual; ele não tem a capacidade. Nem o que preocupa o carregador de água interessa ao pensador.

Se, entretanto, o intelectual pede uma bebida ao carregador de água e este lhe atende, sua conexão torna-se clara.

A lacuna entre o Criador e a criatura é muito maior que aquela que separa o carregador de água do intelectual e, ainda assim, D'us nos pede um favor: “Faça Minhas mitsvot”. A própria palavra mitsvá dá uma dica sobre esse

relacionamento, pois ela compartilha uma raiz com a palavra tzavsa que significa “ligação”.

Três Abordagens

Existe uma dimensão mais profunda no conceito acima. É o mandamento de D'us, não o seu cumprimento pelo homem, que estabelece uma conexão entre os dois. O homem tem a opção de obedecer ou desobedecer, mas, ao lhe dar um mandamento, D'us já entrou em seu mundo.

Se o homem escolhe cumprir o mandamento, ele confirma a conexão e, se ele a recusa, ele a nega. Mas, independentemente da decisão do homem, D'us já estabeleceu um relacionamento. A opção do homem reside na extensão de sua disposição em reconhecer e desenvolver aquela ligação.

Aqui reside uma conexão com a leitura semanal da Torá, Parashá Tsav. O nome tsav significa “ordem” e é tirado do versículo inicial⁵: “E D'us falou a Moshé: ‘Ordene a Aharon...’”.

Ao longo da Torá, três termos são usados para introduzir um mandamento: emor (“diga”), daber (“fale”) e tsav (“ordene”). Todos os três termos comunicam a vontade de D'us, mas o termo tzav está mais intimamente relacionado conceitualmente e etimologicamente com o conceito de mitzvá explicado acima.

O termo “diga” ou “fale” parecem deixar a opção nas mãos do ouvinte. Sim, foi-lhe dada uma ordem, mas o tom usado indica que ele tem uma escolha. Foi-lhe dito o que ele deveria fazer, mas a decisão em fazê-lo ou não continua sendo sua.

Quando, ao contrário, a palavra “ordene” é usada, a indicação é a de que o assunto é imperativo⁶. Nesses casos, a iniciativa que D'us tomou é tão abrangente que ela empurra o homem em direção ao cumprimento da tarefa.

Força no Centro

Este conceito pode ser amplificado combinando-se ensinamentos de fontes mishnáicas e cabalísticas. Emor, traduzido como “diga”, está associado com a fala gentil⁷, enquanto daber, traduzido como “fale”, é associado com tons ásperos⁸.

Na organização cabalística das Sefirot, os dez mundos espirituais que conectam a Divindade com o materialismo, existem três caminhos, ou vetores. O vetor da direita é associado com a bondade e o vetor da esquerda com a aspereza. Tsav está associado com o vetor do meio, uma abordagem equilibrada que combina esses dois extremos.

Por exemplo, misericórdia (um dos atributos do vetor do meio) representa uma fusão da bondade (do vetor da direita) e julgamento (do vetor da esquerda). Bondade implica em uma disposição de dar sem consideração se o recipiente é merecedor. Julgamento, ao contrário, envolve um escrutínio do recipiente para avaliar seu mérito.

Misericórdia leva a natureza do recipiente em consideração, mas pode conceder-lhe ajuda mesmo se ele não for merecedor. Ao agirmos com misericórdia, nós damos porque nós estabelecemos uma conexão interior com o recipiente e provemos em seu benefício.

Como é possível que duas tendências opostas se combinem em um único atributo? O vetor do meio implica a ação da Divindade em impulsos opostos⁹. Ela é capaz de produzir uma síntese entre diferentes abordagens. Ao assim fazê-lo, ela transmite uma influência ilimitada até para os níveis mais inferiores¹⁰.

As mitsvot associadas com a palavra tsav refletem esta síntese. Elas se relacionam à dimensão transcendental de D'us e penetram a dimensão interior do homem, unindo os dois em uma unidade completa.

Serviço por Amor a Ele

Os conceitos acima são refletidos no assunto da leitura da Torá desta semana: os sacrifícios oferecidos no Santuário, e depois no Beit HaMikdash.

As implicações da adoração com sacrifícios estão acima de nosso entendimento. O intelecto humano não pode apreciar porque D'us desejaria o sacrifício de um animal ou a queima de farinha sobre o Altar. Como forma de explicação, nossos Sábios nos explicam¹¹ que D'us diz; “É agradável para Mim que Eu tenha dado uma ordem e Minha vontade tenha sido feita”.

Existem mitsvot que trazem benefícios que são prontamente apreciados, e outros cujos benefícios nós não podemos compreender¹². Os sacrifícios, entretanto, não são em consideração ao homem, nem mesmo para treiná-lo em sua obediência.

Eles são em consideração a D'us. Assim, a Torá se refere a eles¹³ como Lachmi, “Meu sustento”, indicando que D'us necessita este serviço espiritual, por assim dizer.

Por que D'us “necessita” de sacrifícios? Somente para prover o homem com meios de conexão com Ele de uma forma completa¹⁴. Quando alguém traz um sacrifício, a ênfase não é em seu compromisso com a vontade de D'us, mas que “Minha vontade foi feita”. Uma pessoa vê a si mesma como apenas um meio pelo qual a vontade de D'us possa ser realizada.

A prática completa de todas as mitsvot, e particularmente dos sacrifícios, acontecerá somente na Era da Redenção. Como dizemos em nossas orações¹⁵: “Leve-nos com alegria para Tsyion, Tua cidade, e com alegria duradoura para Jerusalém, Teu santuário. Lá nós ofereceremos a Ti nossos sacrifícios obrigatórios... de acordo com o mandamento de Tua vontade”.

NOTAS

1. Shir HaShirim Rabá, comentando sobre o Cântico dos Cânticos 1:3, fala do material e do espiritual como

planos discretos. A síntese entre eles se tornou possível somente porque D'us disse; “Eu tomarei a iniciativa” e deu a Torá para o homem. Ver o ensaio intitulado “What Happened at Sinai” (Timeless Patterns in Time, Vol. II, p. 91ff) onde estes conceitos são explicados.

2. Bereshit Rabá 44:1.

3. Existem certas mitsvot - por exemplo, o amor e o temor a D'us - que envolvem o serviço dentro de nossos corações e almas. Estas, entretanto, representam uma minoria distinta; a impressionante maioria se focaliza em ações.

Além disso, mesmo as mitsvot que lidam com pensamentos e sentimentos devem ser cumpridas de uma forma que afete nossos corpos. Nossos corações devem bater mais rápido por causa do amor a D'us, e os fenômenos físicos associados ao medo devem acompanhar nosso temor a Ele (Sefer HaMaamarim 5697, p. 215 e fontes lá citadas).

4. Sefer HaMaamarim 5698, p. 52.

5. Vayicra 6:1.

6. Isto não significa que o livre-arbítrio do homem é tirado dele. Ele ainda tem a opção de cumprir ou não a mitsvá. Mesmo assim, quando uma mitsvá é comunicada usando o termo tsav, o próprio mandamento estimula o homem à sua prática.

7. Mechilta e Rashi, comentando sobre Shemot 19:3, Sifri e Rashi, comentando sobre Bamidbar 12:1.

8. Makkos 11a; Sifri e Rashi, loc. cit.

9. Na terminologia cabalística, “o vetor do meio ascende à dimensão interior de Keter”. Ver Sefer HaMaamarim 5707, p. 150ff, onde este conceito é discutido.

10. Referindo-se novamente à terminologia cabalística: “O vetor do meio se estende de uma ponta à outra” (op. cit.).

11. Rashi e Toras Kohanim, comentando sobre Vayicra 1:9.

12. Ver Ramban, comentando sobre Vayicra 19:19, que explica que mesmo as chukim, mitsvot que nós não podemos explicar, são decretos Divinos com argumentos sublimes que nos trarão benefícios. Ver também os comentários de Ibn Ezra sobre Shemot 20:1, e Rambam, Morê Nevuchim, Vol. III, cap. 26.

13. Vayicra 21:6, 8, 17, 21 et al.

14. Ver Sefer HaBahir, seção 46, que declara que a palavra hebraica para sacrifício, corban, compartilha uma raiz com a palavra carov, que significa “próximo”. Os

.....
sacrifícios trazem nosso povo e cada indivíduo para perto de D'us.

15. Serviço de Mussaf para as festividades, Sidur Tehillat HaShem, p. 259. Ver Hemshech VeKocha 5637, cap. 17ff.

Carvão em Brasa

Por Malka Touger

D'us ordenou ao povo judeu: "Uma chama eterna deverá sempre ser mantida ardendo sobre o altar; jamais deve se extinguir."

O fogo sobre o altar onde os sacrifícios eram oferecidos deveria sempre continuar a arder. No Templo Sagrado, havia uma câmara especial onde carvões eram mantidos sempre acesos, para que o fogo sobre o altar pudesse ser reacendido caso necessário.

Quando D'us ordenou ao povo judeu para construir o Tabernáculo, Ele disse: "E Eu habitarei dentro deles." O versículo não deveria dizer "Eu habitarei dentro dele?" Diz "eles" para nos ensinar que todo judeu é como um Templo em miniatura. Todo judeu deve ter sempre um amor ardente por D'us em seu coração, assim como o fogo que arde o tempo todo sobre o altar.

No Talmud, nossos rabinos nos ensinam mais detalhes sobre essa mitsvá: o fogo sobre o altar devia ser mantido aceso mesmo no Shabat e mesmo quando estamos impuros. Da mesma maneira, nós judeus devemos sempre sentir um profundo amor por D'us, não importa se estamos num nível de Shabat ou num nível de impureza.

O que quer dizer "um nível de Shabat"?

No Shabat, desejamos uns aos outros Shabat Shalom. A palavra hebraica shalom vem do radical da palavra inteiro e completo (shaleim). Sentimo-nos completos no Shabat. Relaxamos e não nos preocupamos com o trabalho da semana, agindo como se estivéssemos completos.

No Shabat também nos é dada uma alma extra que nos ajuda a rezar melhor, aprender melhor e entender melhor a santidade de D'us. Porém, um judeu no nível de Shabat deveria apenas prestar atenção ao seu estudo e entendimento, e deveria ignorar seus sentimentos. Portanto, D'us o lembra da "chama eterna... até no Shabat." O amor ardente por D'us em nosso coração jamais deve relaxar.

Então nossos Sábios acrescentam: "mesmo quando impuro". Mesmo que um judeu esteja impuro, ele deve cavar profundamente dentro de seu coração e fazer aflorar o amor a D'us que está sempre ali.

26 - Parashat Shemini

Levítico 9:1-11:47

O Oitavo dia da Consagração do Mishcan

Em cada um dos primeiros sete dias de consagração, Moshê montou o Mishcan e o desmontou novamente. A cada dia ele também oferecia os corbanot ordenados por D'us.

Chegou o oitavo e último dia de dedicação. Era Rosh Chôdesh Nissan. D'us ordenou a Moshê: "Hoje debes armar o Mishcan, mas não o desmontes novamente. Também, pela primeira vez, Aharon e seus filhos oferecerão corbanot. "Enviarei um fogo do céu para consumir seus corbanot."

Tão logo Benê Yisrael soube que Aharon e seus filhos fariam a avodá pela primeira vez e que D'us enviaria um fogo, reuniram-se no pátio do Mishcan. Não esperaram por uma ordem de D'us, pois todos ansiavam pelo momento quando o fogo de D'us desceria. Seu fogo demonstraria que tinham sido perdoados pelo pecado do bezerro de ouro e que Sua Shechiná, Presença Divina, repousava no meio deles novamente.

Aharon e os Cohanim Começam o Serviço

Moshê instruiu Aharon: "Hoje você oferecerá corbanot especiais".

Aharon e o povo judeu rapidamente prepararam os animais para os corbanot e a farinha e azeite para a oferta de minchá. O povo esperou no pátio do Mishcan para que Aharon começasse a oferecer os corbanot sobre o altar. Mas Aharon não se aproximou do grande altar: permaneceu em pé no lugar em que se encontrava.

"Por que você não começa a avodá?" Moshê perguntou.

Aharon, entretanto, não ousava se aproximar mais do altar. Assim que olhou para os cantos quadrados na parte superior do altar, estes pareceram-lhe como os chifres de um boi! Lembraram-lhe do bezerro de ouro que ele tinha feito para Benê Yisrael. Embora Aharon permaneceu fazendo intensa teshuvá por causa de seu pecado, temia que D'us pudesse não aceitar seu serviço.

Moshê disse-lhe: "Não tema! D'us o perdoou."

Moshê percebeu que Aharon hesitava e tremia ao aproximar-se do grande altar. Disse a Aharon: "Meu irmão Aharon, D'us escolheu você para fazer Seu serviço! Suba ao altar! Ofereça seus corbanot em expiação por si mesmo, e aqueles de Benê Yisrael em reparação por eles!"

Finalmente, Aharon sentiu-se seguro e caminhou para o altar. Trouxe seu bezerro como um corban, enquanto seus filhos ajudavam. Então Aharon ofereceu os outros corbanot. Ao terminar, desceu do altar. Então, Aharon elevou as mãos e pela primeira vez abençoou o povo com a bênção especial dos cohanim, Bircat Cohanim. O pátio do Mishcan estava repleto pois o Povo de Israel permaneceu assistindo ao trabalho de Aharon. Agora que terminara, o povo se perguntou: onde estava o fogo de D'us? O fogo

.....
iniciado por Aharon tinha começado a queimar os pedaços de carne, mas nenhum fogo descia do céu.

O Fogo de D'us

Aharon também estava preocupado. Ele tinha cumprido o serviço com alegria, mas agora estava temeroso. "Moshê", disse ansiosamente, "será possível que D'us não esteja satisfeito com meu serviço e não o tenha aceitado? Talvez Ele ainda esteja aborrecido comigo devido a meu pecado e por isso não envia o fogo do céu?"

Tanto Moshê como Aharon entraram no Mishcan, prostaram-se e imploraram a D'us que mandasse o fogo do céu. Quando saíram, abençoaram Benê Yisrael: "Possa D'us aceitar seus corbanot e possa Ele perdoar os seus pecados!"

Imediatamente, a Shechiná de D'us apareceu diante de todo o povo. Um fogo desceu do céu e queimou as partes dos corbanot que ainda permaneciam no altar.

Quando o povo presenciou isto, sentiu-se feliz e gratificado. Era o sinal de que D'us os havia perdoado pelo pecado do bezerro de ouro. Desde a divisão das águas do Mar Vermelho não havia tanta alegria junto ao Povo de Israel. Prostraram-se e agradeceram a D'us pelo grande milagre.

O fogo que caiu sobre o altar não desapareceu após queimar os corbanot; permaneceu no altar desde aquela época.

Nadav e Avihu são Punidos por Oferecerem Incenso

Junto com as demais pessoas, os dois filhos mais velhos de Aharon, Nadav e Avihu, viram como um fogo proveniente do céu desceu sobre o altar no pátio e queimou os corbanot. Mas, enquanto todos se alegravam, Nadav e Avihu ficaram desgostosos.

Nadav e Avihu eram os homens mais notáveis da nação judaica, depois de Moshê e Aharon; eram ainda mais importantes que os setenta anciãos do Sanhedrin. Sentiam que desejavam aproximar-se mais de D'us, do que simplesmente ficarem parados observando o fogo miraculoso que descia do céu. Queriam trazer seu próprio corban para D'us a fim de expressarem seu amor. Também esperavam que ao oferecer um corban adicional, D'us Se revelaria ainda mais a eles.

Sem conversarem entre si, tanto Nadav como Avihu tiveram a mesma idéia. Cada um pensou: "De todas as oferendas, o incenso é o mais sagrado, e das seções do Mishcan, o Codashim é o mais santo.

Por isso, o maior dos presentes para D'us será oferecer-lhe incenso no Santo dos Santos." O desejo de Nadav e Avihu era bem-intencionado, leshem shamayim. Tinham certeza de que D'us ficaria feliz com este "presente especial", neste oitavo dia da consagração do Mishcan. Como ambos eram grandes sábios do Talmud, acharam muitas boas razões para pensar que seu incenso seria um presente maravilhoso para D'us.

Entretanto, cometeram um erro: tinham tanta certeza de que D'us ficaria satisfeito com o presente que não se incomodaram de perguntar a D'us (através de Moshê) se Ele queria este incenso. Nem ao menos pediram a opinião de seu pai, Aharon, que certamente os teria impedido.

Talvez não tivessem ousado entrar no Codashim – a parte mais sagrada do Mishcan, onde até mesmo o Sumo Sacerdote só podia entrar em Yom Kipur – se não tivessem bebido vinho antes. Porém, após beberem, sentiram-se empolgados e não hesitaram em entrar no Santo dos Santos e em oferecer incenso.

Quando D'us viu que eles faziam a avodá a qual Ele não havia ordenado, disse: "Se os deixar escapar impunes agora, outros judeus pensarão que também podem entrar no Santo dos Santos e oferecer seus próprios corbanot.

É melhor que Nadav e Avihu morram do que os judeus acreditem que o Mishcan seja um lugar público, onde podem fazer sua própria avodá na hora que bem entenderem".

Um fogo desceu dos céus e dividiu-se em quatro filetes ardentes. Dois deles entraram pelas narinas de Nadav, e dois nas de Avihu. O fogo queimou-os por dentro, mas os corpos e as vestes não foram queimados.

D'us Recompensa Aharon por Aceitar o Decreto sem se Queixar

Aharon compreendeu o ocorrido e não criticou nem sentiu mágoa de D'us em seu coração quando seus filhos morreram, por esta razão foi recompensado. Geralmente D'us falava com Moshê, e Moshê transmitia as palavras de D'us a Aharon. Agora, D'us falou diretamente a Aharon para consolá-lo e honrá-lo. Estas foram as palavras de D'us para Aharon: "Se um cohen bebe um copo de vinho, está proibido de fazer a avodá em seguida."

Por que D'us decidiu formular esta advertência justamente naquele dia?

A resposta é que os filhos de Aharon, Nadav e Avihu, haviam morrido porque, entre outras razões, haviam bebido vinho antes de fazer uma avodá. Por isso, D'us advertiu Aharon que ele e os outros cohanim jamais deveriam repetir este erro.

Por que um cohen não pode beber antes de fazer a avodá? Após beber vinho, a mente da pessoa não está perfeitamente lúcida. Por isso, um cohen não está apto a fazer a avodá.

Quais Animais são Casher e Não-Casher

Nossa Parashá nos fala de dois sinais pelos quais podemos reconhecer um animal casher:

- Os cascos devem ser completamente fendidos, isto é, visualmente divididos em duas partes.

- O animal deve ser ruminante, retorna a comida do estômago para a boca e a mastiga uma segunda vez.

Um animal que mastiga a comida uma segunda vez é chamado de maale guera, ruminante. D'us criou-o de uma maneira especial.

Não possui os dentes superiores da frente, mas tem quatro estômagos. Não mastiga bem a comida; ao invés disso, corta-a toscamente. A comida desce para o primeiro e o segundo estômagos. Dali, é empurrada de volta para a boca e o animal a mastiga corretamente. Então a comida desce até o terceiro e finalmente ao quarto estômago, onde é digerida.

Um animal é casher apenas se possuir os dois sinais: ter os cascos completamente fendidos e ser ruminante. Os seguintes animais têm apenas um destes sinais:

O camelo é ruminante, mas seus cascos são fendidos apenas parcialmente; os cascos voltam a unir-se na base novamente.

O texugo também é ruminante, mas seus cascos não são fendidos.

O coelho é ruminante, mas seus cascos não são fendidos.

O porco tem cascos fendidos, mas não é ruminante. A Torá nos adverte que não devemos ser enganados por um dos sinais casher desses animais. Se os estudarmos atentamente, veremos que carecem do segundo sinal.

Peixe

Dentre os peixes, um judeu pode comer apenas os tipos que têm tanto barbatanas como escamas. Exemplos de peixe casher: atum, salmão, carpa, arenque, pescada e truta. Exemplos de peixes não-casher são: o bagre, enguia e tubarões.

Quando um judeu vai a uma peixaria cujo dono não é um judeu comprador de Torá, não pode adquirir peixe do qual as escamas e barbatanas foram retiradas antes que ele chegasse, mesmo se o dono disser que o peixe é casher.

Aves

A Torá nos fornece uma lista de 24 aves proibidas. São aves de rapina que seguram a presa com suas garras. Dentre elas estão a águia, o corvo e a cegonha. A Torá nos permite comer qualquer ave que não seja uma destas 24 proibidas. Hoje em dia, entretanto, podemos comer apenas aquelas aves que têm uma tradição confiável de serem casher.

Gafanhotos, Animais Rastejantes e Insetos

A Torá permite que um judeu coma quatro tipos de gafanhotos. Apesar disso, atualmente isto nos é proibido pois perdemos a tradição que nos possibilitaria saber quais gafanhotos são casher e quais não o são.

Insetos são proibidos, também, assim como animais rastejantes como cobras, escorpiões e vermes. Algumas frutas e vegetais podem ter insetos ou vermes dentro deles. Devemos verificar cada um cuidadosamente, e comê-los apenas depois de ter certeza de que estão livres de vermes e insetos.

Assim como a carne de animais não-casher é proibida, também não podemos beber seu leite. Podemos beber leite apenas se for de animal casher, como vaca ou cabra. O leite casher deve ser observado desde o início da ordenha até seu engarrafamento. Apenas desta maneira podemos ter certeza de que nenhum leite de animal não casher foi misturado a ele.

Mel é feito por abelhas, que não são casher. Porém, a Torá nos permite ingerir seu mel.

Sobre a Mitsvá de Casher

Enquanto Moshê explicou a Benê Yisrael quais animais são proibidos como alimento e quais são casher, mostrou cada um dos animais ao povo judeu. Moshê até mesmo mostrou uma de cada ave e animal rastejante que havia mencionado.

Um judeu não deve dizer: "Presunto é nojento," ou "Eu jamais comeria pernas de rã." Ao invés disso, deveria dizer: "Eu realmente gostaria de comer todos os tipos de carne, mas não o farei, porque D'us me proíbe de comê-los." Desta maneira, evita os alimentos não-casher leshem shamayim, com a intenção de cumprir a mitsvá.

No Oitavo Dia

Devar Malchut, Palavras do Rebe

Publicado pela Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch

Em Likrat Shabat on line

"E entraram Moshê e Aharon à Tenda da Assinação, e saíram e abençoaram o povo; e apareceu a glória de D'us a todo o povo."

Nos sete dias de miluim a Shechiná ainda não repousara sobre o Mishcan, Tabernáculo, e os pecados do povo judeu ainda não haviam sido expiados. No oitavo dia, disse-lhes Moshê: "Aharon, meu irmão, é superior e mais importante do que eu, pois é através de seus sacrifícios e de seu trabalho que a Shechiná repousará sobre vocês."

O Serviço de Moshê é diferente do de Aharon. Moshê atraiu e fez descer a luz Divina de cima para baixo, fez com que a santidade superior descesse e habitasse este mundo. A Torá foi outorgada ao povo judeu justamente

.....
através de Moshê Rabênu. Foi ele que fez com que a Torá descesse do Céu, e a transmitiu ao povo judeu.

Aharon porém, elevava os aspectos inferiores. Aharon era quem acendia a Menorá no Mishcan – “quando acenderes as chamas”. Aproximava os judeus da Divindade. Elevava os judeus. “Ama as criaturas e as aproxima da Torá.”.

D'us faz descer sua santidade a fim de que as criaturas purifiquem-se e se elevem. Assim foi na outorga da Torá – D'us desceu ao Monte Sinai, e isso possibilitou a subida de Moshê para lá.

Foi o trabalho de Aharon (consequência do de Moshê) que fez com que a Shechiná, presença Divina, habitasse este mundo em um nível mais elevado. Por isso Moshê declarou que Aharon, seu irmão, era mais importante e elevado que ele, pois o trabalho de Aharon é de baixo para cima.

O ensinamento que isso transmite a cada um de nós é que se desejarmos que a Shechiná esteja conosco deveremos seguir a recomendação: “Seja como os discípulos de Aharon: ame a paz e a persiga, ame as criaturas e as aproxime da Torá.”

Além de ajudar aqueles que se encontram afastados a se aproximarem e amarem o caminho da Torá e o cumprimento das mitsvot, fará um bem ainda maior beneficiando àquele que as aproxima, pois assim terá o mérito de que a Shechiná repouse sobre o trabalho de suas mãos.

Baseado em Likutê Sichot, Vol. VII, págs. 298-299.

(Maayan Chay, Vayikrá, págs. 52-54)

Um Silêncio Trovejante

Por Yosef Y. Jacobson

Este ensaio é parcialmente baseado numa palestra feita pelo Rebe, em Purim de 1971

Na Alemanha primeiro eles foram atrás dos comunistas, e eu não falei nada porque eu não era comunista. Então eles foram atrás dos judeus, e eu não falei nada porque eu não era judeu.

Então eles foram atrás dos sindicalistas, e eu não falei nada porque não era sindicalista. Então eles foram atrás dos católicos, e eu não falei nada porque era protestante. Então eles foram atrás de mim, e àquela altura não sobrou ninguém para falar.

- Martin Niemoller

No decorrer da história tem sido a falta de ação daqueles que poderiam ter agido, a indiferença daqueles que deveriam ter sabido, o silêncio da voz da justiça quando ela mais importava, a tal ponto que tornou possível o mal triunfar.

- Haile Selassie

Quando muitos sobreviventes e suas famílias comemoram Yom Hashoah, o Dia de Lembrança do Holocausto, para lembrar os 6 milhões que pereceram; quando judeus em Israel continuam a ser ameaçados por nações determinadas a destruí-lo; quando dezenas de milhares de crianças inocentes, mulheres e homens foram torturados e fuzilados no decorrer do último ano na Síria com o trovejante silêncio que vem da comunidade internacional; quando abuso e injustiça com frequência criam raízes nas nossas comunidades devido ao silêncio das pessoas boas – desejo refletir sobre um Midrash na porção desta semana, Shemini que relata o trágico episódio da morte prematura dos dois filhos de Aharon, Nadav e Avihu.

No dia em que o Tabernáculo no deserto foi levantado, e os quatro filhos de Aharon foram instalados como sacerdotes, os dois filhos mais velhos entraram no Tabernáculo e não saíram vivos.

O Talmud relata a seguinte história para explicar a causa da morte deles:

“Certa vez Moshê e Aharon estavam caminhando pela estrada e Nadav e Avihu (dois filhos de Aharon) estavam caminhando atrás deles, e todo Israel atrás deles. Nadav disse a Avihu: ‘Quando estes dois velhos irão morrer e você e eu lideraremos a geração?’ Então D'us disse a eles: ‘Veremos quem vai enterrar quem!’”

Um Midrash Enigmático

Ora, essa história dos dois filhos de Aharon engendrou um Midrash enigmático. É assim: “Quando Job soube da morte dos dois filhos de Aharon, foi assolado por um medo enorme.

Foi esse evento que obrigou o melhor amigo de Job, Elihu, a declarar: “Por causa disso meu coração estremece e salta do lugar.”

Este Midrash parece estranho. Por que o episódio Nadav-Avihu inspira medo tão profundo no coração do amigo de Job?

Rabi Chaim Yosef David Azulai, o sábio italiano do Século 18 e místico conhecido como o Chida, apresenta a base da seguinte interpretação desse obscuro Midrash. Ele a cita “em nome dos Sábios da Alemanha”.

Três Conselheiros

O Tamud relata que Job atuava na equipe de conselheiros do faraó, imperador do Egito. Os outros membros da equipe eram Balaam e Yitro. Quando a população judaica do Egito começou a aumentar significativamente, desenvolvendo-se de uma pequena família de setenta membros em uma grande nação, o faraó, abalado pelo temor de que este grupo refugiado representasse uma ameaça ao império, consultou seus três conselheiros sobre como lidar com o “problema judaico”.

.....
Balaam escolheu uma abordagem tirânica. Sugeriu que o faraó afogasse todos os bebês do sexo masculino e forçasse todo judeu adulto ao trabalho escravo.

Job ficou em silêncio. Ele não condenou os judeus ao trabalho forçado nem à morte, nem defendeu seus direitos à vida e liberdade.

Yitro foi o único entre os três que objetou ao plano de opressão feito por Balaam.

Para escapar da fúria do faraó, que entusiasticamente abraçou a “solução final” de Balaam, Yitro fugiu do Egito para Midian, onde viveu durante o resto de seus dias.

O Talmud relata as consequências do comportamento respectivo dos conselheiros. Balaam foi assassinado muitas décadas mais tarde durante uma campanha militar judaica no Oriente Médio. Job foi afligido por várias doenças e tragédia pessoal, ao passo que Yitro, a única voz da moralidade no palácio egípcio, mereceu não apenas Moshê como genro mas também descendentes que serviram como membros da Suprema Corte Judaica (Sanhedrin) em Jerusalém, representando lealmente os princípios judaicos da justiça e moralidade.

A Integridade de Job

O que passou pela mente de Job após esse incidente? Ele se considerou moralmente inferior ao seu colega Yitro que, num ato de enorme coragem, enfrentou um rei superpoderoso e protestou contra seu programa de genocídio? Job retornou para casa naquela noite e disse à esposa: “Descobri hoje que sou um político covarde que venderia a alma ao diabo apenas para manter sua posição no governo.”

Não.

Job, como tantos outros em situações similares, não pensou nisso sequer por um momento. Pelo contrário, Job se considerava pragmatista, e Yitro o idiota.

“O que Yitro ganhou ao falar toda a verdade?” Job deve ter pensado consigo mesmo. “Ele perdeu o cargo e foi forçado a fugir. Agiu como um zelote fanático. Eu, Job, ao empregar meus imensos talentos diplomáticos e permanecer em silêncio, continuo a atuar como conselheiro sênior do faraó e assim poderei ajudar o povo judeu, de maneira sutil e desimpedida, de dentro das camadas do poder governamental.”

Durante décadas, Job caminhou pelos corredores do palácio egípcio, saturado com uma sensação de auto-integridade e contentamento.

Até o dia em que ele soube da morte dos filhos de Aharon.

A Descoberta Abaladora de Job

Quando Job perguntou o que poderia ter causado a morte prematura daqueles dois homens estimados, recebeu a resposta com o famoso episódio talmúdico citado no início deste ensaio: “Aconteceu certa vez que Moshê e Aharon estavam caminhando pela estrada e Nadav e Avihu (filhos de Aharon) caminhavam atrás deles, e todo Israel estava caminhando atrás deles. Disse Nadav a Avihu: “Quando estes dois velhos morrerão e você e eu iremos liderar a geração?” Ao que D'us disse a eles: “Vocês verão quem vai enterrar quem!”

Job ficou estupefato. “Posso entender totalmente,” disse Job, “por que Nadav foi punido. Foi ele quem falou essas palavras nojentas. Mas por que seu irmão Avihu foi castigado? Ele não disse nada.”

“Avihu?” veio a resposta. “Ele foi punido porque permaneceu em silêncio. Porque quando um crime está acontecendo perante seus olhos, o seu silêncio é ensurdecedor.”

O Milagre do Peixe Voador

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh, traduzido por Maurício Klajnberg

Depois de descrever a inauguração do Tabernáculo no oitavo dia, a porção semanal da Torá Shemini (“oitavo”) continua com o relato das leis gerais pertencentes a todos os tempos – mesmo enquanto o Templo não é reconstruído. Um dos mais importantes destes tópicos são as leis dietéticas.

A Conexão Entre Sacrifício e Comer

Como aprendemos nas porções da Torá anteriores, a palavra para “sacrifício”, korban, significa aproximar-se. Quando alguém traz um sacrifício a D'us, ele deve despertar em seu coração a vontade de dar a si próprio, ou parte dele mesmo, a D'us. Isto o traz para perto do Altíssimo e o habilita a receber o chamado para sair e aproximar outras pessoas.

Alguns tipos de sacrifício são consumidos -- uma expressão idiomática significando comer -- inteiramente pelas chamas do altar. Outros tipos de sacrifícios são consumidos somente parcialmente. Eles são, então, comidos pelo Cohen ou, em outros casos, pelo Cohen e pela pessoa que oferece o sacrifício.

Comer de Forma Sagrada Provoca Expição

Quando o altar consome o sacrifício, expiação é alcançada para o portador do sacrifício. Do mesmo modo, quando o Cohen come do sacrifício, isto produz expiação também para o próprio portador do sacrifício. Finalmente, a inspiração que recebemos do Templo, mesmo enquanto ele ainda não foi reconstruído, é a de que devemos comer de forma sagrada.

Alimentos contêm várias faíscas sagradas das almas. Quando comemos alimentos em santidade e de acordo

.....
com todas as leis dietéticas, podemos libertar estas faíscas e elevá-las.

O alimento que nos é permitido comer de acordo com as leis dietéticas é aquela que seremos capazes de elevar espiritualmente. Comida que nos é proibida é aquela que não poderemos elevar espiritualmente.

Você é o que você come

Os alimentos trazidos como sacrifícios no Templo eram somente representativos da mais ampla gama de alimentos permitidos para ingestão de acordo com as leis dietéticas (cashrut). Apesar de peixes não serem sacrificados no Templo, ele é um importante fator em nossas dietas, especialmente apropriado como parte das refeições festivas de Shabat.

Enquanto o sábio que estuda a porção revelada da Torá é comparado a um animal terrestre, o peixe que nada na água representa os sábios que estudam a dimensão oculta da Torá. Se uma pessoa deseja estimular sua mente para aprender a porção revelada da Torá, lhe é recomendado comer carne. Se ela deseja estimular sua mente para o estudo da parte oculta da Torá, é recomendado que ela coma peixe.

Na Cabalá, aprendemos que as almas dos grandes tsadikim (“homens justos”) estão presentes nos peixes mais do que em outro tipo de alimento. Quando comemos peixe com santidade, nós incorporamos a faísca sagrada do Tsadik (“justo”) dentro de nós mesmos, transformando a nós próprios em peixes sagrados.

Barbatanas e Escamas

A Tora em Shemini identifica os dois fatores determinantes num peixe casher como sendo as barbatanas e as escamas. Nossos Sábios definem barbatanas como o que permite ao peixe nadar. As escamas são como a armadura do peixe. Elas são cascas pequenas e superpostas. Os Sábios apontam que todo peixe que tem escamas automaticamente terá barbatanas.

Isto leva a uma questão óbvia. Sabemos que a Torá não contém nada de supérfluo. Se todo peixe que tem escamas tem barbatanas, por que a Torá especifica as barbatanas? Nossos Sábios explicam que não há nenhuma outra razão para especificar o fato de que peixes têm barbatanas a não ser para “tornar grande e realçar a beleza da Torá” (Yagdil Torá v'ya'adir).

O Rei Salomão construiu uma piscina de água no Templo representando o mar da Torá. Rabi Akiva comparou o povo judeu aos peixes nadando no mar da Torá. Existe uma ligação intrínseca entre os peixes e a essência da Torá, que especifica barbatanas com o único propósito de aumentar e realçá-la.

Além disso, a palavra hebraica para “aumentar” é l'há'adir, que compartilha uma raiz (alef, dalet, reish) com o mês de Adar do hebraico judaico, cujo mazal (“signo zodiacal”) é o

peixe. Em adição, l'hagdil, “tornar grande” também contém as letras hebraicas dalet e guimel, que soletram dag (“peixe”).

Nachmanides faz uma outra interessante observação sobre barbatanas e escamas. Ele indica que peixes com barbatanas e escamas geralmente nadam próximo à superfície, experimentando, assim, ar e água simultaneamente. Isto é o que os torna casher.

Peixes que não têm barbatanas e escamas vivem próximos ao leito marinho e são mais susceptíveis a doenças, tornando-os impróprios para consumo, tanto física, quanto espiritualmente.

Voar com Barbatanas

No quinto dia da criação, D'us criou os peixes e os pássaros. Disto podemos aprender que existe algo muito semelhante que conecta os peixes aos pássaros. Nossos Sábios usam a mesma palavra (shat) para descrever tanto o “vôo” dos pássaros no céu e o “nadar” dos peixes no mar.

Ambos estão voando em seu próprio habitat. Assim como um pássaro sem asas pode ser casher, um peixe com escamas cujas barbatanas não são aparentes também é casher, pois sabemos que, essencialmente, ele deveria ter barbatanas. Voar é o bônus extra do pássaro ou peixe.

É a beleza e a alegria da vida – a experiência única que faz valer a pena viver a vida.

Receber e Inovar

Existem duas dimensões no estudo da Torá. Uma, chamada bekiut, é o estudo de toda a Torá que foi revelada até hoje. O objetivo deste tipo de estudo é o de se tornar especializado em tanto conteúdo da Torá quanto possível, enquanto repetidamente revisando e aprimorando-se sobre o assunto.

Este recebimento, dos professores ou dos livros, é comparado às escamas do peixe – as cascas cujo objetivo é o de desenvolver frutos. Ela representa a totalidade das já reveladas partes da Torá.

As barbatanas – a capacidade de voar – representam a habilidade da alma de revelar as inovações da Torá. Toda alma judia tem novos insights e inovações – a porção da alma na Torá – que só ela pode revelar. Esta habilidade de revelar novos insights é o nadar no mar da Torá. Inovar é voar. Estas inovações são os frutos das cascas da Torá, a beleza e a alegria do estudo da Torá.

O Milagre de Produzir Novos Frutos

A palavra para “barbatana” em Hebraico é snapir, que permuta para nes pri, “o milagre do fruto” – o milagre de ser capaz de produzir novo fruto. Seu valor numérico é 400. 400 é um número perfeito (20 ao quadrado).

.....
A palavra hebraica para “escamas” é kaskeset. Surpreendentemente, o valor número de kaskeset é 1200, 3 vezes 400, snapir. Quando somamos o 400 de snapir ao 1200 de kaskeset, temos 1600, que é 40 ao quadrado – o segredo dos 40 dias da entrega da Torá.

Além disso, a soma das primeiras letras de snapir e kaskeset – samech e kuf – é 160, um décimo da soma de ambas as palavras, 1600. Este é o mesmo fenômeno que vimos na porção da semana passada da Torá, Tsav, aludindo à manifestação de D’us em todos os dez níveis conscientes da alma.

Nossos Sábios dizem que qualquer coisa que tenha escamas – quem quer que aprenda as leis de nossa Torá – sempre terá barbatanas – será sempre capaz de inovar e “voar”. Para cada lei que ele aprender, ele receberá três inovações, perfeitas como o 400 perfeito. Cada uma destas inovações é um milagre – o fruto que desenvolveu como um feto na concha sagrada (porção revelada) da Torá.

Não Celebre a Ignorância

Por Yosef Y. Jacobson

Imprimir

E-mail Opine (2)

“Uma grande quantidade de inteligência pode ser investida na ignorância.”

- Saul Bellow

“A luz viaja mais depressa que o som. É por isso que muitas pessoas parecem mais brilhantes até que você as ouve falar.”

- Autor Desconhecido

“Somente duas coisas são infinitas, o universo e a estupidez humana, e não estou certo sobre a primeira.”

- Albert Einstein

Em muitas edições da Torá, um comentário interessante é inserido no Livro de Levítico (Vayicrá), na porção dessa semana (Shemini). Entre as palavras “pergunte ele perguntou” (“derash” e “derash” no original hebraico) está escrito: “Metade das palavras da Torá.”

O que isso significa é que essas palavras “pergunte ele perguntou” – assinalam o ponto médio da contagem de uma palavra na Torá. O primeiro “pergunte” completa a primeira metade dos cinco livros de Moshê; o segundo “pergunte” começa a segunda metade da Torá.

Os comentaristas bíblicos, sensíveis ao fato de que até mesmo aspectos menos importantes, aparentemente eventuais da Torá, contêm camadas de significado, abordam o simbolismo por trás do fato de que o ponto

médio da Torá esteja entre essas palavras “pergunte ele perguntou”. Uma das explicações mais bonitas é dada por um dos grandes mestres chassídicos.

Ele sugere que a Torá está tentando nos ensinar que ela inteira – as duas metades – versam sobre pergunta, e na busca por aprender, compreender e interiorizar as verdades e perspectivas da Torá. Ser judeu é permanecer para sempre um estudioso da sabedoria de Torá.

“Pergunta ele [Moshê] perguntou” – este é o ponto central da Torá, porque o próprio Moshê, o extraordinário erudito e profeta, jamais deixou de inquirir e pesquisar. Moshê sabia que o mais essencial componente necessário para absorver Torá é o nosso eterno anseio e nossa prontidão para estudar continuamente, explorar e buscar conhecimento. Moshê percebeu que depois de todas as suas descobertas, ele tinha atingido somente o meio da Torá, e que havia muito mais à frente que ele ainda não tinha aprendido.

Essa mensagem é vital para os judeus de hoje.

Porta-Vozes Ignorantes

Há algum tempo fui convidado para um simpósio patrocinado pela Federação UJA sobre a continuidade judaica. Um dos palestrantes sugeriu que introduzíssemos uma reforma na observância judaica a fim de tornar a religião mais atrativa para os jovens.

Quando chegou a minha vez de dirigir-me à plateia, pedi para discordar do apresentador acima citado. Seu argumento, eu sugeri, foi refutado pelo fato incontestável de que os únicos que conseguiram manter seus números judaicos e até aumentá-los dramaticamente foram aqueles que se opuseram à reforma na observância judaica.

Talvez nossa juventude esteja procurando não a reforma, mas o Judaísmo ensinado e praticado por Rabi Akiva, Rashi, Maimônides e o Baal Shem Tov? Talvez o que era necessário não era uma forma diluída de Judaísmo, mas sim uma apresentação mais intensa de Judaísmo saturado com paixão espiritual, idealismo autêntico, profunda erudição e relevância pessoal?

Mais tarde, numa conversa particular, perguntei ao apresentador se ele poderia dar o nome das 53 porções dos Cinco Livros de Moshê e os títulos dos 63 tratados do Talmud, o corpo mais básico de lei e literatura judaicas. De memória, ele conseguiu nomear apenas 10 das porções bíblicas e nem um dos tratados talmúdicos.

“Imagine,” eu disse a ele, “se fôssemos a um simpósio sobre Shakespeare, e uma das palestras sobre Shakespeare fosse ensinada aos jovens de hoje por um indivíduo ignorante dos títulos das 38 obras de Shakespeare?”

Ou imagine um simpósio sobre o futuro da filosofia, onde um dos palestrantes não fosse bem versado na República, na Crítica da Razão Pura ou Além do Bem e do Mal? Não

.....
seria constrangedor para o tema que eles estão discutindo? Ele me disse que em sua opinião a pessoa não precisava ser bem versada em Torá para apresentar um argumento sobre o futuro do Judaísmo.

Por que o Judaísmo é visto como uma disciplina tão inferior, que não exige um rigoroso domínio? Por que nos campos da biologia, ciência, arte ou história ninguém ousaria apresentar opiniões fortes sobre seus futuros sem estudar intensamente esses assuntos durante anos? Por que tantos judeus pensam que o Judaísmo – uma tradição ensinada e desenvolvida no decorrer de três milênios, consistindo de dezenas de milhares de volumes, muitos deles escritos por algumas das mais notáveis mentes humanas – é um conjunto de leis arcaicas e rituais bonitinhos?

Talvez o comentário mais triste sobre a vida judaica nos Estados Unidos é que muitos líderes das principais organizações e instituições judaicas não enviaram os próprios filhos a escolas judaicas, privando-os de uma educação judaica séria.

Que pena. Eles veem a si mesmos como líderes e ativistas judaicos; porém nem sequer pensam que a tradição judaica tenha algo de realmente valioso para ensinar a eles e aos seus filhos sobre vida, morte e tudo que está no meio. O maior obstáculo para a descoberta, disse certa vez um sábio, não é a ignorância; é a ilusão de conhecimento.

A Torá, o mais profundo projeto para a vida jamais articulado na história da humanidade, pertence a todo e cada judeu. Está na hora, mais do que na hora, de todo membro do nosso povo dar a si mesmo o presente de descobrir sua beleza e sabedoria sem paralelos.

Carne Casher

A carne Casher é singular em todos os aspectos, desde o tipo de animais que são permitidos até a maneira como são abatidos e preparados para o consumo.

Os alimentos à base de carne são cozidos, manuseados e ingeridos separadamente dos alimentos à base de laticínios. Além disso, é exigido um período de espera de seis horas após comer todos os tipos de carnes e aves antes que qualquer laticínio possa ser ingerido.

Somente os animais que ruminam e possuem cascos fendidos (os dois sinais mencionados na Torá) são Casher. Vacas, carneiros e cabras servem como exemplos. Um animal que tenha apenas um dos dois sinais não é Casher. Uma vez que as leis da Torá são exatas, tendo sido projetadas pelo próprio Criador, com certeza há um motivo por que estes dois sinais foram escolhidos.

Curiosamente, a Torá enumera apenas quatro animais que ruminam ou possuem os cascos fendidos, mas não atendem a ambos os requisitos: o porco, o coelho, o camelo e a lebre. Apesar do grande progresso no conhecimento científico e da exploração dos mais remotos

recantos do mundo pelo homem, nenhuma outra criatura com apenas um destes sinais foi descoberta.

Uma dimensão espiritual

Nossos sábios comentaram sobre a relação entre o tipo de alimento que comemos e o estado de nosso refinamento espiritual. Isto é particularmente verdadeiro a respeito da carne; o cuidado com que devemos encarar o consumo de substâncias de origem animal se reflete nas diversas leis que se relacionam com a carne, mesmo de animais Casher.

A carne não é proibida; seu consumo é permitido desde os dias de Noach (após o Dilúvio), mas com certas limitações. As leis dietéticas e a proibição da crueldade contra os animais nos impedem de comê-la sem uma reflexão prévia e uma preparação adequada.

Uma das Sete Leis de Noach, que a Torá determina para toda a humanidade, é a proibição de comer a carne de um animal vivo. De acordo com a missão judaica de ser "uma nação de sacerdotes e um povo sagrado," a Torá confia a nós um conjunto de leis ainda mais rigorosas com relação a comer carne.

Nossa adesão às leis da Cashrut não depende de nosso entendimento intelectual, mas de nosso desejo de cumprir os mandamentos de D'us.

Não obstante, de acordo com o Rambam (Maimônides) cabe aos homens meditar sobre as leis de nossa sagrada Torá e conhecerem seu significado mais profundo tanto quanto lhes for possível.'

De acordo com isto, nossos sábios extraíram conclusões sobre os tipos de animais que podemos comer, e aqueles que somos proibidos de comer.

Os animais permitidos são, em princípio domesticados e herbívoros, enquanto somos proibidos de comer animais selvagens e aves de rapina, para que não incorporemos sua natureza feroz e violenta a nós mesmos.

A carne dos animais proibidos, de acordo com o misticismo judaico, "embota o coração" ou bloqueia sua sensibilidade aos assuntos espirituais.

No que concerne aos animais permitidos, temos mais uma restrição quanto a comer o sangue do animal.

"Não comereis sangue, seja de ave ou quadrúpede." (Vayicrá VII:26).

Nossa linguagem reflete a associação do sangue com as paixões e instintos animais, como nas expressões "de sangue quente" ou 'fazer o sangue ferver'.

Nachmânides, no comentário da Torá, explica que o alimento ingerido afeta nossa alma e que, uma vez que a carne de um animal absorve suas características, devemos

.....
ter cuidado sobre qual tipo e que parte do animal iremos comer e fará parte de nós.

Outra explicação é que, uma vez que o homem é a única criatura de D'us que reconheceu seu Criador, foi-lhe permitido comer a carne de outra criatura; mas é considerado bárbaro comer sangue, pois este equivale à própria vida da criatura, pois está ligado à sua alma.

As leis sobre carne e aves Casher

A categoria "carne" inclui a própria carne, as aves e os subprodutos, tais como ossos, sopas e molhos. Qualquer alimento feito de carne ou aves ou de produtos de carne e aves, é considerado como sendo de carne (fleshig ou Bessari).

Até mesmo uma pequena quantidade de carne em um alimento torna-o Bessari. Todas as carnes, aves e componentes da carne em qualquer produto, inclusive itens tais como pílulas hepáticas, devem estar de acordo com os seguintes requisitos para serem considerados Casher:

- A carne deve ser de um animal que ruma e possui cascos fendidos. Vacas, carneiros e cabras são Casher.

- As aves Casher são identificadas por uma tradição transmitida de geração para geração e é universalmente aceita. A Torá especifica as aves que são proibidas, incluindo todas as aves de rapina ou que se alimentam de carniça. Entre as aves Casher estão incluídas as espécies domésticas de frangos, patos, gansos e perus.

- O animal ou ave deve ser abatido e examinado de acordo com as normas alimentares da Torá por um Shochet, uma pessoa temente a D'us e perito altamente treinado no abate Casher.

- As porções permissíveis do animal e da ave devem ser adequadamente preparadas antes do cozimento. Todos os utensílios devem ser Casher.

As leis da Cashrut não são apenas uma disciplina externa; elas visam refinar a personalidade e intensificar a receptividade espiritual. A Torá é baseada na conexão entre o corpo e o espírito.

O corpo não deve ser desprezado ou menosprezado, mas deve ser usado como veículo a serviço de D'us. As leis físicas detalhadas acerca da carne Casher estão, assim, diretamente relacionadas aos mais elevados conceitos espirituais.

Leis do Abate

Os requisitos para a preparação da carne Casher

As leis de cashrut devem ser permanentemente estudadas e as seguintes condutas devem ser cuidadosamente observadas:

Shechitá - o abate ritual de um animal Casher; um processo regido a cada passo por uma série de leis complexas. É executada por um Shochet, um homem temente a D'us e observante da Torá, que possui um alto grau de destreza nas leis e práticas da Shechitá.

Sua rapidez e precisão, juntamente com uma lâmina perfeitamente lisa - a qual é exigida pela Lei Judaica - protegem o animal, tanto quanto possível, da dor e do sofrimento.

Bedicá - é a inspeção dos órgãos internos, à procura de doenças ou ferimentos potencialmente fatais, que desqualificariam o animal. A maior parte das anomalias que torna um animal não-Casher não são aceitas como tal perante a lei norte-americana, e quando um inspetor do governo condena um órgão, é quase sempre apenas aquela parte. Entretanto, segundo a Lei Judaica, certas moléstias ou imperfeições em qualquer parte do corpo tornam o animal inteiro impróprio para o consumo.

Nicur - implica na remoção de certas veias e sebos proibidos da carne. São extremamente predominantes nas partes traseiras e, devido à complexidade envolvida em sua remoção, estas partes do animal não são, em geral, vendidas como Casher.

Meicha - também conhecida como "casherização" é a imersão e o salgamento da carne depois que todas as veias e gorduras proibidas foram retiradas. o processo de casherização consiste dos seguintes passos: lavagem, imersão (trinta minutos na água), salgamento (uma hora no sal) e tripla lavagem.

A carne é salgada dentro do período de 72 horas após o abate. o fígado não é casherizado da maneira habitual, porém grelhado separadamente em fogo exposto.

Ambos os processos servem para remover os últimos traços de sangue da carne. Todo este processo normalmente já é feito pelos próprios açougues casher.

IMPORTANTE: Sobre qualquer dúvida, maiores detalhes e estudo de leis da cashrut que são muito mais abrangentes que este artigo, um rabino ortodoxo deve ser sempre consultado.

Isto também é válido no caso em que uma pessoa precise casherizar a carne, ou para aqueles que precisam seguir uma dieta isenta de sal sobre como proceder.

Cortes de carne mais comuns da parte permitida do animal Casher

Pescoço - é a continuação do peito. As fibras são bem irrigadas de gordura. Serve para pratos que exijam bons molhos e dá ótimos resultados em ensopados, cozidos, picadinhos e carne de panela.

Acem - é o maior pedaço do dianteiro. Quando tirado de um animal novo pode ser utilizado em bifes. A carne é macia, bem marmorizada, o que possibilita um cozimento

.....
longo sem ressecamento. é usado para ensopados, picadinhos, bife de panela e carnes de panela recheadas e com molho.

Peito - por sua espessura, largura e formato é a melhor peça do dianteiro para se preparar carne recheada enrolada. A gordura superficial evita seu ressecamento durante o cozimento, prestando bom a cozidos. Pode ser formado de músculos e fibras mais duras. Usa-se ainda para sopas.

Braço (Pa ou Paleta) - mais musculoso que o acém, tem gorduras e nervos suficientes para assegurar-lhes o sabor. Divide-se em 3 partes: miolo do braço, parte central e o peixinho. Sendo uma peça saborosa não muito macia, é apropriada para moer, ensopar e fazer molhos.

Capa de Filé - de textura desigual coberta por uma espessa camada de gordura e de carne. identificada por uma grossa cartilagem que divide a peça. Indicada para pratos com molhos de cozimento mais longos, para ensopados e picadinhos.

Músculos - peça saborosa e ideal para o preparo de molhos, ensopados, carnes do panela. sopas. o músculo com osso e tutano na parte interior chama-se ossobuco. As leis do abate do animal é praticada por um shochet, um homem temente a D'us e observante da Torá, que passa anos de sua vida exercitando e estudando as leis.

Aves Casher

As leis referentes aos processos de abate e casherização de frangos e outras aves são praticamente idênticas às que se aplicam à carne. Um cuidado especial é tomado ao salgar os frangos, para assegurar que seu interior esteja bem limpo e que o sal tenha chegado bem ao fundo de todas as cavidades da galinha e entre as saliências.

Frangos inteiros, mesmo se casherizados, são muitas vezes vendidos com um saquinho de miúdos e outro com fígados dentro da cavidade do corpo. o saquinho com o fígado tem que ser removido antes do cozimento, pois o contato com o fígado cru pode tomar a galinha Taref. Se a galinha for imersa em água quente ou cozida sem a remoção do fígado, um rabino ortodoxo deverá ser consultado.

Muito embora os frangos Casher sejam cuidadosamente verificados pelas pessoas que os processam para assegurar que a ave esteja livre de doenças ou de ferimentos graves, ocasionalmente podem ocorrer descuidos.

Se for notado um osso quebrado ou deslocado, sangue, pus ou uma descoloração em volta da extremidade da coxa ou ao redor de uma ferida, um rabino ortodoxo deverá ser consultado. Estes problemas podem tornar todo o frango não- Casher.

Ao comprar uma galinha pré-embalada, esta deverá possuir um selo de Cashrut confiável.

Casherização do fígado

O fígado tem sangue demais para ser removido somente pelo salgamento. Por isso deve ser salpicado com sal grosso e grelhado no fogo.

Os pedaços de fígado não devem ser muito grossos para que o calor penetre. A grelha deve ser casherizada no fogo antes de ser reutilizada. Consulte um rabino ortodoxo sobre os detalhes deste procedimento.

Sabedoria Divina

A Torá afirma: "Estes são os animais que comereis de todo o quadrúpede que se acha sobre a Terra: todo o que tem o casco fendido e rachado ao meio e que ruma, entre os quadrúpedes, esse comereis.

Mas estes não comereis dos que ruminam e tem o casco fendido: o camelo que ruma e não tem o casco fendido - impuro é ele para vós; e o coelho que ruma e não tem casco fendido - impuro é ele para vós; e a lebre que ruma e não tem casco fendido - impura é ela para vós; e o porco que tem casco e é fendido, mas não ruma - impuro é ele para vós" (Vayikra XI:2-7).

A Torá nos adverte claramente para quatro espécies de animais que contenham um ou outro dos itens relativos (ser ruminantes e ter o casco fendido) para não nos enganarmos e pensar que eles são casher.

São eles o camelo (ruma mas não tem o casco fendido), o coelho (que ruma mas não tem o casco fendido), a lebre (que ruma mas não tem o casco fendido) e o porco (que tem casco fendido, mas não ruma)

É notável que, embora a Torá tenha sido outorgada há mais de 3300 anos, muito antes que os homens descobrissem novos continentes habitados por animais desconhecidos e criaturas estranhas de que nunca ouvira falar, a Torá já havia declarado que existem somente quatro animais com apenas uma das duas características!

Novas espécies de animais foram descobertas que não possuíam nenhuma dessas características, mas nenhuma só espécie nova foi encontrada com apenas uma ou outra dessas duas características. Isto se explica pelo fato da Torá ter sido dada por D'us, que conhece todas as espécies de animais que criou.

Porque os ruminantes?

Ao se entreter demais com os prazeres terrenos e o cotidiano, em vez do homem elevar o mundo material e transformá-lo em santidade, a matéria pode rebaixá-lo a um nível inferior, fazendo com que deixe de cumprir momentaneamente a função da qual foi incumbido.

Portanto, a Torá ensina que, antes de desfrutar deste mundo, o homem deve pensar se, com seu ato, estará ou não cumprindo a vontade Divina. Por exemplo, antes de

.....
comer, deve recitar uma berachá; ao ingerir o alimento deve ter em mente que está comendo para ter forças suficientes para servir o Criador; e, finalmente, não esquecer a bênção posterior.

Isto é simbolizado pelo fato de que um animal casher deve ser ruminante, ou seja, antes de se aproveitar do alimento, o mastiga várias vezes. Assim, o homem deve "mastigar" dentro de si para saber como tirar proveito do alimento da forma mais digna.

Animais ruminantes são aqueles que mastigam o alimento e o fazem voltar do estômago para a boca. Bois, vacas, carneiros, cabras, antílopes, búfalos, veados e outros fazem parte deste grupo. Também pertencem a esta classificação o camelo, o coelho e a girafa.

Estes mamíferos herbívoros são caracterizados por uma espécie de estômago especial: em vez de um só compartimento, o estômago é duplo, com quatro cavidades: pança, barrete, folhoso e coagulador ou nas formas alatinadas: rúmen (razão pela qual são denominados ruminantes), retículo, saltério e abomaso.

Digerem em duas fases: na primeira, depositam as ervas na pança e no barrete; na segunda, após algumas horas, fazem voltar alimento, mediante contrações semelhantes às do vômito, às partes altas do tubo digestivo, para então ser novamente deglutido, seguindo para o folhoso e o coagulador.

Estes possuem vantagens sobre os outros animais, pois o ruminante é capaz de engolir grandes quantidades de alimentos rapidamente e armazená-los no rúmen. Mais tarde, quando está à vontade, traz o alimento de volta à boca para mastigá-lo bem e, dessa forma, o digere melhor.

O Criador, em Sua infinita sabedoria, deu a eles essa vantagem por um motivo peculiar. Eles são herbívoros e precisam consumir grandes porções.

Embora a maioria possua chifres, são quase indefesos diante de animais ferozes e predadores como o lobo, o tigre, o leão e outros. Por isso, precisam engolir o alimento rapidamente e estar prontos para fugir tão depressa quanto as suas patas possam levá-los, sempre que surgir algum perigo.

Naturalmente, os animais domésticos estão mais protegidos; porém, eles também precisam ingerir muita comida e engolem o alimento sem mastigar.

Este entra no primeiro estômago e depois passa para o segundo. Quando o animal está em repouso traz de volta o alimento.

agora já misturado e amaciado, à sua boca em forma de "pelotas" e o mastiga adequadamente. Cada bocado então, é engolido mais uma vez, e o alimento passa para o terceiro e o quarto compartimentos do seu estômago, onde o processo de digestão é concluído.

Casco fendido

Um animal é constantemente ligado ao mundo material por seus pés. Um animal casher, porém, tem o casco que o separa do chão e, por ser fendido, demonstra que sua ligação com o chão onde pisa não é demasiada.

O mesmo ocorre com o peixe que, para ser casher, deve ter escamas envolvendo o corpo, separando-o do mundo exterior. Isto simboliza o acima dito, de que o comportamento ideal de um judeu é não se preocupar demais com o mundo material que o cerca.

O porco é um dos animais não-casher mais conhecidos. Possui um dos sinais de cashrut - o casco fendido - mas não é ruminante.

Diz o Talmud que, sempre que se deita, o porco estica as patas para a frente, querendo mostrar que é casher; mas não é ruminante, deixando por isso de ser casher.

Também daqui podemos tirar uma lição de comportamento. Um dos piores defeitos do homem é o cinismo, ou seja, demonstrar exteriormente o que realmente não é. Isto pode ocorrer no meio judaico, quando a pessoa apresenta em público um comportamento que não é o seu verdadeiro, por vergonha ou orgulho. Tal comportamento deve ser completamente repellido.

Vários sábios contemporâneos apontam como principal causa da decadência espiritual e moral das últimas gerações justamente o fato de as leis de cashrut deixarem de ser observadas à risca por grande parte de nosso povo.

Porém, ultimamente, com as facilidades que o mercado casher vem oferecendo e com o grande movimento de retorno desta geração, muitos voltaram a suas raízes, dando mais valor à dieta casher.

Com certeza, isto acarretará a transformação benigna de nosso povo, preparando-nos para a época especial que tanto aguardamos.

Um Alimento Especial

Esta Porção nos apresenta uma relação de animais, pássaros e peixes casher e não-casher, e como identificá-los. Esta lista é básica para as leis de cashrut e estabelece seus fundamentos.

Nossos sábios escrevem que uma das finalidades da cashrut é a de fornecer-nos um exercício diário em auto controle.

Ninguém deve subestimar a importância da auto disciplina. Nenhuma quantidade de doutrinação poderia ter um resultado tão bom quanto as leis dietéticas, que nos dão um regime diário baseado na prática de restrições.

O judaísmo almeja a santidade e consciência Divina. Ser

.....
santo significa ser consciente de D'us a toda hora e em todas as atividades da vida.

E nos é ordenado consagrar e santificar mesmo as atividades puramente físicas e comuns.

Por meio da cashrut a Torá consegue revestir o simples ato da alimentação com o sentido espiritual e o significado de que nossa mesa é um "altar de D'us."

27 - Parashat Tazria

Levítico 12:1-13:59

A Concepção de um Filho

Esta parashá inicia-se mencionando as leis de uma parturiente com as palavras: "Se uma mulher concebeu uma semente..."

O Midrash descreve o momento da concepção: O anjo encarregado da concepção é chamado Laila. Quando o Todo Poderoso deseja que nasça um ser humano, ordena ao Anjo Laila: "Traga-me esta ou aquela neshamá (alma) do Gan Eden!" A alma, entretanto, se ressentida por ser desenraizada de sua Divina fonte, e reclama ao Todo Poderoso: "Sou pura e sagrada, conectada à Sua Glória. Por que é necessário que eu seja degradada entrando num corpo humano?"

"Não é como diz," D'us a corrige. "O mundo onde você viverá ultrapassa em beleza aquele de onde você emanou. Foi criada com o único propósito de tornar-se parte de um ser humano, sendo elevado pelos seus atos."

O Todo Poderoso em seguida ordena a alma fundir-se com a semente a qual estava destinada. Mesmo antes do feto estar formado, o anjo indaga de D'us: "Qual será o destino dela?"

Neste momento, todo o futuro da criança ainda não nascida é pré-destinado. O Todo Poderoso determina se será homem ou mulher, se será saudável ou sofrerá de alguma doença ou defeito, sua aparência, o grau de inteligência, bem como sua capacidade física e mental.

Mais ainda, todos os detalhes de suas circunstâncias na vida já estão decididos – será ele rico ou pobre, o que possuirá, e quem será seu futuro cônjuge.

Vemos que todas as minúcias da vida de uma pessoa já estão decididas. Entretanto, há uma única exceção: D'us não decreta se alguém tornar-se-á um tsadic (justo) ou um rashá (perverso). Cada um decide como moldar a si mesmo por meio de suas faculdades e capacidades que lhe foram pré-ordenadas.

A pessoa não deve sentir-se orgulhosa de sua inteligência, força ou dinheiro, pois estas qualidades não são suas próprias conquistas; ao contrário, foram Divinamente designadas a ele antes do nascimento.

Há apenas um campo de empenho no qual a conquista resulta dos esforços individuais – se ele estudará (e quanto) sobre a grandiosidade de D'us ,

Sua Torá e se (e quanto) seguirá Seus caminhos. O grau de sucesso atingido nesta área, é um fruto de esforço e realização próprios.

A Gravidez e o Parto

O crescimento do feto no útero da mãe inspira a pessoa a sentir gratidão pelo Criador, que na sua bondade cuida do homem antes mesmo dele nascer.

Ainda no útero da mãe, a criança aprende toda a Torá. Também lhe é mostrada uma visão do Gan Eden e do gueinom, e o anjo que está encarregado dela lhe suplica: "Seja um tsadic! Não se torne um rashá (malvado)!"

Quando a criança entra neste mundo, o anjo toca seus lábios, fazendo com que todo o conhecimento da Torá previamente ensinado a ela seja esquecido. (Contudo, este conhecimento foi absorvido pela sua mente subconsciente, proporcionando-lhe que capte futuramente os ensinamentos da Torá com mais facilidade).

Embora ao nascer a criança esteja suja e besuntada com sangue e continua a sujar-se, assim mesmo é querida por todos. O encanto de bebês e crianças pequenas, explicam nossos sábios, é que a Shechiná (Santidade) repousa sobre eles, uma vez que estão livres do pecado.

Originalmente, o nascimento de uma criança acontecia imediatamente após a concepção, e era indolor. A situação atual é resultado da maldição pronunciada sobre Chava (esposa de Adam, o primeiro homem) após ter pecado.

No futuro, o fardo da gravidez de nove meses será suspenso novamente, e o nascimento de crianças acontecerá imediatamente após a concepção e não acarretará dor, conforme a visão do profeta Yeshayáhu: "Antes que ela entre em trabalho de parto, ela o expelirá; antes que venha a dor, dará à luz um menino."

A Mitsvá do Brit Milá (Circuncisão)

D'us ordenou: "Um bebê judeu do sexo masculino deve passar por uma milá (circuncisão) aos oito dias de nascido. Mesmo se o oitavo dia coincidir com Shabat ou um Yom Tov, a milá não deve ser adiada". Isto mostra quão importante é a mitsvá da milá.

Por que D'us ordenou que a milá fosse realizada em meninos que ainda são bebês?

D'us também percebeu que bebês não tem tanto medo de fazer a milá como crianças maiores. Além disso, a pele de um bebê é mais tenra e cicatriza mais rapidamente após a milá.

.....
Aqui estão alguns dos procedimentos do brit milá: Quando o bebê é trazido, todas as pessoas que assistem ficam em pé e proclamam: "Baruch haba, bem vindo." O bebê é colocado num assento especial chamado kisê shel Eliyáhu, o trono de Eliyáhu. O profeta Eliyáhu é enviado por D'us para estar presente a cada brit milá.

O mohel então coloca o bebê sobre os joelhos do sandec (o homem que recebe a honra de segurar o bebê durante o brit), e quando ele está pronto para fazer a milá, o mohel recita a berachá (bênção): "Bendito sejas, D'us, nosso D'us, Rei do Universo, que nos santificou com Suas mitsvot e nos ordenou fazer a milá."

O pai do bebê, também, diz uma berachá especial enquanto o mohel está fazendo a milá: "Abençoado sejas, D'us, nosso D'us, Rei do Universo, que nos santificou com Suas mitsvot e nos ordenou trazer o menino ao pacto de nosso patriarca Avraham." O menino recebe seu nome.

Por que um brit milá é chamada brit (pacto) de Avraham?

A primeira mitsvá que D'us ordenou que Avraham cumprisse foi fazer a milá em si mesmo. Então D'us disse a Avraham que dali em diante, todos os meninos judeus devem fazer a milá aos oito dias de idade. A milá seria um brit, um pacto, entre D'us e o povo judeu. Eles acreditariam em D'us, e Ele seria seu D'us.

A cerimônia do brit milá continua com os participantes desejando que o bebê cresça para tornar-se um sábio, que se case e crie sua própria família, e que faça sempre boas ações. Os pais recebem aqueles que desejam juntar-se a eles numa seudá, uma refeição festiva.

Isto demonstra que os pais estão felizes por cumprir a mitsvá de D'us. Isto nos recorda também a refeição que Avraham fez no dia em que realizou milá em seu filho Yitschac. A mitsvá da milá é tão importante, que D'us considera para os pais que fazem a milá no filho como se eles tivessem trazido o bebê como uma oferenda para Ele.

A mãe de um bebê recém-nascido oferecia corbanot especiais na época do Bet Hamicdash.

Na época do Bet Hamicdash, a mãe de um bebê recém-nascido, menino ou menina, oferecia oferenda especiais. A mulher viajava ao Bet Hamicdash e entregava suas oferendas ao cohen.

Por que deve a mãe oferecer um corban para D'us? Uma das razões é para agradecer D'us por tê-la salvado dos perigos do parto. Todo nascimento de uma criança é um milagre pelo qual a mãe (bem como toda a família) deve demonstrar gratidão a D'us.

Por que Ocorria a Punição de Tsaraat

A Torá continua a nos relatar sobre tipos diferentes de tum'a (impurezas). Uma delas é tsaraat. É um problema de pele que pode ser diagnosticado apenas por um cohen. Se um judeu – homem, mulher ou criança – percebeu uma ou

mais manchas brancas na pele, deve suspeitar da possibilidade de tsaraat. Foi-lhe ordenado mostrar o local a um cohen.

Se um judeu tornou sua alma impura por cometer um pecado grave, D'us por Sua vez, torna seu corpo impuro com tsaraat. Isto ajudaria a pessoa a perceber que pecou e que deveria fazer teshuvá. D'us infligia tsaraat em um judeu por alguns pecados, mas principalmente pela pecado de lashon hará (maledicência).

Quando D'us quis que Moshê tirasse o povo judeu do Egito, Moshê protestou: "Eles não acreditarão que fui enviado por D'us !" Então, sua mão tornou-se branca com tsaraat por falar "mal" dos judeus.

D'us também utilizava tsaraat como castigo por outros pecados graves, que são: Lashon hará (maledicência), assassinato, adultério, dar falso testemunho, ser orgulhoso, roubar, ser avarento. Vemos que lashon hará é um pecado grave, pois é punido com tsaraat, da mesma forma que os terríveis crimes de assassinato e adultério.

A Torá ordena que um metsorá procure um cohen, não um médico. O cohen instará o metsorá a deixar de pecar, e começar a cumprir mitsvot. Se o metsorá faz teshuvá (arrependimento), D'us permitirá que se torne puro novamente.

Tsaraat nas Roupas

Na época do Bet Hamicdash D'us às vezes trazia tsaraat sobre as roupas da pessoa. Apenas roupa branca poderia tornar-se tame (impura) com tsaraat. Se as vestes brancas de um judeu mostrassem apenas uma manchinha verde ou vermelha, ele devia mostrá-la para um cohen.

Por que D'us trazia tsaraat às roupas de um judeu? As manchas de tsaraat advertiam-no a fazer teshuvá por algum pecado grave que tivesse cometido. D'us poderia ter enviado tsaraat para o corpo do judeu. Mas antes de puni-lo em seu corpo, D'us primeiro mandava a punição sobre seus pertences como um aviso. Se o judeu fizesse teshuvá, D'us não enviaria tsaraat para seu corpo.

Encontramos muitas ocasiões nas quais D'us manda primeiro um castigo pequeno como um aviso para fazer teshuvá e evitar uma punição mais severa.

Podemos exemplificar esta atitude Divina no episódio em que após morrerem os filhos de Yaacov, os judeus no Egito começaram a misturar-se aos egípcios e agir como eles. D'us não fez o faraó escravizar os judeus imediatamente.

Primeiro, Ele fez os egípcios odiá-los. Isto deveria ter advertido Benê Yisrael a fazer teshuvá.

Quando isso não ajudou, os egípcios fizeram os judeus pagar impostos. E somente quando os judeus não levaram esta punição a sério, D'us fez com que os egípcios os escravizassem.

.....
D'us tenta nos avisar com pequenos sinais de alarme. Por isso, se um pequeno contratempo nos acontece - por exemplo, se perdemos dinheiro ou se nos tornamos ligeiramente doente - devemos aproveitar a oportunidade para fazer teshuvá. Isto é o que D'us espera de nós.

A Mulher e Moshiach

Publicado no "Lechaim Weekly" com permissão Likrat Shabat on line da Yeshivá Tomchei Tmimim Adaptado de Likutê Sichot do Rebe, Vol. I.

O início de Parashat Tazria, diz a Torá: "Se uma mulher conceber, e tiver um menino." De acordo com um dos comentários, esse versículo é uma alusão ao povo judeu e sua Redenção Final com Mashiach.

"Uma mulher" simboliza o povo judeu; "conceber" é uma alusão ao serviço dos judeus de mitsvot (mandamentos) e boas ações; "um menino" refere-se ao resultado final desse processo – o nascimento da Era Messiânica.

A Redenção Final é chamada de "homem" como símbolo de força, uma vez que após a redenção do Universo por intermédio de Mashiach não haverá mais possibilidades de exílios posteriores, e a época Messiânica perdurará para todo o sempre.

Esse mesmo conceito aparece num Midrash que se refere à décima canção, a canção final que o povo judeu cantará com Mashiach.

A décima canção é chamada de "shir", no masculino, ao passo que as nove canções que já foram cantadas são chamadas de "shirá" no feminino. Para se entender o motivo de ser o povo judeu representado simbolicamente como uma mulher, precisamos analisar a palavra mulher em hebraico.

Eva (Chava) foi chamada de "ishá" (mulher) "porque foi do homem (ish) retirada." A palavra "ishá", portanto, expressa o relacionamento da mulher com seu marido, e mostra seu desejo inato de com ele reunir-se.

De modo semelhante, espiritualmente falando, D'us é "masculino", ao passo que o povo judeu é "feminino". Tal qual Chava (Eva) foi criada a partir de Adam (Adão), a alma de cada judeu é "retirada" do próprio D'us, e é "realmente uma partícula de D'us Acima."

Portanto, o desejo inato de cada judeu é reunir-se com Seu Criador, a fonte de seu ser. Riqueza material e prazeres físicos jamais podem satisfazer o anseio que um judeu sente por D'us; nem deleites espirituais podem saciar por completo esse desejo. Conscientemente ou não, um judeu busca, durante a vida, essa união que é a força propulsora de sua existência.

Dando continuidade à metáfora da "semente", esse desejo inato de unir-se com D'us deve ser plantado justamente no solo, expressando-se no cumprimento de mitsvot na prática.

Se uma semente for plantada no ar, jamais brotará; apenas boas intenções e sentimentos positivos para com o judaísmo jamais darão os resultados almejados.

Só pelo estudo da Torá e da prática das mitsvot, de modo real e concreto, pode o judeu cultivar a "semente" possibilitando-lhe crescer.

É óbvio que o objetivo subjacente do serviço de um judeu no mundo é a suprema "germinação" – a Era Messiânica.

Traduzir os sentimentos positivos em ação – fazer mais uma mitsvá, mais uma boa ação para outro judeu – é o que trará a revelação de Mashiach e a redenção do mundo inteiro.

Não Mate o Amor

Cultivando a sensibilidade para com as aves

Por Yosef Y. Jacobson

O Gênero dos Computadores

Por que os computadores devem ser considerados masculinos:

- 1 – Eles têm muitos dados mas ainda não têm noção.
- 2 – Eles deveriam ajudar você a resolver seus problemas, mas na metade do tempo eles são o problema.
- 3 – Assim que você compra um, percebe que, se tivesse esperado um pouco mais, poderia ter tido um modelo melhor e muito mais barato.

Por que os computadores devem ser considerados femininos:

- 1 – Ninguém, exceto seu criador, entende sua lógica interior.
- 2 – A linguagem nativa que eles usam para se comunicar com outros computadores é incompreensível para os outros.
- 3 – Até mesmo os seus menores erros são armazenados na memória a longo prazo para depois serem recuperados.
- 4 – Assim que você compra um, gasta metade do seu salário comprando acessórios para ele.

Procurando as Discrepâncias

Os judeus sabem há muito tempo que a Torá (Bíblia Hebraica) somente pode ser realmente apreciada quando se presta atenção não apenas à narrativa e mensagem explícitas, mas também às aparentes discrepâncias do texto, falhas gramaticais e sintaxe incomum.

De fato, um dos aspectos mais aparentes da cultura judaica bíblica produzida no decorrer dos dois milênios e meio passados é sua interpretação incrivelmente rica dos erros

.....
aparentes da Torá, um estudo que escapou quase que por completo do olho de muitos críticos da Bíblia nos dois séculos passados.

Gostaria de chamar sua atenção a uma dessas pequenas anomalias na porção desta semana da Torá, Tazria, a qual, quando se reflete sobre ela, nos mostra a atitude majestosa da Torá em relação ao cultivo da sensibilidade e empatia.

Oferendas após o nascimento

O início da porção discute a oferenda que toda mulher judia levava na época do Templo após o nascimento de um filho. Essa oferenda, representando a cura e dedicação após o parto, era levada quarenta dias após o nascimento de um menino, e oito dias após o nascimento de uma menina.

O tipo dessa oferenda dependia em grande parte dos meios financeiros da família. Eis aqui como a Torá a descreve [1](#):

“Ela deve levar uma ovelha dentro do primeiro ano para uma oferenda de elevação, e um filhote de pomba ou uma rolinha. “Mas se ela não puder comprar uma ovelha, então ela deverá levar duas rolas ou dois filhotes de pomba e ficará purificada.”

A Anomalia

Parece bem claro e objetivo. Porém, o estudante esclarecido da Torá perceberá uma falha aqui. A Torá já discutiu várias vezes a possibilidade de indivíduos específicos levando rolas ou pombinhas como oferenda a D'us [2](#).

Mais tarde, também, a Torá irá discutir repetidamente este tipo de oferenda [3](#). Em cada um desses exemplos, a Torá menciona primeiro a rola (tor, em hebraico), e somente depois a pombinha (ben yona, em hebraico).

Aqui também, ao discutir a oferenda levada pela mulher que possui menos meios, a Torá declara: “ela deverá levar duas rolas ou dois filhotes de pomba.” Em todas as nove vezes em que essa oferenda é discutida na Torá, a rola precede o filhote de pomba.

Há uma exceção, por incrível que pareça. Em nossa porção, enquanto discute a oferenda levada pela mulher com melhores condições financeiras, a Torá declara (como foi registrado acima): “Ela levará uma ovelha dentro de seu primeiro ano para uma oferenda de elevação, e uma pombinha ou uma rola.”

Aqui, de repente, a ordem é mudada. Primeiro a pequena pomba, e somente depois a rola adulta, Por quê?

Os Pares

Uma das mais notáveis personalidades legais e espirituais da Idade Média, Rabino Jacob Ashkenazi (nascido na Alemanha em 1270 e falecido em 1343 em Toledo,

Espanha), em seu comentário sobre a Torá conhecido como “Baal Haturim”, oferece uma resposta simples mas bastante comovente, em apenas duas linhas.

Toda vez que a oferenda da ave é mencionada na Torá, diz Rabino Jacob, é sempre no contexto de um par de rolas ou um par de pombinhas. A citação acima é um exemplo: “Mas se ela não puder comprar uma ovelha, então deve pegar duas rolas ou duas pombas jovens.” As aves são oferecidas aos pares.

A única exceção é a mulher que tem mais meios, que, após o parto, oferece uma ovelha e uma ave. Aqui a Torá declara: “Ela levará uma ovelha e uma pomba jovem ou uma rola.” É por isso que a Torá, nesse exemplo, muda a ordem das aves, mencionando primeiro a pomba jovem, e não a rola mais velha.

A Torá está tentando nos ensinar que no caso em que uma única ave é oferecida, deve-se dar preferência à pomba jovem sobre a rola mais adulta. A rola mais velha deveria ser levada apenas como último recurso, se não puder ser encontrada uma pomba jovem. Essa exigência não se aplicaria quando um par de aves está sendo oferecido junto.

Lealdade de uma pomba

A lógica por trás disso é comovente. A maioria dos animais não aprecia relacionamentos monogâmicos. Quase todos os animais pertencem à categoria de “quanto mais melhor”, na qual estão constantemente trocando de parceiros, mesmo numa única estação.

O chimpanzé macho, por exemplo, chega ao ponto de convidar fêmeas diferentes apenas abrindo as pernas. Criaturas como os peixes (em especial o ouriço do mar) vão ainda mais longe. Liberam seus ovos e semente no mar e esperam que alguns deles se encontrem e fertilizem.

Há algumas poucas exceções à tendência não-monogâmica entre os animais: uma delas é a pomba. Muitas (embora não todas) as aves da família das pombas são fiéis aos seus parceiros, às vezes durante muitas estações e até mesmo anos. Na verdade, o Talmud declara [4](#) que se a Torá não tivesse sido outorgada, teríamos aprendido como ser fiéis aos nossos esposos com o comportamento das pombas.

As palavras apaixonadas expressas pelo noivo à noiva no Cântico dos Cânticos [5](#): “Veja, você é minha amada; veja, você é linda, seus olhos são pombas,” são entendidas no Midrash [6](#) como o profundo elogio de D'us ao povo judeu.

“Assim como a pomba, a partir do momento em que reconhece seu parceiro jamais o troca por nenhum outro, também o povo judeu, a partir do momento em que reconheceu D'us, jamais O substituiu por qualquer outra deidade.”

A Lição

Existem até mesmo determinadas pombas que pranteiam a morte do parceiro, não escolhendo facilmente um outro. É por isso que no caso de uma mulher que oferece somente uma pomba, a Torá está insistindo conosco para evitarmos pegar uma única pomba adulta como oferenda, pois poderíamos estar privando seu (sua) parceiro(a) dele ou dela, que ascendeu a D'us.

A preferência deve ser uma pomba jovem, que ainda não começou a cruzar. Em todos os outros exemplos, porém, onde a instrução é oferecer duas pombas, nenhum parceiro perderá seu companheiro, daí a Torá não dar preferência às pombas jovens sobre as adultas.

Isso transmite uma profunda lição sobre a sensibilidade que a Torá exige de nós quanto aos sentimentos dos animais, até mesmo com uma ave que sobra depois que seu parceiro é oferecido a D'us. Certamente, isso nos diz o quanto devemos honrar a dignidade e os sentimentos de um ser humano. Muito mais então devemos honrar e prezar as emoções de nossos parceiros na vida.

NOTAS

1. Vayicrá 12:6-8

2. Por exemplo, Vayicrá 1:14; 5:7; 5:11.

3. Por exemplo, Vayicrá 14:22; 14:30; 15:14; 15:29; Bamidbar 6:10.

4. Eiruvín 100 b

5. 4:1

6. Midrash Rabah Shir Hashirim 1:15; 4:2.

O Sinal do Pacto Por que o sinal da circuncisão está acima de todos os outros?

Tazria começa com as leis do nascimento e a ordem da circuncisão. “No oitavo dia a carne de seu prepúcio será circuncidada.” (Vayicrá 12:3). Desde os dias de Avraham, este tem sido o sinal, para os homens, do pacto entre D'us e o povo que Ele conclamou para ser Sua testemunha.

D'us disse ainda a Avraham: “Este é o Meu pacto que você deverá cumprir, entre Eu, tu e teus descendentes depois de ti. Toda criança do sexo masculino entre vocês será circuncidada. Deverão circuncidar a carne do prepúcio, e este será o sinal do pacto entre Eu e vocês.” (Bereshit 17:10-11)

Por que este sinal acima de todos os outros? Por que esta marca física na carne? O que isso nos diz sobre a natureza da identidade judaica? Para entender a completa profundidade desta ordem, precisamos nos mover vários séculos até um dos grandes profetas da Bíblia, Hosea.

Hosea viveu no oitavo século AEC. O reino tinha sido dividido desde a morte de Shelomo. O reino ao norte em particular, onde Hosea vivia, tinha caído após um período de paz e prosperidade a uma situação de ilegalidade, idolatria e caos. Entre 747 e 732 AEC houve nada menos que cinco reis, resultado de uma série de intrigas e conflitos sangrentos pelo poder.

O povo também havia se corrompido: “Não há fé nem bondade, e nenhum conhecimento de D'us na terra; há imprecções, mentiras, matança, roubo e adultério; eles rompem todos os limites e é um assassinato após o outro” (Hosea 4:1-2).

Como outros profetas, Hosea sabia que o destino de Israel dependia do seu sentido de missão. Fiel a D'us, era capaz de fazer coisas extraordinárias: sobreviver face aos impérios, e criar uma sociedade única no mundo antigo, de dignidade igual para ricos e pobres como cidadãos sob a soberania do Criador do céu e da terra. Infiel, porém, era apenas mais um pequeno poder no antigo Oriente Próximo, cujas chances de sobrevivência contra predadores políticos maiores eram mínimas.

O que torna o livro de Hosea notável é o episódio com o qual se inicia. D'us diz ao profeta para desposar uma prostituta, e ver como é ter um amor traído. Somente então Hosea terá um vislumbre do senso de traição que D'us teve ao ser traído pelo povo de Israel. Tendo os libertado da escravidão e os levado ao seu país, D'us os vê esquecer o passado, abandonar o pacto e adorar deuses estranhos.

É uma passagem poderosa com uma surpreendente afirmação em seu âmago. Mais do que o povo judeu ama a D'us, D'us ama o povo judeu. A história de Israel é uma história de amor entre o D'us fiel e Seu povo às vezes infiel. Embora D'us frequentemente fique irado, Ele pode apenas perdoar. Ele os levará a uma espécie de segunda lua-de-mel, e eles renovarão os votos de casamento.

“Portanto vou agora seduzi-la;
Vou levá-la ao deserto
e falar ternamente com ela...
Vou ligá-la a mim para sempre;
Ligá-la em integridade e justiça,
Em amor e compaixão.
Vou ligar-me a você em fidelidade,
E você conhecerá o Eterno.” (Hosea 2:16-22)

É esta última frase – com sua comparação explícita entre o pacto e um casamento – que os homens judeus dizem quando colocam o tefilin de mão, enrolando sua correia ao redor do dedo como uma aliança de casamento.

Um versículo no meio dessa profecia é fascinante. É uma complexa metáfora, que deve ser desvendada pouco a pouco:

“Naquele dia,” declara o Eterno,
“tu Me chamarás de ‘meu marido’ [ishi];
não Me chamarás mais de ‘meu amo’ [baali].”

A última frase é um trocadilho. Baal, no hebraico bíblico, significava ‘um marido’, mas num sentido mais altamente específico – ou seja, ‘am, dono, possuidor, controlador’. Era também, obviamente, o nome do deus canaanota – cujos profetas Elijah tinha desafiado no famoso confronto no Monte Carmel.

.....
Baal (também conhecido como Hadad, e geralmente retratado como um touro) era o deus da tempestade, que derrotou Mot, o deus da esterilidade e da morte. Baal era a chuva que impregnava a terra e a tornava fértil. Em termos de mito, Baalismo é a veneração de deus-como-poder.

Hosea contrasta este tipo de relacionamento com a outra palavra hebraica para marido, ish. Aqui ele está lembrando as palavras do primeiro homem para a primeira mulher:

"Esta é agora osso dos meus ossos
E carne da minha carne;
Ela será chamada Mulher [ishah],
Porque foi tirada do Homem [ish]."

Aqui o relacionamento homem-mulher é qualificado em algo diferente que poder e domínio, posse e controle. Homem e mulher se confrontam em semelhança e diferença.

Cada um é a imagem do outro, porém cada qual é separado e distinto.

O único relacionamento capaz de uni-los sem o uso da força é o casamento como pacto – um vínculo de lealdade mútua e confiança no qual cada um faz uma promessa ao outro de honrar-se mutuamente e os deveres recíprocos que os unem num vínculo moral.

Não apenas esta é uma maneira radical de reconceituar o relacionamento entre homem e mulher, é também a maneira de pensarmos sobre o relacionamento entre seres humanos e D'us. D'us atinge a humanidade não como poder (tempestade, trovão, chuva) mas como amor – e não um amor abstrato, filosófico, mas uma paixão profunda que sobrevive a todos os desapontamentos e traições.

Israel nem sempre pode se comportar amorosamente com relação a D'us, diz Hosea, mas D'us ama Israel e nunca deixará de fazê-lo.

A maneira de nos relacionarmos com D'us afeta como nos relacionamos com outras pessoas. Esta é a mensagem de Hosea – e vice-versa: como nos relacionamentos com outras pessoas afeta a maneira de pensarmos em D'us.

O caos político de Israel no oitavo século AEC estava intimamente relacionado com seu afastamento religioso. Uma sociedade construída sobre a corrupção e exploração é aquela onde o poder prevalece sobre o direito. Isso não é Judaísmo, mas idolatria, adoração de Baal.

Agora entendemos por que o sinal do pacto é a circuncisão. Para a fé ser mais que a adoração do poder, deve afetar o relacionamento mais íntimo entre homens e mulheres.

Numa sociedade baseada no pacto, os relacionamentos entre os sexos devem ser construídos sobre algo diferente e mais gentil que o domínio masculino, o poder masculino,

o desejo sexual e a ânsia de controlar, possuir. Baal deve se tornar ish.

O homem deve se tornar um marido carinhoso. O desejo sexual deve ser santificado e temperado pelo respeito mútuo. O impulso sexual deve ser circundado e circunscrito para que não busque mais possuir, e se contente em amar.

Lashon Hará

"Toda minha vida, cresci entre os Sábios, e jamais encontrei algo melhor para uma pessoa que o silêncio"

Rabi Shimon, filho de Rabban Gamliel, declarou: "Toda minha vida, cresci entre os Sábios, e jamais encontrei algo melhor para uma pessoa que o silêncio" (Ética dos Pais 1:17).

Isso é interessante. Todos nós já ouvimos sugestões semelhantes, certo? "Se você não tem nada de bom para dizer, então fique calado." Este é um clássico.

Mas o aforismo de Rabi Shimon é mais profundo que os clichês. Afinal, ele alegou que não há nada melhor que o silêncio – nada mesmo. E para enfatizar o valor do silêncio, ele prossegue dizendo que "a explicação não é básica, mas a ação, e todos que multiplicam as palavras produzem o pecado."

O que ele quis dizer com isso? Que nunca devemos elogiar uma pessoa? Jamais dizer uma bênção? Se Rabi Shimon não está se referindo a todos os tipos de palavras, a que tipo se referia? Precisamos de uma máxima inteligente para nos proibir de amaldiçoar?

Maimônides, em seu comentário sobre Pirkê Avot (Ética dos Pais) levanta três questões. Ele explica que existem cinco categorias de discurso:

- Discurso associado a uma mitsvá (mandamento).
- Discurso que devemos ter o cuidado de evitar.
- Discurso que é repulsivo ou degradado.
- Discurso que expressa amor.
- Discurso que é permitido.

Maimônides explica então o que quer dizer. O discurso associado a uma mitsvá inclui estudar a Torá em voz alta. Este tipo de conversa é exigido, na verdade; devemos dizer palavras de Torá e prece. A primeira categoria Maimônides classifica como um mandamento positivo obrigatório.

O discurso que precisamos ter o cuidado de evitar inclui o falso testemunho, mentir, mexericar e praguejar. A Torá nos proíbe o envolvimento com este tipo de discurso, advertindo-nos a nos guardar contra ele e contra outros tipos de conversa inconveniente, incluindo lashon hará (lashon hará, literalmente, linguagem do mal, é qualquer discurso que ofenda outra pessoa, mesmo que as declarações sejam verdadeiras).

.....
Claramente, Rabi Shimon ben Gamliel não pode estar se referindo a estas duas categorias, pois uma é um mandamento positivo e a outra é uma proibição. Não precisamos de um aforismo para nos dizer o que já sabemos que é uma mitsvá.

O discurso que é repulsivo ou degrada inclui tagarelice, conversa que não tem utilidade, e não beneficia uma pessoa, espiritual ou materialmente. Não há uma proibição inequívoca contra este tipo de discurso, pois ele não envolve amaldiçoar ou mentir, etc.

Mas ele não tem qualquer valor. Um pouco diferente da fofoca ou mexerico, pois não espalha boatos ou destrói reputações, a tagarelice comum é inútil e irrelevante, como muito daquilo que passa por novidade. Esta conversa vã, desperdiçada, também inclui elogios negativos e cumprimentos ambíguos.

O discurso que expressa amor ou afeição inclui elogiar o positivo e criticar sabiamente o negativo. Histórias e canções que elevam a alma, inspiram pessoas a melhorar ou inculcam bons hábitos fazem parte dessa categoria, assim como aquelas que mostram como são repulsivos os maus hábitos e fazem as pessoas desejar evitá-los.

Como os dois primeiros, o comentário de Rabi Shimon Gamliel não se aplica a esses. Se falássemos continuamente, o dia inteiro, e nosso discurso pertencesse às categorias um e quatro – palavras de Torá e mitsvot e conversação que inspira – isso seria ótimo.

É óbvio que não devemos falar falsidades ou ofender os outros com nossas palavras, assim como também é óbvio que tagarelice e "novidades" são uma perda de tempo e fôlego.

Isso nos leva à última categoria: O discurso permitido inclui a conversação que envolve de negócios, família, saúde e atividades cotidianas necessárias, como comer e beber. Não há nada de inerentemente positivo ou negativo neste tipo de conversa. Falar ou não falar, fica a critério da pessoa.

E sobre este tipo de conversa, nos diz Rabi Shimon ben Gamliel, o melhor é o silêncio, pois se você tem de falar, assegure-se de que suas palavras combinam com suas ações – e seja breve.

Lashon Hará - Fofoca

Quando Alguém Percebe de quem se Trata

Se não se pode falar lashon hara, maledicência, mas uma pessoa fala mal de você e você guarda rancor, poderá se abrir para alguém e contar o assunto, sabendo que mesmo que você não cite nomes, a pessoa perceberá de quem está se tratando?

RESPOSTA:

O Chafets Chaim, grande sábio e escritor do famoso livro sobre lashon hara, refere-se a um caso como o que você descreveu (Chafets Chaim 3:4).

Se uma pessoa conta uma história sem especificar nomes, porém o ouvinte entenderá sozinho de quem se trata, também esta transgredindo a proibição de lashon hara.

Mais do que isto, mesmo que em sua história a pessoa não contou nada negativo por si só, porém sabia que o ouvinte iria enxergar com olhos negativos o que estava contando, também é lashon hara. Este tipo de lashon hara é chamado por nossos Sábios de "lashon hara betsina" - "lashon hara encoberto".

Mágoa e Rancor

Qual a visão da Torá sobre guardar mágoa ou rancor de alguém que nos prejudicou anteriormente?

RESPOSTA:

Esta pergunta é fácil de ser respondida, porém é algo muito difícil de ser cumprida e por isto achamos interessante acrescentar alguns esclarecimentos, além da resposta direta que consta na Torá (Vayicrá19:18): "Não se vingue nem guarde rancor... ame a teu próximo como a si mesmo."

Como pode uma pessoa realmente não guardar mágoa ou rancor? A primeira reação natural depois de ser prejudicado, ofendido ou envergonhado por alguém é de querer devolver na mesma medida para o outro provar o que acabamos de sentir, na melhor das hipóteses; ou querer se vingar e machucá-lo, na pior das hipóteses.

Mesmo assim a Torá exige um comportamento ideal e exemplar - não somente não se vingar mas também não guardar rancor, nem sentir raiva, desejo de vingança, etc. no coração. E todo mundo acha que isto é algo impossível!

Basicamente a explicação vem de nossos Sábios no Talmud que fazem a seguinte afirmação: "Todo aquele que fica com raiva é considerado como que estivesse servindo ídolos."

Este dito é muito difícil de entender. Como se pode comparar os dois assuntos? Servir ídolos significa não acreditar em D'us Único, enquanto que ficar irado ou bravo é apenas uma emoção negativa.

O assunto foi explicado pelo Báal Shem Tov (fundador do Movimento Chassídico) e a explicação encontra-se no sagrado livro Tanya (Parte 4, cap. 25) do qual citaremos alguns trechos.

A pessoa que acredita que tudo vem de D'us sabe que Ele está ciente de tudo que ocorre no mundo. Estar ciente não significa que Ele é apenas um espectador, observando as

.....
coisas de longe ou de perto. Significa que o que acontece é porque assim D'us quis.

Embora o indivíduo que amaldiçoou, machucou ou prejudicou tem o livre arbítrio (opção de fazer o bem ou o mal), e optou pelo pecado de machucar seu semelhante, por causa desta escolha (errada) será punido pela justiça (humana e/ou celestial).

Porém, aquele que apanhou foi prejudicado, porque assim foi decretado nos Céus. E se o primeiro tivesse usado seu livre arbítrio de maneira correta (declarando para D'us: "Não quero fazer este ato negativo"), D'us teria muitos outros meios e "emissários" pelos quais poderia trazer o que foi decretado para o segundo.

Em outras palavras, na hora que alguém nos prejudica devemos saber e acreditar que ele é apenas um "mensageiro", um office-boy Divino.

Se a pessoa não pensa assim, na verdade não acredita em D'us! Pois se D'us não quisesse que tal coisa nos atingisse, aquele que quer nos machucar ou danificar não conseguiria atingir seu intento.

E se ele conseguiu é porque esta é a vontade de D'us. Logicamente ele não poderá alegar que "merece uma recompensa por cumprir a vontade de D'us", porque como explicado acima, ele poderia muito bem dizer: "Não quero fazer isso".

Se a pessoa que foi prejudicada não pensa desta maneira (que isso foi decretado para ela e aquele que "executou" o decreto foi "usado") então esta pessoa realmente não acredita em D'us.

E não acreditar em D'us é semelhante a servir ídolos. Agora é possível entender o dito dos nossos Sábios já mencionado.

Tudo isso é ótimo na teoria; na prática é muito difícil. Por isso exige um treino constante e um estudo profundo para poder assimilar este tipo de pensamento até que finalmente será possível aceitá-lo e incorporá-lo em nossas relações diárias.

Mesmo uma pessoa que já tenha estudado muito e tenha adquirido muito conhecimento de Torá também é apenas um ser humano com sentimentos, instintos e reações naturais que dificultam acatar este raciocínio. Porém "malhando" pode-se chegar lá. Não falamos que é fácil, mas tampouco impossível.

Cuidado Com o Que Sai da Boca

O ritual das leis relacionadas com tsaraat já não tem nenhuma aplicação prática; porém as lições morais nele contidas são de importância vital para nós.

A palavra "metsorá", de acordo com nossos sábios, liga a doença ao pecado da difamação, sugerindo que a lepra é a

punição pela maledicência. A gravidade da ofensa nota-se pela severidade do castigo.

Num laboratório científico, o cientista não apresenta uma nova teoria ou droga enquanto não a testa inúmeras vezes, verificando cada possibilidade; é assim que a verdade se estabelece. Muitas vezes, entretanto, julgamos as pessoas por evidências insignificantes e sem prova alguma, passando adiante suspeitas e causando danos.

Como precisamos ser sempre lembrados deste tipo de "higiene da boca"! O judaísmo admite que o que entra na boca é importante, mas o que dela sai não o é menos significativo.

Palavras e Pedras

Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

Em Mezibush, a cidade onde nasceu o Báal Shem Tov (fundador do Chassidismo, 1698-1760), dois moradores locais se envolveram numa desagradável disputa. Um dia, eles estavam gritando furiosamente um com o outro na sinagoga local quando um deles gritou: "Vou cortá-lo em pedaços com minhas próprias mãos!"

O Báal Shem Tov, que na ocasião estava na sinagoga, disse aos seus discípulos para formarem um círculo, cada qual segurando a mão do vizinho, e para fecharem os olhos.

Ele próprio fechou o círculo, colocando as mãos sobre os ombros dos dois discípulos que estavam à sua direita e esquerda. De repente, os discípulos gritaram assustados: por trás da pálpebras cerradas viram o homem furioso realmente cortando o outro em pedaços, exatamente como tinha ameaçado!

Palavras são como flechas, diz o Salmista, e como carvões fumegantes. Como flechas, explica o Midrash, pois um homem está em um lugar e suas palavras trazem confusão para a vida de outro homem a quilômetros de distância.

E como um carvão cuja superfície externa se extinguiu, mas cujo interior continua ardendo, assim também palavras malévolas continuam a produzir seu dano muito depois de seu efeito externo ter acabado.

As palavras podem matar de diversas maneiras. Às vezes desencadeiam uma sucessão de eventos que se transformam numa profecia auto-realizável; às vezes se desviam do objeto de seu veneno para atacar algum transeunte inocente; e às vezes retornam como um bumerangue para perseguir aquele que as atirou.

Mas seja qual for a rota que percorram, palavras odiosas inevitavelmente levam a ações odiosas, possivelmente anos ou até gerações depois de serem pronunciadas.

A natureza humana é tal que os pensamentos lutam para serem expressos em palavras faladas, e palavras faladas

.....
procuram se realizar através de ações – muitas vezes por caminhos tortuosos, que a pessoa que originalmente pronunciou as palavras não desejava nem previa.

Porém o poder da palavra age mais profundamente que seu potencial de se traduzir em ação. Mesmo que esse potencial jamais se concretize, mesmo se as palavras faladas não se materializarem no "Mundo de Ação", ainda assim elas existem no "Mundo da Fala", mais elevado e mais espiritual.

Pois o homem não é somente um corpo – é também uma alma; não é apenas um ser físico – mas também uma criatura espiritual. No plano físico, as palavras faladas podem ser importantes apenas como ações em potencial; na realidade da alma, elas são verdadeiras. Foi isso que o Báal Shem Tov quis mostrar aos discípulos concedendo-lhes um vislumbre ao mundo das palavras, habitado pelas almas de dois combatentes verbais. Ele queria que eles entendessem que cada palavra que dizemos é real, venha ou não a se concretizar no "Mundo da Ação" no qual reside nosso ser físico.

Num plano mais elevado e mais espiritual da realidade – uma realidade tão verdadeira para nossa alma quanto a realidade física é para nosso ser físico – toda palavra nossa é tão boa (ou tão má) quanto se fosse concreta. O mesmo se aplica, obviamente, no sentido positivo: uma palavra de louvor, de encorajamento, é tão boa como se ela se concretizasse na realidade espiritual da alma. Mesmo antes de uma boa palavra ter produzido uma boa ação, ela já tem um efeito profundo e duradouro sobre nosso estado interior e sobre o nosso mundo.

Coluna de Mexericos

Por Benyamin Cohen

Parashá Tazria e Parashá Metsorá tratam principalmente das leis a respeito do metsorá, aquele afligido com a doença espiritual de tsaarat. Como foi mencionado acima, a causa principal do tsaarat foi o pecado grave de lashon hará.

Aqueles que contraíram as desagradáveis lesões que cobrem parte da pele foram enviados para fora do acampamento por um grande período de tempo. Assim como a doença era de natureza espiritual, assim também ocorria com a cura. Quando D'us via que o indivíduo estava verdadeiramente arrependido, a doença desaparecia e ele podia novamente retornar para a sociedade.

Examinemos esta doença mais de perto. Um indivíduo acaba de ser atacado por uma doença terrível. Foi forçado a deixar sua família e viver fora do acampamento, sentindo constrangimento e vergonha. Qual o propósito desta punição? Não teriam sido mais apropriadas umas desculpas públicas em um jornal judaico local?

Devemos entender que o castigo Divino não é motivado por vingança, mas sim uma forma de terapia. O metsorá é banido do acampamento porque falou mal de outras

pessoas. Na sua situação momentânea, fora dos limites do acampamento e distante do contato humano, o indivíduo afligido clama por companhia. De certo modo, ele está em uma solitária. Conseqüentemente, aprenderá a apreciar o som da voz humana e quão afortunados somos por compartilhar este mundo com outras pessoas.

Quando compreender a importância da fraternidade e união, o metsorá entenderá o verdadeiro poder das palavras, e o efeito catastrófico que elas podem exercer sobre os outros se for usada de forma inadequada. Ele sentirá um reavivamento moral. Como você provavelmente já percebeu, esta doença não existe mais. Talvez D'us soubesse que a maioria de nós seríamos afetados por ela. Entretanto, a lição ainda permanece.

Devemos ser cuidadosos em nossos contatos diários com outras pessoas. Infelizmente, tornamo-nos acostumados a escutar a maledicência e dar ouvidos a fofocas. Na próxima vez que alguém falar: "Você sabe o que aconteceu com...?", devemos mudar de assunto ou afastar-nos, pois como dizem os sábios, quem dá ouvidos a mexericos é tão culpado como aquele que falou. Devemos levar a sério a lição do metsorá, e apreciar o imenso significado do companheirismo humano.

28 - Parashat Metsorá

Levítico 14:1-15:33

O Remédio Secreto

Um mascate judeu em Êrets Yisrael caminhava penosamente de uma aldeia a outra, vendendo seus produtos. Ao se aproximar da cidade de Tsiptori começou a anunciar: "Quem quer comprar um remédio que prolonga a vida?"

Um dos sábios, Rabi Yanai, estava passando e ouviu as palavras do ambulante.

"Venda-me seu remédio!" - pediu ao mascate.

"Ao senhor e aos outros santos sábios eu não o venderei; não precisam disso," respondeu o homem.

"Por favor, venda-o," Rabi Yanai implorou.

Então o mascate pegou um livro de Tehilim e mostrou um versículo a Rabi Yanai: "Quem é o homem que deseja a vida? Quem quer ter dias longos e bons? Proteja sua língua para não falar o mal e seus lábios de dizer mentiras (Tehilim 34:13-14)!"

Aquele que é cuidadoso para não falar lashon hará merecerá a vida no Mundo Vindouro. Ele terá também dias longos e agradáveis neste mundo."

Rabi Yanai comentou: "Isto é realmente um bom remédio."

O rei Shelomô nos advertiu de forma similar em seu livro Mishlê: "Shomer piv uleshono shomer mitsarot nafsho" ; "Aquele que vigia sua língua e a boca, protege o corpo de problemas." A palavra **tsará (problema)** é quase a mesma que tsaráat.

Aquele que se refreia e não fala lashon hará, protege-se contra tsaráat.

O Que é Lashon Hará e Por Que é Tão Grave

Lashon hará é uma observação negativa verdadeira sobre outra pessoa. A Torá nos proíbe de fazer tal declaração ou de dar ouvidos a ela.

Nossos sábios nos ensinam que um judeu que fala lashon hará peca tão gravemente como um assassino, um adúltero ou um idólatra. Na época do Bet Hamicdash um judeu que falasse lashon hará era punido com tsaráat.

É fácil entendermos porque um judeu que cometeu assassinato ou roubo ficou com tsaráat. São crimes graves. Mas por que um judeu que profere umas poucas palavras proibidas também recebe tsaráat?

Eis algumas das razões pelas quais lashon hará é considerado uma falha tão séria.

É muito difícil, e às vezes quase impossível, fazer teshuvá por haver falado lashon hará. Para fazer teshuvá, a pessoa deve sentir-se arrependida por haver falado lashon hará e decidir nunca mais repetir este falha. Mas não é suficiente. Ela deve também dirigir-se à pessoa sobre a qual falou e desculpar-se.

É muito difícil procurar um parente ou amigo e dizer: "Falei lashon hará sobre você; por favor, perdoe-me!" Isto é tão constrangedor que a maioria das pessoas não o fará.

Mesmo se uma pessoa deseja pedir o perdão de outra, pode acontecer de ter falado lashon hará sobre um grupo de pessoas e não pode desculpar-se com todas elas. Ou pode ter falado lashon hará sobre alguém que viajou ou faleceu.

A teshuvá completa pela grave falha de lashon hará é muito difícil. Por isso, devemos ser cuidadosos para evitar este pecado.

Lashon hará frequentemente é cometido mais de uma vez. Quando se trata de roubo ou assassinato, um judeu entende que deve fazer teshuvá e nunca cometer o ato novamente. Mas quando trata-se de lashon hará, a pessoa erroneamente pode pensar: "Que diferença faz umas poucas palavras?"

D'us quer que todos os judeus vivam em paz uns com os outros.

O lashon hará causa ressentimentos e brigas entre o ouvinte e aquele de quem se falou. Frequentemente alguém pode recusar-se a ser amigo de outro, apenas porque certa vez escutou algo de negativo sobre ele.

O metsorá era obrigado a sair do acampamento e ficar isolado, pois foi ele quem causou rompimento de amizades. Mesmo fora do acampamento ninguém tinha permissão de aproximar-se dele. Ficava separado da família, amigos e vizinhos.

Devemos Usar a Língua para a Finalidade Correta

De todas as criaturas que D'us criou, apenas seres humanos podem falar. (Embora animais possam comunicar-se de algumas formas, não usam as palavras). O dom da palavra é um presente de D'us à humanidade.

Por isso, D'us nos ordenou manter nossas línguas puras e usá-las para palavras de Torá e chessed (bondade). Pela maneira que nos expressamos, pode-se perceber que tipo de pessoa somos.

A Guemará conta a seguinte história:

Dois estudantes estavam sentados em frente ao sábio Hilel e discutiam uma Mishná. Um deles perguntou: "Por que **uvas** devem ser colhidas em recipientes **puros**, ao passo que **azeitonas** podem ser cortadas em recipientes **impuros**?" Ele então explicou a resposta da Mishná.

O outro aluno usou palavras diferentes para fazer a mesma pergunta: "Porque uvas devem ser colhidas em recipientes puros, e azeitonas não necessitam ser colhidas em recipientes puros?" **Ele foi cuidadoso em evitar a palavra impuro.**

Quando Hilel ouviu as palavras do segundo estudante, disse: "Tenho certeza que este aluno, que foi tão cuidadoso em usar apenas palavras boas, tornar-se-á um mestre de Torá para o povo judeu!" E assim aconteceu; ele tornou-se um grande professor de halachá (lei judaica).

Há outra história a respeito de três cohanim que comentavam entre si o tamanho da porção de lêchem hapanim (o pão do shulchan) que haviam recebido.

O primeiro disse: "Recebi uma porção pequena como uma ervilha."

O segundo declarou: "Recebi um kezáyit, um pedaço do tamanho de uma azeitona."

O terceiro falou: "Recebi um pedaço do tamanho da cauda do lagarto."

Este último exemplo não era uma comparação correta. Não era apropriado comparar uma porção do sagrado lêchem hapanim à cauda de um lagarto, um animal impuro.

.....
Quando os sábios ouviram esta declaração, conferiram a árvore genealógica do cohen.

Descobriram que havia nascido de um casamento proibido para os cohanim. "Não lhe foi mais permitido servir no Bet Hamicdash.

Destes relatos aprendemos quão importante é usar uma linguagem pura, refinada, e não vulgar.

Como um Metsorá Torna-se Puro

Como já explicamos, um das razões principais que causavam tsaraát era o lashon hará.

A palavra **metsorá (aquele que tem tsaraát)**, é parecida com a palavra **motsirá, (alguém que fala o mal)**. Se o metsorá fez teshuvá enquanto estava fora do acampamento, D'us fazia as manchas brancas na pele desaparecerem.

O metsorá se sentia aliviado quando percebia que as marcas tinham desaparecido. Ele então chamava um cohen. O cohen caminhava até fora do acampamento para examiná-lo.

O cohen dizia: "Começaremos a torná-lo **tahor (puro)**. Hoje é o primeiro dia de sua tahará (purificação). No oitavo dia você oferecerá corbanot, ficará completamente puro e poderá juntar-se à sua família."

Após a oferta dos corbanot o judeu tornava-se puro novamente e podia reunir-se à família. **Ele sentia-se quase como alguém que havia morrido e voltara a viver.**

Este homem jamais falaria lashon hará novamente! Certamente prestaria mais atenção às suas futuras palavras.

O Midrash explica:

Por que duas aves, um graveto de cedro e ezov (grama) eram usados para purificar o metsorá? Por que a Torá nos ordenou usar aves para purificar o metsorá? D'us, assim, está lhe dizendo: "Você agiu como um pássaro! Um pássaro chilreia constantemente! Você também falou e falou, sem prestar atenção no que dizia."

Por que um pássaro é abatido e o outro é libertado?

O pássaro colocado em liberdade significa: Se você usar sua língua com palavras de Torá e bondade, estará usufruindo da vida de modo correto.

A **grama** e o **cedro** são totalmente opostos.

O cedro é a mais alta das árvores e o ezov, o mais baixo dos arbustos.

O metsorá é lembrado: Por que você falou lashon hará? Porque pensou que era um cedro – melhor que os outros. Para evitar falar lashon hará no futuro, deve sentir-se humilde como a grama.

Por que D'us trazia tsaraát às casas?

D'us às vezes também enviava manchas de tsaraát às paredes das casas. Isto acontecia por uma série de razões:

Uma casa judia é especial. As portas têm mezuzot, e a cada sete dias transforma-se em um palácio, recebendo o Shabat. O dono de um verdadeiro lar judeu abre suas portas àqueles que necessitam de comida, tsedacá, um empréstimo, ou qualquer outro tipo de ajuda.

Entretanto, se um judeu tem uma bela casa, mas nega-se a ajudar àqueles que precisam de dinheiro ou objetos, de uma refeição ou um lugar para dormir, D'us o pune. No tempo do Bet Hamicdash, D'us fazia com que aparecesse tsaraát nas paredes da casa.

O cohen então tinha que lacrar aquela casa. E o dono nem ao menos podia entrar em sua própria residência, da mesma forma que a havia fechado para outros que pediram ajuda. E se as manchas de tsaraát continuavam voltando, a casa tinha de ser demolida. Desta maneira, ele era punido por não compartilhar sua casa e seus pertences com outros judeus.

Tsaraát nas paredes era uma recompensa: Tsaraát às vezes atingia as paredes de uma casa cujo dono não cometera uma falha.

Para esse, a tsaraát era uma recompensa. Descobriam ouro, prata e objetos de valor que haviam sido escondidos nas paredes. Isto jamais teria sido descoberto se não fosse pelas manchas de tsaraát aparecendo nas paredes.

O Que Acontecia se a Casa tinha Tsaraát

Se um judeu que vivesse em qualquer cidade em Eretz Yisrael (exceto Jerusalém) e achasse uma mancha na parede, ele chamava um cohen e lhe dizia: "Percebi uma mancha em uma das paredes. Parece tsaraát." O cohen ordenava: "Antes que eu vá, tire todos os pertences de sua casa!" Desta maneira, os objetos não se tornariam impuros, caso o cohen decidisse trancar a casa.

Como explicamos, uma das razões pelas quais D'us mandava tsaraát a uma casa era por causa da avareza do proprietário. **Recusava-se a emprestar seus pertences a outrem,** pensando que jamais alguém pudesse descobrir quantos objetos tinha escondido em sua casa.

Agora ele precisava colocar seus utensílios e pertences à mostra, na rua. Todos os vizinhos viam os objetos que tinha mantido em segredo nos armários. Talvez isto despertasse a teshuvá nele.

Então, quem sabe, D'us deixasse as manchas de tsaraát nas paredes da casa desaparecerem ou tornarem-se mais fracas. Porém, se não o fizesse, o cohen afirmava que a mancha na parede era tsaraát. Ordenava, então: "Esta casa deve ser trancada por sete dias!"

Após uma semana, finalmente, a família tinha permissão de retornar para sua casa. **Se os membros daquela família tivessem sido mesquinhos ou antipáticos, certamente tornar-se-iam generosos e humildes.**

Primeiro, seus pertences haviam sido colocados na rua. **Depois eles foram mantidos fora de casa por uma semana (algumas vezes por três semanas).**

O tempo todo temeram que o tsaraát pudesse se espalhar e que a casa tivesse que ser demolida. **Agora percebiam que o lar de uma pessoa e todas suas posses na verdade pertencem a D'us. Dinheiro e objetos nos são concedidos para que os usemos com o propósito correto.**

Tsaraát era um Milagre

Quando Moshê ensinou as leis de tsaraát a Benê Yisrael, eles tornaram-se temerosos deste terrível problema de pele.

Mas Moshê os acalmou: **"Vocês não precisam ter medo! Tsaraát é um sinal de D'us que vocês são uma nação sagrada. D'us adverte-os a fazerem teshuvá. Isto é um privilégio que D'us não concede a nenhuma outra nação!"**

O tsaraát provou a Benê Yisrael o quanto D'us se preocupava com eles.

Os judeus tiveram que guardar as leis de tsaraát apenas em Êrets Yisrael; não em outros países.

Êrets Yisrael é uma Terra Santa, onde a Shechiná repousa; por isso, os judeus que lá vivem devem ser mais cuidadosos com as mitsvot que outros vivendo fora da Terra Santa.

Duas Aves

Por Yosef Y. Jacobson

A seção dessa semana da Torá, Metsorá, (Vayicrá capítulos 12 a 15), discute as leis de tzaraat, geralmente traduzida como "lepra". Tzaraat era uma doença cuja marca de identificação era uma mancha branca (ou manchas) na pele de uma pessoa, nas paredes de uma casa ou nas roupas.

Essa mancha, além de vários sintomas secundários, determinavam que a pessoa estava temporariamente "impura" e exigia-se que ela se separasse do público e passasse por um intenso processo de introspecção e cura moral.

Depois que os sintomas da doença desapareciam, começava um detalhado processo de purificação, após o qual a pessoa era considerada pura novamente **e restaurada à sua condição sem manchas morais.**

Para essa tarefa era empregado um serviço estranho e singular. Traziam-se duas aves. Uma era abatida e seu sangue derramado num recipiente de barro com água da fonte; a outra ave, juntamente com um pedaço de madeira de cedro, fio de crinolina (uma lâ tingida com pigmento feito de inseto ou caracol) e um hissopo (uma planta muito baixa) eram mergulhados na mistura de água e sangue e salpicados sobre a pessoa a ser purificada, sete vezes. A segunda ave era então libertada "em campo aberto".

Qual o significado por trás desse ritual aparentemente bizarro?

Os sabios explicam¹: "Como a praga da tzaraat (lepra) vem como castigo pela conversa maldosa e com malícia, difamando outro ser humano, o que é um ato de tagarelice, lashon Hará, são necessárias aves para a purificação, pois as aves ficam papagueando continuamente com um som de tagarelice."

A questão, obviamente, é por que o papaguear das aves simboliza a conversa incessante? E por que uma ave era sacrificada enquanto a outra era libertada para continuar sua vida?

Os Pássaros Falantes

Singular sobre o papaguear das aves é que muitas delas imitam a fala humana. Pássaros falantes têm graus variados de inteligência e capacidade de comunicação. Algumas, como o corvo, uma ave altamente inteligente, somente são capazes de imitar algumas poucas palavras e frases, ao passo que já foram observados periquitos com vocabulário de mais de mil palavras.

Quando eu era criança, todo dia às 16h quando voltava da escola, nosso papagaio esperava para me saudar. Assim que eu passava pela porta, Skoopy – como o chamávamos – começava a saltar dentro da gaiola e chilreava empolgado o meu nome "Yosef Yitzchak".

Ora, Skoopy não conseguia dizer "Yosef Yitschak", meu nome completo (até alguns amigos meus têm dificuldade em me chamar pelos dois nomes), portanto ele me chamava "Tsfitzak". Era uma delícia voltar para casa toda tarde e ter meu nome repetido umas 20 vezes com tanto entusiasmo!

Skoopy ficou velho, doente, e certo dia morreu. Minha mãe e eu o enterramos no quintal da nossa casa no Brooklyn. Despedi-me do bom e velho Skoopy, sabendo que ninguém mais me chamaria de "Tsfitzak" novamente, nem pronunciaria meu nome vinte vezes quando eu voltasse da escola.

Apesar dos meus cálidos sentimentos por Skoopy, como muitos papagaios, ele podia apenas imitar fragmentos do

.....
meu nome. Até as aves que sabem como imitar a conversa humana geralmente balbuciam apenas fragmentos do diálogo humano.

Palavras Entrecortadas

É por isso que a Torá emprega as aves numa tentativa de nos curar da conversa maldosa. Quando falamos mal de outras pessoas, a conversa pode ser inteligente, aliciante e com certeza “suculenta”. Porém, as palavras sendo faladas são entrecortadas, vindo de seres humanos que também são quebrados.

Indivíduos engajados em conversa negativa sobre outros são como pássaros: estão imitando a linguagem humana; podem até estar empregando expressões sofisticadas, mas na verdade suas palavras não são composições humanas; elas meramente imitam seres humanos.

Pessoas **notáveis** falam sobre ideias; pessoas **comuns** falam sobre coisas; pessoas **inferiores** falam sobre outras pessoas.

Quando você está conectado à sua humanidade, suas palavras carregam um quê de majestade e dignidade. Suas palavras são sinceras, reais, profundas, puras, vindas da humanidade dentro do seu ser.

Não é por acaso que o Targum (tradução aramaica autorizada da Torá) traduz a frase “uma criatura viva”, descritiva do primeiro homem, como **“um espírito falante” (ruach memalelah 2)**. **Ser humano é imitar o Divino que criou o universo por meio de palavras. Nós também temos o poder de criar mundos**, abraçar almas e curar corações através das palavras. Cada palavra que usamos pode ser condutora de amor e bênçãos.

Porém quando temos medo de ser humanos – genuinamente humanos – recorremos à conversa maliciosa que difama e degrada outras pessoas.

Em nossa necessidade desesperada de nos sentir melhor a respeito de nós mesmos, descrevemos a inferioridade dos outros.

Em nossa necessidade premente de elevar a nós mesmos, rebaixamos os outros.

A maledicência brota do tédio, ou insegurança, ou apatia, ou negatividade interior. Todas essas qualidades indicam o espírito alquebrado, empobrecido. Não admira que quando seguimos este tipo de conversa um vazio incurável se instala em nossa psique.

D'us criou o mundo através de palavras e nos deu o poder de destruí-lo através das palavras. Quando empregamos este poder, nós mesmos nos sentimos alquebrados também.

O Talmud declara 3: “Palavras más matam três pessoas: aquela que fala, aquela de quem se fala, e a pessoa que escuta – **e a pessoa que escuta é pior do que aquela pessoa que falou.**”

Transformação

A cura da lepra envolve duas aves. Uma é abatida e seu sangue derramado num recipiente com água da fonte. Isso representa o sangue e a destruição causados pela conversa maledicente e como ela polui a vibração e o frescor da vida.

Ora, a segunda ave é mergulhada no sangue e então libertada para continuar a chilrear livremente. Isso simboliza que agora devemos aprender como sublimar nossas palavras fragmentadas e suas consequências alquebradas. **Não basta parar de falar; em vez disso, precisamos voltar e transformar nossa linguagem fragmentada em comunicação integral; nossas conversas mediócras em diálogo autêntico.**

A segunda ave ensina que somos responsáveis não apenas pelas nossas palavras; somos também convocados a prestar contas por todas as palavras que poderíamos ter dito mas não dissemos.

“A palavra que você preferiu não dizer, quem sabe quão grande ela poderia ter soado?” A segunda ave é assim mandada embora para o campo para chilrear e espalhar a importância da gentileza e da fala positiva.

Uma história

Um homem que não era cuidadoso com suas palavras foi a um Rabino. Ele tinha decidido mudar e precisava de conselhos sobre como conseguir isto. O Rabino deu-lhe uma resposta muito peculiar.

“Leve um travesseiro de penas para a rua e solte as penas em todas as direções.”

O homem ficou perplexo, mas estava decidido a fazer o que lhe fosse aconselhado para mudar sua vida. Após fazer conforme as instruções, ele voltou ao Rabino.

“Agora o que devo fazer?” perguntou ele.

“Volte à rua e recolha todas as penas, até a última delas,” foi a resposta.

Mais uma vez o homem foi para a rua e começou sua difícil tarefa.

Por fim, ele voltou ao Rabino derrotado, relatando sua incapacidade de seguir as últimas palavras de conselho. “Lembre-se,” disse o Rabino, “suas palavras são como aquelas penas. Depois que saem da sua boca, jamais retornam”.

“Certifique-se que as palavras que você solta sejam aquelas que você não precisa ir atrás para recolher.”

NOTAS

1. Talmud Erkin 16 a, citado em Rashi sobre Vayicrá 14:4. E quanto aos outros componentes usados neste ritual? “Porque ele exaltou a si mesmo como um cedro... deveria humilhar-se como uma grama” (Midrash Tanchuma citado em Rashi ibid.).

O fio de crinolina também – feito de lã tingida com pigmento feito de um inseto ou caracol – representava a mesma ideia que o hissopo, um arbusto pequeno – a necessidade de humildade e sensibilidade (veja Rashi ibid.). 2. Bereshit 2:8. 3. Erkin 15b.

Erupção

Por Michel Alterman

Dentre os inúmeros detalhes de tsaraat discutidos na Parashá Tazria, encontramos um em particular que parece ser totalmente contrário à lógica humana.

A Torá nos diz que se uma pessoa está totalmente coberta, da cabeça aos pés, com as manchas brancas indicativas de tsaraat, ele é considerado como não passível de sofrer da temida doença, e permanece **tahor (Vayicrá 13:13)**.

Qualquer problema de menor monta, limitado apenas a uma área do corpo torna-o completamente **tamei**, e as leis de tsaraat tornam-se aplicáveis.

Como é possível que alguém com uma dose limitada da doença seja considerado completamente afligido, enquanto um com a maior erupção imaginável permaneça totalmente são?

Sabemos que o objetivo principal de D'us ao fazer que alguém contraia tsaraat é servir de advertência de que a pessoa **não está sendo suficientemente escrupulosa em seu cumprimento de uma de muitas mitsvot, incluindo as injunções contra falar lashon hará e comportar-se arrogantemente.**

A pessoa, portanto, contrai uma horrível moléstia que resulta em sua remoção do acampamento por um longo período de completo isolamento. Esta pode ser a oportunidade perfeita para que ele reflita sobre sua trajetória na vida, e reavalie seus atos.

Tal tratamento e solidão são necessários, especialmente para descobrir “pequenos” erros de julgamento, os enganos que de outra forma poderiam passar despercebidos.

Portanto, por um caso menos grave de tsaraat, o isolamento é requerido para induzir a uma séria introspecção. Entretanto, se o caso do tsaraat é tão sério que o afeta da cabeça aos pés, desta maneira alardeando seus erros tanto para si como para todos as outras

pessoas, um período de isolamento mais longo não é necessário para provocar o arrependimento.

Hoje em dia, quando não mais merecemos ter sinais tão claros de D'us, é vital que examinemos nossos atos, fazendo nosso próprio teste para determinar se de fato estamos cumprindo a orientação determinada pela Torá.

Embora o caminho correto nos seja freqüentemente tão claro como a tsaraat que cobria alguém da cabeça aos pés, muitas vezes as decisões devem ser tomadas após avaliação cuidadosa, e eliminando muitos de nossos preconceitos e inclinações – as pequenas manchas de tsaraat.

Apenas com nossa definitiva internalização destes valores, podemos com segurança evitar os perigos de metsorá.

Palavras e Pedras

Seja qual for a rota que percorram, palavras odiosas inevitavelmente levam a ações odiosas

Por Yanki Tauber

Em **Mezibush**, a cidade onde nasceu o Báal Shem Tov (fundador do Chassidismo, **1698-1760**), dois moradores locais se envolveram numa desagradável disputa.

Um dia, eles estavam gritando furiosamente um com o outro na sinagoga local quando um deles gritou: “Vou cortá-lo em pedaços com minhas próprias mãos!”

O Báal Shem Tov, que na ocasião estava na sinagoga, disse aos seus discípulos para formarem um círculo, cada qual segurando a mão do vizinho, e para fecharem os olhos.

Ele próprio fechou o círculo, colocando as mãos sobre os ombros dos dois discípulos que estavam à sua direita e esquerda. De repente, os discípulos gritaram assustados: por trás da pálpebras cerradas viram o homem furioso realmente cortando o outro em pedaços, exatamente como tinha ameaçado!

Palavras são como flechas, diz o Salmista, e como carvões fumegantes. Como flechas, explica o Midrash, pois um homem está em um lugar e suas palavras trazem confusão para a vida de outro homem a quilômetros de distância.

E como um carvão cuja superfície externa se extinguiu, mas cujo interior continua ardendo, assim também palavras malévolas continuam a produzir seu dano muito depois de seu efeito externo ter acabado.

As palavras podem matar de diversas maneiras. Às vezes desencadeiam uma sucessão de eventos que se transformam numa profecia auto-realizável; às vezes se desviam do objeto de seu veneno para atacar algum

.....
transeunte inocente; e às vezes retornam como um bumerangue para perseguir aquele que as atirou.

Mas seja qual for a rota que percorram, palavras odiosas inevitavelmente levam a ações odiosas, possivelmente anos ou até gerações depois de serem pronunciadas.

A natureza humana é tal que os pensamentos lutam para serem expressos em palavras faladas, e palavras faladas procuram se realizar através de ações – muitas vezes por caminhos tortuosos, que a pessoa que originalmente pronunciou as palavras não desejava nem previa.

Porém o poder da palavra age mais profundamente que seu potencial de se traduzir em ação. Mesmo que esse potencial jamais se concretize, mesmo se as palavras faladas não se materializarem no "Mundo de Ação", ainda assim elas existem no "Mundo da Fala", mais elevado e mais espiritual.

Pois o homem não é somente um corpo – é também uma alma; não é apenas um ser físico – mas também uma criatura espiritual. No plano físico, as palavras faladas podem ser importantes apenas como ações em potencial; na realidade da alma, elas são verdadeiras.

Foi isso que o Báal Shem Tov quis mostrar aos discípulos concedendo-lhes um vislumbre ao mundo das palavras, habitado pelas almas de dois combatentes verbais. **Ele queria que eles entendessem que cada palavra que dizemos é real, venha ou não a se concretizar no "Mundo da Ação" no qual reside nosso ser físico.**

Num plano mais elevado e mais espiritual da realidade – uma realidade tão verdadeira para nossa alma quanto a realidade física é para nosso ser físico – toda palavra nossa é tão boa (ou tão má) quanto se fosse concreta.

O mesmo se aplica, obviamente, no sentido positivo: uma palavra de louvor, de encorajamento, é tão boa como se ela se concretizasse na realidade espiritual da alma.

Mesmo antes de uma boa palavra ter produzido uma boa ação, ela já tem um efeito profundo e duradouro sobre nosso estado interior e sobre o nosso mundo.

29 - Parashat Acharê

Levítico 16:1-18:30

O Códesh Hacodashim

No dia em que os filhos de Aharon, Nadav e Avihu faleceram, D'us disse a Moshê: "Veja que seu irmão Aharon não repita o erro de Nadav e Avihu! Porque desejavam tanto aproximar-se de D'us, entraram no Códesh Hacodashim, Santo dos Santos sem permissão. Por causa disso, foram punidos.

Nenhum judeu, exceto o cohen gadol, deverá jamais entrar no Santo dos Santos. A Shechiná ali repousa. **Mesmo**

Aharon, o cohen gadol, pode entrar ali apenas quatro vezes em Yom Kipur para fazer o serviço. Se entrar uma quinta vez, será punido por D'us."

Havia apenas uma pessoa que era diferente: D'us disse a Moshê: "Você, Moshê, é diferente. Pode entrar no local mais sagrado a qualquer hora que desejar, porque você é extremamente santo." D'us ensinou Moshê o serviço especial de Yom Kipur. Explicaremos aqui algumas das leis principais:

O próprio cohen gadol deveria realizar todo o serviço no dia de Yom Kipur

Todos os corbanot de Yom Kipur eram oferecidos pelo próprio cohen gadol, não por qualquer outro cohen. Por que? Neste dia D'us perdoa os pecados do povo judeu. Por isso, os corbanot (sacrifícios) eram tão importantes que deveriam ser oferecidos pelo cohen mais sagrado de todos, o cohen gadol.

As Roupas do Cohen Gadol

Um cohen gadol usava oito vestes enquanto fazia o serviço. Destas oito, quatro não continham ouro.

Em Yom Kipur, antes que o cohen gadol entrasse no Santo dos Santos, removia suas quatro vestes de ouro para que ficasse apenas com as quatro de linho branco. Por que?

Como D'us perdoa os pecados do povo judeu em Yom Kipur, o cohen gadol deve ser muito cuidadoso para não permitir que o anjo acusador ache alguma coisa para criticar sobre Benê Yisrael. **Se o cohen gadol vestisse vestes "de ouro", o anjo acusador apontaria para o ouro e lembraria D'us : "Benê Yisrael fez um bezerro de ouro!"**

Uma outra razão pela qual o cohen gadol vestia apenas túnicas de linho ao entrar no Santo dos Santos era que vestes de linho são brancas. O branco sugere pureza e perdão. Isso demonstra que o cohen gadol está pedindo a D'us que perdoe os pecados de Benê Yisrael.

O Nome Sagrado de D'us

O nome de D'us é tão sagrado que quando lemos a Torá ou quando rezamos, não pronunciamos as letras do nome de D'us como são escritas. Ao invés disso, dizemos Adonai, que significa "Meu Mestre."

Entretanto o cohen gadol em Yom Kipur tinha que pronunciar o nome Divino – Yud Hey Vav Hei – por completo.

Ele pronunciava este nome dez vezes em Yom Kipur.

Quando as pessoas no pátio ouviam o sagrado nome de D'us sair da boca do cohen gadol, todos se prostravam e respondiam: **"Baruch Shem Kevod Malchutô Leolam**

.....
Vaed" – "Bendito seja o nome (de D'us) que Seu glorioso reino perdure para toda a eternidade."

Sempre que o nome de D'us era mencionado, este era louvado. Esta era uma regra do Bêth Hamicdash: quando o grande nome de D'us era pronunciado, deveria ser louvado.

O Santo dos Santos era a parte mais sagrada do Bet Hamicdash , porque a Shechiná repousava entre sobre a arca. A Shechiná é tão sagrada que a pessoa não pode vê-la completamente enquanto vive. O grande tsadic, Moshê, pode ver a Shechiná apenas "por trás".

O cohen gadol em Yom Kipur nunca viu a Shechiná claramente, porque quando queimava o incenso no Santo dos Santos, a fumaça enchia o aposento. Mesmo assim, apenas um homem muito santo sobreviveria ao entrar no Santo dos Santos.

Antes que o cohen gadol entrasse, uma corrente de ouro era presa a seu pé. Ele era puxado para fora caso morresse lá.

O cohen gadol ficava temeroso quando entrava no local mais sagrado.

O que lhe dava coragem era saber que grande **zechuyot (méritos)** o acompanhavam. D'us o protegeria especialmente por causa destes grandes méritos: **a Torá, o brit-milá, o Shabat, a cidade de Yerushalayim e as Tribos de Israel.**

Leis Especiais de Yom Kipur

D'us disse a Moshê: "Todos os anos, em **dez de Tishré,** o Povo de Israel deve guardar **Yom Kipur.** Yom Kipur é o dia no qual Eu perdoo seus pecados."

Em Yom Kipur todo judeu deve jejuar o dia todo.

Após a destruição do Bet Hamicdash, o povo judeu perguntou a D'us: "Senhor do Universo! Não temos corbanot para oferecer em Yom Kipur. O que faremos?"

D'us respondeu: "Agora vocês devem fazer a avodá (serviço) com seus lábios. Rezem a Mim ao invés de oferecerem corbanot! Suas tefilot me são tão caras quanto o serviço do Bet Hamicdash . Eis a razão pela qual passamos todo o Yom Kipur rezando e fazendo teshuvá.

Pronunciamos **viduy (confissão de nossos pecados)** em todas orações.

O dia de Yom Kipur tem o poder especial de apagar nossos pecados, mais do que qualquer outro dia do ano.

Rabi Akiva costumava dizer: "Quão afortunados são vocês, Israel! Perante Quem se purificam? Diante de seu Pai nos Céus! **D'us é chamado de micvê.**

Da mesma forma que um micvê purifica a pessoa que é **tamê,** assim D'us purifica vocês de sua **tum'á.**" Em outras palavras, ao fazermos nossa parte para nos purificar – quando dizemos viduy e fazemos teshuvá em Yom Kipur – então D'us remove de nós a impureza.

Uma história - Não devemos adiar a teshuvá:

Na juventude, um judeu de nome Rêsh Lakish e dois de seus bons amigos eram salteadores de estrada. Costumavam render viajantes e roubá-los de seus bens.

Certa vez Rabi Yochanan encontrou o jovem Rêsh Lakish e ficou impressionado com ele. "Você deveria desistir de sua ocupação pecaminosa e dedicar sua força e sua mente ao estudo de Torá," disse-lhe.

Rêsh Lakish ouviu Rabi Yochanan e disse aos amigos: "Começarei a estudar no Bet Hamicdash. Querem me acompanhar?" Mas seus amigos não se interessaram; preferiram permanecer assaltantes.

Quando Rêsh Lakish começou a estudar Torá, tornou-se cômico da gravidade de seus erros. Jejuou, rezou, confessou seus pecados e prometeu a D'us que jamais retornaria a seus antigos dias de perversidade. D'us aceitou sua teshuvá e perdoou-o integralmente.

Rêsh Lakish tornou-se tão profundamente interessado no estudo de Torá que permanecia constantemente na Casa de Estudos. Tornou-se um famoso mestre de Torá, conhecido também por sua confiança em D'us. Nunca guardava dinheiro, ao contrário, costumava dividi-lo entre os pobres.

D'us fez com que **Rêsh Lavish** e seus dois amigos morressem no mesmo dia. Os dois companheiros puderam ver que Rêsh Lakish fora conduzido ao Gan Eden, enquanto os anjos carregavam suas almas até uma parte do Guehinom onde ladrões e assaltantes eram punidos.

"Senhor do mundo, isso não é justo!" gritaram ambos. "Conhecemos o judeu que foi levado ao Gan Eden – nós três costumávamos assaltar juntos! Merecemos tratamento igual!" D'us respondeu-lhes: "Rêsh Lakish fez teshuvá e vocês não!"

"Então faremos teshuvá agora," responderam os dois.

"Tarde demais," declarou D'us. "A pessoa pode fazer teshuvá apenas durante a vida. Depois que morre, é recompensado somente pelo que fez durante sua vida."

O homem é comparado a um viajante que empreende uma jornada pelo oceano. Os víveres que preparou quando estava em terra, terá ao seu dispor no navio. Aquele que nada prepara, morrerá de fome.

Esta história nos ensina que um judeu jamais deve adiar a teshuvá. Se souber que cometeu uma transgressão, deve tomar a resolução de jamais repeti-la. Entretanto, D'us

.....
selecionou um tempo especial para fazer teshuvá: Yom Kipur. Nesta época, D'us aceita teshuvá mais facilmente.

Porém há algumas transgressões não são perdoadas em Yom Kipur, mesmo que a pessoa faça teshuvá:

Ofensas cometidas com a certeza de que serão perdoadas em Yom Kipur – se alguém diz: "Cometerei pecados durante todo o ano, porque sei que D'us me perdoará assim que eu fizer teshuvá em Yom Kipur," essas transgressões não serão perdoadas.

Ofensas feitas ao próximo, a menos que lhe peça perdão – Se um judeu pecou contra D'us, por exemplo, se realizou trabalho proibido no Shabat, D'us o perdoa após fazer teshuvá. Mas se um judeu ofende o próximo judeu – por exemplo, insulta um amigo – sua teshuvá não é suficiente.

Deve também procurar o amigo e pedir-lhe perdão.

Então, quando fizer teshuvá – a qualquer tempo, e particularmente antes de Yom Kipur – assegure-se de pedir perdão à cada pessoa que tenha ofendido.

O Midrash esclarece como nossos ilustres Sábios pediam perdão uns aos outros:

Rabi Yirmiy'áhu teve um desentendimento com **Rabi Abba**, e decidiu aplacá-lo. Quando chegou à casa de Rabi Abba, sentou-se no degrau da porta de entrada. Neste exato momento a empregada saiu. Estava carregando água suja e derramou um pouco sobre **Rabi Yirmiy'áhu**.

"Estou me transformando em lixo aqui," disse ele. "É melhor ir-me embora." Dito isso, começou a caminhar para casa.

Neste ínterim, Rabi Abba ouviu o que a empregada fizera e correu atrás de Rabi Yirmiy'áhu para desculpar-se com ele. Quando Rabi Yirmiy'áhu viu, voltou-se para pedir desculpas. Mas Rabi Abba disse: "Nada disso, eu é que devo pedir perdão e não o contrário, porque você foi maltratado em minha casa."

Perdoaram-se mutuamente e tornaram-se amigos outra vez.

Corbanot – Sacrifícios

Adam e Nôach, bem como nossos patriarcas – Avraham, Yitschac e Yaacov – construíram altares sobre os quais ofereciam corbanot a D'us. Mas, uma vez construído o Bet Hamicdash, **D'us ordenou: "Nenhum judeu pode oferecer-Me um corban sobre um altar fora do Mishcan (ou do Bet Hamicdash)."**

Caso eles tivessem recebido permissão de construir altares em qualquer lugar, os judeus logo teriam imitado as nações não-júdas que construíram tais altares para ídolos. Já que **um judeu sempre deveria ir ao Mishcan ou ao Bet**

Hamicdash para fazer sua oferenda, não chegaria a oferecer sacrifícios a ídolos.

A Torá nos faz três advertências sobre a proibição de ingerir sangue ou **comer um animal que não seja casher:**

Um judeu não pode ingerir sangue de um animal: Como explicamos anteriormente, nossos Sábios decretaram que carne e frango devem ser salgados para extrair seu sangue.

Não podemos comer nevelá: A nevelá é um animal que morreu por si mesmo, ou que não foi abatido exatamente como ordena a lei. Não podemos ingerir a carne do animal nestas condições. Podemos apenas comer a carne se no animal foi feita a **shechita, o abate de acordo com a Halachá, Lei Judaica.**

Não podemos comer **terêfa**: Chamamos terêfa ao animal que foi ferido por outro animal. Também é chamado **terêfa** se um órgão vital está faltando, ou se o órgão está tão danificado que o animal não conseguiria sobreviver por mais doze meses.

É proibido comer a carne de um animal terêfa, mesmo que tenha sido abatido de acordo com a Lei Judaica.

A mitsvá de **kisuy hadam** – cobrir o sangue de animais selvagens casher e pássaros.

D'us ordenou: "Se você abater um cervo ou pássaro, deve cobrir o sangue com terra por cima e por baixo do animal." **Entretanto, não é necessário que o sangue de animais domésticos que abatemos seja coberto.**

Como a vida de uma pessoa depende do sangue, a Torá ordena que tenhamos respeito por todo tipo de sangue.

Assim como devemos enterrar uma pessoa morta porque seria desrespeitoso não cobrir seu corpo com terra, assim devemos respeitar o sangue de animais silvestres e aves casher, cobrindo-o.

O Midrash nos relata por que animais selvagens merecem ter seu sangue coberto.

Você certamente se recorda da história de Kayin e Hevel, filhos de Adam. Kayin assassinou o irmão porque estava com inveja dele.

Quem enterrou Hevel?

O Midrash nos conta que os pássaros e os animais da selva cavaram um buraco e puseram o corpo de Hevel dentro.

D'us recompensou-os pela boa ação. O **shochet** recita uma berachá (bênção) ao abater qualquer animal ou ave casher. Vacas, ovelhas e cabras merecem apenas aquela berachá feita sobre eles.

Entretanto, animais selvagens casher (como o cervo) e aves, **recebem uma segunda berachá como recompensa por sua boa ação**: antes de cobrir seu corpo coberto com sangue o shochet – ou algum outro judeu que esteja presente – **fala uma berachá adicional**.

Casamentos Proibidos

Moshê advertiu o Povo de Israel: "Quando vocês viveram no Egito, viram que os egípcios tiveram relações incestuosas com parentes próximos. Irmão com irmã, a mãe com filho.

Quando você chegar à terra de Canaã novamente verão os Canaanitas se relacionarem com parentes próximos. **Vocês, como povo sagrado, não podem imitar este comportamento perverso. Mantenham-se distantes de todos os matrimônios que proibi.**"

Aqui estão alguns dos casamentos proibidos:

Um judeu não pode desposar a mãe, madrasta, irmã, filha, neta, tia, ou nora. Não pode casar-se com uma mulher e pegar sua irmã, filha ou neta como segunda esposa. **Entretanto, se sua mulher morre, ele tem permissão de desposar a irmã dela.** Um judeu não tem permissão de contrair um matrimônio proibido, mesmo se for ameaçado de morte por não obedecer.

Se ignorar as advertências da Torá e intencionalmente realizar um casamento proibido, D'us diz: "Punirei este judeu com karê". **Karê significa "cortar".**

Esta é a pior das punições possíveis, pois esta pessoa é cortada de D'us e do resto do povo judeu.

A Torá adverte que, D'us não o permita, se muitos judeus cometerem esta transgressão.

"A terra irá cuspi-los fora," o que significa que o povo judeu será expulso de Erêts Yisrael.

Como um estômago delicado que não tolera comida estragada, Erêts Yisrael é tão santo que não pode abrigar judeus que cometem transgressões.

Os canaanitas, que habitaram a terra antes de chegarem os judeus, foram expulsos porque cometeram terríveis pecados. **Mas a falha de um povo consagrado por D'us é muito mais grave.**

D'us prometeu: "Aquele que cumprir Minhas mitsvot viverá por causa delas" (18:5).

Isso não significa que a pessoa que cumpre as mitsvot não morrerá. D'us prometeu:

"Aquele que cumprir Minhas mitsvot viverá – no Mundo Vindouro – por causa delas."

Após a morte, D'us leva a alma ao Gan Eden onde a mantém até **techiyat hamêtim**, a época da **ressurreição dos mortos**.

Então, reconstituirá o corpo e devolverá a alma para habitar nele. A pessoa, então viverá para sempre, apreciando a glória de D'us o tempo todo. Esta é a mais grandiosa recompensa imaginável.

Crime de Paixão

Por Simon Jacobson

Um estranho episódio é usado para explicar porque, segundo a tradição judaica, os casamentos não são programados para essa época do ano, o período do Omer entre Pêssach e Shavuot:

Nos tempos talmúdicos, 24.000 alunos de Rabi Akiva morreram durante este período "por não mostrarem respeito uns aos outros" (**Talmud Yevamot 62b**).

Portanto honramos esse "período de luto" evitando celebrações que possam ser marcadas em outras épocas (Tur e Shulchan Aruch Orach Chaim 493:1).

Yevamoth 62 b

It was said that R`Akiba had twelve thousand pairs of disciples, from Gabbatha⁽²¹⁾ to Antipatris;⁽²²⁾ **and all of them died at the same time because they did not treat each other with respect.**

The world remained desolate⁽²³⁾ until R`Akiba came to our Masters in the South and taught the Torah to them.

These were R`Meir, R`Judah, R`Jose, R`Simeon and R`Eleazar B`Shammua; and it was they who revived the Torah at that time.

A Tanna taught: All of them⁽²⁴⁾ died between Passover and Pentecost.

Como é possível que estudantes tão notáveis, de um mestre tão especial, fossem rebaixados ao ponto de não se respeitarem entre si?! Especialmente considerando que seu professor, Rabi Akiva, ensinava que "ama a teu próximo como a ti mesmo" é um grande fundamento na Torá!"

O destino deles é igualmente, ou ainda mais, preocupante: o desrespeito é horrível. Mas por que fez com que todos eles morressem? Não é um castigo duro demais para este crime? E acima de tudo, por que nos é contada essa triste história, e nos pedem para comemorá-la abstendo-nos de casamento e outras celebrações? O passado é o passado; por que a necessidade de repisar isso?

A abertura da porção dessa semana da Torá conclui um evento também misterioso que ocorreu três capítulos antes: Depois que o Santuário foi terminado, a Torá nos conta que

os dois filhos mais velhos de Aharon, **Nadav e Avihu**, “ofereceram um estranho fogo perante D'us, que Ele não tinha ordenado.” O resultado: “Um fogo veio de D'us e os consumiu, e eles morreram perante D'us.”

Ora, na porção dessa semana, seguindo as mortes de Nadav e Avihu, D'us ordenou especificamente que o exemplo deles não deveria ser repetido: “E D'us falou a Moshê, após a morte dos dois filhos de Aharon, que chegaram perto de D'us e morreram...”

Fala com teu irmão Aharon, para que ele [seja cuidadoso para] não entrar em tempo algum no Santo dos Santos... para que ele não morra... [mas] com isso Aharon entrará no local sagrado” (Levítico 16:1-2), e a Torá continua com as condições sobre como entrar no Santo dos Santos.

Rashi explica que essa ordem vem imediatamente após a declaração da morte dos filhos de Aharon, para adverti-lo de que seu serviço a D'us não deveria ser como aquele de seus filhos.

O que está por trás das ações de Nadav e Avihu? Eles se comportaram adequadamente ou não? Por um lado, eles claramente foram grandes homens que “se aproximaram de D'us”; por outro lado, “eles morreram” porque “ofereceram um estranho fogo perante D'us, que Ele não tinha ordenado.” E D'us está advertindo Aharon para não se comportar como eles.

E qual é o significado do “estranho fogo” que eles ofereceram?

Acima de tudo, se os filhos de Aharon se comportaram erradamente porque é importante documentar sua triste história, que os apresenta sob uma luz negativa? A chave dessa história está na palavra “fogo”. Fogo é paixão. Toda paixão vem do fogo da alma, **“a alma do homem é o fogo de D'us.”**

Como uma chama, uma alma sempre se eleva, lambendo o ar em sua busca pela transcendência, somente para ser restrita pelo pavio trazendo a chama para a terra. O fogo da alma deseja desafiar os confins da vida; o espírito livre deseja subir ainda mais, sempre buscando atingir os céus.

Como o fogo, o espírito em chamas não pode tolerar a mediocridade e monotonia do “pavio” inanimado do materialismo. **Sua paixão não conhece limites quando anseia pelo além.** Mas assim como pode ser a fonte de nossa maior força, o fogo da alma, como qualquer fogo, também pode ser a causa de grande destruição.

Aqui está a história de Nadav e Avihu, duas almas extraordinárias:

Quando o Santuário Sagrado foi terminado os filhos de Aharon, indivíduos profundamente espirituais, foram atraídos para entrar no local mais sagrado da terra. **Eles queriam desfrutar o êxtase do espírito puro do Templo.**

Na verdade, o comportamento dos dois filhos de Aharon não foi um pecado; foi um ato de grande santificação, como Moshê diz a Aharon logo após a tragédia: “Isso é o que D'us falou, dizendo: **‘Eu serei santificado por aqueles que estão perto de Mim.’”**

Os sábios explicam: Moshê disse: “Aharon, meu irmão, eu sabia que o Santuário seria santificado por aqueles que eram amados e próximos a D'us.

Quando D'us disse ‘Eu serei santificado por aqueles próximos a Mim,’ eu pensei que se referia a mim ou a você; agora vejo que eles - Nadav e Avihu - eram maiores que nós dois.”

Rabi Chaim ibn Attar (o Ohr Chaim) explica que a morte deles foi “por um ‘beijo’ Divino que é sentido pelos perfeitamente justos.

Somente [o problema foi que] os justos morrem quando o ‘beijo’ Divino se aproxima deles, ao passo que eles morreram por se aproximar dele...

Embora eles sentissem a própria morte, isso não os impediu de se aproximarem [de D'us] em proximidade, deleite, companheirismo, amor, beijo e doçura, a tal ponto que suas almas se separaram deles.”

A morte de Nadav e Avihu foi resultado do seu profundo anseio por uma experiência Divina.

Seu erro foi que eles o iniciaram por conta própria, e “egoisticamente” permitiram que o êxtase os consumisse.

Seu pecado não foi se aproximarem do Divino, mas que morreram ao fazê-lo. Num certo sentido, eles queriam tanto, tanto, que correram para dentro do fogo e se queimaram no processo.

Seus corpos não podiam mais conter suas almas.

A Torá diz “quando eles chegaram perto de D'us e (com tamanha paixão que) eles morreram.” Por que a Torá acrescenta “e eles morreram” quando já tinha dito “após a morte dos dois filhos de Aharon?”

Embora seja saudável se despir de preocupações materiais, no momento em que você está no supremo êxtase da alma, deve voltar-se novamente para o trabalho que a alma deve fazer para transformar a existência física.

Nadav e Avihu atingiram o êxtase mas não o retorno. Este foi seu pecado e o motivo da sua morte. Eles “se aproximaram de D'us e morreram”. Eles permitiram que sua paixão espiritual superasse sua tarefa de transformar o mundo. Fugiram para além do mundo e além da própria vida.

Se sua motivação era pura, impulsionada pela paixão

ardente da alma, por que então foi chamada de “um fogo estranho”?

Porque mesmo que sua intenção fosse boa, era impulsionada pelo seu desejo pessoal, talvez espiritual, mas ainda definido pelos seus anseios subjetivos. **Pode ter começado por motivos Divinos, mas eles permitiram que se tornasse seu interesse pessoal**, chegando a tal ponto de intensidade que os destruiu, assim tornando o “fogo” um “fogo estranho”, que “Ele não tinha ordenado”.

Eles entraram em seus próprios termos, seu próprio passo, sua própria escolha - não em termos de D'us.

E esta foi a razão pela qual eles realmente terminaram morrendo durante o processo. Porque o mesmo D'us que os tinha imbuído com almas apaixonadas também nos ordenou usar a paixão não para expirar em êxtase e fugir do universo, não importa o quanto a opção possa parecer interessante, mas para canalizar a paixão para baixo e transformar o mundo material no qual vivemos numa morada Divina.

Este é o propósito do Templo: “construa para Mim um santuário (de materiais físicos) e Eu habitarei entre vocês.”

Assim, o supremo teste das intenções dos filhos de Aharon foi sua incapacidade de integrar a experiência. Se tivessem paciente e humildemente entrado em termos Divinos, teriam conseguido integrar a experiência em suas vidas e voltar a santificar seu mundo.

A integração teria confirmado que eles estavam fazendo aquilo não por si mesmos mas pela causa, por D'us. O fato de terem se permitido ser consumidos com o próprio fogo espiritual, demonstrou que era sua “própria coisa”, não de D'us, um fogo estranho não ordenado.

Ora, na porção dessa semana da Torá, “após a morte dos filhos de Aharon”, Aharon é advertido a não entrar no Santo dos Santos como seus filhos fizeram. Mas, “com isso Aharon deverá entrar no local sagrado” - em reverência, obediência e auto-abnegação.

E dessa maneira ele poderia “Fazer expiação para si mesmo e pela sua casa” no dia mais sagrado do ano, Yom Kipur, e recitar uma prece pelo sustento de Israel - atos de preocupação pelo mundo.

Em outras palavras, o fator determinante sobre se o fogo da alma será uma força construtiva ou destrutiva depende da motivação da pessoa, como ela começa sua jornada espiritual: se é uma experiência auto-indulgente, por desejo e interesse pessoais, então você não desejará sair de seu êxtase particular para as necessidades do mundo, e o fogo inevitavelmente consumirá você.

Se, porém, é movido pela dedicação altruísta e se render ao Divino, então dentro desse êxtase, o desejo de retornar e santificar o mundo estará sempre implícito, e o fogo elevará você e seu mundo a alturas exaltadas.

Na famosa história talmúdica dos “quatro que entraram no jardim” (uma experiência mística) somente **Rabi Akiva** começou a jornada com a atitude correta: ele “entrou em paz e (portanto) saiu em paz.” **Como ele entrou com humildade, em obediência à vontade Divina e procurando unir o mundo mais elevado com o mais baixo, por isso ele saiu em paz.**

Sua intenção de voltar estava implícita no resultado de seu caminho ao êxtase religioso. Enquanto os outros três - Ben Azzai, Ben Zoma e Acher - todos entraram por outros motivos, o que determinou como eles saíram.

Ben Azzai entrou procurando o êxtase, não o retorno; portanto ele “olhou e morreu”.

Ben Zoma “olhou e ficou abalado” (com loucura).

Acher “mutilou as plantas” (i.e., tornou-se um apóstata).

De maneira semelhante os 24.000 alunos de Rabi Akiva “queimaram” uns aos outros com sua grande paixão. Seu desrespeito mútuo não foi apesar de, mas por causa de sua grandeza.

Cada aluno estava tão consumido com sua própria opinião brilhante que não podia tolerar a posição do colega.

Pessoas que não são tão poderosas e intensas em suas posições podem achar mais fácil comprometer-se e coexistir com outros. Mas alunos excepcionais que são apaixonados sobre suas interpretações e opiniões em Torá - ele exigem muito mais humildade, cuidado e sensibilidade para garantir que não vai “destruir” o outro com sua intensidade. E quanto “mais sagrado” o fogo, mais ele sente que está representando Torá e D'us - maior é o perigo.

Como o Rebe Kotzker ironicamente interpreta em Mishnê:

“Toda discussão que é pelo bem do céu vai durar para sempre.”

Quando ambas as partes sabem que seu desacordo é movido por auto-interesse, então há esperança de que eles chegarão a algum acordo. Mas quando cada parte pensa que está representando o céu, vestindo suas diferenças de opinião em “vestes sagradas”, então não há esperança de reconciliação, com cada lado sentindo que não pode “comprometer a D'us”...

Se esses alunos tivessem sido de menor importância, seu desrespeito mútuo não os teria prejudicado tanto. **Mas exatamente porque suas mentes estavam em fogo e seus corações em chamas, eles se queimaram uns aos outros.**

Ouvimos a história dos filhos de Aharon - e dos alunos de Rabi Akiva - para nos ensinar uma lição valiosa sobre nossas próprias experiências na vida, e os perigos da

.....
paixão, zelo e integridade: cada um de nós tem uma alma poderosa, com fogo interno.

Cada um de nós irá, a certa altura, encontrar oportunidades espirituais; momentos apaixonados que atrairão e acenderão nosso fogo, querendo transcendência - a necessidade de ir além da vida diária. **A transcendência pode tomar muitas formas: espiritualidade, música, romance, viagem, ou sexualidade, entre outras.**

Como você age nessas horas - quando as chamas da sua alma estão acesas - vai definir o destino de sua vida.

Isso explica por que a porção dessa semana é conhecida pelo nome “depois” ou “depois da morte”.

Por que dar à porção da Torá um nome estranho - “depois da morte?” Por que enfatizar a morte trágica deles? A Torá está nos dizendo que a “morte” dos dois filhos de Aharon - a própria morte, e “depois da morte” - nos ensina uma lição vital, na verdade uma lição dupla:

1 - A busca e a necessidade de transcendência, o anseio por uma altura espiritual é um ingrediente saudável e necessário na jornada humana. **Todas as grandes conquistas do homem, seus atos mais nobres, seus amores mais profundos - vêm do fogo apaixonado da alma.**

2 - Porém, como ocorre com todas as coisas poderosas, **deve-se tomar cuidado para que a experiência espiritual não “queime você”, mas seja integrada em sua vida.**

O fogo das nossas almas, como qualquer fogo, pode ser a fonte de sustento (fogo saudável), ou... um inferno (“fogo estranho”). O desafio é grande. A escolha é nossa. Aqui está a dupla lição positiva dos filhos de Aharon, ambas pela sua morte e “depois da morte”.

Sua morte nos ensina como não entrar no Santo dos Santos sem ser convidado, não entrar por iniciativa própria, na hora que quisermos, não entrar como resultado de nosso desejo pessoal; **“após a morte”** nos ensina como entrar - “com isso Aharon entrará no local sagrado” - com a maior humildade, sensibilidade e, acima de tudo, imergindo e sublimando-se totalmente dentro da experiência.

O mesmo é verdadeiro quando temos uma opinião forte sobre uma determinada maneira. Quanto mais esperto você é, mais poderosa a sua resolução, mais convencido você está da certeza de sua posição, **maior o cuidado que precisa ser tomado para não magoar outros no processo.**

Este pode ser o maior segredo para um relacionamento saudável ou para o casamento: sua capacidade de transcender sua posição poderosa e certeza.

Os 24.000 alunos foram destruídos nesse período de tempo por causa da sua **incapacidade de coexistir**. Sua paixão ardente e seus dons foram seus erros.

Redimimos suas mortes durante esses 49 dias olhando dentro dos nossos corações apaixonados, e aprendendo a arte da restrição: a suprema grandeza é medida não por quão grande você é e por quão grande é a sua luz, **mas por como você permitiu que aquela grandeza fosse contida e integrada na vida de outras pessoas.**

A Redenção da Consciência

A Cabala e a Chassidut mostram que as três etapas do status do fruto formam uma progressão...

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh

A porção da Torá de Acharei-Kedoshim discute as leis de orlá.

Quando o povo judeu planta árvores frutíferas na Terra de Israel, seus frutos não podem ser consumidos durante os três primeiros anos e são definidos como **orlá, literalmente “prepúcio”.**

No quarto ano, os frutos devem ser trazidos a Jerusalém, onde serão consumidos em pureza e em louvor a D'us. Somente no quinto ano eles poderão ser ingeridos livremente em qualquer lugar. D'us promete que se esse mandamento for mantido, Ele mostrará abundância ao povo judeu.

A Cabala e a Chassidut mostram que as três etapas do status do fruto formam uma progressão:

1- Os primeiros três anos, quando o fruto é considerado orlá, correspondem às três vestimentas impuras que cobrem toda a perversidade no mundo. Essas vestimentas são o “prepúcio” dos frutos e os torna proibidos por toda a eternidade.

2- No quarto ano, os frutos são ainda limitados e devem ser comidos em um local específico e de uma forma específica.

3- No quinto ano, os frutos são, em sua essência, bons e sagrados. Eles podem, agora, ser ingeridos em louvor a D'us em qualquer lugar. Os próprios frutos se transformaram em fonte de bênçãos infinitas.

O Prepúcio da Árvore e da Carne

A palavra para os três primeiros anos do fruto, **orlá**, é idêntica à palavra usada para o “prepúcio” do menino não circuncidado. Isto mostra um modelo paralelo entre esses mandamentos.

A Torá nos ordena circuncidar o prepúcio de um menino aos oito dias de vida. Existem dois estágios nesse processo:

.....

- Milá, no qual o prepúcio mais espesso é removido.

- Priá, no qual a membrana translúcida é removida, revelando a coroa do **brit (“pacto”)** com D’us, como sua manifestação física no menino.

O Mal Visível e Inconsciente

Na Cabala e na Chassidut está explicado que o estágio de milá corresponde ao mal visível na alma. **O segundo estágio da circuncisão, priá, corresponde ao mal inconsciente na alma** – a quase transparente camada de egocentrismo que pode motivar até mesmo as nossas boas ações.

Nossos Sábios nos ensinam que, para servirmos a D’us de forma verdadeira, ambos os estágios da circuncisão devem ser executados. **Se fizermos somente o primeiro, não teremos feito nada (também não-judeus, principalmente os muçulmanos, praticam a circuncisão como uma obrigação religiosa).**

Entretanto, os muçulmanos executam somente o primeiro estágio do processo, milá, e deixam intacta a fina membrana do prepúcio).

Os dois estágios da retirada tanto do mal visível quanto do mal inconsciente correspondem ao versículo nos **Salmos (34:15). “Remova a você mesmo do mal e faça o bem”. Primeiro, todo o mal consciente deve ser banido de nossas vidas.**

Isto pode ser conseguido por nossa própria força ética. Poderemos, então, nos dedicar a fazer o bem de forma verdadeira e livre, o que nada mais é que o objetivo final de cada judeu e de toda pessoa na Terra.

O bem não fluirá, entretanto, a menos que a fina membrana do mal inconsciente seja também removida. Para esse estágio da circuncisão precisamos da inspiração Divina para redimir e revelar nossa santidade e para adquirir o poder do infinito – a dádiva de trazer novas almas sagradas para o mundo.

A Progressão do Impuro para o Sagrado nas Árvores

O modelo básico da circuncisão é refletido também nas árvores. Quando nos abstermos de comer seus frutos nos três primeiros anos, que correspondem ao mal visível, banimos esse mal de nossa realidade.

No quarto ano, ao comermos os frutos em pureza somente em Jerusalém, **cumprimos o segundo estágio da circuncisão, priá,** removendo a fina camada de egocentrismo de nossas almas.

O simples ato de partilhar os frutos em Jerusalém nos traz a inspiração Divina de que precisamos para termos consciência de D’us e louvá-Lo. Atingiremos, então, o estado de santidade necessário para entrarmos na consciência natural do quinto ano, quando as bênçãos

Divinas aumentam infinitamente, similarmente ao infinito atingido ao trazermos novas almas para este mundo.

Por dentro do Prepúcio

Além de sua aparência em conexão com nossa realidade externa (árvores) e com nosso corpo (circuncisão), **a palavra para “prepúcio” (arel) aparece na Torá em três outras citações:**

1) Em **Devarim** [Deuteronômio] (10:16), “E você deve circuncidar a orla de seus **corações...**” (através do retorno a D’us),

2) Em **Yirmiyahu** [Jeremias] (6:10), “Seu **ouvidos** estão cobertos por prepúcio”,

3) Em **Shemot** [Êxodo] (6:12), Moisés chama a si mesmo **“aral sfatayim”**, alguém que tem um prepúcio sobre seus **lábios** (dificultando expressar-se a si próprio).

Essas três menções a arel estão todas relacionas com nossa realidade interna. Exploreemos os dois estágios da circuncisão em cada um deles.

Coração: A Moradia dos Pensamentos

Pensamentos espontâneos de desejos – luxúria, poder, crueldade, ódio etc. – estão no coração. Esses pensamentos derivam dos atributos dos nossos corações (amor, medo, louvor etc.) que ainda não purificamos.

O primeiro estágio do processo de teshuvá (“retorno a D’us”) é o de identificar esses pensamentos como sendo maus.

Poderemos, então, conscientemente nos envolver com os bons pensamentos, que expulsarão os maus. Esse é o primeiro estágio da circuncisão do coração (remover a nós mesmo do mal) e é dependente da nossa força ética.

(Em Hb., **[r"me rWs “remover a você mesmo do mal”, sur** merá, compartilha uma raiz com **“comportamento ético”, mussar).**

O primeiro estágio da circuncisão deve ser seguido pelo segundo com a remoção das motivações egocêntricas que ditam nossos pensamentos. Para conseguirmos isto, precisamos de inspiração Divina.

Para removermos a motivação egocêntrica inconsciente, devemos nos conectar fortemente aos pensamentos profundos e sagrados da dimensão oculta da Torá (Cabala e Chassidut).

Mais do que apenas substituir maus pensamentos por pensamentos sagrados, nesse segundo estágio, devemos ter pensamentos que nos conectem a D’us de forma consciente.

Pensamentos são similares aos frutos da alma. Nosso primeiro passo é nos abster de todos os frutos proibidos durante os três primeiros anos.

Quando conectarmos de forma profunda e consciente nossos pensamentos a D'us, será como se estivéssemos trazendo os frutos do quarto ano para Jerusalém, onde os partilhamos em louvor a D'us. Assim fazendo, atingiremos o quinto ano, quando o fluxo natural do coração é bons pensamentos e boas ações.

Ouvidos: Boas Vibrações

Nossos ouvidos são nossos "receptores", absorvendo transmissões audíveis e inaudíveis do ambiente. No primeiro estágio da circuncisão, podemos fechar nossos ouvidos tão logo identifiquemos uma comunicação negativa (nossos Sábios nos ensinam que a orelha é especialmente desenhada para este propósito).

O segundo estágio da circuncisão lida com a sintonia. A realidade é cheia de vibrações. Algumas dessas vibrações são reveladas e podem ser processadas diretamente (primeiro estágio).

Outras vibrações são ocultas, condicionando-nos de forma subliminar a perceber a realidade de uma forma particular (geralmente negativa).

Em nosso segundo estágio da circuncisão, devemos remover esse condicionamento subliminar e sintonizar nossos ouvidos para recebermos transmissões positivas.

Isto inclui ouvirmos de forma consciente coisas boas sobre os outros, como também percebermos a Providência Divina de D'us no nível pessoal e universal.

Isto corresponde a comermos os frutos em Jerusalém no quarto ano e elevar nossa consciência ao fluxo natural de santidade do quinto ano.

Lábios: Palavras de Torá

Os lábios são nossos "emissores".

O primeiro estágio da circuncisão dos lábios é o de assegurar que eles não transmitirão o mal fútil.

No segundo estágio da circuncisão, devemos ajustar nossa palavra.

Isto inclui remover todos os motivos egoísticos sutis que possamos ter por dizer certas coisas, mesmo palavras de santidade. Além disso, devemos fazer um esforço consciente para pronunciarmos palavras sagradas, particularmente palavras de Torá e Chassidut.

Ao emitirmos e ensinarmos essas sagradas palavras, nos conectaremos a D'us em santidade, como quando partilhamos os frutos no quarto ano em Jerusalém.

Falar palavras de Torá remove o mal inconsciente da fala e abre o caminho para o quinto ano, quando toda a nossa fala flui com natural santidade.

Quando trabalhamos na circuncisão de nossa realidade externa, de nossos corpos e de nossas almas, atingiremos a consciência natural plena da santidade do quinto ano.

Desta forma, atrairemos infinitas bênçãos de nosso Criador para cada faceta de nossas vidas.

CHUMASH Página 130

Deus faz aparecer cabelo branco em R. Elazar ben Azarya (que tinha 18 anos e era descendente de Ezra) da noite para o dia como sinal que ele tinha sim idoneidade para ser o líder espiritual do povo judeu (nassi).

Ver tratado de Berachot 27b, ele fala no Chumash, sobre a parábola do dois médicos que desce sobre a pessoa doente que deseja comer comida fria e se deitar em lugares frios e úmidos e que caso persista morrerá como tal fulano que fazia o mesmo.

30 - Parashat Kedoshim

Levítico 19:1-20:27.

Mitsvot Importantes

A Parashá Kedoshim tem mais mitsvot que qualquer outra Parashá até agora. São mitsvot importantes que dizem respeito a todos nós: "Amar todo judeu; não buscar vingança; não roubar", e muitas mais.

Moshê queria ter certeza de que cada judeu ouviria esta importante Parashá. Por isso, antes de explicá-la, reuniu todo o povo – homens, mulheres e até crianças.

Explicaremos agora algumas mitsvot desta Parashá.

É uma mitsvá para cada judeu ser santo:

A Torá nos diz: "Vocês devem ser santos porque Eu, D'us, o Sou".

Como podemos cumprir a mitsvá de "sermos santos?"

Um judeu torna-se santo se cumpre as mitsvot da Torá e mantém-se afastado de tudo que a Torá proíbe.

Porém, isso não é o suficiente. A Torá quer "que sejamos santos", mesmo quando não estamos rezando, estudando ou cumprindo uma mitsvá específica.

Um judeu deve tentar ser santo mesmo quando lida com seus assuntos do cotidiano. "Ser santo" significa usar nossa mente, corpo, e tudo que possuímos rumo ao propósito para o qual D'us deseja que os usemos.

.....
A mitsvá "ser santo" significa que antes de fazermos qualquer coisa, devemos fazer a nós mesmos a pergunta: "D'us ficará satisfeito com este ato; tem uma boa finalidade?"

Esta é uma tarefa muito difícil, por outro lado, nada é impossível; **todas as mitsvot que Ele nos deu são passíveis de serem cumpridas.**

Uma história - A família que comprava vegetais de baixo preço:

Certa vez os sábios precisavam de tsedacá para seus alunos pobres. Decidiram ir de casa em casa, bater às portas e pedir tsedacá. Ao se aproximarem da primeira casa da aldeia, notaram um pai e seu filho parados perto da porta, conversando.

Os sábios podiam ouvir a conversa. O filho perguntou ao pai:

"O que teremos para jantar esta noite?"

"Vamos preparar legumes," replicou o pai.

"Eles vendem dois tipos no mercado," disse o filho. "Legumes frescos e de ótima qualidade por um preço alto, e vegetais ressecados pela metade do preço. Qual deles compraremos?"

"Vamos adquirir os legumes mais baratos," respondeu o pai.

Os sábios ouviram as instruções do pai e disseram: "Deve ser uma família muito pobre. Nem ao menos podem comprar legumes frescos para o jantar.

Vamos deixar esta casa de lado; certamente eles não podem contribuir com tsedacá. Voltaremos aqui por último, na volta para casa."

Os sábios passaram todo o dia muito atarefados, coletando tsedacá. À noite, detiveram-se novamente pela casa onde tinham visto o pai e o filho. Bateram à porta e o pai apareceu.

"Estamos pedindo tsedacá," anunciaram os sábios. "Por favor, ajude a cumprir esta mitsvá."

"Estou ocupado agora," respondeu o dono da casa. "Procure minha mulher e diga-lhe para dar a você uma xícara cheia de moedas de dinar."

Naquela época, o dinar era uma moeda valiosa. Uma xícara cheia de dinares era uma fortuna.

Os sábios dirigiram-se à mulher e lhe disseram: "Seu marido quer que nos dê uma xícara cheia de dinares."

"Meu marido falou se devo dar a vocês uma xícara até a boca ou se deve estar transbordando?", a esposa perguntou.

"Ele não nos disse," responderam os sábios.

"Bem," disse a mulher, "deixe-me dar a vocês uma xícara transbordando.

Se meu marido disser que não é isso que ele queria, digolhe que estou dando as moedas extra de meu próprio dinheiro."

Os sábios voltaram ao marido para dizer adeus. Ele lhes perguntou: "Minha mulher deu a vocês uma xícara apenas cheia ou transbordante?"

"Uma xícara transbordante," responderam os sábios.

"É isso que eu queria," disse o marido, satisfeito. "Entretanto, algo está me intrigando: Por que vocês não vieram à minha casa quando passaram por aqui esta manhã?"

Os sábios replicaram: "Ouvimos as instruções que fornecia a seu filho para comprar os legumes mais baratos para o jantar.

Pensamos que fosse pobre e não nos poderia dar um donativo grande."

O homem explicou: **"Para as necessidades da minha família gastamos apenas o mínimo necessário. Entretanto, não podemos ser mesquinhos quando se trata das mitsvot de nosso Criador."**

Esta família era portadora de muita grandeza. Muitos de nós não somos tão corretos quanto eles. D'us não ordena que façamos como eles.

Entretanto, podemos aprender com esta história a não desperdiçar dinheiro.

A mitsvá "ser santo" significa que devemos usar tudo que temos, incluindo o dinheiro, para uma boa finalidade.

Respeito aos pais:

A Torá ordena: "Cada filho judeu – mesmo adulto – deve respeitar seus pais."

Como cumprimos esta mitsvá?

Não chamamos nossos pais pelo nome próprio;

Devemos ouvi-los quando nos falam;

Não podemos contradizê-los;

.....
Não devemos falar ao percebermos que o pai ou a mãe estão prestes a falar, e também não interrompê-los quando estão falando;

Não sentamos na cadeira reservada a nossos pais.

Há apenas um caso em que o filho está proibido de dar ouvidos ao pai ou à mãe – quando ele ou ela ordena-lhe que cometa uma transgressão.

Por exemplo, se a mãe no Shabat, diz à filha: "Cozinhe isto agora!" a filha está livre de obedecer.

Os mandamentos de D'us têm precedência sobre as ordens dos pais.

Não devemos pensar sobre idolatria.

A Torá adverte: "Não debes pensar ou ler sobre ídolos."

Portanto, estamos proibidos de ler livros ou artigos que falem sobre qualquer tipo de idolatria. É igualmente proibido possuir livros que declaram que o mundo não foi criado por D'us.

D'us deseja que pensemos e leiamos sobre assuntos que são verdadeiros e que nos ajudem a cumprir Suas mitsvot.

Três Mitsvot Sobre a Colheita

Ser fazendeiro sempre foi um trabalho muito difícil. Na época do Bet Hamicdash, todo o trabalho no campo era feito à mão.

Quando, finalmente, o fazendeiro acha que pode empilhar as recompensas de seu trabalho e começar a colheita, ele não pode esquecer: D'us ordenou a não colher o canto de cada campo, mas deixar este grão para os necessitados juntarem.

A mitsvá de deixar o grão nos cantos do campo é chamada pea.

Deve-se deixar pea em cada um dos campos que possui: não é permitido deixar duas peot em um campo e nenhuma em outra.

Qual a quantidade da colheita que é deixada?

Os sábios ensinaram que a mitsvá é cumprida com uma sexagésima parte da colheita. Entretanto, se a pessoa é generosa, pode deixar mais.

Não há limite; quanto mais deixar, mais D'us o recompensará. Como a colheita é compartilhada com os pobres, como D'us ordenou, **é uma colheita jubilosa, todos estão felizes, até os pobres.**

Um judeu não pode dizer: "Permitirei apenas que meus parentes (ou amigos) pobres recolham minha pea; não quero estranhos."

Qualquer judeu pobre pode servir-se da pea.

D'us deu duas outras mitsvot para fazendeiros em Erêts Yisrael ao colherem grãos:

Leket: Se, durante a colheita, um ou dois ramos caem ao solo, é proibido recolher. Deve-se deixá-los para que os pobres os peguem. Entretanto, se caírem três ramos juntos, pertencem ao fazendeiro e não aos pobres.

Shikcha: Após a colheita, os ramos são amarrados em feixes e levados a um celeiro. **Se um feixe foi esquecido no campo, é proibido voltar para apanhá-lo. Ele pertence aos pobres.**

Esta é a mitsvá de shikcha, esquecer um feixe.

A pea também se aplica no caso de uma vinha em Erêts Yisrael. Uma ou duas uvas que caíram por distração são leket, bem como um cacho de uvas que esqueceu-se de recolher após cortar é shikcha.

Além disso, quaisquer cachos de uvas que não estavam maduros ou crescidos à época da colheita devem ser deixados para os pobres.

Se a pessoa tem um olival, também deixa pea e ainda tem as mitsvot de leket e shikcha para cumprir.

O Pecado de Roubar

A Parashá Kedoshim contém muitas mitsvot proibindo-nos de furtar dinheiro. Aqui estão algumas delas:

Não Roubar

Por que esta mitsvá segue-se à mitsvá de deixar parte da colheita para os pobres? O que possuem em comum?

O proprietário de um campo é advertido: "Se você tem um campo e é muito mesquinho para deixar pea, está na verdade roubando comida dos pobres. Não roube!"

E os pobres, também, são advertidos: "Quando recolher leket, não fure! Se você perceber que o dono deixou cair três feixes juntos, não os recolha! Não lhe pertencem; pertencem ao proprietário. Também, se você não é realmente necessitado mas recolhe pea para ganhar 'comida grátis', está roubando! Pea pertence apenas aos pobres."

A Torá ensina a não roubar após as mitsvot de leket, shikcha e pea para insinuar estas advertências ao proprietário de um campo e aos pobres.

Um judeu não pode roubar nem mesmo um centavo. Também não pode tirar nada de seu amigo como brincadeira, mesmo que tenha a intenção de devolvê-la mais tarde. E jamais deve comprar coisa alguma de um ladrão.

.....
A seguinte história vai mostrar o porquê.

Uma história:

Porque Não Devemos Fazer Negócios com um Ladrão

Havia certa vez um governante não-judeu que promulgou esta lei: Se a polícia pegasse um ladrão, deveria libertá-lo.

Porém, se pegasse uma pessoa que comprou artigos roubados, deveria condená-la à morte.

"Esta lei é ridícula!" comentava o povo. "Não seria melhor se o rei ordenasse que o ladrão fosse morto?"

O rei soube que o povo ria de sua nova lei. Anunciou: "Todos estão convidados para ir ao grande campo atrás do palácio amanhã. Haverá um demonstração muito interessante."

Enorme multidão reuniu-se no campo no dia seguinte. Naquele local vivia um grande número de doninhas. O rei ordenou aos servos: "Coloquem comida que as doninhas apreciem."

Os servos trouxeram comida e a colocaram no campo. Imediatamente, apareceram doninhas de todos os cantos e pegaram a comida, carregando-a para suas tocas.

"Voltem todos amanhã nesta mesma hora e mesmo lugar!" anunciou o rei. Aquela noite, o rei disse aos servos: "Encham com pedras as tocas das doninhas, onde os animais geralmente colocam sua comida."

No dia seguinte, após o povo estar reunido, o rei disse novamente aos servos: "Tragam comida para as doninhas!" Os servos puseram a comida no chão e os animais foram pegá-la. Carregaram-na para suas tocas, mas não puderam colocar a comida lá dentro; os buracos estavam fechados.

As doninhas trouxeram a comida de volta ao local de onde a haviam apanhado.

"Vejam," disse o rei. "Ladrões agem exatamente como doninhas. Roubam porque sabem que existem pessoas que negociarão com eles.

Mas se souberem que ninguém comprará artigos roubados, deixarão de furtar. Por este motivo estou punindo todos que fazem negócios com ladrões; eles encorajam os gatunos a roubar!"

Não Negar e Não Mentir

A Torá nos avisa: "Se você roubou alguma coisa, não o negue, dizendo: 'Não roubei.' Admita seu roubo e faça teshuvá."

A Torá também ordena: "Se alguém lhe der dinheiro para guardar em confiança ou lhe fez um empréstimo, ou se

você achar dinheiro e ele lhe pedir para devolver, não minta, dizendo: "Nunca recebi este dinheiro."

Não Jurar em Falso

Se você receber dinheiro de alguém para guardar e negar isto mais tarde, o verdadeiro dono do dinheiro poderá dizer: "Vá ao tribunal e jure que você não tem meu dinheiro."

A Torá adverte: "Não jure falsamente que você não tem o dinheiro."

Não Reter Dinheiro que Pertence a Outrem

Se um amigo lhe emprestou dinheiro ou lhe deu dinheiro para guardar para ele, não faça brincadeiras ou use de força para ficar com o dinheiro. Não deve dizer: "Não tenho tempo para devolver-lhe o dinheiro hoje, volte amanhã."

Um judeu que propositadamente retém dinheiro que pertence a outra pessoa, está cometendo uma transgressão.

Você não pode reter dinheiro que é devido a outra pessoa.

Não Reter o Salário de Trabalhadores

Um judeu deve pagar quem trabalha para ele ao fim de cada dia de trabalho. Entretanto, se há um arranjo com o trabalhador para pagá-lo semanalmente, ou mensalmente, ou quando a tarefa for terminada, não é necessário pagar-lhe a cada dia. Ao invés disso, deve pagar-lhe ao tempo combinado. Se atrasar o pagamento, comete uma transgressão.

Nossos Sábios explicam:

O Pecado de Roubar Causou o Dilúvio

As pessoas que viveram na geração do dilúvio foram perversos que assassinavam, serviam ídolos, e tinham relações que lhes eram proibidas. Mesmo assim, D'us teve paciência e não ia trazer o dilúvio para destruí-los. Porém, quando cometeram o pecado do roubo, os anjos disseram a D'us: "Deves punir esta geração agora." Assim, D'us mandou o dilúvio.

O Midrash explica:

O Truque da Geração Antes do Dilúvio

O povo perverso que viveu antes do dilúvio agia de maneira insidiosa quando roubava. Pegavam quantidades tão pequenas que os juizes da corte não podiam puni-los. Se um homem pusesse uma cesta de ervilhas sobre o peitoral da janela, alguém se esgueirava e roubava apenas uma ervilha.

Outra pessoa viria então e pegaria mais uma ervilha, e uma terceira pessoa mais uma – centenas de pessoas pegariam

.....
apenas uma ervilha cada uma. Quando o dono descobria que a cesta estava vazia, iria ao magistrado. "Minhas ervilhas foram roubadas," diria ao juiz.

"Quem as roubou?" perguntaria o juiz.

"Bem, vi um vizinho aproximar-se da cesta," diria o homem.

Então o juiz chamava o vizinho.

"Você roubou as ervilhas deste homem?" perguntava o juiz.

"Não, senhor," respondia o ladrão. "Peguei apenas uma. Uma não vale nem um centavo; certamente não vai me punir por pegar apenas uma."

Cada ladrão contava ao juiz a mesma história. Desta maneira, as pessoas que viveram antes do dilúvio eram espertas para safar-se do tribunal sem castigo. Entretanto, D'us puniu-os todos por sua gatuagem.

Mandou um dilúvio que os destruiu.

Cuidados com a Fala

A Torá ordena: "Você não pode amaldiçoar uma pessoa surda."

Não podemos amaldiçoar uma pessoa surda, embora ela não possa ouvir nossa maldição e não se aborreça com isso. Então certamente não podemos amaldiçoar um judeu que pode nos ouvir e que se sentirá mal com nossa praga!

Por que a Torá nos proíbe de amaldiçoar?

Uma pessoa que souber que foi amaldiçoada certamente ficará muito magoada.

Mesmo que a pessoa jamais descubra que foi amaldiçoada, mesmo assim é proibido fazer isso. A Torá deseja que sejamos bons e amigos de todos; não podemos desejar-lhes o mal.

Cada palavra dita pela pessoa tem uma força formidável. D'us poderá cumprir a maldição. Então, teremos uma parcela de culpa se o próximo for punido.

Não Podemos dar Maus Conselhos

A Torá nos ordena: "Não faça uma pessoa cega tropeçar, colocando obstáculos em seu caminho."

Esta mitsvá também se aplica se alguém vem até você pedindo um conselho. Você não deve aconselhá-la erradamente, de propósito. Quem lhe pede um conselho é como se fosse "uma pessoa cega". Se lhe der a direção errada, estará fazendo-a "tropeçar", cometer um erro.

Quando você aconselha alguém, esta pessoa não sabe se sua intenção é ajudá-la ou causar-lhe problemas. Ele não

pode ler seus pensamentos. Mas há Alguém que lê sua mente – D'us. Ele adverte: "Aconselhe honestamente."

A Mitsvá de Desculpar Outros Judeus que Não se Comportam Como Deveriam

Nossa sagrada Torá nos dá uma mitsvá especial que podemos cumprir muitas vezes a cada dia. Não é fácil, mas, sendo difícil, temos um grande mérito ao cumpri-la.

A cada vez que você ver um judeu comportando-se de maneira imprópria, perdoe-o mentalmente.

Esta mitsvá também é mencionada em Pirkê Avot (1:6): "Julgue cada pessoa com brandura!"

Uma História - O Maravilhoso Dr. Aba

Abaye era um dos santos sábios. Era tão notável que uma vez por semana tinha o privilégio de ouvir uma voz vinda do céu.

Certa vez, Abaye escutou algo surpreendente: "Há um certo doutor chamado Aba que escuta uma voz celestial todo santo dia!"

Abaye refletiu: "O que há de tão especial com este doutor Aba que D'us o favorece com uma voz celestial todos os dias? Deixe-me descobrir o que ele faz. Talvez possa imitar suas boas ações e tenha o merecimento de escutar a voz mais freqüentemente, também."

Alguém falou a Abaye: "Você não pode fazer o que este doutor faz."

Doutor Aba era famoso por muitos feitos especiais. Por exemplo, tratava cada pessoa que o procurava, sem se preocupar se podia pagar ou não.

Para não constranger quem não lhe pudesse pagar, colocava uma caixa de pagamentos do lado de fora do consultório. Aqueles que podiam pagar punham o dinheiro na caixa: aqueles que não o podiam, nada colocavam.

Ninguém sabia qual paciente havia feito o pagamento e qual havia sido tratado graciosamente. Se um jovem erudito de Torá entrava e queria pagar, Doutor Aba respondia: "Não aceitarei pagamento de você." Quando terminava de tratar o estudante de Torá, dar-lhe-ia uma doação e dizia: "Use-a para comprar comida a fim de ter forças para estudar Torá."

O sábio Abaye soube disto, e muitas outras maravilhas sobre o Doutor Aba.

"Ele é realmente um tsadic tão grande?" disse Abaye. "Mandarei dois de meus alunos para testá-lo."

Os dois estudantes foram ao Doutor Aba e disseram: "Somos alunos do sábio Abaye."

.....
"Por favor, entre", Doutor Aba recebeu-os. "Servirei comida e bebida, e podem passar a noite aqui."

O doutor não sabia por que os estudantes tinham vindo visitá-lo. Não lhes fez perguntas, mas tratou-os gentilmente. Quando eles se aprontavam para dormir, estendeu lindos cobertores de lã, para que ficassem confortáveis.

Na manhã seguinte, depois que os estudantes tinham se levantado, dobraram os cobertores, puseram-nos debaixo do braço e deixaram a casa com eles! Doutor Aba nada disse. Não correu atrás deles gritando: "Ladrões!" Apenas deixou-os ir.

Os estudantes foram direto ao mercado. Ficaram num local onde sabiam que Doutor Aba passaria e esperaram por ele.

Quando o Doutor se aproximou, eles levantaram os cobertores e disseram: "Estamos vendendo estes cobertores. Quer comprá-los?"

Imagine o que fariamos em tal situação. Provavelmente ficaríamos nervosos, gritando furiosamente com os estudantes.

Mas Doutor Aba não ficou nervoso. Apenas olhou os cobertores e disse: "Acho que valem bem umas cem moedas."

"Talvez valham mais," replicaram os estudantes. "Achamos que talvez um bom preço seja cento e cinquenta moedas."

"Ótimo," disse Doutor Aba. "Compro-os de vocês por cento e cinquenta moedas."

Abriu a carteira para pegar o dinheiro.

Agora os estudantes resolveram acabar com a bridadeira. "Certamente sabe que os cobertores são seus," disseram ao médico. "O que pensou a nosso respeito quando os roubamos? E o que achou quando tentamos vender-lhe os cobertores?" "Não pensei, D'us me livre, nada de mal sobre vocês," disse Doutor Aba.

"Julguei-os favoravelmente. Imaginei que talvez tivessem sido enviados pelo seu rebe para libertar alguns prisioneiros judeus.

É preciso uma grande soma de dinheiro para pagar aos captores não-judeus.

Na noite passada vocês não quiseram pedir-me uma tsedacá tão grande, então tiraram os cobertores, imaginando que eu não me incomodaria de dá-los a vocês."

Os estudantes disseram: "Somos gratos por desculpar nosso mau comportamento.

Tivemos uma boa razão para pegar os cobertores; demos ouvidos ao nosso rebe que nos disse para testarmos o senhor. Agora queremos devolvê-los."

"Oh, não," disse Doutor Aba. "Não os aceitarei de volta. Já havia decidido comigo mesmo que seriam para tsedacá. Pretendo doá-los."

Os estudantes voltaram ao rebe, Abaye, e contaram-lhe como o Doutor Aba agira. Agora Abaye podia entender por que o Doutor merecia ouvir uma voz celestial todos os dias; era realmente um tsadic excepcional!

Não Devemos Espalhar Rumores

Eis aqui outra importante mitsvá que podemos cumprir com frequência:

A Torá adverte: Não saia por aí espalhando histórias sobre outras pessoas! Duas mitsvot estão incluídas nesta advertência:

Não fale lashon hará sobre os outros! Lashon hará é uma observação verdadeira sobre outra pessoa, mas não é positiva.

A proibição de rechilut, espalhar boatos. Não conte a uma pessoa o que outra disse a seu respeito.

Amor ao Próximo

Sem Ódio e sem Vingança

A Torá diz: "Não odeie seu irmão em seu coração." Todos os judeus são chamados "irmãos" e "filhos de D'us." Um irmão deve amar o outro e preocupar-se com ele.

Por que as pessoas às vezes se odeiam? Talvez não haja uma verdadeira razão. Este ódio é chamado de ódio por razão nenhuma, sin'at chinam.

Rezamos a cada dia pela vinda de Mashiach e para que o terceiro Bet Hamicdash seja reconstruído. Mas primeiro, devemos parar de ter ódio. Impedimos a vinda de Mashiach por causa de ódio sem motivo.

Mesmo se outro judeu enganar você, não deve odiá-lo. Esta é uma mistvá também: "Não podemos buscar vingança ou lembrar do mal que outro judeu nos causou."

É Uma Mitsvá Repreender Um Judeu Que Cometeu Uma Transgressão

Se você vir seu próximo fazendo algo errado, a Torá ordena que lhe mostre o caminho certo. Todos os judeus são responsáveis uns pelos outros. Se um judeu errou, é uma mitsvá ajudá-lo a parar de errar.

O mais importante sobre esta mitsvá é como você a executa. Ninguém gosta de ser repreendido. Isto é válido especialmente se você o insulta ou constrange pela

.....
maneira que lhe fala. Por isso, seja cuidadoso com o modo pelo qual o corrige.

Nunca o repreenda em público. E sempre reflita primeiro: "Como eu gostaria que me falassem se estou errado fazendo isso?" Se a outra pessoa perceber que você está tentando ajudá-lo, lhe dará ouvidos.

Não Devemos Procurar Vingança

A Torá nos ordena: "Não se vingue!"

O que é vingança? Agir com o próximo da mesma forma que ele agiu conosco. Devolver o mal se nos fez mal.

Exemplo: Fulana se recusou a emprestar um objeto pedido por sua vizinha.

Quando ela mesma precisou pedir algo para sua vizinha, esta replicou:

"Infelizmente não posso te ajudar". (Ela pensou consigo: "Por que haveria eu de fazer por ela aquilo que ela se negou a fazer comigo"?) Isto é proibido pela Torá.

Um judeu que busca vingança age como o açougueiro desta história.

Uma história - O Açougueiro que Buscou Vingança

Era um dia quente de verão. O açougueiro estava em sua loja, cortando grandes pedaços de carne. Pensava na ducha refrescante que tomaria após o trabalho.

Mas enquanto sua mente divagava, a faca escorregou. Subitamente o sangue jorrou de sua mão esquerda.

Por engano, havia cortado seu dedo médio. Ficou furioso.

"Sua mão direita idiota!" vociferou. "Por que me cortou? Vou vingar-me de você!"

Levantou o facão com a mão esquerda e cortou fora o dedo médio da mão direita.

O açougueiro agiu de forma ridícula. Cortando uma das mãos por ela ter machucado a outra, feriu ainda mais seu próprio corpo.

Um judeu que se vinga age da mesma forma. Todos os judeus são "um só corpo"; todos dependemos uns dos outros.

Não se Lembrar o Mal que o Próximo lhe Fez

A Torá não proíbe apenas a vingança. Também não podemos lembrar o mal que outro judeu nos causou. Isto significa não lhe expressar verbalmente e o fazer recordar este mal.

Exemplo: Fulana se recusou a emprestar um objeto para sua vizinha. Quando ela mesma precisou emprestar um objeto da vizinha, esta lhe disse: "Com certeza lhe emprestarei, apesar de você ter me negado quando lhe pedi".

A Torá nos ordena a não guardar rancor e ressentimento.

Há muitos tsadikim famosos que perdoaram aqueles que os insultaram ou lhes causaram mal:

Yossef – Seus irmãos planejaram matá-lo e o venderam como escravo. Yossef, entretanto, não procurou vingar-se deles. Pelo contrário, providenciou comida para eles e suas famílias por toda a vida. Eis porquê é chamado de "Yossef, o tsadic."

Moshê – Os judeus freqüentemente insultavam e enfureciam Moshê. Apesar disso, ele rezava a D'us por eles.

Rei David – Era tão humilde que quando um homem (chamado Shimi ben Gueira) o amaldiçoou, disse aos servos: "Não quero que seja punido. D'us permitiu que ele me insultasse, portanto, devo merecer!"

O sábio Hilel era famoso por jamais se aborrecer ou se ofender. Ensinou aos alunos a portarem-se da mesma maneira, também. Hilel foi recompensado com vida longa. Viveu até a idade de cento e vinte anos (bem como Moshê e Rabi Akiva).

Ame Seu Próximo Como a Si Mesmo

Sempre que tratamos o próximo da maneira que gostaríamos de ser tratados, cumprimos a mitsvá "Ame seu próximo"

E sempre que cumprimos uma das mitsvot de fazer atos bons e gentilezas, como visitar pessoas doentes ou receber hóspedes, também cumprimos a mitsvá "Ame seu próximo como a si mesmo."

Esta mitsvá é muito importante. Quando D'us criou o mundo, Ele tinha em mente que as pessoas fariam chessed (bondade) umas para as outras. Assim, sempre que cumprimos a mitsvá de amar o próximo, D'us fica feliz e diz: "Estou orgulhoso deste judeu que ama o próximo. Ele age da maneira que Eu queria que todos agissem."

Proibições no Campo e na Vestimenta

Um fazendeiro em Israel tem muitas mitsvot especiais. Uma delas é que deve ser cuidadoso para não semear dois tipos diferentes de grãos, feijões, ou legumes muito próximo um do outro.

Um fazendeiro que deseja semear duas espécies diferentes num mesmo campo deve manter um espaço entre elas. Há leis especiais bem detalhadas que

.....
especificam a distância que diferentes tipos de plantas devem ter umas das outras.

A Torá chama dois tipos de plantas que crescem juntas de kilayim – uma mistura proibida. Se um fazendeiro semeou kilayim neste campo por engano, deve arrancar todas as plantas proibidas.

Um fazendeiro judeu fora de Erêts Yisrael pode semear dois tipos de plantas juntos em um campo. Entretanto, mesmo fora de Erêts Yisrael, não pode enxertar dois tipos diferentes de árvores.

Não Podemos Vestir uma Roup Contendo Shaatnez, Uma Mistura de Lã e Linho

A Torá também proíbe um outro tipo de mistura. Um judeu não pode usar nenhuma peça de roupa que possua linho junto com a lã. Tal mistura é chamada shaatnez. Entretanto, pode-se ter o fio de linho completamente removido e substituí-lo por um de lã ou então sintético.

Uma vestimenta é completamente shaatnez mesmo se for feita totalmente de linho, mas tem botões costurados com fios de lã, ou o inverso.

Como podemos reconhecer se um casaco ou jaqueta contém shaatnez?

A maioria de nós sabe diferenciar linho de lã ao pegá-lo nas mãos, saberá que material é um ou outro. No entanto, em relação a mesma peça de roupa, com tantos detalhes e complementos (forro, etiquetas, linhas de costura, fios e botões, etc), não saberíamos se há um pedacinho pequeno e escondido de shaatnez.

No entanto, há pessoas que foram treinadas para tornarem-se "especialistas em shaatnez". Podem reconhecer um único fio de linha de shaatnez numa roupa.

Muitos especialistas usam microscópios para verificar se há linhas shaatnez num tecido.

Toda vez que compramos um casaco, terno, jaqueta, ou qualquer roupa que possa conter shaatnez, devemos levá-la a um "verificador de shaatnez" antes de vesti-lo.

Também não podemos sentar num sofá contendo shaatnez.

Por que D'us não quer que usemos roupas com shaatnez? Segundo uma explicação, é porque algumas das vestes dos cohanim, continham shaatnez. (O cinturão, o peitoral e o avental eram de linho, mas tinham fios de lã.) eram vestes sagradas que apenas os sacerdotes podiam vestir.

Assim como um rei não deixa que cidadãos comuns vistam os mesmos uniformes que os soldados, assim D'us não quer que judeus comuns vistam o mesmo tipo de roupas que os cohanim costumavam usar.

Isso pode ser uma das razões para a mitsvá, mas é claro que todas as mitsvot têm mais razões que fogem ao nosso entendimento chamadas chukim.

Árvore Frutífera

Aqui estão as mitsvot que um fazendeiro judeu deve obedecer mesmo fora de Erêts Yisrael:

Por exemplo, um fazendeiro judeu planta uma macieira. Um ano depois, já existem pequenas maçãs. Ele não pode comer ou vender estas maçãs. Deve proceder da mesma forma no segundo e terceiro anos.

A Torá ordena: "Se plantar uma árvore frutífera, não pode usar seus frutos (para comer ou vender), pelos primeiros três anos." Estas frutas são chamadas orla.

Porém, se comprarmos maçãs e outras frutas? Temos que descobrir se as maçãs são frutas orla ou não?

Se vivemos em Erêts Yisrael, antes de comprarmos frutas devemos sempre tentar saber se são orla ou não. A menos que uma fruta tenha uma supervisão rabínica declarando que não é orla, não devemos comê-la.

Fora de Erêts Yisrael a lei é diferente. Não precisamos investigar se uma fruta é orla; podemos comer todas as frutas.

Apenas se soubermos com certeza que alguma fruta foi cultivada por um fazendeiro judeu e que os três anos após o plantio ainda não passaram, a fruta é vedada para nós.

Mas geralmente não sabemos e podemos comer todas as frutas.

O que faz um fazendeiro judeu com a fruta que cresce no quarto ano após a árvore ser plantada?

Na época do Bet Hamicdash, ele devia levar a Jerusalém toda a fruta que crescesse no quarto ano. Ele tinha que comer a fruta em Jerusalém.

Se tivesse tanta fruta que lhe fosse difícil transportar para Jerusalém, era permitido trocá-la por dinheiro.

Devia usar este dinheiro para comprar comida que deveria ser consumida em Jerusalém.

Mesmo nos dias de hoje as frutas do quarto ano após o plantio da árvore são sagradas. Apenas podem ser ingeridas após o fazendeiro trocá-las por uma moeda.

Ele deveria perguntar a um rabino como trocar as frutas por uma moeda e o que deve fazer com a moeda.

Mais Mitsvot Citadas na Parshá

Não Comas Obre o Sangue

.....
A Torá nos ordena: "Não coma sobre o sangue!"

Esta ordem pode ser explicada de muitas maneiras. Eis aqui umas delas:

Um judeu que trouxe uma oferenda ao Bet Hamicdash não recebia permissão de comer sua parte da oferenda imediatamente após o abate.

Devia esperar até que o cohen tivesse borrifado o sangue da oferenda sobre o altar.

Isto é o que significa o comando "Não coma a carne de um corban antes que o sangue tenha sido borrifado sobre o altar!" Borrifar o sangue sobre o altar é a parte principal no oferecimento do corban.

Isto expia a culpa do ofertante. Não seria apropriado para ele comer sua porção antes que seus pecados fossem perdoados.

Não Podemos ser Supersticiosos

A Torá nos proíbe de acreditar em qualquer tipo de superstições. Nos tempos antigos, as pessoas eram ainda mais supersticiosas que hoje.

Muitas nações acreditavam piamente em sinais "da sorte" e "do azar". Se um rei queria decidir se começava ou não uma guerra, atiraria flechas para o alto. Decidiria então que atitude tomar baseado na direção que as flechas apontavam ao cair.

Quando o Povo de Israel vivia no Egito, os egípcios acreditavam em "presságios", sinais para prever o futuro.

A Torá adverte Benê Yisrael: "Um judeu não deve acreditar em sinais. Não acredite que se certas coisas acontecem, elas significam boa ou má sorte para você. Não acredite que certos dias ou horas trazem sorte ou azar ao começar uma nova tarefa."

Devemos acreditar na verdade. Apenas D'us decide o que nos acontecerá no futuro. E seja qual for Sua decisão, sabemos que será o melhor para nós.

Um Menino ou Homem Judeus Não Podem Cortar suas Costeletas

A Torá ordena que meninos judeus e homens não cortem as costeletas. Como ocorre com outras mitsvot da categoria de chukim, não sabemos as razões desta. Conforme uma explicação, os idólatras nos velhos tempos costumavam cortar o cabelo por igual ao redor da cabeça. D'us queria que os judeus tivessem aparência distinta. Isso ajuda-nos a perceber que judeus devem sempre ser santos e agir diferentemente.

Um Judeu Não Pode Tatuá seu Corpo

Nos tempos de outrora, sacerdotes da idolatria costumavam se tatuar. E, muitas vezes, as pessoas se tatuavam após a morte de um parente para mostrar como estavam tristes. A Torá proíbe um judeu de tatuar seu corpo. Esta lei nos mantém afastados dos idólatras e seus costumes.

Outra razão pela qual a Torá proíbe tatuagem, é porque o corpo nos foi dado como um presente por D'us. É uma mitsvá cuidar bem do corpo. Não devemos perfurá-lo ou marcá-lo sem necessidade.

Mostrar Respeito pelo Bet Hamicdash

Era uma mitsvá para cada judeu que subia ao Har Habayit, a montanha onde ficava o Bet Hamicdash, comportar-se seriamente e com respeito.

Ao entrar no pátio do Templo, deveria demonstrar ainda mais respeito, lá todos tinham que permanecer de pé. (Apenas reis da família real de David tinham permissão de sentar-se no pátio.) Cada judeu era lembrado desta forma que a presença de D'us repousava lá, e era obrigado a comportar-se de acordo.

Hoje temos uma lei que demonstra nosso respeito pelo Bet Hamicdash:

Não podemos fazer nenhum objeto exatamente da maneira que existia no Bet Hamicdash. Por exemplo, a menorá no Bet Hamicdash tinha sete braços.

Usamos, portanto, menorot com cinco, seis ou oito braços. Da mesma forma, não fazemos para nós mesmos uma shulchan (mesa) ou outro objeto exatamente da maneira que havia no Bet Hamicdash.

Outra mitsvá que nossos Sábios decretaram é: Devemos nos comportar com respeito numa sinagoga e numa Casa de Estudos (Bê Midrash). Eles são nossos pequenos Batê Micdash, mini-Templos.

Que leis devemos cumprir na sinagoga?

Devemos nos comportar com seriedade e respeito, lembrando que a Presença de D'us repousa neste local.

Não devemos falar sem necessidade; se queremos conversar, o fazemos fora deste recinto.

Devemos nos manter sentados em silêncio mesmo se não estamos rezando; sentar na sinagoga já é uma mitsvá! O livro de Tehilim nos ensina: "Ashrê yoshvê betecha"- "Feliz é o povo que (apenas) se senta em Sua Casa".

É Proibido Realizar a Magia de Ov e Yidoni

Muitas nações nos tempos antigos ocupavam-se com magia. Havia um tipo de mágico chamado ba'al ov. Ele sabia como fazer sua voz soar como se viesse de muito

.....
longe. Com esta mágica, ele trouxe pessoas mortas de volta dos túmulos e os fazia falar.

Outro tipo de mágico era o yidoni. Este colocava um osso de um certo animal na boca. Com magia, fazia o osso falar. Então o mágico fazia coisas esquisitas, caía no chão, e predizia o futuro.

Devemos Honrar os Judeus Idosos

A Torá nos ordena: "Quando você ver um judeu de setenta ou mais anos, deve honrá-lo! Fique de pé e aja respeitosamente em relação à ele"

Um judeu de idade é honrado mesmo não sendo um sábio. Merece ser respeitado porque D'us lhe concedeu vida longa.

Tem experiência de vida e reconhece os caminhos maravilhosos de D'us neste mundo. Se todos judeus idosos devem ser honrados, quanto mais nossos próprios avós, se somos afortunados de o termos conosco.

O midrash nos conta:

Como Nossos Sábios Honravam os Idosos

Quando o sábio Abaye caminhava pela rua, costumava estender seu braço para que todo judeu idoso pudesse apoiar-se nele.

O próprio Rava não sustentava pessoas idosas. Porém, sempre que via um judeu de idade, mandava um de seus alunos oferecer-lhe o braço.

Sempre que Rabi Meir via um judeu idoso, mesmo um que não fosse estudioso da Torá, levantava-se para ele. Dizia: "Deve haver uma razão para D'us deixá-lo viver até esta idade avançada: ele certamente realizou boas ações!"

Devemos Honrar os Eruditos de Torá

A Torá chama um erudito de zaken (homem idoso), mesmo se for jovem. Por ter estudado Torá, possui a sabedoria de um homem de mais idade. Por isso, a Torá nos ordena: "Honra todo erudito de Torá, seja ele jovem ou idoso."

Nós nos levantamos para um erudito; fazendo-o caminhar à nossa frente. É claro que cada aluno deve honrar ainda mais seu próprio mestre de Torá.

Em Pirkê Avot está escrito: "Seu respeito pelo Rebe deve ser tão grande quanto seu temor a D'us."

Um aluno deve levantar-se para seu rebe: não pode sentar-se na cadeira do rebe; deve fazer perguntas com respeito; não deve interrompê-lo, e tampouco contradizê-lo. Seu rebe merece a maior honra, porque lhe ensina a Torá, doando seu tempo e sabedoria.

Não Devemos Trapacear com Pesos ou Medidas

Se você pesa ou mede um artigo que deseja vender, a Torá adverte: "Tenha balanças e fitas métricas exatas!"

Uma balança dos tempos antigos tinha dois pratos. Em um deles, o mercador colocava pedras. Cada pedra tinha um determinado peso. No outro prato ele punha mercadorias do mesmo peso.

Se ele marcasse uma pedra com as palavras "1 quilo", mas na verdade a pedra pesasse menos que um quilo, o cliente sempre recebia menos que um quilo de mercadoria.

Hoje em dia, usamos balanças computadorizadas. O vendedor põe os artigos na bandeja da balança e o peso aparece no mostrador. Mesmo assim, se o computador não é exato, o cliente será prejudicado.

Por isso, independente do tipo de balança ou medidor que o judeu use, a Torá lhe ordena: "Assegure-se de que está exato. Se trapacear, seu freguês jamais saberá. Mas há Alguém que sempre o sabe."

A Santidade da Nação Judaica

Nesta Parashá, aprendemos sobre importantes mitsvot. Podemos cumprir algumas delas todos os dias.

Quando Moshê explicou esta Parashá, Benê Yisrael ouviu com atenção.

Quando Moshê terminou, disse em nome de D'us: "Eu, D'us, dei a vocês todas estas mitsvot para que possam ser santos, kedoshim. Se vocês, a nação judaica, agir de maneira diferente dos outros povos, então serão Meus".

Bondade vs. Santidade

Serás sagrado, pois Eu, o Eterno teu D'us, sou sagrado – diz a porção desta semana da Torá (Vayicrá 19:2).

De quanto um ser humano mortal é capaz? Podemos nós, criaturas de hábito, cerceadas por limites naturais, atingir a verdadeira transcendência? Ou estamos presos pelos nossos limites finitos, incapazes de nos libertar de nossas próprias margens, assim como um leopardo não pode mudar suas manchas ou um tigre suas listras?

Muitos pensadores e teóricos há muito mantêm a posição de que o homem jamais pode escapar de seu universo autocontido.

Fazendo parte da estrutura da existência, estamos confinados pelos nossos limites inerentes, talvez esticando-os um pouco, mas terminaremos por bater a cabeça no teto em nossa busca pelo imortal.

Não importa quão longe vá o finito, jamais poderemos atingi-lo. Se não fizer parte dos nossos limites naturais de tempo e espaço e de nossas dependências em comida, sono, abrigo e outros, nossos próprios interesses subjetivos não nos permitirão ir além de nós mesmos.

.....
Uma versão agressiva dessa perspectiva – baseada no modelo Darwiniano-Freudiano de que a sobrevivência, o autointeresse e a autoconservação são o impulso principal de todas as espécies – afirma que até nossas tentativas de transcendência são parte das necessidades de servir ao “gene egoísta”.

As espécies podem ter uma necessidade de crer na salvação, mas até a própria fé é parte do programa matriz que nos mantém reféns para sempre.

Outra escola de pensamento, porém, advoga a capacidade humana de realmente elevar-se acima e além de seus limites.

Seja por meio da música, arte ou romance, o anseio humano de ir além das necessidades de sobrevivência permanece no âmago do espírito humano, alimentando nossas aspirações e sonhos – anseios que podem atingir alturas inimagináveis.

Os místicos em particular ensinam como podemos, com vários exercícios, tradições e meditações, nos conectar com a luz interior, o espírito mais elevado, a unidade mais profunda, a energia Divina – seja qual for o nome usado para se referir à capacidade humana de tocar o céu.

Fé e religião oferecem às pessoas maneiras de ir além de sua solidão existencial, e introduzem na vida do homem comum dimensões de outra realidade.

Mas então nos resta o dilema: como podemos encaixar o infinito dentro de nossos limites finitos? Energia ilimitada dentro de recipientes limitados? O Divino pode ser integrado ao humano? O imortal dentro do mortal?

O eterno nos limites temporais de nossas vidas e estruturas, sem nos aniquilar? A resposta na porção desta semana da Torá é inequívoca: “Serás sagrado”.

Bondade, virtude e amor – por maiores que sejam, ainda são parte do sistema, e assim, limitados por suas regras, fronteiras e parâmetros. A santidade, em contraste, é mais que humana.

Tornar-se sagrado significa que sua virtude não está apenas em seus termos e sua conveniência, mas vai além de si mesma ao ajudar o outro, mesmo quando isso não é conveniente para você.

O amor humano é limitado à sua capacidade e disposição de amar, predicado e condicionado pelas suas necessidades; “você” ainda é um fator, distinto e à parte de seu ente querido.

O amor sagrado é transcendente e incondicional; está indo além de si mesmo até o ponto em que “você” não mais domina; você e seu ente querido são um só.

A Torá está nos dizendo: sim, podemos e, sim, devemos nos tornar mais que humanos. Sim, somos capazes de transcender o próprio sistema que nos sustenta.

E além disso, temos o poder de transformar o sistema em si mesmo. Santificando nossas vidas materiais transformamos os limites confinados da existência numa forma de energia mais elevada.

Mas como isso é possível? Não temos a regra de que nenhum sistema pode mudar a si mesmo? Somente uma força fora do sistema pode mudar aquele sistema.

A resposta está na segunda metade do versículo: “Serás sagrado, pois Eu, o Eterno, sou sagrado.” D'us partilhou Sua Divina Santidade conosco.

Em outras palavras, embora estejamos no sistema, temos dentro de nós uma parte que está além do sistema. E essa parte nos permite transcender e até transformar o sistema.

Os seres humanos têm dois componentes: uma parte que é bastante do sistema, governada pelas leis da natureza; uma segunda parte enraizada além do sistema. Minerais, vegetais e animais têm somente a primeira parte; como um relógio, eles sempre seguem padrões previsíveis.

Os seres humanos têm também o segundo componente, permitindo-lhes transcender a própria natureza. A todo momento em nossas vidas temos a opção – qual parte de nós mesmos controlará nossas vidas? Servir nossas próprias necessidades ou (até saudáveis e amorosas) ou servir a um propósito mais elevado, santificando a vida.

Em termos práticos ser sagrado significa sair de sua zona de conforto e do comportamento convencional. Mesmo que você esteja fazendo coisas boas, desde que sejam por hábito e de cor, você não é chamado aquele que está “servindo” ao Divino – avodat Hashem. “Avodah” significa algo que vem com esforço, esforço extenuante, não por hábito, mesmo um que seja bom.

Enquanto nosso comportamento é definido pelos parâmetros de nossas inclinações naturais e rotinas adquiridas, permanecemos encurralados na própria estrutura que estamos seguindo.

Quando vamos além da nossa zona de conforto e fazemos algo inesperado permitimos que nossa alma Divina venha à tona, libertando-nos das amarras dos limites da natureza.

Por sua vez, isso nos permite santificar nossa existência. Não expandimos meramente nossos limites naturais, mas ao irmos além de nós mesmos introduzimos na existência uma dimensão que está além dela – assim, transformando-a e consagrando-a.

Ao lermos a porção desta semana – Kedoshim tehiyu – é um momento excelente para cada um de nós resolver fazer algo novo e imprevisível para alguém que amamos ou para um estranho. Fazer algo sagrado.

.....
E o momento não poderia ser mais apropriado. À medida que saímos das celebrações da transcendência de Pêssach – liberdade das amarras e limites (o significado da palavra hebraica mitzrayim) – Kedoshim tehiyu nos impele a santificar nossas vidas.

Seja sagrado. Não seja apenas bom, seja sagrado. Não seja apenas humano, seja Divino.

A Ciência da Sobrevivência Judaica

Por Dov Greenberg

Há mais de três mil anos, um grupo de escravos judeus foram libertados do Egito. Desde então, nessa época do ano, revivemos sua história em Pêssach, a Festa da Liberdade.

Imagine que pudéssemos viajar de volta no tempo e dizer ao Faraó: "Temos boas e más notícias. A boa é que um dos povos que estão vivos hoje sobreviverá e mudará a paisagem moral do mundo.

A má notícia é: não será o seu povo. Será aquele grupo ali de escravos hebreus, que estão construindo seus gloriosos templos, os Filhos de Israel."

Nada poderia ser mais ultrajante. O Egito do tempo dos faraós era o maior império do mundo antigo, brilhante em artes e ciências, formidável na guerra. Os israelitas eram um povo sem terra, escravos indefesos.

De fato, já na antiguidade, aqueles no poder acreditavam que os israelitas estavam em vias de extinção. A primeira referência a Israel fora da Bíblia é um obituário do povo judeu. Está inscrito numa pedra grande de granito, que hoje se encontra no Museu do Cairo: Ali diz: "Israel acabou. Sua semente não existe mais."

A história da sobrevivência judaica é tão excepcional, vasta e sem paralelos que desafia a imaginação.

Em nosso próprio século, as duas grandes potências que anunciaram: "Israel acabou" – o Terceiro Reich de Hitler e a União Soviética – foram esmagados e desmantelados. Porém o povo de Israel vive.

Muitos pensadores e cientistas sociais tentaram, e ainda estão tentando, entender a sobrevivência de um povo, uma fé e um legado durante três milênios de condições históricas praticamente impossíveis. Blaise Pascal, o notável pensador, matemático, teólogo, físico francês do Século Dezesete, escreveu:

"Em algumas partes do mundo podemos ver um povo peculiar, separado dos outros povos do mundo, chamado de povo judeu...

Este povo não apenas é de impressionante antiguidade como também tem perdurado por um tempo singularmente longo... Pois enquanto os povos da Grécia e Itália, de

Esparta, Atenas, Roma e outros que surgiram muito depois pereceram há tanto tempo, este ainda existe, apesar dos esforços de tantos reis poderosos que tentaram uma centena de vezes acabar com ele, como seus historiadores atestam, e como pode ser facilmente julgado pela ordem natural das coisas no decorrer de tantos anos.

Eles sempre foram preservados, no entanto, e sua preservação foi prevista... Meu encontro com esse povo me surpreende..."¹

Este é um tributo comovente, mas exige explicações.

A Ciência da Sobrevivência

Talvez possamos encontrar nossa resposta nos grandes pensadores empíricos de nosso tempo, os cientistas. Eles nos dizem que quando um cientista procura determinar as leis que governam um determinado fenômeno, ou descobrir as propriedades essenciais de um elemento da natureza, deve fazer uma série de experimentos sob as mais variadas condições para descobrir aquelas propriedades ou leis sob as quais todas as condições são as mesmas.

O mesmo princípio poderia ser aplicado à sobrevivência judaica. É um dos povos mais antigos do mundo, começando sua história nacional com a revelação no Sinai há mais de três mil anos. No decorrer desses séculos, os judeus viveram sob condições extremamente variadas.

Foram dispersos pelo mundo. Tiveram múltiplos idiomas, possuíram uma diversidade de culturas. Por exemplo, Rashi viveu na França cristã. Maimônides nasceu na Espanha islâmica.

Rabi Akiva viveu sob o governo romano; os sábios talmúdicos sob a hegemonia babilônica. Suas sociedades foram totalmente diferentes. Tudo que os ligava no espaço e tempo eram uma fé, o estilo de vida de Torá.

Nenhum outro povo sobreviveu durante tanto tempo sob tais circunstâncias. Se quisermos descobrir os elementos essenciais que formam a causa e a própria base da existência de nosso povo e sua força singular, devemos concluir que não foi sua terra, idioma, cultura, predisposição racial ou herança genética. O único fator constante que preservou nosso povo durante todas as vicissitudes é o tenaz apego ao nosso legado espiritual.

Foi isso que tornou nosso povo indestrutível apesar de milênios de investidas contra o corpo e alma judaicos por bandidos e monstros de todas as espécies.

O que a História Judaica nos diz é que a força do nosso povo como um todo, e de cada indivíduo, está num compromisso fiel à nossa herança espiritual, a base e essência de nossa existência.

O peixe e a raposa

Ninguém expressou isso melhor que Rabi Akiva, o grande sábio do Segundo Século. O Talmud relata como Rabi

.....
Akiva ensinava Torá em público na época em que o governo romano, sob o Imperador Adriano, proibiu essa atividade. Outro sábio, Pappus ben Judah, advertiu-o de que estava arriscando a própria vida. Rabi Akiva respondeu com a seguinte parábola:

Uma raposa certa vez caminhava pela margem de um rio, quando viu peixes pulando de um local para outro. "Por que estão fugindo?" perguntou ela aos peixes. "Para escapar das redes do pescador." "Neste caso", disse a raposa, "venham viver na terra seca junto comigo."

"Você é aquele que descrevem como o mais esperto dos animais?" disse o peixe. "Você não é esperta, mas tola. Se estamos em perigo dentro da água, que é onde vivemos, imagine em terra seca, onde certamente morreremos."²

A Torá é para a sobrevivência judaica, disse Rabi Akiva, como a água para o peixe. Sim, estamos em perigo, mas se deixarmos a Torá, que sustenta nossa identidade, para entrarmos na terra seca dos Romanos, certamente morreremos.

Esta não era meramente a convicção pessoal de um certo Rabi Akiva. É a própria história de Pêssach. Deixar o Egito foi apenas o início da liberdade, não o fim.

Mas o que seria Pêssach sem sua conexão íntima com Shavuot? O que seria a liberdade israelita sem a Revelação no Sinai? ³ Imagine a Bíblia como a narrativa de um mero grupo cultural ou étnico. Leríamos sobre a escravidão dos israelitas no Egito. Continuaríamos a ler com entusiasmo sobre como eles conquistaram sua liberdade e foram levados a uma terra própria.

Depois leríamos sobre como eles se mesclaram à paisagem ao redor, casaram-se com canaanitas, jebusitas e os outros povos do antigo Oriente Próximo, e se evaporaram com o tempo, irrevogavelmente.

Sobrevivemos porque levamos a Torá conosco até Israel. Somos quem somos por causa de uma fé importante, fé que se provou mais forte que os maiores impérios da história.

O Antigo Egito e Roma construíram grandes monumentos para sobreviverem aos ventos e às areias do tempo. Aquilo que eles construíram está de pé e em alguns aspectos jamais foi superado. Porém somente a arquitetura permanece, não a civilização que uma vez lhes deu vida.

O Antigo Israel se tornou construtor, também, mas não de monumentos em pedra. Em vez disso eles foram chamados ao Sinai para construir um mundo de justiça, digno de ser a morada da Divina Presença.

Suas pedras seriam suas ações sagradas, e sua argamassa o estudo de Torá e compaixão. Ao ensinar os israelitas que o Arquiteto desse mundo é D'us, os construtores são todos que desejam se tornar Seus "parceiros na obra da criação". Moshê transformou um grupo de escravos num povo eterno.

Notas:

1 - Pascal, "Pensees".

2 - Talmud, Berachot 61b.

3 - Perante o Faraó, Moshê não exigiu simplesmente em nome de D'us: "Deixa Meu povo ir", mas "Deixa Meu povo ir; para que eles Me sirvam. (Shemot 7:16). veja também Sefer HaChinuch (Mitsvá 306), que a razão de ser do Êxodo foi entrar num pacto com D'us que é nossa força de apoio.

Então, Shavuot é a única festa que não tem data marcada no calendário. A Torá o designa como o 50º dia após Pêssach. Como Shavuot é o complemento de Pêssach, o propósito do Êxodo foi concretizado somente no dia em que ficamos no Sinai.

O Que Há de Tão Terrível na Idolatria?

Por que o judaísmo é tão intolerante quanto à idolatria? Não estou falando de templos imensos com sacrifícios humanos. Mas sim, falo do idólatra civilizado, na privacidade de seu próprio lar. Com um emprego, família, hipoteca, que faz doações para o Fundo Mundial contra a Fome e o Greenpeace - e ao invés de um D'us, ele simplesmente tem dois ou três, ou mesmo várias dúzias, todos alinhados no painel do carro. Por que o judaísmo faz disso um pecado capital, exigindo a erradicação total da idolatria em cada canto do mundo? Desde que não prejudique ninguém, o que há de tão terrível?

Resposta:

Há muitas maneiras de se responder a isso, mas tomemos uma perspectiva histórica. Os historiadores concordam que nosso atual padrão ético origina-se na ética judaica.

Sim, os gregos nos legaram as ciências naturais, a filosofia e a arte; os romanos nos deram estrutura governamental e engenharia; dos persas, temos a poesia e a astronomia; dos chineses, o papel, a impressão, a pólvora, acupuntura e mais filosofia, e assim por diante.

Porém o fato histórico é que todas estas culturas (e todas as outras não citadas) apoiaram e até glorificaram atitudes e comportamentos que hoje em dia abominamos universalmente.

Nos dias de hoje, se você se livrar dos filhos não desejados, praticar a pederastia, colocar seres humanos para se matarem uns aos outros por esporte, ignorar os direitos daqueles inferiores a você na pirâmide social e recusar-se a reconhecer qualquer responsabilidade social para com os pobres e os desabilitados, e mal consegue esperar para correr para a guerra contra o país vizinho, você é um bárbaro.

Você teria sido um perfeito cidadão de Atenas ou Roma, mas hoje, nenhum clube o aceitaria.

De onde vêm estes valores? Existe somente uma fonte que os historiadores podem apontar: a Torá. E o mesmo ocorre com a educação universal e o ideal da paz no mundo.

Ora, isso dá a qualquer erudito um problema de monta para resolver. A História é geralmente vista como algo similar à uma floresta virgem e diversificada, onde uma coisa cresce a partir de outra. As sementes caem e brotam. As árvores ramificam e florescem, depois caem e nutrem cogumelos a partir de sua raiz apodrecida.

Toda a vegetação e criaturas da floresta dividem o mesmo ar, água e solo, e nenhuma criatura pode subsistir isolada. Assim também, uma civilização se ergue do barro, ramifica-se, e cai para tornar-se o solo nutriente para a próxima. As idéias se transformam, numa perpétua metamorfose ao passarem pelos filtros das variadas culturas. Tudo o que é, já foi - e terminará por passar.

Tudo exceto os judeus. Totalmente fora de contexto, com uma ética que fez cada nação chamá-lo de louco e absurdo, totalmente radical, sempre fora do compasso. Definitivamente, não é parte desta floresta. E no fim, sua ética leva a melhor.

Faz-se necessária alguma explicação. Antes de mais nada, de onde eles tiraram estas idéias estranhas? E dizer-me que o Todo Poderoso os tirou da escravidão e ditou tudo para eles, não funciona. É verdade, mas não basta. Porque os seres humanos somente podem ouvir aquilo que já sabem. Precisava haver alguma coisa lá que chegou antes.

A resposta clássica é que certa vez, houve um homem chamado Avraham (Abraão), vindo de Ur, na Caldéia - a base original da civilização. Ele surgiu com este padrão através de seu próprio gênio independente. É claro que ser engenhoso, bravo e dissidente não bastava.

Sua missão exigia também a tenacidade e a convicção para despertar uma geração que daria continuidade a esta idéia, nadando rio acima em situação de inferioridade perante a sociedade dominante. E então, por muitas eras, esta ética provou ser a espinha dorsal mais eficaz de uma sociedade sustentável.

Agora, diga-me, algum erudito racional realmente acredita neste cenário?

Na verdade, a versão apoiada pelo Talmud e descrita em detalhes pelo Rambam (Maimônides) é muito mais crível:

A ética que Avraham apresentou ao mundo já existia desde o início. A humanidade sabia que cada pessoa era feita à Divina imagem, que a vida tinha um propósito.

Que o mundo era a obra de uma entidade celestial que desejava que dele cuidássemos, e que nos julgava segundo nossos méritos. Mesmo no tempo de Avraham, indivíduos isolados resistiam e pregavam isso a seus discípulos, como uma tradição desde Adam (Adão), Metushelach (Matusalém) e Nôach (Noé).

Mas estamos falando de seres humanos. Exatamente por causa da centelha Divina dentro de si, o humano é também a criatura selvagem e louca que busca a abordagem de vida mais bizarra, capaz e pronto a fazer qualquer coisa. Assim, a sociedade humana em geral abandonou o padrão original de Adam por "aquilo que a faz sentir-se bem." A lei tornou-se nada mais que uma forma de o rei governar seu povo.

A ética passou a ser nada mais que o costume que fosse mais confortável para a maioria das pessoas. A única medida do valor de uma vida humana era o grau de poder que a pessoa tinha. E o mundo natural era visto como um local sem valor, não valendo a pena investir em nada além daquilo que produzisse alimentos e poder sobre os outros.

Avraham não precisou começar com a humanidade a partir do zero. Ele tinha apenas que resgatar aquela ética original. Mas ele também redescobriu - e ele o fez por si mesmo - a base que tornou aquela ética sustentável: o Monoteísmo.

Mais especificamente: a providência monoteísta. Para simplificar: todo adulto e criança deve saber que há um Único Criador de todas as coisas, que Se importa com aquilo que você está fazendo com Seu mundo.

Por que o Monoteísmo e a Providência São Tão Essenciais?

Voltemos à história novamente, segundo as fontes judaicas tradicionais:

Os predecessores de Avraham também sabiam do D'us Único, Criador do céu e da terra. Porém eles entendiam D'us como sendo sublime e transcendente demais para estar ocupado com este mundo profano e suas criaturas.

Eles começaram a fazer pouco de Sua providência, afirmando que poderes secundários, de Seu mandato, tinham sido concedidos como uma parte do domínio. Chegaram ao ponto de construir templos, onde concentravam suas mentes na dinâmica destas forças, atingindo alturas espirituais e poder místico.

Por fim, a sabedoria deu lugar ao charlatanismo, conforme os sacerdotes diziam às massas que uma determinada estrela, deus ou deusa tinha falado com eles, ordenando-lhes que servissem a ele ou ela de uma certa maneira.

Os governantes acharam que uma boa mistura de conhecimento secreto e uma mitologia conveniente poderia ser um instrumento de poder sobre o populacho; que controlando o fluxo de conhecimento, seriam capazes de manter o povo em respeito e obediência.

Foi aí que Avraham divergiu. Ele enxergou através da ordem estabelecida com sua hierarquia de conhecimento e poder, e ponderou que esta era a origem de todo o mal. Viu até o fundo disso: enquanto D'us estivesse "lá em cima" e tudo o mais fosse visto como num plano descendente, mais e mais distante de Seu domínio, este mal continuaria.

.....
Dentro deste paradigma, a vida humana perde seu valor essencial. Você, como indivíduo, não conta mais. Tudo que importa é quão alto você está na escala. Não somente os direitos humanos, como também o avanço da tecnologia é atrasado - pela necessidade da classe dominante de manter as massas trabalhando. Todo o progresso é dar ainda mais poder ao poderoso. A saúde pública, a previdência e a educação são um desperdício.

Portanto, Avraham desafiou aquela hierarquia. Ele ensinou cada pessoa a invocar o nome do Único D'us dos céus e da terra, que julga igualmente os atos de todos os homens, desde o rei mais importante até o servo mais humilde. Ao colocar o D'us original de volta no mundo, Avraham criou a "pessoa" - um ser humano que tem valor apenas por estar aqui.

Dentro do antigo padrão, a ética não tem uma base para se firmar. Se você não gosta daquilo que um deus exige de você, vai procurar outro deus que seja mais a seu gosto. Ou você molda estes deuses, enganando-os ou subornando-os, como eles mesmos estão acostumados a fazer um com o outro.

Afinal, nenhum deles é supremo, nenhum é todo poderoso. Portanto, tudo é justificável. Então, Avraham destruiu os ídolos. Como existe somente um D'us, que supervisiona todas as coisas, a moralidade deixou de ser relativa. Todas as éticas são determinadas não pelo fluxo da conveniência social, mas por Seu padrão intransigente.

Sem a base de Avraham para a ética, a sociedade não tem estabilidade. Qualquer instituição poderia ser abalada até os alicerces, modificando as circunstâncias e os caprichos da vontade humana. Na Grécia Antiga, a instituição do casamento chegou à beira do colapso, devido às preferências pelo mesmo sexo, enquanto que em Roma, a unidade da família foi gradualmente desmantelada pela promiscuidade.

As instituições que deveriam ter nutrido a espiritualidade humana em muitas sociedades tornou-se corrupta em orgias sangrentas e na veneração aos sentidos.

Em muitos exemplos, tais como o oriente, com nenhum senso de responsabilidade social, permitiu-se que a pobreza crescesse em proporções incontáveis, com imensa concentração de poder.

Em nossa época, com a origem das espécies atribuída aos místicos deuses do acaso e da lei natural, foram cometidos os mais horrendos crimes contra a humanidade, e a própria biosfera está ameaçada.

Somente quando os edifícios da sociedade se erguerem sobre o alicerce sólido Daquele que Criou Tudo em Primeira Mão, uma sociedade sustentável poderá desenvolver-se.

A bem da verdade, a mensagem de Avraham também começou a perigar com o tempo. Não foi senão até que a providência monoteísta transcendesse o reino das idéias e

se tornasse a real experiência de vida de um povo, que foi realmente capaz de prevalecer.

E é exatamente isso que aconteceu no Monte Sinai, quando os descendentes de Avraham ficaram face a face com as ordens de agir diretamente vindas do Alto. O conceito da "mitsvá" entrou no mundo - algo que você faz porque D'us assim o deseja. E esta base tem se provado para sempre resistente.

Quanto ao restante das nações, como escreve o Rambam, elas também receberam ordens no Monte Sinai - de cumprirem as sete mitsvot de Adão e Nôach, que incluem a proibição contra o politeísmo.

Hoje, estamos testemunhando os mais dramáticos resultados da estratégia de Avraham em ação: nosso progresso nos últimos 500 anos, até chegar à atual habilitação do consumidor com a tecnologia e a informação, somente tornou-se possível através do despertar desta ética. Em um mundo politeísta, isso jamais teria ocorrido.

Foi somente depois que o povo da Europa começou de fato a ler a bíblia e a debater o que ela tinha para lhes dizer, que os conceitos de direitos humanos, responsabilidade social, o valor da vida e por fim o ideal da paz mundial tiveram seu lugar no progresso da civilização. E somente um mundo assim poderia ter desenvolvido a educação e a saúde públicas, a pensão de aposentadoria, os telefones, máquinas de fax, computadores, a Internet, o design ambiental e o desarmamento nuclear.

Estamos muito envolvidos para reconhecermos isso; o cobertor das trevas que resiste lutando até seu último alento preocupa nossas mentes. Porém se pudéssemos viajar de volta no tempo e descrever ao judeu das eras passadas o mundo que temos hoje em dia - um mundo que valoriza a vida, a paz mundial, os direitos individuais, a liberdade de expressão, o estudo, o saber e a compaixão por aqueles que possuem menos - aquele judeu sem dúvida responderia de olhos arregalados: "Quer dizer, são os dias de Mashiach?"

Um tempo que começou quando um jovem na Suméria pegou um martelo e esmagou os ídolos na casa de seu pai.

O Presente da Identidade

Por Rabi Mordechai

O Sêder é uma noite mística, mágica.

Porém é muito mais que isso. É a noite em que os pais dão aos filhos o presente da identidade. Através desse rito de passagem, os pais transmitem ao filho uma certeza intrínseca sobre seu lugar no mundo.

A criança aprende que é infinitamente valiosa e digna; entende intuitivamente que sua existência no mundo como judeu tem um significado e um propósito.

.....
Como esta poderosa "certeza de ser" emerge de uma refeição festiva que celebra um antigo acontecimento histórico?

Na monotonia da vida diária, a certeza de ser parece eternamente ilusória. Parte do problema está na maneira pela qual vivenciamos o tempo. Com frequência, vivemos segundo as palavras de um adágio medieval: "O passado não é mais, o futuro ainda não é, e o presente é um piscar de olhos." Nessa concepção, não temos uma âncora no fluxo torrencial do tempo. Todos os vestígios de uma identidade firme são varridos para longe. O presente fugaz está divorciado do passado e do futuro.

Uma maneira radicalmente diferente de vivenciar o tempo é aquilo que chamo de "Tempo Pêssach" – um presente que encerra tanto o passado como o futuro. Prisioneiros que estiveram encarcerados durante décadas no gulag dizem que sua capacidade de sentir a vida através do prisma de suas memórias e sonhos foi uma âncora de esperança num presente intolerável.

Foi sua capacidade de viver em "Tempo Pêssach" que lhe deu a força para enfrentar uma realidade que lhes negava dignidade e valor. Foi isso que lhes deu esperança.

A memória é a essência da esperança: este é o significado profundo do ensinamento de Rabi Nachman de Breslav, que quando um judeu acorda pela manhã, deve lembrar-se do mundo como poderia ser – como será um dia. Como escreve Gabriel Marcel – "A esperança é a memória do futuro."

Em resposta à pergunta de "Quem sou eu?" o ser humano responde: "Sou minha memória e meus sonhos; sou minha história e minha esperança. Tanto o passado quanto o futuro vivem no presente e informam minha identidade interior.

Sou a soma de minhas memórias do passado e do futuro. Eles dão à minha vida seu semblante, caráter e forma únicos."

Sob o ponto de vista judaico, a memória individual não está sozinha. Ela se funde com a memória do povo, à medida que o coletivo e o pessoal se juntam. A identidade de um judeu é formada pela simbiose da história de sua pessoa e a história de seu povo.

Em contraste com o judeu está Amalêc – um povo sem memória. Esta concepção sublinha o ensinamento cabalista de que Amalêc é igual a safec (incerteza).

Análise este exemplo histórico: Os Filhos de Israel deixaram o Egito. Enquanto viajam pelo deserto, "as nações estremecem".

Ainda está fresca na memória a impressionante exibição do poder Divino que caracterizou o Êxodo.

Não é para menos que todas as nações tenham evitado atacar Israel. Somente um país ataca: Amalêc. Por quê?

Porque Amalêc não tem memória, vive numa realidade afastada do passado e do futuro.

É por este motivo que Amalêc é o símbolo bíblico do mal. Para os Gregos, o mal se origina na falta de conhecimento. Platão escreveu que a virtude é conhecimento, e a ignorância é a fonte do mal.

Para os judeus, no entanto, a fonte primária do mal é a perda da memória, não a falta de conhecimento. Apropriadamente, Amalêc – o símbolo do mal nas fontes judaicas – é a pessoa ou o povo sem memória.

Uma das modernas encarnações de Amalêc foi o movimento nazista. Elie Wiesel tentou capturar a essência daquilo que o nazista disse ao judeu em seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel.

"Esqueça. Esqueça de onde veio, esqueça quem você foi. Somente o presente importa." Os nazistas não apenas queriam matar os judeus, como queriam também destruir sua certeza de identidade. Portanto, esse foi o método nazista: a destruição da memória.

Não é surpresa que a principal atividade intelectual dos simpatizantes contemporâneos do Nazismo seja o revisionismo histórico, ou a negação do Holocausto.

Revisar a história é destruir a memória, o que equivale a assassinar mais uma vez. A redenção segundo o modelo bíblico depende da erradicação de Amalêc. A redenção é a recuperação da memória. Assim, é correto que a resposta judaica a Amalêc seja: "Lembra-te do que Amalêc fez quando tu deixaste o Egito."

O Sêder de Pêssach é uma refeição da memória. Lembramo-nos e nos identificamos com a certeza que o povo de Israel sentiu na infância de sua nação. Os 40 anos no deserto são a "primeira infância" de Israel.

D'us age no papel de um pai amoroso, concedendo a seus filhos o alimento (maná) e proteção contra o mal. Nós recordamos o amor incondicional que D'us tem por nós. No decorrer de toda a incerteza dos anos subsequentes, é o poder deste amor incondicional que nos sustenta.

Terminamos o Sêder com um sonho para o futuro. No próximo ano em Jerusalém. Não apenas Jerusalém, a cidade física, mas Jerusalém, o símbolo de um amanhã melhor.

No Sêder de Pêssach, damos aos nossos filhos a promessa de um sonho e o mais doce de todos os presentes: o dom da memória.

Quem é Judeu?

Pergunta
Quem é judeu?

1:

Resposta:

.....
Nos últimos 3300 anos, a definição universal aceita por todos os judeus, sem exceção, é a da Halachá (Lei Tradicional da Torá):

Qualquer pessoa nascida de mãe judia é um judeu.

Um não-judeu pode ser convertido para se tornar judeu, mas somente de acordo com as condições da halachá, incluindo circuncisão (para o homem), imersão num micvê casher e a aceitação de todos os mandamentos da Torá.

Outra condição haláchica: a conversão deve ser supervisionada por um Bet Din (corte de Lei da Torá), de eruditos da Torá, que se sujeitam à autoridade Divina da Halachá e a seguem em suas vidas cotidianas.

2. Pode qualquer não-judeu se tornar judeu?

Resposta:

Sim! Desde que seja sincero com o seu compromisso e o Bet Din estiver convencido de sua sinceridade.

3. Esta é a única maneira de se tornar judeu?

Resposta:

Sim. Este padrão haláchico tem sido aceito através da história judaica por todos os judeus, sem exceção, observantes ou não da Torá, pelo seu bisavô tanto quanto pelo meu.

David Ben Gurion, o primeiro Chefe de Estado de Israel, judeu tão secular quanto possível, compreendeu em seu entendimento de Estadista que só pode existir um padrão de Halachá, e preservou o antiquíssimo “status quo”.

Consequentemente, o único padrão para a conversão em Israel (como em todos os assuntos religiosos, casamentos, divórcios, etc), sempre foi o tradicional haláchico.

Um assunto tão sério e profundo como conversão ao judaísmo obviamente exige um critério sério e universalmente aceito, pelo qual medir sua autenticidade.

4. A Halachá aceita conversões do movimento Reformista ou Conservador?

Resposta:

A Halachá só reconhece uma conversão quando realizada de acordo com todas as suas regras.

Mas isto não é uma questão de Ortodoxo em contra partida a Conservador ou Reformista.

O que conta aqui não é o rótulo que se tenta dar a um determinado grupo, mas o processo da própria conversão: se um rabino ortodoxo realiza uma conversão não

totalmente de acordo com a Halachá, então essa conversão não será reconhecida pela Halachá.

A Halachá é o critério exclusivo para determinar como e quando um não-judeu pode se tornar judeu, como tem sido nos últimos 3300 anos.

5. Por que os judeus que aceitam a Halachá não são tolerantes com os outros padrões?

Resposta:

Os judeus sempre acreditaram que a Halachá, como parte da Torá, foi dada por D'us. Alguém que acredita nisto, obviamente não pode aceitar concessões numa questão tão fundamental.

Ou o processo da conversão é realizado de acordo com a Halachá e é portanto sancionada por D'us, ou ela não concorda com a Halachá e permanece obra humana.

Conversão implica numa mudança espiritual, por isso, para um judeu que acredita na origem Divina da Halachá a conversão só pode ser feita de acordo com as condições da Lei de D'us. Qualquer outra forma ou “formula” é desprovida de sentido.

6. A insistência no padrão haláchico não divide nosso povo?

Resposta:

Pelo contrário, ela é a única maneira de unir nosso povo. Insistir no contrário é demagógico e deliberadamente enganoso.

Para capacitar um não-judeu a se tornar um membro do povo judeu, somente um padrão de conversão tem sido aceito e ainda o é por todos os judeus sem exceção – o Haláchico. Mesmo aqueles que não se sentem obrigados pela Halachá ainda aceitam como judeus aqueles convertidos pelo padrão haláchico.

Uma simples analogia: certa vez perguntaram a Golda Meir por que as Forças Armadas de Israel só serviam alimentos casher, se há muitos soldados que não observam a cashrut. “Se a comida é casher”, ela respondeu, “aqueles que não se importam com a cashrut não perdem nada ao comê-la.

Mas se a comida não for casher, aqueles que guardam cashrut serão forçados a ir a outro lugar...” Obviamente, um soldado que não observa cashrut, de modo algum compromete seus princípios ao comer alimentos casher.

No nosso caso também, judeus que não se sentem obrigados pela Halachá podem ainda, em nome da unidade judaica, viver com o padrão estabelecido pela Torá para a conversão.

7. Os judeus ortodoxos consideram os outros judeus plenamente judeus?

Resposta:

Absolutamente! Qualquer um nascido de mãe judia permanece por toda a vida um membro total e completo do povo judeu, independente dos seus atos ou práticas, opiniões ou afiliações. Independente das suas ações, opiniões ou graus de comprometimento, todo e qualquer judeu é nosso irmão ou irmã em todos os aspectos.

Isso está declarado no Talmud e reiterado nos Códigos da Lei haláchica de Maimônides, o Shulchan Aruch, etc.

De acordo com a Torá, todo judeu, sem exceção, tem valor intrínseco e é um componente essencial do povo judeu, sem o qual a nação inteira não pode realizar seu pleno potencial.

8. Por que há uma ênfase tão grande a não realização de casamentos mistos?

Resposta:

Permanecemos muito firmes nesta questão, pois o que mais tem afastado nosso povo de suas raízes é o casamento misto e a assimilação. Nossa batalha é conservar dentro de cada judeu a chama judaica viva.

Cada judeu é valioso, independente de quem seja. Temos a obrigação de lutar com todas nossas forças pela sua sobrevivência, não apenas material mas espiritual.

O que tem nos mantido vivos até hoje é a não assimilação e a transmissão de nossos valores em todas as gerações. Todo e qualquer judeu vale esta batalha!

Shalom Aleichem

O cântico, Shalom Aleichem, entoado no início do Shabat, está baseado numa passagem talmúdica, segundo a qual um anjo bom e um mau acompanham a seus lares todos que voltam da sinagoga sexta-feira à noite.

Se os anjos encontram a casa preparada para o Shabat, a mesa festivamente posta, com velas reluzentes, toda a família vestida em suas melhores roupas, o anjo bom diz: "Que o próximo Shabat seja como este" e o mau responde, mesmo contra sua vontade: "Amên, que assim seja."

Se, por outro lado, acontece o contrário, e a casa não está preparada para receber a Rainha Shabat, o anjo mau diz: "Que o próximo Shabat seja como este" e o anjo bom, infelizmente, é obrigado a dizer: "Amên".

O Shabat cresce em estatura como resultado do fato de Israel, a nação escolhida por D'us, ter sido designado como seu companheiro.

Como consequência deste "casamento" a própria santidade do Shabat torna-se maior e mais intensa.

Shalom Aleichem

Boas vindas aos anjos

SHALOM ALECHÊM, MAL'ACHÊ HASHARET, MAL'ACHÊ E-L-YON, MI'MÊLECH MALCHÊ HAMELACHIM, HA'CADOSH BARUCH HU.

Que a paz esteja convosco, anjos ministrantes, anjos do Altíssimo, do supremo Rei dos reis, o Santo, bendito seja Ele.

(repete-se três vezes)

BOACHÊM LESHALOM, MAL'ACHÊ HASHALOM, MAL'ACHÊ E-L-YON, MI'MÊLECH MALCHÊ HAMELACHIM, HA'CADOSH BARUCH HU.

Bem-vindos, anjos da paz, anjos do Altíssimo, do supremo Rei dos reis, o Santo, bendito seja Ele.

(repete-se três vezes)

BARECHÚNI LESHALOM, MAL'ACHÊ HASHALOM, MAL'ACHÊ E-L-YON, MI'MÊLECH MALCHÊ HAMELACHIM, HA'CADOSH BARUCH HU.

Abençoi-me com paz, anjos da paz, anjos do Altíssimo, do supremo Rei dos reis, o Santo, bendito seja Ele.

(repete-se três vezes)

TSETECHÊM LESHALOM, MAL'ACHÊ HASHALOM, MAL'ACHÊ E-L-YON, MI'MÊLECH MALCHÊ HAMELACHIM, HA'CADOSH BARUCH HU.

Que vossa partida seja em paz, anjos da paz, anjos do Altíssimo, do supremo Rei dos reis, o Santo, bendito seja Ele.

(repete-se três vezes)

KI MAL'ACHAV YETSAVÊ LACH, LISHMORCHÁ BECHOL DERACHÊCHA.

A-DO-NAI YISHMOR TSETECHÁ UVOÊCHA, MEATÁ VEAD OLAM.

Pois Ele ordena Seus anjos para ti, para te proteger em todos teus caminhos.

O Eterno guardará tua saída e tua vinda, desde agora e para todo o sempre.

(repete-se três vezes)

Êshet Cháyil

Êshet Cháyil é um poema acróstico, onde cada versículo começa com uma letra do alfabeto hebraico em seqüência. É recitado pelo marido quando retorna da sinagoga na noite do Shabat.

.....
Rabi Yitschac ben Nechemyá diz no Yalcut Mishlê: "Assim como D'us deu a Torá a Israel através das 22 letras do alef-bet, Ele louva a mulher virtuosa com estas mesmas 22 letras."

O poema descreve a esposa perfeita, de confiança do marido, caridosa para com os pobres e gentil para com todos, o marido e os filhos louvando-a como fonte de sua felicidade.

Sua meta na vida é valorizar o crescimento do marido e dos filhos no conhecimento de Torá e nas boas ações.

Êshet Cháyil é o último capítulo do livro de Mishlê (Provérbios) do rei Salomão.

Nossos sábios emprestaram diversas alegorias ao sentido literal de louvor à mulher judia; dizem alguns ser referente à Matriarca Sara ou à Bat Shêva, mãe de Salomão; outros o interpretam como se destinado à Torá, ao Shabat, ou à santificada Presença de D'us.

Êshet Cháyil,

A mulher virtuosa

ÊSHET CHÁYIL MI YIMTSÁ? VERACHÔC MIPENINIM MICHRA.

BÁTACH BÁH LÊV BA'LÁH, VESHALAL LÔ YECHSSAR.

GUEMALÁTEHU TOV VELÔ RÃ, COL YEMÊ CHAYÊHA.

DARESHÁ TSÊMER UFISHTIM, VATÁAS BECHÊFETS CAPÊHA.

HAYETÁ CAONIYOT SOCHER; MIMERCHAC TAVI LACHMÁH.

VATÁCOM BEÔD LÁYLA, VATITÊN TÊREF LEVETÁH, VECHÔC LENAAROTÊHA.

ZAMEMÁ SADÊ VATICACHÊHU; MIPERI CHAPÊHA NATEÁ CÁREM.

CHAGUERÁ VEÔZ MOTNÊHA, VATEAMÊTS ZEROOTÊHA.

TAAMÁ KI TOV SACHRÁH; LÔ YICHBÊ BALÁYLA NERÁH.

YADÊHA SHILECHÁ VAKISHOR, VECHAPÊHA TAMECHU FÁLECH.

CAPÁH PARESSÁ LEANI, VEYADÊHA SHILECHÁ LAEVYÔN.

LÔ TIRÁ LEVETÁH MISHÁLEG, KI CHOL BETÁH LAVUSH SHANIM.

MARVADIM ASSETÁ LÁ; SHÊSH VEARGAMÁN LEVUSHÁ.

NODÁ BASHEARIM BA'LÁH, BESHIVTÔ IM ZIKNÊ ÁRETS.

SADIN ASSETÁ VATIMCOR, VACHAGOR NATENÁ LAKENAANI.

OZ VEHADAR LEVUSHÁH; VATISCHAC LEYÔM ACHARÔN.

PÍHA PATECHÁ VECHOCHMÁ, VETORAT CHÊSSED AL LESHONÁH.

TSOFIYÁ HALICHOT BETÁH, VELÊCHEM ATSLUT LÔ TOCHEL.

CÁMU VANÊHA VAY'ASHERÚHA; BA'LÁH VAYHALELÁ.

"RABOT BANOT ÁSSU CHÁYIL, VEAT ALIT AL CULÁNA.

SHÊKER HACHÊN VEHÊVEL HAYÔFI; ISHÁ YIR'AT A-DO-NAI HI TIT'HALAL.

TENU LÁ MIPERI YADÊHA, VIHALELÚHA BASHEARIM MAASSÊHA."

Quem pode encontrar uma mulher virtuosa?

Seu valor excede em muito o das jóias.

O coração de seu esposo confia nela, benefício não lhe há de faltar.

Ela o trata com bondade, nunca com maldade, todos os dias de sua vida.

Ela procura lã e linho e trabalha de bom grado com suas mãos.

Ela é como os navios mercantes; traz seu alimento de longe.

Levanta-se enquanto ainda é noite, alimenta seu lar e estabelece as tarefas para suas criadas.

Ela avalia um campo e o adquire; de seu lucro planta um vinhedo.

Ela cinge seus lombos com a força e dobra os braços.

Ela está ciente de que seu empreendimento é proveitoso; sua lâmpada não se apaga à noite.

Ela põe suas mãos sobre o fuso, e suas palmas empunham a roca [de fiar].

.....
Ela oferece sua mão ao pobre, e estende suas mãos ao necessitado.

Ela não teme por seu lar durante o frio, pois toda sua família está vestida [e aquecida] com lã escarlate.

Ela faz sua própria tapeçaria; suas vestes são de fino linho e púrpura.

Seu marido é famoso nos portais, quando ele senta-se com os anciãos da terra.

Ela fabrica roupa branca e [a] vende, ela provê cinturões aos mercadores.

Força e dignidade são seus trajes; ela olha sorridente para o futuro.

Abre sua boca com sabedoria e o ensinamento da bondade está sobre sua língua.

Ela observa a conduta de seu lar e não come o pão da ociosidade.

Seus filhos levantam-se e a aclamam; seu marido a enaltece [dizendo]: "muitas filhas têm feito obras meritórias, porém tu superaste a todas elas!"

O encanto é enganoso e a beleza nada vale; uma mulher temente a D'us é a que deve ser louvada.

Elogiem-na por suas realizações, e que suas obras louvem-na nos portões."

31 - Parashat Emor

Levítico 21:1-24:23

Cohanim e Levitas

Na Parashá anterior, Moshê disse ao Povo de Israel que eles eram a nação santificada para D'us. Por isso, deveriam respeitar muitas leis que os não-judeus não precisam cumprir.

Moshê continuou dizendo: "Uma tribo entre vós é mais santa que as outras: a tribo de Levi. E dentro da tribo de Levi, os cohanim são ainda mais santos que os demais levitas. Apenas os cohanim podem executar a avodá (serviço) dos corbanot (sacrifícios). Os levitas farão as demais tarefas do Bet Hamicdash."

Por que D'us escolheu a tribo de Levi para servi-Lo no Bet Hamicdash?

A resposta é que esta tribo foi leal a D'us, mesmo em tempos difíceis e perigosos.

Apesar de a maioria dos membros do Povo de Israel adorar ídolos no Egito, os levitas nunca o fizeram. A maioria do povo deixou de fazer berit milá (circuncisão) em seus filhos recém-nascidos quando o Faraó o proibiu. Em contrapartida, os levitas continuaram a fazê-lo, apesar do perigo que isto representava.

Também no deserto os levitas se destacaram como tsadikim. Quando Aharon perguntou "Quem doará ouro para fazer uma imagem?", a maioria dos homens doou. Porém nenhum homem da tribo de Levi doou, nem se inclinou perante o bezerro. Por isso, D'us disse: "Elegerei esta tribo de tsadikim para realizar Minha avodá no Mishcan e no Bet Hamicdash."

Um Cohen Não Deve Tocar Num Corpo Morto

Como os cohanim são o grupo mais sagrado da tribo de Levi, devem observar leis especiais.

Moshê ordenou aos cohanim: "Não podereis tocar nem carregar o corpo de um morto. Não podereis sequer permanecer sob um teto onde haja um corpo, e não podereis entrar num cemitério nem assistir ao enterro de outro judeu; não vos será permitido caminhar sobre um túmulo, nem tocá-lo. Porém, é uma mitsvá enterrar vossos sete parentes mais próximos, mesmo que isto os torne impuros."

Os sete parentes mais próximos de um homem são:

- Sua esposa
- Sua mãe
- Seu pai
- Seu filho
- Sua filha
- Seu irmão
- Sua irmã solteira (se a irmã do cohen for casada, este não pode enterrá-la)

Atualmente, essas leis especiais ainda se aplicam aos cohanim, devendo ser observadas por homens e meninos, porém não por mulheres e meninas.

Similarmente, os cohanim que oferecem os sacrifícios no Bet Hamicdash devem ser puros, sem impurezas que se impregnam em seus corpos.

Um Cohen Gadol (Sumo Sacerdote) é ainda mais sagrado que um cohen comum. Ele não pode sequer enterrar seus sete parentes mais próximos. Existe uma única pessoa cujo enterro é uma mitsvá para ele: um met mitsvá. No trecho seguinte, mais detalhes sobre isto.

Até um Cohen Gadol Deve Sepultar um Met Mitsvá (o corpo de um judeu abandonado)

Se um Cohen Gadol ou cohen estiver andando por um caminho deserto e deparar-se com um judeu morto, deve proclamar: "Encontrei um judeu que necessita de sepultura! Por favor, se há alguém me ouvindo, que venha e o enterre!"

Se alguém escutar seu chamado, o cohen não deve sepultar o corpo. Contudo, se ninguém o escuta, o cohen deve enterrar este judeu morto. Um cohen que sepultar um met mitsvá ou um de seus parentes torna-se impuro. Na época do Templo, não lhe era permitido voltar ao Bet Hamicdash ou realizar a avodá até ser purificado com água misturada às cinzas da vaca vermelha.

Matrimônios Proibidos a um Cohen

A Torá proíbe um cohen de casar-se com uma dessas mulheres (Estas leis também vigoram atualmente):

- Chalalá: A filha de um cohen ou Cohen Gadol nascida de uma união que lhe é proibida; por exemplo, uma moça nascida do casamento entre um cohen e uma divorciada.
- Zoná: Uma mulher que teve relações proibidas.
- Guiyoret: Uma convertida. O cohen só pode casar-se com uma moça judia de nascimento.
- Guerushá: Uma mulher divorciada.

Um Cohen Gadol tem mais restrições ao escolher uma esposa que um cohen comum, por causa de sua santidade superior. Ele não pode desposar uma viúva. (Uma viúva está acostumada com os hábitos de seu primeiro marido, sendo-lhe mais difícil adaptar-se à nova posição de esposa do Cohen Gadol.)

Ele deve desposar uma moça que nunca teve relações com outro homem.

Se um cohen contrai matrimônio com uma mulher que lhe é proibida, e esta dá à luz um filho, este filho é chamado de chalal. Ele não é considerado cohen, nem pode realizar a avodá.

Devemos Honrar um Cohen

A Torá nos comanda a dar prioridade a um cohen em todos os assuntos comunitários. Por exemplo: Num banquete ou refeição, o cohen deve ser servido primeiro.

Ao lavarem as mãos para a refeição em grupos pequenos, o cohen deve ser o primeiro.

Concedem-lhe a honra de recitar a bênção sobre o pão.

Tem o direito de ser o primeiro a ser escolhido para liderar o zimun (a introdução à Bênção após as Refeições, se três ou mais adultos comem uma refeição juntos).

É o primeiro a ser chamado à Torá, seguido de um levi e por último um yisrael.

Ao distinguirmos o cohen, devotamos honra ao Todo Poderoso, que o escolheu como Seu servo.

O Cohen Gadol é "Santo dos Santos". Consagrado pelo San'hedrin (a mais alta corte de justiça) de setenta e um membros, era ungido com o sagrado shêmen hamishchá (óleo da unção e consagração utilizado no Primeiro Templo), e portava os oito trajes do Sumo Sacerdote.

São cinco os atributos que um cohen deve possuir para ser eleito Sumo Sacerdote:

Sabedoria: Este é um pré-requisito. O Cohen Gadol realizava o serviço Divino como representante da nação inteira. A qualidade mais importante de todas era sua grandeza em Torá.

Aparência agradável: Apesar da beleza externa não ser uma qualidade intrínseca importante, é apropriado ao Sumo Sacerdote possuir boa aparência, em honra a D'us e ao Bet Hamicdash.

(Da mesma forma, ao escolhermos um objeto para mitsvá, é de bom tom escolhermos o mais bonito.)

Força física: É uma vantagem para o serviço do Cohen Gadol se ele for forte. Para citar apenas um exemplo, deve realizar o extenuante serviço de Yom Kipur em jejum.

Riqueza: O Cohen Gadol deve ter posição financeira melhor que os outros cohanim.

Idade: É preferível que possua a dignidade e experiência que advém com a maturidade.

Na prática, contudo, o tribunal escolhia o Cohen Gadol independentemente da idade, contanto que possuísse as outras qualificações. Se o filho de um Cohen Gadol está apto a tomar seu lugar, tem precedência sobre os outros cohanim, mesmo se for jovem.

Fatores que Impedem o Cohen de Realizar o Serviço Divino

Um cohen com algum defeito físico não pode realizar a avodá do Bet Hamicdash. Um defeito físico pode ser de nascimento; por exemplo, cegueira (mesmo de um olho); ou um defeito temporário, como por exemplo um ferimento.

O cohen retoma sua avodá somente quando curado. Nossos Sábios enumeram cento e quarenta imperfeições que desqualificam o cohen de realizar a avodá.

O Zôhar ensina que os cohanim refletem as Hostes Celestiais, que são perfeitas. Assim sendo, tanto os cohanim quanto os sacrifícios precisam estar em estado de perfeição para o serviço Divino.

Um cohen que não pode oferecer sacrifícios por causa de uma imperfeição recebe outras tarefas no Bet Hamicdash, como examinar a madeira para o Altar, a fim de certificar-se que não tem vermes. Apesar de não realizar o serviço, lhe é permitido comer dos sacrifícios.

Um cohen também pode ser desqualificado para o serviço por causa de um defeito em sua linhagem, ou seja, um de seus ancestrais contraiu matrimônio proibido a um cohen.

Um cohen fica temporariamente excluído do serviço se tornar-se impuro, por exemplo, por ter tocado um corpo sem vida ou a carcaça de um animal.

Qualquer cohen e sua família podem comer a terumá (sua porção da produção agrícola), se estiverem puros. Um judeu que não é cohen não pode comer terumá.

Chilul Hashem

Se alguém apontar uma arma para você e ameaçar: “Cometa um pecado ou eu atiro”, você deve permitir que atire ou cometer o pecado?

A resposta é que deve-se cometer o pecado, a menos que seja um destes três casos:

- Assassinato
- Adorar ídolos
- Contrair matrimônio ou manter relações com alguém proibido

A mitsvá de preservar a vida está acima de todas as outras mitsvot, exceto essas três. Um judeu que se vê obrigado a transgredir uma das proibições acima deve sacrificar sua vida. Se não o fizer e cometer o pecado, causará chilul Hashem. Desonrou o nome de D'us, pois concluiu que não valeria a pena sacrificar sua vida por D'us.

Mais duas transgressões incluem-se na categoria de “profanar o Nome Divino”:

Se um judeu – mesmo em particular – peca, não porque foi vencido pela tentação, nem porque se beneficia pessoalmente, mas apenas pelo simples propósito de provocar o Criador e desafiar Sua Vontade, profana o Nome dos Céus. (Ele degrada a honra de D'us a seus próprios olhos.)

Cada vez que um judeu se comporta de maneira a levar outros judeus a depreciar D'us ou a Sua Torá, está fazendo um chilul Hashem.

Quanto mais respeitada e conhecida a pessoa, mais zelosamente deve evitar quaisquer atos ou palavras que possam criar falsa impressão, e profanar o Nome de D'us aos olhos dos outros.

Cada pessoa deve refletir no que pode constituir chilul D'us para ela, de acordo com sua posição na sociedade. Alguém que estuda Torá tem uma obrigação maior a esse respeito. Se demonstra mau caráter ou comportamento não-refinado, profana a honra da Torá, e conseqüentemente, d'Ele, que a deu para nós.

Se alguém profanar o Nome de D'us e quiser fazer teshuvá, como deve proceder?

Deve santificar o Grande Nome da mesma maneira que O profanara anteriormente. Por exemplo, se falou lashon hará, causando chilul Hashem com os lábios, deve usar os lábios para falar palavras de Torá.

Se utilizou erroneamente os pés para ir a um local onde cometeu algum pecado, deve apressar-se em cumprir mitsvot.

Se empregou as mãos para o mal, deve colocar tefilin, dar tzedacá, e assim por diante.

Retificamos um chilul Hashem com um kidush Hashem correspondente.

Kidush Hashem

Se ordenarem a um judeu que cometa assassinato, adore ídolos ou mantenha relações com alguém proibido, do contrário será executado, deve deixar que o matem.

Sua morte então trará kidush Hashem, santificará o nome de D'us. Sua alma será recompensada no Mundo Vindouro.

Cada vez que rezamos o versículo Shemá Yisrael, devemos nos lembrar que estamos dispostos a morrer antes de negar que D'us é o único D'us.

Como se sabe, milhares e milhares de judeus, no transcorrer de nossa história, foram mortos por kidush Hashem.

Destacar determinados mártires para ilustrar esta mitsvá seria injustiça para com inúmeros judeus, também em nossa época, que doaram a vida para santificar Seu Santo Nome.

Homens, mulheres e mesmo crianças de nossa nação, incomparável em santidade, submeteram-se sem hesitar a horríveis torturas, morte na fogueira, pela espada, e toda sorte de métodos bárbaros e indescritíveis, a negar sua fé em D'us.

.....
Toda pessoa pode santificar o Nome do Todo Poderoso sempre que se defrontar com a escolha de transgredir ou não um mandamento da Torá, ou cumprir ou não um mandamento positivo.

Quando se abstém de cometer um pecado, ou cumprir uma mitsvá positiva, não porque se sente pressionado pelo ambiente ou a fim de receber recompensa; porém apenas por uma razão – pelo amor ao mandamento do Todo Poderoso, sua ação santifica o Nome de D'us. Sempre que um judeu age com esta motivação em mente (mesmo em particular), cumpre a mitsvá de Kidush Hashem.

Outra oportunidade de cumprir essa mitsvá é comportar-se de tal maneira que os que observam sejam tomados pela grandeza e dignidade de um judeu que foi educado nos caminhos de Torá. As atividades diárias de um judeu tornam-se um exemplo para todos que estão à sua volta.

Rambam (Maimônides) descreve um judeu cuja aparência e conduta representam um verdadeiro Kidush Hashem como se segue:

“Se um judeu versado em Torá dirige-se aos outros numa maneira gentil e amistosa, recebe-os com semblante aberto e receptivo, não os ofende mesmo se o insultam, honra até os que o tratam levemente, dirige os negócios honestamente; é visto ocupando-se constantemente com Torá enquanto veste talit e coloca tefilin, e se ainda age em relação aos companheiros além do exigido por lei, então este judeu santifica o Nome Divino.”

Yamim Tovim e o Shabat

As datas dos Yamim Tovim que D'us nos deu também são sagradas. Porém, em Yom Tov pode-se executar alguns tipos de melachá: preparar e cozinhar alimentos, e carregar pela rua objetos necessários, tarefas estas proibidas no Shabat.

“Cada Yom Tov é único, portanto deveis trazer corbanot especiais ao Bet Hamicdash.” Moshê instituiu que deve-se começar a estudar as leis de cada Yom Tov trinta dias antes do começo da Festa, e no próprio Yom Tov.

O início de um novo mês judaico era determinado pelo Tribunal, dependendo do relato satisfatório de duas testemunhas idôneas, que observaram a aparência da lua nova.

Seguindo esse raciocínio, o início da Festa depende de quando foi Rosh Chôdesh, no vigésimo nono ou trigésimo dia do mês lunar. Não só isso, como depende da decisão do Tribunal se o ano terá ou não um mês extra intercalado nos doze regulamentares.

D'us garantiu-nos que o dia que for proclamado Yom Tov pelo Tribunal também será sancionado por Ele no Céu.

Pode-se pressupor que a profanação do Yom Tov poderia ser tomada levemente, pois sua santidade foi colocada em vigor pelo homem. Portanto, a Torá o justapõe ao Shabat, a fim de ensinar-nos que a profanação de ambos é igualmente proibida.

Quais Festas a Torá ordena que observemos?

- Pêssach
- Shavuot
- Sucot
- Rosh Hashaná
- Yom Kipur

Também celebramos Chanucá e Purim. Estas duas Festas não foram ordenadas pela Torá. Foram instituídas mais tarde pelos Sábios, por causa dos acontecimentos que ocorreram posteriormente em nossa história.

As três primeiras – Pêssach, Shavuot e Sucot – recebem o nome de Shalosh Regalim, ou seja “As três Festas de peregrinação (a Yerushaláyim)”. Em cada uma destas Festas, os homens devem viajar ao Bet Hamicdash e oferecer corbanot.

Podemos mudar nossas personalidades?

Podemos mudar nossas personalidades? Por Simon Jacobson

“E vocês contarão para si mesmos... a partir do dia em que levaram a oferta do Omer, sete semanas completas serão; até a manhã da sétima semana vocês contarão cinquenta dias, e proclamarão aquele mesmo dia uma festa sagrada – a porção dessa semana da Torá (Vayicrá 23:15).”

Estamos agora no período de quarenta e nove dias entre Pêssach e Shavuot, que é marcado por uma intensa jornada rumo ao refinamento emocional.

Cada um dos 49 dias corresponde a um aspecto de nossos atributos emocionais multiplicados por sete (49), como explicado em detalhes com exercícios diários em meu livro, O Guia Espiritual para a Contagem do Omer. O Dia Um se concentra em refinar o “amor dentro do amor”, Dia Dois – disciplina com amor, e assim por diante.

Sempre que abordamos o tema de auto-refinamento e crescimento pessoal, devemos fazer a grande pergunta: Podemos de fato mudar nossas personalidades?

Os animais, por exemplo, não trabalham em si mesmos e seus relacionamentos. Eles são aquilo que são,

.....
controlados pelos instintos inerentes e ponto final. Animais não vão a terapias, não tomam Prozac e simplesmente levam a vida de acordo com seus mecanismos embutidos.

Certo, podemos treinar um animal para saltar através de arcos e realizar outros truques, mas não podemos alterar fundamentalmente seus padrões naturais, como o Dr. Moreau tragicamente descobriu.

A famosa parábola do proverbial gato leva aonde pretendo chegar. Dois filósofos estavam discutindo se animais podem ser treinados e mudados para se comportar como seres humanos. O primeiro pensador apontou para um gato que estava sendo treinado para ser garçon num restaurante de luxo.

Vestido com fraque, o felino servia os clientes caminhando sobre duas patas, com o focinho e os bigodes elegantemente apontando para cima. O segundo filósofo tirou uma bolsa e abriu-a, libertando vários ratos que correram em diferentes direções. O gato de smoking de repente parou o que estava fazendo, ficou de quatro para perseguir os ratos, deixando o vinho e o jantar espalhados sobre o piso de madeira polida, e o filósofo coçando a própria cabeça...

Então que esperança temos de tentar mudar nossas tendências naturais – uma causa aparentemente perdida? Quantas pessoas você realmente conheceu que mudaram de personalidade?

Pode-se usar o argumento de que não podemos realmente mudar nosso ser essencial, mas podemos mudar nosso comportamento. Aquilo que se espera das pessoas civilizadas não é que transformem o próprio interior, mas que vivam de acordo com uma lei comum que dita o respeito mútuo: as “luzes verdes” e “luzes vermelhas” impostas que nos permitem coexistir.

Felizmente, a fachada de disciplina comportamental manterá a fera interior sob controle, com apenas umas poucas anomalias no formato de monstros criminosos colocados atrás das grades.

O medo do castigo, neste sistema, é o fator determinante para deter seres humanos de voltarem ao seu estado de egoísmo natural. Porém deixadas à vontade, as pessoas naturalmente voltarão às suas raízes primitivas: feras lutando para sobreviver a todo custo. Não é um quadro muito bonito, mas temos uma alternativa?

Agora vamos às boas notícias.

Toda presunção é baseada em nossa premissa inicial. Toda teoria é definida por seus axiomas. A razão pela qual presumimos que não podemos mudar nossa personalidade é porque nossa impressão inicial é que tudo neste universo não muda realmente em qualquer maneira fundamental.

Os minerais continuam minerais, os vegetais serão sempre vegetais e os leopardos não “perdem suas pintas”.

A existência, como a vivenciamos num nível sensorial, é um lugar estático. Sim, as coisas se movem, mas elas não mudam fundamentalmente suas personalidades naturais e não transcendem seus limites inerentes. O sol nasce a cada manhã e se põe à noite, Então surge a lua e depois se põe.

A lua passa pelo seu ciclo lunar consistentemente a cada mês. Toda parte da “natureza” é como um relógio previsível seguindo um programa imutável e pré-estabelecido.

Então assim como uma pedra, um árvore e um animal permanecem todos da maneira que sempre foram, por que deveríamos presumir que um ser humano é diferente?

Baseada nessa premissa, que a existência é estática, a impossibilidade de mudar a personalidade de alguém parece tão inevitável como o fato de que um cordeiro jamais se comportará como um lobo.

Na verdade, a existência como a conhecemos é pior que estática; está morrendo. Tudo que experimentamos, até a matéria física, está no processo de erosão. A vida, em particular, é mortal. Todos e tudo envelhece e morre.

No entanto tudo isso está baseado na premissa da existência “como a conhecemos”. Há uma outra premissa – que incomoda toda a teoria de uma existência imutável. Essa premissa é colocada pela Torá.

Como um verdadeiro projeto a Torá não descreve sintomas, mas causas. Não define a existência pela maneira que nós humanos a vemos a olho nu, mas pelo seu real caráter interior. Quando olhamos para uma estrutura vemos sua camada externa; é o corpo. Quando olhamos para o seu projeto, vemos sua engenharia interior: é a alma.

A Torá, que define as coisas como realmente são, começa descrevendo o homem – não como um esqueleto com 1,70m de altura, não como uma criatura com inteligência e sentimentos, não como um ser que nasce e morre.

O que então é o homem? A primeira coisa que aprendemos é que o ser humano não é humano mas “divino”, criado à Divina imagem.” No âmago de cada um de nós há um “ser Divino”.

Essa declaração muda todo o quadro. Se fôssemos meras personalidades humanas então nossa personalidade não poderia mudar, assim como a terra não pode se tornar água nem se transformar em céu.

Sem entrar nos intrincados significados da “Imagem Divina”, a diferença básica entre humano e Divino é a

.....
diferença entre morte e vida. O Divino é dinâmico. O humano é estático. O Divino está vivo. O humano está morto.

Veja, o fato de que o universo físico age e erode nos diz que desde o início está em processo fundamental de morte. Na Lei da Torá há uma questão sobre o que pode ser categorizado “mayim chayim”, águas vivas. Se uma fonte viva fosse secar em sete anos, a lei diria que mesmo enquanto a fonte está “viva” durante os sete anos não pode ser chamada de “viva”, porque sua morte é inevitável. Se algo terminará por morrer, está realmente vivo, para começo de conversa?

A eternidade, em outras palavras, não é descoberta ao fim “da estrada”, mas no início. A eternidade é qualitativamente, não quantitativamente, diferente do efêmero, assim como a infinidade é qualitativamente tão equidistante do número um como é de um trilhão.

Podemos não saber muito sobre o Divino, mas uma coisa não é humana (ou seja, como definimos o termo). O divino é uma fonte de energia constante fluindo da Essência de tudo. É dinâmico e vivo, e sempre aberto a mudanças.

A declarar que o ser humano é feito à imagem Divina, somos obrigados a repensar a própria natureza de nosso ser. Em vez de tentar encaixar nossos “conceitos” espirituais em termos humanos, devemos encaixar nossos parâmetros humanos em um contexto “Divino”.

Como alguns pensadores notaram: “Não somos seres humanos numa jornada espiritual; somos seres espirituais numa jornada humana”.

De fato, o Divino nos conclama a repensar a própria natureza da existência em si. Não apenas a humana, mas o universo todo, por baixo da superfície, está pulsando com energia Divina vibrante e dinâmica. Ao nos vermos como Divinos podemos começar a olhar para o universo de uma maneira nova e então reconhecer nossa capacidade de mudar a existência como um todo.

Sempre fiquei intrigado pela declaração de alguns ateístas franceses de que se “D'us não existisse teríamos de criá-Lo.” Além do tom sacrílego dessa declaração, ele encerra uma profunda verdade: se nos permitirmos ver a vida como nada mais que mortal, então estamos fadados à morte de todas as coisas mortais. Com efeito, transformar todas as nossas opções de vida, todos os nossos sacrifícios, todos os nossos comprometimentos, em causas que vão morrer – morrer juntamente conosco.

Nossa única fonte de esperança – que infunde todos os nossos comprometimentos com eterno significado – é nossa conexão com o Divino.

Como disse certa vez um sobrevivente do Holocausto: “Depois do Holocausto não temos outra opção exceto acreditar em D'us, porque não podemos mais acreditar no homem...”

As implicações de mudança de personalidade devido à nossa natureza Divina (em vez de humana) são abrangentes e revolucionárias. Criam um padrão infinitamente mais elevado daquilo que podemos esperar de nós mesmos e dos outros.

Isso nos motiva a chegar a lugares que jamais consideramos imagináveis. Acima de tudo, nos dá o poder de mudar nossa própria natureza – mesmo que esteja profundamente entranhada em nossos genes e personalidades, devido à hereditariedade ou ao treinamento.

E então, você pode mudar sua personalidade?

Não se for uma personalidade humana.

Sim, se for Divina.

A Menorá do Templo Sagrado

Por Michel Alterman

O Formato

O símbolo da Menorá de sete braços em semicírculo é um dos mais conhecidos no mundo judaico. A maioria das chanukiyot também foram elaboradas seguindo o modelo deste símbolo.

Porém, pesquisas recentes em fontes e manuscritos antigos nos levam à conclusão de que o tradicional formato em arco não era o formato da Menorá do Templo Sagrado. A Menorá original possuía braços retos, em diagonal, não arqueados, que saíam da haste central que servia também como suporte.

A Torá traz um indício bem claro. No livro do Êxodo (XXV:32) estão detalhadas as instruções para a confecção da Menorá: “Seis hastes saem de seus lados: três hastes do candelabro do primeiro lado e três hastes do candelabro do segundo lado.”

No texto bíblico e também na língua hebraica de então e de hoje, “canê” (haste) significa um tubo reto, nem torto nem arqueado. (Interessante notar que a palavra “canê” - significando originalmente um bastão ou tubo reto - passou para outras línguas com esta mesma conotação: para o grego, latim, francês arcaico, inglês e até para o português sem mudança no significado.)

Outras Fontes

A fonte mais clara e precisa para determinar o formato da Menorá é Maimônides. Em seu manuscrito das explicações

.....
da Mishná, Maimônides desenhou de próprio punho o formato da Menorá do Templo Sagrado - com braços retos e diagonais (imagem ao lado).

Há outra referência em transcrições antigas do livro de Maimônides que abrange todas as leis: o Mishnê Torá. Durante séculos, antes do advento da imprensa, os livros eram copiados manualmente.

Nestes manuscritos antigos constam as palavras "Este era seu formato" e logo abaixo o desenho da Menorá - sempre com braços retos.

Em alguns dos manuscritos, o desenho foi suprimido, provavelmente por incapacidade do escriba em copiar o desenho com precisão. Em seu lugar, foi mantido um espaço em branco abaixo dos dizeres "Este era seu formato".

Com o surgimento da impressão com caracteres hebraicos, o desenho foi definitivamente extinto dos livros de Maimônides. É de se supor que as primeiras gráficas não possuíam meios técnicos para reproduzir um desenho.

Por isso, abriram mão do desenho e também omitiram do texto as palavras "Este era seu formato", que apareciam no original. Desde então, o livro Mishnê Torá, de Maimônides, tem sido impresso sem o desenho e sem alusão ao fato de que Maimônides havia desenhado esta figura em seu livro.

Além de Maimônides, também Rashi, em seu comentário sobre a Torá, assim descreve o formato da Menorá: "Seis braços da Menorá saem de seus lados - para cá e para lá em diagonal, vão subindo até atingir a altura da Menorá que é a haste central e, uma a uma, vão saindo da haste central acima da outra." Inferimos desta linguagem que os braços não eram arredondados e arqueados, mas retos, em diagonal.

Uma descrição semelhante aparece no livro "História da Guerra entre os Judeus e os Romanos", de autoria de Flavius Josephus.

Lá (tradução de Dr. Simchoni, livro 7, cap. 5) está mencionado: "Deveras, era diferente o formato desta Menorá das demais que conhecemos, pois da base eleva-se um "tronco" (suporte, haste) central do qual saem as ramificações mais finas, que se assemelham a um forçado tridente."

Se é assim, como é possível que a Menorá difundida seja justamente a de formato arredondado e não a diagonal?

O Arco de Tito

Presume-se que o formato arqueado da Menorá foi extraído do relevo da menorá que aparece no Arco de Tito, em Roma.

Os desenhos de lá perpetuam o saque dos objetos do Templo Sagrado e sua remoção para Roma, a mando de Tito, o general romano que destruiu o Templo Sagrado.

Mas ao que tudo indica, a menorá do Arco de Tito não é a Menorá sagrada original do Templo, pois no relevo do Arco a menorá está sem os pés. Porém, a Menorá original possuía pés, conforme descrito no Talmud (Tratado Menachot 28b).

Portanto, podemos concluir que a menorá do Arco de Tito não é a principal, mas uma das outras que havia no Templo, como por exemplo, uma das dez menorot que o rei Salomão fez quando construiu o Templo ("fez Salomão todos os utensílios... e as menorot, cinco à direita e cinco à esquerda em frente ao Santuário" - Reis I - VII: 48-49. "Fez as dez menorot de ouro de acordo e colocou cinco à direita e cinco à esquerda" - Crônicas II 4:7.

Uma opinião de nossos Sábios sustenta que, antes de Tito invadir o Templo Sagrado, os sacerdotes esconderam os objetos mais importantes num local secreto, de maneira que a Menorá levada para Roma era uma das outras.

Humildade e Auto-Estima

Humildade e Auto-Estima Por Rabino Itzchak Guinsburgh

Famoso cabalista, escritor e compositor. É fundador do Gal Einai Institute em Israel.

A cura óbvia para uma auto-estima arruinada é redobrar os esforços para espiritualizar a própria vida e realinhar sua consciência com sua alma Divina.

A chave para o aperfeiçoamento do caráter é reconhecer a própria inferioridade existencial. Para ter certeza, a base de todo o serviço Divino é o reconhecimento do próprio valor intrínseco.

Todo judeu possui uma alma Divina singular, completa, com uma série das mais sublimes e nobres habilidades de intelecto e emoção, e este fato em si o dota com um potencial e valor inestimáveis.

No entanto, a grandeza acarreta grandes expectativas, e assim a própria conscientização de nosso notável valor paradoxalmente nos torna dolorosamente conscientes do quanto a traímos.

De fato, quanto mais a pessoa se sintoniza e avalia a nobreza de sua alma Divina, mais decai sua auto-estima quando avaliada contra o registro de sua fidelidade a ela.

O Rei David resume esta humildade. Quando punido por sua esposa, Michal, por aparentemente aviltar o ofício de rei dançando publicamente perante a Arca da Aliança, ele

.....
declarou: "Eu sou [e sempre serei] inferior a meus próprios olhos" (Samuel II 6:22).

O constrangimento essencial de alguém perante D'us é que a vasta maioria dos pensamentos e sensações na vida são carentes da Divina consciência. A fé judaica afirma que "não há espaço sem Ele" (Tikunei Zohar 57 [91b]), "sendo que "espaço" não significa apenas espaço físico, mas também espaço psicológico (Sod Hashem Lireiav, cap. 3).

Todo pensamento e sensação ocupam espaço na consciência da pessoa. Nosso propósito na terra é preencher tal espaço com a conscientização da onipresença de D'us.

Quando deixamos de fazê-lo, ficamos perante D'us como um recipiente vazio de Divindade, e portanto repleto de vergonha, pois assim como a natureza abomina um vácuo, a mente não pode permanecer vazia. Se não é preenchida com pensamentos sagrados, ficará - por omissão - repleta de pensamentos profanos.

Quando a pessoa está consciente da própria inferioridade, não faz mais exigências aos outros, nem espera receber coisa alguma deles; sabe que não merece "nada". Isso se aplica também ao relacionamento da pessoa com D'us.

Na mesma medida que alguém cultiva a verdadeira humildade, considerará toda a infinita bondade que D'us lhe demonstra no decorrer da vida como não sendo merecida (como está declarado em Tehilim 16"2): "Tu não me deves a bondade que eu recebo").

A fúria e a depressão resultam da frustração gerada pela crença que realmente se merece algo melhor neste mundo, e seu direito presumido de gratificação está sendo infringido.

Atitudes corretas, em contraste, possibilitam que a pessoa seja sincera e continuamente feliz e otimista.

Esta humildade também foi exemplificada pelo Patriarca Yaacov.

Quando ele estava para enfrentar seu irmão Essav após ter fugido dele por trinta e quatro anos, rezou a D'us pedindo proteção, dizendo: "Tenho sido humilhado por toda a amorosa bondade e verdade que Tu tens feito para Teu servo" (Bereshit 32:11).

Ele sentia que, quaisquer que fossem os méritos que poderia ter possuído, já teriam mais que se exaurido pela bondade infinita que D'us tinha lhe concedido até então.

A Torá declara que esta atitude é um traço dominante do povo judeu: quanto mais bondade recebe, mais humilde se torna.

No comentário de Rashi sobre a Escritura, ele explica: "'Vocês são o mais inferior de todos os povos' (Devarim 7:7) por vocês [pela sua própria natureza] estão continuamente se depreciando, como fez Avraham ao dizer: 'Pois eu sou poeira e cinzas' (Bereshit 28:27), e como disseram Moshê e Aharon: 'O que somos nós?' (Shemot 16:7)."

Em contraste, uma má característica é quando o sucesso engrandece o ego, pois este conceito auto-exaltador convence a pessoa que todas suas realizações e fortuna devem-se a seus próprios esforços e méritos (Tanya, Iguêret HaKôdesh, capi. 2).

De modo contrário, quando acontecem coisas más, a pessoa humilde imediatamente assumirá a responsabilidade, presumindo que D'us a está fazendo sofrer a fim de efetuar a expiação (Tanya, Iguêret HaTeshuvá, capi, 11).

Lançar todas as exigências da pessoa sobre D'us e o homem, enquanto também aceita a responsabilidade pelo infortúnio pode poupar a alguém a dor de ser ferido ou ofendido na vida.

A fúria e a depressão resultam da frustração gerada pela crença que realmente se merece algo melhor neste mundo, e seu direito presumido de gratificação está sendo infringido.

Atitudes corretas, em contraste, possibilitam que a pessoa seja sincera e continuamente feliz e otimista.

A humildade que acabamos de descrever contrasta completamente com os tristemente comuns abismos psicológicos da autodesvalorização, e baixa auto-estima.

Estes resultam da dessensibilização à espiritualidade, na qual alguém perde sua conexão ou identidade com sua alma Divina ou permite que se torne enfraquecida.

Quando menos a pessoa se identifica com sua alma Divina, mais se concentra em sua natureza animal, que ele corretamente entende como um complexo labirinto de ânsias e desejos básicos.

Quando isso acontece, uma depressão profunda e subjacente justifica sua consciência e inevitavelmente lhe traz um sutil senso de desespero para com a vida cotidiana; um desespero que pode às vezes aflorar e se manifestar de diversas maneiras.

A cura óbvia para uma auto-estima arruinada, portanto, é simplesmente redobrar os esforços para espiritualizar a própria vida e realinhar sua consciência com sua alma Divina.

O cultivo da auto-estima adequada, equilibrado com a correta humildade sob o ponto de vista da Torá, é um dos principais desafios que os pais enfrentam ao criar e educar seus filhos.

Numa escala menor (porém não menos importante), amigos, parceiros comerciais e, evidentemente, cônjuges, podem também minar ou reforçar a auto-imagem positiva e adequada, bem como o senso de humildade da pessoa.

Tendo em vista a importância da humildade nos relacionamentos da pessoa, tanto com o próximo como em relação a D'us, é claramente essencial cultivá-la continuamente.

A respeito do casamento: Quando existe conflito entre marido e mulher, cada qual deveria considerar-se a causa primária da dificuldade, como foi dito acima.

Se isso não basta para resolver o problema, o próximo pensamento da pessoa deveria ser: "O que me faz pensar que eu, por direito, mereço ser tratado de modo melhor que esse?"

A pessoa deveria se lembrar que tudo que é seu, foi um presente que nada fez para merecer, concedido por D'us. Isso inclui também o cônjuge e os filhos, juntamente com suas possessões materiais e espirituais.

Como falar para influenciar os outros

Por Simon Jacobson

Quem não fica tentado a criticar alguém que está se comportando de forma inadequada? E quem de nós não se sente extremamente culpado após falar duramente com um ente querido?

Mas será que nossas duras palavras alguma vez conseguiram causar reação, algum impacto em alguém? Será que elas conseguiram inspirar ou motivar uma pessoa a crescer ou a mudar?

Na sequência da morte do Osama bin Laden, somos lembrados da longa história de violência religiosa, agressão perpetrada em nome da fé, que em nossos dias vêm à tona em forma de fundamentalismo muçulmano.

Uma das coisas terrivelmente mistificadora sobre Osama bin Laden e a Al-Qaeda e a base religiosa do terrorismo em geral – e que é claramente omitida nas matérias que aparecem em nossos jornais, telas, sites e redes sociais – é o seu modus operandi: a necessidade de utilizar retórica agressiva e violência para atingir seus objetivos religiosos.

Em contraste, a porção desta semana da Torá nos ensina uma alternativa original – o modus operandi de como influenciar os outros.

Este método - uma abordagem orientada pelo amor e sensibilidade - foi corajosamente disseminada pelo Baal Shem Tov, que desafiou os pregadores de sua época que costumavam repreender severamente seus ouvintes.

Repreender ou ignorar? Lutar ou aceitar?

Quando assistimos a uma transgressão nosso primeiro impulso é de repreender o infrator e punir o agressor. Outros optam pelo outro extremo: negar ou ignorar o problema.

Em uma escala maior e a um nível mais extremo, esta pergunta tem atormentado a religião desde o seu surgimento: De que forma as autoridades religiosas devem se dirigir aos pecadores? Com agressividade e punição ou com um outro olhar? Como a fé levou ao pecado? Através de aniquilação ou tolerância? Como devemos confrontar o mal? Através de ódio e de guerra, ou através de Ghandi - como a oposição passiva?

O mesmo pode ser solicitado do educador e dos pais: Como disciplinar uma criança ou aluno rebelde e desobediente? Com a punição ou com a passividade? Com severidade ou leniência? Devemos ser inflexíveis ou aceitar?

Mas existe uma outra alternativa? Há uma outra forma de solucionar o problema sem recorrer à força negativa? Uma maneira de ser gentil, sem comprometer fortes valores?

Uma terceira abordagem

A parashá da Torá desta semana, Emor, nos oferece uma terceira abordagem.

Inicia com as palavras: "Fala ... e você deve dizer-lhes." Nossos sábios associam este mandamento com a obrigação de educar.

A redundância - "falar" e "dizer-lhes" – nos informa, diz o Talmud, “ de advertir os adultos no que concerne às crianças” ¹ A palavra hebraica para "cuidado" - lihazhir – possui a mesma raiz da palavra zohar, que significa "esplendor". Também a palavra "falar" aqui utilizada é Emor (ao invés de daber), que significa falar suavemente de forma agradável. ²

Isso transmite uma lição fundamental sobre a educação, especialmente a educação religiosa.

Temos de falar baixinho e gentilmente com nossos filhos e alunos, educá-los sobre os perigos da vida, mas de uma forma que irradie as belezas da vida.

Disciplina é o componente mais essencial na educação. Uma criança disforme e impressionável precisa de direção e orientação para tornar-se um adulto saudável e virtuoso. A disciplina ajuda a evitar os perigos e armadilhas do nosso próprio egoísmo.

.....
No entanto, quantas vezes assistimos - e quantos de nós fomos feridos, até mesmo danificados - por disciplina desprovida de amor? Especialmente no mundo religioso, como muitos de nós têm sido afetados pela dogmática disciplina conduzida pelo temor? Temos testemunhado os efeitos psicológicos devastadores de muitas pessoas que crescem em lares e escolas, onde foram doutrinados com sentimento de medo e culpa, e ameaçados com a ira de D'us.

Educar com Amor

Mas a Torá nos diz claramente - na verdade, nos manda - a educar nossos filhos com brilho e amor. Disciplina é necessária, mas como uma dimensão de bondade, esplendor e amor.

Da mesma forma que ocorre no microcosmo acontece no macrocosmo - na natureza da religião: a fé apaixonada pode se transformar em dogma e intolerância. Devemos estar tentos para que o caminho da fé seja repleto de amor e inspiração.

Emor se opõe completamente aos métodos violentos e de intolerância de coerção religiosa de Bin Laden. A Parashá nos ensina que devemos sempre aproximar a fé com gentileza e amor. E essa é a melhor maneira de influenciar as pessoas, mesmo os infiéis.

O Baal Shem Tov se opõe a repreender

Este método enfatizado em Emor - o de falar suave e gentilmente - foi resumida pelo Baal Shem Tov, que inflexivelmente desafiou os pregadores de sua época que repreendiam severamente seus ouvintes. Muitas histórias com o Baal Shem Tov atestam esse fato.

O Baal Shem Tov ensinou:

Uma pessoa deve repreender com amor, conforme fala o versículo: "D'us castiga a quem ama." [3](#) No entanto, alguém que procura engrandecer-se admoestando aos outros, ou que repreende apenas para obter seu sustento e tenta despertar a audiência com uma voz de lamento, como aludido no versículo [4](#), "Minhas lágrimas eram o meu pão", desperta o julgamento negativo contra o povo judeu, conforme o verso, "D'us enviou serpentes venenosas contra o povo" [5](#), que refere-se a dois tipos de exortadores.

Isso pode ser compreendido através da seguinte parábola:

Um rei expulsou seu filho único de sua presença, enviando dois de seus servos para manter um olho nele. Após um tempo, um dos servos voltou e caluniou o príncipe a seu pai descrevendo seu mau comportamento.

O segundo servo também retornou com o mesmo relatório, no entanto, ele mencionou que a mesma dor do pai era igualmente compartilhada por seu filho com a separação imposta pelo rei.

Até o ponto em que o filho havia esquecido completamente como deveria se comportar, já que fazia parte da família real. Toda sua grandeza havia se transformado em desgraça e tristeza. [6](#) Ao ouvir as palavras do segundo servo, o rei teve compaixão de seu filho e ordenou que o buscassem de volta.

Da mesma forma, há um tipo de admoestador que fala publicamente condenando o povo judeu, despertando assim a Serpente Primordial, conforme mencionado no versículo, "D'us enviou a serpente venenosa contra o povo", envenenando-o com suas palavras venenosas.

[Além de tudo, estes pregadores eram hipócritas, pois estavam na verdade somente interessados em seu próprio benefício pessoal, apesar de alegarem estar preocupados com a honra de D'us.

Em segundo lugar, estão envergonhando pessoas, enquanto que se exoneram de qualquer repreensão.] [7](#) No entanto, cada um deve unir-se à audiência, conforme a Parashá [8](#) "Repreende, repreende teu amigo, e não terá nenhum pecado sobre ele. "[A repetição] alude que a pessoa deve primeiro repreender a si mesmo antes de repreender o outro.

Existem três categorias [de repreendentes]: ouro, prata e bronze. A palavra hebraica para bronze é nechoshet, que se assemelha a nachash, cobra. Há os críticos que despertam a dissidência, conforme mencionado: eles são "bronze", nechoshet - cobras. Depois, há uma categoria de ouro, que representa a misericórdia.

Falando com Sensibilidade

Certo dia, o Baal Shem Tov instruiu vários de seus discípulos a embarcar numa viagem. O Baal Shem Tov não mencionou qual seria o destino, nem eles lhe perguntaram, deixando que a Divina Providência guiasse seus cavalos, confiantes de que o destino e a finalidade de sua viagem seriam revelado no devido tempo.

Após algumas horas resolveram parar em uma pousada para comer e descansar.

Os discípulos do Baal Shem Tov eram judeus piedosos que cuidavam o mais alto padrão de cashrut. Quando souberam que seu anfitrião planejava servir-lhes carne na refeição, pediram para ver o shochet.

O interrogaram para verificar seu conhecimento e grau de piedade, examinaram sua faca para ver se não havia nenhum problema. Sua discussão sobre a cashrut dos alimentos prolongou-se durante toda a refeição, onde perguntaram sobre a procedência de cada ingrediente contido em cada prato que lhes era servido.

Enquanto conversavam e comiam, uma voz foi ouvida saindo atrás do forno, onde um velho mendigo estava descansando em meio a suas trouxas. "Queridos judeus", ele gritou: "você são tão cuidadosos com o que sai de suas bocas quanto com o que entra nelas?"

.....
O grupo de chassidim concluiu a refeição em silêncio. Subiram na carruagem e começaram seu retorno para Mezibush. Eles agora entenderam qual tinha sido a finalidade de seu mestre ao lhes enviarem nesta jornada naquela manhã.

O segredo para influenciar os outros

Quando jovem, o chassid Shalom Ber Gordon, perguntou certa vez ao Friediker Rebe como alguém deve se dirigir a outras pessoas que merecem ouvir algumas palavras fortes. "Devo usar palavras duras de repreensão?" Rabino Gordon perguntou.

O Rebe respondeu: "Desde que você viajou através da Turquia, e em tudo há um ensinamento que devemos tomar como uma lição de como servir a D'us, aprenda com o método utilizado em um banho turco. A pessoa primeiro entra no quarto quente e fumegante.

Após sentir-se aquecido, relaxado, absorveu o calor e está transpirando profusamente, ele sobe na bancada ainda mais alta da sala de vapor, onde é ainda mais quente devido à temperatura. Depois ser completamente saturado com o calor, ele sai da sala e pede ao atendente para cobri-lo com folhas de carvalho...

"É assim que devemos falar com uma pessoa, mesmo aquela que esteja precisando de alguma repreensão: Primeiro deverá aquecê-la com palavras gentis e amorosas. Então elevá-la a um plano superior. E então ... ela mesma pedirá para você 'bater-lhe' ...

Inspirando através do Amor

Testemunhando a grande destruição feita pelos fundamentalistas, que não apenas repreendem, mas também recorrem à violência para tentar impor sua fé aos outros, a lição de Emor jamais tornou-se tão essencial quanto nesta época.

Em vez de agressividade ou passividade, Emor nos convida a influenciar outras pessoas com uma aproximação suave baseada no amor, que toca seu coração ajudando a motivá-la a reparar seus caminhos e desta forma crescer.

Mesmo que a repreensão algumas vezes possa surtir algum efeito, na maioria das vezes acaba desmoralizando e quebrando uma pessoa, ao invés de motivá-la.. Assim, em última análise, a mais influente das ferramentas para mudar o mundo é a gentileza.

Fontes: Toldos Yaakov Yosef Kedoshim Keser Shem Tov, seções 131. 262.

NOTAS

1. Talmud Yevamot 114a. Citado na abertura do comentário de Rashi na porção desta semana.

2. Mechilta, Rashi Yisro 19:3.

3. Provérbios 3:12.

4. Salmos 42:4.

5. Chukas 21:6.

6. O relatório deste segundo servo destaca que o próprio rei, ao banir seu filho e colocá-lo no convívio com pessoas comuns é o responsável pela sua degeneração. Isto é afirmado explicitamente no Ben Pores Yosef 68d.

7. O texto entre parênteses é encontra-se na fonte original.

8. Kedoshim 19:17

32 - Parashat Behar

Levítico 25:1-26:2.

Shemitá - O Descanso da Terra a cada Sete Anos

Como se sabe, D'us ordenou ao povo judeu: "O sétimo dia da semana é Shabat. Neste dia, vocês devem abster-se de fazer quaisquer tarefas cotidianas."

D'us também nos ordenou que guardássemos outro tipo de Shabat: "A cada sete anos, a terra de Israel terá um 'Shabat'. Neste ano de descanso, não podereis trabalhar a terra."

O Shabat da terra chama-se Shemitá, que significa "deixar livre" ou "retirar-se". Durante o ano de Shemitá os agricultores de Israel abstêm-se de lavrar a terra.

Por que D'us ordenou ao povo judeu a mitsvá de guardar os anos de Shemitá?

Façamos uma analogia com o cumprimento do Shabat.

Cumprimos o Shabat para recordar que "D'us criou o mundo em seis dias e no sétimo dia Ele descansou."

Mais que isso, porém: um judeu, quando cumpre Shabat, demonstra que confia em D'us e compreende que D'us cuida dele.

Como ele deixa de ganhar seu sustento uma vez por semana? Não teme que sua família não tenha o suficiente para viver? A resposta é que ele confia verdadeiramente em D'us, que ordenou descansar no Shabat, e que proverá tudo de que necessita.

D'us deseja que Seu povo, em qualquer o lugar onde esteja, deposite sua confiança Nele, e somente Nele. Ele temia que os judeus estabelecidos em Israel, que possuíam terras férteis e fecundas, comessem a depositar sua confiança na terra.

Por isso, D'us ordenou ao povo judeu uma mitsvá para guardarem em Israel: a mitsvá de Shemitá. Sempre que um agricultor judeu guarda a mitsvá de Shemitá, ele lembra que "D'us é o Criador do mundo, é Quem me alimenta, e à minha família."

As Três Promessas de D'us ao Povo Judeu

.....
D'us fez três promessas ao povo judeu, se observassem a mitsvá de Shemitá:

1.D'us prometeu que a colheita do ano anterior ao ano de Shemitá duraria três anos: "Não se preocupem. Abençoei a terra, de modo que a colheita do sexto ano seja suficiente para o sexto, sétimo e oitavo anos."

2.D'us prometeu que "Durante o ano de Shemitá ficam satisfeitos, apesar de comerem pequenas quantidades de alimento. Assim, sua produção agrícola durará."

3.E a terceira promessa: "Se guardarem tanto os anos de Shemitá como os de Yovel (vide explicação mais adiante), estarão seguros em Israel. Porém se não observarem nem Shemitá, nem Yovel, seus inimigos os forçarão ao exílio."

Há leis especiais referentes ao ano de Shemitá; e estão divididas nas três categorias a seguir:

1. No Ano de Shemitá um Judeu Não Pode Trabalhar a Terra em Israel

O ano de Shemitá começa em Rosh Hashaná e termina antes de Rosh Hashaná do ano seguinte.

Neste período, um lavrador judeu, em Israel, não pode semear, arar, plantar ou colher; tampouco pode arar ou realizar qualquer tarefa que implemente o solo.

É um ano de descanso do trabalho agropecuário. Apenas os cuidados mínimos necessários especificados pela halachá (lei judaica) são permitidos, a fim de evitar que as plantas pereçam.

2. Os Frutos do Ano de Shemitá São Sagrados e Não Pertencem ao Agricultor

Durante o ano de Shemitá, um agricultor não pode colher todos os frutos para si, mesmo que veja suas árvores frutíferas florescerem e darem frutos. Os frutos que crescem durante o ano de Shemitá não pertencem ao seu dono.

Pertencem a D'us, Que ordenou que fossem compartilhados igualmente entre todos. Qualquer judeu que queira pode colher alguns frutos para si.

O proprietário não pode trancar o portão e impedir que outros judeus entrem. Estes podem colher tudo o que necessitam para aquele dia; não podem, todavia, pegar mais que isto.

O proprietário pode comer da produção de seus campos como qualquer estrangeiro, e levar para casa o suficiente para as refeições de um dia, porém não pode colher toda a produção, pois isto seria como se estivesse reivindicando sua propriedade.

Se alguém, durante a Shemitá, colher produtos do seu campo para comer em casa, não é permitido que os estoque indefinidamente. Deve removê-los de suas posses num determinado prazo, e deixar que outros, ou os pobres, os tenham.

O prazo para remoção é diferente para cada tipo de produto, coincidindo com o momento em que as produções agrícolas particulares não estejam mais à disposição nos campos.

Todos os frutos que crescem no ano de Shemitá são santos e devem ser tratados com o devido respeito, de maneira diferente dos outros frutos. As frutas não podem ser vendidas.

As cascas e outras partes não comestíveis não podem ser jogadas no lixo, mas deixadas no campo, ou que se estraguem sozinhas.

As verduras têm uma lei diferente:

Nossos Sábios decretaram que não se pode comer nenhuma verdura que cresce no ano de Shemitá. Temiam que se não existisse esta lei, alguém desonesto poderia plantar verduras na Shemitá e dizer que cresceram sozinhas.

3. O Perdão dos Empréstimos no Ano de Shemitá.

Um judeu que emprestou dinheiro a outro não pode exigir sua devolução daquele que o tomou emprestado, ao término do ano de Shemitá. Esta mitsvá se aplica tanto em Israel como na diáspora.

Já na época do Talmud, devido a esta lei, muitas pessoas deixavam de fazer empréstimos quando a Shemitá se aproximava. Para evitar este comportamento, o ilustre erudito e líder, Hilel, instituiu uma fórmula que permite reclamar o pagamento mesmo depois do sétimo ano, denominada peruzbul.

Consiste no credor transferir suas dívidas a uma corte rabínica antes do ano sabático, quando então a dívida deixa de ser individual, tornando-se passível de cobrança (conforme a própria lei da Torá estipula) durante ou após a Shemitá.

O Significado de Shemitá

As leis de Shemitá expressam conceitos fundamentais da Torá:

1. Observando-as reconhecemos que não possuímos a Terra.

D'us ordenou: "Descanse no sétimo ano para que saiba que Minha é a Terra."

.....
2. Durante a Shemitá, o fazendeiro é forçado a virar-se diretamente ao Todo-Poderoso e implorar-Lhe que provenha seu sustento, pois está proibido de trabalhar para prover a si mesmo de alimentos.

Desta feita, chega a compreender que mesmo nos outros seis anos nos quais é permitido trabalhar, ele ceifa apenas por causa da Providência do Todo-Poderoso, e não como resultado de sua própria labuta.

O judeu não deve tornar-se auto-confiante e pensar que sua prosperidade é resultado do trabalho de suas próprias mãos. Ele deve estar cômico de dois pontos:

•A fertilidade da terra e prosperidade da colheita são determinadas por fatores além de seu controle como as chuvas, calor ou geada, e assim por diante.

D'us pode enviar animais selvagens, insetos, ou outros agentes prejudiciais para destruir a produção inteira, se Ele assim o desejar.

•Não só isso, como o próprio crescimento da planta não é resultado automático de ter sido semeada. Nada consegue crescer, brotar, desenvolver-se, ou sequer existir sem a Vontade do Todo-Poderoso.

Se Ele retirar Sua Vontade de Conceder Vida de algo no universo, nem que seja por um instante, cessaria de existir.

O tipo de profissão escolhido pela pessoa não lhe garante uma vida de prosperidade ou pobreza.

D'us despeja riquezas sobre cada indivíduo conforme Ele julga adequado.

Portanto, cada um deve implorar-Lhe, a Quem é o Mestre de todas as riquezas que lhe conceda sustento.

A lição de Shemitá aplica-se não somente ao fazendeiro judeu, mas igualmente ao lojista, industrial, vendedor, profissional liberal e operário.

Em qualquer estágio de sua carreira ele pode sucumbir ao equívoco de que é seu trabalho ou esforços que asseguram-lhe o sustento.

Tampouco seu negócio, nem sua indústria ou empregador são seus "fornecedores de sustento." Há apenas Um Que é o encarregado, e somente Ele determina se alguém terá sucesso em seus esforços ou não.

Não importa quão desesperadamente um homem luta para ser bem sucedido em seus negócios, seus planos serão sabotados e darão em nada, se assim for decretado no Céu. Por outro lado, se o decreto Celestial for que deva prosperar, um esforço mínimo garantirá o mesmo resultado.

3. O Todo-Poderoso pretende que o ano seja de inatividade do trabalho, a fim de que os agricultores possam dedicar-se ao estudo da Torá.

Da mesma forma que Ele proibiu que trabalhássemos em Shabat a fim de dedicarmos este dia, assim Ele destinou cada sétimo ano a ser uma época de incremento nos estudos da Torá.

A Torá nos conta as conseqüências acarretadas por um judeu que falha em observar Shemitá:

D'us disse: "Eu te ordeno a trabalhar seis anos e permitir à Terra descansar no sétimo, porém tu a privas de seu devido descanso.

Portanto, serás exilado, e ela então será recompensada de todos os anos de descanso dos quais a privaste." (Vayicrá 26:43).

Hoje em Dia Também Observamos Shemitá?

Apesar da destruição do Templo Sagrado, todas as leis acima mencionadas também vigoram atualmente na Terra de Israel.

Os proprietários de terras em Israel devem cumprir a mitsvá de Shemitá. Podem regar as plantas o suficiente apenas para que não ressequem.

Os que guardam o ano de Shemitá sabem que não terão entradas durante um ano, por não trabalharem em seus campos; porém são heróis que confiam em D'us.

Os produtos de Shemitá não podem ser vendidos comercialmente, por causa de sua santidade; nem mesmo após o ano de Shemitá, uma vez que são sagrados para sempre. De acordo com muitos rabinos esses não podem sequer ser exportados para países fora de Israel.

Consumidores de produtos importados de Israel devem certificar-se de que não estão comprando nada que tenha crescido em anos de Shemitá. Produtos frescos de Israel geralmente chegam ao exterior durante o ano de Shemitá, e no seguinte. Enlatados fabricados em Shemitá permanecem no mercado ainda por muitos anos.

Os judeus que vivem na diáspora também podem participar da mitsvá de Shemitá doando dinheiro a um fundo especial de auxílio aos agricultores que guardam Shemitá.

O Midrash compara os judeus que se abstém de trabalhar a terra durante Shemitá aos anjos. Sua confiança em D'us eleva-os tanto que parecem mais anjos que seres humanos.

Nossos Sábios ensinam: "Mashiach virá ao final de um ano de Shemitá". Os que observam o ano de Shemitá como se deve contribuem para a chegada de Mashiach.

A Mitsvá de Yovel após Sete Shemitot

Para um agricultor judeu, é muito difícil não trabalhar os campos e pomares durante um ano inteiro, não podendo dispensar-lhes os cuidados adequados. Que dirá então o quão difícil é para ele não trabalhar a terra por dois anos seguidos!

Na época do Templo Sagrado isto era exatamente o que acontecia a cada cinquento anos. A Torá nos ordena a guardar um ano de Yovel (Jubileu) a cada 50 anos. Em Yovel, tal como em Shemitá, é proibido trabalhar a terra. Atualmente, não se guarda o Yovel.

O Yovel caracterizava-se por três obrigações, que recaíam sobre a nação inteira:

1. Abstenção de qualquer trabalho agrícola, exatamente como em Shemitá.
2. Liberdade incondicional para todo escravo hebreu.
3. A devolução de todos os campos aos seus proprietários originais.

No Yovel, Os Escravos Judeus São Libertados

A cada ano de Yovel, em Yom Kipur, o San'hedrin (Tribunal Superior) tocava o shofar. A seguir os judeus em Israel, tocavam o shofar.

O som podia ser ouvido em Israel inteira, anunciando: "Chegou a hora de libertar todos os escravos judeus. Todos os que possuem escravos judeus devem libertá-los e enviá-los à suas casas."

Não importava se o escravo recém começara a servir seu senhor, ou se já havia trabalhado seis anos, todo escravo judeu tinha de ser enviado de volta ao seu lugar de origem.

O toque do shofar era um lembrete para ouvir e observar esta mitsvá. Depois de possuir um escravo por um longo período, o amo deve achar difícil mandá-lo embora; assim como o escravo pode ficar relutante em deixar seu amo.

De Rosh Hashaná até Yom Kipur do ano de Yovel, um escravo não retorna à sua casa; nem seu amo pode empregá-lo. Em vez disso, senta-se à mesa de seu amo, come, bebe, e relaxa. Quando o shofar é tocado em Yom kipur, ele finalmente parte.

Este período de dez dias de transição ajudam-no a readaptar-se à liberdade.

D'us disse: "Quando tirei o povo judeu do Egito, tornaram-se Meus escravos. Por isto, nenhum judeu poderá servir a outro por toda a vida, somente Eu posso exigir tal submissão."

O Que Nos Ensina a Mitsvá de Tocar o Shofar no Yovel?

O toque do shofar no ano de Yovel anuncia a libertação de todos os escravos judeus.

Da mesma forma, um dia escutar-se-á um magnífico toque do shofar, que anunciará a vinda de Mashiach. Este som será o início da verdadeira liberdade para o povo judeu.

Mashiach virá e construirá o Terceiro Templo Sagrado. D'us libertará o mundo da morte e da má inclinação. A ressurreição dos mortos será realidade, e viveremos para sempre.

Rezamos diariamente na oração da Amidá para que isto aconteça logo: Soe o grande shofar anunciando nossa liberdade!

No Yovel, Todos os Campos Retornam aos Seus Antigos Proprietários

No ano de Yovel, todos os campos devem ser devolvidos ao dono original (ou seus descendentes) a quem foi dada a terra quando a Terra de Israel foi dividida entre as tribos.

Assim, as propriedades em Israel serão mantidas dentro das tribos às quais foram originalmente destinadas, respeitando a divisão Divina das terras.

A Torá proíbe a compra ou venda de propriedades em Israel, com a intenção de troca de mãos para sempre.

Mesmo se tal condição ou cláusula tenha sido erroneamente estipulada, não é acatada, e o campo é restituído ao proprietário original no ano de Yovel.

Quem compra ou vende terras em Israel sabe, então, que a transação não é permanente, mas sim até o ano de Yovel, quando então será devolvida ao seu legítimo dono. Quanto mais perto se estiver do Yovel, tanto menos se pagará por um campo.

D'us disse: "A Terra em Israel não pode ser vendida para sempre, pois não pertence a vocês, mas a Mim. Vocês são apenas estrangeiros e colonizadores nela, e não devem se considerar seus proprietários."

Tal como as leis de Shemitá, as de Yovel também indicam que D'us é o verdadeiro dono de todos os nossos pertences; não somos proprietários permanentes de nossos campos, nem de nossos escravos.

Leis para se Adquirir uma Casa em Israel

Se um judeu vivia em uma cidade cercada por muralhas na época de Yehoshua (sucessor de Moshê e conquistador da Terra de Israel) e vendesse sua casa, o novo dono deveria devolvê-la no ano de Yovel.

Se um judeu morasse numa cidade que não era cercada por muralhas na época de Yehoshua, não devolveria a casa ao seu proprietário anterior no ano de Yovel.

O proprietário tinha o direito de recomprar a casa até um ano após a venda. O novo dono deveria devolvê-la neste prazo. Uma vez, porém, que o ano findasse, o novo proprietário poderia ficar com a casa indefinitivamente.

Contudo, se um Levi vendesse sua casa numa das 48 cidades pertencentes aos leviyim, esta casa deveria ser devolvida no ano de Yovel, independentemente da cidade ser ou não cercada de muralhas.

Proibições Comerciais, Verbais e Leis do Campo

Não Enganar em Transações Comerciais

A Torá nos adverte: "Ao comprar ou vender um campo, não abuse da outra parte. Calcule exatamente quantos anos faltam para o Yovel e pague o preço justo!"

A Torá nos ordena a tratar os outros honestamente, não só ao vender propriedades, mas sempre que efetuamos qualquer negócio.

Um judeu não deve pedir um alto preço de um comprador que ignora o valor da mercadoria. Se superfaturar enganosamente um cliente, transgride a proibição de onaá.

O comprador é igualmente advertido a não trapacear o vendedor, e adquirir uma peça valiosa por preço baixo se o vendedor não estiver ciente de seu valor verdadeiro.

Não Magoar a Outrem Verbalmente

Além da proibição de não trapacear alguém em assuntos financeiros, esta parashá também menciona a proibição de ofender um semelhante verbalmente.

A Torá diz: "É proibido magoar com palavras cruéis ou equivocadas." (25:17)

Alguns exemplos inclusos nesta proibição são:

- Lembrar alguém do seu mau comportamento ou de seus pais, no passado.

Devemos também ter o cuidado de, ao relacionar-se com um convertido ou aquele que retornou às raízes judaicas, não lembrá-lo de seu passado. Ele poderia ficar envergonhado ou pouco à vontade.

- Não se pode chamar alguém por algum apelido insultante.

- Se alguém se comporta tolamente, não podemos envergonhá-lo, nem fazer qualquer comentário que lhe seja doloroso.

- Quando alguém vê outro sofrendo, não deve dizer maliciosamente: "É sua própria culpa, seus pecados causaram-lhe isto."

- Se alguém não pretende comprar um artigo, não deve passar ao vendedor a impressão de que o comprará.

- Se alguém nos faz uma pergunta, não devemos responder de maneira rude, responder errado ou fornecer informações incorretas.

Certa vez, o sábio Hilel estava andando no caminho e encontrou um grupo de mercadores que possuíam trigo para vender.

"Quanto custa uma seá (medida correspondente a cerca de 8 kg.) de trigo?" - indagou.

"Dois dinares," responderam.

Um pouco depois, deparou com outro grupo de mercadores de trigo, e perguntou novamente: "Por quanto vocês vendem uma seá de trigo?"

"Três dinares," responderam.

"Por que seu trigo é tão caro?" - perguntou Hilel. "Outros mercadores acabaram de me dizer que o preço é de dois dinares a seá!"

"Babilônios estúpidos!" - praguejaram. "Você não sabe que o preço depende da quantidade de trabalho investida na produção do grão?"

"Ouçam-me," censurou-os Hilel. "Formulei uma questão adequada. Por que, então, insultam-me (violando, desta forma, a proibição da Torá)?!"

A censura de Hilel convenceu os mercadores de que agiram errado, e se arrependeram.

A Torá conclui a proibição de magoar os sentimentos alheios com a frase: "E tu deves temer a teu D'us" (25:17).

Em muitas situações uma observação pode parecer inocente aos observadores, mas apenas quem está ofendendo sabe que a disse com intenções maliciosas.

Portanto, é ordenado a refrear-se por temor ao Todo-Poderoso, Que sabe os pensamentos que envolvem seu coração.

Nossos Sábios debatem a questão sobre qual dos dois pecados é mais grave: ferir alguém verbalmente ou trapaceá-lo financeiramente.

De acordo com o ponto de vista da Torá, ferir os sentimentos de um semelhante é pior. Há três razões para isto:

.....
1. Ao trapacear, causa à vítima uma perda de propriedade que, afinal de contas, não é parte intrínseca dela. Magoando seus sentimentos, por outro lado, acerta-a em cheio no coração.

2. Alguém pode retificar-se por ter cobrado a mais ou trapaceado alguém em assuntos financeiros, neste caso, o dinheiro pode ser restituído. O dano causado por um insulto, todavia, pode tornar-se irreparável.

3. A Torá conclui a proibição de ofender alguém com as palavras: "E tu debes temer a teu D'us," a fim de indicar a gravidade da proibição.

Como devemos ser cuidadosos para não insultarmos alguém, pois se esta pessoa a quem insultamos clamar por D'us, Ele reage imediatamente.

As Leis de Redenção das Casas e campos em Israel

Quando todas as tribos habitavam em Israel nos territórios que lhes eram destinados, não era apropriado para um judeu vender sua casa ou campo a fim de levantar dinheiro para adquirir algo.

A Torá permite que se venda a propriedade apenas se for a pessoa sentir-se forçada pela fome ou necessidades terríveis.

Se alguém for forçado a vender sua propriedade, a Torá lhe concede a opção de readquiri-la ou, segundo a terminologia da Torá, "redimi-la". O novo proprietário é obrigado a vendê-la de volta.

Se não tiver meios para readquirir a propriedade, é uma mitsvá que seus parentes a devolvam.

Um parente tem os mesmos direitos de comprar novamente a propriedade vendida, como se fosse o próprio dono.

Reerguer sobre seus Pés um Necessitado

A Torá ordena: "E se teu irmão empobrecer e ficar desprovido de seus recursos, você deve sustentá-lo mesmo se tratar-se de um convertido, ou guer toshav - (um não-judeu que cumpre as Sete Leis de Nôach) para que possa viver com você." (Vayicrá 25:35)

Este versículo ensina que é uma obrigação estender auxílio financeiro a um semelhante judeu ou até a um guer toshav que necessite de um empréstimo ou caridade.

É uma mitsvá emprestar ou dar-lhe dinheiro para gerir seus negócios, ou o necessário para alguma transação para a qual lhe faltam os meios.

A Torá enfatiza que devemos reerguê-lo sobre seus pés antes que seja reduzido à bancarrota e necessite de caridade.

Se um burro começa a sucumbir sob sua carga, um homem possui força suficiente para ajustar a carga em seu lombo, ou retirar um pouco dessa, de modo que consiga prosseguir.

Uma vez que o burro tenha sucumbido, contudo, nem mesmo cinco homens fortes conseguem colocá-lo novamente de pé.

Similarmente, devemos ajudar alguém assim que seus meios comecem a escassear, e não adiar até que tenha ido à falência.

"Bem afortunado é o quinhão daquele que auxilia os pobres sabiamente" (Tehilim 41:2). Dar caridade sabiamente, sem envergonhar quem a recebe é uma arte.

Sempre que Rabi Yoná escutava que um homem muito rico perdera todo seu dinheiro mas estava envergonhado para pedir caridade, costumava visitá-lo em casa e dizer-lhe: "Tenho ótimas notícias para você! Soube que você é herdeiro de uma fortuna de alguém que mora além-mar.

Enquanto isso, por favor, aceite um pequeno empréstimo de minha parte! Você me pagará assim que tomar posse do dinheiro."

Ao recuperar-se financeiramente e ir pagar seu débito, Rabi Yoná dizia: "Guarde-o, dei-lhe de presente."

No Templo Sagrado havia uma câmara chamada "Lishcat Chashai" - "Câmara dos Presentes Secretos."

Judeus tementes a D'us depositavam dinheiro neste local, e famílias pobres o recebiam anonimamente, conseguindo viver destas doações.

Ao perceber um pobre atrás de si, Rabi Lezer deixava cair proposadamente um dinar, dando a impressão de tê-lo deixado cair acidentalmente.

O pobre o levantava e corria para devolvê-lo. "Pode ficar com ele," dizia Rabi Lezer, "Já tinha perdido a esperança de recuperá-lo."

Nossos sábios ensinam: "Se você tiver mérito, satisfará a fome de Yaacov (despenderá dinheiro em caridade); se não, a de Essav (em vez disso, o dinheiro será consumido por "Essav").

Esta verdade é evidenciada pela seguinte história:

Rabi Yochanan ben Zacai sonhou na noite de Rosh Hashaná (quando os proventos de uma pessoa são determinados para o ano todo) que seus dois sobrinhos

.....
perderiam a soma de setecentos dinares no decorrer do ano vindouro.

Após Yom Tov, visitou os sobrinhos e ordenou-lhes que se encarregassem de sustentar os pobres.

"De onde conseguiremos os fundos?" - perguntaram.

"Sustentem-nos com seu próprio dinheiro," ordenou Rabi Yochanan. "Anotem as quantias distribuídas.

Se perderem com a proposta, eu lhes reembolsarei ao final do ano."

Os sobrinhos obedeceram, e distribuíram enormes somas para caridade. Perto do final do ano, um oficial do governo romano chegou e exigiu que pagassem setecentos dinares de propina.

Para que não reagissem, dois soldados os jogaram na prisão.

Rabi Yochanan ouviu as notícias e foi ver os sobrinhos na prisão.

"Ao todo, quanto dinheiro vocês distribuíram para tsedacá?" - perguntou-lhes.

"Anotamos tudo," retrucaram. Consultando seus registros, calcularam que distribuíram um total de 683 dinares.

"Deixem-me dizer-lhes como agir," instruiu-os Rabi Yochanan. "Dêem-me mais dezessete dinares, e eu garanto que sairão da prisão."

"Que idéia mais esquisita," disseram-lhe. "Estamos sendo mantidos cativos por devermos setecentos dinares, e você diz que nos libertará com dezessete!"

Retrucou: "Apenas dêem-me os dezessete dinares, e não se preocupem!"

Deram a quantia a Rabi Yochanan, que foi ver o emissário do governo.

Passando as moedas de suas mãos ao emissário, Rabi Yochanan pediu-lhe que deixasse seus sobrinhos escaparem.

Sob a influência da propina, o homem deu instruções para que fossem soltos secretamente.

Os sobrinhos foram a Rabi Yochanan e perguntaram-lhe como sabia com tanta certeza de que dezessete dinares garantir-lhes-iam a fuga.

"Tive uma revelação Divina na noite de Rosh Hashaná de que vocês perderiam setecentos dinares este ano," explicou-lhes.

"Uma vez que estavam destinados a terem esta despesa, aconselhei-os a sustentarem os pobres - é melhor gastar esta soma em tsedacá."

"Por que não nos contou sobre seu sonho?" - perguntaram-lhe os sobrinhos. "Teríamos despendido os remanescentes dezessete dinares também em tsedacá."

"Preferi guardar segredo de vocês," respondeu Rabi Yochanan, "para que dessem em prol da própria mitsvá, em vez de pensar que seria em seu próprio benefício."

Esta história demonstra que se alguém é avarento com tsedacá, recairá em despesas imprevistas, que levarão sua renda ao original decretado em Rosh Hashaná passado.

Ao dar tsedacá, o pobre dá ao seu benfeitor mais que o benfeitor dá ao pobre.

Enquanto o doador despende apenas riqueza material, recebe, em troca, uma inestimável riqueza de méritos espirituais que ultrapassam de longe o que deu.

Através da caridade, uma pessoa pode ser resgatada da morte neste mundo.

A Proibição de Empréstar ou Tomar Empréstado a Juros

É proibido emprestar ou tomar empréstado de um judeu a juros. A proibição contra os juros inclui dinheiro, artigos, e mesmo palavras.

Além disso, qualquer um envolvido na negociação peca, como as testemunhas e fiadores.

A fim de evitar a proibição de cobrar juros, um judeu deve utilizar um contrato haláchico especial (heter iscé; que transforma seu status em sócio silencioso) ao conduzir uma transação envolvendo empréstimos com outro judeu. Deve-se consultar uma autoridade haláchica competente.

A Torá também se refere aos juros com o termo "neshech", que significa "mordida." D'us adverte quem empresta: "Não aja da maneira como a cobra, astutamente oferecendo empréstimo a alguém, e depois extorquindo dinheiro dele através de juros, e gradualmente tomando posse de suas casas, campos e vinhedos por não conseguir pagar os juros."

Deve-se Tratar Bem o Servo

No livro de Shemot, a parashá de Mishpatim menciona as leis referentes a um escravo judeu vendido pelo tribunal por roubo. Esta parashá lida com o escravo judeu que se vendeu.

Um judeu não deve se vender como escravo a fim de ganhar dinheiro, adquirir propriedades, animais ou outros

.....
bens. A Torá permite isto apenas como último recurso, em caso de extrema penúria.

Um amo judeu é obrigado a sustentar não apenas seu escravo, mas também sua esposa e filhos. Todas as leis de como tratar um escravo como seu irmão também se aplicam ao escravo que se vende.

Por exemplo, o mestre deve dar-lhe o mesmo alimento, bebidas, roupas e cama que ele mesmo usa; não pode oferecer-lhe condições de vida inferiores às suas próprias.

Se houver apenas um coberto ou travesseiro para o dono e o escravo, a Torá proíbe o dono de utilizá-los; é obrigado a dá-los ao escravo.

O amo não pode empregar o escravo noite e dia; é obrigado a conceder-lhe períodos de descanso apropriados.

Deve tratá-lo com a mesma dignidade que faria com um trabalhador contratado que não é seu escravo.

Nossa parashá acrescenta a proibição de tratar o escravo judeu de maneira ríspida (25:42). Isto inclui os seguintes pontos:

1.O amo não pode exigir do escravo que realize uma tarefa da qual não necessita realmente. Por exemplo, não pode pedir-lhe: "Esquente água para mim," ou "Esfrie água para mim," quando não há necessidade.

2.O amo não pode confiar ao escravo judeu uma tarefa por período indefinido. Por exemplo, não pode ordenar-lhe: "Cave entre as fileiras deste vinhedo até que eu volte," sem dizer-lhe quando volta.

Uma vez que o que é considerado "tratamento ríspido" depende de circunstâncias subjetivas, e deve, portanto, ser deixado ao discernimento do amo, a Torá adverte: "E temerás teu D'us"! D'us sabe se você tem intenção de degradar ou explorar o escravo. Se o fizer, Ele lhe punirá.

Apesar da proibição de tratar um escravo de maneira ríspida, Maimônides legisla que o virtuoso não deve impor um pesado jugo sobre qualquer escravo, não oprimi-lo, e sustentá-lo de acordo com suas posses.

Especificamente, um servo canaanita de valor merece ser tratado dignamente.

Todo escravo judeu é libertado no ano de Yovel, porque D'us declarou: "Todo judeu é Meu escravo desde o Êxodo do Egito - Meu contrato com o povo judeu é o mais antigo."

A Mitsvá de Redimir um Escravo Judeu

Na época do Templo Sagrado, infelizmente, alguns judeus estavam tão desesperados por dinheiro que se vendiam a não-judeus idólatras.

Mas isto era lamentável. Num local pagão, logo aprenderia a adorar ídolos e começaria a assimilar costumes não judaicos.

A Torá ordena: "É mitsvá para os parentes de um judeu que se vendeu redimi-lo o quanto antes. E se seus parentes não podem redimi-lo, é mitsvá que outro judeu o redima."

A Torá também ordena que o governo de Israel obrigue o amo não-judeu a libertar o escravo judeu no ano de Yovel.

A Proibição de se Prostrar sobre um Chão de Pedras

A Torá ordena: "Não te ajoelharás perante Mim sobre um chão de pedra." (26:1)

Os idólatras costumavam prostrar-se para seus ídolos sobre chãos de pedra. Por isto, a Torá proíbe aos judeus ajoelharem-se sobre um chão de pedra, mesmo que estejam rezando para D'us. Esta mitsvá nos afasta da idolatria.

O único lugar onde podemos prostrar-nos sobre tal chão é no Templo Sagrado (onde é evidente que nos prostramos em honra a D'us).

Uma vez que a proibição da Torá diz respeito apenas a chãos de pedra, não é proibido prostramo-nos em Yom Kipur em sinagogas cujo chão geralmente não são de pedras. Não obstante, é costume estender uma almofada, cobertura ou algo no chão quando nos prostramos.

Adeus Integridade

Por Yosef Y. Jacobson

Vendendo sua Integridade, Seu Amor e sua Alma - A Hipoteca

"Meu comprador disse que viveu na mesma casa durante dez anos. Quando conferi, descobri que ele ainda estaria lá hoje se o governador não o tivesse perdoado. "Os vendedores me disseram que a casa deles era perto da água. Era no porão."

"Se você acha que alguém se importa se você está vivo, atrase dois pagamentos da prestação da casa." "Não há mais necessidade de uma bomba de nêutrons. Já temos algo que destrói pessoas e deixa os edifícios intactos.

Chama-se hipoteca." Proprietário para o locador da casa: "Sim, a cozinha é um pouco pequena, mas com uma hipoteca dessas você não vai cozinhar muito mesmo."

.....
Campos e Lares

A porção Behar da Torá discute as leis sobre a venda da terra na Terra Santa.

Depois que o povo judeu entrou na Terra de Israel em 1273 AEC (o ano 2488 desde a Criação no calendário judaico), Yehoshua, o líder judeu, designou um pedaço de terra para toda tribo e família, como está registrado no Livro de Yehoshua.

Se um judeu passava por dificuldades e era obrigado a vender sua terra ancestral, a Torá – a constituição do Judaísmo – lhe dava o direito de redimi-la dois anos após a data da compra.

O vendedor devolvia o dinheiro ao comprador e recebia o campo em retorno. Se ele não o redimisse, o campo retornava automaticamente para ele com a chegada do Ano Jubileu.

O que era o Ano Jubileu?

Depois que o povo judeu completou a colonização da terra de Israel 14 anos depois de ali entrar, eles começaram a contar os anos em ciclos de cinquenta.

Cada 50º ano era observado como um Ano Jubileu durante o qual pedaços de terra ancestrais que tivessem sido vendidos durante os 49 anos anteriores, revertiam ao dono original.

Quase nenhuma venda ou presente em Israel era legal por mais de 49 anos. Esta era a lei sobre a venda de um campo.

O que acontecia se um judeu pobre fosse forçado a vender uma casa ancestral localizada dentro de uma cidade murada em Israel? Aqui a lei mudava dramaticamente. Esta casa, declara a Torá, poderia ser redimida somente até o primeiro aniversário da venda.

Depois disso, permanecia como propriedade do comprador perpetuamente, e não voltava ao vendedor com a chegada do Ano Jubileu (a menos que o comprador quisesse vender a casa de volta para o vendedor original).

E se um judeu vendesse uma casa ancestral localizada numa cidade não murada? Aqui a lei constitui o “melhor de dois mundos” dos dois casos anteriores.

A casa podia ser redimida imediatamente após a venda, assim como uma casa numa cidade murada.

E mesmo se não fosse redimida durante o primeiro ano da venda, ainda podia ser recuperada mais tarde, até a chegada do Ano Jubileu, quando retornava ao proprietário original, assim como a lei sobre o campo.

Renda vs. Dignidade

Qual é a lógica entre as três diferentes leis sobre a venda de 1) campos, 2) casas em cidades muradas, e 3) casas em cidades não muradas?

Um dos maiores comentaristas bíblicos, o sábio espanhol do 13º século, Rabi Moses ben Nachman, conhecido como Nachmânides, explica o raciocínio de uma maneira comovente: Vender seu lar pessoal devido ao empobrecimento afeta não a sua renda (uma casa não produz lucros regulares), mas sua dignidade.

Vender seu campo significa ter decido à pobreza, por outro lado, pode afetar sua renda (um campo produz lucros regulares) mas não sua honra pessoal.

Para preservar a dignidade de um indivíduo empobrecido que foi forçado a abrir mão de sua casa, a Torá lhe permite recuperá-la imediatamente após a venda, durante todo o primeiro ano, assim que ele conseguir o dinheiro.

Depois que termina o ano, porém, ele certamente já se mudou para outra casa; agora o comprador pode segurar sua compra por quanto tempo desejar. Não pode mais ser recuperada.

Sobre um campo, porém, que afeta a renda da pessoa e não sua dignidade, a redenção a curto prazo era desnecessária.

A única preocupação da Torá era que o campo fosse devolvido ao dono original quando da chegada do Ano Jubileu, a fim de não privar uma pessoa e sua família de sua fonte natural de renda.

Casas em cidades abertas, diz Nachmânides, eram frequentemente usadas por fazendeiros e guardiões de campos. Assim, eram tratadas como os próprios campos e precisavam ser devolvidas ao dono no Ano Jubileu.

Porém como a venda (assim como a venda de casas completas em cidades muradas) era constrangedora para o vendedor, elas também podiam ser recuperadas imediatamente após a venda, mesmo antes de se passarem dois anos.

A Dimensão Psicológica

Todas essas leis se aplicavam apenas quando toda a nação judaica estava vivendo em Israel, cada tribo habitando a terra a ela designada.

Quando as primeiras tribos judaicas foram exiladas de sua terra, há cerca de 2.600 anos, as leis do Ano Jubileu e leis da venda de terras não eram mais aplicáveis.

Porém cada mitsvá e cada lei na Torá consiste em uma dimensão psicológica e espiritual, bem como uma

.....
dimensão física e da vida real. É esta dimensão que ainda é muito relevante atualmente.

Qual é o significado metafísico por trás dessas leis?

Vender sua Carreira, Casa e Alma

Campos, casas localizadas em cidades não muradas, e casas em cidades muradas, simbolizam três aspectos da nossa vida diária: os campos representam a carreira da pessoa e suas interações em compras diárias no mundo exterior, no “campo”.

Casas situadas em cidades não muradas representam o lar interior da pessoa e a vida em família, que não estão expostas para observação de todos.

Casas localizadas em cidades muradas, cercadas por um muro adicional de proteção, simbolizam o espaço mais vulnerável e íntimo da vida da pessoa, geralmente guardado por uma fortaleza adicional de privacidade. Isso representa um relacionamento interior da pessoa com o seu ser íntimo, sua alma.

Seu D'us, seus momentos de prece, meditação e transcendência.

Aqui, a Torá nos dá um projeto daquilo que transpira quando “vendemos” e dispomos de nossas carreiras, lares e de nós mesmos.

Adeus Integridade

Quando você vende seu campo, i.e., quando permite que sua carreira e seus encontros externos diários se tornem manchados pela desonestidade e egoísmo – você pode escapar sem perceber sua degeneração moral por dois anos inteiros. Somente após dois anos de decadência moral e espiritual você começará a sentir o vácuo em sua vida.

A depravação causada pela “venda” de sua integridade começará a assombrá-lo. Então, quando você estiver consciente e frustrado, pode liberar seu campo e sua vida.

Mesmo se não o fizer, o tempo e as experiências da vida provavelmente farão isso. No 50º ano, você terá de volta o seu campo. Mas por que esperar tanto?

Adeus Amor

Chega então a situação muito mais séria em que você “vende” sua casa, i.e., perde contato com os entes queridos, sua esposa, seus filhos e seus amigos mais próximos.

Em sua presunção você entra numa bolha particular e se afasta das pessoas mais próximas a você. Abre mão do seu lar.

“O que é Lar?” perguntou Ernestine Schumann-Heink. Sua resposta: “Um teto para se proteger da chuva. Quatro paredes para manter o vento do lado de fora.

Pisos para manter o frio longe.” Sim, porém lar é mais do que isso, É a risada de um bebê, a canção de uma mãe, a força de um pai.

O calor de corações vivos, a luz de olhos felizes, bondade, lealdade, companheirismo. O lar é a primeira escola para os pequeninos, onde eles aprendem o que é certo, o que é bom e o que é bondoso.

Onde eles vão em busca de conforto quando estão magoados ou doentes. Onde a alegria é partilhada e a tristeza aliviada. Onde pais e mães são respeitados e amados.

Onde os filhos são desejados. Onde a comida mais simples é suficientemente boa para reis porque é conquistada. Onde o dinheiro não é tão importante como o amor.

Onde até a chaleira canta de felicidade. Isso é lar. D'us o abençoou.

E quando você abrir mão de seu lar, sentirá imediatamente o vazio. Sua vida se tornará mais superficial e artificial.

Como a dor será sentida imediatamente, você de fato é capaz de liberar sua casa logo após a “venda”.

Mais uma vez, mesmo que você não possua a coragem de mudar, o tempo e a jornada da vida geralmente mudarão você.

Mas por que esperar? Quem sabe o que pode transpirar até então? Você ainda terá a chance de consertar relacionamentos rompidos?

Adeus D'us

Então vem a terceira condição, a mais grave – quando você “vende” seu espaço mais íntimo, quando se torna alienado do seu senso mais profundo de ser, do seu relacionamento íntimo com D'us.

Num evento desses, você pode sentir imediatamente o extraordinário vácuo e assim liberar sua alma de imediato.

Mas se você esperar mais de um ano, provavelmente perderá a chance de liberar sua identidade interior novamente.

Quando você permite que as pressões ou divertimentos externos da vida o roubem de seu âmago interior, quando não mais dedicar vinte minutos por dia para abrir seu coração ao Criador, quando não tiver tempo para a essência de tudo, logo perderá contato com a noção de que já teve alguma inocência para perder.

.....
Você talvez não saiba mais que havia algo para liberar.

É doloroso perder coisas (“campos”) na vida. É ainda mais doloroso perder pessoas (“lares”) na vida.

Porém a pior dor de todas é quando perdemos nossa conexão com a quintessência da vida e da realidade, com D'us.

Simplesmente não podemos nos dar ao luxo de perder nossas almas.

Nenhum de nós pode se dar ao luxo de sacrificar nossos poucos momentos íntimos de prece e união com D'us por causa de outras responsabilidades ou prazeres.

Pois sem este relacionamento, poderíamos um dia olhar no espelho e observar um corpo vivo tendo no interior uma alma vazia.

A Haftará de Behar/Bechucotai

Yirmiyahu 16:19-17:14

A Haftará discute as punições que aguardam aqueles que desrespeitarem as leis de D'us, e as bênçãos que recairão sobre aqueles que seguirem as vontades do Criador. Isto segue o tema da leitura da Torá desta semana que detalha as bênçãos e as maldições.

O profeta Yirmiyahu repreende o Povo de Israel por seu comportamento idólatra e por não terem fé em D'us. Ele transmite as palavras de fúria de D'us àqueles que não colocam sua fé em D'us – antecipando exílio como sua punição – e de bênçãos para aqueles que o fazem.

“Maldito é o homem que crê no homem e confia na carne mortal como sua força, e cujo coração de afasta de D'us. Ele será como uma árvore isolada no deserto, e não verá quando a bondade vier, e habitará na terra árida no deserto, no solo impregnado de sal que não é habitável.

Abençoado é o homem que crê em D'us, para quem D'us é sua força, pois ele será como uma árvore plantada próxima à água que espalha suas raízes para dentro de um riacho, de forma a não ser afetada quando o calor chegar, e suas folhas serão verdes, e no ano de seca não ficará ansioso, nem cessará de dar frutos”.

A Haftará termina com os seguintes versículos comoventes: “D'us, que é a fonte das esperanças de Israel, todos os que Te esquecerem serão envergonhados, e aqueles que se afastarem de Mim serão marcados sobre a terra que eles esqueceram D'us, a fonte das águas viventes. Cura-me, ó D'us, e eu serei curado; salve-me, e eu serei salvo, pois Tu és o meu louvor”.

Uma Lição de Humildade

Devar Malchut, as Palavras do Rebe

Conta o Midrash, que na hora da outorga da Torá todas as montanhas se reuniram, e cada uma desejava que sobre ela D'us concedesse a Torá. Cada uma contou sua vantagem.

Um monte, apenas, permaneceu silencioso, pois não possuía nenhuma qualidade especial. E foi justamente aquele que D'us escolheu para nele entregar a Torá a Seus filhos! Essa colina foi o Monte Sinai.

É óbvio que D'us o escolheu por ser humilde e modesto, e não ser orgulhoso como as demais montanhas. D'us quis nos ensinar que apenas com modéstia e humildade é possível cumprir as mitsvot da Torá.

Porém, à primeira vista, se D'us quis conceder a Torá em um local baixo – para nos ensinar o atributo da humildade – porque não o fez sobre uma planície ou um vale? Um monte é uma elevação! Mas justamente essa combinação, “monte” e “Sinai”, nos ensina como devemos cumprir os mandamentos.

Por um lado temos o “monte” que simboliza altura, firmeza. Por outro temos “Sinai”, que está ligado à humildade, submissão. Há dois pré-requisitos para o recebimento da Torá:

a) A altura e a firmeza de um monte É necessário se orgulhar do cumprimento das mitsvot, e jamais se envergonhar das pessoas que zombam. É preciso cumprir as mitsvot com firmeza, vencer os obstáculos, pois sua fonte é Divina.

b) A auto-anulação e humildade do Sinai Não devemos nos orgulhar de nossos próprios méritos, pois apenas quem é humilde consegue aceitar, na íntegra, as palavras da Torá.

Conforme pronunciamos em nossas preces: “E que minha alma seja como o pó para todos” – quando minha alma é humilde como o pó, então: “abre meu coração para a Tua Torá” – o coração capta as palavras da Torá.

A firmeza e a humildade não são contraditórias. Devemos nos orgulhar de ser judeus e cumprir as mitsvot com determinação e sem qualquer constrangimento; ao mesmo tempo, devemos ser modestos e humildes em relação a nossas qualidades, e cumprir todas as mitsvot com submissão e aceitação da vontade Divina. Como o Monte Sinai!

Baseado em Likuté Sichot, Vol. I, págs. 276-278.

Com permissão da Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, em Likrat Shabat on line

Onde Investir?

.....
O dinheiro pode ser uma coisa engraçada. Num minuto nós o temos, e no seguinte já se foi.

No decorrer de nossa vida, podemos passar pela montanha russa financeira – diversas vezes. Na porção desta semana da Torá, lemos sobre as aparentemente estranhas leis de Shemitá, que basicamente exige dos fazendeiros que deixem suas terras incultas durante um ano inteiro.

À primeira vista, isso parece ridículo. Por que razão um fazendeiro bom da cabeça concorda em deixar sua terra, sua única fonte de renda, por todo um ano?

Muitos comentaristas concordam que uma das maiores lições que podem ser aprendidas das leis de Shemitá é a habilidade de reconhecer que tudo provém de D'us. Na verdade, tudo que temos pertence ao Criador. Somos depositários, apenas cuidando das coisas durante nossa estada neste mundo.

Se D'us nos diz para deixar em paz a nossa terra por um ano e não trabalhar nela, então é imperativo que respeitemos Sua ordem, pois definitivamente é Ele que decide quão produtiva a terra será.

Assim que conseguimos entender que não somos os verdadeiros proprietários de nossos pertences, nossa riqueza e nosso dinheiro, então devemos fazer-nos uma importante pergunta. Se este dinheiro realmente é meu por empréstimo Divino, então como Ele deseja que eu gaste?

Deseja que eu compre um carro de R\$ 150.000? É para isso que Ele me deu tanto dinheiro? Deveria eu despendar o salário de um ano numa festa de Bar- Mitsvá ou adquirindo outros bens de consumo?

Em chinês, os caracteres para a palavra "desafio" são muito similares aos da palavra "oportunidade". A prosperidade, seja moderada ou do tipo que nos permita ter um carro para cada dia da semana, é um tremendo desafio.

Saber aquilo que D'us deseja que façamos com nosso dinheiro às vezes pode parecer extremamente difícil. Mesmo assim, este desafio traz consigo a oportunidade.

Podemos doar para causas de Torá, ajudar instituições educacionais, e cuidar dos necessitados. D'us está nos proporcionando uma incrível chance de cumprir uma mitsvá – não perca esta oportunidade!

33 - Parashat Bechucotai

Levítico 26:3-27:34.

D'us Deseja que Todos os Judeus Estudem a Torá e Cumpram as Mitsvot

Após Moshê terminar de ensinar as leis das oferendas ao povo judeu, D'us disse-lhe: "Eu, D'us, desejo que todo o povo judeu estude Torá e cumpra as mitsvot."

D'us quer que devotemos nosso coração e mente por inteiro ao estudo de Torá.

Nossos Sábios tornaram-se notáveis porque levaram o estudo de Torá mais a sério que qualquer outra ocupação neste mundo.

Quando Ravá aprendeu a Torá, concentrou-se tão profundamente que nem se deu conta de que seu dedo estava sangrando!

Um exemplo de um erudito de Torá que tornou-se notável pela sua determinação e trabalho foi Rabi Akiva.

O que Rabi Akiva Aprendeu com uma Pedra

Rabi Akiva não aprendeu a Torá em sua juventude. Mesmo quando já contava quarenta anos, quase nada sabia.

Era pastor e trabalhava para um homem rico, Calba Savua. A filha de seu amo, Rachel, disse-lhe: "Akiva, se você tentasse, poderia tornar-se um erudito de Torá!"

"Como seria possível?" - pensou tristemente Rabi Akiva. "Sei tão pouco - e há tanto o que aprender. Jamais serei um erudito de Torá."

Um belo dia, Akiva passava por uma rocha sobre a qual a água estava pingando; a pedra era maravilhosamente lisa.

Aquilo fez Akiva refletir.

"Como pôde esta pedra ficar tão lisa?" - perguntou às pessoas próximas a ele.

"É por causa das gotas d'água," disseram-lhe. "A água goteja continuamente sobre a pedra até finalmente deixá-la lisa."

"É isso o que frágeis gotas de água podem fazer a uma dura rocha?" - meditou Akiva. "Podem penetrá-la porque gotejam incessantemente! Então, se eu estudar constantemente as palavras da Torá, elas certamente entrarão em meu coração!"

Akiva começou a estudar com todas as suas forças. Não desistiu. Finalmente, tornou-se um dos maiores líderes de Torá do povo judeu.

Devemos aprender com esta atitude de Rabi Akiva. Nós, também, teremos sucesso em nossos estudos de Torá se estivermos determinados a usar toda nossa energia e trabalhar com afinco.

D'us Promete nos Abençoar se Estudarmos e Seguirmos a Torá

.....
D'us prometeu: "Se todos os judeus estudarem Torá com energia e cumprirem Minhas mitsvot, mandarei a eles bênçãos maravilhosas."

As bênçãos incluem todo tipo de felicidade e êxtase, "de alef a tav" (de 'a' a 'z'). Elas começam, por conseguinte, com a primeira letra do alfabeto hebraico, o alef: "Im bechucotai", e terminam com a última letra tav: "comemiyut".

Elas são concedidas ao nosso povo por cumprir as mitsvot "de alef a tav", do começo ao fim.

As gerações observantes da Torá, as de Moshê, Yehoshua, David, Shelomô e mais tarde o rei Chizkiyáhu beneficiaram-se de boa parte das bênçãos prometidas nesta parashá. Eram abençoados com saúde, força e vigor, chuvas na época certa, prosperidade e vitórias sobre os inimigos.

Eram a prova viva do versículo: "E todas as nações da terra verão que são chamados com o Nome de D'us, e os temerão." (Devarim 28:10).

Não obstante, a completa gama de bênçãos ainda não se realizou, o povo judeu jamais atingiu o nível de perfeição espiritual necessário para que as bênçãos Divinas sejam-lhe concedidas em sua totalidade.

O Todo-Poderoso prometeu que todas as bênçãos mencionadas nesta parashá serão cristalizadas e cumpridas, numa era futura, quando todo o povo judeu observará e estudará a Torá.

As bênçãos Divinas são introduzidas pelas palavras: "Im bechucotai telêchu" (26:3), que significam: "Se apenas andarem e labutarem em Minha Torá!"

Isto é um clamor, um rogo ao povo judeu. O Todo-Poderoso não tem desejo mais querido que inundar-nos de bênçãos. Por isso, implora-nos: "Por favor, estudem Minha Torá e cumpram as mitsvot, permitindo-Me conceder-lhes Minhas bênçãos!"

Quais foram as bênçãos prometidas por D'us?

1 - A bênção da Chuva

D'us prometeu: "Mandarei chuva a Israel na época apropriada."

Isto inclui muitas bênçãos:

- A chuva faz com que o ar e a água potável sejam puros. Como resultado disso, as pessoas serão saudáveis e viverão até uma idade avançada. Terão filhos saudáveis. Os animais, também, vicejarão.

- A quantidade certa de chuva cairá na estação em que é necessária para o grão crescer. Por isto, as colheitas serão fartas.

- A chuva não cairá em épocas inconvenientes, quando as pessoas estão ao relento e terão problemas. D'us mandará a chuva durante a noite, enquanto as pessoas estão dormindo.

A chuva cairá especialmente na noite de sexta-feira, enquanto cada família está reunida em casa, à mesa do Shabat.

D'us prometeu a bênção de "chuva no tempo apropriado" apenas para o povo judeu. As nações fora de Israel não receberão esta bênção.

Por este motivo, não terão grãos suficientes. Procurarão, então, o povo judeu para comprar a produção.

2 - A Bênção da Comida Farta

D'us prometeu ainda: "Abençoarei os frutos e grãos de Israel. Até mesmo as árvores que normalmente não dão frutos, começarão a produzi-las. E as frutas amadurecerão no espaço de um dia apenas!"

"Haverá tanto cereal que demorará muitos meses para debulhá-lo. Assim que terminarem de cuidar do grão, as uvas da vinha estarão maduras e terão de ser colhidas. Devido à grande fartura, vocês não terão descanso entre uma colheita e outra."

D'us nos recompensa com a mesma moeda. Por estarmos continuamente atarefados com Torá e mitsvot, Ele nos manterá ocupados com uma colheita após a outra, sem parar.

D'us prometeu: "Mesmo tendo muita comida, não devem comer demais. Abençoarei seus alimentos para que vocês fiquem satisfeitos mesmo após comer pouco. (Isto é uma bênção, pois comer demais ou ingerir muitos doces ou comidas gordurosas causam doenças.)

"Vocês poderão vender a produção excedente."

De todas as bênçãos, a principal é de que a terra será produtiva.

É equivalente a um monarca fabulosamente rico, cujos cofres transbordavam de tesouros. A despeito de suas riquezas, o poderoso governante era constantemente forçado a perguntar ansiosamente até ao mais baixo de seus súditos: "A terra é produtiva?" Se não há alimentos disponíveis, sua fortuna seria inútil.

D'us assegura ao povo judeu que pelo fato de cumprirem a Torá, a terra torna-se fértil.

.....
Contudo, a bênção Divina vai muito além disso.

D'us prometeu: "Se guardarem a Torá perfeitamente, a terra fará brotar sua produção" (26:4), sua produção original perfeita - da maneira pretendida pelo Criador antes de Adam (Adão) pecar.

Esta promessa implica:

- As plantas amadurecerão no mesmo dia em que suas sementes forem semeadas.

- Árvores frutíferas darão frutos no período de um dia.

- Não haverá árvores infrutíferas. Todas as árvores produzirão alguma espécie de fruto comestível.

- Não apenas os frutos das árvores serão comestíveis, mas também seus córtex e cascas.

Originalmente, D'us pretendia que a terra produzisse rápida e plenamente. Em decorrência do pecado, foi amaldiçoada por D'us e deteriorou-se.

No futuro, quando o povo judeu dedicará todo seu tempo e energia ao estudo da Torá, a maldição de "com o suor de tua fronte comerás teu pão" será novamente retirada, e a terra nos suprirá com abundância, como costumava fazer.

Não será mais necessário trabalhar o solo. Todo judeu ganhará seu meio de vida com facilidade, podendo, assim, dedicar seu tempo ao Serviço Divino.

3 - A Bênção da Paz

Apesar da bênção anterior assegurar-nos abundância de alimentos e bebida, essa promessa, em si, equivale a bem pouco, se não for acompanhada de outra: PAZ. Não importa o quanto alguém possua, não pode usufruir de sua fortuna se vive em constante temor.

Por isso, o Todo Poderoso garante: "E outorgarei paz sobre a Terra, e deitarás, e ninguém te fará tremer" (26:6). Esta garantia é essencial para se beneficiar de todas as bênçãos anteriores.

D'us prometeu: "Geralmente, quando uma nação é rica, seus inimigos tentam invadi-la. Entretanto, embora o povo judeu seja abençoado com a riqueza, nenhuma outra nação tentará atacá-los."

"Não apenas outros exércitos não lutarão contra vocês, como nem mesmo consentirei que passem pela sua terra quando estiverem a caminho de outras batalhas.

Não quero que fiquem entristecidos pela visão preocupante de soldados com armas. Literalmente não haverá espada passando sobre Israel (26:6).

"E se precisarem lutar fora de seu país, causarei confusão entre seus inimigos. Eles se atacam uns aos outros e cairão perante vocês. Cinco de vocês serão capazes de atacar uma centena de soldados inimigos. E apenas uma centena de vocês poderão combater um exército de dez mil inimigos!"

A paz máxima, porém, ainda é por nós desconhecida atualmente. A paz prometida para o futuro inclui o seguinte:

- Feras selvagens serão inofensivas em Israel, exatamente como eram antes de Adam pecar. O profeta predisse: "E o leão comerá feno como o touro, e o lactente brincará na toca da serpente." (Yeshayáhu 11:7)

- Não apenas feras, mas todo tipo de forças prejudiciais serão subjugadas. As nações do mundo, não mais afligirão o povo judeu.

4 - A Bênção de Famílias Numerosas

D'us também prometeu: "Se todos os judeus cumprirem a Torá, abençoarei as famílias judias com muitos filhos. Darei às crianças saúde e vida longa."

Os pais se preocupam sobre como alimentar suas grandes famílias. Por isso, a Torá repete que D'us dará comida mais que suficiente.

D'us disse: "Me voltarei a você e dedicarei Meu devotado amor ao seu progresso físico e espiritual. Seus filhos crescerão para se parecerem com você moral e espiritualmente."

"Sua grandeza aumentará com toda criança que nascer, pois cada uma será portadora de Torá e mitzvot, reforçando os laços entre D'us e o povo judeu."

5 - A Colheita Melhorará com a Idade

E D'us adicionou novas bênçãos:

"A produção estocada em seus silos não se estragará. Pelo contrário, toda a produção se tornará mais deliciosa e saborosa com a passagem do tempo (e não apenas trigo e vinho, que geralmente melhoram com o tempo).

"Então vocês se encontrarão num estranho dilema. Seus silos e celeiros estarão cheios de alimentos quando a nova colheita neles fluir.

Vocês nem saberão o que fazer: devem trazer o cereal novo ao celeiro para secá-lo, mas os celeiros ainda estão repletos de grão velho e delicioso. Terão que tirar este grão e armazená-lo em outro local. Vocês serão abençoados, tendo mais grãos do que poderão comer."

6 - A Bênção de que a Shechiná (Presença Divina) Estará Entre Nós

.....
Agora vem a derradeira e mais importante bênção. D'us prometeu: "Darei a vocês um terceiro e permanente Templo Sagrado. Minha Shechiná repousará não apenas no Templo Sagrado, mas onde quer que os judeus estejam. Sentirão como se Eu estivesse caminhando entre vocês, pois darei a vocês um grande entendimento sobre Mim."

Esta última bênção significa que todos se sentirão próximos a D'us e apreciarão Sua presença. Esta é a maior de todas as alegrias possíveis.

O rei decidiu que um de seus súditos deveria acompanhá-lo em sua caminhada diária através do jardim. Jamais um rei se dirigira àquele aldeão, a quem, nunca em sua vida andara junto com alguém de nível superior.

Ao exigirem que se adiantasse, permaneceu tremendo e imóvel, emocionado demais para tomar seu lugar ao lado do rei.

Este, contudo, encorajou-o dizendo: "Não tema. Hoje, somos amigos!"

Similarmente, no futuro, D'us andarà junto com os justos e lhes dirá: "Não temam! Somos amigos." (Contudo, apesar de andarem juntos, na companhia de D'us, ainda sentirão o temor de Sua grandeza.)

No mundo presente, a Shechiná é percebida apenas por grandes tsadikim (justos). No futuro, contudo: "A glória de D'us será revelada, e toda carne junta a verà." (Yeshayáhu 40:5):

No futuro, os justos formarão um círculo em torno de D'us, e Ele estará em seu meio. Cada um apontará para Ele e dirá: "Veja, este é nosso D'us, esperamos por Ele, e Ele nos salvou." (Yeshayáhu 25:9).

D'us Adverte os Judeus a Nunca Abandonarem a Torá e as Mitzvot

Após D'us ter explicado as bênçãos por cumprir a Torá, advertiu: "Nunca abandonem Minha Torá ou parem de cumprir Minhas mitzvot! Se o fizerem, Eu os punirei."

D'us pressagiu seis punições: Ele mandará doenças.

- Haverá escassez e fome em Israel.
- Animais selvagens destruirão muitos judeus.
- Os inimigos matarão muitos judeus.
- D'us enviará uma peste.
- O Templo Sagrado será destruído e o povo judeu exilado.

Enquanto acreditamos que o estudo da Torá e cumprimento das mitzvot trazem bênção sobre nosso povo, poderíamos concluir que negligenciá-los causa meramente

a ausência de bênçãos Divinas. Esta é uma concepção errônea. A Torá mostra que quando a Torá se afasta, acarreta-nos o oposto de bênção.

Abaixo, detalharemos algumas das maldições:

Doenças

D'us prometeu que se o povo judeu for espiritualmente perfeito, Ele o protegerá de todas as doenças, como está escrito (Shemot 23:25): "E Ele abençoará teu pão e tua água, e Eu removerei todas as doenças de teu meio."

Apesar de atualmente termos de procurar o conselho de um médico, não obstante, devemos fazê-lo com a consciência de que são meros agentes do Todo Poderoso, e é Ele Que dita a saúde e a doença.

Quebrando o Orgulho do Poder do Povo Judeu

Esta maldição possui diversas implicações, dentre elas:

"Eu deitarei por terra o Templo Sagrado, que é o 'orgulho de seu poder'". (Yechezkel 24:21)

Apesar da realização desta maldição causar pesar e luto ao nosso povo, ela contém, não obstante uma bondade oculta.

Quando o salmista Assaf compôs o salmo referente à destruição do Templo Sagrado, iniciou com as palavras: "Um cântico para Assaf. Oh! D'us! As nações odiosas entraram em Tua herança. Impurificaram o Santuário da Tua santidade." (Tehilim 79:1).

Por que denominou sua composição de "cântico"? Parece que a introdução apropriada a esse salmo deveria ser "uma ode", "um lamento" ou "uma eulogia de Assaf".

A explicação pode ser compreendida através de uma parábola.

Um rei construiu uma elegante casa de veraneio para seu filho. Empregou equipes de trabalhadores para embelezá-la, pintores para pintar as paredes com padrões ornamentais, e criar belas paisagens e ambientes nos jardins.

Pouco tempo depois, o filho do rei começou a circular em má companhia, e sua conduta se deteriorou.

O rei ouviu relatos vergonhosos referentes a seu filho, despertando sua ira. Viajou até o retiro, entrou e quebrou todas as suas colunas e esteios. Virando-se aos escravos, ordenou que a moradia inteira fosse destruída.

O tutor do príncipe presenciou a cena de destruição. Curvou-se, apanhou um caniço de bambu do chão, e utilizando-o como uma flauta, começou a tocar uma melodia alegre.

Os presentes ficaram estupefados, pois sabiam o quanto o tutor amava o príncipe.

"Como pode tocar uma melodia alegre enquanto o rei está destruindo a casa de veraneio de seu filho?" - indagaram-lhe.

"Estou aliviado," esclareceu o tutor, "pois o rei descarregou sua ira sobre as paredes da casa, em vez de sobre o próprio príncipe. Se sua ira tivesse atingido o príncipe, teria decretado-lhe pena capital."

Similarmente, Assaf explicou a seus contemporâneos: "Estou contente, pois D'us extravasou Sua ira sobre madeira e pedras do Templo Sagrado, em vez de destruir o povo judeu."

A maldição da Torá acima mencionada, não obstante sua ominosa e sinistra mensagem, denota que o povo sobreviverá e poderá, por conseguinte, reconstruir seus santuários destruídos.

O Cerco Inimigo, Levando à Morte e Fome

A maldição da falta de alimentos realizou-se durante a destruição de ambos os Templos. Durante o cerco romano à Jerusalém, antes da destruição do Segundo Templo Sagrado, sucedeu-se o seguinte:

A cidade de Jerusalém orgulhava-se de três homens cuja fortuna era proverbial. O primeiro, Nacdimon ben Gurion, recebeu seu nome porque, certa vez, o Todo Poderoso fez com que o sol reaparecesse após ter se posto, por causa de sua oração (Nacdimon vem do radical nacad - brilho).

O segundo, Ben Calba Savua, tem seu nome derivado de sua hospitalidade.

Significa que qualquer pobre que entrava em sua casa faminto como um cachorro (Calba = kelev, cachorro) saía de lá satisfeito.

O terceiro era Ben Tsitsit Hakesas. "Ben Tsitsit" significa que nunca andava fora de casa sem que um tapete fosse estendido à sua frente, para que os tsitsit (franjas) de sua veste nunca tocassem o chão. "Hakesas" alude ao fato de que sua cadeira (kissê) ficava estacionada junto a dos nobres romanos, sempre que estava no palácio do imperador, em Roma.

Esses três homens prometeram colocar suas fortunas à disposição da cidade sitiada; um suprimindo-a com trigo e cevada, outro com líquidos, e o terceiro com lenha e madeira. Suas fortunas eram tão imensas que seus fornecimentos supriram a cidade pelos próximos vinte e um anos.

Entretanto, havia no meio do povo um grupo de militantes judeus que recusavam-se a seguir a política dos sábios de submeterem-se a Roma. Exigiam guerra, e por este motivo atearam fogo aos armazéns.

Fome e escassez grassaram então em Jerusalém. A fome aumentou até que finalmente, até mesmo os mais ricos, não tinham sequer uma migalha de pão.

Ao andar pelas ruas, Rabi Yochanan ben Zacai percebeu pessoas que cozinhavam palha e bebiam esta sopa.

Durante a destruição do Primeiro Templo, as classes mais elevadas ainda possuíam algum alimento, apesar da carestia geral. Contudo, durante a destruição do Segundo Templo Sagrado, a nobreza judaica também expirava de fome.

No início do cerco de Jerusalém, os judeus ricos encheram cestas com ouro para os romanos que estavam fora das muralhas da cidade, em troca de alimentos.

Os romanos trocavam cada cesta carregada de ouro por uma cheia de carne. Mais tarde, pegavam o ouro e devolviam uma cesta cheia de palha. Os judeus, famintos, cozinhavam a palha e bebiam o líquido.

Ao final, os romanos pegavam as cestas cheias de ouro e devolviam-nas vazias.

O Templo Sagrado e a Terra Ficarão Desolados

"E não aceitarei suas oferendas com satisfação." Eventualmente, o Serviço do Templo Sagrado cessará.

Antes da destruição do Primeiro Templo Sagrado, o serviço continuou, apesar dos inimigos terem entrado em Jerusalém.

Quando já não havia mais cordeiros disponíveis para oferendas, subornavam os inimigos com cestas de ouro para contrabandear os animais necessários por sobre as muralhas.

No dia 17 do mês judaico de Tamuz, não receberam mais animais, e o sacrifício diário chegou ao fim. Os outros serviços continuaram até o dia 7 de Av.

Mais além, a Torá adverte que cidades antes bastante povoadas ficarão desoladas de transeuntes, e a Terra desolada de habitantes.

O versículo conclui com uma garantia reconfortante. O Todo-Poderoso não deseja que estranhos instalem-se permanentemente em Israel e dela usufruam.

Por isso, Ele prometeu: "E ela ficará desolada de seus inimigos que nela vivem." Isto implica que nenhuma outra nação, a não ser o povo judeu, encontrará satisfação em habitar a Terra, e conseqüentemente, nenhuma ocupará a Terra permanentemente.

De fato, apesar de, no decorrer dos séculos, muitas nações terem tentado reconstruir a Terra de Israel, nenhuma obteve sucesso. Desde a destruição do Templo, a Terra não recebeu nenhuma nação estrangeira gentilmente; sinal

.....
de que aguarda o retorno de seus filhos, na era Messiânica.

O Exílio

"E espalharei vocês entre as nações" (26:33).

Se um povo de certa nacionalidade está exilado em outro país, geralmente instalam-se juntos. Contudo, no que tange aos judeus, o Todo-Poderoso proclamou: "Eu vos espalharei de maneira similar a alguém que joeira grãos de cevada.

Ele sacode a batéia em todas as direções, para que nem mesmo dois caiam juntos. Do mesmo modo, ficarão separados uns dos outros."

Contudo, como em todas as maldições, esta também contém uma bondade oculta.

Se o Todo-Poderoso tivesse exilado nosso povo inteiro num único país, há muito teríamos sido eliminados. Uma vez que estamos dispersos através do globo, quando judeus num país são perseguidos, os de outras regiões sobrevivem.

Onde está a Shechiná, desde que o Templo Sagrado foi Destruído?

Quando os judeus pecaram a Presença de D'us deixou o Templo Sagrado. Retirou-se para o céu.

Porém, uma parte da Shechiná permaneceu na terra para acompanhar alguns judeus que deixaram Israel e foram levados ao exílio da Babilônia. Quem eram os afortunados judeus a quem a Shechiná acompanhou?

Nem os juízes do San'hedrin, nem os cohanim do Templo Sagrado, nem os leviyim que serviam os cohanim foram acompanhados pela Shechiná, pois D'us estava aborrecido com eles por causa das transgressões que cometeram.

D'us mostrou seu amor especial, porém, pelas crianças judias, porque estavam livres do pecado.

Somente elas foram acompanhadas pela Shechiná, que os protegia.

Parte da Shechiná repousa para sempre no Muro Ocidental em Jerusalém, o Cotel.

É um dos muros do Monte do Templo. D'us prometeu que o muro jamais será destruído; Sua Shechiná ali repousa.

Onde Estão as Dez Tribos?

As tribos de Yehudá e Binyamin foram as últimas duas tribos levadas a Babilônia pelo rei Nabucodonosor, quando da destruição do Primeiro Templo Sagrado. Nós, os judeus da época atual, somos na maioria descendentes daquelas tribos ou da tribo de Levi.

Onde estão as outras dez tribos? Foram levadas para fora do país mais de um século antes da destruição do Primeiro Templo Sagrado pelo Rei da Assíria. Para onde foram?

O Midrash nos conta que D'us escondeu as dez tribos atrás do rio Sambatyon. Este rio é chamado "Sambatyon" ou "Sabatyon", porque age estranhamente em Shabat. Durante toda a semana, flui e joga pedrinhas para cima. Entretanto no Shabat, fica completamente imóvel.

Hoje não sabemos a localização deste rio ou a das tribos perdidas. Quando Mashiach chegar, D'us fará com que as tribos perdidas se reunam novamente ao povo de Israel.

A Torá continua: "Mesmo quando o povo judeu estiver em terras estranhas, não o abandonarei. Enviarei Meus profetas para incentivá-lo a fazer teshuvá."

Após a destruição do Primeiro Templo Sagrado, D'us enviou o profeta Yechezkel à Babilônia. Ele liderou o povo judeu e o incentivou a fazer teshuvá.

Por terem lhe obedecido e retornado a D'us, setenta anos mais tarde tiveram o mérito de obter permissão para retornar a Israel.

A Shechiná de D'us Permanecerá Conosco Mesmo no Exílio

Esta maravilhosa promessa tornou-se realidade. De todas as nações antigas, apenas o povo judeu sobrevive.

O Imperador Romano disse a Rabi Yehoshua ben Chananyá: "É incrível como uma pequena ovelha consegue viver entre uma matilha de setenta lobos!"

Quem é a ovelha a que o imperador se referia? O povo judeu. E a quem ele comparou os setenta lobos? As setenta nações do mundo, que procuram incessantemente destruir o povo judeu.

Entretanto, Rabi Yehoshua respondeu ao imperador: "Não admire a ovelha! Admire o Pastor que a protege dos dentes de setenta lobos!"

O povo judeu teria sido destruído muito tempo atrás, não fosse a especial proteção Divina, prometida na Torá.

"E Tropeçarão e Falharão, um por Causa do Outro."

As palavras desse versículo são interpretadas pelos sábios como "por causa dos pecados do outro." Ensina o princípio fundamental da Torá de responsabilidade mútua.

Se um judeu transgredir uma lei da Torá, outro judeu, que poderia protestar, mas em vez disso apenas observou a transgressão em silêncio, é cobrado pelo pecado de seu semelhante.

Mais que isso, quando um judeu peca, mesmo secretamente, fere o povo inteiro.

Os passageiros já estavam sentados por horas no avião. Alguns liam, outros conversavam, porém a maioria cochilava, sendo este um vôo sereno.

De repente, entretanto, um passageiro arregalou os olhos ante a estranha atividade de seu vizinho. O homem tirara uma caixa de ferramentas de sua bagagem, e começava a furar debaixo de seu assento, com mãos fortes e peritas.

"O que está fazendo?" perguntou perplexo.

"Nada que lhe interesse," retrucou o outro, enfiando a furadeira cada vez mais fundo.

Ele pulou, correndo para a cabina do piloto, trazendo-o consigo.

Após lançar um olhar para a cena, berrou: "Pare imediatamente, e entregue as ferramentas!"

O passageiro olhou surpreso para o piloto: "O que quer dizer? Este é meu assento! Paguei por ele!"

A essa altura, todos os passageiros acorreram à cena, gritando: "Doido! Idiota! Aqui não há algo como 'assento particular'! Não sabe que se fizer um buraco sob seu assento, estará colocando em perigo a vida de todos a bordo?!"

Através desta parábola, os sábios explicam a responsabilidade de cada judeu diante de seu povo.

Todos os judeus são uma entidade espiritual única, pois suas almas estão conectadas umas às outras.

Por conseguinte, um indivíduo judeu que peca fere não apenas sua própria alma, mas prejudica o povo inteiro.

Consolo e Promessa para a Nossa Época

O Todo Poderoso declara: "No exílio, não permitirei que os judeus assimilem-se completamente.

Se imitarem os hábitos de seus vizinhos não judeus, Eu os forcerei a reconhecer Minha autoridade.

Se então confessarem seus erros e voltarem-se a Mim, imediatamente Eu terei compaixão e os redimirei, pelos méritos de seus antepassados."

D'us promete: "Se os judeus fizerem teshuvá, terminarei imediatamente com seu exílio.

Se não fizerem teshuvá, terminarei seu exílio quando chegar a época apropriada."

"E lembrarei Minha aliança com Yaacov, e também Minha aliança com Yitschac, e também Minha aliança com Avraham lembrarei, e Me lembrarei da Terra." (26:42)

Apesar de nossas matriarcas não serem mencionadas explicitamente, sua memória também está incluída. Seus méritos também são necessários para que sejamos redimidos.

As matriarcas estão indicadas através da palavra "et", que acompanha o nome de cada patriarca. "Et" significa "junto com", significando que D'us Se lembrará daqueles que acompanharam os patriarcas, nominalmente: as matriarcas.

Finalmente, D'us afirma que Se lembrará da Terra. Por que D'us também Se lembrará da Terra?

Nossos patriarcas e a Terra de Israel estão intimamente ligados. Viver lá ajudou-os a alcançar a perfeição.

A Terra, que desempenhou papel tão importante em suas vidas, é, portanto, mencionada onde quer que eles também sejam.

"E não anularei Minha aliança com eles."

Quando chegar a redenção final, o Todo-Poderoso nos dirá: "Meus filhos, parece incrível que pudessem ter esperado por mim durante milhares de anos!"

E nós responderemos: "Se não fosse pela Torá que nos deixaste, há muito tempo teríamos sucumbido a às pressões gentias, como declarou David no Tehilim: 'Se não fosse pela sua Torá que é o meu prazer, teria perecido na minha miséria'". (Tehilim 119:92).

D'us prometeu: "No futuro, Eu Mesmo, e não um ser humano irá resgatá-los da dominação dos não-judeus para sempre."

"Trarei o povo judeu de volta à sua terra. Serei seu D'us, e eles serão Meu povo.

Assim como fiz milagres quando vocês se tornaram Meu povo no Êxodo, assim farei também farei milagres novamente no futuro."

Doar Dinheiro no Valor de uma Pessoa ao Templo Sagrado

A Torá nos conta que uma pessoa pode doar uma soma de dinheiro no valor de si mesmo ou de outra pessoa ao Templo Sagrado.

Como sabemos quanto vale uma pessoa? A Torá relaciona o valor de cada um, homem ou mulher, por cumprir a mitzvá de valores.

Por exemplo, o valor de todos os meninos de cinco a vinte anos de idade é de 20 moedas shekel.

O valor de todos os homens entre vinte e sessenta é de 50 moedas shekel.

.....
D'us não nos revelou Suas razões por fixar esta quantia em particular, mencionada na Torá para cada faixa etária.

Se um judeu declara: "Quero doar o valor de meu filho ao Templo Sagrado," D'us considera como se ele tivesse trazido esta criança como oferenda.

Os cohanim usavam o dinheiro recebido com esta mitsvá para consertar e manter em ordem o Templo Sagrado.

Um Judeu Deve Doar a Décima Parte de seus Animais Recém-Nascidos a D'us

A Torá ordena: "Um judeu que possua vacas, ovelhas ou cabras deve doar a D'us cada décimo recém-nascido."

Este donativo é chamado o dízimo dos animais.

Como são separados os animais?

Uma vez ao ano, o fazendeiro reúne todos os animais recém-nascidos num estábulo com uma porta tão pequena que apenas seja possível sair um animal de cada vez.

O fazendeiro deixa então que os animais passem pela porta, um a um, contando-os.

Quando passa o décimo animal, o fazendeiro o toca com uma varinha que foi mergulhada em tinta vermelha.

E anuncia: "Este animal é o dízimo."

O que acontecia com os animais marcados com tinta vermelha?

O dono os levava a Jerusalém. Após terem sido abatidos, o cohen queimava as partes internas da oferenda sobre o altar.

Então o cohen dava a carne ao dono, que tinha permissão de comê-la em Jerusalém.

A mitsvá de doar o dízimo dos animais tem maravilhosos benefícios para o povo judeu.

D'us temia que os lavradores judeus em Israel estivessem tão atarefados com as plantações e criando animais que não encontrariam tempo para o estudo de Torá.

Por esse motivo, deu-lhes mitsvot que os forçariam a visitar Jerusalém. Uma destas mitsvot é o dízimo dos animais.

Os judeus eram obrigados a ir a Jerusalém e visitar o Templo Sagrado em Pêssach, Shavuot e Sucot.

O que havia de especial na cidade de Jerusalém? Era um centro de aprendizado de Torá.

Quando um judeu visitava Jerusalém, encontrava muitos sábios aos quais podia fazer perguntas. Seria então lembrado de como é importante estudar Torá.

Se um judeu tivesse um grande número de animais como dízimo, diria a um de seus filhos: "Viaje a Jerusalém e estude Torá! Temos uma grande quantidade de carne que deve ser comida em Jerusalém."

Desta forma, cada família judia enviava ao menos um membro a Jerusalém para estudar Torá.

Aquela pessoa podia então ensinar a Torá e as mitsvot ao restante da família.

E assim, esta mitsvá ajudava a tornar cada família judia santificada.

Este é o objetivo de todas as mitsvot. Tornam o judeu santo, então a Shechiná pode repousar não apenas no Templo Sagrado, mas no coração de todo o Povo de Israel.

Crescimento Verdadeiro

Por Eli Touger

Saciando a Sede

Uma característica da condição humana é um desejo por crescimento¹.

Esta é uma qualidade positiva, uma expressão da natureza da alma do homem.

Pois a alma do homem é "uma parte real de D'us"². Como tal, nenhum substituto para o genuíno significado parecerá verdadeiro.

Além disso, mesmo quando uma pessoa alcança um entendimento de autêntica verdade, ela tentará expandir constantemente sua consciência.

Pois D'us é ilimitado e o potencial Divino dentro de nós reflete esta imensidão, nunca se contentando com qualquer situação, mas se empenhando, em vez disso, em proceder de força em força³.

Apesar desse desejo pelo crescimento ser universal, sua expressão varia de indivíduo a indivíduo.

Apesar de todos nós querermos continuar a avançar, muitos não sabem como fazê-lo e esta falta de conhecimento previne o crescimento pessoal desde o início.

Como um indivíduo encontra o caminho infundável do crescimento? Respostas a esta questão podem ser derivadas de nossa leitura da Torá que começa com a frase, geralmente traduzida como "Se tu seguires Meus estatutos" e aqui "seguir", também significa "progredir" e é

.....
usado em várias fontes como uma alusão ao crescimento pessoal⁴.

“Meus estatutos”, se refere a uma categoria particular de mitsvot, referida como chukim, decretos, nem sempre compreensíveis pela mente humana. O que está implícito é que o crescimento pessoal depende da interiorização das lições de chukim.

Talhado em Nossos Corações

O contraste da diferença entre escrever e talhar nos permite apreciar o significado interior de chukim e a influência que elas têm sobre nós ⁵.

Primeiramente, diferente de escrever, talhar envolve um trabalho árduo. Escrever também é considerado uma das 39 categorias de trabalho⁶, mas a quantidade de esforço necessária para escrever não pode ser comparada àquela necessária para talhar ⁷.

Neste contexto, Rashi interpreta: “Se tu trabalhares no estudo da Torá”, isto é, se você fizer mais do que simplesmente estudar e arduamente se dedicar à Torá.

Quando uma pessoa se dedica dessa maneira, as palavras da Torá se tornarão “talhadas” em seu coração.

Mesmo se seu coração for rígido como pedra, a pressão suave e inexorável aplicada pela “água” da Torá penetrará nele⁸.

Esta é a primeira chave para o crescimento pessoal. Não existe algo como espiritualidade sem sacrifício. Um campo não produzirá colheitas a menos que alguém lave e semeie a terra.

Para fazer o potencial Divino que cada um de nós possui crescer e florescer, um investimento no trabalho árduo deve ser feito.

Sem Uma Divisão

Existe uma outra diferença entre escrever e talhar. A superfície sobre a qual escrevemos e a tinta que usamos permanecem duas entidades separadas.

Quando, ao contrário, as letras são talhadas na pedra, a escrita e a pedra formam uma entidade única; elas são inseparáveis⁹.

Isto aponta para a importância da interiorização da Torá, tornando seus ensinamentos parte de nosso próprio ser.

Existe uma vantagem em compelirmos a nós mesmos à prática da Torá, mesmo quando fazer isto for contra a nossa própria natureza ¹⁰.

Mas, o mais profundo comprometimento ao serviço de D’us envolve refazer nossa natureza para refletir Sua vontade¹¹.

Essa é a segunda lição das chukim, a de que a pessoa e a Torá não devem ser entidades separadas¹², mas um único todo¹³.

Essa abordagem leva ao verdadeiro crescimento, pois progredimos além das imagens limitadas de nossa própria percepção e entramos nos horizontes ilimitados aos quais a Torá nos introduz.

Acima dos Limites do Intelecto

O acima escrito leva a uma terceira interpretação de chukim: que o termo se refere às dimensões da Torá que ultrapassam nossa compreensão.

Trabalhar no estudo da Torá nos traz à conscientização de que todas as suas facetas, mesmo aquelas que parecem estar ao alcance do intelecto mortal, são, de fato, ilimitadas.

Pois a Torá é a sabedoria de D’us e “assim como é impossível para uma criatura compreender seu Criador, também é impossível compreender Seus atributos”¹⁴.

“Ele é o Conhecedor... e Ele é o próprio Conhecimento. Tudo é Um” ¹⁵.

Além disso, tal comprometimento de estudo faz mais do que produzir uma consciência da dimensão infinita da sabedoria da Torá; como mencionado acima, isto faz com que esta dimensão seja internalizada.

No processo, a nossa forma de pensar muda, e a infinita dimensão da Torá se torna única com nosso próprio ser.

Fundindo Tendências Conflitantes

A Parashá Bechukotai é geralmente lida em conjunto com a Parashá Behar. Superficialmente, as duas leituras representam abordagens opostas, pois Behar comunica a mensagem de força e coragem pessoais, enquanto Bechukotai se concentra no tema da autotranscendência.

Apesar disso, enquanto uma pessoa se esforça para aplicar as lições de cada leitura em sua vida, ela percebe que elas são complementares.

Quando a força de Behar tem a obrigação da autotranscendência de Bechukotai, nós descobrimos reservas mais profundas e poderosas de força do que as que normalmente possuímos¹⁶.

Inversamente, a auto-transcendência de Bechukotai só é possível quando uma pessoa possui a força interior do propósito necessário para fazer os esforços necessários.

Conhecer a Bondade de D’us

.....
A maior parte desta leitura da Torá se concentra nas recompensas concedidas pela observância da Torá e as punições impostas pela falta desta.

Poderíamos perguntar: Quando uma pessoa tiver internalizado a auto-transcendência de Bechukotai, para que interessam as recompensas? Como diria o Alter Rebe 17: “Eu não quero Teu Mundo Vindouro.

Eu não quero Teu Gan Eden [Jardim do Éden]. Tudo que eu quero é a Ti somente”.

Na verdade, entretanto, somente alguém que genuinamente “quer a Ti somente” pode apreciar a medida completa da recompensa que D’us associou com a Torá e suas mitsvot.

Enquanto uma pessoa estiver preocupada com suas próprias vontades e desejos individuais, ela interpretará a recompensa recebida pela observância sob aquela luz.

Quando, ao contrário, a pessoa tiver transcendido sua vontade pessoal, em vez destas insignificantes preocupações materiais, ela apreciará a bondade e a gentileza transmitidas por D’us¹⁸.

Isto criará um padrão autorreforçador, pois o propósito das recompensas concedidas pela Torá é permitir que um indivíduo avance em seu estudo e observância¹⁹.

Enquanto este padrão se espalha pela humanidade, nós mereceremos a medida completa de bênçãos mencionadas na leitura da Torá com o retorno de nosso povo à nossa terra, liderado pelo Mashiach.

Então, “Tua época de debulho durará até a colheita da uva... Tu comerás teu pão com satisfação... Eu te concederei paz na terra e ninguém te fará ter medo”²⁰.

NOTAS

1. Às vezes, este desejo é conscientemente apreciado e, portanto, sistematicamente desenvolvido.

Em outras ocasiões, uma pessoa experimentará sentimentos indefinidos de inquietação e um desejo por mudança.

No centro destes sentimentos está o desejo da alma por crescimento espiritual.

Veja Likutei Sichos, Vol. IX, p. 25.

2. Tanya, cap. 2.

3. Salmos, 84:8.

4. Salmos, loc. cit., Zacharia 3:7, et al.

5. Ver Likkutei Torá, Bamidbar 45a.

6. Shabat 7:2.

7. Uma abordagem ao estudo como esta tem sua própria virtude, como explicado no Tanya, cap. 15.

8. Cf. Avos d’Rabi Nosson 6:2. Este conceito é citado em relação à história do Rabi Akiva que se inspirou a estudar Torá ao ver como um pequeno riacho tinha, pouco a pouco, atravessado uma rocha.

Disto ele aprendeu que cada “gota” de estudo de Torá deve mudar uma pessoa, mesmo que os sinais iniciais de mudança possam não ser reconhecidos.

9. Ver também a interpretação da frase (Avos 3:11): “Mesmo que ele possua Torá e mitsvot”.

As palavras em Hebraico traduzidas como “possui” são “ele tem em sua mão”.

Esta pessoa pode observar a Torá e suas mitsvot, mas sua observância está “em sua mão”, separada de seu ser interior [em Caminhos de Nossos Pais (editora Kehot, NY, 1994)].

10. Ver Basi LeGani (Sefer HaMaamarim 5710), seção 1.

11. Ver Avt 2:4, e a explicação da Mishná oferecida em Caminhos de Nossos Pais.

12. As duas lições estão inter-relacionadas, pois, como explicado acima, o trabalho dedicado no estudo da Torá permitirá que sua verdade penetre em nosso coração.

13. Este nível foi personificado por Moisés, nosso professor, como refletido no versículo (Devarim 11:15): “Eu darei grama em teus campos para teu gado”, no qual ele fala em nome de D’us.

Isto é possível porque “a presença Divina falou de sua garganta” (Zohar, Vol. III, p. 232a); ele estava totalmente unificado com a Torá que ele ensinava.

14. 15. Tanya, Shaar HaYichud VebaEmuná, cap. 4.

15. Rambam, Mishnê Tora, Hilchos Yesodei HaTorá 2:10.

16. Ver o ensaio anterior, intitulado “Pride That Runs Deeper Than Self”.

17. Como citado em Derech Mitsvosecha, Shoresch Mitzvos HaTefillah, cap 40.

Ver também Rambam, Hilchos Teshuvá, cap. 10.

18. Ver Likutei Sichos, Vol. XV, p. 312.

19. Rambam, Mishnê Tora, Hilchos Teshuvá 9:1.

20. Vayicra 26:5-6.

Micro-ondas, aviões a jato e a admoestação de Hashem

por Rabi Dov Ber Weisman

A Parashá Bechucotai é conhecida como a porção de apreensão da Torá.

Descreve a antiga fórmula "Se seguiremos Meus decretos e cumprirmos Minhas mitsvot, então enviar-te-ei a chuva no tempo adequado..." (Vayicrá 26:3-4).

Em outras palavras, se cumprir os mandamentos, você será abençoado espiritualmente e materialmente, ao passo que se abandoná-los, D'us não o permita, o oposto acontecerá.

É interessante notar que, analisando a série de maldições encontradas na Parashá Bechucotai, vemos um retrato impressionantemente fiel da sociedade moderna.

Os versículos nos dizem que se você despreza meus estatutos, trarei confusão a você (veja ibid. 26:14-17). Isso significa que você não terá paz de espírito, nenhuma tranquilidade.

Como você não teve paciência enquanto cumpria as mitsvot e ao contrário, pensou: "quando terminarão os serviços?" ou "quando o Shabat terminará para que eu possa voltar à minha 'verdadeira' vida e a meus prazeres materiais," então midá k'neged midá, você não terá paciência, tranquilidade ou verdadeiro deleite em seus prazeres físicos.

Devido a essa maldição, a pessoa descobre que, apesar de todos os avanços tecnológicos que realizam todas as tarefas mais rapidamente e com maior eficiência – de carros a aviões a jato, de computadores a micro-ondas, tudo instantâneo – mesmo assim, o homem não tem tempo!

Está sempre correndo, e não tem tempo para parar e refletir: "Quem sou eu? Por que estou aqui? Para onde vou?" E com todos esses confortos do século 21, como se explica o fenômeno de mais e mais pessoas terem problemas mentais e emocionais, mais preocupações, ansiedades e úlceras que jamais tiveram antes!

Muito mais pessoas estão sob cuidados psiquiátricos e voltam-se para as drogas e o suicídio.

O principal é que com todas estas descobertas para economizar tempo, o homem na verdade tem menos paciência, menos sensibilidade, e menos paz de espírito e felicidade que em qualquer outra geração.

Parece que estamos sempre atrasados, correndo para um evento ou reunião. Simplesmente não temos tempo – e isso é o que se chama progresso! Podemos ver neste fenômeno a concretização do versículo: "Você pode fugir, mas não haverá ninguém perseguindo-o" (ibid. 27:17).

Tudo isso ocasiona um estranho paradoxo que, embora tenhamos mais conforto material e riqueza que qualquer outra geração na história, mesmo assim vivemos na sociedade mais empobrecida quando se trata de satisfação verdadeira.

Nunca estamos satisfeitos! Simplesmente não estamos felizes com nosso quinhão. Estamos testemunhando o resultado dos versículos proféticos na porção desta semana na Torá: "Comerás e não ficarás satisfeito" (ibid. 26:26), e "Lançarei confusão sobre ti... fazendo os olhos desejarem e as almas sofrerem" (ibid. 26:16).

Mas tudo isso não se aplica ao judeu da Torá.

O judeu, buscando riqueza espiritual e usando o mundo materialista como um meio para aquele fim (como foi feito para ser usado), santifica o mundo físico em um Mishkan, Santuário, para D'us.

A escolha é nossa e a fórmula é e tem sempre sido a mesma: "Se cumprirmos Minhas mitsvot...", então você apreciará este mundo e o vindouro.

D'us Esqueceu?

A porção desta semana da Torá contém a tochachá, a famosa advertência severa aos Filhos de Israel por não seguirem os caminhos que D'us ordenou.

Entretanto, embora a longa passagem comece com uma nota negativa, termina de modo inspirador.

D'us nos diz que perdoará os Filhos de Israel assim que se arrependam e mudem seu modo de agir.

Esta seção enaltecida começa com um interessante versículo: "Lembrarei de Meu pacto com Yaacov, e também Meu pacto com Yitschac, e também Meu pacto com Avraham lembrarei, e lembrarei da Terra" (Vayicrá 26:42).

Linguisticamente, este versículo é bastante difícil por várias razões. Rashi cita um Midrash que faz uma pergunta óbvia e esclarecedora: por que a Torá usa a linguagem de "lembrar" referindo-se a Yaacov e Avraham, mas não em relação a Yitschac? Seria possível que D'us lembre-Se menos de Yitschac que dos outros?

O Midrash, conforme foi citado por Rashi, dá uma resposta que requer alguns esclarecimentos.

Declara que o Criador vê as cinzas de Yitschac como se fossem juntadas e colocadas sobre o altar; portanto, lembrar é desnecessário no caso de Yitschac.

Esta declaração está se referindo à akeidá, o quase-sacrifício, de Yitschac na mão de seu pai, descrito no final da Parashá Vayerá (Bereshit 22:1-19).

Deixando-se de lado a aparente irrelevância da akeidá ao assunto em discussão, devemos em primeiro lugar entender sobre o que o Midrash está falando, pois como deve se lembrar, Yitschac jamais foi sacrificado, e portanto nunca foi queimado sobre o altar.

No último momento Avraham rescindiu Sua ordem. Se é aquele o caso, como pode o Midrash dar uma resposta aparentemente tão errônea, falando sobre as cinzas inexistentes de Yitschac?

A akeidá foi um tremendo teste de fé, que serve como paradigma da grandeza de Yitschac.

Contando já 37 anos e maduro de caráter, Yitschac concordara em agir de acordo com a ordem de D'us e dar sua vida. Este fiel atributo brotou da natureza passiva de Yitschac.

Durante toda sua vida, sua grandeza foi demonstrada por sua falta de iniciativa.

Voltou às mesmas cidades que Avraham havia visitado anteriormente, a fim de reforçar o que seu pai já havia feito; poucas vezes fez algo por sua própria iniciativa.

Foi durante a akeidá que a passividade de Yitschac mostrou-se mais fortemente, e isso caracteriza sua vida inteira e toda sua personalidade.

O Criador, portanto, viu Yitschac como se efetivamente tivesse sido sacrificado sobre o altar, pois estava desejoso de entregar sua vida até mesmo no último momento.

As cinzas teriam representado a realização do sacrifício e permanecem perante D'us como um lembrete permanente da grandeza de Yitschac.

Portanto, o Chofetz Chaim explica, como as cinzas de Yitschac são sempre vistas, não há necessidade de lembrete.

Este entendimento sobre Yitschac esclarece ambas as perguntas.

A razão pela qual Yitschac não é "lembrado" no versículo é simplesmente porque jamais foi esquecido.

É desnecessário lembrar algo que permanece constantemente no primeiro plano da consciência.

Portanto, ao responder esta questão, o Midrash refere-se à akeidá – o meio pelo qual ele jamais fora esquecido – para expressar a grandeza de Yitschac, sua passividade.

Moshê está dizendo aos Filhos de Israel os castigos que advirão pelos seus pecados, e como Ele os perdoará.

As ações dos Filhos de Israel foram tão ofensivas que não podiam pedir misericórdia por suas iniquidades.

Mas pelo mérito de Yitschac, que representa a grandeza pela falta de ação, os Filhos de Israel poderiam arrepender-se e pedir a D'us para deixar passar seus horribes pecados, concentrando-se em sua falta de ação.

A passividade de Yitschac permite-nos sermos grandes através de nossa própria passividade.

Evitarmos uma situação negativa pode por vezes ser equivalente a realizar um ato positivo.

34 - Parashat Bamidbar

Números 1:1-4:20.

A Torá Especifica as Datas e Locais nos quais D'us Falou com Moshê

O livro de Bamidbar inicia com: "E D'us falou com Moshê no deserto do Sinai, no Tabernáculo, no primeiro dia do segundo mês [Iyar], no segundo ano após terem saído da terra do Egito."

D'us falou com Moshê centenas de vezes, e geralmente a Torá não especifica a data. Por quê, então, o faz aqui?

Sr. XY, famoso milionário, conhecido por possuir diversos arranha-céus, grandes parcelas de ações em firmas de grande porte, além de fazendas e ranchos, não conseguia encontrar satisfação em sua vida pessoal.

Ele acabara de divorciar-se da segunda esposa, filha de um rico magnata do petróleo, que amargurara sua vida com incessantes reclamações.

Divorciara-se da primeira esposa anos antes, pois ela lhe fora infiel. Raramente falava destes casamentos, e quando indagado por repórteres curiosos, recusava-se a divulgar detalhes. Guardava em segredo as datas de seu casamento e divórcio, e ao pedirem-lhe para mostrar os contratos de casamento, negava possuir tais documentos.

Anos depois, os amigos sugeriram-lhe um partido que, apesar de não usual para um homem em sua posição, sem sombra de dúvidas provaria ser bem sucedido. A moça em questão era pobre, mas de nobre estirpe e caráter refinado.

Após investigar e comprovar que tudo o que fora dito a respeito da jovem era verdade, exclamou: "Desta vez encontrei minha verdadeira esposa e alma gêmea! Anunciarei publicamente a data do casamento, e certamente lhe darei um contrato nupcial!"

Depois de criar a humanidade, D'us, por assim dizer, desapontou-se com uma geração após a outra. A geração do Dilúvio rebelou-se contra Ele, assim como a geração da Torre de Babel. Por isso, a Torá atenua a ascensão e queda destas e de gerações que lhes sucederam, sem revelar as datas exatas de seu surgimento ou desaparecimento no decurso da história.

Da mesma forma, a Torá não registra quando tiveram lugar as destruições da geração da Torre de Babel ou de Sodoma,

.....
tampouco quando ocorreram as Dez Pragas e o afogamento dos egípcios.

Em relação aos judeus, contudo, D'us exclamou: "São diferentes das gerações anteriores; são filhos de Avraham, Yitschac e Yaacov! Sei que serão fiéis a Mim!"

Portanto, disse a Moshê: "Registre na Torá o dia, mês, ano e localidade exatas de quando os elevei à grandeza."

A Torá (Bamidbar 1:1) especifica a data e locais precisos de quando D'us dirigiu-se a Moshê, da mesma forma que esses detalhes estão registrados num contrato matrimonial.

Por que D'us Revelou a Torá no Deserto

O livro de Bamidbar e por conseguinte esta parashá iniciam-se com as palavras: "Bemidbar Sinai - no deserto de Sinai". Isto vem nos indicar que D'us escolheu propositadamente um deserto para outorgar-nos a Torá.

Há diversas razões pelas quais D'us preferiu o deserto à terra habitada. Dentre essas:

Se a Torá tivesse sido outorgada na Terra de Israel, seus habitantes teriam reivindicado uma relação especial com a Torá. D'us falou num local onde todos podem Ter livre acesso. Isto nos ensina que cada um possui uma porção na Torá igual a de todos os seus semelhantes.

Revelando a Torá no deserto, D'us nos ensina que a fim de tornar-se grande no estudo da Torá, a pessoa deve fazer-se semelhante ao deserto - ou seja, sem dono ou proprietário.

Estas palavras implicam:

1.Como o deserto é de livre acesso e trânsito para todos, da mesma forma um judeu deve ser humilde.

Humildade é a percepção da pequenez da pessoa. É uma virtude necessária para obter sucesso no estudo da Torá, e para uma vida feliz neste mundo.

Vantagens da humildade em relação à Torá:

Para progredir em Torá, deve-se procurar a companhia dos estudiosos, que são mais sábios, e aprender deles. Uma pessoa arrogante não aceita conselho e orientação de outros.

•Alguém que está convencido de sua própria superioridade não se empenhará em cumprir as mitsvot que não considera importantes, nem investir muitos esforços em preencher os detalhes requeridos por outras.

D'us gosta das pessoas humildes, pois constantemente revisam seus atos, a fim de corrigir seus erros. Uma pessoa arguta, no entanto, não é aberta à críticas, nem tem senso de autocrítica. Por isso, está longe de fazer teshuvá.

Benefícios gerais da humildade:

Uma pessoa humilde aproveita a vida, a despeito das circunstâncias materiais; enquanto uma pessoa arrogante não está satisfeita com seu quinhão. O presunçoso está convencido de que D'us e seus semelhantes lhe devem por seus talentos,

contribuições ou méritos. Ele não é suficientemente recompensado com reconhecimento ou dinheiro; sofre de descontentamento e frustração.

Se o infortúnio atinge uma pessoa arrogante, ela se ressentida demais. Uma pessoa humilde, por outro lado, consegue superar os problemas, inconveniências e situações desagradáveis da vida.

Uma pessoa humilde faz amigos; uma pessoa que se sente o centro do universo, não. Ela não pode perdoar aqueles que a insultam, ou não a tratam com deferência e como resultado, dificulta sua aproximação e relacionamento com outras.

2."Parecendo-se com o deserto" também implica que um judeu deve estar pronto a sacrificar conforto material em prol da Torá. O conceito de "deserto" sugere o oposto à civilização, com seus luxos e confortos materiais. Um judeu pode esperar progredir no estudo da Torá e cumprimento das mitsvot somente se estiver preparado para fazer algum sacrifícios em assuntos terrenos.

Na maioria das vezes, é impossível atingir a perfeição em todas as áreas. Por exemplo, é difícil um homem ser tremendamente bem sucedido nos negócios, e, ao mesmo tempo, altamente criativo nos estudos diários da Torá; uma família pode se ver obrigada a escolher entre o tipo de férias que quer, ou uma cara educação em yeshivot para seus filhos, e assim por diante.

3.Outra característica do deserto é sua vastidão vazia. Da mesma forma, o intelecto do homem deve parecer como a imensidão vazia do deserto, livre de elementos estranhos, antes que os pensamentos da Torá possam lá deitar raízes.

4.Um rei conquistou um novo país e anexou-o a seu reino. Desejava que seus habitantes submetessem-se a seu código de leis, e por isso anunciou que visitaria uma das cidades, a fim de ser reconhecido como novo regente.

Contudo, quando a carruagem real chegou, não foi recebida pela tão esperada multidão. O rei viajou através de ruas totalmente desertas, onde não se via viva alma.

Esta cidade era habitada por prósperos mercadores. Alguns temiam que o novo legislador aumentasse os impostos, outros estavam envolvidos em negócios escusos e temiam que o rei acabasse com as fraudes, ou, pior, punisse-os.

O rei percebeu que a população desta cidade não queria reconhecer sua autoridade. Assim sendo, proclamou que visitaria outra cidade no dia seguinte.

O bizarro espetáculo do primeiro dia repetiu-se, não havia ninguém à vista para saudá-lo.

O rei então notou que os prósperos cidadãos do recém-conquistado território não se submeteriam à sua autoridade de boa vontade. Ele deveria aliciar seguidores entre os menos afortunados. Percorreu então as cercanias de cidades que haviam sido devastadas, cujos habitantes perderam as posses e fortunas.

Quando os destituídos ouviram acerca da iminente chegada do rei, rejubilaram-se. Um regente significava esperança para o futuro. Investiria recursos para reconstruir seus lares e fazendas devastados; e os empregaria a seus serviços.

.....
Não tinham dinheiro que o rei pudesse confiscar, nem negócios que desaprovava. Assim, no dia seguinte, uma multidão ruidosa saudou o rei.

D'us considerou as montanhas como possível local para dar a Torá, mas estas "saltaram como cordeiros" (Tehilim 114:4).

Fugiram, pois sabiam que não eram merecedoras de participar de tal Revelação, uma vez que estátuas de ídolos foram colocadas em seu topo.

Finalmente, a Shechiná aproximou-se do deserto, e este não se retirou. Poderia receber o Todo-Poderoso sem medo ou vergonha, pois estava totalmente desnudo, imaculado de qualquer mancha de idolatria.

Desta forma, D'us escolheu o deserto para a outorga da Torá.

Assim também, a pessoa pode adquirir a sabedoria da Torá somente se preparar seu intelecto para recebê-la. Deve eliminar qualquer pensamentos, idéias ou desejos que são antítese da Torá; deve transformar sua mente em deserto. Então a Shechiná poderá entrar.

D'us Ordena a Moshê que Faça a Contagem do Povo Judeu

O Tabernáculo foi consagrado por oito dias. O última dia da consagração foi o primeiro dia de Nissan do ano 2449.

Exatamente um mês mais tarde, D'us ordenou a Moshê: "Conte os homens dos filhos de Israel entre vinte e sessenta anos de idade e anote o total de cada tribo."

"Cada judeu que for contado deve provar a qual tribo pertence. Uma vez que a tarefa de registrar centenas de milhares de pessoas é gigantesca, seu irmão Aharon o ajudará."

Aharon não havia sido ordenado a participar do último censo, logo após o pecado do bezerro de ouro, para evitar que as pessoas comentassem: "Primeiro, ele faz um bezerro de ouro, e agora conta quantos sobreviveram à praga que se seguiu."

D'us continuou: "Os líderes das tribos também ajudarão na contagem."

Como Foi Cumprida a Ordem de D'us

Moshê reuniu imediatamente os doze líderes das tribos. Disse a eles: "D'us ordenou-lhes que me ajudassem na contagem do povo. Vamos convocar uma assembleia e comunicar a todos a ordem de D'us!"

Todos os judeus se reuniram. Moshê lhes disse: "Todos os homens acima de vinte anos devem se perfilar em frente a mim, Aharon, e os líderes das tribos. Cada homem deverá trazer consigo uma moeda de meio-shekel e os documentos para provar a qual tribo seu pai pertence."

"A contagem começará com a tribo de Reuven."

Por que Moshê ordenou que cada judeu doasse uma moeda? É proibido contar diretamente pessoas; ao invés disso, contariam moedas, pois a bênção Divina não paira sobre algo que foi contado ou medido.

Naquele mesmo dia o censo começou.

Isto demonstra a grande ansiedade e felicidade com as quais os líderes cumprem uma mitsvá. Geralmente, quando um censo está para se realizar, os oficiais envolvidos encontram-se primeiro, para discutir e organizar a empreitada.

Certamente seria justificável que levassem um bom tempo para planejar uma tarefa tão elaborada. Moshê, Aharon e os líderes, em seu zelo por obedecer a D'us, dispensaram os preparativos e, com coordenada eficiência, começaram o censo naquele mesmo dia.

O primeiro a ser contado entregou sua moeda e disse, por exemplo: "Meu nome é Shemayá filho de Yoel."

"Prove que seu pai é da tribo Reuven," disseram-lhe. Shemayá mostrou-lhes uma cópia de sua árvore genealógica. Trouxe também duas testemunhas para provar que era filho de Yoel da tribo Reuven.

Todavia, levou vários dias para completar o censo de uma população tão numerosa.

O nome e ascendência de cada judeu com idade entre vinte e sessenta anos foram registradas. A população de cada Tribo foi computada, e o número total do povo determinado: 603.550 homens com idade entre vinte e sessenta anos.

A Santidade da Nação Judaica

Quando D'us deu a Torá ao povo judeu, as outras nações do mundo ficaram com inveja. "Por que eles merecem receber a Torá mais do que nós?" - reclamaram.

D'us respondeu: "Os judeus têm um grande mérito. Suas mulheres desposam apenas homens judeus, mesmo durante o tempo em que viveram entre os egípcios. Cada marido judeu permanecia fiel à sua mulher, e cada mulher ao seu marido."

Para mostrar a todas as nações a grandeza do povo judeu, D'us, em voz alta e ressonante, ordenou a Moshê: "Conte os judeus e estabeleça a tribo de cada um!" Todas as nações do mundo ouviram a ordem. Entenderam, então, a grandeza do povo judeu.

Os Israelitas são Contados pela Quarta Vez

Esta era a quarta vez que os judeus eram contados.

Inicialmente, a Torá registra que os membros da família de Yaacov que desceram ao Egito era de setenta.

A Torá declara que seiscentos mil homens deixaram o Egito.

Essas cifras indicam que o povo judeu multiplicou-se de maneira milagrosa no Egito. Devido à Providência Especial de D'us, o pequeno clã de Yaacov, a despeito de planos inimigos para exterminá-lo, tornou-se miraculosamente uma nação que compreendia milhões de almas.

Após o pecado do bezerro de ouro, a onze de Tishrei de 2448, os israelitas foram contados pela terceira vez.

.....
O censo foi tomado como um sinal do amor nutrido por D'us e Sua preocupação com os judeus - mesmo após o pecado.

Agora, o primeiro de Iyar de 2449, quase sete meses após o último censo, o povo foi contado novamente.

Não houve mudanças desde a última contagem. Por que D'us ordenou o censo?

Os Objetivos Desta Contagem

D'us ordenou este censo por diversas razões.

Eis aqui algumas:

O objetivo principal desta contagem era apurar os ancestrais de cada indivíduo, determinando assim sua tribo. Mais adiante, nesta parashá, o povo judeu será ordenado a formar grupos (de acordo com suas tribos).

Estes grupos acampariam e viajariam numa determinada ordem sob estandartes. Portanto, era necessário determinar a qual tribo cada judeu pertencia.

O povo logo adentraria a Terra Santa. D'us ordenou esta contagem para descobrir quantos homens serviriam no exército e poderiam ajudar na conquista do país.

Quando o Tabernáculo foi consagrado, a Presença de D'us desceu do céu para repousar na terra. Um rei conta seu exército no dia em que é coroado para saber quantos soldados tem.

Da mesma forma, D'us pediu a Moshê para descobrir o número de judeus no qual Sua Shechiná (Presença Divina) poderia repousar.

D'us diz: "Sempre que o total do povo judeu é mencionado, fico contente, pois representa o número de soldados em Meu exército, que cumprem Minha Vontade no mundo."

À noite, o homem de negócios voltou exausto para casa. Havia sido um dia caótico e exaustivo - telefonemas, memorandos, pedidos, enviar mercadorias.

Ele queria apenas ter um bom jantar e cair na cama. Não obstante, primeiro dedicou tempo para fazer algo em especial.

Apesar de tomar tempo e exigir concentração, proporcionava-lhe muito prazer. Tirou de sua maleta os cheques e boletos bancários que juntou durante o dia, contando-os diversas vezes. Esquecendo-se de seu cansaço, encheu-se de satisfação e prazer.

A pessoa investe tempo e esforço para inspecionar e contar objetos que lhe são preciosos. Quanto mais valioso o item, mais cuidadosamente ele o verificará.

O Todo-Poderoso conta o povo judeu freqüentemente, demonstrando que a Seus próprios olhos cada indivíduo é essencial. Portanto, a Torá detalha extensamente os números do povo judeu. Apenas na parashá de Bamidbar há quatro listagens diferentes do número de judeus.

Outra Razão pela qual D'us Queria que os Judeus Fossem Contados

Imagine que você está entre as pessoas que são contadas no deserto. Ficaria perante Moshê, Aharon e os líderes das tribos. Qual a sensação? Não é uma experiência emocionante? Você está face a face com os líderes de Torá da nação judaica.

À aproximação de cada um, Moshê - o grande profeta de D'us - e Aharon - o sagrado Sumo Sacerdote - escutavam o nome da pessoa, olhavam-na, e silenciosamente a abençoavam.

Desta maneira, cada judeu ganhava o mérito de ser abençoado pelos homens mais notáveis da nação. Cada pessoa sentia quão importante era aos olhos de D'us.

D'us deseja que percebamos como cada pessoa merece Sua consideração e apreço.

Bamidbar é Denominado o Livro de Números

O Livro de Bamidbar também é chamado de "Livro de Números". Contém um censo detalhado nesta parashá, e outro na parashá de Pinechas.

O título, "Livro de Números", assinala novamente a importância que D'us dá a contagem do povo judeu, pois esse ato é realmente uma expressão de Seu amor por eles.

Qual o Resultado da Contagem?

Demorou um longo tempo até que Moshê, Aharon e os líderes das tribos recebessem e contassem as moedas. Quando todas foram contadas, Moshê obteve estes resultados:

Tribo	Número de Homens
Reuven	46.500
Shimon	59.300
Gad	45.650
Yehudá	74.600
Yissachar	54.400
Zevulun	57.400
Efrayim	40.500
Menashê	32.200
Binyamin	35.400
Dan	62.700
Asher	41.500
Naftali	53.400
Total	603.550

Foram contados 603.550 homens acima de vinte anos no mês de Iyar de 2449.

Na relação acima, há uma tribo faltando, a tribo de Levi. Foi contada separadamente, como explicaremos adiante.

A Torá prossegue, contando-nos como as tribos acamparam no deserto.

Os Três Acampamentos no Deserto

Havia três campos separados no deserto:

1 - O Campo da Divina Presença (Machanê Shechiná)

.....
Este era o nome dado à área do Tabernáculo. Os outros dois circundavam este acampamento.

2 - O acampamento dos Levitas (Machanê Leviya)

Os levitas acampavam ao redor de todos os lados do Tabernáculo. A cada uma das famílias levitas era designado um local fixo.

As famílias de Moshê e Aharon foram honradas e acampavam à entrada do Tabernáculo.

Eram como guardas postados à entrada do palácio do rei. Sendo que D'us havia ordenado: "Vocês devem guardar o Tabernáculo," os cohanim e os leviyim tinham de montar guarda em alguns locais à volta do Tabernáculo, mesmo durante a noite.

Naturalmente, D'us não precisa de guardas para vigiar Seu local sagrado. Ele sozinho pode protegê-lo melhor que qualquer guarda humano jamais poderia. Mesmo assim, Ele ordenou que os levitas vigiassem o Tabernáculo.

Como um rei humano tem seu palácio rodeado de guardas, para prestar-lhe honras, D'us deu aos judeus outra oportunidade de honrá-Lo e a Seu Tabernáculo.

3 - O acampamento dos Israelitas (Machanê Yisrael)

Este acampamento rodeava o acampamento Levita. Como explicaremos na próxima seção, três tribos acampavam em cada um dos quatro lados.

Como foi Organizado o Acampamento dos Israelitas

No mesmo dia em que D'us ordenou a Moshê que contasse o povo judeu, disse-lhe também: "Quero que organize o acampamento exterior. Divida as tribos em quatro grupos conforme minhas instruções. Cada grupo acampará num lado diferente do Tabernáculo, sob sua própria bandeira. Uma tribo de cada grupo será a líder."

Eis como D'us disse a Moshê para dividir os quatro grupos:

1 - O primeiro grupo foi denominado "Dêguêl Machanê Yehudá". Acampou no lado leste. A tribo de Yehudá seria a tribo líder desta porção.

Neste grupo também estariam Yissachar e Zevulun.

2 - O segundo grupo foi denominado "Dêguêl Machanê Reuven." Acampou no lado sul. A tribo Reuven seria a tribo líder daquele lado.

Neste grupo também estariam: Shimon e Gad.

3 - O terceiro grupo foi chamado de "Dêguêl Machanê Efrayim." Acampou no lado oeste. A tribo Efrayim seria a tribo liderante.

Neste grupo também estariam: Menashê e Binyamin.

4 - O quarto grupo foi nomeado "Dêguêl Machanê Dan." Acampou do lado norte. A tribo Dan seria a tribo a liderar aquele lado.

Neste grupo também estariam: Asher e Naftali.

Quem Organizou os Quatro Grupos Nesta Ordem Especial?

Quando Moshê ouviu de D'us que cada tribo tinha um determinado território, dentro de certas fronteiras, pensou: "Agora tenho de discutir com os reclamantes de todas as tribos. Homens da tribo de Reuven me dirão: 'Preferiríamos acampar ao norte [do Tabernáculo]', e homens da tribo de Dan reivindicarão o sul. Preciso estar preparado para uma série de discussões."

"Seus temores são infundados, Moshê," tranquilizou-o D'us. "Os judeus sabem onde devem acampar. Seus antepassados lhes transmitiram as últimas palavras de Yaacov, de que ocupariam as mesmas posições que os filhos de Yaacov ocuparam ao carregarem o caixão de seu pai."

Quando nosso Patriarca Yaacov estava para morrer, disse aos filhos: "Estas são minhas instruções exatas de como vocês devem carregar meu caixão. Nenhum estranho deve tocá-lo. Yehudá, Yissachar e Zevulun devem carregá-lo do lado leste."

Reuven, Shimon e Gad pelo lado sul; Efrayim, Menashê e Binyamin pelo oeste; e Dan, Asher e Naftali pelo lado norte. Yossef, entretanto, não deve carregá-lo. Ele é um rei, e não é honroso para um rei carregar um féretro."

"Levi também não deve carregá-lo. Seus descendentes um dia servirão no Tabernáculo e carregarão a arca de D'us. Não seria apropriado para alguém cuja tribo carregará a arca do D'us Vivo, carregar o esquife de um ser humano."

D'us aprovou o arranjo de Yaacov. Não o alterou. Mas agora, nenhuma tribo poderia protestar pela posição recebida; todas as tribos sabiam que tinha sido organizada desta maneira por Yaacov.

Como Cada Tribo Podia Saber os Limites de seu Acampamento?

Uma maravilhosa rocha que vertia água acompanhou o povo judeu no deserto. Era conhecida como "Poço de Miriam", porque fazia brotar água pelo mérito da justa Miriam, irmã de Moshê.

Sempre que o povo judeu se preparava para acampar, os doze líderes das tribos ficavam de pé e cantavam um louvor a D'us. Isso fazia com que a água da rocha jorrasse, formando regatos. Um riacho cercava o "Acampamento da Shechiná," assim todos poderiam saber os limites do acampamento.

Outro regato marcava os limites do "Acampamento dos Levitas", e um terceiro, o "Acampamento dos Israelitas." Riachos menores originavam-se destas correntes principais e assinalavam as fronteiras entre cada tribo e mesmo entre uma família e outra.

A água do Poço de Miriam fazia com que grama e árvores crescessem às margens do rio. As árvores davam frutos deliciosos, que tinham o sabor do Mundo Vindouro.

As Bandeiras dos Quatro Grupos

D'us instruiu Moshê: Cada um dos grupos deve ter sua própria bandeira. O povo deve marchar sob este estandarte. Cada bandeira tinha três cores, representando as três tribos. Cada cor correspondia à cor da pedra preciosa daquela tribo no peitoral do Sumo Sacerdote.

1 - A bandeira do grupo de Yehudá

.....
Esta bandeira tinha três listras; uma azul, representando a tribo de Yehudá; preta, representando a tribo de Yissachar, e uma branca, representando a tribo de Zevulun.

Na bandeira estavam bordados os nomes Yehudá, Yissachar e Zevulun. Também possuía o seguinte versículo: "Levanta, ó D'us, para que Teus inimigos sejam dispersados e os que Te odeiam fujam de Ti."

A bandeira de Yehudá era a primeira a marchar; portanto, fazia sentido ter uma oração pedindo a D'us que protegesse o povo judeu de seus inimigos.

Esta bandeira tinha a pintura de um leão, porque a tribo líder, Yehudá, era comparada a este animal.

2 - A bandeira do grupo de Reuven

Esta bandeira era também em três cores: vermelho para Reuven, verde para Shimon e uma mistura de branco e preto para Gad. Trazia os nomes destas três tribos. No centro possuía o seguinte versículo bordado: "Ouve, ó Israel, D'us é nosso D'us, D'us é um."

Por que foi escolhido este versículo?

Antes que Yaacov morresse, perguntou a todos os filhos se acreditavam em D'us. Eles responderam com este versículo. Reuven era o mais velho dos filhos e certamente o primeiro dentre eles a falar, então era apropriado que estas palavras se tornassem o lema da tribo de Reuven. Na bandeira havia um desenho de flores violetas chamadas dudaim (mandrágoras ou jasmim).

No livro de Bereshit, na parashá de Vayetsé, a Torá nos relata como o pequeno Reuven, trouxe estas flores para sua mãe. Tomou cuidado de colher somente aquilo que não pertencia a ninguém, para não incorrer no pecado de roubo. Assim como Reuven se afastou do furto, sua tribo agia da mesma maneira.

3 - A bandeira do grupo de Efrayim

As cores deste estandarte eram: preto, tanto para Efrayim como para Menashê; para Binyamin, uma mistura das cores de todas as bandeiras.

Os nomes Efrayim, Menashê e Binyamin estavam na bandeira. Tinha o seguinte versículo bordado: "A nuvem de D'us pairava sobre os israelitas quando eles viajavam durante o dia."

Como a nuvem da Shechiná pairava sempre a oeste, o grupo que acampava a oeste recebia um versículo relacionado à nuvem de D'us.

Sobre esta bandeira havia uma pintura de um menino, porque D'us chama a tribo de Efrayim de "um menino amado por D'us."

4 - A bandeira do grupo de Dan

As três cores desta bandeira eram: roxo para Naftali, a cor da safira para Dan, e pérola para Asher. Os nomes Dan, Naftali e Asher estavam bordados na bandeira. Havia também este versículo bordado: "Quando a arca repousava, Moshê proclamava: 'Volta, D'us, e repousa entre os milhares e milhares de Israel!'"

O desenho na bandeira era o de uma serpente, porque nosso Patriarca Yaacov comparou Dan a uma cobra.

O Significado dos Estandartes

Os estandartes que principiavam e lideravam os vários acampamentos no deserto, possuíam profundo significado espiritual, e não devem ser confundidos com os atuais brasões familiares, ou estandartes nacionais.

De fato, as nações do mundo copiaram dos judeus a idéia de uma bandeira nacional; contudo, os estandartes foram projetados e expostos inteiramente por orientação Celestial.

Os judeus viram profeticamente os estandartes na Outorga da Torá. Perceberam a Shechiná descendo sobre o Monte Sinai acompanhada de 22.000 carruagens de anjos próximos à Shechiná, e vasto número de carruagens adicionais que a rodeavam.

Os anjos estavam agrupados ao redor da Shechiná como se fossem quatro divisões portando quatro diferentes estandartes:

- 1.À direita (sul), estava a divisão do anjo Michael.
- 2.À esquerda (norte), estava a divisão do anjo Uriel.
- 3.À frente (leste), estava a divisão do anjo Gavriel.
- 4.À retaguarda (oeste), estava a divisão do anjo Rafael.

Os estandartes Celestiais de fogo foram percebidos pelos judeus em vários matizes de cores.

A inspiradora visão dos exércitos celestiais fizeram os israelitas exclamar: "Se ao menos estivéssemos organizados sob estandartes, com a Shechiná em nosso meio, exatamente como os anjos!..."

Por que desejaram estandartes?

Ansiavam sentir a santidade especial de posicionarem-se como o exército Celeste, que beneficiava-se de um nível mais elevado de ligação com o Todo-Poderoso.

D'us informou então a Moshê que Ele concederia ao povo judeu seu pedido pelos estandartes.

Porém foi apenas trinta dias depois do Tabernáculo ter sido erguido (e a Shechiná, que partira após o pecado do bezerro de ouro) que D'us considerou os judeus merecedores de atingirem esse nível superior de santidade.

D'us ordenou a Moshê: "Os judeus devem acampar sob quatro estandartes líderes."

Como as Quatro Divisões Levantavam Acampamento e Seguiam Jornada

Quando as Tribos levantavam acampamento e seguiam jornada, entravam em formação de acordo com as especificações de D'us.

O Todo-Poderoso instruiu Moshê: "Ao iniciar cada jornada, a divisão sob o estandarte de Yehudá deve avançar para frente, e viajar à testa.

.....
Deve ser seguida pelas famílias levitas de Guershon e Merari. A próxima divisão a marchar é a de Reuven seguida pela família levita de Kehat. Então deverá avançar a divisão de Efrayim, e finalmente a de Dan."

A ordem em que viajavam foi determinada de acordo com um profundo plano Divino.

Yehudá ia na frente. E o grupo de Dan marchava por último. Por que? Quando Yaacov, nosso Patriarca, abençoou Yehudá, comparou-o a um leão.

E quando Moshê deu-lhe sua última bênção, também comparou a tribo Dan a um leão.

Por causa de sua grande força como "leões", estas duas tribos foram escolhidas para estarem à frente e atrás do povo judeu durante as viagens.

A tribo de Dan, que era uma tribo numerosa, além de rechaçar os inimigos que atacavam pela retaguarda, recuperavam artigos perdidos por outras tribos.

A Grandeza dos Estandartes

Quando os israelitas tomavam suas respectivas posições sob os estandartes, a Shechiná descia das bandeiras celestiais para pairar sobre os judeus.

Eram, desta forma, elevados a novos píncaros de santidade, como o exército de D'us na Terra.

As nações gentias que viam os judeus descansarem sob os estandartes eram tomadas de temor e reverência. Conseguiram reconhecer a santidade de um povo que vivia como uma unidade organizada para servir o Todo-Poderoso.

Sentindo que os judeus na Terra pareciam-se com anjos Celestiais, exclamavam admirados: "Que nação é esta que se parece com a aurora, bela como a lua, clara como o sol, e que inspira temor sob seu estandarte?!"

A memória dos estandartes jamais foi esquecida por nosso povo.

Por milhares de anos depois de haverem tido os estandartes, sempre que um judeu era perigosamente tentado a comprometer sua fé a fim de granjear fama e fortuna, replicaria às persuasões dos gentios:

"O que podem oferecer que se possa comparar à grandeza que uma vez experimentamos? No deserto, estávamos sob os estandartes, como o Acampamento de D'us na Terra. Suas promessas são míseras e insignificantes, comparadas às do Todo-Poderoso."

Assim, a lembrança da glória dos estandartes auxiliou os judeus no exílio a permanecerem fiéis e leais à Torá.

D'us Ordena a Moshê para Contar a Tribo de Levi

Até agora a tribo de Levi não fora contada com as outras tribos. Então, D'us ordena a Moshê: "Conte a tribo Levi e confira a árvore genealógica de cada família deste grupo."

Por que a tribo Levi não foi contada junto aos outros grupos?

Esta é uma das razões:

D'us disse a Moshê: "Os levitas, Meus servos no Tabernáculo, são tão sagrados que seus filhos serão contados desde a idade de um mês."

Todas as outras tribos do povo judeu eram contadas a partir da idade de vinte anos. Apenas os levitas eram já contados ainda bebês. Por isso, D'us ordenou que sua contagem fosse feita separadamente.

D'us Ajuda Moshê a Contar os Levitas

Quando D'us disse a Moshê: "Conte os bebês do sexo masculino dos levitas a partir da idade de um mês." Moshê replicou: "Como posso fazer isso? Devo entrar em cada tenda das famílias levitas e contar os bebês? Isso não seria uma coisa muito correta de se fazer."

"Não se preocupe," D'us assegurou a Moshê. "Eu o ajudarei. Faça tua parte na mitsvá, e Eu farei a Minha. Fique simplesmente parado à soleira da tenda de um levita, e Eu revelar-te-ei quantos de seus ocupantes devem ser incluídos no censo."

Moshê começou a contar. Bateu à porta da primeira tenda levita. Porém, antes que pudesse entrar, ouviu uma voz Celestial que anunciava: "Há cinco meninos nesta tenda!" Moshê anotou e continuou até a próxima tenda.

Ao chegar à sua entrada, a voz Celestial proclamou: "Há oito meninos nesta tenda!" Desta maneira, a voz dos Céus ajudou Moshê até que terminasse a contagem.

Por que os Levitas Eram Contados a Partir de um Mês de Idade?

Apesar de, em nenhuma das outras tribos nenhum homem com idade inferior a vinte anos ter sido contado no censo, os levitas eram exceção.

D'us disse a Moshê que contasse os varões levitas a partir da idade de um mês. (Antes de um mês de idade a vida de um recém-nascido é incerta).

Por que os bebês dos levitas eram contados, apesar de serem jovens demais para realizarem qualquer tipo de serviço? (Um levita só pode servir a partir dos trinta anos.)

Sabendo que até mesmo seus filhos eram contados no censo, os pais tomariam cuidados especiais para educar os filhos em santidade. Tanto pais quanto filhos merecem ser recompensados por todos os anos de preparo para o Serviço de D'us.

O Resultado da Contagem da Tribo de Levi

Quando Moshê totalizou o número de levitas do sexo masculino acima de um mês, viu que havia 22.300 deles.

Como este total pode ser comparado aos totais das outras tribos? Consulte a tabela que mostra os números de cada tribo.

Verá que a tribo dos levitas era a menor de todas. Isto mesmo

.....
tendo os levitas sido contados a partir da idade de um mês, ao passo que as outras tribos eram contadas a partir dos vinte anos!

Por que esta tribo era tão pequena?

As outras tribos foram forçadas a fazer trabalho escravo no Egito. Quando este trabalho começou, D'us prometeu: "Quanto mais duro for o trabalho forçado do povo judeu, mais eu os farei se multiplicar."

Por isso as mães das tribos restantes tinham seis filhos de uma só vez. Mas, como os levitas não foram obrigados a trabalhar, suas mulheres tinham apenas um bebê a cada vez. Como resultado desse fato, a tribo dos levitas era menor.

Os Levitas são Designados Carregadores do Tabernáculo

O filho de Yaacov, Levi, tinha três filhos: Guershon, Kehat e Merari. Eram os chefes das três famílias levitas.

D'us disse a Moshê: "Enquanto os filhos de Israel viajam pelo deserto, cada uma das três famílias levitas carregará partes do Tabernáculo."

O quadro abaixo mostra quais objetos cada família levita carregava:

Família levita	Objetos carregados
Guershon - Carregavam os tecidos do Tabernáculo	<ul style="list-style-type: none">as cortinas que formavam as paredes e o tetoa cortina rendada que cercava o pátioa cortina da entradaas cordas com as quais a tenda do Tabernáculo era amarrada
Kehat - Carregavam os objetos sagrados do Tabernáculo	<ul style="list-style-type: none">a arcaa mesaa menoráos dois altarestodos os instrumentos usados com esses objetosa cortina da entrada do santo dos santos
Merari - Carregavam as partes de madeira do Tabernáculo	<ul style="list-style-type: none">as tábuasos postes e os pilaresos soquetes do Tabernáculo e do pátioas cordas usadas para atar as cortinas de rede

	do pátio.
--	-----------

Os Primogênitos São Trocados Pelos Levitas

Antes do pecado do bezerro de ouro, o primogênito de cada família era encarregado do serviço do Tabernáculo. Ele era o único a oferecer sacrifícios em nome de sua família. Entretanto, quando os primogênitos participaram do pecado do bezerro de ouro, foram punidos. D'us disse: "Eles são impróprios para realizar Meu serviço no Tabernáculo. Ao invés deles, empregarei os levitas; eles não pecaram com o bezerro de ouro."

D'us ordenou a Moshê: "Conte todos os primogênitos dos israelitas a partir de um mês de idade até o mais velho!"

Moshê contou-os. Havia 22.273 primogênitos.

D'us ordenou a Moshê: "Troque cada primogênito por um levita. O levita servirá no Tabernáculo ao invés dele."

Havia 22.273 primogênitos, mas apenas 22.000 levitas. (Havia mais 300 levitas, mas como eram primogênitos também, não podiam ser usados para a troca).

Portanto havia 273 primogênitos a mais do que levitas. Como seriam liberados esses primogênitos de seu dever de fazer o serviço?

D'us ordenou: "Faça com que cada um dos 273 primogênitos extra pague cinco moedas de um shekel. Com este pagamento, estarão liberados do serviço no Tabernáculo. O dinheiro coletado deles será dado a Aharon e seus filhos."

O general romano Hugentino desafiou Rabi Yochanan ben Zacai: "Seu mestre Moshê ou era ladrão, ou não sabia aritmética."

"Por que diz isso?" - indagou Rabi Yochanan.

O general esclareceu: "Moshê registrou na Torá que havia, ao todo, 22.000 levitas. Contudo, se somar o número de todas as famílias levitas, chega-se a soma total de 22.300 levitas.

Uma vez que os primogênitos israelitas totalizavam 22.273 membros, havia, na verdade, um excesso de 27 levitas.

"Por que, então, Moshê disse a 273 primogênitos para se redimirem com cinco shekel? Há duas possibilidades: ou Moshê errou nos cálculos, ou adulterou deliberadamente o total de levitas, para que seu irmão Aharon pudesse embolsar 1365 shecalim."

Rabi Yochanan respondeu: "Sua conjectura está errada; dar-lhe-ei a verdadeira resposta. Moshê não incluiu os 300 levitas extras no total, porque estes 300 levitas também eram os primogênitos de suas famílias. Um primogênito não tem o poder de redimir outro.

Conseqüentemente, realmente havia um excesso de 273 primogênitos israelitas, conforme a Torá os registra."

.....
O general aceitou imediatamente a explicação de Rabi Yochanan, e despediu-se dele.

Quais dos Primogênitos Tinham de Pagar?

Moshê tinha um problema. Pensou: "Quando eu falar a um primogênito que é um dos 273 que devem pagar, pode ser que ele recuse: 'Por que deverei pagar? Não sou um dos primogênitos extra - sou um dos 22.000 que são substituídos por um levita!'"

Moshê resolveu este problema com um sorteio. Preparou 22.000 pedaços de pergaminho nos quais escreveu "levitas" e outros 273 pedaços, nos quais escreveu "5 moedas de shekel." Misturou-os. Qualquer primogênito que sorteasse "5 moedas de shekel" era obrigado a pagar esta quantia.

Sem ainda a invenção da imprensa, copiadora ou computador, certamente era um trabalho preparar milhares e milhares de pedaços de pergaminho para o sorteio. Mesmo assim, Moshê decidiu proceder assim a fim de evitar discussões.

Agora a Torá nos conta mais a respeito dos vários objetos carregados pelas três famílias levitas, começando pela família de Kehat.

Como os Recipientes Sagrados do Tabernáculo eram Transportados

A Família Kehat Carregava os Recipientes Sagrados do Tabernáculo

Apenas os levitas entre as idades de trinta e cinquenta anos tinham permissão de carregar objetos pertencentes ao Tabernáculo. (Isso ocorria porque nesta idade um homem tem força total).

D'us ordenou a Moshê: "Você e Aharon devem contar os homens de Kehat entre trinta e cinquenta anos. Eles carregarão os objetos mais sagrados do Tabernáculo (a arca, a mesa, a menorá e os dois altares).

"Estes objetos não devem ser transportados em carroças. Os homens de Kehat devem carregá-los sobre os ombros. E não devem olhar ou tocar estes objetos enquanto estão sendo preparados para uma jornada.

Antes de cada viagem, os cohanim devem envolver estes objetos sagrados em embalagens especiais. Apenas após estarem cobertos a família de Kehat será chamada para vir e carregá-los."

Cada objeto tinha sua embalagem especial:

A mesa: nunca podia estar vazia, nem mesmo quando o povo estava viajando. Doze pães sempre eram mantidos sobre a mesa e suas prateleiras.

O altar de cobre: o fogo Celestial permanecia sempre sobre o altar, mesmo quando estavam viajando. O fogo tinha o formato de um leão. Antes de cada jornada, os cohanim punham uma cobertura de metal sobre o fogo.

A arca: antes de cada jornada a arca era coberta com o parôchet (cortina divisória na frente do santo dos santos).

Uma vez que os cohanim temiam que pudessem ser tentados a olhar para a arca se subissem em escadas para remover o parôchet, engendraram um método original para retirá-la: através de longos bastões removiam o parôchet dos ganchos que o atavam às colunas, e então, cuidadosamente o baixavam até que cobrisse completamente a arca, sem expô-la à visão de ninguém. Então estendiam uma segunda cobertura azul sobre ela.

Nenhum outro utensílio era coberto com um tecido azul por fora, porém isto era feito com a arca a fim de chamar a atenção à sua santidade especial. O mais sagrado dos utensílios corresponde ao Trono Celestial de Glória. O tecido azul lembrava seu significado aos que o viam.

Como a Arca era Transportada

A cerimônia do transporte da arca também era especial:

- Os quatro carregadores da arca precisavam marchar de frente para esse, nunca ficando de costas para a arca. Por conseguinte, os dois carregadores da frente andavam para trás.
- Enquanto transportavam a arca, os cohanim cantavam louvores a D'us (similar aos anjos que cantam a D'us porque estão próximos da Shechiná).
-

Um milagre maravilhoso ocorria quando os carregadores da arca pegavam suas barras. Não apenas era aparentemente sem peso, mas seus próprios carregadores eram levantados e carregados junto.

Este milagre foi abertamente revelado e demonstrado quando os judeus, sob a liderança de Yehoshua, chegaram ao Jordão a dez de Nissan de 2488.

Era época de primavera, e o Jordão transbordava além das margens. Yehoshua disse ao povo: "D'us realizará agora um milagre que demonstrará claramente que Ele está em nosso meio. Ajudará a convencer vocês de que Ele expulsará as nações da Terra de Canaã."

Yehoshua ordenou aos cohanim, que nessa ocasião especial carregassem a arca no lugar dos levitas, e que adentrassem as águas do Jordão.

No momento em que os cohanim afundaram os pés no rio, a corrente inferior repentinamente deteve-se, transformando-se em muralhas que se elevaram a alturas gigantescas. Uma vez que as águas abaixo da posição dos cohanim continuaram a fluir para baixo, os cohanim encontraram-se de pé sobre o leito seco do rio.

Yehoshua ordenou que a população inteira cruzasse o Jordão, enquanto os cohanim com a arca permaneciam em suas posições.

Após o povo ter cruzado o rio, Yehoshua disse aos cohanim que retrocedessem e pisassem na margem leste. Assim que o fizeram, a muralha rompeu-se e as águas jorraram corrente abaixo.

Os cohanim, carregando a arca, estavam agora separados de seus irmãos, que estavam na margem oeste do rio. A arca então, miraculosamente, levantou os cohanim por cima das águas até onde estavam o povo judeu.

.....
Nesta ocasião ficou óbvio a todos que a arca carregava seus carregadores. E isto ocorria o tempo inteiro.

Da mesma forma que como a alma que dá vida sustenta o corpo, assim a arca, que é a alma e conteúdo espiritual do Tabernáculo, sustentava seus carregadores.

O milagre da "arca carregar os que a carregam" ensina um conceito básico. Uma pessoa geralmente se dá crédito por "sustentar e cumprir a Torá", esquecendo-se de dar crédito à Torá por "sustentá-lo." O cumpridor da Torá é afortunado em ter sua vida cotidiana regida pela Torá, em ter seus filhos crescendo numa saudável atmosfera de respeito aos mais velhos, e restritos em todas as áreas pela disciplina da Torá. Reconheçamos agradecidos que "a arca nos sustenta", tanto hoje como sempre.

Elazar é Encarregado da Família de Kehat

Elazar, o terceiro filho de Aharon, foi indicado por D'us como supervisor da família de Kehat. Distribuiu as tarefas e determinava quem carregaria qual utensílio sagrado durante uma viagem.

Elazar escolheu apenas os justos mais ilustres como carregadores. Também assegurou-se de que quando uma viagem estivesse prestes a começar, a família Kehat estivesse pronta. E quando os membros de Kehat paravam, ele conferia se os homens punham os objetos nos locais adequados no Tabernáculo.

O próprio Elazar transportava o seguinte: na mão direita, óleo para o acendimento da menorá; na mão esquerda o incenso; num recipiente suspenso em seus braços a farinha para o sacrifício diário de Tamid; e em seu cinto, um pequeno frasco de óleo da unção.

D'us prometeu que cada uma das três famílias Levitas, Guershon, Kehat e Merari existirão para sempre.

As famílias levitas possuíam a mesma importância que as tribos; assim sendo, sobreviverão até a chegada de Mashiach, junto com as tribos.

Por enquanto, aprendemos em detalhes o que a família Kehat carregava. A próxima Parashá, Nassô, descreverá quais eram os objetos que as famílias de Guershon e Merari transportavam.

O Fruto De Uma Terra Árida

O Fruto De Uma Terra Árida Por Eli Touger

O Que Diz a Paisagem

Na arte da comunicação, a escolha do cenário é fundamental. De fato, o próprio cenário transmite uma parte importante da mensagem, pois ela não deve ser separada de seu conteúdo.

A escolha de um cenário apropriado não facilita somente a compreensão de um conceito, mas pode apontar para - e até mesmo iniciar - sua aplicação.

Conceitos semelhantes se aplicam em relação à escolha de D'us por um local para a entrega da Torá. Nossos Sábios perguntam¹: "Por que a Torá foi dada no deserto?". D'us não foi compelido a

dar a Torá em nenhum local específico. Portanto, Sua escolha do local pode nos oferecer alguns ensinamentos.

Esta importância, além disso, é relevante não só para os judeus que receberam a Torá no Sinai, mas para o homem em cada geração. Nós louvamos a D'us como "Aquele que dá a Torá", usado no presente².

Os ensinamentos que podemos derivar do cenário da entrega da Torá nos mostram como abordá-La em todos os momentos e em todos os lugares.

Onde Não Existe dono

A primeira das explicações dadas por nossos Sábios em resposta à pergunta acima é a de que o deserto não pertence a nenhum indivíduo.

O mesmo vale para a Torá. Ela não é de posse exclusiva de nenhum indivíduo, tribo ou tipo de personalidade em particular. Ao contrário, "A coroa da Torá é posta de lado, esperando, e pronta para todo judeu... Quem quiser, pode vir e pegá-La"³.

A natureza sem dono do deserto também oferece uma chave para o entendimento de como uma pessoa pode aplicar a lição acima e tomar posse da Torá.

Como nossos Sábios continuam, uma pessoa deve "fazer de si mesma como um deserto, abandonando todas as preocupações"; isto é, ela deve remover as restrições que impedem seu comprometimento com a Torá.

A Torá é a vontade de D'us e Sua sabedoria, e é, assim, tão infinita e ilimitada quanto Ele próprio.

Portanto, a abordagem à Torá requer que uma pessoa supere a si mesma e aceite uma estrutura diferente de entendimento⁴.

Isto foi refletido no juramento de nossos ancestrais: Nassê vê nishmá, "Nós faremos e entenderemos"⁵. A ordem das promessas é importante. Em vez de primeiro ouvirem as ordens de D'us e então decidirem aceitá-las ou não, eles prometeram obedecer-Lo independentemente do que foi exigido⁶.

Em vez de ter seu compromisso moldado por sua compreensão, eles prometeram ter seu entendimento moldado por seu compromisso⁷.

Uma Declaração de Dependência

Quando alguém assume tal compromisso, D'us molda seu ambiente de forma que o compromisso possa ser expresso⁸. Isto também é aludido pela entrega da Torá no deserto, como nossos Sábios dizem: "Assim como o deserto não é semeado nem cultivado, também quando alguém aceita o jugo da Torá, o jugo das preocupações mundanas é removido dele".

No deserto, nossos ancestrais tinham de depender de D'us para cada elemento de sua existência. Não havia recursos naturais dos quais pudessem depender.

Apesar disso, isto não foi uma causa de ansiedade ou preocupação. Ao contrário, apesar da aridez e desolação do deserto, nossos ancestrais entraram nele com total confiança, como o profeta declara⁹: "Eu lembrei por ti a bondade de tua

.....
juventude, o amor de teus dias de núpcias, por tu teres Me seguido no deserto, em uma terra não cultivada”.

E D'us respondeu carinhosamente. Seu alimento, sua água, até mesmo suas vestimentas, foram todas dadas aos judeus de forma milagrosa. D'us proveu tudo do que eles precisavam, dando a eles a oportunidade de devotarem a si mesmos somente à Torá.

Tão perfeito foi o cenário no qual nossos ancestrais viveram que nossos Sábios declararam: “A Torá foi dada... somente àqueles que partilharam o manna”¹⁰.

Esta não é meramente uma história sobre o passado. Mesmo quando nós parecemos ter meios naturais de produzir nosso próprio sustento, a verdade é que a própria natureza é uma série de milagres.

Por causa de sua constante recorrência, nós não vemos mais esses milagres como especiais¹¹. Mas isto não deve obscurecer a verdade de que nós devemos perceber que, em todos os momentos, dependemos de D'us.

Essa consciência deve motivar uma ordenação de prioridades. Em vez de dar preferência às nossas preocupações materiais, devemos dar preferência à Torá.

Quando assim fazemos, podemos confiar que D'us proverá nossas necessidades como Ele proveu para nossos ancestrais.

Mesmo quando -- como nossos ancestrais no deserto -- nós não vemos nenhum meio natural de prover nosso sustento, devemos insistir em nosso comprometimento com a Torá e contar com Ele.

Para Que O Deserto Floresça

A aridez de um deserto pode também servir como uma analogia para o estado espiritual de uma pessoa. Apesar de ela sentir-se vazia e desolada, e talvez com bons motivos, pois ela tem vivido em um deserto espiritual, não há necessidade de desespero. D'us desceu ao deserto para dar ao homem Sua mais preciosa posse, a Torá.

E o mesmo é verdade hoje em dia: independentemente do nível espiritual da pessoa, D'us oferece a ela a oportunidade de estabelecer uma conexão por intermédio da Torá.

Encorajando-nos a imitar essa iniciativa, nossos Sábios¹² nos compelem a “sermos alunos de Aharão... amando as criaturas e aproximando-as da Torá”. No Tanya¹³, o Alter Rebbe explica que esta afirmação ensina que nós devemos amar a todo judeu, mesmo aquele que é tão árido como um deserto e cuja única característica de redenção é o fato de ele ser uma criação de D'us.

Nossos Sábios contam que durante os 40 anos em que o Povo Judeu vagou pelo deserto, eles foram capazes de o transformar em “terra habitada” a ponto de as árvores florescerem e frutificarem. Nosso estudo de Torá pode produzir um efeito semelhante. Aspectos de nós mesmos e de outros que parecem áridos podem se tornar produtivos através da influência da Torá.

A Florescência Final

A Parashá “no deserto”, é sempre lida antes da festa de Shavuot¹⁴. As festas judaicas não apenas comemoram os

eventos do passado, mas também nos provêem com uma oportunidade de revivê-las¹⁵.

Para reviver a experiência do Sinai, nós primeiro precisamos atravessar o deserto e suas lições pelo menos no sentido espiritual. Esta é a mensagem comunicada por nossa leitura da Torá.

Estas lições são particularmente relevantes hoje em dia, pois nossa geração está aguardando uma nova fase na revelação da Torá, a era na qual “novas [dimensões da] Torá emergirão de Mim”¹⁶.

A entrega da Torá nunca será repetida¹⁷, como escreve o Rambam¹⁸ em relação à Era da Redenção: “A essência da questão é: esta Torá, com suas leis e estatutos, é eterna. Nós não podemos nem acrescentar a elas nem delas subtrair”.

Mesmo assim, nossos Sábios disseram ¹⁹ que os ensinamentos da Torá na era atual não são “nada comparados aos ensinamentos do Mashiach”. Pois, naquela era, as dimensões Divinas da Torá serão reveladas abertamente, e todos serão capazes de apreciar sua mensagem espiritual.

Assim como os judeus avidamente se prepararam para as revelações no Monte Sinai, ansiosamente contando os dias até quando receberiam a Torá²⁰, nós também devemos nos preparar para a revelação dos ensinamentos de Mashiach com entusiasmo e alegria.

E, então, com a chegada da Redenção, “os pastos do deserto florescerão e a árvore dará frutos”²¹. Que isto possa acontecer brevemente.

NOTAS

¹. Bamidbar Rabbah 19:26.

². O texto da terceira bênção recitada antes do estudo da Torá (Siddur Tehillat Hashem, p. 10) e as bênções recitadas antes e depois da leitura comunal da Torá (loc. cit., p. 70).

³. Sifri, comentando sobre Bamidbar 18:20.

⁴. Neste contexto, Likkutei Torah Bamidbar 4c usa a aridez de um deserto como uma analogia positiva, interpretando-a como um reflexo de um nível de revelação tão grande a ser confinada dentro da existência comum.

⁵. Shemot 24:7.

⁶. Ver Shabbos 88a.

⁷. Assim, em vez do homem interpretar a Torá de acordo com suas limitações mortais, esta abordagem estabelece uma ligação entre homem e D'us enquanto Ele está em Seu infinito.

⁸. Ver Rambam, Mishnê Tora, Hilchos Teshuvá 9:1.

⁹. Yirmiyahu 2:2.

¹⁰. Mechilta, comentando sobre Shemot 16:4.

¹¹. Chacham Tzvi, Responso 18; ver também Sefer HaMamaarim 5698, p. 167.

¹². Pirkei Avos 1:12. Ver a explicação desta Mishná em “In the Paths of Our Fathers” (Kehot, N.Y., 1994).

¹³. Cap. 32.

¹⁴. Rambam, Mishnê Torá, Hilchos Tefillah 13:2; Shulchan Aruch (Orach Chayim 428:4). Na maioria dos anos, a Parashá Bamidbar é lida no Shabat diretamente precedendo Shavuot. Mesmos naqueles anos em que a Parashá Nassó também é lida antes de Shavuot e a Parashá Bamidbar é lida uma semana antes, as lições que ela transmite servem como uma preparação espiritual para este festa.

¹⁵. Apesar de que a entrega da Torá é renovada a cada dia como mencionado acima, a renovação é mais abrangente em Shavuot, o aniversário da entrega da Torá.

¹⁶. Vayikra Rabbah 13:3, comentando sobre Isaías 51:4.

-
17. Ver a série de maamarim (discursos chassídicos) intitulados Yom Tov Shel Rosh HaShanah 5666, p. 23.
18. Mishneh Torah, Hilchos Melachim 11:3.
19. Koheles Rabbah 11:8.
20. Rabbeinu Nissim, fim do tratado Pesachim.
21. Yoel 2:22.

O Livro dos Censos

O primeiro preceito do livro Bamidbar consiste em contar os judeus. Devido a esse preceito o livro de Bamidbar recebe o nome de “livro das contagens”. Qual é a importância desse censo, para que o livro Bamidbar receba este nome, “Livro dos Censos”?

Uma das explicações vem da regra “Algo que pode ser contado, não se anula”. Quer dizer que quando os detalhes são quantificados não perdem sua importância, não são anulados. Ou seja, pela contagem adquirem importância e sustentabilidade.

Porém, esta não é uma explicação suficiente, sendo que a conta é a prova de que algo possui valor prévio a ser contado na sua venda (por isso não se quantifica e não é vendido a granel, por peso ou volume).

O fato de algo poder ser quantificado reflete sua importância e qualidade, provando que a própria contagem é relevante. Existe um vínculo estreito entre a quantidade e qualidade; a quantidade gera maior qualidade. A mesma contagem, que reflete quantidade, cria valor também na qualidade do elemento contado.

Um exemplo concreto disto é o minian, “quórum” de dez homens. Não há importância na qualidade das pessoas que se reúnem para formar esse “quórum”. Quando se reúnem dez judeus, cria-se um novo tipo de status: a presença Divina paira sobre eles.

O mesmo ocorre com o “zimun”, que convida ao agradecimento posterior à comida: com três pessoas pode-se recitar o “zimun”, com dez recita-se “abençamos ao nosso D’us”, e assim por diante.

O mesmo ocorre em relação à outorga da Torá, que foi dada especificamente a seiscentos mil judeus.

Se tivesse faltado uma única alma judaica, erudita ou o mais simples dos judeus, a Torá não teria sido entregue. Nossos sábios instituíram uma bênção especial a D’us – a de “Sábio conhecedor dos segredos” – para uma situação em que se reúna um conjunto de seiscentos mil judeus.

Daqui podemos extrair o ensinamento de até que ponto devemos apreciar a quantidade.

Quando milhares de nosso povo clamam para serem resgatados espiritualmente, devem ser instruídos a cumprirem o maior número de mitsvot possível. Desta forma passarão a integrar ativamente a comunidade de Israel elevando-se a uma altura maior qualitativamente.

E por meio desse empenho presenciaremos a chegada da verdadeira e completa redenção, agora, em nossos dias.

Os judeus e o Censo

Pela Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch

Devar Malchut - Palavras do Rebe Baseado em Hitvaaduiot 5745, págs. 2092-2094.

Moshê, Aharon e os líderes das tribos realizaram um censo, uma contagem dos judeus, conforme D’us ordenara: “Recebei a soma da toda a congregação dos filhos de Israel...tu e Aharon. E convosco estará de cada tribo um homem.”

A contagem dos cidadãos – censo da população – também é aceita e realizada atualmente, em todos os países.

O levantamento de dados é realizado através de pessoas simples ou desempregados que vão de casa em casa com formulários que preenchem com informações coletadas. Registram o número de pessoas que residentes no local, a idade, ocupação e mais algumas informações relevantes para o censo.

Depois reúnem todos os formulários e os entregam ao órgão competente. A soma de todos os formulários nos possibilita saber o número de cidadãos do país, além de traçar um perfil da população.

O recenseamento realizado no deserto ocorreu de modo totalmente diverso! Não foram convocadas pessoas simples e desocupadas, mas justamente as mais importantes do povo – Moshê, Aharon e os líderes das tribos.

À Moshê Rabênu, líder e membro mais destacado do povo judeu, D’us incumbiu a tarefa de realizar o censo. Moshê precisou deixar todos os seus afazeres e ir de tenda em tenda verificar o número de almas que chegaram aos vinte anos de idade.

Por que justamente Moshê, Aharon e os líderes das tribos foram de tenda em tenda contando os judeus? Porque desta forma fica claro a grande importância e mérito que Hashem atribui a cada judeu.

A contagem do povo não é algo secular, e sim, atribuído à ordem Divina e executada no deserto. Cada judeu é santo, cada judeu é verdadeiramente uma partícula de D’us.

A contagem do povo sagrado é uma mitsvá. Quando os recenseadores entravam em cada tenda deveriam trajar roupas de Shabat, e realizar a contagem com amabilidade, cortesia e gentileza, pois tratando-se de um procedimento ordenado por D’us, era sagrado.

O mesmo ocorre com tudo o que é secular. O que é mundano acaba adquirindo uma importância e santidade especiais: a alimentação, a bebida, a decoração do lar, a educação dos filhos.

Foi por isso que justamente Moshê, Aharon e os líderes das tribos receberam a tarefa de realizar o censo.

[Atualmente, os judeus se concentram, em sua maior parte, nos Estados Unidos e em Israel.

Cada um destes dois países têm população judaica superior a 5 milhões o que representa mais de 80% dos judeus do mundo.

Os demais se dividem entre países como França (3,8%), Canadá (2,9%), Reino Unido (2,3%), Rússia (1,8%), Argentina (1,4%) e outros (5,1%). O Brasil está em 9º lugar com 0,7% .

Fogo, água, deserto

Mensagem da Parashá

Na porção desta semana de Bamidbar, encontramos um Midrash fascinante no primeiro versículo: "E D'us falou a Moshê no deserto do Sinai."

O Midrash explica que a Torá foi outorgada em associação com três coisas - fogo, água e no deserto.

Rabi Meir Shapiro dá uma bela explicação sobre a importância destas três coisas. Explica que o traço de caráter que destacou o povo judeu desde o início é o espírito de auto-sacrifício. Isso tem sido sempre evidente em nosso cumprimento das leis da Torá e em nossa aderência à sua fé.

Avraham, o primeiro de nossos Patriarcas, permitiu-se ser atirado a uma fogueira ardente por ter quebrado os ídolos de seu pai, e foi salvo apenas por um verdadeiro milagre de D'us. Por este ato, ele conferiu a todas as gerações futuras a vontade e a força de morrer por seu judaísmo.

Algumas pessoas poderiam argumentar que este foi um ato de heroísmo isolado de um indivíduo notável. Deveriam então considerar um segundo exemplo envolvendo todo o povo judeu.

Quando o Mar Vermelho foi dividido, o povo judeu marchou como uma só nação para as águas enraivecidas, a um comando do Criador.

É claro que alguém poderia argumentar ainda que este teste ocorreu em um período de tempo relativamente curto. Deixemos então que considerem o terceiro exemplo, o fato de toda a nação judaica voluntariamente entrar no deserto sem comida ou bebida, não sabendo quanto tempo teriam de lá permanecer.

Fizeram isso apenas por amor e lealdade a D'us, como está escrito em Yirmiyáhu "Lembro-Me da afeição de tua juventude... como seguiram-Me no deserto, numa terra que não era semeada" (2:1).

Foi em virtude destes três testes - pelo fogo, água e deserto - que a Torá foi outorgada ao povo judeu como sua possessão eterna.

A disposição para desistir de suas vidas pela sua crença em D'us, assegurou nossa sobrevivência até os dias de hoje.

No Deserto

No Deserto

Por Yanki Tauber

No deserto não há edifícios de escritórios ou fábricas. Portanto, quem vive no deserto, provavelmente não tem emprego. Não haverá um chefe dando ordens e nenhum subalterno.

No deserto não há cidades ou bairros - você não está nem no lado certo nem no lado errado dos trilhos.

No deserto não há supermercados ou lojas de departamentos. A pessoa teria de comer maná dos Céus e usar o mesmo par de sapatos por quarenta anos.

Eis por quê, afirmam nossos sábios, D'us nos outorgou a Torá no deserto. Se Ele nos tivesse dado a Torá em Wall Street, Ele teria de decidir a quem designar como diretor e quem controlaria o empreendimento.

Se a tivesse dado a nós na Terra Santa, teria de decidir se Ele a desejava na Jerusalém religiosa, na mística Tsefat ou na ultra-moderna Tel Aviv. Ou talvez Ele tivesse preferido um kibutz marxista ou mesmo uma colônia neo-sionista?

D'us não desejava acionistas em Sua Torá, nenhuma estrutura corporativa, nenhum contexto social ou político. Na verdade, contexto algum. Somente nós e a Torá.

Não teria sido melhor permanecer no deserto?

Porém assim que D'us teve certeza de que tínhamos entendido a mensagem - que entendemos que a Torá não é produto de nenhuma época, ambiente ou meio cultural específico, e que pertence, absoluta e inequivocamente, a todo e cada um de nós - Ele enviou-nos para as cidades e aldeias de Seu mundo, a fazendas e praças, a universidades e edifícios comerciais.

Disse-nos que agora que Ele já fez Sua parte, cabe a nós tornar Sua Torá relevante em todos estes locais e em todos estes contextos.

Ainda assim, é bom voltar ao deserto de vez em quando. Pelo menos para uma visita.

Torá: Apenas para Eruditos?

Por Rabi Shlomo Freundlich

Ao iniciarmos a leitura do quarto dos cinco Livros de Moshê, Bamidbar, devemos prestar atenção num fenômeno muito interessante do calendário. O feriado de Shavuot nunca ocorre antes que seja lida a porção de Bamidbar da Torá. Por que? Tosafos afirma (no Tratado do Talmud Megilah 31b) que isso não é mera coincidência.

Foi um arranjo instituído por nossos sábios para assegurar que o feriado de Shavuot, um dia no qual a vitalidade das árvores frutíferas é julgada nas cortes celestiais, não deveria ficar justaposta à última porção no Livro de Levítico, que relata as horribéis maldições que poderiam recair no povo judeu.

Rabi Moshe Feinstein sugere outra razão que também serve para ajudar-nos a relacionar melhor e avaliar a essência do feriado de Shavuot. Ele enfatiza que Shavuot, que assinala o aniversário da Revelação de D'us e Sua Torá ao povo judeu no Monte Sinai, pode ser bastante impressionante para alguém com limitada capacidade de compreender ou estudar Torá.

Afinal, quando uma pessoa assim fica sabendo do espantoso alcance da Torá e sente que, não importa o quanto tente, consegue apenas arranhar a superfície em seu entendimento pessoal dos textos clássicos, não é natural que esta pessoa pergunte-se que conexão tem realmente com este grande momento histórico no Sinai?

Pode uma pessoa assim, sentir, mesmo que minimamente, o êxtase espiritual de ser um membro da nação à qual D'us concedeu Sua Torá? Seria errado ou impróprio para este indivíduo perguntar-se se a inspiração a ser extraída do feriado de Shavuot está reservada ao erudito, enquanto os menos instruídos

.....
e iniciantes deveriam apenas assistir com curiosidade e respeito, do lado de fora?

A resposta, afirma Rabi Feinstein, é expressa quando lemos a porção Bamidbar da Torá, como precursora de Shavuot. Na Parashat Bamidbar, Moshê é encarregado de contar o povo judeu, e o propósito deste censo é trazer à luz a idéia de que os judeus agora são uma força espiritual unificada e coesa, cuja missão coletiva é cumprir a palavra de D'us.

Todos na idade certa são contados. Todos ficam perante D'us igualmente, cada qual com seus talentos e habilidades específicos.

A vida de cada judeu tem um propósito precioso aos olhos de D'us se ele ou ela emprega a Torá como seu plano de vida.

O Talmud (Tratado Baba Batra 10b) relata um incrível incidente. Rabi Yossef, filho de Rabi Yehoshua, caiu gravemente enfermo e ficou em coma profundo. Por fim, Rabi Yossef acordou do coma e seu pai, sentindo que ele tinha passado por alguma experiência fora deste mundo, perguntou-lhe o que rahavia sentido.

Rabi Yossef respondeu: "Vi que as pessoas importantes recebem cargos mais baixos no Mundo Vindouro e as pessoas menos significantes receberam posições de destaque."

Rabi Yisrael Salanter explica que neste mundo, consideramos nossos rabinos, eruditos e autores de obras da Torá como pessoas especiais e de grande valor, ao passo que o judeu simples é relegado a um papel mais insignificante na formação do destino da comunidade judaica. Mas no próximo mundo, o Mundo da Verdade, tem início uma realidade esmagadora e assombrosa.

Somos julgados não com base em nossas realizações, mas sim de acordo com nossa capacidade. Se alguém que desfruta de uma posição proeminente neste mundo deixou de usar toda a capacidade que D'us lhe deu, então ele, de certa forma, falhou, e não gozará da mesma posição de proeminência que o simples judeu iletrado que esforçou-se ao máximo para entender até mesmo uma página do Talmud.

Ao celebrarmos o lindo dia de Shavuot, podemos todos nos rejubilar perante D'us, com a percepção de que, servindo-O fielmente e sendo verdadeiros com nosso chamado histórico não significa tornar-se um super-herói.

Ao contrário, requer apenas que usemos a capacidade e o potencial com que D'us nos abençoou.

35 - Parashat Nassô

Números 4:21-7:89

Mais Tarefas são Designadas no Tabernáculo

Os Filhos de Guershon que Servirão no Tabernáculo são Contados

Ao final da última Parashá vimos que a família de Kehat recebeu incumbências no Tabernáculo. Aquela família foi contada e recebeu seus trabalhos em primeiro lugar, porque transportava os mais sagrados objetos.

D'us disse a Moshê: "Conte os homens da família de Guershon. Eles transportarão os artigos de tecidos do Tabernáculo."

Moshê pensou: "D'us não me disse para pedir a ajuda de Aharon para esta contagem. Entretanto, é meu irmão mais velho e devo honrá-lo, por isso irei convidá-lo a tomar parte na contagem."

Moshê chamou Aharon. Juntos contaram os homens de Guershon entre as idades de trinta e cinquenta. Estes homens eram todos aptos a carregar objetos.

D'us ordenou: "Itamar, filho de Aharon, ficará encarregado da família de Guershon."

Os Homens da Família de Merari são Contados

Finalmente, Moshê contou os homens entre trinta e cinquenta anos da família de Merari. Moshê novamente honrou Aharon, pedindo-lhe para ajudar na contagem.

Moshê, Aharon e seus filhos dividiram a família de Merari em grupos. Um grupo foi incumbido de carregar as tábuas; outro grupo os pilares; outro ainda os encaixes de prata (adanim), e assim por diante.

O filho de Aharon, Itamar, foi encarregado de designar uma tarefa específica a cada levi. Ele supervisionou o carregamento.

Outras Tarefas para os Levitas

Carregar objetos era apenas uma das obrigações dos levitas. Eles também ajudavam os cohanim com aquelas partes do serviço Divino que podiam ser realizadas mesmo por alguém que não fosse um cohen: abater a oferenda, limpá-la e cortá-la.

Alguns levitas vigiavam o Tabernáculo, e outros foram escolhidos para cantar.

No Tabernáculo, bem como no Templo Sagrado, os levitas entoavam canções do Livro de Tehilim, Salmos, e tocavam instrumentos enquanto eram despejados líquidos sobre as oferendas dos sacrifícios diários.

O canto ajudava a alcançar o perdão para o povo judeu. Tanto a música como o canto eram veículos de servir D'us com alegria.

O coro de leviyim era composto por pelo menos doze cantores, e podia-se acrescentar mais, se assim desejassem. O coro era geralmente acompanhado por instrumentos. Até mesmo os não-levitas podiam ser músicos.

Ao entrarem no Pátio do Templo, os judeus podiam ouvir o maravilhoso coro de leviyim e sua orquestra.

O Cântico Diário

Entoava-se um capítulo de Tehilim diferente a cada dia da semana:

No primeiro dia da semana (domingo) - "Do Eterno é a terra e tudo que nela existe, o mundo habitado e todos os que nele moram." (Tehilim 24:1)

Este versículo é apropriado para o primeiro dia, pois nos lembra do primeiro dia da Criação. D'us foi então claramente reconhecido como o único governante, uma vez que nenhum ser, nem mesmo os anjos, haviam sido criados.

.....
No segundo dia (segunda-feira) - "Grande é o Eterno e muito louvado, na cidade de nosso D'us, Monte de Sua Santidade." (Tehilim 48:2)

No segundo dia da Criação, D'us estabeleceu que o firmamento fosse dividido entre águas superiores e inferiores, denominando as esferas superiores Sua residência. Paralelamente, denominou um local com santidade especial no mundo inferior onde Ele iria residir: "a Cidade de nosso D'us, Monte de Sua santidade."

No terceiro dia (terça-feira) - "D'us encontra-se na assembléia Divina, no meio dos juizes Ele julgará." (Tehilim 82:1)

Neste dia, D'us juntou as águas em oceanos, expondo assim os continentes que seriam habitados. Contudo, só seria permitido à humanidade viver lá se exercessem justiça, um dos pilares da sociedade humana. Se o homem pervertesse a justiça, D'us ordenaria aos oceanos transbordarem e inundarem terra seca, como mais tarde aconteceu na geração de Nôach, trazendo o Dilúvio.

No quarto dia (quarta-feira) - "Ó D'us da vingança, Eterno, ó D'us da vingança, aparece." (Tehilim 94:1).

Neste dia foram criados os corpos celestes. No futuro, D'us punirá todos os que praticaram a idolatria.

No quinto dia (quinta-feira) - "Canem em voz alta para o D'us de nossa força, proclamem com um grito jubiloso o D'us de Yaacov." (Tehilim 81:2)

Neste dia o Todo-Poderoso criou as milhares de espécies de pássaros e peixes. Quem quer que os veja proclama louvores a D'us em júbilo.

No sexto dia (sexta-feira) - "O Eterno reina, Ele está revestido de majestade; o Eterno terá vestido poder e Se cingido" (Tehilim 93:1)

Este versículo é apropriado para o sexto dia, no qual a gloriosa Criação inteira foi completada, e a majestade de D'us sobre o universo tornou-se aparente.

Em Shabat - "Um salmo, um cântico para o dia de Shabat." (Tehilim 92:1)

Este versículo não se refere apenas ao Shabat semanal, mas também a era pós-Redenção, o "grande Shabat da história."

O Shabat semanal nos foi dado para servir de modelo para a era futura, a qual será total e eternamente boa. Da mesma forma como trabalhamos toda a semana a fim de honrarmos o Shabat, assim nos preparamos agora para o mundo futuro, onde saborearemos dos frutos de nosso trabalho.

Com a destruição do Templo Sagrado, a beleza da música cessou. As músicas e melodias atuais não captam a santidade ou a harmonia da perfeição espiritual inerente às melodias entoadas no Templo.

Após a destruição do Primeiro Templo o imperador Nevuchadnêtsar (Nabucodonossor), levou um grupo de leviyim cativos à Babilônia. Observando-os chorarem e lamentarem-se, exclamou: "Por quê estão tão tristes? Venham e alegrem-se!

Antes de saborear minha ceia, toquem seus violinos para mim e meus deuses, exatamente como costumavam fazer para seu D'us!"

Olhando uns para os outros, os leviyim sussurraram: "Nunca! Nós, que tocávamos no Templo para o Todo-Poderoso devemos agora tocar para este anão (Nevuchadnêtsar era de baixa estatura) e seus ídolos? Em vez disso, se tivéssemos nos empenhado em cantar ante o Todo-Poderoso, nunca teríamos sido exilados!"

Todavia, como poderiam desobedecer efetivamente a ordem do captor?

Num instante engendraram um plano. Cada levi, sem hesitar, decepou o próprio polegar da mão direita. Erguendo os tocos dos quais jorrava sangue para que Nevuchadnêtsar visse, lamentaram: "Como podemos cantar a canção de D'us? (Tehilim 137:4) Não vê que nossas mãos estão mutiladas, e não podemos mais tocar nossos instrumentos?"

Enfurecido, Nevuchadnêtsar massacrou milhares de cativos. Não obstante, os leviyim estavam contentes em não terem concordado em tocarem música perante ídolos.

Aquele grupo de leviyim eventualmente retornou do exílio babilônio, e testemunhou a reconstrução do Segundo Templo. D'us prometeu ao povo judeu através de juramento: "Os leviyim feriram sua mão direita por amor a Mim; portanto, Eu juro por Minha mão direita que finalmente derrotarei seus inimigos e restaurarei Jerusalém."

O Mérito das Mulheres Judias no Egito

Enquanto o povo judeu viveu no Egito, os egípcios eram seus amos. Davam-lhe ordens. Mas não podiam decretar com quem as moças e mulheres judias iriam se relacionar. Se um egípcio tentava persuadir uma jovem judia a relacionar-se com ele, ela o recusava. E as mulheres judias casadas eram fiéis a seus maridos. Não queriam nada com os homens egípcios.

Quando D'us presenciou isso, disse: "O mérito das mulheres judias é enorme. Por causa delas, realizarei milagres para todo povo. Finalmente, libertarei o povo judeu do Egito pelo mérito dessas mulheres justas."

D'us realizou assombrosos milagres para os judeus durante cada uma das dez pragas. Por exemplo, durante a praga do sangue, quando um judeu baixava seu balde dentro de um poço, tirava água, ao passo que um egípcio tirava sangue do mesmo poço! E durante a praga dos sapos, os sapos fugiriam dos judeus, mas saltavam sobre os egípcios. Estes maravilhosos milagres foram realizados pelo mérito das mulheres judias.

D'us fez milagres ainda mais grandiosos para os judeus no Mar Vermelho, quando o Faraó os perseguiu. Mais uma vez, realizou-os em mérito as mulheres judias.

D'us disse a Moshê: "Desejo que todas as esposas judias continuem a ser fiéis a seus maridos, assim como o foram no Egito." A próxima seção nos falará da mulher infiel.

Sotá - A Esposa Infiel

.....
Esta passagem da parashá trata de uma mulher, que como resultado do seu comportamento, deu margem para seu marido suspeitar que cometera adultério, mas não havia provas sobre sua verdadeira culpa ou inocência.

A Torá nos dá um processo milagroso capaz de provar que ela havia pecado e causava sua morte juntamente com a do homem que pecou com ela; ou então, mostrava, sem sombra de dúvida, que ela sempre foi fiel a seu marido, restaurando assim a confiança e amor no casamento.

O judaísmo, assim, enfatiza a definição de um matrimônio: não é um meio conveniente para satisfazer desejos físicos, mas sim um relacionamento santificado que exige fidelidade e pureza.

Este é o único julgamento na Torá que dependia de uma intervenção sobrenatural; era um milagre que ocorria enquanto o povo judeu se manteve num nível espiritual elevado e merecedor. Este processo foi abolido na época do Segundo Templo, quando o povo judeu tinha decaído em seu nível espiritual.

O objetivo deste procedimento era duplo: evitar o adultério e a imoralidade e nutrir a confiança entre marido e esposa. É uma realidade psicológica que, uma vez que um marido suspeita da esposa, não consegue mais confiar nela, mesmo se uma corte de justiça achar que ele se enganou; decisões legais raramente mudam os sentimentos. Somente o testemunho do próprio D'us será suficientemente convincente.

D'us ensinou estas leis a Moshê:

Um homem e uma mulher ficaram a sós por um tempo suficiente para cometerem pecado e de maneira tal que isto tornou-se possível. Antes deste incidente, o marido - baseado num comportamento impróprio de sua esposa - já suspeitava dela e a advertiu: "Não fique sozinha com fulano de tal".

A esposa, porém, ignorou seu pedido. Duas testemunhas afirmam que ambos estiveram juntos e tiveram a oportunidade de cometer o adultério, mas não viram se de fato isto se consumou.

(Se havia uma testemunha afirmando que ela realmente pecou o teste de sotá não era realizado. A mulher também não era testada se foi forçada a esta situação; neste caso era inocente. O teste de sotá não produzia efeito, quando o próprio marido era culpado de infidelidade conjugal).

O marido a leva ao Grande San'hedrin, que é a mais alta corte judaica, com setenta juizes.

"Você pecou com o estranho com quem esteve?" - perguntavam os juizes à mulher.

Se ela responde: "Não", eles diziam: "Você será testada para sabermos se diz a verdade."

A mulher é então trazida perante um cohen.

A Torá chama uma mulher trazida ao San'hedrin pelo marido de "sotá", que significa: "se desviar", ou seja, a mulher que abandonou o comportamento judaico apropriado.

O Cohen Prepara a Mistura de Água

O cohen então preparava uma água especial que a mulher teria de beber. Isso iria testá-la para ver se dizia ou não a verdade.

O cohen pegava a água da bacia no Tabernáculo (kiyor) e a misturava com poeira do chão.

•Por que D'us ordenou que a água fosse apanhada do kiyor?

O kiyor era feito de espelhos de cobre que as mulheres judias doavam. A água do kiyor é dada a uma esposa infiel para lembrá-la que: "Você não agiu como as mulheres judias no Egito, que foram fiéis aos maridos!"

•Por que a poeira é misturada à água?

A poeira sugere a ela: "Você sabe qual é o fim de todos? Seu corpo retorna ao pó. Por isto, faça teshuvá antes que seja tarde!"

O cohen anuncia: "Escreverei novamente num rolo os versículos descrevendo a sotá. Estes versículos contêm o Ilustre Nome de D'us. Apagarei as palavras na água. Você, então, beberá a água."

"Se você é culpada, a água fará seu corpo inchar, e seus membros ficarão fracos. Você morrerá. Por isso, admita agora! Não precisarei então apagar o sagrado nome de D'us na água."

(Ambos, marido e mulher devem perceber a grande lição que D'us nos ensinou neste episódio: Ele permitiu que Seu Nome fosse apagado para restaurar a harmonia de um lar. Portanto, quando há uma discussão entre um casal, cada um deve estar pronto para sacrificar sua dignidade e honra pessoal em prol da paz).

O Cabelo da Sota é Descoberto

Durante este procedimento o cohen descobria o cabelo da mulher. Porque o cabelo da sotá era revelado? Diziam a ela: "Uma mulher judia casada é proibida de aparecer em público com seu cabelo descoberto (Talmud Ketuvot 72a). Você se desviou dos caminhos das filhas judias. Agora, você parecerá uma gentia."

Qual o significado das palavras, "Sua esposa será como uma vinha frutífera nos aposentos interiores do lar; seus filhos como mudas de oliveiras ao redor de sua mesa" (Tehilim 128:3)?

Este versículo promete fertilidade e filhos à esposa que se conduz com modéstia e recato, reservando sua beleza exclusivamente para o marido. A mulher que tem um cuidado especial, cobrindo seus cabelos completamente, merecerá filhos que brilharão como galhos de oliveiras.

Azeitonas podem ser saboreadas frescas ou secas; são comercializadas como iguarias; e o azeite produzido delas é de cor mais clara que qualquer outro óleo. Assim também, estes filhos se destacarão nos estudos da Torá e ainda outros serão comerciantes honestos, seguindo os ensinamentos Divinos em seus negócios.

As folhas da oliveira não caem no verão e nem no inverno, simbolizando que seus descendentes perdurarão para sempre.

Mais ainda, ela faz com que sua família seja abençoada materialmente. Ela e seu marido viverão para ver seus filhos e

.....
netos como o versículo continua: "Merecerás ver os filhos de seus filhos" (Tehilim 128:6).

O Destino da Mulher Infiel

Quando o cohen terminava de advertir a mulher sobre sua punição, ele anotava num rolo de pergaminho as palavras da Torá que disse a ela. Apagava a escrita com água.

Finalmente, dava-lhe a água para beber. Se ela fosse culpada, seu corpo inchava, a face empalidecia e seus membros se enfraqueciam. Ao mesmo tempo, o homem com quem ela pecou também era punido, mesmo sem ter bebido daquela água. A mulher é tirada para fora do Templo Sagrado para então morrer.

Por outro lado, se ela não cometeu pecado algum, a água não lhe causava mal algum. D'us a recompensava pela humilhação que ela havia passado. Para esta mulher as águas agiam como um reconfortante remédio. Seus órgãos se fortaleciam, seu rosto se tornava radiante; se sofria de algum mal, estava curada.

Se era estéril, conceberia um filho. Se tivesse apenas filhas, D'us, agora lhe concederia filhos homens. Se tivesse no passado complicações no parto, agora daria a luz com facilidade. Mais ainda, a Torá lhe prometia um filho especial e tsadic (justo).

A Promessa das Pessoas que Testemunharam a Sota

Muitos judeus que viram o que aconteceu à sotá prometeram: "Nunca mais tocarei em vinho. Pode ser que eu, também, beba demais, e faça algo errado."

D'us disse: "Se um judeu prometer não beber mais vinho, deixe-o cumprir certas leis. Observando estas leis, ele se tornará um nazir", que significa: aquele que se abstém de beber vinho. E ao cumprir as outras leis de um nazir, torna-se uma pessoa santificada. Quais são essas leis?

As Leis de um Nazir

D'us ordenou a Moshê: "Um homem judeu pode prometer tornar-se um nazir, ou uma mulher judia uma nezirá. Aquele que deseja tornar-se um nazir deve observar três leis:

1 - Um nazir não pode beber vinho. Também não pode beber vinagre de vinho, suco de uvas, ou comer qualquer parte de uma uva ou subproduto, como passas.

Se um nazir for visto perto de um vinhedo, as outras pessoas devem adverti-lo: "Não caminhe pelo vinhedo; caminhe ao redor dele! Isso ajudará a impedir que coma uma uva por engano."

2 - Um nazir não pode ter seus cabelos cortados. D'us disse: "Como o nazir prometeu abster-se de vinho para se afastar do pecado, ele também não deve cortar seus cabelos." Por que um nazir é proibido de cortar o cabelo? Um corte de cabelo faz com que a pessoa tenha boa aparência. O nazir deixa seu cabelo crescer longo e à vontade. Ele não dá importância a sua aparência. Ao invés disso, concentra-se em seu comportamento e pensamentos.

3 - Um nazir não pode tocar o corpo de um morto: D'us disse: "Aquele que cumpre as leis de um nazir a meus olhos é tão grandioso e sagrado como um Sumo Sacerdote. Por isso, assim

como o Sumo Sacerdote, ele não pode tornar-se impuro por tocar numa pessoa morta. Não pode nem ao menos enterrar seu pai ou sua mãe."

Por que Alguém Desejaria se Tornar um Nazir?

Esta vontade pode resultar de uma ocorrência pessoal causada pela influência prejudicial do vinho; ou devido às suas convicções que lhe seria benéfico se abster dos prazeres mundanos.

Ele poderia achar também que está tão envolvido na satisfação de seus desejos físicos que não consegue se concentrar no estudo de Torá e cumprimento das mitsvot. Somente uma decisão drástica de alterar seus hábitos, que o force a se abster de entretenimentos e prazeres usuais, poderá transformá-lo.

Ele, então, promete tornar-se um nazir por um determinado período, na esperança que a santidade alcançada através desse processo o elevará espiritualmente, fazendo dele uma pessoa melhor, mesmo após o término de sua nezirut.

Um dos famosos nezirim da nossa história foi Shimshon, Sansão.

Mais Leis do Nazir

Quando alguém promete: "Tornar-me-ei um nazir," sem especificar o tempo, torna-se um nazir por trinta dias. Este é o tempo mínimo para nezirut. Entretanto, a pessoa pode prometer tornar-se nazir por períodos de tempo mais longos, até mesmo para o resto da vida.

O que acontece a um nazir que acidentalmente torna-se impuro durante seus trinta dias de nazir? Por exemplo, se morre uma pessoa na casa em que ele mora? O nazir deve esperar sete dias para tornar-se puro novamente.

No oitavo dia ele oferecia sacrifícios. Começava então o período de trinta dias de nezirut novamente; os dias que tinha mantido até lá não contavam.

Finalmente, quando o nezirut de uma pessoa terminava, ele oferecia sacrifícios especiais. Um deles era uma oferenda pelo pecado (chatat).

O Talmud nos diz que os grandes tsadikim ao tempo do Templo Sagrado tornaram-se nezirim apenas para ter a oportunidade de oferecer uma oferenda pelo pecado! Como jamais pecaram por engano, nunca tiveram a chance de trazer uma oferenda de chatat. Por isso, para dar a D'us este tipo de sacrifício, prometeram tornar-se nezirim.

Ao fim de sua nezirut, o nazir também tinha que raspar todo o cabelo da cabeça e jogá-lo no fogo de um dos sacrifícios.

Havia no Templo Sagrado uma sala especial chamada "lishcat hanezirim", a sala para os nezirim. Era ali que os nezirim raspavam seu cabelo. Raspar todo o cabelo de uma pessoa é bem desagradável. O significado deste ato era lembrar ao nazir que não deveria dar ouvidos ao instinto mal, mesmo após o nezirut ter terminado.

A Bênção dada pelos Cohanim

.....
Em Israel ou numa sinagoga sefaradita fora de Israel, podemos ouvir a bênção dos cohanim todos os dias. Entretanto, numa sinagoga askenazita fora de Israel, a bênção dos cohanim é recitada apenas em Pêssach, Shavuot e Sucot, assim como em Rosh Hashaná e Yom Kipur. A bênção sacerdotal está reservada para estes dias de júbilo.

Quando o chazan (cantor litúrgico) termina a bênção de "Modim" na prece mussaf, ele proclama: "Cohanim!" Todos os cohanim presentes se dirigem à frente da sinagoga.

O chazan é o primeiro que pronuncia cada palavra da bênção vagarosamente. Os cohanim a repetem.

Há três versículos na bênção sacerdotal:

Que D'us te abençoe e te guarde!

Que a face de D'us brilhe sobre ti e que Ele faça que encontre graça (a Seus olhos)!

Que D'us erga Sua face para ti e te dê paz!

No Templo Sagrado, os cohanim pronunciavam o nome de D'us em cada versículo da bênção dos cohanim da maneira como é escrito, por extenso: Yud, Hê, Vav, Hê. Isto é proibido fora do Templo Sagrado.

Nesta parashá, D'us disse a Moshê que ordenasse aos cohanim: "Assim abençoarão os filhos de Israel..."

"Assim" significa que os cohanim devem conceder a bênção da seguinte maneira:

•De pé.

•De mãos erguidas em direção ao céu.

Por que os cohanim também estendem os dedos?

Quando os judeus souberam que os cohanim os abençoariam, protestaram.

"Mestre do Universo," disseram, "por que Tu nos abençoa através de terceiros? Desejamos que Tu nos abençoe diretamente!"

D'us replicou: "Apesar de ter ordenado aos cohanim que os abençoe, Eu também estarei presente."

Por isso, ao recitar estas bênçãos, os cohanim deixam espaços entre os dedos como que para indicar: "O Próprio Todo-Poderoso está presente atrás de nós." No Templo Sagrado, a Shechiná encontrava-se atrás dos ombros dos cohanim, e irradiava através das aberturas entre seus dedos. As pessoas estavam proibidas de olhar para a Shechiná, Presença Divina, durante a recitação da bênção sacerdotal. O costume atual é de não olhar para os cohanim durante a bênção dos cohanim.

Os cohanim também devem:

•Ficar de frente para a congregação.

•Pronunciar a bênção em hebraico.

•No Templo Sagrado, pronunciavam o Nome de D'us, como está escrito.

Antes da bênção dos cohanim, os cohanim recitam a bênção: "Bendito és Tu, D'us, nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com a santidade de Aharon e nos ordenou a abençoar Seu povo de Israel com amor."

Por que Aharon é mencionado nesta bênção?

Os cohanim, descendentes de Aharon, receberam a honra de conceder a bênção da paz pelo mérito de Aharon, que amava a paz e trazia paz onde quer que percebesse discórdia ou contenda.

Porque a Bênção Sacerdotal Inicia-se com a Expressão "Assim"

D'us introduziu a bênção dos cohanim com a expressão "Assim", aludindo a nosso patriarca Avraham, a quem Ele abençoou: "Assim será tua semente." (Bereshit 15:5)

Que bênçãos estas palavras contêm?

Um viajante perdeu-se de sua rota. Caminhava exausto através do deserto quente e abrasador por dias sem fim. Nenhuma estrada, nenhuma casa, nem sinal de vivalma à vista. Já havia bebido a última gota d'água de seu cantil, sua língua grudara ao palato, de sede.

De repente, percebeu uma árvore à distância. Se uma árvore pode sobreviver no solo, pensou, deve haver uma fonte de água por perto.

Para sua alegria, descobriu uma fonte de água fresca perto da árvore. Os galhos estavam carregados de frutas. O viajante bebeu e bebeu da água cristalina, comeu dos frutos e mergulhou num profundo sono à sombra refrescante.

Ao acordar, sentiu-se renovado, pois recuperara as forças.

"Árvore, árvore, como posso lhe agradecer?" exclamou grato. "Gostaria de desejar-lhe que tenha belos galhos, porém já os tem. Abençoa-la-ia com deliciosos frutos? Seus frutos não poderiam ser mais suculentos.

Com sombra refrescante? Já a tem. Com uma fonte de água? A nascente perto de você é pura e cristalina. Você é abençoada com todo tipo de perfeição. Portanto, posso dar-lhe somente uma bênção: que todas suas sementes nasçam e cresçam exatamente iguais a você."

Similarmente, D'us procurava uma bênção para conceder a Avraham. "Avraham", disse, "que bênção posso te dar? Que você seja um tsadic perfeito? Você o é. Você foi lançado à fornalha ardente para santificar Meu Nome; abriu uma pousada para acomodar viajantes e trazê-los para sob as asas da Shechiná; e disseminou Meu Nome pelo mundo inteiro. Que sua esposa seja uma tsadeket? Ela já o é. Que os membros de sua casa sejam tsadikim? Eles já são. Tenho apenas uma bênção para você: 'Assim será sua semente' - que sua semente seja exatamente como você!"

D'us introduziu a bênção dos cohanim com a palavra "Assim", para indicar que a verdadeira bênção ao povo judeu seja que

.....
cada um de seus membros cresça para se tornar como seus patriarcas.

Explicação da Bênção dos Cohanim

Eis aqui uma maneira de explicar a bênção:

Yevarechechá: Que D'us abençoe teus pertences. Quando uma pessoa precisa alimento e outras necessidades indispensáveis, é difícil para ela estudar Torá com tranquilidade. Por isso, a bênção é que tenhamos suficiente sustento. Este versículo promete riqueza material e sucesso.

Veyishmerêcha: Que D'us proteja teus pertences de serem roubados ou danificados. O que acontece com tuas possessões é na verdade determinado por D'us.

Um corajoso soldado prestou inestimáveis serviços a seu país. Foi convocado a receber a condecoração das mãos do imperador. Este presenteou-o com um baú contendo cem moedas de ouro valiosíssimas. Muito contente por já Ter feito fortuna, o soldado acomodou o baú sob a sela de seu cavalo e partiu para casa. Enquanto cavalgava por uma trilha deserta na montanha, salteadores de repente o atacaram. Subjugaram-no e tomaram seu baú.

Desta maneira, sua fortuna se foi tão rápido quanto viera.

Um rei que dá dinheiro ou posses a alguém nunca pode assegurar-se completamente contra danos, roubo, perda, doenças ou morte, cuja ocorrência impediria o beneficiado de usufruir de seu presente.

Somente o Rei dos Reis pode dar tal garantia. Portanto, após prometer bens materiais, D'us garante que Ele nos guardará de qualquer infortúnio que possa impedir nossa capacidade de nos beneficiarmos dela.

Além disso, a palavra "Veyishmerêcha - Te guarde", também refere-se à proteção contra o yêts'er hará, a má inclinação.

Riqueza material gera novos tipos de desejos. Dinheiro gasto com luxos torna-se uma maldição ao invés de bênção. As palavras "Que Ele te abençoe com riqueza," são seguidas, portanto, de "e te guarde", do abuso, ao despendê-lo com luxos. Em vez disso, que você utilize sabiamente o dinheiro para Torá e mitsvot.

O primeiro versículo da bênção sacerdotal contém três palavras, correspondendo aos três patriarcas, Avraham, Yitschac e Yaacov. Suplicamos a D'us que Se lembre de Sua aliança com os patriarcas.

Uma Explicação do Segundo Versículo da Bênção dos Cohanim

Yaer: "Que a face de D'us brilhe sobre ti" significa: Que D'us ouça tuas preces quando rezares a Ele e te dê entendimento ao estudar Torá.

Vichunêca: Que Ele faça isso por ti, mesmo que não o mereças.

Qual o significado da palavra "vichunêca"?

A palavra chen - graça (também relativa à chinam - gratuito) denota uma ligação e apego que não se originam da lógica ou da razão.

Este conceito é assim esclarecido nas palavras de nossos sábios:

"Há três exemplos comuns de apego inexplicável:

- Um marido acha sua esposa graciosa.

- Uma pessoa acha sua cidade natal especialmente encantadora (apesar dos outros poderem considerá-la um local desagradável para se viver).

- Um comprador sente um apego especial ao objeto que adquiriu."

Em todos os três casos, a relação está além da compreensão lógica. Baseia-se tão somente sobre um afeto especial com o qual a pessoa se refere à outra ou a objetos. Similarmente, pedimos a D'us que conceda-nos Sua bênção, mesmo se não somos merecedores. Queremos ser abençoados como um presente de graça, por causa do amor de D'us por Israel.

Este versículo contém cinco palavras, que correspondem aos cinco Livros da Torá. A Torá foi dada em mérito dos três patriarcas, cuja alusão é feita através das três palavras do primeiro versículo.

Uma Explicação Sobre o Terceiro Versículo da Bênção dos Bohanim

Yissá: Que D'us te dê total atenção, estejas onde estiveres. Ele te guardará de todos os infortúnios. Esta é a bênção de Divina Providência; D'us está atento e observa cada uma de nossas atividades.

Veyassêm lechá shalom: D'us te dará paz. Não serás atacado pelas más inclinações ou prejudicado por outros, de quaisquer outros modos.

Este terceiro versículo é o ápice dos dois anteriores. Desejamos as bênçãos materiais (Yevarechechá) e espirituais (Yaer) apenas com o objetivo de adquirir a bênção final de proximidade com D'us; traduzidas em bondade e paz. "Que D'us erga Seu semblante para ti" denota total interesse pessoal de D'us com cada judeu, o relacionamento mais próximo possível, o qual foi prometido ao povo judeu. (Agora, no exílio, D'us "oculta" Sua face.)

Todas as nossas bênçãos são concluídas com "paz", pois não é possível desfrutar de qualquer outra bênção, a não ser que a pessoa esteja em paz.

Este terceiro versículo contém sete palavras, sugerindo os sete céus, em alusão ao que os cohanim desejam ao povo judeu: "Que Ele, que reside nos sete céus o abençoe."

Quem Recebeu o Poder de Abençoar os Outros?

D'us disse: "No início, apenas Eu podia abençoar as pessoas. Abençoei Adam (Adão) e Chava (Eva): 'Multiplicai sobre a Terra.'"

"Abençoei Nôach (Noé) e seus filhos quando deixaram a arca e começaram a reconstruir o mundo."

"Abençoei Avraham. Disse-lhe: 'Como és um grande tsadic, transferirei a ti o poder de abençoar os outros. Aquele a quem abençoares, será também abençoado.'"

.....
Antes de Avraham morrer, quis abençoar seu filho Yitschac. Mas pensou: "Se eu abençoar Yitschac, meu outro filho, Yishmael, pedirá também uma bênção. Yishmael não merece ser abençoado."

Avraham era similar a um jardineiro em cujo jardim cresciam arbustos com deliciosos frutos, mas estavam entremeados com os galhos de plantas venenosas que cresciam perto deles. O jardineiro pensou: "Se eu regar o arbusto frutífero, farei com que a planta venenosa cresça também." Por isso, não molhou o arbusto frutífero.

Da mesma forma, Avraham não ousou abençoar Yitschac antes de morrer. Não desejava ter que abençoar Yishmael também.

Após a morte de Avraham, o próprio D'us abençoou Yitschac. O poder de conceder bênçãos foi então transferido para Yitschac.

Yitschac deu a bênção principal a Yaacov, e não a Essav. Yaacov recebeu o poder de abençoar as pessoas. Abençoou todos seus doze filhos antes de morrer.

D'us disse a Moshê: "De agora em diante as bênçãos serão concedidas pelos cohanim. Quando eles abençoarem o povo judeu com os versículos mencionados, Eu realizarei suas bênçãos."

As Doações dos Líderes das Tribos para o Tabernáculo

Os Líderes das Tribos Doam Carroças para o Tabernáculo

Na Parashá Shemini no Livro de Vayicrá, aprendemos sobre os eventos ocorridos no oitavo dia da consagração do Tabernáculo. Agora a Torá nos diz mais sobre o que aconteceu:

Os líderes das tribos desejavam doar algum objeto para o serviço do Tabernáculo. Por que razão? Quando Moshê anunciou que cada judeu poderia doar materiais para a construção do Tabernáculo, os líderes não reagiram generosamente.

"Deixe que cada judeu doe o que quiser, e providenciaremos o que ficar faltando," declararam eles. Entretanto, logo perceberam que tinham cometido um erro. O povo correspondeu com tantos presentes e tal entusiasmo que não havia sobrado nada para que os líderes doassem.

Finalmente descobriu-se que as pedras preciosas para o peitoral ainda estavam faltando. Os líderes então as forneceram. Mas eles ainda estavam tristes. Queriam dar uma compensação para seu erro. O que mais poderiam doar para o Tabernáculo?

Finalmente, tiveram uma idéia: "As tábuas e os materiais do Tabernáculo são pesados demais para que os levitas os carreguem. Vamos dar-lhes carroças nas quais poderão colocar os objetos, e animais para puxá-las."

Os líderes das tribos decidiram doar seis carroças e doze bois para puxá-las.

D'us ordenou a Moshê: "Aceite as carroças e os bois dos líderes. Louve-os pelas doações. Diga-lhes: 'Foi uma idéia maravilhosa ajudar no transporte das partes do Tabernáculo. Considero isso tão notável como se vocês tivessem Me ajudado a carregar o mundo todo!'"

Os Líderes das Tribos Doam Oferendas para Consagrar o Altar

Os líderes ainda estavam tristes. O que mais poderiam doar para o Tabernáculo?

Um deles, o líder da tribo Yissachar, cujos membros eram particularmente sábios, tinham um plano: "Deixe-nos doar animais para inaugurar o grande altar de cobre com oferendas especiais!" Os líderes das tribos aprovaram a idéia.

Discutiram que tipo de animal dariam e por fim decidiram: "Cada líder doará exatamente as mesmas oferendas. Assim, a contribuição será igual para todos os líderes."

D'us aprovou. Os líderes se preocupavam com os sentimentos uns dos outros e mostravam respeito mútuo.

D'us disse a Moshê: "Aceite as oferendas dos líderes para consagrar o altar. Eles oferecerão seus sacrifícios em dias diferentes, começando no oitavo dia dos dias de consagração do Tabernáculo."

Moshê perguntou a D'us: "Quem oferecerá primeiro os sacrifícios? O líder da tribo de Reuven, a mais antiga, ou o líder da tribo de Yehudá, a tribo que viaja em primeiro lugar?"

"O líder de Yehudá será o primeiro," decidiu D'us.

As Oferendas dos Líderes para a Consagração do Altar

Eis aqui a doação de cada um dos doze líderes para a consagração do altar:

1 - Uma bandeja de prata pesando 130 shekel. Estava repleta de farinha com azeite, como uma oferenda de minchá.

2 - Uma fina tigela de prata pesando 70 shekel. Estava também cheia de farinha e azeite para uma minchá.

3 - Uma colher de ouro. Estava cheia de incenso.

4 - Uma oferenda de olá, consistindo de um touro, um carneiro e um cordeiro.

5 - Uma oferenda de chatat, consistindo de um bode.

6 - Uma oferenda de shelamim, consistindo de dois bois, cinco carneiros, cinco bodes e cinco cordeiros.

A Torá repete os presentes dos líderes das tribos por doze vezes. Isso nos mostra que cada oferenda dos líderes era igualmente importante aos olhos de D'us.

Moshê Ouve a Voz de D'us Vinda da Arca

Ao final da Parashá, ouvimos que Moshê entrou no Tabernáculo, e escutou a voz de D'us. D'us enviou um pilar incandescente do céu. Permaneceu entre os dois keruvim sobre a arca. A voz de D'us vinha deste pilar. Embora a voz fosse alta e poderosa, ninguém exceto Moshê pôde ouvi-la.

Por que a Torá menciona este privilégio especial de Moshê aqui?

Moshê era a única pessoa que nada doou ao Tabernáculo; D'us não lhe pediu que contribuísse. Mas quando viu os líderes

.....
oferecendo suas oferendas, sentiu-se entristecido. Ele também desejava dar um presente para o Tabernáculo.

Entretanto, a Torá nos diz que Moshê foi na verdade mais notável que os líderes das tribos. Apenas ele pôde entrar no Tabernáculo e escutar a voz de D'us.

Sotá: A esposa infiel

Essa passagem da parashá trata de uma mulher que, como resultado do seu comportamento, deu margem para seu marido suspeitar que ela cometeu adultério, mas não há provas de sua culpa ou inocência.

A Torá descreve um processo milagroso que ocorria em épocas passadas e que provava se ela pecou e causará sua morte juntamente com a do homem que pecou com ela; ou então, mostrará sem sombra de dúvida que ela sempre foi fiel, restaurando assim a confiança e o amor no casamento.

O judaísmo, assim, enfatiza a definição de um matrimônio: não é um meio conveniente para satisfazer desejos físicos, mas sim um relacionamento santificado que exige fidelidade e pureza.

Esse é o único julgamento na Torá que dependia de uma intervenção sobrenatural; era um milagre que ocorria enquanto o povo judeu se manteve num nível espiritual elevado e merecedor. Esse processo foi abolido na época do Segundo Templo, quando o povo judeu tinha decaído.

O objetivo desse procedimento era duplo: evitar o adultério e a imoralidade, e nutrir a confiança entre marido e mulher. É uma realidade psicológica que, uma vez que um marido suspeita da esposa, não consegue mais confiar nela, mesmo se uma corte de justiça achar que ele se enganou; decisões legais raramente mudam os sentimentos. Somente o testemunho do próprio D'us será suficientemente convincente.

Hashem ensinou estas leis a Moshê:

Um homem e uma mulher ficaram a sós por um tempo suficiente para terem pecado e de maneira tal que isso fosse possível. Antes desse incidente, o marido - baseado num comportamento impróprio de sua esposa - já suspeitava dela e a advertiu: "Não fique sozinha com fulano de tal." A esposa, porém, ignorou seu pedido. Duas testemunhas afirmam que ambos estiveram juntos e tiveram a oportunidade de cometer o adultério, mas não viram se de fato isso se consumou.

Se havia uma testemunha afirmando que ela realmente pecou, o teste de sotá não era realizado. A mulher também não era testada se foi forçada a essa situação; nesse caso era inocente. O teste de sotá não produzia efeito quando o próprio marido era culpado de infidelidade conjugal.

O marido a leva ao Grande San'hedrin, que é a mais alta corte judaica, com setenta juízes. "Você pecou com o estranho com quem esteve?" perguntam os juízes à mulher.

Se ela responde: "Não", os juízes dizem: "Você será testada para sabermos se diz a verdade." A mulher é então trazida perante um cohen.

A Torá chama uma mulher trazida ao San'hedrin pelo marido de sotá, que significa desviar-se, ou seja, a mulher que abandonou o comportamento judaico apropriado.

O cohen prepara a mistura de água

O cohen então prepara a água especial que a mulher terá de beber. Isso irá testá-la para ver se é ou não pura. O cohen pega água do kiyor (bacia no Mishcan) e a mistura com poeira do chão.

• Por que Hashem ordenou que a água fosse apanhada do kiyor? O kiyor era feito de espelhos de cobre que as mulheres judias doaram. A água do kiyor é dada a uma esposa infiel para lembrá-la de que: "Você não agiu como as mulheres judias no Egito, que foram fieis aos maridos!"

• Por que a poeira é misturada à água? A poeira sugere a ela: "Você sabe qual é o fim de todos? Seu corpo retorna ao pó. Por isto, faça teshuvá antes que seja tarde!"

O cohen anuncia: "Escreverei novamente num rolo os versículos descrevendo a sotá. Esses versículos contêm o ilustre Nome de Hashem. Apagarei as palavras na água. Você, então, a beberá. "Se você é culpada, a água fará seu corpo inchar e seus membros ficarão fracos. Você morrerá. Por isso, admita agora! Não precisarei então apagar o sagrado nome de Hashem na água."

Ambos, marido e mulher devem perceber a grande lição que Hashem nos ensinou nesse episódio: Ele permitiu que Seu Nome seja apagado para restaurar a harmonia de um lar. Portanto, quando há uma discussão entre o casal, cada um deve estar pronto para sacrificar sua dignidade e honra pessoal em prol da paz.

O cabelo da sotá é descoberto

Durante esse procedimento o cohen descobria o cabelo da mulher. Porque o cabelo da sotá era revelado? Diziam a ela: "Uma mulher judia casada é proibida de aparecer em público com o cabelo descoberto. Você se desviou dos caminhos das filhas judias e agiu como uma não-judia. Agora, você parecerá uma gentia."

Qual o significado das palavras, "Sua esposa será como uma vinha frutífera nos aposentos interiores do lar; seus filhos como mudas de oliveiras ao redor de sua mesa" (Tehilim 128:3)?

Esse versículo promete fertilidade e filhos à esposa que se conduz com modéstia e recato, reservando sua beleza exclusivamente para o marido. A mulher que tem um cuidado especial, cobrindo seus cabelos completamente, merecerá filhos que brilharão como galhos de oliveiras. Azeitonas podem ser saboreadas frescas ou secas; são comercializadas como iguarias; e o azeite produzido delas é de cor mais clara que qualquer outro óleo.

Assim também, esses filhos se destacarão nos estudos da Torá e ainda outros serão comerciantes honestos, seguindo as ensinamentos Divinos em seus negócios. As folhas da oliveira não caem no verão e nem no inverno, simbolizando que seus descendentes perdurarão para sempre.

.....
Mais ainda, ela faz com que sua família seja abençoada materialmente. Ela e seu marido viverão para ver seus filhos e netos como o versículo continua: "Ur'ê banim levanecha - Merecerás ver os filhos de seus filhos." (Tehilim 128:6)

O destino da mulher infiel

Quando o cohen termina de advertir a mulher sobre sua punição, ele anota num rolo de pergaminho as palavras da Torá que disse a ela. Apaga a escrita com água. Finalmente, dá-lhe a água para beber. Se ela for culpada, seu corpo incha, a face empalidece e seus membros se enfraquecem. Ao mesmo tempo, o homem com quem ela pecou também é punido, mesmo se não bebeu daquela água. A mulher é tirada do Bet Hamicdash para então morrer.

Por outro lado, se ela não cometeu pecado algum, a água não lhe causa nenhum mal. Hashem a recompensa pela humilhação que ela passou. Para essa mulher as águas agem como um reconfortante remédio.

Seus órgãos se fortalecem, seu rosto se torna radiante; se sofria de algum mal, estava agora curada. Se era estéril, agora conceberia um filho. Se tivesse apenas filhas, Hashem agora lhe concederia filhos homens. Se tivesse no passado complicações no parto, agora daria à luz com facilidade. Mais ainda, a Torá lhe prometia um filho especial e tsadic.

A promessa das pessoas que testemunharam a sotá

Muitos judeus que viram o que aconteceu à sotá prometeram: "Nunca mais tocarei em vinho. Pode ser que eu também beba demais, e faça algo errado."

Hashem disse: "Se um judeu prometer não beber mais vinho, deixe-o cumprir estas leis. Observando-as, ele se tornara um nazir", que significa: aquele que se abstém de beber vinho. E ao cumprir as outras leis de um nazir, torna-se uma pessoa santificada.

Como pode uma pessoa pecar?

Sotá: A Mulher Infiel

A Parashá Nassô contém o trecho da sotá – uma esposa cujo comportamento é impróprio.

Ao analisar o conceito com mais profundidade, descobrimos o simbolismo por trás das palavras da Torá, em que o marido refere-se a D'us, e a esposa representa o povo judeu.

Sobre o versículo: "Se a esposa de um homem se desvia", nossos Sábios comentam: "Um indivíduo só peca se um 'espírito de tolice' o penetra". No hebraico, a palavra "tolice" está etimologicamente ligada à palavra que significa "sair do caminho".

Com essa afirmação nossos Sábios tentaram explicar um fenômeno que escapa à nossa compreensão: como pode um judeu pecar? Como pode um fato tão absurdo ocorrer? Todo e qualquer judeu, devido a sua alma Divina, tem uma ligação profunda com D'us.

Como então pode ele se permitir cometer uma transgressão, que é algo que o separa de sua Fonte Superior?

A resposta para isso é "o espírito de tolice", uma força externa que, temporariamente, assume o controle e oculta a fé de um judeu. O "espírito de tolice" impede que o judeu perceba a verdadeira consequência de suas ações – o desligamento de D'us que o pecado provoca. Se um judeu estivesse consciente disso o tempo todo, jamais conseguiria desobedecer a uma ordem Divina.

O que é, exatamente, esse "espírito de tolice"?

Nada mais, nada menos que o desejo de gratificação física, o que diminui a percepção espiritual.

Consequentemente, a pessoa imagina que nada vai acontecer se cometer um pecado, e que continuará tão ligada a D'us quanto estava antes. Seu desejo de gratificação a cega a ponto de até mesmo a mais leve das infrações prejudicar sua ligação com D'us.

O lado reverso desse princípio é que mesmo quando um judeu peca, isso não significa que ele seja uma pessoa ruim. Sua natureza é boa, e seu desejo mais profundo é obedecer a vontade de D'us. É o "espírito de tolice" que é o culpado, um fator externo que é estranho à sua própria natureza. No sentido figurativo, D'us é comparado a um marido do povo judeu.

Um judeu que comete um pecado assemelha-se a uma esposa, cujo comportamento impróprio despertou a suspeita do marido. Não há certeza de que a sotá tenha cometido um pecado. Ela simplesmente se comportou de um modo que levantou suspeitas e dúvidas.

E do mesmo modo que uma sotá é recompensada quando é considerada inocente – "mas se estiver pura conceberá semente (terá bons partos)" – D'us promete que todo judeu acabará por se arrepender e retornar a Ele, pois a natureza íntima de um judeu permanece sempre fora do alcance do pecado.

Em Likrat Shabat on line da Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch

Adaptado de "Likutê Sichot" do Rebe, Vol. 2.

(L'Chaim Weekly, www.lchaimweekly.org)

Harmonia Pessoal e Global

Um dos conceitos mais eloquentes no pensamento místico é o fenômeno microcosmo/macrocosmo. O ser humano é um "universo em miniatura", refletindo todo aspecto do mundo em geral, e o universo é um organismo gigante.

O motivo para essa conexão intrínseca entre seres humanos e o universo é porque o universo foi criado para que nós o refinemos e elevemos. Assim, uma cópia de todo detalhe do universo existe dentro de cada ser humano. Ao refinar aspectos diferentes da nossa vida pessoal, também refinamos cada dimensão respectiva correspondente no universo.

De certa maneira isso introduz uma dimensão inteiramente nova no princípio antrópico. O princípio antrópico declara que vivemos num universo bem sintonizado para permitir a existência da vida como a conhecemos. O universo parece ter sido feito sob medida para a vida humana.

.....
Se quaisquer uma das constantes físicas básicas fossem diferentes, então a vida como a conhecemos não seria possível. O conceito do microcosmo explica que o ser humano e o universo são cópias entrelaçadas e interdependentes entre si.

Saber que somos um microcosmo do universo também nos habilita a lidar com os eventos do mundo acontecendo ao nosso redor. Embora sutil, a harmonia em nossa vida pessoal ajuda a trazer harmonia ao mundo. Talvez não possamos sentir o “efeito borboleta” do nosso comportamento sobre o universo, e seu efeito nem sempre é direto e aberto.

Apesar disso, aprendemos com absoluta certeza que nossas ações têm um efeito cascata no mundo. Portanto, não somos vítimas das circunstâncias dos eventos do mundo; temos o poder de mudá-lo mundo. Assim como nos refinamos, de alguma maneira também refinamos o universo.

Essa mensagem é poderosamente relevante hoje, quando lutamos para entender as complexidades do mundo ao qual fomos subitamente jogados. A resposta à maior pergunta de todas: “O que posso fazer sobre os conflitos do nosso tempo?” é que nossas escolhas pessoais nos ajudam a afetar os eventos globais.

Obviamente, devemos primeiro entender a raiz da alma dos atuais levantes para que possamos reconhecer seus paralelos espelhados em nossa vida pessoal. Podemos então, por nossa vez, reparar ou refinar aquela área específica de nossa vida.

As atuais batalhas no Oriente Médio e no resto do mundo refletem em seu contexto a rejeição dos alicerces da civilização que nos foi outorgada no Sinai há mais de 3 mil anos, especificamente a proibição absoluta contra o assassinato.

Para entender claramente os eventos atuais precisamos voltar às suas raízes. Como disse Churchill: “Quanto mais longe no passado se puder olhar, mais adiante você pode enxergar.”

O Sinai é chamado Tiferet. Ele nos dotou com a capacidade de fundir o sagrado e o secular, e atingir o equilíbrio adequado entre espírito e matéria. Ao rejeitar o Sinai, as nações demonstraram que ainda não estavam prontas para aceitar a fórmula para a completa integração entre céu e terra. Mas com a passagem do tempo, eles abraçariam o Sinai, embora com muitas reservas e distorções.

Ali estão as raízes espirituais dos conflitos de hoje. As nações do mundo têm de uma vez por todas abraçar o legado do Sinai – o projeto Divino para vivermos nossa vida, e como coexistir com os outros, mesmo quando são de diferentes origens, cor, credo e convicções.

Especificamente a mensagem do Sinai deve ser abraçada no que diz respeito ao método adequado de integrar as crenças espirituais/religiosas com um mundo material e secular, sem que um destrua o outro, o que tem acontecido com frequência na história. De maneira alguma esta lição é limitada aos filhos de Ishmael (as nações árabes/muçulmanas).

Inclui também o Ocidente cristão e outras nações do mundo, de fato, como ainda não temos um mundo no qual “as espadas serão transformadas em arados”, todos os povos, incluindo a nação judaica, são responsáveis por ensinar e disseminar a ordem do

Sinai, até que se torne o fator que define como viver nossas vidas. Equilíbrio, harmonia – Tiferet – é o ponto-chave.

Como isso se traduz na nossa vida pessoal?

Usarei um exemplo pessoal.

Há poucas semanas escrevi um artigo (Você é Amado) no qual compartilhei a história de um homem que nunca foi amado quando criança. Infelizmente, isso se tornou um fenômeno comum nos nossos tempos. Muitas pessoas jamais receberam a criação saudável a que toda criança tem direito.

E então, pelo resto da vida eles ficam numa busca desesperada por aquele amor perdido. A profunda solidão, a autocrítica que isso causa, são impossíveis de descrever.

Neste artigo, afirmei que um dos elementos importantes da intervenção tem de incluir o fato de que nosso verdadeiro valor vem de dentro – da nossa alma, não de nossos pais ou de outras pessoas.

Quando descrevi como as palavras doloridas desse homem solitário quebraram meu coração, mencionei que vesti “uma armadura de ferro” para não chorar.

Recebi alguns e-mails perguntando por que a “armadura de ferro”? “Não teria sido mais apropriado mostrar a ele amor e sensibilidade, em vez de se afastar e se proteger?” foi a pergunta que recebi. Um escritor disse dessa maneira: “Acho que aquele homem teria recebido mais do seu coração partido que da sua armadura de ferro.

As pessoas como nós já têm suficientes armaduras e com o devido respeito, a necessidade de uma armadura de ferro é para você, não para nós.

Já conhecemos esses sentimentos e temos lidado com o sofrimento deles durante anos e tentado viver algo parecido com uma vida, apesar deles.”

Legítimo, um ponto muito legítimo.

No entanto, não compartilhei a história inteira, que é por que acabei parecendo insensível como pareci. Eu esperava que ninguém iria me acusar de ser grosseiro, mas vejo que se você não escreve todos os detalhes, suas intenções podem ser mal-interpretadas.

Portanto, permita-me dizer isso. A toda vez que alguém me consulta sobre um assunto emotivo pessoal, vejo-me enfrentando um dilema. Por um lado, você deve mostrar profunda empatia.

Por outro lado, se você é sensível, em sua empatia pode às vezes ser dominado pela emoção quando se coloca no lugar da pessoa que foi magoada, e você revive as experiências dela. Quando você é tão atingido, fica difícil manter sua compostura numa maneira que lhe permita oferecer apoio objetivo.

Devo confessar que ainda tenho de dominar esse equilíbrio. Algumas vezes fico tão comovido pelo sofrimento e perda de outra pessoa, que não consigo me afastar e dar uma opinião adequada. Daí a necessidade de uma “armadura de ferro”, não apenas para me proteger, mas principalmente para me manter em

.....
uma relativa distância para apresentar uma perspectiva nova e poder ajudar.

O equilíbrio necessário entre empatia (chessed/bondade) e distância (guevura/severidade) é um exemplo de Tiferet. Há aqueles que ficam tão próximos emocionalmente de um cliente que não podem mais dar bons conselhos. Há aqueles profissionais que estão tão distantes e afastados que seus clientes não podem se identificar com eles.

Praticamente toda área da vida tem de uma maneira ou outra o conflito entre esses dois polos. Veja os relacionamentos. Para que um relacionamento seja sadio, você precisa equilibrar-se entre dois extremos. 1/Proximidade e intimidade, 2/ Limites.

Um relacionamento é guiado pela proximidade entre duas pessoas, Mesmo assim, muitas vezes vemos que pessoas podem se destruir com amor. Você pode amar outra pessoa e não saber como oferecer isso de uma maneira que o outro possa contê-lo. O amor também pode apagar os limites. Para o amor ser completo a individualidade de cada pessoa não pode ser comprometida.

Como você equilibra entre intimidade e limites? Tiferet é a resposta. Tiferet mescla e harmoniza o transbordar de amor de Chessed com a disciplina de Guevura. Tiferet possui este poder introduzindo uma terceira dimensão – a dimensão da verdade, que não é amor nem disciplina, e portanto pode integrar os dois. Tiferet é sobre olhar para o que é certo e verdadeiro, em vez daquilo que está lá para você.

A verdade é acessada por meio do altruísmo (bitul, anulação); elevando-se acima do seu ego e suas predisposições, permitindo que perceba a verdade.

A verdade lhe dá um quadro claro e objetivo das suas necessidades e das necessidades dos outros. Essa qualidade dá nome a Tiferet, que significa beleza: mistura-se com as cores diferentes de amor e disciplina, e esta harmonia o torna belo.

Esse equilíbrio definitivamente tem peso quando se trata de assuntos religiosos. Muitas vezes (desejamos que não fosse tão comum) as pessoas ficarem tão apegadas aos seus princípios religiosos que comprometem o respeito pelas outras pessoas.

Certo, os princípios religiosos são absolutos e incluem a responsabilidade de censurar o próximo. Porém, há leis muito específicas sobre como essa censura deve ocorrer, e jamais é sobre invalidar outro ser humano e sua autonomia, e nunca sobre julgar outra pessoa (“Sempre olhe para as pessoas com mérito” – “Não julgue o outro até que você esteja em seu lugar”).

Deve sempre vir com respeito, e acima de tudo, deve-se tomar muito cuidado para não permitir que sua personalidade interfira. Antes de falar sobre as faltas de outra pessoa, você deve assegurar que suas intenções são absolutamente puras – não vindas da sua fraqueza, insegurança, sua necessidade de criticar, sua maldosa observação da falha de outro ser humano.

Finalmente, esse equilíbrio Tiferet se origina de nosso relacionamento com D'us, que também precisa de um equilíbrio entre amor e reverência (Ahavat Hashem e Yirat Hashem). Um relacionamento com D'us precisa sentir um senso de proximidade e amor (ahava, chessed) e senso de reverência e distância (yirah, guevura), reconhecendo que D'us está além de nós.

Todos os nossos conflitos chegam a um equilíbrio entre esses dois polos. Incluindo nossa suprema luta entre o material e o espiritual, entre o sagrado e o secular.

É mais fácil optar por um polo ou pelo outro. Escolher espiritualidade ascética ou imersão material. Porém, uma vida saudável somente é possível quando equilibramos e integramos os dois mundos. Este é o desafio do nosso tempo – tanto pessoal quanto global.

Especialmente à luz de nossas conquistas tecnológicas, um grande esquismo tem emergido entre nossa prosperidade material e vida fácil e os nossos problemas pessoais e psicológicos, entre a unidade tecnológica sem precedentes e a desunião pessoal sem paralelos. Todos nós temos, em microcosmo, o conflito entre alma e corpo. Entre religião e sensibilidade. Entre D'us e o universo.

Da próxima vez, antes de você julgar alguém, pense sobre o efeito cascata que isso tem sobre o mundo. Sim, você pode não ser um terrorista ou estar cometendo outra atrocidade. Porém, até falar mal sobre os outros é chamado uma forma sutil de “assassinato”.

O Baal Shem Tov nos diz que somos como espelhos. Todo evento que vivemos é na verdade um reflexo da nossa própria vida. Isso vem nos ensinar uma lição que precisamos aprender e consertar. Quando vemos os eventos globais abalando o mundo, eles também devem abalar nosso mundo interior.

Embora não possamos comparar nossas próprias iniquidades com os terríveis eventos no Oriente Médio, devemos tirar lições desses eventos que nos ajudem a desenvolver a própria sensibilidade.

Lições que nos ensinem a enfrentar nossas próprias batalhas – em nossa busca pelo equilíbrio e harmonia. E então aprendemos que nosso esforço individual muda o mundo. Quando mudamos o microcosmo, o macrocosmo é diretamente afetado.

Maimônides escreve: uma pessoa deve ver a si própria e ao mundo como igualmente equilibrados nos dois lados da balança; ao fazer uma boa ação, ela inclina a balança e traz para si e para o mundo inteiro a redenção e a salvação (Leis do Arrependimento, 3:4). Se cada um de nós melhorar seu próprio equilíbrio Tiferet, mudaríamos a paisagem do mundo. Afinal, o mundo é simplesmente bilhões de indivíduos iguais a você e a mim.

A Bênção dos Cohanim

No Templo Sagrado, os cohanim pronunciavam o nome de D'us em cada versículo da bênção da maneira como é escrito o Nome, por extenso: Yud, Hê, Vav, Hê. Isto é proibido fora do Templo Sagrado.

Atualmente, em Israel ou numa sinagoga sefaradita fora de Israel, podemos ouvir a bênção dos cohanim todos os dias. Entretanto, numa sinagoga askenazita fora de Israel, a bênção dos cohanim é recitada somente em datas especiais como Pêssach, Shavuot, Sucot, Rosh Hashaná e Yom Kipur.

Quando o chazan (cantor litúrgico) termina a bênção de "Modim"

.....
na prece mussaf, ele proclama: "Cohanim!" Todos os cohanim presentes se dirigem à frente da sinagoga.

O chazan é o primeiro que pronuncia cada palavra da bênção que inclui três versículos vagarosamente. Os cohanim a repetem:

"Que D'us te abençoe e te guarde!

Que a face de D'us brilhe sobre ti e que Ele faça que encontre graça (a Seus olhos)!

Que D'us erga Sua face para ti e te dê a paz!"

A Torá descreve na Parashá de Nassô que D'us fala a Moshê que ordene aos cohanim: "Assim abençoarão os filhos de Israel..."

De que forma? De pé e de mãos erguidas em direção ao céu.

Por que os cohanim também estendem os dedos? Quando os judeus souberam que os cohanim os abençoariam, protestaram. "Mestre do Universo," disseram, "por que Tu nos abençoa através de terceiros? Desejamos que Tu nos abençoe diretamente!" D'us replicou: "Apesar de ter ordenado aos cohanim que os abençoe, Eu também estarei presente." Por este motivo, ao recitar estas bênçãos, os cohanim deixam espaços entre os dedos que indicam que o Todo Poderoso, Ele próprio está presente "atrás de nós."

No Templo Sagrado, a Shechiná encontrava-se atrás dos ombros dos cohanim, e irradiava através das aberturas entre seus dedos. As pessoas estavam proibidas de olhar para a Shechiná, Presença Divina, durante a recitação da bênção sacerdotal. O costume atual é de não olhar para os cohanim durante a bênção dos cohanim.

Ao recitar a bênção, os cohanim ficam de frente para a congregação, pronunciam as palavras em Hebraico e antes dela fazem uma berachá: "Bendito és Tu, D'us, nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com a santidade de Aharon e nos ordenou abençoar Seu povo de Israel com amor."

Os cohanim, descendentes de Aharon, receberam a honra de conceder a bênção da paz pelo mérito de Aharon, que amava a paz e trazia paz onde quer que percebesse discórdia e obtinha sucesso.

D'us introduziu a bênção dos cohanim com a expressão "Assim", aludindo ao patriarca Avraham, a quem Ele abençoou: "Assim será tua semente." (Bereshit 15:5)

D'us falou a Avraham: "Avraham, que bênção posso te dar? Que você seja um tsadic perfeito? Você o é. Você foi lançado à fogueira ardente para santificar Meu Nome; abriu uma pousada para acomodar viajantes e trazê-los parar sob as asas da Shechiná; e disseminou Meu Nome pelo mundo inteiro.

Que sua esposa seja uma tsadeket? Ela já o é.

Que os membros de sua casa sejam tsadikim? Eles já o são.

Tenho apenas uma bênção para você: 'Assim será sua semente' - que sua semente seja exatamente como você!"

Os Levitas

Por Yanki Tauber

Céu ou terra? O kolel ou o kibutz? Somos um povo espiritual cuja vida física é um desafio a ser superado ou, na melhor das hipóteses, uma ferramenta a ser explorada na busca de metas espirituais, ou somos jardineiros encarregados por nosso Criador da tarefa de cuidar e cultivar o mundo no qual fomos colocados?

Nós, judeus, temos debatido o assunto desde que começamos a ser um povo. Não foi esta a primeira mensagem que Moshê nos trouxe do Monte Sinai, que D'us deseja que nos tornemos Seu "reino de sacerdotes" e Seu "povo santo"? Por outro lado, olhe para a Torá que Ele terminou por nos dar naquela mesma montanha - 613 mandamentos, "dos quais praticamente todos falam de coisas materiais e assuntos deste mundo" (Tanya cap. 4).

Por um lado, a Torá conclama: "Sejam santos, pois Eu, seu D'us, sou santo" (Vayicrá 19:2); por outro lado, o profeta exorta: "Ele não criou o mundo para tohu ('caos' e 'transcendência'); Ele o criou para ser colonizado" (Yeshay'áhu 45:18), e três vezes ao dia proclamamos na prece Aleinu a declaração da missão: "Aperfeiçoar o mundo sob a soberania do Todo-Poderoso."

Por um lado, temos a opinião expressa por Rabban Gamliel no segundo capítulo de Ética dos Pais:

"Belo é o estudo de Torá [combinado] com uma ocupação... Em última instância, todo o estudo de Torá que não é acompanhado com trabalho está destinado a cessar e a provocar o pecado."

Por outro lado, temos a declaração por Rabi Nehorai na última página do Tratado Kidushin;

"Deixei de lado todas as profissões no mundo, e ensinarei somente Torá a meu filho."

Os dois lados do debate culminam no tratado talmúdico de Berachot, exemplificado e expresso pelas pessoas de Rabi Yishmael e Rabi Shimon bar Yochai:

"Está escrito: "E colherás teu grão, teu vinho e teu azeite" (Devarim 11:14). O que isso nos ensina? Mas como está escrito: "O Livro da Torá não cessará de tua boca [e o estudarás dia e noite]" (Yehoshua 1:8), eu teria pensado que a pessoa deve tomar estas palavras literalmente. Eis aqui o versículo para nos ensinar: "Colherás teu grão" - conduza-se também nos caminhos do mundo. Estas são as palavras de Rabi Yishmael."

"Rabi Shimon bar Yochai diz: Se uma pessoa ara na estação própria, semeia na estação da semeadura, colhe na época da colheita, debulha na estação apropriada, e peneira quando há vento, o que será feito do [estudo] de Torá? Porém quando o povo de Israel faz a vontade do Todo Poderoso, seu trabalho é feito por outros, como está escrito (Yeshayáhu 61:5): "E estranhos virão pastorear suas ovelhas..." (Talmud, Berachot 35a)."

E como é decidido o assunto? Bem, é difícil chegar-se a uma declaração conclusiva de nós, judeus. A resposta geralmente é: "Ambos estão certos." Ou então: "Na verdade, ambos estão dizendo a mesma coisa." Neste caso, o Talmud conclui:

"Muitos fizeram como Rabi Yishmael, e conseguiram. Outros fizeram como Rabi Shimon, e não foram bem sucedidos."

Portanto, o judeu é um cidadão habilitado do planeta terra. Bem, sim, mas não exatamente. Enquanto a abordagem de Rabi Yishmael é considerada a mais bem sucedida, a de Rabi Shimon ordena um local muito mais notável na consciência judaica, com um dia especial em nosso calendário (Lag Baômer), devotado à celebração de sua vida e nossa tradicional veneração dos sábios e tsadikim que devotam a vida inteira ao estudo e à prece.

E também, veja que o Talmud fala sobre "muitos" que conseguiram com a abordagem de Rabi Yishmael e falharam com a de Rabi Shimon. Isso implica a existência de uns "poucos" para quem a atitude de Rabi Shimon é não somente um ideal, como também um rumo de vida pragmático.

E assim foi desde o início. Em nossa primeira geração como um povo, enquanto ainda no deserto, a nação de Israel estava dividida em duas comunidades: 1) as doze tribos de Israel que receberam porções da terra e se tornaram fazendeiros, mercadores, políticos e soldados; e 2) os integrantes da tribo de Levi, que foram "consagrados" ao serviço de D'us no Templo Sagrado como "Levitas" e "Cohanim."

E os levitas certamente eram em menor número: eram uma tribo em 13, e a menor de todas. (O recenseamento realizado nas 12 tribos contabilizou 603.550 homens entre as idades de 20 e 60; o censo separado dos Levitas incluiu até bebês do sexo masculino com um mês de idade, e somaram apenas 22.300.)

O que decide quem faz parte dos "muitos" e quem faz parte dos "poucos"? Se formos pelo modelo Levita/Israelita, então parece ser uma questão de pedigree - ou você nasce sendo um jardineiro da terra de D'us, ou nasce para uma vida de espiritualidade.

Não é assim, diz Maimônides:

"Não apenas a tribo de Levi, mas qualquer homem de todos os habitantes da terra, cujo espírito o faz mover-se e cuja mente lhe permite entender para colocar-se de lado e ficar em pé perante D'us para servi-Lo, adorá-Lo, conhecer a D'us e caminhar retamente como D'us o criou, e tirou de seu pescoço o jugo dos muitos cálculos que o homem busca - este homem tornou-se santificado, um santo dos santos, e D'us será sua porção e seu legado para sempre, e lhe concederá tudo que precisar neste mundo, como Ele concedeu aos Cohanim e aos Levitas... (Mishnê Torá, Leis da Shemitá e Ciclos de Yovel, 13:13)."

O que ocorre é que, como em quase tudo o mais, D'us nos diz: A escolha é sua.

36 - Parashat Behaalotechá

Números 8:1-12:16

A Mitsvá de Acender a Menorá

A parashá anterior descreve como os líderes das doze tribos inauguraram o altar do Santuário com seus sacrifícios. Aharon, líder da tribo de Levi, contudo, deixou de se apresentar com um presente similar (de animais e carroças carregadas de oferendas) para o altar.

Aharon estava envergonhado de oferecer presentes sobre o altar por causa de sua participação no pecado do bezerro de ouro. No

entanto, aguardava um comando Divino. Quando tal comando não veio, ficou contrito, pois confirmaram-se suas suspeitas de que D'us não o perdoara.

Ao ver que D'us aprovou as doações dos outros líderes, Aharon decidiu também participar; porém já era tarde demais. D'us já havia aceito as doações de Efrayim (a tribo de Yossef dividia-se em duas, Efrayim e Menashe) contabilizando-as como a décima-segunda tribo, desta forma, Aharon não participou ao lado dos outros líderes.

"Ai de mim!", lamentou-se Aharon. "O Todo Poderoso não perdoou o pecado do bezerro de ouro."

Não apenas Aharon, mas também toda a Tribo de Levi sofria porque seu representante não oferecera sua porção dos sacrifícios da dedicação no altar.

Todavia, a verdadeira razão pela qual D'us impediu Aharon de participar desses sacrifícios é esclarecida através da seguinte parábola:

O rei proclamou que uma grande festa seria realizada nos jardins de seu palácio. Seus mensageiros percorreram o país inteiro convidando o público a participar. Anunciou-se em todas as associações de trabalhadores que seus membros estavam convidados para a festa do rei.

Apenas o amigo do rei, certo nobre, esperou em vão por um mensageiro para convocá-lo para a celebração.

"O rei deve estar chateado comigo!" pensou, "se não, por que me ignora?"

Após findarem as festividades, o rei enviou um mensageiro particular à casa de seu amigo.

"A festa para as pessoas comuns terminou," informou ao nobre. "Amanhã o rei dará outro banquete somente para você. Ele deseja distingui-lo pois você é seu amigo íntimo."

Similarmente, D'us não aceitou as doações de Aharon, pois honra maior fora-lhe reservada; receberia a mitsvá de preparar a menorá. Sua tribo, Levi, também receberia distinção especial. Seriam santificados como servos de D'us numa cerimônia descrita no próximo capítulo.

D'us consolou Aharon dizendo: "Não se aflija! Reservei para você uma mitsvá que sobrepujará as oferendas dos sacrifícios de dedicação. Você e seus filhos prepararão a menorá no Tabernáculo e no Templo Sagrado.

A mitsvá do acendimento da menorá será eterna. Seus descendentes, os cohanim conhecidos como Chashmonaim (Macabeus), instituirão a mitsvá permanente de acender as velas de Chanucá. Assim, seu 'chanucá' (inauguração, em hebraico) continuará para sempre; enquanto que a inauguração dos líderes das tribos é apenas temporária."

D'us usou um termo nada usual para 'acender' a menorá, dizendo: "Behaalotechá / quando você fizer subir" em vez de "behadlicchá / ao acender". Dentre outras implicações, este termo denota: "Você será elevado." Cumprindo a mitsvá, os judeus tornam-se espiritualmente elevados.

.....
Certa noite, um homem rico disse a seu amigo, um simples trabalhador, que jantaria em sua casa. O trabalhador arrumou a casa deixando-a um brinco, preparou a comida e iluminou a sala de jantar com velas.

Quão embaraçado ficou, contudo, ao ver seu amigo rico chegar. Um séquito de servos, alguns carregando brilhantes candelabros acesos, outros tochas flamejantes, acompanhavam-no.

O anfitrião correu à sala de jantar e apagou suas velas, cujo lume parecia realmente mortiço e fraco, comparado às luzes que se esparramavam para dentro. Rapidamente, escondeu os castiçais numa gaveta. Quando o rico convidado entrou e viu a sala escura, perguntou admirado: "Você não estava me esperando esta noite? Por que não acendeu luz alguma?"

"Eu acendi; porém quando vi as resplandecentes luzes que seus servos carregavam, fiquei muito envergonhado em mostrar minhas simples velas."

O rico dispensou imediatamente os servos. "Jantarei apenas com as luzes de suas velas, para mostrar-lhe o quanto você me é querido."

Similarmente, Moshê não conseguia compreender porque D'us desejava que uma menorá fosse acesa no Santuário. Sempre que entrava, encontrava o Tabernáculo brilhando com o esplendor da Shechiná (Divindade). Como poderiam as luzes da pobre menorá terrestre serem comparadas ao esplendor que a Shechiná irradiava?

Portanto, D'us disse a Moshê: "Behaalotechá: Você se tornará espiritualmente elevado acendendo a menorá. Eis porque Eu lhe dei a mitsvá."

Além disso, esse termo significa também:

- A menorá deve ser colocada sobre uma plataforma com degraus que conduzem até ela. O cohen precisa ascender a plataforma para o acendimento. "Behaalotechá" significa, assim, "quando você subir."
- A mitsvá é cumprida acendendo-se cada chama até que esta suba por si. Assim, Behaalotechá significa "quando você a fizer subir."

A fim de demonstrar que o Todo Poderoso não necessita de nossa luz, Ele ordenou que os três braços de cada lado do centro da menorá estejam inclinados em direção ao centro, e não para fora.

Apesar de Aharon poder enviar um de seus filhos para acender a menorá, cumpriu a pessoalmente a mitsvá com o maior zelo e exatidão e durante toda sua vida.

Esta mitsvá é tão querida aos olhos de D'us, que é mencionada diversas vezes na Torá. A cada vez novos detalhes são acrescentados.

D'us advertiu Aharon a não subestimar a grandeza da mitsvá de preparar a menorá.

Por causa de sua importância, não era realizada toda de uma vez. Ao limpar a menorá pela manhã, o cohen limpava cinco lâmpadas, partia para outro serviço e só então limpava as duas

lâmpadas remanescentes. Desta forma, o ato se estendia, e atraía a atenção das pessoas que visitavam o pátio do Templo.

As Leis de Pêssach Sheni

Quando o mês de Nissan chegou pela primeira vez no deserto, Moshê repetiu detalhadamente aos judeus as leis de Pêssach.

Dentre outras, mencionou que alguém que estivesse ritualmente impuro não poderia levar a oferenda de Pêssach.

Então um grupo de distintos tsadikim dirigiu-se a Moshê e Aharon para externar sua reclamação. "Estamos impuros, pois como representantes do povo judeu, guardamos o caixão de Yossef. Deveríamos ser privados da mitsvá do sacrifício de Pêssach porque estamos carregando o esquife de Yossef em nome da comunidade?"

"Não estamos pedindo permissão para comer do cordeiro pascal; apenas desejamos saber se um cohen pode levar o sacrifício em nosso lugar, e aspergir o sangue."

Moshê respondeu: "Vocês são grandes pessoas. Portanto, estou certo de que D'us me concederá uma resposta ao seu pedido. Entrarei no Tabernáculo e indagarei a Ele."

Moshê entrou no Tabernáculo para apresentar a questão perante D'us. Foi então instruído nas leis de Pêssach Sheni, também chamado de Pêssach Catan, Pêssach Menor. Estas leis não foram reveladas a Moshê anteriormente para que pudessem ser registradas em mérito das pessoas virtuosas que estavam tão ansiosas em realizar esta mitsvá.

D'us ensinou a Moshê: "Se um judeu, por qualquer motivo válido, não puder oferecer o sacrifício de Pêssach (por exemplo, se estiver impuro ou longe do Santuário), ele o oferecerá, em vez disso, um mês depois, no dia 14 de Iyar.

"Ele observará todas as leis do sacrifício de Pêssach; realizará o abate na tarde de 14 de Iyar e comerá o sacrifício à noite, junto com matsá e maror. Contudo, em Pêssach Sheni ele não precisará remover o chamêts de seus domínios como deve fazê-lo no verdadeiro Pêssach, nem precisará abster-se de trabalhar."

As leis de Pêssach Sheni aplicam-se apenas aos indivíduos impuros. Se a maioria da comunidade estiver impura em 14 de Nissan, a Torá ordena que apesar disso os cordeiros de Pêssach sejam abatidos como de costume na tarde de 14 de Nissan.

A Grandeza da Geração do Deserto

A Torá explica que durante suas andanças no deserto, os filhos de Israel eram dirigidos pelas Nuvens de Glória, e descreve o caminho pelo qual viajaram.

Há diversas razões pelas quais a Torá se estende acerca da maneira como os judeus viajavam, dentre elas:

1. Algumas nações gentias alegavam que o povo judeu andava sem rumo porque Moshê não sabia o caminho. Por isso, a Torá enfatiza que todas as jornadas eram ditadas por D'us.
2. A Torá revela a grandeza da geração do deserto. Seus membros não foram perguntados se queriam ou não viajar, nem se queriam ou não permanecer em alguma parada. Não, eles seguiram obedientemente as Nuvens de Glória. Sempre que essa

.....
se instalava sobre o Tabernáculo, acampavam; sempre que partia, eles também partiam. Às vezes, D'us escolhia um local desagradável para acampar.

Por exemplo, em Mará as águas eram amargas e não potáveis. Contudo, a Nuvem permaneceu em tal lugar. Às vezes, chegava num local com boas fontes de água e árvores, como Elam, contudo, as Nuvens de Glória partiam logo após a chegada. Nunca sabiam o quanto demorariam em cada parada ou jornada. Poderiam ter acabado de desempacotar e instalarem-se, quando as Nuvens se levantavam, convocando-os a continuar viagem.

O período de andanças no deserto ensinou o judeu a seguir a liderança de D'us com fé absoluta. Adquire, assim, fé e confiança em D'us para os longos anos de exílio, enquanto perambula através do "deserto das nações," como o exílio foi denominado.

Até hoje, os judeus não perderam sua fé na vinda de Mashiach, pois foram treinados a ter esperança e aguardá-lo. "Mesmo que (a Redenção Final) demore, espere-a, pois certamente chegará." (Chavacuc 2:3)

Parece quase sobre-humano que milhões de pessoas, inclusive crianças pequenas e bebês, viajassem de boa vontade por esse sistema por um período de quarenta anos. Os judeus demonstravam desta maneira sua total prontidão a submeterem-se completamente à Vontade Divina.

Contudo, como veremos futuramente (na parashá de Massê), D'us foi bondoso com os judeus e permitiu-lhes por muitos anos viverem num local permanente no deserto.

Esta maravilhosa geração foi louvada por D'us: "Assim disse D'us, 'Eu Me lembrei da bondade de sua juventude, seu amor como noiva, ter Me seguido no deserto, numa terra não semeada.'" (Yirmiyahu 2:2)

As Duas Trombetas de Prata de Moshê

Aquele que teme D'us é promovido a uma posição de autoridade.

Moshê temia D'us, por isso foi transformado num líder cuja autoridade sobre o povo equivalia a de um rei.

D'us lhe disse: "Moshê, és um rei. Por isso, faça trombetas que soem para ti, exatamente como os reis fazem soar trombetas antes de sair em batalha.

Tenha duas trombetas confeccionadas para sua posse particular. Não poderão ser tocadas para qualquer outro líder."

A santidade das trombetas de Moshê era tão grande que foram ocultadas antes de seu falecimento, para que nenhum líder ou rei que viesse depois pudesse usá-las.

Nem mesmo seu sucessor, Yehoshua, podia possuí-las. Quando Yehoshua conquistou Yerichó (Jericó), sua primeira vitória em Israel, os cohanim soaram shofarot, mas não as trombetas de Moshê.

D'us ordenou que as duas trombetas de Moshê fossem exatamente idênticas e feitas de prata. Trombetas de ouro lembrariam o pecado do bezerro de ouro.

A cada partida do povo judeu no deserto era anunciada através de três sinais:

1. Primeiro, as Nuvens de Glória, que habitualmente pairavam sobre o Tabernáculo, enrolavam-se e transformavam-se numa coluna ereta, significando que a partida era eminente.
2. Moshê então proclamava: "Levanta-Te!" obrigando a Nuvem a começar a viajar.
3. Os cohanim soavam a chamada especial de partida em ambas as trombetas de prata. Ao ouvir isso, o povo iniciava sua jornada.

Além de sinalizar a partida, as trombetas também eram usadas para anunciar assembléias da congregação inteira, assim como assembléias dos líderes das tribos. Sons diferentes anunciavam cada evento.

D'us instituiu, para todas as gerações, a mitsvá de soar as trombetas nas seguintes ocasiões:

- Em épocas de calamidade, por exemplo: quando um inimigo ataca, em secas, pragas, e assim por diante.

Ao ouvir o som da trombeta D'us promete lembrar-Se do povo judeu favoravelmente, e resgatá-los do perigo.

Alarmados pelo soar da trombeta, os judeus seriam despertados de sua letargia mental e fariam teshuvá. Mereceriam então a assistência Celestial.

- No Templo Sagrado, os cohanim soavam as trombetas diariamente, enquanto os sacrifícios comunitários de tamid eram oferecidos.

- Havia, ao todo, pelo menos vinte e um sons de trombeta soados no Templo Sagrado todo dia:

*Três pela manhã, para sinalizar que os portões foram abertos.

*Nove, durante a oferenda matinal diária de tamid.

*Nove, durante a oferenda vespertina diária de tamid.

*Outras nove, se houvesse sacrifício de mussaf (em Shabat, Rosh Chôdesh e festividades).

*A cada véspera de Shabat, três sons eram soprados à tarde, para lembrar ao povo que era hora de parar de trabalhar. Quando o Shabat estava prestes a começar, mais três sons eram soprados.

Yitrô Parte do Acampamento no Deserto

Dentre o povo de Israel estava o sogro de Moshê, Yitrô, que após sua conversão ao judaísmo recebera o novo nome de "Chovev - Aquele que ama a Torá".

Moshê lhe disse: "Apesar de não podermos lhe dar campo algum em Israel como posse permanente, podemos lhe conceder outros benefícios. Você e seus filhos viverão na frutífera cidade de Yerichó e suas cercanias. Você poderá lavar as terras até que o Templo Sagrado seja construído."

.....
As vizinhanças de Yerichó, onde o solo era fértil e produzia tamareiras, não foram loteadas para nenhuma tribo em especial durante a distribuição da Terra. Por outro lado, eram consideradas propriedades comum ao povo judeu.

Uma vez que todas as Tribos estavam ansiosas para doar sua propriedade para o local do Templo Sagrado, decidiu-se que a Tribo em cuja porção o Templo Sagrado fosse eventualmente construído receberia, em troca, o distrito de Yerichó como presente de todas as Tribos. Deste modo, todas as tribos sentiriam que haviam contribuído com terras para o Templo Sagrado.

"Considere que necessitam de mim em Midyan, e não aqui. Comparado a você, Moshê, cuja luz é tão brilhante quanto a luz do sol, e a Aharon, cuja luz é tão brilhante quanto a da lua, eu não os ilumino mais que o bruxulear de uma vela. Por isso, deixem-me ir." Moshê continuou a dissuadir Yitrô de partir.

Os netos de Yitrô entraram em Israel e, conforme Moshê prometera, receberam o solo produtivo de Yerichó e suas cercanias. Viveram nessa propriedade e cultivaram-na durante 440 anos, até que o Templo Sagrado fosse construído. Então foi dado à Tribo de Binyamin, em cujo território encontrava-se o monte do Templo.

Alguns dos descendentes de Yitrô tornaram-se ilustres dentro do povo judeu. Apesar de viverem numa porção frutífera de Israel, não estavam contentes. Em vez de gastar o tempo no cultivo da terra, desejavam dedicar-se totalmente ao estudo da Torá.

Perguntaram: "Onde podemos encontrar um professor de Torá que possa ensinar-nos?"

"Há um grande estudioso de Torá de nome Yaavets (outro nome de Asniel ben Kenaz, o primeiro dos juizes, após o falecimento de Yehoshua)," - disseram-lhes, "porém as redondezas onde ensina é terra deserta, onde não crescem grãos e onde viverão em pobreza."

Não levando em conta a perda material, esses descendentes de Yitrô mudaram-se para o deserto.

Encontraram Yaavets ensinando num espaçoso Santuário, com enorme público presente, inclusive cohanim, leviyim e judeus de ascendência nobre.

Os descendentes de Yitrô disseram humildemente: "Somos apenas convertidos, como poderemos nos juntar à essa nobre assembléia?"

Por isso, optaram por sentar ao portão de entrada da casa de estudos. Ali, escutavam atentamente às palestras de Yaavets.

Eventualmente, tornaram-se destacados estudantes de Torá. Os descendentes de Yitrô ficaram famosos ao se tornarem líderes do San'hedrin (a mais alta corte judicial) que ensinava Torá ao povo judeu.

Como o Povo Afastou-se do Monte Sinai

Os israelitas agora deixavam o Monte Sinai a fim de chegar a seu próximo destino: Kivrot Hataavá, localizado a três dias de viagem do Monte Sinai.

Deixaram o Monte Sinai com pressa, assim como crianças de escola saem correndo no fim do dia. Aos pés do Monte Sinai recebiam diariamente novas mitsvot, e pensavam: "Se demorarmos, Ele nos dará mais mitsvot."

D'us considerou esta conduta como pecado. Demonstrava que consideravam Torá e mitsvot como uma carga, um ônus, ao invés de um benefício.

Dentro de três dias, os judeus pecaram novamente, ao reclamarem sobre a maná e exigirem carne.

Uma vez que esses dois pecados foram seguidos por um terceiro, a Torá escolhe não narrá-los em sequência próxima, a fim de evitar que os judeus fossem rotulados de "pecadores permanentes." (Um acontecimento triplo confere o status de permanente a um comportamento, o que chamamos em hebraico de "chazacá").

A Torá, por conseguinte, separa os dois episódios um do outro para não condenar os judeus como pecadores permanentes. Ela interpõe entre ambos a passagem de "Vayehi Binsoa" (10:32-36), que traz honra ao povo judeu.

Apesar dos judeus evocarem o desagrado de D'us apressando-se em partir do Monte Sinai, Sua bondade com eles ainda assim permaneceu. Ele instruiu a Arca Sagrada a determinar e conceder-lhes uma jornada agradável. Viajava à frente dos judeus, a uma distância de três dias de caminhada.

Duas faíscas irradiavam da arca, eliminando todos os perigos, tais como cobras, escorpiões, e inimigos que desejassem emboscar os judeus. D'us designou a Arca da Aliança para que agisse como um capitão que cavalga à frente de seu exército.

A Prece de Moshê quando o Povo Partia ou Acampava

A Torá relata as preces que eram pronunciadas por Moshê sempre que o povo partia numa jornada ou estava prestes a acampar.

Quando D'us queria que os judeus deixassem alguma parada, Ele fazia com que a Nuvem que pairava sobre o Tabernáculo se levantasse e se enrolasse numa coluna, como que pronta para partir. Contudo, não começava a viajar até que Moshê assim o ordenasse, proclamando: "Revele-Se, D'us!"

Quando Moshê pronunciava estas palavras, a arca começava a balançar-se para frente e para trás, como que indicando que estava pronta para viajar. Isto demonstrava aos judeus a presença da Shechiná sobre eles.

Sempre que uma partida era iminente, Moshê erguia as mãos em prece e implorava ao Todo Poderoso: "Revele-Se, D'us para que os inimigos dos filhos de Israel sejam dispersados, e para que aqueles que os odeiam fujam diante deles."

Originalmente, os judeus estavam destinados a viajarem direto a Israel. Se assim fosse, não haveria necessidade de guerra na conquista.

Em vez disso, as nações fugiriam assim que os israelitas aparecessem. Moshê orou para que os inimigos fossem dispersados e fugissem ao verem a Shechiná.

.....
Sempre que D'us desejava que os judeus se estabelecessem em algum lugar, as Nuvens de Glória que viajavam à frente deles parava.

Contudo, não se desenrolava e estendia-se sobre o Tabernáculo até que Moshê lhe concedesse permissão para fazê-lo, rezando: "Descanse, D'us entre as dezenas de milhares e milhares de Israel."

O versículo significava: "Abençoe o povo judeu de forma que cada centena deles possa multiplicar-se em dezena de milhar."

Uma vez que Moshê possuía, por assim dizer, o poder de comandar a Nuvem para que se instalasse, aproveitou a oportunidade para pedir a bênção acima. Disse: "Não permitirei que a Shechiná descanse até que eu tenha conseguido uma bênção para o povo."

No início e no final da passagem acima, que relata as preces de Moshê (10:35-36), a Torá coloca parênteses especiais sob a forma de duas letras Nun invertidas.

Qual o propósito destes símbolos parentéticos?

Demonstram que este assunto está deslocado aqui. Uma vez que descreve as orações de Moshê quando os judeus partiam e acampavam, deveriam estar registradas junto com o assunto dos estandartes na parashá de Bamidbar, a parashá que descreve as viagens do povo judeu no deserto. Contudo, como já foi explicado, D'us inseriu aqui esses versículos a fim de separar os dois pecados.

Os Queixosos que Desejaram Carne

D'us desejava purificar a geração do deserto. Suas realizações morais e espirituais teriam de fazer parte integrante do caráter do povo judeu. Por isso, Ele guiou os membros daquela geração através de várias paradas, cada uma das quais apresentando um teste particular especial.

A estação de Kivrot Hataavá, aonde D'us levou o povo judeu, gerou desejos físicos.

Ao chegarem lá, os convertidos egípcios que eram os elementos mais baixos do povo (erev rav) foram os primeiros a serem subjugados pelos desejos. Começaram a resmungar sobre sua inaptidão em satisfazer suas vontades.

Queixaram-se oficialmente que lhes faltava carne. Contudo, esta exigência era meramente um disfarce para seu desejo de praticarem novamente seus desejos físicos como fizeram no Egito, antes das restrições da Torá terem sido impostas. (Pois se seu único desejo fosse apenas obter carne, poderiam ter abatido algumas cabeças do gado que tinham.)

O erev rav criou comoção, lembrando os judeus de sua irrestrita vida anterior.

"Lembramo-nos do peixe que comíamos no Egito," exclamaram.

"Lá, não tínhamos o fardo das mitsvot. Nunca recitávamos uma bênção sobre alimentos. Era uma vida fácil, sem cumprir todas essas mitsvot."

Alguém concordou: "Desde que deixamos o Egito não experimentamos o gosto de pepinos, melões, alhos-porrós, cebolas ou alhos, apenas maná."

Apesar da maná produzir o sabor de qualquer alimento que a pessoa desejasse, não produzia o sabor desses cinco vegetais, porque seu consumo é prejudicial à mulheres lactantes.

Na verdade, a maná também podia assumir o sabor de carne. Portanto, o erev rav deflagrou uma campanha geral de críticas contra a maná, como que para justificar seu pedido por carne.

Alguns lamentavam-se: "É verdade que o sabor da maná varia, mas não sua aparência. Não é agradável ver maná ao café da manhã, maná ao almoço e maná ao jantar.

Outras queixas foram expressas em voz alta.

Alguns clamavam: "Como se pode permanecer saudável com um alimento que não causa excreções? Eventualmente, nossos estômagos explodirão."

Outros reclamavam: "É muito difícil viver no princípio do dia a dia. Estamos constantemente preocupados se descerá ou não alguma maná no dia seguinte. Se não, nossas famílias passarão fome. Por quê não podemos estocar suprimentos de maná?"

Na verdade, as reclamações eram devidas ao fato de que apenas grandes tsadikim podem viver felizes alimentando-se de maná.

Apesar da maná conter todas as vitaminas e ingredientes saudáveis necessários ao corpo, não satisfaz uma pessoa que busque comer até se sentir cheio. Era um alimento delicado e etéreo, que agradava a mente mais que qualquer outro apetite físico.

Um tsadic ficava contente e satisfeito pois a maná nutria sua alma; ingerindo-o, ganhava nova percepção da Torá. Quanto mais elevado o tsadic, mais intuição e sabedoria ganhava comendo sua porção diária de maná. Os que não estavam em tão elevado nível, contudo, desejavam uma refeição que os satisfizessem fisicamente, e não encontravam "gosto" na maná.

A Torá refuta as críticas do povo judeu a maná enfatizando novamente suas admiráveis qualidades.

"Vejam sobre que alimento maravilhoso reclamam," D'us nos conta na Torá. Ela tinha uma aparência brilhante e atraente, como um cristal. Seu sabor era maravilhosamente doce. E apesar de descer a céu aberto, não era contaminada pela terra ou insetos, pois cada porção individual estava envolta em orvalho, a fim de que os judeus a recebessem perfeitamente puras.

D'us estava muito irado com o fato de os judeus terem sucumbido aos seus desejos.

Um fogo desceu do Céu e devorou os instigadores do erev rav.

Quando os judeus viram o fogo devorando o erev rav, foram tomados de temor. Será que a conflagração se espalharia e também os queimaria?

Envergonhados demais para dirigirem-se diretamente a D'us após

.....
suas reclamações sobre a maná, imploraram a Moshê que orasse por eles.

D'us aceitou a reza de Moshê. O fogo afundou no local onde surgira. Moshê chamou o lugar onde os pecadores morreram de "Taverá - Conflagração".

Novos Anciãos são Eleitos e Imbuídos de Dom Profético

"Está bem," disse D'us a Moshê. "Seu pedido lhe foi concedido. Terá Anciãos que lhe ajudarão na liderança. Escolha setenta sábios que sejam zelosos em cumprirem todas as leis da Torá, e traga-os ao Tabernáculo."

"Mestre do Universo," replicou Moshê, "como saberei quem é merecedor de ser escolhido?"

"Escolha homens que foram supervisores no Egito. Preferiram apanhar dos egípcios a obrigar seus já exaustos irmãos a trabalhos ainda mais extenuantes. Demonstraram seu amor por seus semelhantes, e portanto merecem posições elevadas."

A escolha dos líderes dentre os supervisores judeus, que sofreram em prol da comunidade, nos ensina que alguém que se sacrifica pelo povo eventualmente merece honra, grandeza e o espírito Divino.

"Como é possível ter um número igual de Anciãos de cada Tribo?" refletiu Moshê. "Se escolher cinco homens de cada tribo, haverá sessenta e não setenta no total, como D'us ordenou. Se escolher cinco homens de duas tribos e seis das outras, ofenderei algumas tribos."

Em consequência, Moshê resolveu deixar que o assunto fosse decidido por sorteio. Preparou setenta e dois bilhetes. Em setenta escreveu a palavra "Ancião", e deixou dois em branco. Escolheu então seis Anciãos de cada Tribo e disse-lhes: "Todos vocês devem sortear, mas saibam que dois bilhetes estão em branco."

Se sortear um em branco, saibam que esta é a vontade de D'us. Ele não o escolheu. Se tirar um bilhete escrito 'Ancião', aceite a posição de líder, pois você foi escolhido pelo Céu."

Similarmente, D'us disse a Moshê: "Somente você estava destinado a liderar Meu povo. Na verdade, imbuí você com a habilidade necessária para supri-los com o que quer que necessitem. Todavia, uma vez que pediu que outros compartilhem de sua grandeza, dê-lhes parte de seu dom profético. Eles não receberão o dom profético diretamente de Mim."

Apesar de Moshê ter cedido parte de seu dom profético aos Anciãos, seu próprio ruach hacodesh não diminuiu. Ele se igualava a um candelabro utilizado para acender diversas velas. Quantas luzes quer que acendesse, não perdia nada de seu brilho.

Os Anciãos receberam apenas uma pequena fração do espírito Divino que pairava sobre Moshê.

Eldad e Medad Receberam Profecia Diretamente de D'us

Dentre os setenta e dois homens escolhidos por Moshê para realizarem o sorteio para a posição de Anciãos, dois homens, tsadikim extraordinários, não compareceram ao Tabernáculo.

Esconderam-se no acampamento, dizendo: "Não merecemos a grande honra de nos tornarmos líderes."

Disse D'us: "Vocês foram humildes; por isso, eu os elevarei sobre os outros Anciãos."

Enquanto os Anciãos ainda estavam no Tabernáculo, o espírito de D'us pairou sobre Eldad e Medad, que começaram a profetizar.

Eldad previu: "Moshê deixará este mundo, e Yehoshua será seu sucessor. Yehoshua levará os judeus à Terra Santa, e tomará posse dela."

Medad profetizou: "Breve, aves de nome slav serão trazidas do mar, cobrirão o acampamento e se tornarão uma cilada para o povo judeu."

O filho mais velho de Moshê, Guershon, correu ao Santuário para relatar as palavras de Eldad e Medad.

Yehosua, que percebera que estes dois homens receberam suas profecias diretamente de D'us, sem a mediação de Moshê, exclamou: "Meu Mestre, Moshê, rogue a D'us que retire o espírito Divino deles! Merecem a pena de morte por profetizar independentemente na presença de seu mestre!"

Moshê, contudo, não estava preocupado com o fato de que D'us elevara outros profetas além dele, e que esses previram seu falecimento.

"Você não precisa zelar por mim, Yehoshua," tranquilizou seu pupilo. "Estou contente que eles foram diretamente inspirados por D'us. Meu sincero desejo é que todos os judeus pudessem se tornar profetas desse nível!"

Moshê, o mestre de todos os profetas, alcançou a perfeição de caráter. Era completamente indiferente à sua honra pessoal, e preocupado apenas com o benefício de seus semelhantes.

O Cair das Aves "Slav"

No dia seguinte, D'us cumpriu Sua promessa de fornecer carne em abundância.

Moshê denominou esta parada de "Kivrot Hata'avá - Túmulos da Concupiscência", pois os que ansiavam por carne lá pereceram.

Literalmente, Kivrot Hata'avá significa: "Túmulos da Luxúria." Não apenas os luxuriosos foram enterrados lá, mas também os desejos das pessoas. Aprenderam que tentando livrar-se das restrições da Torá e mergulhar em desejos e luxúrias, uma pessoa não atinge ganhos mentais nem físicos. Pelo contrário, leva-os ao túmulo.

Miriam fala a Aharon sobre Moshê

O dia em que os setenta Anciãos foram escolhidos foi um dia de grande felicidade para o povo judeu. Acenderam velas e participaram do júbilo da recém adquirida grandeza desses homens.

"Quão afortunadas são as esposas desses Anciãos, a quem foi concedido o dom profético!" exclamou Miriam, irmã de Moshê.

.....
A esposa de Moshê, Tsipora, que estava a seu lado observou: "Muito pelo contrário! Elas ficam, desta maneira, infelizes. Seus maridos agora se separarão delas."

Miriam já havia notado antes que Tsipora negligenciara sua aparência. "Por que você não se veste como as outras mulheres, Tsipora?" perguntou-lhe.

"Seu irmão não se importa com minha aparência," replicou Tsipora.

Agora a verdade ficara clara para Miriam. Por que seu irmão não obedecera a ordem Divina de frutificar e multiplicar? Como irmã mais velha, era responsável para tomar o assunto em suas mãos. Iria discuti-lo com Aharon, ele certamente concordaria com seu ponto de vista.

Encontrou Aharon e Moshê à entrada do Tabernáculo, e falou com Aharon na presença de Moshê. Não se importava que Moshê ouvisse a conversa, uma vez que não tinha más intenções, mas queria apresentar o assunto corretamente para o bem de Moshê. Dirigindo-se a Aharon, começou a elogiar a extraordinária beleza de Tsipora, bem como sua virtuosidade.

(Nesta parashá Tsipora é chamada de "uma mulher etíope". A grandeza de Tsipora era tão óbvia e inegável como a cor preta da pele de um negro, não obstante era uma mulher de maravilhoso recato e modéstia.

Esta é a origem da comparação entre a negritude e sua destacada grandeza. Porém, alguns comentaristas interpretam essas palavras literalmente, sustentando que Tsipora era realmente negra.)

Miriam envolveu Aharon na discussão, como segue:

(Nossos sábios não relatam as palavras exatas de Miriam e Aharon, e o texto, assim, é uma aproximação de sua conversa real.)

"Ouvi que Moshê não vive com sua esposa," disse-lhe. "Não se justifica agir assim com Tsipora."

"Porém, aparentemente, D'us concorda com Moshê," respondeu Aharon, "pois Ele não o censurou."

"Não," concluíram ambos, "isto não prova que Moshê agiu corretamente. D'us leva a pessoa no mesmo caminho que ela escolhe trilhar. Uma vez que Moshê separou-se voluntariamente de sua esposa, D'us subseqüentemente consentiu."

"Nossos patriarcas também eram profetas, porém não se separaram de suas esposas. Nós também somos profetas, mas o Todo Poderoso não ordenou que nos separemos de nossos cônjuges. Moshê também poderia viver uma vida normal, se assim escolhesse."

Moshê, que ouvira a conversa inteira, poderia facilmente ter se defendido, refutando que fosse um profeta mais elevado que os patriarcas, ou do que Miriam e Aharon. Poderia explicar que ele, que deve estar sempre preparado para receber a profecia, precisava separar-se de sua esposa permanentemente, e que D'us sancionara sua decisão.

Contudo, Moshê não formulou resposta alguma, pois não havia se ofendido ao ouvir uma observação sobre si. Não havia ninguém mais humilde que ele. Por causa de sua modéstia, nunca revelou a Aharon ou Miriam que suas revelações eram infinitamente mais elevadas que as concedidas a outros profetas.

A Extrema Humildade de Moshê

A Torá testemunha que "O homem Moshê era extremamente humilde, mais que qualquer outra pessoa sobre a terra" (11:3). Era humilde a seus próprios olhos, e era o mais paciente dos homens.

Moshê era ainda mais humilde que os patriarcas.

Sua humildade não era devida à alguma fraqueza, defeito ou inferioridade da qual tivesse consciência. Moshê era excelso em todas as áreas, combinando todas as qualidades desejadas pelas pessoas.

Como é possível que Moshê fosse o mais humilde dos homens, apesar de seus talentos e realizações excepcionais?

Mais que qualquer um, Moshê compreendeu que "Seu, Ó D'us, é a grandeza, e a força, e a glória, e a vitória, e a majestade; pois tudo o que está no Céu e na terra é Seu; Seu é o governo, e Você é exaltado como cabeça acima de todas." (Divrê Hayamim, 29:11)

Quanto mais profunda for a percepção de D'us, mais claramente uma pessoa é capaz de perceber que o quanto realiza é completamente insignificante em comparação a todos os benefícios que recebe Dele. Ele vê seus dons ou talentos não como fonte de orgulho, mas sim, como uma responsabilidade a ser utilizada a Serviço de D'us.

A inigualável humildade de Moshê foi uma das virtudes que fizeram com que merecesse a experiência da Shechiná mais que qualquer outro homem, e ser escolhido como o transmissor da Torá Divina.

D'us Defende Moshê Mostrando sua Superioridade Sobre Todos os Profetas

Moshê não se defende; em vez disso, D'us defendeu-o.

De repente, Moshê, Aharon e Miriam ouviram a Voz Divina. A Voz dirigia-se a cada um deles individualmente, no mesmo instante (um milagre que só D'us pode realizar), e ordenou-os a entrarem dentro da parte interna do Tabernáculo.

Aharon e Miriam ficaram atônitos ao som da Voz de D'us, pois estavam impuros. Percebiam agora que Moshê precisava separar-se de sua esposa porque nunca sabia quando as palavras de D'us o alcançariam, e portanto, exigia-se que estivesse num estado de pureza constante. Eles, por outro lado, geralmente só recebiam comunicação Divina apenas depois de terem se preparado.

D'us explicou a Aharon e Miriam: "Não falo com Moshê como faço com outros profetas. Todos os outros profetas tiveram visões em sonho, ou, se acordados, sob a forma de parábolas e enigmas que requerem interpretação. As profecias de Moshê são diferentes. Eu falo com ele face a face com perfeita clareza. Ele

.....
está a vontade em Meu reino superior, e tem domínio até sobre os anjos. Confio nele plenamente."

Nossos sábios ilustram a superioridade de Moshê conforme segue:

Todos os profetas, exceto Moshê, podem ser comparados a alguém que se olha no espelho. Ele pode ver o reflexo dos objetos atrás de si, contudo não sabe o que há do outro lado do espelho, uma vez que não pode enxergar através desse.

Similarmente, os profetas tiveram a visão de D'us como "visão não iluminada", uma visão indistinta. Por causa de suas limitações, não conseguiam perceber a essência de D'us; por conseguinte, suas visões eram meros reflexos.

Moshê, por outro lado, era como alguém que olha através de um vidro transparente, e discerne claramente o objeto por trás deste. Portanto, sua visão de D'us é denominada de "visão iluminada", uma visão lúcida e penetrante.

A Ira de D'us com Miriam e Aharon

D'us censurou Aharon e Miriam: "Erraram em comparar Moshê a outros profetas. Era permitido a outros profetas continuarem a manter relações maritais, mas era necessário que Moshê se separasse de sua esposa. Como ousaram falar sobre um homem grande como Moshê, que é Meu servo leal?"

D'us estava irado com Aharon e Miriam, e tratou de puni-los. Antes de fazê-lo, contudo, Ele fez com que a Nuvem da Shechiná se elevasse e partisse de sobre o Tabernáculo. Como para demonstrar que D'us não consegue suportar ver tsadikim sofrendo.

Apesar de suas palavras não terem sido proferidas por malícia, mas por preocupação pelo bem-estar de Moshê, e apesar deles não terem falado por trás das costas, mas em sua presença, D'us considerou que Miriam e Aharon eram culpados de lashon hará (maledicência). Ele imediatamente golpeou-os com tsaraat (lepra), a penalidade para maledicência e difamação.

Tanto Aharon quanto Miriam ficaram com tsaraat, mas Aharon apenas por um instante. Logo em seguida, sua tsaraat desapareceu. A de Miriam permaneceu, pois ela é quem começara a falar sobre Moshê.

Todavia, Aharon ficou tão angustiado ao ver a pele de sua irmã de um tom leproso-esbranquiçado, que esta mera visão constituía uma grande punição para ele também.

"Por favor, meu mestre," implorou Aharon a Moshê, "não nos culpe, pois pecamos. Nós três nascemos de uma só mãe. Se Miriam ficar leprosa é um golpe tão duro, como se metade de nossa carne estivesse morta."

"Por favor, ore a D'us para que a cure, ou então ela deverá permanecer uma eterna leprosa. Um cohen que é parente de um leproso não pode declará-lo puro. Somos filhos dos mesmos pais, portanto, nunca poderei declará-la pura."

Moshê clamou a D'us que curasse Miriam. Desenhou um pequeno círculo ao redor de si, ficou no centro e implorou a D'us: "D'us, (em Cuja Mão está todo o poder de cura), por favor, cure-a

agora! Não deixarei este círculo até que minha irmã esteja curada!"

Manteve sua prece curta, para que zombadores não dissessem: "Vejam Moshê! Para sua irmã ele reza extensamente, mas não para nós!"

D'us respondeu ao pedido de Moshê dizendo que Miriam se recuperaria instantaneamente: "Você acha que é certo que ela seja readmitida imediatamente ao acampamento? Suponha que ela tenha ofendido seu pai e que estamos zangados com ela, não mereceria ser banida de sua presença por uma semana? Miriam não ofendeu seu pai humano, ela Me ofendeu! Ela deve, por conseguinte, ser banida como uma leprosa por duas semanas.

Não obstante, ela deve ser isolada apenas por uma semana e então se tornará pura. Mesmo punindo Miriam, Devo conceder-lhe sua honra especial de tsadeket. Uma vez que Aharon, que é seu parente, não pode examiná-la e declará-la pura ou impura, Eu, pessoalmente devo agir como seu cohen. Eu a colocarei em reclusão como leprosa, e Eu a declararei pura."

Deste modo, todos perceberam que a longa estadia em Chatserot era em prol de Miriam.

Miriam foi recompensada na mesma moeda. Em menina, esperou por Moshê à beira do Nilo por cerca de um quarto de hora, até que a filha do Faraó o resgatasse das águas. Em troca,

D'us fez com que uma população de mais de dois milhões de almas, incluindo Moshê e Aharon, bem como as Nuvens de Glória e a arca esperassem por ela por sete dias. Isto demonstra que mesmo a menor boa ação que a pessoa realiza é generosamente recompensada.

Após Miriam ter se recuperado da tsaraat um milagre lhe ocorreu.

Quando Miriam foi acometida de tsaraat, ficou fatalmente doente. Mesmo depois que a lepra desapareceu, ainda estava muito doente. Seu marido Calev, com grande auto-sacrifício, nutriu-a até que sua saúde se restabelecesse com alimentos e remédios apropriados.

Quando se recuperou, a felicidade de Calev era imensa, pois abandonara a esperança de que ela quiçá recuperasse plena saúde.

Ele realizou uma segunda cerimônia oficial de casamento, como se estivesse se casando com Miriam pela primeira vez. Um milagre ocorreu: Miriam rejuvenesceu e sua face tornou-se resplandecente.

Tanto Miriam quanto sua mãe Yocheved mereceram o milagre do rejuvenescimento como recompensa Celeste por terem arriscado suas próprias vidas quando, como parteiras no Egito, desobedeceram as ordens do Faraó para matar as crianças judias ao nascerem.

Moshê, o Sanhedrin e o Povo

Por Dr. Tali Loewenthal, traduzido por Mauricio Klajnberg

Todo ser humano tem um relacionamento com o Divino. A reza – falar com D'us ou pedir ajuda a D'us – é um fenômeno universal.

.....
Além disso, D'us faz exigências a cada ser humano através das Sete Leis de Noach e a cada judeu - homem ou mulher – através das 613 mitsvot.

O momento chave no relacionamento entre D'us e o Povo Judeu aconteceu no Sinai, quando D'us foi revelado a todo indivíduo de uma forma sem precedentes. Aquele evento é a base de toda a lei judaica, incluindo as leis universais de Noach.

Mas, como sabemos que Leis são essas e como elas devem ser aplicadas?

No Monte Sinai, houve uma experiência intensa e nós ouvimos os Dez Mandamentos. Os detalhes de como respeitar o Shabat, a cashrut ou qualquer outro aspecto dos ensinamentos judaicos vêm através de uma cadeia de transmissão descrita no início do Pirkei Avot (Ética dos Pais): “Moshê recebeu a Torá no Sinai e a transmitiu a Yoshua, e Yoshua aos Anciãos, e os Anciãos aos Profetas...” e assim por diante. Finalmente, os ensinamentos da Torá chegaram até nós.

O momento no qual Moshê transmitiu sua autoridade a Yoshua como o líder e guia único do Povo Judeu é encontrado no capítulo 27 de Bamidbar¹. Entretanto, antes em Bamidbar², houve outro momento famoso de transmissão de Moshê. Este foi o estabelecimento do Sanhedrin: setenta anciãos que compartilhavam a responsabilidade da liderança.

A base para a fundação do Sanhedrin foi uma nova explosão de queixas do Povo Judeu. Por que eles teriam de comer somente o Maná? Eles não poderiam comer carne? A Torá descreve Moshê dizendo a D'us que ele não consegue mais lidar com o povo, ele precisa de ajuda.

Para isto, D'us respondeu que Moshê deveria reunir setenta anciãos e ficar com eles no Santuário. Então, D'us falaria a Moshê e transferiria parte de seu “espírito” aos anciãos, para que também eles pudessem compartilhar a responsabilidade da liderança.

Os Sábios discutem a questão se esta transferência diminuiu ou não Moshê de alguma forma. Às vezes, um professor pode se diminuir tão intensamente ao nível de seu aluno que ele próprio é arrastado para baixo. Entretanto, Rashi apresenta a imagem de que Moshê era como “uma vela em um castiçal, a partir da qual todos são capazes de acender a luz”³. Isto transmite a ideia de que todos podem pegar uma chama, mas a vela original não é diminuída.

Moshê foi o maior de todos os profetas⁴ e, portanto, teve o poder de dar luz a todos sem ser afetado de forma adversa⁵. De fato, quando duas pessoas extras⁶, além dos setenta do Sanhedrin, se tornaram obviamente “inspiradas”, Moshê disse: “Que a todo o Povo Judeu seja concedido o espírito Divino!”

O Lubavitcher Rebe indica que Rashi não diz que somente os membros do Sanhedrin pegam uma chama da vela de Moshê. Ele diz “todos”. Existe uma tradição na qual todo judeu assim fez e continua a fazê-lo através do tempo. A cadeia de rabinos define as leis da Torá, mas todo indivíduo descobre a sua própria realidade em suas profundezas sutis.

O Sanhedrin se tornou o canal para a comunicação dos ensinamentos da Torá ao Povo judeu através das gerações,

ensinamentos depois transmitidos através da Mishná, Talmud e o Código de Leis. Este processo traz iluminação a todos: a Torá e seus ensinamentos pertencem a todo judeu, finalmente ajudando a toda Humanidade a se ligar com D'us.

NOTAS

1. Vs. 15-23.

2. 11:16-17, 24-25.

3. Ver o comentário de Rashi sobre Bamidbar 11:17 e uma imagem contrastante em Ramban.

4. Bamidbar 12:7-8; Devarim 34:10.

5. Ver a discussão em Likutei Sichot vol. 8 pp. 75-81.

6. Bamidbar 11:26-29.

Não Tente Ser Aquilo Que Não É

Por Rabino Jonathan Sacks

Os grandes líderes conhecem os próprios limites. Não tentam fazer tudo por si mesmos. Constroem equipes. Abrem espaço para pessoas que são fortes onde eles são fracos. Entendem a importância do controle e a separação de poderes. Cercam-se de pessoas que são diferentes deles.

Compreendem o perigo de concentrar todo o poder num único indivíduo. Mas conhecendo seus limites, sabendo que há coisas que você não pode fazer - até mesmo coisas que você não pode ser - pode ser uma experiência desagradável. Às vezes envolve uma crise emocional.

A Torá contém quatro narrativas fascinantes de momentos assim, o que os conecta não são palavras, mas música. Desde o início da história judaica, a Torá era cantada, não apenas lida. Moshê no fim da vida chama a Torá de canção.

Diferentes tradições cresceram em Israel e na Babilônia, e a partir de cerca do Século Dez em diante o canto começou a ser sistematizado em forma de notas musicais conhecidas como taamei hamikra, sinais de cantilação, criados pelos Masoretas Tiberianos (guardiães dos textos sagrados judaicos).

Uma nota muito rara, conhecida como shalsholet (“corrente”), aparece somente quatro vezes na Torá. Cada vez é um sinal de crise existencial. Três exemplos estão em Bereshit. O quarto está em nossa parashá. Como veremos, ligado à liderança. Num sentido amplo, os outros três também. O primeiro exemplo ocorre na história de Lot. Lot tinha se separado de seu tio Avraham e estabeleceu-se em Sodoma. Ali ele se assimilou à população local. Suas filhas se casaram com homens locais. Ele próprio sentou-se no portão da cidade, um sinal que tinha sido feito juiz.

Quando dois visitantes (na verdade dois anjos enviados) chegaram para dizer-lhe que saísse, D'us estava para destruir a cidade. Porém Lot hesita, e acima da palavra para “hesita” – vayitmahmá - está um shalsholet. (Gênesis 19:16). Ele fica em dúvida, em conflito. Sente que os visitantes estão certos. A cidade de fato está para ser destruída. Mas ele investiu todo seu futuro na nova identidade que moldou para si próprio e suas filhas. Se

.....
os anjos não o tivessem agarrado e levado para local seguro ele teria esperado até que fosse tarde demais.

O segundo ocorre quando Avraham pede a seu servo - tradicionalmente identificado como Eliezer - para encontrar uma esposa para seu filho Isaac. Os comentaristas sugerem que ele sentiu uma profunda ambivalência sobre sua missão.

Se Isaac não casasse e tivesse filhos, a propriedade de Avraham passaria para Eliezer ou seus descendentes. Avraham já tinha dito isso antes de Yitschac nascer. "Senhor Soberano, o que pode me dar se eu continuar sem filhos e quem vai herdar minha propriedade é Eliezer de Damasco?" (Gênesis 15:2).

Se Eliezer fosse bem sucedido em sua missão, trazendo uma esposa para Yitschac, e se o casal tivesse filhos, então suas chances de um dia adquirir a fortuna de Avraham desapareceriam completamente. Dois instintos lutavam dentro dele: lealdade a Avraham e ambição pessoal. A lealdade venceu, mas não sem um profundo conflito. Daí o shalshet (Gênesis 24:12).

O terceiro nos leva ao Egito e à vida de Yossef. Vendido pelos irmãos como escravo, ele agora está trabalhando na casa de um egípcio importante, Potifar. Deixado sozinho na casa com a esposa de seu amo, ele se vê como objeto de desejo dela. Ele é bonito.

Ela quer que ele durma com ela. Ele recusa. Fazer isso, ele diz, seria trair seu amo, marido dela. Seria um pecado contra D'us. Porém sobre "ele recusou" está um shalshet, (Gênesis 39:8) indicando - como sugerem algumas fontes rabínicas e comentaristas medievais - que ele fez isso com considerável esforço. Ele quase cedeu.

Esse foi mais que o conflito usual entre pecado e tentação. Foi um conflito de identidade. Lembre que Yossef estava agora morando numa terra nova e estranha para ele. Seus irmãos o tinham rejeitado. Tinham deixado claro que não o queriam como parte da família.

Por que ele não deveria fazer, no Egito, como os egípcios fazem? Por que não ceder à mulher de seu amo se é aquilo que ela queria? A questão para Yossef não era apenas "está certo?" mas também "sou um egípcio ou um judeu?"

Todos os três episódios são sobre conflito interior, e todos os três sobre identidade. Há vezes em que cada um de nós tem de decidir não apenas "O que devo fazer?" mas "Que tipo de pessoa serei?"

Isso é particularmente perigoso no caso de um líder, o que nos leva ao quarto episódio, dessa vez sobre Moshê. Após o pecado do bezerro de ouro Moshê tinha por ordem de D'us instruído os israelitas a construir um santuário que seria, na verdade, uma morada simbólica permanente para D'us no meio do povo.

Mas agora o trabalho está completo e tudo que resta para Moshê é induzir seu irmão Aharon e seus filhos ao serviço Divino como cohanim. Ele veste Aharon com as roupas especiais do sumo sacerdote, unge-o com óleo e realiza os vários sacrifícios adequados à ocasião.

Sobre a palavra vayishchat, "e ele abateu [o carneiro do sacrifício]" (Levítico 8:23) há um shalshet. Agora sabemos que

isso significa que havia um conflito na mente de Moshê. Mas o que era?

Não há o menor sinal no texto que sugira que ele estava passando por uma crise. Porém um instante de reflexão deixa claro qual era o conflito de Moshê. Até agora ele tinha liderado o povo judeu. Aharon, seu irmão mais velho o tinha ajudado, acompanhando-o em suas missões ao faraó, agindo como porta-voz, ajudante e segundo no comando.

Agora, porém, Aharon estava para assumir uma nova liderança por si mesmo. Não seria mais uma sombra de Moshê. Ele faria o que Moshê não pôde fazer: presidiria as oferendas diárias no tabernáculo.

Mediaria a avodá, o serviço sagrado dos israelitas a D'us. Uma vez ao ano em Yom Kipur ele realizaria o serviço que traria perdão ao povo pelos seus pecados. Não mais sob a sombra de Moshê, Aharon estava para se tornar o tipo de líder que Moshê não estava destinado a ser: um Sumo Sacerdote.

O Talmud acrescenta outra dimensão à força do momento. Na sarça ardente, Moshê tinha resistido repetidamente ao chamado de D'us para liderar o povo. Por fim D'us lhe disse que Aharon iria com ele, ajudando-o a falar (Êxodo 4:14-16).

O Talmud diz que naquele momento Moshê perdeu a chance de ser um sacerdote. "Originalmente [disse D'us] Eu tinha pretendido que você fosse o sacerdote e Aharon seria um levita." [3] Esse é o conflito interior de Moshê, transmitido pelo shalshet. Ele está a ponto de induzir o irmão a um trabalho que ele próprio jamais fez. As coisas poderiam ter sido diferentes - mas a vida não é vivida no mundo do "poderia ter sido".

Ele certamente sente alegria pelo seu irmão, mas não pode evitar uma sensação de perda. Talvez ele já sinta aquilo que mais tarde vai descobrir, que embora seja o profeta e libertador, Aharon terá um privilégio que Moshê não terá, ou seja, ver seus filhos e seus descendentes herdarem seu papel. O filho de um sacerdote é um sacerdote.

O filho de um profeta raramente é um profeta. O que todas as quatro histórias nos dizem é que chega uma hora em que devemos tomar uma decisão suprema sobre quem nós somos. É um momento de verdade existencial. Lot é um hebreu, não um cidadão de Sodoma. Eliezer é servo de Avraham, não seu herdeiro.

Yossef é filho de Yaacov, não um egípcio sem moral. Moshê é um profeta, não um sacerdote. Para dizer 'sim' para quem nós somos precisamos ter a coragem de dizer 'não' para quem não somos. Há sofrimento e conflito envolvidos. Esse é o significado de shalshet.

Mas emergimos menos em conflito do que antes. Isso se aplica especialmente a líderes, e por isso o caso de Moshê na Torá é tão importante. Havia coisas que Moshê não estava destinado a fazer. Ele não se tornaria um sacerdote. Essa tarefa coube a Aharon. Ele não levaria o povo para atravessar o Jordão. Esse era papel de Yehoshua. Moshê tinha de aceitar os dois fatos com graça se quisesse ser honesto consigo mesmo. E grandes líderes devem ser honestos com eles próprios se quiserem ser honestos com aqueles que lideram.

.....
Um líder jamais deve tentar ser todas as coisas para todos os homens (e mulheres). Um líder deve se contentar em ser aquilo que é. Um líder deve ter a força para saber o que não pode ser se tiver a coragem de ser ele mesmo.

GPS: G-d Position System

(Sistema de Posicionamento Divino)

Por Yosef Y. Jacobson

Trabalhando na Estrada

Um sujeito parou num posto de gasolina na zona rural e, após encher o tanque, pagou a conta e comprou um refrigerante. Ficou de pé ao lado do carro enquanto tomava a bebida e viu dois homens trabalhando ao longo da rodovia. Um deles cavou um buraco com meio metro de profundidade e se afastou. O outro aproximou-se e encheu o buraco.

Enquanto um deles estava cavando um novo buraco, o outro estava quase acabando de encher o outro. Os homens trabalhavam bem atrás do sujeito com o refrigerante, e depois seguiram para a estrada. “Não consigo aguentar isso,” disse o homem, jogando a lata vazia num cesto de lixo e indo na direção dos dois homens.

“Esperem, esperem,” disse ele aos homens. “Podem me dizer o que está acontecendo aqui?”

“Bem, trabalhamos para o governo da cidade,” disse um deles.

“Mas um de vocês cava o buraco e o outro o enche de terra. Não estão conseguindo nada. Não estão desperdiçando o dinheiro da cidade?”

“Não está entendendo, senhor,” disse um dos homens, apoiando-se na picareta e enxugando o suor da testa. “Normalmente há três de nós – eu, Rodney e Mike. Eu cavo o buraco, Rodney coloca a muda de árvore e este aqui, Moke, coloca a terra de volta.”

“Sim,” disse Mike, “Ora, só porque Rodney está doente, isso não significa que não podemos trabalhar, não é?”

A Nuvem

A jornada do povo judeu no deserto, relata a Torá na porção dessa semana (Behaalotechá), foi guiada por D'us. Uma nuvem pairava sobre o Santuário portátil construído no deserto. “Toda vez que a nuvem se erguia da Tenda, os israelitas empreendiam viagem; e no local onde a nuvem parava, eles acampavam.”¹

“Eles então acampavam à palavra de D'us e se moviam à palavra de D'us,” declara a Torá.²

Ora, a Torá repete esta frase “Eles então acampavam à palavra de D'us e prosseguiram à palavra de D'us” – três vezes!³

Isso é estranho. Por que repetir as mesmas palavras três vezes? A mensagem ficou bem clara da primeira vez: a jornada dos judeus através do deserto – seu movimento, bem como suas paradas – foi determinada por D'us.

Três Atitudes

Essa declaração triplamente repetida do mesmo fato – “Eles então acamparam à palavra de D'us e se moveram à palavra de D'us” – representa três estados de consciência relacionados a D'us orientando a jornada israelita através do deserto. A nuvem pode ter determinado o caminho, mas havia três maneiras de entender esta verdade.

Da primeira vez que a Torá faz essa declaração, é meramente declarando o fato objetivo. O povo judeu moveu-se à palavra de D'us e acampou à palavra de D'us. Alguns deles podem não ter prestado atenção à nuvem ou até pensaram que a mudança de posição era aleatória. Porém sua falta de percepção não alterou a verdade: era o GPS – “G'd position System”, Sistema de Posicionamento de D'us – que os guiava no deserto.

A segunda declaração nos informa sobre uma percepção profunda que invadia o povo judeu na época. Nas palavras do comentarista espanhol medieval Ramban (Rabi Moshê ben Nachman, Nachmânides, 1194-1270): “Embora eles possam ter ficado exaustos (e quisessem ficar mais tempo) ou mesmo se estivessem descontentes com o local e quisessem prosseguir, eles desconsideraram os próprios desejos e guiaram seus movimentos pela nuvem”⁴ Eles estavam conscientes do fato de que deveriam subordinar suas preferências à vontade de D'us que ditava sua jornada.

A terceira declaração leva isto a um novo nível. O povo judeu, no diz a Torá, não tinha as próprias preferências. Eles não se importavam de acampar, nem de seguir em frente. Seu exclusivo desejo era servir como condutores para o rumo que D'us mapeara para eles, abraçar os destinos que o Todo Poderoso preparara para eles. Sua visão pessoal era inteiramente alinhada com a visão de D'us para eles.⁵

Ilusão ou Sinfonia?

Esta trilha israelita através do deserto é uma metáfora vívida para nossas próprias jornadas de hoje, tanto como indivíduos quanto como parte de um povo. Uma nuvem paira acima de cada um de nós guiando nossa viagem individual e coletiva na vida. O Baal Shem Tov (1698-1740), fundador do Movimento Chassídico, ensinava que há um “GPS Divino” instilado na alma de toda criatura, guiando-a através dos tortuosos caminhos do deserto da vida.

Ora, cabe a nós escolher dentre as três perspectivas mencionadas acima.

No primeiro estado de consciência, você está separado do “quadro geral” da sua vida. Sua jornada ainda é determinada por D'us, mas aquela verdade ilude você. Tem sua imaginação, você é uma bolha isolada num universo vasto e sem significado; a realidade em seu âmago é indiferente às suas lutas e triunfos. Sua vida carece de uma narrativa. Porém ao contrário de seu GPS terreno que você tem a opção de ignorar, ficar furioso com ele ou desligar, seu GPS celestial ainda o orienta mesmo que sua voz permaneça inaudível.

No segundo e mais elevado estado de consciência, você fica ciente de uma verdade inevitável – que a vida apresenta a cada um de nós um conjunto específico de desafios e oportunidades.

.....
Cada um de nós tem uma missão para a qual nossa alma foi enviada à terra, portanto todo encontro e experiência é um componente indispensável de uma grande sinfonia cósmica que cobre o universo inteiro. Você está consciente dele e se rende a ele, muitas vezes de má vontade, subjugando seus próprios sonhos aos de D'us.

No terceiro e mais profundo estado de consciência, você alinha suas ambições, sonhos e metas com aqueles de D'us. Vai além de sua estreita percepção de aonde sua vida deve levar você, e você permite que o âmago da realidade de D'us estabeleça o rumo.

Em vez de resistir, escapar e se esconder, você abraça a vida, a todo momento, com um grande abraço. Toda manhã você acorda e diz: D'us! Estou pronto para o que der e vier! Onde quer que Você deseje que eu vá hoje, estou dentro. Você dirige e eu aperto o pedal à toda velocidade. Bon voyage!

Sim, às vezes preferimos outras rotas e destinos alternativos. O GPS de D'us às vezes nos leva através de estradas estranhas e complexas; muitas vezes prefere caminhos de pedra em vez dos pavimentados.

Mas você vai passar o resto da sua vida combatendo a realidade? Há sequer uma existência fora da realidade? Ou você terá a coragem de ouvir a "pequena voz silenciosa" guiando você através do deserto até a Terra Prometida?

NOTAS

1. Bamidbar 9:17
2. Ibid. 9:18
3. Ibid. 9:18; 20:23
4. Rambam ibid. 9:19
5. Veja o comentário de Rabi Chaim ben Atar (falecido em 1740 em Jerusalém), conhecido como o Or Hachaim a estes versículos. Baseado em sua explicação, fica claro como as palavras em cada um dos três versículos representam essas três perspectivas.

Entre um trabalho e outro

Por Yanki Tauber

Você entra apressadamente na sala de espera, com quinze minutos de atraso. Isso é intencional: você está tentando reduzir aqueles minutos desperdiçados na sala de espera. Porém uma breve conversa com a recepcionista revela, para sua consternação, que você chegou, por engano, 35 minutos adiantado...

Você perde sua conexão, e o próximo voo disponível parte na manhã seguinte. Enquanto se registra no hotel do aeroporto, passa pela sua cabeça o pensamento de que jamais esteve antes nessa cidade. O que fazer agora? Algumas compras? Uma caminhada pelo centro? Passar a tarde no quarto pondo o trabalho em dia?

Você está num impasse. Já há algum tempo, tem percebido que não é isso que deseja fazer com sua vida, e é inevitável que seu

chefe logo perceba também. Você está explorando diversas possibilidades, mas demorará um pouco até que qualquer delas se materialize. Então, você tem à sua frente uns bons meses de rotina massacrante (e isso na melhor das hipóteses...)

Nos vivemos em dois tipos de tempo: tempo real e tempo intermediário. No tempo real, seguimos com nossa vida: carreira, relacionamentos, família e interação social. Porém existe o tempo da sala de espera, o tempo no aeroporto, o tempo entre dois trabalhos. O truque é aproveitar ao máximo o tempo real e reduzir o tempo intermediário ao mínimo possível.

Não é bem assim, diz o Lubavitcher Rebe. Segundo o Rebe, existe apenas um tipo de tempo. Há jornadas longas e jornadas curtas, há trabalhos grandes e pequenos, existem oportunidades óbvias e situações nas quais coçamos a cabeça e nos perguntamos: O que estamos fazendo aqui? Mas todo o tempo é real; cada momento é crucial. Todo segmento de nossa vida, não importa quão efêmero ou temporário, tem um centro, um propósito, um objetivo.

Em uma de suas cartas, o Rebe explica seus fundamentos para esta opinião: a história das viagens de nossos ancestrais através do Deserto do Sinai.

O Livro de Bamidbar descreve como os Filhos de Israel acamparam e viajaram no deserto. Bem no centro do acampamento israelita ficava o Mishcan, o Santuário portátil que abrigava a Divina Presença. Ao redor do Mishcan estavam as tendas dos Cohanim e Levitas, que serviam no Santuário. E além do acampamento Levita ficavam, como os raios de uma roda, as tendas comunitárias das doze tribos de Israel - três tribos a leste, três ao sul, três a oeste e três tribos ao norte.

Acima do Mishcan pairava uma nuvem, significando a Divina Presença que ali habitava; quando a nuvem se erguia, era o sinal de que estava na hora de seguir adiante. Não havia um período preestabelecido para cada acampamento. As vezes a nuvem - e o povo - ficavam estacionados por um ano, e às vezes por uma única noite. Sempre que a nuvem se levantava, o povo se punha a caminho.

Dissemos que o Mishcan era portátil. Mas não era uma pequena tenda dobrável. Este fabuloso edifício incluía quarenta e oito paredes de 6 metros, cem bases com 70 quilos cada, mas de duas dúzias de enormes tapeçarias, e numerosos pilares, prendedores, revestimentos e utensílios. Era necessário uma equipe de 8.580 Levitas para desmontar, transportar e montar o Mishcan a cada vez que o povo se mudava.

E a Torá enfatiza que todo o processo se repetia a cada vez que o povo viajava, incluindo aquelas vezes em que acampavam por uma única noite. A cada vez, o Mishcan era erigido e 600.000 famílias montavam suas tendas na formação prescrita ao seu redor.

Assim, o povo sabia que nunca estavam apenas "atravessando" ou "matando tempo" em uma conjuntura específica na jornada. Cada acampamento, não importa o quanto fosse breve ou temporário, deveria ter seu centro, seu foco, seu objetivo: sua própria maneira distinta de fazer D'us Se sentir em casa junto deles.

A Menorá do Templo Sagrado

O Formato

O símbolo da Menorá de sete braços em semicírculo é um dos mais conhecidos no mundo judaico. A maioria das chanukiyot também foram elaboradas seguindo o modelo deste símbolo. Porém, pesquisas recentes em fontes e manuscritos antigos nos levam à conclusão de que o tradicional formato em arco não era o formato da Menorá do Templo Sagrado. A Menorá original possuía braços retos, em diagonal, não arqueados, que saíam da haste central que servia também como suporte.

A Torá traz um indício bem claro. No livro do Êxodo (XXV:32) estão detalhadas as instruções para a confecção da Menorá: "Seis hastes saem de seus lados: três hastes do candelabro do primeiro lado e três hastes do candelabro do segundo lado." No texto bíblico e também na língua hebraica de então e de hoje, "canê" (haste) significa um tubo reto, nem torto nem arqueado. (Interessante notar que a palavra "canê" - significando originalmente um bastão ou tubo reto - passou para outras línguas com esta mesma conotação: para o grego, latim, francês arcaico, inglês e até para o português sem mudança no significado.)

Outras Fontes

A fonte mais clara e precisa para determinar o formato da Menorá é Maimônides. Em seu manuscrito das explicações da Mishná, Maimônides desenhou de próprio punho o formato da Menorá do Templo Sagrado - com braços retos e diagonais (imagem ao lado).

Há outra referência em transcrições antigas do livro de Maimônides que abrange todas as leis: o Mishnê Torá. Durante séculos, antes do advento da imprensa, os livros eram copiados manualmente. Nestes manuscritos antigos constam as palavras "Este era seu formato" e logo abaixo o desenho da Menorá - sempre com braços retos. Em alguns dos manuscritos, o desenho foi suprimido, provavelmente por incapacidade do escriba em copiar o desenho com precisão. Em seu lugar, foi mantido um espaço em branco abaixo dos dizeres "Este era seu formato".

Com o surgimento da impressão com caracteres hebraicos, o desenho foi definitivamente extinto dos livros de Maimônides. É de se supor que as primeiras gráficas não possuíam meios técnicos para reproduzir um desenho. Por isso, abriram mão do desenho e também omitiram do texto as palavras "Este era seu formato", que apareciam no original. Desde então, o livro Mishnê Torá, de Maimônides, tem sido impresso sem o desenho e sem alusão ao fato de que Maimônides havia desenhado esta figura em seu livro.

Além de Maimônides, também Rashi, em seu comentário sobre a Torá, assim descreve o formato da Menorá: "Seis braços da Menorá saem de seus lados - para cá e para lá em diagonal, vão subindo até atingir a altura da Menorá que é a haste central e, uma a uma, vão saindo da haste central acima da outra." Inferimos desta linguagem que os braços não eram arredondados e arqueados, mas retos, em diagonal.

Uma descrição semelhante aparece no livro "História da Guerra entre os Judeus e os Romanos", de autoria de Flavius Josephus. Lá (tradução de Dr. Simchoni, livro 7, cap. 5) está mencionado:

"Deveras, era diferente o formato desta Menorá das demais que conhecemos, pois da base eleva-se um "tronco" (suporte, haste) central do qual saem as ramificações mais finas, que se assemelham a um forçado tridente."

Se é assim, como é possível que a Menorá difundida seja justamente a de formato arredondado e não a diagonal?

O Arco de Tito

Presume-se que o formato arqueado da Menorá foi extraído do relevo da menorá que aparece no Arco de Tito, em Roma.

Os desenhos de lá perpetuam o saque dos objetos do Templo Sagrado e sua remoção para Roma, a mando de Tito, o general romano que destruiu o Templo Sagrado.

Mas ao que tudo indica, a menorá do Arco de Tito não é a Menorá sagrada original do Templo, pois no relevo do Arco a menorá está sem os pés. Porém, a Menorá original possuía pés, conforme descrito no Talmud (Tratado Menachot 28b).

Portanto, podemos concluir que a menorá do Arco de Tito não é a principal, mas uma das outras que havia no Templo, como por exemplo, uma das dez menorot que o rei Salomão fez quando construiu o Templo ("fez Salomão todos os utensílios... e as menorot, cinco à direita e cinco à esquerda em frente ao Santuário" - Reis I - VII: 48-49. "Fez as dez menorot de ouro de acordo e colocou cinco à direita e cinco à esquerda" - Crônicas II 4:7.

Uma opinião de nossos Sábios sustenta que, antes de Tito invadir o Templo Sagrado, os sacerdotes esconderam os objetos mais importantes num local secreto, de maneira que a Menorá levada para Roma era uma das outras.

37 - Parashat Shelach

Números 13:1-15:41.

Os Judeus Pedem a Moshê que Envie Espiões a Israel

O povo judeu estava agora num local a sudoeste de Israel. Sabiam que em breve subiriam a montanha localizada na fronteira de Israel.

Acotovelando-se animadamente, aproximaram-se de Moshê com um pedido. A única tribo que não juntou-se à multidão foi a de Levi.

"Deixe-nos enviar espiões à nossa frente," pediu o povo a Moshê, "para investigar a Terra. Aconselhar-nos-ão sobre a rota a ser tomada.

Também nos informarão quais cidades podem ser facilmente conquistadas, para que saibamos onde atacar primeiro."

É óbvio que não necessitavam de espiões para reconhecer a Terra. A Nuvem de Glória e a Arca de D'us viajavam na frente do povo. Preparavam o caminho para o povo, e indicavam para onde ir.

Os judeus, portanto, citaram vários argumentos a fim de convencer Moshê da necessidade de exploradores.

"D'us prometeu levar-nos à Terra repleta de tudo de bom e bens preciosos," disseram-lhe. "Antes de nossa chegada, os canaanitas com certeza esconderão de nós todos os bens valiosos. Por isso, é uma boa idéia enviar agentes secretos para observar os habitantes e investigar seus esconderijos secretos."

"Mais que isso, D'us prometeu expulsar os habitantes de Canaã aos poucos. Precisamos decidir quais cidades atacar e conquistar primeiro. Os espiões também averiguarão a língua nativa. Se soubermos sua língua, podemos ser treinados para espioná-los durante a guerra, a fim de descobrir suas estratégias."

O povo judeu, na verdade, queria enviar espiões por causa das dúvidas que rondavam sua cabeça:

1. Apesar de D'us ter-lhes assegurado que Israel era uma terra boa, ninguém daquela geração a tinha visto. Não estavam convencidos de que a terra era especial o bastante para garantir uma guerra de grandes proporções (a guerra da época de Yehoshua durou sete anos). Os judeus queriam confirmação através de relatos de testemunhas oculares de que a Terra Prometida era de fato boa.

2. Comparados aos numerosos e bem treinados exércitos das sete nações que habitavam Canaã, o povo judeu tinha apenas um punhado de guerreiros sem preparo algum. Como poderiam ousar enfrentar inimigo tão temido em terreno desconhecido, sem saber exatamente seu número, o poderio de seu exército, e outros detalhes relevantes ao combate?

D'us condenou o povo pela falta de fé em Sua palavra, proclamando, por conseguinte, que aquela geração não entraria em Israel.

A Tribo de Levi, todavia, não requisitara espiões, e nenhum espião desta tribo fora enviado, conseqüentemente, os leviyim entraram na Terra Prometida.

Quando Moshê ouviu o pedido do povo, replicou: "Jamais darei um passo antes de consultar D'us. Concordarei apenas se Ele sancionar seu plano."

Moshê perguntou ao Todo Poderoso: "Consentes em enviar espiões à Canaã?"

"Se você assim o desejar," respondeu D'us, "não o impedirei. Todavia, Moshê, envie espiões por você mesmo, não por Mim."

Quando o dono do vinhedo percebeu que a vindima estava indo muito bem e que as uvas daquela safra resultariam em vinho doce e delicioso, ordenou a seus trabalhadores: "Tragam todas as uvas ao meu celeiro!"

Contudo, de outra vez, quando experimentou uvas de outra estação, percebeu que resultariam em vinho ácido. Portanto, disse aos trabalhadores: "Podem levar todas essas uvas aos seus próprios celeiros!"

Similarmente, D'us previu que os espiões não dariam certo, "azedariam"; por isso, não usou a frase: "Envie espiões para Mim" (como dissera, por exemplo, "Junte para Mim setenta homens; traga a Mim os leviyim"). Em vez disso, consentiu com as palavras: "Envie espiões por você mesmo."

Apesar de D'us saber que os espiões falhariam em sua missão e trariam punição a à geração inteira, não os proibiu de viajarem a Israel por diversas razões. Dentre elas:

1. Se recusasse o pedido dos israelitas, poderiam supor que a Terra não era verdadeiramente tão boa como Ele prometera. A profanação do Nome de D'us de acreditarem que o Todo Poderoso decepcionou-os era pior que a eventual punição da geração.

2. Apesar do Todo Poderoso prever todos os eventos futuros, Ele concede livre arbítrio a cada um. Apesar da exigência dos judeus de enviar espiões estar errada, os espiões tinham a opção de trazer um relato positivo e tornar a missão um sucesso.

De fato, Moshê consultou D'us no que concerne a cada espião individualmente, se tratava-se ou não de um tsadic, e D'us confirmou acerca de cada um: "Ele é um indivíduo de valor."

No princípio desta parashá, os espiões, são descritos como "anashim," homens distintos, indicando que quando principiaram sua missão, ainda eram todos virtuosos.

Os doze homens escolhidos eram os doze melhores do povo.

Quando Moshê informou aos judeus que D'us concordara com a empreitada, esperava que o povo respondesse que não necessitavam de espiões. Afinal, o fato de que a permissão fora concedida significava que Israel deve ser uma boa Terra.

Moshê tinha esperança de que sua aquiescência dissuadisse o povo de insistir no pedido. Os sábios discorrem uma parábola:

Alguém quer comprar um asno, mas diz que quer primeiro testá-lo. O vendedor, entusiasmado, concorda. "Posso levá-lo tanto para montanhas como para vales?" - pergunta o comprador.

"Claro!" - responde o vendedor.

Vendo que o vendedor estava tão confiante na coragem e astúcia do animal, o comprador decide que não tem nada a temer, e não faz o teste. Compra o asno e fica muito satisfeito.

Da mesma forma, Moshê pensou que sua prontidão em concordar com o pedido do povo o convenceria de que não havia nada a temer.

Ele estava errado; eles queriam ouvir sobre a Terra da boca de seus iguais. Assim, Moshê enviou os espiões.

Moshê Chama seu Aluno Hoshea pelo Nome: "Yehoshua"

Um dos espiões escolhidos por Moshê era o notável aluno Yehoshua. Na verdade, seu nome sempre fora "Hoshea". Antes da viagem dos espiões, Moshê mudou seu nome para "Yehoshua". Adicionou a letra extra Yud ao início do nome. (Moshê utilizou-se do Yud que D'us havia retirado do nome de Sarai, a primeira matriarca, ao mudar seu nome para Sara.)

A Torá refere-se a ele como "Yehoshua" antes mesmo deste incidente, em honra a Moshê, que lhe deu este nome.

Por que Moshê fez isso? Temia que os espiões pudessem não levar a incumbência a cabo de maneira correta. E assim, adicionou a "Hoshea" a letra Yud, que vale como nome de D'us,

.....
como se para dizer: "Que D'us o salve dos perversos planos dos espiões!"

Por que Moshê preocupou-se especialmente por Yehoshua?

Como lemos na parashá passada, era de conhecimento geral, através da profecia anunciada por Eldad que, após o falecimento de Moshê, Yehoshua o sucederia. Moshê pensou que Yehoshua pudesse juntar-se aos espiões por causa de sua grande modéstia.

Uma vez que fora decretado que Moshê faleceria antes de entrar na Terra, Yehoshua poderia aquiescer ao plano deles a fim de prolongar a vida de Moshê, adiando, assim, o momento em que ele próprio assumiria o manto da liderança.

A troca do nome de Yehoshua denota que, mesmo antes da missão começar, Moshê suspeitava que não terminaria bem. Não obstante, permitiu que os espiões fossem, pois o povo assim queria, e D'us não nega ao povo o direito ao livre-arbítrio.

Moshê Instrui os Espiões

Moshê jamais vira pessoalmente a Terra Prometida, mas tinha fé explícita na garantia de D'us de que era uma Terra na qual "jorravam o leite e o mel."

Por isso, forneceu instruções detalhadas aos espiões, que os fariam retornar, pensou, com um relato extremamente favorável. O povo então viajaria à Terra em júbilo.

Esclareceu extensamente os espiões nos seguintes pontos:

1. Deveriam tomar a rota designada a mostrar-lhes a fertilidade da Terra, sua produtividade e clima favorável.

2. O sul de Israel é sua parte menos fértil. (Por esta razão as vizinhanças de Hebron foram escolhidas como cemitério.) Não obstante, até mesmo esta região era sete vezes mais frutífera que a cidade mais produtiva na fértil terra do Egito. Moshê instruiu os espiões para que comessem investigando esta região, e então prosseguirem para o norte, em direção a áreas cada vez mais produtivas, a fim de apreciar plenamente a fantástica abundância da Terra.

"Encontrem os louvores de Canaã," disse-lhes. "Vejam se os frutos são grandes e suculentos ou secos e mirrados (e não deixarão de notar quão saborosos são os frutos). Cortem alguns frutos de tamanho médio (para que os judeus vejam com seus próprios olhos que seus louvores e elogios não são exagerados)."

Moshê direcionou os espiões num segundo ponto básico. Sabia que os judeus temeriam a guerra contra os poderosos exércitos de Canaã. Portanto, mostrou que mesmo que os canaanitas eram fisicamente fortes, D'us os subjugaria por causa de sua inferioridade espiritual.

"Descubram," ordenou Moshê aos espiões, "se o tsadic Iyov (Job), que lá reside, ainda está vivo. Se faleceu, os habitantes estão sem méritos espirituais, e certamente os sobrepujaremos. Mesmo que sejamos mais fracos, D'us nos ajudará, pois os canaanitas não têm méritos para protegê-los."

Moshê ensinou o Nome Divino de Doze Letras aos espiões, como proteção contra os perigos. (Alguns dizem que deu-lhes seu cajado.)

No dia 29 de Sivan os espiões partiram em direção à Terra Prometida.

Os Espiões Tornam-se Corruptos

Apesar de serem tsadikim no momento de sua indicação, corromperam-se assim que Moshê os enviou. Decidiram imediatamente trazer um relato negativo, como que para deter o povo judeu.

O que fez com que os espiões se tornassem corruptos?

Disseram uns aos outros: "Somos líderes do povo sob a liderança de Moshê. Assim que entrarmos em Israel, Yehoshua se tornará o líder. Então ele indicará um gabinete diferente de ministros. Por isso, detenhamos o povo no deserto, para assegurar que não seremos demovidos de nossos altos cargos e posições."

Passaram os próximos quarenta dias planejando como tornar plausível que a Terra de Israel não fosse conquistada.

A narrativa dos espiões serve de exemplo de como o desejo por honra corrompe as pessoas.

Similarmente na próxima parashá, Côrach rebelou-se porque aspirava por honra.

O desejo de uma pessoa por respeito e honra, na melhor das hipóteses, impede o serviço a D'us, ou pode corrompê-la totalmente.

Tanto Yehoshua quanto Calêv opunham-se ao esquema dos espiões, porém enquanto Yehoshua expressava suas objeções, Calêv pensou que seria mais sábio ocultar seus pensamentos.

Os espiões entraram em Israel pelo sul, e prosseguiram em direção ao norte. Sua presença certamente teria atraído a atenção dos canaanitas, e teriam sido mortos, se não fosse pela miraculosa proteção de Cima. D'us afligiou os governantes de cada cidade por onde passavam com uma praga. Os canaanitas, assim, ficaram preocupados em lamentar e enterrar seus mortos, e os estrangeiros passaram despercebidos.

D'us fez com que Iyov falecesse no mesmo dia em que os espiões entraram na Terra. A perda de Iyov causou luto geral, distraindo novamente a atenção da população dos estrangeiros. Todavia, em vez de reconhecerem a Providência do Todo Poderoso, os espiões aproveitaram-se dos eventos para denegrirem Israel, reportando, mais tarde, ao povo: "É uma terra de epidemias. Onde quer que passássemos, víamos pessoas morrendo aos montes."

Os espiões entraram nas vizinhanças de Hebron, onde fica a Gruta de Machpelá, mas estavam com medo de entrarem lá para rezar. Era de domínio público o fato de gigantes viverem naquela área.

Apenas Calêv ignorou o perigo. Resolveu visitar o local sagrado onde nossos patriarcas estão enterrados, raciocinando: "Como posso evitar envolver-me com a conspiração dos espiões? Yehoshua está protegido pela oração de Moshê, eu, porém, devo implorar a D'us que me ajude."

Por conseguinte, entrou na Gruta para rezar. A Shechiná entrou junto com ele, para informar os patriarcas que chegou a hora de seus descendentes conquistarem a Terra.

.....
Calêv atirou-se sobre os túmulos dos patriarcas e orou: "Pais do mundo! Imploro por misericórdia, que eu seja salvo dos planos dos espiões!"

O fato de que um homem com a força de caráter de Calêv achou necessário rezar na Gruta, prova que a tentação para ver os aspectos negativos da Terra era muito forte, mesmo partindo de homens da estatura dos espiões.

Por causa da oração de Moshê, Yehoshua não teve necessidade de unir-se a Calêv em Hebron. Sempre que Yehoshua contemplava o nome que Moshê lhe dera, sua fé se fortalecia.

Eles escolheram, contudo, frutas monstruosas, super desenvolvidas, a fim de mais tarde contar ao povo que um país que produz frutas tão estranhas era bizarro, e pessoas comuns não sobreviveriam lá.

Os espiões colheram um galho de videira do qual pendia um cacho de uvas extremamente pesado. Eram necessárias oito pessoas para transportá-lo. O nono espião carregou figos, e o décimo, uma romã.

Todavia, Yehoshua e Calêv, que perceberam que os espiões utilizariam esses frutos para denegrir Israel, não carregaram nada.

(O cacho de uva que eles portaram na volta foi suficiente para fazer vinho para os sacrifícios que seriam ofertados durante os próximos quarenta anos de permanência no deserto.)

Durante todos os quarenta dias de viagem, os espiões engendraram e ensaiaram um discurso que agitaria a comunidade inteira.

Geralmente, uma excursão através de Israel duraria mais de quarenta dias. Contudo, D'us sabia que os judeus expiariam com um ano deserto por cada dia que os espiões ficaram na Terra. Por pena dos judeus, Ele condensou a rota dos espiões e, portanto, a subsequente punição do povo.

A Volta dos Espiões

Os espiões voltaram no quadragésimo dia, na noite de 9 de Av. Antes de entrarem em suas tendas, aproximaram-se da casa de estudos.

Viram Moshê, Aharon, o San'hedrin (Corte Suprema) e o povo estudando as leis de chalá (separar um pedaço de massa) e orlá (a proibição de ingerir frutos nos primeiros três anos após o plantio de uma árvore).

"Vocês não precisam estudar tais leis, que se aplicam somente em Israel," disseram zombeteiramente ao povo. "Jamais conseguirão pô-las em prática."

Os espiões despejaram seu discurso cuidadosamente preparado. Primeiro, elogiaram e louvaram Israel. Sabiam que suas perversas afirmações só seriam aceitas se primeiro dissessem a verdade.

"Achamos que Israel é uma terra extraordinariamente fértil, realmente," principiaram. "A qualidade de que dela jorram o leite e o mel é literalmente verdade. As árvores estão carregadas de tâmaras doces e suculentas, das quais pinga o mel. As cabras têm tanto leite que o excesso flui ao chão. Assim, vimos

verdadeiros riachos de leite e mel. Vejam os suculentos frutos que trouxemos.

"Agora, examinem os frutos de perto. Já viram uvas tão gigantesas? Não são estranhas? Bem, este país abriga habitantes monstruosos, exatamente como produz frutos monstruosos.

"É impossível conquistá-la, pois seus moradores são fortes, e as cidades fortificadas. Não podemos entrar por lado nenhum sem nos depararmos com temíveis inimigos. No sul vive Amalec..."

À mera menção do nome "Amalec", o povo tremia.

Os espiões mencionaram Amalec primeiro (apesar dos canaanitas e emoritas serem mais fortes que Amalec), pois sabiam quanto temor este nome instilava no povo.

Os espiões continuaram: "Os canaanitas residem a leste e a oeste, e os emoritas e seus parentes, também poderosos guerreiros, nas montanhas, ao norte.

Assim, todas as fronteiras estão cercadas por poderosas nações."

Até aqui, os espiões não contaram nenhuma mentira abertamente. As cidades canaanitas eram, de fato, muito bem fortificadas, e os habitantes verdadeiramente poderosos. Também era verdade que havia gigantes entre eles.

Contudo, a sugestão dos espiões, de que a Terra era impossível de ser conquistada não constituía um fato real, porém uma opinião pessoal. (Não lhes foi pedido que opinassem se a Terra era ou não conquistável.

Se quisessem externar seus pontos de vista, deveriam tê-las mencionado a Moshê em particular.)

Os espiões continuaram: "Éramos pequenos como gafanhotos comparados a estes gigantes. Certa vez sentamos todos em uma casca de romã atirada por um deles. Sentimo-nos como gafanhotos!"

Ao ouvirem a descrição de "exércitos inimigos invencíveis", o povo começou a perder a coragem. Por isso, Yehoshua levantou-se para contradizer as palavras dos espiões.

Os espiões, porém, não deixariam que desse voz a sua opinião.

"Quieto!", gritaram. "Você não tem o direito de falar! Você tem filhas, mas não filhos. Você não teme que seus filhos sejam recrutados para o exército. Não queremos que nossos filhos sejam mortos!"

Calêv percebeu que deveria valer-se de um método diferente. Levantou-se sobre um banco e gritou de maneira provocativa: "Este foi o único ato que o Filho de Amram (Moshê) perpetrou para nós?"

Esperando que Calêv os apoiasse, os espiões silenciaram a multidão. As vozes aquietaram-se. Todos esperavam ansiosamente pela próxima sensação.

Obtendo atenção geral, Calêv concluiu: "Moshê fez muito mais! Ele não partiu o Mar Vermelho para nós? Não nos deu a maná? Por que estão com medo de conquistarem Canaã se Moshê

.....
assim ordenar? Moshê jamais nos iludiu ou induziu em erro. Se ele assim o diz, podemos prevalecer sobre nossos inimigos.

Mesmo se a Terra estivesse situada nos próprios céus e Moshê nos obrigasse: 'Construam escadas e subam até lá,' deveríamos segui-lo. Nosso sucesso baseia-se em obedecê-lo, pois o que quer que Moshê diga é a vontade de D'us."

Ao ouvirem as palavras de Calêv, os espiões apressaram-se em contradizê-lo.

"Não é como você está dizendo," proclamaram. "Não podemos prevalecer sobre essas pessoas, pois são mais fortes que nós."

A fim de impedir o povo de acreditar em Calêv, os espiões trataram de caluniar a Terra: "É uma Terra que devora seus habitantes," clamaram falsamente. "É cheia de epidemias. Onde quer que passássemos, víamos pessoas morrendo.

Uma vez que os habitantes são tremendamente fortes, não estavam morrendo de qualquer fraqueza física. Outrossim, o clima prejudicial da Terra destrói qualquer um que lá habite."

Moshê retrucou: "Ouviram o que Calêv disse: Yehoshua também concorda com ele! Não dêem ouvidos à maledicência dos outros espiões!"

Mas o povo não queria mudar de idéia. "São dez contra dois!" - disseram a Moshê. "Acreditamos nos dez espiões. Além disso, Yehoshua e Calêv não negaram que as cidades são fortificadas e que encontraram gigantes!"

Moshê, então argumentou: "Tudo o que eu já lhes disse não é invenção minha, mas uma ordem direta de D'us. Se estou prometendo que Ele os levará à Terra e destruirá todos seus inimigos, a garantia é do próprio D'us. Aquele que realizou todos estes milagres até agora continuará a operar milagres mesmo depois que vocês entrarem em Israel."

Os Judeus Choram sem Motivo

Os dez espiões viram que os judeus tinham se acalmado com as palavras de Calêv e Moshê. Decidiram tentar uma tática diferente para atrair as pessoas a seu modo de pensar. Naquela noite, cada um dos dez homens voltou a sua tenda, fingindo estar doente. Vestiram mortalhas brancas, choraram e lamentaram-se. Suas famílias ficaram alarmadas e lhes perguntaram o que os afligia.

"Não podemos esquecer o que vimos na terra de Canaã," disseram eles. "Estamos certos de que vamos morrer, é por isso que choramos e nos lamentamos." As famílias juntaram-se a eles e logo foram seguidas por vizinhos e amigos. Pais diziam pesarosamente a seus filhos: "Ai de vocês! Breve nossos inimigos, os emoritas, serão seus governantes!" Em pouco tempo, todos os homens da congregação estavam chorando e soluçando. As mulheres, contudo, não tomaram parte dos lamentos e prantos.

Os líderes do San'hedrin reclamaram a Moshê: "Não questionamos a justiça de D'us - se Ele decreta a morte sobre nós, aceitaremos. Mas por que Ele nos mata através das espadas dos idólatras de Canaã? Preferíamos ter morrido no Egito ou falecermos aqui no deserto."

"Será como desejam," respondeu D'us. "Vocês falecerão no deserto."

A noite de lamentação era a noite de 9 de Av. Disse o Todo Poderoso: "Vocês choraram sem motivo; portanto Eu lhes providenciarei uma razão para chorarem neste dia. Nove de Av se tornará uma época de luto nacional. Nesta mesma data, tanto o Primeiro quanto o Segundo Templo Sagrado serão destruídos."

Naquele 9 de Av foi decretado que ambos os Templos seriam deitados por terra e que os judeus seriam exilados, como está escrito (Tehilim 106:24-27): "E eles desprezaram a Terra desejada; não acreditaram em Sua palavra. Murmuraram em suas tendas, e não escutaram a Voz de D'us. Por isso, Ele jurou fazê-los cair no deserto. E fazer com que seus descendentes caíssem entre as nações, e fossem dispersados entre as terras."

As reclamações continuaram na manhã seguinte. Sempre que havia reclamações podia ser ouvido um grito vindo de um grupo de dissidentes: "Deixem-nos indicar novos líderes e voltar ao Egito!"

A frase: "Voltemos ao Egito" também implicava "ao estilo de vida egípcio," sem Torá e mitsvot. Constituía assim uma rebelião contra o Todo Poderoso.

Quando Moshê, Aharon, Yehoshua e Calêv ouviram essas palavras, temeram a punição imediata de D'us, e imploraram-Lhe misericórdia. Yehoshua e Calêv rasgaram suas vestes em angústia. Moshê e Aharon caíram sobre suas faces para rezar e expressar seu apelo para que o povo não se rebelasse contra D'us.

Moshê e Aharon estavam perplexos e sem palavras, mas Yehoshua e Calêv contradiziam os espiões veementemente. Proclamavam: "A Terra que investigamos é muito, muito boa!"

Não exageraram ao descreverem Israel como extremamente boa.

O rei assírio Sancheriv incumbiu seu general Ravshacay a persuadir os judeus a se renderem. Tentou convencê-los de que se beneficiariam instalando-se num país diferente, em vez de viver num estado de constante insegurança e prontidão para o combate em Israel. Prometeu aos judeus: "Eu os levarei a uma terra como a sua, uma terra de grãos e vinho, uma terra de pão e vinhedos, uma terra de oliveiras e mel, onde viverão e não morrerão..." (Melachim II, 18:32). Ravshacay referia-se a um país extremamente fértil na África.

Não foi tolice do general prometer aos judeus "uma terra como sua própria terra"? Se alguém convence uma mulher a tornar-se sua esposa, será que diz: "Sou tão rico quanto seu pai; prometo-lhe a mesma carne e vinho a que estava acostumada"? Em vez disso, não deveria oferecer um padrão mais elevado de vida que aquele ao qual estava acostumada? Então por que Ravshacay não prometeu levar os judeus a uma terra melhor que sua pátria?

Contudo, nem sequer Ravshacay poderia alegar que qualquer terra fosse superior a Israel. Tal afirmação teria sido ridicularizada como uma mentira óbvia. O fato de Ravshacay (um inimigo dos judeus que queria denegrir Israel) não ousar diminuir a Terra percebe-se sua superioridade amplamente reconhecida.

Todas as nações do mundo desejavam possuir Israel. Nos tempos antigos, um rei que não possuísse um palácio lá não era considerado importante.

Yehoshua e Calêv tranquilizaram o povo: "Se temerem apenas D'us, Ele os ajudará a conquistar a Terra. Realmente emanam

.....
dela o leite e o mel, pois seus frutos são gordos como leite, e doces como mel.

"Seu temor em relação à força dos canaanitas é uma é uma falta de fé no próprio D'us. O Todo Poderoso os expulsará na sua frente, exatamente como os tirou do Egito. Se acreditam Nele, terão êxito.

"Nós também vimos gigantes mas, diferentemente dos outros espiões, não ficamos com medo. Percebemos que a sentença de morte Celestial estava inscrita em suas faces. Não percebem que a força física dos canaanitas é irrelevante? A quota de pecados dos canaanitas já está completa, e não possuem mais méritos para protegê-los. O único grande tsadic que tinham, Iyov, cujo mérito os protegia, faleceu."

Contudo, o povo recusava-se a dar ouvidos a Yehoshua e Calêv.

Proclamaram: "Vocês não são dignos de confiança. Você, Yehoshua, deseja entrar em Israel porque se tornará líder; e você, Calêv, apoia-o porque é seu amigo íntimo. Nossos outros irmãos, os espiões, defendem nossos interesses melhor que vocês."

Os judeus decidiram ameaçar Yehoshua e Calêv atirando-lhes pedras. Imediatamente a Nuvem de Glória de D'us desceu para protegê-los. Os judeus perceberam que agiram errado e pararam.

D'us falou com Moshê bastante irado: "Por quanto tempo ainda este povo continuará a Me provocar? O que quer que Eu planeje é para seu benefício, porém constantemente escolhem reclamar.

•Eu os tirei do Egito, porém reclamaram no Mar Vermelho.

•Dei-lhes a Torá no Monte Sinai, e logo depois fizeram um Bezerro de Ouro.

•Eu lhes dei o alimento Celestial, a maná, e reclamaram dele.

•Fiz com que a nobreza de Canaã perecesse enquanto os espiões passavam através da região, para que não os molestassem. Em troca, caluniaram a Terra, dizendo: 'é uma Terra que devora seus habitantes.

"Não há mais esperança de imbuir nesta geração a fé e temor por D'us necessários para viver em Israel. Deixe-Me destruí-los através de uma praga.

"A fim de cumprir Minha promessa aos patriarcas, Eu multiplicarei seus descendentes, Moshê, e farei deles uma grande nação!"

D'us estava prometendo a Moshê que iria formar uma grande nação a partir de sua semente e dar-lhe a Terra Prometida, cumprindo assim a promessa que fizera aos patriarcas, pois, afinal de contas, Moshê era descendente deles.

Mas Moshê disse: "Se uma cadeira que só tem três pernas não pode ficar firme, como pode um banco de uma só perna ter alguma esperança de ficar em pé? Se o mérito de três patriarcas não é suficiente para salvar seus filhos, como apenas meu mérito protegerá meus filhos ao pecarem?"

Moshê Defende o Povo Judeu

Moshê, o pastor altruísta, fez seu melhor para defender os judeus. Apesar do povo ter se rebelado até mesmo contra Moshê,

dizendo: "Retornemos ao Egito", Moshê como de costume, apressou-se para suplicar por eles.

"Se matares o povo em vez de levá-los à Terra," argumentou com o Todo Poderoso, "as nações gentias, não sabendo que Tu estás punindo os judeus por seus pecados, proclamarão: 'Por que o Todo Poderoso aniquila um povo que Ele ama e em cujo meio Ele habita? Deve ser porque Ele não tem poder para lhes dar a Terra de Canaã.'"

"Filho de Amram," replicou D'us, "Acaso as nações não conhecem Minha força porque ouviram sobre os grandes milagres que Eu realizei no Mar Vermelho?"

Moshê respondeu: "Elas dirão: 'Apesar de Ele derrotar um rei, Faraó, Ele não é capaz de conquistar os trinta e um reis de Canaã, Por conseguinte, assassinou Seu povo no deserto.'"

"E agora, D'us, que Sua Misericórdia prevaleça sobre Sua ira. Cumpra Suas palavras, que Você é paciente e tolerante mesmo com iníquos. Não atente para o que eu disse antes."

A que conversa anterior referia-se Moshê?

Ao ascender ao Céu para receber as Tábuas da Lei, encontrou D'us escrevendo as palavras: "D'us é paciente e tolerante."

Perguntou: "Esta frase quer dizer que Você é indulgente quando um tsadic (justo) peca?"

"Não apenas com tsadikim," respondeu D'us. "Refere-se também a perversos."

"Por que és paciente com os iníquos?" - questionou Moshê. "Deixe-os perecerem."

"Chegará o dia," redargüiu D'us, "em que ficarás feliz com este Atributo da Misericórdia, e recorrerás a ele."

Quando os judeus pecaram no incidente dos espiões foram classificados como " perversos", porque pecaram repetidamente. Por isso Moshê apelou a D'us para ser tolerante com eles.

"Não disseste que devo ser paciente apenas com os tsadikim?" - perguntou D'us a Moshê.

"E Tu não me garantiste que És paciente também com os perversos?" - lembrou-Lhe Moshê.

Moshê disse a D'us: "Tua verdadeira força é revelada ao mundo quando exerces a paciência (pois o verdadeiro poderoso é aquele que consegue controlar-se).

"Mesmo que os judeus tenham causado Tua ira testando-O agora pela décima vez, lembre-Te de que Avraham, na décima prova com a qual o testaste, conquistou sua compaixão por seu filho Yitschac e estava disposto a sacrificá-lo. Em troca, deixe que agora Sua Misericórdia conquiste Tua ira. Então ficará claro que Tu és poderoso."

Moshê apelou ao Atributo divino da Misericórdia. D'us lhe prometera que Ele sempre responderia favoravelmente a esses Atributos. Há Treze Atributos da Misericórdia Divina, mas Moshê apelou apenas a seis, naquele momento. Sentiu que os judeus não fizeram teshuvá por sua rebelião contra D'us. Por isso, não

.....
ousou pedir por perdão completo, mas apenas por adiamento da punição, para impedir a destruição completa e imediata.

"D'us," exclamou, "que é tolerante e abundante em Misericórdia; Que perdoa iniquidade e transgressão, Que perdoa aqueles que voltam a Ele e pune os que não o fazem, mas, em vez de destruí-los, distribui o pecado dos pais para três ou quatro gerações de seus descendentes - não decreta a morte sobre os Filhos de Israel!"

D'us replicou: "Apesar de não perdoar o povo judeu completamente, Eu os perdorei, conforme suas palavras. Em vez de aniquilá-los imediatamente, Eu punirei esta geração com a eventual morte no deserto, e distribuirei o resto da punição sobre as próximas gerações."

A Punição da Geração do Deserto

"Esta geração," jurou Ele, "que viu Meus milagres no Egito e no deserto, e não obstante testaram-Me dez vezes, não entrarão na Terra. Diga ao povo que Eu juro que cumprirei seu pedido. Pediram para falecer no deserto, e falecerão. Todos os homens com idade entre vinte e sessenta anos - aqueles que podem ser recrutados para o exército, mas recusaram-se a enfrentar os canaanitas em combate - morrerão com a idade de sessenta anos, e cavarão suas próprias sepulturas.

"Seus filhos carregarão o resto da punição vagando pelo deserto por quarenta anos, até que todos os homens da geração que deixou o Egito atinjam a idade de sessenta anos e pereçam."

De que maneira as palavras de D'us se realizaram?

Todo ano, na noite em que os judeus tinham pecado, 9 de Av, chorando sem um bom motivo, quinze mil judeus morriam.

Assim, ficava perfeitamente claro que todos que morriam em Tish'á Beav (9 de Av) - e ninguém morria em qualquer outra data - estavam sendo punidos pelos seus erros.

Na véspera de Nove de Av, àqueles que atingiram a idade de sessenta anos, Moshê proclamava: "Vão, cavem suas sepulturas!"

Cada judeu cavava sua própria sepultura, e lá descansava na noite de Tish'á Beav. Os que sobreviviam não podiam deixar seus túmulos de manhã até que Moshê proclamasse: "Todos os que estão vivos, levantem-se!"

Os membros daquela geração, que ouviram a Voz de D'us no Monte Sinai, pareciam-se com anjos, apesar de seus pecados. Na morte, seus corpos não se decompuseram.

Na véspera de Tish'á Beav do quadragésimo ano no deserto, ocorreu um acontecimento maravilhoso. Como de costume, os homens cavaram sua própria sepultura, porém na manhã seguinte descobriram que ninguém falecera.

Não obstante, não ousaram acreditar que a mortandade findara, uma vez que muitos homens que tinham vinte anos à época do decreto de morte ainda estavam vivos. Por isso, pensaram que haviam errado ao calcular o início do mês. Voluntariamente, voltaram a seus túmulos pelas seis noites seguintes.

Ao verem a lua cheia aparecer em 15 de Av, tiveram certeza de que era o meio do mês. Perceberam então que o severo decreto fora abolido.

Celebraram o dia 15 de Av como Yom Tov (Dia Festivo): com grande alegria. Esta é uma das razões pelas quais celebramos anualmente esta data como um dia de júbilo.

Na verdade, os quarenta anos de peregrinação no deserto beneficiaram os que entraram na Terra. Quando os canaanitas ouviram que os judeus estavam a caminho da Terra, derrubaram suas árvores e queimaram as casas, para que os que estavam entrando encontrassem um país devastado e deserto. D'us deteve os judeus no deserto até que os canaanitas tivessem novamente cultivado o solo e reconstruído suas casas.

Mais ainda, D'us disse: "Se Eu trouxer o povo a Israel imediatamente, cada um correria para seu campo e seu vinhedo e devotaria todas as energias para cultivá-los. Segregarei os judeus no deserto por um período de quarenta anos, durante o qual estudarão Torá enquanto comerão a maná. Então, entrarão em Israel purificados."

O decreto de morte não incluía os seguintes grupos:

- Yehoshua e Calêv.

- As mulheres da geração do deserto. Elas não participaram dos pecados do povo, porém foram sempre leais a D'us e a Moshê.

- As crianças com menos de vinte anos.

- Os homens com idade acima de sessenta anos.

- Os membros da Tribo de Levi, uma vez que não participaram no pecado do bezerro de ouro, no dos espiões, e em outras rebeliões.

- Todos esses grupos entraram em Israel.

A Punição dos Espiões e a Recompensa de Calêv e Yehoshua

Os dez espiões que caluniaram a Terra morreram pouco tempo depois. Tiveram uma morte terrível. Por terem pecado com a língua, D'us alongou as línguas deles até chegarem ao ventre. Vermes rastejaram para fora de suas línguas, penetraram nos intestinos, e lhes causaram a morte.

Por que os espiões mereceram uma punição tão terrível?

- 1.As pessoas deveriam aprender com a própria experiência; mas nem sempre o fazem. D'us disse: "Os espiões não podem usar a desculpa de que não perceberam a seriedade de lashon hará (maledicência). Todos sabiam da punição de Miriam por ter falado sobre seu irmão Moshê (conforme se encontra na parashá anterior). Mesmo assim, recusaram-se a aprender a lição. Falaram lashon hará sobre Mim e Israel."

- 2.Como foram punidos através de suas línguas, os judeus puderam observar seu castigo e aprenderam uma lição importante: se os espiões tiveram uma morte terrível por falar mal de uma terra, quanto mais deve-se ter cuidado para não falar mal de uma pessoa viva.

- 3.Não foi concedido aos espiões a oportunidade de fazer teshuvá, pois incitaram o povo a pecar. Alguém que faz com que outros

.....
pequeno é considerado muito mais culpado que aquele que peca sozinho.

Quando a Tribo de Yehudá recebeu seu território, sob a liderança de Yehoshua, Calêv recebeu o território nas cercanias de Hebron, por ordem Divina, como recompensa.

Yehoshua recebeu as porções do Mundo Vindouro que haviam sido reservadas aos espiões. A letra Yud (cujo valor numérico é dez) foi acrescida a seu nome original, Hoshea, indicando que mereceu a recompensa espiritual dos dez espiões.

Por que D'us deu a Yehoshua recompensa maior que a Calêv?

A magnitude da recompensa é proporcional à severidade da tentação. Calêv descendia de Yehudá, que tinha controle sobre sua língua. Era, portanto, naturalmente inclinado a resistir ao lashon hará, sem ter de esforçar-se muito. (Não obstante, rezou por ajuda dos Céus nos túmulos dos patriarcas, pois estava em má companhia, o que pode ser perigoso, mesmo para um tsadik.)

Yehoshua, por outro lado, era descendente de Yossef, que falou mal de seus irmãos a seu pai. Por isso, herdou uma fraqueza inerente no que tange a este pecado. Uma vez que lutou contra a tentação, sua recompensa foi proporcionalmente maior.

Quando os homens da geração ouviram o juramento do Todo Poderoso de que deveriam falecer no deserto, e ao testemunharem a morte dos espiões, lamentaram-se muito pelo seu pecado.

Uma Visão Chassídica sobre a Falha dos Espiões

O Rebe explica porque homens notáveis como os espiões não quiseram entrar na Terra Santa:

Enquanto os judeus habitavam no deserto, estavam envolvidos apenas com assuntos espirituais como o estudo da Torá. Todas suas necessidades físicas: alimento, bebida e roupas eram providos milagrosamente por D'us. Os espiões não queriam ter envolvimento mundano que seriam essenciais ao entrarem em Canaã.

Estes líderes perceberam que os judeus teriam que trabalhar a terra, envolver-se em atividades comerciais e afins. Com certeza, estas atividades seriam guiadas pela Torá: o povo não praticaria o roubo, a calúnia a maledicência, não se intrometeria nos assuntos do próximo, etc. Também cumpriram os preceitos de maasser (dízimo), Shemitá (o ano sabático), terumá (a cota dos cohanim), etc. Todavia, o tempo deixado para o estudo e a prece seria mais escasso.

A alegação dos espiões era: "Por que deveríamos mudar o tipo de trabalho espiritual no deserto, pelo trabalho na terra de Israel? Lá, na Terra Santa lidaremos com os frutos da terra - não com a maná dos Céus; lá teremos que lidar com os canaanitas, diferente do deserto onde somos uma nação reclusa."

Os espiões concluíram que a terra Santa tornar-se-ia um "país que devora seus habitantes" - que acabaria consumindo e devorando sua espiritualidade e santidade.

Os espiões estavam errados!

"A terra é extremamente, extremamente boa". Embora o trabalho em Israel se concentrasse em assuntos simples, isso é o desejo

de D'us - que mesmo as coisas mundanas da vida tivessem um cunho de Judaísmo, de terem sido realizadas por um judeu da maneira adequada, ordenada Divinamente. Isso é mais caro ao Todo Poderoso que o elevado estudo da Torá no deserto.

Hoje nos encontramos em um difícil exílio. É impossível estudar Torá oito horas por dia; tudo o que podemos fazer é participar de aulas de Torá comunitárias - muitas das quais não são profundas, mas tratam de leis simples ou histórias de nossos sábios, etc.

Não devemos desanimar.

"A terra é extremamente, extremamente boa." Se superarmos o desânimo e as dificuldades e nos conduzirmos de maneira judaica, mesmo nos assuntos mais simples e corriqueiros da vida, cumpriremos a suprema vontade de D'us tão eficazmente quanto através do profundo estudo da Torá no deserto. E se o fizermos com alegria, será ainda mais precioso aos olhos de D'us.

Um Grupo de Judeus Sai para Lutar sem Permissão

Finalmente os judeus entenderam que haviam pecado. Deveriam ter discordado dos espiões e continuado a confiar em D'us.

Alguns deles disseram: "Pecamos por não ter confiança em D'us. Deixe-nos fazer teshuvá agindo de maneira diferente. Subiremos à montanha na fronteira de Israel e atacaremos as nações que lá habitam!"

"Não devem fazer isto!" - protestou Moshê. "D'us já decidiu que os homens desta geração morrerão no deserto e não conquistarão Israel. Por isso, D'us não estará com vocês na batalha. Vocês serão mortos pelos inimigos!"

Mas não deram ouvidos a Moshê. "Subiremos à montanha e começaremos a lutar agora!" - insistiram os judeus. "Isto mostrará como estamos arrependidos por termos dito que seria melhor retornar ao Egito."

Naturalmente, estavam errados. Poderiam ir à guerra apenas com a permissão de D'us.

Assim que chegaram à montanha, os amalequitas e os canaanitas que lá viviam desceram marchando. Atacaram os judeus e começaram a matá-los.

Mas D'us realizou um milagre: qualquer soldado inimigo que matasse um judeu morria imediatamente, como uma abelha morre após soltar seu ferrão sobre sua vítima.

As Leis da Oferta de Farinha e Vinho

Após o incidente dos espiões e a punição infligida à geração, prevalecia um espírito de depressão e pesar.

O povo reclamou: "Talvez nossos filhos cometam algum outro pecado, então também não entrarão em Israel. Nosso povo jamais chegará à Terra."

D'us ordenou a Moshê: "Vá e dê força e ânimo aos judeus!"

"Mestre do Universo," perguntou Moshê, "como os consolarei?"

"Ensinando Torá," retrucou o Todo Poderoso. "Instrua-os na mitsvá de libações e a mitsvá de separar a chalá da massa. Essas

.....
mitsvot aplicam-se principalmente em Israel. Assim, os judeus ficarão inspirados com a confiança de que seus filhos chegarão definitivamente a Israel."

Moshê então, ensinou ao povo judeu que os sacrifícios individuais de olá e shelamim, e os sacrifícios comunitários de shelamim trazidos com os dois pães em Shavuot, devem ser acompanhados tanto por uma oferenda de farinha como de uma libação.

A oferenda de farinha que acompanha os sacrifícios acima mencionados, consiste de farinha, óleo e sal. Era completamente queimada sobre o altar. As quantidades de farinha e óleo variavam de acordo com o tipo de sacrifício que era realizado.

A oferenda vertida, uma medida de vinho, variando de acordo com o tipo de sacrifício animal que era oferecido, era trazido com cada olá e shelamim. Era vertido nos orifícios de drenagem na base do altar. No caso de uma oferenda comunitária, os leviyim cantavam enquanto o vinho era vertido.

A Lei de Separar uma Porção da Massa

Enquanto estavam no deserto, os judeus não separavam uma porção de massa. A mitsvá só se tornou obrigatória após terem entrado em Israel.

Daquele momento em diante, sempre que alguém fazia uma quantidade específica (um omer) de massa de uma das cinco espécies de cereais (trigo, cevada, aveia, espelta ou centeio) precisava separar uma parte da massa, chamada de chalá. A chalá era sagrada e entregue ao cohen.

A mitsvá de separar a chalá realmente só se aplica em Israel numa época em que a maioria do povo judeu habita lá. Contudo, nossos sábios comandaram que a chalá seja separada mesmo fora de Israel, e mesmo em nossa época, para que essas leis não sejam esquecidas. Hoje em dia queimamos a chalá e não a damos aos cohanim, porque os cohanim encontram-se impuros.

Para criar o primeiro homem, D'us juntou um pouco de terra de cada parte do mundo, e recolheu água de todos os oceanos, formando uma argila. A partir desta "massa" Ele formou Adam (Adão). Por isso, nossos sábios denominaram Adam "a chalá do mundo". Quando Chava (Eva) ofereceu-lhe o fruto proibido, fez com que Adam perdesse sua pureza original.

A mitsvá de separar a chalá tem o potencial de trazer de volta a pureza de espírito perdida através do pecado de Adam. Desta maneira, ao cumprir esta mitsvá, a mulher retifica o pecado de Chava.

Uma Bênção no Lar

É significativo que a mitsvá de separar a chalá da massa, foi outorgada à mulher judia. Como esteio do lar, a mulher não apenas prepara o sustento físico para a família; mas cumprindo esta mitsvá, ela também confere uma mensagem espiritual ao alimento.

A mitsvá de separar a chalá incorpora a crença de que todo nosso sustento realmente chega até nós através das mãos de D'us. Do mesmo modo que não podemos ingerir o pão a não ser que tenhamos separado a chalá, assim também uma porção de nosso sustento é sempre reservada para caridade, que é dada livremente - "do bom e do melhor."

Nossos sábios dizem a respeito da mitsvá de separar a chalá: "Isto fará com que a bênção paire sobre sua casa." A mulher, tão influente na formação dos valores e atitudes dos membros da família, traz bênçãos sobre seu lar e família através desta mitsvá, e instila fé em D'us nos que a rodeiam.

A mitsvá de separar a chalá simboliza toda a prática da cashrut, enfatizando a elevação do físico e mundano a reinos de santidade.

As mulheres judias tradicionalmente assaram suas próprias chalot, como parte da preparação para Shabat e Yom Tov, apreciando e valorizando a oportunidade de cumprir esta mitsvá. Esta mitsvá é especialmente significativa na véspera de Shabat. Antes de separar a chalá, muitas mulheres depositam algumas moedas numa caixinha de tsedacá destinada aos necessitados, especialmente aos estudantes de Torá, em Israel.

Separar a porção de chalá é fácil, porém requer uma compreensão das medidas e outros critérios envolvidos. Nem todas as massas precisam da separação da chalá. Os parágrafos seguintes fornecem um guia dos requisitos para a separação da chalá.

Requisitos da Farinha e Líquidos para a Separação de Chalá

Há três possibilidades no que tange à separação da chalá: separar a chalá com a bênção; separar a chalá sem bênção ou não separar de modo algum. A chalá deve ou não ser separada, dependendo do tipo e quantidade de farinha e líquidos que a massa contém.

Tipo de farinha: Separa-se a chalá quando a massa é feita de um ou da combinação dos seguintes cinco grãos: trigo, centeio, cevada, aveia e espelta. Outros tipos de farinha como a de arroz, soja, milho e trigo-sarraceno (cashê), quando utilizados sem "os cinco cereais" não necessitam de separação da chalá. Se utilizados combinados com a farinha de um dos cinco grãos, um rabino deve ser consultado sobre as leis para separação da chalá.

A quantidade de farinha também determina a necessidade ou não de separação da chalá; em caso positivo, uma bênção é recitada.

Conteúdo líquido: A fim de se separar a chalá com bênção, a maior parte do conteúdo líquido da massa deve ser composta de água, contanto que os requerimentos da quantidade e tipo da farinha também estejam dentro dos parâmetros. Se a maior parte do líquido contido na massa for outro que não água (como óleo, ovos, mel, suco, etc.) separa-se a chalá sem bênção.

A fim de se separar a chalá, mesmo sem a bênção, deve-se misturar pelo menos um pouco de água na massa antes da farinha e líquidos serem bem misturados juntos. Se a receita não pede água, é correto pingar algumas gotas de água.

Quantidade de farinha: A quantidade de farinha utilizada determina se a chalá será separada com ou sem bênção, ou se nem será separada. Isto depende do peso da farinha. Abaixo seguem as medidas:

Requisitos da farinha em gramas:

- Não se separa chalá ao se utilizar farinha em quantidade inferior a 1230 gramas.

- Separa-se chalá sem bênção ao se utilizar quantidade de farinha pesando entre 1230 e 1666,6 gramas.

.....
•Separa-se chalá com bênção ao utilizar uma quantidade de farinha superior a 1666,6 gramas.

Como Proceder

Separa-se chalá depois que a farinha e os líquidos estão bem misturados juntos formando uma massa homogênea; enquanto esta ainda está inteira, antes de ser dividida e de se formarem os pães. Antes de separar o pedaço da massa, recita-se a seguinte bênção:

Baruch Atá A-do-nai, E-lo-hê-nu Mêlech haolam, asher kideshánu bemitsvotav, vetsivánu lehafrish chalá.

(Bendito és Tu, A-do-nai, nosso D'us, Rei do Universo, que nos santificou com Seus Mandamentos e nos ordenou separar parte da massa.)

Remove-se então um pequeno pedaço de aproximadamente 28,8g da massa. Imediatamente após separar a chalá, quer com recitação da bênção ou não; diz-se: "Harê zê chalá" (Isto é chalá).

Atualmente, já que não podemos dar a massa aos cohanim, nem utilizá-la para nós mesmos, o costume mais difundido é queimar este pedaço em separado (por exemplo, envolto em papel alumínio), sobre o queimador do fogão.

Apesar da separação da chalá ser uma das três mitsvot especiais da mulher, qualquer pessoa acima da idade de Bar ou Bat Mitsvá pode cumprir a mitsvá, quando necessário.

Separando a Chalá depois de Assar a Massa

Há casos em que a chalá é separada depois de se assar a massa:

•Se a massa for líquida impossibilitando a separação de chalá antes de assá-la, como a receita de diversos bolos.

•Se alguém se esqueceu de separar a chalá antes de assar.

Separa-se a chalá colocando-se todos os pães ou bolos já assados numa caixa ou recipiente, cobrindo-se todos com um pano. Tira-se então um pedaço de um dos pães ou bolos, e, quando exigido, recita-se a bênção.

Deve-se realizar este procedimento antes de se utilizar ou ingerir os produtos assados.

Massa de Bolos, Biscoitos, etc.

A separação da chalá ao se assar bolos, biscoitos, e confeitaria em geral, quando se assa grandes quantidades de massa, que não seja para pão ou chalá, aplicam-se as leis de separação de chalá.

Os tipos e quantidades de farinha e líquidos são os mesmos que os relativos aos pães. Sendo que a água consiste na menor parte dos líquidos na maioria das receitas de bolo, mesmo se uma receita pedir mais de 1666,6 gramas de farinha, separa-se a chalá sem bênção.

Separação da chalá em massas cozidas ou fritas: Se alguém sova uma massa com a intenção de cozinhá-la ou fritá-la (por exemplo, para macarrão ou sonhos), deve-se separar a chalá sem bênção.

Um Homem que fez um Trabalho Proibido no Shabat

Moshê ensinou aos judeus as mitsvot de guardar o Shabat assim que começaram a travessia do deserto, mesmo antes de receberem a Torá.

Subitamente, um povo inteiro ouviu que durante vinte e quatro horas a cada semana estavam proibidos de cozinhar, assar, escrever, apagar, construir, demolir edifícios, e de todos os outros trabalhos não permitidos no Shabat.

Moshê estava preocupado de que alguns judeus cometeriam erros ou se esqueceriam, fazendo um trabalho proibido. Por isto, antes que chegasse o primeiro Shabat, ele designou indivíduos cuja função era patrulhar o acampamento durante o Shabat, assegurando-se que nenhum judeu realizaria um trabalho proibido.

No primeiro Shabat, os responsáveis ficaram satisfeitos. Todo o povo de Israel cumpriu conscientemente as leis de Shabat. Mas no segundo Shabat, tiveram uma visão chocante: um judeu estava apanhando gravetos de um campo.

Durante o Shabat, é proibido juntar plantas (como também cortar madeira e carregar em público). Este trabalho é denominado hameamer.

"Pare!" - gritaram os guardas. "É Shabat! Aquele que profana o Shabat é condenado à morte!" Mas o homem replicou: "Não me importo," e continuou a juntar os gravetos. Quando os guardas viram que o homem estava transgredindo o Shabat de propósito, prenderam-no e o levaram perante Moshê.

"Ele profanou propositadamente o Shabat," disseram a Moshê.

Moshê disse: "Este judeu deve ser punido com a morte."

Entretanto, não estava seguro sobre qual o tipo de sentença de morte o tribunal deveria pronunciar. "Coloque o homem na prisão até que eu pergunte a D'us," ordenou ele.

Moshê perguntou a D'us: "Que tipo de morte merece alguém que intencionalmente profanou o Shabat?"

D'us respondeu: "É punido com o apedrejamento."

O homem foi então punido.

Esta punição impressionou todos os judeus que a testemunharam. Perceberam como é grande a santidade do Shabat. A partir de então, fariam tudo para cumprir todas suas leis.

Conforme uma opinião de nossos sábios, este homem era um tsadic de nome Tselofchad. Ele cometeu o pecado com uma intenção positiva. Pensou: "Os homens desta geração ouviram de D'us que morrerão no deserto.

Agora poderiam pensar: "Como as mitsvot foram outorgadas principalmente para serem cumpridas em Israel, e não chegaremos lá, não precisamos levá-las tão a sério." Por isto, Tselofchad decidiu sacrificar sua própria vida a fim de mostrar a todos o castigo de alguém que profana uma das mitsvot.

A Mitsvá do Tsitsit

.....
A parashá termina com a obrigação de lembrar todos os mandamentos; pois é uma falácia pensar que o judaísmo pode assentar-se apenas sobre a fundação de mandamentos tão primários quanto acreditar em D'us e observar o Shabat, vitais como o são.

A mitsvá de tsitsit (franjas) é um veículo que possibilita ao judeu lembrar-se de todos os preceitos da Torá.

A passagem abaixo faz parte da leitura do Shemá. A Torá nos ordena a lembrar do Êxodo do Egito todos os dias (Devarim 16:3). Os sábios instituíram que esta mitsvá deve ser cumprida durante as preces diárias, através da recitação de versículos da Torá. Escolheram, portanto, esta passagem para ser agregada ao Shemá pois, além da menção do Êxodo, contém diversos outros conceitos básicos.

Quando um judeu coloca tsitsit, considera-se como se tivesse cumprido todas as mitsvot da Torá. Aquele que cumpre a mitsvá do Shabat, também, é como se tivesse cumprido todas as mitsvot da Torá. Por esta razão, a Torá traz a história do homem que profanou o Shabat e a mitsvá de tsitsit próximas uma da outra.

"E falou D'us a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes que façam para si tsitsit nos cantos de suas vestimentas, por todas as suas gerações."

O que significa a palavra tsitsit?

1. Tsitsit são "franjas". Referem-se aos fios que devem ser feitos com o propósito explícito da mitsvá (lishmá), tecidas segundo as especificações da lei judaica, e atadas às vestimentas de quatro cantos.

2. A palavra tsitsit não se refere apenas às franjas em si, mas ao que estas franjas evocam naqueles que as vestem. A palavra "hetsits" (relacionada a 'tsitsit') quer dizer olhar, observar algo intencionalmente. O tsitsit exorta aquele que o usa a olhar atentamente para as franjas a fim de se lembrar de todos os mandamentos.

Qual a importância dos cantos?

Os cantos das roupas são acessíveis e visíveis, o que é essencial no contexto deste mandamento, uma vez que as franjas devem ser vistas a fim de servirem como lembretes.

Só é obrigado a atar tsitsit às roupas se a pessoa vestir uma roupa de quatro cantos. Não obstante, a mitsvá é tão grande que nossos sábios ensinaram que um judeu deve vestir um traje de quatro cantos com tsitsit diariamente, a fim de cumpri-la. Ele também deve educar seus filhos a cumprirem a mitsvá de tsitsit.

Vestir tsitsit confere santidade ao judeu. D'us ordenou: "Envolvam-se em vestimentas parecidas com as dos anjos." Os tsitsiyot são atados às quatro asas dos anjos chamados de Chayot. A palavra canfê e canaf (que significam cantos e também asas) alude às asas dos anjos.

Por que a Torá diz: "por todas as suas gerações"?

Quando alguém é sincero acerca de utilizar até mesmo suas vestimentas como meio de conseguir devoção a D'us, pode imbuir seus filhos e as gerações posteriores com a mesma dedicação.

As pessoas nunca devem subestimar o efeito que suas ações podem ter sobre outros, especialmente sobre os que lhe são próximos, e conseguem perceber se seus atos são ou não motivados pela dedicação genuína.

"E nas franjas de cada canto prenderão um cordão azul-celeste."

Um dos oito fios deve ser de lã pura e tingido de azul, com a tinta obtida do sangue da criatura marinha de nome chilazon. Este fio não pode ser tingido com tinta azul obtida de qualquer outra fonte. O fio azul do tsitsit sugere o Trono de Glória Celestial Superior.

Os fios brancos e o azul devem se mesclar de maneira a formarem uma única franja, pois a combinação dos dois elementos constitui uma única mitsvá.

Conforme legisla Maimônides, se o fio azul não é acessível, sua ausência não impede a realização da mitsvá, com todos os fios brancos.

A identidade exata da criatura que é a fonte desta tinta azul não é conhecida hoje, de modo que o fio azul é atualmente impraticável. Nossos tsitsiyot, portanto, são compostos apenas de fios brancos. Não obstante, são casher. A cor branca é símbolo de perdão do pecado.

"E serão para vós por tsitsit, e o olhareis e recordareis de todos os preceitos de D'us, e as cumprireis."

O Todo Poderoso nos presenteou com uma mitsvá que tem o propósito de nos lembrar de todas as Suas outras mitsvot: a dos tsitsit. O objetivo das franjas é que o judeu deve olhar para elas, lembrar-se de D'us e desistir de pecar.

Como os tsitsiyot ajudam o judeu a lembrar-se de suas obrigações com o Todo Poderoso?

1. As franjas são como uma insígnia real, lembrando seus portadores de que estão sempre a serviço do Rei. Quando um judeu caminha usando tsitsit, os anjos proclamam: "Honra seja dada ao filho do Rei!"

2. Um não-judeu perguntou a Rabi Binyamini: "Que costume tolo vocês judeus observam?! Por quê penduram fios tecidos com nós nos cantos de suas roupas?"

"Eu explicarei de uma maneira simples," replicou Rabi Binyamin. "Nosso mestre Moshê queixou-se ao Altíssimo que um homem profanou o Shabat porque naquele dia não estava usando o tefilin, que lembra o judeu de seu laço entre D'us e o povo judeu. (Naquela época, os judeus usavam os tefilin o dia inteiro, exceto em Shabat, quando não deviam usá-los.) D'us disse então a Moshê: "Eu te darei uma mitsvá que se aplica até em Shabat e Yom Tov. Ordene que cada judeu coloque tsitsit, fios tecidos e com nós, a suas roupas, a fim de se lembrarem das mitsvot."

"Pois saiba que estamos agindo como as pessoas que dão nós em seus lenços a fim de lembrá-los de certas coisas."

3. Cada detalhe da mitsvá foi projetado para lembrar-nos de que, como servos do Todo Poderoso, somos obrigados a cumprir Seus mandamentos.

• Os tsitsit são atados a um canto em cada uma das quatro direções para nos lembrar de nossa obrigação, aonde quer que nos voltemos.

.....
•O valor numérico da palavra tsitsit é 600. Se acrescentarmos a esse número os 8 fios e 5 nós (em cada canto), teremos o total de 613, um lembrete das 613 mitsvot.

Além disso, cada canto tem cinco nós para lembrar-nos dos Cinco Livros da Torá. Os oito fios em cada canto lembram que o judeu deve cuidar dos órgãos que podem levar ao pecado: olhos, ouvidos, narinas, mãos, pés, órgãos reprodutivos e o coração, ou emoções.

4. O versículo acima diz que os tsitsit ficam nas roupas para que se possa vê-los e assim lembrar-se dos mandamentos.

Os sábios interpretam esta frase "para que possas vê-Lo", referindo-se não ao tsitsit, mas a D'us (Talmud, Menachot 43b), pois cumprindo este mandamento com as intenções apropriadas, a pessoa pode aprender a ver e perceber que D'us dirige o mundo. Assim, de fato, a pessoa O vê e se lembra da obrigação de ser leal a Ele.

"E não seguireis atrás de vossos corações e de vossos olhos, através dos quais vos desviareis."

O coração e os olhos são como espiões do corpo, em busca de pecados ansiados por sua natureza animal. O coração deseja, e os olhos procuram, e o corpo peca.

A mitsvá de não ir atrás de "nossos corações" nos proíbe de ter pensamentos de heresia, e não ir atrás de "nossos olhos", de ter pensamentos de imoralidade.

Esta mitsvá se aplica em todas as épocas, tanto a homens quanto a mulheres. Somos ordenados a manter nossas mentes sempre livres de conceitos proibidos.

Somos convocados a evitar qualquer pensamento que possa nos iludir a desenraizar um fundamento da Torá. A inteligência humana é limitada, e nem todos podem certificar-se da verdade, de modo que alguém pode destruir-se se seguir seus pensamentos aleatórios. Por isso, a Torá ordena que não se pode seguir atrás dos corações e olhos, a fim de que não se desvie de acreditar em D'us.

É significativo o fato de que a parashá começa e termina com o conceito de explorar e espionar. Os espiões que foram reconhecer a Terra foram procurar perigos que justificassem suas próprias idéias preconcebidas.

Calêv e Yehoshua viram a terra e nela encontraram justificativa para a garantia de D'us de que a Terra era muito boa, enquanto seus companheiros viram apenas confirmações para seus medos. Desta feita, a Torá nos adverte para não nos deixarmos levar pelos engodos que apelam ao coração e aos olhos. Em vez disso, o judeu deve ser governado por sua inteligência e fé.

"Para que vós vos lembreis e cumprais todos os Meus Mandamentos, e sejais santos para vosso D'us."

Apenas vestir os tsitsiyot não protege o judeu do pecado. A não ser que a pessoa use o tsitsit conscientemente para aceitar a autoridade das mitsvot de D'us, ela se parece com uma pessoa que faz um nó em seu lenço para lembrar-se de algo - mas não sabe do que.

Por que a mulher é isenta desta mitsvá?

1. A mitsvá de tsitsit vigora apenas durante o dia, pois o versículo diz: "e olhareis"; daqui nossos sábios aprendem que esta mitsvá é cumprida somente quando há possibilidade de enxergar os tsitsit, i.e. de dia. Por conseguinte, mulheres são isentas desta mitsvá, como o são de todas as mitsvot limitadas pelo tempo.

(Na prática, os tsitsit são usados pelos homens continuamente, até ao dormir, para que ao acordar pela manhã, quando a mitsvá é obrigatória, estes já estejam sobre o corpo.)

2. O tsitsit nos lembra de todas as mitsvot de D'us ("lembrem-se e cumpram todos os Meus mandamentos"). Como as mulheres não são obrigadas a cumprir todas as mitsvot, não precisam usar tsitsit.

A Torá conclui que meramente lembrar não é suficiente ("para que vocês lembrem e cumpram"). A pessoa deve cumprir, realizar todos os mandamentos, e não escolher algum entre esses; deve-se lembrar de todos os mandamentos e cumpri-los com o mesmo zelo e meticulosidade.

Como ensinam os sábios: "Seja tão escrupulosos ao cumprir um mandamento 'menor' como ao cumprir um 'maior', pois você não sabe a recompensa para os respectivos mandamentos." (Avot 2:1).

Tal percepção torna a pessoa sagrada, e é esta santidade o propósito de D'us ao tirar o povo judeu do Egito.

"Eu Sou o Eterno D'us, vosso D'us, que vos tirei da terra do Egito para ser vosso D'us. Eu Sou o Eterno, vosso D'us."

Esta passagem conclui com a afirmação, freqüentemente repetida, de que Ele nos tirou do Egito e como consequência, somos obrigados a aceitá-Lo como nosso D'us.

Os Elitistas do Mal

Por Levi Avtzon

Pouco antes de Moshê enviar os espiões em sua incursão à Terra de Canaã, ele chamou seu protegido de confiança, Yeshoshua, e lhe disse: "Que D'us o salve da trama dos espiões."¹

Mas Moshê não escolheu ele próprio os espiões? Se não confiava neles, por que então os escolheu? E se, por algum motivo, ele teve de enviar estes espiões em particular, apesar de suas dúvidas, por que ele somente rezou por Yehoshua, e não pelo restante do clã?

Moshê estava preocupado de que seu grupo de líderes e "visionários" cairia na aliciante armadilha do elitismo – uma condição muito comum afligindo as pessoas alçadas aos cargos do poder.

Ele estava preocupado de que eles chegariam a conclusões baseados nas próprias agendas e desejos, e não por causa daqueles dois milhões de judeus que eles representavam. Ele não tinha certeza disso porque confiava e respeitava os espiões; não era uma profecia – era apenas um palpite.

O que ele sabia era que Yehoshua o sucederia como líder do povo judeu.² Era particularmente importante para Moshê assegurar que o próximo líder do povo judeu não seria um elitista. Como precaução extra, ele deu a Yehoshua suas bênçãos.

.....
No final, o palpite de Moshê provou estar correto. Os espiões falharam em sua missão, colocando seus desejos acima das necessidades do povo.

O futuro líder do povo judeu, Yehoshua, no entanto, colocou as necessidades do povo em primeiro lugar. E aquilo estabeleceu o paradigma de liderança até o nosso tempo.

E para todos nós, isso nos ensina a colocarmos as próprias necessidades e desejos de lado quando trabalharmos em prol dos outros – seja a família, amigos ou a comunidade. Que D'us nos salve do elitismo!

NOTAS

1. Rashi sobre Bamidbar 13:16.

2. Antes de enviar os espiões, a Torá nos diz (Bamidbar 11:27) que “Eldad e Medad estavam profetizando no acampamento.” O Talmud explica que eles estavam profetizando que Yehoshua iria suceder Moshê e liderar o povo judeu até a Terra de Israel.

Amor pelas Crianças

Os espiões que voltaram da investigação a Êrets Canaan, falaram mal da terra e, entre outras coisas, argumentaram: “...nossas crianças serão por presa...”. Ao que D'us respondeu: “E vossas crianças, que disseses seriam por presa, Eu as levarei, e conhecerão a terra.”

Os espiões, no desejo de enfatizar o grande perigo da terra de Canaan (Israel), referiram-se às crianças pequenas. Ora, como todos amam as criancinhas, apiedaram-se delas ao ouvir sobre o povo forte que habitava o país.

Em Sua resposta ao argumento dos espiões, D'us referiu-se justamente às crianças: “E vossas crianças, que disseses seriam por presa, Eu as levarei, e conhecerão Israel.” D'us assegura que as criancinhas ainda terão o mérito de adentrar Israel e lá trabalhar. Dizem nossos Sábios que deve-se dar muita comida a um bebê, porque ele esmigalha muito, mais até do que come.

Qual é o alimento espiritual da alma? A Torá.

A Torá é o pão da alma judaica que é dado a cada judeu, seja ele adulto ou criança; ao grande, em saber, e ao pequeno em conhecimento da Torá. O grande em Torá estuda-a constantemente, e seu estudo leva à prática, e cumpre as mitsvot com esmero.

Porém, o pequeno em conhecimentos de Torá – a criança – esmigalha mais do que come. Quando estuda, não se aplica nem se concentra inteiramente e, portanto, esquece grande parte do que estudou e não grava tudo. É assim o estudo dos que possuem pouco conhecimento de Torá – que são comparados a infantes.

O que argumentaram os espiões? “...nossas crianças serão por presa...” Os espiões supunham que ao chegar a Israel teriam de trabalhar duro para seu sustento, arando e semeando, dedicando muito tempo ao trabalho agrícola. Sobraria pouco tempo para o estudo da Torá, pensaram, e seu estudo seria como o das crianças. Os espiões temiam que, se ao chegarem a Israel ocupassem a maior parte do tempo com trabalhos simples, seriam

como crianças, e ao dizerem: “nossas crianças serão por presa” referiam-se a si mesmos.

A isso D'us respondeu: “Eu as levarei e conhecerão a terra.” D'us tem grande amor pelas crianças, os que ainda não estudaram muita Torá, os que se encontram no início da estrada do estudo. Quando fixam períodos para o estudo da Torá e cumprem as mitsvot com esmero – seu Serviço Lhe é mais precioso que o da geração do deserto.

Os que adentraram Israel precisaram enfrentar dificuldades e empecilhos, mas mesmo assim continuaram seu Serviço Divino, justamente em Israel, pois é essa a vontade de D'us que prometeu que justamente as crianças adentrariam a terra e a conheceriam.

Pela Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch

Baseado em Likutê Sichot, Vol. XIII, págs. 195-197

Religioso Demais

Pergunta:

Por que as pessoas têm medo de tornar-se mais observantes?

Resposta:

por Rabino Arie Raichman

A porção da Torá, Shelach, relata um incidente incrível: a nação judia envia espiões para a Terra de Israel para descrever o local e seus habitantes. Ao retornarem os espiões declararam que a terra seria impossível de ser conquistada, apesar de contarem com o apoio divino.

O povo judeu tremeu diante do relatório declarando que não seguiriam em frente. Então D'us os puniu não permitindo àquela geração de entrar em Israel. No dia seguinte, o povo mudou de ideia e decidiu conquistar a terra.

O que provocou esta mudança de comportamento?

A Chassidut explica que existe em cada judeu duas almas: uma egoísta que só pensa em si mesma, e outra alma altruísta que só pensa em D'us. Uma das duas almas está sempre no controle. Quando o povo judeu ouviu o relatório dos espiões, sua alma egoísta estava no controle e eles ignoraram a onipotência Divina. Assim que o seu ego foi esvaziado, a alma altruísta assumiu o poder e quis cumprir a vontade Divina.

Quando uma pessoa começa a se exercitar seus amigos torcem por ele. Quando alguém decide fazer uma dieta ingerindo alimentos mais saudáveis, seus colegas admiram sua decisão e sacrifícios. Ao entrar em uma boa universidade ou adquirir um bom emprego, uma pessoa passa a ser admirada. No entanto, quando alguém se torna um judeu mais observante, há quem pense que há algo errado com ele.

No caso dos espiões aprendemos que quanto mais pensamos sobre D'us e cumprimos Seus mandamentos, melhor nos tornamos aos nossos próprios olhos.

Quem não gostaria de ter D'us ao seu lado?

Não Pergunte Se, Mas Como

Por Yosef Y. Jacobson

"O difícil fazemos imediatamente; o impossível demora um pouquinho mais."

- General Montgomery

O buraco no telhado

Um rabino está em frente de sua congregação e informa-lhes que um grande buraco foi encontrado no telhado da sinagoga.

"Agora, tenho boas notícias e más notícias para vocês" - continua o Rabino. "As boas notícias são que temos o dinheiro para consertar o estrago; as más são que o dinheiro está no bolso de vocês."

Doze judeus em uma missão

A porção desta semana narra a história de doze homens que foram enviados por Moshê do deserto para irem e inspecionarem a Terra de Israel e seus habitantes. O objetivo da viagem era preparar o povo judeu para a subsequente conquista e colonização da Terra.

Ao despachar os espiões em sua missão, Moshê presenteou-os com uma lista de perguntas que precisavam responder. "Observem a Terra" - disse-lhes Moshê. "Como ela é? E as nações que ali habitam - são fortes ou fracas? São poucas ou numerosas? E como é a terra na qual eles residem - é boa ou má? E como são as cidades onde moram - abertas ou fortificadas?"

Quando os espiões retornaram de sua ronda de 40 dias em Israel, apresentaram ao povo um relatório de suas descobertas.

"Chegamos à Terra aonde fomos enviados" - disseram os espiões - "e de fato ali fluem o leite e o mel, e estes são seus frutos. Mas o povo que habita o país é poderoso, as cidades são bastante fortificadas e vimos também o filho do gigante.

"Não podemos ir até aquele povo, pois é forte demais para nós" - proclamaram os espiões.

O relatório que os espiões trouxeram de volta desmoralizaram a nação judaica e acabou com sua motivação para entrar na Terra. Como resultado, os espiões foram severamente punidos e a geração inteira por fim morreu no deserto, jamais conseguindo chegar à Terra. Somente 39 anos depois, no ano 1276 AEC, os filhos e netos desta geração cruzaram as fronteiras de Israel e estabeleceram a Terra Prometida.

Matar o mensageiro?

Uma das muitas questões levantadas por comentaristas bíblicos diz respeito à razão para os espiões receberem castigo. Moshê deu-lhes uma lista detalhada de perguntas sobre a Terra; ele os instruiu a fazerem suas próprias observações, sobre o que estaria à espera do povo em sua chegada.

Isso é exatamente o que fizeram os espiões. Voltaram com uma resposta a todas as perguntas de Moshê, e relataram aquilo que entenderam como sendo a realidade da situação. Se Moshê esperava que eles encobrissem suas observações - que a Terra

era habitada por homens poderosos e suas cidades eram grandemente fortificadas - em primeiro lugar, ele jamais deveria tê-los enviado!

Por que os homens foram responsabilizados por relatarem aquilo que tinham visto?

Introduzindo a paralisia

A resposta é que se os espiões tivessem simplesmente relatado ao povo a realidade da situação como eles a viram, tudo estaria perfeitamente bem. Porém eles fizeram mais que isso. Usaram as dificuldades observadas como um incentivo para apresentar a opção de renderem-se e capitularem face à crise.

Se os espiões tivessem voltado e dito: "Amigos, vimos um povo poderoso e cidades bem protegidas na Terra, portanto agora precisamos bolar uma estratégia eficaz para levar a termo nossa missão desafiadora" - eles teriam cumprido esplendidamente sua tarefa.

No momento em que reagiram aos obstáculos dizendo "Não podemos mais fazer isso," eles influenciaram todo um povo a abandonar seu destino designado por D'us.

Os espiões são condenados na tradição judaica por substituírem o "como faremos isso" por "podemos fazer isso?"

Conquistando sua escuridão

Cada um de nós tem um campo de ação na vida que precisa ser conquistado, um espaço que precisa ser transformado em uma "terra santa." Alguns de nós precisamos lutar contra o medo, tentação, vício, ou vergonha. Como os desafios colocados no caminho da recuperação às vezes são assustadores, somos naturalmente tentados a acreditar que somos incapazes de superar nossas trevas, e assim rendermo-nos a nossos demônios.

Embora este sentimento seja compreensível, é um triste engano que deve ser combatido tenazmente, pois ele nos rouba a oportunidade de liberar nossa alma e chegar à nossa "Terra Prometida" pessoal.

A escolha da resignação nos impele a permanecermos "empacados" pelo resto de nossa vida num deserto estéril feito de vergonha, insegurança e fraqueza.

A questão jamais deveria ser: "Posso fazê-lo?" Os recursos para reparar o buraco em nosso teto pessoal estão sempre presentes. Todo problema é passível de ser lido. A única questão verdadeira é: "Como faço isso?"

Baseado em um discurso do Lubavitcher Rebe, Shabat Shelach 1989.

Cambaleando

Você se recorda de seus primeiros passos?

Por Yanki Tauber

Você se recorda de seus primeiros passos?

A princípio, papai ou mamãe seguravam suas mãos e o ajudavam a caminhar pela sala. Depois, um belo dia, ele ou ela se agachava

.....
à sua frente, ainda segurando suas mãos. De repente, dava um passo para trás, soltava sua mão, e lá estava você, cambaleando por conta própria.

Você corria até sua mãe. Talvez conseguisse chegar até seus braços. Talvez você caísse com a cara no chão. Em qualquer dos casos, você jamais deixou realmente seu abraço, porque o tempo todo os braços dela rodeavam você, a centímetros de seu corpo, preparados para deixar você cair, mas preparados também para impedir ou amparar sua queda se isso fosse realmente necessário.

Mas você provavelmente não percebia aqueles braços protetores. Como poderia notá-los, quando cada músculo em seu corpo pequenino e cada célula em seu cérebro infantil estava concentrado no esforço de colocar um pezinho na frente de outro e chegar até sua mãe?

Quem não passou por este sentimento pungente, indefeso, no decorrer de sua vida? Quem não se sentiu abandonado por D'us, à deriva em um mundo hostil? Mas D'us, disse o mestre chassídico Rabi Yisrael Báal Shem Tov, está apenas agindo como um pai benevolente ensinando o filho a andar. Você nunca se afasta de Seu abraço, embora, por vezes, não percebamos Seus braços nos rodeando. De fato, como poderíamos, consumidos como estamos pela assustadora tarefa de colocar um pé cambaleante na frente do outro, na meta de chegar a Ele - por nossa conta.

Imagine o choque de Moshê quando D'us lhe disse: "Não estou lhe dizendo o que fazer. Faça conforme seu próprio entendimento lhe diz."

D'us já tinha falado com Moshê muitas, muitas vezes, mas sempre fora para dizer-lhe o que fazer. Moshê, vá até o Faraó. Diga-lhe isso e ameace-o com aquilo. Traga as pragas, divida o mar, junte o maná a cada manhã - mas lembre-se, porção dupla às sextas-feiras, nada no Shabat. Eu sou o Senhor teu D'us. Não terás outros deuses diante de Mim. Honra teu pai e tua mãe. Não mates. Não roubes. Não cozinhe um cabrito no leite de sua mãe. Viaje ali. Acampe aqui.

E então, um dia, os Filhos de Israel tiveram esta idéia. Vamos enviar espiões, disseram a Moshê, para percorrerem a terra de Canaã, que D'us nos ordenou conquistar.

"D'us não falou para enviar espiões" - disse Moshê.

"Mas achamos que é uma boa idéia. Pergunte a Ele."

Então Moshê perguntou, e D'us lhe disse: "Não estou lhe dizendo o que fazer. Faça conforme seu entendimento lhe ditar."

Por fim, o povo de Israel mandou espiões. Sua missão foi um fracasso. A entrada dos judeus na Terra Santa foi retardado por quarenta anos, e todo o curso da História Judaica foi alterado.

A nação de dois anos de idade estava começando a andar.

Os Espiões

No princípio da parashá de Shelach, os doze espiões que foram enviados, são descritos como "anashim," homens distintos, indicando que quando partiram em sua missão, ainda eram todos virtuosos.

O argumento do povo para enviar espiões era que a terra de que investigassem o local antes de entrarem na Terra Prometida e que desta forma os agentes secretos observariam os habitantes, descobririam suas estratégias, entenderiam sua língua trazendo um valioso relatório antes de conquistá-la.

Moshe confiava em D'us e em tudo que Ele lhe havia falado sobre a terra que emana leite e mel. Sabia que nada disso era necessário.

Moshê perguntou ao Todo Poderoso: "Consentes em enviar espiões à Canaã?" "Se você assim o desejar," respondeu D'us, "não o impedirei. Mas envie espiões por você mesmo, não por Mim."

Apesar de D'us saber que os espiões falhariam em sua missão e trariam punição à geração inteira, não os proibiu de viajarem concedendo-lhes o livre arbítrio. Os espiões entretanto, tinham a opção de trazer um relato positivo e tornar a missão um sucesso.

No dia 29 de Sivan os espiões partiram em direção à Terra Prometida. Apesar de serem tsadikim o desejo da glória e honra os corrompeu, com exceção de Yehoshua e Calêv. Dez espiões planejaram de que forma trariam relatos assustadores sobre a terra e como seria impossível conquistá-la, abalando a fé do povo.

Tanto Yehoshua quanto Calêv opunham-se ao esquema dos espiões, porém enquanto Yehoshua expressava suas objeções, Calêv pensou que seria mais sábio ocultar seus pensamentos.

D'us causou grandes milagres para salvá-los das garras de seus inimigos. Causou a morte de Iyov no mesmo dia em que os espiões entraram na Terra. A perda de Iyov causou luto geral, distraindo novamente a atenção da população dos estrangeiros.

Todavia, em vez de reconhecerem a Providência do Todo Poderoso, os espiões aproveitaram-se dos eventos para denegrirem Israel, reportando, mais tarde, ao povo: "É uma terra de epidemias. Onde quer que passássemos, víamos pessoas morrendo aos montes."

Os espiões entraram nas vizinhanças de Hebron, onde fica a Gruta de Machpelá, mas estavam com medo de entrarem lá para rezar. Era de domínio público o fato de gigantes viverem naquela área. Apenas Calêv ignorou o perigo. Resolveu visitar o local sagrado onde nossos patriarcas estão enterrados, raciocinando: "Como posso evitar envolver-me com a conspiração dos espiões? Yehoshua está protegido pela oração de Moshê, eu, porém, devo implorar a D'us que me ajude."

Os espiões colheram um galho de videira do qual pendia um cacho de uvas extremamente pesado. Eram necessárias oito pessoas para transportá-lo. O nono espião carregou figos, e o décimo, uma romã. Todavia, Yehoshua e Calêv, que perceberam que os espiões utilizariam esses frutos para denegrir Israel, não carregaram nada. (O cacho de uva que eles portaram na volta foi suficiente para fazer vinho para os sacrifícios que seriam ofertados durante os próximos quarenta anos de permanência no deserto.)

A volta dos espiões

Os espiões voltaram após 40 dias, na noite de 9 de Av. Primeiro, elogiaram e louvaram Israel para serem convincentes, depois amedrontaram o povo citando os gigantes e as frutas monstruosas. Não lhes foi pedido que opinassem se a Terra era

.....
ou não conquistável. Se quisessem externar seus pontos de vista, deveriam tê-las mencionado a Moshê em particular.

Ao ouvirem a descrição de "exércitos inimigos invencíveis", o povo começou a perder a coragem. Por isso, Yehoshua levantou-se para contradizer as palavras dos espiões, mas sem obter sucesso. Calêv levantou-se e gritou de maneira provocativa: "Este foi o único ato que o Filho de Amram (Moshê) perpetrou para nós?" Esperando que Calêv os apoiasse, os espiões silenciaram a multidão.

Obtendo atenção geral, Calêv concluiu: "Moshê fez muito mais! D'us partiu o Mar Vermelho para nós, nos deu o maná? Por que estão com medo de conquistarem Canaã se Moshê assim transmitir a vontade de D'us? Moshê jamais nos iludiu ou induziu a erro.

Se ele assim o diz, é porque podemos prevalecer sobre nossos inimigos. Mesmo se a Terra estivesse situada nos próprios céus e Moshê nos obrigasse: 'Construam escadas e subam até lá,' deveríamos segui-lo. Nosso sucesso baseia-se em obedecê-lo, pois o que quer que Moshê diga é a vontade de D'us."

Ao ouvirem as palavras de Calêv, os espiões apressaram-se em contradizê-lo. "Não é como está dizendo; não podemos prevalecer sobre essas pessoas, pois são mais fortes que nós."

O povo não queria mudar de ideia. "Acreditamos nos dez espiões. Além disso, Yehoshua e Calêv não negaram que as cidades são fortificadas e que encontraram gigantes!" Moshê, então argumentou: "Tudo o que eu já lhes disse não é invenção minha, mas uma ordem direta de D'us. Se estou prometendo que Ele os levará à Terra e destruirá todos seus inimigos, a garantia é do próprio D'us. Aquele que realizou todos estes milagres até agora continuará a operar milagres mesmo depois que vocês entrarem em Israel."

Os judeus choram sem motivo

Os dez espiões viram que os judeus tinham se acalmado com as palavras de Calêv e Moshê. Decidiram tentar uma tática diferente. Cada um dos dez homens voltou a sua tenda, fingindo estar doente. Vestiram mortalhas brancas, choraram e lamentaram-se.

"Não podemos esquecer o que vimos na terra de Canaã," disseram eles. "Estamos certos de que vamos morrer, é por isso que choramos e nos lamentamos." As famílias juntaram-se a eles e logo foram seguidas por vizinhos e amigos. As mulheres, contudo, não tomaram parte dos lamentos e prantos.

Os líderes do San'hedrin reclamaram a Moshê: "Não questionamos a justiça de D'us - se Ele decreta a morte sobre nós, aceitaremos. Mas por que Ele nos mata através das espadas dos idólatras de Canaã? Preferíamos ter morrido no Egito ou falecermos aqui no deserto."

"Será como desejam," respondeu D'us. "Vocês falecerão no deserto. Vocês choraram sem motivo; portanto Eu lhes providenciarei uma razão para chorarem neste dia. Nove de Av se tornará uma época de luto nacional."

Esta data foi marcada para sempre como o dia da destruição dos dois Templos Sagrados de Jerusalém e de nosso exílio, como está escrito (Tehilim 106:24-27): "E eles desprezaram a Terra desejada; não acreditaram em Sua palavra. Murmuraram em suas tendas, e não escutaram a Voz de D'us. Por isso, Ele jurou fazê-

los cair no deserto. E fazer com que seus descendentes caíssem entre as nações, e fossem dispersados."

D'us falou com Moshê bastante irado: "Por quanto tempo ainda este povo continuará a Me provocar? O que quer que Eu planeje é para seu benefício, porém constantemente escolhem reclamar.

•Eu os tirei do Egito, porém reclamaram no Mar Vermelho.

•Dei-lhes a Torá no Monte Sinai, e logo depois fizeram um Bezerro de Ouro.

•Lhes dei o alimento Celestial, a maná, e reclamaram dele.

•Fiz com que a nobreza de Canaã perecesse enquanto os espiões passavam através da região, para que não os molestassem. Em troca, caluniaram a Terra, dizendo: 'é uma Terra que devora seus habitantes.'

"Não há mais esperança de imbuir nesta geração a fé e temor por D'us necessários para viver em Israel. Deixe-Me destruí-los através de uma praga e a partir de você criarei uma nova nação, conforme prometi a seus pais."

Moshê como de costume, apressou-se para suplicar por seu povo: "Se uma cadeira que só tem três pernas não pode ficar firme, como pode um banco de uma só perna ter alguma esperança de ficar em pé? Se o mérito de três patriarcas não é suficiente para salvar seus filhos, como apenas meu mérito protegerá meus filhos ao pecarem? E agora, D'us, que Sua Misericórdia prevaleça sobre Sua ira. Cumpra Suas palavras, que Você é paciente e tolerante mesmo com iníquos."

Moshê apelou ao Atributo divino da Misericórdia. D'us lhe prometera que Ele sempre responderia favoravelmente a esses Atributos. Há Treze Atributos da Misericórdia Divina, mas Moshê apelou apenas a seis, naquele momento. Sentiu que os judeus não fizeram teshuvá por sua rebelião contra D'us. Por isso, não ousou pedir por perdão completo, mas apenas por adiamento da punição, para impedir a destruição completa e imediata.

D'us replicou: "Apesar de não perdoar o povo judeu completamente, Eu os perdoo, conforme suas palavras. Em vez de aniquilá-los imediatamente, Eu punirei esta geração com a eventual morte no deserto, e distribuirei o resto da punição sobre as próximas gerações."

Os membros daquela geração, que ouviram a Voz de D'us no Monte Sinai, pareciam-se com anjos, apesar de seus pecados. Na morte, seus corpos não se decompuseram.

Uma visão chassídica sobre a falha dos espiões

O Rebe explica porque homens notáveis como os espiões não quiseram entrar na Terra Santa:

A alegação dos espiões era: "Por que deveríamos mudar o tipo de trabalho espiritual no deserto, pelo trabalho na terra de Israel? Lá, na Terra Santa lidaremos com os frutos da terra - não com a maná dos Céus; lá teremos que lidar com os canaanitas, diferente do deserto onde somos uma nação reclusa."

Os espiões concluíram que a terra Santa tornar-se-ia um "país que devora seus habitantes" - que acabaria consumindo e devorando sua espiritualidade e santidade.

Os espiões estavam errados: Embora o trabalho em Israel se concentrasse em assuntos simples, isso é o desejo de D'us - que mesmo as coisas mundanas da vida tenham um cunho de Judaísmo, de serem realizadas por um judeu da maneira adequada, ordenada Divinamente. Isso é mais precioso ao Todo Poderoso que todo o elevado estudo da Torá no deserto.

38 - Parashat Cômach

Números 16:1-18:32

Cômach Ressente-se por não ter um Alto Cargo

Cômach pensou: "Meu destino indica que nasci para a grandeza. Por quê razão meu avô deu o nome de Yitshar - óleo - a meu pai? Meu avô deve ter previsto que exatamente como o óleo sempre flutua na superfície, assim meu pai produz filhos superiores, merecedores de serem untados com o sagrado óleo da unção para as posições de kehuná (sacerdócio) ou realza.

"Agora, quem é mais predestinado que eu, o filho mais velho de Yitshar, e o mais qualificado para altos cargos?"

Realmente, Cômach combinava qualidades superiores que poucas pessoas possuíam:

- Primeiro, seus ancestrais eram ilustres. Seu antepassado era Kehat, e sua família, os filhos de Kehat, era a mais importante família dos levitas. Cômach era primo em primeiro grau de Moshê e Aharon.

- Cômach fora escolhido como um dos carregadores da arca.

- Além disso, Cômach era um homem muito inteligente e culto.

- Previra através do espírito de profecia que, entre seus descendentes incluía-se o famoso profeta Shemuel, bem como catorze grupos de leviyim que possuíam o espírito de profecia.

Cômach disse: "Estou destinado a ser a fonte de todas essas grandezas. Como pode ser que eu mesmo não atinja um posto de destacada importância?"

Saber de antemão acerca da grandeza de sua prole fortaleceu sua crença no sucesso de uma revolta contra Moshê. (Não percebia que seria destruído, e que seus filhos sobreviventes gerariam esses grandes descendentes.)

- Acima de tudo, Cômach estava muito seguro de si e presunçoso por causa de sua fabulosa fortuna. Pensava que era favorecido por D'us, e que por isso tinha o direito de travar contenda contra Moshê, pois, "Um homem rico fala com imprudência." (Mishlê 18:23)

Como Cômach ficou rico?

Os outros membros da tribo de Levi viviam na pobreza. Não levaram ouro nem prata do Egito consigo. Moshê ordenou que todo judeu pegasse dinheiro e objetos preciosos dos egípcios, referindo-se apenas às tribos que executaram trabalho escravo.

Uma vez que os leviyim não trabalharam para os egípcios (mas eram livres e estudavam Torá), não receberam dinheiro como recompensa, no Êxodo. No Mar Vermelho, os leviyim recusaram-

se a pegar o espólio dos egípcios, pois não atribuíam valor algum às posses terrenas. Estavam completamente imersos no estudo da Torá. Através dos anos no deserto, os leviyim viviam sem meios de sustento, dedicando-se puramente às preocupações espirituais.

Apenas Cômach era ávido por dinheiro. No Egito, fora tesoureiro do Faraó. Esperava que os judeus permanecessem no Egito após a Redenção, e ele tornar-se-ia, então, o proprietário do tesouro real.

D'us, Que dirige a vida da pessoa na senda que essa quer trilhar, satisfaz o desejo de Cômach por dinheiro, deixando-o descobrir uma parte do tesouro que Yossef ocultara nos cofres reais. Esta descoberta transformou Cômach numa das pessoas mais ricas que já viveram.

Quando os judeus saíram do Egito, Cômach guardou todo o seu ouro e prata em incontáveis cofres, e trancou-os. Possuía tantas chaves que necessitava de trezentas mulas para carregá-las. Estas chaves eram de couro; se fossem de metal, nem trezentas mulas poderiam carregar tal peso.

Contudo, uma vez que ele malversou sua fortuna para rebelar-se contra a Torá, foi punido na mesma moeda. Não restou traço de sua fortuna. Essa desapareceu na terra, juntamente com ele.

Cômach dá Ouvidos à sua Esposa

Apesar de suas diversas distinções, Cômach não ousaria rebelar-se contra Moshê, se não fosse por sua esposa. A esposa de Cômach inflara o ego de seu marido, e garantiu-lhe repetidamente que estava no mesmo nível de Moshê e Aharon. Para seu infortúnio, Cômach ouviu sua esposa.

Havia duas pessoas extremamente ricas, uma judia e outra gentia, que deram ouvidos às respectivas esposas, foram destruídos e perderam suas fortunas. O judeu foi Cômach, cuja esposa inspirou-o a rebelar-se contra Moshê. O não judeu foi Haman, que deu ouvidos à sua esposa, erguendo um patíbulo (de cerca de vinte e cinco metros) para Mordechai. Não percebeu que preparara seu próprio cadafalso.

O orgulho de Cômach fora profundamente ferido, pois Moshê aparentemente ignorara-o ao escolher os vários dignitários; não indicara Cômach para nenhuma função de destaque na comunidade.

"É absolutamente injusto," pensou o mortificado Cômach, "que Moshê não tenha me escolhido como líder da família de Kehat. É claramente meu direito ter sido escolhido. Sou o primogênito do segundo filho de Kehat, Yitshar. Mas não! Ele incumbiu esta função a meu primo mais novo, Elitsafan filho de Uziel.

"Meu avô Kehat tinha quatro filhos, Amram, Yitshar, Chevron e Uziel. Os dois filhos de Amram, Moshê e Aharon, tornaram-se, respectivamente, rei e Sumo-sacerdote. O neto de Amram, Elazar, virou cohen, enquanto eu não; apesar de eu ser pelo menos igual a ele. (Cômach calculara que até mesmo o valor numérico de seu nome, Cômach, tinha o mesmo valor de Elazar, 308). Por que Elazar foi feito cohen, e eu não?"

"Não acredito que D'us ordenou a Moshê que distribua os cargos de maneira tão injusta. Nada disso! Moshê deve ter feito isso por

.....
sua própria vontade. Quem disse que cada um de seus atos é ditado por D'us, como ele nos assevera?"

Côrach, um homem sábio, perdeu sua sabedoria e razão porque foi consumido pelo desejo pela glória e pela inveja dos que, a seu ver, eram seus iguais e atingiram posições mais altas que ele.

Sua declaração de que Moshê distribuíra os cargos sem ordem Divina era apostasia. Côrach assim fez com que fosse classificado como um dos que "desdenhou a palavra de D'us." Eventualmente, Côrach foi tão longe que asseverou que Moshê inventara todas as mitsvot.

A inveja ardera no coração de Côrach por longo tempo. A inveja era objeto de muitas conversas entre ele e sua esposa. Uma dessas teve lugar quando retornava da cerimônia de purificação dos leviyim (Bamidbar 8:5 -14), tendo os cabelos raspados a ponto de ficar irreconhecível.

A esposa de Côrach exclamou: "Não te reconheci! Quem te desfigurou assim?"

"Foi obra de Moshê," replicou Côrach. "Mais que isso! Primeiro, Moshê e Aharon me levantaram e balançaram-me para cima e para baixo! Que desgraça! A seguir, Moshê me disse que agora estou puro, porque passei pelo processo de purificação dos leviyim."

Côrach zombou da cerimônia de purificação, uma vez que sabia que não se tornaria "mais puro", porém, pelo contrário, sentiu um desejo não satisfeito de rebelar-se e blasfemar contra as mitsvot. (Na verdade, a Torá e as mitsvot são um elixir para os que desejam se purificar, todavia, é veneno para os que procuram rebaixar-se.)

A reação da esposa de Côrach: "Ridículo! Você está vendo como Moshê te odeia. Ele concebeu a idéia de raspar teus cabelos a fim de te ridicularizar."

E Côrach: "Não pode dizer tal coisa; afinal, fez o mesmo com seus próprios filhos."

E a esposa: "O que lhe importa, contanto que possa degradá-lo?"

Depois disso, Côrach incitou o povo contra Moshê e conseguiu alguns seguidores. Contudo, não ousava desafiar Moshê abertamente. O povo inteiro admirava Moshê e mataria Côrach por ter sugerido uma rebelião contra seu amado líder.

Agora, no segundo ano no deserto, após o incidente com os espiões, Côrach sentia que a hora da rebelião chegara. Aconteceram muitas mortes. Judeus morreram após terem recebido dos céus a carne exigida na forma de aves (slav).

Sobretudo, as pessoas estavam deprimidas porque todos os homens que saíram do Egito viriam a perecer no deserto. Moshê não fora capaz de impedir esse decreto através de sua oração, e sua popularidade anterior se esvanecera. Muitos judeus pensaram, em seu íntimo, que sob a liderança de Moshê sofreram muitos infortúnios. Côrach acreditava que agora poderia aliciar seguidores.

Certo dia, ao voltar da Casa de Estudos, sua esposa inspirou-o com uma idéia para iniciar uma contenda com Moshê.

A esposa de Côrach: "Que lei Moshê te ensinou hoje na Casa de Estudos?"

Côrach: "Ele nos ensinou as leis de tsitsit, franjas, das quais uma tem de ser da cor turquesa."

Sua esposa: "O que significa turquesa?"

Côrach: "Moshê disse: 'Atem fios às suas roupas de quatro cantos. Um desses deve ser de lã azul, tingido com o sangue de uma criatura chamada chilazon.'"

A esposa: "Está vendo! Que leis tolas ele ensina! Por que você só pode ter um fio turquesa atado à sua roupa? Posso lhe fazer uma roupa completamente turquesa!"

Isto suscitou em Côrach uma idéia de como opor-se a Moshê.

A Campanha de Côrach para Obter Seguidores

Côrach sabia que não teria esperança de obter êxito se soubessem que seu objetivo era obter uma posição para si. Assim sendo, decidiu formar um partido contra Moshê, com intenções altruísticas. Proclamou que cada judeu deveria ter igual oportunidade de servir no Santuário.

Côrach começou a agitar o povo, chamando sua atenção ao fato de que a maioria dos cargos no Santuário eram ocupados pela própria família de Moshê, bem como outras posições na comunidade.

Côrach disse a seus próprios parentes: "Por que Moshê tornou-os apenas leviyim, e não cohanim? Ele os indicou meramente como assistentes de seu irmão Aharon e seus filhos!"

Aos primogênitos de cada tribo disse: "Com que direito Moshê declarou-os inaptos para o serviço Divino, e substituiu-os pelos leviyim?"

Aos vizinhos, membros da tribo de Reuven, dirigiu-se desta forma: "Reuven é o primogênito dos filhos de Yaacov. Vejam como o filho de Amram (Moshê) os menosprezou e desrespeitou quando o altar foi inaugurado. Não deixou seu líder oferecer seu sacrifício primeiro; no entanto escolheu o líder de Yehudá, Nachshon ben Aminadav para oferecer os sacrifícios no primeiro dia da inauguração.

Sabem por quê? Porque seu irmão Aharon casou-se com a irmã de Nachshon, Elisheva. Por isso, Moshê indicou Nachshon como o cabeça dos estandartes e convocou-o a oferecer os sacrifícios primeiro." (Côrach também invejava a posição de Nachshon. Na verdade, Nachshon fora escolhido porque Yehudá foi escolhido Divinamente como a tribo líder.)

"Os filhos de Reuven, por que toleram que Moshê dê a kehuná para Aharon? Até agora, os primogênitos costumavam oferecer os sacrifícios."

"Moshê agiu de acordo com os comandos de D'us," foi a réplica às instigações de Côrach.

"Impossível!" - declarou Côrach. "Moshê decidiu ele mesmo como distribuir as posições de destaque. O que os faz pensar que apenas Aharon merece a posição de Sumo-sacerdote? Todos

.....
você são grandes o suficiente para serem cohanim, pois não nos disse D'us: "E vocês serão para Mim um reino de cohanim e um povo santo? (Shemot 19:6) Agora, se responderem que os primogênitos perderam o privilégio de servir no Santuário depois do pecado do bezerro de ouro, então Aharon também não poderia tornar-se um cohen, pois ele também participou do pecado. Deve haver direitos iguais para todos os que são merecedores de altas posições. Incidentalmente, eu mesmo seria melhor qualificado para a kehuná que Aharon, pois sou primogênito e não pequei no incidente do bezerro de ouro."

A fim de aliciar seguidores, Côrach convidou o público a um luxuoso banquete, no qual foi servido vinho em abundância.

O que Aconteceu no Banquete de Côrach

Enquanto estavam festejando, Elazar, o cohen, filho de Aharon apareceu para recolher as partes dos animais abatidos devidas aos cohanim.

Côrach aproveitou a oportunidade para expor seu malévolo e brilhante expediente, contando sarcasticamente a seguinte anedota à assembleia:

"Certa vez havia uma pobre viúva que tinha duas filhas, que possuíam um único campo. Quando queria ará-lo, Moshê advertiu-a: 'Não are com um boi e um burro juntos.' Quando ela estava prestes a semear, Moshê disse-lhe: 'Não plante duas espécies em seu campo!' Ao chegar a época da colheita em que ela colheria os grãos, Moshê ordenou: 'Deixe o lêket, a peá e a shichechá no campo (os presentes deixados para os pobres, frutos da colheita.)' Depois que ela colheu o trigo, ele avisou-a: 'Separe as dívidas de terumá, maasser rishon e maasser sheni (porções destinadas aos cohanim, leviyim, etc.).'

"A pobre viúva decidiu que não vale a pena manter seu campo. Vendeu-o e comprou dois carneiros. Planejava utilizar a lã para confeccionar roupas quentes e abater os filhotes para consumo da carne.

Quando a ovelha pariu, Aharon apareceu e ordenou-lhe: 'Dê-me o primogênito; D'us disse que me pertence.' Ao tosquiá-las reses, Aharon veio novamente, dizendo-lhe: 'A primícia da tosquia me pertence.'

"Quanto mais este homem irá exigir?" - pensou a viúva. 'Deixe-me abater minhas ovelhas e comê-las.'

"Assim que as ovelhas foram abatidas, lá estava Aharon novamente, reivindicando seu direito ao ombro, mandíbulas e estômago.

"'Você é insaciável,' disse a viúva. 'Prefiro doar os carneiros como cherem (consagrados) a D'us.'

"'Perfeito,' gritou Aharon em júbilo, 'agora são todos meus, pois D'us ordenou: 'Todo cherem pertence aos cohanim.'

"Aharon levou tudo, deixando a pobre viúva e suas duas filhas soluçando.

"Vocês vêem, " concluiu Côrach, "o que quer que Moshê e Aharon peguem é em seu próprio benefício. Eles os roubam, e asseveram que D'us ordenou-os a fazê-lo!"

Com este e outros discursos de oratória, Côrach juntou duzentos e cinquenta seguidores. Entre eles, estavam pessoas influentes e de renome que possuíam cargos elevados e eram convocados para reuniões e consultas. Côrach também convenceu On, um importante membro da tribo de Reuven, a tomar seu partido. Engalanou-os com trajes azuis confeccionados por encomenda sua para aparecerem assim vestidos perante Moshê.

Logo que Côrach começou a falar contra Moshê, dois agitadores uniram-se a ele. Datan e Aviram esperavam esta oportunidade, pois odiavam Moshê, e discutiam com ele sempre que houvesse uma ocasião.

Côrach Reúne seus Seguidores e Discute com Moshê

Côrach, com sua língua ferina, persuadiu-os que era injusto que apenas uma tribo realizasse o serviço Divino, enquanto outras eram excluídas deste privilégio. Em comparação a Côrach, que procurou a discórdia por motivos puramente egoístas, esses duzentos e cinquenta homens acreditavam sinceramente que o povo judeu, como um todo, se beneficiaria se todas as tribos pudessem atingir a grandeza derivada da realização do serviço Divino.

Vestidos em trajes azuis, Côrach, Datan, Aviram e os duzentos e cinquenta homens apresentaram-se descaradamente perante Moshê e Aharon. Côrach, o porta-voz, dirigiu-se a Moshê como se segue: "Você nos ordenou a atar um fio da cor turquesa às nossas roupas. Fizemos melhor; confeccionamos uma roupa inteiramente turquesa. Diga-nos, tais trajes ainda requerem um fio da cor turquesa ou não?"

O plano de Côrach era o seguinte: Se Moshê respondesse de maneira negativa, rebateria: "Da mesma forma como uma roupa turquesa não requer um fio da cor turquesa, assim os judeus são santos e não necessitam de Aharon e dos cohanim para representá-los perante D'us." (Obviamente, essas palavras eram falsas e fruto de mera provocação.

Em realidade, Côrach acreditava que os judeus precisavam ter um Sumo-sacerdote, ou seja, ele mesmo.) Por outro lado, se Moshê respondesse que um traje turquesa requer um fio da cor turquesa, Côrach ridicularizaria esta mitsvá, argumentando que Moshê a inventou.

Moshê replicou à questão de Côrach: "Ouvi de D'us que mesmo se um traje for feito inteiramente da cor turquesa, não obstante ainda requer um fio da cor turquesa."

Neste ponto, Côrach atacou a mitsvá de tsitsit, "decidindo" que roupas turquesas não necessitam de fios extras da cor turquesa. Então, começou a denegrir todas as mitsvot.

"Permita-me formular outra pergunta" - continuou Côrach. "Se numa casa há rolos da Torá, é necessário afixar uma mezuzá na porta?" "Sim, é necessário" - respondeu Moshê.

"Mas os Rolos de Torá são melhores que uma mezuzá!" - replicou Côrach. "Eles não apenas contêm o Shemá, mas também toda a Torá. Então por que é necessário afixar uma mezuzá na porta?"

Por fim, Côrach afirmou: "Não creio que D'us tenha te dado todas as mitsvot. Você as inventou. Ouvimos apenas os Dez Mandamentos no Monte Sinai.

.....
Nunca ouvimos de D'us todas essas leis sobre terumá, maasser (dízimo), chalá ou tsitsit. Você, Moshê, as inventou a fim de governar-nos e trazer honra a seu irmão Aharon!

"O que o povo judeu ganhou sob sua liderança, Moshê e Aharon? Vocês tornaram a vida mais difícil do que era no Egito. Pagamos terumá aos cohanim, maasser aos leviyim, e damos vinte e quatro presentes diferentes aos cohanim. Além disso, a cada ano quinze mil de nós perecerão no deserto.

Vocês abocanharam altas posições demais. Você, Moshê, usurpou a realeza. Por que também indicou seu irmão como Sumo-sacerdote? Não têm o direito de proclamarem-se cabeças de toda esta comunidade, cujos membros são todos santos, e em cujas mentes reside a Shechiná (Presença Divina)."

Côrach e seus seguidores estavam prontos a apedrejarem Moshê e Aharon.

Moshê prostrou-se sobre sua face. Significava que diminuiu-se, sentindo-se mais humilde de todos, e não afirmava autoridade sobre outros, como reivindicava Côrach. Respondeu dócil e humildemente a Côrach: "Não persigo o poder, tampouco meu irmão Aharon procura ser o Sumo-sacerdote."

Aharon, que estava ao lado, não refutou os vis argumentos de Côrach com uma palavra sequer. Permaneceu em silêncio durante a disputa inteira, como se reconhecesse humildemente que Côrach era realmente mais merecedor a ser o Sumo-sacerdote que ele próprio (e ele apenas ficava no cargo, pois obedecia a D'us).

Moshê respondeu a Côrach e sua assembléia da seguinte maneira: "Vocês reivindicam que eu procuro grandeza, e que indiquei Aharon como o Sumo-sacerdote da nação por ser meu irmão, e que tornei seus filhos cohanim por serem meus sobrinhos.

Mais que isso, você alega que escolhi os leviyim para o Serviço no lugar dos primogênitos por motivos pessoais, sem o comando Divino. Finalmente, você afirma que eu mesmo decidi que os leviyim devem ser subservientes a Aharon (em vez de também serem cohanim).

"Deixem-me explicar-lhes, primeiro, que estão cometendo um erro básico. D'us não pediu minha opinião sobre quem deve ser escolhido para cada ofício sagrado. Da mesma forma como Ele separou o dia da noite - assim Ele separou certos judeus para serem santos para Ele, e realizar Seu Serviço.

Do mesmo modo como Ele distinguiu o povo judeu das nações, assim Ele distinguiu Aharon entre o povo judeu como 'Santo dos Santos,' e os cohanim mais santos que os não cohanim. Não podemos mudar Seu sistema mais que podemos mudar o dia em noite, ou transformar a noite em dia.

"Sou solidário ao seu desejo de que muitas pessoas de todas as tribos realizassem o Serviço. As nações do mundo, de fato, têm muitos sacerdotes pois idolatram muitas divindades, e cada divindade tem seu próprio templo e sacerdote. Nós, judeus, contudo, somos diferentes. Reconhecemos Um Único D'us, e todos acreditamos em Uma só Torá. D'us ordenou que haja apenas um único Sumo-sacerdote: aquele que Ele escolheu para realizar o Serviço.

Ele indicou uma única tribo, a tribo de Levi, para a kehuná e a leviyá. Por conseguinte, é impossível para todos vocês, que estão aqui reunidos, tomarem parte no Serviço do Santuário."

Moshê Sugere que Côrach e seus Seguidores Ofereçam Incenso

Moshê enfrentou a multidão e sugeriu: "Se não acreditam em mim, façamos um teste amanhã. Hoje não tenho permissão de realizar este experimento."

Moshê pensou que se adiasse até a manhã seguinte, o efeito da refeição e do vinho de Côrach já teriam se esvanecido, e seus seguidores perceberiam sua tolice, e fariam teshuvá. O teste, então, seria desnecessário. Moshê, contudo, não revelou a verdadeira razão para adiar o teste, por temer provocar uma contra-rebelião.

"Qualquer um que reivindique ter sido escolhido para o Serviço poderá vir aqui amanhã de manhã, com um recipiente cheio de incenso, e oferecê-lo sobre o altar. Vocês sabem que um não cohen que oferece incenso é passível de morte pelo Céu.

Assim, se forem poupados da morte, sua reivindicação de que todos vocês são merecedores de ocuparem posições no Santuário provará estar certa. Contudo, devo adverti-los de que este é um teste suicida. Apenas a pessoa mais santa sobreviverá, e todo o resto perecerá."

Ao ouvir estas palavras, Côrach presumiu que certamente sobreviveria, uma vez que estava destinado a tornar-se progenitor de grandes descendentes.

Os duzentos e cinquenta homens estavam, a esta altura, tão consumidos pelo desejo de realizar o serviço Divino que estavam dispostos a arriscarem suas vidas por isso.

Datan e Aviram não estavam interessados no discurso de Moshê nem em sua sugestão. Retornaram às suas tendas enquanto esse ainda falava. Não participaram do teste no dia seguinte.

Moshê continuou a dirigir-se a Côrach com palavras gentis, esperando encerrar a discussão.

Temendo que toda a tribo de Levi fosse levada a seguir Côrach, Moshê apelou a seus membros: "Por favor, ouçam-me, filhos de Levi! Satisfaçam-se com a honra de cantar e realizar outras tarefas no Santuário.

Por que desejam tornarem-se cohanim? Você, Côrach, e seus seguidores, não clame contra Aharon, pois o Todo Poderoso concedeu-lhe a kehuná. Na realidade, você está se opondo a D'us. Se Aharon aspirasse à kehuná você teria motivo para reivindicar. Contudo, ele não desejou seu ofício. O que ganhou com isso? Enterrou seus dois filhos, Nadav e Avihu."

Côrach não elaborou resposta alguma, porém permaneceu em silêncio. Pensou: "Moshê é muito sábio, culto e instruído. Não importa que argumentos eu apresente, refutará com contra argumentos mais fortes. Se continuar o debate, persuadirá meus seguidores a almejem a paz." Portanto, não continuou a discussão, mas insistiu em sua reivindicação.

Moshê tenta Reconciliar-se com Datan e Aviram

.....
Moshê viu que Côrach não podia ser controlado. Por isso, tentou reconciliar-se com Datan e Aviram, enviando-lhes mensageiros convocando-os ao Santuário. Contudo, Datan e Aviram receberam os mensageiros zombando deles livremente.

"Não acatamos ordens do filho de Amram," anunciaram. "Não nos apresentaremos! Já é suficiente que você nos tirou do Egito, uma terra onde fluía o leite e o mel, verdadeiramente um segundo paraíso, e nos trouxe ao deserto, onde decretou nossa morte? Será que você e seu irmão também se proclamarão nossos governantes?"

Datan e Aviram descreveram o Egito com termos gloriosos porque prefeririam permanecer lá após a redenção.

"Você, Moshê," escarneceram, "estabeleceu-se como rei, e seu irmão tornou-se Sumo-sacerdote. Aos leviyim, deu trabalho como portadores dos utensílios de seu irmão. Ao iniciá-los no Serviço, estragou-lhes a aparência raspando-lhes o cabelo todo. Prometeu levar-nos a uma Terra onde flui o leite e o mel, e dar-nos campos e vinhedos. Jamais o fez.

Em vez disso, ensinou-nos todas as proibições referentes à Terra: "Não semeie duas espécies no campo ou vinhedo," "Não are o campo com um boi e um burro atrelados ao mesmo jugo," "Não cultive seu campo durante o ano sabático!" Todavia, nenhum de nós jamais recebeu um campo ou vinhedo! Você acha que suas promessas podem obscurecer a verdade?"

Moshê ficou profundamente desgostoso com a reação de Datan e Aviram à sua mensagem.

Voltando-se a D'us, Orou: "D'us, eu Lhe imploro, não lide com eles de acordo com Sua qualidade de Misericórdia, porém com Severidade. (A não ser que os puna imediatamente, sua influência perniciosa é uma ameaça ao povo inteiro.)

Você sabe a verdade, D'us, que eu nunca me impus como rei sobre eles, como dizem.

"Um rei cobra impostos de seus súditos, enquanto eu nem aceitei remuneração pelo meu trabalho no Santuário, ou em prol da comunidade. Tampouco pedi ao povo que reembolsasse qualquer de minhas despesas, nas quais incorri por eles.

Quando aluguei um burro para viajar de Midyan para o Egito a fim de redimir o povo, tinha o direito de pedir-lhes reembolso, porém paguei com meu próprio dinheiro.

"Jamais enganei alguém dando veredicto de julgamento injusto. Não puni Datan e Aviram, apesar de terem delatado ao Faraó que matei um egípcio.

"Você sabe que sempre que lido com a comunidade, ajo apenas em Sua honra."

Moshê terminou repetindo a Côrach: "Você e seus duzentos e cinquenta seguidores poderão vir amanhã à entrada do Santuário, cada um portando um recipiente cheia de incenso. Veremos então o incenso de quem o Todo Poderoso aceitará como sinal de que Ele o escolheu para o Serviço."

A punição de Côrach e seus Seguidores

A punição de Côrach, Datan, Aviram e os Duzentos e Cinquenta Homens

Naquela noite, Côrach foi de tribo em tribo pregando contra Moshê, a fim de obter mais simpatizantes.

Declarou: "Você acha que fundei este partido em meu benefício? Certamente que não! Meu objetivo é restaurar as posições de direito a todos os judeus. Por que ficam em silêncio enquanto Moshê se faz de rei e concede a kehuná como uma lei eterna a seu irmão? Cada judeu merece tornar-se um Sumo-sacerdote, pois ouviu no Monte Sinai: 'E serão para Mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.'"

Côrach tinha um argumento apropriado à cada tribo.

Por exemplo, agitou a tribo de Yehudá lembrando a seus membros: "Nosso patriarca Yaacov profetizou que sua tribo é a tribo real. Por quê permitem que Moshê os governe?"

Os membros da tribo de Reuven foram incitados com a declaração: "Apesar do fundador de sua tribo ter sido o primogênito de Yaacov, vocês não têm direitos especiais de primogenitura. Como toleram isso?"

Quão grande é o poder de um único indivíduo para instigar outros a pecar, e quão poderosa é a influência da calúnia! Por causa da incitação de Côrach, na manhã seguinte o povo inteiro seguiu-o à entrada do Santuário.

Quando Côrach e seus duzentos e cinquenta seguidores apareceram perante o Santuário de manhã, o povo inteiro estava presente. A alegação de Côrach que sua disputa era para o bem da comunidade foi convincente o suficiente a ponto de ninguém elevar a voz em protesto.

Algumas pessoas começaram a acreditar que, afinal, deve haver alguma veracidade nas reivindicações de Côrach. Talvez D'us concordasse em restabelecer a kehuná aos primogênitos?!

Moshê e Aharon estavam de pé de um lado da entrada do Santuário, e Côrach e seus duzentos e cinquenta seguidores do outro. Seguravam recipientes similares a frigideiras doadas por Côrach. Era tão rico que seu aparato doméstico continha 250 frigideiras em perfeito estado, que distribuiu entre os seguidores.

A Shechiná apareceu na Nuvem da Glória à entrada do Santuário, e o Todo Poderoso ordenou a Moshê e Aharon: "Separem-se do resto do povo, e Eu os consumirei num instante."

O Todo Poderoso entristeceu-se com todos os judeus, pois não protestaram contra Côrach. Lançando dúvidas acerca da veracidade das palavras de Moshê, D'us considerou os judeus como se tivessem eles mesmos O atacado.

Moshê e Aharon prostraram-se sobre suas faces e imploraram para que D'us poupasse os judeus. Argumentaram: "D'us, você conhece a mente de cada indivíduo. Um rei humano talvez tenha de aniquilar todos os seus súditos, mesmo se apenas alguns se rebelaram contra ele, pois não pode distinguir o culpado do inocente.

.....
Você, contudo, sabe que os judeus não se rebelaram contra Você; eles vieram aqui meramente porque Côrach persuadiu-os. Somente Côrach rebelou-se contra Você."

D'us respondeu: "Sua oração foi aceita. Devo agir com Misericórdia com o povo. Apenas Côrach, Datan, Aviram e suas famílias serão destruídos. Ordene ao povo que se distanciem das tendas destes homens perversos, e que não toquem em nada que lhes pertence.

Ouvindo o decreto de D'us, Moshê tentou falar com Datan e Aviram a fim de poupá-los da destruição.

Seguido pelos Setenta Anciãos, Moshê em pessoa caminhou em direção às tendas de Datan e Aviram. Estava certo de que receberiam o líder do povo respeitosamente.

Entretanto, esses perversos recusaram-se a aparecer à entrada de suas tendas para falar com ele.

Por conseguinte, Moshê instruiu os judeus de acordo com as instruções de D'us: "Afastem-se das tendas desses perversos e não toquem em nada que lhes pertença, caso contrário, vocês mesmos serão destruídos por causa de seus pecados."

Quando Datan e Aviram viram que os judeus afastavam-se de suas tendas, finalmente apareceram à entrada, e junto com as esposas cobriram Moshê com uma saraivada de maldições e blasfêmias vis.

D'us Aceita o Pedido de Moshê e Côrach com seus Seguidores são Castigados de Maneira Sobrenatural

Moshê então dirigiu-se ao povo judeu: "Agora terão a prova de que agi por comando Divino ao indicar Aharon para Sumo-sacerdote, e Elitsafan líder de Kehat; e que todas as minhas palavras e ações são ditadas pelo Todo Poderoso.

"Se Datan, Aviram e Côrach falecerem como ocorre geralmente com as pessoas, de doença ou idade avançada em suas camas, e seus corpos forem trazidos para serem enterrados, a alegação de Côrach seria verdade. Eu estaria admitindo e professando que D'us não me enviara e que preenchi os altos cargos por minha própria escolha."

Moshê voltou-se a D'us e rezou: "Peço de Você, D'us, que puna esses perversos com uma morte única na história."

"Moshê," disse D'us, "o que quer que Eu faça?"

"Mestre do Universo," rezou Moshê, "Peço-Lhe que realize um milagre. Mova a abertura do Inferno para sob seus pés, e que sejam transportados vivos para lá. Então ficará evidente a todos que eles blasfemaram contra D'us."

Por que Moshê rezou para que Côrach, Datan e Aviram fossem exterminados por uma morte não natural? Por quê Moshê não pediu que D'us salvasse suas vidas, como fazia sempre com os judeus que pecavam? Por que Moshê, que geralmente anseia por misericórdia para os pecadores, neste caso implorou ativamente ao Todo Poderoso que puna Côrach e seus seguidores com morte imediata e diferente?

Após examinar o paciente, o médico disse: "A radiografia mostra que o estado de sua perna é muito grave. Se nada for feito, a doença se espalhará por todo o corpo. Por isso, a perna tem de ser amputada. É trágico, mas a operação salvará sua vida."

Côrach alegou que algumas das proclamações de Moshê não eram de origem Divina, porém palavras dele própria. Se esses difamadores fossem impunes mesmo que por pouco tempo, sua apostasia teria se espalhado pelo resto do povo e os judeus seriam influenciados por eles. Assim como o doente da parábola salvou-se porque teve a perna amputada, os judeus foram salvos da destruição por causa da punição do grupo de Côrach.

Nossa crença na Divindade da Torá baseia-se sobre o fato histórico da revelação de D'us no Monte Sinai ante os olhos do povo inteiro, e sobre a indicação de Moshê como Seu agente Divino.

Negando algumas declarações de Moshê (enquanto Moshê ainda estava vivo), Côrach e seus seguidores colocaram em dúvida a origem Divina da Torá inteira. Outros poderiam seguir seu exemplo desafiando outras partes da Torá, e eventualmente a veracidade da Torá inteira poderia ser questionável. Gerações sucessoras com certeza duvidariam da autenticidade da Torá, argumentando: "Mesmo na geração de Moshê havia os que duvidavam da autenticidade da Torá. Como podemos, hoje, ter certeza de quem tinha razão, Moshê ou Côrach?"

Assim, Moshê rezou a D'us: "Mestre do Universo, se esses homens tivessem meramente atacado a mim e meu irmão, permaneceria em silêncio. Contudo, não posso permanecer em silêncio quando a honra da Torá está em perigo." Por isso, pediu ao Todo Poderoso que fizesse uma demonstração única ao punir esses homens.

Enquanto Moshê rezava para D'us, o sol e a lua ameaçaram: "Se Você não responder a prece de Moshê, não iluminaremos mais o mundo. Fomos criados para iluminar, e assim os israelitas poderão cumprir a Torá. Côrach e seus seguidores atacaram a Torá, colocando a existência do mundo em perigo."

D'us fez o milagre que Moshê pediu. Na verdade, isto não foi um milagre novo. Durante os seis dias da Criação D'us já havia preparado a abertura da terra, que tragaria Côrach e seus seguidores.

No mesmo instante em que Moshê terminou a sua oração D'us realizou seu pedido. Realizou um milagre espetacular, que claramente expôs Côrach e sua súcia como mentirosos.

A terra se abriu, alargando-se gradualmente onde as tendas de Côrach, Datan e Aviram estavam. Com uma potente sucção, puxou-os e à suas famílias para baixo, junto com as tendas e todos os seus pertences.

Não restaram traços desses perversos.

Tudo o que possuíam foi magneticamente tragado pelo abismo; mesmo se as roupas de alguém estivessem sendo lavadas ou tivesse emprestado algum pequeno artigo a outro judeu, como uma agulha, foi sugado pelo abismo e desapareceu. Mesmo se os nomes de Côrach, Datan ou Aviram estivessem inscritos em algum documento, a escrita desaparecia milagrosamente.

.....
A fortuna de Côrach, que possibilitou-lhe criar uma revolta contra Moshê, ficou perdida para sempre. (Ele nem ao menos mereceu que outros judeus realizassem boas ações com ela.)

Conforme Moshê pedira, o Todo Poderoso abriu o Inferno no fundo do abismo e transportou-os para lá vivos. Enquanto estavam afundando, os judeus ouviram-nos confessar em voz alta: "D'us é virtuoso; D'us é justo, Seu julgamento é verdadeiro; as palavras de Seu servo Moshê são verdade; e somos perversos por termos nos rebelado contra ele."

Rabá bar Chana contou: "Certa vez, enquanto estava viajando, encontrei-me com um árabe (Eliyahu o profeta, disfarçado de árabe) que me perguntou: 'Devo te mostrar o local onde Côrach e seus seguidores foram engolidos pela terra?'

"Levou-me a duas aberturas no solo, de onde vi fumaça erguer-se. Trouxe um pedaço de algodão úmido, atou-o à ponta de uma lança e inseriu-a na terra. Ao tirar a lança, o algodão estava queimado.

"Agora ouça com atenção," disse o árabe.

"Das profundezas, discerni as palavras: 'Moshê é verdadeiro e sua Torá é verdade!' Era a confissão dos perversos que, depois da morte, precisaram reconhecer a verdade."

Côrach e seus Seguidores Terão uma Porção no Mundo Vindouro?

Originalmente, D'us excluiu-os do Mundo Vindouro, como todos os que negam os princípios fundamentais da Torá.

Entretanto, gerações depois, a mãe do profeta Shemuel, Chana, suplicou ao Todo Poderoso que revivessem na ressurreição dos mortos. Sabendo que um importante fator que fez com que Côrach pecasse era sua previsão de que o profeta Shemuel descenderia dele, Chana rezou para que ela e seu filho não fossem responsáveis pela punição eterna de Côrach.

O Todo Poderoso aceitou esta oração e concordou em ressuscitar Côrach e seus seguidores, e conceder-lhes uma porção no Mundo Vindouro.

O fator decisivo foi que sua punição constituiu uma santificação pública do Nome de D'us. Fortaleceu a fé dos judeus na Torá e na veracidade da missão de Moshê.

O que aconteceu aos duzentos e cinqüenta homens que estavam à entrada do Santuário segurando os recipientes? Um fogo desceu do céu e os consumiu.

Contudo Côrach, ele mesmo, recebeu castigo em dobro. Primeiro, sua alma foi consumida por um fogo do Céu, então seu corpo rolou em direção ao desfiladeiro na terra sob sua tenda.

Os duzentos e cinqüenta homens viram como o corpo de Côrach, uma verdadeira bola de fogo, rolou em direção à abertura na terra e lá desapareceu.

Assim que os pecadores e seus pertences foram lançados às profundezas, a terra fechou a fenda. A superfície parecia tão macia e plana como antes; não se via a menor irregularidade. Ninguém poderia ser levado a pensar erroneamente que um

terremoto ocorrera, uma vez que após um acontecimento natural detecta-se fendas. Aqui, a terra miraculosamente agiu como uma criatura viva, abrindo a boca para devorar o que desejava, e então fechou-a novamente.

Quando a terra se abriu, os judeus foram tomados de pânico, com medo de que também fossem engolidos. Mesmo depois que a rachadura foi selada, as pessoas continuaram apavoradas, fugindo em todas as direções, pois ouviram os pecadores gritarem das profundezas da terra: "Socorro! Moshê nosso mestre, salve-nos!"

O fato de Aharon ter sobrevivido e os duzentos e cinqüenta homens terem sido queimados prova que Aharon fora escolhido para a kehuná. O milagre da terra de ter engolido Côrach, Datan, Aviram e toda a sua casa e pertences provaram a veracidade das palavras de Moshê.

Aqueles que Foram Salvos da Destruição

Os Filhos de Côrach

Quando Côrach foi tragado pelo abismo, seus três filhos, Assir, Elcana e Aviassaf também rolaram para baixo. Contudo, não foram arrastados às profundezas do Inferno, mas milagrosamente foram descansar sobre elevadas plataformas que o Todo Poderoso ergueu para eles, desta forma, permaneceram vivos. Os filhos de Côrach estavam entre os leviyim que, mais tarde, cantaram no Templo Sagrado.

Por qual mérito sobreviveram?

Em seus corações, os filhos de Côrach estavam cientes da verdade.

Moshê foi visitar Côrach em sua tenda, enquanto a família estava sentada à mesa, pensaram: "Se nos levantarmos para Moshê, ofenderemos nosso pai. Por outro lado, se ficarmos sentados, transgrediremos a mitsvá de levantar-se perante um Sábio. Não devemos violar o mandamento da Torá, mesmo se nosso pai ficar enraivecido." Por isso, levantaram-se em honra a Moshê.

Quando a destruição de Côrach e seus seguidores começou, os filhos de Côrach fizeram teshuvá em seus corações. Ao testemunharem a terra se abrindo e engolindo seu pai e seguidores, ficaram paralisados de medo, e incapazes de confessar seus pecados oralmente.

O Todo Poderoso, contudo, Que conhece os pensamentos da pessoa, viu que mudaram de idéia. Por isso, Ele lhes permitiu sobreviver.

O versículo diz: "Para o Condutor, sobre rosas, para os filhos de Côrach, um cântico de afeto." (Tehilim 45:1). Por que denomina os filhos de Côrach "rosas"?

Pessoas que os viram costumavam dizer: "São 'espinhos', exatamente como seu pai."

Na hora da destruição, todavia, D'us protegeu as rosas de serem queimadas junto com os espinhos.

Os filhos de Côrach compuseram diversos salmos no Livro dos Salmos, dentre esses um que descreve como foram quase

.....
confinados ao Inferno: "Minha vida foi arrastada próxima ao inferno, fui ostracizado junto com os que desceram ao fundo do poço..." (Tehilim 88:4-5).

No capítulo 49, eles apelam a toda a humanidade que aprenda a lição moral do destino de seu pai:

"Os que se fiam em suas forças e de suas riquezas imensas se vangloriam, nem mesmo a seus irmãos podem eles redimir, nem a D'us oferecer resgate por sua morte. Não inveje nem tema ao homem que enriquece e alcança glórias pois, ao morrer, nem sua glória nem nada mais levará consigo.

O homem que se engrandece e não tem entendimento para seguir as sendas traçadas por D'us, parecem-se com os animais que perecem e não deixam sequer lembrança."

On

Outro seguidor de Côrach, On, também escapou da morte. Era membro da tribo de Reuven, vizinho da família de Côrach, e, como tal, participou da rebelião. Ao voltar para casa da primeira reunião, contou à esposa que estava tomando parte numa rebelião.

Ela argumentou: "O que você ganha com isso? Sua posição será a mesma, quer Aharon quer Côrach seja o Sumo-sacerdote." Reconheceu a lógica de suas palavras, mas explicou que já não podia mais desligar-se do partido de Côrach, uma vez que jurara oferecer incenso na manhã seguinte.

"Não se preocupe" - disse a esposa - "cuidarei disso." Naquela noite, a esposa de On misturou um vinho muito forte à sua bebida. On caiu imediatamente num sono muito pesado. Enquanto isso, sua esposa sentou-se à entrada da tenda, e fez algo que nenhuma esposa judia faria: descobriu seus cabelos.

Logo chegaram os mensageiros de Côrach para chamar On para a reunião. Porém, viram a esposa de On, com os cabelos descobertos! Deram meia-volta e foram embora.

Côrach enviou outros mensageiros. Eles também não se aproximaram da mulher de On. Os mensageiros iam e voltavam. Assim, On nunca apareceu ante o Santuário.

Côrach falou bem ao descrever os judeus como uma "congregação sagrada em meio a qual está a Shechiná." O nível de recato da Torá era aceito pela geração inteira. Era lógico e natural que nem mesmo os mensageiros de Côrach se dirigissem a uma mulher casada cujos cabelos estivessem descobertos.

Quando a morte golpeou os perversos, a cama onde On dormia começou a escorregar em direção ao abismo. A esposa de On agarrou a ponta e rezou: "Mestre do Universo, On desligou-se da corja de Côrach. Ele jurou em Seu Grande Nome que não é seguidor de Côrach. Se alguma vez violar sua palavra, então Você poderá puni-lo."

On foi poupado, e logo sua esposa censurou-o: "Agora, vá a Moshê e peça desculpas!"

"Estou envergonhado demais para encará-lo," replicou On.

A esposa de On, então, foi a Moshê, soluçando amargamente e relatando o que acontecera a seu marido.

Ao receber o relato, Moshê caminhou até a tenda de On e falou com ele de maneira encorajadora, dizendo: "Saia! Que o Todo Poderoso o perdoe!"

Pelo resto de sua vida, On não parou de lamentar-se e fazer teshuvá por uma vez ter ficado ao lado de Côrach. Seu nome indica isso:

On - ele estava em estado de luto (oninut - luto).

Filho de Pelet - um filho (homem) que foi resgatado da destruição através de um milagre (Pelet refere-se a Pele - milagre).

"A sábia entre as mulheres constrói sua casa." (Mishlê 9:1)

O versículo refere-se à esposa de On, cuja sabedoria resgatou seu lar da destruição.

"Mas a mulher perversa o demole com suas próprias mãos." Refere-se à esposa de Côrach, que arruinou seu marido e todo o seu lar.

Quando se trata de assuntos práticos, o marido deve ouvir os conselhos da esposa.

Os Recipientes de Côrach e seus Seguidores foram Transformados em Cobertura para o Altar

Os recipientes nos quais Côrach e seus 250 seguidores ofereceram incenso não podiam mais ser utilizados para propósitos profanos, pois foram consagrados ao serviço Divino.

De acordo com o mandamento de D'us, Moshê instruiu Elazar, filho de Aharon, a recolher todos os recipientes das cinzas, aplainá-los e fazer deles uma cobertura para o Altar Exterior.

Por que D'us incumbiu da tarefa de recolher os recipientes da cena do desastre Elazar em vez de Aharon?

Côrach contestou não apenas a posição de Aharon como Sumo-sacerdote, mas também a de Elazar, filho de Aharon como cohen. Elazar recolheu os recipientes como demonstração de seu chamado Divino como cohen e, eventualmente, como sucessor de seu pai como Sumo-sacerdote.

Qual era o propósito de transformar os recipientes dos rebeldes em cobertura para o altar?

Esta nova cobertura impediria as futuras gerações de contestarem a posição de kehuná. Qualquer um que alegasse que um judeu da família de um não cohen deveria ser escolhido como cohen seria advertido: "Olhe para a cobertura do Altar de Cobre! É feito dos recipientes dos homens que disputaram a kehuná e por isso, foram queimados."

O Milagre da Vara que Floresceu

Depois que a terra engoliu Côrach, Datan e Aviram, ficou claro, sem qualquer sombra de dúvida que Moshê era o líder Divinamente escolhido.

.....
O chamado Divino de Aharon como Sumo-sacerdote também manifestou-se quando os duzentos e cinquenta homens que contestaram sua posição pereceram.

Não obstante, algumas pessoas continuaram insistindo que Moshê não deveria ter desqualificado os primogênitos da realização do serviço Divino, designando os leviyim em seu lugar. Desejavam que todas as tribos participassem do Serviço através de seus primogênitos. Por isso D'us realizou um milagre que demonstrou claramente Sua escolha da tribo de Levi, colocando, desta forma, um fim a essas reivindicações. O milagre também reafirmou a escolha Divina de Aharon como Sumo-sacerdote.

D'us ordenou a Moshê: "Pegue doze varas. Escreva em cada uma o nome do líder de cada tribo. Na vara de Levi escreva o nome de Aharon.

"Coloque as varas para pernoitarem no Santuário. O cajado da tribo escolhida para Meu serviço florescerá milagrosamente."

A fim de evitar possíveis alegações de que uma das varas tinha mais umidade que as outras, e por isso florescera, Moshê cortou doze varas idênticas de um grande cepo. Ordenou que cada líder marcasse seu nome em uma vara.

Moshê colocou as varas no Santuário com a de Aharon no centro, para que ninguém afirmasse: "O cajado de Aharon brotou porque ficou do lado que fica mais próximo à Shechiná."

Quando Moshê entrou no Tabernáculo no dia seguinte, a vara de Aharon brotara folhas, flores e amêndoas. (Este milagre contém outro, pois as florescências não caíram após o aparecimento dos frutos, como geralmente acontece.)

Mais que isso, o Nome de Quatro Letras de D'us estava milagrosamente entalhado na vara de Aharon, como se encontrava entalhado sobre o tsits (adereço de testa) do Sumo-sacerdote. Isto demonstrou que Aharon era o escolhido como Sumo-sacerdote, o portador do tsits.

Por que a Vara de Aharon Brotou?

Este milagre indicava a presença da Shechiná, que imbui vida até mesmo em objetos inanimados, e faz com que esses brotem.

Amêndoas, no que se refere a profecia ou milagre, simbolizam que o Todo Poderoso concretizará Seu decreto rapidamente. (A palavra "shekedim" - amêndoas - deriva de shaked - pressa. As flores desta árvore surgem antes que a de outras.) D'us sinalizara que qualquer um que usurpe a kehuná será punido instantaneamente.

Finalmente, após a série inteira de sinais e milagres, todos os judeus convenceram-se de que a profecia de Moshê era verdadeira em todos os seus detalhes.

O cajado de Aharon jamais feneceu. Sua haste, flores e amêndoas permaneceram eternamente verdes. D'us ordenou a Moshê que o colocasse perto da arca como testemunho para as futuras gerações de que, dentre todas as tribos, a de Levi foi escolhida tanto para a kehuná quanto para a leviyá.

Os reis judeus ficaram incumbidos de preservar o cajado de Aharon. Antes da destruição do Primeiro Templo Sagrado, o rei

Yoshiyahu escondeu-o junto com outros objetos que serviram como testemunho e com utensílios sagrados.

Os Cohanim e a Guardar do Templo

Após terem vivenciado as diversas mortes que ocorreram em conexão com o Serviço do Santuário, os judeus estavam muito amedrontados. Exclamaram: "O Santuário é uma fonte de tragédia. A morte estabeleceu-se na congregação de Côrach, e eventualmente golpeará todos nós."

"É sua tarefa impedir a entrada de qualquer pessoa não autorizada a qualquer área do Santuário que lhe seja proibida." Advertiu D'us tanto aos cohanim quanto aos leviyim. "Se falharem, serão punidos."

A Mitsvá de Guardar o Santuário e o Templo

D'us ordenou aos cohanim e leviyim que vigiassem o Santuário e o Templo Sagrado todas as noites.

D'us, Que guarda o mundo, não necessita de guardas humanos para proteger Seu palácio. Ele ordenou que uma guarda de honra fosse colocada à sua volta a fim de incutir sua grandeza nos judeus. Visitantes aproximam-se de um edifício guardado com temor, pois é considerado distinto, como o palácio de um rei.

Vinte e quatro guardas eram postados toda noite em diferentes locais ao redor do Templo Sagrado. Os cohanim montavam guarda em três locais no Pátio, e os leviyim em vinte e um locais fora deste. Um inspetor fiscalizava a vigilância de todos os guardas.

Os Presentes Ofertados aos Cohanim e Leviyim

Diz o provérbio: "Se minha vaca quebrar a perna, é para meu benefício."

Todo infortúnio tem seu benefício. Aharon beneficiou-se da disputa de Côrach, pois em seguida o Todo Poderoso selou um pacto com Aharon, confirmando que os cohanim receberão para sempre os vinte e quatro presentes de kehuná.

Certa vez, o imperador deu um estado a seu amigo como um presente casual. Não assinou escritura alguma, nem endossou com qualquer outra medida legal que concedera esse estado ao amigo.

Entretanto, logo após, impostores afirmavam que o estado era deles. O imperador informou então seu amigo: "Agora editarei uma ordem para inscrever o presente nos registros oficiais, para que ninguém possa negar que você é o verdadeiro proprietário."

Similarmente, após Côrach ter disputado o direito de Aharon à kehuná, D'us lavrou um contrato oficial com os cohanim, prometendo-lhes para sempre, e a seus descendentes, os vinte e quatro presentes que os judeus são obrigados a separar para eles.

D'us proclamou: "Concedo-lhes esses presentes feliz e de boa vontade, como alguém que escreve uma escritura de algum presente a um bom amigo."

.....
A Torá chama esse pacto de "o Pacto do Sal". Assim como o sal nunca se estraga, este pacto durará para sempre.

Alguns dos vinte e quatro presentes para os cohanim são:

- Quando um judeu traz um sacrifício, deve dar partes desse para os cohanim. Também recebem uma parte dos sacrifícios oferecidos em nome da comunidade.

- Na época do Templo Sagrado, se um judeu abatia um animal doméstico para seu consumo pessoal, era obrigado a dar três partes ao cohen: o membro direito, as mandíbulas, e o estômago.

- Se um animal doméstico casher de um judeu tiver um primogênito, este pertencia ao cohen. O cohen o leva ao Templo Sagrado. Parte do animal era queimada sobre o Altar, e parte ficava para o cohen.

- Um judeu que possua campos, vinhedos, olivais ou pomares deve dar uma parte da produção ao cohen. Esta parte se chama terumá. Nossos sábios fixaram a terumá em pelo menos 1/60 da produção, podendo ser também 1/50 ou 1/40.

- Chalá: ao assar uma massa, deve-se dar uma parte ao cohen.

Muitos dos presentes destinados aos cohanim são sagrados. Eles não podem comê-los estando impuros. Alguns só podem ser comidos no pátio do Templo Sagrado, outros só na cidade de Jerusalém.

Por que os Cohanin Recebem esses Presentes?

Por que D'us ordenou aos judeus que sustentassem os cohanim e leviyim?

Libertando os homens da tribo de Levi da necessidade de ganhar um meio de vida, D'us possibilitou-lhes a devotarem-se totalmente à Torá e ao serviço Divino. A tribo de Levi não recebeu extensas terras agrícolas em Israel como o resto das tribos, nem participavam de guerras ou recebiam espólios. Em vez disso, eram o "exército de D'us", estudantes e professores de Torá, como está escrito (Bamidbar 18:20), "Sou sua porção e sua herança, disse D'us."

Maimônides escreve: "Não apenas um membro da tribo de Levi, porém qualquer indivíduo cujo coração o impele a servir D'us e conhecê-lo, torna-se santo dos santos. D'us será sua porção e herança para sempre. Ele lhe proverá uma quantidade suficiente para seu sustento, assim como Ele fez para os cohanim e leviyim."

Rabi Yoná costumava dar a décima parte de seus proventos a Rabi Acha bar Ula. Este não era cohen nem levi, contudo era estudante de Torá.

O que é Maasser?

Assim como D'us selou um pacto com os cohanim, Ele assim o fez com os leviyim, que também receberam um presente dos judeus.

Esta parashá menciona que cada judeu deve dar o maasser (dízimo) aos leviyim.

Após dar terumá ao cohen, um judeu tem que separar 1/10 de todos os seus grãos, frutos e vegetais e dá-los ao levi. Este dízimo chama-se maasser.

O levi tem que separar 1/10 do que recebeu e dar ao cohen. A parte que o levi dá ao cohen chama-se terumat maasser ou maasser min hamaasser (dízimo do dízimo).

Ao dar maasser ao cohen, o levi reconhece que o cohen é mais eminente que ele, e é levado a lembrar-se de que há Um Acima, Que está acima de ambos.

Que Partes da Colheita o Agricultor tem que Doar

Imagine que estamos na época do Templo Sagrado, e possuímos campos de cereais. O que a Torá pede que doemos ao colher os grãos?

Deve-se dar lêket, peá e shichechá (ver Parashat Emor 23:22) aos pobres. Também se deve levar os primeiros trigo e cevada ao Templo Sagrado, como bicurim (Parashat Emor 23:10).

Precisamos separar:

1.Terumá: para o cohen.

2.Maasser: para o levi.

3.Maasser Sheni: outro dízimo, a ser comido em Jerusalém pelo proprietário das terras.

Em determinados anos, ao invés de maasser sheni, dá-se o dízimo aos pobres, que passa a se chamar maasser ani, dízimo dos pobres.

Calculando Terumá e Maasser

Suponhamos que alguém colheu 100 quilos de uvas. Quanto ele deve separar? Primeiramente, separa-se a terumá para o cohen. A terumá pode ser 1/40, 1/50 ou 1/60. Supondo que o proprietário queira doar 1/50, que equivalem a 2 quilos.

100kg - 2 (terumá) = 98

Restam 98kg. Ele ainda tem que dar 1/10 de maasser ao levi. Um décimo de 98 = 9,8kg.

98kg - 9,8 (maasser) = 88,2

Disto, ainda tem que se dar 1/10 como maasser sheni (ou maasser ani).

88,2kg - 8,82 (maasser sheni ou maasser ani) = 79,38

Após separar a terumá e os maasrot, restam 79,38kg dos 100 kg originais. Será que ficamos incomodados por havermos dado tantos presentes? Não deveríamos, pois nossos sábios ensinam que ao dar maasser um judeu enriquece.

D'us prometeu ao povo judeu: "Se vocês derem maasser como mandei, Eu enviarei chuvas abundantes e abençoarei os frutos. Colherão tanto grão que ficarão ricos."

Como Ficam Terumot e Maasrot Atualmente?

.....
Hoje em dia, um agricultor em Israel precisa separar terumá e maasser.

Um judeu não pode comer os frutos que nascem em Israel, a não ser que saiba que alguém confiável tenha separado terumá e maasser. Mesmo que um judeu viva fora de Israel, antes de comer produtos frescos ou enlatados, importados de Israel, deve certificar-se de que terumá e maasrot foram corretamente separados.

A Mitsvá de Redimir o Primogênito

Em conexão com os presentes da kehuná, a Torá menciona que todo primogênito é sagrado para D'us. Esta mitsvá é mencionada três vezes na Torá.

Os primogênitos foram inicialmente escolhidos por D'us para exercerem os deveres do sacerdócio (kehuná) em virtude de terem sido poupados quando Ele matou os primogênitos egípcios. Entretanto, quando os primogênitos judeus executaram os rituais sacerdotais diante do bezerro de ouro, esse chamado sagrado foi transferido para os cohanim.

A fim de libertá-los legalmente dessa obrigação original, eles devem ser resgatados com cinco moedas (shecalim) de prata, pagos a um cohen. O procedimento deste resgate não se aplica a um primogênito cujo pai é um cohen ou levi, ou a mãe filha de cohen e levi.

A mitsvá aplica-se assim que o bebê, nascido de parto normal, tiver atingido a idade de trinta dias. Se essa data coincidir com Shabat ou Yom Tov (que proíbe transações comerciais) deve ser adiada para o dia seguinte. É costume cumprir esta mitsvá à luz do dia; entretanto a festa que se segue pode se estender até a noite.

Se, por alguma razão, o primogênito não foi resgatado no tempo prescrito, isto deve ser feito na primeira oportunidade, mesmo sendo o menino já adulto. (Neste caso, ele próprio deve resgatar-se perante um cohen.)

O pai deve escolher um cohen observante e bem versado na Lei judaica para redimir seu primogênito. Uma cerimônia festiva é preparada, e após recitar a bênção sobre o pão, o pai apresenta o filho ao cohen com esta declaração: "Minha esposa deu à luz ao meu primogênito".

O cohen perguntará: "O que tu preferes - teu primogênito ou cinco moedas de prata?" Após confirmar sua intenção de ficar com o filho e transferir cinco moedas de prata ou seu valor equivalente para o cohen, o pai recita a bênção de "Al Pidyon Haben" e "Shehecheyánu". A seguir o cohen recita a bênção sobre uma taça de vinho.

Esta é uma das mitsvot através das quais reconhecemos que o que quer que possuímos, na realidade pertence a D'us. A primeira aquisição da pessoa geralmente é a mais preciosa a seus olhos; por isso, damos o "Primeiro" a D'us, a fim de demonstrar que Ele é o verdadeiro Proprietário de tudo o que temos. Um homem pode facilmente ser levado a pensar que tem direitos acima de qualquer disputa sobre todas suas posses.

A Torá declara que o início de qualquer realização, da qual nos orgulhamos em especial, seja para D'us e o seu serviço, e só

depois poderemos participar e aproveitar do restante. Isso era mais perceptível na época do Templo, quando as primícias - os primeiros frutos - tinham de ser trazidas ao Santuário e os primogênitos do gado eram ofertados ao cohen, o servo de D'us. Entretanto, D'us nos permitiu reivindicar nosso filho primogênito desde que o criemos de acordo.

Isto fica enfatizado pela pergunta retórica que o cohen apresenta: "O que preferes - teu filho ou as cinco moedas de prata?" - já que o pai é obrigado a resgatar o filho de qualquer forma. A pergunta implícita é: "Estás consciente da tua obrigação de criar teu filho para ser dedicado a D'us, estudar a Torá e cumprir as mitsvot? Compreendes que para educar uma criança apropriadamente debes estar preparado a fazer sacrifícios materiais se necessário?"

A resposta do pai - "Eu quero meu filho e aqui estão as cinco moedas de prata" - é o testemunho que ele entendeu plenamente a responsabilidade e o privilégio de criar seu filho corretamente.

O Caminho para a Verdadeira Transformação

Por Yosef Y. Jacobson

Na porção dessa semana da Torá, Cômach, lemos sobre Cômach questionando e por fim se rebelando contra Moshê e D'us. A primeira pergunta de Cômach a Moshê foi: "Uma veste feita inteiramente de lã turquesa ainda exige um fio turquesa em suas franjas de tsitsit?"

A resposta de Moshê foi "Sim".

Cômach achou que a resposta de Moshê era absurda. Por que o mandamento de um fio de lã turquesa no tsitsit? O Talmud explica porque turquesa é uma cor espiritual. Assemelha-se ao oceano e aos céus, lembrando ao ser humano a majestade de D'us.

Na verdade, Cômach e Moshê debateram a natureza da liderança espiritual, a questão de como inspirar os seres humanos ao idealismo e santidade.

Cômach acreditava que é preciso dominar as pessoas com a magia e majestade de sua mensagem. Deixar sua "veste" inteira, sua identidade completa, tornar-se toda turquesa, fundindo-se completamente no "azul" do céu.

Moshê discordava: deixar o espírito das pessoas pairar é esplêndido, mas nunca suficiente. Para a inspiração causar um impacto duradouro, deve se expressar em atos, palavras e pensamentos individuais específicos.

Para fazer uma verdadeira transformação na vida das pessoas, você deve dar-lhes um único ato por meio do qual elas possam conectar-se com D'us e trazer Sua moralidade ao mundo numa base diária. Você precisa inspirar as pessoas a tornar azul um fio de suas vidas.

Este foi um debate sobre o que se tornaria a grande ênfase do Judaísmo. Segundo Cômach, o Judaísmo era sobre despertar uma paixão para revolucionar o universo. Porém Moshê entendeu que para atingir esta meta, o enfoque fundamental do Judaísmo precisava ser no comportamento diário do indivíduo, mudando o mundo com uma mitsvá por vez.

.....
A mensagem de Côrach parecia lógica. Se podemos eletrizar uma alma com uma paixão para tornar o mundo um local Divino, a mitsvá individual é relevante? Vamos falar sobre mudar pessoas e mudar o mundo, não sobre pequenas ações individuais!

Côrach sentiu que Moshê estava deturpando a real intenção de D'us. Ao se concentrar tanto nas mitsvot, Moshê estava abafando a criatividade espiritual nas almas de Israel. Estava roubando a comunidade de sua grandeza.

Côrach foi um revolucionário; era uma alma em fogo. Porém Moshê foi um líder, um pastor. Moshê, com certeza, identificou-se profundamente com a mensagem de Côrach. Se alguém entendeu o valor do idealismo apaixonado, foi Moshê, um homem que deixou tudo para trás na sua busca pela verdade.

Porém um líder não é uma alma elevada individual; um líder é uma pessoa que encerra dentro de seu coração uma nação inteira, uma alma coletiva, do mais alto ao mais baixo, e que está profundamente sintonizado com a natureza humana.

Moshê sabia que a mensagem que inspira reverência e entusiasmo, mas que não exige mudança na vida do indivíduo, não teria um impacto duradouro.

Quando um espírito idealista fala sobre transformar o universo e elevar toda a humanidade, mas deixa de concentrar-se em construir esse universo por meio de ações e palavras diárias, no final, ele pode cair muito baixo, talvez até ser engolido pelo abismo. Isso na verdade ocorreu a Côrach e aos seus homens.

A lição em nossa vida é clara: levar uma vida judaica diariamente, saturada com o estudo de Torá e cumprimento das mitsvot, transmitindo estas ações sagradas aos filhos – é isso que garantirá a continuidade judaica e curará o mundo.

Por Que Precisamos de Líderes?

“Por que precisamos de um líder” é o tema exato da porção dessa semana da Torá. Côrach e seus parceiros desafiam Moshê com o seguinte argumento: “Todas as pessoas na comunidade são sagradas, e D'us está com elas. Por que vocês estão se colocando acima da congregação de D'us?”

O fato de que o argumento de Côrach esteja documentado para a posteridade é prova de que sua posição tem mérito. Na verdade, Côrach era um “pikach”, um homem sábio. Assim seu argumento não deve ser descartado facilmente; é um ponto de vista inteligente que exige deliberação e consideração.

Côrach estava essencialmente argumentando contra hierarquias burocráticas. Torá e Judaísmo são construídos sobre o princípio firme e inabalável de que todas as pessoas têm uma alma Divina (criada à imagem de D'us), e por isso têm acesso a D'us o tempo todo. Onde então, Côrach perguntou, há espaço para líderes que estão “acima da congregação de D'us?”

Nenhum indivíduo possui a Torá. Ela pertence a todas as pessoas. Por quê? Ora, porque a Torá não é um produto de marketing, nem uma empresa. A Torá é a Divina verdade – um projeto para a vida, consistindo em conhecimento e informação dadas a todas as pessoas para orientá-las para encontrar seu caminho neste mundo.

Assim, a Torá é grátis. Ninguém tem monopólio sobre a Torá e ninguém pode exigir “royalties” pelo seu estudo. Na verdade, o Talmud diz que toda criança aprende a Torá ainda no útero da mãe durante a gravidez: na nossa psique está gravada a vontade e a sabedoria Divinas – todas as ferramentas que precisamos para nossa jornada de vida.

Este fato poderoso pode ser avaliado ao ver os efeitos da abordagem contrária. “A partir de meus inimigos tornei-me sábio.” Sempre que um regime fascista ou totalitário sobe ao poder, a primeira coisa que estabelece é um “centro da verdade da informação”. Ora, porque para controlar uma população você precisa controlar a mente das pessoas.

“Propaganda” é como eles chamam isso. Assim, o regime irá controlar a mídia e os meios de comunicação, para garantir que o povo veja e escute somente as informações que os líderes desejam transmitir. Liberdade de imprensa– o fluxo livre de informação é proibido, um suicídio definitivo para qualquer poder ditatorial.

Como disse Thomas Jefferson, se pudesse escolher, ele escolheria uma imprensa livre para libertar o governo. Porque sem imprensa livre não há governo livre. Sempre que você ouve que há um “centro de verdade e informação,” fique certo de que não há nem “verdade” nem “informação”...

Côrach dizia exatamente isto. “Todas as pessoas na comunidade são sagradas, e D'us está com elas. Por que vocês estão se colocando acima da congregação de D'us.” Por que precisamos de líderes e professores e correr o risco de abuso. Como temos visto com frequência, também ultimamente, como as chamadas “autoridades” têm abusado de sua posição, e não ensinaram a pura verdade, mas sua versão distorcida da verdade. Quantas pessoas foram magoadas por acreditar inocentemente em seus mestres, somente para depois (algumas mais tarde que outras, e algumas ainda não) descobrir como aqueles professores desrespeitaram a verdade?

Portanto Côrach argumentava, por que arriscar? A Torá foi dada por D'us a todo o povo, e eles são todos sagrados, por que dar poder exclusivo aos líderes, poder que pode ser abusado?

Há mais de três mil anos a Torá foi outorgada no deserto do Sinai exatamente para impedir a possibilidade de abuso fascista. Ao dar a Torá no deserto, que é a terra “de ninguém”, D'us estava nos dizendo que “nenhuma cidade pode alegar direitos sobre a Torá. Eu dei Minha verdade a todos, e cada um de vocês tem acesso a ela.” Fato incrível. A Bíblia – a Torá – é o maior campeão de vendas da história. Mesmo assim, ninguém a possui, ninguém pode exigir royalties por ela!

E a Torá foi passada de geração em geração, numa corrente interminável, sem transações corporativas e infraestruturas burocráticas. Moshê não escolheu uma “junta de diretores” e um novo Chefe Executivo. Moshê nos deixou a Torá e seus estudantes, e assim continuou de geração em geração. Como está delineado em Pirkei Avot (Ética dos Pais): “Moshê recebeu a Torá do Sinai e a passou adiante para Joshua; Joshua para os Anciãos; os Anciãos para os Profetas...”

Qual foi então o erro de Côrach, erro grave? Seu argumento parece plausível e até verdadeiro. Qual é a resposta a essa

.....
pergunta: Por que precisamos de líderes, e o que os impedirá de abusar do poder?

O grave erro de Côrach estava em sua compreensão da natureza de um verdadeiro líder. Em sua mente um líder significava uma pessoa poderosa que serve como intermediário humano entre D'us e as pessoas, entre a verdade da Torá e os estudantes. Ele pensava que um líder é definido pelas suas forças – sabedoria, carisma, riqueza, todas as qualidades necessárias para liderar um grande grupo de indivíduos.

Um verdadeiro líder é exatamente o oposto. É definido não por aquilo que é, mas pelo que não é. A única qualidade mais importante de um verdadeiro líder é bitul – humildade (Moshê era o mais humilde entre todos na Terra.) Ele é invisível, e portanto se torna um veículo (merkavá) para a Divindade; é um exemplo vivo e o epítome de como D'us deseja que uma pessoa seja.

Endeusar indivíduos é proibido no Judaísmo. A idolatria é um pecado cardinal. Adoramos apenas a D'us e somente a D'us. A grandeza de um tsadic, um Rebe, um Moshê não é o poder do indivíduo, mas o poder de D'us que está trabalhando através daquela pessoa. Na verdade, não pode haver sequer o menor traço de ego individual ou personalidade que fique no caminho e não permita que a inerente Divindade brilhe.

E o motivo pelo qual precisamos de Moshê, e um Moshê em cada geração (Moshê transmitiu a Torá para Joshua, etc.), é porque nós como indivíduos somos consumidos e dominados pela vida material, temos nosso ego e personalidade que ficam no caminho para chegar a D'us e à verdade da Torá.

Precisamos de um líder altruísta, um mestre para nos guiar e mostrar o caminho para acessarmos nossa alma e D'us. E quando Moshê nos guia ele não mostra como ele (Moshê) acessa a D'us, mas nos mostra como temos acesso direto a D'us por meio de nossas almas Divinas.

O verdadeiro líder, em outras palavras, não é um intermediário que fica no caminho entre nós e D'us; seu altruísmo e bitul permite que seja um canal transparente nos ajudando a conectar com D'us à nossa própria maneira. Um verdadeiro mestre não ensina a você a verdade dele, ensina qual é a verdade. Mais Elevada e que ela pertence a você tanto quanto pertence ao mestre.

O verdadeiro mestre não tem ego, ele reconhece que o tempo todo é meramente um mensageiro transmitindo verdade a partir de um lugar maior. Na verdade, o maior título de um erudito de Torá não é “chacham”, sábio, mas “talmid chacham”, o aluno de um sábio. O erudito sempre sente o bitul de que é meramente um estudante da sabedoria Divina. “Reshis chohma yiras Hashem” (o princípio e alicerce da sabedoria é reverência a D).

O argumento de Côrach era acurado no fato de que todas as pessoas são sagradas e têm acesso direto a D'us. Havia também justificativa em seu questionamento do papel da liderança, expondo seu potencial abuso e distorções. É por isso que a Torá documenta o argumento de Côrach.

Mas mesmo que seus argumentos tivessem mérito, as intenções de Côrach eram erradas. Na verdade, embora ele desafiasse a

liderança de Moshê, ele exigia liderança para si mesmo (bastante remissivo do fato de que embora o Comunismo teoricamente defenda a igualdade de todas as classes, os líderes comunistas foram os mais notórios abusadores da liderança) – motivo ainda maior para precisar de um líder realmente altruísta!

Côrach estava totalmente errado porque não entendia a verdadeira natureza de um líder – aquele que é totalmente humilde e altruísta. A liderança não trata de poder e ambição; é sobre bitul e altruísmo. E esta é a única razão para podermos confiar num verdadeiro líder, e o motivo pelo qual D'us confiou em Moshê.

Quando D'us escolheu Moshê para ser o líder, Moshê resistiu fortemente. “Não sou um homem de palavras” foi um dos muitos argumentos que ele ofereceu ao recusar a liderança. D'us responde: “Quem então dá a um homem a boca para falar se não Eu.”

D'us essencialmente escolheu Moshê exatamente porque ele não queria o trabalho, e porque não falaria suas próprias palavras; ele falaria as palavras de D'us.

Esse tipo de líder era completamente novo para Côrach e seus homens. Nenhum deles jamais tinha encontrado um líder assim. Portanto eles desafiaram o próprio conceito baseado em sua experiência limitada. Mas como resultado de seu argumento ganhamos uma nova compreensão sobre a natureza de um verdadeiro líder.

Este é o valor da Torá nos relatar a história de Côrach, e devemos a Côrach por permitir que o papel da verdadeira liderança fosse esclarecido para nós expondo as distorções da falsa liderança.

Essa história nos oferece uma mensagem muito relevante para os dias de hoje. Digo que muitos de nós somos simplesmente céticos sobre um verdadeiro líder – um Rebe – porque jamais conhecemos um.

Os assim chamados “líderes” ao nosso redor – políticos, empresários, esportistas – são essencialmente nada mais que bons administradores, ou pessoas impulsionadas por ambição agressiva que lhes permite galgar a escada da liderança.

Não estou sequer falando da corrupção avassaladora cercando os líderes, a qual todos conhecemos e somos sempre lembrados.

Eu (e muitos dos meus colegas), porém, tivemos o privilégio e a honra de conhecer um líder assim. Um homem Divino inteiramente dedicado à Causa Mais Elevada.

Seu nome era Rabi Menachem Mendel Schneerson. Ou simplesmente: o Rebe – o líder.

Como um verdadeiro líder, a humildade era sua personalidade. Um homem em cuja presença você não sentia a ele, mas a si mesmo – sentia que fazia parte, que era importante e tinha uma contribuição indispensável para fazer neste mundo.

Com toda a atual discórdia num mundo que está rapidamente mudando bem na frente de nossos olhos, a falta de uma verdadeira liderança é óbvia.

.....
Com o Rebe eu aprendi como acessar minha própria alma. Aprendi como acessar a Torá – milhares de anos de história e erudição – a entender nossas vidas hoje e as forças remodelando nosso geopolítico, bem como nossas paisagens psico-espirituais.

Em Motsaê Shabat parasha Côrach, na noite de 3 de Tamuz de 5754 (12 de junho de 1994), o desafio de Côrach a Moshê se manifestou. Todos fomos desafiados a entender o papel de um Rebe-líder em nossas vidas hoje.

Nos últimos anos – e especialmente no último ano – o mundo mudou dramaticamente, com muitas mais mudanças por vir. Estamos precisando desesperadamente de verdadeira liderança – e não há dúvida de que D'us não iria nos desafiar sem nos prover com as ferramentas necessárias.

Mesmo quando Côrach questiona o papel de líder, a duradoura porção da Torá nos dá o poder de encontrar a resposta, que sim, precisamos de um líder, e sim, Moshê é o líder escolhido por D'us.

Volto para meu Rebe e seus ensinamentos – explicando os tempos nos quais vivíamos sob uma perspectiva de Torá – para fazer sentido dos eventos incômodos que nos cercam hoje. E encontro uma enorme força e clareza na visão da Torá.

Cada um de nós é desafiado hoje a responder ao argumento de Côrach. Se não quisermos ser deixados entre incontáveis perguntas num mundo cada vez mais confuso, devemos nos voltar para Moshê e seus ensinamentos em busca de esperança e direção.

Precisamos descobrir o líder altruísta que pode nos ajudar a ver através da névoa.

Oh, como realmente precisamos de um líder hoje...

Estrada Para o Céu

Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

O Talmud não acredita em “tempo igual”. Segundo este antigo repositório de sabedoria judaica, se um sujeito bom e um sujeito mau estão concorrendo ao mesmo cargo, você deve dar ao bom toda a publicidade, e ignorar o indivíduo mau. Nem sequer mencione seu nome.

O Talmud tem uma fonte para este preconceito – o ainda mais antigo Livro dos Provérbios (Mishlê) do Rei Shelomô, que declara: “A menção do justo deveria ser para bênção, e o nome do perverso deve apodrecer” (Mishlê 10:7). Citando este versículo, o Talmud decreta que “é proibido dar ao filho o nome de um perverso.”

Isso levanta uma dúvida: Por que, então, a leitura desta semana da Torá (Bamidbar 16-18) é chamada Côrach, por causa do homem que levantou um motim contra Moshê e Aharon? Se a Torá não deseja que chamemos nossos filhos de Adolf, Joseph Vissarionovich ou Capitão Gancho, por que denomina uma de suas seções como um pecador inveterado, uma pessoa cujas ações colocaram em tamanho risco a própria existência do povo de Israel que D'us fez a terra engoli-lo para que ele “descesse vivo até o abismo?”

“A estrada para o inferno” – diz o ditado – “é pavimentada com boas intenções.” Côrach, o único homem que se sabe ter chegado vivo àquele lugar repugnante, também foi levado até lá por desejos e motivos positivos. Como relata a Torá, Côrach estava motivado por um elevado anseio espiritual – o desejo de tornar-se Cohen Gadol (Sumo Sacerdote), o grau mais alto que a pessoa pode atingir no serviço a D'us.

Como sabemos que este era um desejo positivo?

Primeiro, porque nossos Sábios nos dizem que no perfeito mundo futuro de Mashiach todo e cada um de nós chegará ao nível de intimidade com D'us desejado por Côrach.

Segundo, porque sabemos de outra pessoa que, como Côrach, foi proibido por decreto Divino de atuar como Cohen Gadol e que mesmo assim foi impelido por um desejo insaciável de fazê-lo.

Outra pessoa?

O próprio Moshê.

Aqui está Moshê falando com Côrach: “Temos apenas um D'us, uma Torá, uma lei, um Cohen Gadol e um Santuário. Porém você... deseja o Alto Sacerdócio. Eu também o desejo!” (Midrash Tanchuma; citado por Rashi sobre Bamidbar 16:10).

“Eu, também, o desejo!”

Moshê está sendo brincalhão? Fingindo-se de advogado do diabo? Ou estamos tendo um vislumbre da alma de Moshê, uma alma impulsionada por um desejo consumidor por algo tão exaltado e Divino que está além do alcance até para um Moshê, uma alma que vê suas ânsias mais profundas frustradas por uma ordem Divina barrando seu caminho, ordenando: “Pare. Não. Ainda não.”

Tanto Côrach quanto Moshê desejavam o proibido. Em Côrach, o desejo levou destruição para si mesmo e seus seguidores. Em Moshê, o mesmo desejo alimentou uma vida de grandeza.

A estrada para o inferno é pavimentada com santos desejos. Assim também a estrada para o céu. A diferença é sutil, porém crucial: a diferença entre agir por um sagrado desejo contrário à ordem de D'us, e alimentar o desejo, lutando contra ele, levando uma vida apaixonadamente devotada a atingi-lo.

É por isso, explica o Rebe, que há uma seção na Torá chamada Côrach. A Torá está nos dizendo que há dois Côrachs: Côrach, o ser humano, e Côrach a porção da Torá. Ou, se você preferir, o corpo e o espírito de Côrach.

O ser humano, que cruzou a linha que separa o bem do mal, a linha demarcada pelas ordens de D'us, é para ser rejeitada. A porção Côrach da Torá – o sagrado anseio que agita as barricadas que D'us colocou para dificultar a corrida de nossa alma para o céu, que se esforça porém não ousa violar a vontade Divina – é para ser abraçada.

Côrach no Divã

Cada um de nós não está apto a acessar D'us e nossa própria espiritualidade interior?

Na porção dessa semana da Torá, Côrach lidera um motim contra Moshê. Final da história: ele se prova errado e a terra engole a ele e aos seus companheiros de revolta.

Por que um castigo tão estranho? Não há outra maneira de penalizá-los? Na verdade, vemos que a “boca da terra” que consumiu Côrach foi criada no princípio do tempo! (ao final dos seis dias de Criação, na sexta-feira ao crepúsculo).

O que torna a “boca da terra” tão importante que teve de ser formada no início do Gênesis – esperando milhares de anos para o dia em que se abriria para “receber” Côrach e seus comparsas!

Côrach não chegou num vácuo. Vamos nos colocar no lugar dele. Como um homem arguto ele estava obviamente seguindo de perto as discussões (debates) e eventos que se apresentavam perante ele. Primeiro ouviu que o povo exigia carne. Eles estavam questionando a possibilidade de integrar a Divindade e o mundo material. Então Côrach ouviu atentamente a resposta de D'us – a revelação de atzilut, que aproximaria os dois mundos de espírito e matéria, do Divino e do humano.

Côrach então testemunhou o pecado dos espiões, que desafiaram a própria noção de conseguir conquistar uma “terra que consome seus habitantes”. O materialismo é simplesmente forte demais para nós, argumentaram eles.

Côrach viu como eles foram severamente punidos por desafiar o próprio objetivo da existência – fazer uma morada para D'us neste mundo inferior, no mundo da matéria bruta. Portanto agora o palco está montado. Eis aqui uma reencenação do argumento de Côrach:

Côrach: OK, sabemos agora que não podemos evitar o mundo material. Pelo contrário, devemos nos engajar nele e transformá-lo. Não podemos fugir para a espiritualidade. Dentro do universo material está imbuída a mais profunda energia espiritual e o mais alto nível da Divina Essência. Na verdade, o próprio D'us desejou uma morada neste mundo.

Então como canalizamos esta poderosa energia Divina em “carne” e matéria bruta? Que opções temos? Vejamos: Não podemos permanecer trancados e isolados em sinagogas e outros oásis espirituais. Não podemos confiar somente na prece a D'us. Ele insistiu em que devemos entrar no universo e usar nossas próprias faculdades.

O que mais falta fazer?

Devemos – gostemos ou não – imergir no mundo material e dar tudo de nós. Então Côrach argumentou: Por que vocês – Moshê e Aharon – se elevaram acima do restante de nós? A nação inteira não é sagrada? Cada um de nós não está apto a acessar D'us e nossa própria espiritualidade interior para conectar-se com D'us?

Bom argumento este, Sr. Côrach. Ele simplesmente extraiu uma conclusão lógica dos eventos que tinha acabado de testemunhar. Se D'us tivesse dito ao povo: “Não, vocês não podem ter carne”, ou se D'us tivesse de alguma forma reconhecido que os espiões tinham razão quando disseram que não podemos entrar “numa terra que consome seus habitantes”, então Côrach não teria apresentado seu argumento.

Porém ele viu claramente que D'us deseja que mergulhem no mundo material, portanto ele deu o próximo passo lógico, ou seja: podemos e devemos seguir as ordens de D'us e continuar com a vida, porque todos temos o poder de fazê-lo. Exatamente o argumento oposto ao dos espiões.

O mero fato de que você exerce liderança – Côrach argumenta a Moshê – demonstra que nem toda pessoa tem a necessária santidade e poder para transformar o universo. Isso vai contra os eventos que acabamos de viver com a “carne” e as histórias dos espiões.

Qual foi o erro de Côrach?

Sim, precisamos de carne, precisamos do mundo material. Ahh, mas a carne precisa vir de Moshê. E Atzilut, o mundo da Emanação, não significa que os mundos inferiores (até o estágio ainda mais baixo de Asiyah) são Divinos. Isso significa que os mundos inferiores poderiam se tornar Divinos se eles permitissem que a Atzilut os conectasse ao Divino.

O que ele aparentemente não ouviu com atenção foi sobre a consequência de ser indulgente com o consumo de carne, o que terminou por engasgar os consumidores. Ou talvez Côrach tenha sentido que “sabia” como superar o desafio.

Ele também deixou de entender o argumento de Caleb e Yehoshua, que não foram seduzidos pelos argumentos dos “espiões” porque estavam conectados com o alto – com Moshê e a D'us.

Isso explica o bizarro castigo de serem engolidos pela terra. Ok, você acha que pode conquistar uma “terra que consome seus habitantes” sem a conexão consciente com Atzilut. Olhe o que aconteceu a eles: a própria terra que vocês queriam conquistar termina consumindo-os, exatamente como os espiões tinham previsto.

Os espiões estavam errados porque em vez de acreditar na promessa de D'us, eles preferiram questionar toda a premissa de conquistar o material, e se acovardaram com medo da possibilidade. Porém Côrach estava igualmente errado porque foi arrogante em sua confiança de ser capaz de prosseguir no mundo sem a conexão com um Rebe, a Atzilut.

E de fato, desde o início do Gênesis, a terra foi dotada com este poder e mensagem, como se para nos lembrar para sempre: “D'us enviou você para a terra para transformá-la numa morada Divina. Mas jamais, jamais se esqueça dos abismos da terra material, das dificuldades e crueldades da solidão existencial.

Jamais se esqueça o quanto você é vulnerável à sedução dos desejos materiais como resultado da ocultação de D'us na terra. Não sucumba à ilusão prometida pelas tentações e prazeres deste mundo. Transforme-o, mas nunca, nunca se junte a ele. Desde o princípio do tempo carregue dentro de mim – nos diz a terra – o poder de consumir você instantaneamente, se cometer este grave erro.

Portanto, nesta tríade de eventos, Côrach esclarece para nós mais uma dimensão da Atzilut e sua importância em nossa vida. A Atzilut serve como mediador entre céu e terra, entre o Divino e o humano. Os espiões erraram ao inclinar-se demais para o lado Divino e desprezar a dimensão “terrena”; Côrach errou optando

.....
pelo “terreno” e perdendo contato com o Divino, por fim resultando em ser consumido pela própria terra na qual ele imergiu.

O desafio de Côrach é o nosso próprio desafio atualmente: as mortalias da nossa existência material nos farão perder de vista a Atzilut interior?

Este desafio é especialmente aplicado a pessoas que se engalfinham com Guimel Tamuz: este dia de Guimel Tamuz será visto como um dia em que a Atzilut foi desconectada de nós (D'us não o permita!), ou nos desafiará a cavar mais fundo e encontrar Atzilut em maneiras mais profundas e novas.

A mensagem de Côrach é que Atzilut jamais pode ser desconectada; somente nós podemos nos tornar desligados, ou mais corretamente, sentir-nos sendo desconectados, quando na verdade ela está sempre conectada em nós e nós nela. Nosso desafio é reconhecer e ratificar esta conexão, e então revelá-la e agir sobre ela.

Por Um Fio

Por Shais Taub

Exatamente um ano após deixarem o Egito e receberem a Torá, os judeus testemunharam a primeira rebelião em suas fileiras, quando um levante de duzentos e cinquenta homens e seu líder, Côrach, desafiaram a autoridade de Moshê.

Na porção da Torá que leva seu nome, Côrach, que fala sobre a revolta e sua solução, aprendemos sobre a gana de Côrach pelo poder, seu complô para depor Aharon, irmão de Moshê, do sumo sacerdócio e usurpar o cargo para si mesmo.

O Midrash¹, no entanto, descreve o confronto inicial entre Moshê e os rebeldes como concentrados num outro problema. Moshê tinha acabado² de ensinar a mitsvá do tsitsit (franças), como é declarado no versículo³: “Fala aos Filhos de Israel e diz a eles para fazer franjas nos cantos de suas vestes... e eles colocarão nas franjas de cada canto um fio azul.”⁴

Imediatamente, Côrach ordenou que duzentos e cinquenta mantos fossem feitos inteiramente em azul, e que nenhuma franja fosse colocada sobre eles. Seus correligionários então se vestiram com aquelas roupas estranhas e desfilaram perante Moshê. “Você nos ensinou,” Côrach disse a Moshê “que D'us disse a você: ‘Eles colocarão sobre as franjas de cada canto um fio em azul.’ Pergunto a você, e se uma veste for inteiramente azul? Essa, também, exige franjas?”

Moshê respondeu que sim, que a lei permanece a mesma e que essa veste deveria de fato ser obrigada a levar franjas. Côrach e seus homens então riram de Moshê e zombaram: “Uma veste que é feita inteiramente de azul não cumpre a mitsvá – e quatro pequenos fios cumprem? Essas coisas que você nos ensina, não foram ordenadas a você, mas você mesmo as faz!”

Na narrativa bíblica, o foco da oposição de Côrach era político – sua pretensão ao sumo sacerdócio, como mencionado. Porém, como o Midrash deixa claro, a rebelião em si foi iniciada devido ao peculiar caso de Côrach sobre as leis das franjas.

Isso parece estranho, pois Côrach estava presente com todos os judeus no Sinai quando a Torá foi dada a Moshê, e viu ele próprio

como Moshê recebeu a Torá de D'us. Além disso, Côrach tinha estudado essa mesma Torá e era um erudito por direito próprio, como fica provado pela sua capacidade de atrair duzentos e cinquenta seguidores, dos quais todos eram chefes de cortes rabínicas.

E mesmo assim, apesar de tudo que ele tinha visto e estudado, Côrach denunciou Moshê e a divindade dos mandamentos, tudo por causa de uma questão aparentemente acadêmica sobre se uma roupa feita inteiramente de lã azul está obrigada a ter franjas.

Compreendendo os Mandamentos de D'us

Vamos examinar o argumento exato de Côrach conforme apresentado no Midrash. Não encontramos que Côrach discutiu o argumento básico das franjas. Ele também não rejeitou o conceito de um código de lei Divino em geral.

Ao contrário, como fica aparente pelo seu próprio argumento, ele certamente não acreditou que D'us tinha ordenado leis específicas, incluindo até o ritual das franjas em alguma forma. A discórdia de Côrach foi apenas que Moshê não transmitiu fielmente a verdadeira lei, mas sim que inventou suas próprias regras como julgou apropriado.

A não-validade desses ensinamentos, argumentou Côrach, poderia ser observada pela falha das leis de Moshê em se conformarem com a lógica. A lei, conforme apresentada por Moshê, não parecia consistente. Uma veste comum com um único fio de azul em cada canto cumpre um preceito, ao passo que uma roupa feita inteiramente desse mesmo azul não cumpre?

Este caso, afirmava Côrach, nada mais era que um exemplo flagrante de como Moshê tinha distorcido toda a Torá, extemporaneamente ou até calculadamente acrescentando suas próprias ideias a todos os mandamentos, até que o corpo de seus ensinamentos se tornassem totalmente inverídicos.

É claro, o argumento de Côrach era substanciado por uma premissa importante – que os mandamentos na verdade se baseiam na lógica. Moshê, no entanto, respondeu com a verdade, pois os mandamentos não aderem estritamente à razão, mas transcendem o intelecto, pois são baseados na própria vontade de D'us. Assim, foi a recusa de Côrach em permitir que a suprema racionalidade superior da lei que o levou a discordar de Moshê e negar seus ensinamentos.

Um Modelo para a Fé

Em outra parte, o Midrash⁵ relata uma discussão que ocorreu entre D'us e Moshê, pouco antes da emissão do mandamento das franjas. Moshê perguntou a D'us: “O que há de bom em teres dado aos judeus tantos mandamentos, quando eles estão aqui neste mundo físico e grosseiro, e provavelmente vão esquecer toda a ideia da Torá?”

D'us respondeu: “Darei a eles a mitsvá das franjas e eles se lembrarão de todos os mandamentos, pois a palavra tsitsit é numericamente equivalente a seiscentos⁶ e com seus oito nós e cinco cordões, isto faz seiscentos e treze.⁷ A partir daí eles serão lembrados de todos os mandamentos, como está escrito:⁸ ‘Eles verão [suas franjas] e se lembrarão dos mandamentos de D'us.’”

Assim, segundo o Midrash, a função das franjas é especificamente representar os seiscentos e treze mandamentos. Essa explicação exegética, no entanto, é aparentemente difícil de reconciliar com o verdadeiro ritual conforme é apresentado na Torá.⁹

Segundo a lei da Torá, somos ordenados a fazer franjas expressamente para os cantos de nossas roupas. As franjas somente – os cordões por si mesmos – não têm função ritual ou valor a menos que sejam acoplados a uma roupa.

E se, como o Midrash parece dizer, o objetivo das franjas for somente nos lembrar dos mandamentos, então ostensivamente deveríamos ser capazes de fazer apenas as franjas sem a necessidade de qualquer roupa. Poderíamos apenas segurar ou olhar para as franjas sozinhas e ser lembrados dos mandamentos dessa maneira.

Na verdade, porém, o Midrash e suas alusões são exatos. Precisamente pelo motivo que os tsitsit são para representar e nos lembrar de todos os outros mandamentos, eles podem servir a este propósito somente quando estão colocados numa roupa. Como discutimos a respeito de Côrach, sua falha estava em reconhecer que a raiz e fonte dos mandamentos excede os limites da compreensão. Este princípio por si mesmo está refletido na mitsvá do tsitsit.

A função de uma roupa é rodear a pessoa, permanecendo externa a ela. Ao contrário de outras necessidades, como comida e água, que oferecem sustento apenas quando levadas para dentro da pessoa, uma roupa age, na terminologia chassídica, como um makkif – aquilo que envolve e é separado.

Assim, como as franjas simbolizam os mandamentos, a roupa na qual as franjas devem ser colocadas simbolizam a fonte transcendente dos mandamentos, a vontade Divina, que vai além da lógica e não pode ser intelectualmente interiorizada ou compreendida. Assim, embora haja na verdade uma dimensão intelectual nos mandamentos que não pode ser avaliada por análise e estudo, os mandamentos, como são uma expressão pura da vontade Divina, superam todo o intelecto – até o intelecto Divino, por assim dizer.

Agenda Intelectual

Este, exatamente, foi o problema de Côrach. Sua aceitação dos mandamentos era como um esforço racional. Assim, logo que a Torá deixou de se adequar ao seu entendimento, ele rejeitou sua divindade e aproveitou a oportunidade para adiantar sua agenda corrupta. Na verdade, este empurrão pelo auto-avanço nada mais foi que uma expressão do mais profundo problema de Côrach com o pensamento racionalista.

Nossos Sábios declararam¹⁰: “Qual a disputa que foi empreendida em prol do Céu? Aquela de Hilel e Shamaí. Qual a disputa que não foi empreendida em prol do Céu? Aquela de Côrach e seus seguidores.” Hilel e Shamaí, embora constantemente em desacordo um com o outro sobre a lei da Torá, não eram propensos somente ao intelecto.

Por este motivo, encontramos casos em que tanto Hilel quanto Shamaí se afastam da sua típica linha de raciocínio e apoiam opiniões que não são características de seus padrões.¹¹ Assim,

suas disputas, também, estavam livres de preconceitos intelectuais. Onde eles discordavam, era estritamente por motivos altruístas, para chegarem ao decreto apropriado em vez de promoverem a própria agenda.

Côrach, no entanto, que seguia somente o intelecto, entrava em debate com seus próprios objetivos em mente. Fosse na narrativa bíblica de seu golpe político, ou a narrativa midráshica de sua apostasia sobre uma peculiaridade nas leis das franjas, é sempre Côrach, o erudito, o pensador e líder desesperadamente confinado a cálculos e prisioneiro de seu próprio ponto de vista.¹²

NOTAS

1. Bamidbar Rabbah 18:3; Tanchuma, Côrach 2. Veja também Rashi sobre Bamidbar 16:1.

2. Baseado na ordem dos versículos bíblicos, o Midrash explica que Moshê tinha acabado de ensinar ao povo os mandamentos das franjas quando Côrach começou sua revolta. O primeiro versículo da porção da Torá: “E Côrach... se afastou,” segue diretamente os últimos versículos da porção anterior da Torá, que fala sobre franjas.

3. Bamidbar, 15:38.

4. Este “azul” (no hebraico bíblico, techeilet) é lã tingida com sangue do peixe chilazon, uma rara criatura marinha cuja identidade e tom exato de azul tem sido bastante discutido. Veja Talmud, Menachot 42 b e 44 a. Várias vezes na história, incluindo a época atual, techeilet tem sido bastante ou totalmente indisponível.

Neste caso, a mitsvá das franjas deve ser cumprida somente com os fios brancos, pois é estritamente proibido simular techeilet com qualquer outra tintura. Segundo o sexto Rebe de Lubavitch, Rabi Yossef Yitschak Schneersohn, somente na Era Messiânica o chilazon será corretamente identificado.

5. Veja Tana D'vel Eliyahu Rabá capítulo 26, citado no Or HaChayim em Bamidbar 15:37.

6. Tsadic = 90, yud = 10, tsadic = 90, yud = 10, tav = 400.

7. Este é o número total dos mandamentos bíblicos. Veja Talmud, Makot 23 b.

8. Bamidbar 15:39 e Rashi ali.

9. Ibid. versículo 38.

10. Pirkê Avot 5:17.

11. Na maioria dos casos, os alunos de Hilel eram lenientes enquanto os de Shamaí aceitavam a opinião mais rigorosa. Porém, a Mishná (Eduyot caps. 4-5) relaciona vários casos nos quais o oposto era verdadeiro.

12. Adaptado de Torat Menachem, vol. 9, págs. 11-13; Likutei Sichot, vol. 2, págs. 324-325.

Como Mudar o Mundo

Por Rabino YY Jacobson

.....
Um jovem estava apanhando estrelas do mar jogadas pela maré e atirando-as de volta ao mar para salvá-las. Um homem foi até ele e disse: “Esta praia tem quilômetros de comprimento, e há milhares de estrelas do mar. Seus esforços são inúteis, e não vão fazer a mínima diferença!”

O rapaz olhou para a estrela do mar que tinha na mão e atirou-a ao mar. “Para esta aqui,” disse ele, “vai fazer toda a diferença.”

A porção da Torá que leva o nome Côrach, relata a história do homem, que liderou um motim contra o maior líder judaico. “A comunidade inteira é sagrada, e D'us está dentro dela,” exclama Côrach.¹ “Por que vocês se elevam acima da congregação de D'us?”

O Midrash 2 especifica, com grandes detalhes, a natureza dos argumentos de Côrach contra Moshê.

Pouco antes do debate de Côrach, no auge da porção da semana passada,³ a Torá apresenta o mandamento de Tsitsit, ou franjas, que obriga um judeu a pendurar franjas em cada ponta de suas roupas com quatro cantos. Um dos fios em cada canto, instrui a Torá, deveria ser de lã turquesa, conhecida em hebraico como techelet.

Côrach vestiu duzentos e cinquenta homens, que se juntaram a ele em seu debate com Moshê, com roupas de quatro cantos feitas inteiramente de lã turquesa e então confrontou Moshê com a seguinte pergunta: “Uma veste feita completamente de lã turquesa ainda exige um único fio turquesa em suas franjas?”

A resposta de Moshe foi sim.

Côrach, que estava tentando demonstrar o absurdo da lei de Moshê, respondeu: “Se um único fio de lã turquesa é suficiente para uma roupa inteira feita de cor diferente, isso não leva à lógica de que uma roupa completamente turquesa não deveria exigir um fio dessa lã?”

Então, continua o Midrash, Côrach abordou Moshê com outra pergunta: “Como sabemos, um lar judaico exige uma mezuzá, um pedaço de pergaminho afixado no batente, com duas breves seções da Torá escritas (Devarim 6:4-10; 11:13-21) que discutem nosso relacionamento com D'us e nossa obrigação de cumprir Suas mitsvot. Então Côrach faz a seguinte pergunta a Moshê: “Se uma casa está repleta com muitos Rolos de Torá, ainda precisa de mezuzá em suas portas?”

Mais uma vez, a resposta de Moshê foi sim.

Côrach novamente desconsidera esse veredicto como absurdo. Um Rolo de Torá contém todas as duzentas e setenta e cinco seções do Pentateuco, ao passo que uma mezuzá contém apenas duas. Se uma única mezuzá basta para uma casa inteira, muitos Rolos de Torá completos não bastariam para criar um espaço sagrado e “casher”?

Este foi o debate público que ocorreu no deserto entre Côrach e Moshê.

O Que Aborreceu Côrach?

Por que Côrach escolheu estes dois exemplos para “demonstrar” que as leis apresentadas por Moshê eram ilógicas? Ele poderia

ter escolhido muitas outras mitsvot que aparentemente não têm lugar nas estruturas da lógica humana. Ele poderia, por exemplo, ter zombado da proibição de comer cheeseburgueres, camarão ou carne de cavalo.

Ele poderia ter zombado da mitsvá de purificar uma pessoa profanada com as cinzas de uma vaca vermelha. Poderia ter questionado a mitsvá de tocar um chifre de carneiro em Rosh Hashaná, em vez de tocar um violino?

Por que Côrach dissecou e analisou as minúcias das duas mitsvot acima, em particular?

Há um outro aspecto que exige reflexão. Pela descrição bíblica da linhagem da família de Côrach, fica claro que ele não era um simples agitador da ralé, ansiando pela fama e poder de Moshê. Côrach era um membro da família mais sagrada do povo judeu, um homem educado e moldado pelos sagrados espíritos da Casa de Levi, a única tribo que não tomou parte no episódio do Bezerro de Ouro.

Era primo de Moshê em primeiro grau (seus pais eram irmãos). Além disso: junto com Côrach, em seu motim contra Moshê, havia “duzentos e cinquenta homens de Israel, líderes da comunidade, daqueles regularmente chamados à assembleia, homens de renome,” registra a Torá.⁴

Se Côrach fosse simplesmente um criador de casos, ele não teria tido a companhia de 250 líderes espirituais, eruditos e homens importantes. Deve-se concluir que o debate de Côrach com Moshê foi impulsionado por um argumento sensível, lógico o suficiente para persuadir grandes líderes a fazerem parte da sua rebelião.

Qual era a essência da discordância de Côrach com Moshê?

Drama vs. Ação

Por que a Torá instrui o judeu a inserir em cada uma das franjas um fio de lã turquesa? O Talmud explica⁵, porque a turquesa é uma cor “espiritual”. Assemelha-se ao oceano e aos céus, lembrando um ser humano da majestade de D'us.

Ora, Côrach e Moshê debateram a natureza da liderança espiritual, a questão de como causar impacto e inspirar seres humanos físicos ao idealismo e à espiritualidade. Para Côrach, uma capa feita de turquesa não exige um único fio turquesa em suas franjas; para Moshê, você sempre precisa de um único fio.

Côrach acreditava que você precisa sacudir as pessoas e dominá-las com o poder e majestade de sua mensagem. Que toda a “veste” delas, toda a sua identidade, se torne turquesa, fundindo-se completamente com a “luz azul” do céu. Isso é tudo que você precisa.

Moshê discordava. Ele dizia que levar as pessoas até seu âmago, deixar seus espíritos se elevarem, é esplêndido, mas não basta. Para a inspiração deixar um impacto duradouro, deve se expressar em atos individuais, palavras e pensamentos específicos.

Se você deseja fazer uma verdadeira transformação na vida das pessoas, não basta gerar um momento dramático, fazê-las chorar, rir e dançar; você precisa dar-lhes um único ato tangível pelo qual

.....
elas possam se conectar a D'us e trazer Sua moralidade ao mundo numa base diária. Você precisa inspirar as pessoas a tornar azul um fio de suas vidas.

O Futuro do Judaísmo

Este não foi um mero argumento sobre como fazer um discurso. Foi um argumento sobre o que deveria se tornar a grande ênfase do Judaísmo. Segundo Côrach, o Judaísmo era sobre despertar uma paixão para revolucionar o mundo. Porém Moshê entendia que para atingir esta meta, o foco básico do Judaísmo precisava ser sobre o comportamento individual diário, mudando o mundo uma mitsvá, uma ação boa e sagrada, por vez.

A mensagem de Côrach parece lógica. Se podemos eletrificar uma alma com uma paixão por tornar o mundo um lugar Divino, a mitsvá individual é relevante em última instância? Se podemos transformar uma pessoa em toda-azul, um único fio de azul não é insignificante? Vamos falar sobre mudar as pessoas e mudar o mundo, não sobre pequenos atos individuais!

Em última análise, para Côrach, Moshê estava representando D'us de maneira errada. Ao colocar tanto foco nas mitsvot, Moshê estava abalando a criatividade espiritual encontrada nas almas de Israel. Moshê estava roubando a comunidade de sua grandeza. "A comunidade inteira é sagrada, e D'us está dentro deles," exclama Côrach. "Por que vocês se elevam acima da congregação de D'us?"

O Revolucionário vs. o Líder

Côrach era um revolucionário; era uma alma em fogo. Porém Moshê era um líder, um pastor. Moshê, para ter certeza, identificou-se profundamente com a mensagem de Côrach. Se alguém entendeu o valor do idealismo apaixonado, foi Moshê, um homem que deixou para trás uma vida real no palácio do faraó, em sua busca pela verdade.

Porém um líder não é uma alma elevada individual; um líder é uma pessoa que abrange dentro do próprio coração uma nação inteira, do maior ao menor, e que está profundamente sintonizado com a natureza humana.

Moshê sabia que uma mensagem que inspire reverência ilimitada e empolgação, mas que não exige mudanças na vida individual, não terá um impacto duradouro. À medida que a inspiração ardente arrefece, que os carvões amortecem o brilho, cinzas negras ficam para trás. Quando o concerto termina, e as luzes se apagam, o que permanece de todo aquele êxtase? Um músico solitário saindo pela porta dos fundos.

Quando um espírito idealista fala sobre transformar o universo e elevar toda a humanidade até o céu, mas deixa de investir muito foco em construir este universo por meio de ações e palavras diárias, ao final, ele pode cair muito baixo, talvez até mesmo ser engolido pelo abismo.

Isso de fato aconteceu a Côrach e seus homens, como é discutido na continuação da porção da Torá, como continuou a acontecer a mais de um revolucionário social de nossos tempos. Não tem sido essa a história de tantos artistas da nossa geração que levaram as pessoas ao céu e então se viram terminando no abismo?

A lição para nossa vida é clara: levar uma vida judaica numa base diária saturada com o estudo de Torá e cumprimento das mitsvot, e transmitir estes atos sagrados aos nossos filhos – isso é o que vai assegurar a continuidade judaica e o tikun olam (retificação do mundo). Um único ato conta.

Este ensaio é baseado numa palestra do Rebe feita a um grupo de meninas adolescentes em 26 de Sivan de 5732, 16 de junho de 1974).⁶

Notas:

1 – Bamidbar 16:3

2 – Midrash Tanchuma no início da Parashá Korach.

3 – Bamidbar 15:37-41

4 – Ibid. 16:2

5 – Menachot 43b.

6 – Publicado em Sichot Kodesh 5734, vol. 2, págs. 220-229.

39 - Parashat Chukat

Números 19:1-22:1

As Três Categorias de Mitsvot

As mitsvot da Torá, geralmente, pertencem a uma de três categorias:

Mishpatim - Leis Civis: "Mishpatim" são leis Divinas que promulgam a segurança e sobrevivência da sociedade humana. Incluem, por exemplo, a proibição de roubar e matar.

Edut - Testemunhos: Se uma mitsvá testemunha um evento histórico ou algum aspecto de nossa fé, é chamada de "Edut", testemunho. São exemplos a mitsvá de observar o Shabat, que atesta nossa crença de que o Todo Poderoso criou o mundo em seis dias; observar as Festas (Yom Tov), pois comemoram o Êxodo do Egito; as mitsvot de tsitsit e tefilin que demonstram nossa crença na soberania de D'us.

Chukim - Decretos Divinos: Na categoria de chok (plural: chukim) classifica-se todas as mitsvot cujo propósito ou significado não são compreendidos pela inteligência humana.

Esta categoria de mandamentos é a mais difícil de respeitar. O Talmud nos diz que essas são as leis que "a má inclinação (yêtsér hará) e as nações do mundo tentam contestar." Se não compreendemos o motivo de alguma coisa é tentador achar pretextos para não fazê-la. Quando tentamos explicar nossa religião aos não-judeus, as leis que não tem um motivo óbvio são as mais difíceis de compreensão. O fato de um mandamento não ter um motivo óbvio torna seu cumprimento um ato de fé, muito mais ainda. Ele indica que estamos prontos e desejosos de obedecer às ordens de D'us, até mesmo quando não podemos justificá-las racionalmente.

Todas as leis de pureza e impureza ritual pertencem à essa categoria de mandamentos conhecidos como chukim, decretos. Portanto, disseram nossos sábios, "O corpo morto não impurifica,

.....
e a água não purifica. Mas sim, disse D'us, Eu dei uma ordem, e emiti um decreto - e você não tem permissão para questioná-lo."

Demonstramos assim, que estamos colocando D'us acima de nosso próprio intelecto. Apesar de talvez não sermos capazes de justificar esses mandamentos perante o mundo, expressamos nossa segurança interior como judeus ao continuar cumprindo-os.

Há numerosos exemplos de chukim, mas o Midrash enumera quatro sobre os quais a Torá afirma explicitamente: "Este é um chok." Uma vez que contém elementos aparentemente contraditórios, são passíveis de serem ridicularizados pelos que se pautam pelo pensamento racional. Por isso, a Torá aconselha o judeu a dizer a si mesmo: "É um chok, não tenho direito de questioná-lo."

Os quatro chukim são:

1. Yibum: Um judeu que se casa com a esposa de seu irmão enquanto este ainda está vivo, ou mesmo após sua morte, incorre em pena de caret (morte espiritual), contanto que seu irmão tenha tido filhos. Porém, se a esposa do irmão não tem filhos, é mitsvá casar-se com ela (levirato, yibum).

Sendo que a lógica acha muito difícil aceitar este paradoxo, o versículo enfatiza: "E vocês guardarão Meus chukim." (Vayicrá 18:26).

2. Shaatnez: A Torá proíbe vestir-se com roupas que contenham mistura de lã com linho. Não obstante, é permitido vestir um traje de linho em cujos cantos haja tsitsit de lã atados. Por mais que questionemos esta exceção, a Torá declara, no que concerne à mitsvá de shaatnez: "E vocês guardarão Meus chukim." (Vayicrá 19:19).

3. O bode para Azazel: Um bode era enviado à morte como parte do Serviço de Yom Kipur, purificando o povo judeu de seus pecados. Ao mesmo tempo, impurificava o agente que o enviava. Por conseguinte, esta lei é chamada de "um chok eterno" (Vayicrá 16:29).

4. A vaca vermelha: As cinzas da vaca vermelha purificavam um judeu que encontra-se impuro, enquanto tornavam impuro qualquer um que estivesse envolvido em sua preparação. Uma vez que isto também desafia a lógica, a Torá introduz o assunto com as palavras: "Este é o chok da Torá" (19:2); devemos aceitar a mitsvá como uma ordem Divina.

Os chukim, contudo, não são "leis sem razão"; sua lógica, porém, é Divina. Os maiores dentre nosso povo foram capazes de compreender algumas delas.

Assim, o fundamento racional por trás das leis da vaca vermelha foram reveladas de maneira Divina a Moshê.

O rei Salomão, por outro lado, que pesquisava as razões por trás das mitsvot e encontrou explicações para todas as outras, professou que esta mitsvá era incompreensível.

Salomão descobriu porque o shochet (magarefe) deve seccionar tanto o esôfago quanto a traquéia dos mamíferos, enquanto que para aves é suficiente cortar apenas um desses órgãos, e que peixes sequer necessitam de abate ritual.

Todavia, confessou: "Pensei que teria sabedoria, porém isto (a compreensão da mitsvá da vaca vermelha) está muito distante de mim." (Cohélet 7:23).

A fim de apreciar plenamente suas palavras, exploraremos a profundidade e âmbito da sabedoria de Salomão:

"E D'us deu a Salomão bastante sabedoria e compreensão, e extensão de conhecimentos como a areia da beira do mar." (Melachim I, 5:9).

Esse versículo implica que a sabedoria de Salomão equivalia à sabedoria do povo judeu, que era "tão numeroso quanto a areia da beira do mar." A capacidade de seu intelecto era superior a de qualquer outra pessoa, e por isso conseguia captar o que se passava na mente do outro. Conseqüentemente, seu julgamento era verdadeiro mesmo em casos nos quais os fatos eram obscuros, como demonstra a seguinte história:

Três mercadores judeus estavam juntos numa jornada quando se aproximava o Shabat. Decidiram enterrar seu dinheiro em determinado local, descansar até depois do Shabat, desenterrá-lo e continuar seu caminho.

Na escuridão da noite, enquanto os companheiros dormiam, um deles aproximou-se sorrateiramente do local secreto, desenterrou o dinheiro e escondeu-o em outro lugar.

Procurando o dinheiro depois do Shabat, os mercadores perceberam que esse desaparecera. Uma vez que ninguém mais sabia do local secreto, concluíram que um deles deveria ter roubado o tesouro. Mas qual? Cada um acusava o outro, dizendo: "Você é o ladrão!"

Incapazes de determinar quem era o culpado, decidiram viajar até Jerusalém e submeter o caso ao Rei Salomão.

O Rei Salomão ouviu atentamente o relato e ordenou-os a retornar no dia seguinte. Ao voltarem à corte, o rei declarou: "Sei que todos vocês são mercadores perspicazes. Antes de julgar seu caso, gostaria de ouvir sua opinião acerca de outro caso que me foi apresentado."

Os três ouviram com atenção o Rei Salomão relatar o seguinte incidente: "Um menino e uma menina cresceram no mesmo bairro, e prometeram não se casar sem o consentimento um do outro. Mais tarde, mudaram-se e perderam contato. Quando a menina chegou à idade casadoura, ficou noiva de um jovem de sua nova cidade.

Mesmo assim, não se esquecera da promessa feita na infância. Ao se aproximar a época do casamento, vendeu seus pertences pessoais a fim de levantar fundos para empreender uma longa jornada a sua cidade natal, para procurar seu antigo vizinho. Viajou a sua cidade, encontrou-o e explicou-lhe que estava noiva de outra pessoa. Pediu-lhe para libertá-la da promessa feita anos atrás e, em seu lugar, aceitar o dinheiro que conseguira.

O jovem valorizou os sofrimentos pelos quais ela passara para ser fiel a sua promessa. Apesar de lhe ser difícil, disse-lhe que estava livre para casar-se com seu noivo. Recusou o dinheiro que ela oferecera, e ela partiu em paz.

.....
A solitária viagem de volta era tão perigosa para a jovem quanto fora sua jornada para longe do lar. Ao circular por um bairro deserto, um velho surgiu de um arbusto, atirando-se sobre ela, roubando-lhe todo o dinheiro e ameaçando utilizar-se dela para seus próprios propósitos.

"Por favor, ouça-me," suplicou a moça, "você é um homem velho, por quê traria esta terrível culpa sobre si pouco antes de ser convocado perante o Juiz Eterno? Pegue meu dinheiro, mas deixe-me retornar ilesa a meu noivo.

"Contou-lhe sua história, e encerrou: "Meu amigo de infância certamente teve mais dificuldade em me deixar partir que você; ele é jovem, e reivindicou um direito a mim. Você, um homem velho, deve aprender dele a como se controlar."

O ladrão ficou tocado pelo relato. Não a molestou, e restituiu-lhe o dinheiro.

"Agora," concluiu o Rei Salomão, "coloque-lhes a seguinte questão: Quem é o verdadeiro herói da história - a moça, o jovem ou o ladrão? Gostaria de ouvir suas opiniões sobre o assunto."

"A moça é extraordinária," replicou o primeiro mercador. "Imagine, empreender uma longa e perigosa jornada apenas para cumprir sua promessa!"

"Admiro o jovem," apartou o segundo. "Agiu de maneira nobre e altruísta."

"A ação do ladrão é a mais admirável," comentou o terceiro mercador. "Depois de conseguir ter em sua posse tanto a moça quanto o dinheiro, não apenas libertou a moça, como também restituiu o dinheiro!"

"Prendam-no!" gritou o Rei. "Ele só pensa em dinheiro! Mesmo ouvindo esta história, em seu íntimo, desejava o dinheiro da moça.

Quando teve oportunidade de pegar o dinheiro para si, com certeza o fez! Prendam-no imediatamente!"

O mercador foi preso, e confessou imediatamente sua culpa.

O Rei Salomão era perito em todas as ciências, ultrapassando seus antepassados. Por exemplo, seu conhecimento sobre animais era maior que a de Adam (Adão), que deu nome a cada espécie de acordo com suas características essenciais.

Sua compreensão sobre astronomia ultrapassava a de Avraham, um mestre dessa ciência.

Sua perícia em negócios de estado excedia a de Yossef, ele próprio um legislador habilidoso. Também era melhor lingüísta que Yossef, que falava setenta idiomas. Além de falar todas as línguas, comunicava-se com todos os animais.

O Rei Salomão brilhava mais que os reis e nações de sua época em todos os ramos da ciência. Apesar dos reis egípcios orgulharem-se de seu conhecimento em astrologia, a competência de Salomão era superior, como demonstra o seguinte incidente:

Quando o Rei Salomão estava prestes a construir o Templo Sagrado, pediu ao rei egípcio, o Faraó Necho, que lhe enviasse artistas e artesãos.

O Faraó pediu a seus astrólogos para adivinharem quais de seus súditos estavam destinados a morrer naquele ano. Subseqüentemente, enviou a Salomão uma equipe de trabalhadores desenganados.

Contudo, assim que os artesãos egípcios chegaram, Salomão percebeu o segredo. Ordenou que vestissem mortalhas brancas e enviou-os de volta à terra natal com uma mensagem ao Faraó Necho: "Aparentemente, faltam-lhe mortalhas para enterrar seus mortos. Por isso, estou enviando algumas para seus trabalhadores."

A sabedoria de Torá do Rei Salomão era imensa. Ultrapassava a da geração do deserto, conhecida como "a Geração do Conhecimento."

Sua grandeza em Torá torna-se patente através dos três maravilhosos e sagrados Livros que escreveu com espírito de profecia: Cohêlet (Eclesiastes), Mishlê (Provérbios) e Shir Hashirim (Cântico dos Cânticos) - que estão incluídos nos 24 livros do Tanach (Bíblia). Também compôs alguns dos salmos no Tehilim.

Fez com que a Torá fosse cara e amada pelo povo, pois podia ilustrar o significado de cada halachá (Lei da Torá) com três mil parábolas, e citar mil e cinco diferentes razões para cada ordem rabínica.

Quão profunda é, portanto, a mitsvá da vaca vermelha, se o Rei Salomão, o mais sábio dos homens, declarou: "Estudei-a e empenhei-me em entendê-la, porém está bem além de minha compreensão."

Na verdade, mesmo as mitsvot da Torá que parecem compreensíveis são "chukim". Seu verdadeiro significado está muito além do intelecto humano.

As Leis da Vaca Vermelha

A primeiro de Nissan de 2449, último dia da Inauguração do Tabernáculo, D'us revelou a Moshê as leis referentes a pessoas impuras que são enviadas para fora do Acampamento, e também as leis de pureza dos cohanim.

D'us ensinou-o como atingir a purificação dos diversos tipos de impurezas (quer através de imersão no micvê ou numa fonte de água corrente, e assim por diante), bem como os sacrifícios que finalizam o processo de purificação.

Quando D'us ensinou a Moshê que um judeu se torna impuro (tamê) se tocar num corpo sem vida, Moshê questionou: "Como se purifica a si mesmo da impureza?"

O Todo Poderoso não respondeu imediatamente. Na verdade, D'us adiou a resposta como um ato de bondade para Aharon. Da primeira vez que D'us dirigiu-se a Moshê, Aharon não estava presente.

Por isso, Ele esperou até que Aharon também estivesse presente, então proferiu as leis da vaca vermelha a ambos (Bamidbar 19:1).

.....
Isto tornava público o fato de que Ele perdoara Aharon por ter participado do pecado do bezerro de ouro.

D'us retomou o assunto mais tarde naquele dia, explicando a Moshê e Aharon: "Se alguém se tornar impuro através do contato com um corpo, deve-se aspergir sobre esse uma mistura especial de água com as cinzas da vaca vermelha."

De acordo com uma visão dos sábios (Guitin 60a), as leis da vaca vermelha foram transmitidas a Moshê no dia primeiro de Nissan. Então porque a Torá coloca este assunto somente nesta parashá?

Uma vez que Côrach ridicularizou o processo de purificação dos leviyim (ver parashá passada), depois de terminar o relato da rebelião de Côrach e suas consequências, a Torá explica o fundamento da mitsvá, de que a purificação é alcançada através das cinzas da vaca vermelha.

O Todo Poderoso instruiu-os nos detalhes da lei da vaca vermelha:

- A vaca vermelha é adquirida com recursos do tesouro do Templo Sagrado, de um fundo que contém as doações anuais de meio-shekel dos indivíduos judeus.

- Para uma vaca vermelha ser qualificada como tal, deve ter pelo menos três anos de idade (idade suficiente para dar cria).

- Sua cor deve ser completamente vermelha; até mesmo dois pelos de cor diferente desclassificam-na.

- O animal também é desqualificado se alguma vez foi atado a um jugo, mesmo se não realizou trabalho algum.

Tendo procurado por todos os lugares por uma vaca completamente vermelha, o San'hedrin (Corte Suprema) finalmente foi informado de que um não-judeu possuía tal vaca.

Emissários foram enviados com o fito de adquiri-la.

O proprietário disse: "Estou disposto a vender o animal por um bom preço. Dêem-me quatrocentas peças de ouro."

"Você as terá," prometeram-lhe os sábios. "Retornaremos com o dinheiro."

Saíram, a fim de obter os fundos necessários do San'hedrin. Enquanto isso, o não-judeu contou a seus amigos sobre a venda em perspectiva, e descobriu quão raro e precioso era esse animal.

Quando os delegados voltaram com a soma combinada, o gentio lhes disse: "Mudei de idéia; não venderei minha vaca."

"Estamos dispostos a pagar um alto preço," replicaram os sábios. "Quer mais cinco peças de ouro?"

"Não a venderei," insistiu o não-judeu.

"Pegue mais dez peças de ouro," ofereceram.

"Vocês não a terão," repetiu.

"Pagaremos vinte peças extras de ouro," disseram.

"Fora de questão," replicou.

Os membros do San'hedrin aumentaram a oferta até que o homem finalmente concordou com a venda por uma quantia de cem peças de ouro adicionais. (Algumas opiniões dos sábios dizem que por mais mil.)

Os sábios disseram-lhe que voltariam com a quantia total e apanhariam o animal no dia seguinte.

Após partirem, o gentio disse a seu vizinho, rindo: "Sabe porquê esses judeus insistiram em adquirir esta vaca em especial?"

Necessitam dela para seus ritos religiosos, pois jamais foi atrelada a um jugo. Todavia, eu lhes aplicarei um pequeno truque."

Naquela noite, o perverso pegou sua vaca vermelha, atrelou-a ao jugo e arou com ela.

Os sábios voltaram na manhã seguinte. Antes de pagarem, examinaram o animal. Sabiam que uma vaca que jamais fora atrelada a um jugo pode ser reconhecida através de dois critérios: 1.

Dois determinados pelos do pescoço ficam eretos enquanto intocados pelo jugo, porém dobram-se assim que se coloca o jugo sobre o animal. 2. Os olhos de um animal que jamais carregou um jugo são firmes. Depois de subjugada, seus olhos piscam, pois o animal olha de soslaio para ver o jugo.

Perceberam imediatamente que essa vaca apresentava os sinais de uma vaca que já portou o jugo.

"Fique com a vaca," disseram ao gentio. "Não precisamos dela."

Até a boca deste perverso blasfemo reconheceu: "Abençoado seja Aquele que escolheu esta nação."

- O cohen abate a vaca "fora do Acampamento". Durante os anos no deserto, era abatida fora dos três Acampamentos; e na época do Templo Sagrado, no Monte das Oliveiras, uma vez que esta montanha era considerada "fora de Jerusalém."

- O cohen colhe um pouco de sangue da vaca em sua mão esquerda, mergulha nesse seu indicador direito, e asperge o sangue em direção à entrada do interior do Templo (Hechal), o qual consegue enxergar da montanha.

- Acende-se um fogo, e o cohen supervisa a queima da vaca.

- Com um cordão de lã vermelha, o cohen amarra um galhinho de cedro unindo-o a um pouco de hissopo (ezov) e pergunta a todos os presentes:

"Isto é um galho de cedro?"

"Sim," respondem.

"Isto é um galho de cedro?" - pergunta pela segunda e terceira vez.

Recebe respostas afirmativas às três perguntas. Também pergunta três vezes: "Isto é uma lã vermelha?" - ao que lhe respondem afirmativamente três vezes.

.....
Por que esta cerimônia?

Nem todos os tipos de hissopo, cedro e tinta vermelha são casher para este ritual. A não ser que todas as espécies utilizadas preencham os requisitos haláchicos (das leis), a mitsvá inteira é inválida. Desta forma, o cohen enfatiza que estão todas de acordo com os mandamentos da Torá.

•Enquanto a vaca está queimando, o feixe de cedro e hissopo é atirado à carcaça.

Por que se coloca madeira de cedro e a grama ezov sobre o fogo? O cedro é a mais alta das árvores, e a grama ezov, o mais baixo dos arbustos. Isso lembra a quem se purifica que a pessoa precisa de humildade para fazer teshuvá. É preferível sentir-se humilde como a grama ezov que orgulhoso como o cedro.

•As cinzas da vaca são divididas em três partes: uma é colocada numa determinada seção do pátio do Templo Sagrado, onde é preservada a fim de cumprir a mitsvá de que as cinzas da vaca vermelha devem ser guardadas para todas as gerações.

A segunda parte é dividida entre os grupos de cohanim que servem no Santuário, para ficar à disposição para purificar um cohen que tornou-se impuro. A terceira parte é colocada num local no Monte das Oliveiras, para a purificação do povo judeu antes de sua entrada no Templo.

•Quem quer que esteja envolvido na preparação das cinzas - por exemplo, a pessoa que queima a vaca, quem atira o feixe ao fogo, quem recolhe lenha, quem toca ou transporta as cinzas - torna-se impuro.

•As cinzas da vaca são misturadas à água fresca de uma fonte num recipiente.

•As águas com cinzas da vaca vermelha são aspergidas sobre o judeu (que está se purificando) por alguém que está puro de impureza advinda da morte.

Ele asperge quem está se purificando no terceiro e sétimo dias da purificação individual. Além disso, durante o sétimo dia, a pessoa que está sendo purificada deve imergir numa micvê, a fim de consumir a purificação.

Até hoje nove Vacas Vermelhas foram queimadas.

A primeira foi preparada por Elazar filho de Aharon sob a supervisão de Moshê, no segundo dia de Nissan, de 2449. (Moshê dirigiu os pensamentos apropriados à mitsvá, pois Elazar não compreendia suas razões.)

Uma bênção pairava sobre a porção das cinzas que Moshê separou para purificação: elas duraram até a época de Ezra. Sob a supervisão de Ezra, uma Segunda Vaca Vermelha foi queimada; uma terceira e quarta sob orientação de Shimon Hatsadic; e mais duas na época de Yochanan, o Sumo-sacerdote. Desde então até a destruição do Segundo Templo Sagrado mais três vacas foram queimadas. A décima será preparada por Mashiach, possa ele vir em breve.

Alusões Acerca da Mitsvá da Vaca Vermelha

Apesar da mitsvá da vaca vermelha ser inescrutável até a vinda de Mashiach (quando D'us revelará ao povo judeu as razões de todas as mitzvot, inclusive esta), a Torá nos fornece algumas indicações:

Certa vez, o pequeno filho da empregada do palácio, brincando, sujou o brilhante chão do palácio. "Onde está a mãe deste traquina?" - gritou o rei. "Que venha e limpe a bagunça de seu filho!"

Similarmente, o Todo Poderoso proclamou: "Que a (mãe) vaca expie a impureza criada pelo bezerro (de ouro)." Por isso, apenas uma fêmea é aceitável como vaca vermelha (enquanto que para outros sacrifícios tanto machos quanto fêmeas podem ser escolhidos).

Os seguintes pontos também demonstram a correlação entre a Vaca Vermelha e o pecado do bezerro de ouro:

•Uma vez que todos os homens doaram dinheiro para a feitura do bezerro de ouro, requer-se de todos eles que contribuam para a aquisição da Vaca Vermelha. Esse dinheiro provém do tesouro do Templo, constituído da contribuição anual de meio-shekel de cada judeu.

•D'us ordenou que a primeira Vaca Vermelha fosse queimada por Elazar, filho de Aharon, em vez do próprio Aharon, pois Aharon participara do pecado do bezerro de ouro.

•A vaca deve ser vermelha pois a cor vermelha sempre indica o pecado, e a cor branca sempre simboliza a pureza. Ao olhar a vaca vermelha, os judeus recordam-se de seus pecados. Mais ainda, o ouro tem um reflexo avermelhado. A vaca vermelha expia o ouro que o povo doou para fazer o ídolo em forma de bezerro de ouro.

•A vaca precisa ser perfeita, indicando que antes dos judeus cometerem o pecado do bezerro de ouro, eram perfeitos, pois tinham acabado de receber a Torá. Quando pecaram, perderam sua perfeição.

•A vaca é queimada para recordar o bezerro de ouro, que foi queimado por Moshê.

O enigma da Vaca Vermelha - por quê purifica e impurifica ao mesmo tempo - contém uma importante lição:

Um dos mistérios filosóficos é a coexistência do Bem e do Mal, felicidade e tragédia neste mundo. Por quê homens virtuosos são expostos a sofrimentos excruciantes frustrou e desconcertou profundamente até o maior dos profetas.

Incapaz de explicar as contradições da vida, as nações idólatras atribuem sua origem em divindades duplas, uma que traz bênção sobre a humanidade, e a outra má.

Por essa razão, os modernos reivindicam que o universo não tem poder que o governa.

A Torá, contudo, ensina-nos a acreditar em Uma Fonte, da Qual todos os eventos - tanto bons quanto maus - emanam.

Os elementos aparentemente contraditórios da mitsvá da Vaca Vermelha ensina-nos a atribuir o mistério da vida às limitações de nosso intelecto. Num nível que transcende nossa atual compreensão, todas as contradições desaparecem. Sua essência é uma, um plano Divino para nosso benefício definitivo.

A mitsvá ensina que devemos enxergar todos os aspectos da vida com a mesma atitude que adotamos para a própria mitsvá, fé.

Os Judeus Receberam a Mitsvá da Vaca Vermelha pelo Mérito de Avraham

Quando os três anjos visitaram Avraham, ele correu para abater e preparar uma vaca. Como recompensa, seus filhos receberam a mitsvá de utilizar uma vaca.

Enquanto Avraham implorava que D'us não destruísse os perversos habitantes de Sodoma, ele rezou: "Na verdade, não tenho autoridade para discutir com D'us, pois sou apenas pó e cinzas." Avraham era tão humilde que sempre tinha consciência de que o corpo de uma pessoa não passa de meros pó e cinzas.

D'us disse: "Devido à tua grande humildade, Darei a teus filhos uma mitsvá com cinzas; as cinzas da Vaca Vermelha. Ao cumprirem-na, serão perdoados."

Como recompensa por dizer aos seus visitantes celestiais, "Que água seja trazida para lavar vossos pés", D'us deu aos descendentes de Avraham uma mitsvá com água: as cinzas da Vaca Vermelha são misturadas à água.

Três Recipientes Serão Devolvidos

Atualmente, não temos as cinzas da Vaca Vermelha, e não podemos nos purificar da impureza proveniente da proximidade a um morto.

No entanto, futuramente, Eliyáhu o Profeta nos devolverá três recipientes:

1.O recipiente no qual Moshê colocou a maná, para lembrar os judeus como D'us os alimentou no deserto por quarenta anos.

2.O recipiente contendo as cinzas da Vaca Vermelha.

3.O recipiente que contém o azeite com o qual se ungiam os cohanim e os reis.

Algumas Leis de Pureza Ritual

Cada um dos seguintes grupos podem tornar-se impuros sob determinadas condições através de contato com pessoa ou animal que está impuro:

•Alimentos

•Líquidos

•Roupas e utensílios

•Uma pessoa judia

Salientaremos as leis básicas de impureza dos grupos acima:

Alimentos

Um alimento pode-se tornar impuro apenas se as duas seguintes condições forem preenchidas:

1. Já não se nutre mais através de seus galhos ou raízes.

2. Foi anteriormente tocado por um dos seguintes sete líquidos: vinho, mel de abelhas, azeite de oliva, leite, orvalho, sangue ou água.

Preenchidas essas duas condições, e se o alimento, mais tarde, tocar uma pessoa ou animal impuro (como uma carcaça de animal, ou carcaça de certos répteis), esse se torna igualmente impuro.

Na época do Templo Sagrado, se a terumá (presentes de alimentos devidos ao cohen) ou chalá (pedaço da massa) ficasse impura, o cohen já não poderia comê-la. Havia pessoas que evitavam comer qualquer alimento impuro, quando possível, mesmo se não fosse consagrado, a fim de evitar erros, ou como um ato de santidade especial.

Líquidos

Se um líquido tocar numa pessoa ou carcaça de animal impuros, esse se torna impuro.

Roupas e utensílios

Roupas e utensílios ficam impuros se tocarem numa pessoa ou animal impuro. Utensílios de barro ou cerâmica, se o interior for tocado.

Utensílios de metal ou madeira são purificados através de imersão na micvê. Utensílios de cerâmica não podem ser purificados.

Uma pessoa

Uma pessoa judia torna-se impura através das seguintes condições:

1. Através de contato; de carregar ou estar sob o mesmo teto que um morto; ou um órgão, membro ou corpo morto; ou em contato com utensílio que tocou um corpo humano morto.

Uma pessoa que fica impura dessa forma é chamada de av hatumá, uma fonte de impureza.

Fica impura por sete dias e, a fim de purificar-se, é aspergida com as águas da Vaca Vermelha no terceiro e sétimo dias; depois, imerge no micvê.

2. Alguém que tenha tido contato com av hatumá torna-se impuro, porém sua impureza é menos severa. Perdura até o anoitecer, e a pessoa purifica-se através de imersão no micvê. Esta pessoa é denominada de rishon letumá, um portador primário de impureza.

O Passamento de Miriam e o Desaparecimento de seu Poço

No décimo dia de Nissan do quadragésimo ano no deserto, ocorreu uma tragédia nacional.

Quando os judeus chegaram ao deserto de Tsin, Miriam, irmã de Moshê faleceu. Tinha cento e vinte e cinco anos de idade.

.....
Miriam ensinara e orientara as mulheres, assim como Moshê e Aharon o faziam com os homens. Foi uma das sete profetizas conhecidas.

Miriam faleceu sem sofrimento, pacificamente e feliz. Já que ela era uma tsadeket, mulher justa, o anjo da morte não podia tocá-la. A Shechiná (Presença Divina) revelou-se a ela, levando assim sua alma de volta a sua fonte. Após sua alma ter deixado o corpo, os anjos a receberam com muita alegria. Exclamaram: "Venha em paz". Essas são as boas-vindas dispensadas a todos os tsadikim após seu falecimento.

A narrativa do falecimento de Miriam segue-se as leis da Vaca Vermelha (apesar de seu passamento ter ocorrido no último ano no deserto, enquanto que a Vaca Vermelha foi queimada no segundo ano).

A Torá justapõe esses dois eventos para ensinar que a morte de um tsadic traz expiação para o povo judeu, como o fazem as águas da Vaca Vermelha.

Assim que Miriam faleceu, D'us fez com que o Poço de Miriam desaparecesse temporariamente, para que o povo percebesse que seu poço de água fora fornecido pelo mérito de Miriam. Apreciando assim sua grandeza, poderiam enlutar-se por esta tsadeket de maneira apropriada.

A geração do deserto recebeu três presentes pelo mérito de seus três grandes líderes:

- O Poço, pelo mérito de Miriam
- As Nuvens de Glória, pelo mérito de Aharon
- A maná, pelo mérito de Moshê.

Por quê os três líderes são associados a esses presentes específicos?

Eles personificavam os três pilares que sustentam o mundo - Torá, serviço Divino e realização de atos de bondade.

•Moshê deu a Torá e era o mestre e líder do povo judeu por excelência. Por isso, em seu mérito os judeus recebiam a maná, cujo presente diário aliviava a necessidade de se obter um ganha-pão, e cuja ingestão ajudava-os no entendimento do estudo da Torá.

•Aharon personificava o serviço Divino. Sua devoção ao Serviço dos sacrifícios trouxe a Shechiná ao povo judeu. As Nuvens de Glória eram, assim, dadas em seu mérito, pois representavam a Shechiná que residia com o povo judeu.

•Miriam era excelsa no terceiro dos três fundamentos: a bondade. Desde sua juventude devotou-se ao bem-estar de seu povo. Mesmo quando criança, ajudava sua mãe como parteira, e levava comida aos pobres.

Mais ainda, foi Miriam que esperou por Moshê às margens do Nilo, e por isso foi recompensada justamente através da água.

Por causa de seu atributo de chessed, bondade, D'us proveu os judeus com água, uma necessidade vital.

Como os judeus recebiam água do Poço de Miriam?

Esta miraculosa rocha da qual brotava água estava sempre presente no deserto com o povo. Quando o povo acampava, essa ficava num local alto, em frente à entrada do Tabernáculo.

Cada um dos doze líderes aproximaram-se do poço com seus cajados e traçaram uma linha ligando o poço à sua tribo. A água fluía através dessas doze linhas para todas as Tribos, formando rios entre uma tribo e outra. Cada rio era tão largo que uma mulher que desejasse visitar uma amiga de tribo diferente precisaria de um barco, senão desejasse molhar os pés.

A água também rodeava a maior parte do Acampamento. Onde quer que os judeus acampassem, grama, árvores, vinhedos, figos e romãs brotavam à sua volta. Os vinhedos produziam uvas de sete sabores diferentes.

O povo judeu experimentava o bem e a excelência do Mundo Vindouro na água e nas plantas produzidas pelo Poço de Miriam. Por isso, mais tarde (nesta parashá), cantaram um cântico louvando esse maravilhoso poço.

Após o falecimento de Miriam, o Poço desapareceu subitamente.

Sem água potável para suas esposas e filhos, os judeus encontravam-se em uma situação crítica.

Moshê e Aharon, que estavam sentados, enlutados por sua irmã, viram multidões aproximarem-se de sua tenda.

"O que é essa assembléia?" - indagou Moshê a Aharon.

Replicou Aharon: "Os judeus não são descendentes de Avraham, Yitschac e Yaacov, que realizam atos de bondade como seus patriarcas? Certamente estão vindo para nos consolar."

"Aharon," censurou-o Moshê, "você não consegue distinguir entre uma multidão com propósitos nobres de uma com propósitos ignóbeis? Se estivessem se aproximando de maneira ordeira - com os Anciãos à frente, seguidos pelos responsáveis pelos milhares, pelos centuriões, e assim em diante - você teria razão. Porém olhe para esta multidão tumultuada!"

As palavras de Moshê provaram ser verdadeiras imediatamente. A desorganizada e excitada aglomeração que rumava à tenda começou a reclamar amargamente sobre a falta de água.

"Por quê precisamos sofrer tanto?" - inquiriram. "Você, Moshê, costumava afirmar que somos punidos porque há pecadores entre nós, que fazem com que a Shechiná parta.

Agora, contudo, os homens da geração do deserto já se foram, e os de nós que permanecem vivos merecem entrar em Israel. Por que deveríamos nós, ou nossos filhos, e nosso gado perecer de sede?

"Os infindáveis testes são demais para suportarmos. Por que você não reza para D'us levar-nos diretamente a Israel em vez de guiar-nos pelo deserto por quarenta anos? Preferíamos ter sido consumidos junto com a congregação de Côrach ou na praga subsequente a morrer de sede agora.

"Vocês estão enlutados por uma pessoa. Em vez disso, deveriam enlutar-se por todos nós, pois não temos água."

.....
Apesar dos judeus, em sua agitação, estarem prontos a apedrejarem Moshê e Aharon, D'us não refreou suas reclamações contra eles. Eles expressaram-nas em meio à dor da sede, e D'us não detém alguém de suas afirmações enquanto está em dor.

Moshê e Aharon escaparam da fúria da multidão para a entrada do Tabernáculo e prostraram-se em prece.

A Nuvem de Glória apareceu, e D'us censurou Moshê: "Meus filhos estão sofrendo de sede, enquanto você está envolto em luto. Encontre a rocha que era o Poço de Miriam, ordene-lhe que dela emane água, e convide a congregação e os animais a beberem."

Moshê e Aharon Pecam em Águas de Discórdia

D'us disse a Moshê: "O povo testemunhará agora um milagre que santificará Meu Nome. Congregue os tsadikim e pessoas grandes ao lado da rocha da qual jorrava água enquanto Miriam estava viva. Ordene-lhe que forneça novamente água aos judeus.

"Estando de pé com a santa congregação na frente da rocha, ensine-os uma lei ou passagem da Torá. Então ordene à rocha que continue dando água. O mérito do estudo comunitário da Torá fará com que essa produza água, como o fazia em mérito de Miriam.

"Além disso, todos os que testemunharem o milagre aprenderão a grande lição: 'Se mesmo uma sólida rocha, ao comando de D'us, obediamente torna-se um poço, nós, judeus, certamente somos obrigados a obedecer D'us com alegria e boa vontade (e não porque sentimo-nos compelidos a servi-Lo)!"

D'us advertiu Moshê para que trouxesse somente os tsadikim, mas Moshê (que desejava que todos vissem o milagre) reuniu a congregação inteira, dos pequenos aos grandes, incluindo até mesmo o êrev rav (convertidos egípcios).

Um milagre possibilitou ao povo inteiro ficar na frente da rocha, apesar da área ser pequena demais para conter a todos.

Ouviu-se algumas pessoas do êrev rav zombarem: "Quem disse que o filho de Amram (Moshê) realizará um milagre verdadeiro? Deve haver uma razão para ele estar determinado a dirigir-se a uma rocha em especial. Talvez saiba que a rocha contém umidade e pode, portanto, produzir água. Moshê costumava ser um pastor e conhece bem diferentes tipos de rochas. Vejamos se pode realizar esta proeza com uma rocha de nossa escolha!"

O escárnio dos zombeteiros repercutiu sobre o povo, dispersando-os em todas as direções. O líder de cada Tribo ergueu uma pedra e exigiu: "Moshê, queremos água desta rocha!"

O êrev rav proclamou: "A não ser que nos dê água da rocha que escolhermos, não queremos nenhuma!"

Moshê ficou extremamente angustiado. Esperava estudar Torá junto com uma solene assembléia de judeus em frente a rocha. Experimentariam então, através do formidável milagre que seu estudo da Torá tinha o poder de mudar as próprias leis da natureza. Em vez disso, enfrentou uma multidão de motejadores que questionavam se um milagre verdadeiro estava para acontecer.

Mais que isso, Moshê percebeu que a Shechiná estava ausente. A atitude do povo causou a partida da Shechiná.

Moshê não tinha certeza de como deveria proceder. A atmosfera não era propícia ao estudo da Torá. Como poderia ensinar a um povo que se rebelava contra seu mestre? E qual rocha deveria escolher? Deveria ignorar a exigência do povo e fazer brotar água do verdadeiro Poço de Miriam? Se sim, o êrev rav reivindicaria que ele não realizou um milagre genuíno.

Ou deveria aquiescer e realizar um milagre através de uma rocha diferente? Se sim, poderia ser culpado de transgredir o comando de D'us. Além disso, D'us poderia julgar o povo como não merecedor de receber água de uma rocha diferente.

Moshê decidiu que precisava censurar severamente o povo, por terem arrogantemente desafiado seu mestre. Dirigiu-se-lhes de maneira rígida: "Agora ouçam, seus rebeldes e tolos! Por que acham que sua compreensão é maior que a de seu mestre?"

Moshê continuou a repreender o povo: "Devemos fazer brotar água de uma rocha acerca da qual o todo Poderoso não ordenou?"

"Juro, ouvirei D'us e trarei água da própria rocha que Ele ordenou."

Moshê ordenou à rocha que produza água. Contudo, esta não obedeceu, o milagre não ocorreu. Por conseguinte, Moshê golpeou a rocha.

Os zombeteiros exclamaram: "Filho de Amram, aparentemente você tem água suficiente apenas para nossos bebês."

Moshê então golpeou a rocha pela segunda vez. A isso, a água irrompeu e jorrou, formando uma profunda corrente que inundou o povo e afogou os zombeteiros.

O golpe de Moshê fez com que, simultaneamente, cada rocha da região produzisse água.

D'us Decreta Morte no Deserto a Moshê e Aharon

O Todo Poderoso censurou extremamente tanto Moshê e Aharon, proclamando: "Falharam em acreditar em Mim e Me santificar aos olhos do povo judeu, ao golpearem a pedra.

"Rebelaram-se contra Mim ignorando Meu comando de ensinar Torá aos judeus em frente à rocha. Por isso, não levarão esta geração a Terra de Israel; Porém, falecerão no deserto."

Por que o Todo Poderoso puniu Moshê e Aharon de maneira tão severa?

Moshê poderia justificar cada um de seus atos: recusou-se a fazer brotar água da rocha que os judeus designaram, a fim de não ser culpado de desobedecer a Palavra de D'us; golpeou a rocha porque suas palavras, oralmente, provaram ineficácia. O seu erro está além de nossa compreensão.

Mais que isso, Aharon, também incluso no veredicto, era aparentemente inocente de qualquer dos pecados enumerados por D'us. Errou somente por ficar lá em silêncio, enquanto Moshê golpeava a rocha.

De fato, Moshê argumentou com D'us: "Sou culpado, mas como Aharon poderia sê-lo?"

Aharon, contudo, não defendeu-se. Apesar de poder ter questionado o veredicto, permaneceu em silêncio (como quando seus filhos Nadav e Avihu foram punidos com a morte).

Na verdade, D'us estava procurando um pretexto, por assim dizer, para fazer com que Moshê e Aharon falecessem e fossem enterrados no deserto.

"Moshê," consolou-o o Todo Poderoso, "como seria se você, o líder da geração do deserto, tivesse enterrado os 600.000 homens que você tirou do Egito, e então levasse outra geração a Israel?"

"Em vez disso, você permanecerá íntegro com a geração que lidera, assegurando-lhes, por conseguinte, uma porção no Mundo Vindouro. Você os liderará para Israel na época de Mashiach."

O líder de cada geração estará à sua testa no Mundo Vindouro.

Isto pode ser comparado ao pastor de um rei cujo rebanho inteiro foi roubado. Quando tenta entrar no palácio, o pastor encontra o caminho bloqueado.

O rei explica: "Sei que o que aconteceu não foi por culpa sua, mas meu povo não tem consciência disto. Se eu não mostrar que estou zangado e deixá-lo entrar em meu palácio, eles suspeitarão que você teve participação no roubo."

Foi isto que D'us disse a Moshê: "Se você entrar na terra, deixando para trás toda a sua geração para morrer no deserto, as pessoas não acreditarão que você não é culpado pela morte delas."

Portanto, tenho de deixá-lo aqui também. Você entrará na terra, juntamente com a sua geração, na época da Ressurreição dos Mortos."

Vendo que estava impotente, Moshê disse: "Se meu irmão e eu tivermos de morrer no deserto junto com o restante de nossa geração, as pessoas pensarão que nós pecamos como elas, com os espiões, e fomos castigados com elas."

D'us tranquilizou-o, dizendo: "Não tenha medo, Moshê. Minha santa Torá relatará claramente como você e seu irmão vieram a merecer este castigo, de modo que toda a humanidade saberá que vocês só tiveram um único pecado em sua ficha, o da Água de Discórdia. Somente por ele vocês foram punidos."

A Punição de Moshê e Aharon Fornece uma Chave para as Narrativas da Torá

Se lêssemos apenas as palavras da Torá condenando Moshê e Aharon ("Vocês não acreditam em Mim para Me santificar na presença dos Filhos de Israel," "vocês rebelaram-se," e assim por diante) porém não os eventos precedentes, presumiríamos que D'us estava acusando Moshê e Aharon de um crime capital, como idolatria ou ateísmo.

Na verdade, as palavras de D'us eram dirigidas a dois supremos tsadikim, cujo cada ato era devotada ao Serviço de D'us e ao povo judeu. Não se "rebelaram" contra D'us, mas sim cometeram um erro sutil de algum tipo.

D'us condenou-os ao extremo, pois quanto maior e mais perto de D'us a pessoa estiver, menos será poupada de culpa.

Se não tivermos esse princípio em mente, julgaremos erroneamente os indivíduos mencionados na Torá, assim como o povo judeu.

(Se observarem alguém de fora que entra numa sinagoga em Yom Kipur e ouve todos os judeus acusarem-se: "Ashámnu, bagádnú... / Somos culpados, traímos D'us, roubamos, pecamos com comida e bebida," e assim por diante, teria a impressão de que acabara de se deparar com uma congregação de ladrões, traidores, glutões, bêbados e caracteres similares.

Contudo, alguém que conhece este povo e sua Torá está ciente de que um judeu confessa sinceramente, "Roubamos", mesmo se jamais tocou em algo que não lhe pertença, pois ele confessa os pecados do povo judeu coletivamente porque se culpa de ter feito alguém perder seu tempo, ou perturbado seu sono.)

A dura crítica expressa contra Moshê e Aharon é um típico exemplo do severo julgamento de D'us com as pessoas grandes e elevadas.

A Torá conclui o assunto do pecado de Moshê e Aharon com as palavras: "Estas são as Águas de Discórdia, (assim chamadas) porque os Filhos de Israel querelaram com D'us, e Ele foi santificado por elas." (20:13)

Como D'us foi santificado através das Águas de Discórdia?

A pena de morte de Moshê e Aharon demonstra que D'us pune até mesmo os maiores tsadikim. Esta conscientização reforçaria o temor de cada um ao Todo Poderoso.

Moshê Envia Mensageiros ao Rei de Edom

Os judeus estavam agora em Cadesh, perto de Edom. Após cruzar Edom chegariam em Israel.

Apesar de Moshê saber que morreria assim que chegassem em Israel, não tentou fazer com que os judeus demorassem o máximo possível. Era um líder fiel, levando em conta o melhor para o povo. Por isso, tentou convencer Edom a permitir a passagem dos judeus.

À medida que se aproximavam, Moshê pensou: "Quando Yaacov quis retornar à casa de seu pai, ele mandou mensageiros especiais com presentes para seu irmão, embora não tivesse nenhuma intenção de atravessar sua terra. Certamente nós, uma nação numerosa que deseja passar por Edom, devemos enviar emissários para apaziguar o rei e pedir sua permissão."

Moshê selecionou pessoas especiais e enviou-as ao Rei de Edom com a seguinte mensagem: "Seu antepassado Essav (Esaú) estava plenamente ciente do decreto que estabeleceu que os descendentes do avô dele, Avraham, seriam estrangeiros numa terra estranha, onde trabalhariam como escravos.

Vocês não escolheram trabalhar arduamente e sofrer e se separaram de Yaacov. Nós, os filhos de Yaacov, sofremos por muitos anos no Egito, até que D'us ouviu nossas súplicas, teve piedade de nós e nos libertou da servidão. Estamos agora a caminho de nossa terra. Sabemos que vocês estão bem armados,

.....
mas não tememos, porque nosso D'us é Todo-Poderoso e temível.

Se nós rogarmos a Ele e pedirmos Sua ajuda, Ele destruirá a você e a todo seu exército, porque nós temos Sua garantia de que nossas orações nunca são totalmente rejeitadas, elas jamais são recusadas. Pedimos, rei de Edom, que nos conceda permissão para passa por sua terra. Nós o faremos com a máxima rapidez possível, com nossos animais amordaçados, para que eles não pastem nela. Compraremos toda a nossa comida e água com dinheiro."

Por ter medo dos judeus, o rei não queria que esta nação atravessasse Edom. Ele pensou: "O D'us dos judeus destruiu os egípcios que os escravizaram e os torturaram, castigando-os com pragas terríveis. Ele certamente se lembra do ódio que nosso pai Essav tinha do antepassado deles, Yaacov. Se eu permitir que atravessem a minha terra, com certeza Ele também nos liquidará."

Portanto, o rei de Edom disse aos mensageiros que proibia o povo de entrar na terra dele, observando que não tinha medo de orações, porque também possuía uma garantia divina de que "viveria pela sua espada". Ele os receberia com suas forças armadas e os destruiria totalmente.

Quando recebeu esta mensagem dos homens que haviam retornado, Moshê teve vontade de atacar os edomitas e de entrar em sua terra à força, mas D'us o impediu. "Não lutem contra Edom. Não devem conquistá-los, ainda não é o momento oportuno."

Moshê perguntou que mérito especial possuía Edom para merecer esta proteção. D'us respondeu: "Essav honrou seu pai Yitschac. O mérito desta grande mitsvá é suficiente para proteger seus descendentes para sempre."

Os judeus saíram de Edom, deram a volta e fizeram um caminho mais longo para Israel.

Depois, enviaram mensageiros ao rei de Moav, pedindo permissão para passar pelas Terras. O rei de Moav, porém, negou-lhes passagem. D'us também não deixou que guerreassem contra Moav.

Aharon Falece em Hor Hahar

A Nuvem de Glória permaneceu durante diversos meses em Cadesh, na fronteira da terra de Edom. Então, essa levantou-se e dirigiu os judeus por um desvio contornando a terra de Edom. Ela descansou na frente da montanha Hor Hahar.

O nome Hor Hahar significa "montanha da montanha." Era na verdade um monte sobre o topo de outro, parecendo uma pequena maçã no topo de uma grande.

Geralmente, a Nuvem de Glória aplainava todas as colinas e montanhas no deserto, de modo que o povo judeu pudesse viajar num caminho suave e sem obstáculos. No entanto, D'us deixou três montanhas de pé:

- O Monte Sinai, para a outorga da Torá.
- O monte Nevô, para ser o local do túmulo de Moshê.

•Hor Hahar, para se tornar o local do enterro de Aharon.

D'us preservou essas montanhas também como um lembrete de que haviam muitas montanhas parecidas no deserto. Os judeus então apreciariam a bondade que o Todo Poderoso fez em prol deles ao nivelar as montanhas.

Ao chegarem a Hor Hahar, D'us anunciou a Moshê: "Aharon se unirá a seu povo. Sua alma se juntará a de outros tsadikim no Mundo Vindouro.

"Informe gentilmente a Aharon que está prestes a partir deste mundo, pois pecou nas Águas de Discórdia. Seu filho Elazar o sucederá como Sumo-sacerdote. Alguém que deixa um filho que toma seu lugar é considerado como se não tivesse falecido."

Ao receber as ordens de D'us, Moshê suplicou: "Mestre do Universo! Aharon não pode ficar vivo no lado leste do Jordão?"

"Impossível," replicou o Todo Poderoso. "O fato dele ficar vivo impede os judeus de entrarem na Terra. Você deseja que ele viva a este custo?"

Moshê ainda continuou a rezar: "Mestre do Universo," implorou ao Todo Poderoso, "Como posso dizer a meu irmão: 'Sua hora chegou?'"

D'us replicou: "É uma honra para ele ser informado por ninguém mais a não ser você. Diga-lhe: 'Quão afortunado você é, pois eu e seus filhos lhe assistimos em seus últimos momentos. (Quem cuidará de mim [Moshê] quando estiver prestes a morrer?) Além disso, seu filho tomará seu lugar (e o meu não).'"

"Mais que isso, Aharon não morrerá através do Anjo da morte. Quando Aharon arriscou sua vida queimando incenso no meio do povo a fim de deter a praga, Eu decretei que o Anjo da Morte não terá poder sobre ele. Eu Mesmo recolherei sua alma."

Ao perceber que o decreto de D'us era irrevogável, Moshê obedeceu sem demora.

Na manhã seguinte, ele rendeu honras públicas a Aharon. Em vez de andar até o Tabernáculo na formação usual - Aharon à direita, Elazar à esquerda, os líderes flanqueando-os pelos dois lados, e o povo entre eles - Moshê disse a Aharon que andasse no centro, onde em geral Moshê anda.

O povo estranhou o porquê de Aharon receber honra especial. Supuseram que Aharon recebera profecia em vez de Moshê.

Quando o cortejo chegou ao Tabernáculo. Aharon quis entrar para realizar o Serviço matinal diário.

"Espere," disse Moshê. "D'us ordenou que você não realize o Serviço hoje."

"O que Ele ordenou?" - perguntou Aharon.

"Subamos ao Hor Hahar, e eu lhe direi," retrucou Moshê.

Ao sopé da montanha, Moshê ordenou aos nessiim (líderes das tribos) que esperassem. Apenas ele, Aharon e Elazar subiram.

Aharon indagou novamente: "O que D'us ordenou?"

.....
"Meu irmão," introduziu Moshê o assunto cuidadosamente, "você está consciente de guardar um depósito que o Todo Poderoso pode querer de volta?"

"Meu irmão Moshê," replicou Aharon, "O Tabernáculo inteiro e seus utensílios sagrados estão sob minha responsabilidade. Será que falhei no Serviço?"

Moshê tentou uma aproximação mais direta: "O Todo Poderoso confiou-lhe uma luz?" - perguntou a Aharon.

"Não apenas uma," replicou Aharon, "Todas as sete luzes da Menorá são de minha responsabilidade."

"Isto não é o que quero dizer," disse Moshê. "Talvez Ele confiou-lhe algo que se parece com luz?"

"A alma do homem é a vela de D'us." (Mishlê 20:7), replicou Aharon. "Você está insinuando que a hora de meu passamento chegou?"

"Sim," disse Moshê, colocando a mão no coração e gritando: "Meu coração dói e sofre dentro de mim, e o temor da morte caiu sobre mim." (Tehilim 55:5).

No topo da montanha uma caverna estava preparada, e nela uma cama e uma vela acesa.

D'us instruiu Moshê: "Transfira os trajes sacerdotais de Aharon a seu filho Elazar, que o sucederá como Sumo-sacerdote." Quando Moshê ouviu a ordem, não sabia como agir. É proibido vestir o Sumo-sacerdote em qualquer outra seqüência a não ser a prescrita: primeiro, as roupas de baixo; e depois as outras. A fim de vestir Elazar na ordem correta, deveria despir Aharon de todas as suas roupas, inclusive as de baixo.

"Não tema," disse D'us a Moshê, "Faça, e Eu farei minha parte."

Os milagres que D'us realizou para Aharon quando este estava prestes a falecer foram maiores que os da vida inteira de Aharon. Toda vez que Moshê removia uma das túnicas sacerdotais de Aharon, encontrava-o vestido por baixo com um traje Celestial correspondente, de maneira que o corpo de Aharon nunca ficou nu. Depois que Moshê despiu todos os oito trajes sacerdotais, Aharon vestia oito trajes Celestiais correspondentes.

Então Moshê disse a Aharon: "Deite-se no divã!" Aharon assim o fez.

"Feche os olhos," ordenou Moshê. Aharon fechou-os.

"Estique as pernas!" - mandou Moshê. Aharon obedeceu.

A Shechiná desceu, e a alma de Aharon foi atraída em sua direção com alegria e júbilo, retornando lentamente a sua origem.

Sendo que a partida da alma através de "um beijo Divino" é um espetáculo sagrado e solene, a alma de Aharon partiu isolada numa caverna. Ninguém, exceto Moshê e Elazar podiam observar a grande cena.

Moshê exclamou: "Quão afortunada é a pessoa que falece desta maneira!"

Mais tarde, D'us concedeu o desejo de Moshê, de experimentar esta morte.

O Anjo da Morte não teve poder sobre seis tsadikim, cujo passamento deu-se através de "um beijo Divino":

•Avraham

•Yitschac

•Yaacov

•Moshê

•Aharon

•Miriam

O Todo Poderoso ordenou então a Moshê e Elazar: "Agora deixem a caverna." Assim que saíram, a entrada se fechou.

Quando Moshê e Elazar retornaram, o povo não conseguia compreender o que acontecera. Viram três pessoas ascenderem à montanha, e agora só duas estão descendo.

Todos os tipos de rumores e desconfianças acerca do destino de Aharon foram levantadas.

"Onde está Aharon?" - inquiriram Moshê.

"Ele faleceu," respondeu Moshê.

Esta afirmação encontrou descrença total. O povo disse ameaçadoramente a Moshê: "Não nos diga que o Anjo da morte tinha poder sobre Aharon, que o controlou e impediu-o de matar os judeus! Traga Aharon de volta imediatamente, ou o apedrejaremos!"

"Conhecemos seu caráter irascível. Aharon deve ter dito ou feito algo que você considera pecaminoso, e você decretou-lhe pena de morte!"

A falsa suspeita lançada sobre Moshê invocou o castigo do Céu. Imediatamente depois, os judeus foram atacados por Amalec.

Moshê orou a D'us para ficar livre de suspeitas.

O Todo Poderoso ordenou aos anjos que trouxessem o caixão de Aharon e mostrassem-no ao povo. Tiveram uma visão do caixão de Aharon flutuando no ar. Por conseguinte, aceitaram sua morte.

O luto por Aharon foi pesado. Durou trinta dias e incluiu todos os membros da nação; homens, mulheres e crianças.

Os céus também se enlutaram. D'us e Suas Hostes Celestiais fizeram sua elegia, proclamando: "A Torá da Verdade estava em sua boca, e a iniquidade não se encontrava em seus lábios; ele andou Comigo em paz e retidão. Pois os lábios do cohen [Aharon] guardavam conhecimento e eles buscavam Torá de sua boca, pois era como um anjo do Eterno das Hostes." (Malachi 2:6-7).

Por que Aharon foi tão vastamente pranteado?

Aharon gozava de enorme popularidade, pois amava a paz e perseguia a paz.

.....
Enquanto andava através do Acampamento, cumprimentava qualquer judeu que via com um amplo sorriso e palavras calorosas, mesmo se a pessoa fosse um perverso. Imediatamente, qualquer pessoa que cometera, ou estava prestes a cometer um pecado, pensava: "Por que Aharon (o Sumo-sacerdote, o maior dignitário dos judeus) cumprimentou-me? Obviamente, pensa que sou um tsadic." Envergonhado por seu verdadeiro caráter não encaixar-se na imagem percebida por Aharon, a pessoa resolvia melhorar seus caminhos.

Sempre que Aharon ouvia que dois judeus discutiram, visitava um deles e dizia: "Sabe o quanto seu antigo amigo está arrependido de não se dar mais bem com você? Está sentado em casa, batendo no peito com o punho e rasgando as roupas de arrependimento, por causa da discórdia entre vocês dois, mas está envergonhado demais para lhe dizer!"

Aharon então visitava o outro amigo, dizendo-lhe as mesmas coisas. Da próxima vez que se encontravam, abraçavam-se, beijavam-se e uniam-se novamente, reatando a amizade.

Se Aharon ouvisse acerca de uma rixa entre marido e mulher, não descansava enquanto não os tivesse reconciliado. Como Aharon resolvia desavenças entre marido e mulher? Caso ficasse sabendo que alguém brigara com a esposa e a expulsava de sua tenda, ia até ele e dizia: "Soube que você quer divorciar-se.

Pense bem, talvez você não encontre uma melhor! Talvez sua futura esposa o fará lembrar constantemente que você foi o culpado, que você está sempre provocando brigas, como fazia com a primeira esposa. É melhor fazer as pazes e contentar-se com a situação." As palavras sinceras de Aharon tocavam profundamente o homem zangado e acalmavam seus sentimentos de irritação.

Cada vez que Aharon fazia as pazes entre marido e mulher, o casal dava o nome de Aharon ao filho nascido após sua reconciliação. Foram esses meninos que renderam as maiores honras ao irmão de Moshê, que só nasceram porque Aharon conseguiu reunir seus pais. Oitenta mil crianças chamadas Aharon acompanharam o esquife de Aharon, que eles viram se movendo no céu.

Aharon faleceu com a idade de 123 anos, a primeiro de Av de 2488 (1312 AEC). Até o dia de hoje, ninguém conhece o local exato dos túmulos de Moshê e Aharon. O Próprio D'us juntou-os a Si.

Amalec Ataca o Povo Judeu e é Derrotado

Durante a vida de Aharon, as Nuvens de Glória protegiam o povo judeu, pelo seu mérito. Quando ele faleceu, as Nuvens desapareceram. Por não terem mais a proteção das Nuvens, a arca preenchia a função das Nuvens, matando as cobras e escorpiões por onde os judeus passavam.

Enquanto as Nuvens cercavam o Acampamento de Israel, as outras nações temiam atacá-los. Os amalequitas eram antigos inimigos de Israel, que esperavam uma oportunidade para atacar. Diziam: "Ataquemos os judeus. Moshê e Elazar estão de luto, os judeus choram, e já não há Nuvens de Glória para protegê-los."

Os amalequitas mobilizaram seu exército e atacaram o povo judeu.

Amalec é Derrotado

Amalec temia que os judeus rezassem a D'us para que o derrotasse; por isso, resolveram enganar os judeus.

Eles falaram entre si no idioma canaaneu, esperando que o povo judeu pensasse que eram canaanitas. Assim, rezariam para que D'us os salvasse dos canaanitas, enquanto que eles, os amalequitas, é que atacariam.

Mas o estratagema não logrou. Apesar de falarem o idioma canaaneu, os judeus reconheceram sua indumentária amalequita.

Os amalequitas tiveram êxito em seu ataque, e capturaram uma escrava. Os judeus assustaram-se e recuaram oito posições. Eles rezaram: "Por favor, D'us, entregue esta nação em nossas mãos." Não citaram o nome da nação, pois não estavam certos de contra quem lutavam. Também prometeram: "Se vencermos esta guerra, não usufruiremos dos despojos, doaremos tudo a D'us."

D'us aceitou a oração do povo judeu. Eles venceram os amalequitas, e santificaram a D'us com todos os pertences de Amalec.

Os Judeus Altercam-se Sobre o Maná

Quando os judeus chegaram às terras de Edom, encontravam-se tão perto de Israel que bastaria atravessá-las que chegariam à Israel imediatamente. Mas o rei de Edom não permitiu que os judeus atravessassem o país. Por isso, Moshê e o povo judeu ainda andariam muito para chegar até lá.

O érev rav e os que não eram tsadikim reclamaram: "Quando terminará esta peregrinação pelo deserto? Já dura quase trinta e oito anos Moshê, por que você nos tirou do Egito para morrer no deserto? Aqui só tem maná! Está certo que o sabor é ótimo, mas a aparência é sempre a mesma. Que monotonia! A maná é muito leve, não fica em nossos estômagos, e não há desperdício. Como isto pode ser saudável?"

D'us disse: "Tudo o que faço por este povo é o melhor para eles, mas são mal-agraçados. Falaram mal até da maná." Ouviu-se uma voz do céu: "Escutem! Tirei o povo judeu do Egito e dei-lhes a maná. Podem ter na maná o sabor que quiserem. Vejam o exemplo da serpente! Tudo o que ela come tem sabor de pó, mas ela nunca protesta. Que a serpente puna os que reclamam da maná, que possui tantos sabores diferentes."

O deserto estava repleto de serpentes venenosas. Até agora, as Nuvens e a arca haviam protegido o povo das serpentes milagrosamente, ninguém havia sido picado por elas. A partir desse momento, D'us permitiu que as serpentes os picassem. Elas mordiam os pecadores. Alguns ficaram doentes por causa do veneno, outros morreram.

O povo judeu percebeu seu erro, e dirigiu-se a Moshê: "Erramos ao falar contra você e contra D'us. Por favor, peça a D'us que elimine as serpentes."

Moshê orou pelo povo e perdoou-o imediatamente por tê-lo criticado.

A Cobra de Cobre

D'us disse a Moshê: "Faça uma serpente de cobre e coloque-a no alto de um mastro. Quem for mordido por uma cobra olhará para a cobra de cobre e será curado." Moshê assim fez. Todo judeu que olhava para a cobra de cobre fazia teshuvá e curava-se das picadas venenosas.

Olhar para a cobra lembra ao povo: "Façam teshuvá pelo seu lashon hará (maledicência). Não façam como a serpente do Paraíso, que falou contra D'us!"

Além de Nossa Compreensão

Por Eli Touger

O termo Chukim se refere àquelas mitzvot cujo fundamento lógico não pode ser compreendido pelo intelecto humano. Dentro desta categoria, entretanto, as leis da Vaca Vermelha se destacam como especiais.

Assim, o Midrash¹ cita o Rei Salomão (sobre quem está escrito²: "E Shlomo foi mais sábio que todo homem na face da terra"): Eu fui capaz de compreender todas as [outras passagens difíceis da Torá], mas, em relação à passagem da Vaca Vermelha, eu perguntei e eu procurei; "Eu disse: 'Eu me tornarei sábio', mas eu [vi] que isto estava distante de mim".³

De fato, foi somente em relação a Moisés que o Midrash⁴ afirma: "O Santo, bendito seja Ele, disse a Moisés: 'Para ti [somente] eu revelarei a lógica da Vaca Vermelha'".

Por um lado, essas citações indicam que as leis da Vaca Vermelha não transcendem inteiramente os domínios do intelecto, pois a Moisés foi concedido um entendimento de sua lógica. Todavia, a explicação obviamente transcende o conhecimento comum e, assim, não podia ter sido percebido por Shlomo, nem Moisés a comunicou aos outros⁵.

De fato, mesmo a apreciação de Moisés não veio como um resultado de seus próprios poderes de compreensão. Como o Midrash afirma⁶: "É um chukat, um decreto que Eu ordenei. Nenhum ser criado é capaz de compreender Meus decretos".

Por que Moisés foi capaz de captar essa lógica? Porque a ele foi concedido um dom especial de D'us. D'us é onipotentemente capaz de fundir transcendência com limitação e foi por virtude dessa onipotência que Moisés foi capaz de apreciar a explicação.

Tocar a Essência da Torá

Surge a questão: Por que a resposta foi dada somente a Moisés? Se apreciar a lógica da Vaca Vermelha pudesse nos ajudar em nosso serviço Divino, por D'us ou Moisés não a compartilharam com os outros?

A resposta depende de observarmos a natureza da Torá. A Torá é uma com D'us⁷, uma expressão de Sua vontade essencial. Portanto, assim como Sua vontade está acima da compreensão intelectual, também está a Torá. Entretanto, D'us deu a Torá aos mortais, não porque Ele deseja sua obediência, mas porque Ele está preocupado com o seu bem-estar. Ele quer que o homem desenvolva uma conexão com Ele e, para que aquela conexão seja internalizada na compreensão do homem, então a sabedoria

Divina se torna parte de sua composição. E, com esta intenção, Ele revestiu a Torá com uma estrutura intelectual.

Esta dimensão intelectual é, entretanto, meramente uma extensão da Torá. A essência da Torá permanece Divindade transcendental e não pode ser contida dentro de quaisquer limites, mesmo os limites do intelecto. Para se relacionar a esta essência, o homem deve se aproximar da Torá com um compromisso que transcende a sabedoria ou a lógica.

Para enfatizar esta dimensão, foi necessário que pelo menos uma parte da Torá permanecesse inteiramente acima da compreensão intelectual. Esta é a passagem que descreve as leis da Vaca Vermelha. Essas leis, que transcendem nosso entendimento, nos ajudam a entender que toda a Torá, em sua essência, também está além de nossa compreensão. Isto, por sua vez, aumenta nossa sensibilidade ao seu núcleo interior Divino.

Tivesse sido toda a Torá revestida pela razão, o homem seria motivado a confiar em seu próprio entendimento e teria dificuldade em se elevar a um desafio que requer mesirus nefesh, auto-sacrifício.

De fato, limitar nosso comprometimento espiritual à esfera intelectual, encorajaria a inclinação natural e material do homem. Haveria uma tendência de seguirmos nossos desejos e de racionalizarmos nossa conduta, mesmo quando eles estivessem faltando⁸. Sem assumir um compromisso ilimitado com a Torá, o homem não seria capaz de se relacionar à sua ilimitada verdade.

As leis da Vaca Vermelha, entretanto, nos enchem com uma consciência da natureza ilimitada da Torá, incentivando-nos a nos devotarmos inteiramente à Torá, tanto à sua observância, quando ao seu estudo⁹. Tornar-se consciente da natureza Divina interior da Torá desperta a natureza Divina interior de nossas almas, permitindo-nos desenvolver uma ligação mais completa com Ele.

Para ressaltar a especial contribuição representada pelas leis da Vaca Vermelha, a Torá se refere a elas como chukas haTorah ("o decreto da Torá")¹⁰, em vez de chukas haporah ("o decreto da Vaca [Vermelha]")¹¹. O uso da primeira expressão enfatiza que nossa conexão com toda a Torá depende de um comprometimento que transcende o intelecto.

Um Ego Abnegado

Esta resposta, entretanto, leva a uma outra questão. Se considerar as leis da Vaca Vermelha como um chok é essencial à nossa abordagem da Torá, por quê D'us revelou sua lógica a Moisés? De acordo com o raciocínio acima, isto diminuiria o comprometimento do Moisés.

Para resolver este enigma, nós devemos concluir que a explicação para chok não foi dada de uma forma que pudesse ser alcançada pelo intelecto de Moisés. Em vez disto, a vontade essencial de D'us foi revelada dentro do pensamento de Moisés. Aquilo que não pode ser entendido se torna, assim, a pedra fundamental de seus poderes intelectuais.

Explicando: Moisés representava a personificação de chochmá, geralmente traduzida como "sabedoria". Mas, existe uma diferença entre chochmá e nosso conceito comum de sabedoria.

.....
Toda conceitualização é composta de dois elementos: a) a própria ideia, e b) o processo de abrimos a nós mesmos para aquela ideia, progredindo para além da nossa forma prévia de pensamento. chochmá está relacionada ao segundo elemento e, assim, é identificada com bittul, existência abnegada¹². Este bittul faz da chochmá um recipiente apropriado para o Ein Sof, o infinito de D'us¹³. E este processo espiritual de fazer o Ein Sof repousar dentro da chochmá é o que aconteceu quando D'us tornou conhecido por Moisés o raciocínio para as leis da Vaca Vermelha.

Por este motivo, conhecer o raciocínio não afastou do comprometimento de Moisés. Diferentemente de outros mortais, Moisés não tinha uma auto-imagem separada, individual; ele viu a si mesmo somente como um meio de expressão da Verdade de D'us. Mesirus nefesh foi a essência de sua natureza e, por isso, nunca podia ser diminuída.

Na Era da Redenção, o Mashiach oferecerá a décima Vaca Vermelha, purificando primeiro os sacerdotes e, através deles, toda nação¹⁴. E, então, nós prosseguiremos em nosso serviço Divino para a época quando a purificação do contato com os mortos, possibilitada pela cerimônia da Vaca Vermelha, não mais será necessária. Pois “Ele engolirá a morte por toda a eternidade” e a Divindade, a fonte de toda a vida, será abertamente revelada durante toda a existência.

NOTAS

1. I Reis 5:11.

2. Eclesiastes 7:23.

3. Loc. cit.:6; Midrash Tanchuma, seção. 8.

4. Além disso, nós encontramos que pilpulei d'oraisa, o processo do raciocínio didático pelo qual a Lei Oral é explicada, também foi dada a Moisés como um presente de D'us. Neste caso, entretanto, Moisés ensinou este método a todo o Povo Judeu (Nedarim 38a). O fato de que ele não ensinou A lógica da Vaca Vermelha indica, assim, que ele não era não era capaz, já que isto representa um nível intelectual inacessível aos outros.

5. Koheles Rabbah 8:1 (5).

6. Zohar I, p. 24a; Tanya, cap. 4

7. Ver o comentário do Rambam (Shemot 19:2) que fala sobre a possibilidade de ser “um degenerado com uma licença da Torá”.

8. Ver o ensaio anterior, intitulado “Real Growth”, que explica como a apreciação de Bechukosai da dimensão de chukim na Torá nos inspira a “nos ocuparmos do estudo da Torá”, para aplicarmos a nós mesmos de forma árdua, além dos nossos limites comuns.

9. Bamidbar 19:2.

10. Em referência às leis do sacrifício de Pessach, por exemplo, está escrito (Shemot 12:43): “Esta é chukas haPesach (o decreto do sacrifício de Pessach)”.

11. Ver Tanya, cap. 3.

12. Tanya, cap. 35.

13. Rambam, Mishneh Torah, Hilchos Parah, conclusão do cap. 3..

14.

14. Yeshayahu 25:8.

Bater na Pedra Era Tão Importante?

Por Mendel Kalmenson

Uma questão de percepção

O Professor Herman Branover é um físico russo-israelense e educador judaico, conhecido na comunidade científica como pioneiro no campo de magneto-hidrodinâmica. No decorrer dos anos, Branover traduziu para o russo algumas das obras fundamentais do Judaísmo. À certa altura de sua extensa carreira ele decidiu traduzir uma clássica introdução ao Judaísmo do afamado romancista Herman Wouk, intitulada “Este é o Meu D'us”.

Antes de fazê-lo, ele teve oportunidade de visitar o Rebe para uma audiência privada. Um dos assuntos que ele abordou foi seu plano de traduzir o livro para o russo. Ele mostrou ao Rebe uma cópia em inglês do livro, cuja capa é assim:

ESTE É MEU

D'US

HERMAN

WOUK

O Rebe engasgou e disse: “Este é meu D'us, Herman Wouk?” Então continuou seriamente: “Com permissão do Sr. Wouk, eu encorajaria você a mudar o título. Há uma possibilidade, embora remota, de que um judeu russo ignorante sobre religião possa confundir o autor pelo tema do livro.”¹

Acesso Negado

Não é confortável ver uma querida figura de autoridade implorando algo. É ainda mais difícil testemunhar sua rejeição. Porém, é o que presenciamos no final dos Cinco Livros de Moshê, quando ele implora a D'us para que lhe permita entrar na Terra Santa e seu pedido é negado.

A desolação de Moshê ao ouvir seu destino está bem documentada no Midrash.²

A pergunta tem sido feita mil vezes. Por que é negado a Moshê entrar na Terra Santa? Por que D'us rejeita o único pedido pessoal de Moshê a ser registrado na Bíblia?³

Com devoção, ele levou os israelitas durante seu acidentado passeio de montanha-russa até a nacionalidade. Ele passou o inferno com eles, do Egito ao Sinai, e mesmo assim ele estaria ali para testemunhar o triunfo deles ao chegar no fim da estrada.

Entre Uma Pedra e um Precipício

.....
Um apanhado da história relatada na Parashá Chucat:

Após viajar durante quarenta anos pelo deserto, o povo de Israel chegou a Kadesh no Deserto de Zin, na fronteira da Terra Santa. Lá chegando, o povo descobriu que não havia água em Kadesh, e reclamaram a Moshê: “Se pelo menos tivéssemos morrido,” disseram eles, “quando nossos irmãos morreram diante de D'us! Por que você trouxe a congregação de D'us a este deserto, para morrer aqui, nós e nosso rebanho? Por que nos tirou do Egito – para trazer-nos a este lugar cruel?”

Moshê clamou a D'us, que o instruiu a “pegue o cajado, reúna o povo, você e seu irmão Aharon. Vocês devem falar com a pedra diante dos olhos deles, e ela lhes dará água.” Quando todos estavam reunidos na frente da pedra, Moshê dirigiu-se a eles: “Escutem, seus revoltosos! Traremos água para vocês a partir dessa pedra.” Moshê ergueu a mão e bateu duas vezes na pedra com seu cajado. A água jorrou, e o povo e o rebanho beberam.

Então D'us disse a Moshê e Aharon: “Como vocês não acreditaram em Mim, para santificar-Me perante os olhos dos Filhos de Israel, vocês não levarão esta congregação até a terra que Eu dei a eles.”

Esses são os fatos apresentados. Sua interpretação é menos objetiva. Qual foi exatamente o crime de Moshê? Por que D'us foi tão severo com Seu leal servo por cometer o que parece ser uma pequena ofensa?

Os comentários oferecem várias respostas. Vamos ver uma delas. Nachmânides⁴ explica que Moshê errou ao dizer para o povo: “Traremos água para vocês a partir dessa pedra.” palavras que parecem sugerir que extrair água de uma rocha é algo que Moshê faz, e não D'us.

Ora, obviamente, isso não é o que Moshê acreditava – afinal, ele era o mais leal servo de D'us, e o maior profeta que já viveu. Mas isso não significa que seus ouvintes não entenderiam mal suas palavras.

Eis o que aconteceu com Moshê. Ele possuía duas qualidades que quando reunidas produziam um efeito colateral que atrapalhava. Ele era um homem de verdade inequívoca e, paradoxalmente, via os habitantes do mundo sob um lugar ideal – como deveriam ser, mas não necessariamente como eram. Assim, às vezes ele tinha dificuldade para entender e antecipar as fraquezas e limitações humanas.

Por exemplo, nesse caso ele simplesmente não imaginou a possibilidade de que suas palavras pudessem ser entendidas como uma declaração de que ele agia independentemente de D'us.

Além disso, por causa da sua suprema integridade, ele se preocupava mais sobre o que precisava ser dito do que como suas palavras pudessem ser recebidas. Sob a perspectiva de Moshê, no momento em que um líder começa a pensar sobre como suas palavras são recebidas pelas pessoas que ele lidera, ele estreita a lacuna entre seu processo de pensamento e o delas, e ao fazê-lo ele comprometeu aquilo que o torna merecedor da liderança – ou seja, a capacidade de ver as coisas sob um local mais elevado e mais objetivo que o homem comum.

[Num certo sentido, então, Aharon foi o maior complemento e ponto de equilíbrio de Moshê. Antes de mais nada, ele entendia a fraqueza humana, e trabalhava para ajudar as pessoas no seu atual estado de imperfeição. Em segundo lugar, e talvez por causa disso, ele incorporava o atributo da paz, que com frequência somente é atingido com o comprometimento.]

Entender a natureza da perspectiva purista de Moshê, e sua inocência comprovada sobre os riscos da percepção, esclarece a decisão de D'us de impedir Moshê de levar o povo até a Terra Prometida.

Uma Mudança de Perspectiva

O misticismo judaico vê a jornada do Sinai a Canaã não apenas como uma mudança de cenário, mas como uma mudança de missão e mentalidade.

O estilo de vida dos israelitas no deserto era de natureza espiritual. Seu objetivo era fortalecer a vitalidade espiritual e a constituição dessa nação nascente, encarregada de ser uma luz entre as nações. Todas as suas necessidades físicas eram providas por D'us, para liberá-los de distrações do estudo e prece. Poderia haver um estado de existência mais idílico que esse?

Canaã, porém, seria diferente. Haveria necessidade de lutar guerras, trabalhar a terra e engajar-se no comércio. A festa estaria terminada.

Os israelitas entrariam no “mundo real” em toda a sua feiúra. Portanto, precisavam de um líder que tivesse intimidade com um mundo cheio de defeitos, que conseguisse avaliar as fragilidades da natureza humana. Essa perspectiva lhe permitiria lidar com um povo imperfeito a ponto de enfrentar desafios maiores que nunca, e isso o ajudaria a auxiliar a transição de seu povo para uma nova realidade e um novo papel.

Talvez, então, pudéssemos ver a escolha de palavras de Moshê em Kadesh – seu uso de “nós” em vez de “Ele” – menos como um pecado contra D'us e mais como um indicador de que, devido à sua falta de conhecimento do processo de pensamento do seu povo, não era ele quem deveria liderar o povo para a próxima fase de seu destino.

Em vez de considerar a exclusão de Moshê da Terra como um castigo severo, deveríamos vê-lo como a conclusão lógica que resultou da sua abordagem à liderança.

No deserto, Moshê se deu ao luxo de tentar transformar a maneira de pensar do povo na sua própria; mas em Canaã, onde eles seriam dominados pelos desafios do materialismo, quem quer que os liderasse precisaria aprender intimamente seu processo de pensamento, se quisesse guiá-los efetivamente.

O que há nisso para mim?

Em uma ou outra capacidade, somos todos líderes e comunicadores, influenciando outros pelas nossas palavras e ações, Diz o ditado “Percepção é realidade”. Em outras palavras, na maioria das vezes não é aquilo que dizemos ou fazemos que causa impacto nos outros, mas a maneira de nossas palavras e ações serem entendidas pela nossa plateia.

.....
Não basta dizer coisas boas; devemos dizer as coisas certas, ou assegurar que dizemos as coisas boas da maneira certa. No mundo real, aquilo que queremos dizer ou fazer é irrelevante. Podemos ignorar o fato, ou adotá-lo. Podemos subir ao desafio da comunicação, ou desprezar nossa responsabilidade porque ela exige raciocínio e esforço extras.

NOTAS

1. Com a permissão do Sr. Wouk, e baseado em sua sugestão, o título do livro foi mudado para “Lembra do Teu Avô”.
2. Veja Midrash Rabá, Tanchuma, e Yalkut Shimoni ad loc.
3. Devarim 3:23.
4. Ad loc.

Acima da Lógica

Com Permissão do Yachad

Entre os Chukim, mandamentos que não possuem explicação racional, o mais intrigante é o da Vaca Vermelha. Nem mesmo o Rei Salomão, o mais sábio dos homens, podia captar o raciocínio por trás do mandamento da Vaca Vermelha, que purificava os impuros ao mesmo tempo que tornava os puros impuros.

Até os assuntos que estão ao alcance do intelecto humano são, de fato, supra-rationais. Afinal, a Torá é a sabedoria Divina. Do mesmo modo que nenhuma criatura pode compreender o Criador, é impossível para qualquer ser criado entender Sua sabedoria.

O conhecimento deste assunto é básico para o serviço espiritual de Torá e Mitsvot. O cumprimento de todas as Mitsvot, tanto racionais quanto supra-rationais, precisa ser motivado por Cabalat Ol, aceitar sobre si o jugo dos Céus e cumprir as Mitsvot porque D'us assim decretou. Isto está refletido no texto da bênção redigida para todas as Mitsvot – “...e Ele nos ordenou”. O mesmo é verdadeiro quanto ao estudo de Torá.

Por isso a explicação lógica para o Mandamento da Vaca Vermelha permaneceu oculta até mesmo do Rei Salomão; era preciso que ao menos um Mandamento da Torá permanecesse no estado de Chuká, indicando assim que o restante da Torá e Mitsvot eram semelhantes na essência – também eram Chukim.

Mais ainda, se todos os assuntos de Torá tivessem descido para um nível racional, seria impossível cumprir Mitsvot com a sensação de assim estar agindo simplesmente porque expressam a Vontade do Criador. E visto que realizar as mitsvot se limitaria a compreensão racional, seria inviável para um iehudi alcançar o nível de Messirut Nefesh, auto-sacrifício total por D'us, um grau que desafia e transcende as limitações do intelecto.

O trecho denominado Chukat começa apresentando as leis para a purificação de uma pessoa que ficou ritualmente impura por causa do contato com um cadáver. Essa impureza é chamada de Tum'at Met.

O Midrash conta o seguinte fato relacionado a isso: Quando Moshê soube do grau de impureza de tumá tamet, perguntou a D'us: “Se a pessoa fica tão impura, como vai alcançar a purificação?” Mesmo após D'us haver-lhe respondido, “tomarão

para o impuro oferenda das cinzas queimada de expiação..., Moshê ainda não estava inteiramente satisfeito e perguntou a D'us: “Isto realmente é purificação?”

Por que Moshê ficou tão aflito com a dificuldade de lograr a purificação de Tum'at Met? Sabe-se que há diversos tipos de impurezas, tais como Tum'at Zav e Tum'at Metsorá que, em muitos aspectos, são até mais severas que tumá tamet. Por que Moshê achou que obter essa purificação específica seria tão difícil?

Todas as outras impurezas rituais do iehudi relacionam-se com um corpo vivo. Mesmo impuro, ainda abriga uma alma que é “realmente uma partícula de Hashem”. Como a capacidade de D'us é ilimitada, logo dá para entender que a alma pode retificar a impureza, de modo que a pessoa acabará se purificando (por ex., por meio de imersão em um micvê).

Contudo, este não é o caso de Tum'at Met, em que a própria impureza é oriunda do fato do corpo – havendo se apartado da alma - ter cessado de viver; um corpo separado da alma não passa de um objeto inanimado.

Portanto, Moshê ficou perplexo: “Como é possível”, pensou, “a purificação de impureza tão grave?” D'us o tranquilizou, dizendo: “Estas são as leis da Torá”: a influência da Torá e das Mitsvot é tão poderosa que pode realizar a purificação, mesmo após a alma haver se desligado do corpo.

Num nível mais profundo e esotérico: o aspecto espiritual da impureza diz respeito a uma imperfeição no relacionamento de um judeu com D'us. Os judeus são considerados “vivos” como resultado de sua adesão a Ele. Quando um iehudi peca, este elo com D'us é enfraquecido; fica, portanto, menos “vivo” e torna-se impuro. O grau de impureza aumenta na razão inversa de seu relacionamento com D'us.

Mesmo havendo brecha séria no relacionamento com D'us, o que torna a impureza muito grave, desde que a conexão não seja rompida, o iehudi conserva sua capacidade inata de purificar-se novamente, ao fortalecer seu compromisso com D'us, Sua Torá e Mitsvot. Porém, quando um judeu transgredir tão gravemente a ponto de causar a ruptura de sua ligação com D'us, provoca a impureza de Tum'at Met.

Moshê ficou confuso quanto ao modo de purificação de impureza tão grave. Não conseguia entender como seria possível alcançar a purificação. D'us resolveu essa dificuldade, garantindo-lhe que o relacionamento de um iehudi com D'us nunca é rompido completamente. O vínculo inato de um judeu com D'us e a influência de seu cumprimento anterior de Torá e Mitsvot são tão grandes que até mesmo Tum'at Met é possível de retificação.

Baseado nas Sichot do Rebe

Águas da Discórdia

Por Yanki Tauber

O Preço da Liderança

Uma das passagens mais intrigantes da Torá é aquela da história das “Águas da Discórdia”, após a qual D'us decretou que Moshê morreria no deserto e não entraria na Terra de Israel.

.....
Uma centena de gerações de eruditos de Torá, começando com o próprio Moshê e continuando com os sábios do Midrash, os comentaristas bíblicos e os mestres chassídicos, se debatem com este capítulo enigmático. Neste momento, alguém está escrevendo uma "Porção da Parashá" que busca uma explicação do evento, ou pelo menos uma lição derivada dele.

Mas primeiro vamos aos fatos (conforme relatado em Bamidbar 20:1-13).

Após viajar durante quarenta anos no deserto, o povo de Israel chega em Cadesh no Deserto de Tsin, na fronteira da Terra Santa. Não existe água, e o povo tem sede, e como eles costumavam fazer em tais circunstâncias, reclamaram a Moshê.

Não é uma visão agradável. "Se pelo menos tivéssemos morrido" - vociferaram eles - "quando nossos irmãos morreram perante D'us! Mas tu trouxeste a congregação de D'us a este deserto, para morrer aqui, nós e nossos rebanhos? Por que nos tiraste do Egito - para trazer-nos a este lugar cruel...?"

Moshê clamou a D'us, que o instruiu a "pegar o cajado e reunir o povo, tu e teu irmão Aharon. Fala com a pedra perante o povo, e ela dará água." Quando todos estão reunidos perante "a pedra," Moshê dirige-se ao povo: "Ouçam, seus rebeldes! Tiraremos água dessa pedra para vocês?" Moshê ergue a mão e golpeia duas vezes a pedra com o bastão. A água brota, e o povo e seu rebanho saciam a sede.

Em consequência disso, D'us diz a Moshê e Aharon: "Como não acreditaram em Mim, para santificar-Me perante os olhos dos Filhos de Israel; portanto, não levareis esta congregação até a terra que Eu dei a eles."

O que Moshê fez de errado? Qual foi o pecado que acarretou um castigo tão devastador?

Os comentaristas esquadriham o texto em busca de pistas. Rashi (Rabi Shlomo Yitschaki, 1040-1105) diz que D'us instruiu Moshê a falar com a pedra, ao passo que Moshê a golpeou. Assim, ele deixou de "santificar-Me perante os olhos dos Filhos de Israel" (extraindo água com palavras teria sido um milagre mais notável).

Maimônides (Rabi Moshê ben Maimon, 1135-1204) tem uma explicação diferente: A falha de Moshê foi porque ele ficou irado e falou duramente ao povo com essas palavras: ("Escutem, seus criadores de caso!").

(O mestre chassídico Rabi Levi Yitschac de Berditchev (1740-1810) tem uma opinião interessante sobre isso: As explicações de Rashi e Maimônides, diz o Berditchever, são dois lados da mesma moeda. Um tsadic não somente é o mestre de seu povo como também o mestre de seu ambiente.

Estes dois papéis estão entrelaçados, sendo que o último deriva do primeiro. Se o relacionamento de um líder com seu povo é harmonioso e repleto de carinho, então o mundo físico, também, de boa vontade libera seus recursos para o favorecimento de seus objetivos. Porém se sua influência é conseguida por intermédio de palavras duras e de admoestação, então ele achará necessário lutar contra a natureza a cada vez e impor sua vontade pela força no mundo físico.)

Nachmânides (Rabi Moshê ben Nachman, 1194-1270) encontra dificuldade nas duas explicações. Se Moshê não deveria golpear a rocha - argumenta ele - por que D'us diz a ele para levar o cajado junto? A Torá repete este fato, enfatizando ainda que "Moshê pegou o cajado na presença de D'us, como Ele lhe tinha ordenado."

À luz das instruções de D'us a Moshê numa ocasião anterior de extrair água de uma pedra golpeando-a (veja Shemot 17:6), não era razoável para Moshê presumir que o cajado servisse para uma função similar neste caso? (A menos que D'us o estivesse colocando numa situação sem saída - mas examinaremos este ponto mais tarde.) Quanto à explicação de Maimônides, houve outros exemplos nos quais a Torá nos diz (mais explicitamente que neste caso) que Moshê ficou irado, e por menos justificativa aparente. Se nenhum castigo foi decretado naqueles casos, por que agora?

Nachmânides oferece sua explicação: Moshê errou quando disse ao povo: "Tiraremos água dessa pedra para vocês?" - palavras que podem ser vistas como implicando que extrair água da rocha é algo que Moshê faz, ao invés de D'us.

No momento em que um líder assume uma identidade sua e suas realizações são pessoalmente atribuídas a ele - no momento em que chega a incorporar qualquer outra coisa que não a identidade coletiva de seu povo e seu relacionamento com D'us - falhou em seu papel. (Nachmânides encontra apoio para esta explicação nas palavras iniciais de D'us a Moshê: "Porque não acreditaste em Mim..." - sugerindo que esta foi uma falha de fé, ao invés de um lapso de obediência ou uma rendição à ira.)

Porém há um denominador comum nestas e nas outras numerosas explicações oferecidas pelos comentaristas: a implicação de que, seja qual for o problema, esse não era realmente o problema. Basicamente, D'us está acusando Moshê de uma falha técnica. Em seus argumentos com D'us, Moshê sente isso, na verdade dizendo a D'us: "Tu me colocaste numa situação sem saída!"

O texto apóia sua reclamação. Quarenta anos antes, ocorrera o incidente dos "espiões", no qual a geração que saiu do Egito e recebeu a Torá no Sinai revelou-se como não estando disposta e incapaz de progredir até o próximo estágio do plano de D'us - entrar e tomar posse da Terra Santa.

Naquele tempo, relata a Torá, D'us decretou que toda a geração (todos os homens acima de 20 anos) morreriam no deserto. Com a única exceção de dois homens. "Exceto Calêv, o filho de Yefune e Yehoshua, o filho de Nun" (os dois espiões que resistiram à trama de seus dez colegas - Bamidbar 14:30).

Moshê, que ansiava entrar na Terra Santa com cada fibra de seu ser, não foi culpado do pecado dos espiões, portanto algum outro pretexto precisava ser encontrado. Como "com os justos, D'us é metucioso até um fio de cabelo," não era impossível achar um pretexto. Porém D'us já determinara quarenta anos antes que toda a geração - Moshê e Aharon incluídos - não entrariam na terra. "Esta é uma trama que planejaste contra mim," o Midrash cita Moshê dizendo ao Todo Poderoso.

De fato, por quê? Se Moshê era inocente do pecado de sua geração, por que foi decretado que deveria partilhar de seu

.....
destino? Há um pungente Midrash que oferece a seguinte parábola:

Um pastor recebeu o rebanho do rei para alimentar e cuidar, e o rebanho se perdeu. Quando o pastor procurou entrar no palácio real, o rei não permitiu. "Quando o rebanho que lhe foi confiado for recuperado, você será admitido."

O plano original era que os 600.000 que Moshê tirou do Egito entrassem na terra. Mas aquela geração permaneceu no deserto. És o líder, disse D'us a Moshê. O destino deles é teu destino.

Esta mensagem está implícita nas palavras de D'us a Moshê logo após este golpear a pedra: "... portanto, não levarás esta congregação até a terra que Eu dei a eles." Disso o Midrash deriva: "esta congregação" não levarás; aquela congregação levarás. "Esta congregação" - a geração que Moshê enfrentou perante a rocha - não era a geração de Moshê. Sua geração fora sepultada no deserto.

Quando eles entrarem na Terra, D'us está dizendo a Moshê - e eles entrarão, quando a Redenção Final redimir todas as gerações da história - tu os levará até lá.

Vaca Vermelha

Qual é a sua importância?

Pergunta:

O que é a Vaca Vermelha e qual é seu significado?

Resposta:

A "vaca vermelha" (Pará Adumá) era um dos elementos essenciais de purificação no Templo Sagrado. Este animal é extremamente raro. Todos seus pelos devem ser vermelhos, sem exceção, e não pode ter carregado um fardo nenhuma vez em sua vida. Quando uma vaca como esta era encontrada, era sacrificada próximo ao Templo, e suas cinzas, misturadas em água e outros ingredientes, eram usadas para purificar pessoas que ficaram ritualmente impuras.

Aquele sobre o qual a água era jogada ficava puro, porém aquele que jogava a água ficava impuro, e teria que passar por um processo de purificação. A mitsvá da "vaca vermelha" encontra-se na categoria de "chukim - dogmas", ou seja, as leis que não somos capazes de entender.

Existem preceitos que cumpriríamos de qualquer maneira por serem básicas da civilização humana, ou outras que não cumpriríamos sozinhos, mas somos capazes de entender um pouquinho de seu imenso significado.

Porém, a "vaca vermelha" está além de nossa capacidade de compreensão, e a cumprimos por ser a Palavra Divina, que com certeza tem um significado muito especial.

40 - Parashat Balac

Números 22:2-25:9

Os Moabitas Escolhem Balac como Líder

Quando os judeus chegaram às imediações de Moav, os residentes locais tremeram.

O rei de Moav ouvira a notícia de que os judeus derrotaram as nações que não lhes deram passagem, vencendo os poderosos gigantes Sichon e Og.

Moav também negara permissão para os judeus passarem por suas terras, e era uma nação ainda menor que aquelas já conquistadas pelos judeus.

Apesar deles saberem que a chegada do povo judeu não representava perigo a suas vidas (pois ouviram que D'us proibira Moshê de travar guerra contra Moav), ainda assim, os moabitas apavoravam-se que sua terra fosse saqueada. Também temiam que o povo judeu exterminasse todos os vizinhos a sua volta.

Sobretudo, os moabitas portavam o antigo ódio contra o povo judeu.

O que podiam fazer frente a esse "perigo"? Primeiro, fizeram as pazes com seus vizinhos midyanitas, fazendo uma coalizão para lutar contra os judeus. Depois, elegeram um novo rei, Tsur, que era uma pessoa sábia e forte.

Uma vez que Tsur não era de estirpe real, porém um mero nobre, tampouco um moabita nativo, mas um midyanita, não seria elegível para o cargo em tempos normais. Agora, no entanto, sua reputação como poderoso herói de guerra e um mágico superior compeliram sua escolha. Eleito, seu nome passou a ser Balac, e sua tarefa, encontrar uma maneira de vencer os judeus.

Apesar dos moabitas esperarem que organizasse um exército para guerrear, Balac anunciou: "Não faz sentido lutar contra os judeus, porque perderemos. Suas vitórias são extraordinárias! Enquanto lutavam contra Sichon, seu líder conseguiu deter o sol em sua trajetória. Descubramos onde reside seu poder secreto!"

Os moabitas sabiam que Moshê passara anos em Midyan, na casa de Yitrô. Enviaram mensageiros aos sábios de Midyan, indagando: "Revelem-nos como os inimigos podem vencer os judeus. Moshê viveu muitos anos aqui, talvez vocês conheçam o segredo de seu sucesso."

Os sábios responderam: "De fato, Moshê foi nutrido em nosso seio. Um midyanita convidou-o a sua casa, concedeu-lhe a filha em casamento e proveu-lhe dinheiro. Depois de deixar a casa de seu sogro, Moshê destruiu a nação do Egito inteira! Os judeus não precisam de armas ou de um grande exército.

Seu poder está em sua palavra. Simplesmente, Moshê pronuncia o Nome de D'us, e seus inimigos morrem. Os judeus vencem as guerras porque oram pela vitória."

"Combata os judeus exatamente com o mesmo método. Nosso conselho é que convoque Bilam, cujo poder da fala iguala-se ao de Moshê."

Os poderes mágicos de Bilam

A fama de Bilam como profundo filósofo e intérprete profissional de sonhos era internacional. Mais tarde, também se tornaria conhecido como mágico de poderosos efeitos. Reis de perto e de

.....
longe pagavam-lhe somas fabulosas para pronunciar maldições sobre seus adversários, ou outorgar-lhes bênçãos de sucesso.

Balac estava pessoalmente convencido do poder de Bilam, por que há anos Bilam profetizara que Balac tornar-se-ia rei, e agora, as palavras de Bilam tornaram-se realidade.

Além disso, desde que o rei Balac era melhor mágico que todos os habitantes de Moav (que eram todos proficientes nesta arte), ele, mais que qualquer outro, apreciava o domínio de Bilam sobre as forças da impureza.

Balac escolhera convidar Bilam para amaldiçoar os judeus, pois acreditava que estes estavam sujeitos às forças naturais (mazal), como todas as outras nações. (Não se dava conta de que os judeus estão sob a Providência direta de D'us.)

Se o próprio Balac era feiticeiro, por que precisava de Bilam?

De fato, a perícia de um completava a do outro. Balac era instruído em assuntos práticos; por exemplo, podia determinar exatamente onde alguém deveria postar-se para amaldiçoar efetivamente. Bilam possuía as chaves interiores, as palavras apropriadas com as quais amaldiçoar.

A quem os dois podem ser relacionados?

Um (Bilam) era como um cirurgião que podia manejar o bisturi, mas não estava familiarizado com as partes do corpo. O outro (Balac) era como um anatomista que consegue identificar o órgão doente, porém não pode realizar a cirurgia. Juntos, poderiam empreender uma operação.

Similarmente, Bilam sabia a hora exata em que uma maldição pode ser efetiva, e Balac sabia o local de onde deveria ser pronunciada.

O Talmud relata que, todos os dias, há um momento em que D'us fica irado. Isto significa que é justamente nesta hora que Ele julga os pecadores. Evidentemente, aquele que é culpado de transgressão, fica mais vulnerável nesta hora. Bilam tinha o dom de saber exatamente quando ocorriam estes momentos. Uma maldição proferida nestes instantes poderia expor sua vítima ao julgamento Divino.

Balac concluiu: "Que eu convoque Bilam! Juntos, sobrepujaremos o povo judeu."

A magia pode prejudicar um judeu? O Talmud nos conta a seguinte história:

Certa vez, uma bruxa queria matar Rabi Chaniná com magia. Para que a magia surtisse efeito, ela precisava pegar o pó de sob os pés de Rabi Chaniná.

Sem medo algum, Rabi Chaniná disse: "Pegue o pó e comprove! A magia não fará efeito. Sei que 'Não há outro, só D'us!'" Uma vez que Rabi Chaniná tinha plena certeza de que a magia não podia mudar o que D'us ordena, a feiticeira foi incapaz de prejudicá-lo.

Balac Envia Mensageiros a Bilam

Balac requisitou que os homens sábios de Midyan se unissem à delegação que estava enviando a Bilam.

Os midyanitas consentiram, e apesar de estarem em guerra com Moav, os dois antigos inimigos aliaram-se por causa de seu ódio comum aos judeus.

Temendo que Bilam se esquivasse por não ter seus instrumentos de magia à mão, os delegados levaram consigo um jogo, para esse caso.

Chegaram na cidade natal de Bilam, a cidade de Petor em Aram Naharayim, e disseram a Bilam em nome de Balac: "Uma nação de 600.000 homens escapou do Egito.

Você, Bilam, não nos garantiu que enfeitiçou todas as fronteiras do Egito, para que os judeus jamais pudessem sair? Bem, eles o fizeram, apesar de jamais haverem tido seu próprio rei ou terra, mataram os poderosos gigantes Sichon e Og.

"Não responda que nada disso é de nossa conta, pois os judeus estão agora às nossas fronteiras!"

"Nunca vi um povo mais estranho! Não podemos vê-los, pois estão ocultos pelas Nuvens de Glória, enquanto nos observam. Eu, Balac, requisito que venha ao meu auxílio. Esta nação batalha com palavras. Você também possui o poder das palavras. Se vier e amaldiçoar esse povo, nós os demoliremos.

"Recompensar-lhe-ei generosamente por seus serviços. Se vier conosco, será um convidado de honra numa grande festa em sua homenagem."

Geralmente, Bilam demonstrava pouco interesse nos destinatários de suas bênçãos e maldições. Era um profissional que trabalhava pelo dinheiro. De fato, contanto que o trabalho fosse lucrativo, amaldiçoaria alguém que abençoara anteriormente, e vice-versa.

Não obstante, a oferta de Balac despertou forte interesse pessoal por parte de Bilam. Não desejava nada além de prejudicar os judeus.

Bilam era neto de Lavan, sogro do patriarca Yaacov. Acreditava na calúnia dos filhos de Lavan: "Yaacov roubou e despojou nosso pai de todas as suas posses." Bilam, portanto, odiava os descendentes de Yaacov com todo seu coração. Enquanto servia como conselheiro do Faraó no Egito, Bilam aconselhou o rei egípcio a banhar-se no sangue das crianças judias. Também instigou o Faraó a lançar os meninos judeus recém-nascidos ao Nilo. Bilam era especialmente hostil a Moshê, uma vez que sentia que sua própria sabedoria igualava-se a de Moshê.

Bilam respondeu: "Fiquem aqui esta noite. Preparar-me-ei para receber uma profecia de D'us, que me dirá o que fazer."

Os mensageiros surpreenderam-se, porque Bilam não concordou imediatamente.

Os representantes de Midyan, ao contrário dos moabitas, não queriam esperar. Por quê? Os midyanitas eram sábios, e ao ouvir que Bilam precisava da autorização de D'us pensaram: "Nossa causa já está perdida. Se Bilam precisa da permissão de D'us para maldizer os judeus, devemos ir embora, pois os judeus são como os filhos de D'us; e que pai permite que alguém amaldiçoe seus filhos?"

D'us Fala com Bilam

.....
À noite, D'us apareceu a Bilam e falou com ele.

Em honra aos judeus, Bilam recebeu uma profecia, mesmo sendo um perverso. Geralmente, Bilam percebia D'us através de seus poderes de feitiçaria. Agora, pela primeira vez, D'us concedeu-lhe uma visão profética através do espírito sagrado de profecia.

Apesar do impuro Balac não ser merecedor de elevação, D'us concedeu-lhe uma visão profética em honra aos judeus. Às vezes, D'us revela-se aos perversos por causa dos tsadikim. Assim, Ele falou a Lavan num sonho profético em prol de Yaacov; e ao rei filisteu Avimélech pelo mérito de Avraham.

Mesmo assim, D'us não falou com Bilam da mesma forma como falava com os profetas judeus.

Mandou uma nuvem que O separava de Bilam, que não podia ver o esplendor da Shechiná (Presença Divina).

D'us perguntou a Bilam: "Quem são esses (perversos) homens que estão com você?"

Esta pergunta era um teste para Bilam, que deveria ter respondido: "Mestre do Universo, Você é Onisciente; Você não precisa me perguntar quem são."

Porém, fervia de desejo de amaldiçoar os judeus, Bilam interpretou mal a pergunta de D'us, como uma indicação de que Ele não está sempre consciente do que acontece nesta terra.

"Nesses momentos," pensou, "minhas maldições podem realizar-se."

Respondeu arrogantemente: "Balac filho de Tsipor, rei de Moav, enviou-os a mim para pedir-me que amaldiçoe os judeus. (Veja como até mesmo os reis procuram minha ajuda!)"

D'us desorientou Bilam propositadamente, colocando-lhe uma pergunta ambígua como punição, por Bilam ter desviado sua geração.

Bilam, entre outros males, inovou antros de apostas e casas de prostituição.

Antes da época de Bilam, as nações gentias mantinham oficialmente um certo padrão de decência, reconhecendo que imoralidade fora uma das razões para que o Dilúvio destruísse o mundo.

Bilam, ele próprio entregando-se as mais baixas formas da lascívia, ensinou à humanidade como indulgir na imoralidade.

Na noite em que os sábios de Moav hospedaram-se em sua casa, apresentou-os à suas práticas imorais.

Assim sendo, D'us retribuiu a Bilam desencaminhando-o.

D'us replicou a indagação de Bilam: "Você não deve ir com esses homens!"

O ardiloso Bilam pensou: "Talvez Ele não queira perturbar-me, um justo, a viajar para um país distante." Indagou, esperançoso: "Devo então amaldiçoar os judeus estando aqui?"

"Não," replicou D'us, "você não deve amaldiçoá-los de lugar algum."

Bilam indagou: "Se assim é, deixe-me, em vez disso, abençoar os judeus" (e uma bênção em momento não oportuno equivale a uma maldição).

"Eles não necessitam de sua bênção," respondeu D'us. "São abençoados através de seus patriarcas, e Eu os abençoo diariamente, sancionando a bênção sacerdotal."

Na manhã seguinte, Bilam anunciou: "D'us não me permite ir com vocês". Bilam queria dar a impressão de que D'us havia lhe proibido ir porque era abaixo de sua dignidade acompanhar pessoas de tão pouca importância; ele só podia viajar com ministros ou reis. Ele não admitiu que D'us havia lhe proibido de amaldiçoar os judeus.

Quando Balac ficou sabendo da resposta de Bilam, disse: "Bilam não está satisfeito com minha oferta. Devemos oferecer-lhe mais riquezas e honras!"

O rei Balac escolheu uma nova delegação. Estes eram príncipes de alta estirpe real. Instruiu-os a dizer a Bilam: "Por favor, não se recuse a vir! Balac lhe pagará quantias mais altas pelos seus serviços."

Desta vez, Bilam confessou aos mensageiros: "Não posso transgredir os comandos de D'us, mesmo se Balac oferecesse-me todo o ouro e prata de seus tesouros." De fato, o ladino Bilam estava indicando a exorbitante taxa que exigiria - toda a fortuna de Balac.

"Esta soma não é exagerada," refletiu o ganancioso Bilam. "Muito pelo contrário, sou uma mão de obra barata. Balac contratou-me para aniquilar uma nação inteira. Se não fosse por mim, teria mobilizado e financiado um exército inteiro, o que lhe custaria muito mais que seu tesouro inteiro. Além disso, seu exército poderia não vencer a guerra, enquanto que o êxito de minhas maldições é garantido."

"Pernoitem aqui hoje," disse Bilam aos príncipes moabitas. "Deixem-me ver o que mais D'us me dirá."

Apesar de ter ouvido claramente D'us proibi-lo de amaldiçoar os judeus seu desejo de unir-se a Balac era tão ardente por causa da sua avidez por dinheiro e honra, que fez outra tentativa de obter permissão.

Ao ver a insistência de Bilam, D'us aquiesceu, uma vez que "todo homem é levado pela senda que deseja trilhar."

Uma pessoa deve implorar constantemente a D'us para mostrar-lhe o caminho apropriado a seguir. Não deve presumir que seu caminho atual é necessariamente correto, pois pode jamais descobrir a verdade. Em vez disso, uma pessoa deve buscar esclarecimentos consistentes em todos os assuntos. Se for sincero em seu desejo, receberá ajuda de Cima.

D'us disse: "Perverso, sabe por que Eu quis impedi-lo de unir-se a Balac? Desejei impedir sua morte. Não desejo a morte nem mesmo de um perverso. Se insistir em seguir a trilha da destruição, então vá."

.....
D'us também permitiu a Bilam que vá para que depois não dissesse: "D'us está com medo de minhas maldições. Portanto, Ele não me deixa amaldiçoar Seu povo."

Bilam ficou satisfeito com a resposta de D'us: "Assim como Ele mudou de idéia deixando-me ir," pensou, "Ele ainda **mudará** de idéia sobre eu amaldiçoar os judeus."

Os Estranhos Acontecimentos Durante a Viagem de Bilam

Levado por um fanático ódio aos judeus, naquela manhã Bilam levantou-se mais cedo que de costume. Ele mesmo selou sua mula, apesar deste serviço subserviente ser, em geral, designado a seus servos.

D'us disse: "Perverso, você pensa que sua devoção a sua missão ganhará superioridade para as forças da impureza? Há outro antes de você, o patriarca dos judeus, Avraham, que agiu com avidez similar e devoção a um propósito sagrado. Ao ser ordenado a sacrificar seu filho Yitschac, também ele levantou-se cedo e selou, ele próprio, seu burro; implantando, desta forma, uma dedicação que é mais forte que a sua."

Bilam partiu, acompanhado por dois servos e seguido pelos príncipes de Moav. D'us preencheu a rota de Bilam com obstáculos, a fim de adverti-lo de que estava prosseguindo em direção a sua própria destruição. Ele enviou o Anjo da Misericórdia para obstruir seu caminho, porém Bilam escolheu ignorar um sinal após o outro.

D'us fez com que a mula de Bilam sentisse a presença do anjo, de modo que Bilam pudesse sentir-se humilde ao perceber que seu animal sabia mais que ele.

Quando a mula sentiu que tinha um anjo diante de si, ameaçando-a com uma espada, não se atreveu a continuar. O caminho era ladeado de campos abertos, e a mula correu para as planícies.

Bilam não sabia explicar o estranho comportamento do animal. Contudo, recusava-se a refletir sobre o significado dos extraordinários eventos, apenas ficou cada vez mais irado e golpeou sua besta. O animal, voltou então para o caminho, de onde o anjo já havia desaparecido. Imediatamente, o anjo reapareceu, e a mula o viu de novo. Com receio de continuar, a mula foi para a beira do caminho, onde havia um montículo de pedras. A mula pressionou o pé de Bilam contra as pedras, machucando-o. Desde então, Bilam passou a mancar.

Por que Bilam foi ferido?

Nosso patriarca Yaacov chegou a um acordo com Lavan: "Nem nós nem nossos descendentes atravessarão este lugar para prejudicar uns aos outros." Selando o acordo, erigiram um monte de pedras (Bereshit capítulo 32:44-54).

Este era o mesmo monte de pedras no qual Bilam, descendente de Lavan, esbarrou, passando por ali com o objetivo de prejudicar os descendentes de Yaacov. Ele estava violando o acordo. Como castigo, o monte de pedras feriu seu pé.

Porém isto não o dissuadiu de continuar a viagem. Quando a mula quis dar a volta, evitando o anjo, Bilam chicoteou-a novamente.

Pela terceira vez, a mula ficou parada no meio do caminho. Só que agora, o caminho estava cercado dos dois lados, e a mula não podia se desviar. Encolheu-se sob Bilam, negando-se a se mover.

Bilam deveria ter refletido. Já possuía a mula por muitos anos, e ela nunca havia se comportado daquele jeito. Deveria ter percebido que D'us o impedia de prosseguir. Ao invés disso, Bilam enfureceu-se, dando uma terrível surra na mula.

Por que o anjo apareceu três vezes?

Da primeira vez que o anjo apareceu, havia campo aberto dos dois lados do caminho. D'us mostrava: "Se você pretende maldizer os filhos de Avraham, só pode maldizer os descendentes de Yishmael, que são perversos e merecem uma maldição. Mas não se atreva a amaldiçoar os filhos de Yitschac, pois são tsadikim."

Na segunda aparição, só podia escapar por um lado, simbolizando: "Se você quer maldizer os descendentes de Yitschac, só pode maldizer os filhos de Essav, o perverso, mas jamais os filhos de Yaacov."

Da terceira vez, o asno não podia se mexer nem para a direita, nem para a esquerda, mostrando a Bilam: "Se você quer maldizer os descendentes de Yaacov, o caminho está bloqueado de ambos os lados. É impossível. Os doze filhos de Yaacov são tsadikim, e seus descendentes são santos."

D'us realizaria agora um milagre cujo potencial Ele estabelecera durante os seis dias da criação - fazer a mula conversar com Bilam em linguagem humana.

Este milagre tinha como objetivo incutir em Bilam a impressão de que a fala é um dom de D'us. Exatamente como Ele pode investir uma besta muda com o poder da fala, assim Ele impediria Bilam de fazer quaisquer declarações não favoráveis contra os judeus.

A mula reclamou a Bilam: "O que fiz a você para merecer apanhar três vezes?"

Bilam deve ter ficado assombrado e aterrorizado ao ouvir a mula falar. Todavia, estava tão obcecado em atingir seu perverso objetivo que estava insensível sequer às mais bizarras ocorrências.

Replicou a sangue frio: "Você me fez de bobo! Se apenas tivesse uma espada em minhas mãos, te mataria agora!" Começou a procurar uma arma para matá-la.

A mula comentou: "Aparentemente, você não pode destruir-me sem uma espada, não obstante está a caminho de erradicar uma nação inteira com palavras?!"

Os príncipes de Moav, cavalgando com Bilam, ficaram sem palavras. Jamais testemunharam algo tão extraordinário quanto uma conversa entre um ser humano e um animal. Além disso, as palavras da mula faziam sentido.

"É verdade," os príncipes começaram a rir. "Vejam, este homem proclama que pode destruir um povo inteiro apenas com palavras, e agora está procurando freneticamente uma espada para matar sua mula!"

.....
Essa ridicularização foi um golpe devastador para o orgulho de Bilam.

"Por que você está montando uma mula que não lhe obedece?" - perguntaram os príncipes.

"Ela não me pertence, tomei-a emprestado," explicou Bilam.

"Não é verdade," desmentiu-o a mula, "Sou sua mula."

"Contudo," continuou Bilam, "ela não está acostumada a transportar pessoas, apenas cargas."

"Não," objetou a mula. "Estou acostumada a que me monte."

"Talvez eu a usei uma vez," desconversou Bilam.

A mula corrigiu-o: "Você sempre montava em mim durante o dia, e à noite usava-me para seus baixos propósitos! Alguma vez já agi de maneira similar desde que me conhece?"

"Não, não agiu," confessou o envergonhado Bilam.

Somente depois é que D'us abriu os olhos de Bilam, que de repente notou o anjo a sua frente, brandindo a espada.

Bilam compreendeu que fora ameaçado de morte. Ajoelhou-se e prostrou-se ao solo, em sinal de reverência.

O anjo censurou-o: "Por que bateu na mula três vezes? Se ela não tivesse se desviado de mim cada vez, eu teria te matado. No entanto, não fui enviado para cá para defender sua mula. Vim para avisar você a não prosseguir com seus planos perversos.

A nação que você procura exterminar é tão amada pelo Todo Poderoso, que Ele ordenou a todos os seus varões que viessem visitá-Lo três vezes por ano no Templo Sagrado (para as Festas)."

Temendo por sua vida, Bilam tornou-se submisso e fingiu remorso.

"Pequei," confessou impetuosamente, esperando que o anjo poupasse sua vida. "Deveria ter percebido, pelos acontecimentos extraordinários, que D'us estava tentando impedir-me de seguir meu curso. Agora, se você desaprova que eu continue viajando, voltarei."

As palavras: "Se você desaprovar," que Bilam dirigiu ao anjo, eram insolentes. Implicavam: "D'us permitiu-me partir, e agora Ele envia um anjo para lembrar Suas palavras. Se Ele quer que eu volte, Ele Mesmo deveria ter me dito.

Também no passado D'us foi inconsistente. Primeiro, Ele ordenou a Avraham que oferecesse seu filho em sacrifício, e depois Ele ordenou que um anjo contradissesse Sua Palavra."

Bilam era astuto. Intencionalmente, disse: "Pequei." Sabia que se alguém confessa seu pecado, o anjo não tem poder de tocá-lo. Em seu coração, porém, continuava o mesmo perverso de antes sequioso por maldizer os judeus. Por isso, D'us permitiu que ele continuasse na vereda do mal que ele próprio escolhera.

O anjo respondeu: "Você pode prosseguir viagem. Mas saiba que será capaz de dizer apenas o que colocarei em sua boca."

Bilam montou alegremente, esperando "persuadir" o Todo Poderoso a deixá-lo amaldiçoar os judeus.

Bilam é recebido por Balac, e ambos preparam-se para maldizer o povo judeu

De acordo com instruções anteriores de Balac, ao chegarem às proximidades de Moav, os delegados notificaram o rei, que saiu para prestar a Bilam a honra de uma recepção real.

"Por que não aceitou minha oferta imediatamente?" Balac reprovou Bilam. "Você acha que sou incapaz de honrá-lo?" (Involuntariamente, uma faísca de profecia escapou de seus lábios. Na verdade, não seria capaz de honrar Bilam.)

Bilam explicou a Balac que ele não concordara imediatamente porque D'us proibiu-o de partir.

"Agora também tenho poder para falar apenas as palavras que D'us coloca em minha boca."

Não obstante, ambos confiavam em que Bilam seria capaz de enfraquecer os judeus com seus poderes e prejudicá-los através de seu mau olhar.

Conforme Balac e Bilam cavalgavam ao longo do rio Arnon em direção aos subúrbios da capital, o rei mostrou a Bilam, à distância, faixas de terra que os judeus conquistaram de Sichon e Og, terras que originalmente pertenceram a seu próprio país.

Ao chegarem à capital, Bilam percebeu que era densamente populosa, e fervilhava de atividade. Antes da chegada de Bilam, Balac ordenara a todas as grandes lojas e mercados dos subúrbios de Moav que se transferissem para o centro da capital.

Esperava que a visão da cidade agitada com vida e atividade despertasse a simpatia de Bilam. Desta maneira, cheio de compaixão por uma população inocente de homens, mulheres e crianças ameaçadas por uma invasão, Bilam esforçar-se-ia ao máximo para incapacitar os judeus.

Bilam e os príncipes de Moav instalaram-se em alojamentos pré-determinados. O rei Balac enviou-lhes uma refeição de sua cozinha, porém a despeito de suas grandes promessas, era realmente escassa.

Naquele dia, Balac abateu muito gado para seu próprio banquete suntuoso; para Bilam, contudo, enviou de má vontade não mais que um bezerro e um carneiro, ambos pequenos e defeituosos.

Bilam ficou ultrajado, e jurou furiosamente: "Eu o ensinarei a não ser tão avarento. Amanhã, mandarei erigir sete altares em sete lugares diferentes, e oferecer um touro e um carneiro em cada um. E deverá repetir as oferendas cada vez que eu estiver pronto para maldizer os judeus. Que isto lhe sirva de lição."

Na manhã seguinte, Balac e Bilam encontraram-se a fim de começarem os preparativos necessários para amaldiçoarem os judeus. Bilam esperava reconhecer o minuto exato de ira de D'us, para aproveitar a oportunidade e pronunciar a maldição.

Balac, que era superior a Bilam no conhecimento de onde uma maldição deve ser pronunciada, levou Bilam a uma colina de onde podiam observar a Tribo de Dan.

.....
Balac sabia que os judeus eram uma nação bendita por D'us. Não obstante, propunha-se a aniquilar os judeus que cometiam pecados. Se os encontrasse, D'us teria que cumprir a maldição, pois esses judeus mereciam uma punição.

No futuro, alguns homens da tribo de Dan erigiriam um ídolo; Bilam exultou quando viu a tribo que pecaria, pois acreditava que sua maldição faria efeito sobre esta tribo.

Bilam instruiu Balac: "Construa sete altares neste local, e ofereça um novilho e um carneiro a D'us."

Bilam esperava encontrar graça aos olhos de D'us com esses sacrifícios. Proclamou: "Construí sete altares, correspondendo aos sete altares erigidos pelos sete tsadikim: Adam e seu filho Hêvel, Nôach, Avraham, Yitschac, Yaacov e Moshê."

Apesar de Bilam e Balac não oferecerem sacrifícios por motivos puros, mas com perversos propósitos posteriores, não obstante D'us recompensou-os. Balac, como resultado, tornou-se o ancestral de Ruth, a moabita, convertida e matriarca da real dinastia de David.

Aprendemos disso que devemos sempre realizar atos externos de retidão e virtude, estudar Torá e cumprir as mitsvot, mesmo se seus motivos não forem totalmente puros.

Subseqüentemente, realizará esses atos com sinceridade.

É certo e apropriado que um judeu estude Torá e cumpra as mitsvot, mesmo que, naquele momento, falte-lhe a requerida dedicação mental a D'us. O cumprimento de Torá e mitsvot na prática exercem, por si sós, uma influência benéfica sobre ele.

Bilam ordenou a Balac: "Permaneça ao lado dos sacrifícios, enquanto eu subo ao topo da colina. Tenho de meditar sozinho para que D'us possa falar comigo. No passado, Ele nunca Se dirigiu a mim durante o dia, e não tenho certeza de que Ele virá ao meu encontro agora."

Bilam andou sozinho até o topo da colina, arrastando com dificuldade sua perna defeituosa. Apesar de seu ferimento ainda doer, recusava-se a atrasar a missão e dar-se o tempo para recuperar-se; pois estava ansioso demais para amaldiçoar os judeus.

Bilam pensou: "Logo chegará um momento no qual D'us fica desgostoso com o mundo." Todavia, ele esperou, esperou, mas esse momento jamais chegou.

Na verdade, D'us agiu com muita bondade com o povo judeu. Durante todos aqueles dias em que Bilam tentou maldizer os judeus, D'us conteve sua ira.

Depois que Bilam meditou um pouco, D'us apareceu para ele, em honra ao povo judeu. (Contudo, a revelação de Bilam foi inferior à experimentada pelos profetas judeus. D'us dirigiu-se a ele de maneira casual e desdenhosa, e não com amor.)

A Torá não diz "vayicrá" - D'us chamou Bilam. A Torá emprega a palavra "vayicar", significa que D'us "encontrou por casualidade" com Bilam. Também significa que D'us ficou aborrecido por ter de falar com alguém tão impuro como Bilam.

D'us perguntou a Bilam: "Perverso, o que você está fazendo aqui?"

"Preparei sete altares com sacrifícios," replicou Bilam, "como presentes a Ti."

Um vendedor sempre trapaceava seus clientes, usando falsos pesos. Certo dia, um inspetor entrou na loja e disse-lhe: "Você está sendo acusado de fraude."

"Eu sei," replicou o vendedor, "já enviei um presente a sua casa."

Similarmente, Bilam esperava o favorecimento de D'us subornando-O com sacrifícios.

D'us respondeu: "Prefiro uma colher cheia de farinha oferecida pelos judeus, descendentes de Meu amado Avraham, aos suntuosos sacrifícios daqueles que Eu odeio. Não quero as oferendas de um perverso. Volte para o rei Balac e fale com ele."

Bilam implorou a D'us para que o deixasse amaldiçoar o povo judeu; mas enquanto no seu íntimo formulara uma maldição, D'us enrolou sua língua, forçando-o a pronunciar o oposto do que pensava. (De cada bênção pode-se adivinhar a maldição que Bilam pretendia proferir.)

Foi como se D'us tivesse posto um freio em sua boca, obrigando-o a dizer apenas o que D'us queria que ele dissesse. Bilam já não podia escolher suas próprias palavras. Bilam retornou a Balac e aos príncipes de Moav. Encontrou-os ainda concentrados sobre as oferendas dos sacrifícios.

Bilam estava pronto para lançar sua primeira maldição. Mas o "freio" que tinha em sua boca alterava tudo o que ele pensava dizer. Qual não foi a surpresa de Balac e dos príncipes de Moav ao ouvir Bilam pronunciar as bênçãos mais portentosas.

A Primeira Bênção de Bilam

A Origem e Destino do Povo Judeu são Únicas

Quando as bênçãos começaram a sair de sua boca, Bilam elevou sua voz o mais alto que pôde. Esperava evocar a inveja e hostilidade das nações gentias ao escutarem louvores ao povo judeu.

As bênçãos de Bilam estavam encobertas como parábolas poéticas. Proclamou:

"Balac, o rei de Moav trouxe-me de Aram, das antigas montanhas, dizendo, 'Venhamos, e amaldiçoe (para) mim Yaacov e venha, desperte a ira [de D'us] contra Israel.'"

O profundo significado das palavras de Bilam era: Você, Balac, e eu, somos os mais ingratos dos homens. Ambos devemos nossas vidas aos judeus.

Como, então, você pôde trazer-me de Aram para amaldiçoá-los? Foi neste exato local que seu patriarca, Yaacov, ficou com meu patriarca, Lavan. Antes da chegada de Yaacov, Lavan não tinha filhos. Nasci apenas por causa dos méritos de Yaacov.

Você, Balac, sobreviveu por causa das "antigas montanhas," os patriarcas desta nação (chamados de "montanhas"). Você é um moabita, um descendente de Lot. Se não fosse por seu patriarca

.....
Avraham, Lot não teria sido resgatado da destruição de Sodoma, e você não estaria vivo hoje.

Mais que isso, não percebe que D'us protege esse povo? Ele prometeu a seu patriarca Avraham: "Os que te amaldiçoarem, Eu os amaldiçoarei." Portanto, alguém que os amaldiçoa está se amaldiçoando.

Quando enviou-me a mensagem: "Venha, amaldiçoe (para mim) Yaacov", você na verdade indicava: "Venha, amaldiçoe-me (amaldiçoando Yaacov)."

"Como posso amaldiçoar, enquanto D'us não amaldiçoa [mas ao contrário, Ele os abençoa]?! E como posso despertar a ira [Divina] contra eles, se D'us não está irado?!"

Parece que D'us abençoa os judeus mesmo quando merecem uma maldição. Assim, de que vale minha tentativa de amaldiçoar os judeus, se D'us não deseja que eles sejam amaldiçoados?

Das afirmações acima, de Bilam, podemos discernir seus pensamentos. Em seu coração, implorava a D'us que o deixasse pronunciar uma maldição. D'us, no entanto, frustrou suas intenções, e assim ele proclamou que ninguém poderia amaldiçoar esta nação.

Bilam decidiu então encontrar culpa e defeito nos patriarcas, para que o mal recaia sobre os judeus por causa deles. Por quê foi esta sua primeira maldição?

Duas pessoas entraram na floresta para derrubarem uma árvore. O mais tolo começou a podar um galho após o outro, um trabalho bastante tedioso. O mais esperto raciocinou: "Se pudermos encontrar as raízes desta árvore e fizermos um esforço supremo para cortá-la, conseguiremos também podar todos os seus galhos."

Assim, Bilam, o perverso, pensou: "Em vez de amaldiçoar cada tribo separadamente, erradicarei as raízes. Se encontrar alguma impureza na origem deste povo, eu a amaldiçoarei, e desta forma, prejudicarei o povo inteiro."

Em seguida Bilam concentrou seus pensamentos em nossos patriarcas, com o a intenção de encontrar neles alguma jaça. Mas ao contrário, uma bênção brotou de seus lábios, pois a origem dos judeus era pura:

"Do topo das rochas eu o vejo e das colinas eu o contemplo."

Vejo os judeus descenderem de patriarcas sagrados, chamados de "rochas", e das sagradas matriarcas, chamadas de "colinas". (Como as rochas no mundo físico, os patriarcas são a fundação espiritual do mundo.)

Desde a origem este povo é santo, suas almas anseiam por santidade. Por isso, nunca se assimilarão totalmente como os não-judeus (mesmo se ficarem associados temporariamente.)

Eles guardam e cuidam cuidadosamente de sua origem:

"Eis que o povo viverá na solidão e não será contado entre as nações."

O povo judeu não se casará com não-judeus, tampouco adotarão as crenças e culturas dos não judeus à sua volta. Recusam-se a profanar o Shabat, a abolir o berit milá (circuncisão), ou a adorar as divindades dos não-judeus.

"Quem pode contar o pó de Yaacov?"

Quem pode contar o número de mitsvot que um judeu realiza desde a hora em que nasce até a hora em que retorna ao pó?! Já está circunciso na tenra idade de oito dias. Se for um primogênito, é redimido por um cohen quando atinge a idade de trinta dias.

Aos três anos, seus pais começam a educá-lo em Torá e mitsvot; aos treze, toma sobre si a responsabilidade de todas as mitsvot. Um judeu nunca se senta para uma refeição sem a bênção de "hamotsi"; e após a refeição, novamente recita bênções.

Quem pode amaldiçoar uma nação cujos membros dedicam suas vidas a cumprir os mandamentos de D'us?

Quem pode contar o número de mitsvot que um judeu realiza, mesmo com materiais inferiores, como terra e pó?

Quando o judeu ara, observa a proibição de "Não ararás com um boi e um burro juntos," e quando semeia, "Não semearás teu campo com duas espécies de sementes." Ele utiliza cinzas para a mitsvá da vaca vermelha, e pó para as águas de Sotá.

Quem pode amaldiçoar uma nação que cumpre até mesmo a mais pequena das mitsvot de D'us?

Quem pode contar as pequenas crianças judias que, como D'us predisse, "multiplicar-se-ão como o pó da terra"? (Todas as contagens no deserto excluíam os varões com menos de vinte anos de idade.)

Através da bênção de Bilam podemos discernir a maldição que elaborara em seu coração; ele desejava diminuir o número de judeus.

"E o número da quarta parte de Israel."

Quem pode contar a população de mesmo uma das quatro divisões de estandartes dos judeus?

De acordo com outra interpretação, Bilam disse: "D'us conta a semente dos judeus, esperando que nasça um tsadic."

Quando Bilam pronunciou estas palavras proféticas, comentou intempestivamente: "Como pode D'us, Que é santo, e seus anjos, que são santos, mesmo olhar para tais assuntos?"

Como punição, Bilam ficou cego de um olho.

"Que eu morra a morte dos justos e que meu fim seja como o deles!"

Ao perceber que em vez de amaldiçoar os judeus estava involuntariamente abençoando-os repetidamente, Bilam decidiu que seria melhor morrer a continuar sofrendo tal agonia!

Entretanto, o espírito de profecia que falava através de seus lábios também elevou esses pensamentos, e ele encontrou-se pedindo a morte dos judeus justos e virtuosos, que entrassem no Paraíso depois de partir deste mundo.

.....
Este é um dos versículos nos quais a Torá Escrita expressa a crença fundamental de que a alma continua a existir depois da morte física, e que os tsadikim experimentam a plenitude e felicidade eternas do Paraíso. Por isso, Bilam teria desejado a morte dos judeus justos.

Balac ficou escutando as palavras de Bilam com cada vez mais assombro e consternação.

"O que você fez comigo?" - censurou-o. "Eu lhe convoquei para amaldiçoar meus inimigos, e você os abençoou!"

"Não posso fazer nada a esse respeito," replicou Bilam, "pois sou forçado a falar o que D'us coloca em minha boca."

Quando os príncipes de Moav ouviram essas palavras, perceberam que Bilam não conseguiria amaldiçoar os judeus. A maioria partiu, apenas alguns permaneceram com Balac, na vã esperança de que Bilam ainda obtivesse êxito.

Balac disse então a Bilam: "Deixe-me levá-lo a outra colina, onde estou tendo a visão, através de meus poderes mágicos, que os judeus, um dia, sofrerão uma trágica perda. Talvez essa calamidade seja resultado de minha maldição!"

Balac levou Bilam à montanha sobre a qual Moshê estava destinado a falecer.

"Medite sobre os perversos do povo," aconselhou Balac a Bilam, "e não sobre os tsadikim. Talvez você consiga prejudicá-los."

Bilam instruiu Balac a erguer novamente sete altares, e a sacrificar um touro e um carneiro sobre cada um.

"Permaneça aqui para oferecer os sacrifícios," disse Bilam a Balac. "Eu ficarei mais adiante, para que D'us se dirija a mim."

Ao ser instruído por D'us para conceder mais bênçãos sobre os judeus, não quis voltar a Balac. "Por que devo voltar e deixá-lo irado?" - disse.

Contudo, D'us forçou Bilam a voltar e pronunciar a próxima bênção.

Ao ver Bilam se aproximando, Balac perguntou-lhe cinicamente: "O que D'us, a Quem você é obviamente subserviente, lhe disse para profetizar?"

Por conseguinte, Bilam começou seu discurso censurando Balac por essas palavras desrespeitosas.

A Segunda Bênção de Bilam

A Grandeza do Povo Judeu os Protege Contra Maldições

"Levante-se, Balac, e ouça, escute-me, Oh filho de Tsipor."

Não trate levemente minha profecia, Balac. Você não deve permanecer sentado enquanto ouve as palavras de D'us. Levante-se e fique de pé!

"D'us não é um homem, para que Ele seja falso, nem um ser humano que Se arrependa."

Um homem às vezes faz uma promessa, e mais tarde recusa-se a cumpri-la, ou arrepende-se de tê-la feito. D'us, contudo, mantém Sua palavra. Ele prometeu aos patriarcas que Ele levaria os judeus a Terra de Israel e lhes daria sua posse. Você acha que Ele quebraria Sua promessa e deixaria você destruí-los no deserto?

Da bênção de Bilam podemos apreender a maldição que desejava pronunciar: que D'us deveria quebrar a aliança que selou com os patriarcas, e não levar o povo para a Terra Santa.

"Acaso Ele falou e não o fará, ou Ele disse e Ele não o cumprirá?"

Essas idéias são formuladas como questões retóricas (em vez de afirmações, "Se Ele disse, Ele certamente o fará...") para sugerir que, de fato, há épocas em que D'us não cumpre Sua palavra: Se Ele decreta algo de mal sobre o povo, e este se arrepende depois, Ele anula Seu decreto. Porém, quando se trata de uma bênção do Todo Poderoso, esta é irrevogável.

"Vejam, eu recebi as bênção, Ele abençoou, e eu não posso retirar."

Em seu íntimo, Bilam implorava a D'us para não compeli-lo a pronunciar mais bênçãos, porém sua verdadeira fala admitia que estava em poder de D'us.

"Ele não viu iniquidade em Yaacov, e nem viu Ele algo errado em Israel."

Bilam tentava desesperadamente encontrar defeitos nos judeus. Todavia, a geração que chegou a Israel era uma geração de tsadikim, e desta forma foi forçado a admitir que não conseguiria encontrar pecadores entre eles.

"D'us, seu D'us, está com eles, e a Shechiná do Rei está com eles."

Você, Balac, disse-me para amaldiçoar os judeus com meus poderes de impureza. Como posso amaldiçoar um povo cujo D'us está constantemente em seu meio, e os guarda e protege?

Um ladrão pode conseguir entrar num vinhedo e arrancá-lo enquanto o proprietário está dormindo; mas "O Guardião de Israel não dorme nem dormita." (Tehilim 121:4). Como, então, posso prejudicar os judeus?

Ao ouvir as palavras de Bilam, Balac perguntou: "Será possível que suas maldições são ineficazes por causa do poder de seu atual líder, Moshê? Talvez você deva atrasar os efeitos da maldição para a época depois da morte de Moshê, quando os judeus serão guiados por outro líder?"

"Impossível," replicou Bilam. "O sucessor de Moshê, Yehoshua, batalhará contra os inimigos tão vigorosamente quanto Moshê. Quando tocar trombetas perante D'us, os muros de Jericó esfacelar-se-ão e desmoronarão!"

"D'us tirou-os do Egito com o poder da Sua elevação."

Você, Balac, disse-me: "Veja, um povo saiu do Egito." Estas palavras não eram acuradas. O povo não poderia ter deixado o Egito sozinho, mas deve ter sido tirado de lá por D'us de maneira sobrenatural. Eu, Bilam, enfeitei todas as fronteiras do Egito com

.....
meus poderes mágicos, a fim de impedir a fuga dos escravos hebreus. Não obstante, minha feitiçaria foi ineficaz, pois D'us, Ele próprio tirou-os de lá.

"Pois não há adivinhações em Yaacov, tampouco há qualquer feitiçaria em Israel."

Este versículo pode ser compreendido de duas maneiras:

1. Nenhuma adivinhação é efetiva contra Israel (uma vez que D'us está em seu meio); portanto, as ferramentas de magia que os sábios de Midyan trouxeram a mim são completamente inúteis. Pois, diferente das nações, este povo não é regido por anjos encarregados, mas estão sob Supervisão direta de D'us.

Quando meu avô Lavan estava sequioso por destruir seu patriarca Yaacov com suas artes mágicas, D'us não deixou que tivesse êxito. Similarmente, não posso derrotar os descendentes de Yaacov.

2. Não poderão ser encontrados adivinhos e feiticeiros entre os judeus. Não praticam magia como as outras nações, porém consultam D'us diretamente, através de seus profetas, e através da placa peitoral do Sumo-sacerdote. Portanto, este grande povo certamente merece ser abençoado.

"Chegará uma época na qual dirão a Yaacov e a Israel: 'O que D'us operou?'"

1. Na época de Mashiach, D'us realizará milagres para os judeus, que ultrapassarão todos os que foram feitos no passado. As nações gentias então virão e indagarão aos judeus sobre os grandes feitos de D'us.

2. Na era que se seguirá à ressurreição dos mortos, o amor de D'us pelo povo judeu se tornará evidente a todos. D'us, pessoalmente, será seu professor de Torá. Os tsadikim sentar-se-ão na frente de D'us como estudantes ante seu mestre, e Ele lhes revelará os profundos significados da Torá.

3. Não será permitido aos anjos entrarem, porém precisarão perguntar aos judeus: "O que D'us te ensinou?"

"Vejam, o povo levantar-se-á como um filhote de leão, e se levantará como um leão."

1. Este povo ergue-se tão forte quanto um leão, e não descansará até ter destruído seus inimigos e tomado os espólio de Canaã.

2. Não há nação na terra que serve o Criador com tanta energia quanto o povo judeu. Quando um judeu se levanta de manhã, ele se fortalece como um leão para agarrar as mitsvot, para vestir tsitsit e tefilin, e para recitar o Shemá na hora certa.

"Não se deitará até que tenha comido de sua presa, e beba o sangue da caça."

1. Bilam predisse que Moshê não faleceria antes de vingar-se dele e dos cinco reis midyanitas.

2. Um judeu não se deita à noite até ter recitado o Shemá. Ao pronunciar as palavras: "D'us é Um," reconhecendo assim que não há outro poder que o Todo Poderoso. D'us destrói agentes prejudiciais.

Depois de aprender da segunda profecia de Bilam que os judeus conquistariam Canaã e matariam os reis das nações, Balac aconselhou Bilam: "Melhor ir para casa em silêncio! Não preciso nem de suas maldições, nem de suas bênçãos!"

Bilam replicou: "Já não lhe disse que preciso seguir as instruções de D'us?"

Balac decidiu fazer mais uma tentativa. "Afim de contas," pensou, "Sei que esta nação não é invencível. Foram atacados, no passado, pelos amalequitas e canaanitas. Mesmo que eu não consiga destruí-los totalmente, ou impedi-los de entrar em Canaã, deve haver algum modo de prejudicá-los."

Balac levou Bilam a um local diferente, onde, no futuro, os judeus adorariam o ídolo Báal Peor. Balac previu que os judeus seriam punidos lá, mas era incapaz de adivinhar detalhes. Pensou: "Talvez sua punição será o resultado da maldição de Bilam."

Balac e Bilam ergueram novamente sete altares e ofereceram um touro e um carneiro sobre cada um.

Desta vez, Bilam não tentou utilizar seus poderes de impureza, uma vez que admitira em sua última profecia que os judeus eram imunes à mágica. Em vez disso, concentrou seus poderes em seus pecados. Virou sua face em direção ao deserto, para lembrar D'us do pecado do bezerro de ouro. Não obstante, ao erguer os olhos, percebeu que a Shechiná pairava sobre as tendas dos israelitas. Soube então que D'us perdoara seu pecado.

Em honra ao povo judeu, o espírito de profecia penetrou Bilam. D'us forçou-o a pronunciar novas bênçãos.

A Terceira Bênção de Bilam

Os Judeus Habitarão em Segurança em Israel

"A irrevogável proclamação de Bilam, filho de Beor, e a irrevogável proclamação do homem com boa visão (shetum haayin)."

Bilam estava, profeticamente, louvando a si mesmo, dizendo que era maior profeta que seu pai Beor, e que sabia segredos ocultos a todos os outros profetas.

De acordo com esta explicação, shetum haayin significa que Bilam tinha uma visão profética superior.

Contudo, as palavras shetum haayin comportam ainda outras interpretações:

1. Shetum haayin significa "aquele cujo um olho foi tirado." D'us puniu Bilam cegando-o de um olho, pois a sarcástica observação que fez ao pronunciar a profecia: "Ele conta a semente de Israel."

2. Além disso, Bilam chamou a si mesmo "o homem com mau olho." Bilam podia lançar as forças do mal sobre uma pessoa concentrando seu olhar sobre essa. Ergueu os olhos com o intuito de prejudicar os judeus, mas ficou impotente para prejudicá-los.

Bilam descreveu a si mesmo como "um homem forte" (guever, derivado do radical guevurá - força).

.....
"Irrevogável declaração daquele que ouve os ditos de D'us, que vê as visões do Todo Poderoso, caindo enquanto lhe está sendo revelado."

Bilam continuava a descrever suas habilidades proféticas, declarando que eram comparáveis às de Moshê.

O perverso Bilam, que cometera toda espécie de pecado, tentava impressionar o mundo descrevendo sua superioridade sobre todos os outros profetas. Com sua auto-glorificação, tentava enganar as pessoas a respeito de seu verdadeiro caráter.

De que maneira a profecia de Bilam se compara a de Moshê?

"Não houve ninguém como Moshê no povo judeu" (Devarim 24:10). Este versículo implica que entre os gentios houve um profeta do calibre de Moshê, a saber, Bilam.

D'us concedeu às nações do mundo uma profecia superior, para que não reivindicassem: "Se apenas tivéssemos um profeta tão grande quanto Moshê, nós também teríamos servido o Todo Poderoso, como o povo judeu."

Apesar disso, Bilam era inferior a Moshê.

Moshê ouvia as mensagens de D'us de pé. Bilam não conseguia suportá-las de pé, por isso prostrava-se. Todos os profetas idólatras prostravam-se durante suas profecias, pois não eram circuncidados.

A rainha de Shevá ouvira a respeito da rara sabedoria do rei Salomão, e quis testá-lo. Viajou à corte de Salomão em Jerusalém, onde propôs-lhe diversas charadas e questões engenhosas.

Dentre outras coisas, trouxe um grupo de meninos perante Salomão e disse: "Alguns desses jovens são circuncidados, outros não. Você pode dizer quais são os meninos circuncidados?"

Salomão pediu ao Sumo-sacerdote que abrisse a Arca e mostrasse-a às crianças. Os circuncidados curvaram a cabeça, e suas faces iluminaram-se com o esplendor da Shechiná. Todos os não circuncidados não puderam suportar a santidade da Arca e caíram sobre suas faces.

Quando Salomão forneceu a resposta correta, a rainha indagou: "Como você pensou neste método para distinguir entre eles?"

"Aprendi da Torá," retrucou Salomão. "Está escrito que Bilam não conseguiu suportar a glória de D'us, porque não era circuncidado, e portanto sempre se prostrava quando a Shechiná revelava-se a ele."

Bilam continuou falando:

"Quão boas são tuas tendas, Yaacov, tuas habitações, Israel."

Bilam desejava lançar um mau olhar sobre os judeus, porém foi forçado a afirmar que esta nação era tão sagrada que seu mau olhar não tinha poder contra eles.

Os judeus arrumaram suas tendas de forma que nenhuma entrada ou janela ficasse de frente uma para a outra. Isto possibilitava que cada família conduzisse todos os seus assuntos

em particular. Mais que isso, ninguém ficaria tentado a olhar ou cobiçar a mulher ou os pertences do vizinho. Percebendo isso, Bilam exclamou: "Quão boas são tuas tendas, Oh, Yaacov!"

Este versículo implica:

Quão boas são as tendas da Shechiná, os Santuários e os dois Templos" todos vistos profeticamente por Bilam.

Quão boas são as Casas de Orações e Estudos de Torá, as miniaturas do Templo no exílio!

Da bênção de Bilam fica evidente que maldição queria falar; que os judeus no exílio não terão mais Casas de Orações e Estudos, intensificando sua conexão com o Todo Poderoso.

Contudo, D'us fez com que Bilam concedesse uma bênção de que nossas Sinagogas e Casa de

Estudos permaneceriam conosco para sempre.

Essas bênções são tão significativas que os sábios incorporaram-nas às orações diárias. D'us queria que estas bênções sublimes viessem ao povo judeu através do perverso e imoral Bilam. Assim, o mundo saberia que ninguém tem poder de prejudicar os judeus contra a vontade de D'us.

"[Os judeus são] como os riachos que fluem, como jardins às margens do rio, tão fragrantos quanto os aloés que D'us plantou, como as árvores de cedro à beira da água."

Bilam descreveu poeticamente a grandeza dos judeus, um povo que estuda Torá e cumpre as mitsvot. Os judeus que entram nas Casas de Estudos são comparados aos riachos dos quais a água (Torá) flui, e às plantas nas margens do rio, uma vez que o estudo da Torá purifica como a água. São comparados às belas e fragrantas plantas que produzem frutos, como as que D'us plantou originalmente no Paraíso.

Seu estudo eleva-os, do mesmo modo que as árvores de cedro são muito mais altas que outras árvores.

"A água fluirá de suas nascentes, e sua semente estará em muitas águas."

Este versículo inclui grande número de significados, dentre eles:

1. Bilam exclamou: "A Torá fluirá dos pobres."

Nossos sábios declararam: "Ensine Torá aos filhos dos pobres, pois o versículo afirma que serão estudantes de Torá."

Por quê o estudo da Torá é mais comumente disseminado entre os judeus pobres que entre os ricos?

- Os ricos estão preocupados com seus negócios, e por isso perdem tempo do estudo da Torá.

- Os pobres são mais humildes que os abastados, por isso sentem necessidade de estudar.

- Pessoas pobres não possuem os meios de passar seu tempo de lazer da maneira que os ricos (viajando nas férias, fazendo compras, dando festas, e assim por diante). Em vez disso, preenchem seu tempo livre com o estudo da Torá.

.....
2. Bilam profetizou que o povo judeu terá seus próprios reis poderosos, dizendo: "Um grande rei, Shaul, surgirá dos judeus; mais tarde, David e Salomão governarão muitas nações."

Por que a realeza é descrita como "água que flui de uma nascente"?

Os reis judeus eram ungidos com água da nascente, como símbolo de que sua monarquia perdurará, assim como a nascente emana continuamente.

"E seu rei será mais forte que Agag, e seu reinado será elevado."

Bilam profetizou que o primeiro rei judeu, Shaul, batalhará contra Amalec e derrotará seu rei, Agag. Mais tarde, David e Salomão derrotarão poderosos monarcas, e seu reinado, assim, se elevará.

As palavras de Bilam indicam claramente as maldições que queria pronunciar - que sua monarquia não será forte, e que não perdurará.

"D'us, que tirou-os do Egito, protege-os com Sua força e elevação."

Quem conquista todas essas vitórias para o povo judeu? Certamente é D'us, Que com Sua força e grandeza luta em seu lugar.

"Ele [D'us] consumirá as nações, suas adversárias, e quebrarão seus ossos e Ele dividirá sua terra [entre os judeus]."

Não pense que pode impedir os judeus de conquistar Canaã. O mesmo D'us Que tem a força para redimi-los do Egito também matará os reis canaanitas e dará suas posses aos judeus.

"Ele [este povo] se agachará e descansará como o leão e um filhote de leão: quem ousa levantá-lo [quando está descansando]?"

Os judeus se instalarão firme e seguramente na terra, nenhuma nação conseguirá expulsá-los.

"Os que te abençoam são abençoados, e os que te amaldiçoam são amaldiçoados."

Contra si mesmo, Bilam foi forçado a repetir a antiga promessa de D'us a Avraham, que continha a ameaça de que se Bilam amaldiçoar os judeus, ele trará maldição apenas sobre si mesmo.

Agora, a ira de Balac contra Bilam fora acesa. Rangia os dentes e esfregava as mãos em desespero e lamento pelo desencadear dos eventos.

"Você já abençoou meus inimigos três vezes," vituperou. "Eu lhe avisei para correr para casa antes de mandar meus servos lhe executarem. Vejo que D'us não quer que você seja honrado."

Bilam respondeu: "Mesmo se me der todo seu dinheiro, devo abençoar os judeus, pois D'us colocou essas bênçãos na minha boca."

"Contudo, arquitetei outro plano para destruir os judeus. Deixe-me lhe dar um bom conselho. O D'us dos judeus odeia imoralidade. Se você conseguir seduzi-los a pecar, Ele Mesmo os dizimará. Deixe-me descrever como enganar os homens judeus!"

O perverso Bilam arquitetou um plano para capturar os judeus na armadilha da imoralidade. (como será descrito no final desta parashá).

"Antes de eu partir," anunciou Bilam, "Sou compelido a lhe desvelar ainda outra profecia. Esta revelará o que os judeus farão na época de Mashiach.

Contudo, no presente você não tem motivos para temê-los, pois D'us proibiu-os de atacarem Moav."

A Quarta Bênção de Bilam

Eventos que Acontecerão na Época de David e Mashiach

"A irrevogável declaração de Bilam, filho de Beor, e a irrevogável declaração do homem com boa visão. Irrevogável declaração daquele que ouve as falas de D'us, e conhece a mente do mais Elevado. O que vê a visão do Todo Poderoso, prostrando-se enquanto lhe está sendo revelada."

Bilam revela aqui um novo aspecto de sua grandeza profética, de que sua habilidade de amaldiçoar deriva de seu "conhecimento da mente do mais Elevado" - ou seja, ele podia discernir o momento exato da ira Divina.

Além disso, Bilam louvava a si mesmo de que conhecia a "mente do mais Elevado", pois estava prestes a fazer revelações referentes a assuntos ocultos que transpirariam desde a época do Rei David até o fim dos dias.

"Eu o vejo, porém não agora; percebo-o, mas não perto."

Vejo o Rei David erguendo-se, mas não agora (pois ainda se passarão mais quatrocentos anos até o nascimento de David), e eu percebo o Rei Mashiach nesse futuro longínquo.

"Uma estrela partiu de Yaacov, e um cetro [governante] ergueu-se de Israel."

Bilam descreveu Mashiach como uma estrela que traça sua órbita de um extremo do universo a outro, para simbolizar que Mashiach reunirá os exilados de todos os cantos da terra.

As palavras "e um governante ergueu-se de Israel" podem referir-se ao Rei David ou a Mashiach.

"E perfurará os cantos de Moav, e solapa todas as nações, descendentes de Shet."

David perfurará todos os cantos de Moav, ele subjugará a terra de Moav. Mashiach solapará as nações, inclusive Moav, e essas serão subservientes ao povo judeu.

"E Edom será uma posse e Seir também se tornará propriedade do seu inimigo, e Israel a herdará."

Bilam profetizou que o exílio edomita (nosso exílio atual) será finalmente terminado por Mashiach.

"Outro governará de Yaacov e ele destruirá quaisquer vestígios da cidade [de Roma]."

Mashiach destruirá todos os remanescentes da casa de Essav.

.....
"E ele previu [a punição] de Amalec, e ele declamou sua parábola e disse: O primeiro a lutar contra os judeus [após o Êxodo] foi Amalec, e seu fim será a destruição eterna."

Bilam descreveu profeticamente o destino de duas nações - uma, Amalec, que escolheu ser inimiga do Todo Poderoso e do povo judeu; e a outra, a família de Yitrô, sogro de Moshê, (descrita no próximo versículo), que escolheu unir-se a D'us.

Amalec recusou-se a se arrepender, mesmo depois de ter perdido a guerra contra os judeus, e foi condenado à destruição eterna.

A família de Yitrô, os Kenim, mereceram bênçãos eternas.

"E ele previu [o destino] dos Kenim [descendentes de Yitrô], e declamou sua parábola e disse: Quão firme é seu local de habitação desde que você colocou seu ninho sobre a rocha."

Bilam exclamou: Vejo que você escapou das artimanhas do yêter hará (má inclinação) tal um pássaro escapa de uma armadilha.

Você fez teshuvá, converteu-se e uniu-se firmemente a Rocha, o D'us do povo judeu.

Prevejo que colherá bênçãos por isso, pois seus descendentes sentarão no San'hedrin (Corte Suprema) junto com a elite dos judeus.

"Mesmo se os Kenim se desencaminharem, quão longe a Assíria te carregará cativo?"

Bilam continuou a dirigir-se aos Kenim, afirmando: Vocês fizeram bem em unirem-se firmemente ao povo judeu. Mesmo se forem exilados por Sancheriv, rei de Assíria, junto com as Dez Tribos, não ficarão perdidos eternamente. Voltarão do Exílio, para Israel junto com os judeus.

"E declamou sua parábola e disse: Oh!, quem viverá quando D'us concederá redenção a Seu povo, recompensando os tsadikim e punindo os perversos."

A profecia de Bilam refere-se ao grande e temível Dia do Julgamento na época de Mashiach, quando D'us imporá justiça à humanidade.

"E uma flecha das mãos dos Kitim [romanos] afligirá Assíria e afligirá Ever [os judeus], porém eles [os romanos] também serão destruídos para sempre."

Bilam profetizou que os assírios seriam atacados pelos romanos, que afligi-los-ão, e a seus judeus cativos. Finalmente, no fim dos dias, Roma cairá nas mãos de Mashiach, e nosso exílio chegará a um fim.

Quando Bilam terminou essas profundas declarações proféticas, levantou-se, pois estava deitado, prostrado, enquanto D'us comunicava-se com ele. O espírito de D'us que imbuíu-Se nele em honra aos judeus partia dele para sempre. Passou o resto de sua vida como um mágico comum.

Bilam partiu para retornar a sua terra, Aram Naharayim. Antes de partir, supervisionou a construção de grande número de tendas e barracas, nas quais postou as filhas de Midyan, com o propósito de seduzir os homens judeus.

O Perverso e Imoral Conselho de Bilam

Bilam disse a Balac: "Existe um meio seguro de destruir os judeus: se pecarem D'us os castigará. D'us proibiu-os de se relacionarem com mulheres não judias, pois não quer que se misturem à outras nações.

Envie mulheres aos judeus, e diga-lhes para persuadir os homens judeus a pecar. Se conseguirem D'us fará com que os judeus desapareçam."

Balac e os nobres de Midyan decidiram levar a cabo o plano de Bilam para fazer os homens judeus pecarem. Ordenaram que suas filhas se adornassem para atraírem e seduzirem os judeus. Balac ordenou a sua própria filha que atraísse ninguém menos que Moshê.

Os moabitas encorajaram o plano vil de Midyan permitindo-lhes utilizar seu território para esse propósito.

Bilam sugeriu que um enorme bazar fosse erguido nas vizinhanças do Acampamento judeu. "Venda artigos de vestuário para atrair os judeus," aconselhou. "Coloque mulheres velhas fora das bancas, mas coloque as jovens dentro das barracas."

Naquele momento os judeus estavam acampados em Shitim, uma estação na margem leste do Jordão, nas planícies de Moav.

Acampados em Shitim, os judeus sentiram-se seguros e autoconfiantes. D'us rechaçara todos os seus inimigos, incluindo o famoso feiticeiro Bilam, que foi forçado a louvá-los e abençoá-los. Uma certa despreocupação e leviandade permeava o Acampamento.

Mais que isso, a própria parada de Shitim conduzia à lascívia. A cada parada no deserto D'us confrontava os judeus com um teste especial. Ele imbuíu Shitim com o forte apelo da imoralidade.

Porém, D'us preparara muito antes do pecado um outro agente para salvar Seu povo da destruição. Ordenou que a Arca Sagrada do Santuário fosse feita de madeira conhecida como Shitim, acácia, para expiar pelo pecado que os judeus mais tarde cometeriam em Shitim.

Os judeus, famosos por sua moralidade superior até mesmo na decadente sociedade do Egito, foram agora apanhados num teste difícil.

O pecado começou com os menos importantes do povo. Após terminarem a refeição, decidiram relaxar um pouco visitando o bazar fora do Acampamento.

As mulheres velhas paradas fora das barracas mostravam as mercadorias e cotavam o preço, comentando: "Sei que esses artigos são caros, mas temos uma variedade de artigos baratos lá dentro."

O judeu entraria na barraca e encontraria uma jovem e atraente midyanita, que pedia um preço bem baixo pelas mesmas mercadorias que vira do lado de fora. Conversando de maneira convidativa, dizia ao judeu: "Só não conseguimos entender como vocês, judeus, odeiam-nos e recusam-se a se casarem conosco. Gostamos de seu povo. Acaso não somos todos descendentes de Têrach, pai de Avraham?"

.....
"Veja, eu te dou este artigo de presente porque somos parentes. Você se parece com um velho conhecido. Por quê não se senta e come algo?"

Se o judeu recusasse, ela diria: "Não precisa objetar motivos religiosos. Sei que você segue leis dietéticas estritas. Veja, aqui há bezerras e galinhas gordas! Mande que sejam abatidos de acordo com suas exigências, então poderá comê-los. Enquanto isso, beba algo."

Cada moça tinha um frasco de vinho vermelho de forte buquê, que oferecia ao judeu.

Quando o judeu ficava embriagado, era convidado a maiores intimidades, mas apenas sob a condição de que primeiro adorasse seu ídolo, o Báal Peor. O judeu replicaria: "Não me curvarei a este ídolo." A moça então explicaria: "Você não precisa curvar-se a ele. Simplesmente realize suas funções corporais normais perante ele."

O abominável serviço desse deus requeria de seus adoradores que se alimentassem e então se despissem e se aliviassem na frente do ídolo.

Este culto simbolizava a inteira filosofia das nações gentias: "Viver a fim de satisfazer seus desejos animais. Não há motivos para sentir-se inibido, nem mesmo na frente de deuses!" Sua doutrina de absoluta falta de vergonha é diametralmente oposta ao conceito de recato e decoro da Torá, que deriva da consciência constante da presença de D'us, Que criou o homem para servi-Lo em todos os tempos.

Certa vez, uma mulher gentia sentiu-se gravemente doente e prometeu: "Se me recuperar dessa doença, adorarei todas as divindades do mundo." Ela se recuperou e perambulou de sacerdote em sacerdote para aprender sobre todos os deuses e a maneira como eram adorados.

Ao ouvir sobre a divindade Báal Peor, perguntou a seu sacerdote: "Qual o serviço deste deus?" O sacerdote instruiu-a: "Coma alguns vegetais, beba vinho, dispa-se e realize suas funções corporais na frente dele." A mulher, incrédula, comentou: "Prefiro contrair minha doença novamente a realizar este serviço repulsivo."

E contudo, como resultado do hediondo plano de Bilam, havia judeus que concordaram em adorar esse ídolo. Por isso, a ira do Todo Poderoso acendeu-se.

A maioria dos que pecaram com as moças midyanitas e adoraram o Báal Peor pertenciam ao êrev rav (convertidos egípcios). A Torá salienta que aqueles que pecaram eram "haam - o povo", uma expressão que sempre se refere aos elementos menos valorosos do povo. As sementes do desejo impuro nunca foram totalmente erradicadas de seus corações. Este indivíduos foram agora eliminados da pura estirpe dos judeus através do teste de Peor e da subsequente punição.

Contudo, mesmo judeus melhores, da Tribo de Shimon, tropeçaram ao adorarem Peor. Apesar de sua intenção ser de zombar do deus, emulando sua desgraçada maneira de adoração, foram, não obstante, considerados culpados.

D'us ordenou a Moshê que indicasse os líderes do povo como juizes para punir os que adoraram Báal Peor.

"Como posso determinar quem estava entre os idólatras?" - perguntou Moshê. "Os que adoraram Peor fizeram-no em privacidade, não na presença de testemunhas válidas que possam testemunhar contra eles."

"Eu revelarei os pecadores," respondeu D'us.

As Nuvens de Glória retiraram-se de sobre os que eram culpados, de maneira que o sol brilhou sobre eles, e ficaram expostos.

D'us também ordenou a Moshê: "Aqueles que adoraram Báal Peor serão condenados à morte."

Os juizes se reuniram, examinaram o caso e concluíram que muitos homens da tribo de Shimon adoraram Báal Peor. Foram condenados. Os demais membros da tribo de Shimon estavam revoltados. Apresentaram-se perante seu líder, Zimri, e disseram: "Como você permite que Moshê mate tantos dos nossos? Faça algo!"

Zimri traz uma mulher não judia ao Acampamento

Zimri reagiu arrogantemente, desafiando Moshê em público.

Ele fez uma proposta indecorosa a filha do rei Balac, Cozbi, que replicou: "Meu pai mandou que me oferecesse apenas a seu líder, Moshê."

Balac esperava que se sua bela filha pudesse seduzir Moshê, por conseguinte, o povo judeu inteiro cairia em suas mãos.

"Sou maior que Moshê," disse-lhe Zimri, "Ele é descendente da terceira Tribo, Levi, e eu sou da segunda, Shimon. Para provar que estou em pé de igualdade com Moshê, te levarei livremente ao Acampamento."

Descaradamente, Zimri levou a gentia perante Moshê e indagou: "Filho de Amram (Moshê), esta mulher me é permitida ou proibida?"

"Ela é proibida," replicou Moshê.

Zimri observou: "D'us disse que você é confiável. Desde que declarou que não posso viver com esta mulher, deve admitir que, da mesma forma, sua mulher é proibida, pois é filha de um sacerdote midyanita."

Moshê ficou em silêncio. (Na verdade, seu caso era diferente. Casara-se com Tsipora antes da Outorga da Torá, e além disso, sua esposa converteu-se ao judaísmo.)

Quando os judeus viram que Moshê falhara em responder, os grandes dentre eles irromperam em choro.

Os juizes estavam discutindo se Zimri merecia ser executado por um tribunal humano, ou se estava sujeito a pena de morte decretada pelo Céu.

Por quê Moshê não sabia como lidar com Zimri? D'us ocultou a lei dele. Moshê aprendeu no Monte Sinai que alguém que coabita com uma mulher gentia deve ser executado por homens devotos.

Contudo, ele não conseguia lembrar-se da lei, pois D'us desejava que Pinechas punisse Zimri em seu lugar.

Por que Moshê não implorou ajuda a D'us?

Vestida em seu traje nupcial, a princesa estava pronta para entrar no pátio nupcial. Naquele momento, descobriu-se que ela já houvera se associado a outro homem anteriormente. As notícias desgostaram tanto seu pai e a família que ficaram impossibilitados de reagir. O choque e desespero não conheciam fronteiras.

Similarmente, quando, depois de quarenta anos de andanças pelo deserto, os judeus finalmente chegaram às margens do Jordão, e estavam prestes a entrarem na Terra Prometida, foram apanhados na armadilha de pecarem com as filhas de Moav. Zimri teve a audácia de trazer uma mulher midyanita ao Acampamento em público. Moshê ficou atordoado demais para reagir.

Durante toda sua carreira, Moshê foi um corajoso homem de ação. Depois do pecado do bezerro de ouro, confrontou, sem hesitação, seiscentas mil pessoas, esmagando o bezerro ante seus olhos, e ordenando que os ídlatras fossem executados. Agora, no entanto, estava tão dominado pelo desapontamento que não rezou nem organizou um tribunal para julgar Zimri.

Moshê temia que desta vez D'us não perdoasse o povo. Não eram mais o povo jovem e imaturo que fizera o bezerro de ouro, durante o segundo ano no deserto. Agora, ao findarem quarenta anos, a nação atingira excelência em Torá e mitsvot. A regressão foi, por conseguinte, tão imensa que Moshê ficou incapacitado, por causa do desespero.

Entrementes, Zimri levou a mulher midyanita à sua tenda e aos olhos de todos.

O Ato Corajoso de Pinechas

O neto de Aharon, Pinechas, observava a cena, fervendo de indignação.

Dirigindo-se a Moshê, inquiriu: "Meu tio-avô, você não nos ensinou, ao descer do Monte Sinai, que aquele que coabita com uma mulher gentia pode ser atacado por um devoto?!"

Moshê respondeu: "Aquele que se lembra da lei que seja nosso agente e execute-a!"

"Se eu matar Zimri, na certa os membros de sua tribo me matarão, como vingança. Contudo, D'us espera que eu dê minha vida por Ele."

Pinechas, que trabalhava no Tabernáculo como levi, não estava acostumado ao manejo de armas. Não obstante, pegou uma lança para matar Zimri. Pinechas sabia que estava arriscando sua vida. Zimri era uma pessoa importante, um líder. E a família de Cozbi também vingaria sua morte.

Pinechas ainda hesitava, pois sabia que os membros de Shimon não permitiriam que entrasse na tenda de Zimri, ao redor da qual postaram guardas. A fim de obter entrada, teria de fingir que queria ser admitido porque também tinha propósitos pecaminosos. Então, se matasse Zimri, ou se Zimri o matasse, o povo pensaria que os dois lutaram pela posse de Cozbi. Desta

maneira, isto resultaria numa profanação do Nome de D'us ainda maior.

Todavia, suas deliberações chegaram a um repentino fim, pois uma praga começara a afligir o povo. A ira de D'us acendera-se contra os judeus por causa do pecado público de Zimri. Agora Pinechas sabia que precisava agir, a fim de salvar o povo da punição Celestial.

Tomou a lança de Moshê, escondeu a ponta de metal em suas roupas e usou o cabo de madeira como uma bengala. Ao se aproximar da tenda, os guardas lhe perguntaram: "O que você quer aqui?"

Pinechas replicou: "Não sou pior que seu líder. Meu pai, assim como Moshê, casou-se com uma mulher midyanita. Gosto das midyanitas."

Permitiram-lhe que entrasse. Uma vez lá dentro, Pinechas arremeteu a lança contra ambos, Zimri e Cozbi.

D'us realizou doze milagres para proteger Pinechas e demonstrar que este agira corretamente. Por exemplo, a ponta de ferro da lança alongou-se de forma que os dois pecadores foram trespassados juntos. D'us fechou as bocas de Zimri e Cozbi, de forma que não podiam gritar.

Se tivessem gritado, membros da tribo de Shimon correriam imediatamente, para matar Pinechas. Eles não expiraram imediatamente, se não Pinechas ficaria impuro. Tampouco sangraram, nem o impurificaram como consequência disso. Foi-lhe concedida força extra para erguê-los e mostrá-los ao povo.

Assim que Pinechas matou Zimri a praga cessou.

Quando Pinechas expôs o casal assassinado ao povo, os membros da tribo de Shimon quiseram matá-lo. D'us renovou a praga, e quem quer que atacasse Pinechas, perecia.

Côncio disso, Pinechas atirou ao chão o casal morto e começou a rezar em prol da tribo de Shimon, como está escrito (Tehilim 106:30): "E levantou-se Pinechas e suplicou." D'us ouviu sua oração, e a praga chegou ao fim.

Similarmente, o ato zeloso de Pinechas impediu a destruição do povo judeu.

Vinte e quatro mil judeus morreram na praga (todos da Tribo de Shimon), comparados aos três mil que foram executados depois do pecado do bezerro de ouro. O pecado em Shitim foi mais grave; uma vez que envolvia imoralidade, além de idolatria, mais que isso, degradou a honra dos judeus, pois cometeram devassidão com mulheres gentias.

Através da história subsequente de nosso povo, todas as tribos produziram grandes líderes, com a exceção de Shimon. As consequências do crime de Zimri em Shitim demonstram o quão seriamente D'us considera o pecado da imoralidade.

Através de seu ato corajoso, Pinechas restaurou a honra de D'us. Ignorou a importância de Zimri, que era um líder, e a de Cozbi, uma princesa midyanita, demonstrando, desta feita, que a honra de D'us está acima de tudo. Sua façanha exemplifica os

.....
poderosos resultados que podem ser obtidos até mesmo por um único indivíduo que age em Nome dos Céus.

Pinechas também ensinou aos judeus que para defender a honra de D'us um judeu deve ser corajoso, mesmo que isso lhe seja desagradável ou signifique arriscar sua própria vida.

Chochmá e Biná na Parashá

Por Eli Touger

Adaptado do maamar e sichot do Rebe, de Yud Guimel Tamuz, 5722,

ensinamentos do Lubavitcher Rebe

Pais e Mães

Nossos sábios interpretam¹ o versículo²: “Do topo do monte, eu o vejo. Eu o contemplo de cima das colinas”, como uma alegoria, explicando que “Do topo do monte” se refere aos Patriarcas e “as colinas” se refere às Matriarcas.

A importância deste comentário pode ser entendida comparando-se os diferentes relacionamentos que um pai e uma mãe têm com seus filhos. A conexão de um pai é geral; ela não se relaciona ao corpo da criança de uma forma específica³. É através da nutrição do feto pela mãe por nove meses que os membros e órgãos que constituem o corpo da criança se definem e se desenvolvem⁴.

Por este motivo, mesmo depois do nascimento da criança, sua mãe compartilha um relacionamento mais próximo com ela do que seu pai, pois foi ela quem modelou as particularidades de sua existência. E assim, uma criança tem um amor maior por sua mãe do que pelo seu pai, e um maior grau de temor por seu pai⁵. O amor depende de proximidade, e o temor acontece através da distância.

Conceitos semelhantes se aplicam em relação aos Patriarcas e às Matriarcas do Povo Judeu. Por este motivo, ao falarmos sobre os Patriarcas, o versículo usa a expressão “Eu o vejo”, que indica olhar à distância, enquanto em relação às Matriarcas, é usada a expressão “Eu olho para ele”, sichisa, que indica proximidade.

Isto é indicado pelo Targum, pois a expressão “Eu olho para ele”, sichisa, que também é usado como o Targum para a palavra vitabeit⁶. Habat, a raiz hebraica para o último termo, indica olhar de perto com intenção e interesse⁷.

À Imagem de D'us

A concepção de uma criança no plano físico, como acontece com todas as outras entidades materiais, se origina de sua fonte espiritual. Nossas emoções são referidas como “descendência”, porque elas são trazidas à vida pelo intelecto. Profundo entendimento e meditação sobre a grandeza de D'us produz amor e temor de D'us.

Mais particularmente, nosso processo conceitual pode ser dividido em dois impulsos: Chochmá e Biná. Chochmá é o núcleo seminal do entendimento.

Portanto, ele é descrito com a analogia de um pai. Binah representa o desenvolvimento de uma estrutura conceitual e, assim, ela é referida com a analogia de uma mãe⁸.

Nossos poderes da alma se originam das Sefirot celestiais⁹. E, assim, um padrão semelhante existe em relação a estas Sefirot.

Elas são divididas em duas categorias fundamentais que correspondem ao intelecto e à emoção; é o intelecto celestial, Chochmá e Biná, que gera as emoções celestiais¹⁰. E estas emoções dão origem aos mundos espirituais¹¹.

Mais particularmente, o paralelo reflete o trabalho de Chochmá e Biná. Chochmá serve como “o pai”, pois ela está distante das emoções e certamente dos mundos que elas dão origem. Biná é considerada “a mãe”, pois ela está mais perto das emoções e também dos mundos.

Porque Biná está mais próxima aos mundos, a estrutura de referência que caracteriza os mundos é importante para ela. Portanto, a influência de Biná no mundo, a compreensão da Divindade, não anula aquela estrutura de referência.

Em vez disso, ela causa somente btul hayesh, abnegação que não bane inteiramente o nosso conceito de ego.

A pessoa devota a si mesma a um propósito maior, mais ainda, retém sua identidade individual, Chochmá, ao contrário, aprecia que “Somente Ele existe; nada mais existe”¹²; toda a outra existência empalidece à luz de Sua presença.

Este nível de consciência é, de fato, refletido no nome Chochmá cujas letras podem ser rearranjadas para formar as palavras koach mah¹³ – que reflete completo e absoluto bitul, bitul bimetzuius.

Esforçando-se por um Propósito

Os Patriarcas e as Matriarcas compartilham uma conexão com todo judeu, concedendo a todo membro do povo seu legado espiritual¹⁴. Implícito está o fato de que todo judeu possui dois estímulos espirituais gerais. Os Patriarcas concedem a ele a qualidade de Chochmá, o potencial para a completa e absoluta abnegação, refletindo a unidade sublime, enquanto as Matriarcas concedem a ele a qualidade de Biná, abnegação que o permite reter sua identidade, refletindo o plano inferior da unidade.

O objetivo absoluto da existência é que o mundo seja transformado em uma moradia para D'us. Assim, nosso serviço Divino não deve ser removido do mundo, mas deve se concentrar em fazer do mundo um meio para a Divindade como ela existe dentro de seu próprio contexto.

Por este motivo, as Matriarcas, cujo serviço Divino reflete um envolvimento mais próximo dentro do mundo, possuem uma vantagem sobre os Patriarcas (apesar do fato de que Biná, a qualidade que elas personificam, recebe meramente a influência de Chochmá, a qualidade personificada pelos Patriarcas). E, portanto, Avraham foi instruído a¹⁵: “Ouça a tudo o que Sara te diz”.

Ambos os estímulos, o esforço em direção à unidade sublime e à unidade inferior, que vem dos Patriarcas e das Matriarcas (os “topos dos montes” e das “colinas”), fortalecem o Povo Judeu,

.....
permitindo-o alcançar o estado descrito na continuação do versículo16: “É uma nação morando sozinha em segurança, não sendo contada entre as nações”.

Mesmo durante o exílio, esta profecia continua a ser cumprida. A identidade dos judeus permaneceu intacta; eles não se assimilaram entre as nações. De fato, o exílio eleva os judeus a um nível mais alto, como indicado pela interpretação deste versículo pelo Targum como prenúncio da Era da Redenção quando “no futuro, esta nação tomará posse da Terra”, com a chegada da verdadeira e absoluta Redenção, liderada pelo Mashiach; que isto possa acontecer brevemente.

Uma Mulher em sua Casa

Todo lar judeu é um mundo por si mesmo, no qual estão manifestadas todas as Dez Sefirot¹⁷. Assim como dentro das Sefirot celestiais e dentro dos poderes de nossa alma existe uma vantagem de Biná sobre Chochmá (apesar do fato de Biná receber influência de Chochmá), também dentro do lar judaico, existe uma dimensão de supremacia na posição da mulher.

E a posição da mulher no lar reflete o funcionamento destas Sefirot. A Sefirá de Biná recebe influência de Chochmá e transmite aquela influência aos atributos emocionais. Assim também, a mulher recebe orientação de seu marido, como indicado pela declaração de nossos Sábios¹⁸: “Quem é uma mulher perfeita? Aquela que cumpre a vontade de seu marido”.

Apesar disto, o funcionamento real do lar, incluindo a educação dos filhos, hospitalidade aos hóspedes, presentes generosos para tzedaca e outras coisas semelhantes são todas atribuições das mulheres.

Um homem está fora de casa durante a maior parte do dia. Ele está ocupado com o estudo da Torá e com a reza, ou em ganhar o seu sustento. Para que sua vontade seja “cumprida”, manifestada de verdade em sua vida, ele deve contar com sua “esposa perfeita”.

Além disso, a palavra hebraica traduzida como “cumprida”, osê, também significa “fazer”. Por vezes, uma “mulher perfeita” “faz a vontade de seu marido”¹⁹. Existem vezes em que as pressões e dificuldades que ele enfrenta o enfraquecem e o impedem de desejar as coisas corretas.

Naquele momento, “sua esposa perfeita” deve, de uma forma gentil e agradável, moldar a vontade de seu marido, seduzindo-o a desejar cumprir a vontade de D'us que reside dentro do coração de todo judeu²⁰.

“Quando um marido e uma esposa são merecedores, a Presença Divina fica entre eles”²¹. Quando um lar judaico é conduzido como “um Santuário no microcosmo”²², a Presença Divina repousa dentro dele. E já que a “Presença Divina repousa dentro dele”, “nenhum mal residirá entre vós”²³. Ao contrário, Ele concederá somente bondade, bondade evidente e aparente, manifestada em abundantes bênçãos em filhos, saúde e prosperidade.

NOTAS

1.Bamidbar Rabbah 20:19; Midrash Tanchuma, Balac, seção 12; Zohar, Vol. III, p. 210b.

2.Bamidbar 23:9.

3.Nossos Sábios (Nidah 31a) afirmam que a semente do pai é responsável pelos músculos, ossos e unhas. Apesar disto, a existência real até mesmo destas partes do corpo depende da nutrição que o feto recebe no ventre de sua mãe.

4.Ver Tanya, cap. 2.

5.Ver Kidushin 30b (citado pelo Rashi em seu comentário sobre Vayicra 19:3). O mesmo se aplica em relação às Sefirot de chochmea e Biná, que são descritas com as analogias de um pai e uma mãe. Chochmá dá origem a (e é uma) manifestação de temor, enquanto Biná dá origem a (e é uma) manifestação de amor.

6.Bereshit 19:26.

7.Ver também Rashi, Bamidbar 21:8. Em outras fontes, é explicado que “Eu olho para ele” se refere a olhar de uma distância, e “eu o vejo” se refere a olhar de perto. Ambos os conceitos têm suas fontes em Eichah Rabá 5:1. Ver também o maamar do Tsemach Tsedek intitulado Ki MeiRosh Tzurim (Or HaTorá, Balac, p. 914).

8.Tanya, cap. 3; Biurei Zohar, Balac 103b.

9.Tanya, ibid.

10.Nissan, também existe um paralelo com os poderes da alma. O intelecto é direcionado para dentro, enquanto as emoções são direcionadas para os outros.

11.Por este motivo, as emoções são referidas como “os dias da criação” (Tanya, cap. 3).

12.Tanya, cap. 35 no comentário.

13.Tikunei Zohar, Hakdamá 4a; Tanya, caps. 3 e 18.

14.Por aquele motivo, existem somente três Patriarcas (Berachot 16b). Pois nem todo indivíduo possui os potenciais espirituais identificados com cada uma das tribos. Em relação aos Patriarcas e às Matriarcas, ao contrário, seu legado espiritual é concedido a cada um de seus descendentes (Torá Or, Parshas Va'eira 55a).

Baseado no acima exposto, nós podemos explicar porque certos Rishonim (ver Ritva, Yevamos 46a) afirmam que o conceito da existência de somente três Patriarcas e quatro Matriarcas se aplica somente em relação à reza.

Superficialmente, já que o Talmud usa o termo “Patriarcas e Matriarcas” para se referir a toda a geração que deixou o Egito, o termo está certamente sendo usado de forma apropriada.

Por que, então, é inapropriado descrever estes outros como Patriarcas também em relação à reza? Esta questão pode ser resolvida com base no conceito que o termo “Patriarcas e Matriarcas” indica que seu legado é transmitido a todo membro do Povo Judeu.

Portanto, em relação a certa qualidade, outros podem também ser referidos como Patriarcas e Matriarcas se a qualidade que eles transmitem foi concedida ao nosso povo como um todo. Por isso, a passagem em Yevamos usa estes termos em relação ao

.....
processo através do qual nossos ancestrais aceitaram o Judaísmo após o êxodo.

De fato, este processo tem um efeito durador em todos os seus descendentes, fazendo com que cada um deles seja considerado como parte do Povo Judeu.

Similarmente, na Hagadá, o termo avoteinu, que significa “nossos Patriarcas”, é usado em relação a todo o povo que deixou o Egito, pois o êxodo é uma questão de relevância geral.

Em relação à reza, o processo de conexão entre os judeus e D'us, esta conexão inclui somente sete qualidades fundamentais. E estas qualidades são os legados espirituais dos três Patriarcas e das quatro matriarcas (Sichot 2a Noite de Pêssach, 5723).

15. Bereshit 21:12. O Alter Rebe (Likutei Torá, Shir HaShirim 15c) explica o motivo pelo qual as Matriarcas possuíam uma vantagem sobre os Patriarcas da seguinte maneira: Os Patriarcas tiveram uma amostra do Mundo Vindouro (Bava Basra 16b) e, no futuro, a vantagem da dimensão feminina será revelada como aludido pela profecia (Yirmeyahu 31:21): “O feminino circundará o masculino”.

Não existe nenhuma contradição entre aquele conceito e a explicação acima, pois o conceito de uma moradia no mundo inferior, e que esta moradia deve ser moldada dentro do contexto do próprio mundo, não será revelada até a Era da Redenção.

16. Bamidbar 23:9; ver o comentário de Rashi.

17. Neste contexto, o AriZal (Likutei HaShas, Yevamos) explica porque a mitsvá de frutificar e multiplicar é cumprida quando se dá a luz a um menino e a uma menina, pois isto completa a estrutura do nome de D'us Y-H-V-H (que reflete as Dez Sefirot). O pai representa o yud, a qualidade de Chochmá; a mãe, o primeiro hey, a qualidade de Biná; o filho, o vav, as midot de Za'er Anpin; e a filha, o segundo hey, a qualidade de Malchut.

18. Tanna d'Bei Eliyahu Rabbah, cap. 9 (usando palavras ligeiramente diferentes).

19. Ver a interpretação de osin ratzono shel Makom, “cumprir (ou fazer) a vontade de D'us” em Likutei Torá, Vayicra, p. 32d.

20. Ver Rambam, Mishnê Torá, Hilchos Gerushin 2:20.

21. Sotá 17a.

22. Cf. Yechezkel 11:6.

23. Tehillim 5:5.

Escute o Seu Corpo

A história de Balam e sua jumenta é a história das nossas próprias vidas, com uma porção de lições

Um misterioso evento na porção desta semana da Torá revela um fenômeno novo para a moderna psicologia – que devemos ouvir a voz do nosso corpo, que carrega mensagens, lembranças e força potente.

Um dos episódios mais estranhos na história ocorre na porção desta semana. O profeta não-judeu Balam é contratado pelo rei moabita Balac para amaldiçoar o povo judeu. Ele desejava

derrotá-lo em batalha e expulsá-lo. A princípio D'us não permite que Balam vá. Mas depois que os emissários de Balac imploraram a Ele, D'us permite que ele vá, dizendo: “Mas faça apenas exatamente como Eu o instruir.”

Balam levantou-se pela manhã, arreou sua jumenta e se pôs a caminho. D'us colocou Seu anjo na estrada para enfrentá-lo. Quando a jumenta viu o anjo de D'us de pé com uma espada na mão, saiu da estrada e foi para um campo. Balam bateu no animal para fazê-lo voltar à estrada. O anjo de D'us então ficou de pé numa trilha estreita através do vinhedo, onde havia uma cerca de cada lado.

Quando a jumenta viu o anjo de D'us, afastou-se para o lado, esmagando o pé de Balam contra o muro. Este a golpeou ainda mais. O anjo de D'us continuou à frente, e ficou num local estreito, onde não havia espaço para virar-se para a direita ou para a esquerda. Quando a jumenta viu o anjo de D'us, deitou-se recusando-se a ceder a Balam. Este perdeu a paciência e bateu no animal com uma vara.

D'us então abriu a boca da jumenta, e esta perguntou a Balam: “O que eu fiz a você para que me batesse três vezes?”

“Você me constrangeu [ou: está brincando comigo]” – gritou Balam à jumenta, “Se eu tivesse uma espada na mão agora mesmo teria matado você!”

A jumenta replicou: “Não sou sua [fiel] jumenta, a qual você tem cavalcado até este dia. Alguma vez fui desrespeitosa com você?” Balam respondeu: “Não.”

D'us então abriu os olhos de Balam e ele viu o anjo de pé na estrada com uma espada na mão. [Balam] ajoelhou-se e prostrou-se diante dele.

O anjo de D'us disse-lhe: “Por que bateu na jumenta três vezes? Vim para enfrentá-lo, porque sua incumbência é detestável para mim. Quando a jumenta me viu, ficou de lado três vezes. Se ela não tivesse se voltado perante mim, como fez agora, eu teria matado você e poupado [a jumenta].”

Balam disse ao anjo de D'us: “Eu pequei! Não sabia que você estava na estrada à minha frente. Se você considera errado [eu ir], voltarei para casa.” O anjo disse a Balam: “Vá com os homens, mas não diga outra coisa além das palavras exatas que declaro a você.”

A narrativa prossegue com D'us obrigando Balam a abençoar os judeus em vez de amaldiçoá-los, para espanto de Balam e seus acompanhantes.

Essa história com a jumenta falante é intrigante do princípio ao fim. Se D'us não queria que Balam fosse até Balac, por que simplesmente não o impediu de ir? Se por algum motivo D'us queria bloquear seu caminho com um anjo, por que escondeu o fato de Balam e permitiu que a jumenta visse o anjo – afinal, Balam, não a jumenta, era o profeta!

Um axioma da Torá declara que D'us não faz milages em vão. Por que então foi necessário esse milagre dos milagres, fazer a jumenta ver o anjo, resistir a mover-se, até que a jumenta termina por falar? Esse milagre teria sido totalmente desnecessário se o

.....
próprio Balam tivesse visto o anjo. Por que a necessidade de abrir a boca da jumenta?

A trama se complica: a Mishná declara (na Ética dos Nossos Pais) que a “boca da jumenta” foi uma das dez coisas singulares criadas ao crepúsculo do sexto dia da criação! Em outras palavras, D'us plantou esse episódio desde o princípio dos tempos criando a “boca da jumenta” para o dia em que o animal fosse falar com Balam!

Por que a “boca da jumenta” é tão significativa?

Em poucas palavras: a Torá fala na linguagem do homem. Por baixo do significado literal na narrativa da Torá estão camadas e mais camadas de dimensões mais profundas. No “corpo” da história está sua alma – ideias profundas, espirituais e psicológicas que iluminam a natureza de nossa psique e fornecem uma direção sobre como lidar com os desafios da vida. Todo personagem na Torá, todo episódio de sua narrativa faz paralelo com uma faceta de nossa personalidade.

A história de Balam e sua jumenta é a história das nossas próprias vidas, com uma porção de lições.

A palavra hebraica para jumento é “chamor”. [Uma jumenta (jennet) é chamada “osson”. “Pered” é o nome hebraico para mula, um híbrido nascido de cavalo e jumenta. Porém, o nome geral para jumento, macho ou fêmea, é “chamor”].

O Baal Shem Tov explica que “chamor” também significa matéria. Em Shemot o versículo declara: “Quando vires o jumento de teu amigo sendo sobrecarregado pelos seus fardos, não o ignore. Cabe a você ajudá-lo a aliviar seu fardo.” O Baal Shem Tov interpreta: você observa “chamor” – seu corpo físico e o grosseiro materialismo da vida – e vê que ele é seu inimigo, opondo-se a tudo que é espiritual, e sentindo-se sobrecarregado pelas sublimes responsabilidades da alma.

Você pode então pensar em ignorar o corpo para que ele não o distraia de cumprir ao seu chamado. Você pode até querer punir seu corpo por meio do ascetismo e auto-flagelação. Diz a Torá: Não! Você é responsável por apoiar, refinar e elevar o “chamor”, mesmo que ostensivamente ele seja seu inimigo.

O Profeta Balam representa o paradoxo de um homem espiritual trancado num estilo de vida decadente. Cada um de nós tem duas dimensões: um lado sagrado e um profano. Uma pessoa pode ser profundamente espiritual, mas também profundamente corrupta.

Na verdade, o Talmud diz: “quanto maior a pessoa, maior sua má inclinação.” Uma pessoa extraordinariamente dotada sempre tem desafios igualmente poderosos.

Se forem deixados sem disciplina, esses dons podem ser abusados. E quando eles são, é muito difícil chegar até a pessoa. Porque quanto mais inteligente ela é, melhores são as suas desculpas e sua capacidade para cobrir suas pistas. Pode mascarar sua subjetividade com brilhantes cortinas de fumaça.

No seu extremo, você tem Balam. Um profeta propenso e deliciado em usar seu poder Divino para amaldiçoar uma nação inteira.

Corrupção ou distorção espiritual é pior que outras formas de corrupção, porque usa uma força muito positiva para fins negativos. Em outros exemplos de corrupção, você sempre pode esperar que a consciência e o espírito da pessoa possam ser despertados. Mas depois que o espírito foi corrompido, e a alma ficou refém das forças destrutivas, que recurso resta?

O mesmo é verdade para qualquer abuso perpetrado por uma pessoa que supostamente ama você: um pai, um irmão, um cônjuge. Com estranhos ficamos em guarda. Se um estranho é abusivo, ele/ela não pode ferir você excessivamente porque você não espera muito de um estranho.

Porém, abuso vindo de um ente querido magoa no local mais profundo: o local do amor. Um pai, por exemplo, supõe-se que ama você, e como filho você está vulnerável perante ele. Assim, quando um pai é abusivo, isso afeta o próprio âmago do nosso ser: nossa alma. O pior abuso é aquele que fere nossos locais mais vulneráveis. Nada é pior que o próprio amor – e a fonte do amor – (ab)usada de maneira cruel.

Então qual é o antídoto para este exemplo de distorção? Se a pessoa querida, ou aquela que deveria estar proporcionando amor, torna-se corrupta a ponto de nem sequer ouvir, como então você faz contato com ela?

O dilema também está na perspectiva do abusado (o sobrevivente): depois que alguém foi magoado numa parte profunda de seu espírito, não permite que mais ninguém entre. Então, como ele pode ser alcançado?

Porém, D'us em Sua infinita sabedoria precede a cura antes da doença. Até quando a alma parece ser incapaz de ouvir a mensagem, o corpo tem sua própria voz que fala conosco. Na moderna psicologia há um fenômeno, que chamamos de “hipotermia psicológica”.

Quando uma criança sofre abuso severo por parte de um ente querido (especialmente se é continuado) ela “sai do corpo” para distanciar-se da experiência. Um dos motivos para isto é presumivelmente porque a criança não pode tolerar a possibilidade de um ente querido a ferindo. Portanto, se dissocia da experiência, como se não acontecesse com ela.

A hipotermia é “uma diminuição da temperatura do corpo a um nível no qual as funções cerebrais e musculares normais são afetadas.” Quando uma criança, por exemplo, cai em água gelada, e sua temperatura decresce a níveis perigosos, a criança entra em estado de choque, que fecha as funções vitais básicas a tal ponto que ela pode parecer morta, a fim de preservar o mínimo de energia para os órgãos vitais.

Em outras palavras, para sobreviver, as faculdades conscientes precisam parar de funcionar temporariamente. O mesmo é verdade no campo psicológico. A fim de sobreviver, às vezes temos de nos afastar de uma experiência, a tal ponto que podemos ficar inconscientes dela em nossa mente consciente.

Porém – e este é o grande porém – mesmo quando nosso espírito consciente está inconsciente da experiência, nosso corpo se lembra dela. Toda experiência em nossa vida está ligada à lembrança do nosso corpo.

.....
É por isso que falamos sobre sentir “nós” e “apertos” em nosso corpo. Sensações psicológicas não permanecem no âmbito mental; elas mergulham no corpo, causando todos os tipos de reações físicas (“nó no estômago: é um exemplo suave). A ansiedade cria toxinas em seu corpo. Experiências fortemente traumáticas dão “nós” no seu corpo.

Em casos graves, a mudança de personalidade que ocorre na hora do abuso permanece muito depois da experiência. Uma criança pode crescer e ficar adulta e realmente mudar de personalidade, e está vivendo, em algumas maneiras, como outra pessoa, após ter tido experiências “fora do corpo”, tão grave foi o abuso inicial.

Mas, mesmo quando a alma, qualquer que seja o motivo, é incapaz de reconhecer conscientemente uma experiência, o corpo a armazenou, para o dia em que será seguro emergir. E nisso está a verdadeira força da terapia e crescimento: ajudar um indivíduo a encontrar segurança, para que possa então trabalhar em “desatar os nós” e permitir-se acessar a alma que teve de se esconder há tanto tempo.

De maneira alguma esse é um processo simples. Pode até ser torturante às vezes. Porém, de uma maneira estranha esse fenômeno é testemunha das maiores resistências do ser humano: D'us permite que um filho sobreviva até às piores experiências, e então dá a ele a força para reconectar-se consigo mesmo quando a hora for certa e a situação segura.

Mesmo quando a alma não está consciente da lembrança, porque o abuso veio de uma conexão da alma – uma pessoa amorosa – o corpo é dotado com uma sabedoria que recorda. E guarda o segredo até o dia em que a alma conseguirá escutar a mensagem.

Este é o interior da história de Balam e sua jumenta. D'us não podia contactar Balam num nível fundamental. Ele viu que Balam tinha a intenção de ir até Balac e ajudá-lo a implementar seu plano maléfico. Mas mesmo quando a alma não pode ser alcançada, o corpo pode. Assim é o “chamor” – o corpo – que vê o “anjo” e é o corpo que clama à pessoa, fazendo-a abrir os olhos.

O que é mais fascinante sobre este conceito é que geralmente associamos percepção com a alma. Porém, o misticismo judaico ensina que o corpo também foi criado por D'us. Ele contém, portanto, energia Divina única que é sua. Na verdade, o corpo carrega enorme poder originado da Essência de D'us, que em algumas maneiras é superior até à energia da alma!

Mas com frequência, quando nosso corpo fala conosco, conclamando-nos a agir, podemos ignorar a voz.

Ou pior: podemos “bater” no corpo, como Balam bateu na jumenta, porque está se tornando um empecilho e nos distraindo de nossos planos equivocados.

Portanto, temos muitas vozes disponíveis. Numa situação sadia, e em muitos exemplos, é a voz da nossa alma que devemos considerar.

Porém, às vezes nosso corpo carrega importantes mensagens para nós. A pergunta é: estamos escutando?

Bênçãos no Lugar de Maldições

"Os que te abençoarem serão abençoados, e os que te amaldiçoarem serão amaldiçoados."

Todos nós ouvimos a história - relatada na leitura da Torá desta semana - de como o Rei Balac encarregou Bilam de amaldiçoar os Filhos de Israel, e de como D'us transformou as maldições da boca do profeta em bênçãos.

Lemos os versos saindo dos lábios de Bilam, o que inclui adjetivos primorosos jamais ditas sobre o povo judeu. Linda história. Mas o Talmud pergunta: O que Bilam queria dizer? Quais eram as suas maldições que foram transformadas em bênçãos?

Bem, sigamos a lógica do Talmud. Se as maldições foram transformadas em bênçãos, então deveriam ser diametralmente opostas às bênçãos. Se quisermos saber o que Bilam queria dizer, devemos examinar mais detidamente as palavras que ele realmente proferiu.

O que Bilam abençoou?

Que grandes reis surgirão em Israel, estabelecendo uma dinastia que durará por gerações e jamais será quebrada; que Israel será soberana na sua terra para sempre, a maior e mais poderosa na família das nações, a Presença Divina habitando em seu meio, liderando a humanidade em sua busca para conhecer e servir a seu Criador.

Então, o que Bilam queria dizer?

Exatamente o contrário, obviamente: que os reis de Israel cairiam, sua dinastia real seria interrompida, sua soberania teria um fim, a Presença Divina em seu Templo Sagrado partiria, seu poder terminaria, sua liderança empalideceria.

Mas o Talmud não deixa isso assim. Enfatizando este ponto, insiste: então o que aconteceu no final? O Talmud relata que, todos os dias, há um momento em que D'us fica irado.

Isto significa que é justamente nesta hora que Ele julga os pecadores. Evidentemente, aquele que é culpado de transgressão, fica mais vulnerável nesta hora.

Bilam tinha o dom de saber exatamente quando ocorriam estes momentos. Uma maldição proferida nestes instantes poderia expor sua vítima ao julgamento Divino.

Mas durante todos aqueles dias em que Bilam tentou maldizer os judeus, D'us conteve sua ira agindo com muita bondade com o povo judeu.

A Torá não diz "vayicrá" - D'us chamou Bilam. A Torá emprega a palavra "vayicar", significa que D'us "encontrou por casualidade" com Bilam. Também significa que D'us ficou aborrecido por ter de falar com alguém tão impuro como Bilam.

D'us perguntou a Bilam: "Perverso, o que você está fazendo aqui?" "Preparei sete altares com sacrifícios," replicou Bilam, "como presentes a Ti." Bilam esperava o favorecimento de D'us subornando-O com sacrifícios.

D'us respondeu: "Prefiro uma colher cheia de farinha oferecida pelos judeus, descendentes de Meu amado Avraham, aos

.....
suntuosos sacrifícios daqueles que Eu odeio. Não quero as oferendas de um perverso. Volte para o rei Balac e fale com ele."

Bilam implorou a D'us para que o deixasse amaldiçoar o povo judeu; mas enquanto no seu íntimo formulara uma maldição, D'us enrolou sua língua, forçando-o a pronunciar o oposto do que pensava.

Foi como se D'us tivesse posto um freio em sua boca, obrigando-o a dizer apenas o que D'us queria que ele dissesse. Bilam já não podia escolher suas próprias palavras. Balac furioso dirige-se a Bilam: "O que você fez comigo?" - censurou-o. "Eu lhe convoquei para amaldiçoar meus inimigos, e você os abençoa!"

"Não posso fazer nada a esse respeito," replicou Bilam, "pois sou forçado a falar o que D'us coloca em minha boca."

Em uma nova tentativa, Bilam tenta apelar para seus poderes tentando expor os pecados do povo judeu. Virou sua face em direção ao deserto a fim de lembrar D'us do pecado do bezerro de ouro.

Não obstante, ao erguer os olhos, percebeu que a Shechiná pairava sobre as tendas dos israelitas. Soube então que D'us perdoara seu pecado. Bilam desejava lançar um mau olhar sobre os judeus, porém foi forçado a afirmar que esta nação era tão sagrada que seu mau olhar não tinha poder contra eles.

Em honra ao povo judeu, o espírito de profecia penetrou Bilam. D'us forçou-o a pronunciar novas bênçãos.

"[Os judeus são] como os riachos que fluem, como jardins às margens do rio, tão fragrantos quanto os aloés que D'us plantou, como as árvores de cedro à beira da água."

Bilam descreveu poeticamente a grandeza dos judeus, um povo que estuda Torá e cumpre as mitsvot. Os judeus que entram nas Casas de Estudos são comparados aos riachos dos quais a água (Torá) flui, e às plantas nas margens do rio, uma vez que o estudo da Torá purifica como a água.

São comparados às belas e fragrantas plantas que produzem frutos, como as que D'us plantou originalmente no Paraíso. Seu estudo eleva-os, do mesmo modo que as árvores de cedro são muito mais altas que outras árvores.

"Os que te abençoarem serão abençoados, e os que te amaldiçoarem serão amaldiçoados."

Balac dirige-se furioso a Bilam após ouvir somente bênçãos, em uma delas enaltecendo as tendas de Israel. "Você já abençoou meus inimigos três vezes," vituperou. " Vejo que D'us não quer que você seja honrado." Bilam respondeu: "Mesmo se me der todo seu dinheiro, devo abençoar os judeus, pois D'us colocou essas bênçãos na minha boca."

Balac convidara Bilam para amaldiçoar os judeus, pois acreditava que estes estavam sujeitos às forças naturais (mazal), como todas as outras nações. Balac era instruído em assuntos práticos; por exemplo, podia determinar exatamente onde alguém deveria postar-se para amaldiçoar enquanto Bilam possuía as chaves interiores, as palavras apropriadas para amaldiçoar.

De fato, a perícia de um completava a do outro. Podem ser comparados a um cirurgião e um anatomista, Bilam, podia manejar o bisturi, mas não estava familiarizado com as partes do corpo.

O outro (Balac) era como um anatomista que consegue identificar o órgão doente, porém não pode realizar a cirurgia. No entanto, juntos poderiam empreender uma operação. Bilam sabia a hora exata em que uma maldição pode ser efetiva, e Balac sabia o local de onde deveria ser pronunciada.

No entanto, nenhuma destas habilidades, mesmo associadas surtiu qualquer efeito, pois o povo judeu está acima de magia e maldições. Ditas pela boca de Bilam: "Como posso amaldiçoar um povo cujo D'us está constantemente em seu meio, e os guarda e protege? 'O Guardião de Israel não dorme nem dormita'"

Ao terminar de abençoar o povo judeu repetidamente, Bilam terminou essas profundas declarações proféticas levantando-se, pois estava deitado, prostrado, enquanto D'us comunicava-se com ele.

O espírito de D'us que imbuíu-Se nele em honra aos judeus partia dele para sempre. Passou o resto de sua vida como um mágico comum.

As Tendas de Israel

Os dias de David e Salomão viram o cumprimento das bênçãos de Bilam. Mas então tudo começou a desmoronar. As pessoas abandonaram seu D'us, a nação foi tomada pela discórdia; a dinastia davídica foi destronada, o Templo Sagrado destruído, a orgulhosa nação expulsa de sua terra e subjugada e perseguida por séculos.

Portanto, no final as maldições de Bilam prevaleceram! D'us as transformou em bênçãos, mas nós as transformamos de volta no formato original de Bilam. A linda história teve um fim desastroso.

Mas há uma bênção que mantivemos. "Como tuas tendas são agradáveis, ó Yaacov" - proclamou Bilam das Alturas de Peor. Estas, diz o Talmud, são as casas da prece e as casas de aprendizado plantadas no coração de toda comunidade judaica: sinagogas e ensino de Torá.

Estas tendas e habitações jamais foram desmontadas. Após dois mil anos como "filhos banidos da mesa do pai" ainda nos comunicamos com D'us três vezes ao dia em nossas casas de oração.

Trinta e três séculos depois do Sinai, a Torá ainda é estudada, exposta e debatida em nossas escolas.

"Quão boas são tuas tendas, Yaacov, tuas habitações, Israel."

Os judeus arrumaram suas tendas de forma que nenhuma entrada ou janela ficasse de frente para a outra. Isto possibilitava que cada família conduzisse todos os seus assuntos em particular.

Mais que isso, ninguém ficaria tentado a olhar ou cobiçar a mulher ou os pertences do vizinho. Percebendo isso, Bilam exclamou: "Quão boas são tuas tendas, Oh, Yaacov!"

.....
Este versículo implica:

Quão boas são as tendas da Shechiná, os Santuários e os dois Templos, todos vistos profeticamente por Bilam.

Quão boas são as Casas de Orações e Estudos de Torá, as miniaturas do Templo no exílio! Da bênção de Bilam fica evidente qual era a maldição que ele deseja pronunciar; que os judeus no exílio não terão mais Casas de Orações e Estudos, intensificando sua conexão com o Todo Poderoso. Contudo, D'us fez com que Bilam concedesse uma bênção de que as Sinagogas e Casa de Estudos permaneceriam com o povo judeu para sempre.

Essas bênçãos são tão significativas que os sábios incorporaram-nas às orações diárias. D'us queria que estas bênçãos sublimes viessem ao povo judeu através do perverso e imoral Bilam. Assim, o mundo saberia que ninguém tem poder de prejudicar os judeus contra a vontade de D'us.

41 - Parashat Pinechas

Números 25:10-30:1

D'us Recompensa Pinechas

Será que os judeus apreciaram a coragem de Pinechas quando matou Zimri, por este haver trazido uma mulher midyanita ao acampamento? Será que ficaram admirados com seu heroísmo?

Ao contrário, maldosos rumores sobre Pinechas começaram a se espalhar por todo o acampamento.

Os mais contrariados eram os membros da tribo de Zimri, a tribo de Shimon. Afinal, Pinechas havia assassinado seu líder!

"Quem deu a Pinechas o direito de matar um líder do povo judeu? Quem ele pensa que é para cometer tal ato?" Os companheiros da tribo de Zimri reclamaram ao restante dos judeus.

"A mãe de Pinechas descende de Yitrô. Yitrô costumava ser um sacerdote de ídolos antes de tornar-se judeu! Onde Pinechas arrumou a coragem para matar um chefe de uma tribo?"

Pinechas foi desprezado por causa de sua origem humilde, e D'us defendeu sua honra:

D'us ordenou a Moshê que anunciasse em Seu nome: "Se Pinechas não tivesse matado Zimri, Eu teria destruído todos os judeus! Foi Pinechas que salvou o povo da destruição."

"É verdade que ele é descendente de Yitrô pelo lado materno. Porém, ao mesmo tempo, seu pai é Elazar filho de Aharon. Pinechas é um neto digno de Aharon! Assim como certa vez Aharon impediu a peste de se espalhar quando ofereceu incenso, assim Pinechas impediu a peste de aniquilar os judeus."

"Pinechas é um tsadic, filho de tsadic. Ele é um valoroso descendente de seu avô Aharon, e do fundador de sua tribo, Levi. Seu antepassado Levi arrasou a cidade de Shechem porque era um zelote da imoralidade. Pinechas agiu da mesma maneira. Seu ato inspirou-se pelos mesmos motivos nobres que inspiraram as ações de seu pai Elazar, e as de seu avô Aharon."

Aharon destacou-se na realização de atos de bondade e em estabelecer a paz. Aharon jamais proferiu uma palavra áspera. Mesmo sua censura era gentil. Superficialmente, parecia que Pinechas agira de maneira diametralmente oposta à filosofia de seu avô, pois certamente assassinato é algo indiscutivelmente cruel de se fazer.

Portanto, D'us explicou que Pinechas na verdade realizou um ato de bondade, parecido com os atos misericordiosos de seu avô Aharon. Ao matar Zimri, resgatou o povo inteiro da morte através das mãos celestiais, pois eram todos culpados por tolerarem o mal em seu meio. Daqui, que o ato de Pinechas beneficiou o povo inteiro.

D'us continuou: "Pinechas merece uma grande recompensa. Não pensou em sua própria segurança ao matar Zimri, o líder, e Cozbi, a princesa midyanita, porque seu único objetivo era em pôr um fim a profanação do nome de D'us.

"Recompensá-lo-ei neste mundo e no Mundo Vindouro. Até agora, Pinechas foi apenas um levi. Tornar-se-á um cohen a partir de hoje."

Antes de matar Zimri, Pinechas não era cohen, apesar de ser neto de Aharon. D'us nomeou como cohen apenas Aharon, seus filhos e futuros descendentes. Os netos de Aharon nascidos antes da união dos cohanim não estavam incluídos. Agora, Pinechas tornava-se cohen por seu próprio mérito.

D'us completou: "Muitos Sumo-sacerdotes originar-se-ão de Pinechas."

A promessa de D'us tornou-se realidade. Na época do Primeiro Templo, dezoito Sumo-sacerdotes descendiam de Pinechas, e na época do Segundo, oitenta.

D'us também prometeu: "Pinechas terá uma vida muito longa." De fato, sabemos que Pinechas ainda vivia na época dos Juízes, quase quatrocentos anos após os judeus entrarem em Israel!

Nossos sábios explicam que a promessa de D'us significava: "Pinechas jamais morrerá." Pinechas transformou-se num anjo e viveu para sempre. Conforme os ensinamentos da Cabalá, Pinechas e Eliyahu o Profeta são a mesma pessoa. Eliyahu não morreu. Foi levado vivo para os céus.

Em sua morte, Eliyahu não despiu-se completamente de seu corpo físico, todavia reteve alguns atributos físicos de forma sublimada, a fim de poder visitar esta terra de tempos em tempos.

D'us proclamou: "Mais que isso, porque Pinechas trouxe paz entre os judeus e seu Pai no Céu, ele estabelecerá a paz no futuro. Aparecerá como o profeta Eliyahu, de quem está escrito (Malachi 3:23): "E ele transformará os corações dos pais através dos filhos, e os dos filhos através dos pais."

Sua recompensa foi moeda por moeda. A ira Celestial acendeu-se contra os judeus ao ponto de aniquilá-los. Ao atenuar a ira do Todo Poderoso, Pinechas assegurou a sobrevivência do povo judeu. Por conseguinte, ele mesmo sobreviveu para sempre.

A Torá especifica a ascendência de Pinechas, para enfatizar que este seguiu seus passos. Também menciona a ancestralidade de Zimri e Cozbi. Por quê?

.....
O elevado status de líder de Zimri é citado para tornar público que ele trouxe vergonha eterna sobre si e sua tribo. Apesar do fundador de sua tribo, Shimon, destruir zelosamente a cidade de Shechem pelo crime de imoralidade, Zimri afastou-se das nobres sendas de Shimon, agindo, em realidade, de maneira oposta.

O grau de princesa de Cozbi é motivo para vergonha e desgraça eternas. Seu pai, o maior dos reis midyanitas, ofereceu sua filha à prostituição.

Diz-se em louvor a Pinechas que ele não deteve-se de matar Zimri e Cozbi por causa de seus status elevados.

D'us Instruiu Moshê a Atacar Midyan

Imediatamente depois da praga que abateu os judeus que pecaram com as filhas de Midyan, D'us deu a Moshê instruções concernentes a guerra contra Midyan, dizendo:

"Os midyanitas estão furiosos porque a princesa Cozbi foi morta. Estão tramando perversas vinganças. Uma vez que planejam trazer mais destruição sobre você, levante-se e ataque-os, a fim de protegerem-se."

Esta guerra será regida por leis extraordinárias:

1. Não lhes dê opção de fazerem paz. Apesar de outras nações não poderem ser atacadas sem aviso prévio, ataque os midyanitas imediatamente.

2. Ao sitiá-las suas cidades, destrua as árvores frutíferas.

A Torá proíbe os judeus de cortarem as árvores frutíferas dos inimigos, ao sitiarem uma cidade (Devarim 20:19). Os territórios pertencentes a Midyan são exceções.

3. No tocante a Midyan, D'us fez outra exceção às regras de combate, dizendo: "Na Torá, Eu ordenei que vocês sitiem uma cidade apenas de três lados, deixando o quarto para escapar. Na guerra contra Midyan, contudo, seus exércitos devem sitiá-las completamente."

Por que a Torá ordenou leis excepcionais para Midyan?

Enquanto outras nações aspiravam exterminar os judeus fisicamente, essa nação tentou destruir a alma judaica seduzindo o povo a pecar.

Induzir outros a pecar é um crime pior que assassinato. Um assassino priva outrem de vida física. Aquele que leva outros a pecar, contudo, priva-os da vida no Mundo Vindouro.

A Torá proíbe o casamento com homens descendentes de convertidos de Amon e Moav, enquanto permite o casamento com descendentes de egípcios e edomitas convertidos. Os últimos ameaçaram os judeus apenas com a espada, enquanto os anteriores colocaram em perigo nossa existência espiritual, um crime muito mais sério.

Apesar de D'us ter declarado estado de guerra contra Midyan imediatamente depois da morte de Zimri, Ele não ordenou a mobilização do exército judeu até que os judeus tivessem sido contados.

D'us advertiu Moshê para que não participasse da batalha contra Midyan. "Este país outrora já te acolheu," disse-lhe, "Não atire pedras num poço do qual bebeu."

D'us não declarou guerra contra Moav, apesar de também serem culpados (por terem contratado Bilam e incitado os judeus a pecarem).

D'us poupou-os agora porque:

1. Os moabitas tentaram exterminar os judeus pois temiam que os judeus os roubassem, enquanto que os midyanitas não tinham razões para prejudicarem os judeus.

2. D'us poupou-os em prol de uma preciosa alma, Ruth, que viria a descender dos moabitas.

A última contagem dos judeus no deserto

Conforme explicamos na Parashá Bamidbar, o povo judeu foi contado um mês após a consagração do Santuário. Agora, quase quarenta anos depois, D'us novamente ordenou a Moshê: "Conte o povo de Israel!"

Quais eram Suas razões para este censo?

1. Este censo aconteceu pouco antes do falecimento de Moshê.

Um fazendeiro contratou um pastor para cuidar de seu rebanho. Contou suas reses ao confiá-las ao pastor, e contou-as novamente antes de serem devolvidas.

Similarmente, Moshê foi encarregado de cuidar dos judeus no deserto, espiritual e fisicamente, exatamente como um pastor guarda os rebanhos.

Ao contar os judeus antes de seu falecimento, Moshê demonstrou a todas as futuras gerações que ele não falhou em sua tarefa. Deixou seiscentos mil homens, todos fiéis a D'us e Sua Torá.

2. D'us conta os judeus depois de cada praga.

Um rebanho de ovelhas foi certa vez atacado por um lobo. A fera conseguiu matar inúmeras ovelhas. Após livrar-se do lobo, o pastor queria saber quantas ovelhas haviam restado, porque eram-lhe tão caras. Assim, contou-as.

Da mesma forma, "lobos" como os perversos Bilam e Balac fizeram o povo judeu pecar. Por causa disso, muitos judeus acabaram morrendo.

Agora D'us desejava estabelecer quantos judeus sobreviveram à peste. Estes judeus estavam livres do pecado, por isso eram preciosos para D'us. Foram, então, contados.

3. Os judeus estavam quase na fronteira de Israel. Logo a terra seria dividida entre eles. A contagem era necessária para saber quantas pessoas receberiam um pedaço de terra. As porções foram distribuídas apenas aos que atingiram a idade de vinte anos na época deste censo.

D'us ordenou a Moshê e Elazar, o filho de Aharon, para efetuarem a contagem. Todos os homens entre as idades de vinte e sessenta anos foram contados, cada um entregando uma moeda

.....
de meio-shekel. Os levitas foram contados separadamente; a partir de um mês de idade.

O que ficou demonstrado pela contagem

Elazar somou os números de cada tribo. O total foi de 601.730 homens. Este número foi um pouco mais baixo que o da Parashá Bamidbar.

A tribo Shimon totalizou 59.300 homens na contagem de Bamidbar. Agora restavam apenas 22.000. Muitos membros de Shimon morreram na peste após o pecado de Zimri. D'us os punira por terem servido ao ídolo Báal Peor.

A tribo que mais crescera era Menashê, e os levitas ainda eram poucos. Apenas mil homens a mais que na primeira contagem.

Apesar de serem contados apenas os homens, uma mulher é mencionada pelo nome na lista da família da tribo de Asher: "O nome da filha de Asher era Serach."

Esta mulher é citada por causa de sua integridade e bons atos. Serach mereceu entrar em Israel e lá viveu por muitos anos.

Como a terra foi distribuída

D'us ordenou a Moshê: "A Terra de Israel deverá ser dividida em doze porções, cujo tamanho é determinado de acordo com seu valor. Uma porção pequena e fértil equivale a uma porção maior, porém menos produtiva.

"As tribos de Menashê e Efrayim receberão duas porções. (A tribo de Levi, contudo, não receberá nenhuma.)

"Dê mais terra às tribos que são mais populosas, e menos às que são em número menor.

"Não obstante," acrescentou D'us, "o sorteio Divino também funcionará para a indicação dos lotes."

O sorteio decidia que região cabia a qual tribo, e a locação exata de cada família numa determinada tribo. O líder de cada tribo era responsável pela distribuição de terras de sua tribo.

Na época de Yehoshua, quando a Terra foi realmente dividida, o procedimento deu-se como se segue:

Yehoshua e o Sumo-sacerdote, Elazar, reuniam o povo.

O espírito de profecia pairava sobre Elazar, e este declarava profeticamente que território caberia a qual tribo. Ele proclamava, por exemplo: "A tribo de Zevulun receberá a área de Aco."

Em seguida, Yehoshua realizava um sorteio. À sua frente havia duas urnas, uma contendo inscrições dos nomes de cada uma das doze tribos; e a outra, com inscrições das doze porções. Com uma mão, Yehoshua puxava um cédula da primeira urna, e com a outra, uma cédula da segunda urna. Miraculosamente, a tribo e sua devida porção sempre correspondiam ao que Elazar predissera. Além disso, D'us investiu a própria porção com o poder da fala. Essa gritava: "Estou destinada a ser a porção de tal tribo."

Ao testemunharem esses milagres, as tribos percebiam e se conscientizavam de que as porções eram determinadas por Vontade Divina, e aceitavam seus territórios sem reclamações.

As filhas de Tselofchad

Um homem chamado Tselofchad faleceu no deserto, deixando cinco filhas: Machla, Chagla, Noa, Milca e Tirtsa. Todas as cinco eram virtuosas, inteligentes e estudadas. À época do falecimento de Aharon, depois do qual ocorreram os acontecimentos relatados, tinham quase quarenta anos e eram solteiras, uma vez que não conseguiram encontrar maridos valorosos.

Ao ouvirem Moshê explicar que a Terra de Israel seria distribuída de acordo com o número de varões, discutiram o assunto entre si.

"O nome de nosso pai será esquecido," disseram umas às outras, "porque nenhum herdeiro homem receberá uma porção em Israel que esteja associado a seu nome. Uma vez que não temos irmãos, reivindicamos a porção da Terra de nosso pai, de maneira que seu nome seja perpetuado."

Aproximaram-se dos juízes responsáveis pelas dezenas e apresentaram a reivindicação. Sendo esta uma questão legal sem precedentes, os juízes não puderam decidir. Levaram a questão das filhas de Tselofchad aos juízes responsáveis por cinquenta pessoas.

"Deixaremos a decisão aos maiores que nós," disseram também estas autoridades mais elevadas.

As filhas de Tselofchad, então, aproximaram-se dos juízes centuriões; porém, de lá, foram enviadas aos juízes responsáveis sobre os milhares. Nenhum juiz sentia-se competente para decidir o assunto.

Uma das irmãs visitava a Casa de Estudos todos os dias para ouvir os ensinamentos de Moshê. Certo dia, disse às irmãs: "Hoje Moshê ensinou as leis de yibum (levirato). Se um homem morre sem deixar filhos, sua mulher casa-se com o irmão do marido. O filho que nascer deste casal é uma lembrança para perpetuar o nome do primeiro marido."

As outras irmãs sugeriram: "Nosso pai morreu sem deixar um filho. Deixe que nossa mãe se case com nosso tio! Se nascer um filho homem, este herdará a propriedade de nosso pai, e o nome dele não será esquecido."

"Nossa mãe não poderá fazer isto," explicou a irmã instruída, que havia ouvido a palestra de Moshê. "Apenas uma mulher que não tem filho algum pode casar-se com o irmão do marido. Como nossa mãe teve filhas, não poderá casar-se com nosso tio!"

As outras irmãs retrucaram: "Se somos consideradas descendentes de nosso pai, assim como filhos varões, então devemos receber nosso quinhão da terra, também!"

Decidiram todas: "Vamos falar com Moshê."

As filhas de Tselofchad foram à Casa de Estudos. Os líderes da nação - Moshê, Elazar, o Sumo-sacerdote (que ocupou o lugar de Aharon após a morte do pai), e os juízes do San'hedrin estavam todos lá. As moças estavam constrangidas por falar diante dos ilustres líderes. Mas isso não as refreou. Superaram seu recato

.....
natural, pois a questão era fundamental. Apresentaram-na de maneira estudada e acadêmica.

A filha mais velha principiou: "Nosso pai faleceu no deserto (e não no Egito. Já que faz parte da geração que deixou o Egito, tem direito a uma porção em Israel.)"

A segunda filha continuou: "Não fez parte da perversa congregação de seguidores de Côrach (todos eles perderam suas porções de terra)."

A terceira tomou a palavra: "Não induziu outros a pecar, o que o faria perder sua porção, porém morreu por causa de seu próprio pecado."

Tselofchad era o homem que profanou o Shabat recolhendo gravetos, na parashá Shelach.

A quarta filha concluiu: "Por que o nome de nosso pai deveria se esquecido por não ter deixado filhos? Que nós, suas filhas, herdemos as porções que lhe são devidas!"

Moshê replicou: "A terra será dividida apenas entre homens."

As filhas de Tselofchad então argumentaram: "Permita então que nossa mãe faça um casamento levirato com nosso tio. Se tiverem um filho, ele herdará a terra de nosso pai."

"Isto não pode acontecer," respondeu Moshê. "Sua mãe não pode casar-se com seu tio. Ela tem filhas."

As moças replicaram: "Se as filhas carregam o nome do pai, não deveriam também receber sua herança?"

"Espere até que eu pergunte a D'us," respondeu Moshê.

Imediatamente, Moshê voltou-se para consultar D'us que confirmasse a reivindicação das filhas de Tselofchad.

Por que Moshê não reconheceu, ele mesmo, a veracidade dos argumentos, preferindo esperar pela decisão de D'us?

Moshê sabia a decisão haláchica correta. Contudo, quando ouviu que os juízes sobre as dezenas deferiram a causa a uma autoridade superior, e que cada tribunal, sucessivamente, evitou expedir uma decisão, Moshê pensou: "Que eu aja da mesma forma. Há Um maior que eu. Que eu Lhe pergunte."

Assim, Moshê ensinou a todos os juízes de todas as futuras gerações a não hesitarem em consultar uma autoridade maior, quando necessário.

D'us então respondeu a Moshê: "As filhas de Tselofchad estão certas! Esta lei está escrita na Minha Torá no céu, exatamente como elas disseram. Dê-lhes a porção do pai em Israel - a porção dupla que ele merecia como primogênito."

"Esta é a lei para todas as gerações: se um homem não tem filhos, suas filhas herdarão a propriedade."

D'us também disse a Moshê que aconselhasse as filhas de Tselofchad a casarem-se com membros da sua própria tribo, a tribo de Menashê. Assim as terras herdadas permaneceriam propriedade desta tribo.

Com o passar do tempo, todas encontraram maridos dignos, se casaram e tiveram filhos. Geralmente, uma mulher que não teve filhos antes dos quarenta anos tem mais dificuldades em tê-los depois. D'us realizou um milagre com essas tsidcaniyot, mulheres justas, e todas foram abençoadas com filhos.

A história das filhas de Tselofchad nos mostra o quanto todas as mulheres da geração de Moshê amavam a Terra de Israel. Por isso, D'us recompensou não apenas estas moças, mas todas as mulheres, concedendo-lhes o mérito de entrarem na Terra Santa.

Ao contrário dos homens, as mulheres da geração de Moshê não morreram no deserto.

D'us ordenou a Moshê que ensinasse aos judeus as leis de herança que ouvira de D'us no Monte Sinai.

As leis básicas da Torá sobre heranças são:

- Os filhos do falecido dividem suas posses igualmente; o primogênito, todavia, recebe uma porção dupla.
- Se há herdeiros, as filhas não têm direito a um quinhão. Todavia, se não houver filhos, as filhas herdam as posses do pai.
- Se não há filhos vivos, porém estes deixaram descendentes, os descendentes herdam da mesma maneira que a descrita acima. Por exemplo, se há descendentes homens e mulheres, os homens herdam as posses do ancestral.
- Em seguida, o parente mais próximo, primeiro o ancestral paterno; depois os irmãos paternos, então os tios paternos, e assim por diante, são os próximos a terem direito à herança.

Moshê Sobe ao Monte Nevo para Contemplar a Terra de Israel

Após Moshê bater na rocha em "Águas de Discórdia", D'us disse-lhe que ele deveria morrer no deserto; não entraria em Israel.

Mesmo assim, quando D'us falou a Moshê sobre as filhas de Tselofchad, instruiu-o: "Dê a elas a parte que lhes cabe na terra."

Moshê refletiu: "Será que D'us quis dizer que eu darei literalmente a elas sua porção? Ele me permitirá entrar na terra?"

"Não, Moshê," falou D'us. "Meu decreto não mudou. O que eu quis dizer é que você ajudará os judeus a conquistar Israel fitando-a e abençoando-a."

"Ascenda o monte Nevo, e veja a terra. Depois, você se juntará aos seus antepassados através de um beijo Divino, da mesma forma que faleceu seu irmão, Aharon."

Moshê obedeceu a ordem de D'us. Ele subiu ao topo do monte e observou as fronteiras das doze tribos, irradiando bênçãos sobre a Terra de Israel.

D'us Nomeia Yehoshua Sucessor de Moshê

Ao tomar conhecimento de que as filhas de Tselofchad herdariam a propriedade de seu pai, refletiu: "Chegou a hora de fazer meu pedido a D'us: que meus filhos herdem minha posição."

Moshê rezou: "Mestre do Universo, nomeie meu sucessor antes que eu morra. Não deixe que a comunidade fique como um

.....
rebanho sem pastor. Gostaria que um de meus filhos tomasse meu lugar."

"D'us, sabes que o temperamento das pessoas varia imensamente - alguns ficam irados facilmente, enquanto outros são calmos ou reservados. Dá-lhes um líder que possa dirigir cada um desses tipos com sabedoria, sem perder a paciência com os que o provocam.

"Não apenas isso, mas ele precisa também liderar pessoalmente o exército para as batalhas; diferentemente dos reis não-judeus, que ficam sentados em casa e enviam seus generais à luta."

O próprio Moshê liderou as guerras contra Sichon e Og; e similarmente, seu sucessor Yehoshua, cavalgou à testa do exército na conquista de Israel. O Rei David também encabeçou cada uma de suas campanhas militares.

Moshê continuou: "D'us, escolha um líder que se devotará a satisfazer as necessidades comunitárias com precisão e zelo, um líder que tenha grandes méritos próprios, e que reze pelo bem do povo."

D'us replicou: "Já escolhi o futuro líder: 'Aquele que guarda a figueira comerá seus frutos, e o que serve seu mestre será honrado.' (Mishlê 27:18). Apesar de seus filhos serem tão sábios quanto Yehoshua, e apesar de tampouco poderem te substituir (e já que ninguém atingiu seu nível de sabedoria, você crê que seus filhos podem preencher sua posição tão bem quanto qualquer um); não obstante, seus filhos não são iguais a Yehoshua em seu amor pela Torá.

Yehoshua investiu cada suspiro de suas forças para adquirir sabedoria, pois ama tanto a Torá. Sua devoção à Torá é insuperável. Agora, colherá os frutos de seu amor à Torá. Liderará o povo judeu."

A nomeação de Yehoshua demonstra que uma pessoa não pode receber recompensa completa se meramente acumula sabedoria em Torá. Apenas aquele que se une à Torá com grande devoção colherá os frutos.

Yehoshua era conhecido como "Yehoshua bin Nun," que significa Yehoshua, o filho de Nun.

Há uma explicação mais profunda para este nome: A palavra "Nun" em aramaico significa "peixe".

Assim como o peixe nunca abandona a água, assim Yehoshua nunca deixou a Casa de Estudos, mantendo-se imerso nas águas da Torá.

Nosso Patriarca, Yaacov, já sabia com espírito de profecia que Yehoshua, "o peixe," descendente de Efrayim, lideraria os judeus à Terra Santa. Deu a seus netos Menashê e Efrayim a seguinte bênção: "Que se multipliquem na Terra como os peixes [na água]."

As palavras também podem significar: Aquele cujo nome é "peixe" - Yehoshua da tribo Efrayim - liderará os judeus até a Terra Prometida.

D'us tinha ainda outra razão para escolher Yehoshua como líder: ele era o mais humilde dos alunos de Moshê.

D'us disse a Moshê: "Yehoshua entra na casa de estudos cedinho pela manhã e sai tarde da noite. Ele arruma os bancos para os professores e as cadeiras para os alunos. Como ele serviu a você com todas suas forças, tornou-se maior que todos os outros eruditos de Torá. E será recompensado com a liderança."

D'us consolou Moshê: "Muito embora seus filhos não se tornarão líderes, Yehoshua honrará à sua família. Ele virá até seu sobrinho Elazar, para consultar os urim vetumim."

O urim vetumim continha o sagrado nome de D'us dentro do peitoral portado pelo Sumo-sacerdote. Isso fazia com que as letras da placa acendessem em resposta às perguntas feitas.

"Yehoshua possui todas as qualidades para tornar-se um líder. Está imbuído de espírito de profecia, sabedoria, compreensão e temor a D'us. Não perderá a paciência se as pessoas discutirem com ele, mas sim as guiará gentilmente com sabedoria para que enxerguem a verdade.

"Uma vez que Yehoshua ainda não atingiu seu nível de sabedoria, transfira-lhe algo de sua sabedoria. Desta maneira, você o imbuirá da sabedoria de que necessita como líder."

D'us ordenou que Moshê invista Yehoshua com sabedoria adicional em vez de dá-la, Ele Próprio, como uma demonstração pública de que Yehoshua era o escolhido sucessor de Moshê.

Na frente de Elazar e do San'hedrin (Tribunal Superior), Moshê pousou ambas as mãos sobre Yehoshua, e através disso a glória de Moshê foi transferida duplamente a Yehoshua:

1. Externamente - Da mesma forma que a face de Moshê era iluminada pelos Raios da Glória da Shechiná (Divindade), a face de Yehoshua começou a brilhar com os raios da Shechiná. O brilho de Yehoshua, contudo, não podia ser comparado ao de Moshê; era apenas um reflexo, assim como o luar é meramente o reflexo dos raios brilhantes do sol.

2. O ato de Moshê fez com que alguma de sua sabedoria e espírito de profecia passasse a Yehoshua. Também nesse aspecto, Yehoshua pôde receber apenas uma diminuta fração da grandeza de Moshê.

Apesar de D'us ter dito a Moshê que colocasse a mão direita sobre Yehoshua, ele generosamente pousou ambas as mãos sobre o aluno. Nomeou Yehoshua de boa vontade, com espírito alegre e elevado, não tendo rancor algum pelo fato de que nenhum de seus filhos ou sobrinhos fossem seus sucessores.

D'us ordenou a Moshê que Yehoshua ensinasse o povo em público enquanto Moshê ainda estava vivo, para que depois ninguém pudesse reivindicar: "Yehoshua não ousaria ensinar enquanto Moshê estava vivo."

O Propósito das Oferendas

Ao final desta parashá, são explicadas as leis dos sacrifícios diários e as oferendas adicionais (Mussaf). Por quê este assunto foi inserido aqui?

Uma esposa incomodava o marido freqüentemente. Sempre que percebia que seu marido ficava aborrecido, chamava o

casamenteiro, que era um cavalheiro idoso. Este costumava ir àquela casa e sempre conseguia restaurar a paz.

Quando o casamenteiro ficou mais velho e sentiu que seu fim estava próximo, convocou o marido e implorou-lhe: "Seja complacente com sua esposa! Breve não estarei mais aqui para estabelecer a paz entre vocês. Por isso, imploro que releve os defeitos de sua esposa."

O marido replicou: "Em vez de convocar-me, você deveria ter chamado minha esposa. Se você puder ensiná-la a comportar-se de maneira respeitosa comigo, não haverá necessidade de futuras reconciliações."

Similarmente, Moshê implorou ao Todo Poderoso que nomeasse um novo líder antes de seu falecimento, alguém que rezasse em prol do povo e defendesse-os se pecassem.

Disse-lhe o Todo Poderoso: "Em vez de preocupar-se com a falta de um líder aos judeus após sua morte, assegure-se de que eles Me sirvam bem. Ensine-lhes as leis dos sacrifícios Tamid. Estes sacrifícios os unirão, pois cada judeu doará uma moeda de meio-shekel para adquiri-los, e trará uma radiação e esplendor de bênção sobre eles."

D'us disse a Moshê: "Enfatize ao povo que Eu não necessito de sacrifícios. O mundo todo é Meu. Eu criei todos os animais que oferecem para Mim. Além disso, tampouco necessito de comida e bebida. Sou totalmente afastado do mundo físico e não necessito de oferendas terrenas como nutrição."

"Mesmo se Eu necessitasse de alimentos, não confiaria Meu sustento a seres cruéis." (Todos os seres humanos são considerados cruéis, comparados a D'us, a Fonte de Misericórdia).

"Por quê, então, Eu ordenei que vocês oferecessem sacrifícios? Desejo seu doce aroma, a satisfação de que vocês cumprem Minha mitsvá. Ao cumprirem as leis de sacrifício, vocês se unem a Mim."

D'us ordenou as oferendas diárias como Seu "pão." Isto significa que em mérito de nossos sacrifícios a Ele, Ele nutre o mundo. Nossos presentes de alimentos abrem as fontes Celestiais de nutrição e trazem um superávit ao mundo. Alguém que dá tsedacá (caridade) para sustentar uma alma, concomitantemente, abre as fontes Celestiais de abundância.

Os sacrifícios diários de Tamid

D'us ordenou: "A cada manhã, os cohanim devem oferecer um cordeiro sobre o altar. Após ser abatido, o cordeiro é completamente queimado. Deve ser acompanhado de uma oferenda de farinha (minchá) e oferenda de vinho (nessech). Esta é a oferenda Tamid da manhã."

"Os cohanim oferecem outro cordeiro com minchá e nessech à tarde. Esta é a oferenda de Tamid da tarde".

Estas duas oferendas eram oferecidas sobre o altar todos os dias, incluindo Shabat. A comunidade pagava pelo Tamid com moedas de meio-shekel, que eram coletadas uma vez ao ano.

O que as oferendas de Tamid nos lembram

Nosso patriarca Avraham quis sacrificar seu filho Yitschac no monte Moriyá, como D'us lhe havia ordenado. Mas ao final ele não teve de abater seu filho como uma oferenda. Procurou por um animal para tomar o lugar de Yitschac.

D'us tinha preparado um cordeiro numa moita próxima. Avraham o encontrou e ofereceu-o sobre o altar. Enquanto o abatia, rezava: "Por favor, D'us, considere-o como se eu tivesse abatido meu filho." Ao queimar o cordeiro, rezava: "Por favor, D'us, considere como se eu tivesse queimado meu filho."

Naquela época, D'us disse: "Ordenarei ao povo judeu que ofereça dois cordeiros diariamente como sacrifícios. Assim, lembrarei o mérito do sacrifício de Yitschac e perdorei o povo judeu por seus pecados."

O Tamid matinal reparava os pecados que os judeus tinham cometido na noite anterior. O Tamid vespertino expiava os pecados cometidos durante o dia.

Maamadot - os enviados que permaneciam ao lado quando os sacrifícios eram oferecidos

D'us ordenou que alguém que ofereça um sacrifício esteja presente enquanto este é elevado ao altar.

Uma vez que era impossível que a nação inteira estivesse presente às oferendas dos sacrifícios comunitários, em vez disso nomeavam-se representantes da comunidade.

Os primeiros profetas, Shemuel e David, dividiram os cohanim e levitas em vinte e quatro grupos, bem como escolheram vinte e quatro grupos de israelitas que representavam a nação inteira. A cada semana um grupo diferente de cohanim e levitas viajava a Jerusalém para oferecer os sacrifícios diários, e para cantar durante as oferendas, respectivamente.

Representantes dos israelitas, que moravam em Jerusalém, faziam turnos ficando de pé ao lado das oferendas diárias observando-as. Ao mesmo tempo, grupos adicionais de representantes de cidades de todo Israel participavam dos sacrifícios diários, reunindo-se para ler a Torá e rezar para que D'us aceitasse as oferendas.

Os Sacrifícios de Mussaf

Agora a parashá explica as leis dos sacrifícios de Mussaf. O termo "Mussaf" significa "adicional". Além dos sacrifícios diários de Tamid, a Torá ordena que sacrifícios adicionais sejam oferecidos em Shabat e Yom Tov (Festividade).

Esses sacrifícios especiais fazem com que nos lembremos e apreciemos a santidade do Shabat, Yom Tov e Rosh Chôdesh.

Moshê disse aos judeus: "Antes de cada Yom Tov vocês devem estudar as leis daquele Yom Tov. Devem ter o cuidado de oferecer os sacrifícios apropriados. Através destas oferendas, D'us lembra-Se de seus méritos."

O Mussaf de Shabat

Além dos sacrifícios de Tamid, mais dois carneiros eram oferecidos como sacrifício de Mussaf de Shabat.

.....
O Shabat reclamou a D'us: "Por que minhas oferendas de Mussaf consistem de apenas dois carneiros, um número menor de animais que os que são oferecidos em todas as outras Festas?!"

D'us respondeu: "O número dois lhe é apropriado, pois todos os assuntos relacionados a você têm duplo significado:

- Seu cântico tem nome duplo, pois é denominado mizmor e shir. (Tehilim 92:1)
- Seu prazer é dobrado, como está escrito: "E você chamará o Shabat um deleite, um dia sagrado..." (Yeshayáhu 58:13)
- Em Shabat recita-se uma bênção sobre dois pães inteiros.

"Por isso, o sacrifício de mussaf mais apropriado a você consiste de dois carneiros."

Todos os assuntos concernentes ao Shabat são duplos, como indicação de seu duplo caráter. Apesar do Shabat ser um dia de descanso físico e deleites culinários, este aspecto representa apenas metade de seu significado. O feriado físico deve ser conjugado e conectado à outra metade, seus conteúdos espirituais - descansar e deleitar-se em honra a D'us, e estudar Torá. Mencionamos o caráter duplo do Shabat quando rezamos na Amidá de Minchá: "Um dia de descanso e santidade deste a Teu povo."

O Mussaf de Rosh Chôdesh, início do Novo Mês

Rosh Chôdesh, o começo do mês judaico, é considerado um feriado menor. Apesar de não possuir a mesma santidade que Shabat e Yom Tov, os judeus costumavam tratar este como um dia especial, no qual reuniam-se para estudar Torá.

D'us disse: "Originalmente, Eu fiz o sol e a lua de tamanhos iguais. A lua reclamou: 'É impossível a dois reis reinarem simultaneamente.' Ordenei então à lua: 'Se é assim, diminua sua luz. Mais ainda, todo mês você diminuirá e depois se renovará.'"

Ao ouvir a censura de D'us, a lua compreendeu seu erro e ficou envergonhada. A fim de enaltecê-la, D'us decretou: "Sua luz será vista tanto de dia quanto à noite. Não apenas isso, como também os judeus fixarão o calendário baseados em você."

A lua ainda se sentia inferiorizada. D'us acrescentou: "Ordenarei aos judeus a oferecerem um sacrifício todo mês, quando você estiver renovando-se."

Ao ouvir que seria tão honrada, a lua ficou radiante.

A fim de que não nos equivoquemos pensando que esses sacrifícios são oferecidos à lua, a Torá declara explicitamente que o cabrito é oferecido a D'us (28:15).

O Mussaf de Pêssach e Shavuot

D'us ordenou que os sacrifícios de Mussaf fossem oferecidos durante todos os sete dias de Pêssach.

Em Shavuot também oferecem-se sacrifícios de mussaf.

Uma oferenda especial de Shavuot de Dois Pães de Trigo

Em Shavuot além da oferenda costumeira de Mussaf, levavam-se ao Templo dois pães fermentados, assados do trigo da nova colheita.

A oferenda adicional de Shavuot consistia de trigo. Por outro lado, a oferenda ômer, oferecido em Pêssach, consistia de cevada. Cevada é comumente utilizada como alimento para animais, enquanto o trigo é o alimento do homem por excelência. Por conseguinte, o trigo, na linguagem de nossos sábios, representa o conhecimento e a sabedoria.

Quando os judeus deixaram o Egito, pareciam-se com os egípcios com os quais viviam, pois haviam adotado seus costumes idólatras. Por isso são comparados a jumentos.

Nas sete semanas que se seguiram ao Êxodo, os judeus refinaram seus traços de caráter e lutaram para libertarem-se de quaisquer resquícios de idolatria. Ao chegar Shavuot, o povo inteiro alcançara o nível espiritual requerido para receber o conhecimento da Torá.

Este processo espiritual é simbolizado pelas oferendas de Shavuot dos Dois Pães de Trigo.

O Mussaf de Rosh Hashaná

Em contraste com o sacrifício de Mussaf de todas as outras Festas, a Torá não diz sobre o Mussaf de Rosh Hashaná: "e vocês o oferecerão," mas sim "e vocês o farão."

D'us declara aos judeus: "Se através de arrependimento vocês alcançarem perdão para os pecados em Rosh Hashaná, Eu considerarei como se vocês tivessem se refeito. Vocês então se parecerão com criaturas puras, recém-nascidas."

Uma vez que Rosh Hashaná ocorre no primeiro dia de Tishrei, além do sacrifício de Mussaf referente à festa, oferecia-se também um Mussaf relativo à Rosh Chôdesh.

Rosh Hashaná, Yom Kipur e a Mitsvá de Tocar o Shofar

A Torá ordena com relação a Rosh Hashaná: "E será para vocês um dia de tocar [um instrumento]." (29:1)

Nossa tradição ensina que em Rosh Hashaná D'us passa o mundo inteiro à Sua frente em julgamento. Decide então que países estão destinados a terem um ano de paz, de guerra, de fome, e que países terão abundância. Cada indivíduo é escrutinado pelo Tribunal Celeste, e tem sua sentença de vida ou morte pronunciada.

Adam (Adão), o primeiro homem, foi julgado por seu pecado no primeiro dia de Tishrei, e D'us tratou-o de maneira benevolente. Por isso, D'us ordenou que, anualmente, nesta data, os descendentes de Adam fossem julgados, e Ele adoçaria Seu julgamento com Misericórdia.

Somos ordenados a ouvirmos o som do Shofar (chifre de carneiro) em Rosh Hashaná.

Quando D'us ouve o soar do Shofar, levanta-Se de Seu Trono do Julgamento e senta-Se em Seu Trono de Misericórdia.

.....
D'us disse: "Toquem um chifre de carneiro em Rosh Hashaná para que Eu possa, assim, recordar o sacrifício de Yitschac (que estava pronto a sacrificar-se e foi substituído por um carneiro), e Eu considerarei como se vocês tivessem se sacrificado."

"Seus toques repetidos também confundem o anjo acusador. No Dia do Julgamento o promotor celestial tem permissão de percorrer o mundo, apontar os pecados das pessoas e apresentar acusações perante o tribunal Divino. Contudo, ao ouvir os diversos toques do Shofar soarem durante as várias preces, ele é silenciado. É obrigado a concordar que os judeus cumprem os mandamentos de D'us com grande devoção e cuidado."

Apesar de ser um Dia de Julgamento, Rosh Hashaná também é celebrado como Yom Tov, completado com refeições festivas e roupas finas.

Que motivo há para júbilo neste dia tão solene?

Duas pessoas pediram um empréstimo a um homem milionário. A cada um concedeu um empréstimo substancial a longo prazo.

Passou-se um ano, e nenhum dos comodatários pagou um centavo sequer. Sendo que um dos comodatários era um velho conhecido, o empréstador decidiu telefonar-lhe lembrando-o de seu débito: "Sabe que você me deve uma soma enorme?" - perguntou. "Aconselho-o a pagar ao menos uma parte. Assim não ficará sobrecarregado ao expirar o prazo."

Grato pelo lembrete, o amigo prometeu remeter-lhe parte de seu débito. Com grande dificuldade conseguiu juntar algum dinheiro e pagou seu credor parcialmente.

Um ano depois o credor percebeu que não recebera mais nenhum pagamento. Ligou ao amigo novamente. O comodatário apertou-se e devolveu mais uma parte do débito. À sua maneira, no decorrer de vários anos, conseguiu pagar o débito inteiro.

O que aconteceu ao outro comodatário? Não ensaiou tentativa alguma de reembolsar o empréstimo. Finalmente, o prazo expirou e o credor exigiu o pagamento. O comodatário precisou declarar falência e, segundo as leis do país, foi preso.

Agradecemos e nos alegramos com a misericórdia do Todo Poderoso em conceder-nos Rosh Hashaná como uma oportunidade de quitar nossos débitos para com Ele. No decorrer do ano, uma pessoa acumula diversos maus hábitos e pecados.

Se essa jamais tentar purificar-se deles, pode ser merecedor de alguma punição severa. Rosh Hashaná é a Festa na qual os judeus revalidam a autoridade de D'us sobre si e retornam a Ele. Ficamos felizes com o lembrete anual e com a oportunidade de aceitarmos novamente o Reinado de D'us.

Além disso, nossa felicidade origina-se da convicção de que D'us, após testemunhar nossa teshuvá, anulará os maus decretos contra nós e nos inscreverá para um ano bom.

Yom Kipur

Fazem-se sacrifícios de mussaf em Yom Kipur.

Yom Kipur é o Dia da Expição, o dia mais sagrado do ano.

Qualquer trabalho proibido em Shabat também é proibido neste dia. Além disso, abstenho-nos de comida e bebida, de nos lavarmos para refrescarmo-nos, usar cosméticos, calçar calçados de couro e manter relações conjugais.

É uma mitsvá receber Yom Kipur cedo e terminá-lo tarde. Assim, começamos o jejum mais cedo, e protelamos sua conclusão.

Desde a Criação, este dia era destinado a ser um dia de teshuvá e súplica a D'us por perdão. Foi nesta data, dez de Tishrei, que Moshê desceu do Monte Sinai com as Segundas Tábuas, dadas por D'us aos judeus como sinal de perdão pelo pecado do bezerro de ouro.

Nossas preces de Yom Kipur incluem o vidui (confissão oral de nossos pecados), um dos principais elementos da mitsvá de teshuvá.

Neste dia o Todo Poderoso diz aos anjos: "Vejam meus virtuosos filhos!"

"Apesar de Eu expô-los a todos os tipos de sofrimentos e perseguições, culpam apenas a si mesmos. Oram: 'Pecamos e agimos errado; Você é Fiel, e somos perversos; Você é tsadic, e somos perversos.' Onde posso encontrar outra nação como eles?"

Exatamente como é mitsvá jejuar em Yom Kipur, assim deve-se banquetear-se na véspera de Yom Kipur, e a Torá considera quem o faz como tendo observado um jejum de dois dias.

Um pobre alfaiate judeu de Roma foi ao mercado comprar um peixe para a refeição festiva da véspera de Yom Kipur.

Chegando à barraca de peixes, viu que sobrara apenas um peixe. Exatamente naquele momento o servo de um nobre chegou para comprar peixe para o almoço de seu amo. Ambos começaram a fazer ofertas, até que finalmente o alfaiate gritou: "Vinte dinares!" Este era um preço inaudito para um peixe, e o servo do nobre reconheceu a derrota.

Quando não serviram ao nobre o prato de peixe esperado para o almoço, convocou o servo.

"Por que não comprou um peixe, como lhe mandaram?" - repreendeu-o.

"Fui comprar," replicou o servo, "porém havia apenas um peixe. Algum alfaiate judeu comprou-o por vinte dinares. O senhor gostaria que eu tivesse pago preço tão exorbitante?"

"Esta é uma história estranha," comentou o nobre. "Desde quando um simples alfaiate pode depender tal quantia com comida? Encontrem esse homem e digam-lhe para vir aqui imediatamente. Quero investigar o assunto."

O servo perguntou para às pessoas sobre o pobre alfaiate e logo descobriu seu endereço. Apressou-se à casa dele e ordenou-lhe que se apresentasse perante o nobre.

O alfaiate foi recebido asperamente: "Por que você cobriu a oferta de meu servo?" - berrou o nobre.

.....
"Asseguro-lhe, meu mestre," desculpou-se humildemente o alfaiate, "que não agi por desdém. Deixe-me explicar porque precisava deste peixe. Nós, judeus, temos um dia por ano no qual o Todo Poderoso perdoa os pecados que cometemos durante o ano inteiro. Você não acha que devemos honrar a chegada deste Grande Dia com as melhores comidas?"

O nobre ficou satisfeito com a explicação e dispensou-o.

A história não acaba aqui. D'us recompensou o alfaiate por ter honrado Yom Kipur. Ao abrir o peixe, descobriu dentro deste uma pérola valiosa, cuja venda permitiu-lhe viver confortavelmente pelo resto da vida.

O mussaf de Sucot

Em cada um dos sete dias de Sucot oferecemos um número de sacrifícios de Mussaf diferente.

A soma das oferendas de Mussaf durante Sucot dá um total de 70 touros, e 98 cordeiros.

Os setenta touros representam as setenta nações do mundo, uma vez que touros são notórios por sua força física. Similarmente, as nações gentias são caracterizadas por seu poderio físico. Os cordeiros fracos e indefesos simbolizam o povo judeu entre os outros povos.

O número de touros diminui a cada dia, simbolizando que as nações que não servem D'us diminuirão. O número de cordeiros, contudo, permanece imutável, indicando que o povo judeu sobreviverá firmemente a todas as épocas da história.

Por que D'us ordenou que os judeus oferecessem setenta touros?

Os sacrifícios expiam pelas setenta nações. Como os judeus oferecem sacrifícios pelos outros povos, estes são protegidos de infortúnios.

Quando o Templo Sagrado foi destruído, as nações do mundo também sofreram grandes perdas, uma vez que os judeus costumavam oferecer sacrifícios para promover o bem estar do mundo inteiro.

Shemini Atsêret - O Oitavo Dia de Sucot

Uma Festa à Parte

Durante os sete dias de Sucot os judeus ofereciam sacrifícios para que as setenta nações do mundo fossem abençoadas. Disse D'us aos judeus: "Eu lhes darei um Yom Tov adicional, Shemini Atsêret, no oitavo dia de Sucot, no qual ofertarão apenas seus próprios sacrifícios."

Os sacrifícios de Mussaf de Shemini Atsêret consiste meramente de um touro.

Durante sete dias o rei deu um banquete público, apreciado por todos os súditos.

Ao terminar, o regente chamou seus melhores amigos e pediu-lhes: "Por favor, não partam! Cumpri meu dever para o público, porém peço-lhes que fiquem comigo mais um dia. Jantaremos juntos amanhã. Mandarei que sirvam um prato simples, alguma

carne, peixe ou vegetais. Não me importa o que comamos, contanto que fiquemos juntos."

Similarmente, as oferendas de Shemini Atsêret são levadas apenas pelo povo de Israel, e não pelas setenta nações, como era o caso em Sucot. Shemini Atsêret era o dia em que D'us, por assim dizer, encontra-se com os judeus em particular. Por conseguinte, seus sacrifícios são menores que os de Sucot. Ele também não quer que o povo judeu pense: "D'us nos manteve no Templo Sagrado por mais um dia porque Ele quer mais oferendas!" Por isso, o Mussaf Shemini Atsêret é pequeno.

Qual o significado da palavra Shemini Atsêret - A parada do oitavo dia?

1. Como explicado, o Todo Poderoso impede os judeus de deixarem o Templo Sagrado.

2. D'us nos impede de realizarmos trabalho. O trabalho é proibido em Shemini Atsêret como o é nos outros dias de Yom Tov.

Em realidade, D'us pretendia que Shemini Atsêret começasse cinquenta dias depois de Sucot, assim como Shavuot acontece cinquenta dias depois de Pêssach. Contudo, desistiu de fazer assim para que não sejamos incomodados. Isto é esclarecido pela seguinte história:

Um imperador oriental escolheu duas esposas para si, uma da capital onde residia, e outra de um país distante.

Anunciou à noiva local: "Celebraremos nossa festa de noivado agora, e nosso casamento em três meses."

Informou à noiva do país distante: "É muito difícil para mim viajar duas vezes a seu país natal. Celebraremos nosso noivado e casamento numa única festa."

Desta maneira, na primavera, quando o clima está ameno e agradável, e as pessoas não se importam de viajar, D'us deu ao povo judeu duas Festividades - Pêssach e Shavuot - quando são obrigados a comparecerem ao Templo.

Todavia, não deseja incomodar-nos, e por isso ordenou que a Festa de Shemini Atsêret siga imediatamente a de Sucot, poupando-nos assim uma viagem extra a Jerusalém durante a estação fria e chuvosa.

D'us proclama: "Quando as nações não judias tem feriados, elas cometem abusos. Comem demais, bebem até embriagarem-se, tornam-se frívolas e beligerantes, e em geral, agem de maneira que Me são odiosas."

"Para o povo judeu, contudo, posso dar um Yom Tov adicional sem receios. Comem e bebem refeições festivas de Yom Tov em espírito elevado, a fim de cumprirem a mitsvá. Então vão para as casas de estudos e orações, recitam preces, e (na época do Templo) oferecem sacrifícios adicionais para Mim."

As Oferendas na Atualidade

O que fazemos hoje em dia, quando não podemos trazer as oferendas Mussaf no Shabat, Rosh Chôdesh e Yom Tov?

Temos dois substitutos:

.....
1. Rezamos uma Amidá (oração) extra que é chamada Mussaf. Nela, mencionamos as oferendas que eram trazidas naquele dia ao Templo Sagrado. Por exemplo, no Mussaf de Shabat, dizemos: "A oferenda Mussaf de Shabat consiste de dois cordeiros perfeitos, com menos de um ano de idade."

Pedimos a D'us que aceite nossa oração no lugar do sacrifício de Mussaf.

2. Em Rosh Chôdesh, Pêssach, Shavuot, Rosh Hashaná, Yom Kipur, Sucot, Shemini Atsêret e Simchat Torá, lemos passagens desta parashá que tratam do sacrifício de Mussaf do dia (em Maftir, o último a ser chamado para a leitura da Torá). D'us aceita nossa leitura da Torá no lugar da oferenda de Mussaf.

Estamos aguardando o dia quando o Templo Sagrado será reconstruído. Então, a cada Festividade viajaremos a Jerusalém e assistiremos aos cohanim oferecerem os sacrifícios daquele Yom Tov.

A Petição das Filhas de Zelophehad

Por Sarah Schneider

Há um número crescente de mulheres observantes de Torá se esforçando para reconciliar duas aspirações que não são facilmente combinadas. Uma é o anseio por casamento e filhos, a outra uma paixão pelo estudo e participação mais ativa na vida comunal. Há poucos modelos a seguir, e para muitas o próprio impulso desperta questões. É um anseio sagrado, ou a pessoa está sendo estimulada por valores seculares não apoiados por verdades espirituais?

A questão é real para toda mulher que procura viver pela Torá. Uma maneira de resolver o problema é identificar uma passagem da Escritura que articula o arquétipo para este dilema, e examina seus ensinamentos em busca de conselhos relevantes.

"A humanidade favorece os homens acima das mulheres. Mas D'us não é assim..." Sugiro que a narrativa da Torá (Bamidbar 27) sobre como as filhas de Zelophehad apresentaram seu caso perante Moshê para receberem a parte do pai na Terra Prometida com herança, serve como um excelente modelo para as mulheres judias de hoje contestando o status quo.

Uma petição foi apresentada pelas filhas de Zelophehad... E elas ficaram perante Moshê, o sacerdote Elazar, os príncipes e toda a comunidade na Tenda do Encontro, com a seguinte petição: "Nosso pai morreu no deserto... sem deixar filhos homens. Por que o nome de nosso pai seria desmerecido em sua família meramente porque ele não teve filhos? Dê-nos uma porção de terra juntamente com os irmãos do nosso pai."

Moshê levou o caso perante D'us.

D'us falou a Moshê, dizendo: "As filhas de Zelophehad falam corretamente. Dê-lhes uma porção hereditária de terra ao lado da porção dos irmãos do pai. Que a propriedade hereditária do pai passe assim a elas.

"Fala com os israelitas e diz a eles: Se um homem morre sem filhos homens, sua propriedade deve passar para a filha..." (Bamidbar 27:1-9).

Há muitos ensinamentos nessa passagem, relevantes tanto para mulheres procurando apoio haláchico (legal segundo a Torá) para mudança e para rabinos que estão legislando sobre essa questão. Isso sugere uma abordagem que se adotada conscientemente por ambas as partes, manterá a paz abaixo e atrairá bênção do Alto. Este artigo explora ambas as perspectivas.

Orientações para Solicitantes

Quando as filhas de Zelophehad souberam que a terra estava sendo dividida entre as tribos mas não entre as mulheres, concordaram em discutir o assunto. Disseram: "A misericórdia e compaixão de D'us não é como a compaixão dos homens. A humanidade favorece os homens acima das mulheres. D'us não é assim. Sua compaixão se estende igualmente a homens e mulheres..." (Yalkut Shimoni, Pinchas 27; Sifri, Bamidbar 27:1)

Elas identificaram o princípio espiritual subjacente sendo violado. No fundo, algo não estava certo, e elas deram nome a isso. Como estavam concentradas na verdade e no bem superior, elas tiveram a força de persistir com resistência interior e exterior.

As filhas de Zelophehad eram mulheres sábias, pois apresentaram sua petição na hora certa. (Talmud, Bava Batra 119 b; Midrash Rabbah, Bamidbar 21:11).

Elas não levantaram questões teóricas. Em vez disso, esperaram até o momento da decisão prática e emitiram sua opinião. Aprendemos com elas que há dois critérios de verdade. Seu conteúdo deve ser acurado, e deve ser falado na hora exata. Quando as duas condições são preenchidas, os céus e a terra se abrirão para recebê-lo.

As filhas de Zelophehad entenderam que o momento exato é profundamente intuitivo. Pelo seu exemplo derivamos um princípio essencial de ação social; deve-se esperar pelo momento exato para corrigir uma injustiça.

Há três motivos para isso:

- 1 – O "princípio ofensor" pode se dissipar por si mesmo.
- 2 – O indivíduo que se sente oprimido pelo conceito ofensor pode descobrir, no decorrer da vida, que o assunto se torna irrelevante.
- 3 – A mudança pode ocorrer naturalmente no momento do contato.

As cinco filhas de Zelophehad eram mulheres instruídas. Apresentaram sua petição de maneira lógica e halachicamente sofisticada (Talmud e Midrash, ibid.).

Após identificar a estrutura espiritual mais ampla, elas apoiaram sua petição com princípios e precedentes haláchicos. Construíram um argumento que era verdadeiro ao pé da letra e espírito de autêntico discurso.

Seu conteúdo deve ser acurado, e deve ser falado na hora certa. Sua petição seguia uma aguda linha de raciocínio que incorporava todas as leis e princípios relevantes, e até formulava a decisão correta.

É por isso que a Escritura diz: "E Moshê levou seu julgamento perante D'us" – o julgamento delas, não sua pergunta, pois sua

.....
petição incluía o argumento legal e sua regra. (Anaf Yosef comentário sobre Ein Yaakov, Bava Batra 119 b).

E finalmente, elas confiaram [o termo aramaico usado, urechitzu, é do mesmo radical de rachatz, lavar] no Misericordioso, o Mestre do mundo... e foram perante Moshê... e a congregação inteira na entrada do Santuário. (Targum Yonatan, Bamidbar 27:1)

Elas entregaram o assunto a D'us e se purificaram de qualquer envolvimento com qualquer outra coisa que não fosse a verdade. Embora quisessem um resultado favorável, não o queriam contra a vontade de D'us.

Esse é o passo mais crítico em todo o processo. A pureza do desejo de alguém pela verdade determina o sucesso de todos os estágios subsequentes. Quanto mais alguém renuncia à agenda pessoal, maior a ajuda Divina que recebe.

“Tornar-se limpo” é entregar todo o controle, “confiando todo o assunto ao Misericordioso, o Mestre do Mundo.”

Embora relutantes em aparecerem em público, as filhas de Zelophehad dominaram seu recato natural porque sua questão era fundamental (Tiferet Zion, Bamidbar 27:2).

As filhas de Zelophehad estavam vivendo uma parte da Torá Escrita, e queriam que fosse aceita no texto. Não há missão mais sagrada que revelar uma lei da Torá que influenciará o comportamento dos judeus até o final dos tempos. A explicação das belas opiniões é uma tarefa abençoada, mas ser a fonte de uma das 613 mitsvot é a honra mais elevada possível.

Embora a Torá Escrita seja fixa e definitiva, a Torá Oral está constantemente evoluindo. Cada geração tem novas tecnologias e fenômenos culturais com implicações haláchicas que ainda não foram exploradas.

O processo de formular questões e gerar discurso haláchico é a força do povo judeu. As filhas de Zelophehad são modelos para esse trabalho de aplicar a lei do Sinai a situações contemporâneas. Todo judeu em toda geração tem um papel a desempenhar nesse processo de evolução da Tradição Oral.

O Midrash registra o seguinte diálogo entre as filhas de Zelophehad e Moshê:

Filhas: Dê-nos uma porção da terra junto com os irmãos de nosso pai.

Moshê: É impossível uma filha herdar.

Filhas: Por quê?

Moshê: Vocês são mulheres.

Filhas: Então deixe nossa mãe entrar em yibbum (casamento levirato – como a lei de a esposa de alguém que morreu “sem semente”) e concebe um herdeiro dessa maneira.

Moshê: Impossível. Quando há filhos, yibbum não é possível.

Filhas: Você está se contradizendo, Moshê. Ou não somos “semente” e a obrigação de yibbum se aplica à nossa mãe, ou somos “sementes” e podemos herdar a terra nós mesmas.

Naquele momento elas convenceram Moshê. Quando ele ouviu a justiça da reclamação delas, imediatamente apresentou o caso a D'us (Yalkut Shimoni, Pinchas 27).

As filhas de Zelophehad não desistiram quando encontraram resistência. Moshê disse “não” pelo menos três vezes antes de concordar com a lógica da posição delas.

Similarmente, um convertido é recusado três vezes. Somente candidatos que são impulsionados pela verdade não-negociável de sua alma encontrarão a motivação para superar os obstáculos e reclamar seu lugar entre o povo judeu.

Quanto mais alguém renuncia à sua agenda pessoal, mais ajuda Divina recebe. Todo conceito novo ou decisão haláchica de tornar-se parte da Torá é uma espécie de “convertido”. Uma nova centelha está procurando entrar na comunidade de Israel. Este, também, será recusado pelo menos três vezes, mas por fim encontrará seu caminho para entrar, pois nenhuma centelha é permanentemente exilada. Toda verdade encontrará seu caminho de volta à Torá.

“As filhas de Zelophehad falaram corretamente...” Rashi explica que D'us estava dizendo: “[Assim como as filhas de Zelophehad falaram,] assim é esta seção da Torá escrita perante Mim no alto.” Isso nos informa que os olhos delas viram aquilo que os olhos de Moshê não viram (Rashi sobre Bamidbar 27:7; Targum Yonatan ibid.; Yalkut Shimoni,; Sifri ibid.).

Moshê é o maior profeta que já viveu, e mesmo assim as filhas de Zelophehad viram algo que ele não viu. Cada alma vem ao mundo com seu próprio aspecto único da verdade. O mestre chassídico rabi Tzadok HaKohen escreve que todo judeu tem uma parte na Torá Oral – seja uma lei real, seja uma aplicação específica da lei – que se torna revelada somente através das circunstâncias singulares de sua vida (Likutei Maamarim, págs. 80-81; Yisrael Kedoshim, pág. 152).

Há uma tensão criativa entre o povo e seus líderes. Por um lado, respeitamos a sabedoria de nossos idosos; porém, pelo outro, podemos saber algo que eles não sabem, porque é nosso pedaço da Torá. Quando isso acontece, não temos opção exceto nos engajar em diálogo respeitoso, seguindo o modelo das filhas de Zelophehad, que encontraram a maneira de transformar a sabedoria pessoal em Torá Oral.

As filhas de Zelophehad eram mulheres justas. Não se casaram até completar 40 anos. Esperaram por pretendentes que as merecessem (Talmud, Bava Batra 119 b; Bamidbar Rabbah 21:11; Yalkut Shimoni ibid.). Toda escolha tem consequências, e às vezes, embora os custos superem os lucros, a integridade exige que tomemos aquele caminho.

D'us criou cada alma com talentos específicos, pois Ele deseja certas revelações que vêm por intermédio delas.

As filhas de Zelophehad se desenvolveram em maneiras que diminuiriam suas opções de encontrar parceiros apropriados para o casamento. Seu intelecto e integridade excepcionais as colocavam numa categoria que não era facilmente igualada.

E mesmo assim, nossos Sábios as chamam de justas porque se recusaram a desperdiçar os preciosos dons que D'us lhes tinha concedido.

.....
Lições para os “Guardiões”

A história das filhas de Zelophehad também tem lições para os rabinos, que são os guardadores dos portões, aqueles responsáveis por selecionar quais mudanças entram e quais não. Alguns desses ensinamentos são discutidos em Midrashim e comentários, ao passo que outros são presumidos pela ausência de comentários negativos.

Visivelmente ausente está qualquer crítica feita por Moshê, ou outros comentários, sobre a propriedade de gênero da ação delas. Ninguém sequer insinua que as filhas de Zelophehad ultrapassaram os limites quando ficaram perante toda a congregação e apresentaram publicamente sua petição a Moshê e aos anciãos.

A fé e a força intelectual das mulheres é um recurso que não podemos desperdiçar. Também flagrantemente ausente está qualquer indicação de que os rabinos foram pessoalmente ameaçados pela firmeza da ousadia intelectual das filhas de Zelophehad.

O contraste é pungente. Enquanto os homens estavam convocando para um motim, abandonando Israel e se preparando para voltar ao Egito (Bamidbar 14:4), as filhas de Zelophehad olharam para a frente e pediram sua própria porção da Terra.

O Midrash nos diz que quando Moshê questionou a força de fé das mulheres, elas disseram (parafraseando Salmos 119:126): “Quando as pessoas estão abandonando Tua Torá (i.e., os homens estão voltando ao Egito), está na hora de intensificar o compromisso com o serviço de D'us.”

O Midrash então dá um exemplo que apoia os princípios que foram citados pelas filhas de Zelophehad. A história é sobre uma jovem judia cativa que se tornou criada de um general sírio. O conhecimento dela sobre as leis detalhadas da lepra se tornou um meio para santificar o Nome de D'us.

O Midrash pergunta como essa mulher se tornou tão educada numa questão tão esotérica da lei, especialmente numa época em que até os homens tinham abandonado os estudos. E responde que ela aprendeu na casa de seu pai que “quando as pessoas estão abandonando a Torá [faz uso de todo recurso à disposição – incluindo a capacidade das mulheres – para fortalecer o restante], que se apegue ao serviço de D'us.” (Sifri Zuta 27:1; Yalkut Shimon ibid.).

Pode-se encontrar um paralelo no nosso tempo. Como estamos agora numa época de crise nacional, com judeus assimilando-se numa velocidade assustadora, a fé e a força intelectual das mulheres é um recurso que não podemos desperdiçar. Há mulheres nesta geração que estão profundamente imersas em amor e temor a D'us, e que possuem força de mente e amor à Torá que podem ser de grande utilidade ao povo judeu.

Este Midrash sugere que nessas circunstâncias, “é um tempo de fazer para D'us” e habilita mulheres sempre que a Halachá permitir. Se uma lei é clara e firme, que seja assim. Porém se a lei tem espaço para se expandir, então o Midrash diz para habilitar mulheres para servir ao seu povo com todos os dons concedidos por D'us.

Como Moshê enfatizou tanto com o dilema delas e respeitou seu amor pela Terra, ele rezou por um veredicto favorável. Isso sugere que foi a prece de Moshê que na verdade provocou a decisão favorável. Por mais que ele desejasse a verdade, queria partilhar com elas aquilo que era objetivamente bom, algo pelo qual ele próprio ansiava (i.e., a terra) que não estava, sob circunstâncias normais, acessível às mulheres.

A Torá está ensinando uma lição poderosa aos rabinos de hoje. Se eles pretendem imitar Moshê, então devem sentir compaixão pelas mulheres que os abordam com petições haláchicas. Sua empatia deveria ser tão forte que os levaria à prece. Que seja Tua vontade que Tua halachá permita um julgamento favorável, um julgamento que permitirá a completa expressão do serviço para todos os envolvidos.

Somente após atingir genuína empatia com os solicitantes o rabino deveria começar sua pesquisa haláchica.

Os mestres chassídicos nos dizem que as histórias da Torá fazem uma espiral através da história, portanto cada geração revive algum estágio específico da jornada de quarenta anos dos israelitas do Egito à Terra Santa. O incidente das filhas de Zelophehad ocorre nas estepes de Moab, a última parada da jornada.

Assim, sua repetição na escalada de seis milênios da história será um dos últimos desenvolvimentos antes da Era Messiânica. Portanto não é surpresa que um crescente número de mulheres nesta geração se identifique com as filhas de Zelophehad e encontrem os próprios anseios espelhados na história delas.

Sem Honrarias ou Distinções

Nesta Porção Semanal de Pinechas lemos o relato de uma das mais heróicas histórias da Torá, a de Pinechas, o qual, cheio de uma indignação abrasadora contra um ato de profanação, executou vingança sobre os culpados. Por sua prontidão e zelo em honrar o nome do Criador, salvou os judeus da destruição da praga.

Poderíamos imaginar que seria aclamado e ovacionado com pompa, contudo encontramos Pinechas sendo recebido com escárnio e até a tentativa de linchamento por parte de alguns. Muitos de nós diríamos em seu lugar: “Bem, valeu a pena ser bom? Eu estaria melhor se tivesse me preocupado com minha própria vida”.

Mas aquela não foi a reação de Pinechas, pois aqui trata-se de um homem que valorizava a vida boa e justa. E, portanto, contanto que recebesse do Todo Poderoso o reconhecimento na promessa de eterno sacerdócio, que diferença faria se recebesse aplausos ou vaias de seus irmãos?

A tragédia de nossos dias é que tudo o que fazemos é dirigido de modo que recebamos o maior reconhecimento e publicidade com merecidos aplausos. Por isso a prática da caridade está tornando-se uma arte em desuso. Esquecemo-nos de procurar as honras do Todo Poderoso. Que sejamos inspirados por Pinechas, que pensou não ser importante o reconhecimento dos mortais quando tinha as bênçãos de D'us.

O Amor Quebra Barreiras

.....
Por Tali Loewenthal, traduzido por Moishe (Maurício) Klajnberg

Existem muitas limitações e barreiras na vida. Algumas são muito importantes para uma existência sadia e são estabelecidas e promovidas pela Torá. Outras limitações são mais ambíguas e a própria Torá dirá que elas devem ser vencidas pelo bem de ideais mais elevados.

Nossa Parashá também nos conta sobre a travessia de barreiras. Pinchas, o neto de Aharon, provê o paradigma de uma pessoa zelosa. A palavra “zeloso” vem de “zelo”, entusiasmo excessivo. No final da Parashá da semana passada, Moshê e Aharon foram confrontados com uma situação em que eles se sentiram impotentes. De uma forma muito pública, um líder judeu, o príncipe de uma das doze tribos, estava expondo todo o conceito de identidade judaica ao se relacionar publicamente com uma mulher midianita. Moshê chorava. Seria este o fim do Povo Judeu?

Pinchas avançou com uma lança e aparentemente tomou a lei em suas próprias mãos. Nós o vemos aparentemente quebrando as regras judaicas da busca por evidências e do julgamento cuidadoso. Mesmo assim no início de nossa Parashá, ele é elogiado por D'us por seu ato.

Os Sábios discutem este evento e apresentam um quadro ligeiramente diferente. É verdade que Pinchas cruzou limites. Entretanto, ele permaneceu dentro da lei da Torá. No pensamento judaico, existem certos cursos de ação que são descritos como dentro dos limites da lei, mas os quais, mesmo assim, não podem ser sugeridos pela corte legal (“É de fato a lei, mas nós não a damos como uma instrução”)¹.

O ato de Pinchas estava nesta categoria. Era uma situação desesperadora que requeria um remédio desesperado, e Pinchas fez a coisa certa e é recompensado por D'us de uma forma extraordinária.

O que isto nos ensina sobre nossas próprias vidas? O Lubavitcher Rebe, de abençoada memória, sugere a transferência deste tema de atravessar barreiras para o mundo do positivo, como expressão do ideal de Ahavat Yisrael, amar a outro judeu como a ti mesmo.

Existe a estrutura normal, ideal, da vida judaica: uma comunidade próxima e calorosa; um círculo familiar íntimo; uma vida imersa em atividades tipicamente judaicas. Este é o objetivo do marido e da esposa comprometidos, observantes e instruídos na comunidade judaica.

O Rebe sugere seguir o exemplo de Pinchas: manter-se dentro da lei da Torá, mas romper alguns aspectos desta estrutura, porque um judeu, de alguma forma, tem necessidades. Convide uma pessoa para a sua mesa de Shabat, talvez alguém que nunca tenha vivenciado isto antes.

Passe algum tempo com esta pessoa, ajudando-o ou a ela a sentir-se aceito(a), em vez de executar seus deveres judaicos convencionais de uma forma automatizada. Desta forma você quebra barreiras, por causa do seu amor.

NOTAS

1.Ver Talmud Eruvin 7a e Betza 28b; comentário de Rashi sobre Bamidbar 25:6-7.

A Percepção

Muitas vezes não temos foco no que é de valor e deixamos passar oportunidades bem em frente aos nossos olhos

Um dos temas principais da Parashá dessa semana é saber valorizar, o que temos e o que não temos. Avaliar nossos valores e conquistar o que achamos que é relevante para nossas vidas.

As filhas de Tslofchad não tinham recebido uma parte na Terra de Israel e isso para elas era uma questão extremamente sensível e relevante. Perceberem a importância do assunto, acabaram sendo compreendidas e atendidas em seu pedido, pois seguia uma lógica, uma coerência

Muitas vezes não temos foco no que é de valor e deixamos passar momentos, oportunidades bem em frente aos nossos olhos, sem precebermos.

A seguinte história verídica ajuda a ilustrar esse ponto.

Numa manhã fria de Janeiro de 2007, numa estação do Metrô de Washington, ele tocou no violino seis concertos de Bach por cerca de 45 minutos. Durante esse tempo, aproximadamente 2 mil pessoas passaram por aquela estação, a maioria no seu caminho para o trabalho.

Três minutos após começar a tocar, um senhor de cerca de 45 anos percebeu que tinha um músico tocando. Ele diminuiu seu passo e parou por alguns segundos e então correu para conseguir manter sua agenda no horário.

Aos quatro minutos o violinista recebeu seu primeiro dólar: uma mulher jogou o dinheiro na caixa do violino e continuou a andar, sem parar.

Aos seis minutos, um jovem se apoiou na parede para ouvi-lo, então olhou para seu relógio e continuou a andar novamente.

Dez minutos e um menino de três anos parou, mas sua mãe o puxou com pressa. O menino parou novamente para ouvir o violinista e a mãe então lhe puxou com mais força até que o menino voltou a andar, mas sempre olhando para trás. Essa ação se repetiu com várias outras crianças.

Cada pai ou mãe, sem exceção, os forçava a andar para a frente. O músico acabou tocando por 45 minutos. Apenas seis pessoas pararam e ficaram por um tempinho.

Aproximadamente vinte lhe depositaram algumas moedas, mas continuaram a andar apressadas. Ele contabilizou U\$ 32.

Depois de uma hora; ele parou de tocar e o silêncio tomou conta. Ninguém reparou. Ninguém aplaudiu. Ninguém o reconheceu. Ninguém sabia disso, mas o violinista era Joshua Bell, um dos mais talentosos músicos do mundo.

Ele tocou os concertos mais intrincados jamais compostos, num violino que vale \$3.5 milhões de dólares. Dois dias antes, a plateia esgotou os ingressos de um teatro em Boston onde o preço médio das poltronas era de \$100 dólares.

.....
Essa é uma história verdadeira. Joshua Bell tocou como incógnito na estação do metrô. Esse evento foi organizado pelo jornal Washington Post como parte de um experimento social sobre percepção, gosto e prioridade das pessoas.

Pode-se perguntar: num lugar comum, numa hora inapropriada, será que percebemos a beleza? Paramos para apreciá-la? Reconhecemos talento num contexto inesperado? Sabemos dar valor de verdade?

Uma possível conclusão alcançada por meio desse evento poderia ser: Se não conseguimos conceder nem mesmo um momento para parar e ouvir um dos melhores músicos no mundo tocando uma das músicas mais complexas jamais escritas, com um dos instrumentos mais apurados jamais fabricados... quantas outras coisas estamos perdendo?

Como fazer justiça com as próprias mãos

Por Yanki Tauber

Meu vizinho do andar de cima estava instalando um jardim de cobertura. Lindo e muito chique, exceto pelo fato de que o sistema especial de drenagem ainda não estava instalado, e o renitente pinga-pinga descendo lá de cima estava nos deixando loucos. Pior ainda, uma nuvem de mosquitos pairava sobre a mancha enlameada sob as janelas de nosso quarto, portanto todas as manhãs minhas três lindas filhas acordavam cobertas de feias picadas de insetos.

Pedi ao homem encarregado da reforma que, por favor, parasse com a tortura da água. Ele explicou pacientemente que as árvores em vasos e os arbustos (que incluíam algumas samambaias muito delicadas, importadas especialmente de algum exótico país sub-tropical) tinham de ser alimentadas por uma pequena mas constante corrente de água enriquecida com nutrientes, que não pode ser interrompida, jamais.

Porém eles estão trabalhando para encontrar uma solução para desviar a água por alguma rota menos incômoda. Ele encaminhou-me ao jardineiro/paisagista encarregado do projeto para maiores explicações.

"Não me importo com aquilo que está fazendo lá em cima nem como o faz" - disse eu um tanto indelicadamente. "Simplesmente pare com o chuveiro, está bem?"

Mas o chuveiro não parou. Falei com o encanador do sujeito, seu mestre de obras, seu jardineiro, sua secretária (a qual informou que ele está viajando). Implorei, supliquei, adulei. As lágrimas rolavam de meus olhos conforme eu descrevia o sofrimento de minha família. Gritei, ameacei. Passaram-se semanas, e o pinga-pinga de água enriquecida com nutrientes e o zumbido de insetos enriquecidos por nutrientes continuava.

Então, certa sexta-feira à tarde, depois que todos os trabalhadores tinham saído para o fim de semana, subi até um compartimento pequeno e escuro sob as escadas e fechei o suprimento de água para o apartamento de cima.

Na segunda-feira pela manhã, houve pancadas na minha porta. Em seguida, alguns gritos. Ele chamou-me de criminoso e

repliquei que existem situações nas quais um cidadão comum tem o direito de fazer justiça com suas próprias mãos.

Ele ameaçou processar-me, e respondi que esta era uma excelente idéia. Ao final da semana, uma mangueira tinha sido instalada para jogar a água em algum outro lugar.

Porém antes que eu tivesse uma chance de saborear adequadamente minha satisfação sobre a maneira como tinha cuidado da situação, descobri As Três Regras Fundamentais para Fazer Justiça com as Próprias Mãos. Para meu desapontamento, soube que errara em todas as três exigências.

As três regras fundamentais para fazer justiça com as próprias mãos são:

1 - É preciso haver uma necessidade realmente extraordinária e compulsória, como por exemplo, dezenas de milhares de pessoas estão morrendo de peste, e centenas de milhares mais morrerão, a menos que alguma ação drástica seja tomada para impedir.

2 - Você deve estar preparado para pagar o preço. A lei não o protegerá das consequências de seu ato. Deve estar disposto a sacrificar tudo - incluindo sua integridade.

3 - Deve ser completamente contra sua natureza agir desta forma, e é preciso que lhe seja muito doloroso ser obrigado a fazê-lo. Em outras palavras, se você gosta de tomar esta atitude, então não deveria tomá-la.

(No caso de você estar se perguntando onde encontrei estas Regras Fundamentais, está tudo no precedente do assassinato de Zimri por Pinechas, conforme descrito na Torá e discutido no Talmud e nos comentários.) Bem, isso cortou pela raiz minha carreira como fora-da-lei. Mas foi divertido enquanto durou.

42 - Parashat Matot

Números 30:2-32:42

Anulação de Promessas

A última parashá terminou com as leis das sacrifícios de Yom Tov, e esta começa com as leis sobre promessas. A justaposição ensina que quem promete oferecer um sacrifício está obrigado a cumprir sua promessa no Yom Tov vindouro, quando visitar o Bet Hamicdash.

Às vezes achamos que as palavras que dizemos não são importantes. Afinal, não podemos vê-las ou tocá-las, por isso parecem que não deixam marcas.

A Torá nos ensina o contrário. Palavras são importantes, e um judeu deve sempre ser cuidadoso com as palavras que usa. Deveria ser especialmente cauteloso sobre fazer promessas, porque será responsável por cumpri-la. A pessoa jamais deve fazer um juramento descuidadamente. Aquele que os faz sem a devida atenção e mais tarde falha em cumpri-los, é comparado ao indivíduo que pega uma espada para golpear a si mesmo; está propenso a ferir-se.

É uma boa idéia, quando dizemos que cumpriremos uma mitsvá, adicionar as palavras: "bli neder – não é uma promessa." Se alguém declara: "Amanhã pretendo visitar meu amigo doente," ou,

.....
"Darei R\$ 100,00 para tsedacá," deveria completar: "bli neder" para evitar que torne-se uma promessa.

Se alguém faz um juramento ou promessa e então percebe que será muito difícil cumpri-los, pode dirigir-se a um talmid chacham, perito em halachá (Lei Judaica), ou a três leigos. Eles poderão absolvê-lo, com base em sua declaração que quando fez a promessa, não estava plenamente consciente de todas suas implicações.

Se tivesse percebido todas as dificuldades de mantê-la, não teria agido desta forma. Por isso, a promessa foi um erro de sua parte. Explica os detalhes de sua promessa ao juiz (ou juízes) que então determina se as circunstâncias permitem que seja absolvido. Se o juiz encontra um pormenor que o incomode do qual a pessoa não tenha se apercebido quando fez a promessa, pode absolvê-la.

"Teria feito esta promessa se soubesse que mais tarde se arrependeria?" pergunta-lhe o juiz.

"Não," responde a pessoa que fez a promessa.

"Mutar lecha - você está livre dela", declara o juiz.

Isto se chama em hebraico "Hatarat Nedarim", anulação das promessas.

A Guemará nos dá o seguinte exemplo sobre como anular uma promessa:

Uma história:

Rav Manna certa vez fez uma promessa: "Nunca beberei o vinho de meu pai." Quando o pai soube da promessa do filho, ficou aborrecido. Por sua vez, Rav Manna sentiu-se mal por entristecer o pai e arrependeu-se da promessa.

O pai perguntou-lhe: "Se você tivesse pensado que eu ficaria aborrecido por causa de sua promessa, ainda assim a faria?"

"Não", replicou Rav Manna.

"Neste caso, está livre dela," declarou o pai. Este era um talmid chacham. Por isso, podia liberar o filho da obrigação de cumprir a promessa, porque achou uma boa razão para cancelá-la.

Validade

Antes da idade de bar ou bat-mitsvá, não é preciso ir ao Bet Din se alguém fez uma promessa descuidada da qual se arrepende. Estas promessas não têm validade. Mesmo assim, é uma boa idéia treinar a criança a não fazer promessas.

Quando podem ser feitas

Há algumas situações em que nossos sábios recomendam que se faça promessas. Por exemplo, se uma pessoa encontra-se em extremo perigo ou desgosto, D'us não o permita, pode prometer dar tsedacá ou cumprir alguma mitsvá na esperança de que D'us a salve.

Exemplos de pessoas renomadas que fizeram promessas e seus motivos:

Chana – Na época posterior aos juízes, havia uma mulher justa chamada Chana. Não tinha filhos. Sempre que seu marido viajava ao Mishcan em Yerushalayim, ela o acompanhava. Lá, rezava a D'us, implorando-Lhe que lhe desse filhos.

Quando Chana completou dez anos que estava casada, fez uma promessa a D'us: "Se Tu me deres um filho, não o guardarei para mim mesma, mas ele Te servirá por toda a vida."

Chana teve um menino, a quem chamou de Shemuel. Ela manteve a promessa. Levou Shemuel ao Cohen Gadol no Mishcan, quando ele estava com dois anos de idade e havia acabado de amamentá-lo.

"Eis aqui o filho pelo qual rezei a D'us," disse. "Deixe-o ficar aqui e servi-lo."

Desde então, Chana via seu filho apenas uma vez ao ano quando ia ao Mishcan em Yerushalayim. O menino cresceu e tornou-se o famoso profeta Shemuel, líder de Benê Yisrael.

O Rei David – David não tinha desejo maior que o de construir o Bet Hamicdash para D'us. Fez uma promessa: "Não dormirei mais que o absolutamente necessário até que encontre o lugar apropriado para construir a Casa de D'us."

David cumpriu sua promessa. Quando visitou o profeta Shemuel, estudou com ele os versículos que falam da localização do Bet Hamicdash. Após passar muito tempo estudando, o Rei David concluiu que D'us queria que o Bet Hamicdash fosse construído numa colina na cidade de Jerusalém.

David Hamelech manteve sua promessa. Tinha esperança de que lhe seria permitido construir o Bet Hamicdash. Mas primeiro tinha que livrar a nação judaica dos inimigos ao seu redor. Passou muitos anos envolvido nestas guerras, até que finalmente a paz chegou para os judeus.

"Agora," pensou David, "está na hora de construir o Bet Hamicdash! Como posso viver em um lindo palácio, enquanto a Shechiná de D'us mora numa tenda?"

A arca de D'us ainda estava no Mishcan, uma tenda, assim como havia estado quando Benê Yisrael caminhava pelo deserto.

Naquela noite, D'us enviou um profeta para contar ao Rei David: "D'us não quer que você construa o Bet Hamicdash. Seu filho Salomão o construirá. Você não é a pessoa certa para construir o Bet Hamicdash, porque derramou tanto sangue durante as guerras que travou com seus inimigos."

Isto deixou David preocupado.

"D'us," pediu ele, "sou culpado por ter lutado em tantas guerras?"

"Não tema, David," D'us assegurou-lhe. "Você derramou sangue apenas em nome dos céus. A Meus olhos, suas batalhas valem tanto como se você tivesse feito oferendas no altar."

"Então, por que não tenho permissão para construir o Bet Hamicdash?" perguntou David.

D'us replicou: "Um Bet Hamicdash construído por você seria tão sagrado que Eu jamais poderia destruí-lo."

.....
"Ótimo," disse David. "Deixe que permaneça para sempre."

D'us explicou: "Sei que no futuro os judeus cometerão pecados. Ou Eu os destruirei, ou destruirei o Bet Hamicdash, deixando-os sobreviver. Se você construir o Bet Hamicdash, jamais poderei destruí-lo. Terei que aniquilar os judeus em vez disso."

O Rei David então entendeu que não poderia realizar seu sonho de construir uma Morada para D'us. Assim mesmo, devotou o resto da vida a conseguir ouro, prata e os outros materiais necessários para a construção do Bet Hamicdash. Seus esforços foram tão grandes que D'us considerou como se ele tivesse de fato o construído!

Outra maneira de cancelar uma promessa

Aprendemos há pouco que somente um talmid chacham ou Bet Din podem cancelar a promessa de alguém se encontrarem para isso uma razão válida.

A Torá nos ensina uma outra maneira de cancelar uma promessa: Se um pai escutar a filha de doze anos, ou doze anos e meio, fazer uma promessa que ele não aprove, pode dizer: "Sua promessa é inválida." Isto cancela a promessa.

Um pai pode anular a promessa da filha apenas até o pôr-do-sol do dia em que ele a ouve. Se esperar além disso, será tarde demais.

Um marido também pode cancelar algumas das promessas de sua esposa. Ele deve também fazê-lo no mesmo dia em que a escutou. Se esperar até depois do pôr-do-sol, ela é obrigada cumprir a promessa.

Benê Yisrael e a Guerra Contra Midyan

D'us ordenou a Moshê: "Chegou a hora de punir os midianitas que maldosamente enviaram suas filhas para que Benê Yisrael pecasse. Vá à guerra contra eles. Após está batalha chegará o dia de sua morte."

Por que D'us não ordenou uma guerra contra Moav, também? Não foram os moavim que contrataram Bil'am para amaldiçoar os judeus, e suas filhas também não persuadiram os judeus a pecar?

Há duas razões pelas quais D'us não ordenou uma guerra contra Moav:

1. Os Moavim tinham um motivo para tentarem prejudicar os judeus. Tinha medo que Benê Yisrael roubasse suas riquezas e os expulsassem de seu país. Os midianitas, entretanto, sabiam que Benê Yisrael não viajaria através do país deles. Não estavam em perigo. Fizeram o mal a Benê Yisrael apenas porque os odiavam, sem motivo.

2. D'us previu que certo dia uma tsadeket, mulher sábia, chamada Ruth nasceria em Moav. Ela se tornaria judia e seria a ancestral do Rei David. Por causa dela, D'us ordenou a Moshê que não prejudicasse os moavim.

Moshê tinha ouvido claramente de D'us que morreria tão logo a batalha terminasse. Mesmo assim, começou imediatamente a preparar-se para a guerra.

D'us ordenou: "Não envie o exército inteiro! Apenas 12.000 soldados, mil de cada tribo, deverão atacar Midyan."

Os midianitas eram muito fortes. Por que D'us queria apenas um pequeno exército? Não teria sido melhor enviar centenas de milhares de soldados judeus para combatê-los?

D'us não permitiu que um judeu previamente associado às filhas de Midyan fosse para a guerra. Apenas aqueles que fossem perfeitos tsadikim estavam aptos a lutarem contra os medianitas.

Quando Moshê tentou convocar os soldados ao dever, eles se recusaram a cooperar. Todos os soldados protestaram: "Não quero tomar parte nesta guerra! D'us disse que você morrerá logo depois. Por que deveria ajudar a trazer e apressar sua morte?!"

Todo o Povo de Israel amava Moshê (mesmo aqueles que freqüentemente discutiam com ele). Moshê não sabia o que fazer. D'us ordenou: "Faça um sorteio. Qualquer soldado cujo nome seja sorteado, deve ir para a guerra."

Contra a vontade, os soldados se alinharam para a guerra. Geralmente, os líderes das tribos marchavam à frente de sua própria tribo. Nesta guerra, entretanto, Moshê não chamou os nesi'im para tomar parte. Não queria constranger a tribo de Shimon.

Pois seu nassi, Zimri, estava morto. Moshê chamou Pinechas, o filho de El'azar, e disse-lhe: "Você será o cohen mashuach milchama (o cohen ungido para a guerra) quando lutarmos contra Midyan. Você deu início à mitsvá de Kidush Hashem (santificação do Nome de D'us) por matar Zimri. Agora, complete a mitsvá vingando-se dos midianitas."

Como sempre, antes da batalha começar, os cohanim tocaram as duas trombetas de prata para Moshê.

A guerra

Moshê ordenou a Pinechas: "Quando for para a guerra, leve a arca onde estão colocados os luchot quebrados. [Benê Yisrael possuíam duas arcas: uma continha as tábuas e permanecia no Mishcan. A segunda guardava as tábuas quebradas e era levada para as guerras]. Pegue também o tsits, a faixa sagrada do cohen gadol."

Quando o exército dos judeus aproximou-se de Midyan, os soldados viram um mensageiro se aproximando deles. Era ninguém menos que Bil'am, o mágico.

O malvado soubera que seu conselho perverso tinha causado uma peste entre o povo de Israel. Estava indo a Midyan para exigir de Balac que o pagasse, por ter ocasionado a morte de 24.000 judeus.

Quando Bil'am ouviu que Benê Yisrael estava avançando para Midyan, correu em sua direção para desencorajá-los de atacar.

"Acreditam realmente que seu pequeno exército de 12.000 soldados tem alguma chance de derrotar o forte exército midianita?" zombou ele. "Nem tentem, pois serão todos mortos!"

Os soldados judeus continuaram marchando, indiferentes à

.....
zombaria de Bil'am. Pinchas e os generais deram o sinal de atacar. Bil'am percebeu que estava em perigo.

O Fim de Bilam

Antes que qualquer soldado judeu pudesse pegá-lo, Bil'am ergueu os braços. Com seus poderes de tum'á, transportou-se pelo ar, alto demais para que uma flecha pudesse atingi-lo.

Quando percebeu que os cinco príncipes midianitas também estavam em perigo, rapidamente ensinou-os a voar através de magia. Todos levantaram vôo.

Pinechas viu como Bil'am voava mais e mais alto. Gritou para os soldados: "Alguns de vocês pode voar atrás dele e apanhá-lo?"

Um homem da tribo de Dan, Tzelaya, elevou-se voando, e apanhou Bil'am.

Tão logo Bil'am percebeu que estava sendo perseguido, mudou de direção. Acelerou para cima como uma flecha, desaparecendo da vista. Tzelaya ficou desapontado, pois era incapaz de segui-lo.

Agora o próprio Pinechas resolveu agir. Localizou Bil'am e seguiu-o. Pinechas virou o tsits na direção de Bil'am. Isto fez com que Bil'am caísse; a santidade do tsits era maior que os poderes mágicos de Bil'am.

Pinchas prendeu Bil'am e levou-o a Moshê no Bet Din. Foi condenado à morte.

O corpo de Bil'am não foi enterrado. Apodreceu e transformou-se em serpentes venenosas. D'us o puniu mesmo após a morte, por suas más ações.

Pinechas também trouxe para baixo os cinco príncipes de Midyan, levantando o tsits em sua direção. Foram mortos por soldados judeus. Os judeus mataram os homens midianitas e fizeram prisioneiras as mulheres e crianças.

Nem um único judeu pereceu na guerra. Era verdadeiramente um milagre, pois o inimigo era mais numeroso e muito mais forte. D'us tinha protegido cada soldado judeu, porque cada um deles era um tsadic.

O Retorno do Exército e as Leis dos Despojos

Os soldados judeus voltaram com uma grande quantidade de despojos – ouro, prata, recipientes, roupas e animais. Levaram as mulheres e crianças medianitas ao acampamento judaico, como prisioneiros.

Moshê, que se aproximara com Elazar para encontrar o exército, viu os prisioneiros e ficou irado.

Repreendeu os generais: "Como puderam deixar estas mulheres vivas? Elas incitaram os judeus a pecar e provocaram uma peste que matou 24.000 judeus!"

Moshê ordenou que as mulheres midianitas fossem assassinadas.

Os soldados que voltavam da batalha haviam tocado nos corpos dos mortos. Por isso, estavam impuros. Receberam a ordem: "Não entrem no pátio do Mishcan (o acampamento da Shechiná)

por sete dias. Nesse ínterim, purifiquem-se com água misturada às cinzas de uma vaca vermelha."

Hag'alat kelim

Entre os despojos dos midianitas havia panelas, potes e outros tipos de vasilhas. Havia sido usados pelos midianitas para comida não-casher.

Como os judeus poderiam usá-los?

O filho de Aharon, El'azar, ensinou o povo as leis aplicadas a estas vasilhas.

El'azar ensinou: "Se um judeu quiser usar uma vasilha que foi utilizada previamente para comida quente e não-casher, deve primeiro casherizá-la." É possível casherizar vasilhas feitas de todos os tipos de metal (prata, ouro, cobre e assim por diante), mas não louça. Se vasilhas de louça foram usadas para comida quente e não-casher, um judeu jamais poderá usá-la.

Como se "casheriza" um utensílio?

Primeiro, deve ser completamente lavada, até que esteja livre de toda sujeira. É colocada então num caldeirão com água fervente. Imergir a vasilha em água fervente a casheriza. Entretanto, se for um objeto usado diretamente sobre o fogo, como uma grelha ou espeto para assar carne, deve ser colocada no fogo para tornar-se casher.

Tevilá

El'azar ensinou também:

"Todas as panelas de metal, travessas, xícaras, copos ou talheres que foram fabricados por um não-judeu ou comprados dele, devem ser mergulhados num micvê. Isto faz com que o utensílio mude de um estado original para um de kedushá (santidade)."

Nossos sábios decretam que vasilhas de vidro também necessitam de imersão num micvê. Por isso, sempre que comprarmos utensílios, devemos mergulhá-los num micvê antes de usá-los.

Os despojos de guerra são divididos

Os soldados, após a guerra, deram uma porção aos cohanim, e Benê Yisrael aos levitas. Por isso, D'us ordenou a Moshê: "Divida os despojos entre os soldados e o restante de Benê Yisrael."

Tanto os soldados como Benê Yisrael mais tarde deram uma parte de sua cota aos cohanim e aos levitas.

Os Campos e as Tribos de Gad e Reuven

Benê Yisrael possuía terra a leste do Rio Jordão, após conquistar os poderosos reinos de Sichon e Og. As tribos de Gad e Reuven possuíam grandes rebanhos de ovelhas. Estas tribos enviaram mensagens a Moshê, solicitando: "Por favor, deixe-nos assentar aqui, à margem leste do Rio Jordão, em vez de cruzá-lo até Erets Yisrael. Os campos aqui são largos e abertos. Serão excelentes para pastagens de ovelhas.

"Moshê, sabemos que não nos levará até Erets Yisrael. Você

.....
morrerá do lado leste do Rio Jordão. Deixe-nos ficar aqui, também."

Ouvindo este pedido, Moshê sentiu-se infeliz. Respondeu: "Vocês são duas tribos fortes. Se ficarem a leste do Rio Jordão, Benê Yisrael pensará que vocês estão temerosos de lutar com os canaanitas.

Isto os desencorajará de conquistar o país. Podem também pensar que Erets Yisrael não é especial se vocês não desejam um pedaço da terra. Estão repetindo o pecado dos espiões! Como eles, estão desencorajando benê Yisrael de conquistar Erets Yisrael!"

Os emissários de Gad e Reuven responderam: "Não permaneceremos aqui enquanto Benê Yisrael luta com os canaanitas. Deixe-nos construir abrigos para nossos rebanhos e cidades para nossas famílias. Deixaremos nossas mulheres e crianças neste lado do Jordão enquanto nós – os homens – marcharemos com vocês até Erets Yisrael para lutar. Estamos preparados para marchar à frente do exército. Permaneceremos não apenas até que a guerra tenha fim, mas até que a terra seja dividida entre Benê Yisrael."

Quando Moshê ouviu estas palavras, concordou. Disse-lhes: "Construa cidades para suas famílias e abrigos para os rebanhos a leste do Rio Jordão."

Moshê primeiro mencionou as cidades para o povo e somente então, os animais. Benê Gad e Benê Reuven tinham posto o gado em primeiro lugar. Moshê insinuou a eles que estavam pensando mais sobre o rebanho que sobre os seres humanos.

Moshê continuou: "Se vocês mantiverem sua palavra e ajudar Benê Yisrael a lutar até que a conquista seja efetuada, receberão suas porções a leste do Rio Jordão. Mas se quebrarem sua promessa, não receberão nenhuma terra a leste do Jordão.

Não temam perder, ao ajudar Benê Yisrael. Serão mais rico do que se tivessem permanecido a leste do Jordão durante a conquista de Erets Canaã."

Quando Moshê concedeu o território a Gad e Reuven, percebeu que era grande demais apenas para as duas tribos. Por isso procurou outra tribo para morar com eles. Escolheu metade da tribo de Menashê.

Por quê?

Dessa maneira, D'us acertou com Menashê um antigo débito.

Menashê, filho de Yossef, (e fundador da tribo que leva seu nome) fez com que os seus tios (e fundadores das demais tribos) rasgassem suas vestes.

No livro de Bereshit, na parashá de Mikets, a Torá nos relata como Menashê, incógnito, e a mando de seu pai, perseguiu as tribos para exigir de volta a taça de Yossef, então o vice-rei do Egito, supostamente "roubada" por eles. Desesperados por serem acusados falsamente pelo roubo, rasgaram suas vestes. Portanto, a porção da tribo de Menashê na Terra Santa foi dividida. Metade de sua herança estava em Erets Yisrael e a outra metade na margem leste do Jordão.

As tribos de Gad e Reuven estavam certas ao requisitar terra a leste do Rio Jordão?

Quando as duas tribos requisitaram terra a leste do Jordão, cometeram um erro. Pensaram que não haveria pasto suficiente para seu rebanho em Erets Yisrael. Isso não era verdade. D'us criou Erets Yisrael de forma tal que fosse grande o suficiente para o povo judeu e seus pertences. Poderia ter "esticado" Erets Yisrael para incluir estas duas tribos e seus rebanhos.

Gad e Reuven abriram mão de viver em um país de kedushá (Santidade). O lado leste do Jordão não possui o mesmo nível de santidade que Erets Yisrael. A Shechiná não repousa lá, e o Bet Hamicdash não pode ser construído naquele local.

Estas tribos se separaram do restante de Benê Yisrael. No outro lado do Jordão, havia o perigo de que abandonassem a Torá e imitassem as nações que os rodeavam. De fato, a tribo de Menashe percebeu isso.

As duas tribos e meia mantiveram sua palavra. Eles e seus descendentes seguiram a Torá. Para os dias santificados, viajavam ao Bet Hamicdash em Jerusalém. Entretanto, como viviam tão afastados do restante de Benê Yisrael, seu cumprimento da Torá tornou-se mais fraco que o da maioria dos judeus vivendo em Erets Yisrael. Quando mais tarde a nação judaica pecou e foi levada ao exílio, estas tribos foram exiladas em primeiro lugar.

Dos fatos sucedidos às duas tribos e meia, aprendemos como é importante associar-se com judeus verdadeiramente cumpridores de Torá.

Todos nós somos influenciados pelos que nos cercam. Se estivermos próximos a judeus que são Benê Torá, nos fortalecemos e crescemos em nossa observância da Torá.

Nosso Refúgio

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh

Um Remédio Único para Acidentes Trágicos

Antes de o Povo Judeu entrar na Terra de Israel, D'us ordenou a Moishê que designasse seis "cidades-refúgio". As leis da Torá sobre as cidades-refúgio são únicas. Se alguém tivesse assassinado acidentalmente outra pessoa, ele poderia fugir para uma destas cidades, três em cada lado do rio Jordão. Enquanto estivesse dentro dos limites da cidade, nenhum parente do morto teria permissão de entrar e lhe causar mal. Enquanto quisesse estar seguro, o causador deste crime involuntário deveria permanecer na cidade-refúgio, sem deixar seus limites até a morte do Cohen Gadol (Sumo-Sacerdote).

Vida e Morte nas Mãos da Língua

Nossos Sábios ensinam que quando falamos mal de outra pessoa, três pessoas são assassinadas:

- Aquele que faa
- Aquele que oue
- Aquele de quem se faa

.....
Apesar de que a maioria das pessoas não assassinaria de forma intencional outra pessoa, quase todos somos culpados de assassinato involuntário de outros através de nossa fala, tanto por falarmos coisas ofensivas diretamente ao outro, quanto por falarmos mal dele, mesmo sem más intenções.

O Baal Shem Tov ensinou que a Torá é relevante a todas as pessoas em todos os tempos e lugares. Por isso, todos nós precisamos fugir para uma “cidade-refúgio” onde poderemos proteger a nós mesmos e purificar-nos deste trágico pecado.

O Refúgio da Torá

Do ponto de vista espiritual, a cidade-refúgio final é a Torá, como D'us ordenou a Josué, “e você deve estudá-la dia e noite”. Quando corremos para a Torá (correr em hebraico é ratz, de mesma origem da palavra para “vontade”, ratzon -- quando corremos em direção a algo, estamos ativando uma vontade muito forte), expressamos uma forte vontade para nos imergir completamente em suas profundezas, refugiando-nos em suas palavras purificadoras.

Quando nossa consciência está totalmente alinhada com a Torá, não mais seremos vulneráveis ao mal e, mais importante, não estaremos mais em um estado mental que nos permitiria fazer mal a outro, mesmo sem intenção.

O Modelo Abstrato

A Cabalá analisa fenômenos na Torá relacionando-os uns com os outros. A palavra hebraica para “refugiado”, miklat, aparece 10 vezes nesta seção da Torá, em dois grupos de cinco. O primeiro conceito paralelo que deve imediatamente vir à mente são os Dez Mandamentos, que também foram dados em duas tábuas de 5.

O fato de a palavra miklat aparecer 10 vezes relaciona as cidades-refúgio à essência do número 10. Este número completo corresponde às Dez Sefirot – as emanações Divinas através das quais D'us criou o mundo – e aos 10 poderes da alma que devemos purificar e iluminar com a luz Divina de nossas almas. Nós devemos ativar todos os 10 poderes de nossas almas para fugir em direção à “cidade-refúgio” e integrar sua mensagem.

Refúgio Pessoal e Impessoal

Como mencionado acima, a palavra miklat aparece em nossa porção da Torá em dois grupos de cinco. O primeiro grupo aparece no início da discussão do assassinato involuntário. Neste grupo, a palavra miklat aparece três vezes juntamente com a palavra Yir, “cidade de”, e duas vezes como l'miklat, que significa “em direção ao refúgio”. Todas estas referências são impessoais.

Seguindo-se a esta discussão inicial sobre o assassinato involuntário, a Torá prossegue relatando as leis sobre a pessoa que assassina alguém intencionalmente. A Torá, então, retoma a discussão do assassino involuntário. Desta vez, entretanto, a palavra miklat aparece em um contexto pessoal. Em todos os cinco casos, a Torá usa a palavra miklato, “seu refúgio”.

Uma Via de Duas Mãos

Além de “refúgio”, a raiz de miklat (kuf, lamed, tet) tem dois outros significados: absorção e integração. Ambos estes significados são importantes ao nosso entendimento da função da cidade-refúgio.

O processo de absorção começa quando alguém entra em uma nova realidade. Ele se torna completo em seu novo e abrangente ambiente. Lentamente, ele passa a conhecer e se encanta com seu novo meio e aprende como atuar de forma alegre e efetiva. Ele foi absorvido na luz envolvente de sua nova realidade. Esta absorção é relativamente impessoal, correspondendo ao primeiro conjunto de 5 palavras para “refúgio” mencionadas acima.

O processo de integração é a dinâmica oposta. Integrar uma nova realidade é absorvê-la dentro de nós mesmos, permitindo-a penetrar e permear o nosso próprio ser. Integração é totalmente pessoal, entrando na nossa psique e mudando nosso modo de vida. Ela corresponde ao segundo e pessoal conjunto de 5 palavras para “refúgio”.

A Placa Misteriosa

No Talmud, aprendemos que, em tempos bíblicos, placas apontando para a cidade-refúgio mais próxima eram abundantemente espalhadas pela Terra de Israel. Cada placa tinha duas palavras: Miklat Miklat. O valor numérico de miklat é 179 (um número-primo). O valor de 2 vezes miklat é 358, o valor numérico de “Mashiach”. Assim, vemos que a placa que aponta para a cidade-refúgio, na verdade, está apontando em direção a uma nova consciência Messiânica.

Quando alguém foge para a cidade-refúgio – a nova consciência da Torá e, particularmente, a dimensão Messiânica oculta da Torá – ele deve primeiro se tornar totalmente absorvido e encantado com ela, nunca querendo partir. Neste estado inicial, a Torá engloba seu inteiro ser e consciência e não é especialmente importante o quanto ele entende tudo que estuda.

O mais importante sentimento oculto para ele desenvolver é o de que sua luz e sabedoria Divinas e infinitas lhe foram dadas como um presente não-merecido. Quanto mais alguém desenvolve este sentimento, mais ele se torna absorvido na consciência Messiânica da Torá.

Para que sua nova consciência Messiânica permaneça como uma parte eterna de seu ser, protegendo-o do mal e de causar mal aos outros, a pessoa deve redirecionar sua experiência, integrando-a de forma consciente em seu ser. (O desejo de integrar o objeto de seu amor e o desejo em seu ser é o segundo estágio lógico deste processo).

O texto clássico da Chassidut, Tanya, explica que somente a Torá pode envolver totalmente alguém ao mesmo tempo em que o preenche. Assim é porque a sabedoria da Torá é infinita. (No caso de sabedoria finita, ou a pessoa não o compreende -- em cujo caso a sabedoria o envolve -- ou ele a compreende totalmente -- em cujo caso a sabedoria está dentro dele. Como é finita, ela não pode envolvê-lo e preenchê-lo ao mesmo tempo).

Somente a sabedoria infinita inclui ambas as dinâmicas da absorção e da integração. Este pensamento é refletido em Salmos 1:2, que descreve a pessoa alegre que anda nos caminhos da Torá.

A primeira parte do versículo diz: “... seu desejo é somente pela Torá de D'us”. Este é o estágio da absorção. A Torá é de D'us e é o único desejo da pessoa que está sendo absorvida nela.

.....
A segunda parte do versículo diz: "e em sua Torá, ele imergirá dia e noite". Neste ponto, a Torá já foi integrada na alma da pessoa – tanto assim que é referida como sua Torá, a do estudioso.

Cinco Manifestações Messiânicas

Existem cinco níveis da alma. O Mashiach sobe de nível em nível até atingir o auge de sua missão Messiânica. Cada um dos pares de 5 níveis de absorção e integração da cidade-refúgio aponta para um destes níveis.

Quando corremos em direção à -- e somos absorvidos pela -- dimensão Messiânica da Torá, e a integramos em nossas almas, entramos em um estado de consciência Messiânica. Esta consciência purificará nossas almas e trará a verdadeira redenção ao mundo inteiro.

Promessas

No começo dessa Porção lemos sobre as leis de votos e promessas, e como anulá-los quando impossibilitados de serem cumpridos. Nossos sábios ressaltam que é melhor não fazer votos para que não seja necessário cancelá-los, mesmo por motivo justo ou por força maior.

Na segunda parte desta Porção lemos como as tribos de Reuven, Gad, e metade de Menashê prometeram a Moshê ser a vanguarda do exército judaico que avançava para a Terra Prometida. Este voto foi considerado satisfatório.

Por que no primeiro caso, o voto pode ser anulado, e o das tribos foi aceito por Moshê como um pacto de compromisso? Por que não deviam os votos ser efetivamente usados para incentivar as práticas de um indivíduo indeciso?

Há uma diferença fundamental entre os dois tipos de promessa. A primeira é individual. Uma pessoa não deveria confiar na muleta de um voto para mantê-la de pé. Há sempre a possibilidade de que transgrida o voto que fez. Deveria cultivar um estilo de vida produtivo e livre de armadilhas.

Por outro lado, o progresso de uma nação depende dos compromissos para o futuro. Uma nação está em movimento quando tem consciência de um destino pela frente. Todos os grandes momentos da nossa história foram projeções para o futuro. Por esse motivo, este tipo de voto foi aceito.

O Antídoto para o Ódio

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh

A respeito de julgar ou condenar os erros e falhas aparentes dos outros, nossos Sábios disseram: "Não julgue seu próximo até que você se coloque em seu lugar" (Ética dos Pais 2:4).

A Chassidut explica que, como jamais alguém pode realmente se colocar no "lugar" de outro, jamais entendendo por completo as motivações por trás de seu comportamento, é incapaz de julgá-lo (Sefat Emet).

Todavia, "até que você tenha se colocado no lugar dele" implica que deve-se tentar entender o próximo da melhor maneira que puder, chegar tão perto quanto possível do "lugar" do próximo,

procurando entendê-lo (tanto intelectual quanto emocionalmente) com a maior e mais profunda expressão de amor.

Conforme a pessoa se aproxima de alguém, sua perspectiva para com ele principia a mudar. Começa a vê-lo sob uma luz mais favorável, e até mesmo a reconhecer que as aparentes falhas que observou nele são na verdade reflexo das falhas, idênticas porém menos aparentes, de si mesmo.

Ele é agora capaz de realizar o ditado complementar de nossos Sábios "Julgue todos os homens favoravelmente" (Ética dos Pais 1:6), e a aplicar o ensinamento do Báal Shem Tov no versículo: "Você certamente admoestará seu próximo."

Primeiro alguém deve repreender a si mesmo (a respeito da mesma falha que enxerga no próximo), e somente então será capaz de admoestar construtivamente outra pessoa.

O ensinamento do Báal Shem Tov prossegue e confere uma percepção adicional ao conselho dado por Resh Lakish: "Primeiro retifique a si mesmo, e então retifique os outros" (Talmud, Bava Batra 60b).

A palavra utilizada aqui para "retificar" (keshot) literalmente significa "adornar." Como "adornar" alude ao relacionamento de marido e mulher, deduzimos que o ensinamento geral, "Primeiro retifique a si mesmo e depois retifique os outros" aplica-se mais especificamente aos parceiros do casamento.

Quando a pessoa percebe que a retificação de outro depende da retificação de si mesmo, aprende a ser paciente com os outros. A paciência é o antídoto para a raiva.

Somente quando se dirige à própria má inclinação da pessoa a raiva é justificada, como ensinam nossos Sábios: "A pessoa deve sempre provocar a fúria de sua boa inclinação contra sua má inclinação" (Talmud, Berachot 5a).

A respeito dos outros em geral, e do próprio cônjuge em particular, a pessoa deve se esforçar para assumir o atributo Divino da "infinita paciência."

A infinita paciência é a consciência - o espaço infinitamente grande da mente - que favorece a capacidade da pessoa de esperar para que o conflito se resolva por si mesmo, de suspender o julgamento, de conferir continuamente e controlar sua tendência inata de relacionar-se impulsivamente com os outros.

Esta é a chave para evitar o dano que a pessoa inflige sobre si mesma e sobre os outros, quando é incapaz de controlar as reações de sua "natureza primária" às situações da vida. Todos os grandes pecados, arquetípicos da Torá, resultaram de uma básica falta de paciência.

O pecado primordial foi comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Se Adão e Eva tivessem esperado umas meras três horas até o início do Shabat antes de comerem o fruto, teriam herdado as bênçãos do Éden para toda a eternidade.

Foi a falta de paciência que provocou a queda daquela sublime realidade inicial, a sentença de morte para a humanidade e o prolongado exílio do paraíso para o homem.

.....
Ao receber a Torá no Monte Sinai, o povo de Israel como um todo retornou ao estado Edênico, livres do Anjo da Morte.

Eles perderam este estado com o pecado do bezerro de ouro, o ídolo que visava substituir seu líder, Moshê, por terem eles deixado de esperar para que ele descesse a montanha. Nossos Sábios referem-se a este pecado como o pecado público arquetípico (Talmud, Avodá Zará 4b).

David e Batsheva estavam destinados um para o outro, desde o início dos tempos. Eles deveriam ser a retificação consumada do casal primordial, Adão e Eva. David tomou Batsheva prematuramente (Talmud, San'hedrin 107a; Zôhar 3:78b; Talmud, Shabat 55b), nas palavras de nossos Sábios: "Ele tomou dela antes que ela amadurecesse." Esta impaciência impulsiva foi a essência do "pecado".

Com a paciência, vem a capacidade de transcender o caráter mortal inato da pessoa, e cumprir o mandamento de imitar a D'us: "Assim como Ele é misericordioso, seja também misericordioso... Assim como Ele é infinitamente paciente, seja também infinitamente paciente" (Talmud, Shabat 133b; Mishnê Torá, Deot 1:6).

Assim era o temperamento de Moshê, como foi dito: "E o homem Moshê era muito humilde" (Bamidbar 12:3), que Rashi explica como "humilde e paciente."

Os parceiros do casamento precisam estar sempre vigilantes no cultivo da paciência. A paciência depende de fé e confiança em D'us: se queremos algo e não recebemos, é porque ainda não o merecemos.

Quando os cônjuges percebem isso, tornam-se muito mais pacientes um com o outro. Ao invés de exigir que seu parceiro seja mais perfeito que si mesmo, concentram-se em retificar primeiro seu próprio caráter, com a ajuda de D'us.

D'us Criou o Mal?

"Por que coisas ruins acontecem no mundo e nos atemoriza tanto?"

"D'us causa o sofrimento?"

"Como podemos viver tranquilos e em paz?"

"D'us criou o mal? Se criou, por quê?"

Esta são algumas das perguntas mais intrigantes de todos os tempos. Talvez seja por que a Torá começa com a Criação – para nos ensinar que D'us é a fonte de tudo: "Eu criei a luz e as trevas; Eu fiz a paz e criei o mal" (Yeshayáhu).

Quanto ao "por quê", este é um pouco mais difícil de entender. O bem é permanente, sendo o principal ingrediente na criação do mundo, ao passo que o mal é transitório (Bereshit).

A Cabalá ensina que Adam, o primeiro ser humano, era uma composição de todas as futuras almas da humanidade. Portanto quando ele (todos nós) comeu da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, o mal foi "misturado" à bondade inerente ao mundo.

Como nós, coletivamente, trouxemos o mal a este mundo, temos agora a responsabilidade de elevá-lo. No decorrer de nosso dia, temos oportunidades de corrigir o erro que a humanidade cometeu num estágio menos maduro de nossa existência, ao escolher "fazer o bem e afastar-se do mal" (Tehilim). Ao escolher com sabedoria, iluminamos os cantos escuros do universo e devolvemos uma centelha da Criação ao seu estado natural, puro.

Por que D'us criou o mal? Para que possamos rejeitá-lo.

Algumas pessoas nascem más?

Não, as pessoas não nascem más; nascem com potencial. Antes do nascimento, diz o Talmud, um anjo leva a pessoa diante de D'us e pergunta o que será. D'us decreta muitas coisas, tal como talentos, riqueza e até o nome do cônjuge.

Porém D'us nunca decreta se a pessoa irá ou não procurar um cônjuge. Esta é uma mitsvá, e cabe a pessoa decidir. D'us também não determina se a pessoa usará suas habilidades para propósitos bons ou maus.

Os pais, a criação e o ambiente, todos desempenham uma parte naquilo que a pessoa será. No entanto, D'us criou um mundo onde as pessoas decidem o que fazer. Podem utilizar seus atributos Divinamente concedidos para ajudar o próximo, ou para feri-lo.

Como sei se estou usando meus talentos para fazer o certo? Algumas pessoas pensam que aquilo que estou fazendo é errado.

Diferenciar o certo do errado não é tão simples quanto diferenciar a esquerda da direita. Esta busca por respostas é um motivo pelo qual o Judaísmo atribui um valor tão alto ao estudo de Torá. Seus textos legais e morais nos ensinam o que fazer e como melhor atingir nosso potencial.

A Torá, juntamente com os comentários das autoridades, não é apenas uma coleção de "Faça" e "Não Faça". O Zôhar, o texto que é autoridade em misticismo judaico, declara que D'us "primeiro olhou dentro da Torá e depois criou o universo". Como a Torá é o projeto para a Criação, dentro dela está toda a informação necessária para uma vida significativa. A palavra "Torá" vem do radical ho-ro-ah, que significa orientação ou instrução.

Você pode chamá-la de manual de instruções para a vida, disponível em português e não precisa ser montada.

Você disse que o mal é temporário, mas as pessoas ainda podem escolher praticar más ações, se desejarem. É possível que o mal jamais cesse?

Os jornais de hoje respondem a isso melhor que qualquer rabino. O mundo está presenciando um evento fenomenal.

Pessoas do mundo inteiro estão se unindo para reconstruir, confortar e impedir que os atos do mal jamais voltem a acontecer.

Os governos estão enviando pessoas, tecnologia e auxílio. Milhares são voluntários procurando ajudar. Até as empresas estão deixando a competitividade de lado para trabalharem juntas.

.....
Nossa geração acaba de testemunhar como um indivíduo pode causar um impacto no mundo todo em questão de minutos. Este potencial é ainda maior no âmbito do bem.

Toda boa ação afeta o mundo inteiro, enfraquecendo as forças do mal e fortalecendo as forças do bem.

A Torá nos ensina que nossas boas ações coletivas mudarão a natureza fundamental de toda a Criação. Quando isso acontecer, até os animais deixarão de atacar uns aos outros.

"O lobo se deitará com o cordeiro." A bondade inerente que estava presente no início da Criação será tão evidente e exposta que as pessoas naturalmente "escolherão o bem acima do mal".

Nas palavras dos Profetas: "Nação não erguerá a espada contra nação, nem aprenderá mais a guerrear." Como explica Maimônides, "Inveja e competição cessarão... não haverá mais doenças, derramamento de sangue ou fome."

É possível que pessoas e países que certa vez foram adversários possam trabalhar juntos para o bem do mundo? Simplesmente abra o jornal da manhã.

Direitos e Erros Humanos

Por Jonathan Sacks - Rabino chefe da Inglaterra

Os direitos humanos estão para transformar-se numa nova cruzada contra os judeus? Faço esta pergunta com toda a seriedade, à luz da próxima Conferência Mundial sobre racismo, a ser realizada sob os auspícios das Nações Unidas em Durban.

Em sua forma atual, o documento que acompanha a conferência é pior que a notória declaração "Sionismo é Racismo" de 1975, que o Secretário Geral das Nações Unidas Kofi Annan descreveu como "o ponto baixo" na história das Nações Unidas. Se for encaminhada conforme os planos, será uma tragédia.

Os judeus são um povo bastante pequeno, menos de um quarto de 1 por cento da população mundial. Por direito, nossa voz sobre o assunto do racismo deveria ser insignificante. Deveria ser assim. Infelizmente, não o é por três razões.

A primeira é que o anti-semitismo é o ódio mais antigo do mundo. Nasceu muito tempo antes do nascimento do Cristianismo, e tem existido de forma incessante desde então.

Adicionou novas palavras ao vocabulário da vergonha humana, dentre elas gueto, pogrom e Holocausto. Por mais tempo que qualquer outro povo, os judeus tiveram negados seus direitos, onde quer que estivessem. O resultado foi uma sucessão sem paralelos de perseguições, conversões forçadas, calúnias sangrentas, expulsões, inquisições e massacres.

Não há um status especial conferido às vítimas, mas os judeus sabem mais do que qualquer outro povo na terra o que significa viver num mundo sem direitos.

A segunda razão é sobre idéias. O conceito de direitos foi introduzido no Ocidente nos séculos dezessete e dezoito. Quando Hobbes e Locke estavam escrevendo seus tratados, o livro que tinham à sua frente era a Bíblia Hebraica.

Quando Thomas Jefferson sentou-se para escrever as palavras imortais da Declaração Americana de Independência - "Consideramos clara estas verdades, que todos os homens são criados iguais e dotados por seu Criador com alguns direitos inalienáveis" - ele não estava se inspirando na filosofia da Grécia antiga.

Nem Platão ou Aristóteles os teriam entendido, convencidos como eram de que alguns povos nascem escravos.

Aquelas verdades eram claras apenas a uma mente baseada no Livro do Gênesis, com sua declaração revolucionária de que todos os seres humanos são feitos à imagem de D'us; no Livro do Êxodo, com sua afirmação de que o verdadeiro D'us é aquele que liberta escravos; e nos profetas do antigo Israel, cuja mensagem de dignidade humana, justiça e paz ainda ressoa nos dias de hoje.

A linguagem dos direitos humanos é universal, mas fala com sotaque judaico.

A terceira razão é que não foi por acidente que a Declaração dos Direitos Humanos das Nações Unidas foi feita em 1948. Era uma tentativa, na esteira dos Julgamentos de Nuremberg, de dar livre expressão à idéia de crime contra a humanidade. Isso não era óbvio.

Significava que um indivíduo, obedecendo as ordens de um governo adequadamente constituído (Hitler chegou ao poder pelo voto democrático), buscando o interesse nacional como sua nação o concebia, pode mesmo assim ser culpado de um crime. Isso significou formular um conceito que transcendeu as leis normais de auto-determinação nacional.

O crime contra a humanidade foi o Holocausto. Lamento que tenha sido preciso a morte de um terço de meu povo antes que este conceito se tornasse parte da lei internacional.

Tristemente, então, a voz judaica não é estranha na batalha contra o racismo. É uma guerra na qual os judeus têm estado na linha de frente por mais de 3000 anos. É impensável que uma conferência internacional para ampliar a luta devesse, de fato, excluir a voz do povo que apostou sua própria existência no direito de ser diferente - na inerente e majestosa dignidade da diferença.

Mesmo assim, é isso que ameaça o documento de Durban do jeito que está atualmente. Acusa Israel de racismo, segregação racial, crimes contra a humanidade, e de constituir uma ameaça à segurança internacional. Avilta o Holocausto ao recusar-se a reconhecer sua singularidade, falando em "holocaustos", no plural e em minúsculas. Deixa de reconhecer o povo judeu como um alvo específico do racismo. Introduce o pior tipo de política em um documento que deveria estar acima da política.

De forma transparente, é um ataque a Israel, como nos lembrou o finado Martin Luther King: "Quando o povo critica o Sionismo, estão se referindo a judeus."

Se o documento continuar na forma atual, irá ferir a luta contra o racismo. Prejudicará a autoridade moral das Nações Unidas.

Pior que tudo, ameaçará o próprio princípio que busca proteger: a dignidade da pessoa humana como um princípio que transcende

.....
as vicissitudes de conflitos particulares e sua resolução. Um programa contra o racismo deve estar escrupulosamente livre de qualquer possível acusação de que incorpora o próprio erro que visa corrigir.

Os céus sabem que o Estado de Israel não é perfeito. Mas desde que passou a existir por uma votação nas Nações Unidas há meio século, têm feito mais que a maioria das nações de seu tamanho e idade para honrar os direitos humanos. Tem fornecido um lar para refugiados de 103 países, falando 82 idiomas diferentes.

Sob constante ameaça terrorista ou militar, possui imprensa livre, poder judiciário independente e uma democracia ativa, por vezes até mesmo hiperativa. Tem fornecido ajuda humanitária em zonas de conflito e desastre em todo o mundo.

Mesmo atualmente, após o processo de paz de sete anos que terminou em violência, a grande maioria dos israelenses deseja a paz, e está preparada para pagar um alto preço por ela.

Israel não merece ser vilanizada pelo documento de Durban. O povo judeu não merece a tentativa de tornar invisíveis seus sofrimentos, do passado e do presente. Estas coisas não são justas nem sábias, e também, não são prováveis de ajudar a causa da tolerância e da paz.

As Nações Unidas são uma nobre instituição, e a luta contra o racismo é uma causa de suprema urgência. Durban é importante demais para falhar. E somente pode ter sucesso se reconhecer igualmente todos os direitos. Não é tarde para fazer uma emenda no documento e resgatar uma das maiores oportunidades de nossa época.

Seja mais Judeu!

Um anti-semita esbofeteia um judeu no rosto. Como resposta, ele sorri para o não-judeu e lhe dá dez reais.

"Por que está me dando dinheiro?" - pergunta o gentio. "Ah, hoje é nosso dia santo, quando devemos mostrar autocontrole e temos de dar dinheiro a qualquer pessoa que nos atinja" - diz o judeu.

"Sugiro que você vá até a casa do Sr. Goldberg, o banqueiro, e dê-lhe uns bons socos. Tenho certeza de que ele o recompensará bastante."

O gentio vai e dá um soco no banqueiro. Imediatamente, os seguranças pulam sobre ele, quebram-lhe todos os ossos e o atiram na rua.

O gentio olha para o céu e diz: "Como estes judeus são horríveis; nem ao menos respeitam seus próprios dias santos."

O dossel duplo

"No dia em que foi erigido o Tabernáculo, a nuvem cobriu-o" - registra a Torá. "Então, à noite, haveria sobre o Tabernáculo um brilho flamejante até chegar a manhã."

"A partir daí, ele permaneceu daquela maneira" - continua a Torá. "A nuvem o cobria [durante o dia] e um brilho de fogo à noite."

Dois pontos precisam ser esclarecidos. Primeiro: Qual era o significado por trás desse duplo dossel miraculoso que pairava

sobre o Tabernáculo no deserto - uma nuvem durante o dia e uma brilho chamejante à noite?

Segundo: Como cada episódio registrado na Bíblia, este também contém uma interpretação espiritual que continuamente se apresenta no espírito humano. Como podemos aplicar a história deste dossel duplo em nossa vida atual?

As duas faces da vida

O Tabernáculo era o edifício erigido pelo povo de Israel no Deserto do Sinai para servir de moradia para a Divina Presença. Nos ensinamentos da Cabalá, o Tabernáculo representa o lugar no coração humano onde D'us pode ser encontrado. Neste sentido, o Tabernáculo existe para sempre no espírito humano.

Este local nobre e sagrado na alma deve incluir tanto uma nuvem durante o dia e um fogo à noite.

Cada pessoa passa por "dias" e "noites" na vida, momentos de luz e momentos de escuridão, tempos de felicidade e contentamento, bem como tempos de agonia e conflitos. Para alguns, os dias são mais longos que as noites; para outros, infelizmente, as noites excedem os dias. Mesmo assim a maioria dos seres humanos possui sua cota de ambas as realidades.

Ora, quando as coisas nos correm bem - estamos pagando as contas em dia, as crianças são saudáveis, o cônjuge está ali quando precisamos e não estamos passando por uma depressão - muitas vezes esquecemos o quanto, na verdade, somos vulneráveis neste mundo. Tendemos a tornarmo-nos presunçosos em nossa zona de conforto e apáticos ao sofrimento das outras pessoas. Não sentimos necessidade de amigos, e certamente não de D'us.

Por outro lado, quando as coisas se tornam (D'us não o permita) difíceis e infelizes - um dos pais é atingido pela doença, o casamento azeda, o banco está atrás de nós, os filhos não vão bem, ou somos afetados por desafios mentais íntimos - freqüentemente somos presa de sentimentos de desespero e solidão.

Afundamos nos pântanos dos desafios da vida, como costumamos dizer: "Está escuro e ficando ainda mais escuro."

Não se deixe dominar

Assim, a Torá nos ensina uma tremenda lição. Se você deseja tornar-se um Tabernáculo humano, se quer descobrir a graça de D'us dentro de seu coração, deve lembrar-se da nuvem mais escura pairando acima de você durante os tempos de brilho e esplendor.

Uma pessoa deve sempre lembrar-se que, em última análise, não pode alegar ser o proprietário de nada em sua vida: A vida é um presente, o amor é um presente, filhos são presentes. A pessoa jamais deve ficar cega à verdade de que tudo pode mudar em um único instante e que há tanto sofrimento no mundo. Quando você evocar as nuvens, jamais ficará arrogante.

Por outro lado, quando a noite se abate sobre nós, quando a vida nos mostra seu lado feio, precisamos nos lembrar da luz flamejante que paira sobre nós.

.....
Devemos nos lembrar que toda experiência que passamos é indispensável em nossa jornada pela vida; que as coisas não acontecem para nós, acontecem por nós.

Cada desafio contém uma oportunidade para aprofundar o crescimento e para um relacionamento mais profundo com nossa alma e nosso D'us; cada nuvem contém uma chama dentro de si.

Declaração da Missão do Judaísmo

Esta é a importância por trás da tradição judaica de recitar duas vezes ao dia o Shemá Yisrael, a mais respeitosa das preces judaicas, pela manhã e à noite.

Quando rompe a aurora e o sol emerge para abraçar-nos com seu calor, declaramos: "Ouve, ó Israel, o Eterno é nosso D'us, o Eterno é Um." Cada um de nós é basicamente um reflexo de D'us, um recipiente para Sua graça.

Quando a noite cai e a escuridão permeia nossa vida, uma vez mais declaramos: "Ouve, ó Israel, o Eterno é nosso D'us, o Eterno é Um." Nossas trevas, também, são parte de um relacionamento dinâmico com D'us.

Quebrando a taça

Esta também é a razão mística para o enigmático costume judaico de quebrar um copo sob o dossel nupcial (a Chupá), no exato momento em que o noivo e a noiva estão para entrar em um aposento reservado e celebrarem sua união, e os convidados estão para iniciar os festejos e a dança.

Será que deveríamos ter feito a quebra um pouco antes, durante os momentos mais solenes da cerimônia de casamento?

A resposta: Aqueles que no auge de sua alegria pessoal lembram-se da dor que ainda está presente no mundo exterior, lembrarão também do júbilo quando encontrarem momentos de dor.

Por outro lado, aqueles que num momento de elevação pessoal, tornam-se totalmente submersos em seu próprio estado de ânimo e indiferentes aos corações partidos ao seu redor, então, quando forem atingidos por dor e provações, ainda permanecerão atolados em seu próprio lamaçal, incapazes de fazer contato e recolher esperança e inspiração do quadro mais amplo dos supremos objetivos da vida.

Assim, a Torá declara: "A partir dali continuou daquela maneira, a nuvem o cobria [durante o dia] e um brilho de fogo à noite." Esta é uma diretiva profunda. Durante seus dias, olhe para as nuvens; durante suas noites, contemple o fogo.

E se durante seus dias, você lembrar-se das nuvens, então durante as noites se lembrará da chama.

Derramamento de sangue em Israel

Atualmente, o povo judeu se encontra em um dos momentos mais tenebrosos de sua história recente. Crianças judias estão sendo queimadas vivas em seu próprio país, quase que diariamente, e o mundo nos condena por permanecermos vivos.

Três adolescentes desfrutando um jogo de basquete são alvejados até a morte, e ninguém protesta.

O anti-semitismo chegou a um ponto que os judeus não viam desde a mais escura das noites - o Holocausto, há apenas sessenta anos.

Numa ocasião assim, enquanto pranteamos os mortos e rezamos para o sucesso de Israel em aniquilar o mal, também devemos olhar para cima e lembrarmo-nos da eterna chama de esperança que pairou sobre nosso "Tabernáculo" - nossa existência e nossa história - desde o nascimento de nossa nação, há 3.800 anos.

A única razão pela qual estamos vivos hoje como um povo é por causa de um D'us Todo Poderoso que nos preservou durante "noite" e "dia" a fim de aproximarmos o céu da terra, transformando o mundo em um lugar bom e Divino.

Nem Kofi Anan, nem Yasser Arafat, nem mesmo o Presidente Bush determinarão o destino dos judeus ao final do dia. Somos uma nação de eternidade, uma nação escolhida para ensinar ao mundo sobre eternidade. Enquanto mantivermos nosso relacionamento com D'us por meio de Sua Torá e Suas mitsvot - sobreviveremos, prosperaremos e perseveraremos.

A convocação, para todo homem, mulher e criança judeus, é: seja mais Judeu!

O Ódio que Não Vai Morrer

The Guardian - 28 de fevereiro de 2002

Por Rabino Jonathan Sacks

Nunca pensei que teria de escrever sobre anti-semitismo. Jamais o sentira, até recentemente. Eu poderia ter passado por isso.

Freqüentei escolas cristãs, Primária St. Mary, depois Christ's College Finchley. Os judeus eram diferentes e uma minoria. Mesmo assim, não fui insultado sequer uma vez devido à minha fé.

Como muitos outros nascidos depois do Holocausto, o anti-semitismo era algo que eu associava com o passado. Meu falecido pai falava sobre isso. Ele tinha chegado à Inglaterra quando criança, fugindo da perseguição, e sempre argumentou que o anti-semitismo polonês era mais profundo que o dos alemães.

Somente após sua morte descobri que em Kielce, sua terra natal, um pogrom tinha ocorrido em julho de 1946. Os polacos da localidade atiraram, apedrejaram, esquartejaram e assassinaram quarenta e dois sobreviventes judeus do Holocausto.

Porém apesar de tudo que sabia, meu pai jamais me prevenira a esperar o preconceito. Quando muito, fazia piada sobre isso. 'Faróis de tráfego anti-semitas,' costumava dizer sempre que as luzes ficavam vermelhas à nossa aproximação.

Até agora, tenho sido reticente para falar sobre o anti-semitismo. Há uma grande diferença no mundo entre o virulento anti-judaísmo que dominou a Europa Ocidental durante o século dezenove e seu requintado equivalente inglês (perfeitamente descrito no romance de Isabel Colegate, The Shooting Party,

.....
quando o anfitrião comenta, depois da chegada do convidado judeu, 'O semita está entre nós').

Comentários indiscretos feitos por embaixadores em jantares não constituem um novo caso Dreyfus. A reação exagerada é tão tola quanto a sub-reação. O anti-semitismo é perigoso somente quando penetra na correnteza do discurso político, algo que ainda não aconteceu na Grã-Bretanha.

Então, novamente, alguns judeus vêem o anti-semitismo como parte da identidade judaica. Assim fez Jean Paul Sartre quando alegou em sua Sobre a Questão Judaica que a única coisa que os judeus tinham em comum era serem as vítimas do ódio. Não foram os judeus que criaram o anti-semitismo, disse ele, mas o anti-semitismo que criou os judeus. Tenho lutado contra esta opinião durante toda minha vida adulta.

Isso conduz à torturada psicologia de um Arthur Koestler, que escreveu: 'O auto-ódio é o patriotismo dos judeus' ou a Franz Kafka, que declarou: 'O que tenho em comum com os judeus? Não tenho algo em comum nem mesmo comigo.'

Para mim, judaísmo tem a ver com responsabilidade moral, não vitimismo; com confiança, não medo. O anti-semitismo é algo que acontece com os judeus; não define como nós somos.

Da mesma forma, podemos facilmente repudiar toda a crítica do Estado ou governo de Israel como anti-semitismo. Não é. Nenhum estado democrático tem o direito de considerar-se além da reprovação, e Israel é um estado democrático.

Na verdade foi o Israel antigo que, com os profetas bíblicos, inventou a arte da autocrítica. O Sionismo categoricamente não o é, como às vezes dizem algumas alegações: 'Meu povo certo ou errado.' Porém alguns ataques a Israel têm ido além da mera crítica. Têm penetrado em território mais obscuro. A questão é: onde desenhemos a linha de demarcação?

O anti-semitismo é um tópico tão emotivo que ajuda a desempenhar uma idéia experimental. Supomos que alguém passe a declarar que há uma forma de preconceito denominada anti-kiwismo, um ódio irracional aos neozelandeses. O que poderia nos convencer que esta pessoa está certa? Críticas ao governo neozelandês? Não.

A negação ao direito de existir da Nova Zelândia. Talvez. 7732 ataques terroristas aos cidadãos da Nova Zelândia no ano passado? Possivelmente.

Uma série de alegações na Conferência das Nações Unidas contra o racismo em Durban, que a Nova Zelândia, pelo tratamento dispensado aos maoris, é singularmente culpada de apartheid, limpeza étnica e crimes contra a humanidade, acompanhadas por cartazes no grotesco estilo nazista? Talvez.

Uma conclamação a matar todos aqueles com lealdade para com a Nova Zelândia, embora tivessem nascido e vivido em outro lugar? Uma sugestão de que os neozelandeses controlam a economia do mundo? Que eles são responsáveis pela Aids e pelo envenenamento dos reservatórios de água?

Que ele arranjaram os ataques de 11 de setembro ao World Trade Center? Que eles são uma força satânica do mal, contra

quem uma guerra santa deve ser travada? A esta altura mudamos da crítica ao ódio para a fantasia do mal.

Agora delete 'Nova Zelândia' e insira 'Israel' e 'Judeus' e todas estas coisas aconteceram no ano passado. O que mais precisa acontecer para que um observador imparcial conclua que o anti-semitismo está bem vivo, e é perigoso?

Há uma semana, um clérigo na parte leste de Londres foi acusado de 'solicitar para matar' após alegadamente ter distribuído vídeos conclamando seus seguidores a atacarem os judeus ('Como você luta contra os judeus? Você mata os judeus.') Alguns dias depois, surgiu outro vídeo, mostrando o revoltante assassinato no Paquistão do jornalista americano Daniel Pearl.

Ele foi mostrado sendo forçado a se ajoelhar e confessar que ele e seus pais eram judeus. Sua garganta foi então cortada.

Sobre seu corpo contorcido, uma voz adverte: 'Outros americanos e judeus deveriam estar prontos a enfrentar um destino como o de Daniel Pearl.' Estas são apenas as notícias mais dignas de nota sobre uma onda de incidentes anti-judaicos que têm ocorrido no mundo nos últimos meses, afetando até mesmo a vida estudantil na Inglaterra. Isso não é polido nem requintado. É real, algo supremamente assassino.

O anti-semitismo é inegavelmente a ideologia mais bem sucedida dos tempos modernos. O Fascismo chegou e desapareceu. O mesmo ocorreu com o Comunismo Soviético. O anti-semitismo veio e permaneceu. Seu sucesso deve-se ao fato de que, como um vírus, passa por mutações. Às vezes está dirigido contra os judeus como indivíduos. Atualmente é dirigido contra os judeus como um povo soberano.

O fator comum é que aos judeus, exclusivamente, é negado o direito de existir, seja qual forma sua existência coletiva tome atualmente. Há uma linha direta que vai de 'Vocês, como judeus, não têm direito de viver entre nós' até 'Vocês não têm o direito de viver.'

O que me perturba é que, caso este ódio cumulativo fosse dirigido contra qualquer outra pessoa, a esquerda seria a primeira a protestar. Aprendemos alguma coisa com a História? Um ataque a judeus é um ataque contra a diferença, e um mundo que não tem lugar para diferença não tem lugar para a própria humanidade.

43 - Parashat Massê

Números 33:1-36:13

Moshê e os Locais do Acampamento

D'us ordenou a Moshê: "Anote o nome de cada lugar onde Benê Yisrael acampou durante os 40 anos em que caminhou pelo deserto." O primeiro nome que Moshê escreveu foi "Ramsés." Nesta cidade egípcia, Benê Yisrael havia se reunido para começar a jornada pelo deserto.

De Ramsés, tinham seguido a um local no deserto chamado Sucot. Por que era chamado de Sucot? Está relacionado à palavra Lechassot, cobrir, porque em Sucot, D'us cobriu Benê Yisrael com as nuvens da glória. Moshê continuou a anotar o

.....
nome de cada lugar onde Benê Yisrael tinha acampado. A lista completa abrangia 42 locais, terminando com "as planícies de Moav."

Por que D'us desejava estes nomes registrados na Torá

Por que D'us pediu a Moshê que listasse todas as paradas feitas por Benê Yisrael? Que interesse poderiam ter para as futuras gerações?

Eis aqui algumas respostas:

1. Após o pecado dos espiões, D'us puniu a geração de Moshê com quarenta anos vagando pelo deserto. Poderíamos pensar que D'us forçou os judeus a vagar constantemente.

Por isso D'us disse a Moshê que registrasse todos os locais em que acamparam, para nos mostrar que Benê Yisrael freqüentemente acampava e descansava. Repousaram em 14 locais antes que pecassem com os espiões.

Desconte estes da lista total de 42 locais. Teremos então que, após o decreto de D'us e permanecer no deserto por 40 anos, eles passaram por apenas 28 lugares.

Destes 28, subtraímos outros 8 lugares pelos quais Benê Yisrael viajaram no quadragésimo ano, após a morte de Aharon.

(Estes oito não faziam parte de suas caminhadas; pelo contrário, foram erros de Benê Yisrael). Após a morte de Aharon, estavam tão temerosos dos ataques inimigos que retrocederam oito paradas.)

Assim, restam 20 lugares, nos quais acamparam durante um período de 38 anos. (O pecado dos espiões ocorreu no segundo ano.) Em outras palavras, os judeus puderam parar e descansar, em média, dois anos em cada local.

Desta forma percebemos que quando D'us decreta uma punição, Ele o faz com misericórdia. Ao lermos na Torá esta lista de locais entendemos melhor isso. Sabemos também que os judeus de nada sentiam falta, enquanto viajavam pelo deserto. D'us lhes fornecia o maná, água do Poço de Miriam, além de rodeá-los com nuvens de glória.

Os tsadikim entre Benê Yisrael nunca tiveram que "vagar." Como viajavam?

As nuvens de glória que se espalhavam sob Benê Yisrael os carregavam. Eram transportados por estas nuvens, sem nenhum esforço de sua parte.

2. Quando gerações posteriores de Benê Yisrael estivessem morando em Erets Yisrael, leriam a lista de locais de acampamento na Torá. Cada local foi assim denominado devido a algum evento que lá acontecera.

Por exemplo, um pai lia o nome do local: Dafca. Diria então aos filhos:

"Ouçam, crianças! Em Dafca, D'us fez cair o maná do céu para nossos antepassados! Eles estavam num deserto árido onde nada crescia, e ficaram preocupados. Onde conseguiriam alimento? Mas D'us lhes forneceu. Este local foi chamado Dafca

porque os corações do Povo de Israel batem ansiosamente devido à falta de alimento." (A tradução da palavra dofec é bater.)

E quando o pai pronunciasse o nome Ritma, diria aos filhos: "Este local foi chamado Ritma porque foi lá que os espiões falaram lashon hará sobre Erets Yisrael."

Lashon hará é comparado à madeira da piaçava (Ritma). Por que?

O Midrash explica:

A assombrosa qualidade da madeira da piaçava

Dois viajantes no deserto descansavam sob uma moita de piaçavas. Cortaram alguns dos galhos, e prepararam um fogo para cozinhar sua comida.

Um ano depois, passaram pelo mesmo local novamente. "Olhe, este é o local onde paramos no ano passado!" um mostrou ao outro. "Vamos descansar aqui outra vez!"

Pisaram sobre as cinzas de sua antiga fogueira com os pés descalços, pois não tinham sapatos. De repente, sentiram os pés chamuscados! Os carvões da piaçava ainda estavam quentes por dentro, embora não se pudesse imaginar isso apenas os olhando.

"Como é fantástica esta madeira de piaçava! Ainda está incandescente após um ano inteiro!" observou um deles.

Agora podemos entender por que nossos sábios comparavam lashon hará à madeira da piaçava. Se alguém dá ouvidos ao lashon hará sobre outra pessoa, pode aparentemente esquecer. Mas enraizado em sua mente, o lashon hará ainda "continua incandescente"; seu efeito perverso perdura por muito tempo.

Como os espiões haviam falado lashon hará, e Benê Yisrael o tinham aceitado, este local foi chamado "Ritma", lembrando-nos da madeira da piaçava.

Destes exemplos, vemos que o nome de cada local de acampamento é importante. Toda vez que um judeu o ler, lembrará das maravilhas que D'us ali realizou, ou algum incidente ocorrido com Benê Yisrael.

3. O Midrash oferece uma outra razão:

Estes locais merecem uma menção honrosa porque acomodaram os judeus durante suas caminhadas. Foram honrados, embora lugares não tenham vontade própria.

Isto nos ensina a grande recompensa da hospitalidade. Se um judeu, por livre escolha, abre sua casa a alguém que precisa de alimento e um local para dormir, muito mais D'us o honrará!

A Conquista e a Definição das Fronteiras de Israel

D'us ordenou a Moshê que explicasse ao povo judeu as mitsvot que teriam que cumprir em Erets Yisrael. Uma delas era: "Vocês não podem se estabelecer entre as sete nações que lá vivem. Depois que conquistarem a terra, devem expulsá-las! Estas nações são idólatras e praticam atos ilícitos. Se viverem junto a eles, imitarão seus erros e pecados.

.....
Se obedecerem, permanecerão no país. Do contrário, as nações que lá deixarem causarão infortúnios ao Povo de Israel. Destruam todos os ídolos que encontrarem no país."

Moshê descreveu aos judeus as fronteiras exatas de Erets Yisrael a leste, norte e sul do país. A fronteira a oeste é o Mar Mediterrâneo.

Por que devemos conhecer as fronteiras?

Porque muitas mitsvot aplicam-se apenas a Erets Yisrael. Por exemplo, terumot (doações aos cohanim) e ma'asrot (dízimos) são separados do grão, vinho e azeite de oliva que venham apenas da produção de Erets Yisrael. (Os sábios instituíram que trumot e ma'asrot sejam separados também de frutas e vegetais). Por isso precisamos saber as fronteiras exatas do país, para saber se a produção crescia ou não em Erets Yisrael.

Cidades-Refúgio

A Gravidade do Crime de Assassinato

D'us ordenou a Moshê: "Separe três arê miclat (Cidades de refúgio) a leste do Rio Jordão. Depois que Benê Yisrael cruzar o Jordão, Yehoshua deverá separar outras três em Erets Yisrael."

"Se um judeu matar outro sem intenção, acidentalmente, deverá correr em direção de uma ir miclat, cidade de refúgio. Em seguida, os juízes do Sanhedrin o levam a julgamento e determinam se ele matou intencionalmente (Bemездid) ou por engano (Beshogueg).

Se decidirem que o assassinato foi cometido deliberadamente, o assassino não pode retornar a cidade-refúgio. É condenado à morte pelo Bet Din (desde que tenha sido advertido e duas pessoas tenham testemunhado o assassinato)".

"Entretanto, se os juízes decidirem que o assassinato ocorreu por acidente – por exemplo, a pessoa estava cortando madeira e o ferro do machado voou e matou um circunstante – eles o mandam de volta a ir miclat.

Apenas lá ele estará a salvo do goel hadam. O goel hadam (o redentor do sangue) é o parente mais próximo da vítima. Ele tem o direito de matar o assassino em qualquer local, fora de um ir miclat, mas jamais dentro do ir miclat."

Por que a Torá permite que o goel hadam mate um assassino?

Para entender esta parte, vejamos o que a Torá nos diz sobre o pecado de assassinato.

A seriedade de se destruir uma vida

De todos os pecados que um ser humano pode cometer contra o próximo, a Torá considera o assassinato o pior de todos. Muitas falhas cometidas contra o próximo podem ser corrigidas.

Se uma pessoa insulta outra, pode se desculpar; se roubou alguma coisa, pode devolvê-la ou pagar por ela.

Mas se tirou a vida de alguém, jamais poderá restituí-la. Além disso, muito provavelmente a vítima teria tido filhos. Agora todas estas gerações não poderão nascer.

Assim, é como se o assassino tivesse matado todas estas pessoas porque as impediu de vir a este mundo.

Quando Cayin assassinou seu irmão Hevel, D'us o repreendeu, dizendo: "O sangue de seu irmão e o sangue de todos os filhos que ele poderia ter clamam por Mim da terra!" "O sangue da vítima" clama" por D'us e lhe pede: "Castigue o assassino!"

Mesmo se alguém foi morto por engano, seu sangue clama a D'us e exige punição. Se o assassino tivesse sido uma pessoa justa, D'us não permitiria que este ato acontecesse através dele. Por isso, o goel hadam tem o direito de puni-lo.

Entretanto, como matou sem intenção, o assassino pode escapar a uma cidade-refúgio e lá ficar a salvo do goel hadam. Seu castigo é que deve deixar seu lar e ficar em local novo e estranho. Esta punição expia o seu pecado.

Por quanto tempo alguém que matou por acidente deveria permanecer na cidade-refúgio? O assassino deveria permanecer até a morte do Cohen Gadol vigente. Então poderia retornar para casa.

O que tem o Cohen Gadol a ver com isso?

É dever do Cohen Gadol rezar regularmente para que nenhuma tragédia se abata sobre Benê Yisrael. Se suas orações tivessem sido perfeitas, um assassinato não deveria ter ocorrido. O fato de que um assassinato ocorreu durante seu tempo, mostra que o cohen gadol é de certa forma responsável.

A morte do Cohen Gadol expiava o assassinato cometido.

Nossos sábios nos dizem que os assassinos em uma cidade-refúgio dificilmente poderiam esperar que o Cohen Gadol morresse para que pudessem voltar para casa.

Preocupados de que os assassinos poderiam rezar pedindo a morte de seus filhos, as mães de todos os cohanim guedolim faziam a ronda nas cidades-refúgio.

Serviam-lhes alimentos e bebidas, esperando que os refugiados se sentissem confortáveis. Queriam que eles apreciassem a estadia no ir miclat, e não que rezassem pedindo a morte do cohen gadol!

A Torá adverte o Bet Din: "Não aceitem dinheiro de um assassino não-intencional para deixá-lo voltar para casa! Ele deve permanecer no ir miclat até que o Cohen Gadol faleça."

O Bet Din também é advertido: "Nunca aceite dinheiro de alguém que assassinou intencionalmente para poupá-lo da pena de morte!"

Assim que Moshê ouviu a ordem de D'us, separou três cidades-refúgio a leste do Jordão.

Os levitas recebem 48 cidades em Erets Yisrael

Os levitas serviam no Bet Hamicdash e eram os que ensinavam Torá para todo o povo. Não tinham tempo para cultivar fazendas. Por isso, não receberam uma parte de Erets Yisrael.

Em vez disso, D'us ordenou a Moshê: "Dê aos levitas 48 cidades,

.....
espalhadas por todo Erets Yisrael." Destas 48, seis eram os aray miclat designadas por Moshê e Yehoshua.

Nossos sábios explicam que não apenas estas seis, como também as outras 42 cidades protegiam assassinos que não tiveram intenção de matar. Em outras palavras, todas as 48 cidades levitas serviram como aray miclat.

Como havia cidades de levitas por todo Erets Yisrael, cada distrito tinha mestres de Torá.

D'us ordenou: "Cada cidade dos levitas deverá ter uma área aberta com mil amot (aproximadamente 500 m2) em volta." Este espaço permanecia aberto para embelezar a cidade.

Era proibido plantar ali. Quando Benê Yisrael vinha para aprender Torá com os levitas, ficavam impressionados pela bela paisagem. Isto os ajudava a honrar os mestres de Torá.

A área aberta ao redor de cada cidade era circundada por uma segunda área em volta de maior dimensão, onde os levitas tinham permissão de cultivar plantas e apascentar seus rebanhos.

É interessante notar que no futuro, quando Mashiach chegar, a tribo dos levitas também receberá sua porção de Erets Yisrael. A terra então, será dividida em treze tribos.

A Diferença Entre as 6 Cidades-Refúgio e as 42 Cidades

A Torá chama as seis cidades separadas por Moshê e Yehoshua de "arê miclat."

Por que a Torá designa apenas seis cidades em particular de "arê miclat?" A resposta é que estas seis têm duas vantagens sobre as outras quarenta e duas:

1. Um assassino podia viver sem arcar com nenhuma despesa por sua permanência enquanto nas outras cidades, pagava aluguel aos levitas.
2. Estas seis protegeriam um assassino mesmo se ele não percebesse que a cidade à qual chegara era um refúgio. Entretanto, nas outras quarenta e duas, um assassino era protegido do goel hadam apenas se soubesse que estava em uma cidade levita.

Por que D'us designou as cidades levitas como local de refúgio?

Uma oportunidade de reabilitação

D'us não encarcerou o assassino dentro de uma prisão sozinho ou em companhia de outros delinquentes. Muito pelo contrário, o estabeleceu em um ambiente de santidade máxima entre os levitas, servos dedicados a D'us e mestres de Torá.

Esta atmosfera era espiritualmente benéfica ao assassino e a melhor oportunidade de reabilitação.

As Filhas de Tselofchad Encontram Maridos

A parashá de Pinechas nos conta a história das filhas de Tselofchad: Haviam pedido a Moshê que as deixasse herdar o quinhão da terra que pertencia ao seu pai, já que ele não tivera filhos homens.

As filhas de Tselofchad eram da tribo Menashê. Os chefes desta tribo foram a Moshê e reclamaram: "As filhas de Tselofchad poderiam casar-se com homens de uma tribo diferente. Mais tarde, seus filhos herdarão sua terra. Em resultado disso, nossa tribo perderá propriedades."

Moshê respondeu em nome de D'us: "Sua reclamação é justa. As filhas de Tzelofchad devem escolher maridos de sua própria tribo, Menashe, para que esta tribo não perca propriedades.

Esta lei era eficaz apenas durante a geração de Moshê, para estabelecer os limites de cada tribo.

Machlá, Choglá, Noá, Milká e Tirrsá seguiram o conselho de Moshê. Todas encontraram ótimos maridos em sua própria tribo. Nenhuma delas tinha menos que quarenta anos quando se casou.

Como eram grandes tzidkaniyot (mulheres íntegras), D'us realizou um milagre para elas. Todas tiveram filhos, mesmo tendo se casado em idade avançada.

A Lista de Locais no Deserto nos dá Encorajamento

Nesta Parashá, D'us listou todos os lugares no deserto pelos quais Benê Yisrael viajou.

Após a destruição do Bet Hamicdash, o povo judeu tornou-se andarilho novamente. Foram exilados de seu país. Após a Primeira Destruição, foram levados a Babilônia, e após a Segunda Destruição, para Roma e outros países.

Há milhares de lugares pelos quais nossa nação viajou pela galut. E em muitos deles os judeus foram oprimidos, maltratados e mortos.

Podemos pensar que D'us esqueceu o quanto Benê Yisrael sofreu por todos esses anos. Mas não é assim. Como D'us disse a Moshê para escrever a lista de locais no deserto, da mesma forma cada parada deste exílio é anotada perante Ele no céu. Ele se lembra de todo o sangue que foi vertido e de todas as lágrimas que foram derramadas.

Estamos no fim de nossa jornada. D'us, em Seu grande amor pelo povo judeu, é Quem está nos dirigindo através do exílio em direção à vinda de Mashiach.

O Midrash nos relata que a nação judaica reclama a D'us: "No Egito, Tu nos mandaste Moshê para nos libertar do exílio, e mais tarde mandaste outros líderes para nos ajudar: Yehoshua, os Juizes, e os Reis. Porém, após isto, fomos enviados novamente ao exílio!"

D'us responde: "Isto aconteceu porque vocês foram libertados por seres humanos. No futuro Eu mesmo os redimirei. Então sua liberdade será eterna, assim como Eu. Vocês jamais terão que suportar a vergonha do exílio."

Vivendo Com o Rebe

por Rabi Immanuel Schochet

A porção Massê começa: "Estas são as jornadas..." enumerando as quarenta e duas viagens dos Filhos de Israel, desde quando

.....
saíram do Egito até chegar ao Jordão, perto de Jericó. (Yarden Yericho).

O fraseado da Torá, no entanto, levanta uma questão óbvia. Usou apenas uma jornada "da terra do Egito". Por que então a forma plural de "estas são as jornadas?"

O termo Mitzrayim (Egito) deriva da palavra meytzarim (restrições).

Mitzrayim, portanto, refere-se não somente a um país específico mas também a uma condição de confinamento, tanto físico quanto espiritual.

O termo Yericho deriva da palavra rei'ach (cheiro). Alude também a Mashiach, sobre quem se diz: "veharicho (Ele o deixará perfumado) com o temor a D'us..." (Yeshayahu 11:3).

Assim Mashiach é chamado "moir'ach veda'in – ele está apto a julgar uma pessoa meramente pelo seu 'cheiro' (Sanhedrin 93b).

As 42 jornadas, portanto, dizem respeito aos 42 estados de deixar Mitzrayim (restrições pessoais ou nacionais e confinamentos), antes que cheguemos à verdadeira e suprema liberdade de Yericho, a redenção messiânica.

O êxodo do Egito físico foi realmente uma liberação, mas somente relativa à escravidão prévia. Em termos de nossa meta suprema não foi ainda a verdadeira e total liberdade.

Cada uma das 42 jornadas representava uma progressão adicional, um ascensão libertadora relativa ao estado precedente. Em termos do nível final e mais elevado a ser atingido, no entanto, este permanecia uma forma de Mitzrayim.

O termo "jornadas" (no plural) assim, nos ensina que devemos sempre pressionar, progredir e ascender, independentemente de realizações passadas.

Nós somos, e permanecemos, no Mitzrayim, de uma forma ou de outra, até que cheguemos a Yarden Yericho – a liberdade de Mashiach – brevemente em nossos dias.

A Terra Santa... onde você estiver

Por Rabino Shmuel M. Butman

Um chassid certa vez perguntou ao Tsêmach Tsêdek, Rabi Menachem Mendel, terceiro Rebe de Chabad-Lubavitch, se deveria estabelecer-se na Terra de Israel.

O Tsêmach Tsêdek replicou: "Transforme o local onde você está em Terra Santa."

O que significa essa resposta? Para responder, devemos primeiro entender o que é Erets Yisrael, a Terra Santa.

A Terra Santa é um lugar onde a Divindade, a santidade e o Judaísmo são abertamente revelados. Num sentido supremo, isso será realizado na Era Messiânica, quando o Templo Sagrado será reconstruído e a observância de todos os mandamentos associados com a santidade da terra serão restaurados.

Esta é a essência da Era Messiânica. O relacionamento entre o homem e D'us não será mais baseado somente na fé, mas

também será nutrido por uma percepção direta da Presença de D'us aqui na terra. O cenário físico do mundo não mudará na Era da Redenção. O que será diferente é nosso conhecimento e percepção de D'us.

A diretiva "Transforme este local em Terra Santa" significa que todo indivíduo deve e pode atrair a Divindade à sua vida e ao seu ambiente.

Cada um de nós deveria saber que seu "lugar", ou seja, cada dimensão de nosso ambiente e cada momento do tempo que vivemos pode ser transformado na Terra Santa, num local onde a Divindade seja abertamente revelada.

A vida como ela é

Por Yanki Tauber

O irmão mais novo de minha mulher casou-se na semana passada, e observando o jovem casal arrumando o novo lar lembrou-se de todas aquelas etapas da vida quando dizemos a nós mesmos: "Ok, agora está começando. Agora é pra valer."

Quando terminamos o Ensino Médio – é aí que a vida começa.

Então percebemos que não é bem assim; primeiro temos que conseguir um diploma, primeiro precisamos nos casar, mas então nossos amigos casados sorriem e dizem: "Isso não é nada, estão apenas brincando de casinha, espere até nascer o primeiro filho, então vocês entenderão o que é a vida."

Porém estamos ainda trabalhando para deslanchar a carreira, e quando conseguimos isso percebemos que os planos realmente sérios terão de esperar até que as crianças cresçam e possam cuidar de si mesmas, e então é apenas uma questão de sobreviver àqueles anos que faltam para a aposentadoria, para que possamos começar a viver.

O Lubavitcher Rebe promoveu certa vez um farbrenguen (reunião chassídica) em honra de um grupo de chassidim que estava voltando naquela noite para seus lares em Israel. Conforme a noite avançava, aumentava o número de participantes que lançava um olhar ao relógio na parede.

O avião deveria decolar em algumas horas, e ainda precisavam fazer as malas e cuidar dos assuntos de última hora. Percebendo sua ansiedade, o Rebe sorriu e contou a seguinte história:

Foi na metade da década de 1920, nos tenebrosos dias da tentativa bolchevique para desenraizar a fé judaica na Rússia Soviética. O sogro do Rebe, Rabi Yossef Yitschak Schneersohn, que liderava a rede subterrânea destinada a manter vivo o judaísmo, era constantemente vigiado pela Yevsektzia e NKVD (Polícia Secreta), que o seguiam onde quer que ele fosse. Todos sabiam que era apenas uma questão de tempo antes que agarrassem sua presa.

"Certa noite, bem tarde" – relatou o Rebe – "entrei no estúdio de meu sogro em seu apartamento em Leningrado. Por várias horas, ele estivera recebendo pessoas em yechidut (audiência privada entre o Rebe e um chassid) – uma tarefa física e espiritualmente extenuante para um Rebe.

.....
Em mais ou menos meia hora, ele teria de sair para a estação de trens, onde pegaria um trem rumo a Moscou para uma reunião com um homem de negócios estrangeiro com a finalidade de conseguir fundos para apoiar sua obra.

Desnecessário dizer, encontrar com um cidadão estrangeiro – um 'capitalista' – especialmente para os propósitos mencionados, era extremamente perigoso; naqueles dias, muitos perderam a vida por 'crimes' bem menores.

"Para minha grande surpresa, encontrei meu sogro trabalhando calmamente em sua mesa, arrumando seus papéis, como se estivesse em meio a um dia normal de trabalho.

Não havia sinal do cansaço de passar várias horas escutando pessoas com os dilemas mais dolorosos e pessoais, e nenhum sinal do fato de que em meia hora ele estaria saindo para a estação numa missão perigosa.

Não pude conter-me e perguntei-lhe: 'Sei que o Chassidismo Chabad é baseado no princípio de que a mente governa o coração.

Sei a espécie de educação que o senhor recebeu e como foi treinado no auto-sacrifício pelos judeus e pelo judaísmo.

Mas a este ponto? Poder sentar-se à mesa numa hora dessas, como se não houvesse nada mais em seus planos?"

Como resposta, Rabi Yossef Yitschak disse ao genro: "Não podemos fazer nossos dias mais longos, nem podemos adicionar horas a nossas noites.

Porém, podemos maximizar nosso aproveitamento do tempo, considerando cada segmento de tempo como um mundo em si mesmo.

Quando devotamos uma porção de tempo – seja uma hora, um dia ou um minuto – a uma determinada tarefa, devemos nos concentrar totalmente naquilo que estamos fazendo, como se não existisse mais nada no mundo."

O ensinamento do Chassidismo Chabad devota muita discussão à qualidade de penimiyut. O que é penimiyut? A palavra mais aproximada que temos é "interioridade".

Penimiyut significa integridade, profundidade e consistência. É o oposto de superficialidade e equivocação.

O conhecimento não pode ser separado da experiência, e conhecimento e experiência não podem se apartar da ação. Você jamais encontrará partes do penimi – seu cérebro, seu coração, suas ações - ao contrário, encontrará sempre a pessoa completa ali.

O penimi não pensa simplesmente um pensamento, vivencia um sentimento, faz uma ação – ele os vive.

Quando ele devota uma parcela de tempo – seja uma jornada, uma hora, um dia, um minuto – a uma determinada tarefa, está totalmente investido naquilo que está fazendo, como se nada mais existisse no mundo.

Isso não equivale a dizer que vive indiscriminadamente.

Pelo contrário; é profundamente consciente das diferenças entre coisas importantes e coisas de menor importância, entre meios e fins, entre jornadas e destinos. Mas esteja envolvido no que for, está completamente ali.

Nunca está simplesmente "fazendo" ou "livrando-se de alguma coisa". Quando se aplica a algo, está totalmente investido em fazer aquilo a que se propôs.

A leitura da Torá desta semana inclui o registro, por Moshê, das 42 'jornadas' dos israelitas pelo deserto – quarenta e duas jornadas que, segundo Rabi Yisrael Báal Shem Tov, são revividas na jornada pessoal de cada indivíduo durante a vida.

As 42 jornadas são, evidentemente, fases e estágios de uma jornada maior – o progresso desde os confins do Egito até a Terra Prometida.

Mas cada uma é também uma entidade em si mesma – a Torá as chama de "jornadas" (massaot), não "estações".

Não estamos aqui para passar pela vida, a Torá está nos dizendo: "Estamos aqui para vivê-la!"

44 – Parashá Devarim

Deuteronômio 1:1-3:22

Moshê Reúne a Nação

Benê Yisrael atingiram o final de seus quarenta anos no deserto. Todos os homens da geração de Moshê haviam morrido, e seus filhos agora eram adultos. Acamparam nas planícies de Moav. Esta era a última parada antes de Êrets Yisrael.

Aharon e Miriam não eram mais vivos. Apenas Moshê sobrevivera: tinha 120 anos de idade. Mas parecia um homem jovem! Suas faces não eram encovadas, e não era enrugado. Seu rosto brilhava com os raios da Shechiná. Era forte e caminhava com os passos largos de um homem jovem.

Porém, Moshê estava ciente de que não cruzaria o Rio Jordão e não entraria em Êrets Yisrael. "Preciso falar com Benê Yisrael pela última vez," pensou ele. "Repetirei a eles a Torá e as mitsvot, para me certificar de que as aprenderam bem. Também os ensinarei novas mitsvot que ainda não aprenderam."

"Primeiro discutirei os pecados que seus pais cometeram no deserto. Isto os ajudará a fazer teshuvá e evitar transgressões similares. Sabendo que logo morrerei, certamente eles me darão ouvidos."

A primeiro de Shevat, em 2.488 (trinta e seis dias antes de sua morte), Moshê anunciou: "Todo o Povo de Israel deve se reunir e escutar minhas palavras!"

Por que Moshê desejava que cada judeu ouvisse seu discurso? Ele pensou: "Se alguém estiver ausente agora e mais tarde ouvir minhas palavras repetidas através de outros, poderá discordar de algumas partes. Isso de forma alguma deve acontecer! Deixe que todos estejam presentes agora e ouçam o que tenho a dizer. Se alguém achar que estou errado, poderá falar agora e esclarecerei minhas palavras!"

.....
É difícil imaginar isto, mas o último discurso de Moshê durou trinta e seis dias! A cada dia, Benê Yisrael se reunia e escutava as palavras de Moshê e seus ensinamentos. Todo o Livro de Devarim é o discurso de Moshê!

Moshê Começa a Falar

A voz de Moshê não era alta o suficiente para atingir 600.000 pessoas, mas ocorreu um milagre, e ele pôde ser ouvido por todos os judeus presentes.

Moshê Rabênu começou: "Falarei a vocês sobre seus pecados no deserto. Devem entender que a única razão pela qual lembro estes episódios é porque eu os amo. Quero ajudá-los a refinar-se e a fazer teshuvá."

"Um mês depois de começarmos a viajar no deserto, a massa que trouxemos do Egito acabou. Vocês se queixaram: 'No Egito sempre tínhamos bastante para comer. Morreremos todos de fome! Queremos pão e carne!'

"Embora reclamassem ao invés de confiar em D'us, Ele foi misericordioso. Fez cair o maná do céu e também forneceu carne fazendo cair pássaros. D'us fez o maná cair diariamente por quarenta anos."

O povo ouviu estas palavras. Pensaram: "Como Moshê tem razão! Não confiamos em D'us. Em vez de reclamar, deveríamos ter tido fé. No futuro não mais reclamaremos, mesmo se as coisas ficarem difíceis."

Moshê esperou. Alguém iria discutir? Alguém o contradiria? Mas todo o Povo de Israel permaneceu em silêncio. Concordaram com Moshê e fizeram teshuvá.

Isto é verdadeiramente espantoso. Se nós tivéssemos estado lá, certamente teríamos feito uma objeção: "Moshê, não reclamamos pela falta de comida. Nossos pais o fizeram!"

O pecado mencionado por Moshê havia acontecido quarenta anos antes, no início da caminhada pelo deserto. Naquela época, a geração que agora escutava Moshê ainda não havia nascido ou então eram crianças.

Mesmo assim, ninguém falou: "Não somos culpados!" Isto demonstra que a nova geração era de verdadeiros tsadikim. Grandes tsadikim aceitam a responsabilidade até pelos erros de seus pais, como se fossem os seus próprios. O povo estava envergonhado e fez teshuvá pelas falhas dos pais.

Moshê continuou: "Lembram-se do que aconteceu nas planícies de Moav?"

Benê Yisrael curvou a cabeça, sentindo vergonha. Lembraram-se do pecado em Chitim, nas planícies de Moav, apenas uns poucos meses antes. Na maioria, apenas os membros da tribo Shimon havia pecado com as filhas de Moav. Havia também servido ao ídolo Ba'al Peor. Os pecadores foram condenados por Moshê, e uma praga havia irrompido. Esta cessou apenas após Pinechás matar Zimri e rezar a D'us. Os ouvintes fizeram teshuvá por isto, também, embora não tivessem participado, e os verdadeiros culpados já tivessem morrido.

Novamente, foi ouvida a voz de Moshê:

"Como vocês se comportaram nas praias do Mar Vermelho, quando viram o exército do Faraó se aproximando de nós? Entraram em pânico! Alguns de vocês gritaram de medo: 'Se ao menos tivéssemos morrido no Egito, ao invés de sermos mortos aqui pelo exército do Faraó!'

"Mesmo depois que D'us afogou o exército do Faraó, vocês não confiaram n'Ele. Pensaram que os egípcios tinham escapado do Mar Vermelho assim como vocês! Para provar que estavam errados, D'us ordenou que o mar jogasse os corpos dos egípcios nas praias. Apenas então acreditaram no milagre."

Novamente, Benê Yisrael concorda com Moshê e aceita os erros dos pais como se fossem seus.

Moshê continuou. "E recentemente – após a morte de Aharon – vocês reclamaram sobre o maná! D'us disse-lhes que deveriam se aprofundar no deserto, à terra de Edom. Vocês objetaram: 'De volta ao deserto outra vez? Estamos fartos de sempre comer maná.'"

Uma vez mais, os ouvintes aceitaram as duras palavras de Moshê. Esta era de fato uma geração notável! Ninguém gritou: "Pessoalmente, não tenho culpa!"

Moshê ainda não terminara com a lista dos erros: "Todos se lembram do que aconteceu no deserto de Paran! Vocês enviaram espiões! Mais tarde, quando se aproximaram de Chatserot, Côrach se rebelou!"

Finalmente, Moshê falou sobre o pecado mais grave de todos: o bezerro de ouro.

"Vocês estavam ricos com ouro quando saíram do Egito!" Moshê disse: "Porém, usaram-no para fazer um bezerro de ouro. Ao invés de terem sido destruídos, D'us ordenou que construíssem um Mishcan e perdoou-os pelo mérito do Mishcan."

Novamente, Benê Yisrael aceita a admoestação de Moshê. Fizeram teshuvá pelo pecado do bezerro de ouro.

O quê a Torá nos diz sobre estas falhas?

Se você abrir o Livro da Torá nesta parashá e tentar encontrar o discurso de Moshê, ficará surpreso. Não está lá!

Tudo que se pode encontrar na Torá são estas poucas palavras: "Moshê falou a Benê Yisrael sobre o que aconteceu nas planícies de Moav, no Mar Vermelho, no deserto"... E assim por diante. A Torá apenas menciona o nome de cada local onde um pecado aconteceu. Por que não há mais detalhes?

D'us queria poupar o povo judeu da vergonha de ter um grande número de falhas enumeradas no início de um novo Livro da Torá. Por consideração para com os judeus, a Torá Escrita apenas dá indícios do discurso de Moshê.

Moshê Abençoa Benê Yisrael

Moshê descreve o que acontecera no início da jornada pelo deserto:

"Fui designado não apenas como seu professor de Torá, como também para ser seu juiz. Como eu estava ocupado! Havia tantas

discussões e disputas entre vocês. Eu me sentava e julgava por boa parte do dia, enquanto vocês freqüentemente esperavam por horas para ver-me. Vocês cresceram até tornarem-se uma imensa nação, e hoje são tantos como as estrelas do céu. Que D'us os multiplique mil vezes mais, dando-lhes filhos que sejam tsadikim como vocês. Que Ele os abençoe como prometeu a seus antepassados!"

Por que Moshê subitamente abençoou Benê Yisrael no meio de seu discurso? Uma explicação seria:

Moshê havia reclamado sobre como era difícil lidar com um povo tão numeroso. Mas não queria que o povo pensasse que estava infeliz por eles serem tantos. Por isso, rapidamente acrescentou uma bênção para que se tornassem ainda mais numerosos!

O Midrash fornece outra explicação:

D'us disse a Moshê: "Veja como Benê Yisrael é justos! Poderia ter reclamado quando você lembrou de seus erros. Porém, aceitaram suas palavras e fizeram teshuvá. Por isto, mereciam ser abençoados." E assim, Moshê deu-lhes a berachá.

O Midrash nos diz:

Benê Yisrael é Comparado às Estrelas, Areia e Pó da Terra

Moshê comparou Benê Yisrael às estrelas, mas na verdade D'us fizera uma promessa diferente a cada um dos antepassados:

•A Avraham: "Olhe para o céu. Tente contar as estrelas! Assim como esta tarefa é impossível, da mesma forma será impossível contar seus filhos!"

•A Yitschac: "Seus filhos serão tão numerosos como os grãos de areia na praia!"

•A Yaacov: "Seus filhos serão como o pó da terra."

Tentemos entender como os judeus são comparados - as estrelas, areia e pó:

•Estrelas – Cada estrela é importante para o universo. Se apenas uma estiver faltando, a criação de D'us é imperfeita. Da mesma forma, cada judeu também é de suma importância.

•Areia – Embora ondas poderosas quebrem contra a praia arenosa, a delicada areia é uma forte barreira. A água não pode passar por ela e carregá-la para longe.

Similarmente, o povo judeu repetidamente sobrevive aos ataques das nações do mundo.

•Pó da terra – Plantas e árvores não cresceriam sem o solo. Benê Yisrael pode ser comparados à terra porque, pelo seu mérito, todas as nações são abençoadas.

Na época de Moshê, D'us já tinha completado Sua promessa de que Benê Yisrael seriam como as estrelas. Apenas na época de Mashiach todas as promessas que D'us fez aos patriarcas serão totalmente cumpridas.

Como Moshê Escolhia os Juízes

Moshê continuou seu discurso:

"Disse-lhes que trouxessem a mim os homens justos que sejam sábios e compreensivos. Eu os escolheria como juízes.

"Ao ouvir este pedido, vocês deveriam ter respondido: 'Moshê, preferimos que seja nosso único juiz! Tu é quem recebeste os mandamentos diretamente de D'us. Os outros juízes são apenas teus alunos; não possuem todo o teu conhecimento.

"Mas vocês concordaram imediatamente. Pensaram: 'Entre tantos juízes, alguns aceitarão suborno e nos favorecerão!'"

"Eu disse aos novos juízes: 'Julguem todos os casos que puderem. Se um caso for muito difícil, tragam-no a mim.'"

Embora Moshê assim falasse, D'us mostrou-lhe que mesmo ele não conseguiria cuidar sozinho de todos os casos difíceis. Quando as filhas de Tselofchad (na parashá de Pinechás) vieram perguntar a Moshê se a herança paterna deveria ser-lhes concedida, Moshê não respondeu de imediato, consultando primeiro D'us. Moshê então repetiu ao povo as regras que havia ensinado aos juízes.

As Regras para os Juízes Judeus

•O mesmo tipo de problema pode ser trazido a vocês mais de uma vez. Da primeira, será novo para vocês, assim estudarão cuidadosamente a solução. Da segunda vez, vocês não estudarão tão detalhadamente. Quando ouvirem o problema pela terceira vez pensarão: "Por que deveria eu escutar estas leis novamente? Já conheço este caso." Mas estão errados! Devem revisar cuidadosamente cada caso antes de tomar uma decisão, mesmo se acharem que lhes é familiar.

•Pode acontecer de lhe perguntarem sobre um caso a respeito de alguns centavos. Mais tarde, um caso envolvendo uma fortuna pode lhes ser apresentado. Não adiem a questão a respeito da pequena quantia, julgando o segundo em primeiro lugar. Devem ambos ter a mesma importância para você.

•Quando duas pessoas entrarem para julgamento, não pensem: "Esta pessoa parece ser um vigarista. O outro aparenta ser uma pessoa decente!"

•Ao contrário, ambas as partes devem parecer igualmente culpadas para vocês. Após aceitarem a decisão da justiça e saírem, ambos devem ser como tsadikim a seus olhos.

•Um pobre e um rico têm uma disputa. Não pensem: "Esta é uma boa oportunidade de ajudar o homem pobre! Farei com que o rico perca o caso, para que pague dinheiro ao outro. Desta maneira, ajudarei o homem pobre!" Isto não é permitido! Não podem também favorecer o homem rico. Ambos devem ser iguais para vocês.

•Nunca temam pessoa alguma. Se um rufião ameaçar: "Não ouse fazer-me perder, ou porei fogo em sua casa!" - não se deixem intimidar.

•Vocês devem ouvir cada caso diretamente das pessoas envolvidas e não através de um tradutor. Por esta razão, para ser um membro do Sanhedrin (Suprema Corte) era preciso saber muitos idiomas.

.....
•Assuntos financeiros devem ser decididos por três juízes. Uma sentença de vida ou morte, porém, deve ser decidida por pelo menos vinte e três juízes.

o Uma sentença de morte jamais pode ser pronunciada em um único dia. A decisão final deve ser tomada no dia seguinte.

Moshê Fala Sobre os Espiões

Moshê continuou suas palavras de admoestação a Benê Yisrael:

"Dois anos após deixarmos o Egito, poderíamos ter entrado em Êrets Yisrael. Mas devido ao espiões, D'us nos manteve no deserto por mais 38 anos.

"Na Outorga da Torá, vocês se comportaram respeitosamente. Mas quando vieram me falar sobre o envio de espiões a Êrets Yisrael, empurraram uns aos outros. As crianças abriam caminho empurrando os adultos, e os adultos eram desrespeitosos com os líderes, empurrando-os para o lado.

"Em seguida agiram enganadoramente. Pediram que 'mandássemos espiões para preparar o caminho para nossa conquista do país'. Mas esta não era a sua verdadeira intenção. Queriam evitar a luta com as nações que lá estavam. "Não confiaram na promessa de D'us de ajudá-los a conquistar as sete nações. Embora eu acreditasse em vocês, D'us entendeu suas verdadeiras intenções.

"Escolhi doze dos melhores homens entre vocês. Eram tsadikim. Mas ao começarem a viagem, maus pensamentos perturbaram suas mentes. Começaram a planejar um relatório falso. Temiam lutar contra os canaanitas. Por isto, tentaram impedir que Benê Yisrael se envolvessem numa guerra.

"Quando retornaram, apenas Yehoshua e Calêv louvaram Êrets Yisrael. Os outros falaram lashon hará sobre essa terra.

"Novamente agiram de forma imprópria. Em vez de cerrar fileiras com Yehoshua e Calêv, acreditaram nos dez espiões. D'us havia nos falado sobre como a terra era boa. Por que não acreditaram n'Ele?

"Vocês tinham medo de lutar contra as nações de Erets Yisrael. São realmente guerreiros poderosos, vivendo em cidades fortificadas até o céu. Há inclusive gigantes entre eles.'

'Mas disse a vocês para não sentirem medo - D'us lutaria por vocês! Viram como Ele cuidou de vocês amorosamente no deserto? Por que, então, não crêem que Ele lhes concederia mais bondade?

"Após todo este comportamento impróprio, D'us ficou aborrecido: 'Os homens desta geração não verão a boa terra que prometi aos seus antepassados', prometeu Ele. 'Apenas Yehoshua e Calêv terão este privilégio'"

Moshê continuou:

"Após o pecado dos espiões, D'us ficou descontente comigo também. Pelos próximos 38 anos, a profecia de D'us não foi transmitida com o mesmo amor, como antes do incidente dos espiões. Este acontecimento também causou minha morte no

deserto. Porque golpeei a rocha em Mê Meriva, D'us disse-me que Yehoshua lideraria Benê Yisrael à Terra Prometida."

Os Judeus e a Conquista da Terra de Israel

"Embora D'us tivesse falado que traria apenas a próxima geração a Terra Prometida, alguns entre vocês disseram: 'Não queremos esperar. Queremos entrar em Êrets Yisrael agora! Pecamos quando nos recusamos a lutar contra os canaanitas. Agora compensaremos por isto.'

"Vocês prepararam suas espadas, e estavam prontos a escalar a montanha na fronteira de Êrets Yisrael. Mas D'us advertiu: 'Diga-lhes para não escalar! Não estou com eles! Serão derrotados!' Mas vocês não deram ouvidos e mesmo assim foram para a batalha. Os emorim, que viviam na montanha, perseguiram e feriram vocês. Então aconteceu um milagre: qualquer emori que tocasse em vocês morria instantaneamente. Isto demonstrou como D'us controlava a situação."

Benê Yisrael Não Conquistaram Três Nações

Benê Yisrael estavam proibidos de conquistar três nações que faziam fronteira com Êrets Yisrael. As três nações eram:

1.Seir, onde os descendentes de Essav viviam. Um outro nome para este país é "Edom";

2.Moav;

3.Amon.

Por que Benê Yisrael foram proibidos de conquistá-los?

Benê Yisrael e Seir (Edom)

Moshê disse:

"Ao final de nossa caminhada, D'us nos ordenou rumar para o norte, em direção a Êrets Yisrael, e passar pela terra de Seir. D'us advertiu: 'Os descendentes de Essav são seus irmãos! Não os ataquem. Nem ao menos passem pela terra deles sem permissão. Se quiserem alimentos ou água, paguem por eles. Dei a terra de Seir a Essav até a era de Mashiach.'"

D'us não permitiu que os judeus conquistassem Seir porque este país era a recompensa de Essav por honrar seu pai, Yitschac.

De que Modo Essav se Destacou por Honrar seu Pai?

Rabi Shimon ben Gamliel explicou:

"Quando servi meu pai, vestia roupas comuns. Quando estava pronto para sair, me trocava e vestia roupas melhores. Quando Essav servia seu pai, usava as melhores roupas. Considerava seu pai um rei. Aprendi com Essav o quanto deve-se honrar os pais."

Para não dar a Essav um espaço no Mundo Vindouro, D'us propositadamente concedeu a Essav a recompensa total por sua mitsvá neste mundo.

Moshê continuou: "Enviamos mensageiros ao rei de Seir, pedindo-lhe que nos deixasse passar através de seu país. Ele recusou. Então, passamos ao redor do país de Seir."

.....
Benê Yisrael e Moav

"Então nos aproximamos de Moav. Novamente, D'us advertiu: 'Não podem conquistar Moav. Eu o dei aos descendentes de Lot até a era de Mashiach.'

Mesmo assim, D'us nos permitiu recolher os despojos deles. Foram eles que haviam contratado o mágico Bil'am para nos amaldiçoar e enviaram as suas filhas para nos fazer pecar (Parashat Balac)."

Por que D'us ordenou aos judeus que não atacassem Moav?

D'us previu que uma mulher notável nasceria em Moav. Tornar-se-ia judia, desposaria Boaz e seria mais tarde a avó do Rei David. Por causa dela, o povo de Moav não foi destruído.

"Enviamos mensageiros ao rei de Moav, pedindo permissão para passar pelas suas terras. Mas ele também recusou, e então viajamos ao redor de Moav."

Benê Yisrael e Amon

"Quando nos aproximamos de Amon, D'us ordenou: 'Benê Yisrael não podem lutar com os amonim. Nem ao menos lhes será permitido recolher os despojos deles. São descendentes de Lot, e receberam o país até que chegue a era de Mashiach.'"

Por que Amon foi poupado?

D'us previu que do povo de Amon nasceria uma mulher importante: Na'ama. Ela se tornaria judia e seria a mulher do Rei Shelomô. Seu filho, Rechavam, seria coroado rei após a morte de Shelomô.

Há uma outra razão pela qual D'us proibiu a conquista de Moav e Amon:

D'us poupou-os como recompensa pelo silêncio de Lot. Qual foi o mérito de Lot?

No livro de Bereshit, na parashá de Lech Lechá a Torá nos relata o seguinte: Quando Avraham viajou ao Egito, fingiu que Sara era sua irmã. Lot, o sobrinho de Avraham, os acompanhou nesta viagem e sabia a verdade: Sara era a esposa de Avraham! Ele podia ter contado ao Faraó que Sara era a mulher de Avraham. O que poderia acontecer a Avraham? O Faraó o teria matado para ficar com Sara. Quando Lot ficou em silêncio, salvou a vida de Avraham. Como recompensa, D'us poupou as vidas de seus descendentes, os moavim e amonim.

Por que Moshê lembrou aos judeus que D'us havia proibido a conquista de Seir, Amon e Moav?

Benê Yisrael poderiam perguntar um dia: "Será que o exército de Moshê era muito fraco para derrotar aquelas nações?" Moshê deixou claro: "Embora D'us tivesse prometido a Avraham que vocês conquistariam dez nações, Ele está dando a vocês agora apenas sete nações. As outras três – Seir, Amon e Moav – serão dadas a vocês apenas na era de Mashiach. Não porque sejam muito fracos para sobrepujá-los, mas porque D'us assim o ordenou. Ele está esperando o momento certo para entregar estas três nações em suas mãos."

Benê Yisrael Vencem Sichon e seu Exército

Moshê continuou: "D'us não nos permitiu conquistar Edom, Amon e Moav. Mas Ele deixou-nos conquistar a terra de Sichon, rei dos emorim."

Os emorim tinham tentado impiedosamente aniquilar os judeus. Ordenaram a seus soldados que se escondessem em cavernas na montanha, e atirassem suas flechas em Benê Yisrael enquanto estes estivessem passando por um estreito vale Emorita. Os judeus teriam sido destruídos se não fosse pela ajuda de D'us (veja Parashat Chukat).

Moshê disse: "Enviei mensageiros a Sichon, pedindo: 'Por favor, deixe-nos passar por seu país! Se precisarmos de comida, a compraremos de vocês.'

"Sichon recusou-se a nos deixar passar. Mesmo assim, senti que havia agido corretamente em enviar-lhe mensageiros. Aprendi de D'us que mesmo aos perversos deve-se dar uma chance."

"Sichon mobilizou seu exército. Deixou a capital e marchou para atacar. Esta foi uma bondade especial de D'us. A capital de Sichon estava tão bem guarnecida que teríamos tido problemas em conquistá-la. Não tivemos que enfrentar diversos grupos de soldados espalhados em locais diferentes. O exército estava todo agrupado. Por isso, o capturamos rapidamente.

"Matamos Sichon, o poderoso gigante e seu filho. Desta maneira, conquistamos a terra dos Emorim."

A Derrota de Og

O gigante Og era meio-irmão de Sichon. Governava o reino Emorita de Bashan. Quem era Og?

O Midrash nos relata:

Como Og Sobreviveu Até a Época de Moshê

Todos os gigantes poderosos que viviam ao tempo de Nôach se afogaram no dilúvio. Apenas Og sobreviveu. Subiu por uma escada até a arca e implorou a Nôach: "Por favor, salve-me! Serei seu escravo para sempre,"

Nôach refletiu: "Tantas pessoas tentaram salvar-se subindo na arca, mas nenhuma delas conseguiu. Como Og teve sucesso em chegar aqui, D'us provavelmente deseja que ele sobreviva!"

Assim Nôach fez um pequeno furo na arca e passava comida a Og todos os dias. Só esta tarefa já mantinha Nôach e seus filhos muito ocupados! Nossos sábios dizem que Og devorava incríveis quantidades de comida, e que bebia galões de água. Mesmo assim, Nôach o alimentou, e Og sobreviveu.

Por que D'us permitiu que vivesse?

D'us desejava que o mundo visse um gigante da época anterior ao dilúvio. O mundo aprenderia então que D'us destruiu até mesmo esta raça de gigantes, porque rebelaram-se contra Ele.

Og ainda estava vivo ao tempo de Avraham. Quando Lot, sobrinho de Avraham, foi capturado numa guerra, (Parashat Lech Lechá) Og pensou: "Vou correr e dizer a Avraham que seu

.....
sobrinho foi preso. Quando Avraham for resgatá-lo, será morto pelos captores de Lot. Poderei então casar-me com a linda Sara!"

D'us imediatamente prometeu: "Pelos esforço que fizeste para trazer a Avraham a mensagem, terás vida longa. Mas como desejaste que Avraham fosse morto, serás destruído pelos seus descendentes!"

Og era uma das pessoas convidadas ao berit milá de Yitschac. Os reis de Cnaan haviam sido convidados também. Os reis disseram a Og, "Você sempre chamou Avraham de 'mula,' dizendo que ele é como uma mula que não pode dar cria. Porém, veja, ele tem um filho, Yitschac!"

Og olhou para o bebê de Avraham, um menino. Naquela época, os bebês nasciam tão grandes que mesmo os recém-nascidos precisavam de uma cama de adulto. Yitschac foi o primeiro bebê a nascer pequeno e fraco, como os bebês atuais.

"Este bebê é tão pequeno que precisa de um berço!" - zombou Og. "Eu poderia matá-lo com um dedo!"

"É assim que você fala do filho que dei a Avraham?" D'us disse. "Você viverá para ver dezenas de milhares de descendentes deste bebezinho! E você cairá em suas mãos."

Quando Yaacov chegou ao Egito, Og estava visitando o Faraó.

O Faraó disse a Og: "Você sempre afirmou que Avraham nunca teria filhos! Mas aqui está o neto de Avraham, Yaacov, e ele trouxe setenta dos descendentes de Avraham com ele!"

Og ficou furioso. Desejou que todos os descendentes perecessem!

"Seu malvado!" - disse D'us. "Por que lhe deseja mal? No fim, você será destruído!"

Moshê contou a história: "Og tornou-se o governante de Bashan. Quando ouviu que havíamos conquistado Sichon, preparou seu exército para a guerra.

"Chegamos perto de Edrê, a cidade fortificada de Og. Lá acampamos para passar a noite e preparamo-nos para invadir a cidade pela manhã.

"D'us disse-me: 'Veja Og sentado sobre a muralha!' Ele era tão imenso que quando sentava-se sobre a muralha, seus pés tocavam o solo.

"Eu estava com medo. Pensei: 'Este é o malvado que zombou de Avraham e Sara. Disse que eles eram como árvores próximas da água, mas que não dão frutos.' 'Não o tema,' disse-me D'us.

"Og apanhou uma enorme pedra para jogar em cima de nós. Mas D'us transformou-a em pedaços. Enquanto isso, apanhei um machado e atingi Og no calcanhar. Caiu para trás e morreu."

"Enfrentamos o exército de Og. D'us fez o sol ficar imóvel até que a batalha terminasse. Assim, o mundo inteiro soube desta guerra e de nossa vitória."

Derrotamos o exército emorita. Agora possuímos enormes lotes de terra a leste do Rio Jordão. Dividi a terra entre Reuven, Gad, e metade de Menashê. Ordenei então: 'Embora já tenham recebido

seu quinhão, devem acompanhar Benê Yisrael até Êrets Yisrael e ajudá-los a lutar. Depois, podem retornar à sua terra.'

"A Yehoshua, eu disse: 'Você viu como D'us destruiu os poderosos gigantes Sichon e Og. Assim Ele destruirá todos os reis que vivem em Êrets Cnaan. Não tenha medo, pois D'us está lutando por você!'"

Uma Boca Humana Falando a Palavra de D'us

Por Eli Touger

No Jardim da Tora - Adaptado de Likkutei Sichos, Vol. IV, p. 1087ff; Vol. XIX, p. 9ff

A Singularidade de Devarim

A leitura da Torá desta semana começa dizendo¹: "Estas são as palavras que Moshê falou a todo o Povo Judeu". Notando a diferença entre este livro e os quatro livros anteriores, que são todos "a palavra de D'us", nossos Sábios explicam² que Moshê recitou o Sefer Devarim "por sua própria iniciativa".

Isto não significa, D'us nos livre, que o Sefer Devarim seja meramente uma invenção humana. Nossos Sábios³ imediatamente esclarecem que Moshê pronunciou suas palavras "inspirado por D'us". Da mesma forma, quando o Rambam define a categoria "daqueles que negam a Torá"⁴, ele inclui: "aquele que diz que a Torá, mesmo um versículo ou uma palavra, não emana de D'us. Se alguém disser: 'Moshê fez estas declarações de forma independente', ela está negando a Torá".

Nem um único comentarista afirma haver qualquer diferença neste sentido entre o Sefer Devarim e os quatro livros precedentes. O Sefer Devarim não contém meramente as palavras de Moshê. A identificação de Moshê com a Divindade era tão grande que quando ele declara⁵: "Eu concederei a chuva da tua terra em sua época", ele fala na primeira pessoa apesar do pronome "Eu" claramente se referir a D'us. "A Presença Divina falava de sua boca"⁶.

Por outro lado, também é claro que o livro envolve o próprio processo de pensamento de Moshê. Para dar um exemplo, há uma diferença de opiniões entre nossos Sábios se a proximidade de dois assuntos na Torá Escrita é importante ou não⁷. Uma opinião diz que sim, enquanto a outra explica que apesar de que quando os mortais estruturam seus pensamentos, a ordem é importante, mas, "Já que a Torá foi dada pelo Todo-Poderoso, a ordem de precedência não é importante"⁸.

Em relação a Devarim, entretanto, todas as autoridades concordam com a importância da sequência dos assuntos. "Moshê abordou passagem após passagem com o único propósito de permitir extrapolações". Porque Devarim foi recitado por iniciativa de Moshê, a compreensão deste livro exige que as regras da sabedoria humana sejam levadas em consideração.

Acima do Limite da Criação

A explicação dos conceitos acima depende da apreciação da relação entre a Torá e nosso mundo. Nossos Sábios afirmam: "A Torá precedeu o mundo"⁹. Aqui, o conceito de precedência não é cronológico, pois o tempo, assim como o espaço, é uma criação, relevante somente depois que D'us criou a existência. Em vez

.....
disso, o objetivo é que a Torá está em um nível de verdade espiritual que transcende nossa estrutura material de referência.

Apesar da Torá “descer” e “se revestir” em nosso mundo, falando de assuntos aparentemente comuns - como as leis da agricultura, códigos para uma prática comercial justa, e a estrutura adequada do casamento e os relacionamentos familiares - esta não é sua essência. A essência da Torá é “a vontade de D’us e Sua sabedoria”, unida com Ele em perfeita unidade¹⁰.

Já que a Torá está fundamentalmente acima de nossa estrutura mundana, para que ela seja revestida pelo mundo, ela deve passar através de um mediador conectado tanto com o núcleo espiritual da Torá quanto com nossa natureza mortal. Moshê, nosso professor, possuía este atributo.

Por um lado, Moshê representava o máximo em anulação, humildade, dedicação abnegada a D’us, um compromisso que transcende o pensamento mundano. Ao mesmo tempo, ele representava a perfeição no intelecto, emoção e até na força e estatura física de um humano¹¹. Como tal, ele era capaz de transmitir a verdade espiritual transcendental da Torá de uma forma que os mortais pudessem compreender¹².

Dois Padrões Contrastantes

Em particular, o pensamento chassídico descreve duas formas nas quais funciona um mediador¹³:

a) Derech ma’avir: o mediador age meramente como um funil. Ele não muda ou modifica a influência que recebe; ele meramente a transfere. Assim, mesmo quando uma mensagem é trazida a um plano inferior, ela permanece transcendental.

b) Derech hislabshus: o mediador coloca o conceito em suas próprias palavras. Isto muda a forma de apresentação do conceito e, assim, permite que ele seja captado pelos ouvintes.

E assim é em relação à Torá. Os quatro primeiros livros foram transmitidos através de Moshê sem qualquer interferência de sua parte; ele os transmitiu ao Povo Judeu da mesma forma como os recebeu¹⁴. Com o Sefer Devarim, ao contrário, a palavra de D’us se tornou parte essencial do próprio pensamento de Moshê.

Baseado nesta explicação, nós podemos ver porque todas as autoridades concordam que é possível derivar questões da lei a partir da ordem de assuntos do Sefer Devarim. Em relação aos quatro primeiros livros da Torá, a ordem é estruturada pela sabedoria Divina, de acordo com um padrão além do pensamento humano¹⁵. Já que a interpretação da lei da Torá “não está no céu”¹⁶, mas foi entregue ao intelecto humano, existem opiniões que mantêm que a proximidade de passagens naqueles livros não serve como um guia.

O Sefer Devarim, entretanto, foi filtrado através do intelecto de Moshê, e a ordem de seus versículos corresponde àquele do pensamento humano. Portanto, a proximidade de assuntos neste texto pode servir como uma base para a derivação das leis da Torá.

Conhecimento Interiorizado

Mas, por que o Sefer Devarim é necessário? Revestir a Torá no intelecto humano nada faz além de diminuir o seu conteúdo espiritual. Para que propósito isto é necessário?

No entanto, esta é a intenção de D’us ao entregar a Torá: que ela permeie o pensamento humano e, assim, eleve a compreensão do homem. Sempre que uma pessoa estuda a Torá, independentemente de seu nível espiritual, ela está tornando a sua infinita verdade parte de sua própria natureza.

Se existissem somente quatro livros na Torá, teria sido impossível para os nossos poderes de entendimento terem se unido completamente com a Torá. Foi somente por ter passado o Sefer Devarim através do intelecto de Moshê que este objetivo foi cumprido. Além disso, a revisão da Torá por Moshê no Sefer Devarim nos dá a capacidade de entender os quatro livros anteriores de uma forma semelhante.

Elevando a Torá

Revestir a Torá no intelecto humano não concede simplesmente ao homem a oportunidade de avanço, mas também introduz, por assim dizer, uma qualidade superior na própria Torá. Pois revestir a espiritualidade ilimitada nos confins do intelecto humano representa uma fusão de opostos que é possível somente através da influência da essência de D’us¹⁷. Porque sua presença transcende tanto a finitude quando a infinitude, ela pode fundir as duas, trazendo a verdade espiritual da Torá ao alcance dos mortais.

Nas Margens do Jordão

Moshê recitou o Sefer Devarim enquanto os judeus estavam às margens do Rio Jordão, preparando-se para entrar em Eretz Yisrael. O cruzamento do Jordão seria um movimento tanto espiritual quanto geográfico. Durante suas jornadas através do deserto, os judeus dependeram de expressões milagrosas do favor Divino: eles comeram o maná, sua água vinha da Fonte de Miriam, e as Nuvens da Glória preservavam suas vestimentas. Depois de entrarem em Eretz Yisrael, entretanto, o Povo Judeu viveria dentro da ordem natural, trabalhando na terra e comendo os frutos de seu trabalho.

Para tornar esta transição possível, eles precisaram de uma abordagem da Torá que relacionasse o homem da forma que ele funciona dentro deste meio mundano. Foi para este propósito que Moshê ensinou o Sefer Devarim.

Nisto reside uma conexão com os dias de hoje, pois nós também estamos “às margens do Jordão”, preparando-nos para entrar em Eretz Yisrael junto com Mashiach. É através da abordagem enfatizada pelo Sefer Devarim, fundindo a palavra de D’us com a sabedoria humana¹⁸, que nós mereceremos a era em que “a ocupação de todo o mundo será somente para conhecer D’us”¹⁹, a Era da Redenção.

NOTAS

1. Devarim 1:1.

2. Megilá 31b.

3. Tosafos, op. cit.

.....
4.Mishnê Tora, Hilchos Teshuvá 3:8.

5.Devarim 11:13.

6.Ver Zohar III, p. 232a; Shmot Rabá 3:15.

7.Berachot 21b; Yevamos 4a.

8.Raaban (Rabbi Eleazar ben Nasan), seção 34.

9.Midrash Tehilim sobre 90:4; Bereishis Rabá 8:2. Ver também a explicação deste conceito no maamar Issa B'Midrash Tehilim, 5653 [Sefer HaMaamarim 5708, p. 272ff, (o maamar recitado tanto pelo Rebe Rashab quanto pelo Rebe Anterior em suas celebrações de bar-mitsvá].

10.Ver Tanya, cap. 4.

11.Ver Shabos 92a, Nedarim 38a. Ver também o comentário da Mishná (Sanhedrin 10:1), que descreve Moshê como “o mais perfeito de toda a humanidade”.

12.Ver Avos 1:1.

13.Ver Tanya, Kuntres Acharon, p. 158a, Or HaTorá, Vayicrá, Vol. II, p. 468ff.

14.Ver o oitavo dos Treze Princípios da Fé do Rambam (Comentários da Mishná, Sanhedrin 10:1).

15.Ver Shelo 402b.

16.Devarim 30:12; cf. Bava Metzia 59b.

17. Ver Likutei Sichot, Vol. VI, p. 117-118, que explica que o número 5 reflete uma conexão com a essência de D'us. É Devarim, o quinto livro da Torá, que expressa esta dimensão da forma mais completa.

18. Isto também está relacionado à especial contribuição da Chassidut Chabad. Chabad é um acrônimo das palavras hebraicas que significam “sabedoria, entendimento e conhecimento”. Como indicado, os ensinamentos de Chabad se esforçam para transmitir as profundas verdades místicas de nossa Torá de uma forma que possa ser captada pelos mortais. Como o Baal Shem Tov ensinou (ver a famosa carta enviada a seu cunhado Reb Gershon Kitover, publicada em Ben Poras Yosef), quando as fontes destes ensinamentos se espalharem, Mashiach virá. Ver o ensaio intitulado “Bridging the Gap” (Timeless Patterns in Time, Vol. I, p. 101).

19. Rambam, Mishneh Torah, Hilchos Melachim 12:5.

Shabat Chazon: O Shabat da Visão

A Haftará desta semana é a terceira de uma série de três “Haftarot de aflição”. Estas três Haftarat são lidas durante as Três Semanas de luto por Jerusalém, entre os jejuns de 17 de Tammuz e de 9 de Av.

Yeshayahu (1:1-27) transmite aos judeus uma visão Divina que ele teve, castigando os residentes de Judah e Jerusalém por terem se rebelado contra D'us, criticando-os por repetirem seus erros e não abandonarem seus caminhos pecaminosos – mesmo depois de terem sido repreendidos e punidos. “Desgraça para

uma nação pecadora, um povo pesado em iniquidade, semente da transgressão, filhos corruptos.

Eles abandonaram D'us; eles provocaram o Santo de Israel”. Duras palavras são empregadas, comparando os líderes judeus aos reis de Sodoma e Gomorra. D'us declara seu desgosto por seus sacrifícios e oferendas que foram temperadas com costumes pagãos. “Como ela se tornou uma prostituta, uma cidade pecaminosa; ela já foi repleta de justiça, na qual a virtude se alojava, mas, agora, é uma cidade de assassinos...”.

Yeshayahu então fala palavras mais gentis, encorajando o povo a se arrepender sinceramente e praticar atos de justiça e bondade para os necessitados, órfãos e viúvas, e prometendo-lhes o melhor da terra em troca de sua obediência. “Se vossos pecados se mostrarem como o carmesim, eles se tornarão brancos como a neve; se eles se mostrarem vermelhos como a tinta carmesim, eles se tornarão como a lã”. A Haftará conclui com uma promessa de que D'us novamente estabelecerá os juizes e os líderes de Israel, quando “Tziyón será redimida através da justiça e seus penitentes através da justiça”.

A primeira palavra da Haftará é “Chazon” (“A visão [de Yeshayahu]”). O Shabat em que esta Haftará é lida, o Shabat anterior a Tishá beAv é, assim, chamado de “Shabat Chazon”, o “Shabat da Visão”. De acordo com a tradição chassídica, neste Shabat, a alma de todo judeu é presenteada com uma “visão” do Terceiro Templo Sagrado que será reconstruído com a chegada do Mashiach.

Devarim e Shabat Chazon

A Parashat Devarim é sempre lida no Shabat Chazon (literalmente: “o Shabat da Visão”), o Shabat que antecede Tishá BeAv, o dia nove do mês judaico de Av. Como não há coincidências no judaísmo, tem de haver, portanto, alguma ligação entre Parashat Devarim e o Shabat Chazon.

O Chumash Devarim é singular por ser o único dos cinco livros da Torá que foi transmitido por Moshê à geração dos judeus que estava prestes a entrar na Terra de Israel.

A geração dos judeus que vagaram pelo deserto é conhecida como “a geração do conhecimento”. Por estarem num nível espiritual tão elevado, que chegava a ser proporcional ao de Moshê, puderam ter uma existência totalmente espiritual. A geração que entrou em Israel, porém, iniciou um capítulo totalmente novo na história judaica. Por ter de ocupar-se com assuntos mais mundanos, seu nível espiritual é considerado inferior ao da geração que a antecedeu. Apesar de tudo, foi justamente a geração que entrou em Israel que pôde realizar o plano Divino.

D'us quer que O sirvamos dentro do contexto do mundo material, estabelecendo “uma morada” para Ele nos “mundos inferiores”. Por isso, embora os judeus que entraram em Israel fossem inferiores, em termos espirituais, comparados a seus pais, tinham certa vantagem sobre eles: os judeus que entraram em Israel conseguiram alcançar um nível de “paz e segurança” que a geração anterior não conseguiu.

Shabat Devarim é, portanto, a junção de dois opostos. Por um lado, a entrada dos judeus em Israel foi uma descida muito

.....
grande, pois significava contato diário com assuntos mundanos. Por outro lado, foi justamente por meio dessa descida que puderam atingir o mais elevado dos picos: o cumprimento do plano de D'us.

O Shabat Chazon é, também, repleto de contrastes. É durante os Nove Dias, uma época em que estamos de luto pela destruição do Bet Hamikdash. Mas ao mesmo tempo, como o famoso Rabi Levi Yitschak de Berdichev explicou, no Shabat Chazon todo judeu tem uma visão do Terceiro Bet Hamikdash, uma construção que será infinitamente superior aos dois Templos Sagrados que o precederam.

Portanto, o Shabat Chazon representa, como Devarim, o mesmo tipo de descida que leva a uma subida. É justamente através da descida que causou a destruição do Templo que chegaremos ao mais elevado dos pináculos: o estabelecimento do Terceiro Bet Hamikdash por Mashiach, que seja imediatamente.

Adaptado de Likutê Sichot, vol. II. (Traduzido de "L'Chaim Weekly")

O Lado Escuro da Lua

O Poder da Rejeição

Para ver realmente do que alguém é feito, observe a pessoa em tempo de crise. Moshê está nas notícias esta semana.

Na porção desta semana da Torá lemos: Devarim – “estas são as palavras que Moshê falou...” Este é o início do quinto livro da Torá, que na sua totalidade documenta as palavras que Moshê disse ao povo nos últimos 37 dias de sua vida na terra.

Sabendo que tinha pouco tempo de vida, Moshê revê todos os eventos que os judeus tinham vivenciado no decorrer dos últimos 40 anos, desde que deixaram o Egito. Ele discute o relacionamento que os judeus tinham estabelecido com D'us, as instruções que D'us deu a eles, e os encoraja a cumprir esses ensinamentos nas gerações futuras. No Livro de Devarim, Moshê na verdade está deixando ao povo seu testamento e sua última vontade.

De fato, em suas palavras imortais (Devarim), Moshê nos deixa mensagens eternas que são especialmente apropriadas para esta época do ano.

Portanto não é coincidência que este período – quando lemos as palavras de Moshê no Livro de Devarim – coincida com a fase em que Moshê passou na montanha conversando com D'us.

Tempo, segundo o pensamento judaico, é um fluxo espiral de energia que anualmente repete sua órbita. Os eventos na história são na verdade formas de energia-experiência que revivemos quando atingimos o mesmo ponto no tempo a cada ano. Portanto, embora Moshê tivesse subido a montanha 40 anos antes de falar suas últimas palavras, neste tempo a ‘energia’ prevalecente é a de Moshê e suas palavras.

Isso também coincide com a parte mais triste do Calendário Judaico. No décimo terceiro dia da jornada de 40 dias de Moshê no Monte Sinai, entramos no difícil mês de Av.

Esse é o segundo segmento dos três períodos de 40 dias que Moshê passará na montanha. O primeiro período de 40 dias (6 de Sivan-17 de Tamuz) é quando Moshê recebe e lhe é ensinada a Torá inteira. Ele então desce, descobre o bezerro de ouro, o destrói, quebra as Tábuas, e então retorna à montanha para o segundo período de 40 dias (18 de Tamuz-29 de Av), implorando perdão a D'us. Sem ter sucesso, ele volta para um terceiro período de 40 dias (30 de Av-10 de Tishrei) e dessa vez é bem-sucedido, e desce triunfante em Yom Kipur com as Segundas Tábuas nas mãos.

Sabemos muito sobre o primeiro e o terceiro períodos de 40 dias. Ambos estão bem documentados na Torá. O primeiro – quando Moshê recebe a Torá; o último quando D'us mostra a Moshê “Seus caminhos” e revela a ele os Treze Atributos Divinos de Compaixão.

Em contraste, sabemos quase nada sobre o período intermediário de quarenta dias. Sabemos que são chamados dias de “ira” (Seder Olam cap. 6. Rashi Devarim 10:10), porque D'us não é receptivo às súplicas de Moshê (em contraste com o terceiro período de 40 dias, que são chamados “dias de compaixão”, quando D'us recebe bem as preces de Moshê).

Como é comum, a curiosidade humana gravita para o desconhecido e misterioso. O que aconteceu nesse período intermediário de 40 dias? Como Moshê conseguiu encarar um D'us “furioso” por 40 dias no total? O que ele disse e o que ouviu? Acima de tudo, o que o fez insistir quando não estava recebendo qualquer resposta positiva? E como ele se aventurou a voltar pela terceira vez quando fora rejeitado por 40 longos dias e noites?

O que é tão intrigante sobre isso é que é um verdadeiro caso a se estudar – talvez o supremo – sobre a resistência e confiança humanas. Quando se deparam com um desafio formidável, e o sucesso parece impossível, de que as pessoas são capazes? Quando devemos desistir e quando devemos persistir? E acima de tudo, como seguimos em frente quando tudo ao nosso redor está desmoronando?

Se Moshê tivesse conseguido receber o perdão de D'us com pouco ou nenhum esforço, não teríamos uma lição. Obviamente, o grande Moshê tem o ouvido de D'us, portanto não é surpresa que ele possa vencer qualquer porta. Mas e quanto a nós, pessoas comuns, – o que podemos realmente esperar conseguir quando tudo parece perdido?

Isso traz à mente uma história, que pode ou não ser relevante aqui [mas, uma boa história sempre é oportuna...].

O Baal Shem Tov reuniu dez tsadikim para rezar por uma criança muito doente, mas foi em vão. Como último recurso, ele foi aos arredores da cidade e reuniu dez ladrões e pediu-lhes que rezassem pela criança. As preces ajudaram, e a criança se recuperou. Mais tarde, quando lhe perguntaram como as preces dos ladrões podiam conseguir aquilo que os tsadikim não puderam, o Baal Shem Tov respondeu com um sorriso: “Eu vi que todos os portões do céu estavam selados, e eu precisava de alguém para arrombar...”

Porém, Moshê não conseguiu facilmente romper os portões do céu. Nesse período intermediário de 40 dias, todos os esforços dele não produziram os resultados que ele esperava. E mesmo

.....
assim, é exatamente nessa rejeição que podemos aprender as mais profundas lições na vida.

De fato, esta é a mensagem mais profunda do mês em que estamos entrando, Av. Na superfície, Av é o mês mais triste do ano, sendo o tempo em que trágicos eventos ocorreram na história, dos quais o maior é a destruição dos dois Templos Sagrados em Jerusalém. Os Nove Dias (de 1 a 9 de Av) são tradicionalmente uma fase de luto, quando evitamos celebrações e entretenimento. A tristeza se intensifica à medida que nos aproximamos de Tisha B'Av (9 de Av), até o nono dia, que é um jejum de 25 horas, quando amortecemos as luzes e sentamos "shiva" – em luto pelos Templos destruídos. O que devemos fazer nesses dias tristes?

O Arizal nos diz que na angústia da tarde de Tisha B'Av, quando as chamas estiverem consumindo o Templo, nasce o Mashiach. A Redenção é concebida das cinzas da destruição.

Nas trevas mais profundas está a luz mais poderosa. No entanto, com a nossa limitada perspectiva, somente podemos ver uma dimensão por vez; ou vemos escuro ou vemos luz. Alguém com profunda visão e concentração muito forte pode ver a luz dentro da escuridão. Moshê foi uma pessoa assim. Quando D'us o recusou durante o segundo período de 40 dias, Moshê não sentiu rejeição; ele viu oportunidade. Onde outros viram "ira", ele viu desafio. Onde outros viam desesperança, ele viu potencial.

Moshê teve essa visão porque tinha uma fé inabalável na bondade essencial de D'us e absoluta confiança de que o bem sempre iria prevalecer. Não havia a palavra "não" em seu vocabulário, nem a palavra "impossível" ou "desesperança". Armado com tamanha confiança, nada, absolutamente nada, poderia abalar Moshê. Ele nem mesmo aceitou D'us dizendo-lhe que seu pedido era impossível. Moshê era supremamente resoluto, persistente – absolutamente seguro de que sua causa era certa, e que aquilo que é certo irá triunfar.

Rabi Akiva foi outro homem assim, quando riu enquanto olhava para o Monte do Templo desolado. E também o Arizal, quando viu a redenção em seus momentos mais sombrios.

Nossa visão pode não estar bem no nível dessas grandes almas. Porém, somos abençoados com a capacidade de olhar para a vida por intermédio dos olhos deles. Quando lemos as palavras de Moshê, estamos essencialmente recebendo o dom de ver a vida pelos seus olhos. O mesmo com Rabi Akiva, o Arizal e outros desse calibre.

Pergunte a si mesmo: como você lida com a rejeição? Com desapontamento, com sonhos esfacelados e promessas quebradas? Como olhar para os momentos mais sombrios da vida, para as falhas e as perdas?

A jornada aparentemente mal-sucedida de Moshê ao Sinai nesses dias na verdade foi muito bem-sucedida, na medida que nos permite ter um vislumbre sobre um homem de D'us sob pressão; nos habilita com a capacidade de ver o processo, não apenas os resultados.

Acima de tudo: fez surgir a compaixão dos 40 dias seguintes, culminando com Yom Kipur. O Shaloh escreve que Aryeh (a mazal/sinal do mês de Av) é um acrônimo para Elul. Rosh

Hashaná, Yom Kipur, Hoshaná Rabá. A compaixão de Elul; a renovação de Rosh Hashaná; o perdão de Yom Kipur; e o encerramento de Hoshaná Rabá – todos nasceram da energia de Av.

É verdade que não estamos satisfeitos com esses 40 dias de "ira" – nem Moshê ficou: o que queremos é ter compaixão em nossas vidas, e sentir conscientemente o triunfo da esperança que foi finalmente atingido em Yom Kipur. Porém, ao mesmo tempo, o sucesso tardio de Moshê foi determinado por como ele lidou mais cedo com a rejeição, melhor dizendo: como isso o deixou inabalável, e mais resoluto que nunca. O ditado afirma: há pessoas que são como saquinhos de chá. Você não sabe como são fortes até que as coloca na água quente. Quando você pensa a respeito, não parece demais dizer que esse período de 40 dias encerra o segredo da vida, o segredo de Moshê, o segredo da eternidade.

Sua maneira de lidar com crise, com rejeição, com fracasso, irá determinar o quanto você será bem-sucedido no final. Pode-se dizer que o sucesso na verdade nasce do fracasso. Algumas pessoas ficam desmoralizadas e esmagadas quando fracassam. Outras permitem que o insucesso as eduque e as motive, para embutir nelas uma força mais profunda, que lhes dá o poder para sair-se bem no futuro.

Sim, existem aqueles que veem este mês como Av – o mês mais triste no calendário. Alguns até mesmo dominaram os métodos para prantear e lamentar. Porém, existem outros que veem o Menachem (em) Av (o nome completo do mês) – eles veem o conforto e o consolo dentro da tristeza.

Rabi Levi Yitschak de Berditchev nos diz que em Shabat Chazon (o Shabat anterior a Tisha B'Av) é mostrado a cada um de nós o Terceiro Templo a distância, a fim de evocar em nós o desejo de ter o Templo conosco. Daí, o nome Shabat Chazon – o Shabat da Visão. Existem aqueles que têm a visão de Yeshayáhu, que descreve a visão da destruição; e aqueles que veem o Terceiro Templo reconstruído. Temos o poder de escolher nossas visões. Por que você não seria um daqueles que veem o Menachem em Av?

A Herança Eterna do Povo Judeu

Em Tor@mail - (Ensaio baseado num discurso falado pelo Rebe de Lubavitch em 4 Av 5740, 17 de julho de 1980)

Na Parashá desta semana, Devarim, Moshê se despede de sua nação apenas algumas semanas antes de sua morte, e narra as experiências da jovem nação durante os quarenta anos de jornada no deserto do Sinai, no caminho para a Terra Santa.

Durante essa longa caminhada: desde o Egito até as margens orientais do Rio Jordão, passando pela península do Sinai, os forçou a passar por vários países vizinhos, todos antagonistas ao povo de Israel. Moshê registra então as instruções que dá aos Israelitas de como tratar esses países vizinhos. Suas palavras são tanto chocantes como atordoantes; seu poder moral ecoa até os dias de hoje.

"D'us disse a mim," Moshê relembra, "Dê ao povo as seguintes instruções: 'Vocês estão passando pelas fronteiras de seus irmãos, os descendentes de Essav, que moram em Seir-Edom

.....
[Sudeste de Israel]. Embora eles tenham vocês, vocês devem ser muito cuidadosos. Vocês não devem provocá-los, pois não lhes darei nem uma porção de sua terra. Como herança para Essav já lhes dei o Monte Seir...

Vocês devem comprar comida deles pagando em dinheiro para que tenham o que comer; e água também vocês devem comprar pagando em dinheiro para ter o que beber."

Além de Edom-Seir essa mesma cena se repete com o povo de Moav e Amon (descendentes de Lot). D'us nos proíbe de tomar qualquer parte da terra de Moav e de Amon, assim como ordenou em relação a Seir.

Essas palavras pronunciadas há mais de 3 mil anos são impressionantes. Quando o mundo ainda era um deserto moral, uma sociedade pagã e bárbara, os judeus foram impedidos de tomar mesmo um centímetro de terra dos territórios de Seir, Moav e Amon.

Por que a Torá, um livro mais de ensinamentos morais do que de dados históricos, registra uma instrução aparentemente insignificante com relação ao encontro dos judeus com 3 países? Que relevância isso tem para nós hoje?

A resposta é dramaticamente clara. A Torá está nos comunicando as circunstâncias ligadas à conquista e estabelecimento de nossa terra, Erets Israel, para que quando as Nações Unidas, a Corte Internacional de Justiça, a Comunidade Europeia, os países Árabes etc. decretarem Israel como um estado que ocupa terras árabes anexadas de outros países, o povo judeu possa abrir sua própria constituição, a Torá, e mostrar a mensagem inabalável de verdade moral:

"Ouçam bem, defensores da 'moralidade e direitos humanos'! Não venham falar conosco sobre terra roubada. Numa época em que a maior parte das tribos e nações degolavam seus próprios filhos para deuses pagãos, onde pais praticavam infanticídio regularmente, canibalismo era a dieta diária, e a maior parte das pessoas nem tinha ideia do que era certo ou errado – o povo judeu aprendeu que não deveria tocar no que não era seu.

Não podiam colocar o pé num território que não fosse seu. O mesmo D'us que os instruiu a não entrar em solo estrangeiro, lhes concedeu a Terra de Israel – todo o território da Jordânia ao Mediterrâneo – como Seu presente para o povo judeu. Não é terra roubada; é a herança eterna do povo judeu!"

Israel se tornou uma nação em 1313 AEC, 2000 anos antes do Islã. 40 anos depois, em 1273 AEC os judeus conquistaram a terra de Israel e a dominaram por mil anos. Nesse tempo todo Israel contou com a presença contínua de judeus nos últimos 3.300 anos. Chamar os israelenses de "ocupantes dos territórios da Margem Ocidental, Gaza e Jerusalém Oriental é como chamar os Franceses de ocupantes de Paris e Britânicos ocupantes de Londres.

O conflito atual entre Israel e os países árabes não tem absolutamente nada a ver com qualquer ocupação. Em 1967, quando não havia nenhuma colônia judia e nenhuma ocupação, cinco países Árabes – Jordânia, Síria, Egito, Iraque e Líbano se

juntaram à Arábia Saudita e criaram um plano para aniquilar Israel e "jogar os judeus no mar".

Yashiko Sagamori, um porta voz da "National Unity Coalition for Israel", colocou muito bem num artigo:

"Se você tem certeza de que a Palestina, o país, tem algum passado na história registrada, você deve responder algumas perguntas: "Quem fundou a Palestina e quando? Quais eram suas fronteiras? Qual era sua capital? Quais eram suas principais cidades? Que tipo de governo tinha? Qual era o idioma desse país? Qual era a religião principal? Qual era o nome de sua moeda? Escolha qualquer época da história e diga quanto essa moeda equivalia com relação ao dólar americano, marco alemão, yen japonês, yuan chinês etc. E, finalmente, já que não existe esse país hoje, o que causou sua derrubada e quando isso aconteceu?

Na realidade, os palestinos são árabes normais, indiferenciáveis dos jordanianos, sírios, libaneses, iraquianos, egípcios etc.

O principal erro estratégico e diplomático israelense provém da aceitação do pedido árabe por uma terra palestina. O mundo fica confuso: a posição árabe está clara para todos; a posição israelense está coberta em mistério.

'Afinal de contas, eles acreditam que aquela terra pertence a eles ou não? Se acreditam, que parem de dizer que consentem a criação de um estado palestino lá. E se não acreditam, porque continuam lá?' Quando falamos a verdade, devemos ser firmes e resolutos.

Um Testamento de Amor

"Estas são as palavras que Moshê falou a todos de Israel além do Rio Jordão, no deserto, em Aravat, em frente ao Suf, entre Paran e Tofel, e Lavan e Chatzerot e Di-Zavah" (Devarim 1:1).

Embora este versículo possa representar a abertura e introdução ao Sêfer Devarim, à primeira vista o versículo parece permeado de passagens problemáticas e expressões. O observador atento perceberá imediatamente que não apenas os judeus não foram localizados no deserto, como o versículo parece sugerir (eles estavam na verdade nas planícies de Moav), mas em lugar algum da Torá encontramos menção a locais como Paran, Tofel e Lavan.

Rashi resolve o enigma com a explicação de que na realidade este versículo não tem intenção de informar-nos sobre a localização dos filhos de Israel. Ao contrário, estas frases são na verdade alusões a fatos e servem como continuação da primeira metade do versículo. Dessa maneira, o versículo poderia na verdade ser lido: "Estas são as palavras (de admoestação) que Moshê falou a todos de Israel," com o versículo continuando a delinear os vários pecados cometidos pelos judeus no deserto, cada "lugar" referindo-se a um mal diferente.

Entretanto, deparamo-nos imediatamente com outra dificuldade: por que deveria Moshê mascarar suas palavras de repreensão com um manto de disfarce? Por que não simplesmente vir direta e claramente delinear os crimes do povo judeu?

Uma vez mais Rashi vem em nossa ajuda, explicando que Moshê escolheu ocultar sua repreensão em pistas e alusões para não

.....
arriscar-se a insultar ou ofender o próximo judeu. Se nos detivéssemos apenas um momento para refletir sobre as palavras de Rashi, poderíamos facilmente dispensá-las e seguir adiante. Entretanto, o tempo empregado em mergulhar um pouco mais a fundo na interpretação de Rashi vale a pena, pois ela revela ser um tesouro notável.

O Livro de Devarim representa a conquista final de Moshê como líder dos filhos de Israel. Ele guiou os judeus através do deserto por quarenta anos, agindo às vezes como pai e, em outras, como mediador e negociador. Cuidou de tudo. Agora chegou a hora de Moshê pronunciar suas palavras finais de admoestação e encorajamento. É agora ou nunca; se os judeus não entenderem a mensagem desta vez, jamais o farão.

Certamente, poder-se-ia esperar que Moshê desejasse que suas intenções ficassem tão claras quanto possível, a fim de não deixar margem para mal-entendidos. Entretanto, encontramos exatamente o oposto neste versículo, pois Moshê mascara sua mensagem com um véu de alusões e referências enigmáticas.

E por qual razão? Para não ofender e embaraçar o judeu, o que poderia levar à desunião entre o povo. Moshê está disposto a correr o risco de que suas palavras finais de advertência possam ser mal interpretadas ou aplicadas erroneamente, a fim de manter a harmonia no acampamento de Israel. A demanda pela paz é tão grande que até mesmo supera a significativa mensagem de Moshê em seu discurso final.

Na verdade, encontramos a mesma idéia nas palavras de nossos sábios a respeito do reino de Achav, um dos reis mais perversos que Israel teve. O Talmud (Tratado Yerushalmi Pe'ah) ensina que embora a prática de idolatria tenha engolfado praticamente toda a população judaica em Israel na época, mesmo assim os exércitos de Achav foram capazes de derrotar seus inimigos na guerra. Por quê? Por causa da unidade e harmonia que reinava entre os judeus, que suplantou mesmo o grave pecado da idolatria.

A mensagem é clara – a necessidade de paz e solidariedade entre o povo judeu é da maior importância. Mesmo a última vontade e testamento de Moshê, ou o mal da idolatria, não podem minar a importância da unidade. Embora devamos estar sempre cientes desta realidade, o período no qual nos encontramos agora clama para que tenhamos mais atenção ainda com o assunto.

Este intervalo entre Shivah Asar B'Tammuz e Tishah B'Av, conhecido simplesmente como "Três Semanas", comemora os acontecimentos que culminaram com e incluíram a real destruição dos dois Templos Sagrados em Tishav B'Av. O Talmud (Tratado Yoma 9b) ensina que a destruição do Segundo Templo foi provocada pelo mal do ódio injustificado para com outros. Foi a falha dos judeus daquela época em reconhecer a importância de respeitar e honrar as necessidades do irmão judeu que levou à infeliz destruição do Templo.

Cabe a nós retificar esta omissão, levando a sério a importante lição oculta nas palavras de Rashi na porção desta semana da Torá. Pois assim como o Templo foi destruído por causa de ódio não justificado, assim também será reconstruído pela bondade não justificada.

O Presente da Identidade

Por Rabi Mordechai Gafni

O Sêder é uma noite mística, mágica.

Porém é muito mais que isso. É a noite em que os pais dão aos filhos o presente da identidade. Através desse rito de passagem, os pais transmitem ao filho uma certeza intrínseca sobre seu lugar no mundo. A criança aprende que é infinitamente valiosa e digna; entende intuitivamente que sua existência no mundo como judeu tem um significado e um propósito.

Como esta poderosa "certeza de ser" emerge de uma refeição festiva que celebra um antigo acontecimento histórico?

Na monotonia da vida diária, a certeza de ser parece eternamente ilusória. Parte do problema está na maneira pela qual vivenciamos o tempo. Com frequência, vivemos segundo as palavras de um adágio medieval: "O passado não é mais, o futuro ainda não é, e o presente é um piscar de olhos." Nessa concepção, não temos uma âncora no fluxo torrencial do tempo. Todos os vestígios de uma identidade firme são varridos para longe. O presente fugaz está divorciado do passado e do futuro.

Uma maneira radicalmente diferente de vivenciar o tempo é aquilo que chamo de "Tempo Pêssach" – um presente que encerra tanto o passado como o futuro. Prisioneiros que estiveram encarcerados durante décadas no gulag dizem que sua capacidade de sentir a vida através do prisma de suas memórias e sonhos foi uma âncora de esperança num presente intolerável. Foi sua capacidade de viver em "Tempo Pêssach" que lhes deu a força para enfrentar uma realidade que lhes negava dignidade e valor. Foi isso que lhes deu esperança.

A memória é a essência da esperança: este é o significado profundo do ensinamento de Rabi Nachman de Breslav, que quando um judeu acorda pela manhã, deve lembrar-se do mundo como poderia ser – como será um dia. Como escreve Gabriel Marcel – "A esperança é a memória do futuro." Em resposta à pergunta de "Quem sou eu?" o ser humano responde: "Sou minha memória e meus sonhos; sou minha história e minha esperança. Tanto o passado quanto o futuro vivem no presente e informam minha identidade interior. Sou a soma de minhas memórias do passado e do futuro. Eles dão à minha vida seu semblante, caráter e forma únicos."

Sob o ponto de vista judaico, a memória individual não está sozinha. Ela se funde com a memória do povo, à medida que o coletivo e o pessoal se juntam. A identidade de um judeu é formada pela simbiose da história de sua pessoa e a história de seu povo.

Em contraste com o judeu está Amalêc – um povo sem memória. Esta concepção sublinha o ensinamento cabalista de que Amalêc é igual a safec (incerteza).

Análise este exemplo histórico: Os Filhos de Israel deixaram o Egito. Enquanto viajam pelo deserto, "as nações estremecem". Ainda está fresca na memória a impressionante exibição do poder Divino que caracterizou o Êxodo. Não é para menos que todas as nações tenham evitado atacar Israel. Somente um país ataca: Amalêc. Por quê? Porque Amalêc não tem memória, vive numa realidade afastada do passado e do futuro.

.....
É por este motivo que Amalêc é o símbolo bíblico do mal. Para os Gregos, o mal se origina na falta de conhecimento. Platão escreveu que a virtude é conhecimento, e a ignorância é a fonte do mal. Para os judeus, no entanto, a fonte primária do mal é a perda da memória, não a falta de conhecimento. Apropriadamente, Amalêc – o símbolo do mal nas fontes judaicas – é a pessoa ou o povo sem memória.

Uma das modernas encarnações de Amalêc foi o movimento nazista. Elie Wiesel tentou capturar a essência daquilo que o nazista disse ao judeu em seu discurso de aceitação do Prêmio Nobel.

"Esqueça. Esqueça de onde veio, esqueça quem você foi. Somente o presente importa." Os nazistas não apenas queriam matar os judeus, como queriam também destruir sua certeza de identidade. Portanto, esse foi o método nazista: a destruição da memória.

Não é surpresa que a principal atividade intelectual dos simpatizantes contemporâneos do Nazismo seja o revisionismo histórico, ou a negação do Holocausto. Revisar a história é destruir a memória, o que equivale a assassinar mais uma vez. A redenção segundo o modelo bíblico depende da erradicação de Amalêc. A redenção é a recuperação da memória. Assim, é correto que a resposta judaica a Amalêc seja: "Lembra-te do que Amalêc fez quando tu deixaste o Egito."

O Sêder de Pêssach é uma refeição da memória. Lembramo-nos e nos identificamos com a certeza que o povo de Israel sentiu na infância de sua nação. Os 40 anos no deserto são a "primeira infância" de Israel. D'us age no papel de um pai amoroso, concedendo a seus filhos o alimento (maná) e proteção contra o mal. Nós recordamos o amor incondicional que D'us tem por nós. No decorrer de toda a incerteza dos anos subseqüentes, é o poder deste amor incondicional que nos sustenta.

Terminamos o Sêder com um sonho para o futuro. No próximo ano em Jerusalém. Não apenas Jerusalém, a cidade física, mas Jerusalém, o símbolo de um amanhã melhor. No Sêder de Pêssach, damos aos nossos filhos a promessa de um sonho e o mais doce de todos os presentes: o dom da memória.

A Ciência da Sobrevivência Judaica

Por Dov Greenberg

Há mais de três mil anos, um grupo de escravos judeus foram libertados do Egito. Desde então, nessa época do ano, revivemos sua história em Pêssach, a Festa da Liberdade.

Imagine que pudéssemos viajar de volta no tempo e dizer ao Faraó: "Temos boas e más notícias. A boa é que um dos povos que estão vivos hoje sobreviverá e mudará a paisagem moral do mundo. A má notícia é: não será o seu povo. Será aquele grupo ali de escravos hebreus, que estão construindo seus gloriosos templos, os Filhos de Israel."

Nada poderia ser mais ultrajante. O Egito do tempo dos faraós era o maior império do mundo antigo, brilhante em artes e ciências, formidável na guerra. Os israelitas eram um povo sem terra, escravos indefesos. De fato, já na antiguidade, aqueles no poder acreditavam que os israelitas estavam em vias de extinção. A primeira referência a Israel fora da Bíblia é um obituário do povo

judeu. Está inscrito numa pedra grande de granito, que hoje se encontra no Museu do Cairo: Ali diz: "Israel acabou. Sua semente não existe mais."

A história da sobrevivência judaica é tão excepcional, vasta e sem paralelos que desafia a imaginação. Em nosso próprio século, as duas grandes potências que anunciaram: "Israel acabou" – o Terceiro Reich de Hitler e a União Soviética – foram esmagados e desmantelados. Porém o povo de Israel vive.

Muitos pensadores e cientistas sociais tentaram, e ainda estão tentando, entender a sobrevivência de um povo, uma fé e um legado durante três milênios de condições históricas praticamente impossíveis. Blaise Pascal, o notável pensador, matemático, teólogo, físico francês do Século Dezesete, escreveu:

"Em algumas partes do mundo podemos ver um povo peculiar, separado dos outros povos do mundo, chamado de povo judeu... Este povo não apenas é de impressionante antiguidade como também tem perdurado por um tempo singularmente longo... Pois enquanto os povos da Grécia e Itália, de Esparta, Atenas, Roma e outros que surgiram muito depois pereceram há tanto tempo, este ainda existe, apesar dos esforços de tantos reis poderosos que tentaram uma centena de vezes acabar com ele, como seus historiadores atestam, e como pode ser facilmente julgado pela ordem natural das coisas no decorrer de tantos anos. Eles sempre foram preservados, no entanto, e sua preservação foi prevista... Meu encontro com esse povo me surpreende..."¹

Este é um tributo comovente, mas exige explicações.

A Ciência da Sobrevivência

Talvez possamos encontrar nossa resposta nos grandes pensadores empíricos de nosso tempo, os cientistas. Eles nos dizem que quando um cientista procura determinar as leis que governam um determinado fenômeno, ou descobrir as propriedades essenciais de um elemento da natureza, deve fazer uma série de experimentos sob as mais variadas condições para descobrir aquelas propriedades ou leis sob as quais todas as condições são as mesmas.

O mesmo princípio poderia ser aplicado à sobrevivência judaica. É um dos povos mais antigos do mundo, começando sua história nacional com a revelação no Sinai há mais de três mil anos. No decorrer desses séculos, os judeus viveram sob condições extremamente variadas. Foram dispersos pelo mundo. Tiveram múltiplos idiomas, possuíram uma diversidade de culturas. Por exemplo, Rashi viveu na França cristã. Maimônides nasceu na Espanha islâmica. Rabi Akiva viveu sob o governo romano; os sábios talmúdicos sob a hegemonia babilônica. Suas sociedades foram totalmente diferentes. Tudo que os ligava no espaço e tempo eram uma fé, o estilo de vida de Torá.

Nenhum outro povo sobreviveu durante tanto tempo sob tais circunstâncias. Se quisermos descobrir os elementos essenciais que formam a causa e a própria base da existência de nosso povo e sua força singular, devemos concluir que não foi sua terra, idioma, cultura, predisposição racial ou herança genética. O único fator constante que preservou nosso povo durante todas as vicissitudes é o tenaz apego ao nosso legado espiritual.

.....
Foi isso que tornou nosso povo indestrutível apesar de milênios de investidas contra o corpo e alma judaicos por bandidos e monstros de todas as espécies.

O que a História Judaica nos diz é que a força do nosso povo como um todo, e de cada indivíduo, está num compromisso fiel à nossa herança espiritual, a base e essência de nossa existência.

O peixe e a raposa

Ninguém expressou isso melhor que Rabi Akiva, o grande sábio do Segundo Século. O Talmud relata como Rabi Akiva ensinava Torá em público na época em que o governo romano, sob o Imperador Adriano, proibiu essa atividade. Outro sábio, Pappus ben Judah, advertiu-o de que estava arriscando a própria vida. Rabi Akiva respondeu com a seguinte parábola:

Uma raposa certa vez caminhava pela margem de um rio, quando viu peixes pulando de um local para outro. "Por que estão fugindo?" perguntou ela aos peixes. "Para escapar das redes do pescador." "Neste caso", disse a raposa, "venham viver na terra seca junto comigo."

"Você é aquele que descrevem como o mais esperto dos animais?" disse o peixe. "Você não é esperta, mas tola. Se estamos em perigo dentro da água, que é onde vivemos, imagine em terra seca, onde certamente morreremos."2

A Torá é para a sobrevivência judaica, disse Rabi Akiva, como a água para o peixe. Sim, estamos em perigo, mas se deixarmos a Torá, que sustenta nossa identidade, para entrarmos na terra seca dos Romanos, certamente morreremos.

Esta não era meramente a convicção pessoal de um certo Rabi Akiva. É a própria história de Pêssach. Deixar o Egito foi apenas o início da liberdade, não o fim.

Mas o que seria Pêssach sem sua conexão íntima com Shavuot? O que seria a liberdade israelita sem a Revelação no Sinai? 3 Imagine a Bíblia como a narrativa de um mero grupo cultural ou étnico. Leríamos sobre a escravidão dos israelitas no Egito. Continuaríamos a ler com entusiasmo sobre como eles conquistaram sua liberdade e foram levados a uma terra própria. Depois leríamos sobre como eles se mesclaram à paisagem ao redor, casaram-se com canaanitas, jebusitas e os outros povos do antigo Oriente Próximo, e se evaporaram com o tempo, irrevogavelmente.

Sobrevivemos porque levamos a Torá conosco até Israel. Somos quem somos por causa de uma fé importante, fé que se provou mais forte que os maiores impérios da história.

O Antigo Egito e Roma construíram grandes monumentos para sobreviverem aos ventos e às areias do tempo. Aquilo que eles construíram está de pé e em alguns aspectos jamais foi superado. Porém somente a arquitetura permanece, não a civilização que uma vez lhes deu vida.

O Antigo Israel se tornou construtor, também, mas não de monumentos em pedra. Em vez disso eles foram chamados ao Sinai para construir um mundo de justiça, digno de ser a morada da Divina Presença. Suas pedras seriam suas ações sagradas, e sua argamassa o estudo de Torá e compaixão. Ao ensinar os israelitas que o Arquiteto desse mundo é D'us, os

construtores são todos que desejam se tornar Seus "parceiros na obra da criação". Moshê transformou um grupo de escravos num povo eterno.

Notas:

1 - Pascal, "Pensees".

2 - Talmud, Berachot 61b.

3 - Perante o Faraó, Moshê não exigiu simplesmente em nome de D'us: "Deixa Meu povo ir", mas "Deixa Meu povo ir; para que eles Me sirvam. (Shemot 7:16). veja também Sefer HaChinuch (Mitsvá 306), que a razão de ser do Êxodo foi entrar num pacto com D'us que é nossa força de apoio. Então, Shavuot é a única festa que não tem data marcada no calendário. A Torá o designa como o 50º dia após Pêssach. Como Shavuot é o complemento de Pêssach, o propósito do Êxodo foi concretizado somente no dia em que ficamos no Sinai.

Uma Missão Especial

Por Jay Litvin

"Tu nos escolheste dentre as nações" (Sidur). Os judeus são chamados de "Povo Escolhido". Muitos judeus se perguntam: "para que missão eu fui escolhido?"

A resposta está na passagem da Torá (Shemot 19:3-6), na qual D'us se dirige a Moshê logo depois de Sua revelação no Sinai:

Moshê subiu até D'us, e D'us o chamou da montanha, dizendo: "Assim dirás à Casa de Yaacov, e relata aos Filhos de Israel: 'Vocês viram o que Eu fiz ao Egito, e que Eu os conduzi nas asas de águias e os trouxe para Mim. E agora, se Me ouvirem e cumprirem o Meu pacto serão para mim um reino de sacerdotes e uma nação sagrada.' Estas são as palavras que deves falar aos Filhos de Israel."

O propósito do judeu é levar D'us ao mundo e aproximar o mundo de D'us.

Estas palavras encerram o motivo pelo qual D'us "escolheu" os judeus; ou seja, para serem um "reino de sacerdotes e uma nação sagrada".

A referência feita a sacerdotes não se refere aos Cohanim, sacerdotes descendentes de Aharon o Sumo Sacerdote, pois obviamente todo Israel não é constituído de sacerdotes naquele sentido. Ao contrário, a referência aqui é à "função sacerdotal". A função sacerdotal é "levar" D'us ao povo, e elevar o povo para ficar mais perto de D'us. O propósito do judeu é levar D'us ao mundo e aproximar o mundo de D'us.

Em nossa associação com o mundo exterior cada um de nós – homem ou mulher – deve cumprir funções sacerdotais. A justaposição de um "reino de sacerdotes" e uma "nação sagrada" indica que sendo sagrados e dedicados à Torá e mitsvot em nossa vida privada, podemos ser embaixadores bem-sucedidos para o mundo exterior. Nosso impacto sobre o mundo exterior está relacionado com nossa dedicação à Torá e mitsvot. Esta "função sacerdotal" foi chamada pelo profeta Yeshayáhu de "uma luz entre as nações".

.....
Onde quer que os judeus se encontrem, na Diáspora ou na Terra de Israel, até um único judeu num canto remoto da terra, cabe a todo judeu e a toda comunidade judaica lembrar que é uma parte, e um representante, de todo o povo judeu, e portanto encarregado desta tarefa. Mesmo quando se encontram na galut (exílio), somente o corpo judaico está no exílio. A alma judaica nunca é exilada e está isenta de qualquer subjugação externa. Conseqüentemente, embora no exílio, os judeus não devem ignorar sua tarefa, nem subestimar sua capacidade, não importa quão limitados possam ser os seus poderes materiais.

A extensão do dever da pessoa está na proporção direta à sua posição na vida. É maior no caso de um indivíduo que ocupa uma posição de certa proeminência que lhe dá oportunidade de exercer influência sobre outros, especialmente os jovens. Estas pessoas devem valorizar a responsabilidade que a Divina Providência investiu nelas para divulgar a luz da Torá e combater as trevas, seja qual for a forma que ela se apresente.

A alma judaica nunca é exilada e está isenta de qualquer subjugação externa.

Que ninguém pense: "Quem sou eu, o que sou eu, para ter tamanha influência?" Pois já vimos – para nossa consternação – o que mesmo uma pequena quantidade de matéria pode fazer em termos de destruição através da liberação da energia atômica. Se tamanho poder está oculto numa pequena quantidade de matéria para destruição – contrariando o desígnio e o propósito da criação – muito maior é o poder criativo confiado a todo indivíduo para trabalhar em harmonia com o Divino propósito. Neste caso, a pessoa recebe capacidades especiais e oportunidades concedidas pela Divina Providência, para atingir a meta para a qual foi criada; a concretização de um mundo no qual "Cada criatura reconhecerá que Tu a criaste, e cada alma declarará: 'D'us, o D'us de Israel, é Rei, e Seu reinado é supremo sobre tudo'" (Preces de Rosh Hashaná).

Foi dada ao povo judeu a diretiva: "Não pela força ou pelo poder, mas pelo Meu espírito, diz D'us." Para o povo judeu e a comunidade judaica (até para o judeu como indivíduo), capacidades Divinas especiais foram concedidas para cumprir sua tarefa da maneira mais completa possível. Pois, seus poderes físicos estão conectados, e subordinados, aos seus poderes especiais, que são infinitos.

Um exemplo histórico disso é encontrado no tempo do Rei Shelomô, Salomão, quando o povo judeu se destacou entre as nações do mundo por ter atingido o mais alto grau de sua perfeição. Nossos Sábios, referindo-se a esse estado, o descrevem como "a lua em sua plenitude", pois, como se sabe, o povo judeu é comparado à luz, e eles "contam" seu tempo (meses do calendário) pela lua.

Uma das explicações para isso é que, assim como a lua passa por mudanças periódicas em sua aparência, segundo sua posição em relação ao sol cuja luz ela reflete, também o povo judeu passa por mudanças segundo a medida da luz de D'us que refletem, pois está escrito: "Pois D'us Elo-kim é sol e escudo."

Esta perfeição no tempo do Rei Shelomô (sem considerar o fato de que, mesmo então, os judeus constituíam numérica e fisicamente "a menor de todas as nações" expressou-se de maneira bem distinta nas relações entre o povo judeu e os outros

países do mundo. A reputação da sabedoria do Rei Shelomô despertou um forte desejo entre reis e líderes de irem até ele, observar sua conduta e aprender com sua sabedoria – a sabedoria pela qual ele rezara e recebera de D'us – permeada com santidade.

E quando eles foram também viram como, sob a sua liderança, o povo vivia, até na vida material, "com segurança, todo homem em sua vinha e sob sua fogueira", numa terra onde "os olhos de D'us, seu D'us, estão constantemente sobre ela, do início ao final do ano." E foi isso que levou a paz entre os judeus e todas as outras nações.

Assim, fica claramente demonstrado que quando os judeus vivem segundo a Torá, atingem a verdadeira paz, e servem como uma luz guia para as nações – "as nações seguirão pela sua luz" – a luz da Torá e mitsvot.

A missão do judeu e da comunidade judaica não está limitada ao tempo em que estão como "lua cheia", mas também quando no exílio, "espalhados e dispersos entre as nações".

Tornar-se um povo sagrado aos olhos de D'us não é um título ganho em um sorteio ou concurso, mas na dedicação de anular-se para cumprir a Sua vontade e tornar-se responsável e apto a levar seu papel adiante neste mundo e em todas as gerações.

Judeu, Quem é Você?

O que quer que você seja, sempre é e será um judeu.

Homem ou mulher, jovem ou adulto, empresário, estudante, ecologista, você pode ser o que quiser, lembrando sempre que além disso você é judeu. Mesmo que queira deletar, existe sempre alguém que irá lhe lembrar.

O que é que o faz ser um judeu?

Será que a pronúncia do seu nome ou sobrenome soando judaico faz de você um judeu? Ou por que gosta de varenikes e outros pratos tradicionais que o torna judeu? Ou talvez são seus traços físicos?

Obviamente, nada disto. Há mais de 3300 anos, nossos ancestrais foram escravizados pelos faraós no Egito. Seis milhões de nossos irmãos judeus foram massacrados pelos nazistas. Houveram os gregos, romanos, inquisidores, cruzados e cossacos, para mencionar e se você vivesse em qualquer um destes períodos, teria se tornado uma das vítimas, só porque é judeu. Por que?

Estude História. Quantas civilizações floresceram e desapareceram; quantos impérios se ergueram e caíram. E no entanto, os judeus, embora perseguidos e exilados de país em país, sobreviveram, prosperaram e sempre contribuíram para a cultura e a economia de seus anfitriões através de seu padrão de conduta e moral, sua contribuição intelectual em todos os campos mudando os padrões científicos e políticos do mundo civilizado. Que elevado poder é este que o judaísmo possui que possa explicar tamanho vigor e tanta durabilidade?

Significa fé em D'us e em sua Torá.

.....
Esta é a base e a resposta do que é ser judeu; uma identidade distinta e força extraordinária. Dessa fé fluíram: amor pela criação de D'us e pelas Suas criaturas; dedicação aos Mandamentos da Torá; glorificação do espiritual sobre o material; veneração ao passado e esperança no futuro; e acima de tudo amor ao estudo da Torá e sua prática. A rica herança do judaísmo enobreceu a existência de milhões de judeus possibilitando preservarem a sua identidade por muitas gerações. Aos jovens que enfrentavam a vida e aos velhos que enfrentavam a morte, ofereceu propósitos e significados num mundo que era muitas vezes caótico e confuso, não muito distante ou diferente do que vemos hoje.

O judaísmo genuíno continua a inspirar cada judeu de volta ao seu legado. Atualmente todos estão procurando por sua verdadeira identidade, valor próprio e significativo, tanto na vida como na morte. Temos tudo isto! Está tudo ao alcance. Temos dúvidas, muitas perguntas? Existem respostas. Para encontrá-las é preciso construir pontes, experimentar na prática e estudar, não apenas assistindo a uma conferência de uma hora esporadicamente, mas estabelecendo um dia, uma hora diária ou seminal para dedicar-se a esta busca. Ser judeu é fascinante... Descubra você mesmo!

O Que Torna um Judeu “Judaico”?

Por Yanki Tauber, baseado nos ensinamentos do Rebe

Pergunta:

O Judaísmo é uma “religião”? O termo “judeu não-religioso” é uma contradição? Pode alguém ainda ser judeu sem observar os editos e ética da Torá na vida cotidiana?

Resposta:

Os judeus desafiam todas as definições de “povo” ou “nação”. Carecemos de uma raça, cultura ou experiência histórica em comum. Embora todos compartilhem nossos direitos eternos à Terra de Israel, durante todos, exceto alguns poucos séculos dos últimos 4.000 anos a esmagadora maioria dos judeus não viveu ou sequer colocou o pé no país judaico.

No decorrer de nossos 3.300 anos de história, o que nos tem definido como judeus é um relacionamento e compromisso. Somos judeus porque D'us nos escolheu para sermos Seu “tesouro querido entre todas as nações... um reino de sacerdotes e um povo sagrado” (Shemot 19:5-6). Somos judeus porque D'us nos escolheu para desempenharmos o papel principal na implementação de Seu objetivo na criação: orientar nossas vidas de acordo com Sua vontade, e desenvolver uma sociedade que reflete Sua bondade e perfeição.

A substância desse relacionamento, o rumo desse compromisso, é a Torá. A Torá é o conceito de D'us da realidade comunicada ao homem, o projeto que descreve o mundo aperfeiçoado visualizado pelo Criador e detalha a maneira pela qual o Inventor da Vida deseja que seja vivida.

Isso poderia parecer definir nosso Judaísmo como uma “religião”; somos judeus porque aderimos às crenças e práticas ordenadas pela Torá. Porém a própria Torá diz que não é assim.

A Torá proclama (Vayicrá 16:16) que D'us “habita entre eles em meio às suas impurezas” – que Seu relacionamento com Seu

povo permanece incólume apesar do comportamento deles. Nas palavras do Talmud (Sanhedrin 44a): “Um judeu, embora tenha transgredido, é um judeu.”

Segundo a Lei da Torá, o Judaísmo de uma pessoa não é uma questão de estilo de vida ou auto-percepção: a pessoa pode estar totalmente não cônica do próprio Judaísmo e ainda ser um judeu, ou pode considerar-se judeu, observar todos os preceitos da Torá e ainda assim não ser um judeu.

Em outras palavras, é o relacionamento entre o judeu e seu Criador que define seu Judaísmo – não seu reconhecimento da relação ou sua percepção dela na vida diária. Não é o cumprimento das mitsvot (mandamentos Divinos) que faz dele um judeu, mas o compromisso que essas mitsvot representam.

A Essência de uma Transgressão

Este é o significado mais profundo do axioma “Um judeu, embora tenha transgredido, é um judeu.”

O simples significado dessas palavras é que um judeu ainda é um judeu apesar de suas transgressões. Um não-judeu que come chametz (pão fermentado) em Pêssach nada fez de errado; da mesma forma, se comer matsá na noite do Seder isso não tem importância moral ou espiritual. Porém para um judeu, as mitsvot de Pêssach são um componente de seu relacionamento com D'us: ao observá-las, ele está percebendo este relacionamento e estendendo-o à sua vida diária; se ele as violar, D'us não o permita, ele está transgredindo – está agindo de modo contrário ao compromisso que define sua identidade. Assim, de certo modo, o fato da transgressão de um judeu é não menos uma expressão (embora negativa) de seu relacionamento com D'us que seu cumprimento de uma mitsvá.

Na verdade, a palavra hebraica mitsvá significa tanto “mandamento” quanto “conexão”. O relacionamento entre os dois significados da palavra pode também ser entendido em dois níveis. No nível comportamental, nos conectamos a D'us através de nosso cumprimento de Seus mandamentos. Num nível mais profundo, estamos inexoravelmente conectados a Ele em virtude do fato de que Ele nos escolheu como objeto de Seus mandamentos. Obviamente, estes dois níveis de conexão são dois lados da mesma moeda, cada um sendo a mesma verdade: nossa observância das mitsvot é a manifestação, em nossa vida diária, de nosso vínculo intrínseco entre D'us e Israel.

O Elo Com Seis Dimensões

O Zohar, a obra básica da Cabalá, expressa este conceito da seguinte maneira:

Há três conexões (kishrin) que são ligadas entre si: D'us, a Torá e Israel – cada qual consistindo de um nível sobre um nível, oculto e revelado. Há o aspecto oculto de D'us, e o aspecto revelado; a Torá, também, tem um aspecto revelado e um oculto; e o mesmo ocorre com Israel, que também tem aspectos revelado e oculto.

O Zohar prossegue e descreve a maneira pela qual a Torá serve como o elo entre D'us e Israel: como a Torá é uma com seu Divino Autor, e como o povo judeu se conecta à Torá através de estudo e observância de seus ensinamentos.

.....
Mas quais são os elementos “ocultos” e “revelados” de D'us, da Torá e de Israel? E qual é sua relevância à nossa conexão com D'us através de Sua Torá?

O Zohar diz que essas três “conexões” estão interligadas em dois níveis, tanto no plano “oculto” quando no “revelado”. Pois cada um dos três elos interconectados possui tanto uma dimensão explícita quanto uma implícita.

Existe o assim chamado aspecto “revelado” de D'us – aquelas expressões de Sua realidade que Ele escolhe manifestar na existência criada; e há Sua essência “oculta, incognoscível. O judeu, também, tem seu ser revelado e manifesto – a maneira pela qual ele se expressa através de seu comportamento, e seu ser oculto, quintessencial. E a Torá, como foi delineado acima, tem tanto um significado mais pronunciado quanto um mais implícito como o elo que conecta D'us e Israel.

No plano “oculto”, a alma do judeu é ligada à própria essência de D'us através do relacionamento subjacente e o compromisso que a Torá representa. Mesmo se a vida do judeu, no nível comportamental consciente, for inconsistente com a vontade revelada do Todo Poderoso, ele não é “menos” judeu, D'us não o permita; seja como for, o vínculo intrínseco que define seu Judaísmo não é afetado. Porém para expressar esse relacionamento em todos os níveis de seu ser, a fim de alinhar sua vida com a sua essência, o judeu deve reiterar a conexão no nível “revelado”. Ele/ela faz isso estudando a Torá de D'us e cumprindo suas mitsvot.

A Terceira Junção

Há, no entanto, um significado ainda mais profundo nas palavras do Zohar.

A passagem acima citada fala de “três conexões que estão ligadas entre si”. A palavra aramaica traduzida aqui como “conexões” é kishrin, que literalmente significa “nós”.

À primeira vista, este parece ser um uso pouco acurado. Se a Torá é o elo entre D'us e Israel, então o que temos são três entidades (D'us, Torá e Israel) ligadas através de duas conexões (a conexão de Israel à Torá e a conexão da Torá com o Todo Poderoso). Onde temos três nós/conexões?

Isso nos leva a uma segunda definição das dimensões “oculta” e “revelada” do relacionamento entre D'us e Israel. O Midrash declara:

Duas coisas precederam a criação do mundo feita por D'us: Torá e Israel. Apesar disso, eu não sei qual precedeu qual. Porém quando a Torá declara “Fala com os Filhos de Israel...”, “Ordena aos Filhos de Israel...” e assim por diante, eu sei que Israel precedeu tudo!

NOTAS

1. Tana D'vei Eliyahu Rabba, cap. 141

1. Em outras palavras, D'us criou o mundo para que Israel pudesse implementar Seu plano Divino para a existência, conforme delineado na Torá. Portanto os conceitos de “Israel” e “Torá” ambos precedem o conceito de um “mundo” na “mente” do Criador.

Porém qual é a ideia mais profundamente enraizada dentro da consciência Divina, Torá ou Israel? Israel existe para que a Torá seja implementada, ou a Torá existe para servir ao judeu no cumprimento de sua missão e na expressão de seu relacionamento com D'us? Se a Torá descreve a si mesma como uma comunicação com Israel – o Midrash assim diz – isso presume o conceito de “Israel” como anterior àquele da “Torá”.

Isso significa que o relacionamento com Israel “pré-data” a Torá (no sentido conceitual), pois a Torá vem para servir àquele relacionamento. Neste sentido, Israel é o “elo” entre a Torá e D'us: a existência da Torá como incorporação da Divina sabedoria e vontade é um resultado da existência de Israel e sua conexão com D'us.

Assim, temos três conexões ligando D'us, Israel e a Torá.

No nível revelado, a Torá serve como o elo entre D'us e Israel; a Torá está conectada a D'us, e Israel é conectado à Torá. (Isso inclui ambos os níveis de conexão delineados acima – a conexão atingida através do cumprimento de uma mitsvá e a conexão definida pelo compromisso em si).

Porém num nível mais profundo, quintessencial, existe uma terceira conexão: a conexão “direta” entre D'us e Seu povo que precede o próprio conceito de uma Torá. Nesse nível, o envolvimento de Israel na Torá é o que conecta a Torá a D'us – o que O faz estender Seu ser infinito e indefinível num meio de “Divina Sabedoria” e “Divina Vontade”. Nesse nível, não é o judeu que precisa da Torá a fim de ser um com D'us, mas a Torá que “precisa” do judeu para evocar o desejo de D'us projetar-Se através da Torá.

Apesar disso, a Torá é crucial para o relacionamento do judeu com D'us. A essência do judeu, como está enraizada dentro da essência de D'us, é de fato uma com sua Fonte. Porém então ela “desce” para se tornar parte da existência criada, assumindo uma identidade distinta como alma e então como ser humano. Portanto D'us dotou o judeu com Sua Torá. Através da Torá, o judeu faz contato com o seu ser quintessencial e faz seu vínculo intrínseco com seu Criador uma realidade em sua vida diária.

Uma Terra Santa

E D'us revelou-se a Avraham, dizendo: “Darei esta terra a teus descendentes.” (Bereshit 13:15)

“E [D'us] disse a ele: 'Eu sou D'us, que te tirei de Ur Casdim para te dar esta terra como herança.'” (Bereshit 15:7)

No ano 2488 da Criação (1272 AEC), Yehoshua liderou a marcha dos exércitos de Israel, 600.000 homens fortes, para cruzar o Rio Jordão e conquistar a terra que D'us tinha prometido a Avraham.

Numa série de batalhas que se prolongaram por sete anos, os israelitas derrotaram os exércitos dos trinta e um reis de Canaã. Yehoshua então dividiu a terra entre as doze tribos de Israel, e cada tribo iniciou a colonização do lote que lhe fora designado. Porém permaneceram alguns bolsões de resistência, e o processo de conquista e colonização da Terra Santa foi completado somente quatrocentos anos mais tarde pelo Rei David, que derrotou os filisteus e conquistou a cidade de Jerusalém dos jebusitas.

.....
Com o filho de David, Salomão, tiveram início os quatro séculos da soberania judaica na Terra Santa - um período que se sobrepôs à Era do Primeiro Templo, quando o primeiro Templo Sagrado estava erguido em Jerusalém. Mas em 3205 (555 AEC), o reino setentrional de Israel¹ foi conquistado por Shalmaneser, rei da Assíria, e as dez tribos que lá viviam foram exiladas. Um século depois, o reino meridional da Judéia foi conquistado por Nabucodonosor, rei da Babilônia, e também ficou sob domínio estrangeiro. Em 3338 (422 AEC) Nabucodonosor destruiu o Templo Sagrado em Jerusalém, e praticamente todo o povo judeu foi exilado de sua terra.

O Retorno

O povo judeu voltou à Terra Santa após um exílio de 70 anos na Babilônia. Liderados por Ezra e Nechemya, reconstruíram o Templo Sagrado e iniciaram um segundo período de vida nacional em seu país. A Era do Segundo Templo durou 420 anos, até a sua destruição pelos romanos em 69 EC, e a subsequente dispersão de Israel aos quatro cantos do globo.

Os períodos do Primeiro e Segundo Templo diferiram em muitas áreas - espiritual, haláchica (assuntos pertinentes à Lei da Torá), material, cultural e política. Uma destas diferenças foi que, sob o governo de Yehoshua, o povo de Israel conquistou a Terra, e por fim estabeleceu a total soberania judaica sobre seu território, ao passo que os judeus sob Ezra vieram como colonizadores com uma franquia dos imperadores persas, sob cujo domínio se encontrava a Terra Santa. Na verdade, durante grande parte da Era do Segundo Templo, a Terra Santa esteve sob a hegemonia política de reis estrangeiros - os persas, os gregos, e seguindo-se a um breve período de 70 anos de independência após a revolta hasmoneana, os romanos.

Isso sugere a superioridade da Era do Primeiro Templo. De fato, em muitos aspectos, a Era do Segundo Templo foi inferior àquela do Primeiro Templo.² Entretanto, uma das mais básicas leis a respeito do status haláchico da Terra Santa sugere exatamente o contrário: que a colonização da terra sob Ezra teve importância maior e mais duradoura para nossa conexão com a Terra Santa, que sua conquista sob Yehoshua.

A Torá refere-se à Terra de Israel (assim como em muitos idiomas) como uma terra "santa". Em essência, isso reflete seu lugar especial na criação de D'us, e em Sua providência sobre Seu mundo³; na prática, a santidade da Terra de Israel expressa-se no fato de que muitas das mitsvot (mandamentos Divinos) da Torá relacionam-se especificamente com seu território e não podem ser cumpridas em nenhum outro lugar.

E embora a santidade essencial da Terra de Israel seja intrínseca e exista o tempo todo e sob todas as condições, sua santidade haláchica é um fator que depende de sua posse pelo povo judeu. Apenas aquelas partes da Terra Santa que estejam realmente sob a posse judaica estão obrigadas às mitsvot que têm relação com a Terra. Em outras palavras, ao tomar posse da Terra de Israel, o povo judeu também a "santificou", estabelecendo as fronteiras dentro das quais estas mitsvot especiais podem ser cumpridas.

Houve duas "santificações" deste tipo: a santificação conseguida pela conquista da terra por Yehoshua, e a santificação efetivada por sua colonização sob Ezra. A Lei da Torá faz distinção entre as duas: a santificação da Terra sob Yehoshua foi temporária, e

quando o povo de Israel foi exilado para a Babilônia, a terra reverteu a seu status haláchico de "não-sagrada."

Porém o efeito da santificação de Ezra foi permanente, continuando válido também após a destruição do Segundo Templo e do exílio de Israel. Até o dia de hoje, os limites haláchicos para as mitsvot da terra são as fronteiras do povoamento judaico na Era do Segundo Templo, e não aqueles da Era do Primeiro Templo.

Maimônides explica: como a primeira santificação foi alcançada pela conquista, perdeu apenas pelo tempo de duração da conquista. A segunda santificação, porém, não foi conseguida pelo estabelecimento de soberania política, portanto não depende dela; assim, o fato de que a terra nos foi tirada não diminui sua santidade.⁴

Presente ou herança

O Rogatchover (famoso erudito e analista da Lei da Torá, Rabi Yosef Rosen, 1858-1936) relaciona estas duas "santificações" aos dois versículos citados no início deste ensaio. No capítulo 13 de Bereshit, lemos pela primeira vez a promessa de D'us a Avraham: "A teus descendentes darei esta terra." Mais tarde, no capítulo 15, lemos sobre a aliança que D'us fez com Avraham, no qual Ele reiterou esta promessa; aqui, a palavra "herança" aparece pela primeira vez como uma descrição do relacionamento de Israel com a terra.

Segundo a Lei da Torá, um presente pode ser temporário, porém jamais uma herança, que, por definição, é interminável. (Assim, a lei declara que uma pessoa pode instruir que seu campo pode ser dado a alguém por vinte anos, no término dos quais deverá ser transferido a outra pessoa; mas se ele disser: "Meu filho deve herdar o campo por vinte anos," esta declaração não tem validade legal, pois "um presente pode terminar, ao passo que uma herança não pode terminar." 5) O versículo no capítulo 13, no qual D'us promete dar a terra aos descendentes de Avraham, refere-se à conquista feita por Yehoshua, cujo efeito era reversível. No capítulo 15, D'us está se referindo à aquisição da terra por Ezra, e que, como uma herança, é perene.⁶

Os termos "presente" e "herança" refletem também a natureza destas duas aquisições da Terra. Num presente, a conexão de quem recebe com o objeto doado é imposta sobre ele pela vontade e direitos do doador; assim, o doador também determina o alcance e duração do presente. Por outro lado, o direito sobre uma herança é algo intrínseco à natureza do herdeiro; o objeto herdado lhe pertence não porque lhe foi dado, mas em virtude de quem e o quê ele é. Assim, nenhum fator externo pode limitar a herança.

A santificação da Terra por Yehoshua foi conseguida por uma dinâmica externa - a conquista; portanto - como o presente - dependia da extensão e duração do conquistador que a impôs. Quando a conquista cessou, cessaram também seus efeitos no status haláchico da Terra.

Na época de Ezra, o povo judeu santificou a Terra não por conquistá-la, mas por colonizá-la. Dessa maneira eles afirmaram seu vínculo intrínseco com a Terra - um vínculo que não depende de poderio militar ou governo político. Chegaram como herdeiros, cujo relacionamento com a terra vem de dentro deles - de quem e

.....
do quê são - em vez de vir daquilo que lhes foi imposto por uma força superior. Portanto, a santidade que efetivaram na Terra era - como a herança - imune à influência de forças externas, e não cessou quando os exércitos de Roma os expulsaram de seu país.

Terra como vida

O objetivo da criação, dizem nossos Sábios, é que "D'us desejava uma morada no mundo físico."7 Isto é, o homem deveria santificar a existência material e desenvolvê-la em um "lar" para D'us - um local onde Seu ser quintessencial estivesse manifestamente presente e expresso. Assim, o esforço de conquistar e colonizar a Terra, e desse modo transformá-la em uma "Terra Santa," pode-se dizer que representa o objetivo geral da vida na terra.

Assim como houve dois modos básicos de santificação da Terra - o modo "conquista" da Era do Primeiro Templo e o modo "colonização" da Era do Segundo Templo - assim também há dois modos de santificação no esforço macrocósmico da vida, correspondendo aos dois estados básicos do homem: o de tsadic (pessoa completamente justa) e o báal teshuvá ("retornante" ou penitente).

No sentido estrito destes termos, o tsadic é uma pessoa que é profunda e perfeitamente boa, sem um único defeito em seu comportamento ou traço negativo em seu caráter, ao passo que o báal teshuvá é aquele que sucumbiu ao mal mas retornou a uma vida íntegra. No sentido mais geral, o tsadic é alguém cuja vida espiritual caracteriza-se pela harmonia e tranquilidade, ao passo que o báal teshuvá é aquele que se engaja num perpétuo conflito com o negativo dentro de si e em seu mundo.

Tanto o tsadic quanto o báal teshuvá participam no desenvolvimento e santificação do mundo material. O tsadic, porém, afeta o mundo a partir do exterior. Alheio aos cuidados e armadilhas da vida material, o tsadic irradia sua bondade sobre ela, subjugando as forças das trevas com sua luz superlativa. Todavia, como esta é uma transformação que vem do alto, é sustentável apenas pelo tempo em que o tsadic mantém sua influência sobre ela. Pois o mundo em si não mudou: simplesmente foi dominado por uma força superior.

Por outro lado, o báal teshuvá transforma o mundo a partir do interior. Ele não é estranho à vida material, nenhum observador afastado de suas contorções e corrupções; quando ele santifica o mundano, é uma santidade vinda de dentro, do potencial interior do mundo para abrigar seu Criador. Carecendo de forças exteriores de santidade, o báal teshuvá mergulha na natureza do material para ali descobrir a luz implícita nas trevas, a santidade implícita dentro da mundanidade. E como isso representa uma transformação que vem de dentro, o lar Divino construído pelo báal teshuvá é auto-suficiente e imutável.

Na Era do Primeiro Templo, éramos uma nação de tsadikim. Nascidos no Sinai e formados no casulo espiritual de uma geração que vivia no deserto, não tínhamos experiência com a Terra, com a dimensão material da criação. Portanto nós a conquistamos, e a dominamos com nossa força superior, com a preeminência natural do espírito sobre o material. Mas como esta foi uma conquista imposta do alto, a santidade da Terra podia ser mantida somente enquanto o elemento conquistador permanecesse válido. Quando nos afastamos de D'us, quando

perdemos nosso lado espiritual, perdemos também a Terra, e a Terra perdeu sua santidade.

Retornando da Babilônia, entramos na Terra como uma nação de baalei teshuvá (retornantes) - uma nação que tinha sucumbido ao mal apenas para sobrepujá-lo em sua própria arena, uma nação que agora já estava íntima com o mundo material e consciente de suas armadilhas. Desta vez, colonizamos a Terra. Nossa meta não era conquistá-la e afirmar nosso domínio sobre ela, mas desenvolvê-la a partir do interior, desencadear seu próprio potencial como uma morada Divina.

Desta vez, a santidade que evocamos nela era intrínseca e duradoura. Portanto, quando nossos pecados e falhas subsequente nos baniram de nosso país, a Terra permaneceu santa, pois os mais poderosos exércitos e os males mais potentes não poderiam eclipsar a santidade quintessencial que tínhamos efetivado em nossa herança ancestral.

Baseado nas palestras do Rebe, 20 e 30 de Av de 5738 (23 de agosto e 3 de setembro de 1978), e Sucot de 5724 (1963) 8

Notas

1) Após a morte do rei Salomão, dez das doze tribos separaram-se para formar o reino de Israel ao norte, ao passo que os descendentes de Salomão continuaram a governar o reino meridional da Judéia.

2_ Mais significativamente no sentido em que a era da profecia encerrou-se nos primeiros anos da Era do Segundo Templo. Veja também Ezra 3:12; Talmud, Yoma 21b.

3) Devarim 11:12; Midrash Tanchuma, Reê 8; Talmud, Ketubot 110b; e em outra parte.

4) Mishnê Torá, Leis do Templo Sagrado, 6:16; Leis de Terumot e Maaserot, 1:1-9. Evidentemente, os judeus sob Yehoshua também colonizaram a terra, além de conquistá-la; mas como D'us tinha lhes ordenado que conquistassem a terra (cf. Bamidbar 33:52-55); Devarim 3:18; Yehoshua cap. 1; Talmud, Sotá 44b), isso determinou que o modo de sua aquisição da Terra, e a natureza de seu relacionamento com ela, fosse aquela de "conquista." Na época de Ezra, a ordem Divina era voltar para a terra e colonizá-la, não conquistá-la (cf. Yirmiyahu 29:10, 40:10), determinando que o modo de aquisição fosse "colonização."

É importante notar que as diferenças entre a "primeira aquisição" por Joshua e a "segunda aquisição" por Ezra relacionam-se apenas com a "santidade" da Terra quanto à sua pertinência ao cumprimento das mitsvot especiais associadas com ela, mas não quanto à posse judaica da Terra de Israel, que é constante e irreversível. Quanto à nossa posse da Terra, a Torá declara que "Naquele dia D'us estabeleceu um pacto com Avraham dizendo: 'Aos teus descendentes Eu dei esta terra, desde o Rio do Egito até o grande rio, o Eufrates' (Bereshit 15:18).

Aqui a Torá usa o tempo passado, "Eu dei" (em oposição ao futuro "Eu darei" empregado pelos versículos que se relacionam com a "santidade" da terra), a fim de enfatizar que todo o território da Terra Prometida já fora dado a Avraham pelo Criador e Mestre do mundo. A terra que o povo judeu conquistou sob Yehoshua e colonizou sob Ezra já era sua propriedade (veja Talmud Yerushalmi Chálá 2:1; Rashi sobre Bereshit 1:1).

.....
A posse da Terra, concedida por D'us a todas as gerações de Israel, não é negociável, e não se pode renunciar a ela por tratados ou acordos. Nenhum indivíduo ou governo tem o direito de entregar nosso legado eterno ou de renunciar ao controle sobre aquelas partes, que D'us colocou em nossas mãos em meio a grandes milagres.

5) Talmud, Bava Batra 129b.

6) Tsafnat Paaneach sobre Bereshit 15:7. Cf. Talmud Yerushalmi, Bava Batra 8:2.

7) Midrash Tanchuma, Nassô 16; Tanya, cap. 36.

8) Licutei Sichot, vol. XV, págs. 100-109.

45 - Parashat Vaet'chanan

Deuteronômio 3:23-7:11

Moshê Implora para Entrar Na Terra de Israel

Moshê continuou seu discurso: "Quando golpeei a pedra em Mê Meriva, D'us prometeu que eu não entraria na Terra Santa. Mais tarde, comecei a conquista de Êrets Yisrael ao derrotar os gigantes Sichon e Og, que governavam os emorim a leste do Jordão. Pensei: 'Se eu rezar a D'us agora, Ele talvez me permita conquistar o restante de Êrets Cnaan também!'"

"'Grande e poderoso D'us,' orei. 'Nunca fizeste tantos milagres através de ninguém como fizeste através de mim. Permitiste-me trazer as pragas ao Egito e a dividir o Mar Vermelho. Alimentaste-nos com maná e pássaros-slav no deserto. A razão de todos estes milagres foi trazer o povo judeu à Êrets Yisrael! Deveria eu iniciar uma obra sem concluí-la?'"

Moshê continuou: "Insisti: 'Por favor, D'us, podes anular Teu decreto Quando um rei muda de idéia, deve pedir aos ministros que concordem. Mas Tu não precisas da permissão de ninguém para mudares de idéia. Por Tua grande misericórdia, perdoa-me por favor!'"

"D'us respondeu: 'Meu decreto não pode ser anulado porque Eu jurei!'"

"Rezei: D'us, podes cancelar um juramento! Não prometeste destruir Benê Yisrael após o pecado do bezerro de ouro? Anulaste tua promessa então! Por que deveria eu sofrer o mesmo destino dos espiões que falaram mal de Êrets Yisrael? Tenho louvado a Terra Santa por toda minha vida!"

"'Moshê,' respondeu D'us – todos os homens de sua geração morreram no deserto. Você será enterrado com eles; seu mérito os protegerá. Eles precisam de você! Após a vinda de Mashiah, eles serão revividos, e você os levará a Êrets Yisrael!"

(D'us também fez com que outros grandes tsadikim fossem sepultados fora de Êrets Yisrael para que seus méritos protegessem os judeus enterrados na Diáspora. Como por exemplo, o túmulo de Mordechai encontra-se na Pérsia).

Moshê disse a Benê Yisrael: "Mesmo assim, não desisti. Implorei a D'us de 515 maneiras diferentes para que me deixasse entrar em Êrets Yisrael".

(Isto está aludido na palavra vaet'chanan, o nome desta Parashá, cujo valor numérico equivale a 515).

"Rezei: 'Por favor, D'us, deixe-me então ver a cidade de Jerusalém e o Bêt Hamicdash!'"

"'Rav, basta!' exclamou D'us: 'Não reze mais! As pessoas dirão que sou inflexível por recusar suas orações e que você é obstinado por continuar a argumentar'.

(A palavra rav significa chega, basta; mas também pode ser traduzida como "muito").

'Rav lach', muito mais do que isto está reservado para você. A recompensa que preparei para você no Mundo Vindouro é bem maior que entrar em Êrets Yisrael. Diga a Yehoshua que ele marchará à frente de Benê Yisrael e os liderará durante a guerra.'

"Mesmo assim, minhas orações conseguiram algo. D'us me disse: 'Acederei ao seu desejo de ver a Terra Santa. Deixarei escalar a colina, e mostrarei a você todo Êrets Yisrael, até os locais mais distantes!'"

Por que Moshê desejava entrar em Êrets Yisrael?

Se perguntarem a um judeu: "Gostaria de viajar a Êrets Yisrael?" ele provavelmente responderá: "Seria maravilhoso! Sempre sonhei em conhecer os locais sagrados!" Moshê queria ir a Êrets Yisrael por estar curioso para ver como era? Queria provar as famosas frutas?

Moshê, sagrado servo de D'us, tinha razões completamente diferentes para querer entrar em Êrets Yisrael. Pensou: "Viver na Terra Santa me ajudará a ser mais sábio e a aproximar-me de D'us. Além disso, há muitas mitsvot que jamais consegui cumprir, como guardar o sétimo ano (shemitá) ou separar terumot (doações para os cohanim) e maasrot (dízimo) dos alimentos de Êrets Yisrael. Se apenas eu pudesse cumprir estas mitsvot..."

Moshê não tinha qualquer prazer terreno em mente quando orava a D'us. Desejava entrar em Êrets Yisrael apenas com o objetivo de melhor servir a D'us.

Por que as tefilot de Moshê foram registradas na Torá para as gerações futuras?

Quando os judeus viram como Moshê amava ternamente Êrets Yisrael, o país tornou-se muito precioso para eles. Cumpririam as mitsvot mais cuidadosamente para merecerem permanecer em Êrets Yisrael. Sabiam que se negligenciassem a Torá, seriam expulsos.

A Proibição de Aumentar ou Diminuir as Mitsvot

Moshê começou ensinando as mitsvot a Benê Yisrael. Primeiro explicou uma regra básica: "Quando cumprirem uma mitsvá, talvez queiram fazê-la ainda mais bela adicionando algo. Poderão pensar: 'Neste Sucot pegarei não apenas um lulav e etrog, como a Torá ordena, mas dois de cada! Isso fará a mitsvá ainda melhor.' Ou então um cohen pode decidir: 'D'us deu-nos três versículos com os quais abençoar Benê Yisrael. Quero ir além disso, então os abençoarei com um quarto e maravilhoso versículo!' "Isto é proibido. Cada mitsvá deve ser cumprida

.....
exatamente como D'us a deu. É proibido adicionar ou tirar algo da Torá!

Você poderia perguntar: Nossos sábios não adicionaram leis àquelas ordenadas pela Torá?

Isto é verdade. Mas a Torá permite que aquelas leis sejam adicionadas porque são como "cerças." Elas protegem as leis da Torá de serem transgredidas.

Moshê encoraja os judeus a "conectarem-se com D'us "

Moshê continuou seu discurso:

"Lembrem-se," disse ele, "aqueles que serviam o ídolo Báal Peor foram destruídos. Alguns foram executados pelo Bêl Din (Tribunal) e outros morreram numa praga. Vocês todos, que estão vivos até hoje, seguiram D'us. 'Veatem hadvekim baD'us Elokêchem chayim culchem hayom', "aquele que permanece próximo a D'us vive neste mundo e viverá para sempre no Mundo Vindouro."

Você se "conecta a D'us " pensando sempre n'Ele, e cumprindo Suas mitsvot.

Outra maneira de ligar-se a D'us é: Aproximar-se dos talmidê chachamim (sábios).

Permanecer Próximo de um Sábio

Quando Avraham viajou em direção a Êrets Cnaan, Lot o acompanhou. Como Lot foi com Avraham, também tornou-se rico. Mais tarde, quando se afastou de Avraham, perdeu todos seus bens na destruição de Sdom.

Como recompensa por estar constantemente na tenda de Moshê, D'us prometeu a Yehoshua: "Estarei com você assim como estive com Moshê." D'us realizou milagres para Yehoshua, similares àqueles que realizou para Moshê. Por exemplo, Yehoshua partiu as águas do Rio Jordão. Isto foi como a abertura do Mar Vermelho.

Quando os tsadikim Chananya, Mishael e Azaryá foram jogados numa fogueira por recusarem-se a se curvar perante a imagem de Nevuchadnêtsar, D'us salvou-os do fogo. Até suas roupas ficaram intocadas pelo fogo! Por quê? Porque as roupas estavam conectadas a Chananya, Mishael e Azaryá, que eram tsadikim.

Estes exemplos nos ensinam o benefício de permanecer perto de um talmid chacham.

Moshê continuou:

"Devemos sempre cumprir as leis de D'us. Mesmo as nações que não seguem a Torá consideram-nos sábios por cumprimos as mitsvot."

"Vocês poderiam pensar: 'Posso encontrar leis melhores que a Torá.' Lembrem-se, tal coisa não existe. As leis da Torá não foram feitas pelo homem, mas por D'us. Sabem que é assim porque vocês mesmos estiveram presentes e testemunharam à Outorga da Torá."

Devemos lembrar a Outorga da Torá

"Nunca se esqueçam o dia em que ficaram em pé ao redor Monte Sinai e ouviram a voz de D'us!"

Como explicamos na Parashá Devarim, Moshê falava a uma nova geração. Não estava se dirigindo aos homens que haviam ouvido os Dez Mandamentos de D'us, mas a seus filhos. Mesmo assim, disse: "Vocês ficaram no Monte Sinai," e "Vocês ouviram a voz de D'us." Uma razão para isso foi porque alguns deles haviam vivenciado a Outorga da Torá quando crianças. E aqueles que ainda não eram nascidos na época da Outorga da Torá sentiram-se como se estivessem estado lá pessoalmente, pois tinham escutado este relato de seus pais.

Moshê advertiu: "Devem contar a seus filhos tudo sobre a Outorga da Torá, e estes devem repeti-lo a seus filhos. Desta maneira, todas as gerações acreditarão para sempre que D'us nos deu a Torá, como se estivessem estado pessoalmente no Monte Sinai."

(Os versículos acima, que relatam a advertência de Moshê, fazem parte do final das orações diárias, no trecho chamado "Shesh Zechirot", Seis Lembranças.)

O Midrash nos conta:

A Mitsvá de Ensinar a Torá aos Filhos

Rabi Chiyá bar Aba encontrou Rabi Yehoshua ben Levi na rua. Ficou chocado ao ver que, ao invés de vestir seu belo turbante de costume, Rabi Yehoshua havia jogado um pedaço de tecido sobre a cabeça de maneira desarranjada. Corria rua abaixo, carregando uma criança pequena em direção à escola.

"Por que está com tanta pressa?" perguntou Rabi Chiyá.

Rabi Yehoshua respondeu: "A Torá nos diz: 'Ensine estas leis a seus filhos,' e logo em seguida, 'o dia em que ficaram perante D'us no Monte Sinai.' O versículo ensina que aquele que ensina Torá aos filhos é tão grande como se tivesse no Monte Sinai pronto para receber a Torá. Por isto estou correndo para levar meu filho à escola."

Quando Rabi bar Huna, um dos eruditos, ouviu estas palavras, nunca mais fez seu desjejum antes de levar seu filhinho ao Bêl Hamidrash (casa de estudos). E Rabi Chiyá (aquele que havia encontrado Rabi Yehoshua na rua) decidiu que a primeira coisa que faria pela manhã seria ensinar seus filhos e revisar com eles o que haviam aprendido no dia anterior. Apenas então faria sua refeição matinal.

Nossos sábios ensinam que este é também um mérito especial para um avô ensinar a Torá a seus netos. Diz-se de um avô que assim faz, que é considerado como se ele próprio tivesse estado fisicamente no Monte Sinai para receber a Torá.

A Proibição da Idolatria

Moshê advertiu: "Na Outorga da Torá, vocês ouviram uma voz vinda do fogo. Não cometam o engano de pensar que viram uma imagem de D'us.. Certamente não viram! É proibido fazer qualquer pintura ou imagem para representá-lo.

"Estão proibidos também de fazer imagens de pessoas, animais,

.....
do sol ou da lua. Isto os ajudará a se manter afastados de idolatria, uma transgressão que contraria toda a Torá."

O que acontecerá se Benê Yisrael servirem a ídolos?

Moshê advertiu: "Após viverem em Êrets Yisrael por longo tempo, vocês poderão pensar: 'Estamos a salvo aqui! D'us jamais nos expulsará. Permaneceremos aqui para sempre!'"

"Lembrem-se de que se vocês servirem ídolos ou fizerem o mal, serão rapidamente exilados do país. D'us os expulsará e os dispersará entre as nações. Tornar-se-ão servos de adoradores de ídolos. Mas mesmo após isto acontecer e vocês estiverem no exílio, em terras estranhas, poderão encontrar D'us . Procurem por ele com todo seu coração e sua alma. Quando tudo que lhes digo se tornar realidade, façam teshuvá e ouçam D'us! Ele é misericordioso e não os abandonará. Ele se lembrará do acordo que fez com seus pais."

"Se alguma vez suspeitarem que D'us esqueceu a promessa que fez a seus antepassados para redimir vocês, perguntem-se: 'Aconteceu mesmo de todo um povo ter escutado D'us falar diretamente a eles? D'us tem falado com pessoas, mas nunca antes, ou depois, a uma nação inteira. Alguma vez aconteceu que toda uma nação foi salva por meio de milagres como o das Dez Pragas? D'us realizou estes milagres para vocês porque Ele amou seus antepassados e vocês, filhos deles. Qual foi o propósito de todos estes milagres? Mostrar que Ele é o único D', que não há outro poder além d'Ele. Assim como D'us os tirou do Egito, ele os resgatará de todas as outras nações."

Os versículos acima (Devarim 4:25-40) são lidos da Torá na sinagoga, na manhã do jejum de Tish'á Beav. Esta Parashá é apropriada para Tish'á Beav, porque fala sobre a punição de Benê Yisrael, e promete que D'us aceitará nossa teshuvá mesmo quando estivermos no exílio.

O Midrash nos diz:

As Palavras de Moshê Eram Uma Profecia

Quando Moshê advertiu Benê Yisrael a guardarem a Torá mesmo após viverem em Êrets Yisrael por um longo tempo, ele usava a palavra venoshantem. Isto significa "após você ter-se tornado velho e instalado no país" (da raiz yashan, velho). A Torá usa esta palavra porque faz uma insinuação ao futuro. O seu valor numérico (guematriyá) é 852. Moshê profetizou: "Se servirem ídolos, D'us os expulsará de Êrets Yisrael após 852 anos".

A profecia de Moshê tornou-se realidade?

Na verdade, Benê Yisrael permaneceu no país apenas 850 anos antes que o Primeiro Bêth Hamicdash fosse destruído, não 852.

Em Sua misericórdia, D'us enviou a punição dois anos antes da data que Moshê previu. Se D'us tivesse esperado mais dois anos, Benê Yisrael teria caído tão baixo que D'us teria que destruí-los, D'us não o permita.

Moshê ameaçou que, se Benê Yisrael pecasse, seria rapidamente exilado do país. Mesmo assim D'us esperou pacientemente por 850 anos, sempre esperando que Benê Yisrael fizesse teshuvá.

Moshê Separa Arê Miclat (cidades de refúgio)

Agora Moshê interrompeu seu discurso. "Até este momento, tenho falado sobre guardar as leis de D'us . Agora quero realmente cumprir uma delas!"

Sobre qual mitsvá Moshê estava falando?

D'us disse a Moshê que seis cidades de refúgio deveriam ser estabelecidas: três a leste do Jordão e três em Êrets Cnaan. Mas as três primeiras não poderiam proteger assassinos antes que as três em Êrets Yisrael fossem estabelecidas.

Moshê poderia ter falado "Como não chegarei a Êrets Cnaan, eu não posso assentar os três cidades-refúgio lá. Por isso, não faz sentido estabelecer os arê miclat aqui, a leste do Rio Jordão. Não podem servir de abrigo para um assassino."

Moshê não disse isso. Pelo contrário, pensou: "Devo cumprir toda e qualquer mitsvá que estiver ao meu alcance!"

Moshê selecionou três cidades. Para servir de ir miclat (cidade de refúgio), uma cidade deve ser de tamanho médio, cercada por muralhas, e ter recursos hídricos. Moshê assegurou-se que as três cidades que escolhera fossem apropriadas para arê miclat. Sua ânsia em cumprir as mitsvot nos ensina: Não perca a chance de cumprir uma mitsvá! Não pense: "Há muito tempo. Não há pressa!" Devemos cumprir todas as mitsvot que pudermos na primeira oportunidade.

O Estudo da Torá Traz Proteção

Após falar sobre as arê miclat, o versículo continua: "Esta é a Torá que Moshê colocou diante de Benê Yisrael (4:44). "Vezet haTorá asher sam Moshê lifné Benê Yisrael"

Qual a relação entre este versículo e o assunto das cidades-refúgio?

O Midrash explica: Assim como as arê miclat salvam a pessoa da morte, assim o faz o estudo de Torá. O mérito do estudo de Torá prolonga a vida da pessoa.

Moshê reuniu Benê Yisrael novamente e disse: "D'us os incluiu no acordo que fez com seus antepassados no Sinai. Mesmo aqueles de vocês que ainda não haviam nascido foram incluídos. Todas as almas dos judeus até o fim dos tempos estiveram no Monte Sinai.

"Vocês ouviram D'us falar-lhes do meio do fogo. Escutaram-No dar os Dez Mandamentos. Eu os repetirei a vocês."

Alguns homens desta geração não eram nascidos na época da Outorga da Torá; outros eram crianças pequenas. Moshê queria ter certeza de que antes que morresse, eles escutariam os Dez Mandamentos enumerados por ele, fiel mensageiro de D'us.

Os Dez Mandamentos

Os Dez Mandamentos já foram explicados na Parashá Yitrô. Entretanto, como a Torá os repete nesta Parashá, explicaremos novamente.

O Primeiro Mandamento

Anochi - Crê em D'us!

.....
"Eu sou D'us, teu D'us! Sou tanto um D'us de misericórdia, chamado D'us, como um D'us severo, chamado Elokim. Não sou dois deuses distintos! Sou Aquele que faz tudo acontecer. Vocês viram como afoguei os egípcios no Mar Vermelho, e ao mesmo tempo salvei vocês dividindo as águas."

O Segundo Mandamento

Ló Yihyê Lecha - Não Tenhas Outros Deuses!

"Não digas: 'Servirei a D'us e servirei outros deuses, também. Eles serão Seus ajudantes!' Deves servir apenas a Mim.

"Não podes fazer uma imagem Minha, mesmo que penses que isto te ajudará a servir-Me melhor."

O Terceiro Mandamento

Ló Tissa - Não Pronuncie o Nome de D'us em Vão!

Este mandamento proíbe jurar falsamente ou sem necessidade em nome de D'us.

D'us punirá todo aquele que diga Seu nome em vão.

Por causa deste mandamento, quando lemos a Torá ou rezamos, chamamos D'us de "Hashem" que significa "O Nome." Chamando-O de D'us, e não A-do-nai mostramos que não usamos o santo Nome de D'us desnecessariamente.

O Quarto Mandamento

Shamor et Yom HaShabat - Santificar o Shabat!

Devemos nos abster de trabalho proibido no Shabat, e também santificá-lo fazendo ou ouvindo kidush e havdalá. É um bom hábito que cada membro da família ajude a preparar o Shabat, e não deixar todas as tarefas para a dona de casa.

Nossos grandes sábios tinham muitos servos a quem podiam dar ordens de deixar tudo pronto para o Shabat. Mesmo assim, costumavam eles mesmos fazer os preparativos para o dia sagrado.

O Midrash nos conta:

Os Chachamim Ajudavam na Preparação para o Shabat

•Rav Chisda cortava os vegetais para a refeição do Shabat.

•Rabá e Rav cortavam madeira.

•Rav Zêra acendia o fogo.

•Rav Nachman arrumava a casa e providenciava a louça de Shabat.

O Quinto Mandamento

Cabed - Honrar Pai e Mãe!

Se um filho honra seu pai e sua mãe, D'us diz: "É como se Eu vivesse entre eles e o filho tivesse honrado a Mim!" Uma das melhores maneiras de o filho honrar os pais é guardar a Torá. Se o filho é um tsadic, isso é um mérito para os pais.

O Sexto Mandamento

Ló Tirtsach - Não Assassinar!

Se o povo judeu não tiver assassinos dentre eles, a sua recompensa será que exércitos inimigos não passarão por Êrets Yisrael. Haverá paz absoluta.

O Sétimo Mandamento

Ló tin'af - Não Cometas Adultério!

D'us deseja que o marido e a esposa sejam fiéis um ao outro. Como recompensa por guardar este mandamento, D'us dará felicidade e alegria ao povo judeu.

O Oitavo Mandamento

Ló Tignov - Não Furtar!

Este mandamento proíbe essencialmente o "roubo" de um ser humano, ou seja, o sequestro. Porém, inclui também todo tipo de roubo e desonestidade. Um judeu deve ser honesto em todos seus negócios. Se o povo judeu não roubar, D'us os recompensará com a vitória sobre seus inimigos.

Uma história:

Mais Esperto que o Ladrão

Um comerciante tinha viajado a outra cidade para adquirir mercadorias. Levou com ele uma bolsa contendo 500 moedas de ouro. Ao chegar a seu destino, encontrou uma estalagem na qual passaria a noite. Mas estava preocupado com o dinheiro, pois poderia ser roubado. Deveria deixá-lo no quarto, ou carregá-lo consigo todo o tempo?

Não conhecia pessoa alguma na cidade, por isso decidiu que o melhor seria esconder as moedas. Cavou um buraco no solo, a um canto do quarto, e lá escondeu a bolsa. Cobriu tudo com terra.

O infeliz viajante não podia imaginar que estava sendo observado. O estalajadeiro, um homem desonesto, assistia suas ações através de um furo na parede, esfregando as mãos satisfeito com a descoberta. Assim que o comerciante saiu, o estalajadeiro cavou e roubou a bolsa.

Pelos dias que se seguiram, o homem de negócios nem ao menos pensou sobre o dinheiro, pois considerava-o a salvo. Quando chegou o dia em que precisou do dinheiro, foi direto ao canto do quarto. Em choque, ficou olhando para o buraco vazio; a bolsa se fora! Esmiuçou o cérebro para tentar lembrar onde poderia estar. Não falara a ninguém sobre o esconderijo; alguém deveria tê-lo vigiado. Após fazer uma completa busca pelo aposento, o mercador descobriu o burquinho. Percebeu que o hospedeiro deveria tê-lo observado através dele. Agora era necessário um truque bem esperto para conseguir o dinheiro de volta. O que faria?

O comerciante teve uma idéia. Após acalmar-se um pouco, foi em busca do hoteleiro. "Ouvi dizer que é um homem sábio!" disse ele. "Poderia por favor aconselhar-me, pois tenho um problema?"

"Certamente," respondeu o homem, lisonjeado.

.....
O mercador prosseguiu: "Veja só, eu trouxe comigo duas bolsas. Uma contém 500 moedas de ouro, e a outra, 800. Decidi esconder a primeira, mas estou na dúvida sobre o quê fazer com a segunda. Acha que é seguro escondê-la no mesmo local? Ou ao contrário, deveria eu dá-la para alguém na cidade guardá-la?"

"Não a dê a ninguém!" respondeu o albergueiro. "A pessoa pode ser desonesta. É muito arriscado. Sugiro que você a esconda."

Secretamente, o estalajadeiro pensou: "Agora conseguirei a segunda bolsa, também!" "Obrigado pelo bondoso conselho," disse o comerciante. "Preciso sair agora para uma reunião com alguns outros mercadores. Quando voltar, farei da maneira que sugeriu."

Assim que saiu, o hospedeiro pôs a bolsa roubada no esconderijo. "O mercador colocará a segunda bolsa lá também," pensou alegremente. "Logo terei ambas em meu poder."

Mais tarde, o mercador voltou ao seu quarto. O plano teria dado certo? Acharia sua bolsa?

Foi ao esconderijo e, graças a D'us, lá estava o dinheiro! "Bendito seja D'us, que devolveu a propriedade perdida ao seu devido dono!" bradou ele.

Rapidamente deixou a estalagem, para nunca mais voltar.

O Nono Mandamento

Ló Taané - Não Dês Falso Testemunho!

É proibido testemunhar perante um Bêl Din (justiça) sobre um acontecimento que não foi observado pessoalmente pela testemunha. Se alguém testemunhar baseado em relatos de terceiros, mesmo se estiver convencido da integridade do acusado, estará transgredindo este mandamento.

O Décimo Mandamento

Ló Tachmod - Não Desejes Aquilo que Não te Pertence!

Há vários tipos de inveja: você pode estar com inveja porque seu amigo é um tsadic maior que você e aprende mais Torá. "Olhe quantas horas ele estuda. Invejo-o, realmente," talvez diga. Ou pode invejar suas posses materiais: "Seu carro é melhor que o meu! Ele tem dinheiro que jamais terei!"

Algum destes tipos de inveja é permitido?

Sim, o primeiro é. Você pode invejar as conquistas espirituais de outra pessoa, mas não suas posses mundanas.

Por que somos geralmente invejosos das coisas que os outros possuem?

O yétser hará (má inclinação) é astuto e deseja que pensemos que os objetos dos outros são melhores que os nossos. Para que possamos cumprir a mitsvá de "Não cobice!" devemos crer que D'us dá a cada pessoa o que é melhor para ela.

Se temos que ser invejosos, que o sejamos das maiores conquistas alheias da Torá. Isto nos fará tentar aprender com mais empenho e a cumprir mais mitsvot nos refinando.

Moshê Ensina o Primeiro Versículo do "Shemá"

A leitura do Shemá é um mandamento positivo da Torá que deve ser cumprido duas vezes ao dia: pela manhã na prece de Shacharit e após o anoitecer na prece de Arvit. Uma vez que o Shemá da manhã deve ser lido no primeiro quarto do dia, é aconselhável lê-lo logo após as Bênçãos Matinais, antes da prece de Shacharit para não atrasar este horário (e durante a prece de Shacharit, o Shemá será lido novamente na sequência normal da prece).

O Shemá é composto de três trechos da Torá (Deut. 6:4-9; 11:13-21; e Núm. 15:37-41) que devem ser lidos cuidadosamente e sem interrupção, seja por palavras, seja por gestos. Os homens costumam beijar os tsitsit (na leitura do Shemá de dia) cada vez que mencionam esta palavra no meio do terceiro parágrafo do Shemá e também na última palavra ("emet").

Cobrem-se os olhos com a mão direita ao recitar o primeiro versículo do Shemá para maior concentração. Ao pronunciar o nome de D'us ("A-do-nai"), deve-se ter em mente que Ele é Eterno, i.e., existe, existiu e existirá. A última palavra do primeiro versículo ("Echad"), composta de três letras hebraicas, deve ser pronunciada com ênfase especial, enquanto se reflete sobre seu significado: a primeira letra, alef, com valor numérico 1, diz respeito ao D'us Único; a segunda, chet, com valor numérico 8, significa que Ele tem soberania absoluta sobre os Sete Céus e a Terra; a terceira, dalet, com valor numérico 4, lembra que Ele também domina os quatro pontos cardeais. No final do terceiro trecho, as três últimas palavras antes de "emet" são repetidas somente quando a pessoa reza sem minyan.

Moshê explicou em detalhes o primeiro mandamento: "Crê em D'us." Disse ele:

Shemá Yisrael, A-do-nai E-lo-hê-nu, A-do-nai

Echad""", "Ouve, Israel, A-do-nai é nosso D'us, A-do-nai é Um."

Quando pronunciamos este versículo, aceitamos o domínio de D'us.

No passado, as nações não conseguiam acreditar que havia um só D'us. Alguns pensavam que havia duas (ou mais) divindades: uma boa e outra má. Mesmo hoje, muitas nações não acreditam num único D'us. Atualmente no Oriente há ainda povos que adoram ídolos. No mundo ocidental muitas pessoas acreditam em D'us. (Ao mesmo tempo, entretanto, curvam-se a imagens e adoram um homem como deus.) E algumas pessoas "esclarecidas" não acreditam de todo na existência de D'us. Moshê ensinou a verdade a Benê Yisrael. O mundo é governado por um único D'us. Ele é tanto um D'us misericordioso (chamado D'us) como um D'us severo (chamado Elokim).

Nossos sábios ordenaram que cada judeu proclamasse sua crença, recitando o versículo "Shemá Yisrael" duas vezes ao dia, pela manhã e à noite.

Se você olhar o versículo de Shemá num Sêfer Torá ou num Chumash, verá que duas letras desta frase têm o tamanho maior. São elas: áyin e dalet. (O áyin, a letra final da palavra Shemá e o dalet, no final da palavra echad).

.....
Estas duas letras formam a palavra "testemunha". D'us disse: "Vocês, o povo judeu, são testemunhas de que sou um. Na Outorga da Torá, vocês viram claramente que sou o único D'us."

O Versículo "Baruch Shem Kevod Malchutô Leolam Vaed"

Após recitarmos o primeiro versículo do Shemá, adicionamos em silêncio as palavras: "Bendito seja o nome de Seu glorioso reino para todo o sempre!"

Este versículo não é encontrado na Torá. Por que razão o acrescentamos?

Quando Moshê foi para o céu, ouviu os anjos louvarem D'us com estas palavras. Ele decidiu ensiná-las a Benê Yisrael. Dizemos o versículo em silêncio porque D'us não o deu diretamente a nós na Torá.

As Três Parshiyot de Shemá têm 248 Palavras

Quando um judeu reza sozinho, repete as palavras: "Ani Hashem Elokêchem" no final da leitura do Shemá. Por quê?

Os três parágrafos do Shemá, mais aquelas três palavras, perfazem 248 palavras. O corpo de uma pessoa tem 248 partes. Nossos sábios ensinam que se pronunciamos com cuidado cada uma das 248 palavras do Shemá, D'us protege cada uma das 248 partes de nosso corpo.

Sempre que rezamos, é importante pronunciar cada palavra. Se as pulamos ou pronunciamos de forma incorreta (principalmente as palavras "D'us" e "Elokênu") então não estamos rezando devidamente. Quando dizemos Shemá, é ainda mais importante pronunciar cada palavra claramente, mesmo que isso leve mais tempo.

Veahavtá - O Segundo Versículo do Primeiro Parágrafo do Shemá

Moshê continuou: "Veahavtá et Hashem Elokecha bechol levavechá uvchol nafshechá uvchol meodêcha"; "Ame a D'us, teu D'us, com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todas tuas posses."

Por que D'us deseja que O amemos?

Se O amamos, cumprimos Suas mitsvot muito mais cuidadosamente. Se você ama D'us, pensará antes de cada mitsvá: "De que maneira posso cumprir melhor esta mitsvá?"

*Avraham Yitschac e Yaacov cumpriram a mitsvá de "amar D'us" da forma em que está ordenada no Shemá:

Avraham amou D'us com todo seu coração. Quando Avraham já era um homem velho, D'us disse-lhe para oferecer seu único filho Yitschac em sacrifício. Avraham amava Yitschac. Mesmo assim, cumpriu a vontade de D'us mostrando a força de seu amor por Ele. Da mesma forma, somos ordenados a resistir à nossos impulsos e amar D'us de todo o coração.

* Yitschac é um exemplo de alguém que estava pronto a oferecer sua vida a D'us.

Concordou em ser sacrificado por Avraham no monte de Moriyá. Nós, também, devemos amar tanto a D'us que estejamos prontos a renunciar a nossa vida por Ele.

* Yaacov estava pronto a doar toda sua fortuna para D'us. Na casa de seu pai, Yaacov aprendeu a Torá, antes de preocupar-se em enriquecer. A caminho da casa de Lavan, prometeu dar a D'us um décimo de todas suas posses. Após tornar-se rico na casa de Lavan, Yaacov deu tudo que havia ganhado ao seu irmão Essav, para comprar sua sepultura na gruta de Machpelá.

Quando Moshê ordenou aos judeus: "Ame D'us com todo seu coração, com toda sua alma e com todas suas posses," pôde usar os patriarcas como exemplos perfeitos.

Moshê continuou: "Vehayu hadevarim haêle asher Anochi metsavechá hayom al levavêcha"; "Estas palavras que Eu te ordeno hoje ficarão sobre teu coração." Não devem sentir que estas palavras são velhas; devem sentir-se como se as tivessem recebido ainda hoje no Monte Sinai."

"Veshinantam levanêcha vedibartá bam beshivtechá bevetêcha uvlechtechá vadêrech uvshochbechá uvcumêcha"; "Inculca-las-ás diligentemente em teus filhos e falarás a respeito delas, estando em tua casa andando por teu caminho, e ao te deitares e ao te levantares." Fale sobre a Torá mais que sobre qualquer outro assunto."

Um pai judeu deve começar a ensinar Torá aos filhos antes mesmo de começarem a pronunciar suas primeiras palavras. Ensina primeiro este versículo aos filhos: "Torá tsivá l'anu Moshê morashá kehilat Yaacov"; "A Torá que Moshê nos ensinou é um legado para a congregação de Yaacov" (Devarim 33:4). Ensina então o versículo "Shemá Yisrael" e outros versículos.

"Ucshartam leot al yadêcha vehayu letotafot ben enêcha"; "Ata-las-ás como sinal sobre tua mão e se-rão por filactérios entre teus olhos."

Quando um menino judeu atinge a idade de bar-mitsvá, coloca tefilin no braço e sobre a cabeça. Os tefilin na cabeça são como uma coroa (o local onde os tefilin assentam sobre a cabeça é onde os reis judeus eram ungidos com óleo). Os tefilin são atados à cabeça e braço com correias de couro. As tiras mostram que estamos intimamente "atados" a D'us.

Os tefilin, na verdade, deveriam ser usados durante todo o dia. No passado, os judeus usavam tefilin o tempo todo, em casa e no Bêth Hamidrash. Dizia-se que Rabi Yochanan e Rabi Yehoshua ben Levi nunca andavam mais que uma curta distância sem usar seus tefilin.

Gerações posteriores não eram suficientemente santas para colocar tefilin durante o dia todo. Começaram a usá-los apenas para as preces matinais.

"Uchtavtam al mezuzot betêcha uvish'arêcha"; "Escreve-las-ás nos umbrais de tua casa e em teus portões."

A cada vez que entramos e saímos de nossa casa, devemos olhar para as mezuzot e lembrar-nos de cumprir as mitsvot.

Veja como é importante o primeiro parágrafo do Shemá! Contém mitsvot muito importantes: amar a D'us, aprender e ensinar Torá, colocar tefilin, e colocar mezuzot em nossa casa.

O Povo Judeu Nunca deve se Esquecer de D'us

.....
Moshê advertiu Benê Yisrael: "Logo chegarão a Êrets Cnaan, e lá encontrarão grandes cidades. D'us os manteve no deserto enquanto os canaanitas construíam estas cidades. As casas serão bem estocadas. Haverá poços para água, vinhas e oliveiras que vocês não precisaram plantar. Terão comida mais que suficiente.

"Mas prestem atenção! Quando uma pessoa recebe tanta riqueza sem ter trabalhado para isso, torna-se fácil esquecer D'us."

"Lembrem-se sempre de que foram escravos no Egito. Devem continuar a temer D'us e a servi-Lo. Jamais imitem as nações que servem ídolos!"

Apesar da advertência de Moshê, Benê Yisrael esqueceram D'us assim que estavam acomodados em Êrets Yisrael.

As palavras de Moshê aplicam-se a todas as gerações. Se as pessoas têm o bastante para comer e dinheiro suficiente, muito freqüentemente se esquecem de D'us. Pensam que não precisam mais d'Ele, e ficam muito ocupadas com os seus bens.

Na verdade, a riqueza é também um teste para o povo judeu. D'us deseja ver se sabemos usar o dinheiro para cumprir mitsvot e distribuir mais tsedacá.

Benê Yisrael Não Podem "Testar" D'us ou Um Navi (Profeta)

Moshê disse: "Não se pode testar D'us."

Não devemos dizer: "Se D'us me der um milhão de dólares, rezarei cada palavra," ou "se D'us fizer meu time ganhar, jamais falarei lashon hará novamente."

Moshê continuou: "Devemos cumprir as mitsvot sem perguntar o que D'us fará por nós. Não podemos entender seus caminhos, e somos obrigados a obedecê-lo" "Porém, podem estar certos de que, se cumprirem as mitsvot, o resultado será bom para vocês".

"Não podem testar um profeta de D'us, uma vez que seja provado que é verdadeiramente um profeta. Não lhe perguntem se algo acontecerá para testá-lo. Acreditem nele e sigam o que ele disser!"

Como Tratar as Sete Nações em Êrets Yisrael e a Proibição de Casamentos Mistos

Moshê advertiu Benê Yisrael: "Em Êrets Yisrael há sete nações: os canaanitas, chiti, emori, perizi, chivi, yevussi e guirgashi. Estas nações são adoradoras de ídolos, cujos hábitos são cruéis e perversos. Se vocês os deixarem viver no país, tornar-se-ão tão maus como eles são."

"Eles poderão ter permissão de ficar em Êrets Yisrael apenas se concordarem em servir a vocês e a cumprir as sete mitsvot que todos povos não-judeus devem cumprir (shêva mitsvot Benê Nôach). Se eles recusarem, vocês devem destruí-los. Devem destruir também seus altares e seus ídolos. Não sintam pena deles! Vocês não podem fazer um acordo com eles, ou permitir que vivam com vocês como amigos."

Aqui a Torá traz a proibição de casar tanto com membros destes povos, como com qualquer não-judeu.

A palavra "casamento" não deve ser entendida literalmente pois um matrimônio contraído entre um judeu e um não-judeu não tem validade haláchica.

Mesmo quando a mulher é judia, o filho desta união, (apesar de ser considerado um judeu), diz a Torá, será educado pelo seu pai como um gentio, e o pai o afastará da sua verdadeira fé.

Moshê Explica a Razão por Trás das Proibições

Moshê explicou: "Vocês são um povo santo. D'us os escolheu como Sua nação especial e preciosa. Não por serem mais numerosos que os outros povos na face da terra, pois vocês são os menores de todas nações. D'us os escolheu por causa de Seu grande amor por vocês e por causa do juramento feito a seus antepassados".

Os comentários da Torá afirmam que este grande amor que D'us tem por nós é em virtude da fidelidade e lealdade de Benê Yisrael. É natural alguém escolher como amigo um indivíduo que lhe é fiel nos momentos mais difíceis.

"Aquele que por sua vez, serve D'us também com amor, D'us estende Sua recompensa até duas mil gerações".

No Jardim da Torá

por Sichot in English

A Parashá Va'eschanan é sempre lida no Shabat Nachamu, o "Shabat da Consolação", posterior ao jejum de Tish'a Beav. O único consolo que aceitaremos pela destruição do Bet Hamicdash, o exílio do nosso povo de Erets Yisrael, e todas as tragédias subsequentes que sofreremos na gueulá. Esse era o objeto das preces de Moshê mencionadas nesta leitura da Torá, e esse é o supremo objeto de todas as preces do povo judeu. Porém, como enfatiza o ensaio a seguir, a prece não é suficiente. D'us deseja ação. E em numerosas ocasiões, o Rebe nos ensinou a natureza da ação exigida: "viver com a Redenção" e apreciar sua prévia em nossa vida atual. E ao antecipar a Redenção dessa maneira, podemos antecipar sua vinda.

Implorar a D'us – O que é a Prece?

O Rambam descreve a prece da seguinte maneira: A obrigação que esse mandamento acarreta é oferecer súplicas todos os dias; louvar o Eterno, bendito seja, e depois pedir pelas próprias necessidades, e então louvar e agradecer a D'us pela bondade que Ele nos concede.

Especificamente, a dimensão fundamental da prece é pedir a D'us pelas nossas necessidades. O louvor e agradecimentos que precedem e seguem esses pedidos são meramente um elemento suplementar da mitsvá. A pessoa deve perceber que D'us é a verdadeira fonte para cada aspecto do sustento e bênção que ela recebe, e deve se aproximar de D'us francamente, com pedidos sinceros.

Muitas vezes, no entanto, não nos contentamos em pedir a D'us aquilo que precisamos. Desejamos uma medida de fartura que vai além de nossas necessidades, e de fato, é muito mais do que merecemos. Pedimos uma dádiva que reflita a generosidade ilimitada de D'us. Pois cada judeu é tão caro a D'us como um filho único nascido a pais já de idade avançada. E por causa dessa

.....
proximidade intrínseca, Ele nos concede favores que superam nossas necessidades e nosso merecimento.

Duas Interpretações da Súplica de Moshê

Esses conceitos estão refletidos no nome da leitura desta semana da Torá, Va'eschanan. Va'eschanan significa "e ele suplicou", e refere-se ao pedido de Moshê a D'us para entrar em Erets Yisrael.

A interpretação desse termo por nossos Sábios dá orientação a cada um de nós sobre a maneira pela qual devemos nos aproximar de D'us em prece. O Sifri declara: [Moshê] poderia ter dependido... de suas boas ações. Em vez disso, ele pediu um presente a D'us... Muito mais, então [homens com menos méritos] devem fazer pedidos [a D'us dessa maneira]. De modo alternativo, [va'eschanan] é um dos dez termos utilizados para a prece.

O Midrash comunica conceitos similares, declarando: [Este] é um dos dez termos usados para a prece. De todos eles, Moshê adotou [esta abordagem], de súplica. Com isso, podemos aprender que nenhum ser criado pode fazer exigências a seu Criador, pois até Moshê [abordou D'us] num tom de súplica, [pedindo] um presente.

Tudo é Bondade

Embora haja uma semelhança entre as declarações do Sifri e do Midrash, em particular, os comentários notam uma distinção entre elas. O Sifri vê o conceito da prece e de pedir um presente como duas interpretações diferentes, ao passo que o Midrash funde os dois conceitos em um único entendimento.

Para mostrar mais de perto essa distinção:

D'us é "misericordioso com todas Suas obras", dando a cada uma seu sustento como é requerido. Além disso, quando as ações de alguém são meritórias, ele é assegurado: "Se seguireis Minhas leis... Eu te fornecerei chuva na época apropriada." Portanto, uma pessoa poderia ter base para crer que merece a ajuda de D'us.

Apesar disso, mesmo numa situação dessas a prece é necessária, como está no versículo: "A bondade é Tua, pois Tu concedes a cada homem segundo seus atos." Embora a conduta de alguém possa ser merecedora da bênção Divina, como D'us transcende inteiramente o âmbito material, para que a beneficência Divina seja revestida em forma material é exigida uma única medida de bondade. E essa medida é evocada pela prece.

Portanto, não há como uma pessoa exigir um favor de D'us. Todas as vezes, deve fazer pedidos a Ele como alguém que pede um presente. Isso nos permite entender a interpretação do Midrash previamente mencionada. Va'eschanan nos ensina a maneira pela qual devemos fazer pedidos a D'us. Quando estiver pedindo Sua bondade, deve-se implorar com humildade, em vez de exigir; mesmo quando é merecedora, uma pessoa não deveria confiar apenas em seus méritos, mas sim pedir a D'us pela Sua generosidade e bondade.

Não apenas um tom humilde, mas um coração humilde

A primeira interpretação citada no Sifri pede um comprometimento mais profundo. A humildade não somente deve caracterizar a

maneira de uma pessoa abordar D'us, como deve permear todo seu ser.

Uma pessoa deveria sentir realmente que está pedindo um favor, o qual não merece. Pois independentemente da virtude de suas ações, sempre existe um padrão mais elevado que se poderia exigir dele. Portanto, seu pedido é por um "presente", por uma bondade não merecida.

Esta abordagem foi personificada por Moshê, a quem a Torá descreve como "mais humilde que qualquer homem na face da terra." Moshê percebeu suas próprias virtudes positivas, mas também entendia que estas virtudes eram concedidas a ele por D'us, e sentia que se tivessem sido dadas a outra pessoa, esta poderia ter realizado mais.

Quando Um Decreto Celestial Pode Ser Mudado

Há uma dimensão mais profunda na diferença de interpretação entre o Midrash e o Sifri. Moshê estava rezando para entrar em Erets Yisrael.

Embora D'us tivesse decretado previamente que ele não entraria na Terra Santa, depois das conquistas de Sichon e Og, Moshê pensou que talvez D'us pudesse ceder e, portanto, voltou-se a Ele em sincera prece.

Há uma diferença de opinião entre nossos Sábios, sobre se a prece pode ter efeito depois que um decreto negativo foi pronunciado no Alto ou apenas de antemão. O Midrash é da opinião de que a prece pode reverter um decreto severo, mesmo depois de ter sido emitido. Portanto, Moshê pôde abordar D'us por intermédio de uma das formas de prece aceitas. A primeira opinião do Sifri, em contraste, diz que, normalmente, a prece pode ajudar somente antes de um decreto ser emitido, mas não depois. Portanto, Moshê tinha de ir além da abordagem comum da prece e implorar por um presente.

Atingindo além da nossa compreensão

O pensamento chassídico explica o pedido de "um presente" por Moshê da seguinte maneira: Se Moshê tivesse recebido permissão de levar o povo judeu até Erets Yisrael, ele teria conseguido atrair um nível de revelação Divina que nosso serviço Divino comum não pode atingir. Pois há limites aos picos espirituais a que o homem pode chegar por seus próprios esforços; os níveis mais elevados dependem unicamente da iniciativa de D'us. Estes níveis não podem ser atingidos pela abordagem padrão à prece. Pois a prece focaliza os esforços do homem para refinar a si mesmo e ao seu ambiente, e portanto Moshê pediu um "presente".

Fazer mais do que podemos

D'us não concedeu o pedido a Moshê, porque mesmo os níveis mais elevados de revelação não são concedidos como "presente", mas devem ser percebidos pelo homem por meio de seu serviço Divino.

O serviço exigido para atrair esses níveis, no entanto, não é aquele que o homem concebe ou trama por si mesmo. Estava além da concepção de Moshê. Em vez disso, é D'us que mapeia esse padrão de serviço e com essa intenção Ele tem liderado o povo judeu em sua odisseia através da história.

.....
Por esse motivo, a prece de Moshê não foi aceita, e foi Yehoshua e não Moshê quem levou os judeus a Erets Yisrael.

Embora isso trouxesse a possibilidade de os judeus serem levados ao exílio, isso é parte do plano Divino para habilitar a humanidade a cumprir o serviço necessário para aproximar a Redenção. Pois este é o serviço Divino do homem comum, confrontando a experiência cotidiana que tornará a Redenção uma realidade.

A Parashá Va'eschanan é sempre lida no Shabat Nachamu, "o Shabat da Consolação". O verdadeiro consolo pela destruição do Bet Hamicdash e o exílio é a percepção de que foram apenas fases nos guiando para a suprema Redenção. Levando-nos num rumo acima da compreensão mortal, D'us permite ao homem tornar-se Seu parceiro na Criação, e fazer do mundo uma morada que compartilharão.

O Dever de Ensinar aos Nossos Filhos

Likrat Shabat on line - Uma publicação da Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch

Parashat Vaetchanan fala sobre a mitsvá (mandamento) de estudar Torá, e contém o versículo: "E as ensinarás (as palavras da Torá) a teus filhos, e falará sobre elas..."

Em geral, a mitsvá de estudar Torá é composta de dois mandamentos distintos: a obrigação que cada pessoa tem de estudar Torá, e a obrigação de ensinar Torá a outros, especialmente os próprios filhos.

Embora pareça lógico que a mitsvá do próprio estudo tenha precedência sobre ensinar aos outros, vemos que o oposto é verdadeiro. Tanto as obras de Maimônides quanto o Código de Lei Judaica principiam o capítulo das leis que abrangem o estudo da Torá com a obrigação que cada pai ou mãe tem de ensinar aos próprios filhos. Por quê? E, além disso, como alguém pode ensinar a outros antes de saber bem a matéria?

Da ênfase sobre o ensino dos filhos aprendemos qual a abordagem correta no início de nosso estudo de Torá. Para entender isso, analisemos a diferença entre o estudo da Torá e o cumprimento das mitsvot.

Quando um judeu cumpre uma mitsvá, provoca uma mudança no mundo material, elevando e santificando os objetos físicos que utiliza no cumprimento da mitsvá. De modo que a realização prática da mitsvá é mais importante que as intenções da pessoa que a cumpre, pois a própria ação traz iluminação ao mundo.

O estudo da Torá, por outro lado, serve para refinar e elevar o indivíduo. Quando um judeu estuda Torá, seu intelecto une-se à sabedoria Divina contida nela e faz com que se torne uma pessoa Divina, cujos pensamentos são santos. A essência do estudo da Torá é, portanto, a humildade e a auto-anulação que a pessoa tem de sentir antes mesmo de começar a estudar. Para estudar Torá da maneira certa, é preciso ter um desejo sincero de entender a sabedoria de D'us, sem motivos egoístas.

Antes de um judeu estudar Torá deve subjugar seu próprio ego e perguntar: "O que a própria Torá quer de mim?" Sem esse pré-requisito, dizem nossos Sábios, o estudo da Torá pode até ser prejudicial e tornar-se uma "droga venenosa".

Salientar o dever de ensinar a nossos filhos antes mesmo que nós próprios estudemos enfatiza que nosso objetivo não é apenas, adquirir conhecimentos, pois a mente de uma criancinha não pode chegar a alcançar a grandeza do que estuda. Nosso objetivo é seguir o exemplo da pureza e da inocência da criança quando estuda as palavras escritas por D'us. Precisamos abordar a Torá do mesmo jeito, sem tentar "adaptar" o que estudamos a nossa visão de mundo. Todos nós, independente da idade, somos como crianças para nosso Pai Celestial. Adaptado das obras do Rebe de Lubavitch.

(Traduzido de "L'Chaim Weekly", www.lchaimweekly.org)

A Voz Sem Eco

Vivendo Com o Rebe - Adaptado das obras do Lubavitcher Rebe

Na porção desta semana da Torá, Vaetchanan, Moshê descreve a Revelação no Monte Sinai à geração mais jovem de judeus que estavam para entrar na Terra de Israel. Ele descreve a voz de D'us, dizendo: "Uma grande voz, que não continuou."

Uma das explicações que o Midrash oferece para isso é que a voz de D'us não tinha eco. A resposta do Midrash parece apresentar alguns problemas. De que maneira a ausência de eco indica grandeza? Se a voz era de fato forte não teria produzido um eco? Além disso, por que D'us realizou este milagre? Como os milagres não são realizados desnecessariamente, por que D'us aparentemente alterou as leis da natureza para que sua voz não produzisse eco?

Um eco é produzido quando as ondas do som atingem um objeto. Quando as ondas do som atingem uma parede, uma montanha, ou qualquer obstáculo assim. Ricocheteiam de volta. A única condição necessária para produzir um eco é que o objeto que devolve as ondas do som devem ser fortes. Se o objeto for mole e ceder, o som simplesmente será absorvido e nenhum eco resultará.

O fenômeno físico explicará por que a voz de D'us no Monte Sinai não tinha eco. Quando D'us disse: "Eu sou o Senhor teu D'us", Sua voz era tão esmagadoramente poderosa que nada no mundo poderia ser forte o suficiente para devolver o som. A voz de D'us na verdade penetrou no mundo físico. Todo objeto no mundo, do inanimado até as formas mais elevadas de vida, absorveu a voz Divina e foi afetado por ela.

O fenômeno da Revelação no Sinai é similar ao que acontecerá depois da chegada de Mashiach, no Mundo Vindouro, que é descrito nestas palavras: "E a glória de D'us será revelada, e toda a carne verá." Mesmo o nosso corpo será capaz de perceber a Divindade. Assim ocorreu na Revelação. Toda a realidade física absorveu a Revelação da voz Divina.

É por isso que a voz de D'us não tinha eco. Isso não foi milagre, e as leis da natureza não foram anuladas. Na verdade, está de acordo com a lei física que quando um som é absorvido, não exista a produção de eco. E como a voz estava totalmente integrada na realidade física, não havia nada que pudesse devolver o som. Portanto, a ausência de um eco demonstra a infinita força da voz, em vez de o oposto.

Este fenômeno não ocorreu apenas uma vez na história do

.....
mundo. Toda vez que um judeu estuda Torá, a sagrada voz da Torá penetra as cercanias físicas e eleva o mundo.

Nossos Rabinos dizem que no Mundo Vindouro, “até as vigas da casa serão testemunhas”, pois elas absorveram toda a santidade produzida quando uma pessoa estuda Torá em seu lar. (Isso explica por que muitos tsadikim ordenaram que seu caixão fosse feito da madeira de sua escrivaninha ou mesa, onde eles estudaram Torá e deram comida aos pobres, pois a Torá e as mitsvot foram “absorvidas” pelas próprias tábuas!)

O poder da Torá é tamanho que nada pode ficar em seu caminho. O mundo foi criado de maneira a possibilitar a contínua voz da Revelação penetrando o mundo corpóreo, mesmo nos dias de hoje.

Intercalando Ciclos

Todos estamos informados sobre os ciclos da vida, sobre os altos e baixos diários, das mudanças sazonais, do vai e vem anual. Alguns eventos assinalam os pontos altos da vida, outros, os vales. Entre eles, porém, ciclos de ritmo menores vão e vêm.

A natureza tem seus ritmos, astronômicos ou não, e nós temos os nossos. A ciência do bio-ritmo nos diz que temos três ciclos. No decorrer de nossa vida, atravessamos uma onda, de alto a baixo, emocional, física e intelectualmente. Como o subir e descer diário do sol, como sua travessia anual do céu, como o desaparecimento mensal da lua, passamos por ciclos pessoais.

E a Torá tem seus ciclos, épocas nas quais o cumprimento de mitsvot domina, tempos em que o estudo de Torá domina. Dentro de cada um existem ciclos, também.

E cada ciclo tem um ponto médio, dois na verdade. Pontos médios – quando uma onda chega na metade da subida ou da descida – são pontos críticos, momentos de crises. Todo ciclo tem sua crise de “meia-vida”.

A “crise de meia-vida” para o ciclo lunar é o 15º dia do mês. Naquele dia a lua está a meio caminho de sua jornada. Até então, a lua está se tornando cheia; depois disso, ela perde sua plenitude. Todo dia a lua aumenta, ou diminui. Exceto no 15º.

Os ensinamentos chassídicos explicam dessa forma: “O décimo quinto representa a plenitude visível da luz, mas a luz ainda é apenas um receptáculo de luz.” Porém em 15 de Av (segunda-feira, 2 de agosto este ano), algo excepcional acontece, algo que distingue aquele 15 do dia 15 de todos os outros meses. Dois ciclos se interceptam.

Os momentos de conjunção, quando os ritmos de ciclos diferentes se interceptam, criam uma força singular, uma harmonia em contraponto, a beleza dentro da contradição.

Durante o mês de Av, “o poder do sol está enfraquecido”. A intensidade do verão já começou sua descida; a força total do verão declina. O ciclo do sol começou a descer.

Porém em 15 de Av, o ciclo da lua atinge o seu ápice.

Este, então, é o único dia do ano em que o ciclo lunar mensal é pleno – na meia-vida – e o ciclo solar anual começa sua descida.

Este momento, quando o sol enfraquece e a plenitude da lua preenche o céu, enfatiza a luz da lua.

Nos ensinamentos judaicos, os judeus são comparados à lua e as nações ao sol. Depois de Tish’a Beav, depois da descida, a lua torna-se cheia – um sinal de que o Templo Sagrado, a luz do povo judeu, será renovada.

O 15 de Av enfatiza também a força dessa renovação porque “o sol está enfraquecido”. É o calendário da natureza, daqueles que calculam dentro da estrutura da mente humana, por assim dizer. O calendário de D’us se torna mais proeminente.

Em 15 de Av, a lua cheia depois de Tish’a Beav, há uma tradição de intensificar o estudo de Torá à noite. À medida que a noite se alonga, o estudo de Torá da pessoa também aumenta.

Torá Instantânea

Por Eliezer Cohen

A porção desta semana da Torá inclui o primeiro dos três parágrafos da prece Shemá. O segundo parágrafo do Shemá é encontrado na porção da Torá da próxima semana, Êkev, e de muitas maneiras espelha o primeiro parágrafo.

Muito pode ser aprendido ao comparar e contrastar estas duas porções da Torá. O que se segue é um exemplo:

A Torá declara no primeiro parágrafo: “E estas palavras [da Torá] que estou ordenando a vós hoje, que estejam em vosso coração” (Devarim 6:6).

O segundo parágrafo começa com o versículo “E assim será, se vós ouvirdes Meus mandamentos que vos estou ordenando hoje...” (Devarim 11:13).

Em ambas as porções, a frase: “que vos estou ordenando hoje” é empregada.

Qual o significado desta frase aparentemente supérflua?

Em sua interpretação da frase no primeiro parágrafo, Rashi explica que a Torá está nos ensinando que suas palavras não devem simplesmente ser vistas como um dogma fora de moda, ao qual a pessoa não confere nenhuma importância. Ao contrário, deveriam ser consideradas como um decreto que todos correm entusiasticamente para saudar. A Torá usa a frase: “que Eu estou vos ordenando hoje” para ensinar-nos a vermos sempre as palavras da Torá como frescas e novas.

Rashi também interpreta esta frase no segundo parágrafo. Lá, ele escreve simplesmente: “As palavras da Torá devem ser novas para você, como se as tivesse ouvido hoje.” Embora isso pareça ser meramente uma reiteração de seus próprios comentários sobre o primeiro parágrafo, uma análise cuidadosa revela que não é esse o caso.

Ao interpretar a frase no primeiro parágrafo, Rashi menciona “correr” para saudar um decreto. No segundo parágrafo, Rashi omite este “correr”. Além disso, Rashi fala no segundo parágrafo como se o leitor de seu comentário já tenha ouvido as palavras da Torá, e ele guia a pessoa a vê-las como se as tivesse recebido hoje.

.....
A lição que emerge é clara. O primeiro parágrafo está se referindo ao aluno de Torá antes que ele realmente tenha aprendido o material. Ele deve abordar estas palavras da Torá correndo com entusiasmo para saudá-las – pela primeira vez. O segundo parágrafo nos dá um desafio ainda maior – que mesmo após termos aprendido uma parte da Torá, devemos manter uma vivacidade especial para com ela, como se a tivéssemos aprendido hoje pela primeira vez.

Escolha Uma Mitsvá

Por Benyamin Cohen

Se você tivesse que escolher apenas uma mitsvá para cumprir, qual seria ela?

Imagine um prisioneiro a quem fosse concedido um dia de suspensão da pena, e no qual pudesse cumprir qualquer mitsvá que desejasse. Escolheria Rosh Hashaná, para que tivesse uma chance de ouvir o som do shofar? Ou talvez escolhesse Yom Kipur, para que pudesse rezar a D'us na sinagoga pedindo misericórdia e perdão? Talvez devesse escolher Shabat para que pudesse recitar o kidush e ficar ao sol apreciando a santidade do dia?

Este caso intrigante realmente aconteceu no século dezesseis e foi levado perante o Radvaz, rabino-chefe do Egito que escreveu uma clássica coleção de resposta haláchica. De forma bem surpreendente, ele respondeu que o prisioneiro deveria escolher o primeiro dia disponível – independentemente de ser ou não um feriado, um Shabat, ou meramente um dia de semana. Sua argumentação estava baseada em uma declaração de Pirkê Avot (2:1): "Seja tão escrupuloso ao cumprir uma mitsvá 'menor' como é ao cumprir uma 'maior', pois você não sabe as recompensas concedidas pelas mitsvot."

Os sábios estão ensinando-nos a não discriminar entre as mitsvot. Devemos ser tão cuidadosos com uma mitsvá 'difícil' como somos com uma 'fácil.' Portanto, não podemos tratar uma mitsvá como tendo prioridade sobre outra.

Onde encontramos este conceito na própria Torá escrita?

A Torá de forma alguma vincula uma recompensa a uma mitsvá específica. Se cada mitsvá tivesse uma recompensa correspondente, seria muito fácil e conveniente para nós sermos seletivos em nossas ações, simplesmente escolhendo realizar a mitsvá que desejamos. Portanto, a Torá apenas menciona uma recompensa para duas mitsvot específicas. Na porção desta semana da Torá, lemos o quinto mandamento filial de honrar os pais, sobre o qual a Torá em Parashat Yitrô declarou que a recompensa é vida longa. A outra mitsvá – espantar a ave mãe antes de pegar seus ovos – está também relacionada à recompensa da longevidade.

O que há de tão significativo sobre estas duas mitsvot para haver uma recompensa específica a elas atribuída?

O Talmud ensina que honrar o próprio pai e mãe é a mitsvá mais difícil de cumprir adequadamente. Relata várias ilustrações de rabinos tentando cumprir esta mitsvá.

Uma história fala de Rabino Tarfon que inclinava-se e permitia que sua mãe pisasse sobre ele a cada vez que ia subir na cama.

Mesmo assim, declara o Talmud, isso não preenche metade de suas obrigações! Qual a mitsvá mais fácil de ser cumprida? Imagine-se caminhando pela rua quando avista uma mamãe pássaro agachada sobre alguns ovos. A Torá ordena que enxotemos a ave antes de tirar os ovos. Isso é tão fácil de fazer – apenas um aceno de mão. Não requer nenhum esforço, não custa nada. Como diz sucintamente o Talmud no Tratado Chulin, esta é a mais fácil de todas as mitsvot.

Estas duas mitsvot são as únicas mencionadas com uma recompensa específica porque, na verdade, elas englobam todas as restantes 611 mitsvot. Ao dizer-nos que a recompensa, tanto para a mais simples como para a mais difícil é a mesma, D'us está nos ensinando que todas as mitsvot são criadas iguais, no sentido em que há uma recompensa concedida para ambas e para cada uma entre elas.

Se tivéssemos de escolher uma mitsvá, qual seria?

A primeira que surgir em nosso caminho. Não perca a chance!

Shemá Israel

O "Shemá" é garantia que terão sonos tranquilos e uma vida segura?

Ao Nascer

Antes que nossos bebês comecem a balbuciar suas primeiras palavras, logo ao nascer, já introduzimos valores judaicos fundamentais em suas vidas. Logo ao acordar recitamos "Môde Ani" e o "Shemá". Ao estarem quase adormecidos, ainda despertados, bem alimentados, banhados e confortavelmente embrulhados em seus pijaminhas quase a ponto de serem depositados em seu berço, cobrimos seus olhos e recitamos o "Shemá". A afirmação, "Ouve Israel..." que os acompanharão para sempre.

O que faz esta prece ser tão genuína e especial a ponto de incutirmos em nossos filhos, do início ao final de suas vidas?

O "Shemá" é garantia que terão sonos tranquilos e uma vida segura?

Ao Anotecer

Assim como o "Shemá" faz parte das primeiras palavras a serem repetidas por nossas crianças, ele acompanha cada judeu ao longo de sua jornada.

É uma afirmação de nossa fé e confiança em um D'us único e verdadeiro a quem devemos todas as bênçãos recebidas, desde o momento de nosso despertar, ao deitar, bem como nos momentos finais de nossa vida.

A geração de nossos pais ou avós levaram cada palavra do Shemá a seus lábios a caminho dos fornos crematórios, e antes disto, nas fogueiras da inquisição. O princípio que está para sempre moldado na pronúncia desta afirmação, é que a fé e lealdade de um judeu a D'us é inabalável, mesmo que para isto precise pagar com sua própria vida, mesmo que hoje esteja mais distante e ainda não tenha descoberto o incalculável valor de sua herança, mesmo que se torne presa fácil, por falta de conhecimento, de caçadores anielígenas de almas para rebanhos

.....
alheios: o Shemá e sua neshamá (alma judaica, a faísca Divina) sempre estarão conectadas.

É dever de todo e cada judeu ensinar o "Shemá" a seus filhos, em todas as gerações, sem esquecer a obrigação de amar e ensinar também a cada irmão judeu, por mais distante que se encontre hoje. Deverá fazê-lo escutar e se aproximar.

A Prece

A leitura do Shemá é um mandamento positivo da Torá que deve ser cumprido duas vezes ao dia: pela manhã na prece de Shacharit e após o anoitecer na prece de Arvit. Uma vez que o Shemá da manhã deve ser lido no primeiro quarto do dia, é aconselhável lê-lo logo após as Bênçãos Matinais, antes da prece de Shacharit para não atrasar este horário (e durante a prece de Shacharit, o Shemá será lido novamente na sequência normal da prece).

O Shemá é composto de três trechos da Torá (Deut. 6:4-9; 11:13-21; e Núm. 15:37-41) que devem ser lidos cuidado-samente e sem interrupção, seja por palavras, seja por gestos. Os homens costumam beijar os tsitsit (na leitura do Shemá de dia) cada vez que mencionam esta palavra no meio do terceiro parágrafo do Shemá e também na última palavra ("emet").

Cobrem-se os olhos com a mão direita ao recitar o primeiro versículo do Shemá para maior concentração. Ao pronunciar o nome de D'us ("A-do-nai"), deve-se ter em mente que Ele é Eterno, i.e., existe, existiu e existirá. A última palavra do primeiro versículo ("Echad"), composta de três letras hebraicas, deve ser pronunciada com ênfase especial, enquanto se reflete sobre seu significado: a primeira letra, alef, com valor numérico 1, diz respeito ao D'us Único; a segunda, chet, com valor numérico 8, significa que Ele tem soberania absoluta sobre os Sete Céus e a Terra; a terceira, dalet, com valor numérico 4, lembra que Ele também domina os quatro pontos cardeais.

No final do terceiro trecho, as três últimas palavras antes de "emet" são repetidas somente quando a pessoa reza sem minyan.

Shemá Yisrael, A-do-nai E-lo-hê-nu, A-do-nai Echad.

(Em voz baixa:) Baruch shem kevod malchutô leolam vaed.

Veahavtá et A-do-nai E-lo-hê-cha, bechol levave-chá uvchol nafshechá uvchol meodêcha. Vehayu ha-devarim haêle, asher Anochi metsavechá hayom al levavêcha. Veshinantam levanêcha vedibartá bam, beshivtechá bevetêcha, uvlechtechá vadêrech uvshochbechá uvcumêcha. Uchshartam leot al yadê-cha vehayu letotafot ben enêcha. Uchtavtam al mezuzot betêcha uvish'arêcha.

Ouve, Israel, A-do-nai é nosso D'us, A-do-nai é Um.

(Em voz baixa:) Bendito seja o nome da glória de Seu reino para toda a eternidade.

Amarás a A-do-nai, teu D'us, com todo teu coração, Estas palavras que Eu te ordeno hoje ficarão sobre teu coração. Inculcas-as diligentemente em teus filhos e falarás a respeito delas, estando em tua casa e andando por teu caminho, e ao te deitares e ao te levatares. Ata-las-as como sinal sobre tua mão e serão por filactérios entre teus olhos. Escreve-las-as nos umbrais de tua casa e em teus portões.

Vehayá im shamôa tishmeú el mitsvotai, asher Anochi metsavê et'chêm hayom, leahavá et A-do-nai E-lo-he-chêm, ul'ovdô bechol levavchêm uvchol nafshechêm. Venatati metar artsechêm be'i-tô, yorê umalcosh, veassaftá deganêcha vetiro-shechá veyits'harêcha. Venatati êssev bessadechá livhemtêcha veachaltá vessavá'ta. Hishameru la-chêm pen yiftê levavchêm, vessartêm vaavadtêm elohim acherim, vehishtachavitêm lahêm. Vecha-rá af A-do-nai bachêm, veatsar et hashamayim, velô yihyê matar, vehaadamá lo titen et yevulá.

Vaavadtêm meherá meal haárets hatová asher A-do-nai noten lachêm. Vessamtêm et devarai êle al levavchêm veal nafshechêm, uchshartêm otam leot al yedchêm, vehayu letotafot ben enechêm. Veli-madtêm otam et benechêm, ledaber bam, beshiv-techá bevetêcha, uvlechtechá vadêrech, uvshoch-bechá uvcumêcha, uchshartam al mezuzot betêcha uvish'arêcha. Lemáan yirbu yemehchêm vimê vene-chêm, al haadamá asher nishbá A-do-nai laavotê-chem, latet lahêm, kimê hashamayim al haárets.

Acontecerá, se obedeceres diligentemente Meus preceitos, que Eu vos ordeno neste dia, de amar a A-do-nai, vosso D'us, e servi-Lo com todo vosso coração e com toda vossa alma; então darei a chuva para vossa terra a seu tempo, a chuva precoce e a chuva tardia; colherás teu grão, teu mosto e teu azeite. Darei erva em teu campo para teu gado, e comerás e te saciarás.

Guardai-vos para que vosso coração não seja seduzido e desvieis e sirvais outros deuses e vos prostreis diante deles. Pois então se inflamará contra vós a ira de A-do-nai, e Ele fechará os céus e não haverá chuva, e a terra não dará seu produto. Então perecereis rapidamente da boa Terra que A-do-nai vos dá. Portanto, colocai estas Minhas palavras sobre vosso coração e sobre vos-sa alma, e até-las-eis como sinal sobre vossa mão e serão por filactérios entre vossos olhos.

Ensiná-las-eis a vossos filhos, a falar a respeito delas, estando em tua casa e andando por teu caminho, e ao te deitares e ao te levatares. Escreve-las-ás nos umbrais de tua casa e em teus portões. A fim de que se multipliquem vossos dias e os dias de vossos filhos na Terra que jurou A-do-nai a vossos antepassados dar-lhes por todo o tempo em que os Céus estiverem sobre a Terra.

Vayômer A-do-nai el Moshê lemor: Daber el Benê Yisrael veamartá alehêm, veassu lahêm tsitsit al canfê vigdehêm ledorotam. Venatenu al tsitsit ha-canaf, petil techêlet. Vehayá lachêm letsitsit, ur'-itêm otô, uzchartêm el col mitsvot A-do-nai, vaas-sitêm otam, velô tatúru acharê levavchêm veacha- tizkeru vaassitêm et col mitsvotai, vihyitêm kedoshim l'E-lo-he-chêm. Ani A-do-nai, E-lo-he-chêm, asher hotsêti et'chêm meêrets Mitsráyim, lihyot lachêm l'E-lo-him. Ani A-do-nai E-lo-he-chêm (Ani A-do-nai E-lo-he-chêm). Emet.

Disse A-do-nai a Moshê o seguinte: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes que façam para si franjas nos cantos de suas vestimentas, por todas suas gerações. Prenderão na franja de cada borda um cordão azul-celeste. Serão para vós por tsitsit e os olhareis e recordareis todos os preceitos de A-do-nai, e os cumprireis; e não seguireis atrás de vosso coração e atrás de vossos olhos, por meio dos quais vos desviareis. Para que vos lembreis e cumprais todos Meus mandamentos e sejais santos para vosso D'us. Sou A-do-nai, vosso D'us, que vos tirou da terra

.....
do Egito para ser vosso D'us. Eu, A-do-nai, sou vosso D'us (Eu, A-do-nai, sou vosso D'us).

É verdade.

O sentido do "Shemá" explicado por Moshê - Parashat Vaetchanan

Moshê explicou em detalhes o primeiro mandamento: "Crê em D'us." Disse ele: "Shemá Yisrael, A-do-nai E-lo-hê-nu, A-do-nai Echad", "Ouve, Israel, A-do-nai é nosso D'us, A-do-nai é Um."

Ao pronunciarmos este versículo, aceitamos o domínio de D'us.

No passado, as nações não conseguiam acreditar que havia um só D'us. Alguns pensavam que havia duas (ou mais) divindades: uma boa e outra má. Mesmo hoje, muitas nações não acreditam num único D'us. Atualmente no Oriente há ainda povos que adoram ídolos. No mundo ocidental muitas pessoas acreditam em D'us. (Ao mesmo tempo, entretanto, curvam-se a imagens e adoram um homem como deus.) E algumas pessoas "esclarecidas" não acreditam de todo na existência de D'us. Moshê ensinou a verdade a Benê Yisrael. O mundo é governado por um único D'us. Ele é tanto um D'us misericordioso (chamado D'us) como um D'us severo (chamado Elokim).

Nossos sábios ordenaram que cada judeu proclamasse sua crença, recitando o versículo "Shemá Yisrael" duas vezes ao dia, pela manhã e à noite.

Se você olhar o versículo de Shemá num Sêfer Torá ou num Chumash, verá que duas letras desta frase têm o tamanho maior. São elas: áyin e dalet. (O áyin, a letra final da palavra Shemá e o dalet, no final da palavra echad). Estas duas letras formam a palavra "testemunha". D'us disse: "Vocês, o povo judeu, são testemunhas de que sou um. Na Outorga da Torá, vocês viram claramente que sou o único D'us."

O versículo "Baruch shem kevod malchutô leolam vaed"

Após recitarmos o primeiro versículo do Shemá, adicionamos em silêncio as palavras: "Bendito seja o nome de Seu glorioso reino para todo o sempre!"

Este versículo não é encontrado na Torá. Por que razão o acrescentamos?

Quando Moshê foi para o céu, ouviu os anjos louvarem D'us com estas palavras. Ele decidiu ensiná-las ao Povo de Yisrael. Dizemos o versículo em silêncio porque D'us não o deu diretamente a nós na Torá.

As três Parshiyot de Shemá têm 248 palavras

Quando um judeu reza sozinho, repete as palavras: "Ani Hashem Elokêchem" no final da leitura do Shemá. Por quê?

Os três parágrafos do Shemá, mais aquelas três palavras, perfazem 248 palavras. O corpo de uma pessoa tem 248 partes. Nossos sábios ensinam que se pronunciarmos com cuidado cada uma das 248 palavras do Shemá, D'us protege cada uma das 248 partes de nosso corpo.

Sempre que rezamos, é importante pronunciar cada palavra. Se as pulamos ou pronunciarmos de forma incorreta (principalmente as palavras "D'us " e "Elokênu") então não estamos rezando devidamente. Quando dizemos Shemá, é ainda mais importante pronunciar cada palavra claramente, mesmo que isso leve mais tempo.

Veahavtá / O segundo versículo do primeiro parágrafo do Shemá

Moshê continuou: "Veahavtá et Hashem Elokecha bechol levavechá uvchol nafshechá uvchol meodêcha"; "Ame a D'us, teu D'us, com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com todas tuas posses."

Por que D'us deseja que O amemos?

Se O amamos, cumprimos Suas mitzvot muito mais cuidadosamente. Se você ama D'us, pensará antes de cada mitzvá: "De que maneira posso cumprir melhor esta mitzvá?"

Avraham Yitschac e Yaacov cumpriram a mitzvá de "amar D'us " da forma em que está ordenada no Shemá:

Avraham amou D'us com todo seu coração. Quando Avraham já era um homem velho, D'us disse-lhe para oferecer seu único filho Yitschac em sacrifício. Avraham amava Yitschac. Mesmo assim, cumpriu a vontade de D'us mostrando a força de seu amor por Ele. Da mesma forma, somos ordenados a resistir à nossos impulsos e amar D'us de todo o coração.

Yitschac é um exemplo de alguém que estava pronto a oferecer sua vida a D'us. Concordeu em ser sacrificado por Avraham no monte de Moriyá. Nós, também, devemos amar tanto a D'us que estejamos prontos a renunciar a nossa vida por Ele.

Yaacov estava pronto a doar toda sua fortuna para D'us. Na casa de seu pai, Yaacov aprendeu a Torá, antes de preocupar-se em enriquecer. A caminho da casa de Lavan, prometeu dar a D'us um décimo de todas suas posses. Após tornar-se rico na casa de Lavan, Yaacov deu tudo que havia ganhado ao seu irmão Essav, para comprar sua sepultura na gruta de Machpelá.

Quando Moshê ordenou aos judeus: "Ame D'us com todo seu coração, com toda sua alma e com todas suas posses," pôde usar os patriarcas como exemplos perfeitos.

Moshê continuou: "Vehayu hadevarim haêle asher Anochi metsavechá hayom al levavêcha"; "Estas palavras que Eu te ordeno hoje ficarão sobre teu coração." Não devem sentir que estas palavras são velhas; devem sentir-se como se as tivessem recebido ainda hoje no Monte Sinai."

"Veshinantam levanêcha vedibartá bam beshivtechá bevetêcha uvlechtechá vadêrech uvshochbechá uvcumêcha"; "Inculca-las-ás diligentemente em teus filhos e falarás a respeito delas, estando em tua casa andando por teu caminho, e ao te deitares e ao te levatares." Fale sobre a Torá mais que sobre qualquer outro assunto."

Um pai judeu deve começar a ensinar Torá aos filhos antes mesmo de começarem a pronunciar suas primeiras palavras. Ensina primeiro este versículo aos filhos: "Torá tsivá l'ânú Moshê morashá kehilat Yaacov"; "A Torá que Moshê nos ensinou é um

.....
legado para a congregação de Yaacov" (Devarim 33:4). Ensina então o versículo "Shemá Yisrael" e outros versículos.

"Ucshartam leot al yadêcha vehayu letotafot ben enêcha"; "Ata-las-ás como sinal sobre tua mão e se-rão por filactérios entre teus olhos."

Quando um menino judeu atinge a idade de bar-mitsvá, coloca tefilin no braço e sobre a cabeça. Os tefilin na cabeça são como uma coroa (o local onde os tefilin assentam sobre a cabeça é onde os reis judeus eram ungidos com óleo). Os tefilin são atados à cabeça e braço com correias de couro. As tiras mostram que estamos intimamente "atados" a D'us.

Os tefilin, na verdade, deveriam ser usados durante todo o dia. No passado, os judeus usavam tefilin o tempo todo, em casa e no Bêth Hamidrash. Dizia-se que Rabi Yochanan e Rabi Yehoshua ben Levi nunca andavam mais que uma curta distância sem usar seus tefilin.

Gerações posteriores não eram suficientemente santas para colocar tefilin durante o dia todo. Começaram a usá-los apenas para as preces matinais.

"Uchtavtam al mezuzot betêcha uvish'arêcha"; "Escreve-las-ás nos umbrais de tua casa e em teus portões." A cada vez que entramos e saímos de nossa casa, devemos olhar para as mezuzot e lembrar-nos de cumprir as mitsvot.

Veja como é importante o primeiro parágrafo do Shemá! Contém mitsvot muito importantes: amar a D'us, aprender e ensinar Torá, colocar tefilin, e colocar mezuzot em nossa casa.

Que possamos sempre escutar, estudar e ensinar profundamente as palavras de D'us outorgadas na Torá, tendo a obrigação e responsabilidade de jamais acrescentar ou diminuir uma única letra;

D'us é Um e Sua (nossa) Torá é uma.

A verdade é eterna!

A Ciência da Sobrevivência Judaica

Por Dov Greenberg

Há mais de três mil anos, um grupo de escravos judeus foram libertados do Egito. Desde então, nessa época do ano, revivemos sua história em Pêssach, a Festa da Liberdade.

Imagine que pudéssemos viajar de volta no tempo e dizer ao Faraó: "Temos boas e más notícias. A boa é que um dos povos que estão vivos hoje sobreviverá e mudará a paisagem moral do mundo. A má notícia é: não será o seu povo. Será aquele grupo ali de escravos hebreus, que estão construindo seus gloriosos templos, os Filhos de Israel."

Nada poderia ser mais ultrajante. O Egito do tempo dos faraós era o maior império do mundo antigo, brilhante em artes e ciências, formidável na guerra. Os israelitas eram um povo sem terra, escravos indefesos. De fato, já na antiguidade, aqueles no poder acreditavam que os israelitas estavam em vias de extinção. A primeira referência a Israel fora da Bíblia é um obituário do povo judeu. Está inscrito numa pedra grande de granito, que hoje se

encontra no Museu do Cairo. Ali diz: "Israel acabou. Sua semente não existe mais."

A história da sobrevivência judaica é tão excepcional, vasta e sem paralelos que desafia a imaginação. Em nosso próprio século, as duas grandes potências que anunciaram: "Israel acabou" – o Terceiro Reich de Hitler e a União Soviética – foram esmagados e desmantelados. Porém o povo de Israel vive.

Muitos pensadores e cientistas sociais tentaram, e ainda estão tentando, entender a sobrevivência de um povo, uma fé e um legado durante três milênios de condições históricas praticamente impossíveis. Blaise Pascal, o notável pensador, matemático, teólogo, físico francês do Século Dezanove, escreveu:

"Em algumas partes do mundo podemos ver um povo peculiar, separado dos outros povos do mundo, chamado de povo judeu... Este povo não apenas é de impressionante antiguidade como também tem perdurado por um tempo singularmente longo... Pois enquanto os povos da Grécia e Itália, de Esparta, Atenas, Roma e outros que surgiram muito depois pereceram há tanto tempo, este ainda existe, apesar dos esforços de tantos reis poderosos que tentaram uma centena de vezes acabar com ele, como seus historiadores atestam, e como pode ser facilmente julgado pela ordem natural das coisas no decorrer de tantos anos. Eles sempre foram preservados, no entanto, e sua preservação foi prevista... Meu encontro com esse povo me surpreende..."¹

Este é um tributo comovente, mas exige explicações.

A Ciência da Sobrevivência

Talvez possamos encontrar nossa resposta nos grandes pensadores empíricos de nosso tempo, os cientistas. Eles nos dizem que quando um cientista procura determinar as leis que governam um determinado fenômeno, ou descobrir as propriedades essenciais de um elemento da natureza, deve fazer uma série de experimentos sob as mais variadas condições para descobrir aquelas propriedades ou leis sob as quais todas as condições são as mesmas.

O mesmo princípio poderia ser aplicado à sobrevivência judaica. É um dos povos mais antigos do mundo, começando sua história nacional com a revelação no Sinai há mais de três mil anos. No decorrer desses séculos, os judeus viveram sob condições extremamente variadas. Foram dispersos pelo mundo. Tiveram múltiplos idiomas, possuíram uma diversidade de culturas. Por exemplo, Rashi viveu na França cristã. Maimônides nasceu na Espanha islâmica. Rabi Akiva viveu sob o governo romano; os sábios talmúdicos sob a hegemonia babilônica. Suas sociedades foram totalmente diferentes. Tudo que os ligava no espaço e tempo eram uma fé, o estilo de vida de Torá.

Nenhum outro povo sobreviveu durante tanto tempo sob tais circunstâncias. Se quisermos descobrir os elementos essenciais que formam a causa e a própria base da existência de nosso povo e sua força singular, devemos concluir que não foi sua terra, idioma, cultura, predisposição racial ou herança genética. O único fator constante que preservou nosso povo durante todas as vicissitudes é o tenaz apego ao nosso legado espiritual.

Foi isso que tornou nosso povo indestrutível apesar de milênios

.....
de investidas contra o corpo e alma judaicos por bandidos e monstros de todas as espécies.

O que a História Judaica nos diz é que a força do nosso povo como um todo, e de cada indivíduo, está num compromisso fiel à nossa herança espiritual, a base e essência de nossa existência.

O peixe e a raposa

Ninguém expressou isso melhor que Rabi Akiva, o grande sábio do Segundo Século. O Talmud relata como Rabi Akiva ensinava Torá em público na época em que o governo romano, sob o Imperador Adriano, proibiu essa atividade. Outro sábio, Pappus ben Judah, advertiu-o de que estava arriscando a própria vida. Rabi Akiva respondeu com a seguinte parábola:

Uma raposa certa vez caminhava pela margem de um rio, quando viu peixes pulando de um local para outro. "Por que estão fugindo?" perguntou ela aos peixes. "Para escapar das redes do pescador." "Neste caso", disse a raposa, "venham viver na terra seca junto comigo."

"Você é aquele que descrevem como o mais esperto dos animais?" disse o peixe. "Você não é esperta, mas tola. Se estamos em perigo dentro da água, que é onde vivemos, imagine em terra seca, onde certamente morreremos."2

A Torá é para a sobrevivência judaica, disse Rabi Akiva, como a água para o peixe. Sim, estamos em perigo, mas se deixarmos a Torá, que sustenta nossa identidade, para entrarmos na terra seca dos Romanos, certamente morreremos.

Esta não era meramente a convicção pessoal de um certo Rabi Akiva. É a própria história de Pêssach. Deixar o Egito foi apenas o início da liberdade, não o fim.

Mas o que seria Pêssach sem sua conexão íntima com Shavuot? O que seria a liberdade israelita sem a Revelação no Sinai? 3 Imagine a Bíblia como a narrativa de um mero grupo cultural ou étnico. Leríamos sobre a escravidão dos israelitas no Egito. Continuaríamos a ler com entusiasmo sobre como eles conquistaram sua liberdade e foram levados a uma terra própria. Depois leríamos sobre como eles se mesclaram à paisagem ao redor, casaram-se com canaanitas, jebusitas e os outros povos do antigo Oriente Próximo, e se evaporaram com o tempo, irrevogavelmente.

Sobrevivemos porque levamos a Torá conosco até Israel. Somos quem somos por causa de uma fé importante, fé que se provou mais forte que os maiores impérios da história.

O Antigo Egito e Roma construíram grandes monumentos para sobreviverem aos ventos e às areias do tempo. Aquilo que eles construíram está de pé e em alguns aspectos jamais foi superado. Porém somente a arquitetura permanece, não a civilização que uma vez lhes deu vida.

O Antigo Israel se tornou construtor, também, mas não de monumentos em pedra. Em vez disso eles foram chamados ao Sinai para construir um mundo de justiça, digno de ser a morada da Divina Presença. Suas pedras seriam suas ações sagradas, e sua argamassa o estudo de Torá e compaixão. Ao ensinar os israelitas que o Arquiteto desse mundo é D'us, os construtores são todos que desejam se tornar Seus "parceiros na

obra da criação". Moshê transformou um grupo de escravos num povo eterno.

Notas:

1 - Pascal, "Pensees".

2 - Talmud, Berachot 61b.

3 - Perante o Faraó, Moshê não exigiu simplesmente em nome de D'us: "Deixa Meu povo ir", mas "Deixa Meu povo ir; para que eles Me sirvam. (Shemot 7:16). veja também Sefer HaChinuch (Mitsvá 306), que a razão de ser do Êxodo foi entrar num pacto com D'us que é nossa força de apoio. Então, Shavuot é a única festa que não tem data marcada no calendário. A Torá o designa como o 50º dia após Pêssach. Como Shavuot é o complemento de Pêssach, o propósito do Êxodo foi concretizado somente no dia em que ficamos no Sinai.

Por que Moshê Não Entrou na Terra Santa

Por Yosef Y. Jacobson

Entre Yossef e Moshê: "D'us ficou furioso comigo por sua causa, e Ele não me ouviu," declara Moshê no início da porção dessa semana (Vaeschanan). "D'us me disse: 'É demais para você! Não continue a falar-me sobre este assunto.'"

Assim, D'us recusa a súplica de Seu fiel servo, Moshê, de ter permissão de entrar na Terra Prometida. Em vez disso, D'us diz a Moshê: "Suba ao topo da colina e levante os olhos na direção oeste, norte, sul e leste, e veja com seus olhos, pois não cruzará este Jordão."1

O Midrash, que transcreve as tradições orais passadas através das gerações, apresenta um diálogo comovente entre Moshê e D'us:2

Moshê disse a D'us: "Mestre do universo, os ossos de Yossef entrarão na Terra, e eu não?!"

Era isso que ele quis dizer: Na conclusão de Bereshit, Yossef, vice-rei do Egito, pouco antes de morrer, pediu aos filhos de Israel que levassem seus ossos com eles quando deixassem o Egito. Mais de um século depois, quando os escravos judeus embarcaram rumo à liberdade, "Moshê levou os ossos de Yossef com ele, pois ele [Yossef] tinha pedido firmemente aos Filhos de Israel, dizendo: 'D'us certamente Se lembrará de vocês, e deverão levar meus ossos daqui com vocês.'"

O caixão de Yossef vagou com os judeus durante sua jornada de quarenta anos pelo deserto. Quando Yehoshua liderou o povo até a terra, os ossos de Yossef foram enterrados na cidade de Shechem,4 conhecida hoje também como Nablus. (O túmulo foi queimado e destruído em outubro de 2.000, no início da Segunda Intifada. Rabino Hillel Lieberman, que foi proteger o local, foi assassinado. Desde então tornou-se proibido para os judeus visitar o lugar, exceto em determinadas ocasiões.)

Esta foi a ironia sugerida na súplica de Moshê a D'us: Eu fui aquele que carregou os ossos de Yossef durante quarenta anos; porém estes ossos que carreguei durante todo o caminho entrarão na Terra Santa, enquanto eu ficarei para trás!

.....
O que perturbava Moshê, segundo este Midrash, não era tanto ele não ter permissão de entrar vivo na Terra. Moshê podia entender que sua liderança estava reservada para a geração que deixou o Egito e que agora era tempo de seu pupilo Yehoshua assumir as rédeas. A queixa de Moshê era que D'us não permitiria sequer que seus corpo fosse enterrado no solo da Terra Santa! Os restos mortais de Yossef, que morrera 180 anos antes, podem entrar na terra, enquanto o corpo de Moshê, que liderou os judeus durante todo o caminho até a fronteira, não pode entrar?

A resposta de D'us é nada menos que estarrecedora, com essas palavras:

Aquele que reconheceu sua terra, será enterrado na terra; aquele que não reconheceu sua terra, não será enterrado na terra. Yossef reconheceu a terra; Moshê não.

O Midrash cita dois episódios demonstrando a lealdade de Yossef à terra.

O Primeiro Episódio

Aos dezessete anos, Yossef estava vivendo com seu pai Yaacov em Hebron. O jovem e bonito rapaz foi raptado por seus irmãos e vendido como escravo a egípcios. Ali ele conquistou a confiança de seu amo, Potifar, que o colocou encarregado da direção de sua casa, enquanto sua mulher tentava sem sucesso seduzir Yossef a um comportamento imoral.

Um dia quando ninguém estava em casa, a mulher se agarrou a Yossef, exigindo que ele traísse sua moralidade. Yossef fugiu de casa deixando a capa na mão dela. A mulher aproveitou a oportunidade e gritou: "Olhem! Ele [meu marido] trouxe para nós um homem hebreu para mexer conosco; ele veio deitar comigo mas eu gritei bem alto! Quando ele viu que levantei a voz e gritei, ele deixou esta roupa ao meu lado, fugiu e foi embora!"⁵

Por isso, Yossef foi condenado à prisão. Durante doze anos permaneceu encarcerado numa masmorra egípcia, até que finalmente foi libertado por interpretar um misterioso sonho do imperador egípcio, o faraó, após o que se tornou o vice-rei do país.

Como a esposa de Potifar descreveu Yossef? Como um "homem hebreu" ("Olhem, ele trouxe um homem hebreu para mexer conosco.") Esta era a característica mais óbvia e visível de Yossef. Claramente, ele nunca disfarçou sua origem; todos sabiam que ele era membro da tribo dos hebreus, vinda da Terra de Israel.

O Segundo Episódio

O segundo episódio ocorreu dez anos depois, ainda na masmorra egípcia. Ali, Yossef interpreta os enigmáticos sonhos de dois assistentes do faraó, o padeiro e o mordomo. O padeiro, prediz Yossef, será executado; o mordomo será libertado e devolvido ao cargo anterior no palácio.

Yossef pergunta ao mordomo: "Se apenas você pudesse me fazer um favor, e mencionar-me ao faraó, e tirar-me deste lugar, pois na verdade fui raptado da terra dos hebreus, e mesmo aqui nada fiz para que eles me colocassem na masmorra."⁶

Aqui mais uma vez Yossef proclama sua conexão com a Terra Santa. "Fui raptado da terra dos hebreus."

De fato, quando o mordomo apresenta o caso de Yossef ao faraó dois anos depois, é exatamente assim que ele descreve Yossef: "Ali [na masmorra] conosco havia um jovem hebreu, um escravo..."⁷ A primeira característica pela qual ele define Yossef é ele sendo "um jovem hebreu".

Por que Arriscar sua Liberdade?

Na sociedade egípcia, ser hebreu era motivo de vergonha.⁸ Talvez seja este o motivo pelo qual a esposa de Potifar, quando tentava ganhar credibilidade para a sua versão da história de que Yossef tentara violá-la, o tenha definido primeiro e acima de tudo como um "homem hebreu". Ela sabia que isso ajudaria seu caso. Quando as pessoas ouvissem que ele era um judeu, acreditariam no mau comportamento atribuído a ele. O judeu é capaz de tudo...

E Yossef tornou conhecido o fato de que era hebreu, morador de Israel. Se disfarçasse isto, talvez lhe fosse permitido integrar-se na sociedade egípcia, mas aquilo significaria mentir para si mesmo e ao mundo. Que tipo de vida é esta?

Anos depois, enquanto sofria na prisão, tentando ganhar as graças do governante egípcio para libertá-lo de seu sofrimento, teria sido mais lógico para ele ocultar sua verdadeira identidade. Por que diria ele ao mordomo: "Fui raptado da terra dos hebreus" colocando toda sua liberdade em risco?

Além disso, como pode Yossef definir a terra como "A terra dos hebreus"? Naquele tempo, a terra abrigava 31 reinos, consistindo de tribos grandes e poderosas, ao passo que os hebreus não passavam de 70 membros,⁹ e moravam em parte de uma cidade, Hebron?

Uma Conexão Orgânica

Qual é a conexão entre o povo judeu e a Terra Santa, tanto no passado quanto no presente? É meramente nacional: os judeus residem em Israel e naturalmente são cidadãos do país, portanto estão naturalmente conectados a ele. Não! Pelos últimos 2.000 anos, os judeus têm sido exilados e dispersos por todo o globo, porém ainda falam sobre Erets Yisrael como seu lar; eles clamam por ele como seu epicentro espiritual. Era o âmago de seus anseios, sonhos e aspirações.¹⁰

Por 2.000 anos, os judeus têm rezado três vezes ao dia na direção de Israel; ele têm implorado a D'us que os devolva à terra deles; têm concluído todo Seder e serviço de Yom Kipur com a declaração: "No próximo ano em Jerusalém!" – eles têm jejuado todo ano, sem falta, no dia que assinala o começo do seu exílio de Israel.

Por quê? Se fosse meramente uma obsessão nacionalista, teria diminuído com os dois milênios vivendo em outros locais.

A resposta a este enigma tem sido articulada em incontáveis obras de filosofia e misticismo judaicos:¹¹

.....
Todo e cada judeu, tanto secular quanto observante, está organicamente ligado à terra de Israel. Israel para o judeu não é meramente uma nacionalidade; é o lar da consciência interior judaica: a alma judaica está enraizada na energia que vibra na atmosfera de Erets Yisrael.

O judeu do Século X prosperando no Reno, o judeu do Século XVI caminhando pelas ruas da Cracóvia, o judeu do Século XX lutando na Moscou comunista, e o judeu do Século XXI bebericando café numa Starbucks do Soho – cada um deles sabia e ainda sabe, de maneira consciente ou subconsciente, que sua alma está conectada de forma inerente com Erets Yisrael. Talvez ele nunca tenha visitado o território físico, mas ainda é o seu lar. Como? Porque sua alma originou-se ali, e foi meramente levada à Diáspora, a fim de imbuí-la com a santidade de Erets Yisrael.

Yossef foi um escravo, depois um prisioneiro. Estava morando no Egito e impotente para mudar essa situação. Por fim, ele se tornaria o primeiro ministro do país. Porém aquilo era apenas seu corpo; sua alma ainda estava vivendo em Erets Yisrael. Assim, ele jamais se sentiu envergonhado de permanecer fiel a si mesmo e declarar a verdade: estou morando no Egito, mas uma parte de mim jamais deixou a Terra Santa. Talvez algum dia eu venha a amar o Egito, mas Erets Yisrael sempre permanecerá sendo meu lar. Porque é o lar.

Um Com a Terra

Agora voltemos nossa atenção a Moshê.

Após sua fuga da espada do faraó, Moshê passou algum tempo no poço de Midyan. Ali, o menino judeu que cresceu no palácio egípcio resgatou as sete filhas de Yitrô dos pastores que as estavam incomodando, e deu água às suas ovelhas. Quando as filhas chegaram em casa e o pai perguntou-lhes como tinham conseguido chegar tão depressa, elas responderam: “Um homem egípcio nos salvou dos pastores e até tirou água para nós e para as ovelhas.”¹²

“Um homem egípcio” foi a maneira pela qual descreveram Moshê. Em outras palavras, Moshê permitiu-lhes ter a impressão de que ele era egípcio. Moshê não necessariamente lhes disse que era egípcio; ele apenas não protestou contra a impressão delas de que ele o era.

Yossef, conclui o Midrash, abraçou sua terra, portanto foi enterrado ali; Moshê não o fez, portanto permaneceu fora dela.

Isso não era um castigo. Moshê, podemos estar certos, tinha bons motivos para seu comportamento. (Moshê enfrentou a superpotência de seu tempo, portanto claramente não sofria de auto-rejeição judaica, nem estava temeroso de parecer “judeu demais”. O motivo para ele se comportar assim está além do alcance desse ensaio.) Mesmo assim, para ser merecedor da Terra de Israel, você precisa ser um só com ela.

A Crise Moderna

Nos anos recentes,, alguns de nossos irmãos têm perdido contato com o senso inato imbuído no coração de nosso povo durante quatro milênios. Começamos a questionar nosso direito àquele pequeno território no Oriente Médio, cercado por centenas de milhões de muçulmanos. A Declaração Balfour, de 1917 e a

resolução de 1947 da ONU tornou-se para muitos a única base para o nosso direito de estabelecer o Estado de Israel.

Os vizinhos de Israel, agudamente cômicos dessa mudança de tom na moderna cultura israelense, aproveitaram esse enfraquecimento da conexão judaica com Israel para construir seu exércitos com o objetivo de derrotar o país. Em vez de dar aos terroristas um golpe total no momento em que o terror mostra sua feia cabeça, Israel foi consumido pela dúvida quanto à própria legitimidade em conquistar a “terra árabe”. Israel tem um exército forte, mas seus líderes perderam grande parte de sua convicção, confiança e paixão.

Agora Israel foi horivelmente despertado de mais de uma década de ilusões. O sonho de que concessões, uma retirada dos territórios ocupados em 1967, a criação de um estado palestino com sua capital a leste de Jerusalém criará um clima de paz, tragicamente se transformou num pesadelo. Esperávamos que a saída de Israel teria se provado correta, mas não foi este o caso. O país que estava relativamente seguro no meio da década de 1980 tem, seguindo os acordos do Tratado de Paz de Oslo, se transformado num banho de sangue. Milhares de judeus e árabes inocentes perderam a vida no processo.

Neste momento decisivo, devemos reclamar nosso senso interior de unidade e propósito, imbuído nas profundezas de todo coração judeu. A Terra de Israel é realmente a terra do povo judeu. Não se trata de ocupação; trata-se de realidade. A alma judaica está conectada por um milhão de cordões ao território de Erets Yisrael; é uma conexão inerente, codificada no próprio DNA do universo.

Nos últimos 4.000 anos a Torá jamais nos desapontou. Nem uma vez sequer. Podemos confiar em sua verdade, também: a terra é um presente de D'us ao povo judeu.

Yossef foi um homem do mundo. Ele caminhou pelos corredores das Nações Unidas e do Departamento de Estado. Foi um cidadão leal e fiel do Egito, contribuindo imensamente com seu crescimento econômico e salvando-o da fome. Porém ele nunca hesitou em dizer a verdade” que Israel era o lar eterno do povo judeu, dado a eles como um presente do Criador do céu e da terra.

Hoje, todos nós precisamos ser Yossefs.

NOTAS

1. Devarim 3:26-27
2. Midrash Rabá Devarim 2:8
3. Shemot 13¹⁹
4. Yehoshua 24:32
5. Bereshit 39:13
6. Ibid. 4:14
7. Ibid. 41:12
8. Bereshit 43:32
9. Ibid. 46:27

.....
10. Veja, por exemplo, o extraordinário poema dramático de Rabi Yehudah Halevi (Espanha, século 12): "Tsion, você não buscará o bem-estar de seus prisioneiros?"

11. Veja, por exemplo, Licutê Torá Parashá Massê. Sefas Emet Parashá Balak.

12. Shemot 2:19.

46 - Parashat Êkev

Deuteronômio 7:12-11:25

O Cumprimento das Mitsvot e a Conquista da Terra

Será para seu próprio bem. D'us abençoará seus filhos, animais, azeite, vinho e cereal. Dentre as mitsvot, não há maneira de dizer qual delas é a mais importante. Por isso, deve-se tentar cumprir todas dando a mesma importância e tomando os mesmos cuidados.

Há algumas mitsvot sobre as quais pisamos com nosso salto. Não as levamos a sério. Avak lashon hará (maledicência indireta) é um exemplo de tal pecado. Digamos, você elogia alguém perante pessoas que não gostam desta pessoa. Isto é proibido, mas frequentemente negligenciado. Aprendemos desta parashá que devemos corrigir tal falha e sermos cuidadosos.

Moshê continua falando ao povo até o final da Parashá, e a encorajá-los a obedecer a D'us.

Moshê disse: "Cumpra todas as mitsvot de D'us, mesmo se não parecem importantes a você. Até mesmo a menor das mitsvot deve ser observada cuidadosamente.

"Como recompensa, D'us lhe concederá o olam habá, mundo vindouro, e Ele o abençoará também neste mundo.

"Lembram quando foram contabilizadas apenas setenta pessoas quando Yaacov desceu ao Egito? Vejam como hoje vocês são tão numerosos como as estrelas no céu! Desta maneira, continuarão a se multiplicar se cumprirem as mitsvot de D'us.

"Seus filhos terão vida longa. Serão sábios e livres do pecado. As pessoas exclamarão: 'Olhem para estas maravilhosas crianças judias! Abençoadas sejam suas mães!'

"D'us também lhes dará fartas colheitas de cereal, vinho e azeite. Seus animais também se multiplicarão, para que se tornem ricos.

"D'us manterá todas as doenças distantes de vocês: tanto as doenças comuns como as raras que Ele enviou aos egípcios. Pelo contrário, aquelas doenças cairão sobre seus inimigos.

"Vocês serão vitoriosos sobre as sete nações de Erets Canaan, e vocês as destruirão."

A Conquista das Nações

"Vocês poderiam pensar: 'As nações em Erets Canaan são mais poderosas e numerosas que nós. Como poderemos expulsá-las?' Mas não tenham medo! Lembrem-se do que D'us fez ao faraó e aos egípcios? D'us realizará milagres semelhantes para vocês, quando conquistarem Erets Canaan.

"Enviaré insetos tzir'a (vespas) à frente de vocês. Quando seus inimigos se esconderem, estes insetos voarão até seus esconderijos e os envenenarão. Isto fará com que os soldados inimigos tornem-se cegos, e vocês poderão derrotá-los facilmente.

"D'us também confundirá as nações de Canaan, para que vocês possam derrotá-los.

"Mas fiquem atentos! Lembrem-se de queimar os ídolos: não sejam atraídos pela adoração de ídolos nem tirem qualquer proveito do ouro ou prata com que são feitos. D'us odeia qualquer coisa relacionada a adoração de ídolos."

"Eu os lembrarei de como D'us nos cuidou no deserto. E vocês estão no deserto por quase quarenta anos agora, e jamais sentiram fome. A cada manhã, D'us lhes dá um alimento maravilhoso: o maná do céu.

"D'us poderia tê-los levado por países habitados por pessoas, onde fosse possível comprar alimentos. Ou Ele poderia ter dado a vocês um enorme suprimento de maná para poupá-los todos os dias da preocupação de questionar de onde viria a refeição do dia seguinte. Mas a razão pela qual não agiu desta forma é porque desejava que confiassem n'Ele completamente para todas suas necessidades.

"D'us também os vestiu por quarenta anos. As nuvens de glória mantiveram suas roupas limpas e novas. Seus filhos nunca perderam as roupas devido ao crescimento. Miraculosamente, suas vestes cresciam com eles, assim como a concha de um caracol cresce com ele.

"Embora achassem difícil a vida no deserto, D'us queria isso para seu próprio bem, Ele os treinou a cumprirem Suas mitsvot e a confiar n'Ele, e Ele os preparou para receber Erets Yisrael.

"Enquanto cumprirem as mitsvot de D'us, Ele continuará a cuidar de vocês como fez no deserto. Confiem n'Ele plenamente."

Ser Humilde e Agradecer

"D'us está levando vocês a uma terra muito especial. Tem água abundante, e é famosa por sete produtos: trigo e cevada – dos quais pode-se fazer pão – bem como deliciosas frutas: uvas, figos, romãs, azeitonas e tâmaras.

"O sabor das frutas irá variar de uma tribo para outra. Por exemplo, as uvas na terra de Efrayim terão sabor diferente das uvas de Naftali. Se você experimentar as mesmas frutas de todas as tribos de Erets Yisrael, será como experimentar iguarias de doze países diferentes!

"E não é só isso! A terra é rica em ferro e cobre. Vocês terão os minerais necessários para edificar prédios e confeccionar ferramentas. Tornar-se-ão ricos.

"Mas enquanto se distraem com todas estas descobertas e maravilhas, poderão esquecer D'us. Para impedir que isso aconteça, devem bendizê-lo toda vez que forem comer ou beber.

"Não fiquem orgulhosos, pensando: Minha força e meu talento fizeram-se ter sucesso. Lembrem-se que tudo vem de D'us.

.....
"Vocês poderão pensar: 'A razão pela qual D'us nos concedeu todas estas maravilhas é porque somos tsadikim.' Não é por isso que D'us deu-lhes Erets Yisrael. Lembrem-se de que pecaram muitas vezes e deixaram-No aborrecido. Estão sendo tarzidos a esta terra porque D'us assim prometeu aos descendentes de Avraham, e chegou a hora das nações que vivem no país serem expulsas por causa de sua perversidade."

Moshê ensinou aos judeus que o sucesso não deveria torná-los orgulhosos.

O Bircat Hamazon

A Torá ordena: "Bendiga D'us após ter comido e sentir-se satisfeito."

A Torá obriga um judeu a recitar uma bênção se ele comeu pão até ficar saciado. Nossos Sábios instituíram que deve-se recitar bircat hamazon (graças após a refeição) mesmo se comeu apenas um kezayit (pedaço do tamanho de uma azeitona) de pão.

Bircat hamazon consiste de quatro partes:

1.Bircat Hazan – a bênção Àquele que alimenta todas as criaturas: Moshê instituiu esta bênção quando os judeus receberam o maná.

O milagre do maná caindo do céu enquanto os judeus estavam no deserto demonstrou abertamente a eles que D'us, em Sua bondade, cuida de todas as criaturas. Mais tarde, quando eles comeram os frutos de seu próprio trabalho na Terra, entenderam que o pão deste mundo era concedido pelo mesmo atributo Divino de bondade. Por isso, nesta primeira bênção, reconhecemos que, embora os seres humanos trabalhem para assegurar seu sustento, ainda assim é D'us que provê o alimento a todas as criaturas.

2.Bircat Ha'arets – a bênção sobre a Terra: Yehoshua introduziu esta segunda bênção quando ele e o povo mereceram entrar na Terra, pelo desejo ardente de Moshê e sua geração. (O texto original de Yehoshua era: "Tu nos deste um legado, um bem desejável, e um grande País." Completamos isso desta forma: "Tu deste aos nossos pais...")

Nesta bênção mencionamos a mitsvá do berit milá, pois pelo seu mérito D'us concedeu Erets Yisrael ao povo judeu. Também Lhe agradecemos por Sua Torá, dessa maneira expressando o propósito definitivo da posse de Erets Yisrael: estudar e cumprir os mandamentos de D'us.

3.Bircat Yerushalayim – a bênção da paz para Jerusalém e o Bet Hamicdash: O Rei David e Salomão estabeleceram a terceira bênção, que pede pela continuação da liderança da Casa de David e pela paz em Jerusalém e o Bet Hamicdash (Seguindo-se à destruição, completamos o texto e pedimos a D'us para reconstruir Jerusalém.)

4.Hatov Vehamaitiv – a bênção Àquele que é bom e faz o bem: esta bênção foi adicionada por nossos sábios para celebrar o milagre que aconteceu na cidade de Bethar após a destruição do Bet Hamicdash.

Que pecados precipitaram a destruição de Bethar? Conforme as opiniões na Guemara (Yerushalmi Ta'anis 4:5), a prostituição era

muito difundida lá: conforme outros, o povo jogava bola. A segunda opinião insinua que os habitantes jogavam bola no Shabat, desse modo profanando a honra do Shabat; ou que desperdiçavam o tempo em divertimentos fúteis, em vez de se ocuparem com o estudo de Torá.

Meshech Chochma explica que o Bircat hamazon foi estruturado para expressar nossos agradecimentos a D'us, por distinguir nossa nação com Sua Providência individual.

D'us assegurou a sobrevivência de nosso povo com o milagre declarado do maná no deserto, e demonstrou novamente Sua Providência na forma de milagres realizados no Bet Hamicdash. A destruição do Bet Hamicdash, e posteriormente de Bethar, pode ter provocado a suspeita de que D'us não estava mais com Seu povo. Por esta razão, o milagre que ocorreu em Bethar foi uma bondade recebida como sinal da presença de D'us entre nós, mesmo estando no exílio, e por isso foi incorporada no Bircat Hamazon.

Pelos nossos padrões, a geração que chegou a Erets Yisrael era justa. Moshê os reprovou por não terem ainda atingido os padrões de perfeição deles exigidos, proporcionais às revelações declaradas que vivenciaram (Or Hachaim, Aitz Yosaif).

Moshê disse: "Após comerem o bastante para ficarem satisfeitos, bendigam D'us pela boa terra que Ele lhes deu." Esta é a mitsvá de bensch (recitar Bircat Hamazon)", após uma refeição com pão.

Para cumprir a mitsvá corretamente, devemos ser cuidadosos ao pronunciar cada palavra, claramente. (É uma boa idéia usar sempre um Sidur, mesmo se soubermos a oração de cor.) Crianças muito pequenas para pronunciar todo o Bircat Hamazon, podem pronunciar uma bênção mais curta: "Bendito seja o Misericordioso, nosso D'us, Rei do Universo, o dono do pão."

O que acontece quando alguém faz uma refeição e se esquece da bênção? Se ela lembrar-se dentro de um prazo de 72 minutos após o término da refeição, ainda poderá rezar. É muito importante agradecer, mesmo após ter passado algum tempo desde que comeu seu pão.

Nossos sábios decretaram que devemos falar a berachá (bênção) apropriada antes e depois de ingerir qualquer alimento. Se um judeu come sem uma berachá, é como se tivesse roubado o alimento de Seu Dono: D'us. É importante pronunciarmos cada palavra da berachá claramente, especialmente as palavras D'us, Elo-kei-nu. Enquanto recitamos a berachá, é importante refletir na infinita bondade de Hashem que nos fornece vida a cada instante.

Derech Erets ao se Alimentar

Algumas destas regras encontram-se na Guemara; outras, em Sefer HaRokeach (Sefer HaRokeach contém dinim, as leis. Foi escrito pelo Rokeach, Rabi Elazar de Worms, Alemanha, na Idade Média).

Não é correto alimentar-se em pé. A pessoa deve sempre sentar-se para comer.

Mesmo se você comer em pé, deve sentar-se para rezar.

•Não converse enquanto estiver mastigando.

.....

- Nunca reponha a comida na travessa sobre a mesa, se já mordeu um pedaço. Nem deveria oferecer a outra pessoa.

- Não ofereça um copo a outra pessoa se já bebeu nele.

- Não lamba os dedos!

- Não é educado morder uma fruta ou qualquer outro alimento maior que um kezaitz (equivalente ao tamanho de um ovo). Aquele que o faz parecerá uma pessoa gulosa que está devorando a comida. A maneira refinada de comer é cortar pedaços não maiores que um kezaitz.

- Da mesma forma, não é educado jogar comida de qualquer jeito, a fim de não desprezá-la e para que não se estrague.

- Apanhe qualquer alimento que observar estar jogado no chão.

- Não é correto alimentar-se na rua.

No passado, o Beit Din costumava julgar pelas declarações de testemunhas. Se os juízes soubessem que uma testemunha fora vista comendo na rua, declaravam: "Ele não serve para ser nossa testemunha," pois agiu de maneira imprópria.

- O Zohar diz que antes de uma bênção, a pessoa deve remover (ou cobrir) quaisquer facas que estejam sobre a mesa. Uma mesa é como o misbeach, o altar onde se realizavam os sacrifícios a D'us, trazendo paz ao mundo. Nenhum utensílio de ferro podia tocar o misbeach. Por isso, uma faca, instrumento usado para matar, não deveria estar sobre a mesa durante a bênção. (Esta regra aplica-se apenas aos dias de semana. No Shabat, Rosh Chôdesh ou yom tov, podemos deixar facas sobre a mesa).

- O pão deve ser deixado sobre a mesa no momento em que se recitará o Bircat Hamazon.

Por que devemos nos preocupar com tantas regras quando comemos?

Sempre que nos alimentamos, seja o que for que façamos, estamos na presença de um Rei muito mais poderoso que qualquer outro rei ou governante neste mundo: o Rei dos reis. Não deveríamos nos comportar de forma correta em todas as ocasiões, sabendo que estamos diante de Sua presença?

Nesta Parashá aprenderemos sobre a mitsvá de temer a D'us. Se nos comportamos corretamente à mesa, demonstramos que tememos a D'us. Não somos como não-judeus que se esquecem de D'us quando comem ou bebem. Os judeus lembram-se dele e agem com derech erets (boas maneiras) antes, durante e após a refeição.

O Pecado do Bezerro e as Segundas Tábuas

Moshê continuou a enumerar os pecados de Benê Yisrael. Estas transgressões foram cometidas após a Outorga da Torá, e por isso, tiveram um enorme peso. Benê Yisrael deveria saber disso.

Foi este o discurso de Moshê: "Após a Outorga da Torá, permaneci no Monte Sinai por quarenta dias e noites, sem comida ou bebida. Finalmente, D'us deu-me duas maravilhosas luchot (Tábuas) feitas de safira. Elas continham os Dez Mandamentos.

"Mas D'us deu-me também notícias chocantes. 'Desça rapidamente!' ordenou Ele. 'O povo que você trouxe do Egito cometeu um pecado terrível. Enquanto esteve fora, fizeram uma imagem de um bezerro de ouro. Devo destruí-los. Farei de você então, Moshê, uma grande nação!'

"Quando ouvi estas palavras, disse: 'Sei que Tu amas teus filhos. Na verdade, não desejo destruí-los.'

"Na segunda vez em que estive no céu, D'us disse: 'Você, Moshê, quebrou as luchot. Não desejo que as futuras gerações o culpem por não as terem recebido. Por isso, as escreverei novamente. Porém, devido ao pecado que cometeram, Benê Yisrael não merece mais as luchot feitas por Mim. Moshê, você deve entalhá-las. Gravarei então as palavras nas luchot.'

"Perguntei: Onde conseguirei a pedra para as luchot?"

"D'us mostrou-me uma mina repleta de safira sob Seu Trono Celestial de Glória. Disse-me: 'Pegue a pedra de safira e corte as luchot exatamente do mesmo tamanho que as primeiras. Pode ficar com os pedaços que sobrarem do bloco de safira. Você merece ser rico! Quando o povo estava atarefado reunindo ouro e prata em yetzias Mitsrayim, você se preocupou apenas em encontrar o caixão de Yossef e em levá-lo consigo.'"

D'us queria que Moshê fosse rico para que as pessoas lhe respeitassem e escutassem, honrando-o.

D'us prometeu: 'Escreverei os Dez Mandamentos sobre as luchot que você entalhou. Coloque as luchot no aron.'

"Construí um aron (Isto foi antes de ser construído o Mishcan. Betzalel mais tarde fez um outro aron).

"Eu trouxe as Segundas Tábuas em Yom Kipur. Disse-lhe que D'us os perdoou pelo pecado do Bezerro de Ouro, e coloquei as luchot no aron."

"Embora tenham pecado, D'us ainda os ama. Sua única exigência é: temam-No."

O que isto significa, sempre temer a D'us?

Compare seu comportamento quando você está sozinho e quando está com outras pessoas. Você age da mesma forma? Você reza da mesma maneira quando está sozinho e quando está com outros? Recita uma berachá da mesma maneira quando ninguém está ouvindo e quando há alguém por perto?

É difícil estar sempre consciente da presença de D'us. Por que? Porque não O vemos, então fica fácil esquecê-lo ou fingir que Ele não está presente. As pessoas nos parecem mais reais que D'us porque as vemos com nossos próprios olhos.

Como cumprimos a mitsvá de "temer D'us?" Devemos estudar sefarim que mostram como estamos sempre nas mãos de D'us. Se não fosse por Ele, não estaríamos vivendo, respirando, falando, ou nos movendo. Devemos também entender que D'us sabe de todas nossas ações, e conhece até nossos pensamentos.

Nossos sábios ensinam: "Há um olho que vê e um ouvido que escuta, e todos seus atos são anotados em um livro. (Pirkê Avot 2:1)."

.....
Imagine que você viaja a um país onde o governo vigia os estrangeiros. Embora você não veja a polícia, sabe que está sendo espionado o tempo todo. Gravadores secretos foram instalados em seu quarto de hotel. Uma câmera oculta registra tudo que você faz. Parece assustador?

D'us deseja que nos lembremos que Ele está sempre nos vigiando. Isto nos ajudará a agir de maneira correta todo o tempo.

Se você vir um cão raivoso ou um homem com uma arma correndo em sua direção, entrará certamente em pânico. Imediatamente, seu coração começa a bater desenfreado; talvez seus joelhos tremam. Você fica aterrorizado. Ninguém precisa ensiná-lo a ter medo. Por outro lado, se ouvir algo do tipo: "Rosh Hashaná está chegando; D'us decidirá se você deve viver ou morrer," seus joelhos não começam a tremer. Você não entra em pânico. Você tem que meditar profundamente sobre isso, antes de começar a sentir-se assustado.

Agora você pode entender porque é tão difícil aprender como temer D'us.

Devemos treinar nossa mente a fazê-lo. Moshê nos ensinou que é uma das mitsvot mais importantes da Torá. D'us não nos criou com um medo instintivo d'Ele. Ele deseja que nos esforcemos para cumprir este preceito fundamental, e desta forma seremos merecedores de Suas bênçãos.

Devemos Amar um Convertido

Se um não-judeu decide guardar a Torá e as mitsvot, um Beit Din ortodoxo pode convertê-lo ao Judaísmo. Assim que se tornar um guer (convertido) é considerado igual a qualquer outro judeu. Além disso, a Torá nos ensina que amá-lo é uma mitsvá especial.

Se você conhece um guer, faça um esforço para ser especialmente simpático com ele. Seja muito cuidadoso para não ofender-lhe os sentimentos.

D'us disse: "Um guer merece amor especial! Juntou-se ao povo judeu voluntariamente, porque estava procurando a verdade."

A Torá menciona a mitsvá de sermos bons com os gueirim nada menos que 36 vezes!

Muitas pessoas destacadas na Torá foram gueirim. O sogro de Moshê, Yitrô, foi um deles. A princípio, Yitrô foi um sacerdote que adorava ídolos em Midyan.

Após ouvir sobre os grandes milagres da Abertura do Mar Vermelho e sobre a guerra contra Amalek, juntou-se a Benê Yisrael no deserto e tornou-se judeu.

Outra geyores foi Ruth. Ela era uma princesa de Moav, que desposou um judeu. Após a morte do marido, sua sogra, Naomi, queria deixar Moav e voltar para Erets Yisrael. Naomi implorou à nora que permanecesse em Moav. Mas Ruth respondeu: "Onde tu fores, eu irei; teu D'us é meu D'us! Desejo tornar-me judia e cumprir as mitsvot."

Ruth foi para Erets Yisrael e casou-se.

Seu bisneto foi o Rei David e Moshiah virá de sua descendência.

Na verdade, famosos líderes de Torá descendiam de gairim ou eram, eles mesmos, gairim:

- Onkelos, o sobrinho do Imperador Romano Adriano, tornou-se um excelente erudito de Torá, cujas explicações em aramaico da Torá são aceitas e aprovadas por nosso povo (de tal forma que os Sábios requerem que sejam lidas semanalmente).

- Shemaya e Avtalyon (professores de Torá de Hilel e Shamai) eram gairim, descendentes do rei assírio Sanchairiv.

- Rabi Meir, R. Akiva, R. Yosse e R. Shmuel bar Shilos descenderam, alguns do perverso Haman, e alguns do general canaanita Sisra.

- Os profetas Yermeyahu e Yechezkel descenderam do convertido Rachav.

A Tefilá

Moshê ensinou os judeus: "Sirva D'us, rezando a Ele todos os dias!"

Começamos a ensinar uma criança a rezar antes mesmo de saber ler em um Sidur. Assim, tão logo seja capaz, nós a treinamos a responder: "Amen," sempre que ouvir uma berachá.

Rabi Yossi contou esta história:

Certa vez, eu estava caminhando em Jerusalém quando percebi que estava na hora de rezar Minchá. Sabia que precisava rezar logo, ou então ficaria muito tarde. Mas onde poderia achar um cantinho sossegado? Não queria permanecer na rua, pois poderia ser incomodado em minha tefilá. De repente, percebi um edifício em ruínas. Entrei ali e rezei. Ao terminar, percebi Eliyáhu HaNavi de pé, à entrada das ruínas! Não entrou, mas aguardou até que eu terminasse minha tefilá. Então, falou comigo. "Você jamais deveria entrar numa ruína!" advertiu-me. "É perigoso! Não percebe que pode cair a qualquer momento? Você deveria ter rezado rapidamente a amidá do lado de fora!" Só então entendi porque Eliyáhu não entrara na ruína. Sai rapidamente.

Já lá fora, ele me perguntou: "Meu filho, o que escutou na ruína?"

Respondi: "Ouvi uma voz que parecia o arrulhar de uma pomba dizendo: 'Por causa de meus pecados, destruí Minha casa e os exilei entre os adoradores de ídolos.'"

Eliyáhu explicou: "Era D'us pranteando a destruição do Bet Hamicdash. D'us faz isso três vezes ao dia. Quando os judeus dizem: 'Amain, yehai shemai rabba,' nas sinagogas e casas de estudo, D'us balança tristemente a cabeça e exclama: 'Como Eu era feliz quando Benê Yisrael Me louvava assim no Bet Hamicdash! Como é triste para o Pai que precisou exilar Seus filhos entre os adoradores de ídolos. E deploro os filhos que foram expulsos da mesa de seu Pai!'"

Desta história, deduzimos como é importante louvar a D'us.

Quando uma criança já consegue ler em um Sidur, começamos a ensiná-la a rezar com a congregação. Isto é um mérito especial.

Sempre que você rezar, é importante que pronuncie cada palavra (se não tem muito tempo, é melhor rezar menos, mas

.....
pronunciando as palavras cuidadosamente). Lembre-se, D'us "está no outro lado da linha." Ele escuta tudo aquilo que você diz, embora possa não responder imediatamente. Nossas tefilot nos ajudam e aos judeus de toda parte. Como diz o versículo: 'D'us está próximo de todos que O chamam – daqueles que O chamam sinceramente.' (Tehilim 145:18).

Moshê Continua seu Discurso

"Vocês assistiram aos milagres que D'us realizou no deserto: como afogou o faraó e seu exército no Mar Vermelho, e enviou maná do céu. Lembrem-se que Ele fez a terra engolir Dasan, Aviram e suas famílias, quando não deram ouvidos a Ele.

"Certifiquem-se de cumprir todas as mitsvot cuidadosamente! Vocês conquistarão Erets Yisrael e permanecerão no país.

"Erets Yisrael não é como o Egito, que é plano com o Rio Nilo para supri-lo de água. Erets Yisrael está repleto de colinas e precisa de chuva para que as plantas cresçam. D'us lhes fornecerá chuva se cumprirem Seus preceitos!"

Moshê continua a falar: "Estudem e pratiquem as mitsvot! Repassem seus estudos de Torá muitas e muitas vezes, para que se lembrem. A Torá deve ser para vocês tão nova e interessante como se a escutassem pessoalmente no Monte Sinai. Estudem apenas por amor a D'us, servindo a D'us com todo o coração."

"D'us declarou: 'Se Me servirem desta maneira, Eu tornarei a vida uma bênção para vocês/ Terão mais tempo para Me servir. Concederei chuva quando a terra precisar dela. A primeira chuva virá no outono, após a semeadura, para encharcar a terra e fazer as plantas crescerem. Darei chuva tardia na primavera, próximo da época da colheita. Isso fará seus cereais brotarem.'

"Vocês juntarão seu cereal, vinho e azeite."

"Terão farta produção, mas os países à sua volta não. Eles virão com ouro e prata para comprarem comida de vocês.

"Vocês terão pasto suficiente para os animais, e não terão de procurar grama distante para alimentá-los. Abençoei também seus alimentos. Vocês ficarão satisfeitos mesmo após comerem apenas uma quantidade pequena.

"Fiquem alertas! Por terem uma vida fácil e mais do que o suficiente para comer; seu yetzer hará tentará persuadi-los a abandonar D'us. A riqueza e facilidades podem facilmente levar a pessoa a esquecer-se da Divindade."

Por isso Moshê advertiu:

"Não dêem ouvidos ao yetzer hará quando tenta fazer com que vocês abandonem D'us! Se servirem ídolos, a fúria de D'us se voltará contra vocês. Ele fechará os céus para que não haja chuva. O céu talvez fique repleto de nuvens, mas não cairá uma gota de chuva! As plantações não crescerão. Em seguida, vocês serão expulsos da boa terra que D'us lhes concedeu.

"Vocês viverão fora de Erets Yisrael. Continuem a cumprir a Torá e aquelas mitsvot que podem ser cumpridas fora do país, como colocar tefilin sobre a cabeça e o braço. Continuem a ensinar Torá a seus filhos, mesmo no galut (exílio). Comecem desde o

momento que aprendam a falar. O estudo de Torá deve ser feito sempre: em casa, viajando, quando se levantam e ao irem dormir.

"Continuem a escrever as palavras do Shemá nas mezuzot, que devem ser afixadas nos portões de suas casas. Cumpram todas as mitsvot, exceto aquelas que se aplicam apenas a Erets Yisrael."

"Se agirem desta forma, merecerão retornar à terra que D'us prometeu aos seus antepassados. Viverão lá por muito tempo e a terra lhes pertencerá para sempre."

Benê Yisrael Não Precisa Temer Outras Nações

Moshê terminou fazendo uma promessa: "Estudem a Torá repetidamente. Copiem as midot de D'us: sejam bons e misericordiosos como Ele. D'us expulsará as nações inimigas. Mesmo se parecerem maiores e mais poderosas, não temam, nem mesmo ao gigante Og."

Moshê esperava que estas palavras de encorajamento ajudassem Benê Yisrael quando ele não estivesse mais vivo para liderá-los. Rezou para que Benê Yisrael ouvisse suas palavras.

Nossa Parashá enfatiza a concretização das seguintes bênçãos:

- D'us os amará – Esta é a suprema bênção. Se a pessoa é amada por D'us, recebe os maiores benefícios.

- Ele o abençoará – com bens materiais.

- Ele o multiplicará – de maneira extraordinária, como no Egito, onde vocês se multiplicaram de uma família com 70 pessoas até uma nação de 600.000 homens.

Posteriormente, a Torá enfatiza: "Não haverá homem ou mulher estéril entre vocês. A Torá considera cada alma humana tão preciosa como o universo inteiro, e considera um aumento na nação da Torá como uma das maiores bênçãos (Hirsch).

- Ele abençoará o fruto de seu útero. – Você não perderá bebês, nem seus filhos morrerão enquanto você for vivo.

Seus descendentes serão abençoados de maneira tão óbvia que aqueles que virem crianças judias exclamarão: "Tão inteligentes! Tão puros! Todos aqueles que os virem reconhecerão que são sementes abençoadas por D'us" (Yesha'yáhu 61:9).

- Ele abençoará os produtos de seu solo: seu cereal, vinho e azeite – D'us abençoará todos os seus produtos, mas estes três são mencionados especificamente porque são as principais fontes de renda de um fazendeiro.

- Os filhotes de seus animais – D'us protegerá seus rebanhos de sofrerem abortos.

As bênçãos acima serão concedidas em Erets Yisrael, a Terra que D'us prometeu a seus pais.

- Vocês serão abençoados por todas as nações – As nações reconhecerão: "Esta é uma nação maravilhosa, Divinamente abençoada!"

- Não haverá homem ou mulher estéril entre vocês – Além do sentido literal, este versículo sugere:

.....
1.Suas preces não permanecerão estéreis, ou sem frutos, perante o Todo Poderoso; Ele as aceitará e as concederá.

2.Nenhum judeu será estéril, ou ignorante de Torá. Judeus de todas as posições sociais serão instruídos.

•D'us os livrará de todas as doenças corriqueiras, e não colocará nenhuma das doenças malignas do Egito sobre vocês.

"Vocês derrotarão todas as nações que D'us fizer passar por suas mãos" – Moshê prometeu que se Benê Yisrael se excederem no estudo de Torá e cumprimento das mitsvot, D'us milagrosamente entregará os inimigos em suas mãos. Nenhuma guerra será necessária para conquistar Erets Yisrael. Ao contrário, Benê Yisrael derrotarão as nações sem esforço, pois seus inimigos fugirão ou se renderão.

Entretanto, D'us não destruirá miraculosamente os ídolos de Erets Canaan, como destruiu todas as imagens egípcias durante a Praga da Morte dos Primogênitos (Ele fez com que as imagens de ferro derretessem, e as de madeira apodrecessem.) "É vosso trabalho," Moshê disse a Benê Yisrael, "destruírem os ídolos das sete nações. Não tomem para uso próprio o material anteriormente associado a adoração de ídolos. Não usem nem seu ouro ou seus ornamentos de prata. Devem ser totalmente destruídos"

Moshê descreveu como D'us levou os judeus milagrosamente através da jornada no deserto a fim de prepará-los para a vida futura em Erets Canaan, onde deveriam confiar n'Ele, assim como haviam feito no deserto.

"Lembrem-se das matsot que trouxeram do Egito e duraram apenas um mês. Mais tarde, vocês choraram para D'us e Ele lhes forneceu o maná."

As repetidas advertências de Moshê no Livro de Devarim para que o povo judeu não sentisse medo de lutar contra as nações de Erets Canaan, destruísse seus ídolos, e não permitisse que idólatras permanecessem no meio deles devem ser entendidas literalmente. Vamos nos imaginar na situação daquela geração que iria entrar na Terra: pessoas inexperientes nas lides da guerra que receberam ordens de invadir um país estrangeiro habitado por guerreiros poderosos com exércitos bem treinados, muito maiores que os seus. Os judeus poderiam preparar-se para este feito aparentemente irracional apenas fortificando-se com total confiança em D'us. As exortações de Moshê eram ainda mais necessárias porque a nação sabia que ele morreria no deserto, e por isso não poderia ele mesmo liderar a conquista.

"Acima de tudo, vocês viveram alimentados pelo maná para aprender uma lição eterna, 'Nem só de pão vive o homem, mas de cada palavra que emana da boca de D'us vive o homem.'"

•A pessoa deve estar consciente de que o alimento não tem a habilidade intrínseca de nutri-la, apenas a nutre porque D'us assim o decretou nos Seis Dias da Criação. Ele criou o mundo com um padrão estabelecido a que chamamos "natureza," mas se D'us retirasse Seu poder que faz com que o pão seja nutritivo, este alimento perderia instantaneamente seu valor. (De modo contrário, a vontade de D'us pode converter qualquer substância intragável em algo nutritivo).

•O pão alimenta o corpo do ser humano, mas não sua alma. Para sustentar a alma, um judeu necessita das palavras de D'us, a Torá. Ao estudar e cumprir os mandamentos de D'us, sua alma adquire vida neste mundo e no próximo.

É natural atribuir-se o sucesso de alguém a suas próprias capacidades, relegando o Todo Poderoso ao segundo plano. A Torá ensina uma ótica diferente: tudo aquilo que nós adquirimos ou produzimos no mundo material deve-se a D'us, que nos concede todos os atributos físicos e mentais necessários para o sucesso. E mesmo após recebermos de D'us todas as habilidades requeridas, não teremos sucesso se essa não for Sua vontade.

Temor a D'us

Moshê continuou seu discurso de reprovação: "Embora vocês tenham enfurecido D'us repetidamente, Ele os perdoará – se ao menos retornarem a Ele e cumprirem Suas mitsvot.

"O que D'us pede de vocês? Apenas que O temam. Se O temerem, conseqüentemente procurarão seguir Seus caminhos bons e misericordiosos; vocês O amarão; O servirão de todo coração; e cumprirão Seus mandamentos."

Por que Moshê descreveu o temor a D'us como algo fácil de adquirir: "O que D'us pede de vocês é apenas que O temam!" O temor a D'us não requer um esforço mental considerável?

O episódio que se segue ilustra que, na verdade, temer D'us não é fácil.

Quando R. Yochanan ben Zakai jazia em seu leito de morte, seus alunos entraram e lhe pediram: "Rebe, abençoe-nos!"

Ele os abençoou: "Que seu temor a D'us seja sempre tão grande como seu temor ao próximo!"

"Mas professor," protestaram eles, "não deveria nosso temor a D'us ser superior ao temor ao próximo?"

Replicou ele: "Quisera que temessem a Ele tanto quanto temem os seres humanos! Quando alguém comete um pecado, preocupa-se que alguém possa estar observando seu ato, mas não teme que D'us testemunhe sua transgressão."

Qual o Significado de "Temor a D'us?"

De acordo com Chinuch (130), somos ordenados a estar conscientes de que D'us pune o ser humano por todos e cada um de seus pecados. Quando uma pessoa está prestes a pecar, inicia-se uma batalha contra a tentação, visualizando os castigos de D'us.

Um nível mais elevado de "temor a D'us," a que a pessoa deveria aspirar, é sentir reverência na presença de D'us, evocada ao se contemplar a grandeza de D'us e a própria insignificância. O respeito à vontade de D'us faz com que a pessoa tenha medo de pecar (Mesilas Yesharim, Charaidim).

Entretanto, mesmo a pessoa que conseguiu o mais elevado grau de respeito pode às vezes ser forçada a utilizar este "medo da punição" – em situações em que suas más inclinações o atacam fortemente. Moshê atingiu o nível de: "Sempre visualizo D'us perante mim."

.....
Esta é uma conquista superior, pois enquanto o medo do perigo é um instinto natural de sobrevivência, o temor a D'us – que não é tangível nem visível – é essencialmente estranho à psicologia humana. As mitsvot da Torá auxiliam um judeu a usar seu intelecto a se impregnar de temor a D'us. Se o conseguir, atingiu o verdadeiro objetivo da vida.

Apesar disso, Moshê mostrou temor de D'us como algo fácil porque ele próprio atingira tamanho grau de auto-controle que o temor a D'us lhe era natural e não requeria esforço. Na verdade, D'us sabe quanta força de vontade e esforço são necessários para que se atinja o temor a D'us. Não há nada que Ele considere mais que um ser humano temente a Ele.

Um embaixador estrangeiro viajou ao oriente, para transmitir a um certo ministro as saudações amigáveis de seu governo. Em sua valise, levava valiosos presentes – enormes pedras consideradas preciosas em seu país.

Ficou espantado quando o ministro, ao receber as jóias, nem sequer lhes dirigiu um olhar! Passado algum tempo, o embaixador percebeu seu engano: o país era repleto com as tais pedras a ponto de poderem ser compradas em cada esquina a preço de banana!

Refletindo seriamente sobre qual presente o ministro apreciaria, o embaixador decidiu enviar-lhe uma écharpe bordada à mão, cujos pontos finos e precisos, além do desenho intrincado, requeriam um grau de habilidade dominada apenas por um seleto grupo de artesãos em seu país. Quando ofereceu este presente, o ministro ficou encantado, e agradeceu profusamente ao visitante. Assegurou ao embaixador o quanto valorizava aquele veste sem par, que pretendia usar apenas em ocasiões especiais.

Da mesma forma, de todas as coisas que a pessoa adquire ao longo da vida, D'us aprecia muito a quem o teme.

Por que D'us não se impressiona com as conquistas materiais da pessoa – como sua fortuna ou sucesso na carreira?

A resposta é que aquelas "conquistas" não são na verdade frutos do homem, mas frutos de D'us. Apenas D'us pode conceder ao homem a capacidade para ser bem-sucedido, e decreta se a pessoa irá ou não ter realmente sucesso.

Há apenas uma área na qual o homem ao utilizar seu livre arbítrio, seu esforço é reconhecido por D'us: se vai ou não temê-Lo. Por isso, D'us armazena todas as decisões corretas que a pessoa toma sobre si.

Tefilá – A Mitsvá da Prece

A Torá ordena que rezemos a D'us ao exortar-nos "a servi-Lo" (10:20), e novamente, "a servi-Lo de todo o coração" (1:13).

A obrigação mínima diária é formular com suas próprias palavras um pedido e endereçá-lo a D'us.

Nossos Sábios instituíram três preces diárias – shacharit, minchá e ma'ariv. Entretanto, se involuntariamente a pessoa é impedida de cumprir sua obrigação, deve pelo menos cumprir a obrigação mínima diária de suplicar a D'us.

A mitsvá de rezar nos beneficia de duas maneiras:

•Faz com que o Todo Poderoso escute e, se Ele a considera justa, concede seu pedido.

•Além disso, força-nos diariamente a reafirmar em nossa mente que D'us é Todo Poderoso e por isso capaz de conceder todos nossos pedidos. Por isso nossas tefilot nos elevam espiritualmente.

Da mesma forma, uma mulher incapaz de rezar formalmente por estar atarefada cuidando das necessidades da família, deve pelo menos cumprir os requisitos básicos: uma vez ao dia fazer um pedido a D'us em qualquer idioma, reconhecendo assim que Ele é o onipotente Criador do Universo.

É correto que uma pessoa entenda o significado das palavras que está rezando.

Entretanto, as preces de um judeu que nunca aprendeu o significado de suas preces, ou alguém que não aprendeu a ler corretamente em hebraico são aceitas, desde que sejam ditas leshaim shamayim, com temor aos céus (a D'us). O seguinte Midrash confirma esse ponto:

D'us disse: "Se um judeu não recebeu uma boa educação judaica e por isso lê errado: Amarás ao Senhor teu D'us como Serás hostil a Ele, eu aceitarei suas palavras, desde que venham do coração. Se crianças em idade escolar, que ainda não dominam a Torá, pronunciarem 'Moshê' como 'Mashê' – 'Aharon' como 'Aharan,' ou 'Efron' como 'Efran,' [antigamente escolares aprendiam sem os pingos que servem como vogais], mesmo assim Eu aceitarei as palavras com amor."

D'us julga cada pessoa de acordo com sua capacidade e as oportunidades que teve na vida.

Qual o significado do versículo: "Tu, que escuta as preces, perante Quem vem toda carne?"

Isto nos ensina que após todas as congregações de judeus terem terminado de rezar, o anjo encarregado das preces reúne todas suas tefilot, tece-as em forma de coroa, e a coloca sobre a cabeça de D'us.

O versículo citado anteriormente ensina ainda que D'us escuta simultaneamente as preces de todos os seres humanos. Um ser humano pode concentrar-se apenas em uma conversa por vez, mas D'us escuta todas as preces juntas.

Além disso, o versículo sugere que D'us aceita as preces de toda a carne igualmente, não importa sua posição ou situação material – sejam eles homens ou mulheres, homens livres ou escravos, milionários ou mendigos.

O infortúnio não deve ser o único estímulo para a prece. A pessoa deve rezar quando as coisas vão bem, para prevenir que as más aconteçam. Uma vez que a pessoa está doente, necessita de grandes méritos para ficar bom novamente.

As tefilot tornam-se uma "coroa" porque os judeus, em suas preces, proclamam que D'us é o Rei do Universo (Yefai Toar). De acordo com este Midrash, a palavra significa "jóia," conforme se encontra em Yeshayáhu, 49:8.

.....
Moshê reitera que os judeus conquistarão Erets Yisrael e terão prosperidade somente se guardarem a Torá.

Moshê continua a enfatizar que os judeus conquistarão Erets Yisrael apenas se estudarem e cumprirem a Torá.

Ele conclamou o povo: "Considerem minhas palavras! Terão sucesso na conquista apenas se cumprirem a Torá. Escutem-me! Muitos de vocês testemunharam pessoalmente como D'us puniu em público aqueles que transgrediram Sua vontade: realizando maravilhas no Egito, destruiu o exército do faraó que os perseguia, e fez com que a terra engolissem a Datan, Aviram, suas famílias e propriedades.

"Após chegar em Erets Yisrael, terão que ser especialmente cuidadosos no cumprimento das mitsvot. Caso contrário, D'us não lhes enviará chuva (como será explicado no próximo capítulo).

O cumprimento das mitsvot em Erets Yisrael requer meticulosidade, pois os olhos de D'us estão constantemente voltados para a Terra; Ele a supervisiona com cuidado especial. (Embora ele vigie todos os países do mundo, Ele o faz indiretamente, via Erets Yisrael.) Por isso em Erets Yisrael, o Palácio de D'us, seja muito cuidadoso no cumprimento das mitsvot, para que Sua ira não seja despertada.

Moshê concluiu: "D'us os privilegiou, Sua nação amada, a entrar na querida Terra para lá cumprirem Seus mandamentos, como disse (Tehilim 105:44-45): 'E Ele lhes deu as terras das nações e deixou-os herdar o trabalho do povo (as casas construídas pelos canaanitas, as vinhas e os pomares de oliveiras que plantaram) para que pudessem estudar Suas leis e cumprir Suas mitsvot.

Por que há tantas advertências a respeito deste detalhe?

É lógico assumir que o estudo de Torá atrasaria os preparativos para uma conquista militar. Moshê, por esta razão, enfatizou novamente que para o povo judeu o oposto é verdadeiro: apenas estudando Torá e cumprindo as mitsvot, D'us lhes dará a força necessária para saírem vitoriosos. (Or Haachaim).

A Aceitação Plena das Mitsvot

A Torá exortou cada indivíduo a aceitar D'us como o Único Mestre, a amá-Lo, estudar Sua Torá e cumprir as mitsvot de tefilin e mezuzá.

Dessa vez,(11:13-21) Moshê insiste com toda a comunidade a aceitar todas as mitsvot de D'us. Ele prometeu recompensa pela fiel observância das mitsvot e ameaçou com castigos, em caso de transgressão.

A Torá exorta cada indivíduo a aceitar D'us da melhor maneira que sua capacidade o permitir. Entretanto, a seção onde D'us promete recompensa sobrenatural (chuva e prosperidade) pelo cumprimento das mitsvot, e punição (seca e exílio) por seu abandono, está escrito no plural, implicando que estas sanções universais e benefícios são conferidos somente em resposta às ações da maioria (Ramban).

Comentaristas explicam que realmente ocorrem algumas formas no singular no Shemá para indicar que, mesmo dentro da comunidade em geral, D'us confere justiça individual. "Se

servirem a D'us com toda sua alma e coração, Eu farei minha parte," diz D'us.

"Dar-lhes-ei a chuva em sua Terra nas estações apropriadas, a chuva de outono em Marcheshvan e a chuva da primavera em Nissan, para que sua produção cresça e vocês colham cereal, vinho e azeite."

Por isso, o versículo declara: "Eu mesmo dar-lhes-ei chuva, se cumprirem Minhas mitsvot."

D'us não confia permanentemente as chaves aos três assuntos vitais aos anjos, mas as mantém com Ele mesmo.

1.A chave da chuva (subsistência)

2.Procriação

3.Techias hamaisim.

Chôfets Chaim explica: Se um anjo fosse escolhido para designar aos seres humanos sua parnassa (meio de subsistência), e percebesse aqueles que não servem a D'us apropriadamente, poderia subseqüentemente tirar-lhes o sustento, ou pelo menos boa parte dele. Como resultado, centenas de milhares de pessoas morreriam todos os dias. O próprio D'us, portanto, é a fonte de toda misericórdia e sustenta todas as criaturas, mesmo as que não são merecedoras.

Similarmente, um anjo condenaria à morte grande número de mulheres dando à luz, porém D'us é paciente e concede perdão. D'us Ele próprio trás cada criança, neshamá, ao mundo, trazendo mais luz e felicidade ao mundo.

Finalmente, se um anjo tivesse que determinar quem deveria erguer-se em techiat hamaitim (ressurreição dos mortos), ele excluiria grande parte dos judeus que não estudaram Torá. D'us, entretanto, decidirá por Si mesmo, e em Sua misericórdia achará mérito para estes judeus; Ele poderá considerá-los dignos de techiat hamaisim porque sustentaram eruditos a fim de que não interrompessem seu estudo de Torá.

A Torá é tão difícil de ser adquirida quanto o ouro, e tão fácil de se perder quanto o vidro, que se quebra caso não seja tratado cuidadosamente.

Assim como a pessoa é cuidadosa para não perder seu dinheiro, da mesma forma deve tomar cuidado para não perder a Torá que estudou (negligenciando as repetições).

Com que freqüência a pessoa deve revisar aquilo que aprendeu?

Nossos sábios ensinaram que: "Aquele que revisou seu aprendizado 101 vezes vale incomparavelmente mais que aquele que o fez apenas 100."

101 vezes não é, porém, o número máximo: não há limite para a revisão.

Certa vez o Sha'agas Aryeh (contemporâneo do Vilna Gaon) pediu que lhe fosse preparada uma refeição festiva. "Qual é a ocasião?" perguntaram-lhe. E ele respondeu: "Acabei de completar o Talmud Bavli pela milésima vez."

Grandeza e Humildade

Por Rabino Jonathan Sacks

Uma sequência de versículos na parashá dessa semana dá lugar a uma linda passagem do Talmud – uma que encontrou um lugar no sidur. Está entre as leituras que pronunciamos após o Serviço Noturno no sábado à noite, quando o Shabat chega ao fim. Eis aqui o texto no qual é baseado: “Pois o Eterno teu D'us é o D'us dos deuses e Senhor dos senhores, o grande, poderoso e inspirador de reverência D'us, que não mostra favoritismo e não aceita suborno. Ele apoia a causa do órfão e da viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupas.” (Devarim 10:17-18)

A justaposição desses dois versículos – o primeiro sobre a supremacia de D'us, o segundo sobre Seu cuidado pelos pobres e solitários – não poderia ser mais chocante. O Poder dos poderes se preocupa com os sem-poder. O infinitamente grande mostra preocupação pelo pequeno. O Ser no coração do ser ouve aqueles que estão às margens: o órfão, a viúva, o estrangeiro, os pobres, os rejeitados, os negligenciados. Sobre essa ideia, o professor do terceiro século Rabi Yochanan construiu a seguinte homilia (Talmud Babilônico, Meguilá 31 a): Rabi Yochanan disse: “Onde quer que você encontre a grandeza do Eterno, bendito seja, ali encontrará Sua humildade.” Isso está escrito na Torá, repetido nos Profetas, e declarado uma terceira vez nas escrituras.

Logo em seguida está registrado: “Ele apoia a causa do órfão e da viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupas.” Isso é repetido nos Profetas, como está escrito: “Assim diz o Alto e Exaltado, que vive para sempre e cujo nome é Sagrado: Eu vivo num local alto e sagrado, mas também com os contritos e humildes em espírito, para reviver o espírito dos humildes, e para reviver o coração do contrito.”

Isso é declarado uma terceira vez nas escrituras: “Canta a D'us, faz música para Seu nome, louva Aquele que cavalga as nuvens – D'us é Seu nome – e exulta perante Ele.” Imediatamente depois está escrito: “Pai dos sem pai e juiz das viúvas, é D'us em Sua sagrada habitação.”

Cuidar apenas de nós mesmos e daqueles imeditamente próximos não é “a maneira de D'us”... Ele veio à sinagoga. Ali ele encontrou membros da comunidade bem como líderes do Anglo Judaísmo. O que foi impressionante é que ele passou tanto tempo falando com os jovens que faziam a segurança quanto o fez com os importantes da comunidade inglesa.

É esta passagem que encontrou caminho ao serviço (Ashkenazita) ao final do Shabat. Sua presença ali é para lembrar que, quando termina o dia de descanso e retornamos às nossas preocupações mundanas, não devemos ser tão envolvidos pelos próprios interesses a ponto de esquecer os outros menos bem situados. Preocupar-se apenas com nós mesmos e aqueles imediatamente dependentes de nós não é “a maneira de D'us”.

Um dos aspectos mais incomuns de ser um Rabino Chefe é que chega-se a conhecer pessoas que de outra forma poderíamos não conhecer. Estes foram três momentos que causaram uma profunda impressão em mim.

De tempos em tempos Elaine e eu damos jantares para pessoas dentro, e também fora, da comunidade judaica. Geralmente, ao final, os convidados agradecem aos anfitriões. Somente uma vez, porém um convidado não apenas agradeceu como também pediu para ir até a cozinha agradecer àqueles que tinham preparado e servido a refeição. Foi um fino gesto de sensibilidade.

Não menos interessante foi quem o fez. Era John Major, o Primeiro Ministro britânico. Grandeza é humildade.

A sinagoga mais antiga na Grã-Bretanha é Bevis Marks, no coração de Londres. Construída em 1701, foi a primeira sinagoga erguida de propósito em Londres criada pelos judeus portugueses e espanhóis que foram os primeiros a retornar à Inglaterra (ou praticar seu Judaísmo em público: alguns tinham sido marranos) depois que Oliver Cromwell deu permissão em 1656 para os judeus voltarem após sua expulsão por Edward I em 1290.

Construída como a Grande Sinagoga de Amsterdã, permanece quase inalterada desde então. Somente a adição de luz elétrica marcou a passagem do tempo – e mesmo assim, em ocasiões especiais, os serviços são feitos à luz de velas como eram naqueles primeiros tempos,

O Príncipe Charles foi à sinagoga. Ali ele conheceu membros da comunidade bem como líderes do Anglo-Judaísmo. Impressionante foi que ele passou tanto tempo falando com os jovens que faziam a segurança quanto o fez com personalidades grandes do Judaísmo britânico. Por motivos de segurança, as pessoas se oferecem como voluntárias para montar guarda em eventos comunitários – parte do trabalho de uma das nossas melhores organizações, a Community Security Trust. Com frequência, as pessoas passam perto deles, mal notando sua presença. Porém o Príncipe Charles os notou, e os fez sentir importantes como todos os outros naquela ocasião festiva, Grandeza é humildade.

Sarah Levene (não é seu nome verdadeiro) faleceu tragicamente jovem. Ela e o marido foram abençoados por D'us com grande sucesso. Eram ricos, porém não gastavam o dinheiro com eles mesmos. Faziam tsedacá em grande escala – dentro e fora da comunidade judaica, na Grã-Bretanha, Israel e em outros locais. Estavam entre os maiores filantropos de nosso tempo.

Quando ela morreu, dentre aqueles que ficaram mais tristes estavam os garçons e garçonetes de um famoso hotel em Israel onde eles costumavam se hospedar.

Transpirou que ela tinha chegado a conhecer todos eles – sua origem, qual era a situação da família, as dificuldades que estavam enfrentando, os problemas que viviam. Ela se lembrava não apenas dos seus nomes como também os nomes de seus cônjuges e filhos. Sempre que algum deles precisava de ajuda, ela assegurava que o auxílio viesse, em silêncio, sem pompa. Era um hábito que ela tinha onde quer que fosse.

Após sua morte descobri como ela e o marido tinham se casado. Ele era mais velho que ela, um amigo de seus pais. Ela teve algumas semanas livres no verão antes de começar o ano acadêmico, e o Sr. Levene (não é seu nome verdadeiro) deu a ela um emprego de verão. Certa noite, após o trabalho, eles estavam indo para a casa dos pais dela para um jantar. Na rua, passaram por um mendigo. O Sr. Levene conscientemente tirou do bolso

.....
uma moeda e a deu ao homem. Quando continuaram a andar, Sarah pediu a ele que lhe emprestasse algum dinheiro – uma soma grande, que ela prometeu pagar ao final da semana, quando recebesse o salário. Ele emprestou. Ela então correu de volta até o mendigo e lhe deu o dinheiro. “Por que fez isso?” perguntou ele. “Eu já tinha dado algum dinheiro a ele.” “Aquilo que você lhe deu era suficiente para ajudá-lo hoje, mas não faria uma diferença em sua vida.”

Ao final da semana, o Sr. Levene pagou a ela o salário. Ela devolveu a maior parte do dinheiro, para pagar a soma que ele tinha emprestado. “Aceitarei o dinheiro,” disse ele, “porque não quero roubá-la de sua mitsvá.” “Porém” – como ele próprio me contou depois da morte dela, “Foi então que decidi pedi-la em casamento – porque seu coração era maior que o meu.”

No decorrer do casamento deles, gastaram tanto tempo e energia doando dinheiro para causas de caridade quanto dispendiam para ganhá-lo. Eram responsáveis pela maior parte dos projetos educacionais, médicos e ambientais de nosso tempo. Tive o privilégio de conhecer outros filantropos – mas nenhum que soubesse os nomes dos filhos dos garçons dos hotéis onde se hospedavam; nenhum que se preocupasse tanto por aqueles que mal se destacavam, ou alguém que doasse mais silenciosamente, com mais eficácia e mais humanamente.

Grandeza é humildade

Esta ideia – contra-intuitiva, inesperada, que muda a vida – é uma das maiores contribuições da Torá à civilização ocidental e é dita nas palavras de nossa parashá, quando Moshê contou ao povo sobre “o D'us dos deuses e Senhor dos senhores, o grande, poderoso e D'us inspirador de reverência”, cuja grandeza não está apenas no fato de que Ele foi o Criador do universo e moldou a história, mas aquele que apoia a causa do órfão e da viúva, e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa.” Aqueles que fazem isso são os verdadeiros homens e mulheres de D'us.

Dentro de todo este brilho circundante, eu me vi elevado por alguns momentos extraordinários com as crianças nesses últimos dias. Compareci ao Prêmio dos Filhos da Coragem, reconhecendo alguns dos jovens heróis do nosso tempo. Um menino de sete anos que cuida da mãe com esclerose múltipla. Um menino de dez anos que angaria dinheiro para enviar presentes aos soldados ingleses no Oriente Médio. Duas meninas que apóiam a irmã em sua batalha contra a leucemia. Eles tiveram um dia maravilhoso, conhecendo o Primeiro Ministro e astros da TV, e receberam o prêmio das mãos do Príncipe Harry. Nos encontramos com alguns dos escolares com quem tínhamos ido numa visita a Auschwitz semanas atrás. Queríamos ouvir o que eles sentiram depois que tiveram tempo para refletir. E fiquei comovido pela profundidade de seu compromisso em lutar contra o preconceito e o ódio.

No começo dessa semana conheci uma menina de doze anos que tinha acabado de fazer seu bat mitsvá, que tinha pedido à família e aos amigos que não lhe dessem presentes, mas enviassem o dinheiro para uma organização de caridade, algo que estamos encontrando cada vez mais em nossa comunidade.

E à medida que procuramos fontes renováveis de energia, pergunto-me se não perdemos o que está mais à mão: a energia gerada por altos ideais, especialmente entre os jovens. As

crianças crescem para preencher o espaço que criamos para elas, e se for grande, elas crescem e ficam altas. Porém se as transformarmos em mini-consumidores, estamos as roubando da chance de grandeza, e ainda não encontrei uma criança que não seja capaz de grandeza se tiver a oportunidade e encorajamento.

Falo muito em público, e as pessoas às vezes me perguntam quem me ensinou. A resposta é simples. Fui a uma escola cristã com muitos alunos judeus mas nenhum professor judeu. Portanto tínhamos de fazer a assembleia judaica nós mesmos, e foi assim que aprendi quando adolescente como falar em público, porque alguém me deu a chance. Foi a melhor lição de educação que jamais tive.

O Judaísmo é uma religião focada na criança. Minhas primeiras lembranças são de colocar a coroa no Rolo da Torá na sinagoga, indagar as quatro perguntas de Pêssach durante o sêder. acender as velas de Chanucá... O Judaísmo continuou jovem porque fez heróis entre os jovens. O melhor presente que podemos dar aos nossos filhos é a chance de fazer algo notável. É um presente que durará a vida toda e transformará a vida deles.

Cabeça ou Calcanhar?

Por Rochel Holzkenner

Vou lhe contar minha resolução de aniversário, se você prometer que não vai me julgar. Decidi fazer um jantar especial duas vezes por semana. Sei que parece simples demais para ser uma resolução. Eu deveria já estar fazendo isso. Mas para dizer a verdade, é uma luta.

Percebi que uma resolução de aniversário é um degrau importante na escada do auto-desenvolvimento, portanto considerei algumas opções antes de escolher. Muitas opções pareciam bem mais impressionantes que o jantar. Porém o jantar terminou por vencer, porque apesar da minha resistência, eu sei o quanto preciso disso.

E aparentemente D'us aprecia quando fazemos coisas simples que parecem tão sem importância que resistimos a confrontá-las.

Na leitura Ekev da Torá, D'us descreve as bênçãos de saúde e abundância que Ele derramará sobre nós em retorno pela nosso cumprimento das mitsvot.

No futuro, como consequência de (“ekev”) você considerar, guardar e cumprir essas leis, D'us, o seu D'us, guardará para você o pacto e a bondade que Ele prometeu aos seus antepassados. Ele amará você e o abençoará, multiplicando-o, e Ele abençoará o fruto de seu ventre e o fruto do seu solo, seu grão, seu vinho e seu azeite de oliva... (Devarim 7:12-13) E as bênçãos continuam.

Portanto as recompensas vêm depois de termos cumprido os mandamentos de D'us.

“Se você respeitar os mandamentos que as pessoas geralmente pisoteiam com o calcanhar, então D'us abençoará...” “Mas a escolha das palavras que D'us faz é incomum. Uma expressão mais fluida deveria ter sido “se (‘im’) você cumprir as leis.” Por que Ele diz “como consequência de” (ekev) você cumprir as leis?

.....
Essa questão é levantada pelo comentarista bíblico Rashi, que então continua a sondar mais profundamente. A palavra ekev tem um duplo significado: (a) consequência e (b) calcanhar. Daí o nome de Jacob “Yaacov” – pois ele estava pendurado no calcanhar de Essav quando emergiu do útero de Rebeca.

Ah! este é o segredo de ekev. Rashi interpreta as palavras da Torá da seguinte maneira: “Se você respeitar os mandamentos menos importantes que as pessoas geralmente pisoteiam com o calcanhar, então D'us o abençoará...”

O comentário de Rashi parece mudar nossa compreensão literal do versículo. A princípio a Torá parecia dizer que merecemos a bênção ilimitada de D'us à compleição do nosso serviço – quando cumprimos tudo que Ele ordena. Porém de acordo com Rashi, parece que D'us nos pede meramente para respeitar as mitsvot que parecem sem importância – aquelas que as pessoas “pisoteiam” – e então somos merecedores de Sua bênção!

A Torá usa a palavra ekev e cria essa elegante fusão de duas expectativas disparatadas. Você culminará seu serviço através das mitsvot pequenas, diz D'us. O trabalho que não é impressionante, as mitsvot que são como calcanhares, estimularão as bênçãos.

Nossos Sábios explicam que D'us criou nosso mundo porque “Ele deseja uma morada no reino inferior”. Embora seja agradável permanecer nos reinos superiores – i.e., servir a D'us com glamour – é o trabalho monótono e feio que cultiva o campo mais inferior, atraindo a percepção de D'us ao plano mais baixo e ajudando-O a realizar seu desejo.

No decorrer da história sempre houve a elite – pessoas que foram espiritualmente vibrantes e sensíveis. Então havia o povo comum, as pessoas que lutavam contra desejos baixos e egos frágeis.

Na geração de Moshê as pessoas eram profundamente astutas – eram chamadas “a geração do entendimento” (Dor De'ah). Em contraste, a última geração precedendo a chegada de Moshê é mencionada no Talmud como a geração “dos calcanhares de Mashiach” (Ikvita d'Mishicha). Se as pessoas que testemunharam a Divina revelação no Sinai fossem análogas à cabeça de nosso corpo nacional, a última geração antes de Mashiach seria a própria sola dos pés.

Eis aqui como o Talmud (final do Tratado Sotá) descreve a “geração dos calcanhares”.

Nos “calcanhares de Mashiach” a chutspá aumentará e a honra diminuirá... Os governos se voltarão para a heresia... O local de encontro de eruditos será usado para imoralidade... A sabedoria dos instruídos vai degenerar, aqueles que temem o pecado serão desprezados, e a verdade vai faltar. Os jovens envergonharão os idosos, os velhos enfrentarão os jovens, um filho ofenderá seu pai, uma filha se erguerá contra sua mãe... Então quem resta para se confiar? O nosso Pai no céu.

Por que os “calcanhares” têm a honra de recepcionar a Era da Redenção?

Que chutspá! E – se me permite – que quadro perfeito da cultura contemporânea!

Por que os “calcanhares” têm a honra de recepcionar a Era da Redenção? Nossos ancestrais eram muito mais respeitados, perceptivos e profundos. Mais uma vez a palavra ekev desencadeia uma dicotomia desconfortável. A geração dos calcanhares é tão densa e insensível, e mesmo assim é a candidata perfeita para a transformação global.

Mas talvez a dicotomia esteja num equívoco sobre a Era Messiânica. No “mundo dos sonhos” de D'us, a realidade como a conhecemos permanecerá fixa, mas a luz de D'us ressoará confortavelmente em todas as partes da vida, especialmente nas facetas mais inferiores. Isso culminará com D'us ansiando por uma morada no “mundo inferior”. E quem melhor para atrair a espiritualidade aos cantos inferiores que aquelas pessoas que lutam com a completa escuridão e a indiferença espiritual!

Em nossa geração, tantos judeus se sentem alienados do Judaísmo e lutam com o comprometimento básico à observância. Simultaneamente, nossa geração está repleta de atos sem precedentes de sacrifícios a D'us – em grande parte vindos daqueles mesmos judeus que são alienados, que chegaram ao fundo do poço, e então voltaram com tamanha velocidade que penetram a escuridão mais densa com luminosos raios de luz. Sim, um homem melhor em outra era pode ter rido da simplicidade de seus dilemas morais. Porém somente eles receberam a oportunidade de transformar a escuridão mais densa, criando assim a cura para o mundo inteiro.

Quando você está sobre um calcanhar é forçado a trabalhar de baixo para cima. Nossas realizações parecem simples, porém estamos cruzando de volta a última fronteira na missão global de trazer luz ao campo mais inferior. E por mais que eles sejam baixos, o corpo inteiro é sustentado pelos calcanhares. Então, até a geração de Moshê está nos bancando para acendermos o universo.

Eretz Yisrael na Torá

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh, traduzido por Maurício Klajnberg

A missão final do Povo de Israel é a revelação de que tudo é D'us e D'us é tudo. O local no qual esta tarefa deverá ser cumprida é a Terra de Israel, onde o objetivo de D'us na criação do mundo se torna evidente. Nesta apresentação, o rabino Ginsburgh nos guia através dos louvores da Terra de Israel, criando um profundo entendimento de como as qualidades físicas da Terra são, na verdade, uma reflexão de sua natureza Divina essencial.

Um Microcosmo da Beleza Natural do Mundo

A mais importante imagem da Torá na Parashá Ekev é a descrição de Eretz Yisrael (“A Terra de Israel”). Eretz Yisrael é uma terra de diversos fenômenos naturais. D'us concentrou toda a beleza da natureza dentro de suas fronteiras. Quando meditamos sobre a descrição da Terra de Israel, descobrimos que a manifestação física da beleza da Terra é uma alusão à sua majestade espiritual oculta.

Uma Terra de Águas

Os quatro versículos de louvor para a Terra de Israel estão em Devarim 8:7-10. De forma significativa, a palavra eretz (terra) é repetida sete vezes nestes versículos, correspondendo aos sete

.....
atributos do coração [emocionais]. Eretz é mencionada duas vezes no versículo 7. Primeiro, como uma introdução geral, de que D'us está trazendo o Povo Judeu para uma boa terra. O versículo continua, dizendo que Israel é uma terra que flui com a água; ela emana de rios, fontes e profundezas subterrâneas – dos vales e das montanhas.

Uma Terra Abençoada com Frutos

O versículo 8 descreve as 7 espécies de frutos com as quais Eretz Yisrael é abençoada. De novo neste versículo, a palavra eretz aparece duas vezes: primeiro, como uma terra das cinco espécies de trigo e cevada e uvas e figos e romãs e, então, novamente, como uma terra das duas espécies restantes: azeite de oliva e mel (de tâmaras).

Uma Terra de Ferro e Cobre

No versículo 9, eretz também é escrito duas vezes. O versículo começa com uma promessa de que nada nos faltará na terra; é uma terra cujas pedras são de ferro e, de suas montanhas, cavaremos o cobre.

A Boa Terra

Nos três versículos anteriores, a palavra para “terra” é escrita como “eretz”. No versículo 10, a palavra para “terra” aparece uma vez – como ha'aretz – “a Terra”. A menção final da palavra eretz corresponde ao sétimo atributo do coração, malchut. Ele resume e conclui as descrições da Terra nos três versículos precedentes. Neste versículo, Eretz Yisrael é descrita como uma terra de abundância, na qual comeremos e seremos saciados e abençoaremos D'us pela boa terra que Ele nos deu. O final deste grupo de versículos, com sua referência à boa terra, é revelado já no início, no qual Eretz Yisrael é descrita como uma boa terra.

A Montanha de Luzes Celestiais

O grupo de versículos descrevendo Eretz Yisrael tem 55 palavras. Cinquenta e cinco é o triângulo de 10 (a soma de todos os números de 1 a 10). Isto significa que as palavras destes versículos podem ser escritas como um triângulo, com o ápice no topo do triângulo ou em sua base. Este triângulo tem 10 níveis, correspondendo às 10 luzes celestiais (sefirot) com as quais D'us criou o mundo. Quando o ápice está no topo do triângulo, os versículos criam uma imagem de Eretz Yisrael como uma montanha de 10 luzes celestiais.

Cinco palavras estão escritas no início destes versículos antes da primeira menção a eretz, seguida por outras 50 palavras. As duas últimas palavras deste grupo são natan (“deu”, valor numérico de 500) e lach (“a você”, valor numérico de 50). Isto é 10 vezes a forma do todo o grupo de palavras. Estas duas últimas palavras descrevendo a terra que D'us “deu a você” como uma terra natal eterna envolve toda a forma do texto.

Conexão com a Criação

Há 203 letras no grupo de versículos descrevendo a Terra de Israel. 203 é o valor numérico da segunda palavra da Torá, bará (“criou”). As letras da palavra bará -- beit, reish, alef – também são as três primeiras letras da primeira palavra da Torá, bereshit. O fato de que este grupo tem bará (203) letras nos aponta claramente na direção da criação do mundo e, particularmente, ao

primeiro dia da criação, onde a palavra bará aparece pela primeira vez.

Em todo o relato dos seis dias da criação, o Nome de D'us, Elokim (cujo valor numérico é 86 é igual a teva, “natureza”), está escrito 32 vezes. Na Cabalá, aprendemos que a essência oculta do Nome de D'us, Elokim – que representa a natureza – é o Nome essencial de D'us, Ha-va-yah. A relação entre Ha-va-yah e Elokim é expressa nos Salmos (84:12):

Ha-va-yah Elokim é o sol e seu escudo

O Nome essencial de D'us, Ha-va-yah, é comparado ao sol enquanto Elokim é referido como o escudo do sol. A essência do sol, as luzes infinitas do Nome essencial de D'us, Ha-va-yah, estão ocultadas pelo escudo da natureza. Dentro de cada uma das 32 vezes que Elokim está escrito na criação, Ha-va-yah (valor numérico de 26) está no núcleo central. 32 vezes 26 resulta em 832, o valor numérico de Eretz Yisrael. Esta é a essência de nossa meditação e a essência da Terra de Israel. A beleza da natureza concentrada em Eretz Yisrael reflete o objetivo de D'us na criação do mundo. A missão do Povo Judeu é o de se unir com a Terra de Israel e refletir a luz essencial infinita de D'us oculta dentro da Terra para todas as criaturas.

A Luz da Terra de Israel

Nós vimos que a Terra de Israel é o microcosmo físico da criação e o local onde seu objetivo espiritual se manifesta. A sétima palavra (nossos sábios nos ensinam que: “todos os sétimos são queridos”) no relato da criação é a palavra eretz, refletindo as sete vezes que a palavra eretz aparece na descrição da Terra de Israel. No terceiro versículo do relato da criação, D'us diz: Yehi or – “Haja luz”. As primeiras duas letras de eretz – alef, reish – soletram a palavra or, “luz”. A última letra – tsadic – representa o tsadic, a pessoa justa, como no versículo em Isaías (60:21):

“E sua nação é toda de pessoas justas, eles herdarão a Terra eternamente...” A Cabalá explica que a Terra de Israel é o segredo do versículo nos Salmos (97:11):

Or zarua latzadik (“A luz está implantada dentro do tsadic”)

O primeiro versículo da criação termina com a palavra aretz (o mesmo que eretz). O objetivo da luz criada no primeiro dia da criação não é o de permanecer nos céus, mas atingir a terra e ser implantada dentro dela. Esta é a última e essencial luz de D'us, manifestada na Torá. Quando o Povo Judeu habita em Eretz Yisrael de acordo com as leis da Torá, todos eles são tsadikim. Eles, então, se tornam unidos à luz Divina inerente à terra, refletindo-a a todas as criaturas e cumprindo o objetivo para o qual D'us criou o mundo.

D'us é Um

O primeiro dia da criação é mencionado na Torá como “dia um” e não como o “primeiro dia”. Isto reflete a unidade absoluta de D'us. No primeiro dia da criação, não havia pluralidade. A consciência do mundo era puramente a da Unicidade de D'us, conforme Ele pretendia ao criar o mundo. Quando o Povo de Israel entrar na Terra de Israel, teremos a capacidade de manifestar o fato de que todas as pluralidades aparentes na criação são, na verdade, o D'us Único de Israel. A missão do Povo Judeu na terra é a de

.....
trazer a consciência de que tudo é D'us e D'us é tudo para todos os seres criados.

A Terra da Coroa Celestial

O relato da Torá sobre o primeiro dia da criação é o prefácio para os versículos que descrevem a bênção e a beleza de Eretz Yisrael em nossa Parashá. Há 197 letras neste relato. Somadas às 203 (bará) letras da descrição da Terra de Israel, teremos 400 (20 ao quadrado). 20 representa a coroa consciente, a manifestação em nosso mundo da luz infinita de D'us acima e além da criação. Na Cabalá, aprendemos que a “luz da coroa”, or haketer, tem valor numérico de 832, exatamente o valor numérico de Eretz Yisrael.

A união do primeiro dia da criação com a Terra de Israel é a união completa da luz infinita da coroa celestial manifestada na criação, na sagrada Terra de Israel.

Possibilidades

Moshê entendia o aspecto mais básico da natureza humana: precisamos que alguém acredite em nós

Por Simon Jacobson

“O que sou realmente capaz de conquistar” é uma das maiores questões na vida. A porção desta semana da Torá nos esclarece quanto a possibilidades quase impossíveis.

Quando mais jovem, você teve um mentor – talvez um amigo, um professor ou um colega – que o motivou a atingir grandes alturas? Se teve, sinta-se abençoado. Se não teve, é difícil descobrir o que você perdeu. Mas nem tudo está perdido.

Moshê, o líder por excelência, o supremo mentor, exige – e com efeito nos habilita – a atingir o inimaginável.

Na porção desta semana da Torá Moshê diz: “E agora, Israel, o que D'us deseja de vocês? Somente que adorem a D'us, que trilhem todos os Seus caminhos, que O amem e sirvam a Ele de todo o coração e com toda a tua alma; que cumpram os mandamentos de D'us e Seus estatutos, que eu ordeno a vocês neste dia para o seu bem?” (10:12)

O Talmud pergunta: “Reverência a D'us é uma coisa menor [pois Moshê diz “somente para ser em reverência a D'us”]” E o Talmud responde: “Sim, para Moshê é uma coisa menor” (Talmud, Berachot 33 b).

No Tanya é perguntado: “À primeira vista, a resposta [do Talmud] é incompreensível, pois o versículo diz: “O que D'us pede a você” [não a Moshê!]. “Porém a explicação é a seguinte: Toda e cada alma contém dentro de si algo da qualidade de nosso mestre Moshê, pois ele é um dos “sete pastores” que inspiraram vitalidade e Divindade à comunidade das almas de Israel... Moshê é a soma deles todos, chamado o “pastor da fé” (raaya meheimna) no sentido em que ele alimenta a comunidade com a sabedoria e reconhecimento de D'us... Portanto, embora homem nenhum ouse presumir em seu coração atingir sequer a milésima parte do nível do pastor fiel, mesmo assim uma partícula infinitesimal de sua grande bondade e luz ilumina todos em toda e cada geração” (Tanya cap. 42).

Em outras palavras, cada um de nós tem dentro da alma uma dimensão onde servir a D'us é relativamente “fácil”, e algo “menor” a realizar!

Mas o que isso significa exatamente? O fato empírico é que mesmo para a pessoa mais temente a D'us, levar uma vida virtuosa e espiritual não vem facilmente. A vida para a maioria de nós consiste numa batalha entre o bem e o mal, espírito e matéria, autoindulgência e transcendência – entre os anseios egoístas do narcisismo material e o compromisso com uma chamado mais alto, com frequência vence o primeiro.

Na verdade, o moderno pensamento secular vê o ser humano como um animal evoluído, uma bactéria com um bilhão de anos, cujo impulso fundamental é a sobrevivência (“sobrevivência do mais apto”). Da biologia à psicologia, da genética à arqueologia – de Darwin a Freud – aprendemos que os seres humanos são impulsionados pelo “id” irracional e primitivo, que se resume a “querer, querer e, querer,” a autogratificação impulsionada por uma lei – o “princípio do prazer” “Eu quero isto e quero isto agora”.

Moshê, porém, via o ser humano sob uma luz diferente. Embora seja verdade que cada pessoa tem uma inclinação egoísta, temos também um lado Divino, que é capaz do comportamento mais nobre. De fato, a Torá vê que a parte mais profunda do ser humano é o “yid” em vez de o “id”. A essência da alma é como a letra “yud”, um ponto, uma centelha do Divino.

A rota mais fácil pode ser a narcisista. Porém, uma pessoa sempre tem a opção de superar suas tentações primitivas e acessar a alma transcendente em seu interior. A alma é um recurso rico, com camadas e camadas de potencial. E na alma jaz uma dimensão que é uma “centelha” de Moshê. Nesse nível é tão natural conectar-se com D'us como é para o peixe estar na água. O desafio é reconhecer e atrair essa dimensão, que pode estar oculta por baixo da concha externa de sobrevivência material.

É por isso que Moshê, um verdadeiro líder, sentiu ser necessário, pelo menos uma vez, declarar: “E agora, Israel, o que D'us deseja de ti? Somente que estejas em reverência a D'us, caminhar em todos os Seus caminhos e amar e servir a D'us de todo coração e com toda a tua alma.” Embora Moshê entendesse claramente a fragilidade da natureza humana, pois testemunhou repetidas vezes os erros do povo judeu, mesmo assim ele sabia que cada pessoa tem uma outra dimensão nobre. Ao exigir – e esperar – que possamos facilmente “estar em reverência de D'us e servir a D'us” isso por si mesmo cria motivação por parte da pessoa para corresponder ao seu potencial.

Moshê entendia o aspecto mais básico da natureza humana: precisamos que alguém acredite em nós. Essa crença nos ajuda a adquirir confiança para fazer jus à ocasião. “Remover as barreiras de seu coração” e sua “teimosia” (como continua Moshê, 10:16), e permitir que nossa verdadeira natureza Divina venha à tona.

A lição aqui contida é bem óbvia: Encontre alguém que acredite em você!

“Impossível. Absolutamente impossível.” Quantas vezes ouvimos essas palavras desencorajadoras, jogando água fria em nossas ideias acabadas de nascer? Você não acha que os primeiros criadores do aeroplano ou qualquer outro aparelho moderno

.....
ouviram dos colegas que seus sonhos eram uma impossibilidade? Mesmo assim, eles persistiram e conseguiram vencer. A história é testemunha de incontáveis casos de seres humanos que atingiram o impossível.

E de que outra forma explicamos o impulso aparentemente irracional de que podemos superar qualquer desafio? Como, por exemplo, os médicos estão totalmente convencidos de que podem, em última análise, vencer toda doença? É porque temos um instinto nos dizendo que tudo é possível. Esse instinto brota do poder Divino da alma, que transcende a mortalidade e todas as falhas da existência humana.

É crítico acreditarmos que podemos conseguir tudo neste mundo. Porém, devemos saber também que nossas psiques estão sob um constante ataque de muitas forças, lembrando-nos repetidamente das nossas limitações, alimentando nossa insegurança e nossos temores. Então chega Moshê e diz não! Você tem o poder de ser Divino, e com facilidade! Precisa apenas acreditar que isso é possível.

Em essência, alguém poderia dizer, que esta é a suprema batalha na vida: o quanto acreditamos em nós mesmos; o quanto acreditamos em nossas possibilidades.

Moshê dedicou seus últimos 36 dias na terra para abordar todos os assuntos que as pessoas enfrentariam nos anos seguintes e nas próximas gerações. Como verdadeiro pastor, ele antecipa os desafios da vida e os discute como devem ser discutidos.

O último livro da Torá, Devarim, com efeito é a última vontade e testamento de Moshê – assegurando que o legado do Êxodo no Sinai, as viagens pelo deserto, viverão para sempre.

Leia cuidadosamente o livro e encontrará lições fascinantes sobre praticamente todos os assuntos que enfrentamos até o dia de hoje. Nas próximas colunas tentaremos focalizar ocasionalmente algumas dessas mensagens poderosas.

Esta semana aprendemos sobre aquilo que é esperado de nós; aquilo de que somos realmente capazes. O maior líder de todos os tempos, Moshê, nos diz que temos isso em nós, para atingirmos os locais mais elevados; temos o poder de ser Divinos, pessoas espirituais, até o ponto em que é facilmente acessível para cada um de nós. Portanto, o pedido e exigência: E agora, Israel: O que o Eterno teu D'us pede a você? Somente para temer a D'us.

Quando às vezes as coisas parecem impossíveis, pense nas palavras de Moshê. Pense no fato de que em virtude do "Moshê" dentro de sua alma você está ao alcance de praticamente qualquer coisa à qual dirigir sua mente.

Então, agora que sabemos que o grande Moshê acredita em nós, a pergunta que cada um de nós deve fazer é: Eu acredito em mim mesmo?

Com um líder como Moshê, o impossível simplesmente pode ser possível.

Missão Impossível?

A Torá descreve um episódio em que D'us pede a Moshê que conte os levitas entre o povo de Israel, realizando assim um senso.

O grande comentarista Rashi explica a frase presente na Torá, "Segundo a palavra de D'us", como uma indicação de que na verdade Moshê estava perguntando: "Como posso determinar o número de filhos em cada família? Devo entrar nas tendas das pessoas e invadir sua privacidade?" A isto, D'us respondeu: "Faça sua tarefa e Eu farei a Minha. Você deve ficar em frente à porta de cada tenda, e Eu lhe direi o número de crianças naquele lugar."

Poder-se-ia indagar: uma vez que a determinação do número de levitas dependia da Divina revelação, por que havia necessidade de Moshê fazer algo a respeito? Por que D'us simplesmente não lhe dizia quantos levitas existiam?

A resposta a esta pergunta é essencialmente a fórmula para os atos do ser humano neste mundo. Um D'us onipotente poderia fazer tudo, e não haveria necessidade de atos humanos para realizar coisa alguma. Por razões conhecidas apenas pela sabedoria Divina, o homem foi colocado na terra com uma missão que apenas ele pode cumprir, e é sua responsabilidade cumprir aquela missão. Se a realização desta tarefa parece estar além da capacidade do homem, isso não isenta o homem de fazer o máximo para atingir este objetivo.

O ser humano deve fazer tudo que puder, e tudo aquilo que estiver fora de seu alcance torna-se responsabilidade de D'us. Este princípio é declarado em Ética dos Pais (2:16): "Não cabe a você completar a obra, porém você não tem liberdade para desistir dela."

"Faça sua tarefa, e Eu farei a Minha."

Hoje nós, como Moshê naqueles tempos, não devemos nos abster de nenhuma mitsvá, mesmo que seu cumprimento pareça estar além de nossos meios. Somos obrigados a fazer aquilo que pudermos, e deixar o restante nas mãos de D'us.

Vivendo Com o Rebe

Adaptado de Likutei Sichot, vol. 4

Na porção desta semana da Torá, Êkev, Moshê contempla o povo judeu que estava há 40 anos no deserto e menciona duas vezes o maná que eles tinham comido. Em ambas as vezes, Moshê parece sugerir que comer o maná de certa forma foi desagradável. ""[Ele] vos alimentou no deserto com maná... que Ele vos afligiu."

De fato, os Filhos de Israel reclamaram amargamente: "Nossa alma está sedenta; não há nada exceto este maná perante nossos olhos. Nossa alma abomina este pão leve."

À primeira vista, a reclamação deles é surpreendente, visto que a Torá descreve o maná como um milagroso alimento delicioso e Divino, pois adquiria o sabor que a pessoa desejasse e era aproveitado completamente pelo corpo humano, não sobrando resíduos.

.....
Como um alimento tão maravilhoso podia ser considerado um "tormento"?

No entanto, o Talmud explica que foram exatamente estas qualidades que deixaram os judeus com uma sensação de fome. Era difícil acostumar com este "pão dos céus" que não deixava resíduos cuja cor e forma era diferente de tudo que existia no mundo. Os judeus queriam pão comum, "pão da terra". Ansiavam por comida com a aparência que conheciam anteriormente.

Porém a verdade é que o ressentimento dos judeus foi motivado pela má inclinação. A princípio, a má inclinação atrai a pessoa para pecados menores, aos poucos abrindo seu caminho para faltas mais graves. Assim ocorreu com os Filhos de Israel. Eles começaram reclamando sobre o maná, depois avançaram para "choro entre as famílias", implicando transgressões na área da vida familiar.

O modo de agir da má inclinação nunca muda, e mesmo atualmente, a má inclinação ainda se irrita contra "o pão dos céus". Simbolicamente, "pão dos céus" significa Torá e sabedoria Divina, ao passo que "pão da terra" é conhecimento mundano, secular. A má inclinação tenta fazer o judeu ficar insatisfeito com seu "pão dos céus" e convencê-lo de que uma dieta regular de Torá o deixará faminto. "A Torá é interminável" – sussurra em seu ouvido. "Jamais se consegue aprendê-la totalmente; quanto mais se estuda, mais se percebe o quanto é infinita. Por que não voltar a mente para assuntos mundanos? Pelo menos se atingirá um sentimento de plenitude e satisfação."

Num nível ainda mais sutil, a má inclinação tenta dissuadir um judeu de estudar Chassidut, a parte oculta da Torá, que também é comparada ao "pão dos céus". A parte revelada da Torá, o "pão da terra", é suficiente, alega a má inclinação.

Porém a verdade é exatamente o oposto. Como a essência do judeu é espiritual, ele jamais pode se satisfazer com assuntos mundanos. Somente a Torá, e sua parte mais profunda, pode completar a alma, pois é através da Torá que o judeu se conecta com o Infinito.

Bênçãos em toda parte

por Mendel Starkman

É uma cena comum: você está em sua cozinha, abrindo o refrigerador, e apanha uma maçã grande e suculenta. Aproxima a fruta dos lábios e dá uma grande mordida, apreciando cada bocado deste presente Divino. De repente, percebe que esqueceu-se de uma parte essencial deste desfrutar da maçã: não lembrou de recitar a bênção apropriada, agradecendo ao Criador por seu maravilhoso presente.

Na porção desta semana, a Torá declara que quando os Filhos de Israel chegarem a Eretz Yisrael, eles "comerão, ficarão satisfeitos e abençoarão D'us" pela terra maravilhosa que Ele lhes deu (Devarim 8:10). Deste versículo, os sábios extraíram o mandamento de Bircat Hamazon, Bênçãos após a Refeição, recitando a bênção apropriada. Entretanto, enfatiza o Sêfer HaChinuch, este conceito de abençoar D'us exige uma explicação, pois sabemos que na verdade D'us não precisa de nossas bênçãos. Afinal, D'us possui todas as honras e tudo que é

bom; Ele é onisciente e onipotente, e já possui tudo o que deseja. As ações e palavras das pessoas, sejam boas ou más, nada acrescentarão ou tirarão de D'us. Portanto, qual o objetivo de recitar bênçãos?

O Sêfer HaChinuch explica que D'us apenas deseja o melhor para Suas criaturas. Entretanto, Ele quer que elas sejam merecedoras antes que Ele lhes conceda Suas bênçãos. Daí surge nossa necessidade de recitar bênçãos a Ele. Através destas bênçãos que recitamos, despertamos dentro de nós a idéia de que D'us é Aquele que concede bênçãos sobre nós, e através deste reconhecimento tornamo-nos merecedores de nos tornarmos verdadeiros receptáculos para receber Suas bênçãos. É basicamente um efeito bola de neve. Quando O abençoamos, tornamo-nos merecedores de Suas concessões de bênçãos sobre nós, pelas quais devemosabençoá-lo ainda mais, e então Ele nos dá ainda mais bênçãos, e assim por diante.

A porção desta semana da Torá menciona também outra idéia que pode ser aplicada de maneira similar. Ela nos diz que quando chegarmos à Terra de Israel e a conquistarmos, poderemos finalmente ficar convencidos e dizermos que a força e o poder em nossas mãos trouxe-nos nossa boa sorte (ibid. 8:17). Mas como poderemos cometer tal engano? Uma nação que saiu da escravidão e não foi treinada nas artes da guerra, derrotar a força militar de sete nações poderosas, apenas poderia acontecer através de uma intervenção dos Céus. Como poderia a participação de D'us ser esquecida?

Mesmo assim vemos que com o tempo, é possível tornar-se fascinado pela idéia de que estas vitórias somente aconteceram por nosso próprio mérito, e não com a ajuda de D'us. Eis por que Moshê continuou, versículo após versículo, a admoestar-nos a lembrar que nossas vitórias aconteceram pelo mérito de nossos antepassados, e não por causa de nós ou de nossas conquistas.

Similarmente, Rabi Yisrael Salanter aconselha sobre como conter os sentimentos de orgulho e arrogância. Quando parece que conseguimos algo extraordinário, devemos lembrar-nos de nossas deficiências e falhas, e não apenas dar-nos uma palmadinha nas costas. Pensar desta forma nos impedirá de sucumbir à arrogância, permitindo-nos em vez disso reconhecer que é D'us e não nós mesmos a força por trás de nosso sucesso, desta forma percebendo a gratidão que Lhe devemos. Esta percepção, juntamente com a idéia que Ele é quem nos abençoa, culminará numa oportunidade única – fazer-Lhe uma bênção, que servirá para ajudar-nos mais tarde quando o círculo continuar e Ele conceder mais bênçãos sobre nós.

Eis o que Reb Aharon HaGadol quis dizer quando disse a seu aluno: "Você faz uma bênção para que possa comer a maçã, enquanto que eu como uma maçã para que possa fazer uma bênção." Ele sentia tão fortemente o amor por abençoar D'us, que literalmente saía de seu caminho para encontrar oportunidades de fazer bênçãos.

Agora entendemos duas das razões pelas quais recitamos bênçãos. Primeiro, são para que reconheçamos Aquele que nos abençoa, e em segundo, para demonstrar nossa gratidão pelo que D'us já nos concedeu. Portanto, da próxima vez que estivermos na cozinha e dermos uma mordida na maçã, como

.....
podemos esquecer de recitar uma bênção? E quando lembrarmos de pronunciar as palavras sagradas, devemos lembrar de refletir sobre o que estamos dizendo e a Quem isso é dirigido, pois os benefícios são notáveis.

Conexão

Você está caminhando pela rua e avista uma pessoa de aparência normal vindo em sua direção. Então você percebe que ele está falando sozinho. Faz gestos, aponta e balança o dedo no ar como para afirmar um ponto de vista. O que está acontecendo?

Quando chega mais perto, você desvia os olhos. Talvez ele não esteja constrangido, mas você está!

Finalmente, a apenas alguns passos do sujeito, você reprime uma risadinha. "Como pude me esquecer? Telefone celular!"

Aonde quer que vamos, a qualquer hora do dia ou da noite, as pessoas estão conectadas com a família, amigos e trabalho via telefone celular.

As mitsvot, os preceitos Divinos que guiam e governam cada aspecto de uma vida judaica a partir do momento que nasce até seu último sopro, são um meio pelo qual nos conectamos a D'us. De fato, uma mitsvá em si tem dois significados: "mandamento e conexão".

A qualquer hora do dia ou da noite, podemos nos conectar com D'us por intermédio das mitsvot.

Ao nos ordenar as mitsvot, D'us criou os meios pelos quais podemos estabelecer uma conexão com Ele. A mão que coloca algumas moedas numa caixa de tsedacá, a mente refletindo sobre pensamentos de Torá, os lábios curvados num sorriso para cumprimentar outra pessoa, a voz se elevando numa prece, o estômago digerindo matsá em Pêssach, os ouvidos escutando o shofar em Rosh Hashaná, todos se tornam instrumentos para nos conectar com D'us. Portanto, há mitsvot para cada membro, órgão e faculdade de uma pessoa, mitsvot governando cada aspecto da vida do indivíduo, para que nenhuma parte dele permaneça sem envolvimento na sua relação com o Criador.

A cada vez que cumprimos uma mitsvá nos conectamos com D'us. Às vezes, a conexão é tão natural que nem sequer percebemos. Outras vezes, sentimos a conexão de uma mitsvá – lágrimas vertidas num momento de prece; uma paz intangível quando as velas do Shabat são acesas; o lento suspiro quando as correias de tefilin são desenroladas.

Mas e quando não há conexão alguma? Quando estamos fora de nossa área e nosso serviço está em "roaming", quando esquecemos de recarregar a bateria e o telefone fica mudo, ou passamos por um túnel e ficamos desconectados?

Então nossa família, amigos e o escritório não podem manter contato conosco. Porém D'us ainda pode. Porque jamais podemos realmente nos desconectar de D'us. "Um judeu não deseja nem pode ser desconectado de D'us" – ensinou Rabi Shneur Zalman, fundador do Chassidismo Chabad. Mesmo se pensarmos que a conexão está rompida ou que estamos desconectados, ainda estamos conectados a D'us e Ele ainda está conectado conosco. Além disso, ainda podemos nos

comunicar com ele e vice versa. Porque, na verdade, o serviço nunca "cai".

Talvez seja um número errado ou algo que tenha afetado as microondas. Mas a falta de conexão jamais é permanente.

D'us pode e realmente Se comunica conosco. Precisamos apenas aguçar os ouvidos e escutar, recarregar nossa bateria ou ter paciência até vermos a luz no fim do túnel-gancho, e reconectar.

Nem só de pão...

Rabi DovBer de Mezeritsh

No âmago de toda existência está a palavra Divina que constitui sua alma – sua essência e seu propósito. Esta palavra Divina são as Divinas palavras da Criação: ("faça-se a luz", "Que a terra produza vegetação", etc.) – o que expressa o desejo de D'us de que exista uma coisa específica e sua função, dentro de Seu total propósito da Criação. É esta Declaração Divina, que foi o instrumento original de sua criação, e que permanece aninhada dentro dela, alimentando-a continuamente com existência e vida.

A alma do homem desceu às armadilhas e sofrimentos da vida física para conseguir o acesso àquelas centelhas de santidade. Habitando um corpo físico que se alimentará, vestirá, e fará uso dos objetos e forças da existência física, a alma pode redimir a Declaração Divina que eles incorporam. Pois quando o homem se utiliza de algo, direta ou indiretamente, para servir ao seu Criador, ele penetra na concha da existência comum, revelando e percebendo sua Divina essência e propósito.

Existe um significado mais profundo para o versículo: "O faminto e o sedento, neles suas almas se abrigam por si mesmas." Uma pessoa pode ansiar pelo alimento e sentir apenas a fome de seu corpo; mas na verdade, sua ânsia física nada é além da expressão e invólucro externo de um desejo mais profundo – sua alma ansiando pelas centelhas de santidade que são o objeto de sua missão na vida física.

47 - Parashat Reê

Deuteronômio 11:26-16:17

A Santidade de Êrets Yisrael e a Remoção da Idolatria

Esta parashá e as próximas duas concentram a maioria das mitsvot encontradas no livro de Devarim. Até agora, Moshê transmitiu mitsvot fundamentais como amor e temor a D'us, diretrizes contra a idolatria, sermões inspiradores enfatizando o compromisso do povo em relação à D'us, e a obrigação dos judeus de se conduzir à altura da santidade de Êrets Yisrael.

Moshê inicia sua recitação colocando as mitsvot em sua devida perspectiva, dizendo que, a escolha entre aceitar a Torá em sua totalidade ou não, nada mais é que escolher entre bênção e maldição. Aqueles que guardariam as mitsvot seriam abençoados por D'us.

Há mais de 50 mitsvot nesta Parashá. Para conhecer a todas, é preciso estudá-las na própria Torá.

Moshê disse: "Êrets Yisrael está repleta de imagens e outros objetos de adoração de ídolos. As nações da terra colocaram

.....
imagens em cada montanha ou colina. Há ídolos sob cada árvore. Construíram templos, altares e matsevot (pedras para adoração de ídolos). Plantaram também asherot, árvores que consideram sagradas."

"Sua primeira mitsvá ao entrar na terra será destruir cada ídolo e cada objeto de adoração! Livrem-se deles! Destruam os ídolos imediatamente! Não deverá permanecer nem mesmo um traço! Se uma cidade recebeu o nome de um ídolo, troquem seu nome."

A mitsvá de destruir ídolos aplica-se a todas as gerações. Os reis judeus que foram tsadikim limpavam o país das imagens que reis perversos lá haviam colocado anteriormente.

Em Êrets Yisrael, todo rei judeu é obrigado a procurar os ídolos e assegurar-se que a terra está completamente livre de todos os traços de idolatria estrangeira. Assim como antes de Pêssach procuramos e destruimos chamêts, da mesma forma devemos procurar e nos livrar de todos os ídolos em Êrets Yisrael.

Êrets Yisrael está onde repousa a Shechiná. É como o palácio do rei. Um servo ousaria erguer uma estátua do inimigo do rei no palácio? Colocar um ídolo em Êrets Yisrael é exatamente a mesma coisa. Não poderia haver crime mais grave.

Local dos sacrifícios e os Milagres no Bet Hamicdash

Local dos Sacrifícios

Moshê continuou: "Vocês não poderão construir altares e oferecer sacrifícios a D'us em qualquer lugar em Êrets Yisrael, embora não adorem ídolos. Assim que se estabelecerem no país, D'us escolherá um local fixo para Si. Este será o Bet Hamicdash, onde serão trazidas suas oferendas."

Quando todas as oferendas eram trazidas a um só local, isso ajudava a crer no único D'us. Também forçou os judeus a visitarem o Mishcan ou o Bet Hamicdash, o que ajudou a aumentar seu temor a D'us. Os visitantes presenciavam lá milagres que reforçaram sua emuná (fé).

Nossos sábios nos relatam:

Milagres no Bet Hamicdash

Eis aqui alguns dos milagres que ocorriam no Bet Hamicdash

- Toda as noites, os cohanim queimavam todas as sobras de carne e gordura das oferendas no mizbêach (altar). Às vezes, havia muito para queimar. As sobras de carne ficavam sobre o altar por dois ou três dias sem refrigeração. Em geral, se uma carne for mantida à temperatura ambiente mesmo por um só dia, já começa a se estragar. A carne no altar permanecia miraculosamente fresca.

- Todos os sacrifícios eram abatidos no pátio do Bet Hamicdash, do lado de fora. Normalmente carne, ossos e sangue atrairiam enxames de moscas zumbindo em volta das mesas. Mas a Azará (pátio) era tão sagrada que nem mesmo uma única mosca jamais chegava perto.

- A chuva nunca apagava o fogo sobre o altar de cobre no pátio. O vento também não desarranjava o pilar de fumaça que subia do fogo sobre o altar. Em vez disso, a fumaça subia direto para o céu.

- A Azará ficava sempre completamente cheia, quando os judeus se reuniam para rezar. Não havia um centímetro de espaço livre. Ao invés de curvar-se, como fazemos atualmente para rezar, os judeus na época do Bet Hamicdash caíam ao solo, esticando os braços e pernas. Como poderia a pessoa ter espaço suficiente? Um milagre acontecia: a Azará se expandia. Todos tinham espaço suficiente para permanecer no solo!

- Havia também o milagre que acontecia com os lêchem hapanim. Estes pães eram colocados sobre o shulchan (mesa) a cada Shabat. Estavam sempre frescos e quentinhos até o próximo Shabat, quando eram substituídos! Os cohanim costumavam elevá-los e mostrá-los aos judeus que iam ao Bet Hamicdash. "Veja o quanto D'us ama vocês," diziam eles. "Ele realiza milagres!"

A Proibição de Ingerir Sangue e o Abate de Animais

A Proibição de Ingerir Sangue

Os judeus já tinham ouvido de Moshê a proibição de Ingerir sangue. Naquela época o consumo de sangue era muito comum e difundido entre os povos. Portanto Moshê precisava advertir: "Sejam muito estritos com esta mitsvá!

"Evitem ingerir sangue, não porque possam achar isso repugnante, mas porque vocês desejam agir conforme 'o que é certo aos olhos de D'us'".

Este princípio se aplica a todas as mitsvot: É importante procurar conhecer o porquê das mitsvot, mas é preciso lembrar que o significado é apenas um acessório, e nunca pode se tornar o motivo principal para seguir a Torá. A intenção essencial é obedecer à D'us.

Abater Animais e Aves Conforme as Leis da Torá

D'us ordenou: "Existe apenas uma maneira casher de abater um animal para alimento: cortando a faringe e o esôfago."

D'us ensinou a Moshê o ponto exato onde deveria ser cortado. D'us acrescentou também outras leis.

Um shochet é um judeu que abate animais de acordo com a lei da Torá. Ele precisa conhecer bem as leis. Deve conferir sua faca antes de fazer o trabalho, para que o corte seja suave.

O que acontece se um shochet esqueceu de examinar sua faca? Se a faca tiver qualquer falha, como uma saliência ou depressão, o animal que ele abateu não é casher.

Um animal morto que não foi abatido de acordo com a Halachá (Lei Judaica) é chamado de nevelá. Não pode ser consumido.

Ser um shochet é um trabalho de muita responsabilidade. A melhor maneira de assegurar-se de que a carne ou ave é realmente casher é conhecer o shochet pessoalmente. Se isto

.....
não for possível, por exemplo, quando uma companhia emprega vários shochetim, deve-se descobrir se são todos honestos, tementes a D'us e peritos em Halachá. Antes do abate, o shochet recita a bênção: "Bendito és Tu, D'us, que nos santificou com suas mitsvot e nos ordenou a shechitá"

Por que os animais devem ser abatidos desta maneira especial?

D'us não nos revelou a razão. Esta lei é conhecida como um choc (mitsvá cujo significado não nos foi revelado). Apesar disso, temos algumas explicações: A shechitá faz com que uma grande quantidade de sangue saia do animal. Esta mitsvá nos ajuda a evitar a ingestão de sangue.

O método indicado pela Torá para abater o animal é misericordioso, rápido e indolor. D'us não quer que o animal sinta dor e sofra.

O cumprimento desta mitsvá é benéfico; elevando-nos espiritualmente e nos aproximando de D'us.

Falsos Profetas e Missionários

Falsos Profetas

Devemos obedecer somente à um profeta de D'us. Moshê nos advertiu: "Não dêem ouvidos ao falso profeta!"

Como podemos saber quem é um falso profeta?

1 – Aquele que alega que um ídolo fala com ele é um falso profeta. Devemos cortar toda relação com alguém assim. Um Bet Din (Tribunal Rabínico) deve sentenciá-lo à morte.

2 – Um profeta que proclama que D'us nos ordenou deixar de cumprir qualquer mitsvá para sempre, é falso.

Ele poderia nos dizer: "Farei um milagre para provar que D'us realmente falou comigo."

Moshê alertou os judeus: "Não acreditem nele, mesmo se prever acontecimentos futuros! Não confiem nele mesmo se realizar maravilhas nos céus ou na terra. Não se impressionem mesmo se ele parar o sol! Não se influenciem por milagres de um falso profeta! Ele é um impostor!"

Como o Maimônides codificou, um dos treze princípios da fé judaica, é o conceito que a Torá nunca poderá ser mudada, não importa quantos milagres sejam realizados por um profeta. A nossa fé não é baseada em milagres.

" Se vocês se perguntarem: "Por que D'us o permite realizar milagres? Esse na verdade é um teste ao qual D'us nos submete. D'us está pondo à prova nossa lealdade a Ele. Se não seguimos um profeta falso, estaremos demonstrando um verdadeiro amor por D'us."

Missionários

O messit, instigador, é aquele que influencia outros a servir ídolos. É pior influenciar outros a adorar ídolos que servi-los por conta própria.

Moshê alertou: "Se qualquer judeu - até mesmo um parente seu muito próximo como um pai ou uma esposa - lhe propuser:

'Vamos deixar de lado a tradição dos nossos antepassados e servir um dos deuses dos outros povos.' Rejeite imediatamente sua proposta"

"Você poderá pensar: "Não vou ouvi-lo e certamente não servirei ídolos. Porém ficarei quieto, não direi a ninguém que ele tentou me influenciar a adorar ídolos'. Esta atitude é um erro. Não debes protegê-lo de nenhuma maneira."

A Torá decreta leis muito severas à respeito de um "instigador" ou "missionário", que tenta convencer nosso povo a aceitar deuses estranhos. Apesar de sermos ordenados a amar todo judeu, o messit não está incluído na mitsvá de "Amarás ao teu próximo". Ele é uma exceção. Levar outros à idolatria é tão grave, que a Torá não tolera este indivíduo. Este pecador pode ser um parente muito querido, mesmo assim a vítima é obrigada a denunciá-lo ao Bet Din, que irá condená-lo à morte.

Moshê continuou: "Nem deverás pensar: 'Não quero testemunhar contra ele. Me sinto culpado de causar sua morte.' Isto também é um erro. É uma mitsvá ajudar o Bet Din a executar um messit."

Um messit é pior que um assassino. Um assassino tira a vida de uma pessoa apenas neste mundo, mas o messit prejudica a pessoa também no mundo vindouro.

Um messit pode ocultar parcialmente suas verdadeiras intenções e tentar persuadir outros com palavras gentis e amorosas. Os missionários são alguns dos atuais messitim. Eles tentam convencer judeus ignorantes (e às vezes também necessitados), a abandonem a Torá. Uma boa maneira de combatê-los é ajudar financeiramente organizações que resgatem judeus das mãos de missionários.

Ir HaNidachat

Moshê continuou com o assunto de adoração de ídolos:

"Pode acontecer que a maioria dos judeus de uma cidade seja persuadida a adorar ídolos."

Se os juízes do Sanhedrin ouvirem tal coisa, devem verificar a veracidade desta notícia. Se as testemunhas declararem que a maioria dos habitantes serviram ídolos, a cidade e tudo que ela conter deve ser destruído. Isso é chamado ir hanidachat – uma cidade que foi convencida a adorar ídolos.

"Todos aqueles que servem ídolos devem ser condenados à morte pelo Bet Din. Aquele que não o fez pode deixar a cidade. Entretanto, quando a cidade for destruída, seus pertences devem ser destruídos também. Ninguém tem permissão de usar coisa alguma da cidade. A cidade é queimada e jamais poderá ser reconstruída."

De acordo com alguns de nossos sábios, jamais existiu uma ir hanidachat e jamais haverá uma. (Seria impossível preencher todas as condições). Mesmo assim, a Torá ordenou esta mitsvá para nos ensinar a gravidade da adoração de ídolos.

Leis de Cashrut

Animais Casher e Não-Casher

.....
Na Parashá Shemini no livro de Vayicrá, aprendemos que os judeus podem ingerir animais e peixes apenas se estes tiverem dois sinais indicando que são casher. Moshê agora repete estas leis. Acrescentou também novas leis, e advertiu os judeus novamente a não misturarem leite e carne.

A Torá enumera apenas dez espécies de animais terrestres casher que possuem patas fendidas e ruminam; e quatro animais que não são casher por terem apenas um desses sinais. Vale salientar que não existem outras espécies que tenham só uma dessas características.

Os comentaristas observam que isto demonstra a origem Divina da Torá, pois um legislador humano jamais arriscaria ser refutado por descobertas de outros animais para ele desconhecidos, àquela época.

Rashi explica porque vários animais são proibidos aos judeus. A missão espiritual do povo judeu é unir-se à Fonte Primordial de vida espiritual. Conseqüentemente, os judeus devem abster-se de consumir quaisquer alimentos que o Intelecto Divino saiba ser um obstáculo para atingir seu sublime objetivo.

Numa parábola encontrada no Midrash, um médico veio visitar dois pacientes. Para o primeiro ele disse: "Você pode comer tudo o que quiser." Para o outro ele prescreveu uma dieta detalhada e rigorosa. Logo, o primeiro paciente morreu, e o segundo recuperou-se. O médico explicou que não havia esperança para o primeiro, não havendo, portanto, razão para negar-lhe alimentos dos quais gostava. Porém o segundo paciente estava basicamente saudável, por isso era importante ministrar-lhe uma dieta que recuperasse suas forças e plena saúde.

É assim com o povo de Israel. Sendo que o povo judeu possui o potencial para a vida espiritual, D'us "prescreveu" alimentos que incrementam seu crescimento espiritual.

A Importância da Cashrut

A Torá enfatiza a razão da cashrut com termos bastante claros: ao observar as leis de cashrut, o judeu consegue elevar-se na escada da santidade.

Apesar de que o dano que os alimentos proibidos causam não é físico, todavia, impedem que o coração capte e atinja os elevados valores da alma através do estudo da Torá.

O alimento não-casher contamina a alma de forma que exame físico algum consegue detectar, e cria um impedimento entre o judeu e sua percepção de D'us. Gradualmente, este consumo constrói uma barreira que bloqueia e impede sua compreensão da santidade.

Assim como alguém que está constantemente exposto à música alta e forte barulho, lenta e imperceptivelmente, porém com certeza, sofre perda de sua capacidade de ouvir sons delicados e de detectar modulações sutis; a Torá nos diz que da mesma forma, se um judeu ingere alimentos não casher, ele mina e entorpece suas capacidades espirituais, e nega a si mesmo plena oportunidade de santificar-se.

Quem consome alimentos proibidos torna-se incapaz de perceber suas perdas e não entende a lógica destas proibições. Assim como quem vive tomando analgésicos, acha estranho que outros

chorem de dor e sensações que ele não sente. Analgésicos entorpecem os nervos assim como alimentos proibidos entorpecem os chips espirituais.

Por esse motivo, mesmo uma criança pequena deve evitar comer alimentos proibidos, para que seu potencial espiritual não seja prejudicado.

Maasser e o Ano de Shemitá

Maasser Rishon - O Primeiro Dízimo

Moshê também ordenou Benê Yisrael a separarem maasser (um décimo) dos produtos que crescem em Êrets Yisrael.

O Midrash nos ensina que um judeu que ingere alimentos dos quais não foi separado o maasser, é como se tivesse comido carne não casher!

"Se vocês produzirem vinho, cereais, ou azeite, devem sempre separar o dízimo antes de comê-lo," lembrou Moshê. "Se vocês derem o maasser aos levitas, D'us os abençoará com riquezas."

Maasser Sheni / O Segundo Dízimo

Como aprendemos, um judeu tinha que separar um décimo de sua colheita. Dava-o a um levita. Após o primeiro maasser, cada fazendeiro tinha que separar outro décimo de sua produção. Era chamado maasser sheni, o segundo maasser.

O que ele fazia com o maasser sheni?

O agricultor e sua família viajavam a Jerusalém com sua produção de maasser sheni e a comiam lá. Se fosse muito oneroso transportar a produção para Jerusalém, o proprietário podia trocá-la por dinheiro. Levava o dinheiro então para Jerusalém e com ele, comprava alimentos para si e para sua família.

Por que D'us desejava que os judeus comessem maasser sheni em Jerusalém?

A Torá explica: "Isso os ensinará a temer D'us."

Na época do Bet Hamicdash, uma visita a Jerusalém era uma experiência maravilhosa. No Bet Hamicdash, um judeu podia sentir a presença Divina e até mesmo presenciar milagres. Podia visitar os juízes no Grande Sanhedrin, os grandes sábios da nação. E podiam admirar os tsadikim que lá viviam.

Quando um judeu retornava de sua viagem de "maasser sheni" em Jerusalém, sentia-se tão entusiasmado que isso o ajudava a cumprir melhor as mitsvot.

Maasser Ani - O Dízimo Para Os Pobres

No primeiro, segundo, quarto e quinto anos de cada ciclo de sete, o fazendeiro tinha que separar o maasser sheni e comê-lo em Jerusalém. No terceiro e sexto anos, o agricultor tirava maasser ani (dízimo para os pobres) ao invés do maasser sheni. Esta décima parte era para as pessoas necessitadas, que vinham ao seu campo reivindicá-lo.

Shemitat Kessafim - O Cancelamento de Dívidas

.....
Moshê ensinou a Benê Yisrael sobre outra mitsvá que está relacionada com chessed (bondade). Aprendemos que cada sétimo ano é um ano shemitá (sabático) em Êrets Yisrael, quando o solo repousa. Entretanto, há uma lei de shemitá que deve ser mantida mesmo fora de Êrets Yisrael.

Nesta parashá, a Torá (Devarim XV:2) diz: "Ao fim de cada sete anos farás o ano sabático. E este é o procedimento da shemitá: cada credor perdoará tudo o que emprestou a seu semelhante; nada exigirá dele."

Esta passagem significa que é proibido cobrar dívidas particulares durante o ano sabático. Isto se aplica tanto na Terra de Israel quanto fora dela (enquanto que as leis agrícolas de shemitá aplicam-se somente à Terra Santa).

Portanto, depois que passou o ano shemitá, um judeu que emprestou dinheiro a outro não pode mais pedir que lhe devolva o empréstimo. Pode exigir o pagamento apenas até o último dia do ano anterior, véspera de Rosh Hashaná. Se Rosh Hashaná passar e o empréstimo não foi quitado, o pagamento não pode ser exigido. (Porém, se o devedor, espontaneamente, oferecer este valor como um presente, o credor pode aceitá-lo. Esta seria a conduta correta).

D'us nos deu esta lei para nos ensinar uma lição. Ele deseja que percebamos que é Ele o dono de tudo que possuímos, bem como nosso dinheiro.

O que acontece se um judeu precisa pedir dinheiro emprestado ao final de um ano anterior a shemitá? Aquele que empresta pode pensar: "Estou certo de que ele não poderá me pagar antes do início do ano de shemitá. Poderei perder meu dinheiro."

Se a pessoa que precisa de um empréstimo é pobre, terá dificuldade em achar alguém que deseje emprestar-lhe dinheiro.

Já na época do Talmud, muitas pessoas deixavam de emprestar dinheiro quando o ano de shemitá se aproximava. Para resolver este problema, o ilustre erudito e líder Hilel instituiu uma fórmula que permite reclamar o pagamento mesmo depois do sétimo ano, denominada Peruzbul. Consiste no credor transferir suas dívidas a uma corte rabínica antes do ano sabático. A dívida, então, deixa de ser individual, tornando-se passível de cobrança (conforme a própria lei da Torá estipula) durante ou após o ano de shemitá.

Embora pessoas em particular não possam pedir o pagamento após shemitá, o Beit Din sempre tem permissão de reclamar este pagamento. Assim, os necessitados conseguirão empréstimos sempre, inclusive antes de um ano de shemitá.

É aconselhável que cada um faça um peruzbul antes da shemitá (mesmo quem não tenha empréstimos pendentes para receber ou que não se importe de quitar os que tem), demonstrando assim o respeito por uma ordem de nossos sábios e, ao mesmo tempo, cumprindo um decreto rabínico que só ocorre a cada sete anos. Não há nenhuma exigência de especificar as dívidas; somente declarar sua transferência à corte rabínica. O peruzbul pode ser lido perante um Tribunal Rabínico, por ocasião de hatarat nedarim (anulação das promessas) na véspera de Rosh Hashaná. Logo após o texto da anulação das promessas, deve-se recitar:

"Entrego-lhes todos os meus créditos para que eu possa cobrá-los quando desejar."

Neste caso não há necessidade de escrever ou assinar o peruzbul. Ou então, antes da véspera de Rosh Hashaná, deve-se enviar para um tribunal rabínico um documento assinado e datado com o seguinte texto:

"Eu, abaixo assinado, entrego aos senhores..., membros do Bet Din na cidade de..., todos os créditos que tenho de outrem, seja por documento ou oralmente, a fim de que possa cobrá-los quando desejar."

O peruzbul também deve ser repetido ao final do ano de shemitá.

A Mitsvá da Tsedacá e suas Leis

Moshê explicou: "Se todo o povo judeu guardar as mitsvot, não haverá pessoas pobres entre vocês. Jamais precisarão emprestar dinheiro a outro judeu, nem precisarão dar tsedacá.

"Porém sei que as futuras gerações não serão tão justas. Por isso, haverá pessoas pobres, e vocês precisam conhecer as leis de tsedacá."

Moshê explicou esta mitsvá aos judeus que entrariam em Êrets Yisrael. No deserto, não houvera necessidade de dar tsedacá porque cada judeu recebia maná para as refeições e porque todos tinham roupas para usar.

Sobre mitsvá de tsedacá, a Torá diz nesta parashá: "'Abra a sua mão - patuach tiftach et yadechá'. Seja caloroso e generoso com seus irmãos".

A Torá adverte em relação à ao medo natural humano de não poder gastar com caridade ou empréstimos. Um judeu nunca deve se perguntar se deve ajudar ou não, somente para quem e como oferecer ajuda, porque o ajudante definitivo dos pobres e ricos é o próprio D'us.

A Torá dirige-se a dois tipos de pessoas. Àquele que não consegue decidir se vai ou não doar, D'us diz: "Não endurecerás o seu coração". E, para alguém que deseja dar, mas no último instante volta atrás, D'us diz: " Não fecharás sua mão".

O versículo conclui com um aviso implícito para aquele que se mantém insensível: "O indivíduo diante de você é 'seu irmão necessitado'. Se você rejeitar sua solicitação, você é aquele que poderá acabar se tornando o 'irmão' dele na pobreza". O homem pobre clama a D'us quando suas súplicas por tsedacá permanecem sem resposta. D'us escuta seus gritos sentidos e pune o avarento que não lhe forneceu tsedacá.

Uma Parábola

O adágio popular diz: "A carga que um camelo suporta depende de sua força". D'us espera que a pessoa doe tsedacá proporcionalmente à abundância com que foi abençoada.

De fato, uma pessoa é afortunada se doa tsedacá com generosidade. A seguinte parábola ilustra esse ponto:

Dois carneiros estavam às margens de um rio, olhando desconfiados para as ondas espumantes. Será que conseguiriam

.....
atravessá-lo a nado, alcançando a verdejante campina que lhes acenava do outro lado?

Ambos mergulharam e começaram a nadar vigorosamente. Contudo, enquanto um carnerinho mantia o ritmo, o outro logo cansou-se, conseguindo manter sua cabeça fora da água com muita dificuldade. Não demorou muito e foi tragado pela forte correnteza.

Para azar desse carneiro, sua longa pelagem acabou sendo um empecilho, tornando-se uma pesada carga ao molhar-se. O outro carneiro, no entanto, estava tosquiado. Era leve, locomovia-se com facilidade, conseguindo, assim, sobreviver. Nossos sábios aconselham a pessoa atravessar ao "outro lado" com pesos leves; ou seja, a livrar-se do dinheiro extra, distribuindo-o para tsedacá. Se a pessoa, em vez disso, guardar e acumular dinheiro, por fim este o arrastará para baixo. Pois ela não utilizou sua fortuna conforme os ensinamentos da Torá.

O Fiador do Empréstimo

Um filósofo perguntou a Rabi Gamliel: "Sua Torá lhes ordena a dar tsedacá freqüentemente, e não ter receio de comprometer sua situação financeira. Mas esse receio não é algo natural? Como alguém pode dar seu dinheiro sem se preocupar se deveria ou não poupá-lo para uma hora de necessidade?"

Rabi Gamliel, então, indagou: "Se lhe pedissem um empréstimo, você me concederia?"

"Depende de quem está pedindo," respondeu o filósofo. "Se o requerente for um estranho, eu teria medo de perder meu dinheiro."

"E se o requerente apresentasse fiadores?", perguntou Rabi Gamliel.

"Bem, se eu soubesse que são confiáveis, concordaria," replicou o filósofo.

"Deixe-me perguntar-lhe", continuou Rabi Gamliel, "como você se sentiria se o requerente apresentasse o chefe do governo como fiador?"

"Certamente eu lhe emprestaria o dinheiro, sob estas circunstâncias, pois estaria completamente seguro de que meu empréstimo está garantido," declarou o filósofo.

Rabi Gamliel explicou: "Quando alguém dá tsedacá, ele na verdade concede um empréstimo garantido pelo Criador do Universo. As escrituras dizem: "Aquele que dá ao pobre com benevolência empresta a D'us, Que lhe retribuirá tudo o que lhe é devido." (D'us pagará ao benfeitor neste mundo, restituindo-lhe o 'empréstimo', e guarda a recompensa completa para o mundo vindouro.) Ninguém é tão honrado e digno de confiança como o Criador; se Ele garante que restitui o dinheiro ao doador: por quê alguém deveria hesitar em dar tsedacá ?

Ninguém nunca ficou pobre por dar tsedacá.

De fato, a verdade é o oposto, de acordo com o versículo: "Aquele que dá tsedacá ao pobre, nada lhe faltará". D'us restitui o dinheiro gasto em tsedacá, ao passo que o dinheiro sonogado ao pobre, ao fim, será perdido.

Como D'us Recompensa quem doa Grandes Quantias para Tsedacá

Rabi El'azar, Rabi Yehoshua e Rabi Akiva percorriam o país a fim de coletar uma vasta soma para sustentar os estudiosos da Torá carentes.

Eles chegaram aos arredores de Antióquia, lar de Aba Yudan, o famoso magnata e filantropo. Quando Aba Yudan viu os sábios se aproximando, empalideceu de vergonha e pesar, pois havia perdido todo o seu dinheiro, e não poderia ajudá-los.

Sua esposa ficou chocada ao ver que sua aparência mudara tão drasticamente, e indagou-lhe a razão.

"Os sábios estão visitando nossa vizinhança," ele respondeu, "e não tenho posses para fazer-lhes um donativo."

Sua esposa, que era ainda mais generosa que ele, aconselhou-o: "Venda metade do campo que nos restou, e dê o dinheiro aos sábios." (Este era um ato de bondade não requerido pela lei.)

Ao receberem seu presente, os sábios o abençoaram: "Que o Todo-Poderoso reponha sua perda!"

Mais tarde, enquanto Aba Yudan estava arando a parte que lhe restou do campo, sua vaca caiu num buraco e quebrou a perna. Ao entrar no buraco para socorrê-la, D'us iluminou os olhos de Aba Yudan, e de repente ele avistou um tesouro enterrado naquele buraco. Cheio de júbilo, exclamou: "Minha vaca machucou-se para meu benefício!"

Da próxima vez que os sábios visitaram aquela vizinhança, indagaram: "Como está Aba Yudan?"

Responderam-lhes: "Aba Yudan possui escravos, rebanhos de carneiros e cáfilas de camelos. Não temos palavras para descrever sua fantástica fortuna!"

Aba Yudan soube da chegada dos sábios e foi dar-lhes as boas-vindas. "Suas preces em prol de meu sucesso foram muito benéficas," disse-lhes. "D'us não apenas repôs o dinheiro que dei a vocês, como abençoou-me com muito mais do que jamais tive!"

Eles retrucaram: "Seu sucesso se deve aos seus próprios atos de tsedacá. Já que você deu tsedacá com tanta generosidade, D'us considerou-o merecedor de Suas bênçãos."

Sobre ele os sábios citam o versículo: "Um presente generoso (para tsedacá) acarreta que seu sustento seja ampliado."

O Poder da Tsedacá

Tsedacá pode prolongar a vida de uma pessoa.

Três atos têm o poder de abolir os decretos dos céus:

1.Arrependimento (teshuvá)

2.Dar tsedacá

3.Orações (tefilá)

Halachot (Leis) Referentes a Tsedacá

.....
•Se alguém tem parentes pobres, a prioridade é ajudá-los. A seguir, ele deve dar tsedacá aos seus vizinhos pobres; e então aos pobres de sua cidade. Se for preciso escolher entre dar tsedacá para pobres de uma outra cidade, e a pobres de Êrets Yisrael, os pobres de Êrets Yisrael têm prioridade.

•A mitsvá de tsedacá abrange dinheiro ou alimentos.

•O valor mínimo a ser doado para tsedacá é um décimo dos rendimentos.

•Quando não tiver dinheiro consigo para contribuir, ao menos seja amável com o pobre. As bênçãos que uma pessoa recebe por confortar uma pessoa necessitada são ainda maiores que aquelas recebidas por dar tsedacá.

•A tsedacá deve ser dada de maneira amigável, acompanhada de palavras encorajadoras. Aquele que doa irritado ou com raiva, mesmo que sejam altas somas, perde o mérito da mitsvá.

•Uma pessoa não deveria jamais sentir-se mal por dar tsedacá. A mitsvá deve ser cumprida com alegria. Aquele que dá tsedacá ganha mais que a pessoa que a recebe.

•Se o pobre está constrangido por receber tsedacá, é preciso encontrar uma maneira de poupar-lhe embaraços. Por exemplo, pode-se dizer que o dinheiro é um empréstimo. Mais tarde, podemos informá-lo que, na realidade, não é necessário que devolva esta soma.

•A maneira mais sublime de cumprir a mitsvá tem lugar quando o doador não conhece quem recebe a tsedacá, tampouco quem recebe conhece o doador (evitando, assim, que quem recebe fique envergonhado).

•A maior tsedacá é evitar que um colega judeu tenha de aceitar tsedacá. Se alguém puder encontrar-lhe um emprego adequado, juntar-se a ele como sócio, ou emprestar-lhe dinheiro a fim de torná-lo auto-suficiente, este doador realizou a melhor e mais elevada forma de tsedacá.

•Ao pensar em como distribuir dinheiro particular para tsedacá, deve-se dar prioridade aos pobres que esforçam-se no estudo da Torá. Assim como os maasrot (dízimos) sustentavam os cohanim e leviyim que faziam o serviço no Bet Hamicdash, também devemos separar um décimo de nossa renda para os estudantes da Torá em necessidades financeiras.

Um Bom Investimento

Rabi Tarfon, que era um homem muito rico, não dava tsedacá proporcionalmente à sua fortuna. Rabi Akiva propôs-lhe a seguinte questão: "Você quer que eu invista uma parte de seu dinheiro em imóveis?" Rabi Tarfon concordou, e deu-lhe quatrocentos dinares de ouro. Rabi Akiva pegou o dinheiro e distribuiu-o entre os pobres.

Depois de algum tempo, quando Rabi Tarfon pediu-lhe para ver seus imóveis, Rabi Akiva conduziu-o ao Bet Hamidrash (casa de estudos), abriu o livro de Tehilim, e leu: "Aquele que distribuiu amigavelmente e deu aos pobres, sua virtude e retidão perdurarão para sempre." (Tehilim, 112:9) "Foi assim que investi seu dinheiro."

Rabi Tarfon beijou-o e exclamou: "Você é meu mestre e professor. É mais sábio que eu, e ensinou-me a lição da maneira correta."

A fim de realmente demonstrar sua aprovação, Rabi Tarfon deu mais dinheiro a Rabi Akiva, para doar aos pobres.

De fato, Rabi Akiva não enganou Rabi Tarfon quando descreveu o ato de dar tsedacá como "investimento em imóveis". Quando alguém dá tsedacá neste mundo, está investindo numa casa para sua alma no mundo vindouro.

Mais Idéias Sobre Tsedacá

Maimônides, o Rambam, escreve: "Nunca houve dez judeus que morassem no mesmo local e não estabelecessem um fundo de tsedacá.

"Nós, o povo judeu, precisamos garantir o cumprimento da mitsvá de tsedacá de maneira elevada, pois ela nos caracteriza como a virtuosa e bondosa semente de Avraham, sobre quem D'us declarou: 'Pois Sei que ele ordenará seus filhos e descendentes depois dele a fazer tsedacá.'"

Quanto agradecimento e louvor uma pessoa deve ao Criador, por possibilitar-lhe estar entre os que dão tsedacá a outros!

A pessoa deve perceber, contudo, que todo o dinheiro que controla, em realidade, não é "seu", mas do Criador. Se D'us confiou-lhe riqueza, é para testar se dará tsedacá com generosidade, e com as intenções apropriadas.

O Servo Judeu e Shalosh Regalim

Moshê continuou com outra mitsvá de chessed.

Aprendemos que se um judeu furta dinheiro e não pode pagá-lo, o Beit Din vende o ladrão como servo. O dinheiro da venda cobre o furto. O servo judeu deve servir ao amo por seis anos. Então ganha sua liberdade, no ano Sabático, shaná Shemitá.

Moshê ensinou: "Quando seu servo judeu vai embora, você deve provê-lo com carne, pão e vinho."

Nossos sábios estabeleceram a quantidade exata que cada um deve dar ao escravo judeu. D'us ordenou esta mitsvá como um ato de bondade ao servo judeu. Quando torna-se livre, não possui dinheiro. Com estes presentes, tem suprimentos para iniciar uma nova vida.

As Três Festas de Peregrinação "Shalosh Regalim"

Depois de ter exortado os judeus a trazerem seu dízimo a Jerusalém, a Torá agora menciona as três festas quando os judeus faziam peregrinações à Yerushaláyim.

A Torá repete aqui a obrigação de cada homem viajar ao Bet Hamicdash em Pêssach, Shavuot e Sucot.

"Durante estas épocas tão essenciais, compareça ao Bet Hamicdash, para que você saiba que D'us é o Mestre que controla as leis da natureza e sustenta o mundo. Agradeça a Ele, e obedeça Seus mandamentos".

.....
A Torá promete que D'us protege as posses dos que deixam seus lares para cumprir esta mitsvá. D'us declara: "Os judeus que abandonam seu ouro, prata e outros bens a fim de saudar a Shechiná estão sob Minha proteção."

Dois ricos irmãos de Ashkelon tinham invejosos vizinhos não judeus, que planejavam roubar suas casas quando de sua próxima visita a Yerushaláyim.

Aparentemente, os irmãos descobriram o plano perverso, pois os vizinhos notaram que, naquele ano, os irmãos não viajaram para Yerushaláyim. E quão surpresos os vizinhos não ficaram então, quando os irmãos vieram e os obsequiaram com presentes.

"O que estão comemorando?" - indagaram.

"Voltamos de Yerushaláyim e trouxemos - lhes estas lembranças," responderam os irmãos.

Os vizinhos ficaram boquiabertos de espanto. "De Yerushaláyim?!" - exclamaram. "Mas vimos vocês entrando e saindo de casa todos os dias! Quando vocês partiram?"

"Na data tal," retrucaram os irmãos.

"Abençoado o D'us dos judeus, Que não os abandona", exclamaram os vizinhos. "Pretendíamos arrombar suas casas quando vocês se ausentassem, mas o D'us em Quem vocês crêem e confiam enviou anjos para protegê-los."

Alegria em Yom Tov

Infelizmente, hoje não temos mais o Bet Hamicdash, por isso não podemos cumprir esta mitsvá. Mas há uma outra mitsvá que podemos cumprir em Yom Tov: a mitsvá de nos alegrarmos em Yom Tov.

Como podemos cumpri-la?

Oferecendo a cada membro da família algo que anime seu espírito (roupas e jóias para as mulheres, guloseimas para as crianças, e assim por diante).

No entusiasmo e movimentação para os preparativos que precedem cada yom tov, é muito fácil esquecermos das pessoas mais necessitadas.

Moshê disse a Benê Yisrael: "Compartilhem sua felicidade com aqueles que têm menos. Convide-os à sua casa ou ofereça-lhes donativos de acordo com suas posses para que tenham o bastante para Yom Tov".

A Torá ordena que os menos afortunados sejam incluídos na alegria de Yom Tov: os levitas (hoje em dia, os pobres), convertidos, órfãos e viúvas.

D'us diz: "Seu lar abrange quatro tipos de membros: seus filhos, filhas, servos e servas; e Meu lar abrange quatro: os levitas, os convertidos, os órfãos e as viúvas. Se você encorajar o espírito dos membros do Meu lar, então Eu alegrarei os teus e os Meus."

Como devemos comemorar Yom Tov? Comendo, bebendo e descansando, ou estudando Torá?

Rabi Yehoshua ensina: "Divida seu Yom Tov. Despenda uma parte dele em deleite físicos, e uma parte no Bet Hamidrash (casa de estudos)".

Tornando-se um Visionário

Você tem uma visão da sua vida daqui a, digamos, 10 anos? Quais sonhos e aspirações gostaria de ver realizados? (E não se trata de quanto dinheiro você pretende ganhar...) Você tem uma visão geral para a sua vida, ou sua vida é dirigida e definida pelas necessidades e exigências do momento?

Nenhuma empresa ou negócio pode funcionar sem ter uma visão. Você pode? Uma vida sem visão é dramática e radicalmente diferente de uma vida sem ela. A primeira é formada por um princípio unificador: a última, por circunstâncias ao acaso. A visão proporciona um rumo; a falta de visão é desorientada. Você consegue imaginar-se dirigindo sem ver a estrada à frente, sem saber aonde quer chegar? Você controla os detalhes da sua vida, ou os detalhes controlam você? Você já se perguntou como seria a sua vida sob o ponto de vista de um pássaro? Qual é a maior história da sua vida, em vez de capítulos um a um? E como se parecerá o quadro daqui a alguns anos – quando você puder ver sua vida em retrospecto?

O nome da porção dessa semana da Torá, Re'ê, significa "ver" ou "olhe". Em uma palavra estamos aprendendo que temos o poder de sermos visionários. De maneira alguma esta é uma declaração sem importância.

Geralmente consideramos os visionários como seres raros. Governos, monarquias e instituições no decorrer da história têm sido construídos sobre a premissa de que a maioria das pessoas, consumida pela sobrevivência diária, preocupada com detalhes ínfimos, não está equipada – ou nem mesmo interessada – em ser líder, nem mesmo educada o suficiente para ser um líder.

Alguns pensadores expressaram profundo desdém e condescendência pelas "massas", considerando-as, segundo as palavras de Voltaire, "la canaille" [a ralé], uma frase usada para denegrir as massas. "Quatdo à canaille," disse Voltaire a d'Alembert, "não me preocupo com ela; continuará para sempre sendo canaille... [sem] o tempo e a capacidade de se instruir; eles morrerão de fome antes de se tornarem filósofos... Jamais fingimos esclarecer sapateiros e servos; isso é trabalho dos apóstolos." Diderot não podia ter concordado mais. "A massa geral da humanidade," escreveu ele, "não pode seguir nem compreender esta marcha do espírito humano." Diderot acreditava que devemos desconfiar do julgamento da "multidão" em questões de argumento e filosofia, porque "sua voz é aquela da perversidade, estupidez, desumanidade, falta de razão e preconceito." "A multidão," concluiu ele, "é ignorante e estupidificada."

Outros eruditos, menos elitistas, não foram tão desalmados, mas ainda afirmam que as massas não se prestam à liderança nem para escolher líderes. Veja o colégio eleitoral dos Estados Unidos. É construído sobre a base de que a população em geral não consegue escolher sabiamente seus líderes; portanto eles votam nos Eleitores locais, que por sua vez são mais educados e adequados para escolher o líder correto.

.....
Até mesmo na nossa chamada era moderna, na qual a democracia floresce, o debate ainda persiste entre teóricos que consideram qual capacidade o cidadão médio, o “Zezinho”, tem quando se trata de liderança direção e de olhar a situação em geral. Os cínicos, dos quais muitos na verdade lideram as campanhas políticas, argumentam que com propaganda, marketing e manipulação bem feita da mídia, as pessoas podem ser convencidas a acreditar em praticamente qualquer coisa.

Se isso é verdadeiro sobre liderança, onde isso deixa os visionários? Poucos e distantes. Quando foi a última vez que você conheceu um visionário – alguém que podia ver a floresta em vez das árvores?

E mesmo assim, o capítulo dessa semana da Torá nos diz inequivocamente: “Contemple – veja” – você tem o poder de sair dos detalhes da sua vida, de transcender as circunstâncias imediatas, de focar e descobrir a visão de sua vida.

“Olhe” é uma das palavras mais poderosas que podemos jamais ouvir. Significa que você tem uma opção. Por mais difícil que possa parecer, você não está condenado. Não precisa ser consumido e esmagado com as preocupações comuns da luta pela sobrevivência. Deixamos por nossa própria conta, nós seres humanos geralmente gravitamos para a opção mais fácil, que são nossas necessidades materialistas e os impulsos e desejos imediatos. Se isso significa viver o momento e não ver o horizonte mais distante e mais amplo (ou até mesmo menor) e as consequências de nosso comportamento em prol da gratificação instantânea – que seja. As maiores vítimas da miopia somos, obviamente, nós mesmos.

A diretriz “olhe” dá a cada um de nós o mandado – e o poder – de ser um visionário por direito próprio. Você tem a capacidade, deveria escolher acessá-la, subir e contemplar sua vida em perspectiva.

Mas como? Como podemos nos elevar acima da imensidão de corças que dominam nossas vidas; as constantes demandas e expectativas colocadas sobre nós; as feridas psicológicas e os fantasmas que nos assombram; os temores e inseguranças que afetam nossa psique?!

“Olhe bem” nos informa que apesar de todas essas vozes, você tem dentro de si uma outra voz mais poderosa. Porém ela pode ter sido silenciada pelo ambiente circundante; pode ter sido ocultada pelas ansiedades que deixamos assumir controle sobre nós. Esta voz é a canção de sua alma. E sua alma contém uma visão – a visão da missão de sua vida inteira.

“Olhe bem”, é a ordem que lhe é dada. Olhe bem para o quadro em geral, e depois permita que lhe informem os detalhes da sua vida, em vez de ocorrer o contrário. Esta semana você recebe o poder de se tornar um visionário. O primeiro passo é acreditar em si mesmo e na capacidade de sua alma. O segundo passo é trabalhar nisso – estabelecer regimes no seu programa diário que permitam à sua alma missionária emergir, que lhe permitam erguer a cabeça e respirar...

De maneira não diferente dos seus exercícios físicos diários, sua alma precisa de trabalho diário. E neste universo material, você precisa fazer um esforço extra para acessar sua alma.

Quando você começar a exercitar sua alma, ficará surpreso pela descoberta de novas ferramentas que o ajudarão a discernir e estabelecer a visão da própria vida. Armado com essa visão, sua vida jamais será a mesma.

Olhe bem.

Cuidado Com o Que Você Pensa!

Por Levi Avtzon

Em nossa época de honestidade política, muitos cuja obrigação os aproxima com frequência de um microfone têm adotado a suposta atitude de “não faz diferença aquilo que você pensa, tudo que importa é aquilo que você diz.” Um fanático silenciosa é um amante do ser humano. Um intolerante que diz o que pensa é a personificação do mal.

O que temos então é um punhado de políticos, figuras da mídia e líderes em todas as áreas que fazem cursos especiais sobre “como não dizer aquilo que você pensa, mas sim o que é aceitável,” e sobre “jamais verbalize sua intolerância pois pode haver um gravador escondido sob a sua cadeira.” Nos últimos anos temos visto muitas pessoas caindo de seus altos cargos por dizerem a coisa errada na hora errada. Importantes carreiras se desintegraram graças a “um instante de fraqueza”. Muitos sábios e homens comuns estão se perguntando se as pessoas merecem ser empurradas morro abaixo apenas por causa daquele “instante de fraqueza”.

E o senso comum grita: Verdade? Um instante de fraqueza, foi só isso? E quanto à “uma vida inteira de fraqueza”, quando durante anos e anos a mente teve permissão de nadar num mar de ódio? Não fica óbvio que não foi o deslize de uma língua, mas sim uma avalanche da mente?

No Livro do Deuteronômio encontramos vários versículos que começam com as palavras: “Se você dissesse em seu coração...”

Se você pudesse dizer em seu coração: “Essas nações são mais numerosas do que eu; como poderei desterrá-las?” (7:17)

Você dirá em seu coração: “Meu poder e a força da minha mão me trouxeram essa riqueza...” (8:17)

Moshê está advertindo os judeus a não alimentar sentimentos de temor e arrogância em seu coração. Ele os adverte não por correção política - “cuidado com o que diz” - mas sim, “seja cuidadoso com o que pensa e sente.” E o motivo é óbvio: uma língua não tem uma mente própria; simplesmente exprime aquilo que está dentro da mente. É a criança de dois anos que compartilha com o mundo as conversas secretas de seus pais.

Nosso sábios criaram a declaração de que a pessoa deveria ser “boca e coração iguais.” Não se trata daquilo que você diz, é mais o que você pensa. A lição a ser extraída disso tudo?

Racismo, ódio, intolerância e maledicência deveriam ser deletadas muito antes de as palavras chegarem ao microfone. Depois que chegaram à estação da mente já é tarde demais; o trem está para partir. E então, não há volta.

Bênção e Maldição

Faça sua escolha!

Por Yanki Tauber

“Vejam, coloquei diante de vocês bênção e maldição.”

Assim se inicia a leitura dessa semana da Torá, Reê (Devarim 11:26-16:17), quando Moshê reitera, uma vez mais a doutrina do Livre Arbítrio. Liberdade de escolha. Sem isso, Maimônides nos lembra, a religião é sem sentido, a moralidade um não-conceito, a Torá supérflua.

De fato, não somente nos foi concedido um livre arbítrio entre o bem e o mal, mas também a opção de em qual nível fazer esta escolha. Uma escolha de escolhas, se me permite.

a – Há o bem e há o mal. Bênção e maldição, luz e trevas. D'us criou ambos. Escolhemos qual dos dois, ou qual combinação a partir deles, irá definir a nossa existência.

b – Na verdade, há apenas o bem. D'us é a fonte de toda realidade; e como D'us é a essência do bem, somente o bem é real. Assim como não há uma coisa como a escuridão – somente luz ou sua ausência (que chamamos “escuridão”) – assim também, há somente bem ou sua ausência. Ou em vez disso – como nenhum local é vazio de Sua presença – bem ou sua ocultação. Portanto, a opção entre bem e mal não é uma escolha entre duas realidades, mas uma escolha entre ser e não-ser, entre realidade e ilusão.

c – Como “escolha”, por definição, é a afirmação livre e desimpedida da vontade; e como a vontade intrínseca da alma humana é pela vida e bem-estar; a única escolha verdadeira que pode haver é a escolha do bem. Porém, nos foi concedida a liberdade de escolha, o que significa que podemos escolher não escolher; aquilo que chamamos “liberdade de escolha” é na verdade a escolha de exercer a opção ou de renunciar à escolha. Quando afirmamos nossa verdadeira vontade – quando escolhemos – invariavelmente optamos pelo bem.

Qual é então – a, b ou c? Isso é com você. Este é o verdadeiro significado de “livre arbítrio”: não que você possa meramente escolher entre duas ou mais opções apresentadas a você por uma autoridade superior, mas que é você que determina o nível de realidade na qual sua vida consciente se desdobra. É você que determina a distância entre sua vida e sua Fonte, e assim a forma pela qual o “Livre Arbítrio” entra em sua experiência.

Faça sua escolha.

As Montanhas Místicas

Uma visão mais profunda

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh, traduzido por Maurício Klajnberg

A imagem da montanha é a imagem de nossos Patriarcas. Deste ponto inicial da fé em D'us, o Povo Judeu recebeu sua missão Divina de trazer o conhecimento de D'us a todo o mundo. Nesta apresentação, o Rabi Ginsburgh fala sobre a imagem das duas montanhas na Parashá desta semana e sua conexão intrínseca com a Torá, o Templo, Mashiach e a missão do Povo Judeu de espalhar o conhecimento Divino pelo mundo.

A Parashá Visual

O nome de nossa Parashá é Reê, que significa “Ver”. Depois que o Povo Judeu entrou na Terra de Israel, o primeiro lugar que lhes foi ordenado parar foi na Cidade de Shechem, onde os Cohanim e os Leviim os abençoariam se eles cumprissem a Torá e os amaldiçoariam se eles pecassem. Seis tribos deveriam subir o Monte Guerizim, ao sul de Shechem, para serem abençoadas, e as seis tribos restantes deveriam subir no Monte Eival, ao norte de Shechem, para serem amaldiçoadas.

A bênção e a maldição estão visualmente aparentes nas próprias montanhas.

O Monte Guerizim, a montanha da bênção, é verde e fresca.

O Monte Eival, a Montanha da Maldição é cinza e árida

Na Cabalá aprendemos que estas duas montanhas representam dois olhos. O Monte Guerizim representa o olho direito da sabedoria, do qual emana a bênção pura. O Monte Eival representa o olho esquerdo do entendimento, do qual julgamentos – mesmo julgamentos severos – se manifestam.

A Fonte da Maldição

O fato de que seis tribos permaneceram no Monte Eival significa que havia um elemento positivo na maldição. Em hebraico, a palavra para “maldição” é klalá (kuf, lamed, lamed, hei). A raiz de klalá é kalal (kuf, lamed, lamed) que significa “luz brilhante e resplandecente”, como na expressão nechoshet kalal, “cobre brilhante”. Na sua fonte, uma maldição é uma luz brilhante e resplandecente. Este esplendor pode ser ofuscante, tornando impossível para nós entendê-lo e incorporá-lo em nossas consciências. Mesmo sendo uma maldição o resultado de uma transgressão, não é uma punição ou uma expressão da vingança Divina, D'us o proíba. Em vez disso, a maldição da Torá vem de uma fonte muito elevada, cujo objetivo é purificar as almas daqueles que transgrediram.

Por causa da natureza sublime da maldição, o altar sagrado construído depois da cerimônia nas duas montanhas foi erguido especificamente no Monte Eival, o local mais apropriado ao brilho ofuscante da maldição.

Obviamente, D'us quer que nós apreciemos somente o bem revelado. Para isto, Ele nos deu a Torá e os mandamentos para nos guiar. Em um nível mais profundo, entretanto, a relação entre a bênção e a maldição cria um estado de equilíbrio e estabilidade na consciência e alma do Povo Judeu, sendo ambas necessárias.

A Coroa Acima dos Olhos

A porção de Devarim discute o Monte Hermon no norte de Israel. Esta é a primeira montanha que será vista pelo Povo Judeu no retorno a Israel na era Messiânica. O Hermon é uma montanha alta, cujo cume é coberto por neve no inverno. Ele representa o pico da fé no nível superconsciente da coroa da alma judia.

Junto com o Monte Guerizim e o Monte Eival, o Hermon forma um trio com o formato de um triângulo, chamado segolta. O Monte Hermon representa a coroa na alma judaica e está no pico do triângulo. Ele pode ser percebido como o terceiro olho no meio da testa, que pode antever a coroa. O Monte Guerizim,

.....
representando sabedoria e o olho direito, está no canto direito, enquanto o Monte Eival, representando entendimento e o olho esquerdo, está no canto esquerdo no triângulo.

A imagem das três montanhas também pode ser vista em cores. No topo está o Monte Hermon branco como a neve. À direita, está o Monte Guerizim verde e florescente e, à esquerda, o cinza e árido Monte Eival. Cinza está mais próximo do branco do que o verde, indicando que há aqui um ciclo começando com o Monte Hermon e indo ao Monte Guerizim, ao Monte Eival e retornando, então, ao Monte Hermon.

Matemática “Montanhosa”

Os valores numéricos dos nomes das três montanhas são os seguintes.

•Hermon = 304

•Guerizim = 260

•Eival = 112

Como vimos acima, o Mt. Eival está ligado ao Mt. Hermon. Seu valor combinado é 416, que equivale a 16 vezes 26, o Nome essencial de D'us. O valor do Mt. Guerizim, 260, é 10 vezes 26.

As quatro letras hebraicas do nome essencial de D'us são:

•Yud = 10

•Hei = 5

•Vav = 6

•Hei = 5

O 10 vezes 26 do Mt. Guerizim corresponde ao yud, que representa sabedoria, enquanto o 16 vezes o nome essencial de D'us, do Hermon e do Eival corresponde às outras três letras. Todas juntas, o valor numérico do trio de montanhas é $676 = 26 \text{ vezes } 26$, o que resulta no nome essencial ao quadrado, o mais perfeito número.

A Série Quadrática

Como os valores numéricos das montanhas decrescem em ordem, eles criam uma série quadrática simples. Uma série quadrática é criada calculando-se as diferenças entre uma determinada série de números.

Nossa série quadrática é assim: (As diferenças entre os números estão em vermelho. As diferenças entre o segundo estágio dos números – a força impulsora – estão em azul).

112	260	304	244	80
148	44	-60	-164	
-104	-104	-104		

Existem cinco números positivos nesta série: os três números das montanhas, 676, que equivale a 26 ao quadrado, e os dois números adicionados, 244 e 80. $244 \text{ mais } 80 = 324$, que é 8 ao

quadrado. $26 \text{ ao quadrado mais } 18 \text{ ao quadrado} = 1000$, 10 ao cubo.

Esta série quadrática pode ser desenhada como uma parábola, com o pico (304) no topo:

304

260 244

112 80

O Par Perfeito e o Par Amigável

Os valores numéricos desta série nos oferecem outro espantoso fenômeno. A soma do primeiro, terceiro e quinto números (112, 304, 80 – Hermon, Eival, e seu reflexo oculto) equivale a 496, o valor numérico de malchut, “reinado”. O segundo e o quarto números (260 e 244, Guerizim e seu reflexo oculto) equivalem a 504.

O número 496 é um “número perfeito”. Um número perfeito é aquele cujos divisores, fora o próprio número, somam-se até aquele número. O primeiro número perfeito é 1, e o próximo número perfeito é 6, cujos divisores são 1, 2 e 3. A soma de 1, 2 e 3 é 6. O próximo número perfeito é 28, e o seguinte é 496. (O próximo é 8128, seguido por 2096128...).

Outro conceito na Matemática é o de “números amigáveis”. Este é um par de números tal que todos os divisores de um dos números do par equivalem ao outro número, e vice-versa. Até cerca de 100 anos atrás, o único par conhecido de números amigáveis era 220 e 284, que, somados, equivalem, 504. 496 é o valor numérico de livyatan (“Leviatã”, sozinha – perfeita em si mesmo – pois seu macho foi morto no início da criação). Se somarmos um chet a livyatan, temos as palavras livyat chen, “um gracioso par de companheiros”.

Espantosamente, livyat chen equivale a 504. 496 e 504 são os valores numéricos das montanhas, como mostrado acima, que, juntos, equivalem a 1000. Assim, vemos que a origem da maldição (Eival e seu reflexo junto com sua fonte superconsciente – Hermon) está na singularidade do Leviatã, enquanto a fonte da bênção (Guerizim e sua reflexão) é o segredo do “gracioso par de companheiros”.

“Eu Ergo Meus Olhos para as Montanhas”

No Salmos (121:1) está escrito:

Esah Einai el heharim, mayayin yavo ezri

Eu ergo meus olhos às montanhas, de onde minha ajuda virá?

Este versículo alude às duas montanhas Guerizim e Eival. Os Kohanim e os Leviim permaneceram no vale entre os montes Guerizim e Eival, erguendo seus olhos primeiro para a direita depois para a esquerda ao recitarem a bênção e maldição.

Em hebraico, a palavra para “de onde” no versículo acima é mayayin. Esta palavra também pode ser entendida como significando “do ayin”, do Nada Divino, a essência oculta do olho (também pronunciado ayin). Quando erguemos nossos olhos

.....
físicos aos Céus, atingimos a visão do Nada Divino, que é a fonte de toda ajuda e salvação.

Em Jó (28:12) está escrito:

Vehachochmah mayayin timatze

De onde a chochmá pode ser encontrada?

A Chassidut ilumina este versículo com uma luz mais profunda: Chochmá vem de ayin, do Nada Divino. A Cabalá e a Chassidut explicam que chochmá, representada aqui pelo Monte Guerizim, passa a existir somente quando se une com o entendimento, representado pelo Monte Eival. Mesmo que o Monte Guerizim represente a bênção aparente, ele tem uma unidade oculta com a maldição do Monte Eival, que equilibra o segredo da bênção.

Monte Moriá

No versículo do Salmo 121 acima, a palavra para “as montanhas” é heharim. Quando as letras de heharim são rearranjadas, elas soletram hamoriá, o Monte do Templo em Jerusalém. A palavra moriá significa “incenso” ou “ensinamento”, aludindo à palavra de D'us ao Povo judeu e a toda humanidade que emana do Templo Sagrado no Monte Moriá (“ensinamento”) e ao serviço e união fundamentais com D'us no Templo Sagrado (“incenso”).

Claramente, Hamoriá equivale a 260, o mesmo valor numérico de Guerizim. De acordo com o princípio de que o esquerdo é incluído dentro do direito, o Monte Eival é incluído dentro do Monte Guerizim. Estes dois números se unem ao Monte Moriá.

Na Cabalá, o Monte Moriá corresponde a ainda outro ponto na configuração geométrica das montanhas. O Hermon é a coroa no topo, o Monte Guerizim e o Monte Eival são os dois olhos da chochmá (“sabedoria”) e biná (“entendimento”) à direita e à esquerda, e o Monte Moriá corresponde a daat (“conhecimento”). A Cabalá ensina que daat é o ponto entre os ombros. O Templo Sagrado de Jerusalém estava situado no vale entre os sopés das montanhas que o circundavam. Esta imagem é chamada daat, o poder que conecta a mente (sabedoria) às emoções do coração (entendimento).

Quando algo conecta duas faculdades aparentemente opostas, sua fonte é mais elevada que as faculdades que ela conecta. Assim, a fonte de daat está acima da sabedoria e do entendimento. Ela deriva da coroa do Monte Hermon. A ponta do Monte Moriá reflete a coroa e está situada entre e abaixo do Monte Guerizim e do Monte Eival, diretamente oposta ao Monte Hermon. O Monte Moriá é o cume das três montanhas precedentes.

Monte Sinai

As quatro montanhas mencionadas acima correspondem às sefirot de keter, chochmá, biná e daat. Estas montanhas estão todas na Terra de Israel. Outra montanha que também tem profundo significado para o Povo Judeu é o Monte Sinai, onde D'us nos deu a Torá. O Monte Moriá, que representa a Torá manifestada no mundo, deve se relacionar ao Monte Sinai, onde a Torá nos foi entregue. O valor numérico de Sinai é 130. Este é o mesmo valor de ayin e é a metade de 260, Moriá. A relação do Sinai com Moriá é o profundo segredo cabalístico da metade de um todo.

Nós meditamos sobre cinco montanhas, cuja progressão é da Torá, do Templo, o Mashiach e a missão do Povo Judeu de espalhar o conhecimento Divino pelo mundo.

Vivendo Com o Rebe

Lições da Parashá Reê; adaptado de uma palestra do Lubavitcher Rebe

A porção desta semana da Torá, Reê, é sempre lida numa ocasião associada ao mês de Elul, seja no Shabat no qual começa o mês de Elul, seja em Rosh Chodesh Elul.

Reê tem início com o versículo: "Olhem, estou colocando perante vocês hoje a bênção...". Este versículo refere-se ao fato de que a bênção, e a revelação da Divindade que a acompanha, está vindo do Alto. De fato, cada uma das palavras do versículo enfatiza essa abordagem:

Olhem: Ver implica o estabelecimento de uma conexão profunda e forte. Assim declaram Nossos Sábios: "ouvir não se assemelha a ver" – e eles proíbem uma testemunha ocular de atuar como juiz. Uma vez que alguém tenha visto algo errado sendo cometido, jamais será capaz de conceber uma virtude redentora para o réu. Em contraste, quando uma pessoa é informada sobre um acontecimento, tem permissão para atuar como juiz e de fato, todos os julgamentos dependem de ouvir este tipo de testemunho.

Qual o motivo para esta diferença? Ao ouvir, a pessoa aborda um conceito passo a passo, juntando todos os detalhes. Isso se assemelha a uma subida. Em contraste, ao ver, a pessoa é levada a um contato direto com um evento em sua totalidade, tudo de uma vez. Somente depois a pessoa se concentra nos detalhes. Isso reflete a abordagem da revelação do Alto.

Eu: "Anochi". Isso se refere à essência de D-us da maneira mais elevada e ampliada. Em nosso versículo, a palavra hebraica "anochi" é usada em vez da mais comum, "ani".

"Anochi" comunica um maior senso de orgulho e magnitude que "ani".

Estou dando: O fato de que D-us está dando implica claramente um presente vindo do Alto.

Perante vocês: "lifneichem" em hebraico refere-se à palavra "p'nimiyut" – dimensão interior. Isso enfatiza a abordagem de revelação do Alto. Pois começamos concentrando-nos em nossa dimensão interior pessoal, nosso âmago, e então prosseguimos para as dimensões exteriores. Em contraste, seguir das exteriores para as interiores é mais um processo de elevar aquilo que está aqui para o Alto.

Hoje: Isso reflete os conceitos de luz e revelação, pois o dia é o tempo da luz. Está também associado com uma dimensão da eternidade, como declaram Nossos Sábios: "Toda vez que a palavra "hoje" é usada, [a influência] é eterna." E isso é possível porque envolve uma revelação do Alto, que não leva em consideração a natureza do recipiente.

Bênção: Refere-se obviamente a uma influência do Alto.

A ocupação do mês de Elul, no entanto, é um tipo totalmente diferente de trabalho. Pois em Elul, nosso exercício espiritual se

.....
concentra em nos elevar por meio de nossa própria iniciativa, e não por meio de "um presente do Alto".

Onde, então, está a conexão entre nossa porção da Torá e o fato de que a lemos numa ocasião conectada ao mês de Elul?

A verdade é que como em Elul contabilizamos o estoque de todo o ano que passou, devemos corrigir quaisquer deficiências nestas duas áreas. Colocamos um enorme esforço para elevar a nós mesmos e nossos arredores através de nossa própria iniciativa, bem como nos transformando em receptáculos merecedores da inspiração de D-us e das bênçãos do Alto.

A cidade teimosa

por Rabi Ariel Asa

Cena 1: O promotor conclui sua apresentação das provas e faz uma pausa. Provou sem sombra de dúvida que os habitantes da cidade judaica foram de fato culpados de idolatria em massa, e portanto deveriam ser condenados à morte.

Cena 2: O advogado de defesa, percebendo que acumulam-se as provas contra seus clientes, avalia a situação e escolhe cuidadosamente sua estratégia.

Perscruta os jurados e então, com um sussurro emocional, principia a descrever a importância de ser misericordioso e de imputar este atributo à nação judaica de qualquer maneira possível. "Ao destruir toda a cidade," proclama ele, "haverá uma insurreição violenta por toda a terra de Israel."

Ele recebe toda a atenção do júri quando começa a relacionar os parentes de cada um dos réus. "Imagine a reação deles quando souberem que seus entes queridos foram eliminados. Poderíamos ter de lidar com uma rebelião de grandes proporções."

O advogado de defesa contempla mais uma vez os jurados ao concluir num crescendo: "Todos conhecemos as estatísticas da população. Nossa maior urgência, no momento, é povoar o país, e um veredicto de culpado nos atrasaria muitos anos. Pense nas consequências de sua decisão."

Cena 3: O júri finalmente voltou e está pronto a declarar seu veredito no caso "Ir Hanidachat versus O Estado". O primeiro jurado adianta-se e cita uma notável promessa extraída de um versículo na porção desta semana da Torá, respondendo de uma só vez às reivindicações do advogado de defesa: "E D'us lhe dará o atributo da misericórdia, e eles [os parentes] serão magnânimos para com vocês, e D'us os multiplicará assim como prometeu a seus antepassados" (Devarim 13:18).

"Culpados de todas as acusações!"

48 - Parashat Shofetim

Deuteronômio 16:18-21:9

Nomear Juizes

Esta Parashá trata dos fundamentos da liderança judaica: o estabelecimento de cortes legislativas judaicas e, mais adiante, algumas leis relacionadas a juizes; a nomeação de um rei judeu e várias leis relacionadas às guerras, as quais o rei deve conduzir e

conclui com a mitsvá de eglá arufá (a bezerra cuja nuca é quebrada), que envolve tanto juizes como cohanim.

Há mitsvot especiais para os líderes da nação. Os líderes devem lembrar a toda hora que eles são um exemplo para toda a nação.

Os líderes da nação judaica são:

Juizes

Cohanim

Profetas

O rei

Todos os acima escritos carregam uma enorme responsabilidade, pois sua conduta e comportamento exercem forte influência sobre o resto do povo, positiva ou negativa. Moshê descreveu a Benê Yisrael todas as leis que os líderes devem saber.

Moshê explicou: "Em Yerushaláyim vocês terão o Grande San'hedrin". Esta é a mais alta corte legislativa do país. Quando vocês viajarem para Yerushaláyim para Yom Tov, vocês poderão ir para o San'hedrin com os seus casos de justiça.

"Além do tribunal, D'us quer que cada cidade em Êrets Yisrael tenha o seu próprio Bet Din (Tribunal). Em uma cidade pequena, um tribunal de três juizes já é o bastante. Apesar de que três juizes não podem julgar casos de vida e morte, eles podem solucionar problemas ligados a dinheiro e propriedade. Uma cidade maior (onde moram pelo menos 120 judeus) deve ter um Bet Din de 23 membros. Este Bet Din tem o poder de decretar uma sentença de morte.

"Se os juizes de um Bet Din estão indecisos a respeito de um caso, devem viajar até o Grande Tribunal."

O Grande Tribunal tem setenta juizes e um nassi (presidente) sobre eles. O San'hedrin se reúne diariamente em uma das salas do Bet Hamicdash. Os juizes sentam em um semicírculo. Deste modo, eles poderiam ver uns aos outros e o presidente poderia vê-los todos. Quanto maior fosse o juiz, mais próximo do presidente ele se sentava. Hoje em dia, já que a corrente da semichá está rompida, nós não temos mais a mitsvá de nomear um San'hedrin.

O que é semichá?

Semichá quer dizer "ordenação". Quando Moshê nomeou Yehoshua e os setenta zekenim (sábios experientes) do San'hedrin, colocou suas mãos sobre a cabeça deles. Mais tarde, aqueles sábios nomearam os líderes da próxima geração. Mesmo não tendo colocado suas mãos sobre as cabeças dos seus sucessores, o ato de ordená-los ainda era chamado de "dar a semichá". A corrente de semichá continuou a passar dos líderes de uma geração para a próxima.

Quando os romanos destruíram o segundo Bet Hamicdash, queriam abalar a coragem dos judeus. Porém sabiam que enquanto o San'hedrin estivesse de pé, o povo continuaria espiritualmente forte. Por isso eles tentaram destruir o San'hedrin que continuou exercendo sua função em segredo. Dar ou receber semichá era punido com morte. Apesar do decreto

.....
romano, a semichá continuou por mais 150 anos depois da destruição do Bet Hamicdash. No final ela foi rompida.

Em toda Amidá diária nós rezamos: "Hashiva shoftenu kevarishona; Por favor, traga de volta nossos juízes assim como era antes!" Pedimos para D'us trazer Mashiach e restabelecer o San'hedrin que novamente concederá a semichá. Adicionalmente aos juízes, a Torá manda ter também os shoterim, policiais. Os shoterim executam os decretos dos juízes. Moshê avisou: "Nomeiem somente juízes capazes e honestos. Lembrem-se de que para ser um verdadeiro juiz de acordo com a Torá, o indivíduo deve antes de tudo cumprir ele mesmo as mitsvot."

Uma história:

Faça o que você diz!

Rabi Yonatan tinha uma árvore cujos galhos alcançavam o quintal do seu vizinho não-judeu. Certo dia, dois judeus vieram para o Rabi Yonatan. Um deles reclamou que a árvore do seu amigo se estendia até sua propriedade. Eles pediram para o Rabi Yonatan resolver sua discussão. Quando Rabi Yonatan ouviu o caso, percebeu que ele mesmo estava cometendo o mesmo erro. "Por favor, voltem amanhã!" disse a eles.

O vizinho não-judeu de Rabi Yonatan ouviu falar sobre o caso jurídico. Ele disse: "Como Rabi Yonatan pode dizer para mais alguém o que fazer, quando ele mesmo não está fazendo a coisa certa?"

Naquela mesma noite, Rabi Yonatan chamou um trabalhador. "Corte os galhos que estão se estendendo além da minha casa", ele instruiu.

Cedo na manhã seguinte, os dois homens retornaram para ouvir a decisão de Rabi Yonatan. "Você deve cortar os galhos que estão avançando", disse ele para o dono da árvore.

O vizinho não-judeu de Rabi Yonatan tinha vindo para ouvir como Rabi Yonatan decidiria o caso. Ao ouvir o veredicto, ele não pôde se controlar e explodiu com raiva: "E o que me diz de si próprio?" balbuciou. "Por que você não faz o que diz? Como pode ordenar alguém para cortar os galhos, quando os seus galhos também estão avançando para o meu pátio?!"

"Eles não estão!" respondeu o rabino. "Vá verificar isto você mesmo."

Indo até lá, o não-judeu constatou que Rabi Yonatan tinha realmente cortado os galhos.

"Abençoado seja o D-us dos judeus!" ele exclamou. "Seus juízes fazem o mesmo que dizem para os outros fazerem!"

Moshê Adiciona Leis Relacionadas à Idolatria

Moshê descreveu mitsvot adicionais a respeito de idolatria. O dever mais importante de um juiz era o de punir idólatras.

"Vocês não podem plantar uma árvore no Bet Hamicdash ou em seu pátio. Árvores na área do Bet Hamicdash deveria ser algo maravilhoso. No entanto, o plantio delas é proibido. Os canaanitas plantavam asherot, árvores 'sagradas', perto dos seus templos. Por isso, D'us proíbe o plantio de árvores, mesmo se você tiver

boas intenções. Isto poderá ser o primeiro passo em direção à idolatria.

"Vocês também não devem erguer uma matsevá para D'us." A matsevá é uma grande pedra geralmente erguida para comemorar algum evento, sobre a qual eram despejados vinho ou óleo. Os canaanitas usavam as matsevat para honrar seus ídolos.

A Torá nos conta que nosso patriarca Yaacov ergueu uma matsevá em honra de D'us. No seu caminho até Lavan, Yaacov pretendia passar a noite no monte de Moriyá, onde D'us o recebeu com um sonho profético. Ao acordar, ele percebeu que as doze pedras originalmente postas em volta de sua cabeça transformaram-se milagrosamente em uma só. Yaacov decidiu consagrar aquela pedra como uma matsevá (monumento) para D'us. Ungiu-a com óleo, que foi provido a ele pelos Céus. Se ajoelhou, rezou em frente à matsevá, e disse: "Se você, D'us, permitir que eu volte para casa em paz, eu oferecerei sacrifícios neste local." (Mais tarde, sobre esta pedra, foi colocado o aron, a arca, no Bet Hamicdash.)

Apesar de D'us ter ficado satisfeito com os monumentos dos patriarcas, na outorga da Torá D'us proibiu esta prática, pois o erguimento de monumentos havia se transformado em um rito canaanita.

Obediência ao Grande San'hedrin

Moshê explicou: "O Grande San'hedrin em Yerushaláyim tem a palavra final em todas as questões. O que a maioria dos juízes decide, vira lei. Mesmo se você achar que estão errados na sua decisão, você deve aceitar isto.

"Por exemplo, você leva perante os juízes um pedaço de carne que acha que não é casher. Mas eles decidem: 'A carne é casher!' Não diga: 'Como poderei comer esta carne? Estou convencido de que ela não é casher!'"

A Torá adverte veementemente que as decisões do San'hedrin devem ser obedecidas; pois D'us concedeu aos sábios o poder de interpretar as leis da Torá na vida cotidiana. Se houvesse um colapso no respeito à interpretação dos sábios, a derrocada da nação não tardaria. Tal colapso levaria à anarquia, e a Torá se fragmentaria em diversas Torot.

Você pode perguntar: "Será que é impossível os juízes terem cometido um engano?!"

Afinal, eles só são seres humanos." Mesmo que você possa estar certo, a Torá ordena que obedecemos sempre o San'hedrin. Mesmo que pareça que lhe dizem que a direita é esquerda e a esquerda é direita. E certamente você deve obedecê-los quando é evidente que sua decisão está correta.

Até D'us concorda em aceitar suas decisões haláchicas (referentes às leis). Leia mais sobre isto na próxima história.

Uma história:

Rabi Eliêzer Discute com o San'hedrin

Rabi Eliêzer ben Horkenos era um talmid chacham (sábio) excepcional. Seus professores o chamavam de "uma cisterna que não perde nem uma gota". Recordava tudo o que aprendia.

.....
Certa vez, uma discussão irrompeu entre os sábios sobre um forno. "Este forno é tamê, impuro", os sábios decidiram.

"Não, é puro" - argumentou Rabi Eliêzer. Ele trouxe provas para sua opinião, porém os outros ainda discordavam.

"Deixem-me mostrar para vocês que mesmo D'us concorda comigo!" Disse Rabi Eliêzer.

"Estão vendo esta alfarrobeira no pátio? Se estou com a razão, que D'us faça esta árvore mover-se 100 amot (48 metros) adiante!"

Rabi Eliêzer escolheu propositadamente a alfarrobeira, para dar um indício aos sábios.

Assim como a alfarrobeira produz frutos somente uma vez a cada setenta anos, assim as palavras de Torá dos sábios - seus frutos - não eram nem produtivos nem verdadeiros.

Assim que Rabi Eliêzer ordenou, a árvore moveu-se por 100 amot. "Agora vêem como estou certo?" Perguntou.

"Isto não prova que você está certo!" Responderam os sábios. "Já que você é um grande tsadic, D'us está fazendo milagres para você!"

"Não é verdade," insistiu Rabi Eliêzer. "D'us fez isso para provar queestou certo. Repito: o forno está puro! Se não acreditam em mim, que o riacho do outro lado corra para trás!"

Rabi Eliêzer indicou aos outros que a Torá deles (que é comparada à água) estava indo para a direção errada. O riacho realmente retrocedeu no seu curso. Isto era um verdadeiro milagre. Porém, os sábios recusaram-se a ceder ao Rabi Eliêzer.

"Que as paredes do Bet Hamidrash (casa de estudos) caiam!" gritou Rabi Eliêzer. Ele estava indicando a eles que o Bet Hamidrash não merecia continuar de pé por causa da sua decisão errada.

Quando as paredes começaram a desabar para dentro, Rabi Yehoshua disse a elas:

"Como vocês, paredes, ousam se intrometer em uma discussão entre os sábios?

Reendireitem-se imediatamente!"

As paredes tinham um problema. Não podiam cair em respeito a Rabi Yehoshua; e não podiam endireitar-se em respeito a Rabi Eliêzer. Por isso mantiveram-se inclinadas.

Quando Rabi Eliêzer viu que os milagres não convenceram os sábios, ele clamou: "Que o próprio D'us prove que estou certo!"

Imediatamente, uma voz celestial ressoou no Bet Hamidrash: "Rabi Eliêzer está certo!"

Rabi Yehoshua veio e retrucou: "D'us! Não foi você quem ordenou na sua Torá que nós sempre temos que seguir a opinião da maioria do San'hedrin? Não vamos ouvir a voz Celestial. Você com certeza só fez isso para testar-nos!"

A halachá (lei) permaneceu de acordo com a maioria do San'hedrin. Toda a comida assada nos fornos que Rabi Eliêzer declarou serem "puros" foram queimadas para se ter certeza de que ninguém seguisse a sua opinião.

Hoje em dia não temos San'hedrin.

Como a mitsvá de obedecer o San'hedrin pode ser aplicada a nós?

Devemos ouvir os conselhos dos grandes líderes espirituais da nossa geração. Mesmo se eles não equiparam-se em sabedoria aos juízes de antigamente, deve-se obedecê-los, pois tudo o que temos é "o juiz de nossa própria época." D'us não deixa seu povo sujeito à anarquia; Ele providencia-lhe líderes compatíveis com as necessidades de sua época e local.

Zaken Mamrê - O Sábio que Desobedece o San'hedrin

Se um judeu desobedece uma regra do Grande San'hedrin ou dos líderes espirituais de sua geração, está transgredindo um mandamento da Torá. Caso um sábio competente, na época do Bet Hamicdash, tenha instruído outras pessoas a agir contrariamente às regras do Grande San'hedrin, ou ele mesmo agiu desta maneira, poderia até ser condenado à morte.

Por que ele era punido tão rigorosamente?

Com isso, a Torá quer nos demonstrar a importância fundamental de obedecer a Palavra de D'us formulada pelo San'hedrin.

Inevitavelmente, haverá diferenças de opinião sobre como interpretar a Lei Escrita, e aplicá-la à novas situações. Todavia, se todos os pontos de vista tivessem o mesmo status de idêntica legitimidade, as disputas multiplicar-se-iam, resultando em diversas versões da Torá, cada qual competindo com as outras. Por este motivo, a Torá investiu o San'hedrin de plena autoridade para resolver todas as disputas e cujas decisões seriam acatadas até mesmo por eminentes estudiosos. Porquanto um judeu deve acreditar que D'us guia e orienta as decisões de Seus servos devotos.

Instituir e promulgar a autoridade dos sábios é tão importante que a Torá impôs a pena capital para qualquer juiz – mesmo para um juiz notável – que legisle contra as decisões majoritárias do Grande San'hedrin.

Reis de Israel e os Cohanim

Podemos pensar que basta ter um San'hedrin que cuida da nação judia. Mas Moshê explicou que: "Além do San'hedrin, D'us quer que vocês tenham um rei. O rei se preocupará que o país esteja funcionando de acordo com a lei da Torá. Ele também os liderará em caso de guerra."

Benê Yisrael deveriam cumprir três mitsvot ao se estabelecer na Terra de Yisrael:

Escolher e coroar um rei;

Exterminar os descendentes de Amalec e;

Construir o Bet Hamicdash;

Assim, não nos é apenas permitido, mas numa determinada época do futuro, nos é ordenado que nossa nação exija um rei. Até mesmo as profecias sobre a era Messiânica, que descrevem Yisrael em seu mais elevado nível espiritual, versam sobre um rei da dinastia de David.

Portanto, a monarquia é uma situação desejável. Não obstante, quando o povo pediu que o profeta Shemuel lhe desse um rei, "para que possamos ser como os povos à nossa volta," ele reagiu com desapontamento e ira.

Benê Yisrael deveria ter pedido um rei que os liderasse, inspirasse e fosse exemplo de alguém que serve a D'us altruística e sinceramente. Em vez disto, disseram que queriam um rei meramente para imitar seus vizinhos. Será que o objetivo que D'us estabeleceu para os judeus é ser igual à qualquer outro povo, cujas aspirações são apenas glória, riqueza e conquistas?

Por causa do desejo equivocado da nação, seu primeiro rei, Shaul, não pôde manter seu trono permanentemente.

Respeito e Temor ao Rei

Há várias leis referentes ao comportamento que o povo judeu deveria ter diante de seu rei:

Um rei recém-escolhido é levado para uma fonte de água. Lá, ele é ungido com óleo (shêmen hamishchá).

Quando as pessoas vêem o rei judeu, elas devem mencionar uma bênção: "Baruch shechalac micvodô lireav"; "Abençoado és tu, D'us, Que compartilha Sua honra com aqueles que o temem."

É proibido sentar no trono real, cavalgar em seu cavalo, usar o seu cetro ou qualquer um de seus objetos pessoais.

Os reis descendentes de David são as únicas pessoas que têm a permissão de sentar-se no pátio do Bet Hamicdash. Todos os outros devem ficar de pé.

O rei tem seu cabelo cortado todo dia para ter sempre uma boa aparência. Pessoas são proibidas de assistir ao seu corte de cabelo, para que não percam o respeito por ele.

Todos, mesmo um navi (profeta), devem se curvar perante ele, exceto o cohen gadol (sumo-sacerdote). Porém, é uma mitsvá que o rei honre os sábios da Torá.

Um judeu que desobedece a ordem real merece pena capital.

Foi dito sobre o rei Yehoshafat que quando um sábio entrava, ele se levantava e clamava: "Meu mestre e rabino!"

As Mitsvot Especiais do Rei

1. Ele não deve manter cavalos demais: na época dos reis judeus, o Egito era famoso pela sua criação de cavalos. Se um rei queria muitos cavalos, poderia fazer com que alguns judeus se estabelecessem no Egito para que lhe mandassem cavalos de lá. D'us disse "Não quero que os judeus viajem para o Egito e permaneçam lá. O Egito é um país perverso, que influenciará negativamente ao povo judeu."

Outra razão por que o rei judeu não pode ter um grande número de cavalos: o cavalo era muito importante em tempo de guerra.

Quanto mais cavalos tivesse um rei, mais assegurado estaria quanto as suas vitórias.

Um rei judeu deve saber que é D'us Quem lhe fornece a vitória, independente se tem cavalos, ou não. Portanto, o rei tem a ordem de não manter cavalos demais em seus estábulos.

2. Ele não deve exagerar no ouro e na prata: reis não-judeus enchiam seus tesouros com ouro e prata. Um rei judeu pode armazenar dinheiro o bastante para as suas necessidades, mas ele não deve perder seu tempo acumulando fortuna. Aparentemente, não haveria necessidade da Torá dizer porquê adverte sobre a posse de muito dinheiro, pois as tentações do excesso de riqueza são muito bem conhecidas. Riqueza demais leva ao orgulho e ao esquecimento da existência de um Soberano:

D'us. Porém, era uma mitsvá para o rei coletar ouro e prata para o Bet Hamicdash.

3. Ele não pode ter muitas esposas: todos os reis antigos casavam-se com muitas mulheres. Um rei judeu era proibido de fazer o mesmo. Muitas mulheres iriam desviar seu coração de D'us. Aos reis também foi dito que deveriam casar-se somente com mulheres tementes a D'us.

O Midrash nos conta:

O Erro do Rei Shelomô

O rei Salomão foi o ser humano mais sábio da Terra. Ele disse: "É verdade que a Torá proíbe o rei de ter muitas esposas. Isso poderá desviar seu coração de D'us. Porém esta mitsvá não se aplica a mim. Sou tão sábio e temo tanto a D'us que, mesmo se me casar com muitas mulheres, elas nunca me influenciarão para o mau caminho. Se eu tiver muitas esposas, elas me darão muitos filhos guerreiros.

A Torá também proíbe um rei de ter muitos cavalos, para que ele não faça com que judeus assentem-se no Egito. Esta mitsvá, também, não serve para mim. Nunca deixarei judeus morarem no Egito. Sou inteligente o suficiente para comprar cavalos de diferentes países."

Shelomô também pensou que coletar muito ouro e prata não iria prejudicá-lo.

A letra yud voou para o trono de D'us e reclamou: "Mestre do Universo! Você prometeu que nenhuma letra da Torá seria mudada. Porém Shelomô me trocou! Eu apareço nas palavras da Torá 'lo yarbe', 'o rei não deve ter a mais!' O rei Shelomô desobedeceu a esta mitsvá!"

D'us confortou o yud: "Não se preocupe! Mesmo uma pequena letra como você é muito importante! Você verá que Shelomô errou. Aí ficará claro que as leis da Torá se aplicam a todos, sem exceções."

E assim aconteceu. Quando o rei Shelomô já era avançado em idade, suas esposas (que se converteram ao judaísmo antes de se casarem com ele) serviram ídolos. Shelomô não protestou o suficiente. D'us ficou tão aborrecido com o rei Shelomô que Ele escreveu no Tana"ch (Bíblia): "Shelomô serviu a ídolos." Para um grande tsadic como o rei Shelomô foi considerado como se ele

.....
mesmo tivesse praticado idolatria. O rei Shelomô também adquiriu cavalos demais. Como consequência, alguns judeus acabaram morando no Egito. Mais ainda, os pesados impostos que seu vasto tesouro exigia fizeram com que a nação se dividisse após sua morte.

Shelomô compôs um livro cheio de sábios conselhos, chamado Cohêlet. Nele, ele escreve: "Eu me apoiei na minha grande sabedoria e ignorei as palavras da Torá, enraivecendo a D'us. As mitsvot de D'us são mais sábias do que tudo o que um ser humano poderia sequer imaginar."

A Torá, geralmente, não nos dá a razão das mitsvot. Shelomô falhou pois a Torá deu a razão das mitsvot dos reis. Ele racionalizou que elas não se aplicavam a ele. Se a Torá tivesse nos ensinado o significado de outras mitsvot, poderíamos transgredi-las também, achando que estas não se aplicam a nós.

O rei deve cumprir uma outra mitsvá:

4. O sefer-Torá do rei: Andamos lap-tops e celulares para não perdermos nenhuma notícia ou chamada telefônica, onde quer que estejamos. Nos tempos dos reis judeus, eles levavam consigo mais uma coisa: um mini sêfer-Torá. O carregavam a toda hora: no seu palácio, em viagem, e mesmo nas batalhas.

O rei sempre estava extremamente atarefado. Poderíamos pensar portanto que ele era isento do estudo diário da Torá. Mas não, a Torá ordena: "O rei deve ter dois sifrê-Torá.

Um é guardado em seu tesouro. E o outro é carregado por ele aonde quer que vá, a cada dia de sua vida. Ela vai ensiná-lo a temer a D'us e guardar Suas mitsvot. Também o impedirá de tornar-se orgulhoso, ou arrogante demais em relação aos seus irmãos.

Em proporção à imensa honra que ele recebe, o rei deve se destacar na virtude da humildade (sentindo-se especialmente subjugado e grato a D'us, Que tanto o distinguiu). Para reduzir o grande perigo da arrogância, a Torá ordena ao rei carregar consigo um sêfer Torá para estudo freqüente e para recordar a toda hora sua posição como o servo de D'us. Em seu coração ele nunca deve esquecer que afinal, ele é somente um ser humano e D'us é o verdadeiro Rei.

Para demonstrar sua grande humildade, o rei tinha que se curvar na oração da amidá até mais do que pessoas comuns. Nós nos inclinamos quatro vezes, porém o rei tinha que manter-se curvado ao longo de toda a amidá.

Maimônides escreve: a Torá aqui proíbe a presunção e a vaidade. Até mesmo o rei, apesar da sua posição especial, é proibido de ser arrogante; quanto mais as simples e ordinárias pessoas. D'us não tolera soberba alguma. Somente a D'us pertence toda a grandeza, a força e a glória.

Nossos sábios nos contam:

O Rei David e o Rei Mashiach

Assim como grandes sábios, o rei David nunca tinha tempo para dormir adequadamente. Estudava Torá até o meio da noite, cochilando somente quando estava exausto. À meia noite, o vento norte tocava as cordas de sua harpa que ficava sobre o seu leito.

Este era um sinal para David acordar. Então, cantava músicas de louvor para D'us até o amanhecer.

Durante o dia, ele se encontrava com reis estrangeiros. Não discutia política com eles. Em vez disso ele falava sobre Torá, seu assunto favorito. Os judeus seguiam o exemplo de seus reis. O rei era a inspiração para o espírito nacional. Por isso, na época de David, todos estudavam Torá.

Alkém disto, o rei David era muito humilde. Nunca levantava a cabeça ao andar entre seus súditos. Dizia a D'us: "Posso ser o rei, porém você é o Rei dos reis."

D'us denominou David como Seu servo. Ele prometeu que o reinado continuaria na família de David para sempre. Apesar de que o reinado de David está suspenso enquanto estamos no exílio, D'us prometeu que Ele irá restaurá-lo no futuro. O rei Mashiach também será um descendente do rei David.

Maimônides traz a seguinte halachá (lei) que descreve Mashiach: "Se surgir um rei da casa de David que se ocupará com a Torá e as mitsvot – tanto a Torá Oral como a Torá Escrita – assim como seu antecedente David, e que fará todos os judeus retornarem para a observância, podemos presumir que ele é o Mashiach."

"Se tiver sucesso reconstruindo o Bet Hamicdash e reunindo os exilados, certamente é o Mashiach. Mashiach fará com que o mundo todo retorne ao caminho da verdade, e com que todas as nações sirvam a D'us com harmonia."

Os Cohanim e Seus Turnos (Mishmarot)

Moshê ordenou que os cohanim fossem divididos em oito vigílias, ou "grupos" (mishmarot), que trabalhariam em turnos para realizar o serviço no Tabernáculo. Mais tarde, o rei David e o profeta Shemuel aumentaram o número de turnos para vinte e quatro. Desta forma, cada cohen ficaria "de plantão" por um pouco mais que duas semanas ao ano. Apesar do serviço regular ser uma prerrogativa do turno designado, qualquer cohen podia realizar o serviço de suas oferendas pessoais a qualquer época do ano; e de ir ao Templo durante Pêssach, Shavuot e Sucot tomar parte no serviço e receber em troca parte das oferendas da comunidade.

Em Êrets Yisrael os cohanim viverão espalhados por todo o país, e virão a Yerushaláyim apenas quando for seu respectivo turno de realizar os serviços. Durante o resto do ano, os cohanim cumprirão suas obrigações guiando o povo no caminho da Torá, ensinando-os e sendo um exemplo pessoal.

A Proibição de Consultar Magos e Videntes

A Torá já falou sobre os líderes da nação: os juízes, o rei e os cohanim. Agora, a Torá versa sobre a maneira pela qual D'us comunica Sua vontade e o que o povo deve saber sobre o futuro a fim de cumprir suas obrigações para D'us.

Mas antes, por ser da natureza humana querer saber o futuro e utilizar-se de quaisquer meios para obter os fins com êxito, a Torá proíbe os judeus de copiarem as práticas utilizadas por outras nações para prever acontecimentos futuros. Essas práticas são abomináveis aos olhos Divinos. Benê Yisrael que depositar sua fé que D'us lhe dará toda a sabedoria de que precisa, e agir de acordo, com confiança e lealdade.

.....
Apesar dos métodos à disposição dos idólatras para investigar o futuro, devemos seguir D'us com fé completa e perfeita, sem sentir necessidade de saber o que irá acontecer: "Tamim tiyhê im D'us Elokecha"; "sejas íntegro com D'us, teu D'us". Se tivermos confiança plena e total em D'us, todas as previsões dos magos e videntes não terão significado algum, pois D'us reverterá qualquer mal contra Israel. A prova disso vem dos nossos antepassados, Avraham e Sara, que pelas leis da natureza estavam fadados a não terem filhos, mas D'us inverteu o destino mostrado pelas estrelas. Assim sendo, o judeu não precisa de feitiçaria, apenas de sincera obediência ao Todo Poderoso.

Quando um rei não-judeu queria empreender uma guerra, ele antes perguntava ao seu adivinho se ele seria ou não vitorioso. Um rei judeu é proibido de fazer isso. É seu dever e do San'hedrin assegurar que não existam bruxos em Êrets Yisrael.

Todas as antigas nações tinham mágicos, incluindo a terra de Canaan. Alguns eram baalê ov: convocavam os espíritos de pessoas mortas e formulavam perguntas sobre o futuro. Havia outro tipo de mago chamado yideoni: ele colocava o osso de um animal na boca, e o osso começava a falar.

Os não-judeus também tinham alguns sinais de "sorte" e de "azar". Por exemplo, se alguém comesse pão e um pedaço caísse de sua boca, era considerado um azarado.

Moshê avisou: "Vocês não podem acreditar em todas estas superstições, assim como consultar mágicos e astrólogos é proibido."

Conhecendo o Futuro

"Só lhes é permitido conhecer o futuro de duas formas:

Podem consultar um profeta de D'us.

O rei ou o presidente do San'hedrin podem perguntar aos urim vetumim."

Como os urim vetumim respondiam? Como sabemos, o cohen gadol (sumo-sacerdote) usava o Chôshen (peitoral). Sobre ele havia doze pedras preciosas com os nomes das doze tribos gravados nelas. Os urim vetumim, o nome sagrado de D'us, ficava oculto dentro do Chôshen. Isso fazia com que as letras do Chôshen se iluminassem fornecendo e formando as respostas.

O Chôshen e as Profecias dos Sábios

Cada pedra preciosa do Chôshen continha seis letras: o nome da tribo e letras adicionais. As letras extras formavam as palavras "Avraham Yitschac Yaacov, Shitvê Yeshurun, tribos de Israel". Deste modo, todas as letras do alfabeto hebraico se encontravam no Chôshen.

Se o rei, por exemplo, queria saber se deveria ir para a guerra ou não, procurava o cohen gadol. Dizia a ele: "Por favor, consulte os urim vetumim se devo ir à guerra." O cohen gadol olhava para o Chôshen e via algumas letras brilhando. Quando ele juntava estas letras, tinha a resposta.

Digamos, que a letra Ayin de Shim'on, Lamed de Levi, Hê de Avraham e , Tav de Naftali se acendiam. Juntas, elas formavam, Tav, Ayin, Lamed e Hê. A resposta estava naquela palavra, porém

o cohen gadol devia rearranjar as letras com seu rúach hacodesh, dom profético. No nosso exemplo, a resposta seria: Taalê , - Vá para a guerra!

As predições do urim vetumim sempre se realizavam; não havia exceções.

No segundo Bet Hamicdash, o cohen gadol ainda usava o Chôshen, porém este não mais possuía os urim vetumim dentro dele. Sem o nome sagrado de D'us, o Chôshen não podia ser consultado.

Como Reconhecer um Verdadeiro Profeta

D'us garantiu ao judeus que eles não precisam temer os esforços dos feiticeiros, pois o destino de Benê Yisrael está muito acima da capacidade de qualquer um de prejudicá-los. E mais ainda: a fim de que os judeus não temam que as proibições anteriores de estudar o futuro os torne inferior aos seus vizinhos, D'us lhes garantiu que Ele lhes enviará profetas.

Moshê explicou como reconhecer um profeta de D'us. Primeiramente, o profeta deve ser um sábio e um tsadic. Ele deve guardar todas as mitsvot de D'us. Se ele não o faz, ele não é um verdadeiro profeta, apesar dos sinais que ele dá. Não devemos ter nada com ele.

Moshê disse: "O profeta que declarar que D'us tenha falado com ele, deve ser testado. Perguntem a ele algo sobre o futuro. Se a predição realizar-se, a Torá ordena que vocês acreditem nele dali em diante. Se o seu sinal não se confirmar, ele é um falso profeta. Vocês devem condená-lo à morte."

Testemunhas e o Bet Din

A Torá ordena: "O Bet Din pode punir uma pessoa somente mediante duas testemunhas oculares que o viram cometendo o pecado."

O que acontece se ele só for visto por uma testemunha?

D'us é quem punirá o pecador; o Bet Din não tem poder neste caso. Na verdade, se uma só pessoa vir alguém cometendo um pecado, é errado ir reportar o caso ao Bet Din. Porém, se duas testemunhas viram um pecado sendo cometido, é uma mitsvá ir reportar ao Bet Din. Elas não podem ignorar isto.

Edim Zomemim (Testemunhas Falsas)

Um tribunal judaico não pode basear seu veredicto em evidências circunstanciais, boatos, testemunho escrito, ou o testemunho de uma só pessoa. Só é aceito o testemunho oral de duas testemunhas oculares e válidas que aparecem na corte.

Elas são submetidas a um minucioso interrogatório feito pelos juízes.

No caso de as testemunhas terem apresentado um falso testemunho tão convincente que até o interrogatório dos juízes não pode provar nada contra, a Torá não responsabilizará os juízes por fatores ocultos que eles possivelmente não tenham trazido à luz. Se alguém fosse executado como resultado disso, D'us teria causado sua morte desta maneira, porque ele provavelmente já era culpado por outro pecado.

.....
Se dois pares de testemunhas se autocontradizem em relação a determinado assunto, o testemunho de ambos é anulado. Porém, se o segundo par prova que o primeiro par não estava presente na hora que eles afirmam ser a hora do crime, o testemunho deste último par é que é aceito.

Por exemplo:

Testemunhas A e B: "Nós observamos fulano assassinar seu vizinho no nosso pátio de trás (especificando a localização) em tal lugar, no Shabat à noite, às onze horas."

Testemunhas C e D contradizem: "Era impossível vocês terem visto isso em tal lugar às 11 horas da noite, pois nós dois vimos vocês deixarem a casa de sicrano no outro lado da cidade exatamente a esta hora!"

A Torá decretou que o último par de testemunhas - contanto que eles tenham passado o exame dos juízes satisfatoriamente - devem ser acreditados. O primeiro par é declarado como "edim zomemim - testemunhas conspiradoras".

Qual é a punição dos conspiradores?

Eles recebiam aquilo que planejaram para a sua vítima. Se acusaram-na de assassinato e ela receberia a pena de morte, eles são condenados à morte em seu lugar.

A Torá termina, porém, que se a fraude é descoberta somente após a execução da vítima, a falsa testemunha não é punida. Presumimos que se D'us deixou isto acontecer, havia uma razão; a vítima possivelmente era culpada de alguma crime ou pecado anterior.

Como o Exército se Prepara para a Guerra

Numa guerra ordenada por D'us, há uma mitsvá que se aplica a cada soldado individualmente: Não temer a força do inimigo ou sua superioridade numérica. "Vocês são superiores aos inimigos em boas ações e também são descendentes dos patriarcas, aos quais prometi a multiplicar sua semente", diz D'us.

"Assim como os tirei do Egito com milagres, posso realizar milagres sempre que necessário."

Após a travessia do Mar Vermelho, Benê Yisrael cantou: "Sus verochvo rama bayam"; "O cavalo e cavaleiro, Ele lançou no mar." O Faraó perseguiu os judeus com um grande exército, mas aos olhos de D'us eles eram somente como um cavalo. Mesmo se o inimigo é maior e mais forte, um judeu deve confiar em D'us que declara: "Diante de mim, o mais poderoso inimigo não é nada."

D'us não quer que contemos apenas com milagres, daí a necessidade de organizar um exército. Porém, o soldado judeu não deve tampouco confiar no poderio bélico. Recitamos diariamente nas orações matutinas (no trecho de Haleluca): "Ló bigvurat hassus yechpats"; "D'us não quer aquele que confia na força do cavalo, nem na velocidade das pernas humanas." D'us deseja aquele que O teme, que anseia pela Sua bondade" (Tehilim 147;10).

Quem é Desqualificado para Lutar nas Guerras

Antes de cada batalha, um cohen especial era nomeado. Em sua frente era despejado o óleo especial usado para os cohanim guedolim (sumos-sacerdotes) e reis, e ele era denominado o cohen mashuach milchamá (o cohen nomeado para a guerra). Seu trabalho era o de encorajar os soldados judeus e lembrá-los de que D'us estava com eles e lhes ensinar as mitsvot referentes às guerras.

Ele começava seu discurso com as palavras "Shemá Yisrael", como um sinal de que: "Vocês merecem a ajuda Divina mesmo se o seu único mérito é o de falar 'Shemá Yisrael' toda manhã e noite!" Ele continuava: "Não temam. D'us está com vocês."

Depois de encorajar os soldados, o cohen mashuach milchama anunciava que determinados grupos de pessoas eram proibidas de lutar.

Estas eram as palavras do cohen:

Há alguém entre vocês que tenha construído uma nova casa e ainda não se mudou para lá? Neste caso, não deve ir à batalha. Deixem o exército e inaugurem a nova casa!

Há alguém aqui que tenha plantado um vinhedo e ainda não comeu dos seus frutos? Retorne para casa.

Alguém está comprometido com uma mulher e ainda não a desposou? Vá para casa e case-se!

Além do cohen mashuach milchama, havia também os oficiais em cargo. Os oficiais repetiam as palavras do cohen e acrescentavam:

Se alguém de vocês fica aterrorizado ao ver lanças serem jogadas, deve voltar para casa!

Nossos sábios explicam que isso também significa: Se alguém está com medo dos pecados por ele cometidos, que vá para casa!

Se alguém pecou, D'us não o ajudaria na guerra. Seria melhor ele não lutar.

Qual era a razão de mandar para casa todo aquele que pertencia aos primeiros três grupos citados acima?

Imagine um soldado que é chamado para a guerra exatamente antes do seu casamento. Seu coração está repleto de preocupação. Ele pode nunca voltar. Outra pessoa pode desposar sua noiva! Ele provavelmente não conseguirá se concentrar em lutar bravamente.

Não só não terá coragem, mas também servirá de mau exemplo para outros soldados. Por isso, o exército estará melhor sem ele. O mesmo se dá com alguém que não teve chance de morar em sua nova casa ou usufruir das frutas do seu vinhedo. Há também uma outra explicação: a Torá somente pretendia mandar para casa aquele que tivesse medo de batalha ou aquele que tivesse pecado.

Porém seria muito embaraçoso para esta pessoa ir embora! Todos saberiam que ele era ou um covarde ou um pecador! Por isso, para protegê-los da vergonha, a Torá ordena também os

.....
outros três grupos de pessoas que deveriam retornar. Desta forma, quando todos estes grupos deixavam o exército para ir para casa, os outros não saberiam exatamente quem era desprovido de coragem ou pecador.

Estas leis nos mostram o quão cuidadosos devemos ser para não embarçar um outro judeu, principalmente em público.

Preservar as Árvores Frutíferas

Quando os exércitos iam para a guerra, os conquistadores costumavam derrubar todas as árvores da área. Eles destruíam tudo e devastavam a terra.

A Torá ordena: "Se o seu exército estiver cercando uma cidade inimiga em tempo de guerra, vocês não podem derrubar nenhuma árvore frutífera antes ou depois de conquistar a cidade. Vocês não têm o direito de destruir árvores frutíferas desnecessariamente."

Numa guerra, é permitido atacar os soldados do inimigo, porém uma árvore não é um soldado! Por quê os judeus deveriam sentir a necessidade de destruir qualquer árvore frutífera?

"Ki haadam ets hassadê"; "Será que a árvore do campo é como o homem?"

Em meio ao capítulo que versa campanhas de guerra, que por definição é destrutiva, a Torá exige que os judeus tenham consciência da necessidade de manter o respeito pelo bem-estar geral. Se as pessoas tentarem permanecer boas mesmo em épocas que despertam seus mais básicos instintos, serão capazes de aperfeiçoar seu caráter firme e constantemente.

A analogia entre o homem e as árvores possui um significado muito mais amplo. Como as árvores precisam do crescimento de galhos, ramos, flores e frutos para que cumpram seu propósito; assim também o homem foi colocado aqui na terra para se desenvolver, e produzir verdade moral, intelectual e espiritual.

Bal Tashchit – Desperdício

Nossos sábios também proibiram-nos de destruir ou desperdiçar qualquer coisa útil. No passado, as pessoas eram muito mais cuidadosas no que se refere a desperdício. Não tinham tanta comida, dinheiro ou roupas. Por isso, eles se esforçavam para fazer bom uso de tudo. Em comparação com as gerações anteriores, hoje, todos nós somos ricos. D'us nos abençoou com abundância. Muitos de nós temos dinheiro suficiente para comprar todo alimento e vestimenta que precisamos. Porém isso não quer dizer que podemos desperdiçar qualquer dessas coisas.

Todo alimento deve ser tratado com respeito. O Talmud nos conta: "Um alimento que serve para seres humanos, não deve ser dado para um animal". Por quê? Isto é desrespeitoso para com o alimento e demonstra uma falta de gratidão para com a bênção de D'us. É certamente errado, portanto, jogar comida fora. Em vez disso, devemos planejar nossas refeições para que o alimento não seja mal aproveitado.

Fora o respeito por comida em geral, é proibido atirar pão, mesmo se este não for danificado. Alguém que vê comida no chão deve levantá-la. Uma pessoa nunca deve andar sobre migalhas de pão, já que isto pode levar à pobreza. As migalhas devem ser varridas.

O cuidado com as roupas também é parte da mitsvá de bal tashchit.

Dinheiro também não deve ser desperdiçado. Um judeu não deve gastar seu dinheiro sem propósito, mas sempre no intuito de cumprir uma mitsvá.

Eglá Arufá

Quando um judeu, D'us não o permita, é assassinado, seu sangue clama a D'us pedindo vingança. Somente quando o assassino é punido, o sangue da vítima é apaziguado. Às vezes não sabemos quem é o assassino.

Como podemos vingar o sangue do morto neste caso?

Nós o fazemos através da eglá arufá. O grande San'hedrin em Yerushaláyim fica sabendo do assassinato. Cinco dos seus juízes são mandados ao lugar da ocorrência. Eles medem em todas as direções a partir do cadáver e decidem qual é a cidade mais próxima. Eles se preocupam para que a vítima seja enterrada e vão embora.

Agora, o Bet Din da cidade mais próxima assume este caso. Seus juízes compram uma bezerra que nunca foi usada para arar a terra, e em cujo lombo nunca foi colocado um peso. Eles a levam para um vale de terra dura que nunca foi arado. Eles quebram a nuca da bezerra com um machado.

Todos os líderes de Torá que vivem na cidade mais próxima devem lavar suas mãos no vale e declarar: "Yadênu lô shafchu et hadam hazê"; "Nossas mãos não derramaram esse sangue."

"Não é culpa nossa que o assassinato tenha ocorrido! Sempre que um estranho visita nossa cidade, lhe oferecemos comida e bebida e o acompanhamos quando ele se vai. Não o deixamos sair com fome."

Um grupo de cohanim também deve vir ao vale. Os cohanim rezam: "Por favor, D'us, perdoe a todo o povo de Yisrael pelo assassinato!"

Mesmo se Benê Yisrael não são diretamente responsáveis, a culpa é atribuída a todos. A Torá não nos explica o porquê da eglá arufá. Esta lei é um choc (mitsvá cuja razão não nos foi revelada). Porém há algumas explicações que nos ajudam a entender melhor este assunto;

Uma bezerra que nunca tenha trabalhado ou parido é utilizada. O vale onde a bezerra é morta é um local ermo e estéril onde nada cresce. Tudo isso mostra quão terrível é um assassinato: o assassino tirou a vida da vítima – e com isso, impediu que esta se perpetuasse e continuasse a cumprir as mitsvot.

O povo, juízes e líderes espirituais imploravam a D'us para que os perdoasse pelo assassinato. Suas orações e o ato de cumprir a mitsvá de eglá arufá expiavam o pecado. O vale deveria permanecer deserto para sempre; ele nunca poderia ser arado. Sempre que os judeus passassem por ele, se lembrariam quão grave é o pecado do assassinato.

A mitsvá de eglá arufá também era uma forma de encontrar o assassino. Muitas pessoas costumavam se aglomerar para assistir a esta cerimônia. Eles comentariam sobre o assassinato.

.....
Quem conhecia a vítima? Será que ela tinha algum inimigo? Às vezes, algum dos presentes poderia saber de algo que levava ao descobrimento do assassino. Se o assassino era encontrado e havia testemunhas que o viram cometer o crime, era condenado à morte. É interessante notar que esta mitsvá vem logo a seguir ao trecho que contém as leis pertinentes à guerra. Infelizmente, a realidade necessita de conflitos armados contra inimigos, e seus inevitáveis resultados em termos de perdas de vidas. Contudo, o fato de existirem guerras não pode nos deixar insensíveis à perda de vidas. Todos são responsáveis pela destruição de uma única vida humana.

D'us prometeu: "Se vocês se preocuparem com o sangue inocente derramado, Eu me preocuparei para que chegue o tempo quando todas as mortes cessarão. Na época de Mashiach, instrumentos de matança serão usados somente para fins pacíficos."

Os Sete Caminhos

Por Rabino Yitzchak Ginsburgh, traduzido por Maurício Klajnberg

A imagem do homem como uma árvore do campo na Parashá Shofetim é a imagem de um potente campo de energia. O que é esta energia e para onde ela deve ser direcionada? O Rabino Ginsburgh nos guia através de uma meditação sobre a árvore no campo. Quando meditamos sobre esta imagem, chegamos a um entendimento mais profundo de como dirigir nossas potentes energias e onde todos os caminhos de nosso serviço a D'us deve nos levar a conhecê-Lo em todas as facetas de nossas vidas.

A Imagem da Árvore

No fim da Parashá Shofetim, a Torá descreve a dinâmica das leis de batalha. Se um cerco é feito a uma cidade na Terra de Israel para conquistá-la, a Torá nos proíbe destruir suas árvores frutíferas. Suportando esta proibição, a Torá explica (Devarim 20:19): "O homem é igual à árvore do campo"/ Ki ha'adam etz hassadê. Na Torá (Bereshit 1:26), aprendemos que D'us criou o homem à Sua imagem (tzelem). Significativamente, o valor numérico da palavra hebraica eitz ("árvore") é 160, idêntico ao valor numérico de tzelem. A árvore do campo é a imagem do homem criado à imagem de D'us.

Da'at e o Sistema Nervoso

O valor numérico da expressão hebraica etz hassadê ("a árvore do campo") é 160 (eitz) mais 314 (hasadeh), que equivale 474. 474 é o valor numérico de daat ("conhecimento"). Daat é a mais central e abrangente das sefirot. É o conhecimento ou a consciência, um estado abrangente da alma que une inteligência e emoção. O poder de daat cria unidade dentro da mente, mas seu objetivo final é o de unir todas as faculdades mentais e emocionais da alma.

Na Cabalá e na Chassidut, aprendemos que todo sistema fisiológico corresponde a uma sefirá celeste. A sefirá de Daat corresponde ao sistema nervoso. Mais do que qualquer outro sistema fisiológico, o Sistema Nervoso, que transmite os impulsos elétricos do conhecimento através do corpo, pode ser visto como uma árvore. O tronco é a coluna espinhal e os ramos são os nervos.

O Campo de Energia

A palavra hasadeh ("do campo") – soletrada hei, shin, dalet, hei – compartilha duas letras – shin e dalet – com o nome de D'us, (shin, dalet, yud). As duas letras restantes de hasadeh -- os dois hei's – equivalem a 5. Quando eles são combinados, eles formam 10, igual à letra remanescente, yud.

O Nome sagrado de D'us, representa energia – o poder de projetar força para fora. A árvore do campo, representando daat, o sistema nervoso do homem, é um campo de energia.

O Nome de D'us também corresponde à sefirah complementar de daat – yesod. A sefirá de yesod é a base de todas as energias sexuais do homem. Daqui aprendemos que existe uma forte interdependência entre a função correta do sistema nervoso e o uso apropriado de nossas energias criativas, como representado por yesod. Quando meditamos sobre a árvore do campo, devemos considerar o campo como sendo um campo de energia, dirigindo nossas potentes e criativas energias yesod por meio do campo de força de daat.

A Chave às Câmaras do Coração

Como explicado acima, a frase etz hassadê equivale a daat, 474. Quando dividimos 474 pelas seis letras de etz hassadê, vemos que o valor médio de cada letra é 79. 79 é o valor numérico de dei'ah, que compartilha uma raiz com daat. Maimônides, em seu Código de Lei Judaica, devotou toda uma seção de seu trabalho às leis de dei'ot, "os atributos do coração". Assim, existem seis expressões de dei'ah em daat; consciência, é a chave que abre as seis portas das seis câmaras do coração (dei'ot). Cada câmara é um atributo do coração, uma característica emotiva. Etz hassadê, a árvore do campo, é a chave para todos os nossos atributos emocionais.

Prazer Sereno

A palavra etz também é igual à palavra noam (nun, ayin, mem), que significa "conforto" ou "prazer sublime". Assim, a frase etz hassadê, nossa consciência (daat) também pode ser entendida como o "prazer sereno do Todo-Poderoso". Devemos ver o homem como uma árvore do campo, cujo sistema nervoso direciona suas energias criativas para se manifestarem como serenidade Divina.

O Prazer Sereno de Conhecer D'us em todos os nossos Caminhos

As duas palavras da frase noam Sha-kai tem seis letras, três em cada palavra. No sistema cabalístico chamado ribua prati, multiplicamos cada letra da primeira palavra pelo seu equivalente na segunda palavra. Isto nos permite entender associações mais profundas da frase. Multipliquemos a frase noam Sha-kai em ribua prati como a seguir:

Noâm Sha-kai

soma

soletrado: soletrado:

.....
nun (=50) shin (=300) 50 x 300 = 15,000

ayin (=70) dalet (=4) 70 x 4 = 280

mem (=40) yud (=10) 40 x 10 = 400

A soma de noam Sha-kai no sistema ribua prati é 15680 – dez vezes 1568, que é 2 vezes 28 ao quadrado.

Nossos Sábios ensinam que existe um versículo em nossa Torá que exprime de forma sucinta como nosso serviço a D'us deveria ser aperfeiçoado em nossa consciência. Em Provérbios 3:6, está escrito: Bchol drachecha da'eihu v'hu yeyasher orchotecha “Em todos os teus caminhos, conheça-O e Ele endireitará teus caminhos”

Essencial a este versículo é a palavra da'eihu (“conheça-O”), da raiz de daat. Nosso objetivo deve ser o de conhecer D'us em todos os caminhos de nossas vidas – seja na guerra, como na Parashá desta semana, ou em tempos de paz e prosperidade – do pico do sublime à monotonia deste mundo.

O versículo diz para conhecer D'us em todos os nossos caminhos. Os caminhos de D'us são os caminhos dos Seus mandamentos. Seus caminhos são todos os mínimos detalhes que tecem o tecido de nossas vidas. Seja trabalhando, comendo ou mesmo dormindo, devemos conhecer D'us e estar conscientes de Sua presença em nossas vidas e em todas as nossas ações. Se assim fizermos, D'us promete que Ele endireitará nossos caminhos.

Os Sete Caminhos

O valor numérico do versículo: Bchol drachecha da'eihu v'hu yeyasher orchotecha é 1568 – 2 vezes 28 ao quadrado. O valor completo de noam Sha-kai é dez vezes este versículo. “Bchol drachecha da'eihu v'hu yeyasher orchotecha” expressa a experiência de conhecermos D'us em toda faceta de nossas vidas com todos os dez poderes de nossas almas.

Se dividirmos 1568 por 7, temos 224, o valor numérico de derech (“caminho”). Na Cabalá e na Chassidut é explicado que existem 7 caminhos através dos quais cada raiz da alma poder servir a D'us de forma apropriada. O versículo “Em todos os teus caminhos, conheça-O, e Ele endireitará teus caminhos” abrange todos os 7 caminhos.

Quando nos conectamos à imagem do homem como uma árvore do campo, podemos dirigir todas as nossas energias criativas a um objetivo – conhecer D'us em todos os nossos caminhos e espalhar Sua consciência através do mundo.

Por que Não Existem Mais Profetas?

Pergunta:

Por que não existem profetas?

Resposta:

Existiram 48 profetas de Israel ao longo de nossa história. Yehoshua, Pinchás, David, Shmuel, Elyahu, Yoël, Amós, Ovadya, Yoná, Chavacuc, Nachum, Zecharyá, Mal'achi, Yesha'yáhu, Yirmiyáhu, Yechezkel, foram alguns deles. O Tanach (Pentateuco,

Profetas e Escrituras) está repleto de profecias. Assim, as palavras dos profetas continuam nos guiando pelo Tanach. Interessante notar que da mesma forma como muitos homens experimentaram a profecia, também houve profetisas. Em muitos casos, elas atingiram níveis até mais elevados que os homens. Houve sete profetisas conforme se encontram mencionadas na Torá: Sara, Miriam, Débora (Dvora), Hana, Abigail, Hulda e Esther.

No entanto, hoje em dia não existem mais profetas, pois nosso mundo não se encontra mais em um nível tão elevado. O que existe é a presença de pessoas muito especiais em cada geração, que possuem Ruach Hacodesh, isto é, um nível muito elevado de santidade que faz com que possam dar sábios conselhos e prever certas coisas de antemão. Não se tratam de profecias, mas sim da expressão e revelação de seu profundo conhecimento de Torá.

São pessoas que estudam constantemente e observam os ensinamentos de D'us, cuidam detalhadamente para não violar uma única lei, tentam ao máximo e constantemente cumprir todo e qualquer mandamento da Torá. Vivem livres de qualquer pecado, em pensamento e ação, completamente ligadas em fazer o bem aos outros sem pensar em si próprias, nutrem um amor profundo a D'us com vasto conhecimento de Sua essência, entre outras qualidades, raras de serem encontradas em pessoas.

É o conjunto dessas características, habilidades e concentração profunda a serviço de D'us que tornam uma pessoa Divinamente inspirada, diferente, no entanto, dos profetas, cujas visões vinham diretamente de D'us ou primeiramente por intermédio de um anjo.

Embora muitas pessoas tivessem o dom da profecia, a Torá apenas menciona aqueles que deixaram uma mensagem para todas as gerações. Por esta razão nossos sábios salientam que além de Moshê e Aharon há 48 profetas mencionados na Torá. A profecia durou por mil anos em Israel, do tempo do Êxodo do Egito (2448; 1313 AEC) até 40 anos após a construção do Segundo Templo Sagrado (3448; 313 AEC).

O espírito da profecia acabou naquele ano quando os últimos profetas, Hagai, Zecharyá (Zacarias) e Mal'achi (Malaquias), morreram no mesmo mês. É muito difícil ocorrer profecias quando a Arca Sagrada não se encontra em seu devido lugar no Templo Sagrado. Por este motivo, quando o Templo foi destruído, a profecia tornou-se muito rara.

Há diversos níveis de Inspiração Divina. O mais alto grau está logo abaixo do grau de profecia que somente será restaurado na era de Moshiach, quando a maioria dos judeus retornar à Terra Santa e for construído o Terceiro Templo Sagrado em Jerusalém. Esperamos que seja em breve.

Cidades Refúgio

por Rabi Jonathan Sacks

Na Porção desta semana da Torá, Shofetim, lemos sobre as cidades de refúgio, às quais um homem que tivesse matado involuntariamente poderia fugir, encontrar abrigo e expiar por suas falhas.

Acabamos de entrar em Elul, o mês no qual esta porção é sempre lida. Elul é no "tempo" aquilo que as cidades de refúgio eram no "espaço". É um mês de refúgio e arrependimento, uma época

.....
protegida na qual a pessoa pode afastar-se das falhas de seu passado e dedicar-se a um futuro novo e santificado.

Embora todas as cidades de refúgio devessem estar na Terra de Israel, não estavam todas no mesmo território. Havia três em Israel propriamente dito — a Terra Santa. Havia três na Transjordânia, onde, segundo o Talmud, "o assassinato involuntário era comum." E, na Era Vindoura, "o Eterno teu D'us ampliará tuas fronteiras", três mais serão providenciadas, na terra recém-ocupada.

Isso significa que todo nível de espiritualidade tem seu próprio refúgio, desde a Transjordânia relativamente sem lei até a Terra Santa, e mesmo na Era Vindoura. E isso é verdadeiro, tanto espiritual como geograficamente. A cada estágio da vida religiosa de um homem existe a possibilidade de alguma falta pela qual deve haver refúgio e expiação. Mesmo que ele nunca desobedeça à vontade de D'us, talvez ele ainda não tenha feito tudo ao seu alcance para aproximar-se de D'us. Esta é a tarefa de Elul. É um tempo de auto-exame, quando cada pessoa deve perguntar-se se aquilo que realizou foi tudo o que poderia ter realizado. E caso contrário, deve se arrepender, e esforçar-se tendo em vista um futuro de maiores realizações. Seja um homem de negócios ou um erudito, aquele que viveu no mundo e que passou seus dias sob a canópi da Torá — ambos devem fazer de Elul um tempo de auto-exame e refúgio.

Esta é a maneira de o mundo ocidental fazer Elul — o mês do alto verão — um tempo de afastamento do estudo. O caso deveria ser o oposto. Está acima o tempo todo para auto-exame, um tempo de mudar a própria vida. E o lugar para isso é a cidade de refúgio, na Terra Santa, o que para nós significa, em um lugar da Torá. Cada judeu deveria guardar Elul, ou pelo menos a partir do 18º dia em diante (os últimos 12 dias, um dia para cada mês do ano), ou de qualquer modo os dias em que são recitadas as selichot, e fazer seu refúgio num local da Torá.

Um refúgio é um lugar para o qual alguém foge; ou seja, onde alguém deixa de lado seu passado e constrói um novo lar. Elul é o funeral do passado em benefício de um futuro melhor. E é a preparação necessária para as bênçãos de Rosh Hashaná, as promessas de plenitude e realização no ano vindouro.

Recompensa e Punição

Para início de conversa, o homem tem livre arbítrio — nenhuma outra criatura o tem. Nenhum cão, golfinho ou gorila possui a capacidade de avaliar o bem e o mal e escolher um em detrimento do outro, nem entende os conceitos de bem e mal. Ninguém exceto o homem. Portanto, o entendimento judaico sobre recompensa e punição começa com os entendimentos judaicos sobre o livre arbítrio, e a escolha entre o bem e mal.

D'us não fará chover maná dos Céus sobre você caso faça algo que Ele considera bom, nem vai fulminá-lo com raios se fizer algo que Ele considera mau — você teria Livre Arbítrio se Ele o fizesse?

O Homem tem livre arbítrio. Você pode optar por fazer o bem. Pode escolher fazer o mal. Você pode. Você. D'us não fez você de uma maneira ou de outra. Ele não o força àquilo que é reto e restrito. Ele não o pré-programou a ser de uma determinada maneira. O homem pode fazer seja o que for que deseje. Pode

mudar aquilo que é para tornar-se o que deseja ser. Liberdade total.

Ora, D'us não fará chover maná dos Céus sobre você caso faça algo que Ele considera bom, nem vai fulminá-lo com raios se fizer algo que Ele considera mau — você teria Livre Arbítrio se Ele o fizesse? De forma alguma — você não conseguiria descer a rua pela ânsia por maná, ou medo dos raios. Você se tornaria um vegetal.

E D'us não deseja vegetais — Ele deseja Livre Arbítrio. Então, o que vai acontecer se você comer não-casher? Nada. Nenhum raio. Porque se D'us o fulminasse a cada vez que você comesse um alimento não-casher, você não teria outra alternativa a não ser comer casher. Você seria forçado a isso — a menos que goste de raios. Agora, vejamos o que diz o Judaísmo sobre recompensa e punição.

Definindo Bem, Mal, Recompensa e Punição

A Torá é o manual de moralidade da raça humana. A Torá define o que é bom e o que é mau. Quando você faz aquilo que a Torá diz, está fazendo o bem. Quando não faz o que diz a Torá — ou quando faz o que a Torá manda não fazer — está fazendo o mal. (Mas isso somente se você está familiarizado com a Torá, e age propositadamente contra ela — como veremos mais tarde.) Quando você faz o bem, é recompensado, e quando pratica o mal, é castigado. Parece simples? É exatamente o contrário.

Não existe um Catálogo de Recompensa e Punição no judaísmo, relacionando pecados específicos ou boas ações e suas conseqüências específicas, e portanto, não sabemos quais ações provocarão quais reações por parte de D'us. A menos que você seja um profeta — e não existem profetas atualmente — não pode concluir que o filho do Sr. Fulano morreu porque não comeu alimentos casher ou que o Sr. Sicrano contraiu a Doença de Lou Gehrig porque é um trapaceiro. De modo inverso, não se pode concluir que Bill Gates é rico porque é uma boa pessoa (o que não equivale a dizer que ele é mau!): inúmeras variáveis, conhecidas apenas por D'us, ocorrem em todo exemplo de recompensa e punição.

Somente D'us pode realmente discernir e decidir em assuntos de bem e mal, e as recompensas e punições relativas. Nós simplesmente não sabemos. Sendo principiantes, não sabemos o que é realmente bom, o que é realmente mau, ou quem é verdadeiramente bom ou mal. Assim, o sofrimento nem sempre é castigo, o castigo nem sempre é sofrimento, o bem nem sempre é uma recompensa, e o mal não é sempre uma punição. Somente D'us pode dizer.

A Torá não é toda sobre Recompensa e Punição?

Bem, você encontrará muitas pequenas recompensas na Torá por fazer o bem. Encontrará também diversas pequenas punições na Torá por fazer o mal. Por quê? D'us não nos concede o Livre Arbítrio? Sim, Ele o faz, e o que a Torá menciona não são "recompensas" e "punições" da maneira que entendemos estas expressões: eventos sobrenaturais. Pois se D'us cobrisse os bons com uma chuva de doces e fulminasse com raios os bandidos, jamais veríamos o fim disso. Portanto, D'us não recompensa ou

.....
pune da maneira que entendemos "recompensa" e "punição". Geralmente, nem uma das "recompensas" ou "punições" na Torá é sobrenatural.

Geralmente, D'us não "recompensa" ou "pune" — Ele age por meio da Natureza. Quando você faz o bem, D'us reage acelerando os processos naturais das coisas boas. Quando você pratica o mal, Ele reage desacelerando os processos naturais das coisas boas. Esta é a maneira de D'us atingir um equilíbrio entre fazer de mais, e fazer de menos. Atingir com raios seria demais. Deixar as coisas como estão seria de menos. Porém, como um príncipe fugitivo admoestado por seu real pai, este mecanismo espiritual aplica-se apenas àqueles que sabem em primeira mão o que D'us deseja que eles façam.

O Mundo Vindouro

No Judaísmo, existe recompensa e punição — mas, como já foi mencionado, geralmente está além de nossa compreensão saber como isso funciona. Às vezes, pode parecer óbvio, mas às vezes não. E no Judaísmo, há dois planos de existência: o físico e o espiritual. A existência física é este universo. E a existência espiritual é chamada de Mundo Vindouro. O Mundo Vindouro é onde você está antes de nascer, e para onde vai depois que morre. Se você é bom ou mal, D'us pode recompensá-lo ou puni-lo aqui, ou Ele pode fazê-lo lá — no Mundo Vindouro.

O que é o Mundo Vindouro?

Indescritível. Além do tempo. Além do espaço. Além da dimensão. Esqueça Céu e Inferno e planetas e ficção científica — são falsos. O Mundo Vindouro não é físico ou dimensional. O Mundo Vindouro está completamente além de nossa imaginação. E também não é emprestado de outra religião. Os profetas abstêm-se de descrições porque palavras não conseguiriam dar uma idéia de tudo aquilo.

Mas é um local, e pode ser chamado como tal, uma forma de existência, onde você é lavado em uma "máquina de lavar cósmica" antes que possa absorver o bem incomparavelmente além dos maiores prazeres da existência física. A lavagem apaga todos os traços da existência física e devolve você a seu estado puro, à existência espiritual anterior ao nascimento. Uma vez restaurado, você se reconecta com D'us ao nível de espiritualidade atingido durante sua existência física. A lavagem é sua "punição," e a reconexão é sua "recompensa." Ambas são boas — nada de "Inferno"! Não importa o quão maravilhoso possa ser o Mundo Vindouro, não deveria ser a meta da pessoa.

Maimônides descreve isso como servir a D'us por temor das consequências ou antecipação dos benefícios, portanto, em última análise, auto-interesse. Ao contrário, explicam os grandes sábios, o relacionamento de alguém com D'us deveria ser construído sobre o amor — e amor é doar, não tirar; abnegação, não egoísmo.

Quem Eram os Juízes?

Quem eram os Juízes e quais eram suas funções?

RESPOSTA:

Os Juízes eram os líderes do povo judeu por aproximadamente 350 anos da História Judaica. Os quinze Juízes, shoftim em

hebraico, reinaram em ordem consecutiva (com alguma sobreposição) de 1228 a 879 AEC.

A era dos Juízes foi um tempo no qual a nação judaica ainda estava a caminho da total independência. Esta era seguiu-se aos reinados de Josué e os Anciãos, e foi seguida pelo estabelecimento da soberania judaica. Sob os Juízes, a nação judaica ficou em um estado semi-autônomo, apanhado entre a soberania e supremacia totais do Rei Salomão e as batalhas de Josué contra os clãs das nações pagãs assentadas no território da Terra Santa.

O tema da liderança dos Juízes foi a manutenção espiritual. Enquanto os judeus eram liderados por estas personalidades dinâmicas, mantiveram seu relacionamento com D'us, e durante os breves intervalos de liderança entre os mandatos dos shoftim, eles negligenciaram seu relacionamento com D'us. O papel dos shoftim era o de reparar as brechas na represa da identidade judaica, em oposição a construir e fortalecer novas represas.

Os Shoftim

Nomes e Datas;

Otniel Ben-Knaz - governou de 1228 a 1188 AEC;

Ehud Ben-Gerah - governou de 1188 a 1107 AEC;

Shamgar Ben-Anat governou durante os anos finais de Ehud, e morreu em 1107 AEC.

Devorah (a única mulher entre os Juízes), de 1107 a 1067 AEC.

Gideon Ben-Yo'ash - governou de 1067 a 1027 AEC;

Avimelech Ben-Gideon - governou de 1027 a 1024 AEC;

Torah Ben-Puah - governou de 1024 a 1001 AEC;

Yair HaGil'adi - governou de 1003 a 981 AEC (sobrepondo-se a Tolah e Yiftach);

Yiftach HaGil'adi - governou de 982 a 976 AEC;

Ivtzan - governou de 976 a 969 AEC;

Eylon HaZevulon'i - governou de 969 a 959 AEC;

Avdon Ben-Hillel HaPir'atoni - governou de 959 a 951 AEC;

Shimshon governou de 951 a 931 AEC;

Ayli HaKohen governou de 931 a 891 AEC;

Shmuel Hanavi - governou de 890 a 977 AEC;

Os Guerreiros

Muitos dos Shoftim lideraram o povo judeu em batalhas contra forças estrangeiras que dominaram o antigo Israel durante seus reinados. Entre esses guerreiros, estão Otniel Ben-Knaz, Ehud, Devorah, cujos exércitos dispersaram os Canaanitas, e evidentemente, Shimshon, cuja força legendária esmagou o poder e o moral dos Filisteus durante seu reinado, e durante vinte anos após sua morte.

Os Destaques de Carreira

Embora alguns dos Juízes sejam escassamente descritos, e a carreira de outros seja profusamente detalhada, cada um dos Juízes ofereceu uma contribuição especial. A maioria empenhou-se em batalhas políticas e/ou militares contra reinos hostis e as forças que cercavam Israel, ao passo que outros mantiveram governos breves e/ou pacíficos.

Acima de tudo, no entanto, eles foram juízes - acima de seus deveres políticos e sociais, julgaram seu povo, atuando como autoridades haláchicas em todos os casos da Lei Judaica.

O Significado de Ser Um Cohen

Gostaria de saber o significado de ser um Cohen. Quais são as normas de conduta que lhe são específicas e em que elas se baseiam?

RESPOSTA:

Respondendo suas perguntas, todas as normas referentes ao Cohen são baseadas em estatutos da Torá, estabelecidos por D'us (Porção da Torá Emor; este capítulo trata principalmente da pureza dos sacerdotes). O cohen, ou cohanim, no plural, eram sacerdotes que desempenhavam funções específicas quando existia o Templo Sagrado em Jerusalém, e eram considerados homens santos e puros por D'us.

Até hoje, em diversas oportunidades durante o ano, os cohanim abençoam o povo durante as preces nas sinagogas. Um cohen é o primeiro a ser chamado na Leitura da Torá, seguido de um Levi.

Há algumas leis concernentes ao cohen que estabelecem certas restrições a fim de que todos os cohanim estejam sempre preparados e puros para, a qualquer momento, terem que reassumir seus trabalhos no Templo Sagrado, quando este será reconstruído (com a vinda de Mashiach). Entre elas, um cohen não pode ir a um enterro nem tocar em um morto, salvo parentes muito próximos como sua esposa, seus pais, filhos, irmão e irmã virgem, e desde que seja de uma maneira especial que pode ser orientada por um rabino ortodoxo, caso desconheça as leis. Os sacerdotes também são proibidos de contrair matrimônio com mulher judia que teve uma vida irregular e pouco honesta, profana ou com divorciada; mesmo sendo uma mulher, de quem se divorciou, não poderá retomar esta relação. Entretanto, o sacerdote pode casar-se com uma viúva visto que somente o "Cohen Gadol" - Sumo Sacerdote - era obrigado a casar-se com uma virgem.

Opinião Judaica Sobre Magia

Muitos de meus amigos, eu inclusive, já assistimos filmes sobre magia negra e outros recursos sobrenaturais que parecem realmente interferir na vida das pessoas. Isto acontece? Qual é a posição judaica sobre este assunto?

RESPOSTA:

D'us é a Força. Ele é Um, mas para nos dar livre arbítrio, Ele criou dois: Luz e Trevas. Ambas vêm d'Ele, mas apenas uma é Sua vontade.

A escuridão não existe. É apenas a ausência de Luz. Nestes lugares escuros a escuridão pode ser domada para criar aquilo que se convencionou chamar de magia negra.

A mágica popular (que é meramente uma ilusão), e especialmente a magia negra (que é pra valer), embaça a linha entre realidade e o impossível, nublando o escopo do domínio humano sobre a natureza e terminando por colocar D'us para fora do quadro. Você pode até perguntar a David Copperfield – se ele for sincero, dirá que apenas parece que ele está voando. É uma ilusão convincente, mas frágil.

Para não se tornar vítima magia negra existem alguns ingredientes:

1 – Seja correto;

A Torá declara: "Seja correto com D'us" (Devarim 18:13), o que significa: magia negra faz você incorreto para com D'us. Encher sua vida com a busca do controle do universo, tentando por meios sobrenaturais abalar as fronteiras da física, fazer experiências com o ocultismo e o extra-sensorial é incorreto. Desculpe, Harry Potter.

2 – Não queira ser D'us;

Se Ele desejasse que soubéssemos o futuro, seríamos todos videntes. Se Ele desejasse que falássemos com os mortos, os mortos falariam normalmente. D'us é melhor como D'us do que nós, portanto confie em D'us. Deixe para lá. Deixe o futuro e o universo nas mãos d'Ele.

3 – Não pratique magia negra;

O principal nisso tudo é simples: não pratique magia negra. Qualquer coisa que se constitua de autêntica magia negra, a Torá desaprova. Isso inclui bruxaria, sessão espírita, necromancia e tudo que se refere a ocultismo. É importante destacar que a maioria dessas coisas não é real – especialmente sessões espíritas, cartas de tarô e bolas de cristal. No entanto, é melhor evitá-las, porque às vezes elas se tornam reais. São capazes de transformar você em algo "irreal"; torná-lo dependente de recursos alheios como instrumentos para orientar sua vida. Dispense o fantástico e se concentre em coisas palpáveis como o estudo da Torá e suas boas ações neste mundo. Isto pode fazer toda a diferença e garantirá uma bússola infalível apontando para o caminho certo.

O Papel da Livre Escolha na Torá

Gostaria de um esclarecimento sobre a questão do livre arbítrio. O que exatamente ele vem a ser pela Torá?

RESPOSTA:

Maimônides em suas Leis de Teshuvá escreve que o livre arbítrio é a base primordial para toda a Torá. Se não fosse verdade, não faria sentido D'us ordenar cumprir um preceito, se a pessoa já foi determinada a fazê-lo, ou deixar de fazê-lo. Sendo assim, também não faria sentido a recompensa para quem cumpriu a mitsvá, ou o castigo para quem deixou de cumpri-la, pois isto não foi realizado pela própria escolha da pessoa, uma vez que tenha sido induzida a cometê-lo.

.....
Afirmamos que o homem tem a livre escolha de ser justo ou perverso, bom ou mau, etc. Isto não contrasta com o fato de que tudo no mundo está em conformidade com a vontade de D'us, pois, da mesma forma que D'us quis que o Sol nascesse no Leste e se pusesse no Oeste, que cada planta nascesse no momento certo, etc., Ele também desejou que cada homem tivesse o livre arbítrio e que seus atos seguissem apenas sua vontade, para o bem ou para o mal.

O fato de D'us saber de antemão tudo o que ocorre no mundo, desde a Criação até o final dos tempos, não contradiz a idéia do livre arbítrio, pois Seu conhecimento não induz a pessoa a tomar tal atitude; pelo contrário, o fato de a pessoa assim escolher e agir faz com que D'us tenha conhecimento do ato.

Maimônides diz que o conhecimento humano não consegue captar a sabedoria Divina, pois esta está completamente distante de nossa concepção por sermos limitados em espaço e tempo. O intelecto humano consegue captar tão-somente aquilo a que estamos acostumados. Porém, a sabedoria Divina é ilimitada, sendo-Lhe possível, ao mesmo tempo, conhecer o futuro em detalhes e, por outro lado, dar o total e completo livre arbítrio ao homem.

Um exemplo para entender esta idéia: se alguém conhece os fatos do passado, seu conhecimento não faz com que os fatos ocorram; pelo contrário, sabe algo porque aquilo realmente ocorreu. Seu conhecimento é uma consequência, não uma causa. Para D'us, para Quem passado, presente e futuro ocorrem ao mesmo tempo (pois Ele não está limitado pelo tempo e espaço), Seu prévio conhecimento é como o nosso conhecimento do passado.

Isto se aplica às ações das pessoas, que não são determinadas por D'us e, sim, consequência do livre arbítrio de cada um. Porém, várias facetas da vida humana são determinadas por D'us desde antes do nascimento de cada um: se será rico ou pobre, com quem irá casar, como será sua vida material, etc.

Estes fatos não são apenas conhecidos previamente por D'us, mas por Ele predeterminados. Esta predeterminação não influi, porém, nas ações, pois em qualquer situação material em que a pessoa se encontre, D'us lhe dá forças espirituais suficientes para que cumpra Torá e mitsvot - depende apenas de sua vontade e esforço.

E assim disseram nossos sábios: "Tudo está nas mãos de D'us, menos o temor a D'us (e o serviço a D'us)."

Verdade e consequências

por Rabi Herbert J. Cohen, PhD.

"Atire a primeira pedra" é a ordem dada à testemunha que depõe em um caso de pena capital. Na porção desta semana da Torá, aprendemos que se a pessoa dá testemunho que garante a imposição da pena de morte por apedrejamento, então a própria testemunha torna-se o executor (Devarim 17:6-7). Ele cumpre parte da pena de morte atirando a primeira pedra. Por que é assim?

A resposta talvez esteja em nosso entendimento de como um judeu estudioso e cumpridor da Torá deveria agir e pensar. A lei judaica nos diz que se alguém tem provas em um caso de crime

capital, é seu dever adiantar-se à corte e contar aquilo que sabe. Entretanto, esta evidência deve ser incontroversa. Deve estar absolutamente certo da verdade de sua declaração, não apenas porque suas palavras condenarão, como também terá que agir baseado em seu testemunho.

Portanto, a testemunha é intimamente compelida a pesar cuidadosamente suas palavras, para ter certeza de que aquilo que diz representa aquilo que viu. A testemunha não poderá depor e depois afastar-se, indiferente às consequências de suas declarações. Precisa entender no âmago de seu coração que suas palavras terão um efeito cuja repercussão vai muito além do tribunal.

O que a Torá está nos dizendo implicitamente é que temos de ser extremamente cautelosos antes de acusar alguém de algo errado. Nossos Sábios dizem-nos para sermos "deliberados no julgamento" (Pirkê Avot 1:1). Eles nos encorajam a sermos lentos em condenar. Não julgue rapidamente, pois uma declaração que tenhamos entendido erradamente pode causar dano irreparável a outra pessoa.

Que sejamos extremamente cuidadosos quanto à veracidade daquilo que falamos, e consideremos as consequências de nossas declarações.

Sem subornos

por Michael Alterman

A Torá ordena, no início da porção desta semana, que é proibido para um juiz aceitar qualquer suborno, como explica o versículo: "O suborno cegará os olhos do sábio e distorcerá as palavras do justo" (Devarim 16:19).

Rashi comenta ainda que esta injunção aplica-se a todos os casos a qualquer tempo, mesmo se o juiz ainda planeja julgar o caso corretamente. Tal lei, entretanto, parece difícil de entender, pois se uma pessoa tem certeza absoluta de que o suborno que está aceitando não terá efeito adverso algum sobre seu julgamento, então por que não lhe seria permitido aceitar um presente de um litigante? O que está errado em receber algum dinheiro "por fora"?

Para responder a isso, o Talmud (Tratado Ketubot 105b) oferece uma profunda intuição na psicologia humana. Nossos Sábios ensinam que assim que a pessoa aceita um suborno, sua opinião automaticamente inclina-se a favor do argumento daquele litigante, a tal ponto que torna-se praticamente impossível permanecer emocionalmente isento. Com efeito, o juiz e o litigante tornam-se uma só pessoa, pois seu raciocínio e opiniões estão intrinsecamente ligados. De repente, o juiz fica incapaz de ouvir o outro lado da questão, pois tornou-se pessoalmente envolvido no caso. Como resultado, mesmo se o juiz pretende realmente decidir de forma correta, pois é incapaz de enxergar a si mesmo como culpado, achará muito mais difícil decidir contra a pessoa que pagou-lhe o suborno. O juiz tornou-se cego.

À primeira vista, a pessoa pode pensar que isso tudo é muito interessante mas totalmente desconectado com a vida cotidiana e as decisões comuns tomadas por pessoas normais. Pode-se pensar que apenas juizes e aqueles de grande influência precisam preocupar-se com problemas de nível tão elevado.

Entretanto, nada poderia estar mais longe da verdade. Quando tentamos tomar decisões em nossas próprias vidas, enfrentamos preconceitos debilitantes similares, que nos cegam à adoção de novas idéias que poderiam aplicar-se àquilo que estivemos fazendo até agora. Deixamos de considerar se estamos ou não agindo corretamente, pois é sempre mais fácil manter o status quo.

Nesta maneira auto-destrutiva, nosso conforto com a situação já estabelecida nos "suborna" a decidir não fazer quaisquer melhoramentos em nossa personalidade e comportamento, antes mesmo que possamos considerar seriamente esta idéia.

Acabamos de entrar em Elul, o mês hebraico que precede Rosh Hashaná. É um período designado para introspecção e teshuvá, um mês no qual devemos considerar cuidadosamente o que realizamos no ano que passou, e o que esperamos realizar no futuro. É tempo de abirmos os olhos em busca da verdade, de afastar todos os preconceitos e obstáculos que nos impedem de pensar claramente. Com isso em mente, estaremos adequadamente preparados de começar de novo no ano vindouro, e sermos capazes de empenharmo-nos muito além dos "subornos" que tão drasticamente impedem nosso crescimento espiritual.

Sejamos juízes de nós mesmos.

Criando um receptáculo

O que é seu ninguém tira. Às vezes estas palavras ou algo com o mesmo sentido é dito com um olhar sério ou com o dedo em riste. Outras vezes, a declaração pretende assegurar que tudo (de bom) que estiver destinado a você, você receberá; ninguém pode tirar de você aquilo que lhe está destinado.

Um de nossos grandes sábios, Ben Azzai, declarou no Talmud: "Você será chamado por seu nome, sentará em seu lugar, receberá aquilo que é seu. Ninguém toca naquilo que está destinado a outro. Nenhum reino toca o vizinho, nem mesmo num fio de cabelo." (Yoma 38 a-b).

Aquilo que está destinado a ser seu, será seu. Isso se aplica a encontrar a alma gêmea, receber promoções e bônus, figurar no quadro de honra.

Então de que adianta – perguntaria você – tentar? Para que se esforçar, trabalhar duro e gastar o tempo em algo que está "vindo para você", de qualquer forma?

A declaração de Ben Azzai não pretende nos encorajar a permanecer sentados, relaxando, esperando que tudo aconteça. Pois, para receber realmente tudo que nos pertence, é preciso trabalhar. Às vezes este trabalho é físico. Às vezes é intelectual. O tempo todo é espiritual: prece, auto-desenvolvimento, mitsvot. Todos estes esforços ajudam a pessoa a aprofundar e ampliar o "recipiente" no qual D'us pode "despejar" as bênçãos Divinamente pré-ordenadas.

Mas para começar, deve-se fazer um "recipiente" para as próprias bênçãos Divinas. A pessoa deve fazer um recipiente dentro de si que esteja preparado para conter a bondade Divina que lhe é devida. Cumprir mitsvot fornece o material e o know-how para construir o recipiente. Este é criado pelas mitsvot que são feitas para cumprir a vontade de D'us, não a nossa, mas a Dele. Ao

anular a própria vontade, a pessoa cria um receptáculo vazio. E um receptáculo vazio tem mais espaço no qual as bênçãos podem ser canalizadas que um recipiente repleto ou parcialmente cheio.

O conceito de criar um recipiente para a bênção de D'us, acrescentando-se mitsvot ao repertório de mitsvot de alguém, ou cumprindo mais escrupulosamente uma mitsvá, é uma sugestão recorrente nos ensinamentos do Rebe. Mais que simplesmente "Você faz uma para mim e eu farei uma para Você", cumprir mitsvot cria um "tanque de mitsvot", e um "baú do Tesouro de Torá" que pode ser enchido com o bem ilimitado e bênçãos de D'us: Infinito e Ilimitado.

49 - Parashat Ki Tetsé

Deuteronômio 21:10-25:19

Desposar uma Mulher Cativa

Moshê continuou a ensinar as mitsvot que se aplicam à época em que o povo judeu vive em Erets Yisrael. Nestas, incluem-se mandamentos a respeito da agro-pecuária e cuidado com animais; sobre vestuário, vida familiar e comportamento comunitário.

Moshê também repetiu algumas mitsvot que não eram novas, a fim de explicá-las mais ampla e profundamente. Por exemplo: um judeu não pode vestir shatnez (uma mistura de lã e linho); deve atar tsitsit a uma vestimenta de quatro cantos; e não se pode utilizar pesos e medidas adulterados. Explicaremos agora algumas das novas mitsvot.

Yefat Toar

Durante uma guerra, o exército judaico às vezes captura inimigos e os mantém como reféns. O que acontece se um soldado judeu vê uma mulher cativa e deseja casar-se com ela?

D'us disse: "Se Eu proibir os judeus de se casarem com não judias cativas, alguns soldados podem não conseguir derrotar seu yetzer hará (mau instinto). Eles pecarão, de qualquer maneira. Portanto, permitirei isto; contudo, eles devem observar leis especiais, bastante difíceis. Assim, talvez o soldado mude de idéia."

Que leis são estas? As leis de yefat toar aplicam-se apenas sob a liderança de um rei judeu; atualmente, elas não se aplicam:

1. Quando o soldado judeu levar a yefat toar, a cativa de guerra, à sua casa, ela deve raspar todo o seu cabelo.

Por que D'us ordenou isto? Talvez o soldado tenha se sentido atraído pela sua beleza. Ao raspar seu lindo cabelo, ele poderia não desejá-la mais.

2. Ela deve deixar suas unhas crescerem, para que tenham uma aparência horrível.

3. Ela deve despir-se de suas belas vestimentas.

O soldado agora olharia para ela e se perguntaria: "Como pude sequer pensar em casar-me com ela, em vez de com uma mulher

.....
judia? Ela não é tão bela quanto pensei. Estava errado em querê-la! Ele talvez a deixe ir, agora.

Contudo, se ainda a quisesse como esposa, ela permanece em sua casa por um mês. Ela deve se preparar para ser uma guiyoret (convertida). Somente após a conversão um judeu poderia casar-se com ela.

Durante esse mês, ela deveria prantejar seus pais, os quais estava deixando. O soldado a veria chorando e infeliz. Isto poderia fazê-lo pensar: "Será que eu realmente preciso de uma mulher assim? Afinal de contas, talvez seja melhor não me casar com ela!"

Se ele ainda a quisesse, e ela concordasse em tornar-se judia, o Bê Din (tribunal) a tornaria guiyoret após um mês. Ela deveria observar todas as mitsvot, e ser tratada como qualquer mulher judia.

No passado, era permitido a um homem ter mais de uma esposa. Se esse soldado já tivesse uma esposa judia, a cativa tornava-se sua segunda esposa. A Torá, através de uma alusão, adverte que ele provavelmente odiará a yefat toar, a cativa de guerra. Como sabemos disto?

Porque o próximo assunto do qual a Torá fala é sobre um marido que tem duas esposas e odeia uma delas. Quando o soldado viu a yefat toar pela primeira vez, ficou cego por sua beleza. Não levou em conta se ela seria ou não uma esposa adequada para si. Uma vez casado, começou a pensar: "Como pude querer essa moça? Ela não é tão fina, delicada e educada como uma esposa judia deve ser!" Ele se lamentaria e se arrependeria de ter se casado com ela, até que, finalmente, começaria a odiá-la.

Se isso acontecesse, ele poderia pensar: "Farei dela uma escrava! Ou talvez a venda como escrava!" Mas a Torá o proíbe de agir assim: "Você a tomou por esposa, agora, deve tratá-la bem!"

A Herança do Primogênito e o Filho Rebelde

O Primogênito

Um homem pode ter duas esposas e não gostar de uma delas. O que acontece se seu filho primogênito é da esposa da qual ele não gosta? O pai pode não querer legar-lhe seu duplo quinhão de primogênito. Em vez disso, pode querer dar a porção dupla ao filho de sua esposa favorita. A Torá o proíbe de agir desta forma. Um pai não pode negar ao primogênito a parte da herança que lhe cabe.

Porque esta lei aparece na Torá após o tema da yefat toar?

A Torá indica que mesmo que um judeu pudesse eventualmente odiar a yefat toar, ele deveria tratar o primogênito que ela porventura lhe desse de maneira justa e equânime.

A seguir, a Torá explica as leis do filho rebelde. Isto é uma indicação de que a yefat toar poderia dar à luz um filho assim.

Ben Sorer Umorê: O Filho Rebelde

O que é o "ben sorer umorê"?

Um exemplo: Um rapaz se torna bar-mitsvá, e nos três meses seguintes, rouba dinheiro de seu pai. Com esse dinheiro, compra carne e vinho. Ele passa o tempo com pessoas de má índole, e na presença delas, devora carne semicruda, enfiando-a goela abaixo, e traga o vinho sufregamente.

Duas pessoas testemunharam seus atos. Elas tentaram dissuadi-lo para não comportar-se de forma tão rude e grosseira. Se o rapaz não se corrigir, os pais podem levá-lo a um Bê Din de três juizes, a fim de contar-lhes o que aconteceu. Os juizes ordenam que o jovem seja açoitado (malkot), com o propósito de melhorar seu comportamento. Todavia, o jovem reincide em seus erros. Rouba novamente, empanturra-se de carne e embriaga-se de vinho, de maneira indecente, na frente de seus amigos.

Seus pais agora o levam à presença de um Bê Din de vinte e três juizes. Se determinadas condições forem preenchidas, o rapaz é condenado à morte. Ele é chamado de "ben sorer umorê". Será que esse jovem merece morrer, só porque roubou dinheiro e empanturrou-se de carne?

D'us disse: "É verdade, até agora ele é culpado apenas de pequenos delitos. Porém se ele continuar a viver, tornar-se-á um ladrão e assassino! É melhor que morra jovem, do que cometa pecados mais graves."

Alguma vez um jovem judeu foi condenado à morte por ser ben sorer umorê?

A resposta é: Não! Jamais foram preenchidas todas as condições necessárias. Por exemplo: o rapaz não pode ser condenado à morte se roubou dinheiro de outra pessoa, que não seu pai. Tampouco pode ser sentenciado à morte se não ingerir a comida da maneira como nossos sábios chamam de "repugnante". Além disso, se o rapaz ainda não tem idade de bar-mitsvá, ou se já decorreram três ou mais meses desde seu bar-mitsvá, as leis de ben sorer umorê não são aplicáveis.

Se esse caso realmente nunca aconteceu, porquê D'us pôs esse assunto na Torá?

D'us queria que estudássemos estas leis por dois motivos. O primeiro é para sermos recompensados por as termos estudado. E o segundo é para que aprendamos uma lição. Por exemplo: Os pais podem preferir ser lenientes com a desobediência e gula de uma criança. Podem considerar sua má conduta como relativamente inócua. A Torá, contudo, proclama: "Não tolere seu comportamento! Não o declare inocente! É necessário intervir!"

Essa questão desta forma ensina aos pais a obrigação de educar seus filhos no caminho da Torá e mitsvot, e a repreendê-los; e também inculcar neles os elevados e virtuosos valores judaicos. Quando jovens, crianças não gostam dessas restrições; mas, um dia, serão gratas a seus pais. Por isso, foram ensinadas a seguir o caminho correto, tornarem-se judias cujas vidas são pautadas pela Torá; disciplinadas, atenciosas e prestativas. Foram educadas para verdadeiramente aproveitar a vida. Uma criança mimada e egoísta transformar-se num adulto infeliz. Todavia, uma criança que se transforma num adulto realizado, decidirá: "Educaréi meus filhos da mesma maneira!"

.....
O rei Salomão admoesta (Mishlê, 1:8): "Shemá bení mussar avicha, ve al titosh torat imecha" - "Ouça, meu filho, os conselhos de teu pai, e não te afastes dos ensinamentos de tua mãe."

Devolução de Objetos Perdidos

A Mitsvá de Hashavat Avedá

Se alguém encontrar um objeto perdido, é mitsvá devolvê-lo ao proprietário. Contudo, se o objeto vale menos que uma perutá (cerca de dez centavos de real), não é necessário devolvê-lo. Também não é preciso devolver algo que o dono não possa identificar.

Um exemplo: você encontra uma nota de R\$100,00 no chão. Todas as notas de R\$100,00 se parecem, e o dono, provavelmente, não a reconhecerá. Portanto, o dinheiro é seu. Se o dinheiro, porém, estiver dentro de uma carteira, deve-se guardar a carteira com o dinheiro, até que o dono a reclame. Antes de devolvê-la, pede-se que o dono descreva a carteira. Se a descrição for correta, esta precisa ser devolvida. Colocam-se avisos pela vizinhança, notificando o fato de ter encontrado uma carteira. Não se pode usar a carteira, mesmo se o dono nunca a reclamar.

A mitsvá de devolver os objetos perdidos "aparece" em nossa vida com frequência. É uma oportunidade de cumprir mais uma mitsvá!

Na época do Bet Hamicdash havia um local fora de Yerushalayim, para guardar objetos perdidos. Quem achasse um objeto, poderia ir até lá e anunciar seus achados; e os que perdessem algo, poderiam lá reclamar suas perdas. Após a destruição do Templo, proclamas de achados e perdidos eram realizados nas sinagogas e Batê Midrashim (casas de estudos).

Histórias

Como Nossos Sábios Cumpriam esta Mitsvá

Certa vez, Rabi Shemuel bar Susretei viajou a Roma. Lá, ouviu um servo real proclamar: "A rainha perdeu um bracelete precioso! Quem quer que o encontre dentro de trinta dias receberá uma recompensa de 1000 peças de ouro. Se o bracelete for encontrado em posse de alguém após os trinta dias, ele será morto!"

A rainha tinha certeza de que a recompensa em moedas de ouro seria um incentivo para que procurassem o bracelete. Esperava que em breve alguém o encontrasse e devolvesse.

Um belo dia, Rabi Shemuel estava andando na praia, quando avistou algo brilhando na areia. O bracelete perdido! Rabi Shemuel guardou o bracelete até que os trinta dias findassem. Só então ele o devolveu à rainha.

"Você sabe que há uma punição por devolver o bracelete após trinta dias?"

"Sim," respondeu Rabi Shemuel.

"Porquê, então, você esperou tanto antes de devolver o bracelete?" perguntou ela.

"Queria mostrar a você," explicou Rabi Shemuel, "que a razão de eu ter devolvido o bracelete não é porque a temo, mas porque temo a D'us!"

"Louvado seja o D'us dos judeus!" exclamou a rainha.

A mitsvá de hashavat avedá aplica-se quando trata-se de um proprietário judeu. Contudo, é uma obrigação judaica devolver um objeto perdido a qualquer pessoa, pois nosso comportamento em todas as esferas da vida deve ser o de fazer kidush Hashem (santificar do nome de D'us).

Nossos sábios nos contam também acerca da extraordinária maneira como Rabi Pinchas ben Yair cumpria essa mitsvá. Certa vez, dois judeus deixaram com ele duas medidas de grãos de trigo. Rabi Pinchas semeou-os, e depois armazenou a colheita em seus silos. Sete anos depois, os dois judeus retornaram.

Rabi Pinchas mostrou-lhes um armazém repleto de grãos e disse-lhes: "Tudo isto é de vocês!"

Rabi Pinchas ben Yair era um grande tzadic. Ele fez mais do que a mitsvá requeria. Teria sido suficiente se ele simplesmente guardasse o trigo. Ou, se o trigo estivesse começando a se estragar, ele poderia ter vendido o trigo e entregue o dinheiro aos proprietários.

A Mitsvá de Ajudar um Judeu a Carregar seu Animal

Se uma pessoa está viajando por uma estrada, e percebe um companheiro judeu cujo animal arriou, devido à pesada carga em suas costas; ela não deve continuar a viagem, mas sim, parar e ajudar o proprietário a descarregar o fardo que está sobre o animal. Também é uma mitsvá ajudar um judeu a carregar seu animal.

O que acontece se o dono do animal disser: "Por favor, coloque a carga sobre o animal para mim," mas não quiser ajudar?

Não somos obrigados a fazer o todo o trabalho sozinho. Porém, se ele se recusar a ajudar a descarregar, precisamos fazer esta tarefa sozinhos. Já que o animal está sentindo desconforto e sofrendo, devemos fazer de tudo para evitar tzaar baalê chaim, causar sofrimento a um ser vivo. Neste caso, contudo, pode-se exigir pagamento por este trabalho.

A Torá quer que colaboremos com um judeu que necessita de auxílio.

Vestimentas Apropriadas

Um homem judeu não pode vestir trajes ou jóias normalmente utilizados por mulheres, e uma mulher não pode usar roupas masculinas.

"Lo yihyê kli guever al ishâ, velo yilbash guever simlat ishâ"; "Não haverá traje de homem na mulher, e não usará o homem vestimenta de mulher." (Ki Tetzê, 22:5)

A Torá quer que respeitemos e preservemos a distinção que D'us criou entre os sexos. A proibição impede um homem de vestir-se como mulher a fim de misturar-se com mulheres, e vice-versa, evitando, assim, imoralidade e promiscuidade, abominadas por D'us.

De acordo com o Midrash, armas são consideradas artigos masculinos; portanto, mulheres são proibidas de carregá-las. (Mesmo sem carregarem armas, a Torá proíbe a presença de mulheres no exército, uma vez que esta mistura leva à devassidão. Nota: Em Israel há jovens religiosas que servem o país desempenhando outras funções que valem como serviço militar e que não infringem a Torá.)

Afastar o Pássaro-Mãe de seu Ninho

Kan Tzipor

Se um judeu quiser pegar os ovos ou os filhotes de um ninho, ele deve, antes, afugentar o pássaro-mãe. Se a ave retornar, ele precisa afugentá-la novamente. Não é permitido pegar os ovos ou os filhotes do ninho enquanto a mãe ainda estiver perto. Esta mitsvá se aplica apenas às aves selvagens casher. Se alguém cria patos ou galinhas em seu quintal, pode pegar os ovos.

A Torá não nos diz porque temos de afugentar a mãe do ninho. Uma explicação é que D'us não quer que destruamos uma família inteira de pássaros de uma vez. Do mesmo modo, Ele proibiu-nos de abater a mãe de um animal e suas crias no mesmo dia. Estas mitsvot nos ensinam a sermos misericordiosos.

Outra explicação é que a mãe-pássaro fica muito triste ao ser separada de seu ninho. Ela chora de sofrimento, despertando, assim, a misericórdia de D'us. Por conseguinte, D'us é misericordioso com todos os que por Ele clamam.

Contudo, não precisamos de uma explicação para cumprirmos uma mitsvá. Ao realizar uma mitsvá, devemos pensar: "Fazemos a mitsvá porque D'us a ordena!"

Qual a recompensa da mitsvá de afugentar a mãe do ninho? A Torá promete: "Será bom para ti. Terás uma vida longa."

Que outra mitsvá da Torá promete vida longa? A mitsvá de honrar os pais.

É muito mais difícil cumprir a mitsvá de honrar os pais que a de afugentar a mãe do ninho. A mitsvá de kibud av vaem (honrar pai e mãe) demanda muito mais tempo e dedicação!

Afugentar a mãe do ninho, em comparação, é bem mais simples. Não constitui grande esforço, e leva só alguns instantes.

Como a Torá pode prometer a mesma recompensa tanto para uma mitsvá difícil como para uma fácil?

O seguinte mashal, parábola, nos ajudará a compreender.

O Jardim do Rei

Um rei possuía um lindo jardim, com diversas espécies de árvores, como laranjeiras, macieiras e pereiras. No jardim também cresciam plantas raras, e verduras fresquinhas. O rei contratou jardineiros para cuidarem do jardim. Cada jardineiro era responsável por uma planta.

Ao término de um mês, o rei mandou que todos os jardineiros se apresentassem, pois ele iria lhes pagar. O rei perguntou ao primeiro jardineiro: "De que planta você cuidou?"

"Da pimenteira," respondeu o operário.

"Por isso, você receberá uma moeda de ouro," disse-lhe o rei. Satisfeito, o trabalhador recebeu seu salário e saiu.

"Você cuidou de que planta?" perguntou o rei ao próximo trabalhador.

"Cuidei das esplêndidas flores brancas," replicou o jardineiro.

"Por isso, você receberá meia moeda de ouro," disse o rei.

Ao questionar o terceiro jardineiro, este respondeu que cultivara a oliveira.

"A oliveira me é muito cara," disse o rei. "Você receberá duzentas moedas."

E desse modo, o rei pagou todos os jardineiros. Alguns receberam altos salários, outros bem menos. Não demorou muito para que os jardineiros comessem a discutir e brigar entre si.

"Sua Majestade," reclamaram, "porque não nos disse o salário para cada planta antes que começássemos a trabalhar? Assim, poderíamos ter escolhido com quais plantas trabalharíamos!"

"É exatamente por isso que não lhes revelei seu salário de antemão," sorriu o rei. "Preciso de todas as plantas deste jardim. Se eu tivesse lhes dito que o pagamento para determinadas plantas é menor, ninguém se daria ao trabalho de cultivá-las."

A Lição da Parábola

D'us quer que cumpramos tantas mitsvot quantas forem possível. Se Ele nos tivesse dito de antemão a recompensa para cada mitsvá, as pessoas se dedicariam mais para cumprir as mitsvot de maior relevância, e negligenciariam as de menor recompensa. Para nos mostrar que não devemos tentar calcular que mitsvá é mais "valiosa", D'us nos dá a conhecer que ambas as mitsvot, honrar os pais e afugentar a mãe do ninho têm a mesma relevância. Disto aprendemos que não podemos saber a recompensa de cada mitsvá. Isto nos ajuda de duas maneiras:

1. Cumpriremos igualmente todas as mitsvot.
2. Cumpriremos as mitsvot leshem shamayim, para cumprir a vontade de D'us, e não por termos alguma recompensa em mente.

Fazer Cercas em Áreas Perigosas

Maakê – Construir Cercas em Áreas Perigosas

Moshê ordenou: "Se você se mudar para uma casa com laje ou varanda que utilizará, deve imediatamente construir uma forte cerca protetora que a circunde."

A cerca deve ter no mínimo dez tefachim (80 cm) de altura.

D'us protege os tsadikim de qualquer infortúnio. Não obstante, temos de tomar precauções contra acidentes, pois D'us quer que ajamos de acordo com as leis da natureza, que Ele criou.

Também é proibido que alguém deixe largados em sua propriedade objetos perigosos ou que ofereçam riscos, tais como uma escada quebrada. Esta mitsvá também se refere a qualquer situação perigosa, como piscinas ou escadas altas.

.....
Se alguém ferir-se ou morrer porque um proprietário não tomou as devidas precauções, este é culpado pelo acidente; apesar de que nenhum acidente ocorre acidentalmente", ou seja, sem o consentimento Divino. Não obstante, somos advertidos para não sermos os agentes culpados de algum infortúnio.

Histórias

Nossos Sábios Preocupavam-se com a Segurança

Certa vez, na cidade de Nahardaya, em Bavel, havia um muro instável. Contudo, as pessoas passavam perto dele. Elas asseveravam umas às outras, dizendo: "Este muro está assim há treze anos, e nunca ocorreu nenhum acidente. Provavelmente, é seguro!"

Todavia, dois sábios, Rav e Shemuel recusavam-se a andar rente ao muro. "É perigoso," diziam. Eles sempre se desviavam de seu caminho, para não passar perto do muro.

Um dia, Rav Ahada bar Ahava, que era um grande tsadic, visitou os chachamim (sábios).

Os três saíram juntos, e chegaram perto do muro. Shemuel disse a Rav: "Vamos circundá-lo, como sempre fazemos."

Rav replicou: "Desta vez não será necessário, pois Rav Ahada está conosco. Seu zechut (mérito) é tão grande que tenho certeza de que nenhum mal nos sucederá."

Outro sábio, Rav Huna, estava preocupado com sua adega. As paredes estavam tão vacilantes que ele temia entrar na adega. Mas era uma pena desperdiçar tantos barris de vinho. Se as paredes ruíssem, esmagariam os barris, e o vinho se perderia.

"Como posso retirar o vinho em segurança?" perguntou-se Rav Huna. Então, teve uma idéia: "Sei que as paredes não tombarão enquanto o tsadic Rav Ahada lá permanecer. Vou chamá-lo."

Rav Huna convidou Rav Ahada à sua casa. Eles discutiram sobre assuntos da Torá. Rav Huna e seu convidado adentraram a adega, enquanto continuavam a falar de temas da Torá. Rav Huna fez sinal para que seus criados removessem os barris para fora. Assim que a adega foi evacuada, Rav Huna conduziu seu inocente amigo para fora. Neste instante, as paredes ruíram! Quando Rav Ahada percebeu que foi usado para salvar o vinho de seu anfitrião, ficou aborrecido:

"Você correu um grande risco," reclamou para Rav Huna. "Não sou um tsadic perfeito. Poderíamos ambos termos sido soterrados sob os escombros! Ninguém pode colocar-se numa situação de perigo e então confiar num milagre que o salvará!"

Vemos dessa história que Rav Huna não se considerava um tsadic fora do comum. Era um homem muito humilde, a despeito de sua grandeza. O Talmud nos conta muitas coisas maravilhosas sobre Rav Huna. Em seus últimos anos, sempre que havia uma forte tempestade, costumava percorrer a cidade numa carruagem. Ele inspecionava todas as casas, para verificar quais delas eram seguras. Quando avistava uma parede cujas estruturas estavam abaladas, aconselhava o proprietário a reconstruí-la. Com frequência, Rav Huna encontrava um pobre cuja choupana era

frágil. Caso o pobre lhe dissesse: "Não posso arcar com as despesas de uma reforma." Rav Huna contribuía com seu próprio dinheiro para reconstruir a casa.

Mitsvá Goreret Mitsvá

Dizem nossos sábios: Um pecado leva a outro, uma mitsvá atrai outra.

Como as mitsvot desta parashá estão relacionadas umas às outras?

A parashá começa com o tema da yefat toar. Se um judeu se casar com uma yefat toar, ele terá duas esposas. Elas discutirão, e o marido logo odiará uma delas. A yefat toar provavelmente dará à luz um ben sorer umorê (filho rebelde).

O início da parashá nos mostra como uma averá leva à outra.

Analogamente, mitsvot conduzem a mais mitsvot.

Se alguém cumpre a mitsvá de afugentar o pássaro-mãe de seu ninho, D'us o recompensará com uma casa. Então, ele terá a chance de cumprir a mitsvá de construir uma cerca de proteção (maakê). Em decorrência disto, D'us lhe dará campos, onde cumprirá a mitsvá de kilayim (não semear duas espécies diferentes juntas). D'us, então, lhe concederá animais, com os quais cumprirá a mitsvá de não arar sua plantação usando dois animais diferentes, atrelados juntos.

Como recompensa, D'us lhe dará roupas com as quais poderá agora cumprir a mitsvá de tsitsit. E assim a lista continua.

Casamentos Proibidos

Moshê continuou a explicar as leis sobre a vida familiar judaica.

Geralmente, é permitido casar-se com um não judeu, homem ou mulher, desde que ele(ela) tenha se convertido ao judaísmo conforme a Halachá, Lei Judaica e passa a cumprir todas as mitsvot. Contudo, há exceções, como veremos na tabela abaixo.

Casamentos Entre Judeus e Não Judeus

Nação	Guer (Convertido)	Guiyoret (Convertida)
Amon	Proibido	Permitido
Moav	Proibido	Permitido
Edom	Permitido na 3ª geração	Permitido na 3ª geração
Egito	Permitido na 3ª geração	Permitido na 3ª geração

Explicando a tabela:

Convertidos de Amon e Moav

Moshê explicou: " Os amonim e moavim são descendentes de Lot, sobrinho de Avraham. Lot devia sua vida a Avraham. Avraham resgatou-o quando foi capturado pelos quatro reis que conquistaram Sedom. O mérito de Avraham também salvou Lot quando os perversos de Sedom foram destruídos.

"Amon e Moav deveriam ter sido bondosos e solícitos com Benê Yisrael, pois devem sua própria existência a Avraham. Ao invés disso, foram cruéis. Quando Benê Yisrael aproximaram-se das terras de Amon e Moav, o povo não ofereceu pão e água a Benê Yisrael. Eles não sabiam que os judeus tinham o man e o poço de água de Miriam. Sabiam que Benê Yisrael estavam cansados e famintos, porém recusaram-se a oferecer-lhes hospitalidade. Moav chegou até a contratar o feiticeiro Bil'am para maldizer Benê Yisrael. Como tinham mau caráter D'us não queria que o povo judeu se casa-se com eles."

Mas porque é permitido que suas mulheres convertidas casem-se com judeus?

As mulheres moabitas e amonitas não têm culpa de terem negado hospitalidade. Não seria um ato de recato as mulheres terem saído para saudar estrangeiros com alimentos. Isto era uma obrigação exclusiva dos homens, não das mulheres. Outro motivo pelo qual D'us proíbe o casamento com amonitas e moabitas é porque, em Shitim, eles enviaram suas filhas para que Benê Yisrael caíssem em tentação e pecassem. Tentar destruir o povo judeu espiritualmente é muito mais grave sua destruição física.

Convertidos de Edom

Convertidos de Edom, homens ou mulheres, podem casar-se com outros convertidos (de sua nação ou de uma outra diferente), mas não com um judeu de nascimento. Seus filhos também só poderão casar-se com guerim. Mas seus netos, homens e mulheres, podem casar-se com judeus natos.

Por quê?

Os edomitas são descendentes de Essav. São parentes próximos de Benê Yisrael, e têm o mérito de descender dos santos filhos de Avraham. Por este motivo, D'us releva o mal que fizeram a Benê Yisrael. Quando Benê Yisrael se aproximou do país de Edom, os edomitas mobilizaram seus exércitos. Agiram belicosamente, pois foram ensinados por seus antepassados que Yaacov tomou a primogenitura de Essav.

A Terceira Geração de Convertidos Egípcios

Assim como os edomitas, os convertidos egípcios precisam aguardar até a terceira geração para casar-se com judeus natos. Transcorridas essas gerações, eles poderiam casar-se com Benê Yisrael.

Isto é surpreendente. Acaso os egípcios não escravizaram nosso povo? Acaso não causaram enorme sofrimento ao Povo de Israel? Como lhes é dada esta permissão?

Quando Yaacov e sua família desceram ao Egito, durante a fome, os egípcios os convidaram a ficar. No princípio, trataram bem os judeus.

Divórcio e Leis sobre Garantia de Empréstimos

O Guet

A Torá não exige que um casal que não se entenda permaneça atado um ao outro até o fim de suas vidas. Mesmo assim, nossos sábios, os mais humildes e pacientes dos homens, toleravam esposas geniosas e irritantes, como nos ilustram os casos a seguir:

A esposa de Rav causava-lhe constantes aborrecimentos. Quando ele lhe pedia que cozinhasse lentilhas, ela cozinava ervilhas, e vice-versa.

Quando seu filho, Chiya, cresceu e começou a levar mensagens de seu pai para sua mãe, compreendeu que deveria invertê-las, para que seu pai recebesse o prato que realmente queria. Rav comentou com seu filho: "Sua mãe melhorou."

"Ela melhorou porque sempre lhe digo o contrário do que você pede," elucidou o garoto.

Apesar de admitir que foi uma ótima idéia, Rav proibiu seu filho de continuar a trocar as instruções. "Ninguém deve acostumar-se a mentir," explicou.

.....
Não obstante a esposa de Rabi Chiya causar-lhe muitos aborrecimentos, ele mesmo assim levava-lhe presentes. Quando Rav indagou a seu filho, Rabi Chiya, o porquê, ele retrucou:

"Ficamos satisfeitos por nossas esposas educarem nossos filhos, e nos salvarem de pensamentos pecaminosos."

Podemos perceber o quão importantes e vitais são a paciência e autocontrole para manter a harmonia no lar (shalom bayit).

Contudo, se um divórcio é inevitável, a Torá ordena um judeu a dar o guet, um documento de divórcio, à sua esposa. Assim como um casamento judaico tem status legal somente se forem realizadas as cerimônias de chupá e kidushin, também um divórcio requer um guet, um documento cujo texto exato envolve muitos detalhes. Qualquer discrepância nas exigências haláchicas no tocante às palavras ou ao estilo invalida o guet.

Se um guet está haláchicamente inválido, a esposa "divorciada" continua a manter seu status de mulher casada. Casar-se com outro marido constitui adultério, e uma criança que nasça deste matrimônio é um mamzer (proibido de se casar com um judeu nato). A fim de evitar danos irreparáveis para as futuras gerações, é de vital importância entrar em contato com um rabino ortodoxo perito em administrar um guet de acordo com a halachá, para que o guet seja válido.

Se o rabino não souber todo o procedimento do divórcio, ele deve indicar ao casal uma autoridade haláchica competente, caso contrário, são inválidos, de acordo com a lei da Torá, e causam tragédias irreparáveis.

O guet protege a santidade do casamento (similarmente ao kidushin, a cerimônia de casamento realizada em público e perante testemunhas). Os diversos detalhes haláchicos de como escrever um guet também impedem que o marido queira, num ímpeto, "divorciar-se" de sua esposa quando, digamos, ele estiver de mau humor.

Se um judeu divorcia-se de sua esposa e esta casa-se novamente, a Torá proíbe que seu primeiro marido case-se de novo com ela, mesmo após a morte do segundo marido, ou se ela divorciou-se dele. Esta proibição impede a possibilidade de trocas previamente combinadas de esposas, sob o manto protetor da legalidade.

Leis Sobre Garantia de Empréstimos

Enumeramos algumas leis da Torá sobre garantias de empréstimos:

*Não se pode aceitar como garantia algo que o comodatário necessite para preparar seus alimentos; por exemplo: a mó que ele utiliza para moer a farinha.

*Também não se pode confiscar do comodatário a faca para shechitá, seu forno, ou qualquer outro objeto necessário para o preparo de refeições.

Se você emprestar dinheiro a alguém e esquecer-se ou não se der ao trabalho de pedir uma garantia, você não poderá exigí-la depois. Em vez disso, você dirá ao Bet Din (tribunal) que emprestou dinheiro a alguém e quer uma garantia. O Bet Din enviará mensageiros que exigirão uma garantia. É proibido ao

mensageiro do Bet Din até mesmo entrar na casa do comodatário. Ele deve esperar do lado de fora até que o comodatário lhe traga a garantia.

*O que acontece se o comodatário for tão pobre que não possua nada valioso para usar como garantia? Ele pode dizer ao cedente: "Você pode reter minhas roupas como garantia." Se ele der seus pijamas, e não tiver outros, a Torá ordena que o cedente devolva os pijamas toda noite. Em seu lugar, o cedente pode reter as roupas diurnas do comodatário durante a noite. De manhã, o cedente pode pegar os pijamas novamente. Se o comodatário der as roupas que veste de dia ao cedente, este poderá retê-las apenas durante a noite, e é obrigado a devolvê-las todas as manhãs.

*Ninguém pode aproveitar-se de um judeu, e fazê-lo sofrer porque deve dinheiro.

A Torá nos inculca traços de caráter positivos.

Se uma viúva pedir um empréstimo, não se pode pedir-lhe garantia. A Torá compreende que a vida de uma viúva é difícil. Não devemos dificultar-lhe ainda mais, pedindo-lhe garantias.

Leis Sobre Garantia de Empréstimos

Enumeramos algumas leis da Torá sobre garantias de empréstimos:

*Não se pode aceitar como garantia algo que o comodatário necessite para preparar seus alimentos; por exemplo: a mó que ele utiliza para moer a farinha.

*Também não se pode confiscar do comodatário a faca para shechitá, seu forno, ou qualquer outro objeto necessário para o preparo de refeições.

Se você emprestar dinheiro a alguém e esquecer-se ou não se der ao trabalho de pedir uma garantia, você não poderá exigí-la depois. Em vez disso, você dirá ao Bet Din (tribunal) que emprestou dinheiro a alguém e quer uma garantia. O Bet Din enviará mensageiros que exigirão uma garantia. É proibido ao mensageiro do Bet Din até mesmo entrar na casa do comodatário. Ele deve esperar do lado de fora até que o comodatário lhe traga a garantia.

*O que acontece se o comodatário for tão pobre que não possua nada valioso para usar como garantia? Ele pode dizer ao cedente: "Você pode reter minhas roupas como garantia." Se ele der seus pijamas, e não tiver outros, a Torá ordena que o cedente devolva os pijamas toda noite. Em seu lugar, o cedente pode reter as roupas diurnas do comodatário durante a noite. De manhã, o cedente pode pegar os pijamas novamente. Se o comodatário der as roupas que veste de dia ao cedente, este poderá retê-las apenas durante a noite, e é obrigado a devolvê-las todas as manhãs.

*Ninguém pode aproveitar-se de um judeu, e fazê-lo sofrer porque deve dinheiro.

A Torá nos inculca traços de caráter positivos.

Se uma viúva pedir um empréstimo, não se pode pedir-lhe

.....
garantia. A Torá compreende que a vida de uma viúva é difícil. Não devemos dificultar-lhe ainda mais, pedindo-lhe garantias.

As Mitsvot de Yibum

Quando um homem morre sem ter deixado filhos, a Torá ordena que seu irmão case-se com a viúva. Isto se chama um casamento yibum.

Se deste matrimônio nascer um filho, ele é considerado filho do falecido irmão. Sua alma encontra descanso e consolo no Gan Eden por causa do nascimento desta criança. Este filho herda as propriedades do falecido. Porém, se o irmão do falecido recusa-se a se casar com a viúva, eles devem dirigir-se ao Bet Din da cidade. A viúva deve descalçar os sapatos de seu cunhado perante os juizes. Ela cospe no chão, na frente do cunhado, e diz: "Isto é o que acontece com aquele que se nega a construir a família de seu irmão!"

Esta cerimônia se chama chalitsá. Após a chalitsá, a viúva está livre para casar-se com quem desejar. Nos casos em que o cunhado e a viúva são realmente incompatíveis, o próprio Bet Din os dissuade de casarem-se.

Atualmente, não se realizam mais casamentos através de yibum. O costume é fazer somente a chalitsá.

A Proibição de Possuir Falsos Pesos e Medidas

A Torá exige que um judeu utilize pesos e medidas perfeitamente exatos e precisos. Não somente é proibido gerir os negócios com pesos incorretos, mas também é proibido tê-los em casa. Aquele que frauda e trapaceia com pesos ou medidas adulterados é odioso e abominável aos olhos de D'us. "Você pode enganar seu próximo, mas não pode enganar a Mim. Assim como Eu sabia quem eram, na verdade, os primogênitos no Egito (inclusive os nascidos fora dos laços matrimoniais), também sei quem é desonesto com os pesos e medidas, e os punirei."

D'us promete que recompensará com abundância material aquele que é meticulosa e cuidadosamente honesto com os pesos e medidas de suas mercadorias.

Relembrando Amalec

A Torá ordena: "Lembre-se do que Amalec fez a você logo após a saída do Egito!" D'us dividiu o Yam Suf (Mar Vermelho) e afogou os egípcios. Todas as nações tremiam, apavoradas. Apenas Amalec ousou atacar. Eles queriam mostrar que D'us é fraco, e destruir Seu povo.

"E naqueles dias você estavam cansados de viajar." Os amalequitas atacaram secretamente, de surpresa, pela retaguarda, os judeus que andavam do lado de fora das Nuvens de Glória.

"Após estabelecer-se em Êrets Yisrael, o rei judeu deve destruir totalmente a nação de Amalec. Não deve poupar uma alma sequer."

Shaul, o primeiro rei de Israel, foi ordenado a guerrear e destruir todos os amalequitas. Ele venceu a guerra e matou todos os

soldados Tomou Agag, o rei amalequita como prisioneiro. Agag implorou a Shaul que este poupasse sua vida. "Tenha misericórdia! Porque devo ser destruído?" suplicou Agag a Shaul.

Shaul sentiu pena de Agag, e deixou-o viver. Shaul também não matou todos os animais dos amalequitas, como a Torá exigia. O erro de Shaul causou trágicos resultados. Para entender melhor, leia a história a seguir.

Uma História

A Erva Vivificante

Um homem que viajava a Êrets Yisrael viu dois pássaros brigando. Ao final, um matou o outro. Apareceu um terceiro pássaro, com uma erva em seu bico. Este colocou a erva sobre o corpo do pássaro morto e algo espantoso aconteceu: o pássaro morto voltou à vida.

"Isto é incrível!" exclamou o homem. Ele correu, para conseguir a erva.

"Agora poderei ressuscitar os judeus mortos em Êrets Yisrael!" declarou alegremente.

O homem colocou a preciosa erva na sua mochila e continuou seu caminho. Pouco depois, avistou uma raposa morta num campo. "Veamos se isto funciona mesmo," pensou, e colocou a erva sobre a raposa. Esta abriu os olhos e saiu andando!

O homem ficou maravilhado. Logo passou por um leão morto à beira da floresta. "Se a erva puder trazer um leão de volta à vida," pensou, "saberei que é realmente poderosa." Colocou a erva sobre o leão. Este levantou-se com um estrondoso rugido. Quando o leão avistou o homem, abriu a boca imediatamente e devorou-o.

O rei Shaul pensou que estava sendo bondoso poupando a vida de Agag. Qual foi o resultado?

Agag teve um descendente, Haman, que tentou aniquilar todo o povo judeu de uma só vez!

É uma mitsvá ler os versículos do final desta parashá uma vez por ano. Nós os lemos no Shabat que antecede Purim. Desta maneira, cumprimos o mandamento da Torá de lembrar o que Amalec fez ao povo judeu. A história de Purim nos conta como Haman, o iníquo e perverso descendente de Amalec quis destruir o povo judeu; mas D'us os salvou. Na época de Mashiach Amalec será completamente destruído.

Um Telhado e Uma Cerca

A porção desta semana da Torá contém um mandamento envolvendo cuidados com o telhado, para que ninguém caia dele. "Quando construir uma nova casa, você deve colocar uma balastrada ou cerca ao redor do telhado. Não permita que uma situação perigosa exista em sua casa, pois alguém pode cair de [um telhado sem proteção].

Uma cerca é colocada ao redor do telhado não apenas para auto-proteção, porém mais ainda para proteger outros de caírem do telhado.

.....
Um telhado – a parte mais alta da casa – indica egoísmo e vaidade. Colocar uma cerca ao redor do telhado significa que alguém deve confinar estes traços indesejáveis. Isso precisa ser feito "pois alguém pode cair [de um telhado não cercado]" i.e., os traços do egoísmo e vaidade estão na raiz de toda queda espiritual; todos os traços negativos derivam deles.

A "cerca" colocada ao redor do egoísmo e vaidade é importante para proteger a própria pessoa dos traços negativos. É importante também à medida em que se relaciona com um judeu; é necessário assegurar que a pessoa não esteja repleta de vaidade quando ao ensinar ou envolver seu irmão judeu com o Judaísmo.

Temos certeza de que a cerca fará seu trabalho, pois a ordem começa com uma bênção e uma ordem: "Construirás uma nova casa." Um judeu pode e deve construir uma casa para D'us, criando um ambiente de Judaísmo. Ele não pode confiar em outros, mas deve construir uma "nova casa" – uma casa que seja somente sua. Uma cerca pode e deve ser feita. A linguagem afirmativa nos assegura que seremos bem sucedidos nesse empreendimento.

Arranjado no Céu

Por Rabi Aryeh Kaplan

Ele sabe que ela é especial. E ela sabe que ele é único. De todas as pessoas no mundo, eles percebem que foram feitos um para o outro. É como se isto tivesse sido estabelecido desde o tempo da criação. E de certa forma, foi mesmo.

Por trás de cada casal que se conhece, há uma cadeia de eventos que volta ao início dos tempos. Se reconstituirmos a cadeia até seu início, descobriremos que na verdade ele remonta à criação.

Veja o seguinte caso:

Ele é apresentado a ela por um amigo. Mas como ele conheceu o amigo? Todos os eventos que o levaram ao encontro desse amigo também devem ser levados em consideração. Digamos que ele conheceu o amigo na escola. Por que ele foi àquela determinada escola? Por que foi atraído àquele amigo em particular? Como ela fez contato com aquele amigo? A resposta pode nos levar a anos, e até gerações, em retrocesso.

Tomemos outro caso:

Ela e ele foram vizinhos durante toda a vida. Então, certo dia, ela percebe que entre todos os homens no mundo, havia nele algo de especial. Mas por que eles viveram um ao lado do outro, para começar? Por que os pais de ambos decidiram comprar casas ali. Mas o que levou os pais a tomar aquela decisão? Talvez idéias que receberam de seus pais. E essas idéias podem ter vindo dos pais de seus pais. Mais uma vez, a cadeia de eventos vai de uma geração a outra.

Vejamos um terceiro caso:

Ela foi do Brasil a Israel para estudar. Ele veio da Austrália numa viagem turística. Um encontro ao acaso e houve um estalo. Eles podem ter vindo de cantos opostos do mundo, mas de alguma forma agora estão juntos.

Sempre que uma pessoa encontra "alguém" especial, é como se ocorresse um milagre. De alguma maneira, por meio de uma sucessão de coincidências e cadeias de eventos, D'us os aproximou. É um milagre que trará felicidade ao casal, e de certa forma, começa a criação de um novo mundo.

Além dos eventos que aproximaram o casal, há também os fatores que fizeram com que eles existissem. Estes também remontam aos primórdios da criação. Isto considerado, vemos todo casamento como tendo sido iniciado ao princípio dos tempos e arremessado para perdurar por gerações por toda a eternidade. Considere por um momento a ancestralidade do rapaz e da moça. Obviamente, cada qual tem dois pais. Volte mais uma geração, e aparecem quatro avós. Mais uma geração, e são oito bisavós. Continue assim, e encontrará dezesseis tetravós, e trinta e dois pais desses dezesseis.

O cálculo torna-se então um pouco mais difícil, especialmente para alguém não especialmente dotado em matemática. Porém os resultados são fascinantes. Alguns minutos com uma calculadora, e torna-se óbvio que voltando-se dez gerações, uma pessoa tem 1024 ancestrais. Vinte gerações, e tem 1.048.576 – mais de um milhão!

Depois disso, os números tornam-se quase absurdos. Depois de trinta gerações, o número de antepassados de uma pessoa seriam mais de um bilhão. Após quarenta gerações, acima de um trilhão! Este último número obviamente é um absurdo. É maior que o número total de pessoas que jamais existiram. Ninguém pode ter mais ancestrais que o número de pessoas. Este número simplesmente significa que as linhas ancestrais se cruzam, e uma pessoa descende do mesmo indivíduo em mais de uma maneira. Voltando a algo em torno de quarenta gerações, a pessoa encontrará os mesmos ancestrais aparecendo uma e outra vez em locais diferentes da árvore genealógica.

Em qualquer caso, leva menos de quarenta gerações para uma pessoa encontrar um número de antepassados maior que a população total do mundo. Porém quarenta gerações não é um tempo impossivelmente longo. Se considerarmos a geração média como sendo 25 anos, quarenta gerações totalizam somente mil anos.

Este é um ponto fascinante. Se voltarmos mil anos ao ancestral de uma única pessoa, descobrimos que esta pessoa poderia descender de todo ser humano vivo naquela época. Colocando isso de outra maneira, seria preciso toda a população do mundo há mil anos para fornecer os ingredientes singulares de hereditariedade e ambiente que produziram aquele único indivíduo do jeito que ele é hoje.

Se alguém contemplar o mundo de mil anos atrás, toda pessoa que vir provavelmente será um ancestral do rapaz ou da moça que estão aqui hoje. Todo casamento que ocorreu há mil anos teria levado a esta pessoa específica como ela é hoje. Se um homem no passado tivesse desposado uma mulher em vez de outra, seus filhos teriam sido diferentes. Isso, por sua vez, teria afetado todas as gerações subseqüentes – até os dias de hoje.

Isto tem implicações impressionantes. Um único casamento mil anos atrás poderia ter mudado cada pessoa viva hoje. Um casamento é, portanto, um evento de tremendas conseqüências. É um acontecimento miraculoso em mais de uma maneira.

.....
Vamos presumir que nosso rapaz e nossa moça se casem, e que tenham uma "pequena" família, apenas dois filhos. Imaginemos que cada um de seus descendentes também tem uma família similar, em média dois filhos.

Vemos novamente que o número de descendentes dobra a cada geração. (Na matemática, isso é conhecido como progressão geométrica). O casal tem dois filhos, quatro netos, oito bisnetos e dezesseis tetranetos. A cada geração, o número dobra. Mais uma vez, depois de dez gerações, este casal terá 1024 descendentes. Após vinte gerações, serão 1.048.576 descendentes. E após somente 24 gerações – uns meros 600 anos – haverá 16.777.216 descendentes. Este é um número muito aproximado da atual população judaica mundial. Assim, quando um casal decide se casar, esta é muito mais que uma decisão pessoal. É uma decisão que terminará por afetar todo o povo judeu. Isso explica porque um rapaz encontrando uma moça é um milagre tão grande, e tão cuidadosamente planejado por D'us.

Se um casal se encontra e decide se casar, então, no decorrer do tempo, todo judeu neste mundo terá em sua hereditariedade as características únicas que resultam daquela união. Se eles decidirem não se casar, então cada judeu no mundo será, em última análise, um pouquinho diferente. O mesmo se aplica à raça humana como um todo. De certa forma, o Talmud faz uma alusão a isso. Declara: "Por que Adam foi criado sozinho? Para ensinar que aquele que destrói uma única vida judaica é considerado como se tivesse destruído um mundo inteiro. E quem salva uma única vida é considerado como se tivesse salvado o mundo inteiro."

A Torá nos diz que Adam foi um único indivíduo. Mesmo assim, todos os bilhões de pessoas vivas atualmente são descendentes de Adam e Eva. Todo casal que se casa é exatamente como Adam e Eva. No transcorrer do tempo, seus descendentes serão milhões, formando uma enorme população.

É óbvio que se D'us está preocupado com o destino até do indivíduo mais insignificante, então Ele está ainda mais preocupado com a população do mundo inteiro. Porém cada casamento pode, a seu tempo, produzir toda uma população mundial. Criar um casamento é, portanto, como criar um mundo inteiro.

No dia em que uma pessoa é concebida, todas as forças da Providência colocam em ação as cadeias de eventos que levarão a seu eventual casamento. O Talmud ensina que nesta ocasião, é feito um anúncio lá no alto: "A filha deste homem será para aquele homem."

Evidentemente, toda pessoa tem livre arbítrio. Portanto, mesmo quando alguém está destinado, o livre arbítrio desempenha seu papel. Porém a interação de D'us com o livre arbítrio de uma pessoa permite que Ele arranje as coisas da maneira que deseja.

Imagine que você está jogando xadrez com um Grande Mestre Internacional. Embora você tenha livre arbítrio, e possa fazer qualquer movimento que deseje, ele pode manipular você à vontade por todo o tabuleiro. Não importa a jogada que você faça, ele sabe como responder para fazer o jogo sair da maneira que desejar. Ele pode determinar o resultado do jogo, praticamente à vontade.

Evidentemente, D'us é muito mais que um Grande Mestre. Porém Ele também antecipa nossos movimentos no jogo da vida, e Ele reage a eles. Não importa como nos movemos, Ele reage e nos manobra aonde Ele deseja que vamos. Assim, não importa o que a pessoa faz, D'us pode arranjar as coisas para que ele ou ela encontre o par que lhe estiver destinado.

É ensinado que há vezes nas quais, embora uma pessoa esteja destinada a desposar um determinado indivíduo, suas próprias ações a levam a casar-se com outra pessoa. Nestes casos, não se casa com "aquele que lhe estava destinado", mas com outra pessoa. Sua escolha de uma esposa foi alterado por suas próprias ações e por seu próprio sistema de valores morais, que envolve uma área onde D'us permite que cada pessoa tenha completo livre arbítrio. Neste caso, diz-se que a pessoa não era merecedora de encontrar o par que lhe estava destinado. Isso é freqüentemente verdadeiro nos casos em que um casamento termina em divórcio.

Existem também fatores que podem mudar para melhor o destino de uma pessoa. Assim, a pessoa pode ter méritos que a ajudam a conseguir um par melhor e ter um casamento mais feliz do que aquele que lhe estava originalmente destinado. Como em todos os aspectos do destino de alguém, a prece pode ter um efeito poderoso. Mas independentemente daquilo que a pessoa faz, a formação de um casamento está nas mãos de D'us. Para que um casamento seja bem sucedido, deve ser arranjado no céu.

O Midrash relata que uma mulher certa vez perguntou a Rabi Yossi ben Chalafta: "Agora que D'us terminou de criar o universo, o que Ele faz?" O Rabi respondeu que D'us agora faz casamentos, aproximando os pares para que possam casar-se.

A resposta de Rabi Yossi nos faz vislumbrar uma percepção singular sobre o matrimônio. Todo casamento tem conseqüências para toda a humanidade. Portanto, toda vez que um casal se junta, é como se um mundo inteiro tivesse sido criado.

Começar com o Fim em Mente

Por Yaakov Lieder

Os campeões esportivos têm um método que praticam antes do evento, especialmente se estão para jogar contra um time que ainda não conhecem. Eles visualizam o jogo na mente; imaginam-se vencendo e os torcedores aplaudindo-os freneticamente. Vivenciam todas as emoções e os bons sentimentos associados com a vitória. Repassam esta cena na mente durante algum tempo até se sentirem à vontade e aquilo parecer real. Então eles saem e jogam em campo, já tendo sentido a vitória dentro da mente.

Os grandes líderes têm uma visão para seus seguidores. Eles têm a capacidade de visualizar o futuro numa maneira que a pessoa comum não consegue, e inspiram a pessoa comum a tomar parte na sua visão e transformá-la em realidade.

Encontrei recentemente um casal que estava passando pelo sofrimento de um casamento problemático. Quando eu sugeri que, com esforços de ambos os lados, eles poderiam chegar a um relacionamento significativo, a mulher disse: "Isso é impossível. Estou casada há 14 anos, e os últimos dez têm sido apenas sofrimento. Isso jamais mudará!"

.....
Ela não estava preparada para acreditar que o futuro poderia ser diferente do passado. "Se é assim" – disse eu – "então o futuro provavelmente será uma repetição do passado. Você está feliz por as coisas continuarem do jeito que estão?"

"Nós queremos um futuro melhor" – veio a resposta.

Eu os aconselhei assim: comecem com o fim em mente. Feche os olhos e imaginem vocês estando em casa um ano a partir de agora e desfrutando um relacionamento carinhoso. Descrivam totalmente esta atmosfera de amor e harmonia, com todos os detalhes, e façam anotações – no tempo presente, como se já tivessem se tornado reais. Mantenham contato com os sentimentos de amor e prazer gerados por este maravilhoso relacionamento.

Em seguida, examinem os passos que foram dados para chegar a este ponto. Ainda visualizando o resultado, volte uma etapa e descreva como seu relacionamento está daqui a 11 meses, e o que vocês fizeram para levá-lo até este ponto. Volte mês a mês, até o presente. Então programe em seu diário o tempo em que você estará fazendo estas coisas, e como vão celebrar suas pequenas vitórias ao longo do caminho.

Ao começarem com o fim em mente, seu subconsciente pode começar a acreditar que a mudança é possível, e ajudará vocês a trabalhar para consegui-la. Ajam e sintam como se já tivessem uma relacionamento maravilhoso. Ajam como um casal amoroso age, mesmo que ainda não tenham chegado lá. Em outras palavras, finjam até conseguirem. Se pensam que estão sendo fingidos, não pensem – o fingimento é fazer a coisa verdadeira.

Esta é a chave para o sucesso em nossos relacionamentos, criar os filhos e praticamente tudo que fazemos: Entrar em ação faz a diferença. Quando uma área de sua vida não está funcionando da maneira que você gostaria que fosse, comece com o fim em mente. Ponha em prática um plano de ação, trabalhe e desfrute um novo nível de felicidade mesmo quando você ainda está a caminho de conseguir o seu objetivo.

Tente – dá certo!

E Se Der Tudo Errado?

Por Manis Friedman

O que o divórcio ensina sobre casamentos

Por que D'us diz a você como se divorciar se Ele acredita no casamento?

Não apenas Ele acredita no casamento, como acredita que você deveria estar casado, e Ele deseja que você fique casado com a pessoa com quem se casou.

Por que, então, Ele permite que você se divorcie? Não apenas o permite, como lhe diz como fazê-lo?

Como ocorre com todas as instruções de D'us na Torá, divorciar-se é uma mitzvá, um Mandamento Divino. De fato, Suas instruções sobre o divórcio são muito explícitas. Mas por quê?

Porque, tendo dado Suas instruções sobre o casamento, D'us não o abandona quando você está em dificuldades. Por ser Ele

misericordioso e compassivo, bom e atencioso, Ele lhe dá um segundo conjunto de instruções no caso de você não seguir o primeiro.

É como um livro de receitas que ensina o que fazer se você estragar a receita. Duas de minhas crianças estavam certa vez seguindo as instruções de um pacote de mistura para biscoitos. Uma delas lia as instruções em voz alta, enquanto a outra preparava a mistura. A criança que estava lendo disse: "Agora você deve mexer a massa cinquenta vezes." A outra exclamou: "Mas já mexi cem vezes! O que fazemos agora?" Então a primeira criança disse: "Não sei. Deixe-me voltar e ver o que dizem." Procurou na caixa, mas as instruções não diziam coisa alguma a respeito de mexer a massa vezes demais. As duas vieram me procurar para perguntar o que fazer. "Devemos jogar tudo fora? Começar de novo? As instruções não dizem o que fazer se fizermos tudo errado."

D'us não é assim. Não é dessa forma que a Torá - Seu conjunto de instruções - está escrita. Ele diz a você o que fazer se estragar a receita. É como se D'us lhe dissesse: "Esta é a pessoa que selecionei para você, a pessoa com quem quero vê-lo casado. Não pode? É muito sofrimento? Então não o faça. Deixe-a. Mas quando o fizer, por favor, feche a porta atrás de você."

Portanto, Ele não apenas nos diz que podemos nos divorciar, mas diz-nos como: "Aqui está o Mandamento Divino sobre como entrar, e aqui está outro Mandamento Divino sobre como sair."

D'us fala conosco dessa forma porque Ele está casado conosco.

Como tudo o mais que existe neste mundo, o casamento é um reflexo daquilo que existe no mundo espiritual. Há um casamento absoluto que existe entre a humanidade e D'us. O casamento exige que algo que você leve muito a sério e com rigor aquilo que faz, e seja bastante leniente e conciliador com as coisas que outra pessoa faz. D'us está casado conosco, e isso Ele leva muito a sério. Ele está comprometido com este relacionamento. Portanto, é leniente e conciliador quando nem sempre correspondemos às Suas expectativas.

D'us nos diz: "Fez tudo errado? Tente outra vez. Eis aqui o que precisa fazer. Esqueceu? Na próxima vez, tente lembrar-se. Esqueceu mais uma vez? Tente uma terceira." É assim que sabemos que Ele está comprometido com o casamento.

Às vezes D'us faz ainda melhor que isso. Ele pergunta quais eram nossas intenções. Por exemplo, Ele nos diz para não misturar carne e leite. O que acontece se o fazemos? "Bem," diz Ele, "depende da quantidade de leite, e de quanta carne havia. Você o fez de propósito? Ou foi um acidente? Se foi um acidente, é assim que pode consertar isso. Se foi propositadamente, tente não deixar que aconteça outra vez."

D'us espera que você esteja casado, e com a pessoa que Ele escolheu para você. Mas Ele é compassivo e compreende quando você lhe diz que é difícil demais. Talvez Ele tivesse a intenção de que você se casasse e depois caísse fora; talvez as leis para o divórcio sejam sua "válvula de escape."

Não.

.....
D'us deseja que você fique casado. Mas se não puder, se é muito difícil para você, Ele entende, e Ele o ajudará.

Isso quer dizer que o casamento foi um erro? Você apostou, perdeu, agora admite isso e sai do casamento? Você cometeu um engano e agora D'us está lhe dizendo como consertá-lo?

Errado de novo.

Seu casamento não foi um erro. Estava programado desde o início dos tempos. Quando D'us criou sua alma, há seis mil anos, Ele criou seu "prometido" junto com você. Dizer que você casou-se com a pessoa errada é como dizer que deu à luz ao bebê errado. Seria possível ter o bebê de outra pessoa? Uma mulher certa vez disse-me algo parecido: "Quantos filhos o senhor tem, mesmo?" perguntou incrédula. Não me lembro quantos tínhamos na época, talvez dez ou doze. "Não sabe que existem pessoas que não podem ter filhos?" Ela estava indignada. Era como se estivesse dizendo: "Dê uma folga para outra pessoa. Divida um pouco. Não tenha tantos filhos; deixe os outros terem alguns também." Isso não acontece desta forma. Você não tem os filhos dos outros. Os filhos que você tiver estavam destinados a serem seus.

Como disse Einstein: "D'us não joga dados com o Universo."

Se D'us não joga dados com átomos ou moléculas, então Ele não joga dados com corações, mentes ou almas.

Você está casado com a pessoa com quem desejava estar. D'us arranhou isso. Ele arrumou tudo: Ele predestinou isso desde o começo. Em outras palavras, Ele tem certeza de que esta é a maneira que Ele deseja.

Você não quer isso? Tudo bem. Como Ele é casado com você, Ele diz: "Seja da maneira que você quiser." Isso arruinará "algum vasto, eterno plano," como pergunta Tevye em "Um violonista no telhado?" A resposta é sim. Sim, se você se divorciar, estragará algum vasto, eterno plano, o plano de D'us. Mas Ele permitirá que você faça isso? Ele o ajudará? Sim, Ele permitirá, e Ele o ajudará.

A razão pela qual D'us permite o divórcio, e ordena o divórcio, é porque ao fazê-lo, Ele o está ensinando como estar casado.

Portanto, embora D'us tenha regras, embora Ele tenha leis, embora Ele tenha os Mandamentos Divinos, quando você peca, Ele lhe diz: "Fez tudo errado? Tente outra vez. Cometeu um erro e o admite? Não se preocupe: fará melhor na próxima vez. Já errou dez vezes? Peça perdão, e Eu o perdorei dez vezes."

É exatamente assim que você deveria ser casado - tratando seu cônjuge do modo que D'us trata você. Com toda aquela misericórdia e compaixão; toda aquela bondade e consideração.

Sua esposa fez isso a você outra vez? Perdoe-a novamente. Ela o fez dez vezes? Perdoe-a dez vezes.

Seja tão comprometido em fazer este relacionamento durar como D'us tem estado comprometido em fazer Seu relacionamento com você durar. A moral é, oferecendo ajuda quando você se divorcia, D'us está ajudando você a estar casado para sempre. Da mesma maneira que Ele permanece casado com você.

Ética - Uma Obrigação Judaica

O judaísmo é regido por regras de moral e ética bem amplas e definidas transmitidas através da Torá e que abrangem todas as áreas da vida.

Para um judeu ser religioso ele precisa antes de mais nada ser ético. Esta é a marca que deve reger o comportamento de qualquer judeu em todos os campos, tanto nos relacionamentos interpessoais, dele com outros seres humanos, quanto dele em relação a D'us.

Desde a Criação do mundo, do homem, da mulher e a confiança em ambos depositada pelo Criador logo definiu qual deveria ser o padrão de conduta para merecer o recebimento das bênçãos Divinas: um compromisso estabelecido, uma palavra dada sempre devem ser mantidos. Esta é uma entre tantas lições que se aprende do pecado ocorrido no Gan Eden, Paraíso.

O Dilúvio que devastou o mundo a fim de purificá-lo com suas águas, poupou um único homem bom e justo, Nôach (Noé) e sua família, fornecendo uma prova ímpar sobre a importância de quem se conduz com moralidade no mundo.

Yaacov (Jacó), apesar de tantas vezes ter sido enganado por seu sogro Lavan (Labão), homem sem escrúpulos, que trocava um sem número de vezes sua palavra, cumpriu compromissos mesmo duvidosos afim de manter intacta sua integridade, o que o levou a sacrificar 20 anos de sua vida trabalhando sem trégua.

A Torá segue com tantos e incontáveis exemplos nos dando uma visão de qual caminho devemos seguir e de como devemos agir durante todos os anos de nossa vida: devemos ser o espelho de D'us aos olhos do mundo.

Religioso significa ser ético; aquele que pratica atos justos e bons. Um judeu sem ética não é considerado observante nem religioso, e apesar de cumprir cuidadosamente as leis do Judaísmo entre o homem e D'us, enquanto permanecer não-ético, também não chegará a entender que o Criador rejeita a observância de leis entre o indivíduo e D'us por aqueles que agem de forma imoral.

Como então se explica que judeus religiosos possam ser desprovidos de ética?

Esta uma questão que incomoda todo judeu sensível ao se defrontar com a existência de judeus que observam muitas leis judaicas, mas são destituídos de ética. É como possuir apenas uma embalagem, um invólucro que não condiz com seu conteúdo. O problema é ocasionado quando parte da comunidade observante transforma e ensina a Lei Judaica como um fim em si mesma, ao invés de um meio para "aperfeiçoar o mundo sob o domínio de D'us."

Infelizmente há judeus que acostumaram-se a restringir suas preocupações religiosas à prática de rituais repetitivos. Os Profetas censuraram veementemente aqueles judeus cuja observância mecânica destas leis demonstraram uma falta de preocupação pelos princípios éticos nelas contidos.

Aquele que é observante das leis entre o indivíduo e D'us, dedica cuidado especial às regras que regem a cashrut, alimentação judaica, ou a suas preces, por exemplo, deve dedicar a mesma atenção e ser minucioso ao tratar com educação e respeito seu próximo. A observância das leis entre pessoa-a-pessoa - amar ao próximo como a si mesmo, é uma mitsvá de tanto peso que deve

.....
ser levada à prática em todos os atos que interlaçam os relacionamentos humanos.

A Torá mostra como a má inclinação, a que todos estamos sujeitos, pode ser driblada e dominada; dependerá muito mais do nível de discernimento espiritual, do refinamento em que cada alma se encontra pelo mérito de seu esforço pessoal, do que simplesmente relegar a justificativa de atos negativos simplesmente como obra do azar ou do acaso.

A ética é o equilíbrio permanente na balança onde o bem está acima do mal, e os atos são direcionados seguindo a orientação apontada pela própria Torá. Dominar nossos maus instintos, vencer obstáculos e tentações da vida é uma forma de exercer nosso livre arbítrio de forma efetiva, isto é, positiva.

Espera-se sempre dos judeus um excelente comportamento ético, pois não é difícil constatar em seu currículo o que os dados estatísticos comprovam: homicídios, raptos, crimes hediondos é praticamente inexistente entre judeus, e isto ocorre tanto em sociedades onde constituem a maioria da população (como em Israel), como onde os judeus estão em minoria.

Conseqüentemente, as pessoas esperam que atos maus jamais sejam cometidos por pessoas consideradas praticantes, pois presume-se que sejam regidas pelo mesmo código legal de conduta.

O termo hebraico Halachá, Código das Leis Judaicas, significa caminho. A Halachá fornece todos os instrumentos necessários para se chegar a um determinado lugar, que deve ser o da santidade, moralidade e ética. As Leis da ética e conduta do povo judeu é o meio, mas depende exclusivamente de cada um de nós usá-lo da maneira certa para realmente nos tornarmos exemplos vivos da Torá, judeus verdadeiros, por dentro e por fora.

Casamentos Mistos

Por Eliezer Shemtov

Um dos temas mais preocupantes e menos entendidos da vida judaica é aquele dos casamentos mistos. Devido à falta de informação subjetiva sobre o assunto, este se torna muito complexo sob um ponto de vista emocional.

Por um lado, os pais sentem que quando seu filho se casa com alguém não-judeu, ele ou ela está rompendo a cadeia milenar de continuidade judaica e não querem deixar que isso aconteça. Por outro lado, eles se sentem pouco à vontade de se opor abertamente ao casamento misto por causa de suas conotações racistas.

Por que desqualificar alguém como potencial parceiro de casamento apenas porque ele ou ela não nasceu de um útero judaico? Esta parece ser uma atitude discriminatória.

A fim de analisar este assunto, devemos dividi-lo em partes:

Qual é o fundamento para a oposição a casamentos mistos?

Como um judeu pode se opor ao casamento misto sem contradizer o instinto natural que tem de lutar contra a discriminação, especialmente depois de tudo que sofremos no decorrer da história como resultado da discriminação racial?

Que explicação alguém pode dar a um não-judeu para justificar a recusa em considerá-lo para o casamento?

A Base

A fonte primária sobre a qual se baseia a proibição de um judeu casar-se com não-judeu encontra-se na Torá (Devarim 7:3): "Não casarás com eles (os não-judeus, sobre quem a Torá fala nos versículos anteriores), não darás tua filha ao filho deles e não tomarás a filha deles para teu filho."

O motivo para essa proibição é claramente dita no versículo a seguir: "Porque ele afastará teu filho de Mim e eles servirão a deuses estranhos..." ("Deuses estranhos" também pode ser interpretado como significando aqueles ideais e "ismos" que não se adequam aos ditames da Torá, e perante os quais a pessoa inclina a cabeça e dedica seu coração e sua alma.)

O Talmud (Yevamot 23a) enfatiza – e Rashi cita em seu comentário sobre o versículo acima mencionado – que da expressão exata do versículo (ele – e não ela – afastará teu filho) podemos derivar duas coisas. No caso de sua filha casar-se com "o filho deles", ele terminará por afastar seus filhos (em outras palavras, seus netos, que ainda serão considerados seus filhos) do caminho da Torá. No caso de seu filho casar-se com a filha deles, os filhos não serão mais considerados seus filhos, mas filhos dela. Não são considerados judeus.

Fica claro, então, que não estamos tratando aqui de discriminação racial que nasce de uma atitude pessoal e subjetiva que o judeu tem face a face com o não-judeu. Estamos falando sobre uma ordem Divina objetiva, que é acompanhada por uma explicação. Se o seu filho desposar uma mulher não-judia, os filhos nascidos dessa união não serão mais considerados seus filhos. No caso de sua filha casar-se com um não-judeu, inevitavelmente seus netos se desviarão do caminho de Judaísmo, embora ainda sejam considerados judeus.

Levando em conta a responsabilidade que o judeu tem de cumprir os preceitos da Torá, fica evidente que é obrigatório para os judeus casar-se dentro da fé, porque caso contrário, será impossível continuar a cumprir a obrigação que tem de manifestar a Divindade neste mundo, algo que somente é possível cumprindo-se a vontade de D'us. O casamento misto é uma clara contradição à vontade declarada de D'us.

Para melhor entender esta questão, devemos esclarecer um outro aspecto. Não somente é proibido para um judeu casar-se com uma não-judia, é impossível para um judeu desposar uma não-judia. É possível para eles viverem juntos, é possível coabitarem, é até possível procriarem, mas não há possibilidade de ocorrer o casamento.

As leis da Torá são tão objetivas e inalteráveis (ou mais) que as leis da natureza. Assim como não se pode alterar a lei da gravidade, por exemplo, não se pode alterar as leis da Torá. O estudante de Torá ou sábio não procura criar leis, mas descobrir a estrutura Divina que é inerente no universo e na vida.

O que é Casamento?

Numa tentativa de responder a essa pergunta, vemos que é um desafio explicar qual é exatamente a função do casamento em geral. Se duas pessoas se amam, por que não viverem juntas? O

.....
dia em que decidirem não mais partilhar suas vidas, cada um estará livre para seguir seu caminho! Mesmo se declararem seu compromisso por meio do casamento, quando não quiserem mais permanecer casados têm a opção do divórcio. Qual é, então, o propósito e função do casamento?

Muitos respondem que o casamento nada mais é que uma formalidade, uma norma social que dá "status legal" ao casal. Porém dizer que o casamento é simplesmente uma norma social implica que não há valor verdadeiro, intrínseco; que é arbitrário. O que acontece no caso de alguém que não se preocupa com a autoridade humana ou com o estigma social é que então, está tudo bem, se um casal vive junto e tem filhos sem ser casado.

Parece-me que a única base verdadeira e justificativa para o casamento é ser uma instituição Divina. Foi idéia de D'us. A idéia de casamento tem suas raízes na Torá. Embora haja muitos sistemas sociais que não se baseiam na Torá e mesmo assim reconhecem a instituição do casamento, isso não refuta o fato de que a origem e real valor do casamento sejam de origem Divina.

Vamos comparar este conceito com um fenômeno semelhante. De onde vem a semana de sete dias? Por que uma semana tem sete dias e não seis ou oito? O ciclo semanal de sete dias tem sua origem nos Sete Dias da Criação. Para alguém que acredita na Torá, o ciclo semanal de sete dias tem profundo significado espiritual. Para quem não acredita, o ciclo de sete dias é meramente arbitrário. Em outras palavras, para quem aceita a Torá como o "projeto" da Criação, a semana de sete dias tem uma razão de ser. Para quem não acredita, a semana de sete dias não faz sentido. O mesmo se aplica ao casamento. Para aquele que não acredita, o casamento não faz muito sentido. É simplesmente uma formalidade instituída, talvez para assegurar a herança dos filhos. Para quem acredita, o conceito e instituição do casamento assume um significado muito maior e mais profundo, como veremos adiante.

O Talmud e a Cabalá nos ensinam que o casamento não é meramente uma união entre dois indivíduos totalmente diferentes. É a reunião de duas metades da mesma unidade. Um casal compartilha a mesma alma que, no nascimento, se divide em duas metades incompletas. Com o casamento, elas se reúnem e se tornam, mais um vez, completas. Estamos tratando aqui não de uma união apenas no nível físico, emocional e/ou intelectual. Estamos falando de uma união no nível mais profundo, mais essencial do ser.

Há almas que são compatíveis para casamento e há almas que não são. Além do caso de casamentos mistos, a Torá enumera uma lista de "casamentos" inválidos. Por exemplo, o "casamento" entre irmão e irmã biológicos ou entre um homem e uma mulher que esteja casada com outro homem, em outras palavras, incesto ou adultério. A Tora aqui não está falando apenas sobre proibições, mas fatos. Nos exemplos acima mencionados, jamais pode haver qualquer casamento, embora seja fisicamente possível coabitar e procriar.

Baseados nisto, temos uma explicação muito simples para o não-judeu sobre porque não o consideramos como potencial parceiro de casamento. Não é devido a um defeito que ele tenha. Deve-se simplesmente ao conceito bíblico do casamento, ao qual todo judeu sente-se obrigado a aderir.

Um caso hipotético: O que aconteceria se um rapaz e uma moça judeus decidem se casar e estão muito apaixonados um pelo outro, e meia hora antes da cerimônia começar eles descobrem que compartilham os mesmos pais biológicos? Eles se casariam mesmo assim? Obviamente não, e o fato de não poderem se casar não implica que o amor declarado um pelo outro era falso... O amor é um fator muito importante num relacionamento, mas não é o único fator que determina a legitimidade de um casamento.

É possível que um rapaz judeu encontre compatibilidade com uma moça não-judia (e vice-versa) e gostaria de criar uma família com ela. Esta aparente compatibilidade somente é possível quando nenhum deles manifesta sua essência. Desde que o judeu não se preocupe com o fato de ele ou ela ser judeu e o não-judeu não se preocupe com sua origem pessoal e sua essência, tudo parece perfeito.

O que acontecerá no dia em que qualquer um deles "acordar" e decidir preocupar-se com aquilo que realmente é? De repente, surge a incompatibilidade. Em outras palavras, enquanto nenhum dos dois se preocupa com sua essência, eles podem sentir-se compatíveis com alguém que é essencialmente oposto. No minuto em que um deles descobre sua verdadeira identidade, o relacionamento deixa de ter qualquer significado verdadeiro.

Conheço alguns casais mistos que estavam muito apaixonados até o momento em que nasceram os filhos. De repente, começaram a ter discussões acaloradas sobre a educação dos filhos, embora tivessem muito tempo antes resolvido o assunto teoricamente. A mãe judia deseja circuncidar seu filho, por exemplo, ao passo que o pai não-judeu não quer que o filho seja diferente dele. Num instante surge a incompatibilidade, mas já é tarde demais – eles agora produziram uma criança que ambos os pais e todos os avós consideram sua...

Obviamente, podem citar muitos exemplos de casais judeus que têm conflitos. Devemos, no entanto, explorar os fatos e ver se eles levam a vida segundo as normas delineadas na Torá. Pelo menos, o casal judeu sempre tem o potencial de viver segundo a vontade de D'us.

Surge uma questão: o que acontece no caso de um judeu não religioso ou ateu? Esta incompatibilidade com um não-judeu ainda existe? Afinal, se a pessoa não se importa com a religião, por que se preocupar quando se trata de escolher um parceiro para casar?

O que é Um Judeu?

Para resolver essa pergunta, devemos explicar outro conceito básico: o que é um judeu? O que distingue um judeu de seu vizinho não-judeu? Veja, por favor, que não estou perguntando aqui: "Quem é judeu?", mas sim "O que é um judeu?" porque a resposta à pergunta 'Quem é judeu?' é muito clara: alguém que nasceu de uma mãe judia ou converteu-se ao Judaísmo de acordo com as leis estipuladas na Torá. Isso, no entanto, não responde a pergunta 'O que é um judeu?'

As pessoas com frequência respondem esta pergunta dizendo que ser judeu significa "ter um senso de pertencer ao povo judeu". Esta resposta não é satisfatória, simplesmente transfere a questão da identidade para longe do indivíduo. O que, então, é o

.....
povo judeu? Uma Nação composta de indivíduos que não têm outra identidade exceto a de pertencer a um Povo que não tem definição? É como dizer que a definição de "árvore" é "parte de uma floresta". O raciocínio é o contrário. Uma vez que eu saiba o que é uma árvore, posso então definir floresta dizendo "um grupo de árvores". Não posso definir uma árvore simplesmente dizendo "parte de uma floresta"!

É óbvio também que não posso definir o que é um judeu baseado em seu cumprimento das mitsvot, porque aqui, também, o raciocínio é o oposto: o indivíduo tem a obrigação de cumprir mitsvot porque é um judeu. Não posso dizer que alguém é judeu porque ele ou ela cumpre as mitsvot. Considere: um bebê recém-nascido é judeu embora não tenha ainda cumprido uma única mitsvá, e não tenha consciência de sua fé! Um bebê judeu do sexo masculino é circuncidado porque é judeu; ele não é judeu porque é circuncidado.

O que, então, é um judeu?

Após estudar o assunto por muitos anos e ter incontáveis conversas com judeus de todos os níveis de observância e crença, creio que a resposta mais coerente e convincente é que o elemento distintivo do judeu é a neshamá (alma) que todo judeu possui. A alma de um judeu é diferente da alma de um não-judeu. Elas têm diferentes características, potenciais e necessidades.

Todo judeu tem essencialmente o mesmo tipo de alma que qualquer outro judeu. Esta alma judaica é herdada da mãe. É o denominador comum que conecta o judeu russo com o sírio, iemenita, canadense ou uruguaio, embora eles não falem o mesmo idioma e talvez tenham costumes e hábitos diferentes. A única diferença significativa entre um judeu e outro é o nível e intensidade de expressão dessa essência comum. Em alguns, esta essência se manifesta constantemente, ao passo que em outros, expressa-se uma vez por ano e em outros apenas uma vez na vida.

Esta definição de "O que é um judeu?" não contradiz a aspiração que alguém possa ter de ser um "cidadão do universo", porque para ser realmente um "cidadão do universo", a pessoa deve realizar seu papel específico dentro da comunidade universal. Ser um "cidadão do universo" não implica negar o papel específico que cada um tem, mas sim inserir-se na sociedade com uma identidade e propósito definidos.

Quais são as Características Especiais da Alma?

Rabi Shneur Zalman de Liadi, fundador do Movimento Chabad, define da seguinte maneira: um judeu não deseja, nem pode separar-se de D'us.

É possível que um judeu não esteja consciente do fato de que por determinadas ações ele está afetando seu relacionamento com D'us. Se soubesse as conseqüências de suas ações, não prejudicaria espontaneamente seu relacionamento com D'us. Todo judeu tem sua "linha vermelha", que não cruzará mesmo que por isso tenha de pagar com a própria vida.

Muitos judeus passam a vida negando sua condição de judeus, mas numa situação inesperada, quando suas defesas estão baixas e ficam distraídos, seu Judaísmo aparece. Há muitos judeus que investem tempo, energia e recursos para negar que

são judeus. Embora possam negar veementemente este fato, seu comportamento é apenas outra manifestação de seu inegável Judaísmo, pois se realmente não fossem judeus – como alegam – por que é tão importante para eles negarem isso?

Vemos, portanto, que o problema não começa quando um rapaz judeu deseja casar-se com uma moça não-judia. A raiz do problema está no fato de que ele foi privado de uma verdadeira educação judaica a ponto de nem perceber o que significa ser judeu e a inerente incompatibilidade entre ele e sua namorada não-judia.

Para muitos, a oposição aos casamentos mistos pode parecer elitista e até racista. Por que desaprovamos um casamento somente porque um dos membros não é judeu? Um rapaz judeu que deseja desposar uma moça não-judia poderia pensar: "Que hipócritas! Quais são as diferenças práticas entre meu comportamento no dia-a-dia, ou dos meus pais, e o comportamento da mulher não-judia com quem desejo me casar?"

Seria difícil defender essa resistência – aparentemente hipócrita – da parte dos pais, se não fosse pelo fato de que podemos atribuí-la à neshamá que eles tem. A neshamá não permite que eles aceitem que seu filho cruze esta "linha vermelha" que serve (para todos os propósitos práticos) quebrar irreversivelmente a cadeia, embora eles próprios talvez não consigam explicar por que isso os perturba tanto.

Em outras palavras, sua oposição ao casamento misto do filho não é incoerente. É a sua falha no cumprimento das mitsvot, numa base diária, que é incoerente e inconsistente com sua essência.

Opção de Conversão

Uma das soluções propostas para resolver o problema do casamento misto é converter o parceiro não-judeu ao Judaísmo. "Por que perder duas almas, se podemos ganhar uma?..."

A conversão é uma alternativa válida?

Vemos que o Judaísmo reconhece a possibilidade de um não-judeu converter-se ao Judaísmo. O processo adequado de conversão, conhecido como Giyur, é bastante simples. Consiste em três etapas:

Circuncisão (no caso de um homem);

Imersão no micvê (banho ritual);

Aceitação dos 613 preceitos em sua totalidade.

Estas três etapas devem ocorrer na presença de um tribunal rabínico válido. (Um tribunal rabínico válido consiste em três rabinos que aceitam a Torá como a palavra de D'us e aceitam cumprir os 613 preceitos na vida diária pessoal.)

O Judaísmo não acredita em proselitismo, porque nem todos precisam ser judeus para encontrar graça aos olhos de D'us e terem seu lugar no Mundo Vindouro. Para o não-judeu é suficiente respeitar o Código de leis conhecido como as Sete Leis Noahidas para merecer um lugar no Paraíso.

.....
No caso de um não-judeu que deseja sinceramente tornar-se judeu e viver de acordo com as normas delineadas na Torá para o judeu, nós o aceitamos de braços abertos, desde que tenha passado pela Giyur adequada. É óbvio, pois, que no caso de alguém desejar se converter ao Judaísmo como resultado do seu desejo de desposar um judeu ou judia, é altamente improvável que os motivos para essa conversão sejam sinceros.

Lembro-me de uma história na qual um rapaz judeu desejava casar-se com uma não-judia. Os pais do rapaz insistiam que ela estudasse os fundamentos do Judaísmo antes de concordarem com o casamento. A moça aceitou a condição e foi estudar numa escola religiosa para moças.

Embora seu motivo original fosse satisfazer a exigência dos pais do namorado, com o passar do tempo ela descobriu um mundo novo e ficou genuinamente interessada no Judaísmo. Depois de alguns meses, o rapaz falou com ela para fazerem os arranjos necessários para o casamento. "Fala sério?" perguntou ela. "Acha que pretendo me casar com um rapaz que estava disposto a desposar uma moça não-judia?"

Quanto ao argumento de que: "se não aceitarmos todos os tipos de conversão ou casamentos mistos terminaremos alienando os jovens judeus que se casam com parceiros não-judeus ou aqueles que passaram por conversões cosméticas, no entanto, se os aceitarmos como judeus, estaremos conquistando almas para o povo judeu":

Em primeiro lugar, o Judaísmo não é um negócio, especialmente quando baseado em mentiras e desonestidade. O Judaísmo é baseado em tentar cumprir o máximo daquilo que D'us nos pede. Não temos de ficar mais preocupados com o futuro do povo judeu que o próprio D'us está. D'us está tão "consciente" quanto nós desse argumento e seus supostos benefícios para o futuro desses casais e o futuro do povo judeu.

Apesar disso, a Torá declara (Devarim 7:7), que D'us não escolheu o povo judeu por causa de sua superioridade em números ou poder, mas por causa de sua humildade e devido ao pacto que Ele fez com nosso antepassado, Avraham. Os judeus sobreviveram a todos os seus opressores não por causa de sua inteligência, riqueza ou poder político, mas por causa da sua sinceridade, autenticidade e auto-sacrifício para preservar e defender seu pacto com D'us.

Além disso, por mais que gostássemos ou por mais que possa parecer que "compensa" aceitar este tipo de conversão, não temos a capacidade de negar nem alterar os fatos. Não está em nosso poder fazer a ninguém este "favor", da mesma maneira que não podemos ajudar um casal que deseja um filho homem e D'us os abençoa com uma menina. Temos o poder de fazer mudanças cosméticas, mas isso não muda o fato de que assim se consegue nada mais que uma cruel e desonesta mutilação e distorção.

O Conceito Judaico de Conversão

É interessante notar que a expressão que o Talmud (Yevamot 48b) usa quando se refere a convertidos (autênticos): "Ger shenitgayer kekatan shenolad dami", que significa: um convertido é como um bebê recém-nascido.

Quando o Talmud fala sobre um escravo que foi libertado, não diz "um homem que foi libertado", mas sim: "um escravo que foi libertado". Por que, então, ao falar sobre um convertido, o Talmud usa a expressão 'um convertido que se converteu', em vez de usar a expressão 'um gentio que se converteu'?

Uma das explicações é a seguinte:

Um convertido autêntico é um que, embora nascido de mãe não-judia, nasce com uma neshamá, uma alma judaica. É essa neshamá que o impele a se tornar um judeu ou judia por completo. Em outras palavras, podemos dizer que este indivíduo nasceu (destinado ou com uma propensão a tornar-se) um convertido. É por isso que um convertido é comparado a um recém-nascido.

A diferença entre o momento antes e após o nascimento é que antes o bebê não é um ser independente. Seguindo esta analogia, um convertido antes da conversão é comparável a um judeu num estágio "embrionário", e portanto ainda não tem as responsabilidades de um judeu total.

Somente após ter passado por uma conversão correta, ele ou ela se torna um judeu completo. Porém, como dissemos antes, para que essa transformação ocorra, a pessoa deve passar por uma autêntica conversão e não pelas versões cosméticas e estéreis que abundam, mascaradas como opções mais liberais.

Alguns perguntam: Por que um convertido deve ser mais religioso que aqueles judeus que não cumprem as mitsvot e mesmo assim são considerados judeus? Em outras palavras: se um judeu não-praticante é considerado judeu, por que devemos não considerar como judeu um não-judeu que passou por uma conversão não-religiosa?

A resposta é simples. Um judeu por nascimento é judeu não importa o que pense, diga ou faça. A mesma Torá que estabelece esta regra sobre o judeu por nascimento também estabelece que aquele que deseja se converter ao Judaísmo deve aceitar cumprir a Torá inteiramente, para ser aceito como judeu ou judia. Se alguém dissesse que deseja aceitar 612 dos preceitos mas há um com o qual não concorda e não pretende cumprir, dizemos a ele: Quem o está forçando a se tornar judeu? É preferível que não se converta e continue a cumprir sua missão na vida como um perfeito não-judeu que "converter-se" e se achar violando a lei da Torá!

Quando você pensa a respeito, é um critério compreensível e aceito. Se alguém nasceu nos Estados Unidos, a constituição americana o considera americano, não importa o que ele faça para violar a constituição. Se, no entanto, um estrangeiro deseja adquirir a cidadania americana, mas diz que não aceita uma determinada cláusula na constituição, ele será aceito como cidadão americano? Claro que não. Se você não gosta da constituição dos Estados Unidos, então torne-se cidadão de algum outro país cuja constituição você aprove!

Alguém que não queira aceitar a constituição americana em sua totalidade pode ser aceito como residente legal, mas não como cidadão. Um cidadão naturalizado deve aceitar a autoridade da constituição para ser aceito como cidadão.

.....
Alguém quer sugerir que é mais fácil tornar-se judeu que se tornar cidadão de outro país? As leis de D'us são mais negociáveis que as leis humanas?

O Verdadeiro Problema

O casamento misto é na verdade um sintoma de um problema muito maior: a falta de uma educação judaica adequada.

Que tipo de educação estamos dando aos nossos filhos? Estamos realmente dando a eles as experiências e ferramentas necessárias para poderem entender e avaliar o significado e a importância de serem judeus?

E quanto à nossa educação judaica? Quanto tempo nós, pais, dedicamos ao nosso desenvolvimento espiritual? Se eu faço apenas aquilo que gosto de fazer e não reconheço a necessidade de obedecer a uma autoridade superior, como posso esperar que meus filhos não façam o mesmo? Com certeza eles me dirão: Papai, você faz o que você quer, por que eu não deveria fazer aquilo que eu quero? Se o pai não se sujeita a nenhuma autoridade moral, por que deveria esperar que seus filhos respeitem a ele e aos seus valores? Só porque foram gerados por ele?

A prioridade máxima atualmente deve ser a melhoria da educação judaica, tanto num nível pessoal como institucional. Não devemos nos conformar com o mínimo que nossos filhos estão recebendo. Devemos exigir o máximo.

Enviaríamos nossos filhos a uma escola na qual eles se graduassem sem saber como calcular a área do círculo ou quem foi Napoleão Bonaparte? Por que, então, deveríamos aceitar um padrão de educação judaica que não possibilita aos alunos decifrar uma página de Chumash ou Talmud no texto original ou que não os ensine quem foram Rabi Akiva, Abaye, Rava, Rashi, Rambam e Rabi Yehuda Halevi, e quais foram suas contribuições ao pensamento e cultura judaicos?

Eu gostaria de concluir compartilhando um episódio que vivemos, logo depois que minha mulher e eu chegamos ao Uruguai, e a lição que extraímos disso.

Nosso filho mais velho, Mendy, nasceu logo depois que chegamos e devido à nossa inexperiência como pais, e especialmente num país novo, não fizemos seu registro de nascimento em tempo. Como resultado, tivemos de passar por um processo de Registro Tardio, que demora vários meses.

Nesse ínterim minha mulher e eu queríamos viajar para o exterior com nosso filho recém-nascido. Como somos ambos americanos, pudemos conseguir um passaporte americano emitido para nosso filho.

Chegamos ao aeroporto, prontos para viajar. Quando chegamos ao controle de passaportes, o inspetor pediu para ver os documentos uruguaios do bebê. Explicamos que não os tínhamos, e ele disse que não nos daria permissão para tirar nosso filho do país sem os documentos uruguaios.

"O que quer dizer, não podemos viajar com nosso filho?" perguntamos. "Ele tem um passaporte americano!"

"No que nos diz respeito, ele é uruguaio e portanto precisa de documentos uruguaios", explicou ele.

"Mas ele é nosso filho!" insistimos.

"Ele é uruguaio", declarou o inspetor.

Não viajamos naquele dia. Aprendemos uma lição importante com aquele incidente. Não importa o quanto nosso filho seja nosso filho, nossos direitos não superam aqueles do Estado. O mesmo se aplica a nosso relacionamento com nossos filhos e sua conexão com o povo judeu. Antes de pensar sobre os nossos direitos pessoais como pai, devemos pensar sobre as reivindicações e direitos que o povo judeu tem com nossos filhos e os direitos que eles próprios têm como membros do povo judeu. Nossa maior responsabilidade é lhes dar as ferramentas necessárias para que possam levar a vida plenamente como judeus.

Dezenove anos após este episódio com o funcionário da imigração, tive a oportunidade de mais uma vez falar com um funcionário da imigração uruguaia enquanto encaminhava um visto de saída para um de nossos filhos. Contei a ele o que acontecera há quase duas décadas e a lição que eu tinha aprendido.

"Você está enganado em sua conclusão", disse ele. "Não se trata de que os direitos do Estado superam os direitos dos pais; o Estado está meramente protegendo e defendendo os direitos da criança."

A lição sobre educação judaica se tornou ainda mais clara.

Leia também: "Ameaça maior à sobrevivência judaica: assimilação ou anti-semitismo?"

Ameaça Maior à Sobrevivência Judaica

Por Aron Moss

A maior ameaça à sobrevivência judaica é a identidade judaica confusa. Infelizmente, em muitas famílias e escolas judaicas, a identidade judaica é construída através de ensino sobre o Holocausto e temor de casamentos mistos. A preocupação da comunidade judaica com a assimilação e o anti-semitismo não é a solução, é o problema.

Uma apresentação negativa e pessimista de ser judeu desencoraja os jovens mais que qualquer outra coisa. Quando nos tornamos obcecados com o anti-semitismo, nos tornamos eternas vítimas. Quando enfatizamos demais a ameaça da assimilação, isso nos faz sentir como espécies em risco de extinção. Os judeus estão lado a lado com a baleia branca e o panda gigante na lista de comunidades indefesas e dignas de pena, desaparecendo do planeta. É de se surpreender que judeus jovens estejam optando por sair do Judaísmo? Quem deseja ser uma vítima?

Temos de parar de nos definir pela maneira que os outros nos enxergam. A assimilação é quando os não-judeus nos amam tanto que desejam se casar conosco. O anti-semitismo é quando os não-judeus nos odeiam tanto que querem nos matar. Ambos acontecem conosco; mas o que pensamos sobre nós mesmos?

.....
Precisamos de um motivo claro e positivo para permanecermos judeus. Se isso faltar, por que o Judaísmo deveria sobreviver? Existe um bom argumento para não assimilar nas sociedades que nos cercam e nos recebem bem? Há uma forte razão para continuar orgulhosamente judeu em face do anti-semitismo?

Creio que há.

O Judaísmo é a idéia mais poderosa que o mundo jamais viu. Os judeus devem sobreviver porque têm uma mensagem que o mundo precisa ouvir. O estilo de vida judaico é uma força revolucionária que pode transformar vidas comuns em vidas significativas. Uma família que guarda o Shabat é sempre lembrada daquilo que é realmente importante – que há mais na vida que acumular riquezas. As leis casher nos ensinam que não somos meros animais que devem alimentar cada anseio e desejo, e que até o ato de comer pode ser sagrado. Uma mezuzá sobre a porta diz ao mundo que este lar é construído para um propósito mais elevado.

O Judaísmo ensina lições que o mundo precisa aprender urgentemente – que todo indivíduo é criado à imagem de D'us, e portanto é único e valioso; que a moralidade não é relativa, mas absoluta; que os seres humanos são parceiros de D'us na criação, com uma missão de criar o céu na terra.

Estas ousadas idéias judaicas são mais relevantes agora do que nunca. Porém idéias judaicas ousadas precisam de judeus ousados para perpetuá-las. O mundo somente pode ser elevado se primeiro os indivíduos se elevarem. Podemos apenas transformar o mundo num lar Divino se começarmos em nosso próprio lar. Esta é a fórmula do Judaísmo para mudar o mundo para melhor. É por isso que devemos continuar judeus.

A maior ameaça ao Judaísmo não é a pressão externa, mas sim a confusão interna. Quando perdemos de vista a nossa missão, perdemos a força e a energia para sobreviver. O sentimento judaico que precisamos desenvolver em nós mesmos e em nossos filhos não é o temor ao anti-semitismo, ou culpa sobre a assimilação. É um orgulho humilde pela grandeza da missão judaica e a resolução confiante de cumpri-la. Quando somos claros sobre a nossa identidade, nenhuma ameaça no mundo pode nos abalar.

A Ciência da Sobrevivência Judaica

Por Dov Greenberg

Há mais de três mil anos, um grupo de escravos judeus foram libertados do Egito. Desde então, nessa época do ano, revivemos sua história em Pêssach, a Festa da Liberdade.

Imagine que pudéssemos viajar de volta no tempo e dizer ao Faraó: "Temos boas e más notícias. A boa é que um dos povos que estão vivos hoje sobreviverá e mudará a paisagem moral do mundo. A má notícia é: não será o seu povo. Será aquele grupo ali de escravos hebreus, que estão construindo seus gloriosos templos, os Filhos de Israel."

Nada poderia ser mais ultrajante. O Egito do tempo dos faraós era o maior império do mundo antigo, brilhante em artes e ciências, formidável na guerra. Os israelitas eram um povo sem terra, escravos indefesos. De fato, já na antiguidade, aqueles no poder acreditavam que os israelitas estavam em vias de extinção. A

primeira referência a Israel fora da Bíblia é um obituário do povo judeu. Está inscrito numa pedra grande de granito, que hoje se encontra no Museu do Cairo: Ali diz: "Israel acabou. Sua semente não existe mais."

A história da sobrevivência judaica é tão excepcional, vasta e sem paralelos que desafia a imaginação. Em nosso próprio século, as duas grandes potências que anunciaram: "Israel acabou" – o Terceiro Reich de Hitler e a União Soviética – foram esmagados e desmantelados. Porém o povo de Israel vive.

Muitos pensadores e cientistas sociais tentaram, e ainda estão tentando, entender a sobrevivência de um povo, uma fé e um legado durante três milênios de condições históricas praticamente impossíveis. Blaise Pascal, o notável pensador, matemático, teólogo, físico francês do Século Dezesete, escreveu:

"Em algumas partes do mundo podemos ver um povo peculiar, separado dos outros povos do mundo, chamado de povo judeu... Este povo não apenas é de impressionante antiguidade como também tem perdurado por um tempo singularmente longo... Pois enquanto os povos da Grécia e Itália, de Esparta, Atenas, Roma e outros que surgiram muito depois pereceram há tanto tempo, este ainda existe, apesar dos esforços de tantos reis poderosos que tentaram uma centena de vezes acabar com ele, como seus historiadores atestam, e como pode ser facilmente julgado pela ordem natural das coisas no decorrer de tantos anos. Eles sempre foram preservados, no entanto, e sua preservação foi prevista... Meu encontro com esse povo me surpreende..."¹

Este é um tributo comovente, mas exige explicações.

A Ciência da Sobrevivência

Talvez possamos encontrar nossa resposta nos grandes pensadores empíricos de nosso tempo, os cientistas. Eles nos dizem que quando um cientista procura determinar as leis que governam um determinado fenômeno, ou descobrir as propriedades essenciais de um elemento da natureza, deve fazer uma série de experimentos sob as mais variadas condições para descobrir aquelas propriedades ou leis sob as quais todas as condições são as mesmas.

O mesmo princípio poderia ser aplicado à sobrevivência judaica. É um dos povos mais antigos do mundo, começando sua história nacional com a revelação no Sinai há mais de três mil anos. No decorrer desses séculos, os judeus viveram sob condições extremamente variadas. Foram dispersos pelo mundo. Tiveram múltiplos idiomas, possuíram uma diversidade de culturas. Por exemplo, Rashi viveu na França cristã. Maimônides nasceu na Espanha islâmica. Rabi Akiva viveu sob o governo romano; os sábios talmúdicos sob a hegemonia babilônica. Suas sociedades foram totalmente diferentes. Tudo que os ligava no espaço e tempo eram uma fé, o estilo de vida de Torá.

Nenhum outro povo sobreviveu durante tanto tempo sob tais circunstâncias. Se quisermos descobrir os elementos essenciais que formam a causa e a própria base da existência de nosso povo e sua força singular, devemos concluir que não foi sua terra, idioma, cultura, predisposição racial ou herança genética. O único fator constante que preservou nosso povo durante todas as vicissitudes é o tenaz apego ao nosso legado espiritual.

.....
Foi isso que tornou nosso povo indestrutível apesar de milênios de investidas contra o corpo e alma judaicos por bandidos e monstros de todas as espécies.

O que a História Judaica nos diz é que a força do nosso povo como um todo, e de cada indivíduo, está num compromisso fiel à nossa herança espiritual, a base e essência de nossa existência.

O peixe e a raposa

Ninguém expressou isso melhor que Rabi Akiva, o grande sábio do Segundo Século. O Talmud relata como Rabi Akiva ensinava Torá em público na época em que o governo romano, sob o Imperador Adriano, proibiu essa atividade.

Outro sábio, Pappus ben Judah, advertiu-o de que estava arriscando a própria vida. Rabi Akiva respondeu com a seguinte parábola:

Uma raposa certa vez caminhava pela margem de um rio, quando viu peixes pulando de um local para outro. "Por que estão fugindo?" perguntou ela aos peixes. "Para escapar das redes do pescador." "Neste caso", disse a raposa, "venham viver na terra seca junto comigo."

"Você é aquele que descrevem como o mais esperto dos animais?" disse o peixe. "Você não é esperta, mas tola. Se estamos em perigo dentro da água, que é onde vivemos, imagine em terra seca, onde certamente morreremos."2

A Torá é para a sobrevivência judaica, disse Rabi Akiva, como a água para o peixe. Sim, estamos em perigo, mas se deixarmos a Torá, que sustenta nossa identidade, para entrarmos na terra seca dos Romanos, certamente morreremos.

Esta não era meramente a convicção pessoal de um certo Rabi Akiva. É a própria história de Pêssach. Deixar o Egito foi apenas o início da liberdade, não o fim.

Mas o que seria Pêssach sem sua conexão íntima com Shavuot? O que seria a liberdade israelita sem a Revelação no Sinai? 3 Imagine a Bíblia como a narrativa de um mero grupo cultural ou étnico. Leríamos sobre a escravidão dos israelitas no Egito. Continuaríamos a ler com entusiasmo sobre como eles conquistaram sua liberdade e foram levados a uma terra própria. Depois leríamos sobre como eles se mesclaram à paisagem ao redor, casaram-se com canaanitas, jebusitas e os outros povos do antigo Oriente Próximo, e se evaporaram com o tempo, irrevogavelmente. Sobrevivemos porque levamos a Torá conosco até Israel. Somos quem somos por causa de uma fé importante, fé que se provou mais forte que os maiores impérios da história. O Antigo Egito e Roma construíram grandes monumentos para sobreviverem aos ventos e às areias do tempo. Aquilo que eles construíram está de pé e em alguns aspectos jamais foi superado. Porém somente a arquitetura permanece, não a civilização que uma vez lhes deu vida.

O Antigo Israel se tornou construtor, também, mas não de monumentos em pedra. Em vez disso eles foram chamados ao Sinai para construir um mundo de justiça, digno de ser a morada da Divina Presença. Suas pedras seriam suas ações sagradas, e sua argamassa o estudo de Torá e compaixão. Ao ensinar os israelitas que o Arquiteto desse mundo é D'us, os construtores são todos que desejam se tornar Seus "parceiros na

obra da criação". Moshê transformou um grupo de escravos num povo eterno.

Notas:

1 - Pascal, "Pensees".

2 - Talmud, Berachot 61b.

3 - Perante o Faraó, Moshê não exigiu simplesmente em nome de D'us: "Deixa Meu povo ir", mas "Deixa Meu povo ir; para que eles Me sirvam. (Shemot 7:16). veja também Sefer HaChinuch (Mitsvá 306), que a razão de ser do Êxodo foi entrar num pacto com D'us que é nossa força de apoio.

Então, Shavuot é a única festa que não tem data marcada no calendário. A Torá o designa como o 50º dia após Pêssach. Como Shavuot é o complemento de Pêssach, o propósito do Êxodo foi concretizado somente no dia em que ficamos no Sinai.

Dois Inimigos, Uma Batalha

Adaptado das obras do Lubavitcher Rebe

O primeiro versículo da porção desta semana da Torá, Ki Tetsê, parece conter um erro gramatical.

"Quando fores para a guerra contra teus inimigos" – começa o versículo – "e o Eterno teu D-us o entregará em tuas mãos." Por que a Torá começa o versículo com o plural e continua no singular?

Cada palavra na Torá é exata, cada letra transmite uma imensidade de nuances e significados, que ensinam incontáveis lições. Este versículo, que aparentemente toca no assunto da guerra convencional, alude a um tipo diferente de guerra, uma guerra espiritual que é empreendida por todo indivíduo.

Um judeu pode enfrentar dois tipos de inimigos: um que ameaça sua existência física e outro que ameaça sua santidade especial como membro do povo judeu – sua alma judaica.

A Torá usa a palavra "inimigos" para referir-se às duas ameaças, pois o corpo e a alma do judeu trabalham em conjunto, unidos em seu serviço a D-us. Tudo que coloca em risco o bem estar físico da pessoa ameaça também seu equilíbrio espiritual, e vice versa.

A Torá nos diz como emergir vitorioso sobre ambos os tipos de inimigo: "Quando fores." Um pessoa deve revestir-se com a força que vem da fé total em D-us, mesmo antes de encontrar o inimigo. Em seguida, a atitude deve ser de ascendência – "contra (literalmente, 'sobre') teus inimigos." Saiba que o próprio D-us está a seu lado e o ajuda em sua luta.

Assim armado, a vitória está assegurada, não apenas contra os inimigos convencionais, mas contra a raiz de todo o mal – a má inclinação, igualada no Guemara com "o Satã (inimigo da alma) e o Anjo da Morte (inimigo do corpo físico)."

Quando um judeu sai para a "guerra" fortalecido com o conhecimento de que não há ofensa no mundo capaz de enfrentar a face da bondade e santidade, não somente as manifestações externas do mal são sobrepujadas, como sua fonte espiritual também é derrotada. A Torá usa portanto o inimigo singular –

.....
para aludir à má inclinação, a origem e protótipo de todo o infortúnio.

O versículo conclui com as palavras "e tu os fará cativos". Se um judeu não for cuidadoso e cair presa da má inclinação, todas as suas faculdades mais elevadas, concedidas a ele por D-us para serem utilizadas para o bem, também caem em sua armadilha. A Torá ensina que o arrependimento sincero tem o poder de redimir estes prisioneiros cativos, elevando-os até que "transgressões voluntárias sejam consideradas como méritos".

Este tipo de conflito armado aproxima Mashiach e a Redenção Final, quando a má inclinação será totalmente derrotada e a vitória sobre o pecado será permanente.

Respeito ao próximo

por Mendel Starkman

Toda mitsvá na Torá pode ser colocada em uma de duas categorias. A saber, mitsvot bein adam la Makom - mandamentos entre o homem e D'us (i.e., comer casher, guardar o Shabat e recitar as bênçãos), os quais não têm efeito direto sobre outras pessoas; e mitsvot bein adam l'chaveiro – mandamentos que envolvem interação com outras pessoas.

Muitas vezes tornamo-nos muito envolvidos com o primeiro tipo, e perdemos de vista o segundo. Em várias partes desta porção semanal, porém, vemos a sensibilidade que é necessária para aquelas mitsvot que envolvendo o homem e seu próximo.

A Torá nos diz que se uma pessoa deseja tirar ovos ou filhotes de um ninho, primeiro deve enxotar a ave mãe (Devarim 22:6). O Ramban explica que uma das razões para este mandamento é para que não ajamos com um coração mau e impiedoso, causando à ave o desconforto de testemunhar alguém tirando seus filhos. A Torá também nos ordena não arar com um boi e um burro juntos (ibid. 22:10). O Da'as Zekeinim explica que uma das razões da proibição pode ser o fato de que o boi fica ruminando, ao passo que um burro não o faz. Imagine o sofrimento do burro se, trabalhando lado a lado com o boi, virar a cabeça e vir o boi mastigando. "Onde ele conseguiu comida," poderia o burro pensar, sofrendo pelo fato de o boi ter comida e ele não.

Em ambos os casos, a Torá nos ensina uma incrível lição de sensibilidade, que devemos ter para não provocar desconforto e sofrimento nos outros. Se a Torá pode ser tão exigente sobre quão sensíveis devemos ser a estes animais, quanto mais tratando-se de sermos sensíveis com outras pessoas. Rabi Paysach Krohn enfatiza esta idéia e relata a seguinte história, que exemplifica como devemos ir longe para impedir o sofrimento de outra pessoa. Houve certa vez um homem que sempre carregava consigo um pacote com moedas de cinquenta centavos. Após sua morte, alguém revelou a razão para isso. No local onde o homem ia para rezar, pessoas pobres sempre o cercavam, pedindo contribuições.

Este homem percebeu que se tirasse um real e pedisse troco, o pobre sentiria um entusiasmo momentâneo, à possibilidade de ganhar um real inteiro. Então, teria que pedir troco, e o pobre ficaria desapontado. A fim de evitar o desconforto passageiro da pessoa necessitada, este homem sempre tinha um suprimento de

moedas de cinquenta centavos, para que tivesse o troco certo quando fosse necessário.

Esta história serve como exemplo de como devemos ser sensíveis aos sentimentos dos outros, sempre nos esforçando para impedi-los de passar por qualquer sofrimento desnecessário. Quando alguém precisa de uma mão amiga, não importa se o problema é grande ou pequeno, é nosso dever oferecê-la.

Pois se a Torá pode preocupar-se com o mal-estar temporário de um burro, certamente espera-se de nós que dediquemos algum tempo a evitar o sofrimento de uma pessoa necessitada. E se devemos ser tão cuidadosos para impedir que alguém sofra, mesmo que seja o desapontamento momentâneo de um pobre que percebe que irá receber apenas parte daquilo que imaginava, muito mais não devemos ser a fonte daquele desconforto, humilhando ou depreciando ridicularizando os outros. Com isso em mente, que sejamos capazes de cumprir todas as mitsvot – tanto aquelas entre o homem e D'us quanto aquelas entre as pessoas – com a devida sensibilidade e respeito uns pelos outros.

50 - Parashat Ki Tavó

Deuteronômio 26:1-29:8

A Mitsvá de Bicurim

Os primeiros frutos são trazidos das sete espécies pelas quais Êrets Yisrael é abençoada: trigo, cevada, uva, figo, romã, azeitona e tâmara.

Quando o proprietário de um campo nota que o primeiro fruto (de qualquer um dos tipos acima mencionados) começou a amadurecer em seu campo ou pomar, deve amarrar uma fita em volta dele para marcá-lo como bicurim.

Um dos benefícios da mitsvá é a de fortalecer o autocontrole da pessoa. É tentador degustar o primeiro fruto maduro de uma espécie que não estava disponível já há algum tempo. Em vez disso, nós somos obrigados a nos refrearmos, e reservá-lo para D'us.

O dono do campo espera até que as várias espécies de frutos tenham amadurecido para levá-los ao Bet Hamicdash. Se ele calcula que as primeiras frutas irão apodrecer antes de começar sua jornada, ele deve preservá-las. Por exemplo, transformando os figos em figos secos e as uvas em passas. Apesar de que ele só precisa dar uma fruta como bicurim, quanto mais ele acrescentar, maior será sua mitsvá. Bicurim são recebidos anualmente pelos cohanim entre Shavuot e Chanucá.

As frutas devem ser trazidas ao Bet Hamicdash em algum recipiente, como uma cesta, e preferivelmente, uma espécie em cada recipiente. Se todas elas precisam ser colocadas no mesmo recipiente, deve-se proceder da seguinte forma: a cevada por baixo, por cima dela o trigo, acima dele as azeitonas, as tâmaras, as romãs, e finalmente os figos por cima de tudo. Entre cada camada de fruta deve haver uma divisória, como folhas, e a camada de cima é circundada por cachos de uvas.

Como os Bicurim Eram Trazidos para Yerushalayim

.....
As cidades de Êrets Yisrael eram agrupadas em distritos. Os habitantes de cada cidade de um mesmo distrito se reuniam em um lugar e viajavam juntos para Yerushalayim para trazer os seus bicurim.

A mitsvá era engrandecida quando realizada por toda a congregação. Os viajantes descansavam à noite em céu aberto (evitando assim a possibilidade de ficarem impuros, pois alguém que estivesse numa casa que contivesse um cadáver, suas primícias se tornariam impuras e portanto inaptas para serem trazidas ao Bet Hamicdash). De manhã, o líder anunciava: "Levantem-se, e vamos a Tsiyon, à casa do nosso D'us!"

Um boi, que mais tarde seria oferecido como oferenda, ia à frente da procissão; seus chifres cobertos com ouro e uma grinalda de folhas de oliva enfeitava sua cabeça. Os viajantes recitavam (Salmos 122:1) "Eu ficava feliz quando me diziam: 'Vamos à Casa de D'us.'" Flautistas proviam acompanhamento musical até que a procissão alcançasse Yerushalayim.

Os viajantes paravam nos portões para arranjar e decorar seus bicurim, enquanto avisavam que eles haviam chegado à cidade. Eles eram recebidos por vários cohanim (sacerdotes), leviyim (levitas) e tesoureiros do Bet Hamicdash, que saíam para cumprimentá-los. Ao entrar na cidade os viajantes proclamavam (Salmos 122:2) "Nossos pés estavam em seus portões, Yerushalayim."

Os trabalhadores de Yerushalayim paravam seu trabalho, levantavam-se e cumprimentavam os recém-chegados: "Nossos irmãos de tal cidade, sejam bem vindos!" (Eles assim honravam os cumpridores da mitsvá. Para demonstrar nosso respeito àqueles que estão cumprindo uma mitsvá, nós costumamos nos levantar, como por exemplo quando um bebê é trazido para o Berit Milá.)

Os flautistas continuavam a tocar e os viajantes continuavam a recitar os versos dos Salmos até chegarem ao Monte do Templo. Aí todos, inclusive o próprio rei, colocavam suas cestas sobre os ombros e pessoalmente apresentavam-nas ao cohen. Quando a procissão entrava na Azará (o pátio do Bet Hamicdash) os leviyim cantavam: "Te louvarei, D'us, por ter me erguido e não ter deixado meus inimigos regozijarem-se em mim." (Salmos 30:2).

Os viajantes tinham anexado pombas aos lados de suas cestas e davam-nas para os cohanim, como oferenda. Com as cestas ainda em seus ombros, cada judeu recitava o verso (Deuteronômio 26:3): "Eu declaro hoje a D'us, nosso D'us, que eu vim à terra que D'us prometeu aos nossos antepassados que a daria para nós." Ele assim reconhecia que D'us manteve a Sua promessa para com os nossos antepassados, e que ele trouxe para o Bet Hamicdash um presente de bicurim da sua porção de terra. Enquanto o proprietário segurava a alça da cesta, o cohen colocava suas mão sob esta, e juntos, eles erguiam a oferenda.

Lendo a Declaração de Bicurim

A fruta era colocada em frente ao altar (os bicurim eram colocados próximos do altar para simbolizar que eles não eram trazidos para o cohen, mas sim para D'us, Que os dava de presente aos cohanim). E o proprietário recitava em hebraico o capítulo referente aos bicurim (Deuteronômio 26: 5 -10).

Originalmente, aqueles que sabiam ler hebraico recitavam o texto sozinhos, e aqueles que não sabiam, um leitor realizava a mitsvá. Quando os sábios perceberam que os judeus não letrados abstinham-se de trazer bicurim ao Bet Hamicdash, pois tinham vergonha, eles instituíram que o texto fosse lido por um terceiro em qualquer caso. (Semelhantemente, em tempos passados a Torá era lida na sinagoga por aqueles que eram chamados para recitar a bênção. Já que algumas congregações não sabiam ler, foi instituído que a Torá deve ser lida por um expert, comum a todos.)

A Torá ordena ao proprietário dos bicurim para ler justamente esta porção da Torá porque ela descreve a bondade de D'us para com os judeus. O proprietário reconhece sua gratidão por tudo que D'us fez por ele. O texto relata os sofrimentos e as aflições do nosso povo, pois para apreciar as bênçãos deve ter em mente os infortúnios do passado. Isso é o que se lê, enquanto se segura os bicurim (versículos encontrados na nossa parashá – Deuteronômio 26:5):

"E ele (Yaacov) desceu ao Egito com pouca gente e lá tornou-se um povo poderoso e numeroso. E os egípcios nos maltrataram e nos afligiram e colocaram sobre nós trabalho duro. Nós gritamos para D'us, D'us dos nossos pais, e D'us ouviu nossa voz, e viu nossa miséria, nossa labuta e nossa aflição. E D'us nos tirou do Egito com mão forte e braço estendido e com grande temor, com sinais e maravilhas. E Ele nos trouxe para este lugar, e nos deu esta terra, a terra onde jorram o leite e o mel."

Já que eu reconheço que tudo o que possuo é graças à bondade de D'us:

"E agora, portanto, eu trouxe as primícias da terra que Tu, D'us, me deste."

Completada a leitura, os bicurim são erguidos uma segunda vez, o proprietário coloca-os ao lado do altar, prostra-se e deixa o Bet Hamicdash. Os bicurim eram distribuídos entre os cohanim que estavam em serviço no Templo Sagrado.

Aquele que oferecia os bicurim deveria trazer oferendas e passar a noite em Yerushalayim antes de retornar a sua casa. Esta mitsvá era chamada de liná, ou seja, pernoitar em Yerushalayim. Uma das razões para pernoitar lá é que D'us queria que aquele que oferecia os bicurim, depois de ter comparecido ao Bet Hamicdash, absorvesse plenamente a santidade de Yerushalayim antes de retornar a seu lar, para que a mitsvá tivesse um efeito duradouro sobre ele.

A mitsvá de bicurim, as primícias, é um exemplo impressionante dos esforços que os judeus fazem para embelezar as mitsvot. Somente um profundo amor para a mitsvá poderia converter o mandamento de "trazer os primeiros frutos ao Bet Hamicdash" em um glorioso procedimento – uma festiva procissão até Yerushalayim, o recital das escrituras acompanhado de música, e a apresentação de cestas de frutos cuidadosamente arranjadas e decoradas para os cohanim.

O midrash nos conta:

A Voz Celestial

Depois de o judeu ter cumprido a mitsvá de bicurim, uma voz celestial podia ser ouvida no Bet Hamicdash: "Que você tenha o mérito de trazer seus bicurim no próximo ano mais uma vez!"

.....

Similarmente, nossos sábios nos contam que dois anjos acompanham o judeu da sinagoga para casa na noite de Shabat – um anjo misericordioso e um anjo negativo. Se as velas de Shabat estão acesas, a mesa posta, e a casa preparada para honrar o Shabat, o anjo bom clama: "Que seja a vontade de D'us que no próximo shabat seja a mesma coisa!" O anjo negativo vê-se obrigado a responder "Amen". Se, D'us nos livre, a casa não está preparada para o Shabat, o anjo negativo clama: "Espero que no Shabat que vem seja a mesma coisa!" E o anjo bom vê-se obrigado e responder "Amen".

Sempre que um indivíduo cumpre uma mitsvá, ele cria um anjo que o ajuda a cumprir mais mitsvot.

Separação do Maasser

Os membros da tribo de Levi recebem alguns presentes de Benê Yisrael. Isso inclui terumá (doação) para o cohen e maasser (dízimo) para o levi. Todo judeu também deve separar o maasser sheni (o segundo dízimo), e comê-lo em Yerushalayim (Parashat Reê). Em alguns anos, deve-se dar também o maasser ani, o dízimo para os pobres, no lugar do maasser sheni.

Deve-se seguir algumas leis para cumprir a mitsvá adequadamente. Não se deve separar menos do que um décimo da colheita da primavera, achando que poderá separar uma parte extra da colheita do outono. Não se pode também comer o segundo dízimo quando se está enlutado por um parente morto que ainda não tenha sido enterrado.

Quem é que verifica se o indivíduo separou a quantidade adequada de cada tipo de maasser?

Ninguém. A Torá ordena que a cada três anos, todo indivíduo deve verificar a si próprio, se ele separou as quantidades certas de maasser do seu produto. Se perceber que não, ele deve separar o maasser naquela hora e dá-lo para um levi.

Deve-se também separar terumá e chalá (uma parte da massa) para o cohen. Se não separou o segundo dízimo, ele deve fazê-lo naquele momento e trazê-lo para Yerushalayim. Assim também, se não tirou o dízimo dos pobres quando tinha de fazê-lo, deve dá-lo agora para os necessitados.

No último dia de Pêssach do quarto e do sétimo ano de cada ciclo de shemitá (ano sabático), o judeu deve proferir o vidui maasser (a confissão do dízimo), que atesta que ele cumpriu todas as leis de maasser. Isto o ajuda a ser cuidadoso ao separar os dízimos corretamente. Depois da confissão, pede-se a D'us que abençoe Benê Yisrael com chuva e produtos deliciosos:

"Eu cumpri meus deveres; agora Tu, D'us, cumpre a Tua parte: observe da residência da Tua santidade, dos Céus, e abençoe o Teu povo, Israel, e a terra que Tu nos deste assim como prometeste para os nossos pais, uma terra onde as frutas são gordas como o leite e doces como o mel."

Enquanto os judeus separassem os dízimos, as frutas teriam sabor e aroma deliciosos e seriam suculentas; quando eles parassem, estas bênçãos cessariam.

Por que esta declaração é chamada de "confissão", apesar de não mencionar nenhum pecado?

Se Benê Yisrael não tivessem idolatrado o bezerro de ouro, o serviço Divino permaneceria como privilégio dos primogênitos, e todas as casas judias poderiam ser um templo sagrado. Somente por causa da recaída espiritual do povo tornou-se necessário retirar dízimos de casa para dá-los aos cohanim e leviyim. Por isso, nós confessamos

Revisão da Torá

Moshê completou a revisão da Torá e o ensinamento das mitsvot. (O resto das parashiyot do livro de Devarim referem-se a fortificar a observância da Torá: escrever a Torá em pedras ao atravessar o rio Jordão; um novo pacto com Benê Yisrael; predições sobre o futuro; e admoestação para retornar a D'us em tempos de angústia.

Agora Moshê exortou Benê Yisrael: "Vocês receberam a Torá há quarenta anos no Monte Sinai, porém seus ensinamentos devem ser todo dia novos e frescos para vocês como se fosse o primeiro dia que vocês os ouviram. O objetivo do estudo da Torá é para saber a vontade de D'us e para cumpri-la de todo o coração (e não mecanicamente).

"Vocês proclamam diariamente a unicidade de D'us através do versículo 'Shemá Yisrael – ouça Yisrael.' "Em retorno, D'us declara que vocês também são únicos: 'E quem é como o teu povo, Israel, uma nação na Terra' (Shemuel II 7:23)!

"Ele lhes prometeu na outorga da Torá que vocês são Sua preciosa nação. Já que vocês estudam Sua Torá e são uma nação sagrada, vocês serão reconhecidos como supremos por todas as nações e elas os louvarão."

D'us e o povo de Israel são inseparáveis.

O Memorial de Pedras

D'us ordenou a Moshê: "Erga doze pedras enormes nas planícies de Moav. Escreva a Torá sobre elas." Moshê fez como D'us ordenou. As pedras serviam para lembrar a geração que entrou em Êrets Yisrael do cumprimento da Torá. Somente ao preservar a Torá eles preservariam a terra. D'us ordenou que mais dois grupos de pedras fossem erguidos pelo próximo líder, Yehoshua.

Yehoshua e Benê Yisrael atravessariam o rio Jordão para entrar na Terra de Yisrael. Yehoshua deveria colocar doze pedras no local onde Benê Yisrael atravessaria o rio.

Outras doze pedras deveriam ser removidas do rio Jordão e ser carregadas até o monte Eval. Esta é uma montanha no centro de Êrets Yisrael. Yehoshua e Benê Yisrael deveriam construir um altar com as pedras tiradas do rio Jordão para fazer oferendas para D'us. Depois de escrever a Torá nas pedras do altar, Benê Yisrael deveria pegá-las e levá-las novamente até a fronteira da terra de Canaan. Elas eram deixadas lá como um memorial.

Como as instruções de Moshê foram executadas na época de Yehoshua?

Uma história do livro de Yehoshua

.....
A Entrada Miraculosa de Benê Yisrael para Êrets Yisrael

Moshê faleceu no deserto. Seu aluno Yehoshua levou Benê Yisrael até o rio Jordão, na fronteira de Êrets Yisrael.

No dia 9 de Nissan, 2488, Yehoshua anunciou: "Preparem-se! Amanhã vocês atravessarão o Jordão de forma milagrosa!"

Era época da primavera. Após a estação chuvosa, o rio Jordão estava transbordante. No dia seguinte, Yehoshua comandou os oficiais: "Percorram o acampamento e clamem: 'O Aron (arca sagrada que continha as tábuas da lei) irá na frente. Todos devem segui-lo, porém mantenham distância dele, em sinal de respeito.'"

Yehoshua escolheu quatro cohanim. "Em vez dos leviyim, vocês carregarão o aron hoje" – ele instruiu. "Vocês são mais santos que os leviyim. Hoje um milagre se realizará por intermédio do aron."

D'us orientou Yehoshua: "Diga aos cohanim que carregam o aron para entrarem no Jordão e fiquem parados dentro da água, às margens do rio."

Yehoshua reuniu Benê Yisrael e anunciou: "Um milagre acontecerá agora. Este irá confirmar que o D'us Vivo está entre vocês. Ele expulsará os canaanitas, os chitim, os chivim, os perizim, os guirgashim, os emorim e os yevussim.

"D'us secará o Jordão para vocês."

Os cohanim marcharam com o aron à frente do povo. Eles entraram no rio Jordão e ficaram parados nas suas margens. Imediatamente, o rio parou de correr. Ele amontoou-se em uma alta muralha de água. Agora havia uma região seca para Benê Yisrael atravessar. Os cohanim permaneceram de lado, parados dentro da água, próximos à margem leste do rio, até que todo o povo tivesse atravessado para a margem oeste do rio com segurança. Aí eles voltaram para a margem leste. A muralha de água começou a jorrar novamente para dentro do rio, que logo ficou cheio como antes do milagre. Os cohanim ficaram parados na margem leste do rio, enquanto todo o povo estava na margem oeste, dentro da terra de Canaan.

Como os cohanim poderiam atravessar?

Um outro milagre ocorreu: o aron elevou-se para o ar e carregou a si mesmo e aos cohanim em direção do povo! Os milagres encheram Benê Yisrael de um temor respeitoso. Eles exclamaram: "Vejam quão grande é Yehoshua! Ele merecia ser o líder depois de Moshê! Vamos obedecê-lo assim como obedecemos ao seu mestre!"

Yehoshua fez como Moshê ordenou na Torá, colocando doze pedras no rio Jordão, no local onde o povo judeu atravessou. Estas pedras lembrariam às futuras gerações do milagre lá ocorrido.

Yehoshua continuou a cumprir os mandamentos de Moshê, dizendo para um homem de cada tribo pegar uma pedra do Jordão. Eles carregaram estas pedras enormes até o monte Eval. Usando essas pedras, construíram lá um altar, fizeram oferendas e depois escreveram sobre aquelas pedras a Torá. No monte Eval e na montanha próxima dele, leram as bênçãos e as maldições.

Então desmontaram o altar e carregaram as pedras de volta para a fronteira de Êrets Yisrael, onde as colocaram como um memorial para as gerações futuras. Todo judeu que entrasse em Êrets Yisrael veria estas doze pedras nas quais foi escrita a Torá. Se perguntasse: "Para que servem estas pedras?" Lhe seria dito: "Elas mostram que D'us dá a terra aos judeus sob a condição de preservarem a Torá e as mitsvot."

Bênçãos e Maldições

Há duas montanhas em Êrets Yisrael na vizinhança de Shechem – monte Guerizim e monte Eval. Moshe ordenou que no dia que os judeus entrassem em Êrets Yisrael, sob liderança do seu sucessor, eles deveriam viajar diretamente àquele lugar, para pronunciar as bênçãos e as maldições de D'us da seguinte maneira:

Seis tribos deveriam subir o monte Guerizim: Shim'on, Levi, Yehuda, Yissachar, Yossef e Binyamin. Mais seis no monte Eval: Reuven, Gad, Asher, Zevulun, Dan e Naftali.

O aron Hacodesh (Arca Sagrada), os cohanim e os mais velhos dentre os leviyim deveriam ficar no vale entre as duas montanhas, os cohanim formando um círculo interno em volta do aron e os leviyim formando um círculo externo em volta dos cohanim. Virando seus rostos em direção ao monte Guerizim, os mais velhos entre os leviyim proclamavam a primeira bênção para que as tribos das duas montanhas pudessem ouvir:

"Abençoado é o homem que não faz uma imagem esculpida ou fundida." As tribos das duas montanhas deveriam responder: "Amen – que assim seja." Então os mais velhos dentre os leviyim viravam-se para o monte Eval e pronunciavam a primeira maldição: "Amaldiçoado é o homem que faz uma imagem esculpida ou fundida." As tribos das duas montanhas deveriam responder: "Amen – que assim seja."

Os leviyim deveriam continuar a pronunciar alternadamente uma bênção e uma maldição. (Apesar de que a Torá escrita somente declara as maldições, cada maldição era antes formulada positivamente, como uma bênção).

Por que D'us ordenou que os judeus escutassem a bênçãos e maldições no dia que entrassem na Terra Santa?

Este seria um novo pacto, uma nova aceitação da Torá na própria Terra Santa. As duas montanhas serviriam como testemunhas eternas que lembrariam os judeus de sua promessa de cuidar da Torá em Êrets Yisrael.

Os leviyim deveriam amaldiçoar aquele que cometesse um dos onze pecados apontados (e abençoar aqueles que se abstivessem deles). Estes pecados são geralmente cometidos em segredo, portanto não podem ser punidos por uma corte de justiça.

Eles são:

* Abençoado seja o homem que não molda secretamente uma imagem de idolatria! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não despreza seu pai e sua mãe! Amaldiçoado seja aquele que despreza seu pai e sua mãe [um pecado cometido freqüentemente em segredo]!

.....
* Abençoado seja o homem que não move a demarcação de fronteira do seu vizinho [secretamente, para roubar sua terra]! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não induz o cego a errar no seu caminho (que não dá conselhos errôneos para um indivíduo ignorante)! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não perverte o julgamento de um guer (convertido), de um órfão e de uma viúva! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não deita (secretamente) com a mulher do seu pai! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não deita (secretamente) com um animal! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não deita (secretamente) com a sua irmã! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não deita (secretamente) com a sua sogra! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não atinge seu próximo secretamente [falando mal dele]! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que não pega suborno [ou qualquer outro ganho financeiro] para matar um inocente! Amaldiçoado seja aquele que o faz!

* Abençoado seja o homem que cumpre todas as palavras da Torá! Amaldiçoado seja aquele que não o faz!

A última bênção e maldição é abrangente. Moshê abençoou o judeu que aceita a Torá sobre si e amaldiçoou aquele que não o faz. O povo deveria responder "amen" depois de cada bênção ou maldição.

O livro de Yehoshua relata que no dia em que entraram em Êrets Yisrael, os judeus viajaram até os montes Guerizim e Eval e pronunciaram as bênçãos e as maldições assim como a Torá ordenou.

Depois disso, Moshê continuou a pronunciar bênçãos pelo cumprimento da Torá e reprovações pela sua transgressão.

Bênçãos e Advertências

Na Parashá de Bechucotai, no livro de Vayikrá, D'us prometeu bênçãos para Benê Yisrael por cumprirem a Torá e punições – D'us nos livre – por deixá-la.

Moshê estava muito preocupado. Ele temia que depois de sua morte o povo judia transgredisse a Torá! Por isso, pediu a D'us: "Posso dar aos judeus mais bênçãos e advertências?" D'us concordou com o pedido de Moshê. Quando Moshê expressou estas bênçãos e advertências adicionais, o Ruach Hakodesh (Espírito de Profecia) pairou sobre ele. A maioria das punições que ele predisse ocorreram na época da destruição do segundo Bet Hamicdash.

Assim como explicado anteriormente, as bênçãos não são a recompensa final pelo cumprimento da Torá, assim como as

maldições não são a punição final pela violação desta. Um pagamento completo pelas mitsvot será dado somente no Mundo Vindouro. Até certo ponto, se o povo judeu cumpre a Torá plenamente, D'us o livra de preocupações materiais e o abençoa com abundância para lhes dar a oportunidade de cumprir mais mitsvot. Por outro lado, se negligenciam a Torá e as mitsvot, D'us os pune com sofrimentos, que limitam suas oportunidades de cumprir mitsvot.

As bênçãos e as maldições, então, indicam para o povo judeu se eles estão ou não seguindo o caminho correto. Se forem afligidos por uma ou mais maldições, eles devem reconhecer que o seu comportamento possui falhas e devem reparar seus caminhos.

Sucesso

D'us nos promete sucesso em nossos negócios na cidade (pelo mérito das mitsvot que nós cumprimos como moradores urbanos – mitsvot como viver em uma sucá em sucot, afixar mezuzot em nossas portas, e cercar nossos terraços e tetos). Igualmente, nossos campos serão abençoados (pelo mérito do cumprimento das mitsvot associadas à agricultura – dando parte da colheita para os levitas e necessitados).

Ele abençoará nossas crianças, nossa produção e nossos animais.

"Abençoado serás em sua chegada, abençoado serás em sua saída!" Serás abençoado ao entrar na casa de estudos e ao sair para os teus negócios. (D'us promete abençoar o judeu que faz da sua "chegada à casa de estudos" i.e., o estudo da Torá, como o principal objetivo de sua vida.)

Fuga dos Inimigos, Safras Abundantes e Respeito das Nações

A Torá promete que os inimigos que vêm com a intenção de nos atacar fugirão em diferentes direções.

Nossos armazéns estarão repletos com uma abundância de grãos, vinho e óleo, como diz o versículo:

"D'us ordenará a bênção para você em seus armazéns e em todos os seus empreendimentos."

Certa vez um indivíduo pediu uma bênção do sexto Rebe de Lubavitch, Rabi Yossef Yitschac Schneerson, e recebeu-a. Alguns anos depois, quando o seu genro, o Rabi Menachem Mendl Schneerson, sucedeu-o na liderança de Chabad-Lubavitch, o indivíduo lhe expressou seu desapontamento pela não-realização da berachá dada pelo seu sogro.

O Rebe lhe respondeu que a bênção é como a chuva. A chuva só tem valor quando o fazendeiro ara o campo, cultiva o solo e o semeia. Então, se D'us rega o solo com chuva, ele pode antecipar uma boa colheita. Porém, o fazendeiro que negligencia sua terra e somente reza pela chuva é ridículo pois nada crescerá lá sem o esforço requisitado e merecido.

A palavra "itchá" – "para você", no versículo acima, pode ser traduzida como "junto com você". A Torá está nos ensinando que D'us ordenará Sua bênção "em seus armazéns e em todos os seus empreendimentos" sabendo que tem o "itchá" – a sua participação e esforço sincero.

.....
Nós Seremos o Povo Sagrado de D'us, Respeitados por Todas as Nações

"D'us os estabelecerá como Seu povo santo, e vocês deverão seguir os caminhos que são corretos perante Ele. Todas as nações deverão perceber que vocês são chamados pelo nome de D'us quando eles vêem vocês usando seus tefilin, e eles os temerão."

Nossos sábios explicam:

Os Tefilin São como Uma Coroa

Os tefilin na cabeça são uma coroa especial de D'us. Quando um tsadic coloca os tefilin, os não judeus o temem pois ele está carregando o nome de D'us.

Lemos na história de Purim que Mordechai tornou-se um ministro do rei. Deram-lhe cinco peças de roupa reais para vestir, e uma coroa para colocar em sua cabeça. Sobre a coroa, Mordechai colocou os tefilin. Quando os gentios viram os tefilin, tsentiram um temor e respeito intensos por Mordechai, dizendo um para o outro: "Ele está usando o símbolo de D'us!"

Nossos sábios nos contam sobre Rav Abin, que certa vez foi convocado para comparecer perante o imperador. Ao final da audiência, Rav Abin deveria ter andado para trás, para não dar as suas costas para o imperador, como era o costume naquele país. Em vez disso, Rav Abin virou-se e simplesmente foi andando. Ele não percebeu ter cometido um crime imperdoável.

O imperador estava para ordenar a execução do Rav Abin, quando de repente, viu duas faixas de fogo saindo dos tefilin dele. "D'us está com este homem!" – pensou o imperador, com um tremor. Ele nem pensou em prendê-lo.

O seguinte versículo havia se realizado com o Rav Abin: "As nações perceberão que vocês carregam o nome de D'us (nos tefilin), e elas os temerão."

D'us outorgará bênçãos extraordinárias sobre as suas crianças, animais e produção. Ele abrirá os Portões Celestiais de abundância e os regará com extraordinária bondade. Vocês serão capazes de emprestar dinheiro para os gentios, e não precisarão tomar nada emprestado. Vocês serão altamente estimados pelas nações e não desprezados.

As acima citadas são dadas sob condição de estrita aderência às mitsvot de D'us, para que as estude e as cumpra. Alguns dos versículos acima mencionados fazem parte da oração semanal "Veyiten Lechá" recitada todo sábado à noite após a Havdalá.

A Repreensão Divina

Quando Moshê começou a citar as palavras de repreensão, a Terra foi sacudida, os Céus tremeram, o Sol e a Lua escureceram, as estrelas perderam o seu brilho, os patriarcas choraram em seus túmulos, as criaturas silenciaram, e os galhos das árvores não mais oscilavam.

Os patriarcas protestaram: "Como nossos filhos serão capazes de agüentar estas punições? Talvez eles perecerão, pois não terão méritos suficientes para protegê-los e ninguém rezará por eles!"

Uma voz Celestial soou das Alturas: "Não temam, patriarcas dos judeus. O juramento que Eu fiz para vocês não será violado, e Eu os protegerei".

Moshê explicou: "As maldições de D'us só terão efeito se vocês não cumprirem Suas mitsvot (é sua escolha de evitar que elas se tornem realidade)."

– A maldição pairará sobre os negócios, sobre a produção, sobre os filhos e os animais.

– Confusão e doença

– Seca e derrota

– Pavor de doenças de pele e confusão mental, falta de conselhos

A Torá prediz que se os judeus deixarem a Torá, eles serão como "cegos no escuro". Além de se sentirem (espiritualmente) perdidos e confusos, eles sentirão falta de alguém que poderia ajudá-los e guiá-los.

– Fracasso e frustração

– Exílio: Se as desgraças que ocorrerem na sua própria terra não os direcionarem de volta para D'us, vocês serão por fim exilados.

– Desolação da terra e degradação daqueles que continuam em Êrets Yisrael.

Moshê então explicou que D'us pune medida por medida:

"Já que vocês não serviram D'us, seu D'us, com alegria e com júbilo do coração ao aproveitar o grande número das Suas bênçãos, vocês devem, portanto, servir seus inimigos, os quais D'us mandará contra vocês, com fome, sede, nus e com incontáveis necessidades."

* Se vocês não quiserem servir a D'us, vocês terão que servir a não-judeus.

* Se vocês não quiserem contribuir para o Bet Hamicdash, terão que pagar tributos para o governo dos inimigos.

* Se vocês não repararem as estradas para aqueles que viajam para o Bet Hamicdash, vocês terão que reparar as estradas para os reis.

* Se vocês não servirem a D'us com alegria em tempos de prosperidade, vocês terão que servi-Lo com fome e necessidades.

– Um povo de um país distante sitiárá Yerushalayim, e virão a fome e o sofrimento como resultado

– O destino dos exilados se eles não cumprirem a Torá. Que aqueles que estiverem exilados não acreditem que com a expulsão da terra, D'us os livrou da obrigação de cumprir a Torá!

– Dispersão global, medo do futuro, retorno ao Egito.

Mashiach e o Entendimento da Torá

Quando os judeus ouviram a repreensão, eles ficaram apavorados. Moshê então reuniu-os todos – homens, mulheres e crianças – e explicou-lhes que D'us destinou aquelas advertências

.....
para o seu benefício. Seu sofrimento preveniria sua assimilação entre os povos e lhes garantiria uma porção no Mundo V indouro com a vinda de Mashiach.

Somente recentemente nossa fé na Providência ficou tão chocada que o sofrimento nos faz questionar a justiça de D'us. Em parte, isso é graças à sociedade hedonista não judaica que proclama a boa vida neste mundo como objetivo final.

Nossos ancestrais viveram, sofreram e morreram com o ensinamento judaico enraizado profundamente de que a vida neste mundo é passageira, somente um preparativo para a vida futura e eterna. O que pode ser considerado um "infortúnio" no mundo presente pode provar ser uma fonte de felicidade no que está por vir.

O Midrash nos Conta:

Quando Rabi Shim'on Bar Yochai e seu filho El'azar estavam escondidos em uma caverna por medo do governo Romano, os sábios em Êrets Yisrael estavam estudando esta parashá.

Certa vez R. Yosse bar R. Yehuda avistou um grupo de pombas. Uma pomba solitária estava perambulando entre elas.

"Pomba, pomba", ele suplicou, "você é um mensageiro fiel desde os tempos de Noach e você simboliza o povo judeu. Voe para Rabi Shim'on Bar Yochai".

R. Yosse queria saber a explicação das radmoestações. Ele colocou a pergunta escrita no bico da pomba e ela a levou para Rabi Shim'on. Ao ler a mensagem, este começou a chorar e comentou: "Quão baixo nossa geração afundou, que nós não sabemos nem explicar ou entender corretamente a mensagem da Torá."

O profeta Eliyahu revelou-se para acalmar Rabi Shim'on e dar-lhe uma resposta.

"Esta parashá foi estudada na Yeshivá Celestial", Eliyahu revelou. "Neste caso, D'us é mais como um pai que, preocupado com a má conduta do seu filho, repreende-o profusamente por compaixão e piedade. Na verdade, cada faceta da repreensão vem do amor de D'us para o povo judeu; todas têm o intento de ajudar a guiá-los em direção ao caminho apropriado.

Muitas das admoestações são repetitivas porque D'us previu a longa duração do nosso presente exílio e queria urgentemente advertir os judeus para fazerem teshuvá. Mesmo a mais severa das maldições, 'Toda doença e praga que não estão escritas neste livro da Torá D'us trará sobre vocês', é expressa ambigualmente.

'Ele trará sobre você' (ya'lem alecha) pode significar também 'Ele omitirá de você' (do radical leha'alim – omitir) – em outras palavras, Ele não as trará sobre vocês. A repreensão deve ser lida com uma apreciação do profundo desejo Divino de que os judeus não abandonem a Torá, e que aqueles que o fizeram, retornem a Ele."

Eliyahu revelou mais um segredo para o Rabi Shim'on Bar Yochai: "O versículo 'E D'us os retornará para o Egito em navios' é uma bênção disfarçada. Isso é uma dica que no futuro D'us realizará milagres similares àqueles ocorridos após o Êxodo. As

nações virão em navios e tentarão destruir os judeus, porém em vez disso estes navios serão afundados.

Quando a pomba retornou à noite com a mensagem do Rabi Shim'on Bar Yochai para o Rabi Yosse, este último exclamou maravilhado: "Pomba, pomba, você é a mais fiel das criaturas!"

Ele mostrou a mensagem do Rabi Shim'on para os sábios e declarou: "Mesmo que nós não sabemos o paradeiro de Rabi Shim'on, onde quer que ele esteja, a Torá com certeza lá está. Afortunada é a sua porção!"

Uma História:

Quando o Rabi Shneur Zalman de Liadi (o primeiro Rebe de Chabad) vivia em Liozna, ele era o ba'al korê – leitor da porção semanal – no shabat. Certa vez, ele estava fora na semana de parashát Ki Tavô, e outra pessoa a leu em seu lugar. Seu filho, Rabi Dov Ber (que mais tarde o sucedeu como líder de Chabad), ainda não era Bar Mitsvá e desmaiou quando as maldições foram lidas, e ficou muito doente. Tanto, que era questionável se ele poderia jejuar no Yom Kipur. Depois de ser reavivado, foi-lhe perguntado por que ele foi mais afetado agora do que em anos anteriores? Ao que ele respondeu:

"Quando meu pai lê a Torá, ninguém ouve nenhuma maldição."

Para o Rabi Shneur Zalman, a maldições não eram o desejo final de D'us. Ao contrário, D'us ama seu povo e quer regá-los com bênçãos. Estas maldições são somente superficiais, e ocultas dentro delas há bênçãos que o povo judeu eventualmente merecerá.

Um exemplo de bênçãos ocultas pode ser achado no seguinte passuk: "Shorechá tavuach le'enêcha velô tochal mimênu, chamorechá gazul milefanêcha velô yashuv lach, tsonechá netunot leoyevêcha veên lechá moshía." – "Seus bois serão abatidos perante os seus olhos e não comerás dele, seu burro será roubado de ti e não retornará, seu rebanho será dado aos seus inimigos e não terá nenhum salvador." (28:31).

Quando este passuk é lido de trás para frente, ele está cheio de bênçãos:

"Moshía lechá ve'ên leoyevêcha" – "Ele ajudará a vocês e não aos seus inimigos" – "yashuv lach tsonechá netunot" – "o seu rebanho que foi dado para outros retornará para você" – "velô milefanêcha gazul Chamorêcha" – "Teu burro não será roubado de ti" – "mimênu tochal velô le'enêcha tavuach shorêcha" – "Você comerá dele e seu boi não será abatido perante os teus olhos".

Vivendo com o Rebe - Bikurim

Adaptado de Likutei Sichot do Rebe vol. 29.

A porção desta semana da Torá, Ki Tavô, começa com o mandamento de bikurim – primeiros frutos. "Tu os colocarás em um cesto... e o sacerdote tirará o cesto de tua mão."

Um estudo mais acurado das leis de bikurim da Torá revela que a apresentação do cesto (geralmente feito de vime) ao cohen (sacerdote) era parte integrante do mandamento em si.

Curiosamente, enquanto os frutos trazidos eram o que havia de melhor, e somente selecionados das sete variedades pelas quais a terra de Israel é enaltecida, o cesto utilizado era feito de um material comum. Esta aparente contradição no mandamento do bikurim contém uma alusão à descida da alma das altas esferas e sua encarnação num corpo físico aqui embaixo.

Os frutos do bikurim são simbólicos da alma; o cesto é o corpo físico. Entregar o cesto ao sacerdote representa o propósito para o qual a alma fez esta drástica descida.

Em geral, os primeiros frutos são simbólicos do povo judeu; mais especificamente, da alma Divina que existe Acima, totalmente transcendente em relação ao mundo físico. O plano de D'us, no entanto, é para que esta alma purificada seja revestida num corpo, um "recipiente" grosseiro e inferior que a contém, por assim dizer.

Este recipiente torna difícil para a alma expressar sua conexão com D'us, até o ponto de obscurecer sua verdadeira missão no mundo. Mais uma vez, assim como no mandamento de bikurim, o "fruto" sagrado e superior está contido e até restrito nos confins de um simples e despretensioso "cesto".

A Chassidut fornece a razão para isso, explicando que a descida da alma para um corpo físico é "uma descida com o propósito de ascender": É precisamente por meio de sua permanência no plano físico, tendo de enfrentar as dificuldades deste mundo e superá-las, que a essência da alma é revelada e um nível mais elevado de espiritualidade é atingido – muito mais elevado do que jamais poderia ser atingido sem passar pela descida inicial.

Em princípio, "frutos" somente não é o suficiente; o objetivo da descida da alma é "frutos dentro de um cesto".

O crescimento da alma é conseguido através do cumprimento de mandamentos práticos, que somente podem ser feitos com a ajuda do "recipiente" – o corpo físico. Pois na verdade, a alma já estava repleta de amor e reverência por D'us antes de descer ao mundo material; a única mudança que experimenta ao se encontrar num corpo é que agora pode cumprir mandamentos físicos, algo que anteriormente lhe era impossível. Assim, a alma se torna capaz de elevar o mundo físico e transformá-lo em santidade – a intenção de toda a criação.

Planejando um Casamento

Quem não adora um casamento? A música, as flores, as iguarias, a linda noiva, o pai abençoando a filha, a chupá (canópia nupcial), a quebra da taça e o grito de "Mazal Tov!"

Para a noiva, o noivo e a família imediata, há um constante crescendo de entusiasmo, antecipação e preparação. A noiva e o noivo, em especial, estão vivendo para o casamento e todos aqueles planos: eles comem, respiram e até dormem pensando em cada detalhe do importante acontecimento. Para os outros, o nível de envolvimento é bem menos intenso.

Um conhecido precisa apenas saber da aproximação da data do casamento. Uma rápida consulta ao calendário assegura que não há planos conflitantes. Poucos dias antes do casamento, a pessoa compra um presente, e algumas horas antes se apronta para ir. Mas até que se chegue de fato ao casamento, os milhões

de detalhes merecem pouca consideração. Você tem de vê-los, para ficar realmente empolgado.

Um parente próximo ou um amigo ficam mais envolvidos nos preparativos, talvez até falando sobre eles a colegas que não conhecem o noivo ou a noiva. O entusiasmo é mais concreto. Semanas antes, você pensa sobre o que vai vestir. Fica pensando e repensando sobre qual será o presente perfeito, e talvez se envolva no planejamento das comemorações, antes ou depois do evento. O casamento, com todos os seus detalhes, é muito mais real para você que para o conhecido que somente aparece na hora exata.

E imagine se você fosse a noiva ou o noivo, ou os pais do casal? Meses antes da cerimônia tudo já seria bem real porque estaria ativamente mergulhado em cada detalhe do grande acontecimento. A empolgação, a antecipação e a ansiedade por aquele dia seriam palpáveis.

Não é difícil perceber que quanto maior o envolvimento nos planos para o casamento, seja você da família, amigo ou um profissional contratado, mais real ele se torna em sua vida.

Este cenário é semelhante à revelação de Mashiach e a Redenção Final. Pois, certamente, a Redenção foi comparada a um casamento, especificamente a consumação do casamento entre D'us e o povo judeu que ocorreu no Monte Sinai.

Quanto mais nos envolvemos nesse casamento supremo, mais participamos nas ações práticas e atividades corretas relacionadas à Redenção, mais empolgados automaticamente ficaremos, e mais real este enlace será em nossa própria vida.

O Rebe ensina que devemos estudar mais sobre Mashiach e a Redenção, como uma preparação para este evento único. Além disso, devemos nos engajar em ações práticas e atividades corretas que nos prepararão ainda mais para este casamento; mitsvot que ajudarão a apressar a Redenção e nos acostumar ao que será viver na Era Messiânica.

Pode ser algo simples como mais uma boa ação, outra gentileza, para nos preparar para um mundo onde a bondade de D'us ficará claramente evidente e onde as qualidades positivas inatas da pessoa brilharão para criar um mundo pacífico, sadio e benevolente.

Terra da Oportunidade

por Stuart Werbin

"Vovô, pode me dar 20 pratas para ir ao Fliperama?"

"Que é isso, Davey? Quer desperdiçar meu dinheiro duramente ganho com alguma atividade frívola? No meu tempo, não se fazia coisas divertidas. Trabalhávamos 18 horas por dia no sol quente, com pacotes de 10 quilos de livros atados às costas, e então tínhamos de andar 5 quilômetros para a escola pisando sobre meio metro de neve – ida e volta."

Muitos de nós temos pais, avós ou bisavós que vieram para a América, com pouco ou nenhum dinheiro ou bens, em busca de

.....
uma vida melhor. Muitos tiveram sucesso, graças a D-us, e colhemos os frutos de seu trabalho.

Na porção desta semana, a Torá relaciona muitas maldições que infelizmente se abaterão sobre o povo judeu se eles não seguirem os caminhos de D'us. A Torá estipula: "Vocês serão um sinal e um exemplo [de um povo oprimido] porque não serviram a D'us enquanto estavam num estado de felicidade e satisfação, e tinham tudo que necessitavam" (Devarim 28:46-47). A Torá está falando sobre uma época em que seremos abençoados com muita riqueza material. Durante este tempo, diz a Torá, o povo pode decidir usar sua fortuna em maneiras contrárias às que D'us pretendia.

Muitos de nossos ancestrais vieram da Europa na esperança de uma vida melhor, livre da pobreza e perseguição do shtetl. Muitos deles vieram também por uma razão diferente – queriam viver em um lugar onde pudessem praticar sua religião livremente, onde pudessem encontrar os meios econômicos para poderem perpetuar o estudo de Torá e o cumprimento das mitsvot.

Existem incontáveis histórias de judeus que ouviram de seus padrões: "Se não vier trabalhar no sábado, não precisa vir na segunda," e mesmo assim recusaram-se teimosamente a trabalhar no Shabat. Estes imigrantes estavam repletos de uma crença simples em seu Criador, uma fé nascida e alimentada por suas experiências nas belas sociedades judaicas da Europa.

Seu auto-sacrifício pode ser uma inspiração a todos nós. Se conseguiram ter lugar para o Judaísmo em sua vida a um custo pessoal tão elevado, certamente podemos estudar e observar mais a Torá porque, graças a seus esforços, nossos sacrifícios são muito menores. Aceitemos esta lição em nossos corações ao se aproximarem os Grandes Dias Festivos.

Tornemo-nos mais ativos em nossas sinagogas, assistindo aulas de estudo de Torá, e dizendo ao mundo: "Sou um judeu religioso e há um propósito e um significado em minha vida." Por este mérito, que D'us afaste as maldições de nossas vidas e nos conceda apenas bênçãos.

51 - Parashat Nitsavim

Deuteronômio 29:9-30:20

Moshê Consola o Povo de Israel

Na parashá passada, Moshê advertiu os judeus sobre os diferentes castigos que receberiam se pecassem. A nação tremeu de medo. "Como sobreviveremos a tais sofrimentos?" Benê Yisrael pensaram. "É tão difícil evitar pecar; temos medo de que todos nós pereçamos."

Moshê viu seus semblantes transtornados pelo pânico. Por isso, tão logo terminou de falar sobre os castigos, começou a consolar os judeus: "Não temam! A nação judaica sobreviverá neste mundo e no olam habá (mundo vindouro). As demais nações sofrerão menos neste mundo, mas serão destruídas por causa de sua perversidade.

"Às vezes, o dia começa escuro e nublado. Então, o sol surge dentre as nuvens, aquecendo e iluminando. Similarmente, por

vezes, sua vida pode parecer difícil. Porém, sempre pode almejar à duradoura felicidade do olam habá."

O Novo Pacto de Benê Yisrael

Era o dia sete de adar de 2488, dia do falecimento de Moshê.

Moshê anunciou ao Povo de Israel: "Hoje, selarei um pacto entre vocês e D'us.

Vocês devem jurar que serão Seu povo para sempre. Ao jurarem, isto incluirá todas as futuras gerações.

"Todos vocês estão ingressando nesta aliança – seus líderes: Yehoshua, El'azar, os nessiím (líderes) das tribos, e os anciãos do Sanhedrin; os juizes de milhares, de centenas, de cinqüentenais e de dezenas; todos os homens e suas esposas, que talvez não compreendam completamente minhas palavras, mas serão recompensados por ouvi-las e aceitá-las; e as crianças, que serão educadas na Torá e mitsvot.

A aliança inclui os guerim (convertidos) dentre vocês que são lenhadores e aguadeiros." [Moshê referia-se a um grupo de canaanitas que pediram para serem aceitos como guerim - convertidos]. Moshê designou-os lenhadores e aguadeiros comunitários.

"A aliança abrange até mesmo judeus que nascerão no futuro. Apesar de não estarem aqui fisicamente, suas almas estão presentes nesta assembléia." (Também em Matan Torá - Outorga da Torá –todas as almas judias estavam presentes.)

"D-us quer que vocês aceitem a Torá através de um juramento, antes que eu encerre minha liderança. Ele Próprio jurou aos nossos patriarcas que jamais trocaria o povo judeu por outra nação. Se só Ele estivesse atado ao juramento (e vocês não), o pacto seria unilateral."

Porque Moshê queria fazer um novo pacto com Benê Yisrael, sendo que eles já aceitaram a Torá no Monte Sinai?

Há diversas respostas:

1. A maioria dos judeus que entrariam em Erets Yisrael não estavam presentes no Monte Sinai. Eles eram os filhos dos que receberam a Torá no Monte Sinai.

Moshê queria que esta nova geração também promettesse que cumpririam a Torá.

2. Benê Yisrael quebraram a promessa que fizeram no Monte Sinai ao fazerem o bezerro de ouro. Por isso, Moshê pediu uma nova promessa.

3. Moshê acrescentou uma nova cláusula a este pacto. Disse a Benê Yisrael:

"Até agora, D'us considerou cada indivíduo responsável apenas por seus próprios atos. De agora em diante, cada um também será responsável pelos atos de todos os outros judeus."

Os judeus concordaram imediatamente em aceitar a responsabilidade uns pelos outros. Aprendemos disto que um

.....
judeu não deve sentir-se satisfeito consigo mesmo por ser um tsadic e cumprir a Torá. Isto não é suficiente. Ele também tem de prestar contas pelos atos de seus companheiros.

Um Judeu Não pode Acreditar em Ídolos

Todo Benê Yisrael concordaram com o novo pacto. Moshê advertiu o povo: "Muitos de vocês, que viveram no Egito, ainda se lembram de seus ídolos de madeira e pedra (que deixavam à vista), e os de ouro e prata (que deixavam trancados em suas casas, por temer ladrões). Vocês viram sua idolatria, e podem ter ficado impressionados com sua riqueza, sucesso e prestígio. Há outros dentre vocês que viram a idolatria de Edom, Amon, Moav e Midyan.

"Talvez haja alguém entre vocês que tenha aceitado a Torá somente superficialmente, e no seu íntimo, pensa: 'Na verdade, acredito em outros deuses. Porém, não fiz nada de errado. Pensamentos não contam.

"Saiba que esta atitude igualmente desperta a ira de D'us, pois pensamentos de idolatria por si só já são transgressões. E daqui a muitas gerações, estes pensamentos se transformarão em atos."

Então, quando Benê Yisrael servirem ídolos, D'us fará com que a terra de Erets Yisrael seja queimada, e nada crescerá nela.

"Vocês serão exilados e dispersados entre nações estrangeiras. Estas perguntarão: 'Por que D'us lida de maneira tão rigorosa com a nação judaica? Nós também somos idólatras, e nossa terra é fértil.' E vocês terão de responder: 'Porque os judeus quebraram o pacto que D'us fez com eles, e serviram outros deuses.'"

Após ouvirem este exórdio, Benê Yisrael ficaram com medo.

"Moshê," protestaram, "talvez haja alguém entre nós que esteja pensando em servir ídolos. Como podemos saber? Seremos todos castigados se um entre nós, em seu íntimo, acreditar em idolatria?"

"Não," garantiu-lhes Moshê. "Vocês não são responsáveis pelos pensamentos de outro judeu. D'us se encarregará desta pessoa. Vocês só serão culpados se virem alguém pecando e puderem impedir, mas nada fizeram."

Ensinaaram nossos sábios: "O mundo inteiro é mantido através dos méritos de um tsadic, como está escrito (Mishlê, 10:52:5) 'O tsadic é a fundação do mundo.'"

A assembléia que estava prestes a entrar em Eretz Yisrael aceitou este novo pacto, além do pacto selado no Sinai.

D'us Congregará Benê Yisrael

Moshê prometeu: "Se vocês pecarem, a maldição do exílio se realizará. Não obstante, D'us não guardará Sua ira para sempre. Quando vocês estiverem entre nações estrangeiras, farão teshuvá, e ouvirão a voz de D'us."

A Torá prevê que Benê Yisrael farão teshuvá definitivamente. Talvez retornem a D'us por sua própria vontade.

"Quando vocês fizerem teshuvá com toda sinceridade, D'us extinguirá seu cativeiro. Terá misericórdia de vocês, e os

congregará dentre as nações que Ele os dispersou. Se seu exílio for nos confins dos céus, de lá D'us, teu D'us, reunirá vocês, e de lá os tirará. Ele os reconduzirá a Erets Yisrael, a terra de seus antepassados, e vocês a herdarão.

De acordo com o Rambam (Maimônides), no futuro, o Rei Mashiach reinstaurará a dinastia de David, reconstruirá o Bet Hamicdash e reunirá os dispersos de Klal Yisrael (todo o povo). Aquele que não acredita em sua vinda, ou não anseia por ela, não nega apenas as últimas profecias, mas a própria Torá. Pois os versículos iniciais da Torá concernentes a este assunto são: "E D'us, teu D'us, te redimirá de teu cativeiro e terá misericórdia de ti... Se teus exilados estiverem nos confins dos céus... D'us, teu D'us, te levará para a Terra que teus antepassados possuíam, e tu a possuirá." (Devarim, 30:3-5).

Nossos sábios nos contam:

D'us Retornará da Galut (Exílio)

O Maimônides menciona este versículo em seu livro de Leis.

A Torá não diz: "D'us retornará seus cativos da galut." As palavras empregadas no passuk são: "D'us também retornará com seus cativos (Veshav).

Daqui aprendemos que a Shechiná, por assim dizer, também será redimida.

Após a destruição do primeiro Bêth Hamicdash, o general babilônio Nevuzaradan conduziu Benê Yisrael acorrentados para a Babilônia. O profeta Yirmiyahu acompanhou os cativos em sua jornada.

Com tristeza Yirmiyahu perambulava ao lado de seus irmãos. D'us, porém, tinha planos diferentes para ele. D'us disse a Yirmiyahu: "Se você for com os judeus para Bavel (Babilônia), Eu ficarei com os poucos que ficaram em Erets Yisrael. Se você ficar em Erets Yisrael, eu irei com os cativos!"

Yirmiyahu respondeu: "Que benefício traria minha presença a esses pobres prisioneiros? Que o Criador os acompanhe; certamente Ele poderá auxiliá-los."

Yirmiyahu voltou e juntou-se ao pequeno grupo que ficara em Erets Yisrael. A Shechiná, por assim dizer, foi para o exílio com Benê Yisrael.

A Shechiná está com os judeus em cada galut (exílio). Quando eles estão sofrendo, D'us, por assim dizer, também está. E quando a Redenção chegada mesma forma D'us será redimido com eles.

"Quando você retornar a D'us com todo seu coração e toda a sua alma, você, Benê Yisrael, será abençoado com sucesso em tudo o que fizer. D'us se alegrará com você da mesma forma que Se alegrou com seus antepassados".

Ansiando pela Redenção

A Torá promete claramente que D'us nos redimirá dentre as nações.

.....
Poderíamos perguntar: "Como podemos esperar por Mashiach quando nos damos conta do longo tempo em que nosso povo já está no exílio?"

Ainda assim, não devemos nos desesperar. A Torá está repleta de exemplos mostrando como D'us conduz o mundo de acordo com Sua vontade.

Freqüentemente, Ele eleva alguém à grandeza no momento em que todas as esperanças pareciam perdidas.

Quando Avraham teve Yitschac? Na idade de cem anos, quando, de acordo com as leis da natureza, ele já era velho demais para ter um filho.

Quando Yossef tornou-se legislador? Após ter sido prisioneiro durante vinte anos.

Quando Yaakov tornou-se pai de doze filhos e ficou rico, mesmo tendo vencido a luta com o anjo? Apenas depois de ter fugido da casa de seu pai, sem um centavo (pois o filho de Essav o roubou), e ter servido a Lavan dia e noite, sem descanso, durante vinte anos.

Quem pensaria que aquele bebezinho, flutuando numa cesta no Rio Nilo, chorando de fome, um dia cresceria para tornar-se líder e tirar Benê Yisrael do Egito e dar-lhes a Torá? ! E tudo isto depois de ter crescido no cruel palácio do Faraó!

E você teria sonhado que o Faraó, que escravizou Benê Yisrael de maneira tão atroz e que se considerava um deus, se curvaria um dia perante Moshê e Aharon implorando-lhes que deixem sua terra?!

A Torá nos mostra repetidamente que D'us é quem comanda. Ao final, Ele enviará Mashiach e reunirá os judeus, conforme a Torá promete, não importa por quanto tempo eles esperaram.

A Torá está Perto de Cada Judeu

Como alguém faz teshuvá? Através do estudo e prática da Torá!

Moshê explicou: "Você pode argumentar: 'A Torá é complexa para que possamos entendê-la. Não conseguimos cumprir tantas mitsvot; não somos anjos.'"

"Esta Torá que eu te ordeno não é algo oculto," exortou-os Moshê. "Não alegue que não pode compreendê-la, pois forneci-lhe a Lei Oral com todas as explicações possíveis da Torá Escrita.:"

Uma analogia:

Certa vez um tolo entrou no Bet Hamidrash (casa de estudos). Observando os outros judeus que estudavam com fervor, indagou: "Como alguém se torna um perito na Torá?" Elucidaram-lhe: "Após estudar o Alef-Bet, a pessoa progride para o Chumash (os cinco livros da Torá), deles para os Profetas, e finalmente para a Mishná e Guemará (Talmud)."

O tolo raciocinou: "Como poderia dominar tudo isto?" Ele desistiu antes de tentar.

A pessoa sábia, contudo, age como o mais arguto dos dois homens que perceberam um pão numa corda suspensa presa ao teto. Um deles comentou:

"Veja, está tão alto que jamais conseguiremos abaixá-lo." O outro pensou:

"Obviamente, alguém o pendurou lá! Deve haver um meio de trazê-lo para baixo!"

Trouxe escadas e varas; "pescou" até que conseguiu puxá-lo para baixo.

Analogamente, a pessoa sábia diz: "Deixe-me estudar um pouco de Torá hoje, um pouco amanhã, e uma nova porção a cada dia, até que, ao final, eu a dominarei."

Moshê ainda disse mais aos judeus: "A Torá não está mais no Céu – eu a trouxe para baixo, para a terra, e a revelei a todos vocês. Portanto, não digam: 'Se nós tivéssemos outro Moshê que nos trouxesse a Torá do Céu e a explicasse para nós, estudaríamos.' (Mas mesmo se a Torá ainda estivesse no Céu, por assim dizer, e vocês tivessem de se esforçar ao máximo para trazê-la para baixo, vocês seriam obrigados a fazê-lo.).

"A Torá tampouco está além-mar, para usarem como desculpa: 'Se apenas tivéssemos alguém que viajasse e nos devolvesse a explicação da Torá, a estudaríamos. (Contudo, se a Torá estivesse do outro lado do oceano, você teria de viajar para lá a fim de estudá-la.)"

"Se você disser tudo isso, está equivocado. A Torá está perto de cada e todo judeu. Tudo o que poderão alegar sobre o empenho no estudo e na sua prática são falsas desculpas. Vocês todos podem estudar e guardar a Torá, se quiserem.

Porém, deverão fazê-lo de todo coração."

Os judeus perguntaram a Moshê: "Nosso mestre Moshê, você afirmou: 'A Torá não está no Céu ou além-mar.' Então, onde ela está?"

Moshê replicou: "Está muito perto de vocês, quando vocês a estudam; contanto que, enquanto vocês a estudam com a boca, preparem seus corações para cumpri-la."

Um dos sábios relata: "Certa vez, ao perambular de lugar em lugar, encontrei um judeu que era iletrado em Torá e mitsvot, e desdenhava o estudo da Torá.

" 'Meu filho,' perguntei-lhe, 'o que você responderá ao seu Pai Celestial no dia do julgamento?'

" 'Tenho uma desculpa válida,' disse-me. 'Direi que o Céu não me supriu com inteligência suficiente para estudar Torá.'

" 'Qual a sua profissão?' perguntei-lhe.

" 'Sou pescador,' esclareceu.

" 'Que tipo de trabalhos você realiza?' indaguei.

" 'Dão-me linho, do qual teço redes. Lanço minhas redes ao mar, e apanho os peixes.'

.....
"Disse ao pescador: 'Se você é esperto o suficiente para tecer redes e pescar peixes, como você pode dizer que não compreende a Torá, onde está escrito:

'Pois que ela está muito perto de ti, em tua boca e em teu coração, para que a cumpras.' (Devarim 30:14)?'

Ele explodiu num choro de sincero arrependimento, e consolei-o: 'Meu filho, há muitos como você que darão desculpas no dia do julgamento. Contudo, D'us refutará todas elas.'"

Nossos chachamim (sábios) fizeram incontáveis sacrifícios a fim de manterem e prosseguirem em seu estudo de Torá.

Uma história

O amor de Rabi Yochanan pela Torá:

Certa vez, Rabi Yochanan estava andando com seu pupilo, Rabi Chiya, em cujo braço estava se apoiando.

"Você está vendo esta casa de fazenda?" perguntou Rabi Yochanan, apontando com o dedo. "Ela me pertencia, mas eu a vendi, a fim de ter dinheiro suficiente para meus estudos da Torá."

Um pouco depois, passaram por uma casa num vinhedo. "Esta casa também era minha," comentou Rabi Yochanan, "mas tive de vendê-la para conseguir continuar a estudar."

Ao passarem por uma construção num olival, Rabi Yochanan disse: "Esta propriedade também era minha."

Rabi Chiya começou a chorar. "Porque você está chorando?" perguntou Rabi Yochanan.

"Sinto pesar pelo senhor ter vendido todos os seus bens," respondeu Rabi Chiya.

"De que o senhor vai viver em sua velhice?"

"Não se sinta assim," consolou-o Rabi Yochanan. "Valeu mais que a pena. Vendi coisas que foram criadas por D'us em seis dias, mas adquiri Torá, que foi dada a Moshê no Monte Sinai após quarenta dias. Ganhei bem mais do que perdi!"

Na verdade, a Torá está perto de cada judeu. Porém, a fim de estudar e cumpri-la adequadamente, um judeu tem que estar disposto a fazer um esforço para isto, e muitas vezes sacrifícios para atingir sua meta.

Moshê Implora que Benê Yisrael Escolham a Vida

Moshê terminou seu discurso enfatizando: "Depende de cada um de vocês se irão ou não cumprir a Torá. Ninguém os força a fazê-lo ou não. Vocês têm liberdade de escolha. Porém, como expliquei anteriormente, se escolherem a Torá, estarão escolhendo a vida (neste mundo e no olam habá – mundo vindouro).

"Por favor, escutem meu conselho: escolham a vida! O caminho para a vida é amar D'us e escutar Sua voz."

Vivendo Com o Rebe

União, a verdadeira preparação para Rosh Hashaná

por Mendel Starkman

Esta semana lemos duas porções da Torá, Nitsavim e Vayêlech. A porção Nitsavim é sempre lida no Shabat anterior a Rosh Hashaná. Na verdade, seu primeiro versículo revela sua adequação: "Vocês estão de pé neste dia, todos vocês, perante o Eterno vosso D'us."

"Este dia" refere-se ao Dia do Julgamento, Rosh Hashaná. Em Rosh Hashaná toda alma, seja grande ou pequena, fica diante de D'us, como está escrito: "Seus chefes, suas tribos, seus anciãos e seus funcionários... seus pequeninos, suas mulheres... do lenhador ao apanhador de água."

Por que ficamos diante de D'us?

"Para que vocês possam entrar no pacto do Eterno, seu D'us."

Quando todos os judeus ficarem perante Ele como uma entidade completa e unificada, seremos merecedores de entrar no Seu pacto em Rosh Hashaná.

Um pacto é planejado para preservar o sentimento de amor que existe entre duas pessoas. Elas estabelecem uma aliança numa época em que seu amor é mais forte, para que nunca enfraqueça. Este vínculo os conecta mutuamente, e assegura que seu amor perdurará para sempre. Assim também é com o amor de D'us pelo povo judeu. Seu amor por nós é mais forte em Rosh Hashaná, pois o mês anterior foi devotado a remoção de nossos pecados.

Mas como despertamos o desejo de D'us estabelecer um pacto conosco? Ao nos unirmos uns com os outros. Como conseguimos isso, dadas as diferenças entre os indivíduos? Isso pode ser entendido pela seguinte analogia:

O corpo humano é composto de diversos órgãos e membros. Alguns são mais importantes e complexos, como a cabeça; outros mais simples, como o pé. Mas a cabeça, não importa o quanto seja essencial, precisa do pé para se mover. O corpo atinge a perfeição somente quando todos seus membros estão em harmonia.

Da mesma maneira, até os judeus mais importantes ("suas cabeças") precisam dos mais simples ("o apanhador de água") para formar uma entidade completa. E é esta unidade que desperta o desejo de D'us, de fazer um pacto com Seu povo.

Nosso trabalho é atingir esta unidade entre "cabeça" e "pé". Todo judeu deve trabalhar em si mesmo, até que esteja apto a reconhecer as qualidades especiais de seu próximo. Está além de nossa capacidade julgar o real valor de uma pessoa. Mesmo se alguém se considera uma "cabeça" e o próximo como o "pé" (pois é da natureza humana inflar seu próprio valor), a "cabeça" ainda precisa do "pé para formar um ser completo.

Devemos nos preocupar em corrigir nossas próprias falhas, e não considerar as falhas que notamos nos outros. Assim fazendo, não haverá tempo para olhar as imperfeições do próximo! Desta maneira, atingiremos tanto a auto-perfeição quanto a perfeição como um povo, e D'us concederá a todos os judeus um ano bom e doce.

Escolha a vida

.....
por Ranon Cortell

Com a chegada de Rosh Hashaná, muitos de nós sentimos uma pontinha de peso no ar, a desconfortável manifestação de uma tempestade que se aproxima. Pouco a pouco, os atos falhos de nosso passado parecem desenrolar-se nos recessos de nossa mente, e sentimos temor pelo minucioso exame que passará nossa alma diante do Criador. Porém, graças a D'us, há um modo de encontrar a reconciliação com nosso Rei. Podemos simplesmente demonstrar arrependimento por nossas imensuráveis transgressões pedindo perdão e decidindo não mais cometer os lamentáveis pecados.

Infelizmente, este procedimento não é tão simples quanto parece. Isso requer uma vontade e habilidade ferrenhas de suprimir o despertar das exigências despóticas de nossa má inclinação. Entretanto, a Parashat Nitzavim apresenta a necessária perspectiva para conseguir esta reviravolta tão drástica. Com impressionante dramatização, D'us nos exorta: "Estabeleci vida e morte perante vocês, bênção e maldição. Escolham a vida para que possam viver" (Devarim 30:19).

É tão claro e aparente; afinal, ninguém deseja morrer. Se apenas pudéssemos mergulhar fundo nos recessos de nosso coração e derrotar a má inclinação, então tudo se tornaria claro como água. Seguir de forma descuidada apenas nossos desejos físicos apenas serve para aumentá-los, e como resultado da conseqüente insatisfação somos removidos das alegrias deste mundo. Apenas quando escolhemos o caminho de seguir os estatutos de D'us conseguiremos atingir uma vida significativa e repleta de alegria.

Rabi Moshe Feinstein enfatiza que a palavra chave no primeiro versículo da seção: "Vejam que Eu coloquei perante vocês hoje a vida e a bondade" (ibid. 30:15). Nossa decisão quanto ao rumo que nossa vida está tomando nunca é fixa e imutável; é uma constante determinação do dia-a-dia. Jamais se desespere, a Torá nos recomenda, nunca é tarde demais para seguir o caminho que leva à tranquilidade eterna. A pessoa não deve de forma alguma tornar-se muito confiante em seu status espiritual. A Torá nos adverte que a cada dia devemos novamente tomar a decisão de caminhar na verdadeira trilha da vida e da suprema felicidade.

Rashi explica a diretiva de D'us : "Escolha a vida" comparando D'us a um pai amoroso que chama o filho querido de lado e lhe diz para escolher para si a melhor de suas propriedades como herança. Não apenas isso, o pai até mesmo mostra ao filho o campo mais rendoso e lhe aconselha a escolher este.

Rabi Eliyáhu Dessler explica que D'us nos ama profundamente e deseja tanto que experimentemos os supremos prazeres da vida que Ele insinua quando fazemos algo de errado e assim nos leva a abraçar Seus caminhos. D'us consegue isso dando-nos o senso de culpa importuna e apreensão após tomarmos uma decisão errada, que é como uma abençoada bússola dentro de nós, nos guiando constantemente a servir fielmente a nosso Criador.

Veja, a trilha se abre diante de nós. Um lado está repleto de espinhos, cardos e escuridão sem fim, e o outro é banhado pelo sol com frutos deliciosos, árvores e flores ao redor do caminho. Escolha a vida, e com a ajuda de D'us seremos todos julgados favoravelmente por nosso Pai amoroso.

O caminho longo é mais curto

O Talmud relata:

Disse Rabi Yehoshua, filho de Chanania:

"Certa vez uma criança levou a melhor sobre mim. Estava viajando e encontrei um menino na encruzilhada. Perguntei-lhe: 'Qual o caminho para a cidade?' e ele respondeu: 'Este caminho é curto e longo, e este outro é longo e curto.'

"Peguei o caminho curto e longo, e logo cheguei à cidade, mas encontrei minha passagem obstruída por jardins e pomares. Voltei atrás então e disse ao menino: 'Diga-me, meu filho, você não falou que este era o caminho curto?' Respondeu-me ele: 'Não falei que este era o caminho longo?'"

Também na vida há um caminho curto mas longo, e um caminho longo mas curto. No livro Tanya, Rabi Schneur Zalman de Liadi estabelece os fundamentos da abordagem chassídica à vida. Na primeira página ele define sua obra da seguinte maneira: "Baseado no versículo: 'Pois ela [a Torá e seus preceitos] é algo muito próximo a você, em sua boca, em seu coração, de que você pode fazê-lo' – explicar, com a ajuda de D'us, como de fato está muito próximo, em um caminho longo e curto."

A Torá e suas mitsvot são o plano do Criador detalhando a maneira exata pela qual deseja que a vida seja conduzida.

Mas uma vida profundamente ordenada pela Torá é passível de ser vivida? O homem comum pode realisticamente esperar ser capaz de conduzir cada ato, cada palavra e pensamento de acordo com as diretivas mais exigentes da Torá?

A própria Torá é bem clara a esse respeito: "Pois a mitsvá que te ordeno neste dia não está além do teu alcance, nem é remota para ti. Não é no céu...nem do outro lado do oceano... Ao contrário, é algo muito próximo de ti, em tua boca, em teu coração, de que podes cumpri-la." A existência verdadeiramente da Torá não é um ideal abstrato, mas uma meta prática e tangível. Mas como?

No Tanya, Rabi Schneur Zalman desenvolve a abordagem à vida da pessoa integral, na qual a mente desempenha o papel principal e centralizador. Primeiro, ela deve estudar, compreender e meditar sobre as verdades da existência: a realidade e essência envolvente que é D'us; a raiz e composição da alma e sua ligação íntima com o Criador, a missão do ser humano nesta vida, e seus desafios – tanto externos como internos – que se ampliam até ele. Como estes conceitos são extremamente sutis e abstratos, a pessoa deve trabalhar sua alma e corpo a fim de harmonizá-los a serviço de D'us e do equilíbrio necessário para desempenhar sua verdadeira função.

Então, por causa da superioridade inata da mente sobre o coração, o entendimento e a assimilação destes conceitos Divinos forçarão unilateralmente o desenvolvimento das emoções apropriadas no coração: o amor e reverência a D'us. O amor a D'us é o desejo voraz de apegar-se a Ele e unir-se à Sua essência. A reverência a D'us suscita uma profunda abominação por tudo aquilo que violar Sua vontade e por isso levanta barreiras entre Ele e o homem.

.....
Neste caso, quando a pessoa orientar a mente e coração na observância dos preceitos da Torá, esta se tornará sua segunda natureza. Anseia pelo cumprimento das mitsvot com cada fibra de seu ser, sabendo que são a ponte entre ele e D'us; os únicos meios pelos quais pode conectar-se a Ele. E qualquer transgressão da vontade de D'us, não importa quão atraente pareça a seus olhos, é literalmente revoltante para ele, pois destrói sua relação com D'us e corre em sentido contrário ao seu próprio íntimo.

Mas a pessoa poderia perguntar: por que passar a vida inteira perseguindo este regime exigente? O que devo entender e sentir? Por que não buscar a abordagem direta – abrir os livros e seguir as instruções? Sou um simples judeu, poderá ele dizer, e a obtenção de estado tão elevado como a "compreensão do Divino", "amor a D'us", e "reverência a D'us" estão além do meu alcance. Conheço a verdade, sei o que D'us quer de mim – a Torá proclama os "sims" e "nãos" da vida de modo bem claro. Tenho uma natureza material e egocêntrica? Tenho uma inclinação inata para desejos maus e auto-destrutivos? Irei controlá-los. Minha fé, determinação e força de vontade farão este trabalho.

Este, entretanto, é o caminho curto, mas longo. Assim como a linha reta que aproxima a distância entre dois pontos, o caminho que parece o mais apropriado e curto para a cidade na verdade acaba por nos conduzir a uma rua sem saída. Esta é a analogia sobre a primeira rota escolhida por Rabi Yehoshua que aparentemente parece levar direto à cidade – só que de alguma maneira, não o faz.

Esta é a trilha de um conflito sem fim, a cena do constante duelo entre a egocêntrica alma animalesca do homem e sua alma Divinamente orientada ao mais elevado. Na verdade, o homem recebeu o livre arbítrio e a fortaleza de caráter necessários para enfrentar todos os desafios morais; mas a possibilidade de falha, D'us não o permita, também existe. Não importa quantas vezes triunfe, o amanhã trará sempre outro teste. Na estrada curta e longa a pessoa pode vencer batalha após batalha, mas nunca há uma vitória decisiva.

Por outro lado, o caminho longo mas curto é cheio de curvas, escarpado, tedioso e longo como a própria vida; está repleto de altos e baixos, recuos e frustrações, exigindo cada partícula de energia espiritual e emocional. Porém é uma estrada que conduz, firme e seguramente, ao tão sonhado destino, quando a pessoa finalmente adquire uma aptidão e gosto intelectual por D'us, desenvolvendo um desejo somente pelo bem e rejeitando o mal. A guerra foi ganha: a pessoa transformou-se em alguém para quem cada pensamento, cada ação está naturalmente afinado com seu verdadeiro propósito na vida.

Remoção de manchas

Rosh Hashaná está quase chegando. Tempo de contabilizar nossas ações passadas, retificar qualquer erro que tenhamos cometido, e descobrir como podemos melhorar no futuro. Na terminologia judaica, isto é conhecido como "teshuvá", literalmente, "retorno" – retorno ao estado anterior de pureza. Com frequência, é traduzido como "arrependimento".

Durante uma semana até Rosh Hashaná, as preces especiais de "penitência" que recitamos diariamente nos ajudam a entrar em forma para a pesada prova espiritual de Rosh Hashaná.

Os dias que vão de Rosh Hashaná a Yom Kipur – conhecidos como os "dez Dias de Arrependimento" – são reservados para mais introspecção, arrependimento e auto-aperfeiçoamento. Mesmo depois de Yom Kipur, até a véspera de Simchá Torá, ainda temos tempo para teshuvá.

Por que a necessidade de teshuvá, afinal? Se ferimos os sentimentos de alguém ou se roubamos alguma coisa, a maioria de nós sabe que precisa se desculpar, tentar retificar a situação, e decidir não repeti-lo no futuro.

Mas o que isso tem a ver com retorno? Para onde estamos tentando retornar?

Imagine um artigo de vestuário, a camisa nova e limpa que você está usando, por exemplo. Se você derramasse café sobre ela, ou encostasse numa lousa com pó de giz, ou sua caneta favorita vazasse. O tipo de dano feito à camisa daria o método a ser usado para limpá-la.

Agora imagine que a camisa é sua neshamá, sua alma, a centelha de energia Divina que lhe dá vida. Quando cumprimos uma mitsvá (mandamento), a alma permanece no estado limpo e puro no qual a recebemos. Obviamente, a vida comum sempre coloca um ou outro amassado aqui e ali. Mas, basicamente, continua em ordem. No entanto, quando negligenciamos uma mitsvá ou transgredimos – seja um mandamento entre uma pessoa e outra ou um mandamento entre uma pessoa e D'us, nossa alma se suja.

O tipo e a localização da sujeira ou da fuligem que se agarra à alma, dita como devemos proceder. O processo de limpeza é bastante lógico. Assim como você remove a caneta do bolso tão logo percebe que está vazando, o primeiro passo da teshuvá é parar de transgredir ou começar a cumprir a mitsvá negligenciada.

Em seguida, precisamos examinar a mancha e o dano, para nos certificar do método adequado. Determinadas transgressões provocam manchas maiores ou mais difíceis de sair que as outras. E certamente, a frequência também é levada em consideração – como o colarinho da camisa, repetidamente bombardeado com transpiração desenvolve um "anel ao redor da gola".

A teshuvá, para algumas manchas espirituais, pode exigir um esforço mínimo, como uma ligeira espanada do pó de giz. Outra sujeira espiritual poderia ser mais difícil de remover, como uma mancha de café. Você poderia precisar de algum detergente e água, e esfregar vigorosamente.

A tinta é um pouco mais traiçoeira, como a transgressão que se repete ou alguma má ação. Livrar-se de uma mancha semelhante à de tinta na alma precisa de esforço, tempo, trabalho árduo. Provavelmente você procuraria um profissional para pedir conselho, ou pelo menos algumas sugestões de produtos químicos adequados. Finalmente, com tempo, esforço e persistência, você pode livrar totalmente a alma de sua mancha. Você pode devolvê-la a seu estado anterior, imaculado. Pois, afinal, não é um defeito tecido junto com a camisa, é algo externo, que não é uma parte intrínseca da roupa original.

Sobre Teshuvá

.....
A Torá nesta parshá descreve que o arrependimento não é algo distante, mas está ao alcance de cada pessoa. A palavra hebraica para arrependimento é teshuvá, e a raiz da palavra é "shuv" – retornar. Para a maioria de nós, o elemento crucial é uma mudança em nossa perspectiva.

Um grande rabi perguntou certa vez aos alunos a diferença entre leste e oeste, ou em outras palavras, a diferença entre certo e errado.

O rabi respondeu posicionando o corpo de frente para o leste e então voltando-se 180 graus para oeste, enfatizando que para fazer a teshuvá da maneira certa a pessoa deve mudar de direção, voltando essencialmente para o caminho da direita. "Isso nos traz de volta a Hashem, e retornaremos; renovaremos nossos dias como antigamente" (Echá 5:21).

52 - Parashat Vayelech

Deuteronômio 31:1-31:30

Moshê e Yehoshua

No dia do falecimento de Moshê, uma Voz Celestial revelou-se: "Moshê, você só tem mais um dia de vida." Em seguida, Moshê saiu do acampamento dos leviim (onde ficava sua tenda) e dirigiu-se ao acampamento onde ficavam outras tribos a fim de despedir-se dos judeus, e consolá-los, por causa de seu falecimento iminente.

A humildade de Moshê era tão magnificente que ele considerava seu dever pessoal despedir-se do povo naquele momento. Suas palavras de conforto e solidariedade foram: "Sou um ancião, com exatamente cento e vinte anos de idade. Hoje é meu aniversário. Não tenho mais permissão de lhes ensinar Torá, pois D'us me ordenou que não irei liderá-los. D'us não me permite cruzar o Rio Jordão, mas não se desesperem! Sua Shechiná passará à sua frente, e Yehoshua será seu líder. D'us destruirá as nações de Erets Canaan, assim como destruiu os reinos de Sichon e Og. Eu os deixo, porquanto sou humano, e meus dias, finitos. Porém, D'us não os abandonará enquanto vocês O servirem e manterem-se fiéis a Ele."

Moshê Honra Yehoshua

Moshê então chamou Yehoshua, e disse-lhe palavras de encorajamento: "Seja um baluarte da Torá e mitsvot. Você sobreviverá até que a Terra seja conquistada e dividida entre as tribos. D'us estará com você, não tema nem fraqueje."

Moshê queria que Yehoshua começasse a ensinar o povo enquanto ainda vivia. Desta forma toda a nação o aceitaria.

Ouviu-se uma proclamação pelo acampamento: "O novo líder falará hoje!"

Benê Yisrael inteiro reuniu-se em honra a Yehoshua. Moshê providenciou um trono de ouro para seu sucessor, bem como uma coroa incrustada com pérolas, um turbante real, e um manto púrpura. Ao redor do trono, Moshê arrumou assentos para o Sanhedrin e para os cohanim. Ele vestiu Yehoshua com essas vestimentas reais, e entronou-o. Yehoshua chorava de constrangimento, porém Moshê forçou-o a permanecer sentado.

Moshê instruiu Yehoshua: "Seja forte na Torá, e valoroso ao lidar com o povo. Trate-os gentilmente. Se cometerem erros, não sinta ira contra eles."

Ambos, Moshê e Yehoshua, ensinaram Torá naquele dia. Calev foi designado para explicar as palavras de Yehoshua ao povo. Yehoshua abriu com as seguintes palavras: "Bendito é D'us, Que nos deu a Torá através de Moshê."

Hakhel – O Rei e a Leitura da Torá

Moshê explicou aos judeus a mitsvá que deve ser cumprida pelo rei e pela nação inteira a cada sete anos:

Quando os judeus se congregarem em Yerushalayim para a festa de Sucot, no ano posterior ao ano de Shemitá, devem reunir-se no início de Chol Hamoed (os dias intermediários da Festa) a fim de escutar o rei ler e explicar a Torá. Todos devem comparecer – homens, mulheres e crianças. A assembléia é anunciada com o soar de trombetas. Uma alta plataforma de madeira é erigida no ezrat nashim (átrio feminino) do Bet Hamicdash, onde o rei se senta.

Ainda de pé, o rei recebe um Sêfer Torá e recita as bênçãos apropriadas. Ele pode então sentar-se para lê-la. Ele precisa ler determinadas passagens do livro Devarim, inclusive o Shemá (5: 4-8), e as bênçãos e maldições da parashát Ki Tavô.

Após proferir as bênçãos finais da leitura da Torá, ele recita sete bênçãos especiais, que são:

1. Retsê: Aceita favoravelmente...
2. Modim Anachnu: Curvamo-nos...
3. Ata Bechartanu: Tu nos escolheste dentre os povos...
4. Uma bênção pela continuidade do Bet Hamicdash, que termina em : Shochen Be Tsion - Aquele que habita em Tsion
5. Uma bênção pela continuidade do reinado
6. Uma bênção para que D'us aceite o serviço dos cohanim favoravelmente
7. A tefilá do próprio rei, terminada em Baruch Shomea Tefilá – Bendito o que ouve as orações.

Mesmo o maior dos sábios é obrigado a ouvir a leitura da Torá com atenção e reverência. O rei age como um representante de D'us, portanto, cada judeu deve aspirar vivenciar a leitura como se ela emanasse do Monte Sinai.

O objetivo da mitsvá é fortalecer o povo judeu na observância da Torá e temor a D'us. A mitsvá de Hakhel foi cumprida por todos os reis justos e íntegros. Conta-se que o justo rei Agripa permanecia de pé durante a leitura da Torá. Os sábios valorizavam-no muito por isso.

Quem é obrigado a comparecer a assembléia de Hakhel?

Cada homem, mulher e criança judeus. Mesmo quem sabe o livro Devarim de cor deve comparecer e ouvir a leitura do rei de maneira respeitosa. O rei é o mensageiro de D'us. Ao ler para

.....
Benê Yisrael, é como se a Torá estivesse sendo dada novamente ao povo judeu.

Por que as crianças pequenas devem comparecer? Algumas delas nem mesmo compreendem uma palavra da leitura da Torá! A Torá ordena que as crianças sejam trazidas para que D'us recompense os que as trouxeram.

Mais ainda, a assembléia as impressionará. Anos depois, se lembrarão. Esta lembrança as ajudará a crescer como judeus tementes a D'us.

As influências ambientais afetam o futuro desenvolvimento da criança, bem antes que sua educação formal tenha se iniciada. A assembléia nacional certamente causará uma profunda e positiva impressão sobre uma criança.

Os comentaristas explicam: "Qual a recompensa dos pais por trazerem as crianças? As crianças serão educadas a temer a D'us e cumprir as mitsvot. Por conseguinte, elas trilharão as sendas da Torá, e esta é a maior recompensa para os pais.

A mitsvá de Hakhel é a origem bíblica de porque levamos as crianças à sinagoga. (Somente sob a condição de que não atrapalhem o serviço religioso.)

Lembrar-se de Hakhel as ajudará a crescerem como judeus tementes a D'us.

Todos lembramos de cenas de nossa infância que nos marcaram profundamente. Mesmo não conseguindo captar os fatos, a memória permanece. Podemos nos lembrar de um Yom Kipur no qual todos oravam muito concentrados. Ou das alegres e barulhentas danças em Simchat Torá. E até uma criança bem pequena possui lembranças da noite mais especial do ano – a noite do Sêder de Pêssach. Essas impressões o ajudarão a adquirir o amor pelos desígnios da Torá.

Nossos sábios nos contam:

O Som da Torá

O famoso Rabi Yochanan ben Zacai tinha cinco alunos eminentes. Ele tinha diferentes palavras de louvor para cada um deles. Ele cumprimentava um pela sua fantástica memória, e elogiava outro por pensar constantemente em novas idéias no estudo da Torá, como uma nascente da qual sempre brota água fresca.

Um de seus pupilos era Rabi Yehoshua ben Chananya, sobre o qual Rabi Yochanan costumava dizer: "Bem-aventurada é a mãe que lhe deu à luz!"

Graças a ela Rabi Yehoshua tornou-se tão grande. Mesmo antes do bebê nascer, a mãe de Rabi Yehoshua comparecia diante de todos os chachamim da cidade, pedindo-lhes: "Por favor, rezem para que a criança que terei cresça para ser um talmid chacham!"

E quando a criança nasceu, ela levava seu berço à Casa de Estudos. Ela queria que ele ouvisse os sons e a melodia do estudo da Torá mesmo sendo um lactente.

Quando Rabi Yehoshua cresceu, era querido por todos. Não era apenas grande em sabedoria da Torá, mas possuía os mais tocantes traços de caráter.

Moshê Pede a D'us a Anulação do Decreto de Morte

Desde o primeiro dia de Adar, quando soube que seu falecimento era iminente, até sete de Adar, Moshê implorou a D'us que prolongasse sua vida. (Pois uma pessoa nunca deve perder a esperança na misericórdia de D'us, mesmo depois que seu decreto já estiver selado).

Por que Moshê implorou por mais anos de vida? A resposta é que "vida", para ele, significava a aquisição de mais Torá e mitsvot, e esta oportunidade se encerra com a morte. Ninguém poderia apreciar o valor da "vida" melhor que Moshê, que utilizou cada minuto para aperfeiçoar-se espiritualmente. Assim D'us anunciou o falecimento de Moshê: "Eis que se aproximam os teus dias em que você deve expirar."

D'us gostaria de prolongar a vida de Moshê além dos cento e vinte anos que lhe foram estipulados. Ele só toma a vida de um tzadik com relutância, como está escrito: "A morte de Seus justos é preciosa aos olhos de D'us" (Tehilim 116:15)

A fim de demonstrar sua relutância, D'us não disse diretamente a Moshê: "Você deve morrer," mas falou a respeito dos "dias do falecimento que se aproximam."

Mais que isso, D'us aludiu: "Teus dias de expirar, e não você," pois um tzadik é considerado "vivo", mesmo após sua morte.

Seu fim é diferente do de qualquer outro homem. Você é tão vigoroso hoje quanto era em sua juventude. Você não precisa preparar mortalha ou caixão, pois o Céu lhe providenciará. Tampouco será enterrado por sua família e amigos, mas por Mim e minhas Hostes Celestiais."

"Assim foi decretado. Até agora, você serviu como líder. Agora, seu termo findou e chegou a vez de Yehoshua. Juro! Como você liderou meus filhos neste mundo, assim os liderará novamente na era futura."

A Canção de Ha'azinu

D'us disse a Moshê: "Sei que após sua morte os judeus quebrarão o pacto que selaram Comigo, e adorarão outros deuses. Então, ocultarei deles minha face. Serão atormentados por muitos problemas. Esperarei que se voltem a Mim em teshuvá.

"Escreva isto na canção de Ha'azinu. Isto lembrará Benê Yisrael de que suas dificuldades não aconteceram por acaso. Não deixe que atribuam sua fé à coincidência. "

Moshê escreveu a canção que D'us lhe ditou. Ele e Yehoshua ensinaram-na ao povo. O que D'us predisse tornou-se realidade. Na galut, não sentimos a presença de D'us como sentíamos na época do Bet Hamicdash, Ele, por assim dizer, oculta Sua face.

"Se eles voltarem para Mim e orarem, lhes responderei. Perceberão então que Eu sempre estive com eles em seu sofrimento."

.....
Uma analogia:

Uma mulher estava prestes a dar à luz, e começou a gritar de dor. Sua mãe, que morava no andar de cima, ouviu os sons desesperados, e também começou a gritar.

"O que está acontecendo?" perguntou um vizinho. "Ambas estão dando à luz?"

Informaram-lhe a resposta da "mãe": "Acaso a dor de minha filha não é minha dor também?"

Da mesma forma, quando o Bet Hamicdash foi destruído, D'us, no Céu, também afligiu-se. Ele sofre conosco no exílio, como está escrito: "Imo Anochí Betsará" - "Estou com ele na aflição" (Tehilim 91:15)

A Mitsvá de Escrever um Sêfer Torá

Moshê agora ensina a última mitsvá da Torá: "Veata kitvú lachem et hashirá hazot velamda et Benê Yisrael", "E agora, escrevam esta canção para si, e ensine aos filhos de Yisrael." (Devarim 31:19).

Este passuk contém a sexcentésima décima terceira mitsvá da Torá – a mitsvá de escrever um Sêfer Torá.

Cada judeu recebeu a mitsvá de escrever um Sêfer Torá. Se ele não puder fazê-lo sozinho, pode contratar um sofêr (escriba) para fazê-lo para ele. Se um judeu ajudar a escrever um Sêfer Torá, ou encomendar um é como se ele próprio tivesse cumprido a mitsvá. Às vezes, uma sinagoga ou yeshivá escreve um Sêfer Torá novo. As pessoas, então, tentam adquirir uma parte. É possível obter uma ou mais letras, que o sofêr escreve para elas.

Escrever um Sêfer Torá é uma enorme empreitada. O sofêr o escreve inteiramente à mão. Ele utiliza uma pena, cujo bico mergulha em tinta, e escreve sobre pergaminho. Cada letra precisa ser corretamente desenhada. Se estiver faltando ou sobrando uma única letra na Torá, todo o sêfer não é casher. Da mesma forma, se duas letras se tocam, o Sefer Torá inteiro já não é mais casher.

Atualmente, há programas de computadores capazes de verificar com perfeição se um Sêfer Torá possui letras faltando, após o próprio sofêr ter verificado se elas estão casher. Este é um exemplo de como a moderna tecnologia pode ajudar-nos a cumprir a Torá.

A mitsvá também abrange a compra de sefarim (livros) utilizados para os estudos. D'us deseja que cada judeu possua textos claros e novos da Torá, a fim de poderem estudá-los.

O Maimônides escreve: "É uma mitsvá para cada judeu escrever para si um Sêfer Torá, como o versículo diz: 'Então agora escreva esta canção (Ha'azinu) para si,' que na realidade significa: 'Então escreva um Sêfer Torá, que contém esta canção, para si.' Mesmo quem herda um Sêfer Torá é obrigado a escrever o seu próprio rolo.

Que lições podemos aprender da mitsvá de escrever o Sêfer Torá?

A halachá (lei judaica) exige que cada letra da Torá seja "mukafot guevil" – "rodeada pelo pergaminho." Conseqüentemente, o escriba deve observar que nenhuma letra toque na outra. Por outro lado, a halachá também exige que as letras que compõem uma palavra devem posicionar-se perto o suficiente umas das outras, de maneira que não aparentem ser letras individuais, tampouco parte de uma palavra. Dessas duas halachot, depreendemos uma lição de suma importância no que se refere à coletividade e individualidade do povo judeu.

Primeiramente, é imperativo que cada judeu seja independente e cumpra a Torá e suas mitsvot. Nenhum judeu pode "encostar-se", fiar-se no outro e apoiar-se sobre ele. A Torá é a herança de cada judeu e todos são obrigados a observá-la e mantê-la.

Apesar de cada judeu ser independente no cumprimento da Torá, deve sempre ter em mente o princípio de arevut – responsabilidade pelo próximo. Um judeu deve estar imediatamente ao lado do outro, e ficar bem perto, na medida em que parecem um só corpo coletivo, e não indivíduos egoístas.

Um Sêfer Torá é escrito com tinta, porém a única cor permitida é a preta. Enquanto as demais cores podem facilmente serem mescladas umas às outras, formando uma nova cor, é extremamente difícil modificar o preto. Analogamente, um judeu não deve permitir que as influências da sociedade ou as vicissitudes da vida solapem ou desbotem sua verdadeira "cor" e expressa devoção à Torá.

A tinta deve aderir firmemente ao pergaminho, e se "ficar saltada", ou seja, descascar, o Sêfer Torá é passul – não casher. A lição implícita é que o judeu deve aderir tenazmente à Torá, e nunca apartar-se dela.

Outra lição a ser aprendida do Sêfer Torá é que a Torá é composta de muitas letras. Apesar de cada uma ser independente, sua cashrut depende do conjunto de todas elas. A falta ou não integridade de uma única letra afeta a validade do rolo inteiro. Do mesmo modo, cada judeu é um componente essencial de Klal Yisrael, de quem depende a integridade do povo inteiro.

Em 5742, o Rebe de Lubavitch iniciou uma campanha para que se escrevessem Sifrei Torot, de maneira que todos pudessem adquirir uma letra num Sêfer Torá comunitário. O objetivo era unificar Klal Yisrael através da Torá.

Moshê Escreve Trinta Rolos da Torá

Naquele sete de adar, 2488, dia de seu falecimento, Moshê realizou um vasto número de tarefas.

Selou um novo pacto entre D'us e Benê Yisrael (conforme explicado na parashat Nitsavim); ensinou-lhes a canção de Ha'azinu; abençoou todas as tribos, e transcreveu a Torá inteira trinta vezes, desde Bereshit até as últimas palavras. Em seu último dia de vida, Moshê escreveu toda a Torá, do começo ao fim. Cada palavra que escreveu foi ditada por D'us.

Um sofêr pode levar um ano para completar o Sêfer Torá. Mas quando Moshê escreveu, as palavras e cada letra parecia fluir milagrosamente de sua mão. Quando terminou, Moshê entregou o Sêfer Torá à tribo de Levi, e disse: "Guardem-no com cuidado, pois todos os outros Sifrei Torá serão copiados deste!"

Benê Yisrael ficaram agitados: "Moshê," protestaram, "porque apenas uma tribo deveria ser encarregada desta mitsvá? Todos os judeus receberam a Torá de maneira igual no Monte Sinai. Não queremos que os membros da tribo de Levi reivindicuem que a Torá foi dada apenas para eles."

Ao escutar esses argumentos, Moshê ficou muito feliz, "Agora vejo o quanto todos vocês amam a Torá," disse. "Escreverei mais doze, e os darei a cada tribo."

Moshê sentou-se, de pena em punho, para começar sua formidável empreitada. De novo D'us realizou milagres, e as palavras pareciam serem escritas por si mesmas. Cada tribo recebeu um Sêfer Torá de Moshê, que disse à tribo de Levi: "Coloquem seu Sêfer Torá no aron (arca), junto às luchot (Tábuas da Lei). Ele somente será usado se houver dúvidas sobre alguma letra ou a ortografia de alguma palavra. Então vocês poderão verificar neste Sêfer Torá e saber como escrevê-la corretamente."

Até hoje, o texto de nossos Sifrei é idêntico ao do que foi escrito por Moshê.

Agora Moshê e Yehoshua ensinarão a canção de Ha'azinu, que figura na próxima parashá.

Vivendo com o Rebe

Adaptado do vol. 4 de Likutei Sichot

Há uma diferença de opinião no Talmud sobre como se atinge a expiação em Yom Kipur. A maioria dos Sábios afirma que Yom Kipur expia os pecados da pessoa somente se esta faz teshuvá (se arrepende). Rabi Yehuda Hanasi, no entanto, argumenta que o arrependimento é desnecessário, e que a santidade do próprio dia efetua a expiação.

O principal não é se a santidade de Yom Kipur expia os pecados ou não; sobre isso todos estão de acordo. Segundo ambas as opiniões, uma pessoa que não se arrepende não pode atingir o mesmo nível de expiação daquela que o faz. A controvérsia é somente sobre como a expiação de Yom Kipur é efetuada.

Segundo Rabi Yehuda Hanasi, a revelação Divina da "essência do dia" automaticamente expia as transgressões. Os outros Sábios afirmam que para atingir o grau mais alto de expiação da "essência do dia", uma pessoa deve primeiro fazer teshuvá. Tendo se arrependido, pode então atingir o nível mais elevado que somente Yom Kipur pode fazer aflorar.

Expiação significa que as falhas de uma pessoa foram perdoadas e que ela não será punida. No entanto, o verdadeiro significado de expiação é que a alma da pessoa foi purificada. Quando alguém peca, sua alma torna-se manchada. A expiação remove todos os traços impressos pelo pecado. Quando um judeu faz teshuvá, até seus erros deliberados são considerados méritos.

O apego de um judeu a D'us existe em muitos níveis. O primeiro é atingido por intermédio das mitsvot. Quando um judeu aceita o jugo do céu, ele forja uma conexão com D'us.

Depois vem o nível mais profundo de conexão que se expressa no arrependimento. Se um judeu transgredir a ordem de D'us, isso enfraquece seu relacionamento com D'us. Isso o perturba muito e o prontifica a se arrepender.

O impulso para a teshuvá emana de seu nível profundamente enraizado de apego. Ao fazer teshuvá, toda a mancha do pecado é removida, e o vínculo com D'us é fortalecido. Porém, mesmo assim este nível é limitado no sentido absoluto.

O nível mais elevado é aquele da conexão intrínseca entre a alma e a essência de D'us. Completamente acima de todas as limitações, transcende até a expressão de arrependimento. Um vínculo dessa natureza não pode ser criado através das ações do homem, nem pode ser aperfeiçoado. Existe, pura e simplesmente, em virtude da alma judia, uma "verdadeira parte do D'us acima".

Como é tão essencial, este grau mais alto de conexão com D'us não pode ser enfraquecido por nada, nem mesmo pelo pecado. É intocado pelo arrependimento do judeu ou falta dele. Assim, no que tange ao supremo nível de nosso relacionamento com D'us, a "essência do dia" de Yom Kipur consegue a expiação.

Os níveis inferiores de nossa conexão com D'us exigem que realmente nos arrependamos, removendo todos os obstáculos a nosso relacionamento. Mas no nível mais alto que é completamente intocado pelo pecado, a expiação de Yom Kipur em si é suficiente.

Biologia ao Contrário

Adaptado por Yanki Tauber, de uma palestra do Rebe.

Uma pessoa consiste de um corpo e uma alma – um invólucro físico de carne, sangue, tendões e ossos, habitado e vitalizado por uma força espiritual descrita pelos mestres chassídicos como "literalmente uma parte do D'us acima".

A sabedoria comum acredita que o espírito é mais elevado que a matéria, e a alma, mais sagrada (i.e., mais próxima do Divino) que o corpo. Este conceito parece ter sua origem no fato de que em Yom Kipur, o dia mais sagrado do ano – quando atingimos o auge da intimidade com D'us, seja ordenado pela Torá como dia de jejum, no qual aparentemente abandonamos o corpo e suas necessidades para nos dedicar exclusivamente às atividades espirituais de arrependimento e prece.

Na verdade, no entanto, um dia de jejum faz aflorar um relacionamento mais profundo com o corpo. Quando uma pessoa se alimenta, é nutrido pela comida que ingere. Num dia de jejum, a vitalidade vem do próprio corpo, da energia armazenada em suas células. Em outras palavras, em dias menos sagrados, é uma força externa (a energia do alimento) que mantém o corpo e alma juntos; em Yom Kipur, a união do corpo e alma deriva do próprio corpo.

Yom Kipur, assim, oferece um sabor do supremo estado da criação, conhecido como o "Mundo Vindouro". O Talmud nos diz que "no Mundo Vindouro, não é preciso comer nem beber" – uma declaração que às vezes é entendida como implicado que em seu estado mais perfeito, a criação é totalmente espiritual, sem corpos e todas as coisas físicas.

O ensinamento cabalista e chassídico, no entanto, descreve o Mundo Vindouro como um mundo no qual a dimensão física da existência não é anulada, mas preservada e elevada. O fato de não haver "comida e bebida" no Mundo Vindouro não se deve a uma ausência de corpos e vida física, mas ao fato de que neste mundo futuro, "a alma será nutrida pelo próprio corpo", e a

.....
simbiose de matéria e espírito que é o homem não exigirá quaisquer fontes externas de nutrição para sustentá-lo.

Tanto o físico como o espiritual são criações de D'us. Ambos foram criados por Ele a partir do nada total, e cada qual tem a marca de seu Criador nas qualidades específicas que o definem. O espiritual, com sua transcendência de tempo e espaço, reflete a infinitude e sublimidade de D'us. O espiritual é também naturalmente submisso, prontamente reconhecendo sua subserviência a uma verdade mais elevada. São estas as qualidades que fazem o "sagrado" espiritual e um veículo de relacionamento com D'us.

O físico, por outro lado, é tactual, egocêntrico e imanente – qualidades que o classificam de "mundano", que o marcam como uma ofuscação, em vez de uma revelação, da verdade Divina. Pois o inequívoco "Eu sou" do físico desmente a verdade que "não há ninguém mais além d'Ele" – de que D'us é a única fonte e fim de toda a existência.

Em última análise, porém, tudo vem de D'us; todo aspecto de Sua criação tem sua fonte n'Ele e serve para revelar Sua verdade. Portanto, num nível mais profundo, as qualidades que tornam o físico "profano" são as qualidades que o fazem mais Divino. Pois o que é o "Eu sou" do físico, se não um eco do inequívoco ser de D'us? O que é a tactilidade do físico se não uma intimação do absolutismo de Sua realidade? O que é a "abnegação" do físico se não uma demonstração da exclusividade de "Não há ninguém mais além d'Ele"?

Atualmente, o mundo físico nos mostra apenas sua face mais superficial, na qual as características Divinas estampadas nela são corrompidas como uma ocultação da Divindade. Atualmente, quando o objeto físico nos transmite "Eu sou", não transmite a realidade de D'us, mas uma existência independente que desafia a Divina verdade. Porém no Mundo Vindouro, o produto do trabalho de uma centena de gerações para santificar o mundo material rumo a um fim Divino, a verdadeira face do físico, virá à luz.

No Mundo Vindouro, o físico, em muitos respeitos, superará o espiritual como transmissor da Divindade. Pois enquanto o espiritual expressa várias características Divinas, o físico expressa o ser de D'us.

Hoje em dia, o corpo deve olhar para a alma como seu guia moral, como sua fonte de consciência e avaliação de tudo que é Divino. Mas no Mundo Vindouro, "a alma será nutrida pelo corpo". O corpo físico será uma fonte de identificação mais elevada que a própria visão espiritual da alma.

Yom Kipur é um sabor do mundo futuro de biologia ao contrário. Assim, é um dia no qual somos "sustentados pela fome", derivando nosso sustento do próprio corpo. No mais sagrado dos dias, o corpo torna-se uma fonte de vida e nutrição, em vez de seu recipiente.

53 - Parashat Haazínu

Deuteronômio 32:1-32:52

O Cântico de Haazínu

A canção de Ha'azinu descreve poeticamente o que acontecerá ao povo judeu até o fim dos dias. Prevê seu castigo por transgredir o pacto com D'us, e descreve como, por fim, D'us punirá aqueles que erraram contra eles no exílio.

Há dez shirot, ou canções proféticas, das quais Ha'azinu é a quarta:

Adam recitou a primeira shira no Gan Eden.

Ele compôs "mizmor shir leyom haShabat/ Uma canção, um poema para o Shabat", na qual louvou a grandeza do Shabat.

Nas praias do Mar Vermelho Moshê e Benê Yisrael entoaram uma shira pela sua miraculosa libertação do exército do faraó.

Benê Yisrael entoou uma canção em louvor ao Poço de Miriam (parashat Chukat).

Moshê ensinou ao povo a canção de Ha'azinu no dia de seu falecimento.

Quando Yehoshua lutou com os Emoritas em Givon e o sol milagrosamente deteve seu curso em benefício do exército judaico conquistador, Yehoshua cantou shira.

Devora e Barak compuseram uma shira quando D'us entregou os inimigos em suas mãos, incluindo o general canaanita Sisra (Shofetim 5).

Quando Chana deu à luz Shemuel, após ter sido estéril durante muitos anos, ela louvou D'us com uma canção profética (Shemuel 2).

O Rei David, no final da vida, compôs uma shira de agradecimento a D'us por tê-lo salvado de todos os seus inimigos (II Shemuel 22).

O Rei Shelomô escreveu Shir Hashirim.

A décima e mais bela canção será entoada pelo povo judeu quando D'us o redimir do atual exílio.

Embora as primeiras nove canções sejam chamadas shira, no gênero feminino, a décima é denominada shir (masculino), pois está escrito: "Naquele dia este shir será cantado na terra de Yehuda" (Yeshayáhu 26:1).

A décima canção, porém, marcará o fim de todos os exílios; não será seguida por qualquer sofrimento ou provação.

Torá: Chuva e Orvalho

Moshê declara que a Torá, como a chuva, traz a vida.

Moshê continuou: 'Céu e terra serão testemunhas de que eu agora estou proclamando que a Torá é como a chuva.'

Por que Moshê comparou a Torá com a chuva?

Dentre os vários motivos, estão:

- Assim como a água é vital para a sobrevivência do universo, assim é a Torá.

.....
• Assim como a chuva vem do alto, também recebemos a Torá do Céu.

• A água é um purificador muito importante. Da mesma forma, a Torá purifica e eleva aqueles que a estudam e cumprem pelo mérito do Céu.

• Assim como a chuva não cria uma nova planta, mas apenas desenvolve e amadurece uma semente ou planta já existente, também a Torá desenvolve as sementes no coração da pessoa. (Uma pessoa deve primeiro dedicar seu coração e mente ao estudo de Torá, e então seus estudos serão frutíferos.)

• Um judeu jamais se cansa de estudar Torá. Assim como os peixes vivem num ambiente aquático, porém continuam sedentos e procuram cada gota de chuva, assim a pessoa mergulhada em Torá deseja ouvir ainda outra explicação de Torá.

Moshê também disse: "Minhas palavras gotejarão como orvalho."

Após comparar a Torá com a chuva, por que ele também a comparou ao orvalho?

A chuva às vezes aborrece as pessoas. Incomoda viajantes nas estradas e as pessoas com barris de vinho abertos, cujo vinho poderia se estragar.

Para não pensarmos que a Torá, também, às vezes torna as pessoas infelizes, Moshê explicou que não é este o caso. A Torá, a esse respeito, é como orvalho. Todos, sem exceção, se alegram ao ver o orvalho cair. Portanto, a Torá provoca apenas felicidade.

Moshê disse aos judeus: "Assim como arrisquei minha vida quando permaneci quarenta dias no Monte Sinai entre os anjos, vocês também devem estar preparados para se sacrificarem pela Torá!"

A declaração de Moshê também continha uma prece, que esta mensagem não deveria ser ignorada, mas entrar nos corações de Benê Yisrael: "Que meus ensinamentos sejam agradáveis a Benê Yisrael, como a chuva; que minhas palavras sejam bem aceitas por eles como o orvalho; como os ventos soprando nas campinas no outono; e como a chuva de primavera que irriga os campos no mês de Adar."

Louvar o Nome de D'us

Moshê convoca o Povo a responder com Glória a D'us toda vez que ele menciona o nome de D'us. Moshê prefaciou a canção de Ha'azinu com o ensinamento: "Sempre que eu mencionar o nome de D'us, louvem-No respondendo 'amén.'" Nossos Sábios aprenderam com este versículo que após cada bênção recitada no Bet Hamicdash, o povo deveria responder: "Bendito seja o Nome de Seu glorioso reino para todo o sempre."

Nós também observamos a regra de "responder com uma bênção" – sempre que o chazan (cantor) no Bet Haknêset menciona o Nome de D'us numa bênção, e quando escutamos um indivíduo recitar uma bênção.

Aquele que responde Amén a uma bênção é ainda mais notável que aquele que recitou a bênção.

A obra de D'us é perfeita: todos Seus caminhos são absolutamente justos.

No desenrolar da canção Moshê prenunciaria duros castigos se os judeus abandonassem a Torá. A pessoa pode aceitar a punição de boa vontade se estiver convencido de que a merece.

Moshê, portanto, começou declarando a absoluta justiça dos caminhos de D'us.

Porque Existe o Sofrimento

Se um ser humano estivesse para morrer sem sofrimento, o Atributo da Justiça teria a mão superior contra ele no dia do julgamento. Seus sofrimentos no mundo atual expiariam seus pecados.

A maior de todas as expiações é a morte.

Portanto, no versículo "E D'us viu tudo que tinha feito, e viu que era muito bom" (Bereshit 1:31), nossos Sábios comentaram: Mesmo a morte é muito boa (ou seja, até os maiores tsadikim cometem algum pecado, e a morte os expia).

E. Abba perguntou a R. Shimon: "Por que sempre que o Atributo da Justiça tem a mão superior somente os tsadikim são punidos, embora haja pessoas perversas no mundo? É por que os tsadikim falharam em advertir sua geração? Ou por que seus méritos não protegeram a geração?"

R. Shimon respondeu: "O sofrimento dos tsadikim causam a expiação para o mundo, pois expia os pecados da geração. Veja o exemplo de um corpo doente. Para aliviar a dor, o sangue de um membro deve ser posto para escorrer. Se o sangue é tirado do braço, o corpo inteiro se recupera.

"Assim, o povo judeu metaforicamente abrange os membros de um corpo humano. Se D'us deseja curar o 'corpo' inteiro, o 'sangue' deve ser 'extraído' dos tsadikim.

"Embora as provações do tsadic sejam uma expiação para a geração, elas elevam o próprio tsadic neste mundo e no vindouro.

R. Abba prosseguiu: "Mas por que alguns tsadikim sofrem, ao passo que outros vivem pacificamente?"

"Às vezes o corpo está apenas levemente enfermo, portanto a maior parte dos membros pode ser poupada. Porém se o corpo está muito doente, o sangue deve ser extraído de ambos os braços. Da mesma forma, se há relativamente poucos pecados no mundo, D'us poupa do sofrimento a maioria dos tsadikim, mas se a geração é imensamente perversa, D'us aflige todos os tsadikim para curar a doença largamente difundida."

Para aceitar o sofrimento, devemos entender que segundo a Torá, até o maior deleite deste mundo nada é quando comparado às bênçãos do Mundo Vindouro. Além disso, aquilo que é considerado infortúnio aqui pode na verdade não o ser, quando visto sob a absoluta perspectiva do Mundo Vindouro. E ao contrário, aquilo que parece afortunado neste mundo pode na verdade ser um impedimento ao crescimento espiritual da pessoa.

Portanto, um judeu não deve considerar seu bem-estar físico como um benefício absoluto. Se for golpeado pelo infortúnio, ele

.....
deve aceitá-lo com a fé que "tudo aquilo que D'us faz, é para o melhor." Assim como o bem-estar físico não é absoluto, o infortúnio também é relativo. D'us com certeza planejou-o para terminar sendo um benefício, "pois todos os Seus caminhos são justos".

Justiça

No versículo "A Rocha, Seu fazer é perfeito", Moshê também aludiu aos eventos que diziam respeito à sua pessoa. No dia de seu falecimento, Moshê reconheceu publicamente a justiça do veredicto de D'us.

Ele não queria que os judeus pensassem que D'us agia injustamente com ele ao não permitir que entrasse em Erets Yisrael. Portanto, ele explicou que D'us é leal ao recompensar os tsadikim no Mundo Vindouro.

Moshê portanto descreveu D'us como "a Rocha", numa alusão ao seu pecado de golpear a pedra nas Águas de Meriva, pelo qual ele estava então sendo punido.

Assim como o maior dos profetas (Moshê) reconheceu a justiça de D'us no dia de sua morte, fazemos da mesma forma quando sabemos da morte de alguém.

Pronunciamos a bênção: "Bendito sejas Tu, D'us , nosso D'us, Rei do mundo, o verdadeiro Juiz."

Moshê explica aos judeus que todo pecado é auto-infligido; D'us não deve ser culpado por isso: "Se vocês se atolarem no pecado, é por sua própria culpa. Vocês, os amados filhos de D'us , desse modo se tornam uma geração corrupta e perversa.

"Além disso, quando vocês pecam, estão se corrompendo. Prejudicam a si mesmos, não a D'us ."

O Pecado do Bezerro de Ouro

Moshê pretendia advertir todas as futuras gerações em geral, e reprovar especificamente sua própria geração pelo pecado do bezerro de ouro.

Moshê os repreendeu: "Quando vocês construíram o bezerro de ouro, corromperam a si mesmos; não prejudicaram a D'us. Anteriormente, Ele os chamara de "Seus filhos", mas depois do pecado Ele me disse: 'Teu povo se tornou corrupto.' Vocês não agiram como filhos com um pai quando proclamaram: 'estes são teus deuses, Yisrael.'"

Do início da canção até o quinto verso, quando Moshê os repreendeu pelo pecado do bezerro de ouro, há quarenta palavras. Isso sugere que quarenta dias após a Outorga da Torá os judeus construíram o bezerro, e D'us então disse a Moshê: 'Teu povo se tornou corrupto.'

Moshê continuou a admoestar o povo:

"Vocês acham que fazem mal a D'us quando pecam? Prejudicam a si mesmos, pois se afastam do seu Pai Celestial.

"Vocês são um povo baixo! Quando cruzaram o mar Vermelho, D'us o partiu em doze partes para todas as tribos atravessarem. Depois Ele lhes deu o ouro e a prata dos egípcios afogados. Ele

protegeu vocês dos seus inimigos, e das cobras e escorpiões durante quarenta anos no deserto. Porém, ao cruzar o Mar Vermelho vocês abrigaram um ídolo entre vocês: um de vocês, Micha, fez uma imagem que carregou consigo.

Esta imagem os acompanhou também através do deserto.

"Até os melhores de vocês pecaram após cruzar o Yam Suf; deixaram de se ocupar com a Torá em Refidim. Portanto, vocês não são um povo sábio!

D'us não age como um Pai quando vocês O obedecem? E mesmo quando são desobedientes, Ele ainda é seu Amo, que os adquiriu como servos (ao redimi-los do Egito). Portanto, vocês estão comprometidos ao Seu serviço.

"D'us os escolheu entre todas as nações do mundo e os estabeleceu firmemente. Ele os tornou uma nação com seus próprios cohanim, profetas e reis."

Uma enumeração das benesses de D'us ao povo judeu:

"Lembrem-se dos dias de antanho, considerem os anos de muitas gerações passadas, e verão como D'us mesmo então preparou o futuro papel do povo judeu.

"Se não podem entender isso, peçam aos eruditos de Torá e aos anciãos do Sanhedrin, e eles lhes dirão.

"Depois do Dilúvio, quando a humanidade se rebelou contra D'us , Ele poderia ter aniquilado a todos, como fez com a geração do Dilúvio. Em vez disso, Ele os dispersou, poupando-os da destruição pelo mérito do povo judeu, que descenderia de Shaim.

"Ele dividiu aquela geração em setenta nações, que são iguais em número aos membros da família de Yaacov, que desceria ao Egito. (Isso simboliza o amor de D'us pelo povo judeu. Ele os tem como queridos, assim como todas as setenta nações.

Muito antes do surgimento do povo judeu, D'us designou a Terra de Canaã como sua futura herança. Nesse ínterim, Ele deu a Terra de Canaã e seus onze filhos, que mais tarde a entregariam aos descendentes das doze tribos. D'us então reorganizou a história pelo mérito de Yaacov, o escolhido dos antepassados.

"Yaacov era como o terceiro fio de uma corda. Quando entremeado com os outros dois, assegurava que a corda jamais romperia. Assim, quando os méritos de Yaacov foram acrescentado àqueles dos antepassados, Avraham e Yitschac, a estava criado o alicerce inquebrantável do povo judeu.

"D'us escolheu o povo judeu como Seu quinhão."

Moshê continuou a relatar os atos de bondade de D'us para com o povo judeu:

"Ele proveu suas necessidades no deserto; Ele lhes deu água do Poço de Miriam, fez o maná descer do Céu, e providenciou para que suas roupas não se gastassem.

"Num local desolado, esquecido – onde perambulam criaturas destrutivas – Ele protegeu os judeus com sete Nuvens de Glória, ensinou-lhes Torá, e considerou-os como a menina de Seus olhos.

.....
"Ele cuidou deles como a águia, rei das aves, cuida de seus filhotes."

Todos estes versículos relatando a bondade de D'us para com o povo judeu estão escritos no singular: "D'us proveu por ele na terra do deserto; Ele o guardou; Ele abre Suas asas sobre ele." Isso implica que D'us tratava cada judeu dessa maneira.

Além disso, a Torá emprega o tempo futuro ("Ele proverá por ele; Ele o guardará") para indicar que no futuro D'us fará milagres semelhantes àqueles ocorridos após o Êxodo. Moshê profetizou os atos de bondade de D'us para com Erets Yisrael:

"Ele os deixará repousar nas cidades de Erets Yisrael. Ele os alimentará com os deliciosos produtos da Terra (que têm sabor mais delicioso que os frutos de qualquer outro país) e Ele lhes dará mel para sugar das frutas crescendo sobre as rochas, e azeite de suas azeitonas e plantas que crescem na rocha nua. (Os frutos que amadurecem nas encostas rochosas das montanhas são mais doces que as frutas do vale, porque estão expostos ao sol abundante.)

"Manteiga do rebanho e leite das ovelhas, com gordura dos cordeiros cevados, e carneiros da raça de Bashan (que são muito gordos) e com cabras D'us os alimentará."

Estas previsões se concretizaram durante o reinado de Shelomô e reis subseqüentes. Moshê continuou: "Prevejo profeticamente que se os judeus guardarem fielmente as mitsvot da Torá, suas espigas de trigo crescerão até o tamanho do rim de um boi, e o vinho tinto a fluir de uma única uva encherá um copo inteiro."

De fato, quando Shlomozion foi rainha e seu irmão Shimon ben Shetach era o líder espiritual de Klal Yisrael, as espigas do trigo cresceram até o tamanho de rins. Os Sábios as preservaram para mostrar às futuras gerações como D'us abençoa a nação por guardar a Torá.

O Castigo

"Suas más ações foram reveladas perante Ele, e grande foi a ira com a qual Seus filhos e filhas O enfureceram."

Filhas são mencionadas especificamente aqui, pois antes da destruição do Primeiro Bet Hamicdash, muitas mulheres incitavam os maridos à idolatria.

"E Ele disse: 'Removerei deles Minha shechiná e mostrarei a eles o seu fim; quão inúteis os seus ídolos provarão ser!'

"Pois eles são uma geração perversa; eles mudaram as palavras do D'us vivo, e portanto eles converteram Minha boa vontade em ira.

"Eles são filhos nos quais não há fé. Eles estiveram no Har Sinai e proclamaram:

'Faremos e ouviremos', e quarenta dias depois fizeram um bezerro de ouro. Construíram um Bet Hamicdash, e Eu não pretendia exilá-los de sua Terra. Mas eles foram desleais; portanto, Eu também mudei Meus planos e os exilei.

Eles acenderam minha fúria com ídolos que não são deuses; eles Me provocaram com suas vaidades. Eu os enfurecerei, midá-

keneged-midá, colocando contra eles nações que não são como gente, mas são inferiores e desprezíveis como animais."

A Destruição que D'us Pensou em Trazer Sobre o Povo Judeu e Por Que Ele Desistiu

D'us proclamou: "Segundo o Atributo da Justiça, Eu deveria ter abandonado o povo judeu a um eterno exílio, para desaparecer completamente entre as nações gentias.

Desisti de fazê-lo, para que o inimigo não se orgulhasse: 'Nossa força castigou nossos adversários – não foi um decreto de D'us'"

Os gentios atribuiriam a morte do povo judeu ao poder de seus deuses e assim o Grande Nome de D'us seria profanado.

Moshê previu que depois que o exílio expiasse os pecados do povo judeu, o exílio terminaria e D'us punirá as nações por perseguirem os judeus. "Depois que D'us sujeitar os judeus a todos estes sofrimentos, a ponto de os tsadikim dentre eles ficarem oprimidos e abandonados, Ele terá pena deles.

"Ele reprovará Seu povo: 'Onde estão os deuses que vocês serviram, a 'rocha' na qual vocês colocaram sua confiança? Deixem que os ídolos a quem vocês ofereceram sacrifícios e oferendas de bebidas se ergam para ajudar e proteger vocês!'

"'Vocês verão agora pela redenção que Eu estou trazendo que Eu era, Eu sou e Eu serei, e não há deuses além de Mim. Com Minha palavra eu mato neste mundo, e reviverei os mortos no futuro. Eu puni o povo judeu, e Eu os curarei ao final dos dias.

Ninguém salvará o exército de Gog das Minhas mãos, quando eles vierem para fazer guerra.'"

O verso "Eu mato e faço vivos" (32:39), é uma promessa explícita na Torá Escrita de que D'us ressuscitará os mortos.

Moshê continuou a profetizar em nome de D'us: "Pois Eu levanto Minha mão ao céu e juro, tão certo quanto Eu vivo para sempre, que afiarei a lâmina de Minha espada, julgarei com rigor e punirei Meus adversários que afligirem os judeus, e retribuirei àqueles que Me odeiam por terem oprimido o povo judeu."

D'us diz: "Eu vivo para sempre, e portanto tenho tempo suficiente para me vingar."

"Farei Minhas flechas embebidas com o sangue dos inimigos e Minha espada devorará sua carne pelo sangue judeu que eles derramaram e pelos judeus que escravizaram. Eu os punirei por eles mesmos e pelos crimes de seus ancestrais.

"Quando D'us finalmente vingar o sangue de seus servos, o povo judeu, as nações gentias começarão a entoar louvores a Benê Yisrael. 'Veja esta nação que se apegou a D'us durante todas as provações do exílio, e não O abandonou! Eles sempre confiaram em Sua bondade e grandeza! Por fim, Ele vingou o mal cometido contra eles.'

D'us fará vingança não apenas por assassinato, mas também por atos de roubo e violência cometidos contra Seu povo. Ele os aplacará e consolará por todo o seu sofrimento, e a partir daí a Terra será também aplacada."

.....
O acima constitui uma promessa inequívoca de futura Redenção, pois na época da reconstrução do Segundo Bet Hamicdash as nações gentias não louvaram os judeus, mas ao contrário, zombaram deles. D'us também não vingou o sangue derramado dos judeus ou aplacou Seu povo.

A primeira parte da shira – a respeito do pecado, dispersão e castigo de Benê Yisrael – foi cumprida exatamente como a Torá previu. Agora esperamos a futura Redenção, quando D'us cumprirá as últimas promessas

Moshê e Yehoshua ensinam a canção de Ha'azinu a Benê Yisrael. Moshê explica a Benê Yisrael que tudo na Torá é significativo

Tanto Moshê quanto Yehoshua ensinaram a canção Ha'azinu ao povo. Yehoshua o fez no Shabat, o último dia de vida de Moshê, na presença de seu mestre, para que mais tarde o povo não pudesse alegar: "Enquanto seu professor estava vivo, você não ousava falar!"

Embora Yehoshua agora tivesse sido oficialmente designado como sucessor de Moshê, ele não ficou arrogante. Permaneceu humilde e justo como quando ascendeu àquela honra. Para indicar isso, a Torá o chama pelo seu nome original, "Hoshaia" (32:44).

Moshê explicou aos judeus: "Para entender a Torá, vocês devem aplicar a mente, olhos e ouvidos. Nada na Torá é vazio ou insignificante. Se vocês deixarem de entender o significado, é porque não se esforçaram o suficiente. Além disso, o estudo de Torá jamais deixa de produzir recompensa, pois garante a vocês vida longa na Terra aonde D'us os está levando (e vocês não serão exilados).

O Monte Nevo

No dia da morte de Moshê, D'us lhe ordenou: "Suba ao Monte Nevo e dali verá Erets Yisrael. Pois você morrerá naquela montanha e sua alma será reunida ao seu povo. Sua morte será causada por um "beijo Divino", assim como seu irmão Aharon, como você desejou."

Moshê implorou mais uma vez: "Mestre do universo, não me deixe ser como o homem que preparou a celebração de casamento do seu único filho, apenas para ser convocado à corte do rei para ser informado de sua execução imediata. Eu criei este povo; eu os tirei do Egito; eu ensinei a eles a Sua Torá; construí para eles um Mishcan em Seu mérito; e agora, quando estamos a ponto de cruzar o Jordão e tomar posse da Terra, fico sabendo que vou morrer! Por favor, deixe-me pelo menos cruzar o Jordão, e então morrerei de boa vontade."

O Todo Poderoso respondeu: "Você fez com que os judeus se rebelassem contra Mim, e Meu Nome foi profanado, quando você golpeou a pedra nas Águas de Meriva. (O pecado de chilul D'us, a profanação do Nome de D'us, é um dos mais difíceis de expiar.)

"Do Har Nevo você verá a Terra física abaixo, e verá a Terra Celestial acima. Mas você não deve entrar. Nem mesmo os seus ossos serão levados para lá, pois na Era de Mashiaich você se erguerá para levar a geração do deserto a Erets Yisrael."

Embora Moshê tivesse acabado de ouvir de D'us que fora barrado de entrar em Erets Yisrael por causa de seu erro nas Águas de Meriva, um erro provocado pela insistência de Benê Yisrael para que ele tirasse água de uma rocha diferente daquela indicada por D'us, ele não ficou irado com eles, pois era um homem de D'us, não propenso ao ressentimento. Em vez disso, ele decidiu conceder às tribos sua bênção de despedida, pois sabia que sua morte era iminente.

Uma canção de arrependimento

A maioria dos versos de Haazínu – seis das sete seções – está associada com a canção de Moshê, conhecida como a Canção de Haazínu. Os levitas costumavam cantar esta canção no Shabat, no Templo Sagrado. Eles a dividiam em seis partes, cada uma cantada em outro Shabat, da mesma maneira que a canção é dividida para a leitura da Torá.

Maimônides explica porque a canção de Haazínu foi dividida desta forma: "...Pois são elas [palavras de] advertência, para que o povo se arrependesse." Agora "advertência" e "canção" são antiéticas. Como devemos entender esta canção que contém palavras de "advertência"?

A Canção de Haazínu como um todo, mesmo aquelas partes que contêm palavras de advertência, possui um tema central: todos os eventos que sucederam ao povo judeu são, em última instância, para seu próprio bem. Mesmo aqueles eventos que parecem ser a própria antítese da bondade, obedecem ao propósito de levar os judeus para mais próximo da redenção suprema. Na verdade, todas as ocorrências na vida do povo judeu são degraus e estágios que levam em direção à redenção.

A Porção de Haazínu é lida na maioria dos anos, e neste ano também será, no Shabat Teshuvá, o "Shabat da Penitência", assim chamado porque coincide com os "Dez Dias de Arrependimento".

Também deve ser entendido que a passagem de Haazínu, está não apenas conectada a estes dias de penitência porque contém "palavras de advertência, para que o povo se arrependa," mas por causa deste notável tipo de serviço Divino e nível de arrependimento que caracteriza o Shabat Teshuvá.

A forma de arrependimento apropriado para os dias da semana é teshuvá tataá, "arrependimento de baixo nível", enquanto que a forma de arrependimento apropriada ao Shabat é teshuvá ilaá, "arrependimento de alto nível". Em geral, o anterior envolve arrependimento por se cometer pecados reais, ao passo que o último é o retorno e apego do espírito do homem a D'us.

Como durante a semana o homem está envolvido em elevar o mundano até a santidade, seu arrependimento gira em torno da retificação de pecados reais – teshuvá tataá. No Shabat, entretanto, o trabalho mundano é proibido, e o serviço espiritual do homem envolve elevar-se de nível para nível dentro do reino da santidade. Esta é a tarefa de teshuvá ilaá – esforçar-se para chegar ainda mais perto de D'us.

Estes níveis de arrependimento também diferem na maneira pela qual são realizados: teshuvá tataá procede de um coração sofrido e contrito, ao passo que teshuvá ilaá é feito com "grande alegria".

.....
Tudo isso é encontrado na Canção de Haazínu. Por um lado inclui "[palavras de] advertência, para que o povo se arrependa", e por outro é chamada "uma canção", uma expressão de alegria, cantada pelos levitas no Templo Sagrado.

A conexão da Canção de Haazínu com teshuvá ilaá também está de acordo com o conteúdo simples da Porção da Torá. Moshê recebeu a ordem de escrever a Canção de Haazínu "para que esta canção sirva-Me de testemunha para os judeus" – ela serviu como testemunha da Torá e dos mandamentos, possibilitando aos judeus ficarem repletos de vitalidade e imutável lealdade.

O arrependimento, também, especialmente teshuvá ilaá, vitaliza o judeu e lhe permite cumprir a Torá e seus mandamentos nesta maneira, para que suas ações desse modo tornem-se "atos bons e luminosos".

Vivendo Com o Rebe

Adaptada do vol. 29 de Likutei Sichot.

Segundo os ensinamentos místicos do Zohar, "ushpizin" (hóspedes) celestiais visitam a sucá na Festa de Sucot. São eles: Avraham, Yitschac, Yaacov, Moshê, Aharon, Yossef e David (Salomão). A cada dia, um desses tsadikim é o convidado "principal", que traz consigo os outros. Na primeira noite de Sucot, o ushpiz "principal" é Avraham.

Nosso ancestral Avraham era famoso por sua perfeita "hachnasat orchim" (hospitalidade). De fato, o Talmud deriva de Avraham que "Ter hóspedes é melhor que saudar a Divina Presença". (A Torá relata que quando D'us visitou Avraham após seu brit milá, ele apressou-se em introduzir em sua tenda o que pensou serem convidados humanos, mas na verdade eram anjos). Se foi assim que Avraham agiu antes que a Torá fosse outorgada, procurando até aqueles que tinham aparência de "Árabes que se curvam até para a poeira de seus pés" como convidados, muito mais devemos nos esforçar para imitar sua hospitalidade depois da Outorga da Torá e no que diz respeito a nossos irmãos judeus.

Na verdade, o conceito de hospitalidade é uma descrição muito apropriada de nosso Divino serviço no exílio, quando todo o povo judeu é comparado a um "convidado". Nossos Sábios caracterizam o exílio como um período no qual os judeus são como "crianças que foram exiladas da mesa de seu Pai". O lugar natural e de direito para um judeu é à "mesa" de D'us; durante o exílio ele não está em seu "habitat" natural, e portanto é um hóspede em território estrangeiro.

Por que D'us criaria uma situação tão fora do natural? Por causa da qualidade e vantagem especiais do serviço Divino dos judeus durante o exílio. Este serviço é tão importante e amado por D'us que Ele desejou transformar Seus filhos em "hóspedes".

Dizem Nossos Sábios: "D'us fez um favor a Israel ('tsedacá', do radical que significa justiça) que Ele o dispersou entre as nações." A verdadeira razão para a Diáspora não foi punição, mas "tsedacá" – preencher um propósito positivo e objetivo. D'us desejava que os judeus imbuíssem todo local com santidade como preparação para a Era Messiânica, quando o mundo inteiro será Sua "morada".

O Báal Shem Tov (que é também o "ushpiz chassídico" na primeira noite de Sucot) disse algo semelhante no versículo em

Tehilim: "Os passos do homem são ordenados por D'us", explicando que onde quer que um judeu esteja, ele deveria saber que isso não é "por coincidência", mas que D'us o levou ali deliberadamente, para um propósito Divino.

É exatamente por meio de nosso serviço no exílio que mereceremos "saudar a Divina Presença" no sentido pleno com a Redenção definitiva, quando "a glória de D'us será revelada", com felicidade e alegria no coração.

A Alma da Sola

Certa vez, na Festa de Simchat Torá, o Báal Shem Tov (fundador do Chassidismo) contou aos seus discípulos o seguinte:

"Em Simchat Torá as pessoas geralmente dormem um pouco a mais por causa da refeição festiva tardia e da dança na noite anterior. Mas os anjos não têm este tipo de horário, portanto naturalmente eles 'acordam' em Simchat Torá na mesma hora de costume. Os anjos desejam começar a entoar suas canções de louvor a D-us, mas não têm permissão de fazê-lo até que os judeus comecem suas preces. Então, eles saem para arrumar o Jardim do Éden – o Paraíso.

"Ora, no Jardim do Éden os anjos encontram objetos que jamais tinham encontrado antes. O que poderiam ser estas coisas? O Jardim está coalhado de solas de sapatos! Os anjos ficam estupefatos. Estão acostumados a encontrar livros de orações, velas de Shabat, moedas para caridade, tefilin e mezuzot no Jardim, mas solas de sapatos?

"Lá se vão os anjos questionar o anjo Michael¹. Este explica a eles que isto foi feito por ele – aquelas solas e chinelos são o resultado dos judeus dançando com a Torá. Amorosamente, o anjo começa a recolher as solas. 'Estas são de Kaminka e aquelas de Mezeritch' – e assim por diante, ele enumera.

"Então o anjo Michael orgulhosamente insiste que é superior ao anjo que tece coroas para o Criador com as preces do povo judeu. 'As solas gastas de Simchat Torá farão uma coroa mais bonita' – declara ele.

Muitos de nós não possuímos uma "boa" cabeça. Nem todo mundo tem um coração gentil e bondoso. Mas quase todos têm pés com os quais dançar, e mãos para bater palmas. E todos nós temos vozes para cantar – embora alguns de nós sejamos mais afinados que outros.

A Festa de Sucot é chamada de "A Época de Nosso Júbilo". Além de participar das mitsvot de comer em uma sucá, e balançar o lulav e etrog, recebemos a mitsvá adicional de nos rejubilar e ser felizes.

Durante Sucot em si, em comemoração a um serviço especial que costumava ocorrer no Templo Sagrado, as celebrações são feitas em comunidades judaicas no mundo inteiro. Nestas celebrações, conhecidas como Beit HaSho'eiva, os judeus celebram numa maneira em que todos os judeus são realmente iguais, rejubilando-se!

A dança e as festividades de Sucot e Simchat Beit HaSho'eiva culminam nos volteios e rodopios e na exuberância desinibida de Simchat Torá, quando nos alegamos igualmente com a Torá, não com cabeças e corações, não com nossas carteiras, mas com os

.....
pés e sapatos, com as solas que mais tarde serão coletadas no Jardim do Éden e tecidas para formar a coroa mais luminosa e bela para o Criador.

Celebre com sua família, com amigos e com seus pés durante a próxima "Época de Nosso Júbilo". Vá até lá e exercite simultaneamente suas solas e sua alma!

Nota:

1- O anjo Michael é o anjo do amor e da bondade. Ele é responsável por conceder ao povo judeu bênçãos de filhos, saúde e riqueza.

A época da colheita

Rabi Shmuel M. Butman

De todos os feriados no decorrer do ano, nossa alegria é maior em Sucot, a "Época de Nosso Júbilo". O mandamento de alegrar-se em Sucot aparece três vezes na Torá. Em contraste, não há ordem específica para rejubilar-se em Pêssach, e a ordem para alegrar-se em Shavuot aparece apenas uma vez. O Midrash explica que a alegria de uma festa está diretamente relacionada ao estágio específico da colheita quando ocorre a festa.

Em Pêssach, que acontece na primavera, o cereal nos campos acaba de crescer. Como ainda não estamos certos da colheita eventual, nosso júbilo é limitado. Assim, não há mandamento para alegrar-se na Torá.

À altura de Shavuot, o cereal amadureceu e está pronto para ser colhido. Porém nossa felicidade não está completa, por ainda não pode ser comido. O mandamento de rejubilar-se, portanto, aparece apenas uma vez.

Em Sucot, o grão é trazido do campo para nossos lares. Como o cereal pode agora ser plenamente utilizado, nossa felicidade é maior. Expressando este alto grau de júbilo, o mandamento de rejubilar-se aparece três vezes.

Estes três períodos estão também refletidos no serviço espiritual de todo judeu.

O primeiro estágio, "primavera", simboliza a fé pura do judeu em D'us, a fundação da Torá e mitsvot. Somente a fé, no entanto, não leva necessariamente à observância prática, assim como em Pêssach ainda não temos certeza de que o trigo irá florir. Este é o "Pêssach espiritual" do judeu.

A colheita do cereal vem em seguida, mas ainda não é o auge de todo o processo. No sentido espiritual, isso é equivalente à resolução do judeu de cumprir Torá e mitsvot antes que tenha posto em ação suas boas intenções. A "colheita" ainda está no campo; este é o "Shavuot espiritual" do judeu. Somente quando o grão é comido, quando as resoluções do judeu para o bem se expressam em ações reais, aquela perfeição é atingida. Esta é a "Sucot espiritual" do judeu.

Assim, o grau mais elevado de felicidade do povo judeu é sentido e expresso em Sucot, que é realmente a "Época de Nosso Júbilo".

Batendo na base da rocha

por Rabi Elie Cohen

Ao final da Parashat Ha'azinu, D'us ordena a Moshê que suba ao Monte Nebo para ver a Terra de Israel e então morrer. D'us relembra a Moshê que por causa de seu pecado de bater na rocha, não terá permissão de entrar na Terra Prometida. Assim, D'us declara: "Devido ao fato de que não Me santificaste na presença dos Filhos de Israel [não podes entrar na terra]" (Devarim 32:51). A implicação do versículo é que o pecado de Moshê com a rocha foi a oportunidade perdida de santificar D'us.

Rashi explica o versículo da seguinte maneira: D'us havia ordenado a Moshê para falar com a pedra, para que ela desse água. Em vez disso, Moshê bateu na pedra duas vezes. Se Moshê tivesse falado com a rocha, como lhe fora ordenado, e a água tivesse emergido, o povo judeu teria aprendido uma importante lição. Se uma pedra, que não está sujeita a nenhuma recompensa ou punição, obedece as ordens de D'us, certamente nós, que estamos sujeitos a recompensa e castigo, devemos obedecer a vontade de D'us. Se Moshê tivesse falado com a pedra, D'us teria sido santificado e elevado aos olhos da humanidade.

É interessante notar que este não é o primeiro lugar em que Rashi interpreta esta oportunidade perdida para "santificação". Quando o incidente com a pedra realmente ocorre e é registrado na Torá em Parashat Chukat, D'us diz a Moshê e Aharon: "Como vocês não confiaram em Mim para santificar-Me perante os olhos dos Filhos de Israel, então não deverão trazer esta congregação à terra que Eu lhes concedi" (Bamidbar 20:12). Lá, também, Rashi explica a "santificação" perdida, mas em termos ligeiramente diferentes. Rashi declara que se Moshê tivesse falado com a pedra, fazendo-a produzir água, o povo judeu teria dito que, se esta rocha, que não fala nem ouve e não precisa de sustento, cumpre a palavra de D'us, certamente nós que falamos e ouvimos e precisamos de sustento, deveríamos cumprir a Divina palavra.

À primeira vista, Rashi parece dizer basicamente a mesma coisa nos dois lugares, apesar da sutil mudança. Entretanto, após estudar seu comentário no original, tem-se a forte impressão de que Rashi é muito preciso em sua escolha das palavras. De fato, pode-se encontrar muitos exemplos ao longo do comentário de Rashi, onde em dois lugares bem distantes ele interpreta um conceito em especial usando a frase idêntica. Dessa maneira, é completamente incomum encontrar tal discrepância – que na porção desta semana da Torá Rashi descreve a pedra como uma entidade que não está sujeita à recompensa e punição, enquanto que na Parashat Chukat Rashi refere-se à rocha como um ser que nem fala nem ouve, e não precisa de sustento.

A fim de resolver esta dificuldade, devemos analisar nosso próprio relacionamento com D'us. Entendemos que há mais de uma maneira na qual nos relacionamos com o Todo Poderoso. Ele é nosso Criador e o Provedor de nossa existência. Acima e além disso, Ele é nosso Juiz, que recompensa e castiga com base em nossas ações.

Agora podemos entender os dois comentários de Rashi. Quando o evento ocorreu a princípio, Rashi está se referindo a D'us como o Criador e Provedor; dessa maneira ele enfatiza que nós, que precisamos nos voltar para D'us até para as próprias habilidades de falar, ouvir e receber o sustento, deveríamos seguir a palavra de D-us. Afinal, Ele nos deu tudo que temos e tudo que somos.

Na porção desta semana, entretanto, Rashi explica que a lição pode ser entendida em nível diferente – percebendo que D'us é nosso Juiz. Somos recompensados e punidos por Ele por nossas ações, e sendo assim devemos dar ouvidos às Suas diretivas.

O Talmud declara que o Homem foi criado e julgado em Rosh Hashaná, o Dia do Julgamento. O Talmud declara também que durante os Dez Dias de Arrependimento entre Rosh Hashaná e Yom Kipur, D'us está mais facilmente disponível para que nos relacionemos com Ele. Que aproveitemos a oportunidade para nos aproximarmos de nosso Criador e Juiz, para sermos inspirados em nossas ações e dessa maneira santificá-Lo.

Impedindo Moshê

Adaptado das obras do Lubavitcher Rebe

No final da porção desta semana da Torá, Haazinu, D'us ordena a Moshê: "Naquele mesmo dia... suba a Montanha Abarim, no Monte Nebo... e morra na montanha." D'us estava declarando Sua intenção de levar Moshê e que "aquele que tiver poder de protestar – poderia vir e protestar."

De fato, os Filhos de Israel não receberam a notícia da morte iminente de Moshê com sangue frio, e decidiram tentar impedir que isso acontecesse. Lamentaram-se: "Não abandonaremos aquele que nos tirou do Egito, abriu o mar, deu-nos carne e nos deu a Torá!"

Poderia parecer que os judeus estavam em franca rebelião contra D'us mas, se examinarmos melhor a situação, veremos que eles realmente pensaram que impedir a morte de Moshê fosse a vontade de D'us! A geração de judeus a ponto de entrar na Terra de Israel era composta de indivíduos justos e bons, como está declarado: "Vocês são aqueles que se apegaram a D'us." Por que, então, eles pensaram que impedindo Moshê de subir a montanha, poderiam impedir sua morte, e além disso, que na verdade estariam cumprindo uma mitsvá?

O raciocínio deles era o seguinte: Segundo a própria Torá, não se deve ser ingrato pelo bem que é feito. Moshê não fez todas aquelas coisas maravilhosas para nós, e não estamos obrigados a fazer todo o possível por ele? A ordem de subir a montanha foi dada a ele – não a nós! Talvez dessa maneira D'us estivesse nos dando uma oportunidade de intervir, não permitindo que ele nos deixasse e subisse a montanha para morrer. Se impedíssemos sua morte, então o decreto de que Moshê deveria morrer talvez fosse revertido e ele seguramente nos levaria até a Terra Prometida!

Os judeus, portanto, não estavam se rebelando contra D'us, mas tinham interpretado a ordem Divina como significando que eles deveriam intervir ativamente pelo bem de Moshê. Eles pensavam ter recebido a chance de evitar o decreto, como acreditamos ser verdadeiro em muitos outros exemplos.

Os judeus recebem, na verdade, o poder de desviar os maus decretos e alterar seu julgamento para melhor, por meio de teshuvá (arrependimento). Recitamos preces em Rosh Hashaná dizendo que por meio de "arrependimento, prece e tsedacá (caridade) decretos maus são anulados."

No caso de Moshê, no entanto, isso não aconteceria, e na verdade ele faleceu. Devemos portanto concluir que sua morte foi

de certa forma benéfica para o povo judeu, pois nem mesmo o auto-sacrifício e os esforços que fizeram lograram êxito. Nossos Sábios explicam que era absolutamente necessário que Moshê não entrasse na Terra de Israel. D'us previu que os judeus seriam um dia exilados de sua Terra, e se Moshê tivesse entrado em Israel, o subseqüente exílio deles teria sido impossível.

Porém, este mesmo exílio também é interpretado como um evento positivo. Quando, em anos posteriores, os Filhos de Israel não respeitaram as palavras da Torá e incorreram na ira de D'us, foi apenas "madeira e pedras" (O Templo Sagrado) que recebeu o impacto da fúria Divina. O povo judeu recebeu a oportunidade de ir para o exílio, onde poderiam fazer teshuvá e por fim retornar para sua Terra, brevemente em nossos dias.

54 - Parashat Vezot Haberachá

Deuteronômio 33:1-34:12

Moshê Abençoa as Tribos Antes de sua Morte

Quando D'us ordenou a Moshê: "Suba ao Monte Nevo e ali morrerá" – o Anjo da Morte pensou que tivesse permissão de levar a alma de Moshê.

Ele voou para baixo e pairou sobre Moshê, mas quando Moshê o avistou, agarrou-o e atirou no chão.

"D'us garantiu-me que você não tem poder sobre mim" – Moshê disse a ele. "Fique aí e escute enquanto eu abençoo as tribos."

Moshê obrigou o Anjo de Morte a escutar suas bênçãos. Moshê desejava, como seu ato final, abençoar os judeus. Ele tinha começado o Livro de Devarim com reprovação, e também os tinha repreendido na canção de Ha'azinu. Agora desejava concluir com uma bênção sobre eles. Com Moshê, os posteriores aprenderam a concluir seus sermões de admoestação com palavras de consolo e bênção para o povo. A Torá aqui chama Moshê "um homem de D'us" (33:1). Este título foi concedido a ele somente depois que abençoou os judeus, pois alguém que defende e louva o povo judeu é elevado por D'us.

A bênção de Moshê foi superior à de todos os tsadikim antes dele, e até às bênçãos dos antepassados, porque ele era superior a eles.

"Muitas filhas se saíram brilhantemente, mas você superou elas todas" (Mishlê 31:29). A Escritura refere-se a Moshê, que foi superior até aos Patriarcas. O Midrash ilustra a superioridade de Moshê por meio de uma conversa fictícia entre ele e os grandes tsadikim anteriores.

Antes de começar as bênçãos, Moshê recitou o salmo (Tehilim 90). "Uma prece para Moshê, o homem de D'us." Nele, ele menciona o breve tempo de vida de um ser humano: "Os dias de nossos anos são setenta e, se houver força especial, oitenta anos." Porém, a alma do homem continua a viver, finalmente retornando à sua fonte: "D'us, Tu tens sido uma morada para nós (nossas almas) em todas as gerações" (Tehilim 90:1).

Moshê Descreve a Grandeza do Povo Judeu

.....
Moshê começou com louvores a D'us, descrevendo como Ele Se revelou no Har Sinai para outorgar a Torá. Moshê proclamou: "D'us foi ao povo judeu no Monte Sinai como um noivo que vai encontrar sua noiva. D'us ofereceu previamente a Torá a todas as nações gentias, mas elas se recusaram a aceitar."

Moshê proclamou: "A grandeza de D'us desafia a descrição. No Sinai, Ele levou com Ele apenas uma fração das hostes celestiais sob Seu comando, ao contrário de um ser humano que exhibe toda sua riqueza no dia das bodas.

"Ele deu aos judeus Sua lei de fogo, a Torá, que Ele tinha gravado sobre as Tábuas com Sua mão direita." Por que a Torá é chamada de 'uma lei de fogo'?

1 – A Torá existiu antes da criação do universo. Antes de ser entregue à humanidade, foi escrita perante D'us em fogo negro sobre fogo branco. Moshê então a escreveu com tinta sobre pergaminho.

2 – A Torá foi entregue em meio ao fogo: os anjos descendo com D'us ao Har Sinai estavam em chamas: a montanha estava em chamas; foi dado por D'us, que é chamado "um Fogo devorador"; e a face do agente de D'us (Moshê) reluziu por entre o fogo.

Moshê agora abençoou os judeus para que merecessem a vida eterna no Mundo Vindouro por terem aceitado a Torá. "D'us amava muito as tribos. Ele atou as almas dos tsadikim com Ele para a vida eterna. Eles a merecem, pois se colocaram ao pé do Monte Sinai e aceitaram o jugo da Torá."

Moshê Abençoa as Tribos

A Bênção de Reuven

Moshê começou abençoando os descendentes do primogênito de Yaacov:

"Que Reuven viva e não morra, e que seus homens sejam contados entre as tribos."

No sentido literal, Moshê estava se referindo aos soldados da tribo de Reuven, que marcharam na frente do exército judeu durante a conquista da Terra. Ele os abençoou para que nenhum caísse em batalha, e que todos retornassem para casa.

Em outro nível, a bênção de Moshê se referiu ao fundador da tribo:

"Que Reuven viva nos dias de Mashiach e que não morra no Mundo Vindouro, Que sua tribo seja contada entre Benê Yisrael."

Moshê abençoou Reuven para que seu pecado no incidente envolvendo Bilá não fosse usado contra ele no futuro, pois Reuven tinha se arrependido de seu erro.

Na verdade, a bênção de Moshê ajudou Reuven a conquistar um quinhão no Mundo Vindouro.

A Tribo de Shimon

Moshê não concedeu sua própria bênção a Shimon. Ele estava irado com esta tribo porque seu líder, Zimri, tinha pecado em Shitim com uma princesa moabita, dessa forma inspirando muitos de seus amigos na tribo a erros similares.

Nosso patriarca Yaacov, em suas bênçãos aos seus filhos, tinha reprovado Shimon e Levi. Levi mais tarde melhorou, ao passo que Shimon se deteriorou ainda mais, como é ilustrado na seguinte parábola:

Dois homens pediram um empréstimo ao rei. Um pagou, e depois chegou a emprestar ao rei uma quantia de seu próprio dinheiro em retorno. O outro, no entanto, não somente deixou de pagar o empréstimo original, como teve a audácia de pedir outro empréstimo ao rei.

Da mesma forma, Yaacov inicialmente censurou tanto Shimon quanto Levi pelo ódio que levou a ambos exterminarem a cidade de Sh'chem, e pelo episódio em que ambos tinham tentado tirar a vida de Yossef. Em seguida, a tribo de Levi utilizou seu atributo do zelo e ira para o propósito de vingar a honra do Todo Poderoso ao punirem os adoradores do bezerro de ouro e quando Pinchas, da tribo de Levi, matou o líder pecador de Shimon, Zimri.

Os membros de Shimon, porém, continuaram a usar sua tendência para a violência e agitação: seu líder Zimri rebelou-se contra Moshê em Shitim. Portanto, esta tribo perdeu o privilégio de receber sua própria bênção. Apesar disso, Moshê aludiu a Shimon na bênção de Yehuda, quando disse: "Escuta, D'us, a voz de Yehuda." A palavra "Shemá" contém as letras do nome Shimon. Além disso, o quinhão de Shimon em Erets Yisrael consistia de várias faixas de terra na porção de Yehuda.

Shimon foi abençoado junto com Yehuda, o "leão", e foi feito seu vizinho, na esperança de que a presença de Yehuda refreasse Shimon de mais atos de violência injustificada.

A Bênção de Yehuda

Moshê profeticamente abençoou Yehuda depois de Reuven, porque Yehuda era a tribo liderante. Além disso, a tribo merecia ser abençoada depois de Reuven, porque o fundador da tribo fez seu irmão Reuven confessar abertamente seu pecado. Depois da corajosa admissão de culpa no incidente envolvendo Tamar. Reuven também tomou coragem e admitiu em frente de seu pai Yaacov: "Eu desarrumei a cama de meu pai,"

Nossos Sábios mencionam ainda outro motivo para Moshê colocar a bênção de Yehuda em seguida à de Reuven, e por que ele introduziu a bênção de Yehuda com as palavras: "E esta é para Yehuda."

Durante sua jornada de quarenta anos pelo deserto, Benê Yisrael carregou o caixão de todos os filhos de Yaacov, até finalmente enterrar seus corpos em Erets Yisrael. Mas enquanto os outros corpos permaneceram intactos, os ossos de Yehuda se desconectaram e rolaram dentro do caixão.

Yehuda atraiu este castigo sobre si quando implorou ao seu pai Yaacov: "Deixa-me levar Binyamin ao Egito. Se eu não devolvê-lo a ti, que eu seja banido por todos os meus dias, mesmo depois da morte." Embora Yehuda tenha devolvido Binyamin a Yaacov, seu banimento – em referência às palavras de um homem justo – por força teve efeito.

Portanto, a alma de Yehuda não pôde entrar no Gan Eden, e ao mesmo tempo seus ossos não encontraram repouso.

.....
Moshê suplicou a D'us: "O corpo de Reuven deve permanecer intacto, enquanto o de Yehuda está desmembrado? Não foi Yehuda que fez Reuven confessar abertamente seu erro? Portanto, ouve, D'us a voz de Yehuda!"

Assim que Moshê falou as palavras: "Ouve, D'us a voz de Yehuda", os ossos de Yehuda se juntaram novamente. Quando Moshê falou: "e leva-o ao seu povo", a alma de Yehuda foi admitida à academia Celestial, onde se reuniu às almas dos judeus justos. As palavras finais de Moshê "e seja uma ajuda para ele de seus adversários", fez com que a alma de Yehuda atingisse o nível mais elevado de apego a D'us no Olam Habá.

As palavras de Moshê "E esta bênção para Yehuda também alude à Torá. Moshê indicou: "Os reis, que descenderão de Yehuda, devem estudar Torá a vida toda."

Moshê rezou: "Mestre do Universo, aceita as preces dos reis da casa de David, sempre que forem ameaçados pelo inimigo! Retorna seus soldados em segurança! Que tenham sucesso na batalha, e sejam uma ajuda para eles contra seus adversários!"

Moshê anteviu profeticamente que David algumas vezes se encontraria em grande perigo, e portanto convenceu D'us a resgatar o futuro monarca. Ele também rezou pelo Rei Yoshiyáhu, vislumbrando que Yoshiyáhu retornaria a D'us e destruiria os ídolos em Erets Yisrael. Devido às preces de Moshê, D'us aceitou a teshuvá de Yoshiyáhu e prometeu não destruir o Bet Hamicdash em seu tempo. Moshê, além disso, rezou pelo Rei Menashe, para que D'us aceitasse sua prece, pronunciada no cativeiro da Babilônia, e o libertasse.

A Bênção de Levi

Moshê abençoou a Tribo de Levi: "Tu (D'us) vestiste Aharon, que consideraste justo, com Teu urim vetumim (o peitoral do Sumo Sacerdote).

"Tu testaste Aharon nas águas de Meriva, onde decretaste que ele morreria no deserto por apoiar quando Moshê golpeou a pedra. Aharon poderia ter protestado: 'Não cometi qualquer pecado; por que tenho de morrer?' Mas seu coração era perfeito Contigo; ele não teve queixas. Portanto, conquistou o direito de usar o urim vetumim sobre o coração."

Em outro nível, Moshê estava louvando toda a tribo de Levi, que fora escolhida para desempenhar o Serviço de D'us no Mishcan e no Bet Hamicdash: "Toda vez que testaste os homens da tribo de Levi, eles foram perfeitos; quando Tu fizeste um teste com eles nas Águas de Meriva, eles foram leais."

Os membros de Levi não tiveram (falsa) pena dos adoradores do bezerro de ouro, mas executaram a todos – até seus próprios parentes.

"Eles cumpriram Teu mandamento: 'Não terás outros deuses.' Eles não contribuíram com ouro para o bezerro, nem o serviram.

"Eles guardaram corajosamente o Teu pacto do brit milá, circuncidando seus filhos até no deserto (enquanto o restante das tribos desistiu, por causa dos perigos que se apresentavam).

"Eles são merecedores de ensinar tais leis a Yaacov e Tua Torá para Israel. Os cohanim da sua tribo Te oferecerão incenso diariamente, e sacrifícios sobre Teu altar.

"Abençoa, D'us, as propriedades dos levi'im, e aceita a obra de suas mãos (o serviço dos sacrifícios) favoravelmente."

De fato, a tefilá de Moshê fez os membros da tribo de Levi serem tão abençoados materialmente que se diz: "A maioria dos cohanim é rica." Além disso, o versículo "Eu fui jovem, e agora sou velho; mas não vi um homem justo abandonado, nem o vi esmolando pão (Tehilim 37:25), era entendido como referindo-se aos cohanim.

Moshê Concluiu sua Bênção:

"Golpeia as ancas daqueles que se levantam contra ele e os seus inimigos, para que não se levantem outra vez."

A quais inimigos dos levi'im ele se referia?

1 – Moshê rezou para que aqueles que usurpassem o ofício do sacerdócio fossem castigados.

2 – Moshê anteviu profeticamente que na era do Segundo Templo os chashmonaim (hasmoneanos) descendentes de Levi, lutariam contra um exército grego que era numericamente muito superior. Então, ele rezou a D'us: "Golpeia as ancas dos que se erguerem contra eles."

Por que os chashmonaim eram tão bem-sucedidos, para que D'us entregasse 'muitos nas mãos de poucos?' Tal milagre transpirou pelo mérito da bênção de Moshê à tribo de Levi.

O milagre de Chanucá ocorreu através dos descendentes de Levi, cuja kedushá (santidade) podia superar as forças da tumá (impureza).

A Bênção de Binyamin

Após abençoar Levi, cujos membros desempenhavam o Serviço no Bet Hamicdash, Moshê então dirigiu-se a Binyamin, pois o altar e o Santo dos Santos do Bet Hamicdash estavam para ser construídos em seu território.

Moshê abençoou Binyamin antes de Yossef, porque o Bet Hamicdash que estava para ser construído na porção de Binyamin seria mais caro a D'us que o Mishcan de Shilo, localizado na porção de Yossef.

Moshê abençoou Binyamin:

"Binyamin habitará em segurança por causa do amor de D'us por ele. Ele sugeriu: "Os descendentes desta tribo habitarão em segurança, sem temor do inimigo.

A tribo de Binyamin permaneceu parte do reino de Yehuda, após a separação do reino, Seus membros lutaram pelos reis de Yehuda, participando nas vitórias dos reis justos Assa, Yehoshafat a Chizkiyahu. A bênção de Moshê foi para que Binyamin destruísse os inimigos e morasse em segurança. Moshê também estava se referindo ao fundador da tribo, Binyamin, que "habitaria em segurança" até na sepultura, pois os vermes não teriam permissão de tocar seu corpo.

.....
D'us irá sempre pairar sobre a porção de Binyamin, para que Sua Shechiná ali resida.

"A Shechiná 'habita entre os ombros de Binyamin'". (O Bet Hamicdash será construído numa colina alta em seu território.)

O Rei David desejava ardentemente construir o Bet Hamicdash. Ele fez todos os preparativos que pôde.

Quando David visitou o Profeta Shemuel, eles estudaram as halachot pertinentes ao futuro Bet Hamicdash. David sugeriu que fosse construído sobre a montanha mais alta de Erets Yisrael. No entanto, eles consideraram o versículo 'E Ele habita entre seus ombros' (33:12). Como o versículo não declara 'Ele habita sobre sua cabeça', a parte mais alta do corpo humano, eles decidiram que deveria ser construído numa colina no território de Binyamin, mas não na parte mais alta.

A Bênção de Yossef

Moshê proclamou:

"Abençoada por D'us seja sua terra, com doces iguarias produzidas pelo orvalho e pela chuva do Céu, e pela água da profundidade da terra; com doces iguarias que crescem com o brilho abundante do sol e da lua. (Determinadas plantas, como o pepino e melões, amadurecem à luz da lua).

"Que estas montanhas sejam abençoadas com a maturação adiantada da produção e sua terra com colinas que produzam constantemente.

"Que esta terra seja abençoada com as iguarias da terra e sua plenitude, e com a boa vontade Daquele que Se revelou a mim originalmente na sarça. Que esta bênção seja uma coroa na cabeça de Yossef; sobre ele que foi separado de seus irmãos (quando eles o venderam. Apesar disso, ele os perdoou e os sustentou nos anos de escassez.)"

Moshê concluiu sua bênção profetizando sobre dois dos famosos descendentes de Yossef, Yehoshua e Gidon: "Sobre o líder Yehoshua, que descenderá dele, será concedida a força de um boi e os belos chifres dos Re'aim. Com eles ele rasgará os trinta e um reis de Erets Canaan.

"Dezenas de milhares (de Canaanim) serão assassinados por Yehoshua, um descendente de Efrayim, e milhares (de Midyanim) pelo juiz Gidon, um descendente de Menashe."

Segundo a bênção de Moshê a Yossef, o estandarte de Efrayim estampa a pintura de um boi, e de Menashe um Re'aim.

Moshê Abençoa as Tribos de Zevulun e Yissachar

Moshê abençoou Yissachar e Zevulun em conjunto, porque as duas tribos eram parceiras. Zevulun engajou-se no comércio e dividiu seus lucros com Yissachar, cujos membros devotavam-se ao estudo de Torá. Embora Yissachar fosse mais velho, Moshê abençoou Zevulun primeiro, porque se não fosse pelo apoio de Zevulun, Yissachar não teria conseguido prosseguir seus estudos.

Moshê os abençoou: "Zevulun, que tenhas sucesso nos negócios, e Yissachar em suas tendas de estudo de Torá."

Moshê assegurou a Zevulun que suas jornadas não teriam perigo ou possibilidade de fracasso. Como ele pretendia sustentar Yissachar com seus ganhos, seu sucesso e segurança foram assegurados. Além disso, Zevulun deveria regozijar-se porque sua sociedade com Yissachar lhe granjearia recompensa no Mundo Vindouro.

A bênção de Yissachar é formulada de maneira mais concisa que a de qualquer outra tribo. Moshê a expressou em apenas duas palavras: "Yissachar (se rejubile) em suas tendas." Na verdade, estas palavras abrangem todas as bênçãos possíveis. Moshê estava dizendo a esta tribo: "Rejubilem-se quando estudarem Torá, pois não há felicidade maior neste mundo que o estudo de Torá, como está escrito: 'Os estatutos de D'us são eretos, fazem o coração se alegrar'" (Tehilim 19:9). Além disso, vocês se alegrarão na Tenda Celestial no Alto, onde sua felicidade será completa."

Moshê continuou: "Os eruditos de Torá de Yissachar irão estabelecer sabiamente o início dos novos meses, assim fazendo com que as tribos sejam chamadas ao Monte do Templo para as festas, quando irão sacrificar as oferendas de yom tov.

"Yissachar e Zevulun ganharão com as riquezas do mar (em cuja costa estão localizadas suas porções). Eles apanharão e venderão um caro atum, e também a criatura Chilazon (com cujo sangue um dos tsitsit é tingido de azul); com a areia branca da sua praia um valioso vidro claro será feito; além disso, eles descobrirão na areia tesouros levados à costa provenientes de navios naufragados.

"Por causa de suas riquezas, Yissachar e Zevulun terão tempo livre para estudar Torá."

Moshê também previu:

"Os negócios de Zevulun atrairão mercadores gentios à costa do Mediterrâneo. Eles dirão: 'Como viajamos tão longe, vamos visitar a capital do país judaico, visitar seu templo, e ver quais são suas divindades e seus costumes.'

Quando eles chegarem a Yerushaláyim e virem como todos os judeus se unem para adorar um único D'us, e como comem apenas determinados alimentos (ou seja, comida casher), eles ficarão impressionados e declararão: 'Jamais vimos um país como este!'

"Eles reconhecerão a futilidade de seus cultos idólatras, e muitos se converterão ao Judaísmo, e oferecerão sacrifícios de justiça sobre o Har Hamoria."

A Bênção de Gad

Moshê disse sobre Gad:

'Bendito seja Ele que aumenta o território de Gad.'

Gad recebeu como porção as terras de Sichon e Og a leste do Jordão. Embora menos produtivo que Erets Yisrael, este território era maior, estendendo-se bastante a leste. "Gad mora como uma leoa, e quando vai para a guerra suas vítimas são reconhecíveis, pois ele tira o braço e a cabeça com um só golpe."

.....
Gad precisava de uma bênção para ter força em batalha, pois no lado leste do Jordão estava em constante perigo de ataque por parte de seus inimigos.

"Os membros de Gad escolheram como sua porção as terras de Sichon e Og, a primeira parte da terra ainda a ser conquistada, porque eles sabiam que Moshê seria enterrado ali.

"Seus homens marcharam à frente de Benê Yisrael na conquista de Erets Yisrael. Eram justos e cumpriram a palavra dada a Moshê – de não voltar para casa, no lado leste do Jordão, senão depois da divisão da Terra."

Em sua bênção, Moshê na essência desculpou Gad por escolher uma porção fora de Erets Yisrael. Os membros de Gad estavam parcialmente motivados pelo desejo de ter o túmulo de Moshê em sua porção; além disso, eles cumpriram seu dever para com as outras tribos sobre a conquista de Erets Yisrael.

A Bênção de Dan

Moshê abençoou Dan:

"Dan é forte como um leão jovem."

Moshê referia-se ao fato de que Dan, cujo território formava a fronteira norte de Erets Yisrael, ter protegido a terra de seus inimigos.

"Sua porção da terra bebe do Rio Jordão, que desce da gruta de Pamaiz na porção de Dan.

"O rio forma a fronteira entre Erets Yisrael e Bashan, que é território de Og.

"A terra ao longo do Jordão é bem irrigada e fértil."

A bênção de Moshê também sugere que a porção de Dan na terra consistiria de duas partes.

Inicialmente eles receberiam território no centro de Erets Yisrael, mas considerariam aquilo insuficiente. Portanto, para ter mais espaço, seus guerreiros conquistaram o território de Leshem, que faz fronteira com Bashan na extremidade norte de Erets Yisrael.

A Bênção de Naftali

Moshê abençoou Naftali:

"A porção de Naftali na terra satisfaz quem vive ali. Inclui o vale de Ginasor, onde os frutos amadurecem primeiro. Quem avista os frutos suculentos e belos em seu território dá graças e louva a D'us.

"Ele herdará o Mar de Kineret e uma faixa de terra ao sul, onde poderá espalhar suas redes de pesca."

As primeiras três letras da bênção de Naftali aludem à famosa ligeireza de Naftali:

Naftali era "veloz como uma águia" em cumprir as ordens de D'us."

A Bênção de Asher

Moshê abençoou Asher:

"Que Asher seja abençoado com filhos."

Com a palavra "filhos" Moshê referiu-se aos descendentes de Asher, que eram nobres e cohanim, pois muitas das belas filhas de Asher se casaram com judeus em altas posições.

"Que ele seja bem aceito por seus irmãos."

Como Asher tinha belas filhas para oferecer em casamento, era bastante querido.

Além disso, as palavras de Moshê se referiam ao fundador da tribo, Asher, que era olhado com desprezo pelas outras tribos por informá-las: "Reuven desarranjou a cama de Yaacov!"

"Como você pode dizer coisas tão feias sobre seu irmão mais velho!" eles o repreenderam. Somente depois que Reuven confessou seu pecado Asher foi novamente aceito por seus irmãos.

"E que ele mergulhe seu pé em azeite."

A terra de Asher era tão abençoada por oliveiras que o azeite fluía delas como um poço, e os membros da tribo podiam se dar ao luxo de se banharem em azeite.

Moshê concluiu:

"Sua terra é rodeada por montanhas, onde o ferro e o cobre são escavados; e como vocês são fortes em sua juventude, assim serão na sua velhice."

Como o trabalho de escavar o ferro e o cobre enfraquece as pessoas prematuramente, Moshê abençoou os membros dessa tribo para que conservassem a força na velhice. A bênção de Moshê foi cumprida. Dizia-se sobre as mulheres de Asher que uma mulher idosa da tribo era tão forte e bela como uma jovem das outras tribos.

Moshê Termina com os Louvores a D'us e ao Povo Judeu

Moshê concluiu suas bênções com louvores a D'us e K'lal Yisrael.

Os louvores a D'us também serviram para encorajar os judeus que D'us os ajudaria mesmo depois da morte de Moshê, que estava iminente.

"Saiba, Yeshurun, que não há ninguém como o Todo Poderoso entre as divindades das nações. Ele é o mais poderoso acima e abaixo. Ele controla as esferas superiores e os ajuda. Sua majestade está no Céu.

"Apesar disso, Ele supervisiona todos os assuntos na terra. Vocês, o povo judeu, são a morada de D'us desde os tempos antigos: o mundo foi criado pelo seu mérito. Vocês são o esteio do mundo; ele existe por causa de vocês.

"Ele afastou o inimigo da sua frente – Ele destruiu os egípcios, Sichon, e Og – e Ele disse:

'Exterminem-nos!' (D'us nos ordenou destruir Amalek e as sete nações de Erets Canaan.)"

.....
Moshê proclamou que os judeus viveriam pacificamente e com segurança em Erets Yisrael:

"Cada indivíduo judeu habitará com segurança numa Terra de cereais e vinho, segundo as bênçãos de Yaacov: 'E D'us estará com vocês e os restaurará à Terra de seus antepassados.' Os céus também farão cair o orvalho da bênção, segundo a bênção de Yitschac: 'Que D'us lhes dê o orvalho dos Céus.'"

Moshê concluiu:

"Felizes são vocês, Yisrael! Quem é como vocês, um povo salvo por D'us! Quão grande é a recompensa que Ele guardou para vocês no Mundo Vindouro! Ele devolverá a vocês a espada de sua majestade, as coroas (espirituais) que Ele removeu de vocês depois que pecaram no incidente do bezerro de ouro.

"Seus inimigos ficarão com tanto medo de vocês que negarão qualquer identidade, e vocês andarão em seus locais elevados."

A última bênção de Moshê aludia à suprema recompensa de K'lal Yisrael, o Mundo Vindouro. Como prova de que sua profecia sobre a futura recompensa espiritual seria cumprida, Moshê deu sinais de que isso ocorreria no mundo atual; que os inimigos de Benê Yisrael negariam sua identidade, e que os judeus pisariam nos pescoço de seus inimigos.

As palavras de Moshê foram cumpridas, por exemplo, na época de Yehoshua: os Gibeonitas disfarçaram sua identidade como uma das sete nações; e Yehoshua ordenou que seus generais pisassem no pescoço de cinco reis inimigos (Yehoshua 19:24).

Moshê Morre em Har Nevo

Após Moshê concluir suas bênçãos, ele disse ao povo: "Estou para morrer. Causei muitos sofrimentos a vocês ao admoestá-los pelo mérito da Torá e mitsvot. Perdoem-me agora!"

Eles responderam: "Nosso Rebe e mestre, eles estão perdoados. Agora nos perdoe; muitas vezes o enfurecemos e lhe causamos problemas."

"Eu os perdôo" – respondeu Moshê.

D'us disse a Moshê: "Não espere mais. Suba ao Monte Nevo!"

Moshê obedeceu imediatamente. Havia doze passos levando ao topo do monte, mas Moshê galgou-os todos de um só salto (tão ansioso estava ele para cumprir a vontade de D'us). Sua força à idade de cento e vinte anos ainda era a mesma da juventude.

De pé no topo da montanha, Moshê contemplou Erets Yisrael. D'us, assim, concedeu seu desejo de ver a Terra. Ali Moshê daria suas bênçãos sobre ela, tornando a conquista mais fácil para Benê Yisrael.

O Todo Poderoso deixou Moshê ver lugares onde seu sucessor, Yehoshua, jamais pisaria. Em especial, D'us mostrou-lhe os pontos de futuro perigo ou infelicidade, fazendo Moshê chorar pela segurança e bem-estar de seu povo.

Moshê, além disso, viu a futura história de Benê Yisrael até a era de Mashiach: viu Yehoshua lutando contra os trinta e um reis de Erets Canaan; a era dos juízes; o reinado da Casa de David; e o

Rei Shelomô preparando os vasos para o Bet Hamicdash. Ele anteviu até a guerra pré-messiânica de Gog e Magog, e a queda de Gog. Na hora de sua morte Moshê recebeu também um pedido que antes lhe fora negado: Quando Moshê pediu a D'us: "Por favor, revela-me Tuas maneiras de manipular os assuntos do mundo", o Todo Poderoso respondeu: "Nenhum homem pode Me ver e viver!"

Antes de sua morte, porém, foi concedido aquele entendimento a Moshê. Assim, ele finalmente atingiu o quinto e último 'estágio de sabedoria'. Por ocasião da morte de Moshê, D'us queria demonstrar a grandeza de Moshê às hostes Celestiais. Portanto, Ele chamou o anjo Gavriel e lhe ordenou: "Vai e traz para Mim a alma de Moshê!"

"Mestre do universo, como posso causar a morte de um ser humano que é igual a 600.000 judeus?"

"Então vai você" – ordenou D'us a Michael.

"Não suporto vê-lo morrer" – respondeu Michael. "Eu costumava ser seu Rebe. (Michael é o Anjo da Misericórdia, que ensinou Moshê a defender os judeus.)

O Todo Poderoso então voltou-se a Samael (que é Satã): "Vai e traga para Mim a alma de Moshê!"

Samael pegou sua espada (o espírito de tum'á com o qual ele esperava derrotar a kedushá de Moshê) e voou até Moshê.

Encontrou Moshê escrevendo o Nome de Quatro Letras de D'us num Sefer Torá ainda incompleto. O rosto de Moshê irradiava como o sol, e ele se assemelhava a um dos anjos. Samael ficou com medo de Moshê. "Nenhum anjo pode tirar a alma de Moshê" – pensou ele. Começou a tremer e foi incapaz de pronunciar uma só palavra a Moshê. Moshê, porém, percebera a presença de Samael antes mesmo que o anjo se revelasse.

"Seu perverso, o que está fazendo aqui?" Moshê perguntou severamente.

Samael então reuniu coragem e respondeu: "Vim para levar sua alma!"

"Quem o enviou?"

"Aquele que criou tudo" – respondeu Samael.

"Ele certamente não queria que você levasse minha alma (mas ao contrário, Ele deseja que eu o derrote)" disse Moshê.

"Eu levo as almas de todos os seres humanos" – insistiu Samael. "esta é a lei natural do universo."

"Porém não estou sujeito às leis da natureza" – insistiu Moshê. "Sou filho de Amram. Sou sagrado desde o nascimento, pois nasci circuncidado e portanto não precisei de milá. Pude andar e falar desde o dia do meu nascimento (como Adam, antes de pecar).

"Quando eu tinha três meses de idade, profetizei que eu receberia a Torá. (Por este motivo Moshê recusou-se a beber o leite de uma mulher egípcia quando a filha do faraó o encontrou.) Quando

.....
criança, no palácio do faraó, eu tirei a coroa de sua cabeça (um prenúncio da futura queda do faraó).

Aos oito anos de idade, D'us usou-me para fazer muitos milagres no Egito, e tirei 600.000 judeus em plena luz do dia sob os olhos dos egípcios. Abri o Mar em doze partes. Transformei água amarga em água doce (no local Mara no deserto). Estive no céu, discuti com anjos que não queriam a Torá outorgada, recebi a Torá de fogo, e fiquei perto do Trono Celestial para conversar com o Todo Poderoso face a face.

Trouxe a Torá e os segredos dos anjos para a humanidade. Lutei contra os poderosos gigantes Sichon e Og, que tinham sobrevivido ao Dilúvio. Fiz o sol e a lua ficarem imóveis durante a batalha, e eu mesmo matei Sichon e Og. Quem mais, na humanidade, pode fazer tudo isso? (Portanto, a lei natural que permite a você tirar a lama de um homem não se aplica a mim.)"

Samael voou de volta a D'us, reconhecendo a derrota.

D'us então investiu-o de maior força, e ordenou que voltasse a Moshê. (D'us desejava que Moshê atingisse uma vitória ainda maior sobre o Satã). Samael pairou sobre a cabeça de Moshê e tirou a espada da bainha. Moshê golpeou o anjo com toda sua força, com o bastão onde estava gravado o nome de D'us. Samael fugiu. Moshê dominou-o e cegou-o com os Raios da Glória que brotavam de sua face.

Uma Voz Celestial proclamou: "A hora de sua morte chegou!"

"Por favor, não me entregue ao Anjo da Morte" – Moshê suplicou a D'us. Lembre-Se de como eu O servi na minha juventude, quando Você Se revelou para mim na moita, e quando fiquei em Har Sinai durante quarenta dias e noites e me esforcei para aprender a Torá!"

"Não tenha medo" – declarou a Voz Celestial. "Eu mesmo cuidarei de você."

Moshê levantou-se e preparou-se para morrer, santificando-se como um dos anjos.

D'us desceu com os anjos Michael, Gavriel e Zagzagael.

Michael preparou o leito para Moshê; Gavriel estendeu uma cobertura de linho para sua cabeça; e Zagzagael outro pano para seus pés.

O Todo Poderoso falou: "Moshê, feche os olhos."

Moshê assim o fez.

"Coloque as mãos sobre o peito" – ordenou o Todo Poderoso.

Moshê obedeceu.

"Junte seus pés" – ordenou Ele.

Moshê obedeceu.

D'us chamou a alma de Moshê.

"Minha filha" – dirigiu-se Ele à alma – "planejei que você permanecesse no corpo de Moshê por 120 anos. Agora deve sair; não demore."

A alma respondeu: "Mestre do Universo, existe um corpo mais puro que o de Moshê? Portanto, eu o amo e não quero deixá-lo."

"Eu a guardarei sob Meu Trono Celestial de Glória com os anjos" – prometeu D'us.

"É melhor para mim permanecer no corpo de Moshê que misturar-me com os anjos" – protestou a alma. "Ele é tão puro quanto um anjo, embora viva na terra; por outro lado, Você certa vez permitiu que dois anjos, Uza e Azael, morassem entre os homens, e eles se corromperam. Moshê não vive com a mulher desde o dia em que Você falou com ele da sarça ardente (segundo uma opinião. Segundo outras, desde matan Torá). Por favor, deixe-me no corpo de Moshê!"

Após ouvir a alma atestar sobre a pureza do corpo de Moshê, D'us – por assim dizer – beijou Moshê. A alma sentiu o inigualável prazer da Divina Presença (que era maior que o prazer que ela derivava do corpo de Moshê) e retornou para D'us.

Moshê é pranteado no Céu e na terra, e é sepultado pelo Próprio Todo Poderoso.

Os céus choraram, dizendo: "O homem piedoso pereceu na terra" (Michá 7:2). A terra chorou, pranteando "... e o justo entre os homens não é mais" (ibid.).

Os anjos o elogiaram: "Ele executou a justiça de D'us e Suas leis com Yisrael" (Devarim 33:21).

Uma Voz Celestial proclamou: "Moshê, o grande escriba de Yisrael (que escreveu a Torá para eles) morreu."

A Voz ainda o elogiou:

"Moshê trabalhou e adquiriu quatro coroas:

A coroa da Torá, que ele trouxe à terra;

A coroa da kehuna (quando ele oficiou como Sumo Sacerdote durante a inauguração do Mishcan);

A coroa da realeza;

A coroa de um bom nome, que ele conquistou com suas boas ações."

Moshê morreu sobre o Monte Nevo, na porção de Reuven, mas os anjos o carregaram por quatro mil até a porção de Gad, onde ele estava destinado a ser sepultado.

Quando o aluno de Moshê, Yehoshua, soube da morte de Moshê, pranteou: "Meu pai, meu pai, meu mestre, meu mestre! Meu pai, porque você me criou; e meu mestre, que me ensinou Torá desde minha juventude."

Ele continuou a chorar até que D'us finalmente o reprovou: "Você é o único que perdeu Moshê? Eu, por assim dizer, também o perdi. Quem mais se erguerá para repreender os judeus por Mim, e para defendê-los como ele sempre fez? (Não é adequado exprimir sua dor privada; ao contrário, pranteie pela perda do grande líder do povo judeu.)

Um rei era provocado diariamente pela má conduta do filho. Estava sempre prestes a executar o rapaz pela sua falta de

.....
respeito, mas a mãe do príncipe sempre intervinha e aplacava o marido.

Quando a rainha morreu, o rei ficou excessivamente choroso. Ele explicou aos nobres: "Choro não somente por ela, mas pelo futuro do príncipe."

Assim D'us explicou aos anjos: "A perda de Moshê poderia ter consequências trágicas para K'lal Yisrael. Muitas vezes Eu fiquei irado com o povo judeu, mas Moshê sempre implorava por eles e assim acalmava Minha ira."

O Próprio D'us enterrou Moshê nas planícies de Moav, perto de Bait Peor.

Por que Moshê mereceu a grande honra de ser enterrado pelo Próprio Todo Poderoso?

Antes de Benê Yisrael deixar o Egito, Moshê procurou o caixão de Yossef durante três dias e três noites, para cumprir a antiga promessa feita a Yossef, de enterrar seus ossos em Erets Yisrael.

Quando todos os judeus se reuniram para o Êxodo, cada qual carregado com o ouro e prata egípcio, Moshê foi visto carregando apenas o caixão sobre os ombros. Ele foi o homem sábio que aproveitou a oportunidade para cumprir uma mitsvá.

D'us disse: "O que você fez pode parecer insignificante para você, mas aos Meus olhos foi uma grande bondade. Yossef foi obrigado a enterrar seu pai em Erets Yisrael porque ele era um filho. Mas você não é filho nem neto de Yossef, e não estava obrigado a cuidar de seu corpo. Mesmo assim, você o fez. Eu, que não tenho qualquer obrigação com um ser humano, o enterrarei."

Moshê faleceu em 7 de Adar, a data de seu nascimento, com cento e vinte anos. Mesmo depois de seu falecimento, seu corpo não se decompôs (devido à sua grande santidade).

A Nuvem de Glória não se afastou de cima do Mishcan durante trinta dias depois da morte de Moshê. Assim, Benê Yisrael permaneceu nas planícies de Moav para pranteá-lo.

Com a Morte de Moshê, o Povo Perdeu Três Grandes Presentes

O maná – O pão Celestial que tinha sido fornecido pelo mérito de Moshê. Embora ele parasse de cair no dia da morte de Moshê, o restante durou milagrosamente por mais um mês, até 16 de Nissan. (No entanto, embora o maná durante a vida de Moshê assumisse qualquer sabor que Benê Yisrael desejasse, depois de sua morte tinha apenas um sabor. Os judeus tinham merecido encontrar muitos sabores no maná, pois o fenômeno refletia sua descoberta espiritual de "muitos sabores" no seu estudo de Torá.

Como o nível de estudo de Torá declinou após a morte de Moshê, o sabor do maná não variava mais.) A 16 de Nissan os judeus cruzaram o Jordão para Erets Yisrael e levaram a oferenda do ômer, que lhes permitia comer o novo cereal colhido em Erets Canaã.

O Poço de Miriam – O Poço tinha deixado de fluir com o falecimento de Miriam, mas voltou pelo mérito de Moshê até que ele morreu.

As Sete Nuvens da Glória que rodeavam Benê Yisrael como muros protetores no deserto, e o pilar de fogo que iluminava o caminho à noite. As Nuvens tinham desaparecido com a morte de Aharon, mas voltaram pelo mérito de Moshê e acompanharam Benê Yisrael até que ele faleceu.

Cada um dos três presentes nos serão devolvidos por D'us no mundo futuro.

D'us não permitiu que Moshê fosse enterrado em Erets Yisrael. Ele foi sepultado no deserto, num local chamado pela Torá de "Bait Peor", pelo seguinte motivo:

Ao adorar o deus Peor em Shittim e cometer prostituição com as filhas de Moav, Benê Yisrael criou um Anjo Acusador. (O cometimento de um pecado cria um anjo, ou força espiritual, que acusa o transgressor).

O Todo Poderoso já tinha preparado o local de sepultamento de Moshê, o qual expiaria o pecado com Peor, durante os Seis Dias da Criação.

Embora a Torá descreva a localização do túmulo de Moshê – na terra de Moav, em frente a Bait Peor – ninguém conseguiu encontrá-lo.

Por que D'us ocultou o túmulo de Moshê da humanidade?

1 – D'us temia que antes da destruição do Bet Hamidash e do subsequente exílio, os judeus fossem ao túmulo de Moshê para chorar e gritar: "Moshê, suplica a D'us para reverter a tragédia!" O enorme poder das preces de Moshê após a morte teria cancelado a destruição. (D'us não poderia permitir isso, pois então em vez disso Ele teria de destruir o povo judeu).

2 – A localização do túmulo de Moshê é desconhecida para impedir os judeus de oferecerem sacrifícios e incenso ali, em vez de no Bet Hamidash; além disso, para que os gentios não o profanassem com estátuas idólatras.

3 – A ocultação de seu túmulo é também um castigo para a falha de Moshê em agir em Shittim, onde Zimri levou a princesa midianita Kozbi para sua tenda. Moshê deveria ter feito um supremo esforço para lembrar-se da halachá adequada, mas em vez disso ficou em desespero, deixando a aplicação da lei para Pinchas, que assassinou Zimri.

Uma passagem subterrânea vai do túmulo de Moshê até a Gruta de Machpelá, onde estão sepultados os Patriarcas.

Os Últimos Oito Versículos da Torá

Os últimos oito versículos da Torá relatam a morte de Moshê e seu enterro: "E Moshê, o servo de D'us, morreu ali na terra de Moav..."

Quem escreveu estes versículos?

R. Meir ensinou: "Moshê escreveu toda a Torá, do primeiro ao último versículo. À medida que D'us ditava um versículo, Moshê o

.....
repetia, e depois o anotava. Porém os últimos oito versículos ele não repetiu, porque estava sofrendo tanto. Ele os escreveu com lágrimas em vez de tinta, e Yehoshua mais tarde os preencheu com tinta.

A profecia de Moshê e seus milagres superaram os de qualquer outro Profeta. Moshê atingiu mais que qualquer outro homem na Torá em sabedoria e profecia.

Nenhum outro profeta pôde conversar com D'us o tempo todo, sem preparação, e vê-Lo com absoluta clareza.

Como a profecia de Moshê foi superior a todas as outras profecias, nenhum profeta ou tribunal judaico pôde mudar ou apagar qualquer palavra da Torá. Nenhum profeta posterior realizou maravilhas tão abertamente quanto Moshê. Seus milagres foram testemunhados por toda a nossa nação (mais de um milhão de almas).

Todo Israel viu como os primogênitos foram assassinados no Egito, uma demonstração da força da mão de D'us, e como Moshê abriu o Mar Vermelho. Eles vivenciaram a outorga da Torá e testemunharam os milagres no deserto, aprendendo assim a temer a D'us.

D'us deixou Moshê fazer milagres em meio a grande publicidade, para que a Torá fosse adotada por todas as futuras gerações.

No futuro, o Próprio D'us realizará milagres semelhantes, e ainda maiores.

A Torá termina com a palavra "Yisrael" e começa com Bereshit/ "No princípio." Isso insinua que o mundo foi criado para K'lal Yisrael, como está escrito: "Yisrael é sagrado para D'us, o primeiro de Sua criação" (Yirmiyáhu 2:3). D'us concebeu a criação do universo pelo bem de Benê Yisrael, um povo que estudaria e cumpriria Suas leis.

Moshê e Aharon: dois pacificadores

A Porção Vezot Haberachá, que conclui a Torá, descreve os eventos que cercaram a morte de Moshê (Moisés) e o fato de que foi pranteado pelos "Filhos de Israel" por trinta dias. Ao descrever o falecimento de Aharon (Aarão), a Torá declara: "Toda a Casa de Israel pranteou Aharon por trinta dias."

Nossos sábios comentam: "Moshê foi pranteado pelos homens, ao passo que Aharon o foi tanto pelos homens como pelas mulheres. Isto ocorreu porque Aharon buscou a paz, e tornou possível a paz entre o homem e seu próximo, e também entre marido e mulher."

A Porção da Torá que fala do falecimento de Moshê é a parte lógica para relatar as qualidades de Moshê. De fato, o verso assim o faz ao declarar: "Seus olhos não eram toldados... Jamais houve um profeta como Moshê..." Por que, então, refere-se a um fato que acentua a qualidade especial de Aharon – implica a falha de Moshê – em conexão com o falecimento de Moshê?

Por que, na verdade, Moshê não agiu como Aharon a respeito da conciliação "entre o homem e seu próximo e entre marido e mulher?" Certamente não foi por causa da falta de amor de Moshê pelo seu próximo judeu, pois Moshê é considerado como "um amante do povo judeu".

Na verdade, Moshê não apenas amou o povo judeu, como também completou-lhes com todas as necessidades materiais e espirituais. Moshê ensinou-lhes tudo, e não apenas as leis básicas, como também outras facetas da Torá. Além disso, foi por seu mérito que D'us forneceu maná ao povo durante sua estadia de quarenta anos no deserto e realizou tantas outras maravilhas e milagres.

A razão pela qual Moshê não agiu como Aharon é que seu próprio ser, assim como sua missão na vida, necessitavam de uma forma diferente de conduta no amor ao próximo judeu e ao trazer-lhes paz.

Nossos sábios relatam que Aharon certas vezes "esticou" a verdade para conseguir a paz entre pessoas que estavam em desacordo. A Torá tolera este comportamento quando é a única maneira possível de conciliar; como dizem nossos sábios: "A pessoa pode modificar uma declaração pelo bem da paz."

A própria essência de Moshê, entretanto, era a personificação da verdade. Foi portanto impossível a ele fazer as pazes entre as pessoas se para isso precisasse dizer uma inverdade. Embora tal conduta seja permitida na Torá, ia contra a essência de Moshê – aquela da completa e total honestidade; tal conduta tinha mais a ver com Aharon, que personificava o atributo da bondade. Moshê, "o homem da verdade", trouxe a paz através da verdade.

Como ambas estas formas de conduta estão de acordo com a Torá, deve-se entender que cada uma possui uma qualidade inexistente na outra. O mérito na conduta de Moshê foi que ele não se desviou um milímetro da verdade. O mérito da conduta de Aharon foi sua habilidade de afetar até mesmo um indivíduo tão simples que podia ser atingido apenas pela verdade esticada.

Durante sua existência, Moshê estava totalmente ocupado no serviço a seu modo – serviço divino através do atributo da verdade. Entretanto, no dia de seu falecimento, tendo já completado sua missão neste mundo, estava apto a perceber a especial qualidade do serviço de Aharon – trazer paz a todos os judeus.

Moshê, em seu amor desprendido pelo povo judeu, desejava que agissem em relação ao próximo da melhor maneira possível. Por isso, fez menção à qualidade especial do serviço de Aharon quando escreveu profeticamente na Torá que ele próprio, Moshê, foi pranteado pelos "Filhos de Israel" e não por todos de Israel, pois sua qualidade de pacificador não era tão abrangente como a de Aharon.

Fonte: http://www.pt.chabad.org/parshah/otherparshas_cdo/aid/9175/jewish/All-Parshas.htm

.....